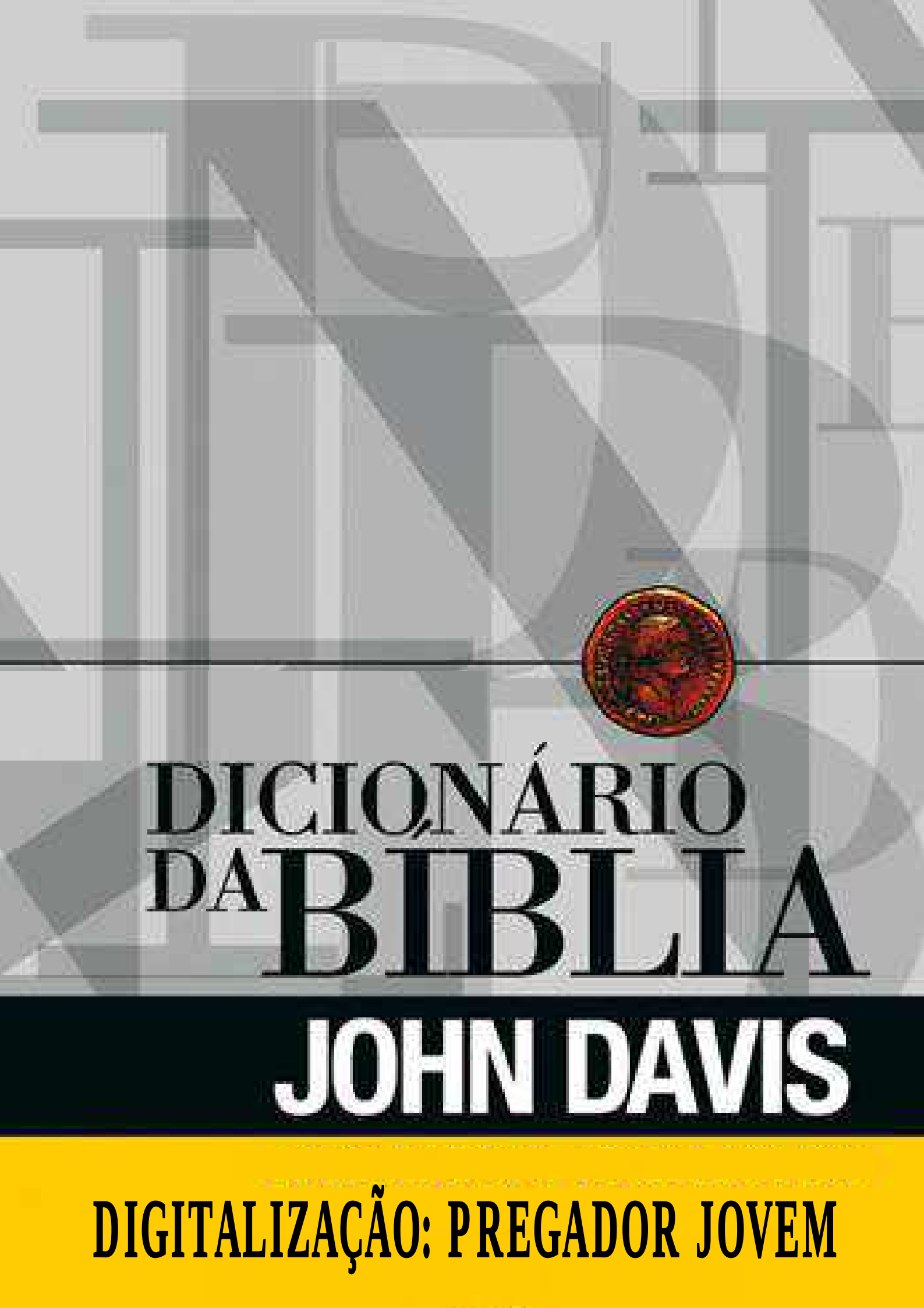


DICIONÁRIO DA BÍBLIA

JOHN DAVIS

DIGITALIZAÇÃO: PREGADOR JOVEM

JOHN D. DAVIS

DICIONÁRIO DA BÍBLIA

TRADUÇÃO DO
Rev. J. R. CARVALHO BRAGA

16ª EDIÇÃO

Autorizada
Pela
CONFEDERAÇÃO EVANGÉLICA DO BRASIL

JUERP

Dicionário da Bíblia
de
JOHN D. DAVIS

Há trinta e dois anos precisamente circulou no Brasil, em português, a primeira edição do *Dicionário da Bíblia* de John D. Davis. Coube à *Comissão Brasileira de Cooperação*, antecessora da *Confederação Evangélica do Brasil*, o privilégio de o divulgar na tradução do Rev. J. R. Carvalho Braga. E teve ampla aceitação: primeiro, porque não havia similar em língua portuguesa para suprir a falta aos estudiosos em geral; segundo, porque a obra satisfazia plenamente aos reclamos daquela quadra de total carência de livros dessa natureza em vernáculo. De maneira que a primeira edição se esgotou rapidamente. E não se imaginou, então, que demorasse tanto para vir a lume a segunda, cuja apresentação estamos fazendo.

Nada obstante, é com satisfação que a nomeamos, porque, ainda hoje, a edição do Davis antigo vem atender à espera paciente dos leitores estudiosos do Brasil, que o não relegaram das suas considerações nem o preteriram por exemplares modernos. Tal se deu, ultimamente, nos Estados Unidos da América, onde, em recente edição, o trouxeram de novo à luz da publicidade, tal qual nas edições anteriores.

É o mesmo Davis com respeito ao texto e à sua disposição, apenas modificado, vantajosamente, quanto à linguagem em parte, quanto à ortografia totalmente, e adaptado para a tradução de Almeida, da Bíblia, e o mais chegado possível ao texto ultimamente revisto e atualizado no Brasil.

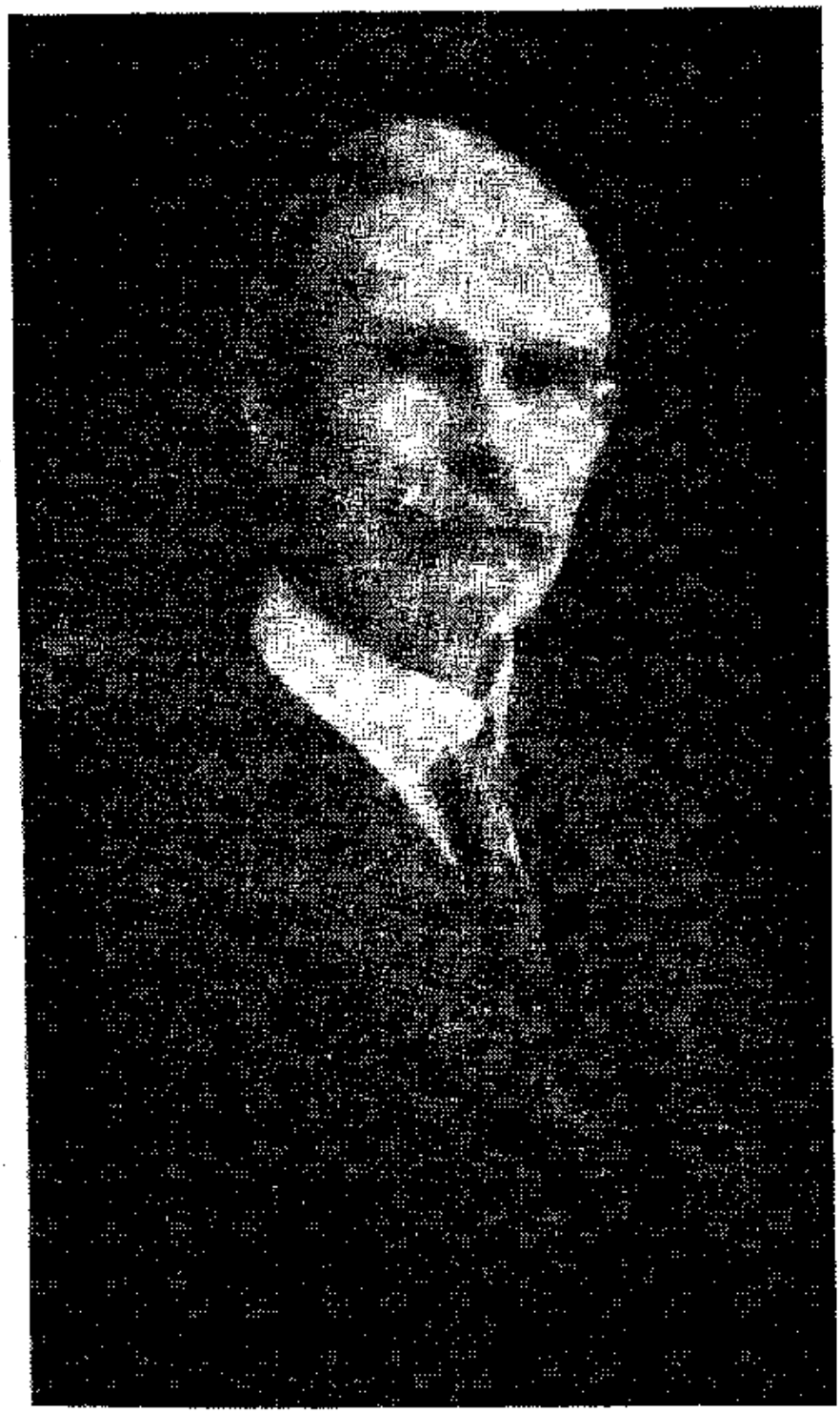
O *Dicionário de Davis*, como lhe chamam os que o conhecem em inglês ou na primeira edição em popular, é relativamente breve na exposição e comentário dos seus assuntos; todavia suficiente para o necessário esclarecimento da matéria, com abundante citação bíblica e razoáveis comparações. Livro indispensável na boa ordem intelectual religiosa do estudioso da Bíblia, tem o *Dicionário* a vantagem de resumir-se em um só volume, reunir preciosas ilustrações e apresentar-se em tudo moderadamente, sem apaixonadas preferências nem propositada surdimudez em torno de assuntos discutíveis; aliás, sobre este ponto, o próprio Dr. Davis dizia que o seu livro era *dicionário da Bíblia e não de especulações concernentes à Bíblia*.

Sabe-se que nalgumas partes da sua exposição terá perdido o grande merecimento da atualidade; na arqueologia, por exemplo; em certos aspectos geográficos; na demografia de nações e cidades, etc. Mas, com o vertiginoso desenvolver do homem, dos lugares e das coisas, que fianças tem o estudioso de que cita a última palavra, se o que nomeia não é a folha do dia ou a derradeira informação do rádio? Ainda assim, para coadjuvar o louvável empenho pela realidade atual, junta-se-lhe, por apêndice, certo suplemento, em torno de tais assuntos, talvez, a certos respeitos, ligeiramente desfigurados pelo tempo.

Quanto a isto não haja medo... o Davis, no tocante às informações indispensáveis para a devida inteligência e proveito dos tópicos bíblicos, é ainda precioso e recomendável. Livro de consulta, mui raramente deixará de acudir com prontidão e clareza. Assim pensamos e assim o desejamos para os consagrados obreiros na Causa do Senhor no Brasil. Que na mão do estudioso, todas as vezes que o consultar, seja pois sincero esclarecedor e bom amigo, não só para o amanho intelectual, mas sobretudo para o da fé cristã.

Assim o queira nosso bom Deus e Pai.

Confederação Evangélica do Brasil
Comissão Central de Literatura
Av. Erasmo Braga, 277 — 5º andar. Edifício Barbacena.



Professor **JOHN D. DAVIS**

ÍNDICE DOS MAPAS

	Pág.
O Mundo do Velho Testamento	641
O Êxodo	642
O Egito	643
A Região de Jericó e Qumran	644
Canaã	645
Canaã — Repartida entre as tribos	646
O Reino de Salomão	647
Jerusalém	648
O Mundo Antigo	649
A Babilônia	650
O Cativeiro	651
Oriente Antigo	652
O Oriente Médio	653
A Palestina	654
A Palestina — No tempo do Novo Testamento	655
Jerusalém — No tempo do Novo Testamento	656
A Primeira Viagem Missionária de Paulo	657
A Segunda Viagem Missionária de Paulo	658
A Terceira Viagem Missionária de Paulo	659
Viagem de Paulo a Roma	660

DICIONÁRIO DA BÍBLIA

AARÃ

Terceiro filho de Benjamim fundador de uma família, 1 Cr 8.1. Em Gn 46.21 tem o nome de Equi, e em Nm 26.38, Airão.

ARÃO (Etimologia incerta). *Brilhante, luminoso.*

Era irmão de Moisés e três anos mais velho do que ele, Ex 7.7. Descendia da tribo de Levi. Seus pais eram Anrão e Jacobede, Ex 6.14-27. Nenhum perigo ameaçou o seu nascimento, como aconteceu a Moisés, e, por isso, presume-se que nasceu antes da lei bárbara que condenava à morte os filhos machos das famílias hebréias. Era mais moço que Maria, sua irmã. Casou-se com Isabel, filha de Aminadabe irmã de Naassom da tribo de Júda. Teve quatro filhos, Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar, Ex 6.23; Nm 3.2. Quando Moisés foi chamado para libertar a seus irmãos oprimidos, procurou eximir-se desta missão, alegando que não tinha a eloqüência precisa e era tardo de língua. Deus repeliu as suas objeções e disse-lhe: "Eu sei que teu irmão, filho de Levi, é eloqüente. Eis te sai ele ao encontro e vendo-te se alegrará no coração." Daí em diante, Aarão foi comissionado a acompanhar Moisés pelo Deserto. Os dois irmãos encontraram-se osculando-se, Ex 4.10-16, 27. Chegados que foram ao Egito, convocaram os anciãos de Israel e lhes anunciaram o seu próximo livramento, Ex 4.29-31.

Arão falava em lugar de Moisés e conduzia a vara nas primeiras entrevistas com os anciãos e com Faraó, e mesmo durante as três primeiras pragas, Ex 4.30; 7.2, 9, 19. Depois disto, Moisés dispensou em parte a representação de Arão, sempre que a vara era usada simbolicamente, sendo ele mesmo quem a empunhava, Ex 9.23; 10.13 e cap. 22; 14. 16, 21; 17. 5; Nm 20. 11. Arão e Hur sustentaram os braços de Moisés durante a batalha contra Amaleque, Ex 17.12. Por ocasião de ser ratificado o pacto entre Jeová e Israel, esta cerimônia foi celebrada com banquete, como era de costume, em que tomaram parte Arão e dois de seus filhos, e Moisés com os setenta anciãos do povo, que eram os representantes legais da nação; e viram o Deus de Israel, Ex 24.1,9,10. Durante a prolongada demora de Moisés no monte Sinai, o povo começou a impacientar-se, e, ajuntando-se contra Aarão, disseram: "Faze-nos deuses que vão adiante de nós." Aarão atemorizado fez um bezerro de ouro com as arrecadas dos filhos e filhas do povo, Ex 32. Conforme as instruções dadas a Moisés, Arão e seus filhos deviam exercer as funções de sacerdotes. Levantado que foi o tabernáculo no deserto, Arão e seus filhos foram solenemente consagrados, ungidos com óleo e revestidos das vestimentas simbólicas do seu cargo, Ex 28; 40.13-16; Lv 8. Foi ele o primeiro sumo sacerdote, cargo este que exerceu durante cerca de quarenta anos. Não muito depois de saírem do Sinai, Arão e Maria sua irmã falaram contra Moisés por se ter ele casado com uma mulher cusita, Nm 12.1-16. A rebelião de Corá tinha por fim abolir o privilégio sacerdotal de Arão e a autoridade civil de Moisés. Os privilégios de seus cargos foram confirmados pelos castigos infligidos aos rebeldes. Os direitos sacerdotais conferidos a Arão foram confirmados pelo florescimento de sua vara no Tabernáculo, Nm 16.17. No término de sua viagem pelo deserto, quando o povo se acampou pela segunda vez em Cades, Aarão e Moisés desonraram a Deus no ato de ferir a pedra duas vezes, donde brotaram as águas. Por causa deste pecado, foram eles privados de entrar na terra da promessa, Nm 20.1-13. Acampados em Moserá, Arão foi conduzido por Moisés ao monte Hor por ordem divina, e o despojou de suas vestes sacerdotais e com elas vestiu a seu filho Eleazar. E ali morreu, tendo 123 anos de idade. Durante trinta dias o povo celebrou a sua morte, Nm 20.22-29; 33.37-39; Dt 10.6 (Vide *Sacerdote* e *Sumo pontífice*).

AAREL, *A força tem permanecido?*

Filho de Harum fundador de uma família arrolada na tribo de Judá, 1 Cr 4.8.

AASBAI. *Nome estrangeiro?*

Um dos valentes de Davi, 2 Sm 23.34.

AAVA

Local em Babilônia, ao norte da capital. Dá-se este nome também ao rio ou canal, em que Esdras reuniu o povo que o devia acompanhar a Jerusalém, Ed 8.15; 7.28; 8.31. Parece que distava oito dias de viagem da capital Babilônia até lá, 7.9; 8.15,31. Passando em revista os judeus presentes, verificou que não havia nenhum Levita, além dos sacerdotes. Esdras conseguiu reunir certo número destes ministros para a casa de Deus. Celebrou-se um jejum e implorou-se a proteção divina para a longa viagem à Cidade Santa.

AAZAI, *Clarividente.*

Sacerdote, descendente de Imer, filho de Mesilemote, Ne 11.13. Não confundir com Jezra, mencionado em 1 Cr 9.12 por linha genealógica diferente.

ABA, *Pai* em Aramaico.

Termo emprestado da linguagem infantil para exprimir o modo filial de nos dirigirmos a Deus, Mc 14. 36; Rm 8:15; Gl 4.6. O termo correspondente em Hebraico é *Ab;* é muito comum na formação de nomes próprios. Os prefixos *Ab* e *Abi* entram na composição dos nomes Abimeleque, Abner ou Abiner, Eliabe, etc.

ABA. Nome de um dos membros da tribo de Judá da família de Hesrom da casa de Jerameel, 1 Cr 2.29.

ABADOM, *Extermínio, ruína.*

1. Extermínio, ruína, Jó 31. 12. Lugar dos mortos, sinônimo de sepultura, Sl 88.11. *Inferno,* Jó 26.6; Pv 15.11. *Morte,* Jó 28.22.

2. Nome do anjo do abismo, chamado Apoliom em grego, Ap 9.11.

ABAGTA. Um dos sete eunucos do rei Assuero, Et. 1.10 Estes eunucos, guardas do harém, eram

ministros do rei. Provavelmente de origem estrangeira de que os nomes conservam a forma.

ABDA, *Em Aramaico, Servo.*

1. Pai de Adonirão, 1 Rs 4.6.
2. Filho de Samua, levita, Ne 11.17.

ABDEEL, *Servo de Deus.*

Filho de Selemias, Jr 36.26.

ABDEEL

Nome de uma tribo descendente de Ismael, Gn 25.13; 1 Cr 1.29. No oitavo século, A. C. uma tribo chamada Idibail habitou o norte da Arábia, não muito distante da fronteira do Egito.

ABEDE-NEGO, *Servo de Nego.*

Nome que o eunuco-mor de Nabucodonosor, rei de Babilônia, deu a Azarias, um dos três fiéis judeus, salvos miraculosamente da fornalha ardente, Dn 1.7; 1 Mac 2.59.

ABDI, *Servo de*, contração da frase *servo de Deus.*

1. Levita da família de Merari, filho de Maluque e pai de Quisi, 1 Cr 6.44. O Abdi, de 2 Cr 29.12, parece ser o mesmo.
2. Filho de certo Elão, Ed 10.26.

ABDIEL, *Servo de Deus.*

Nome de um membro da tribo de Gade, residente em Gileade, 1 Cr 5, 15.

ABDOM, *Servil.*

1. Filho de Hel, natural de Faratom da tribo de Efraim. Foi juiz de Israel durante oito anos e é o décimo primeiro na ordem numérica. Era pai de quarenta filhos e avô de trinta netos. Todos eles montavam, cada um em seu potro, como sinal de sua alta categoria em tempos em que os hebreus ainda não possuíam cavalos. Foi sepultado no lugar de seu nascimento, Jz 12. 13-15.

2. Chefe de uma das famílias de Benjamim, filho de Sosaque, morador em Jerusalém, 1 Cr 8, 23, 30.

3. Filho primogênito de Abigabaom e Maaca, da tribo de Benjamim, natural de Gabaom, e antecessor do rei Saul, 1 Cr 8, 30; 9. 35, 36.

4. Oficial do rei Josias, 2 Cr 34. 20.

5. Cidade na tribo de Aser, dada com os seus subúrbios aos levitas da família de Gérson, Js 21. 30; 1 Cr 6. 74. Esta cidade parece identificada com as ruínas de Abade a dez milhas ao norte de Acre. Ver Acbor.

ABANA, *Pedregoso.* Um dos dois rios de Damasco, referido por Naamã, 2 Rs 5.12. Presume-se que seja ele o Barada, o Crisorroas dos escritores clássicos; nasce de um insondável abismo nas altas planícies do Antilíbano, a vinte e três milhas de Damasco. Em seu curso para sudeste, precipita-se das montanhas, e, voltando para leste, corre pelo lado norte do muro da cidade para perder-se em um lago interior, entre dois outros ali existentes. Depois, desliza preguiçosamente pela planície, porém, à sua passagem por Damasco, continua em curso rápido. Nove ou dez braços se estendem pela planície de Damasco, cobrindo-a de uma beleza e fertilidade admiráveis. No termo de seu curso, readquire a sua largura e profundidade.

ABARIM, *Os de além.* Cordão de montanhas ao oriente do Jordão, pendendo rapidamente do planalto de Moabe para o Mar-Morto e para o vale do Jordão. Foi ali que os israelitas descansaram antes de chegarem às baixas planícies de Moabe, defronte de Jericó, Nm 33.47, 48. Das montanhas de Abarim e do pico do monte Nebo, foi que Moisés contemplou a terra prometida, Nm 27.12; Dt 32.49; 34.1. Ver *Ijeabarim.*

ABEL, *Sopro, vapor;* nome aplicado a Abel talvez por causa de sua curta existência.

Outros pensam que este nome significa — *filho.*

1. Nome do filho mais novo de Adão. Abel foi varão reto, Mt 23. 35; 1 Jo 3. 12, um dos tipos de fé mencionados em Hb 11. 4. Ofereceu a Deus um cordeiro de seu rebanho, e que Deus aceitou, não pela qualidade da oferta, mas pelo caráter do ofertante; era a expressão de um coração rendido a Deus. A oferenda do que era melhor revelou mais tarde o sentimento das obrigações e da gratidão que devemos a Deus, fonte de todo bem, e a quem são devidos todos os louvores; manifestou que o ofertante sentia a inteira dependência que tinha de Deus para as bênçãos de cada dia e o desejo de continuar a receber os seus favores. Todos aqueles que sentem profundamente os seus pecados, manifestam o desejo de receber a misericórdia sem que tenham direito a ela.

O caráter de Caim era diferente do de Abel; ao ser rejeitado, sentiu os estímulos da inveja e matou a seu irmão, Gn 4. O sangue expiatório de Jesus Cristo confirma que o sacrifício de Abel foi aceito.

2. Nome de uma cidade dos filisteus, 1 Sm 6. 18.

3. *Lugar de relva, seara.*

Nome referido em 2 Sm 20. 14, 15, 18, em conexão com Bete-Maaca.

ABEL-BETE-MAACA, *Campina perto da casa de Maaca.*

Cidade fortificada da tribo de Naftali, 1 Rs 15. 20; 2 Rs 15. 29. Foi célebre como lugar onde se davam bons conselhos, 2 Sm 20. 18. Durante a revolta de Seba, Joabe estava a ponto de tomá-la de assalto, o que foi evitado pelo valor de certa mulher sábia que mandou tirar a cabeça de Seba e a lançou fora por cima do muro, salvando a cidade, 2 Sm 20. 14-22. Foi um dos lugares que Benadade tomou a pedido de Asa, 1 Rs 15. 20. Tiglate-Pileser invadiu o país, e entre outras cidades tomou também a de Abel, levando cativos todos os seus habitantes para a Assíria, 2 Rs 15. 29.

Existe a oeste do Jordão, cerca de 25 quilômetros do lago Hulé, uma pequena vila povoada por cristãos, chamada Abil el Kamh, que se supõe ter sido o lugar da antiga Abel, bem defronte de Dã. O rio Derdara corre rapidamente pelo vale ocidental da vila. A região é abundante em águas e por isso muito fértil. Em 2 Cr 16. 4, é chamada *Abel-Maim* que quer dizer *Abel das águas.*

ABELHA. Nome de um inseto que produz mel, Jz 14. 8, 18. As abelhas são comparadas a um exército, Is 7. 18, a um perseguidor, Dt 1. 44, e a um exército sitiante, Sl 118. 12. Canaã era uma terra onde corriam arroios de leite e mel, Ex 3. 18, cp Gn 43. 11; Ez 27. 17 e, portanto, as abelhas deveriam ser em grande número. Construíam suas casas nas rochas e nas matas, especialmente na tribo de Judá, 1 Sm 14. 25; Ez 27. 17; cp. Mt 3. 4.

ABEL-MAIM. Vide *Abel-Bete-Maaca.*

ABEL-MEOLÁ, *Prado das danças.*

Cidade do vale do Jordão, onde Elias nasceu, Jz 7. 23; 1 Rs 4. 12; 19. 16. S. Jerônimo diz que esta cidade era situada a dez milhas romanas ao sul de Citópolis, a Bete-Seã da Escritura. Conder assinala Ain Helve, como sendo o lugar onde existiu Abel-Meolá.

ABEL-QUERAMIM, Lugar ao oriente do Jordão, plantado de vinhas, onde Jefté derrotou os amonitas, Jz 11. 33.

ABEL-SITTIM, *Campo das acácias.* Vide *Sitim*

Acampamento dos israelitas na terra de Moabe, Nm 33. 49; 25. 1; Js 2. 1.

ABENÇOAR. Este verbo usa-se nas Escrituras em três sentidos, a saber:

1. No sentido de ministrar um favor divino,

ou conferir benefícios divinos, Gn 1. 22; 2. 3; 9. 1-7.

2. Render graças a Deus pela sua bondade, Sl 102. 1; Mt 26. 26; Mc 14. 23; Lc 22. 19; 1 Co 11. 24.

3. Pedir o favor divino para alguém, Gn 27. 4, 27-29; 1 Cr 16. 2; Sl 128. 7, incluindo as saudações e até os cumprimentos usuais "Paz seja convosco", 1 Sm 25. 5, 6, 14; 2 Rs 4. 29.

ABIA, *Jeová é pai.*

1. Mulher de Hesrom da tribo de Judá, 1 Cr 2. 24.

2. Um dos filhos de Arão, que foi o oitavo das vinte e quatro classes em que Davi dividiu os sacerdotes, 1 Cr 24. 1, 6, 10.

3. Um dos descendentes de Benjamim, filho de Becor, 1 Cr 7.8.

4. Nome do filho mais moço de Samuel, designado por seu pai para ser juiz em Berseba, o qual se deixou corromper de avareza, 1 Sm 8. 2; 1 Cr 6.28.

5. Um dos filhos de Jeroboão, que adoeceu gravemente. Jeroboão mandou sua mulher em disfarce para consultar o profeta Aias para saber o que iria acontecer ao menino. O profeta reconheceu a rainha, apesar do seu disfarce, e denunciou-lhe o juízo de Deus contra Jeroboão por causa de sua apostasia, e acrescentou que o menino morreria logo que ela pusesse os pés na cidade. E assim aconteceu, 1 Rs 14. 1-18.

6. Nome de um filho de Roboão, que o sucedeu no trono, 2 Cr 12. 16; 13. 1; 14. 1.

7. Nome da mãe de Ezequias, 2 Cr 29.1. Em 2 Rs 18. 2, tem o nome abreviado, ABI.

8. Abia ou Abie, um dos sacerdotes que voltaram do cativeiro de Babilônia em companhia de Zorobabel, Ne 12.4, 7. Na seguinte geração este nome figura entre os chefes das famílias dos sacerdotes, Ne 12.17. O pai de João Batista pertencia a esta família, Lc 1.5.

9. Um dos sacerdotes que assinaram o concerto nos dias de Neemias, Ne 10.7.

ABIAIL, *Pai de fortaleza.*

1. Nome de um dos levitas da família de Merari, Nm 3.35.

2. Mulher de Abisur. Em 1 Cr 2.29, lê-se: Abiail.

3. Nome de um dos cidadãos de Galaade, 1 Cr 5.14. Lê-se Abiail.

4. Nome da mulher de Roboão, filha de Eliabe, irmão de Davi. Também se lê Abiail em 2 Cr 11.18.

5. Nome do pai da rainha Ester, Et 2. 15. Lê-se Abiail.

ABI-ALBOM, *Pai de fortaleza.*

Nome de um dos valentes do exército de Davi, 2 Sm 23.31. Em 1 Cr 11.32, tem o nome de Abiel.

ABIÃO, *Pai do Mar.*

Filho e sucessor do rei Roboão no trono de Judá. Sua mãe chamava-se Maaca filha de Absalão, 1 Rs 15.1; 2 Cr 13.2. Foi pecador como seu pai. Reinava a revolta pela divisão do reino e Abião continuava a guerra com Jeroboão iniciada por seu pai, 1 Rs 15. 6, 7. Segundo as narrações feitas em 2 Cr 13.3, comparadas com 2 Sm 24.9, os homens válidos de ambos os reinos foram mobilizados. Nesta campanha foram mortos quinhentos mil homens, só do reino de Israel, 2 Cr 13.16-20.

Abião tinha catorze mulheres, vinte e dois filhos, e dezesseis filhas, 2 Cr 15.21. Reinou três anos. Por sua morte, sucedeu-lhe no trono seu filho Asa, 1 Rs 15.1-8; 2 Cr 14.1. Nesta última citação o nome é Abia.

ABIAS ver ABIA 2, 3, 4, 6, 8.

ABIATAR, *Pai de abundância.*

Sacerdote, filho de Aquimeleque da linhagem de Eli. Por ocasião da matança dos sacerdotes por ordem de Saul em Nobe, Abiatar fugiu, levando consigo a estola sacerdotal e lançou a sua sorte com Davi, 1 Sm 22. 20-23. Quando Davi subiu ao trono, Abiatar foi chamado para as funções sacerdotais, 1 Cr 15.11, 12; 2 Sm 15.24-35. Em 2 Sm 8. 17, se menciona o nome de Aquimeleque como filho de Abiatar, o que parece ser erro de cópia pela transposição dos dois nomes. Há, porém, freqüentes repetições do mesmo erro, como em 1 Cr 18.16; 24. 3, 6,31. Para resolver esta dificuldade, há outra explicação. Pensam alguns que, pela leitura de Mc 2.26, se pode supor a existência de outro Abimeleque, filho de Abiatar, e neto do precedente.

O velho Abiatar conservou-se fiel a Davi durante a rebelião de Absalão e prestou relevantes serviços ao rei fugitivo, 2 Sm 15.24, 29, 35, 36; 17.15; 19.11.

Envelhecendo Davi, Adonias, seu filho, disputou o trono como legítimo sucessor de seu pai. Abiatar apoiou esta candidatura com o seu prestígio sacerdotal, secundado pela influência militar do velho general Joabe, 1 Rs 1.7. A candidatura fracassou; porém, depois da morte de Davi, voltou a favorecer as pretensões de Adonias, 1 Rs 2.12-22. Por este motivo foi deposto do sacerdócio e em seu lugar Sadoque passou a exercer as funções de sumo sacerdote, 1 Rs 2.26-35. Com a sua deposição caíram também seus filhos Abimeleque e Jônatas, extinguindo-se a casa de Eli, conforme havia sido profetizado, 1 Sm 2.31-35.

ABIBE, *Espiga de trigo.*

Nome do primeiro dos meses do ano; o mês dos trigos novos que devia comemorar o livramento do cativeiro do Egito, Êx 12. 1, 2; 13.4. Era o mês das colheitas do trigo, em que se celebrava a festa dos asmos e da Páscoa, Ex 12; 23.15; Dt 16.1. Os meses judaicos eram contados pelas luas e não podem corresponder com os nossos. O mês de Abibe aproxima-se ao nosso mês de março, e conforme as luas, em alguns casos corresponde aos princípios de abril. Depois do cativeiro, o nome Abibe é substituído pelo de Nisã, Ne 2. 1; Et 3.7.

ABIDA, *Pai de sabedoria.*

Um dos descendentes de Abraão e filho de Madiã, Gn 25.4; 1 Cr 1.33.

ABIDÃ, *Pai do juiz,* ou *Pai que julga.*

Príncipe da tribo de Benjamim durante a viagem pelo deserto, e filho de Gideão, Nm 1.11; 2.22; 7.60, 65; 10.24.

ABIEL, *Pai de força,* ou *Deus é Pai.*

1. Homem de Benjamim, pai de Cis e de Ner e avô de Saul e de Abner, 1 Sm 9.1; 14.51.

2. Nome de um dos valentes de Davi, natural de Arbate, 1 Cr 11.32, chamado Abi-Albom em 2 Sm 23.31.

ABIEZER, *Pai de auxílio.*

1. Um dos descendentes de Manassés, filho de Maquir, chefe de uma família, Js 17.2; 1 Cr 7.18. Em Nm 26.30, aparece com o nome de Jezer como chefe da família dos Jezeritas. Gideão, juiz libertador de Israel, era um de seus descendentes, Jz 6.11.

2. Nome coletivo da família de Abiezer, Js 6.34; 8.2.

3. Nome de um dos valentes de Davi, 2 Sm 23.27; 1 Cr 11.28; 27.12.

ABIEZRITE

Um dos membros da família de Abiezer que tem o nome de Ezri nas seguintes passagens: Js 6.11,24; 8.32; Nm 26.30.

ABIGAIL, *Pai de júbilo.*

1. Nome da mulher de Nabal, notável pelo seu bom senso e beleza excepcional. Depois da morte de seu primeiro marido, casou-se com Davi, 1 Sm 25.3, 14-44; 27.3; 2 Sm 2.2.

Quando os amalecitas tomaram Ziclague, foi ela levada cativa. Davi, porém, indo no seu encalço desbaratou os invasores e libertou-a juntamente

com os demais cativos, 1 Sm 30. 5,18. De Abigail, teve Davi um filho por nome Quileabe, 2 Sm 3.3, chamado Daniel em 1 Cr 3.1.

2. Uma das irmãs de Davi, 1 Cr 2.16, filha de Naás, 2 Sm 17.25. Foi esposa de Amasa.

ABILENE, grego, derivado de Abila, sua capital, nome originário provavelmente do Semítico, *abel*, que significa *prado*. Tetrarquia próxima ao Antilíbano. A capital sobre o rio Barada, estava a 32 quilômetros, mais ou menos a norceste de Damasco, no lugar da moderna vila de es-Suque. Há ali uma garganta por onde passa uma estrada militar aberta num rochedo escarpado, do tempo dos romanos; um cemitério; um grupo de colunas; uma torrente no fundo da garganta, e, em cima, o chamado túmulo de Abel. A tradição local afirma que ali foi sepultado o filho de Adão, e talvez, por isso, se originou a semelhança dos nomes Abel e Abila.

O historiador Josefo não faz referência à existência desta tetrarquia. No evangelho segundo São Lucas, cap. 1.3, consta ser separada da tetrarquia de Filipe, e governada por Lisânias, no décimo quinto ano de Tibério. Uma inscrição existente em Abila, datada do tempo de Tibério, menciona o nome de Lisânias como tetrarca de Abilene. Alguns anos depois, as duas tetrarquias ainda existiam separadas.

Porém, no tempo do imperador Calígula, foram elas postas sob o governo de Herodes Agripa, o Herodes dos Atos dos Apóstolos, que mandou matar a Tiago, At 1.2.

Existiu outra Abilene na província de Peréia não mencionada nas Escrituras.

ABIMAEL (Significação ignorada).

Este nome encontra-se na genealogia de Joctão, mencionado em Gn 10.29; 1 Cr 1.23.

ABIMELEQUE, *Pai do rei.*

1. Rei de Gerara, em cuja corte entrou Abrão, apresentando Sara sua mulher, como sendo sua irmã, Gn 20.1-18. Ambos, o rei e o patriarca, entraram mais tarde em um pacto de amizade para regular seus mútuos interesses, Gn 21.22-34.

2. Outro Abimeleque, rei dos palestinos em Gerara. Na sua corte, Isaque também apresentou sua mulher como sendo sua irmã, como fizera seu pai. Entre ambos foi celebrado um pacto de amizade, Gn 26.1-33.

3. Abimeleque, filho de Gideão, ou Jerobaal, Jz 6.32. Sua mãe foi concubina de Gideão e era natural de Siquém, onde sua família tinha grande influência. As conseqüências resultantes da poligamia, produziram rivalidades, contendas entre os filhos legítimos e os naturais. Abimeleque com o apoio dos parentes de sua mãe, matou os setenta filhos de seu pai sôbre uma pedra em Ofra, cidade natal de sua família, escapando apenas Joatão pela fuga. Depois disto, Abimeleque foi eleito rei de Siquém. Antes de três anos de seu reinado começaram as desinteligências entre ele e seus súditos. O seu trono, que havia sido fundado em sangue, começou a vacilar. Formou-se uma conspiração contra êle capitaneada por Gaal. Chegou esta notícia aos ouvidos de Zebul, governador da cidade. Gaal foi derrotado e lançado fora de Siquém. A cidade foi destruída e semeado sal no seu solo. Mil de seus habitantes, que se refugiaram na torre foram queimados. Quando Abimeleque mais tarde foi sitiar Tebes, sofreu grave ferimento por um pedaço de mó que uma mulher lhe atirou de cima do muro. Julgando desonroso para si o ser morto por uma mulher, ordenou a seu escudeiro que tirasse da espada e lhe desse a morte, Jz 9.1-57.

4. Sacerdote, filho de Abiatar, que em 1 Cr 18. 16, está escrito Abimeleque. Vede também 1 Cr 26.6, etc.

ABINADABE, *Pai de liberalidade.*

Habitante de Cariate-Jearim que deu abrigo à arca do Senhor, durante vinte anos, quando os filisteus a remeteram aos israelitas. Seu filho Eleazar foi santificado para servir de guarda como sacerdote, 1 Sm 7.1,2; 2 Sm 6.3; 1 Cr 13.7.

2. Segundo filho de Jessé, e irmão mais velho de Davi, 1 Sm 16.8; 17.13.

3. Nome de um dos filhos de Saul, morto com seu pai na batalha de Gilboé, 1 Sm 31.2.

4. Nome de um genro de Salomão. (Vide *Ben-Abinadabe*, 1 Rs 4.11.)

ABINOÃ, *Pai de doçura* ou *de graça.*

Pai de Baraque, Jz 4.6; 5.12.

ABIRÃO. Variante de Abrão. Ver o significado em *Abrão.*

1. Irmão de Datã, da tribo de Rúben. Companheiro de Coré na conspiração contra Moisés, Nm 16.

2. Filho primogênito de Hiel, que reconstruiu Jericó, 1 Rs 16.34. Morreu quando lançava os fundamentos da cidade, cumprindo-se em parte a maldição proferida por Josué, Js 6.26.

ABISAGUE, *Pai do errante?*

Nome de uma formosa virgem de Sunã que assistiu a Davi no fim de sua vida, quando as forças se lhe enfraqueceram, 1 Rs 1.1-4.

Adonias desejou casar com ela depois da morte de Davi. Bate-Seba serviu de medianeira à sua pretensão perante o novo rei Salomão, que, não somente recusou seu consentimento, como mandou dar-lhe a morte por julgar que o seu pedido envolvia um plano insidioso para subir ao trono, 1 Rs 2. 13-25.

ABISAGUE SUNAMITA

Sunamita ou morador de Sunã, de onde era natural Abisague, 1 Rs 1.3,15. Desta cidade era natural a mulher cujo filho o profeta Eliseu ressuscitou dos mortos, 2 Rs 4.8.

ABISAI, *Que possui tudo que é desejável.*

Filho de Sarvia e irmão de Joabe e de Asael, 2 Sm 2.18; 1 Cr 2.15,16. Quando Davi encontrou a Saul dormindo na caverna, juntamente com os seus soldados, Abisai pediu permissão para matar o rei no que Davi não consentiu por ser ele o ungido do Senhor, 1 Sm 26.5-9. Serviu no exército de Davi sob o comando de Joabe, 2 Sm 2.18; 10.10. Quando Abner, fugindo da batalha em Gabaom, foi compelido a matar Asael, os dois irmãos, Joabe e Abisai, perseguiram o homicida, porém sem resultado, 2 Sm 2.18-24. Abisai foi sempre leal a Davi durante a revolta de Absalão e de Seba, 2 Sm 16; 20. Quis matar a Semei quando amaldiçoava a Davi; e até na ocasião em que este pedia perdão da sua ofensa, 2 Sm 16.9; 19.21. Foi um dos homens fortes de Davi que matou a trezentos com a sua lança, 2 Sm 23.18; 1 Cr 11.20. Desbaratou os edomitas no Vale das Salinas, matando dezoito mil deles e ocupando todo o país, 1 Cr 18.12,13. Serviu de broquel a Davi, quando Jesbibenobe procurava feri-lo com a sua lança, 2 Sm 21.16,17.

ABISMO, *Lugar insondável.*

Hades, lugar dos mortos; em sentido mais particular, determina a morada dos espíritos malignos, sob a presidência de Apoliom que é Satanás, Ap 9.11; 17.8; 20.1-3; comp. Lc 8.31.

ABISUA, *Pai de salvação.*

1. Nome de um dos membros da família de Benjamim, e filho de Bale, 1 Cr 8.4.

2. Nome de um dos filhos do sacerdote Finéias, 1 Cr 6.4; Ed 7.5.

ABISUR, *Pai de um muro.*

Homem da tribo de Judá da família de Hesrom da casa de Jerameel, 1 Cr 2.28, 29.

ABITAL, *Pai do orvalho.*

Nome de uma das mulheres de Davi, mãe de Safatias, 2 Sm 3. 4; 1 Cr 3.3.

ABITUBE, *Pai de bondade.*

Filho de Saaraim de sua mulher Meusim da tribo de Benjamim, 1 Cr 8.8-11.

ABIÚ, *Deus é pai.*

Nome de um dos filhos de Arão. Tomou parte na grande comissão dos setenta anciãos que subiram ao Senhor, e também participou do pecado de Nadabe seu irmão mais velho, oferecendo fogo estranho. Por este motivo desceu sôbre eles o fogo do Senhor que os devorou, Ex 6.23; 24.1; 28.1; Lv 10.1-7; Nm 3.2.

ABIÚDE, I. Forma grega, talvez derivada do hebreu.

Membro da linha real de Judá, Mt 1.13. Este nome foi omitido em 1 Cr 3.19.

ABIÚDE, II. *Pai digno de louvor.*

Um dos filhos de Bale da família de Benjamim, 1 Cr 8.3.

ABNER, *Pai da luz.*

Filho de Ner, tio do rei Saul. Durante o reinado deste monarca, Abner foi o general-chefe dos exércitos de Israel, 1 Sm 14.50, 51.

A luta de Davi com o gigante Golias, foi o início da aproximação de Abner com o vencedor do Filisteu, 1 Sm 17.55-58. Depois da morte de Saul, aproveitou-se dos sentimentos adversos das tribos contra Judá e disso tirou vantagem em favor da casa de Saul com a qual se havia aliado. Proclamou a Isbosete, filho de Saul, rei de Israel, 2 Sm 2.8. Rebentou a guerra entre a casa de Saul e Davi. Em uma conferência entre Joabe e Abner em Gabaom, Abner propôs que, em um combate singular entre moços de ambas as partes, fôsse decidida a vitória. Saíram doze de Benjamim por parte de Isbosete e doze da gente de Davi, os quais se traspassaram mutuamente, caindo todos mortos. Seguiu-se crua peleja. Abner foi derrotado e posto em fuga com o seu exército pelos soldados de Davi. Em sua retirada, foi Abner perseguido pertinazmente por Asael, um dos irmãos de Joabe. Advertiu a êste para que cessasse de persegui-lo, pelo que Abner, voltada a lança, o feriu na virilha e o atravessou, em própria defesa, 2 Sm 2.18-24. Por motivo de uma grave acusação de Isbosete contra Abner, de tal modo este se irritou, que imediatamente declarou sua intenção de fazer aliança com Davi para elevar o seu trono sobre Israel. Primeiramente enviou-lhe mensageiros e depois convidou-o para uma entrevista que foi graciosamente aceita. Porém Joabe, pensando que Abner tinha vindo simplesmente disfarçado em espião, convidou-o para uma conversa amistosa e traiçoeiramente o matou, vingando deste modo a morte de seu irmão Asael, que não obstante, havia sido morto em luta aberta. Talvez que o receio de que Abner algum dia o viesse substituir no comando do exército, fôsse também um dos motivos. O rei irritou-se grandemente contra o assassino e declarou ao povo que êle rei não tinha cumplicidade do crime. Compareceu aos funerais e fêz o elogio do grande morto. Finalmente, encarregou a seu sucessor Salomão para dar a Joabe o pago dos seus crimes, 2 Sm 3.6-39; 1 Rs 2.5.

Abner deixou um filho por nome Jasiel a quem Davi fez participar dos despojos tomados em combate, 1 Cr 27.21; 26.28.

ABOBOREIRA, tradução da palavra hebraica *Kikayon* em Jn 4. 6, 7, 9 e 10. A planta que tem êste nome, cresceu durante uma noite para abrigar a cabeça do profeta contra os ardores do sol de Nínive. O seu fenecimento foi rápido; enviou Deus um bicho que roeu as raízes da planta, e ela se secou. Os Setenta traduziram a palavra hebraica em grego pelo vocábulo *kolokynte*, aboboreira, *Cucurbita pepo*, tipo da família das Cucurbitáceas. É natural de Astracã, na costa noroeste do Mar Cáspio, e provavelmente foi introduzida em Nínive, antes de Jonas ir lá. Porém, o vocábulo hebraico *kikayon* é muito semelhante ao grego-egípcio *kiki*, que significa palma cristi, mamona, *Ricinus communis*. Não tem a forma de palma; é antes uma planta euforbiácea, semelhante ao titímalo, natural da Índia, e cultivada ao sul da Ásia e no Egito, Heród. 2. 94. Cresce à altura de dois a três metros e meio em poucos dias; o tronco tem a côr avermelhada, coberto de um pó branco, côr de pérola; as folhas são arredeladas e palmadas; as flores em racimos; o invólucro das sementes contém três compartimentos, cada um deles, com duas células e cada célula com uma semente. Se era esta a planta que abrigou a cabeça de Jonas, o seu crescimento foi todo miraculoso.

ABOMINAÇÃO, *Monte da*

Nome de um monte ao oriente de Jerusalém, 2 Rs 23. 13 comp. 1 Rs 11. 7, sobre o qual Salomão edificou altares no lado do sul, em honra dos deuses de suas mulheres pagãs. É crença geral que este local é o lado sul do monte das Oliveiras. É mais conhecido na tradição pelo nome de Monte da Ofensa, ou do Tropeço.

ABOMINAÇÃO ver TROPEÇO

ABOMINAÇÃO DE DESOLAÇÃO

A idolatria produz um efeito mortal no homem, degrada os ideais divinos, impressiona com as suas formas e disfarça insidiosamente a sua oposição ao reino de Deus. Daí a justa aplicação do têrmo *Abominação.*

A Daniel foi revelado que: "... na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre êle. Dele sairão forças que profanarão o santuário, a fortaleza nossa, e tirarão o sacrifício costumado, estabelecendo a abominação desoladora. ... Depois do tempo em que o costumado sacrifício for tirado, e posta a abominação desoladora, haverá ainda mil duzentos e noventa dias", Dn 9.27; 11.31; 12.11. Estas profecias retratam as feições salientes do desenvolvimento do Reino de Deus, que são invariáveis em todos os tempos. Os judeus compreenderam facilmente o cumprimento da profecia de Daniel no cap. 11.31, quando Antíoco Epifânio, em junho de 168, A. C., fez cessar o sacrifício diário e ofereceu no altar de bronze, sacrifícios a Júpiter Olímpico, 1 Mac 1.54; 6.7; 2 Mac 6.2; Antig. 12.5,4; 7.6. O cumprimento da profecia não está de todo terminado; ele tem de se completar nos tempos messiânicos pelo triunfante estabelecimento do Reino de Deus, Dn 9.27; 12.7, 11; comparado com cap. 7. 25-27 e cap. 12.2. Jesus confirma esta interpretação quando diz: "Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo... Então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes", Mt 24.15,16.

ABRAÃO, OU ABRÃO, *Pai exaltado.*

A mudança de Abrão para Abraão teve por fim reforçar a raiz da segunda sílaba para dar maior ênfase à idéia de exaltação.

Abraão era filho de Taré; progenitor dos hebreus, pai dos crentes e amigo de Deus, Gn 11.26, Gl 3.7-9; Tg 2.23. Este nome estava muito em voga entre os semitas, pelo menos duas gerações antes do reinado de Hamurabi, que parece ser o Anrafel mencionado em Gn 14. Abraão será nome de tribo? ou será ele a personificação de uma tribo? O motivo para levantar esta questão é que muitos nomes dos registos genealógicos dos hebreus referem-se a tribos e não a indivíduos, Gn 10 e 24.1-4. Não é sempre fácil, e às vezes é impossível saber se tais nomes se referem a uma pessoa ou a um povo. Porém é importante notar que o nome da tribo inclui indivíduos cujos feitos são recordados nele, e como atos da tribo. Noé, por exemplo, pode ser o nome de uma tribo: se assim for, em a narrativa do dilúvio denota igualmente um membro individual daquela tribo, salvo com a sua família na arca. No caso de Abraão, Gn 11.26,27; e nos primeiros dez versículos do capítulo doze, podemos ler tanto a história original de uma tribo, e sua emigração, como a de um *chefe* com sua família.

A separação de Abraão e Ló pode ser considerada como a separação de duas tribos e do mesmo modo o pacto de Abimeleque com o patriarca Abraão.

Esta distinção entre tribo e individualidades, não vem alterar o assunto deste artigo, referente à pessoa de Abraão. A maior parte dos feitos aqui registados são atos individuais, Gn 15.1-8; 16.1-11; 18.1; 19.28; 20.1-17; 22.1-14; e cap. 26. As passagens citadas pertencem à mais remota literatura de Israel, segundo o acordo de todas as escolas de crítica. Nos séculos subseqüentes, os próprios hebreus tratam do assunto sob o mesmo ponto de vista, Is 29.22; 41.8; 51.2; Jr 33.26; Ez 33.24; Mt 8.11.

I Cronologia — a) O Patriarca tinha 75 anos quando deixou a Caldéia. Todo este tempo viveu com seu pai e seus irmãos em Ur. Casou-se com Sara, sua irmã paterna. Depois da morte de seu irmão Harã ele e sua mulher e Ló seu sobrinho, emigraram, sob a direção de Taré, de Ur para a terra de Canaã, Gn 11.27-31. A Bíblia não menciona o motivo desta emigração. O historiador Josefo pensa que foi por causa do falecimento de seu filho Arã, Antig. 1.6,5.

Pensam outros que o motivo da mudança baseia-se no desejo de melhorar as condições de vida, em uma nova terra de liberdade, ou talvez por causa das perturbações políticas da Caldéia, ocasionadas pela invasão dos elamitas. Santo Estevão interpreta o caso referido em Gn 12.1, do seguinte modo: "O Deus da Glória apareceu a nosso pai Abraão quando estava em Mesopotâmia, antes de assistir em Carã, At 7.2. Esta interpretação é favorecida pelas narrativas de Gn 15.7, e Ne 9.7, em que a saída do patriarca obedece a atos providenciais. As várias causas já assinaladas e os motivos de ordem natural poderiam ter cooperado como meios providenciais empregados por Deus para persuadir o seu servo a obedecer à visão celestial.

A família saiu de Ur, e, tomando a direção ordinária, seguiu o vale do Eufrates, para noroeste. Chegados que foram a Harã, abandonaram a idéia de seguir para Canaã e ficaram ali.

Quando Abraão tinha 75 anos de idade, partiu de Harã para a terra de Canaã. Esta mudança foi feita em obediência à vontade de Deus que a ele se revelou em Ur. Santo Estevão, como já foi dito, dá esta interpretação que bem se combina com a narração de Gn 12.1. Pelo fato de constar a morte de Taré no capítulo anterior, não se segue que o patriarca se detivesse em Harã até à morte de seu pai. O escritor sagrado, como é de costume, termina o que tinha a dizer sobre Taré, antes de entrar nos pormenores da história de Abraão. Pode-se também acreditar que Abraão se deteve ali por mais tempo, porque as mesmas pessoas que saíram de Ur, excetuando Taré, deixaram Harã: é isto também o que diz Santo Estevão no seu discurso em Atos. Sendo assim, Abraão nasceu quando Taré tinha, pelo menos, 130 anos, e não 70, como se infere de Gn 11.26. Nesta passagem, o nome de Abraão está em primeiro lugar, ou porque era o primogênito, nascido quando Taré tinha 70 anos ou então, se ele era o mais moço e nascido depois dos 70 anos de Taré, neste caso, pode ser que, ocupando o seu nome o primeiro lugar, seja isso por ter ele sido o progenitor do povo escolhido.

De Harã foi para Canaã. Que caminho tomou ele?

Provavelmente a estrada de Damasco larga via que saía da Mesopotâmia e passava por esta cidade em demanda de Canaã.

Abraão não se demorava muito tempo nos lugares de descanso; caminhava sempre. Tinha 75 anos quando deixou Harã e passou dez em Canaã antes de tomar por mulher a sua escrava, Agar, Gn 16.3. Aos 86 anos de idade, nasceu-lhe Ismael, Gn 16.16, de modo que só decorreu um ano entre a sua saída de Harã e a chegada a Canaã.

b) *Residência em Canaã.* Esteve em Canaã, quando muito dez anos. Armou suas tendas em Siquém, Gn 12.6, e em Betel, Gn 12.8, continuando o seu caminho passou ainda mais longe para o sul, Gn 12.9, indo até ao Egito para se abrigar da fome que assolou toda a terra. Ali, pelo receio de perder a vida, apresentou a Sara como sua irmã. Depois regressou para o sul do país e se estabeleceu de novo em Betel. Foi neste lugar que surgiram os conflitos entre os seus pastores e os de Ló por causa do aumento de suas manadas. Deu-se então a separação, indo Ló para as planícies do Jordão. Abraão dirigiu-se mais tarde para as carvalheiras de Mambre em Hebrom, Gn 12. 10-20; 13.1,3,5-12,18.

O carvalho de Mambre perto de Hebrom

c) *Residência em Mambre.* Neste lugar demorou-se cerca de 24 anos. Associado aos príncipes da sua vizinhança, perseguiu Quedorlaomer que foi derrotado, reavendo toda a presa, pelo que recebeu as homenagens dos reis de Sodoma e de Salém.

Deus anuncia a Abraão o nascimento de um herdeiro e promete dar-lhe em herança a terra de Canaã. Foi aqui que lhe nasceu Ismael. Após um intervalo de 13 anos, estas promessas são renovadas e ampliadas. O pacto de aliança entre Deus e Abraão é ratificado pelo sinal da circuncisão e o nome de Abrão é mudado para o de Abraão. Destruição das cidades de Sodoma e Gomorra, Gn 14.13,1-16,17-24; cap. 15; cap. 16; cap. 17.18,19.

d) *Residência ao sul do país.* Neste lugar permaneceu Abraão durante a infância de Isaque, cerca de 15 anos e Sara fora levada à corte de Abimeleque, rei de Gerara. Aos 100 anos de idade, nasceu Isaque, e mais tarde, Ismael é despedido com sua mãe para fora da tenda.

À beira de um poço de propriedade de Abraão, foi concluído o tratado de paz entre ele e Abimeleque e deu o nome de Bersabé àquele lugar. Aos 25 anos de idade de Isaque, a fé de Abraão foi posta em prova. O Senhor exigiu-lhe o sacrifício de seu filho Isaque. Ambos pai e filho, em obediência à ordem divina dirigiram-se às montanhas de Moriá. Quando o patriarca estendia a mão para o sacrifício de seu filho, um anjo do Senhor mandou substituir a vítima humana por um carneiro. Terminado o sacrifício, voltou ele para Bersabé, Gn 20; 20.1-21, 22-34; 22.6; 22.1-19.

e) *Abraão volta para Hebrom.* Passados 20 anos de vida calma, veio habitar em Hebrom onde morreu Sara na idade de 127 anos, Gn 23.

f) *Ao sul do país com Isaque.* Depois da morte de Sara, quando Abraão tinha 140 anos de idade, ordenou a um de seus servos que fosse buscar à sua terra uma esposa para seu filho Isaque, mulher que fosse de sua própria linhagem. Foi trazida Rebeca, e Isaque a foi encontrar no caminho — Do-que-vive-e-do-que-vê (Beer-laai-Roi).

Abraão tomou outra mulher chamada Quetura, e morreu aos 175 anos de idade, sendo sepultado na caverna dos dois covatos, Gn 24.67; 25.20; 25.1-9.

g) *Desenvolvimento de sua casa.* Abraão partiu de Harã com sua mulher, seu sobrinho e as almas que lhe acresceram.

Em Canaã aumentou a sua casa com os servos que comprou, com os que lhe deram e provavelmente com os que lhe nasceram. Era rico em ovelhas, bois, jumentos e camelos, servos e servas. Quando correu para libertar Ló, levou consigo 318 homens da sua casa. Os reis com quem vizinhava reconheceram-no como príncipe poderoso com quem eles se prezavam de ter aliança. Porém, quando se viu privado do auxílio de seus aliados, ao dirigir-se para o Egito para abrigar-se da fome, mostrou-se fraco, escondendo a verdade a respeito de sua mulher. Desejava a paz e era homem de paz, todavia, em tempos de perigo e de guerra, era corajoso e forte para combater pelos seus parentes e amigos, Gn 12.5; 16.1; 17.27; 18.7; 20.14; 12.16; 13.2; 7; 24.32, 35, 59; 26. 15; 14.14; 14.13; 21.22, etc.

h) *Crenças religiosas de Abraão.* Seus parentes mais chegados serviam a outros deuses, Js 24.2. A sua adoração era pelo menos corrompida pelo animismo prevalecente em Babilônia, que emprestava um espírito a cada objeto da natureza, dirigia o pensamento para os onze grandes deuses além de inumeráveis deuses menores. Os grandes deuses eram os objetos da natureza, que pela sua majestade e grandeza impressionavam os sentidos, tais como: o firmamento, a superfície da terra e do oceano e todas as águas debaixo da terra, a lua, o sol, a tempestade, os cinco planetas visíveis a olho nu. Os deuses eram ativos por sua natureza aos quais se atribuíam cuidados especiais a favor de indivíduos e coletividades, que ouviam e respondiam às orações. A fé de Abraão distinguia-se da grande maioria dos seus contemporâneos: cria em Deus Todo-poderoso, Gn 17.1, eterno, Gn 21.33, altíssimo, Gn 14.22, criador dos céus e da terra, governador moral de toda a terra, Gn 18.25, e de acordo com as crenças de seus contemporâneos, cria em Deus como regulador de todos os acontecimentos do mundo, que vê e toma conhecimento de tudo que acontece e que faz tudo conforme sua vontade soberana. Nesta crença, Abraão obedecia a Deus e o adorava, honrando o seu nome. Como conseguiu esta crença? 1. A razão veio em seu auxílio, como vem em auxílio de muitos cristãos inteligentes. Os politeístas têm chegado a ser henoteístas e há traços de henoteísmo entre os compatriotas de Abraão em Babilônia. Espírito lúcido e lógico, como o de Abraão, facilmente chegaria do henoteísmo para o monoteísmo.

Melquisedeque adorava o Deus Altíssimo, criador dos céus e da terra; as suas concepções religiosas conduziram-no a um profundo reconhecimento para com Abraão. Há evidências monumentais que parecem provar que um indivíduo entre os assírios e babilônios chegava a conhecer a unidade de Deus. Não é de estranhar que Abraão chegasse a crer em um Deus, Senhor de todas as cousas, como Oséias e Amós creram. 2. A herança religiosa de seus antepassados devia tê-lo auxiliado. Em favor desta fonte de informação religiosa temos: (a) a crença em uma revelação primitiva; (b) a existência de uma linha que principia em Adão e que continha os nomes de verdadeiros adoradores como Sete, Enoque e Noé; e (c) o fato histórico das tradições sobre a criação e o dilúvio, legadas ao povo hebreu. 3. Abraão teve revelações especiais por meio de sonhos, visões e teofanias, Gn 12.7; 15.1,2,17; 17.1; 18.1,2; 22. 1,2. As teofanias, no tempo de Abraão, são como as manifestações de Jesus Cristo nos tempos posteriores.

i) *Harmonia entre a história dos hebreus e a história contemporânea.*

(1) *A linguagem de Canaã.* Antes da conquista do país pelos israelitas, sob a chefia de Josué, não poucos lugares e pessoas tinham nomes semíticos. Abimeleque e Urusalim, i. é, Jerusalém, eram nomes em voga.

(2) *A narrativa histórica da vida de Abraão, combina perfeitamente com a história do Egito.* As datas cronológicas da Bíblia dão a entrada de Abraão em Canaã, 645 anos antes do Êxodo. Esta data explica perfeitamente a presteza com que Abraão se dispôs a ir para o Egito, quando a fome flagelava Canaã, e nos dá a razão por que Faraó lhe deu tão cordial acolhimento. Este Faraó reinava no período em que o trono do Egito era ocupado pelos reis pastores que tinham vindo da Ásia.

A cronologia bíblica dá a visita de Abraão às terras do Nilo e a descida de Jacó e seus filhos à terra do Egito, dentro do período dos reis pastores: prova bem evidente do rigor das datas como da autenticidade da narrativa.

(3) *A mesma narrativa mostra-se de acordo com a história de Babilônia.* (*a*) Diz ela que a população da planície, estabelecida na foz do Tigre, era governada por uma dinastia de elamitas, isto no tempo em que a história dos hebreus se refere à vida de Abraão e à invasão ocidental. (*b*) Sob a soberania dos elamitas, os reis vassalos exerciam influências como as descreve o livro de Gênesis. (*c*) Os reis de Babilônia, nos séculos precedentes e durante este período histórico, fizeram incursões no extremo ocidente e não poucas vêzes dominaram sobre Canaã, cp. Lugalzaggisi, Sargom, Gudea, Kudurmabug Hamurabi e Ammisatana. (*d*) O nome de Quedorlaomer, pertencente ao rei de Elão, é nome genuinamente elamita. Quedor ou Kudur entra constantemente na composição dos nomes da realeza elamita bem como o nome Laomer ou Lagamar, pertencente a uma divindade elamita. Vê-se, pois, que a narrativa dos hebreus descreve minuciosamente as condições políticas do império babilônico, tanto como da terra de Canaã.

Sob a teoria geralmente aceita de que Anrafel rei de Senaar e o mesmo Hamurabi que foi rei de Babel desde 1975 a 1921 A. C. descobre-se valioso sincronismo com a vida de Abraão, Gn 14.1,13, e a data de seu estabelecimento em época muito aproximada.

ABRÃO ver ABRAÃO

ABROLHOS

Tradução de seis palavras hebraicas e de uma só palavra grega.

1. *Brakan*, Jz 8.7,16, talvez por se dar em terreno pedregoso de acordo com a etimologia da palavra.

2. *Shamir*, cardoso, espinhento, espinhos e abrolhos que crescem em vinha abandonada, Is 9.18; 10.17; 27.4; 32.13; 5.6; 7.23.

3. *Sirpad*, urtiga, assim traduzida pela Vulgata e pelos Setenta.

4. *Sarab*, sarças, Ez 3.6.

5. *Silion*, Espinho que causa dor, Ez 28.24.

6. *Hedek*, Mq 7.4, espinho que se usa nas sebes, Pv 15.19. A palavra correspondente em árabe, significa planta solanácea, que produz frutas ovais, tomateiro, maçã dos judeus ou *berinjal*. (*Solanum melongena*) que tem uma variedade espinhosa. Nasce na Índia e na Arábia. É do mesmo genero das batatas. A parte que se pode comer, é a fruta, usada em conservas no Oriente.

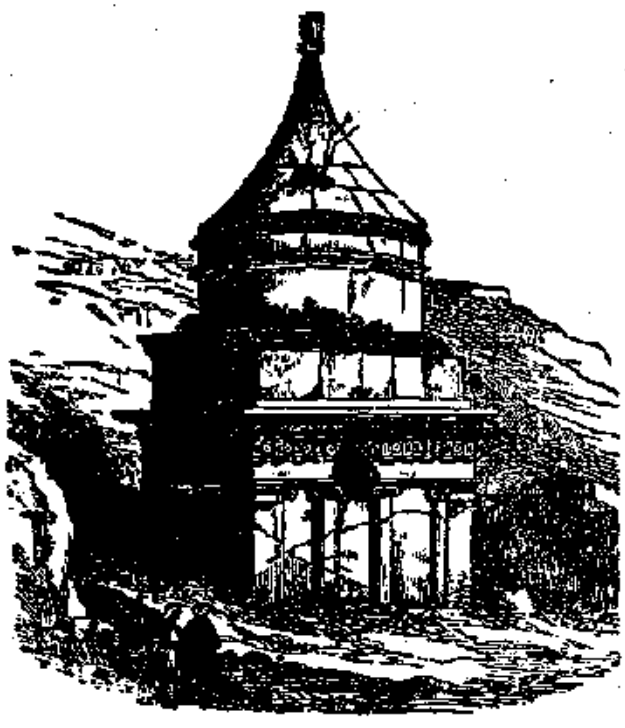
7. *Akantha*, grego. Planta ou árvore espinhosa, Hb 6.8.

ABRONA, *Passagem, ou oposto.*

Acampamento dos Israelitas no deserto, Nm 33. 34, 35.

ABSALÃO, *Pai de paz.*

1. Terceiro filho de Davi, rei de Israel, nascido em Hebrom, filho de Maaca, filha de Talmai, rei de Gesur, 2 Sm 3. 3. Foi moço de notável beleza, dotado de mui lindos cabelos, porém, vazio de bons intuitos. Sua irmã Tamar era igualmente bela como ele e de tal modo fascinou a seu irmão paterno, Amnom, que este criminosamente a desonestou, e, por isso, dois anos depois, foi traiçoeiramente assassinado por instâncias de Absalão. Apesar de ser ele o filho favorito de Davi, o seu crime foi tão revoltante, que seu pai não encontrou meios de encobri-lo. Teve de exilar-se, permaneceu três anos com os parentes de sua mãe em gesur, e mais dois em Jerusalém, antes de voltar para a presença de seu pai. Não se demorou a deliberadamente recomendar-se às simpatias do povo para conspirar contra o rei. Quando tudo estava preparado, levantou o estandarte da revolta em Hebrom. As suas perfeições físicas foram de valor para elevá-lo nas vistas do povo como digno de ocupar o alto pôsto de chefe da nação. Provavelmente, ele sabia que Salomão sucederia a Davi e que esta sucessão lhe era desfavorável, porquanto ele era o mais velho, e, além disso, tanto por parte de pai como de mãe, era de sangue real. Se ele acreditou ou não que Salomão foi designado por Deus mesmo, para ser rei, como o diz o primeiro livro de Cr 22.7-10, o seu crime torna-se sobremodo odioso por se tratar de um governo teocrático, como era o governo judaico. É digno de nota que os sacerdotes e levitas não abandonaram a Davi e prestaram-lhe todo o seu apoio moral e material. A massa popular era contra ele. Para salvar a vida, teve de abandonar Jerusalém, acompanhado apenas por alguns de seus fiéis servidores. Aquitofel, um dos seus mais hábeis conselheiros, bandeou-se com Absalão; Cusai, porém conservou-se fiel a ele, e acompanhou-o no seu exílio. Davi serviu-se dele como instrumento pacífico junto de Absalão para neutralizar os conselhos de Aquitofel, 2 Sm 16.20-23. Aquitofel escolheu para si doze mil homens para ir em busca de Davi, pensando em derrotá-lo antes de tomar novas forças. Eu o matarei, dizia Aquitofel, e reconduzirei todo o povo para Absalão. Antes, porém, que ele levasse a efeito o seu plano, Absalão mandou consultar a Cusai. Este foi de opinião contrária, dizendo que tal plano acarretaria a sua ruína; aconselhou-o a reunir todas as forças desde Dã até Bersabé para cair sobre Davi. Este conselho tinha por fim dar tempo a que Davi se fortificasse cada vez mais e que as forças de Absalão se fossem enfraquecendo. Lisonjeou a vaidade de Absalão propondo-lhe o comando do seu exército, e augurando-lhe vitória certa. Alcançada esta vitória, sem derramamento de sangue, tudo havia de terminar com a destruição do poder de Davi. Este plano absurdo foi bem recebido por Absalão e pela sua gente. Aquitofel, vendo que a rebelião ia fracassar, retirou-se para sua casa e suicidou-se. Cusai compreendeu que o perigo não havia passado: mandou imediatamente avisar a Davi para que atravessasse o Jordão, abandonando as planícies do deserto. Absalão e o exército rebelde começaram a voltar-se para a política de Aquitofel, resolvendo que as hostilidades começassem sem demora sob o comando de Absalão. A batalha deu-se nas florestas de Efraim onde se achava Davi. As hostes rebeldes, indisciplinadas e mal dirigidas, apressaram-se a enfrentar os veteranos de Davi, comandados por três valentes generais. Quando se deu o encontro, Absalão corria desabridamente montado em um macho e, ao passar debaixo de um carvalho, seus cabelos se embaraçaram nos seus galhos, ficando suspenso entre o céu e a terra, correndo adiante o animal que montava. Joabe, um dos três generais de Davi, atravessou-lhe o coração com três lanças. Davi havia dado expressas ordens para que a vida de Absalão fosse poupada e, ao saber da sua morte, caiu em profunda tristeza, 2 Sm 18.1, até o cap. 19.8. O corpo do príncipe vencido foi enterrado perto do lugar onde morreu e sôbre a sua cova lançaram



Túmulo de Absalão

um grande monte de pedras. Quando vivo, mandou levantar em Jerusalém para si uma coluna em memória de seu nome, 2 Sm 18.18. Existe no vale de Cedrom um túmulo que é chamado o túmulo de Absalão. No princípio do século IV, A. D., alguém supôs que este monumento encerrava os ossos do rei Ezequias, baseando-se em 2 Cr 32.33. As ornamentações que o revestem pertencem ao período grego-romano, porém o interior revela data mais antiga. O Salmo 3 foi composto durante a revolta de Absalão e talvez também o Salmo 7 tenha sido escrito no mesmo período.

2. Nome do pai de Matatias e talvez de Jônatas, capitães do exército judaico, que serviam sob o comando de Jônatas e Simão, nas guerras dos Macabeus, 1 Mac 11.70; 13.11; Ant. 13. 5,7; 6,4.

ABSINTIO, LOSNA

Planta que produz um líquido amargo como fel, Dt 29.18; Pv 5.4, de mau gosto, e de efeitos tóxicos, Ap 8.11; em hebreu *laanah* e no grego do Novo Testamento *apsinthos*. Emprega-se em sentido figurado para representar a injustiça, Am 5.7; 6.12, as punições, Jr 9.15, os sofrimentos atrozes, Lm 3.19. Parece pertencer a grande gênero das *Artemisia*, do que se conhecem 180 espécies. Dizem haver na Palestina cinco espécies e diversas variedades desta planta, do tipo comum do absinto, *Artemisia absinthium*, cultivada nos jardins.

ABUBUS

Nome do pai daquele Ptolomeu que foi governador do distrito a que pertencia a cidade de Jericó, 1 Mac 16.11,15.

ABUTRE

Ave de rapina, cuja cabeça é despida de penas, ou pobremente coberta, e que se nutre de carnes. É tradução da palavra hebraica *Ayyah*, em Jó 28.7; de *Daah* em Lv 11.14; de *Dayyah*, em Dt 14.13; Is 34.17; de *Rahham*, em Lv 11.18, e também de *Nesher* em hebreu e *Aetos* em grego.

O grande abutre, que é o grifo, mencionado em Lv 11.13, é uma ave de rapina, aleonada ou pardacenta, *Gyps fulvus*. O pescoço e a cabeça são pelados, tendo apenas leve penugem. O resto do corpo, as asas, as costas e a cauda são de amarelo-escuro. Tem cerca de 4 pés de altura. As garras não são muito grandes, mas o bico é formidável. O grifo, diz Tristram, é o emblema ornitológico mais notável da Palestina. É impossível deixar de vê-lo em qualquer parte da Palestina, dominando majestosamente os ares a imensa altura; os seus ninhos formam grandes colônias nas ravinas de todo o país.

ACÃ I, em Gn 36.27. JAACÃ em 1 Cr 1.42, nome horreu de significação incerta.

Nome de um dos descendentes, ou de um ramo notável dos horreus que habitavam o monte Seir, eventualmente despojados pelos edomitas, Gn 36.20, 21,27; 1 Cr 1.38,42; Dt 2.12. Por ocasião do êxodo, alguns dos filhos de Jacã formaram uma tribo que ocupou o distrito fronteiro a Edom, perto do monte Hor, onde Arão morreu. Os israelitas acamparam-se em Benejaacã, Dt 10.6; Nm 20.21-23; 33.31.

ACÃ II, *Turbulento*.

Nome do filho de Carmi, filho de Zabdi, filho de Zare da tribo de Judá. Quando os Israelitas tomaram Jericó, Acã cubiçou uma parte dos despojos da cidade, apropriando-se de uma capa de escarlata, de duzentos siclos de prata e de uma régua de ouro de cinqüenta siclos, que escondeu em sua tenda. Este fato atraiu a ira de Jeová sobre Israel que foi batido pelos amorreus, diante de Hai. Por ordem do Senhor, foi lançada sorte a fim de se descobrir o culpado desta catástrofe. Sendo manifesta a culpabilidade de Acã, foi ele lapidado no vale de Acor, Js 7.1-26; 22.20; 1 Cr 2.7.

ACACIA, MADEIRA de ACÁCIA

Nome de uma árvore, Is 41. 19. Cresce no vale do Jordão, desde o mar de Galiléia até ao mar Morto. Havia muitas destas árvores no deserto do Sinai, das quais se tirou a madeira para a construção do tabernáculo, para fazer a arca do testemunho, os altares com os varais, a mesa dos pães da proposição, as tábuas da tenda, os barrotes e as colunas, Ex 25. 5, 10, 13, 23; 26. 15, 26, 32; 27. 1, 6; 30. 1, 5. O egípcios empregavam o pau de sitim na construção de navios, Heród. 2. 96. Diz Josefo que esta madeira era forte e de muita duração, Antig. 3. 6, 5. Em Árabe tem o nome de *saat*, e em hebreu *shittah*, cuja tradução é acácia, da qual existem várias espécies: a *acacia seyal* e a *toritis*, que se encontram nos vales que cercam o mar Morto; e a *Acacia nilotica*, que se encontra na parte sul da península do Sinai e no Egito. Outras espécies desta mesma árvore, crescem em várias partes da Palestina. As acácias propriamente ditas, são árvores de pequeno tamanho, de 15 a 25 pés de altura, armadas de espinhos com folhas bipinuladas e produzindo bainhas com várias sementes. A madeira é forte e muito resistente. Algumas das suas espécies fornecem a goma arábica do comércio.

ACADE. Antiga cidade na terra de Senaar, uma das quatro cidades que formavam o reino de Nemrode, Gn 10.10. Nabucodonosor que reinou em Babilônia, 1150 A. C., faz menção dela. Este nome era extensivo a um distrito que se chamava a Terra de Acade e compreendia, em remotos tempos, o norte de Babilônia, adjacente à Síria, e tinha dentro de seus limites as cidades de Babilônia e de Cuta.

ACAIA. Parte da antiga Grécia, situada ao norte do Peloponeso (atual Moréia), compreendendo a cidade de Corinto e a região do istmo do mesmo nome. Depois da conquista da Grécia pelos romanos, o imperador César Augusto a dividiu, com as regiões adjacentes, em duas províncias, a Macedônia e a Acaia. Esta última compreendia todo o Peloponeso, sul da Ilíria, o Epiro e a Tessália. Corinto era a capital da província e residência do procônsul governador. As referências do Novo Testamento são relativas à província romana e não à Acaia antiga, At 18.12,27; 19.21; Rm 15.26; 2 Co 1.1; 9.2; 1 Ts 1.7,8.

ACAICO, *Natural da Acaia*.

Nome de um cristão que, em companhia de Estéfanas e de Fortunato, viajou de Corinto para a Ásia em busca de Paulo, 1 Co 16.15-17.

ACAZ, *Ele tem sustentado*.

1. Rei de Judá, filho de Joatão, a quem sucedeu no trono, cerca de 734 A. C. sendo proclamado rei aos 20 anos de idade, cerca de 741 A. C. Entregou-se à idolatria, fez passar seu filho pelo fogo, sacrificou e queimou incenso aos ídolos, nos altos e nos outeiros e debaixo de toda árvore frondosa, 2 Rs 16.3,4. Os exércitos de Rezim, rei da Síria, e de Faceé, rei de Israel, sitiaram Jerusalém sem a poderem tomar, 2 Rs 16.5; Is 7.1. Antes que as forças invasoras se tivessem aproximado, o profeta Isaías foi enviado a exortar o rei a confiar em Jeová e a não buscar socorro em país estrangeiro. Recusou um sinal de garantia divina e descreu da sua proteção. O profeta então proferiu a célebre passagem relativa ao nascimento de Emanuel, em Is 7. 1-16. Acaz foi buscar o auxílio de Tiglate-Pileser, rei da Assíria, dando-lhe em troco os tesouros do Templo e do palácio. O rei assírio não se demorou e por este motivo Rezim e Faceé levantaram o sítio de Jerusalém. Tiglate-Pileser atacou a Filístia, invadiu Samaria, tomou Damasco e matou Rezim, foi conivente no assassínio de Faceé e pôs em seu lugar no trono de Israel a Oséias. Acaz foi a Damasco em companhia de diversos assírios para render homenagem a Tiglate-Pileser, 2 Rs 16. 2; 2 Cr 28. Ali teve ocasião de apreciar um altar pagão tão belo que mandou fazer dele um fac-símile para ter em Jerusalém. Acaz morreu cerca do ano 726 A. C. tendo reinado 16 anos. Subiu ao trono seu filho Ezequias. Oséias, Miquéias e Isaías profetizaram durante o reinado de Acaz em nome de Jeová, Is 1.1; 7.1-16; Oséias, 1.1.

Acaz é mencionado nos monumentos assírios pelo nome de *Yauhazi*, correspondendo ao nome hebreu *Joouas*, forma completa de Acaz, que significa, *Ele tem sustentado*, enquanto que Jeoacaz significa, *Jeová tem sustentado*.

2. Nome de um dos descendentes de Jônatas, 1 Cr 8.35,36; 9.42.

ACAZIAS, *Jeová tem sustentado*.

1. Nome de um rei de Israel que subiu ao trono por morte de seu pai. Antes já havia ocupado o trono quando seu pai Acabe marchou com os

aliados contra Salmanasar em 854 A. C. Reinou apenas dois anos, 1 Rs 22. 40, 50. Associou-se com Josafá para equipar frotas que fossem buscar ouro a Ofir, porém, os navios naufragaram em Eziom-Geber. Acazias propôs nova tentativa que Josafá rejeitou avisado por um profeta, 1 Rs 22. 48, 49; 2 Cr 20. 35-37. Depois da morte de Acabe, deu-se a revolta de Moabe que Acazias não soube reprimir, 2 Rs 1. 1; 3. 5. Este rei foi vítima de um acidente, caindo pelas grades de um quarto alto. Sentindo-se mal, enviou mensageiros a consultar Baal-Zebude, deus de Ecrom, para saber se poderia ou não convalescer. Elias saiu ao encontro dos mensageiros que os mandou retroceder para dizerem ao rei que morreria fatalmente, 2 Rs 1. 2-17. Pela sua morte, reinou Jorão, seu irmão.

2. Nome de um rei de Judá, que governou a princípio, como regente durante a enfermidade de seu pai em 843 A. C., a quem sucedeu no trono no ano seguinte, 2 Rs 9. 29; 2 Cr 21. 18, 19; 2 Rs 8. 25. Tinha quarenta e dois anos de idade e reinou um ano apenas. Sua mãe Atalia o impeliu a obrar com impiedade, 2 Cr 22. 3. Foi a Ramote-Gileade com Jorão, filho de Acabe, a fazer guerra contra Hazael, rei da Síria. Os sírios feriram a Jorão, que voltou para curar-se em Jezrael, onde Acazias o foi visitar. Neste tempo deu-se a revolta de Jeú em que ambos os reis foram mortos, 2 Rs 8. 25-29; 9. 16-29; 2 Cr 22. 1-10. No versículo 17 desta última citação tem o nome de Joacaz.

ACABE, *Tio.*

Rei de Israel, filho e sucessor de Amri. Começou a reinar no ano 874, mais ou menos, rei de Judá, 1 Rs 16.29. Casou-se com Jezabel, mulher idólatra e de temperamento impetuoso, filha de Etbaal, rei de Sidônia. Sendo adoradora de Baal, levou seu marido, homem fraco e irresoluto, a fazer-se também idólatra, 1 Rs 16.30-33. Tal conduta alterou profundamente a religião nacional de Israel. Quando Jeroboão levantou os dois bezerros de ouro, Acabe ainda mostrou desejos de adorar o verdadeiro Deus na aparência, servindo-se, para isso, dos dois bezerros. Porém, sob as influências de Jezabel, consagrou-se inteiramente ao culto de Baal. A intolerância de Jezabel não se satisfez com a conversão do rei, quis também que todo o povo adotasse o novo culto. Os profetas do Senhor foram perseguidos e mortos. Somente escaparam alguns que um funcionário da corte havia escondido em umas cavernas. Nesta época, levantou-se em Israel o mais formidável profeta conhecido da história daquele povo, Elias, o Tesbita. Foi enviado a Acabe para lhe anunciar anos de seca e de fome, em castigo dos seus pecados. Ao terminar a seca que durou três anos e seis meses, 1 Rs 18.1; Lc 4.25; Tg 5.17, Elias, por ordem divina, foi ao encontro de Acabe e exigiu que ele e os profetas de Baal se ajuntassem no Monte Carmelo para uma prova final entre Deus e Baal. Feito isto, Jeová se manifestou mandando fogo do céu para devorar o sacrifício de Elias. Sob a direção do profeta, o povo, que era testemunha do fato, reconheceu a Jeová como Deus, tomou os 450 profetas de Baal e os 400 profetas dos bosques e os matou na torrente de Quisom. Jezabel, sabedora do acontecido, rompeu em imprecações contra si mesma, se Elias ficasse com vida até ao dia seguinte. O profeta, temendo pela sua vida, refugiou-se no monte Horebe. Deus o mandou a Damasco ungir a Asael como rei da Síria, para castigar os idólatras de Israel; e ordenou igualmente que ungisse a Jeú para ser rei de Israel, suplantar a casa de Acabe, deitar abaixo os altares de Baal, e ungisse também a Eliseu para ser o profeta que devia combater a idolatria pelo efeito de sua palavra.

O cálix das iniqüidades de Acabe e de Jezabel encheu-se e derramou-se com o crime contra a vinha de Nabote. Por este tempo, Acabe ganhou uma vitória sobre Benadade de Damasco, rei da Síria, cuja vida foi poupada mediante um tratado.

A vinda de Salmanasar, rei da Assíria, provocou uma aliança entre Benadade de Damasco e Acabe de Israel com outros reis da vizinhança para resistir ao invasor. Acabe forneceu 2.000 carroças e 10.000 homens de infantaria. Os aliados foram derrotados em Carcar, no distrito de Hamate em 854 A. C. Renovou-se outra vez a guerra com Damasco. Acabe, aproveitando-se da visita de Josafá, rei de Judá, propôs-lhe uma ação conjunta para reaver a Ramote de Galaade além do Jordão. Todos os profetas de Baal falaram a favor da empresa. Miquéias, o único dos profetas do Senhor que foi chamado, profetizou a morte de Acabe. Este desditoso rei resolveu ir à batalha, porém disfarçado, para não ser conhecido; propôs ao rei de Judá para entrar em combate com as suas vestes reais.

Certo homem, porém, armou o seu arco ao acaso e feriu Acabe que morreu naquela tarde. A sua carroça foi lavada na piscina de Samaria. Os cães lamberam-lhe o sangue, como Elias o havia profetizado. Reinou 28 anos, e sucedeu-lhe seu filho Ocozias, 1 Rs 16. 29 até cap. 22.40; 2 Cr 18.1-34.

2. Profeta mentiroso, filho de Colaías. Jeremias profetizou que Nabucodonosor o haveria de frigir no fogo como de fato o fez, Jr 29.21-23.

ACÁCIA ver PAU DE SETIM

AÇAFRÃO

Planta odorífera, Ct 4.14; em hebreu *karkom* e em árabe, *karkam*. É o *Crocus sativus*, parece ser natural do norte da Itália e do ocidente da Ásia. Desde tempos remotos era largamente cultivado no sul da Europa e da Ásia. As flores têm a cor viva da violeta com veios vermelhos. Os estigmas pulverizados, ou pisados, produzem uma tinta amarela muito viva. Costumavam os antigos borrifar os aposentos e as vestes com água de açafrão. O azeite perfumado com açafrão empregava-se para unções, temperavam com ele a comida, e servia de remédio para certas doenças.

ACBAL, *Gordo, lugar fértil.*

Cidade no território de Aser e da qual os israelitas não puderam expulsar os cananeus, seus habitadores, Jz 1.31. É mencionada no Talmude com o nome de *Gush Halab*, e nas obras de Josefo, com o nome de Gischala. Está situada a 8 quilômetros a noroeste de Safede na estrada de Tiro, porém está muito além para o lado do oriente para ser contida dentro dos limites de Aser. É provável que Acbal seja uma corrupção textual de *Mahlab*, cidade da costa, entre Acribe e Tiro.

ACBOR, *Rato.*

1. Pai de Balanã, rei de Edom, Gn 36.38; 1 Cr 1.49.

2. Filho de Mica e pai de Elnatã, oficial de confiança da corte do rei Josias, 2 Rs 22.12,14; Jr 26.22;36.22. Em 2 Cr 34.20, é chamado Abdom.

ACELDAMA, *Campo de sangue.*

Nome do campo de um oleiro, comprado pelos príncipes dos sacerdotes, com as trinta moedas de prata que Judas, depois de arrependido, atirara para dentro do Templo e que eles tiveram escrúpulo de recolher à caixa das esmolas. Este campo foi reservado para servir de cemitério aos estrangeiros, pelo que tomou o nome de Aceldama, do grego *Akeldamach*, que quer dizer Campo do Sono, Mt 27. 8; At 1. 19. Esta mesma palavra se encontra no códice C, do quinto século, no sírio e a língua etíope, como Aqueldama, ou seu equivalente. Há argumentos bem fundados que asseguram ser *Akeldamach* uma variante de Aqueldama, *Campo de sangue*, embora seja muito raro o caso em que o *ch* grego representa o *Aleph* ou *a* final. Um exemplo isolado deste caso é a forma *Setra* para o aramaico *Sira*, no vocábulo *Sira*, nome do pai do autor do Livro do Eclesiástico, Eclesiástico 1. 27. A forma *Akeldamach* é no aramaico *Hakal-Demak*, campo do sono; cuja pronúncia é muito semelhante à de *Hakal-dema*, campo de sangue, e como tal muito sugestiva para escapar

à imaginação popular. Daí, o povo chamar Aceldama, *campo de sangue*, ao pedaço de campo comprado com o preço do sangue de Cristo, e também por ter Judas se enforcado em uma árvore no mesmo campo, depois do que arrebentou pelo meio e suas entranhas se derramaram, segundo afirma S. Pedro, Mt 27. 8, At 1. 18, 19. São Jerônimo no século IV, determinou a posição deste campo que fica ao sul do vale de Hinom. Esta localização é muito admissível, pois o lugar é abundante em barro para cerâmica, e durante muito tempo servia de cemitério. No tempo das Cruzadas muitos dos soldados encontraram ali o seu último repouso. O atual nome deste campo é *Hakk-ed-Dumm*.

ACMETA, da língua meda *Hangmátana*.

Capital da província da Média e residência de verão dos reis persas. Quando os judeus estavam reconstruindo o templo de Jerusalém, seus adversários procuraram informar-se se eles tinham autorização para isso, e correram a Babilônia a ter com o rei Dario o qual ordenou que se fizesse um inquérito a esse respeito. O decreto assinado pelo rei Ciro, foi encontrado em Acmeta, Ed 5. 6 até 6. 2. Heródoto, 1. 98; Xenofonte, Ciropedia, 8. 6-22. O nome atual de Acmeta é Hamadã.

ACO, *Areia quente*.

Cidade situada em um pequeno promontório da costa da Palestina, a cerca de 40 quilômetros ao sul de Tiro. Esta cidade fronteia o Carmelo através da baía que tem o seu nome a uma distância de 12 km sul. Foi dada à tribo de Aser, mas nunca foi ocupada pelos Hebreus, Jz 1.31. No tempo de Oséias foi tomada por Salmanazar, rei da Síria, Ant. 9.14,2, e mais tarde por Assurbanipal. Um século antes de Cristo, mudaram-lhe o nome para Ptolemaida, em honra de um dos antigos Ptolomeus. Adquiriu grande importância política por ser a chave da província de Galiléia e como porto de mar no extremo das vias comerciais de Decápolis e Arábia, 1 Mac 5.15, 21,55; 10.1; Ant. 13.12 e seg. Nesta cidade é que Jônatas Macabeu foi traiçoeiramente assassinado, 1 Mac 12.48; Ant. 13.6,2. Nos tempos das guerras judaicas, grande número de judeus refugiaram-se dentro de seus muros, Guerras 2.18,5. O Cristianismo teve ali uma comunidade, que foi visitada pelo apóstolo S. Paulo, quando fez a sua última viagem a Jerusalém, At 21.7. Mais tarde, foi sede de um bispado. Os árabes restauraram-lhe o antigo nome que os francos alteraram para Acre.

Filipe Augusto, rei de França, e Ricardo I, rei de Inglaterra, tomaram-na em 1191 A. D.

Desde o ano de 1229, caiu em poder dos Cavaleiros de S. João e passou a chamar-se S. João d'Acre. Anterior a 1790, foi grandemente fortificada por Jezar Pacha que a governou com energia, porém, com tal crueldade, que o denominaram o *Carniceiro*. Em 1790, Napoleão a investiu sendo derrotado, retirando-se da Síria. A vitória de Jezar foi grandemente devida à colaboração dos marinheiros ingleses que desembarcaram para auxiliá-lo na defesa. Em 1832 Ibraim Pacha, filho de Maomé Ali, governador do Egito, a tomou do Sultão turco. Em 3 de novembro de 1840, as esquadras combinadas da Inglaterra e da Áustria a bombardearam provocando a explosão dos depósitos de pólvora que causou a morte de 1700 a 2000 soldados egípcios. A cidade passou de novo ao governo do Sultão até ao presente. Atualmente continua cingida de muralhas com duas portas, uma de saída para sudeste, e outra que dá saída para o cais do porto. As fortificações danificadas pelo bombardeio de 1840, continuam sem reparos. A população é avaliada em 8000 habitantes. Exporta cereais e algodão.

AÇO. Modificação da forma do ferro, imprimindo-lhe elasticidade e resistência. O processo mais antigo de tirar ao ferro as suas escórias era capaz de convertê-lo em aço. Os calibas do Ponto celebrizaram-se no modo de endurecer o ferro, de sorte que o nome deles serviu para designar a nova forma do metal. Parece que já era conhecido no antigo Egito. Comparando o vocábulo siríaco *paleda* com a palavra hebraica *paldah*, em Na 2.3, parece tratar-se de aço.

ACOITE ver AZORRAGUE

ACOR, *Perturbação*.

Nome de um vale perto de Jericó onde o infeliz Acã foi apedrejado e morto, Js 7.24-26; Is 65.10; Os 2.15. Está situado ao sul de Jericó e era o limite norte da tribo de Judá, visto que Jericó já estava no território de Benjamim, Js 15.7.

ACÓS, CÓS, HACOZ, *Espinho*.

1. Nome de um dos descendentes de Arão, cuja família constituia a sétima classe, das vinte e quatro em que Davi distribuiu os sacerdotes, 1 Cr 24. 1, 6,10. Talvez que alguns dos membros desta família tivessem voltado de Babilônia com Zorobabel, cujos nomes não foram encontrados nos registos genealógicos, pelo que não puderam entrar no sacerdócio, Ed 2.61,62; Ne 7.63,64. Mais tarde, porém, conseguiram provar seus direitos ao ofício sacerdotal, Ne 3.21; comp. Ed 8.33.

2. Nome de um homem de Judá, 1 Cr 4.8.

3. Forma grega de Hakkoz.

Nome da família sacerdotal — Acós, 1 Mac 8.17.

ACRABATINE

Nome de um lugar na Idumêia, 1 Mac 5.3 — talvez seja o Acrabim, Js 15.3.

ACRABIM, *Escorpião*.

Nome de uma subida a sudeste, fronteira a Judá, perto do Mar Morto e não muito distante do deserto de Sim, Nm 34.4; Js 15.3. Fica nos limites de Canaã com Edom, deixando o Mar Morto e seguindo o vau de *el-Fikreh*.

ACSA, Faxa de perna.

Nome da filha de Calebe, filho de Jefoné, que a prometeu em casamento a quem tomasse a cidade de Quiriate-Sefer. Otoniel, irmão mais moço de Calebe tomou a cidade e desposou Acsa. A pedido de sua filha, Calebe, deu-lhe um campo regado com boas aguadas, Js 15.16-19; Jz 1.12-15. Quiriate-Sefer quer dizer *Cidade das Letras*. (Vide *Debir*.)

ACSAFE, *Fascinação*.

Cidade da fronteira de Aser pertencente outrora aos Cananeus, sede de um reino, e conquistada por Josué, Js 11.1; 12.20. Não deve distar muito de Aco, atual S. João d'Acre na costa da Palestina.

AÇUCENAS

Tradução das palavras hebraicas *Shoshan, Shoshannaah e Shushan*. A planta conhecida por estes nomes, encontra-se nos pastos, onde se alimentam as ovelhas e as gazelas, Ct 2.16; 4.5; 6.3, e entre espinhos, 2.2, além de ser cultivada nos jardins, 6.2. Crescia também nos vales e por isso conhecida pelo nome de lírios dos vales, Ct 2.1, ou açucena dos vales, planta odorífera, com perfume semelhante à mirra, 5.13.

Os tradutores gregos deram-lhe o nome de *krinon*. O *krinon* é planta ribeirinha, Eclos. 1.8, e campestre, Mt 6.28, companheira do incenso e das rosas, Eclos. 39,13,14. É tipo de uma vida enriquecida de boas obras. O sumo sacerdote, ao sair do santuário, é comparado ao lírio do campo, que em sua beleza excede a magnificência do próprio Salomão, Mt 6.29.

As palavras *shushan* e *krinon*, nem sempre designavam o lírio, segundo o sentido científico moderno; compreendia, além do verdadeiro lírio, várias outras plantas com ele parecidas. Os antigos egípcios designavam o lotus pelo nome de *seshsin* que Heródoto chamava *krinon*, 2.92. Os árabes dão ao lírio o nome de *susan*, nome este que se emprega genericamente, incluindo as tulipas, a anêmona e o ranúnculo. Não se sabe quantas qualidades de lírios os judeus cultivavam em

seus jardins da Palestina. O lírio denominado "gorro vermelho dos turcos", *Lilium chalcedonicum*, não é muito comum nos campos da Palestina. Além do verdadeiro lírio, outros gêneros da ordem das Liliáceas, como os jacintos e as tulipas, são abundantes na primavera. Uma bela violeta escura, que tem o nome de *susan*, encontra-se em toda parte do Haurã. Thomson dá notícia de um esplêndido íris, que denomina lírio de Hule, que se dá nos carvalhais do monte Tabor e nas montanhas de Nazaré. Julga ele que é a esta flor que Jesus se refere. As anêmonas vermelhas dão uma feição peculiar aos vales da Palestina na primavera. Vários viajantes, inclusive Tristram, pensam que a *Anemona coronaria*, de cor vermelha, muito comum na Palestina é aquela a que se refere o Novo Testamento; outros então a identificam com a rosa do Sarom.

ACZIBE, *Enganoso.*

1. Cidade ao sul da Palestina e incluída nos domínios de Judá, Gn 38.5; Js 15.44; Mq 1.14. Está identificada com o nome de *Ain Kezbeh* que parece ser uma corrupção do antigo nome.

2. Cidade na costa de Aser, Js 19. 29. O povo da tribo de Aser não lançou fora os seus habitantes, Jz 1.3. Era conhecida pelos gregos e romanos pelo nome de *Ekdippa* (Guerras Judaicas, 1.13,4). O nome atual é Zibe situada a 16 quilômetros ao norte do Acre.

ACUBE, *Artificioso.*

1. Nome de um dos descendentes de Sequenias e de Elioenai, 1 Cr 3.21-24.

2. Nome de um levita, guarda das portas do Templo e fundador da família do mesmo nome, 1 Cr 9.17; Ed 2.42; Ne 8.7; 11.19; 12.25.

3. Nome de um dos Natineus, Ed 2.45.

ADA, Palavra hebraica significando *beleza.*

1. Nome de uma das mulheres de Lameque e mãe de Jubal e Jabel, Gn 4.19-21,23.

2. Nome de uma das mulheres de Esaú, filha de Elom, heteu, Gn 36.2,4. Em Gn 26.34, tem o nome de Basemate. É freqüente a duplicidade de nomes masculinos no Oriente, e mais ainda, entre as mulheres que tomam outros nomes, quando se casam em segundas núpcias ou mudam de religião.

ADÁ

Nome de um lugar em Babilônia cujos habitantes, quando voltaram para a Palestina depois do cativeiro, não puderam provar a sua genealogia, Ed 2.59; Ne 7.61.

ADADA, *Dia festivo.*

Nome de uma cidade no extremo sul da tribo de Judá, Js 15.22. Ainda não foi identificada. Talvez que este nome seja uma alteração da palavra Arara. (Vide *Aroer.*)

ADAÍAS, *Jeová embelezou.*

1. Nome de um homem de Besecate, sogro de Josias, 2 Rs 22.1.

2. Nome de um levita, descendente de Gérson, 1 Cr 6.41, com o nome de Adaja.

3. Sacerdote descendente de Jeroão, linhagem de Melquias. Em 1 Cr 9.12, lê-se Adaías, e em Ne 11.12, lê-se Adaia.

4. Nome de um Benjamita, filho de Semei, 1 Cr 8.21.

5,6. Nome de dois homens descendentes de Bani que foram obrigados a lançar fora suas mulheres estrangeiras com as quais haviam casado, Ed 10.29,39.

7. Nome de um dos filhos de Joiaribe, Ne 11.5.

8. Nome do pai de Maasias, 2 Cr 23.1.

ADALIA, Nome de um dos dez filhos de Amã, Et 9.8.

ADAMA, *Vermelhidão.*

Nome de uma das cidades da planície, Gn 10.19, que foi destruída com Sodoma e Gomorra, Gen 14. 2, 8; 19. 25, 28, 29; Dt 29. 23; Os 11.8. (Ver Edema.)

ADAMI, *Humano.*

Nome de uma cidade da fronteira de Naftali, Js 19.33, chamada Necebe; talvez para não se confundir com outra cidade do mesmo nome, às margens do Jordão, onde pararam as águas para os israelitas atravessarem o rio a pé enxuto, Js 3.16. Os restos desta cidade, presume-se, são as ruínas de ed-Damié, 9 quilômetros ao sudoeste do lago de Tiberíades, no começo de um desfiladeiro por onde passa o caminho de Galaade para Acre. Conder acha que Adami deve ser a mesma Arama, no planalto que se estende entre o lago Tiberíades e Bete-Seã a oeste do Rio Jordão. Vide *Neoebe.*

ADÃO, *Homem vermelho.*

1. Nome do primeiro homem, que Deus formou do barro da terra, Gn 1.26, depois de ter criado todos os animais. Em seguida formou a mulher, sua companheira e parte integral de sua individualidade, Gn 2. 7,20-23; Mt 19. 4-6; 1 Tm 2. 13, e deu-lhes o espírito de vida. Foi ele a origem da humanidade e seu representante. Deus o criou à sua imagem e semelhança, participando dos atributos divinos, como sejam sabedoria, retidão e santidade, Ef 4.22-25; Cl 3.9,10. Conferiu-lhe domínio sobre todos os animais inferiores, Gn 1.26-28. Deus ordenou-lhe multiplicar-se e encher a terra, participando da manifestação divina de que todas as coisas criadas eram muito boas, Gn 1.28-31. Adão e Eva foram colocados no jardim do Éden, para cultivá-lo e guardá-lo. Ordenou-lhe, dizendo: Come de todos os frutos da árvore do Paraíso, mas não comas do fruto da árvore da ciência do bem e do mal. Esta proibição tinha a natureza de um pacto de vida e de morte, Gn 2.16-17. Por causa de sua transgressão, Deus os sentenciou à morte e os submeteu a todas as conseqüências de seu pecado, sendo expulsos do Paraíso Gn 3.1-24. Caim foi o seu primeiro filho; depois teve Abel e aos 130 anos nasceu Sete. Viveu 930 anos. Vide *Cronologia.* S. Paulo traça um duplo paralelo entre Adão e Cristo, dizendo que Nosso Senhor é o último Adão, Rm 5.12-21; 1 Co 15. 22, 45.

2. Nome de uma cidade do vale do Jordão, além de Sartã, Js 3.16. Julga-se que ed-Damié na parte ocidental do rio Jaboque a 33 quilômetros acima de Jericó, seja o lugar de sua antiga existência.

ADAR, *Amplitude, largura.*

1. Nome de uma cidade de Judá.

2. Tradução do assíro-babilônio: *adaru* e *addaru* que quer dizer escuro, enevoado.

Nome adotado pelos judeus, para o décimo segundo mês e tirado do calendário babilônio, durante o exílio, Ed 6.15; Et 3.7,13; 9.15. Este mês era contado da lua nova de fevereiro até à lua nova de março. Vide *Ano.*

3. Nome de uma cidade de Judá na fronteira sul da Palestina, Js 15. 3. Na V. B. Nm 34.4, lê-se Hazar-Adar, que quer dizer Aldeia de Adar. Vide *Hesrom I.*

4. Nome de um Benjamita. Vide *Arede.*

ADASA, Nome de uma cidade que ficava próxima a Bete-Horom e na junção das duas estradas principais que do norte se dirigiam a Jerusalém, 1 Mac 7.40, 45, comparado com 39; Antig. 12.10,5.

ADI, Forma grega de *Ido.*

Nome de um dos antecessores de Cristo, que viveu muito antes de Zorobabel, Lc 3.28.

ADIEL, *Ornamento de Deus.*

1. Nome de um Simeonita, 1 Cr 4. 36.

2. Nome de um sacerdote filho de Jezra, 1 Cr 9. 12.

3. Nome do pai do tesoureiro mor do rei Davi, 1 Cr 27. 25.

ADIM, *Delicado.*

Fundador de uma família, cujos membros voltaram de Babilônia com Zorobabel, Ed 2.15. O seu chefe assinou o pacto feito por Neemias para servir ao Senhor, Ne 10.16.

ADINA, Delicado.

Nome de um dos oficiais do exército de Davi 1 Cr 11.42.

ADINO. Nome de um dos homens fortes de Davi, o mesmo que tem o nome de Josebe-Basebete em 2 Sm 23.8. Este v. como está, é defectivo. Lutero e a maior parte dos intérpretes modernos mudam o texto, alterando as palavras *Adino o Eznita* de acordo com 1 Cr 11.11.

ADITAIM, Cidade das duas presas.

Nome de uma cidade situada nas terras baixas da tribo de Judá, Js 15.36. Identificada em Adida atual, porém, Adida é antes identificada em Hadide.

ADIVINHAÇÕES. Dá-se este nome a todos os processos empregados para ler o futuro, por meio de inspirações, At 16.16, ou até por meio de sinais. Este último processo inclui os auguros, que predizem o futuro por meio de movimentos naturais, como sejam o vôo dos pássaros, o movimento das entranhas dos animais, Ez 21.21. A hidromancia, ou predição pela aparência da água depositada em vasos, ou por meio de objetos mergulhados nela, Gn 44.5; as feitiçarias, pelas sortes, Ez 21.21; a astrologia, procurando conhecer o futuro na in-

Adivinhos romanos observando as entranhas de um boi

fluência dos astros, Is 47.13. Os hebreus incluíam nas adivinhações a necromancia, ou a descoberta dos acontecimentos futuros pela invocação dos mortos, 1 Sm 28.8. O feiticeiro umas vezes pronunciava bênção e outras anunciava maldições, Nm 22.6, que diferiam da mágica por serem consideradas como profecias reveladas por aflato divino, ou espíritos familiares, vv. 12, 13.

ADIVINHO 1

Profeta que pratica a adivinhação. Havia muitos deles entre as nações pagãs, Dt 18.9-12; 1 Sm 6.2; Is 19.3; Ez 21.33; Dn 2.2; At 16.16 e também, várias vezes, entre os israelitas, apesar das proibições contra estas práticas abomináveis e das ameaças contra os que exerciam a arte de advinhar, Lv 19.31; 20.6,27; Dt 18.10; 1 Sm 28.8; Is 3.6; 3.2; Jr 27.9; 29.8; Ez 13.23; 22.28; Mq 3.6,7,11; Zc 10.2. Alguns destes feiticeiros alugavam-se, Nm 22.7; At 16.16.

ADIVINHO 2, *Que revela a verdade.*

Pessoa que prediz o futuro, Js 13.22; Nm 22.7; Jr 27.9, em hebreu *onenim*. No aramaico é *Gazerin*, pessoa que se diz capaz de interpretar os sonhos, Dn 4.7, e explicar sentenças obscuras v. 9, cap. 5.11,12, e a quem costumam consultar as pessoas desesperadas, para, se fosse possível, descobrir os mistérios, 2.27.

ADLAI, *Justiça de Jeová.*

Nome do pai de um dos pastores de Davi, 1 Cr 27.29.

ADMATA, Nome persa de significação duvidosa.

Nome de um dos sete príncipes da Pérsia e Média no reinado de Assuero, Et 1.14. Vide *Príncipe.*

ADNA, Em Aramaico significa — *Prazer, delícia.*

1. Nome de um sacerdote, chefe da casa de Harã, da segunda geração depois do cativeiro, Ne 12. 15.

2. Nome de um dos filhos de Paate-Moabe, induzido por Esdras a divorciar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 30.

3. Um dos homens da tribo de Manassés que se ajuntou a Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 20.

4. Nome de um general do exército de Josafá, 2 Cr 17. 14.

ADOÇÃO: Ato pelo qual se confere a uma pessoa estranha o mesmo direito de seu próprio filho, como no caso de Moisés e de Ester, Ex 2.10; Et 2.7.

Em o Novo Testamento, esta palavra é usada para significar: a) A escolha que Jeová fez para que a nação judaica fosse o seu povo, Rm 9.4. b) A eleição de todos os verdadeiros cristãos como filhos de Deus, em um sentido todo especial, Gl 4.5; Ef 1.4. O espírito de adoção nos habilita a amar a Deus da mesma sorte por que os filhos amam a um pai extremoso. Distingue-se do espírito de servilismo que impele uma pessoa a ter por Deus o mesmo sentimento que um escravo tem pelo seu dono, Rm 8.14-21. c) A redenção do corpo; a sua libertação do pecado, da dor e da morte, por um estado de glória, Rm 8.23.

ADONIAS, *Jeová é Senhor*

1. Nome de um dos filhos de Davi com Hagite, sua mulher, quarto filho que lhe nasceu em Hebrom 2 Sm 3.2,4. Era moço formoso e belo, favorito de seu pai, depois de Absalão. Cego pela loucura de suas paixões, nunca foi repreendido por Davi. No fim da vida do rei, tentou apoderar-se do trono, pensando muito naturalmente, que a intenção de seu pai era dá-lo a Salomão, 1 Rs 1.13; 1 Cr 23.1; 28.5. Tendo falecido o primeiro e o terceiro filho de Davi, e provàvelmente também o segundo, Adonias que era o mais velho dos filhos viventes, julgou que tinha direito à coroa. Porém, nem as leis, nem as praxes estabelecidas, alimentavam tal pretensão. Conseguiu o apoio de Joabe que traria consigo o exército, e também do sumo sacerdote Abiatar, que levaria os sacerdotes e os levitas. Porém, nem o pontífice Sadoque nem Banaias, comandante das guardas do rei, nem o profeta Natã, abandonaram o partido do rei. Convidou Adonias os seus partidários para uma grande festa ao ar livre, ao pé da pedra de Zoelete, que está junto da Fonte do Rogel, e aí se fez proclamar rei. Salomão, porém, havia sido escolhido rei, em sucessão a Davi. Bate-Seba, mãe de Salomão, sustentada pelo profeta Natã, tendo notícia que Adonias se havia proclamado rei, foi à presença de Davi para lembrar-lhe a promessa feita, acêrca de seu filho Salomão. Imediatamente, mandou Davi que Salomão fosse proclamado rei. A festa ao ar livre terminou por uma debandada geral: os convidados fugiram, e Adonias refugiou-se no Templo, abraçando-se ao corno do altar, 1 Rs 1.5-50. Salomão perdoou a Adonias, porém, quando este pretendeu a mão de Abisague de Sunã, o rei Salomão o mandou matar, porquanto este novo desejo denunciava a intenção de, em tempo, disputar a posse do trono, 1 Rs 1.51,53; 2.13-25.

2. Nome de um dos levitas que Josafá enviou para instruir o povo do reino de Judá, 2 Cr 17.8.

ADONI-BEZEQUE, *Senhor de Bezeque.*

Nome do rei de Bezeque conquistado pelos guerreiros de Judá que o mutilaram cruelmente. O mesmo havia ele feito a setenta reis; reconheceu que a sua sorte era um ato da justiça divina, Js 1.4-7.

ADONICAO, *O Senhor se levanta.*

Nome de um fundador de uma família, cujos membros voltaram do cativeiro com Zorobabel e com Esdras, Ed 2.13; 8.13; Ne 7.18. O chefe desta família assinou o pacto no tempo de Neemias, porém, com o nome de Adonia, Ne 10.16.

ADONI-ZEDEQUE, *Senhor de retidão.*

Nome de um rei de Jerusalém que, sabendo ter sido tomada a cidade de Hai, pelos Israelitas, e que os gabaonitas tinham feito paz com Josué, formou uma confederação com quatro outros reis amorreus, a fim de castigar a Gabaom. Juntamente com os seus confederados, foi vencido, feito prisioneiro e morto, Js 10.1-27. Na tradução dos setenta é chamado Adoni-Bezeque.

ADORAÇÃO. Respeito e honra que se prestam a uma pessoa de distinção, Lc 14.10. Neste sentido, a palavra adoração é obsoleta. Adoração presta-se a alguém que possui atributos divinos, Mt 14. 33; 15.25; Ap 14.7 Deus proíbe que se preste adoração a não ser a ele só, Ex 20.3; 34.14; Mt 4.10; At 10.25; Ap 19.10. Os atos externos de adoração representavam um dever de civilidade para com pessoas de elevada posição como Esaú, José ou os soberanos, Gn 33.3; 42.6; 2 Sm 24.20, ou de adoração a Deus, Gn 24.52; Sl 94.6. Tais manifestações religiosas não se devem prestar aos ídolos, conforme proíbe a lei em Ex 20.5.

ADORAIM, *Dois baluartes.*

Nome de uma cidade de Judá, fortificada por ordem de Roboão, 2 Cr 11.9. Talvez seja a mesma Adora, abreviado o nome para Dora, cidade do interior, próximo a Iduméia que depois do exílio foi reconhecida como pertencente a este último país, Antig. 13.9,1; 15.4; 14.5,3; Guerras 1.2,5; 1 Mac 13.20. Pelas investigações de Robinson, está identificada como sendo Dura, aldeia situada em uma encosta a uns dez quilômetros ao oeste de Hebrom.

ADORÃO, *O Senhor é exaltado.*

Um dos oficiais, que durante os reinados de Davi e Salomão, era superintendente dos tributos. Era filho de Abda. Em 2 Sm 20.24 tem o nome de Aduram e em 2 Cr 10.18, é denominado Adorão. Quando as dez tribos se revoltaram, Roboão o mandou parlamentar com os rebeldes, que, em vez de o ouvir, o apedrejaram e mataram, 2 Sm 20.24; 1 Rs 4.6; 12.18; 2 Cr 10.18.

ADRAMELEQUE, *O deus Adar é Rei.*

a) Divindade trazida de Sefarvaim a quem os colonizadores de Samaria queimavam os seus filhos, 2 Rs 17.31. O deus Adar é o mesmo Sol, adorado sob um atributo particular.

b) Nome de um filho de Senaqueribe. Com seu irmão Sarazar, assassinou o pai e fugiu para a Armênia, 2 Rs 19.37; Is 37.38.

ADRAMITO. Nome de uma cidade marítima de Eólia, pertencente à província da Ásia, no tempo do Império Romano. O navio em que Paulo embarcou em Cesaréia, com destino a Roma, foi registado no porto de Adrumete e partira em viagem de escala pelos portos da costa asiática, At 27.2.

ADRIÁTICO. Parte do mar Mediterrâneo, At 27.27. Nome derivado da cidade comercial Adria, situada no curso inferior do rio Pó, ao norte da Itália. Primeiramente designava só a parte do mar próximo a esta cidade, porém, mais tarde, deu-se o mesmo nome a todo o mar que se estende até ao sul da Grécia e da Itália, *Ptolomeu*, 3; *Pausanias, Eliac*, 5; *Procópio, Bell, Vand*, 1.14.

ADRIEL, *Rebanho de Deus.*

Nome de um molatita a quem Saul deu em casamento sua filha Merobe que tinha sido anteriormente prometida a Davi, 1 Sm 18. 19.

ADUFES ver TAMBORES

ADULÃ, *Recinto fechado.*

Nome de uma cidade do território de Judá, entre Jerimote e Socó. Já existia no tempo de Jacó e era habitada pelos cananeus, Gn 38. 1, 2, Js 15. 35. Por ocasião da conquista da terra prometida, esta cidade era governada por um régulo, Js 12. 15. Foi fortificada pelo rei Roboão, 2 Cr 11. 7, continuou a florescer no tempo do profeta Miquéias, Mq 1. 15, e era ainda habitada depois do exílio, Ne 11. 30; 2 Mac 12. 38. Em suas vizinhanças existia a caverna em que Davi se refugiou por ocasião de uma de suas peregrinações, e onde se foram a ele reunir seu pai, seus partidários e muitos outros que aderiram à sua causa, 1 Sm 22; 2 Sm 23. 13; Antig. 6. 12, 6. Clermont-Ganeau talvez tenha razão em supor que *Aid-el-Miyeh*, nome de um monte coroado de fortins e com cavernas em seus flancos seja o lugar onde existia a antiga Adulã. O monte referido acima se encontra na parte sul de uma ravina na sua junção com o prolongamento do vale de Elá (Es-Sunt), distante cerca de duas milhas do lugar onde Davi combateu com Golias.

ADULTÉRIO

a) Em sentido restrito, significa relação sexual de um homem casado, com outra mulher que não a sua, ou a mesma relação entre uma mulher casada e um homem que não seja o seu marido. De acordo com a legislação antiga, a poligamia e o concubinato não eram considerados adultério. Sob a lei mosaica, o adultério era punido com a morte, Lv 20.10.

b) Em sentido geral, significa toda impureza sexual por pensamentos, palavras ou atos, tendentes a isso. É este o sentido do sétimo mandamento interpretado por Jesus no sermão da montanha, Ex 20.14; Dt 5.18; Mt 5.27,28.

c) Figuradamente, significa o culto prestado a deuses estranhos, ou outras violações do pacto com Jeová; pois Deus exige de nós amor incondicional, tanto quanto o marido o exige de sua esposa pelos seus juramentos de fidelidade, Jr 3.8,9, Ez 23.37,43; Os 2.2,13.

ADUMIM, *Vermelho, Objetos vermelhos.*

A subida de Adumim é um desfiladeiro, que vai do vale do Jordão até à região montanhosa do país. A linha divisória entre Judá e Benjamim passava perto dela, Js 15.7; 18.18. Este desfiladeiro era a estrada principal e a mais curta entre Jerusalém e Jericó. Segundo São Jerônimo, este nome pertencia a uma aldeola que em seus dias estava em ruínas com o nome de Maledomim, parecendo ser este nome a frase hebraica que quer dizer—subida de Adumim. São Jerônimo liga a origem deste nome aos assaltos sangrentos levados a efeito neste lugar por ladrões como se vê em Lc 10.30; porém, é mais provável que se derive da marga vermelha que há na redondeza. Uma recordação deste nome subsiste na expressão — *Talaat ed-Dumm*, Ladeira do Sangue, nome dado ao monte e forte que se acham a meio caminho entre Jerusalém e Jericó e ao caminho fundo por onde segue a estrada, descendo.

AER, *Outro.*

Nome de um benjamita, 1 Cr 7.12.

AI, Irmão de, ou é irmão, Jeová.

1. Chefe dos gaditas em Galaade, filho de Abdiel, 1 Cr 5.15.

2. Nome de um dos filhos de Somer, tribo de Aser da família de Baria, 1 Cr 7.34.

AFARSAQUITAS

Nome de uma tribo de além do Eufrates, estabelecida por Asenafar em Samaria, Ed 4.9;5.6.

AFARSITAS

Nome de uma tribo, transportada para Samaria por Asenafar, Ed 4.9.

AFECA, *Fortificação.*

Nome de uma cidade situada na região montanhosa de Judá, Js 15.53.

AFEQUE, *Força.*

1. Nome de uma cidade ao norte de Sidônia, Js 13.4, identificada com a antiga Afaca, a norocs-

te de Beirute famosa pelo grandioso templo de Vênus. Modernamente, tem o nome de Afca. A situação desta cidade, que é bastante para o norte, dá lugar a se pôr em dúvida se realmente determina a antiga posição de *Aphek*, variante de *Aphik*, que estava situada dentro do território da tribo de Aser, e que tinha sido expurgada do elemento cananeu, Js 19.30; Jz 1.31.

2. Nome de um lugar, não muito distante de Silo, e perto de Mispá, 1 Sm 4.1,12; 7.11; Js 17.18. Foi neste lugar que se acamparam os filisteus antes da batalha em que tomaram a Arca do Senhor.

3. Cidade situada entre Sunã e Jezrael. Os filisteus acamparam-se em Sunã e logo perceberam que os israelitas ocupavam as alturas do Gilboé. Levantando acampamento, avançaram de Sunã em direção a Afeque e daqui a Jezrael, onde atacaram as forças de Israel que se haviam acampado ali. Os israelitas tiveram de se retirar para as suas posições anteriores no Gilboé, onde foram totalmente derrotados, 1 Sm 28.4; 29.1,11; 31.1. É possível que esta cidade de Afeque seja a mesma de *Apku*, de que fala Asurbanipal, rei da Assíria, existente nos limites de Samaria, na estrada militar que vai ao Egito. Também pode ser a Afeque, para onde se retirou o exército de Benadade, quando tencionava dar batalha a Acabe que o desbaratou, e onde perdeu 27.000 homens sobre os quais caiu o muro da cidade, 1 Sm 20.26-30. Pode ainda ser a cidade onde Josias, rei de Israel, havia de bater os Sírios até serem consumidos, conforme a profecia de Eliseu, 2 Rs 13.14-19. A situação pressuposta, de acordo com as narrativas feitas, é a de uma cidade a oeste do Jordão na planície de Jezrael. A Afeque mencionada nas duas passagens referidas, pode ainda ser a cidade daquele nome, além do Jordão, cerca de 5 quilômetros e meio a este do mar de Galiléia, na estrada entre Damasco e Betsã, que agora se chama *Fik*.

AFEREMA

Nome de um distrito, que no tempo de Jônatas Macabeu foi separado de Samaria e anexado à Judéia, sob a autoridade do Sumo Sacerdote, 1 Mac 11.34; 10.30,38. Parece ser uma corrupção da palavra Efrém, designando a parte do extremo sul de Samaria, Jo 11.54.

AFIA, *Revivido*.

Nome de um antecessor do rei Saul, 1 Sm 9.1.

AGABO. Significação incerta.

Nome de um profeta cristão de Jerusalém. Profetizou que haveria uma grande fome por todo o globo da terra; esta veio em tempo do imperador Cláudio, At 11.28; Antig. 20.2,6; 5.2. Quando São Paulo passou por Cesaréia, em sua última viagem a Jerusalém, chegou da Judéia o profeta Agabo que, tomando a cinta de Paulo, atando-se os pés e as mãos anunciou que assim fariam em Jerusalém ao varão a quem pertencia a cinta, At 21.10,11.

AGAGITA. Qualificativo dado a Amã, grande inimigo dos judeus, Et 3.1-10; 8.3-5. Não se pode afirmar que seja descendente de Agague, Antig. 11.6,5.

AGAGUE. Significa talvez *Flamejante*.

Ignora-se se este nome era o título oficial dos reis de Amaleque como Faraó era o título oficial dos reis do Egito, ou se era o nome dado à dinastia. Particularmente refere-se a:

1. Agague, rei de Amaleque a cuja grandeza alude Balaão, Nm 24.7.

2. Agague, rei de Amaleque morto por Samuel, cuja vida Saul havia poupado, 1 Sm 15.9-33.

ÁGATA

Nome derivado de um rio da Sicília, perto do qual é abundante a pedra preciosa chamada Ágata. É composta de várias espécies de quartzo colorido, especialmente de Ametista, Calcedônia e Jaspe. Há dois vocábulos hebraicos que se referem a esta pedra, e são os seguintes:

1. *Kadkod*, que significa brilhante, Is 54.12; Ez 27.16. Este qualificativo mal se aplica a esta pedra que, pelo seu natural, não tem brilho. A versão brasileira e Almeida traduz *Rubis*.

2. *Shebo* derivado talvez de *shabah*, levar cativo ou de *Sheba*. Era a pedra que ficara na terceira ordem entre as duas pedras preciosas do Racional do Sumo Sacerdote, Ex 28.19; 39.12.

AGÃ, Fugitivo?

Nome de um dos araritas, pai de um dos valentes de Davi, 2 Sm 23.11.

AGEU, *Festivo*.

Nome de um profeta, contemporâneo de Zacarias, Ag 1.1; Zc 1.1. Profetizou depois da volta do cativeiro de Babilônia. O trabalho da reconstrução do templo estava interrompido havia 15 anos. O profeta foi o grande instrumento que levantou o ânimo do povo para continuar a obra, Ed 5.1; 6.14. O livro de Ageu contém quatro profecias pronunciadas no espaço de quatro meses, no segundo ano do reinado de Dario Histaspes, 520 A. C.

1. No primeiro dia do sexto mês, o profeta repreende aqueles que haviam deixado o templo em ruínas, ao passo que haviam construído para si casas forradas de laçaria; mostra-lhes como as bênçãos de Deus haviam decrescido sobre o trabalho de suas mãos. Em vista destas exortações, o povo meteu mãos à obra na reconstrução da casa do Senhor, no dia vinte e quatro do sexto mês.

2. No dia 21 do sétimo mês, ele anima aqueles que lamentavam a inferioridade do templo comparado com a glória do primeiro; e prediz que a glória do segundo seria maior do que a do primeiro, porque o Senhor moveria as nações e o Desejado de todos os povos encheria de glória a nova casa, 2.1-9; Hb 12.26-28.

3. No dia 24 do nono mês, ele faz um aditamento a esta profecia, dizendo: Se um homem poluto, por ter tocado um corpo morto, tocar qualquer de todas as cousas, acaso ficará ela por isso contaminada? Responderam os sacerdotes e disseram: Ficará contaminada. Assim é que este povo, e assim é que esta gente está diante da minha face, diz o Senhor, e assim está a obra de suas mãos, e todas as cousas que ali ofereceram, serão contaminadas, pelo que não mereceram as bênçãos de Deus, 2.10-19.

4. No mesmo dia ele acrescenta à segunda profecia: "Eu abalarei juntamente o céu e a terra, e farei cair os tronos e quebrarei a fortaleza do reino das gentes, e tomarei a Zorobabel, filho de Salatiel debaixo de minha proteção, diz o Senhor" 2.20-23.

AGOUREIROS ver ASTRÓLOGOS

AGOURO

Nome que se dá à prática de artes mágicas, ou o emprego de certas palavras com o fim de obter o auxílio dos maus espíritos, para produzir efeitos sobrenaturais nas criaturas, nos animais perigosos e em a natureza em geral. O agouro nem sempre se distingue da adivinhação. Nm 23. 23; 24.1; 2 Rs 17.17; Jr 27.9. As palavras agoureiro e agouro incluem a mágica, Ex 7.11, o esconjuro, o exorcismo, Dn 2.2, a feitiçaria At 8.9-11; 13.8,10. Estas práticas são proibidas pela lei mosaica, Dt 18.10. Os encantamentos usados para impedir a mordedura da cobra venenosa, Ec 10.11, comp. Sl 57.5; Jr 8.17, são de outra natureza: não exigem fraude, nem a invocação dos espíritos malignos.

AGRICULTURA. Cultura do campo. Esta palavra não ocorre nas Escrituras, porém a sua idéia está nelas implícita pela correlação de fatos tanto no Antigo como em o Novo Testamento. A palavra lavrador é muito freqüente. Adão tinha de guardar e hortar o Paraíso das Delícias, Gn 2.15. Caim era lavrador, Gn 2.15; Noé plantou uma vinha, Gn 9.20; e Isaque semeava a terra, Gn 26.12. A agricultura teve notável desenvolvimento entre a raça dominadora estabelecida no delta do Nilo no tempo em que os israelitas se estabeleceram no Egito, onde cultivavam várias espécies de cereais para exportação, Gn 41.49, 57; 43.2, trigo, centeio, cevada, além das grandes colheitas de linho, Ex 9.31,32. As plan-

tações dos israelitas eram às vezes limitadas ao trigo e ao vinho, Gn 27.37; Sl 4.8. Um terceiro ramo de agricultura entre os israelitas era a oliveira, Dt 6.11. Quando se desenvolveu mais a lavoura, a lista dos seus produtos cresceu; era o trigo, a cevada, o vinho, os figos, as romeiras e as oliveiras, para não falar do mel que as abelhas produziam, Dt 8.8; 11.14; 12.17.

A esta lista Isaías acrescenta a nigela e o cominho, Is 28.25,27, e Ezequiel, as favas, as lentilhas e a aveia, Ez 4.9. Usavam arados puxados por bois 1 Rs 19.19; Is 2.4, foices e outros instrumentos, Dt 16.9; Jl 3.13, etc. A fertilização da terra era auxiliada pelo descanso de um ano, no fim de cada sete anos, Dt 28.10,11. As grandes colheitas eram, em regra, armazenadas; dava-se grande atenção às reservas de água, de modo a suprir a falta das chuvas, evitando por este modo os sofrimentos pela fome. A agricultura e a conservação de manadas de rebanhos continuou a ser a fonte da riqueza nacional durante o período histórico da Escritura. Era mais um povo de agricultores do que de comerciantes e industriais.

ÁGUA SANTA

Água benta em um vaso de barro, misturada com um pouco de pó do pavimento do tabernáculo, Nm 5.17, tinha o fim de revelar a inocência ou a culpa de uma mulher acusada de adultério por seu marido, no caso de não haver testemunhas. O sacerdote descobria-lhe a cabeça e punha-lhe nas mãos o sacrifício de recordação e a oferta dos zelos, 18. O sacerdote tomando as águas amargosíssimas, dizia que não teriam mau efeito sobre a mulher se fosse inocente; se, porém, fosse culpada, as carnes da coxa apodreceriam, e o ventre, inchando, arrebentaria. A mulher respondia: Amém. O sacerdote escrevia as maldições em um livro e depois as apagava com as ditas águas. Depois tomava da mulher o sacrifício dos zelos, e o levantava diante do Senhor, pondo-o sobre o altar, e dava a beber à mulher as águas amargosíssimas. Se fôsse culpada, penetrá-la-iam as águas da maldição, e inchando-lhe o ventre, lhe apodreceria a coxa; se fosse inocente, não experimentaria mal algum, e teria filhos. A parte essencial dêste processo era o juramento. Todo o ritual era simbólico. O resultado pertencia a Deus. É provável que este ordálio viesse de outros tempos e que Moisés pôs em prática, por meio de regulamentos novos.

ÁGUAS DA CONTENDA, Contendas de Cades

Nome de uma estação dos israelitas no deserto, Ez 47.19; 48.28.

ÁGUIA. Ave de rapina, Jó 9.26;39.30; Hc 1.8, vultosa, Ez 17.3,7, ligeira de vôo, 2 Sm 1.23, de grande poder visual e que constrói seus ninhos nas rochas elevadas e inacessíveis, Jó 39.27-29; Jr 49.16. A águia emprega grande cuidado na educação de seus filhos, enquanto pequenos, ensinando-os a agir por si mesmos, impelindo-os para fora do ninho, provocando-os a voar, e voando sobre eles, em seus primeiros ensaios para dominar os ares, Dt 32.11; Ex 19.4,5. Sir Humphrey Davy relata ter visto duas águias ocupadas neste mister, sobre os desfiladeiros de Ben-Nevis. Havia uma crença antiga e muito popular que a águia no fim de certo tempo, renovava a sua mocidade, Sl 102.5. Diziam que a águia, chegando à velhice, elevava-se às alturas em direção ao sol até crestar as asas, e depois precipitava-se no oceano. Dali ela emergia no vigor de sua mocidade. Pode ser que esta lenda sirva para ilustrar a longevidade da águia, retendo até ao fim de sua vida o vigor da mocidade. Por ser uma ave carnívora que se alimenta de répteis e de carnes em decomposição, era considerada imunda pela lei cerimonial, Lv 11.13. Os hebreus e os árabes davam o nome da águia a todos os outros pássaros que se alimentavam de carnes, à semelhança dos naturalistas gregos e romanos, como Aristóteles e Plínio, Mt 24.28; comp. Pv 30.17. O profeta Miquéias, em seu livro, cap. 1.16, alude à calvície da águia, e ao despojo de suas penas. Talvez tivesse em mente alguma outra ave de rapina, porquanto a águia não arranca as suas penas. Tristram enumera oito espécies de águias sob famílias que se encontram na Palestina. Sete do tipo *Aquila*, a saber: *Aquila chrisaetus*, águia dourada; *Aquila heliaca*, águia imperial; *Aquila clanga*, águia mosqueada; *Aquila rapax*, águia cinzenta; *Aquila pennata*, águia calçada; *Aquila nipalensis*, águia estepe; *Aquila Bonelli*, águia de Bonelli, e a *Aquila circaetus gallicus*, águia de dedo curto. Excetuando a águia calçada, as demais são muito comuns. A mais numerosa de todas é a dos dedos curtos, que se alimenta de répteis. Aparece mais freqüentemente no verão e no outono. No inverno, emigra para o Sul.

ÁGUIA MARINHA

Tradução do hebreu *Oznîyyah*, Lv 11. 13; Dt 14. 12, ave considerada imunda pela lei cerimonial. É uma espécie de águia, ou mais vagamente, do gênero da águia. Os setenta traduziram por *aliaietos*, isto é, *Pandion haliaetus*. É uma águia de cor cinzenta escura, muito conhecida em todo o mundo, que freqüenta as costas e se alimenta de peixes. Na Palestina, percorre as praias do Mediterrâneo e as lagoas formadas na foz do Cisom.

AGUILHADA

Nome de uma vara comprida, terminada em ponta, às vezes revestida de um ponteiro de ferro, que serve para estimular os bois a caminhar, 1 Sm 13.21. Com uma aguilhada de boi, Sangar matou a 600 filisteus, Jz 3.31. O padre Pereira diz: "relha de arado." "Dura cousa é para ti recalcitrar contra o aguilhão", At 9.5, é a metáfora de um animal recalcitrante, ferindo-se contra a aguilhada. As palavras dos sábios são comparadas a uns estímulos (aguilhadas), Ec 12.11.

AGULHA

Instrumento pontiagudo que serve para bordar, e para costurar, cp. Ex 35.35; Ec 3.7; Mc 2.21. O buraco por onde entra a linha chama-se fundo da agulha. Imagine-se um camelo entrando pelo fundo de uma agulha. Esta extrema dificuldade ilustra o perigo para a salvação daqueles que confiam nas suas riquezas, Mc 10.24-26.

AGUR, (*Armazenado?*)

Filho de Jaque, autor das máximas contidas no capítulo 30 do Livro dos Provérbios. Vide v. 1.

AI, *Ruínas*. Aiate em Is 10. 28, é a forma feminina desta palavra.

1. Cidade dos amorreus a este de Betel e perto de Bete-Áven, tendo um vale ao lado do norte, Gn 12. 8; Js 7. 2; 8. 11. Ficava ao norte de Micmás, se Aiate é a mesma Ai, como se presume. As observações modernas excluem a possibilidade de ser el-Hai, a um quilômetro ao sudoeste de Micmás, o local de sua antiga existência. Devia estar localizada próximo da atual *Deir Diwan* na antiga estrada entre Micmás e Betel a meio caminho de cada uma destas cidades. A pouco mais de um quilômetro a noroeste de *Deir Diwan* estão as ruínas de *el-Tel* (o montão), comp. Js 8. 28. A cerca de 500 metros ao sul, e pelos jardins que se estendem até um quilômetro para sudoeste em direção a *el-Kadeirah*, existem também as ruínas de *el-Haiyan*. Cada um destes três lugares tem seus defensores que os dão como sendo o local da antiga Ai. Este nome *Haiyan*, deve-se notar, é palavra inteiramente diferente de Hai. O nome que o historiador Josefo deu a Hai apenas fornece o élo que aproxima as duas palavras, porquanto os textos gregos do historiador não dão o caso nominativo Aina, pelo qual se poderia fazer a identificação. Hai foi atacada por Josué (Js 7. 2-5), sendo mal sucedido. Quando se descobriu que a causa da derrota era o pecado de Acã foi este lapidado. Renovou-se o ataque à cidade de Hai que desta vez foi tomada; e mortos os seus habitantes em número de 12.000; o rei pendurado numa árvore e as suas habitações reduzidas a cinzas, Js cap. 7 e 8. Permaneceu em ruínas por

algum tempo depois da narrativa de Josué, e reconstruída mais tarde, Is 10. 28; Ed 2. 28.

2. Cidade dos amonitas, pouco distante de Hesebom Jr 49. 3.

AIA ver AQUIAS, 6

AIÁ, *Ave de rapina.*

1. Nome de um filho de Senbeom e irmão de Ana, Gn 36.24.

2. Nome do pai de Resfa, concubina de Saul, 2 Sm 3.7.

AIÁ, *Fraterno.*

Nome de um membro da tribo de Manassés, filho de Semida, 1 Cr 7.19.

AIALOM ver ELOM

AIAO

Nome de um dos valentes de Davi, 2 Sm 23.33.

AIAS ver ABIA 5

AIAS ver AQUIAS, 1, 4, 7, 8, 9.

AICÃO, *Irmão aparecido.*

Nome de um filho de Safã e príncipe de Judá, 2 Rs 22.12. Protegeu o profeta Jeremias, quando os falsos sacerdotes e os falsos profetas pediram a sua morte, Jr 26.24. Era pai de Godolias, 2 Rs 25.22.

AIEZER, *Irmão auxiliador.*

1. Filho de Amisadai e cabeça da tribo de Dã, por ocasião da viagem de Israel pelo Deserto, Nm 1. 12; 2.25; 7. 66.

2. Nome de um homem de Gabaá que auxiliou a Davi em Ziclague, quando fugia de Saul, 1 Cr 12.3.

AIJA ver AQUIAS, 2. 3.

AIJALOM, *Lugar onde há veados.*

1. Nome de uma vila de Sefelá, perto de um vale, onde se deu a batalha de Josué contra os amorreus quando o Sol parou sobre Gabaom e a Lua sobre o vale de Aijalom, Js 10.12; 2 Cr 28.18. Aijalom é mencionada em cartas que datam do 15 século antes de Cristo, encontradas em Tel-el-Amarna, com o nome de Aialuna; corresponde a *Yalo*, vila situada em bela planície a 24 quilômetros a noroeste de Jerusalém sobre um contraforte na direção norte. Na partilha da Terra prometida, tocou à tribo de Dã, mas continuou em poder dos amorreus, Jz 1.34,35. Mais tarde foi adjudicada ao patrimônio levítico, Js 21.20,24. Por ocasião do cisma das dez tribos, entrou no patrimônio da tribo de Benjamim e Roboão a converteu em praça forte, 1 Cr 8.13; 2 Cr 11.10. Os filisteus a tomaram em tempo de Acaz, 2 Cr 28.18.

2. Lugar na tribo de Zabulom, onde Aialom ou Elom, Juiz de Israel foi sepultado, Jz 12.12; Local ainda não identificado. Supõe-se que as ruínas de Jalum, ou as de Ailute sejam os restos da antiga Aialom, porém, as primeiras estão muito ao norte de Zabulom, cerca de 17,5 quilômetros a este de Acre; e a 8 quilômetros a sudoeste de *Mejd el-Kerum;* e as segundas, que ficam a 45 quilômetros a noroeste de Nazaré, tem nome radicalmente diferente.

AIJELETE-HÁS-SAAR, Corça da Aurora? Instrumento músico? ou antes modulação musical? Tradução de Santos Saraiva.

Título usado para o salmo 22 da tradução de Ferreira de Almeida e V. B. O salmo 21, que a este corresponde na tradução de Figueiredo, diz no seu título: Salmo de Davi pelo socorro da manhã.

AILUDE, *Irmão de um que nasceu.*

Nome do pai de Josafá cronista-mor dos reis Davi e Salomão, 2 Sm 8.16; 20.24; 1 Rs 4.3. Sob o reinado de Salomão, Ailude colocou também a seu filho Bana como provedor da casa real, 1 Rs 4.12.

AIM. *Olho, e fonte natural.*

1. Nome da 16ª letra do alfabeto hebreu que teve origem na forma de um olho. A 15ª letra do nosso alfabeto teve a mesma origem, porém não é da mesma categoria; a hebraica é consoante, com um som gutural, e a nossa é o O vogal. No transporte dos nomes hebraicos que contêm *ain* para a nossa língua, esta consoante não é traduzida e outras vezes aparece como *g*, e outras vezes passando pelo grego, é representada pela letra *h*. No original, a letra *ain* figura no princípio das palavras Amaleque, Eli, Gomorra e talvez Heli. Aparece na décima sexta secção do salmo 118, Figueiredo e 119, Almeida e V. B., cujas linhas de cada verso começam por esta letra no hebraico.

2. Lugar do limite norte da Palestina a oeste de Ribla, Nm 34.11, Almeida e V. B.

3. Cidade do território de Judá para os lados de Edom e perto de Remom, Js 15.32; 1 Cr 4.32, com a qual forma, por assim dizer, uma só cidade, Ne 11.29. Estas duas cidades foram sorteadas a Simeão e destinadas aos sacerdotes residentes na tribo de Judá, Js 19.7; 21.16. (Ver *Asa.*) Supõe-se que as grandes ruínas de *Bir-Khuweilfeh*, onde existe uma fonte perene, sejam os restos da cidade de Remom.

AIMÃ, *Dadivoso.*

1 Nome de um filho de Enaque e provável fundador da família Enacita, Nm 13.23, composta de homens robustíssimos (Vide *Gigante*), expulsos de Hebrom por Calebe, Js 15.14; Jz 1.10.

2 Levita empregado no serviço de transportar a arca, 1 Cr 9.17.

AIMAÁS, *Irascível.*

1. Nome do pai de Aquinoã, mulher de Saul, 1 Sm 14.50.

2. Filho de Sadoque pontífice no tempo de Davi. Aimaás e Jônatas, filho de Abiatar, foram os oficiais de ligação entre Davi e o partido leal, em Jerusalém, durante a revolta de Absalão, 2 Sm 15.27,36; 17.20. Aimaás foi o primeiro a anunciar a Davi, a vitória obtida sobre Absalão, 2 Sm 18.19-30. Talvez seja o mesmo que, mais tarde foi nomeado provedor da casa de Salomão com jurisdição sobre o território de Neftali, 1 Rs 4.15.

AIMELEQUE ver AQUIMELEQUE

AIMOTE ver AQUIMOTE

AINADABE, *Irmão de liberalidade.*

Provedor da casa de Salomão, em Maanaim, 1 Rs 4.14.

AINOÃ ver AQUINOÃ

AIO, *Fraternal.*

1. Filho de Abinadabe, que, com seu irmão Oza, conduziu o carro novo em que Davi transportou a Arca do Senhor de Gabaa para Jerusalém, 2 Sm 6.3,4.

2. Nome de um benjamita filho de Elfaal, 1 Cr 8.14.

3. Nome de um benjamita, filho de Jeiel e de sua mulher Maaca, 1 Cr 8. 29, 31; 9. 35, 37.

AIO ver PEDAGOGO

AIRA, *Irmão do mal.*

Filho de Enã, príncipe da tribo de Naftali durante a peregrinação pelo Deserto, Nm 1. 15; 2. 29; 7.78; 10.27.

AIRÃO, *Irmão exaltado, ou irmão do que é exaltado.*

Chefe da família dos airamitas, Nm 26.38. Aara, 1 Cr 8.1, representa o mesmo nome; e bem assim, Er, mencionado em Gn 46.21.

AISAAR, *Irmão da alva.*

Nome de um dos descendentes de Benjamim, filho de Jadiel, um dos príncipes das famílias desta tribo, e homem de grande valor, 1 Cr 7.10.

AISAMAQUE ver AQUISAMEQUE

AISAR, Irmão de um cantor.

Mordomo mor da corte de Salomão, 1 Rs 4.6.

AITOFEL ver AQUITOFEL

AITUBE ver AQUITOBE

AIUDE, *Pessoa digna de louvor.*

1. Príncipe que representou a tribo de Aser na comissão que dividiu a Terra Prometida, Nm 34.27.

2. Chefe de uma família de Gabaa, da tribo de Benjamim, 1 Cr 8.7.

ALABASTRO, *sem asa;* ou derivado de um lugar chamado *Alabastrum.*

Material de que foi fabricada a redoma, cheia de bálsamo que ungiu a cabeça de Jesus em Betânia, Mt 26.7; Mc 14.3; comp. com Lc 7.37. O alabastro é uma variedade de fino gipso de cor branca, adornado de delicadas sombras. Por ser menos duro que o mármore é mais fácil de ser trabalhado na fabricação de colunas, taças, caixinhas ou vasos. Dava-se o nome de alabastro a qualquer pedra que servisse para o fabrico de tais utensílios. A maior parte dos frascos antigos, usados para guardar perfumes, eram fabricados de uma pedra calcárea cor de cinza e transparente.

ALAI, Oh! que!

Filha de Sesã, e talvez antecessora de Zabade, 1 Cr 2. 31, 34; 11. 41.

ALAMELEQUE, *Carvalho do rei.*

Nome de uma aldeia de Aser, Js 19. 26. O vale *el-Melech* que recebe as águas da planície de *el-Buttauf* para as lançar no Cisom, defronte do monte Carmelo, parece ser o éco deste nome.

ÁLAMO

Tradução da palavra hebraica *Libneh*, branco, designando uma árvore, Gn 30. 37, contada entre as que dão boa sombra, Os 4. 13. Se é o choupo, pertence à espécie *Populus alba*, árvore alta de madeira branca, e folhas brancas com uma camada felpuda na parte inferior. Na primeira destas passagens segundo os Setenta, é o *Styrax officinale*, chamado *Lbenah* em árabe, árvore resinosa, de 10 a 20 pés de altura, natural do Levante. Na segunda passagem em Os 4. 13, a tradução grega diz ser o choupo branco.

ALAMOTE, *Moscas.*

Termo musical para designar a voz trémula. Em Figueiredo parece designar um instrumento músico, 1 Cr 15. 20. Título do salmo 46.

ALÂMPADA ver LANTERNA

ALCIMUS

Nome de um sumo sacerdote nomeado por Antíoco Eupator, 2 Mac 14.3,7; Ant. 12.9,7, confirmado por Demétrio, em 162, A. C. 1 Mac 7.5-9, e promovido a chefe do exército por Baquides, 1 Mac 7.10-20. Por ser simpático aos gregos os judeus o aborreciam. Judas Macabeu expulsou-o da Palestina, porém Baquides o recolheu de novo. A ele se atribui a destruição do muro interno no templo, 160 A. C. Morreu repentinamente logo depois. Os judeus diziam que a sua morte foi em castigo por causa da impiedade de seu ato, 1 Mac 9.1, 54-56.

ALELUIA, *Louvai ao Senhor.*

Palavra composta, empregada pelos escritores de vários salmos, convidando a todos para louvarem a Jeová, Sl 103.35; 104.45; 105.1,48; 110.1; 111.1; 112.1,9; 114.18; 115.19; 116.2; 134.1,21; e os primeiros e últimos versículos dos salmos 145 até 150. Destes salmos, o apóstolo S. João tirou o vocábulo Aleluia, repetido no cap. 19.1,3,4,6, do Apocalipse.

ALEMA

Cidade de Galaade, 1 Mac 5.26. Presume-se que seja Elim mencionado em Is 15.8.

ÁLEFE

Nome da primeira letra do alfabeto hebreu; tem origem comum com o nosso a, mas não é vogal. Não aparece em os nomes hebraicos traduzidos para a nossa língua. É letra inicial dos nomes originais Edom, Ofir, Ur, etc.

ALEMETE, *Cobertura.*

1. Benjamita descendente de Becor, 1 Cr 7.8.

2. Nome de um dos descendentes do rei Saul, 1 Cr 8.36; 9.42.

3. Nome de uma cidade, 1 Cr 6.60. Ver *Almom.*

ALEXANDRE, *Que defende homens.*

1. Alexandre o Grande, rei de Macedônia, que sucedeu a seu pai Filipe, 1 Mac 1.1. Começou a reinar no ano 336 A. C. Depois de ter domado algumas perturbações internas, atravessou o Helesponto para atacar os persas que foram desbaratados no Granico e em Isso. Depois da batalha de Isso, Alexandre tomou Damasco que encerrava grandes tesouros, e Sidônia, e sitiou Tiro. Deste lugar, enviou emissários a Jádua, sumo-sacerdote judaico, pedindo sua aliança e abastecimento para o exército. Jádua recusou sob o pretexto de ser sujeito ao rei dos persas. Irritado por esta resposta, Alexandre partiu para Jerusalém, logo depois da conquista de Tiro. Segundo narra o historiador Josefo, os Judeus ficaram apavorados com a aproximação de Alexandre, e Jádua, saindo das portas da cidade, com suas vestes sacerdotais ao encontro do conquistador. Alexandre lançou-se aos pés de Jádua, adorando-o como se fosse Deus representado por ele.

Alexandre, o Grande

Referiu Alexandre que antes de sair de Macedônia havia sonhado que a Divindade, em trajes sacerdotais, lhe havia aparecido, prometendo-lhe vitória sobre os persas; em vista do que, desistiu de tomar a cidade, conferindo aos judeus especiais favores, Ant. 11.8,5. Partindo da Palestina, Alexandre seguiu para o Egito, onde fundou Alexandria. Regressando à Palestina, dirigiu-se à Pérsia onde derrotou o rei Dario. No final de sua vitória, morreu em Babilônia no ano 323, A. C., com 33 anos de idade. Depois de sua morte, quiseram os generais de Alexandre assegurar o império para o infante seu filho, sob a regência da imperatriz viúva e de seu irmão. Em breve, porém, surgiram dissensões entre os generais. Todos os membros da família de Alexandre foram afastados do poder; o número dos generais foi reduzido de sete a quatro; estes quatro assumiram o título de reis, e fundaram quatro realezas: Ptolomeu, no Egito; Seleuco, na Síria; Antipater, na Macedônia, e Fileteo, na Ásia Menor. Na primeira divisão do império de Alexandre, antes da fundação dos quatro reinos, a Síria e a Palestina formavam uma satrapia independente, sob o governo de Laomedom, porém em breve foram anexadas ao Egito por Ptolomeu Lago. A riqueza desta nova província, despertou a cobiça de outros, sendo duas vezes tomada por Antígono, outro dos generais de Alexandre, que dominou grande parte da Ásia Menor. Na partilha

final do império, distribuído pelos quatro reinos, depois da batalha de Ipso, passou a fazer parte do Egito desde 320 A. C. até 205 A. C. que, desde então, passou a ser parte integrante do reino da Síria no tempo de Antíoco o Grande.

2. Alexandre Balas que se dizia ser filho de Antíoco Epífanes. Com o auxílio de Ptolomeu, rei do Egito, que se tornou seu genro, casando-se com a famosa Cleopatra, reinou sobre a Síria, 150-146, A. C. Incapaz de sustentar o reino, e traído por Ptolomeu, foi facilmente despojado do governo por Demétrio II. Por via de tratados com Jônatas Macabeu conseguiu o auxílio dos judeus, 1 Mac 10.1,18-20; Ant. 13.2, 1.4,8.

3. Nome de um filho de Simão de Cirene, que ajudou a conduzir a cruz de Jesus Cristo, Mt 15.21.

4. Nome de uma personagem de alta categoria que tomou parte no julgamento de Pedro e João em Jerusalém, At 4. 6.

5. Nome de um advogado que os judeus tiraram a empurrões durante o tumulto em Éfeso, At 19.33.

6. Nome de um dos que naufragaram na fé, blasfemador, excomungado por S. Paulo, 1 Tm 1.19,20. Talvez seja o mesmo Alexandre latoeiro, que, com outros associados, fez grande oposição ao apóstolo, 2 Tm 4.14,15.

ALEXANDRIA. Nome de seu fundador Alexandre. Cidade fundada por Alexandre o Grande, no ano 332 A. C. na costa norte do Egito, destinada a ser metrópole da Grécia. Sua posição foi de feliz escolha a oeste das bocas do Nilo, nas correntes do Mediterrâneo que levavam os lados do rio para fora do porto, impedindo a sua obstrução. Esta cidade foi edificada sobre uma língua de terra entre o Mediterrâneo, o mar e o lago Mareotis, ligada por um molhe à ilha de Faros, onde existiu o famoso farol. A cidade estava maravilhosamente situada para fins comerciais. Veio a ser o porto de exportação do trigo do Egito para Roma passando por Puteoli, a menos que ventos contrários obrigassem a navegação pela costa da Ásia Menor, At 27.6; 28.1-13; Filo, em Flac. 5.

Tornou-se o *empório do intercâmbio* entre o Oriente e o Ocidente. Floresceu grandemente sob o governo dos Ptolomeus e subseqüentemente sob o Império Romano. Ocupava uma extensão de cerca de 24 quilômetros sobre a costa, com 1,6 km. de largura. Durante o domínio do velho Império Romano, Alexandria ocupava o segundo lugar das cidades do mundo, com uma população de 600 a 700 mil habitantes, composta de indivíduos de diversas nacionalidades: gregos, egípcios, judeus, romanos, etc. que se serviam da língua grega como meio de comunicação. Os membros destas diversas nacionalidades ocupavam geralmente bairros diferentes na cidade. Os judeus ocupavam a parte nordeste, gozavam de iguais direitos com os outros cidadãos e eram governados pelos seus próprios chefes, Ant. 19.5,2; Guerras, 2.18,7. Os Ptolomeus fundaram um museu e uma famosa biblioteca que continha dezenas de milhares de volumes que fez desta cidade o maior centro intelectual do mundo. A tradução das Escrituras Hebraicas para a língua grega, começou no Egito, provavelmente nesta cidade no terceiro século e terminou no segundo século A. C. Foi aqui, também, que o espírito da filosofia grega permeou o judaísmo, e onde exegetas como Filo, deram às Escrituras Sagradas uma interpretação excessivamente alegórica. Os judeus de Alexandria tinham suas sinagogas em Jerusalém e tomaram parte na perseguição de Estevão, o protomártir do Cristianismo, At 2.10; 6.9. As doutrinas de João Batista e os ensinos de Jesus, deram entrada em Alexandria e produziram homens eminentes como Apolo, At 17.24,25. A tradição atribui ao evangelista S. Marcos o estabelecimento da Igreja Cristã em Alexandria. Nos primitivos tempos da Igreja, foi sede de uma notável escola de catequese dirigida por Clemente e Orígenes e berço de famosos bispos como Hesíquio e Atanásio. No ano 618 A. D. Cosrós II, rei da Pérsia, tomou Alexandria, e em 640, foi novamente tomada por Amrou, general de Omar I, califa árabe. Excetuando alguns pequenos intervalos, tem estado sempre sob o domínio do governo maometano. Napoleão I, a tomou em 1798, porém os ingleses em 1801 expulsaram dela os franceses, revertendo depois ao domínio maometano. Em 11 de julho de 1882 os fortes de Alexandria foram bombardeados pela esquadra inglesa, começando então à ocupação britânica no Egito. Tinha Alexandria, naquela época, uma população de 227.064 habitantes.

ALFA

Nome da primeira letra do alfabeto grego, derivado do fenício e correspondente ao Álefe hebraico. Ômega é a última letra do mesmo alfabeto grego. "Eu sou o Alfa e o Ômega" que quer dizer, "Eu sou o primeiro e o último", Ap 1.8; 21.6; 22.13. Comp. com Is 44.6.

ALFABETO, Derivado do grego *Alpha* e *Beitha*, nome das duas primeiras letras do alfabeto grego. Assim se denomina o conjunto dos sinais usados na escrita manual ou impressa, dispostos em ordem conforme as regras de cada linguagem. O nosso alfabeto nos veio do Latim, que por sua vez o recebeu do Grego. Este teve origem no Fenício. Diz a tradição que Cadmo trouxe o alfabeto para a Grécia. Se não for rigorosamente verdade em seus pormenores é essencialmente histórico. Os fenícios, os hebreus, os moabitas e os armênios tinham alfabeto comum, pelo menos até o oitavo século A. C. O mesmo alfabeto, em forma particular, era usado em séculos remotos, pelos habitantes do sul da Arábia. A forma original dos sinais alfabéticos consistia na pintura de objetos familiares, que tinha o nome do objeto representado e o som inicial da mesma palavra. Assim: Gimel tinha o som de *g* e representava um camelo que se chamava *gamalu*. Os nomes das diversas letras do alfabeto hebraico e a ordem em que são dispostas devem ser familiares aos leitores do Salmo 119 da Versão Brasileira, e 118 de Figueiredo. A versão revista da Bíblia inglesa, em aditamento, dá as últimas formas das letras, isto é os caracteres, quadrados, introduzidos nos princípios da era cristã. Estes caracteres são em número de vinte e dois. A Bíblia hebraica tem outros salmos alfabéticos, além do 119. Vede *Salmos* e *Lamentações*. Para representar as letras hebraicas, é necessário substituí-las pelos caracteres equivalentes do alfabeto romano. Há diferentes métodos de fazer isto com algumas das letras hebraicas. Neste dicionário, *Aleph* é representado pelo *a* brando e *Ain* pelo *a* forte; *Heth* por *h*; *Teth*, por *t*; *Jod*, quando consoante, é representado por *y*; *Tzadde*, por *s*; *Koph*, por *k*, e *Shin*, por *sh*. As outras letras dispensam explicações. Em o Novo Testamento, aparecem duas letras do alfabeto grego, Alfa e Ômega, a primeira e a última. Outras letras são assim representadas: *Epsilon*, por *e* breve; *Eta*, por *e* longo; *Theta*, por *th*; *Xi*, por *x*; *Omikron*, por o breve; *Upsilon*, por *u*; *Psi*, por *ps*, e Ômega, por o longo.

ALFARROBAS

Espécie de alimento destinado aos porcos, que o filho pródigo desejava comer, quando se achava em terra estranha, abandonado pelos amigos de outros tempos, Lc 15. 16. A bainha das alfarrobas. *Ceratónia Siliqua*, também se chama bainha de gafanhoto e pão de S. João. É árvore formosa e sempre verde, de nove a dez metros de altura, sem espinhos e com as folhas semelhantes as do freixo. Produz bainhas em grande abundância que às vezes atingem a trinta centímetros de comprimento. Depois de maduras servem para sustento do gado e dos porcos, e em tempos de grande fome servem para alimento dos pobres. Da polpa das vagens ou bainhas faz-se um xarope muito apreciado.

ALFARROBAS ver **LANDES**

ALFEU, *Passageiro, transitório.*

1. Esposo de uma das Marias e pai de Tiago, o Menor, e de José Mt 10.3; Mc 15.40.

2. Nome do pai de Levi ou Mateus, Mc 2.14, comparado com Mt 9.9.

ALFORJE ou SURRÃO

Sacola destinada a levar provisões e objetos necessários para viagem Mt 10.10. O alforje que hoje se usa na Palestina é feito do couro de cabrito que levam a tiracolo suspenso por uma correia. Os pastores e os homens da lavoura, andam sempre com este alforje. Davi quando pastor, trazia consigo o surrão, ou bolsa de pastor, 1 Sm 17.40.

ALGODÃO

Tradução da palavra hebraica *karpas*, em Et 1.6. No átrio do jardim do palácio real de Susa, havia pavilhões de cor celeste e branca, pendentes de todas as partes. A palavra correspondente a *karpas*, no sânscrito, no persa, no armênio e no arábico, aplica-se ao algodão, planta esta que produz um feixe de fibras que envolve a semente amadurecida. Pertence ao gênero *gossypium*, da ordem das malváceas. As folhas têm três ou cinco lóbulos; as flores são largas e vistosas, às vezes levemente coloridas de amarelo, cercadas por um envólucro, ou cálix de três grandes folhas.

O algodão indiano, *Gossypium herbaceum*, há muito era cultivado na Pérsia. Provavelmente deste produto eram fabricados os pavilhões acima referidos, no livro de Ester.

ALHO

Planta bulbosa semelhante à cebola, que os hebreus chamavam *Shom*. Os egípcios comiam-no sempre, e os israelitas também se habituaram a ele, durante o cativeiro, Heród. 2.125; Nm 11.5.

O *allium sativum* é do mesmo gênero da cebola, porém com gosto e cheiro mais forte. É natural da Ásia central; cultiva-se em grande escala na região do Mediterrâneo, onde o povo o utiliza para servir de condimento ao pão.

ALIMÁRIAS ver BESTA

ALIMENTO

O alimento dos hebreus, durante o seu estado de povo nômade, consistia, em grande parte, de pão e de produtos dos rebanhos, tais como, leite, manteiga, carnes, Gn 18.7,8; Jz 5.25, e mel silvestre, Jz 14.8,9. Depois de seu estabelecimento na Palestina, acrescentaram os produtos das hortas, das vinhas e dos olivedos, como, lentilhas, pepinos, feijões, 2 Sm 17.28, as romãs, os figos, as uvas, etc., Nm 13.23; 20.5; Mt 7.16. O vinho doce e fermentado constituíam elementos importantes de alimentação; e bem assim, peixe, gafanhotos, aves e ovos, 1 Rs 4.23; Ne 13.16; Mt 4.18; Lc 11.12. As refeições simples consistiam de pão e lentilhas, Gn 25.34, caldo, 2 Rs 4.38, ou pão e vinho, Gn 14.18, farinha torrada e vinagre, Rt 2.14. Abraão recebeu os seus inesperados hóspedes, de um modo mais distinto, oferecendo-lhes manteiga e leite, bolos de flor de farinha e um bezerro, Gn 18.3-8. Maior variedade de alimentos se usava nas mesas dos ricos e dos poderosos, 1 Rs 4.22, 23; Ne 5.18.

ALJAVA

Carcás que servia para conduzir as setas, Is 49.2; Lm 3.13. Os archeiros assírios carregavam a aljava às costas, em linha diagonal com a boca voltada para o lado direito; os archeiros que combatiam dentro das carroças de guerra, levavam as aljavas penduradas ao lado do veículo. Os egípcios também carregavam as aljavas às costas, em posição horizontal e com a boca para o lado esquerdo.

ALMA

No sentido ordinário da palavra, a alma é uma entidade espiritual, incorpórea, que pode existir dentro de um corpo ou fora dele. "Deus é espírito." "O meu espírito se alegrou em Deus meu salvador" Jo 4.24; Lc 1.47. A alma é um espírito que habita um corpo, ou nele tem estado, como as almas dos que tinham sido mortos por causa da Palavra de Deus e pelo testemunho de Jesus" (Ap 6.9), e espírito é a alma desincorporada.

Os teólogos apresentam duas idéias acerca da alma, e conseqüentemente a respeito da natureza do homem e dos irracionais. Uma das idéias pertence aos tricomistas que diferem consideravelmente entre si. Segundo eles, o homem compõe-se de três partes, ou elementos essenciais, que vêm a ser, o corpo, a alma e o espírito, 1 Ts 5.23. O corpo é a parte material da sua constituição; a alma, em hebreu, *nephesh* e em grego *psyche*, é o princípio da vida animal, que o homem possui em comum com os brutos. A ela pertencem o entendimento, a emoção e a sensibilidade, que terminam com a morte. O espírito, em hebreu, *ruah*, e em grego *pneuma*, é o princípio do homem racional e da vida imortal, possui razão, vontade e consciência.

Deus criou o homem do barro da terra e inspirou nele um sopro de vida, e depois criou um espírito racional que infundiu nele, Gn 2.7. Na morte, o pó ou o corpo, volta à terra donde veio, e o espírito volta para Deus que o deu, Ec 12.7. A alma, em hebreu *nephesh hayyah*, no sentido de vida animal, Gn 1.21,24 é o elemento que anima o corpo; é física e material em sua natureza e perece com o corpo que lhe serve de princípio vital. A alma, tomada em sentido mais elevado, com referência ao homem, é o princípio racional que ela possui, dom do Criador, que o fez à sua imagem e semelhança. Em geral, os escritores bíblicos não fazem distinção entre *psyche* alma, animal que é a parte inferior do ente humano, e *pneuma*, ou alma racional, parte superior, desde que ambas formam uma só alma, *psyche* para distingui-la do corpo. Ambas são, às vezes, designadas em sua unidade pelo vocábulo *pneuma*, e outras vezes por *psyche*. Ordinariamente, os escritores sagrados referem-se ao homem como sendo um composto de corpo e alma, ou corpo e espírito, e não de corpo, alma e espírito, a não ser as passagens em 1 Co 15.44 e 1 Ts 5.23; e em Hb 4.12, em que se faz distinção entre a alma animal e a racional, para fins de pura argumentação.

Segundo a idéia dos dicotomistas, existem apenas dois elementos essenciais na constituição do homem; o corpo, formado do pó da terra e a alma que é o princípio da vida, Gn 2.7. A alma é o princípio de toda vida quer se fale do homem, quer dos animais: é o princípio de toda vida física, moral e religiosa. Contém ela duas substâncias: uma é a alma que sente e recorda, e a outra substância é o espírito que tem consciência e possui o conhecimento de Deus. A alma do bruto constitui o seu princípio de vida, recebe as impressões dos objetos externos, transmitidas pelos órgãos sensórios, é dotada de certo grau de inteligência que a experiência nos mostra existir nos animais inferiores, porém é irracional e mortal. Os brutos perecem, porque Deus não quer que o princípio de vida, que neles existe, deva continuar. A alma humana é semelhante à do bruto, mas difere dela em ser de ordem superior. Em adição aos atributos da sensibilidade, da memória e do instinto, tem ainda faculdades que são superiores, que pertencem à vida intelectual, moral e religiosa, e cuja existência se perpetua depois que o corpo deixa de existir, não em razão de sua natureza, mas porque Deus assim o quer. Os advogados desta teoria dualista dizem que: 1. A alma da vida, *nephesh hayyah*, significa apenas existência animada, uma entidade em que habita uma alma vivente. Ninguém pode afirmar isto em referência a um bruto, e dizer o contrário a respeito do homem. 2. A Bíblia não diz que os animais são dotados de *psyché* somente, e que o homem possui tanto o *psyché* como o *pneuma*. O princípio vital dos brutos chama-se espírito, *ruah*, do mesmo modo que a alma *nephesh*, *psyché*. "Quem sabe se o espírito dos filhos de Adão subirá para cima e o espírito dos brutos descerá para baixo", Ec 3. 21. 3. Não se nota distinção alguma no emprego das palavras alma e espírito. As almas dos que foram mortos por causa da palavra de Deus estão nos céus, Ap 6.9; 20.4, do mesmo modo que os espíritos dos justos consumados, Hb 12.23.

Os tricotomistas citam em seu abono, 1 Ts 5.23: "E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo, para que todo o vosso espírito, e a alma e o corpo, se conservem sem repreensão para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo", cp. Hb 4.12, provando que o apóstolo S. Paulo fazia distinção entre a alma animal e o espírito racional. Respondem os dicotomistas que a linguagem do apóstolo é inteiramente semelhante à do mandamento: "Amarás ao Senhor teu Deus de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento e de todas as tuas forças", Mc 12. 30; cp Lc 1. 46, 47. Quando se diz "Amarás ao Senhor teu Deus" e quando se exorta a "perseverar em oração", tem-se em vista simplesmente mostrar a importância de tais atos para o homem, por meio de palavras diversas. O coração, a alma, a força, a mente, não designam outros tantos elementos essenciais à constituição humana, do mesmo modo que não se pode provar que o corpo, a alma e o espírito o sejam. A passagem principal que serve de base ao argumento dos tricotomistas é a de 1 Co 15.44: "E semeado o corpo animal, ressuscitará o corpo espiritual. Se há corpo animal, também o há espiritual." Dizem eles que a expressão *soma psychikon*, ou corpo natural, é o corpo que se distingue pelas qualidades do *psyché*, ou alma animal; isto é, que se distingue pelos apetites e paixões físicas, como sejam a fome, a sede e os desejos sexuais, que se baseiam na "carne e no sangue", ou naquela substância de que se compõe o corpo humano atual. A ressurreição, ou o corpo espiritual, por outro lado, distingue-se pelas qualidades do *pneuma*, ou alma racional. Não se compõe de carne e sangue, mas de uma substância que mais se parece com a alma racional do que com a animal. Há ainda outra interpretação, não somente em harmonia com a doutrina da constituição dual do homem, mas de acordo também com o emprego geral das palavras *psychikos* e *pneumatikos*, natural e espiritual. O corpo ressuscitado dos remidos não será conhecido pelas qualidades da vida animal ordinária, será diferente de tudo quanto seja carnal, caracterizando-se pelas qualidades do homem que é levado pelo espírito. Isto se depreende pelo estudo das próprias palavras. Segundo o uso estabelecido entre os gregos a palavra *psyché* servia para designar o princípio vital, que, não obstante, podia também aplicar-se à alma desencarnada, a parte imortal do homem e órgão do pensamento e do juízo, Heród. 2.123; 5.124; Platão, Tim, 10, i. é., p. 30 b, segue-se, pois, que a palavra *psychikos*, que designava primitivamente a vida animal ordinária, conforme o sentido que lhe dão os apóstolos Paulo, Tiago e Judas, 1 Co 2.14; Tg 3.5; Jd 19. A palavra *pneumatikos*, por outro lado, refere-se quase exclusivamente, segundo as Escrituras, ao *pneuma agion*, isto é, ao Espírito Santo. Emprega-se em oposição ao que é carnal, a tudo quanto se encontra em a natureza humana, abandonada pelo espírito de Deus; refere-se ao governo e domínio do Espírito Santo em contraste com o domínio da carne; 1 Co 3. 1; denota que é dominado pelo Espírito e que a êle pertence, Rm 1.11; 1 Co 2.13; 12.1. Portanto, o corpo espiritual contrasta com o corpo carnal, em ser livre dos desejos da carne, em elevar-se acima das paixões e apetites físicos naturais ao homem, Mt 22.30, em achar-se em união com o espírito de Deus e em distinguir-se pelas qualidades que caracterizam o homem que é guiado pelo Espírito.

ALMODADE

Nome de um povo descendente de Sem, Gn 10. 26; 1 Cr 1. 20. É provável que se tenha estabelecido ao sul da Arábia.

ALMOFARIZ ver GRAL

ALMOM, *Coisa escondida.*

Nome de uma aldeia no território de Benjamim, destinada aos sacerdotes, Js 21.18. Em 1 Cr 6.60, chama-se Almate (Fig.) e Alemete na V. B. e Almeida. Ambos estes nomes têm a mesma origem, e diferem sòmente na sua forma. Seu antigo local é assinalado em *Almit*, monticulo, baixo e nu, entre Geba e Anatote.

ALMOM-DIBLATAIM, Distrito provável, entre Almom e Diblataim.

Ponto de estada dos israelitas entre o Arnom e Betim. Talvez seja o mesmo que Bete-Diblataim, Nm 33. 46.

ALMOTOLIA ver TALHA E COPO

ALMUGUE

Palavra derivada do Sânscrito *valgu, valgum*, segundo Lassen e Max Müller.

Madeira trazida em grande abundância, vinda de Ofir, por via marítima, durante o reinado de Salomão. Foi empregada na fabricação de balaustradas, harpas e saltérios, 1 Rs 10. 11, 12; 2 Cr 9. 10, 11. Segundo Josefo, esta madeira se parece com a da figueira, porém é mais branca e brilhante, Ant. 8. 7, 1. Presume-se que seja o sândalo, o *Santalum Album*, dos botânicos, tipo da ordem *Santalaceae*. A árvore é pequena e muito frondosa, no aspecto, um pouco parecida com o *myrto* da Índia e das Índias orientais. É encontrada no Líbano, que Figueiredo traduziu — pinho do Líbano, 2 Cr 2. 8, mas não é natural desta região. Pelo aroma delicioso que lhe é peculiar a queimavam para perfumar os templos e casas particulares, tanto na Índia como na China. Servia muito bem aos fins que Salomão tinha em vista.

ALOES

Este nome não se refere à planta do gênero *Aloe*, pertencente à ordem *Liliaceae*, planta suculenta que fornece um óleo amargo e de efeito purgativo. O valor principal do aloés mencionado nas Escrituras, consiste evidentemente na sua fragrância, Sl 45.8, Pv. 7.17; Ct 4.14. Parece ser a *Agallocha* conhecida em vários dialetos indianos, pelo

nome de *agar, agaru e agru*. Às palavras hebraicas *ahalim, ahaloth*, são prováveis corrupções de termos indianos. As espécies *Aquilaria agallocha* cresce no Silhete e em Tenasserim da Península oriental. É árvore grande, de folhas lanceoladas alternadas, cálix resistente sem pétalas, com dez filamentos e produzindo um pericarpo com duas células. A madeira contém resina e um óleo essencial que dão o perfume que a tornam tão estimada no Oriente. Há referência a esta árvore em Nm 24.6. O aloés referido em Jo 19.39, é uma espécie de perfume com o qual Nicodemos foi embalsamar o corpo de Jesus.

ALOM, *Carvalho.*

Nome de um homem da tribo de Simeão, descendente de Samaia, 1 Cr 4.37. Em Js 19.1, lê-se Elom, e na mesma passagem da V. B. lê-se: terebinto de Zaananim, o mesmo que carvalho, em Jz 6.11.

ALOM-BACUTE, *Carvalho das lágrimas.*

Carvalho perto de Betel sob cuja copa foi sepultada Débora, ama de Rebeca, Gn 35. 8.

ALOTE, *Que produz leite.*

1. Nome de um dos doze distritos de onde Salomão recebia as provisões para a sua mesa, 1 Rs 4. 16.

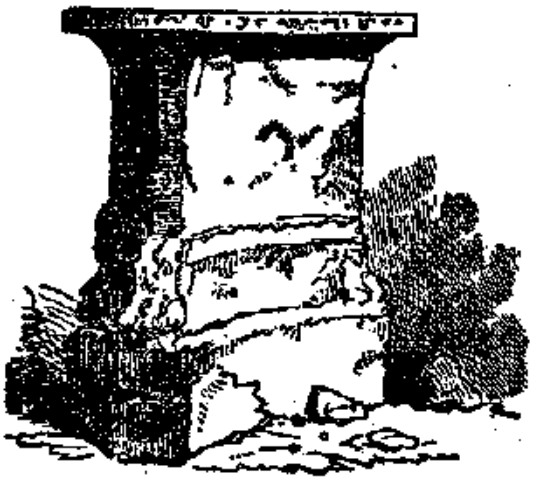
2. Nome de uma localidade nas vizinhanças da tribo de Aser, 1 Rs 4. 16.

ALQUEIRE, MÓDIO

Tradução da palavra grega *Módios*, medida para secos, contendo cerca de 8 litros e meio, Mt 5.15; Mc 4.21. *Vide Medida.*

ALTAR

Estrutura elevada, onde se oferecia incenso e se queimavam os sacrifícios em honra dos deuses. Poderia ser feito de terra, ou de uma grande pedra ou de uma plataforma construída de pedras, cobertas, ou não; ou um objeto de forma semelhante, feito de metal. Nos tempos patriarcais, levantavam-se altares no lugar onde se levantavam as tendas. Em circunstâncias especiais também levantavam altares para oferecerem sacrifícios a Deus, Gn 7.20; 12.7; 22.9; 35.1,7; Êx 17.5; 24.4.



Altar

A lei fundamental do altar hebreu, incorporado no pacto teocrático, e que foi dada no Sinai, antes da construção do Tabernáculo, ordenava a ereção de um altar de terra ou de pedras no lugar onde a Divindade se manifestasse. Esta lei era a ordem primária para os altares que tinham de ser levantados no Tabernáculo e mais tarde no Templo, onde a presença de Jeová era sempre visível, e também para os altares transitórios por ocasião das teofanias, Jz 2.5. O Tabernáculo tinha dois altares: 1. O altar de bronze ou dos holocaustos que ficava do lado de fora em frente da porta do Tabernáculo. Tinha cinco côvados de comprimento, cinco de largura e três de altura. Era feito de pau de setim e oco por dentro, coberto de chapas de bronze, tendo argolas dos lados por onde deviam passar os varais de pau de setim para conduzi-lo de um lugar para outro. Nos seus quatro cantos erguiam-se quatro cornos, um em cada canto, cobertos de bronze. Não tinha degraus, mas em roda era guarnecido de um estreito andaime, onde oficiava o sacerdote. Todos os sacrifícios eram oferecidos neste altar. O fato de achar-se logo à entrada da porta, ensinava que ninguém podia ter acesso a Jeová, a menos que fosse purificado pelo sangue, Êx 27.1-8; 30.28; 38.30; 40.27; comp. 1 Sm 1.50; Salmo, 118.27.

2. O altar de ouro, ou o altar do incenso que estava diante do véu que pendia ante a arca do testemunho tinha um côvado de comprido, um côvado de largo e dois côvados de alto, e era feito de pau de setim revestido de chapas de ouro, e tinha uma coruja em roda, também argolas e varais para o seu transporte e os cornos em cada um dos cantos. Sobre ele se queimava o incenso preparado conforme as prescrições dadas de manhã e à tarde, à luz do candeeiro. Significava a obrigação que o povo tinha de adorar a Deus, e ao mesmo tempo que esta adoração lhe era agradável, Ex 30.1-10, 28,34-37; 40.5; comp. com Hb 9.4. e 1 Rs 6.22; Lv 16.19. Quando se construiu o templo de Salomão, o novo altar de bronze tinha cerca de quatro vezes mais as dimensões primitivas, 1 Rs 8.64; 2 Cr 4.1. Também foi construído um novo altar de ouro, 1 Rs 7.48; 2 Cr 4.19. Eram estes os únicos altares permanentes, em que se deviam oferecer os sacrifícios e o incenso aceitáveis a Deus, Dt 12.2,5,6,7. Porém a ereção de altares e a oferta de sacrifícios em outros lugares onde havia manifestações da Divindade, estavam previamente autorizados pela lei fundamental, privilégio este de que se utilizaram os israelitas em Bochim, ou lugar das Lágrimas, por Gideão, por Manué, Jz 2.1-5; 6.20-25; 13.15-23. E Josué erigiu um altar no monte Hebal para servir a uma ocasião especial. Quando as doze tribos se congregaram para uma solenidade nacional, e a arca do testamento estava presente, aquele altar era o altar da pátria, Js 8.30-35, tudo feito de acordo com o espírito da lei deuteronômica, Dt 27.5-8. A lei do altar deixou de ser cumprida duas vezes. 1. Quando Deus deixou que a arca e o tabernáculo caíssem nas mãos dos filisteus, ou ficasse prisioneira em Quiriate-Jearim, não havia lugar onde se manifestasse a presença de Deus, Sl 78.60-64; 1 Sm 6.20; e cap. 7.4. Samuel, na qualidade de profeta e de representante de Jeová, erigiu um altar ao Senhor em Ramá e sacrificou em várias localidades 1 Sm 7.9-17. Por causa da confusão produzida pelo aprisionamento da arca, pelo domínio dos filisteus e pelas complicações políticas entre Saul e Davi, surgiram, e continuaram, por algum tempo, a existir dois altares e dois sumos sacerdotes: o original tabernáculo com o primitivo altar e o novo altar com a arca em Jerusalém, 1 Rs 3.2,4,15; 2 Cr 1.3,6. 2. Quando se deu a revolta das dez tribos, os judeus piedosos que habitavam a parte norte do país, e que se viam privados de sua peregrinação a Jerusalém, eram obrigados, ou a abster-se de adorar a Deus e oferecer-lhe sacrifícios, ou a erigir altares no lugar de sua residência. Em muitos casos adotaram a segunda alternativa, 1 Rs 18.30,32; 19.10.

Depois do cativeiro, em um tempo em que as leis sobre a localização do culto eram bem conhecidas, os judeus que habitavam em Yeb no Alto Egito, seis séculos antes de Cristo e ainda no segundo século da mesma época, alguns judeus residentes perto de Leontópolis, aventuraram-se a construir em cada um desses lugares um templo a Jeová, a erigir um altar e a oferecer sacrifícios sobre ele em honra ao Deus do céu (Elephantine papyri; Ant. 13.3,1; Guerras, 7.10,2,3). Nem sempre os altares que se erigiam, eram destinados a sacrifícios ou à oferta de incensos. As duas tribos e meia que se estabeleceram ao oriente do Jordão, levantaram um altar com o fim de conservar a lembrança de sua afinidade de sangue com as outras tribos que haviam atravessado o Jordão, Js 22.10-34.

ALTOS

Lugares escolhidos para o culto de Jeová e de deuses falsos, onde se levantavam altares para sacrifícios. Escolhiam os lugares altos, perto das cidades, ou dentro delas, Nm 22.41; 1 Rs 11.7; 14.23; 2 Rs 17.9; 23.5,8, e mesmo nos vales, Jr 7.31; comp. Ez 6.3. Os cananeus haviam estabelecido lugares altos para o culto dos seus deuses, que os israelitas destruíram, quando entraram em Canaã, Nm 33.52; Dt 33.29; comp. antigos altos, descobertos em *Gezer, Tell es-Safiyeh, Tanach.* Os moabitas também possuíam lugares altos, Nm 21.28; 22.41; Js 13.17. Vide o nome *Ramoth Baal*, Is 15.2; Jr 48.35. A imoralidade praticava-se em larga escala nestes lugares altos em conjunto com os atos de adoração, Jr 3.2; comp. 2 Cr 21.11.

Escolhia-se um local apropriado, com área suficientemente espaçosa e nivelada. Ali erguiam o altar, 1 Rs 12.32 que às vezes era cavado em rocha viva, com degraus de acesso. Sobre ele colocava-se o ídolo; mais adiante, erguiam uma coluna, ou uma fileira delas, consistindo de pedras toscas, de dois metros de altura 2 Rs 14.23; Jr 17.2. Vide *Asherah* e *Pilar*. Também construíam casas ao lado destes santuários, para abrigar os ídolos e para outros fins, 1 Rs 12.31; 2 Rs 23.19; 17.29, 32. Aos lados, estendiam-se bancos, para comodidade dos assistentes, 1 Sm 9.12,13,22. Os sacerdotes subiam ao altar, 1 Rs 12.32; 2 Rs 17.32, queimavam incenso e ofereciam sacrifícios, 1 Rs 13.2; cp. 3,3; 11.8. Algumas vezes, o culto a Jeová era celebrado pelos israelitas, em lugares altos; este costume, porém, era proibido pela lei, que estabelecia um só altar para todo o Israel. O fim, ou objetivo, era cultivar o espírito nacionalista, evitar os cismas, impedir que o povo fosse levado às práticas da idolatria, a enfraquecer ou alterar o culto a Jeová e garantir a manutenção do santuário nacional, de modo a não diminuir a magnificência, compatível com a glória de Israel, que não deveria ser inferior às pompas dos templos do paganismo. O culto a Jeová em outros altares, só era permitido, durante o tempo em que o santuário nacional havia cessado no período de tempo, quando Jeová rejeitou o tabernáculo de Silo, e ainda não se havia erguido o templo em Jerusalém, Sl 77.60,61,67-69; 1 Rs 3. 2,4; 2 Cr 1.3. Ergueram-se altares e ofereceram-se sacrifícios fora de Jerusalém, em pontos distantes, ao norte do reino, onde os piedosos israelitas se viam impedidos de visitar a cidade santa, pela distância que os separava, 1 Rs 18.30-32 (Vide *Altar*). Salomão, para satisfazer os desejos de suas mulheres gentias, criminosamente ergueu altares nos altos a Astarote, ídolo dos sidônios, a Camos, tropeço de Moabe e a Milcom, abominação dos filhos de Amom, 2 Rs 23.13. Jeroboão, para contrabalançar a influência do santuário nacional de Jerusalém, fez uma casa nos altos de Betel e ordenou sacerdotes, 1 Rs 12.31, 32; 13.33, para que Jeová fosse adorado por meio de símbolos idólatras, 12.28-33; 13.2. Estes lugares foram denunciados pelos profetas, 13. 1,2; Os 10.8. Não somente em Betel mas em outras cidades de Samaria, existiam lugares altos, 1 Rs 13.32; 2 Rs 17.32; 2 Cr 34.3. A ação reformadora de Asa, de Josafá, no reino de Judá, em referência aos lugares altos, foi ineficaz, 1 Rs 15.14; 2 Cr 14.3; 15.17, 1 Rs 22.43, comp. 2 Cr 17.6. Jorão, filho de Josafá fez lugares altos nas montanhas de Judá, 2 Cr 21.11. Acaz fez o mesmo, para render culto aos deuses falsos e queimar incenso, 28.4.25. Ezequias derrubou os altos, 2 Rs 18.4,2, porém, Manassés os reergueu, 21.13; 2 Cr 33.3. De novo, o rei Josias os deitou abaixo, 2 Rs 23.5,8,13. Estes lugares foram verberados pela linguagem vibrante de Ezequiel 6.3. Os demais profetas que profligaram a idolatria dos altos, alegavam que Jerusalém era o lugar da habitação do Senhor, o seu santuário e o seu santo monte, Is 2.2,3; 8.18; 18.7; 33.20; Jl 2.1; 3.17; Am 1.2; Mq 4.1,2.

ALUS, *Tumultos de homens.*

Lugar de acampamento dos israelistas entre o Egito e o Monte Sinai, Nm 33. 13,14.

ALVA, *Alto, grande, grosso.*

Nome de um dos descendentes de Esaú, denominado capitão em Gn 36.40; governador e príncipe em 1 Cr 1.51.

ALVA, *Grande, alto.*

Nome de um dos filhos de Sobal, horita, Gn 36.23; 1 Cr 1.40.

AMA

1. Tradução da palavra hebraica *menaqeth*, determina a mulher encarregada de amamentar uma criança de que não é mãe, Ex 2.7-9; 2 Rs 11.2. Débora que havia sido ama de leite de Rebeca, continuou fazendo parte da família, ocupando lugar de honra, Gn 24.59; 35.8, como acontecia frequentemente, Odisséia. 19.15.251.

2. Pessoa de qualquer sexo (*omen*) encarregada de exercer as funções de ama seca, cuidando de crianças pequenas, Nm 11.12; Rs 4.16, e mesmo depois de crescidas, quando desamparadas, 2 Sm 4.4.

AMÁ ver OUTEIRO DO AQUEDUTO, I.

AMÁ, *Coleção* ou *conjunção.*

Nome de uma aldeia na parte sul de Judá, Js 15.26.

AMADE, *Gente que dura*, ou melhor, *estação, domicílio.*

Nome de uma aldeia nas fronteiras de Aser, Js 19.26. Não identificada.

AMAI, *Trabalho, tristeza.*

Nome de um homem da tribo de Aser, filho de Helém, 1 Cr 7.35.

AMALDIÇOADO

Alguém ou alguma coisa sobre que caiu maldição, ou que foi votado à destruição, Js 6.17, 18; 7.1,11,13,15; 22.20. Vide Anátema.

AMALEQUE

Nome de um filho de Elifaz, filho de Esaú, e de Timna, sua concubina, Gn 36.12. Este nome é usado como sinônimo de nacionalidade, em Ex 17.8; Nm 24.20; Dt 25.17; Jz 5.14, etc.

AMALEQUITAS

Nome que se dá aos descendentes de Esaú, Gn 36.12. Por muito tempo centralizaram-se nas cercanias de Cades, onde se detiveram até o tempo do Êxodo, Nm 13.29; 14.25. O território por eles ocupado era visível das montanhas de Abarim, Nm 24.20. Os amalequitas se contavam entre os povos principais daquela região, Nm 24.20. Um escritor sobrevivente ao Êxodo, referindo-se aos antigos eventos ocorridos naquela região, poderia começar pelo país dos amalequitas. Descrevendo a campanha de Codorlaomer e seus aliados, nesta região, diz-se que estes invasores orientais, vieram a Cades e mataram, não os amalequitas mas tudo que encontraram na terra dos amalequitas, Gn 14.7. De seu centro em Cades, o povo amalequita se irradiou, passando para o deserto, em perseguição dos israelitas, após a sua saída do Egito. Em Rafidim, a oeste do Sinai, travaram batalha com os israelitas, sendo derrotados. A sua atitude hostil contra Israel foi motivo para que a destruição deste povo fosse decretada, Ex 17.8-16; Dt 25.17-19.

Um ano depois, tendo os israelitas chegado a Cades, desobedeceram a Deus, tentando a entrada em Canaã. Os amalequitas e os cananeus doram sobre eles e os perseguiram até Horma, Nm 14.43-45. Um pouco mais tarde, encontra-se o nome de Amaleque ligado à região montanhosa da terra de Efraim, Jz 12.15, comp. 5.14. Depois dos tempos de Moisés e de Josué, uniram-se a Eglom, rei de Moabe, para tomar a cidade de Jericó aos israelitas. Passadas algumas gerações aliaram-se com os medianitas para perturbarem a parte norte do país, Jz 3.13; 6.3,33.

Evidentemente, eles cultivaram amizades com outros habitantes do deserto. Nos dias de Saul bandos de amelequitas vagavam numa extensão de cerca de 12 mil quilômetros pelo deserto fora, desde os limites do Egito até Hevilá, parte central do norte da Arábia, 1 Sm 15.7; 27.8. Saul infligiu-lhes tremenda derrota, matando o seu rei, desaparecendo da história.

AMANA, *Firmeza-tratado.*

Nome das montanhas do Antilíbano onde nasce o rio Abana, também chamado Amana, Ct 4.8.

AMARIAS, *Jeová disse ou prometeu.*

1. Filho de Meraiote, sacerdote descendente de Finéias, 1 Cr 6.7.

2. Sacerdote da mesma linha do sumo sacerdote, filho de Azarias, 1 Cr 6.11; Ed 7.3.

3. Chefe dos sacerdotes que voltou do cativeiro de Babilônia com Zorobabel, Ne 12.2-7. Na geração seguinte aparece o mesmo nome como chefe de uma casa, Ne 12.13.

4. Sacerdote, que assinou o pacto com Neemias, Ne 10.3.

5. Nome de um homem, que tomando mulher estrangeira se divorciou por ordem de Neemias, Ed 10.42.

6. Homem de Judá, da família de Farés, Ne 11.4.

7. Nome de um dos filhos de Ezequias, antepassado do profeta Sofonias, Sf 1.1.

8. Sacerdote e pontífice no tempo de Josafá, 2 Cr 19.11.

9. Nome de um levita, descendente de Hebrom, 1 Cr 23.19; 24.23.

10. Nome de um levita, assistente de Coré, que recebia as ofertas voluntárias destinadas ao Santo dos Santos, no tempo de Ezequias, 2 Cr 31.14,15.

AMASA, *Fardo.*

1. Nome de um filho de Abigail, enteada de Davi, e de Jeter ismaelita, 1 Cr 2.17. Era primo de Joabe 2 Sm 17.25. Absalão nomeou-o capitão do exército. Depois da morte de Absalão, foi perdoado por Davi e por este nomeado comandante-chefe em lugar de Joabe 2 Sm 19.13. Quando rebentou a revolta de Seba, Amasa recebeu ordem para aprontar o exército em três dias. Retardando-se na execução da ordem do rei, foi Abisai com tropas acompanhado por Joabe para sufocar a revolta. Em Gabaom reuniram-se os dois exércitos, o de Joabe com Abisai e o de Amasa. Joabe, sob o pretexto de saudar a Amasa com um ósculo, atravessou-o com a sua espada, 2 Sm 20. 1-13. Compare com *Amasai*, 2.

2. Nome de um príncipe de Efraim, filho de Adali, que se opôs ao cativeiro de seus irmãos que voltavam da batalha, conseguindo a sua liberdade, 2 Cr 28.12.

AMASAI, *Pesado, incômodo.*

1. Nome de um levita da família de Coate, descendente de Abiasafe, antecessor de Hemã, o cantor, 1 Cr 6. 35. O Amasai de que fala o v. 25, é talvez pessoa diferente pertencente à mesma família, porém descendente de um irmão de Abiasafe, Ex 6.24.

2. Nome de um chefe que se uniu a Davi e que se distinguiu como grande capitão, 1 Cr 12. 18.

3. Um dos levitas que tocavam a trombeta diante da arca no reinado de Davi, 1 Cr 15.24.

4. Nome de um dos filhos de Coate que cooperou no despertamento religioso do reinado de Ezequias, 2 Cr 29.12.

AMASIAS[1], *Jeová limitou.*

Filho de Zecri, grande oficial militar no tempo de Josafá, 2 Cr 17.16.

AMASIAS[2] *Jeová é forte.*

1. Rei de Judá que, no ano 804 A. C., tendo apenas 25 anos de idade, começou a reinar em lugar de seu pai Joás, incapacitado por grave enfermidade. No ano 802 A. C. Joás foi assassinado no seu leito e Amasias o sucedeu no trono, 2 Rs 14.1; e 2 Cr 24.25-27. Quando se viu firmemente garantido no poder, mandou matar os assassinos de seu pai poupando a vida de seus filhos, em obediência à lei estabelecida em Dt 24.16. Assalariou cem mil israelitas mercenários para acompanhá-lo em uma expedição contra os edomitas, porém, obedecendo a intimações de um homem de Deus, dispensou estes mercenários, e servindo-se somente das forças de Judá, derrotou os edomitas no vale das Salinas e tomou a sua capital. Porém, trouxe de lá os ídolos que eles adoravam e fez deles os seus próprios deuses. Os cem mil homens que Amasias havia dispensado, voltando para seus lares, saquearam as cidades de Judá ao norte de Bete-Horom. Amasias, obedecendo a más inspirações, desafiou a Joás, rei de Israel, para uma batalha, na qual ele foi derrotado em Bete-Sames, feito prisioneiro e conduzido a Jerusalém. Uma parte do muro da cidade foi destruída por Joás, que levou para Samaria grandes tesouros e os filhos dos que estavam como reféns.

Pelo ano 787 A. C. rebentou em Jerusalém uma conspiração contra Amasias, que se refugiou em Laquis, donde foi retirado doze anos mais tarde, e assassinado. Seu reinado foi de 29 anos, 2 Sm 14.1-20; e 2 Cr 25.1-27.

2. Nome de um homem da tribo de Simeão, 1 Cr 4.34.

3. Nome de um levita da família de Merari, 1 Cr 6.45.

4. Nome de um sacerdote de Betel que tentou impedir a missão do profeta Amós, Am 7.10-17.

AMASSADEIRA

Vasilha chata, feita de madeira, servindo para amassar a farinha que tem de ser levada ao forno

Amassadeira egípcia

para assar o pão, Ex 12.34. Os egípcios amassavam a farinha com os pés, ou com as mãos, para fabrico do pão, Heród. 2. 36.

AMASSAI

Nome de um sacerdote, filho de Azreel, habitante de Jerusalém a pedido de Neemias, 11.13.

ÂMBAR. A Versão Brasileira e Figueiredo dizem electro em todas as passagens citadas. Nome que se dá a uma resina fossilizada produzida por uma espécie de pinheiros já extinta (*Pinus succinifer*), semelhante ao abeto da Noruega. Antes de assumir o estado sólido, era fluída, o que se prova pela existência de numerosos restos de plantas e insetos que se encontram envolvidos nela, como em uma capa. Os abetos ou pinheiros que a produziam, formavam bosques na região que hoje serve de leito ao Mar Báltico do lado sudeste. A princípio era tida como pedra preciosa, mas em

breve se tornou em objeto de comércio em regiões distantes do Báltico. É de cor amarela, e talvez referida nas seguintes passagens: Ez 1.4,27; 8.2,4.

AMÉM, *Firme, estabelecido.*

1. Nome de Jesus com que ele se apelida em Ap 3.14; e Fiel e Verdadeiro na tradução de Figueiredo, Comp. Isaías, 65.16.

2. Interjeição que quer dizer: Assim seja, Mt 6.13; Dt 27.16-26; 2 Co 1.20. Para tornar mais enfática esta interjeição, costuma-se repeti-la, Nm 5.22. Jesus começou muitas das suas sentenças com esta expressão, *amém*, que foi traduzida — *Na verdade, na verdade.*

AMENDOA, AMENDOEIRA

Fruto e árvore de amêndoas, Gn 43. 11; Ec 12.5, chamado em hebreu *Shaked*, despertador, talvez por ser a primeira árvore que florescia na primavera. É a *Amygdalus communis* dos botânicos. Regula ter seis metros e meio de altura. Julga-se ser originária da Barbária. Encontra-se no Líbano, no Hermom e na maior parte da região além do Jordão. A cidade de Luza, situada na parte montanhosa de Efraim, tirou o seu nome desta fruta. Na Mesopotâmia também se encontra a amendoeira, Gn 30.37. Há duas variedades de amendoeiras: as doces e as amargas; as amargas dão flores brancas, e as doces dão flôres rosadas. Jacó mandou de presente aos dignitários do Egito, entre outras frutas, a amêndoa, Gn 43.11. Os braços do candeeiro de ouro eram adornados com as flores de amendoeira moldadas, Ex 25.33. Eram flôres de amêndoas as que brotaram na vara de Arão... Nm 17.8. A vara que Jeremias viu e que significava a vigilância divina sobre a sua palavra, era uma vara de amendoeira, Jr 1.11,12.

O florescimento da amendoeira de que fala o Eclesiastes, cap. 12.5, será sem dúvida o emblema da velhice, representada nos cabelos brancos.

Flor e frutos da amendoeira

AMENDOEIRA, AVELEIRA

Tradução da palavra hebraica *Luz*, em Gn 30.37, que é quase certo tratar-se da amendoeira.

AMETISTA, *Pedra de sonho.*

Nome de uma pedra preciosa, colocada no fim da terceira ordem das pedras que adornavam o Racional do Juízo do Sumo Sacerdote judaico, Ex 28.19; 39.12. A ametista formava a duodécima linha das pedras de fundamento da Nova Jerusalém, Ap 21.20. É uma variedade de quartzo cristalino, reluzente, purpúreo ou azul violeta, que se julga ser produzida pelo manganês. Os hebreus traziam-na de Edom, do Egito, da Galácia ou de Chipre. As mais preciosas destas pedras vinham da Índia ou da Espanha.

AMI ver AMOM 1-3

AMIEL, *Um da família, ou Deus é fiel aliado.*

1. Nome de um filho de Gemali, representante da tribo de Dã, que fez parte da comissão que foi reconhecer a terra de Canaã, Nm 13.12.

2. Nome do homem de Lodabar e pai de Maquir, 2 Sm 9.4,5; 17.27.

3. Nome do filho de Obededom, 1 Cr 26.5

4. Nome do pai de Bate-Seba, 1 Cr 3.5.

AMI ver MEU POVO

AMIGO DO REI

Nome que se dava a um oficial de alta patente, Gn 26.26, provavelmente pessoa de confiança do rei e seu conselheiro, 1 Rs 4.5. Os reis siro-macedônios criaram uma classe privilegiada de funcionários, chamada amigos do rei, 1 Mac 2.18; 3.38; 6.10.

AMINADABE, *Povo* ou *parente generoso.*

1. Homem de Judá, família de Hesrom, casa de Ráo, 1 Cr 2.10. Era pai de Naassom, príncipe de Judá, Nm 1.7, sogro do sacerdote Arão, Ex 6.22, e avoengo de Davi, Rt 4.19; Mt 1.4; Lc 3.33.

2. Nome de um levita da família de Coate da casa de Oziel. Foi chefe da casa de seu pai no reinado de Davi, 1 Cr 15.10,11, comp. com Ex 6.18,22.

3. Nome de um levita da família de Coate, 1 Cr 6.22. As genealogias de Coate têm geralmente o nome Isaar neste lugar 1 Cr 6.37,38; Ex 6.18, 21,24, de sorte que, Aminadabe é provavelmente outro nome de Isaar, ou uma corrupção da genealogia.

AMISADAI, *O Todo-poderoso é íntimo e aliado.*

Nome do pai de Aiezer da tribo de Dã, Nm 1.12; 2.25.

AMITAI, *Digno de confiança.*

Nome do pai do profeta Jonas, 2 Rs 14.25; Jn 1.1.

AMIÚDE, *Próximo do merecimento ou aliado a um que merece louvor.*

1. Nome de um efraimita descendente de Taã e pai de Elisama, Nm 1.10; 1 Cr 7.26.

2. Nome de um homem da tribo de Simeão e pai de Samuel, Nm 34.20.

3. Nome de um homem da tribo de Naftali, pai de Fedael, Nm 34.28.

4. Nome do rei de Gessur, pai de Tolomai, 2 Sm 13.37.

5. Nome de um descendente da tribo de Judá, da família Feres, 1 Cr 9.4.

AMIZABADE, *O parente doou.*

Nome de um filho dos valentes de Davi, chamado Banaias, 1 Cr 27.6.

AMNOM, *Fiel.*

1. Nome de um dos filhos de Davi com Aquinoã de Jezrael, nascido em Hebrom. Houve-se escandalosamente com sua irmã Tamar, sendo mais tarde assassinado por seu irmão Absalão por causa do seu crime, 2 Sm cap. 13; 1 Cr 3.1.

2. Nome de um dos filhos de Simão registado na tribo de Judá, 1 Cr 4.20.

AMOM, *Pertencente à nação.*

Esta palavra é uma paráfrase do nome Ben-Ami, dado ao filho mais moço de Ló, pai dos amonitas, Gn 19.38. Amom quer dizer—filho do meu povo, como a traduz Figueiredo na passagem citada.

AMOM[1], *Segurança* ou *artezão.*

1. Nome do governador da cidade de Samaria no reinado de Acabe 1 Rs 22.26.

2. Nome de um dos reis de Judá que na idade de 22 anos sucedeu a seu pai Manassés, cujos maus exemplos imitou. Foi assassinado por seus servos no próprio palácio. O povo, por sua vez, matou os assassinos e colocou no trono a Josias, filho de Amom, 2 Rs 21.19-26; 2 Cr 33.21-25.

3. Nome de um indivíduo pertencente à classe dos filhos dos servos de Salomão, Ne 7.59, chamado Ami em Ed 2.57.

AMOM[1] egípcio AMÊM. *Ente invisível.*

A principal divindade de Tebas. Esta cidade foi capital do Alto Egito cujo nome, em honra do seu deus, foi alterado para No-Amom, Jr 46.25; Na 3.8. Os hicsos foram expulsos do Egito pelo poder desta divindade e conseqüentemente foi ela honrada como a primeira entre os deuses e considerada sucessora de Ra. Era representada como tendo duas plumas de penas de falcão, um disco e um barrete vermelho.

O deus egípcio Amom

AMONITAS

Povo descendente de Amom ou Ben-Ami, filho de Ló, Gn 19.38. Os amonitas apoderaram-se do território pertencente aos gigantes chamados zomzomins, entre o Arnom e a torrente de Jabaque, Dt 2.20,21; 3.11. Por sua vez foram os amonitas expulsos e obrigados a se conservarem nos limites orientais do deserto, tendo as cabeceiras do Jaboque como linha de limites ao ocidente, Nm 21.24; Dt 2.37; Jz 11.13,22. Este povo associou-se com os moabitas para subornarem o profeta Balão que devia amaldiçoar os israelitas, e, por este motivo, foram excluídos da congregação do Senhor até à décima geração, Dt 23.3-6. Auxiliaram a Egiom rei de Moabe, a subjugar uma parte do povo de Israel, Jz 3.13. No tempo de Jefté, tornaram a oprimir os israelitas que habitavam ao oriente do Jordão, Jz 10. 6, 9, 18. Pouco antes do reinado de Saul, Naás, rei dos amonitas sitiou Jabes de Galaade. Saul veio em socorro dos sitiados e derrotou totalmente a Naás, 1 Sm 11. 1-10. Naás tornou-se amigo de Davi, naturalmente porque ambos eram inimigos de Saul. Quando morreu Naás, Davi mandou uma embaixada a seu filho Hanom. Os embaixadores sofreram grave insulto, e rebentou a guerra. Na primeira campanha, os sírios e os amonitas confederados foram derrotados pelos israelitas comandados por Joabe e Abisai, 2 Sm 10.1-19; 1 Cr 19.1-19. Na segunda campanha os israelitas tomaram Raba, capital do reino amonita, 2 Sm caps. 11 e 12; 1 Cr 20.1-3. Salomão contava entre as suas amantes, mulheres amonitas, 1 Rs 11.1. Nos dias de Josafá os moabitas, amonitas e edomitas confederados invadiram o reino de Judá, sem conseguirem vitória alguma, 2 Cr 20.1-30. No tempo de Ozias e Joatã os amonitas pagavam tributos a Judá, 2 Cr 26.8;27.5. Os amonitas juntamente com outros povos fizeram novas investidas contra a Judéia no reinado de Joaquim, 2 Rs 24.2. Depois da queda de Jerusalém procuraram embaraçar os judeus na tentativa de formar novo estabelecimento, 2 Rs 25.25; Jr 40.11-14. Como inveterados inimigos de Israel, foram denunciados pelos profetas, Jr 49.1-6; Ez 21.20;25.1-7; Am 1.13-15, e Sf 2.8-11. Opuseram-se à reedificação dos muros de Jerusalém pelos judeus que voltaram do cativeiro, Ne 4. 3-7. Infelizmente os israelitas não trepidaram em estabelecer relações de família com tal gente, pelo que foram severamente censurados por Esdras e Neemias, Ed 9.1,2; 13.23-31. Judas Macabeu fez-lhes guerra, 1 Mac 5.1-8. Há indícios da existência deste povo no segundo século da era cristã. A principal divindade que eles adoravam era Melcom, o mesmo que Moloque, 1 Rs 11.7,33, e no tempo dos Juízes adoravam o deus Camos, Js 11.24.

AMOQUE, *Fundo.*

Nome de um dos sacerdotes que voltaram de Babilônia com Zorobabel, Ne 12.6. Na geração seguinte, aparece este nome como chefe de uma família. Vide o v. 20.

AMOREIRA 1

Árvore da mesma ordem da figueira cultivada na Síria por causa das suas folhas de que se alimenta o bicho da sêda. Das suas frutas fazem bebidas refrigerantes, expremendo-as e adoçando-as com suco de mel aromatizado com especiarias. Expunham o suco da amora às vistas dos elefantes a fim de prepará-los para o combate, 1 Mac 6.34. Em o Novo Testamento este nome é traduzido de dois modos diferentes: amoreira (Fig.) e sicômoro (V. B.).

O original hebreu diz *Baka*, que significa lagrimejar ou destilar, assim denominada uma árvore que cresce nas vizinhanças de Jerusalém cujas folhas sussurram ao vento, 2 Sm 5.23,24; 1 Cr 14.14,15. Nestas passagens, diz Royle, a árvore mencionada denomina-se *bak* pelos árabes, ou antes, *shajrat al-bak*, que quer dizer árvore grande que ele identifica com o álamo. Há duas espécies de álamos comuns à beira dos rios e nas terras úmidas da Palestina, o álamo branco e o álamo do Eufrates, porém, não existe relação etimológica entre *bak* e *baka*.

AMOREIRA 2, SICÔMORO (V.B.)

Árvore que produz amoras, chamada *sykaminos* em grego, Lc 17.6. A amoreira negra (*Morus nigra*) é árvore de cerca de 30 pés de altura, muitíssimo cultivada pelo valor de suas folhas e de seus frutos, e serve para a criação do bicho da seda. Dá frutos vermelho-escuros, ou pretos, cuja superfície granulosa é irregular. Na Palestina é cultivada em grande escala.

AMORREUS, *Montanheses?*

Nome de um dos povos estabelecidos em Canaã antes da conquista pelos hebreus, Gn 10.16; 15.21; Ex 3.8. No tempo de Abraão, ocupavam, pelo menos, uma das praias ocidentais do Mar Morto por detrás das montanhas, Gn 14.7,13. Gozavam de um nome respeitável pelo seu poder na região

montanhosa. Juntamente, com os demais povos de Canaã, os amorreus cresceram mais e mais. No tempo do Êxodo dos israelitas, ainda ocupavam a região serrana. Nm 13.29; Dt 1.7,19,20,44, e podiam ser chamados Cananeus, Nm 14.45. Antes desta época, estenderam-se as suas conquistas até ao oriente do Jordão, Nm 21.26-30, e se apoderaram de todo o território entre o Arnom e o monte Hermom e desde o Deserto até ao Jordão, Dt 3.8; 4.48; Js 2.10;9.10; Jz. 11.22. Por este tempo ocupavam inteiramente toda a região a oeste do Jordão, desde Jerusalém até Hebrom, inclusive as terras baixas, e para o norte, iam até Ajalom e terras de Efraim, Js 10.5,6; Jz 1.35; e Js 11.3; 13.4. Eram perversos e dados à pilhagem e à destruição. Ainda depois da conquista da terra pelos israelitas, eles continuaram a dominar uma parte do país Jz 1.35; 3.5. Durante o governo de Samuel, estiveram em paz, e no reinado de Salomão, eles e outros povos sobreviventes, foram tributários de Israel. 1 Rs 9.20,21; 2 Cr 8.7.

AMÓS, *Fardo — Carregador de Fardos.*

1. Profeta, natural de Tecoa, cidade da tribo de Judá, situada a cerca de 10 quilômetros ao sul da vila de Belém, Am 1.1. Pertencia à classe humilde do povo, e empregava-se no mister de pastor de ovelhas. Sendo habitador de Tecoa passava o tempo no deserto que se estendia para o oriente até ao Mar-Morto na guarda dos rebanhos. Nesta brávia região, ele se sustentava com o produto dos sicômoros existentes nas planícies próximas ao mar.

Nas suas profecias revela ter conhecimento de lugares distantes e de fatos que só poderia conhecer fazendo viagens longas, conduzindo ovelhas ou carregando lã para o Egito ou para Damasco. Sendo cidadão do reino de Judá, foi pelo Senhor comissionado para exercer missão profética no reino das dez tribos. Apareceu em Betel que era naquele tempo onde se achava o santuário do rei, onde se achava um dos dois bezerros de ouro que Jeroboão I mandou fazer para objeto de culto, Am 8.14; Os 8.5,6; 10.5. Amós falou tão fortemente contra os pecados do rei e do seu povo, que Amasias, sacerdote idólatra em Betel, mandou dizer a Jeroboão II, que Amós conspirava contra o rei no meio da Casa de Israel, Am 7.10.

Não se sabe quando, nem em que circunstâncias se deu a sua morte.

Amós cria em Deus como onipotente criador de todas as cousas, governador soberano de suas criaturas, e governador dos povos, inflexível em sua justiça, cujo poder se estende até aos infernos e que sonda o que há de mais íntimo nos homens. Amós era grande observador dos homens e de seus atos e podia refletir sobre tudo que via, e generalizar os seus raciocínios nas relações com Deus.

A profecia de Amós oferece belo espécimen do puro estilo hebreu, dicção simples sem prejuízo da dignidade e do vigor de seus discursos. É moderado no emprego de imagens sem enfraquecer o objetivo de sua missão. Usou de frases que se perpetuaram até aos nossos dias como moeda de bom metal. Vide caps. 3.3,6; 4.11,12, e 6.1, de seu livro. Amós não é tão brando, nem tão sentimental como Oséias, no exercício de seus ministérios. Oséias profetizava aos da sua própria tribo. Amós mostra um ar de altivez muito natural em um profeta de outra tribo de outro reino. Ainda mais, ele pronuncia a justiça a respeito de povo cujos laços de sangue não eram tão íntimos com o seu povo.

O Livro de Amós é o terceiro dos profetas menores. Profetizou depois dos reinados de Azael e Benadade e nos dias de Ozias, rei de Judá, e nos dias de Jeroboão, rei de Israel, dois anos antes do terremoto, Am 1.14; 7.10; Zc 14.5, quando o reino havia atingido ao maior grau de sua extensão, 6.14 comp. 2 Rs 6.25. Proferiu as suas mensagens antes de Oséias ter proferido as suas, constantes nos caps. 4-14 do seu livro. As condições sociais do reino de Israel, refletidas nas páginas de Amós parece não ser tão desesperadoras como Oséias as descreve, durante os anos em que se deram assassínios, conflitos e desordens, depois da morte de Jeroboão II. Amós não faz referências à invasão dos assírios, como Oséias, provavelmente por ainda não se ter realizado, Os 4-14. O tema das profecias de Amós é o juízo do Senhor cap. 1.2, comp. Joel, 3.16. O livro compõe-se de três partes: 1. Introdução, (caps. 1,2); 2. Três discursos (caps. 3-6), seguidos de uma série de cinco visões, (caps. 7-9). As duas primeiras partes do livro são denunciatórias. Cada uma de suas subdivisões termina denunciando os juízos de Deus. 3. Promessas, (cap. 9.8-15). 1. Na secção introdutória (cap. 1.2;11.16), o profeta denuncia o juízo divino sobre seis nações gentílicas que vizinhavam com os hebreus, também sobre Judá e finalmente sobre Israel. As primeiras sete denúncias se acham compreendidas nas sete estâncias de igual estrutura que começam e terminam do mesmo modo, e estão vinculadas às denunciações sobre Israel às quais se prendem pela fórmula comum de abertura. O argumento parece ser: Se estas nações pagãs têm de ser castigadas, quanto mais o será Judá que tem pecado contra a luz; e se Judá vai ser punido, quanto mais o será Israel que tem mais profundamente ofendido as leis de Deus. 2. As denunciações contra Israel ocupam o corpo do livro (cap. 3.1 até cap. 9.7). Há três discursos começando cada um deles com a fórmula "Ouvi esta palavra", cap. 3.1; 4.1; 5.1, seguidos de cinco visões. Na primeira visão há a devastação pelos gafanhotos, mas, pelas orações do profeta, Deus perdoa a Israel e cessa a obra devastadora. Na segunda visão, há fogo que seca as águas e destrói a terra; mais uma vez pela oração do profeta, Deus faz cessar o flagelo. Parece que uma nova praga de gafanhotos apareceu durante o ministério do profeta Amós seguida de uma estação de intenso calor e conseqüentemente devastadora seca. Seja como for, as duas pragas dos gafanhotos representam os juízos anteriores caídos sobre Israel; os gafanhotos relembrando a destruição praticada pelos invasores quer sejam insetos, quer sejam exércitos inimigos; e o fogo, significando a justa indignação divina contra o pecado. É mais provável que Amós veja nestas visões as calamidades anteriores sobre as quais já havia discursado, com o fim de avisar a Israel e que haviam sido suspensas pela graça de Deus, mas que infelizmente não produziram arrependimento, 4.6-11. Portanto, o povo deve preparar-se para entrar em juízo com o seu Deus, 4.12. Na terceira visão, Deus mostra o Juízo que viria sobre a casa de Israel, 7.7-9. Neste ponto, foi o profeta interrompido pelo sacerdote de Betel que o proibiu de continuar com os seus discursos. Na quarta visão, ele vê um cálbo de apanhar frutas, indicando que Israel estava maduro para ser julgado, 8.1-3. Na quinta visão, Jeová é visto sobre o altar, sem dúvida em Betel, 3.14, mandando ferir a coluneira e abater a verga da porta, indicando que o juízo ia ser executado, 9.1-4. 3. A profecia termina com as promessas contidas no cap. 9.8-15: o exílio seria a peneira que havia de preparar a restauração do reino de Davi à sua primitiva glória; seus limites se estenderão sobre a Iduméia e sobre as demais nações pagãs, e o cativeiro será levantado. O texto das profecias de Amós tem sido transmitido em excelentes condições. Quanto à sua legitimidade algumas passagens sofrem contestações, como sejam cap. 2.4,5; 5.8,9; 9.5,6; 9.8-15. Sobre os vv. 4 e 5 do cap. 2, dizem que o pensamento e a dicção das palavras pertencem ao Deuteronômio, e que as denunciações contra Judá são convencionais e gerais em contraste com as acusações específicas contra as outras nações. Porém: 1. As feições do Deuteronômio, referentes ao abandono da lei de Jeová, à violação de seus estatutos e à adoração de outros deuses, se encontram nos escritos dos contemporâneos de Amós e em outros que o precederam. (Ex 15.26; 18.16; Is 5.24; Os 2.7,15; 4.6.) 2. Em referência às denunciações, deve-se notar que elas

são arranjadas em séries, e são construídas de modo a atingir a espécie de violações dos mandamentos de Jeová e revelam concepções suficientemente definidas no pensamento profético. Comp Is 1.2-4; Os 8.1; Jr 1.16; 2.4-8.) 3. Estes dois vv. do cap. 2, já referidos, não podem ser cancelados. As acusações contra Judá, se forem omitidas, alteram a natureza do argumento e perturbam completamente o seu desenvolvimento. (Vide, Driver, sobre Joel e Amós, pág. 117, Vos. Presb. e Ref. Rev. 9.266.) As outras três passagens, 4.13; 5.8,9; e 9.5,6, cuja legitimidade foi posta em dúvida, descrevem qualidades inerentes à pessoa divina. Os argumentos que se lhe opõem são os seguintes: Primeiro, que a doutrina referente aos atributos divinos, expressa naqueles vv. não se salienta na literatura hebraica até o tempo do cativeiro. Segundo, que as ejaculações em louvor do poder de Jeová são produzidas em linguagem que pertence a uma época posterior, e que se encontra em Isaías, caps. 40 e 46. Terceiro, que duas destas passagens, 4.13, e 9.5,6, não se ligam intimamente com o argumento, e finalmente, que os vv. 8 e 9 do cap. 5, cortam o argumento referido.

Resposta:

(1) É certo que essas passagens podem ser omitidas sem prejuízo sensível, porém o mesmo se pode dizer a respeito de muitas outras passagens cuja legitimidade não é constestada. As expressões contestadas servem para reforçar as predições sobre o juízo pronunciado declarando a grandeza transcendente do supremo Juiz. (Vos, *loco cit.* pág. 227.)

(2) A forma do apelo criticado não está fora das condições gerais da oratória profética. (Driver, citando Robertson Smith.)

(3) "A doutrina sobre o império que Deus tem sôbre a natureza está em harmonia com os ensinos de Amós em qualquer outra parte", 4.7; 7.1,4; 9.3, (Driver) e pode acrescentar-se ainda que está de harmonia com os ensinos que antedatam as profecias de Amós e que se acham, por exemplo, em Gn caps. 2 até 8, e 11 e 18; em Ex caps. 7 a 14. Em relação às promessas de Deus com que fecha o livro de Amós, 9. 8-15, tem-se dito que esta parte do livro pode apenas ter sido a conclusão original da visão que Amós teve acerca do juízo sôbre Israel, porque difere do resto da profecia em fraseologia, em concepção e nas previsões. Além disso, é coisa de somenos importância se as tais palavras foram escritas por Amós na época em que teve a visão, ou depois. Não há, pois, nenhuma base para negar ao profeta a autoria dos vv. em discussão. Os profetas freqüentemente acrescentam às denunciações dos juízos de Deus as profecias consoladoras da esperança. A gente piedosa precisa de animação, e por isso, convinha mostrar a harmonia existente entre os juízos esmagadores da Divindade e a promessa eterna da estabilidade do trono de Davi e da vitória do reino de Deus sobre a terra.

2. Nome de um dos antecessores de Jesus Cristo, Lc 3.25.

3. Nome do pai do profeta Isaías, Is 1.1.

AMPLIATO, *Alargado.*

Nome de um cristão de Roma a quem S. Paulo enviou saudações, Rm 16.8.

ANA[1], *Graça, compaixão.*

Nome de uma das duas mulheres de Elcana e a predileta de seu esposo. Esta circunstância provocou represálias de sua rival. Fêz voto a Deus, que se ele lhe desse um filho varão, o consagraria ao serviço do santuário. O seu desejo foi realizado, com o nascimento do profeta Samuel, 1 Sm 1.1-28. O seu belo cântico é um monumento de poesia, que parece achar-se na mente da Virgem Maria, quando manifestou sua intensa gratidão, em semelhantes estrofes, ao ser-lhe anunciado que ela seria mãe do Salvador, 1 Sm 2.1-10; Lc 1.26-55.

ANA[1], *Graça.*

Nome de uma viúva, filha de Fanuel da tribo de Aser. Havia sido casada durante sete anos. Aos oitenta e quatro, não se apartava do Templo, onde servia a Deus de dia e de noite, em jejuns e orações. Como profetisa que era, reconheceu e proclamou o menino Jesus como sendo o Messias prometido, Lc 2.36-38.

ANÁ, *Que ouve, que concede.*

Nome de uma tribo de horitas, Gn 36.20, dirigida por um capitão (29). A tribo conservava o nome de seu fundador que era descendente de Seboom. Aná descobriu umas caldas no deserto. Por êste motivo deram-lhe o nome de Beeri, homem do poço. Gn 36.20,24; Gn 26.34.

ANÁ, *Nuvem,* ou *ele cobriu.*

Nome de um homem que, juntamente com Neemias, assinou o pacto de adorarem o Senhor, Ne 10.20.

ANABE, *Que produz uvas.*

Nome de uma cidade nas montanhas de Judá. Js 11.21; 15.50. Existem dois lugares de ruínas que têm êste nome, um a cerca de 18 quilômetros a sudoeste de Hebrom e outro mais extenso a cerca de 800 metros na mesma direção, mais além.

ANACARATE, *Passagem?*

Nome de uma aldeia, fronteira a Issacar, Js 19.19. Dão como lugar desta aldeia, o local denominado en-Naurá a 8 quilômetros ao norte de Jezreel. O nome atual parece ser uma corrupção do nome primitivo.

ANAIAS

Um dos que estiveram ao lado de Esdras, quando se lia o livro da lei ao povo, e que assinou o concerto de servir ao Senhor, Ne 8.4; 10.22.

ANA-MELEQUE, *O deus Anu é rei.*

Uma das divindades adorada pelo povo em Sefarvaim, cidade de Babilônia, 2 Rs 17.31. Anu era deus do firmamento. Quando os sefarvaitas vieram colonizar Samaria, queimavam seus filhos no fogo em onra de Anu do mesmo modo que adoravam a Moloque.

ANAMIM

Nome de uma tribo do Egito da qual nada se sabe, Gn 10.13; 1 Cr 1.11.

ANANI, *Nebuloso,* ou *ele cobriu.*

Nome de um dos filhos de Elioenai, 1 Cr 3.24.

ANANIAS I, *Jeová cobriu.*

1. Nome do pai de Maasias, Ne 3.23.

2. Nome de uma cidade de Benjamim, Ne 11.32. A despeito da diferença de grafia, considera-se a povoação de Beite Hanina, a 4 quilômetros ao norte de Jerusalém para os lados de Gabaom, como a antiga Ananias.

ANANIAS II, Forma grega de Hananiá, *Jeová tem sido gracioso.*

1. Nome de um dos discípulos dos apóstolos em Jerusalém, que, com sua mulher Safira, vendeu um campo, e tomando parte do preço a pôs aos pés dos apóstolos, At 5.1 e seg. A comunidade cristã possuía tudo em comum. Não havia nenhum necessitado entre eles, porque, quantos eram possuidores de campos ou de casas, vendiam isso, cujo preço lançavam aos pés dos apóstolos e o distribuíam conforme a necessidade de cada um. Ninguém era obrigado a fazer tais liberalidades (v. 4), e o fim em vista não exigia que se vendesse tudo o que cada um possuía. As vendas eram feitas de acordo com a situação da comunidade. Ananias trouxe parte do preço e o lançou aos pés dos apóstolos como se fosse o produto total da venda. Pedro o repreendeu por haver mentido contra o Espírito Santo. E caindo, expirou. Sua mulher Safira entrou horas depois, e ignorando o que havia acontecido a seu marido, repetiu a falsidade pelo que teve a sorte de Ananias.

2. Nome de um cristão de Damasco que foi informado, em visão, de que Saulo de Tarso havia

sido convertido ao Cristianismo. Foi comissionado para ir ao encontro deste para dar-lhe a vista que havia perdido e recebê-lo na Igreja pelo batismo, At 9.10-18.

3. Nome de um sumo sacerdote, nomeado por Herodes, rei de Cálcis, A. D. 48 (Ant. 20.5,2). Quatro anos mais tarde, foi mandado a Roma pelo governador da Síria para responder pelas violências cometidas pelos judeus contra os samaritanos. Por influência do rei Agripa, foi absolvido, regressando a Jerusalém (Ant. 20. 6, 2, 3; Guerras, 2.12.6,7). Jónatas, outro sumo sacerdote, antes de Ananias, era politicamente associado a este. No ano 58, Paulo foi levado à presença de Ananias que tomou parte contra o Apóstolo perante o presidente Félix, At 23.2; 24.1. Jónatas, seu colega, havia sido assassinado; e este mesmo Ananias foi deposto por Agripa, pelos fins da presidência de Félix, ao cair do ano 50 (Ant. 20.8, 5,8; Guer. 2.13,3). Foi assassinado no ano 67. Morou na parte alta da cidade perto do palácio dos Asmoneus (Guer. 2.17, 6,9).

ANÁS, Forma grega da palavra **HANANIAH**, Jeová tem sido gracioso.

Nome de um dos príncipes dos sacerdotes no tempo do ministério de João Batista, Lc 3.2, cêrca do ano 26. Josefo escreve Ananos, forma que é mais chegada ao hebreu. Anás foi nomeado sacerdote no ano 7, por Quirino, governador da Síria, e deposto deste cargo por Valerius Gratus, procurador da Judéia, no ano 16. Tinha cinco filhos, que também eram sacerdotes. Anás era sogro do sumo sacerdote Caifás (Ant. 18.2,1,2; Jo 18.13. Anás não funcionava como sumo sacerdote quando Jesus foi preso, mas, como era pessoa de grande influência, ainda conservava o seu título, Lc 3.2; At 4.6. Jesus foi levado à casa de Anás, Jo 18.13, que o examinou, remetendo-o em seguida à casa de Caifás, seu genro, que era o pontífice daquele ano. Anás fez parte do conselho ou tribunal a que compareceram Pedro e João e foi um dos seus argüentes, At 4.6.

ANATE. *Conceder*.

Nome do pai de Sangar, juiz de Israel, Jz 3.31; 5.6.

ANÁTEMA. *Pessoa ou cousa excluída*.

Em o Novo Testamento, dá-se êste nome a qualquer pessoa, ou cousa votada à destruição. Corresponde à palavra hebraica *Herem*, Rm 9.3; 1 Co 12.3; Gl 1.8,9; Lv 27.28,29; Js 6.17; 7.1. Ver *Amaldiçoado*.

ANÁTEMA MARANATA. No grego, quer dizer pessoa votada à destruição; *Maranata*, no Aramaico, quer dizer *O Senhor vem*.

Pessoa amaldiçoada à vinda do Senhor, 1 Co 16.22.

ANATOTE, *Orações respondidas*; sendo nome de cidade, talvez seja a forma do plural - ANATH, que era uma deusa. Comp. *Bethanath* e o plural, *Astharoth*.

1. Nome de um chefe da tribo de Benjamim da família de Becor, 1 Cr 7.8.

2. Chefe e representante dos homens de Anatote, que assinou o pacto de obdiência a Jeová, Ne 10.19.

3. Nome de uma cidade do território de Benjamim, destinada ao patrimônio dos sacerdotes, Js 21.18; 1 Cr 6.60. Lugar onde residia Abiatar, sumo sacerdote, 1 Rs 2.26, e onde nasceu o profeta Jeremias, e onde a sua vida correu grave perigo, Jr 1.1; 11.21. Esta cidade foi novamente povoada depois do cativeiro, Ed 2.23. Era situada a vinte estádios de Jerusalém (Ant. 10.7,3). Anata é povoação moderna, distante de Jerusalém cerca de 5 quilômetros; é o lugar da antiga Anatote. Era cidade fortificada, que ainda conserva restos de suas muralhas construídas de grandes pedras aparelhadas.

ANATOTITA

Qualificativo dado a Abiezer, natural de Anatote, 2 Sm 23. 27; 1 Cr 11. 28; 27. 12.

ANCIÃO

Nome de um oficial que, em virtude de seu cargo, segundo se pensa, era o sucessor do chefe da família ou do príncipe da tribo, do mesmo modo que o primogênito tomava o lugar de cabeça de casal, 1 Rs 8.1-3; Jz 8.14,16. Quando o ancião era o chefe e representante de uma tribo, ou de um grande número de famílias, tinha as honras de príncipe. Em geral somente homens de idade madura chegavam a esta posição, por isso mesmo, eram chamados anciãos. Outros povos, constituídos pelo mesmo sistema, também tinham anciãos, como os medianitas e os moabitas, Nm 22.4-7. Este título designa geralmente altos funcionários, Gn 50.7. Entre os judeus, eram eles que exerciam autoridade sobre o povo, Dt 27.1; Ed 10.8, e representavam a nação em negócios de estado. Ex 3.18; Jz 11.5-11; 1 Sm 8.4. Eram eles que recebiam e prestavam honras aos hóspedes distintos, Ex 18.12, que tomavam parte nos concertos, ou pactos, tanto civis como religiosos, 2 Sm 5.3; Lv 4.13-15; Js 7.6. Um corpo de setenta anciãos assistia a Moisés no governo dos israelitas, Nm 11. 16, 24. Cada cidade tinha os seus anciãos, que naturalmente eram os chefes das famílias principais e que dirigiam os negócios civis e religiosos, Dt 19.12; 21.2; Rt 4.2-11; 1 Sm 11.3; Ed 10.14. Estas funções ainda eram exercidas por eles, mesmo quando sob o domínio dos romanos, Mt 15.2; 21.23; 26. 3,47 (Vide *Sinagoga* e *Sanedrim*). Nas igrejas que os apóstolos fundaram o ancião ou presbítero e o bispo exerciam funções que se relacionavam entre si, At 20.17 com 28; Tt 1.5, 7, ainda que fossem nomes sinônimos. O nome ancião representava a dignidade do ofício e, presbítero, os deveres a êle inerentes. A distinção entre ancião, ou presbítero e bispo, como duas ordens separadas de ministros, data do segundo século. A origem do ofício de ancião não é conhecida, mas existia praticamente desde tempos mui remotos. No ano 44 da nossa era, já havia anciãos na igreja de Jerusalém, At 11.30. S. Paulo, logo na sua primeira viagem missionária ordenou anciãos ou presbíteros em cada igreja, 14.22. Este ofício era exercido em outras igrejas como se vê em Tg 6.14; 1 Pe 5.1.

O ofício de presbítero, ou ancião, na igreja cristã, correspondia a igual cargo entre os judeus e revestido de igual autoridade. Os anciãos associavam-se com os apóstolos no govêrno da Igreja, At 15.2,4,6,22,23; 16.4; comp. 21.18; eram êles os bispos, ou vigilantes das igrejas locais (20.17,18; Tt 1.5), tendo a seu cargo o cuidado espiritual da congregação, a sua direção e instrução, participando ao mesmo tempo dos atos oficiais de ordenação, 1 Tm 3.5; 5.17; Tt 1.9; Tg 5.14; 1 Pe 5.1-4; comp Hb 13.17; 1 Tm 4.14. As igrejas locais tinham vários destes oficiais, Fp 1.1; At 11.30. Não consta que houvesse divisão de trabalho entre eles. Como foi no tempo da sinagoga, assim começou a ser na igreja apostólica, a pregação não era função peculiar aos anciãos, nem era a eles limitada. Eram os pastores regulares das igrejas os seus doutrinadores. A capacidade para instruir era uma das qualificações essenciais para exercer o ofício de presbítero, 1 Tm 3.2; Tt 1.9. Além destes, qualquer pessoa que possuía o dom de profecia, que era apto para ensinar, podia ser exortador. 1 Co 12.28-30; 14.24 31.

No regime das igrejas reformadas, o presbítero regente era um leigo, que se chama ancião. Este modo é conveniente, porém na igreja apostólica não era universalmente admitido. Calvino, interpretando o versículo 17 do cap. 4 da 1 epístola a Timóteo, diz que havia duas espécies de anciãos: a dos que ensinavam e governavam e a dos que somente governavam. Há, porém, grande divergência neste sentido. Dizem que o apóstolo fala de duas funções do mesmo ofício, porém, nem todos

entendem assim. O Apocalipse fala de 24 anciãos, sem dúvida com referência aos fundadores das doze tribos e aos doze apóstolos, representando a igreja judaica e a igreja cristã, Ap 4.4,10; 5.5,6,8,14; 7.11-13; 9.16; 19.4.

ANDORINHA

1. Nome de um pássaro, que no hebreu talmúdico se denomina *deror*, que quer dizer, tiro certo ou liberdade. Freqüentava o santuário de Jerusalém, onde fazia seus ninhos em companhia de outros pássaros como o pardal, Sl 84. 3; Pv 26. 2. A andorinha dos celeiros, *Hirundo rustica*, é muito abundante na Palestina desde março até aos princípios do inverno. Existem outras espécies pouco comuns.

2. Tradução da palavra hebraica *Sus* ou *Sis*, muito chilreador, Is 38. 14, e migratório, Jr 8. 7. Os Setenta, a Vulgata e a Versão Siríaca adotaram a palavra andorinha. Tristram supõe que seja o gavião, *Cypselus apus*. Diz êle que o gavião tem o nome de *sis* no vernáculo árabe. Visita a Palestina em grande número e ali permanece desde abril até novembro. Duas outras espécies do mesmo gênero aparecem na Palestina, o gavião de peito branco, *Cypselus melba*, e o gavião de peito mesclado, *Cypselus affinis*.

3. Tradução do hebreu *Agur*, em Is 38. 14; Jr 8. 7. Em ambas estas passagens a V. B. diz grou.

ANDORINHA ver ROLA 1.

ANDRÉ, *Valoroso*.

Irmão de Simão. Pedro de Betsaida, no mar de Galiléia (Jo 1.44), era pescador de profissão e morava com seu irmão, em Cafarnaum, Mt 4.18; Mc 1.16-18, 29. Foi discípulo de João Batista, que lhe mostrou a Jesus, como o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Convencido de que Jesus era o Messias prometido, tornou-se um de seus discípulos. Encontrando-se com seu irmão Simão, convidou-o para ver a Jesus, Jo 1.35-42. Daí em diante, conservou-se na companhia do Salvador, Mt 4.18,19; Mc 1.16,17, comp. com Jo 6.8, e foi nomeado apóstolo, Mt 10. 2; Mc 3. 18; Lc 6.14; At 1.13. Conjuntamente com seu irmão Simão, e com Tiago e João, foi a Jesus para saber alguma cousa a respeito da destruição da cidade e do Templo, e da segunda vinda de Cristo, Mc 13.3,4. Em companhia de Filipe, foi portador da mensagem daqueles gregos que queriam ver a Jesus, Jo 12.22. Nada se sabe digno de crédito a respeito de sua vida subseqüente. Segundo informações tradicionais, sofreu o martírio na Acaia, sendo crucificado em um madeiro em forma de X. Esta forma chama-se hoje cruz de Santo André. Conta-se que um navio que trazia duas relíquias deste Santo, naufragou na baía da Escócia, a que depois deram o nome de Baía de Santo André. Os marinheiros que saltaram na praia introduziram o Evangelho naquela região. O Santo ficou sendo o padroeiro da Escócia e deu seu nome à cidade. As Igrejas Gregas e Romanas festejam o seu dia, a 30 de novembro de cada ano. Na Igreja da Inglaterra, tem sido costume pregar, neste dia, sôbre o assunto das missões. Existe um escrito intitulado "Atos de Santo André", que dizem ser produto de sua pena, mas que não passa de um documento espúrio.

ANDRÔNICO, *Conquistando homens*.

Nome de um cristão, companheiro de Paulo em suas prisões, a quem o Apóstolo enviou saudações em Roma, Rm 16.7.

ANÉIS DOS ARTELHOS

Argolas de metal ou de vidro usadas pelas damas orientais para adorno dos artelhos e que emitiam sons ao caminhar, Is 3.18.

ANEL ver SINETE

ANEM, *Duas fontes*.

Nome de uma cidade no território de Issacar, dada com os seus subúrbios aos filhos de Gérson, 1 Cr 6.73. É provável que este nome seja uma corrupção de En-Ganim, mencionado em Js 21.29, comp. 19.21.

ANER

1. Nome de um amorita, residente em Mambre, e um dos confederados de Abraão na batalha contra os reis do oriente, Gn 14.13,24.

2. Nome de uma cidade de Manassés, ao ocidente do Jordão, dada, com seus subúrbios, aos filhos de Coate, 1 Cr 6.70. Em Js 21.25, aparece com o nome de Taanaque.

ANFÍPOLIS, *Cidade apertada por todos os lados*.

Cidade da Trácia, situada na boca do *Strymon* em uma curva deste rio. Foi fundada pelos atenienses no século quinto A. C. e chamada Anfípolis por ser quase cercada pelo rio. Nos tempos do Império Romano, era a cidade principal da Macedônia prima. Passava a seu lado a *Via Egnatia*, e distava de Filipos cêrca de 53 quilômetros a sudoeste. Por esta estrada, passou o apóstolo Paulo, viajando de Filipos para Tessalônica, At 17.1. Atualmente chama-se Empoli, ou *Yamboli*, distante cinco quilômetros do mar e, tem a seu lado a aldeia *Neokhorio*, ou *Jeni Keui* (Cidade Nova).

ANIÃO, *Suspiro do povo*.

Nome de um homem da tribo de Manassés, pertencente à família de Semida, 1 Cr 7.19; comp. Nm 26.32.

ANIM, Contração de *ayanim*, *fontes*.

Nome de uma cidade da região serrana de Judá, Js 15.50. Parece que as ruínas de *Ghuerein*, a cêrca de 18 quilômetros ao sul de Hebrom, indicam o lugar de sua antiga existência.

ANIMAIS ver BESTA

ANIMAIS IMUNDOS

As nações da antigüidade faziam distinção entre alimentações limpas e impuras. Alguns animais eram tidos como próprios para a comida e para os sacrifícios, ao passo que outros não. A distinção baseava-se, em parte, no saber-se que a carne de certos animais era prejudicial à saúde, e em parte também nos hábitos de alimentação, e ainda em um inexplicável aborrecimento a certos animais. A legislação mosaica respeitou o sentimento dos povos daquela época incorporando no seu código a distinção entre o limpo e o imundo, destinado à alimentação do povo. Na lista dos animais imundos entraram alguns que não envolviam ofensa à religião dos israelitas. Os animais imundos foram classificados do seguinte modo: 1. Animais que não tem a unha fendida e que não remoem; animais que remoem, mas que não têm unha fendida, Lv 11.3,4, inclusive os quadrúpedes (v. 27). A lei declarava limpos, o boi, a ovelha e a cabra; o veado, a gazela, a corsa, a cabra montês, o antílope, a ovelha montês e o gamo, Dt 14.4,5. Entre outros, excluía todos os animais carnívoros, que se alimentavam de sangue e de carnes putrefactas, e, portanto, repugnavam aos israelitas. 2. Aves carnívoras, das quais a lei especifica vinte ou vinte e uma, Lv 11.13-19 Dt 14.12-18. Nesta classe entra o morcego, considerado como pássaro, comia carne e bebia sangue. 3. Insetos alados que andam sôbre os quatro pés, menos aqueles cujas pernas traseiras são mais compridas com que saltam sobre a terra, Lv 11. 20-23. Todos os mais insetos eram excluídos, exceto o gafanhoto. 4. Os animais que se criam nas águas, que não têm escamas nem barbatanas, 9.10. Esta proibição facultava o uso dos mais saborosos peixes que existem nas águas da Palestina. Excluía as engulas e outros animais das águas que não são realmente peixes, como os caranguejos. Numa proíbia que os romanos oferecessem em sacrifício, pèixes que não tivessem escamas (Plínio. Hist. Nat. 31.10). Os modernos povos do Egito consideram tais peixes, prejudiciais à saúde. Alguns destes peixes sem escamas e sem barbatanas tinham a conformação de cobras, e faziam lembrar a tentação do Éden e suas conseqüências. 5. Animais que se movem sôbre a terra, Lv 11.29, 30, tudo que anda de rastos, tendo quatro pés e que tendo muitos pés, se

arrasta sôbre a terra, 41.42. Uns eram prejudiciais à saúde, outros arrastavam-se pelo pó e pela lama, outros pareciam-se com as cobras. As pessoas religiosas tinham repugnância aos animais desta natureza pela sua semelhança com a serpente. A carne dos animais limpos também estava sujeita a tornar-se imunda. A lei proibia comer as carnes sacrificadas aos ídolos dos animais estrangulados, ou mortos pelas bestas-feras, ou que por si morressem. O sangue e a gordura do pássaro e do animal pertenciam ao Senhor. Nenhum dos filhos de Israel nem dos estrangeiros que peregrinavam na sua terra poderia comer o sangue Lv 17.10-14, sob pena de perecer do meio do povo, 7.27;17.10,14. Todo que violasse as leis referentes aos animais imundos, ficava poluto até à tarde, 11.24,40; 17.15. Os animais que morriam por si podiam ser vendidos ao estrangeiro e comido por eles, Dt 14.21. Ver *Impureza*.

ANIS, *Endro* em Mt 23.23. Vide *Endro*.

Planta umbelífera, *Pimpinella anisum*, semelhante ao cominho, cultivada no Oriente, cujas sementes se empregam como carminativo, e que ordinàriamente se usam como tempero culinário.

A versão inglêsa traduz a palavra grega *anethon* por *anise*, e em nota à margem, *dill* correspondente a endro (*Anethum graveolens*) da mesma ordem das umbelíferas. Tem a mesma aparência e as mesmas propriedades.

ANJO, *Mensageiro, enviado.*

1. **Nome** de entes celestiais mais elevados do que o homem em dignidade, Sl 8.6; Hb 2.7, que não se casam nem se dão em casamento, Mt 22.30. Pela sua natureza, são chamados filhos de Deus, pelo menos em poesia, Jó 1.6; 37.7, e pelo seu caráter, são chamados santos, Jó 5. 1; Sl 89. 5, 7. O seu ofício é determinado pela palavra anjo. Em outros livros da Bíblia, há indícios de duas categorias de anjos, em ofício e dignidade, como sejam os arcanjos (chefes) e outros de inferior posição, 1 Ts 4.16; Jd 9. Estas duas classes não são as únicas. Há os anjos caídos e os que não caíram; há tronos e domínios, principados e potestades, Rm 8.38; Ef 1.21; 3.10; Cl 1.16; 2.15, Querubins e Serafins, todos os quais parecem pertencer à classe angélica. As forças inanimadas da natureza, pelas quais se opera todo o movimento econômico do universo são mensageiros de Deus, Sl 104.4. A pestilência e a morte, quando obedecem a atos especiais do govêrno divino, são representadas como operando sob a direção dos anjos, 2 Rs 24.16, 2 Rs 19.25; Zc 1.7-17. Escapando à vista humana, acampam-se à roda dos que temem a Deus, Sl 34.7; Gn 28.12; 48.16; 2 Rs 6.17; Is 43.9. O Anjo do Senhor apareceu em forma humana a Abraão, a Agar, a Ló, a Moisés e a Josué; aos israelitas em Boquim, a Gideão e a Manoé. Um anjo do Senhor apareceu a Elias e a Daniel. Os anjos ocupam lugar saliente na história de Jesus, anunciando o seu nascimento e o de seu precursor, proclamando o seu advento aos pastores, servindo-o depois de sua vitória no deserto e de sua angústia no jardim, Lc 22.43. Foram ainda os anjos que deram as boas novas aos discípulos na ressurreição e ascensão. Um anjo assistiu a Pedro, outro a Paulo. Alguns dêstes mensageiros de Deus são conhecidos pelos seus nomes, como Gabriel, Dn 8.16; 9.21; Lc 1.19, 20; e Miguel, Dn 10.13,21; Jd 9; Ap 12.7. Os Livros Apócrifos acrescentam ainda os nomes de Rafael e Uriel (Vide *Miguel*). Os antigos persas e os modernos parses reconhecem a existência de anjos de várias categorias e dão os nomes de alguns dêles. Há alguns anjos, enviados a executar ordens divinas, que são chamados *Anjo do Senhor*, 2 Sm 24.16; 1 Rs 19.5-7. Também se menciona um anjo, que em certas circunstâncias parece ser distinto de Jeová e que no entanto se identifica com êle, Gn 16.10, 13, 14, 33; 22.11,12,15,16; 31.11,13; Ex 3.2,4; Js 5.13-15; 6.2; Zc 1.10-13; 3.1,2. Assim, em Gn 32.30, se menciona um anjo em que se revelava a face de Jeová que tinha o nome de Jeová, e cuja presença equivalia à presença de Jeová, Gn 22.11; Ex. 32.34; 33.14; Is 63.9. O anjo do Senhor aparece como uma manifestação de Jeová, um com êle e, todavia, diferente dêle. Vide *Teofania*.

2. Nome representativo de Igreja. Não está suficientemente claro se a palavra anjo, representa o corpo dirigente dos negócios locais da igreja, ou se representa o pastor, ou se alude a uma personagem de categoria celestial que vela sôbre a igreja, Ap 1.20; 2.1, 8,12,18; 3.1,7,14.

ANO

O ano dos hebreus tinha doze meses, 1 Rs 4.7; 1 Cr 27.1-15. Parece que o cálculo do tempo se fazia pelo mês lunar, e, portanto, o ano deveria ter 354 dias, 8 horas, 48 minutos e 32,4 segundos. As festas anuais eram inseparáveis das épocas da agricultura. O ano restritamente lunar podia fazer que as festas fixadas pelo calendário, não coincidissem com as estações próprias. Era preciso pôr o ano lunar em correspondência com o ano solar, de 365 dias. Isto se fazia intercalando um mês adicional de três ou de quatro em quatro anos, sobre que a Bíblia nada conta. O ano começava com o mês de Abibe ou Nisã, Ex 12.2; 23.15; Et 3.7, com a lua nova, logo antes ou logo depois do equinóxio vernal, quando o sol estava em Aries (Antg. 3.8,4; 10.5). Desde tempos remotos havia um ano civil ou rural que começava no outono (cp. Ex 23.16; 34.22; Lv 25.4,9 e seg.). Era conveniente a um povo dedicado à agricultura, começar o ano com as estações próprias para o aramento da terra, para as semeaduras encerrando-o com as colheitas. Na prática preferiam quase sempre indicar o tempo do ano pela colheita, ou pelas ocupações da agricultura, do que mesmo pelo número ou pelo nome dos meses, Nm 13.20; Rt 1.22. Algumas vêzes depois do exílio, o dia da lua nova do sétimo mês veio a ser considerado como o primeiro dia do ano novo. Este costume não se originou nos acontecimentos registados em Ed 3.6 e Ne 8.2, contudo a eles se prende.

MESES	APROXIMAÇÃO	FESTAS	ESTAÇÕES DO ANO
1. Abibe ou Nisã Ex 13.15 Ne 2.1 Antig. 3.10,5	Abril	14. Tarde da Páscoa, princípio do dia 15 (Ex 12.18,19; 13.3-10); introdução.	Chuvas da primavera. Colheita do linho em Jericó (Js 2.6).
			Trasbordamento do Jordão (Js 3.15; 1 Cr 12.15; Ec 24.26). Colheita da cevada na planície marítima.
		15-21 a Festa dos Pães Asmos (Lv 23.6).	Colheita do trigo no vale do Jordão.
		16. Apresentação dos molhos de espigas ao Senhor (Lv 23. 10-14; cp. Js 6. 5-11; Antig. 13.10,5).	As alfarrobeiras começam a deitar frutos.
			Começa a estação da seca que se prolonga até o mês de outubro, com ventos constantes de noroeste.

MESES	APROXIMAÇÃO	FESTAS	ESTAÇÕES DO ANO
2. Zio, ou Zive 1 Rs 6.1,37 Antig. 8.8,1	Maio	14. Celebração da Páscoa, facultada a todos que se acham em viagem (Nm 9.10,11).	Colheita da cevada nas terras altas, e do trigo nas baixadas.
3. Sibã ou Sivã Et 8.9	Junho	6. Pentecostes, ou Festa das Semanas, ou das colheitas dos primeiros frutos (Ex 23.16; 34.22; Lv 23.15-21; Nm 28.26; Dt 16.9,10).	Colheita de maçãs na costa do mar. Primeiros frutos das figueiras. Loureiros em flor. Amendoeiras com frutos maduros. Calor abrasador (Guerras 3.7,32).
4. Tamuz	Julho		Colheita do trigo nas altas montanhas. As videiras dão os primeiros frutos maduros.
5. Abe Antig. 4.4,7	Agosto		Frutos nas oliveiras das terras baixas. Tâmaras e figos do verão. Vindimas.
6. Elul Ne 6.15	Setembro		
7. Etanim ou Tisri 1 Rs 8.2 Antig. 8.4,1	Outubro	1. Toque das trombetas (Nm 29.1). 10. Dia da expiação (Lv 16.29). 15-21. Festa dos Tabernáculos. Primícias do vinho e do azeite (Ex 23.16; Lv 23.24; Dt 16.13). 22. Ajuntamento solene (Lv 23.36; Nm 29.35; Ne 8.18; cp. Jo 7.37).	As romãs amadurecem. Mudança de estação para o inverno (Antig. 2. 10,4). Começam as chuvas com os ventos dominantes de oeste e sudoeste. Colheita das nozes dos alfostigueiros. Aramento das terras. Semeia-se cevada e trigo. Colheita de azeitonas ao norte da Galiléia.
8. Bul ou Marchesvã 1 Rs 6.38 Antig. 1.3,3	Novembro		Figos do inverno.
9. Casleu, ou Chisleu, Zc 7.1; cp. Antig 12.5,4; 7,8	Dezembro	25. Festa da Dedicação (1 Mac 4.52; Jo 10.22).	Aumentam as chuvas (cp. Esdras, 10.9,13).
10. Tàbete Et 2.16; Antig. 11.5,4	Janeiro		Granizo, neve nas altas montanhas, e às vezes em Jerusalém. Nas terras baixas, pastos verdes e profusão de flores nativas.
11. Sabate ou Sebate, Zc 1.7; I Mac 16.14	Fevereiro		As amendoeiras florescem. Primeiros figos. Florescem as alfarrobeiras.
12. Adar Et 3.7; Antig. 4.8,49	Março	14,15. Festa do Purim (Et 9.21-28).	Laranjas e limões nas terras baixas. Estoraques em flor. Primeiras flores das romeiras. Colheita da cevada em Jericó.

ANRAFEL

Rei de Senaar, aliado de Quedorlaomer na invasão do oriente, Gn 14.1,9. Existem provas evidentes que o identificam com Hamurabi ou Amurabi, que foi rei de Babel, 1975 A. C. e reinou cinqüenta e cinco anos. A princípio fez sentir seu poder sôbre um pequeno distrito apenas; porém, pelo trigéssimo ano de seu reinado, arrebatou Larsa aos elamitas e assenhoreou-se de toda a Babilônia. Cuidou muito do bem de seus súbitos, consertou os velhos canais e fêz outros novos para favorecer a fertilidade da parte norte e sul de Babilônia, engrossou as fortificações, embelezou os templos, e construiu outros, superintendeu à administração da justiça, e codificou as leis do país. Mereceu com muita justiça o nome de Pai do seu povo, que a si mesmo se deu. Hamurabi é o codificador de leis mais antigo que se conhece. O seu nome ocupa o primeiro lugar na lista, onde estão os nomes de Moisés, Justiniano e Napoleão. Êle mesmo também legislava; porém, além de decretá-las, também discernia entre as que regulavam os direitos da realeza e as que interessavam a vida social do seu povo, enfeixando-as e dando-lhes larga publicidade. Estas velhas leis de Babilônia tinham íntima semelhança com as do Livro do Pacto, pelo qual se administrava a justiça em Israel, Ex 20.23 até 23.33; comp. com 24.7. Não sòmente eram codificadas à maneira dos últimos volumes da legislação hebraica, mas também, muitas delas se pareciam na forma, começando pela palavra "se." Além desta semelhança externa, havia

outra material. Em vinte e quatro ou vinte e cinco exemplos, os dois corpos de leis, tratam das ofensas às pessoas e dos direitos de propriedade. Não é para admirar que existam estas coincidências. Em todos os povos existem as mesmas desgraças e ocorrem os mesmos fatos, e é de presumir que tenham conhecimento dos códigos de leis que regulam os atos da vida civil. O que é mais notável é que em muitos exemplos, a mesma classe de povo, particularmente a menos afortunada, era contemplada por ambos os códigos, babilônico e israelita, com iguais direitos perante o Estado. Também é digno de nota que em catorze exemplos, pelo menos, a lei babilônica como a hebraica, impunha a mesma, ou praticamente a mesma pena, para a mesma culpa. Em grau muito notável, os dois povos tinham concepções de justiça muito semelhantes. Não parece, e nem é provável, que o legislador hebreu tivesse diante de si as leis de Hamurabi; mas é certo que Israel herdou de algum lugar as concepções de justiça que existiam entre os babilônios nos dias de Hamurabi. Vide *Moisés*.

ANRAMITAS

Nome que se dá aos descendentes de Anrão, que constituem uma subdivisão dos levitas, Nm 3.27 e 1 Cr 26.23.

ANRÃO, *Inexperiência.*

1. Nome de um levita, filho de Coate, casado com Jacobede e fundador da casa dos anramitas que nos tempos de Moisés contava cerca de dois mil homens, Nm 3.17,19,27,28. Foi avoengo de Moisés e Arão e viveu até à idade de 137 anos, Ex 6.20.

2. Nome de um filho de Bani, induzido por Esdras a divorciar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10.34.

ANSI, *Robusto.*

1. Nome de um levita descendente de Merari, 1 Cr 6.46.

2. Nome de um sacerdote do turno de Melquias, Ne 11.12.

ANTICRISTO. Do grego *antichristos, contra Cristo* ou *em lugar dêle.*

A palavra anticristo pode significar, como a etimologia o diz, pessoa que é inimiga de Cristo, ou que usurpa o nome e as prerrogativas que só a ele pertencem. O primeiro sentido é sem dúvida o que tem significação mais primitiva. Nos escritos do Novo Testamento, somente o apóstolo S. João emprega este termo, 1 Jo 2.18,22; 4.3; 2 Jo 7. Pela leitura destas passagens aprende-se que o Anticristo havia de aparecer na última hora, isto é, antes da segunda vinda de Cristo. Ao mesmo tempo que o apóstolo diz que este Anticristo seria uma pessoa, também afirma que o espírito que nela se incorpora é também anticristo, e declara que já muitos dêles têm vindo. A substância deste espírito é a negação de Cristo, ou da real encarnação do Filho de Deus, que não somente contraria a doutrina, como se põe em posição antagônica a todas as suas conseqüências. Este espírito já se patenteava na Igreja na pessoa de falsos mestres e de falsos discípulos, porque o Anticristo se manifesta no próprio Cristianismo nominal. Apesar de ser somente o apóstolo S. João quem usa deste termo, a doutrina aparece em outras partes do Novo Testamento. Jesus advertiu a seus apóstolos para se guardarem dos falsos cristos, Mt 24.5,23,24; Mc 13.21,22, que naquele tempo eram representados pelos vários messias judaicos que pretendiam ser os verdadeiros, mas, ao mesmo tempo, fala claramente da apostasia que havia de surgir dentro da própria Igreja. Vede as parábolas da Cizânia e das Dez Virgens, Mt 7.22,23; 24.12, etc. O apóstolo São Paulo diz mais claramente que antes da segunda vinda de Cristo, "aparecerá o homem do pecado, aquele que se opõe e se eleva sobre tudo que se chama Deus, ou que é adorado como se fora Deus, e que se assentará no trono de Deus" 2 Ts 2.3-12. S. Paulo, como o faz o apóstolo São João, representa assim o ponto culminante da apostasia (Vede 1 Tm 4.1). Muitos intérpretes vêem na Besta do Apocalipse, uma ampliação desta doutrina, Ap cap. 13.

Por aqui se vê que a história da Igreja Cristã não é a narração de fatos que só representam a bondade e a verdade, mas que dentro do Cristianismo se havia de manifestar e desenvolver a apostasia em várias formas, culminando no próprio Anticristo, que tanto poderá ser uma pessoa, como uma instituição, ou talvez ambas, cujo espírito será essencialmente oposição a Cristo, absorvendo as prerrogativas que só a Deus pertencem. Em diferentes períodos da história, têm-se manifestado várias apostasias que, pelas suas feições, bem ou mal, incorporam o espírito dos princípios anticristãos; acreditamos, porém, que a manifestação plena do Anticristo ainda há de vir, precedendo a vinda do Senhor e por ela será ele destruído. G. T. P.

ANTIGO TESTAMENTO

A primeira das duas partes em que se divide a Bíblia. Esta designação é tirada de 2 Co 3. 14, onde o apóstolo S. Paulo diz: "Pois até ao dia de hoje, quando fazem a leitura da antiga aliança, o mesmo véu permanece,..." O Antigo Testamento compõe-se de trinta e nove livros, que na ordem em que estão dispostos em nossas Bíblias, o dividem naturalmente em três classes, a saber: dezessete livros históricos, de Gênesis a Ester; cinco livros poéticos, de Jó ao Cântico dos Cânticos, e dezessete livros proféticos. Poemas e fragmentos de poemas, ocorrem nos livros históricos, Gn 4. 23, 24; 9. 25-27; Ex 15. 1-18; Jz 5. Também há passagens proféticas nos livros históricos, Gn 3. 15; 9. 11-16; 2 Sm 7, e história nos livros proféticos, Is 7; Jr 26. 7, 11 até cap. 39. 14; 40. 7 até cap. 43. 8. A poesia é muito abundante nos livros proféticos. A Bíblia hebraica só contém estes livros, com algumas diferenças no arranjo e na sua classificação. Todo o Antigo Testamento foi originalmente escrito em hebraico, excetuando apenas Ed 4. 8 até cap. 6. 18; 7. 12-26; Jr 10. 11; Dn 2. 4 até cap. 7. 28, que foram escritos em aramaico. Os caracteres do alfabeto hebraico eram semelhantes aos do alfabeto aramaico. A forma original destes caracteres estava em uso na Fenícia 1.500 anos antes de Cristo, que podemos ver na Pedra Moabita e na inscrição de Siloé, bem como nas moedas do tempo dos macabeus. Passaram por várias alterações de forma até que ultimamente se converteram nas formas quadrangulares que se encontram nos manuscritos existentes e nas edições impressas da Bíblia hebraica. Os livros do Antigo Testamento foram escritos nos antigos caracteres, que se foram mudando para as formas atuais, por causa das repetidas cópias manuscritas. A escrita hebraica só empregava letras consoantes, deixando que o leitor suprisse as vogais. Porém, entre os séculos sétimo e décimo da era cristã, os escritores judeus, residentes em Tiberíades da Palestina, substituíram essa falta com os pontos que indicavam a vocalização própria, segundo a pronúncia tradicional. Estes pontos, servindo de vogais, fixaram grandemente o sentido dos textos. Os seus autores chamavam-se Massoretas, de *masorah* ou, melhor, de *massorah*, que quer dizer tradição. Os textos deste modo suplementados têm o nome de *massoréticos*, também acompanhado de um sistema de acentos para facilitar a provincia das palavras e o modo de as ajuntar e separar. As escolas judaicas de Babilônia usavam um método diferente para indicar as vogais, conservando substancialmente a mesma pronúncia em voga. A pontuação babilônica era feita por cima das linhas do texto. Em tempos remotos, as palavras eram muitas vezes separadas por um ponto (cp. os pontos da Pedra Moabita, da inscrição de Siloé; os espaços de Carpentras Stele, talvez do quarto século A. C.) e daqui se conclui que existiam manuscritos hebreus que eram espaçados de modo semelhante. O Talmude mandava que as cópias manuscritas dessem um espaço do tamanho de uma letra depois de cada palavra.

Também em tempos antigos, os judeus dividiam o texto hebreu em secções e em versículos. As secções assinalavam a divisão do discurso; e eram de duas espécies, maior e menor, ou divisões principais e subdivisões, tecnicamente chamadas abertas e fechadas, indicadas pelas letras *pe* e *samech*, respectivamente. Por exemplo, no primeiro capítulo do Gênesis abria-se uma secção para cada dia; uma secção continha a narração do dilúvio, cap. 6. 9 até cap. 9. 17, que se subdividia em quatro secções "fechadas"; introdução, 6. 9-12; a arca e o dilúvio, 6. 13 até cap. 8. 14; Noé sai da arca, oferece sacrifícios e recebe as bênçãos de Deus, 8. 15 até cap. 9. 7, e, finalmente, o pacto e arco sôbre as nuvens, 9. 8-17. As secções são, pela maior parte, apropriadas e mostram compreensão exata do texto por parte daqueles que as fizeram. Com relação à divisão em versículos, a primeira que aparece é na Bíblia Hebraica de Bomberg, editada em 1547, em que os números vêm à margem oposta a cada quinto v., assinalados pela letra do alfabeto apropriada e empregada numericamente. Arias Montanus na sua Bíblia Hebraica com a tradução interlinear latina publicada em Antuérpia no ano de 1571, foi o primeiro que dividiu o texto hebreu em capítulos. Para numerar os vv. fê-lo com algarismos arábicos à margem. Veja *Bíblia*.

O texto do Antigo Testamento tem chegado até nós sem alterações, pelo menos do segundo século para cá. Dêste texto procedem todas as cópias manuscritas. A sua conservação no seu todo, e livre de erros durante o período de cerca de 2.000 anos, é devida à existência de escribas profissionais, a quem foi confiada esta obra, conservando a pronúncia e a interpretação; e às regras elaboradas para guiá-los, a fim de evitar erros na cópia. *Aaron ben Moses ben Asher*, que floresceu na primeira metade do décimo século, preparou uma edição fiel ao original e de acordo com as minudentes tradições dos escribas. Esta obra de *ben Asher* foi altamente apreciada pela sua exatidão, e da qual descendem todos os manuscritos do ocidente.

Porém, algumas passagens duplicadas, como Gn 10. 4 e 1 Cr 1. 7 ou 2 Rs 8. 26 e 2 Cr 22. 2, revelam a existência de erros ocasionais no texto padrão, antes do segundo século da era cristã. Estes erros dão-se mais em palavras que representam números e nomes próprios, do que em narrativas, em razão principalmente de enganos dos copistas, tomando uma letra por outra que lhe é muito semelhante, veja *Beth*, *Daleth*, unindo duas palavras em uma, ou dividindo uma em duas, veja *Toupeira*, ajuntando uma letra inicial à palavra precedente, ou acidentalmente repetindo, ou omitindo letras ou palavras. Contudo nem todas as diferenças são verdadeiros erros. Algumas, como nos Sl 14 e 53, resultaram de uma revisão feita pelo próprio autor ou por outros, a fim de adaptar a obra a novo propósito; ou como as que se encontram em Is 2. 2-4 e Mq 4. 1-3, devidas a citações livres. Como se dá com o Novo Testamento, existem três meios que habilitam os críticos que se ocupam em expurgar os erros dos copistas e restaurar a pureza do texto primitivo. São êles: primeiro, a coleção de manuscritos hebraicos que tem sido feita com perseverança, para a qual tem servido a comparação de 1.500 a 2.000 manuscritos; segundo, o exame das versões antigas, do hebreu para outras línguas, antes de ser elaborado o texto massorético; e terceiro, o estudo das passagens citadas ou aludidas nos livros apócrifos, em o Novo Testamento ou em outros escritores.

É crível que os livros originais do Antigo Testamento fôssem escritos em peles e há certeza disto em referência a muitos deles, Sl 40. 7; Jr 36. 14, 23. Os manuscritos existentes, em geral, são feitos em pergaminhos, ou em couro, e não datam de muito tempo. No Museu Britânico existe um volume da lei escrito em *vellum*, que se julga haver sido escrito no ano 850 da nossa era; e na sinagoga *Karaita* no Cairo, existe um códice contendo os primeiros e os últimos profetas, escritos sem vogais, do ano 895, se for verdadeira a data que tem. O manuscrito mais antigo que agora existe, cuja data não sofre contestação, contendo os profetas maiores e menores, pontuado pelo sistema babilônico, foi trazido da Criméia e tem a data de 916. A. D., e pertence à biblioteca de Petrogrado. O manuscrito mais antigo do Antigo Testamento inteiro é do ano 1010, também pertencente a esta biblioteca. A escassez de velhos manuscritos hebraicos, em grande parte, é devida ao costume que tinham os judeus de enterrar todos os manuscritos sagrados, estragados pelo uso, ou por quaisquer outras causas. Depois da invenção da imprensa, publicou-se pelo novo processo, o livro dos salmos em 1477. Onze anos depois, em 1488, foi impressa a Bíblia Hebraica inteira in *folio*, em uma tipografia existente em Soncino, no ducado de Milão. Outra edição manual foi publicada por Bomberg em 1517. A grande Bíblia rabínica de *Jacob ben Hayyim*, publicada por Daniel Bomberg em Veneza em 1524-25, em quatro volumes, é baseada em uma cuidadosa coleção de manuscritos, e reproduz fielmente o texto que serviu de padrão aos escribas de Tiberíades. A edição de *Van der Hooght* do texto hebraico, foi publicada, a primeira vez, em Amsterdã no ano de 1705. Considera-se esta edição como sendo muito bem cuidada por ter sido reimpressa com pequeno número de correções, por Aug. Hahn em 1831, e por C. G. G. Thiele em 1849. Tem cêrca de 1.000 variantes marginais, em sua maioria de considerável antigüidade. Mais importante ainda é a edição do texto massorético, com apêndices e críticos e massoréticos, feitos por S. Baer Franz Delitzsch. O Gênesis apareceu em 1869 e os outros livros foram saindo gradualmente. Esta edição e a de Ginsburg em 1894, são revisões do texto de Jacob ben Hayyim, com o intuito de se aproximar o mais possível dos ensinos de Massora. A edição de Kittel, impressa em Leipzig em 1906, reproduz o texto de Jacob ben Hayyim, e dá em notas, no fim das páginas, as variantes mais valiosas dos manuscritos e das versões.

ANTÍLOPE ver ÓRIX E UNICÓRNIO

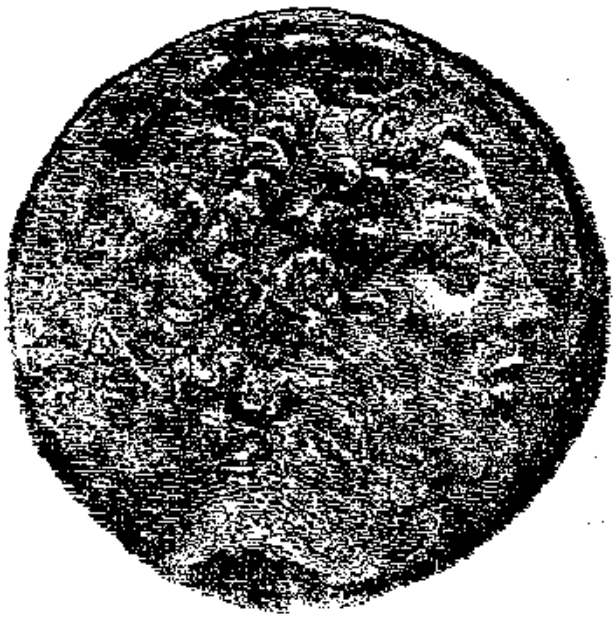
ANTÍOCO, *Sofredor, resistente*.

1. *Antíoco III*, cognominado o Grande, rei da Síria, o sexto governador da dinastia dos Selêucidas, pai de Seleuco IV e de Antíoco Epifânio, 1 Mac 1.10; 8.6-8, reinou de 223 a 187 A. C. Tentou arrebatar a Coelesíria, a Fenícia e a Palestina de Ptolomeu IV, porém foi derrotado em Rafia no ano 217 A. C. Após a morte de Ptolomeu, renovou sua tentativa, e desta vez realizou o que desejava na batalha decisiva de Panéias em 198. Invadiu a Europa, onde a sua carreira vitoriosa teve seu epílogo nas Termópilas. Em sua retirada sofreu derrota final em Magnésia na Ásia, em 190. Pelos termos da paz, obrigou-se a mandar para Roma vinte reféns, inclusive seu filho, e a pagar enorme tributo. Enquanto saqueava um templo em Susiana, foi assassinado pela populaça. A linha dos Selêucidas continuou como segue:

Antíoco, o Grande
Seleuco IV
Antíoco Epifanes
Antíoco Eupátor
Demétrio I
Alexandre Balas
Demétrio II
Antíoco VI
Antíoco VII

2. *Antíoco Epifanes*, oitavo governador da casa dos Selêucidas, 175-164. A. C. 1 Mac 1.10. Passou 15 anos como refém em Roma, 1 Mac 6.16. Príncipe enérgico, estendeu e consolidou o seu reino, porém, muito intolerante em religião, provo-

cou a ira de seus governados. Excitou grande irritação do povo judeu, por ter roubado as alfaias do Templo e levantado no Santo dos Santos a estátua de Júpiter. Demoliu os muros de Jerusalém, ordenou o sacrifício de suínos, proibiu a circuncisão e destruiu todos os livros sagrados que pode encontrar. Estes ultrajes provocaram a revolta dos macabeus, 1 Mac 1.41-53. Morreu entre Elimaís e Babilônia logo depois de receber a notícia da revolta dos judeus, 1 Mac 6.1-16.



Antíoco Epifanes

3. *Antíoco Eupátor.* Filho de Antíoco Epifanes, sendo ainda menor, reinou dois anos sob a tutoria de Lísias, 1 Mac 6.17-63. Tendo sido assassinado, reinou em seu lugar Demétrio Soter.

4. *Antíoco VI,* jovem filho de Alexandre Balas, foi posto no trono pelo general *Tryphon* que se serviu dele como instrumento de suas próprias ambições, e que o assassinou, logo que se sentiu seguro, 142 A.C., 1 Mac 11. 39, 40, 54; 13.31, 32.

5. *Antíoco VII,* irmão de Demétrio II, que reinou em lugar de Demétrio, enquanto durou a sua prisão por Arsaces, 138-128 A. C. Derrotou a *Tryphon.* 1 Mac 15.1, 10-14, e fez um tratado com Simão Macabeu, que não demorou a rompê-lo, e tentou despojar o Templo, no que foi impedido por João e Judas Macabeu, 1 Mac 16.1-10.

6. Nome de um judeu, conhecido apenas como pai de Numênio, 1 Mac 12.16.

ANTIOQUIA, *Pertencentes a Antíoco.*

1. Metrópole da Síria durante o domínio da dinastia grego-macedônia, 1 Mac 3.37, *et passim.* Fundada por Seleuco Nicátor, 300 A. C. e denominada assim em honra de seu pai Antíoco. Estava situada na parte sul do rio Orontes, na distância de cerca de 40 quilômetros acima de sua embocadura ao alcance da navegação. Tinha o monte Castus ao sul, e as montanhas Amanus a oeste, em frente ao vale do Orontes. A cidade era grande e populosa. Foi elevada a capital logo que os romanos criaram a província da Síria em 64 A. C. A população compunha-se de gentios e em grande parte de judeus, Guer. 7.3,3. Os cristãos que fugiram de Jerusalém para evitar as perseguições que se levantaram depois do martírio de Estêvão, pregaram ali o Evangelho, primeiramente aos judeus que falavam a língua aramaica, e depois pregaram aos judeus que falavam o grego. Barnabé foi enviado de Jerusalém para auxiliar aquela obra. Depois de trabalhar ali por algum tempo, foi buscar a Paulo que estava em Tarso. Durante um ano estes dois grandes evangelistas fizeram ali o centro de suas operações e ensinaram a muita gente. Ali foram os discípulos chamados cristãos pela primeira vez, At 11.19-26. Outros contingentes de evangelistas continuaram ali o trabalho. Paulo e Barnabé saíram para nova jornada missionária, At 13.2, regressando novamente a esta cidade. Os cristãos de Antioquia mantiveram íntimas relações com a Igreja de Jerusalém. Em tempo de fome, enviaram-lhe socorros At 11.28-30, e nas questões relativas à circuncisão dos gentios convertidos, submeteram esta matéria ao critério da Igreja-Mãe (cap. 15). A segunda viagem missionária de Paulo teve como ponto de partida a cidade de Antioquia, regressando de novo a ela via Cesaréia, At 15.35,36; 18.22. Em Antioquia deu-se a cena desagradável na qual Paulo repreendeu a Pedro por causa do seu proceder com relação aos gentios convertidos, Gl 2.11. A cidade conservou a sua grande opulência e a Igreja continuou a crescer enquanto durou o Império Romano. Em 538, A. D. Cosroes, rei persa, tomou-a e destruiu-a. O imperador Justiniano reconstruiu-a, mas no ano 635, A. C., os sarracenos a tomaram, e em 1084 passou para o domínio turco. Excetuando o período decorrente entre 1068 e 1268, em que foi sede de um reino cristão, fundado pelos cruzados, tem continuado em poder dos maometanos. É muito sujeita a terremotos, um dos quais ocorreu em 1822, destruindo os muros de Justiniano. Em seu lugar existe uma pequena povoação com o nome de Antaquia.

2. Nome de outra cidade na Ásia Menor, também fundada por Seleuco Nicátor que igualmente lhe deu o nome de seu pai Antíoco. Foi situada na Frígia, quase nos limites da Psídia. Para não haver confusão entre os dois nomes iguais, as duas cidades eram designadas assim: Antioquia da Psídia e Antioquia da Síria. Incluída na província romana da Galácia, ficou sendo o centro da administração civil e militar da parte sul da província. A colônia judaica construiu uma sinagoga para seu culto, At 13.14. Comp. Ant. 12.3,4. Barnabé e Paulo visitaram esta cidade, quando fizeram a sua primeira viagem missionária, At 13.14-52; 14.19-21; 2 Tm 3.11. Em 1833, Arundel identificou as ruínas desta cidade com a moderna cidade de *Yalabatch.*

ANTIPAS, *Contração de Antipater.*

1. Nome de um cristão que sofreu o martírio em Pérgamo, na Ásia Menor, Ap 2.12,13.

2. Nome de um dos filhos de Herodes, o Grande. *Vede Herodes.*

ANTIPATER, *Em lugar de,* ou *igual ao pai.*

1. Nome de um judeu, filho de Jassom. Fazia parte do conselho de Estado, e foi um dos dois embaixadores enviados por Jônatas e pelos anciãos a Roma para renovar o tratado de aliança, 1 Mac 12.16; Ant. 13.5,8. Jassom, seu pai, presume-se que tenha sido anteriormente encarregado de igual missão, Ant. 8.17.

2. Nome do pai de Herodes, o Grande. Ant. 14.7,3.

ANTIPÁTRIDE, *Que pertence a Antipater.*

Cidade fundada por Herodes, o Grande, nas férteis planícies de Cafar Saba, no lugar da aldeia deste nome, perto das montanhas, assim denominada, em memória de seu pai. Era circundada por um rio, Ant. 13.5,1; 16.5,2; Guer. 1.4,7; 21.3, e à beira da estrada militar entre Jerusalém e Cesaréia, na distância de 42 milhas romanas de Jerusalém, e 26 de Cesaréia. O seu nome antigo desaparece sob a nova denominação de Quefer Saba, lugar de sua antiga existência; porém, as condições do lugar são, em todos os respeitos, preenchidas pelos estudos de Wilson e Conder que a localizam em *Ras-el-Ain* na junção da velha estrada romana de Jerusalém com a de *Ramlé* que passa por Lida em direção a Cesaréia. A planície está semeada de ruínas; pelo lado do norte e do oeste, o rio Aujá corre violento e cheio. Antipátride foi o limite da viagem de S. Paulo na primeira noite em que foi conduzido preso de Jerusalém para Cesaréia, At 23.31.

ANTÔNIA, *Torre Antônia*. Que pertence a Antônio.

Nome de uma torre, unida ao Templo de Jerusalém, no lugar presumível, onde existiu a fortaleza Birá, que pertencia ao Templo e que foi restaurada por Neemias, Ne 2.8. João Hircano edificou-a, habitou-a e nela guardava as vestes do sacerdócio, que lhe era permitido usar, Ant. 15.11,4; 18.4,3. Até aos dias de Herodes, conservou o nome de Baris, porém este rei a reparou à custa de grandes despesas, tornou-a mais forte do que antes havia sido, para defesa do Templo, e pôs-lhe o nome de Antônia, em honra de Marco Antônio, imperador romano, Ant. 18; Guer. 1.21,1; 5.5,8; Tácito, His. 5.7. Estava situada no ângulo da área do Templo e na parte noroeste sobre uma rocha de 33 metros de alto, que era o ponto culminante daquelas vizinhanças, Guer. 6.1,5. A construção da torre na área do Templo prejudicou a sua quadratura, Guer. 6.5,4. A fortaleza tinha a amplitude e a forma de um palácio, com quartos, casernas, banheiros, etc. Os muros tinham cerca de 28 metros de alto sobre a rocha, e nos ângulos se elevavam as torres, das quais três eram de 36 metros de altura, e mais uma, que dominava o templo, elevando-se a 46 metros, comp. Ant. 20.5,3; Guer. 6.2,5. Era separada do monte Bezeta por um valado profundo, Guer. 5.4,2, que se ligava aos claustros do norte e o do oeste, e onde terminava, com portas passagem subterrânea que comunicava com o interior na os guardas e escadas, At 21.35,37,40; 22.24, e uma do Templo, pelo lado do oriente. Esta passagem parece ter sido aberta por Hircano quando levantou a torre Baris, Ant. 18.11,2. Na extremidade da passagem subterrânea Herodes mandou construir uma torre, com o fim de se refugiar no caso de alguma sedição popular. No castelo permanecia uma legião de soldados romanos, em guarda nos claustros, principalmente enquanto duravam as festas judaicas para reprimir quaisquer excessos da população, Ant. 18.4,3; Guer. 5.5,8. A fortaleza foi afinal demolida por ordem de Tito, quando tomou a cidade no ano 70, A. D., Guer. 7.1.1, comp. 6.2,7; 5.4; 9.1,4. O acontecimento mais trágico da história desta fortaleza ocorreu durante o reinado de Aristóbulo, filho de Hircano. O rei jazia enfermo em um dos aposentos da torre. Seu querido irmão Antígono, ao voltar da guerra, apressou-se em entrar no Templo, ainda metido em sua armadura, e acompanhado pela escolta para fazer oração pela saúde do rei. Este fato foi comunicado a Aristóbulo em termos que mal interpretavam a chegada de seu irmão que foi logo intimado a ir à presença do rei, porém desarmado. Ordenou aos soldados que ficassem na passagem subterrânea e que o matassem no caso em que ele viesse armado. A rainha alterou a ordem em parte, fazendo crer a Antígono que o rei desejava vê-lo com a sua esplêndida armadura. Sem nada suspeitar, penetrou na passagem armado como estava e ali foi morto. Tendo conhecimento do ocorrido, o rei sofreu choque tão violento que lhe produziu abundante hemorragia. Um escravo trazia para fora o vaso em que fora apanhado o sangue do rei enfermo, e tropeçando caiu no mesmo lugar em que Antígono havia sido assassinado. O sangue dos dois irmãos misturou-se no pavimento. Um grito de horror ressoou pelo palácio, e despertou a curiosidade do rei. Ao saber o que havia acontecido, sofreu tão forte abalo que no mesmo instante expirou. Ant. 13.11.

O apóstolo S. Paulo, tendo sido arrebatado da multidão enfurecida que o arrastou para fora do Templo, foi metido neste castelo e em caminho lhe foi permitido falar ao povo, posto em pé sobre os degraus, At 21.30 e seg.

ANTOTIJA

Nome de um benjamita descendente de Sesaque, 1 Cr 8.24.

ANUBE, *Reunidos*.

Nome de um dos homens da tribo de Judá, filho de Cós, 1 Cr 4.8.

AOÁ, *Calor*.

Benjamita da família de Bale, 1 Cr 8.4. Talvez seja o Aiúde mencionado em I Cr 8.7.

AOÍTA. Descendente de Aoi, 2 Sm 23.9, 28; 1 Cr 11.12,29.

AOLIABE, *Tenda do pai*.

Nome de um artífice da tribo de Dã, que ajudou a Beseleel na feitura dos ornamentos do tabernáculo, Ex 31. 6; 35. 34, 35.

AOLIBAMA, *A minha tenda está em lugar alto*.

Nome da mulher de Esaú, e filha de Ana, Gn 36. 2. Esta mulher deu nome a uma família edomita, organizada sob a direção de um chefe, 41. Chama-se também Judite, que quer dizer, digna de louvor, 26. 34.

APAIM, *Ventas*.

Nome de um homem de Judá da família de Hesrom, 1 Cr 2.30,31.

APEDREJAR. Modo ordinário de aplicar a pena capital, prescrita pela lei dos hebreus, Lv 20.2. Era um processo muito antigo empregado, não só pelos hebreus, como também pelos macedônios e pelos persas. A execução fazia-se fora dos muros da cidade, Lv 24.14; 1 Rs 21.10,13; At 7.58. As testemunhas punham as mãos sobre a cabeça do criminoso em sinal de que sobre ele repousava o crime, Lv 24.14, e despojavam-no das vestes para melhor cumprirem o solene dever, At 7.58. Em casos de idolatria e mesmo em outros, segundo parece, a testemunha atirava a primeira pedra, Dt 13.9; 17.7; cp Jo 8.7; At 7.58. Dizem os rabinos que o condenado era despojado de todas as roupas, exceto de uma facha que lhe cingia os rins. A primeira testemunha o atirava ao chão de cima de um tablado de dez pés de altura; a segunda testemunha atirava-lhe a primeira pedra sobre o peito do lado do coração. Se esta não lhe dava a morte, as pessoas presentes à execução completavam a obra. Depois da morte, costumavam dependurar o corpo até ao fim do dia, ou queimavam-no, Dt 21.23; Js 7.25; Antig. 4.8,24. Uma lei mais recente proibia que o cadáver fosse depositado no túmulo da família.

APELES

Nome de um cristão provado em Cristo a quem o apóstolo S. Paulo enviou saudações, Rm 16. 10.

APIO

Nome de uma cidade da Itália à distância de cerca de 73 quilômetros de Roma, à beira da célebre Via Ápia, que ia de Roma a Cápua. As ruínas de Ápio podem ser vistas perto de Triponti. Alguns cristãos de Roma foram ao encontro de Paulo, neste lugar, quando era conduzido prisioneiro para a capital, At 28.15.

APOCALIPSE I, *Coisa encoberta*. Palavra derivada do grego *Apokalypsis*. No latim é *Revelatio*, que significa revelar, expor à vista, e metaforicamente, descobrir uma verdade que se achava oculta.

No Antigo Testamento não se encontra a palavra revelação; porém, o verbo revelar emprega-se freqüentemente no sentido de descobrir segredos, Pv 11.13. Deus revela a sua vontade aos homens, Dt 29.29; Is 22.14; Dn 2.19,22,28; Am 3.7. Em o Novo Testamento a palavra revelação serve para falar-nos do modo pelo qual Deus nos deu a conhecer, por meio de Cristo e o seu Santo Espírito, as verdades divinas, antes completamente ignoradas, Rm 16. 25; 1 Co 14. 26; 2 Co 12. 1; Gl 1. 12; Ap 1. 1, para fazer conhecida a vontade de Deus em referência ao seu reino, Gl 2.2, e para a manifestação do justo juízo de Deus, Rm 2.5; 1 Pe 1.13. Em sentido teológico, a palavra revelação significa a comunicação da verdade que Deus faz ao homem por meio de seus agentes sobrenaturais.

O Apocalipse de S. João é o último livro do Novo Testamento, também denominado Revelação.

Deu-se-lhe este nome por ser com ele que o livro começa, e tem por fim descobrir as coisas que cedo deviam acontecer, reveladas por Deus a Jesus Cristo, e que este enviou por seu anjo a seu servo João, para serem comunicadas às sete igrejas da província romana da Ásia, estabelecidas nas seguintes cidades: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia. Ap 1.1-3,4,11. O número sete teve a preferência por ser número sagrado que indica perfeição, indicando por este modo que o livro realmente se destinava à igreja toda. O autor chama-se simplesmente João à maneira dos antigos profetas hebreus, Is 1.1, Jl 1.1, Am 1. 1, etc., como se vê no cap. 1. 1, 4, 9; 22. 8. Diz que as visões contidas no livro ele as teve quando se achava preso na ilha de Patmos por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus, 1.9. Esta ilha acha-se ao sul da costa da Ásia Menor. Para ela havia sido desterrado o apóstolo pelo fato de ser cristão. Era em um período em que os imperadores romanos perseguiam a igreja de Jesus. A visão inicial apresenta Cristo exaltado, em um quadro simbólico, no meio de sete candeeiros de ouro que representam as sete igrejas, 10.20. Cristo dá mensagens ao seu servo para serem mandadas às sete igrejas, e em seguida vem uma série de outras visões. Esta revelação se deu no dia do Senhor que, segundo entendemos, era o primeiro dia da semana. As visões descritas neste livro são maravilhosamente simbólicas. A maior parte das figuras e muito da sua linguagem, encontram-se nos profetas do Antigo Testamento, particularmente em Daniel e em Ezequiel, que lhe servem de comentário. Examinando mais de perto este livro, vemos que a introdução (1.1-3) e as saudações (4-8) consistem de sete divisões principais que vão até o cap. 22.7, depois das quais, encerra-se com um epílogo (8-21). Estas divisões constituem, de fato, sete vistas ou série de vistas, subdivididas geralmente em sete partes. Cada série começa com uma visão, que apresenta em globo a idéia da série inteira, e que depois é acompanhada, na maioria dos casos, por outras tantas representações quantos os elementos de que ela se compõe. Estas visões não devem ser entendidas como representando acontecimentos que se iam suceder uns aos outros na história em ordem cronológica, e, sim, como quadros simbólicos representando certas verdades religiosas, ou princípios que a igreja teria de realizar no decorrer dos tempos. Todo o conteúdo destina-se a confortar a igreja, avisá-la dos conflitos que teria de encontrar e prepará-la para a segunda vinda de seu Senhor, 1.7,8; 22.7,10,17,20. As sete séries que se descobrem na análise do livro são as seguintes:

1. Visão de Cristo glorificado no meio da sua igreja, seguida das sete mensagens dirigidas às sete igrejas da Ásia, 1.9 até cap. 3.22. O assunto principal consiste em instruir, admoestar e animar a igreja nas suas condições atuais.

2. Visão em que aparece Deus, presidindo aos destinos do universo, adorado por toda a criação; e em que se vê o Cordeiro de Deus, tendo em suas mãos o livro dos sete selos que encerra os decretos divinos, caps. 4 e 5, seguindo a abertura dos selos, em que aparecem as sete visões nas quais se revelam os propósitos divinos, desde a manifestação do Verbo da Vida até ao Juízo final, 6.1 até cap. 8.1. Entre o sexto e o sétimo selo, é introduzido um episódio que mostra a segurança do povo de Deus no meio das grandes calamidades que hão de vir sobre o mundo, cap. 7.

3. A visão das trombetas, 8.2 até cap. 11.19. Começa com o aparecimento de um anjo, oferecendo a Deus as orações dos santos, 8.2-6. Segue-se o toque das trombetas. Cada uma delas anuncia a destruição do mundo pecador, terminando ainda com o julgamento final. Entre a sexta e a sétima trombeta, é introduzido também um episódio, descrevendo a segurança da igreja, como testemunha de Jesus, 10.1 até 11.14. A idéia central parece uma resposta às orações dos santos pedindo vingança; Deus mostra-lhes a desolação que virá sobre todo o mundo, no qual a igreja tem de dar o seu testemunho.

4. A visão em que aparece a igreja na figura de uma mulher que dá à luz um filho, contra quem se lança o dragão, que é Satanás, e lhe faz guerra, cap. 12; seguida de uma visão de animais de que Satanás se serve como seus agentes, cap. 13; vem ainda a visão da igreja militante 14.1-5; e das conquistas do Evangelho de Cristo, 6-20. Bem pode ser chamada esta visão a do grande conflito entre a igreja e o mundo.

5. A visão dos sete cálices, contendo as últimas pragas, ou juízos de Deus, caps. 15 e 16. A visão inicial, 15, descreve o triunfo que os santos hão de alcançar, ao passo que os sete cálices representam as sete formas de juízos que hão de vir sobre o mundo dos ímpios, 16.

6. A visão da grande prostituta, Babilônia, cap. 17, e da vitória de Cristo sobre ela e sobre os inimigos a ela associados, terminando com o juízo final, cap. 18.1 até cap. 20.15. Entre a sexta e a sétima cena deste grande triunfo, aparece ainda um episódio, 20.1-10, descrevendo provavelmente a completa segurança e garantia espiritual do povo de Deus durante o período da prolongada batalha. Alguns doutores fazem que a divisão entre a sexta e a sétima série das visões se estenda até o cap. 19.11.

7. Visão da igreja ideal, a esposa de Cristo, ou a Nova Jerusalém, 21.1-8, e descrição de sua glória final, 21.9 até cap. 22.7.

Prevalece uma geral convicção, tanto entre os críticos como entre os que estudam a Bíblia por devoção, que o Apocalipse é livro cujo conteúdo revela unidade, facilmente reconhecida. A unidade de sua estrutura manifesta-se em toda a sua contextura, consistindo de sete grupos de sete episódios, e na semelhança de sua construção gramatical e uniformidade de linguagem.

O autor do livro era judeu-cristão, dotado de espírito observador, muito familiarizado com as lições do Antigo Testamento e com as formas literárias nele contidas, e de rara habilidade para moldar as profecias características de Daniel e Ezequiel de modo a descrever o conflito da igreja e sua glória final (Veja *Daniel* e *Ezequiel*).

João era o nome do autor do livro, 1.1,4,9; 22.8. Que era João, o apóstolo e discípulo amado de Jesus, afirma-o a tradição mais antiga, confirmada pelo testemunho de Justino Mártir, na metade do segundo século, por Melito e Ireneu da mesma época. É também confirmada pela comparação do livro com o evangelho que traz o seu nome e com a sua primeira epístola. Em todos os três livros existem doutrinas em comum e muitas peculiaridades de linguagem. Apesar disto, o Apocalipse foi escrito com menos uniformidade de linguagem do que o Evangelho e a sua Primeira Epístola, por causa, sem dúvida da natureza do assunto que obrigava o escritor a empregar expressões fora do comum, e também porque tinha de repetir e combinar as palavras dos antigos profetas. Alguns doutores, tanto antigos como modernos, como Dionísio de Alexandria A. D. 247-265, são de opinião que o Apocalipse e o Evangelho não foram escritos pela mesma pessoa. O exame de ambos, bem como a tradição unânime da igreja, não julgam necessária esta distinção quanto a autoria nem que exista conflito entre os dois escritos que ponham em dúvida a sua origem comum. Tem-se tentado provar que o Apocalipse se originou na mitologia dos babilônios, principalmente os caps. 12 e 13, e as passagens com eles relacionadas. A isto opomos as seguintes considerações: 1. Ignoram os advogados de tal opinião qual seja o sentido claro desses dois capítulos, que inquestionavelmente descrevem o conflito da igreja com o poder espiritual de Satanás, 12.3-17, em união com as forças do mundo, 13.1-10, e com a falsa profecia, que à semelhança de Elias, fazia até descer fogo do céu, e se aparentava ao cordeiro, 13.11-17. 2. Não tomaram na devida con-

sideração o simbolismo que a natureza oferece, fornecendo imagens aos poetas de todas as raças, que os habilita a produzir, sem depender uns dos outros. 3. Emprestam aos mitos de Babilônia pormenores que não encontram apoio nas descobertas arqueológicas. 4. Fecham os olhos para não verem que o autor tinha à mão abundante cópia de imagens nas Escrituras hebraicas, contidas em Gn cap. 3 e Dn cap. 7, e que em Jr 51.1-12 encontrava abundante colorido para pintar a cena descrita no cap. 17.

Com respeito à data do Apocalipse, existem duas opiniões. Segundo uns, deveria ter sido escrito, um ou dois anos, antes da queda de Jerusalém no ano 70, isto é, antes de rebentar a tremenda perseguição de Nero contra os cristãos. Assim sendo, é de presumir que os terrores produzidos pela tomada da cidade santa e as crueldades de Nero, tenham fornecido elementos à imaginação do vidente para as descrições do seu quadro. A maioria dos críticos racionalistas aceitam esta data para verem no Apocalipse apenas vaticínios humanos sugeridos pelas calamidades que afligiam a humanidade naqueles tempos. A opinião tradicional, pela voz de Ireneu, A. D. 175-200, diz que o Apocalipse foi escrito no fim do reinado de Domiciano, ano 96. Existem provas muito abundantes dando a prisão do apóstolo na ilha de Patmos, ordenada por Domiciano e seu regresso a Éfeso depois da morte daquele tirano. Não se deve supor que um testemunho tão unânime e pormenorizado como o que a tradição fornece não seja digno de fé. As condições em que se achavam as sete igrejas, igualmente, se acomodam mais com a segunda data do que com a primeira. O estilo não exige que o Apocalipse precedesse a data do evangelho e nem as razões em favor da primeira data satisfazem aos que acreditam na inspiração do livro. São inumeráveis as interpretações dadas ao Apocalipse, que se podem reduzir a quatro classes principais: 1. A interpretação pretérita, considerando a obra como descrevendo os fatos que se deram por ocasião de ser ela escrita. Esta opinião destrói o caráter profético do livro, e por isso é rejeitada. 2. A interpretação futurista, que vê no livro predições sobre acontecimentos ainda não realizados. Oferece ela uma dificuldade: é que toda a profecia, e particularmente esta, liga-se intimamente com a situação da igreja e do profeta a que ela foi dirigida. 3. Interpretação histórico-profética, que vê nas revelações o cenário dos acontecimentos sucessivos que se desdobram na história da igreja cristã. A dificuldade que se descobre neste modo de explicar o livro, é que poucos expositores podem concordar com os pormenores proféticos e com a exatidão de seu cumprimento, e que não levam em conta a feição contemporânea das sete séries das visões. 4. A interpretação simbólica e espiritual que considera as visões como figuras representativas de certas verdades, ou de certos princípios, destinados a ter lugar na história da igreja, com o fim de animar e confortar a igreja de Cristo até que ele volte cheio de glória para o julgamento final. Apesar de que nenhum dos expositores esteja convencido da exatidão de suas idéias referentes ao conjunto da Revelação, este último método de interpretação tem a vantagem de dirigir a atenção dos leitores para certas verdades de grande valor e importância, sob a forma de figuras, fazendo que o livro mais misterioso da Escritura seja praticamente proveitoso. — G. T. P.

APOCALIPSE II, *Descoberta, revelação.*

Nome que se dá ao último livro da Bíblia. Vide *Revelação.*

APÓCRIFO. Grego *apokrypha, escondido,* nome usado pelos escritores eclesiásticos para determinar, (1) assuntos secretos, ou misteriosos; (2) de origem ignorada, falsa ou espúria; (3) documentos não canônicos.

São tecnicamente considerados apócrifos os 16 livros, seguintes: 1, 2, de Esdras, Tobias, Judite, O Repouso de Ester, A Sabedoria de Salomão, O Eclesiástico, Baruque com a epístola de Jeremias, O Cântico dos três mancebos, A História de Suzana, Bel e o Dragão, A oração de Manassés, 1,2,3,4, livros dos Macabeus. Algumas vezes este número é reduzido a catorze livros, omitindo os livros 3 e 4 de Macabeus. Ao contrário dos livros do Antigo Testamento que são escritos em hebraico, excetuando alguns versículos em aramaico, as produções apócrifas são escritas em grego, menos Judite, Eclesiástico, os caps. 1-3 de Baruque até o v. 8 e 1º de Macabeus que foram originàriamente escritos em hebraico. A Igreja Judaica negava a inspiração deles e os próprios escritores de alguns dos referidos livros não pretendem ser inspirados (Prólogo ao Eclesiástico, 1 de Mac 4.46; 9.27; 2 Mac 2.23; 15.38). Não se encontram no cânon hebreu; nunca foram citados por Jesus, e nunca se encontram referências diretas a eles feitas pelos apóstolos. As igrejas primitivas permitiam a sua leitura como elemento de edificação e os recomendavam aos catecúmenos, porém os excluíam do cânon. Este proceder teve foros de autoridade durante a Idade Média e ainda hoje serve de regra a várias igrejas protestantes. A Igreja de Inglaterra, no sexto dos seus Trinta e nove Artigos, publicados em 1562, declara que os livros apócrifos podem ser lidos para exemplo da vida e norma de costumes, porém, não reconhece neles autoridade doutrinária.

A Confissão de Westminster de 1643 declara como matéria de fé, que, "os livros chamados apócrifos, não sendo de inspiração divina, não fazem parte do cânon da Escritura, e, portanto, não são de autoridade na Igreja de Deus, e que não têm mais valor do que quaisquer outros livros de humana produção." O Concílio de Trento, em sua sessão de 15 de abril de 1546, decretou que onze dos dezesseis livros apócrifos são canônicos, a saber: Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico, Baruque e os dois livros de Macabeus e acrescentando o Repouso de Ester ao respectivo livro canônico, incorporando a história de Suzana, a história dos Três Mancebos e a história de Bel e o Dragão, ao livro de Daniel. Este Concílio pronunciou anátema contra qualquer que contrariasse as suas decisões. Desde então para cá, a Igreja Católica adota esta crença. Os Livros Apócrifos foram introduzidos na versão inglesa por Coverdale em 1535 e publicados na versão do rei Tiago, mas começaram a ser omitidos em 1629. Ocupavam a parte final do Antigo Testamento. Este assunto foi motivo de séria controvérsia entre os anos 1821 e 1825 de que resultou a sua exclusão de todas as edições da Bíblia publicadas pela Sociedade Bíblica de Londres.

1. 1º Esdras é simplesmente a forma grega de Ezra, e o livro narra o declínio e a queda do reino de Judá desde o reinado de Josias até à destruição de Jerusalém; o cativeiro de Babilônia, a volta dos exilados e a parte que Esdras tomou na reorganização da política judaica. Em certos respeitos, amplia a narração bíblica, porém estas adições são de autoridade duvidosa. O historiador Josefo é o continuador de Esdras, A. D. 93 comp. 1 Ed 3.1 a 4.44, com Ant. 11. 3,2-8, etc. Ignora-se o tempo em que foi escrito e quem foi o seu autor.

2. 2º Esdras. Este livro tem estilo inteiramente diferente de 1º de Esdras. Não é propriamente uma história, mas sim um tratado religioso, muito no estilo dos profetas hebreus. O assunto central, compreendido nos caps. 3-14, tem como objetivo registar as sete revelações de Esdras em Babilônia, algumas das quais tomaram a forma de visões: a mulher que chorava, 9.38, até 10.56; a águia e o leão, 11.1 até 12.39; o homem que se ergueu do mar, 13.1-56. O autor destes capítulos é desconhecido, mas evidentemente era judeu pelo afeto que mostra a seu povo. (A palavra Jesus, que se encontra no cap. 7.28, não está nas versões orientais.) A visão da águia, que é expressamente baseada na profecia de Daniel (2 Esdras 12.11), parece referir-se ao Império Romano, e a data de 88 A.

D. até 117 A. D. é geralmente aceita. Data posterior ao ano 200 contraria as citações do v. 35 cap. 5 em grego por Clemente de Alexandria com o Prefácio: "Assim diz o profeta Esdras." Os primeiros dois e os últimos dois capítulos de 2 Esdras, 1 e 2, 15 e 16 são aumentos; não se encontram nas versões orientais, nem na maior parte dos manuscritos latinos. Pertencem a uma data posterior à tradução dos Setenta que já estava em circulação, porquanto os profetas menores já aparecem na ordem em que foram postos na versão grega, 2 Esdras, 1.39, 40. Os dois primeiros capítulos contêm abundantes reminiscências do Novo Testamento e justificam a rejeição de Israel e sua substituição pelos Gentios, 2 Esdras, 1.24,25,35-40; 2.10,11,34), e, portanto, foram escritos por um cristão, e, sem dúvida, por um judeu cristão.

3. Tobias. Este livro contém a narração da vida de certo Tobias de Neftali, homem piedoso, que tinha um filho de igual nome. O pai havia perdido a vista. O filho, tendo de ir a Rages na Média, para cobrar uma dívida, foi levado por um anjo a Ecbatana, onde fez um casamento romântico com uma viúva que, tendo-se casado sete vezes, ainda se conservava virgem. Os sete maridos haviam sido mortos por Asmodeu, o mau espírito nos dias de seu casamento. Tobias, porém, foi animado pelo anjo a tornar-se o oitavo marido da virgem-viúva, escapando à morte, com a queima de fígado de peixe, cuja fumaça afugentou o mau espírito. Voltando, curou a cegueira de seu pai esfregando-lhe os escurecidos olhos com o fel do peixe que já se tinha mostrado tão prodigioso. O livro de Tobias é manifestamente um conto moral e não uma história real. A data mais provável de sua publicação é 350 ou 250 a 200 A. C.

4. Judite. É a narrativa, com pretensões a história, do modo por que uma viúva judia, de temperamento masculino, se recomendou às boas graças de Holofernes, comandante-chefe do exército assírio, que sitiava Betúlia. Aproveitando-se de sua intimidade na tenda de Holofernes, tomou da espada e cortou-lhe a cabeça enquanto ele dormia. A narrativa está cheia de incorreções, de anacronismos e de absurdos geográficos. E mesmo para se duvidar que exista alguma cousa de verdade; talvez que o seu autor se tenha inspirado nas histórias de Jael e de Sísera, Jz 4.17-22. A primeira referência a este livro, encontra-se em uma epístola de Clemente de Roma, no fim do primeiro século. Porém o livro de Judite data de 175 a 100 A. C., isto é, 400 ou 600 anos depois dos fatos que pretende narrar. Dizer que naquele tempo Nabucodonosor reinava em Nínive em vez de Babilônia não parecia ser grande erro, se não fosse cometido por um contemporâneo do grande rei.

5. Os capítulos do livro de Ester, que não se acham nem no hebreu, nem no caldaico. O livro canônico de Ester termina com o décimo capítulo. A produção apócrifa acrescenta dez versículos a este capítulo e mais seis capítulos, 11-16. Na tradução dos Setenta, esta matéria suplementar é distribuída em sete porções pelo texto e não interrompe a história. Amplifica partes da narrativa da Escritura, sem fornecer novo fato de valor, e em alguns lugares contradiz a história como se contém no texto hebreu. A opinião geral é que o livro foi obra de um judeu egípcio que a escreveu no tempo de Ptolomeu. Filometer, 181-145 A. C.

6. Sabedoria de Salomão. Este livro é um tratado de Ética recomendando a sabedoria e a retidão, e condenando a iniqüidade e a idolatria. As passagens salientam o pecado e a loucura da adoração das imagens, lembram as passagens que sobre o mesmo assunto se encontram nos Salmos e em Isaías (comp. Sabedoria 13.11-19, com Salmos 95; 135.15-18 e Isaías 40.19-25; 44.9-20). É digno de nota que o autor deste livro, referindo-se a incidentes históricos para ilustrar a sua doutrina, limita-se aos fatos recordados no Pentateuco. Ele escreve em nome de Salomão; diz que foi escolhido por Deus para rei do seu povo, e foi por ele dirigido a construir um templo e um altar, sendo o templo feito conforme o modelo do tabernáculo. Era homem genial e piedoso, caracterizando-se pela sua crença na imortalidade. Viveu entre 150 e 50 ou 120 e 80, A. C. Nunca foi formalmente citado, nem mesmo a ele se referem os escritores do Novo Testamento, porém, tanto a linguagem, como as correntes de pensamento do seu livro, encontram paralelos no Novo Testamento (Sab. 5.18-20; Ef 6.14-17; Sab. 7.26, com Hb 1.2-6 e Sab. 14.13-31 com Rm 1.19-32).

7. Eclesiástico, também denominado Sabedoria de Jesus, filho de Siraque. É obra comparativamente grande, contendo 51 capítulos. No capítulo primeiro, 1-21, louva-se grandemente o sumo sacerdote Simão, filho de Onias, provavelmente o mesmo Simão que viveu entre 370-300, A. C. O livro deveria ter sido escrito entre 290 ou 280 A. C. em língua hebraica. O seu autor, Jesus, filho de Siraque de Jerusalém, Ec 1.27, era avô, ou, tomando a palavra em sentido mais lato, antecessor remoto do tradutor. A tradução foi feita no Egito no ano 38, quando Evergeto era rei. Há dois reis com este nome, Ptolomeu III, entre 247 a 222 A. C. e Ptolomeu Fiscom, 169 a 185 e 146 a 117 A. C. O grande assunto da obra é a sabedoria. É valioso tratado de Ética. Há lugares que fazem lembrar os livros de Provérbios, Eclesiastes e porções do livro de Jó, das escrituras canônicas, e do livro apócrifo, Sabedoria de Salomão. Nas citações deste livro, usa-se a abreviatura Eclus, para não confundir com Ec abreviatura de Eclesiastes.

8. Baruque, com a Epístola de Jeremias. Baruque era amigo de Jeremias. Os primeiros cinco capítulos do seu livro pertencem à sua autoria, enquanto que o sexto é intitulado "Epístola de Jeremias." Depois da introdução, descrevendo a origem da obra, Baruque 1.1, 14, abre-se o livro com três divisões, a saber: 1. Confissão dos pecados de Israel e orações, pedindo perdão a Deus, Baruque 1.15, até 3.8. Esta parte revela ter sido escrita em hebraico, como bem o indica a introdução, cap. 1.14. Foi escrita 300 anos A. C. 2. Exortação a Israel para voltar à fonte da Sabedoria, 3.9 até 4.4. 3. Animação e promessa de livramento, 4.5 até 5.9. Estas duas secções parece que foram escritas em grego, pela sua semelhança com a linguagem dos Setenta. Há dúvidas, quanto à semelhança entre o cap. 5 e o Salmo de Salomão, 9. Esta semelhança dá a entender que o cap. 5 foi baseado no salmo, e portanto, escrito depois do ano 70, A. D., ou então, que ambos os escritos são moldados pela versão dos Setenta. A epístola de Jeremias exorta os judeus no exílio a evitarem a idolatria de Babilônia. Foi escrita 100 anos A. C.

9. O Cântico dos Três Mancebos. Esta produção foi destinada a ser intercalada no livro canônico de Daniel, entre caps. 3.23,24. É desconhecido o seu autor e ignorada a data de sua composição. Comp. os versículos 35-68 com o Salmo 148.

10. A História de Suzana. É também um acréscimo ao livro de Daniel, em que o seu autor mostra como o profeta, habilmente descobriu uma falsa acusação contra Suzana, mulher piedosa e casta. Ignora-se a data em que foi escrita e o nome de seu autor.

11. Bel e o Dragão. Outra história introduzida no livro canônico de Daniel. O profeta mostra o modo por que os sacerdotes de Bel e suas famílias comiam as viandas oferecidas ao ídolo; e mata o dragão. Por este motivo, o profeta é lançado pela segunda vez na caverna dos leões. Ignora-se a data em que foi escrita e o nome do autor.

12. A Oração de Manasses, rei de Judá quando esteve cativo em Babilônia. Comp. 2 Cr 33.12,13. Autor desconhecido. Data provável, 100 anos A. C.

13. Primeiro Livro dos Macabeus. É um tratado histórico de grande valor, em que se relatam os acontecimentos políticos e os atos de heroísmo da família levítica dos Macabeus durante a guerra da independência judaica, dois séculos A. C. (Vide *Antíoco* 2, e *Macabeus*.)

O autor é desconhecido, mas evidentemente é judeu da Palestina. Há duas opiniões quanto à data em que foi escrito; uma dá 120 a 106 A. C., outra, com melhores fundamentos, entre 105 e 64 A. C. Foi traduzido do hebraico para o grego.

14. SEGUNDO LIVRO DOS MACABEUS. É inquestionavelmente um epítome da grande obra de Jasom de Cirene; trata principalmente da história Judaica desde o reinado de Seleuco IV, até à morte de Nicanor, 175 e 161 A. C. É obra menos importante que o primeiro livro. O assunto é tratado com bastante fantasia em prejuízo de seu crédito, todavia, contém grande soma de verdade. O livro foi escrito depois do ano 125 A. C. e antes da tomada de Jerusalém, no ano 70, A. D.

15. TERCEIRO LIVRO DOS MACABEUS. Refere-se a acontecimentos anteriores à guerra da independência. O ponto central do livro é a pretensão de Ptolomeu Filopater IV, que em 217 A. C. tentou penetrar no Santo dos Santos, e a subseqüente perseguição contra os judeus de Alexandria. Foi escrito pouco antes, ou pouco depois da era cristã data de 39, ou 40 A. D.

16. QUARTO LIVRO DOS MACABEUS. É um tratado de moral advogando o império da vontade sobre as paixões e ilustrando a doutrina com exemplos tirados da história dos macabeus. Foi escrito depois do 2º Macabeus e antes da destruição de Jerusalém.

APOLIOM, *Destruidor.*

Anjo do abismo, Ap 9.11. Em grego é sinônimo de Abadom.

APOLO, Modificação de *Apolônio* ou *Apolodoro.*

Nome de um judeu de Alexandria, eloqüente, erudito e profundamente conhecedor do Antigo Testamento. Fez-se discípulo de João Batista e com muito zelo ensinava as doutrinas acerca do Messias, apesar de conhecer somente o batismo do arrependimento. Quando viajava pela Ásia Menor, em trabalho missionário, encontrou-se em Éfeso com Áqüila e Priscila que o levaram consigo e lhe declararam mais particularmente o caminho do Senhor. Os irmãos de Éfeso forneceram-lhe cartas de apresentação aos irmãos da Acaia. Chegando à Grécia, ajudou os cristãos, refutando publicamente os judeus, e mostrando pelas Escrituras que Jesus era o Cristo, At 18.24-28. Os discípulos que o apóstolo S. Paulo encontrou em Éfeso que somente conheciam o batismo de João, e ainda não tinham ouvido falar no Espírito Santo, eram provavelmente convertidos por Apolo, At 19.1-7.

A pregação de Apolo em Corinto levantou ali um partido na Igreja, 1 Co 1.12; 3.4,5,6,22; 4.6. S. Paulo tinha inteira confiança nele como se prova pelo modo por que o recomenda à Igreja, 16.12. Ele também ordenou a Tito que enviasse Apolo a Creta. É pensamento de alguns eruditos que a Epístola aos Hebreus foi escrita por Apolo.

APOLONIA, *Pertencente a Apolo.*

Cidade de Macedônia, por onde passou S. Paulo, na sua ida para Tessalônica. Era situada à beira da estrada Inácia e a trinta milhas romanas a oeste de Anfípolis, At 17.1.

APOLÔNIO, *Pertencente a Apolo.*

1. Nome de um oficial de Antíoco Epifânio, que foi enviado à Judéia para receber os tributos, e que traiçoeiramente ordenou um morticínio em Jerusalém, 1 Mac 1.29-32; 2 Mac 5.24-26, comp. 4.21. Foi governador de Samaria, Ant. 12.5,6, e derrotado e morto por Judas Macabeu. 1 Mac 3.10; Ant. 12.7,1.

2. Nome de um governador de Coelesíria a quem Demétrio II fez general do exército. Foi derrotado por Jônatas Macabeu na batalha de Asdode, 1 Mac 10.69-85. Fala dele Josefo como sendo partidário de Alexandre Balas, o que é pouco provável, Antig. 13.4,5,4.

APÓSTOLO, *Enviado, mensageiro, embaixador.*

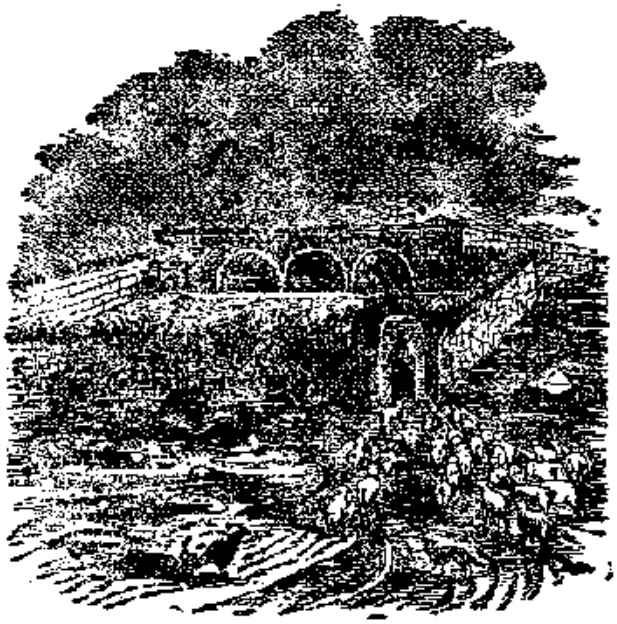
1. Nome dos homens escolhidos por Jesus para serem testemunhas de vista dos acontecimentos de sua vida, para vê-lo depois da sua ressurreição e dar testemunho dele à humanidade, Mt 10.2-42; At 1.21-22; 1 Co 9.1. Foram escolhidos sucessivamente, logo no princípio da vida pública do Salvador. Primeiro chamou a André e a seu irmão Simão Pedro, Mt 4.18-20; 10.2; Mc 1.16-18; Lc 6.14; Jo 1.35-42, depois chamou a Tiago e a João, filhos de Zebedeu, Mt 4.21,22; 10.2; Mc 1.19,20; Lc 6.14, em seguida Filipe e Natanael também chamado Bartolomeu, Jo 1.43-51, e subseqüentemente, os mais seis, a saber: Mateus, também chamado Levi, Mt 9.9-13; Mc 2.14-17; Lc 6.13-16; At 1.13. Os apóstolos eram tidos como homens iletrados pelas altas dignidades judaicas, que tiveram diante de si a Pedro e a João, At 4.13. Nenhum deles possuía grau elevado de cultura intelectual. Jesus deu grande atenção a seu preparo espiritual; ainda assim, até aos últimos dias, não tinham compreendido a missão de Cristo, acreditando que ele ia estabelecer um reino temporal, Mt 20.20-28; Mc 10.35-45; At 1.6, dormiam na hora de sua angústia no Jardim, Mt 26.40, e o abandonaram no momento de sua morte, Mt 26.56; Mc 14.50. Também eram chamados discípulos, Mt 11.1; 14.26; 20.17; Jo 20.2. Pedro, Tiago, filhos de Zebedeu, e João, possuíam compreensão mais clara das instruções do Mestre e o apreciavam melhor. Em três ocasiões diferentes se destacaram dos outros em privilégios especiais. Estes três entraram com Jesus no quarto, onde ressuscitou a filha de Jairo, Mc 5.37; Lc 8.51; estiveram presentes no ato da transfiguração de Cristo, Mt 17.1; Mc 9.2; Lc 9.28; e no Jardim do Getsêmani, durante a agonia do Redentor, Mt 26.37; Mc 14.33. Pedro, apesar de precipitado e impetuoso, nas suas palavras, era constitucionalmente o mais apto para líder. Geralmente, o seu nome figura em primeiro lugar, menos em Gálatas 2.9. João era o discípulo peculiarmente amado por Jesus, Jo 19.26; 20.2; 21.7, 20. Tomé era muito escrupuloso em matéria de fato, mas muito pronto a ceder à evidência. Judas deu provas de ser traidor, entregando o seu divino Mestre à morte por amor do lucro, suicidando-se, depois de um arrependimento tardio. As medidas tomadas para preencher o lugar vago no apostolado, indicam que o número dos apóstolos fixados originariamente em doze, devia ser conservado, pelo motivo, que este número correspondia ao número das doze tribos de Israel. Havia dois homens que possuíam as qualidades necessárias para serem eleitos, eram José, chamado Barsabás, que tinha por sobrenome o Justo, e Matias. A sorte caiu sobre este que foi eleito em lugar de Judas, At 1.15-26; comp. com o v. 20 e Salmo 109.8. A descida do Espírito Santo no dia de Pentecoste produziu transformação espiritual nos apóstolos, habilitando-os para a grande obra para a qual haviam sido chamados—a evangelização do mundo, At 2.1-47. A esta grande missão se dedicaram logo, tendo na primeira plana a Pedro e a João, At 3.1, até cap. 5.42; 9.32 até cap. 12.18. Tiago era muito zeloso e por isso provocou o ódio das autoridades judaicas a ponto de ser morto à espada, At 12.2. Paulo foi divinamente escolhido e chamado para a árdua tarefa de pregar o Evangelho aos gentios, At 9.1-31; 22.5-16; 26.1-20. Não andou com Jesus enquanto esteve na terra, mas alcançou as qualidades apostólicas por tê-lo visto depois da sua ressurreição. No caminho de Damasco, Jesus lhe apareceu e lhe falou, mudando os seus intentos de perseguidor em sentimentos de profunda dedicação a Cristo. Ele podia dizer, como disse em sua carta aos Coríntios: Não sou eu apóstolo? não vi eu a Nosso Senhor Jesus Cristo? 1 Co 9.1. Paulo era homem de grande cultura intelectual e apto para dirigir-se a auditórios, como os que havia em Roma e na Grécia. Seus grandes dotes não o desviaram da carreira a que se votou. Seus trabalhos eram tão abundantes que o seu registo enchem quase metade do livro dos Atos dos

Apóstolos. Onde os demais apóstolos trabalharam, como viveram e como morreram, só é conhecido, na maioria dos casos, pelo testemunho duvidoso da tradição. Fato, porém, de suma importância, é afirmado pela tradição, sobre bases bem firmes, é que nunca mais apareceu outro Judas entre eles: todos foram fiéis até à morte, e alguns, pelo menos, senão a maioria, selaram o seu testemunho de Jesus, com o sacrifício de seu próprio sangue.

2. A palavra apóstolo é aplicada, em sentido menos restrito em o Novo Testamento, a homens que possuíam dons apostólicos. Neste caso está, por exemplo, Barnabé que foi companheiro de Paulo, At 13.3; 14,4,14. Este nome também é aplicado a Jesus, em Hebreus 3.1.

APRISCO

Espaço fechado de muros, destinado a guardar as ovelhas, Jr 23.3; Ez 34.14, durante a noite. Os apriscos permanentes tinham porta de entrada, cp. Nm 32.16; Jo 10.1. Por cima dos muros punham galhos de espinhos. As ovelhas ficavam na área aberta ao ar livre. No tempo frio, abrigavam-se em telheiros baixos, construídos a um dos lados do aprisco. Era costume recolher mais de um rebanho em um só aprisco sob os cuidados de um



Aprisco

pastor que guardava a porta durante a noite. Pela manhã chegavam os vários pastores dos rebanhos e chamavam as suas ovelhas, que também conheciam o pastor e o seguiam, Jo 10.3,4. Nos lugares distanciados, improvisavam apriscos por meio de cercas de espinhos, dentro de cavernas e de outros meios naturais de proteção, onde ficavam os rebanhos sob a guarda dos pastores. Nos lugares expostos aos assaltos de ladrões e de tribos inimigas, construíam-se torres, em torno das quais as ovelhas pastavam e onde se recolhiam à noite, 2 Rs 17.9; 2 Cr 26. 10; Mq 4.8

AQUIA, ou AQUIAS, Vide AÍA. Significa *irmão de*, ou *um irmão é Jeová*.

1. Benjamita que ajudou Gera a transportar para Manaã, os habitantes de Gabaá, 1 Cr 8.6,7.

2. Nome de um homem de Judá descendente de Jerameel, 1 Cr 2.25.

3. Nome de um filho de Aquitobe, e bisneto do pontífice Heli. Uma ocasião no reinado de Saul, preencheu as funções de Sumo pontífice em Gabaá, 1 Sm 14.3-18. Era irmão mais velho de Aquimeleque, segundo uns, e segundo outros o mesmo Aquimeleque com o nome de Aquia.

4. Nome de um filho de Feiôni e um dos valentes que ajudaram a Davi a subir ao trono de Israel, 1 Cr 11.36.

5. Nome de um levita, guarda dos tesouros da casa de Deus e dos vasos sagrados, durante o reinado de Davi, 1 Cr 26.20.

6. Nome de um dos secretários de Salomão 1 Rs 4.3.

7. Nome de um profeta de Silo. Encontrando-se com Jeroboão, rasgou a capa em doze partes, das quais lhe deu dez, como sinal de que Jeroboão reinaria sobre dez das tribos de Israel, 1 Rs 11.29-39. Depois de se tornar rei, ficando doente seu filho Abia, Jeroboão enviou a rainha sua mulher, disfarçada em trajes diferentes, a consultar o profeta já velho e fraco da vista, o qual, apesar do disfarce, a reconheceu. Em resposta, o profeta predisse a morte do menino assim que ela pusesse os pés no limiar da porta da cidade. As suas profecias foram reduzidas a escrito, 2 Cr 9.29.

8. Nome do pai de Baasa, rei de Israel, 1 Rs 15.27,33.

9. Nome de um dos chefes do povo que assinou o pacto de guardar a lei de Deus, Ne 10.26.

AQUILA, *Águia*.

Nome de um judeu natural do Ponto, que, juntamente com sua mulher Priscila, morou por algum tempo em Roma, donde foi obrigado a sair quando o imperador Cláudio expulsou de Roma todos os judeus, que ali habitavam. Mudou-se para Corinto, onde exercia o ofício de fabricar tendas de campanha. Paulo, que também era do mesmo ofício, hospedou-se com ele, At 18.1-3. Áqüila e Priscila foram companheiros de Paulo na sua viagem de Corinto para Éfeso, quando se dirigia para a Síria, At 18.18,19. Na primeira epístola aos Coríntios, aparecem os nomes de Priscila e Aqüila, juntamente com o de Paulo, enviando saudações à Igreja de Corinto, vindas da Ásia, com certeza, de Éfeso, 1 Co 16.19. Em Éfeso encontraram-se com Apolo a quem instruíram mais particularmente nos caminhos do Senhor, At 18.26. Depois disto, parece que voltaram para Roma, porque Paulo lhes enviou saudações em sua carta dirigida à Igreja de Roma, Rm 16.3.

Porém, eles deveriam ter deixado Roma outra vez, porque na segunda epístola a Timóteo, escrita de Roma, envia-lhes novas saudações, 2 Tm 4.19.

AQUIM, no hebraico é *Jakim*, significa *Jeová estabelecerá*.

Ancestral de Jesus pelo lado de José, Mt 1.14.

AQUIMELEQUE, AIMELEQUE, *Irmão de um rei*.

1. Filho de Aquitobe e Sumo Sacerdote em Nobe. Quando Davi fugia da presença de Saul, esteve em Nobe onde, apertado pela fome e pretextando estar ao serviço do rei, recebeu de Aquimeleque os pães da Proposição o que só aos sacerdotes era permitido. Também recebeu a espada que pertenceu a Golias, 1 Sm 21.1-9; em Mc 2.26, este fato se dá no tempo de Abiatar, filho de Abimeleque. O edomita Doegue referiu a Saul o ato de Aquimeleque. Saul, interpretando-o como prova de traição, mandou que fosse morto Aquimeleque e os demais sacerdotes. Só Abiatar filho de Aquimeleque escapou à matança, 1 Sm 21.7; 22.7-23. Título do Salmo, 51.

2. Filho de Abiatar que escapou da matança em Nobe, neto de Aimeleque, filho de Aitube. Foi um dos dois sumos sacerdotes no reinado de Davi, 2 Sm 8:17; 1 Cr 24.3,6,31. Em 1 Cr 18.16. está escrito Aimeleque, talvez por engano de cópia.

3. Nome de um heteu, companheiro de Davi 1 Sm 26.6.

AQUIMOTE, AIMOTE, *Irmão da morte*.

Nome de um levita filho de Elcana, 1 Cr 6.25.

AQUINOÁ, AINOÁ, *Irmão gracioso.*

1. Nome de uma das mulheres de Saul, filha de Aquimaás, 1 Sm 14.50.

2. Uma das mulheres de Davi, natural de Jezrael, 1 Sm 25.43; 27.3. Foi prisioneira dos amalecitas em Ziclague. Era mãe de Amnom, primogênito de Davi, 2 Sm 3.2.

AQUIS (Nome Filisteu de significação ignorada.)

Nome do filho de Maoque rei de Gate, que por duas vezes acolheu a Davi quando este fugia da presença de Saul, 1 Sm 21.10-15; 27.1-12; 28.1,2; 29.1-11. É com certeza o mesmo Aquis que reinava em Gate, no começo do reinado de Salomão; este consta ser filho de Maaque, nome que é radicalmente idêntico ao de Maoque, pai de Aquis, amigo de Davi. Esta suposição exige para Aquis um reinado de cerca de cinqüenta anos, o que, aliás, não é extraordinário, pois o mesmo se deu com Ozias e Manassés. Aquis sobreviveu a Davi, pelo menos três anos, 1 Rs 2.39. No Salmo 33 de Figueiredo e 34 de Almeida é chamado Abimeleque, nome este que parece designar, não o nome da pessoa, mas sim um cargo oficial como os reis do Egito se chamavam Faraós.

AQUISAMEQUE, AISAMAQUE, *Irmão auxiliador.*

Nome do pai de Ooliabe da tribo de Dã, Ex 31.6.

AQUITOBE, AITUBE, *Filho de benevolência.*

1. Filho de Finéias e neto de Eli, 1 Sm 14.3, e pai do sacerdote Aquimeleque, 22.9.

2. Filho de Amarias e pai de Sadoque, sacerdote, 2 Sm 8.17; 1 Cr 6.7,8.

3. Nome de outro sacerdote da mesma família, filho de outro Amarias e avô de outro Sadoque também sacerdote, 1 Cr 6.11,12; Ne 11.11.

AQUITOFEL, *Irmão de loucura.*

Nome de um dos conselheiros de Davi, residente em Gilo, ao sudoeste de Judá, 2 Sm 15.12, pai de um dos valentes de Davi, 23.34 e, talvez, avô de Bate-Seba, 11.13; 23.34. Os conselhos deste homem eram considerados como oráculos de um Deus, 2 Sm 16.23. A' par da sabedoria de seus conselhos revelou caráter indigno de confiança. Absalão serviu-se dele como instrumento de traição contra Davi, tomando parte saliente na conspiração em Jerusalém. Por seu lado, Davi serviu-se de Cusai para transtornar os conselhos de Aquitofel, de que resultou a derrota de Absalão e conseqüente suicídio de Aquitofel, 2 Sm 15.12,31-34; 16.15; 17.23.

Pela sua traição e pelo suicídio, Aquitofel é o Judas do Antigo Testamento.

AR. Cidade.

Nome de uma das principais cidades de Moabe, denominada Ar de Moabe, Is 15.1. Era situada no extremo norte de Moabe, Nm 21.15; Dt 2.18, no centro do vale do Arnom, Nm 22.36; Dt 2.36; Js 13.9. Os gregos ligavam este nome com Ares, deus da guerra, que era o mesmo Marte, dos romanos, e davam à cidade o nome de Areópolis, cidade de Marte. Os judeus e outros povos, nos primeiros séculos do Cristianismo, denominavam-na Rabá Moabe, ou simplesmente, Rabá, isto é, capital de Moabe. Foi destruída por um terremoto em 342 A. C., e seu antigo nome de Areópolis, transferido para outra Rabá, distante cerca de 19 quilômetros ao sul do *plateau*.

ARA

Nome de um homem da tribo de Aser, 1 Cr 7.38.

ARÁ, *Caminheiro.*

1. Nome do fundador de uma família, cujos membros voltaram de Babilônia com Zorobabel, Ed 2.5; Ne 7.10.

2. Nome de um homem da tribo de Aser, 1 Cr 7.39.

ARÃ, *Bode montês.*

Nome de um descendente de Disã, ramo da tribo dos horitas, Gn 36.28; 1 Cr 1.42.

1. Nome de uma pessoa, ou de uma coletividade de descendentes de Sem, que habitou a região conhecida por este nome, Gn 10.22,23; 1 Cr 1.17.

2. Nome de uma planície, ocupada pelos sírios, estendendo-se desde as montanhas do Líbano até além do Eufrates, e desde o rio Sagur ao norte, até Damasco ao sul. O profeta Amós fala dos sírios como habitadores entre Damasco e Bete-Éden, em outras palavras, desde o Líbano ao sudoeste, até o monte Masius a nordeste. Há vários distritos distintos, Am 1.5, a saber:

(1) ARÃ-NAARAIM, i. e, Arã dos dois rios, com referência, ou ao Eufrates e ao Tigre, ou mais provavelmente, ao Eufrates e ao Cabur. Acredita-se que foi nesta região que estava situada Padã-Arã, se fôr certo que Padã ocupava o lugar, perto de Harã, chamado Tel Fadã, Gn 28.5; 24.10,47. Este é o Arã onde os patriarcas habitaram antes de sair para Canaã, onde estavam as cidades de Harã e Nisibis e, onde mais tarde, esteve Edessa, centro notável de cultura síria — a Arã "dalém do rio" de que falavam os hebreus, 2 Sm 10.16.

(2) ARÃ-DAMASCUS. Os hebreus, durante o período de seu reino, encontraram sírios em Damasco, 2 Sm 8.5; 1 Rs 15.18, que veio a ser, eventualmente, o centro da influência síria a oeste do Eufrates, e provocavam intermitentes contendas com os israelitas do norte, enquanto durou o reino, separado de Judá.

(3) ARÃ-ZOBÁ. Nos dias de Saul, Davi e Salomão, outro reino poderoso floresceu a oeste do Eufrates, a saber, o reino de Zobá, 1 Sm 14.47; 2 Sm 8.3, denominado pelos escritores hebreus, Arã-Zobá, Síros de Zobá (V. E.) e Síros de Soba (Fig.), 2 Sm 10.6. Seus domínios estenderam-se até aos limites de Hemá ao noroeste, 1 Cr 18.3; 2 Sm 8.10. Damasco ao sul, ou sudoeste, Berotai, entre Hemá e Damasco, Ez 47.16. Durante este período florescente, exerceu sua influência, tanto no Eufrates a oriente, como no Haurã ao sul.

(4) ARÃ-MAA-CÁ estava ao oriente do Jordão, dentro dos limites de Israel, protegido pelo monte Hermom, Js 12.5; 13.11. Pela descrição que temos de Abel, pertencente à tribo de Naftali como Abel — Bete — Maaca (nas suas vizinhanças) podemos inferir que Maaca se estendia até ao oeste do Jordão.

(5) GESSUR, em Arã, era um pequeno reino perto de Maaca também ao oriente do Jordão, perto de monte Hermom e dentro do território de Manassés. Dt 3.14; 2 Sm 15.8.

(6) ARÃ-BETE-REOB, 2 Sm 10.6. Locação incerta. Se for identificada com o lugar mencionado em Nm 13.21 e Jz 18.28, devia estar perto de Maaca e Dã.

3. Nome de um dos descendentes de Aser, 1 Cr 7.34.

4. Forma grega de Rã, pai de Aminadabe Mt 1.3; Lc 3.33. Vide *Aram*.

ARABÁ ver PLANÍCIE

ARABE, *Emboscada.*

Nome de uma aldeia na região serrana da tribo de Judá, Js 15.52. Comp. Arbite.

ÁRABE

Nome que designa um indivíduo pertencente a esta raça, ou natural e habitante da Arábia, 2 Cr 17.11.

ARÁBIA (Forma grega da palavra árabe *Arab* que quer dizer, *Região árida*).

Na geografia moderna, dá-se este nome a uma das três grandes peninsulas ocidentais do sul da Ásia. É limitada, ao oriente pelo golfo Pérsico e pelo golfo de Omã, ao sul, pelo Oceano Índico, e ao ocidente, pelo Mar Vermelho. O lado do norte abre-

-se em forma triangular e passa insensivelmente para o deserto da Síria. Tem 27.775 quilômetros, de norte a sul, e 1.480 kms na sua maior largura, de este a oeste, com uma área de 2.107.150 kms². É formada por elevado platô ou tabuleiro, que se chama *Nedi*, e se eleva para os lados do sul e oeste, perto da costa, deslizando-se para o deserto da Síria. Está separada da costa por uma região baixa e arenosa, cuja parte ocidental tem o nome de *Hejaz;* ao sudoeste e ao sul, o *Yemen* e ao oriente o *Omã*, *Heir* e *Bahrein*. A Arábia atravessa a enorme região do deserto que começa perto do Oceano Atlântico com o Saara, estendendo-se pela Tartária chinesa, até quase o Oceano Pacífico. A Arábia é, pois, grande deserto. Os he-

Beduino árabe

breus denominavam **árabes**, os habitantes da parte deserta, mesmo a que se aproximava de Babilônia e da Etiópia, Jr 3.2, para distingui-los das tribos estabelecidas naquela região, Is 13.20; 2 Cr 21.16; Jr 25.24; Ez 27.21. Eventualmente, a palavra Arábia se emprega para representar a península inteira, At 2.11; Gl 1.17; 4.25; comp. 2 Cr 9.14. Ptolomeu, geógrafo de Alexandria, que escreveu no segundo século da era cristã, dividiu a região em três partes: **Arábia Félix** (feliz, ou fértil), Arábia Pétrea (pedregosa) e Arábia Deserta. A Arábia Pétrea, tendo por capital Petra, era o distrito entre o Mar Vermelho e o Mar Morto; e a Arábia Deserta, o ângulo que se projeta para os limites do norte, chamado deserto da Síria. Os rios que nela correm são poucos e nenhum deles é navegável. A sua geologia é pouco conhecida, mas tem-se encontrado ouro e algumas pedras preciosas. A sua flora fornece abundantes plantas aromáticas, algumas das quais produzem valiosas especiarias. Entre as aves destacam-se as abestruzes; e entre os quadrúpedes, o camelo, o cavalo árabe e o asno montês. A península foi ocupada pelos semitas, Gn 10.26-29; 25.2-4; 13-15, e parcialmente pelos filhos de Cão, bem caracterizados pelos seus traços fisionômicos e linguagem peculiar, Gn 10. 6, 7. Durante a estada dos israelitas no Egito, existia ao sul da Arábia um elemento civilizador, o reino dos Minos, cuja capital era Maim, a 55 quilômetros e meio ao norte de Mariaba. Os nomes dos seus trinta e seis reis foram descobertos. Conheciam o alfabeto semítico de que faziam uso. O reino dos Minos foi absorvido pelos sabeus, cujo reino é conhecido nas Escrituras pelo nome de Sabá. As tribos árabes se relacionavam freqüentemente com os hebreus, Gn 37.29,36; Jz caps. 6-8. Salomão negociou com elas ouro, prata e especiarias, 2 Cr 9.14. Josafá recebeu tributos em gados e ovelhas, 2 Cr 17.11. No reinado de Jorão, os árabes, com outros salteadores, saquearam Jerusalém, 2 Cr 21.16. O rei Ozias expulsou-os do país, 2 Cr 26.7. Isaías e Jeremias vaticinaram contra a raça árabe, Is 21.13-17; Jr 25.24, e ambos estes profetas ilustravam a sua linguagem poética com o nome do arábio nômade, Is 13.20; Jr 3.2. Os árabes se alugaram aos sírios para combaterem contra Judas Macabeu, 1 Mac 5.39. Entre as multidões que enchiam a cidade de Jerusalém no dia de Pentecostes encontram-se representantes desta raça, At 2.11. S. Paulo demorou-se na Arábia, antes de iniciar a sua missão apostólica, Gl 1.17. A escassez de água, a coragem indômita dos árabes e a sua vida nômade têm obstado a que a força dos mais poderosos impérios da antiguidade, conseguisse a conquista da península e o domínio de seus habitadores. O Cristianismo e o Judaísmo deitaram suas raízes na Arábia. No século sétimo da era cristã, apareceu Maomé, cuja doutrina dominou em toda a península até à sua morte em 632. Um século mais adiante, os sarracenos irromperam dali, ameaçando a civilização de todo o mundo cristão e a sua fé.

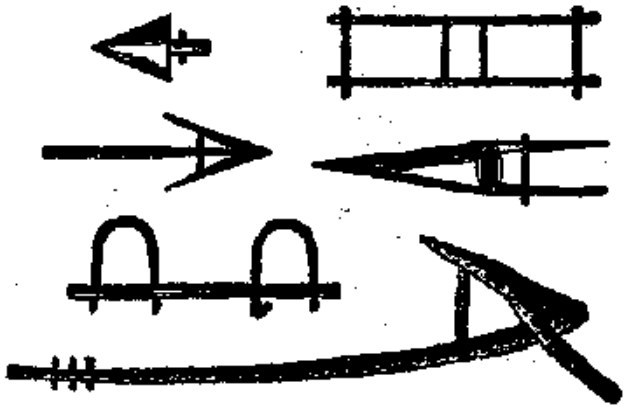
ARADO

Instrumento de lavoura. O arado da Palestina

Egípcios arando e semeando

era de tipo muito rudimentar; consistia em uma trave ou galho de árvore, guarnecido por um jugo em uma extremidade, e na outra por uma relha segura a uma chapa de ferro, Is 2.4, tirado por uma junta de bois e guiado pela mão do lavrador, Jz 14.18; Jó 1.14; Eclus 38.25-26; Lc 9.62. Pouco mais que arranhar a terra se poderia fazer com um aparelho tão simples; e por isso, o trabalho

de arar a terra, devia ser repetido sempre e sempre. Quando Elias encontrou a Eliseu a lavrar com doze juntas de bois, é provável que o fizesse com doze arados, cada um dêles com dois bois, diri-



Arados, relhas e juges orientais

gidos por doze homens, sendo Eliseu o último dos doze, 1 Rs 19.19,20.

ARAMAICO

Idioma semítico, falado em Arã, e que se escrevia com o mesmo alfabeto hebreu, diferindo da linguagem hebraica, principalmente no sistema de vocalização e na estrutura de algumas formas gramaticais. Antes de se descobrir que a língua vernácula de Babilônia era assíria, o aramaico era incorretamente chamado caldaico, termo êste ainda em voga. O aramaico era usado por Labão, Gn 31.47. Encontram-se vestígios do aramaico nos nomes próprios Tabrimom, Hazael, 1 Rs 15.18; 19.15, e Mari, e nas inscrições do tempo de Salmanasar e de Sargom pelas quais se vê que era a linguagem usada pelos negociantes em Nínive, pela diplomacia e pelo comércio externo, 2 Rs 18.26. Nesta linguagem falou Jeremias contra os deuses falsos de Israel, Jr 10.11. Esdras e Daniel escreveram algumas porções de seus livros em aramaico; os judeus que voltaram do cativeiro, adotaram-na e no tempo de Cristo era usada familiarmente pelos judeus e pelas nações vizinhas.

As Escrituras do Antigo Testamento foram traduzidas para o aramaico. Onquelos, discípulo de Gamaliel, traduziu o Targum para esta língua, compreendendo a Lei e os Profetas, e foi a primeira obra dêste genero que passou do hebraico para o aramaico. O siríaco é dialeto desta língua.

ARANHA

Animal da classe dos aracnídeos, chamado em hebreu *akkabish*. A aranha constrói a sua teia, Jó 8.14; Is 59.5. Existem na Palestina cerca de 600 a 700 espécies de aranhas.

ARÃO

Nome de um homem da tribo de Judá, filho de Esrom e irmão de Jerameel, Rt 4.19; 1 Cr 2.9; Mt 1.3; Lc 3.33.

ARARÁ

Região montanhosa, ao norte da Síria, no alto tabuleiro central do Araxes. No tempo de Jeremias existia alí um reino, vizinho aos reinos de Mení e Asquenaz, Jr 51.27. Quando os filhos de Senaqueribe o mataram, fugiram para a terra de Ararát, que é na Armênia, 2 Rs 19.37; Is 37.38. Sôbre uma das montanhas de Ararát, que se ignora qual seja, parou a Arca de Noé, Gn 8.4. As inscrições cuneiformes da Assíria, que registam a história do dilúvio, falam de certa montanha perto da região de Ortu ao noroeste de Babilônia. Talvez que o nome Ararát (Urartu) tenha sido confundido com Urtu. A tradição refere-se a várias montanhas como sendo o lugar onde repousou a arca. Atualmente, dá-se o nome Ararát a majestosa montanha, que se eleva entre o Mar Negro e o Mar Cáspio, pouco distante dos limites da Rússia com a Turquia. Tem dois picos, um mais alto do que o outro. O mais elevado tem 5.695 metros sobre o nível do mar, mais 3.300 metros acima do tabuleiro, em que se acha, e 990 metros acima da linha das neves perpétuas.

A subida é tão difícil e trabalhosa que os turcos a denominam *Aghri Dag*, ou montanha dos sofrimentos. Por muito tempo se julgou inacessível, porém, afinal, foi galgada em 1829 por Parrot, e em 1850, pelo coronel Khoelzko e seus sessenta auxiliares, quando empenhados na medição trigonométrica da região Transcaucásia.

Ararát

ARATES ou ARIARATES

Nome do rei da Capadócia desde 162-131, A. C., cognominado Filopator, 1 Mac 15.22.

ARAÚNA

Nome de um jebuseu, dono de uma eira no monte Moriá. Davi comprou a eira e levantou nela um altar a Jeová a fim de fazer cessar a praga que afligia o povo, 2 Sm 24.18-25; 1 Cr 21.15-28. Neste lugar, foi levantado o Templo de Salomão, 2 Cr 3.1. Araúna chama-se Ornã em Crônicas, e Urná ou Ornã no texto hebreu de 2 Sm 24.16, e de outro modo diferente no v. 18. É difícil determinar qual era a forma original do nome, que parece ser estrangeiro.

ARBA, *quatro*.

Nome do maior homem entre os enacins ou anaquis. Foi êle quem deu o nome de Cariate-Arba à cidade que êle fundou, que depois se chamou Hebrom, Js 14.15; Jz 1.10.

ARBATA

Localidade perto de Galiléia, 1 Mac 5.23. A grafia dêste nome é muito vária nos manuscritos, e por isso é muito incerto determinar o verdadeiro lugar de sua antiga existência.

ARBATITA

Nome de um dos habitantes de Bete-Arabá, 2 Sm 23.31; 1 Cr 11.32.

ARBELA

Lugar, segundo Josefo, de bem conhecida cidade, dêste nome, em Galiléia, 1 Mac 9.20; Ant. 12.11, 1.

ARBITA

Nome de um morador de Arabe da região serrana de Judá, 2 Sm 23.35. Talvez uma variante do que se lê em 1 Cr 11.37.

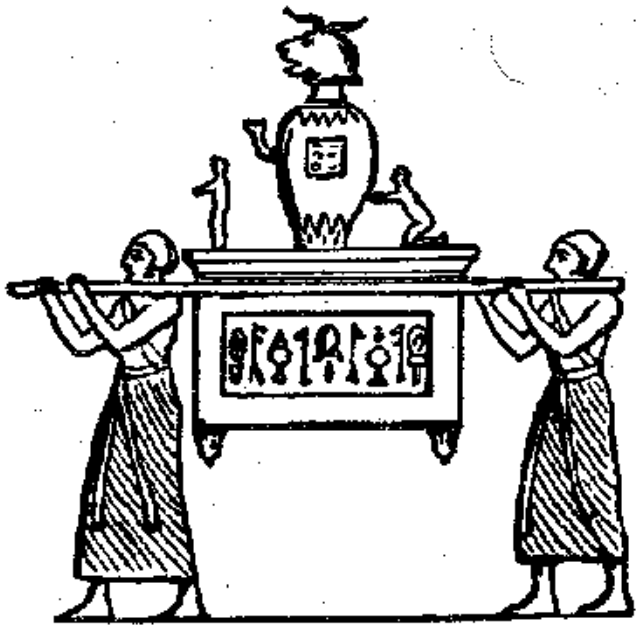
ÁRBITRO

Nome que se dá a alguém chamado a ser mediador ou árbitro entre duas pessoas, Jó 9.33.

ARCA

Arca, cofre, caixa, ou qualquer vaso de forma semelhante.

1. A arca de Noé foi uma embarcação, construída por ordem divina em a qual Noé se manteve em segurança, enquanto duraram as águas do dilúvio. Se o côvado, em medida que serviu de unidade à construção da arca, corresponde à nossa antiga unidade de 18 polegadas, então o comprimento devia ser de 148 metros e meio, e a largura de 24.75 com a altura de 14, 19. O *Great Eastern* tinha 222,42 de comprimento, 25,41 de largura e 19,14 de altura com a tonelagem de 22,500. Ignora-se qual fosse a madeira empregada na construção da arca. Para torná-la impermeável, foi betumada por dentro e por fora; possuia três compartimentos sobrepostos e uma porta de ingresso e egresso, e bem assim uma janela de 0,66 de alto. Uma cobertura servia de proteção contra a chuva e o sol, Gn 6.14 até cap. 8.19; Mt 24.38; Lc 17.27; Hb 11.7; 1 Pe 3.20. A arca era destinada à acomodação de Noé, de sua família e dos animais escolhidos para conservação das espécies.



Arca Sagrada dos Egípcios

O Dr. Howard Osgood, no Sunday School Times, de 6 de fevereiro de 1892, discute a questão se todas as espécies de animais classificados pelos naturalistas, podiam ser recolhidas na arca. O cálculo mais elevado do número das espécies dos mamíferos é de 290. Cada animal desta espécie é superior ao tamanho de uma ovelha; mais 757 espécies de animais de tamanho da ovelha; decrescendo até o tamanho de um rato, e 1359 espécies de ratos, morcegos e toupeiras. O volume médio de todas elas, regula o tamanho de um gato. Dando-se a área de 1,85m² quadrados espaço suficiente para um gato, duas de cada espécie de mamíferos poderiam acomodar-se em dois terços de um dos compartimentos da Arca com os seus 11.137,50 metros quadrados. Os representantes das 10.000 espécies de pássaros, 879 de réptels, 1252 de *Lacertilia*, e 100 mil de insetos, podiam facilmente ocupar o terço restante do compartimento, deixando os outros dois compartimentos para depósitos de alimentos.

2. A pequena arca em que foi depositado o infante Moisés, construída para seu livramento, quando lançado às águas do Nilo; era um cestinho feito de folhas e talos de papiro, ligados entre si com betume, Ex 2.3-6.

3. A Arca do Testamento, objeto central do Tabernáculo, era construída de pau de cetim, revestida de ouro por dentro e por fora. Tinha o comprimento de 2 cúbitos e meio correspondentes a 1 metro e 22 cent. 1 cúbito e meio de largo, ou 762 milímetros; com igual altura, guarnecida na parte superior com moldura de ouro em roda e quatro argolas também de ouro, duas de cada lado, por onde se metiam os varais de pau de cetim cobertos de ouro, para seu transporte. A cobertura da Arca era de puro ouro com as mesmas dimensões dela e chamava-se Propiciatório; sobre ele foram postos dois querubins de ouro, trabalhados a martelo, um em cada extremidade, os quais cobriam o Propiciatório com as asas estendidas, e as faces voltadas um para o outro. Simbolizavam estes querubins a presença de Jeová que, como rei de Israel, habitava no meio de seu povo, entre os querubins, donde fazia ouvir a sua voz e onde se encontrava com os representantes do povo. Ex 25.10 e seg 30.6; Nm 7.89; 1 Sm 4.4. Servia especialmente para guardar as tábuas da Lei, Ex 25.21; 31.18; Dt 10.3,5, ocupava o centro do Santo dos Santos, Ex 26.34. Posteriormente guardava também um vaso com o maná, e a vara de Arão, e a seu lado se conservou o Livro da Lei Ex 16.34; Nm 17.10; Dt 31.26; Hb 9.4. Nos tempos da confusão de Israel, somente existiam na Arca as duas tábuas da Lei, 1 Rs 8.9. A família dos coatitas foi encarregada de guardar a Arca, Nm 3.29-31; 4.4-15. Os sacerdotes, levitas da casa de Coate, eram os que a conduziam nas ocasiões especiais, Js 3.3; 6.6; 8.33; 2 Sm 15.24,29; 1 Rs 8.3. A marcha do povo, saindo do Sinai, era precedida pela Arca, Nm 10.33, que semelhante a um rei, no meio de seu exército, indicava o caminho a seguir. Os sacerdotes que a acompanhavam transmitiam as ordens de Jeová, Nm 10.5,6,8; Ex 32.1; Dt 3.28; 10.11; 31.3. Chegados que foram os israelitas ao Jordão, ali parou a Arca, até que todas as tribos passassem para o outro lado do rio, Js 4.9-11. Durante o cerco de Jericó, a Arca passou sete vezes em torno da cidade, antes da queda de seus muros, Js 6.1-20.

Depois da passagem do Jordão, a Arca esteve em Gálgala, donde passou a Silo, 1 Sm 3.3. No tempo de Heli, foi levada para o campo de batalha como talismã que desse aos israelitas a vitória contra seus inimigos, os filisteus, que a capturaram, 1 Sm 4. 1-22, devolvendo-a logo depois para o território dos hebreus, 1 Sm 5.1, até o cap. 6.11. Esteve sucessivamente em Betesames, cujos habitantes foram punidos por a terem visto, 6.12-20. Vide *Betesames*, em Queriate-Jearim, 7.1,2, e em Perez-Uzá, que quer dizer, O Castigo de Osa, nome de um dos condutores da Arca que a tocou, caindo morto a seu lado, 2 Sm 6.1-11; 1 Cr 13-1-14; comp. Nm 4.15,19,20. Deste lugar seguiu para Jerusalém, 2 Sm 6. 12-23, conduzida pelos sacerdotes e pelos levitas, Js 3.12; 4.9; 6.4,6; 2 Sm 15.24, 25, 29; 1 Cr 15.1-15. Neste lugar a puseram em um tabernáculo temporário, preparado por Davi, 2 Sm 6.17; 7.1,2; 1 Cr 16.1,4-6, 37-43. Finalmente, do tabernáculo passou para o Santo dos Santos no Templo de Salomão, 1 Rs 8.1-9. O rei Josias refere-se a ela em 2 Cr 35.3, porém em termos de significação obscura. Desapareceu por ocasião de ser destruída a cidade por Nabucodonosor e desde esse tempo, nunca mais se dá notícia dela.

Outros povos da antiguidade faziam uso de arcas sagradas, como sejam os gregos e os egípcios, para encerrarem os ídolos, para símbolo das divindades, ou para outros fins religiosos.

ARCO

Arma de guerra que servia para despedir as flexas, 2 Rs 6.22; 1 Cr 12.2. Fabricava-se com uma barra de madeira flexível ou de metal, 2 Sm 22.35; Jó 20.24, a cujas extremidades se prendia uma corda entesada, Sl 10.2. O arco era usado na mão esquerda, Ez 39.3, e servia para a caça e para a guerra, Gn 27.3; 48.22, entre as nações da antiguidade, 1 Sm 31.3; 1 Rs 22.34; Jr 46.9; 49.35. Os soldados amestrados nesta arma, chamavam-se arqueiros, dos quais havia muitos nas tribos de Rúben, Gade, na meia tribo de Manassés e Efraim e especialmente em Benjamim, 1 Cr 5.18; 2 Cr 14.8; Sl 78.9. O arco era conduzido pelos oficiais e pelos soldados, a pé, a cavalo e em carroças, 2 Rs 9.24. Os arqueiros leva-

vam também um pequeno escudo e uma espada, 1 Sm 18.4; 1 Cr 5.18; 2 Cr 14.8, que constituíam as armas ligeiras da guerra.

As setas eram feitas de canas ou de varas de madeira polida, conduzidas na aljava, Lm 3.13; Is 49.2; Ez 39.9, cujas pontas de ferro, cobre ou pedra, eram geralmente envenenadas, Jó 6.4.

ARCO-ÍRIS

Arco colorido que aparece na parte do céu oposta ao sol, consistindo em cores prismáticas e formado pela refracção e reflexão dos raios do sol passando pelas gotas da chuva ou pelo vapor; é de uma beleza encantadora, Ecclus. 43.11,12. Após o dilúvio, Deus serviu-se do arco-íris, já antes visto no firmamento, e fez dele o símbolo de sua promessa de não mais destruir o mundo por meio das águas, Gn 9.12-17. Veio a ser também o sinal da fidelidade de Deus no cumprimento de suas promessas misericordiosas para com os homens Ap 4.3.

Arqueiros em combate. Assíria

ARDE

Um dos filhos de Bela, neto de Benjamim, Gn 46.21; Nm 26.38,41. Este nome estende-se a uma família de Benjamim. A pessoa que tem o nome de Adar, em 1 Cr 8.3, é o mesmo Arde ou Arede, segundo parece. A variedade na forma é devida talvez a uma transposição de letras muito semelhantes no hebreu, ou a uma confusão das duas consoantes *d, r*. Esta confusão é muito freqüente, porém se reconhece facilmente. Vide *Daleth*.

ARDOM

Um dos membros da tribo de Judá, da família de Hesrom, da casa de Calebe, 1 Cr 2.18.

ARELI

Nome de um dos filhos de Gade fundador de uma família, Gn 46.16; Nm 26.17.

AREOPAGITA

Qualificativo que se dava aos juízes pertencentes à corte do Areópago, At 17.34.

AREÓPAGO, Monte de Ares.

1. Nome de um dos montes inferiores a oeste do Acrópole de Atenas, consagrado a Ares, deus da guerra. Era uma rocha calcárea, nua, na direção de noroeste para sudoeste, terminando abruptamente sobre o Acrópole, ou cidadela de Atenas. A extremidade de sudeste era bordada com vários altares, e sobreleva-se uns 16 a 20 metros acima do vale que a separa do Acrópole, que era um dos mais elevados, dos dois montes. Ares corresponde ao Marte dos romanos; Areópago, portanto, é o mesmo que Monte de Marte.

2. Nome da suprema corte de Atenas, que se reunia sobre o monte denominado Areópago para sentenciar causas. Este tribunal era formado por um corpo de cidadãos eminentes. Ainda se podem ver os lugares cortados na rocha, onde se assentavam os juízes e mais pessoas que tomavam parte nos julgamentos; e ao sudoeste, destaca-se a linha de degraus em direção ao mercado. Foi no lugar fronteiro ao Areópago que S. Paulo fêz a sua defesa e a do Cristianismo que ele representava. A feição peculiar de seu discurso bem mostra que ele se dirigia a um auditório composto do elemento mais intelectual da mais culta cidade do mundo. Durante o julgamento, o tribunal tomava assento na câmara, por cima do mercado, transferia-se depois para o Areópago, onde se lavrava a sentença. É de presumir que S. Paulo produziu a sua defesa na câmara do julgamento e não perante o Areópago (Curtius). Recentes estudos sobre Aristóteles, levam-nos à conclusão de que os casos de heresia não estavam pendentes deste tribunal (Manatt), e a narrativa do livro "Atos dos Apóstolos" milita contra a suposição de que o discurso de S. Paulo fosse uma defesa formal perante um tribunal judiciário (Conybeare e Howson). Conclui-se, pois, que o Apóstolo se dirigia a um auditório de filósofos que não constituíam corpo jurídico, At 17.18 e seg.

ARETAS, Forma grega do hebreu *Harthath*.

Os reis que dominavam na Arábia Pétrea, ocupada pelos árabes nabateus, usavam este nome — ARETAS.

1. Título de um contemporâneo do sumo sacerdote Jasom, pelo ano 170 A. C. (2 Mac 5.8).

2. Nome do sogro de Herodes Tetrarca. Quando este Herodes se dispôs a separar-se de sua mulher, filha do rei Aretas, a fim de casar-se com Herodias, este declarou-lhe guerra e totalmente lhe desbaratou o exército, no ano 36, A. D. Os romanos tomaram o partido de Herodes, enviando a Vitélio para castigar a Aretas, porém a morte do imperador Tibério veio a impedir a expedição (Antig. 18.5,1-3). Pelos anos 39 ou 40 A. D., durante o reinado de Calígula, ou talvez no ano 36, a cidade de Damasco esteve sob o governo de Aretas, 2 Co 11.32.

ARGOBE, *Monte de pedras*.

1. Nome de uma região de Basã, incluída nos domínios de Ogue, que se estendia para os lados de Gessuri e Macati. Continha sessenta cidades muradas, além de inumeráveis povoações que não tinham muros, tomadas por Jair, Dt 3.4,13,14; Js 13.30; 1 Rs 4.13. O Targum indica o distrito de Traconitis como lugar do antigo Argobe, porém esta região está muito para o oriente. Josefo identifica uma parte de Argobe com Gaulonitis, Ant. 8.2,3; e 1 Rs 4.13, que corresponde em parte à região entre o desfiladeiro de Galaade ao norte, e o *Leffah*.

2. Nome de um homem que foi assassinado juntamente com Pecaías, rei de Israel, por Peca, general de suas tropas, que aspirava ao trono, 2 Rs 15.25. Figueiredo dá o nome de Argobe, como sendo de um lugar e não da pessoa assassinada.

ARIDAI

Nome de um filho de Amã, Et 9.9.

ARIDATA

Nome de um dos filhos de Amã, Et 9.8.

ARIÉ, *Leão.*

Nome de um homem que foi assassinado juntamente com o rei Argobe e outros, por Peca, filho de Remalias, 2 Rs 15.25. Figueiredo dá Arié como o nome do lugar e não da pessoa que foi morta, como acontece com o nome de Argobe.

ARIEL[1], *Monte de Deus.*

Nome de uma parte do altar descrito por Ez 43.15.

ARIEL[2], *Leão de Deus.*

1. Nome de um moabita, 2 Sm 23.20.

2. Nome de Jerusalém, simbolizando a fôrça que possuía vinda de Deus, Is 29.1,2,7. Leve diferença na forma original da palavra daria o sentido de *fornalha do altar.*

3. Nome de um chefe judeu que estava com Esdras no rio Aava, Ed 8.16.

ARIMATÉIA, Modificação latina e grega da palavra *Ramah — altura.*

Nome da cidade onde morava o homem rico que foi pedir a Pilatos o corpo de Jesus para ser sepultado no seu jazigo novo, aberto em rocha, Mt 27.57-60; Mc 15.43; Lc 23.51-53; Jo 19.38. Arimatéia é a forma grega de *Ramah,* cujo local é ignorado. Alguns assinalam *Ramleh,* perto de Lida, porém este lugar está fora de toda discussão, porquanto só foi edificado no oitavo século da era cristã. Êste nome encontra-se em 1 Mac 11.34, comp. Ant. 13.4,9, como pertencente a Samaria naquele tempo.

ARIO

Rei de Esparta, 1 Mac 12.20; Ant. 13.5,8, talvez o primeiro rei deste nome que governou desde 309 a 265, A. C.

ARIOQUE, *Servo do deus lua.*

1. Nome de um rei de Elasar, confederado com Quedorlaomer, rei dos elamitas, para invadir o vale do Jordão, Gn 14.1,9. Nas inscrições babilônicas encontra-se o nome de um rei de Larsa, de nome Erlacu, filho de Cudurmabugue. Provavelmente o Larsa babilônico se refere a Elasar, capital do mesmo nome do reino, presentemente assinalado por montões de ruínas em Senquerá, pouco ao oriente de Ereque.

2. Nome do capitão das guardas de Nabucodonosor, rei de Babilônia, Dn 2.14,15, a quem competia executar as penas de morte, v. 24.

ARISAI

Nome de um dos filhos de Amã, Et 9.9.

ARISTARCO, *Que governa muito bem.*

Nome de um macedônio de Tessalônica que acompanhou S. Paulo a Éfeso, e que no tumulto que ali houve, foi arrebatado pela multidão, At 29.29. Quando S. Paulo voltou da Grécia, Aristarco foi com ele de Trôade para a Ásia, At 20.4, 6, e subseqüentemente o acompanhou em viagem para Roma, e com êle esteve nas prisões, At, 27.2; Fm 24; Cl 4.19.

ARISTÓBULO, *O melhor conselho.*

1. Nome de um célebre filósofo judeu de Alexandria, 2 Mac 1.10.

2. Nome de um cristão a quem Paulo enviou saudações em Roma, Rm 16.10.

ARMADURA

Cobertura que usavam os guerreiros para se protegerem contra as armas ofensivas, Ef 6.11. Consistiam em: *Escudos,* usados por todas as nações da antiguidade. Os israelitas tinham duas espécies de escudos, um maior e outro menor, 1 Rs 10.16,17. Os maiores serviam para os lanceiros, 1 Cr 12.8,24,34; 2 Cr 14.8; os menores, para os besteiros, 1 Cr 5.18; 2 Cr 14.8. Havia-os de várias formas, redondos, ovais e oblongos. Eram feitos de couro grosso ou de madeira coberta de couro, Ez 39.9, untados de azeite, para se conservarem lustrosos e flexíveis e resistirem à umidade, Is 21.5. Algumas vêzes eram cobertos com um revestimento de bronze, ou mesmo feitos inteiramente de bronze, Ant. 13.12, 5; 1 Rs 14.27, e até mesmo feitos de ouro batido, 1 Rs 10.17; 2 Cr 9.16; 1 Mac 6.2,39. Os escudos de bronze tinham de 60 a 90 centímetros de diâmetro. Às vêzes os guerreiros levavam um escudeiro que os acompanhava na guerra, 1 Sm 17.2. *Elmo,* ou capacete, fabricado de couro e outras vêzes de ferro ou de bronze, 1 Mac 6.35, usados pelos egípcios, filisteus, assírios, babilônios e persas, 1 Sm 17.5; Jr 46.4; Ez 23.23,24; 27.10. Os elmos de bronze eram ocasionalmente usados pelos israelitas e filisteus no tempo de Saul, 1 Sm 17.5,38. O rei Ozias equipou as suas tropas com escudos e capacetes e couraças, 2 Cr 26.14. *A couraça,* ou cota de malha, cobria o peito, as costas e os ombros. Era fabricada de couro, algodão acolchoado, linho, bronze, ferro e até de ouro, Heród. 3.47; 1 Sm 17.5; Ap 9.9; 1 Mac 6.2. Havia articulações entre ela e as outras peças da armadura, 1 Rs 22.34. Armaduras com escamas e de cadeias eram usadas por Golias e pelos soldados de Antíoco Eupater, 1 Sm 17.5; 1 Mac 6.35. *Grevas,* ou botas de cobre, feitas de chapas finas de metal para proteger as pernas abaixo dos joelhos, 1 Sm 17.6.

ARMAGEDOM, *Montanha de Magedo.*

Nome que se dá a um campo de batalha profético, onde os reis de toda a terra se reunirão para uma batalha no grande dia do Deus Todo-poderoso, Ap 16.16. Este nome é uma evidente referência à sanguinolenta batalha travada perto da cidade de Magedo, em que foram derrotados Sísera e os cananeus, e a outra batalha, entre Acazias, rei de Judá e Jeú, rei de Israel, em que Acazias perdeu a vida, 2 Rs 9.27. Finalmente, uma terceira batalha, em que o rei Josias foi morto, quando saiu de encontro a Faraó Neco, rei do Egito, 2 Rs 23.29; Zc 12.11. A associação histórica com as sangrentas batalhas de Magedo, levaram o profeta evangelista a empregar um nome apropriado a descrever as futuras dores e o futuro triunfo do povo de Deus.

ARMÊNIA ver ARARÁ

ARMONI, *Pertencente ao palácio.*

Um dos filhos de Saul com a sua concubina Rispa, que foi entregue por Davi aos gabeonitas para ser morto por vingança à casa de Saul, 2 Sm 21.8-12.

ARNÃ, *Ágil.*

Nome de um fundador de uma família presumível da linhagem de Davi, 1 Cr 3.21.

ARNI

Rão, pai de Aminadabe Lc 3.33; comp. Rt 4.19. O nome hebreu Rão aparece geralmente na tradução grega do Antigo Testamento, como Apá ou *Appan;* e Apnei que se encontra em importantes textos de S. Lucas. Pode ser uma simples corrupção do texto. Vide *Arão, 4.*

ARNOM, *Que corre rápido.*

Nome de um rio que antigamente servia de linha divisória entre o país dos amorreus ao norte, e o dos moabitas ao sul, Nm 21. 13, 26, e mais tarde, entre a tribo de Rúben, ao norte, e Moabe, outra vez ao sul, Dt 3.8,16; Js 13.16. Dava passagem por diversos vaus, Is 16.2. O seu leito, em profundo vale, é o mesmo por onde corre o *Wady Môjib,* formado pela junção de três tributários menores, e desemboca no Mar Morto. Suas margens são ornadas de loureiros, a vegetação de suas ribas é exuberante e suas águas povoadas de numerosos peixes.

ARODI

Nome de um dos filhos de Gade, e fundador de uma família, Gn 46.16; Nm 26.17.

AROER, Nu, nudez, ou bosque de juníperos.

1. Nome de uma cidade, situada às margens do rio Arnom. Era ponto sul do reino dos amorreus, quando governado por Seom, e mais tarde, passou à tribo de Rúben, Dt 2.36; 3.12; Js 12.2; 13.16; Jz 11.26,33. Foi tomada por Mesa, rei de Moabe (vide Pedra Moabita 26) e por Azael, rei da Síria, 2 Rs 10.33; 1 Cr 5.8. No tempo de Jeremias, pertencia a Moabe, Jr 48.19. Atualmente tem o nome de Arair; é lugar desolado, bem ao sul de Dibom e um pouco ao oriente da estrada romana que atravessa Moabe, de norte a sul.

2. Nome de outra cidade, edificada pelos gaditas, Nm 32.34, defronte de Rabe, no meio do vale de Gade, limite sul desta tribo, Js 13.25; 2 Sm 24.5.

3. Aldeia de Judá, à qual Davi enviou os despojos da presa de Ziclague, 1 Sm 30.28. Suas ruínas consistem de alguns muros, na passagem de Arara, 22 quilômetros a sudoeste de Bersebão. Se Aroer, mencionada em Is 17.2, for nome próprio, e não o nome comum que significa nudez, ruína, então, a frase em que ele se emprega, deve ser traduzida — "cidades de Aroer", referindo-se aos subúrbios da Aroer dos gaditas; ou "as cidades Aroer" (as duas cidades a este do Jordão) como representando todas as cidades daquela região.

AROERITA

Nome de pessoa que nasceu, ou que mora em Aroer, referência provável a *Aroer*, 3, 1 Cr 11.44.

ARONITAS, O texto hebreu diz ARÃO. O nome ARONITAS é tomado coletivamente, e representa o sacerdócio dos descendentes de Arão, 1 Cr 12.27 e 27.17.

ARPACHADE (Etimologia ignorada. A última parte do nome, quando separada, é de origem caldaica).

Nome de um filho de Sem, Gn 10.22,24; 1 Cr 1.17,18, antepassado remoto de Abraão, nasceu dois anos, depois do dilúvio; quando tinha 35 anos gerou a Salé, e morreu 430 anos depois, com 438 anos de idade, Gn 11.10-13.

A palavra Arpachade não é necessariamente o nome de pessoa. A estrutura dos registos genealógicos, à primeira vista é tal, que o nome pode ser de uma tribo, ou da terra donde vieram os descendentes daquele filho de Sem, que nasceu dois anos depois do dilúvio. Arpachade há muito tempo que foi identificado em uma região montanhosa do alto Zabe, ao norte e a noroeste de Nínive, a que os geógrafos gregos davam o nome de *Arrapachitis*, e os assírios chamavam *Arabcha*. Esta identificação é incerta por causa da sílaba final, *shad*.

ARPADE

Nome de uma cidade, em geral mencionada no Antigo Testamento em conjunto com outra cidade de nome Emate, não muito distantes uma da outra, 2 Rs 18.34; 19.13; Is 10.9; Jr 49.23. Julga-se que o lugar de sua antiga existência, é a atual *Tell Erfad*, a 40 quilômetros ao norte de Alepo, cidade muito importante, visitada muitas vezes pelos assírios. Ali estiveram os exércitos de Ramanirari, em 805 A. C., e os de Asurnirari, em 754, e os de Tiglate-Pileser, que a tomaram em 742-740. Esta cidade, juntamente com outras que se ergueram depois, foram suprimidas por Sargom em 720.

ARQUELAU, *Chefe*.

Nome do filho mais velho de Herodes, o Grande, com uma mulher samaritana; o mais moço chamava-se Antipas, e mais tarde, Herodes tetrarca, Ant. 17.1,3. Ele e seus irmãos Antipas, Herodes e Filipe, foram educados em Roma. Durante a sua ausência, um de seus irmãos, Antipater, acusou-os falsamente de tentarem contra a vida de seu pai. Arquelau e Filipe se inocentaram da culpa. O crime atribuído a eles, caiu sobre o acusador que foi condenado à morte. Ant. 14.4-5; 17. 7,1; Guer. 1.31,2-32,7. Herodes morreu imediatamente depois, 4 A. C. Aberto o seu testamento, que havia sido alterado poucos dias antes, viu-se que a maior parte do reino havia sido deixada a Arquelau, e as tetrarquias, para Antipas e Filipe, ficando para Salomé, irmã de Herodes, algumas cidades, Ant. 27. 8, 1. Nesse momento histórico, o reino da Judéia, estava sob o protetorado da Roma Imperial. Arquelau prudentemente se absteve de subir ao trono, sem primeiramente solicitar permissão de Augusto, imperador romano, resolvendo seguir logo para a metrópole a fim de pessoalmente obter o reconhecimento de seus direitos ao trono, 8,4. Antes, porém, de sair para Roma, deu-se um incidente infeliz. Um grupo de judeus foi queixar-se que havia sido ofendido e exigia reparações imediatas. A queixa era prematura mas eles não queriam delongas, e como não pudessem satisfazer aos seus desejos, amotinaram-se por ocasião da Páscoa. Bem contra a sua vontade, porquanto desejava ser agradável ao povo, teve de empregar a força para dominar a sedição, sacrificando a vida de 3.000 pessoas. Em conseqüência disto, uma deputação de judeus foi a Roma para rogar ao Imperador que não desse o reino a Arquelau. Seu irmão mais moço, Herodes Antipas, entrou em competência, pedindo para si o trono. O imperador confirmou o testamento de Herodes nos seus pontos essenciais. Arquelau obteve a maior parte do reino, porém, somente com o título de etnarca, ou governador do povo, título inferior ao de rei, Ant. 17.8,1; 9.7; 11.5. Ao seu rival Antipas, deu somente uma tetrarquia. Foi logo depois disto que José e Maria voltaram do Egito com o infante Jesus. Podiam bem imaginar que aquele que havia sufocado a revolta por ocasião da Páscoa, não tinha muito respeito pela vida humana, e por isso julgaram prudente abrigar-se na Galiléia, fora da jurisdição de Arquelau, Mt 2.22. A parábola de Jesus parece referir-se ao caso de Arquelau. Um homem de grande nascimento, diz Nosso Senhor, foi para um país distante a tomar posse dum reino para depois voltar, Lc 19.12. Mas os de seu país o aborreciam, e enviaram nas suas costas deputados que fizessem este protesto: "Não queremos que este seja nosso rei. Quanto, porém, àqueles meus inimigos que não quiseram que eu fosse seu rei, trazei-mos aqui e tirai-lhes a vida em minha presença", 14.27. Completamente em harmonia com esta paráboia, diz o historiador Josefo, é que Arquelau tratou bàrbaramente judeus e samaritanos em represália de resistência feita ao seu governo. Ambas as nacionalidades enviaram embaixadores a Roma para se queixarem das crueldades que sofriam. Foram bem sucedidas. Em o nono ano de seu reinado. A. D. 6, foi deposto Arquelau, e banido para Viena na Gália, e confiscados todos os seus bens, Guer. 2.7,3.

ARQUEUS

Nome de uma tribo, oriunda de Canaã, Gn 10.17; 1 Cr 1.15. Segundo o testemunho de Josefo, foram os arqueus que fundaram a cidade de Arque, na Fenícia, a moderna Arca, situada a cêrca de 22 quilômetros ao norte de Trípoli na Síria (Ant. 1.6,2). Com o nome de Arcatu, esta cidade é mencionada por Totmés III, cerca de 1.600 anos antes de Cristo.

ARQUEVITAS

Babilônios, habitantes de Ereque, que se estabeleceram nas cidades de Samaria por ordem de Asenafar, depois que as dez tribos haviam ido para o cativeiro de Babilônia, Ed 4. 9.

ARQUIPO, *Dono do cavalo*.

Nome de um cristão de Colossos companheiro da milícia cristã, íntimo de Filemom, Cl 4.17; Fm 2.

ARQUITA

Nome de alguém pertencente a uma tribo cananíta do mesmo nome, ou então, natural ou habitante de uma aldeia conhecida pelo nome de Ereque. A situação desta aldeia era nos limites entre Efraim e Benjamim a oeste de Betel, onde estão as fontes de Arique, Js 16.2. Cusai, fiel conselheiro de Davi, era arquita, 2 Sm 15.32.

ARRAIAL

Ponto de parada de um exército, ou de um grupo qualquer de homens, onde se demoram temporariamente abrigados em barracas, ou em construções provisórias, Ex 14. 19; 1 Sm 4. 5; 17. 4; 2 Rs 7. 7. Os israelitas receberam instruções especiais a fim de garantir o bom estado sanitário em seus acampamentos, Dt 23. 9-14. O arranjo do campo dos hebreus, durante a sua viagem emigratória pelo deserto, acha-se descrito em Nm 1. 47 até ao cap. 2. 34; 3. 14-39, comp. cap. 10. 11-28. Isto era absolutamente regular, quando o povo se acampava em uma planície vasta. Sôbre o acampamento de Israel no deserto, vide — *Deserto*.

ARRAIAL ver CAMPO, I.

ARRECADAS

Nome de alguma cousa que se usava para combater a feitiçaria. Servia ao mesmo tempo como adôrno, Is 3.20; Gn 35.4.

ARRECADAS, PENDENTES

Adorno usado pelos israelitas, homens, mulheres e crianças, Ex 32.2, e mais particularmente pelas mulheres, Ex 16.12; Judite, 4.4. Os madianitas, os assírios, os egípcios e mais outros povos adornavam-se com elas. Era um costume inocente. Algumas vezes, porém, eram usados como amuletos, Is 3.20, e até mesmo para fins idólatras por homens e mulheres, como se deu com o povo da casa de Jacó, cujos objetos mandou enterrar debaixo de um terebinto, Gn 35.4. Eram fabricadas de ouro e de outros metais preciosos, Ex 32.2; comp. Pv 25.12. Pelo que se lê em Gn 24.22,30 e Ex 35.22, não se pode saber se as arrecadas também compreendem as argolas que costumavam pendurar no nariz.

ARRUDA

Nome de uma planta, que em grego se chama *peganon* de que os Fariseus pagavam o dízimo, Lc 11.42. É a *Ruta graveolens*, pequeno arbusto, de dois a três pés de altura, com folhas pinuladas de cor azul-verde, e de flores amareladas, a maior parte delas com oito estames. Tem cheiro muito forte. É natural das regiões que rodeiam o Mediterrâneo. Cultiva-se na Palestina, serve de remédio e emprega-se também como tempero nas comidas. Se fôsse silvestre, não estava sujeita a ser dizimada.

Arruda

ARSA, *Delícia*.

Nome do mordomo do rei Ela, em Tirsa. 1 Rs 16.9.

ARSACES

Rei da Pérsia e da Média, entre 174 e 136, A. C. 1 Mac 15.2,3; 15.22. Foi o sexto soberano dêste nome, porém é mais conhecido pelo nome de Mitrídates I, da Partia. Dominou até além dos limites da Média e da Pérsia; conquistou a Ásia, desde *Hindu Kush* até ao Eufrates e elevou o reino da Partia à categoria de império.

ARTAXERXES, *Que possui um reino exaltado*.

Nome do terceiro filho de Xerxes e seu sucessor no trono da Pérsia, 465, A. C. Era cognominado Longímano (de longa mão). Este epíteto é interpretado literalmente, porém o Dr. John Wilson considera-o como expressivo de suas largas conquistas. Foi ele quem proibiu a reconstrução de Jerusalém, que, mais tarde, ordenou se fizesse, Ed 4.7; 6.14. Os intérpretes antigos dizem que este rei é o Pseudo-Smerdis, i. e. o impostor Mago chamado Gomates que pretendia ser o Smerdis, irmão de Cambises, e como tal reinou sete meses no ano 521, A. C., sendo morto em conseqüência de seu embuste (Vide as notas sôbre o artigo *Assuero*). No sétimo ano de seu reinado, 458 A. C. Artaxerxes permitiu que Esdras levasse para Jerusalém uma grande multidão de cativos, Ed 7.1,11,12, 21; 8.1, e no ano 20, também de seu reinado 445. A. C. concedeu a Neemias, licença para fazer sua primeira viagem a capital judaica e reconstruir os muros da cidade, Ne 2.1, etc. Ainda em 433-432, o mesmo rei autorizou a Neemias, que havia voltado à Pérsia, a regressar a Jerusalém, assumindo as funções de governador da cidade restaurada e do território adjacente, Ne 13.6. Artaxerxes morreu no ano 425 A. C.

ARTEMAS, *Presente de Artemis*.

Nome de um companheiro de S. Paulo que ele prometeu enviar a Tito, Tt 3.12.

ARTEMIS

Nome grego de uma deusa que presidia aos divertimentos da caça, e que os romanos chamavam Diana, At 19.24. Vide *Diana*.

ARUBOTE, *Gelosias*.

Nome de um lugar mencionado em conjunto com Soco e Éfer, a sudoeste de Judá, 1 Rs 4.10.

ARUMÁ ver RUMÁ, I

ARVADE, *Errante*.

Nome de um lugar que, nos tempos de Ezequiel, fornecia marinheiros e valentes defensores das fortalezas de Tiro, Ez 27.8,11. É a ilha de Arado, próxima à costa da Fenícia, que agora se chama er-Ruade, 1 Mac 15.23.

ARVADEU

Nome dos habitantes de Arvade ou Arada, que pertencem aos povos de Canaã, Gn 10.18; 1 Cr 1.16.

ASA, *Médico*.

1. Nome de um levita, filho de Elcana, que morava em uma aldeia de Netofati, 1 Cr 9.16.

2. Nome de um rei de Judá, que subiu ao trono no vigésimo ano de Jeroboão, rei de Israel. Era filho de Abião e neto de Roboão. Sua mãe, ou para melhor dizer, sua avó, chamava-se Maaca, filha de Absalão, 1 Rs 15.9,10. Começou a reinar dando à terra dez anos de paz, 2 Cr 14.1. Tirou da terra os efeminados, e a limpou de todas as imundícies dos ídolos, que seus pais haviam fabri-

cado; além disso, demoveu sua mãe para que não fosse princesa nos sacrifícios de Priapo e no Bosque, que lhe tinha consagrado, e arruinou a sua gruta e despedaçou o ídolo torpíssimo e o queimou no vale de Cedrom, 1 Rs 15.9-13; comp. 14.22-24; 2 Cr 14.1-5; 15.16. Também destruiu os altares estranhos, os bosques, as imagens do sol em todo o Judá, 2 Cr 14.3-5, tão completamente quanto o permitia a sua autoridade, comp. 1 Rs 22.46; 2 Cr 19.4. Mas apesar de todos os seus esforços, ainda conservou os altos, onde o povo ocasionalmente sacrificava, 1 Rs 15.14; 2 Cr 15.17. Durante o seu reinado, o país foi invadido pelo etíope Zara, à frente de um enorme exército de africanos, mas pelo auxílio de Jeová, ele o derrotou e o lançou fora do país, 2 Cr 14.9-15. No décimo quinto ano de seu governo, animado pelo profeta Azarias, completou a reforma religosa, restaurou o altar do Senhor e induziu o povo a renovar o pacto, 15.1-15. No trigéssimo sexto ano, (décimo sexto) de seu reinado (Vide *Cronologia*). Baasa, rei de Israel, invadiu Benjamim e fortificou Ramá na estrada geral de Jerusalém para o norte. O rei Asa, não tendo elementos para reaver Ramá e reabrir a estrada, tirou os tesouros do Templo, e os mandou ao rei de Damasco para que viesse em seu auxílio contra Baasa. Benadade invadiu a parte norte do reino, compelindo Baasa a evacuar Ramá. Asa tomou então os materiais que Baasa tinha ajuntado em Ramá, e fortificou Gabaá de Benjamim e Masfa. O profeta Hanani reprovou a política mundana de Asa, depois de ter experimentado o auxílio que Deus lhe havia dado contra a invasão dos etíopes. Asa resentiu-se da interferência do profeta e mandou lançá-lo na prisão, 1 Rs 15.16-22; 2 Cr 16.1-10. No trigésimo ano de seu reinado, ficou doente dos pés, e na veemência de seus sofrimentos não recorreu ao Senhor, mas antes pôs a sua confiança na ciência dos médicos, 1 Rs 15.23; 2 Cr 16.12. No final de sua vida não foi tão fiel ao Senhor como havia sido antes. Morreu aos 41 anos de seu reinado, e foi sepultado com as honras reais, em um sepulcro que ele havia feito para si mesmo, na cidade de Davi.

ASÃ, *Fumaça.*

Nome de uma cidade da planície, distribuída a Judá, e posteriormente transferida a Simeão, destinada com seus subúrbios ao patrimônio dos levitas, Js 15.42; 19.7; 1 Cr 4.32; 6.59. Em Js 21.16 e 1 Cr 6.59, se confundem os nomes de Asã e Aim, por engano de uma letra. Asã é idêntica a *Cor-Asã*, que quer dizer *fornalha fumegante*, 1 Sm 30.30, e muitos manuscritos e versões dizem *Bor-Ashan*, que significa *poço fumegante.*

ASAEL, *Deus fez.*

1. Nome de um filho de Sarvia, irmã de Davi, e irmão de Abisai e Joabe, 1 Cr 2.16, notável pela sua ligeireza e valor, 2 Sm 2.18; 23.24. Serviu no exército de Davi; e em caminho das tropas de Isbosete pelo monte Gilboé perseguiu Abner com o intuito de matá-lo. Este, depois de em vão o ter aconselhado a desistir de seu mau intento em própria defesa, o feriu mortalmente com a sua lança, 2.12-23. A morte de Asael deu-se antes que Davi dominasse em todo o Israel; não obstante, quando Davi organizou o exército, em dozes divisões, entregou-lhe a quarta, composta de vinte e quatro mil homens, tendo como substituto o seu filho Zabadias, 1 Cr 27.7. O comando desta quarta divisão para o quarto mês devia ser feito pela casa de Asael, em que tomava parte o filho que já era cabeça de casal.

2. Nome de um dos levitas empregado por Josafá para instruir o povo na lei de Jeová, 2 Cr 17.8.

3. Nome de um dos superintendentes do Templo, no reinado de Ezequias, 2 Cr 31.13.

4. Nome do pai de certo Jônatas, Ed 10.5.

ASAFE, *Coletor.*

1. Nome de um levita, filho de Baraquias, da família de Gérson, 1 Cr 6.39,43. Este, com Hemã e Etã, tocavam os timbales, diante da Arca do Senhor, quando foi transportada da casa de Obede-Edom para a cidade de Jerusalém, 15.16-19. Daqui em diante foi ele confirmado no posto permanente de tocar os timbales, 16.4,5,7, e quando o serviço do culto foi definitivamente organizado, das três famílias encarregadas da música e do canto, bem exercitadas neste mister, a família de Asafe, com ele à sua frente, era uma delas, 25.1-9. A sua posição no coro, era à direita de seu irmão, 6.39. Esta família é mencionada em 2 Cr 20.14; 29.13. Na volta do cativeiro de Babilônia vieram cento e vinte e oito cantores, Ed 2.41; Ne 7.44, os quais tomaram parte na solenidade da fundação do templo por Zorobabel, Ed 3.10. Doze dos salmos, a saber: o 49, o 72 até 82, inclusive, são atribuídos à família de Asafe, cujo nome trazem, comp. 2 Cr 29.30. O salmo 49 pertence ao segundo livro dos salmos; os outros entram no terceiro livro. Nestes salmos, o nome da Divindade é expresso pela palavra Deus, em vez de Jeová; os outros cantores-mores, são chamados profetas, 2 Cr 29.30; comp. 35.15; 1 Cr 25.5.

2. Nome do cronista mor do rei Ezequias, 2 Rs 18.18.

3. Nome do guarda do bosque real da Palestina em tempo de Artaxerxes Longímano, rei da Pérsia, Ne 2.8.

ASAIAS, *Jeová fez.*

1. Nome de um príncipe da tribo de Simeão, 1 Cr 4.36.

2. Nome de um levita, chefe da família de Merari em tempos de Davi, 1 Cr 6.30; 15.6,11.

3. Nome de certo homem da tribo de Judá, filho de Baruque e cabeça da família de Siloni, quando voltaram do cativeiro, 1 Cr 9.5. Este homem é conhecido também pelo nome de Maasia, sinônimo de Asaías, Ne 11.5.

4. Nome de um oficial, a quem Josias enviou, juntamente com outros, à profetisa Hulda, para saber, por meio dela, a vontade do Senhor, em referência ao Livro da Lei, encontrado por Helcias, 2 Rs 22.12,14; 2 Cr 34.20.

ASALIAS, *Deus tem perdoado.*

Nome de um filho de Mesulão e pai de Safã, escriba, 2 Rs 22.3.

ASARAMEL

Nome provavel de um título dado, a Simão Macabeu, que significa "Príncipe do Povo de Deus", ou então, sendo a palavra precedida por uma preposição, é mais provável que o sentido seja: Átrio do povo de Deus, ou antepátio do Templo, 1 Mac 14.28.

Alguns são de opinião que a palavra *Asaramel* representa uma sentença hebraica que diz: Não existe nenhum príncipe do povo de Deus. O historiador afirma que não existe governador civil ao lado do sumo sacerdote.

ASAREEL, *Deus limita.*

Nome de um dos filhos de Jaleleel, 1 Cr 4.16.

ASAREL ver ASAREEL

ASARELA, *Reto com Deus.*

Nome de um dos filhos de Asafe, 1 Cr 25.2.

ASBÉIA ver CASA DO JURAMENTO

ASBEL, *Homem do Senhor.*

Nome de um dos filhos de Benjamim, e fundador de uma família tribal, Gn 46.21; Nm 26.38; 1 Cr 8.1.

ASCALOM, *Ponto de partida, emigração.*

Nome de uma das cinco cidades principais dos filisteus, cada uma governada por um régulo, Js 13.3. Estava situada em um vale à beira do Mediterrâneo, Jr 47.5,7, a cêrca de 22 quilômetros ao norte de Gaza. Era sede de adoração da deusa Derceto, representada pela figura de uma mulher com o corpo de peixe. Habitava em um templo à beira de um lago ao oriente da cidade. No tempo

dos Juízes de Israel, foi tomada pela tribo de Judá, Jz 1.18, revertendo logo à posse de seus antigos donos, 14.19; 1 Sm 6.17. Um dos Faraós a tomou nos dias de Jeremias, Jr 47.1,5,7; Sf 2.4,7; comp. Zc 9.5. Jônatas Macabeu a tomou duas vezes, 1 Mac 10.86; 11.60. Foi pátria de Herodes, o Grande, e residência de sua irmã Salomé. Os cruzados tomaram-na por várias vezes, e finalmente, no ano 1.270 da era cristã, o sultão Bibars a destruiu e encheu o pôrto de pedras. Seu antigo lugar encontra-se dentro de um anfiteatro natural, feito por uma linha de rochas, formando semicírculo com abertura para o mar. A muralha, agora em ruínas, estende-se até à extremidade da linha de rochas. O solo é muito fértil, produz belas frutas, como sejam maçãs, figos, etc. Uma espécie de cebola, chamada chalota, veio primeiramente de Ascalom. A velha cidade tem hoje o nome de *Askalan*.

ASCALONITA

Nome que se dá aos que habitam em Ascalom, Js 13.3.

ASDODE, *Lugar fortificado.*

Nome de uma das cinco cidades principais dos Filisteus, governadas por um rei, e centro do culto prestado a Dagom, Js 13.3; 1 Sm 5.1 e seg. 6.17; 1 Mac 10.83; 11.4. Os enacins continuaram a habitá-la mesmo depois da conquista de Canaã pelos israelitas, Js 11.22. Foi distribuída a Judá, 15.46,47, porém não tomou posse dela. A arca do Senhor foi levada pelos Filisteus para esta cidade, depois que a tomaram em Ebenézer e colocada no templo de Dagom, 1 Sm 5.1-8. Depois de um castigo que atormentou os habitantes de Azoto, a levaram para Gete, 6-8. O rei Ozias derrubou os muros desta cidade, 2 Cr 26.6. Tartã, general-chefe dos assírios, no tempo de Sargom, a sitiou, Is 20.1. Durante o império dos reis assírios, desde Sargom até Esaradom, foi governada por um oficial com o título de rei. Psamético, rei do Egito, destruiu-a completamente em 630 A. C. depois de um sítio, que, segundo Heródoto, durou vinte e nove anos. Poucos de seus habitantes sobreviveram, Jr 25.20; comp. Sf 2.4; Zc 9.6. Azoto foi uma das cidades que se opôs à reconstrução dos muros de Jerusalém. Os judeus que voltaram do cativeiro, apesar da diferença de linguagem, travaram relações com os de Azoto até o ponto de alguns deles se casarem com as mulheres daquela cidade, Ne 4.7; 13.23,24. Os macabeus a sitiaram por duas vezes e parcialmente a destruíram, 1 Mac 5.68; 10.84, porém os romanos a reconstruíram em 55 A. C.

O apóstolo Filipe pregou o Evangelho desde Azoto até Cesaréia, At 8. 40. Em Azoto estabeleceu-se a sede de um bispado. Presume-se que o lugar de sua antiga existência, é a pequena vila Esdude, situada na descida de uma colina baixa, rodeada de sicômoros e pereiras, a cerca de 17 quilômetros a nordeste de Ascalom, e sete e meio quilômetros do Mediterrâneo, a meio caminho de Jafa e Gaza. Não se conhece o monte Azoto, mencionado em 1 Mac 9. 15.

ASDODITAS

Nome dos nativos ou habitantes de Azoto, ou Asdode, Js 13.3; Ne 4.7.

ASEL, *Nobre.*

1. Nome de um descendente de Jônatas, filho de Saul, 1 Cr 8.37; 9.43,44.

2. Nome provável de uma aldeola situada ao oriente de Jerusalém, Zc 14.5.

Presume-se que esteja identificada com *Beth-ezel.*

ASENATE, *Que pertence à deusa Neith.*

Nome da filha de Potífera sacerdote de Heliópolis, esposa de José, filho de Jacó, e mãe de Manassés e Efraim, Gn 41.45, 50-52; 46-20.

ASER, *Feliz.*

1. Nome do oitavo filho de Jacó, e segundo, de sua mulher Zelfa, escrava de Lia, Gn 30.12,13; 35.26. A bênção que lhe deu seu pai na hora de morrer, é assim expressa: "Aser, abundante em pão, também ministrará as delícias aos reis", Gn 49.20. Moisés também pronunciou a seguinte bênção: "Bendito Aser entre os filhos, êle caia em graça a seus irmãos, e banhe em azeite o seu pé", Dt 33.24. "O ferro e o bronze será seu calçado. Os dias da tua velhice sejam como os da tua mocidade." Teve quatro filhos, Imná, Isvá, Isvi e Beria; e uma filha chamada Sara, Gn 46.17; 1 Cr 7.30.

2. Nome de uma tribo de que foi progenitor, Aser, filho de Jacó. O território desta tribo estendia-se pelo limite norte da Palestina, e ao sul atingia o Carmelo com uma extensão de 96 quilômetros. A este era limitado pelas tribos de Zebulom e Naftali e a oeste pelo Mediterrâneo, Js 19.24-31. Aser não expulsou os habitantes de Tiro, Sidônia, Aco e outras cidades fortes de Canaã, Jz 1.31.

Aser cometeu a falta de não ocupar a costa da Fenícia, e por isso ficou sòmente com o interior do país, a parte montanhosa, exceto o Carmelo. Esta região servia para a cultura da oliveira, de modo que os seus habitantes podiam bem mergulhar os pés em azeite, Dt 33.24.

3. Nome de uma cidade a este de Siquém, Js 17.7. O lugar de sua antiga existência será a atual Teiasir, uns 18 quilômetros a noroeste de Siquém, na estrada que vai a Betsã.

ASERIM, ASERÁ, plural ASERIM, masculino, e ASEROTH, feminino.

A palavra traduzida uniformemente por *bosque*, porém, não se pode crer que se tirasse do Templo um bosque, como se lê em 2 de Rs 23.6. Aserim é o nome de algum tronco de árvore de que foram tirados os ramos, e que era tido como símbolo de uma deusa com este nome de Aserá, representando a abundante fertilidade. (Vide Ex 34.13 da V. B.) No templo de Baal, havia um bosque em torno do altar, Jz 6.25,28. Os profetas de Aserá do tempo de Acabe foram mortos, juntamente com os de Baal, na torrente de Cisom, 1 Rs 18.33; 18.19-40. As mulheres teciam cortinas para o Aserá do Templo, 2 Rs 23.7. O rei Josias, como parte de sua reforma religiosa mandou tirar do Templo todos estes símbolos idólatras e os queimou no vale de Cedrom.

ASERITAS

Nome dos membros da tribo de Aser, Jz 1.32.

ASFAR

Nome de um reservatório no deserto de Tecoa, 1 Mac 9.33.

ÁSIA

Nome do continente a este da Europa e da África, Heród. 4.36-40. Empregou-se em sentido restrito para designar o reino dos selêucidas, 1 Mac 8.6; 11.13, que compreendia a Síria e as regiões que se estendiam para o ocidente do rio Halis. Quando os romanos transferiram a maior parte destes distritos ocidentais, a Mísia, a Lídia e a Frígia para Eumenes II, rei de Pérgamo, continuou com o mesmo nome. Este reino foi incorporado pelos romanos em 133 A. C. ao Império, com o aumento da Cária e de uma linha da costa, formando a província da Ásia, At 6.9; 27.2; 1 Pe 1.1. Ap 1.4,11. Plínio faz distinção entre Frígia e Ásia, 5.28, do mesmo modo que S. Paulo e outros, At 2.9,10; 16.6. Estes distritos conservaram os nomes primitivos, que S. Paulo menciona em seus itinerários, falando da Mísia, At 16.7, onde se achava a cidade de Pérgamo, na Ásia, Ap 1.4,11. A princípio, esta província era governada por pretores, porém, no ano 27 A. C. passou a ser governada por procônsules, comp. At 19.38. A capital era Éfeso. Em o Novo Testamento, sempre se fala da Ásia como província romana, At 19.10,22,26,27; 20.4,16,18; 21.27; 24.18; 27.2; 1 Co 16.19; 2 Co 1.8; 2 Tm 1.15.

ASIARCA, *Chefe da Ásia.*

Membro de um colégio de deputados, eleitos anualmente por várias cidades da província da Ásia, para dirigir os festejos e os jogos em honra do imperador romano, que se faziam anualmente em diversas cidades. Estes asiarcas formaram um corpo de influência política nas cidades, pela qual conseguiam muitas vezes a sua reeleição. Os asiarcas de Éfeso eram amigos de S. Paulo, At 19.31.

ASIEL, *Deus fez.*

Nome de um simeonita, 1 Cr 4.35.

ASIMA

Divindade adorada pelos habitantes de Emate, 2 Rs 17.30.

ASÍNCRITO, *Incomparável.*

Nome de um cristão residente em Roma a quem o apóstolo S. Paulo enviou saudações, Rm 16.14.

ASMONEU, em grego *Asamonaios*, do hebreu *Hashman*, que quer dizer *opulento.*

Nome de um dos descendentes de Hasmá, sacerdote da família de Joaribe, antecessor dos Macabeus, Ant. 12.6,1; comp. 1 Mac 2.1; 1 Cr 24.7. O título de Asmoneu emprega-se ordinariamente na literatura judaica, para designar a família asmoneana desde Matatias até Herodes, o Grande, e Aristóbulo, Ant. 14.16,4; 20.8.11.

ASMONEUS. Palácio dos Asmoneus.

Palácio em Jerusalém, edificado pelos príncipes asmoneus, fronteiro ao átrio ocidental do Templo, sobre uma elevação, donde se descortinava toda a cidade e o Santuário, Ant. 20.8,11. Ficava perto do Xisto, e por cima dele, Guer. 2.16,3. Este palácio era, ao mesmo tempo, fortaleza, juntamente com o palácio Baris, no qual residiu Herodes, o Grande, antes de construir o seu palácio na parte alta da cidade, Ant. 14.8,9; 15.3,7,8,5. Esta última construção excedia em magnificiência ao outro palácio e também como fortaleza. Até o ano 60 A. D. foi ocupado pelo último príncipe da casa de Herodes, Agripa II, o rei Agripa, mencionado nos Atos dos Apóstolos, 25.13; Ant. 20.8,11; Guer. 2.16,3. Presume-se que foi incendiado por sediciosos judaicos no princípio da guerra com os romanos.

ASNÁ[1], *Espinheiro.*

Nome de um dos que voltaram do cativeiro babilónico, Ed 2.50.

ASNÁ[2], *Forte.*

1. Nome de uma aldeia das terras baixas de Judá, perto de Zorá, Js 15.33.

2. Nome de outra aldeia de Judá, que Figueiredo traduz Esna, mais para o sul, Js 15.43. Ignora-se o lugar exato de sua antiga posição.

ASNAPAR

Grande dignitário da Assíria, chamado grande e nobre, por haver estabelecido em Samaria várias tribos estrangeiras, Ed 4. 10. Parece que é o Asaradom, ou um dos seus oficiais, 4. 2, 10. Julgam alguns ser este nome uma forma rude de Assurbanipal, filho de Esar-Hadom, que desde 671 A. C. foi seu associado, e desde 668 A. C. seu sucessor no trono da Assíria, até 626 A. C. Os registos de Assurbanipal referem que ele penetrou no Elã, tomou Susa e levou muitos dos seus habitantes para a Assíria, comp. Ed 4.9,10. Seu pai Asaradom conquistou o Egito. Várias rebeliões se deram entre os pequenos régulos, a quem o hábil *Tirhakah* deu mão forte. Para reprimir esta revolta, Assurbanipal dirigiu duas campanhas em que triunfou, menos no Egito, que afinal veio a perder. Na última campanha, 664 A. C. saqueou Tebas, nesse tempo chamada Nô, comp. Naum 3.8-10. Travou relações de amizade com Giges, rei da Lídia que mais tarde veio a perder. Sufocou mais uma rebelião, levantada por seu irmão, governador de Babilônia, e fez guerra a Mini. Os gregos apelidaram-no de Sardanapalo, por causa de seus hábitos efeminados. Os modernos literatos veneram a sua memória com gratidão por causa da esplêndida biblioteca que ele estabeleceu. Empregou um corpo permanente de copistas que trabalhavam constantemente em transcrever livros assírios, e a traduzir obras de valor, da Asádia e de outras línguas. Uma parte desta biblioteca tem sido recobrada, e a ela se deve grande parte dos conhecimentos do império assírio e da vida de seus reis.

ASNO

O gênero a que os zoologistas denominam *Asinus* de que existem várias espécies, montês e doméstico. O gênero *asno* pertence à família *Equidae*, ou cavalo. A Escritura menciona três espécies deste animal.

1. *O asno montês*, hebreu *Arod*, fugitivo, poeticamente descrito em Jó 39.5-8, com referência ao asno montês da Síria, mencionado em Dn 5.21. Se for diferente em espécie do asno montês comum, poderá ser o *Asinus onager*, que se encontra no Saara e na Arábia, onde em algum tempo era muito comum, e hoje mui raro. Às vezes aparece no Aurã, região ao sul de Damasco. É dele que procede o asno doméstico.

2. *O asno montês da Síria. Asinus hemippus*, em hebreu *Pere*, pulador, mencionado em Jó 24.5; 39.5; Sl 103.11; Is 32.14, e Jr 14.6. É menor que o onagro. Tristram refere que enormes manadas destes asnos penetram, durante o verão, nas montanhas da Armênia. Encontram-se em todas as estações ao norte da Arábia, na Mesopotâmia e na Síria, ocasionalmente aparecem ao norte da Palestina. São desta espécie os que se vêem nas esculturas de Nínive.

3. *O asno doméstico* (*Asinus* asinus), em hebreu, *Hamor*. É uma subespécie descendente do onagro, obstinado e tipicamente estúpido; em compensação, é forte, de fácil alimentação, paciente e manso. O que nele se nota de mal, é, em grande parte, produzido pela crueldade de seus donos. O asno serviu ao homem desde tempos mui remotos. Abraão e Jacó usavam-nos para as suas longas peregrinações, Gn 12.16; 22.3; 30.43. Prestavam grandes serviços no transporte de cargas, e no amanho da terra de cultura, puxando o arado, Gn 49.14; Is 30.6; Dt 22.10. Os asnos brancos se destinavam às pessoas de distinção, Jz 5.10, como ainda se usa na Palestina. Jesus mostrou sua humildade e ao mesmo tempo a dignidade dos antigos reis, preferindo o asninho para fazer a sua entrada triunfal em Jerusalém, Zc 9.9; Mt 21.5.

ASPATA

Nome de um dos filhos de Amã, Et 9. 7.

ASPENAZ

Nome do eunuco-mor de Nabucodonosor, rei de Babilônia, Dn 1.3.

ÁSPIDE

É assim que se traduz a palavra hebraica *Pethen* em Dt 32.33; Jó 20.14,16, e Is 9.8, e a palavra grega *Aspis*, em Rm 3.13. Com alguma inconsistência, a palavra *Pethen* é traduzida na V. B. por serpente, e não áspide, no Sl 58.4 e 91. 13. *Pethen* é uma espécie de serpente venenosa que habita em tocas, Is 11.8. A *Naja haje*, que se encontra no Egito e na Palestina, pode bem ser a *Aspis* dos gregos e dos romanos, porque é do mesmo gênero da serpente venenosa da Índia, geralmente usada pelos encantadores de serpentes em suas exibições. Tem um capelo que se dilata quando ataca a presa.

ASQUENAZ

Nome do filho mais velho de Gomer, Gn 10.3; 1 Cr 1.6. Este nome, quer tenha sido originalmente de pessoa, de país, ou tribo, representa um povo da raça de Gomer. No tempo de Jeremias êste povo ocupava as vizinhanças do Ararã e Meni, isto é, ao oriente da Armênia, Jr 51.27.

ASRIEL, *Promessa de Deus.*
Nome de um dos descendentes de Manassés e fundador de uma família, Nm 26.31; Js 17.2.

ASSASSINO

Logo depois do dilúvio, entrou em vigor a lei sobre o assassinato: "Todo que derramar o sangue humano será castigado com efusão de seu próprio sangue; porque o homem foi feito à imagem de Deus, Gn 9.6. Ao vingador da morte cabia o direito de tirar a vida ao matador, Nm 35.19, porém, se este pudesse alcançar uma cidade de refúgio, escapava temporariamente da morte. Estas cidades de refúgio não se destinavam a proteger os assassinos, propriamente ditos, e, sim, os que matavam acidentalmente, Nm 35. Mesmo que um criminoso intencional se refugiasse em algumas destas cidades, ou buscasse proteção, apegando-se aos cornos do altar, era dali tirado para ser morto, Ex 21.14; cp. 1 Rs 28.34.

O matador retirado à cidade de refúgio, entrava em julgamento ali. Eram precisas, pelo menos, duas testemunhas contestes para se provar o crime, Nm 35.30; Dt 37.6. Provada a culpa, não havia remissão para ela, Nm 35.31; o criminoso era entregue à vingança e morria (19), Dt 19.12. Conhecida a inocência, tinha asilo seguro na cidade de refúgio. Veja *Cidade de refúgio.*

ASSASSINOS, *Grego: Sikariot.*

Salteadores que invadiram a Judéia nos anos 50-70 A. D. com o fim de libertá-la do jugo estrangeiro. Era uma sociedade que não reconhecia outra autoridade senão a divina. Os seus membros levavam uma pequena espada, escondida debaixo da capa; introduziam-se no meio das multidões por ocasião das festas e assassinavam todos os indivíduos destinados por eles à morte. Formavam-se em bandos e saqueavam as pequenas povoações, At 21.28; Ant. 20.8,10; Guer. 7.10,1.

ASSE ver CEITIL

ASSENTO

Cadeira de feitio especial em que se assentava a parturiente no momento de dar à luz. Os hebreus denominavam-no *obnayim*, que quer dizer pedras duplas, Ex 1.16, por se parecer com a roda dos oleiros. Os modernos egípcios dão-lhe o nome de *kursee el-willaeh.*

ASSIR, *Cativo.*

1. Nome de um descendente de Levi, nascido no Egito, Ex 6.24; 1 Cr 6.22.

2. Nome de um descendente de Assir o mesmo referido aqui, sobe núm. 1.

3. Nome de um filho do rei Jeconias, 1 Cr 3.17. A Versão Brasileira não dá este nome, bem como a Versão Revista da Bíblia inglesa. Diz o Dr John Davis, autor deste livro, que os revisores da Bíblia inglesa tomaram a palavra Assir como adjetivo descritivo de Jeconias, e a traduziram segundo o seu sentido gramatical que é *cativo.* Porém, esta palavra não é precedida pelo artigo definito, nem no atual texto hebreu, nem na versão dos Setenta. Assir, tendo a significação de cativo, parece indicar que a pessoa a que êle se refere nasceu no cativeiro. Esta idéia se acomoda a outras indicações. Jeconias tinha dezoito anos quando foi levado para Babilônia. Não consta da enumeração dos membros da família deportada com ele, a existência de crianças, 2 Rs 24.8-15. Assir não herdou o título de rei; os direitos do trono passaram a Salatiel, seu irmão. Vide *Salatiel.*

ASSÍRIA, Modificação grega de Assur.

Nome de uma região por onde corria o rio Tigre, Gn 2.14. Esta região era originalmente denominada pelo nome da cidade de Assur, cujas ruínas se encontram em *Kalah Shergat* nas margens do Tigre, cento e onze quilômetros abaixo de Nínive. Crescendo em força e domínio, a cidade deu nome a toda a região compreendida entre as montanhas da Armênia ao norte, e as cordilheiras da Média a este, e o pequeno rio Zabe ao sul. Ao ocidente, estendia-se pela Mesopotâmia a dentro, a pequena distância do Tigre. Este distrito é propriamente a Assíria da História Antiga, cujo nome veio a designar o império conquistado pelos assírios. Os seus habitantes pertenciam à raça semítica, Gn 10.22, e partilharam a civilização de Babilônia, donde haviam emigrado. Cresceu em poder sob o reinado de Tuculti-adar, 1.300 A. C. a ponto de conquistar Babilônia. Daqui em diante, durante 700 anos, a Assíria foi, com pequenas intermitências, o poder dominante do oriente. Tiglate-Pileser I, 1.120-1.100 A. C. elevou o reino ao mais alto grau de expansão territorial daquele tempo. Depois deste famoso rei, o poder da Assíria declinou sensivelmente, sob o governo de seus sucessores, abrindo entrada à influência do reino de Davi e Salomão que alargou até lá os seus limites. Assurbanipal, 885-860 A. C., pelas suas conquistas, restaurou o prestígio do império, erigiu um palácio a noroeste da cidade de Cale, e fez desta antiga cidade a capital do império, Gn 10.11. Sucederam-lhe no trono seu filho Salmanasar, chamado II, que reinou desde 860-825; foi êste o primeiro rei assírio que entrou em conflitos com os israelitas. Vide *Acabe* e *Jeú.* Entre outros reis contam-se Pul, conhecido pelo nome de Tiglate-Pileser III, 745-727; Salmanasar IV, 727-722; Sargom, 722-705; Senaqueribe, 705-681; Esaradadom, 680-668; e Assurbanipal, 668-626. Este último é possivelmente o mesmo Asnaper. Outros monarcas de menor importância os seguiram. Pelo ano 607, A. C. os medos, os babilônios e seus aliados tomaram a cidade de Nínive e deram fim ao império assírio. Quando no auge de seu poder, sete séculos antes de Cristo, a Assíria dominou sobre Babilônia, parte da Média, Armênia, Síria, Chipre, Arábia e Egito. Em suas inscrições se encontram os nomes dos reis de Israel, *Humri,* (Amri), *Ahabbu* (Acabe), *Yaua* (Jeú), *Minihimmu* (Manaém), *Pakaha* (Pecá) e *Ausi* (Oséias); dos reis de Judá, se encontram os nomes de *Yuausi* (Acaz), *Hazakiyan* (Ezequias) e *Minasi* (Manassés). A identificação que se pretende fazer, de *Azriyan* com Azarias, i. é. Ozias, não tem mais valor.

A religião dos assírios foi trazida de Babilônia, excetuando aquele Asur, deus tutelar da cidade de Assur, que se tornou a divindade principal de toda a Assíria. Adoravam a natureza, como participante da alma humana. Cada objeto, e cada fenômeno da natureza, segundo eles, era animado por um espírito. Os grandes deuses, depois de Asur, eram os objetos proeminentes da natureza; em número de onze, sendo duas tríades e uma penta. Os principais deuses das duas tríades eram *Anu,* Céu, *Bel,* a região não habitada, nem pelos homens, nem pelos animais, nem pelos pássaros, e *Ea,* as águas de cima e de baixo da terra. As outras três divindades da segunda tríade a seguir, eram: *Sin,* a lua, *Shamash,* o sol, e *Ramman,* o deus das tormentas. Depois, seguia-se a penta, onde se contavam os cinco planetas, que tal o sentido da palavra grega, representando o número cinco. Seguiam-se inumeráveis outras divindades, algumas das quais eram meramente aspectos diferentes das outras divindades. Alguns outros deuses subordinados, ou inferiores, adquiriam certa importância como patronos de cidades principais.

As escavações feitas nos palácios assírios, iniciadas em 1842, pelo arqueólogo francês, Botta, e seguidas, imediatamente, pelo inglês Layard e mais tarde por George Smith, do Museu Britânico, juntamente com Rassam e outros, revelaram que a história do grande império, considerada quase um mito pelos clássicos da antigüidade, é para nós uma grande realidade. A linguagem falada pelos assírios e pelo povo de Babilônia pertencia à família semítica, intimamente ligada ao idioma hebreu. Não havia alfabeto. A linguagem escrita se representava por meio de caracteres que formavam sílabas, e não letras simples ou sons. Os sinais da escrita eram impressos em argila por meio de um estilete.

Cada impressão tinha a forma de uma cunha.

ou seta, donde lhe veio o nome de inscrições cuneiformes. Os caracteres originavam-se na pintura de objetos, porém, com o tempo, converteram-se em formas convencionais, que na maioria dos casos não se pareciam em nada com os objetos que lhes serviram de modelo.

ASSOS

Porto de mar da Mísia, que agora se chama Beirã, não muito distante de Troade, At 20.13,14.

ASSUERO, Nome persa derivado de *Khshava* rei.

1. Pai de Dario, rei dos Medos, Dn 9. 1. Vide Dario.

2. Nome de um rei persa, esposo de Ester, Et 1.2,19; 2.16,17. Assuero é o mesmo Xerxes dos gregos. O livro de Ester fala dele como sendo homem sensual, devasso, déspota, insidioso e cruel. A história da Grécia confirma estes predicados, referindo-se à pessoa de Xerxes. Vide Heródoto, 7.35,37; 9.107. Sucedeu no trono persa a seu pai Dario Histaspes, no ano 486, A. C. Sua mãe Atossa era filha de Ciro. No segundo ano de seu reinado, subjugou os egípcios que se haviam revoltado contra Dario. Depois de quatro anos de preparo militar, levantou um imenso exército para invadir a Grécia, porém retrocedeu para a Pérsia, depois da batalha de Salamina, onde a sua grande esquadra foi aniquilada por uma pequena frota grega, A. C. 480.

No ano seguinte, 479 A. C. o general Mardônio que havia ficado em Platéia, à testa de grande exército, foi all derrotado, sofrendo grande mortandade, fracassando de uma vez a projetada invasão. Em 406, após um reinado de vinte anos, Xerxes foi assassinado por dois de seus cortezãos, sucedendo-lhe no trono, seu filho Artaxerxes Longímano. Xerxes é provavelmente mencionado outra vez no livro de Esdras 4.6, com o nome de Assuero, onde o seu autor completa a história das maquinações samaritanas na corte persa, contra os judeus, resumindo no v. 24 a narrativa interrompida no v. 5. Antigos intérpretes são de parecer que o Assuero aqui mencionado, refere-se a Cambises, filho de Ciro, porém não se evidencia tal asserção.

ASSUR. A significação original era planície regada, da palavra *Asushar*, segundo Delitzsch; ou então derivada do deus *Ashur*, que era uma divindade local, segundo a opinião de Schrader.

Nome de um povo descendente de Sem, extensivo à terra que habitava, Gn 10.22; Ed 4.2; Ez 27.23.

ASSURIM

Nome de um povo, descendente de Abraão e sua mulher Quetura, Gn 25.3, que habitava a península da Arábia. Nome semelhante aparece em uma inscrição mineana que pouca ou nenhuma luz traz sobre a história deste povo.

ASSURITAS

Nome de um povo pertencente ao reino de Isbosete, 2 Sm 2.9, entre Gileade e Jezrael. A Vulgata e Figueiredo, e bem assim a versão siríaca, dizem Gessuritas.

ASTARATITA

Nome que se dá a um morador de Astarote, 1 Cr 11.44.

ASTAROTE, Plural de Astorete.

1. Em conexão com o plural de Baal, este termo designa, em geral, todos os deuses falsos das nações vizinhas, bem como dos seus ídolos; ou, ainda melhor, a julgar pelos textos de Gn 14.5; e 1 Sm 31.10. Astarote é o plural de Astorete usado pelos cananitas, em sinal de reverência à sua deusa.

2. Nome de uma cidade em Edrei, que lhe foi dado em honra da deusa, Astarte; era a capital de Ogue, rei de Basã, Dt 1.4; Js 9.10. Alguns de seus antigos habitadores, pertenciam à raça dos gigantes, de que fazia parte o rei Ogue, Js 12.4; 13.12. Tocou este lugar em sorte a Maquir, filho de Manassés (31), porém converteu-se em cidade levítica, ocupada pelos filhos de Gérson, 1 Cr 6.71. Uzia, um dos homens fortes de Davi, consta ter sido morador de Astarote, 11.44. Sua antiga posição é identificada com a atual *Tell Ashterá*, que concorda com a narração de Eusébio que estabelece a sua posição a 6 milhas romanas de Edrei. Isto quer dizer que está situada sobre uma colina que se ergue sobre uma conhecida planície, rica de águas e revestida de luxuriante vegetação. Vide *Ashteroth-Karnaim*.

ASTEROTE, *União*.

Asterote, deusa dos fenícios, nome este inspirado pela beleza do planeta Vênus, e simbolizando também, a suave radiação da lua (comp. Asterote-Carnaim). Era adorada em Sidônia, por isso, foi denominada deusa dos Sidônios, 1 Rs 11.5,33; 2 Rs 23.13. Nos dias de Abraão era muito venerada na parte oriental do Jordão, Gn 14.5. Os judeus prestavam-lhe culto nos tempos dos Juízes, Jz 2.13; 10.6; do mesmo modo o faziam os filisteus, 1 Sm 31.10. O grande rei Salomão conferiu-lhe o prestígio de seu glorioso nome, 1 Rs 11.5; 2 Rs 23.13.

ASTEROTE-CARNAIM

Nome de um lugar invadido por Quedorlaomer em sua expedição contra as cidades da planície, Gn 14.5. Este nome sugere que os habitantes desta cidade adoravam, especialmente, a lua de dois cornos. Asterote-Carnaim é o nome por extenso de Astarote, e pode bem ser o nome do lugar, conhecido, séculos antes, pelo de Carnaim, mencionado em conexão com as cidades de Gileade, onde a deusa Atargatis recebia culto, 1 Mac 5.26,36,43; 2 Mac 12.26. Esta deusa, cujo verdadeiro nome, segundo Estrabão, era Atara, divindade síria, corresponde a Astorete. Deve notar-se que as feições físicas atribuídas a Carniom, em 2 Mac 12.21, não combinam com *Tell Ashterah*, onde comumente se diz que existia a antiga Asterote.

ASTRÓLOGOS

1. Tradução das palavras hebraicas *Hobere shamayim* que querem dizer: *Divisores dos céus*. Isaías, no cap. 47.13, chama-os astrólogos, segundo a V. B., e agoureiros, segundo Figueiredo. Não padece dúvida que estes divisores dos céus eram astrólogos. Segundo eles, os céus se formavam de certas mansões pelas quais faziam passar o curso dos planetas, na vã esperança de contar a sorte e predizer acontecimentos futuros. O nenhum valor destas práticas supersticiosas, contribuiu entretanto para que o estudo acurado dos astros que se julgava indispensável, se convertesse na sublime ciência astronômica.

2. A tradução das palavras hebraicas e aramaicas *Ashaphim*, Dn 1.20, *Ashephim*, 2.27, e *Asshephayya*, 4.7;5.7, é encantador na V. B. e mágico em Figueiredo.

ASUR, *Escuridão*.

Nome de um dos filhos de Hesrom e de sua mulher Abia. Foi arrolado na casa de Calebe. Os habitantes de Tecoa têm-no como seu avoengo. Casou-se com duas mulheres que lhe deram sete filhos, 1 Cr 2.24; 4.5-7.

ASVATE

Nome de um aserita da família de Heber e da casa de Jafé, 1 Cr 7.33.

ATADURA FRONTAL

Facha usada na fronte: símbolo de manifesta obediência aos preceitos e mandamentos de Deus, Ex 13.16; Dt 6.8,9; 11.18; comp. Pv 3.3. Os judeus dos últimos tempos davam-lhe uma interpretação literal. Vide *Phylacterias*.

ATAI ver ETEI

ATAIAS

Nome de um homem de Judá, filho de Azião, da família de Farés, Ne 11.4. Não se pode dizer.

com certeza, que este Ataías seja o mesmo Otei, mencionado em 1 Cr 9.4.

ATALIA, *Jeová tem afligido*, ou *Jeová é exaltado*.

1. Nome da mulher de Jorão, rei de Judá, filha de Acabe e neta de Amri, 2 Rs 8.18,26; 2 Cr 21.6; 22.2. Esta mulher era dotada da coragem máscula de sua mãe Jezabel com os mesmos instintos sanguinários. Quando seu filho Ocozias foi morto por Jeú, ela mandou matar todos os filhos do monarca assassino, exceto o infante Joás, que sua tia Josabete arrebatou e escondeu. Subindo ao trono, reinou seis anos, no fim dos quais, uma insurreição de sacerdotes se levantou em favor de Joás. Tentando sufocar a revolta, foi ela retirada do Templo e morta à entrada das cavalariças do rei, 2 Rs 11.1-16; 2 Cr cap. 22.1 até cap. 23.21.

2. Nome de um benjamita da casa de Jeroboão, 1 Cr 8.26; em Fig. Otolia, na V. B. Ataliá.

3. Nome de um homem da casa de Elão, Ed 8.7.

ATALIA, *Que pertence a Atalo*.

Nome de uma cidade na costa da Panfília, fundada por Atalo Filadelfo, rei de Pérgamo (159-138 A. C.) que hoje se chama Antali ou Adal. S. Paulo navegou desta cidade para Antioquia em sua primeira viagem missionária, At 14.25.

ATALO

Nome do rei de Pérgamo, ou seja Atalo II, Filadelfo, ou seu sobrinho Atalo III, que sucedeu a seu tio em 138 A. C., I Mac 15.22.

ATAQUE, *Alojamento*,

Nome de uma aldeia ao sul de Judá, para onde Davi enviou despojos da tomada de Ziclague, 1 Sm 30.30. Talvez seja esta a mesma aldeia mencionada em Js 15.42; e 19.7, com o nome de Eter, por causa de um erro de escriba que confundiu a letra *kaph* com a letra *resh*.

ATARA, *Diadema*.

Nome da mulher de Jerameel, 1 Cr 2.26.

ATARIM ver CAMINHO DOS EXPLORADORES

ATAROTE, *Coroas, diademas*.

1. Nome de uma cidade, ao oriente do Jordão, reconstruída pela tribo de Gade, Nm 32.3,34, e que Mesa, rei de Moabe, tomou aos gaditas (Pedra Moabita, 10.11). O seu nome se conserva nas ruínas *"Attarus"* na vertente ocidental de *Jebel Ataruz*, segundo se crê, cerca de sete quilômetros ao oriente de *Machaerus*. As ruínas formam uma saliência montanhosa ao sul de Hesebom, que é na tribo de Rúben; porém, os territórios de Rúben e Gade, semelhantes aos de Judá e Simeão, eram muito unidos. Estas ruínas consistem de pedras brutas amontoadas; restos de alicerces, grandes cavernas, cisternas circulares, e lances de muros destruídos.

2. Nome igual a Atarote-Adar, Js 16. 5.

3. Nome de uma cidade nos limites de Efraim, perto de Jericó que parece diferente de Atarote-Adar, Js 16.7.

4. Nome de uma aldeia de Judá, 1 Cr 2.54, que na V. B. se lê: *"Atroth-Beth-Joab"*, e Figueiredo traduz: "Coroas da Casa de Joabe."

ATAROTE-ADAR, *Coroas de Adar*.

Nome de uma aldeia na fronteira sul de Efraim, Js 16.5, da linha divisória entre esta tribo e a de Benjamim, a oeste de Luza e perto do monte que está no lado sul do Bete-Horom inferior, Js 18.13. Ainda não identificada.

ATAROTE-SOFÁ ver SOFÁ

ATENAS

Nome da capital da Ática, um dos estados da Grécia. Esta cidade foi o centro luminoso da ciência, da literatura e da arte do antigo mundo. Foi edificada e cresceu em torno de um outeiro rochoso, denominado Acrópole, que quer dizer, o ponto mais elevado da cidade, e se estendeu pelos outeiros e vales, ao lado noroeste do golfo de Aegina, entre o ribeiro Ilissus, ao oriente, e Cefrisos um pouco para o ocidente. Distanciava-se da costa cerca de nove quilômetros, com um porto comercial no Pireu, com o qual estava ligada por fortes muralhas. Os navios ancoravam junto a Falero. Diz a tradição que Atenas foi fundada por *Cecrops* pelo ano 1556 A. C., que enviou uma frota de cinqüenta navios para a guerra de Tróia, que foi governada por monarcas até o ano de 1068 A. C. A suprema autoridade foi investida em arcontes. Fala-se de dois célebres legisladores; um deles Draco, 621 A. C. cujo nome se tornou proverbial pela sua severidade; e Sólon, 594 A. C., cujas leis foram mais humanas. Em 490 A. C. os atenienses, auxiliados pelos habitantes de Platéia, ganharam a grande vitória de Maratona, contra os generais de Dario Histaspes, rei da Pérsia. Em 480 A. C. Xerxes, sucessor de Dario, organizou nova expedição contra Atenas, mas a grande batalha naval de Salamina, ganha pelos gregos, compeliu o invasor a abandonar a luta. A cidade, todavia, foi incendiada em 479 A. C. por Mardônio, general persa. A glória que os atenienses ganharam nas guerras pérsicas, levou-os a estabelecer um pequeno império, tendo Atenas como sua capital com uma poderosa frota, em vez de um grande exército, para sua defesa. Pelo ano 441, Péricles, hábil chefe democrata tornou-se grande força política. A feição encantadora de seu governo foi o embelezamento da capital com lindos edifícios públicos. A literatura floresceu grandemente sob sua administração. Em 431, ainda sob seu governo, começou a guerra do Peloponeso que terminou com a submissão de Atenas a Esparta em 404. A cidade sofreu várias vicissitudes políticas, porém a intelectualidade de seus habitantes não decresceu. As quatro grandes escolas filosóficas, a platônica, a peripatética, a estóica e a epicuréia, floresceram nela e atraíram numerosos estudantes, da Grécia e de Roma. A cidade foi tomada pelo general romano Sula em 86 A. C. e continuou sujeita aos romanos até ao tempo em que nela se demorou o apóstolo S. Paulo. Não só em Atenas como no pôrto Falero, erguiam-se altares ao "Deus Desconhecido", At 27.23; Pausânias, 1.4; Filostrato vit. Apol. 6.2. O monte Marte, onde S. Paulo proferiu o seu grande discurso, estava a curta distância ao oeste da Acrópole, At 17.15, até cap. 18.1, comp. 1 Ts 3.1. Subseqüentemente, Atenas caiu na mão dos godos, dos bizantinos e de outras raças dominadoras, terminando com o domínio turco. Porém no ano de 1828, restabeleceu-se a independência da Grécia de que Atenas é capital não só do país como de toda a raça helênica do mundo.

ATENÓBIOS.

Nome de um comissário enviado por Antíoco Sidetes a Simão Macabeu. Pertencia a uma classe privilegiada, conhecida pelo nome de "Amigos do Rei", 1 Mac 15.28.

ATER, *Fecho*.

1. Nome de um homem que, por causa da sua distinção, se cognominava "Ater de Ezequias" e que fazia parte dos noventa e oito cujos descendentes voltaram do cativeiro de Babilônia, Ed 2.16; Ne 7.21.

2. Nome de um dos porteiros vindos de Babilônia, depois do cativeiro, Ed 2.42; Ne 7.45.

ATLAI, *Aflito ou Exaltado*.

Nome de um homem a quem Esdras induziu a divorciar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10.28.

ATORMENTADORES ver ALGOZES

ATOS DOS APÓSTOLOS. Quinto livro do Novo Testamento, escrito no século primeiro. Este título não quer dizer que nele estejam narrados todos os atos dos apóstolos do Senhor. Seu objetivo é mostrar como o Cristianismo se estabeleceu entre os Gentios pela operação do Espírito Santo. A princi-

pio foi Pedro e depois Paulo, que iniciaram o estabelecimento do Evangelho nos países gentílicos, e a êles se incorporaram os demais apóstolos, At 1.22-26; 2.42; 4.33; 5.12, 29; 6.2; 8.1,14; 15.6,23. O Livro é dedicado a certo Teófilo, talvez novo convertido do paganismo e pessoa de distinção. O seu autor refere-se a um prévio tratado por ele escrito a respeito da vida e ensinos de Jesus Cristo que é claramente o terceiro evangelho pelas seguintes razões: (a) Foi dirigido à mesma pessoa; (b) Contém a narração da vida e ensinos de Jesus até a sua ascensão, Lc 24.51; (c) Apresenta o ministério de Cristo com especial referência à sua missão universal, que naturalmente foi o ponto de vista por ele adotado; (d) O vocabulário e o estilo em ambos os livros são notavelmente semelhantes.

Ainda mais: o autor não menciona o seu nome, mas emprega o pronome da primeira pessoa do plural em certos lugares em que menciona as viagens de S. Paulo, At 15.10-15; 20.5; 21.18; 27.1; 28.16, e por êste modo se denuncia como companheiro do grande apóstolo. Quando S. Paulo realizava a segunda viagem a Trôade, Lucas foi seu companheiro até Filipos, e de novo a êle se ajuntou nesta cidade, quando fez a sua terceira viagem, indo com êle a Jerusalém e acompanhando-o de Cesaréia a Roma.

A tradição mais antiga dos tempos pós-apostólicos, dá o nome de Lucas como sendo o autor do terceiro evangelho e dos Atos Apostólicos. Esta autoria não podia ser atribuída a nenhum dos outros companheiros de S. Paulo. Pela leitura da epístola aos Colossenses 4.14 e Filemom 24, vê-se que Lucas estêve com S. Paulo em Roma. Em outras cartas, escritas na ausência de Lucas, êste nome não se menciona. Outro argumento em favor da autoria atribuída a Lucas, é o emprêgo de termos médicos e os elementos clássicos que se encontram nos referidos livros, bem assim o notável conhecimento do império romano, indicando tudo isto que o seu autor devia ser homem instruído como médico que era (Vide Hobart, Linguagem Médica de S. Lucas). Não pode haver dúvida alguma, portanto, de que S. Lucas é o autor do Evangelho que tem o seu nome e do livro dos Atos dos Apóstolos. O fim em vista neste último livro já foi mencionado antes. O primeiro capítulo recorda a última entrevista de Jesus com os apóstolos durante os quarenta dias, e bem assim a promessa do derramamento do Espírito Santo, e a ordem expressa de pregar o Evangelho até as extremidades da terra, seguindo-se a ascensão e as deliberações tomadas pelos apóstolos até o dia de Pentecostes. Nos caps. 2.1 a 8.3, temos a história da Igreja em Jerusalém depois do Pentecostes, nos quais se mencionam as primeiras conversões, as primeiras oposições, os primeiros atos de disciplina, as primeiras perseguições, a primeira organização, o primeiro martírio e finalmente uma breve notícia de seus efeitos sôbre a Igreja nascente (Vide 2.41-47; 4.23-37; 5.11-16,41,42; 6.7; 8.1-3). O apóstolo Pedro aparece como figura proeminente, se bem que o protomártir, Estêvão, foi quem preparou a Igreja para o seguinte período, o período de transição que a transformou em Igreja missionária para oferecer a salvação pela fé a tôdas as gentes (Cap. 8.4 até cap. 12.25). Neste segundo período se contêm cinco eventos notáveis, a saber: (a) A obra de Filipe em Samaria e a conversão do varão etíope, valido de Candace, cap. 8.4-40; (b) A conversão de Saulo e seus primeiros trabalhos, cap. 9.1-30; (c) O trabalho de Pedro na Síria, começando com a conversão de Cornélio que levou a Igreja a compreender que a salvação era partilhada pelos gentios, cap. 9.31 até 11.18; (d) a fundação da Igreja gentílica em Antioquia, novo centro de operações no mundo pagão, cap. 11.19-30; (e) a perseguição de Herodes pela qual os judeus repudiam definitivamente o Cristianismo, cap. 12. Segue-se o estabelecimento do Cristianismo nos principais centros do Império Romano pelo ministério de S. Paulo, cap. 13 até o fim. Levou este trabalho três grandes viagens: a primeira a Chipre no interior da Ásia Menor, caps. 13 e 14, e daqui a Jerusalém onde assistiu ao concílio que reconheceu o direito que os gentios tinham de entrar na Igreja sem receberem o rito da circuncisão; a segunda, à Macedônia e Grécia, caps. 15.36 até 18.22; a terceira a Éfeso e também à Grecia, caps. 18.23 a 20.3. Foi esta a última viagem a Jerusalém, caps. 20.4 até 21.26, onde foi preso, depois da sua defesa perante os judeus, Festo, Félix e Agripa. Esteve dois anos preso em Cesaréia, caps. 21.27 até 26.32, e depois, apelando para o César, foi enviado a Roma, caps. 27 e 28, onde pregou durante dois anos. Alguns teólogos são de parecer que o Livro dos Atos foi escrito no fim dêstes dois anos, isto é, no ano 63 A. D. Outros são de opinião que S. Lucas terminou a sua narrativa por ter conseguido o seu objetivo que era apresentar o Apóstolo como pregador apostólico na capital do Império, ou talvez porque pretendia escrever um terceiro livro descrevendo os acontecimentos posteriores. A sua verdade histórica tem sido comprovada pelas investigações modernas (Vide Ramsay — A Igreja no Império Romano). A sua harmonia com as epístolas de S. Paulo, tem sido muito debatida, mas defendida com muito êxito. — Está escrito com vigor artístico e fornece os elementos necessários a explicar o progresso do Cristianismo como religião universal, durante os trinta e três anos decorridos desde a morte de Cristo.

ÁTRIO

Área fechada e descoberta, junto a uma habitação particular, às vezes contendo um poço, 2 Sm 17.18; Ne 8.16, ou junto a uma residência palaciana, 1 Rs 7.8,9,12; Jr 32.2, e também em frente aos apartamentos reais, Et 4.11; 5.1, e ainda, em tôrno do Tabernáculo e do Templo, Ex 27.9; 40.8; 1 Rs 6.36. Como a área do Templo era dividida em várias secções, a palavra emprega-se às vêzes no plural, 2 Rs 21.5; Sl 64.5; Sl 83.3.

ATROTE-BETE-JOABE ver COROAS DA CASA DE JOABE

ATROTE-SOFÃ, *Coroas de Sofã.*

Nome de uma cidade reconstruída pelos gaditas, Nm 32. 35. Local ainda desconhecido. Na versão de Figueiredo, êste nome se apresenta como sendo de duas cidades.

AUGUSTO, *Venerável, Augusto.*

Nome pessoal do primeiro imperador romano chamado em o Novo Testamento César Augusto.

AUMAI, *Irmão da água.*

Homem de Judá, da família de Hesrom e da casa de Calebe, 1 Cr 4.2; comp. 2.18,19,50.

AUZÃO, *Possessão.*

Homem da tribo de Judá, filho de Assur, da família de Hesrom, cp. 1 Cr 4. 5, 6; 2. 24.

AUZATE, *Possessão.*

Amigo de Abimeleque, rei de Gerara, nos dias de Isaque, Gn 26. 26. Ver *Amigo do Rei.*

AVA.

Nome de uma cidade do império assírio a noroeste de Babilônia, donde vieram os colonizadores de Samaria. Seus deuses eram Nibaaz e Tartaque, 2 Rs 17.24,31. Este nome é o mesmo que se encontra em 2 Rs 18.34 e 19.13, com ortografia diferente.

AVE

Nome que se dá aos pássaros e outros animais voadores, (Gn. 1.26; Lev. 11.13-19.)

AVE DE RAPINA

Ave diurna, também chamada falcão, dada à presa. Esta família inclui no seu genero, os falcões, restritamente chamados, os açores, os milhanos e as águias. É a tradução da palavra hebraica *Ayyah,* Jó 28.7; Lv 11.14; Dt 14.13. Há diversas variedades na Palestina, mencionadas por Tristram, como sejam: o esmerilhão, *Falco subbuteo,* o esmerilhão da perna vermelha, *F. vespertinus,* e o falcão leonor, *F. eleonora.*

AVELEIRA ver AMENDOEIRA

AVEN ver HELIÓPOLE 1

AVES

Os hebreus punham nesta categoria todos os animais que voam, inclusive os morcegos e os insetos alados. Tristram enumera 348 espécies de aves indígenas, ou adventícias. Destas, 271 pertencem à zona Paleártica de Sclater (a que pertence a maior parte das aves européias), 40 à etíope, 7 à indiana e 30 são peculiares à Palestina. Os tipos da Etiópia e da Índia são quase exclusivamente limitados à bacia do Mar Morto. O nível deste mar é tão abaixo do oceano que oferece uma zona tropical muito reduzida, no centro de uma zona temperada. A lei mosaica considerava imundas, vinte ou vinte e uma ave, sendo expressamente condenadas quatro, Lv 11.13-19; Dt 14.11-20. A carne e os ovos de todas as aves limpas podiam ser comidos, Is 10.14; Lc 11.12. Somente as rolas e os pombinhos podiam servir para sacrifícios Lv 1.14.

Os pombos, os pombinhos, o galo, a galinha, são mencionados na Bíblia como animais domésticos, Is 60.8; Mt 26.34; 23.37; Lc 13.34. As aves silvestres eram apanhadas em armadilhas e em redes. Eclus. 11.30; Am 3.5; Pv 1.17. Jeremias alude à migração das aves no cap. 8.7, de seu livro.

AVESTRUZ

1. Tradução da palavra hebraica *Yaen;* feminino *Yaanah*, pássaro voraz. Era condenada pela lei cerimonial, Lv 11. 16; Dt 14. 15. Solta tristes lamentos, Mq 1. 8, habita no deserto, Is 13. 21; 34. 13, e dizem que se esquece dos ovos, Lm 4. 3.

2. Tradução do hebreu *Ranan*, que solta gemidos trêmulos, Jó 39. 13. A fêmea deposita os ovos no chão para chocarem com o calor da terra, abandona-os à sua sorte, esquecendo-se de que podem ser destruídos pelas feras ou pisados, 14, 15. Corre mais do que um homem a cavalo, 18.

Avestruz

3. A avestruz, *Struthio camelus*, pertence à subclasse ou divisão chamada *Ratita*, e contam-se na classe das aves mais corpulentas, mas não podem voar; supre esta falta pela velocidade de suas pernas. A avestruz comum tem cerca de dois metros a dois e meio de altura. As penas são estimadas para enfeitar os chapéus das damas. Prepara os ninhos espojando-se na areia e abrindo uma cova de cêrca de dois metros de diâmetro. Cada postura regula ser de dez, doze e mais ovos. Cada um deles pesa cerca de 1 quilo e 400 gramas, e chocam em parte com o calor do sol e em parte pela incubação. O macho pousa sôbre êles durante vinte horas e a fêmea, apenas umas quatro horas. É o macho que toma conta da ninhada. À noite solta um grito lamentoso a que alude o profeta Miquéias no cap. 1.8. A avestruz é muito comum na maior parte da África. Na Arábia também se encontrava. Tem escasseado muito desde os tempos do Antigo Testamento.

AVEUS ver AVINS

AVINS, da cidade Avim.

1. Nome dos aborígenes da Filístia, com exceção de uma pequena parcela, todos foram exterminados pelos caftorinos, mais tarde conhecidos pelo nome de filisteus, Dt 2. 23; Js 13. 3; 2 Rs 17. 31.

2. Nome de uma cidade de Benjamim, talvez a mesma Ai, Js 18. 23.

AVITE, *Ruínas.*

Nome de uma cidade edomita, onde nasceu o rei Adade, Gn 36.35; 1 Cr 1.46.

AZA, *Forte.*

Nome do pai de Fartiel, príncipe de Issacar, nos tempos de Moisés, Nm 34. 26.

AZÁ ver OZÁ

AZANIAS, *Jeová ouviu.*

Nome de um levita, pai de Josué, Ne 10.9.

AZAREEL, *Deus ajudou.*

1. Nome de um levita que se ajuntou a Davi em Ziclaque, 1 Cr 12.6.

2. Nome de um cantor do tempo de Davi. 1 Cr 25.18. No v. 4 tem o nome de Oziel (como o rei Azarias é conhecido pelo nome de Ocozias), pertencente à linhagem de Hemã.

3. Nome de um filho de Jeroão, chefe da tribo de Dã, 1 Cr 27. 22. Ezriel, em Figueiredo.

4. Nome de um homem a quem Esdras aconselhou a divorciar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10.41. Ezrel, em Figueiredo.

5. Nome de um sacerdote da casa de Emer, Ne 11.13. Azreel, em Fig.

6. Nome de um músico, filho de um sacerdote, Ne 12.36.

AZARIAS, *Deus ajudou.*

1. Nome de um homem de Judá da família de Zara, e casa de Etã, 1 Cr 2.8.

2. Nome de um levita da família de Coate, da linhagem de Izaar e antecessor do profeta Samuel e do cantor Hemã, 1 Cr 6.36; 2 Cr 29.12.

3. Nome de um dos oficiais de Salomão, filho do sumo sacerdote Sadoque e irmão de Aquimaás, 1 Rs 4.2.

4. Nome de um neto de Sadoque e filho de Aquimaás, que estava na linha de sucessão do sumo sacerdote, 1 Cr 6.9.

5. Nome de um filho de Natã, e, portanto, sobrinho de Salomão, que foi um dos doze intendentes, 2 Sm 5.14; 1 Rs 4.5.

6. Nome de um profeta, filho de Obede, que animou o rei Asa a perseverar na reforma religiosa que havia iniciado, 2 Cr 15.1-8.

7. Nome de dois filhos do rei Josafá, 2 Cr 21.2. É notável a repetição do mesmo nome na família deste rei. Pode atribuir-se a corrupções do texto primitivo, ou, se a não houver, talvez seja originada por serem filhos de mães diferentes, comp. *Herodes*. Não se pode explicar esta repetição, dizendo que o filho mais moço tomava o nome do irmão falecido, porque ambos viviam e foram mortos ao mesmo tempo.

8. Nome de um homem de Judá, da família de Hesrom, e casa de Jerameel, 1 Cr 2.38,39, e neto de Obede (38), naturalmente, o capitão Azarias, filho de Obede, que ajudou a destronar Atalia, para colocar a Josias no trono de Judá, 1 Cr 23.1.

9. Nome de outro capitão, filho de Jeroão, que participou da conspiração contra Atalia, 2 Cr 23.1.

10. Nome de um príncipe de Efraim, filho de Joanã, que ajudou a persuadir os soldados do exército de Facéia a soltar os cativos de Judá, 2 Cr 28.12.

11. Nome de um dos reis de Judá, conhecido também pelo nome de Ozias, comp. 2 Rs 15.1, com 2 Cr 26.1. Vide *Ozias*. Não é crença geral que o nome *Azriyau* encontrado nas inscrições cuneiformes de Tiglate-Pileser seja o mesmo Azarias.

12. Nome de um príncipe dos sacerdotes, 1 Cr 6.10, provavelmente o mesmo pontífice que repreendeu o rei Ozias, por haver usurpado funções sacerdotais 2 Cr 26.17-20. Talvez seja este mesmo o pontífice que ainda oficiava no reinado de Ezequias, 31.10,13, porém, é de supor, que o pontífice do reinado posterior, seja outro de igual nome. Vede *Sumo Sacerdote*.

13. Nome de um levita da família de Merari que colaborou na purificação do Templo no reinado de Ezequias, 2 Cr 29.12.

14. Nome de um sumo sacerdote, filho de Helcias e pai de Saraia, pouco antes do cativeiro, 1 Cr 6.13,14; 9.11. (Vide *Saraías* 11.)

15. Nome de um filho de Osaias, que se opôs ao profeta Jeremias, Jr 43.2.

16. Nome hebreu e primitivo de Abede-Nego, Dn 17; I Mac 2.9.

17. Nome de uma personagem, talvez um príncipe, que tomou parte na festa da dedicação do muro de Jerusalém, Ne 12.32,33.

18. Nome de um filho de Maasias que era dono de uma casa em Jerusalém no tempo de Neemias, e que edificou a parte do muro que estava fronteira à sua casa, Ne 3.23,24.

19. Nome de um levita que explicava a lei ao povo, depois de lida por Esdras, Ne 8.7.

20. Nome de um sacerdote, chefe de uma família que nos dias de Neemias assinou o compromisso de guardar a lei do Senhor e de separar-se dos povos estrangeiros, Ne 10.2.

21. Nome de um descendente de Helcias, vedor da casa de Deus, depois do exílio, 1 Cr 9.11. Além destes, aparece outro Azarias, rei de Israel, em 2 Cr 22.6, (V. B.) e o mesmo com o nome Ocosias, em Fig. Parece erro de cópia.

22. Nome de um dos dois homens, nomeados por Judas Macabeu, para dirigir o governo da Judéia durante a sua ausência, 1 Mac 5.18, e que foram derrotados por Górgias.

AZAZ, *Forte.*

Nome de um rubenita, da linha de Joel, 1 Cr 5.8.

AZAZEL (V. B.) Significa demitido, ou separado, do hebreu *Azalzel.*

Esta palavra ocorre sòmente no livro de Levítico da Versão Brasileira, Lv 16.8,10,26. Não existe base segura para determinar a sua significação a não ser a que se limita à etimologia, à exegese da passagem e ao ensino bíblico, em geral. Numerosas têm sido as interpretações propostas, mais ou menos satisfatórias, como vamos ver:

1. Nome de um lugar solitário e deserto (Jônatas, Jerônimo).

2. Nome de um bode, o bode emissário (Revisores judaicos da versão dos Setenta e da Vulgata).

3. Nome abstrato: Remover para longe ou demitir (Bahr, Winer).

4. Nome concreto e pessoal: a) Algum demônio do deserto (Stade); (b) Um anjo caído que seduz os homens para o mal (Livro de Enoque 6.7; 8.1, et passim), mais tarde identificado com Samuel; (c) Um epíteto aplicado ao Diabo (Orígenes, Hengstenberg, Oehler; Kurtz, Keil e Milton, Paraíso Perdido, 1). Qualquer das duas interpretações é satisfatória.

1. Considerar o termo como uma abstração. Arão "lança as sortes sobre dois bodes, uma pelo Senhor e outra pelo emissário, fará sôbre êle a prece e envia-lo-á para o deserto." A idéia do bode emissário está virtualmente garantida por esta interpretação.

2. Considerar a palavra como um epíteto do Diabo. A esta, objetam alguns que Satã nunca é mencionado no Pentateuco. A serpente, na verdade, o é, porém, não é certo que o Diabo já fosse reconhecido como atuando na serpente que tentou a Eva no Paraíso.

AZAZIAS ver OZAZIU

AZBUQUE

Nome do pai de certo Neemias, contemporâneo do governador da Judéia, que tem igual nome, Ne 3.16.

AZECA, *Campo cavado com enxada e plantado de novas vinhas.*

Nome de uma cidade da planície, perto de Socó, para onde foram lançados os reis que sitiavam Gabaom, Js 10.10,11. Esta cidade foi partilhada a Judá, 15.35. Os filisteus acamparam-se perto dela quando Golias saiu a desafiar os mancebos de Israel, 1 Sm 17.1. Roboão a fortificou, 2 Cr 11.9, e Nabucodonosor pelejou contra ela, Jr 34.7. Depois do cativeiro foi ocupada pelos filhos de Judá, Ne 11.30. Até agora não foi identificada.

AZGADE, *Bem-afortunado,* ou, *é forte o deus Gade.*

Nome de uma família, cujos membros voltaram de Babilônia com Zorobabel e com Esdras, Ed 2.12; 8.12. Os representantes desta família assinaram o pacto de servir a Deus, Ne 10.15.

AZI, UZI, *Minha força.*

1. Nome de um levita, dos filhos de Asafe. Era filho de Bani e chefe dos levitas em Jerusalém, Ne 11. 22.

2. Nome de um sacerdote, chefe da casa de Jodaia, Ne 12. 19.

3. Nome de um dos sacerdotes que assistiram à dedicação do muro de Jerusalém, Ne 12. 42.

AZINHEIRA[1]

Nome de uma árvore que no hebraico se chama *Tirzah*, em virtude de sua dureza, Is 44.14.

AZINHEIRA[2]

Carvalho sempre verde. (*Quercus ilex*) tradução da palavra hebraica *Tirzah*, árvore dura, na única passagem em que se encontra, Is 44.14. Os dois tradutores gregos *Aquila* e *Theodotion*, deram-lhe o nome de carvalho bravo, a Vulgata diz *ilex*.

AZINHEIRA[3]

Tradução da palavra hebraica—*Oren*, que se encontra em Is 44.14. Dos troncos da azinheira faziam ídolos. É árvore que os árabes denominam *aran;* cresce, segundo dizem os escritores orientais, na Arábia Pétrea. Seu tronco é revestido de espinhos e produz uns cachos de frutas amargas. Esta descrição é imperfeita, e leva-nos a crer que seja a azinheira das montanhas. A palavra *oran* pode ser a mesma *oren*, que os Setenta traduzem por *abeto*, e S. Jerônimo traduziu por *pinheiro*. Talvez seja o pinheiro da Síria (*Pinus halepensis*) que se encontra nas montanhas da Palestina e ao sul de Hebrom.

AZIZA, *Robusto.*

Nome de um homem a quem Esdras induziu a separar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10.27.

AZMAVETE, *A morte é valente.*

1. Nome de um beromita, dos homens valentes de Davi, 2 Sm 23.31.

2. Nome de um benjamita, cujos filhos foram unir-se a Davi em Ziclague, 1 Cr 12.3.

3. Nome de um filho de Adiel, tesoureiro-mor do rei Davi, 1 Cr 27.25.

4. Nome de um filho de Jeoadade, e descendente de Jônatas, filho de Saul, 1 Cr 8.36.

5. Nome de uma aldeia nas vizinhanças de Jerusalém, perto de Geba. Quarenta e dois de seus habitantes voltaram de Babilônia, Ed 2.24. Alguns destes eram cantores e se estabeleceram nos campos à roda de Jerusalém, Ne 12.29. Eram conhecidos também pelo nome de Bete-Azmavete, Ne 7.28. O lugar presumível da antiga Azmavete é ao meio caminho, entre Geba e Anatote.

AZMOM, *Robusto.*

Nome de um lugar no limite sul de Canaã, a oeste de Cadesbarnéia perto do rio do Egito, Nm 34.4,5. Ignora-se o sítio de sua existência antiga.

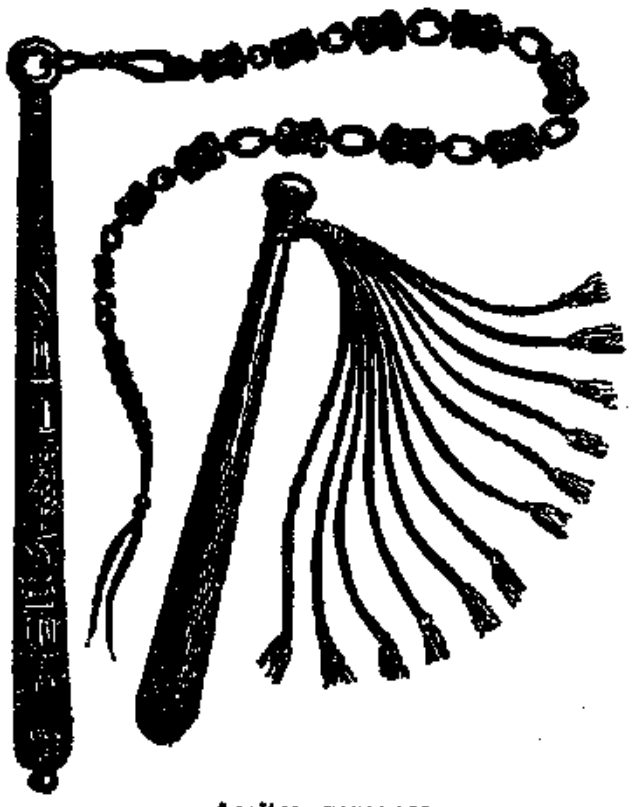
AZMOTE-TABOR, Os desfiladeiros do Tabor. Nome de um lugar nos limites de Naftali, vizinho do Monte Tabor, Js 19.34.

AZOR

Nome de um dos antecessores de Cristo, que viveu depois do exílio, Mt 1.13,14.

AZORRAGUE, *Açoite.*

Instrumento de tortura por meio de açoites. A lei mosaica não impunha a pena de açoites nem mesmo no caso previsto em Lv 19.20. A lei permitia castigar com açoites, deitado em terra de costas para cima, Dt 25.2,3. Este modo de castigar difere daquele a que se refere a 2 Co 11.24,25. Roboão fala em açoitar com escorpiões, aludindo sem dúvida a um sistema de punição usado no seu tempo, 1 Rs 12.11,14, e que foi posto em prática por Antíoco Epifanes para, por meio da tortura, obrigar os judeus a comer carne de porco, 2 Mac 6.30; 7.1. A legislação judaica posterior a Moisés estabeleceu a pena de açoites para castigar os crimes contra as leis da igreja, como sejam a violação das cerimônias religiosas não especificadas pela lei de Moisés, a desobediência às ordens do sinedrim e a heresia. Algumas vezes açoitavam com varas, 2 Co 11.25, e outras, com azorrague formado de três látegos, sendo um de couro de boi e dois de couro de burro. O número de açoites não podia exceder a trinta e nove, a fim de evitar os perigos de exceder dos quarenta que a lei de Moisés prescrevia para os castigos corporais, Dt 25.2,3. Os castigos aplicados dentro da sinagoga estavam a cargo dos *hazzan*, ou serventes, Mt 10.7; 23.34; alguns ofensores também sofriam o mesmo castigo na presença do sinedrim, At 5.40.



Açoites romanos

Os romanos usavam um azorrague de cordas, ou de correias, guarnecidas de pedaços de chumbo, ou bronze, ou ainda de lascas de ossos, com o fim de tornar o castigo mais cruel. Empregavam o mesmo processo doloroso para obterem a confissão do crime, ou depoimento de testemunhas. Depois que foi decretada a lei porciana de 248 A. C. e a lei semproniana de 123 A. C. os cidadãos romanos não podiam ser açoitados, Lívio, 10. 9. Podiam sofrer a pena de açoites as pessoas livres, que não fossem cidadãos romanos, e os escravos. Não obstante, os governadores pouco escrupulosos, açoitavam até cidadãos romanos, Guerras, 2.14,9; Tácito, Hist. 4.27. Os criminosos condenados à morte de cruz, sofriam os açoites antes da execução, Lívio, 33.36. Jesus, e muitos dos judeus antes da revolta e depois do cerco de Jerusalém, pelos romanos, foram açoitados antes do suplício da cruz, Mt 27.26; Guerras, 2.14,19; 5.11,1. As vítimas eram açoitadas da cinta para cima, amarradas a um poste com as mãos para trás. O sofrimento era atroz. O corpo ficava horrivelmente lacerado. Os mártires cristãos de Esmirna, no ano 155 da era cristã, foram de tal modo açoitados, que as veias ficaram à mostra, bem como os nervos e os tendões, até as entranhas ficavam expostas, Eusébio, Hist. 4.15.

AZRICÁ ver EZRICÃO

AZRIEL ver EZRIEL

AZUBA, *Desolação.*

1. Nome de uma das mulheres de Calebe, 1 Cr 2. 18, 19.

2. Nome de uma filha de Salai e mãe de Josafá, 1 Rs 22. 42.

AZUR, *Proveitoso.*

1. Nome do pai de Hananias, falso profeta, Jr 28. 1.

2. Nome do pai de Jezonias, Ez 11. 1.

3. Nome de um dos que assinaram o pacto com Neemias, Ne 10. 17.

B

BAAL, *Senhor, possuidor.*

1. O deus sol, exibindo os diferentes aspectos da energia solar, cujo centro de adoração era a Fenícia, donde se irradiou para os países vizinhos. Baal era adorado nos lugares altos de Moabe, desde os dias de Balaão e Balaque Nm 22. 41. No tempo dos Juízes tinha altares dentro dos limites dos israelitas, Jz 2. 13; 6. 28-32. Quando o rei Acabe casou com Jezabel, filha de Etbaal, rei dos sidônios, o culto de Baal quase suplantou o de Jeová. A luta de vida e morte entre as duas religiões culminou no alto do Carmelo, quando o profeta Elias enfrentou os profetas de Baal, 1 Rs, 16. 31, 32; 18. 17-40, que nessa ocasião foram todos mortos, mas em breve ressurgiram de novo, até que Jeú fez nova matança neles, 2 Rs 10, 18-28. Por este tempo a adoração a Baal recebeu novo impulso no reino de Judá pela influência de Atalia, filha de Jezabel, mulher de Jorão, 2 Cr 17. 3; 21. 6; 22. 2. Mas, o povo da terra entrou no templo de Baal, deitou abaixo os seus altares; fizeram as suas imagens em mil pedaços e mataram a Matã, sacerdote, diante do altar, 2 Rs, 11. 18. Mais tarde, reviveu em ambos os reinos de Judá e Israel, o culto idólatra a Baal, Os 2. 8; 4. 13. Acaz mandou fundir estátuas de Baal, 2 Cr 28. 2. Ezequias promoveu uma reforma, que Manassés anulou erigindo altares a Baal, 2 Rs 21. 3. Josias destruiu todos os vasos feitos para Baal em Jerusalém e fez cessar o seu culto, 23. 4, 5. Jeremias e os demais profetas proferiram vementes denunciações contra tais apostasias, Jr 19. 4, 5. Este culto idólatra era acompanhado de ritos lascivos, comp. 1 Reis 14. 24. Os pais sacrificavam os seus filhos, passando-os pelo fogo, Jr 19. 5, e osculavam as imagens de Baal, 1 Reis 19. 18; Os 13. 2. Este deus estava associado a Astarote, Jz 2. 13, e nas proximidades de seu altar, havia freqüentemente uma imagem da deusa Aserá, Jz 6. 30; 1 Rs 16. 32, 33. Não se deve confundir este Baal com o deus de Babilônia, Bel, apesar de ambos serem adorados do mesmo modo e com a mesma significação.

2. Nome de um rubenita, da casa de Joel; viveu antes do cativeiro das dez tribos, 1 Cr 5. 5, 6.

3. Nome de um benjamita, filho de um antecessor do rei Saul, 1 Cr 8. 30; 9. 35, 36, 39.

4. Nome de uma aldeia da tribo de Simeão, a mesma que tem o nome de Baalate-Beer, 1 Cr 4. 33.

BAALA, *Senhora.*

1. Nome de uma cidade, Js 15. 9.

2. Nome de uma cidade em Judá, entre Ecrom e Jebenel, Js 15. 11.

3. Nome de uma cidade ao sul de Judá, Js 15. 29. É a mesma cidade com o nome de Bala em Js 19. 3, e 1 Cr 4. 29. Não identificada.

BAALATE, *Senhora.*

Nome de uma aldeia do território primitivo de Dã, perto de Gezer, fortificada por Salomão, Js 19. 44; Ant. 8. 6, 1; 1 Rs 9. 18; 2 Cr 8. 6.

BAALATE-BEER, *Possuidor de um poço.*

Nome de uma cidade nos limites da tribo de Simeão, chamada simplesmente Baal em 1 Cr 4. 33 e conhecida como sendo também denominada Ramá e Ramote do sul, Js 19. 8; 1 Sm 30.27. Não identificada.

BAALBERITE, *Senhor de um pacto*, i. é. o deus que entrou em um pacto com os seus adoradores.

Designação que se dava a Baal no tempo dos Juízes e pela qual era adorado em Siquém onde tinha um templo, Jz 8. 33; 9. 4. Algumas vezes também era conhecida pelo nome de El-Berite (O deus que faz aliança), Jz 9. 46.

BAALGADE, *Senhor da fortuna.*

Nome de um lugar no sopé do monte Hermom no vale do Líbano, onde era adorado Gade, o deus da fortuna. Constituia o limite norte da conquista de Josué, Js 11. 17; 12. 7; 13. 5. Há dúvidas, se é Banias ou Baalbeque o lugar de sua antiga existência.

BAAL-HAMOM, *Lugar de multidão.*

Nome de um lugar onde Salomão tinha uma vinha, Ct 8. 11. Dizem que existia no lugar que hoje se chama Balamom, cidade perto de Dotão, Judite, 8. 3, porém, Gesenius acha duvidosa esta identificação por causa dos diversos modos de soletrar a palavra Balamom que uns dizem *Belbaim*, outros, *Baelmain* e *Abelmaein*, 4. 4; 7. 3.

BAAL-HANÃ, *O Senhor é gracioso.*

1. Nome de um filho de Acbor e rei de Edom, Gn 36. 38; 1 Cr 1. 49.

2. Nome do superintendente dos olivais e dos sicômoros do rei Davi, 1 Cr 27. 28.

BAAL-HAZOR, *Senhor de uma aldeia.*

Nome de um lugar ao lado de Efraim, 2 Sm 13. 23. Gesenius diz que é ao lado de Benjamim, Ne 11. 33. Outra opinião aponta Tel-Asur, a oito quilômetros a noroeste de Betel, porém os dois nomes são etimologicamente diferentes.

BAAL-HERMOM, *Senhor do Hermom.*

Nome de um monte que assinala o limite da meia tribo de Manassés a noroeste e a este do Jordão, situado ao sul ou a sudoeste do monte Hermom, Jz 3.3; 1 Cr 5. 23. A comparação entre Js 13. 5 com Jz 3. 3, não basta para estabelecer a sua identificação com Baale-gade.

BAALI, *Meu senhor*, Os 2. 15.

BAALIADA, *O Senhor conhece, i. é. olha benignamente.*

Nome de um filho do rei Davi, nascido em Jerusalém 1 Cr 14. 7. Figueiredo escreve Elisama, e a V. B. *Elishama*, em vez de Baaliada, nas seguintes passagens, 2 Sm 5. 16; 1 Cr 3. 18. Por causa da associação da palavra Baal com o culto idólatra, os historiadores judaicos deram de escrever *Elisama*, ou *Elishama* em vez de Baaliada.

BAALIM DE JUDÁ, Baal de Judá.

Nome de uma cidade de Judá, 2 Sm 6. 2; comp. 1 Cr 13. 6; Js 15. 14. É a mesma cidade que tem o nome de Quiriate-Jearim e Quiriate-Baal, nas passagens citadas, somente na tradução brasileira e em Almeida.

BAALINS, Plural de Baal.

Nome de Baal, o deus sol, adorado sob diferentes aspectos pelas nações vizinhas de Israel, ou então, o plural de eminência usado pelos cananeus, em vez do número singular, Jz 2. 11; 3. 7; 8. 33; 10. 10; 1 Sm 7. 4; 12. 10.

BAALIS

Nome de um rei dos amonitas que reinou logo depois da tomada de Jerusalém por Nabucodonosor, Jr 40. 14.

BAALMEOM, *Senhor de Meom.*

Nome de uma velha cidade dos amorreus nas fronteiras de Moabe, conhecida por Bete-Baale-Meom, Nm 32. 38; Ez 25. 9. Estes dois nomes se encontram na Pedra Moabita, 9. 30. Tocou na partilha de Canaã à tribo de Rúben que a reconstruiu, Nm 32. 38, e no v. 3 tem o nome de Beom, Is 15. 17; 1 Cr 5. 8. Esteve em poder de Messa, rei de Moabe (Pedra Moabita), até ao sexto século A. C. Ez 25. 9; Jr 48. 23, onde tem o nome abreviado para Betemaom. Foi uma cidade considerável no tempo de S. Jerônimo que a dá à dis-

tância de 9 milhas romanas de Hesebom ou sejam cerca de 13 quilômetros e meio. As ruínas de Baal-meom se encontram no lugar chamado Maim na parte setentrional do território moabita, e a sete quilômetros e meio a sudoeste de Medeba. Tristram, descrevendo estas ruínas, diz que elas se estendem pelas cristas, e pelos lados de quatro outeiros adjacentes, um dos quais representa ser o núcleo, ou ponto central da cidade, ligado por três avenidas aos outros três outeiros. Existem restos de alicerces, de muros, de ruas, arcos, pedras esculpidas, cavernas e habitações subterrâneas, poços e cisternas.

BAAL-PEOR, *Senhor de Peor.*

Nome de uma divindade moabita, adorada no cimo do monte Peor, com um ritual impuro. Quando os israelitas se acamparam em Cetim, sentiram-se atraídos pelo culto nefando prestado a Baal-Peor, e pecaram de modo a provocar a ira de Deus que os castigou com uma praga mortífera, que cessou depois que foram mortos os principais transgressores, Nm 25. 1-9; Sl 105. 28; Os 9. 10.

BAAL-PERAZIM, *Lugar das brotas.*

Nome de um lugar perto do vale de Rafaim, onde Davi alcançou uma vitória contra os Filisteus, 2 Sm 5. 18-20; 1 Cr 15. 9-11; comp. Is 28. 21.

BAAL-SALISA, *Senhor de Salisa.*

Nome de uma aldeia, donde trouxeram a Eliseu pão e trigo, quando ele estava nas montanhas de Gálgala, cerca de 14 quilômetros ao norte de Betel, 2 Rs 4. 42-44, onde havia uma escola de profetas. S. Jerônimo e o historiador Eusébio mencionam esta aldeia com o nome de Baal-Salisa Bete-Salisa e dão-na situada a 15 milhas romanas ao norte de Lida (Cerca de 22 quilômetros). Conder assinala a atual aldeia de *Kefr Thilt* nas colinas de Efraim a 16 milhas, cerca de 30 quilômetros, a nordeste de Lida, e 13, 5 milhas, ou 25 quilômetros a noroeste de Gálgala. A distância e a etimologia da palavra favorecem esta identificação.

BAAL-TAMAR, *Senhor e possuidor de uma palma.*

Nome de um lugar de Benjamim, onde o exército israelita acampou para o assalto à cidade de Gabaá, Jz 20. 33. Não identificada.

BAAL-ZEBU, *Senhor da mosca.*

Nome que se dava ao deus-sol, Baal, em Acarom onde era adorado como o produtor das moscas, e por isso, capaz de proteger o povo contra a peste. Ocozias, rei de Judá, mandou consultar êste deus para saber se sararia ou não da sua enfermidade, 2 Rs 1. 6, 16. Vide *Belzebu.*

BAAL-ZEFOM, Senhor da vigilância, Baal do norte, ou lugar de Tifom.

Lugar onde acamparam os israelitas diante de Fiairote, entre Magdal e o mar, no ponto em que o atravessaram, Êx 14. 2, 9. Vide também Nm 33. 7. Ainda não identificado.

BAANA[1]

1. Nome de um benjamita irmão de Recabe e capitão de um bando de salteadores. Não obstante seus irmãos pertencerem à tribo de Saul, êle e Recabe mataram a Isbosete, filho do rei e levaram a sua cabeça a Davi em Hebrom, esperando recompensas; porém, Davi mandou matá-los como criminosos, 2 Sm 4. 1-12.

2. Nome de um netofatita, pai de Helede, que fazia parte dos mais valentes de Davi, 1 Cr 11. 30.

3. Nome de um dos governadores que Salomão nomeou para as províncias de Israel. Vide *Baana II.*

4. Nome de um judeu que voltou de Babilônia com Zorobabel, Ed 2. 2; Ne 7. 7. Foi provavelmente representante de sua família como signatário do concerto, no tempo de Neemias, 10. 27.

BAANA[2]. Forma aramaica de Baaná.

1. Nome de um dos governadores que Salomão havia estabelecido sobre Israel; era filho de Ailu e provavelmente irmão de Josafá, cronista-mor, 1 Rs 4. 12; comp. v. 3.

2. Nome de outro governador nomeado para Aser e suas vizinhanças; era filho de Husi, não daquele que era amigo de Davi, 1 Rs 4. 16.

3. Nome do pai de certo Sadoque, Ne 3. 4.

BAARA, *Estupidez.*

Nome de uma das mulheres de Saaraim, 1 Cr 8. 8.

BAURIM, *Moço.*

Nome de uma aldeia perto do monte das Oliveiras na estrada que de Jerusalém vai ao Jordão, 2 Sm 16. 5. Este nome aparece repetidas vezes na história de Davi. Deste lugar partiu Semei para insultar a Davi. Foi neste lugar que Jônatas e Aquimaás se esconderam dentro de um poço, para escapar à perseguição dos partidários de Absalão (2 Sm 3. 16; 16. 5; 17. 18; 19. 16; 1 Rs 2. 8). Crê-se que Baurim era situada perto da velha estrada que ia de Jerusalém ao Jordão pelo vale de Ruabé, a cerca de dois quilômetros a nordeste de Jerusalém e em igual distância ao sul de Anatot.

BAARUMITA

Nome de um habitante de Baurim, 1 Cr 11. 33.

BAARUMITA

O mesmo nome de baarumita que se lê em 1 Cr 11. 33, comp. com 2 Sm 23. 31.

BAASA

Nome de um filho de Aias da tribo de Issacar que conspirou contra Nadabe, filho e sucessor de Jeroboão I, rei de Israel. Quando Nadabe dirigia o assédio de Gibetom, ainda em poder dos Filisteus, Baasa o matou e a todos os descendentes de Jeroboão, cumprindo-se assim o juízo contra a sua casa, 1 Rs 16. 7. Então, o assassino subiu ao trono de Israel no terceiro ano de Asa, rei de Judá, e fixou sua capital em Tersa, 1 Rs 15. 25 até cap. 16. 4. Manteve longa guerra com Asa. Começava a fortificar Rama para bloquear a fronteira norte de Judá, quando foi desviado deste intento pela invasão de seu reino por Benadade, rei de Damasco, a serviço de Asa, 1 Rs 15. 16-21; 2 Cr 16. 1-6. Baasa continuou a adorar o bezerro de Jeroboão, pelo que o profeta Jeú o ameaçou a ele e à sua casa com os juízos que caíram sobre a casa de Jeroboão. Morreu depois de um reinado de 24 anos e foi sepultado em Tersa. Seu filho Ela sucedeu-o no trono, 1 Rs 15. 34 até o cap. 16. 6.

BAASEIÁ ver BASAIA

BABEL, *Porta de Deus.*

Nome de uma cidade da planície de Senaar. É a primeira cidade mencionada depois do Dilúvio e nela teve princípio o reino de Nemrode, i. é. provavelmente a primitiva sede de seu governo, Gn 10. 10. Daqui em diante passa a chamar-se Babilônia. A torre de Babel começou a ser edificada em seguida ao Dilúvio, com o intuito de estabelecer um centro de renome e de evitar um movimento dispersivo. Não havia pedras nem cal naquela planície de aluvião do Sennaar, de modo que tiveram de fazer tijolos para levantar a torre e usar de betume em vez de cal. O betume era abundante na parte superior do rio, distante 140 milhas ou cerca de 260 quilômetros. O plano dos edificadores não foi avante, por causa de um castigo que imediatamente produziu tal variedade de dialetos que, não mais se podiam entender, provocando uma dispersão das gentes para regiões distantes. Daí lhe veio o nome de Babel, ou lugar do juízo de Deus, (Vide *Porta*). Para descrever este acontecimento, os escritores hebreus escolheram a palavra *balal*, que tem suas relações fonéticas com a palavra *babel*, Gn 11. 1-9. Esta confusão de línguas está registada no meio de uma

secção do livro de Gênesis, dedicado aos semitas, Gn 10. 21 até cap. 11. 26, e pode ser um incidente privativo da história semítica, e não um fato de História Universal. Podia ter originado dialetos entre os semitas somente, o que parece confirmado no cap. 11 v. 1 do Gênesis. A confusão das línguas deu-se depois de constituída a família de Heber. Uma tradição duvidosa identifica a torre de Babel com a *Birs Nimrud* em Borsipa, na distância de 7 milhas ou cerca de 13 quilômetros do centro de Babilônia. Porém se a torre prestou algum serviço depois da dispersão é mais razoável supor que ela se tenha perpetuado no templo cônico Etemenanqui, ao norte do grande templo de Marduque na cidade mesmo de Babilônia. Apesar de ter cessado a edificação, o local continuou a ser ocupado. Em anos posteriores existiu ali uma grande comunidade. Vide o artigo seguinte.

BABILÔNIA

1. Nome da capital do império babilônico. Aparece, pela primeira vez, este nome, nas escrituras hebraicas em Gn 10. 10, associado a outros três nomes no princípio do reino de Nemrode (comp. Is 23. 13. Ali começaram a edificar a torre de Babel, e deu-se, a confusão das línguas, Gn 11. 1-9. Esta cidade era o centro do poder babilônico no reinado de Hamurabi, vinte séculos antes do Cristo (Vide *Amrafel*) e desde então, ficou sendo o centro político e religioso de todo o país. Atingiu o auge de sua glória no sexto século A. C. sob o reinado de Nabucodonosor que muito fez para convertê-la na mais esplêndida capital do mundo. O antigo palácio ergue-se na margem oriental do Eufrates. O palácio real foi por ele aumentado no dobro de seu tamanho original. Estendia-se para o norte, e era cercado pelo rio a oeste e por um canal ao norte e ao sul. A parte oriental era ornada por um magnífico pórtico, tendo em frente a grande Avenida das Procissões de cerca de três quilômetros de extensão, que ia dar ao templo de Marduque. Nabucodonosor edificou outro palácio ao norte do primeiro, a uns três quilômetros de distância, sobre uma eminência artificial, ladeado de terraços, onde provavelmente, existiram os famosos jardins suspensos. Heródoto que viveu no ano 413 A. C. diz que Babilônia, a qual ele havia visitado, ocupava uma área quadrada, tendo cada lado 120 estádios, ou cêrca de 22 quilômetros, com uma área provável de 370 quilômetros, incluindo Borsipa, que ficava nos limites da cidade. Ctesias, que também floresceu no ano 400 A. C. e que foi testemunha de vista, dá a cada lado da cidade, 90 estádios, dando os quatro lados, uma extensão de 360 estádios ou 66 quilômetros e meio, cobrindo uma área superior a 185 quilômetros. A cidade era protegida por um muro, segundo Jr 51. 58; ou, segundo Heródoto, por muralhas duplas. Entre estes dois muros, havia um espaço onde não se permitia a construção de casas. Em todo o circuito do muro interno, estendiam-se jardins, hortas e campos, que aumentavam a área e que pouco serviam para aumento da população. Diz Heródoto que os muros tinham a espessura de 50 cúbitos reais, que corresponde a 28 metros e a altura de 200 cúbitos reais, ou 112 metros.

Quinto Cúrcio, ano 40 da era cristã, dá a largura de 101 metros e meio e Clitarcus (segundo Diodoro Siculo) e Estrabão dizem que a altura dos muros era de 24 metros e 75 cent. Estes escritores calculam a área da cidade entre 365 a 385 estádios, ou sejam 67.525 ou 71.225 metros respectivamente. A cidade tinha cem portas de bronze, vinte e cinco em cada lado. À entrada de cada porta, abriam-se largas ruas que se cruzavam em ângulos retos, dividindo a cidade em áreas quadradas. O Eufrates corria pelo centro da cidade, dividindo-a em duas partes; as margens do rio eram cercadas de um cais separado da cidade por uma muralha em toda a sua extensão, a qual tinha vinte e cinco portas de comunicação para o rio por meio de caminhos em declive até a sua margem. O rio dava curso a barcos de recreio e era atravessado por uma ponte e por um túnel. Os muros, cais, palácios, templos e edifícios particulares, eram construídos de tijolos, com betume servindo de argamassa, Gn 11. 3. O madeiramento empregado nas construções, geralmente de dois, três e quatro andares, era de palmeiras (Heródoto, 1. 178-186).

Em 520-19 A. C. e outra vez em 514, Babilônia revoltou-se contra Dario Histaspes, sendo embas as vezes subjugada e facilmente desmantelada. Seleuco Nicator apressou a sua decadência; conquistando-a em 312 A. C. e retirando dela grande cópia de materiais para construir a sua nova capital, Selêucia, nas margens do Tigre.

As profecias da Escritura acerca de Babilônia têm sido literalmente cumpridas, Is caps. 13 e 14 até o v. 23; 21. 1-10; 6. 1, 2; 47. 1-3; Jr caps. 50, 51. Jeremias no cap. 51 comp. com cap. 50.26, disse que ela seria reduzida a montões, tal qual como existe atualmente. As suas ruínas começam a seis quilômetros e meio acima da aldeia de *Hillah*, e estendem-se a cinco quilômetros e meio para noroeste a perto de quatro do oriente para o acidente, principalmente do lado oriental do rio. Aos três montões principais dão os árabes o nome de *Babil*, *Kasr* e *Amram*; estão no oriente do rio, e em uma secção da antiga cidade, que num período remoto, tinha a forma triangular limitada pelo rio e por dois muros. Estes muros eram construídos em linhas retas que se encontravam, formando um ângulo, reto na direção do oriente, com três a cinco quilômetros de extensão. O montão sul, *Amram*, assinala o local do templo de Marduque, o montão central, *Kasr*, cobre as ruínas do velho palácio e do templo da deusa Belite, situado mais para este, e separado do palácio pela Avenida das Procissões. O montão *Babil*, ao norte é o lugar do palácio norte de Nabucodonosor.

2. Nome da Babilônia mística de que fala o Apocalipse de S. João, 14. 8; 16. 19; e caps. 17 e 18, que representa a cidade de Roma edificada sobre sete montes (comp. 17. 3, 5, 6, 9).

3. Nome da região ocidental da Ásia, cuja capital era Babilônia. Esta região tem às vezes o nome de Senaar, Gn 10. 10; 12. 2; Is 11. 11, e outras o de Caldéia, Jr 24. 5; 25. 12; Ez 12. 13. Era limitada ao norte pela Mesopotâmia, linha divisória, entre as duas, que correm desde perto do Hite no Eufrates, até um pouco abaixo do Samara no Tigre. O limite é natural e separa a planície levemente elevada de formação secundária ao norte, da parte baixa formada pelas aluviões trazidas pelo Eufrates e pelo Tigre ao sul. A região é limitada ao oriente pelas montanhas do Elão, a leste pelo rio Tigre; ao sul, pelo Golfo Pérsico, a oeste pela Arábia Deserta. Nos antigos tempos históricos, a sua área era de 46.300 quilômetros quadrados, porém com as aluviões trazidas gradualmente sobre a parte norte do Golfo Pérsico, a superfície eleva-se a 55.560. A parte formada pelas aluviões é riquíssima; irrigada artificialmente é de fertilidade admirável. Foi ali que os descendentes de Cus se estabeleceram e bem assim os semitas, Gn 10. 8-10. As cidades principais que se fundaram ali foram: Ur, 11. 28, Larsa, Ereque, Badel, Acabe, Cutá, 2 Rs 17. 24, e Nipur. Estas cidades foram às vezes reinos independentes, e outras vezes governadas por um só monarca. Nemrode, em breve, dominou sobre quatro destas cidades. Sargom de Agade, semita de origem, dominou em toda a região, 3.750 A. C. Porém o seu domínio e bem assim o de seu filho *Naram-sin*, estendeu-se muito além de Babilônia, chegando até ao Mediterrâneo. Dois milênios antes de Cristo, Cudurnanhundi desceu de Elão e conquistou Babilônia. Presume-se que o rei Quedorlaomer pertencia a esta dinastia, Gn 14.1. Estes elamitas foram, afinal, derrotados, terminando o domínio de Hamurabi sobre Babilônia. Posteriormente os conseanos se estabeleceram no país. Cerca de dezesseis séculos A. C. a Palestina adotou a linguagem

e a escrita usadas em Babilônia para sua correspondência oficial com a corte egípcia. Em 1270 A. C. os assírios, sob o governo de Tuculti-adra, subjugaram Babilônia, que durante 700 anos ficou sendo uma potência de segunda ordem, ainda que, por vezes, sacudindo o jugo dos assírios. Nabonassar alcançou a independência em 747 A. C. O país foi novamente conquistado por Tiglate-Pileser, 741 A. C. e depois de sucessivas revoltas, por Sargom em 709; por Senaqueribe, em 703; e por Assurbanípal em 648 A. C. Durante este período, Merodaque-Baladã duas vezes ocupou o trono, uma vez, de 721 a 709, e outra vez de 704 a 703. Em 625, A. C. a independência de Babilônia foi finalmente consolidada por Nabopalusur, conhecido dos gregos pelo nome de Nabopolassar que provavelmente era oficial do tempo dos assírios. Os inquietos babilônios juntamente com os medos ameaçaram o império assírio. Auxiliado pelos caldeus, Nabopolassar apoderou-se de Babilônia, proclamou-se independente da Assíria, aliou-se com os medos e lançou os fundamentos do grande império babilônico. Reinou desde o ano 625 até 605 A. C. Nínive tinha sido tomada e destruída em 606 A. C. e na partilha deste império, foram anexadas ao império babilônico a Susiana, o vale do Eufrates, a Síria, e a Palestina. Porém, as pretensões de Babilônia à região ocidental do Eufrates, foram disputadas por Faraó Neco, rei do Egito, e Nabopolassar mandou seu filho Nabucodonosor para proteger os interesses babilônicos. Este derrotou totalmente a Neco na batalha de Carcames, 605, A. C. e, continuando para o ocidente, no prosseguimento de suas vitórias, teve de retroceder para Babilônia por causa da morte de seu pai. Subiu ao trono em 605 A. C. e reinou 44 anos. No seu reinado, o império estendeu os seus limites, como nunca antes; quase todos os melhoramentos de engenharia e arquitetura foram por ele dirigidos. Tomou e destruiu Jerusalém e levou cativo o povo de Judá (Vide *Nabucodonosor*). Morreu em 562 A. C.; sucedeu-lhe no trono seu filho Evilmerodaque que se tornou amigo do rei Joaquim, tirando-o do cárcere, 2 Rs 25. 27; Jr 52. 31. Depois de um reinado de 2 anos, 562-560. A. C. Evilmerodaque foi assassinado por uns conspiradores chefiados por Neriglissar, genro de Nabucodonosor. Este parece ter sido o mesmo Nergel que tomou parte no sítio de Jerusalém, Jr 39. 3, 13; subiu ao trono e reinou 4 anos e meio, vindo a falecer em 556 A. C. Seu filho e sucessor, *Labashi-marduk*, ainda criança, foi assassinado, alguns meses depois. Os conspiradores investiram a um de seus companheiros, chamado Nabunaida, no governo do país. Decorridos dezessete anos de seu reinado, 539 A. C., Ciro, rei dos Persas, entrou em Babilônia, que deu fim ao império babilônico (Vide *Ciro*). Depois de Ciro, vem Alexandre, o Grande, que, pelas suas grandes vitórias, 333 e 331 A. C., nulificou o domínio persa. Desde então, o território do baixo Eufrates passou sucessivamente dos gregos para os romanos, para os partas, para os persas outra vez, e, finalmente, para os maometanos. Depois da tomada de Jerusalém, no ano 70 A. D. Babilônia foi um centro de instrução, onde existiam várias escolas judaicas consagradas ao estudo e interpretação da Lei mosaica. Este país é hoje região estéril, mas que se pode tornar rica e fértil sob um governo culto e sábio.

BACA

Árvore balsâmica que destila uma resina, formando cristalizações semelhantes a lágrimas; este nome tem a significação de choro.

Nome de um vale na Palestina, Sl 84.6, assim chamado por causa das árvores aromáticas que nêle cresciam. É provavel que haja uma referência a este vale em 2 Sm 5.22,23. onde se fala do vale dos Rafains. Figueiredo diz no salmo 83. 7, *Vale de lágrimas* e a Versão de Almeida diz, *Vale de Baca*, no salmo 84. 6. Em 2 Sm 5. 23, 24, Fig. diz *pereiras*, e a V. de Almeida diz *amoreiras*.

BACBUQUIAS, *Efusão de Jeová.*

1. Nome de um levita residente em Jerusalém, e que exerceu altas funções, logo depois que voltou do exílio, Ne 11. 17.

2. Nome de um levita, talvez representante da família de outro levita do mesmo nome, que serviu de porteiro do templo nos dias de Neemias, Ne 12. 25.

BACIA[1], LAVATÓRIO, PIA

Utensílio que servia para as lavagens, feito de bronze, ou de cobre, e destinado ao serviço do tabernáculo, colocado sobre bases de bronze entre o altar e a porta do tabernáculo. Tanto a bacia como a sua base foram feitas com os espelhos das mulheres que velavam à porta do tabernáculo, Ex 38. 8; cp 33. 7. Estas mulheres serviam de vigilantes à porta do tarbernáculo, 1 Sm 2. 22, do mesmo modo que os levitas, Nm 4. 23; 8. 24, a intervalos certos como era obrigação dos sacerdotes e dos levitas, Dt 18. 6; Lc 1. 8, 23, para presidirem às danças sagradas e à execução das músicas, tanto vocais como instrumentais, Ex 15. 20; Jz 21. 21; Sl 67. 25, 26. Os sacerdotes lavavam os pés e as mãos na bacia de bronze antes de ministrar no altar, ou de entrar no santuário, Ex 30. 17-21; Lv 8.11. Esta cerimônia simbolizava a santidade necessária ao serviço de Deus. No templo de Salomão havia um mar de bronze e dez bacias em vez de uma, 1 Rs 7. 23-26, 38-40, 43. O rei Acaz alterou a posição destes utensílios, à sua volta de Damasco, 2 Rs 16. 17.

BACIA[1], VASOS, COPOS

Vasilha portátil para lavagens, Jo 13. 5.

1. Nome de pequenas vasilhas, em hebreu, *Aggan*, Is 22. 24, que serviam para vinho, (Ct 7. 2, e outros líquidos, Ex 24. 6).

2. Nome de vasilhas, em hebreu, *Saph* para usos domésticos, 2 Sm 17. 28, e para receber o sangue dos sacrifícios, Ex 12. 22; Jr 52. 19; 2 Rs 12. 13.

3. Nome do vaso que servia no tabernáculo e no templo nas solenidades do grande altar, Nm 4. 14, destinado a receber a farinha e o azeite e também o sangue dos sacrifícios, Nm 7. 13; Zc 9. 15; 14. 20. Era feito de ouro, prata ou cobre, Ex 27. 3; Nm 7. 84; 1 Rs 7. 45, 50.

BADABE, *Separação.*

Nome do pai de Adade, rei de Edom, Gn 36. 35; 1 Cr 1. 46.

BAEÃ

Nome de uma tribo de beduínos que fizeram incursões na Palestina, 1 Mac 5. 4. O historiador Blau, porém, é de opinião que o nome se refere ao lugar denominado Bajaá, que se lê nas inscrições de Karnak, e situado na região indicada pela narrativa de Macabeus.

BAENA ver BAANA

BAGAGEM

Nome que se dá aos objetos de uso individual, que geralmente acompanham o seu dono, 1 Sm 17. 22; Is 10. 28; 1 Mac 9. 35; At 21. 15. Também aos fardos de fazendas, Jz 18. 21, e cargas de grande peso, Is 46. 1. O Lugar para guardar as bagagens era cercado pelas carroças que as transportavam para o acampamento do exército, formando um círculo, 1 Sm 17. 20; 26. 5, 7.

BALAÃO, *Devorador.*

Nome de um adivinho, Js 13. 22; comp. Nm 24. 1, filho de Beor, residente na cidade de Petor sobre o Eufrates, Nm 22. 5, em Arã, na parte montanhosa ao oriente do país, Nm 23. 7; comp. Dt 23. 4. O texto hebreu em Nm 22. 5, descreve Balaque mandando buscar Balaão à terra dos filhos do seu povo, dando a entender que era a terra de seu nascimento ou de sua residência. O texto siríaco e o samaritano dizem *ammon* em vez de *ammo*, e portanto, tem a seguinte variante: "terra dos filhos de Amom", como traduziu o padre

Pereira de Figueiredo. Balaão não tinha relações com os amonitas, como se vê em Nm 31. 8. Este adivinho reconhecia a Jeová como o Deus de Israel, 23. 21. ou, pelo menos, como um dos seus deuses, 22. 18; porém a versão grega diz apenas "Jeová Deus." Balaque, rei de Moabe, mandou-lhe uma embaixada composta de anciãos de Moabe e de Madiã, oferecendo-lhe dons para amaldiçoar o povo de Deus, Nm 22. 5-7. Responden-lhes Balaão que não poderia ir sem primeiro consultar a Jeová, Deus de Israel. Recusada que foi a proposta, Balaque enviou outra embaixada, desta vez, composta de príncipes, à qual Balaão respondeu: "Ainda quando Balaque me desse sua casa cheia de prata e de ouro, eu não poderei trocar a palavra do Senhor meu Deus para dizer, ou mais, ou menos. De novo consultou Balaão ao Senhor, o qual o aconselhou a acompanhar os mensageiros de Balaque, sob a condição de somente dizer o que lhe fosse mandado. No caminho, um anjo do Senhor, com uma espada nua, que só era visto pelo animal em que ia o profeta, se atravessou no caminho. O animal recusou caminhar, pelo que, três vezes foi castigado. O Senhor abriu a boca do jumento para dizer "Que te fiz eu? Por que me feres?" Finalmente Balaão viu o anjo e conheceu o perigo que o ameaçava. Disposto a voltar do caminho para sua casa, o anjo ordenou-lhe que continuasse a viagem, com os emissários do rei para dizer somente o que lhe fosse mandado por Deus. Balaque saiu-lhe ao encontro nas margens do Arnom, conduzindo-o aos altos de Baal. Na manhã seguinte, os dois, acompanhados pelos príncipes de Moabe viram a última parte do povo de Israel, acampado em Sitim, Nm 22. 8-41. Depois de um sacrifício em sete altares Balaão subiu a um lugar solitário onde o Senhor lhe apareceu. Voltando para Balaque, e sob o poder irresistível da Divindade, abençoou o povo que era para ser amaldiçoado, 23. 1-12. Balaque desapontado pelo mau êxito, convidou o profeta a observar a outra parte do acampamento dos israelitas, esperando que ao menos esta fosse amaldiçoada. E levou-o ao alto do monte Fasga, onde o profeta sacrificou como antes havia feito. Porém, ainda desta vez, o povo foi abençoado. Nova tentativa, pela terceira vez. Balaque conduziu o profeta ao cume do monte Fogor, na cordilheira norte do Nebo. Repartiram-se ali as bênçãos que terminaram pela profecia acerca de uma estrela de Jacó que havia de nascer; e de uma vara de Israel, para ferir os capitães de Moabe e destruir todos os filhos de Sete. Irado o rei Balaque despediu a Balaão, privando-o das recompensas prometidas, 23. 27, até cap. 24. 25. O profeta, antes de se retirar do país, deu um conselho ao rei para perverter o povo de Israel: era que as mulheres moabitas seduzissem pelos seus atrativos os homens de Israel, levando-os a praticar o culto abominável de Baal, caindo assim sob as maldições de Jeová.

O mau conselho produziu os resultados desejados. Na guerra contra os madianitas, Balaão foi morto, 31. 8-16. Em vários lugares da Bíblia, tanto do Antigo como do Novo Testamento, se encontram referências ao caráter e destino do profeta, Dt 23. 4, 5; Js 24. 9, 10; Ne 13. 2; Mq 4. 5; 2 Pe 2. 15; Jd 11; Ap 2. 14.

BALADÃ, *Ele deu um filho.*

Nome do pai de Merodaque Baladã, Is 39. 1. Baladã é uma abreviação, em que se omitiu o nome de algum deus a quem se atribui o nascimento do filho.

BALAQUE, *Seco, esgotado.*

Nome do rei moabita, filho de Sefor, que atraiu Balaão, para que fosse amaldiçoar a Israel, Nm caps. 22-24; Js 24. 9; Jz 11. 25; Mq 6. 4, 5; Ap 2. 14.

BALEIA[1]

A palavra traduzida por este nome, refere-se a um grande animal marinho, exceto em Ezequiel 32. 2 em que o texto hebreu fala de um dragão.

A palavra traduzida por este nome refere-se a um grande peixe, ou a outro grande animal que vive nas águas, como golfinho, o cachorro do mar, a foca, a baleia, o tubarão, o atum, etc. A versão dos Setenta emprega as palavras *ketos megalos*, em Jn 2.17, que a versão portuguesa diz grande peixe e que em Mt 12. 40, diz baleia.

BALEIA[2], **MONSTRO DO MAR**

Grande peixe marítimo, Gn 1. 21; Jó 7. 12. Tradução do original *Tannin*. Nas Lamentações, 4. 3., a palavra hebraica *tannim*, ainda que no singular, é regida por um verbo no plural. Talvez seja erro de cópia em que *tannim* foi tomado por *tannin*, chacais.

BALSAMARIAS (AMOREIRAS)

Tradução da palavra hebraica *Baka*, Sl 84. 6; 2 Sm 5. 23, 24; 1 Cr 14. 14, 15. É planta que cresce perto de Jerusalém. Os árabes dão este nome a um arbusto natural de Meca, muito semelhante ao bálsamo e produz uma seiva branca e de gosto acre.

BÁLSAMO ver RESINA

BÁLSAMO PRECIOSO. UNGÜENTO PRECIOSO

Os hebreus davam grande importância aos bálsamos, Ec 7. 1, que empregavam para perfumar os cabelos e aveludar a pele, Et 2. 12; Ec 9. 8. Várias vezes ungiram a Jesus com bálsamos, as piedosas mulheres que o vinham adorar, Mt 26. 6-13; Lc 7. 36-50. Os bálsamos juntamente com outras especiarias serviam para ungir e embalsamar os cadáveres, Lc 23. 56. O bálsamo de Galaade e o colírio empregavam-se como remédio, Jr 8. 22; Ap 3. 18. No ritual do tabernáculo empregavam, os bálsamos santos, compostos com mirra, cássia, cinamomo, cálamo e azeite de oliveira, Ex 30. 25. Os ungüentos comuns usados na Palestina consistiam de azeite perfumado. A palavra hebraica que se traduz pelo vocábulo óleo, ou azeite, também se traduz por bálsamos, ungüentos, etc. em 2 Rs 20. 13; Pv 17. 9; Ec 7. 1; 9. 8; 10. 1; Ct 1. 3; 4. 10; Is 57. 9; Am 6. 6 (Veja *Perfumatrias*).

BAMOTE, *Lugares altos.*

Nome do acampamento dos israelitas ao norte do Arnom, abreviatura de Bamote-Baal, Nm 21. 19.

BAMOTE-BAAL, *Altos de Baal.*

Nome de um lugar ao norte do Arnom, onde os israelitas acamparam, e para onde Baraque levou o adivinho Balaão, para contemplar as planícies de Moabe, Nm 21. 19; 22. 41. Estava situado dentro dos limites da tribo de Rúbens, Js 13. 17, entre Dibom e Baalmeom. Crê-se que seja um dos picos da serra Atarus da encosta sul do Zerca-Maim.

BANCO, BANQUEIRO

As transações monetárias se dão de duas maneiras, em caráter particular ou bancário, e consistem no empréstimo de valores a juro, ou em depósito nos bancos, também para render juros, Lc 19. 23; Mt 25. 27; Ne 5. 3, 4. Outra forma de negócios bancários, é o câmbio, que consiste em trocar moedas de um país por outras, mediante ágio convencional, como se dava em Jerusalém. A taxa do Templo era de meio *shekel*, e o contribuinte teria de trocar um *shekel* em duas metades para efetuar o pagamento. Também as moedas de países estrangeiros, tais como o denário romano e as dracmas gregas eram trocadas pelo siclo hebreu e vice-versa, Mc 11. 15; Jo 2. 15.

BANHO

Nos climas quentes do oriente, o banho era de urgente necessidade. A filha de Faraó banhava-se no Nilo, Ex 2. 5. Os egípcios usavam roupas de linho que eram lavadas constantemente; os sacerdotes banhavam-se em água fria, duas vezes ao dia e duas vezes à noite (Heród. 2. 37). Tanto os egípcios como os hebreus e os sírios, lavavam

os pés toda vez que entravam em casa, Gn 18. 4; 24. 32; 43. 24; Jo 13. 10. Em casos de contaminações prescritas na lei cerimonial, lavavam o corpo e as vestimentas, Lv 14. 8; 15. 5; 17. 15; Nm 19. 7, 8, quer fosse em água corrente, Lv 15. 13, quer em fontes, Judite 13. 7, 9 comp. Jo 9. 7, quer em rios, 2 Rs 5. 10 ou nas piscinas dos jardins, 2 Sm 11. 2, 4. Depois dos banhos, ungiam-se com óleos aromáticos e vestiam as melhores roupas, Ex 40. 12, 13; Rt 3. 3; 2 Sm 12. 20; Judite 10. 3; Mt 6. 17. Antes de entrar no Santuário e de se aproximarem do altar para oferecer os sacrifícios, os sacerdotes lavavam os pés e as mãos, Ex 30, 19-21. O sumo sacerdote lavava-se no ato inaugural de suas funções e no dia da expiação e antes de qualquer ato de propiciação, Lv 8. 6; 16. 4, 24. No tempo de Cristo, os judeus lavavam as mãos antes de comer e quando voltavam do mercado, Mc 7. 3, 4. Os hábitos gregos e romanos que haviam penetrado nos países conquistados, deram origem ao estabelecimento de banhos públicos. As termas em Tiberíades, em Gadara e Calirroe, nas proximidades do Mar Morto ofereciam alívio a enfermos de várias moléstias. Os tanques existentes perto do palácio de Jericó serviam para exercícios de natação e para banhistas, Ant. 17. 6, 5; 18. 2, 3; 15. 3, 3.

BANI, *Edificado.*

1. Nome de um gadita, que fazia parte dos homens fortes de Davi, 2 Sm 23. 36. A crítica textual ainda não é acorde em determinar o texto deste v. e o de 1 Cr 11. 38. Um deles ou ambos, precisam de revisão.

2. Nome de um descendente de Judá, 1 Cr 9. 4.

3. Nome do fundador de uma família, cujos membros voltaram de Babilônia com Zorobabel, Ed 2. 10. Alguns deles casaram-se com mulheres estrangeiras, 10-29. Os representantes desta família assinaram o pacto de obediência a Deus, Ne 10. 14. Em Ne 7. 15 tem o nome de Bonui.

4. Nome de um levita da família de Merari, 1 Cr 6. 46.

5. Nome de um levita que viveu antes da volta do exílio, era dos filhos de Asafe, da família de Gérson, Ne 11. 22.

6. Nome de um levita, pai de Reum, Ne 3. 17, talvez um dos que tomaram parte proeminente na festa dos tabernáculos, nos tempos de Esdras, Ne 8. 7; 9. 4, 5, e que assinou o pacto, 10. 13.

7. Nome de um levita, Ne 9. 4. Este nome é mencionado duas vezes no v. 4, e somente uma vez no v. 5

8. Nome do fundador de uma casa, ou família, entre cujos descendentes se encontra uma pessoa também com o nome de Boni, Ed 10. 34, 38.

BANI, BINUI, *Edificado.*

1. Nome de chefe de família. Alguns centos de seus membros voltaram do cativeiro, Ed 2. 10; Ne 7. 15.

2. e 3. Nomes de dois homens, um filho de Paate-Moabe e outro, filho de Bani, cada um dos quais, despediu sua mulher estrangeira, a conselho de Esdras, Ed 10. 30, 38.

4. Nome de um dos levitas, que saíram de Babilônia com Zorobabel, Ne 12. 8. Era filho de Henadade, 10. 9. Um de seus filhos recebeu o ouro e a prata, trazidos de Babilônia para o Templo, por Esdras, Ed 8. 33, e sua família se fez representar na construção do muro, Ne 3. 24, e no pacto de Neemias, 10. 9.

BAQUEBACAR

Nome de um levita, 1 Cr 9. 15.

BAQUEBUQUE, *Frascos.*

Nome de um dos natineus e fundador de uma família, cujos membros voltaram do cativeiro, Ed 2.51; Ne 7. 53.

BANQUEIRO ver BANCO

BANQUETES

Tradução da palavra grega *Agapai*, em 2 Pe 2. 13. Em Jd 12, o sentido é de festas de caridade, que consistiam em divertimentos dentro da igreja em conexão com a celebração da ceia do Senhor. Diz S. João Crisóstomo que depois que cessou na igreja a comunhão dos bens em benefício dos pobres, as pessoas mais abastadas, levavam para a igreja comidas e bebidas, que, depois do culto divino e da celebração da Santa Ceia, distribuíam por todos, e principalmente pelos mais pobres, promovendo desta sorte o exercício da caridade fraternal entre os crentes. À medida que declinava a pureza da igreja e crescia o número das cerimônias, apareceram os escândalos juntamente com as festas de caridade. O concílio de Laodicéia, no ano 320, e o de Cartago em 397, proibiram as festas de caridade nas igrejas, e o mesmo decretaram os concílios de Orleans, em 541, o de Trulo, em 692, e o de Aix-la-Chapelle, em 816. A autoridade de todos estes concílios não bastou para extinguir abusos. Modernamente reviveu entre os moravianos, e João Wesley introduziu-a na grande organização por ele fundada. Os sandemanianos também celebravam a festa de caridade ou ágape.

BAQUIDES

Nome de um general sírio, enviado por Demétrio I no fim do ano 162 A. C. para investir Alcimo no ofício de sumo sacerdote e subjugar o rebelde Judá, 1 Mac 7. 8-20. No ano seguinte, derrotou Judas e Jônatas Macabeu; mas esta terceira campanha que empreendeu em 157 A. C. não lhe foi favorável, pelo que se retirou desanimado, 9. 1-57, 59-72.

BARAQUE, *Relâmpago.*

Nome de um israelita da cidade de Quedes-naftali, que por ordem da profetisa Débora, chamou dez mil homens das tribos de Zabulom e Naftali, e com eles derrotou Sísara, general-chefe das forças de Jabim, destruindo o seu exército, Jz 4. 1-24; 5. 1-12; Hb 11. 32.

BARAQUEL

Nome de um buzita, pai de Eliú, amigo de Jó, Jó 32. 2, 6.

BARAQUIAS, Modificação grega do nome hebreu. *Jeová abençoa.*

Nome do pai do profeta Zacarias que foi morto entre o Templo e o Altar, Mt 23. 35. Vide *Zacarias.*

BARBA

A barba foi sempre muito desejada como sinal de dignidade varonil. Desprezá-la era indício de aberração mental, ou de grande aflição, 2 Sm 19. 24. Em casos de tristeza, costumavam os judeus arrancar a barba e os cabelos Ed 9. 3; Is 15. 2; Jr 12. 5; Heród. 2. 36. O rei dos amonitas insultou os embaixadores de Davi quando, entre outros atos, lhes mandou cortar a metade das barbas, 2 Sm 10. 4, 5; Heród. 2. 121, 4. Os antigos egípcios rapavam a cabeça e faziam a barba, porém, muitas vezes usavam barbas postiças. Deixavam crescer as barbas e o cabelo em sinal de tristeza (Heród. 2. 36). Quando José saiu da prisão, barbeou-se a fim de comparecer diante de Faraó, Gn 41. 14. O costume de cortar as pontas do cabelo e da barba era praticado pelos pagãos. Os árabes raspavam a barba entre o ouvido e os olhos em honra do seu deus Orotal (Heród. 3. 18).

BÁRBAROS

1. Nome por que se apelidavam os povos antigos que não falavam a língua grega. Os vocábulos helenos e bárbaros designavam todas as nações da antiguidade, Rm 1. 14. Nem os judeus, nem os romanos, se ofendiam por serem chamados bárbaros.

2. Mais adiante, todos quantos não pertenciam às classes cultas da Grécia, eram chamados bárbaros, Cl 3. 11.

3. Dava-se o nome de bárbaro a quem falava uma língua estrangeira, 1 Co 14. 11.

BARCOS, *Pintor.*

Nome de um dos natineus que fundou uma família cujos membros voltaram do cativeiro, Ed 2. 53; Ne 7. 55.

BARIA, *Fugitivo.*

Nome de um dos descendentes de Sequenias, 1 Cr 3. 22.

BARJONAS

Nome dado ao apóstolo S. Pedro, Mt 16. 17, significando "Filho de João", Jo 1. 42; 21. 15-17. A palavra hebraica de que se deriva o nome João, é ocasionalmente escrita em grego em forma semelhante à de Jonas. Comp. os vários textos gregos em 2 Rs 25. 23; 1 Cr 6. 9, 10; 12. 2; 36. 3; Ed 8. 12; Ne 9. 1, 23.

BARNABÉ, Filho da profecia, especialmente da profecia que tem a forma de exortação ou consolação.

Sobrenome de José, levita de Chipre, convertido ao Cristianismo, possuidor de um campo que vendeu e pôs o seu preço aos pés dos apóstolos, em Jerusalém, At 4. 36, 37. Quando os cristãos de Jerusalém receavam a vinda de Paulo, recentemente convertido ao Cristianismo, Barnabé falou em seu favor, removendo as apreensões que havia contra ele, 9. 27. Quando chegou ao conhecimento dos crentes de Jerusalém que o Evangelho havia sido proclamado com grande êxito aos gregos e aos judeus em Antioquia da Síria, a Igreja enviou a Barnabé para ajudar o trabalho ali, 11. 19-24. De Antioquia foi para Tarso, de onde levou Paulo, 11. 22-26. Mais tarde, os dois foram enviados a levar socorros aos irmãos em Jerusalém que estavam sofrendo fome, 27-30. Voltando com João Marcos a Antioquia, 12. 25, foram enviados pela Igreja aos gentios, 13. 2; visitaram Chipre e dali seguiram para Perge, Antioquia, Icônio, Listra e Derbe. Em Listra, onde residia um homem leso dos pés, coxo desde o ventre de sua mãe, foi este curado, pelo que o povo da cidade, levantando a sua voz, dizia em língua licaônica: "Estes são deuses que baixaram a nós em figura de homens. E chamavam a Barnabé Júpiter, e a Paulo, Mercurio", At 13. 3 até cap 14. 28. Havendo voltado à Síria, foram eles, Paulo e Barnabé, enviados pela Igreja de Antioquia a Jerusalém. Ambos falaram no concílio que se reuniu ali discutindo a questão referente à circuncisão dos gentios convertidos, At 15. 1, 2, 12. Terminados os trabalhos, foram eles portadores dos decretos para as igrejas da Síria e da Ásia Menor, 22-31. O trabalho continuou em Antioquia, e Paulo propôs uma segunda viagem missionária. Barnabé desejou levar consigo seu parente João Marcos, Cl 4. 10. Paulo recusou a companhia de João Marcos por causa de não querer acompanhá-lo na primeira viagem. Depois de tal desavença, os dois evangelistas separaram-se, tomando diferentes caminhos. Barnabé e Marcos foram para Chipre, e Paulo partiu para a Ásia Menor, 36. 41. Esta divergência não alterou a sua mútua amizade. Paulo, em suas epístolas, refere-se a Barnabé em termos muito cordiais, 1 Co 9. 6; Gl 2. 1, 9, 13; Cl 4. 10, bem como a João Marcos, 2 Tm 4. 11.

BARRABÁS, *Filho de um pai.*

Nome de um salteador que, em um motim, cometeu um assassinato. Estava preso quando Jesus ia ser condenado. Pilatos, desejando ardentemente soltar a Jesus, propôs aos judeus optar entre Jesus e Barrabás. Eles escolheram a Barrabás, Mt 27. 16-26.

BARRACAS

Nome de uma habitação rude, e que se destinava a uma ocupação mais demorada do que a tenda, e sem permanência fixa, como se fosse uma casa. Geralmente era construída de ramos de árvores. Jacó fez barracas para o seu gado em Siquém, em razão de que pôs àquele lugar o nome de Soccte, Gn 33. 17. Os guardas das vinhas faziam para seu abrigo, barracas ou choupanas, Jó 27. 18; Is 1. 8, no tempo das vindimas. Durante os sete dias das festas dos tabernáculos, os israelitas deviam habitar em cabanas feitas de ramos de árvores e de folhas de palmeiras como lembrança da vida campestre que se associava à época de seu livramento do cativeiro do Egito e da sua peregrinação no deserto sem habitação permanente, Lv 23. 39.43; Ne 8. 14.

BARRO

Substância empregada para ligar os tijolos ou as pedras na construção das casas e dos muros. Para este fim empregam-se diversos materiais: 1. Barro amassado sem cal, Na 3. 14, usado pelos camponeses na Palestina. 2. Argamassa propriamente dita, consistindo em mistura de cal e areia umedecida com água, destinada à edificação de casas (cp. Ez 13. 10). A Palestina é muito abundante em calcáreos, de modo que é muito fácil obter-se cal, Is 33. 12. 3. Betume nas regiões como Babilônia, onde o barro e a cal são escassos, Gn 11. 3. As paredes das casas eram e ainda são rebocadas com barro ou argamassa, Lv 14. 42, algumas vezes misturada com palha e pedregulho para defendê-las da ação do tempo. A argamassa usada para este fim pelos egípcios, era feita de metade cal, um quarto de barro e o restante palha e cinzas.

BARSABÁS, *Filho de Saba?*

1. Nome de um dos discípulos, de sobrenome Justo, proposto para o apostolado juntamente com Matias, At 1. 23.

2. Sobrenome de Judas, que foi enviado juntamente com Paulo, Barnabé e Silas a Antioquia como delegado da igreja metropolitana, At 15. 22.

BARTIMEU, *Filho de Timeu.*

Nome de um cego que Jesus curou em Jericó, Mc 10. 46.

BARTOLOMEU, *Filho de Tolmai.*

Nome de um dos doze apóstolos, Mt 10. 3; Mc 3. 18; Lc 6. 14; At 1. 13. Nas três primeiras passagens o nome de Bartolomeu segue imediatamente o de Filipe, e quase assim mesmo, na quarta passagem citada. Bartolomeu parece ser o sobrenome de Natanael que foi levado a Cristo por Filipe, Jo 1. 45, 46.

BARUQUE, *Abençoado.*

1. Nome de um escriba da família de Nerias e amigo de Jeremias, Jr 36. 26, 32, comp. Ant. 10. 9, 1. No quarto ano de Joaquim, escreveu as profecias de Jeremias que este lhe ditou, 36. 1-8. No ano seguinte ele as leu publicamente no dia de jejum, 10, e depois diante dos príncipes que se apoderaram do livro, 14-20. O rei, ao ouvir as primeiras palavras, queimou o livro e ordenou a prisão do profeta e do seu escriba, os quais se escaparam, 21-26. Baruque escreveu um segundo livro, cópia do primeiro com algumas adições, Jr 36. 27-32. No décimo ano de Sedecias, durante o sítio de Jerusalém, Jeremias comprou um campo em Anatote, pertencente a seu tio, cuja escritura de compra foi entregue a Baruque, Jr 32. 6-16; 43, 44. Para o livro que traz o nome deste, ver *Apócrifos.*

2. Nome de um filho de Zacai, que tomou parte na reconstrução do muro de Jerusalém, Ne 3. 20. Talvez seja o mesmo que assinou o pacto de obediência ao Senhor, 10. 6.

3. Nome de um homem de Judá, pertencente à família dos silonitas, Ne 11. 5.

BARZILAI, *Feito de ferro.*

1. Nome de um homem rico, galaadita de Roguelim, ao oriente do Jordão, que deu a Davi hospedagem principesca, fornecendo-lhe mantimentos e

outras cousas necessárias ao seu exército, enquanto o rei fugitivo permaneceu em Maanaim, durante a rebelião de seu filho, 2 Sm 17. 27-29. Alcançada a vitória de Davi sobre as forças de Absalão, Barzilai acompanhou o rei na passagem do Jordão. Por estes serviços tão relevantes, Davi convidou a Barzilai para morar em seu palácio de Jerusalém, convite que não foi aceito, em razão de ser avançado em anos, indo em seu lugar, Quimã, seu filho, que participou dos benefícios destinados ao pai, 19. 31-40.

2. Nome de um homem natural de Molati, cujo filho Adriel se casou com Mical, filha de Saul, 2 Sm 21. 8.

3. Nome de um sacerdote que se casou com uma filha de Barzilai de Galaade e que tomou o nome do sogro, Ed 2. 61; Ne 7. 63.

BASÃ, *Terra larga.*

Nome de uma região a este do Jordão. O Antigo Testamento dá-nos uma idéia da sua grandeza, avaliando o número de suas cidades, como sejam: Golã, ao norte de Iarmuque, Dt 4. 43, Edrai e Astarote, Dt 1. 4, Selca, no desfiladeiro sul de Jebel Haurã, Dt 3. 10; Js 13. 11. Quer isto dizer que a região de Basã se estendia para sudeste, desde as vizinhanças do alto Jordão, até aos limites da Arábia Deserta, e sul das montanhas Haurã; e estendia-se para o norte até Gessur e Macati, Js 12. 5. Em seus limites, contava-se a região do Argobe, famosa pelas sessenta cidades, defendidas por altas muralhas, Dt 3. 4, 5; 1 Rs 4. 13. Nas partes montanhosas, existem ainda, pelo menos, cerca de cem cidades desertas e muitas aldeias, em grande parte construídas de basalto (Porter, *Cidades de Basã*). Josefo identifica Basã com a Gaulonita e a Bactânea, Ant. 4. 5, 3; 1 Rs, 4. 1-13; 9. 8; 2 Rs 10. 33. Nos tempos abraâmicos, Basã era habitada por um povo notável e poderoso, conhecido pelo nome de Rafains, Gn 14. 5. O último rei desta raça, foi Ogue morto em Edrai, pelas forças israelitas, sob o comando de Moisés, Nm 21. 33-35; Dt 3. 1-7. Basã tocou, em partilha, à meia tribo de Manassés, Dt 3. 13. É um largo e fértil platô de formação vulcânica, muito apropriado à criação e engorda de gado e de ovelhas, no que se tornou famoso, Sl 22. 12; Ez 39. 18; Am 4. 1; Dt 32. 14. As suas florestas de carvalhos, de uma verdura perene, ainda existentes, são mencionadas em Is 2. 13; Ez 27. 6; e Zc 11. 2.

BASÃ-HAVOTE-JAIR.

Nome dado às aldeias de Jair, Dt 3. 14.

BASAIA

Nome de um levita descendente de Gérson e antecessor de Asafe, o cantor, 1 Cr 6. 40.

BASCAMA

Nome de uma cidade ao oriente do Jordão, em cujas vizinhanças foi morto e sepultado Jônatas Macabeu, 1 Mac 13. 27; Ant. 13. 6, 6. Hoje tem o nome de Basca.

BASEMATE, *Fragrância.*

1. Nome de uma das mulheres de Esaú, filha de Elom, heteu, Gn 26. 34. Em Gn 36. 2, tem o nome de Ada.

2. Nome de outra mulher de Esaú, filha de Ismael e irmã de Nabaiote, Gn 36. 3. No cap. 28. 9, tem o nome de Maalate.

3. Nome de uma filha de Salomão, esposa de Aquimaás, governador em Naftali, 1 Rs 4. 15.

BASILISCO[1]

Nome de um monstro fabuloso, criação imaginosa dos europeus, saído de um ovo de galo e criado por uma serpente. Tradução do hebreu *Siphoni*, em Is 11. 8. e Jr 8. 17; e da palavra *Sepha*, em Is 14. 29; e em Pv 23. 32.

BASILISCO[2]

Tradução das palavras hebraicas *Sepha* e *Siphoni*, serpente venenosa que vive em tocas, Is 11. 8. Deposita seus ovos, donde saem os basiliscos, 59. 5. É insensível aos encantamentos. Ver *Cobra.*

BATERIA ver TRINCHEIRA

BATE-SEBA, *Filha de um juramento.*

Nome de uma filha de Elião, mulher de Urias heteu. Foi com esta mulher que o rei Davi pecou tão vergonhosamente, e com quem se casou depois da morte de Urias, seu esposo. Foi mãe de Salomão, 2 Sm 11. 3, 4; 12. 24; 1 Rs 1. 11. Quando Adonias pretendia usurpar o trono, Bate-Seba, protegida pelo profeta Natã, apelou para Davi, a favor de seu filho Salomão, que foi ungido rei. Adonias, tendo-se refugiado no templo, foi morto, 1 Rs, 1. 11-53; 2 Rs 15. 25.

BATE-SUÁ, *Filha das riquezas, ou salvação.*

1. Nome da filha de Suá e mulher de Judá, 1 Cr 2. 3; Gn 38. 2, 12.

2. O texto de 1 Cr 3. 5, refere-se à mãe de Salomão, como sendo Bate-Suá, filha de Amiel. Este nome pode bem ser devido a uma leitura errada do nome Betesabé pela falha parcial da letra *beth*. Na versão de Figueiredo, nas passagens acima citadas não aparece o nome de Betesabé, e sim Suá, e na Versão Brasileira, lê-se *Shua.*

BATISMO

O rito de lavar com água simbolizando a purificação religiosa, ou consagração a Deus, era usado pelos israelitas com muita freqüência, conforme as prescrições legais que se encontram em Ex 19. 4; 30. 20; 40. 12; Lv 15; 16. 26, 28; 17. 15; 22. 4, 6; Nm 19. 8. Praticavam-se ainda outras ablunções, sancionadas pelo uso e costumes sociais, Mc 7. 3, 4; Hb 6. 2. Crêem muitos que, no tempo de Cristo, e em tempos posteriores, os prosélitos do Judaísmo eram batizados. Assim, pois, quando João Batista, o precursor, foi enviado por Deus, a pregar o arrependimento a Israel, aplicava o batismo a todos que aceitavam a sua mensagem, Jo 1. 33. Este rito chamava-se batismo de arrependimento para remissão de pecados, Mc 1. 4. Os batizandos confessavam os seus pecados e professavam a sua fé no Messias vindouro para serem perdoados por ele. Jesus Cristo veio receber o batismo das mãos de João para manifestar a sua simpatia à missão que ele exercia, como também para dar princípio à sua própria missão de tomar a si as culpas da Humanidade. O modo pelo qual João batizava não é claramente descrito, porem, como Jesus entrasse no Jordão para receber o batismo, Mc 1. 9, 10, é provável que fosse administrado, ou por afusão ou por imersão. No princípio, os discípulos de Cristo continuaram a batizar o povo, como João havia feito, Jo 4. 1, 2, continuando assim a obra do Batista. Quando, porém, começou o ministério de Cristo na Galiléia, não se ouve mais falar em batismos, senão à partida de Jesus, depois de ressurgido em suas instruções aos apóstolos, Mt 28. 19. Cristo instituiu o batismo como o rito de iniciação na sua Igreja, um dos dois sacramentos por ele ordenados, a todos que o seguem. Desde o começo da pregação apostólica, este rito era administrado aos convertidos, At 2. 38, 41; 8. 12, 38; 9. 18; 10. 48; 1 Co 1. 14, 16; etc., servindo para significar a união do crente com Cristo, pelo arrependimento e fé; o perdão dos pecados pela morte de Cristo, e a operação do Espírito Santo, bem assim o voto de pertencer ao Senhor, Rm 6. 4; Gl 3. 27; Cl 2. 11, 12; 1 Pe 3. 21. Os cristãos, desde os tempos primitivos, têm opiniões diferentes, quanto ao modo de administrar este sacramento. Conquanto a palavra *baptismo*, derive do verbo grego *baptizo*, que significa etimologicamente imergir, isto não prova que a imersão seja o único modo de batizar, indispensável e necessário. Pois é certo que muitos casos há, em que a palavra batizar não tem o sentido imergir, como em Lc 11. 38, e Mc 7. 4. As Escrituras, em parte alguma, descrevem, e muito menos, prescrevem o modo de batizar. Nos tempos pós-apostólicos, o batismo era aplicado, tanto por imersão, como por afusão. A Igreja Oriental e os protestantes batistas ainda batizam por imersão, enquanto que a Igreja Latina, em geral,

batiza por afusão, e a maioria dos protestantes usam a afusão ou a aspersão. É de presumir que ambas as formas eram usadas nos tempos apostólicos. Conforme as instruções de Cristo deve ser administrado em nome da Trindade. Os batistas modernos ensinam que o batismo só deve ser aplicado aos crentes adultos. A Igreja, porém, desde os mais remotos tempos, o administrou também às crianças que tinham pais ou padrinhos, responsáveis pela sua educação religiosa. Não há dúvida que este uso está muito de conformidade com o espírito das Escrituras, uma vez que S. Paulo ensina, expressamente, Gl 3. 15-29, que os crentes em Cristo estão sob as provisões graciosas do pacto que Deus fez com Abraão. Sob aquele pacto, a circuncisão era administrada às crianças como sinal de sua participação nas relações que seus pais tinham com Deus. Os filhos dos crentes em Cristo, têm, portanto, iguais direitos à ordenança que tomou o lugar da circuncisão.

A frase — batizar pelos mortos, em 1 Co 15. 29, é difícil de explicar. Pode significar o batismo com vista ao mundo dos mortos, para onde caminhamos, ou então pode referir-se ao costume de batizar uma pessoa em lugar de outra já falecida, costume este que S. Paulo poderia citar por amor de seu argumento sem dar-lhe aprovação. G. T. P.

(Veja a nota da Editora no rodapé — ✤)

BATO

Nome de uma medida de capacidade para líquido, 1 Rs 7. 26, 38. 2 Cr 2. 10; 4. 5; Ed 7. 22. Era a décima parte de um coro e igual a um efa, usado para secos, Ez 45. 10, 11, 14. O bato correspondia a 38, 88 litros de capacidade e o coro 388, 80, isto é, dez vêzes mais.

BAVAI

Nome de um filho de Enadade, que superintendeu os trabalhos da reconstrução do muro de Jerusalém, Ne 3. 18.

BAZLUTE, BASLITE, *Nudeza.*

Nome de um dos natineus e fundador de uma família, cujos membros voltaram do cativeiro, Ed 2. 52; Ne 7. 54.

BDÉLIO

Tradução da palavra hebraica *Bedolah*, substância da cor do maná, Nm 11. 7, que se encontra em Evilate, onde também se acha o ouro, o ônix e o berilo, Gn 2. 12. Os gregos davam o nome de *bdellion* a uma resina transparente, maleável e fragrante, produzida por uma árvore natural da Arábia, Babilônia, Índia e Média. O bdélio mais afamado encontra-se na Bactriana. É um produto mineral, como o ouro, o ônix e o berilo. A Versão dos Setenta diz *anthrax* em vez de bdélio e em Nm 11. 7 *krystallos*, cristal de rocha.

BEALIAS, *Jeová é Senhor.*

Nome de um guerreiro benjamita que foi ter com Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 5.

BEALOTE, *Senhoras possuidoras.*

Nome de uma aldeia no extremo sul de Judá, Js 15. 24.

BEBAI

Nome do fundador de uma família da qual alguns de seus membros voltaram do cativeiro, Ed 2. 11; 8. 11; Ne 7. 16.

BEBIDA.

A bebida usual dos judeus era água, Gn 21. 14; Êx 23. 25; 1 Sm 25. 11; 1 Rs 13. 8; 2 Rs 6. 22, se bem que usavam freqüentemente o leite, Jz 5. 25, vinagre, Nm 6. 3; Rt 2. 14, o vinho comum, Gn 14. 18; 27. 25; Js 9. 4; Jz 19. 19; Ne 5. 15, e mui raramente usavam de bebidas alcoólicas, Lv 10. 9.

BEBIDAS EMBRIAGANTES

Os hebreus designavam as bebidas fortes pelo nome *shekar*, 1 Sm 1. 13-15; Pv 20. 1; Is 29. 6. Os sacerdotes e seus filhos não podiam beber vinho, nem cousa que pudesse embriagar, quando tivessem de entrar no tabernáculo do testemunho, Lv 10. 9; cp Ez 44. 22. Os reis e os príncipes não deviam tomar bebidas embriagantes, a fim de não transtornarem a eqüidade na causa dos filhos do pobre, Pv 31. 4, 5. Isaías foi compelido a descrever a conduta dos sacerdotes e profetas de Judá, tomados pela embriaguez e abandonando a justiça, Is 28. 7. Os nazarenos deviam abster-se de vinho, e de tudo que pudesse embebedar, nem vinagre de vinho nem qualquer outra beberagem, Nm 6. 3; comp. Jz 13. 4; Lc 1. 15. Vinhos e licores eram permitidos por ocasião da festa anual que se fazia na presença do Senhor quando se terminavam as colheitas, Dt 14. 26. Baseadas nas exortações do livro dos Pv 31. 6, que dizem: "Dá aos que estão aflitos um licor capaz de os embriagar, e vinho aos que estão em amargura de coração", o caridoso coração das mulheres de Jerusalém, preparava drogas inebriantes para aliviar as angústias dos criminosos condenados à morte.

BECA, *Metade.*

Moeda de meio siclo, Êx 38. 26, usada como unidade de peso para metais preciosos, Gn 24. 22. O valor do beca corresponde a 16 xelins e 6 pence, ou 33 cents. do dólar.

BECORATE, *Primogenitura.*

Nome de um benjamita, antecessor do rei Saul, 1 Sm 9. 1. Não tem fundamento a identificação de Becorate com Becor, 1 Cr 7. 6. Becorate é filho de Afia, filho de Benjamim, enquanto que Becor era filho direto de Benjamim.

BECOR, BEQUER, *Camelo novo.*

1. Nome de um filho de Benjamim, Gn 46. 21. 1 Cr 6. 6. Os seus descendentes foram em pequeno número para constituírem uma família tribal, pelo menos, não se encontra no registo das famílias, Nm 26. 38; 1 Cr 8. 1-6. Mais tarde aumentaram em número, contando-se nove famílias que habitaram em Anatote e em outras cidades do território de Benjamim, elevando-se a 20 mil e 200 homens, 1 Cr 7. 8, 9.

2. Nome de um filho de Efraim e fundador de uma família, Nm 26. 35. Não se encontra o seu nome entre os filhos de Efraim em 1 Cr 7. 20-27. Talvez que os filhos de Becor não fossem tão poucos em número, durante o cativeiro do Egito, como se supõe. Eles se acham identificados com Efraim, talvez por motivo de casamento de Becor com Sara, de modo que somente esta família se acha arrolada.

✤ — *Reconhecendo a Casa Publicadora Batista que o Dicionário da Bíblia de John D. Davis, em muitos sentidos, é clássico, e sabedora de que sua primeira edição, há muito, se acha esgotada, logrou acordo com a Confederação Evangélica do Brasil para lhe editar a segunda. A tarefa é das maiores e por ela se empenhou. No entanto, com respeito ao verbete* Batismo, *combinamos de lhe juntar breve nota que nos salvaguarde a interpretação, a nossa, diferente da que no verbete se expõe. Não atribuímos mérito sacramental ao batismo; temos por certo que não pode haver dúvida sobre o significado de* βαπτίζειν *ou da prática imersionista no tempo de Cristo e dos Apóstolos e, por muito tempo, depois destes. Quanto ao "batismo infantil" não no aceitamos como doutrina do evangelho de arrependimento e fé pessoal, ou como substituto da circuncisão. Não obstante, não cremos nem ensinamos que o batismo deve limitar-se aos adultos; pelo contrário, insistimos em que o batismo deve ser administrado única e somente aos crentes em Jesus.*

Apesar de o articulista, segundo o nosso entender, haver ferido frontalmente a mais acertada exegese neste caso, dispusemo-nos a cooperar na publicação desta monumental obra; e esperamos que ela sirva por muito tempo e a muitas pessoas para melhor aproveitamento da Palavra de Deus.

BEDÃ

Nome de um Juiz hebreu que governava entre o juizado de Gideão e Jefté, bastante digno de ser contado com eles e com Samuel, 1 Sm 12. 11. Não se encontra este nome no livro dos Juízes. Quatro teorias se propõem para explicá-lo. 1ª-Bedã governou Israel, apesar de não se encontrar nenhum registo de seu governo no livro de Juízes. 2ª-Bedã significa em Dã, ou é uma contração de Ben-Dã, filho de Dã, equivalente a Sansão. 3ª-Esta é a melhor, das duas anteriores: Bedã é o juiz Jair; porque uma pessoa chamada Bedã se acha registada em 1 Cr 7. 14-17, como descendente de Galaade, filho de Maquir, filho de **Manassés**; e o juiz Jair era de Galaade e pertenciam-lhe as aldeias que tinham o nome de Jair descendente de Maquir, 1 Cr 2. 21, 22. Os descendentes de Bedã por Manassés diferem dos de Jair que capturou as aldeias e lhes deu os nomes; porém este fato não impede Bedã de representar os descendentes e o distrito de Jair, o conquistador, e de ser oficialmente chamado Jair. A melhor das teorias é a 4ª-Bedã é o nome errado ou de Abdom ou de Baraque que se acha na versão dos Setenta e na versão Siríaca, Jz 12. 13; Hb 11. 32.

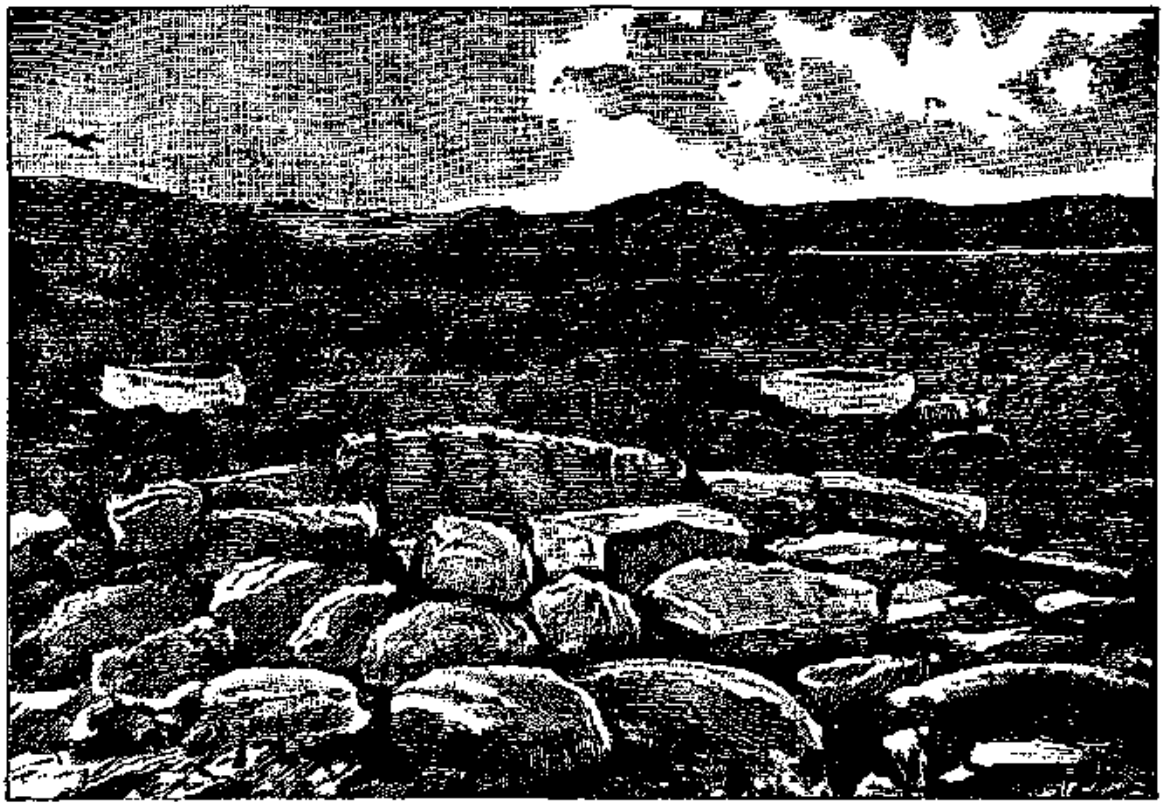
nas e entre os juncos e salgueiros e nos grandes rios, Jó 40. 15-24. Provavelmente, é o hipopótamo do Nilo (*Hippopotamus amphibius*), de corpo pesado, quatro metros de comprido, cabeça disforme, pernas curtas e grossas, pés armados de dedos; boca enorme e dentes formidáveis. Nos tempos antigos habitava o Nilo. Davam-lhe caça por causa de sua valiosa pele, da preciosidade dos dentes e da carne. Eram levados para Roma em grande número para serem exibidos nos circos. Não existem mais no Egito; somente se encontram no Alto Nilo.

BEER

1. Nome de um lugar, nos confins de Moabe, onde acamparam os israelitas, e onde os príncipes de Israel cavaram um poço com os seus bordões, Nm 21. 16-18.

2. Nome de um lugar, onde se refugiou Joatão para escapar de seu irmão Abimeleque, Jz 9. 21. A situação é ignorada. Euzébio discrimina-a em Beerote de Benjamim, e a põe a oito milhas romanas (11.856 met.) ao norte de Eleuterópolis, i. é, *Beit Jibrin*, nas planícies marítimas. Porém Josefo assevera que Joatão fugiu para as montanhas, Ant. 5. 7, 2.

BEER ver POÇO



«Ain Muweileh», segundo a tradição «Beer-Laai-Roi»

BEDIAS

Nome de um filho de Bani que foi induzido por Esdras a repudiar a sua mulher estrangeira, Ed 10. 35.

BEEMOTE

Nome derivado da palavra egípcia *p-ehe-mau*, que quer dizer *boi aquático*, modificada pelos hebreus em beemote, plural de excelência, para denotar um animal que possui em alto grau, os atributos de *behemah*.

É este o nome de um grande animal, descrito por Jó, que come feno como boi, que possui corpo de músculos resistentes, com ossos como canas de bronze, que move sua cauda como cedro; é anfíbio e alimenta-se em companhia de outros quadrúpedes nas pastagens montesinhas; vive em cavernas e entre os juncos e salgueiros e nos grandes rios, Jó 40. 15-24. Provavelmente, é o hipopótamo do Nilo (*Hippopotamus amphibius*), de corpo pesado, quatro metros de comprido, cabeça disforme, pernas curtas e grossas, pés armados de dedos; boca enorme e dentes formidáveis. Nos tempos antigos habitava o Nilo. Davam-lhe caça por causa de sua valiosa pele, da preciosidade dos dentes e da carne. Eram levados para Roma em grande número para serem exibidos nos circos. Não existem mais no Egito; somente se encontram no Alto Nilo.

BEERA, *Poço.*

Nome de um príncipe dos rubenitas, levado cativo por *Tiglate-Pileser*, rei da Assíria, 1 Cr 5. 6.

BEERELIM ver POÇO DE ELIM

BEER-ELIM, *Poço dos heróis*, ou *dos carvalhos.*

Nome de uma aldeia de Moabe, talvez a mesma *Beer*, Is 15. 8.

BEERI, *Homem que tem um poço.*

1. Nome de um heteu, pai de Judite, uma das mulheres de Esaú, Gn 26. 34.

2. Nome do pai do profeta Oséias... Os 1. 1.

BEER-LAAI-ROI ver POÇO DO QUE VIVE

BEEROTE, *Poços.*

1. Nome de uma cidade dos gabaonitas, Js

9. 17, anexada à tribo de Benjamim, 18. 25; 2 Sm 4. 2. Continuou a ser povoada depois da volta do cativeiro, Ed 2. 25; Ne 7. 29. Ainda existe com o nome de aldeia de el-Bireque, a cerca de 12 quilômetros ao norte de Jerusalém, no caminho de Betel. Está edificada em uma eminência na direção de este a oeste, visível à distância, tanto do lado norte, como do sul. As grandes pedras e as várias camadas de alicerces, atestam a antiguidade deste lugar.

2. Beerote dos filhos de Jacã, lugar onde acamparam os filhos de Israel, em sua rota para Canaã, Dt 10. 6.

3. Lugar do nascimento de um dos capitães de salteadores ao serviço do filho de Saul, 2 Sm 4. 2; 23. 37; 1 Cr 11. 39.

BEESTRÁ, *Templo ou casa de Astarte.*

É a mesma Astrarote, comp. Js 21. 27 com 1 Cr 6. 71, contração de Bete-Asterá, como Bete-Sã é de Beisã.

BEIJO

Modo de saudação usado no Oriente desde os tempos patriarcais, entre pessoas do mesmo sexo, e em casos especiais, entre pessoas de sexos diferentes. Os pais e as mães osculavam os filhos e pessoas da mesma família, Gn 31. 28, 55; 48. 10; 2 Sm 14. 33, etc. Os filhos beijavam os pais, Gn 27. 26, 27; 50. 1; 1 Rs 9. 20. Irmãos e irmãs beijavam-se mutuamente, Ct 8. 1, e irmãos a outros irmãos, Gn 45. 15; Êx 4. 27. Do mesmo modo o faziam outros membros das famílias, Gn 29. 11; Ex 18. 7; Rt 1. 9. Amigos e camaradas osculavam-se reciprocamente, 1 Sm 20. 41; 2 Sm 19. 39; 20. 9; At 20. 37. Nos tempos de nosso Senhor, os convidados a um banquete eram osculados à entrada da casa, Lc 7. 45. Era assim que os antigos cristãos se saudavam, Rm 16. 16; 1 Co 26. 20; 2 Co 13. 12; 1 Ts 5. 26; 1 Pe 5. 14, como símbolo da fraternidade cristã. Este costume caiu em desuso. Em todos os casos mencionados, o beijo era a expressão de amor. O ato da traição de Judas tornou-se tanto mais vil e odioso, por ser acompanhado de um ósculo, Mt 26. 48, 49; Lc 22. 47, 48; cp. Pv 27. 6. Em todos estes sinais de amor, havia um grau de respeito, mais ou menos elevado. Beijavam-se os pés dos reis em sinal de grande respeito, ou de humilde sujeição, Sl 2. 12. A mesma idéia se ligava em referência aos ídolos, 1 Rs 19. 18; Os 13. 2. Era uso atirar beijos com a mão depois de a haver osculado, Jó 31. 27. Quando a mulher pecadora beijou os pés de Jesus, manifestou, por este ato, profundo respeito, e íntimo afeto para com o seu caráter e para com a sua obra, Lc 7. 38, 45.

BEL, *Senhor.*

Nome do deus tutelar de Babilônia, Is 46. 1, Jr 50. 2; 51. 44; Bel e Dragom, 3-22; Heród. 1. 181, cujo nome próprio era Marduque, ou, como o pronunciavam os hebreus, Merodaque. Era o deus-sol, o sol da manhã e da primavera, filho de Ea, deus do oceano e das outras águas. Festejavam-no no princípio da primavera de cada ano. Porque o sol exercer tão poderosa influência em a natureza, e por ser ele a divindade tutelar dos babilônios, recebia deles suprema adoração, conferindo-lhe os mais altos atributos. Os habitantes do baixo Tigre o do Eufrates não o consideravam como o deus supremo, porém, com o crescimento da grande Babilônia, ele também cresceu em poder e nomeada.

Outro Bel, deus da região entre o céu e a terra, formando uma trindade com Anu e Ea, era um dos doze grandes deuses.

BELA, *Destruição.*

1. Nome de um rei de Edom, filho de Beor, Gn 36. 32.

2. Nome de um chefe da tribo de Rúben, 1 Cr 5. 8.

3. Nome de um filho de Benjamim e fundador de uma família, Gn 46.21; Nm 26. 38.

4. Nome de uma das cidades da planície, a mesma que tem o nome de Segor, Gn 14. 2, 8.

BELÉM, *Casa de pão.*

1. Nome de uma cidade na parte montanhosa de Judá, chamada Efrata, para distingui-la de outra com igual nome na tribo de Zabulom. Tem esta o nome de Belém de Judá, Gn 35. 19; Jz 17. 7; Mq 5. 2. Belém não é mencionada entre as cidades partilhadas à tribo de Judá, Js 15, mas já existia nos tempos de Jacó. Nas suas vizinhanças se deu sepultura a Raquel, Gn 35. 16, 19; 48. 7. Nela se hospedavam os levitas, Jz 17. 7; 19. 1. Um ramo da família de Calebe estabeleceu-se ali, onde exerceu grande influência, 1 Cr 2. 51, 54; comp. Rt 4. 20. Serviu de residência a Booz, a Rute, a Obede e a Jessé, pai de Davi, Rt 1. 19; 4. 9-11, 21, 22; 4. 11, 17; 1 Sm 16. 1,4. Sendo pátria dos antecessores de Davi, ficou sendo a cidade de Davi, Lc 2. 11. Desde os tempos do grande rei, já era cingida de muros de defesa; caiu por algum tempo em poder dos Filisteus, 2 Sm 23. 14, 15. Roboão reforçou, ainda mais, as suas muralhas, 2 Cr 11. 6. Alguns dos seus habitantes que haviam ido para o cativeiro, voltaram de lá com Zorobabel, Ed 2. 21; Ne 7. 26. Sempre a consideravam como o lugar onde nasceria o Messias, Mq 5. 2; Mt 2. 5, e, portanto, no cumprimento dos tempos, Jesus nasceu em Belém. Aos pastores que guardavam as vigílias nas suas vizinhanças, foi anunciado o seu nascimento, Lc 2. 1-20. Para ali foram os Magos a fim de saudar o infante nascido. A espada assassina de Herodes destruiu a vida de muitas crianças de Belém com o fim de atingir também a vida do filho de Maria, futuro rei de Israel, Mt 2. 1-18. Nunca surgiram dúvidas quanto ao lugar de sua existência. Está situada ao sul de Jerusalém, à distância de 9 quilômetros e 260 metros, no lugar da moderna *Beit-Lahm*, ao oriente e a nordeste de uma encosta que se inclina para o ocidente e se eleva acima da cidade.

As muralhas dão entrada por diversas portas; as casas são pequenas e bem construídas; os habitantes, cerca de 4.000, professam, pela maior parte, o Cristianismo e pertencem à Igreja Grega. Cerca-a profusão de vinhas, pomares, figueiras e oliveiras. Os campos, apesar de pedregosos, produzem abundantes cereais, cujas colheitas fazem lembrar os tempos de Rute. Um pouco ao oriente da cidade, ergue-se a igreja, edificada por Helena, mãe do imperador Constantino, sôbre a gruta onde nasceu Jesus. A cerca de um quilômetro, ao norte da cidade, encontra-se o tradicional túmulo de Raquel. Ao sul, vê-se um vale em direção ao Mar-Morto, ao passo que, pelo lado do oriente, quase ao sopé das muralhas, começa outro vale que se liga à encosta *es-Surar*, ou vale de Soroque, passando também pela encosta *es-Sunt*, ou vale de *Elah*. comp. 1 Sm 17. 2.

2. Nome de uma cidade e suas aldeias, dentro do território da tribo de Zabulom, Js 19. 15. Parece que foi nesta cidade que nasceu Abesã, juiz de Israel, Jz 12. 8-10. A noroeste de Nazaré, existe uma pequena aldeia com o nome de *Beit-Lahm*, que se supõe ser o lugar da extinta cidade.

BELIAL, *Indignidade, perversidade.*

A frase, homens de Belial, é um circunlóquio de origem semítica, usado em vez de um adjetivo apropriado, para designar os ímpios, Dt 13. 13, e personificada em 2 Co 6. 15.

BELTESSAZAR, Nome babilônico — *Balatsu-usur, protege a sua vida.*

Neste nome se omite o da divindade invocada. Foi assim que se apelidou a Daniel quando entrou para o serviço do rei. Bel, deus de Nabucodonosor, foi a divindade invocada para o novo nome dado ao profeta, Dn 1. 7; 4. 8.

Nome de um rei da Caldéia que governou três anos, Dn 5. 1, e que foi morto em uma memorável noite, 5. 16, 20, 30. Segundo as crônicas contemporâneas de Babilônia, era ele o filho mais velho de Nabunaíde e neto de Nabubalatsuichi, o sábio príncipe e poderoso potentado, 1 R. 68 nº 4; 69. 2, 26; V. R. 63. 1, 16; 65. 1, 9. A rainha de Babilônia, mulher de Nabunaíde, o mesmo Baltasar e Daniel, seu contemporâneo, falam de Nabucodonosor como sendo pai de Baltasar, 5. 11. 18 e seu pai Nabunaíde, falando de si mesmo, diz: "os reis, seus pais." É certo, pois, que Baltasar descendia de Nabucodonosor. As palavras referentes a Baltasar na noite do banquete, podem ser explicadas pelo uso largo da palavra pai, que designava o antecessor no mesmo ofício. Nabucodonosor, falando de Naramsim, que reinou trezentos anos antes dele, diz "o rei", "o antigo pai", não obstante não existir nenhuma relação de consangüinidade entre ambos.

Sargom, rei da Assíria, semelhante ao usurpador Nabunaíde, diz que era dotado de sabedoria muito mais que "os reis, meus pais" (Cilindro, 18). Os delegados das cidades da Jônia, pediram a Seleuco Nicanor que aderisse à política de seus antecessores" *progonoi;* apesar de só um deles se haver assentado no trono (Bevã, Casa dos Seleucos, 1. 161). Nas conversas da corte, Baltasar era tratado como filho de Nabucodonosor, descendente dele e seu sucessor no trono.

Em 555, A. C. primeiro ano do reinado de seu pai, ocupava uma casa em Babilônia, e havia tomado para seu serviço dois servos, pelo menos, dos que pertenceram ao rei Nergalsarusur. Durante os anos que seu pai permaneceu em Tema, Baltasar esteve com o exército, que se achava acampado no distrito de Acade, ao norte de Babilônia, na fronteira sul da Assíria (Anais, 2. 5-23). O filho do rei, como era tratado, não tinha somente o comando das tropas, como também representava seu pai em certos deveres religiosos, administrativos e domésticos. Não longe do acampamento militar em Acade, estava a cidade de Sípara, para onde enviava, regularmente, donativos de ovelhas e bois, e até uma língua de ouro de presente ao deus-sol, em nome do rei. As inscrições de Ur, escritas por ordem de Nabunaíde para comemorar a restauração do templo do deus-lua, são muito peculiares e expressivas, porque o rei, depois de orar por si, acrescenta uma petição em favor de Baltasar. "Quanto a mim, Nabunaíde, rei de Babilônia, livra-me do pecado contra a tua natureza divina, e prolonga a minha vida. A meu filho primogênito, Baltasar, primícias de meu corpo, concede-lhe coração temente à tua grande divindade, para que nunca venha a cair em pecado, e dá-lhe dias felizes e abundantes." No tempo de Ciro, rei dos persas, o general Ugbaru, também chamado Gubaru, entrou em Babilônia no décimo sexto dia de Tamuz, quarto mês do ano 539 A. C., orgulhoso de haver tomado a cidade sem combate. Nabunaíde foi morto. O grande santuário Esagila foi guardado, durante duas semanas, por sentinelas de escudeiros (Anais, 3. 16, 17). A cidade foi ocupada por um exército estrangeiro, porém os documentos comerciais daquele tempo não registam nenhuma interrupção de negócios, nem alterações financeiras. Em Babilônia, compravam-se e vendiam-se propriedades e todas as transações eram devidamente registadas, emprestava-se dinheiro emitiam-se obrigações a pagar e davam-se casas em garantia. Estes documentos continuaram até o último ano do reinado de Nabunaíde, não obstante sua prisão. Apesar das restrições impostas à liberdade de Nabunaíde, a família real não foi constrangida, nem molestada. Baltasar fez donativo em dinheiro ao deus de Sípara. No dia três do oitavo mês, o rei Ciro fez a sua entrada triunfal em Babilônia, Anais 3. 18, e instalou-se no palácio real (Cilindro 23). Uma semana depois, no dia nove do undécimo mês, deu-se um importante acontecimento. A inscrição está um pouco apagada, e vários caracteres foram traduzidos sem absoluta exatidão; porém, recentes estudos dão a conhecer que a palavra filho é clara e certa. (Pinches, Delitzsch, Hagen). Diz assim: "No undécimo de Marchesvã, à noite, Gubaru sobre... matou o filho do rei." Naquela noite, pois, Baltasar foi morto. Nada sofreu pessoalmente seu pai Nabunaíde. Pelo contrário, segundo Berosus, posto que Nabunaíde foi privado da coroa e deportado de Babilônia, o rei Ciro o tratou com muita benignidade, garantindo-lhe propriedades na Carmânia, ao sul da Pérsia (Contra Apiom, 1. 20), e confiou-lhe o governo da província (Euz, Cr 1. 10, 3). O banquete que Baltasar deu aos grandes da sua corte, Dn 5. 1, se efetuou, segundo esta leitura do texto, no começo da tarde do undécimo de Marchesvã. A julgar pelo testemunho dos registos contemporâneos, é muito possível que Baltasar desse o grande banquete, depois da ocupação das forças invasoras, para o qual mandou os vasos de ouro e de prata que se achavam no templo de Marduque, 5. 2; Ed 1. 7. Vide *Ciro* e *Daniel.*

BELZEBU

Nome do príncipe dos demônios, que Jesus identifica com Satanás, Mt 10. 25; 12. 24; Mc 3. 22; Lc 11. 15; 18, 19; Mt 12. 26; Mc 3. 23; Lc 11. 18. A palavra Belzebu difere um pouco de Baalsebube, deus de Acarom. O texto grego diz Beelzebube. A explicação razoável desta diferença é que os judeus, com o fim de escarnecer os acaronitas e o seu deus, converteram a palavra *zebub,* mosca, em *zibbul,* ou *zebel,* estrume. Mas, como a palavra *zebul* significa habitação, Baalzebul quer dizer — *Senhor da habitação;* portanto, cai por terra a idéia de escárnio, o que parece comprovado pelo dito de Jesus em Mt 10. 25. A idéia de escárnio também cai sob a plausível suposição de que Beelzebul era meramente uma modificação grega de Beelzebube, adotada para facilitar a pronúncia e por ser mais agradável ao ouvido.

BEN, *Filho.*

Nome de um levita, 1 Cr 15. 18. Comparando com os vv. 20, 21, vê-se que êste nome foi alterado.

BENABINADABE, *Filho de Abinadabe.*

Nome do genro de Salomão e seu ministro na região de Dor 1 Rs 4. 11.

BENAIA, *Jeová edificou.*

1. Nome de um levita, filho do sacerdote Joiada, natural de Cabseel de Judá, 2 Sm 23. 20; 1 Cr 27. 5. O pai de Banaia era, provavelmente, o líder dos sacerdotes que se ajuntaram ao exército para colocarem a Davi no trono, 1 Cr 12. 27. Banaia foi homem valentíssimo, famoso por ter descido a um poço e matado um leão; matou também os dois filhos de Ariel de Moabe, valentes como leões, e um egípcio, homem digno de se ver, armado de lança tendo-se chegado a êle, com uma vara, arrancou por força a lança da mão do egípcio e com ela o matou, 2 Sm 23. 20, 21; 1 Cr 11. 22, 23. Banaia estava no comando dos cereteus e dos feleteus, que formavam a guarda da pessoa do rei, 2 Sm 8. 18, e também comandava a divisão para o terceiro mês, 1 Cr 17. 5, 6. Êle, com os seus comandados, permaneceu fiel a Davi, durante a revolta de Absalão, 2 Sm 15. 18; 20, 23, e a de Adonias, 1 Rs, 1. 10. Por ordem de Davi, foi êle quem escoltou a Salomão até Giom para ser ungido rei; 38, como chefe das guardas executou a Adonias, 2. 25, a Joabe, 29-34, e a Semei, 46. Com a morte de Joabe, que era o comandante chefe do exército, Banaia foi promovido para o mesmo posto, 35.

2. Nome de um dos trinta valentes de Davi, natural de Faratom, 2 Sm 23. 30; 1 Cr 11. 31, comandou a terceira divisão para o undécimo mês, 27. 14.

3. Nome de um levita da segunda ordem, tocador de saltério, diante da arca na viagem para Jerusalém, e depois, no tabernáculo que Davi levantou, 1 Cr 15. 18, 20; 16. 5.

4. Nome de um sacerdote que tocava a trom-

beta durante o transporte da arca para Jerusalém e mais tarde, no tabernáculo que Davi levantou, 1 Cr 15. 24; 16. 6.

5. Nome de um levita, descendente de Asafe, antes do reinado de Josafá, 2 Cr 20. 14.

6. Nome de um homem da tribo de Simeão, contemporâneo de Ezequias, 1 Cr 4. 36; 41.

7. Nome de um levita, superintendente das ofertas no tempo de Ezequias, 2 Cr 31. 13.

8. Nome de um dos príncipes do povo, no tempo do profeta Ezequial, Ez 11. 1, 13.

9-12. Nome de quatro homens, filhos, respectivamente, de Faros, de Paate-Moabe, de Bani, e de Nebo, que tiveram de lançar fora as suas mulheres estrangeiras, Ed 10. 25, 30, 35, 43.

BEN-AMI, *Filho do meu povo.*

Nome de um filho da filha mais moça de Ló, de quem procede a tribo dos amonitas, Gn 19.38.

BENCAIL, *Filho de fortaleza, virtuoso.*

Nome de um dos príncipes, enviado por Josafá para ensinar a lei nas cidades de Judá, 2 Cr 17. 7

BENÇÃO

Qualquer vantagem conferida ou desejada.

1. Favores e vantagens que Deus concede, comunicando-nos prazer ou felicidade, Gn 39. 5; Dt 28. 8; Pv 10. 22, etc.

2. Invocar o favor de Deus em benefício de uma pessoa, Gn 27. 12.

3. Um donativo como expressão de boa amizade e simpatia, Gn 33. 11; Js 15. 19; 2 Rs 5. 15.

BEN-DEQUER *Filho de Dequer, Furo.*

Nome de um dos doze governadores que Salomão estabeleceu sôbre todo o Israel, 1 Rs 4. 9.

BENE-BERAQUE, *Filhos de Beraque.*

Nome de uma cidade de Dã, Js 19. 45, que hoje tem o nome de *Ibn Ibrâk*, a 7 quilômetros e meio de Jafa, para leste.

BENE-HASSIM, *Dormindo.*

Nome que se encontra no catálogo dos homens valentes de Davi, 2 Sm 23. 32, ocupando o lugar de Hasém em 1 Cr 11. 34.

BENESEDE, *Filho de benevolência* ou *de Hesede.*

Nome de um dos doze governadores nomeados por Salomão, para a cidade de Arubote, 1 Rs 4. 10.

BENGEBER, *Filho de Geber.*

Nome de um dos doze governadores que Salomão estabeleceu sobre todo o Israel, 1 Rs 4. 13.

BEN-HADADE, Filho de Hadade, supremo deus da Síria.

Nome de três reis que governaram em Damasco.

1. Benadade, filho de Tabremom, e neto de Heziom. Quando Baasa, rei de Israel, edificou Ramá, para fechar a entrada do reino de Judá pelo lado do norte, Asa, rei de Judá, contratou a Benadade para romper o tratado com o rei Baasa, e invadir o reino de Israel. O exército de Benadade entrou no território das dez tribos, tomou as cidades de Aiom, Dã e Abelmaaca, e devastou a região a oeste do lago Genesaré. Com isto, o rei Baasa desistiu de edificar Ramá e voltou para Tersa, 1 Rs 15. 18-21; 2 Cr 16. 1-6.

2. Benadade, contemporâneo de Acabe. O nome inteiro deste rei é Benadadidri, que quer dizer, "o filho de Hadade é meu auxílio." Sitiou Samaria e provocou de tal modo o rei Acabe, que o obrigou a entrar em luta, resultando a sua derrota. No ano seguinte, Benadade renovou a guerra, sofrendo ainda maior derrota. Acabe tratou benignamente ao rei vencido e deixou-o ir em paz, 1 Rs 20. 1-34.

A chegada de um inimigo comum, Salmanazar, rei da Assíria, foi motivo para haver paz entre Israel e a Síria, que durou três anos, 1 Rs 22. 1. Em 854 A. C. Benadade, aliado com Acabe e outros reis, ofereceu resistência aos assírios em Carcar, perto de Hamá, porém foi derrotado. No seguinte ano, pela primavera, Acabe tentou inùtilmente arrebatar Ramote de Galaade das mãos de Benadade, 22. 1-36. Por algum tempo Benadade exerceu a pirataria no território dos israelitas, e depois invadiu o país e sitiou Samaria, 2 Rs 5. 2; 6. 8; 7. 20. Estas freqüentes hostilidades foram interrompidas pelas operações de Salmanasar contra Benadade nos anos 850, 849 e 848. Entre os anos 845 e fins de 843, Benadade foi assassinado, sucedendo-lhe no trono o seu filho Hazael, 2 Rs 8. 15.

3. Benadade, filho de Hazael, que tomou o nome do rei assassinado. No reinado de Joacaz, rei de Israel, Hazael e Benadade oprimiram as dez tribos, 2 Rs 13. 3-13. Porém Joaz, filho de Joacaz, derrotou três vezes a Benadade, reconquistando as cidades de Israel que estavam sob o domínio dos assírios, 22-25. Seu filho Jeroboão II continuou as vitórias de seu antecessor, retomou Hamá, e chegou mesmo a ocupar temporàriamente Damasco, 14. 28.

BEN-HANÃ, *Filho do bondoso.*

Nome de um dos filhos de Simão, registado na tribo de Judá, 1 Cr 4. 20.

BEN-HESEDE, *Filho da piedade, misericórdia.*

Nome do pai de um dos governadores nomeados por Salomão, 1 Rs 4. 10.

BEN-HUR, *Filho de Hur.*

Nome de um dos governadores, nomeado por Salomão para o monte de Efraim, 1 Rs 4. 8.

Ver *Hur.*

BENINU, *Nosso filho.*

Nome de um levita que assinou o pacto de obediência a Jeová, Ne 10. 13.

BENJAMIM, *Filho da mão direita*, i. é, *de felicidade.*

1. Nome do filho mais moço dos doze filhos de Jacó, e irmão de José, ambos filhos de Raquel. Quando Jacó se aproximava de Belém, Raquel deu à luz a Benjamim e, sentindo que ia morrer, chamou-o Benoni, ou filho da minha dor; porém, Jacó deu-lhe o nome de Benjamim, Gn 35. 16-20. Sendo ele o último filho de Jacó, e pelas circunstâncias de seu nascimento, tornou-se peculiarmente querido de seu pai, principalmente depois da suposta morte de José. Com excessiva relutância, foi que seu pai consentiu na sua ida ao Egito, em companhia de outros irmãos, Gn 43. 1-17. Judá tinha razão em pensar que Jacó morreria de dor, se algum acidente lhe arrebatasse o filho querido, no fim de sua velhice. O irmão José também muito queria ao pequeno Benjamim, Gn 43. 29-34; 44. 1-34. Benjamim teve, entre outros descendentes, cinco filhos e dois netos que constituíram as famílias da tribo de Benjamim em Israel, Gn 46. 21; Nm 26. 38-41; 1 Cr 7. 6-12; cap. 8.

2. Nome da tribo a que Benjamim deu o nome e do território que lhe foi distribuído. Jacó seu pai profetizou que Benjamim seria "como um leão arrebatador; ele, pela manhã, devorará a presa, e à tarde repartirá os despojos", Gn 49. 27. E Moisés disse a Benjamim: "O muito amado do Senhor habitará nele confiadamente: morará em tálamo nupcial todo o dia e descansará entre os seus braços", Dt 33. 12. Na partilha da terra, feita por Josué em Silo, depois que Judá e Efraim receberam a sua parte, caiu a primeira sorte aos filhos de Benjamim que ficou delimitada entre as duas tribos referidas. A fronteira foi para as bandas do setentrião, pela margem do Jordão, estendendo-se para a banda do setentrião de Jericó; e dai, subindo às montanhas para o poente e chegando até ao deserto de Betáven, e passando ao meio-dia pelo pé de Luza, que é Betel, e desce a Atarote-Adar, perto do monte, que está ao meio-dia de Bete-Horom a baixa; e, dando volta, torce

para a banda do mar, ao meio-dia do monte, que olha para Bete-Horom da banda da África, e termina-se em Cariate-Baal, que também se chama Cariatiarim, cidade dos filhos de Judá. Esta é a sua extensão para o mar, pelo lado do poente. Mas pelo meio-dia, da parte de Cariatiarim, se estendem os termos para a banda do mar, e chega até à fonte das águas de Neftoa; e desce até aquela parte do monte que olha para o vale dos filhos de Henom e que está da banda do setentrião, na extremidade do Vale dos Rafaims. E desce, a Geenom, isto é, ao Vale de Enom, ao lado dos jebuseus pelo Meio-dia, e chega até à fonte de Rogel, passando para a banda do setentrião e estendendo-se até Ensemes, isto é, até à fonte do Sol; passa até os cabeços, que estão defronte da subida de Adomim e desce até Abenboém, isto é, até à Pedra de Boém, filho de Rúben; e passa para o lado do setentrião até às campinas, desce à planície, passa para a banda do setentrião, além de Bete-Bagla, e termina na ponta setentrional do mar salgadíssimo na embocadura do Jordão que olha para o Meio-dia, que a termina da banda do Nascente. Esta é a herança dos filhos de Benjamim, com os seus limites à roda, Js 18. 11-20. O território assim descrito, tem 56 quilômetros de este a oeste, e 22 quilômetros de norte a sul, bastante montanhoso e extremamente fértil (Antig. 5. 1, 22). Possuía muitas cidades, sendo as principais, Jerusalém, capital, Jericó, Betel, Gabaom, Gabate e Cariate, Js 18. 21-28. A tribo de Benjamim deu à pátria um libertador que a livrou do jugo estrangeiro, Jz 3. 15. A indiferença para com um crime horrendo, praticado pelos habitantes de Gaaba, comprometeu seriamente a integridade da tribo, Jz caps. 19 a 21. O primeiro rei de Israel veio da tribo de Benjamim, que sempre se mostrou partidária da casa de Saul, 2 Sm 2. 9-15; 1 Cr 12. 29. Mesmo depois que Davi subiu ao trono, os benjamitas ocasionalmente se mostravam descontentes com o governo de Davi, 2 Sm 15. 5; 20. 2-22; Sl 7. Uma parte considerável da tribo conservou-se fiel à casa de Davi, quando se deu a revolta das dez tribos, e lançou a sua sorte com a tribo de Judá até ao fim, 1 Rs 12. 21; Ed 4. 1. O grande apóstolo dos gentios era natural da tribo de Benjamim, Fp 3. 5. Em Jerusalém havia duas portas com o nome de Benjamim, uma no Templo e outra no muro da cidade por onde passava a estrada que vinha de Benjamim.

3. Nome de um benjamita, filho de Balá, da família de Jadiel, 1 Cr 7. 10.

4. Nome de um filho de Herém, casado com mulher estrangeira, Ed 10. 32.

BENO, *Seu filho.*

Nome de um descendente de Merari, 1 Cr 24. 26, 27.

BENONI, *Filho da minha dor.*

Nome que Raquel deu a seu filho, cujo nascimento foi a causa de sua morte, e que Jacó mudou para Benjamim, Gn 35. 18.

BENZOETE, *Filho de Zoete.*

Nome de um descendente de Jesi, registado na tribo de Judá, 1 Cr 4. 20.

BEOR, *Facho.*

1. Nome do pai de Bela, rei de Edom, Gn 36. 32; 1 Cr 1. 43.

2. Nome do pai de Balaão, Nm 22. 5; 2 Pe 2. 15.

BEQUER ver BECOR

BERA, *Poço.*

BERA, *Excelência.*

Nome de um rei de Sodoma, derrotado por Quedorlaomer e seus confederados, Gn 14. 2.

Nome da família de Heber, da tribo de Aser, 1 Cr 7. 37. Ver *Beer.*

BERACA, *Benção.*

1. Nome de um Benjamita que se juntou a Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 3.

2. Nome de um vale, na tribo de Judá, perto de Tecoa. Josué deu-lhe este nome em virtude de ter ali chegado, vitorioso contra os amonitas, os moabitas e os edomitas, e ter dado graças a Deus, 2 Cr 20. 26. Umas ruínas a noroeste de Tecoa, distantes sete quilômetros e meio, a onze quilômetros de Belém, assinalam o lugar onde existiu Braca, que hoje tem o nome de *Bereikat;* fica um pouco ao oriente de Hebrom.

BERAIAS, *Jeová criou.*

Nome de um filho de Semei, 1 Cr 8. 21, descendente de Saaraim, registado na tribo de Benjamim, vv. 8, 11-12.

BERED, *Saraiva.*

1. Nome de um lugar no deserto de Sur, a oeste de Cades, não muito distante de Beer-Laai-Roi, Gn 16. 14, cuja situação é desconhecida.

2. Nome de um habitante de Efraim, da família de Sutala, 1 Cr 7. 20.

BERÉIA

1. Nome de uma cidade da Judéia, perto da qual, Judas Macabeu foi morto, 1 Mac 9. 4.

2. Nome de uma cidade da Macedônia, situada a cerca de 93 quilômetros a oeste de Tessalônica, e cerca de 44 quilômetros distante da costa. Nesta cidade o apóstolo S. Paulo pregou o Evangelho na sua primeira viagem para a Europa, At 17. 10-14; 20. 4. Atualmente tem o nome de Verria ou Beor.

3. Nome de uma cidade da Síria, entre Antioquia e Hierápolis, onde Menelau foi sufocado por um montão de cinzas, 2 Mac 13. 4.

Alepo, é o seu nome atual. Foi Seleuco Nicator quem lhe deu o nome Beréia, que logo lhe foi mudado.

BERENICE, *Vitoriosa.*

Nome da filha mais velha de Herodes Agripa I, casada com seu tio Herodes, governador de Calcis, que morreu logo depois do casamento. Ajuntou-se com seu irmão Agripa, de modo a provocar escândalo público. Tentou enfraquecer este escândalo, por meio de novo casamento com o rei Polemo da Cilícia. Em breve se enfadou e, abandonando o esposo voltou à companhia de Agripa, Ant. 20. 7, 3; Guerras 2. 11, 5. Ainda estava em companhia dele quando S. Paulo produziu a sua defesa, At 25. 23; 26. 30. Esta mulher foi sucessivamente amante de Vespasiano e de Tito.

BEREQUIAS, *Jeová abençoou.*

1. Nome de um levita, pai de Asafe, descendente de Gérson, 1 Cr 6.39; 15. 17.

2. Nome de um dos quatro levitas que serviam de porteiros da arca no reinado de Davi, 1 Cr 15. 23.

3. Nome de um dos príncipes dos filhos de Efraim, no reinado de Peca; tomou parte na sorte dos cativos de Judá. Era filho de Mesilemote, 2 Cr 28. 12.

4. Nome de um homem, filho de Zorobabel, 1 Cr 3. 20.

5. Nome de um levita descendente de Elcana, de Netofati, 1 Cr 9. 16.

6. Nome de um filho de Mesezebel; tomou parte na reconstrução dos muros de Jerusalém no tempo de Neemias, Ne 3. 4, 30.

7. Nome do pai do profeta Zacarias, Zc 1. 1.

BERI, *Homem de um poço.*

Nome de um homem natural da tribo de Aser, filho de Sufa, da família de Heber, 1 Cr 7. 36.

BERIA, *Grito de dor.*

1. Nome de um dos filhos de Aser e fundador de uma família, Gn 46. 17; Nm 26. 44.

2. Nome de um dos filhos de Efraim, 1 Cr 7. 23.

3. Nome de um dos chefes dos ramos que se estabeleceram em Ailom, 1 Cr 8. 13.

4. Nome de um levita, filho de Semei, gersonita, 1 Cr 23. 10, cujos filhos, por serem em pequeno número, foram contados na família de seu irmão Jaús, 11.

BERILO

Tradução da palavra hebraica *Tarshish*, pedra preciosa, trazida do lugar que tem o mesmo nome. Era encastoada na quarta ordem das pedras preciosas que ornavam o Racional do Juízo, Ex 28. 20; 39. 13; Ct 5. 14; Ez 1. 16; 10. 9; 28. 13; Dn 10. 6. Em nenhuma destas passagens se diz a cor desta pedra. Em Ct 5. 14, o vocábulo *Tarshish* é traduzido por safiras nas três versões portuguesas; e em Ez 10. 9, Figueiredo traduziu — Crisólita.

2. O nome berilo do grego *Beryllos*, Ap 21. 20, dá-se ao oitavo fundamento do muro da Nova Jerusalém. O berilo é produto mineral, constituído de sílica, alumínio e berílio (glucínum). Varia de transparência, ora tem a côr da água marinha, ora de um verde azulado, ora de um azul violeta, ora amarelo escuro. É muito aparentado com a esmeralda. Encontra-se na Sibéria, na Índia, no Brasil e em alguns lugares da Grã-Bretanha.

BERITAS

Nome de um povo que vivia perto de Abel-Bete-Maaca, de existência incerta, 2 Sm 20. 14.

BERODAQUE-BALADÃ *Merodaque deu um filho.*

Nome de um rei de Babilônia, filho de Baladã, 2 Rs 20. 12, da dinastia de *Bit-Yakin*, homem de grande habilidade, muito corajoso e empreendedor. Esta dinastia ocupava *BitYakin* como sua capital, situada nos pântanos, perto da foz do Eufrates, distrito que foi a casa ancestral da tribo dos caldeus. Berodaque-Baladã tomou posse deste pequeno trono. Pelo ano 731 A. C. prestou homenagens a Tiglate-Pileser, rei da Assíria; porém, quando em 722 o exército assírio se empenhava no sítio de Samaria, e sabendo que o rei da Assíria tinha morrido, ou havia sido assassinado, Berodaque-Baladã aproveitou a ocasião para fazer-se rei de Babilônia. Sargom, rei da Assíria, reconheceu-o como tal em 721. Reinou onze anos. Em 712, mais ou menos mandou uma embaixada a Ezequias, com o fim aparente de congratular-se com êle pelo seu restabelecimento, 2 Rs 20. 12-19; 1 Cr 32. 31; Is 39. 1-8, tinha por objetivo convidá-lo a formar uma confederação com os reis de Babilônia, Susiana, Fenícia, Moabe, Edom, Filístia e Egito, e tentar um grande ataque ao império da Assíria. Sargom suspeitou deste plano e atacou a seus inimigos, cada um em separado, antes que tivessem tempo de unir as suas forças, e venceu-os um por um. Em 710 Sargom tomou Babilônia e em 709, *Bit-Yakin*, onde prendeu a Berodaque-Baladã. Algum tempo depois da morte de Sargom Berodaque-Baladã recuperou a sua liberdade. Em 704 ou 703, entrou de novo em Babilônia e matou o vice-rei assírio que ali governava. Este segundo reinado durou apenas de seis a nove meses; foi expulso de Babilônia e deportado para *Bit-Yakin* por Senaqueribe, filho e sucessor de Sargom. No ano 700, em conexão com a revolta de um caldeu chamado Nergal-Usezibe, ou Suzube, Berodaque-Baladão ergueu de novo a cabeça. Senaqueribe tomou a estrada de *Bit-Yakin* para combatê-lo, mas Berodaque evitou-o e refugiou-se em uma cidade marítima. Mais uma vez, Senaqueribe prevaleceu sufocando a revolta, em 698. Em 697 atacou o último reduto de Berodaque-Baladã, que era um pedaço do terreno que lhe haviam dado os elamitas. O rei assírio empregou navios Fenícios nesta emprêsa. Barodaque abandonou o seu pequeno abrigo que foi reduzido a cinzas, e nunca mais tomou pé. Apesar de todos os fracassos, não se abateu. Os caldeus de que era chefe, continuaram, desde então, a ser a raça dominante em Babilônia.

BEROTA, *Poços.*

Berota era uma cidade situada entre Emate e Damasco, Ez 47. 16. É provavelmente identificada com Berotai, cidade que esteve na posse de Adarezer, rei de Soba, e que foi tomada por Davi, donde retirou grande quantidade de cobre, 2 Sm 8. 8. Em 1 Cr 18. 8, tem o nome de Cun. Não identificada.

BERSEBA, *Poço dos sete.*

Nome de um poço, que Abraão cavou no deserto, adjacente ao país dos Filisteus, e onde êle e o rei de Gerara fizeram aliança de recíproca ami-

Berseba

zade. Este poço já havia sido objeto de contenda entre os pastores de ambos. Para sinal da aliança Abraão deu a Abimeleque sete cordeiras que serviriam de testemunhas de como ele havia cavado o poço, e por isso foi denominado Berseba, isto é, poço dos sete, Gn 21, 22, 32, e ali plantou uma tamargueira, invocando o nome do Senhor, 33. Abraão residiu por muitos anos neste lugar, depois foi para Hebrom e peregrinou em Beer-Laai-Roi. Enquanto os hebreus estiveram ausentes desta parte do deserto, os Filisteus entupiram os poços; porém quando Isaque voltou a este distrito, reabriu-os de novo. Durante a sua permanência em Berseba, tratou de limpar este poço. O rei de Gerara veio ter com Isaque e fez também com ele aliança, como seu predecessor havia feito com Abraão. Apenas retirado o rei de Gerara, vieram os servos de Isaque notificar que haviam encontrado água. Como em casos semelhantes, Isaque imediatamente restaurou o antigo nome do poço, chamando-o *Shibah*, forma feminina do numeral *sheba*, confirmando o nome Berseba. 26. 32, 33. Foi dêste lugar que Jacó saiu em demanda de Harã, 28, 10, e onde ofereceu sacrifícios, quando partia para o Egito, 46. 1-5. Perto deste poço fundou-se, finalmente, uma cidade, Js 15. 28, no extremo sul de Judá, Js 15. 28; 2 Sm 24. 7; 2 Rs 23. 8, que foi partilhada à tribo de Simeão, Js 19. 1, 2; 1 Cr 4. 28, e que também assinalava o limite sul da Palestina. Por este modo, tornou-se proverbial a expressão — de Dã até Berseba, i. é, do extremo norte até ao extremo sul da Terra Santa, Jz 20. 1, *et passim*. Os filhos de Samuel foram juízes nesta cidade, 1 Sm 8. 2. Elias passou por ela, em direção a Horebe, 1 Rs 19. 3. Depois do cativeiro foi de novo povoada, 11. 27, 30. O viajante e escritor, Edward Robinson, encontrou dois profundos poços, ainda com o nome de *Bir es-Seba*, na parte setentrional, de uma larga corrente ou cabeceira de *es-Seba*. Além destes, outros mais se têm descoberto. O maior que o Dr. Robinson descreve tinha 4 metros de diâmetro, e 14 e meio de profundidade, até à superfície da água, e mais cinco metros até ao fundo, todo êle aberto em rocha.

BESAI

1. Nome do fundador de uma família, alguns de cujos membros, voltaram do cativeiro com Zorobabel, Ed 2. 17; Ne 7. 23. Um dos representantes desta família assinou o pacto de obediência a Jeová, Ne 10. 18.

2. Nome de um dos natineus, fundador de uma família, Ed 2. 49; e Ne 7. 52.

BESODIAS, *Familiar com Jeová.*

Nome do pai de Mesulão, que trabalhou na reparação dos muros de Jerusalém, Ne 3. 6.

BESOR, *Frialdade.*

Nome de uma torrente ao sul de Ziclague, 1 Sm 30. 9, 10. Talvez seja o *Nahr Ghazzeh*, que tem as cabeceiras nas vizinhanças de Berseba e se lança no Mediterrâneo, ao sul de Gaza.

BESTA, FERA

1. Nome que se dá aos animais mamíferos para distingui-los das aves e dos répteis, Gn 1. 29, 30. Os animais selvagens se distinguem dos animais domésticos, Lv 26. 22; Is 13. 21, 22; 34. 14; Jr 50. 39; Mc 1. 13.

2. Nome dos animais inferiores, incluindo os répteis e os pássaros, Sl 146. 9; Ec 3. 19; At 28. 5. Neste sentido, a lei mosaica fazia distinção entre animais limpos e impuros.

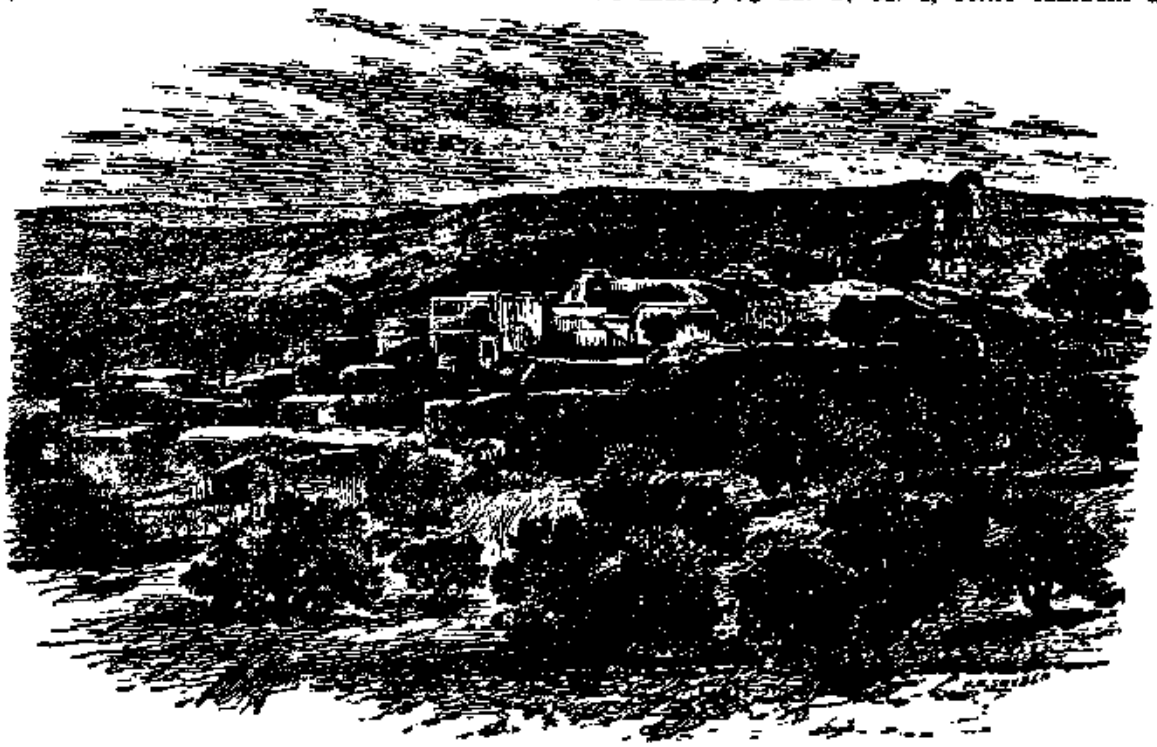
3. Em sentido figurado dá-se este nome a um poder destruidor. Quatro impérios sucessivos, começando com o império babilônico, foram assim simbolizados no cap. 7 de Daniel. As quatro bestas, ou alimárias, fundidas em um monstro, representam o poder do mundo em Ap 13. 1-10, com a sua sede transferida de Babilônia para Roma, cap. 17. 3-18. Uma bésta com os cornos do cordeiro representa o falso profeta, 13. 11-18, que vem a ser o lobo devorador com a pele de ovelha. Ver *Macho*.

BETÁ, *Confiança.*

Nome de uma cidade de Arã-Zobá. 2 Sm 8. 8. É a mesma Tibate, mencionada em 1 Cr 18. 8. Lugar de sua existência, ignorado.

BETÂNIA, *Casa do aflito;* no Talmude, casa das tâmaras verdes.

1. Nome de uma cidadezinha do Monte das Oliveiras, Mc 11. 1; Lc 19, 29; a cerca de 15 estádios de Jerusalém (2.775 metros), Jo 11. 18, na estrada que vai a Jericó. Nosso Senhor hospedou-se ali muitas vezes, Mt 21. 17; 26. 6; Mc 9. 1, 11, 12; 14. 3. Era residência de Lázaro, Marta e Maria, Jo 11. 1; 12. 1, como também de Simão



Betânia

o leproso, em cuja casa, Jesus foi ungido, Mt 26. 6-13; Mc 14. 3. O lugar de sua antiga existência tem o nome de *Azirieh*, que quer dizer, aldeia de Lázaro, situada em um vale ao lado do monte das Oliveiras, a sudeste de Jerusalém. É uma aldeia miserável com algumas das antigas habitações de pedra, convertidas em casas modernas. Vêem-se ainda as casas de Simão, Marta e Maria, e o túmulo de Lázaro, porém não há razões para crer na sua autenticidade. Presume-se que, em virtude das muitas tamareiras que se davam nas vizinhanças desta povoação, é que lhe puseram o nome de Betânia. Em lugar das tamareiras, crescem hoje as oliveiras, as figueiras e as romeiras.

2. Nome de um lugar, ao oriente do Jordão, onde João batizava, logo depois que Jesus voltou da tentação no deserto, Jo 10. 28; 10. 40.

BETE

Nome da segunda letra do alfabeto hebraico. A princípio era representada pela forma rude de uma casa, e por isso tomou o nome de *Beth* que quer dizer casa. A letra B do nosso alfabeto tem a mesma origem. Bete assinala a segunda secção do salmo 119. As letras hebraicas, Bete, Cafe, Meme, e Pe, ou B, K, M e P, em diferentes graus de seu desenvolvimento, têm-se assemelhado tanto entre si, a ponto de criarem dificuldades para distingui-las, dando lugar a erros de leitura. Acima damos uma tábua demonstrando a semelhança referida, pondo-as na ordem já descrita.

BETE-ANATE, *Casa da deusa Anate.*

Nome de uma cidade da tribo de Naftali, Js 19. 38, cujos habitantes cananeus não foram expulsos pelos israelitas, Jz 1. 33. Muito bem situada com o nome atual de Anata, ou Ainita, está a cerca de 9 quilômetros a oeste de *Kedesh*.

BETE-ANOTE, *Casa da deusa Anate.*

Nome de uma cidade situada nas montanhas de Judá, Js 15. 59, cuja existência parece ter sido em *Beit Ainun*, três quilômetros a sudoeste de *Halhul*.

BETE-ARABÁ, *Casa do deserto.*

Nome de uma aldeia no deserto da Judéia, situada na linha divisória entre Judá e Benjamim, Js 15. 6, 61; 18. 22.

BETE-ARABIM, *Filho da multidão.*

Nome de uma das portas de Hesbom, Ct 7. 4.

BETE-ARBEL, *Casa da emboscada de Deus.*

Nome de uma cidade destruída por Salmã com horrível crueldade, Os 10. 14. A melhor identificação proposta é com Arbela de Galiléia, que agora se chama Irbide, a 7 quilômetros e meio a noroeste de Tiberíades, Ant. 12. 11, 1; 15. 14; 1 Mac 9. 2. Tem muitas cavernas naturais em rocha calcárea, ligadas entre si por meio de passagens cortadas na rocha. No tempo de Herodes estas cavernas eram habitadas por bandidos que ele expulsou.

BETE-ÁVEN, *Casa do nada*, ou *idolatria.*

1. Nome de uma cidade no território de Benjamim, perto de Ai, a este de Betel; Js 7. 2, a oeste de Macmás, 1 Sm 13. 5; 14. 23, e à beira do deserto, Js 18. 12. Ainda não identificada.

2. Nome que Oséias dá a Betel por se ter convertido em centro de idolatria, Os 4. 15; 5. 8; 10. 5.

BETE-BARA, *Casa do vau.*

Nome de um lugar além do Jordão, onde João batizava, Jo 1. 28. Os mais antigos manuscritos tem a palavra Betânia. Orígenes, não achando este nome, além do Jordão, decidiu-se a favor da palavra Bete-Bara. Se esta for a verdadeira leitura, então devemos procurá-la em algum dos vaus do Jordão e destes, somente um, que é o Macade Abará, servirá de referência. É um dos principais vaus, acima do ponto, onde entra a torrente Jalude, que desce do vale de Jezreel e entra no Jordão. A situação tradicional é indicada a este de Jericó.

BETE-BARA, *Casa do vau.*

Nome de um lugar, à margem direita do Jordão, Jz 7. 24.

BETE-BASI

Nome de um lugar no deserto, que talvez seja o deserto de Tecoa. Dá-lhe Josefo o nome de Betalaga, 1 Mac 9. 62; Antig. 13. 1, 5.

BETE-BIRI, *Casa da minha criação.*

Nome de uma cidade da tribo de Simeão, talvez uma corrupção do nome Betelebaote, 1 Cr 4. 31; comp. Js 19. 6.

BETE-CAR, *Casa de pasto*, ou *lugar de pastagens.*

Nome de um lugar que indica o ponto até onde foram perseguidos os Filisteus pelos israelitas, depois da segunda e definitiva batalha na Pedra do Socorro (Ebenézer), 1 Sm 7. 11.

BETE-DAGOM, *Casa de Dagom.*

1. Nome de uma aldeia na baixada de Judá, Js 15. 41, nas proximidades de Eleuterópolis. Não identificada.

2. Nome de uma cidade da tribo de Aser, fronteira a Zabulom, Js 19. 27. Não identificada.

BETE-DIBLATAIM. *Casa da pasta de figos.*

Nome de uma cidade no planalto de Moabe, território, outrora possuído pelos israelitas, Jr 48. 21, 22; Pedra Moabita, 30. É provável que seja a mesma Almondiblataim.

BETE-EMEQUE, *Casa do vale.*

Nome de uma cidade do território de Aser, Js 19. 27. Não identificada.

BETE-EQUEDE

Nome de um lugar onde Jeú matou quarenta e dois irmãos de Ocozias, rei de Judá, que iam a Samaria para visitar o rei de Israel, 2 Rs 10. 12-14. Era neste lugar que se reuniam os pastores para a tosquia das ovelhas, e daí lhe veio o nome que tem (Targum). O nome original é *Beth-eked-haroim* no grego, *Baithakath*. Este nome parece indicar o *Beit-Kad*, a 3 milhas a nordeste de En-Ganim, e a 16 de Samaria para o mesmo lado.

BETE-EZEL, *Casa ao lado.*

Nome de uma cidade de Judá, ou Samaria, que talvez seja a mesma Azel, referida em Zc 14. 5 (Mq 1. 11).

BETE-GADER, *Casa do muro.*

Nome de uma cidade da tribo de Judá, 1 Cr 2. 51.

BETE-GAMUL, *Casa de perfeição.*

Nome de uma cidade moabita, Jr 48. 23. É provável que seja a mesma Jemail, ao oriente de Dibom.

BETE-HANÁ

Nome de uma cidade da tribo de Dã 1 Rs 4. 9, talvez a mesma Elom.

BETE-HAQUEREM, *Casa da Vinha.*

Nome de uma cidade da tribo de Judá, Ne 3. 14; Jr 6. 1. S. Jerônimo dá notícia de uma aldeia com o nome de Beta-carma, que ele avistava de Belém quando lá residia, e que era situada sobre um outeiro em meio da estrada de Tecoa e Jerusalém. De harmonia com estas indicações, procura-se descobri-la no monte Franco, a seis quilômetros e meio a sudeste de Belém.

BETE-HARÁ, *Lugar alto.*

Nome de uma cidade do vale do Jordão, reconstruída pelos filhos de Gade, Nm 32. 36; Js 13. 27. Tristram identifica-a em uma elevação chamada Bete-Harã, sobre uma planície a este do Jordão e

fronteira a Jericó. Não se deve confundir esta elevação com a denominada *Tell-er-Rameh*, cinco quilômetros e meio mais para além, na encosta oriental, onde Herodes tinha um palácio (Ant. 18. 2, 1; Guer. 2. 4, 2; 9. 1).

BETE-HOGLA, *Casa da Perdiz.*

Nome de uma aldeia da tribo de Benjamim, na linha divisória entre esta tribo e a de Judá, e perto do rio Jordão, Js 15. 6; 18. 19, 21. Este nome e o lugar encontram-se em *Ain Hajlah*, a sete quilômetros e meio a sudeste de Jericó.

BETE-HOROM, *Casa da abertura.*

Nome de duas cidades da tribo de Efraim, Bete-Horom a alta, e Bete-Horom a baixa, à distância de três quilômetros e duzentos metros uma da outra, e a cento e noventa e oito metros de altitude, uma sobre a outra, entre as tribos de Efraim e Benjamim. Foram construídas por uma mulher de Efraim, chamada Sara, Js 16. 3, 5; 18. 13; 1 Cr 7. 24. Uma delas foi destinada à residência dos levitas, da família de Coate, Js 21. 22; 1 Cr 6. 68. Dominavam a antiga estrada, que passava entre Jerusalém e a planície, a doze milhas romanas (17 kms e 784 metros), a noroeste da capital. Salomão as mandou cingir de muralhas, 2 Cr 8. 5. A que ocupava o plano superior, mereceu especial atenção, por ser ponto militar de grande valor estratégico, 1 Rs 9. 17; 1 Mac 9. 50; comp. Judite 4. 4. A onda guerreira, de vez em quando, passou por elas. Os amorreus sofreram aqui tremenda derrota, pelas tropas de Josué, Js 10. 10 e seg., os filisteus subiram a elas para guerrearem contra Saul, 1 Sm 13. 18. Judas Macabeu feriu ali duas batalhas, Mac 3. 15 e seg. 7. 39 e seg. e o exército de Cestius Galus, governador da Síria, foi quase aniquilado pelas forças judaicas, Guerras, 2. 19, 8. Ainda existem com os nomes de *Beit Ur et-Tahta* e *el-Foka.*

BETE-JESIMOTE, *Casa das devastações.*

Nome de uma cidade ao oriente do Jordão, perto do Fasga e do Mar-Morto, Js 12. 3; 13. 20; Guer. 4. 7, 6. Quando os israelitas se acamparam em Cetim, formava a linha divisória do campo ao sul, Nm 33. 49. Distava 10 milhas romanas, 14.820 metros, de Jericó, a sudeste. A direção e a distância coincidem com a situação de *Ain es-Suweineh*, nome este que parece um eco de Jesi-Mote. Tocou em partilha à tribo de Rúben. Em tempos do profeta Ezequiel, existia em poder dos moabitas, Js 13. 20.

BETEL, *Casa de Deus.*

1. Nome de uma cidade da Palestina, a oeste de Ai, ao sul de Silo, Gn 12. 8; Jz 21. 19, e perto de Macmás, 1 Sm 13. 2. Abraão, na sua primeira viagem à Palestina, e subseqüentemente, levantou ali a sua tenda, Gn 13. 3. A cidade chamava-se Luza pelos cananeus, porém Jacó pôs-lhe o nome de Betel, nome este que lembrava o lugar próximo, onde havia dormido, e onde havia tido a visão da escada, posta sobre a terra, e cuja sumidade tocava o céu, Gn 28. 19 e seg. 31. 13. Estes nomes, Betel e Luza, se encontram separados em Js 16. 2, sendo que, em breve, o primeiro absorveu o segundo, prevalecendo o nome Betel. Quando Jacó voltou de Padã-Harã, foi morar em Betel e ali levantou um altar, confirmando o mesmo nome, Gn 35. 1-15; Os 12. 4. Os habitantes de Luza auxiliaram os de Ai na segunda batalha contra Josué (8. 9, 12, 17). Mais tarde, a cidade foi tomada e morto o seu rei, 12. 9, 16. Tocou em partilha à tribo de Benjamim e servia de linha divisória entre esta e a de Efraim, Js 16. 2; 18. 13, 22. Os homens de Efraim mataram todos os seus habitantes e se apoderaram de todo o território, Jz 1. 22 e seg. As aldeias, ao norte da linha divisória, pertenciam a Efraim, e conseqüentemente também a cidade como resultante da matança que os seus homens fizeram, 1 Cr 7. 28. Quando os israelitas se reuniram em Masfa, perto de Gabaa, para guerrear contra Benjamim, trouxeram a arca de Silo, distante 33 quilômetros e meio para Betel, e pararam a cerca de 15 quilômetros fora da cidade, Jz 20. 1, 27. Ali consultaram ao Senhor e construíram um altar para os sacrifícios, 18. 26. No fim da guerra, vieram outra vez para Betel, construíram novo altar e ofereceram sacrifícios, 21. 2-4. Quando suspenderam o serviço regular do tabernáculo durante a ausência da arca, Betel foi um dos lugares onde Samuel julgou a Israel, e ali iam levar suas ofertas ao Senhor, os homens de Israel, 1 Sm 7. 16; 10. 3. Ali Jeroboão levantou um dos bezerros, 1 Rs 12. 29-33; convertendo a cidade em um foco de idolatria, 1 Rs 13. 1-32, 2 Rs 10. 29. Derrotado que foi Jeroboão, o rei Abia tomou a cidade e a conservou por algum tempo em seu poder, 2 Cr 13. 19. Eliseu passou por ali e foi motejado por uma turma de rapazes, 2 Rs 2. 1-3, 23, 24. Os profetas denunciaram as suas idolatrias e a denominaram Bete-Áven, casa de nada, Jr 48. 13; Os 10. 15; Am 3. 14; 4. 4; 5. 5, 6; Os 4. 15; 5. 8; 10. 5. O profeta Amós correu sério perigo por causa da sua pregação, Am 7. 10-13. O rei Josias derribou os seus altares e destruiu os seus altos, e, como havia sido profetizado, exumou os ossos dos sacerdotes e os queimou, 2 Rs, 23. 4, 15-20. Alguns de seus habitantes voltaram de Babilônia com Zorobabel, Ed 2. 28; Ne 7. 32, revertendo de novo à posse dos benjamitas, 11.31. Em tempo dos Macabeus, foi convertida em praça de guerra por Baquides, 1 Mac 9. 50. Nas guerras judaicas, foi ela tomada por Vespasiano (Guerras, 4. 9, 9). As ruínas, denominadas Beitim, a cerca de 20 quilômetros ao norte de Jerusalém, denunciam o seu antigo local. Podem ser vistas na sumidade de um outeiro, olhando para sudeste e cobrindo uma área de alguns quilômetros. Uma enfiada de cerros dirige-se para sudeste, e no vale a oeste, existe um reservatório com cerca de 104 metros de comprimento por 72 de largo, para onde correm dois arroios. Mais dois correm nas suas vizinhanças. Existem sepulcros cortados na base das rochas. O terreno adjacente é constituído de rochas escuras e de calcáreos em que se encontram impressões de plantas. Nos tempos de Abraão, o terreno servia de pastagens para ovelhas.

2. Nome de uma cidade no território da tribo de Simeão, 1 Sm 30. 27.

BETE-LE-AFRA.

Nome de uma cidade mencionada em Mq 1. 10, cuja situação é ignorada.

BETE-LEBAOTE, *Casa da leoa.*

Nome de uma cidade ao sul da tribo de Judá, partilhada à tribo de Simeão, Js 19. 6. Não identificada.

BETE-MAACA, *Casa de Maaca.*

Nome de uma cidade situada nas raízes do Monte Hermom, 2 Sm 20. 14, 15.

BETE-MARCABOTE, *Casa das carroças.*

Nome de uma cidade da tribo de Simão, Js 19. 5; 1 Cr 4. 31. Lugar ignorado. Talvez que a Medemena, ou Madmaná, mencionado em Js 15. 31, tenha sido uma estação de carroças.

BETE-MERAQUE, *Casa de retirada.*

Talvez seja o nome de uma casa à beira do Cedrom, entre Jerusalém e o Monte das Oliveiras, onde Davi parou, quando fugia da cidade, 2 Sm 6. 17.

BETEN, *Corpo, barriga ou vale.*

Nome de uma aldeia da tribo de Aser, Js 19. 25. Euzébio identifica-a com a aldeia Bete-béten, situada a 8 milhas romanas ao oriente de Acre. (Cerca de 12 quilômetros.)

BETE-NIMRÁ, *Casa da água fresca e cristalina.*

Nome de uma cidade do vale do Jordão, partilhada à tribo de Gade e reconstruída por ela, Nm 32. 36; Js 13. 27. Euzébio e Jerônimo dizem que esta cidade ficava ao norte de Lívias, distante 5

milhas romanas (7.410 met.), que agora se chama *Tell er-Rameh*. As ruínas encontradas neste local têm o nome de Nimrim, e estão no meio de terreno regadio e de belas pastagens.

BETE-PAZES, *Casa de dispersão.*

Nome de uma cidade dentro do território da tribo de Issacar, Js 19. 21. Lugar ignorado.

BETE-PELETE, *Casa do refúgio.*

Nome de uma cidade, situada no extremo meridional da tribo de Judá, Js 15. 27; Ne 11. 26. Lugar ignorado.

BETE-PEOR, *Casa de Peor.*

Nome de uma cidade, perto do monte Fasga. No vale fronteiro acamparam os israelitas, defronte do templo de Fogor. Comp. Dt 3. 29; 4. 46; com Nm 21. 20; 23. 28; 33. 47-49. Neste vale foi sepultado Moisés, Dt 34. 6. A cidade foi partilhada à tribo de Rúben, Js 13. 20. Segundo o testemunho de Euzébio, está a 6 milhas romanas (9.192m.), nas montanhas ao oriente de Livias, com o nome de *Tell er-Rameh*.

BETER, *Separação.*

Nome comum, descrevendo certas montanhas de aparência rugosa, Ct 2. 17; comp. 4. 6; 8. 14. Este nome não se deve confundir com o nome de uma cidade de Judá, chamada Baiter, ou Bete-Ter, Js 15. 59, no grego, nem com Bitir, situada a onze quilómetros ao sudoeste de Jerusalém, último lugar de resistência na guerra dos judeus, capitaneados por Barcochebas, contra o exército romano, 135 A. C.

BETE-RAFA. *Casa de Rafa, casa de um gigante.*

Nome de uma família da tribo de Judá, ou de uma cidade, cujos habitantes pertenciam àquela tribo, 1 Cr 4. 12.

BETE-REOBE e REOBE, *Casa de uma rua.*

Nome de uma cidade, ao norte da Palestina, no vale do alto Jordão, Nm 13. 21. Reobe em Jz 18. 28. Os sírios habitaram nela e se uniram aos amonitas em uma grande guerra contra Davi, 2 Sm 10. 6. O Dr. Robinson julga que devia existir no local onde se acha a moderna fortaleza Hunin que domina a planície de Huleh, antigo território da tribo de Dã.

BETE-SAMES, *Casa do sol.*

1. Nome de uma cidade, situada no vale de Soreque que agora se chama *Ain Shems*. O nome dá a entender que, em outros tempos, serviu de centro de adoração do deus sol cultuado pelos cananeus. Entrou na partilha das terras à tribo de Judá, ocupando a linha divisória, Js 15. 10 porém, como esta tribo possuía mais território do que precisava, 19. 9, foi adjudicada à tribo de Dã juntamente com outras cidades. Os danitas não chegaram a ocupá-la sendo distribuída à tribo de Levi e dada aos sacerdotes, filhos de Arão, e reconhecida como parte da tribo de Judá, 21. 16; comp. 9. 1.; 1 Cr 6. 59. E por isso logo depois da formação do reino, foi incorporada a esta tribo, 2 Rs 14. 1. Quando os filisteus devolveram a arca, colocada em um carro novo, puxado por duas vacas que davam leite aos seus bezerros, estas seguiram pela estrada que vai a Bete-Sames. Os bate-samitas segavam trigo num vale, e levantando os seus olhos, viram a arca, pelo que foram feridos por uma praga, que matou a setenta homens do povo e cinqüenta mil da plebe (Ant. 6. 1-4). Parece haver uma estranha inserção no texto hebreu, que se torna suspeita, pela ausência da conjunção que devia ligar as palavras "cinqüenta mil da plebe" 1 Sm 6. 1-21. Um dos doze governadores nomeados por Salomão, tirou desta cidade e de suas vizinhanças suprimentos necessários à mesa do rei 1 Rs 4. 7-9. Serviu de cenário a grande batalha de Amazias, rei de Judá, e de Joás, rei de Israel, em que o primeiro sofreu tremenda derrota, 2 Rs 14. 11; 2 Cr 25. 21. No reinado de Acaz, foi tomada pelos filisteus, 28. 18.

2. Nome de uma cidade, situada nos limites de Issacar, entre o Tabor e o Jordão, Js 19. 22. Não identificada.

3. Nome de uma cidade fortificada da tribo de Naftali, sempre ocupada pelos cananeus, Js 19. 38; Jz 1. 33. Não identificada

4. Nome de uma cidade onde se adorava o sol, Jr. 43. 13. Sem dúvida é a cidade de On.

BETE-SAMITA

Nome de um natural de Bete-Sames, 1 Sm 6. 14.

BETESDA, *Casa de misericórdia.*

Antigos manuscritos do Novo Testamento dão o nome de Betsaida, significando *casa de pesca*, e Betzata, significando *casa das oliveiras*, ou das azeitonas.

Betsaida é o nome de um tanque em Jerusalém, perto da porta das ovelhas que tinha cinco alpendres com espaço suficiente para abrigar grandes multidões, Jo 5. 2 e seg. Acreditava-se que as suas águas possuíam virtudes terapêuticas. A leitura contida no v. 4, dizendo que um anjo do Senhor descia em certo tempo ao tanque e movia-se a água, foi omitada pelos revisores da Bíblia inglesa, por não encontrar apoio em textos antigos. A tradição assinala a existência de Betsaida ao norte do Templo, ou perto de um tanque adjacente. A tradição antiga merece crédito apesar de as tradições posteriores se desviarem dela. 1. No ano 333 A. D. os peregrinos de Bordeaux afirmavam que existiam dois tanques e cinco alpendres. 2. Os manuscritos de tempos remotos, como o *Sinaítico*, têm o nome Betzata, em forma reduzida a Bezeta, em vez de Betesda. Estas palavras são evidentemente variações de Bezete, nome do quarteirão da cidade ao norte do Templo e, por isso, se deve entender que o tanque ocupava aquele quarteirão. 3. O tanque era vizinho da porta das ovelhas; e no livro de Ne cap. 3, se determina o local indicado, ser ao norte da área do Templo. 4. No outono de 1888, fizeram-se escavações na parte setentrional de Jerusalém em conexão com os reparos da igreja de Sant'Ana, e, a uns 34 metros a noroeste daquela igreja, descobriram um tanque com cinco alpendres. Uma pintura a fresco, já um pouco apagada, representa um anjo sobre a água, o que dá a entender que os cristãos primitivos consideravam êste tanque como sendo o tanque de Betsaida.

BETE-SEÁ, *Casa de tranqüilo repouso.*

Nome de uma cidade esplendidamente situada no beiço de uma montanha, justamente no lugar onde o vale de Jezrael se afunda uns cem metros até ao nível do Jordão. A fim de garantir a segurança, e defesa natural de sua posição, os habitantes de Bete-Seã tornaram-se formidáveis pelo emprego de suas carroças de guerra armadas de ferro, Js 17. 16. Esta cidade, juntamente com as suas aldeias, caiu por sorte à tribo de Issacar, mas foi dada a Manassés, Js 17. 11; 1 Cr 7. 29. A tribo não expulsou os seus habitantes cananeus; impôs-lhes, porém, o pagamento de tributos, Js 17. 12-16; Jz 1. 27, 28. Após a batalha do Gelboe, os filisteus expuseram os corpos de Saul e de seus filhos sôbre os muros de Bete-Seã, 1 Sm 31. 10-13; 2 Sm 21. 12-14. No período da dominação grega, deram-lhe o nome de Nisa; na literatura grega e latina, chama-se Citópolis, nome este que durou até a época de Judas Macabeu. Em alguns casos, existe a expressão cidades dos citas, que se encontra em Jz 1. 27, da versão dos Setenta; e em Judite 3. 10; 2 Mac 12. 29. Julga-se que uns restos das hordas dos citas se estabeleceram ali, quando avançaram pela Palestina a dentro, em demanda do Egito, na última metade do século sétimo, antes de Cristo (Heród. 1. 103, 105; Plínio, hist. nat. 5. 16. O nome Citópolis pode bem ser o eco de alguma palavra de origem semítica. No primeiro século da era cristã, o elemento dominante na cidade pertencia ao gentilismo, 2 Mac

7. 30; Guer. 2, 18, 1, 3, 4; Vida 6, sendo saqueada pelos judeus, durante a guerra com os romanos. Por sua vez, os habitantes da cidade, em represália, trucidaram os judeus nela residentes. Josefo refere que era uma das maiores das dez cidades, conhecidas pelo nome de Decápolis, única das dez cidades situada a oeste do Jordão. A menção elogiosa a esta cidade, não desmerece a importância de Damasco que provavelmente não fazia parte da liga (Guer. 3. 9,7). A sua existência histórica vai até a época das cruzadas. Citópolis foi um nome perpetuado durante séculos, mas a dominação árabe não o respeitou. Uma pequena aldeia, denominada Beisã, assinala o local da famosa Citópolis. Extensas ruínas do período grego-romano permanecem até hoje. As muralhas estendem-se por um perímetro de cerca de cinco quilômetros e meio. A cidade dividia-se em três partes, delimitadas por duas torrentes, originárias de duas profundas ravinas. A parte sul é onde se encontra a pequena aldeia *Beisã*, o antigo hipódromo, o teatro, as ruínas de uma mesquita e parte dos velhos muros da cidade. A parte central é abraçada pelas duas torrentes, e inclui a elevação atual, ou *tell*, de 66 metros de altura, cortada quase a pique; e no cume vêem-se os traços da espessa muralha que a cercava. A parte do norte ainda conserva uma igreja, um cemitério e uma fortaleza. Os principais edifícios eram construídos de basalto negro. A região em tôrno é de formação vulcânica.

BETE-SITA, *Casa das acácias.*

Nome de uma cidade, situada entre o vale de Jezrael e o Jordão, Jz 7. 22. O fato de se encontrar este nome, em par com Zerera, e não com Bete-Sames, exclui a sua identificação com Suta.

BETE-TAPUA, *Casa das maçãs.*

Nome de uma cidade, situada na região serrana de Judá (Josefo 15. 53). É hoje a pequena aldeia de Tufu, a sete quilômetros e meio a oeste de Hebrom. Comp. 1 Cr 2. 43.

BETE-ZACARIAS

Nome de uma cidade, situada a 70 estádios, 12.950 metros, distante de Betsura, Ant. 12. 9, 4. Está identificada com a moderna *Beit Zakariya*, nove milhas romanas, 18. 338 metros, ao norte de Betsura.

BETE-ZUR, *Casa de rocha.*

Nome de uma cidade da região serrana de Judá, Js 15. 58, fortificada pelo rei Roboão, 2 Cr 11. 7. Metade de seu distrito ficou a cargo de Azboque para ser por ele edificada, Ne 3. 16. No período da dominação grega, escrevia-se este nome — *Bethsura*. Serviu de importante limite fronteiro à Iduméia. Aqui Judas Macabeu ganhou grande vitória sobre os sírios, comandados pelo general Lísias, 1 Mac 4. 29; 2 Mac 9. 5; 13. 19, 22. O grande líder patriota a guarneceu, e fortificou mais tarde, 1 Mac 4. 61; 6. 7, 26, 31. A falta de alimentos compeliu a guarnição a render-se aos sírios, 49. 50. Baquides reforçou-a, 9. 52 mas Simão a retomou, 11. 65, 66; 14. 7. O seu nome apaga-se nas ruínas *Beit-Sur*, a 7 quilômetros e meio ao norte de Hebrom.

BETE-ZUR

1. Cidade, herança da tribo dos filhos de Judá, segundo as suas famílias, Js 15. 20, 21, 58.
2. Filho de Maom, 1 Cr 2. 45.
3. Cidade que Roboão edificou, 2 Cr 11. 7.
4. Distrito de Jerusalém, Ne 3. 16.

BETFAGÉ, *Casa dos figos.*

Nome de uma aldeia, perto de Betânia, na estrada que de Jericó vai a Jerusalém, Mc 11. 1; Lc 19. 29. Com certeza estava entre Betânia e Jerusalém, não longe da descida do monte das Oliveiras, Mt 21. 1; Jo 12. 1, 12, 14, e perto da velha estrada que passa por cima do monte.

BETIA, *Filha de Jeová*, no sentido de crente em Jeová.

Nome da filha de Faraó, casada com Merede, um dos homens de Judá. O nome desta mulher dá a entender que se havia convertido ao culto de Jeová, 1 Cr 4. 18.

BETONIM, *Nozes de alfostigueiro.*

Nome de uma cidade da tribo de Gade, Js 13. 26.

BETSAIDA, *Casa da pesca.*

Nome de uma cidade, à beira do lago de Genesaré, situada no vale do alto Jordão, e construída por Filipe, o tetrarca, que lhe deu o nome de Júlias, em honra da filha do imperador Augusto (Ant. 18. 2, 1). A esta cidade retirou-se Jesus, quando teve notícia da morte de João Batista, Lc 9. 10; Mt 14. 13; Jo 6. 1. Em seguida, saiu para o deserto, acompanhado pela multidão de povo; tomando a direção oriental do lago, e descendo cerca de 4 quilômetros. Na tarde desse dia, alimentou, por milagre, a todos. Os discípulos, então, entraram em uma barca, por ordem de Jesus, transportando-se para outro lado do mar, em demanda de Betsaida, Mc 6. 45. A viagem foi tormentosa. Os ventos contrários dificultavam o serviço dos remeiros, já exaustos pelo muito labor. No meio de sua angústia, Jesus veio sobre as águas ao encontro dos discípulos, dando entrada na embarcação. Atravessado que foi o lago, aportaram ao país de Genesaré, 53.

A referência feita a Betsaida da Galiléia no evangelho segundo S. João 12. 21, dará lugar a outra cidade do mesmo nome? Notáveis cientistas, como o Dr Robinson, assim pensam, e determinam a sua existência no local *Ain el-Tabighah*, uns 5 quilômetros e meio a sudoeste da embocadura do Jordão. Porém, a existência de duas cidades do mesmo nome, no mesmo lago, distanciadas apenas por alguns quilômetros, não parece aceitável, e, pois, a narração do evangelista é digna de atento estudo. 1. O ponto visado para desembarque, era Cafarnaum, Jo 6. 17, porém determinaram navegar para Betsaida, dando preferência à praia mais próxima, e abandonando a rota direta a Cafarnaum (Thomson). 2. Mesmo que o seu objetivo fosse estacionar em Betsaida, a linguagem seria a mesma "para o outro lado, a Betsaida." Josefo usa de semelhante expressão, navegando de Tiberíades para Tariquéia distante 7 quilômetros. "Ele navegou para Tariquéia." (Vida, citação de G. A. Smith.) 3. Filipe era natural de Betsaida de Galiléia, Jo 12. 21. Thomson sugere que qualquer cidade situada na embocadura do estreito Jordão, como Betsaida Júlias necessariamente teria parte de suas habitações, ou subúrbios, na margem ocidental do rio, que ficava na província de Galiléia. Pedro, André e Filipe, eram galileus e de Betsaida. Thomson sugere, ainda, que a cidade que dominava ambas as margens do rio, tinha a sua existência mais ligada a Galiléia. Geo Adam Smith afirma que a "província de Galiléia se estendia pela oria do lago. A sua opinião baseia-se no testemunho de Josefo que, falando de certo Judas, diz que ele pertencia a Gamala na Gaulonitis como galileu" (Guer. 2. 8,1; Ant. 18. 1,1,).

BETUEL, *Lugar onde Deus habita.*

1. Nome de um filho de Nacor com sua mulher Melca. Foi pai de Labão e de Rebeca e sobrinho de Abraão, Gn 22. 20, 22, 23; 24. 15, 29; 25. 20; 28. 2,5.

2. Nome de uma cidade da tribo de Simeão, 1 Cr 4. 30; em Js 19. 4, diz Betul. Davi mandou a esta cidade, uma parte dos despojos de Ziclague, 1 Sm 30. 27. Nesta última passagem lê-se Betel, modificação de forma por ser mais sugestiva ao ouvido dos hebreus. Parece ser a mesma Cesil, mencionada em Js 15. 30. Não identificada, ainda que se supõe ser a pequena aldeia de Beit-Aula, a doze quilômetros a noroeste de Hebrom.

BETUME

1. Tradução da palavra hebraica *Kopher*, revestir. A arca de Noé foi untada com betume por dentro e por fora com o fim de torná-la impermeável. Gn 6. 14. Este betume era provavelmente o asfalto de Hite em Babilônia.

2. Tradução da palavra hebraica *Zepheth*, líquido. O cesto em que meteram o menino Moisés foi barreado com betume, Ex 2. 3. As torrentes da terra de Edom converteram-se em pez, espécie de betume. Is 34. 9.

3. Alcatrão mineral, de que existem três variedades: (1) Betume terrestre, (2) Betume elástico, ou cauchu mineral (3) e o Betume compacto, ou asfalto da Judéia. Na aparência, assemelha-se ao pixe comum. É mais pesado que a água, derrete-se facilmente, é muito inflamável, produzindo chamas vermelho escuras. É elaborado pela natureza e forma-se de matérias vegetais enterradas

BEULÁ, *Casado*.

Nome profèticamente aplicado à esquecida terra da Palestina, quando fosse restaurada ao favor divino, e de novo povoada pelos repatriados do cativeiro. Is 62. 4.

BEZALEL, *Na sombra*. i. é. sobre a proteção de Deus.

1. Nome de um homem de Judá, da família de Hesrom, da casa de Calebe e neto de Hur, 1 Cr 2. 20, que foi perito artífice, destinado por Deus para o trabalho em ouro, prata e cobre. Dirigiu a ornamentação do Tabernáculo, Ex 31. 1-11: 35. 30-35.

2. Nome de um filho de Faate-Moabe, induzido por Esdras a desquitar-se de sua mulher estrangeira. Ed 10. 30.

BEZEQUE, *Disseminação*.

Nome de uma cidade, situada no centro da Palestina, não muito longe de Jabés de Galaade, 1 Sm 11. 8; 11. No tempo de Euzébio existiam duas aldeias com este nome, a 17 milhas romanas de Siquém, 25.194 metros para as bandas de Bete-Sem. Conder identifica o local destas duas aldeias com as ruínas de Ibzique, a 24 quilômetros a noroeste de Siquém. Com esta cidade pode ser identificada Bezeque, mencionada em Jz 1. 4, pelo motivo de que Adonibezeque, avançando com as suas forças para o sul a unir-se aos cananeus, foi detido pelas tribos de Judá e Simeão que o perseguiram até entrar na capital.

BEZER, *Ouro ou prata*.

1. Nome de um filho de Sufa, da tribo de Aser, 1 Cr 7. 37.

2. Nome de uma cidade do deserto, situada no platô do território de Rúben. Fez parte do patrimônio dos levitas, e veio a ser uma das cidades de refúgio, Dt 4. 43; Js 20. 8; 21. 36; 1 Mac 5. 26. Posteriormente, os moabitas a tomaram, sendo fortificada pelo rei Mesa (Pedra Moabita, 27). Não identificada.

3. Nome de uma cidade de Galaade na tribo de Rúben, 1 Mac 5. 26, 36; Js 20. 8.

Ver *Beor*.

BEZERRA ver NOVILHA

BEZERRO

Touro novo (*Bos taurus*), empregado como alimento e oferecido em sacrifício, Gn 18. 7; Hb 9. 12, 19. Arão fez um bezerro de ouro, para ser adorado, como expressão da pessoa de Jeová, Ex 32. 4; Sl 105. 19, 20; Ne 9. 18. O bezerro simbolizava o vigor, a força e a resistência, Nm 23. 22. Nenhum outro animal serviria melhor para representar a divindade, segundo haviam os israelitas aprendido no Egito com a pomposa adoração que se tributava ali ao boi Ápis. Quando se dividiu o reino de Israel, o rei Jeroboão restaurou o culto idólatra, levantando dois bezerros, um em Dã e outro em Bétel, 1 Rs 12. 29. Ele também havia presenciado a adoração prestada no Egito ao boi Ápis, quando se refugiou na corte do rei Sesaque, 1 Rs 11. 40. Porém, o que parece é que ele desejava aderir às antigas tradições, quando se referiu às palavras de Ex 32. 4.

BEZETE

Nome de um lugar, não distante de Jerusalém, onde Baquides se acampou, 1 Mac 7. 19. Pode bem ser a aldeia de Bete-Zeto, ou Berzeto (Ant. 12. 10, 2), ou ainda o subúrbio denominado Bezata, ao norte de Jerusalém.

BÍBLIA (em grego — *Biblia*, livros, no latim eclesiástico — *Bíblia*). Crê-se que a palavra grega *Biblia*, foi aplicada a princípio aos livros sagrados, por João Crisóstomo, patriarca de Constantinopla, entre 398 e 404 A. D.

Etimologicamente considerada, a palavra bíblia quer dizer "os livros", e quando não for precedida por adjetivo, quer dizer que esses livros são tidos como um conjunto de escritos superiores a todos os outros produtos literários — são os livros por excelência. A mesma idéia se compreende na palavra Escritura e Escrituras. Estes dois termos ocorrem, em o Novo Testamento, no sentido de livros sagrados, Mt 21. 42; At 8. 32. A palavra bíblia não se acha em nenhuma das suas páginas, é de origem puramente eclesiástica. *Bíblia* tem a forma do plural, denotando que não se refere a um só livro, mas que designa um grupo de livros de alto valor religioso. Bíblia e Escritura, dois vocábulos no singular, têm a alta significação de representar que, sob a diversidade dos autores humanos, existe maravilhosa unidade que revela a operação dirigente de um Autor, atuando, durante mais de mil anos consecutivos, na sua elaboração. A doutrina sob a inspiração das Escrituras e de sua autoridade divina, é estabelecida e investigada pela *Apologética*, cuja significação original quer dizer — *Defesa*. Há outra ciência, além da *Apologética*, que é a *Crítica*, ou *Criticismo Bíblico* que se divide em *Alto Criticismo*, indagando a origem e o caráter dos diversos livros, procurando determinar quem foram os seus autores, em que circunstâncias os escreveram e qual o seu objetivo e em *Baixo Criticismo*, ou *Crítica Textual*, determinando, pelo auxílio dos velhos manuscritos e de antigas versões, o verdadeiro sentido dos termos empregados para se obter o mais exato conhecimento de sua significação (Vide *Apócrifos* e *Cânon*). A ciência da *Hermenêutica* indaga dos princípios de interpretação, enquanto que a *Exegese* faz aplicações desses princípios. Vê-se, pois, que todo o conteúdo da Bíblia está metodicamente arranjado. Feito isto, chega-se a conhecer a relação dos assuntos bíblicos com a geografia, com a história, com as ciências naturais, com a ética e com todos os demais ramos da sabedoria humana.

Temos ainda a *Teologia Bíblica* que investiga as doutrinas da Bíblia em seu desenvolvimento histórico, e a *Dogmática*, ou *Teologia Sistemática*, que apresenta o conjunto das doutrinas contidas nas Escrituras, em suas relações entre si e com as outras verdades, estabelecendo-as com a mais rigorosa precisão.

A Bíblia compreende o Antigo e o Novo Testamento ou pactos. O Antigo Testamento foi escrito em hebraico, exceto algumas passagens, em aramaico; e o Novo Testamento foi escrito em grego. Sobre as indagações dos livros de ambos os testamentos, o leitor deve procurar os artigos respectivos; e sobre as versões da Bíblia, em outras línguas, consulte *Samaritano*, *Septuaginta*, *Versões* e *Vulgata*.

Cada um dos livros sagrados, foi publicado originalmente, sem a divisão em capítulos e versículos. Atribui-se esta divisão ao cardeal Hugo, ou ao arcebispo Langton, no século treze.

Os judeus massoretas do século nove, dividiram o Antigo Testamento em versículos. A divisão do Novo Testamento, como se acha atualmente, é trabalho de Robert Stephens, que a introduziu no grego e

no latim, edições que ele publicou nestes idiomas, em 1551 na cidade de Gênova. Foi igualmente adotada na versão inglesa do Novo Testamento, impressa em Gênova no ano de 1557. A Bíblia inteira apareceu, pela primeira vez, com as divisões atuais em capítulos e versículos na edição da Vulgata, publicada por Stephens, em 1555. A primeira Bíblia Inglesa, que apareceu dividida em capítulos e versículos, foi a que se publicou em Gênova, no ano de 1560 (Vide *N. T.*). A divisão primitiva revela imperfeições, em capítulos e versículos. Em referência aos capítulos, nota-se que, entre cap. 1 e 2 do Gênesis, no lugar da atual divisão, deviam entrar, no final do capítulo 1, os vv. 1-3, do capítulo 2; e o capítulo 2 devia começar com o v. 4. Em Isaías, o capítulo 53 devia começar no versículo 13 do capítulo 52; no evangelho segundo S. João, o versículo 1 do capítulo 8, devia entrar no fim do capítulo 7. A divisão em versetos é de suma importância para o confronto de referências, quando se estudam assuntos históricos, e doutrinários, e quando se trata de acompanhar certa linha de argumentos.

A Bíblia inteira e partes dela, acham-se traduzidas em mais de mil línguas, ou dialetos. Não é exagero aplicar aos escritores da Bíblia os conceitos do Salmista ao firmamento estrelado: "O seu som se estende por toda a terra, e as suas palavras, até as extremidades do mundo" Sl 19. 3,4.

BIDCAR

Nome de um dos capitães de Jeú, 2 Rs 9. 25.

BIGTÃ

Nome de um dos eunucos, assistentes do rei Assuero, Et 1. 10.

BIGTÃ

No persa e no sânscrito *Bagadana*, dom da fortuna.

Nome de um dos eunucos e porteiros do rei Assuero, que conspirou contra ele, Et 2. 21; e 6. 2.

BIGVAI

1. Nome de um dos líderes, que acompanharam os exilados, vindos de Babilônia com Zorobabel, Ed 2. 2.

2. Nome do fundador de uma família, cujos membros, em número de 2056, voltaram de Babilônia com Zorobabel, Ed 2. 14; Ne 7. 19, e mais uns setenta e dois que vieram com Esdras, Ed 8. 14.

BILDADE

Nome de um amigo de Jó, Jó 2. 11, que proferiu três discursos, em visita ao velho patriarca, caps. 8, 18, 25.

BILEÃO, *Ardor, destruição.*

Nome de uma cidade da tribo de Manassés, a oeste do Jordão, dada em patrimônio aos levitas da família de Coate, 1 Cr 6.70. Vide *Ibleão*. Em Josué, 21. 25, o nome desta cidade é Gate Rimom, na *V. B.* e *Gethremmon*, em *Fig.* Alguns críticos são de parecer que este último nome foi copiado erroneamente.

BILGÁ, *Prazenteiro.*

1. Nome de um descendente de Arão cujos membros formaram uma família tribal no tempo de Davi e constituiu a décima quinta sorte dos sacerdotes, 1 Cr 24. 1, 6, 14.

2. Nome de um chefe dos sacerdotes representando, talvez, o curso sacerdotal deste nome, que voltou de Babilônia com Zorobabel, Ne 12. 5, 7. Na geração seguinte, uma das famílias sacerdotais era conhecida pelo mesmo nome, 18.

BILGAI, *Prazenteiro.*

Nome de um dos sacerdotes, que assinou o pacto nos dias de Neemias, Ne 10. 8.

BILHA, *Modéstia.*

1. Nome de uma serva de Raquel, que para satisfazer aos desejos de sua senhora, deu-se a Jacó como sua segunda mulher, de quem nasceram Dã e Naftali, Gn 30. 1-8, 1 Cr 7. 13. Mais adiante, Bilha caiu em pecado com Rúben, filho de Jacó, Gn 35. 22.

Nome de uma cidade da tribo de Simeão, 1 Cr 4. 29.

BILHA ver COPO

BILHA ver CÂNTARO E TALHAS

BILHÃ, *Vergonhoso.*

1. Nome de um horita, filho de Eser, Gn 36. 27.

2. Nome de um benjamita, da família de Jediel, antecessor de diversas famílias, 1 Cr 7. 10.

BILSÃ

Nome de um dos varões principais que voltaram de Babilônia com Zorobabel, Ed 2. 2; Ne 7. 7.

BIMAIL

Nome de um aserita da família de Baria e da casa de Jeflate, 1 Cr 7. 33.

BINEA

Nome de um filho de Mosa, descendente de Jônatas, filho de Saul, 1 Cr 8. 37; 9. 43.

BIRSA

Nome de um dos reis de Gomorra, que foi derrotado por Quedorlaomer e seus confederados, Gn 14. 2, 8, 10.

BIRZAVITE, *Abertura.*

Nome de um aserita da família de Melquiel, ou nome de uma cidade que significa poço das oliveiras. 1 Cr 7. 31.

BISLÃO

Nome de um oficial persa, que tomou parte nas queixas contra os judeus por estarem reconstruindo Jerusalém, Ed 4. 7.

BISPO, *Vigilante*, do latim *episcopus*, e no grego, *episkopos.*

O termo *episkopos* designa, na Versão dos Setenta, um oficial encarregado de zelar pelo serviço do Templo, Nm 4. 16, ou de cuidar dos negócios do exército, 31. 14. Esta palavra encontra-se em o Novo Testamento, quando S. Paulo exorta os presbíteros da igreja de Éfeso, dizendo: "Atendei por vós e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos para governardes a Igreja de Deus", At 20. 17, 18. Neste lugar e em outros de suas cartas, Paulo identifica anciãos, presbíteros e bispos, Tt 1. 5-7. Os termos são diferentes, mas designam o mesmo ofício. Em outros lugares, ele distingue entre bispos e diáconos, Fp 1. 10; 1 Tm 3. 1-8. S. Pedro usa o verbo *episcopeo* para exortar os anciãos a atender ao rebanho de Deus, "não por força mas espontaneamente, segundo Deus" 1 Pe 5. 2. Na Igreja do Novo Testamento os deveres dos bipos, consistiam em ter cuidado do rebanho de Deus, At 20. 28; 1 Pe 5. 2.

O bispo exercia as funções de pastor, governando e vigiando as almas, admoestando, animando e sofrendo, 1 Ts 5. 14; Hb 13. 17. Alguns tinham a dupla missão de pregar e ensinar, 1 Tm 5. 17. As qualificações para exercer este ofício, acham-se enumeradas em 1 Tm 3. 1-7, e Tito 1. 7-9. As igrejas de Filipos e de Éfeso eram governadas por vários destes presbíteros Fp 1. 1. Segundo as regras estabelecidas pela boa ordem e disciplina, eram eles ordenados pela imposição das mãos do concílio, chamado presbitério, 1 Tm 4. 14. Na Igreja de Jerusalém, os anciãos e os apóstolos resolveram juntos, e as decisões do concílio foram enviadas em nome dos apóstolos e dos presbíteros, At 15. 6, 22; 16. 4; 21. 18. Este nome de bispo é aplicado figuradamente a Jesus, 1 Pe 2. 25. Não demorou que na primitiva igreja surgisse uma distinção entre os cargos de presbítero e bispo. Já no segundo século, se nota essa distinção nas epístolas de Inácio que morreu em 107 ou 116. Segundo os de-

cretos do Concílio de Trento em o século dezesseis. "Os bispos, sendo sucessores dos apóstolos, são postos pelo Espírito Santo para governar a Igreja de Deus, e são superiores aos presbíteros ou sacerdotes." A idéia da Igreja Romana é que os apóstolos tinham a direção da Igreja em geral, e que os presbíteros somente atendiam aos interesses das igrejas locais; mas, como a Igreja crescesse, os apóstolos ordenavam assistentes que eles designavam para seus sucessores, a fim de atenderem às igrejas de certo distrito. Tais eram os anjos das sete igrejas da Ásia, Ap 1. 20. A Igreja Alta da Inglaterra acha que a instituição da hierarquia episcopal se baseia no exemplo de Tiago, irmão do Senhor, na Igreja de Jerusalém, e nos anjos das sete igrejas, e na obra de Timóteo e Tito. De fato Paulo ordenou a Timóteo que se demorasse em Éfeso para admoestar e ensinar, 1 Tm 1. 3, e também mandou a Tito como mensageiro à Igreja de Corinto, 2 Co 11. 18, e ordenou-lhe que regulasse o que faltava em Creta, e estabelecesse presbíteros nas cidades, Tt 1. 5-7. É preciso notar que Timóteo foi ordenado pelo Presbitério, 1 Tm 4. 14 e não existe em o Novo Testamento, nenhum exemplo em que os apóstolos designassem sucessores.

BITÍNIA

Nome de um país, situado na parte noroeste da Ásia Menor, limitado ao norte pelo Mar Negro, ao sul pela Frígia e Galácia, ao oriente, pela Paflagônia e parte da Frígia e a oeste pela Mísia. Estes limites têm sido alterados várias vezes. Foi colonizado pelos tínios ou bitínios da Trácia européia, que conquistaram os bebrices, seus primitivos habitantes e deram seu nome ao país, Heród. 7. 75. No domínio dos persas, constituiu uma satrapia. Nicomedes III legou o país aos romanos no ano 74 A. C. Paulo e Silas tentaram pregar ali o Evangelho, no que foram impedidos pelo Espírito Santo, At 16.7. O Evangelho entrou ali por outros meios. O apóstolo S. Pedro dirigiu-se aos irmãos da Bitínia em sua primeira epístola, 1 Pe 1. 1. Plínio o Moço dá notícia da existência de numerosos cristãos ali residentes. Mais adiante, em duas das suas cidades, Nicéia e Calcedônia, reuniram-se dois grandes concílios da Igreja.

É país fértil e abundante em vinhas que são cultivadas em grande escala. Em várias partes do país principalmente na cadeia do monte Olimpo, que se estende pelo limite sul, existem florestas de carvalhos, pinheiros, nogueiras e castanheiros.

BITROM, *Corte, divisão, garganta.*

Nome de uma região, ao norte de Jaboque, perto de Maanaim, 2 Sm 2. 29.

BIZIOTÉIA, *Desprezo de Jeová.*

Nome de uma cidade no extremo sul de Judá, Js 15. 28.

BIZTA

Nome de um eunuco e camareiro de Assuero, Et 1. 10.

BLASFÊMIA

Nome que se dá à linguagem perversa contra Deus, Sl 73. 10-18; Is 3. 5; Ap 16. 9, 11, 21. A lei mosaica punia com a morte este pecado, Lv 24. 16. Nabote foi acusado falsamente de blasfêmia, 1 Rs 21. 10-13. Estêvão, At 6. 11 e Nosso Senhor, Mt 9. 3; 26. 65, 66; Jo 10. 36. A blasfêmia contra o Espírito Santo, consistia em atribuir os milagres de Cristo à influência de Satanás, Mt 12. 22-32; Mc 3 22-30.

BLASTO, *Gomo, Rebento.*

Nome de um funcionário camarista do rei Herodes Agripa, At 12. 20.

BOÃ, *Polegar.*

1. Nome de um filho de Rúben, Js 15. 6; 18. 17.

2. Nome da pedra de Boã, filho de Rúben, ou a pedra conhecida pelo nome de polegar de Rúben, que era um marco indicador das divisas entre Judá e Benjamim, perto do Jordão, Js 15. 6; 18. 18. Ignora-se a posição exata.

BOANERGES, *Filho do trovão.*

Nome que Jesus Cristo deu a Tiago por causa da sua impetuosidade, Mc 3. 17; Lc 9. 54, 55.

BICRI, *Jovem.*

Nome do pai do rebelde Seba, 2 Sm 20. 1.

BOCRU, *Primogênito.*

Nome de um filho de Azel e descendente de Jônatas, filho de Saul, 1 Cr 8. 38.

BODE

Tradução de certo número de palavras hebraicas do Antigo Testamento e de algumas gregas do Novo Testamento. Em hebraico: *Attud*, bode, provavelmente por ser o que governa o rebanho; *Tayish*, bode que marra; *Saphir*, bode que pula; *Ez*, bode fêmea, e bode sem designar sexo; *Sair*, bode macho e *Seirah*, cabra felpuda. Em grego: *Tragos*, bode; *Aix*, bode que levanta a caça; *Eriphos* e *Eriphion*, cabrito. Os bodes e as cabras eram guardados no mesmo rebanho das ovelhas e guiados pelo mesmo pastor, Gn 27. 9; 30. 32, porém, apartados uns dos outros. Os pelos das cabras serviam para tecidos, Ex 25. 4; 35. 26; a carne e o leite serviam de alimento, Lv 7. 23; Dt 14. 4; Pv 27. 27, e em certos casos, a pele com os pelos, servia de vestimenta, Hb 11. 37. Era um dos elementos valiosos da riqueza de seus donos, Gn 30. 33, 43; 31. 1; 1 Sm 25. 2; 2 Cr 17. 11.

O bode servia para os sacrifícios pelo pecado, Gn 15. 9; Ex 12. 5; Lv 1. 10; 4. 24; Nm 7. 17; 15. 27; Sl 66. 15; Is 1. 11; Ed 6. 17; 8. 35; Hb 9. 12. O bode doméstico (*Capra hircus*) pertence à grande família dos *Bovidae*, ou ruminantes de cornos vazios. Tem a mais íntima afinidade com as ovelhas, por uma série de semelhanças entre si. Uma das poucas diferenças entre ovelhas e bodes, consiste na inclinação dos chifres. O bode tem-nos inclinados para trás. Existe também alguma diferença nos hábitos das ovelhas e dos bodes. Na Palestina, as ovelhas procuram os pastos de ervas tenras, ao passo que os bodes e as cabras procuram muito os brotos e os rebentos das árvores e as suas folhas. Cada rebanho de cabras e bodes tem o seu pastor, Jr 50. 8. Este animal era muito abundante na Palestina, como é natural em uma terra montanhosa e de poucas águas; é mais numeroso do que as ovelhas atualmente e constitui a principal fonte de riqueza do país. O bode comum da Síria é preto e tem as orelhas caídas por baixo dos cornos recurvados. É a *capra mambrica* de Lineu. A sua *Capra hircus*, variedade das *angorensis*, o bode moair, também se cria ao norte da Palestina.

BOI

Macho da espécie *Bos taurus*, se bem que a palavra boi significa qualquer um dos sexos, Ex 20. 17. A mesma palavra no plural emprega-se no sentido de gados, Gn 12. 16. O boi começou bem

cedo a prestar serviços ao homem que o domesticou. Abraão possuía ovelhas, bois, jumentos, etc. Gn 12. 16; 21. 27, e bem assim o seu contemporâneo Abimeleque, 20. 14, e os egípcios no tempo das pragas, Ex 9. 3. O boi servia para o aramento da terra, 1 Rs 19. 19, para arrastar os carros, Nm 7. 3; 2 Sm. 6. 6, etc. para descascar os grãos, Dt 25. 4, e para alimentação, 1 Rs 1. 25; Mt 22. 4. Os sacrifícios juntamente com os holocaustos, consumiam grande número destes animais, Nm 7. 87, 88; 2 Sm 24: 22; 2 Cr 5. 6; 7. 5. A junta de bois compunha-se de um par deles jungidos à canga para arar a terra, para puxar os carros e para outros serviços semelhantes. Tristram observa que o gado comum do sul e da parte central da Palestina, é inferior em tamanho ao da região setentrional. As maiores manadas de gado encontram-se atualmente além do Jordão. A palavra hebraica *to* foi traduzida órix e órige, por Tig em Dt 14. 5 e Is 51. 20. Ver *Novilho*.

BOI SILVESTRE ver ÓRIX

BOLOTAS ver LANDES

BOLSA

Objeto destinado a guardar dinheiro, Lc 10. 4; 12. 33; 22. 35, que também se guardava na cinta, Mt 10. 9. A bolsa, que servia de tesouro apostólico, estava ao cuidado de Judas, Jo 12. 6; 13. 29. Antes de entrar em uso a moeda cunhada, usavam-se pedaços de prata e ouro de vários tamanhos, que se carregavam à cinta, ou em bolsas, ou ainda argolas de metal precioso enfiadas em um cordão, Gn 42. 35; Pv 7. 20. Para avaliar o peso e o valor dos metais, os negociantes levavam consigo, pesos e balanças, Dt 25. 13; Mq 6. 11.

BONS PORTOS

Nome de um porto de Creta, perto da cidade de Talassa, onde tocou o navio em que S. Paulo navegava, At 27. 8. Mr. Smith de Jordanhill, localizou este porto a cinco milhas ao oriente do cabo Matala, promontório ao sul das praias de Cândia, no ponto em que a linha da costa se volta para o norte.

BOOZ, BOAZ, *Nele está a força.*

1. Nome de um honrado habitante de Belém, aparentado com o marido de Rute, a moabita. Respeitou a memória do falecido parente, casando-se com Rute e veio a ser antecessor de Davi e de Cristo, Rt caps. 2 a 4; Mt 1. 5. Antigas tradições judaicas, destituídas de fé, identificam-no com Abesã, juiz em Israel.

2. Nome de uma das duas colunas do Templo de Salomão, a que ficava à esquerda, 1 Rs 7. 15-22.

BOQUIM, *Lugar dos que choram.*

Nome de um lugar, perto de Gálgala, onde os israelitas se arrependeram e choraram, ao serem repreendidos pelo Anjo do Senhor pelas suas desobediências aos mandamentos de Deus, Jz 2. 1-5. Lugar ignorado.

BORDADURA

Processo de ornamentação sobre tecidos, representando figuras lavradas por agulhas com fios de seda colorida, linhas de ouro ou prata, ou qualquer outro material diferente do tecido em preparo. Beseleel e Ooliabe receberam dons especiais para executar, entre outros trabalhos, bordaduras em panos de diversas cores, de jacinto, de púrpura, de escarlata tinta duas vezes e de linho fino, Ex 35. 35; 38. 23. O véu para a entrada do tabernáculo e o da entrada do átrio, Ex 26. 36; 27. 16, o cíngulo do sumo sacerdote, 28. 39; 39. 29, tudo era bordado. As pessoas ricas trajavam vestimentas bordadas, Jz 5. 30; Sl 45. 14.

BORDAS ver ORLA

BOSORA

Nome de uma cidade de Galaade, 1 Mac 5. 26, 28.

BOSQUE

Nome de uma localidade onde Davi se escondeu da perseguição de Saul, 1 Sm 23. 16.

BOSQUE, TAMARGUEIRA

1. A tamargueira, *Tamarix articulata*, em árabe *athl* e em aramaico *athla*; segundo a palavra hebraica que lhe é cognata *eshel*, todas elas se referem à tamargueira. Abraão plantou uma delas em Bersabé, Gn 21. 33; Saul abrigou-se a uma tamargueira, 1 Sm 22. 6, os seus ossos e os de seus filhos foram sepultados em baixo de uma dessas árvores em Jabe de Galaade, 31. 13. O livro de 1 Cr, em vez de tamargueira, diz carvalho (*elah*), 1 Cr 10. 12. É possível que o vocábulo *elah* seja empregado em sentido geral, referindo-se a árvore grande. A tamargueira é árvore relativamente pequena e muito resistente e duradoura, de galhos pendentes e folhas pequenas sempre verdes parecidas com escamas. Encontram-se nove espécies na Palestina. A mais vulgarizada é a *Tamarix pallassi* que atinge a altura de 10 a 20 pés. A maior delas é a *Tamarix articulata* que chega a ter 30 pés de alto; cresce no limite ocidental do deserto. Existe ainda a *Tamarix mannifera*, de 10 a 15 pés, que se encontrava na antiga Moabe, em Edom, e na península do Sinai. Produz uma substância conhecida pelo nome de maná.

2. Grupo de árvores, tradução imperfeita da:

a) Palavra hebraica *Eshel* em Figueiredo, Gn 21. 33; comp. 1 Reis, 22. 6, que a versão brasileira traduziu por tamargueira;

b) Tradução do vocábulo hebraico *asherah* e dos dois plurais, *asherim* e *asheroth* em Ex 34. 13, que Figueiredo dá bosques e a Versão Brasileira diz *asherins*. Ver *Bosque* e *Floresta*.

BOTIJA

Pequeno vaso de barro fabricado pelos oleiros, destinado a usos domésticos, Jr 19. 1, 10, 11. No salmo 56. 8, faz-se referência a um vaso para recolher lágrimas. Ver *Copo, I*.

BOZCATE, *Elevado.*

Nome de uma cidade, no extremo sul de Judá, pátria de Hadaia, avô materno de Josias, 2 Rs 22. 1. Lugar ainda ignorado.

BOZEZ, *Brilhante.*

Nome de um dos dois rochedos perto de Gábaa, defronte de Macmás, por onde subiu Jônatas e o seu escudeiro ao campo dos Filisteus, 1 Sm 14. 4, 5.

BOZRA, *Aprisco.*

1. Nome de uma cidade importante de Edom, Gn 36. 33; 1 Cr 1. 44; Is 34. 6; 63. 1, Amós predisse que os seus palácios seriam destruídos, Am 1. 12, e Jeremias profetizou a sua completa destruição, Jr 49. 13, 22. Foi notável pela abundância de seus rebanhos, Mq 2. 12. Burckhardt e Robinson a identificam no local de *el-Buseira*, aldeia de cerca de 50 casas a 33.336 metros a sudeste do Mar Morto, geralmente aceito como o verdadeiro.

2. Nome de uma cidade de Moabe mencionada juntamente com Cariote, Bete-Meom, Dibom e outras cidades, Jr 48. 24.

BRAÇAS ver PASSOS

BRACELETE

1. Nome de um ornamento para os pulsos e para os braços, usado por ambos os sexos, Ez 16. 11. O servo de Abraão presenteou com braceletes a

Rebeca, filha de Nacor, Gn 24. 22. Os israelitas entregaram os seus braceletes de ouro e de prata para o fabrico dos vasos do Tabernáculo, Nm 31. 50. Saul usava um bracelete, quando foi morto em Gilboa. 2 Sm 1. 10.

2. Ornamento usado pelos orientais, semelhante a pulseiras, na parte superior dos braços, Ex 35. 22. No esbulho dos madianistas, depois da batalha, foram recolhidos, entre outros despojos, muitos braceletes, Nm 31. 50. Os braceletes juntamente com outras jóias, são usados em certas partes do oriente, como insignias de autoridade real, 2 Sm 1. 10.

BRASA ver CARVÃO

BRASEIRO

Vasilha de bronze, ouro ou prata, que servia para levar fogo. Em alguns lugares da Escritura tem o nome de turíbulo, Ex 27. 3; 1 Rs 7. 50; 2 Rs 25. 15.

BRONZE ver COBRE

BRUGO[1] (Fig.), LOCUSTA (V. B.), GAFANHOTO (Alm.)

Tradução da palavra hebraica *Salam*, devorador. Uma espécie desconhecida de gafanhotos, Lv 11. 22.

BRUGO[2]

Tradução da palavra hebraica *Yelek*, em Joel e Naum e Jr 51. 27. É um inseto alado, Na 3. 16. Em Jr 51. 27, a V. B. diz pulgões ásperos e Figueiredo diz, gafanhotos armados de aguilhões, muito prejudiciais às plantas novas. Depreende-se pela leitura de Jl 1. 4 e Na 3. 15, que é companheiro do gafanhoto, e com este aparece em grande quantidade. Provavelmente é uma espécie de gafanhoto, ou o mesmo gafanhoto em estado de crescimento, que vem a ser o que se conhece com o nome de saltão. Ver *Lagarta, II.*

BRUXA ver LÂMIA

BUL, *Crescimento.*

Nome do oitavo mês do ano judaico, 1 Rs 6. 38.

BUNA, *Prudência.*

Nome de um descendente de Judá, da linha de Jeremeel, 1 Cr 2. 25.

BUNI, *Construído.*

1. Nome de um levita que viveu antes do exílio Ne 11. 15.

2. Nome de um levita contemporâneo de Neemias, Ne 9. 4.

3. Nome de um dos chefes da família que assinou o pacto com Neemias, Ne 10. 15.

BUQUI

1. Nome de um príncipe da tribo de Dã e membro da comissão que repartiu as terras entre as tribos, Nm 34. 22.

2. Nome de um dos descendentes de Arão na linha sacerdotal de Finéias, 1 Cr 6. 5, 51; Ed 7. 4.

BUQUIAS, *Devastação enviada por Jeová.*

Nome de um levita, filho de Hemã, e cabeça ou chefe da sexta companhia, das vinte e quatro que Davi designou para o serviço do Santuário, 1 Cr 25. 4, 13.

BUZ, *Desprezo.*

1. Nome de uma tribo aramaica, descendente de Nacor, Gn 22. 20, 21. que, provavelmente, habitava perto de Dedã e Tema na Arábia, nos tempos de Jeremias, Jr 25. 23.

2. Nome de um dos filhos de Gade, fundador de uma família tribal, 1 Cr 5. 14.

BUZI, *Descendente de Buz.*

Nome do pai do profeta Ezequiel, Ez. 1. 3.

BUZINA ver TROMBETA

BUZITA

Nome de um homem pertencente à tribo árabe de Buz, Jó 32. 2.

C

CABECEIRA ver TRAVESSEIRO

CABELO

Adorno e cobertura natural da cabeça. Os egípcios, ordinariamente, rapavam a cabeça, mas, por ocasião de luto, deixavam crescer os cabelos (Heród. 2. 36; 3. 12). Os assírios, pelo contrário, deixavam-nos crescer até caírem sobre os ombros (1.95). Os israelitas usavam-nos sofrivelmente compridos, cortando-os para impedir demasiado crescimento, comp. 6. 5; 2 Sm 14. 26; Antig. 14. 9, 4. Os barbeiros ocupavam-se deste mister, Es 5. 1. A lei não permitia que se cortasse o cabelo em redondo perto das têmporas, Lv 19. 27, à moda dos pagãos (Heród. 3. 8). As mulheres hebréias usavam o cabelo comprido, Ct 7. 5; Ap 9. 8; comp. 1 Co 11. 15, que às vêzes encrespavam e cingiam, Judite 10. 3; 16. 8; 1 Tm 2. 9; 1 Pe 3. 3. Homens e mulheres ungiam os cabelos com óleo, Sl 23. 5; Mt 6. 17. Herodes, o Grande, a fim de esconder a sua idade avançada, pintava o cabelo de preto (Antig. 16. 8, 1). Aos sacerdotes era proibido cortar os cabelos, Lv 21. 5, e a ninguém se permitia fazer incisões no corpo, Dt 14. 1, porque desfiguravam o corpo que Deus havia criado. As mulheres cativas que os hebreus tomavam para suas mulheres, e os leprosos declarados limpos de sua enfermidade, deveriam rapar a cabeça para efeito de purificação, Lv 14. 8, 9; Dt 21. 12. Os nazareus sujeitavam-se ao mesmo processo, quando terminava o tempo de seus votos, Nm 1. 18. Vide *Barba*.

CABO, *Vasilha oca*.

1. Nome de uma medida de capacidade para secos, 2 Rs 6. 25, equivalente a três litros.

2. Nome de uma medida para cereais, 2 Rs 6. 25, contendo, segundo a tradição rabínica, um sexto de um seá, ou cento e dezesseis de um coro (Veja *Medidas*).

CABOM, *Bolo* ou *atadura*.

Nome de uma aldeia da tribo de Judá, Js 15. 40, na parte baixa. Parece ser idêntica à palavra Macbena em 1 Cr 2. 49. As letras radicais são as mesmas em ambas.

CABRA, GAZELA, CORÇA

1. Tradução do hebreu *Sebi* em Dt 12. 15, 22; 14. 5; 15. 22; 1 Rs 4. 23 (Veja *Gazela*).

2. Tradução do hebreu *Yahmur*, animal declarado limpo pela lei cerimonial, e que servia para alimentação, Dt 14. 5; 1 Rs 4. 23. Etimologicamente quer dizer: cor avermelhada. Dizem autoridades da Arábia que este animal muda as pontas em cada ano, sinal característico dos gamos. Ao norte da Galiléia ainda dão o nome *yahmur* à gazela (*Capreolus caprea*, ou *Cervus capreolus*). Na Europa é pequeno animal de dois pés de altura, mas na Ásia é muito mais alto. No verão tem o pelo vermelho escuro, e no inverno, amarelo cinzento. Tem larga mancha branca no lombo. As pontas chegam a ter um pé de comprimento com três galhos. É animal montês em grande parte da Europa e da Ásia. Encontra-se no monte Carmelo e no Líbano. Muitos identificam o *yahmur* com o búfalo, um dos antílopes bovinos. É corpulento como um grande veado, focinho comprido, fronte apertada e pelo avermelhado, ou pardo. A carne é muito saborosa.

CABRA MONTESA

1. Animal que em hebraico tem o nome de *Yael*, eminente. As cabras montesas refugiam-se nas altas montanhas, Sl 104. 18, e nos rochedos, Jó 29. 1. Os rochedos de Engedi serviam de refúgio às cabras montesinhas, 1 Sm 24. 2. É uma espécie de cabra, *Capra beden*, e tem a cor menos carregada do que a cabra européia. Os chifres são mais delgados e mais recurvados, chelos de nós. Encontra-se no Egito, na Arábia, na Pérsia, em Moabe e no deserto da Judéia, perto do Mar Morto. Tristram dá conta delas no seu lugar favorito, os rochedos de Engedi, e encontrou dentes fósseis na caverna brécia do Líbano. Cabra montesa também traduz a palavra hebraica *Akko*, que parece dizer pescoço cheio de graça, Dt 14. 5.

2. Gamo, *Capreolus caprea*, o *Cervus capreolus* de Lineu, 2 Sm 2. 18; 1 Cr 12. 8, em hebreu *sebi*; Pv 5. 19; em hebreu *yaalah*.

CABRITO

Filho de bode, muito apreciado como gênero de boa alimentação, Lc 15. 29. A carne cozinhava-se para comer, Jz 6. 19, algumas vezes cozinhava-se no leite, Ex 23. 19. A lei não proibia que se comesse o cabrito novo que ainda mama, mas não consentia que fosse cozinhado no leite de sua mãe. O homem deve respeitar as sagradas relações da mãe e das suas crias mesmo quando se trata de um animal inferior. O cabrito servia para os sacrifícios, Jz 13. 15, 19.

CABUL, *Terra árida, infrutífera*.

1. Nome de uma cidade da tribo de Aser, Js 19. 27; Vida, 43. 45. Ainda é conhecida por êste nome e está situada a cerca de dezessete quilômetros a sudeste de Acre.

2. Nome de um distrito de Galiléia, na parte setentrional do território de Naftali, habitado exclusivamente por estrangeiros, Is 9. 1. Era composto de 20 cidades que Salomão deu a Hirão, rei de Tiro, em paga dos serviços que este lhe prestou na edificação do Templo. O rei Hirão não se agradou do presente, e por isso pôs-lhe o nome de Cabul. Considerando que a recompensa era inadequada, rejeitou-a, devolvendo-a ao rei Salomão, que fortificou as suas cidades e fez habitar nelas os filhos de Israel, 2 Cr 8. 2; Ant. 8. 5, 3.

CABZEEL, *Deus irás junto*.

Nome de uma cidade situada no extremo sul de Judá, Js 15. 21, pátria de Banaias, heróico defensor de Davi, 2 Sm 23. 20; 1 Cr 11. 22. Esta cidade foi ocupada pelos exilados depois do cativeiro. Situação ignorada.

CAÇA, CAÇADA

A caçada constituía um passatempo favorito dos antigos reis, Gn 10. 9. Os monarcas assírios e babilônicos deliciavam-se com esta diversão, e punham em evidência a sua perícia na arte venatória, recordando os sucessos da caça nas suas inscrições, e representando-os nas esculturas que adornavam os seus palácios. A Palestina possuía muita caça durante o período da história bíblica, em certas localidades, como no deserto de Judá e nas florestas densas do Jordão e ao sul do país, Gn 25. 27; Antig. 16. 10, 3. Muitos dos animais declarados limpos pela lei cerimonial, eram selvagens, caçados nas matas para uso doméstico. Caçado o animal, derramavam-lhe logo o sangue sobre a terra, Dt 12. 15, 16, 22. O exercício da caça tinha por fim particular exterminar as feras, Ex 23. 29; 1 Rs 13. 24, e prover os meios de alimentação, Gn 27. 3; Eclus. 36. 19, e também servia para recreio, Guerras 1. 21, 3. Os caçadores iam sós ou formavam companhias, Jr 16. 16, iam a pé ou a cavalo ou em carros quando a caçada se fazia em campo aberto, Guerras, 1, 21, 13. Os caçadores usavam arco e flexa, Is 7. 24, e também a lança, Antig. 16. 10, 13. Além destes instrumentos, empregavam também as armadilhas, Jr 5. 26, 27, as redes e as ratoeiras, Jó 18. 10; Eclus. 27. 20, e fossos ou cisternas, 2 Sm 23. 20; Ez 19. 4, 8. Os babilônios, os assírios e os persas ensinavam os cães para auxiliá-los nas caçadas.

CAÇADOR DE AVES

Nome que se dá ao que se emprega em apanhar aves com a rede, ou por outros meios artificiosos, Sl 124. 7; Pv 6. 5. Serve também para designar os malvados que armam laços contra a vida de seus semelhantes, ou para arrastá-los para os caminhos da ruína moral e espiritual, Sl 91. 3; 124. 7; Os 9. 8.

CACHO DE CHIPRE. No persa *henna*, no árabe, *hanna*.

Tradução da palavra hebraica *Kopher*, segundo a versão dos Setenta, em Ct 1. 14 e 4. 13. Hena é planta da ordem das *Lythrarieae*, ou das lisimáquias, *Lausonia alba* ou *inermis*, de folhas opostas, flores odoríferas em corimbos, ou cachos, Ct 1. 14. Os gregos davam-lhe o nome de *kypros*, por ser da ilha de Chipre. Na Palestina, dava-se muito bem na região tropical de Engadi e em Jericó, Guerras 4. 8, 3. As folhas, e os brotos novos eram reduzidos a pó fino e convertidos em pasta, com água quente, que as orientais empregavam para colorir os dedos das mãos e as unhas e as solas dos pés, a que dava uns tons de vermelho, laranja. Algumas das múmias egípcias encontram-se pintadas deste modo.

CADEIAS

Correntes de ouro usadas pelas mulheres orientais para prender os artelhos e obrigá-las a dar passos curtos, principalmente quando estas correntes eram combinadas com argolas de metal ou de vidro que soavam ao seu caminhar, Nm 31. 50; Is 3. 20.

CADES, *Consagrado*.

Nome de uma fonte, de uma cidade e de um deserto, na fronteira sul de Judá e da Palestina, Nm 20. 16; 34. 4; Js 15. 3; Sl 29. 8; Ez 47. 19; 48. 28, distinto, como Cades-Barnéia de outros lugares que têm o nome de Cades, Nm 13. 26; 33. 8; Dt 1. 19 com 46. Em tempos remotos, chamava-se Fonte de Misfate; estava no deserto de Farã, Nm 13. 3, 26, no deserto de Sim, Nm 20. 1; 27. 14, a onze dias de jornada do Sinai, passando pelo monte Seir, Dt 1. 2, no limite extremo de Edom, Nm 20. 16. Parece que não fica muito longe da estrada principal que vai da Palestina ao Egito, porque o poço de Agar estava situado entre Cades e Barade na estrada para o Egito, Gn 16. 7, 14; cp. 20. 1. Este lugar foi invadido por Quedorlaomer, 14. 7. Na região adjacente recolheu-se Agar, 16. 7, 14, e ali peregrinou Abraão, por algum tempo, 20. 1. Os israelitas, durante a sua peregrinação pelo deserto, acamparam-se duas vezes em Cades. Chegaram às suas vizinhanças pelo quinto mês do segundo ano, Nm 13. 20; cp. 10. 11, e dali enviaram os espias a reconhecer a terra; ali receberam as desalentadoras notícias sobre as dificuldades da conquista, 13. 26, recusando avançar, pelo que foram condenados a permanecer no deserto e a ficar em Cades muitos dias, Dt 1. 46. Voltaram a Cades no primeiro mês do quadragésimo ano, Nm 20. 1; 33. 36, 38; cp. Dt 2. 7, 14. Aqui morreu Miriã, irmã de Moisés, 20. 1, e aqui Moisés feriu a rocha, como em iguais circunstâncias havia feito em Rafidim, 20. 1-13. Porém, ele e Arão pecaram, agindo em seu próprio nome. De Cades, Moisés enviou uma embaixada ao rei de Edom, pedindo licença para atravessar suas terras, 20. 14. 16, 22; Jz 11. 17. Em 1842, o Rev. J. Rowlands descobriu uma fonte chamada pelos árabes *Kades* ou *Kudes*, ao oriente de Jebel Helal. Em 1878, o Rev. T. J. Holand, e, em 1881, o Rev. Dr. H. Clay Trumbull visitaram o local e reviveram a identificação. O nome Cades é representado pelos atuais, *Kadie Jebel Kadisi* e *Ain Kadis*. O lugar corresponde à situação descrita na Bíblia em todos os respeitos. O *wady Abu Retemát* que lhe fica unido, serve de confirmação. Sobre o local onde os israelitas acamparam por duas vezes, em Cades, Nm 13. 26; 20. 22; 33. 36, muitos intérpretes são de opinião que Retena é o mesmo que Cades, 12. 16; cp. 33. 18. Sabe-se agora que o *wady* mais perto e paralelo ao de *Kadis* tem o nome correspondente a Retema, *wady Abu Retemát*. *Ain Kadis* está a 143 quilômetros ao sul de Hebrom e a 195 ao sul de Berseba. A fonte, que é de água doce, nasce em uma furna de rocha, pertencente à cadeia noroeste do Arabá. A fonte é abundante interceptada no seu curso por dois ou três tanques artificiais de alvenaria de pedra. Depois de atravessar o oásis que ela mesma criou, perde-se finalmente na vastidão do deserto. Esta identificação é muito bem aceita e parece correta. Numerosos outros lugares têm sido indicados, particularmente *Ain el-Weibeh* ao lado ocidental do Arabá e a noroeste de Petra. Robinson procurou debalde descobrir uma fonte chamada *Kadis*, e julgou haver identificado na fonte *el-Weibeh* por causa da abundância de suas águas e de achar-se nos limites de Edom. Wetzstein identifica Cades com *Kadus*, ao norte de Jebel Madara.

2. O nome Cades talvez esteja compreendido na expressão "terras baixas de Hodsi", 2 Sm 24. 6, que o texto de Luciano traduz: "A terra dos heteus, para as bandas de Kades."

CADES-BARNÉIA ver CADES

CADMIEL, *Deus eterno*.

Nome de um levita pertencente a uma casa tribal, que voltou de Babilônia com Zorobabel, Ed 2. 40; Ne 7. 43; 12. 8. Auxiliou a fiscalização dos trabalhos da reconstrução do templo, Ed 3. 9. Esta casa fez-se representar no ato de ser assinado o pacto talvez por esta mesma personagem, que também participou da confissão pública de arrependimento do povo de Israel, Ne 9. 4, 5; 10. 9.

CADMONEU, *Povo do oriente*.

Nome de uma tribo que se estabeleceu na região situada entre o Egito e o Eufrates, Gn 15. 19, provavelmente no deserto da Síria.

CAFARNAUM, *Aldeia de Naum* ou *de Consolação*.

Nome de uma cidade, a noroeste do mar de Galiléia, na região de Zabulom e Naftali, Mt 4. 13-16, comp. Lc 4. 31; Jo 6. 17-24. Era centro de cobrança dos impostos, Mc 2. 1, 14, e posto militar do Império Romano, Mt 8. 5-13; Lc 7. 1-10. No princípio do seu ministério, Jesus Cristo se mudou de Nazaré para Cafarnaum onde centralizou suas operações miraculosas, a ponto de vir a chamar-se a sua cidade, Mt 9. 1; comp. 2. 1. Foi ali que ele curou o servo do centurião, Mt 8. 5-13; Lc 7. 1-10, a sogra de Pedro, Mt 8. 14-17; Mc 1. 29-31, que ele expulsou um demônio, Mc 1. 21-28; Lc 4. 31-37, que curou um paralítico que era levado por quatro homens às costas, Mc 2.

Cafarnaum — antes das escavações

1-13, comp. Mt 9. 1-8, que curou o filho do régulo, Jo 4. 46-54, e grande número de muitos outros enfermos, Mt 8. 16-17; Mc 1. 32-34; Lc 4. 23, 40, 41. O discurso registado no evangelho

de S. João, 6. 24-71, depois o milagre dos pães, com que alimentou 5.000 pessoas, e outros mais discursos foram proferidos na sinagoga de Cafarnaum, ou em algum outro ponto da cidade, Mc 9. 33-50. Foi nesta cidade que Jesus chamou para o apostolado a Mateus ou Levi, quando este se achava assentado à mesa da cobrança, Mt 9. 9-13; Mc 11. 14-17; Lc 5. 27-32; comp. Mt 17. 24. Não obstante os ensinos e milagres de Jesus, o povo não se arrependeu, nem lhe deu crédito, pelo que Jesus predisse sua total ruína, Mt 11. 23, 24; Lc 10. 15. Cafarnaum não é mencionada no Antigo Testamento por ter sido fundada provavelmente depois da volta do cativeiro. Josefo foi levado com os punhos feridos desde perto de Júlias até perto da embocadura do Jordão no mar de Galiléia, até a aldeia chamada Cafarnaum (Vida 72). Dois lugares disputam o assento da antiga cidade, distanciadas entre si por 4.630 metros. Um ao norte, com o nome de *Tell Hum*, e outro ao sul, chamado *Khan Minyeh*, ou Minia. Cada um destes pontos conserva vestígios de ter sido antiga cidade. Existia em Cafarnaum uma coletoria, Mc 2. 13, 14, para receber os impostos do governo do império. Se era para coletar as caravanas que passavam de Damasco para o Mediterrâneo, o local da cobrança devia de ser em *Khan Minyeh*. Porém, se a taxa de imposto caía sobre os produtos dos moinhos e das searas (comp. Lc 19. 2), a cidade devia estar situada perto das cachoeiras e dos famosos campos de trigo nas vizinhanças de *Tell Hum* (Talmude).

As nascentes de Cafarnaum que regam as planícies de Genesaré abundavam em peixe, sendo mais produtiva a nascente em *Tabighah*, entre *Khan Minyeh* e *Tell Hum*. O local acha-se topograficamente ligado a *Tell Hum*, e não a *Khan Minyeh*. Deveriam funcionar ali, naquele tempo, como atualmente, os moinhos, movidos pela água conduzida da planície para ali, por um canal de que ainda restam vestígios. Parece que pouco distante, ao norte, existiu uma grande cidade, a julgar pelas extensas ruínas que cercam *Tell Hum*, em direção ao ocidente da praia, até uns 300 metros além. As casas eram construídas, em grande parte, de basalto negro. As ruínas de uma sinagoga são de mármore branco, ou de alguma pedra de fino calcáreo, cortada nas montanhas a noroeste. Na palavra Cafarnaum, as duas primeiras sílabas, *Caper*, representam o nome hebraico que se dá a uma aldeia, e que bem pode ser suplantada pela árabe *Tell* que quer dizer montão, quando o lugar se converteu em ruínas. *Hum*, em árabe, quer dizer manada de camelos. Se a palavra fôr hebraica, então entra na composição de Naum. É bem possível que *Tell Hum* seja um eco da palavra Cafarnaum ou corrupção de *Tankum*, nome de um judeu que ali foi sepultado.

CAFARSALAMA, *Aldeia de Salém.*

Nome de uma cidade, talvez a antiga Carvasalim, perto de Ramá, 1 Mac 7. 31; Antig. 12. 10, 4.

CAFE

Nome da undécima letra do alfabeto hebraico. Esta letra marca a undécima secção do salmo 119, e no original emprega-se no princípio de cada verso da referida secção.

CAFTOR

Nome de uma ilha da costa do Mediterrâneo de onde procedem originariamente os Filisteus, Jr 47. 4; Am 9. 7. Figueiredo diz Capadócia. Os filisteus eram, em conjunto, cereteas, isto é, de Ceretí, 1 Sm 30. 14; Ez 25. 16; Sf 2. 15, e Caftor era provavelmente a ilha de Creta. Como quer que seja, um distrito no Delta do Egito tem o nome de *Kap-ethor*, que bem pode originar-se de Caftor. Se assim for, os antecessores dos Filisteus vieram dali para Creta, e mais tarde para a Filístia, ou foram para lá, indo de Creta e ultimamente para Filístia. Ver *Caftorim*.

CAFTORIM

Nome de uma tribo descendente dos egípcios, Gn 10. 14; 1 Cr 1. 12, antigos habitadores de Caftor, Dt 2. 23. Fig. diz Capadócios.

CAIFÁS, *Depressão.*

José Caifás foi nomeado para exercer o cargo de sumo pontífice por Valério Gratus, imediato predecessor de Pôncio Pilatos, no ano 18, da era cristã (Antig. 18. 2, 2). Caifás e seu sogro Anás, eram sumo-sacerdotes quando João Batista começou o seu ministério, Jo 18. 13; Lc 3. 2. Caifás profetizou a morte de Jesus e falou da sua importância em termos que estavam acima de sua convicção, dizendo: "Vós não sabeis nada, nem considerais que vos convenha que morra um homem pelo povo e que não pereça tôda a nação" Jo 11. 49-53; 18. 14. Foi no seu palácio que se reuniram em concílio, os príncipes dos sacerdotes e os magistrados do povo para resolverem sôbre o modo de prenderem a Jesus, Mt 26. 3-5. Quando prenderam a Jesus, foi ele conduzido ao palácio de Anás, que o mandou levar à casa de Caifás, Jo 18. 24, de onde saiu para o pretório de Pôncio Pilatos.

Profundamente responsável pelo assassinato judicial de um prisioneiro inocente, Caifás tomou parte no processo de Pedro e de João, apóstolos de Cristo, At 4. 6. No ano 36, Vitélio, governador romano na Síria, despojou-o do seu ofício, Antg. 18. 4. 2.

CAIM, *Fabricação, instrumento forjado, forjador.*

1. Nome do filho mais velho de Adão e irmão de Abel. Ofereceu a Deus os frutos da terra, como demonstração de reconhecimento pelos benefícios recebidos. Mas o coração de Caim não era reto diante de Deus, e, por isso, a sua oferta foi rejeitada. Neste ato se revelou o seu mau caráter, mostrando-se invejoso e irado contra seu irmão, recusando-se a receber as exortações necessárias para combater o pecado, praticando o assassínio de seu irmão, negando o seu crime, e, quando julgado, não deu mostras de arrependimento. Apoderou-se dele o temor do castigo. Deus o expulsou para longe. Foi morar na terra de Node, ao oriente do Éden. Casou-se com alguma das suas irmãs ou netas de Adão cujos nomes ignoramos. Naqueles tempos nenhuma incompatibilidade existia em tais uniões. Comp. Gn 11. 27, 29; 20. 1, 2. No lugar de seu exílio, edificou uma cidade e foi o progenitor de uma raça que fez notáveis progressos nas artes mecânicas, Gn 4. 1-25; 1 Jo 3. 12; Jd 11.

2. Nome de uma aldeia das montanhas de Judá, Js 15. 57. Supõe-se located nas ruínas de Yukin, a 7.556 metros a sudeste de Hebrom.

CAIM

Nome de uma cidade da tribo de Judá que parece ter sido um antigo estabelecimento dos Cineus, Js 15.57.

CAINÃ

1. Nome de um dos filhos de Enos, Gn 5. 9-14; 1 Cr 1. 2; Lc 3. 37, 38.

2. Nome de um dos filhos de Arfaxade, pai de Salé, Lc 3. 36. A genealogia correspondente em Gn 11. 12, não tem Cainã. A Versão dos Setenta menciona este nome e por ela se guiou o Evangelista.

CAL

Material que se prepara, queimando pedras calcáreas, ou outras substâncias da mesma natureza, Is 33. 12; Am 2. 1, e que se emprega para fazer reboco, para argamassas e para caiar as paredes das casas, Dt 27. 2; Mt 23. 27; At 23. 3.

CALÁ

Nome de uma cidade da Assíria, edificada por Nemrode, ou pela gente da sua terra, que fazia parte do conjunto de cidades, coletivamente desig-

nadas pelos hebreus — a grande cidade, Gn 10. 11. 12; comp. Jn 1. 2. Conforme Asurnasirpal (885-860 A. C.), a cidade de Calá foi edificada ou reedificada, embelezada e fortificada por Salmaneser, que reinou em 1300 A. C. Logo no princípio do nono século A. C. caiu em decadência, mas foi restaurada por Asurnasirpal que levantou um palácio e fez nela a sua residência oficial. Calá ficou sendo o lugar preferido para residência dos reis assírios durante cerca de 150 anos. As ruínas tem o nome de *Nimrúd* e estão a cerca de 37 quilômetros ao sul de Nínive.

CÁLAMO (Do grego *kalamos, cana, caniço*).

É a tradução da palavra hebraica *Kaneh bosem*, cana aromática, de *Kaneh*, cana, caniço quando se menciona uma das variedades que tem per-

Caniço

fume. Esta planta exalava doce cheiro, Ct 4. 14, e entrava na manipulação dos óleos destinados às unções, Ex 30. 23 em conexão com os sacrifícios, Is 43. 24; Jr 6. 20. O cálamo vinha de longe, Jr 6. 20. Os de Tiro iam buscá-lo em Javã, região ao ocidente da Ásia Menor e da Grécia, Ez 27. 19. O que vinha da Europa era o *Acorus calamus*, ou o lírio roxo da Inglaterra, planta endógena com uma espádice e uma espata, afim das aroideas, porém, pertencente à ordem aliada dos *Orontiaceas*, ou *Orontiades*. O rizoma, ou raiz, é aromático. Se fôr permitido tratar-se de uma planta indiana, então o cálamo era provavelmente o *Andropogon calamus aromaticus*, gramínea altamente odorífera, como é a sua aliada a Erva-Limão.

CALÇADO ver SAPATOS

CALCEDÔNIA (Derivado de *Chalkedon*, *Kalkedon*, nome de uma cidade da Ásia Menor, de onde é originário este mineral).

Nome de uma pedra preciosa, de que se compõe o terceiro fundamento do muro da Nova Jerusalém, Ap 21. 19. A calcedônia era considerada uma espécie distinta de mineral silicioso; agora, porém, está reduzida a uma variedade do quartzo, cujo elemento predominante é a sílica. Tem o brilho da cera e, portanto, mais baço que o quartzo típico. As cores variam entre o branco-cinzento, o pardo, o azul, etc. Não é perfeitamente cristalizado, porém, muitas vezes se reveste das cristalizações do quartzo. Apresenta-se maciço, com veias e nódulos de forma botrioidal (semelhante a um cacho de uvas) ou em forma de estalactites. Até ao período da Idade Média não era conhecida por êste nome. O apóstolo S. João parece ter em mente outra pedra, talvez a esmeralda da Calcedônia ou a pedra jaspe, mencionada por Plínio.

CALCOL, *Sustentáculo*.

Nome de um dos três filhos de Maol, notáveis pelo seu saber, 1 Rs 4. 31; 1 Cr 2. 6.

CALDÉIA (Muito semelhante ao hebraico *Kasdim*, significando, talvez, terra dos conquistadores).

Era o nome que se dava à parte sul de Babilônia, nas cabeceiras do golfo Pérsico, que últimamente se estendeu a toda a planície entre o Hite e o golfo. Na parte sul estavam situadas as cidades Ur e Ereque; e na parte norte, Babilônia, Cuta e Sipara. Outras cidades havia neste país, não mencionadas nas Escrituras, ou não identificadas. Não se pode provar que o termo Caldéia, incluísse a planície ao norte, no seu todo, ou em parte. A teoria em contrário, baseia-se na identificação do rio Cobar que estava na terra dos caldeus, Ez 1. 3, com o rio da Mesopotâmia, que os gregos chamam Caboras. Porém esta identificação não prevalece, porque os hebreus distinguiam os dois rios por nomes diferentes, Cobar e Habur. Ainda mais, a presença do povo nas montanhas do *Kurdistan*, durante a retirada dos dez mil, chefiados por Xenofonte, Anabasis, 4. 3, 4, etc.) e de outros povos residentes no Ponto, mencionados por Estrabão, parece provar que o berço primitivo dos caldeus foi a Arménia. Aquela teoria parece agora abandonada; em parte, porque, apesar de as montanhas do *Kurdistan* e terras adjacentes terem sido, repetidas vezes, atravessadas pelos exércitos assírios, durante o período de setecentos anos, a começar do décimo quarto século antes de Cristo, e as notícias geográficas nos registos destas expedições militares, serem completas e minuciosas, não consta que os assírios tenham encontrado um povo ou um país denominado *Kaldu*, em toda aquela região. Se o povo caldeu, a que se referem os escritores clássicos, é realmente merecedor desse nome, e se êle se relaciona com os caldeus do sul, então devemos supor que seja formado por antigas emigrações, ou pelos restos das fôrças militares de Babilônia, e não de uma raça de origem local.

CALDEU

Nome que se dá a um habitante, ou a um natural da Caldéia. Os caldeus em breve dominaram em Babilônia. Em o nono século A. C. já eles estavam firmemente estabelecidos nas praias do Golfo Pérsico, tendo como capital a cidade de *Bit-yakin*. No reinado de Merodaque Baladã conquistaram Babilônia. Senaqueribe, rei da Assíria, por sua vez, derrotou o conquistador. Em 625 A. C. o caldeu Nabopolassar fundou o novo império de Babilônia e os caldeus constituíram a raça dominante e assumiram todas as funções administrativas e eclesiásticas. O nome caldeu em Babilônia ficou sendo sinônimo de sábio juntamente com os sacerdotes de *Bel-marduk* (Heród. 1. 181, 183). Estes sacerdotes eram tidos como possuidores da sabedoria, Dn 1. 4; 2. 2, 4.

CALDEUS

Expressão usada em conexão com a palavra Ur, em Gn 11. 31, e com o vocábulo fôgo, em Ne 9. 7, e em outras passagens em que se toma o nome na acepção de lugar, 2 Rs 24. 2; 25. 4-26; 2 Cr 36. 17; Is 13. 19.

CALEBE

1. Nome de um dos filhos de Hesrom e irmão de Jerameel, 1 Cr 2. 18, 42. É uma forma variante do nome Calubi, mencionado no v. 9. No registo tribal, os seus pósteros constituíam uma subdivisão da casa de Hesrom, família de Farés, tribo de Judá, 1 Sm 25. 3; 1 Cr 2. 3. Entre os seus mais imediatos descendentes, contam-se Hur, companheiro de Arão, e Bezeleel seu neto, hábil artífice, 1 Cr 2. 19.

2. Nome de um filho de Jefoné quenezeu, e irmão mais velho de Otoniel, Nm 32. 12; Js 15. 17; 1 Cr 4. 15. Foi chefe de uma família da tribo de Judá, e um dos doze homens enviados para reconhecer a terra de Canaã, um dos dois únicos que mostraram fé em Jeová, e que, 40 anos depois, tomaram parte na conquista do país Nm 13. 2, 6, 30; 14. 6, 24, 38; Js 14. 6, 14; 1 Mac 2. 56. Fez parte da comissão nomeada por Moisés an-

tes da conquista, para distribuir a terra e representar a tribo de Judá, Nm 34. 19. Tinha 85 anos de idade quando se completou a conquista, Js 14. 7, 10.

Tocou à sua parte a cidade de Hebrom, 14, donde expulsou os enacins que a tinham previamente ocupado, 15. 13, 14 (Vide *Hebrom*). Tinha ainda de tomar a cidade vizinha Cariate Sefer, que antes se chamava Debir, 15-19.

O-Meio-Dia-de-Calebe, mencionado em 1 Sm 30. 14, era com certeza o sul de Hebrom, ou vizinhanças de Debir.

Em 1 Cr 2. 49, comp. 19, 42, 46, Acsa, a bem conhecida filha de Calebe, o espião, se acha registada como filha ou descendente de Calebe, irmão de Jerameel. Segundo este registo, Calebe, filho de Jefoné e pai de Acsa, descendia do velho Calebe, e talvez da sua concubina Maaca, e, por conseguinte, vinha da família de Hesrom e de Farés da tribo de Judá. Há muitos pormenores que não podem ser explicados, por causa das dificuldades na interpretação da antiga genealogia dos hebreus, agravada pela imperfeição do texto, nos caps. 2 e 4 do 1 livro das Crônicas. A explicação mais provavel é que um membro da tribo dos cenezitas veio a ser identificado com os israelitas, entrando em trabalhos comuns com Judá, antes que os israelitas entrassem no Egito. Ele, ou algum dos seus descendentes, casou-se com uma mulher da tribo de Judá, da família de Farés. É possível que haja várias modificações desta teoria geral. Todas as referências históricas e genealógicas, e todas as peculiaridades dos registos, se harmonizam admitindo que, pouco antes do êxodo, Jefoné, o cenezita, se casou com uma mulher da casa de Calebe, irmão de Jerameel, da qual teve o primogênito a que deram o nome de Calebe. Este filho herdou os privilégios da família, e veio a ser cabeça do casal e chefe na tribo de Judá. Jefoné, o cenizita, tomou uma segunda mulher da qual teve Otoniel e Sarala. Daqui vem o serem chamados filhos de Cenez, ou cenezita, indevidamente arrolados na tribo de Judá e reconhecidos como seu pai Jefoné, o havia sido.

CALEBE-EFRATA

Os descendentes de Calebe e de sua mulher Efrata, formaram uma comunidade, 1 Cr 2. 19, 24. A Versão dos Setenta tem pequena diferença no texto. Se o atual texto hebraico é correto, e se a genealogia não falha, então Hesrom, pai de Calebe, se casou em idade avançada com a neta de Manassés. Os seus descendentes foram reconhecidos como pertencentes à tribo de Manassés, mas neste registo eles estão incluídos nos descendentes de Hesrom pela linha Calebe-Efrata. Nesta conexão, deve-se notar que Hesrom morreu em Calebe-Efrata; isto é, ou naquela parte da terra de Gósen, onde o ramo de sua família residiu, ou na Palestina para onde Calebe se retirou quando voltou do Egito.

CÁLIX ver COPO[1]

CALNE

Nome de uma cidade de Babilônia, pertencente ao reino de Nemrode, Gn 10. 10. Uma cidade com igual nome é mencionada por Amós, no cap. 6 v. 2. Não identificada. O Talmude de Jerusalém, Euzébio e Jerônimo, opinam por *Otesiphon*, ao oriente do Tigre. Frederico Delitzsch aponta *Kulunu*.

CALVÁRIO, *Caveira*.

Nome de um lugar, perto de Jerusalém e fora dos muros, onde Cristo foi crucificado e em cujas vizinhanças o sepultaram, Mt 28. 11; Jo 19. 17, 20, 41; Hb 13. 11-13. Parece ter sido um ponto de destaque, Mc 15. 40; Lc 23. 49, à beira da estrada geral, Mt 27. 39. O nome deriva-se do latim *calvaria*, ou *calvariam*, que quer dizer, caveira, Lc 23. 33, correspondente ao aramaico Gólgota, Mt 27. 33; Mc 15. 22; Jo 19. 17, 41. S. Jerônimo supõe que este nome foi originado pela vista de caveiras insepultas, ou descobertas; outros pensam que, por ser lugar, onde se executavam os condenados. A explicação mais comum é que o nome se deriva da aparência que tem a rocha, com uma caveira. A frase Monte Calvário é moderna. A questão relativa ao lugar da crucifixão liga-se à que se refere ao sepulcro. A teoria defendida por Ferguson é que o túmulo estava na rocha, sobre que se ergue a cúpola da Mesquita Omar, teoria esta repudiada por outros investigadores. Dois lugares disputam a preferência: (1) A Igreja do Santo Sepulcro, que está dentro dos muros da cidade moderna; (2) O outeiro, onde se encontra a gruta de Jeremias, a uns 230 metros a nordeste da Porta de Damasco. A Igreja do Santo Sepulcro tem a seu favor a tradição. Euzébio, que nasceu em Cesaréia pelo ano 264, A. D. é o testemunho mais antigo e que nos pode fornecer informações mais seguras sobre o caso. Diz ele que homens ímpios cobriram de terra o sepulcro e ergueram sobre ele o templo de Vênus, e que o local foi por muito tempo entregue ao esquecimento. Constantino edificou uma igreja no lugar onde existiu o templo de Vênus, e este lugar é justamente o da Igreja do Santo Sepulcro atual. Estará ele no terreno que outrora ficava além dos muros? Esta segunda questão só poderá ser resolvida por meio de excavações que mostrem o curso do segundo muro. Está ganhando terreno a teoria de que o outeiro, onde se acha a gruta de Jeremias, é o verdadeiro lugar do Calvário. Assim o afirmou Oto Thenio há cerca de 30 ou 40 anos atrás. A sua opinião tem encontrado adesões valiosas. Parece fora de dúvida que este é o local que melhor satisfaz a todas as condições do problema. O outeiro, em que se acha a gruta de Jeremias, está situado fora da segunda muralha. A linha arredondada que desenha a sumidade do outeiro e as duas cavernas que lhe servem de entrada pela base, dão-lhe notável semelhança com caveira. A posição elevada em que se acha, torna-o visível à distância. Perto dele, passa a estrada geral para o norte. Nas suas vizinhanças vêem-se jardins e sepulcros abertos nas rochas. Nenhuma tradição antiga, porém, diz ser este o lugar da crucifixão de Cristo.

CAMA

Utensílio doméstico que serve para dormir. Os pobres e os viajantes, muitas vezes dormem no chão, cobrindo-se com a sua própria vestimenta, Gn 28. 11; Ex 22. 26. A cama pode ser feita com um tapete, ou manta, que se enrola para ser transportada, Mt 9. 6. As camas levantadas do chão já se usavam em tempos remotos, 2 Rs 1. 4, 6; 4. 10, construídas de madeira ou de ferro, Dt 3. 11. Os abastados tinham-na, de marfim com colchões de seda, Am 3. 12; 6. 4, e ricas cobertas.

CAMARISTA

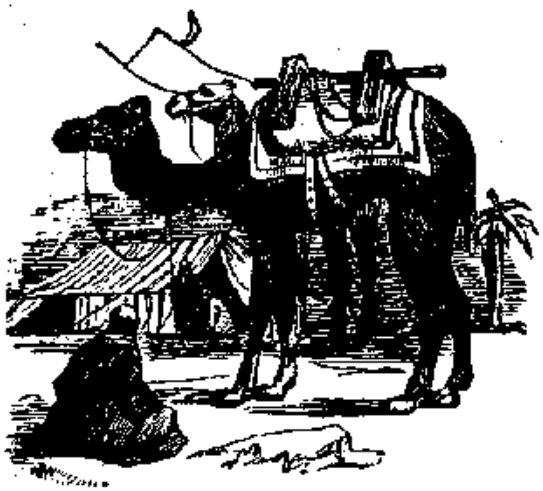
Qualidade da pessoa que tem a seu cargo a inspeção dos aposentos particulares de um palácio, ou de uma residência distinta, como Blasto, camarista de Herodes, At 12. 20.

CAMBISTAS

Quando se fez o arrolamento do povo, todos os israelitas, ricos ou pobres, que haviam atingido a idade de vinte anos, deviam contribuir com meio siclo para o tesouro do Senhor, como oferta de expiação pelas suas almas, Ex 30. 13-15. Segundo Maimonides, esta contribuição *per capita* continuou a ser feita anualmente. Os piedosos israelistas faziam ainda ofertas voluntárias que lançavam na caixa, ou gazofilácio, posta no átrio das mulheres, Mc 12. 41. Estas contribuições deviam ser feitas em moeda do país; e como estavam em circulação muitas moedas de várias procedências no tempo de Cristo, e como viessem muitos judeus de terras estrangeiras para visitar Jerusalém por ocasião das páscoas, trazendo consigo as moedas correntes dos países onde habitavam, nasceu daí a conveniência de se trocarem as moedas estrangeiras pelas da Judéia. O negócio cambial desenvolveu-se muito. Abriram-se casas de câmbio na cidade.

Nas proximidades das festas, os cambistas conseguiam permissão para estender suas mesas no átrio dos gentios. A comissão para a troca de meio siclo era, segundo o Talmude, um *kollubos*, igual a doze grãos de prata no valor de 3 cents. Em virtude deste prêmio, o cambista tomou o nome de *kollubistes*, Mt 21. 12 e por causa das mesas que eles ocupavam, que se chamavam *trapezites*, receberam a denominação de banqueiros, Mt 25. 27. Em duas ocasiões diferentes, Jesus derribou as mesas dos cambiadores e lançou fora do templo todos que vendiam bois e ovelhas, porque a presença de tal gente, desonesta e avarenta, era incompatível com a santidade daquele lugar e com a tranqüilidade necessária ao culto de Deus, Jo 2. 14-16; Mt 21. 12, 13.

CAMELO, Do semítico *gamal*. O camelo de uma só corcova, consistindo em duas variedades distintas, que são o camelo propriamente dito,



Camelos

animal cargueiro de marcha lenta, 2 Rs 8. 9, e o dromedário, que serve para as viagens de curso rápido, Is 66. 20. O camelo da Bactria, referido em Tobias 9. 2, tem duas corcovas. É denominado Navio do Deserto, pela sua organização especial que o habilita a transpor os vastos areiais africanos. É animal ruminante, mas pertence àquela classe dos *Ruminantia*, que, não sendo lissípedes, tem os cascos fechados por um couro endurecido envolvendo as plantas lateralmente e formando uma espécie de almofadas que se alargam ou contraem de modo a impedir que os cascos se afundem na areia. Nas paredes do primeiro estômago existem dois reservatórios de água de que o animal se pode utilizar na falta de abastecimento deste líquido. O camelo tem a faculdade de se sustentar com o alimento mais pobre. A corcova serve-lhe de dispensa onde ele armazena o alimento, e que aumenta ou diminui conforme as condições do animal. O camelo é estúpido e mal humorado, e às vezes vingativo, mas, em compensação, é passivo, obediente e de muita resistência. Até hoje não consta que tenha sido animal selvagem. Abraão e Jacó possuíam camelos, Gn 12. 16; 30. 43, e bem assim as tribos nômades do sul da Palestina, 1 Sm 27. 9; 2 Cr 14. 15. Os ismaelitas que compraram José iam montados em camelos, Gn 27. 25. A Palestina, por ser país montanhoso não é muito próprio para este animal; ele sente-se mais à vontade nos desertos da África e da Arábia, Ex 9. 3; Jz 6. 5; 1 Rs 10. 2; 1 Cr 5. 18-21. Nas planícies de Moabe ao sul da Judéia há abundantes criações de camelos. Fazia-se uso do leite das fêmeas, apesar de ser considerado animal imundo pela lei cerimonial, Gn 32. 15; Lv 11. 4. O pelo servia para tecido de que se faziam roupas, Mt 3. 4, e tendas. As cargas eram postas sobre as corcovas, Is 30. 6, e quando precisavam utilizá-lo para montaria punham-lhe sela, ou palanquim, Gn 31. 34.

Os árabes costumam ornamentar o pescoço dos seus camelos com coleiras de ouro e lunetas, Jz 8. 21, 26.

CAMINHO DOS EXPLORADORES

A estrada de Atarim não era muito distante da cidade de Arade, e foi por ela que os israelitas passaram vindos de Cades para o monte Hor, em direção a Canaã, Nm 21. 1.

CAMOM

Nome do lugar onde foi sepultado Jair de Galade, Jz 10. 5. Situação ainda ignorada. Euzébio e S. Jerônimo dizem que era na planície de Esdraelom, entre Megido e o Acre; porém Josefo afirma que é em Galade (Antig. 5. 7, 6). Políbio fala de uma cidade com o nome de *Kamoun*, que foi tomada por Antioco em guerra com Ptolomeu Filadelfo, logo depois da tomada de Citópolis, ao mesmo tempo que tomou Pela, Abila, Gadara e outras povoações de Galaade, Hist. 5. 70, 12.

CAMOS, *Dominador*.

Nome do Deus dos moabitas, Nm 21. 29; Jr 48. 46, Pedra Moabita, 3. Este deus era adorado do mesmo modo que Moloque, com o sacrifício de crianças, 2 Rs 3. 27. É o mesmo Moloque, como se vê em Jz 11. 24, onde o deus dos amonitas, que era Moloque, 1 Rs 11. 7, é chamado Camós. Salomão edificou um templo a Camós no monte que está fronteiro a Jerusalém, 1 Rs 11. 7, que Josias contaminou, 2 Rs 23. 13.

CAMPO

Segundo o sentido bíblico, campo é um terreno aberto, servindo para pastagens ou cultura, Gn 37. 7, 14-16, de qualquer extensão, desde a pequena área até ao território de um povo, Gn 14. 7; 23. 9; Rute 1. 6; Mt 6. 28; 13. 24. Também havia campos revestidos de árvores grandes, 1 Sm 14. 25. Os limites artificiais dos campos eram assinalados por marcos de pedra, Dt 19. 14.

CÂNFORA

Esta palavra é a tradução da palavra grega *Kaphoura*, do árabe *kafur*, ambas derivadas do malalo *kapur*, greda. O hebraico diz *Kopher*, traduzido em inglês-*camphire*, ou cânfora. A Versão Brasileira diz hena em Ct 4. 13; Figueiredo diz chipres no mesmo lugar; e Almeida também diz *Hena*. Vide *Hena*.

CAPADÓCIA

Nome de uma província da Ásia Menor, limitada ao norte pelo Ponto e ao sul pela Cilícia, a este pela Síria e pela Pequena Arménia e ao oriente pela Licaônia. Região muito produtiva em trigo, e onde se criam excelentes cavalos. Por outro lado, é habitada por um povo de pouca cultura intelectual e de costumes imorais. Alguns dos habitantes desta região foram a Jerusalém para assistir à Festa de Pentecostes, memorável pela descida do Espírito Santo, At 2. 9. O apóstolo S. Pedro, em sua primeira epístola, cap. 1. 1, dirige-se aos estrangeiros dispersos pela Capadócia.

CAMPAINHAS

Nome das pequenas campainhas de ouro, alternadas com ornamentos em forma de romãs, usadas na parte inferior das vestimentas do sumo sacerdote, que produziam som, como sinal de sua entrada e saída no santo lugar, "perante Jeová para que não morra", Ex 28. 33, 34; Eclus. 45. 9. Os cavalos traziam ao pescoço uma trança ornada de lâminas de bronze, ou um simples *cincerro* que servia para conservar os animais juntos, ou para descobrir aqueles que se afastavam para longe.

CAMPINA, PLANÍCIE

1. Há sete palavras diferentes na língua hebraica que servem para representar a idéia de campina, planície, baixada, três das quais merecem especial atenção, e vêm a ser: *Shepheiah*, *kikkar* e *arabah*. *Shepheiah*, ou campinas, é designação técnica para os distritos do sul e da par-

te central da Palestina, compreendidos entre as altas montanhas ao oriente e a planície que se estende ao longo do Mediterrâneo a oeste. O livro de Josué enumera quarenta e duas cidades com suas aldeias, todas situadas nos limites desta planície, Js 15. 33-47. Algumas destas, estavam em poder dos Filisteus. *Kikkar* significa círculo, circuito, e serve para designar a planície do Jordão desde Socote ao norte até Sodoma e Gomorra ao sul, Gn 13. 10-12; 19. 17-28; Dt 34. 3; 2 Sm 18. 23, 2 Cr 4. 17. O vale que se estende até ao mar da Galiléia para o norte, entrava nesta região (Guerras 4. 8, 2). A palavra *crabah*, que Figueiredo traduz planície e campina, em Dt 2. 8; 3. 17, etc. fica geralmente sem vocábulo a ela correspondente.

2. Terrenos abertos, terra chã e plana, Dt 11. 30.

CANA[1], Do hebraico *kaneh*.

É assim traduzida a palavra *kaneh* em Is 43. 24, e Jr 6. 20. Em ambas estas passagens algumas versões traduzem Cálamo sempre que se referem à cana aromática.

CANA[2]

1. Nome das plantas que dão nos lugares alagados, onde crescem, a certa altura, produzindo folhas largas. Os hebreus dão-lhe o nome de *kaneh*, e os gregos a denominam *kalamos*, Is 42. 3; Mt 12. 20. Quando se pretende dar este nome a uma variedade de canas odoríferas, traduzem-no por cálamo. Cresce nos lugares baixos do Nilo e em outros lugares úmidos e alagados, 1 Rs 14. 15; Is 19. 6; 35. 7. Forma espessos e altos maciços de modo a oferecer abrigo e refúgio até aos corpulentos hipopótamos, Jó 40. 21. São muito flexíveis à ação do vento, 1 Rs 14. 15, e tão frágeis que se alguém se firmar em uma delas, arrisca-se a cair e a ferir-se nas suas pontas, 2 Rs 18. 21; Is 36. 6; Ez 29. 6, 7. Neste respeito, a cana oferece um quadro vivo, representando o tratamento que os egípcios deram aos israelitas, quando estes se encostaram a eles em casos de emergência. Foi uma destas canas que os perseguidores de nosso Senhor lhe puseram na mão em lugar de cetro, para escarnecê-lo; e o feriram na cabeça. Foi ainda com a cana, ou com outra cousa semelhante, que lhe chegaram aos lábios a esponja embebida em vinagre, Mt 27. 29, 30, 48.

A planta referida nestas passagens é com certeza a *Arundo donax*, que se vê em o Nilo muito, comum na Palestina, onde chega a ter 10 pés de altura com folhas tão compridas e largas como a lâmina de uma espada. Cultiva-se na França, onde as suas hastes leves e direitas servem de caniços para pescaria, para flexas e postes para segurar as videiras. Empregavam as canas como vara de medir com o comprimento fixo de seis côvados, Ez 40. 5; 42. 8. Em Babilônia, seis côvados ou cúbitos, formavam uma unidade denominada *kanu*, ou cana.

2. Tradução de Jr 51. 32, onde no original existe a palavra *egam*, banhado, que não se refere a planta, e, sim, a um lugar pantanoso.

CANA[3], *Lugar de canas.*

Nome de uma torrente que servia de limite entre as tribos de Efraim e Manassés, Js 16. 8; 17. 9. Robinson identifica-a com *wady Kanah* que nasce ao sul de Siquém e entra no *Aujah* que por sua vez, cai no Mediterrâneo, a sete quilômetros acima de Jopę.

CANÁ, *Lugar de canas.*

1. Nome de uma aldeia, chamada Caná da Galiléia, onde Jesus operou os seus primeiros milagres, convertendo a água em vinho, Jo 2. 1-11 e onde curou o filho de um régulo que morava em Cafarnaum, 4. 46. Foi pátria de Natanael, 21. 2. A palavra Galiléia serve para distingui-la de outra Caná, existente na Coelesíria (Antig. 15. 5, 1). Josefo também menciona Caná da Galiléia, em Vida, 16. 71. O sítio tradicional de Caná da Galiléia é apontado na aldeia *Kefr Kenna*, 7 quilômetros a nordeste de Nazaré na estrada de Tiberíades. Robinson sustenta a opinião de alguns investigadores do tempo das cruzadas, de que a Caná da Galiléia era a *Kâna-el-Jelil*, que é o antigo nome, levemente alterado, que fica a cerca de 15 quilômetros ao nordeste de Nazaré.

2. Nome de uma cidade situada na linha divisória da tribo de Aser, Js 19. 28. Robinson a identifica com a moderna *Kâná*, que fica a 13 quilômetros a sudeste de Tiro. Esta cidade não apresenta indícios de grande antiguidade, porém, mais para baixo, na ravina que a ela se prende, existem antigas esculturas visíveis nas escarpas do lado sul.

CANAÃ, *Terra baixa.*

1. Nome de um dos filhos de Cão e neto de Noé, ou para melhor dizer, nome dos descendentes de Cão que ocuparam Canaã, donde derivaram o nome e cujos traços característicos se desenham nitidamente nos habitadores do país Gn 10. 6, 15; Os 12. 7. A continuação do caráter de Cão em um ramo de seus descendentes, tinha sido profetizado por Noé, Gn 9. 18-27. Nesta passagem, o progenitor dos cananeus é chamado Canaã, como que previamente, designando o futuro transmissor da venerável profecia de Noé. Desejando indicar os antepassados dos cananeus entre os filhos de Cão, o historiador dá ao seu antecessor, o nome que haviam de ter os seus descendentes, e pelo qual ele tinha de ser familiarmente conhecido, a despeito de ser ou não ser, o seu nome próprio.

2. Nome que se deu à parte baixa da costa da Palestina para distingui-la da parte montanhosa do país, Nm 13. 29; Js 11. 3. Posteriormente, estendeu-se primeiro ao vale do Jordão, e depois a toda a parte ocidental da Palestina, e veio a ser a designação mais comum da terra habitada pelos hebreus, se bem que eles sómente ocuparam a parte alta e o vale do Jordão com uma pequena linha da costa, Gn 11. 31; Nm 13. 2. A linguagem que prevaleceu depois da conquista pelos israelitas foi a hebraica, falada pelo povo de Deus, Is 19. 18.

Os hebreus conquistaram Canaã sob o comando de Josué, depois da morte de Moisés. O plano da campanha incluía também o estabelecimento fixo em Gálgala, ao oriente de Jericó, Js 4. 19; 5. 10. Dali subiram para Ai e Gabaom, 7. 3; 8. 1, 3; 10. 9. As vantagens desta posição eram grandes. Em Gálgala não havia inimigos a temer; havia água em abundância, tinham recursos de alimentação fornecidos pelas duas tribos e meia já estabelecidas no país a leste do Jordão e lugar seguro para armazenar os despojos. Os objetos proeminentes neste campo eram o Tabernáculo, Js 6. 24; 9. 23; 18. 1, a Arca, 3. 17; 6. 11; 7. 16, o altar, 9. 27; 21. 19, 28, 29, as doze pedras que tinham sido colhidas na madre do Jordão e conservadas em memória da passagem do rio, 4. 20. Vinha depois o corpo dos sacerdotes, Eleazar e os demais sacerdotes, 14. 1, 6; 6. 6, 12; 8, 33. O plano de Josué incluiu mais tarde a campanha preliminar para a destruição dos inimigos que ameaçavam o campo. Tomou Jericó, posto avançado de Canaã, a princesa do vale do Jordão. Depois marchou para os altos, em direção ao ocidente e tomou a cidade de Ai, que ficava na parte superior do vale, fronteira a Gálgala, donde poderiam descer tropas inimigas para o campo. Feita esta campanha preliminar, devia dar cumprimento às injunções de Moisés, erigindo um altar sôbre o monte Ebal, Js 8. 30-35; Dt 27. Segundo Josefo, esta solenidade foi celebrada depois de conquistado todo o país, Antig. 5. 1, 19. Nestas circunstâncias aparecem uns embaixadores de Gabaom com os quais Josué celebrou um tratado sem consultar o Senhor. Foi passo muito errado, como se vai ver. Tendo tomado pé no país, Josué procedeu na conquista de Canaã em duas cam-

panhas. A aliança dos cinco reis contra Gabaom determinou a campanha expedicionária, do sul, Js cap. 10. O rei de Jerusalém convidou o rei de Hebrom, o rei de Jerimote, o rei de Laquis e o rei de Eglom para combater contra Gabaom. Josué teve de entrar na defesa de Gabaom, de acordo com o tratado. Os cinco reis foram derrotados e desceram para Bete-Horom. Continuando as suas vitórias, no mesmo dia, Josué tomou Maceda, desta cidade passou a Libna e a Laquis, cujos reis foram vencidos. Em Eglom fez novo acampamento provisório, combateu a cidade; e daqui passou a Hebrom que foi igualmente tomada, passando de volta a Debir que ele tomou e destruiu. Desta maneira, toda a região, compreendida entre Gabaom, Gaza e Cadesbarnia foi conquistada, voltando Josué para Gálgala. Foi durante esta campanha que Josué mandou parar o sol, 10. 12-15. Este acontecimento vitorioso deu-se enquanto durou o milagre. Vide *Milagre*. Tendo conquistado a região central e a parte sul, Josué julgou necessário voltar suas vistas para a confederação das cidades do norte, cidades populosas e fortificadas, deixando as de menos importância ao norte da Filistia, Js cap. 11. Com isto em vista, empreendeu a campanha do norte. O rei de Asor era o cabeça de uma confederação de pequenos monarcas, e ouvindo falar das vitórias dos israelitas na região do sul, convocou todos os reis daquela região para derrotarem a Josué. Os exércitos aliados reuniram-se nas águas de Merom. Josué havia chegado ao mesmo lugar e deu-lhes batalha, desbaratou-os e perseguiu-os até Sidônia para noroeste e até Masfa ao oriente. Voltando queimou Asor e tomou todas as capitais dos pequenos reinos aliados. Nos caps. 11 e 12 do livro de Josué, encontra-se a narração de toda esta conquista. O poder dos cananeus foi quebrado nesta grande campanha, porém os habitantes da Palestina não foram totalmente exterminados. Muitos de seus naturais ali permaneceram. Cidades importantes ficaram de posse das populações indígenas, 11. 13; 15. 63; 16. 10, etc., e até mesmo, onde a destruição foi mais completa, não poucos escaparam pela fuga, e quando o exército de Israel se retirou, eles voltaram, reconstruíram as cidades devastadas e cultivaram de novo os campos arrasados, 10. 43. Anos depois, quando as tribos de Israel se haviam espalhado por todo o país eles ofereceram novas resistências, Js cap. 1. Vide *Hebrom* e *Josué*. Foi longa a campanha para a conquista de Canaã. Somente cinco cidades dos hebreus que demoravam em Gabaom, fizeram paz com Josué, 11. 18, 19. Calcula-se com muita exatidão que se gastaram 45 anos, desde o reconhecimento feito pelos espias no segundo ano até à distribuição da terra, Nm 10. 11; 13. 20; Dt 1. 2; Js 14. 7, 10, sendo 38 anos, desde o reconhecimento feito pelos espias, até a passagem do Zarede, e mais 7 anos para a conquista do país, a este e a oeste do Jordão. Com estes dados deduz-se o tempo consumido na conquista da tera ocidental. A morte de Arão, Nm 3. 38, deu-se no primeiro dia do quinto mês do ano quarenta, e a passagem do Jordão, Js 4. 19, teve lugar no dia dez do primeiro mês, dando para a conquista de Salom e Ogue, e para os acontecimentos de Sitim, cerca de oito meses e nove dias, sendo que, só em Sitim, gastaram dois meses, Dt 1. 3, 4; Js 4. 19; Dt 34. 8; Js 2. 22, etc. Antig. 4. 8, 49 e 4. 8, 1, e dando mais cinco ou seis anos para a tomada da parte ocidental da Palestina. Josefo dá cinco anos (Antig. 5. 1, 19). Josué cometeu três erros políticos: o tratado de aliança com os gabaonitas, a concessão feita aos jebuseus para permanecerem em Jerusalém, Js 15. 63, e ainda o fracasso com os Filisteus que impediu o domínio sobre o território da costa marítima. Por um estudo sobre o mapa geográfico, vê-se logo o resultado destes erros, que veio a ser o isolamento em que ficaram as duas tribos de Judá e Simeão, separadas do resto do país. A estrada principal de Judá para o norte era dominada pela fortaleza de Jerusalém em mãos dos jebuseus, e cercada, na extensão de cerca de 19 quilômetros a oeste, pelos estabelecimentos dos gabaonitas. Entre Jerusalém e Jericó, para o oriente, corria uma região montanhosa, selvagem e inabitável, cortada na direção de este para oeste, por intransponíveis gargantas. De Jerusalém para o Mediterrâneo, estendia-se uma faxa de terra, ocupada por estrangeiros, tais como, gabaonitas, cananeus; em Dã, e depois os filisteus que dominavam até as praias do Mediterrâneo. As conseqüências deste isolamento das duas tribos de Judá e Simeão foram muito sérias, influindo grandemente no curso da história em anos subseqüentes.

O extermínio dos cananeus pelos israelitas, seria ato justificável? A simples expulsão de suas posições não oferece nenhuma dificuldade moral. A conduta dos conquistadores estava de acordo com o espírito da época. Os israelitas tinham tanto direito à posse de Canaã, como os que dela foram despojados: eram conquistadores que conquistavam outros conquistadores. O modo de suas operações para se apoderarem da terra também não oferece nenhuma dificuldade moral; porquanto, a conduta dos hebreus na guerra, compara-se favoravelmente com as práticas daquele tempo. Julgados pelos padrões da época, não eram mais sanguinários nem mais cruéis. Os assírios retrataram as suas guerras. Era muito freqüente decapitarem os povos das cidades vencidas, pondo em pirâmides os seus crânios, crucificar ou empalar os prisioneiros, arrancar-lhes os olhos e esfolá-los vivos. Nas batalhas de Israel com os cananeus, há exemplos de mortandade, mas sem as torturas. A dificuldade moral, associada ao extermínio dos cananeus, provém de ser ordem divina. O caráter de Jeová está envolvido nesta questão. É preciso considerar, pois, que Deus tinha em vista duplo fim, exterminando pela morte e pela expulsão, os habitantes da Palestina. Era ato de justiça, a punição daquela gente, Gn 15. 6; Lv 18. 25; Dt 9. 3, 4; 18. 12, e, ao mesmo tempo, um remédio preventivo, Êx 23. 31-33; 34. 12-16; Dt 7. 2-4. Os cananeus tinham de ser punidos por causa das suas iniqüidades e para evitar que o povo de Deus fosse por eles contaminado. Não está verificado que os cananeus fossem maiores pecadores que os demais povos. A sua moral talvez não fosse pior do que a de outros pagãos a que se refere o Apóstolo em Rm cap. 1. Eram idólatras, dominados por vícios vergonhosos e abomináveis, além dos sacrifícios humanos em que se excediam mais do que outros povos gentílicos. A morte é decreto para toda a humanidade. Deus responsabiliza, tanto as nações como os indivíduos. Ele votou ao extermínio os povos de Canaã, punindo assim os seus crimes, e prevenindo que o seu povo participasse das suas impurezas. Nos dias de Noé exterminou a raça humana pelo dilúvio; destruiu as cidades da planície por meio do fogo e enxofre; sepultou no Mar Vermelho a Faraó e a seu exército; fez que a terra enguliase a Datã e Coré com os seus companheiros, tudo por causa de suas iniqüidades e costumes perversíssimos. No caso presente, em vez de empregar as forças da natureza como agentes executivos de sua vingança, usou os israelitas, para executarem os atos judiciários por ele decretados; do mesmo modo que procedem os tribunais civis, empregando executores humanos como ministros da sua justiça. Esta lição os israelitas aprenderam. Sabendo que exerciam funções executivas da justiça divina, todas as operações de guerra sobre os palestinos eram plenamente justificadas, e justos também os meios empregados para êsse fim. Em conexão com o justo castigo infligido aos povos delinqüentes subsistia o benefício para a Humanidade. Um dos grandes erros cometidos pelos israelitas foi não executarem todo o plano divino na sua inteireza. Este erro foi ao mesmo tempo pecado de que resultou grave e durável prejuízo para a nação.

A repartição da terra conquistada, na parte do oeste do Jordão, foi feita parcialmente em Gálgala e em Silo para onde havia sido transportado o

tabernáculo, Js 14. 1, 2, 6 até o cap. 18. 1, 2. Esta repartição foi dirigida pelo sacerdote Eleazar, por Josué e por dez chefes de famílias, 17. 4; comp. Nm 34. 17, 18, lançando sortes, Js 18. 6. A lei que devia presidir a esta distribuição já havia sido promulgada: à tribo mais populosa caberia maior porção de terra, Nm 26. 52-56; 33. 54. Os rabinos destinaram duas urnas para receberem as sortes; em uma depositavam os nomes das tribos, e na outra, os nomes dos distritos; tirava-se o nome de uma tribo de uma urna, e da outra o nome do distrito que lhe tocava em sorte. O tamanho do terreno regulava-se pela população da tribo. No caso em que a comissão escolhesse um distrito sem determinar as divisas, e nomeasse pela sorte a tribo a que devia pertencer, deveria a dificuldade ser resolvida: 1º) Comparando a forma da questão em Jz 1. 1, 2º) Esta teoria satisfaz Nm 33. 54. 3º) Compare Js 18. 1-10, onde se descreve a terra dividida em sete porções, e Josué lança sortes para a distribuição pelas tribos. 4º) Esta teoria também satisfaz ao exposto em Js 19. 1, etc., onde se estabelece que na partilha final, a segunda sorte seria para Simeão, a terceira para Zabulom e assim por diante, etc. 5º) Os distritos já ocupados ficavam com os seus ocupantes, alterando assim o sistema das sortes, seguindo uma ordem regular de organização de modo a evitar solução de continuidade no estabelecimento das tribos. 6º) Muito deste trabalho ficou ao critério da comissão encarregada da partilha.

Calebe devia ficar com Hebrom, se a sorte, pertencente à maioria da tribo de Judá, consentisse que ele ficasse nas suas vizinhanças. As disposições finais do velho Jacó ficavam assim cumpridas até onde as sortes o permitissem, Gn 49. Zabulom não pôde ficar com a costa do mar, porém, ainda assim, foi aquinhoado de acordo com os desejos do patriarca, até onde era possível. Houve enganos, que foram corrigidos. Antes de terminada a distribuição (o que não se fez num dia, nem em uma semana), Judá acusou haver recebido terra em excesso. As sobras teriam de ser anexadas à parte ainda não distribuída. Os filhos de José, por outro lado, haviam informado a Josué de que a parte que lhes tocou era pequena e pediram mais, que lhes foi dado. Segundo as intenções de Jacó, as terras de Efraim e Manassés deviam ser limítrofes e por isso a sorte foi lançada em comum como filhos de José, Js 16. 1, 4. Deste modo a nação se constituiu, com a distribuição prévia de todo o território.

1. A parte montanhosa do sul.	A Judá quarto filho de Lia.
2. A parte montanhosa do centro.	A José, primogênito de Raquel.
3. A parte montanhosa do meio.	A Benjamim segundo filho de Raquel.
4. A parte que excedeu de Judá, devolvida.	A Simeão, segundo filho de Lia.
5, 6. O território, limitando a parte montanhosa central ao norte.	A Zabulom, sexto filho de Lia e a Issacar seu quinto filho.
7. O terreno junto à costa.	A Aser, segundo filho da serva de Lia.
8. O território norte, de Issacar e Zabulom.	A Naftali, segundo filho da serva de Raquel.
9. A parte restante que sobrou a Judá.	A Dã, primeiro filho de Raquel.

Rúben, primogênito de Lia, Gade, filho da serva de Lia, e a meia tribo de Manassés, descendentes de Raquel, receberam terras ao oriente do Jordão. Esta, juntamente com Levi, filho de Raquel, receberam terras ao oriente do Jordão. Este, juntamente com Levi, filho de Lia, não participaram da distribuição.

CANANEIA

Nome de uma mulher de Canaã, filha de Suã, mãe de três filhos Her, Onã, e Selá, 1 Cr 2. 3.

CANANEU

1. Nome que se dá aos habitantes de Canaã. O povo desta região compunha-se principalmente dos descendentes de Cão e de outras famílias e tribos que a eles se agregaram. De conformidade com a designação geográfica, a palavra Canaã emprega-se em dois sentidos, um mais lato e outro mais restrito. No sentido restrito, a palavra designa o povo residente na costa e nos vales, Gn 15. 21; Js 11. 1. No sentido lato, o nome designa todas as tribos enumeradas em Gn 10. 15-19. Este povo foi destinado ao aniquilamento por causa de seus pecados, Dt 20. 17. Os israelitas deixaram de levar a cabo esta empresa. Em muitos casos contentaram-se em fazê-los seus tributários em vez de os destruir, Jz 1. 27-36. Salomão obrigou-os a pagar tributos. Os cananeus dedicavam-se eventualmente ao comércio e cujo nome se fez tradicional, Is 23. 8.

2. Nome de um dos membros de um partido patriótico da Judéia, conhecido também pelo sinônimo grego zelador. O apóstolo Simão tinha este epíteto para distingui-lo de Simão Pedro, Mt 10. 4; Lc 6. 15.

CANDEEIRO, CASTIÇAL

Nome de um aparelho, destinado a sustentar as lâmpadas de azeite que alumiavam o recinto sagrado do tabernáculo e do Templo. Consistia em uma base com uma coluna central a que se prendiam seis braços de ouro maciço, batidos ao martelo, em cujas sumidades se colocavam as lâmpadas. Este candeeiro ocupava o lado sul do Santuário, Ex 25. 31-40; 40. 24; Lv 24. 2-4. Somente azeite puríssimo era usado nas lâmpadas que ficavam acesas desde a tarde até à manhã seguinte. Ex 27. 20, 21, 30. 7, 8; 1 Sm 3. 3. Segundo Josefo, três destas lâmpadas ardiam durante o dia (Antig. 3. 8, 3), simbolizando a adoração constante do povo de Deus, Zc 4. No Templo de Salomão havia dez candeeiros de ouro, cinco à direita e cinco à esquerda do Oráculo, 1 Rs 7. 49; 2 Cr 4. 7. Foram conduzidos para Babilônia, Jr 52. 19, donde voltou apenas um, trazido por Zorobabel, e que foi outra vez arrebatado por Antioco Epifanes, 1 Mac 1. 21. Tendo sido reconduzido para o Templo, ali ficou até à tomada de Jerusalém por Tito, e levado para Roma, onde figurou na festa triunfal do grande guerreiro. Acha-se esculturado no arco de triunfo em Roma.

CANÉ

Nome de um lugar, evidentemente situado na Mesopotâmia, Ez 27. 23.

CANELA ver CINAMOMO

CANGA ver JUGO

CÂNON, *Cana, régua ou regra.*

O sentido desta palavra tem aplicação vária, como vamos ver: (1) é o nome de uma peça de madeira, ou de outro material, de que usam os pedreiros, os carpinteiros e outros artistas, para alinhar ou nivelar a sua obra; (2) em sentido figurado, é tudo que serve para regular ou determinar outras cousas, especialmente livros clássicos: é um padrão modelo ou regra, Gl 6. 16; Fp 3. 16; (3) tipo da doutrina cristã, o ortodoxo em oposição ao heterodoxo (4) as Escrituras Sagradas, consideradas como regra de fé e prática. A palavra Cânon é de origem grega. Empregou-se, a princípio, nesta última acepção, pelos primeiros doutores da Igreja, mas a idéia é mais remota. Para que um livro tivesse lugar entre os outros livros da Bíblia, precisava ser canônico; outro livro, sem os requisitos necessários para tal fim, chamava-se não canônico.

O cânon do Antigo Testamento.

A literatura sagrada evoluiu gradativamente e foi cuidadosamente vigiada. Os dez mandamentos escritos em tábuas de pedra, e que *eram a* Constituição de Israel, foram guardados em uma arca, Ex 40. 20. Os estatutos foram registados no li-

vro do pacto, 20. 23, até cap. 28. 33; 24. 7. O livro da lei, escrito por Moises, era colocado ao lado da arca, Dt 31. 24-26. A esta coleção se ajuntaram os escritos de Josué, Js 24. 26. Samuel escreveu a lei do reino e a depositou diante do Senhor, 1 Sm 10. 25. Em tempo do rei Josias, o livro da lei do Senhor, o bem conhecido livro, foi encontrado no Templo e reconhecido pelo rei, pelos sacerdotes, pelo povo, pelas autoridades e pelos anciãos, 2 Rs 22. 8-20. Do Livro encontrado se tiraram cópias, Dt 17. 18-20. Os profetas reduziram as suas palavras a escrito, Jr 36. 32, e eram familiarizados reciprocamente com os seus escritos que os citavam como padrões autorizados, Is 2. 2-4; Mq 4. 1-3. A lei e os profetas eram tidos como produções autorizadas; inspiradas pelo Espírito Santo, e cuidadosamente guardadas por Jeová, Zc 1. 4; 7. 7, 12. A lei de Moisés compreendendo os cinco primeiros livros da Bíblia, circulava como uma porção distinta da literatura sagrada no tempo de Esdras em cujas mãos esteve, Ed 7. 14, sendo douto no conhecimento dela, 6, 11. A pedido do povo, êle leu publicamente no livro da Lei, Ne 8. 1, 5, 8. Por este tempo, e antes de o cisma, entre os judeus e os samaritanos, chegar a seu termo, o Pentateuco foi levado para Samaria. O colecionamento dos profetas menores em um grupo de doze, é confirmado por Jesus, filho de Siraque, como em voga, no ano 200 A. C. Ecclus 49. 10. Sua linguagem dá a entender a existência do grande grupo formado pelos livros de Josué, Juízes, Samuel, Reis, Isaías, Jeremias, Ezequiel e os doze profetas menores, que formavam a segunda divisão do cânon hebreu, caps. 46-49. A existência da tríplice divisão das Escrituras em "Lei, Profetas e os outros que os acompanharam"; ou "a Lei, os Profetas e os outros livros", ou, "a Lei, os Profetas e o resto dos livros", é confirmada já no ano 132 A. C. juntamente com a existência de uma versão grega da mesma época, atestada pelo neto de Jesus, filho de Siraque (Ecclus, prólogo). Em uma passagem do 1 Mac 12. 9, datada do ano 100 A. C. se faz referência a livros sagrados "que estão em nossas mãos." O judeu Filo, que nasceu em Alexandria no ano 20 A. C. e ali morreu no reinado de Cláudio, possuía o cânon, e citou quase todos os livros, com exceção dos Apócrifos. O Novo Testamento cita as "Escrituras" como escritos de autoridade religiosa, Mt 21. 42; 26. 56; Mc 14. 49; Jo 10. 35; 2 Tm 3. 16, como livros santos em Rm 1. 2; 2 Tm 3. 15, e como Oráculos de Deus, em Rm 3. 2; Hb 5. 12; 1 Pe 4. 11; e menciona a tríplice divisão em Moisés, Profetas e Salmos, em Lc 24. 44, cita e faz referências a todos os outros livros, exceto Obadias e Naum, Esdras, Ester, Cântico dos Cânticos e Eclesiastes. Josefo que foi contemporâneo do apóstolo S. Paulo, cujos escritos datam do ano 100 A. D., falando do seu povo, diz: "Nós temos apenas 22 livros, contendo a história de todo o tempo, livros em que "nós cremos", ou segundo geralmente se diz, livros aceitos como divinos", e o mesmo escritor exprime em termos bem fortes, afirmando a exclusiva autoridade destes escritos, e continua, dizendo: "Desde os dias de Artaxerxes até os nossos dias, todos os acontecimentos estão na verdade escritos; mas estes últimos registos não têm merecido igual crédito, como os anteriores, por causa de não mencionarem a sucessão exata dos profetas. Há uma prova prática do espírito em que tratamos as nossas Escrituras; apesar de ser tão grande o intervalo de tempo decorrido até hoje, ninguém se aventurou a acrescentar, a tirar, ou a alterar uma única sílaba; faz parte da natureza de cada judeu, desde o dia em que nasce, considerar estas Escrituras como ensinos de Deus; confiar nelas, e, se fôr necessário, dar alegremente a vida em sua defesa" (Contra Apion, 1. 8). Josefo apresenta o conteúdo das Escrituras sob três divisões: 1. "Cinco livros pertencem a Moisés, e contêm as suas leis e as tradições sobre a origem da humanidade, até a sua morte." 2. Desde a morte de Moisés até Artaxerxes, escreveram os profetas que viveram depois dele, os fatos de seu tempo, em treze livros." Josefo acompanhou o arranjo feito nos livros da Escritura pelos tradutores de Alexandria. Os treze livros são provàvelmente, Josué, Juízes com Rute, Samuel, Reis, Crônicas, Esdras com Neemias, Ester, Jó, Daniel, Isaías, Jeremias com as Lamentações, Ezequiel e os doze Profetas Menores. 3. Os quatro livros restantes, contêm hinos a Deus e preceitos de conduta para a vida humana. Sem dúvida ele se refere aos Salmos, ao Cântico dos Cânticos, aos Provérbios e ao Eclesiastes. Até aqui, os fatos. Havia uma tradição corrente, que o cânon fora arranjado no tempo de Esdras e de Neemias. Josefo, já citado, fala da crença universal de seus patrícios de que nenhum livro havia sido acrescentado desde o tempo de Artaxerxes, isto é, desde Esdras e Neemias. Uma extravagante legenda do fim do primeiro século da era cristã deu curso a uma tradição de que Esdras havia restaurado a lei, e mesmo o Antigo Testamento inteiro por se haverem perdidos os exemplares guardados no Templo, Ne 14. 21, 22, 40. Afirma a tal legenda que os judeus da Palestina, naquela época, reconheciam os livros canônicos, como sendo vinte e quatro. Uma passagem de duvidosa autenticidade e de data incerta, talvez escrita 100 anos antes de Cristo em 2 Mac 2. 13, alude à atividade de Neemias em conexão à segunda e terceira divisão do cânon. Ireneu transmite a tradição assim: "Depois que os sagrados escritos foram destruídos, no exílio, sob o domínio de Nabucodonosor, quando os judeus, depois de setenta anos, voltaram do cativeiro para a sua pátria, Ele (Deus) nos dias de Artaxerxes, inspirou a Esdras, o sacerdote, da tribo de Levi, para arranjar de novo todas as palavras dos profetas dos dias passados, e restaurar para uso do povo a legislação de Moisés." Elias, levita, escrevendo em 1538, fala da crença que o povo tinha, dizendo: "No tempo de Esdras os 24 livros ainda não estavam unidos em um volume. Esdras e seus associados fizeram deles um volume dividido em três partes, a lei, os profetas e a hagiógrafa." Esta tradição contém verdades. Se pode ser aceita em todos os seus particulares, isso depende de determinar a data em que certos livros foram escritos, tais como Neemias e Crônicas.

O Pentateuco, como trabalho de Moisés, compreendendo a incorporação das leis fundamentais da nação, formou uma divisão do cânon, e com direitos firmados na cronologia, ocupou o primeiro lugar na coleção dos livros.

A segunda divisão dos livros teve a designação de proféticos por serem escritos pelos seus autores assim chamados. Estes livros eram em número de oito, Josué, Juízes, Samuel, e Reis, denominados os primeiros profetas, e Isaías, Jeremias, Ezequiel e os doze profetas menores, denominados os últimos profetas. Por que é que Josué é denominado profeta? Vide Ecclus. 46. 1. O núcleo da terceira divisão é formado de secções de livros de Salmos e Provérbios. Tinham duas feições distintas: eram essencialmente poéticos e os seus autores não eram oficialmente profetas. Atraíram para si todas as outras produções de literatura semelhante. A oração de Moisés no Salmo 90, não foi escrita por profeta, mas foi colocada nesta divisão dos livros da Escritura por ser produção poética. Pela mesma razão, as Lamentações de Jeremias, escritas por profeta, e sendo poesia, entraram na terceira divisão do cânon hebreu. Uma razão adicional existiu para separá-las de Jeremias, é que eram lidas por ocasião dos aniversários da destruição de ambos os templos, e por isso, foram postas com os quatro livros menores que eram lidos por ocasião de outros quatro aniversários, Cânticos, Rute, Eclesiastes e Ester, e formavam os cinco rolos, ou *Megilloth*. O livro de Daniel foi incluído nesta parte por ter sido escrito por homem que, pôsto dotado de espírito profético, não era oficialmente profeta. Com toda a probabili-

dade, as Crônicas foram escritas por um sacerdote e não profeta, e por esta razão, foram postas na terceira divisão do cânon. Não sabemos por que estes livros se acham nesta divisão, quando é certo que alguns deles e partes deles que agora se acham nela, já existiam antes de Malaquias e Zacarias na segunda divisão. É conveniente que se diga que, conquanto o conteúdo das diversas divisões do cânon permanecessem inalteráveis, a ordem dos livros da terceira divisão variou de tempos em tempos; e mesmo na segunda divisão o Talmude dá Isaías entre Ezequiel e os Profetas Menores. Esta ordem dos quatro livros proféticos, Jeremias, Ezequiel, Isaías, e os Profetas Menores, foi evidentemente determinada pelo tamanho, dando a prioridade aos de maior volume. Logo no fim do primeiro século da nossa era, o direito de certos livros figurarem na terceira divisão do cânon, foi disputado. Não havia dúvida em pertencerem ao cânon. As discussões versaram sobre o conteúdo dos livros e sobre as dificuldades de harmonizá-los entre si. Estes debates, porém, eram meras exibições intelectuais. Não havia intenção de excluir do cânon qualquer destes livros, e sim tornar bem claro o direito que eles tinham aos lugares que ocupavam. J. D. D.

O *cânon do Novo Testamento* — A Igreja apostólica recebeu da igreja judaica a crença em uma regra de fé escrita. Cristo mesmo confirmou esta crença, apelando para o Antigo Testamento como a palavra de Deus escrita, Jo 5. 37-47; Mt 5. 17, 18; Mc 12. 36; Lc 16. 31, instruindo os seus discípulos nela, Lc 24. 45. Os apóstolos habitualmente referem-se ao Antigo Testamento como autoridade, Rm 3. 2, 21; 1 Co 4. 6; Rm 15. 4; 2 Tm 3. 15-17; 2 Pe 1. 21. Em segundo lugar, os apóstolos baseavam o seu ensino, oral ou escrito na autoridade do Antigo Testamento, 1 Co 2. 7-13; 14. 37; 1 Ts 2. 13; Ap 1. 3, e ordenavam que seus escritos fossem lidos publicamente, 1 Ts 5. 27; Cl 4. 16, 17, 2 Ts 2. 15; 2 Pe 1. 15; 3. 1-2, enquanto que as revelações dadas à Igreja pelos profetas inspirados, eram consideradas como fazendo parte, juntamente com as instruções apostólicas, do fundamento da Igreja, Ef 2. 20. Era natural e lógico que a literatura do Novo Testamento fosse acrescentada à do Antigo, ampliando deste modo o cânon de fé. No próprio Novo Testamento se vê a íntima relação entre ambos, 1 Tm 5. 18; 2 Pe 3. 1, 2, 16. Nas épocas pós-apostólicas, os escritos procedentes dos apóstolos e tidos como tais, foram gradualmente colecionados em um segundo volume do cânon, até se completar o que se chama o Novo Testamento. Porquanto, desde o princípio, todo livro destinado ao ensino da Igreja em geral, endossado pelos apóstolos, quer fosse escrito por algum deles, quer não, tinha direito a ser incluído no cânon, e constituía doutrina apostólica. Desde os primeiros três séculos da Igreja, era baseado neste princípio que se ajuntavam os livros da segunda parte do cânon. A coleção completa fez-se vagarosamente, por várias razões. Alguns dos livros só eram conhecidos como apostólicos em algumas igrejas. Somente quando esses livros entraram no conhecimento do corpo cristão em todo o Império Romano, é que êles foram aceitos como de autoridade apostólica. O processo adotado foi lento, por causa ainda do aparecimento de vários livros heréticos e escritos espúrios, com pretensões de autoridade apóstolica. Apesar da sua lentidão, os livros aceitos por qualquer igreja, eram considerados canônicos porque eram apostólicos. O ensino dos apóstolos era regra de fé, e lido nas reuniões do culto público. Já no princípio do segundo século, os escritos apostólicos eram chamados Escrituras (Epist. de Policarpo, 12; Epist. de Barnabé, 4). Os evangelhos segundo Marcos e Lucas entraram na Igreja pela autoridade de Pedro e Paulo, de que foram companheiros. Logo começaram os comentários a estes escritos, cuja fraseologia saturou a literatura da idade pós-apostólica. São dignos de nota os seguintes fatos para explicar a rapidez com que a coleção dos livros se estendeu a toda a Igreja. Os quatro evangelhos entraram nas igrejas desde o princípio do segundo século. A segunda epístola de S. Pedro, cap. 3. 16, mostra-nos que as epístolas de S. Paulo já haviam formado uma coleção de escritos familiares aos leitores das cartas de S. Pedro. Muito cedo aparecem as expressões "evangelho" e "apóstolos" designando as duas partes do novo volume. A evidência sobre a canonicidade dos Atos Apostólicos, leva-nos à primeira metade do segundo século. Alguns livros, é certo, sofreram contestações por parte de certos grupos de igrejas, mas serve para provar que tais livros entraram no cânon depois de evidentes provas de sua autenticidade. Finalmente, vê-se que a Igreja da Síria, no segundo século, recebeu como canônicos todos os livros de que se compõe o atual Novo Testamento, exceto o Apocalipse, a epístola de Judas, a segunda de S. Pedro, a segunda e a terceira de S. João.

A Igreja Latina aceitou todos os livros, menos as epístolas de S. Pedro, a de S. Tiago, a terceira de S. João; a Igreja africana do norte aceitou todos os livros, exceto a epístola aos Hebreus, a segunda de S. Pedro e talvez a de S. Tiago. As coleções recebidas pelas mencionadas igrejas somente continham os livros que elas haviam recebido formalmente, como de autoridade apostólica, mas isto não prova a não existência de outros livros de igual procedência e autoridade. Os restantes eram universalmente aceitos no curso do terceiro século, apesar de opiniões diferentes a respeito de alguns deles. No decorrer dos tempos, e quando entramos na época dos concílios, o Novo Testamento aparece na lista dos livros canônicos como hoje o temos. No quarto século, dez dos padres da Igreja e dois concílios deixaram listas dos livros canônicos. Em três destas listas omitem o Apocalipse, contra o qual se levantaram objeções que desapareceram diante dos testemunhos abundantes em seu favor. As outras listas dão o Novo Testamento como hoje o temos. Em vista destes fatos, deduzimos:

1. Apesar de a formação do N. T. em um volume ter sido morosa, nunca deixou de existir a crença de ser ele livro considerado como regra de fé primitiva e apostólica.

A história da formação do cânon do N. T. serve apenas para mostrar como se chegou gradualmente a conhecer os direitos que eles tinham para entrar no rol dos livros inspirados.

2. As diferenças de opinião sobre quais os livros canônicos e sôbre os graus de certeza em favor deles, vêem-se nos escritos e nas igrejas do segundo século. Este fato, pois, mais uma vez vem afirmar o cuidado e o escrúpulo das igrejas em receber livros como apostólicos sem evidentes provas. Do mesmo modo se procedeu com referência aos livros espúrios.

3. A prova em favor da canonicidade dos livros do Novo Testamento é a *evidência histórica*. Quanto a isto, o juízo da Igreja primitiva em favor dos nossos vinte e sete livros é digno de inteira fé, enquanto não for provado o contrário. Não os devemos aceitar como tais, só porque os concílios eclesiásticos os decretaram canônicos, nem por causa do que eles dizem. A questão versa só e unicamente sobre a sua evidência histórica.

4. Finalmente se nota que a palavra *cânon* não se aplicou à coleção dos livros sagrados antes do quarto século. Não obstante, existia, a noção que representa, isto é, que os livros sagrados eram regra de fé, contendo a doutrina apostólica. G. T. P.

CANTARES DE SALOMÃO

Nome do último dos cinco livros poéticos do Antigo Testamento conforme a distribuição atual dos livros da Bíblia, como a fizeram os Setenta. Nas Escrituras hebraicas, o livro dos Cânticos ficava entre o livro de Jó, e o de Rute, na terceira secção do cânon; era um dos cinco rolos menores,

que formavam um grupo dos livros destinados a serem lidos nos cinco grandes aniversários. O livro dos Cânticos era lido no oitavo dia da festa da páscoa, e interpretado alegoricamente com referência à história do êxodo. A reduplicação da palavra cântico não tem por fim dar a entender que seja a coleção de muitos cânticos, ou que seja o principal dos muitos cânticos de Salomão, tem apenas o valor de um superlativo, semelhante à expressão servo dos servos, santo dos santos, Senhor dos senhores, céu dos céus, vaidade das vaidades, Gn 9. 25; Ex 26. 33; Dt 10. 17; 1 Rs 8. 27; Ec 1. 2, e quer simplesmente dizer que o Cântico dos Cânticos é uma produção de alto valor poético. Na Vulgata tem o nome de *Canticum Canticorum*, donde se deriva o nome que tem em algumas traduções.

Várias personagens entram nos diálogos. No original hebraico a distinção entre eles se faz por meio das formas gramaticais que determinam o gênero. Quais e quantas são as figuras proeminentes que aparecem no poema? São duas, além das filhas de Jerusalém, que se parecem a um coro de teatro grego, ou são três que falam ao mesmo tempo, com a entrada da Sulamitis? Assim sendo, os três principais interlocutores são: uma donzela camponesa, um apaixonado e Salomão. A donzela está desposada com o seu jovem aldeão. Salomão e seus companheiros a vêem quando em passeio pelas bandas do norte, 6. 10-13, e a levam para Jerusalém. Ali a rodeiam as damas do palácio e recebe homenagens do rei com o fim de ganhar-lhe o afeto. A donzela resiste a estes encantos. Aos galanteios de Salomão, responde, enaltecendo as qualidades do seu amado camponês. Suspira por ele durante o dia e sonha com ele durante a noite; manifesta o grande amor que lhe tem e relembra as suas doces palavras; conserva-se fiel a seus votos. Afinal, separam-se dela os que a cortejam e reunem-se, 8. 5-7, para louvar o valor com que resiste a todos os seus admiradores. Salomão aparece sempre como sedutor perigoso; tenta persuadir a donzela a trair o seu amado, 7. 1-9. O poema, segundo este modo de ver, celebra amor puro que resiste a todas as tentações de uma corte e às sedutoras artes de um rei.

Este modo de entender, conhecido pelo nome de hipótese do pastor, baseia-se nas exclamações apaixonadas, dirigidas a seu querido ausente, 1. 4, 7; 2. 16. Se as evocações amorosas da Sulamitis nestas passagens, como nas outras contidas no poema, são dirigidas ao rei Salomão, torna-se mais claro o sentido do livro. A donzela campesina não possui concepções adequadas sobre a vida e costumes da vida palaciana; considera o rei como sendo o pastor do povo de Israel, cp Jr 33. 4, à semelhança dos pastores de sua terra nativa, e, dirigindo-se a ele, emprega a linguagem da vida pastoril que lhe era familiar. Também em todas as demais expressões, naturalmente reflete as imagens da vida pastoril e das cenas rurais que lhe eram familiares. Alguns intérpretes, especialmente da Inglaterra, vêem na Sulamitis, não uma simples camponesa, e sim a filha de Faraó, esposa de Salomão. Ela é estrangeira, de cor morena e filha de príncipe, 1. 5; 7. 1; o trigueiro da pele é efeito da ação do sol (v. 5). A expressão "filha de príncipe", provavelmente, não se refere à origem de seu nascimento que parece ter sido humilde (2. 9), e sim ao seu estado atual a que se havia elevado, cap. 6. 12; 1 Sm 2. 8. A palavra filha emprega-se no sentido geral de mulher, cp. Ct 6. 9; 1 Sm 1. 16 e, portanto, a expressão — filha de príncipe, quer dizer "A mulher nobre."

O livro dos Cânticos tem sido considerado como um drama. Contudo são bem poucos os que pensam que se destinava a ser representado no palco. Segundo Ewald e Friedrich, compunha-se de quatro atos, ou de cinco, contendo de treze a quinze cenas, segundo Ewald, Bottcher e outros; ou de seis atos com duas cenas cada um, segundo Delitzsch e Hahn. Bossuet descobre sete atos, cada um deles destinado a um dia da semana, terminando no sábado, porquanto, neste dia, o amado noivo não saia para as suas ocupações rurais. Bossuet distribuía os dias da seguinte forma: Primeiro dia, cap. 1. 1 até 2. 6; segundo, cap. 2. 7-17; terceiro, cap. 3. 1 até 5. 1; quarto, cap. 5. 2, até cap. 6. 9; quinto, cap. 6. 10 a cap. 7. 11; sexto, cap. 7. 12 até cap. 8. 3; sétimo, cap. 8. 4-14. Delitsch faz o seguinte esbôço: Primeiro ato, paixão mútua dos amantes, 1. 2 até 2. 7; terminando com as palavras: "Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém." A cena passa-se no palácio de Jerusalém. Cena primeira. 1. Diálogo entre a donzela Sulamitis e as damas da corte de Jerusalém, durante uma refeição, 1. 2-8. Cena segunda. Entra Salomão: diálogo entre ele e as donzelas que ainda não são desposadas, 1. 9 até cap. 2. 7. Segundo ato. Os dois amantes em busca um do outro. Termina com as palavras "eu vos conjuro filhas de Jerusalém" 2. 8 até 3. 5. A cena passa-se na pátria da Sulamitis. Cena primeira. A Sulamitis narra um encontro arrebatador com Salomão, 2. 8-17. Cena segunda. Ela relata um sonho em que pensou haver perdido o seu amado, e que de novo o encontrou, 3. 1-5. Terceiro ato. Salomão traz a sua noiva para a capital, onde se celebram as núpcias, 3. 6 até cap. 5. 1, começando pelas palavras: "Quem é esta", e terminando onde diz: "Comei, amigos, bebei, e embriagai-vos, caríssimos." Cena primeira. Ida para o palácio, 3. 6-11. Cena segunda. Diálogo entre Salomão e a sua desposada no aposento nupcial, 4. 1-16. Supõe-se que a isto seguiu-se o casamento e depois, 5. 1, vêm as saudações de Salomão à sua noiva e exortações aos convivas. Quarto ato. Amor desprezado, e depois recuperado, 5. 2 até 6. 9. Cena primeira. Sombras caindo sobre a vida conjugal. A Sulamitis sonha que vai em busca do seu amado e não o encontra, 5. 2 até 6. 3. Cena segunda. Novamente o encontra, 6. 4-9. Quinto ato. A bela Sulamitis, mas humilde princesa, 6. 10 até 8. 4, começando com as palavras "Quem é esta" e terminando com a apóstrofe: "Eu vos conjuro." Primeira cena. Nos jardins do rei, diálogo entre a Sulamitis e as filhas de Jerusalém, 6. 10 até 7. 6. Cena segunda. No palácio: Salomão a sós com a Sulamitis, 7. 7 até 8. 4. Sexto ato. Confirmação dos laços amorosos na antiga pátria da Sulamitis, 8. 5-14, começando com as palavras "Quem é esta." Cena primeira. Salomão e sua noiva comparecem diante de sua parentela, 5-7. Cena segunda. A Sulamitis na casa paterna: diálogo entre ela, seus irmãos e o rei, 8-14.

Esta opinião a favor de ser o livro dos Cânticos um drama, é largamente esposada nos tempos modernos, mas nem por isso deixa de sofrer bem fundamentada oposição. O livro não obedece naturalmente às regras da unidade dramática, nem apresenta enredo regular. Para se construir uma narrativa uniforme é preciso acrescentar-lhe certos liames alheios a ele. E por isso, as várias partes do livro passam a dizer cousas de sentido diferente, conforme as ligações que a imaginação dos intérpretes lhe esprestam. O livro como está escrito é composição contínua, falando do amor de Salomão e de sua noiva, porém as várias cenas se acham agrupadas sem ligações e a transição de uma para outra se faz abruptamente. O arranjo não agrada à mente dos ocidentais que se comprazem com a ordem e seqüência lógica das produções literárias; mas a estrutura do poema está de perfeita harmonia com os métodos adotados nas composições literárias do oriente.

Têm-se adotado três métodos principais de interpretação, e todos eles encontram adeptos: o alegórico, o literal e o típico. Os judeus que tinham em grande estima o livro dos Cânticos, geralmente o consideravam como alegoria espiritual, com o fim único de mostrar o amor de Deus para com Israel. Deus é o que ama, e Israel o amado. Este modo de interpretação entrou na igreja cristã por meio de Orígenes, grande alegorista, no terceiro século da era cristã, com algumas modificações. Cristo é o que ama e a sua igreja, ou a alma de

cada um, o objeto amado. Segundo a interpretação literal, o poema contém uma história verdadeira, a narração dos amores de Salomão e da Sulamitis. A interpretação típica harmoniza-se com as duas primeiras. O amor puro, espontâneo, ou mútuo amor de um grande rei e de uma humilde donzela, considera-se como sendo uma exemplificação dos mútuos afetos entre Jeová e o seu povo; a história é assim contada, não somente por causa de sua beleza, como por ser ela o tipo de uma grande verdade religiosa. O Cântico dos Cânticos muito se parece com os salmos messiânicos, baseados nas experiências pessoais, ou nas posições oficiais de Davi ou Salomão, revelando certas verdades a respeito do Grande Rei. A comparação do mútuo amor entre a Igreja e seu divino cabeça na figura de uma esposa e de um esposo, ocorre freqüentemente em várias partes do Novo Testamento, *Ef* 5. 25-33; Ap 19. 7-9; 21. 9, etc. Em relação à data em que foi escrito o livro dos Cânticos e quem foi o seu autor, percebe-se à primeira vista, que de acordo com a teoria hipotética de ser uma cena pastoril, o poema não vem da pena inspirada de Salomão. O sábio rei teve suas faltas mas nem por isso o devemos considerar um monstro de iniqüidades como o representa a referida hipótese pastoril. Segundo ela, o autor do livro não pode ser o rei Salomão, que o escreveu em tempos posteriores. Voltando a considerar quem seja o autor do poema e data em que foi escrito, temos de prestar a devida atenção ao título: "Cântico dos Cânticos de Salomão." Estas palavras têm sentido ambíguo no idioma hebreu; podem dizer que Salomão é o autor do livro (cp. Hc 3. 1, no hebreu) ou que o Cântico tem como objetivo a pessoa do rei (cp. Is 5. 1, no hebreu). Existe a ambigüidade, mas também existem abundantes provas de ser o rei Salomão o autor do poema. A mente do autor, revelada nos Cânticos, assemelha-se maravilhosamente a tudo quanto se conhece, como produto mental do grande rei. A linguagem figurada que ele emprega nos seus discursos, reflete, não somente as belezas naturais de que se adorna a natureza, como também espelha a maravilhosa coleção de plantas exóticas que adornavam os seus jardins, em que tanto se deleitava.

Os vastos conhecimentos que adornavam o seu espírito, adquiridos no estudo dos reinos da natureza, desde o cedro do Líbano até o hissopo que sai da parede, e de todos os animais, aves, répteis e peixes, aparecem refletidos em todas as partes do seu poema. Encontram-se nele os cenários dos tempos de Salomão minuciosamente descritos. Dizem alguns críticos que os vocábulos de origem aramaica que o livro contém, provam que foi escrito em tempos posteriores a Salomão. Porém a ortografia das palavras, com exceção de três, não é aramaica; e as peculiaridades sintáxicas do poema limitam-se ao emprego de um pronome relativo que se encontra em muitos outros lugares, principalmente no cântico de Débora e na história de Eliseu, composições pertencentes ao antigo idioma hebraico e que antedatam o reinado de Salomão. Ewald e Hitizig são de parecer que o poema foi composto no período áureo da língua hebraica, e no período da grandeza nacional.

Ambos estes críticos dizem que o poema foi escrito por um autor pertencente a uma geração posterior a Salomão. As três formas aramaicas, *netar*, guardar, 1. 6; 8. 11, 12, *beroth*, cipreste, 1. 16, e *sethav*, inverno, 2. 11, encontram-se no dialeto do norte da Palestina, como palavras idiomáticas a ele pertencentes; e, portanto, dizem eles, o poema deveria ser produzido por um autor pertencente ao reino do norte. Admitindo que tais vocábulos pertençam exclusivamente ao dialeto setentrional, é muito natural que o rei Salomão, dirigindo-se à Sulamitis, que era natural de Suném, segundo se presume, empregasse os termos de sua terra, dando assim às palavras da Sulamitis um cunho local. Dizem que o vocábulo *pardes*, jardim, pomar, 4. 13, e *appiryon*, cadeirinha, 3. 9, em sânscrito, *paryana*, e em grego *phoreion*, são de origem ariana, e que, portanto pertencem a uma data pósexílica. Mas, sendo mesmo de origem ariana, por que é que se julga estranho que um rei, que mandava navios a Ofir, que comerciava com a Índia, que importava mercadorias de nações estrangeiras, que trazia de lá objetos com nomes arianos, tais como: macacos, pavões, madeiras resinosas, etc., conservasse os mesmos nomes que tinham no país de origem e desse os mesmos nomes às plantas orientais que adornavam seus jardins?

CÂNTARO ver TALHA e QUARTAS

CÂNTAROS

Pequenas vasilhas de barro, cp. Jz 7. 19, com uma ou duas asas, destinadas no oriente ao transporte de água. Veja no artigo *Jerusalém* a ilustração *Jacó* e a *Fonte da Virgem*.

CÂNTICO

Composição poética, em geral pouco extensa, capaz de ser posta em música, para ser entoada, Ex 15. 1-18; Dt 31. 30 até cap. 32. 44. Cantava-se ao som de música, Êx 15. 20, 21; Is 38. 20. Os cânticos serviam para fins seculares ou religiosos, Gn 31. 27; Nm 21. 17, 18 e Sl 92; 138. 3, 4, em louvor dos homens ou de Deus, 1 Sm 18. 6, 7; Sl 29. 7, e para exprimir profundas emoções de gratidão e reconhecimento, Sl 69. 12, e para as alegrias do vinho.

CÃO[1]

O cão da Palestina pertence à mesma classe dos cães sem dono da Índia. Durante o período remoto da história da Bíblia o cão percorria as ruas e subúrbios das cidades, ladrando em busca de alimento que ele encontrava no lixo, lançado às ruas, Sl 59. 1, 14; Ex 22. 31; lambendo o sangue derramado 1 Rs 22. 38; Sl 6. 24, ou devorando os corpos mortos, 1 Rs 14. 11; 16. 4; 2 Rs 9. 35, 36, e algumas vezes, reunidos em matilhas, atacavam os viajantes nas estradas, Sl 22. 17, 21. O cão servia, depois de suficientemente ensinado, para ajudar os pastores na guarda dos rebanhos, defendendo-os contra as feras e os ladrões, Jó 30. 1. Domesticado, servia para acompanhar o seu dono, de um lugar para outro, Tobias, 5. 16; 11. 4, para guardar a casa e apanhar as migalhas que caíam das mesas, Mc 7. 28. Os cães lambiam as úlceras do pobre Lázaro que se assentava à porta do rico, Lc 16. 21. O cão servia também para usos venatórios. A maior parte deles eram selvagens. Por causa dos seus hábitos e do modo de se alimentarem, eram tidos como animais imundos pela lei cerimonial.

Era grande ofensa chamar de cão a alguém, 1 Sm 17. 43; 2 Rs 8. 13. A palavra serve para designar todos quantos são incapazes de apreciar o que é santo e elevado, Mt 7. 6; o mesmo nome se dá aos que introduzem falsas doutrinas, Fp 3. 2, aos que, semelhantes a cães, voltam a comer o seu vômito, isto é, voltam aos pecados que antes haviam renunciado, 2 Pe 2. 22; comp. Pv 26. 11, ou que são tão vis e desonestos como cães, Dt 23. 18. Os judeus de tempos mais recentes davam o nome de cães aos gentios, por serem declarados impuros pela lei cerimonial. O mesmo Jesus empregou este termo para dar à doutrina da graça maior realce, Mt 15. 26; Mc 7. 27.

CÃO[2], (Significação incerta. Talvez pele escura ou pele quente).

Nome do filho mais moço de Noé, que lhe nasceu depois de ter quinhentos anos de idade, Gn 5. 32; 6. 10; 11. 24. Compare *Cronologia, I, 3*. Por ocasião do dilúvio, já era casado, mas parece que ainda não tinha filhos, Gn 7. 7; 1 Pe 3. 20. Quando seu pai se embriagou, teve ele procedimento desrespeitoso, incorrendo por isso na maldição do patriarca, que passou aos seus descendentes, Gn 9. 22-27. Os povos do sul da Arábia, da Etiópia, do Egito e de Canaã, em grande parte descendem de Cão, Gn 10. 6-14.

CÃO² (Do vocábulo egípcio *kam, preto,* derivado da cor dos nateiros marginais do Nilo).

Nome, que, em estilo poético, se dá ao Egito, nos salmos 78. 51; 105. 23, 27; 106. 22.

CAPA

Peça de vestuário, ordinariamente larga e sem mangas, para uso sobre outra roupa. Várias vezes aparece na Bíblia referência a essa peça: Gn 9. 23 e outras no Antigo Testamento, e Mt 5. 40 e outras em o Novo Testamento.

CAPADÓCIOS ver CAFTORIM

CAPERNAUM ver CAFARNAUM

CAPITÃES ver GENERAL

CAPITEL

Nome que se dá à cabeça, ou parte superior de uma coluna, pilar ou pilastra, 1 Rs 7. 16. Varia na forma e na ornamentação, conforme a ordem arquitetônica a que pertence, Ex 36. 3, 8; 38. 17, 19; 1 Rs 7. 19, 20.

CARBÚNCULO

1. Tradução da palavra hebraica *Bareketh* e *Barekath* que brilha como relâmpago. Usava-se como objeto de adorno, Ez 28. 13. Ocupava o terceiro lugar na primeira linha de pedras preciosas do Racional do Juízo, usado pelo Sumo Pontífice, Ex 28. 17. Figueiredo diz esmeralda como está na Versão dos Setenta, na Vulgata e em Josefo.

2. Tradução de outra palavra hebraica *Ekdah* usada por Isaías, cap. 54. 12. Figueiredo diz: Pedras lavradas.

Segundo o Dr. Dana, existem três minerais distintos a que Plínio chama carbúnculo, são a granada, o rubi e a safira. A granada, que Plínio classificou entre os carbúnculos, é a almandina preciosa do Oriente; possui cor de finíssima transparência; as melhores vêm de Pegu. O rubi é pedra de um vermelho claro, transparente, ou translúzente. Vide *Safira.*

CARCA, *Ravina, aberto.*

Nome de um lugar do limite sul da tribo de Judá, Js 15. 3. Este nome é precedido de artigo definido, e pode bem ser um substantivo comum, significando ravina (Wetzstein).

CARCAS

Nome de um dos sete eunucos que serviam na presença de Assuero, rei da Pérsia, Et 1. 10.

CÁRCERE ver PRISÃO

CARCOR, *Fundamento.*

Nome de um lugar situado ao oriente do Jordão, onde Zeba e Salmuna acamparam com o seu exército, Jz 8. 10. Não identificado.

CARDOS

Tradução da palavra hebraica *boshah,* planta malcheirosa, Jó 31.40; porém, os abrolhos são plantas daninhas que se dão no meio de plantações e de sementeiras e não tem mau cheiro.

CARDOS ver ABROLHOS

CAREÁ, *Calvo.*

Nome do pai do capitão Joanã, que foi ter com Godolias, nomeado governador de Judá pelo rei de Babilônia, 2 Rs 25. 23; Jr 40. 8.

CARGA, *sentença.*

1. Palavra que se usa em sentido literal ou figurado, Ex 23. 5; Nm 11. 11.

2. Nome usado para representar um juízo contra um povo, ou contra um indivíduo, ou contra um lugar, Is 14. 28; 15. 1; Ez 12. 10; Os 8. 10; Na 1.1.

CÁRIA

Nome de um país a sudoeste da Ásia Menor, incorporado ao território conquistado pelos romanos, desde os tempos de Antíoco, o Grande, e dado aos ródios pelo Senado Romano, sendo novamente libertado em 168 A. C. Em 139, ainda era independente; mas, afinal, foi incorporado à província da Ásia, 1 Mac 15. 23.

CARIDADE

Amor, manifestado em atos de beneficência. A Caridade de que fala S. Paulo, na I Epístola aos Coríntios, cap. 13, não consiste em dar esmolas, como se depreende do v. 3, e, sim, no amor que se deve para com todos, no sentido mais lato.

CARITE, *Corte, garganta.*

Nome de uma torrente fronteira ao Jordão, ao pé da qual se escondeu Elias, 1 Rs 17. 3, 5.

CARMELO, *Campo fértil, jardim.*

1. Nome de uma cordilheira de cerca de 30 quilômetros de comprimento ligada por uma cadeia de montanhas de menor altitude, à região serrana da Palestina central, e terminando em um promontório que avança pelo Mediterrâneo, constituindo o limite da baía de Acre a sudeste, Jr 46. 18. Na extremidade de sudeste, o ponto mais elevado é de 575 metros, sobre o nível do mar, e mais adiante, desce a 566, decrescendo gradualmente, até que o pico de noroeste, que forma o promontório, se eleva a 184 metros de altitude. Esta cordilheira serve de limite ao vale de Esdraelom, por onde corre o Quisom, que em um ponto banha as raízes do Carmelo, 1 Rs 18. 40. As alturas da cordilheira contêm uma série de eminências e tabuleiros de rochas nuas, onde se encontram, aqui e ali, algumas moitas de carvalhos e juníperos. É constituída de rochas calcáreas. Aos lados da cordilheira, abrem-se algumas cavernas. As alturas oferecem uma vista esplêndida. O Carmelo chama-se hoje *Jebel Kurmul.* Outrora servia de limite à tribo de Aser, e ficava dentro de seu território, Js 19. 26; 17. 11. No cimo do Carmelo o profeta Elias pôs termo à questão entre Jeová e Baal, 1 Rs 18. 17-40. Do mesmo ponto o seu criado viu sobre o Mediterrâneo a ascensão de uma pequena nuvem semelhante a mão humana, anunciando a tempestade que vinha banhar as terras sequiosas de Israel, 41-46. Eliseu, sucessor de Elias no ministério profético, visitou o Carmelo, 2 Rs 2. 25; 4. 25. É provável que as alturas do Carmelo, em tempos remotos, tivessem sido cultivadas, vestidas de pomares, hortas e jardins como o seu nome indica e como as descrevem os profetas Isaías e Jeremias, Is 33. 9; 35. 2; Jr 1. 19. Pelo menos, segundo Mq 7. 14, um bosque frondoso deliciava os habitantes daquelas alturas. Quando, no Cântico dos Cânticos, o Amado diz ao objeto de seu coração "a tua cabeça é como o monte Carmelo" provavelmente quer dizer que era adornada de luxuriante coma, semelhante ao carmelo coberto de árvores frutíferas. O profeta Amós anunciou que o Carmelo seria despojado da sua beleza, Am 1. 2. Existe ali um convento de frades, denominado Carmelitas, nome derivado de Carmelo.

2. Nome de uma cidade, situada na parte montanhosa de Judá, Js 15. 55; comp. 1 Sm 15. 12; 25. 2, em cujas vizinhanças existiam as propriedades do vilão Nabal, 1 Sm 25. 2-40. O antigo nome se perpetua nas ruínas de *Kurmul,* 13 quilômetros a sudeste de Hebrom. Uma das mulheres de Davi, que havia sido levada cativa pelos amalecitas, 1 Sm 30. 5, e também um dos seus homens valentes, 2 Sm 23. 35, eram moradores, ou naturais desta cidade.

CARMI, *Vinhateiro.*

1. Nome de um dos filhos de Rúben, fundador de uma família tribal, Gn 46. 9; Ex 6. 14; Nm 26. 6.

2. Nome de um dos descendentes de Judá e pai de Acã, Js 7. 11; 1 Cr 2. 6, 7.

CARNE

1. Músculos do corpo animal, quer do homem, quer dos animais, pássaros ou peixes, ou mais precisamente a parte mole do corpo, Gn 40. 19; Ex

12. 8; 16. 8; Lv 21. 5; Jó 10. 11; Lc 24. 39; 1 Co 15. 39. A carne de que se compõe o corpo humano, é diferente do espírito, Jó 14. 22; Is 10. 18; 31. 3; Mt 26. 41; Cl 2. 5.

2. Todos os seres, o homem e os animais inferiores, são formados de carne, Gn 6. 13, 19; 8. 17; At 2. 17; Rm 3. 20; 1 Co 1. 29. A palavra carne emprega-se em contraste com a palavra Deus, que é espírito, Sl 56. 5; Is 31. 3; 40. 6-8; Jl 2. 28; Mt 16. 17.

3. Dá-se o nome de carne à natureza humana, sem o Espírito de Deus, e dominada pelas paixões, Rm 7. 5; 8. 5-7; 2 Co 7. 1; Gl 5. 16-20; 2 Pe 2. 10. Inclui também a natureza inteira do homem não regenerado, Rm 8. 8, 9; comp. Jo 3. 6.

CARNEIRO[1]

É por esta palavra que Figueiredo e a Versão Brasileira e Almeida traduziram o vocábulo *Tahash*, Ex 26. 14; 35. 7. É nome de um animal cuja pele serviu para a cobertura do Tabernáculo, e também para o fabrico de sandálias. Tristram diz que o vocábulo *Tahash* é o nome de um animal, tecnicamente conhecido por *Meles vulgaris*, que se encontra nas matas da Palestina, porém, na Bíblia não existe nenhuma alusão a êle.

CARNEIRO[2]

1. Nome do macho da ovelha, Ez 34. 17. Servia de alimento, Gn 31. 38, e também servia para os holocaustos e ofertas pacíficas, 22. 13; Lv 1. 10; 8. 18; e 3. 6; 9. 4, e também pelo pecado, 5. 15; 6. 6. As peles de carneiros tintas de vermelho empregavam-se para cobrir o tabernáculo, Ex 26. 14, e dos cornos parece que faziam trombetas de uso na guerra e nas festas do jubileu, nos tempos de Josué, Js 6. 4-6, 8, 13.

O carneiro com dois cornos, que apareceu a Daniel em sua visão profética, representava o poder medo-persa. O corno menor era o império dos medos e o maior representava o império persa, Dn 8. 3-7, 20.

2. Carneiro ou aríete era um instrumento de guerra destinado a abrir brecha nos muros das cidades sitiadas e a arrombar as portas que nêles se abriam, Ez 4. 2; 21. 22; Guerras 5. 6, 4. Consistia de uma trave de madeira com uma cabeça de ferro, suspensa por meio de cordas que se prendiam a um suporte que ficava dentro de uma tôrre de madeira (Guerras 5. 11, 5). Para atacar uma fortaleza ou uma cidade, era preciso algumas vêzes, ajuntar bastante terra para fazer uma espécie de plano inclinado por onde levava o aríete e outras máquinas de guerra para junto dos muros, Ez 4. 2.

CARPINTEIRO

A primeira vez que, na Bíblia, se faz menção de carpinteiros, como sendo ocupação distinta, é quando Hirão, rei de Tiro, fez donativo de madeiras a Davi, para edificar a sua casa em Jerusalém, enviando-lhe juntamente, com as madeiras, os carpinteiros, 2 Sm 5. 11. As ferramentas destes artistas consistiam, entre outras, de machados, serras, Is 10. 15, régua, cepilho, compasso, pregos, martelos, etc., Is 44. 13; Jr 10. 4; 1 Cr 22. 3. José, esposo de Maria, exercia este ofício, Mt 13. 55, e Jesus na sua mocidade trabalhou de carpinteiro, Mc 6. 3.

CARPO, *Pulso*.

Nome de um indivíduo, residente em Trôade, em cuja casa o apóstolo S. Paulo havia deixado a sua capa, 2 Tm 4. 13, que depois mandou trazer.

CARQUEMIS

Nome de uma cidade, capital do reino dos heteus ao ocidente do Eufrates, fronteira a um vau deste rio, e ao norte da confluência com o Sajur. Admiravelmente situada para fins comerciais, veio a ser uma cidade riquíssima. O rei da Assíria, Assurbanipal (885-860), A. C. estava a ponto de a tomar, desistindo dêsse intento, em troca de pesados tributos. Em 717 A. C. foi tomada por Sargom, e com a sua queda desapareceu o império dos heteus, Is 10. 9. Neco, rei do Egito, sofreu grave derrota em Caracames, por Nabucodonosor em 605, A. C. 2 Cr 35. 20; Jr 46. 2. Suas ruínas têm hoje o nome de Jerábis, vistas na margem ocidental do Eufrates, entre *Birejik* e a embocadura do Sajur, 370 quilômetros e meio a norceste de *Circesium*, e jazem sepultadas artificialmente. Os desenhos de figuras humanas, esculturadas em blocos, mostram-se calçadas de botas de bico fino levantado, indicando pertencerem aos heteus.

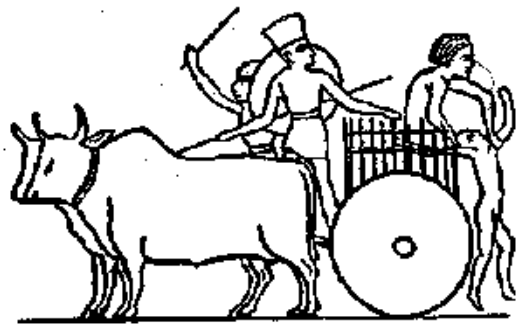
CARREIRA, CORRERIA

Incursão ao interior de um país inimigo, 1 Sm 27. 10. Neste sentido tornou-se um termo obsoleto. Quando se quer falar de uma estrada, no sentido moderno, emprega-se geralmente a palavra caminho, via, vereda, etc.

CARRIÇAL ver PAUL

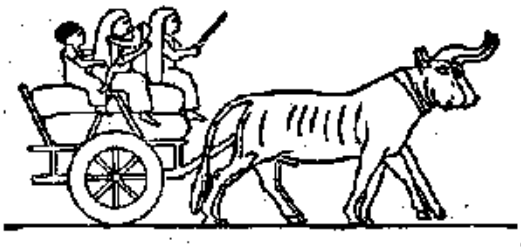
CARRO

Veículo de duas rodas, empregado, em tempo de paz, no transporte de cargas, para distingui-lo das carroças de guerras; construído de madeira, coberto, ou não, por uma tolda e puxado por bois e às vezes também por cavalos, 1 Sm 6. 14; Nm 7. 3; 7. 7; 1 Sm 6. 7; 2 Sm 6. 6. Usavam-se também os carros para triturar os cereais, Is 28. 28,



Carro egípcio

para o transporte de cargas, 2 Sm 6. 3, de feno, Am 2. 13, e para conduzir passageiros, Gn 45. 19. No Egito havia carros, como os que ainda hoje são usados universalmente na Ásia ocidental, com duas rodas de madeira forte. Os carros da Ásia, inclusive os em que eram levadas as mulheres cativas de Laquis, sobre sacos de trigo, como se vêem representadas em baixos-relevos da Assíria, tinham duas rodas de seis ou quatro raios cada uma, e eram puxados por bois.



Carro conduzindo prisioneiras de Laquis

Alguns destes baixos-relevos, representam os carros conduzidos por dois animais ou por dois homens.

CARROÇA, COCHE, CARROS

Veículo de duas rodas, e de vários formatos, puxados por dois cavalos, 2 Sm 8. 4, empregados no serviço de guerra, Ex 14. 9; 1 Sm 13. 5; em serviço oficial, Gn 41. 43; 2 Sm 15. 1; 1 Rs 1. 5; e também em serviço particular, Gn 46. 29; 2 Rs 5. 9; At 8. 28. A caixa onde entravam os viajantes era aberta na parte posterior e descansava diretamente sobre um eixo sem molas. As rodas

Carro de guerra — assírio

eram trabalhadas com arte, guarnecidas de pinos, em toda circunferência, que, por sua vez, se apoiava aos raios, concentrados no cubo. Às vezes as rodas com seus raios e cubos eram feitos de metal fundido. 1 Rs 7. 33. O terreno montanhoso da Palestina não se prestava a este meio de condução. Os cananeus serviam-se de carroças nos vales do Jordão, Js 17. 16; Jz 4. 8, bem assim os egípcios, Is 31. 1, os etíopes, 2 Cr 16. 8, os sírios, 2 Rs 5. 9, os heteus, 2 Rs 7. 6, e os assírios, Na 2. 3. 4; 3. 2. As carroças de guerra eram guiadas por um condutor, ou cocheiro, 2 Cr 18. 33, e levavam ocasionalmente um escudeiro além do guerreiro, 2 Rs 9. 25. As carroças de guerra eram às vezes construídas de ferro ou forradas com chapas de ferro, Js 17. 16, 18; Jz 1. 19; 4. 3. Os persas guarneciam as extremidades dos eixos com foices alongadas, que na carreira vertiginosa cortavam os corpos dos inimigos. Esta espécie de carroças mortíferas foram empregadas na Palestina pelos Selêucidas, 2 Mac 13. 2.

CARROÇAS FERRADAS ver GRADE, I

CARROS ver CARROÇA

CARSENA. *Presa de guerra, salteador.*

Nome de um dos sete sábios da corte do rei Assuero, Et 1. 14.

CARTA, *Cidade.*

Nome de uma cidade da tribo de Zabulom, que foi partilhada aos levitas, filhos de Merari, Js 21. 34. Não identificada.

CARTÃ, *Cidades gêmeas.*

Nome de uma cidade da tribo de Naftali partilhada aos levitas gersonitas, Js 21. 32. Em 1 Cr 6. 76 tem o nome de Quiriataim. Não identificada.

CASA

Na Palestina e em outras partes do oriente as casas do povo comum, formando três quartas partes do todo, têm somente um pavimento, e às vezes, só um aposento. O interior freqüentemente se divide em duas partes, sendo uma delas em plano superior.

A porta de entrada abre-se na parte inferior que serve de abrigo ao gado.

Em torno de uma plataforma ao lado das paredes estão as manjedouras. Sobe-se para a parte superior por meio de uma escada de alguns degraus. Às vezes, constroem um estrado por cima das manjedouras, para os hóspedes. Estes diversos apartamentos não têm divisões. As paredes são geralmente feitas de barro amassado ou de tijolos secos ao sol, mesmo em lugares onde é fácil obter pedras como na Palestina (comp. Jó 24. 26; Ez 10. 18). Os telhados são feitos de troncos de árvores, canas, folhas de palmeiras, etc. cobertas com camadas de terra. Materiais tão frágeis não podem resistir por muito tempo às chuvas pesadas muito freqüentes nos países de alta

Interior de uma casa em Damasco

temperatura. Não havia séria dificuldade em fazer uma abertura na coberta de uma casa desta natureza, e por ela, descer um leito com um doente, como se fez em Cafarnaum com o paralítico que Jesus curou, Mc 2. 1-12; Lc 5. 18-26.

As casas de melhor categoria eram geralmente

construídas, como dantes, em forma quandrangular, tendo no centro uma área ajardinada com uma fonte ou um poço, 2 Sm 17. 18. O quarto alto é aposento instalado no segundo andar e construído acima do nível ordinário da cobertura, Jz 3. 20; 1 Rs 17. 19; 2 Rs 4. 10; Mc 14. 15; At 1. 13; 9. 37. As coberturas de todas as casas são chatas, tendo em roda um parapeito de pequena altura, Dt 22. 8. Nestas coberturas costumavam armazenar os grãos das colheitas para secarem mais facilmente, Js 2. 6; serviam também para passeios depois da sesta, 2 Sm 11. 2; para conversar, 1 Sm 9. 25, 26, para culto idólatra 2 Sm 23. 12, ou para meditar e orar, At 10. 9. Havia pelo lado de fora das casas uma escada que servia para subir ao telhado sem passar por dentro comp. Mt 24. 17; Mc 3. 15. As janelas são geralmente estreitas, sendo o maior número delas, abertas para o pátio interno. Os árabes denominam a parte baixa das habitações, a casa de inverno, ou simplesmente a casa, e a parte de cima, a casa de verão. Se ambas as casas estão no mesmo pavimento, a casa de verão fica para o lado de fora e a casa de inverno, para o lado de dentro, Jr 36. 22; Am 3. 15.

CASA DO CONCÍLIO

Nome de um edifício de Jerusalém, a oeste do Templo, perto do ginásio e dentro do muro interno da cidade (Guer. 5. 4, 2). Foi incendiada pelos romanos quando Tito se apoderou da cidade, 6. 3. Era neste edifício que funcionava o sinédrio. O nome em grego era *bouleutrion*, e os membros, o de *bouleutes*, Lc 23. 50, 51; Guer. 2. 17, 1. O concílio, segundo Josefo, chamava-se *synedrion e boule*, indiferentemente (Ant 14. 9, 3, 4; 20. 1, 2; Guer. 2. 15, 6).

Segundo as autoridades judaicas, o sanedrim reunia-se no *lishkath haggazith* ou câmara do *gazith* que provavelmente designava a câmara perto do ginásio. Segundo o Misna o *lishkath haggazith* estava situado na direção do ângulo oriental do átrio do Templo: *Gazith* quer dizer, cortado, especialmente falando-se de pedras, Ex 22. 25; 1 Rs 6. 36, *et passim;* e como as câmaras do Templo fossem construídas em grande parte desta maneira, o nome *gazith* não poderia fazer distinção entre uma e outra. A casa do concílio ficava perto do *xystos*, ou ginásio, ou junto dele; porém, a palavra *xystos* é grega, equivalente a *gazith* e é uma das palavras empregadas pelos Setenta para traduzir *gazith* para o grego, 1 Cr 22. 2; Am 5. 11. Portanto, apenas se pode duvidar que o vocábulo *xystos* era o mesmo que *gazith* no entender de um que falava o hebraico por acaso; e que, o nome *lishkath haggazith*, quer dizer a sala quanto ao *xystos* comp. Schurer, Stud. u. Krit. 1887). Há nomes de igual significação e de grafia diferente, tais como: Cristo e Messias, Pedro e Cefas, Caveira e Gólgota, Campo de sangue e Aceldama, Jo 1. 41, 42; 19. 13, 17; At 1. 19. Isto é talvez suficiente para abandonar o fato de que a sala do *gazith* estava, cf. o Misna já mencionado, dentro do átrio do Templo.

CASA DO JURAMENTO, *Deixa que eu seja testemunha.*

Nome de um dos descendentes de Séla, da tribo de Judá. A gente desta família fabricava linho fino, 1 Cr 4. 21.

CASA DOS PROFETAS

Nome de um lugar em Ramá, onde residia uma comunidade de profetas sob a direção de Samuel, 1 Sm 19. 18 até cap. 20. 1. Esta palavra encontra-se só nesta passagem. Os antigos tradutores não a compreenderam. Os massoretas alteraram um pouco a sua forma, daí as dificuldades de tradução. O texto hebreu, porém, não oferece dificuldades; a palavra aparece seis vezes sem alteração alguma. Tem a natureza de um nome próprio, por não ter antes o artigo, 19. 23; 20. 1. Pertence ao gênero feminino do número singular e tem a forma arcaica, como Efrata e Sarepta, ou tem uma formação mais rara como a palavra *gazith;* ou ainda um feminino do plural, escrito defectivamente por causa da ocorrência da letra *vav*, e pertencente ao mesmo tipo, como *gevuyyah* ou *revayah*. Tem sua relação com *naveh*, habitação, 2 Sm 15. 25; Jó, 8. 6, do mesmo modo que *revayah* se relaciona com *naveh* e *saday*, campo, com *sadeh*. Por isso, é melhor adotar a interpretação comum, dando-lhe o sentido de habitação ou habitações.

CASAMENTO

O casamento é uma instituição divina, constituída no princípio, antes da formação da sociedade humana. O Criador fez o homem e dele tirou a mulher, e ordenou o casamento condição indispensável para perpetuar a raça humana, Gn 1. 27, 28. Deus implantou no homem desejos e afetos que se estenderam a todas as criaturas humanas; fez do casamento uma influência nobilitante, que poderosamente contribui para o desenvolvimento de uma existência completa no homem e na mulher. Declarou que não era bom que o homem estivesse só, e deparou-lhe um adjutório igual a ele, Gn 2. 18. A abstinência do casamento somente é recomendável em casos especiais, Mt 19. 12; 1 Co 7. 8, 26, e constitui um desvio da fé, quando for imposta como necessária e essencial à vida piedosa 1 Tm 4. 3.

A monogamia é o ideal divino. O Criador instituiu o matrimônio com a união de um homem e uma mulher, Gn 2. 18-24; Mt 19. 5; 1 Co 6. 6. O número de homens e de mulheres é praticamente igual em uma nação. O casamento estabelece relações permanentes, Mt 19. 6. O Criador indicou a permanência destas relações, fazendo com que os afetos entre o marido e a mulher, cresçam na proporção dos anos que passam, processo muito natural, em condições normais. Os fins morais exigem que estas relações sejam permanentes. A fidelidade do marido e da mulher no cumprimento de seus deveres, intimamente ligados às suas recíprocas relações e a criação dos filhos nos princípios da obediência e da virtude, são indispensáveis para se atingirem os fins morais do matrimônio. Os laços da família não podem ser dissolvidos por nenhum ato legítimo da sociedade, só a morte, Rm 7. 2, 3, e o crime de adultério, os podem dissolver, Mt 19. 3-9. Os protestantes, estribados nos ensinos de S. Paulo, declaram que podem ser dissolvidos, por acordo mútuo, 1 Co 7. 15. É provável que naqueles tempos, a deserção de um dos conjuges fosse acompanhada de adultério, ou por um segundo casamento. O casamento de pessoas divorciadas, por motivos não estabelecidos no Evangelho, é proibido, Mt 5. 32; 19. 9; 1 Co 7. 10, 11. À vista de Deus o tribunal civil não pode anular o casamento.

Entre os antediluvianos Adão, Caim, Noé e os três filhos deste, cada um tinha a sua mulher, mas a poligamia já era praticada. Lameque teve duas mulheres, Gn 4. 19. A pureza do matrimônio foi-se enfraquecendo pela conduta de homens, que se deixavam governar por baixos motivos na escolha de suas esposas, 6. 12. Abraão adotou imprudentemente a poligamia quando julgou necessário ir em socorro de Deus para realizar a sua promessa, Gn 16. 4. Isaque teve só uma esposa. Jacó teve duas mulheres com suas concubinas. Moisés que estava corrigindo abusos, não o fez repentinamente, permitindo aos israelitas por causa de sua dureza de coração e por se acharem escravizados aos costumes do tempo, divorciarem-se de suas mulheres por qualquer motivo; ele não proibiu a poligamia, mas procurou enfraquecê-la; deu regras aos costumes de seu tempo, porém a história do período primitivo, mostrou que o estado das cousas entre os israelitas, era contrário às disposições do Criador. Os serviços prestados por Moisés à causa do matrimônio consistiam em estabelecer ideal mais elevado, marcando os graus de

consangüinidade e de afinidade dentro dos quais se permitia o casamento, segundo a Lei, Lv cap. 18, pondo freio à poligamia, Lv 18. 18; Dt 17. 17, garantindo os direitos das esposas inferiores, Êx 21. 2-11; Dt 21. 10-17 restringindo o divórcio, Dt 22. 19-29; 24. 11 exigindo pureza na vida matrimonial Ex 20. 14, 17; Lv 20. 10; Dt 22. 22. A poligamia continuou a ser praticada, em maior ou menor grau, pelos ricos, depois dos tempos de Moisés como o fizeram Gideão, Elcana, Saul, Davi, Salomão, Roboão e outros, Jz 8. 30; 1 Sm 1. 2; 2 Sm 5. 13; 12. 8; 21. 8; 1 Rs 11. 3. Os males que a poligamia produz, aparecem nas desordens domésticas provocadas pelo ciúme das mulheres de Abraão e das de Elcana, Gn 6. 6; 1 Sm 1. 6, em contraste com as belezas do casamento entre um homem e uma só esposa, descritas em Sl 128. 3; Pv 5. 18; 31. 10-29; Ec 9. 9; ep Ecclus 26. 1-27. Na família a que Abraão pertencia permitia-se o casamento com a filha de seu pai e até com duas mulheres irmãs, Gn 20. 12; 29. 26. O casamento com a própria irmã não era cousa rara no Egito e era permitido na Pérsia (Heród. 3. 31). Em Atenas consentia-se o casamento com a irmã por parte de pai, e em Esparta, com a irmã por parte de mãe. A lei mosaica proibia tais alianças e ainda outras com laços de sangue menos chegados, Lv 18. 6-18. Porém no caso de morte do marido que não deixava filhos, o irmão dele deveria casar-se com a viúva sua cunhada, Dt 25. 5. A lei ordenava estes casamentos mas não compulsoriamente. A lei romana parecia semelhante à lei mosaica neste particular. Declarava tais casamentos incestuosos, quando as partes tinham laços de consangüinidade muito íntimos, isto é, sendo as partes do mesmo sangue, como irmã e irmão, ou por afinidade, como sogro e nora. A escolha de uma esposa para o filho era ordinariamente feita pelo pai, Gn 21. 21; 24. 38, 48. Em alguns casos, o filho fazia ele mesmo a sua escolha ficando, ao pai a missão de dirigir as negociações, Gn 34. 4, 8; Jz 14. 1-10. Somente em circunstâncias extraordinárias é que o jovem dirigia todo o negócio, Gn 29. 18. Havendo o consentimento do pai ou do irmão da moça preferida, não havia necessidade de consultar a vontade dela, Gn 24. 51; 34. 11. Ocasionalmente os pais, procuravam um esposo para sua filha, ou a ofereciam em casamento a um indivíduo de sua escolha, Êx 2. 21; Js 15. 17; Rute 3. 1, 2; 1 Sm 18. 27. Os pais e às vezes a própria filha recebiam presentes feitos pelo candidato, Gn 24. 22, 53; 29. 18, 27; 34. 12; 1 Sm 18. 25. Entre o tempo que decorria entre o noivado e o casamento, todas as comunicações entre as partes eram mantidas por meio de um amigo para esse fim escolhido, que se chamava o amigo do esposo, Jo 3. 29. O casamento em si era negócio puramente doméstico, sem nenhuma cerimônia religiosa, apenas ratificado por uma espécie de juramento, Pv 2. 17; Ez 16. 8; Ml 2. 14. Depois do exílio, estabeleceu-se o costume de lavrar um contrato selado (Tob. 7. 14). Quando chegava o dia marcado para o casamento, a noiva purificava-se, cp. Judite, 10. 3; Ef 5. 26, 27, vestia-se de branco, Ap 19. 8; Sl 4. 13, 14, ornava-se de jóias, Is 61. 10; Ap 21. 2, apertava o cinto, Is 3. 24; 49. 18; Jr 2. 32; cobria-se com um véu, Gn 24. 65, e cingia a fronte com uma coroa. O noivo vestia as suas melhores roupas, cobria a cabeça e cingia o diadema, Ct 3. 11; Is 61. 10, saía de casa para a casa dos pais da noiva acompanhado por seus amigos, Jz 14. 11; Mt 9. 15, ao som de músicas e de cantos. Se o casamento era de noite, as pessoas que faziam parte do cortejo empunhavam tochas, 1 Mac 9. 39; Mt 25. 7, comp. Gn 31. 27; Gn 7. 34. Recebendo a esposa na casa dos pais, com o rosto velado, e acompanhada pelos votos de felicidade dos amigos e pelas bênçãos paternais, Gn 24. 59; Rt 4. 11; Tob. 7. 13, o esposo a conduzia para casa de seu pai, ou para a sua, juntamente com os convidados, ao som de músicas e baliados, Sl 4. 15; Ct 3. 6-11; 1 Mac 9. 37. Em caminho para casa, ajuntavam-se à comitiva pessoas amigas do novo casal, moças virgens, etc., Mt 25. 6. Seguia-se o banquete na casa do esposo, ou de seu pai, Mt 22. 1-10; Jo 2. 1-9. Se a distância da casa era grande, então o banquete se realizava em casa dos pais da noiva, Mt 26. 1, à custa destes ou do esposo, Gn 29. 22; Jz 14. 10; Tob. 8. 19. Nesta ocasião é que o noivo se aproximava da esposa pela primeira vez, Jo 3. 29. Terminado o banquete, a noiva era conduzida para a câmara nupcial pelos pais, Gn 29. 28; Jz 15. 1; Tob. 7. 16, 17, e o noivo era igualmente acompanhado pelos seus amigos, ou pelos pais da noiva, Tob. 8. 1. As festas continuavam no dia seguinte um pouco mais resumidas, e se prolongavam por mais um ou duas semanas, Gn 29. 27; Jz 14. 12; Tob. 8. 19, 20.

As relações espirituais, entre Jeová e o seu povo, são comparadas às de um esposo com a sua esposa, Is 62. 4, 5; Os 2. 19. A apostasia de Israel, voltando-se para a idolatria, ou para outras formas de pecado, é por conseguinte comparada à infidelidade de uma mulher para com o seu marido, Is 1. 21; 3. 1-20; Ez caps. 16. 23; Os 2, e portanto, dando lugar ao divórcio, Sl 73. 27; Jr 2. 20; Os 4. 12. Esta comparação continua em o Novo Testamento: Cristo é o esposo, Mt 9. 15; Jo 3. 29, e a Igreja é a esposa 2 Co 11. 2; Ap 19. 7; 21. 2, 9; 22. 17. O amor de Cristo pela igreja, os cuidados que ele tem por ela, a posição que ele ocupa como seu cabeça, são bem representados pelos cuidados que um marido dispensa a sua mulher, Ef 5. 28-32.

CASFOR

Nome de uma cidade ao oriente do Jordão, praça forte, tomada por Judas Macabeu, 1 Mac 5. 26, 36. Josefo dá-lhe o nome de Casfoma, Antig. 12. 8, 3.

CASIFIA

Nome de um lugar, pouco distante do caminho entre Babilônia e Jerusalém, e mais chegado a Babilônia, Ed 8. 17.

CASLUSIM

Nome de um povo descendente dos egípcios, talvez povo conquistado por eles, e a eles incorporado, que se encontra na linha genealógica dos filisteus, Gn 10. 14; 1 Cr 1. 12. Quem sabe, não seriam eles os habitantes de Casiotis, distrito situado sobre o Mediterrâneo e que se estendia desde a boca oriental do Nilo até a Filistia.
el-Hasie, afluente do Cedrom que fica muito para o ocidente.

CÁSSIA, *Cassia*.

Nome da segunda filha de Jó, que lhe nasceu depois da grande provação que sofreu, Jó 42. 14.

CÁSSIA

1. Tradução da palavra hebraica *Kiddah*, em Ez 27. 19. É madeira aromática e entrava na composição dos óleos perfumados, Êx 30. 24. Nesta passagem, Fig. também diz — Cássia. Este vocábulo é usado na versão siríaca, pelo Targum e pela Vulgata. Se for correta a tradução, representa uma espécie de madeira. A versão inglesa, revista, tem à margem a palavra *costus*. O Costus dos antigos foi descoberto por Falconer que a descreve como sendo uma planta compósita, ornada de flores purpúreas, e tem o nome científico — *Aplotaxis lappa*, cresce em Caxemira, na altitude de 2.600 a 3.000 metros sobre o nível do mar, e é exportada para diversos países. A parte mais aproveitável e vallosa é a raiz. Os chineses queimam-na em seus templos em lugar de incenso.

2. Tradução da palavra hebraica *Kesiah*, fragrância, Sl 45. 8. A casca ou cortiça de Cássia deriva-se de várias espécies de cinamomo.

CASTANHEIRO ver PLÁTANO

CASTANHOLAS

No plural é a tradução da palavra hebraica *Menanetim*, que se move de um lado para outro,

2 Sm 6. 5, instrumento músico de que usavam Davi e seus súditos. As traduções portuguesas dão Címbalos e Timbales.

As castanholas consistem em um par de timbales pequenos em forma de conchas, ligados por um cordel, por onde se introduz o dedo polegar e com o dedo médio as faz soar. A palavra castanholas deriva-se de *castanea*, cascas de noz, duas das quais, se prendiam aos dedos para bater uma na outra. Os gregos e os romanos batiam as castanholas, acompanhando os hinos em honra da deusa Ártemis, também chamada Diana.

CASTIÇAL ver CANDEEIRO

CASTOR E POLLUX

Duas divindades gregas e romanas; nasceram de mãe comum, chamada Leda, porém de pais diferentes.

O pai de Castor era Tindaro, rei de Esparta, enquanto que Zeus, o deus supremo da Grécia, foi pai de Pollux. Seguindo outra lenda, Castor também é filho de Zeus, e distinguiu-se na direção dos carros de guerra e como bom cavaleiro morrendo em combate. Pollux celebrizou-se no jogo de soco. O pai Zeus ofereceu-lhe a imortalidade; ele, porém, pediu para gozá-la em companhia de seu irmão Castor, já falecido, o que lhe foi concedido. Ambos receberam adoração, especialmente em Esparta, sob a invocação de Dióscuri, ou filhos de Zeus. Os marinheiros os tinham como seu advogado nas crises marítimas. O navio de Alexandria, em que S. Paulo navegou de Melita para Putéoli, tinha na proa os *Dioskouroi*, ou os irmãos Castor e Pollux, At 28. 11. A constelação dos Gêmeos se compõe de duas estrelas, denominadas Castor e Pollux em honra dos dois afetuosos irmãos.

CATATE

Nome de uma cidade da tribo de Zabulom, Js 19. 15, algumas vezes identificada com Quitrom de Jz 1. 30, e algumas vezes com Cartã em Js 21. 34.

CARVALHO[1], Terebinto.

Tradução da palavra hebraica *Elah* em Os 4. 13, que em Gn 35. 4, se diz terebinto.

CARVALHO[2], TEREBINTO

1. Tradução da palavra hebraica *Elon*, cousa forte, que aparece em nove passagens da Versão Inglêsa Revista, com a palavra terebinto à margem. A Antiga Versão, seguindo os Targuns e a Vulgata, traduziu *Elon* por planície, porém, em Jz 9. 6, põe à margem a palavra carvalho. Havia o carvalho de Moré, Gn 12. 6, na Versão Brasileira terebinto, e em Figueiredo, Vale Ilustre, Dt 11. 30; o carvalho de Mambre, Gn 13. 18; 14. 13; 18. 1, que Figueiredo diz Vale de Mambre e a Versão Brasileira, terebintos; o carvalho de Zaananim, Jz 4. 11, que em Figueiredo se lê Vale Senim, e na Versão Brasileira, terebinto em Zanaim; carvalho da coluna, 9. 6, na V. B. terebinto, o carvalho dos áugures, 9. 37. V. B. terebinto, e o carvalho do Tabor, 1 Sm 10. 3.

2. Tradução da palavra hebraica *El*, árvore forte, em Is 1. 29, 30.

3. Tradução uniforme e correta da palavra hebraica *Allon*, que aparece em 8 passagens, espécie de carvalho associado à palavra Basã, Is 2. 3; Ez 27. 6; Zc 11. 2. À sombra de uma árvore desta espécie, perto de Betel, foi sepultada Débora, ama de Rebeca, Gn 35. 8. Provavelmente é o carvalho espinhoso (*Quercus coccifera*).

4. Tradução, provavelmente correta da palavra hebraica *Allah* Js 24. 26.

Allon significa carvalho, árvore peculiar de Basã.

Allah é diferente dela, Is 6. 13; Os 4. 13, e, portanto, deve ser o terebinto. As três palavras *elah*, *el* e *elon*, talvez representem três espécies de terebintos. E também poderá determinar qualquer árvore de grandes dimensões e não o terebinto em particular. Na Palestina há várias espécies de carvalhos: o *Quercus sessiliflora* do monte Líbano e do Haurã; mais quatro variedades do carvalho espinhoso, *Q. coccifera*, uma é o *Q. pseudo coccifera*, que se encontra no Carmelo, em Galaade e em Basã de majestosas proporções; outra é o *Q. calliprinus*, que também se encontra no Líbano, no Tabor e em Galaade. O carvalho valônia, *Q. egilops* é comum na Galiléia em Galaade.

CARVÃO, BRASA

Nas Escrituras este nome não representa o carvão mineral, e sim o que é feito de madeira queimada, Sl 120. 4. Usava-se dele para aquecer os aposentos no tempo de frio, Is 47. 14, Jo 18. 18; para fins culinários, Is 44. 19; Jo 21. 9, e para uso dos ferreiros, Is 44. 12; 54. 16.

CATÃ

Nome do pai de certo Joanã, Ed 8. 12.

CATIVEIRO

Estado de escravidão em poder de inimigos e em terra estrangeira. Nos tempos do Antigo Testamento os assírios introduziram e os babilônios adotaram a prática de levarem as populações dos países conquistados, locando-as em situações em que se viam segregados da família, e sob a vigilância do governo. As deportações eram feitas em massa, ou, quando menos, levavam para o cativeiro as pessoas de maior destaque. Este processo era empregado em casos em que outros falhavam. O país vencedor, geralmente, satisfazia-se em impor tributos. A resistência ao pagamento dos tributos era sinal de rebelião, e, como tal, tratavam os povos vencidos, invadindo o seu território e saqueando as cidades. Se ainda estas medidas não davam o resultado desejado, procediam à deportação. A Bíblia menciona dois cativeiros dos judeus:

1. O *cativeiro das Dez Tribos*. No ano 842 A. C. Jeú pagava tributos a Salmanasar, rei da Assíria. Pelo ano 803, Ramanirari relata que os israelitas pagavam tributos. Entre os anos 745-727, os assírios começaram a despovoar a terra das dez tribos, e Manaém ainda lhe pagava tributos. No reinado de Facéia, filho de Manaém tomou as cidades de Naftali e levou os seus habitantes para a Assíria, 2 Rs 15. 29; invadiu o país ao oriente do Jordão e deportou os habitantes das tribos de Rúben, de Gade e da meia tribo de Manassés, conduzindo-os para a Mesopotâmia, 1 Cr 5. 26. Tendo sido morto Facéia, subiu ao trono Oséia. Salmanasar sitiou Samaria, a qual foi tomada no ano em que Sargom subiu ao trono, 722 A. C., e grande número de seus habitantes foi levado para a Mesopotâmia e para a Média, e os que ficaram, tiveram de pagar tributos, 2 Rs 17. 5, 6. Em Aliança com Hemate e Damasco sacudiu o jugo assírio: porém, Sargom sufocou a rebelião e começou a introduzir estrangeiros em Samaria, processo este que os seus sucessores adotaram, até que um povo heterogêneo apoderou-se do outrora território das dez tribos. Alguns dos Israelitas eventualmente voltaram para Jerusalém, Lc 2. 36, porém a maior parte ficou nos países para onde haviam sido levados conservando a sua distinção de raça, e continuando as suas práticas religiosas, visitando Jerusalém de tempos a tempos, At 2. 9; 26. 7.

2. O *cativeiro de Judá*. Senaqueribe registou a leva de 200.000 cativos de Judá, 2 Rs 18. 13 Mas o cativeiro propriamente dito consistiu na deportação em massa do povo de Judá para Babilônia. Um século antes, o profeta Isaías o havia anunciado, Is 6. 11, 12; 11. 12, e o profeta, juntamente com Miquéias, apontavam Babilônia como sendo o lugar do exílio, Mq 4. 10; Is 11. 11; 39. 6 O profeta Jeremias determinou o tempo que seria de setenta anos, Jr 25. 1, 11, 12. Foi Nabucodonosor quem deu cumprimento às predições dos videntes. No ano 605 A. C., no terceiro ou quarto ano do reinado de Joaquim, segundo o método de contar o tempo que cada um adota, veio êle a Jerusalém, tomou os vasos do Templo, levou-os para

Babilônia, conduzindo, com eles, alguns membros da família real como cativos, 2 Cr 36. 2-7; Dn 1. 1-3. Sete anos mais adiante, levou o rei Joaquim, sua mãe, suas mulheres, 3.000 príncipes, 7.000 homens robustos e os artistas e lapidários em número de mil, 2 Rs 24. 14-16. Onze anos depois, os seus exércitos queimaram o Templo, destruíram a cidade e levaram o resto do povo, deixando somente os mais pobres da terra para cultivarem as vinhas e os campos, 2 Rs 25. 2-21. Cinco anos após a destruição da cidade, nova leva de gente foi para Babilônia, Jr 3. 30. No exílio, os judeus gozaram muitos privilégios. Foi-lhes permitido construir casas, ter criados, negociar, Jr 29. 5-7; Ed 2. 65, e ninguém os impedia de ocupar as mais altas posições do Estado, Dn 2. 48; Ne 1, 11. Tinham consigo os sacerdotes e os doutores, Jr 29. 1; Ed 1. 5, e recebiam os conselhos e o encorajamento de Ezequiel, Ez 1. 1. Em 539 A. C. Daniel compreendeu, pela lição dos livros, que o cativeiro havia de durar setenta anos; como este período tocava o seu termo, começou a suplicar a Deus pela restauração do povo, Dn 9. 2. No ano 538, Ciro, rei dos persas, publicou um decreto, autorizando os judeus a regressar à terra de seus pais e reconstruir o Templo, Ed 1. 1-4. Quarenta e três mil voltaram do exílio, Ed 2. 64. Muitos deles, porém, preferiram ficar em Babilônia. Estes, juntamente com os que habitavam no oriente, na Mesepotâmia e na Média, constituíram a parte da nação, conhecida pelo nome de Diáspora, Zc 6. 10; At 2. 9. Vide *Dispersão*.

CAVALO

Bem cedo foi êste animal subjugado pelo homem. Já era cavalgado nos tempos de Jacó, Gn 49. 17. A região montanhosa da Palestina não se prestava ao uso dêste animal, que mais se adaptava às planícies marítimas e ao vale de Jezrael. O Egito era terra de muitos cavalos, Ex 9. 3; Gn 47. 17. Quando se deu o êxodo dos israelitas, o exército de Faraó era equipado com carros e cavalos, Ex 14. 9; 15. 19. As forças de Sísera, comandante chefe dos exércitos de Jabim, possuiam cavalos, Jz 4. 15; 5. 22. Estatuía o Deuteronômio que o rei que fosse escolhido nos tempos futuros, não deveria multiplicar os seus cavalos, 17. 16, e todavia Salomão os importou em grande número do Egito a 150 siclos de prata cada um (cerca de 87 dólar para mais). Depois exportou-os para o rei dos heteus e dos assírios, 1 Rs 10. 28, 29; 2 Cr 1. 16, 17; 9. 28. Mais tarde, em ambos os reinos de Israel e de Judá estavam muito em uso, na guerra e em serviço particular, 2 Rs 9. 18; Is 2. 7; 1 Rs 17. 4; 2 Rs 3. 7; 9. 33. Os reis estrangeiros *viajavam a cavalo*, Et 6. 8, *quando era baixeza para um rei montar em um jumento*, Zc 9. 9 como fazia o povo humilde da Judéia, os reis e os juízes, Gn 22. 3; Jz 10. 4; 12. 14; 1 Rs 1. 33. Os reis de Judá, algumas vezes dedicavam cavalos ao sol, 2 Rs 23. 11. Há freqüentes referências a este animal nos livros de Zacarias e no Apocalipse, Zc 1. 8; 6. 2, 5; 10. 5; 14. 20; Ap. 6. 2, 4, 5, 8; 19. 11, etc.

CAVALO DE GUERRA

Tradução da palavra hebraica *Zarsir*, que se move airosamente, Pv 30. 31. Também pode referir-se a um cavalo de guerra, ajaezado com correias e fivelas; ou ao estorninho, a palavra correspondente no árabe, no siríaco e no hebraico pós-bíblico.

CAVERNA

Lugar subterrâneo,aberto ao lado dos outeiros ou de lugares semelhantes. Estas cavidades encontram-se em penhascos, ou rochedos escarpados, que em tempos remotos, foram batidos pelas águas. As mais numerosas e extensas existem nos lugares onde predominam as rochas calcáreas como na Palestina; serviam de habitações aos aborígenes do monte Seir, como o indica a palavra horeu, em Gn 36. 20. Em tempos posteriores, ainda se prestavam para habitações temporárias de que se serviram Ló e suas filhas após a destruição de Sodoma, 19. 30, e o profeta Elias, depois de sua jornada de quarenta dias, 1 Rs 19. 9. Serviam de abrigo aos rebanhos e também eram aproveitadas para depósito de cadáveres, como se deu com Abraão depositando a Sara, sua mulher, na caverna dos dois covatos do campo, em Hebrom. Gn 23. 1-20; 49. 29, e com Lázaro em Betânia, Jo 11. 38. Em tempos de guerra e de opressão serviam de lugares de refúgio, Jz 6. 2; 1 Sm 13. 6; 24. 3-10; 1 Mac 1. 53; 2 Mac 6. 11. As mais notáveis são a de Maceda e Odolão, Js 10. 16-27; 1 Sm 22. 1.

CEBOLA

Nome de uma planta, cuja raiz bulbosa tinha grande consumo entre os egípcios como gênero alimentício, Nm 11. 5; Heród. 2. 125. É o *Allium cepa* que os hebreus chamam *besel* e os árabes *basal*, cultivado desde muito no Egito e em várias partes do oriente.

CEDRO

Árvore famosa do Líbano, 1 Rs 5. 6, alta e resistente, Is 2. 13; Ez 17. 23; 31. 3. Fornecia valioso madeiramento para a construção de palácios e templos, 2 Sm 5. 7; 1 Rs 5. 5, 6; 7. 1-12; Ed 3. 7. Os pranchões, o madeiramento, todo o forro interno e entalhes para a construção do Templo, e bem assim, as madeiras para a casa do bosque, tudo era de cedro, 1 Rs 6. 9, 10, 18; 7. 2, 7. De cedro se faziam ídolos, mastros de navios, etc., Is 44. 14; Ez 27. 5. Madeira odorífera, usada também na cerimônia das purificações, Cl 4. 11; Os 14. 7; Lv 14. 4; Nm 19. 6. O cedro, a que se referem estas passagens, era evidentemente o Cedro do Líbano (*Abies cedrus* ou *Cedrus libani*, chamado *erez* no hebraico, e no arábico, *ara*). É grande árvore, de copa redonda, galhos torcidos e extensos, folhas sempre verdes com 8 a 10 cms. de comprimento de forma cônica. É árvore nativa, tanto no Tauro, como no Líbano. Julgava-se que o pequeno bosque de cedros visitado pelos viajantes, era o único existente; outros têm sido descobertos na parte traseira do monte.

Não é certo se o Deodar do Himalaia é realmente uma espécie distinta do cedro do Líbano.

CEDROM, *Escuro, túrbido.*

1. Ravina que começa a noroeste de Jerusalém, perto dos chamados túmulos dos juízes na distância de meia hora a pé, dirige-se para sudeste durante cerca de três quilômetros, volta-se rapidamente para o sul e continua nesta direção, passando por detrás da cidade até ao vale de Enom e da Fonte de Rogel. Deste ponto, curva-se para sudeste e segue curso tortuoso até ao Mar Morto. Não tem águas correntes. Na estação das grandes chuvas do inverno, recebe, as vertentes das encostas vizinhas. Afora disto, conserva-se inteiramente seco todo o vale. A palavra que se encontra junta a Cedrom no cap. 18. 1 do evangelho segundo S. João, representa uma palavra hebraica que, ordinariamente, tem o sentido de ravina que serve de coletor para as águas das chuvas na estação invernosa, e que as conserva durante o verão. Os escritores gregos empregam a palavra Cedrom no sentido de "torrente do inverno" (1 Mac 12. 37). O nome deriva-se talvez da cor escura que as águas têm ou da escuridão do vale, principalmente na parte inferior. Aos que falam a língua grega, a forma do nome Cedrom é parecida com cedro, de modo que, a pequena torrente do vale chamava-se quase sempre "a torrente dos cedros", como se acha no códice Vaticanus, em Jo 18. 1; e 2 Sm 15. 23. *O Cedrom separa a cidade de Jerusalém do monte das Oliveiras, e tinha de ser atravessado por aqueles que iam da cidade a Betânia ou a Jericó*, 2 Sm 25. 23. *Marca a linha divisória da cidade pelo lado do nascente*, 1 Rs 2. 37; Jr 31. 40. A parte do vale para o lado do sul, era destinada aos cadáveres do povo, 2 Rs 23. 6. Os piedosos reis, que de tempos a tempos surgiam, lançavam no vale de Cedrom as cinzas

das abominações destruídas pelo fogo, 1 Rs 15. 13; 2 Cr 29. 16; 30, 14; 2 Rs 23. 4. Dizem que a rainha Atalia foi conduzida para o Cedrom a fim de que o seu sangue não profanasse o Templo (Antig 9. 7, 3).

2. Nome de uma cidade, perto de Jânia e Azôto (1 Mac 15. 39; 16. 9, 10), fortificada por Cendebaeus, e ocupada por um destacamento de tropas sírias por ser ponto dominante de várias estradas da Judéia, 15. 41.

CEFAS (No aramaico, rocha ou pedra).

Apelativo que Jesus deu ao apóstolo Simão, Jo 1. 42, 1 Co 1. 12; 3. 22; 9. 5; 15. 5; Gl 2. 9, donde se derivou o nome de Pedro, que é o equivalente do grego *Kephas*.

CEFIRA, *Aldeia*.

Nome de uma cidade dos gabaonitas, Js 9. 17, partilhada à tribo de Benjamim, 18. 26. Ainda existia depois do cativeiro, Ed 2. 25; Ne 7. 29. As ruínas de *Kefireh* assinalam o lugar de sua antiga existência, cerca de 15 quilômetros a noroeste de Jerusalém.

CEGONHA

Nome de uma ave, em hebreu *hasidah*, que significa afetuoso, por causa dos grandes desvelos pelos seus filhos. A lei cerimonial declarava-a imunda, Lv 11. 19; Dt 14. 18. Fazia seus ninhos nos cedros do Líbano, Sl 104. 17, e emigrava periodicamente, Jr 8. 7. É a *Ciconia alba*, ave branca semelhante à garça. Durante o inverno fica na África Central, ao sul, e na primavera visita a Europa continental, a Palestina e o norte da Síria. Tem cerca de 4 pés de altura, longo bico de cor vermelha, pernas altas, branca plumagem, e asas de um preto brilhante. Alimenta-se de rãs e de pequenos répteis, e, na falta destes, de qualquer outra espécie de carnes, por isso a lei a denominava imunda. Consideravam-na como ave sagrada. Em muitos lugares, ninguém a perseguia, de modo que familiarmente entrava nas habitações humanas. A cegonha negra, *Ciconia nigra*, assim chamada, por causa da cor das costas e do pescoço, também se encontra na Palestina, sendo muito comum no vale do mar Morto. Cria-se nas árvores.

CEGUEIRA

A cegueira é muito comum no oriente, cujas causas principais são: a bexiga, e em particular as oftalmias, agravadas por influências peculiares, tais como, o deslumbramento constante dos raios solares, e a grande quantidade de pó fino suspenso na atmosfera. Muitas crianças já nascem

Rei da Assíria furando os olhos a um prisioneiro

cegas, Jo 9. 1. Esta doença faz avultar o número dos mendigos, Mt 9. 27; 12. 22; 20. 30; 21. 14. A cegueira, quer parcial, quer total, pode ser devida à idade, Gn 27. 1; 1 Sm 4. 15; 1 Rs 14. 4. Os cativos na guerra eram privados da vista por meios muito bárbaros, empregados pelos vencedores, como os amonitas, os filisteus, os assírios e os babilônios, Jz 16. 21; 1 Sm 11. 2; 2 Rs 25. 7. Em alguns casos a cegueira era transitória, operando-se a cura miraculosa, Gn 19. 11; 2 Rs 6. 18-22; At 9. 9; 13. 11. A legislação mosaica continha artigos muito humanitários a favor dos pobres, Lv 19. 14; Dt 27. 18.

CEIA DO SENHOR

Nome que o apóstolo S. Paulo deu à ordenança comemorativa, instituída por nosso Senhor Jesus Cristo na tarde que precedeu a sua crucificação, 1 Co 11. 20.

A narrativa do apóstolo é o registo mais antigo que se conhece da instituição da ceia, precedendo dois ou três anos a qualquer outra. Foi escrita provavelmente nos princípios do ano 57, vinte sete anos depois da sua celebração inicial. Cinco anos antes já o apóstolo a havia ensinado à igreja de Corinto, 11. 23. Argumenta com a sua autoridade quando diz: "Eu recebi do Senhor o que também vos ensinei a vós" para mostrar como devem ser administrados os elementos comemorativos. Refere-se à fonte de sua informação, "recebi do Senhor" para mostrar que não foi testemunha presencial da instituição. As palavras do apóstolo suportam duas interpretações: ou S. Paulo recebeu instruções diretas de Jesus ressuscitado, ou lhe foram ministradas por ordem de Cristo por meio de seus apóstolos que participaram da primeira ceia. Mateus que foi testemunha de vista, e Marcos, companheiro de S. Pedro, que esteve presente à ceia também recordam as mesmas circunstâncias, e do mesmo modo o faz S. Lucas companheiro de S. Paulo. Com o desejo de cumprir toda a justiça e honrar a lei cerimonial, que ainda durava, Jesus ordenou tudo o que era necessário para comer a páscoa com os seus discípulos, Mt 26. 17-19. Como o cordeiro pascoal tinha de ser morto de tarde e comido na mesma tarde, a festa pascoal necessariamente se deu no mesmo dia, Mt 26. 20. O vinho misturado com água estava em uso nesta ocasião, por ser considerado o melhor meio de beber o bom vinho, cp. 2 Mac 15. 39. Quando, pois, nosso Senhor estava a ponto de celebrar a páscoa, havia vinho misturado com água sobre a mesa, e bem assim os pães asmos. Ele e seus discípulos assentaram-se à mesa, Mt 26. 20, o que quer dizer que, segundo o costume do tempo, estavam meio sentados e reclinados à mesa, Mc 14. 18. Terminada a festa pascoal, Jesus tomou o pão e o benzeu, dando graças e o deu a seus discípulos, dizendo: "Este é o meu corpo que será entregue por amor de vós: fazei isto em memória de mim." E tomando igualmente o cálix, depois de haver ceado, disse: "Este cálix é o novo testamento no meu sangue que será derramado por vós, Lc 22. 19, 20, e derramado por muitos para remissão de pecados", Mt 26. 28. A Ceia do Senhor foi instituída para perpetuar a sua lembrança, Lc 22. 19, e para anunciar a sua morte até que ele volte, 1 Co 11. 25, 26. Esta cerimônia não era privativa somente dos cristãos e dos judeus convertidos, mas também era celebrada nas igrejas dos gentios, como por exemplo a dos coríntios, 1 Co 10. 16-21. Ficou estabelecido que seria praticada na igreja em todas as gerações. A mesa em que o pão foi colocado ficou sendo a mesa do Senhor, 10. 21; o cálix do vinho conserva o antigo nome judaico de cálix de bênção, 10. 16, e foi também denominado cálix do Senhor, 21; 11. 27.

CEITIL

1. Nome de certa moeda romana chamada *quadrans* feita de bronze, igual à quarta parte de um *as*. Os gregos empregavam o mesmo nome, *kodrantes*. No tempo de Cristo, o seu valor era igual à metade de um *farthing*, ou à quarta parte de um cent. americano, Mt 5. 26; Mc 12. 42. Centavo. Quadrante.

2. Nome de um *assorion*, diminutivo da palavra latina *as*, moeda de cobre igual a um cent. de dólar Mt 10. 29. Em Fig. lê-se "*asse.*"

CELEIRO, DESPENSA

Lugar preparado para armazenar cereais, Sl 144. 13; Jl 1. 17; Mt 3. 12.

CELEIROS DAS PORTAS, TESOURARIA DAS PORTAS

Nome de uma construção em hebreu *asuppim*, destinada a guardar os aviamentos e alfaias do templo, Ne 12. 25.

CENÁCULO

Aposento de uma habitação, At 1. 13.

CENCRÉIA

Nome do pôrto oriental de Corinto, por onde se entrava para o Arquipélago. Distava da cidade cerca de 14 quilômetros. Neste porto havia uma igreja cristã, que Paulo visitou, e onde a irmã Febe servia, talvez, como diaconisa, At 18. 18; Rm 16. 1.

CENDEBEU

Nome de um general, encarregado por Antíoco VII de guardar as costas marítimas da Judéia. Foi derrotado por Judas e João Macabeu, filhos de Simão Macabeu, 1 Mac 15. 38; 16. 1-10.

CENSO

Assim se chama a enumeração e registo do povo, convenientemente feito entre os hebreus pelas tribos, famílias e casas, Nm 1. 18. Este serviço era feito, durante a viagem pelo deserto, baseado nos relatórios dos oficiais que Moisés havia pôsto para governarem sôbre mil, sôbre cem, sôbre cinqüenta e sobre dez, Ex 18. 25; comp. Nm 1. 21, 23, etc. Além da enumeração do povo em classes, como a dos primogênitos, Nm 3. 43, havia também uma estatística geral de todos os israelitas, em condições de prestar serviços militares, de que nos dá conta o Antigo Testamento em ocasiões diferentes. O primeiro censo se efetuou no Monte Sinai, no segundo mês do segundo ano depois de haverem saído do Egito, Nm cap. 1. Omitindo os levitas, 47-54, os homens acima de 20 anos de idade, capazes de pegar as armas, orgavam por 603.550, 45-47; 11. 21.

Havia naturalmente um registo dos contribuintes que concorriam para o serviço religioso, Ex 38. 26. Os levitas desde um mês de idade e daí para cima, eram contados separadamente, e acharam-se 22.000, Nm 3. 39. O segundo censo foi tomado 38 anos depois, no campo de Sitim, na terra de Moabe, ao se aproximar o termo de sua peregrinação de quarenta anos. O número de homens sofreu pequena alteração; era agora de 601.780, Nm 26. 1-51, e os levitas, 23.000, 26. 62. O terceiro censo ou estatística se efetuou por ordem de Davi, verificando-se a existência de 800.000 homens de guerra em Israel e 500.000 em Judá, 2 Sm 24. 1-9; comp. 1 Cr 21. 1-6. Na mesma ocasião, o número de levitas de 30 anos para cima era de 38.000, 1 Cr 23. 3. Depois do cativeiro, fez-se nova enumeração dos que voltaram do exílio de Babilônia para Jerusalém com Zorobabel, Ed 2, e outro alistamento ordenado pelo imperador Augusto em todo o império romano, pouco antes do nascimento de Cristo, Lc 2. 1. Vide *Quirino*.

CENTURIÃO (Do latim *centum*, cem).

Nome de um posto do exército romano, cujo oficial comandava cem homens, At 21. 32; 22. 25; comp. 23. 23. Dois destes são conhecidos pelo nome em o Novo Testamento: Cornélio que estacionava em Cesaréia, no qual se evidenciou que o Espírito Santo era partilhado também pelos crentes que vinham do gentilismo, At cap. 10, e Júlio, que conduziu a Paulo com outros prisioneiros para Roma, homem de espírito humanitário que tratou carinhosamente o apóstolo, At 27. 1, 3, 43.

Centurião romano

Há notícia de mais dois centuriões que se converteram, um em Cafarnaum e outro ao pé da cruz no Calvário, Mt 8. 5-13; 27. 54.

CENTURIÕES ver GENERAL

CEPO, TRONCO

Instrumento de castigo, chamado em hebreu *sad*, consistindo em uma armação de madeira; por isso os gregos o denominavam *xylon*, destinado a apertar os pés com firmeza, Jó 13. 27; 33. 11; At 16. 24, ficando o paciente assentado e com as pernas estendidas. Havia outro cepo que os hebreus chamavam *mahpeketh*, que significa torcer, porque o corpo do condenado ficava em posição de constrangimento, 2 Cr. 16. 10; Jr 20. 2. Além do cepo continha argolas de ferro e algemas que podiam ser usadas ao mesmo tempo, 29. 26, de modo que o pescoço, as mãos e os pés ficavam igualmente seguros.

CERVA ver VEADO 3

CERVO ver CABRA MONTESA

CESARÉIA, Pertencente a César.

Nome de uma cidade da costa da Palestina, situada a cerca de 45 quilômetros ao sul do Carmelo. Foi construída por Herodes, o Grande, no lugar da antiga cidade denominada a Tôrre de Estrato. Gastaram-se doze anos a construí-la, de 25-13 A. C. Fizeram uma doca com pedras de 16 metros e meio de comprimento, 8 de largo e 3 de espessura. A muralha tinha 60 metros de largura mergulhada a 4 metros de profundidade, formando um porto tão vasto como o de Atenas. A entrada era pelo lado do norte onde havia uma torre. A cidade possuia um teatro e um anfiteatro e era dotada de um sistema completo de esgotos. Herodes denominou-a Cesaréia em honra de seu patrono Augusto César (Ant. 15. 9, 6; Guer. 1.

21. 5), conhecida por Cesaréia da Palestina ou Cesaréia do Mar, para distingui-la da Cesaréia de Filipos. Tornou-se a capital romana da Palestina. O Evangelho penetrou nela por instrumento de Filipe que fez ali sua residência, At 8. 40; 21. 8.

Paulo logo depois de convertido correu risco de ser morto em Jerusalém pelos judeus. Os irmãos conduziram-no a Cesaréia donde partiu para Tarso, sua pátria, na Ásia Menor, 9. 30. Morava ali o centurião Cornélio a quem S. Pedro foi enviado para anunciar a Cristo, inaugurando assim a entrada dos Gentios na Igreja Cristã, 10. 1, 24; 11. 11. Ali morreu Herodes Agripa no ano 44 A. D., At 12. 19-23; Ant. 19. 8, 2. S. Paulo esteve lá duas vezes, onde encontrou uma igreja cristã, At 18. 22; 21. 8, 16. Foi preso e processado comparecendo perante Festo e o rei Agripa, 23. 23, 33; 24. 1-4, 6-13. A população da cidade era mista e agitada pelo espírito jacobino de tal modo, que no reinado de Nero, os sírios fizeram matança geral na população judaica que se tornou mais intensa no ano 70, quando Jerusalém era destruída por Tito, Guer. 2. 18, 1. No segundo século da era cristã, Cesaréia era sede de um bispado, que no ano 451 foi elevado a metropolitano, primaz da Palestina. Em 195 reuniu-se ali um concílio. Foi centro intelectual de grande importância, existia uma escola superior, onde Orígenes lecionava e na qual, o grande Euzébio, bispo naquela cidade, foi educado. No ano 548, os judeus unidos aos samaritanos, assaltaram os cristãos. Em 638, os maometanos tomaram a cidade, e em 1102, foi outra vez tomada pelos Cruzados, capitaneados por Balduíno 1. Saladino 1 retomou-a em 1189, e os Cruzados, outra vez a retomaram em 1191, e finalmente, o sultão Bibars, arrebatou-a em 1265.

As ruínas de Cesaréia pertencem a dois períodos; as ruínas do tempo dos romanos, com a sua doca, com as suas muralhas, o seu teatro, o seu hipódromo, o seu templo e aqueduto; e o período das cruzadas, assinalado pelos muros, pelo castelo, pela catedral, mais uma pequena igreja e pelo seu grande porto. O muro construído pelos romanos, tinha 1584 metros de comprimento de norte a sul, e 891 de este a oeste. A largura do porto era de 170 metros. Grande linha de recifes que se estende pelo mar a dentro indica o antigo dique construído pelos romanos. O nome atual da cidade, é *Kaisarich*.

CÉSAR

Nome de família de um ramo da casa Juliana de Roma. Segundo Plínio, 7. 9, o primeiro que usou êste nome foi o *quod caeso mortuae matris utero natus fuerit*. O nome de família vem desde 501 A. C. mas, celebrizou-se na pessoa de Caio Júlio César, que juntamente com Alexandre, o Grande, e Napoleão, foi um dos conquistadores mais notáveis que o mundo civilizado tem produzido. Depois do assassinato de Júlio César, 44 A. C., o título de César foi destinado a Otávio, mais tarde imperador Augusto. Tibério, sucessor de Augusto, Calígula, Cláudio e Nero, todos êles relacionados à família do grande ditador, conservaram o nome titular: os sete imperadores em sucessão, a saber: Galba, Oto, Vitélio, Vespasiano, Tito, Domiciano e Nerva, assumiram o mesmo nome, e assim foram todos denominados os doze Césares. Por ter sido este o nome do grande conquistador, o nome César ficou sendo o tipo ou símbolo do poder civil em geral, e é usado continuamente neste sentido nas discussões relativas aos domínios do poder civil e religioso, Mt 22. 17, 21; Mc 12. 14, 16, 17; Lc 20. 22, 24, 25.

O nome César aplica-se em o Novo Testamento, aos seguintes:

1. Augusto César, primeiro imperador romano, Lc 2. 1. No ano 43 A. C. fez parte do segundo triunvirato juntamente com Antônio e Lépido. Êste foi julgado incompetente e forçado a retirar-

Busto de Tibério

-se, e Antônio sofreu a derrota de *Actium*, ficando Augusto como único governador do mundo com o título de imperador. Foi em conseqüência de um decreto dêste imperador, que José e Maria tiveram de ir a Belém para se alistarem ali. Augusto César não gostava dos judeus, mas nem por isso deixava de favorecê-los, na política e na religião. Era ele quem mandava fazer à sua custa, os sacrifícios de cada dia no templo. Era amigo pessoal de Herodes e considerava-o como um dos seus valiosos aliados. As cidades, Cesaréia de Filipos e a outra Cesaréia na costa do mar, foram edificadas em sua honra por Herodes. Augusto morreu no ano 14 da nossa era, na idade de 66 anos.

2. Tibério César, segundo imperador romano, Mt 22. 17; Mc 12. 14; Lc 3. 1; 20. 21,22; Jo 19. 12, nascido no ano 42 A. C., filho adotivo de Augusto, dotado de temperamento sombrio e áspero, gastava grande parte do seu tempo na ilha de Capri em retiro voluntário. Durante o seu rei-

Tito.

nado, a Judéia foi governada por Valério Grato e Pôncio Pilatos. Por um de seus editos, expulsou os judeus de Roma, e por causa da severidade com que eram tratados pelos governadores provinciais, revogou o edito e recebeu-os novamente na capital. A cidade de Tiberíades à beira do mar da Galiléia foi edificada em sua honra por Herodes Antipas. Foi assassinado pelos seus próprios guardas no ano 37.

3. Cláudio, quarto imperador romano, fraco, vacilante, tomou posse do governo contra a sua vontade, deixando o poder nas mãos de seus favoritos. Herodes Agripa I tinha ido a Roma para assistir à sua coroação, o que lhe valeu o domínio sobre toda a Palestina.

No princípio de seu reinado favoreceu os judeus e reintegrou os judeus de Alexandria nos seus primitivos privilégios, porém, depois, baniu-os de Roma, At 18. 2. Morreu no ano 54, tendo reinado catorze anos.

4. Nero, quarto imperador romano, At 25. 12, 21; 26. 32; Fp 4. 22. Foi adotado como filho de seu antecessor Cláudio. Procurando garantir-se no poder envenenou seu irmão Britânico. Nero foi

Nero

monstro de vícios e crueldades, que talvez tenham sido exagerados. No décimo ano de seu reinado, um grande incêndio devorou três dos quatro distritos da capital. Julga-se ter sido ele mesmo quem ateou o fogo. Correndo risco a sua vida, acusou os cristãos de serem eles os incendiários, e, por isso, muitos deles sofreram morte cruel. A tradição conta que S. Pedro e S. Paulo foram contados entre as vítimas. Nero é o leão referido por S. Paulo na 2 Tm 4. 17. Vendo-se abandonado pelas suas tropas, e que brevemente seria morto, antecipou a sua sorte. Como Saul, tentou suicidar-se, mas, falhando o seu intento, ordenou a um dos assistentes a completar a obra. Morreu no ano 68, com 32 anos de idade, e 14 de reinado.

5. Tito, filho de Vespasiano, e décimo imperador romano. No ano 66, Vespasiano foi enviado à Palestina para sufocar uma revolta dos judeus, sendo acompanhado por Tito. Três anos depois, quando Vespasiano correu a Roma para assegurar para si o trono, deixou Tito no comando do exército dirigindo o cerco de Jerusalém no ano 70 (Guer. 3. 1, 3; 7. 3, 1). Vide *Jerusalém*. Tito fez-se imperador no ano 79, e morreu no ano 81, tendo 40 anos de idade.

Cláudio

CESARÉIA DE FILIPOS (Para distingui-la da Cesaréia da Palestina)

Nome de uma cidade, situada no sopé do monte Hermom, e na cabeceira principal do Jordão, e no ângulo de uma pequena planície, com os montes que a cercam a oeste. Tem sido identificada com Baal-Gade. O culto prestado ao deus Pã pelos romanos prevaleceu por longo tempo. Herodes, o Grande, mandou erigir-lhe belo templo de fino mármore no local que se chamou Panéias (Ant. 15. 10, 3). A cidade foi ampliada e embelezada por Filipe, o tetrarca, dando-lhe o nome de Cesaréia em honra de Tibério César, Antig, 18. 2, 1; Guer. 2. 9, 1. Jesus, em companhia de seus discípulos, visitou-a ao menos uma vez, e foi ali que se deu a notável e memorável conversa de Jesus com os apóstolos, perguntando-lhes: Quem dizem os homens que é o Filho do Homem? Mt 16. 13; Mc 8. 27. Agripa II embelezou-a ainda mais e mudou-lhe o nome para Neronias em honra de Nero, porém, depois da morte deste imperador, voltou a ter o nome antigo de Cesaréia (Antig. 20. 9, 4).

Depois da tomada de Jerusalém, Tito deu ali espetáculos de gladiadores. Uma parte destes espetáculos consistia em lançar os pobres judeus às feras ou compeli-los a lutas mortais entre si (Guer. 7. 2, 1; 3. 1). Parte das antigas fortificações ainda existe. Nas rochas adjacentes vêem-se inscrições gregas. A opulência da antiga Cesaréia desapareceu e hoje está reduzida a pequena aldeia com o nome de Banias, alteração do antigo nome Panéias.

Ruínas de Cesaréia de Filipos

CESTOS

Os cestos, em uso pelos antigos povos, eram de várias formas e de diversos tamanhos. As antigas esculturas e as relíquias históricas revelam que este utensílio doméstico era fabricado com fibras ou folhas de palmeira, com folhas de junco, com varetas de caniço, vime ou tecidos de cordas. As formas variavam, conforme os gostos dos fabricantes. Uns eram afunilados na parte superior, e outros na inferior, alargando-se no centro; eram altos ou baixos, ornamentados com cintas de cores; uns pequenos para serem conduzidos à mão, outros maiores para serem levados à cabeça, ou aos ombros, ou ainda, tão grandes para serem carregados por dois homens, que o penduravam no centro de uma vara, sustentada nos ombros de ambos os condutores. Serviam para o transporte de frutas, Dt 26. 2; Jr 6. 9; 24. 2; Am 8. 2. Em cada uma destas passagens o hebreu emprega palavras diferentes de pão, bolos e carne, Gn 40. 17; Ex 29. 2, 3; Lv 8. 2; Jz 6. 19; Mc 8. 19, 20; em cujas passagens, tanto o hebreu como o grego, empregam termos diferentes. Havia também cestos para conduzir barro para as olarias e terra para construções, Sl 81. 6.

CETRO

Vara que os reis seguravam nas mãos como símbolo de autoridade, Sl 45. 6; Am 1. 5; Sab. 10. 14; Hb 18; Guerras 1. 33, 9. Vem de tempos imemoriais. Nem sempre, porém, representava a soberania. Usavam-no também os chefes, Jz 5. 14; Baruque 6. 14; entre os gregos, os reis, os juízes, os arautos e os oradores, Ilíada 1. 238; 2. 100; 7. 277, 23. 568. A palavra hebraica *shebet* não é termo específico, emprega-se para designar qualquer espécie de vara, como seja um bastão, usado como símbolo de dignidade, Gn 38. 18, o cajado de pastor, Lv 27. 32; Sl 23. 4; Mq 7. 14, e a vara que servia para bater os cominhos no eirado, Is 28. 27. Os cetros reais eram feitos de madeira, mas o do rei Assuero era de ouro, Et 4. 11, como também o famoso cetro de Agamênon, Ilíada, 2.100. Por escárnio, os soldados de Pôncio Pilatos meteram na mão de Jesus uma cana como cetro da realeza, Mt 27. 29.

CÉU e CÉUS, *Coberta*.

1. O firmamento, o espaço em torno da terra, compreendendo tudo quanto dela se distancia, Gn 2. 1. Os céus e a terra compreendem o universo, Gn 1. 1; 14. 19; 24. 3; Jr 23. 24; Mt 5. 18. Além do firmamento visível existia a região primeval das águas, Gn 1. 7; Sl 148. 4, de que não mais se fala na história da criação. É razoável acreditar que dessa região surgiram os corpos celestes. As águas que estavam por cima do firmamento exprimem uma idéia que se perpetuou no pensamento dos hebreus em conjunto com outras concepções. No céu visível estão os astros e os planetas, Gn 1. 14, 15, 17; Ez 32. 7, 8. Em uma parte do céu, perto da terra, está a atmosfera, a região das nuvens, onde voam as aves e donde desce a chuva, Gn 1. 20; 7. 11; 8. 2; 27. 28; 2 Sm 21. 10; Sl 14. 8; Lm 4. 19. Vide *Firmamento*. Os hebreus empregavam a frase *céu dos céus*, Dt 10. 14; 1 Rs 8. 27; Sl 115. 16, para representar os *céus* na sua vastíssima extensão. Os judeus dos últimos tempos costumavam dividir os *céus* em sete regiões diferentes. Nenhuma concepção definida prevaleceu a respeito destas regiões que somente a fantasia tinha licença de empregar. A mais elevada região era habitada pela Divindade. O apóstolo S. Paulo, falando de Jesus, diz: "Ele mesmo é o que subiu acima de todos os *céus*", Ef 4. 10, e falando de si diz que foi arrebatado ao terceiro *céu* e que não sabe se foi no corpo ou fora dele, 2 Co 12. 1-4.

2. Nome do lugar onde se manifesta a presença de Deus, Gn 28. 17; Sl 80. 14; Is 66. 1; Mt 5. 12; 16. 45, 48; 23. 9, onde estão os anjos, Mt 24. 36; 28. 2; Mc 13. 32; Lc 22. 43, e onde os remidos habitarão, Mt 5. 12; 6. 20; 18. 10; Ef 3. 15; 1 S. Pe 1. 4; Ap 19. 1, 4. Cristo desceu dos céus, Jo 3. 13, e subiu outra vez para lá, At 1. 11, onde intercede pelos santos, e donde virá para julgar os vivos e os mortos, Rm 8. 33, 34; Hb 6. 20; 9. 24; Mt 24. 30; 1 Ts 4. 16.

3. Os habitantes dos céus, Lc 15. 18; Ap 18. 20

CEVA

Membro de uma das famílias judaicas, de onde vinham ordinariamente os príncipes dos sacerdotes. Este Ceva tinha sete filhos que eram exorcistas At 19. 14.

CEVADA

Nome de um cereal a que os hebreus chamavam *Seorah*, planta sedosa e eriçada de pêlos. Os gregos davam-lhe o nome de *Krithai* cultivada em grande escala na Palestina, Rt 1. 22, no Egito, Ex 9. 31, e nas regiões adjacentes. Os grãos desta planta, depois de reduzidos a farinha, serviam para o fabrico de pães e de bolos, Jz 7. 13; Jo 6. 9. As diversas qualidades de cevadas pertencem ao gênero *Hordeum*. É gramínea ornada de espiguetas nas hastes, em grupos de três e em posição oposta, de modo a formar uma palma. Há dez espécies, das quais, Tristram encontrou seis na Palestina, sendo uma delas a *Hordeum athaburense* encontrada no Monte Tabor e peculiar da Terra Santa. A que se cultiva agora na Palestina é a *Hordeum distichum* em que apenas duas das suas flores centrais são férteis e as laterais, abortivas.

CHACAIS

Tradução da palavra hebraica *Tannim* e *Tannoth*, animal mamífero, Lm 4. 3, habitante do deserto e de lugares solitários, Is 35. 7; 43. 20; 34. 13, 14; Jr 49. 33; 51. 37. Nestas passagens Figueiredo diz dragões em vez de lêmias.

Os chacais, *Canis aureus*, pertencem ao gênero *canis*. Difere do cão, em ter o focinho alongado. O nome *aureus*, é devido à cor amarela da raiz de seus pêlos mesclados de um amarelo escuro e prêto. Tem o comprimento de cerca de 90 centímetros e cerca de 45 de alto. Andam em bandos e alimentam-se, ordinariamente, de carnes podres e de cadáveres. Quando se oferece ocasião, arrebatam crianças vivas. Os leões correm ao encontro dos chacais quando ouvem seus ganidos, e participam de suas presas, por isso os denominam despenseiros do leão. Solta bramido estranho diferente do de seus companheiros de raça. Vive na África e no Sul da Ásia, e freqüenta a Palestina, principalmente as ruínas de lugares antigos. Vide *raposa*.

CHAFENATA

Nome que se dava a uma porção do muro oriental de Jerusalém, ou a uma das torres, ou fortificações murais, Mac 12. 37, ou mesmo à tôrre que se levantava acima da alta casa do rei.

CHAGA, ÚLCERA

Tradução da palavra hebraica que se acha em Dt 28. 27, 35, que em outros lugares se traduz por úlcera, tumor.

CHALFI

Nome do pai de Judas Macabeu, um dos dois capitães que assistiu a Jônatas Macabeu em Hazor, 1 Mac 11. 70.

CHAPÉUS

Tradução da palavra aramaica *Karbel*, atadura, Dn 3. 21.

CHAPÉUS ver MITRAS

CHAVE

Instrumento destinado a mover a lingüeta das fechaduras, Jz 3. 25. A chave usada pelos orientais consistia de uma peça de madeira, fornecida de cavilhas em número correspondente aos pequenos orifícios contidos dentro da fechadura. Geralmente trazia-se à cinta e também sobre os ombros, cp. Is 22. 22. A chave é símbolo de autoridade, cp. Mt 16. 19; Ap 1. 18; 3. 7; 9. 1; 20. 1. Também simboliza o acesso a conhecimentos de que muitos estão privados, Lc 11. 52.

CHEFE ver PRÍNCIPE

CHIM

Nome da vigésima primeira letra do alfabeto hebraico, de onde se origina o S do nosso alfabeto que aparece em nomes de origem semítica, como Simão, Ismael, etc. Emprega-se na divisão do salmo 119, sob número 21. Cada linha desta secção começa pela mesma letra.

CHIPRE

Nome de uma ilha famosa na antigüidade pela riqueza de suas minas de cobre. Está situada na parte setentrional do Mediterrâneo a 41 milhas distante da costa da Cilícia e 60 da Síria e 238 de Porto Saíde no Egito; a parte central tem cerca de 207 quilômetros de comprimento, e 55 a 110 de largura. Do lado nordeste prolonga-se uma estreita faixa de terra com cerca de 74 quilômetros de comprimento por 11 de largura, semelhante ao guru-pés de um navio.

A área total da ilha anda por 6.637 quilômetros quadrados; é montanhosa, cortada de vales que em certas épocas do ano desenvolvem doenças perigosas. As suas minas de cobre tornaram-se famosas no tempo de Herodes, o Grande, Ant. 16. 4, 5. Os antigos habitantes descendiam de Cetim, um dos ramos da raça grega, Gn 10. 4, que mais tarde foram substituídos pelos fenícios da costa da Síria, que a colonizaram. A capital da ilha foi a cidade de *Kition*, ou *Citium*.

Outras colônias gregas reforçaram a antiga população, de modo que, atualmente, três quartas partes da população pertencem a esta raça. Chipre foi outrora, por algum tempo, província do império Romano, porém, no ano 27 A. C. o imperador Augusto a transferiu ao Senado, passando a ser governada por um propretor com o título de procônsul. Havia nela muitas comunidades judaicas, 1 Mac 15. 23; At 4. 36. Antes do martírio de Estêvão ali já existiam cristãos, e durante a perseguição que se seguiu alguns deles regressaram à ilha pregando o Evangelho, At 11. 19, 20. Barnabé e Paulo, e outra vez Barnabé e Marcos a visitaram no caráter de missionários, At 13. 4; 15. 39. O apóstolo Paulo passou por ela duas vezes sem desembarcar, At 21. 3, 16; 27. 4. Desde o ano 1571, que se acha incorporada ao império turco. Por um tratado com a Grã-Bretanha de 4 de junho de 1878, esta potência mantém uma praça de armas e a Rússia conserva a posse das cidades de *Batoum* e *Bars*. Esta situação política foi mudada depois da guerra européia (1914-1919).

CHOÇA, CHOUPANA

Cabana construída para abrigo dos guardas das plantações em tempo dos frutos, Is 1. 8, geralmente feita de ramos de árvores, ou de galhos de madeira tapados com esteiras.

CHUMBO

Nome de um dos metais conhecidos dos antigos povos. O nome em hebreu é *Ophereth*. Entre os metais preciosos tomados aos moabitas contava-se o chumbo, Nm 31. 22, que também era conhecido dos egípcios, cont. Apiom, 1. 24. Este metal extraía-se em grande abundância na península do Sinai, encontrava-se no Egito e era importado de Társis, Ez 27. 12. Empregava-se no fabrico de pesos, Zc 5. 7, servia para afundar as rêdes e as linhas de pescas (Ilíada, 24. 80) e para o fabrico de lâminas em que se faziam inscrições (Tácito, An. 2. 69; Plínio Hist. Nat. 13. 21; Pausânias, 9. 31, 4; Jó 19. 24). As palavras de Jó, na passagem citada, parecem significar que, sendo o livro sujeito a se estragar, ele desejava que

as suas palavras fossem escritas com ponteiro de ferro em lâmina de chumbo, ou se gravassem com cinzel em pedernêira, para torná-las mais legíveis e duradouras. Há dúvidas se este metal poderia servir para mistura e liga, Ez 22. 20.

CIDADE

Segundo o costume dos hebreus, cidade é um conjunto de habitações fixas para uso do homem, e principalmente cercada de muros de defesa, Gn 4. 17; 18. 26; 19. 20; Nm 13. 19; Js 3. 16; 10. 39; 13. 17; Jz 20. 15; Lc 2. 4; 23. 51. As cidades podem ser muradas ou não, Dt 3. 5; Et 9. 19. Eram edificadas sobre montanhas, Js 11. 3; 1 Rs 16. 24; Mt 5. 14; Guer. 3. 7, 7, onde a sua posição contribuía para sua defesa; e em lugares férteis, onde as correntes das águas e a exuberância do solo convidavam o homem ao trabalho. Geralmente eram cercadas de muros altos com portas e trancas, Nm 13. 28; Dt 3. 5; Js 2. 5, 15; 6. 5; Ne 3. 3; At 9. 24, 25, e torres de defesa, Ne 3. 1, 11, 25; Guer. 5. 4, 3. Os muros tinham geralmente a espessura de 6 a 10 metros. As portas eram de construção maciça e sobre elas construíam salas, 2 Sm 18. 33. Em ocasiões especiais eram guardadas por sentinelas, 2 Rs 7. 10; Ne 13. 19. Sobre os telhados das casas das portas, ou sobre as cúpulas das torres punham sentinelas, 2 Sm 18. 24; 2 Rs 9. 17; Guer, 5. 6, 3. Em lugares abertos em frente das portas, faziam-se transações comerciais, decidiam-se casos jurídicos e se estabeleciam feiras livres, Gn 23. 10; Rt 4. 1-11; 2 Sm 15. 2; 1 Rs 22. 10; 2 Rs 7. 1; Ne 8. 1. As ruas eram estreitas (Ant. 20. 5, 3; Guer. 2. 14, 9; 15, 5; 5. 8, 1, com algumas exceções, 2 Sm 15. 1; 1 Rs 1. 5; Jr 17. 25, e algumas destinadas aos bazares, 1 Rs 20. 34; Ne 3. 31; Jr 37. 21. Ver *Conversação*.

CIDADES DE REFÚGIO

Em Israel havia seis cidades levíticas destinadas a servir de refúgio àqueles que acidentalmente cometiam homicídio, a fim de escaparem à vingança do sangue derramado, Nm 35. 9-14; Êx 21. 13. Moisés designou três ao oriente do Jordão: Bezer, no território de Rúben; Ramote de Galaade, no território de Gade; e Golã, em Basã, no território de Manassés, Dt 4. 41-43. Depois da conquista de Canaã, Josué e os chefes das tribos, designaram as outras três cidades a oeste do rio: Quedes, no território de Naftali; Siquém, em Efraim e Quiriate-Arba, que é em Hebrom, nas montanhas de Judá, Js 20. 7. Nenhuma parte da Palestina está longe demais de uma cidade de refúgio. O homicida refugiava-se na que lhe estava mais perto. Poderia ser alcançado e morto pelo vingador, mas se conseguisse chegar a uma cidade de refúgio, era ali acolhido e tinha direito a defesa. Se no seu julgamento ficasse provado que o homicídio foi voluntário, era entregue à morte. Se, porém, ficasse provado que matou em legítima defesa, ou por acidente, então a cidade lhe oferecia asilo. Se ele deixasse a cidade, antes do falecimento do sumo pontífice, o risco corria por sua conta. Depois da morte do sumo pontífice, era-lhe facultado regressar à sua casa sob a proteção das autoridades, Nm 35; Dt 19; Js 20. Como fosse uma questão judicial entre o homem e Deus, a morte do sumo pontífice que representava o povo perante Deus, ficava encerrado o período da vida teocrática.

CIDADES FORTIFICADAS

Cidades defendidas por muros altíssimos, com portas e trancas, Dt 3. 5; 2 Cr 8. 5; Ne 3. 1-32. Tais eram as cidades dos cananeus e dos amorreus quando os israelitas entraram em guerra contra êles, Nm 13. 28; Dt 3. 5; Js 14. 12. Depois da ocupação, os israelitas também tiveram cidades fortificadas, Dt 28. 52; 2 Sm 20. 6; 2 Rs 14. 13; 2 Cr 12. 4; Jr 5. 17; Os 8. 14; Sf 1. 16. Para descrição dos muros, vide *Jerusalém* e *Laquis*.

CIÊNCIA

Tradução da palavra hebraica *Madda* e do vocábulo grego *Gnosis* em Dn 1. 4 e 1 Tm. 6. 20. Neste sentido não se empregam hoje os dois termos. Não se referem a conhecimentos obtidos pela observação dos fenômenos organizados em sistema, significam simplesmente conhecimento. A ciência de falso nome a que se refere S. Paulo, consiste no ensino das doutrinas dos judaizantes e no misticismo da idade apostólica, que procuravam tomar o lugar do Cristianismo, cp. Cl 2. 8, e cujos perigos o apóstolo denunciava às igrejas, 1 Co 8. 1, 7. A tal ciência de falso nome contrariava a verdadeira ciência cristã que alimentava a fé na qual deveriam crescer as igrejas, 12. 8; 13. 2; 1. 9.

CILICIA

Nome de uma província da Ásia Menor, limitada ao norte pelas montanhas do Tauro, Capadócia, Licaônia, e Isáuria, ao oriente pelo monte Amanus, ao sul pelo Mediterrâneo e a oeste pela Panfília. Antigamente era dividida em duas partes: a ocidental, montanhosa, e por isso, denominada Áspera; e a parte oriental, que era plana, chamada Cilícia Plana. A cidade principal era Tarso, pátria de S. Paulo, At 21. 39; 22. 3; 23. 34. A Cilícia fazia parte do reino da Síria; e quando em 148-7 A. C., Demétrio II desembarcou em suas praias, e foi elevado ao trono da Síria, a maioria de seus habitantes deu-lhe apoio, 1 Mac 11. 14; Antig. 13. 4, 3. Os judeus da Cilícia disputaram com Estêvão, At 6. 9. O Evangelho mui cedo chegou ali, levado pelo apóstolo S. Paulo, 9. 30; Gl 1. 21. Passando mais tarde, confirmou as igrejas lá existêntes, At 15. 41. Subseqüentemente em viagem para Roma, navegou nos mares de Cilícia, At 27. 5.

CÍMBALO ver TIMBALES

CINAMOMO, CANELA

Nome de madeira odorífera, Ct 4. 14; Ap 18. 13. Usava-se no preparo de óleos empregados na consagração dos sacerdotes como Arão e seus sucessores, Êx 30. 23. Outras vezes servia para perfumar os leitos, Pv 7. 17. Cinamomo é a casca aromática de uma árvore.

CINAMOMO ZEILANICUM

Planta pertencente à ordem dos loureiros, e cultivada em Ceilão, donde é natural. A casca produz um óleo essencial que se obtém por meio de destilação. É cor de ouro, de cheiro agradável, e emprega-se nas perfumarias. Esta árvore cresce na Arábia.

CIPRESTE ver FAIA I, FAIA II e AZINHEIRA, I

CIRANDA ver JOEIRA

CIRCUNCISÃO, *Cortar em roda*.

Rito de iniciação na família de Deus, representada em Abraão, para que o recipiente participasse dos privilégios e promessas contidas no concêrto, ou pacto celebrado por Deus, Gn 17. 1-10, 21. Foi instituído por Ele como rito da religião do povo de Israel e aplicado primeiramente a Abraão e a todos os de sua casa, fossem filhos, servos ou escravos, quer nascidos em sua casa, quer adquiridos por compra. O ato consistia em cortar o prepúcio, operação esta que poderia ser praticada pelo chefe da família, ou por qualquer outro dos israelitas, e até pela própria mãe, Êx 4. 25; 1 Mac 1. 60. O tempo próprio para esta operação ritual, era o oitavo dia depois de nascido o menino; e os nascidos antes da instituição desta ordenança, deveriam ser circuncidados em qualquer época de sua idade. Abraão foi circuncidado quando tinha noventa e nove anos e Ismael, quando tinha treze, Gn 17. 11-27. Este rito foi observado durante a peregrinação no Egito, porém, negligenciado no deserto. Antes de penetrarem na terra de Canaã, Josué fez facas de pedra e com elas

circuncidou todo o povo, Js 5. 2-9. Já tinham conhecimento do metal. O fato de usarem facas de pedra, em vez de metal, é devido às idéias conservadoras prevalecentes, sobretudo em religião. Os antigos usos tendem a perpetuar-se, não obstante já não haver necessidade de seu emprego, Ex 4. 25. Os estrangeiros que desejavam entrar na comunhão com o povo de Israel, tinham de submeter-se a este rito, qualquer que fosse a sua idade, Gn 34. 14-17, 22; Ex 12. 48. Pouco antes da era cristã os edomitas e itureus conquistados, foram compulsoriamente adicionados à nação judaica (Ant. 13. 9, 1; 11. 3). Além dos hebreus outras nações tais como os egípcios também a praticavam há mais de 3.000 anos A. C. (cont. Apiom, 2. 14; Heród. 2. 104). Contudo, os filisteus, os fenícios, os moabitas, os amonitas, os sírios, os assírios, os babilônios e várias outras nações com que os judeus estavam em contacto, não eram circuncidados, e por este motivo, a palavra incircunciso, empregada no sentido de reprovado, significava (não etimologicamente) o mesmo como pagão, Gn 34. 14; Jz 14. 3; 15. 18; 1 Sm 17. 26, 36; 31. 4; 2 Sm 1. 20; 1 Cr 10. 4; Ez 28. 10; 31. 18; 32. 19-32. *Circuncisão* no sentido do Novo Testamento, quer dizer a igreja antiga e o povo judaico, Gl 2. 8; Cl 4. 11. A circuncisão era um ato de purificação religiosa, Heród. 2. 37, e em sua significação lata, quer dizer abandonar todas as paixões carnais, Cl 2. 11. Circuncidar o coração é regenerá-lo de modo a extinguir toda a resistência às influências santificadoras, Dt 10. 16, habilitando-o para amar a Deus com todas as suas fôrças, Dt 30. 6. Os maometanos como os judeus praticam a circuncisão.

CIRENE

Nome de uma importante cidade colonial da Grécia, situada ao norte da África, em belíssima planície, a algumas centenas de metros acima do nível do mar e a alguns quilômetros do mar Mediterrâneo. Faz parte das cinco cidades gregas com o nome de Pentápolis, existentes na Líbia Cirenaica, hoje Trípoli. Presume-se que tenha sido fundada pelos dórios, ano 632 A. C. Durante o domínio dos Ptolomeus, no terceiro século A. C., muitos judeus se estabeleceram em Cirene (contra Apiom, 2. 4; Antig. 14. 7, 2). Simão que foi constrangido a levar a cruz do Salvador era provavelmente um dos judeus cirenenses, Mt 27. 32. Os cirenenses juntamente com os libertinos fundaram uma sinagoga em Jerusalém, At 6. 9. Alguns destes cirenenses se converteram ao Cristianismo e tornaram-se pregadores, 11. 20, contando-se entre estes certo Lúcio, pessoa notável em Antioquia, At 13. 1. As extensas ruínas de Cirene ainda existem com o nome de *el-Kreuna*.

CIRO

Nome de um rei persa, duas vezes mencionado no livro de Isaías, como ungido do Senhor e predestinado para conquistar reis, levantar fortaleza e libertar os judeus do cativeiro, Is 44. 28; 45. 1-14. Daniel, referindo-se à conquista de Babilônia pelos medos e persas, conta que durante a noite que se seguiu à grande festa de Baltazar, o rei dos caldeus foi morto, e Dario, medo, tomou posse do reino, Dn 5. 30, 31. O rei Dario foi antecessor de Ciro, ou seu regente em Babilônia, 6. 28. Esdras relata que Ciro, no primeiro ano de seu reinado, mandou publicar um decreto concedendo aos judeus a sua volta a Jerusalém, a reconstrução do templo e restituindo-lhes os vasos sagrados que Nabucodonosor havia tomado, Ed 1.1-11; 5. 13; 6. 3. Muitos dos judeus aproveitaram-se destas concessões e regressaram a Jerusalém; porém, a obra da reconstrução foi grandemente perturbada pelos adversários da nação judaica. Segundo as inscrições babilônicas, feitas por ocasião em que a cidade foi tomada, Ciro era filho de Cambises, neto de Ciro e bisneto de Teispes, todos eles reinaram em Ansã, nome este que parece referir-se ao reino de Elã, cuja capital era Susa. Pelo ano 550, A. C. sexto ano de Nabunaide ou Nabonido, rei de Babilônia, Istuvegu ou em grego, *Astyages*, rei do povo, de Manda, marchou contra Ciro, porém foi traído por seu exército e entregue nas mãos de Ciro.

Este tomou Ecbatana levando todos os despojos para a sua capital. No mês de Nisã 547 A. C. Ciro, que agora era o rei da Pérsia, conduziu o seu exército, atravessando o Tigre, perto de Arbela e levou as suas conquistas para o Ocidente. Conforme o testemunho de autoridades gregas, conquistou a Lídia, tomou Sárdis e aprisionou o seu rei Creso. Em 539 A. C. décimo ano do rei Nabonido, no mês de Tamuz, Ciro deu combate aos babilônios, e no dia 14 do mesmo mês tomou Sípara, fugindo o seu rei. Dois dias depois, no dia 16, Ugbaru, ou Gobrias, governador de Gutium à frente de um destacamento do exército de Ciro, entrou em Babilônia sem combate, quando Nabonido foi feito prisioneiro. No dia três de Marchesvã, o próprio Ciro entrou na cidade, Ugbaru proclamou a paz em toda a província, foram nomeados os novos governadores e restituídos aos seus altares os deuses estrangeiros que haviam sido aprisionados.

No dia 27 do mês de Adar, faleceu a mulher do rei. Decretou-se luto nacional por uma semana e foram celebradas exéquias religiosas, dirigidas por Cambises, filho do rei.

Ao rei Ciro sucedeu Cambises em 529 A. C. Até aqui falam as inscrições. Segundo o testemunho de Heródoto (1. 190, 191), Ciro tomou Babilônia, desviando as águas do Eufrates para um lago previamente escavado para este fim, fazendo entrar o seu exército pelo leito do rio agora sem água. As portas haviam permanecido abertas durante a noite enquanto os habitantes da cidade se entregavam a folguedos delirantes. A narração que faz o sacerdote Berosus que viveu no tempo de Alexandre, o Grande, é a seguinte: "No ano 17 de Nabonido, Ciro veio da Pérsia com um grande exército e tendo conquistado todo o resto da Ásia chegou apressadamente a Babilônia. Assim que Nabonido percebeu que ele vinha atacá-lo, reuniu todas as suas tropas para enfrentá-lo; porém foi derrotado, e pôs-se em fuga com alguns de seus cortesãos, encerrando-se na cidade de Borsipa. Neste tempo, Ciro tomou a Babilônia e ordenou que os muros externos fossem demolidos por serem causa de grandes dificuldades na tomada da cidade. Em seguida marchou contra Borsipa para cercar Nabonido; porém Nabonido se entregou em suas mãos. Ciro tratou-o benignamente, exilou-o de Babilônia, mas deu-lhe habitação na Carmânia onde passou o resto de sua vida até a morte" (Contra Apiom 1. 20).

CISTERNAS, POÇOS

Nome de um pequeno reservatório artificial, cavado na terra e forrado de pedras ou tijolos para servir de coletor das águas pluviais, Dt 6. 11; Jr 2. 13.

As cisternas eram muito numerosas na Palestina, visto como o povo dependia muito das águas de chuva (comp. Guer. 3. 7, 12, 13; 4. 1, 8. Nas cidades construíam as cisternas em cima das torres dos muros que as encerravam (Guer. 5. 4, 3). Também as faziam debaixo das casas e nos pátios internos (comp. 2 Sm 17. 18; Jr 38. 6; fornecidas de cântaros e cordas, Ec 12. 6, e para onde canalizavam as águas pluviais que desciam dos telhados. Nos campos abertos, as bocas das cisternas eram cobertas com grande pedra, e nos lugares desertos, além da pedra, ainda a cobriam com terra para a esconderem melhor.

CITA, *Natural da Cítia*.

Aplicava-se primeiramente este nome à região que fica ao norte do Mar Negro e ao oriente dos montes Cárpatos. Quando as conquistas de Alexandre, o Grande, revelaram a existência de habitantes na Ásia, semelhantes aos citas da Europa, formando uma só raça, a cítia asiática começou a ser reconhecida. Finalmente, supõe-se que todo o nordeste da Europa juntamente com a Ásia cen-

tral e setentrional foram invadidos por citas nômades, muito atrasados em civilização, de modo que o nome cita tinha o mesmo sentido que tem para nós hoje o nome de tártaro, e para os gregos e romanos, o mesmo que bárbaros, 2 Mac 4. 47; Cl 3. 11. Veja *Bete-Seã*.

CIZÂNIA, JOIO

Tradução da palavra grega *Zizanion* em Mt 13. 25-27; 29, 30. A cizânia (*Vicia sativa*), espécie de ervilha brava, com folhas pinuladas e com flores papilionáceas de cor azul-purpurino ou vermelha, facilmente se distingue do trigo. A palavra grega *Zizanion* corresponde ao vocábulo árabe *zuwan*, que é o *Lolium*, e no talmúdico *eonin*. A cizânia peluda (*Lolium temulentum*) é uma graminea venenosa e quase não se distingue do trigo, enquanto ambas as plantas são ainda novas, mas, depois de crescidas, não se confundem mais (cp. vv. 29, 30.

CLAUDA

Nome de uma pequena ilha a sudoeste de Cândia ou Creta. O navio em que S. Paulo navegava foi arrojado sem governo contra esta ilha, tendo deixado a ilha de Creta, At 27. 16. Também era chamada Cauda e Gaudos (Plínio Hist. Nat. 4. 12). Os gregos conservam o nome de Claudanesa, ou Gaudonesi, que os italianos converteram em Gozo.

CLÁUDIA

Nome de uma cristã que se associou a S. Paulo enviando saudações a Timóteo, 2 Tm 4. 21.

CLÁUDIO LÍSIAS

Nome de um quiliarco, ou comandante de 1.000 homens que parece ter sido o tribuno militar que tinha a responsabilidade da guarnição de Jerusalém. Cada legião tinha seis oficiais, ou tribunos. Cláudio residia no castelo Antônia, e mandou soldados para salvar a Paulo da fúria dos judeus amotinados. Deu ordens para que este judeu desconhecido fosse açoitado para se saber o motivo de tão grande clamor contra ele. Sabendo que era cidadão romano, mandou que lhe desatassem as suas prisões. Logo depois frustrou os planos dos judeus contra a vida do apóstolo, enviando-o de noite para Cesaréia, guardado por uma grande escolta militar, para comparecer diante de Félix, procurador romano, At 22. 24 até cap. 23. 35.

CLEMENTE, *Benigno, misericordioso.*

Nome de um cristão que trabalhou com São Paulo em Filipos. Pode bem ser o mesmo Clemente de Roma que figura no elenco dos padres apostólicos, Fp 4. 3.

CLEOPAS

Nome de um dos dois discípulos que iam para Emaús na tarde da ressurreição de Jesus, Lc 24. 18. Alguns dos padres da Igreja antiga são de parecer que este é o mesmo Clopas mencionado por S. João, no seu evangelho, cap. 19. 25.

CLEÓPATRA

Nome que usavam várias princesas do Egito. Uma delas era filha de Ptolomeu VI, e mulher de Alexandre Balas, 1. Mac 10. 57, 58. Seu pai tirou-a do poder do marido e casou-a com Demétrio Nicator, quando invadiu a Síria, 12. 12; Antig. 13. 4, 7. Enquanto Demétrio esteve cativo dos partas ela casou-se com Antioco VII, irmão de Demétrio (Antig. 13. 7, 1; 9. 3, 10, 1). Teve dois filhos de Demétrio, o mais velho foi por ela assassinado, e pôs no trono o filho mais moço, com o nome de Antioco VIII, chamado Gripus. Não querendo ele satisfazer aos seus ambiciosos desígnios, tentou envenená-lo, porém ele obrigou-a a beber o veneno, de que foi vítima, no ano 120 A. C.

CLOE, *Primeiro rebento das ervas.*

Nome de uma cristã, parecendo ser de Corinto, referida por S. Paulo, em 1 Co 1. 11.

CNIDO

Nome de uma cidade da Cária, a sudoeste da Ásia Menor, fronteira à ilha de Cós na distância de 19 quilômetros. Foi uma colônia dos dórios. Existem extensas ruínas no lugar da antiga Cnido, onde se encontram ricos vestígios da arquitetura grega. Uma pequena ilha, perto da costa, que agora está ligada ao continente, forma uma península com o nome de cabo Crio. O apóstolo S. Paulo, em sua viagem para Roma, passou por esta ilha, At 27. 7.

COA

Nome de um povo, situado entre os babilônicos e os assírios, Ez 23. 23, que Frederico Delitzsch diz haver existido ao oriente do Tigre e ao sul do Baixo Zabe.

COALHADA ver MANTEIGA

COATE, *Assembléia.*

Nome de um dos filhos de Levi, fundador da grande família dos coatitas, Gn 46. 11; Ex 6. 16, 18.

COATITAS

Nome que designa os membros da grande família levítica, fundada por Coate. Esta família subdividiu-se em outras famílias ou casas, cujos chefes foram: Issar, Anrão, Hebrom e Oziel, Ex 6. 18; Nm 3. 27. Moisés e Arão pertenciam à família de Coate, Ex 6. 20. Os coatitas assentaram suas tendas no deserto ao lado do tabernáculo, Nm 3. 29. Quando Aarão e seus filhos envolveram o santuário e todos os seus vasos ao abalar do campo, os filhos de Coate os ajudaram a carregar sem ver o que estava embrulhado e sem tocar os vasos do Senhor sob pena de morte, 4. 15, 17-20; 2 Cr 34. 12. Quando se fez o primeiro recenseamento no deserto, contaram-se 8.600 machos de um mês para cima, Nm 3. 28, e desde os trinta anos, e daí para cima 2.750, 4. 34-37. Na subseqüente distribuição das cidades pelas famílias, saíram por sorte à família de Coate dos filhos do sacerdote Arão, treze cidades das tribos de Judá, de Simeão e Benjamim, e aos outros filhos de Coate, isto é, aos levitas que ficaram, dez cidades das tribos de Efraim, de Dã e da meia tribo de Manassés, Js 21. 4, 5; 1 Cr 6. 61, 66-70.

COATITAS

Nome dos descendentes de Coré, aquele mesmo que foi engulido pela terra por causa de sua rebelião contra Moisés. Este povo constituía uma casa entre os filhos de Coate. O cantor Hemã e o profeta Samuel eram coritas, 1 Cr 6. 33-38. Davi organizou um corpo de cantores com os descendentes de Hemã, 15. 17; 16. 41, 42; 25. 4, 5. Os salmos 42, 44, 45 até 49, 84, 85, 87 e 88, trazem o nome da família de Coré. Os porteiros da casa do rei eram coritas, 1 Cr 9. 19; 26. 19, e bem assim os fabricantes dos pães da proposição, e dos bolos sacrificiais, 9. 31, 32.

COBRA, VÍBORA, SERPENTE, ÁSPIDE, BASILISCO, DRAGÕES

Tradução de quatro palavras hebraicas, referentes a quatro espécies distintas de cobras venenosas.

1. *Shephiphon*, réptil. *A vipera cerastis*, a cobra que se arrasta pela areia existente na Arábia e no Egito. Em Tebas era objeto de culto (cp. Heródoto 2 e 74). É víbora venenosa, de um a dois metros de comprimento, de cor parda e um chifre em cima de cada olho. Esconde-se na terra para picar as pernas dos cavalos, Gn 49. 17.

2. *Pethen*. Espécie de serpente muito venenosa, e insensível à voz dos encantadores, por isso chamada serpente surda, Sl 58. 4, 5. Sl 91. 13. Esta cobra é a áspide de Dt 32. 33; Jó 20. 14, 16; Is 11, 8. Provavelmente é a *naja haje* do Egito. Vide *Áspide*.

3. *Akshub*. Sl 140. 3. Na tradução dos Setenta e na citação de Rm 3. 13 é traduzido por áspide. Bochart acha que este nome é o da co-

bra comum (*Pelias beros*), e o coronel Hamilton Smith, a cobra que assopra, do Cabo dos Colonos, *Vipera arietans*, porém, ainda não identificada.

4. *Siphoni*, Pv 23. 32, traduzido em Is 11. 8; 14. 29; 59. 5 por áspide e basilisco.

COBRE, BRONZE

Tradução do hebraico *Nehosheth* e do grego *Chalkos*. O cobre era extraído da terra e apurado pela fundição, Dt 8. 9; Jó 28. 2. No Líbano e em Edom encontram-se vestígios de obras de cobre. Era extraído na península do Sinai em Chipre e em Meseque e Tubal, Ez 27. 13. O bronze é composto, ou liga de cobre com 28 a 34 por cento de zinco. A menos que esteja associado com calamina, não se encontra no estado natural. Fora disso, o bronze é o resultado de mistura por meio da fusão. Dizem que este metal era desconhecido, e que só fora descoberto no incêndio de Corinto em 146 A. C. pelo cônsul Múmio nas torrentes de diversos metais derretidos formadas pelo incêndio. A Arqueologia, porém, revela a existência de vasos de bronze encontrados nos túmulos do Egito. Nos tempos de Moisés, segundo a lição dos livros santos, os vasos destinados ao uso do Tabernáculo, eram feitos de cobre e bronze, tais como caldeiras, tenazes, garfos, ganchos, braseiros, grelhas, etc., Ex 38. 3; Lv 6. 28; Nm 16. 39; Jr 52. 18, assim como utensílios de guerra, capacetes, cotas de malha, perneiras, escudos, pontas de setas, arcos, 2 Sm 21. 16; 22. 35; 2 Cr 12. 10 e outros artefatos destinados a vários usos: fechaduras, espelhos, portas de cidades, instrumentos músicos, ídolos e mais adiante, as moedas correntes, Ex 38. 8; 2 Rs 25. 7, 13; Is 45. 2; Mt 10. 9; 1 Co 13. 1; Ap 9. 20. Quando se fala de fundição, subentende-se que o metal fundido era o cobre, associado a outro metal para formar o bronze, de que se fabricavam os utensílios para o serviço do Templo, as bacias, o mar de bronze, com o seu pedestal formado de doze bois e as magníficas colunas, 1 Rs 7. 41, 46; 2 Cr 4. 1-17.

COCHE ver CARROÇA

CODORNIZES

Nome dos pássaros que os filhos de Israel, duas vezes durante a sua passagem pelo Sinai, tiveram em abundância para sua alimentação. No deserto, as codornizes cobriram os alojamentos em uma só tarde, Ex 16. 12, 13, impelidas por vento que vinha da outra banda do mar, em tão grande quantidade que formavam camada de dois côvados de alto sobre a terra, Nm 11. 31-34; Sl 78. 26-31. Este fenômeno se deu na primavera do ano. Esta ave chamava-se em hebreu *selav*. A semelhança desta palavra com o árabe *salwa*, codorniz, prova ser este realmente o pássaro de que fala a Escritura. É a codorniz da Europa e não da América, chamada *Coturnix dactilisonans*, ou *communis*, pertencente à família das *Tetraonidae* e da subfamília *Perdicinae*, perdizes. É a espécie menor do tipo das perdizes, tendo apenas 7 polegadas e meia de comprimento. As penas são escuras com listas esbranquiçadas. Emigram para a Palestina, vindas do sul, em grande número, no mês de março, e voltam para lá ao aproximar-se o inverno. As codornizes voam muito rápidamente e resistem bem aos ventos; porém, se o vento se lhes torna contrário, ou elas desfalecem pelo longo vôo, o imenso bando desce sobre a terra e aí fica entontecido (cp. Antg. 3. 1, 5). Nestas condições é muito fácil apanhá-las em grande quantidade nas costas do Mediterrâneo e nas ilhas nêle existentes. Os israelistas puseram a secar à roda do campo as que não puderam comer, como faziam os egípcios com o peixe, Nm 11. 32; Heród. 2. 77.

COELE-SÍRIA, Síria despojada?

Nome de um vale entre o Líbano e as montanhas do Antilíbano, regado pelo Orontes e pelo Litani, cujas nascentes vêm de *Baalbek* e correm em direções opostas. O termo aplicava-se em sentido mais lato, 1 Mac 10. 69, e incluía o lado ocidental do vale do Jordão até Bete-Seã (Antig. 13. 2) e a região que se estende, desde Damasco pelo lado do sul, passando pela Traconítis, Peréia e Iduméia até os limites do Egito (comp Antig. 1. 11, 5). Era distinta da Fenícia, 2 Mac 3. 5.

COELHO ver QUEROGRILO I

COENTRO

Nome de uma planta que em hebraico tem o nome de *Gad* e que produz sementes brancas, Ex 16. 31; Nm 11. 7. É o *Coriandrum sativum*, que em púnico se diz *Goid*, planta anual, de folhas recortadas, com umbelas guarnecidas de flores brancas ou roseas, que se transformam em sementes de forma globular e que se empregam no tempero de vários preparados culinários. É planta nativa na Arábia e na África setentrional e talvez no sul da Europa; cultiva-se no vale do Jordão.

COFE

Décima nona letra do alfabeto hebraico. O *Q* do nosso alfabeto originou-se nele, que às vezes é substituído pelo *C*, como Caim e Coré.

COIFAS

Nome que se dá aos objetos usados para cobrir ou envolver a cabeça, principalmente dos homens, Ez 44. 18. As mulheres usavam diademas, Is 3. 20, 22.

COIFAS ou REDEZINHAS

1. Rede que as mulheres hebréias usavam na cabeça, Is 3. 18.

2. Nome do pequeno omento, camada gordurosa que envolve as entranhas e o fígado, do mesmo modo que o omento maior envolve o estômago, Ex 29. 13, 22; Lv 3. 4, 10, 15. Ver *Bonnet* e *Volantes*.

COLAIAS ver COLIAS

COLCHÊTES ver FIVELAS e GANCHOS

COLHEITA

O período das colheitas na antiga Palestina dividia-se em duas partes: a colheita da cevada e a do trigo. A primeira fazia-se quinze dias antes da segunda, Rt 2. 23. Por esta ocasião, os israelitas deviam levar ao tabernáculo os primeiros frutos de suas colheitas, em sinal de gratidão, Lv 23. 10. As colheitas começavam nas terras baixas, antes das que se faziam na região das montanhas. No vale quente do Jordão, a colheita da

Colheita do trigo no Egito antigo

cevada principiava em abril, quando o Jordão estava cheio, Js 3. 15; comp. 5. 10, no fim da estação das chuvas, 1 Sm 12. 17, 18; Pv 26. 1. A colheita do trigo das terras altas, esperava o mês de junho, estação do verão, Pv 25. 13; Is 18. 4. Terminadas as colheitas e recolhidos os frutos, os israelitas entregavam-se a francas expansões de alegria, Is 9. 3. As festas dos pães asmos, das semanas ou das colheitas, todas se relacionavam com a época das ceifas.

COLHOZE, *Que vê tudo.*

Nome do pai de Selum, talvez seja o mesmo pai de Baruque, Ne 3. 15; 11. 5.

COLIAS, COLAÍAS, *Voz de Jeová.*

1. Nome do pai do falso profeta Acabe, Jr 29. 21.

2. Nome de um benjamita, Ne 11. 7.

COLÔNIA

Estabelecimento de cidadãos romanos autorizado pelo Senado de Roma em países conquistados.

O decreto do Senado fixava a porção de terreno destinado à colônia, o modo de sua distribuição e as obrigações decorrentes. Filipos era uma destas colônias, mencionada nos At 16. 12.

COLOSSENSES Epístola aos

Epístola escrita pelo apóstolo S. Paulo, durante os dois anos de sua primeira prisão em Roma, 4. 3, 10, 18; At 28. 30, 31; contra a opinião de alguns que dizem ter sido escrita em Cesaréia, At 23. 35; 24. 27. Pela leitura de Cl 2. 1, parece evidente que êle nunca pregou em Colossos, e pelo que se lê no cap. 1. 7, foi Epafras quem fundou a igreja, ou pelo menos, um dos que colaboraram no seu estabelecimento. A igreja poderia ter sido fundada enquanto S. Paulo trabalhava em Éfeso, At 19. 10. Epafras tinha-se associado ao apóstolo, 1. 8, e em virtude de seu relatório, expondo as condições da igreja, é que o apóstolo escreveu a epístola. A carta foi enviada por certo Tiquico, 4. 7, 8, que exerceu igual ofício, levando a carta aos efésios, Ef 6. 21, escrita ao mesmo tempo. Foi seu companheiro desta comissão, Onésimo, Cl 4. 9, que também levou a carta a Filemom, residente em Colossos e de quem Onésimo havia sido escravo. O Arquipo mencionado na epístola a Filemom, que parece seu filho, é também mencionado em Cl 4. 17. As saudações contidas na carta, 4. 10-17, indicam que, conquanto S. Paulo não tivesse trabalhado em Colossos, conhecia muito bem alguns de seus habitantes, por causa do ministério de seus amigos. De fato, Filemom era um dos seus convertidos em Éfeso, Fm 19. Os relatórios de Epafras mostraram que os cristãos de Colossos estavam ameaçados de ser atingidos por falsos doutores que haviam combinado tendências ritualistas com o asceticismo e especulações religiosas. Eram judeus ascéticos, o que bem se depreende pela leitura do cap. 2. 11, 16, 20-23, feição esta que dá a entender que pertenciam à seita dos Essênios.

A estas tendências, aliavam uma filosofia mística, 2. 8, que pretendia possuir grande conhecimento das cousas divinas, 2. 18, e que havia introduzido a adoração dos anjos, 2. 18, atentatória da suprema eficiência dos merecimentos de Cristo. Estes falsos doutores eram diferentes daqueles judaizantes a quem S. Paulo se opôs na epístola aos Gálatas, e representavam nova forma de erro, e em certos respeitos, eram os precursores do Gnosticismo. Reuniam, ao ritualismo, as tendências teosóficas, traço característico das teorias orientais e que, portanto, exigiam imediata contestação pelo apóstolo. Naturalmente, o assunto da epístola se divide em quatro partes:

(1) Introdução e ações de graça, 1. 1-8; (2) Secção doutrinária (Cap. 1. 9 até cap. 3. 4); (3) Exortações práticas, 3. 5, até 4. 6; (4) saudações finais, 4. 7-18. A secção doutrinária é de grande importância. Começa com uma oração pelo crescimento em sabedoria e santidade, elevando-se à descrição da preeminência de Cristo, em sua relação com Deus, com o Universo e com a Igreja. Depois, no cap. 2, ele expõe a preeminência de Cristo sobre os doutores do erro, assegurando aos crentes a garantia de sua vitória visto ter ele triunfado sobre todos os seus inimigos espirituais. Nada, senão a nossa união com ele pela fé, é necessária para termos total experiência de nossa salvação. Em combate ao asceticismo, acrescenta ele, em suas exortações práticas, que os crentes devem cultivar a moralidade espiritual e o equilíbrio da ordem social. A epístola tem, pois, um caráter todo *cristológico*. Refere-se às doutrinas de salvação ensinadas em outras epístolas, porém nesta ele demonstra mais explìcitamente a excelência da pessoa de Cristo e a suficiência de sua obra. Esta epístola, juntamente com a de Filemom e a epístola aos Efésios, parece ter sido escrita durante a primeira prisão de S. Paulo em Roma, na primavera do ano 62. A epístola aos Efésios contém muitas coincidências notáveis de linguagem e de pensamento com a epístola aos Colossenses, ainda que notavelmente diferentes (Vide *Efésios*). Ainda que evidentemente escrita no mesmo tempo, a epístola aos Efésios apresenta um desenvolvimento mais completo da verdade, não exigido pelas circunstâncias em que se achava a Igreja. G. T. P.

COLOSSOS

Nome de uma cidade a sudoeste da Frígia, na Ásia Menor, situada sobre o rio Licos, e perto da sua confluência com o Meandro. Primitivamente dominava a estrada de comércio entre o Oriente e o Ocidente e era de grande importância (Heród. 7. 30; Xen, Anabasi I, 2. 6). Mais tarde o sistema de rodagem foi alterado e as cidades vizinhas, Laodicéia e Hierápolis, Cl 2. 1; 4. 13, distantes 18 quilômetros e meio e 24 quilômetros, respectivamente, excederam-na em posição e riqueza, de modo que a importância de Colossos decaiu rapidamente. Semelhante a Laodicéia conservou a sua fama pela fabricação de tecidos de fina lã e manteve a sua independência municipal sob o domínio romano. Ali cresceu uma comunidade cristã sob a ministração de Epafras e mais tarde, de Arquipo, Cl 1. 7; 4. 17; Fm 2. Filemom e Onésimo foram membros ativos desta Igreja, Cl 4. 9; Fm 2.

COLUNA

1. Pedra levantada para comemorar a santidade de um lugar, Gn 28. 18, para perpetuar a lembrança de alguma pessoa, ou de algum evento, 31. 45; Js 4. 5-9; 1 Sm 7. 12; 2 Sm 18. 18, ou como testemunha entre duas partes, Ex 24. 4. Isaías profetizou que era chegado o tempo quando os convertidos à verdadeira fé no Egito, levantariam um altar e uma coluna ao Senhor, Is 19. 19, como fizeram Abraão e Jacó na terra de Canaã. Os pagãos erguiam colunas aos seus deuses, como fizeram os cananeus no culto de Baal. A mais antiga legislação hebraica ordenava a destruição destes monumentos e dos altares, Ex 23. 24, bem como proíbia que tais cousas fôssem postas diante do altar do Senhor, Dt 16. 22. Infelizmente os israelitas do norte os ergueram no tempo de sua degeneração espiritual, Os 3. 4; 10. 1, 2, e nem mesmo Judá escapou a estas profanações, Mq 5. 3.

2. Peça muito usada na arquitetura antiga, para sustentar as coberturas e os tetos das casas, e para suporte das cortinas, Ex 26. 32; Jz 16. 26. Em linguagem poética, os céus e a terra mantem-se firmes sobre colunas, 1 Sm 2. 8; Jó 9. 6; 26. 11. Os homens fortes e os princípios fundamentais são comparados a colunas, Gl 2. 9; 1 Tm 3. 15.

COLUNA ver PADRÃO

COMENTARIO

Midras, ou interpretação da história, sob o ponto de vista religioso, e sua exposição didática, como os comentários do profeta Ado sobre os atos, costumes e feitos do rei Abia, e o comentário do livro dos Reis em que se expõem as responsabilidades do rei Josias e o seu trabalho na reconstrução do Templo, 2 Cr 18. 22; 24. 27.

COMINHOS

Do nome hebraico *kammom*, e do arábico, *kammum*. Planta que se cultiva pelas sementes e quando madura bate-se com vara para separar-lhe as sementes, Is 28. 25. Era uma das miudezas de que os fariseus pagavam os dízimos, Mt 23. 23. É o *Cuminum cyminum* dos botânicos, planta parecida com o funcho, produzindo umbelas de pequenas flores brancas. Era cultivada na Palestina. As sementes serviam de tempero às refeições. Hoje são substituídas pela alcaravia, mais agradável ao gôsto e mais nutritiva.

CONANIAS, *Jeová estabeleceu*.

1. Nome de um levita que tinha a seu cargo a guarda dos dízimos e ofertas durante o reinado de Ezequias, 2 Cr 31. 12, 13.

2. Nome de um levita de alta posição no reinado de Josias, 2 Cr 35. 9.

CONCILIO

Nome que se dava ao corpo deliberativo dos judeus.

Os persas concederam-lhes a faculdade de se governarem por suas próprias leis, Ed 7. 25, 26; 10. 14. Depois da queda do império persa, iguais privilégios lhes foram concedidos.

Formou-se um corpo a que se deu o nome de *gerousia* ou senado (Ant. 12. 3, 3) à semelhança de igual corporação das nações, 1 Mac 12. 6, composto de anciãos, cap. 14. 20, que representavam a nação; e que juntamente com Jônatas, sumo sacerdote, fizeram aliança ofensiva e defensiva com os Espartanos.

Jônatas convocou também os anciãos do povo para consultá-los sobre a conveniência de construir edificações de defesa na Judéia e de aumentar a altura dos muros de Jerusalém, 13. 36; 14. 20, 28, 47. Sob o governo de Gabinius, procônsul da Síria, 57-55 A. C., a Judéia foi dividida em cinco distritos, cada um deles governado por um *synedrion* ou *synodus*, isto é, assembléia ou sanedrim (Ant. 15. 5, 4; Guer. 1. 8, 5). Daqui em diante o tribunal superior em Jerusalém, tomou o nome de *synedrion*, sem excluir o *gerousia* ou o *boulé*. Este regime não durou muito tempo. No ano 47 A. C., César conferiu autoridade ao sanedrim para estender a sua jurisdição a toda a Judéia (Ant. 14. 9, 3-5; Guer. 1. 10, 7). No princípio do seu reinado, Herodes, o Grande mandou matar quarenta e cinco membros dêste concílio (Ant. 14. 9, 4; 15. 1, 2), conservando ainda o mesmo tribunal. Sob o domínio dos procuradores romanos, 6-66 A. D., êste corpo governativo possuía atribuições muito largas. Segundo as autoridades judaicas, compunha-se de 71 membros eleitos dentre os legítimos descendentes de famílias israélitas. Os setenta membros de que se compunha o sanedrim correspondiam aos setenta anciãos nomeados por Moisés para assisti-lo como juízes no govêrno do povo.

O setuagésimo membro era o sumo pontífice, presidente *ex-officio* do concílio. Assim se compunha o supremo tribunal com direitos de vida e morte (Ant. 14. 9, 3, 4; Mt 26. 3, 57; At 4. 5, 6, 15; 5. 21, 27, 34, 41; 6. 12, 15; 7. 1; 23. 2). Sempre que se tinha de condenar à morte algum criminoso, a sentença não podia ser executada senão pelo procurador romano, depois de prévio exame. Este concílio tinha a seu cargo a administração geral do govêrno e das leis, naquilo em que não invadia as atribuições do procurador e de seus auxiliares, At 22. 30. No tempo de Flórus, pelo menos, as rendas públicas eram arrecadadas pelos oficiais do concílio que, para este fim, percorriam as povoações (Guer. 2. 17, 1). Tinham às suas ordens a polícia para auxiliá-los nas execuções judiciais, Mt 26. 47; Mc 14. 43. Jesus foi processado perante este tribunal, Mt 26. 59; Mc 14. 55; 15. 1; Lc 22. 66; Jo 11. 47. Igualmente o foram Pedro, João e os outros apóstolos, At 4. 5, 6, 15; 5. 21, 27, 34, 41. Estevão, At 6. 12, e Paulo, compareceram a este mesmo tribunal, At 22. 30; 23. 15; 24. 20. O sanedrim dissolveu-se depois da destruição de Jerusalém.

2. Nome de um corpo de conselheiros escolhidos pelo oficial superior de uma província, para auxiliá-lo na administração da justiça, perante os quais, tendo como presidente o oficial, se julgavam as causas, At 25. 12; Ant. 16. 11; Guer. 2. 16, 1.

CONCUBINA

A Bíblia dá este nome à mulher secundária sob o regime antigo da poligamia. As concubinas eram ordinariamente tiradas dentre as escravas compradas ou cativas, como Agar, Gn 16. 2, 3; 21. 10; Bala 29. 29; 35. 22, a concubina de Gideão, Jz 8. 31; 9. 18. Estas podiam ser abandonadas mais facilmente do que a mulher principal, Gn 21. 10-14, ainda que seus direitos eram reconhecidos pela lei de Moisés, Ex 21. 7-11; Dt 21. 10-14.

CONGREGAÇÃO

Nas Escrituras emprega-se esta palavra para designar:

1. Corporação política de Israel composta de homens, mulheres e crianças, Ex 12. 3, 19, 47; 16. 1, 22; Lv 4. 13, 15; 24. 14; Nm 1. 2; 14. 1; 15. 26; 16. 9; 20. 11; Jz 20. 1.

2. Assembléia do povo especialmente para fins religiosos, 1 Rs 8. 14, 65; 2 Cr 30. 2, 4; Sl 22. 22, 25, ou para adoração a Deus.

A palavra assembléia é muitas vezes preferida à palavra congregação, Nm 10. 7; 16. 3, 19; 20. 4; Js 8. 35; e algumas vezes a palavra sinagoga é empregada no mesmo sentido, Jz 20. 2; At 13. 43.

3. O tabernáculo da congregação, o lugar das reuniões onde Jeová e seu povo se encontravam, Ex 27. 21; comp. 25. 22; 29. 42; 30. 36.

CONSAGRAÇÃO

O ato pelo qual uma pessoa ou cousa se dedicava ao serviço de Deus. Este ato inclui a ordenação para exercer qualquer ofício sagrado, Lv 8. 23; 1 Cr 19. 5; 2 Cr 29. 31; Ex 29. 9, e bem assim, a separação de objetos de uso comum, para fins religiosos, Js 6. 19; 2 Cr 31. 6.

CONSELHEIRO

Os sete conselheiros do rei Artaxerxes, Ed 7. 14, eram provavelmente os sete príncipes da Média e da Pérsia, que nunca perdiam de vista a face do rei e que costumavam ser os primeiros que se assentavam ao pé dele, Et 1. 14, aos quais o rei consultava sempre. Estes príncipes eram talvez os chefes das sete principais famílias da Pérsia (Heród. 3. 84).

CONSOLADOR, PARÁCLITO (Em grego *paraklêtos, assistente legal, advogado*, ou *intercessor*).

Esta palavra encontra-se em Jo 14. 16, 26; 15. 26; 16. 7. No texto original destas passagens, a tradução é confortador, porém, na epístola primeira de S. João, 2. 1, é advogado e aplica-se:

1. Ao Senhor Jesus Cristo, que, no evangelho segundo S. João, 14. 16, se revela como advogado dos pecadores, conselheiro, dando ânimo aos discípulos enquanto estava presente com êles. Agora, à mão direita do Pai, intercede por nós e advoga a causa dos crentes, 1 Jo 2. 1, como o fazia quando estava sobre a terra, Lc 22. 31, 32; Jo cap. 17.

2. Ao Espírito Santo, que dá testemunho de Cristo aos crentes, e que ao mesmo tempo o glo-

rifica, Jo 15. 26; 16. 14, em oposição aos pensamentos iníquos dos homens, apresentando-o como aquele que foi escolhido entre milhares, sempre amável, desejado nas grandes contingências humanas. O Paráclito é o Espírito de verdade que ensina e guia os crentes nas investigações da verdade, 15. 26; 16. 13, 14, convencendo o mundo do pecado, da justiça e do Juízo; é êle que ensina a orar e que ora por nós com gemidos inexplicáveis, Rm 8. 26, 27.

CONSTELAÇÕES ver LUZEIRO

CONVERSAÇÃO, PÁTRIA, CIDADE

1. Tradução da palavra grega *Politeuo* e *Politeuma*, em Fp 1. 27; 3. 20. Refere-se à vida civil. Os cristãos pertencem ao reino celestial, e, pois, a sua conduta civil deve corresponder aos ensinos do Evangelho do Reino.

2. Tradução em muitas passagens da Bíblia onde se emprega o vocábulo grego *Anastrophe*, que significa modo de viver particularmente em referência à moral, Sl 36. 14; Ef 4. 22; Hb 13. 5; 1 Pe 1. 15.

CONVOCAÇÃO

Festival para que os israelitas eram citados a comparecer em dias especiais abstendo-se de qualquer trabalho servil. As santas convocações eram feitas para cada sábado, Lv 23. 1-3, para o primeiro e sétimo dia da festa dos pães asmos, Ex 12. 16; Lv 23. 6, 7; Nm 28. 18-25, para o dia de pentecostes, Lv 23. 15-21, para o primeiro e sétimo dia do décimo mês, sendo este último o grande dia da expiação, Lv 23. 24-28, 35; Nm 29. 1, e para o primeiro e oitavo dia da festa dos tabernáculos que começavam no dia 15 do sétimo mês, Lv 23. 34-36 e Ne 8. 18.

COORTE AUGUSTA

Nome de uma coorte de soldados romanos, que tinha o nome de Augusto, imperador romano, At 27. 1.

COPEIRO

Nome do oficial que enchia o cálix do rei e lho dava, Gn 40. 9-14; Ne 1. 11; 2. 1, 2, ofício muito honroso nos países orientais, só exercido por homens de grande confiança, a fim de evitar envenenamentos (Antig. 16. 8, 1). Neemias devia gozar de alto conceito, pois sendo estrangeiro, foi designado para este cargo pelo grande rei dos persas.

Copeiro real

COPO[1], VASO, ALMOTOLIA, REDOMA, BILHA, BOTIJA

Nome de um pequeno vaso que servia para levar água em viagem, 1 Sm 26. 11; 1 Rs 19. 6; para conduzir azeite, 1 Rs 17. 12; Jdt 10. 5; para guardar perfumes, Mt 26. 7, e para carregar mel, 1 Rs 14. 3. Vocábulo diferente no hebraico.

COPO[2], CÁLIX

1. Pequeno vaso manual, feito de barro ou de metal, 2 Sm 12. 3; Jr 51. 7, servindo para se beber água, Gn 40. 11, ou vinho, Mc 9. 41; Sl 74. 8, 9; Jr 25. 15.

2. Em sentido figurado, designa o conteúdo de um copo, quer seja amargo ou doce; e também serve para designar a sorte de cada um, Sl 22. 5; Is 51. 17; Jr 16. 7; Mt 26. 39.

COPOS ver BACIA[2]

CORAIS ver MARFIM

CORAL

Tradução da palavra hebraica *Ramoth*. O coral era muito estimado, Jó 28. 18; traziam-no os negociantes sírios para os mercados de Tiro, Ez 27. 16. O Mediterrâneo e o Mar Vermelho eram os grandes produtores do coral, aplicado no fabrico de contas e outros objetos de adorno. O coral não é senão o esqueleto de certos animais de rudimentar organização, petrificados, a que dão erroneamente o nome de insetos do coral; são animais radiados com uma boca central, ornada de lábios polpudos; encontram-se presos às rochas ou abrolhos, formando um conjunto de muitos indivíduos mais unidos e semidistintos.

O carbonato de cal de que se formam os esqueletos do coral é produzido pela água do mar. O coral assume formas muito belas, semelhantes a arbustos, sendo por isso denominados Zoófitos (animais plantas).

Algumas espécies formam grandes arrecifes.

A palavra coral também é a tradução marginal do vocábulo hebreu *Peninim*, que o texto dá como mancha vermelha ou cor vermelha, Lm 4. 7; Jó 28. 18; Pv 3. 15.

CORAZIM

Nome de uma cidade, mencionada com Betsaida e Cafarnaum, situada perto do Mar de Ga-

Kerâzeh — O local onde existiu Corazim

filéia. Semelhante às duas outras. Corazim foi o lugar onde Jesus pregou e fez muitos milagres. Pelo desprézo de tão altos privilégios sofreu as penas merecidas, Mt 11. 21; Lc 10. 13. Euzébio disse no quarto século que a cidade estava a duas milhas romanas (2.964 metros) distante de Cafarnaum.

Em 1842, o Rev. Williams julgou ter descoberto o antigo local de Corazim, no sítio denominado *Kerazeh*, a 4.630 metros ao norte de *Tell Hum*, identificação que é geralmente aceita. Fica ao lado de um vale que desce para o Lago de Genesaré, assinalado por extensas ruínas, inclusive as de uma sinagoga.

CORBÃ (Do hebraico *Korban, oferta*).

Oferta ou oblação de sacrifício cruento ou incruento, Lv 1. 2, 3; 2. 1; 3. 1; Nm 7. 12-17, em lugares em que o texto hebraico traz este nome. A palavra *Korbanas*, derivada da mesma raiz, é traduzida em Mt 27. 6, por *cofre*; Figueiredo traduz *arca das esmolas*. Corbã tem a significação de dinheiro ou serviço prestado a Deus, Mc 7. 11. A prática condenada nesta passagem do Evangelho originou-se no fato de alguns filhos negarem a seus pais o auxílio reclamado pelas suas necessidades, sob o pretexto de que este dever já havia sido cumprido por meio de ofertas a Deus, e que seria um sacrilégio desviá-las para outros fins. Relata o historiador Josefo que uma multidão clamorosa cercou o tribunal de Pôncio Pilatos, por ter ele lançado mão do dinheiro sagrado chamado Corbã e aplicado nos melhoramentos do aqueduto que abastecia a cidade de Jerusalém. Era incontestavelmente um benefício público, mas os judeus pensavam que o dinheiro uma vez dedicado a Deus não devia ser legalmente destinado a fins seculares, ainda mesmo que em benefício público.

CORÇA (Veado vermelho ou amarelo).

Tradução da palavra hebraica *Yahmur* em Dt 14. 5; 1 Rs 4. 23. A genuína corça (*Dama vulgaris*) tem as pontas abertas em forma de palma. O pelo no verão é de um amarelo escuro malhado, no inverno, as cores são menos vivas. O macho mede cêrca de um metro de altura nas espáduas. É natural da região do Mediterrâneo. Escassamente se encontra na Galiléia e no monte Líbano (Vide *Cabra*).

CORÇA, GAZELA

A fêmea do corço, Pv 5. 19, espécie de cabra montesa do Sinai (*Capra beden*), em hebreu *Yaalah*.

CORDEIRO

Desde tempos mui remotos que a carne dos cordeiros servia de alimento, Lv 3. 7; 7. 15; 2 Sm 12. 4; Am 6. 4. Os carneiros e os cabritos eram largamente empregados nos sacrifícios, mesmo antes de ser promulgada a lei mosaica, Gn 4. 4; 22. 7. A instituição da páscoa no Egito ordenava que se sacrificasse um cordeiro, ou um cabrito de um ano para ser comido, Êx 12. 3, 5. Sob a dispensação mosaica, oferecia-se um cordeiro macho de um ano todos os dias pela manhã, e outro à tarde. Nos sábados sacrificavam-se dois de cada vez, Êx 29. 39-41; Nm 28. 4. No primeiro dia de cada mês, Nm 28. 11, durante os sete dias da Páscoa, 16, 19, na festa das semanas, 26, 27, no dia das trombetas, 29. 1, 2, e no dia da expiação, 7, 8, sacrificavam-se sete cordeiros machos, e na festa dos tabernáculos, o sacrifício era de catorze, durante cada um dos sete dias primeiros e de sete, no oitavo dia, 13-36. Em outros casos ordinários, também se oferecia um cordeiro para holocausto, Lv 9. 3, 23. 12, 18; Nm 6. 14; 7. 15, no caso em que algum do povo pecar, oferecerá uma cabra sem defeito, Lv 4. 27, 32; Nm 6. 14 e uma cordeira, ou uma cabra pelo pecado, Lv 5. 6; 14. 12, 21; Nm 6. 12, ou uma hóstia pacífica, Lv 3. 6, 7; 23. 19; Nm 7. 17. Em qualquer destes casos a vítima deveria ser sem defeito, porque simbolizava a pessoa de Cristo, que era como um cordeiro imaculado e sem contaminação alguma, 1 Pe 1. 19. Jesus assemelhava-se também a um cordeiro, pela mansidão e pelo modo em que se submetia aos sofrimentos sem murmurar e sem queixas, Is 53. 7; Lc 23. 25; At 8. 32; 1 Pe 2. 21-23. Finalmente, ele, como cordeiro, foi sacrificado sem ter culpa alguma. Por isso, é chamado o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, Jo 1. 29, 36, o Cordeiro que foi imolado desde o princípio do mundo, Ap 13. 8, ou simplesmente o Cordeiro, Ap 5. 6, 8, 12; 7. 14, 17; 14. 1, 4. Tanto no Antigo como em o Novo Testamento, a palavra cordeiro emprega-se figuradamente no sentido infantil, Is 40. 11; Jo 21. 15.

CORÉ, *Gelo, calva*.

1. Nome de um dos filhos de Esaú com sua mulher Oolibama, nascido em Canaã, Gn 36. 5, 14, chefe e fundador de uma tribo, 18.

2. Nome de um dos filhos de Elifaz e neto de Esaú, Gn 36. 16. Este nome foi omitido nos vv. 11 e 12, em 1 Cr 1. 36.

3. Nome de um dos filhos de Hebrom, 1 Cr 2. 43.

4. Nome de um levita, da família de Coate, da casa de Isaar, Nm 16. 1. Em companhia de Datã, Abirom e Hom, da tribo de Rúben, rebelaram-se contra Moisés e Arão. Não podia sofrer que Arão, levita da mesma família como ele era, e somente seu igual em jerarquia, exercesse o ofício de sacerdote sobre todo o Israel. Os rubenitas mostraram-se descontentes porque a chefia do povo, que por direito de primogenitura pertencia à tribo de Rúben, estava em poder da tribo de Levi, representada nas pessoas de Moisés e Arão. Finalmente, Coré, e seus companheiros da tribo de Levi, 7, parte dos conspiradores, e na ausência de Datã e Abirom, reuniram-se contra Moisés e Arão e publicamente os acusaram de usurpadores do governo sobre todas as tribos, alegando que todo o povo era povo de santos, e que eles se haviam elevado sobre ele. 3. Moisés respondeu que Deus mesmo havia de decidir a questão, e ordenou a Coré e aos seus associados que tomassem os seus turíbulos e se preparassem para o dia seguinte a fim de oferecerem o incenso, 6-11. Moisés avisou igualmente a Datã e Abirom para se apresentarem, porém êles desobedeceram, 12-15. Coré foi de novo intimado por Moisés nos seguintes termos: "Tu e toda a tua tropa estai amanhã, de uma parte, diante do Senhor, e Arão estará noutra parte. Tomai os turíbulos, e ponde-lhes em cima o incenso, oferecendo ao Senhor duzentos e cinqüenta turíbulos, e Arão tenha também o seu, 16. 17. O que tendo eles feito diante de Moisés e de Arão, reuniram-se à entrada do tabernáculo, 18. Coré reuniu toda a multidão contra Moisés e Arão, 19. Por ordem de Deus, Moisés separou-os da multidão a fim de serem destruídos, porém Moisés intercedeu pelo povo, 20-22. Ainda por ordem divina, mandou que o povo se separasse das tendas de Coré, de Datã e Abirom, 24. Deve ser lembrado que a parte dos levitas a que Coré pertencia, estava acostumada a colocar-se ao sul do tabernáculo e na proximidade imediata da tribo de Rúben, e, portanto, seguida pelos anciãos de Israel, e certamente também por Coré. Levantou-se Moisés e foi às tendas de Datã e Abirom, acompanhado dos anciãos de Israel, e disse à turba: "Apartai-vos das tendas desses homens ímpios e não toqueis cousa que lhes pertença." O povo obedeceu. Datã e Abirom saíram, e estavam em pé à porta de seus pavilhões, com suas mulheres e filhos, e com toda a sua tropa, 27. A terra abriu-se e os engoliu com tudo o que lhes pertencia, 32. 33 e cap. 26. 10. Perecendo Coré, não pereceram seus filhos, 11. Depois do terremoto que engoliu a Coré, um fogo do Senhor devorou a duzentos e cinqüenta homens que ofereciam incenso.

5. Nome de um levita da casa de Coré, 1 Cr 9. 19.

6. Nome de um levita, filho de Jema, encarregado de receber os dons, no tempo de Ezequias, 2 Cr 31. 14.

CORES

As cores são patentes aos nossos órgãos visuais, Et 1. 6, e bem cedo foram imitadas pela arte humana. Em Babilônia empregavam-se várias espécies de argilas para produzirem o colorido da laranja, do vermelho e do amarelo nos tijolos. A cor azul dos tijolos era produzida pela vitrificação. Os antigos egípcios preparavam as cores por meio de substâncias metálicas e argilosas. Os hebreus tingiam peles de várias cores, Ex 25. 5. A cor de púrpura, Ex 27. 16; 1 Mac 4. 23; At 16. 28, era obtida pela secreção produzida por uma espécie de marisco, *Murex trunculus*, que se encontra no Mediterrâneo. O azul, Nm 4. 7; Ez 23. 6, fornecia-o outro marisco, *Helix janthina*. O escarlate era tirado de um inseto, Êx 25. 4; Is 1. 18. Empregavam o vermelhão para colorir as paredes, as vigas, os ídolos e outras cousas semelhantes, Jr 22. 14; Ez 23. 14; Sab 13. 14. Em aditamento a estes coloridos artificiais, a Bíblia alude à cor branca, Gn 49. 12; Is 1. 18, ao negro, inclusive o pardo, Gn 30. 32; Ct 1. 6; Mq 3. 6, ao vermelho, Gn 25. 25, 30; 2 Rs 3. 22; Pv 23. 31, ao avermelhado, Lv 13. 19, e malhado, Zc 1. 8.

O simbolismo tinha suas relações com as cores. O templo das sete luzes em Borsipa, do império de Babilônia, consistia de sete compartimentos, cada um dos quais era pintado com uma tinta apropriada ao planeta que representava. Começando com o compartimento inferior, a sucessão das cores era: preto, laranja, vermelho cor de sangue, amarelo cor de ouro, amarelo pálido, azul, e cor de prata, representando as cores dos sete planetas, Saturno, Júpiter, Marte, o Sol, Vênus, Mercúrio e a Lua. Nas Escrituras, o branco é símbolo da pureza, Mc 16. 5; Ap 3. 4; 19. 11, 14, alegria, Ec 9. 8. Cavalo branco é símbolo da vitória em Ap 6. 2. Cavalo negro é símbolo da fome e da morte, 5, 6. O vermelho simboliza sangue, que é a vida, ou guerras e carnificina, 4. O azul é a cor que nos dá idéia do céu, ou firmamento. A cor purpúrea era distintivo dos príncipes e das pessoas abastadas, Jz 8. 26; Et 8. 15; Lc 16. 19.

CORÍNTIOS Epístolas aos

A primeira epístola de S. Paulo aos Coríntios foi escrita em Éfeso, 16. 8, 9, 19; At 19, no ano 57. O estado da igreja daquela cidade, que êle havia fundado, alguns anos antes, inspirava-lhe grande cuidado. Os membros desta igreja haviam escrito uma carta, pedindo instruções ao apóstolo sobre o casamento e a pureza de conduta social, a que êle responde no cap. 5. v. 9. Esta carta não foi conservada. Parece que a igreja mandou uma embaixada ao apóstolo, 16. 17, relatando, entre outras cousas, as divisões que se haviam dado ali, 1. 11. Previamente já Timóteo havia lá estado, indo de Macedônia, 4. 17; 16. 10, porém, as notícias recentes levaram-no a escrever esta epístola sem demora. Pensam alguns que o apóstolo visitou a igreja, partindo de Éfeso, com o intuito de exercer disciplina. Esta suposição é deduzida da 2ª epístola, 12. 14; e 13. 1, onde êle fala de fazer-lhe mais uma visita pela *terceira* vez, apesar de que nos Atos somente se fala de uma visita prévia. Pensam ainda alguns que esta visita, não mencionada, teve lugar antes que a primeira epístola fosse escrita; mas, não havendo alusão a ela, devemos pensar que se deu entre a primeira e a segunda. Na primeira epístola, êle responde em ordem e mui cuidadosamente aos pontos sobre que havia sido consultado, combinando a discussão doutrinária com os problemas morais e eclesiásticos. A epístola reflete claramente as condições das igrejas primitivas entre os gentios de que resulta a sua grande importância histórica. Os assuntos discutidos, depois das saudações e introdução, dos vv. 1-9 do cap. 1, são os seguintes:

1. As divisões na igreja, cap. 1. 10 até cap. 4. 21. As facções originaram-se nas preferências por alguns dos dirigentes, notáveis pelas suas tendências teológicas. Havia os partidários de Paulo, de Apolo, Cefas e os de Cristo. Combatendo estas divisões, o apóstolo aponta para Cristo crucificado de quem todos os crentes dependem, e em cujo nome e divina autoridade eles primeiro ouviram o Evangelho.

O caráter subordinado de cada um que administra o Evangelho, mesmo que seja de um apóstolo, depende de Cristo, e somente dêle, de modo que ninguém se deve constituir chefe ou cabeça de partido religioso. Só a Deus é devida toda a honra e glória.

2. O dever de honrar e ministrar a disciplina, caps. 5 e 6, especialmente em casos de impureza, de que havia um muito vergonhoso.

3. Direções sobre o problema do casamento e do divórcio, cap. 7.

4. Direções a respeito da questão prática, originária das relações com a sociedade pagã, caps. 8, 9, especialmente sobre a participação nos banquetes em que havia carnes sacrificadas aos ídolos; em tais casos, deveriam os crentes restringir a sua liberdade, cap. 8, do que êle dava exemplo em sua vida, cap. 9. Não deviam os crentes indagar da procedência das iguarias, que compravam ou de que participavam, porém deviam delas abster-se logo que tivessem conhecimento do ídolo, cap. 10.

5. Admoestações sobre certos abusos introduzidos no culto público, 11. 2-34, no tocante ao exercício de funções religiosas na igreja, e o modo de celebrar a Santa Ceia do Senhor.

6. Direções sobre o modo de regular o exercício dos dons miraculosos, caps. 12 a 14.

7. Instruções sobre a doutrina da ressurreição dos mortos posta em dúvida por alguns dos membros da igreja, 15.

8. Direções a respeito das coletas em benefício dos santos da Judéia, concluindo com instruções sobre deveres religiosos e assuntos de caráter pessoal, cap. 16.

A segunda epístola aos Coríntios foi escrita em Macedônia, 2. 13; 7. 5; 9. 2, 4, logo depois que o apóstolo saiu de Éfeso, At 20. 1, isto é, no verão, ou no princípio do outono do ano 57. Nesta ocasião Timóteo estava novamente em companhia do apóstolo, 1. 1. Tito havia sido enviado de Éfeso a Corinto, 2. 13; 7. 6, 7, 13, 14, 15; 12. 18, com instruções para corrigir os abusos ali existentes, e provavelmente para tratar de um caso de incesto, mencionado na primeira carta, cap. 5. 1, caso este que havia interessado a autoridade do apóstolo e que comprometia a estabilidade daquela igreja. Tito devia encontrar-se com Paulo em Tróade, porém, falhando êste plano, seguiu o apóstolo para Macedônia bastante entristecido por êste desencontro. Afinal Tito deu-lhe as boas novas de que a igreja de Corinto havia disciplinado o ofensor que humildemente reconheceu o seu pecado. Em conseqüência disto, foi escrita esta epístola, de que foi portador Tito, acompanhado por mais dois irmãos, 8. 16-24. Pela sua leitura se depreende a intensa ansiedade do apóstolo pela deslealdade para com êle e pelo perigo que ameaçava a espiritualidade da igreja. Esta carta é a menos metódica e a que trata mais particularmente da sua pessoa. Contempla três assuntos principais: (a) Dos caps. 1 a 7, em que, depois de mencionar o seu reconhecimento a Deus, êle se defende da acusação de ser vacilante, 1. 1-14, 15; a 2. 4, ordena que não sejam por demais severos contra o delinqüente, 2. 5-11, descreve os caracteres do ministério da reconciliação que lhe havia sido confiado, falando da espiritualidade, cap. 3, da sinceridade, 4. 1-6, dos sofrimentos, 4. 7-18, das esperanças, 5. 1-9, da solenidade da doutrina, 5. 10, 11, dos motivos que o impeliam para exercer o ministério da reconciliação, 5. 18-21, que lhe havia sido confiado, 5. 18 até ao cap. 6. 2. Com estas credenciais, êle se impõe à consideração da igreja, 6. 3-10, e se alegra pelo que espera rece-

ber dela, 7. (b) Nesta parte trata das coletas para os santos da Judéia, e exorta os crentes a serem liberais, Caps. 8 e 9. (c) Nesta última parte, cap. 10 até 12, apresenta em termos patéticos, o testemunho de seu ofício apostólico e de sua autoridade na igreja. Termina esta parte, renovando as admoestações sobre os males que ameaçavam a pureza da igreja e declara que usará de sua autoridade para disciplinar os recalcitrantes, quando de novo visitar a igreja. G. T. P.

A secção final da epistola, caps. 10 a 13 pensam alguns estudantes do Novo Testamento que seja uma epistola separada, ou fragmentos dela, escrita pelo apóstolo, logo após a sua volta a Éfeso, depois de uma suposta visita a Corinto, de que não há menção (Vide notas anteriores à introdução da primeira epistola). O espirito do apóstolo não estava tranqüilo com aquela visita, e por isso foi levado a escrever a carta, carta de lágrimas e de angústia de coração, que transparecem nas alusões e fatos observados por ocasião de sua não mencionada visita, 2 Co 2. 4; 7. 8-12. A parte comprendida entre os caps. 10 até 13 da segunda epistola tão repassada de tristeza, pode bem ser a tal epistola. Noticias animadoras vindas de Corinto e trazidas por Tito, dissiparam os temores de Paulo. O delinqüente havia sido disciplinado; a hostilidade da minoria contra ele, havia cessado reinando de novo a lealdade e o afeto em seu favor. E por isso, o apóstolo escreveu a epistola contida nos caps. 1 até 9 tão cheia de animação e alegria. Esta teoria é interessante sob o ponto de vista literário, comp. Mc 16. 9-20. Não envolve nenhuma questão vital que interesse a legitimidade, nem a sua inspiração, no todo ou em parte. Se os últimos quatro capitulos existiram formando uma carta separada das outras, é digno de reparo que não exista referência alguma a ela na história dos textos do Novo Testamento. J. D. D.

CORINTO

Nome de uma cidade da Grécia, situada no istmo que liga o Peloponeso ao continente. Em tempos remotos, esta cidade nasceu na extremidade sul desta ponta de terra e numa planicie ao sopé do Acrocorinto. O Acrocorinto é uma montanha de 580 metros de altura em cuja sumidade havia uma cidadela e um templo. O tráfego terrestre entre a peninsula e o continente era feito pelo centro da cidade e a maior parte do comércio entre a Ásia e o ocidente, entrava pelos seus portos por causa da vantagem de navegação pelo golfo de Salônica ao oriente do istmo e o golfo de Corinto a oeste. A cidade atraia os negociantes fenícios que ali iam buscar material com que fabricavam a cor da púrpura que eles tiravam dos peixes que povoavam os seus mares, introduziram a manufatura de panos, de cerâmica e de armas de guerra; e juntamente estabeleceram o culto impuro das divindades fenícias. Posteriormente, emigrantes da Ática dominaram a região. Pelo ano 1074 A. C. a supremacia politica passou para os dórios, porém o caráter da população permaneceu o mesmo: eram comerciais, inimigos da guerra, dados à luxúria e à licenciosidade. A sua vida imoral deu motivo à formação de um verbo expressivo destas qualidades condenáveis, verbo *corintiniçar*. Exceto durante os anos 243-222 A. C. os macedônios conservaram a cidadela desde 335-197 A. C. quando em 196 A. C. a Grécia foi declarada independente pelos romanos.

Em 146 A. C., em conseqüência de sua rebelião contra Roma, o cônsul Mumius queimou a cidade, reduzindo-a a cinzas. Este incidente fundiu diversos metais durante a conflagração, produzindo uma mistura a que deram o nome de bronze de Corinto. A cidade foi reconstruída por Júlio César, pouco antes de sua morte, no ano 44 A. C. e elevada à categoria de capital de Acaia, provincia romana e governada por um procônsul. O apóstolo S. Paulo chegou a Corinto no ano 52 da nossa éra. Ali trabalhou durante ano e meio, hospedado em casa de Áqüila e Priscila; pregava e fazia tendas, ofício do qual tirava o seu sustento. A principio ensinava na sinagoga e depois em casa de Justo.

Finalmente foi ele levado ao tribunal do procônsul Gálio que não quis tomar conhecimento das acusações que lhe eram feitas, At 18. 1-18. Depois da retirada do apóstolo, Apolo continuou a obra evangelizadora, 18. 24-28. Em mais três ocasiões, o apóstolo enviou cartas à igreja de Corinto, 1 Co 5. 9. A comunidade cristã continuou a crescer. No segundo século, o bispo desta igreja exerceu grande influência na igreja em geral. A tomada de Constantinopla pelos venezianos e pelos cruzados em 1204, foi acompanhada pela rendição de Corinto. Em 1446, os turcos a tomaram e em 1687, foi retomada pelos venezianos, sendo tomada novamente pelos turcos em 1715. A grande rebelião de 1823 desligou-a do jugo otomano. Em fevereiro de 1858, foi quase destruída por um terremoto sendo restaurada. Agora tem o nome de Gorto.

CORNÉLIO

Nome de um centurião da coorte romana, chamada italiana. Morava em Cesaréia, e era homem piedoso, de muita caridade e temente a Deus, mas à moda gentilica. Tendo sido instruído por meio de uma visão, em comum com o apóstolo Pedro, recebeu o conhecimento do Evangelho, sendo batizado, ele e toda a sua casa. Este acontecimento sancionado pela descida do Espirito Santo, assinalou o principio da vocação dos gentios e revelou que o Espirito é dado aos crentes qualquer que seja a sua origem, At 10. 1-48.

CORNETA ver TROMBETA

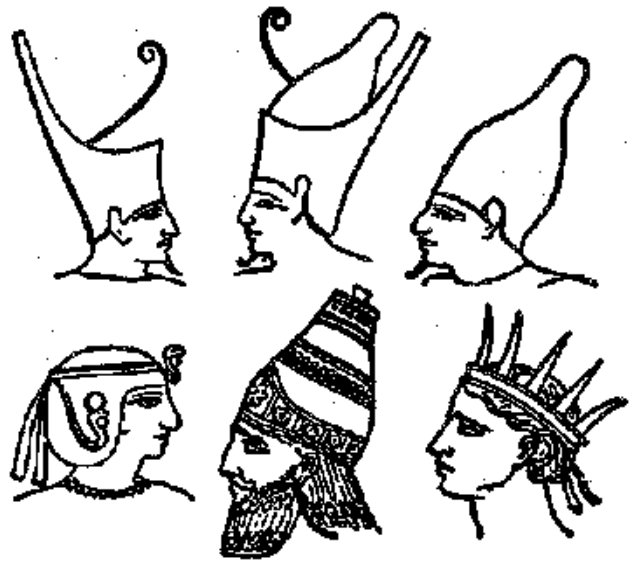
CORNO

A parte sul da Palestina era especialmente apropriada à criação de rebanhos e de gado vacum. Os chifres dos animais empregavam-se em vários usos. Serviam de trombetas, Js 6. 13, e de vasilhas para conduzir óleos, 1 Sm 16. 1-13; 1 Rs 1. 39. O corno simboliza o poder e a prosperidade com que Deus abençoa um indivíduo, 1 Sm 2. 10; Sl 89. 24. Representa o orgulho e a vaidade, Sl 75. 5, 6. Serve de tipo aos poderes políticos, Sl 132. 17; Jr 48. 25. Em linguagem profética significa reino, Dn 7. 8, 11, 21; Zc 1. 18, 19, e também representa reis, Ap 17. 12, 16. Os cornos do altar eram projeções colocadas nos ângulos, semelhantes a cornos (Guerras, 5. 5, 6). Sobre eles se espargia o sangue das vitimas, Ex 29. 12; Lv 4. 7. Serviam de refúgio aos criminosos que se escapavam, segurando-se aos cornos do altar, 1 Rs 2. 28.

COROA[1]

1. Ornamento usado na cabeça em sinal de autoridade ou de dignidade social. Nota-se: (a) A coroa real, geralmente constava de um circulo de ouro, Sl 21. 3, ornado de pedras preciosas, 2 Sm 12. 30; Zc 9. 16. Alguns desses ornamentos eram compostos de várias coroas ligadas entre si, 6. 11; 1 Mac 11. 13. A coroa que Davi tomou do rei dos amonitas, com certeza pertencia ao deus Melcom, 2 Sm 12. 30, pesava um talento de ouro e era ornada de pedras preciosas. O adorno frontal do rei dos persas, Et 1. 11; 6. 8, consistia de um barrete duro feito de feltro ou de lã cintado de uma banda azul ou branca, que era o diadema propriamente dito. A coroa real da Assiria era um barrete de forma cônica, rematando em curva composta, porém ordinariamente com a forma de um barrete como é usado pelos turcos modernos, somente um pouco mais alto e terminando em ponta redonda.

Era adornado com cintas guarnecidas de ouro e pedras preciosas. O rei é sempre representado com um simples filete em volta da cabeça. A coroa real era reservada para as grandes solenidades oficiais. Os reis do Egito usavam duas espécies de coroas. Os do Alto Egito tinham uma,



Coroas orientais

em forma de barrete branco e arredondado, terminando em ponta rombuda; os do Baixo Egito, usavam a coroa em forma de barrete de cor vermelha, achatado em cima com a parte posterior muito elevada, com uma projeção em diagonal para a frente terminando em ponta enrolada. Quando os dois reinos se uniram em um só, sob um único soberano, este usava as duas coroas combinadas em uma só ficando a do Baixo Egito sobreposta à do Alto Egito. O rei egípcio é também representado com um diadema. O adorno distintivo da cabeça dos reis, qualquer que fosse a sua forma, era quase sempre circundado pelo Uraeus — serpente sagrada dos egípcios, simbolizando o domínio sobre a vida e sobre a morte (Vide ilustrações no artigo *Faraó*).

O diadema radiado era a forma de coroa muito usada pelos gregos e romanos e pelas nações sob o seu domínio. A coroa de planta espinhosa colocada na cabeça de Jesus pelos soldados romanos, tinha o duplo efeito de torturá-lo e de zombar de seus direitos à realeza, Mt 27. 29.

(b) A coroa do sumo sacerdote, consistia de uma lâmina de ouro, Lv 8. 9, com uma inscrição que dizia *Santidade ao Senhor*, gravada sôbre ela, atada com uma fita de jacinto sôbre a tiara, Ex 28. 36, 37; 29. 6.

(c) A coroa da vitória, 2 Tm 2. 5; 4. 8; Hb 2. 9, era composta de fôlhas de louro entrelaçadas, naturais ou feitas de metal.

2. Qualquer ornamento que tenha o feitio de coroa, como as molduras que circundavam a arca, a mesa dos pães da proposição e o altar dos perfumes, Ex 25. 11, 24. 25; 30. 3, 4.

COROA², TURBANTE, MITRA, DIADEMA, *Grinalda*.

Tradução da palavra hebraica *Peer*, que significa ornamento. Designava um adorno da cabeça dos homens, Ez 24. 17, 23. Arão, como sacerdote, usava mitra de linho fino, Ex 39. 26. Em Is 3. 20, a tradução é turbante usado pelas mulheres e em Is 61. 10, diz-se turbante, e na mesma passagem Figueiredo emprega a palavra coroa.

COROAS DA CASA DE JOABE

Nome de uma aldeia da Tribo de Judá, 1 Cr 2. 54.

CORREIA

Tira de couro que servia para amarrar as sandálias aos pés, Is 5. 27; Mc 1. 7; cp. Gn 14. 23.

CORREIO

Portador de cartas, Et 3. 13, Jó 9. 25.

CORRERIA ver CARREIRA

CORRUPÇÃO ver TROPEÇO

CORTINA

Nome de uma importante cidade da parte meridional da ilha de Creta, 1 Mac 15. 23.

CORUJA

Tradução da palavra hebraica *Tamush* que significa violento, nome de uma ave considerada imunda pela lei cerimonial, Lv 11. 16; Dt 14. 15. Há dúvidas quanto à espécie de animal por ela representado. As versões dos Setenta e da Vulgata

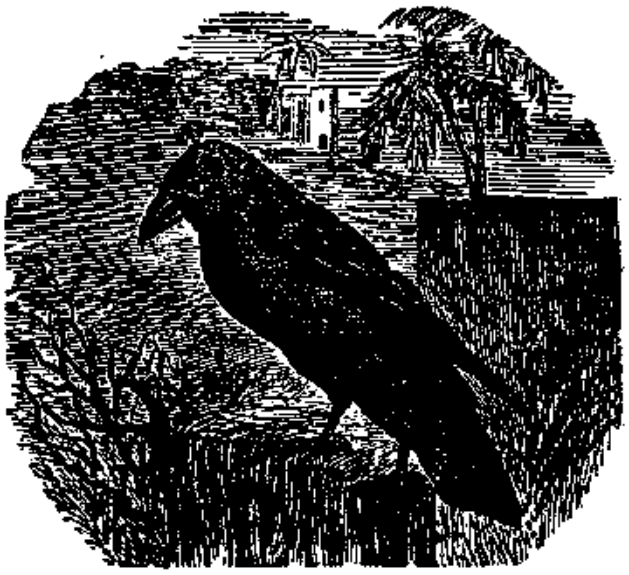
Coruja

deram-lhe o nome de coruja, mas parece que seja a *Caprimulgus europeus*, ou alguma outra da mesma família.

CORUJAS ver OURIÇOS

CORVO

Ave de cor negra, Ct 5. 11, onívoro, que se alimenta até de carniça, Pv 30. 17; é por isso considerado imundo pela lei cerimonial, Lv 11. 15. Noé soltou um corvo da arca, que não voltou a ela, naturalmente por ter achado nos cadáveres



Corvo (Corvus Corax)

alimento conveniente à sua nutrição, Gn 8. 7. Freqüenta os vales, Pv 30. 17, e busca aninhar-se em lugares solitários, Is 34. 11. A Providência serviu-se dos corvos para alimentar com pão e carne duas vezes ao dia, o profeta Elias, quando se achava à beira do ribeiro de Carite, quando a fome e a seca assolavam as terras de Israel, 1 Rs 17. 2-7. As consoantes empregadas nas palavras árabe e corvo são iguais na língua hebraica. Quando o texto é escrito sem vogais, como era a princípio, não se podia saber se significava árabe ou corvo, se o contexto não podesse socorrer o sentido. Tanto a Vulgata como os Setenta entenderam sem discrepância que o escritor hebreu queria dizer que o profeta foi alimentado pelos corvos. O pássaro a que a Escritura se refere é o corvo comum (*Corvus corax*) que se encontra em tôda a Palestina. É prêto com tonalidades de azul e púrpura do íris. Tem cerca de 26 polegadas de comprimento. O nome é bem conhecido e compreende também outra espécie de corvo. (*Corvus umbrinus*), que se encontra ao sul da Palestina e no vale do Jordão.

CORVO MARINHO ver GAIVOTA, I

COS

Nome de uma ilha que hoje se chama *Stanko*, ou *Stanchi* no Arquipélago distante da costa da Cária na Ásia Menor, dentro de um golfo, entre Cnidos e Halicarnassos. Dista de Rodes, cerca de um dia de viagem à vela, At 21. 1; 1 Mac 15. 23. Tem cerca de 32 quilômetros de comprimento por 11 de largo. Por vezes, a cidade principal desta ilha foi seriamente prejudicada por freqüentes terremotos. É célebre pelas suas vinhas, óleos e pelas suas púrpuras.

COSÁ

Nome de um descendente de Davi, e antecessor de Zorobabel e de Cristo, Lc 3. 28.

COUCEIRA, DOBRADIÇA

Nos antigos tempos do oriente as portas de grande peso descansavam sobre couceiras colocadas nos ângulos laterais das entradas, 1 Rs 7. 50; Pv 26. 14.

COURAÇA, I

Nome de uma cota de malhas, fabricada de finas chapas de metal, ligadas entre si para defesa do soldado na guerra, Jr 46. 4; 51. 3.

COURAÇA, II

Cota de malha para defesa do peito e do pescoço, 2 Cr 26. 14; Ne 4. 16. Couraça ou cota de malha, também serve de tradução a uma palavra hebraica diferente, e de significação incerta, empregada em Ex 28. 32; 39. 23 da V. B.

COVA ver SEPULCRO e SEPULTURA

COVADO, CÚBITO. Do latim *cubitum*, *cotovelo*.

Nome de certa medida de comprimento baseada no antebraço. O cúbito babilônico era equivalente a 20,65 ou 21,26 polegadas inglesas, igual a 0,56 e 0,58 centímetros respectivamente. O cúbito real babilônico era mais comprido do que o cúbito comum a largura de três dedos (Heród. 1. 178). O cúbito egípcio era igual ao comprimento de seis mãos abertas, ou palmos, 2. 149). O cúbito real era um palmo mais comprido do que o ordinário, igual a 20,64 polegadas ou 0,56 centímetros conforme se vê pelas medidas encontradas nos seus túmulos. Os hebreus também usavam cúbito de dois tamanhos; o cúbito antigo usado geralmente, Dt 3. 11; 2 Cr 3. 3, e o cúbito que era mais comprido um palmo, Ez 40. 5; 43. 13. A tábua das medidas lineares era como segue: 4 dedos igual à largura da mão; três destas, igual a um palmo; 2 palmos igual a um cúbito, Ex 25. 10; Antig. 3. 6, 5; *Mishna Chelim*, 17. 9. É provável que o cúbito real do Egito e o de Ezequiel fôssem iguais em teoria ao de Babilônia; de modo que, o cúbito dos hebreus tinha 17, 70 ou 18, 22, polegadas, se for três dedos menos do que o cúbito maior, teria então 18, 36 ou 18, 9 polegadas.

COZBI, *Mentiroso, enganador*.

Nome de uma filha de Sur, príncipe de Madiã. Os israelistas foram seduzidos pelas práticas idólatras dos madianitas a render culto a Beelfegor. Esta mulher atraiu a si um príncipe da tribo de Simeão chamado Zambri que ostensivamente entrou em sua casa à vista de Moisés e de seus irmãos. Ambos foram mortos por Fineias, filho do sumo sacerdote. Pouco depois foi também morto, o pai de Cozbi, Nm 25. 6-8, 14, 15, 18; 31. 8.

COZEBA, *Engano*.

Nome de uma aldeia de Judá, povoada pelos filhos de Sela, 1 Cr 4. 22. Crê-se geralmente ser a mesma Aczibe e Quezibe. Conder localiza-a na atual *Kueiziba*, situada a 10 quilômetros a noroeste de Hebrom e nas cabeceiras do aqueduto de Pilatos.

COZEBA ver MENTIRA

CRAVOS ver PREGOS

CRESCENTE, *Que cresce*.

Nome de um cristão que esteve em Roma enquanto Paulo jazia na prisão e que mais tarde, partiu para a Galácia ou Gália, 2 Tm 4. 10.

CRETA

Nome de uma grande ilha do Mediterrâneo situada a sudoeste da Grécia, e que hoje tem o nome de Cândia. Os turcos conservam o antigo nome na forma modificada de *Kirid*. Tem cêrca de 296 quilômetros de comprimento e cerca de 11 a 65 de largura. É cortada de este a oeste por uma cadeia de montanhas cujo ponto culminante, é o monte Ida, no centro da cordilheira, com 2.661 metros de altura. Homero refere-se a esta ilha (Iliada 2. 649; Odis. 19. 174), enaltecendo a beleza da sua terra, falando da sua inumerável população de raças diferentes e da sua centena de cidades. O quase mítico legislador Minos, viveu em Creta. A lenda imaginou que o fabuloso Minotauro habitava ali. Creta foi conquistada pelos romanos, 68-66 A. C. Muitos judeus se estabeleceram nela, At 2. 11; comp. 1 Mac 15. 19-23. O Cristianismo penetrou ali logo no princípio. Tito foi encarregado de pôr em ordem os negócios das igrejas, e a combater as doutrinas dos judaizantes, Tt 1. 5. 10-14. Paulo viajou na costa sul desta ilha, indo para Roma, At 27. 7, 12, 13, 21. Os cretenses tinham fama de bons arqueiros, e má nota de seu caráter moral. São Paulo, citando a um dos seus profetas, diz que os de Creta são sempre mentirosos, feras terríveis, ventres preguiçosos, Tt 1. 12 .No ano 823 da era cristã, foi conquistada pelos sarracenos, os quais construiram nela uma fortaleza a que deram o nome de *Khandar*, a Grande Fortaleza, nome êste convertido em Cândia, seu nome atual, que também é o da capital. O imperador grego tomou a ilha aos sarracenos em 961. Desde 1204 a 1665, esteve em poder dos venezianos, passando novamente para os turcos. Desde 1897 conquistou a sua independência.

CRIAÇÃO

O ato pelo qual Deus chamou à existência tudo que hoje vemos. O verbo "criar", no hebraico (*bara*), só se refere à ação original de Deus. Deus criou os céus e a terra, Gn 1. 1, a vida aquática e aérea, 21, o homem, 27, as estrêlas, Is 40. 26, os ventos, Am 4. 13. Deus cria o coração puro, Sl 51. 10. Ele disse e foram feitas as cousas, e êle mandou, e elas foram criadas, os céus com todas as suas maravilhas, os anjos, o sol, a lua, as estrêlas, as águas, tudo é obra de sua mão, Sl 148. 5. Da sua poderosa mão dependem todas as criaturas, todos esperam nêle para receber o sustento a seu tempo: se êle apartar o seu rosto, turbar-se-ão; o espírito desaparece e tudo volta ao pó, Sl 104. 27-30. No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. Todas as cousas foram feitas por Êle e nada do que foi feito foi feito sem Êle, Jo 1. 3; Ef 3. 9; Cl 1. 16; Hb 1. 2.

A palavra criação emprega-se especialmente em referência à formação original do Universo. É o Gênesis que relata esta criação no cap. 1 até ao cap. 2. 3. Segue-se a formação do homem e de tudo que o cerca, 2. 4-25. A narração geral fala de seis atos sucessivos, logicamente relacionados em grupos correspondentes a outros tantos dias. Todos os fatos parecem indicar que entre os seis dias sucessivos entrevieram longos períodos. A falta do artigo definito antes de cada dia enumerado como está na V. B. favorece esta suposição. A tradição paralela, como se encontra nos documentos babilônicos, refere-se claramente a intervalos nos atos sucessivos da criação e dá-lhes longa e demorada existência. A mais remota forma que existe desta narrativa, encontra-se na história mítica do conflito entre *Marduk*, deus sol, e *Tiamat*, o abismo das águas, representado por um dragão que tentava reduzir o universo a um caos. A inscrição babilônica remonta a 650 A. C., mas a história refere-se a fatos mui remotos, e diz assim:

"No tempo em que nas alturas não havia céu, a terra em baixo não tinha nome."

Isto é, quando os céus e a terra não existiam.

Então o primeiro oceano que os gerou, (e)
Mumu Tiamate (o abismo das águas) que tudo produziu,

Ajuntou as suas águas em uma só:
Quando ainda não havia campos, nem verduras.
Em um tempo em que nenhum dos deuses existia,

Quando nenhuma palavra havia sido proferida,
e o Destino nada havia determinado,
Então foram criados os deuses .....
Os deuses *Lahmu* e *Lahamu* apareceram,
E cresceram ..... *Anshar* (a hoste dos céus) e *Kishar* (a hoste da terra) foram criados.

Muitos dias se passaram .....
Deus Anu (firmamento) .....

É o que se continha no tijolo quebrado nesta parte da narrativa assim interpretada por Damáscio. Diz ele: "Os babilônios admitiam dois princípios no universo, *Tauthe* e *Apason*, (i. é, *Tiamat* o abismo áquoso e, *Apsu*, o oceano primitivo). *Apason* era esposo de *Tauthe*, chamada a mãe dos deuses. Estes dois geraram o seu unigênito filho Moimis. Dos mesmos deuses procedeu uma nova geração, *Lache* e *Lachos*. Depois do mesmo par (do par original) veio uma terceira geração, *Kissare* e *Assoros;* da qual procederam Anos (o céu), Elinos, a superfície da terra (com a atmosfera) e Aos (as águas da terra) e de Aos e *Dauke Belos*, o sol da primavera) nasceu o fabricante do mundo."

Nestas narrações da criação, os babilônios negam glória a Deus. Porém, à parte este defeito radical, estas suas tradições conservam fundamentalmente a mesma narração desenvolvida da criação do mundo como se encontra na Bíblia. Eliminada a fraseologia politeísta da tradição babilônica, ela ensina que a feição primitiva do universo era um caos aquoso, comp. Gn 1. 2. Desta massa caótica, surgiram *Moymis, Lache* e *Lachos*, ou *Lahmu* e *Lahamu*, que são indubitàvelmente objetos naturais ou forças ainda não identificadas, mas também por uma série de gerações, para servir-nos das figuras de Damáscio, surgiram os céus (comp. Gn 2. 4) e a terra, com tudo o que neles se contem, 1. 6-8. Depois, veio o firmamento, a terra e o mar, 1. 9, 10, e depois o sol, 1. 14. Como é que estes objetos naturais se converteram em deuses será explicado no parágrafo dedicado à religião dos assírios e babilônios, quando falarmos da Assíria.

Antes da Reforma, os doutores não interpretaram o dia do Gênesis como sendo um período de 24 horas (Agostinho, de Civ. Dei. 11. 6). Somente nestes últimos 400 anos é que se tem pensado que Deus criou o universo em uma semana de sete dias de vinte e quatro horas cada um. Afinal, a geologia e a astronomia começaram a se pronunciar contra esta interpretação. Os mestres destas duas ciências estão convencidos de que miríades de anos foram precisos para produzir o sistema solar, e dar à terra a feição atual através de muitas transformações. Quando se tornou claro que as doutrinas geológicas tinham bases substanciais, o Dr. Thomas Chalmers adotou as suas conclusões, e declarou publicamente em 1804, que "os escritos de Moisés não fixavam a antigüidade do globo."

Mais tarde, nas suas *Evidências do Cristianismo* publicadas em 1818, explicou que muitos anos haviam decorrido entre o primeiro ato da criação descrito no Gn 1. 1, e muitos outros, a começar com o v. 2. E na obra dos seis dias, não estará encerrado longo período de anos? Em 1857, Hugo Miller, na sua obra, *O Testemunho das Rochas*, interpreta os seis dias como Cuvier o havia feito em 1796, no discurso preliminar ao seu livro *Ossements Fossiles*, dando aos seis dias da criação a significação de seis períodos geológicos, traçando a correspondência entre os graus sucessivos da criação, como estão no Gênesis, de conformidade com o que se lê nas rochas. Deste modo, a geologia, falando da idade carbonífera, da idade dos peixes, da idade dos mamíferos, classifica as feições dominantes destas épocas, sem negar-lhes uma origem primária em tempos incalculáveis. A narração hebraica é notável pela simetria e pelo agrupamento das cousas criadas, que pode ser explicado como arranjo intencional. A ordem cronológica foi observada pelo menos em conjunto, porém resta conhecer os pormenores. Como quer que seja, a obra dos seis dias foi maior do que seis atos de operação. Deus falou, para usar o termo bíblico, oito vezes, vv. 3, 6, 9, 11, 14, 20, 24, 26, e no terceiro dia, ao mando divino, apareceu a terra com as suas produções; no quinto dia, foram criados os peixes e as aves, e no sexto, as bêstas e o homem. Ainda mais, os seis dias da criação foram dois grupos de três dias que se correspondem: no primeiro dia apareceu a luz, e no quarto dia, que é o primeiro do segundo grupo, apareceram os luminares; no segundo dia deu-se a divisão das águas, e apareceu o firmamento, e no segundo dia, do outro grupo, foram criados os peixes e as aves segundo o seu gênero; no terceiro dia foi criada a terra com todos os seus produtos, e no dia correspondente do segundo grupo, foi criado o homem e os animais, para cujo sustento, a terra produzia a erva e os frutos. As diversas obras da criação têm sido logicamente distribuídas em seis grupos. O *fiat* do Onipotente que deu a existência a terra árida, também a vestiu de verdura. Deus contemplou a terra, assim ornada. Os dois atos do Criador têm um único propósito, ainda que a vida vegetal não corresponda devidamente ao decreto divino, até que o sol apareça. Todavia, a vegetação existia de alguma forma, antes que o planeta Mercúrio saísse do torvelinho, e o sol, como hoje o vemos, tivesse sido formado.

CRISÓPRASO, Grego: *pedra de ouro.*

Uma das variedades da Calcedônia, côr de verde maçã, produzida pela presença do óxido de níquel. Encontra-se na Silécia. Constitui o décimo fundamento do muro da Nova Jerusalém, Ap 21. 20.

CRISPO, *Crespo no cabelo.*

Nome do chefe da sinagoga em Corinto, que, tendo ouvido as razões de São Paulo, ele e toda a sua família creram em Jesus Cristo, At 18. 8. Foi um dos poucos a quem o apóstolo batizou, 1 Co 1. 14.

CRISTAL

1. Tradução da palavra hebraica *Zekukith* em Jó 28. 17. O vocábulo siríaco correspondente ao hebraico; emprega-se em lugar de vidro, no Ap 4. 6.

2. Tradução do hebraico *Gabish*, gelo e cristal, Jó 28. 18.

3. Tradução da palavra hebraica *Kerah* em Ez 1. 22; comp. Ex 24. 10.

4. Tradução do grego *Krystallos*, em Ap 4. 6 e 22. 1, que vem a ser gelo, ou cristal de rocha, quartzo, transparente e incolor quando puro.

CRISTÃO

Seguidor de Cristo. Este nome nasceu em Antioquia, pelo ano 43 A. D. e foi dado aos discípulos de Cristo pelos seus inimigos em sinal de desprezo, At 11. 26. Hoje é nome universalmente conhecido, porém enraizou-se mui lentamente, pois só é encontrado duas vezes em o Novo Testamento: uma vez na boca de Agripa II, quando S. Paulo pregava sobre o arrependimento e sôbre a remissão dos pecados por meio de Jesus Cristo, e dava testemunho de sua ressurreição, At 26. 18, 23, 28, e a outra vez em uma carta do apóstolo S. Pedro para confortar os fiéis que sofriam perseguições, 1 Pe 4. 16.

CRISTO, *Ungido*.

O *Ungido*, nome correspondente ao hebraico Messias. Quando se falava do rei de Israel, dizia-se: "O Ungido"; assim se denominou Saul, e depois dele o rei Davi. O termo foi emprestado da versão dos Setenta, Sl 2. 2; Dn 9. 25. Quando empregado pelos escritores do Novo Testamento, tem o artigo determinativo e quer dizer o Messias do Antigo Testamento, Mt 16. 16, 20; 26. 63; Mc 8. 29; Lc 3. 15; Jo 1. 41. Às vezes o determinativo o é emitido, Mt 26. 68; Jo 4. 25. A palavra Cristo, ainda que empregada no sentido primitivo, é constantemente associada à palavra Jesus, nome aplicado à pessoa do Filho do Homem, que lhe foi dado desde o berço e que ficou como parte integrante do seu nome.

CROCODILO DA TERRA ver CAMELEÃO

CRÔNICAS

Dois livros históricos do Antigo Testamento têm êste nome. São evidentemente escritos por um só autor, por causa da unidade de seu plano e pelo fim a que se destinava. O assunto ficará incompleto sem o conteúdo de ambos. Os dois livros formam um só volume no cânon do Antigo Testamento hebraico. Os Setenta dividiram-no em dois, e esta divisão foi aceita em todas as edições. O nome hebraico dos livros é "Atos dos Dias", i. é, dos Tempos. A Versão dos Setenta denominou-os *Paraleipomena*, ou cousas esquecidas. Este título não é exato, pois quer dizer que foram escritos para suplementar o assunto de outros livros, o que não é verdade, pois êles tratam de assuntos independentemente de qualquer outro livro. A palavra Crônicas deriva-se de *Chronicon*, com que S. Jerônimo nomeou êstes escritos que êle descreveu como sendo a "Crônica de toda a história sagrada."

A obra divide-se naturalmente em duas partes: (1) As genealogias, especialmente de Judá, Benjamim e Levi, desde a Criação até à volta do cativeiro de Babilônia, 1 Cr caps. 1-8, com o registo daqueles que, antes do cativeiro, moravam em Jerusalém, 9. 1-34. A transição para o segundo livro se faz por meio da genealogia e morte de Saul e de Jônatas, 9. 35 até cap. 10. 14. (2) A história dos israelitas, mais especialmente de Judá, desde a ascensão de Davi ao trono até a volta do cativeiro de Babilônia, 11-2 Cr 36. A conclusão abrupta da obra, e a identidade dos vv. finais com os primeiros vv. do livro de Esdras, parecem indicar que as Crônicas e o livro de Esdras, eram uma história em continuação. Estes vv. contidos nas Crônicas e em Esdras, foram apanhados no mesmo registo público, ou mais provavelmente que um livro copiou do outro. Estes livros nunca formaram uma só obra. São inteiramente diferentes em seu plano; nem a tradição antiga os deu como tal. Todavia são obras do mesmo autor.

Os primeiros elementos de informação quanto a determinar o autor dos livros encontram-se nas genealogias. A linha genealógica de Davi é a que apresenta uma data mais adiantada. Os netos de Zorobabel são mencionados no 1º livro de Cr 3. 19-21; por conseqüência, a obra não podia ser feita muito antes de Esdras. Dizem alguns que os livros registam a descendência de Zorobabel até a sexta geração depois da sua morte, 21-24. Não existe sombra de prova que nos diga que as famílias enumeradas no v. 21, última parte, sejam os descendentes de Ananias, filho de Zorobabel. Os seus descendentes, bem como os de Sequenias, cuja posteridade é mencionada com bastante minudência, 21-24, não aparecem ali. Muito freqüentemente se dá o caso de famílias que não aparecem nas tábuas genealógicas. Quando o texto não falha, quer dizer que as famílias omitidas nos catálogos, pertenciam à tribo em que estão registadas, apesar de não aparecer a sua ligação. As quatro famílias enumeradas no v. 21, pertencem à linhagem de Davi em linha colateral com a família real descendente de Hananias, filho de Zorobabel. Todas as demais indicações referem-se igualmente ao tempo de Esdras. As contribuições e ofertas para a ereção do Templo mencionadas em 1 Cr 29. 7, constam de moedas persas, o que dá a entender que o império grego não havia suplantado o domínio persa, quando a obra foi iniciada. O nome *Birah*, castelo ou palácio, empregado em lugar de templo, 1 Cr 29. 1, 19, indica uma época que não vai além dos tempos de Neemias, porque depois do seu tempo a palavra *Birah* servia para designar uma habitação particular, Ne 2. 8; 7. 2, muito diferente de templo ou castelo. Opiniões mui remotas dão a Esdras como autor das Crônicas, porém esta tradição carece de provas. As objeções contra elas também não são de grande valor, pois existe muita semelhança entre a linguagem de Crônicas e Esdras. Este fato tem levado a grande maioria dos críticos modernos, apesar de conhecerem a interpretação duvidosa da genealogia registada no cap. 3. 19-24, a darem aos referidos livros data mais antiga, não obstante afirmarem que ambos os livros, em sua forma atual, são obra do mesmo autor. Os livros de Crônicas estão incluídos na secção Hagiógrafo, a terceira e última divisão do cânon hebraico e não entre os livros proféticos, o que prova que o autor não era profeta. Vide *Cânon*.

Os Massoretas, que os manuscritos espanhóis imitaram, puseram Crônicas em ordem entre o Hagiógrafo e imediatamente antes dos Salmos. Nas edições impressas da Bíblia Hebraica, e nos manuscritos alemães e franceses, foram colocados em seguida a Esdras e Neemias, sendo o último livro da divisão. Parece que era esta a posição dos livros no tempo de Cristo, porquanto, Zacarias é citado como o último dos profetas que sofreram morte violenta, Mt 23. 35; Lc 11. 51; comp. 2 Cr 24. 20-22.

CRONISTA

Nome de um oficial de elevada categoria no governo desde o tempo de Davi em diante. Em hebreu chamava-se *mazkir*, que significa pessoa que toma nota de fatos, porque era de seu ofício registar os acontecimentos importantes e dar notícia deles ao rei. O seu lugar na corte era de grande destaque. O cronista fazia parte dos oficiais de alta consideração nos reinados de Davi e Salomão, 2 Sm 8. 16; 1 Rs 4. 3. O mordomo-mor, o secretário de estado e o cronista-mor, representavam o rei Ezequias em os negócios do reino, 2 Rs 18. 18, 37. Por ordem do rei Josias os oficiais que serviam na corte, Safã secretário, o governador da cidade e o cronista-mor tomaram a si a reparação da casa do Senhor, 2 Cr 34. 8.

CRONOLOGIA

As nações da antiguidade não tinham um sistema uniforme de contar o tempo; não tinham as mesmas noções nem sentiam a mesma necessidade de um método cronológico como as nações modernas. Os assírios e os babilônios merecem algum crédito no modo de registar os acontecimentos de sua história na mais remota antigui-

dade. Porém, até onde se conhece, não tinham uma época que servisse de ponto fixo de referência a que se ligassem os fatos posteriores. Cada ano era designado segundo o registo oficial de que se guardava uma lista dos epônimos anuais. Um acontecimento tendo sido datado pela eponimia em que êle se deu, a sua data era prontamente verificada recorrendo a lista dos epônimos.

Em Babilônia, na Assíria, na Palestina e no Egito, as datas dos documentos tinham referência ao ano em que começava o reinado de um monarca. Infelizmente os escribas nem sempre mantinham uniformidade nos registos das datas. No reinado do mesmo monarca, uns tomavam a data da sua ascensão ao trono e outros começavam a contar o ano civil doze meses depois da subida do rei ao trono. Ainda mais, um filho associava-se no trono com seu pai em tempos diferentes, e alguns escribas tomavam o primeiro ano da associação com o pai e outros tomavam o primeiro ano do governo do pai como o primeiro ano do reinante. A deficiência da cronologia, segundo a concepção moderna, é palpável. Josefo determina a duração do reino de Israel, somando os anos de cada reinado sem tomar em conta a diferença decorrente entre a morte de um e a subida de outro ao trono: Quando no mesmo ano se dava a morte e a ascensão do novo rei, era possível que o mesmo ano fosse contado nos dois reinados. Seguindo este método, ele dá ao reino de Israel uma duração de 240 anos, 7 meses e sete dias, Ant. 9. 14. 1, ao passo que outras computações feitas por êle, baseadas nos reinados de Judá, dão 263 anos, Ant. 10. 8, 5; 8. 7, 8; 10. 9, 7.

A mesma falta de exatidão cronológica verifica-se no modo por que Josefo avalia o número de anos decorridos desde o êxodo até à fundação do Templo. Dá 592 anos em Ant. 8. 3, 1 e outras vêzes dá 612 (no cap. 20. 10) e Contra Apiom 2. 2; ao passo que o escritor hebreu do terceiro livro dos Reis no cap. 6 v. 1, dá 480, e o apóstolo S. Paulo, 574, At 13. 18-21; 1 Rs 2. 11; 6. 1. Estas divergências poderão parecer contraditórias ao leitor moderno a quem faleça o senso histórico e que não possa separar-se das modernas concepções cronológicas; porém, esta aparência de contradição desaparece considerando que os cálculos foram feitos de acordo com as intenções de seus autores e conforme êles os compreenderam. As eras, como se entendem na cronologia atual, entraram em uso, em tempos relativamente modernos. A saída do Egito serviu aos hebreus por breve tempo de ponto de partida para a contagem dos anos, Êx 16. 1; Nm 9. 1; 10. 11; 33. 38. Os romanos datavam todos os documentos com o nome do cônsul em exercício, e mais tarde acrescentavam o ano do reinado imperial. Os historiadores romanos faziam sempre referência à data da fundação de Roma, A. U. C. como o princípio dos anos de sua história, isto alguns séculos depois. A data da fundação da cidade, segundo Varro, é 753 A. C. aceita geralmente como princípio da nova era. Os gregos calculavam em períodos de quatro anos a que chamavam Olimpíadas. A primeira começou em 776 A. C. ano em que Corebo saiu vitorioso nos jogos olímpicos. Os sírios usavam a era dos Selêucidas, começando a contar o tempo no mês de outubro de 312 A. C. e assim mesmo faziam os israelitas nos tempos dos Macabeus, I Mac 1.10. A era dos maometanos começava no ano 622, A. C. data da fugida de Maome de Meca. Os judeus usavam a data universal da criação do mundo que êles referiam a 3760 a 3761 A. C. As nações cristãs adotaram a data do nascimento de Cristo como o princípio dos anos da nova era. No princípio do sexto século, o abade romano Dionísio nas suas tábuas da Páscoa contava os anos a começar com a encarnação do Senhor.

O abade errou nos seus cálculos sobre a data do nascimento de Cristo, mas os cálculos que êle fez baseando-se na data 754 A. U. C. (Fundação de Roma) foram aceitos como base para o início da era cristã.

A era cristã começa com o primeiro ano. Os eventos que se deram no ano civil, em que nasceu Cristo, são datados do primeiro ano da era cristã. As edições da Bíblia começaram a trazer datas cronológicas marginais em 1701, segundo o sistema do arcebispo Usher que êle publicou nos seus *Annales Veteris et Novi Testamenti* em 1650-54. Este trabalho prestou serviços úteis durante dois séculos e meio. Atualmente é considerado obsoleto pela sua inexatidão. Fornece apenas um dos vários arranjos possíveis. Baseava-se em pontos que se cruzavam com as interpretações particulares, sôbre passagens controvertidas em algumas das quais cometeu erros palpáveis, evidentemente provados. O seu sistema foi elaborado sob o ponto de vista das concepções da cronologia moderna e nega justiça às diferentes noções prevalecentes na antigüidade, e foi construído sem o valioso concurso dos elementos que as modernas investigações têm dado à luz. O sistema de Usher é obsoleto, não há dúvida, mas não pode ser ainda abandonado, até que apareça outro sistema de indiscutível veracidade. Algumas datas são fixas e alguns períodos determinados com absoluta certeza cronológica. Outras datas estão ainda sob investigações, e outras aguardam os resultados de investigações que pendem de antigas descobertas. Há muito que pesquisar para se obter um resultado definitivo.

I. DESDE A CRIAÇÃO DO MUNDO ATÉ AO NASCIMENTO DE ABRAÃO

Os dados para este período derivam dos registos da história hebraica em Gn 5. 1-32; 7. 11; 11. 10-26. Há vários métodos possíveis de interpretá-los entre os quais mencionaremos os seguintes: (1) A genealogia foi elaborada pelos escritores antigos do mesmo modo que o seria pelos autores modernos.

Adão	tendo vivido	130 anos	gerou a	
Sete	que viveu	105 "	"	"
Enos	" "	90 "	"	"
Cainã	tendo vivido	70 "	"	"
Maleleel	" "	65 "	"	"
Jarede	" "	162 "	"	"
Enoque	" "	65 "	"	"
Matusalém	" "	187 "	"	"
Lameque	" "	182 "	"	"
Noé	" "	600 "	veio o dilúvio	
Desde a criação ao dilúvio		1656 "		
Noé	tendo vivido	500 anos	gerou a	
Sem	" "	100 "	"	"
Arfaxade	" "	35 "	"	"
Salá	" "	30 "	"	"
Heber	" "	34 "	"	"
Fáleque	" "	30 "	"	"
Ragaú	" "	32 "	"	"

Serugue	"	"	30	"		"	"
Nacor	"	"	29	"		"	"
Terá	"	"	70	"		"	"
Abrão	"	"					
			890	"	depois do nascimento de Noé		
			290	"	depois do dilúvio		
			1946	"	depois da criação do mundo		

Os dois anos mencionados em Gn 11. 10 são adicionados a este resultado, pelo arcebispo Usher, segundo o qual Terá gerou os seus filhos quando o mundo contava 1946 anos de existência. Por esta interpretação, Sem não podia ser o filho mais velho de Noé, como geralmente se crê, nascido quando o velho pai tinha 500 anos de idade, Gn 5. 32. Porém, o capítulo 11, v. 10, tem outra explicação. Interpretando a data da genealogia como já foi dito, Noé tendo vivido 500 anos, gerou a Sem, que tendo vivido 100 anos, gerou a Arfaxade; portanto, êste nasceu no ano 601 da vida de Noé, isto é, no segundo ano civil, depois do ano diluvial, que se deu no ano 600 da vida de Noé, 7. 6, 11, que durou cinco meses daquele ano. Noé viveu mais 350 anos completos, 9. 28. Quando começou o dilúvio tinha 599 anos e alguns meses. Como vivesse 350 anos mais, veio a morrer, quando tinha 949 anos e alguns meses, isto é, no ano 950 de sua idade, 9. 29. Há discrepâncias entre o Pentateuco hebraico, o samaritano e a versão dos Setenta. O texto hebraico é evidentemente o mais exato no que respeita a datas. Os Setenta, provavelmente, baseando-se na longevidade dos antediluvianos, e que antes de 150 anos não tinham o seu primeiro filho, tomaram a liberdade de acrescentar um século à data dos hebreus, o que eles fizeram, como se diz, no caso de Adão, Sete, Enos, Cainã, Maleleel e Enoque. As variações menores são as que se referem a Lameque. O texto alexandrino e o luciano dão 188 + 565 = 753 anos, e Luciano divide a idade de Matusalém em 167 + 802 = 969 anos. O Pentateuco samaritano, sob a hipótese de que um antediluviano não poderia gerar filhos senão depois de 150 anos de idade, e vendo que Jarede somente os teve aos 162 e Matusalém, aos 187, (e segundo Luciano aos 167) e Lameque aos 182, reduziu os algarismos a 62,67 e 53.

Deste modo, encurtou o total das existências, enquanto que os Setenta balancearam cuidadosamente as suas adições à primeira parte das vidas com as subtrações correspondentes da última parte, de modo que, o total de cada existência era igual, naquela versão bem como no original hebraico, exceto no caso de Lameque. O mesmo se deu em referência aos patriarcas pós-diluvianos anteriores a Abraão. Os Setenta hesitam em dar-lhes menos de 100 anos para o nascimento de seu primeiro filho; acrescenta 100 anos às idades em que foram gerados os filhos de Arfaxade de Salá, de Heber, de Fálegue, de Ragaú, de Serugue, e mais 50, à vida de Naor quando gerou Taré. Segundo os manuscritos de Alexandria e de Luciano, depois de Arfaxade, insere Cainã e diz que este gerou a Salá quando tinha 180 anos de idade. O Pentateuco samaritano concede que êles gerassem filhos depois de 50 anos, no caso de Arfaxade, Salá, Heber, Fálegue, Ragaú e Serugue, acrescenta 100 anos à idade que o texto hebraico dá e mais 50 anos no caso de Naor. (2) Admite-se que algumas, ou muitas linhas genealógicas tenham sido omitidas. Como se dá em outras genealogias dos hebreus, cada membro conta ser quem gerou o seu sucessor, ainda que este seja seu neto, ou ainda descendente mais remoto; como se dá com a genealogia real do evangelho segundo S. Mateus, onde desaparecem os nomes de três reis, Ocozias, Joás e Amazias, e onde se diz que Jorão gerou a Ozias, que era seu bisneto. Vê-se pois, que somente são mencionados os membros proeminentes da linha genealógica; ou ainda dão número determinado, habilmente escolhido para auxílio da memória. Assim pois, na genealogia segundo S. Mateus, dão-se grupos de duas vezes sete, e em Gênesis os grupos são de dez. Viveu Adão 130 anos e gerou a Sete, que tendo 105 anos gerou a Enos, que na idade de 90 anos gerou a Cainã, que tendo 70 anos, gerou a Malaleel.

Segundo esta teoria, os registos hebraicos não oferecem base segura para organizar uma cronologia exata, desde Adão até Abraão. Supõe ainda que a idade atribuída aos patriarcas é a de uma existência normal. Adão viveu 930 anos. Esta longevidade extraordinária explica-se pelo fato de que o pecado, cujos efeitos físicos geram as enfermidades e ocasionam a morte, tinham apenas iniciado a sua maligna influência sobre a raça humana, cuja intensidade aumentou com o desenvolvimento das gerações futuras. O balanço entre a existência do homem em seu estado de inocência e o homem na condição de ente decaído ainda não se tinha obtido. (3) Pode-se admitir ainda que os nomes de indivíduos representem famílias, e sejam tomados no sentido coletivo, como a palavra Israel que representa o patriarca e seus descendentes; Cim, que é tomado em lugar de Cineos, Nm 24. 22, e Davi, representando a casa real, 1 Rs 12. 16. Outras vezes a família toma o nome de seu progenitor, ou de algum outro membro proeminente da tribo; outras vezes, ainda, o nome da tribo, ou do lugar de seu nascimento ou de sua residência, aplica-se à pessoa de seu representante, como se dá hoje com alguns indivíduos, que são designados pelo nome da família donde procedem; e com os titulares, que são tratados pelo nome do lugar de que se origina o seu título. Em Gênesis cap. 10, os nomes das genealogias são, às vezes de indivíduos, de povo, de cidade e de países. Na geração de Abraão, mencionada neste capítulo, Arfaxade filho de Sem, 10. 22, é também o nome de uma região povoada pelos descendentes de Sem, onde nasceu Salá. A longevidade é o período durante o qual uma família teve o predomínio sobre os seus contemporâneos.

ADÃO		1
	Origem da família de Sete, quando Adão tinha 130 anos, 5. 3,	130
	A linha de Adão exerceu a direção dos negócios familiares, durante 930 anos, v. 5, e depois foi substituída pela	
FAMÍLIA DE SETE		930
	105 anos depois que esta família se formou, surgiu a família de Enos, v. 6.	1035
	Depois de 912 anos, v. 8, a família de Sete foi substituída pela	
FAMÍLIA DE ENOS		1842
	90 anos depois de Enos assumir a direção da família, derivou dela a família de Cainã, v. 9.	1932
	815 anos depois, v. 10, Enos deu lugar à	
FAMÍLIA DE CAINÃ		2747
FAMÍLIA DE LAMEQUE		6848
	Família que tomou este nome originária de Noé	7030
	Lameque tem como sucessor a	

FAMÍLIA DE NOÉ	7625
Sem, Cão e Jafé, nascem cerca de	8125
DILÚVIO	8225
Arfaxade, sua origem	8227
A RAÇA DE SEM, distinta de outros descedentes de Noé, torna-se preeminente	8575

Conclui-se que os anos, desde a criação de Adão até ao dilúvio, foram 8225, e desde Adão até a morte de Taré, poderão ser 11571. Este esbôço mostra uma das aplicações da teoria; convindo lembrar que vários pontos da genealogia estão sujeitos a interpretações diversas, subordinadas a preferências individuais, até que novas investigações venham esclarecer definitivamente o assunto.

II. DESDE O NASCIMENTO DE ABRAÃO ATÉ AO EXODO

Quanto tempo depois do dilúvio nasceu Abraão é o que não se pode saber pela narração bíblica, nem mesmo pelo primeiro método acima enumerado, e empregado por Usher na interpretação da genealogia desde Adão até Abraão, uma vez que a Bíblia não diz a idade de Taré, quando Abraão nasceu. Segundo Usher, Abraão nasceu em 1996 A. C. O período desde o nascimento de Abraão e a descida para o Egito pode ser calculada assim: Nascimento de Abraão até o

"	" Isaque	100 anos, Gn 21. 5
"	" Jacó	60 anos, Gn 25. 26
Idade de Jacó quando desceu ao Egito		130 anos, Gn 47. 9.
		290

A peregrinação dos filhos de Israel no Egito durou 430 anos, Ex 12. 40, 41. O cálculo deste período será feito sobre esta data inicial? ou sobre a data do pacto com Abraão, quando ele tinha 75 ou 85 anos, Gn 12. 4; 16. 3; ou como crê Usher e outros, sobre a época da descida para o Egito? Provavelmente será sobre esta época. Geralmente se crê que Ramsés II foi o Faraó da opressão, e que o seu sucessor Meneptá foi o Faraó do Êxodo. A data de Ramsés II pode ser aproximadamente determinada, pelo fato de Amenofis IV, rei do Egito, ser contemporâneo de Asurubalite, rei da Assíria. Tuculti-Adar, quinto descendente de Asurubalite reinou segundo um registo de Senaqueribe, 1300 A. C. O quinto ou sexto rei do trono do Egito depois de Amenofis IV, foi Ramsés II, indício seguro de que este rei governou no ano 1300 A. C. A data do reinado de Meneptá foi determinada da seguinte forma: Menofres, que parece ser o mesmo Meneptá, é o rei em cujo domínio começou o período Sótico de 1460 anos. Segundo o astrônomo *Theon*, o período Sótico terminou em 139 A. C., portanto deveria ter começado em 1321, de modo que o período do reinado de Meneptá foi incluído no ano 1321. Na base deste cálculo, para determinar o reinado de Ramsés II e de Meneptá, o Êxodo pode ser provisoriamente fixado no ano 1320. Esta data ainda pode ser reduzida a menos 40 anos, se o Dr. Mahler, astrônomo de Viena provar, que a sua opinião, baseada em cálculos astronómicos, é verdadeira, que Ramsés II reinou desde 1342 a 1281 A. C.

III. DESDE O ÊXODO ATÉ A FUNDAÇÃO DO TEMPLO DE SALOMÃO

Este intervalo foi calculado em doze períodos de quarenta anos cada um, 1 Rs 6. 1, dos quais o primeiro se estende pela peregrinação no deserto, Ex 16. 35; Nm 14. 33, e mais seis ou oito desde o tempo dos Juízes propriamente dito, o o tempo de opressão e de paz, freqüentemente incluído nos cálculos, Jz 3. 11, 30, mais o duplo período de paz e opressão mencionado em Jz 5. 31; 8. 28; 13. 1, e provavelmente, 10. 1-4; 12. 7-14; e o período sacerdotal de Eli, 1 Sm 4. 18, o reinado de Saul forma outro período, At 13. 21, e finalmente o reinado de Davi completa o grupo de doze períodos 1 Rs 2. 11. Estes períodos de quarenta anos são contados em números redondos. Os períodos enumerados eram algumas vezes, no todo ou em parte, contemporâneos (Vide *Juízes*). Jefté refere-se à ocupação feita pelos israelitas durante 300 anos no país de Hesebom, Jz 11. 26, que vem a ser em números redondos sete períodos de quarenta anos. Josefo calcula de modo diferente, avaliando o tempo decorrido desde o Êxodo à fundação do Templo em 592 ou 612 anos (Ant. 8. 3, 1; 20. 10; enquanto que o apóstolo S. Paulo, seguindo o texto *receptus*, refere-se ao período dos Juízes, dando-lhe 450 anos, At 3. 20. Como já tem sido notado, estes resultados, embora não concordes, não se contradizem. As variações resultam dos diversos métodos empregados na computação dos tempos. Não se deve supor que a soma representa exatamente a duração do período como se fosse uma demonstração cronológica pelos processos modernos. A extensão dos períodos não pode ser dada em termos precisos até que venham novos elementos de cálculo.

IV. DESDE A FUNDAÇÃO DO TEMPLO AO CATIVEIRO E À VOLTA DO EXÍLIO

A construção do Templo foi iniciada no quarto ano do reinado de Salomão, 1 Rs 6. 1, que reinou 40 anos. Depois dele, reinou Roboão, quando se revoltaram as dez tribos, constituindo-se em reino independente sob a designação de reino de Israel. Os dados fornecidos para o fim desta parte da cronologia, vêm-nos de duas fontes: dos hebreus e de origens estranhas, conforme a tabela que segue abaixo. Para discussão e pormenores deste assunto, vide os artigos sobre os diversos reis de Judá e Israel, constantes deste dicionário e uma breve monografia sobre cronologia, pelo prof. Davis, publicada na *Presbyterian and Reformed Review* de 1891, págs. 98-114. Na tabela referida vem a cronologia comparada dos dois reinos. Davi, incapacitado pela idade para continuar no governo, e em perigo de ver o seu trono usurpado, fez que Salomão cingisse a coroa, 1 Rs 1. Quando Azarias foi atacado de lepra e obrigado a separar-se do governo, Joatão assumiu o cargo da realeza. A tabela também demonstra que entre os hebreus, como entre os outros povos vizinhos, não existia regra fixa para determinar o ano em que um rei subia ao trono, ou se o ano civil subseqüente devia ser contado como o primeiro ano do reinado. Os registros diferem, seguindo um ou outro método. Há muitos exemplos dos quais daremos só um: No cânon 604 de Ptolomeu, o ano civil que seguiu à ascensão de Nabucodonosor ao trono, é contado como sendo o primeiro ano de seu reinado, e assim fizeram Josefo, Daniel e os escribas de Babilônia, de cujos registros se serviu Jeremias, conforme cap. 52. 28-30.

Porém, o próprio Jeremias e outros escritores da Palestina daquele tempo, contam o ano da ascensão de Nabucodonosor como sendo o seu primeiro ano contando em sincronismo, 4 para o rei Joaquim e 1 para Nabucodonosor; 11 para Sedecias e 19 para Nabucodonosor. Será observado finalmente, que dois eventos, o assassinato de Ocozias, rei de Judá, e de Jorão, rei de Israel, por Jeú, e a queda de Samaria, dividem a história dos dois reinos em três períodos, cada um deles completo em si mesmo. As datas destes dois eventos estão bem estabelecidas. A cronologia, portanto, de cada um destes períodos, pode ser fixada por si mesma. As dificuldades que surgem em matéria de comparação, interessam somente o seu próprio período e não os outros. A tabela não oferece resultado completo em todos os particulares. Pequenas diferenças no arranjo das datas hão de aparecer em vários pontos, como por exemplo no caso da usurpação de Atalia. Outras leves modificações não alteram a cronologia no seu todo.

1 Rs 14. 21	ROBOÃO	1	931	1	JEROBOÃO 1 Rs 14. 20
		2		2	
2 Cr 11. 17	Três bons anos	3		3	
		4		4	
1 Rs 14. 25	Invasão de Sesaque	5		5	
		6		6	
		17	1915	17	
1 Rs 15. 1, 2 / 2 Cr 13. 1, 2	ABIAO	1	.....	18	
		2		19	
		3			
1 Rs 15. 9, 10	ASA sobe ao trono Primeiro ano de seu reinado	.....		20	
		1		21	
2 Cr 14. 1	Paz por dez anos	2	.....	1-22	NADABE 1 Rs 15. 25
		3	.....	2-1	BAASA 1 Rs 15. 28-33
		4	908	2	
		10		8	
		11		9	
2 Cr 14. 9-15	Guerra de 3 anos	12	900	10	
		13		11	
		14		12	
2 Cr 15. 10	Reforma	15		13	
15. 19 / 16. 1, 2	*Benadade e Baasa	16		14	
		25	887	23	
		26		1-24	ELA 1 Rs 16. 8
		27	.....	2	ZAMBRI, 7 dias 1 Rs 16. 10, 15
				1	1 Rs 16. 15, 16
		28		2	
		29		3	
		30		4	
		31	.....	5	ANRI prevalece, 1 Rs 16. 22, 23
		36	876	10	
LXX 1 Rs 16. 28	Josafá associado	1	.....	11	LXX, 1 Rs 16. 29
		2-38		12-1	ACABE Hb " "
2 Cr 16. 12	Morte de Asa	3-39		2	
		4-40		3	
1 Rs 22. 41, 42	JOSAFÁ	5-41	.....	4	
	Prim. ano reia.	1	870	5	
		2		6	
		3		7	
2 Rs 8. 25, 26	Casamento de Jorão	4		8	
2 Cr 22. 1	e a filha de Acabe	5		9	
		15	856	19	
		16		20	
	Jorão associado	17	.....	1-21	OCOZIAS 1 Rs 22. 51
					Derrota de Acabe por Salmanazar
		2-18	.....	2-1-22	JORÃO 2 Rs 1. 17; 3. 1
		3-19		2	Guerra de Moabe 2 Rs 3. 4
		4-20		3	
		5-21	850	4	Guerra com Benadade e Salmanazar idem idem
2 Rs 8. 16, 17	JORÃO único rei	1		5	
					Sítio de Samaria 2 Rs 6. 24
		4		8	Salmanazar e Benadade em guerra
		5		9	
2 Cr 21. 18, 19	Jorão doente	6		10	Benadade assassinado
2 Rs 9. 29	Ocozias regente	7	.....	11	Hazael no governo 845-3
2 Rs 8. 25, 26	OCOZIAS, rei, é morto por Jeú	8	.....	12	Jorão morto por Jeú
			842		JEÚ sobe ao trono
					Jeú e Hazael pagam tributos a Salmanazar
					1 Rs 5 a 6. 40-65
2 Rs 11. 1-3	JOÁS, legítimo rei, 6 anos de reclusão por Atalia.			1	
			840	2	
				3	Salmanazar em guerra com Hazael Obelisco 102
				4	
				5	
				6	

(*) As datas 35 e 36, no hebraico, são consideradas como pertencendo ao princípio do reino de Judá. Os modernos comentadores consideram o texto hebraico errado e dizem 15 ou 25 e 16 ou 26 em lugar de 35 e 36 respectivamente. Tem muita razão, porque o texto de Crônicas não foi transmitido com o cuidado que devia ter, e a frase «ano de Asa», ou de outro rei, sempre se refere ao ano de seu reinado, e Baasa tinha morrido antes do ano 35 e 36 de Asa.

2 Rs 11. 4; 12. 1	Joás no trono. Morte de Atalia	7	7		Por causa da incapacidade de Jeú para a guerra
		21	21-1		JOACAZ associado, Ant. 9: 3, 5
		22 820	2		2 Rs 13. 10, corrig. v. 1
2 Rs 12. 6	Reparos no Templo	23	3		Hazael contra Israel, 2 Rs 10. 32
		28	(23) 8		Joacaz rei 2 Rs 10. 35
2 Rs 12. 17	Hazael contra Gete e Jerusalém				
2 Cr 24. 25	Joás enfêrmo	37	1-17		JOÁS 2 Rs 13. 10
2 Rs 14. 1	AMAZIAS governa	1	2		
		2 803	3		Bin-Nadu-Mari, rei de Damasco cerca Ramom-Nirari.
	Morte de Joás e Amazias rei (4	0) 3	4		Os moabitas invadem Israel
					Joás vitorioso, 2 Rs 13. 20, 25
Ant. 9. 9, 3	Derrotado e a capital tomada por Joás	14 791	15		
		15	16		JEROBOÃO 2 Rs 14. 23
		16	1		Primeiro ano de reinado
		17	2		
2 Rs 14. 19	Conspiração	18	3		
2 Rs 14. 21	AZARIAS aclamado	1	4		
		2	5		
2 Rs 14. 17	Amazias sobrevive 15 anos a Joás				
2 Rs 14. 19	Morte de Amazias (29)	11	14		Ant. 9. 10. 3
	Azarias rei	12 775	15		
2 Rs 14. 22	Edificou Elate				
2 Rs 15. 1	Azarias reina	.....	27		
		25	28		
		26	29		
2 Rs 15. 5	Azarias leproso.	27 750	40		Terremoto
2 Rs 15. 32, 33	JOATÃO governa	1-33 }	41		Contemporâneo de Joatão 1 Cr 5. 17
		2(39) }			ZACARIAS 2 Rs 15. 8
		3	1		SELUM 2 Rs 15. 13
		4	2		MANAÉM, 2 Rs 15. 17
		5 745	3		Pul, i. é, Tiglate-Pileser, sobe ao trono da Assíria. Azriau da terra de *Yauda*, i. é, Judá, mencionada por Tiglate-Pileser neste tempo.
	Acaz associado	9	7		
		10 740	8		
		11	9		
		12	10		Manaém paga tributos a Pul 2 Rs 15. 19
		13(50)	1		FACÉIA 2 Rs 15. 23
		14	2		
	Morte de Azarias	15(52)	1		FACÉIA 2 Rs 15. 27 (*)
2 Rs 15. 33	Joatão reina	16 {			
2 Rs 16. 1, 2	Acaz	8 {	2		Tiglate-Pileser toma Gaza
		9 733	3		Tiglate-Pileser contra Damasco
		10			Idem recebe tributos de Acaz
		11			
		12(30) 730	1		OSÉE 2 Rs 15. 30
		13	2		2 Rs 17. 1
2 Rs 18. 1, 2	EZEQUIAS reina	14	3		
Ant. 9. 13. 1	Ano 1 do reinado	15 1	4		Tiglate-Pileser e Salmanasar
	Morte de Acaz	16 2	5		
2 Rs 18 9	Ezequias reina só	3	6		
Ant. 9. 14, 1		4	7		Osée pede aliança a Suá, rei do Egito, 2 Rs 17. 4
		5	8		
2 Rs 18. 10		6 ..... 722	9		Queda de Samaria
		7 721			Primeiro ano do govêrno de Sargom que subiu ao trono da Assíria no mês 10 do ano anterior
		720			Derrota de Suá, rei do Egito
		13 715			Tropas assírias em Samaria, e na Arábia. O Egito tributário

(*) Usher e com êle outros cronologistas são de parecer que a anarquia durou por alguns anos, entre a morte de Facéia e de seu sucessor Osée. Tanto os registros hebraicos como os assírios, todavia, indicam claramente que não houve interregno algum. Dizem êles que Osée matou a Facéia e o sucedeu no trono. Sôbre os vinte anos do reinado de Facéia, vide Facéia.

2 Rs 18. 13 2 Cr 32. 1-8 Isaías 36. 1	Senaqueribe invade o reino de Judá	14	714	As tropas assírias subjugam Judá, talvez sob o comando de Senaqueribe, no princípio de 714 ou fins de 715. Nimr. tab.
2 Rs 20. 1-6 Isaías 38. 1-8	Ezequias enfermo			
2 Rs 20. 12 Isaías 39. 1	Embaixada de Merodaque Baladã	15 16	713 712	Judá tributário da Assíria (Octg. Cil, 32-35). Merodaque-Baladã incita as nações vizinhas contra a Assíria
Isaías 20. 1	Sargom contra Azoto	17 18	711 710	Sargom contra Azoto Sargom destrona Merodaque
		23	705	SENAQUERIBE no trono da Assíria
2 Rs 18. 14	Cerco de Senaqueribe	27 28 29	701 700 699	Contra Ezequias e Jerusalém
2 Rs 21. 1 2 Rs 19. 37	Primeiro ano do reinado de Manassés	1 2	698 697 696	
		18	680	ASARADOM recebe tributos de Manassés de Judá
		30 49	668 649	ASSURBANIPAL Guarnição assíria em Gezer
2 Cr 33. 11	Manassés levado preso para Babilônia	50	648-7	Assurbanipal toma Babilônia depõe o rei que havia incitado os povos do Elã e do Mediterrâneo para se revoltarem contra a Assíria; recebe tributos de Manassés de Judá (647 Schrader).
		55	643	
2 Rs 21. 19	AMOM sobe ao Trono. Primeiro ano	1 2	642 641 640	
2 Rs 22. 1	JOSIAS	1 2	639 638	
2 Cr 34. 3 2 Cr 34. 3 Jr 1. 1, 2	Josias busca Jeová Começo de reforma Missão de Jeremias	8 12 13 14	632 628 627 626	
		15	625	NABOPOLASSAR
Jr 25. 1-3	13 de Josias a 4 de Joaquim inclusive, 23 anos			
		30	610	NECAU, rei do Egito
2 Rs 23. 29 2 Rs 23. 31 2 Rs 23. 33	Morte de Josias JOACAZ JOAQUIM	31 1	609 608	
		2 3	607 606	
Jr 25. 1; 46. 2		4	605	NABUCODONOSOR
Ant. 10. 6, 1 Jr 36. 9	Ele e Neco, vencidos por Nabucodonosor Público jejum, o livro do profeta queimado	5	604	Ano 1 ou 2
Ant. 10. 10, 3 Dn 2. 1	Dois anos depois da destruição do Egito. Sonho de Nabucodonosor	6	603	Ano 2 ou 3
2 Rs 24. 1	Joaquim paga tributos	7	602	Ano 4
2 Rs 24. 8-12 2 Cr 36. 10	JOAQUIM, três meses, vai cativo para Babilônia		598	Ano 8 ou 7
2 Rs 24. 18 Jr 51. 59 2 Rs 25. 1 Jr 32. 1	SEDECIAS Vai a Babilônia. Jerusalém sitiada.	1 4 9 10	597 594 589 588	PSAMÉTICO II do Egito APRIES, rei do Egito Ano 18 ou 17 de Nabucodonosor

2 Rs 25. 8, 9 Ant. 10. 8, 5 C. Apiom, 1. 21	O Templo incendiado no quinto mês	11	587	Ano 19 ou 18 de Nabucodonosor
Ez 33. 21	Ezequiel recebe notícias do incêndio do Templo.			
Jr 44. 30	Menção de Apries.			
Jr 52. 30	Cativos levados para			
Ant. 10. 9, 7	Babilônia no 5º ano depois da destruição da cidade = 23º de Nabucodonosor		583	23º de Nabucodonosor
			568	Nabucodonosor invade o Egito no 37º ano de seu reinado
2 Rs 25. 27	37 anos depois do cativeiro do rei Joaquim		562	EVILMERODAQUE
			561	1º ano de seu reinado
			539	CIRO toma Babilônia
2 Cr 36. 22, 23	Ciro manda reconstruir o Templo		538	1º ano de seu reinado
Esdras 3. 8	Começa a reconstru-			
C. Apiom 1. 21	ção no 2º mês, depois de 50 anos (49 anos e 9 meses) da tomada de Jr		537	2º ano de Ciro

V. DESDE A VOLTA DO CATIVEIRO ATÉ AO NASCIMENTO DE CRISTO

A JUDÉIA SOB O DOMINIO PERSA	539	CIRO no trono de Babilônia
Zorobabel conduz 42.000 Judeus para Jerusalém	538	
Fundação do Templo, trabalho interrompido	537	
	529	CAMBISES
	521	DARIO HISTASPES
Ageu e Zacarias exortam o povo a reencetar os trabalhos do Templo	520	
A reconstrução do Templo, concluída no 12º mês do 6º ano, principio da primavera	515	
	490	Maratona
	486	XERXES, chamado Assuero
	480	Vitória dos persas nas Termópilas e derrotados em Salamina.
	479	A derrota em Platéia
	465	ARTAXERXES LONGIMANO
Esdras conduz 1.755 Judeus para Jerusalém	458-7	
Artaxerxes envia Neemias para Jerusalém no mês de Nisã	445-4	
Começa o consêrto do muro da cidade no 3º dia do 6º mês, terminado a 25 de Elul, no 6º mês		
Neemias regressa à Pérsia	433-2	
	424	DARIO NOTUS
	359	OCUS
	338	ARSES ou Arogus
	336	DARIO CODOMANO
		Alexandre no trono da Macedônia
	334	Vitória de Alexandre no Granico
	333	Vitória do mesmo em Issus
Alexandre, o Grande, visita Jerusalém, onde é recebido pelo pontífice Jadua	332	
	331	Alexandre derrota Dario em Arbela
	330	Assassinato de Dario
	323	Morte de Alexandre
A JUDÉIA ANEXADA AO EGITO, por Ptolomeu Soter	320	
Tomada de Jerusalém pelo mesmo		
Colonização de Alexandria e de Cirene	312	SELEUCO funda o reino dos Selêucidas
	223	ANTIOCO, O GRANDE
Depois da batalha de Rafia, 217 A. C., Ptolomeu Filopáter sacrifica em Jerusalém. Impedido de penetrar no Santo dos Santos, tenta destruir os judeus em Alexandria		
Antioco toma Jerusalém	203	
Scopas reconbra a Judéia	199	

A JUDÉIA ANEXADA À SÍRIA, e retomada por Antíoco na batalha de Panéias	198	
	190	Derrotado pelos Romanos em Magnésia
	175	ANTÍOCO EPIFANES
O pontífice Onias deposto, em seu lugar vai o pontífice Jasom do partido grego	174	
Tomada de Jerusalém por Antíoco, matança de seus habitantes e profanação do Templo	170	
Antíoco manda erigir um altar idólatra no Templo para oferecer sacrifícios pagãos	168	
O sacerdote Matatias ergue o estandarte da revolta		
OS MACABEUS. Judas toma o comando	166	
Derrota de Gorgias		
Derrota de Lísias. No 25 de Chisleu, faz-se a nova dedicação do Templo	165	
	164	Morte de Antíoco, subindo ao trono Antíoco Eupator
	162	DEMETRIO I
Morte de Judas em combate; Jônatas toma o comando	160	
	150	ALEXANDER BALAS
	146	ANTÍOCO VI sobe ao trono auxiliado pelo general Trifom. Demétrio II seu rival
Jônatas Macabeu é assassinado por Trifom. Simão Macabeu toma o seu lugar	143	
Primeiro ano da libertação de Jerusalém, Simão feito sacerdote e capitão	142	Antíoco é assassinado
	138	ANTÍOCO VII regente até 128
Simão é assassinado. João Hircano sucessor	135	
Pompeu toma Jerusalém	63	
Júlio César nomeia Antipater, procurador da Judéia	47	
	44	Assassinato de Júlio César
Assassinato de Antipater	43	
Os partas tomam Jerusalém e colocam Antígono Macabeu no trono. O Senado Romano, porém, nomeou Herodes rei da Judéia	40	
HERODES toma Jerusalém, mata a Antígono, o último dos reis Macabeus, e apodera-se do trono.	37	
	31	AUGUSTO, imperador romano
Começa a reconstrução do Templo	19	
Nascimento de JESUS CRISTO, fim de ou princípio de	5	
Morte de Herodes e divisão do reino entre os três filhos, ficando Arquelau com a Judéia	4	

VI. DESDE A MORTE DE HERODES ATÉ À DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM

A cronologia da vida de Cristo e a de S. Paulo é tratada no lugar competente. A cronologia da vida de S. Paulo começa com a data da nomeação de Festo para procurador.

	A. C.
Por ocasião da morte de Herodes, o Grande, o reino foi dividido entre os seus três filhos, ficando Arquelau com a Judéia, Herodes Antipas como Tetrarca da Galiléia e Peréia, e Filipe, como Tetrarca da Ituréia e da Traconítis	4
	A. D.
Deposição de Arquelau; a Judéia e a Samaria são encorporadas à província da Síria e governadas por procuradores. Copônio e Marcos Ambívio.	6
	10
	12 ou 13 Tibério associado com Augusto recebem do Senado *imperium proconsulare* em tôdas as províncias

Valério Gratus, quarto procurador	14	Augusto morre a 19 de agosto e TIBÉRIO, único imperador
Pôncio Pilatos, procurador da Judéia	26	
Jesus começa seu ministério público, Lc 3. 1-23; comp. Jo 2. 20	27	
Morte do Tetrarca Filipe; a sua tetrarquia é anexada à Síria	33	
Pôncio Pilatos deposto por Vitélio, governador da Síria e enviado para Roma	36	
Herodes Antipas assiste à Páscoa em Jerusalém. Calígula nomeia Herodes Agripa para rei das tetrarquias de Filipe e Lisanias, e manda Murilo como procurador	37	Tibério morre às mãos dos seus guardas em 26 de março; em seu lugar governa Calígula
Herodes Antipas banido para a Gália e a sua tetrarquia é dada ao rei Herodes Agripa	39	
Cláudio eleva Herodes Agripa a rei da Judéia e de Samaria	41	CALÍGULA é assassinado a 24 de janeiro. CLÁUDIO imperador
Morte de Herodes Agripa. A Judéia de novo governada por procuradores		
Cúspio Fadus nomeado procurador	44	
Tibério Alexandre, judeu renegado de Alexandria, é nomeado procurador	46	
Ventidio Cumanus, procurador, junto com Félix	48	
Antônio Félix, procurador	52	Cláudio expulsa de Roma os judeus, os feiticeiros e os astrólogos
	54	Cláudio morre envenenado, 13 de outubro. NERO, imperador
Pórcio Festus sucede a Félix; porém, se reconhecermos o governo de Félix, desde o ano 48, poderemos datar a nomeação de Festo do ano 55 ou 56	59 ou 60	
Albino, procurador	62	
Géssio Flórus, procurador	64	Começam as perseguições aos cristãos sob Nero
Rebenta a guerra na Judéia	66	
	68	Suicídio de Nero. Galba e Oto governam sucessivamente e sofrem morte violenta
	69	VITELIO obtém o império e é morto. VESPASIANO, imperador
Destruição de Jerusalém	70	

CRUCIFIXÃO

Ato ou operação pelo qual, uma vítima condenada à morte era fixada à cruz, atando-lhe as mãos e os pés ou cravando-os com pregos para dar-lhe morte mais cruel. Este processo de castigo era praticado por muitas nações da antigüidade. Alexandre, o Grande, mandou crucificar mil tírios. Ciro, diz o historiador Josefo, quando publicou o decreto concedendo a volta dos judeus para Jerusalém, ameaçou de morte pela crucifixão a todo aquêle que embaraçasse a execução de suas ordens (Ant. 11. 1, 3; 4. 6).

Dario, persa, ameaçou de morte a todos que recusassem obedecer a seus decretos, Ed 6. 11. Antíoco Epifanes crucificou a muitos dos judeus que recusavam abandonar a sua religião, em contrário às suas ordens (Antig. 12. 5, 4). Alexandre Janeus (Guer. 1. 4, 6.) e os fariseus crucificavam os seus inimigos (Guer. 1. 5, 3). Entre os romanos, a crucifixão era pena infligida somente aos escravos ou aos libertos que haviam cometido crimes hediondos. Os cidadãos romanos eram isentos desta pena em virtude de leis especiais.

Eram muito comuns as crueldades que precediam o ato da crucifixão: açoitavam o paciente, e depois de lacerado o corpo, obrigavam-no a carregar a cruz, Mt 27. 26; Mc 15. 15; Jo 19. 1. O procurador romano Flóro e o general Tito (Guer. 2. 14, 9) mandavam açoitar os condenados antes de serem crucificados. Se a vítima tinha de ser atada à cruz, a morte era mais lenta; este caso se dava pela fome e pela sede uns três dias depois, e em alguns casos acontecia o mesmo com os que eram pregados. Quando era necessário apressar a morte do condenado, quebravam-lhe as pernas.

Assim fizeram aos dois ladrões que foram crucificados com Jesus, Jo 19. 31-33. Tito mandou crucificar muitos judeus após a tomada de Jerusalém. Constantino aboliu este gênero de morte em todo o império romano.

CRUZ

Esta palavra não se encontra no Antigo Testamento, apesar de que a crucifixão era praticada por vários povos da antigüidade. Vide *Crucificado*. A palavra cruz é empregada por Jesus em sentido figurado, Mt 10. 38; 16. 24. Pela narrativa do Evangelho, vê-se que a cruz era de madeira pesada, Cl 2. 14, mas não tanto que não pudesse ser carregada por um homem forte, Mt 27. 32; Mc 15. 21; Lc 23. 26; Jo 19. 17. Erguiam-na do chão antes ou depois que o paciente fosse a ela pregado. As cruzes eram de três feitios: a de S. André tinha a forma de um X, outra, a forma de um T, e a terceira assemelhava-se a uma espada romana. + A cruz de Cristo era talvez, como os artistas a têm imaginado, a do terceiro tipo, que mais facilmente se prestava a receber a inscrição que Pilatos mandou pôr sobre a cabeça de Jesus, Mt 27. 37; Mc 15. 26; Lc 23. 38; Jo 19. 19. Naquele tempo e mesmo depois, a cruz era evidentemente a pena mais ignominiosa e que inspirava maior angústia, como entre nós era a forca em outros tempos, Jo 19. 31; 1 Co 1. 23; Gl 3. 13; Fp 2. 8; Hb 12. 2; 13. 13, de modo que, ser condenado à cruz era incorrer no escárnio e na

maior desonra pública. Passada que foi a morte de Cristo, os mais zelosos de seus seguidores consideraram a cruz de modo inteiramente diferente. São Paulo gloriava-se na cruz de Cristo, Gl 6. 14, significando, por este modo, a expiação resultante da sua morte no Calvário, Ef 2. 16; Cl 1. 20. Antes da era cristã, a cruz, em qualquer das suas formas, era usada como símbolo sagrado pelos caldeus, fenícios e egípcios e por outras nações orientais. Os espanhóis, no século 16, encontraram-na entre os índios do México e do Peru, porém, com uma significação inteiramente diversa da que hoje tem.

No quarto século, Rufino, escrevendo cinqüenta anos depois do acontecimento que vamos narrar, relata que Helena, mãe do imperador Constantino, teve uma visão em que era instruída a restaurar Jerusalém, e procurar o sepulcro de Cristo. Estando ali, no ano 325, achou três cruzes.

Certa mulher enferma que se achava ali, avistando uma delas, sentiu-se curada (Hist. Ecl. 1. 7).

Por este suposto milagre, julgaram identificada a cruz do Salvador. Helena fez presente de uma parte desta cruz à cidade de Jerusalém, e mandou a outra parte ao imperador, seu filho, que a colocou em sua estátua como o paládio do império. O historiador Eusébio que floresceu no quarto século, e era contemporâneo de Helena e em relações íntimas com a família imperial, nada diz a respeito desta história, que não encontra acolhimento nos escritores modernos. Prevalece contra esta lenda a prática de queimar as cruzes dos condenados em vez de as enterrar.

CUBE

Nome de um povo mencionado em conjunto com a Etiópia em Ezequiel, 30. 5.

CÚBITO ver COVADO

CUCO ver GAIVOTA

CURRAIS ver APRISCO

CURTIDOR

Pessoa que prepara os couros, removendo deles o pelo, At 9. 43, submetendo-os a uma solução de cal ou outro agente, como seja a infusão de casca de carvalho, a fim de saturá-los do suco ácido da planta, dar-lhes consistência, maleabilidade e resistência. O apóstolo Pedro hospedou-se em Jope, na casa de um curtidor de peles, At 10. 6.

CUSÁ ver ETIÓPIA, I

CUSAÍ ver CUSI

CUSAIAS

Nome de um levita da família de Merari e da casa de Musi, 1 Cr 15. 17; 4. 21.

CUSÃ-RISATAIM

Nome de um rei da Mesopotâmia que teve os israelitas oito anos em sujeição. Foi Otniel, filho de Quenaz, irmão mais moço de Calebe, quem os libertou, Jz 3. 5-11.

CUSE, (Em hebraico *Kush*, no antigo egípcio *Kash* e em etíope *Kish*.

1. Nome de um dos filhos de Cão, donde procederam cinco povos principais descendentes de Sava, Havilá, Sabtá, Regmá, e Sabataca, que se estabeleceram na Arábia central, exceto Sabá, que ocupou a costa africana, Gn 10. 6-8; 1 Cr 1. 8-10.

2. Nome do território, onde os filhos de Cão se estabeleceram por algum tempo. No Gn 2. 13, fala-se do país da Etiópia, que é a grande bacia do Tibre e do Eufrates. Na maior parte de outras passagens, designa a Etiópia da África, 2 Rs 19. 9; Et 1. 1; Ez 29. 10. Heródoto fala dos etíopes asiáticos, existentes no exército de Xerxes, que eram diferentes dos etíopes africanos (7. 70).

3. Nome de um dos filhos de Jemini, inimigo de Davi. Título do Sl 7.

CUSI

1. Nome de um descendente de Jeudi, que viveu nos dias de Jeremias, Jr 36. 14.

2. Nome do pai do profeta Sofonias, Sf 1. 1.

3. Nome de um mensageiro que foi dar notícia a Davi da derrota de Absalão, 2 Sm 18. 21-23, 31, 32.

CUSITA

Nome da mulher de Moisés que ele tomou dentre as mulheres da Etiópia, Nm 12. 1.

CUTA

Nome de uma cidade de Babilônia, várias vezes mencionada juntamente com Borsipa, e cuja divindade tutelar era Nergal. A província de Samaria foi colonizada por habitantes desta cidade, depois da deportação das dez tribos, 2 Rs 17. 24, 30. O lugar de sua antiga existência é assinalado no outeiro *Tell Ibrahim*, a noroeste de Babilônia.

CUTELO

Os hebreus usavam um instrumento que eles chamavam *meakeleth*, servindo para separar as refeições, ou para cortar os animais destinados aos sacrifícios, ou esquartejar cadáveres, Gn 22. 6; Jz 19. 29; cp Lv 8. 20; 9. 13. Outra palavra hebraica, *hereb*, que significa espada, servia para representar uma faca que os antigos sabiam preparar, servindo-se da pederneira, Js 5. 2. Com estas facas faziam a barba, Ez 5. 1. Os egípcios, quando embalsamavam os cadáveres, serviam-se de facas agudas e bem afiadas, para fazerem as incisões no corpo (Heród. 2. 86). Os escribas judeus apontavam os estilos com uma pequena faca, Jr 36. 23. Herodes, o Grande, servia-se de uma faca para comer frutas e com ela tentou suicidar-se (Antig. 17. 7-1).

CUZA

Nome do procurador de Herodes, tetrarca, cuja esposa, com outras piedosas mulheres, assistiam com suas posses as necessidades de Jesus, Lc 8. 3.

D

DÃ, *Juiz.*

1. Nome de um dos filhos de Jacó, com sua escrava Bala, Gn 30. 5, 6. Teve só um filho chamado Husim, Gn 46. 23, ou Sunã, Nm 26. 42. O futuro destino de seus descendentes foi profetizado por Jacó, da seguinte maneira: "Dã julgará o seu povo, bem como qualquer das outras tribos de Israel. Venha a ser Dã como uma cobra no caminho, como uma cerasta na vereda que morde as unhas do cavalo para que caia para trás o seu cavaleiro", Gn 49. 16, 17, querendo isto significar que a sua tribo havia de pelejar contra os inimigos de Israel, com ardor e com astúcia, como nenhuma das outras tribos. Falando do mesmo assunto, Moisés comparou Dã a um cachorro de leão estendendo-se largamente desde Basã, Dt 33. 22.

2. Nome da tribo originária de Dã, e do território de Canaã que lhe foi distribuído, Nm 1. 13, 38, 39. Este território continha, entre outras, as seguintes cidades: Sara, Aijalom, Ecrom, Elteque, terminando em frente de Jope, Js 19. 40-46; 21. 5, 23; comp. Js 5. 17. Os danitas não dominaram todo o território que lhes fora assinalado por causa dos amorreus que o encerraram na parte montanhosa, impedindo a sua entrada nas planícies, Jz 1. 34, 35. Sentindo falta de espaço, enviaram espias ao extremo norte da Palestina em busca de melhores posições, encontrando o que desejavam na cidade de Lesém, ocupada por estrangeiros. Os danitas enviaram uma expedição, tomaram o lugar, mataram os seus habitantes e reconstruíram a cidade, dando-lhe o nome de Dã, Js 19. 47; Jz 18. 1-31. Ooliabe e Sansão pertenciam à tribo de Dã, Ex 31. 6; Jz 13. 2, 24.

3. Nome de uma cidade do extremo norte da Palestina. A frase "desde Dã até Berseba" e vice-versa, dá a entender a extensão do país de norte a sul, Jz 20. 1; 1 Cr 21. 2. A cidade era a princípio denominada Laís ou Lesém, lugar de leões. Depois de conquistada, recebeu o nome de Dã, Js 19. 47; Jz 18. Abraão perseguiu Quedorlaomer até Dã, Gn 14. 14, que alguns pensam ser Dã-jaã que pode bem ser a Laís, isto é Dã. Se assim for, o nome familiar Dã suplantou a designação anterior mencionada no Gênesis (comp. Dt 34. 1). Em Dã, Jeroboão, levantou um de seus bezerros de ouro, 1 Rs 12. 29, 30; 2 Rs 10. 29; Am 8. 14. Benadade destruiu a cidade e outros lugares vizinhos, 1 Rs 15. 20; 2 Cr 16. 4, porém foi reconstruída mais tarde, Ez 27. 19. Estava situada em um vale fertilíssimo, perto de Reobe, Jz 18. 9, 28, nas vizinhanças do Líbano, cabeceiras do pequeno Jordão (Ant. 5. 3, 1; 8. 4), junto aos pântanos de Merom (Guerras 4. 1, 1), distante cerca de 4 milhas romanas (5.928 metros) a oeste de Pâneas. *Tell el-Kadi*, que significa *Outeiro do Juiz*, é o lugar assinalado da antiga Dã, que acidentalmente recorda o sentido do seu nome. Nas bases deste outeiro, existem duas nascentes que se ligam, formando o rio Ledã, de pequeno curso, porém o mais volumoso dos três que após alguns quilômetros formam o Jordão.

DABERATE, *Terra de pastagens.*

Nome de uma cidade dentro do território de Issacar, partilhada com os seus subúrbios, aos filhos de Gérson, Js 19. 12; 21. 28; 1 Cr 6. 72; Guerras, 2. 21, 3; Vida 62. Em seu lugar existe a aldeia de Deburié, na base do Monte Tabor, do lado do noroeste.

DABESETE, *Corcova de camelo.*

Nome de uma cidade nos limites de Zabulom, Js 19. 11. Conder assinala a sua antiga existência em *Dabsheh*, a 22 quilômetros a N. E. do Acre.

DADIVAS, PRESENTES

Os pais fazem presentes aos filhos, Gn 25. 6, e às filhas por ocasião de seu casamento, Gn 34. 12, como uma espécie de dote. Os convidados para assistirem a um casamento, levavam presentes à noiva, Sl 45. 13. Serviam para manifestar íntimo regozijo, Et 9. 22, ou para obter favores, Pv 18. 16. A antiga lei mosaica proibia fazer donativos aos juízes para o fim de subornálos, Ex 23. 8; Dt 14. 16; Pv 29. 4. Os monarcas costumavam recompensar com dádivas, os serviços prestados pelos seus servidores, Dn 2. 48, ou como uma demonstração de público regozijo, Et 2. 18. Os presentes serviam também como tributos que os súditos pagavam aos reis, 2 Sm 8. 2, 6; 2 Cr 26. 8; Sl 45. 12; 72. 10; Mt 2. 11, e para fins religiosos, Mt 5. 23, 24; 8. 4; Lc 21. 5. O costume de fazer presentes ainda é muito comum no Oriente. O dom de Deus é a vida eterna por Jesus Cristo, Jo 4. 10; Rm 6. 23. Cristo recebeu dons para os homens, Ef 4. 8; e não somente abriu-lhes um caminho para Deus, como ainda alcançou para eles o dom do Espírito Santo, Jo 14. 16; 16. 7; At 2. 38, e todas as manifestações do Espírito no coração e na vida dos crentes: o arrependimento, At 5. 31, a fé, Ef 2. 8, o amor, Rm 5. 5, o gozo, a paz, a paciência, a benignidade, a bondade, a longanimidade, etc, Gl 5. 22. Todas as virtudes cristãs são dádivas com que Deus habilita os homens a exercer as diversas funções no seu reino, Rm 12. 6; 1 Co 7. 7; 12. 4, 9; Ef 4. 7-16. Vide *Milagres, Línguas.*

DAGOM

Deus dos filisteus adorado em Gaza, Bete-Dagom e especialmente em Azoto, onde tinha um templo, Jz 16. 21, 23; 1 Sm 5. 1-7; 1 Cr 10. 10. Jônatas Macabeu, tendo derrotado os filisteus, encerrou-os no templo de Dagom de Azoto e lançou fogo à cidade e ao templo, 1 Mac 10. 84; 11. 4. Dagom era adorado na Fenícia e na Assíria, representado com a cabeça e os braços de homem e a parte inferior do corpo por um peixe, 1 Sm 5. 4. Deodoro Siculo (2. 4) descreve um ídolo chamado Dercetus com formas semelhantes, que existia em Ascalom, outra cidade dos filisteus.

DALETE

Nome da quarta letra do alfabeto hebraico. Serve para marcar a quarta secção do Salmo 119, cujas linhas de cada v. começam pela mesma letra.

As duas letras, hebraicas *daleth* e *resh*, são um tanto semelhantes e em certo grau de seu desenvolvimento se diferençavam prestando-lhes muita atenção ao escrevê-las e examiná-las. Nas inscrições de Siloam, por exemplo, são escritas assim ד ou D, e nas moedas hebraicas ק ou q. Esta semelhança causou grandes embaraços aos leitores e copistas, que muitas vezes os levou a sérias dificuldades para determinarem o sentido de palavras obscuras, onde não encontravam indicações certas que os guiassem para acertar com a forma original.

DALFOM

Nome de um dos dez filhos de Hamã, Et 9. 7.

DALILA, *Delicada.*

Nome de uma mulher dos filisteus, do vale de Soreque, que causou a ruína de Sansão, Jz 16. 4-18.

DALMÁCIA

Nome de uma região na praia oriental do Adriático com pequenas, mas numerosas ilhas adjacentes. É atravessada pelos Alpes Julianos, continuação dos Alpes Dináricos, que vêm a ser uma parte

da gigantesca cordilheira que separa a Itália da França e a Suíça da Alemanha. As tribos que ali habitavam foram subjugadas pelos romanos no ano 9 da nossa era, por Augusto César e Tibério, futuro imperador, constituindo a provincia da Dalmácia. Fazia parte do Ilírico, que foi o limite das viagens missionárias de S. Paulo naquela direção, Rm 15. 19. Tito, o discípulo do grande apóstolo, depois de estar por algum tempo com o seu mestre na capital italiana, partiu para Dalmácia, talvez para implantar o Evangelho entre os selvagens seus habitadores, 2 Tm 4. 10.

DALMANUTA

Nome de um lugar situado na praia ocidental do Mar de Galiléia, nas vizinhanças de Magdala, Mc 8. 10; comp. Mt 15. 39.

DAMARIS

Nome de uma mulher que se converteu pela pregação de S. Paulo em Atenas, At 17. 34.

DAMASCO

Nome de uma cidade da Síria situada no planalto, regado pelos rios Abana e Farfar, 2 Rs 5. 12. O planalto acha-se a cerca de 720 metros acima do nível do mar e na base oriental da cadeia do Antilibano, com a superfície de 926 quilômetros quadrados. Nos lugares regados pelos canais derivados dos rios, o terreno é de grande fertilidade, de modo que a cidade se acha cercada de pomares, hortas e jardins, em contraste com a aridez do deserto vizinho.

Porta oriental de Damasco, com um miranete sobreposto

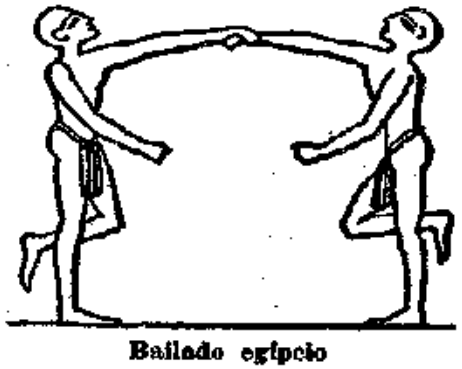
Três grandes estradas de comércio se dirigem para Damasco, uma vem do sudoeste do Mediterrâneo e do Egito, outra vem do sul da Arábia e a terceira atravessa o deserto de Bagdá. É cidade antiqüíssima, mencionada já nos tempos de Abraão, Gn 14. 15. Em dias de Davi, Damasco era um dos pequenos estados da Síria meridional. Foi tomada e guarnecida por Davi, 2 Rs 8. 5, 6; 1 Cr 18. 5, 6. Depois que ele destruiu o reino sírio de Zobá, certo homem chamado Rezom, antigo súdito de Zobá, reuniu um bando de homens, tomou Damasco e fundou o reino da Síria, que tantas perturbações trouxe a Israel, 1 Rs 11. 23, 24. Damasco foi a capital, onde residiram Hezion, Tabrimom e os Benadades, 1 Rs 15. 18, 20; 20. 34; 2 Rs 8. 7; Azael, 1 Rs 19. 17; 2 Rs 8. 8-15, Razim, 16. 5. Tabrimom e o primeiro Benadade foram aliados do rei de Israel, 1 Rs 15. 18; 2 Cr 16. 2. Acabe renovou a aliança obtendo os direitos de estabelecer ruas de bazares em Damasco, 1 Rs 20. 34. Neste período, Damasco representou um papel saliente entre as nações ocidentais pela resistência que opôs aos povos da Assíria. Na aliança com os reis da costa e com Acabe rei de Israel, saiu de encontro a Salmanazar em Carcar no ano 854 A. C. sendo derrotado. Em 841, o seu rei Azael foi também derrotado por Salmánazar. Em Damasco residia Naamã, general dos exércitos no tempo de Benadade segundo, 2 Rs 5. 1. 12. Quando Razim de Damasco e Pecá de Israel planejaram tomar Jerusalém, Acaz de Judá chamou Tiglate-Pileser, rei da Assíria, que tomou Damasco, cativou os seus habitantes e matou a Razim, 2 Rs 16. 5-9; Is cap. 7. 1 a cap. 8. 6; 10. 9, fato este referido por Am 1. 3-5. Em breve readquiriu a sua antiga prosperidade, Ez 27. 18. Da mão dos assírios, Damasco passou para as dos babilônicos e destes para as dos persas e depois para as dos macedônios e gregos. Foi uma das cidades que formaram a Decápolis. O general romano Metelo tomou-a no ano 63 A. C., formando com ela uma província romana. Muitos judeus habitavam nestas cidades e, fundaram ali várias, sinagogas, At 9. 2; Guerras, 2. 20, 2. Perto desta cidade foi Saulo de Tarso convertido ao Cristianismo, quando perseguia os cristãos ali residentes, sendo fulminado por uma luz brilhante ao som de uma voz do céu, At 9. 2, 3, 10; 22. 6, 10, 11, 12; 26. 12. De cima de seus muros, desceu o apóstolo dentro de uma alcofa para escapar à fúria dos inimigos, At 9. 24, 25; comp. 26. 20; Gl 1. 17. A tradicional rua Direita tem cêrca de três quilômetros e meio de comprimento e passa pelo centro da cidade na direção nordeste para sudoeste. Hoje é rua pobre, mas no tempo de S. Paulo era avenida suntuosa adornada de colunas corintias de cada lado. Na extremidade oriental está a porta de entrada com este nome, porta larga, com 12 metros e meio de altura e 6 metros e 60 de largura e duas portas menores abertas ao lado; foram obra dos romanos, talvez do tempo de S. Paulo. Tanto esta porta como as outras, foram construidas em arco com pedras lavradas. Somente a porta do lado do norte, se conservava aberta. No tempo de S. Paulo, a cidade estava em poder do rei Aretas da Arábia Pétrea, que logo voltou para os romanos, 2 Co 11. 32. No ano 634, os árabes investiram contra ela, e no ano seguinte a tomaram. Em 1300 foi saqueada pelos tártaros e em 1400, por Timur. Desde 1516 está em poder dos turcos. Em julho de 1860 foram massacrados ali 6.000 cristãos pelos maometanos, drusos e beduinos, ajudados por soldados turcos.

DANA, *Terra baixa.*

Nome de uma aldeia, na parte montanhosa de Judá. Js 15. 48. A posição de outras povoações dêste grupo dá a entender que o antigo lugar desta aldeia fica muito além de Idna, cêrca de 15 quilômetros a oeste de Hebrom.

DANÇA

Desde tempos remotos que as alegrias domésticas ou nacionais, provocadas por acontecimentos vários, se traduziam em públicas ou particulares



Bailado egípcio

expansões. A dança e a música são meios de externar as nossas alegrias. As mulheres hebréias festejavam com a dança a volta dos guerreiros

vitoriosos, Jz 11. 34; 1 Sm 18. 6, 7; 29. 5; comp. Jr 31. 4, 13. As crianças de ambos os sexos associavam-se em danças, Jó 21. 11; Mt 11. 17; Lc 7. 32. Há passagens na Escritura que dão a entender que os hebreus, estando ainda no Egito, celebravam com danças certas solenidades, Sl 30. 12; Lm 5. 15; Ec 3. 4; Lc 15. 25. O Evangelho dá-nos conta de uma princesa judaica dançando publicamente em um banquete, à moda gentílica, exibindo as suas graças naturais, Mt 14. 6; Mc 6. 22. A dança, como parte de cerimônia religiosa, ou ato de adoração, era comum entre os hebreus, principalmente pelas mulheres, Êx 15. 20; Jz 21. 21, 23; e ocasionalmente pelos homens, como no caso de Davi, dançando diante da arca, 2 Sm 6. 14-23; 1 Cr 15. 29.

As danças diante das imagens eram comuns entre os pagãos, Êx 32. 19; 1 Rs 18. 26.

DANIEL, *Deus é o meu juiz.*

1. Nome de um dos filhos de Davi e de Abigail, nascido em Hebrom, 1 Cr 3. 1, que em 2 Sm 3. 3 tem o nome de Queleabe.

2. Nome de um sacerdote que assinou o pacto nos dias de Neemias, Ed 8. 2; Ne 10. 6. Cronologicamente é o terceiro deste nome mencionado no Antigo Testamento.

3. Nome do célebre profeta judaico da corte de Babilônia. Descendia da família real de Judá, Dn 1. 3-7. Ainda jovem foi levado cativo por Nabucodonosor por ocasião do primeiro cêrco de Jerusalém que se deu no reinado de Joaquim, 605 A. C., Dn 1. 1; Jr 25. 1. Em Babilônia, êle e mais outros jovens cativos de alto nascimento e de gentil presença, foram separados para exercerem funções de estado. Êle e mais três companheiros conseguiram que o eunuco mor substituisse os alimentos a eles destinados pelo rei, por outros mais simples e que não contrariavam as leis de Moisés, Dn 1. 8. Os quatro jovens cativos fizeram-se notáveis pelo seu saber, enquanto a graça de Deus os preparava para enfrentarem a morte na defesa das leis divinas. O período tutelar terminou no terceiro ano, quando entraram ao serviço da corte. Daniel permaneceu assim até ao ano 538 A. C. primeiro, ano do reinado de Ciro, 1. 21. No segundo ano de Nabucodonosor, 603 A. C., comp. 5, 18. Daniel interpretou os sonhos do rei revelando-lhe o que havia visto e qual era o sentido da grande estátua, 2. 1-46. Em conseqüência de tão sábia explicação, Daniel foi elevado à categoria de príncipe dos sábios e governador de todas as províncias de Babilônia e prefeito dos magistrados, 46-49. Depois, interpretou a visão que revelava a próxima loucura do rei (cap. 4). Ezequiel citou o nome de Daniel como exemplo de notável retidão e sabedoria, Ez 14. 14; 28. 3. No primeiro ano de Baltazar, o próprio Daniel teve um sonho no qual viu, sob a figura de animais, quatro impérios sucessivos que chegavam até o tempo, quando o Antigo dos Dias se assentará para juízo, e um semelhante ao Filho do Homem viria sobre as nuvens do céu para estabelecer um reino espiritual sobre a terra que duraria para sempre, cap. 7. A cena da visão que êle teve no terceiro ano de Baltazar, foi em Susa, 8. 2, capital do Elão e residência do já celebrado Ciro, rei dos persas, 8. 20. Nesta visão, apareceu-lhe um carneiro em luta contra um bode de cuja cabeça saía um corno insigne entre os seus dois olhos. Este corno foi quebrado, formando-se por baixo dele quatro outros cornos, de um dos quais brotou um pedaço pequeno que se elevou contra a terra gloriosa e contra seu santuário; símbolo dos impérios Medo-Persa e Macedônio, a divisão deste último em quatro reinos e o aparecimento de um rei feroz que havia de profanar o santuário, cap. 8. Quando se deu a queda do império de Babilônia, Dario constituiu 120 sátrapas com intendência sôbre todo o reino; e pôs por cima deles a três príncipes, dos quais um dêles era Daniel, cap. 6. 1, 2. A inveja provocada pela sua eminência e saber, deu origem a uma conspiração que o lançou no lago dos leões, 8-23; 1 Mac 2. 60. No primeiro ano do rei Dario, Daniel concluiu pela lição dos livros, Jr 25. 11, 12; 29. 10, que o cativeiro chegava a seu têrmo, Dn 9. 1, 2; humilhou-se, confessou os pecados do seu povo e orou. Em conseqüência de que, foi-lhe revelada a profecia das setenta semanas, 9. 24. No terceiro ano de Ciro, rei dos persas, teve êle outra visão do conflito último, entre os poderes do mundo e o reino de Deus, caps. 9-12. Como este profeta exerceu o seu ministério durante a dinastia de Nabucodonosor e dos reinados de Dario medo e de Ciro persa, 6. 28, devia ter atingido a uma idade muito avançada. Nada se sabe de quanto viveu, nem como se deu a sua morte.

Encontram-se referências a este profeta nos seguintes livros da Bíblia: Ez 14. 14; 28. 3; Ne 12. 11; 1 Mac 2. 60; Mt 24. 15; Mc 13. 14; Hb 11. 33.

O livro de Daniel faz parte do Antigo Testamento e aparece na versão dos Setenta e nas versões portuguesas, logo depois de Ezequiel. O cânon hebraico, porém, o colocou na terceira divisão dos livros. Não faz parte dos profetas porque o seu autor, apesar de ser chamado profeta, Mt 24. 15; Ant. 10. 15, 4, 6, e um dos maiores (Ant. 10. 11, 7) e maravilhosamente dotado com o espírito de profeta, não era oficialmente profeta, possuía o *donum propheticum*, mas não o *munus propheticum*, o dom profético, mas não o cargo profético. Era estadista e como tal se ocupou em tôda a sua vida. Nunca empregou em seus escritos a fórmula profética: "Assim diz o Senhor" e nunca dirigiu exortações a seus contemporâneos, como costumavam fazer os profetas. A maior parte de seu livro foi escrita em hebraico. Uma parte referente ao viver dos judeus em terra estrangeira, aos feitos dos reis gentílicos e às profecias acêrca dos impérios, começando com a metade do v. 4 do cap. 2 até cap. 7 v. 28, foi escrita em aramaico que era a língua empregada na diplomacia e nas relações comerciais da época. Comparar o mesmo fato no livro de Esdras e no de Neemias. O livro de Daniel oferece três divisões: *a*) Introdução: Preparo de Daniel e de seus três companheiros, cap. 1. *b*) Manifestação divina a favor dos quatro jovens hebreus; demonstração da onipotência e onisciência divina, governando os negócios do mundo em suas relações com o reino de Deus, caps. 2-7. Esta parte foi escrita em aramaico, e compreende o sonho de Nabucodonosor em que lhe foi mostrada a estátua construída de quatro metais diversos e a sua completa destruição, cap. 2, conspiração contra a vida de Daniel e de seus companheiros, e o seu livramento da fornalha ardente, cap. 3; o sonho da árvore que foi cortada, cap. 4; a escritura misteriosa na parede do palácio durante o banquete de Baltazar, cap. 5; conspiração contra Daniel e o seu livramento da cova dos leões, cap. 6; a visão dos quatro animais e de um semelhante ao Filho do Homem, cap. 7. (Esta última está fora da ordem cronológica, com o fim de servir de transição à divisão seguinte.) *c*) Visões suplementares de Daniel em que êle vê os destinos reservados por Deus a seu povo, caps. 8-12. As visões referidas são três: *a*) acêrca da cessação do sacrifício perpétuo, da desolação do santuário e da oposição ao príncipe dos príncipes, cap. 8, comp. 13-25. *b*) em razão de aproximar-se o têrmo do cativeiro, Daniel prepara-se para a confissão dos pecados nacionais e suplicar o perdão. Pelas profecias já expostas, se poderia supor que o reino do Messias seria estabelecido logo depois de terminado o cativeiro; porém, em uma delas, êle aprende que 70 semanas haviam de passar depois de decretada a reconstrução de Jerusalém, de consumada a prevaricação e introduzida a justiça eterna, Dn cap. 9. *c*) É informado ainda por uma visão, no terceiro ano do fundador do império persa, de que este império havia de ser destruído, que o povo de Deus seria perseguido, que, finalmente, seria libertado, e se daria a ressurreição

para a glória, caps. 10-12. A profecia sobre a estátua, composta de quatro metais, destruída pela pedra, 2. 31-45, e a das quatro alimárias e a do aparecimento de um semelhante ao Filho do Homem, cap. 7, representavam as quatro potências da terra e o aparecimento do reino de Deus. O quarto império é claramente o império romano, porque o segundo império, que é o medo-persa, não poderia ser considerado como duas unidades políticas, visto como o reino medo, quando separado nunca foi de longa importância.

Historicamente, a Média e a Pérsia formavam uma só potência nos dias da supremacia da Média. Deu-se mudança na dinastia, porque um príncipe persa alcançou o trono da Média, começando então o engrandecimento do império medo-persa pelas suas grandes conquistas. Em segundo lugar, o profeta fala deste império como sendo um só (5. 28; 6. 8; 8. 20).

Em terceiro lugar, se dividirmos o império medo-persa em dois, é preciso então considerar o leopardo representando a Pérgia e não a Grécia. Ora, o leopardo tem quatro cabeças, 7. 6, e a Pérsia não foi dividida em quatro partes, e sim o império macedônio, 8. 21, 22; 11. 2-4. Ainda mais, em quarto lugar, devemos considerar que o império romano foi compreendido na visão profética. Segundo a interpretação geralmente aceita, o cap. 11. 30 refere-se claramente ao império romano. Antioco, o Grande, referido no cap. 11. 10-20, foi derrotado pelos romanos em Magnésia no ano 190 A. C. Pode-se acrescentar ainda que a visão de um côrno representa um rei e um reinado, 7. 7, 24, que pode ser a Média, a Pérsia ou a Macedônia, 8. 20-22, e que o pequeno corno anuncia o surgimento de um novo rei, ou de uma nova potência, que poderemos descobrir entre os sucessores de Alexandre, 8. 9, 23, ou entre os imperadores romanos, 7. 8, 24. O corno nem sempre representa um e o mesmo rei, e portanto, o pequeno côrno não pode representar o mesmo indivíduo.

A profecia das setenta semanas diz respeito aos sofrimentos do reino de Deus, 9. 24-27.

A era profética representada pelas setenta semanas é decretada por Deus ou por um rei, para Jerusalém ser reconstruída, v. 25.

O Cristo Capitão e o Cristo, referidos nos vv. 25 e 26, representam, com mais ou menos certeza, uma ou duas entidades históricas, podendo ser o rei Ciro, ou o Sumo Sacerdote, ou Cristo. As sete semanas, e mais sessenta e duas semanas e uma semana, somando setenta semanas, 24-27, são distribuídas de diferentes modos. Tomados estes números sucessivamente, representam um período de 490 anos, que é o produto de sete multiplicados por sete, dando a cada dia da semana o valor de um ano, tomados estes números em separado, as sessenta e duas semanas cobrem um período de 434 anos sòmente, e tomados na ordem inversa, como diz o v. 25, segue-se um período de sete semanas igual às sessenta e duas semanas e mais sete e mais uma.

Há duas teorias que atribuem a Deus a origem do decreto sôbre as setenta semanas. Dão como ponto de partida para a contagem do tempo, o princípio do cativeiro em 605 A. C., comp. Jr 25. 11, ou a destruição de Jerusalém, 587 A. C., comp. 29. 10, escrito logo depois do cativeiro do rei Joaquim 30. 2, 18; 31. 38. É preciso acrescentar que o ano 450 A. C. também tem sido dado como ponto de partida, sob o fundamento de que os setenta anos do cativeiro foram contados em dôbro, Jr 16. 18; Is 40. 2, e que um decreto divino a favor de Sião, há reduzido o tempo. Há quatro teorias que dão como ponto de partida os decretos dos monarcas do tempo, como sejam: primeiro, o edito de Ciro, 538 A. C. Ed 1. 2-4; 6. 3, 5; comp. Is 44. 28; 45. 1-13, quando se começou a reconstrução do Templo, Ed 6. 14, 15; Ag 1. 14, 15. Segundo, o edito de Dario, Ed 6. 6-12. Terceiro, o edito de Artaxerxes 457 A. C., Ed 7. 11-27, que concedia aos judeus absoluta autoridade em negócios civis e religiosos, 25, 26, e a prossecussão dos trabalhos da reconstrução dos muros da cidade, 4. 12. Os trabalhos interromperam-se temporariamente em virtude de um novo decreto, 4. 21. Quarto, o edito do rei Artaxerxes, ano 444 A. C. que incluía a permissão para restaurar e fortificar a cidade, Ne 2. 3, 5, 8, 17, 18. Este problema, portanto, contêm três fatores, e cada um deles sujeito a várias interpretações. Os três fatores são: o decreto, o ungido e as semanas; e todos êles são susceptíveis de várias combinações. De todas elas, tomando cada uma em separado como ponto de partida e, contando daí em diante sessenta e duas ou sessenta e nove semanas de sete anos cada uma, até o tempo de Antíoco Epifanes, ou o de Cristo, somente uma combinação dá resultado satisfatório. Todos os mais envolvem fantasia histórica, ou envolvem artifício cronológico, ou terminam em misterioso enigma, dando um resultado disparatado. A única combinação que coincide com todos os dados históricos é a que dá como ponto de partida o decreto de Artaxerxes, no ano dezessete de seu reinado, 457, A. C. O período de sete semanas, ou quarenta e nove anos, termina no ano 408, A. C. A reforma levada a efeito por Esdras e Neemias foi realizada neste período de tempo. Não se sabe até quando durou a feição dominante desta reforma; porém, o sucessor de Neemias, que era persa e naturalmente pouco interessado no cumprimento das leis de Jeová, ainda governava no ano 411, A. C., antes de terminar a sétima semana. Seguem-se as sessenta e duas semanas, ou 434 anos que nos conduzem até ao ano 26, A. D., ano em que Jesus começou o seu ministério público, entrando pelo princípio do ano 27. Depois destas sessenta e duas semanas foi morto o Cristo, Dn 9. 26, quando a prevaricação se consumou e o pecado teve o seu fim como se acha no v. 24. E no meio da semana faltou a hóstia e o sacrifício; porque o sacrifício do Calvário tornou inúteis todos os mais sacrifícios. Contudo, não obstante a coincidência da profecia com os acontecimentos conhecidos da História do reino de Deus e a significação desta correspondência, ainda assim, as setenta semanas e as sete separadas delas a princípio, e a outra semana separada delas, são computações simbólicas determinando largos períodos da história do reino de Deus sobre a terra. No livro de Daniel ainda se encontram outros números. O simbolismo do número quatro e do número dez, mesmo quando correspondam a pessoas ou a acontecimentos históricos, provàvelmente determinavam muitas vezes o particular número de exemplos que deviam ser citados, e era isto, sem dúvida, o que estava na mente do profeta quando interpretou o sonho e contemplava as visões. A largueza das previsões e o alcance das profecias de Daniel, somente se podem conhecer à luz das referências que a este livro fazem as personagens bíblicas, conforme vamos ver. Nosso Senhor deu-se o título de *Filho do Homem*, título êste que se encontra em Dn 7. 13, 14; deste modo dando à sua missão e ao seu reino um aspecto muito expressivo de simpatia para com a humanidade (vide *Filho do Homem*). Cristo citou Daniel quando disse:

"Quando vós virdes que a abominação da desolação, que foi predita pelo profeta Daniel está no lugar santo", Mt 24. 15; Mc 13. 14; Dn 11. 31; 12. 11, e 9. 27; comp. 2 Ts 2. 1-12. Evidentemente, na explicação que Jesus dá, o cumprimento da profecia não terminou quando Antíoco Epifanes erigiu o altar idólatra no Templo de Jerusalém, 1 Mac 1. 54. Em alguns casos, senão em todos, a profecia relaciona-se com um evento diferente. A frase "abominação da desolação" é uma concepção incorporando uma idéia que terá de se manifestar concretamente, quando a idéia se apresenta como um princípio potente da história. Os apóstolos entenderam que o pequeno corno da quarta alimária, Dn 7. 24, e o

rei que falará insolentemente contra o Deus dos deuses, 11. 36, refere-se a acontecimentos futuros ainda não revelados, 2 Ts 2. 4; Ap 13. 5, 6. As feições características do conflito entre o mundo e o reino de Deus, acham-se delineadas nas cruéis perseguições dos tempos de Antíoco Epifanes, porém não limitadas a elas. Cristo e os seus apóstolos viram nestas profecias de Daniel, o apocalipse do futuro. As revelações não se limitaram aos acontecimentos históricos do tempo de Antíoco; terão completa significação nos últimos dias do reino de Deus. A besta que o apóstolo S. João viu levantar-se do mar, Ap 13. 1, é uma pintura ampliada das quatro grandes alimárias que Daniel viu subindo do mar, Dn 7. 3-7. Ele viu uma leoa com asas de águia, um urso, um leopardo com quatro cabeças e quatro asas, e finalmente, outra alimária com dez cornos. Combinando estas quatro alimárias em uma só, teremos a besta que S. João viu, que era semelhante a um leopardo, porém com os pés de urso, e boca de leão, tendo dez cornos e sete cabeças. Daniel descreve quatro reinos deste mundo, que se levantam sucessivamente, e que são tão ferozes e terríveis como se fossem bravias alimárias em sua oposição ao reino de Deus. O apóstolo S. João não viu esses individualmente, mas viu todos os reinos deste mundo coletivamente; ele os contempla em conjunto apesar de suas diferentes feições externas. Vê o dragão, a serpente antiga do Éden, Ap 12. 3, 9, semelhante em aparência, à besta; porque o dragão representa o espírito que anima e dá feição ao poder mundano. Este poder não se apresenta a Daniel, nem a S. João, em seu aspecto político, e sim como representações mundanas em antagonismo ao reino de Deus. O objetivo principal da profecia não contempla os interesses das nações, e sim a sua relação com o reino de Deus. Este fato é de grande importância e fornece a chave para as revelações dos caps. 9 e 12 do livro de Daniel. Ensinam que as suas narrações não visam desenvolver a sua história política, e sim esboçar o grande movimento mundial em suas relações com o reino de Deus. Os inimigos de Sião viaram, e continuam a vir, do Norte e do Sul. Desenvolvendo aquela circunstância histórica sob o ponto de vista profético; a visão desenha uma luta entre as forças contendoras do mundo, guerra de resultados variáveis; em que o rei do Sul é gradualmente derrotado, e o rei do Norte, por sua vez triunfa, sendo vencido em duelo de morte pelo reino de Deus. Este desenho é um complemento às visões dos caps. 38 e 39 de Ezequiel. Daniel fala do "tempo que tem o seu fim", isto é, do último dia da maldição, Dn 8. 19; comp. 11. 36, quando Deus executará o seu juízo sobre os reinos do mundo, e quando o seu reino será estabelecido (comp. 10. 14), seguindo-se a consumação, 12. 1-3.

É o período final do conflito entre as forças do mundo e o reino de Deus que terminará com a completa vitória deste reino, cap. 11. 40 até cap. 12. 4. Os apóstolos também falam deste período que classificam de última hora, últimos tempos, dia do Senhor, e últimos dias, aludindo a ele, como tendo começo em seus dias, e não terminado até que apareça o anticristo, 2 Ts 2. 2-4; 2 Tm 3. 1; 1 Jo 2. 18; Jd 18. Estes homens do Novo Testamento viam claramente o escopo e o sentido das profecias de Daniel acerca dos dias últimos.

A unidade é raramente disputada. Há uma teoria defendida por alguns críticos de nossos dias, que a secção do livro de Daniel escrita em aramaico, pelo menos a compreendida nos caps. 2 a 4, é composição independente, escrita um, dois ou três séculos antes do tempo dos macabeus. Porém a integridade essencial não sofre contestações, e bem assim a unidade de sua autoria. Nos primeiros sete capítulos, o nome de Daniel é empregado na terceira pessoa do singular, e algumas vezes, em termos encomiásticos, 1. 19, 20; 2. 14; 5. 11, 12; 6. 8; comp. Paulo, falando de si mesmo em 2 Co 2. 15; 10. 8; 11. 5, 23. Nos caps. subseqüentes, emprega a primeira pessoa. Muitos críticos negam que o livro fosse composto por Daniel, compreendendo mesmo aquelas partes, onde se emprega a primeira pessoa. Julgam que tenha sido publicado pelos anos 168 ou 167 A. C. nos tempos dos macabeus, com o fim de alimentar a confiança destes patriotas que sofriam as cruéis perseguições de Antíoco Epifanes. Os principais argumentos contra a autoria de Daniel, são: Que o seu nome não figura entre os notáveis, mencionados pelo filho de Siraque no livro do Eclesiástico, cap. 49, pelo ano 200 A. C. ao passo que fala de Ezequiel, de Neemias e dos profetas menores; que o emprego de palavras gregas indica que ele viveu no período helênico; que existem faltas de exatidão histórica, provando que não foi testemunha ocular dos fatos por ele narrados, e que, portanto, viveu um tempo mais remoto; que as profecias entram em minúcias da história, sòmente até à morte de Antíoco Epifanes.

Estes argumentos têm as seguintes respostas: É verdade que o filho de Siraque não menciona o nome de Daniel, mas também é igualmente verdade que não menciona os nomes de Esdras e de outras notabilidades, como Gideão, Sansão e Josafá; que as palavras gregas empregadas no livro, são nomes de instrumentos musicais e somente se encontram no v. 5 do capítulo três. A origem grega, pelo menos de dois destes nomes, é perfeitamente justificada, que vem a ser *psantrin* do grego *psalterio* e *symphonea*, do grego *symphonia*.

Poderá isto provar que o livro não foi composto por Daniel em Babilônia, pelo ano 530, A. C.? De modo algum; porque os instrumentos referidos eram usados nos vales do Tigre e do Eufrates nos tempos de Daniel. Ainda mais, ninguém pode negar que naquela época e naquela região, a música era essencial em todas as procissões triunfais e nas festas da corte. Os escravos de países distantes eram empregados como músicos, tocando os seus próprios instrumentos. Assurbanipal empregou os elamitas neste ofício. Senaqueribe levou de Judá cantores, homens e mulheres. Junto aos rios de Babilônia, os cativos da Judéia puseram-se a chorar, lembrando-se de Sião. E ali, os que os levaram cativos pediam que lhes cantassem um hino dos cânticos de Sião, Sl 137. 1-3. Havia bastante intercurso de relações entre os impérios do Tigre e os povos ocidentais; e não é para estranhar a adoção de instrumentos músicos, com os nomes de sua origem. Os reis assírios, a começar por Sargom, 722, A. C., e daí em diante, para não falar de outros que os precederam, conduziam para as regiões orientais, os prisioneiros do ocidente e recebiam tributos de Chipre, da Iônia, da Cilícia e de outras regiões da Grécia. Nabucodonosor guerreou as cidades do Mediterrâneo, e de acordo com os costumes do tempo, introduzia na sua corte os instrumentos músicos usados pelos gregos. Finalmente, a linguagem em questão é aramaica e não babilônica. Os aramaicos estiveram em contacto com os povos do ocidente durante séculos antes, e a sua linguagem era usada nas relações diplomáticas e comerciais, 2 Rs 18. 26, e foram os intermediários de comércio entre o oriente e o ocidente. Em conseqüência disto, a linguagem de ambas as regiões sofreu alterações em seu vocabulário. O escritor do livro de Daniel emprega nomes que eram de uso corrente entre os aramaicos, para determinar os instrumentos de música em uso. Resta aos que negam a autoria do livro a Daniel, provar que os termos empregados não eram correntes antes do sexto século, A. C. A falta de exatidão atribuída ao livro de Daniel não é argumento que prevaleça. Nada existe que possa ser desmentido pela história. Existem narrações em Daniel que é difícil harmonizar com as escassas narrações dos historiadores antigos. Nada se tem provado que justifique a existência de contradições entre Daniel e a história antiga. As acusações feitas se enfraquecem cada vez mais, diante das recentes

descobertas que esclarecem os tempos de Ciro. A existência histórica do rei Baltazar foi posta em dúvida, mas os registos contemporâneos à tomada de Babilônia, confirmam a sua existência, explicam porque é que ele elevou Daniel ao terceiro lugar de seu reino, em vez do segundo, por haver ele e seu pai ocupado os dois primeiros lugares; também se tornou claro por que ele e não Nabonido é mencionado como rei de Babilônia na noite em que a cidade foi tomada (Vide *Baltazar*). Ainda não estão confirmadas as referências feitas a Dario medo, ao receber o reino, mas vê-se claramente que a nomeação de um regente para Babilônia por Ciro, está em perfeita harmonia com a política do tempo. As alusões a Baltazar com descendente de Nabucodonosor, estão de acordo com os costumes daquela época, em face do que se lê nas inscrições cuneiformes. É ousadia afirmar que haja incorreções históricas no livro de Daniel. Finalmente, em quarto lugar, as profecias de Daniel contêm pormenores históricos somente até à morte de Antíoco Epifanes, cap. 8. Porém, as profecias referentes aos tempos posteriores a Antíoco, não são elas bem claras? O quarto reino descrito nos caps. 2 e 7, não pode ser outro senão o Império Romano que sucedeu ao império universal no tempo subseqüente a Antíoco, e cujo desenvolvimento é descrito com muita minúcia no livro de Daniel (comp. Antig. 10. 11, 7). O aramaico empregado no livro de Daniel, segundo o testemunho de recentes descobertas, é o aramaico corrente no princípio do século quinto, antes de Cristo, pelo menos no ocidente.

A profecia de Daniel é citada por Jesus Cristo, como genuína e como certos os seus vaticínios nelas contidos, Mt 24. 15. Josefo acreditava que as profecias de Daniel já existiam antes de Alexandre, o Grande, 330 A. C. (Antig. 11. 8, 5), e até mesmo no tempo de Artaxerxes (Contra Apiom 1. 8).

O primeiro livro dos Macabeus, 2. 59, 60, refere o livramento de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, da fornalha ardente e bem assim o de Daniel, da cova dos leões (comp. 1 Mac 1. 54; e Dn 9. 27; 11. 31).

DANJAÃ

Nome de um lugar entre Galaade e Sidônia, 2 Sm 24. 6. As ruínas de Daniã na costa, entre Acre e Tiro, assinalam a existência de Danjaã. Dizem alguns não ser exata esta posição, porque os cobradores de imposto quando saíam de Danjaã não chegavam a Tiro sem haverem antes tocado em Sidônia. Pode bem ser identificada com Dã, extremo norte convencional do país; comp. a ligação de cada uma destas com Sidônia, Jz 18. 28. Antigas versões dão Danjaã como corrupção de Dã-jaar, e que Dã estava situada na floresta.

DARCOM, *Espalhador*.

Nome do fundador de uma família, que fazia parte dos filhos dos servos de Salomão, Ed 2. 56; Ne 7. 58.

DARDA, *Pérola de sabedoria*.

Nome de um filho de Maol, da família de Zara, da tribo de Judá, notável pelo seu saber, 1 Rs 4. 31. Em 1 Cr 2. 6, aparece com o nome de Dara.

DARDO, MARTELO

Tradução da palavra hebraica *Mephis*, instrumento que serve para quebrar; arma de guerra, Pv 25. 18.

DARIO, Do Zenda, Dara, *rei*.

1. Nome de um rei, filho de Assuero, rei dos medos, Dn 5. 31; 9. 1. Quando tinha 62 anos subiu ao trono da Caldéia depois da tomada de Babilônia por Ciro, e reinou cerca de um ano, 5. 31, antes de Ciro, 6. 28. Nomeou 120 sátrapas para governar o reino, 6. 1, que eram subordinados a três presidentes, dos quais Daniel era um deles, 2.

Os presidentes e os sátrapas faziam parte da corte de Dario, 6, e tinham autoridade para escrever a todos os povos, nações e línguas que habitavam em toda a terra, 25. Ele proclamou um decreto, mencionado em Dn 6. 1-27, por cuja violação Daniel foi lançado na cova dos leões. No primeiro ano de seu reinado, Daniel teve a visão das setenta semanas, 9. 1-27. Provavelmente exercia a soberania do império *ad interim*, enquanto Ciro concluía as suas conquistas para assumir as rédeas do governo. Diz Josefo que era filho de Astiages, mais conhecido dos gregos por outro nome (Antig. 10. 11, 4). Talvez fosse ele o Ciaxares, filho e sucessor de Antíages e sogro e tio de Ciro (Xenof. Ciropede 1. 5; 8. 7, ou Ugbaru, governador de Gutium, província que parece ser da Média ocidental, ou suas vizinhanças que conduziu as tropas de Ciro para a tomada de Babilônia, na qual se deteve durante cerca de quatro meses até a chegada de Ciro. Uma inscrição cuneiforme dá este nome como sendo governador por ordem de Ciro.

2. Nome de um rei da Pérsia, sucessor de Ciro, Ed 4. 5. Quando subiu ao trono, havia sido interrompida a construção do templo, por causa das queixas das tribos vizinhas; porém, Dario mandou proceder a investigações em Acmeta, capital da Média, e lá encontraram o edito de Ciro que autorizava a construção interrompida, Ed 6. 1-12. A obra recomeçou no segundo ano, sexto mês e dia vinte e quatro, Ed 4. 24; Ag 1. 15; 2 18, e concluída no terceiro dia do 12º mês do sexto ano do seu reinado, Ed 6. 15. Os profetas Ageu e Zacarias vaticinaram durante o reinado deste monarca, que é sem dúvida o Dario Histaspes dos escritores clássicos. O Dara Gustaspe, dos escritores do Zenda, era filho de Histaspes, que os escritores latinos, usando o caso genitivo, escrevem Histaspis. Pelo lado paterno pertencia à família dos achemênides, já representada no trono por Ciro e Cambises, mas não estava na linha de sucessão. Os eventos culminantes de sua vida encontram-se em pormenores em uma inscrição feita pelo próprio Dario, sobre uma rocha de *Behistum*, a 111 quilômetros a sudoeste de Hamadã, redigida em três línguas, persa, babilônica, e amárdia ou elamita. Segundo ela, oito de seus antecessores foram reis. Cambises, filho de Ciro matou a seu irmão Bardes, chamado por Heródoto Esmérdis e algum tempo depois suicidou-se. Então, um mago, chamado Gomates ou Gaumata, levantou-se pretendendo ser o Bardes, que segundo ele dizia, não havia sido assassinado. Conforme Heródoto (3. 67-79), com cujos escritos concordam fielmente as minudências das inscrições, tornou-se evidente a fraude, formando-se então uma conspiração contra Gomates, na qual entraram sete personagens distintas, entre elas figurava Dario Histaspes. Em 521 A. C. mataram o mago e proclamaram rei a Dario. Elão levantou-se contra o novo rei mas foi subjugado. Babilônia continuou sob a chefia de Nidintabel, sofrendo um sítio de dois anos (520-519 A. C.). Quando foi sabido que Dario estava detido em Babilônia, um general revoltoso tomou a direção do movimento revolucionário, e o império se esfacelou. A inscrição de Dario diz assim: "Enquanto eu estava em Babilônia, rebelaram-se contra mim as províncias: Pérsia, Susiana, Média, Assíria, Armênia, Pártia, Margiana, Satagídia e a Saciana." Mas, ele e seus generais subjugaram-nas todas, e empalaram o general rebelde.

A Babilônia, em 514 A. C., revoltou-se novamente sob a chefia de um armênio chamado Arabu ou Araco. A revolta foi dominada e o rebelde empalado. Nesta ocasião, os muros da cidade foram deitados abaixo, grande passo para a total destruição anunciada pelo profeta. Dario dominava um vasto império que se estendia, para o oriente, até a Índia, e para o ocidente, até ao Arquipélago Grego. Sua administração foi sábia. Após uma infeliz campanha contra os citas, perto do rio Dom, na Rússia atual, e uma luta com a Grécia em

que seus generais Dátis e Artafernes foram derrotados em Maratona, Dario morreu na idade de 73 anos, em 486 A. C., depois de 36 anos de reinado.

3. Nome do último rei da Pérsia que governou entre 336 e 330 A. C. Seu verdadeiro nome era Codomano. Foi derrotado por Alexandre, o Grande, 1 Mac. 1. 1; Ant. 11. 8, 3, primeiro em Issus, no ano 333, quando fugiu para a Pérsia, e segunda vez em Arbela em 331. Morreu quatro meses depois às mãos de seus servos, quando Alexandre os perseguia furiosamente.

DATÃ

Nome de um filho de Eliabe, rubinita, que juntamente com Abirão, seu irmão, e Hom da mesma tribo, tomaram parte saliente na rebelião de Coré. Estes se queixavam de que a chefia devia pertencer à sua tribo, porque Rúben era o filho mais velho de Jacó. Queixavam-se também de que Moisés os havia tirado de uma terra onde manava leite e mel para faze-los mover num deserto, Nm 16. 1-35; comp. 13, 14; 26. 7-11; Dt 11. 6; Sl 106. 17.

DATEMA

Nome de uma fortaleza em Galaade para onde se refugiaram os israelistas fiéis, em tempos de Judas Macabeu, 1 Mac 5. 9. Foram socorridos por Judas e seu irmão Jônatas. Não identificada.

DAVI Cidade de

1. Nome dado à fortaleza de Sião, antes em poder dos jebuseus, tomada por Davi, à qual deu o nome de cidade de Davi, porque ali estabeleceu ele a capital de seu reino, 2 Sm 5. 6-9; 1 Cr 11. 5, 7, ocupando a parte superior da colina sul onde foi levantado o templo.

Crescendo a população, os limites da cidade se alargaram. Davi transportou para ali a arca; onde permaneceu até à construção do templo, 2 Sm 6. 12, 16; 1 Rs 8. 1; 1 Cr 15. 1-29; 2 Cr 5. 2.

Neste lugar descansam os ossos de Davi, 1 Rs 2. 10. Serviu de residência à filha de Faraó, esposa de Salomão, 1 Rs 3. 1, e onde o rei sábio erigiu um suntuoso palácio, para sua morada oficial, 7. 1; 9. 24; 2 Cr 8. 11. Ali descansam as cinzas de Salomão, 1 Rs 11. 43; 2 Cr 9. 31, e de muitos outros reis, 1 Rs 15. 8-24; 22. 50; 2 Rs 8. 24; 9. 28; 12. 21; 14. 20; 15. 7-38; 16. 20; 2 Cr 14. 1; 16. 14; 21. 1, 20; 24. 16, 25; 27. 9. O sumo pontífice Joiada descansa ali junto com os reis, 2 Cr 24. 16. Ezequias tapou a fonte de cima das águas de Girom e as fez correr por baixo da terra para o poente da cidade de Davi, 2 Cr 32. 30; comp. 33. 14. A fortaleza de Melo elevava-se nos limites da cidade de Davi, 2 Cr 32. 5, que se comunicava com a piscina de Siloé por meio de uma escadaria que foi refeita por Salum, Ne 3. 15, 16; 12. 37. Os sírios e os gregos a fortificaram e guarneceram durante as guerras dos macabeus, 1 Mac 1. 33; 2. 31; 7. 32; 14. 36, 37. Vide *Jerusalém*.

2. Nome dado à cidade de Belém, por ser pátria de Davi e lugar de sua residência primitiva, Lc 2. 4.

DAVI, *Amado*.

Nome de um dos filhos de Jessé e segundo rei de Israel. A sua vida divide-se em diversos períodos distintos.

1. *A sua mocidade passada em Belém de Judá.* Era o mais moço dos oito filhos de Jessé, 1 Sm 16. 10, 11; 17. 12-14. No registo da tribo de Judá, 1 Cr 2. 13-15, somente consta o nome de sete destes filhos, por ter morrido um deles, antes de ser registado. A mãe de Davi notabilizou-se pela sua ternura e piedade, Sl 86. 16; 116. 16. A história de seus antepassados é colorida de cenas pitorescas, dignas de imitação e merecedoras de louvor; ainda que às vezes manchada pelo pecado, Gn 37. 26, 27; 38. 13-29; 43. 8, 9; 44. 18-34; Nm 1. 7; Js 2. 1-21; Rt 4. 17-22. Pessoalmente era ele ruivo e formoso de rosto e de gentil presença, 1 Sm 16. 12. Na idade juvenil, e como o mais moço de seus irmãos, tomava conta das ovelhas de seu pai; mostrava a sua fidelidade e coragem na defesa dos rebanhos, matando um leão e um urso, 1 Sm 16. 11; 17. 34-36. Era grandemente dotado de gosto pela música, tocando maravilhosamente a harpa, seu instrumento predileto; e mais adiante, compondo salmos. Quando o rei Saul foi rejeitado, Deus enviou o profeta Samuel a Belém para ungir a Davi, rei em lugar de Saul para ser o seu sucessor. O ato não foi publicamente conhecido para não provocar as hostilidades de Saul. Quando muito, foi presenciado pelos anciãos da cidade, e quanto parece, ninguém soube para que fim havia ele sido ungido, 16. 4, 5, 13, a não ser o próprio Davi e seu pai. O Espírito do Senhor veio sobre ele, todavia continuou no seu posto humilde de pastor.

2. *Davi em presença de Saul.* Este rei, abandonado por Deus, foi atormentado por um espírito maligno, sofrendo de melancolia e de insanidade; aconselhado por seus servidores, mandou vir um músico harpista para lhe amenizar os sofrimentos. Alguém indicou-lhe o jovem Davi como hábil músico, moço de valor, pronto para a guerra em razão de sua idade, corajoso, apesar de ainda não ser experimentado na guerra; discreto, airoso e cheio de piedade, 16. 14-18. Saul reteve-o em seu palácio, agradou-se da sua música e do seu caráter; pediu a Jessé que o deixasse em sua companhia e nomeou-o o seu escudeiro, 19. 23; comp. 2 Sm 18. 15. A nova posição serviu de boa escola para o jovem Davi; aprendeu a arte da guerra e do governo; cultivou relações com altas personagens e conheceu a vida palaciana em todos os seus aspectos. Davi não esteve continuamente com Saul. As condições do rei melhoraram, e de quando em quando, Davi ia a Belém para olhar as ovelhas de seu pai, 1 Sm 17. 5. Numa destas visitas, os filisteus invadiram a tribo de Judá e se acamparam a 28 quilômetros a oeste de Belém. Saul mobilizou as forças militares para encontrar com as do inimigo. Três dos irmãos de Davi estavam nas linhas do exército já há seis semanas. O pai mandou a Davi para saber do estado de seus irmãos. O desafio de Golias às forças de Israel, produziu em Davi profunda indignação. Sentiu em si que Deus por meio dele havia de desafrontar o seu povo, e perguntou quem era aquele incircunciso que assim afrontava o exército do Deus vivo. As palavras de Davi foram levadas ao ouvido do rei. Aproventando-se das disposições ardorosas do jovem pastor que se dispunha a um combate singular com Golias, cobriu-o com a sua armadura de guerra, que não lhe casava bem em razão do excessivo peso. Golias dificilmente se movia sob a carga de sua armadura e o peso da grande espada. Todo ele era uma fortaleza, tendo apenas a face descoberta, que pela altura estava fora do alcance das armas de Davi. Este, livre da armadura do rei, que lhe embaraçava os movimentos, armado de uma funda que muito bem sabia manejar, e com cinco pedras no seu boldrié, não temeu o encontro com o poderoso inimigo, certo como estava de combater por uma causa justa, e de ter o auxílio de Deus. Os doestos trocados entre contendores, era nota característica dos combates singulares dos tempos antigos. Golias, caí abatido por uma pedra que lhe entrou na fronte, impelida pela funda de Davi. Após o combate, seguiu para a corte de Saul, levando consigo a cabeça de Golias que foi exposta à vista dos inimigos juntamente com a sua armadura, 1 Sm 17. 54. A espada foi posta no Tabernáculo, 21. 19.

Ao tempo que Saul viu partir Davi contra os filisteus disse para Abner general de seu exército: "De quem é filho este rapaz?" E quando Davi voltou triunfante, fez-lhe a mesma pergunta, a que ele respondeu: "Eu sou filho de teu servo Jessé, o belemita. A resposta encerra a substância da entrevista, 17. 55, e 18. 1. Os pais do pe-

queno herói não possuíam tradições guerreiras. A pergunta do rei visava descobrir a procedência e as condições materiais da família, daquele a quem ia dar a mão de sua filha, 17. 25; 18. 18. Conheceu logo que não havia incompatibilidades que estorvassem o consórcio. A vitória alcançada sobre os filisteus criou nova situação para Davi. O valor, a modéstia e a piedade que havia revelado, ganharam-lhe o amor desinteressado e constante de Jônatas. 18. 1. Não pôde mais repetir as visitas aos rebanhos de seu pai; teve de permanecer na corte de Saul, 2. As ovações que recebeu após a sua vitória, produziram em Saul um sentimento de tão profunda inveja, que doravante, se tornou rancoroso inimigo do jovem guerreiro, 6-9. Sabendo que Samuel havia profetizado a transferência de sua coroa para um melhor do que ele, 15. 17-29, e que Davi seria o escolhido, empregou todos os meios para que tal vaticínio não se realizasse. Uma vez tentou atravessar a Davi com a sua lança, 18. 10, 11. Falhando esta tentativa, mandou-o para a frente do exército, comandando mil homens, 13. A mulher que havia prometido a Davi, deu-a a outro, 17-19, e pretendeu servir-se de sua filha Mical para ruína de Davi, 20-27. À proporção que ele crescia no conceito e que seu nome se tornava célebre, mais cresciam os temores do rei e mais disposto ele se mostrava a tirar-lhe a vida, 19. 1. Os planos de Saul nunca surtiram efeito, e sempre foram contrariados por uma parte dos seus cortesãos, 19. 9; Sl 8. Acalmado por um pouco, em breve reviveu o seu ódio e mais uma vez tentou atravessar a Davi com a sua lança, 1 Sm 19. 4, 9. Outra vez mandou prendê-lo para ser morto na sua presença, o que foi evitado mediante o artifício de sua esposa, Mical, 10-17. Por esta ocasião, Davi compôs o salmo 5. Depois disto, Davi fugiu para Samuel em Ramata, onde Saul o mandou prender, 18-24, e de lá procurou auxílio junto de Jônatas, cap. 20.

3. *O herói fugitivo.* Faltando-lhe a confiança em Deus e acabrunhado pelas constantes perseguições, Davi fugiu de perto de Saul para Nobe. Desamparado de fé, recorreu à mentira, 21. 1-9, saindo para Gate à refugiar-se na corte do rei Aquis inimigo de Saul. Os oficiais filistinos se opuseram à sua estada entre eles, alegando a humilhação lançada sobre eles pela morte de Golias, v. 14; Sl 56. Fingindo-se louco, o rei Aquis o mandou sair de sua presença, Sl 34. Readquirindo a fé em Jeová, voltou para Judá e foi acolher-se à cova de Adulão, 1 Sm 22. 1, deixando seus pais aos cuidados do rei de Moabe, 3, 4. Uma companhia de homens desocupados e oprimidos de dívidas em número de 400, que em breve se elevou a 600, se ajuntou a ele. Entre estes estava o pontífice Abiatar, o sobrevivente de Nobe, que trouxe consigo o Éfode juntamente veio também o profeta Gade, que Davi havia encontrado em Ramá, 5, 20; 23. 6. Com estes elementos melhorou grandemente a sua situação. Da cova de Adulão saiu ele para socorrer a cidade de Ceila que os filisteus estavam despojando, 23. 1-6.

Saul dispunha-se a ir a Ceila em busca de Davi que se retirou para o deserto de Judá, 14; Sl 63. Ali o foi perseguir o rei a instâncias do povo de Zife. Noticiada nova incursão dos filisteus, deixou Saul de perseguir a Davi, 1 Sm 23. 14-29. Conjurado o perigo voltou a persegui-lo pelo deserto de En-Gedi, e neste lugar foi ele conquistado pela bondade de Davi, que tendo-o em suas mãos, lhe poupou a vida, cap. 24; Sl 5 e 14. Davi com seu bando armado defendeu as propriedades dos israelitas ameaçadas pelos filisteus, 1 Sm 23. 1; 25. 16, 21; 27. 8, e fazia presa nas cidade dos amalequitas; não lançava impostos nem exigia contribuições regulares. Chegado que foi ao Carmelo mandou seus criados à casa de Nabal à procura de provisões que lhe foram negadas em termos desabridos. Tomado de grande indignação, dispunha-se a tomar tremenda desforra, quando Abigail, mulher de Nabal, lhe saiu ao encontro, evitando assim os intentos sanguinários de Davi. Depois da morte de Nabal, Davi a desposou, cap. 25. Davi voltou às vizinhanças de Zife, onde novamente foi perseguido por Saul. Ainda desta vez foi-lhe poupada a vida. Passando ao acampamento de Saul, encontro-o dormindo na sua tenda, levando de perto da cama, a lança e o copo cap. 26. Não julgando possível escapar a tão tenaz perseguição, pediu acolhimento ao rei Aquis para residir na cidade de Ziclague, fronteira ao deserto pelo lado do sul. Ali esteve um ano e quatro meses, protegendo os filisteus contra as tribos do deserto, cap. 27. Quando os filisteus vieram a Gilboa para guerrear contra Saul, os príncipes dos filisteus não consentiram que Davi os acompanhasse na guerra, cap. 28. 1, 2 e cap. 29. Retrocedendo encontrou Davi a cidade de Ziclague devastada; perseguiu os invasores em retirada e recobrou todos os despojos, cap. 30. Na batalha de Gilboa pereceram Saul e Jônatas cuja morte foi celebrada em belíssima elegia, 2 Sm 1.

4. *Davi rei de Judá.* Pela morte de Saul, a tribo de Judá a que pertencia Davi, elegeu-o rei, e fixou residência oficial em Hebrom, 2 Sm 2. 1-10, tendo 30 anos de idade, 5. 4. As outras tribos dirigidas por Abner elegeram rei a Isbosete, filho de Saul, resultando dali uma guerra civil que durou dois anos, terminando pelo assassinato de Abner e de Isbosete, 2. 12, até cap. 4. 12. O reinado de Davi em Hebrom continuou durante sete anos e meio, e ali nasceram das diversas mulheres, entre outros filhos Amom, Absalão e Adonias, 2. 11; 3. 1-5; 5. 5.

5. *Davi, rei de todo o Israel.* Morto Isbosete foi eleito Davi rei de todo o Israel. Imediatamente procurou consolidar o reino, 5. 1-5. Várias cidades do território de Israel estavam ainda guarnecidas por forças dos filisteus e outras em poder dos cananeus. Davi começou a sitiar Jerusalém que era o grande baluarte dos jebuseus, e fez dela a capital do reino, onde edificou um palácio auxiliado por artífices vindos de Tiro. A nova capital ficava na linha divisória de Judá e Israel, ponto estratégico, que ligava os pontos extremos do país. A expulsão dos cananeus abria o caminho entre Judá e o Norte, facilitando as comunicações e preparando a futura consolidação do reino. Os filisteus por duas vezes invadiram o país e em ambas foram repelidos perto de Jerusalém, cap. 5. 17-25; 1 Cr 14. 8-17. Rebentou de novo a guerra com os filisteus que foram de tal modo derrotados que cessaram de perturbar a Israel por alguns séculos, 2 Sm 21. 15-22. Estabelecido o reino, Davi voltou suas vistas para os negócios do culto; trouxe a arca com grande cerimonial desde Quiriate-Jearim, Js 15. 9; 2 Cr 1. 4, e colocou-a no tabernáculo que havia erigido na cidade de Davi, 2 Sm 6. 1-23; 1 Cr 13. 1-14; 15. 1-3. Em seguida, organizou o serviço cultual com grande magnificência, 1 Cr 15. e 16, e planejou a construção de um templo majestoso, 2 Sm 7. 1-29; 1 Cr 17. 1-27; 22. 7-10. Com o favor divino, o reino progredia. Para prevenir a contaminação pela idolatria e vingar as afrontas cometidas pelas nações vizinhas, entrou em guerra contra elas e subjugou os moabitas, os aramitas de Zobá e Damasco, os amonitas, os edomitas e os amalequitas, 2 Sm 8. 1-18; 10. 1-19; 12. 26-31, estendendo o reino até aos limites antes prometidos a Abraão, Gn 15. 18. Foi durante o guerra com os amonitas que Davi cometeu o grande pecado com a mulher de Urias heteu, pelo qual foi repreendido pelo profeta Natã, por cuja causa nunca mais a espada se apartaria de sua casa, 2 Sm 11. 1 até cap. 12. 23. Davi sinceramente se arrependeu Sl 51, mas não escapou às conseqüências naturais do seu pecado. O filho, fruto de seu amor impuro, morreu, 2 Sm 12. 19. Os mesmos atos de luxúria e de vingança aparecem em sua própria casa, cap. 13, acompanhado da ambição de um filho perverso que disputava a posse do reino, lançando em todo o país a guerra civil, caps

14 a 19. O espírito de revolta fomentado por Absalão irrompeu mais uma vez com a sedição de Seba, cap. 20. Davi solenemente satisfez à justiça, segundo as idéias do tempo, vingando as violações sanguinárias, de Saul e contra os gabaonitas, cap 21. Cometeu o pecado de ordenar a contagem do povo de Israel, sendo punido com a peste que assolou o povo, cap. 24; 1 Cr 21. Preocupou-se muito com a organização dos negócios internos e com os preparativos para a construção do templo. Terminou o seu governo assegurando a Salomão a posse do trono, 1 Rs 1, e providenciando para que não escapassem ao castigo devido, todos quantos estavam sob a ação da justiça, 2. 1-11. Morreu aos 71 anos de idade, tendo reinado 40 anos ou 40 e meio, sendo sete e meio em Hebrom e trinta e três em Jerusalém, 2 Sm 2. 11; 5. 4, 5; 1 Cr 29. 27.

Davi recebeu a distinta classificação de excelente cantor de Israel, 2 Sm 23. 1. A antiga tradição hebraica, corrente em seu tempo, e confirmada depois, atribui-lhe a composição dos salmos, direta ou indiretamente. O seu gosto pela música é mencionado nos livros históricos; tocava harpa com maestria, 1 Sm 16. 19-23; 2 Sm 6. 5, organizou o serviço de canto para o Santuário, 1 Cr 6. 31; 16. 7, 41, 42; 25 1, compôs uma elegia sobre a morte de Saul e de Jônatas, e sôbre Abner, e bem assim as suas últimas palavras, 2 Sm 1. 17-27; 3. 33, 34; 22. 1-51; 23. 1-7. À sua atividade musical, referem-se vários escritores sagrados, como, Am 6. 5, Ed 3. 10, Ne 12. 24, 36, 45, 46, e o filho de Siraque, Ecclus, 47. 8, 9. Esta qualidade artística do grande rei, desenvolveu-se sob as influências da época; a poesia e a música eram havia muito cultivadas pelos hebreus, pelos egípcios e babilônios, Nm 21. 14; Jz 5. Setenta e três salmos têm o nome de Davi no texto hebraico, e em muitos casos, onde o nome dele não aparece, nem por isso perdem o colorido de sua imaginação privilegiada (comp. salmos 3, 7, 34, 51, etc.). O salmo 59 e o 7 pertencem ao tempo em que ele demorava no palácio de Saul; os salmos 35., 52, 54, 56, 57, 63, e 142, pertencem ao período angustioso de sua vida, sob a perseguição de Saul, e os salmos 3, 17, 30, 51 e 60 pertencem ao período de suas várias experiências como rei.

Apesar dos lamentáveis desvios, conseqüências inevitáveis aquele período escuro da história da Igreja, em que êle viveu, e de que legou eloqüentes provas de arrependimento, constitui brilhante defesa, a sua fidelidade a Jeová que lhe granjeou o título de "homem segundo o meu coração", 1 Sm 13. 14. Geralmente falando, ele fez o que era reto aos olhos do Senhor, exceto no caso de Urias heteu, 1 Rs 15. 5. Serviu no seu tempo, conforme a vontade de Deus e morreu, At 13. 36. Os efeitos de sua influência na humanidade são incalculáveis. Ele, mais que Saul, foi o fundador da monarquia judaica. Os salmos que êle compôs são cantados por toda a cristandade, século após séculos, alimentando e revivendo a sua espiritualidade; e formou um dos elos da cadeia dos ascendentes daquele que se chama o Filho de Davi, Mt 22. 41-45.

DEAVITAS

Nome de uma das tribos vindas da Assíria para Samaria a fim de ocupar o lugar dos cativos levados para Babilônia, Ed 4. 9. Rawlinson pensa que é uma tribo nômade de origem ariana, mencionada por Heródoto, denominada Dai ou Dai (Heród. 1. 125.)

DEBELAIM, *Bolos gêmeos.*

Nome da mãe de Gomer, sogra de Oséias, por uma união real ou típica, Os 1. 3.

DEBIR

1. Nome de um rei de Eglom, aliado de Adonisebeque, derrotado e morto por Josué, Js 10. 3. 27.

2. Nome de uma cidade situada na parte montanhosa de Judá. Foi também conhecida pelo nome de Quiriate-Sefer, isto é, Cidade das Letras, por seus habitantes serem dados a elas; também tinha outro nome, Quiriate-Sana, cidade da palmeira, Js 15. 15, 49. Nos tempos de Josué, era habitada pelos enacins, cujo rei, com o seu povo, foi morto por Josué, Js 10. 38, 39; 11. 21; 12. 13. Os fugitivos escapos da guerra, voltaram e a retomaram. Otniel a tomou de novo, Js 15. 15-17; Jz 1. 11, 12, e entrou na partilha dos sacerdotes, Js 21. 13, 15; 1 Cr 6. 57, 58.

O lugar de sua antiga existência é a atual *Dhaheriyeh*, 20 quilômetros a sudoeste de Hebrom, situada sobre um tabuleiro dos montes de Judá, tendo a seu lado as cidades de Socó, Anabe e Estemo, Js 15. 48-50. Não tem águas correntes, sendo abastecida pelas cisternas.

As águas referidas em Jz 1. 15, deveriam estar nas proximidades de Hebrom.

3. Nome de uma cidade nos limites da tribo de Judá, perto do vale de Acor, Js 15. 7. Este nome parece representado por Dobre, nome de uma gruta perto de ed-Dum ou Adumim na estrada entre Jerusalém e Jericó.

4. Nome de um lugar ao oriente do Jordão, perto de Manaim, Js 13. 26.

DEBORA, *Abelha.*

1. Nome da ama de Rebeca que a acompanhou desde a Mesopotâmia e que permaneceu na companhia de Jacó até que êste voltou de Padã-Arã. De certo ela foi novamente para casa de seus parentes em Harã, depois da morte de Rebeca, e acompanhou Jacó para Canaã, ou foi com êle, quando peregrinou em Siquém. Como quer que seja, esteve com êle em Betel, onde morreu, tendo 155 anos de idade, pois não devia ser inferior a Isaque em anos. Sepultaram-na ao sopé da montanha sobre que estava edificada a cidade, e à sombra de um carvalho, que se ficou chamando Alom-Bacute, ou Carvalho do choro, Gn 24. 59; 35. 8.

2. Nome de uma profetisa, mulher de Lapidote, que se assentava debaixo de uma palmeira, que tinha o seu nome, entre Ramá e Betel, no monte de Efraim, e ali julgava o povo. Mandou chamar a Baraque, filho de Abinoão, para ir de encontro a Sisera, tomando parte na campanha. Vitorioso Baraque, ela compôs um cântico triunfal pela vitória alcançada, Jz 4. 4-14; 5. 1-31; comp. v. 7.

DEBULHAR ver JOEIRAR

DECAPOLIS, *Dez cidades.*

Nome de um distrito que começava na planície de Esdraelom que se abre para o vale do Jordão e que se expande para o lado do oriente. Continha dez cidades povoadas por gente da Grécia após a conquista de Alexandre, e cujos nomes são: Citópolis, ou Betseã, Hipos, Damasco, Gadara, Refana, Canata, Pela, Diom, Gesara e Filadélfia, ou Rabá-Amom, Plínio, Hist. Natur. 5. 16. A êste grupo de cidades, foram adicionadas outras, até ao número de dezoito mencionadas por Ptolomeu. Três estradas ligavam a planície de Esdraelom com a grande via comercial entre Damasco e a Arábia, margeando o deserto. As dez cidades ficavam ao alcance de todas estas vias de comunicações. Plínio denominava esta região Decapolita Régio. No princípio do ministério de Jesus, multidões vindas de Decápolis o seguiam, Mt 4. 25. O endemoninhado gadareno, logo que se viu curado, foi-se e começou a publicar em Decápolis o milagre que Jesus havia feito, Mc 5. 20. Jesus passou por esta região, quando caminhava de Tiro e Sidônia para o Mar de Galiléia, pelo lado oriental, Mc 7. 31.

DEDÃ

Nome de um povo, descendente de Cus, Gn 10. 7, e relacionado com Abraão por sua mulher Quetura, 25. 3. Deram-se os filhos de Dedã ao comércio, Ez 27. 15, 20; 38. 13; demoravam na

Arábia, Is 21. 13, nas vizinhanças de Edom, Jr 25. 23; 49. 8; Ez 25. 13; para onde convergiam as estradas do sul, do oriente e da Arábia central. O nome dêste povo estende-se até Daidã que fica a oeste da Taíma e a sudeste de Aila. Em tempos remotos, era composto de duas tribos, uma de origem semítica, que habitava perto de Edom, e outra de origem cuxita, que habitava perto de Ramá, Gn 10. 7, que se julgava situada na costa do Golfo Pérsico, mas que, mais pròpriamente, deve ser locada a sudoeste da Arábia. Assim sendo, os dedanitas formavam um povo centralizado perto de Taíma, vizinhando com os edomitas e os habitantes de Ramá.

DEDICAÇÃO Festa da

Nome de uma festa anual, instituída por Judas Macabeu no ano 165 A. C. para comemorar a purificação e a renovação do templo, três anos depois que havia sido profanado pela idolatria grega introduzida por Antioco Epifanes, 1 Mac 4. 52-59; comp. 1. 54, 59. Também se chamava festa das luzes, Ant. 12. 7, 7, celebrada de modo muito semelhante à festa dos tabernáculos, 2 Mac 10. 6, 7; durava oito dias, começando no dia 25 de Chisleu, dezembro, e, portanto, na estação invernosa. Jesus compareceu a esta solenidade, pelo menos uma vez, quando pronunciou um discurso ao povo que concorria a Jerusalém, Jo 10. 22. Os judeus ainda celebram a festa da dedicação.

DEGRAUS, GRADUAL

Palavra que se encontra no título de quinze salmos, 120 a 134 inclusive, chamados salmos dos degraus ou graduais, tradução da palavra hebraica *Maaloth*, que quer dizer subida, Ed 7. 9, e degraus, Ex 20. 26; 1 Rs 10. 19. Diz uma tradição judaica que os quinze cânticos graduais, ou de degraus, eram entoados quando subiam a escada de quinze degraus, passando do átrio das mulheres para o dos homens, tradição esta de pouca aceitação. Gesênius e Delitzch são de parecer que o título se origina na composição literária dos salmos em que as palavras finais de uma sentença servem para começar a sentença seguinte: Exemplo:

"Elevo os meus olhos para os montes: de onde me *virá o socorro?* O *meu socorro vem do* Senhor, que fêz o céu e a terra" — Salmo 121.

Porém, esta repetição é antes exceção do que regra geral nestes salmos. A opinião mais comum é que êstes salmos eram entoados pelos peregrinos quando subiam para Jerusalém, costume ainda hoje em uso.

DELAÍAS, *Jeová livrou.*

1. Nome de um dos descendentes de Arão. Sua família formou uma das casas de Israel no tempo de Davi e foi a vigésima terceira classe da família sacerdotal, 1 Cr 24. 18.

2. Nome de um príncipe, filho de Semeías, e um dos que se opuseram para que o rei Joaquim não queimasse o livro das profecias de Jeremias, Jr 36. 12, 25. Talvez seja êle um de seus netos, mencionado em Ne 6. 10.

3. Nome de um dos natineus, fundador de uma família, Ed 2. 60; Ne 7. 62.

4. Nome de um dos filhos de Elioenai, 1 Cr 3. 24.

DELEÃ, *Campo de pepinos.*

Nome de uma cidade na região baixa de Judá, Js 15. 36. Lugar desconhecido.

DELOS

Nome de uma pequena ilha do mar Egeu, notável por ter sido pátria de Apolo e de Diana.

O cônsul Lúcio escreve a Delos a respeito de um pacto de amizade estabelecido entre os romanos e os judeus, 1 Mac 15. 23.

Foi naquele tempo um empório de grande comércio.

DEMAS

Nome de um dos companheiros de S. Paulo que de Roma enviou saudações à Igreja de Colossos e a Filemom, Cl 4. 14; Fm 24. Mais tarde, desamparou o apóstolo, amando êste século, e foi para Tessalônica, 2 Tm 4. 9.

DEMÉTRIO, *Que pertence a Demeter ou Ceres, deusa da agricultura e da vida rural.*

1. Demétrio I, cognominado Soter, rei da Síria, 162-150 A. C., sobrinho de Antioco Epifanes. Foi retido como refém em Roma; sabendo, porém, da morte de seu tio, escapou de Roma e chegou a salvo a Antioquia, tomou posse do reino e mandou matar a Lísias e ao jovem Eupator, 1 Mac 7. 1-4. Na guerra contra êle, pereceu Judas Macabeu, 9. 1-19. No ano 152 A. C. Alexandre Balas, com o consentimento do senado romano, pretendeu o trono. Os dois rivais encontraram-se em batalha decisiva no ano de 150 A. C. na qual Demétrio foi derrotado e morto, 10. 48-50; Antig. 13. 2, 4.

2. Demétrio II, cognominado Nicator, filho de Demétrio I. No ano 148-7 A. C. levantou o estandarte da revolta contra Alexandre Balas, e com o auxílio de Ptolomeu VI, derrotou-o. Alexandre fugiu para a Arábia, onde foi morto e Demétrio fêz-se rei da Síria, 1 Mac 11. 15-19.

Porém, o general Trifom do exército de Alexandre, imediatamente proclamou rei a Antíoco, jovem filho de Alexandre, 1 Mac 11. 39, 40. A luta durou até o ano 138 A. C. quando Demétrio ficou prisioneiro do rei Arsaces, em uma expedição à Pérsia, onde estêve dez anos.

Antes de empreender esta expedição, proclamou a independência dos judeus. Apesar de terem outra vez caído sob o poder dos sírios, conservaram a data de sua independência, como sendo de grande importância nacional, 1 Mac 13. 36-42; Antg. 13. 4, 9. Demétrio conseguiu a liberdade e a posse do trono no ano 128 A. C.

Um pretendente egípcio, sustentado por Ptolomeu VII, pôs-se em campo contra êle. Demétrio foi derrotado perto de Damasco, fugiu para Ptolomaida, embarcou em um navio para Tiro, onde o assassinaram quando desembarcava. (Antig. 13. 9, 3).

3. Nome de um ourives de Éfeso que fazia nichos de Diana. Temendo que o ofício viesse a perecer por causa das doutrinas do Cristianismo, moveu perseguição contra S. Paulo e públicamente a multidão amotinada gritou pelo espaço de duas horas "Viva a grande Diana dos Efésios" (At 19. 24-41).

4. Nome de um discípulo recomendado pelo apóstolo S. João, 3 Jo 12.

DEMONIACO, *Endemoninhado. Possuído pelo demônio.*

Pessoa que tinha o espírito do demônio ou que era por êle dominada, Mt 4. 24. As criaturas assim possuídas sofriam fisicamente, vítimas de enfermidades. Havia um môço, mudo e surdo, intermitentemente atacado de sintomas mórbidos semelhantes a epilepsia, Mc 9. 14-29; comp. Mt 17. 15, 18; Lc 9. 37-42. Daqui procede a opinião de muitos, dizendo que a possessão era simples hipótese dos judeus para explicar as desordens físicas e as doenças mentais. Estas teorias perdem o seu valor considerando que os demônios falam, Mc 1. 23, 24; 3. 11; 5. 7, que revelam conhecimentos que excedem a faculdade humana, como, por exemplo, denunciando a divindade de Cristo, Mc 1. 24; que êles reconheciam a sua individualidade distinta e independente de Jesus e da pessoa em que habitavam, Mt 8. 31; que certa manada de porcos à distância correu furiosamente a lançar-se no mar, quando Jesus os lançou fora do endemoninhado gadareno, Mt 8. 30; que os reconheceu como existindo e sôbre que instruiu a seus discípulos, dizendo-lhes: "Esta casta de demônios não se lança fora senão à custa de jejuns e oração", Mc 9. 28.

Mais tarde, quando os discípulos relataram que até os mesmos demônios se lhes submetiam em virtude do nome de Jesus, este lhe disse:

"Eu via cair do céu a Satanás como um relâmpago; contudo o sujeitarem-se-vos os espíritos não é o de que vos deveis alegrar, mas sim deveis alegrar-vos de que os vossos nomes estão escritos nos céus", Lc 10. 17-20. O homem é responsável por êste hediondo visitador. Quando uma pessoa se degrada e se enfraquece pelo pecado, pessoal ou transmitido, pode tornar-se um dos cativos de demônio, 1 Sm 16. 14; cp. 18. 8-14; 15. 10-31.

DEMÔNIO

Entre os gregos tinha várias significações:

Era um deus, ou uma divindade no sentido geral; o gênio ou a fortuna; a alma de alguém que pertenceu à idade de ouro e que agora se transformou em divindade tutelar; um deus de categoria inferior.

Em o Novo Testamento é o nome que se dá ao espírito maligno em Lc 8. 29; 10. 17-20.

Este nome pertence especialmente aos deuses dos pagãos, Dt 32. 17; Sl 106. 37; 1 Co 10. 20; comp. Ap 9. 20, e dá-se também aos espíritos inferiores sujeitos ao Diabo, Mt 12. 24-27; Lc 4. 33; Tg 2. 19; Ap 16. 14. Vide *Demoníaco*.

Os judeus tinham várias noções sobre o assunto; que os demônios eram as almas dos maus (Guerras 7. 6. 3); e poderiam ser exorcismados por meio de raízes e do nome de Salomão (Ant. 8. 2. 5), ou expelidos pela fumaça do coração ou do fígado de peixes queimados (Tobias 6. 7, 16, 17).

DEPUTADO

Pessoa investida de poderes para exercer atos de outrem, que ordinariamente é de categoria superior à sua, como se dá com o regente que governa em lugar do rei, 1 Rs 22. 47, oficial investido com poderes de cônsul romano, At 13. 7; 18. 12; 19. 38. Vide *Procônsul*.

DERBE

Nome de uma cidade a sudeste da Licaônia na Ásia Menor. Paulo foi apedrejado e deixado por morto em Listra quando fez a sua primeira viagem missionária. Voltando a si, foi para Derbe, At 16. 6, 20. Na segunda viagem tornou a passar por ali, onde veio a conhecer a Timóteo, At 16. 1. Gaio era natural de Derbe, At 20. 4. As ruínas de uma cidade à beira do lago *Ak Gul* perto de *Divle*, supõe-se que assinalam o lugar da antiga Derbe; porém o professor Ramsay e com ele o professor Sterrett dizem que o lugar mais próprio é Zosta, a 88 quilômetros a sudeste de Icônio, na estrada que vai da Cilícia Traquéia por Laranda em direção à Icônio.

DESCASCAR

Tirar a casca do tronco das varas de uma árvore, Gn 30. 37.

DESERTO

1. Tradução da palavra hebraica *Midbar* e do vocábulo grego *Eremos*, lugar aberto, planície inculta, onde imperam os animais ferozes, Jó 24. 5, lugar horroroso, Dt 32. 10; Is 21. 1, e todavia capaz de oferecer pastagens, Êx 3. 1. Lugar ermo, vázio, Gn 16. 7; 21. 20; 1 Sm 17. 28; 25. 21; Mt 3. 1; Mc 1. 13; Lc 15. 4.

2. Tradução do vocábulo hebraico *arabah*, região árida, Is 35. 1, 6; 51. 3. Quando usada com o artigo definito, a mesma palavra refere-se à planície do Jordão e do Mar Morto, Ez 47. 8; 2 Sm 2. 29.

3. Tradução do vocábulo hebraico *Yeshimon*, lugar vasto e desolado, Sl 78. 40; 106. 14; Is 43. 19, 20. Quando prefixado pelo artigo definito, é nome próprio.

4. Tradução da palavra *Heraboth*, que significa lugar devastado, Is 48. 21; Sl 102. 6; Ez 13. 4.

DESFAVORECIDA, *Sem misericórdia*.

Nome simbólico da filha do profeta Oséias e de sua mulher Gômer, Os 1. 6, 8.

DESPENSA ver CELEIRO

DESTINO

Nome de um deus que os idólatras hebreus adoravam, Is 65. 11.

DEUEL, *Invocação de Deus*.

Nome de um gadita, pai de Eliasafe, Nm 1. 14; 7. 42; 10. 20. Em Nm 2. 14 tem o nome de Reuel (V. B.) que quer dizer *amigo de Deus*. Não há certeza sobre qual das duas formas é a mais correta. O texto samaritano emprega sempre Deuel e os tradutores siríacos e a versão dos setenta dão Reuel.

DEUS

Nome da Suprema Divindade que os homens invocam e adoram. A palavra grega que em o Novo Testamento traduz o objeto de adoração, é Espírito. A palavra hebraica do Antigo Testamento que por sua vez, representa esta idéia, leva-nos a pensar na força geradora de todas as cousas. Nos lábios cristãos, portanto, a palavra *Deus* designa fundamentalmente o Espírito poderoso que é adorado, e cujo auxílio invocamos. A idéia primária a respeito de Deus, em que se resume a palavra deísmo, é o produto da revelação que Deus fez de si mesmo à humanidade no plano da natureza. As verdades que esta revelação envolve, são continuamente reiteradas nas Escrituras, enriquecidas e aprofundadas nelas; porém, essas verdades não pressupõem a revelação fundamental de que se ocupam as Escrituras a grande revelação da graça de Deus para com os pecadores. Os planos da natureza nos ensinam somente o que Deus necessariamente é e o que, em virtude de seus atributos essenciais, ele pode fazer. Somente uma revelação especial poderia assegurar-nos o seu infinito amor libertando-nos da culpa, tirando-nos da miséria e abençoando-nos com a dulcíssima comunhão com ele. E para que a revelação plena da sua graça, na redenção dos pecadores, se manifestasse, necessário era que se desvendasse mais positivamente o modo de sua existência pelo qual ele ultimamente se manifestou, incluindo na unidade de seu ser, uma distinção de pessoas. Nelas existe o mesmo Deus, de quem procedem todas as cousas, por quem todas existem e subsistem. Nesta unidade *tríuna*, a redenção da humanidade é provida pelo Pai, completada pelo Filho e aplicada pelo Espírito Santo. É somente pela manifestação do mistério supernal da Trindade que se completa a revelação da Essência Divina. O fato de não existir nenhum traço do mistério da Trindade na revelação geral do plano da natureza, é que este plano nada tinha a fazer com a redenção, que somente as profundezas da natureza divina, podiam desvendar. E o Novo Testamento é que explicitamente nos revela esta redenção, porque o tempo havia chegado para se realizar o plano traçado em todo o Antigo Testamento. Finalmente, o tão inefável mistério aparece à mente escurecida da humanidade, quando o exigiam as necessidades do próprio plano da redenção, que se prendia à distinção das três pessoas da Divindade, e que somente se poderia compreender nas bases da Trindade na Unidade. A natureza de Deus, portanto, tem-se manifestado em três graus correspondentes aos três planos da revelação. Deste modo, chegamos naturalmente a conhecer a Deus; primeiro como Espírito Infinito, ou o Deus da natureza; depois, como o Redentor dos pecadores, ou o Deus da graça; e, finalmente, como o Pai, o Filho e o Espírito Santo, ou o Deus-*Tríuno*.

1. *Deus, Espírito Infinito*. A convicção da existência de Deus, tem em si mesma as provas de uma verdade intuitiva. É crença universal que nasce no momento em que o homem concebe a idéia do Eu, como entidade dependente e respon-

sável, e que ao mesmo tempo implica a existência de um ser, de quem depende, e a quem dará conta de seus atos. Esta percepção imediata é confirmada por uma série de argumentos, chamados *provas teístas* e do mesmo modo, tudo quanto está compreendido na idéia de Deus. Estes argumentos baseiam-se na necessidade que sentimos de crer na existência real de um Ser, infinitamente perfeito, causa eficiente do universo, ator inteligente da ordem e das relações multíplices, observadas em toda a natureza, e de um legislador e juiz dos seres morais, dotados com o sentimento do dever e de indelével sentimento de responsabilidade, consciente das contradições morais da humanidade, para as quais deseja uma solução, e vivendo sob a influência de uma percepção intuitiva de uma justiça que não vê realizada. A evidência destas provas é reconhecida nas Escrituras, tendo em seu auxílio as manifestações sobrenaturais, que Deus faz, no processo da redenção, acompanhadas em tôdas as fases, pela confirmação dos milagres. Por elas, aprendemos não somente que Deus existe, mas também, sob o princípio de uma causa suficiente, muito aprendemos acerca da natureza de Deus, que elas provam existir. Esta idéia desenvolve-se ainda mais, interpretando, de acordo com as nossas faculdades superiores e com o que a êle instintivamente atribuímos, em grau elevado, todos os atos morais que atestam a nossa dignidade e excelência. Deste modo, chegamos a conhecer a Deus como espírito pessoal, infinito e eterno, em seu ser, em sua inteligência, sensibilidade e vontade que a êle pertencem. Os atributos que nele reconhecemos, inclusive a sua existência própria, a sua independência, a sua unidade pessoal, imutabilidade, onipresença, infinita sabedoria e conhecimento, infinita liberdade e absoluto poder, infinita verdade, retidão, santidade e bondade, não somente a Escritura os reconhece, como brilhantemente os ilustra, pondo sobre eles o selo de uma revelação especial, e em todos os seus pormenores imprime a idéia de Deus.

2. *Deus, Redentor dos Pecadores.* Conquanto reiterando os ensinos referentes à natureza, como demonstração da existência e do caráter pessoal do Criador e senhor de todas as cousas, as Escrituras dão especial relevo à graça, ou ilimitado amor de Deus, manifestado em suas relações com as criaturas pecaminosas e dignas da condenação eterna.

O atributo divino do amor consumado, tem pequeno avanço na revelação, em proveito de outros atributos morais da Divindade. Para dar-lhe relevo, foi necessário desenhá-lo em um fundo escuro formado pelos atributos da justiça e santidade, com os quais se harmoniza. Deus não é representado nas Escrituras como perdoando o pecado, por tê-lo em pouco; nem ainda porque ele seja exclusivamente o Deus de amor, de sorte que todos os outros atributos se enfraqueçam diante de sua ilimitada benevolência. Pelo contrário, a Escritura o representa movido a livrar o pecador da sua culpa e da sua miséria, porque se apiedou das criaturas que fez, com tão intensa veemência, quanto é o seu aborrecimento ao pecado, e a justa determinação de castigá-lo com intolerável retribuição. Deste modo, dá completa satisfação à sua infinita justiça e ao seu ilimitado amor. A representação bíblica de Deus da graça inclui assim o desdobramento de todos os seus atributos morais; de sorte que, o Deus da Bíblia é apresentado, de acordo com esta idéia, superior a tudo quanto se possa imaginar.

Isto, e o mais que se possa dizer atribui-lhe um senso moral, tão sensível e verdadeiro, que dá a conhecer, com absoluta exatidão, o caráter moral de cada pessoa presente à sua contemplação, com o grau preciso de satisfação ou reprovação. A infinitude de seu amor nos é apresentada, precisamente, em que, sendo nós ainda pecadores, êle nos amou, ainda que, com toda a força de sua infinita natureza, reage contra o nosso pecado com ilimitado aborrecimento e indignação. O mistério da graça reside justamente no impulso de um Deus que odeia o pecado e mostra misericórdia para com os miseráveis pecadores. A suprema revelação de Deus, como Deus de puro amor, é feita, revelando o modo de seu proceder a respeito da redenção, na qual ele permanece justo, enquanto justifica o ímpio. Neste processo está envolvido o grande paradoxo, o Juiz infinitamente justo, substituindo o criminoso perante a sua própria lei, e o infinitamente bendito Deus, recebendo na sua própria pessoa, o castigo que o pecador merece.

3. *Deus Pai, Filho e Espírito Santo.*

Os elementos do plano de salvação se radicam em a natureza misteriosa da Divindade, em que coexiste, a distinção trinal de pessoas, com absoluta unidade de essência; e a revelação da Trindade foi, por conseqüência, incidental para a execução deste plano, em que o Pai envia o Filho para ser a propiciação pelo pecado; e o Filho, voltando para a glória que tinha com o Pai, antes da criação do mundo, enviou o Espírito para aplicar a sua redenção aos homens. A manifestação deste fato fundamental da divina natureza, deteve-se até ao tempo em que se operou a redenção havia tanto tempo prometida: não em palavras, mas de fato, pelo aparecimento do Filho de Deus sobre a terra, e a subseqüente descida do Espírito Santo, enviado como seu representante. Logo no início do ministério de Cristo, as três pessoas se exibem à nossa vista, por ocasião do batismo.

Apesar de não haver na Escritura uma simples passagem em que todos os pormenores deste grande mistério sejam compendiados e expostos, não faltam passagens em que as três pessoas apareçam juntas, de modo a comprovar ao mesmo tempo a sua unidade e a sua distinção. A mais proeminente destas passagens é a fórmula do batismo em nome de Deus trino, posta nos lábios dos apóstolos pelo Senhor ressuscitado, Mt 28. 19, e a bênção apostólica em que as três pessoas são mencionadas para graças diferentes, 2 Co 13. 13.

Os elementos essenciais que entram nesta grande revelação do Deus Trino e que a completam, são geralmente considerados separadamente. O principal dêles, são os três fatos constitutivos: (a) que existe apenas um Deus, Dt 6. 4; Is 44. 6; 1 Co 8. 4; Tg 2. 19; (b) que o Pai é Deus, Mt 11. 25; Jo 6. 27; 8. 41; Rm 15. 6; 1 Co 8. 6; Gl 1. 1, 3, 4; Ef 4. 6; 6. 23; 1 Ts 1. 1; Tg 1. 27; 3. 9; 1 Pe 1. 2; Jd 1; que o Filho é Deus, Jo 1. 1, 18; 20. 28; At 20. 28; Rm 9. 5; Hb 1. 8; Cl 2. 9; Fp 2. 6; 2 Pe 1. 1, e que o Espírito Santo é Deus, At 5. 3, 4; 1 Co 2. 10, 11; Ef 2. 22; (c) e que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são pessoalmente distintos um do outro por meio de pronomes pessoais, capazes de mandar e ser mandados entre si, de se amar e honrar mutuamente e assim por diante, Jo 15. 26; 16. 13, 14; 17. 8, 18, 23; 16. 14; 17. 1. A doutrina da Trindade é apenas a síntese destes fatos, e não lhes ajuntando nada mais, simplesmente reconhecem, na unidade de Deus, uma Trindade de pessoas associadas na obra da redenção. Na prossecução desta obra se acham implicadas certas relações de subordinação nos modos de operar, sendo que o Pai manda o Filho, e o Filho envia o Espírito Santo; mas as três pessoas são uniformemente representadas nas Escrituras, iguais em sua natureza essencial, cada uma igual a Deus que é bendito por todos os séculos, Rm 9. 5. Devemos, portanto, conceber estas subordinações sob o ponto de vista econômico, i. é, relativo às funções de cada pessoa na obra da redenção, e não como envolvendo diferenças de natureza. B. B. W.

DEUTERONOMIO, *Repetição da lei.*

E este o nome que deram ao quinto livro do Pentateuco os tradutores de Alexandria; é a forma grega da expressão traslado *desta lei*, como se acha em Dt 17. 18. Porém o livro não contém

somente a cópia da lei já promulgada, também dá conta das circunstâncias peculiares em que foi recebida e o propósito especial a que se destinava. No Êxodo, Levítico e Números a lei é decretada para ser imediatamente observada; os tempos e as ocasiões em que tais leis foram ditadas são claramente apontados e cada um dos códigos emanado diretamente de Deus. No Deuteronômio, porém, a lei aparece, não como decretada, e sim como reproduzida e exposta. Haviam decorrido trinta e oito anos desde que a maior parte da velha legislação havia sido decretada. A nova geração, em vésperas de entrar na posse de Canaã, precisava ser instruída nas leis que iam regular a sua existência como povo livre, e no modo de aplicá-las de acordo com as novas circunstâncias que os aguardavam, de modo a terem compreensão de sua espiritualidade e a renovarem inteligentemente o pacto feito com os seus antepassados. Em vez de ser Deus quem fala, é Moisés, por ordem de Deus, 1. 1-4; 5. 1; 29. 1. Este livro contém primeiramente, um discurso dividido em três partes, escrito em um livro e solenemente ratificado como pacto (caps. 1 a 30). Primeira parte, contida no cap. 1. 6, até ao cap. 4. 40, com instruções suplementares, 41-49; recapitulação da história do povo, desde o pacto feito com a geração extinta, como incentivo para que o povo obedeça às leis de Jeová. Quem fala é Moisés, 1. 1, 3, 5. 9, 15, 16, 19, etc., no primeiro dia do undécimo mês do ano quarenta, depois de haver derrotado a Seom rei dos amorreus e a Ogue, rei de Basã; relembra o exterminio dos adoradores de Baal-Peor, 1. 3, 4; 4. 3; fala à vista da terra, aquem do Jordão, no país de Moabe, 1. 5; comp. Nm 33. 48; 35. 1, na planície do deserto, 1. 1; comp. Nm 23. 28; 24. 1. A frase "àquem do Jordão" e "sobre o Jordão" é ambígua e requer definição precisa. A frase "além do Jordão" no sentido usado por Abraão e pelos cananeus, significava o país ao oriente do rio, neste mesmo sentido a empregam os israelitas. Tinham chegado ali; mas ainda diziam "o outro lado do Jordão", justamente como quando se referiam às escarpas de Abarim, que eles chamavam "as montanhas do outro lado." E o povo tinha a impressão de que estava do outro lado do Jordão, fora da terra prometida. Mas, como o rio ficava fronteiro, a frase tornava-se ambígua, e daí vinha a elucidação, várias vezes repetida: "na terra de Moabe." A segunda parte está compreendida nos caps. 5 até 26, e contém a repetição das leis referentes ao povo, pondo em relevo a sua espiritualidade e a urgência da sua observância. Estas leis são geralmente reguladoras dos direitos e deveres, leis que por uma disposição natural da humanidade, os homens são levados a ignorar, e que devem ser cumpridas por motivos religiosos, tais como, asilo para os homicidas involuntários, banimento da idolatria e proteção para as classes baixas da comunidade. É Moisés quem fala no final do ano 40, nas vésperas da passagem do Jordão, depois das profecias de Balaão, 5. 1, 5, 22; 8. 2; 9. 1; 11. 31; 28. 4. A terceira e última parte está compreendida nos caps. 27 e 28, e termina o assunto precedente, dando instruções para que as leis sejam escritas sobre pedras alisadas com cal e que deveriam ser levantadas no monte Hebal; pronunciando as bênçãos e as maldições anexas aos atos de obediência ou desobediência, seguida de breve discurso (caps. 29 e 30), sobre a ratificação do pacto como foi proclamado, 29. 1; 30. 1. Este pacto, à semelhança do primeiro, feito em Horebe, foi escrito em um livro. 29. 20, 21, 27; 30. 10; comp. Êx 24. 4-8. O lugar e a data desta terceira parte, são referidos em Dt 29. 1, 5, 7, 8.

Depois de ter concluído o seu discurso, incorporado neste livro do Deuteronômio, Moisés designou a Josué para ser o seu sucessor diante de todo o povo de Israel, 31. 1-8, e entregou a lei escrita aos sacerdotes, obrigando-os a lerem-na diante de todo o Israel, 9-13. Êle e Josué recolheram-se ao tabernáculo, onde o Senhor deu as instruçoes devidas ao novo condutor do povo, e ordenando que se escrevesse um cântico para ser entoado em testemunho entre os filhos de Israel, 14-23, encarregou os levitas que carregavam a arca que pusessem o livro ao lado da arca do concerto para servir de testemunho, 24-29, e convocou uma assembléia para ouvir e aprender as palavras do cântico e repeti-lo publicamente, v. 30, a cap. 32. 47. Despedida e morte de Moisés, v. 48 a cap. 33. 29, e cap. 34.

A feição característica do Deuteronômio é a evidente preparação do povo para o seu estabelecimento em Canaã. (1) Vem modificar o seu vocabulário. Por exemplo, vai agora o povo possuir habitações fixas. O campo onde imperava a primitiva legislação desaparece do Deuteronômio, exceto no que se refere ao acampamento de Sitim, onde se acham. Fala-se agora de casas, cidade, portas, etc. (2) Vem modificar as leis existentes para adaptá-las ao novo modo de vida. Por exemplo, a lei que exigia que os animais mortos para o consumo fossem levados à porta do tabernáculo, agora concede ao povo a matança destes animais na sua própria cidade onde reside, Dt 12. 15, 21; Lv 17. 3, 4. Pela mesma razão, os primogênitos dos animais, já não é obrigatório oferecê-los a Deus no oitavo dia. O sacrifício podia ser adiado até que o dono da vítima, vindo de longe, chegasse ao Santuário por ocasião das festas anuais, Dt 15. 20; comp. Êx 22. 30.

No caso de um escravo hebreu abrir mão de sua liberdade, desejando permanecer na casa de seu senhor, bastava a cerimônia de furar a orelha de encontro à porta de sua casa, não sendo mais necessário o seu comparecimento diante dos deuses, Dt 15. 17, comp. Êx 21. 6. (3) Veio amparar os interesses das classes dependentes, como sejam os levitas, as viúvas, os órfãos, os estrangeiros, protegendo-os contra os males que evidentemente os ameaçavam no futuro em vista do egoísmo e indiferença para com as necessidades alheias que o povo havia manifestado durante a viagem pelo deserto. (4) Veio estabelecer um centro de adoração, onde Jeová revelasse o seu nome. Este centro de culto tinha por fim enfraquecer, ou eliminar as tendências do povo para a idolatria, desviando-o dos numerosos santuários locais que os cananeus haviam estabelecido. O culto a Jeová devia revestir-se de grande pompa e esplendor que empanassem o brilho do culto pagão, exibindo o número e a riqueza do povo hebreu e fortalecendo o sentimento nacional. O espírito ciumento entre indivíduos e entre tribos, as inclinações populares para a idolatria, as tendências separatistas de algumas famílias para se localizarem em regiões mais amplas, atraídas pelas riquezas pastoris, já começavam a se manifestar. A antiga instituição de um altar é lei que deve subsistir nas novas circunstâncias. Era essencial à unidade da nação e à continuação do regime teocrático (*vide altar*). Tem-se dito que não existe diferença alguma no Deuteronômio entre sacerdotes e levitas, como existe nos livros de Levítico e Números. Os sacerdotes são freqüentemente chamados levitas. Pela leitura do cap. 18. 1-8 se depreende, tomada isoladamente, que qualquer levita pode ser sacerdote. Notemos, porém, o seguinte: (a) À tribo de Levi foram conferidas funções sacerdotais, 9. 6; 18. 1-8; 33. 8, 9, e, por isso, a sua coletividade podia tomar parte no santo serviço, e especialmente no serviço sacerdotal. Mesmo que houvesse distinção estabelecida entre sacerdotes e a classe inferior dos levitas, a tribo tem as honras de tribo sacerdotal, 1 Rs 12. 31; Mi 2. 1-4; 3. 3, comp. Hb 7. 13. (b) A expressão sacerdotes e levitas ocorre nos escritos posteriores à legislação do Levítico, e todos admitem que estava em pleno vigor, como se vê em Ez 43. 19; 44. 15, e também no 2 Cr 23. 18; e 30. 27; confirmada plenamente em Jr 33. 18, 21. (c) O Deuteronômio basea-se na legislação já estabelecida sobre o sacerdócio, porque pressupõe a existên-

cia das leis técnicas do ritual. Mui claramente refere-se a leis anteriores sobre o assunto de que trata, e essas leis são conhecidas somente pelos livros de Levítico e de Números, Dt 18. 1, 2; comp. Nm 18. 20; Dt 24. 8, 9, com Lv caps. 13 e 14; Nm cap. 12, ou faz alusões que implicam a sua existência, Dt 12. 15, comp. Lv 17. 3 e seg. (d) A passagem de Dt 18. 1-8, pode ser fàcilmente interpretada, considerando que as leis levíticas estavam em fôrça. A tribo não tinha herança em Israel, e em compensação gozava de certos privilégios, Lv 6. 17, 18; Nm 18. 20, 21, 24, 26. O Deuteronômio confirma esta Lei. Os sacerdotes, os levitas, a tribo inteira de Levi, não têm herança, porque hão de comer dos sacrifícios do Senhor e das oblações que forem feitas. Os nomes de "sacerdotes" separados do epíteto "levita" vão ser tratados em seguida como matéria de urgência. O povo não devia defraudar os sacerdotes, Dt 8. 3, 4, comp. Êx 29. 27, 28; Lv 7. 34; Nm 18. 11, 12, com leves alterações. Finalmente, os direitos dos levitas ao Santuário são perfeitamente estabelecidos. "Se um levita sair de alguma das tuas cidades de todo o Israel, onde êle habita, e quiser por devoção ir morar no lugar que o Senhor tiver escolhido, executará o seu ministério em nome do Senhor seu Deus, assim como todos os levitas seus irmãos que nesse tempo assistirem diante do Senhor", Dt 18. 6-8. A espécie de serviço a seu cargo pouco importa saber. A linguagem referente a seu ministério, compreende as funções, tanto sacerdotais, como o serviço a cargo da ordem menor dos levitas, Dt 18. 5; 17. 12; e 1 Sm 2. 11, 18; 3. 1; 2 Cr 23. 6; 29. 4, 5, 11. Torna-se claro, pois, que todos os levitas eram reconhecidos no santuário e respeitadas as suas prerrogativas. Segue-se, sem mais discussão, que se o levita era sacerdote, serviria no santuário com iguais direitos aos de seus irmãos os sacerdotes, e, senão, gozaria apenas dos privilégios inerentes aos que eram somente levitas e não sacerdotes. Aqueles que estavam no exercício de suas funções, não o deviam privar de suas prerrogativas por ser obscuro e vir de uma terra distante.

DEVEDOR

Aquele que deve dinheiro a outrem. Com o fim de cultivar o espírito de fraternidade, e promover o auxílio mútuo, a lei mosaica ordenava que o credor cancelasse a dívida no ano da remissão, que era de sete em sete anos, Dt 15. 1-4. Dentro deste período, era permitido ao credor escravizar a mulher e os filhos de um devedor, 2 Rs 4. 1; Ne 5. 5, 8; Is 1. 1; Mt 18. 25. No tempo de Cristo e de conformidade com a lei do Império Romano, o devedor relapso, poderia sofrer a pena de prisão, Mt 5. 25; 18. 30; Lc 12. 58.

DEZ MANDAMENTOS

Lei fundamental da nação hebréia. Veja *Teocracia*. Os hebreus denominavam-na *as dez palavras*, Ex 34. 28; Dt 4. 13; 10. 4. Os dez mandamento foram decretados por Deus no monte Sinai e por êle escritos em duas tábuas de pedras. Encontram-se em duas formas, a forma original contida no cap. 20 de Êxodo e uma citação livre das palavras de Moisés, em Dt 5. 6-21. A diferença principal consiste em que o preceito sobre o sábado baseia-se na lei original, em que Deus nesse dia descansou da obra da criação; enquanto que, na citação que Moisés faz deste mesmo preceito, dá como razão o livramento do cativeiro do Egito. Outra diferença, sobre a qual se tem feito indevida pressão, é que, repetindo o décimo mandamento, emprega a palavra cobiçar em referência à casa e ao campo do vizinho em vez do vocábulo desejar. Estas diferenças não são contraditórias: são apenas caraterísticos do livro de Deuteronômio. Veja *Deuteronômio, Sábado*.

Os dez mandamentos não se acham numericamente indicados na Bíblia. Os judeus, posteriormente a Moisés, consideravam as palavras: Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão, Êx 20. 2, como sendo o primeiro mandamento. Mas as palavras referidas não têm a forma de mandamento, são apenas um prefácio da lei. Omitindo este prefácio, existem dois métodos de enumeração. 1. Segundo os ensinos da Igreja Romana e das igrejas Luteranas baseados na autoridade de Santo Agostinho, a primeira tábua contém três mandamentos, e a segunda, sete. Santo Agostinho adotou esta enumeração, porque ela se compõe de números simbólicos: três, sete e dez, e também porque representam uma diferença real na natureza dos mandamentos, três dos quais se referem à honra de Deus e sete aos deveres do homem para com Êle. A primeira divisão compreende o preceito sobre a guarda do Sábado. Para a formação dos três, em uma só tábua, Agostinho reuniu em um só as palavras: "Não terás deuses estrangeiros diante de mim" e o mandamento contra o fabrico de imagens; e para completar o número sete da segunda tábua, dividiu o mandamento sôbre a cobiça em dois. Serviu-se êle do texto de Deuteronômio, deu como nono, o mandamento que proíbe desejar a mulher do próximo, e como décimo, o não cobiçar a propriedade alheia. A Igreja Católica serve-se do texto de Êxodo, incluindo no décimo mandamento o desejar a mulher do próximo e cobiçar as cousas alheias. A grande objeção a este modo de enumerar, consiste em não distinguir entre politeísmo e idolatria, e em introduzir uma distinção arbitrária entre as duas espécies de cobiça e desejo. 2. O segundo modo de enumerar os mandamentos conta como primeiro, o mandamento sobre o politeísmo, e como segundo, o que proíbe o fabrico e adoração das imagens; no décimo inclui, não só o objeto da cobiça, como do desejo. É esta a mais antiga que se conhece, reconhecida por Josefo (Antig. 3, 5, 5), por Filo (Dec. 1), por Orígenes e adotada pelas igrejas reformadas. Há dois métodos de fazer a distribuição dos mandamentos pelas duas tábuas: (1) Agrupam na primeira tábua, os quatro preceitos referentes aos deveres do homem para com Deus, e na segunda, os deveres do homem para com os seus semelhantes. Esta divisão é bem simples e eticamente correta, porém, com falta de simetria. (2) O segundo método dá cinco para cada tábua (Antig. 5. 8). Esta divisão conserva o agrupamento das leis em décadas, subdividido em grupos de cinco que torna a legislação muito caracteristica. Sob o ponto de vista judaico, esta divisão é eticamente correta porque a primeira tábua contém todos os deveres de piedade que não envolve direitos a eles correspondentes; ao passo que a segunda tábua compreende deveres de justiça, que envolvem direitos. O dever de honrar os pais estende-se à sua manutenção, no caso de precisarem dela, e é considerado um dever absoluto e incondicional, Mc 7. 10-13. Era um dever piedoso, pleno de piedade, e por isso mesmo incluído na primeira tábua. Cita-se muitas vezes o apóstolo S. Paulo como endossante dêste modo de classificação, segundo se depreende da súmula de deveres para com os nossos semelhantes, que ele faz compreender nos últimos mandamentos do decálogo, excluindo o que trata de honrar pai e mãe, Rm 13. 9.

Porém a enumeração de S. Paulo não é completa; ele omite o nono mandamento. Jesus coloca o quinto mandamento no mesmo grupo dos cinco últimos.

DIA

1. O intervalo de tempo, compreendendo o período entre dois nascimentos sucessivos do sol, Gn 7. 24; Jó 3. 6. O dia dos hebreus era de uma tarde até outra, Lv 23. 32; Êx 12. 18; Gueyr. 4. 9, 12. Este modo de medir o tempo baseava-se no costume de calcular os meses pelo aparecimento da lua nova. A designação exata do dia civil compreendia a tarde e a manhã, ou noite e dia Dn 8. 14; 2 Co 11. 25. Posto que a tarde servia de entrada para um novo dia, também fazia parte do dia natural; que restritamente falan-

do, o completava. A tarde que dava início ao dia quinze de Nisã é designada pela expressão "desde o dia catorze do primeiro mês à tarde, comereis pães asmos, até a tarde do dia vinte", Ex 12. 18; comp. 2 Cr 35. 1; Lv 23. 32. Os dias da semana não tinham nome; eram designados por números, excetuando o dia sétimo que tinha o nome de sábado.

2. Nome dado ao espaço de tempo entre a luz e as trevas, Gn 1. 5; 8. 22, e dividido em manhã, meio-dia e tarde, Salmo, 55. 17; comp. Dn 6. 10, ou a sua duração era indicada com referência ao amanhecer, ao calor do dia, à baixa de temperatura e ao pôr do sol, etc. Depois do exílio, tornou-se comum contar o dia pelas horas; o dia entre o nascer do sol e o seu ocaso, dividia-se em doze horas, Mt 20. 1-12; Jo 11. 9. A sexta hora correspondia ao meio dia, Jo 4. 6; At 10. 9; Antig. 14. 4, 3. A nona hora, três da tarde, era a hora de oração, At 3. 1.

3. Dava-se o nome de dia a um período de atividade, ou a um modo de ser, Zc 12. 3 e seg. como dia de tribulação, Sl 20. 1, dia de ira, Jó 20. 28, dia do Senhor, Is 2. 12; 13. 6-9 e em o Novo Testamento, o segundo advento de Cristo chama-se dia do Senhor, 1 Co 5. 5; 1 Ts 5. 2; 2 Pe 3. 10. O mesmo sentido tem a frase "e naquele dia" equivalente a "quando", Gn 2. 4, 17; Lv 14. 2-20; 14. 57; Nm 6. 13; 1 Sm 20. 19; Sl 20. 9.

DIABO, Do grego *diabolos, caluniador.*

1. Nome do mau espírito, Mr 1. 34; Lc 4. 33; 8. 29. A distinção feita no original grego entre demônio e diabo é que os demônios se apoderam dos homens maus que são subordinados aos diabo, Mt 4. 24; 12. 24.

2. Nome que se dá ao maligno Satanás, o maior de todos os anjos caídos, Ap 12. 9; Mt 4. 8-11; 13. 38, 39; 25. 41, comp. Jd 6. O pecado que originou a sua queda foi o orgulho, 1 Tm 3. 6. É o maior inimigo de Deus e do homem, 1 Pe 5. 8; 1 Jo 3. 8; foi êle que tentou a Cristo e incita os homens a pecar, Mt 4. 1; Jo 13. 2; Ef 4. 27, é a antiga serpente que tentou a Eva, Sabed. 2. 23, 24; 2 Co 11. 3; Ap 12. 9; 20. 2, e por isso, é chamado homicida, mentiroso e pai da mentira, Jo 8. 44, comp. 1 Jo 3. 8. Quando a boa semente é lançada sobre a terra, o diabo a arrebata, Lc 8. 12, ou semeia entre ela a cizânia, Mt 13. 38. Sem cessar anda à roda das criaturas como leão rugidor, buscando a quem possa tragar, 1 Pe 5. 8. Arma ciladas contra os filhos de Deus, Ef 6. 11; 2 Tm 2. 26, e pela sua astúcia os engana, 2 Co 11. 3. Aqueles que são tentados devem resistir às suas tentações para que êle fuja, Ef 4. 27; Tg 4. 7. Êle tem poder para se apoderar das criaturas, At 10. 38, e instiga a perseguição dos mártires, Ap 2. 10. Finalmente, ele será lançado no fogo eterno, aparelhado para o diabo e seus anjos, Mt 25. 41; comp. Jd 6.

Os pecadores habituais, os injustos, os mentirosos e assassinos, são figuradamente chamados filhos do diabo, Jo 8. 44; 1 Jo 3. 8, 10. Jesus disse que Judas Iscariotes era o diabo, Jo, 13. 27, cujas obras veio destruir, 1 Jo 3. 8. O apóstolo S. Judas alude a uma disputa entre o Arcanjo Miguel e o diabo sobre o corpo de Moisés, Jd 9; comp. Ap 12. 7. Não se sabe de onde o apóstolo tirou esta ilustração. Talvez tenha sua origem em ensinos correntes na igreja judaica, ou seja uma interpretação familiar do cap. 3 de Zacarias, segundo o qual o sumo sacerdote representa o mosaísmo, ou se baseia em alguma história moral que tinha curso entre os judeus.

DIACONISA

Nome do ofício de diácono exercido por mulher. Febe era diaconiza na igreja de Cencréia, Rm 16. 1. A ela se refere o apóstolo Paulo na 1 Epístola a Timóteo 3. 11. Já existiam diaconisas nas igrejas da Bitínia desde o ano 100, porque Plínio, em sua célebre carta ao imperador Trajano, a respeito dos cristãos, diz que examinou duas velhas da comunidade cristã que eram chamadas ministros.

DIÁCONO, Do grego *diakonos.*

Os escritores clássicos empregam esta palavra para designar servo, camareiro, portador, servente. Neste sentido encontra-se no evangelho segundo S. Mateus 20. 26, diferindo da palavra *doulos*, escravos (comp. Mt 23. 11; Mc 9. 35; 10. 43; Jo 2. 5, 9). Emprega-se esta palavra para designar um oficial da Igreja Cristã, cujos qualificativos são descritos, na 1 Tm. 3. 8. Os sete discípulos eleitos para auxiliarem os apóstolos, encarregaram-se de todos os negócios seculares da comunidade, cuidando das viúvas e dos pobres da igreja primitiva, tiveram o nome de diáconos, At 6. 1-6. Este ofício não os privava dos privilégios de pregar em público o evangelho de Cristo, porque dois deles, Estevão e Filipe, foram pregadores e evangelistas. Fizeram isto, impulsionados por um dom pessoal. Havia na igreja de Filipos, uma pluralidade de diáconos, que partilhavam com os bispos as obrigações da comunidade, Fp 1. 1.

DIADEMA, Faixa apertada sobre a fronte.

1. Tradução dos vocábulos hebraicos, *Saniph, Sanoph, e Sanuph.* Era adorno usado por homens e mulheres, Jó 29. 14, símbolo de realeza, Is 3. 23, e também usado como distintivo do sumo sacerdote com o nome de tiara ou mitra, Zc 3. 5.

2. Tradução de outro vocábulo hebraico *Mitznepheth*, especialmente aplicado à mitra ou tiara do sumo sacerdote judaico, Ez 21. 26.

3. O vocábulo *Sephirah* é traduzido igualmente por coroa e grinalda (Fig.) e diadema (V. E. em Isaías, 28. 5).

DIA DO SENHOR

Frase associada à pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo, empregada só uma vez em o Novo Testamento, onde o apóstolo S. João diz: "Achei-me no Espírito, no dia do Senhor", Ap 1. 10. Várias são as interpretações dadas a esta passagem, como vamos ver. 1. Dizem uns que o apóstolo se refere ao Sábado, ou sétimo dia da semana, que Deus mesmo denomina "meu santo dia" Is 58. 13. Mas, se o apóstolo tinha em mente o sétimo dia, parece estranho que não tivesse empregado a designação usual. 2. Dizem outros que o apóstolo se referia ao dia do nascimento de Cristo. Este dia, porém, era ignorado e não era costume comemorá-lo na igreja primitiva. 3. Afirmam outros que a expressão "Dia do Senhor"-tem a mesma significação de igual frase empregada por São Pedro, 2 epist. 3. 10, que indubitavelmente se refere à segunda vinda. Sendo assim, era o mesmo que dizer que S. João se achou no Espírito no dia do Juízo, o que é absurdo. Êle regista o dia e o lugar em que teve a visão: foi quando se achava em uma ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus e pelo testemunho de Jesus; que ele se achou no Espírito no dia do Senhor determinando o dia em que teve a visão. Deve-se notar ainda que êle não fala do dia do Senhor, designação constante da segunda vinda de Cristo, mas emprega o adjetivo *kuriakê*, distinção feita para diferençar a frase. "Dia do Senhor" determinando o primeiro dia da semana, em que Jesus ressuscitou dos mortos e "Dia do Senhor" referindo-se à segunda vinda de Cristo. 4. Julga-se possível que o apóstolo se tenha referido ao aniversário da ressurreição. Porém, nenhum dos padres primitivos pode ser citado em favor desta interpretação e do sentido dado à frase "Dia do Senhor", como sendo data aniversariante. 5. Para dizer que o apóstolo queria falar da Sexta-Feira em que Jesus foi crucificado, não parece razoável que este dia merecesse honra especial por parte dos apóstolos. 6. Deveria reservar-se para o Domingo, ou dia da ressurreição. Neste dia o Senhor apareceu a seus discípulos, Lc, 24. 13-49; Jo 20. 1-25, oito dias depois, que

em sentido ordinário quer dizer uma semana, Jesus honrou pela segunda vez o primeiro dia da semana, Jo 20. 26. Uma vez que o dia de Pentecostes ocorria cinqüenta dias depois do segundo dia dos pães asmos, Lv 23. 11, 15 (veja *Semanas e Festas das Semanas*), provavelmente caiu no primeiro dia da semana no ano em que Jesus foi crucificado, e, por isso, o derramamento do Espírito Santo deu-se naquele dia, At 2. 1. Os cristãos de Trôade no tempo de S. Paulo parece que haviam considerado este dia como destinado às suas reuniões e ao partir do pão, At 20. 7. No primeiro dia da semana deviam reunir-se e separar o que bem lhes parecesse para fins caridosos, 1 Co 16. 2. Estas passagens, auxiliadas por considerações de ordem geral, levaram a grande maioria dos cristãos a considerar o dia do Senhor como sendo o dia consagrado, pelo exemplo de nosso Senhor e de seus apóstolos, ao descanso semanal, relacionado com o Sábado dos dez mandamentos. Pode-se ainda acrescentar que alguns dos membros da igreja primitiva não faziam distinções entre dias, incluindo mesmo as festas e os sábados judaicos, e provavelmente o primeiro dia da semana, considerando-os, com razão ou sem ela, igualmente santos. Não deviam, por isso, ser julgados com dureza, Rm 14. 5. Alguns dos judeus convertidos continuavam a guardar o sétimo dia e as festas judaicas; e tinham liberdade para assim fazer, Cl 2. 16, uma vez que não considerassem isso necessário para a salvação, Gl 4. 10

DIAMANTE[1], Palavra proveniente do grego *adamas, adamantos*, que quer dizer *indomável*.

Mineral extremamente duro e insolúvel em qualquer agente químico. Risca todos os outros minerais e só pode ser polido com o seu próprio pó, tomando então um aspeto fascinante, pelo que, e pela sua raridade, tem alto valor como objeto de adorno. É usado como ponta de broca ou de cinzel, desde os tempos antigos, como se vê em Jr 17. 1. No hebraico era muito freqüente o emprego desta expressão (*Shamir*) para significar coração empedernido e cruel, Ez 3. 9; Zc 7. 12.

DIAMANTE[2]

Mineral de incomparável resistência, possuindo lustres, transparência, e, quando lapidado, produz cintilações maravilhosas. É simples carbono cristalizado pela química da natureza, que a arte humana ainda não pôde imitar. Há muito que são conhecidos na Índia em Bornéo.

1. A palavra diamante é tradução do vocábulo hebraico *Yahalom*, pedra preciosa, mencionada em Ez 28. 13, que ornava o éfode do sumo sacerdote, Êx 28. 18.

2. Tradução da palavra hebraica *Shamir*, pedra dura, que servia para afiar os instrumentos destinados à gravura, também chamada diamante, Jr 17. 1; Ez 3. 9; Zc 7. 12.

DIANA

Nome de uma deusa do Império Romano, representando a lua, os campos e os bosques, manifestação de todas as formas de vida e atividade, que se julgava serem influenciadas pela lua. Correspondia à deusa Artemis, dos gregos, irmã gêmea de Apolo, filha favorita de Zeus ou Júpiter. Simbolizava a castidade e a pureza virginal, representada por uma jovem alta e bela com um carcaz ao ombro e um arco na mão direita, em atitude de caçar veados. A Artemis da Ásia, a Diana dos efésios era a união da Artemis grega com a sensual deusa semítica Astarte. A sua imagem, segundo a crença do povo, havia caído do céu, originária de um meteoro, At 19. 35. Antigas autoridades, porém, afirmam que era de madeira, sem dizerem, com certeza, de que qualidade. Conhece-se a sua forma pelas moedas antigas que trazem o seu cunho, como sendo a figura rude de uma mulher, cingida por uma coroa e revestida de muitos seios, cujos braços estendidos eram sustentados por dois bastões. Começou a ser adorada em um altar perto do mar, na embocadura do Caister, que mais tarde se converteu em um famoso templo (Vide Éfeso). O ourives Demétrio fabricava nichos de prata representando Diana.

Moeda mostrando o templo de Diana

DIANA ver ARTEMIS

DIADEMAS

Tradução da palavra hebraica *Kishsur*, cercar, Is 3. 20. Objeto usado pelas mulheres para seu adorno, Jr 2. 32.

DIBLÁ, *Massa esférica, bôlo.*

Nome de um lugar da Palestina nas vizinhanças do deserto, Ez 6. 14; comp. Nm 33. 46; Jr 48. 22.

DIBOM, *Caminho devastado.*

1. Nome de uma cidade, situada ao norte do Arnom tomada aos moabitas pelos amorreus e conquistada pelos israelitas, Nm 21. 30; 32. 3, reconstruída pelos gaditas, 32. 34, donde lhe veio o nome de Dibom-Gade, 33. 45, 46, e partilhada à tribo de Rúben, Js 13. 9, 17. Reverteu depois ao poder dos moabitas (Pedra Moabita, 21. 28; Is 15. 2; Jr 48. 18, 22). Existe ainda hoje em um montão de ruinas conservando o velho nome Dibã, a 4 quilômetros e meio ao norte do Arnom. Tristram descreve-a como sendo uma cidade gêmea, estendendo-se sôbre as cumiadas e desdobrando-se sobre os desfiladeiros de duas colinas adjacentes, e cingida de muros. Encontram-se cavernas, cisternas, grandes armazéns subterrâneos, arcarias semicirculares e construções ciclópicas de basalto, semelhantes às de Basã. Foi nas suas ruinas que em 1868, Mr Klein descobriu a famosa Pedra Moabita.

2. Nome de uma aldeia do território de Judá, Ne 11. 25. Talvez a mesma *Dimonajh*.

DIBOM-GADE vide DIBOM

DIBRI

Nome de um danita, cujo antecessor foi morto nos dias de Moisés por ter blasfemado e amaldiçoado o nome do Senhor, Lv 24. 11-14.

DICLÁ, *Palmeira.*

Nome de um povo descendente de Joctã, Gn 10. 27; 1 Cr 1. 21, que, sem dúvida, habitou na Arábia, numa região abundante em palmeiras, como se depreende de seu nome.

DILÚVIO

Corrente de água que se espraia, Jó 14. 11; 28. 11, como as inundações do Nilo, Jr 46. 7; Am 8. 8, do Eufrates, Js 24. 2, do Jordão, Sl 66. 6. Dá-se este nome às massas de águas, crescendo sôbre a terra e cobrindo a sua superfície, Dn 9. 26; Na 1. 8; Mt 7. 25; Lc 6. 48. Nome que também se dá às grandes águas dos mares e dos rios e suas correntezas, Sl 24. 2; Jn 3. 3. Mais particularmente se aplica esta palavra à grande inundação do templo de Noé, cobrindo a terra de águas, como demonstração do juízo de Deus contra a maldade dos homens, Gn 6. 5-13. Deus empregou causas secundárias para este fim, tais como: o rompimento de todas a fontes do grande abismo e a abertura das cataratas do céu. Deste modo, parte das águas veio do oceano, e a outra caiu das nuvens, durante quarenta dias e outras tantas noites, Gn 7. 11, 12. As águas do dilúvio cobriram

as mais altas montanhas, elevando-se a quinze côvados sôbre elas, consumindo tôda a carne, de homens, aves, animais, feras, répteis, ficando apenas Noé e os que estavam com ele na arca, 7. 19-23 (Vide *Arca*).

As águas demoraram-se sôbre a terra, cento e cinqüenta dias. A arca parou sôbre os montes da Armênia com a diminuição das águas. Dois meses e meio depois, apareceram os cumes das montanhas, 8. 3-5. Tendo-se passado quarenta dias, abriu Noé a janela da arca e soltou as aves, voltando a pomba com o ramo de oliveira no bico, como um símbolo de paz sôbre a terra. E Noé removeu o tecto da arca e viu que tôda a superfície da terra estava seca. Oito semanas ainda, permaneceu na arca, saindo dela por ordem de Deus, 8. 13-15. Os meses são avaliados em trinta dias, cada um. O número de dias que mede um intervalo de tempo é a diferença das datas obtidas por simples subtração, 7. 11, comp. 8. 3, 4. Por êste modo de calcular, e tomando o dia da entrada na arca como o primeiro dia, é interessante notar os dias e as semanas.

O quadragésimo segundo dia, depois dos quarenta dias e quarenta noites de chuvas, foi o primeiro dia belo e alegre, um verdadeiro sétimo dia, muito próprio a relembrar o descanso do Senhor e a sua graça para com as criaturas. A terra aparecia como no primeiro dia da criação, um mundo novo, onde habitava a justiça. Noé soltava as aves a intervalos de seis dias ou fôsse em seis dias sucessivos, ou no fim de cada sete dias. No dia do Novo Ano, tirou a coberta da arca; era o sétimo dia da velha contagem e ao mesmo tempo um novo sétimo dia. Oito semanas depois, e no sétimo dia decorrente, Deus tirou Noé da Arca.

Esta descrição é feita de acordo com o depoimento de uma testemunha ocular. A sua linguagem deve ser entendida no sentido em que a falaram seus autores, e daqueles que a promulgaram, séculos antes da vida de Moisés. A extensão do dilúvio não se pode saber pela simples leitura do Gênesis. O dilúvio poderia ser universal, inundando tôda a superfície do globo, ou poderia ser limitado a uma localidade de maior ou menor

Cap.	7.4-10	Embarque dos animais	2º mês dia 10
"	7.11	Entrada na arca, de tarde, segundo a tradição babilônica, no começo da tormenta	2º mês dia 17
"	7.12	40 dias de chuva, que terminou à tarde	3º mês dia 27
"	7.24	As águas cobriam a terra,	
"	8.3	durante 150 dias, e a	
"	8.4	arca parou sôbre o monte	7º mês dia 17
"	8.5	As águas baixaram continuamente, até aparecerem os cumes dos montes	10º mês dia 1
"	8.6	Noé espera ainda 40 dias, número correspondente aos 40 dias de chuva; soltura do corvo	11º mês dia 12
"	8.8	Soltura da pomba	11º mês dia 18
"	8.10	Nova soltura	11º mês dia 25
"	8.12	Última saída da pomba	12º mês dia 3
		Não obtante todas as indicações favoráveis, Noé permanece na arca, esperando a ordem de Deus	
		Depois de quase um mês, no dia do Ano Novo	
"	8.13	Noé tirou a coberta da arca e viu que as águas tinham baixado e que a terra estava sêca.	1º mês dia 1
		Porém continuou à espera da ordem divina. Oito semanas depois, recebeu ordem de	
"	8.14,15	sair da arca	2º mês dia 27

extensão. Todas as montanhas que há debaixo do céu ficaram cobertas; pode-se entender, dentro do horizonte dos habitantes da arca. Linguagem semelhante encontra-se em Cl 1. 23. O dilúvio teve por fim destruir a raça humana corrompida, Gn 6. 7, 13, 17; 7. 4, e com ela, morreram todos os animais viventes sôbre a terra. Assim o observaram aqueles que foram salvos na arca, 7. 21-23, confirmado por seus descendentes que novamente se espalharam sôbre a face da terra: não encontraram alma vivente. Noé recebeu instruções para recolher na arca animais, macho e fêmea, de cada espécie e fazer provisão do alimento para todos eles, 6. 20, 21. A ordem divina deveria ser entendida de acôrdo com o sentido que a ela davam os homens daquele tempo. Noé, sem dúvida, recolheu espécimes de animais que lhe eram conhecidas, e também o alimento apropriado para cada um deles (comp. Dn 6. 25). Não há motivo para crer que Deus lhe ordenasse a reunião de espécies que lhe eram desconhecidas, a menos que todos os animais, por um impulso sobrenatural, se encaminhassem para a arca, como alguns interpretam o cap. 7. 8, 9 e que, sob a mesma influência, Noé fizesse provisões para todos os animais de diferentes espécies e de climas diversos.

A tradição do dilúvio corria entre o povo de que se originou o povo hebreu. Na casa *ancestral* de Abraão, o dilúvio era relembrado como uma grande crise na história da humanidade. Um escriba assírio, registando os nomes de antigos reis, observa que existiam "depois do dilúvio"; Assurbanipal refere-se a inscrições do "tempo antes do dilúvio"; Beroso, sacerdote babilônico, dedicou o segundo volume de sua história aos dez reis antediluvianos da Caldéia, considerando que o dilúvio assinalou o final do primeiro período da história da humanidade. A tradição do dilúvio, corrente em Babilônia e na Assíria, diferia em alguns pormenores da tradição hebraica. Os hebreus, os assírios e os babilônicos, que outrora habitavam juntos em Babilônia, conservavam uma tradição uniforme; mas, no correr dos tempos, a tradição, passando de geração a geração, sofreu pequenas alterações e recebeu aditamentos desnecessários. Quando os semitas de Babilônia se desdobraram em três nações, instalando-se em regiões distintas, e adotando religiões diferentes, a tradição do dilúvio que eles conservaram, recebeu o cunho peculiar à sua nacionalidade. A narração hebraica era monoteísta, a dos assírios e babilônios politeísta. O leitor atento terá ocasião de notar que a narrativa hebraica, não só no todo, como em suas minudências merece crédito, refletindo as condições de uma época primitiva. O mesmo não se pode dizer das tradições dos assírios e babilônios. Eles mesmos divergiam entre si. A história do dilúvio corrente em Babilônia no tempo de Alexandre, o Grande, foi registada por Beroso (Antig. 1. 3, 6; contra Apiom, 1. 19), e é citada por inteiro na história eclesiástica de

Eusébio. Forma muito antiga e que de fato é a mais antiga e a mais bem conservada, apesar das variações de seu texto, é a que se acha incorporada na composição épica, celebrando os feitos de Izdubar ou *Gilgamesh*, rei de Ereque. Izdubar caiu doente e resolveu consultar o seu antecessor Sitnapistim que os deuses arrebataram; habitava "na boca dos rios" e conhecia os segredos da vida e da morte. Ao fim de longa jornada, cheia de dificuldades e de muitos perigos, Izdubar encontra-se com Sitnapistim, cheio de vigor da mocidade, não obstante pertencer a épocas muito remotas. Izdubar exclamou, cheio de espanto: "Como foi, Sitnapistim, que tu chegaste a ter vida entre os deuses?"

"Vou contar-te, Izdubar", respondeu Sitnapistim, "a história secreta, e descobrir-te o oráculo dos deuses (com referência à cura da tua enfermidade). Tu conheces a cidade de Suripaque que está no Eufrates. Aquela cidade já era antiga, quando os deuses que habitavam nela, resolveram mandar uma tempestade diluviana. O deus Anu estava lá junto com os outros, e Bel e Ninibe. O deus Ea, contudo, deliberou junto com eles, e revelou-me em sonhos o propósito dos deuses (1. 177.) Mã de Suripaque filho de Urabatutu, disse ele, demoliu a casa, construiu um navio, abandonou todas as suas riquezas e procurou salvar a vida. Levou para o navio a semente da vida de toda a espécie. Prestei muita atenção, e disse ao deus Ea: O meu senhor, tudo quanto tens ordenado, isso farei. "No dia seguinte começaram as preparações. No quinto comecei a armar o vigamento — 140 côvados de alto, 140 côvados de comprimento; fiz as divisões internas, arranjei um leme. Pelo lado de fora estendi três medidas (sars) de betume e também pelo lado de dentro. Quando o navio ficou pronto, meti-lhe dentro tudo quanto possuía — com prata e ouro e a semente da vida de toda a espécie. Recolhi a bordo todos os meus servos e servas, o gado, os animais do campo e os operários. O deus sol marcou o tempo. Quando o que manda a chuva fez cair com violência a chuva, de tarde, entrei no navio e fechei a porta. O tempo marcado chegou. Aquele que manda a chuva violenta derramou-a de tarde. Temi o cair da tarde e tremi ao contemplar a manhã. Entrei no navio, fechei a porta por dentro e confiei a enorme construção com a sua carga aos cuidados de Puzur-bel, meu piloto.

"Ao alvorecer, uma nuvem escura apareceu no horizonte. No meio dela, o deus-tempestade fazia rolar o trovão. Os deuses Nebo e Marduque marchavam à frente, como guias, por montes e vales; o poderoso deus-peste soltou o navio; o deus Ninibe fez extravasar as correntes das águas para fora de seu leito. Os anumaqui, espíritos das regiões subterrâneas, ergueram as tochas e iluminaram a terra. O deus-tempestade empolou as ondas que chegavam até ao céu. A luz converteu-se em trevas. Ninguém podia ver quem lhe estava perto, nem os que estavam no céu podiam ver os entes humanos cá em baixo na terra. Os próprios deuses se atemorizaram com o aspecto da tormenta do dilúvio; apavorados, buscaram refúgio subindo ao céu, e encolheram-se junto ao muro, como os cães na sua casinhola. Depois, a deusa Istar, semelhante a uma mulher, prestes a dar à luz, exclamou, ela com a sua voz encantadora, chamou: Humanidade, que existias e que te convertes em lama, este é o mal que predisse em presença dos deuses, tal qual como a eles profetizei.

"Eu disse que uma tempestade havia de aniquilar as minhas criaturas. Gerei homens, mas para que fim? Semelhantes a *cœdumes* encheram o mar. Os deuses que governam os espíritos habitadores das regiões subterrâneas, choram com ela, encurvados e banhados em lágrimas, cobrem os lábios. Durante seis dias e seis noites (*) o vento, a tempestade de águas e as chuvas não cessaram; no sétimo dia, a chuva diminuiu; o dilúvio que se torcia semelhante a uma parturiente, repousou; o mar recolheu-se ao seu leito, e o furacão violento com a tormenta das águas cessaram. Olhei para o mar, e ao mesmo tempo batendo as mãos; mas todos os homens não eram mais que lama. Abri uma janela; quando a luz me iluminou a face, encurvei-me e caí para trás chorando; as lágrimas corriam-me pelo rosto. Olhei em todas as direções — e tudo era mar."

"Contudo, um pedacinho de terra, erguia-se à altura de doze medidas. O navio movia-se em direção à terra de Nisir. Sobre uma montanha daquele país, o navio foi detido e não caminhou mais. No primeiro dia, e no segundo dia, o monte Nisir segurou o navio, no terceiro dia e no quarto dia igualmente, e também no quinto e sexto dia. Quando chegou o dia sétimo, soltei uma pomba. A pomba voou de um lado para outro, sem encontrar pouso, voltou. Em seguida, soltei uma andorinha. A andorinha também voou de uma parte para outra, sem ter onde pousar, e voltou. Depois soltei um corvo. O corvo voou longe, e quando viu que as águas tinham abaixado, aproximou-se descendo, mas não voltou (**).

"Então soltei todos os animais aos quatro ventos. Derramei uma libação e ofereci um sacrifício no cume da montanha. Pus os vasos em número de sete e debaixo deles espalhei cana doce, cedro e ervas. Os deuses aspiraram os odores, e agruparam-se em torno do ofertante, como moscas."

"Quando a deusa Istar chegou, ela levantou o grande ornamento que o deus do firmamento tinha feito a seu pedido. Nunca esquecerei o ornamento do meu pescoço; sempre me lembrarei dêsses dias, e não os olvidarei pela eternidade. Os deuses todos vinham ao sacrifício, exceto Bel, porque ele, inconsideradamente, foi o causador do dilúvio, e entregou o meu povo ao julgamento. *Porém* também veio; e quando ele viu o navio, irou-se contra os deuses dos espíritos celestiais." "Qual foi a alma que escapou?" exclamou ele; "nenhum escapará ao julgamento." Então o deus Ninibe abriu a bôca e falou ao valoroso Bel: "Quem senão a deusa Ea faria isto?" Ea conhece certamente todos os exorcismos: "Ea também abriu a boca, e disse ao valoroso Bel: *Tu*, valoroso chefe dos deuses, foste o causador do dilúvio, agindo sem reflexão. Sobre o pecador cairá o seu pecado; e sobre o que pratica o mal, cairão os seus próprios feitos. Abandona (a ira) para que ele não seja exterminado; sê gracioso também. Em lugar de um dilúvio tormentoso, manda o leão e a hiena, a fome e a pestilência, e deixa que eles diminuam os homens. Quanto a mim, eu não revelei o propósito dos grandes deuses; enviei Atraasis (***), o sonho e foi ele que percebeu o propósito dos deuses.

"Então Bel se tornou mais razoável, subiu ao navio, tomou-me pela mão, fez-me subir; fez subir também a minha mulher e mandou que nos ajoelhássemos a seu lado. Depois voltando-se para nós, e pondo-se entre nós ambos e abençoando-nos, disse: Daqui em diante, Sitnapistim era (mero) homem; agora ele e sua mulher sejam exaltados

(*) Contado as noites e os dias do mesmo modo que o faz a narrativa hebraica. neste ponto, Delitzsch lê «seis dias e sete noites.» Dêste modo o seu texto contém uma fórmula que se encontra muitas vezes em outros lugares. que vem a ser i. 188. A maioria dos assiriologistas que examinaram o ladrilho dizem não haver dúvida quanto à enumeração de seis dias e seis noites, e não sete noites.

(**) Ou, o corvo voou para longe e viu que as águas haviam baixado (sobre as quais pousa e alimenta-se), sobe, ou levanta o vôo vagarosamente e não volta.

(***) Em a narrativa que Berosus escreveu em grego emprêga o nome Xisutrus, transpondo as partes que a constituem. que vem a ser outro nome para designar Sitnapistim.

à igualdade dos deuses e habitem bem longe das bocas dos rios." Logo depois levou-me para fora e colocou-me muito longe das bocas dos rios (****).

A narração do dilúvio existia desta forma, entre os assírios e os babilônios, antes do sétimo século A. C., porquanto o colofão afixado à tabla em que ela se acha, diz que este documento pertence a Assurbanipal que reinou na Assíria, desde 668 a 626 A. C., e que seu conteúdo foi copiado de uma tabla mais antiga. Existiu na mesma forma séculos adiante, porque se encontraram fragmentos dele, que foram escritos em tempos de Amizaduga, quarto sucessor de Hamurabi, rei de Babilônia, que se julga ter sido, com bons fundamentos, contemporâneo de Abraão.

No reinado de Setimio Severo, imperador romano, 193-211 A. D., foi cunhada uma moeda em Apaméia, na Frígia contendo uma representação do dilúvio. Um bote com o nome Noé, vogando sobre as ondas; dentro dele um homem e uma mulher; um pássaro pousado sobre ele, e outro pássaro voando sobre o barco, trazendo um ramo entre as unhas. Vêem-se fora da arca de pé em terra os seus antigos ocupantes. Apaméia, antes chamava-se Quibotos, que quer dizer Arca. As moedas das antigas cidades, freqüentemente traziam gravado algum fato notável da sua história, ou de tradições locais.

DIMOM, Provável variante de Dibom.

Nome de um lugar em Moabe, Is 15. 9, talvez Dibom, por causa de uma permuta comum das labiais. S. Jerônimo afirma que em seu tempo, ambos estes nomes eram comuns ao mesmo local. A forma da palavra com *m* é preferida pelo profeta, por sua consonância com *dam*, sangue, empregada no mesmo verso. As águas de Dibom são mais bem reputadas que as do Arnom quanto as do Magedo são às do Cisom, Jz 5. 19.

DIMONA,

Nome de uma cidade situada na parte sul de Judá, perto de Edom, Js 15. 22, provavelmente a mesma Dibom, Ne 1. 25.

DINA, ou DINÁ, *Julgamento ou julgado.*

Nome de uma filha de Jacó e de sua mulher Lia, Gn 30. 21. Tendo saído para ver as mulheres cananéias daquele país, Siquém, filho de Hemor, heveu, príncipe daquela terra, raptou-a. O jovem príncipe desejava legalizar a sua união com ela no que acordaram Jacó e seus filhos. Estes, porém, o fizeram dolosamente e sob a condição de que os hebreus deviam circuncidar-se, que foi aceita. Ao terceiro dia, quando a dor das feridas era mais intensa, Simeão e Levi, irmãos de Dina, empunhando as espadas entraram impetuosamente na cidade, e mataram todos os varões, inclusive Hemor e Siquém, 34. 1-29. Jacó reprovou tão cruel ato praticado traiçoeiramente (v. 30), confirmando as suas palavras no leito de morte, 49. 5-7. Por este motivo, a terra conquistada não foi partilhada aos dois irmãos, e sim acrescentada ao patrimônio de José, 48. 22.

DINABÁ,

Nome de uma cidade de Bela, rei de Edom, Gn 36. 32; 1 Cr 1. 43. Existem diversas cidades com igual nome, fora dos limites deste reino. São Jerônimo a identifica com Danaia, cidade de seu tempo, situada em Moabe, um pouco ao sul do Arnom.

DINAITAS

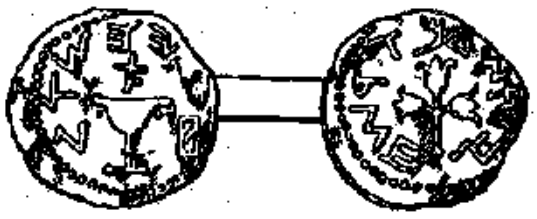
Nome de uma das tribos estrangeiras, que foram transportadas a Samaria, para ocupar o lugar vago pelo cativeiro das dez tribos, Ed 4. 9. É provável que seja composta de gente da Armênia que os assírios denominavam Daiani.

DINHEIRO[1], MOEDAS

As primeiras moedas de curso nas transações comerciais, foram lançadas pelos gregos e por outros povos da Ásia Menor, dentro da esfera da influência grega. Os estáteres feitos de uma liga de ouro com prata, chamada eléctron, foram cunhados na Lídia da Ásia Menor, e as moedas de prata, na Egina em 700 a 650 A. C. Na parte restante da Ásia ocidental e no Egito, não havia moedas de cunho oficial. Dava-se ouro, ou prata em barras, arrecadas e outros objetos de uso, do mesmo metal, talvez com valor estipulado nas permutas comerciais, Js 7. 21. Nestas transações o que valia não era tanto o que se achava marcado mas sim o pêso do objeto e a qualidade do metal, Gn 23. 16; 43. 21. Para a verificação dos valores, recorria-se a uma avaliação. O *shekel* dos tempos antigos não era moeda que tivesse cunho oficial estampado, consistia de certo peso (*shekel*) de prata. Os pesos formavam série na denominação do talento, *maneh*, *shekel*, *gerah* e *beka* ou meio *shekel* (Veja Pesos). A Dario Histaspes, 521-486 A. C., se atribui a introdução das moedas cunhadas, na Pérsia (Heród. 4. 166), por meio das quais os judeus se familiarizaram com as moedas. Os *daricos* ou soldos, Ed 2. 69, eram moedas de ouro maciço, tendo, de um lado, a figura do rei ajoelhado, segurando um arco e uma flexa. No reverso

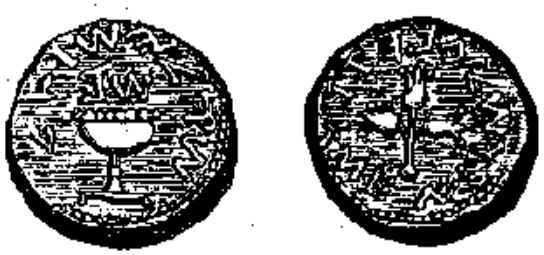
Darics de ouro

via-se um quadrado irregular, que parecia representar a forma de metal que servia para a cunhagem, e tinha o valor de cinco dólares. Depois da queda do império persa, o sistema monetário da Grécia foi adotado na Palestina e o dinheiro passou a ser representado pelos talentos e pelas dracmas, 1 Mac 11. 28; 2 Mac 4. 19.



Meio «shekel» de prata do ano 1.º

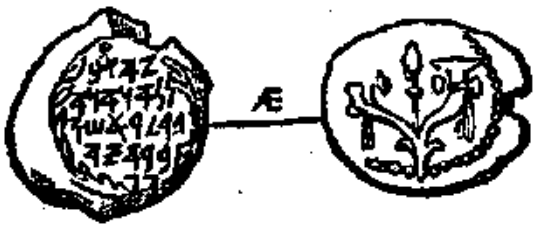
No ano 141-140 A. C. Simão Macabeu conseguiu o privilégio de cunhar moedas com a sua efigie, 1 Mac. 15. 6 e pôs em circulação *shekels* e meios *shekels* de prata e talvez subdivisões desta moeda em meios, quartos e sextos de cobre. As moedas de prata tinham uma taça no obverso com



«Shekel» do ano 2º

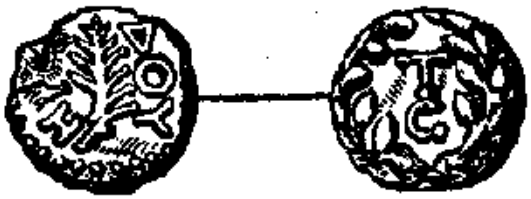
(****) Tal é, na sua essência, a história contada pelos cuneiformes. Reproduzimo-la levemente resumida, principalmente a algumas linhas mutiladas e a sentença cujo sentido não está ainda bem determinado.

a data por cima e a legenda: *"shekel"* ou *"meio shekel"* de Israel, e no reverso um ramo com flores e em torno as palavras "Jerusalém a Santa." A pequena moeda de cobre de João Hircano tem no obverso, dentro de uma cercadura de oliveira a inscrição: Jeoanã sumo sacerdote, chefe e amigo dos judeus e no reverso, um símbolo grego: duas cornucópias unidas pela base e entre elas



Moeda de cobre de João Hircano

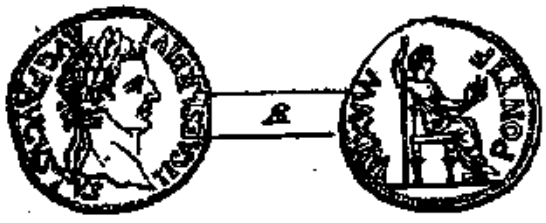
uma romã. Herodes o Grande, e seus sucessores até Herodes Agripa II, emitiram moedas de cobre somente com as legendas em grego. Contudo, as moedas gregas continuaram a circular juntamente com as judaicas. Estas moedas consistiam de dracmas e tetradracmas. A dracma de prata, Lc 15. 8, no tempo de Herodes, o Grande, e dos procuradores do Império, equivalia a um denário romano e valia cerca de 16 cents. de um dólar; o estáter de prata ou tetradracma, Mt 17. 27, cunhados pelas cidades gregas da Síria e da Fenícia valiam cerca de 66 cents. do dólar que logo depois foi diminuindo. O *lépton* (em Lc 12.



Moeda de cobre de Herodes Antipas, Tetrarca da Galiléia

59 centavo), pequena moeda de cobre diferente, do sistema grego, era a moeda de menor valor em circulação; valia 1/8 de cent. e era a metade de um quadrante, Mc 12. 42. O nome tem o sentido de pequeno. Por ser moeda judaica, só ela podia entrar na caixa das esmolas do templo. Parece que era a moeda de cobre que João Hircano ou algum outro dos príncipes macabeus havia posto em circulação. O didracma que corresponde à metade de um *shekel*, Mt 17. 23, não estava em circulação, ou era pouco usado na Palestina. O talento, corrente entre os judeus, 1 Mac 11. 28; Mt 18. 24, era o talento da Ática que Alexandre havia estabelecido como padrão monetário em todo o império, conservando sempre a mesma supremacia. Não era moeda cunhada, e sim dinheiro de contado, dividido em 60 minas, ou 6.000 dracmas, 1 Mac 14. 24; Lc 19. 13-25.

Esta moeda sofreu grande depreciação, quando a dracma baixou de 67. 5 grãos a 55, ou 16 cents. no princípio do govêrno dos Césares.

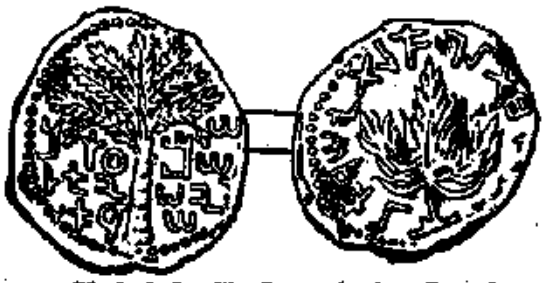


Denário com a efígie de Tibério

Com o advento do governo romano na Palestina, o dinheiro romano começou também a circular ali. O denário, Mt 18. 28, que Fig. traduz dinheiros, era moeda de prata. No tempo do Império trazia invariavelmente no obverso o busto do soberano reinante ou de algum membro da família imperial. Desde o tempo de Augusto até Nero, o denário padrão pesava 60 grãos, equivalente a 17 cents. Era o tributo que os judeus pagavam em dinheiro ao tesouro do Império Mt 22. 19. O *assarion*, asse em Mt 10. 29; Lc 12. 6, nome grego vindo do latim *as*, era pequena moeda de cobre, cujo valor, foi reduzido a 1/16 do denário cerca de 1 cent. no ano 217 A. C., o quadrante, traduzido centavo, Mt 5. 26; Mc 12. 42, era a quarta parte de um asse, ou ¼ de cent. Os procuradores romanos da Judéia também se acostumaram a cunhar moedas. Empregavam para isso o cobre em nome da família imperial e com a legenda em caracteres gregos. Na gravura acima vê-se o nome Ti. Claudius Cesar Germanicus escritos em grego à margem, tendo no centro dois ramos de palmeira cruzados com a data "Ano 14" entre elas. O reverso contém o nome da mulher do imperador, Júlia Agripina. Esta moeda é do tempo do procurador Félix, A. D. 54. A moeda de ouro, corrente na Palestina, durante o período do Novo Testamento era o *denarius* áureo, geralmente denominado *aureus* (Antig. 14. 8, 5), que valia 25 *denarius* de prata.

Moeda de cobre do tempo dos procuradores romanos

A cunhagem nacional de Israel, reviveu no tempo de Eleazar, sacerdote e do príncipe Simão, durante a primeira revolta (A. C. 66-70). Os *shekels* de prata e os quartos de *shekel* e as

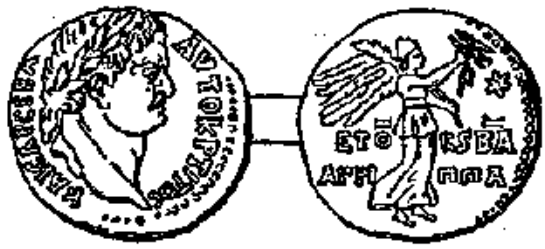


«Shekel de Simão, príncipe Israel

moedas de cobre de vários padrões com antigas inscrições hebraicas, entraram em circulação. O *Shekel* de Simão tinha no obverso uma palmeira com a legenda "Simão, príncipe de Israel" e no reverso, uma videira com a inscrição: "Ano um da redenção de Israel." Quando se deu a sufocação da revolta e a tomada de Jerusalém, o governo romano mandou cunhar moedas com a imagem e o nome do imperador Vespasiano em o obverso, e uma mulher cativa debaixo de uma palmeira com a inscrição "Judéia cativa" no reverso. Herodes Agripa II, rei de parte da Galiléia e

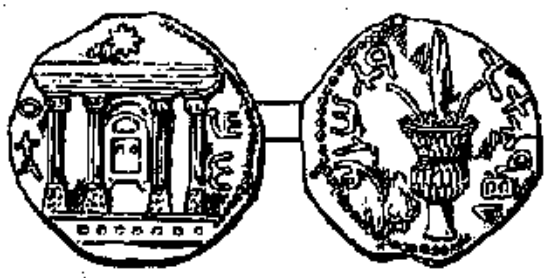
Moeda de prata de Vespasiano, comemorando a tomada de Jerusalém

da região oriental, continuou a circular moedas de cobre depois da queda de Jerusalém, tendo o busto do imperador com o seu nome e seus títulos no obverso, e no reverso, um anjo, representando a vitória, erguendo uma coroa e sustentando um ramo de palmeira, com a legenda "Ano 26 do rei Agripa." Durante a segunda revolta, chefiada por Barcochebas, A. D. 32-135, continuaram a circular os *shekels* e os quartos de *she-*



Moeda de cobre de Herodes Agripa II

kel de prata e de cobre com as antigas inscrições hebraicas, contendo no obverso um templo tetrastilo, talvez uma representação convencional da porta especiosa do templo de Jerusalém, tendo ao lado a palavra Simão, e por cima uma estrêla, alusão ao sobrenome do chefe Barcochebas, filho da estrela. A fim de se obterem quartos de



«Shekel» de Barcochebas

shekel, cunharam-se de novo os *denarius* romanos, que por este tempo tinham valor muito aproximado ao quarto de *shekel*, a fim de substituí-los sem grande inconveniência.

DINHEIRO[2], DENÁRIO

Tradução da palavra grega *Denarion*, nome de uma moeda de prata usada pelos romanos, Mt 22. 19-21, equivalente a 17 cêntimos do dólar, corrente no tempo de Cristo, 18. 28. Veja *Dinheiro*[1]. Esta moeda tinha o valor do salário de um dia a um trabalhador do campo, Mt 20. 2, 9. O bom samaritano deu duas destas moedas ao estalajadeiro a quem confiou o tratamento do homem que os ladrões despojaram e feriram no caminho de Jericó, Lc 10. 35. Os apóstolos calcularam que seriam precisos duzentos dinheiros para comprar o pão necessário a 5.000 pessoas famintas, Mc 6. 37, ou um denário para cada vinte e cinco pessoas, dois terços de um cêntimo de dólar para cada uma pessoa. Um denário é o preço estipulado no Ap 6. 6 para meia oitava de trigo e para três oitavas de cevada em tempos de fome.

DIONISIO, Pertencente a Dionusus, ou Baco, deus das vinhas.

Nome de um dos membros da corte suprema de Atenas chamada Areópago, convertido pela pregação do apóstolo S. Paulo, At 17. 34.

DIÓTREFES, *Educação por Júpiter.*

Nome de um membro da igreja a que pertencia Gaio. Este nome vem na terceira epístola de S. João, vv. 9 e 10. Diótrefes que tinha a primazia na igreja, negava entrada ao apóstolo e aos irmãos que lá iam em seu nome, e excomungava a todos que contrariavam suas proibições.

DISÃ, *Pigarga, ave.*

Nome de uma tribo dos horreus, Gn 36. 21, 28. 30.

DISCÍPULO

Nome que se dá ao que recebe ensinos do mestre, Mt 10. 24; especialmente daqueles mestres que exercem funções públicas, como João Batista, 9. 14. O Senhor dá este nome àqueles que aprendem dele, Is 8. 16. Também se dá este nome a todos que em qualquer tempo recebem os ensinos do Mestre divino, e dos seus apóstolos, Mt 10. 42; Lc 14. 26, 27, 33; Jo 4. 1; 6. 66; Mt 5. 1; 8. 25; 10. 1; 12. 1, etc.

DISENTERIA

Nome de uma enfermidade caracterizada por inflamação e ulceração da região inferior dos intestinos, acompanhada de hemorragia, e de febre. Públio, príncipe da ilha de Malta, tinha seu pai doente de disenteria. O apóstolo S. Paulo foi visitá-lo, e, orando, curou-o milagrosamente, At 28. 7, 8.

DISOM, Pigarga, ou antílope.

Nome de uma tribo dos horreus, Gn 36. 21, 26; 1 Cr 1. 38, organizada sob um chefe, Gn 36. 30, e descendente de Sibeom, 24, 25. Alguns comentadores pensam que existem duas pessoas com este nome, uma nos vv. 20, 26, 30 e outra no v. 25.

DISPERSÃO

Nome que se dá na Escritura ao corpo de israelitas espalhado em terras estrangeiras, Jr 25. 34; Jo 7. 35; Tg 1. 1. Os israelitas foram ameaçados com a dispersão no caso de se apartarem das leis de Moisés, Lv 26. 33-37; Dt 4. 27, 28; 28. 64-65. O cativeiro das dez tribos e parte das duas outras, confirmaram o cumprimento desta profecia; porquanto a maior parte dos cativos das dez tribos nunca mais voltou à sua pátria; e das outras duas tribos, grande número dêles ficaram nas regiões estrangeiras, donde nunca mais voltaram. Grande parte do povo emigrou para as cidades do império de Alexandre, o Grande, e para os reinos do Egito, da Síria, etc. e mais tarde, quando o Império Romano estendeu o seu poder sôbre estas e outras regiões, os judeus se colonizaram nas mais importantes cidades do império. Agripa, em uma carta a Calígula, conservada por Plínio, diz assim: "Jerusalém e a capital não só da Judéia, mas também de outros países, em virtude das colônias judaicas neles estabelecidas. Estas colônias buscaram abrigo em terras estranhas por causa das circunstâncias especiais, no Egito, na Fenícia, na Síria, na Panfília, na Cilícia, na maior parte da Ásia, na Bitínia e nos lugares mais distantes do Ponto. Do mesmo modo ocuparam a Europa, indo para a Tessália, Beócia, Macedônia, Eólia, Argos, Corinto e para os lugares mais belos do Peloponeso. E não é somente o continente que está cheio de israelitas, é também a maior parte das ilhas importantes, como a Eubéia, Chipre, Creta, sem falar dos países além do Eufrates, todos eles com poucas exceções, inclusive a Babilônia e as satrapias, onde existem regiões férteis, são ocupadas pelos judeus." Por isso é que em todo o mundo conhecido se encontram os judeus da dispersão com as suas sinagogas e com o seu culto, At 2. 5-11; 1 Pe 1. 1; Guerras, 2. 16; 7. 3, 3.

DIVÓRCIO

Anulação dos laços matrimoniais. Sob o domínio das leis mosaicas, o marido podia divorciar-se de sua mulher no caso de encontrar nela algum defeito. Neste caso, a mulher divorciada podia contrair novo casamento. Se o segundo marido a divorciasse, o primeiro não devia possuí-la de novo como esposa. O processo de divórcio era muito simples. O marido entregava-lhe um escrito de repúdio e despedia-a de casa, Dt 24. 1-4; comp. Is 1. 1; Jr 3. 8. Nosso Senhor explicou que esta faculdade era devida à dureza de seus corações. Acrescentou que a lei justa e original do casamento era a lei natural, isto é, que o homem que se liga à sua mulher, forma um só corpo com

ela, e que são dois em uma só carne, sendo indissolúvel esta união, salvo em caso de adultério. Se um homem abandona a sua mulher e casa com outra, a não ser pelo motivo legal, comete adultério, e aquele que casar com a mulher divorciada ilegalmente, também comete o mesmo pecado, Mt 5. 31, 32; 19. 3-9; Mc 10. 2-12; Lc 16. 18; comp. 1 Co 7. 10-17.

Os protestantes, quase universalmente, ensinam que o divórcio voluntário de ambas as partes anula o casamento e que ambas as partes podem novamente contrair outro casamento (comp. 1 Co 7. 15).

DI-ZAABE, *Abundante em ouro*

Nome de um lugar, citado apenas para indicar a localidade e as circunstâncias relacionadas com as despedidas de Moisés, Dt 1. 1. Daabe, situada na praia ocidental do golfo de Acaba, a 41 quilômetros ao sul de Ezion-Geber, não pode assinalar a sua antiga posição; tem apenas semelhança de nome a seu favor, e nada mais; está muito fora do caminho seguido pelos israelitas. É provável que êste nome Di-Zaabe, seja o nome de um distrito de Edom, semelhante a Mezaabe.

DIZIMOS

A décima parte das rendas consagrada ao Senhor. Várias nações da antiguidade separavam para os deuses, certa proporção dos produtos de indústrias, ou dos despojos da guerra. Os lídios ofereciam a décima parte das presas (Heród. 1, 89). Os fenícios e os cartagineses enviavam anualmente a Hércules, a décima parte de suas rendas. Estes dízimos eram regulares ou ocasionais, voluntários, ou ordenados por lei. Os egípcios deviam contribuir com a quinta parte das colheitas, para Faraó, Gn 47. 24. Antes do governo de José no Egito, e mesmo antes da existência dos Faraós, Abraão, ao regressar da vitória alcançada sobre os reis confederados, deu a Melquisedeque, rei de Salém e sacerdote de Deus, o dízimo de tudo que possuía, dos despojos da vitória, Gn 14. 20. Jacó prometeu oferecer ao Senhor o dízimo de todas as cousas que lhe concedesse, 28. 22. A lei mosaica mandava separar o dízimo dos frutos e dos gados para o Senhor, Lv 27. 30, 32. Não era obrigatório pagar em espécie o dízimo dos grãos ou dos frutos. Poderiam ser remidos, pagando mais um quinto do seu valor no mercado (v. 31). Mas os dízimos do gado e dos rebanhos não podiam ser remidos. De todos os dízimos de vacas, ovelhas e cabras, que passavam debaixo do cajado do pastor, seria consagrado ao Senhor. Não se escolhia bom nem mau, nem se trocava por outro, nem se podia remir, 32. 33. O dízimo dos grãos contava-se depois de limpos na eira; os dízimos das vinhas contavam-se depois de espremidas no lagar, e dos olivais, depois de convertidos em azeite, Nm 18. 27. Todos estes dízimos deveriam ser postos nas mãos dos levitas, 21, 24, em posse pelo ministério em que eles serviam no tabernáculo do concerto, 21, e como recompensa compensadora por não terem parte na herança da terra. Ordenava a lei que os levitas dessem ao Senhor o dízimo dos dízimos recebidos do povo de Israel, 26, 27, podendo livremente utilizar-se do que restava, como preço do serviço que faziam no tabernáculo, 31. Nas vésperas de entrarem na terra de Canaã, onde os israelitas se estabeleceriam em lugares distantes do santuário, era preciso insistir para que o povo trouxesse tudo que a lei prescrevia sôbre sacrifícios, ofertas voluntárias e dízimos, Dt 12. 5, 6, 11. Não poderiam comer em suas casas o dízimo do trigo, do vinho e do azeite, nem o primogênito das vacas, nem de cousa que tenha feito voto, senão diante do Senhor, 17, 18. Deveriam dizimar o trigo, o vinho, o azeite, os primogênitos das vacas e das ovelhas e comer tudo na presença do Senhor. Se, porém, a distância não lhes permitisse chegar até ao santuário, poderiam vender tudo, reduzindo-o a dinheiro para ser levado ao lugar que o Senhor escolhesse, e com êsse mesmo dinheiro, comprar tudo que fosse de seu gosto, e comê-lo diante do Senhor, 14. 23-27. De três em três anos, deveriam separar outro dízimo que seria conservado em casa para benefício do levita, do estrangeiro, da viúva e do órfão que estivessem dentro de suas portas, 28, 29. Depois de ter dado o dízimo de todos os frutos, no terceiro ano, todo israelita deveria dar o dízimo ao levita, ao estrangeiro, ao órfão, e à viúva para o comerem dentro de suas portas, 26. 12. Havia dois dízimos de três em três anos, antes do ano sabático, em que não havia dízimos a pagar. Não existia inconsistência entre estas leis, como dizem alguns intérpretes. Os israelitas levavam os dízimos para o santuário, não só durante a peregrinação pelo deserto como depois de se estabelecerem na terra de Canaã, Nm 18. 24; Dt 12. 6. Uma parte era comida pelo ofertante e pelos levitas em banquete eucarístico, e o restante pertencia exclusivamente aos levitas. Esta lei foi levemente modificada antes da entrada e estabelecimento na terra prometida, de acordo com as distâncias em que se estabeleciam os levitas e os lavradores das terras. De três em três anos, deveriam armazenar os dízimos nas cidades onde moravam, ficavam dispensados do banquete eucarístico, punham os dízimos à disposição dos levitas e de outras pessoas a que se destinavam e faziam solenes protestos diante do Senhor de não haverem olvidado seus preceitos, Dt 26. 12-15. Tais protestos na presença do Senhor poderiam ser feitos na cidade, ou no santuário por ocasião de assistirem a alguma das festas anuais. Dizem alguns críticos que o Deuteronômio apresenta duas feições que lhe são peculiares: ordena os dízimos só para os vegetais que deveriam ser comidos diante do altar em companhia dos levitas. Se o Deuteronômio difere da lei levítica, e do livro de Números nestes pontos, é por causa da modificação havida quarenta anos depois das primeiras promulgações, em circunstâncias diferentes. Posteriormente, mesmo no tempo em que a legislação levítica estava em pleno vigor, o dízimo dos vegetais é muitas vezes mencionado independente de outros, Ne 10. 37; 12. 44; 13. 12. Tornou-se mais proeminente, quando a agricultura e a horticultura constituíram a indústria principal do povo. Todavia, o dízimo sobre o gado consta de 2 Cr 31. 6. Seria muito natural, mesmo no caso de ainda não haver banquete eucarístico, que Moisés só o instituisse por ocasião dos dízimos e das primícias, porque o ofertante freqüentemente vinha de lugares distantes, e naturalmente exigia que ao menos tivesse uma refeição no santuário antes de voltar para sua casa. Ainda mais: a omissão de tudo isto no livro de Levítico e de Números pode ter explicação em que a festa era considerada como existente, desde tempos imemoriais em relação com certos sacrifícios e oferendas; e que o dízimo sobre produtos de agricultura e de horticultura só os menciona o livro de Deuteronômio, porque, entre os dízimos que havia entre eles, só um é que era comido no santuário e a lei a que nos referimos trata de banquete eucarístico.

Outra interpretação das leis do dízimo requer detido exame. Não poucos doutores são de opinião que a contribuição de um quinto pela Faraó que os israelitas pagavam no Egito, se perpetuou na lei mosaica como tributo a ser pago a Jeová. Este quinto foi elevado a dois quintos. O primeiro destinado aos levitas e o segundo, para o santuário (Antig. 4. 8, 8). Mas no terceiro ano, era para os levitas, em adição aos dízimos que lhes eram destinados. Alguns intérpretes são de parecer que havia três dízimos: consideravam o dízimo do terceiro ano como adicional aos outros dois. Esta opinião vem desde os tempos de Josefo, 8, 22, mas é desnecessária visto que era essa a intenção da lei original, cumprida com a contribuição de um só dízimo.

Em tempos de enfraquecimento religioso, o povo negligenciou a lei do dízimo. Ezequias julgou

necessário fazê-la efetiva, 2 Cr 31. 4-12, e o profeta Malaquias viu-se obrigado a repreender o povo acusando-o de roubar a Deus, nos dízimos e nas primícias, Ml 3. 7-12. A resposta do povo aos apelos do rei Ezequias foi tão ampla e cordial, que ele teve de mandar fazer armazéns para recolher as ofertas do povo, 2 Cr 31. 11. O segundo templo também tinha quartos destinados a guardar os dízimos, Ne 13. 10-14; Ml 3. 10. Os levitas, sob a direção de um sacerdote recolhiam os dízimos nas cidades e os mandavam para o santuário, Nm 10. 37, 38. O pagamento dos dízimos continuou, Ecclus 35. 8; 1 Mac 3. 49; Lc 11. 42; 18. 12, porém no tempo de Cristo havia sofrido algumas alterações. O dízimo era enviado aos sacerdotes, Antig. 11. 5, 8; cont. Apiom 1. 22; comp. Hb 7. 5, e por eles coletado (Vida 12, 15). Posteriormente, os sacerdotes eram prejudicados pela cupidez dos sumos-sacerdotes que à força se apoderavam dos dízimos (Antig. 20. 8, 8; 9. 2).

DOBRADIÇA ver COUCEIRA

DOCUS ver DOQUE

DODANIM, I

Nome de uma tribo originária de Javã, Gn 10. 4. A identificação desta tribo com os troianos tem contra si a diferença de nome. Também a localização em Dodona, no Epiro, sede de um célebre oráculo, não tem razão de ser. A versão dos Ssetenta e a samaritana, em Gn 10. 4, e o texto hebraico em 1 Cr 1. 7, dizem Rodanim.

DODANIM, II. RODANIM (V. B.) Plural, rodanitas.

Nome de um povo descendente de Javã, segundo o texto hebreu de 1 Cr 1. 7, a versão dos Setenta e o texto samaritano de Gn 10. 4. Se a palavra Rodanim for a tradução verdadeira do texto original, pode-se entender que se refere aos habitantes da ilha de Rodes e das ilhas vizinhas do Mar Egeu.

DODAVA, *Amor de Jeová.*

Nome de um homem de Meresa, pai daquele Eliezer que profetizou a destruição das naus de Josafá, 2 Cr 20. 37.

DODO, *Amante.*

1. Nome de um homem de Issacar, antecessor do juiz Tola, Jz 10. 1.

2. Nome de um acita e pai de Eleazar, um dos três homens fortes de Davi, 2 Sm 23. 9, onde tem o nome de Dodai, seguindo o texto hebraico, 1 Cr 11. 12. Davi nomeou-o comandante para servir no segundo mês, 1 Cr 27. 4.

3. Nome de um homem de Belém, pai de Elanã, um dos homens fortes de Davi, 2 Sm 23. 24; 1 Cr 11. 26.

DOEGUE, *Tímido.*

Nome de um edomita, chefe dos pastores de Saul. Esteve retido no tabernáculo em Nobe, por causa de um voto, ou por motivo de manifestações de lepra, Lv 14. 4, 11, 21, ou ainda por causa de algum crime (comp. 1 Rs 1. 50). Davi, fugindo da corte de Saul, chegou a Nobe recebeu de Abimeleque pão e a espada de Golias, 1 Sm 21. 7, Sl 50, título. Doegue, presenceando este fato, denunciou-o a Saul que mandou prender a Abimeleque para explicações. Não satisfeito com a defesa, mandou Saul matar a Abimeleque e com ele aos demais sacerdotes. Os da sua guarda não quiseram obedecer à ordem do rei. Estando presente Doegue, ordenou-lhe a matança. Este, lançando-se sobre eles, matou naquele dia oitenta e cinco homens, e passou no fio da espada homens e mulheres e crianças, e meninos de mama, habitantes de Nobe, cidade sacerdotal, juntamente com bois, ovelhas e jumentos, 1 Sm 22. 7-23.

DOENÇAS

As doenças, ou enfermidades, originam-se na violação de leis físicas ou mentais. A observância destas leis é ato moral e a sua violação chama-se pecado, Pv 2. 17-22; 23. 29-32. Em muitos casos, a doença é a punição imposta pelo Criador àqueles que pecam. Deus, algumas vezes, manda enfermidades, cujas causas naturais são inteiramente ignoradas, Ex 9. 3 e seg. Nm 11. 33; 12 9-11; Dt 28. 21, 22, 35, 60; 2 Sm 21. 1; 24. 15; 2 Rs 5. 27. A relação entre o pecado e várias doenças, muitas vezes é atribuída a Satanás que seduz a raça humana a cair em pecado e que continua a ser o grande tentador das criaturas, Lc 13. 16. Contudo, não se pode atribuir a Satanás, ou a pecado cometido, a causa imediata de nossas enfermidades, Jó caps. 3 a 42; Jo 9. 1-3. As principais doenças humanas, mencionadas na Bíblia, são as febres, Dt 28. 22; Mt 8. 14; Jo 4. 52; Ant. 13. 15, 16, as moléstias da pele Lv 13. 6-8, 30, 39, a disenteria, 2 Cr 21. 15, 18; At 28. 8, a oftalmia, Ap 3. 18; Tobias 2. 10; 6. 8; 9. 13, os furúnculos, Ex 9. 9; 1 Sm 5. 6, e a paralisia, 1 Mac 9. 55; Mt 8. 6; 9. 2; At 9. 33.

DOFCA

Nome de uma estação em caminho para o Sinai, entre o Mar Vermelho e Rafidim, Nm 33. 12, 13.

Seetzen aponta Tobacha como sendo o local do antigo acampamento israelita, opinião geralmente rejeitada.

DONINHA

Tradução da palavra hebraica *Holed*, rasteiro, aplicada a um quadrúpede considerado imundo, Lv 11. 29. Seja doninha ou toupeira, a palavra correspondente em árabe e em siríaco quer dizer toupeira, mas o vocábulo hebraico significa doninha. No Talmude, a palavra *huledah* refere-se a um animal caçador de pássaros e de répteis, à semelhança dos ratos, carrega a sua presa na boca e bebe água com a língua.

Finalmente, a toupeira do gênero *Talpa*, não se encontra na Palestina, ao passo que a doninha (*Putorius vulgaris*) se encontra em todo o país.

DOQUE, DOCUS, *Vigia.*

Pequena fortificação perto de Jericó, construída por Ptolomeu, 1 Mac 16. 15, neto de Simão Macabeu, 11. 12. Neste castelo recebeu ele a Simão e a dois filhos deste, aos quais matou traiçoeiramente (16). Este crime foi vingado por João Hircano, terceiro filho de Simão, que cercou Doque fugindo Ptolomeu para além de Jordão (Antig. 13. 7, 4, 8, 1). Este nome se perpetuou em Aim Duque nome de uma copiosa nascente a 8 quilômetros a noroeste de Jericó, perto da estrada que do vale do Jordão se dirige para a região serrana. Acima desta nascente existem vestígios de antigas fortificações.

DOR, *Habitação.*

Nome de uma cidade ao ocidente da Palestina, Js 11. 2, na costa do mar, 1 Mac 15. 11, a nove milhas romanas ao norte de Cesaréia (13.338 metros). Estava situada na tribo de Aser, mas veio a pertencer à tribo de Manassés, Js 17. 11; comp. 19. 26, 1 Cr 7. 29, que deixou de expulsar os cananeus seus habitantes, Jz 1. 27.

Foi nesta cidade que Salomão instalou uma das repartições fiscais, 1 Rs 4. 11. Nos tempos dos macabeus chamava-se Dora. Em 217 A. C. foi sitiada sem exito por Antioco III, o Grande, e no ano 138 A. C. por Antioco VII, 1 Mac 15. 11-14. Subseqüentemente foi tomada por certo Zoilo e, por morte deste, caiu nas mãos de Alexandre Janeu. Em 64 A. C. o general Pompeu protegeu a sua autonomia. No ano 56 A. C. foi reconstruída por Gabínio (Antig. 16. 5, 3). No princípio da era cristã começou a decair. Existem restos perto de *Khurbet Tantûra*, na costa a uns 14 quilômetros ao norte de Cesaréia. A velha cidade elevava-se sobre uma cordinheira baixa. As ruínas compõem-se de um outeiro com uma torre, cujas fundações antedatam os tempos das cruzadas, um porto com entrada por uma rocha, várias construções, túmulos abertos em rocha, um tanque e uma estrada.

DORCAS, *Gazela.*

Nome de uma mulher, que em aramaico é Tabita, residente em Jope. Fazia roupas que dava aos pobres. Tendo falecido, mandaram chamar o apóstolo S. Pedro. Feita oração, ordenou o apóstolo que se levantasse, e ela, abrindo os olhos e vendo a Pedro, se levantou. A fama deste milagre converteu a muitos, At 9. 36-43. Há muitas sociedades de senhoras com o nome de Dorcas.

DOTÃ, *Poços.*

Nome de uma cidade perto de Siquém e Samaria, de difícil acesso para as caravanas, Gn 37. 14, 17, 25; 1 Rs 6. 13, perto da planície de Esdraelom e no caminho para a região serrana de Judá, Judite 3. 10; 4. 6, 7. José, filho de Jacó, foi lançado em uma cisterna perto deste lugar, e dali retirado e vendido a uns madianitas, Gn 37. 17-28. O profeta Eliseu esteve cercado ali pelos sírios, mas os soldados, de que se compunha o grande exército, foram milagrosamente feridos de cegueira. Depois levou-os a Samaria onde lhes foi recobrada a vista, deixando-os voltar para sua terra em paz, 2 Rs 6. 8-23. Seu antigo local é assinalado nas ruínas *Tell Dîtã*, perto de um poço, a 17 quilômetros e meio ao oriente de Samaria.

DOTE

Era costume entre os israelitas e as nações vizinhas que o pretendente à mão de uma jovem, ele, ou seu pai, desse ao pai da futura espôsa uma prova material de sua pretensão ao casamento, Gn 29. 15-20; 34. 12; Ex 22. 17; 1 Sm 18. 25. A menor quantia para o dote de uma donzela era de cinqüenta siclos, Dt 22. 29; Ex 22. 15, 16.

Em certos casos, o pai da noiva dava-lhe um presente de núpcias, Js 15. 19; 1 Rs 9. 16.

DOUTOR DA LEI

Homem versado no conhecimento da lei de Moisés, da qual era intérprete profissional e também escriba, Mt 22. 35, com Mc 12. 28 (Veja *Escriba*). Os doutores da lei uniram-se aos fariseus para rejeitarem a pregação de João Batista, Lc 7. 30; julgavam-se superiores a Jesus e por isso dispensavam a sua instrução; quando um deles condescendeu em comunicar-se com Jesus, foi sòmente para tentá-lo propondo-lhe uma questão difícil, Mt 22. 35; Lc 10. 25; cp. 14. 3. Jesus denunciou-os em linguagem veemente porque atavam cargas pesadas e incomportáveis aos ombros dos homens e fechavam-lhes a porta do reino dos céus, Lc 11. 45-52.

DRACMAS ver SOLDOS

DRAGÃO (do grego *drakon*)

No Antigo Testamento a palavra dragão emprega-se traduzindo o vocabulário *Tannim*, animal comprido, como seja a serpente, Ex 7. 9; comp. 4. 3, 4; Sl 91. 13; Dt 32. 33; os grandes animais marinhos, Gn 1. 21; Sl 74 13; 148. 7, e o crocodilo dos rios do Egito, Ez 29. 3. Este último que é descrito por Ezequiel como tendo escamas a que se pegam os peixes que turbam as águas com os seus pés, 32. 2, dominando os mares e os braços do Nilo, 29. 3; 32. 2. Serve para simbolizar o poder do Egito, Is 51. 9; 27. 1. Os tradutores da Bíblia são de parecer que a palavra *Tan*, em Jó, 30. 29; (dragão) Is 13. 22; (serelas) 34. 13; 35. 7; 43. 20; (dragão) Jr 9. 11; 10. 22; 14. 6; 49. 33; 51. 37; Mq 1. 8; (dragão e lâmias, em Lm 4. 3, deve ser traduzida em todas estas passagens, *chacal*.

O dragão do Novo Testamento é a imagem da velha serpente, diabo e satanás, Ap 12. 9; 20. 2, representado simbolicamente com a cor vermelha, tendo sete cabeças e dez cornos, e uma cauda enorme, boca donde saía água como um rio, Ap 12. 3, 4, 15; 16. 13. Foi precipitado do céu à terra onde perseguiu a Igreja, sendo afinal lançado no Abismo 12. 7-17; 20. 2, 3. Em certos particulares, o dragão assemelha-se à besta descrita no cap. 13 que vem a ser um conjunto dos quatro animais de que fala a profecia de Daniel, representando a coligação dos poderes da terra contra o reino de Deus, Dn 7. A pintura do dragão se conforma com a besta; porque o dragão, que é a antiga serpente, é o espírito que anima e dá corpo ao poder das trevas, desenhado no cap. 12. As feições características do reino deste mundo, de que fala Daniel, combinam-se perfeitamente com a descrição da serpente de que fala o cap. 3 do Gênesis.

DRAGÕES ver COBRA

DROMEDÁRIO, Do latim *dromedarius, camelo corredor.*

1. Tradução da palavra hebraica *Rekesh*, coisa que corre muito, em 1 Rs 4. 28, porém em Mq 1. 13, animais de tiro (quadrigas) e em Et 8. 10, postilhões (serviço postal).

2. Tradução da palavra hebraica *Rammak*, em Et 8. 10.

3. Tradução da palavra hebraica *Beker*, espécie de camelo ligeiro, próprio para o transporte de cargas, Is 60. 6; Jr 2. 23. No árabe denota camelo novo, capaz de ser montado e de conduzir peso. O dromedário é variedade de camelo árabe que tem só uma corcova (*Camelus dromedarius*), criado para as viagens rápidas e educado para a resistência; pode viajar 231 quilômetros por dia. O camelo de duas corcovas (*Camelus bactrianus*) também pode ser educado para servir de dromedário.

DROMEDÁRIO ver CAMELO

DRUSILA

Nome da filha mais nova de Herodes I com sua mulher Cipros. Antes da morte de seu pai no ano 44 da era cristã, e quando ainda não tinha seis anos de idade, foi prometida em casamento a certo Epifânio, filho de Antioco (não o perseguidor de igual nome), sob a condição de aceitar o judaísmo.

Porém refletindo no caso, recusou a aliança proposta. Azizus, rei de Emesa, propos-se ao consórcio, aceitando as condições anteriores, e Drusila tornou-se sua esposa. Era ela possuidora de rara beleza e, por isso, caiu no desagrado de sua irmã Berenice, que a perseguiu. Félix, procurador da Judéia, concebeu uma paixão criminosa por Drusila, a que ela correspondeu facilmente. Desprezando a lei judaica, abandonou seu legítimo esposo e casou-se com o procurador Félix, apesar de ser estrangeiro e pagão idólatra. Tiveram um filho a que deram o nome de Agripa que, depois de grande e casado, pereceu em uma erupção do Vesúvio (Antig. 18. 5, 4; 20. 7, 1, 2).

Pode-se bem compreender a razão por que Félix e Drusila, tremeram na presença do apóstolo S. Paulo quando este compareceu diante deles, falando da justiça e da castidade e do juízo futuro, At 24. 24, 25.

DUMA, *Silêncio.*

1. Nome de uma tribo descendente de Ismael, Gn 25. 14; 1 Cr 1. 30. Ocupava território na região, que Ptolomeu denominava Doumaita e Plínio, Domata, nos confins da Síria e dos desertos da Arábia. Existe ali uma cidade chamada *Doomat el-Jendel*, que quer dizer Duma das pedras, situada no distrito *el-Jauf*, a noroeste da península arábica.

2. Nome simbólico designando Edom, por causa de consonância de nome, e em alusão às ameaças profetizadas, Is 21. 11.

3. Nome de uma cidade, situada na região serrana de Judá, Js 15. 52, cujos restos se encontram nas ruínas de *Dômeh*, a 18 quilômetros a sudoeste de Hebrom.

DURA

Nome de uma planície na província de Babilônia, onde o rei Nabucodonosor levantou a estátua de ouro, Dn 3. 1. Diversas localidades do império babilônico têm este nome, que significa muro ou fortificação.

E

EBAL

1. Nome de um filho de Sobal e descendente do horita Seir, Gn 36. 23; 1 Cr 1. 40.

2. O mesmo que Obal em 1 Cr 1. 22, com Gn 10. 28.

3. Nome de uma montanha, separada do monte Gerizim por um estreito vale, Dt 27. 12-14, a oeste do caminho ocidental e perto dos carvalhos de Moré, que estavam perto de Siquém, Gn 12. 6; 35. 4. Quando os israelitas passaram o Jordão, levantaram umas grandes pedras alisadas com cal para nelas ser escrita a lei. Também foi construído um altar, Dt 27. 1-8. Os representantes de seis tribos, as de Rúben, Gade, Aser, Zabulom, Dã e Neftali deveriam estar no Monte Ebal e pronunciar as maldições sôbre aquêles que eram culpados de hediondos crimes. Os representantes das outras seis tribos, no monte Gerizim, deviam pronunciar as bênçãos sobre os fiéis a Deus, Dt 11. 29; 27. 9-26. Estas instruções foram confiadas a Josué, que as leu perante o povo, Js 8. 30, 35. O Monte Ebal está situado na parte setentrional de Nablus, antiga Siquém, e o monte Gerizim na parte meridional, Antig. 4. 8, 44. Ambos estes montes estão a oeste do caminho que, do sul segue para o norte, e por meio deles passa a estrada que liga Samaria e Enganim. O Ebal eleva-se a 1015 metros acima do nível do mar, é escarpado, rochoso e estéril. Em alguns lugares encontram-se oliveiras fanadas; no mais, é destituído de vegetação. Hoje tem o nome de *Jebel Eslâmiyeh*.

EBEDE

1. Nome do pai de Gaal, Jz 9. 28, 30.

2. Nome de um chefe da casa de Adim, que regressou de Babilônia com cinqüenta homens, Ed 8. 6.

EBEDE-MELEQUE, *Escravo do Rei.*

Nome de um etíope, eunuco do palácio do rei Zedequias, que, sabendo que o profeta Jeremias estava metido na prisão, onde fatalmente sofreria fome e sede, e havendo obtido licença do rei, o tirou dela por meio de umas cordas, Jr 38.7-13. O profeta foi autorizado a dizer a Ebede-Meleque que, por causa dos serviços que lhe havia prestado, não seria entregue nas mãos dos inimigos, quando a cidade fosse tomada, 39.15-18.

EBENÉZER

Pedra comemorativa levantada por Samuel entre Mispa e Sen, no lugar em que o Senhor desbaratou os filisteus, 1 Sm 7. 10, 12.

Vinte anos antes, os israelitas haviam sido derrotados neste mesmo lugar pelos filisteus e perdido a arca, 4. 1.

EBES, *Brancura.*

Cidade de Issacar, Js 19. 20. Não foi ainda identificada.

EBIASAFE, *Pai de ajuntamento.*

Um dos descendentes da tribo de Levi da família de Coré, 1 Cr 6.23; 9.19.

EBROM

Nome de uma cidade situada na linha divisória da tribo de Asser, Js 19.28. Parece identificada com Abdom.

EBSÃ, *Ativo.*

Nome de um Juiz que julgou a Israel, ou parte dêle, durante sete anos; era natural de Belém de Zabulom, morreu e foi enterrado ali. Sucedeu-lhe no governo um zabulonita. Tinha trinta filhas e outros tantos filhos, provàvelmente com várias mulheres, Jz 12. 8-10.

ECLESIASTES, Do grego *ekklesiastes*, o que se assenta e fala a uma assembléia, ou a uma igreja.

Nome este emprestado da tradução dos Setenta e aplicado ao livro do Antigo Testamento, chamado em hebraico *koheleth*, cujo sentido não está ainda fixado. Etimologicamente relaciona-se com a palavra que tem o sentido de congregação. O Eclesiastes, ou pregador, como diz a V. B., é claramente de Salomão, "filho de Davi, rei de Jerusalém", 1. 1, que excedeu em sabedoria e riqueza a todos quantos o precederam, 1. 16; 2. 7, 9. Este livro pode ser recebido como obra original de Salomão, escrita por ele próprio nos anos avançados de sua idade, ou por alguém que, com a máxima fidelidade compendiou os ensinos do grande rei, exprimindo os sentimentos que o animavam, fazendo o retrospeto de sua vida. O sentido do cap. 1. 12, 13, segundo o ensino gramatical hebraico, é o seguinte:

"Quanto a mim, durante o meu reinado (que ainda continua) apliquei o coração em busca da sabedoria, e achei que tudo era vaidade." Ou este outro: "Quando eu era rei (porque agora já não sou) apliquei o coração em busca da sabedoria, e achei que tudo era vaidade." Esta última forma é a mais correta por ser a que mais se compadece com o vocabulário e com a construção gramatical, usada nas Escrituras depois do exílio, e com o aramaico, empregado nos livros de Daniel e de Esdras.

O livro regista os sentimentos, as experiências e as observações, feitas por um sábio nas circunstâncias do rei Salomão.

O estudo diz respeito, ou tem como objetivo, a atual vida sobre a terra, propondo a seguinte questão: "Que tira mais o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol? 1. 3. O método de investigação ele o expõe no v. 13. Pela observação e pela experiência, o pregador descobre que o homem tem em si mesmo uma fonte de satisfação no exercício normal e salutar de suas faculdades do corpo e do espírito, em harmonia com as leis físicas e morais do universo, onde ele se acha, 2. 24; 3. 12, 13, 22; 5. 18; 8. 7-10. A sabedoria e o prazer são cousas vãs, 1. 12-18; 2. 1-11; ainda assim tem seu valor, comparadas com a estultícia, 2. 12-23. Conclui que o melhor de tudo é gozar as recompensas do seu trabalho, 2. 24; comp. 5. 12. Esta conclusão é reforçada, considerando que as atividades do homem se ligam aos graus de seu desenvolvimento. Existe um período de tempo fixo e inalterável para o exercício de cada uma das faculdades do corpo e do espírito, e tudo parece bem em seu próprio tempo, 3. 1-11. A injustiça e a opressão tornam impossível qualquer gozo, 3. 16; até 4. 3. O formalismo e a desonestidade são cousas estultas; e a riqueza é muitas vêzes um perigo e menos desejável que a morte, 5. 1 até cap. 6. 9. O pregador fala do valor de um bom nome, e ensina os meios de o alcançar, 7. 1-10; e bem assim, o preço que a sabedoria tem como elemento de defesa e proteção, 7. 11-22; dá instruções sobre o modo de nos portarmos diante dos reis, 8. 1-9, e declara serem bem sucedidos os tementes a Deus, que respeitam a sua face, 8. 10-15.

A morte atinge a todos igualmente; o homem deve comprazer-se, comendo o seu pão com alegria, sua porção aqui na terra, 9. 2-10. Depois de várias outras observações judiciosas, o pregador volta ao seu assunto principal: exorta o jovem a regozijar-se na sua mocidade, a viver alegre no seu coração, porém, sujeito às leis da sabedoria; exorta o moço a que se lembre do seu Criador nos dias da sua mocidade, e termina com esta sábia e piedosa sentença: Teme a Deus e observa os seus mandamentos; porque isto é o tudo do homem. Porque Deus fará dar conta no seu juízo de tudo quanto se comete, seja boa ou má

essa cousa, qualquer que for, 11. 9 a cap. 12. 14.

Em seu argumento, o escritor apela para as relações do homem com o seu Deus, até onde o permite o conhecimento que dele tem pela natureza e pela experiência. As referências que ele faz a Deus, estão em harmonia com os métodos da escola filosófica a que pertencia (Vide *Sabedoria*), indispensáveis a uma discussão completa dos meios de nos ajustarmos às condições que aprendemos pela experiência, as quais nos são impostas e sobre cujo poder vivemos.

As feições impressionantes de alguns conceitos contidos neste livro do Eclesiastes, lavaram alguns judeus a pôr em dúvida os direitos que lhe assistiram a ter lugar entre os livros inspirados. Finalmente, a despeito de tais objeções, o livro faz parte do cânon por unânime consenso das autoridades eclesiásticas. O Novo Testamento não contém nenhuma alusão direta ou indireta a este livro.

ECROM. Extirpação.

Nome de uma das cinco cidades principais dos filisteus, Js 13. 3; 1 Sm 6. 16, 17, que foi partilhada à tribo de Judá, Js 15. 45, 46; e depois à tribo de Dã, 19. 43. Porém, a linha divisória com Judá passava por detrás dela, 15.11, pelo que os homens desta tribo a tomaram para si, Jz 1.18. Mais tarde os filisteus a retomaram. Quando os habitantes de Azoto e depois os de Gate temeram reter a arca de Deus, eles a enviaram para Ecrom, e daqui a levaram para Israel, 1 Sm 5. 10. Ecrom foi tomada pelos israelitas no tempo de Samuel, que passou outra vez ao poder dos filisteus, 7.14; 17.52. O seu deus tutelar era Beelzebu, que Acabe, rei de Israel, mandou consultar, 2 Rs 1.2-16. Os vários profetas de Israel anunciaram juízos contra ela e contra outras mais cidades dos filisteus, Jr 25:20; Am 1.8; Sf 2.4; Zc 9.5,7. Alexandre Balas, rei da Síria, deu Ecrom a Jônatas Macabeu, 1 Mac 10.89. Ainda existia no tempo das cruzadas. Crê-se que o seu antigo lugar é representado pela aldeia de Aquir, situada no meio de belos jardins a 11 quilômetros a oeste de Gezer e 22 a nordeste de Azôto. Não só têm encontrado nenhumas reliquias do seu tempo; mas um *cheik* mauricano, morador na aldeia, afirmou ao Dr. Robinson que, cavando em algumas velhas cisternas, encontrou umas pedras de moinho daquela época.

EDE, *Testemunho*.

Esta palavra acha-se intercalada na V. B. em Js 22. 34. Ela, ou outra que com ela se parece, é oriunda do hebraico; encontra-se em alguns manuscritos e em várias versões. Julga-se necessária para completar o sentido da passagem em que aparece, explicando porque as duas tribos e meia estabelecidas ao oriente do Jordão, levantaram um altar, em testemunho de serem elas descendentes da mesma raça e participantes da mesma religião, como as outras tribos estabelecidas ao ocidente do mesmo rio. Estas julgaram que o altar era uma demonstração de apostasia e preparavam-se para guerrear contra elas. Após convincentes e satisfatórias explicações desistiram de seu intento, Js 22, 1-34.

EDEMA, *Solo*.

Nome de uma cidade fortificada, no território de Neftali, Js 19. 36. Os exploradores da Palestina a localizam em ed-Damié, que fica a 9 quilômetros a sudoeste do lago de Tiberíades.

ÉDEN, *Delsite*.

1. Nome de um lugar que Deus plantou de árvores, convertendo-o em um jardim, que, pela sua posição, foi chamado Éden. Deste lugar de delícias saía um rio que regava o paraíso, o qual dali se dividia em quatro canais, chamados Pisom, Giom, Tigre e Eufrates. Destes quatro rios, o Eufrates é o mais conhecido. O Pisom torneava todo o país de Havilá, onde nasce ouro, e o Giom, que torneia todo o país da Etiópia. As principais teorias que procuram determinar a posição exata do Éden, podem ser classificadas em dois grupos: 1. O daqueles que, identificando os quatro rios ainda existentes, não podem encontrar a posição geográfica de um rio que se divide em quatro. O local investigado é a Armênia. As nascentes do Tigre e do Eufrates estão lá. O Pisom ou é o Fasis, na Pérsia atual, ou o Hur, grande tributário dos Araxes. O Giom dizem ser o Araxes, cujo nome árabe, é *Gaihum er-Ras*. As objeções a esta teoria são: a) a dificuldade de descobrir o rio donde procedem os quatro; (b) ausência de provas de que a terra de Etiópia ou Cuse, se estendia até aquela região; (c) o Havilá, locado pelo escritor sagrado, não está na Armênia. Segundo outros, o jardim devia estar situado entre o Nilo e a Índia, ou entre a Índia e o Oxus. O país de Havilá é identificado em local indiano, onde existe ouro, e a Etiópia ou Cuse, no planalto central da Ásia. O Giom, o rio da Etiópia ou de Cuse, é pois, ou o Nilo, chamado pelos etíopes *Geicon*, ou *Geyon*, ou o Oxus. A mesma objeção, *mutatis mutandis*, é feita à segunda teoria. Pode-se acrescentar ainda que a identificação de Giom com o Nilo vem dos tempos de Josefo. Neste caso, a teoria baseia-se em uma noção errada. A única terra de Cuse, conhecida geograficamente pelos israelitas, era a Etiópia; e segundo Josefo entendia, o Nilo era o Giom, porque é o grande rio da terra de Cuse. 2. As teorias que procuram determinar a exata posição geográfica, contrária à descrição bíblica, e identificar, não só os quatro rios, como o outro rio donde eles procedem. Calvino observa que o Tigre e o Eufrates, corriam juntos, formando um só rio, durante pequeno curso, que depois se abria, entrando no golfo Pérsico, por duas embocaduras; e que o território banhado pelas duas correntes unidas, era o lugar do Éden. Há razões para crer que este ponto era antigamente o leito do golfo Pérsico. O aspecto geral deste local tem muito em favor de ser ele onde existiu o jardim de delícias. Frederich Delitzch pensa que o rio do Eden é o Eufrates. Correndo em plano superior ao Tigre, a superabundância de suas águas, corria pelas planícies estratificadas do norte de Babilônia, abrindo caminho para lançar-se no Tigre. Esta região, tão abundantemente regada, devia ser fertilíssima. Sabia-se que os antigos babilônios consideravam esta região como sendo o jardim do deus Duniás. É aqui que se deve procurar o Éden. O vocábulo *edinu* em assírio quer dizer planície. O leito dos dois rios da Mesopotâmia meridional, e a parte baixa de aluvião, formam uma planície que se denominava edinu. Um dos descendentes de Cuse pai de Ninrode, governou nas planícies de Babilônia, Gn 10. 8-10. Os cusitas, que eram relacionados com os elamitas, em breve desceram para Babilônia, onde temporariamente exerceram hegemonia política. Deste modo, a terra de Cuse pode ser satisfatoriamente considerada como emprestando o seu nome a Babilônia e a todo o seu território meridional. Havilá estava situado a noroeste do Golfo Pérsico, conforme diz a Escritura; e bem se pode conjeturar que se tenha dilatado até ao Eufrates, atingindo os limites de Babilônia. Nestas condições, o rio Fisom pode razoavelmente ser identificado com o canal *Pallakopas*, que havia sido antes um rio; e o Giom com um grande canal que formava um braço do Eufrates ao oriente de Babilônia, onde existiam as duas cidades cusitas de Nerode, Babilônia e Ereque. Pode também ser que êste rio seja o canal perto de Babilônia, cujo nome era *Kahana* ou *Gahana* correspondente a Giom. Esta erudita teoria, apesar disso, carece de provas. A sua fraqueza está na abundância de hipóteses, pela dificuldade de demonstrar que os limites de Havilá se estendiam até as margens do Eufrates, e não eram separados do rio pela terra de Mesa, estabelecendo a conjetura que o país perto de Babilônia para o oriente, era designado terra de Cuse. Glaser oferece uma explica-

ção natural da linguagem empregada nesta descrição. Considera os quatro rios como sendo tributários do rio do Éden. Estes quatro afluentes, uniam-se em algum ponto abaixo do jardim, ou para melhor dizer, dentro do próprio jardim. O nome Pisom ele o encontra ainda na Idade Média, na vertente Faisã ao norte da Arábia central que se escoa no Golfo Pérsico. Esta região produz ouro e corresponde ao local de Havilá, como é indicado pelos escritores bíblicos. Ele crê também ter encontrado o nome Giom aplicado ao rio *er-Kumma* que recebe as vertentes da região para os lados de Jebel Samar e as leva para o Eufrates, e tira daí a conclusão que os cusitas ocupavam esta região durante sua emigração do oriente da África, e por isso, aquele lugar foi conhecido pela terra de Cuse durante muito tempo.

Não obstante, ele erra, acreditando ter descoberto que o rio *er-Kumma* seja o Giom. Os poetas árabes, por ele citados, referem-se a um rio da Cilícia.

O local do jardim do Éden deve ser procurado nas cabeceiras do Golfo Pérsico. Esta localidade está ao oriente da Palestina, como se depreende, lendo-se Gn 2. 8. O Tigre e o Eufrates ali estão. Havilá era um distrito ao norte da Arábia central. A terra de Cuse corresponde aproximadamente a Elão, onde os nomes *Kashshu* e *Cosseano* ali, por muito tempo, se dilataram. A planície de Babilônia podia ser, e evidentemente foi, chamada *edinu*, como Delitzsch já demonstrou. Como o Golfo Pérsico fosse em algum tempo chamado rio, talvez que traga uma solução para o problema. Ao jardim do Éden fazem referências as seguintes passagens das Escrituras: Is 51. 3; Ez 28. 13; 31. 9; 31. 16-18; 36. 35; Jl 2. 3; comp. Gn 13. 10.

2. Nome de uma região da Mesopotâmia mencionada em conexão com Gozã, Harã, Resefe, Telassar, 2 Rs 19. 12; Is 37. 12 e com Harã e Quene, Ez 27. 23, 24. Esta região é mencionada em documentos assírios com o nome de *Bit-Adini* nas duas margens do Eufrates e ao norte do rio Belique.

3. Nome de um levita gersonita, filho de Joá, 2 Cr 29. 12; 31. 15.

EDER, *Rebanho.*

1. Nome de uma torre, além da qual Jacó armou a sua tenda, Gn 35. 21. Situação ignorada.

2. Nome de uma cidade no extremo sul da Judéia, Js 15. 21. Situação ignorada.

3. Nome de um benjamita, filho de Baria, 1 Cr 8. 15.

4. Nome de um levita, filho de Musi, da família de Merari, 1 Cr 23. 23; 24. 30.

EDOM, *Vermelho.*

1. Um dos nomes de Esaú em lembrança de haver vendido o seu direito de primogenitura por um prato de lentilhas, Gn 25. 30; 36. 1, 8, 19.

2. Edomitas, nome coletivo, derivado de Edom, Nm 20. 18, 20, 21; Am 1. 6, 11; 9. 12; Ml 1. 4.

3. Nome da região ocupada pelos descendentes de Edom ou Esaú. Antes chamava-se monte Seir, Gn 32. 3; 36. 20, 21, 30; Nm 24. 18. No tempo da décima sexta ou décima sétima dinastia, e até mesmo já na duodécima dinastia dos faraós, este povo era conhecido no Egito pelo nome de Edima. No espírito dos israelitas o nome de Edom, bem como o nome de seu país tinham o mesmo significado. A região ocupada pelos edomitas era montanhosa e extremamente acidentada. Tinha cerca de 185 quilômetros de comprimento, estendendo-se para o sul, a começar em Moabe, por ambos os lados do Arabá, grande depressão de terreno ligando a parte sul ao Mar Morto com o golfo de Acaba, Gn 14. 6; Dt 2. 1, 12; Js 15. 1; Jz 11. 17, 18; 1 Rs 9. 26. A altura do monte Seir eleva-se a 1155 metros, sobre a região deserta do Arabá. A parte inferior das montanhas é formada de pedra arenosa e vermelha da Núbia, com substratos de granito vermelho e pórfiro; as sumidades cobrem-se de substâncias calcáreas e de gredas, naturalmente do período cretáceo. Edom não é tão fértil como a Palestina (comp. Ml 1. 2-4, mas no tempo de Moisés possuía campos, vinhas, poços e estradas, Nm 20. 17, 19). A capital edomita dos tempos da monarquia hebraica, era Sela, que se julga ser a que mais tarde se chamou Petra. As outras cidades principais eram Bozra e Temã. No período da dominação grega, chamava-se Iduméia. O deserto de Edom era o Arabá, na extremidade sul do Mar Morto, 2 Rs 3. 8-20.

EDOMITAS

Descendentes de Edom, ou de Esaú, Gn 36. 1-19, justamente com outros que a eles se ajuntaram. Logo no tempo em que Jacó voltou da Mesopotânia, Esaú havia ocupado a terra de Edom, Gn 32. 3; 36. 6-8; Dt 2. 4, 5; Js 24. 4, depois de haver expulsado os horitas, seus aborígenes (comp. Gn 14. 6; 36. 20-30; Dt 2. 12, 22).

Os edomitas parece que eram governados por chefes de tribo, chamados duques, espécie de *sheiks* árabes, Gn 36. 15-19, 40, 43; 1 Cr 1. 51-54. Antes do estabelecimento da monarquia israelita, estavam sob o regime monárquico, Gn 36. 31-39; 1 Cr 1. 43-51. Quando os israelitas se aproximavam de Canaã, pediram licença ao rei de Edom para atravessarem o seu território sob a promessa de não lhe causarem dano algum. A licença foi negada e além disto ainda se preparou para combate, no caso em que tentassem a passagem. E porque os edomitas eram descendentes de Abraão, os israelitas foram proibidos de lhes fazer guerra, e deram volta pelo país de Edom, Nm 20. 14-21.

Apesar de sua hostilidade, a lei mosaica conferia direitos de irmandade aos edomitas até a terceira geração, Dt 23. 7, 8, direito este negado aos moabitas e aos amonitas e seus descendentes até à décima geração, Dt 23. 3-6.

Saul combateu os edomitas, 1 Sm 14. 47, e Davi ocupou militarmente o país depois de conquistá-lo, 1 Cr 18. 13; título do Sl 60; 2 Sm 8. 13, 14, onde o vocábulo sírio é erro do copista que confundiu a letra *daleth* com *resh*. A conquista foi anunciada por Balaão, Nm 24. 18, Joabe, general-chefe das forças de Davi, permaneceu seis meses em Edom, durante cujo tempo foram mortos todos os varões edomitas, 1 Rs 11. 15, 16. Neste tempo, Adade um dos príncipes amonitas, escapou com alguns de seus servos, e refugiou-se no Egito, vindo a ser um dos mais encarniçados inimigos de Salomão, 1 Rs 14. 22. Depois da morte de Acabe, rei de Israel, e durante o reinado de Josafá, rei de Judá, os edomitas ligaram-se com os amonitas e com os moabitas e invadiram o reino de Judá. Por um erro de observação, tomando-se por inimigos, mataram-se uns aos outros, 2 Cr 20. 22-30. Josafá reduziu o país às condições anteriores de sujeição, 1 Rs 22. 47. Depois disto, os edomitas auxiliaram os reis de Israel e de Judá na guerra contra Mesa rei de Moabe, 2 Rs 3. 4-27. No reinado de Jorão, rei de Judá, e do filho e sucessor de Josafá, os edomitas revoltaram-se. Jorão derrotou-os em campo aberto, mas não conseguiu subjugá-los, 2 Rs 8. 20-22; 2 Cr 21. 8-10. O rei Amazias foi mais bem sucedido; matou 10.000 edomitas no Vale das Salinas, tomou a capital Sela e matou mais outros dez mil, lançando-os do cimo de um rochedo, 2 Rs 14. 7; 2 Cr 25. 11, 12. No reinado de Acaz, quando o país foi atacado por Peca e Razim, os edomitas invadiram Judá, fazendo cativos, 2 Cr 28. 17, e bateram palmas quando Nabucodonosor destruiu Jerusalém, Sl 137. 7. Os profetas predisseram as calamidades que haviam de vir sobre Edom, por causa de sua inimizade contra Israel, Ez 35. 5, 6, anunciando ao mesmo tempo a sua incorporação ao reino de Deus, Jr 49. 7-22; Lm 4. 21, 22; Ez 25. 12-14; 35. 15; Jl 3. 19; Am 9. 12; Ob 1-21.

O cativeiro das duas tribos despovoou o território de Judá; os edomitas aproveitaram-se desta circunstância para invadir o reino, indo até Hebrom, sendo suplantados no monte Seir pelos árabes nabateus (Vide *Nabaiote*). Judas Macabeu retomou Hebrom e as demais cidades que os edomitas haviam ocupado, 1 Mac 5. 65; Antig. 12. 8, 6. João Hircano obrigou os edomitas a se fazerem circuncidar e os incorporou aos povo judeu. Antig. 13. 9, 1. Os Herodes eram idumeus, isto é, edomitas. Muitos dos zelotas que tomaram parte na defesa de Jerusalém contra os romanos, e que eram tão perigosos como os próprios inimigos, pertenciam ao povo idumeu. Posteriormente o nome dêste povo poucas vêzes aparece na história.

EDREI, *Forte.*

1. Nome da cidade capital de Basã, Dt 3. 10; Js 12. 4; 13. 12, 31. Deu-se ali a grande batalha contra Ogue, em que ele perdeu a vida e o reino, Nm 21. 33-35; Dt 1. 4; 3. 1, 10. Edrei está identificada com a moderna aldeia de Derate, situada a 50 quilômetros ao oriente de Gadara.

2. Nome de uma cidade fortificada de Naftali, Js 19. 37.

EFA

Derivado do egípcio *ophi*, nome de uma medida.

Nome de uma medida de capacidade, igual a dez ômeres, Êx 16. 36, empregada na medição de farinha, Jz 6. 19, ou de cevada, Rt 2. 17.

Era equivalente a um bato, ou a décima parte de um coro, Ez 45. 11, 14, e continha uma metreta ou setenta e dois sextários (Antig. 8. 2, 9; 9. 4, 5; 15. 9, 2).

Esta medida tinha a capacidade de 1952,17 polegadas cúbicas. Negociantes desonestos empregavam medidas de inferior capacidade em prejuízo dos compradores, Am 8. 5.

EFÁ, *Trevas.*

1. Ramo da tribo dos madianitas, Gn 25. 4; 1 Cr 1. 33, notável por suas riquezas em camelos e dromedários, Is 60. 6. Habitavam a parte setentrional da Arábia.

2. Nome de uma concubina de Calebe, 1 Cr 2. 46.

3. Nome de um homem de Judá, filho de Jadai, 1 Cr 2. 47.

EFAI, *Fatigado.*

Nome de um netofatita, cujos filhos foram pedir proteção ao governador babilônico na Judéia, depois da queda de Jerusalém, Jr 40. 8. Estes juntamente com outros foram massacrados por Ismael, 41. 3.

EFATÁ

Vocábulo de origem aramaica usado em expressão imperativa e quer dizer — abre-te, Mc 7. 34.

EFER, um dos filhos de Midiã, 1 Cr 1. 33.

EFER, *Bezerro ou mula.*

1. Nome de um ramo da tribo dos midianitas, Gn 25. 4; 1 Cr 1. 33, e cuja locação é ignorada.

2. Nome de um homem de Judá descendente de Esdras, 1 Cr 4. 17.

3. Nome de um príncipe da meia tribo de Manassés, ao oriente do Jordão, 1 Cr 5. 24.

EFES-DAMIM, Termo ou costa de Damim.

Nome de um lugar do território de Judá, entre Socó e Azeca, 1 Sm 17. 1, chamado Pas-Damim, em 1 Cr 11. 13, talvez por causa das alterações do texto. Identificado com as ruínas de Damum, a sete quilômetros e meio a nordeste de Socó.

EFÉSIOS Epístola aos

A epístola aos efésios foi escrita pelo apóstolo S. Paulo, quando esteve prisioneiro em Roma, no ano 62 (3. 1; 4. 1. 6. 20) ou, segundo outros, quando esteve preso em Cesaréia, At 24. 27, e dirigida aos santos que estavam em Éfeso e aos fiéis em Cristo. Algumas antigas autoridades omitem as palavras "em Éfeso." Os dois principais manuscritos, o Sinaítico e o Vaticano, também as omitem. Desde muito que existiam opiniões diferentes a este respeito, porém a tradição da Igreja adotou-as. A explicação mais razoável é que a epístola era uma carta circular dirigida a todas as igrejas da província da Ásia, e que, sendo Éfeso uma das principais, a epístola foi considerada como dirigida a ela. Talvez que o endereço fosse em branco e que diversas cópias fossem deixadas em cada cidade. O caráter de carta circular parece confirmado pela ausência de alusões locais. É carta doutrinal, uma espécie de tratado de ética em forma epistolar. Semelhante à que foi dirigida aos colossenses, Tíquico o portador dela, 6. 21, e pela semelhança de linguagem e pelas doutrinas expendidas, parece que ambas foram escritas ao mesmo tempo. Comparem-se, por exemplo, as seguintes passagens:

Efés. 1. 1, 2 com Cl 1. 1, 2.
" 1. 3, 20; 2. 6; 3. 10; 6. 12 com Cl 1. 5; 3. 1-3.
" 1. 6 com Cl 1. 14.
" 1. 8 com Cl 2. 23.
" 1. 7 com Cl 1. 14.
" 1. 9; 3. 9; 6. 19 com Cl 1. 26; 2. 2; 4. 3.
" 1. 10 com Cl 1. 20, 25.
" 1. 11 com Cl 1. 12.
" 1. 17 com Cl 1. 10.
" 1. 19, 20 com Cl 2. 12.
" 1. 20 com Cl 3. 1.
" 1. 22 com Cl 1. 18.
" 1. 23 com Cl 2. 9.

São estes apenas alguns exemplos a que o leitor da Bíblia poderá acrescentar muitos outros. As duas epístolas foram evidentemente produzidas pelo apóstolo, sob as mesmas circunstâncias e as mesmas impressões espirituais. A epístola aos colossenses devia ter sido a primeira, e depois a escrita aos efésios, na qual a linha de pensamento se desdobra. O tema da epístola aos colossenses é a preeminência de Cristo e de sua obra; o da epístola aos efésios é o estabelecimento da igreja, considerada como sendo o corpo inteiro dos remidos.

De fato, a epístola aos efésios encerra todos os ensinos referentes ao propósito divino e à missão de Cristo que era a redenção de seu povo escolhido, manifestando a todo o universo as riquezas de sua graça. Dando como provada a salvação pela fé, a divindade de Cristo e a vocação dos gentios, vai adiante até completar uma verdadeira teodicéia. No capítulo primeiro temos o que bem se pode chamar o lado divino da história da igreja, que originada na soberania de Deus e no seu eterno propósito, 3-6, foi realizada na obra de Cristo, 7-12, e assegurada pela operação do Espírito Santo, 13. 14. Ele ora, para que compreendam a esperança da vocação celestial de que o Salvador ressuscitado é as primícias, 15-23. No capítulo segundo, dá-nos o lado humano da história, ensinando que os eleitos escapam à morte e à condenação por uma graça que não merecem, 1-10, e que, judeus e gentios, por meio de Cristo, formam um corpo, ou um templo espiritual, 11-22. No capítulo terceiro, o apóstolo mostra a sua posição como despenseiro do mistério divino, 1-13, e deseja que os crentes realizem e gozem tudo quanto Deus tem preparado para êles, 14-21. Os capítulos quatro a seis contêm longa exortação para que andem conforme a alta vocação em que tem sido chamados em todas as relações da vida presente. A epístola aos romanos expunha um plano completo do caminho da salvação. A epístola aos efésios contém a exposição completa de todo o propósito divino em referência à história humana. Pode bem dizer-se que é o clímax de sua instrução teológica. G. T. P.

Antes de haver escrito a epístola aos efésios, o apóstolo S. Paulo havia conhecido uma nova comunidade espiritual que se levantava no mundo, composta de pessoas de diferentes raças; já tinha ensinado que esta comunidade, a Igreja, é o corpo de Cristo, Rm 12. 5; 1 Co 12. 27; Cl 1. 18; 2. 19, e que importava haver harmonia em seus membros, Rm 12. 4-8; 1 Co 12. 12-30.

Escrevendo por este tempo às igrejas nas províncias da Ásia, cujos membros pertenciam aos elementos mais variados da raça humana, e entre os quais predominavam teorias às quais pretendiam subordinar Cristo, era natural que o apóstolo desse preeminência à concepção de Cristo como cabeça do corpo da igreja, Ef 1. 22, 23, do qual todo ele coligado e unido, por todas as juntas por onde se lhe subministra o alimento, obrando à proporção de cada membro, toma aumento de um corpo perfeito para se edificar em caridade, 4. 16; comp. 2. 11-22. E não somente era natural preeminência deste pensamento, neste tempo, em carta de S. Paulo aos cristãos da província da Ásia, como era natural que tais expressões de um pensamento amadurecido no conhecimento de Cristo, fossem manifestadas por um, cujo profundo interesse no assunto é comprovado nas suas epístolas anteriores. J. D. D.

ÉFESO

Nome de uma cidade da Lídia, na costa ocidental da Ásia Menor, na embocadura do rio Caister, entre Mileto ao sul e Esmirna ao norte. Situada na junção das estradas comerciais e possuindo o templo da famosa Diana, que os gregos identificavam com a deusa Ártemis, tinha assegurada a sua grande prosperidade e desenvolvimento. No século onze, antes de Cristo, foi tomada pelos iônios, ramo da raça grega. Éfeso ficou sendo uma das doze cidades da confederação e a capital da Iônia. Pelo ano 555 A. C. submeteu-se a Creso, rei da Lídia, cuja capital era Sárdis, mas em breve caiu sob o domínio persa. Quando as vitórias de Alexandre, o Grande, absorveram o império persa, a cidade de Éfeso ficou sob o domínio grego-macedônio. Até esta época, a sua área era limitada a uma planície, sujeita a inundações. Pelo ano 286 A. C. Lisímaco a estendeu a uma eminência adjacente onde a água não podia chegar. Com esta mudança, o templo de Ártemis ficou para fora dos muros da cidade. No ano 190. A. C. os romanos, depois da derrota de Antíoco, o Grande, em Magnésia, tomaram a cidade e a deram a Eumênio II, rei de Pérgamo. Pela morte de Átalo III, rei de Pérgamo em 133 A. C. voltou novamente ao seu poder e eventualmente ficou sendo capital da província romana da Ásia. No ano 29 da era cristã foi muito danificada por um terremoto e reconstruída por Tibério, imperador romano. Residiam nela muitos judeus e cidadãos romanos que mantinham uma sinagoga (Ant. 14. 10, 11, 13; At 18. 19; 19. 17). Quando o apóstolo S. Paulo fez a sua viagem a Jerusalém, já no fim de sua jornada missionária, fez uma curta visita a Éfeso, pregou na sinagoga e deixou Áqüila e Priscila naquela cidade para continuarem a obra, At 18. 19, 21. Quando fez a terceira jornada missionária trabalhou em Éfeso pelo menos dois anos e três meses, saindo dela por ocasião do tumulto levantado por Demétrio, fabricante de nichos de Diana por ver-se prejudicado na sua indústria de ourives pela pregação de S. Paulo, At 19. 1-41 comp. 1 Co 15. 32; 16. 8; 2 Tm 1. 18. Paulo deixou a Timóteo em seu lugar para guardar a igreja de ser prejudicada por falsas doutrinas, 1 Tm 1. 3. Subseqüentemente, voltando da Europa e não podendo chegar a Éfeso, concovou os presbíteros da igreja de Mileto, At 20. 16, 17. Posteriormente mandou lá a Tíquico, levando a epístola que havia escrito à igreja, Ef 1. 1; 6. 21; 2 Tm 4. 12. A igreja de Éfeso era uma das sete igrejas da Ásia, referidas no livro do Apocalipse, Ap 1. 11; 2. 1-7. Segundo uma antiga tradição, o apóstolo S. João passou os últimos dias de sua vida naquela cidade. O terceiro concílio geral da igreja se efetuou em Éfeso no ano 431 A. D. e definiu o dogma sobre a pessoa de Cristo, afirmando que tinha duas na-

Ruínas do estádio de Éfeso

turezas em uma só pessoa. Outro concílio na mesma cidade, no ano 449, restaurou Eutico (*). O porto de Éfeso perdeu sua importância pela obstrução causada pelo rio Caister, e daí a decadência da cidade. Entre as suas ruínas, contam-se o muro e a porta da cidade, o estádio, o teatro, os banhos romanos e uma biblioteca. O lugar onde existia o grande templo é um brejão. O templo da grande Diana, previamente existente, foi destruído por um incêndio ateado por Heróstrato no ano 356 A. C. e dentre em pouco reconstruído. O novo templo foi contado entre as sete maravilhas do mundo pela sua magnificência e grandeza; era quatro vezes maior que o Partenão de Atenas; erguia-se sobre uma plataforma de cêrca de 140 metros de comprimento e 79 de largura desde o primeiro degrau inferior. Por uma escada de dez degraus subia-se para uma plataforma, e mais três degraus davam acesso ao templo, que tinha 113 metros de comprimento e 54 de largura. Consistia de duas ordens de oito colunas cada uma na frente e nos fundos, e de duas outras ordens de cada lado com vinte colunas cada uma. Todas estas, e mais duas em cada entrada do santuário montavam a cem colunas ao todo. Cada uma delas era formada de um monólito de mármore de 18 m e 15 cms de altura; as dezoito em cada extremidade eram artisticamente esculturadas. O tecto ou coberta constava de grandes lages de mármore branco. A parte interna cingida pelas colunas tinha 23 metros de largo e 34,65 de comprimento. A ornamentação interna excedia a tudo quanto se pode imaginar, em obras de arte dos famosos pintores Fídias e Praxíteles, Escopas, Parrásio e Apeles (Vide Diana). Os godos o destruíram no ano 260 A. D. Entre os grandes teatros da antiguidade, contava-se o de Éfeso. O anfiteatro era semicircular e tinha um diâmetro de cerca de 163 metros e a orquestra, 36,5. O palco, 7,22 de largo. Tinha 61 fileiras de assentos em forma de degraus e acomodava 24.500 espectadores.

EFLAL, *Judicioso.*

Nome de um homem de Judá pertencente à família de Jerameel, 1 Cr 2. 37.

ÉFODE, *Coberta.*

1. Nome da vestimenta externa usada pelo sumo sacerdote judaico. Quando se paramentava para dirigir adoração a Deus, usava seis vestimentas sagradas das quais o éfode era uma delas, Ex 28. 4, feito de ouro, de jacinto, de púrpura, de escarlata tinta duas vezes, de linho retorcido, obra de várias cores, com duas aberturas em cima, uma de cada lado, as quais se tornam a unir, cobrindo a frente e as costas. Havia uma abertura em cima naturalmente para enfiar a cabeça, e uma orla tecida ao redor como se costuma fazer na ourela dos vestidos, Ex 28. 8, 32. De um e de outro lado do éfode, havia duas pedras cornelinas, tendo gravados os nomes dos filhos de Israel, seis em cada uma, Ex 28. 9; 39. 6, 7. O éfode ligava-se ao racional por duas argolas de ouro por baixo dos lados, pela parte dianteira, unidas por uma fita de jacinto, 28. 25, 27, 28; 39. 18-21. Desejando Davi consultar o Senhor, mandou o sacerdote Abiatar que trouxesse o Éfode 1 Sm 23. 9-12; 30. 7, 8, porque nele se achava o Urim e Tumim (em Figueiredo, Justiça e Verdade), Ex 28. 30.

Um éfode poderia facilmente converte-se em objeto de adoração, ou associar-se à adoração de um ídolo, Jz 8. 27; 17. 5. A túnica do éfode era tôda de cor de jacinto, sem mangas, tendo na parte inferior uma guarnição de campainhas e de romãs, de jacinto, de púrpura e de escarlata tinta duas vezes de modo que havia uma campainha de ouro e uma romã, e logo outra campainha de ouro e outra romã, Ex 28. 31-35; 29. 5; 39. 22-26.

Um éfode de linho provavelmente sem ornamentações era usado pelos sacerdotes. Os oitenta e cinco sacerdotes que Doegue matou, todos eles usavam éfode de linho, 1 Sm 22. 18. Samuel, quando menino sob os cuidados do sacerdote Eli, usava um éfode de linho, 1 Sm 2. 18. Assim também Davi, quando conduziam a arca do Senhor para Jerusalém, 2 Sm 6. 14; 1 Cr 15. 27.

2. Nome do pai de Haniel, príncipe de Manassés no tempo de Moisés, Nm 34. 23.

EFRAIM, *Dupla fertilidade.*

1. Nome de um dos filhos de José e Azenate, filha de Potífera, sacerdote de Om. Nasceu Efraim quando seu pai ocupava o lugar de primeiro ministro de Faraó, Gn 41. 45-52. Quando os dois filhos de José, Efraim e Manassés, foram à presença de seu avô Jacó, no leito de sua enfermidade para serem abençoados, intencionalmente pôs a sua mão direita sobre a cabeça de Efraim, o mais moço dos dois netos, e a esquerda sobre a cabeça de Manassés, que era o mais velho e, portanto, o herdeiro. Sendo reparada por José a troca de mãos, o velho Jacó explicou então que ambos formariam um povo, porém Efraim será maior do que ele, e a sua descendência crescerá entre as nações, Gn 48. 8-20. Ambos os filhos de José foram tratados por seu avô como se fossem seus próprios filhos, e os seus descendentes formavam duas tribos em vez de uma. Efraim sofreu o golpe doloroso de perder dois de seus filhos, que foram roubar gado na terra dos filisteus e por estes assassinados, 1 Cr 7. 20-22.

2. Nome da tribo de que Efraim foi progenitor, Js 16. 4, 10; Jz 5. 14. O desenvolvimento da tribo retardou-se por um pouco, por causa do falecimento de alguns de seus filhos que os filisteus mataram, 1 Cr 7. 21-23. Quando se fez o primeiro recenseamento no deserto, a tribo de Efraim contava 40.500 homens, número inferior ao das outras tribos, exceção das de Manassés e Benjamim, Nm 1. 33. Este número decresceu durante a viagem; o segundo recenseamento dava apenas 32.500, o menor número de todas as tribos, menos a de Simeão. Ainda assim, as duas meias tribos, Manassés e Efraim, representantes da tribo de José, contavam uma população superior a todas as outras, sendo de 82.200 homens além das mulheres e crianças, Nm 1. 34, 37; comp. Dt 33. 17. Logo depois que Josué tomou a chefia do povo de Israel, a tribo cresceu ràpidamente em reputação, porquanto o próprio Josué a elas pertencia, Js 19. 50; 24. 30. Na divisão da terra tocou-lhe a parte oriental do Jordão. A linha divisória ao sul, corria de Jericó no Jordão até Betel, e de Betel sai a Lusa e

(*) NOTA DO TRADUTOR

Eutico negava a natureza humana de Jesus, e fundou um sistema de doutrina que tem o seu nome. Desde moço adotou o regímen claustral: durante trinta anos exerceu as funções de arquimandrita em um convento próximo a Constantinopla. Aos setenta anos de idade não possuía outros títulos recomendáveis, senão a falta de cultura intelectual aliada a um fanatismo exagerado. No sínodo que se efetuou em Constantinopla em 448, foi acusado por Eusébio, bispo de Dorileu, propondo-se que fosse citado a comparecer. Depois de várias escusas, obedeceu à terceira intimação. Em longo discurso, sustentou suas idéias, que foram julgadas heréticas.

Em virtude de que, foi deposto do cargo de arquimandrita e excomungado. Com os bons ofícios de um seu amigo, conseguiu que o imperador mandasse fazer revisão do processo por um novo concílio geral, convocado para a cidade de Éfeso, sob a presidência de Dióscuro em 1449. O concílio funcionou no meio de tumultos e de cenas de violências nunca vistas. Os bispos foram compelidos a restaurar Eutico à comunhão da Igreja e a repô-lo no seu antigo lugar, condenando ao mesmo tempo os cristãos mais preeminentes da escola de Antioquia. Por este motivo, o referido concílio passou a denominar-se — Concílio de Salteadores. O imperador sancionou prontamente as decisões do concílio; a doutrina eutiquiana estava a ponto de dominar tuda a Igreja do Oriente, quando a morte do imperador Teodósio, em 450, deu nova feição à controvérsia. (Ver artigo EUTYCHES na Enciclopédia de Strong.)

passa os termos de Arqui para a banda de Atarote e deste para o poente perto dos confins de Jafleti, até os termos de Bete-Horom a baixa e de Gezer e o seu território fenece no mar grande, Js 16. 1-3. E foi o termo dos filhos de Efraim pelas suas famílias; e a sua possessão para o nascente. Atarote-Adar até Bete-Horom a alta, 5. A linha norte corria por Micmetá, perto de Siquém, fronteira às nascentes em Taanate-Siló, Janoa, Atarote e Naarate, vem a Jericó e termina no Jordão, 6. 7, de Tafna passa para a banda do mar ao vale do Canavial e termina no mar Salgado, e foram separadas cidades para os filhos de Efraim no meio da herança dos filhos de Manassés, e também suas aldeias, 9. Comp. cap. 17 v. 7. A oeste do Jordão ficava o território da meia tribo de Manassés, que era o seu limite ao norte, e o território de Benjamim, ao sul, atingindo o Mediterrâneo, ao ocidente, e o Jordão ao oriente. Siquém ficava dentro de seus limites, Js 21. 20, 21; 1 Rs 12. 25; 1 Cr 6. 67. Mas os filhos de Efraim não exterminaram os cananeus que habitavam em Gezer; porém, eles, ou em companhia dos filhos de Manassés, tomaram Betel, Jz 1. 22-26, 29. Operaram patriòticamente na peleja contra Amaleque, merecendo lugar de honra no cântico de Débora, 5. 14. Queixaram-se de Gideão não os haver chamado para pelejar contra os madianitas, 8. 1-3. Revoltaram-se contra Jefté por não os haver chamado a combater contra os filhos de Amom, resultando daí perecerem 42.000 homens em peleja contra Jefté, 12. 1-6. Micas era homem do monte de Efraim, 17. 1, e também o levita cuja mulher foi ultrajada, do que resultou grave hostilidade contra Benjamim, 19. 1. Jeroboão era natural de Efraim, e quando chegou a ser rei, reconstruiu Siquém no monte de Efraim para ser a capital do novo reino, 1 Rs 12. 25. A terra montanhosa de Efraim, ou monte de Efraim, como lhe chamam, fazia parte da cordilheira central da Palestina, quando foi ocupada pela tribo de Efraim, e não incluía as cidades de Taque, Megido, Bete-seã, Abel-Meolá, ao norte e ao oriente, 1 Rs 4. 8, 12, nem Quiriate-Jearim, Gaaba, ou o território de Benjamim ao sul, Jz 18. 12, 13; 19. 16; 1 Sm 9. 4; 1 Rs 4. 8, 18; 2 Cr 15. 8. Se incluiu também o território ao norte de Siquém, 1 Cr 6. 66, 68 com 1 Rs 4. 12, então era limitada por três lados, pela planície sul de Esdraelom, pelo vale do Jordão e pelo território de Benjamim, sem designar qualquer parte, ocupada deste território. O que vem referido em Jz 4. 5 e 2 Sm 20. 1, 21, não autoriza a dar maior latitude à significação deste termo. Mas, depois do estabelecimento do reino do norte com as suas divisas mal definidas ao sul, os limites de Efraim nunca mais foram claramente definidos. O bosque de Efraim, onde se deu a batalha das forças de Davi com as do rebelde Absalão, 2 Sm 18. 6, comp. 17. 22, 24, 26, 27, estava situado ao oriente do Jordão e perto de Maanaim, porém é inteiramente ignorada a situação exata. É provável que tenha recebido este nome por causa da derrota dos efraimitas no tempo de Jefté, Jz 12. 1, ou por se achar fronteiro ao território de Efraim.

3. O nome de Efraim emprega-se no sentido coletivo, representando as dez tribos de que a tribo de Efraim fazia parte preeminente, Is 7. 2, 5, 9, 17; 9. 9; 17. 3; 28. 3; Os 4. 17; 9. 3-17.

4. Nome de uma cidade perto de Baalasor, 2 Sm 13. 23, talvez a mesma Efraim vizinha do deserto, referida em S. João 11. 54; ou Aferema que noutro tempo pertenceu a Samaria, 1 Mac 11. 34. O general romano Vespasiano tomou Efraim e Betel de passagem para Jerusalém (Guerra 6. 9. 9). Robinson identifica-a com Ofra de Benjamim, colocando-a na moderna aldeia de *Taiyibeh*, situada sôbre um outeiro de forma cônica, a 7 quilômetros e meio a nordeste de Betel. Esta opinião é geralmente aceita.

EFRAIMITA

Membro da tribo de Efraim, Jz 12. 5. No original diz-se Efratita.

EFRATA, *Terra frutífera.*

1. Nome primitivo de Belém de Judá, Gn 35. 19; 48. 7; Rt 4. 11. Algumas vezes a denominam Belém Efrata, Mq 5. 2.

2. Nome da mulher de Calebe, filho de Hesrom e mãe de Hur, 1 Cr 2. 19, 50; 4. 4.

3. Nome do território de Efraim, Sl 132. 6, ou antes Quiriate-Jearim, que pertenceu a Calebe efrateu, 1 Cr 2. 50, 51, e onde a arca esteve guardada por longo tempo.

EFRATEU

1. Natural de Efrata ou habitador dela, i. é, Belém, 1 Sm 17. 12; Rt 1. 2.

2. Nome de qualquer membro da tribo de Efraim, 1 Sm 1. 1; 1 Rs 11. 26.

EFROM, *Pertencente a vitela.*

1. Nome de um hitita, residente em Hebrom, possuidor de um campo, que vendeu a Abraão para sepultar a sua mulher Sara, Gn 23. 8; 25. 9.

2. Nome de uma cidade que Abia tomou a Jeroboão, 2 Cr 13. 19.

3. Nome de uma cidade ao oriente do Jordão no território de Manassés em um desfiladeiro que sai na estrada entre Carnaim e Betsã, capturada por Judas Macabeu, 1 Mac 5. 46-52; 2 Mac 12. 27-29; Antig. 12. 8, 5.

4. Cordilheira entre Neftoa e Quiriate-Jearim nos limites de Judá e Benjamim, Js 15. 9.

EGITO

Por conveniência de exposição, os fatos referentes ao Egito vão ser tratados em três grupos: o país, o povo e o cativeiro dos israelitas.

I. O País. 1. *Designações históricas.* Os gregos, desde o tempo de Homero, designavam o Egito pelo nome de *Aigyptos.* Os próprios egípcios da antigüidade davam à sua terra natal o nome de *Kam-t*, quer dizer negro, por ser esta a cor do solo. Para os cananeus, era a terra *Misru*, a terra, fortificada ou fechada por causa das fortificações levantadas na frente asiática do istmo de Suez, ou simplesmente o nome dado ao país, sem referência alguma aos seus meios de defesa. Este nome *Misru* também foi empregado pelos hebreus, porém, na forma dual Misraim, ou dois egitos, que vem a ser o Alto Egito, ou meridional e o Baixo Egito, ou setentrional, do modo por que os mesmos naturais o dividiam.

2. *O território e suas divisões.* Nos tempos primitivos, o Egito compreendia somente a zona banhada pelo Nilo, desde o Mediterrâneo até as primeiras cataratas, incluindo uma série de oasis na parte ocidental do deserto, e também o território compreendido entre o braço oriental do Nilo e o rio *el-Arish*, denominado rio do Egito. O país é dividido naturalmente em duas regiões — um estreito vale, que se estende de norte a sul por meio do deserto, e a continuação deste vale até ao delta. As divisões geográficas também se prestam a servir de limites às divisões políticas. O Alto Egito é compreendido pelo vale do deserto, e o Baixo Egito, pelo vale do delta. A extensão da terra do Nilo, desde o mar até a primeira catarata, é de 1.018 quilômetros e 800 metros; e a sua largura, desde o delta até a mesma catarata, varia entre 26 e 43 quilômetros. A área desta região regula ser de 21.000 quilômetros quadrados. No tempo da ocupação francesa, cerca de 18.000 quilômetros eram cultiváveis. O antigo Egito era um país pequeno, mas em relação à sua área, era o mais extenso do mundo. A distância entre Mênfis e a primeira catarata, é quase o dobro da distância de Mênfis a Jerusalém, 852 quilômetros; e maior do que a distância entre Mênfis e Da-

masco, que é apenas de 760 quilômetros. O longo e estreito vale do Nilo, desde a primeira catarata, era o estuário do mar. Heródoto chegou a esta conclusão que a geologia confirma (Heród. 2. 10).

"O lodo do Nilo", diz o geógrafo Fraás, "descansa sobre um leito de areia marítima. Todo o país, desde a primeira catarata até o Mediterrâneo, foi antigamente um estreito estuário." Restritamente falando, o Egito, no dizer dos gregos, é "um presente do Nilo" (Vide *Nilo*).

3. *Região adjacente.* O antigo Egito era limitado por ambos os lados, pelo deserto. O árido território emerge gradualmente do Saara, do ocidente para o oriente, e termina em uma cadeia de montanhas que guarnece o Mar Vermelho. A parte do deserto, ao oriente do Nilo, estende-se para aquele mar, e formava uma parte da Arábia, com uma área de 50.000 milhas quadradas, Heród. 2. 8, 9, pela semelhança característica da península, ainda que separada pelo Mar Vermelho. Politicamente não pertencia a ninguém, virtualmente desabitada e cujos escassos recursos eram explorados pelos egípcios . As montanhas elevam-se a 2.178 metros de altitude, e formam um cordão de rochas cristalinas que se estende em linha paralela à costa do Mar Vermelho, com numerosas ramificações que penetram o interior do país. Era nesta cadeia de montanhas, em Hamamaie, por cima da estrada das caravanas entre Hoser e Tebas, que os antigos egípcios cortavam as duras pedras de cor escura que empregavam no fabrico de sarcófagos e de esfinges. Em *Jebel Dukha*, fronteira à extremidade da península do Sinai, mineravam o cobre e as esmeraldas. Extensas massas de calcáreos, espalham-se desde as montanhas do Nilo, produzindo o alabastro com que os antigos egípcios embelezavam os seus edifícios. O deserto a oeste do Nilo, pertencia à Líbia, e tem aspecto muito diferente da outra região ao oriente do rio. É formada por imenso planalto de base granítica, monótono, sem montanhas nem vales, nem mesmo pequenos outeiros isolados de qualquer elevação, sem formações vulcânicas e sem traços cristalinos.

A altitude deste planalto varia entre 214 a 330 metros acima do nível do Nilo, e todo privado de águas; consiste de calcáreos com alguns montículos de areia espalhados e de um muro de pedra arenosa que nele penetra, vindo da Etiópia. A completa desolação desta parte adjacente ao Egito, é amenizada em cinco pontos, e isto só dentro do território do Egito, que vem a ser os oasis, verdadeiras manchas de verdura no deserto, distanciados uns dos outros por cerca de três a cinco dias de jornada, e de três a dezesseis do Nilo. Atribui-se a sua fertilidade a veios de água subterrâneos, ligados ao Nilo da Núbia ou do Sudão. O conjunto da sua população orça por 35.000 habitantes. Vê-se pois, que o antigo Egito era um país isolado, tendo o mar ao norte, o deserto e o mar ao oriente, o vale do Nilo, que cortava o deserto ao sul, e o deserto silencioso e interminável, a oeste.

II. População. 1. *Sua origem.* Segundo a Bíblia, Misraim era filho de Cão, e irmão de Canaã, Pute e Cuse. Gn 10. 6. Esta descrição dá aos egípcios uma origem asiática; se eram descendentes de Cão ou a ele incorporados, ainda não está devidamente elucidado. As suas tradições dão-nos como provindo de emigrações do sul da Arábia. O tipo do antigo egípcio é caucásico; porém, ao mesmo tempo, os traços anatômicos, o caráter e a linguagem, diferenciam-no dos povos semíticos e indo-europeus. Por outro lado, muitos dos utensílios domésticos, usados pelos antigos egípcios, tanto como muitos dos seus costumes, muito se parecem com os dos habitantes das margens do Zambeze e do Niger, e são inteiramente diversos dos habitantes das margens do Indo e do Eufrates. É muito provável que procedam de emigrantes vindo da Ásia, raça aborígene estabelecida nas margens do Nilo.

2. *Aparência.* O egípcio é de baixa estatura e de construção delicada. A cabeça é grande em proporção ao corpo, e coberta de macios cabelos pretos ou castanhos. A testa quadrada e obliqua, olhos rasgados, boca larga, faces protuberantes e lábios sofrivelmente cheios. As mulheres, que não se expunham ao sol, eram de compleição delicada. A cor é escura sem ser preta.

3. *Linguagem.* É difícil de classificar a linguagem dos egípcios. O vocabulário filia-se às línguas turanianas e a gramática é das línguas semíticas. O idioma atual que dela descende é o copta, que continuou a ser falado no Baixo Egito, até ao século dezessete. É língua morta, não obstante existem traduções da Bíblia para ela. Antigamente usavam uma espécie de escrita, denominada hieroglífica, ou escrita sagrada, em que as palavras eram expressas por figuras ou símbolos, consistiam principalmente em representações de objetos da natureza e arte, tais como: pássaros, animais, plantas, utensílios, juntamente com símbolos matemáticos. Estes delineamentos eram em parte, ideografias, isto é, pinturas representando a palavra ou a idéia; do mesmo modo representavam o som, que, quando combinado, produzia uma palavra. Durou muito este sistema de escrita. Mais tarde, os escribas deram de abandonar certas minúcias da pintura a fim de facilitar mais o trabalho de escrever, e deste modo deram origem a nova escrita chamada hierática, ou sacerdotal. Pelo oitavo século antes de Cristo, entrou em voga a escrita demótica ou popular. Era usada nas relações comerciais e na vida social. Consistia em uma forma cursiva do velho hieroglífico. Quando a atenção do mundo moderno foi despertada para a antiga literatura egípcia, não a podiam interpretar, e por muito tempo ficou indecifrável. Porém, em 1801, os ingleses tomaram Alexandria e às suas mãos foi ter uma lápide de basalto negro, chamada Pedra de Roseta, encontrada pelos franceses perto de Roseta, situada em um dos braços do Nilo. Acha-se hoje no Museu Britânico. Nela está gravado um decreto de Ptolomeu V, datado de 193 A. C., em três línguas e em três formas de caracteres demóticos, hieroglíficos e gregos. Outra inscrição em duas línguas grega e hieroglífica foi encontrada em um obelisco na ilha de File, perto da primeira catarata. O grego do texto era facilmente legível por ser idioma conhecido e por meio dele, e por um processo de comparação, foram decifrados os hieroglíficos.

4. *População.* A população do Egito era maior na antigüidade do que nos tempos modernos. Diodoro Siculo, contemporâneo de Júlio César e Augusto, baseado na autoridade de antigos documentos egípcios, diz que existiam no grande império dos Faraós mais de 18.000 cidades e aldeias com a população de cerca de 7.000.000 de habitantes em todo o país. No tempo de Nero, a população foi calculada em 7.500.000 habitantes, servindo de base o imposto de capitação, excluindo os habitantes de Alexandria (Guerras 2. 16, 4). Este número é muito razoável, visto que o país comporta de 8 a 9 milhões. Segundo o censo de 1882, a população atual do Egito próprio, é de 6.811.448 ou 600 habitantes por milha quadrada, mais densa do que a da maior parte dos países europeus.

5. *História.* Quando o Egito passou dos tempos pre-históricos para os tempos históricos, parece que existia, composto de um número de pequenos reinos, que depois se uniram formando o império de Menés, o primeiro rei mencionado na história. Os que estudam as cousas do Egito assinam diferentes datas ao princípio do reinado de Menés. Estas datas variam entre 5.700 e 2.700 A. C. Maneto, sacerdote de Sebenitos, no reinado de Ptolomeu Filadelfo, dá conta de trinta dinastias desde Menés até a conquista persa no ano 345 A. C.

Estas dinastias estão agrupadas em três períodos: o do velho império, do médio e o do

novo. Ao velho império se dão as primeiras sete ou dez dinastias. Foi nos tempos destas dinastias que se construiram as pirâmides. O médio império é assinalado pela conquista do Baixo Egito pelos hicsos ou reis pastores vindos do nordeste. Julga-se que pertenciam à raça semítica, que bem podem ser os hititas. Parece que foi no seu tempo que Abraão visitou o Egito e que José exerceu as funções de primeiro ministro. Neste período deu-se no Egito grande mudança econômica. No velho império, a nobreza e os governadores dos nomos, eram donos de grandes porções de terreno. Agora, em o novo império, os funcionários reais ocupavam o lugar da antiga aristocracia, e a coroa e os grandes templos é que possuiam os bens de raiz. O novo império começou com a décima oitava dinastia. O primeiro acontecimento notável foi a expulsão dos hicsos, depois de terem governado, segundo uns, 511 anos e segundo outros 625. Posteriormente, sob o govêrno de monarcas nativos, o Egito atingiu o maior grau de prosperidade, e iniciou uma época de conquista e de dominio na parte ocidental da Ásia, em que se salientaram, como guerreiros, Totmés III e Ramessés II. Este último foi provàvelmente o Faraó que oprimiu os israelitas, com seu filho Meneftá, o Faraó do Exodo. Outros nomes de faraós são mencionados no Antigo Testamento como Sesaque, Sua, Taraca, Neco, Hofra (Vide *Faraó*). Taraca sustou o avanço de Senaqueribe sobre o Egito, mas foi derrotado por Asaradão, seu sucessor. Os assirios dividiram o Egito em vinte distritos para os quais nomearam governadores. Taraca surge novamente no Egito, levanta o estandarte da revolta, mas é derrotado por Assurbanipal, que reconquistou o país, saqueou e destruiu Tebas no ano 664 A. C., Na 3. 8-10. Psamético, um dos pequenos régulos, revoltou-se, e, auxiliado pelos gregos da Ásia, restaurou o Egito e fundou a vigésima sexta dinastia. Em 525, A. C., o Egito foi conquistado por Cambises, que o constituiu satrapia da Pérsia. Cerca de século e meio depois, Nefrites sacudiu o jugo persa e fundou a vigésima nona dinastia; mas no ano 345 A. C. o Egito rendeu-se a Artaxerxes, e passou, outra vez, a ser satrapia persa. Em 332 A. C. vieram os macedônios e os gregos, sob o comando de Alexandre, o Grande, que foram recebidos como os salvadores da pátria, contra o dominio persa. Depois da morte de Alexandre, o Egito foi governado pelos Ptolomeus. No ano 30 A. C. passou a ser provincia do Império Romano, governado por prefeitos, até o ano 362 da era cristã. José e Maria, pais de Jesus, refugiaram-se ali quando Arquelau governava a Judéia. No ano 619 A. D. Cosroés II, rei da Pérsia, conquistou o Egito, de cujo dominio foi despojado em 628. Entre 638 e 640, passou ao dominio sarraceno, e entre 1163 e 1196, para o dos turcos.

6. *Religião.* A religião dos egipcios consistia na espiritualização da natureza, adorando o sol e o rio Nilo como as duas fontes conservadoras da vida. Além destes dois centros de veneração e de culto, possuiam numerosas divindades que também adoravam, como expressões das fôrças e dos fenômenos da natureza. O deus supremo, ou chefe dos deuses, era Ptá, que aparece na formação do nome Meneptá; representava a força organizadora e as causas fenomenais derivadas da umidade. Os nomes de alguns outros deuses encontram-se no Antigo Testamento, como sejam, Ra, o deus sol, iluminador do mundo, Ramsés, o despertador da vida; Tum, o sol da tarde, que possui a força criadora e o dispensário das brisas das tardes; (em *Pithom*) Baste, personificação das paixões amorosas; (em *Pi-beseth*) Amom, o deus que anima a natureza. Cada nomo e cada distrito, tinham a sua divindade local que era o seu deus tutelar e ao qual tributavam honras especiais. Alguns dentre eles eram henoteistas, ou adoradores de um deus, que consideravam superior a todos os demais deuses, merecedores de um culto supremo, e talvez mesmo que muitos deles fossem monoteistas. Desde tempos remotos, os egipcios possuiam conhecimento muito claro das verdades religiosas e da ética, a verdade a respeito da conduta humana, a noção do pecado, a necessidade da justificação, a imortalidade da alma e, não obstante o culto prestado à natureza, tinham idéias muito exatas sôbre o culto devido a Deus.

III. Viagem dos israelitas para o Egito.

1. *A descida.* Grande e tremenda fome assolou o mundo todo, conhecido naquele tempo, ou pelo menos a maior parte da região situada ao oriente e a sudeste do Mediterrâneo, ocupada por uma complexidade de povos socialmente separados, que tiravam os recursos de sua subsistência com muita economia, das montanhas da Ásia Menor e dos ricos vales do Eufrates e do Tigre, Gn 41. 54; 47. 13. Por ocasião desta crise, José que agora era governador do Egito, o segundo abaixo do rei, mandou vir seu pai e seus irmãos que moravam em Canaã, para temporariamente residirem no Egito, 45. 9-11; 47. 4, 29, 30; 48. 21; 50. 24. Por este motivo, Jacó e a sua tribo emigraram para o Egito. A tribo compunha-se do patriarca Jacó, seis filhos de sua mulher Lia, com vinte e cinco netos; mais dois filhos da escrava de Lia com treze netos e uma neta; seus dois filhos de sua mulher Raquel com doze netos; e mais os dois filhos da escrava de Raquel, com cinco netos, 46. 8-25. Todas as pessoas que entraram com Jacó no Egito, e que tinham saído de sua coxa, não contando as mulheres de seus filhos, eram ao todo sessenta e seis, Gn 46. 26; comp. Heb. 7. 9, 10. Ajuntando a este número o cabeça da tribo e José com os dois filhos que lhe nasceram no Egito, eleva-se a setenta o total das almas da casa de Jacó (v. 27). Este é o mesmo número que se encontra em Ex 1. 5; e Gn 46. 15, e Dt 10. 22. Os Setenta e S. Estêvão que segue a versão grega dão setenta e cinco, At 7. 14. Este resultado é devido a terem adicionado ao número setenta, referido em Gn 46. 20, mais os três netos e dois bisnetos de José, cujos nomes se vêem em Nm 26. 29; 35 e seg. As correspondências numéricas do registo, dando um total de setenta pessoas, e o fato de ser o número dos filhos de cada escrava a metade dos filhos das mulheres legitimas, parece obedecer a um desígnio, e não um acontecimento acidental (Lia 32 e Zelfa 16; Raquel 14 e Bala 7). Comparando este cálculo com o cap. 26 do livro de Números, chega-se à conclusão que havia um plano de incluir os descendentes dos filhos do patriarca na futura organização nacional. A tribo de Israel estabeleceu-se na terra de Gósen, região fértil do Egito, e ali ficou até sair em demanda de Canaã, Gn 47. 6, 11; Ex 8. 22; 9. 26; 12. 37.

2. *Estada no Egito.* As recordações históricas, referentes à descida de Jacó para o Egito, o aumento de sua prole, a escravidão que suportaram os seus filhos, os sofrimentos de sua partida e peregrinação pelo deserto, tudo se perpetuou na consciência nacional e foi registado nos documentos mais antigos de sua história. Gn 46. 4, 28-34; 47. 27; Ex 1. 9, 11, 15-22; 2. 11; 12. 31-37; 13. 21. A festa da páscoa, e em certos respeitos, a festa dos tabernáculos eram testemunhos dos acontecimentos do passado e tinham por fim conservar viva a sua memória entre o povo. Os salmistas celebraram em cânticos e hinos os feitos de Jeová em favor de seu povo, e neles se inspiraram os profetas. A escravidão do povo de Israel no Egito, e o poder e misericórdia de Deus que o livrou da fornalha da aflição são os tipos permanentes das condições da igreja e do favor constante que Deus lhe dispensa. As tradições não se referem sòmente a uma tribo, como fração do povo hebreu que havia sofrido o cativeiro, mas sim a toda a coletividade. Os profetas que exerceram o seu ministério em ambos os reinos, assim o dão a entender: — Isaias, Miquéias e Jeremias entre as montanhas da Judéia, Is 9. 16;

Mq 6. 4, 7, 15; Jr 2. 6; 7. 22, e Oséas e Amós no reino de Samaria, Os 2. 15; 8. 13; 9. 3; 11. 1; 12. 9, 13; Am 2. 10; 3. 1; 9. 7. A história não se refere somente à parte da nação que esteve no Egito, é a história de um povo e não de uma tribo.

3. *Duração de sua estada no Egito.* Os dados referidos na Bíblia são registados da seguinte forma: "Deus disse a Abraão: a tua posteridade será peregrina em uma terra estrangeira e será reduzida à escravidão e aflita por quatrocentos anos... mas na quarta geração tornarão a vir para aqui os teus descendentes", Gn 15. 13-16. A permanência dos filhos de Israel no Egito foi de 430 anos, Ex 12. 40. Segundo os Setenta, e o Pentateuco Samaritano, a morada no Egito e na terra de Canaã foi de 430 anos." Deus falou a Abraão "que a sua descendência seria habitadora em terra estranha e que a reduziriam à servidão e a maltratariam pelo espaço de quatrocentos anos", At 7. 6.

A lei foi dada 430 anos depois do pacto, Gl 3. 17. Estas diferenças de anos explicam-se da seguinte forma: (a) Os filhos de Israel habitaram no Egito durante 215 anos. Os Setenta, ou com o intuito de evitar, ambigüidade, ou porque os originais de que se serviam diferissem dos atuais manuscritos hebraicos, acrescentaram ao versículo 40 do cap. 12 do livro do Êxodo, as palavras "e na terra de Canaã." Desde a data do pacto com Abraão, logo depois da sua chegada a Canaã, até a ida de sua família para o Egito decorreram 215 anos, Gn 12. 4; 21. 5; 25. 26; 47. 9, deixando os outros 215 anos para a morada no Egito. É deste modo que também o historiador Josefo faz a sua narrativa, dizendo: "Os hebreus saíram do Egito 430 anos depois que nosso pai Abraão veio para Canaã, mas somente 215 anos depois que Jacó foi de mudança para o Egito" (Antig. 2. 15, 2). Deste modo, ele acompanha a versão dos Setenta, porém nullifica o que afirma adiante, dizendo: "quatrocentos anos estiveram eles sofrendo duros trabalhos" (Antig. 2. 9, 1; Guerras, 5. 9, 4, o que é manifestamente errôneo, porque os israelitas não estiveram 400 anos em opressão. Se o historiador Josefo vacila no seu cálculo, o apóstolo S. Paulo afirma que a lei foi feita 430 anos depois do pacto com Abraão, e as genealogias dão quatro gerações entre Jacó e o Êxodo que pode cobrir os 215 anos, porém dentro de 400 (Êx 6. 16-20). (b) Os filhos de Israel estiveram 430 anos no Egito, segundo dados bíblicos. Vejamos agora qual é a interpretação natural do Gn 15. 13-16 que fala de 400 anos. Primeiro, a narrativa não diz que os israelitas foram afligidos por 400 anos, mas que o período inteiro de sua peregrinação como estrangeiro em terra alheia, na qual sofreriam um cativeiro eventual, seria de 400 anos. Em segundo lugar, êste fato não se deu senão depois do falecimento de Abraão, v. 15. Terceiro, as quatro gerações equivalem aos 400 anos já mencionados. Nesta passagem, a palavra geração não quer dizer a sucessão de pessoas procedentes de um só tronco, como diz o cap. 20. 5 do Êxodo e o 42. 16 de Jó, mas sim a idade, ou período de um corpo de contemporâneos, em desacordo com o nosso modo de computar a existência além da idade infantil; a geração tem o sentido de um período de atividade, determinado pelo padrão da vida. A geração dura enquanto existe algum de seus membros, Ex 1. 6; Nm 32. 13; Js 2. 10; Ec 1. 4. O período de atividade de uma geração pode ser avaliado pela duração da vida de Isaque, 180 anos; de Jacó, 147; de Levi, 137; de Coate, 133; de Anrão, 123; de Moisés, 120, Gn 35. 28; 47. 28; Ex 6. 16, 18, 20; Nm 33. 39; Dt 34. 7, ou o período de atividade de uma geração pode ser avaliado, pelo registo de três gerações, entre o nascimento de Abraão e a sua ida para o Egito, quando Jacó ainda exercia a sua atividade, compreendendo um período de 290 anos. Mas não são justamente registadas quatro gerações: Levi e Coate, que vieram para o Egito com Jacó e Anrão, Moisés e seus filhos? Admite-se a existência de uma genealogia consecutiva em Levi, Coate e Anrão. Porém, seria Moisés filho de Anrão e de Jacobede? Ex 16. 20; 1 Cr 6. 1-3. Surge uma dificuldade, se a passagem for interpretada deste modo: (a) Anrão e seus irmãos deram nome aos anramitas, izaaritas, hebronitas e uzielitas, e todos estes, um ano depois do Êxodo, perfaziam um total de 8.600 homens; quer isto dizer que o sogro de Moisés tinha 8.600 descendentes do sexo masculino, dos quais 2.750 tinham a idade de 30 e 50 anos, Nm 3. 27; 4. 36. (b) Na genealogia paralela dos contemporâneos de Moisés, Bezeleel é o sétimo procedente de Jacó, e Josué parece ser o décimo primeiro, 1 Cr 2. 18-20; 7. 23-27. A linguagem de Ex 6. 20, não autoriza a pensar que Anrão e Jacobede foram parentes imediatos de Moisés e de Arão. Em Gn 46. 18, os bisnetos de Zelfa são mencionados com outros, como filhos que ela deu a Jacó. A genealogia do evangelho segundo Mt 1. 8, diz que João gerou a Ozias, que era seu tataraneto. Segundo a linguagem do Gn 10. 15-18, Canaã gerou diversas nações. A narração do nascimento de Moisés, feita com minúcia no cap. 2 de Êxodo, não diz que ele era filho de Anrão e de Jacobede. A razão por que a genealogia de Moisés e de outros apenas registra quatro nomes, Ex 6. 16-22, é porque os primeiros três nomes são nomes oficiais que designam a tribo, a família e o chefe da casa a que Moisés e Arão pertenciam. Os três nomes classificam propriamente Moisés e Arão. (2) O período de 430 anos de habitação no Egito é também referida em Êx 12. 40. Neste número não está incluído o tempo da habitação do patriarca na terra de Canaã, porque: (a) Abraão e Isaque não eram filhos de Israel e, (b) porque o texto hebraico, bem como o caldaico, etc., exceto a versão dos Setenta e o texto samaritano, não faz referência a Canaã. (3) A estada de 430 anos no Egito, fornece elemento para se calcular o número de israelitas existentes por ocasião do Êxodo. (4) A interpretação feita sobre este número 430 da habitação dos israelitas no Egito,

Emigrantes asiáticos indo para o Egito, durante a 12ª dinastia

mencionada por S. Paulo na epístola aos Gálatas, precisa de ser explicada. Não era seu intuito dar um número exato do tempo decorrido entre o pacto e a promulgação da lei. Seu argumento tinha como objetivo provar que a lei foi dada muito depois do pacto, e que não o fez nulo para abrogar a promessa. E prova isto, citando o bem conhecido período de tempo que intervém entre os dois acontecimentos; ele não diz que a lei foi dada exatamente 430 anos depois do pacto, mas sim que ela veio, como todos sabem, 430 anos depois do pacto. É indiferente saber se ele tinha em mente o texto hebraico ou o grego, ou a qual dos dois se refere a passagem da epístola aos Gálatas.

4. *Aumento da população no Egito.* (1) Se, como diz Keil, das setenta almas que entraram no Egito, deduzirmos o patriarca Jacó os seus doze filhos, Dina e Sara, filhas de Aser, e também os três filhos de Levi, os quatro netos de Judá e de Aser, e os netos de Jacó que provavelmente morreram sem deixar filhos machos, não falando nos seus descendentes cujos nomes não constam nas famílias de Israel (Vide Nm cap. 26), deveriam ter ficado quarenta e um netos de Jacó (além dos levitas), que fundaram famílias; e se calcularmos somente dez gerações durante os 430 anos, os quarenta e um deveriam produzir 478.224 filhos machos, dando a cada família a média de três filhos e três filhas, durante as seis primeiras gerações, e dois filhos e duas filhas, durante as últimas quatro gerações. Estes, com os sobreviventes da nona geração, deveriam elevar-se a 600.000 homens acima de 20 anos de idade. (2) É erro pensar que da casa de Jacó eram excluídos os numerosos servos, circuncidados, Gn 30. 43; 32. 5; 45. 10, no gozo de todos os privilégios religiosos e relacionados com a família do patriarca por ligações matrimoniais, Gn 12. 13; Ex 12. 44, 48, 49, etc. Gn 14. 1, 2; 30. 4, 9; Nm 12. 1; 1 Cr 2. 34, 35.

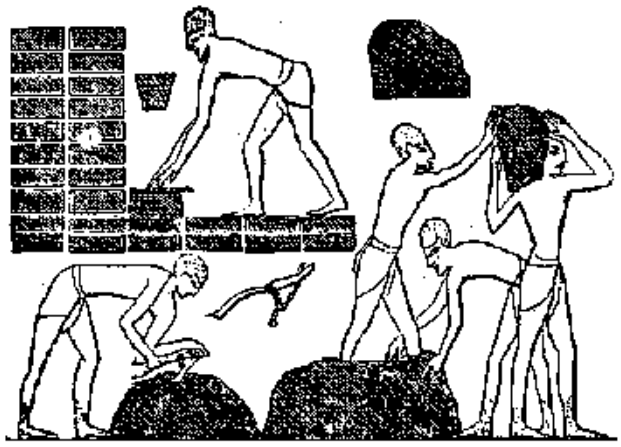
5. *Alterações de trabalho.* Quando os israelitas se estabeleceram em Gósen, eram uma pequena tribo, independente, composta de pastores. Morto José e os homens de seu tempo, levantou-se um novo rei que não conhecia a José, Ex 1. 6-8. Viu o aumento do povo israelita, e receiando que mais tarde se viesse a allar com os inimigos do Egito, lançou mão de medidas de coerção à sua liberdade e impediu o desenvolvimento de sua natalidade. Obrigou o povo a rudes trabalhos sob a vigilância de feitores cruéis. Tinham de cultivar os campos, de fabricar tijolos e de trabalhar nas construções, Ex 1. 11, 14; 5. 6-8, e, ao mesmo tempo, cuidar de sua própria manutenção, 9. 4, 4; 10. 9, 24; 12. 38.

6. *Os milagres de Moisés.* A opressão dos israelitas durou oitenta anos, ou mais, Ex 7. 7; comp. 2. 2 e seg.; finalmente, os seus clamores chegaram à presença de Deus, que enviou a Moisés para libertá-los, 2. 23 e seg. O humilde delegado de Jeová foi dotado com o poder de operar milagres, que lhe serviu de credencial para acreditá-lo diante de seu povo: eram sinais e maravilhas, segundo a linguagem do salmo 78. 12, 13; manifestações maravilhosas, portentosas, descomunais que o recomendavam como enviado de Deus aos israelitas e a Faraó, Ex 4. 8, 9, 30, 31; 6. 7; 8. 21; 7. 3-5; 8. 22, 23.

Os milagres de Moisés não eram fenômenos naturais, e sim faculdades especiais e extraordinárias que Deus lhe havia conferido. Os fenômenos naturais são operações cegas da natureza, ao passo que os milagres de Moisés revelam desígnio, e constituem uma série de fatos dispostos em ordem; cada um deles relacionado logicamente com o que se lhe seguia, mas sem lhe servir de causa, oferecendo a Faraó evidência suficiente em favor da autoridade divina, de que se achava investido o libertador dos hebreus, sem molestar os egípcios. Quando Faraó se opunha à saída dos hebreus, as provas iam sendo mais fortes e pesando mais fortemente no seu coração obdurado, até que afinal se rendeu. Outro característico dos milagres de Moisés que os distingue dos fenômenos naturais, é que eles faziam seleção entre o povo hebreu e os egípcios, 8. 22, 23; 9. 4, 25, 26; 10. 22, 23; 9. 5-7; comp. 9. 11; 10. 6. Ainda mais, a pestilência poderia ter matado grande número de egípcios em uma noite, porém a décima praga exerce uma ação destruidora e metódica, sobre os primogênitos de cada família egípciaca. Estes sinais, maravilhas e poderes, pertencem ao primeiro grupo de milagres mencionados na Bíblia (Vide *Milagres*).

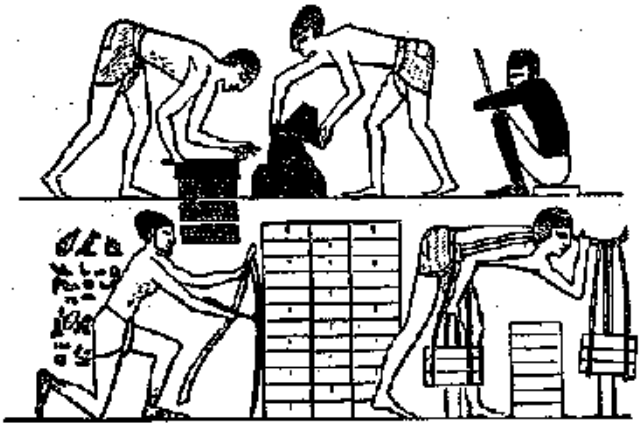
7. *Organização do povo. Fim do cativeiro.*

Os antecessores dos filhos de Israel entraram no Egito no caráter de uma família de doze pessoas e foram habitar em Gósen. É muito na-



Fabricação de tijolos no antigo Egito

tural que conservassem ali, na terra do cativeiro, a sua organização primitiva. Não se amalgamaram com a raça opressora; permaneceram uma raça distinta e conservaram as linhas divisórias entre as doze grandes famílias. Ao findar o período de 430 anos, as famílias dos doze filhos de Jacó constituiram-se em doze tribos, e os filhos de seus filhos, e em alguns casos, os filhos dos descendentes mais remotos, haviam crescido de modo a formar largas, relações. Por conseguinte, na ocasião do êxodo, já formavam um povo, o povo de Israel, dividido em doze tribos; e cada tribo subdividida em famílias, cujos nomes se ligavam em grande parte, aos netos de Jacó, Ex



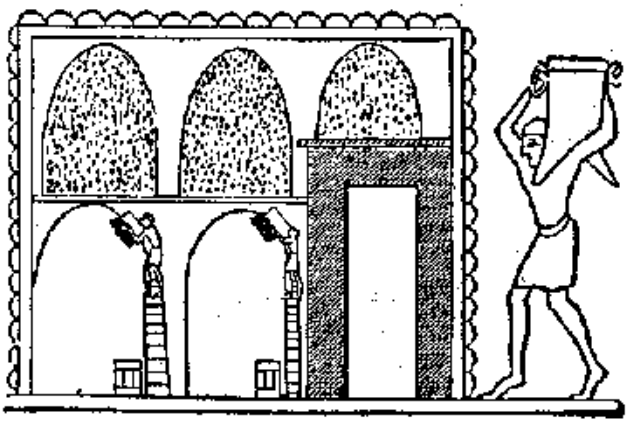
Fabricação de tijolos no antigo Egito

6. 14; Gn 46. 9, e Nm 26 comp. Gn 46. Por ocasião da segunda enumeração das famílias, em Nm cap. 1. 2, 18, 20, contam-se 57 famílias, excetuando a de Levi, cada uma ligada ao nome de seu chefe. Começa então a constituir-se o corpo dirigente, a organização administrativa e judicial,

formada de várias categorias: príncipes de nascimento, Êx 16. 22; príncipes das tribos, Nm 1. 4, 16; os anciãos de Israel, que provavelmente eram os chefes das tribos, os cabeças das famílias, Ex 4. 29; 12. 21; 17. 5, 6; os sacerdotes, Ex 19. 22, 24, comp. 24. 5. Estes deveriam ser escolhidos de várias tribos, os quais exerciam o sacerdócio entre o povo, como Abraão, Isaque e Jacó, que, como chefes da família, ofereciam sacrifícios. Os egípcios também haviam nomeado exatores e prefeitos das obras, Êx 5. 6, 10, 19, tirados dentre os próprios israelitas, segundo suas aptidões, Êx 5. 15, 16. Por intermédio destas autoridades, Faraó e Moisés se comunicavam com o povo, que se acostumou a obedecer, não como uma horda selvagem de difícil governo, mas como um exército organizado, dirigido por sábia disciplina. Por este motivo, era chamado o exército do Senhor, deixando a terra do Egito, Êx 12. 41.

8. *O Faraó do cativeiro e do êxodo.*

Ramsés II é o faraó que oprimiu os israelitas, e Meneptá é o faraó do Êxodo. Este asserto é baseado nas seguintes considerações:



Celeiros de trigo no Egito

(1) Os israelitas não tinham ainda entrado na Palestina, nos dias de Amenofis III e IV, porque todo o país, naquela época, conforme o que se lê nos tijolos encontrados em *Tell-el-Amarna*, estava fraccionado em pequenos reinos, sob a suserania do Egito. Ramsés II e Ramsés III, que guerrearam a Palestina, não fazem menção da existência dos israelitas ali residentes; e os registos dos hebreus nada dizem sobre a invasão do país por estes monarcas egípcios. (2) Diz o Êxodo, cap. 1. 11, que os israelitas edificaram para Faraó as cidades Fitom e Ramessés. O lugar desta primeira cidade já foi identificado e descobertos os antigos celeiros. Não existem descobertas de datas anteriores ao reinado de Ramsés II, cujo nome se encontra inscrito em algumas pedras. Parece que Fitom foi construída no reinado deste soberano. Foi ele também que erigiu uma nova cidade, com templos e simulacros, adjacente à velha fortaleza de Tânis, e por este motivo, o lugar ficou-se chamando Pa-Ramsés, cidade de Ramsés. Estas correspondências com os registos hebraicos dão a entender que o Ramsés II foi Faraó da opressão. (3) Meneptá, filho e sucessor de Ramsés II, em uma inscrição em que ele menciona a sua resistência à invasão dos líbios, no quinto ano de seu reinado, termina descrevendo certas conseqüências desta vitória. Menciona a devastação feita em Pa-Kanana ao sul da Palestina, a tomada de Ascalom e de Gezer na Filístia, a rendição de uma cidade perto de Tiro, a pilhagem do povo de Israel e a desolação da Car, i. é, do sul da Palestina. A referência ao povo de Israel tem sido explicada com exatidão, notando um ataque aos hebreus, quando estavam em viagem pelo deserto na parte meridional da Palestina (Vide *Faraó*). Como já foi dito, Ramsés III, sucessor de Meneptá, guerreou na Palestina, mas não faz referência alguma à existência dos israelitas no país. E para se crer que os israelitas deixaram o Egito no princípio do reinado de Meneptá, mas não tinham passado os quarenta anos no deserto e chegado a Canaã no reinado de Ramsés III (Vide *Cronologia*, data do êxodo). (*)

EGLA, *Bezerro.*

Nome de uma das mulheres de Davi, e mãe de Itreão, 2 Sm 3. 5; 1 Cr 3. 3.

EGLAIM, *Dois tanques.*

Nome de uma cidade moabita, Is 15. 8.

Eusébio parece referir-se a ela, falando da aldeia Aigaleim, situada a 8 milhas romanas, 11.856 metros, ao sul de Areópolis; comp. também a cidade Agala, Antig. 14. 1, 4. Não se confunde com En-Eglaim.

EGLOM, *Vitela.*

1. Nome de um rei de Moabe, que tomou Jericó e que a teve em seu poder, durante dezoito anos, lançando tributos sobre Israel; foi assassinado por Aode, que lhe cravou a sua espada no ventre, Jz 3. 12-30.

2. Nome de uma cidade, situada na planície de Judá e partilhada a esta tribo, Js 15. 39 O rei de Eglom foi um dos cinco aliados que guerrearam em Gabaom contra Josué e por este derrotado e morto, Js 10. 3-23, 34-47; 12. 12. Está identificada com *Ajlan*, situada a cerca de trinta quilômetros a nordeste de Gaza.

ELA, *Terebinto.*

Nome do pai de um dos governadores nomeados por Salomão, 1 Rs 4. 18.

ELÁ ver **TEREBINTO**, *Carvalho.*

ELADA, *Deus adornou.*

Nome de um dos descendentes de Efraim, 1 Cr 7. 20.

ELADE, *Deus continua.*

Nome de um descendente provável de Efraim. Ele e seus irmãos foram mortos pelo povo de Gate por terem ido roubar as suas terras. Efraim chorou por muitos dias a perda de seus filhos, 1 Cr 7. 20-22.

ELANÁ, *Deus é gracioso.*

1. Nome de um filho de Bosque, que tecia panos de cores em Belém e que matou o irmão de Golias de Gate, comp. 2 Sm 21.19, com 1 Cr 20.5. O texto de uma destas passagens, senão de ambas, está alterado. As letras da frase *Beth-lehemita Goliath* com a partícula *eth*, entre si, que está junta no texto hebraico de 2 Sm, muito se parecem com a frase *Lahmi, o irmão de Golias.*

2. Nome de um belemita, filho de Dodo, e um dos trinta heróis de Davi, 2 Sm 23.24; 1 Cr 11.26.

ELÃO, *Alto.*

1. Nome de um dos filhos de Sem, e também dos habitantes de Elão, da raça semítica, ou que a ela foram incorporados pela conquista, Gn 10. 22; 1 Cr 1. 17. Elão era uma região além do Tigre,

(*) Em vista de várias referências encontradas nas tabletes de Tell-el-Amarna, feitas aos Habiri, guerreando contra os habitantes do ocidente da Palestina nos dias de Amenofis IV, e pela semelhança déste nome com a palavra hebraica, e a concordância essencial desta data com a data do Êxodo que o bispo Usher determinou por um estudo de fatos da Bíblia, certos escritores da atualidade inclinam-se a pensar que o Amen-hotep II, ou o Totmés IV, era o Faraó do Êxodo. As fortes objeções a esta teoria são: 1. Habiri não é a tradução natural do hebraico Ibri, palavra que começa com ain sem ponto e um i breve. Habiri é ligado etimologicamente às palavras hebraicas Heber e Habar, e, portanto, considerada pelos filólogos, como significando mais propriamente aliados. 2. Ramsés é um termo geográfico, Êx 1. 11; 12. 37, e a teoria em questão é incapaz de explicar como se podia dar isto nos dias de Amen-hotep II, ou Totmés IV, anos antes dos primeiros Ramsés subirem ao trono do Egito.

ao oriente de Babilônia, limitada ao norte pela Síria e pela Média; ao sul, pelo golfo Pérsico, ao oriente e a sudeste, pela Pérsia. Este nome se perpetua no vocábulo grego *Elymais* e no latino *Elymais*. Susa era a sua capital, nome este que deu origem ao vocábulo susiana; posto que algumas vezes, os nomes Elimais e Susiana dão-se a regiões adjacentes. Elão foi sede de um antigo império. No tempo de Abraão, Quedorlaomer, rei dos elamitas, foi reconhecido como tal pelos estados babilônicos e fez pesar seus tributos sobre a região do Jordão, Gn 14. 1-11. No oitavo e sétimo séculos antes de Cristo, quando a Assíria era poder dominante na Ásia ocidental, Elão era seu esforçado oponente, mas foi subjugado, depois de repetidas campanhas com os assírios, sob Sargom, Senaqueribe e Assurbanipal. Susa foi finalmente tomada no ano 645 A. C. Os elamitas prestaram serviços militares aos assírios, quando estes invadiram o reino de Judá, Is 22. 6. Mas antes de terminar o século, Elão foi libertado do jugo dos assírios, quando os babilônios tomaram Nínive, pondo termo ao império assírio. Quando Ezequiel profetizou a invasão do Egito por Nabucodonosor, mencionou que antes teria de haver uma mortandade nos elamitas talvez por Nabucodonosor, Ez 32. 24. Porém Elão, unindo-se com a Média, foi à conquista de Babilônia, Is 21. 2, comp. 9. A esta conquista e restauração de Elão, parece que se referem as profecias seguintes: Jr 49. 34-39; Ez 32. 24, 25. Elão foi província com a sua capital Susa, que fazia parte do império persa, Dn 8. 2; Heród, 3. 91; 4. 83; 5. 49. Quando os judeus voltaram do cativeiro de Babilônia, os elamitas que se haviam estabelecido em Samaria, unidos a outros povos, tentaram impedir a reconstrução do Templo e da cidade de Jerusalém, Ed 4. 9. Representantes deste povo acharam-se presentes no dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos, At 2. 9. Elão ou Susiana tem agora o nome de *Khusistan* e é uma das províncias da Pérsia atual.

2. Nome do quinto filho de Meselemia, levita no reinado de Davi, 1 Cr 26. 3.

3. Nome de um benjamita, filho de Sesaque, 1 Cr 8. 24.

4. Nome de um chefe de família, cujos membros em número de 1.254, voltaram do cativeiro de Babilônia com Zorobabel, Ed 2. 7; Ne 7. 12, e mais 71 vieram com Esdras, Ed 8. 7. Os representantes desta família assinaram o pacto no tempo de Neemias, Ne 10. 14.

5. Nome de outro Elão cujos descendentes, tantos quantos se mencionam sob nº 4, voltaram do cativeiro, Ed 2. 31; Ne 7. 34.

6. Nome de um sacerdote que tomou parte na dedicação do muro de Jerusalém, Ne 12. 42.

ELASA, *Deus fez.*

1. Nome de um filho de Safã, que juntamente com Gamarias, foi portador de uma carta de Jeremias para os exilados de Babilônia, Jr 29. 3.

2. Nome de um filho de Fesur que se divorciou de sua mulher estrangeira, Ed 10. 22.

3. Nome de um lugar em que se acampou Judas Macabeu, 1 Mac 9. 5, e cujas ruínas, com o nome de Ilasa, se encontram a meio caminho das duas cidades Bete-Horons.

4. Nome de um descendente de Judá por Jerameel com sangue egípcio nas veias, 1 Cr 2. 39.

5. Nome de um descendente de Saul e Jônatas, 1 Cr 8. 37; 9. 43.

ELASAR ver SINEAR

ELATE, *Terebinto, ou qualquer outra árvore.*

Nome de uma cidade do golfo *Akaba*, Dt 2. 8; 1 Rs 9. 26, situada na parte oriental do deserto de Farã, Gn 14. 6. As caravanas que transitavam entre o sul da Arábia, Egito e Fenícia, passavam por ela. A posição desta cidade era de grande importância para os exatores de tributos. Foi tomada por Quedorlaomer aos horitas, Gn 14. 6. Foi residência de um capitão de Edom, 36. 41, e ficava no limite sul de Edom, Dt 2. 8. Caiu nas mãos de Davi, 2 Sm 8. 14; comp. 1 Rs. 9. 26; 2 Cr 8. 17, passando novamente ao poder dos edomitas. O rei Ozias a reconstruiu e a entregou a Judá, 2 Rs 14. 22; 2 Cr 26. 2. Os sírios a tomaram mais tarde, e por muito tempo esteve em seu poder, 2 Rs 16. 6. Elate, que se chamava Aila e Lana no tempo da dominação grega e romana, deu nome ao golfo de *Akaba* que passou a chamar-se golfo Elamítico, por estar-se situada no extremo nordeste. Por muito tempo serviu de estação militar para uma legião romana. Serviu de sede de um bispado cristão. No tempo das cruzadas, foi várias vezes tomada e retomada. Atualmente é um montão de ruínas com o nome de *Ailah* e *Akaba*.

EL-BETEL

Nome que Jacó deu a um altar que levantou em Betel depois que voltou da Mesopotâmia, comemorando o aparecimento que Deus lhe fez em sonhos, quando fugia de Esaú seu irmão, Gn 35. 7, comp. 28. 10 e seguintes.

ELCANA, *Deus criou.*

1. Nome de um levita da família Coate dos coreus, casa de Isaar, divisão de Coré, irmão de Asir e Abiasafe, Ex 6. 24; 1 Cr 6. 23-25. Nome (2, 3 e 4) de três levitas, constantes de uma só linha genealógica: um, filho de Joel, outro filho de Maate, o terceiro, filho de Jeroboão, todos eles pertencentes à família de Coate, casa de Isaar, divisão de Coré; porém, descendiam de Abiasafe, 1 Cr 6. 36, filho de Joel; 26. 35, de Maate, 27. 34, e 1 Sm 1. 1, de Jeroboão. O último dos três residia em Ramataim, região montanhosa de Efraim, era casado com Ana e Penina e pai de Samuel, 1 Sm 1. 1; 2. 20.

5. Nome de outro corita que morou em Benjamim, por causa talvez de serem os coritas porteiros do tabernáculo, 1 Cr 9. 19, o qual se ajuntou a Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 6.

6. Nome de um porteiro, durante o reinado de Davi, 1 Cr 15. 23.

7. Nome de um alto dignitário da corte de Acaz, e o segundo abaixo dêle, 2 Cr 28. 7.

8. Nome de um levita que morou na aldeia de Netofati, 1 Cr 9. 16.

ELCOSITA

Nome de um cidadão de Elcos, ou Elcese, Na 1. 1.

É muito antiga a tradição a respeito de ser *Akush*, que fica a dois dias de viagem para o norte de Nínive, o lugar onde nasceu e foi enterrado o profeta Naum, tradição esta inteiramente ignorada pelos antigos escritores árabes e sírios, e que não pode ser reforçada pelo que se lê no seu livro. A opinião mais aceitável, porém não suficientemente provada, é que a cidade Elcese, ou Helcesei, na Galiléia, foi indicada a S. Jerônimo como sendo o local de sua antiga existência. Segundo outra tradição, conservada por Epifânio, Elcos estava situada ao sul de Begabar, que em siríaco se diz *Bêt Gabré*, isto é, *Bett Jibrin*, nas baixadas de Judá.

ELDA, *Deus chamou.*

Nome de um filho, ou de uma tribo, que descende de Madiã, relacionada com Abraão, Gn 25. 4; 1 Cr 1. 33.

ELDADE, *Deus amou.*

Nome de um ancião, escolhido com mais sessenta e nove, para assistir a Moisés no governo de Israel. Eldade e Medade, por algumas razões, não se apresentavam com os outros seus companheiros no tabernáculo, não obstante, ainda que ausentes no campo, participavam igualmente com os outros do Espírito Divino, que opera, quando e como quer. Josué, tomado de zêlo pela honra de Moisés, pediu-lhe que mandasse proibir a Eldade e a Medade as suas funções proféticas a que ele

respondeu: "Que zelos são estes que mostras por mim? Quem dera que todo o povo profetizasse e que o Senhor lhe desse o seu Espírito", Nm 11. 26-29.

ELEALE

Nome de uma cidade reconstruída pelos rubenitas, Nm 32. 3, 37, que mais tarde caiu em poder dos moabitas, Is 15. 4; 16. 9; Jr 47. 34. As suas ruínas têm o nome de el-Al, situadas no cimo de um outeiro, por onde passa a estrada romana, a 4 quilômetros de Hesebom, e constam de alguns montões de pedras e uma simples coluna em pé, segundo Tristram.

ELEAZAR, *Deus ajudou*. Latim: *Lazarus;* grego: *Lazaros*.

1. Nome do terceiro filho de Arão, Êx 6. 23; Nm 3. 2, e pai de Finéias, Ex 6. 25. Ele, seus irmãos e seu pai foram consagrados sacerdotes, Ex 28. 1; Nm 3. 4; 14. 37-40; 19. 3. Não lhes foi permitido chorar a morte de seus irmãos mais velhos, Nadabe e Abiú, castigados por haverem oferecido um fogo estranho, Lv 10. 6-20. Chegou a ser chefe dos levitas, e o segundo depois de Arão em autoridade sacerdotal, Nm 3. 32. Antes da morte de Arão no monte Hor, Eleazar que tinha subido com ele, foi investido no mesmo ofício, de sumo sacerdote, e recebeu as vestes sagradas, 20. 25-28; Dt 10. 6. Continuou no exercício sacerdotal até o fim da vida de Moisés e da chefia de Josué; e tomou parte na repartição das terras de Canaã, Js 14. 1. Foi sepultado em Gibeá, pertencente a seu filho Finéias no monte de Efraim, Js 24. 33. Este Finéias, foi seu sucessor no sacerdócio, Jz 20. 28; 1 Cr 6. 4, 50.

2. Nome de um levita da família de Merari, casa de Mali. Morrendo sem filhos, as suas filhas casaram-se com os primos, 1 Cr 23. 21, 22; 24. 28, comp. Nm 36. 6-9.

3. Nome de um filho de Abinadabe, consagrado pelos de Quiriate-Jearim para guardar a arca do Senhor, que eles haviam acolhido, vinda de Bete-Semes, 1 Sm 7. 1.

4. Nome de um dos homens fortes de Davi, filho de Dodo aoíta, 2 Sm 23. 9; 1 Cr 11. 12; comp. 17. 4.

5. Nome de um sacerdote filho de Finéias, assistente do sumo sacerdote no templo de Esdras, Ed 8. 33.

6. Nome de um filho de Faros, que foi induzido por Esdras a lançar fora sua mulher estrangeira, Ed 10. 25.

7. Nome de um sacerdote que tomou parte como músico na dedicação do muro de Jerusalém, no tempo de Neemias, Ne 12. 42.

8. Eleazar, cognominado Avarã, de origem sacerdotal, descendente de um filho de Matatias e irmão de Judas Macabeu, 1 Mac 2. 5. No combate entre Judas e os sírios em Bete-Zacarias, corajosamente avançou para as linhas inimigas, engatinhou por baixo de um elefante, cujos arreios indicavam que era montado por uma pessoa real, feriu-o no ventre, mas foi esmagado pela queda do animal, 6. 43-46.

9. Nome de um antecessor, talvez bisavô de José, esposo da virgem Maria, Mt 1. 15.

ELEFANTE

Gênero de animal com duas espécies: O *Elephas indicus*, da Índia, e o *Elephas africanus*, da África, com diversas outras já extintas. Os seus dentes fornecem o marfim, 1 Rs 10. 22. Este animal era usado na guerra, 1 Mac 1. 17; 3. 34, montado por um indiano e sobre as costas levava uma torre com três ou quatro guerreiros, 1 Mac 6. 37. Lívio fala de trinta e dois, o que é claramente um erro, Lívio, 37. 40. Os elefantes que entravam em combate obedeciam à direção de um chefe. Para animá-los na pugna, excitavam-os com vinhos, 1 Mac 6. 34; 3 Mac 5. 2.

ELEFE

Nome de uma aldeia na tribo de Benjamim, Js 18. 28. Lugar desconhecido.

EL-ELOE-ISRAEL, *Deus, o Deus de Israel*.

Nome que Jacó deu a um altar, que levantou perto de Siquém, Gn 33. 20.

ELEUTERIO, *Livre*.

Nome de um rio, 1 Mac 11. 7; Antig. 13. 4, 6, que nasce no Líbano e se lança no Mediterrâneo ao norte de Trípoli, Plínio, Hist. Nat. 5. 17, e que servia de limite entre a Palestina e a Síria, 1 Mac 12. 30; Antig. 15. 4, 1; Estrabão, 16. 2, 12. O nome atual é *Nahr el-Kebir*.

ELI, *Meu Deus*.

Uma das sete palavras proferidas na cruz por Jesus Cristo, *Eli, Eli lamma sabachthani*, quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Mt 27. 46; comp. Sl 22. 2. Em Mc 15. 34, lê-se Eloi, que em aramaico é sinônimo de Eli.

ELI, *Altura*.

Nome de um sacerdote da família de Itamar, 1 Sm 1. 9; 1 Rs 2. 27, com 1 Cr 24. 3, 6, o primeiro desta família que exerceu tais funções, Antig. 5. 11, 5; 8. 1, 3. Foi juiz de Israel, homem piedoso com aptidões especiais para seus elevados cargos. Havia, porém, grave defeito na sua vida, é que não soube corrigir o mau procedimento de seus filhos, Ofni e Finéias, sacerdotes, que desonravam o seu ministério por atos escandalosos, 1 Sm 2. 23-25, 29; 3. 13, pelo que o juízo divino contra a sua casa, foi denunciado por um profeta. Eli veria o mal cair sobre o santuário, seus descendentes morreriam na flor da idade, os seus dois filhos morreriam no mesmo dia; um sacerdote fiel o substituiria, e todo o que restasse da sua casa, viria para que se rogasse por ele, a fim de ter um bocado de pão para comer, 2. 27-36. Esta mensagem foi confirmada por uma revelação semelhante ao pequeno Samuel, a qual Eli recebeu com profunda resignação, 3. 11-18. Em breve os dois filhos de Eli, Ofni e Finéias, acompanhando a arca do Senhor, na guerra contra os filisteus, foram mortos e caiu a arca em poder dos inimigos. Ouvindo que a arca do Senhor havia sido tomada e que seus dois filhos caíram mortos no combate, o sacerdote Eli, que nesta época contava 98 anos de idade, caiu para trás da cadeira em que se assentava e morreu, 4. 1-18. Exerceu o cargo de juiz durante quarenta anos. Aquitobe foi o sucessor de Eli no cargo sacerdotal, 14. 3, porém este ofício perdeu a sua importância, durante algum tempo, por achar-se a arca em cativeiro, e o tabernáculo sem as manifestações da presença de Deus. O profeta Samuel veio a ser o juiz do povo. O juízo contra a posteridade de Eli foi executado, quando Salomão depôs o sacerdote Abiatar, que era descendente de Eli, do cargo sacerdotal, e o substituiu por Zadoque, 1 Rs 2. 35.

ELIÃ, *Deus é um da família*.

Nome do pai de Bate-Seba, 2 Sm 11. 3, que em virtude das partes constituintes deste nome, é chamado Amiel em 1 Cr 3. 5. Parece que este é o mesmo Eliã, filho de Aquitofel, um dos homens fortes de Davi, 2 Sm 23. 34.

ELIABA, *Deus escondeu*.

Nome de um dos homens fortes de Davi natural de Salaboni, 2 Sm 23. 32; 1 Cr 11. 33.

ELIABE, *Deus é pai*.

1. Nome de um dos filhos de Helom e chefe da tribo de Zabulom no deserto, Nm 1. 9; 2. 7; 7. 24, 29; 10. 16.

2. Nome de um rubenita filho de Falu e pai de Datã e Abirom, Nm 16. 1, 12; 26. 8, 9.

3. Nome de um levita, antecessor de Samuel, 1 Cr 6. 27, 28. Vide *Eliã*.

4. Nome do irmão mais velho de Davi, homem alto e de gentil presença. Quando Samuel

e viu, exclamou: "Porventura está diante do Senhor o seu ungido? E disse o Senhor a Samuel: Não olhes para o seu vulto; eu não julgo pela aparência, mas pelo que está no coração", 1 Sm 16. 6, 7; 17. 13. Seu principal defeito era desconhecer a grande alma de seu irmão Davi, 28, 29. Sua filha Abiail casou com um filho de Davi, 2 Cr 11. 18.

5. Nome de um gadita do tipo daqueles que se juntaram a Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 9.

6. Nome de um levita músico do santuário no tempo de Davi, 1 Cr 15. 20.

ELIADA, ELIADE, *Deus conhece.*

1. Nome de um dos filhos de Davi que nasceu em Jerusalém, 2 Sm 5. 16; 1 Cr 3. 8.

2. Nome do pai de Razom, de Soba, 1 Rs 11. 23.

3. Nome de um benjamita, um dos capitães de Josafá, 2 Cr 17. 17.

ELIAQUIM, *Jeová estabelece, Deus estabeleceu.*

1. Nome de um dos filhos de Josias e de sua mulher Zebida, 2 Rs 23. 34-36. Por ocasião da morte de seu pai, o povo proclamou rei a Joacaz, terceiro filho de Josias, quanto à idade. Três meses depois, Faraó Neco meteu-o a ferros e levou-o para o Egito, elevando ao trono a seu irmão mais velho, Eliaquim, que lhe mudou o nome para Joaquim, que começou a reinar pelo ano 608 A. C. quando tinha vinte e cinco anos de idade. Foi obrigado a lançar pesados tributos sobre o povo para os dar a Faraó. Apartou-se de Jeová a quem seu pai havia servido, e tornou-se idólatra. Jeremias escreveu um rolo de livro em que ameaçava o juízo de Deus contra ele, se não se arrependesse, porém, Joaquim desprezou as palavras do profeta; ouvindo a leitura de umas três ou quatro folhas do livro, cortou o rôlo com o seu canivete e lançou-o ao fogo, Jr cap. 36.

Babilônia era neste tempo a grande potência asiática. No quarto ano do reinado de Joaquim, Nabucodonosor, filho do rei de Babilônia, derrotou a Faraó Neco em Carquemis, dirigindo-se em seguida contra Jerusalém. Joaquim ficou sendo seu servo durante três anos, 2 Rs 24. 1; Jr 46. 2; Dn 1. 1, 2, e ao depois se rebelou contra ele. Outras perturbações caíram sobre o reino. Os sírios, os moabitas e os amonitas fizeram incursões em várias partes do reino, e bem assim, bandos de caldeus que Nabucodonosor havia despachado ao saber da revolta de Joaquim, 2 Rs 24. 2.

O próprio rei de Babilônia entrou em Jerusalém, prendeu o rei Joaquim para conduzi-lo a Babilônia carregado de ferros, 2 Cr 36. 6, metido em uma gaiola, Ez 19. 5-9, levado à presença do rei que se achava no campo em Jerusalém. O propósito de enviá-lo para Babilônia foi abandonado. Ele morreu ou foi assassinado, e o seu corpo teve a sepultura do asno, e lançado fora das portas de Jerusalém, Jr 22. 19; 36. 30; Antig. 10. 6, 3. Reinou onze anos. Teve como sucessor a seu filho Joaquim, 2 Rs 23. 36; 24. 6.

2. Nome de um dos antecessores de Cristo que viveu antes do cativeiro, descendente de Davi, Lc 3. 30, 31.

3. Nome de um dos filhos de Helcias, mordomo mor da casa do rei Ezequias. Foi ele um dos três que saíram a conferenciar com Rabsaqué em nome do rei, 2 Rs 18. 18, 26, 37; Is 36. 3, 11, 22. Estes três foram enviados ao profeta Isaías para levarem a resposta de Rabsaqué, para que êle pedisse a intervenção divina nesta grande crise, 2 Rs 19. 2; Is 37. 2. De tal modo o profeta Isaías fala de Eliaquim que pode bem servir de um tipo do Messias, Is 22. 20-25.

4. Nome de um dos filhos de Josias a quem Faraó Neco fez rei, mudando-lhe o nome para Joaquim, 2 Rs 23. 34; 2 Cr 36. 4.

5. Nome de um dos sacerdotes que oficiaram na dedicação do muro de Jerusalém, Ne 12. 41.

6. Nome de um dos descendentes de Zorobabel, antecessor de Cristo, Mt 1. 13.

ELIAS, *Jeová é o meu Deus.*

1. Nome de um dos maiores profetas do Antigo Testamento; supõe-se ter nascido em Tisbete de Galiléia, e por isso cognominado tesbita, não obstante ser dos habitantes de Galaade, 1 Rs 17. 1. Era homem peludo, que andava cingido sobre os rins com uma cinta de couro, 2 Rs 1. 8; 1 Rs 19. 13. Quando Acabe, influenciado por sua mulher Jezabel, natural de Tiro, deu-se à idolatria, adorando a Baal, Elias aparece repentinamente em cena; apresenta-se diante de Acabe e prediz a grande seca que ia assolar indefinidamente o seu reino em castigo da sua apostasia. Em conseqüência da fome, o Senhor o mandou para a banda do oriente a esconder-se ao pé da torrente de Carite, onde foi sustentado pelos corvos. Quando a torrente secou, foi ele para Sarepta na costa do Mediterrâneo ao norte de Tiro. Uma pobre viúva repartiu com ele o seu último pão. Em recompensa, o Senhor fez durar até o fim da fome, a farinha que nunca se esgotou e o azeite da almotolia, que sempre durou. Ainda mais: quando o filho da pobre viúva morreu, o profeta restaurou-lhe a vida, orando a Deus, 1 Rs 17. 1-24; Lc 4. 24-26. Muito tempo depois, no terceiro ano, 1 Rs 18. 1; Lc 4. 25; Tg 5. 17. Elias apresentou-se a Acabe, por ordem do Senhor. Seguiu-se a cena do Monte Carmelo. Os profetas de Baal tentaram em vão demonstrar a divindade do seu deus. Elias reúne o povo em tôrno do altar que havia refeito, tomou doze pedras, simbolizando o número das tribos e como reprovação divina à divisão do reino, pôs sobre ele a vítima, e para afastar qualquer idéia de fraude, mandou despejar água em volta do altar. Depois clamou ao Senhor. Caiu fogo do céu que consumiu o sacrifício e destruiu o altar. Dêste modo Jeová atestou a sua existência e o seu poder. Os profetas de Baal foram levados à torrente de Cisom e ali mortos, por ordem de Elias, 1 Rs 18. 1-40; comp. Dt 17. 2-5; 13. 13-16.

O povo reconheceu a Jeová e obedeceu ao seu servo Elias. O favor divino se manifestou na pequena nuvem que se levantou do mar, precursora da grande chuva. E a mão do Senhor foi sôbre Elias, e tendo-se cingido os rins, corria adiante de Acabe até chegar a Jezrael, 41-46. Jezabel, enfurecida pela matança dos profetas de Baal, decretou a morte de Elias, que se escondeu no Monte Horebe. Ali, como Moisés, foi miraculosamente sustentado por quarenta dias e quarenta noites, Ex 24. 18; 34. 28; Dt 9. 9-18; 1 Rs 19. 8, sombra de igual incidente da vida de Jesus, Mt 4. 2; Lc 4. 2. Ali o Senhor o repreendeu pelo seu desânimo e o mandou retroceder para ungir a Hazael em rei da Síria e a Jeú em rei de Israel para serem ambos os instrumentos de sua justiça. Elias lançou a sua capa sobre Eliseu que o substituiu no ofício de profeta, 1 Rs 19. 1-21. Jezabel promoveu judicialmente a morte de Nabote para se apoderar da sua vinha. Elias foi ao encontro de Acabe, quando este ia a tomar posse da vinha e disse-lhe "Eis-aqui o que diz o Senhor: no lugar em que os cães lamberam o sangue de Nabote, lamberão eles também o teu sangue", 21. 1-29. A morte de Acabe na batalha de Ramote de Galaade foi o princípio do juízo que Elias havia proferido contra a casa do rei, 22. 1-40.

Depois da morte de Acabe, Ocozias, seu filho e sucessor, caiu pelas grades de um quarto alto que tinha em Samaria e adoeceu gravemente; em conseqüência disto, mandou mensageiros para consultar a Beelzebu, deus de Acarom se podia convalescer da sua moléstia. Elias saiu ao encontro dos mensageiros do rei e lhes perguntou: "Acaso não há Deus em Israel para vós irdes consultar a Beelzebu, deus de Acarom?" e fê-los voltar do caminho. O rei por duas vezes mandou uma força de cinqüenta homens para levar prêso a Elias, ambas as quais foram consumidas por um fogo do céu. O terceiro capitão com cinqüenta homens, foi poupado, e Elias o acompanhou à presença do rei, 2 Rs 1. 1-16. Finalmente, o profeta al-

cançou uma honra igual à que antes foi concedida a Enoque, Gn 5. 24, de ser trasladado ao céu sem ver a morte. Um carro e cavalos de fogo apareceram-lhe quando ia com Eliseu para o oriente do Jordão e, separando um do outro, tomou a Elias e o levou para o céu em um redemoinho, 2 Rs 2. 1-12. Este fato ocorreu pouco antes de Jorão, rei de Israel, subir ao trono, 2 Rs, 2; comp. 1. 18 e 3. 1, e no reinado de Josafá rei Judá (3. 11). Elias escreveu uma carta a Jorão, quando ainda co-regente com Josafá, denunciando o juízo de Deus, não só pelos pecados cometidos durante a vida de Josafá, mas também pelo assassínio que ele fez depois da morte de Josafá, 2 Cr 21. 12; comp. 13, 14. Se a trasladação de Elias se deu no tempo indicado, foi durante a sua vida que ele profetizou sobre os atos futuros de Jorão, justamente como havia feito acerca dos atos de Hazael e Jeú, 1 Rs, 19. 15-17. Menos de acôrdo com a linguagem do cap. 3. 11 é a explicação que se pretende dar, dizendo que a trasladação está no lugar em que deve estar, 2 Rs, simplesmente para completar a narrativa de sua atividade pública, e que Elias ainda vivia quando Eliseu estava com o exército de Josafá na parte sul de Judá, e quando Jorão era o único rei. Os últimos dois vv. do Antigo Testamento predizem que Deus mandará o profeta Elias antes que venha o dia grande e horrível do Senhor, Ml 4. 5, 6. O Novo Testamento explica que a referência é feita a João Batista que, semelhante ao Tesbita, era humilde e despretensioso, Mt 3. 4; Mc 1. 6, e fiel à sua missão, segundo o testemunho do próprio Jesus, Mt 11. 11-14; 17. 10-12; Mc 9. 11-13; Lc 1.17. Há outros que são de parecer que, conquanto João aBtista se pareça em espírito e em poder ao profeta Elias, este ainda virá pessoalmente antes da segunda vinda de Cristo. Elias apareceu no Monte da Transfiguração como representante dos profetas do Antigo Testamento para prestar honras a Jesus, à sua doutrina e profetizar a sua ascensão que se havia re cumprir em Jerusalém, Mt 17. 4; Mc 9. 4; Lc 9. 30. Este fato não tem analogia alguma com a história de João Batista. Os milagres obrados durante o ministério do profeta Elias, pertencem ao segundo período dos quatro períodos de milagres da história da redenção, período de vida e morte, de lutas, entre a religião de Jeová e culto de Baal, quando o povo do norte de Israel voltou à fé de seus pais e todas as outras questões de menor importância foram postas de lado.

2. Nome de um benjamita, filho de Jeroão residente em Jerusalém, 1 Cr 8. 27.

3. Nome de um sacerdote, filho de Harim, que concordou em lançar fora sua mulher gentia, Ed 10. 21.

4. Nome de um israelita que se divorciou de sua mulher gentia por ordem de Esdras, Ed 10. 26.

ELIASAFE, *Deus acrescentou.*

1. Nome de um príncipe da tribo de Gade no deserto, Nm 1. 14; 2. 14; 7. 42.

2. Nome de um levita, filho de Lael, e príncipe dos gersonitas no deserto, Nm 3. 24.

ELIASIBE, *Deus restaurou.*

1. Nome do antecessor de que a undécima classe sacerdotal tomou o nome, 1 Cr 24. 12.

2. Nome de um levita e cantor a quem Esdras induziu a lançar fora a sua mulher estrangeira, Ed 10. 24.

3 e 4. Nome de dois homens, um filho de Zetua, e outro filho de Vania, a quem igualmente Esdras induziu a lançar fora suas mulheres estrangeiras, Ed 10. 27, 36.

5. Nome do sumo sacerdote, o segundo sucessor de Josué, Ne 12. 10. Viveu nos tempos de Neemias e juntamente com os sacerdotes, reconstruiu a Porta das Ovelhas de Jerusalém, 3. 1, 20, 21. Na qualidade de sumo sacerdote, é quem distribuía as câmaras do templo, como entendia, 3. 1, 21. Era aliado pelo casamento com Tobias amonita, e seu neto era genro de Sanabalá, Ne 13. 4, 28. Pouco escrupuloso quanto à separação dos gentios, ele próprio designou um quarto no templo para habitação de Tobias (5).

6. Nome de um filho de Eliocnai descendente de Zorobabel, 1 Cr 3. 24.

ELIATA, *Deus veio.*

Nome de um dos filhos de Hemã, e músico no reinado de Davi, 1 Cr 25. 4.

ELICA

Nome de um dos homens fortes de Davi, natural de Harodi, 2 Sm 23. 25.

ELIDADE, *Deus amou.*

Nome de um príncipe da tribo de Benjamim no tempo em que os israelitas se achavam acampados em Sitim, nas vésperas de entrarem na terra prometida. Fez parte da comissão encarregada de dividir a terra pelas tribos, Nm 34. 21.

ELIEL, *Deus é Deus.*

1. Nome de um levita filho de Coate e um dos antecessores do profeta Samuel, 1 Cr 6. 34.

2. Nome de um dos homens fortes de Davi, natural de Maumi, 1 Cr 11. 46.

3. Nome de outro dos heróis de Davi, v. 47.

4. Nome de um dos gaditas que foram reunir-se a Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 11.

5. Nome de um levita, filho de Hebrom, que viveu nos tempos de Davi 1 Cr 15. 9, 11.

6. Nome de um benjamita, filho de Semei, 1 Cr 8. 20.

7. Nome de outro benjamita filho de Sesaque, 1 Cr 8. 22.

8. Nome de um príncipe da meia tribo de Manassés, 1 Cr 5. 24.

9. Nome de um dos superintendentes dos celeiros, onde se recolhiam os dízimos e as primícias no reinado de Ezequias, 2 Cr 31. 13.

ELIENAI, *Meus olhos estão em Jeová.*

Nome de um benjamita, filho de Simei, contração do nome Elionai, 1 Cr 8. 20.

ELIEZER, *Deus é auxílio.*

1. Nome de um homem de Damasco, mordomo de Abraão, Gn 15. 2; comp. 24. 2.

2. Nome do filho mais moço de Moisés, Ex 18. 4; 1 Cr 23. 15, 17.

3. Nome de um benjamita, da família de Becor, 1 Cr 7. 8.

4. Nome de um filho de Zicri, comandante dos rubenitas no reinado de Davi, 1 Cr 27. 16.

5. Nome de um sacerdote que tocou a trombeta diante da arca no reinado de Davi, 1 Cr 15. 24.

6. Nome de um profeta, filho de Dodá de Maresa, que profetizou o naufrágio das naus de Josafá, por se ter aliado com Ocozias, 2 Cr 20. 37.

7. Nome de um dos homens que Esdras enviou à procura de levitas entre os que voltaram do cativeiro, tendo encontrado apenas alguns poucos, Ed 8. 16.

8, 9 e 10. Nome de três homens, um sacerdote, outro levita e outro filho de Herém, aos quais Esdras induziu a lançar fora as suas mulheres estrangeiras com que se haviam casado, Ed 10. 18, 23, 31.

11. Nome de um antecessor de Cristo que vivia entre o tempo de Davi e o cativeiro, Lc 3. 29.

ELIFAL, *Deus julgou.*

Nome de um dos homens fortes de Davi e filho de Ur, 1 Cr 11. 35. Parece ser o mesmo Elifelete, filho de Aasbai, 2 Sm 23. 34.

ELIFAZ, *Deus é forte.*

1. Nome de um dos filhos de Esaú, de sua mulher Ada, Gn 36. 4.

2. Nome de um dos amigos de Jó, natural de Temã, Jó 2. 11; 4. 1; 15. 1; 22. 1; 42. 7, 9, talvez filho de Elifaz nº 1, que teve um filho com este nome, Gn 36. 11.

ELIFELETE, ELPELETE, *Deus é livramento.*

1. Nome de um filho de Davi, nascido em Jerusalém, 1 Cr 14. 5.

2. Nome de outro filho de Davi, nascido também em Jerusalém, talvez depois da morte do primeiro do mesmo nome, 2 Sm 5. 16; 1 Cr 3. 8; 35. 7.

3. Nome de um filho de Aasbai e um dos homens fortes de Davi, 2 Sm 23. 34. Tem o nome de Elifal em 1 Cr 11. 35.

4. Nome de um dos descendentes de Jônatas e de Saul, 1 Cr 8. 39.

5. Nome de um filho de Adonicão. Voltou do cativeiro em companhia de Esdras, Ed 8. 13.

6. Nome de um filho de Hasom, induzido por Esdras a deixar sua mulher estrangeira, Ed 10. 33.

ELIFELEU, *Deus é excelente.*

Nome de um levita, cantor e harpista e também porteiro, quando Davi levou a arca da casa de Obede-Edom, 1 Cr 15. 18, 21.

ELIM, *Lugar de árvores sempre verdes.*

Nome do segundo acampamento dos israelitas, depois da passagem do Mar Vermelho. Ficava entre Mara e o deserto de Sim, e tinha doze fontes de água e setenta palmeiras, Êx 15. 27; 16. 1; Nm 33. 9, 10. Dois vales, o *Gurundel* e o *Useit*, ou *Wuseit*, disputam a honra de representar a antiga Elim. O primeiro destes vales tem mais águas, e por isso, tem mais direitos à sua pretensão. Ambos são adornados de variada vegetação, em contraste com o deserto vizinho, constando de palmeiras, tamareiras e acácias.

ELIMAS (Nome que parece derivado do arábico *Alim*, que quer dizer sábio).

Nome de um impostor judaico também chamado Barjesus, que significa filho de Jesus, ou de Josué, que pretendia predizer o futuro por meio de feitiçaria. O apóstolo S. Paulo encontrou-se com ele em Pafos, cidade da ilha de Chipre, quando fazia a sua primeira viagem missionária. Este Elimas pretendia apartar da fé a Sérgio Paulo, procônsul da ilha, que parecia disposto a aceitar as doutrinas de Cristo. O apóstolo repreendeu-o severamente e feriu-o de cegueira. Com este milagre o procônsul rendeu-se à fé. At 13. 6-12.

ELIMELEQUE, *Deus é rei.*

Nome de um homem de Belém de Judá, marido de Noemi, Rt 1. 2, 3.

ELIOENA, *Meus olhos estão postos em Jeová.* Forma hebraica de uma legítima variante de Elioenai.

1. Nome de um descendente de Simeão, 1 Cr 4. 36.

2. Nome de um benjamita da família de Bela, 1 Cr 7. 8.

3. Nome de um levita, 1 Cr 26. 3.

4 e 5. Nome de dois hebreus cada um dos quais se divorciou de sua mulher gentia, Ed 10. 27.

6. Nome de um homem de Judá, descendente de Sequenias, 1 Cr 3. 23, 24.

ELIOENAI, *Meus olhos estão em Jeová.*

1. Nome de um corita, porteiro, filho de Meselemia, 1 Cr 26. 3.

2. Nome de um filho de Zaree, que com 200 homens acompanhou Esdras de Babilônia para Jerusalém, Ed 8. 4.

ELIOREFE, *Deus é uma recompensa.*

Nome de um dos secretários de Salomão, 1 Rs 4. 3.

ELISÁ

Nome dos descendentes de Javã, tomados coletivamente, que habitavam o país de Elisá, Gn 10. 4. Era uma região marítima que exportava linho fino, jacinto e púrpura, Ez 27. 7. Várias são as explicações para elucidar esta designação, sendo Helas, Elis, Eolis, Itália e Cartago. Objeções filológicas pesam contra as quatro primeiras palavras, além de que não se pode provar que Cartago, em qualquer tempo, tivesse o nome de Elisá, além de que, esta cidade estava situada na África, Alásia, cujo rei trocou correspondência com os faraós da décima oitava dinastia egípcia, parece, a muitos, ser o lugar da antiga Elisá, país mui vizinho da Cilícia, identificação esta muito recomendável.

ELISAFÁ, *Deus escondeu.*

1. Nome de um filho de Oziel e príncipe dos coatitas no deserto, Êx 6. 18, 22; Nm 3. 30. Ajudou a remover os corpos de Nadabe e Abiúde para fora dos campos, Lv 10. 4.

2. Nome de um filho de Farnaque e príncipe da tribo, de Zabulom no deserto Nm. 34. 25.

ELISAFATE, *Deus julgou.*

Nome de um dos capitães que auxiliaram Jojada na revolta contra Atalia, 2 Cr 23. 1.

ELISAMA, *Deus ouviu.*

1. Nome de um filho de Amiúde, príncipe em Efraim, quando se começou a viagem pelo deserto, Nm 1. 10; 2. 18, e antecessor de Josué, 1 Cr 7. 26.

2. Nome de um homem de Judá, descendente de Jerameel e de Sesã, 1 Cr 2. 34, 41.

3. Nome de um dos filhos de Davi, nascido em Jerusalém, 1 Cr 3. 6.

4. Nome de outro filho de Davi, 2 Sm 5. 16; 1 Cr 3. 8.

5. Nome de um sacerdote a quem o rei Josafá enviou em comissão para instruir as cidades de Judá, 2 Cr 17. 8.

6. Nome de um príncipe e escriba no reinado de Joaquim, Jr 36. 12, 20, 21, e provavelmente o mesmo Elisama, avô de Ismael, de sangue real, que matou a Gedalias, governador da Judéia no tempo do domínio babilônico, 2 Rs 25. 25; Jr 41. 1.

ELISEBA, *Deus é Juramento.*

Nome de uma filha de Aminadabe e irmã de Naassom. Veio a ser mulher de Arão e mãe de Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar, Êx 6. 23.

ELISEU, *Deus é salvação.*

Nome de um dos dois grandes profetas do período mais antigo da história dos israelitas, que exerceram o seu ministério ao norte do reino.

Era filho de Safate, habitava em Abel-Meolá do vale do Jordão e pertencia a uma família plebéia. Achava-se dirigindo um dos arados nas lavouras de seu pai, com doze juntas de bois, quando Elias o encontrou e lançou sôbre ele a sua capa, 1 Rs 19. 6, 19.

Eliseu compreendeu bem a significação deste ato; foi à sua casa despedir-se dos seus, e voltou a seguir o profeta, 19-21. Quando Elias passou além do Jordão para ser trasladado ao céu, conservou a Eliseu perto de si, e perguntou-lhe: "Que queres que eu te alcance antes de partir?" E Eliseu respondeu: "Peço-te que seja dobrado em mim o teu espírito." Viu o carro de fogo que o separou do seu mestre, e tomando a capa que havia caído dos ombros de Elias, lançou-a sobre as águas do Jordão, as quais se abriram, dando passagem a Eliseu para a margem ocidental do rio, 2 Rs 2. 1-18. A vida deste profeta foi assinalada por uma série de milagres que revelavam sabedoria e poder, operados em nome do Senhor. Seus milagres pertencem ao segundo grupo dos milagres da história da redenção; ocorreram em um tempo em que a religião de Jeová se achava em luta renhida contra o culto de Baal. O efeito de tais milagres tinha por fim acreditar o profeta, e provar que Jeová era o Deus vivo. O poder miraculoso de Eliseu era exercido em larga escala, com o Cristo, sempre em benefício dos que sofriam. Em nome do Senhor curou as águas amargas de Jericó, 19-22. Ainda em nome de Jeová amaldiçoou a uns meninos que o motejavam, dos quais quarenta e dois foram despedaçados por uns ursos saídos de um bosque, 23-25. Predisse o resultado de uma expedição contra Moa-

be, 3. 11-27; fez multiplicar o azeite na casa de uma viúva, 4. 1-7, predisse à sulamita o nascimento de um filho e por meio de oração, restaurou a vida a este mesmo menino, ferido pela morte, 8-37.

Por sua intervenção miraculosa, foi sanado o perigo que ameaçava a vida de muita gente que se ia alimentar com umas papas venenosas, 38-41.

Com vinte pães de cevada e trigo novo, alimentou a cem homens, 42-44; mandou que Naamã se banhasse no Jordão para curar-se da lepra, 5. 1-19, doença que se transferiu para Geazi, seu criado, como castigo à cobiça deste, 20-27; fez flutuar um machado que havia caído no rio, 6. 1-7; revelou ao rei de Israel os movimentos e intenções dos sírios que ameaçavam a pátria, 8-12. Fazendo oração, o Senhor abriu os olhos de seu criado para ver os cavalos e carros de fogo que o defendiam contra o inimigo, 13-17. Feriu de cegueira os sírios que haviam sido enviados para o prender, 17-23. Denunciou que um mensageiro, vindo da parte do rei de Israel, estava à porta para tirar-lhe a vida, 6. 32, 33. Profetizou que a fome de Samaria havia de ser sanada com abundância imediata de provisões a preço diminuto, 7. 1-20. Avisou a Benadade, rei da Síria, que a sua morte se avizinhava, 8. 7-15. Profetizou o aniquilamento da casa de Acabe e enviou um jovem profeta a ungir como rei a Jeú para exercer os juízos denunciados contra a casa de Acabe (cap. 9 até cap. 10. 28). Predisse as três vitórias contra os sírios, 13. 14-19. Finalmente, depois de morto, um cadáver lançado na sua sepultura, logo que tocou os ossos do profeta, ressuscitou e se levantou sobre os pés, 20, 21.

ELISUA, *Deus é salvação.*

Nome de um dos filhos de Davi, nascido em Jerusalém, 2 Sm 5. 15; 1 Cr 14. 5. Elisama aparece em posição correspondente na terceira lista dos filhos de Davi, 1 Cr 3. 6. Pela leitura de outros catálogos, e uma vez que o nome Elisama, também figura entre os netos de Davi, mencionados em outras três listas, é razoável acreditar que o nome Elisama, em 1 Cr 3. 6, é o mesmo Elisua.

ELISUR, *Deus é um rochedo*

Nome de um príncipe dos rubenitas no deserto, Nm 1. 5; 2. 10.

ELI�ú, *Ele é Deus.*

1. Nome de um efraimita, filho de Toú, antecessor do profeta Samuel, 1 Sm 1. 1, chamado também Eliabe e Eliel em 1 Cr 6. 27, 34.

2. Nome do irmão mais velho de Davi, também chamado Eliabe, comp. 1 Sm 16. 6 com 1 Cr 27. 18.

3. Nome de um membro da tribo de Manassés, que juntamente com outros, se uniu a Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 20.

4. Nome de um dos porteiros no reinado de Davi, da família de Obede-Edom, 1 Cr 26. 7.

5. Nome de um dos amigos de Jó, filho de Baraquel de Buz, Jó caps. 32 a 37.

ELIUDE. Nome talvez derivado do hebraico *Eliyehud, Deus de Judá* ou *dos judeus;* e que não se encontra no Antigo Testamento.

Filho de Eliacim e pai de Eleazar, na linha genealógica de Jesus Cristo, Mt 1. 14, 15.

ELMADÃ

Nome de um dos antecessores de Cristo, Lc 3. 28.

ELNAÉM, *Deus é alegria.*

Nome do pai de certo homem valente do exército de Davi, 1 Cr 11. 46.

ELNATÃ, *Deus tem dado.*

1. Nome do pai de Neusta, mãe do rei Joaquim, 2 Rs 24. 8. Morava em Jerusalém, podendo ser o mesmo Elnatã, filho de Acobor, referido em Jr 26. 22; 36. 12, 25.

2, 3 e 4. Nomes de três levitas; os dois primeiros eram chefes e o terceiro era pessoa de entendimento, que Esdras enviou ao afluente do rio Aava, Ed 8. 16.

ELPAAL, *Deus é uma recompensa.*

Nome de um homem de Benjamim, filho de Mebusim e chefe de uma família, 1 Cr 8. 11, 12, 18.

ELOM, *Carvalho ou terebinto.*

1. Nome de um heteu, cuja filha se casou com Esaú, Gn 26. 34; 36. 2.

2. Nome de um filho de Zabulom e fundador de uma família tribal, Gn 46. 14; Nm 26. 26.

3. Nome de um zabulonita que julgou a Israel por dez anos, sendo sepultado em Zabulom, Jz 12. 11, 12. (Nesta passagem Figueiredo diz Aialom).

4. Nome de uma aldeia da tribo de Dã, Js 19. 43. Não identificada.

ELTECOM, *Deus é firmeza.*

Nome de uma aldeia na região serrana de Judá, Js 15. 59. Não identificada.

ELTEQUE, *Deus é um terror.*

Nome de uma cidade de Dã, destinada aos levitas, Js 19. 44; 21. 23, mencionada nos registos de Senaqueribe, juntamente com Timna e Ecrom. No ano 701 A. C. Senaqueribe destruiu esta cidade e nas suas vizinhanças deu-se a batalha decisiva entre assírios e egípcios. Ainda não está bem identificada.

ELTOLADE, *Raça.*

Nome de uma cidade no extremo sul de Judá, Js 15. 30, partilhada à tribo de Simeão, 19. 4. Em 1 Cr 4. 29 é chamada simplesmente Tolade, pela omissão do El, que é o artigo arábico. Não identificada.

ELUL

Nome do sexto mês do ano, correspondente ao nosso mês de setembro, Ne 6. 15; 1 Mac 14. 27.

ELUZAI, *Deus é minha fortaleza.*

Nome de um dos valentes de Davi que a ele se uniu em Ziclague, 1 Cr 12. 5.

ELZABADE, *Deus tem outorgado.*

1. Nome de um dos valentes gaditas que se ajuntou a Davi, 1 Cr 12. 12.

2. Nome de um levita da família de Obede-Edom, e porteiro da casa do Senhor, 1 Cr 26. 7.

EMANUEL, *Deus conosco.*

Filho de uma virgem, Is 7. 14. Antes de nascer, ou por ocasião de seu nascimento, deram-se acontecimentos históricos que justificam o nome "Deus conosco." Antes de chegar à idade de dois anos, a terra do norte de Israel e Damasco seria desamparada da presença de seus reis, e um castigo sem igual viria sobre Judá, Is 7. 16, 17. Nos anos seguintes, ele, o Emanuel, comerá os produtos da terra que havia sido devastada pelas nações, vv. 15, 18 e seguintes. Isaías tinha em mente aquêle Filho de Davi, sobre o qual, as profecias se concentravam: 1. Anuncia o nascimento de um filho, não simplesmente o nascimento de um menino. 2. Nesta profecia, refere-se à casa de Davi, visto Deus ter rejeitado o sucessor de Davi que então ocupava o trono. 3. Baseado na interpretação natural do cap. 8. 8, que previamente anuncia o nome Emanuel pelo qual seria chamado o filho, justifica o emprêgo do pronome da segunda pessoa da cláusula precedente, e oferece uma transição fácil para o v. seguinte. Emanuel é nome de uma pessoa, natural da terra de Judá, suficientemente grande para ser descantado como representante daquela terra de que se falava como sendo a terra de Emanuel, personagem de grande poder, vencedor dos povos das terras de longe, v. 9. 4. Este nome não se apaga na mente do profeta, como se vê no cap. 9. 6, 7 e cap. 11. 1, cujas palavras se

combinam perfeitamente com as do cap. 7. A idéia messiânica desperta neste período da história. 5. O emprego do artigo, em conexão com o nome da virgem, explica-se mui naturalmente. Isaías emprega-o para designar uma donzela, que não era conhecida por nenhum nome, mas que era anunciada para ser a mãe do Messias, comp. Mq 5. 3. 6. Um olhar retrospectivo, revela-nos que esta era a mente do Espírito Santo, Mt 1. 22. 23.

O profeta está pensando em um filho de Davi que se havia de manifestar algum dia. Não se referia ao nascimento de Ezequias, nem que este seria o Messias, porque: 1. Ezequias já era nascido. A profecia tem a data de 734 A. C. e Ezequias já ocupava o trono em 727. 2. Após o lapso de um ano, quando ainda Ezequias era moço, o profeta continua ainda a olhar para o futuro, falando da raiz de Jessé, que brotaria da terra. 3. Ezequias não se alimentaria de manteiga e mel; os processos que se seguiriam à expoliação da terra, só começaram no tempo de Ezequias. Se os vv. 18-25, do cap. 7, fazem parte da profecia. "a mosca do Egito" não viria sobre Judá nos tempos de Ezequias. A linguagem do v. 17 indica uma época de futuro remoto; dias tais como não se encontram nos tempos de Acaz.

Emanuel era um sinal. Acaz não viveu o tempo suficiente para ver a idade madura de um infante, nascido naquela época, porque este rei faleceu antes da queda de Samaria em 722. Não chegou a ver a "terra desamparada" de que fala o v. 16. Emanuel não era um sinal para obrigar-nos a crer em Acaz, como sendo o Messias. Semelhante a muitos outros sinais do Antigo Testamento, reclamava a confiança na realização futura dos acontecimentos anunciados, Ex 3. 12.

O nascimento, a infância e a mocidade do Messias, são descritos como atualmente passando pela imaginação do profeta. Não se pode concluir que ele concebesse os fatos como realizados no seu tempo, porque não tendo o Messias aparecido dentro de um ano, o profeta não manifesta nenhuma surpresa, não perde a fé no cumprimento das promessas anunciadas, continua em sua atividade, faz novas revelações acerca de Emanuel e continua a merecer a confiança dos seus compatriotas. Isaías teria ainda de indagar quando e de que modo se cumpririam as profecias ditadas pelo Espírito que nele habitava.

A promessa do livramento imediato, anunciado nos vv. 3-11 do cap. 7, é confirmada por um apêlo para um acontecimento que poderia ocorrer mais dia menos dia. Porém, se havia de ser já, ou em época remota, não se poderia determinar, porque dependia do livramento prometido a Acaz. A promessa de Deus já feita, 2 Sm 7. 11-17, que o Messias viria da casa de Davi, era um sinal que incluia a casa de Acaz, e que os planos de Razim e de Peca para destruir o reino, e instituir o novo governo, falhariam por completo, Is 7. 13, 14. Quanto mais longe estava o nascimento do Messias, mais certa a garantia para a continuação do reino de Judá na família de Davi.

O nascimento e a infância de Emanuel, servia de medida, para avaliar a realização dos acontecimentos preditos.

Contemplava o seu nascimento, no qual tinha a garantia da existência contínua de Judá e de seu livramento como se já o visse muito próximo.

Não sabia os tempos nem os momentos, porém isto lhe fôra revelado para servir de sinal ao povo, que se realizaria, em um tempo de breve futuro.

"Porque antes que o menino saiba rejeitar o mal e escolher o bem, a terra que tu detestas será desamparada. No período da existência em que as faculdades morais de um indivíduo se amadurecem, ele, o rebento da casa real de Judá, habitará em uma terra devastada." Qualquer criança poderia servir de medida de tempo, mas o menino escolhido para isso é o Messias, porque a profecia de livramento se baseia nas promessas centralizadas nele.

Meçamos o tempo. 1. Antes de Jesus atingir a idade, quando as faculdades morais amadurecem, o reino de Israel estava desolado.

De fato, antes que um menino que nascesse no ano em que se deu o encontro de Isaías com Acaz, pudesse chegar a conhecer o bem e o mal, já a terra do norte estava desolada. O encontro deu-se em 734 A. C. Em 722, Damasco e o distrito governado por ele, havia sido devastado pelos assírios; as duas tribos e meia de Israel, situadas ao oriente do Jordão, haviam sido levadas para o cativeiro; Samaria em mãos do inimigo e a maior parte de seus habitantes, deportados. Acaz viu o princípio mas não chegou a ver o fim. A casa de Davi, porém, foi até lá; as coisas tiveram o seu curso. Dentro de 65 anos, Efraim havia perdido a sua existência política. E quando Cristo apareceu, as dez tribos não mais ocupavam a terra de seus pais. 2 Nos tempos em que as faculdades morais chegassem à maturidade, Acaz tinha ido para Damasco prestar homenagens ao rei dos assírios, reconhecendo que Judá era tributário daquele país. Daqui em diante, excetuando pequenos intervalos, se tornou sujeito ao domínio estrangeiro dos grandes impérios. Judá lutava pela sua independência, mas sempre visitado pelo jugo estrangeiro das grandes potências. A sua nacionalidade não desapareceu e a família real não foi esquecida; mas, geralmente falando, não tinha autonomia. Quando apareceu Cristo, Judá ainda estava sob o jugo estrangeiro. Em outras palavras, todos os processos vaticinados por Isaías começaram a cumprir-se no tempo de Acaz, completando-se com o aparecimento de Cristo.

EMAUS

1. Nome de uma aldeia situada a 60 estádios de Jerusalém (11 quilômetros aproximadamente), distância esta que facilmente poderia ser vencida, caminhando a pé, entre a hora de jantar e a refeição da tarde, Lc 24. 13, 29, 33; comp. Mc 16. 14; Jo 20. 19. "Vespasiano aquartelou 800 veteranos em Emaús, distante 60 estádios de Jerusalém" (Guerras, 7. 6, 6). *Kubeibeh*, que significa pequena casa, situada a 12 quilômetros a noroeste de Jerusalém, pela estrada romana, foi mostrada aos cruzados como sendo o antigo lugar de Emáus. Nas suas vizinhanças havia uma cidade chamada Amosa. O Talmude afirma que Amosa é a mesma Colônia, Js 18. 26. A cinco quilômetros de *Kubeibeh* está a cidade de *Kulonieh* (Colônia) que dista de Jerusalém cerca de 7 quilômetros, conforme a estrada que for tomada. Provavelmente o lugar da antiga Emaús deve encontrar-se em *Kubeibeh* ou em *Kulonieh*, ou entre ambas. A tradição, desde os tempos dos cruzados, é em favor da primeira destas cidades. A colônia romana dada para Emaús deve ter emprestado o seu nome a uma aldeia situada na parte sul de seus domínios. Conder dá as ruínas de *Khamaseh* a 15 quilômetros a sudoeste de Jerusalém como sendo o local da antiga aldeia judaica. A distância poderá convir-lhe, mas o nome não se conforma. Raras vezes a aspiração branda que aparece na forma grega da palavra Emaús, representa o *h* fortemente gutural do idioma árabe.

2. Nome de uma cidade murada distante 160 estádios, cerca de 30 quilômetros, a oeste de Jerusalém, por uma estrada circular dos romanos, 1 Mac 3. 40; 9. 50; Guerras, 2. 20, 4. Agora tem o nome de *Amwas*.

EMBALSAMAR

Processo empregado para conservar os cadáveres por meio de especiarias odoríferas. Os hebreus algumas vezes embalsamavam os cadáveres, Gn 50. 2, 26; comp. 2 Cr 16. 14; Jo 19. 30. A arte de embalsamar era praticada pelos egípcios desde tempos muito remotos. Os embalsama-

dores formavam numerosa corporação que ocupava as vizinhanças dos cemitérios. Dividiam-se em três classes: a primeira fazia incisão no corpo, a segunda preparava drogas e a terceira dirigia a cerimônia religiosa, quando punham o cadáver no túmulo. No tempo da décima oitava dinastia, pouco antes de Moisés, executavam êste processo, e com grande perfeição. Retiravam a massa cerebral pelas fossas nasais por meio de um gancho de ferro, e a substituíam pelas drogas. Retiravam as vísceras e submetiam a cavidade abdominal a uma lavagem de vinho de palmeira e em seguida a enchiam de mirra, cássia, cinamomo e outras especiarias, tudo reduzido a pó. Depois mergulhavam o corpo todo em natrum, ou mais exatamente, em subcarbonato de soda e alí o deixavam durante setenta dias. Findo este período, enfaixavam o corpo com tiras de linho de três ou quatro polegadas de largura e de um comprimento extraordinário, 650 a 900 metros umedecidas em uma solução de goma arábica. Depositavam o cadáver, assim mumificado, em uma caixa de madeira ou de papelão grosso com a forma do corpo do defunto cujas feições esculpiam, ou pintavam no lado externo. Às vezes colocavam a múmia em outro caixão, ou a punham em um sarcófago de pedra. Havia outro processo mais econômico, eliminando as incisões: dissolviam os intestinos com uma injeção de óleo de cedro. Sendo defunto pobre, apenas limpavam o abdômen, introduzindo uma solução de natrum, Heród. 2. 85-88. Essa descrição é confirmada pelas descobertas recentes e antigas. Segundo o historiador Deodoro, o preparo de um corpo de pessoa rica deveria custar cerca de mil duzentos dólares, o segundo processo de embalsamamento ficaria em quatrocentos dólares e menos ainda, tratando-se de gente pobre. Êste processo cessou no ano 700 A. D. Os grandes museus contêm muitas destas múmias. Quando expostas ao ar, quebram-se facilmente.

EMEQUE-QUEZIZ, *Vale de Queziz.*

Nome de uma cidade de Benjamim, situada em um vale perto de Jericó e Bete-Hogla, Js 18. 21. Dificilmente poderá ser identificada com o *wady*

EMINS

Nome dos primeiros habitadores do território ocupado pelos moabitas, homens de elevada estatura como os enacins, constituindo um povo numeroso e forte, Dt 2. 9-11. O rei Quedorlaomer os desbaratou nas planícies de Quiriataim, Gn 14. 5.

EMISSÁRIOS, SERVOS, GUARDAS.

Classe de soldados de que se formava o corpo da guarda do rei, 1 Sm 22. 17. Faziam sentinela à porta do palácio real em Jerusalém, 1 Rs 14. 27; 2 Rs 11. 19. Tinham um lugar reservado na casa das armas, 1 Rs 14. 28, escoltavam o rei, quando ia ao templo, 28, e executavam as ordens do soberano, 1 Sm 22. 17. 2 Rs 10. 25.

EMPRÉSTIMO[1]

Objeto que se recebe em confiança para ser restituído a seu dono. Será este o caso com os israelitas, quando impelidos a deixar o Egito? Os vasos de ouro e de prata e os vestidos que as mulheres hebréias pediram às egípcias foram por empréstimo ou donativos. A palavra original em Ex 3. 22; 11. 2; 12. 35, significa simplesmente pedir, quer o objeto tenha de ser restituído, quer não, 2 Rs 6. 5; Jz 5. 25; 8. 24. A palavra traduzida em Ex 2. 36, empréstimo, é uma forma do mesmo verbo e quer dizer satisfazer a um pedido, ou dar a alguém o que pede, 1 Sm 1. 28.

EMPRESTIMO[2]

Ato pelo qual confiamos à guarda de alguém objetos e principalmente dinheiro, para socorrê-lo em ocasião de necessidade. Nos tempos primitivos da nação hebraica, os empréstimos não visavam a lucros. Os israelitas tinham o dever de abrir as mãos para socorrer o pobre, emprestando-lhe o suficiente, reclamado para acudir às suas precisões, Dt 15. 7-11. Não podiam receber mais do que o que haviam emprestado, Ex 22. 25; Lv 25. 35-37. Do estrangeiro poderiam cobrar juros, Dt 23. 20. Se por acaso um israelita se vendia por necessidade de pobreza, não deveria ser tratado como escravo, Lv 25. 39; 2 Rs 4. 1. Se o pobre desse em penhor a sua capa, devia-lhe ser restituída antes do sol posto; por ser o vestido com que cobre as suas carnes, Ex 22. 26, 27. Não era permitido receber em penhor, nem a mó de cima nem a mó debaixo do moinho, Dt 24. 6, e bem assim o vestido da viúva, 17. Finalmente, quando chegava ao sétimo ano, que era o ano da remissão, todas as dívidas ficavam extintas, 15. 1-17. Infelizmente, o empréstimo garantido por fiadores, entrou em voga, Pv 6. 1. Em tempos conseqüentes, a usura se tornou comum, apesar das proibições legais e das condenações dos profetas, Jr 15. 10; Ez 18. 13. Os regulamentos em favor dos pobres necessitados caíram em olvido depois do cativeiro. Foi preciso toda a energia de Neemias para corrigir a tirania da usura. O direito romano contrastava em severidade com a lei mosaica. A lei das doze tábuas facultava ao credor meter em ferros o devedor insolvável. Foi sem dúvida em alusão a esta lei que Jesus descreveu as condições de um devedor, cuja mulher e filhos iam ser vendidos para saldar a dívida, Mt 18. 25, e também daquele servo que, não compadecido do seu devedor, mandou que o metessem na cadeia até pagar a dívida toda, 34. No tempo de Jesus a instituição bancária já estava em vigor, Mt 25. 27; Lc 19. 23. Em Jerusalém havia um edifício público onde se arquivavam os documentos relativos aos empréstimos sob penhores (Guerras, 2. 17, 6). Vide *Banco, Banqueiros.*

ENÃ[1], *Lugar de fontes.*

Nome de uma aldeia na parte baixa de Judá, Js 15. 34.

ENÃ[2], *Que tem olhos.*

Nome do pai de um príncipe da tribo de Naftali, nos dias de Moisés, Nm 1. 15.

ENAIM, *Duas fontes.*

Nome de uma cidade na estrada que vai de Adulã a Timna, Gn 38. 14, 21.

ENAQUE, *O pescoço comprido.*

Nome coletivo dos enaquins, Nm 13. 22; Dt 1. 28, que possivelmente descendem de Arba, Js 14. 15; 15. 13.

ENAQUINS

Raça de gigantes ligada aos refains, Nm 13. 33; Dt 2. 10, 11, 21. Desta raça de gigantes, três famílias se estabeleceram em Hebrom, Nm 13. 22, e outras se encontraram em várias cidades vizinhas, e na região montanhosa do país, Js 11. 21; 15. 14; 17. 15. Foram destroçados por Josué, Js 10. 36, 39; 11. 21; na partilha da terra em Hebrom foi grande a mortandade, Js 14. 12; 15. 13-19; Jz 1. 10-15. Restaram alguns em Gaza, Gate e Azote e no país dos filisteus, Js 11. 22. O gigante Golias de Gate era um dos enaquins.

ENCANTADORES

Tradução da palavra aramaica *Ashshaphim*, que se aplicava aos que praticavam atos de exorcismos, que exerciam atos de esconjuro com o propósito de serem assistidos do espírito maligno, ou de livrar os que dêles estavam possuídos, Dn 2. 2.

ENCANTAMENTOS ver AGOURO

ENDEMONINHADOS ver DEMONÍACO

ENDOR, *Fonte de habitação.*

Nome de uma cidade pertencente à tribo de Manassés, Js 17. 11.

A versão dos Setenta não faz referência a esta cidade. Nas suas vizinhanças pereceram Sísera e o seu rei Jabim, Sl 83. 10. Residia nesta cidade

a pitonisa que o rei Saul foi consultar, 1 Sm 28. 7. Identificada na aldeia de Endor ou Endur, sobre o braço setentrional do pequeno Hermom, a 11 quilômetros a S. E. do Nazaré.

ENDRO ver ANIS

EN-EGLAIM, *Fonte de dois bezerros.*

Nome de um lugar nas margens do Mar Morto, Ez 47. 10.

ENEIAS (*Nome de um herói grego*).

Paralítico há oito anos, curado miraculosamente pelo poder de Jesus ressuscitado. Este milagre contribuiu para dar grande impulso à Igreja estabelecida em Lida e em Sarona, At 9. 32-35.

ENGANIM, *Fontes dos jardins.*

1. Nome de uma aldeia na parte baixa de Judá, Js 15. 34. Lugar ignorado.

2. Nome de uma cidade, situada na linha divisória da tribo de Issacar, Js 19. 21, partilhada aos levitas de Gérson, 21. 29. Parece que Josefo a menciona com o nome de Ginea (Antig. 20. 6, 1; Guerras, 3. 3, 4). Em seu lugar existe hoje uma pequena vila de 3.000 habitantes na margem sul da planície de Jezrael, a 9 quilômetros a nordeste de Dotã e 12 a sudoeste de Gelboé.

ENGEDI, *Fonte do cabrito.*

Nome de uma fonte e de uma cidade, conhecida antes pelo nome de Assontamar, 2 Cr 20. 2, no deserto da praia ocidental do Mar Morto, na tribo de Judá, Js 15. 62. Passava por ali uma tortuosa estrada de difícil trânsito para as caravanas, cortando as montanhas.

Nos tempos de Abraão era ocupada pelos amorreus, ali batidos por Quedorlaomer, Gn 14. 7. Davi refugiou-se nos lugares seguros de sua vizinhança, 1 Sm 23. 29. Em uma das cavernas onde Davi se escondeu, cortou ele a orla da capa de Saul, 24. 1-22. Ainda existe a fonte térmica, *Ain Jidy*, de abundante água quente, brotando a uns cento e trinta metros acima da base de vasto penhasco que se eleva entre a boca do Jordão e o ponto sul do Mar Morto, Ez 47. 10. A água quente deu origem a um oásis, exuberante de vegetação semitropical, e notável pelas suas palmeiras, vinhas e plantas balsâmicas, Ct 1. 14; Antig. 9. 1. 2.

EN-HACORÊ, *Fonte do que invoca.*

Nome de uma fonte em Lei que rebentou quando Sansão clamou ao Senhor pedindo água, Jz 15. 18, 19.

EN-HADÁ, *Fonte de veemência.*

Nome de uma aldeia fronteira de Issacar, Js 19. 21.

Não identificada, não obstante a julgarem perto de Enganim.

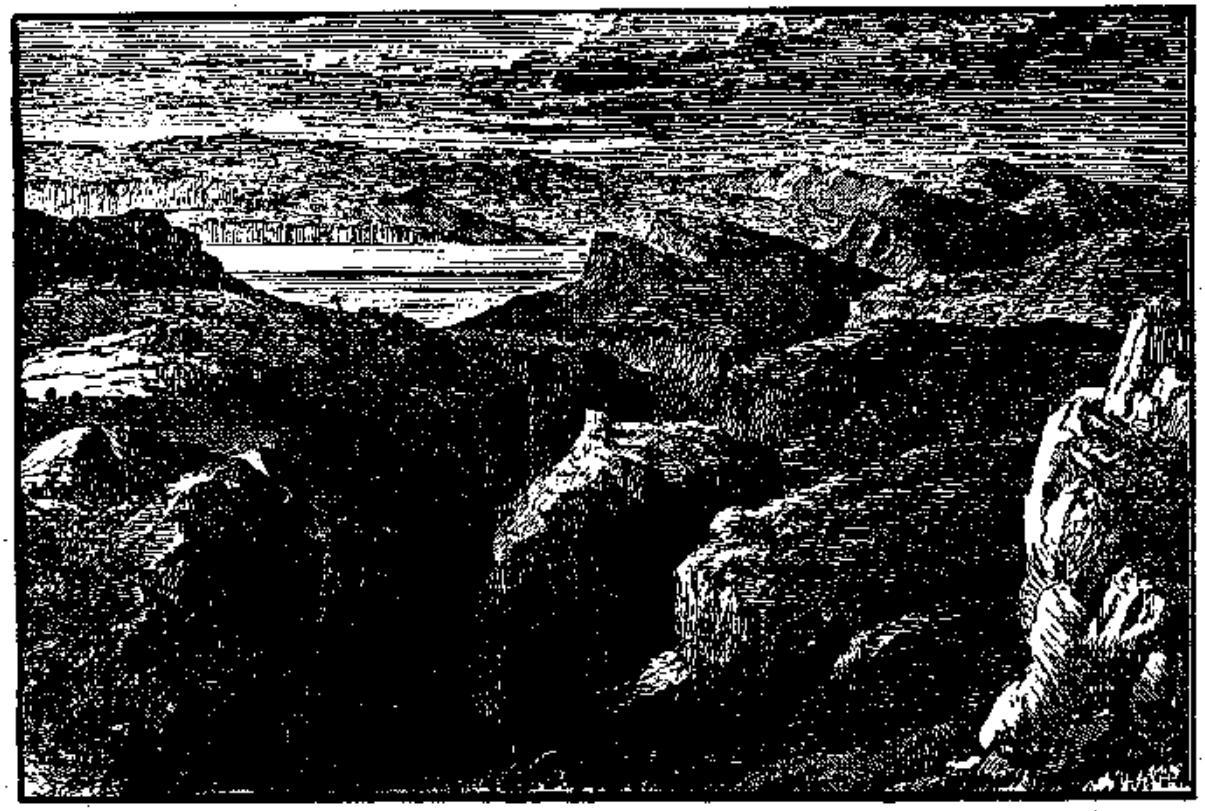
EN-HAZOR, *Fonte da aldeia.*

Nome de uma cidade fortificada da tribo de Naftali, Js 19. 37, mencionada na lista como existente entre Cades e Irom. Lugar incerto.

ENIGMAS

Em sentido bíblico, quer dizer expressão de sentido obscuro, que só pode ser esclarecido à custa de muito esforço mental, Nm 12. 8; Pv 1. 6. Também pode ser uma parábola, Sl 49. 4; 78. 2, com o fim de atrair atenção e despertar interesse, e dar corpo a uma verdade, tornando-a mais impressiva. Quem propõe uma parábola, geralmente oferece em seguida a sua explicação, Ez 17. 2-24. Sansão propôs um enigma aos homens de Timna para que eles o decifrassem, Jz 14. 12-19. Josefo também fala dos enigmas de Salomão e de Hirã (Antig. 8. 5, 3). O enigma de Sansão foi elaborado em verso. No rigor da expressão, não era propriamente um enigma, porque a sua decifração escapava à capacidade dos Filisteus, porque lhes eram desconhecidos os elementos de que êle se compunha. Os gregos e os romanos gostavam muito de propor enigmas. Um dos mais célebres é o que puseram na boca do monstro chamado esfinge que havia sido enviado para devastar o território de Tebas. Perguntava êle: "Qual é o animal que pela manhã anda de quatro pés, ao meio dia anda com dois, e à tarde anda com três?"

Ninguém podia decifrá-lo. Edipo respondeu que esse animal era o homem, que na meninice anda



Deserto de Engedi, o Mar Morto e montanhas de Moabe

de gatinhas, na mocidade e idade madura, nos dois pés, e na velhice, serve-se ainda de um bordão Ao ouvir isto a esfinge atirou-se ao solo e desapareceu.

EN-MISPATE, *Fonte do julgamento.*

É o mesmo que Cades, Gn 14. 7.

ENOM (Nome grego de origem aramaica, quer dizer fontes).

Nome de uma vila, ou meramente de uma localidade de fontes perenes, perto de Salim, onde João batizava por haver ali muitas águas, Jo 3. 23. Este lugar não foi ainda identificado. Segundo S. Jerônimo, *Enom* e Salim estavam situadas no vale do Jordão, 13 quilômetros ao sul de Citópolis. Estes nomes desapareceram. Por investigações locais, parece que o lugar que atualmente tem o nome ed-Deir, em cujas vizinhanças existem sete fontes e extensas ruinas, ou o lugar denominado *Um el-Amdan*, muito mais a leste, ou ainda as ruínas e as fontes ao sopé de *Tell Ridghah*, distante apenas cerca de onze quilômetros de Citópolis, indicam a situação provável de Enom. Os mapas modernos assinalam duas vilas com os nomes de *Ainun* e Salim. Uma cidade com êste último nome está situada a seis quilômetros e meio a leste de Siquém sobre um extenso platô ao sul de Farà. *Ainun* é uma ruína a leste do desfiladeiro Tubas, cêrca de dezoito quilômetros a noroeste de Siquém e sete quilômetros e meio ao norte do vale de Farà. A dificuldade em identificar *Ainun* com a Enom, mencionada no evangelho, é que *Ainun* não está perto de Salim. Estas duas vilas distam uma da outra, cêrca de quinze quilômetros, com o grande vau de Farà entre ambas. *Ainun* fica mais longe da importante cidade de Siquém do que de Salim, está mais em contato com Siquém por causa da estrada de comunicação. Pondo de parte *Ainun*, voltamo-nos para as abundantes fontes do vale de Farà a quatro quilômetros de Salim, ou para as duas fontes que a abastecem. Porém o lugar que tem fontes perto de Salim, deve ser Samaria e não é muito provável que João Batista ministrasse entre os samaritanos (Compare Mt 3. 5; 10. 5 e Lc 3. 3). O único lugar que oferece alguma probabilidade é Silim ao extremo sul de Judá perto de Aim, Js 15. 32.

ENOQUE, *Iniciado.*

1. 2. Nome de um filho de Caim e de cidade que ele fundou, Gn 4. 17, 18.

3. Nome de um descendente de Jarede, progenitor de Matusalém. Viveu 365 anos e andou com Deus. É o único da sua geração que não viu a morte, porque Deus o tomou, Gn 5. 18-24. Foi transladado gloriosamente, Ecclus. 44. 16; 49. 14; Hb 11. 5. Na epístola de S. Judas há referência a uma profecia de Enoque em que declara o juízo de Deus contra toda a impiedade. As palavras desta profecia encontram-se no pseudo livro de Enoque, que é uma produção extravagante, ampliando a história antediluviana de um modo inacreditável. O apóstolo S. Judas serviu-se naturalmente de alguma antiga tradição, ou mesmo referiu-se ao livro citado. Não é de estranhar que assim fosse, porque há escritores do Novo Testamento que várias vêzes citaram autores não inspirados, e até mesmo escritores pagãos.

4. Nome de um filho de Midiã e descendente de Abraão e de sua mulher Quetura, Gn 25. 4; 1 Cr 1. 33. Este nome se perpetua em Hanacuia, localidade situada a três dias de viagem para o norte de Medina.

5. Nome de um dos filhos de Rúben, e fundador de uma família tribal, Gn 46. 9; Êx 6. 14; Nm 26. 5; 1 Cr 5. 3.

ENOS

Nome de um filho de Sete, Gn 4. 26; 5. 6-11; 1 Cr 1. 1; Lc 3. 38.

EN-RIMOM, *Fonte de Rimom* ou *da romeira.*

Nome de uma cidade de Judá, Ne 11. 29, ocupada depois do cativeiro, formada por duas aldeias vizinhas, Aim e Rimom.

EN-ROGEL ver FONTE DE ROGEL

EN-SEMES, *Fonte do sol.*

Nome de uma fonte e de uma cidade na linha divisória entre Judá e Benjamim, Js 15. 7; 18. 17. É ordinariamente identificada com *Ain Haud*, ao oriente de Betânia, na estrada entre Jerusalém e Jericó. A última nascente fica no vale do Jordão.

ENTERRO

Ato de confiar à terra, ou depositar em lugar conveniente, os restos mortais de um corpo. Quando se dava um caso de morte, os amigos, e particularmente as mulheres, corriam à casa do defunto e faziam ruidosas lamentações, Mc 5. 38. Era costume alugar carpideiras para chorar junto do cadáver, Jr 9. 17. Lavavam o cadáver, At 9. 37, e o enrolavam em panos, atando-lhe as mãos, Mt 27. 59; Jo 11. 44. As pessoas ricas eram ungidas com perfumes, Jo 12. 7; 19. 39, e queimavam-lhes materiais odoríferos, Jr 34. 5. Conduziam o corpo em esquife para ser sepultado. 2 Sm 3. 31; Lc 7. 14. O sepultamento fazia-se, ou em uma caverna, ou em um sepulcro cavado horizontalmente na rocha, Gn 25. 9, 10; Mt 27. 60. Vide *Sepulcro.*

ENXOFRE, Gn 19. 24; Dt 29. 23.

EPAFRAS

Nome de um cristão que, indo a Roma, foi ter com o apóstolo S. Paulo que estava preso, dando-lhe elogiosas informações a respeito da igreja de Colossos, a que se achava ligado, talvez na relação de seu ministro. Associa-se ao apóstolo, enviando saudações à sua igreja, Cl 1. 7, 8; 4. 12.

Permaneceu algum tempo em Roma, e foi, em certos respeitos, companheiro de Paulo nas suas prisões por Cristo, Fm 23.

EPAFRODITO, *Amável.*

Nome de um cristão, enviado pela igreja de Filipos, levando consigo socorros ao apóstolo São Paulo que se achava prisioneiro em Roma, e onde ficou gravemente enfermo. A notícia de sua doença chegou aos ouvidos da igreja de Filipos que se encheu de profunda tristeza. Por este motivo, o apóstolo deu-se pressa em remetê-lo logo que o seu estado de saúde lho permitiu, Fp 2. 25-30; 4. 18. Voltando a Filipos, levou consigo a carta que o apóstolo endereçou à igreja. Dizem que Epafras e Epafrodito são uma e a mesma pessoa. Há certa relutância em aceitar esta interpretação, porque cada um deles pertencia a igreja diferente, um à de Colossos e outro à de Filipos.

EPÊNETO, *Digno de louvor.*

Nome de um convertido da Acaia, primícias de Cristo nesta região. S. Paulo, referindo-se a êle, diz: o meu querido Epêneto, Rm 16. 5.

EPICUREUS

Nome de uma seita filosófica que predominava na Grécia e em Roma. Tirava o seu nome de Epicuro, grande filósofo da antigüidade. Nasceu em 341 A. C., na ilha de Samos, de pais atenienses, e foi em Atenas que desenvolveu a sua poderosa mentalidade. Ali fundou uma escola que funcionava em um edifício rodeado de formoso jardim, onde ele ensinou durante trinta e seis anos, até a sua morte no ano 270 A. C. Dizem que escreveu cerca de trezentas obras filosóficas, a maior parte das quais não chegaram até nós. Em física, como Demócrito, atribuí todos os seus fenômenos a mudanças dos átomos eternos em si mesmos. Não reconhece um Criador; mas, com rara inconsistência, dá lugar, em seu sistema filosófico, a uma multidão de deuses, supremamente felizes em si mesmos, mas não intervindo nos negócios da humanidade. A sua ética não era compreendida, nem operava na moral social. Ensinava que devíamos buscar os prazeres e evitar

os sofrimentos. Os prazeres de que ele fala, não são como alguns erroneamente entendem, a gratificação somente das paixões sensuais: inclui também, os prazeres derivados das funções intelectuais e das faculdades morais. Pessoalmente era tão puro que até o julgavam destituído de todas as paixões. Os epicureus, ou epicuristas, eram geralmente homens de temperamento brando, em contraste com os estóicos, vasados em moldes de aço. Ambas estas escolas filosóficas rejeitaram as doutrinas de S. Paulo em Atenas, mas mostraram ser tolerantes, levando o apóstolo ao Areópago para ouvi-lo e examinar as suas doutrinas, em vez de persegui-lo como outros haviam feito, quando pregava o evangelho de Cristo, At 17. 18-20.

EPÍSTOLA DE JUDAS ver JUDAS[2]

EPÍSTOLAS

Nome que foi dado a vinte e um livros do Novo Testamento. Os mais antigos destes livros antedatam os evangelhos. As epístolas aos tessalonicenses foram escritas por S. Paulo, no ano 52. Todas elas foram produzidas pelos apóstolos, ou mereceram a sanção apostólica, e enviadas a igrejas particulares, tratando de assuntos doutrinários, de questões práticas e de assuntos pessoais, e contendo, além disso, matéria de larga importância para toda a cristandade. Com exceção da epístola aos hebreus, e a primeira de S. João, todas as demais começam, segundo o costume do tempo, pelo nome ou título do escritor, e pelo da pessoa ou igreja a que era destinada, seguida de uma saudação. As epístolas são classificadas em três grupos, porém estes três grupos não são exaustivos nem mutuamente se excluem. Primeiro grupo: epístolas paulinas. Treze deste grupo começam afirmando que a carta é enviada por Paulo, ou por ele em conjunto com outros obreiros cristãos, como Sóstenes, 1 Co 1. 1, Timóteo, 2 Co 1. 1; Fp 1. 1; Cl 1. 1; Fm 1, ou Silvano e Timóteo juntos, 1 Ts 1. 1; 2 Ts 1. 1. Geralmente o apóstolo S. Paulo empregava um amanuense para escrever as cartas que ele ditava, Rm 16. 22, acrescentando as saudações de seu próprio punho, que ele diz ser o sinal em todas as cartas que escreveu, 1 Co 16. 21; Cl 4. 18; 2 Ts 3. 17. Na epístola aos gálatas, afasta-se desta regra e escreve a carta inteira por sua própria mão, Gl 6. 11. Segundo grupo: epístolas pastorais. Neste grupo contam-se apenas três, a saber: duas a Timóteo e uma a Tito. Todas elas trazem o nome das pessoas a quem são enviadas, e contêm direções sobre disciplina e governo das igrejas, e sobre o modo de tratar as diversas classes de pessoas. Terceiro grupo: epístolas católicas. Neste grupo contam-se cinco epístolas, que vêm a ser: uma de S. Tiago, duas de S. Pedro, uma de S. João e uma de S. Judas.

A igreja primitiva, não obstante, contava sete epístolas católicas, incluindo a segunda e a terceira de S. João (Euzébio, Hist. Eccles. 2. 23). Porém, estas duas epístolas são cartas pessoais dirigidas a indivíduos. A palavra católica empregava-se no sentido de geral ou universal, para designar uma encíclica, ou carta circular para a igreja em geral. A senhora eleita e o caríssimo Gaio, a quem S. João dirigiu as duas últimas epístolas, pode-se considerá-los representando a igreja universal.

A forma epistolar não era um capricho literário, empregado especialmente para assuntos doutrinários. Este gênero de literatura usava-se na correspondência ordinária. O assunto de uma carta era ditado por motivos pessoais e por iniciativa de seu autor, como no caso da epístola a Filemom, e as duas de S. João, já referidas, ou respondiam a cartas recebidas, pedindo informações sobre assuntos que interessavam as igrejas em particular, 1 Co 1. 11; 2 Co 7. 5-7; 1 Ts 3. 5, 6. Estas cartas, porém, se adaptam a todas as pessoas em iguais circunstâncias. O apóstolo pedia em algumas de suas cartas, que fossem lidas por outras igrejas além daquela a que se dirigia, Cl 4. 16, as quais cartas eram recebidas como palavra de Deus, igual a qualquer outra parte das Escrituras, 1 Ts 2. 13; 1 Pe 1. 12. O Apóstolo S. Pedro, no ano 68, fala das cartas de S. Paulo como fazendo parte das Escrituras, 2 Pe 3. 15, 16. e Policarpo, no ano 115, citou o livro dos salmos em paralelo com a epístola aos efésios (Vide *Cânon*).

Os títulos das epístolas não fazem parte da composição original: foram prefixados posteriormente; não se encontram nos manuscritos, e por isso não fazem parte das Escrituras inspiradas. A maior parte dos títulos baseam-se no primeiro verso. O título da Epístola aos hebreus é de origem incerta. Os finais das epístolas, mencionando o lugar onde foram escritas e dando certas notícias, também não se encontram nas composições originais.

EPÍSTOLAS DE JOÃO ver JOÃO[3]

EQUER, Estrangeiro que se estabelece em outro lugar.

Nome de um homem de Judá, filho de Rão, da casa de Jeremeel, 1 Cr 2. 27.

ER, *Ergue-te na vigília.*

1. Nome de um filho de Judá que morreu em Canaã, castigado por causa de sua maldade, Gn 38. 1-7; 46. 12; 1 Cr 2. 3.

2. Nome de um descendente de Judá, da família de Sela, 1 Cr 4. 21.

3. Nome de um dos antecessores de Cristo, na linha genealógica entre Davi e Zorobabel, Lc 3. 28.

ERÁ, *Vigilante.*

Nome de um dos descendentes de Efraim, filho de Sutela, e fundador de uma família tribal. Nm 26. 36.

ERASTO, *Amado.*

Nome de um cristão, que juntamente com Timóteo, ministrava ao apóstolo S. Paulo. Ambos foram enviados à Macedônia, antes do tumulto em Éfeso, At 19. 22. É provavelmente o mesmo de que fala a 2ª epístola a Timóteo 4. 20, que se deixou ficar em Corinto, talvez por ser o tesoureiro da cidade, e que juntamente com S. Paulo, enviou saudações aos irmãos em Roma, Rm 16. 23.

EREQUE, No assírio *Uruk* e *Arku.*

Nome de uma cidade na terra de Sinear, da baixa Babilônia, uma das cidades pertencentes ao reino de Ninrode, Gn 10.10. As suas ruínas encontram-se nas planícies de *Warka* muito ao sul de Babilônia sobre uma região pantanosa ao oriente do Eufrates. A grande antiguidade desta cidade é atestada pelas inscrições babilônicas. Asenafar transportou para Samaria, entre outros povos, os ercueus, ou habitantes de Ereque, Ed 4.9.

ERI, *Vigilância.*

Nome de um dos filhos de Gade e fundador de uma família tribal, Gn 46. 16; Nm 26. 16.

ERVA

Planta pertencente à ordem endógena das *gramináceas*, que tem seus representantes nas ervas comuns dos campos e nos cereais cultivados. Este termo estende-se a muitas outras plantas endógenas e até as várias exógenas, em particular as que possuem folhas lineares. Materialmente não diferem do sentido da palavra *ervas*, mencionada no Gn cap. 1. 11, e 12, em que o reino vegetal se divide em três grandes classes: ervas, ervas que dêem semente e árvores. A palavra erva emprega-se em sentido limitado simbolizando a curta existência do homem sobre a terra, cujos dias são como o feno, assim se murchará como a flor do campo, Sl 103. 15; comp. 26. 2; 90. 5; 92. 7; 102. 11; Is 40. 6, 7; Mt 6. 30; Lc 12. 28.

ESÁ, *Proteção.*

Nome de uma aldeia das montanhas de Judá agrupada a Dumá e Hebrom, Js 15. 52. Os Setenta dizem Soma e pode ser identificada com

as ruínas es-Simia, perto de Dumá e cerca de 16 quilômetros a sudoeste de Hebrom.

ESARADOM, *Asur que deu irmãos.*

Nome de um dos filhos de Senaqueribe, rei da Assíria, muito querido de seu pai e mais moço que os outros irmãos. A parcialidade com que era tratado pelo rei, de tal modo enraiveceu os outros dois irmãos, Adrameleque e Sarasar, que o assassinaram e fugiram para a Armênia, 2 Rs 19.36,37; 2 Cr 32.21; Is 37.37,38. Esaradom achava-se em campanha para as bandas do noroeste, talvez na Armênia, quando soube da morte do pai; partiu imediatamente com o exército para Nínive, e no caminho encontrou-se com as forças rebeldes, que foram por ele derrotadas; subindo ao trono da Assíria no dia 8 de Nisã do ano 680 A. C. A preferência, que seu pai tinha por ele, não era infundada. De fato, o novo rei salientou-se eminentemente como general, e como político. No primeiro ano de seu reinado, derrotou a Merodace-baladã ao sul de Babilônia. Mais tarde deu princípio à restauração da capital do império, que Senaqueribe, provocado pelas constantes revoltas contra o domínio assírio, havia entregue ao saque. Esaradom moveu guerra contra os bárbaros da Ciméria, que haviam descido do Cáucaso sobre a parte civilizada do sul de Babilônia; contra os montanheses da Cilícia e contra os filhos de Édon que estavam em Telassar, comp. Is. 37.12. No quarto ano, tomou e saqueou Sidônia, deportou os seus habitantes, arrasou a cidade e levantou nova cidade sobre as ruínas antigas. O rei evadiu-se pelo mar; perseguido, foi capturado e morto. A mesma sorte tiveram os seus aliados. Mais doze tribos do continente e dez da ilha de Chipre submeteram-se ao domínio dos assírios. Entre outros contam-se Manassés, rei de Judá, e os reis de Edom, de Moabe, de Amom, de Gaza, de Ascalom de Ecrom e de Azoto. Empreendeu, com o maior êxito, duas grandes empresas militares de difícil execução: a penetração no deserto da Arábia e nos extremos da Média. Depois voltou suas vistas para uma aventura ainda mais arriscada—a conquista do Egito. Por algum tempo, deteve-se na execução dêste plano, por ter-se de haver em guerra com uma tribo situada na cabeceira do Golfo Pérsico, perto de Hur. Afinal, no décimo ano de seu reinado, deu início à grande expedição contra o Egito. Deixando a cidade de Tiro sitiada, marchou sôbre o Egito, tomou Mênfis, subjugou os pequenos reinos, e dividiu o vale do Nilo, desde Tebas ao Mediterrâneo em vinte satrapias, nomeou governadores nativos para as províncias de menor importância, como medida conciliatória, e sobre as de maior importância colocou governadores assírios. Morreu no ano 669 ou 668, A. C. Deixou o trono a Assurbanipal, seu filho mais velho, que por algum tempo havia sido associado no governo do grande império.

ESAÚ, *Peludo.*

Filho de Isaque e de Rebeca. Veio-lhe o nome de Esaú por haver nascido com o corpo coberto de pelo a modo de uma pele, Gn 25. 21-26. Foi hábil caçador e trazia para casa as carnes dos animais mortos para seu pai Isaque. À volta de uma das suas caçadas, chegou muito esfaimado e pediu a seu irmão Jacó que lhe desse do cozinhado vermelho que havia preparado para si. Jacó pediu-lhe em troca o direito de primogenitura. Esaú, tendo em pouco os altos privilégios de seu nascimento, cedeu facilmente à proposta de Jacó. Do cozinhado vermelho preço da venda, tomou o nome de Edom, que quer dizer, vermelho, 27. 34; Hb 12. 16, 17. Aos quarenta anos, casou-se com duas mulheres, Judite e Basemate, ambas do país dos heteus, Gn 26. 34, 35; 36. 1, 2. Tomou ainda outra mulher por nome Maalete filha de Ismael, Gn 28. 9; 36. 3. Isaque envelheceu e ficou quase cego; chamou a seu filho Esaú para conferir-lhe as bênçãos do pacto. Jacó, porém, era o filho predileto de Rebeca, que o induziu a disfarçar-se na pessoa de seu irmão e fraudulentamente obter a bênção destinada a Esaú. Este vendo-se despojado, resolveu matar a Jacó, aguardando para isso a morte de seu pai, 27. 1-41. Jacó, receando a ira de Esaú, fugiu para a Mesopotâmia, onde se demorou vinte anos exilado. 27. 42 até cap. 31. 55. Voltando da Mesopotâmia tomou precauções para o encontro com seu irmão Esaú, que, dominando o desejo de vingança deu fraternal acolhimento a Jacó, 32. 3 até cap. 33. 15. Esaú morava no monte Seir, para onde se retirou depois do encontro com Jacó, 16. A reconciliação dos dois irmãos durou sempre; ambos se encontraram de novo no enterro de seu pai, 35. 29. Os descendentes de Esaú cresceram muito, e, deixando o monte Seir, formaram o povo edomita, Dt 2. 4; 12, 13, 22. O monte Seir passou a chamar-se monte de Esaú, Ob 8, 9, 19. 21. Sobre a eleição de Jacó para ser o filho da promessa, e sobre a rejeição de Esaú, veja-se Gn 25. 23; Ml 1. 2, 3; Rm 9. 12, 13.

ESBÁ, *Razão, inteligência.*

Nome de um filho de Disom descendente de Seir horita, Gn 36. 26; 1 Cr 1. 41.

ESBAI

Nome do pai de um dos homens fortes de Davi 1 Cr 11.37. Talvez uma variante do nome em 2 Sm 23.35.

ESBOM. Um dos filhos de Belá, 1 Cr 1. 1.

ESBOM

1. Nome de um filho de Gade, Gn 46. 16.

2. Nome de um chefe de família da tribo de Benjamim, 1 Cr 7. 7, filho de Bela.

ESCARLATA

Nome de uma côr brilhante de carmesim vivo, diferente do escarlate de nossos dias. A matéria colorante tirava-se de um inseto, *Coccus ilicis*, chamado *kermes* pelos árabes de onde vem o nosso vocábulo carmesim. Este inseto era mui abundante na Palestina sobre os olmeiros e carvalhos. Somente a fêmea *Quercus coccifera*, produzia a matéria colorante. Tinha a forma e o tamanho de uma ervilha.

A cor assemelhava-se à violeta escura coberta de pó esbranquiçado. O inseto é desprovido de asas. A fêmea cheia de ovos, onde se encontra a matéria vermelha, adere às folhas e aos rebentos do carvalho para lhe chupar o suco. Por causa da semelhança que ela tem com as amoras, os gregos deram-lhe o nome de *kokkos*, amora. Relaciona-se com a cochonilha, inseto mexicano *Coccus cacti*, porém menos valiosa a sua cor, por isso, tem sido suplantada comercialmente pela sua congênere do México. Os hebreus denominavam-na *shani*, brilho, carmesim; *sheni tolaath*, brilho do verme, verme carmesim, *tolaath shani*, verme do brilho, verme carmesim, *tola* em grego *kokkinos*, pertencente ao cocus. A cor, e o processo de a obter, já eram conhecidos desde muito, Gn 28. 28. Empregava-se nas cortinas do tabernáculo e nas vestimentas do sumo sacerdote e na cerimônia da purificação dos leprosos e no preparo da água da separação, Lv 14. 4; Nm 19. 6; Hb 9. 19.

ESCOL, *Cacho.*

1. Nome de um dos três irmãos amoritas, residentes, perto de Hebrom e confederados de Abrão, Gn 14. 13, 24.

2. Nome de um vale perto de Hebrom, Nm 13. 22, 23; Dt 1. 24. A região em torno de Hebrom celebrizou-se pela exuberância de vinhedos, produtores de dulcíssimos cachos. Ignora-se se este nome era já conhecido antes dos tempos de Moisés. Como quer que seja, Hebrom relembrava aos israelitas o local onde os espias enviados por Moisés para reconhecer a terra, cortaram o famoso cacho de uvas, que dois deles trouxeram enfiado em uma vara, Nm 13. 24.

ESCOLAS

Os antigos hebreus não tinham escolas para crianças, mas nem por isso havia falta de instrução. Os pais instruíam os filhos no conhecimento da religião, Gn 18. 19; Dt 6. 7; Susana, 3; 2 Tm 3. 15. A gente adulta recebia mais completos conhecimentos da boca dos sacerdotes e dos levitas, no santuário e nas cidades destinadas para tal fim, que eram visitadas pelos levitas itinerantes, nomeados para instruir o povo no conhecimento das leis de Deus, Lv 10. 11; 2 Cr 17. 7-9; Ag 2. 11. De sete em sete anos, por ocasião da festa dos tabernáculos, lia-se a lei em público diante da assembléia do povo de Israel, Dt 31. 10-13. As grandes festividades bem como os poemas escritos para essas ocasiões, 19, 30; 32. 1-43, serviam para conservar na memória a lembrança dos acontecimentos que serviram de base à sua organização política, e que levavam o povo a servir e obedecer a Jeová, seu libertador, misericordioso e bom. Os profetas, por meio de suas pregações, espalhavam os conhecimentos religiosos e despertavam a vida espiritual. As transações comerciais e os processos legais eram feitos ao ar livre, ministrando assim conhecimentos práticos a quantos a eles assistiam. A leitura e a escrita eram praticadas pela mocidade judaica em certo grau, Jz 8. 14; Is 10. 19. No período greco-romano dava-se muita atenção ao ensino da mocidade (contra Apiom, 1. 12; 2. 19). Existiam escolas elementares junto às sinagogas, onde as crianças aprendiam a ler as Escrituras Sagradas, a escrever e fazer contas. Pelo ano 75 A. C. o ensino primário era obrigatório. No tempo de Gamaliel, as crianças entravam para a escola aos seis anos de idade. As pessoas ricas empregavam os escravos e outras pessoas instruídas como preceptores de seus filhos, (Antig. 16. 8, 3). Os escribas ministravam a instrução superior, principalmente na interpretação da lei. Os compartimentos existentes no átrio exterior do templo, e fora da cidade, nos departamentos das sinagogas, serviam de gabinetes de leitura, Lc 2. 46. A instrução era gratuita, porém, no govêrno de Herodes, o Grande, pagava-se entrada na escola. Além da instrução ministrada diretamente aos alunos nestas escolas, havia conferências públicas e discussões perante grandes auditórios.

ESCOLTA

Companhia de quatro soldados, At 12. 4. O apóstolo S. Pedro foi metido no cárcere e dado a guardar a quatro escoltas, cada uma de quatro soldados. Cada uma dessas escoltas fazia sentinela durante três horas. À noite, dois soldados dormiam com o prisioneiro, um de cada lado, enquanto outros dois montavam guarda em frente da porta.

ESCORPIÃO

Nome de pequeno animal, armado de uma cauda com ferrão que produz dores atrozes, quando fere o homem, Ap 9. 5, 10. Os hebreus denominavam-no *akrab*, e os gregos, *skorpios*. Havia muitos na Palestina e no deserto ao sul de Judá, Dt 8. 15. Roboão prometeu açoitar os seus súditos, não com correias como fez Salomão, e sim com escorpiões, 1 Rs 12. 11; 2 Cr 10. 14. Dizem alguns intérpretes que estes escorpiões eram açoites armados de pontas com o fim de produzir dor mais intensa. O escorpião é pequeno animal invertebrado da ordem dos *Arachnidae*. É intimamente ligado às aranhas venenosas por ter igual número de pernas; mas não se parece com elas na forma. A bolsa de veneno não está localizada perto das mandíbulas e sim na extremidade da cauda. Possui um par de tenazes como a lagosta; cauda comprida com articulações que facilitam, dobrar-se em roscas sobre o costado. A última articulação contém a glande venenosa com um ferrão perfurado por onde segrega o líquido venenoso. Os escorpiões alimentam-se de escaravelhos e de gafanhotos que êles seguram com as tenazes e matam com o ferrão. Existem na Palestina oito ou mais espécies deste animal. Os maiores deles têm cerca de oito polegadas de comprimento e são de cor preta. Vide *Acorrague*.

ESCRAVO

A escravidão vem de tempos mui remotos. Adquiriam-se escravos: 1. Pela captura, principalmente na guerra, Nm 31. 9; 2 Rs 5. 2; Guerras, 3. 4. 1; 6. 9, 2. 2. Pela compra aos vendedores, ou negociantes de escravos, Gn 17. 27; 37. 28, 36; Ez 27. 13; Jt 3. 6, 8. 3. Pelo nascimento de filhos dos escravos, Gn 17. 12. 4 Em pagamento de dívidas; mesmo no caso em que a dívida resulte de um furto, era permitido, contra o espírito da lei mosaica, escravizar o devedor, ou a seus filhos, Êx 22. 3; 2 Rs 4. 1; Ne 5. 5, 8; Am 2. 6; Mt 18. 25. 5. Por ato voluntário de uma pessoa oprimida pela necessidade, vendia-se a si mesma, ou uma das suas filhas, Êx 21. 2, 7; Lv 25. 39, 47. O preço de um escravo variava de acordo com as circunstâncias. Em casos judiciais, os hebreus avaliavam em 30 siclos de prata, Êx 21. 32. Os escravos judeus eram vendidos em Alexandria, no terceiro século A. C. a 120 dracmas cada um (Antig. 12. 2, 3). José, moço de 17 anos, foi vendido por vinte dinheiros de prata, Gn 37. 28. As condições legais do escravo hebreu entre os hebreus, eram muito diferentes das do escravo estrangeiro: era manumitido depois de seis anos de serviço, se ele o quisesse; não podia ser tratado com dureza, nem despedido com as mãos vazias; e se fosse comprado por um estrangeiro domiciliado no país, tinha direito de resgatar-se pelo valor estabelecido por lei, Êx 21. 2-6; Lv 25. 43, 47-55; Jr 34. 8-16. Existia uma lei especial regulando a escravidão das filhas vendidas por seu pai, Êx 21. 7-11. Todos os escravos hebreus, tanto os que se sujeitavam voluntariamente ao cativeiro perpétuo, depois de servirem seis anos, como os que ainda não tinham completado o seu tempo, ficavam livres no ano do jubileu, Lv 25. 40. Esta provisão era aplicável mesmo nos casos em que os bens alienados voltavam à posse de seu primitivo dono, no ano da remissão. O escravo que voluntariamente preferisse a volta à casa de seu senhor, antes ou depois do jubileu, tornava-se novamente sujeito. O escravo estrangeiro tinha direitos garantidos por lei, não poderia sofrer castigo que o deformasse, ou que lhe causasse a morte, Êx 21. 20, 21, 26, 27; Lv 24. 17, 22. No caso em que uma escrava fôsse tomada para esposa, adquiria novos direitos na família, Dt 21. 10, 14. Todos os escravos não hebreus eram tidos como membros da comunidade de Israel, Gn 17. 10-14; iguais perante Deus participantes das festas religiosas e dos sacrifícios, Êx 12. 44; Lv 22. 11; Dt 12. 12, 18; 16. 11, 14, e gozando dos benefícios do sábado do Senhor, Êx 20. 10; 23. 12. Outra feição humanitária da lei mosaica consistia em dar asilo na terra de Canaã a todos os escravos que fugissem de terras estrangeiras: não podiam ser entregues a seu senhor e tinham direito de habitar na terra, no lugar que mais lhes agradasse, Dt 23. 15, 16. Ficava sujeito à pena de morte, todo aquele que furtasse um homem e o vendesse, Êx 21. 16; Dt 24. 7. Não consta que houvesse mercado de escravos na terra de Israel. A lei mosaica contrastava muito favoravelmente com as leis contemporâneas dos países pagãos, em referência ao modo de tratar os escravos. As relações entre o senhor e o escravo eram às vezes muito cordiais, Gn cap. 24; Rt 2. 4. O escravo gozava de todos os favores da lei, Jó 31. 13-15, e, em certos casos, ficava herdeiro de seu senhor, Gn 15. 2, 3, chegando mesmo a ser admitido no seio da família até como genro, 1 Cr 2. 34, 35.

O Cristianismo evitou conflitos com as leis estabelecidas acerca da escravidão, 1 Co 7. 21, recomendava ao escravo que fôsse obediente a seu senhor, Ef 6. 5-8; Cl 3. 22-25; 1 Tm 6. 1, 2; 1 Pe 2. 18-21, e fazia voltar à casa do senhor o

escravo fugido, Fm 10-16. O Cristianismo também promulgou princípios que suavizavam as condições dos escravos em Roma. Reconhecia a igualdade de direitos do escravo, e do senhor perante Deus, 1 Co 7. 21, 22; Gl 3. 28; Cl 3. 11, exortava aos senhores que tratassem humanamente seus escravos, lembrando-lhes que também eles tinham Senhor no céu, Ef 6. 9; Cl 4. 1.

ESCRIBA

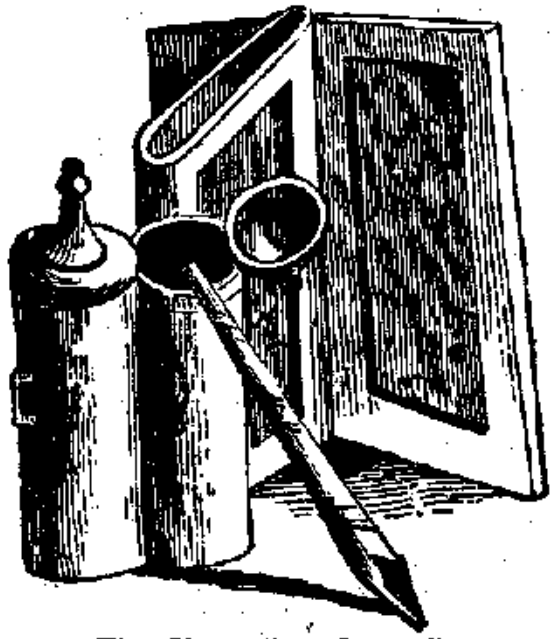
1. Notário público, Ez 9. 2, empregado como amanuense para escrever o que lhe ditavam, Jr 36. 4, 18, 32, e lavrar documentos públicos, 32. 12.

2. Secretário do governo para correspondência oficial e registo dos dinheiros públicos, 2 Rs 12. 10; Ed 4. 8. Os levitas serviam de escribas para tomar conta dos negócios com a reparação do templo, 2 Cr 34. 13.

3. Homem encarregado de fazer cópias do livro da lei e de outras partes das Escrituras, Jr 8. 8. O mais notável dos escribas foi o sacerdote Esdras, doutor muito hábil na lei de Moisés e que tinha preparado o seu coração para buscar a lei do Senhor e para cumprir e ensinar em Israel os seus preceitos e as suas ordenanças, Ed 7. 6, 10. Neste respeito é ele o protótipo dos escribas dos últimos tempos, e que era ao mesmo tempo intérprete oficial da lei. Em o Novo Testamento tem ele o nome de *grammateis*, ou mais exatamente, *nomikoi*, *doutores* da lei, e *nomodidaskaloi*, que ensinam leis. Empregam-se: (a) No estudo e interpretação da lei, tanto civil como religiosa, e nos pormenores de sua aplicação na vida prática. As decisões dos grandes escribas constituíam a lei oral, ou tradição. (b) Dedicavam-se ao estudo das Escrituras em geral, sobre assuntos históricos e doutrinais. (c) Ocupavam as cadeiras de ensino que ministravam a um grupo de discípulos (Veja *Escola*). A profissão de escriba recebeu grande impulso, depois que os judeus voltaram do cativeiro, quando havia cessado a profecia, restando apenas o estudo das Escrituras para servir de alicerce à vida nacional. O número dos escribas cresceu muito no tempo dos macabeus, 1 Mac 7. 12. No tempo de Cristo exerciam grande influência entre o povo. Muitos deles faziam parte do sinedrim, Mt 16. 21; 26. 3. Ainda que alguns entre êles aceitavam os ensinos de Cristo, 8. 19, a maior parte os desprezava. Sempre murmuravam quando pensavam descobrir alguma falta na vida e proceder dos discípulos, 21. 15, e tomaram parte bem ativa na condenação de Jesus. Associaram-se aos principais e aos anciãos na perseguição contra Pedro e João, At 4. 5, etc., e em tudo que se relacionava com a morte de Estêvão, 6. 12. Quando se agitou a questão sôbre a ressurreição dos mortos, eles se aliaram aos fariseus a favor de Paulo, 23. 9.

ESCRITA

Os hebreus, ou para melhor dizer, alguns deles, sabiam escrever, Ex 17. 14; 24. 4; Nm 33. 2. Séculos antes da saída de Abraão da Caldéia, já os babilônios usavam a escrita. Muitos séculos antes da peregrinação dos israelitas no Egito, já a arte de escrever estava em uso, e também nas cidades da Canaã antes da conquista feita pelos hebreus. Sabe-se que os israelitas, por ocasião do êxodo escreveram documentos históricos, Nm 33. 2; Dt 31. 24, escreveram a lei sobre pedras, alisadas com cal, 27. 4, 8; Js 8. 32, e escreveram sobre pedras preciosas e sobre lâminas de metal, Ex 39. 14, 30. As antigas inscrições de Babilônia eram impressas em barro mole, levado em seguida ao forno, e também gravadas em pedras ou ladrilhos; nos pedestais das estátuas, sobre os metais e sôbre as pedras dos anéis que serviam de sinetes. As cartas enviadas de Canaã a Faraó, antes do Êxodo, eram escritas em ladrilhos de barro. Os egípcios, muito antes da entrada dos israelitas,



Utensílios antigos de escrita

faziam inscrições sobre pedras e escreviam em papiros (Veja *Livro, Tinteiro, Papiro, Pergaminho*).

ESCRITURA

Escrito, narrativa ou qualquer outro assunto registado com pena e tinta, Dn 10. 21. Dá-se este nome particularmente aos escritos dos hebreus no seu todo ou em partes, e até mesmo a passagens isoladas, ou citações, como em Mc 12. 10; 15. 28; Lc 4. 21; Jo 19. 37. Quando o todo dos documentos sagrados é citado como um só volume, emprega-se a palavra no singular a Escritura, Jo 7. 42; 10. 35; 17. 12; 19. 28; Gl 3. 22. Quando se tem em mente os diferentes documentos dos vários autores que formam o Antigo Testamento, usa-se do nome no plural, as Escrituras, Mt 21. 42; Lc 24. 27; Jo 5. 39; Rm 1. 2. As epístolas de S. Paulo entraram logo a fazer parte das Escrituras como escritos autorizados, 2 Pe 3. 16. Veja *Cânon, Inspiração*.

ESCRIVÃO

Oficial com o título de *grammateus*, ou escriba, At 19. 35. Os deveres, ou obrigações de um *grammateus*, consistiam em fazer o registo das leis e comunicá-las ao público. No decorrer dos tempos, acumulava outras funções. Pelas moedas dos tempos antigos, vê-se que em várias cidades da Ásia Menor, o escrivão da cidade presidia às assembléias populares e até virtualmente era o presidente do governo municipal.

ESCULTURA

Arte de esculpir, letras, imagens, desenhos ornamentais, em madeira, pedra, marfim, ou outros materiais. Beseleel, homem de Judá e Ooliabe da tribo de Dã, foram dotados pelo Espírito de Deus de sabedoria, de inteligência e de ciência para toda casta de obras de escultura para o Tabernáculo, Ex 31. 1-7; 35. 30-35. Havia obra de talha no Templo de Salomão, tais como, flores, palmeiras e querubins, 2 Sm 6. 18, 29, e também no Templo de Zorobabel, e nas casas de luxo das famílias orientais, Pv 7. 16.

ESDRAS[1]

Forma grega do nome Ezra. É usada nos Setenta e nos Apócrifos e não ocorre nas Escrituras canônicas (Vide *Apócrifos*).

ESDRAS[2], *Auxílio*.

Nome de um sacerdote descendente de Sadoque e de Finéias, Ed 7. 1-6, escriba perito na lei de Moisés que estava sempre na sua mão, 14,

sempre pronto para cumprir e ensinar a lei do Senhor a Israel, 10, 11. No sétimo ano de Artaxerxes Longímano, rei da Pérsia, de 465 a 425 A. C., foi comissionado pelo rei, para ir a Jerusalém tomar conhecimento das condições civis e religiosas da comunidade judaica, de conformidade com a lei de seu Deus, 14. Recebeu ordens para as autoridades e tesoureiros do erário público, que estavam além do rio, para que lhe dessem o dinheiro e todos os mantimentos, trigo, vinho e azeite, e tudo que pertencesse ao culto do seu Deus, libertando todos os sacerdotes e levitas de talhas e tributos, 21-24. Foi autorizado também a levar consigo uma nova companhia de judeus exilados para a Palestina, em adição aos que já haviam ido com Zorobabel, e o sumo sacerdote Josué, oitenta anos antes. Reunindo todos que se dispuseram a voltar, e passando-os em revista, não encontrou levitas da ordem inferior; mas, chamando o seu chefe, conseguiu que alguns se ajuntassem ao grupo. Depois de jejuarem e de pedirem o auxílio e direção divina para a sua viagem de regresso, puseram-se a caminho em número de 1.700 homens, no dia 12 do primeiro mês do sétimo ano de Artaxerxes, 458-457 A. C., Ed 8. 1-23, 31. Chegados que foram a Jerusalém, quatro meses depois, no primeiro dia do quinto mês, 7. 8, Esdras entregou os vasos que tinha recebido para o templo, ofereceu sacrifícios e apresentou as ordens do rei aos governadores da vizinhança, 8. 33-36. Ficou muito triste, quando soube que alguns judeus da Palestina, incluindo mesmo alguns sacerdotes contrários à lei de Moisés, haviam desposado mulheres pagãs, conseguindo que a maior parte deles se divorciassem das suas mulheres estrangeiras (caps. 9 e 10). Treze anos depois que Neemias chegou a Jerusalém, e reparou os seus muros, Esdras tomou a direção do serviço religioso, lendo a lei de Moisés ao povo, Ne cap. 8. Segundo Josefo, Esdras morreu no tempo em que Eliasibe assumiu as funções de sumo sacerdote (Antig. 11, 5, 5). Com certeza foi contemporâneo deste sacerdote, Ne 3. 1; 8. 3, 9. Esdras é o ponto de transição dos profetas para os escribas (sobre as suas relações com a lei e os livros do Antigo Testamento, vide *Cânon*).

O livro de Esdras compõe-se de duas partes, a saber: 1. Narrativa da volta dos judeus, vindos de Babilônia com Zorobabel, no ano 538 A. C., restabelecimento do culto divino e reconstrução do templo, em face da oposição samaritana, caps. 1-6. 2. Narração da volta de um segundo corpo de retirantes, sob a direção de Esdras no ano 458-457 A. C. e das medidas que tomou, enérgicas e de bons resultados, a fim de impedir que os judeus continuassem a tomar para si mulheres estrangeiras, caps. 7-10. O livro de Esdras contém abundante cópia de registos públicos e de documentos oficiais. Os documentos e a história provincial foram escritos em aramaico, caps. 4. 8 até cap. 6. 18; 7. 12-20, como sejam, cópias de cartas, enviadas aos reis da Pérsia, pelos oficiais da província. Além do Rio, 4. 8-16; 5. 7-17; 6. 6-12, respostas a estas cartas e decretos impondo obrigações a esses oficiais 4. 17-22; 6. 3-5; 7. 12-26; comp. 7. 21-24, e o lume histórico referente aos anteriores negócios da província, 4. 23 até 5. 5; 6. 1, 2, 13-18. O aramaico foi, durante alguns séculos, a linguagem usada nas relações comerciais, e na diplomacia internacional.

O restante do livro contém a história interna de Judá, escrita em hebraico, compreendendo o edito real expedido em favor dos judeus, 1. 2-4; cópias dos registos públicos, contendo os nomes dos retirantes de Babilônia, 2. 1-67; cap. 8 e cap. 10. 18-44, e bem assim a ligação histórica com o primeiro grupo de retirantes havia 80 anos passados. Supõe-se que a parte do livro em aramaico foi escrita por um contemporâneo de Zorobabel e testemunha ocular dos acontecimentos que ele contém, porquanto, no cap. 5. 4, emprega-se o pronome nós; porém, desde que os documentos do tempo de Artaxerxes estão incluídos nele, 4. 9-16, 17-23, a narrativa não poderia ser escrita em tempo anterior a Esdras; o pronome *nós*, naturalmente, refere-se à geração passada com a qual se identificava o escritor, como se vê no cap. 9. 6-15, e em Ne 9. 29, 33. Alguns críticos assinalam data mais recente.

Pelo menos, uma parte do livro foi escrita por Esdras, começando com o cap. 7. 27, em que se usa o pronome da primeira pessoa do singular; foi ele, pois, quem escreveu a história, e que a compilou no livro cujo nome tem, e que termina ainda em sua vida. Mas, por que, dirá alguém, se foi Esdras quem compilou o livro, nele se encontram duas passagens em que sobressai o seu nome, a saber: os dez primeiros versículos que abrem o capítulo sétimo e o último capítulo do livro, que é inseparável do capítulo nono, nas quais não se emprega a primeira pessoa do singular? A isto diremos: os dez vv. introdutórios do sétimo capítulo tratam de filiações genealógicas; é, pois, muito natural que se empregue o pronome da terceira pessoa. Começando a introdução com este pronome, com ele deve terminar. Mudanças de igual natureza se dão no livro de Daniel, cuja autoria não se contesta. Quanto ao último capítulo de Esdras, poderá dizer-se que a história de Esdras terminou no capítulo nono, e que foi concluída por outra pessoa contemporânea de Esdras e que a escreveu debaixo de suas vistas. Esta pessoa poderia ser o escriba que tirou do registo oficial os nomes dos que haviam tomado o compromisso de repudiar as suas esposas de origem estrangeira, 10. 18-44. Pensam alguns que estas duas secções do livro em que não aparece o pronome *eu*, foram insertas por outro editor cuja mão se descobre no segundo livro de Esdras ou Neemias, e também nos dois livros de Crônicas. Muitos críticos supõem que a data de inserções seja 330 A. C. O argumento baseia-se finalmente no fato que os livros de Esdras e de Neemias formavam um só volume no cânon hebraico, e que as genealogias registadas no livro de Neemias vão até ao tempo de Alexandre, o Grande; portanto, os dois livros referidos deveriam ser editados no período grego. É possível, ainda que não necessário acreditar, que os dois livros de Esdras e Neemias tenham sido combinados e suplementados por um editor. À parte a possível implicação das genealogias, não há motivos para supor que este editor hipotético pertencesse a uma geração posterior a Esdras e Neemias. As supostas adições tratam de assuntos em que ambos participaram, e os fatos relatados são o depoimento de testemunha presencial. Concedendo que os dois livros não foram editados, e que são inteiramente distintos entre si, e que tiveram autores diversos, há motivos, não obstante, para considerá-los como um só livro. A razão disto está em que os livros do Antigo Testamento correspondem em número às letras do alfabeto hebraico, que são vinte e duas, ou, por um cômputo especial, vinte e quatro. A razão principal por que os dois livros, Esdras e Neemias, são tidos como um só livro, é pelo fato de mencionarem a história contínua do exílio em suas relações com a obra correlata dos grandes chefes da comunidade judaica, Esdras, o sacerdote, e Neemias, o governador civil. Os dois livros são atribuídos a autores distintos, Ne 1. 1, mas considerados como um só livro, assim como, os doze profetas menores formavam um só volume, ainda que escritos por doze autores diferentes.

ESEQUE, *Violência, opressão.*

Nome de um benjamita descendente de Saul, 1 Cr 8. 39.

ESER, *Tesouro.*

Nome de um dos capitães da tribo, dos horreus, Gn 36. 21, 30; 1 Cr 1. 38.

ESMERALDA

1. Tradução do vocábulo hebraico *Nopek*. A esmeralda ocupava o primeiro lugar da segunda

ordem das pedras preciosas que adornavam o Racional do Juízo, Ex 28. 18; 39. 11. Os sírios importavam pedras preciosas desta qualidade para Tiro, Ez 27, 16, e os tírios se adornavam com elas, 28. 13. Há dúvidas quanto à qualidade da pedra a que se refere este nome; talvez seja o carbúnculo, conforme a versão revista da Bíblia inglesa (nota à margem), comp. com a dos Setenta.

2. Tradução do vocábulo grego *Smaragdos* significando pedra preciosa de côr levemente esverdeada. Este nome aplica-se a qualquer mineral verde cristalizado. Empregava-se para fazer sinêtes, Ecclus. 32. 6. O íris, que cercava o trono descrito no Apocalipse, assemelhava-se à côr da esmeralda, Ap 4. 3. O quarto fundamento do muro da Nova Jerusalém, Ap 21. 19, era de esmeralda, comp. Tobias, 13. 16. A esmeralda é uma espécie de berilo que se distingue dele pela sua côr verde brilhante; ao passo que a cor verde do berilo é pálida tirante a um azul desmaiado, esbranquiçado, amarelado ou branco. O berilo é colorido pelo ferro e a esmeralda, pelo crómio. Encontrava-se em Chipre, no Egito e nas montanhas de Etiópia.

ESMERALDA ver CARBÚNCULO

ESMIRNA, *Mirra.*

Nome de uma cidade muito antiga, situada na costa ocidental da Ásia Menor. Esteve em poder dos gregos de Eólia, e finalmente, os jônios gregos a incluiram na sua confederação. Aliates, rei da Lídia, a destruiu e ficou assim durante 200 anos, até que Alexandre, o Grande, concebeu o plano de a reconstruir, levando a efeito por seus imediatos sucessores. Chegou a ser cidade grande e florescente, com forte movimento comercial, cuja importância durou até ao domínio dos romanos. Fez parte da província da Ásia, organizada depois do ano 133 A. C. Havia lá uma igreja cristã, a segunda das sete mencionadas no Apocalipse. Não teve censuras, mas foi exortada a não temer as perseguições e a manter-se firme, Ap 1. 11; 2. 8-11. O bispo Policarpo sofreu o martírio pelo fogo, perto do *stadium* no ano 169, A. D. No ano 178 foi destruída por um terremoto e rapidamente reconstruída. Está situada ao fundo de uma bela baía, na esteira de grande linha de navegação. Mesmo sob o domínio turco, continuou a ser cidade muito florescente, a maior e a mais importante da Ásia Menor. Foi incendiada recentemente pelos turcos, sendo a população grega deportada em massa.

ESPADA

Instrumento ou arma de guerra com a qual se feria ou matava o adversário, 1 Sm 17. 51; 31. 4; 2 Sm 2. 16; Mt 26. 51; constava de uma folha de metal, afiada, segura em um pegador que se chama copos, e metida dentro de uma bainha, Jz 3. 22; 1 Sm 17. 51; Jr 47. 6, cingida à cinta, Ex 32. 27; 2 Sm 20. 8, para o lado esquerdo, Jz 3. 16; cap. 15, 21. O punho da espada costumava ser ricamente cinzelado pelo menos entre os egípcios e assírios. A folha era ordinariamente de ferro, Is 2. 14, ou de bronze, principalmente no Egito. As espadas eram direitas ou levemente curvas, compridas ou curtas, Jz 3. 16, afiadas de um lado ou de ambos, tendo ordinariamente um cúbito de comprimento, Sl 149. 6.

No período romano, os judeus assassinos (*sicarii*) traziam debaixo da capa uma espada curta e levemente curva (Antig. 20. 8, 10; Guerras, 2. 13. 3). A infantaria romana trazia a espada ao lado esquerdo e um punhal ao lado direito; a cavalaria, porém, costumava trazê-la ao lado direito, 3. 5, 5.

ESPANHA

Nome do bem conhecido país situado a sudoeste da Europa. Possuía ricas minas de ouro e prata, 1 Mac 8. 3. O apóstolo S. Paulo mostrou desejos de visitar esta parte do velho mundo, Rm 15. 24, 28, e provavelmente foi até lá, porque Clemente de Roma, escrevendo da Itália, pelo ano 96, diz que Paulo havia chegado aos limites do extremo ocidente, e o fragmento Muratório, escrito no ano 170, afirma que ele havia ido à Espanha. A sua visita devia ter-se dado depois de estar preso em Roma, conforme o livro de Atos (Veja *Társis*).

ESPARTANOS

Nome dos habitantes de Esparta, famosa cidade da Grécia, também conhecida pelo nome de Lacedemônia. Jônatas Macabeu refere-se a uma antiga amizade que existiu entre espartanos e judeus nos dias do rei Ário e do pontífice Onias, pelo ano 300 A. C., 1 Mac 12. 7, 19-23, aos quais enviou cartas, por meio de uma embaixada que foi a Roma, para renovar as relações de amizade entre espartanos e judeus, 2, 5. Jônatas morreu antes de saber do resultado, porém Simão Macabeu recebeu deles cartas muito afetuosas e cordiais, 14. 16, 20-23.

ESPECIARIAS

1. Tradução da palavra hebraica *Bosem*, cujo plural é *Besamim*, usada genericamente para designar matérias odoríferas, especiarias, etc., Ex 25.6; cp. 30.23,24; 1 Rs 10.10; Ct 4.10,14. A especiaria é uma substância vegetal de qualidades aromáticas e pungentes, Ct 4.16. As principais especiarias eram a mirra, o cinamomo, o cálamo e a cássia, Ex 30.23, 24. A Arábia meridional produzia especiarias em grande escala, 1 Rs 10.2; Ez 27.22. *Bosem* em Ct 5.13; 6.2 e *Basam* no cap. 5.1, provavelmente aplicam-se em particular ao bálsamo de Galaade.

2. *Nekoth*, Gn 37.25; 43.11, é termo específico para designar o tragacanto. Uma forma desta palavra encontra-se em 2 Rs 20.13; Is 39.2, referindo-se genericamente a especiarias.

3. *Sammim*, suave fragrância, substâncias empregadas na preparação do incenso, Ex 30.7, das quais se destacam o estoraque, o onique e o gálbano, v. 34.

4. Tradução da palavra grega *Aroma*, termo genérico, Mc 16.1, incluindo mirra e aloés, Jo 19.40. Ver *Incenso*.

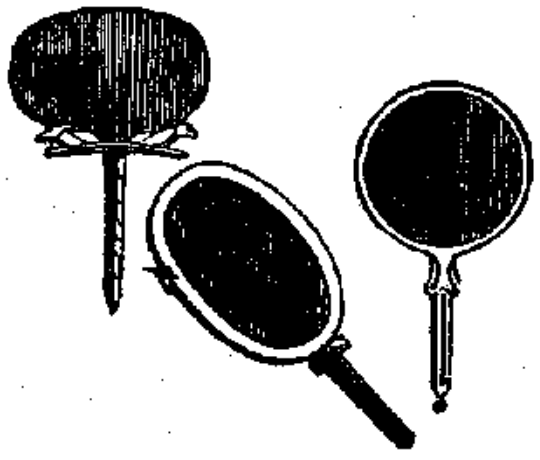
ESPELHO[1]

1. Nome de um objeto de superfície polida e brilhante, destinado a refletir o rosto. Ex 38. 8; Jó 37. 18; 1 Co 3. 12.

2. Tradução da palavra hebraica *Kekukith*, Jó 28. 17, e do grego *Ualos* e seus adjetivos, Ap 4. 6; 15. 2; 21. 18, 21. O vidro era conhecido dos gregos desde os tempos de Heródoto, e dos egípcios, muito antes do êxodo.

ESPELHO[2]

1. Nome que se dá a um objeto de superfície polida, destinada a refletir o rosto, Sab. 7. 26; 2 Co 3. 18; Tg 1. 23. Os espelhos antigos eram



Espelhos antigos

fabricados de cobre fundido, ou de outras ligas metálicas com o cobre, Ex 38. 8; Jó 37. 18, e tinham formas várias: redondas, ovais e quadradas, providas de um cabo. Quando prejudicados

pela ferrugem, eram novamente polidas, Ec 12. 11. Não possuíam a perfeição dos espelhos modernos, feitos de vidro ou de cristal. A imagem por eles refletida não era bem perfeita, 1 Co 13. 12. As opiniões dividem-se quanto ao texto de Is 3. 23, se a palavra espelhos refere-se realmente a eles, ou se fala de roupas transparentes. No Ocidente começaram a empregar o estanho para o fabrico dos espelhos. Praxíteles, nos tempos de Pompeu, foi o primeiro que os fez de prata, e mais tarde também empregavam o ouro.

ESPELTA ver FARRO

ESPINHAL, Planta *Rhamnus paliurus*, ou espinho de Cristo.

O grande cortejo que acompanhou o corpo de Jacó, do Egito para Hebrom, tendo feito largo circuito para se desviar dos filisteus e edomitas, parou na eira de Espinhal, que está situada além do Jordão, onde celebrou, durante sete dias, as exéquias pelo morto, com grande pranto, Gn 50.9-13. O que tendo visto os habitantes de Canaã disseram: Grande pranto é este dos egípcios. E por isso se ficou chamando aquele lugar, o pranto do Egito, e depois conduziram o corpo para a terra de Canaã.

ESPINHEIRO, *Abrolhos.*

Tradução do hebraico *Atab* em Jz 9. 14, 15. É assim chamada por causa da sua firmeza. É uma variedade do *Rhamnus*. O espinheiro é muito comum nas partes mais quentes da Palestina, especialmente nas vizinhanças do Mar Morto comp. Gn 1. 10, no vale do Jordão e no Mar da Galiléia. Também se encontra em Jerusalém. O *Rhamnus* ainda é conhecido entre os árabes pelo nome de *Atad* ou *nabk*, nome que se aplica, não só aos espinhos da coroa de Cristo (*Zizyphus spina Christi*), que a tradição dá como tecido com as varas desta árvore, como também ao *Rhamnus paliurus*.

ESPINHOS¹. URTIGAS

1. Tradução da palavra hebraica *Harul*, planta que queima e que inflama a pele. Homens oprimidos pelas necessidades abrigavam-se por baixo dela, Jó 30. 7. Os espinhos e as urtigas cobrem o campo do preguiçoso, Pv 24. 31. De fato, tal vegetação se apodera da terra não cultivada, Sf 2. 9. Esta planta ainda não está identificada.

2. Tradução da palavra hebraica *Kimmosh* em Is 34. 13 e em Os 9. 6. Os rabinos acham que sejam a urtiga (*Urtica pilulifera*) que se encontra por toda a Palestina. A palavra hebraica, provavelmente, tem significação mais geral, compreendendo grande classe de plantas ruins.

ESPINHOS². ABROLHOS

Na maior parte as passagens em que se encontram estas palavras têm sentido genérico. A cizânia, os espinheiros e pequenos arbustos de várias espécies, são muito abundantes na Palestina. Entre eles mencionaremos os seguintes: a pimpinela (*Poterium spinosum*), que serve de combustível em fornos e fogões; a alcaparra (*Capparis spinosa*), que se vê por toda parte, pendente das rochas e dos muros; a cizânia de Jamestown (*Datura stramonium*), que se encontra à beira dos caminhos e em lugares incultos; o cardo Maria (*Cynara syriaca*) e nas terras altas, os acantos com as suas brancas flores. A pereira espinhosa (*Opuntia ficus indica*), cactos de flores amarelas, que serve para cercar quintais, muito usada na Síria moderna, foi ali introduzida vinda da América. Para cercar terrenos, também empregam o buxo (*Lycium europaeum*) e o espinheiro ou sarça (*Rubusdiscolor*). Existem vários espinheiros, o *Crataegus azarolus*, o *C. monogyna*, e ao oriente do Jordão, o *C. orientalis*. Numerosos cardos silvestres cobrem os campos e lugares incultos, tais como: o *Cirsium acarna*, com as suas folhas lanceoladas com longos espinhos de cor amarela; o *Carthamus lanatus*, de florzinhas amarelas; o *C. glaucus*, de cor purpúrea; o *C. caeruleus*, de cor azul; e o *C. tinctorius*, de florinhas vermelhas, empregadas na tinturaria; o *Carduus pycnocephalus* e *argentatus*; o *Echinos viscosus*; o grande *Notobasis syriaca*, de flores vermelhas e fortes espinhos; o *Onopordon illiricum*, o *cynarocephalum*, o *Silybum marianum*, o *Sonchus oleraceus* e *glaucescens*, a *Centaurea calcitrapa* e o *veratum*, o primeiro com flores purpúreas e o segundo com flores amarelas. O *Xanthium* e o *Dipsacus sylvestris* são muito comuns.

Espinhos e abrolhos são palavras que às vêzes determinam plantas especiais, como por exemplo: 1. A palavra hebraica *dardar*, em grego *tribolos*, planta que cresce nos campos, Gn 3. 18; Os 10. 8; Mt 7. 16; Hb 6. 8, é talvez uma espécie de *Tribolos*, o *T. terrestris*, uma das plantas, denominada abrolho. Cresce nos campos e ao lado dos caminhos. Os frutos compõem-se de células duras cobertas de espinhos. Não pertencem às *Compositae*, como os cardos.

A coroa de espinhos posta por escárnio na cabeça de Jesus, Mt 27. 29, parece que foi tecida com *Zizyphus spina Christi*, espécie de anafege, ou loto, que tem galhos cilíndricos e macios com fôlhas semelhantes às da hera, que serviam para as coroas dos imperadores e dos generais. O espinho da carne refere-se a alguma dor ou enfermidade, enviado como mensageiro de Satanás para esbofetear o apóstolo S. Paulo, e conservá-lo humilde no meio de seus triunfos espirituais, 2 Co 12. 7.

ESPÍRITO FAMILIAR

Espírito de uma pessoa falecida que os médiuns invocam para consultas, Dt 18. 11, e que parecem falar desde a terra, Is 29. 4, ou encarnar-se no médium, homem ou mulher, Lv 20. 27. O médium é aquele que tem o espírito, 1 Sm 28. 7. Revelava o futuro, Is 8. 19. Poderia ser um espírito especialmente invocado, que se acreditava responder às perguntas que o médium lhe fazia, ou eram outros espíritos que se manifestavam, à vontade do médium.

O cap. 28. 8 de 1 Sm presta-se a qualquer uma destas interpretações. Saul dizia: "Adivinha-me pelo espírito de Píton' e faze-me aparecer a quem eu te disser." A consulta aos espíritos familiares era pecado de apostasia contra Deus, Lv 19. 31; Is 18. 19. A lei mosaica punia com a morte todo aquele que pretendia possuir o poder de consultar os espíritos familiares, Lv 19. 31; 20. 6, 27; Dt 18. 11. Saul condenou estas práticas, mas quando se viu abandonado por Deus e perturbado com a incerteza de seu futuro, foi ter com a mulher de Endor, que tinha um espírito familiar, e pediu que chamasse a Samuel, 1 Sm 28. 3, 5-25. O rei Manassés instituiu pitões e multiplicou os arúspices, 2 Rs 21. 6; 2 Cr 33. 6, mas seu neto Josias pôs em prática as leis de Moisés contra tais abominações, 2 Rs 23. 24. Provavelmente condenava também os ventríloquos e a voz dos espíritos que parecia vir da terra, mas que era produzida pelo próprio operador.

ESPÍRITO SANTO

O Espírito de Deus, o Santo Espírito. Esta frase exprime a idéia com mais correção do que a palavra *alma*, que tem sentido mais limitado, representando um espírito desencarnado. A frase Espírito Santo encontra-se três vezes no Antigo Testamento, Sl 51. 11; Is 63. 10, 11, mas contém muitas referências à sua obra. O Espírito de Deus é um princípio ativo, operando no mundo, executando a vontade de Deus. O Espírito é Deus quem o dá, Sl 104. 29, 30; Nm 11. 29; Is 42. 1, 5. O Espírito movia-se no princípio sobre a massa caótica do universo e está presente em toda parte, Gn 1. 2; Sl 139. 7. É imanente na energia que move os mundos, Jó 26. 13; Is 59. 19; é a fonte da vida física, intelectual e moral, Gn 6. 3; Jó 32. 8; 33. 4; 34. 14; Sl 26. 3; 104. 30; com Is 42. 5; com a faculdade de produzir efeitos sobrenaturais, 1 Rs 18. 12; 2 Rs 2. 16. Ele habita com o povo de Deus, Is 63. 11; Ag 2. 5, e confere poderes vários, como sejam força, Jz 3. 10; 6. 34; 11. 29; 13. 25; 14. 6, 19; 15.

14; 1 Sm 11. 6; 16. 13; 1 Cr 12. 18, perícia, Ex 31. 3; sabedoria, Nm 11. 17. 25; 27. 18, finalmente, tudo quanto é necessário à obra do seu reino, Is 11. 2; Zc 4. 6. Ele instrui o povo de Deus, Ne 9. 20, inspirando os profetas, Nm 24. 2; 1 Sm 10. 6; Os 9. 7; Mq 3. 8; Zc 7. 12.

Atua no coração de cada um dos filhos de Deus. Foi profetizado que a sua obra seria especialmente edificante e largamente manifestada no período messiânico quando o Espírito seria derramado sobre o povo de Deus, Is 44. 3, dando-lhe um novo coração e um novo espírito, Ez 36. 26, produzindo-lhe tristeza pelo pecado, e ainda mais que este Espírito seria derramado sobre toda a carne, Jl 2. 28. O Espírito se entristece, quando o pecador resiste à sua operação santificadora, Is 63. 10; comp. Sl 106. 33. Jesus prometeu que à sua partida, viria o Espírito habitar em cada um dos seus discípulos, para fortalecê-los, guiá-los, instruí-los, e habilitar a igreja a dar testemunho de Cristo e a glorificá-lo; convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo, Lc 24. 49; Jo 7. 37-39; 14. 25, 26; 15. 26; 16. 7-14; At 1. 8.

O Novo Testamento ocupa-se do reino do Messias e da dispensação do Espírito; por conseqüência, o Novo Testamento menciona este nome mais freqüentemente do que o Antigo. Todos os atributos do Espírito revelados no Antigo Testamento, aparecem em atividade em o Novo. A doutrina sobre o Espírito Santo salienta-se, nesta segunda parte da Bíblia, em falar mais particularmente da sua personalidade. A palavra espírito é do gênero neutro em grego, e do gênero feminino em hebraico, não obstante, é representada pelo pronome masculino, Ef 1. 13, 14; comp. Jo 16. 13. O Espírito fala de si na primeira pessoa, empregando o pronome *eu* e *me*, At 10. 19, 20; 13. 2, associa-se com o Pai e o Filho na fórmula do batismo e na bênção apostólica, Mt 28. 19; 2 Co 13. 14; pode entristecer-se e extinguir-se na criatura, Ef 4. 30; comp Rm 8. 26.

Os atos memoráveis do Espírito Santo, no princípio da dispensação cristã, manifestam-se na concepção miraculosa de Jesus, Mt 1. 18-20, na descida sobre Jesus, por ocasião de seu batismo, em forma visível de pomba, Mt 3. 16; Mc 1. 10; Jo 1. 32, e na efusão, ou descida sobre os apóstolos no dia de Pentecostes, em línguas de fogo, e no dom de línguas, conferido aos mesmos apóstolos, At 2. 4 (Ver *Deus, Inspiração, Pentecostes*).

ESSÊNIOS

Nome de uma ordem religiosa, existente no tempo de Cristo, composta de cerca de 4.000 homens que se dedicavam a uma vida ascética. Com o intuito de observar religiosamente a lei cerimonial, formaram colônias em várias cidades da Judéia e no deserto de Engadi. Cada uma destas colônias possuía a sua própria sinagoga, consistindo em um largo salão que servia igualmente para as refeições e para as assembléias e para guardar os objetos indispensáveis aos banhos diários em águas correntes.

Qualquer pessoa que desejasse fazer parte da ordem, obrigava-se a abrir mão de tudo que possuía em favor dela. Liam a lei de Moisés dia e noite, e esforçavam-se a regular-se por ela nos menores pontos. Adotavam hábitos muito simples, no vestuário e na alimentação. Passavam o dia cultivando as hortas e aplicando-se a várias indústrias. Não precisavam muito de dinheiro, produzindo pelas próprias mãos o que lhes era mais necessário para viver. Em viagem, achavam sempre abrigo e alimento gratuito com seus irmãos. Condenavam a escravidão e não reconheciam distinções entre os homens, senão entre puros e impuros. Aprovavam o casamento, mas abstinham-se dele, exceto uma das suas colônias. Observavam inexcedível moralidade; prometiam honrar a Deus, ser justos para com todos os homens, não fazer mal a ninguém, odiar o mal, promover o bem, ser fiéis uns para com os outros, e principalmente para com as autoridades, amar a verdade, desmascarar os mentirosos, guardar as mãos contra os furtos e conservar a consciência livre de negócios ilícitos, Antig. 18. 1, 5; Guerras 2. 8, 2-13.

ESTACA ver PREGO

ESTÁDIO

Do grego *Stadium*, Lc 24. 13; Jo 6. 19; 11. 18; Ap 14. 20. O estádio era igual a um oitavo da milha romana, ou 185 metros.

ESTANHO

Nome de um metal, que em hebreu se chama *bedil*, que significa separado e também liga. Purificava-se por meio da fusão. Às vezes se encontrava de mistura com a prata em bruto, da qual se separava pela fusão, Ez 22. 20. Estava em uso na Palestina e nos países vizinhos antes do êxodo, Nm 31. 22, no Egito, pelo menos já na sexta dinastia. Empregava-se principalmente no fabrico de bronze, que se obtém pela mistura do cobre e estanho. Os tírios iam buscá-lo a Társis, Ez 27. 12. A Espanha também o fornecia, mas a maior parte dele vinha das ilhas do oceano ocidental (Plínio, Hist. Nat. 34. 47; Heród. 3. 115). Não é difícil acreditar que se trata da Inglaterra, falando das ilhas do ocidente, porquanto as minas da Britânia constituíam a fonte principal de onde se abastecia o mundo antigo. Para lá se dirigiam os marinheiros fenícios, fazendo viagens diretas desde Cades na Espanha até Cornwall em busca de metais, Estrabo 3. 175. Posteriormente, o estanho passava através da França para a foz do Reno gastando-se trinta dias de viagem (Diodoro Século 5. 21, 22). A mesma palavra significa o metal baixo que se encontra em combinação com a prata bruta, Is 1. 25, e supõe-se representar também a escória que sai do chumbo, quando se refina a prata.

ESTAOL, *Petição*.

Nome de uma cidade na parte baixa de Judá, Js 15. 33, eventualmente partilhada aos danitas, 19. 41. Fala-se dela em conexão com Zorá, Jz 13. 25; 16. 31; 18. 2, 8, 11; 1 Cr 2. 53. Foi identificada com a aldeia de Esuá, a cerca de três quilômetros ao oriente de Zorá, e a vinte e quatro ao ocidente de Jerusalém.

ESTAOLEU

Nome de um natural ou habitante de Estaol, 1 Cr 2. 53.

ESTAQUIS, *Espiga*.

Nome de um cristão de Roma a quem o apóstolo S. Paulo enviou saudações, Rm 16. 9.

ESTEFANAS, *Coroado*.

Nome de um cristão convertido em Corinto. Ele e sua casa foram os primeiros frutos do trabalho evangélico de S. Paulo na província de Acaia. Foi ele quem batizou a família de Estéfanas, cujos membros se consagraram ao serviço dos santos. Estéfanas em companhia de Fortunato levou-lhe auxílio e esteve em sua companhia quando escreveu a primeira epístola aos Coríntios, 1 Co 1. 16; 16. 15, 17.

ESTEMOA, ESTEMO, *Obediência*.

1. Nome de uma cidade na parte serrana de Judá partilhada com os seus subúrbios aos sacerdotes, Js 15. 50; 21. 14; 1 Cr 6. 57. Davi enviou a esta cidade alguns dos despojos de Ziclague, 1 Sm 30. 28. As suas ruínas encontram-se em Semua, aldeia importante situada a 17 quilômetros ao sul de Hebrom, onde se vêem as fundações de antigos muros, revelando a existência de uma grande cidade.

2. Nome de um homem de Macati, filho de Odaia, 1 Cr 4. 19.

ESTER, do persa *sitarch*, estrela.

Nome de uma linda donzela hebréia, filha de Abiail, da tribo de Benjamim, Et 2. 15; comp. o v. 5 com o 7. O nome hebraico era *Hadassah*,

que quer dizer mirto. Muito jovem ainda ficou órfã de pai e mãe; cresceu na cidade de Susa, capital da Pérsia, e foi educada ali por Mordecai, seu primo, que a adotou como filha. Assuero, rei da Pérsia, por unânime consenso identificado com Xerxes, no calor do vinho, mandou vir à sua presença a rainha Vasti, com o seu diadema na cabeça, para que todos admirassem a sua beleza. Ela recusou obedecer à intimação do rei. Este, indignado contra a rainha, seguiu o conselho de seus cortezãos, que decretaram a sua reclusão e a perda da realeza, escolhendo-se entre as mais formosas donzelas, uma que a substituísse. No sétimo ano do reinado de Assuero, foi a donzela Ester escolhida e instalada no palácio como rainha. Nesta ocasião ninguém sabia da sua origem judaica. A situação em que ela se achava era muito melindrosa. O ministro favorito de Assuero era Hamã. Cinco anos depois de haver Ester subido ao trono, Et 2. 16; 3. 7, Hamã, irritado pela conduta de Mordecai em não prestar-lhe obediência, planejou uma vingança cruel, consistindo na morte não somente de Mordecai, mas na matança de toda a população judaica espalhada por todo o império persa. Conseguiu ele a licença do rei, mediante uma peita de dez mil talentos, alegando ao mesmo tempo que o povo judeu praticava novas leis e que desprezava as ordenações do rei. Procurou insuflar o ânimo da plebe para executar a matança, Et 2. 5, até cap. 3. 15. Mordecai animou Ester a interferir junto ao rei em favor de sua raça. O medo apoderou-se dela. A insistência de Mordecai levou-a a pôr em prática recursos de alto valor. Recorreu ao jejum e à oração e arriscou a sua vida, comparecendo à presença do rei sem prévia licença. Com grande prudência e fino tato, fez ver ao rei que a conspiração de Hamã contra os judeus atingia também o palácio do rei, e que ela mesma seria uma das vítimas; que se o edito da matança não pudesse ser revogado em tempo de evitá-la, se permitisse aos judeus a defesa de suas vidas e a ofensiva contra seus inimigos, o que tudo foi conseguido. Não se sabe quando e de que modo morreu a rainha Ester. Se o Assuero é o mesmo Xerxes, como todos acreditam, Ester era uma das suas mulheres (cp. as mulheres do pai de Xerxes, Heródoto. 3. 88; 7. 2; e também 2 Sm 3. 2, 5; 11. 26, 27; 1 Rs 1. 11; 7. 8; 11. 3; Dn 5. 2, 10, entre as quais uma se chamava Amestris, filha ou neta de Otanes, mulher de Xerxes no ano 470 A. C., décimo sétimo ou décimo oitavo ano de seu reinado (Heród. 9. 109; comp. 7. 61; Ctésias, Exc. Pers. 20). A rainha Vasti era esposa de Xerxes no terceiro ano de seu reinado, Et 1. 3. 9, ano em que ele convocou uma grande assembléia para consultá-la sobre a conveniência de uma guerra contra os gregos (Heród. 7. 7, 8). Ester já era rainha no décimo mês do sétimo ano, Et 2. 16, 17, e ainda era rainha no décimo segundo ano, 3. 7; 5. 3. O livro de Ester é o último dos livros históricos do Antigo Testamento. No cânon hebraico ocupa lugar no hagiógrafa; primitivamente, segundo o Talmude entre Daniel e Esdras, e agora, está logo depois do Eclesiastes e antes de Daniel. A razão disto está em que o livro de Ester se achava junto com outros quatro rolos usados em cinco aniversários solenes. O último dêles era a festa do Purim, e daí veio o achar-se o livro no quinto lugar. Muito tempo depois de se encerrar o cânon, os judeus impugnaram a sua inclusão entre os livros sagrados, talvez com o intuito de oferecer ocasião a exibições eruditas em sua defesa. Atualmente o livro é objeto de especial veneração do povo judeu. Os cristãos não são contestes em suas opiniões sobre o assunto. Melitão de Sardes e Gregório Nizianzeno cancelaram-no das suas listas de livros canônicos; Atanásio pô-lo no rol dos livros não canônicos e Lutero denunciou-o. A oposição feita a este livro basela-se no fato de não se encontrar nele, nem uma só vez, o nome de Deus; mas o cap. 4. 14 implicitamente reconhece a Providência; o v. 16 do mesmo capítulo reconhece o jejum como prática religiosa, e o capítulo 9, v. 31, além do jejum, regista os clamores da oração. Conclui-se, pois, que a grande lição que o livro nos oferece é a crença da intervenção divina na vida dos povos.

Os investigadores da história antiga, que procuram descobrir na mitologia e na lenda a origem das narrativas do Antigo Testamento, dizem que o livro de Ester não tem outras fontes históricas, senão a lenda. A teoria mais em voga é que a história de Ester é de origem babilônica. Baseia-se a teoria em que o nome de Ester é a antiga forma do nome da deusa babilônica Istar, e o outro nome Edissa ou Hadassa, dado a Ester, é a palavra babilônica *hadashatu*, noiva, que antes se traduzia por mirto, era o atributo da referida deusa Istar. Mordecai representa o deus Marduque, patrono da Babilônia. Sendo Mordecai, primo de Ester, Marduque relaciona-se com Istar. Hamã, inimigo de Mordecai, representa Humã, ou Hamã, deus principal dos elamitas, em cuja capital, Susa, se dão as cenas descritas; Zarés ou Zerés, esposa de Amã ou Hamã, pode bem ser a mesma *Kirisha*, deusa dos elamitas, consorte presumível de Humã. Vasti é igualmente uma deusa elamita. A vitoriosa resistência de Mordecai e Ester a Hamã, Zarés e Vasti, nada mais é que o conflito dos deuses de Babilônia com os deuses de Elã, em outros termos, é a luta entre Babilônia e Elã disputando a supremacia política, luta que durou mil anos, terminando pela vitória de Babilônia. (Jensen, Wiener Zeischrift f. d. Kunde des Morgenlandes. 6. 47 ff, 209 ff; Gunkel, Schopfung und Chaos, 310-314, que admite a falta de base para esta história, enquanto a palavra *Pur*, não fôr explicada). Se tais idéias forem confirmadas, segue-se que os judeus da dispersão alimentando as suas esperanças nas profecias de seu livramento, instituíram uma festa de triunfo e serviram-se das lutas de Marduque e Istar com Humba e Vasti, para ilustrar ou tipificar a vitória certa sobre seus inimigos. Antes que esta teoria ganhe foros de cidade, convém entrar no exame crítico de seus fundamentos: *I. Divindades elamitas*. 1. Identificação de Amã, grande inimigo dos judeus, com o deus grande dos elamitas. (a) O nome desta divindade se escrevia ordinariamente entre os assírios, Humba, mas em certas ligações fonéticas, usavam escrevê-lo — Umã, com o final *um*. Esta forma poderia ser representada em hebraico, pela palavra Humã, ou Hamã.

Até aqui vamos bem; mas, (b) o livro de Ester diz mais alguma cousa a respeito de Amã, além do seu nome; dá a sua filiação, era filho de Hamedata, da linha de Agague, 3. 1, 10; 8. 5; 9. 24, diz que era pai de dez filhos, cujos nomes menciona, 9. 7-10. A teoria elamita não dá conta destes nomes. 2. Em referência a Zarés, esposa de Amã, que se pretende identificar com a deusa elamita, deve notar-se (a) o argumento em favor da deusa *Kirisha*, da seguinte forma: A deusa *Kirisha* é aparentemente idêntica à divindade *Kiririsha*, que pode ter sido uma deusa. Dedicaram um templo a Humba e a *Kiririsha*; e, pois, *Kiririsha* ou *Kirisha* pode ter sido a mulher de Humba (WZKM, 6. 63). Neste argumento não há prova. (b) Alguns textos de Josefo dão a inicial do nome da mulher de Amã como sendo G. (Antig. 11. 6. 10; edição de Niese); e, lendo-se *Geresh*, em vez de *Zeresh*, o som aproxima-se ao som de *Kirisha*, nome da divindade elamita que talvez seja uma deusa. Porém, outros exemplares das obras de Josefo combinam com os grandes manuscritos dos Setenta (A. B. e Luciano). Estes textos típicos favorecem a forma hebraica deste nome, no caso em questão, dando a sibilante *sain*, Z, e não G, para ser a primeira letra do nome da mulher de Amã. Há mui pouca semelhança com o nome *Kirisha*. 3. O nome Mas-ti da deusa elamita (não Bar-ti, como escreve o professor *Sayce*, empregando o som alternado

do primeiro sinal) pode ser, por conveniências de fonética, pronunciado Vasti, e deste modo corresponder a Vasti, nome da rainha, mencionado nos dois primeiros capítulos do livro de Ester. Vasti era "provavelmente uma deusa" (WZKM, 8. 51). Evidentemente, muito do que é essencial à teoria, carece de provas. Mesmo que fosse bem determinado o sexo desta divindade, seria ainda necessário indagar se o nome Vasti não seria abreviatura de um nome composto, incluindo o nome desta divindade (comp. Ben-Hadade). Mas, finalmente, Vasti pode ser um bom nome persa, que dizia bem a mulher do rei Assuero (Vide *Vasti*). II. *Hebreus que figuram na história de Ester*. Em referência a este assunto, diremos: 1. É possível que os pais de Ester, ou os que depois cuidaram dela, dessem à bela criança, o nome da estrela da manhã, Is 14. 12; Ap 22. 16, cp. Lebana. Mas, (a) há casos obstinados de fatos etimológicos que se opõem à identificação do nome de Ester com Istar, deusa-estrelar. A letra inicial de Ester é *aleph* ao passo que a de Istar é *ain*. Todos os dialetos semíticos, do oriente e do ocidente, em que ocorre o nome da deusa, conservam, sem exceção, a mesma forma e a conservaram por alguns séculos depois que o livro de Ester foi escrito, e mesmo depois que a festa do Purim se tornou universalmente celebrada pelos judeus em todo o mundo. É verdade que alguns afirmam que o plural de Istar é escrito com *aleph*, e não com *ain*, em alguns tijolos, encontrados em Babilônia cuja antiguidade se ignora. Porém, se eles são contemporâneos, ou não, de Ester, a forma do nome Istar é anormal e lamentavelmente degenerada. A citação do nome nada vem provar, porque o vocabulário do livro de Ester não degenerou. Não há necessidade, portanto, de pensar mais em Istar, uma vez que o nome Ester, vocábulo persa, tem a suave significação de *Stella*-estrela. (b). É certo que o vocábulo *hadashatu* quer dizer noiva, mas não se pode provar que tal palavra tivesse o sentido de mirto, nem que fosse empregada como epiteto característico de uma deusa. A comparação do nome de Istar com o nome hebraico de Ester, Edissa ou Hadassa, é muito infeliz, sob o ponto de vista etimológico; porque a palavra *assiria* correspondente a Hadassa é *adassatu* e não *hadashatu* (c). Finalmente, Ester é conhecida no livro que tem o seu nome, como filha de Abiail e esposa do rei Assuero, e a teoria oposta à sua identidade histórica, deixa de explicar estas relações. 2. Mordecai quer dizer que pertence a Marduque ou é diminutivo desta palavra. (a) O nome Marduque e seu diminutivo marduca eram vocábulos muito usados em Babilônia. (b) A forma da palavra no livro de Ester, refere-se a um homem e não a um deus. (c) Nomes como estes eram freqüentemente empregados pelos hebreus piedosos (Compare Apolo, Henadade, Senazar, etc.). Mordecai procede do nome de outro judeu, além do primo de Ester, Ed 2. 2. (d) O livro de Ester dá a genealogia de Mordecai através de várias gerações até chegar à tribo de Benjamim, Et 2. 5.

Pondo de parte as hipóteses que formam o grosso das evidências em favor da teoria em questão, concedamos mesmo que Ester seja uma forma de Istar que Mordecai se deriva de Marduque, que Amã e Vasti representem divindades elamitas. Concedendo tudo isto em favor da teoria, diremos. 1. Nenhuma base substancial veio provar que os nomes das pessoas referidas no livro de Ester, sejam nomes de divindades. Não há referência alguma aos ascendentes dos atores principais nos acontecimentos descritos, nem explica porque aparece em cena o nome do rei Assuero. 2. A teoria, evidente origem pagã, tem contra si o fato de aceitar a narrativa como eventos históricos, e a celebração universal da festa do Purim no primeiro século pelo povo judeu (Antig. 11. 6, 13; 2 Mac 15. 36). 3. Os principais eventos da narrativa acham-se expressamente registados nas crônicas oficiais da Pérsia, Et 2. 23; 6. 1, 2; 10. 2. 4. Finalmente, atribuindo-se à festa do Purim uma origem pagã, é de admirar que até hoje não se tenha descoberto, entre os pagãos tal solenidade nos dias catorze e quinze do mês de Adar, que é o último mês do ano. A linguagem do livro de Ester é hebraica como a do livro de Esdras e de Neemias, porém com maior número de vocábulos persas. Pela leitura do capítulo 10 v. 2, parece que o livro foi escrito depois da morte de Xerxes, e no ano 425 A. C., quarenta anos depois de ser assassinado, ou pelo menos no reinado de Artaxerxes, 465-425 A. C., não havendo motivos para dar-lhe mais recente data. Não existem referências a este livro em o Novo Testamento, nem alusões a ele. Na versão dos Setenta aparecem alguns aditivos que S. Jerônimo separou e que hoje se encontram nos livros apócrifos.

ESTERCO

Empregado para nutrir as plantas, Lc 13. 8; Sl 83. 10. No oriente emprega-se o esterco seco das vacas para servir de combustível, Ez 4. 12, 15. Símbolo das posições humildes. O Senhor levanta do pó ao necessitado, e do esterco eleva o pobre, 1 Sm 2. 8; Lm 4. 5. Em sinal de castigo o rei de Babilônia ameaçou converter as casas dos adivinhos e mágicos em um monturo, Dn 2. 5; e o rei Jeú mandou destruir o templo de Baal e em seu lugar construiu umas latrinas, 2 Rs 10. 27. O Senhor ameaçou de destruir a casa de Jeroboão como se costuma varrer o estêrco até não ficar rastro, 1 Rs 14. 10. São Paulo compara as grandezas do mundo ao esterco, Fp 3. 8.

ESTERCO DE POMBAS

Nome que se deu a uma substância que serviu para matar a fome do povo durante o cêrco de Samaria pelo exército de Benadade, rei da Síria, e também durante o cerco de Jerusalém, 2 Rs 6. 25; Guerras 5. 13, 7. É provável que este nome seja de alguma erva, porque os árabes dão o nome de esterco de pardal a uma planta saboeira.

ESTEVÃO, *Grinalda ou coroa.*

Nome do primeiro mártir cristão. Seu nome figura em primeiro lugar na lista de Sete diáconos escolhidos pela igreja de Jerusalém por sugestão dos apóstolos, para presidirem ao serviço dos pobres, At 4. 5. A eleição destes sete forma o primeiro grupo de diáconos e originou-se nas queixas e murmurações dos gregos contra os hebreus pelo motivo de que as suas viúvas eram desprezadas no serviço de cada dia. Estêvão tinha nome grego. A perseguição que se ergueu contra ele, foi movida pelos judeus que falavam o grego, e por isso presume-se que também ele era um dos helenistas judeus que tivesse vindo de fora. Foi homem notável; cheio de fé e do Espírito Santo, 5, depois de sua eleição, revelou-se grande pregador, dotado com poder de operar milagres, 8. A sua atividade, provocou a primeira perseguição à igreja de Jerusalém. Esta perseguição veio das sinagogas dos judeus estrangeiros estabelecidos na cidade. Irrompeu na sinagoga dos libertinos, juntamente com os que eram da sinagoga dos cirenenses, dos alexandrinos, dos que eram da Cilícia e da Ásia, 9. Acusaram a Estêvão de blasfemar contra Moisés e contra Deus, e por dizer que Jesus havia de destruir o templo e mudar as tradições que Moisés deixou, 11-14. Diz S. Lc que produziram falsas testemunhas contra ele, como haviam feito contra Cristo. Com certeza, Estêvão havia dito alguma cousa semelhante que os inimigos perverteram. Levaram-no ao Sanedrim, onde produziu a sua defesa, como se acha no cap. 7. 2-53 dos Atos. Começou recordando a escolha que Deus fez dos patriarcas e de que modo os guiou, 2-22, pondo em relevo o propósito divino na direção do povo de Israel para um fim em vista; depois, continuando a história, mostra que os hebreus, repetidas vezes, resistiram à vontade de Deus, tanto nos dias de Moisés como de-

pois deles 28-43, e que, por isso, foram privados de contemplar o caráter típico tanto do tabernáculo como do templo, 44-50. Interrompendo o seu argumento, acusa-os de resistirem como fizeram seus pais ao Espírito Santo; acusa-os de traição e homicídio. Ao ouvirem estas palavras, enraiveceram-se em seus corações e rangiam com os dentes contra ele, 51-54. Neste ponto, Estêvão, olhando para o céu, viu o Filho do Homem em pé, à direita de Deus, pronto para recebê-lo. Ao declarar esta visão, lançaram-se contra ele furiosamente, lançaram-no para fora da cidade e o apedrejaram. Não era lícito dar a morte a alguém sem permissão do governador romano; por isso, o martírio de Estêvão foi o resultado de explosão irreprimível. O discurso e o martírio de Estêvão assinalam o ponto de transição em que o Cristianismo deixa a forma primitiva que o limitava aos judeus para alargar-se às regiões do gentilismo. S. Pedro prega o Cristianismo em harmonia com as profecias; Estêvão pregou o mesmo Cristianismo como o objetivo de toda a história judaica. Conquanto Estêvão declarasse que o Cristianismo não poderia ser limitado ao judaísmo, ele não proclamou, como S. Paulo fez depois, que tinha de pregar aos gentios, anunciando-lhes a salvação pela fé somente, sem as obras da lei. Portanto, é ele que marca a passagem do Cristianismo judaico para o Cristianismo gentílico. Além de que, a perseguição que se seguiu à morte de Estêvão, os cristãos a se dispersarem pelas províncias da Judéia e de Samaria, e, por êste modo, o evangelho foi levado aos samaritanos e dêles passou aos gentios. O caráter pessoal de Estêvão era de encantadora beleza. Como homem, era "cheio de fé e do Espírito Santo", 6. 5, como pregador era "cheio de graça e de fortaleza", 8, perante o conselho, "viram o seu rosto como o rosto de um anjo", 15. Suas últimas palavras: "Senhor, não lhes imputes este pecado" 7. 59.

A inspiração de Estêvão em referência ao seu discurso é assunto controvertido. A narração diz que ele estava "cheio do Espírito Santo", 7. 55, mas algumas de suas afirmações históricas, muitos as acham em desacordo com o Antigo Testamento. Dizem outros o contráro, que elas podem ser harmonizadas se tivermos conhecimento de todos os fatos. Qualquer das opiniões pode ajustar-se à doutrina da inspiração, uma vez que a frase "cheio do Espírito Santo" não tenha o sentido de inspiração no sentido técnico da palavra, At 6. 3; Ef 5. 18, e desde que a inspiração de S. Lucas garantia simplesmente a correção do discurso de Estêvão e não a exatidão de suas palavras. G. T. P.

ESTÓICOS (Do grego *stoicos*, que pertencem ao pórtico).

Nome de uma seita de filósofos, alguns dos quais disputaram com S. Paulo em Atenas, At 17. 18. A seita teve como fundador certo Zenom de Citium na ilha de Chipre, que não se deve confundir com outro Zeno, filósofo de Eléia, na Itália. Cipriano Zenom nasceu, segundo se crê, entre os anos 357 e 352 A. C., e morreu entre 263 e 259, tendo vivido quase um século. Estabeleceu-se em Atenas e ensinou ali as suas doutrinas durante cinqüenta e oito anos. O lugar onde prelecionava era o pórtico do mercado público, em grego *stoa*. A sua doutrina era essencialmente panteísta. Os estóicos faziam distinção entre matéria e força e davam-nas como sendo o princípio das cousas, no universo. A matéria era o elemento passivo, e a força, um elemento ativo. A força operava em toda parte e a denominavam razão, providência ou Deus, e reconheciam nela, consciência e pensamento, dependente e impessoal, emanação de um fogo que forma, que permeia e vivifica todas as cousas, e que de acordo com a necessidade inexorável, dá existência aos mundos e às criaturas que por ela também são destruídas, de modo que no fim de um período cósmico, o universo será absorvido por uma combustão espontânea, e que a evolução do mundo começará de novo, e assim por diante, sem fim. A alma humana, emanação da alma do mundo, participa da sua natureza ígnea, e de novo confunde-se com ela. Sobrevive ao corpo, mas vive somente durante um período cósmico, e é afinal reabsorvida pela fonte que a produziu. Os estóicos diziam-se discípulos de Sócrates e pareciam-se a ele quanto à teoria da vida. Separavam com muita rigidez o bem moral do agradável. Declaravam que um ato é bom ou mau em si mesmo, e que o prazer nunca deve ser o motivo de nossos atos. O bem supremo é a virtude. A virtude é a vida de conformidade com a natureza, ou a harmonia da conduta humana com a vontade divina; é especialmente a resignação com a sorte. As virtudes cardeais são a sabedoria prática em referência ao bem e ao mal; a coragem, a prudência ou o domínio sobre si, e a justiça. Zenom aconselhava a seus discípulos a dominar os seus sentimentos de modo que resistissem o mais possível a todas as influências externas. O Estoicismo criou caracteres mui nobres. Exerceu influência poderosa durante 400 anos. Os mais eminentes de seus professores foram Epicteto, o filósofo Sêneca e o imperador Marco Aurélio.

ESTOM, *Governado por mulher.*

Nome de um descendente de Calebe, figurando na genealogia de Judá, 1 Cr 4. 12.

ESTORAQUE

Tradução da palavra hebraica *Nataph*, gota, pingo. Dava-se este nome a uma planta aromática, cujo produto se aplicava no fabrico de incenso, Ex 30. 34; cp. Ecclus 24. 15. Os Setenta traduziram a palavra *nataph* pelo nome grego *stakte*, que tem o mesmo significado de gota, ou pingo, e que se empregava em vez do óleo que sai da mirra ou cinamomo. Crê-se geralmente que o *nataph* é a resina do estoraque ou do opobálsamo.

Estoraque («Styrax officinalis»)

O estoraque (*Styrax officinalis*) é substância resinosa produzida por um arbusto de 10 a 20 pés de altura, produzindo flores semelhantes às da laranjeira, na cor, no tamanho e na fragrân-

cia, em grupos de quatro ou cinco. A árvore é muito vistosa quando em flor. É natural da Ásia Menor e da Síria e muito abundante na província de Galiléia. O estoraque das farmácias provém do sumo espessado da casca e emprega-se como expectorante e na perfumaria. O estoraque líquido, usado no comércio, é produzido por uma árvore inteiramente diferente. O apo bálsamo é produto resinoso, denominado bálsamo de Galaade.

ESTRANGEIRO[1]

Gentio, pessoa pertencente a outro povo, que não o de Israel, que não dá obediência às suas leis, nem ao seu Deus, Dt 29. 22, 24, como os egípcios, Êx 2. 22, os jebuseus, Jz 19. 12, os moabitas, edomitas, amonitas, sidônios e heteus, 1 Rs 11. 1. Tecnicamente, a palavra *estrangeiro*, não compreende: 1, o escravo comprado, ou feito prisioneiro de guerra, por que estava em poder de seu senhor, sujeito às leis de Israel, Gn 17. 12; Ex 21. 20, 21. 2. os prosélitos que vinham professar a religião e participavam dos seus privilégios, Gn 34. 14-17; Is 56. 6-8; At 2. 10, 3. os estrangeiros em trânsito, que ocupavam temporariamente o país.

Israel era povo peculiar de Jeová, Dt 14. 1-2, e, por isso, os idólatras cananeus, principalmente, não podiam entrar em relações pactuais de qualquer natureza, com ele, Êx 23. 32. Nenhum estrangeiro devia participar da páscoa, Ex 12. 43; entrar no santuário, Ez 44. 9; At 21. 28; comp. Dt 23. 3; 7, 8, e subir ao trono de Israel, Dt 17. 15. A lei mosaica proibia o casamento do povo de Israel com os estrangeiros, Ex 34. 16; Dt 7. 3; Js 23. 12; principalmente com os cananeus; comp. Gn 24. 3, 4; 28. 34, 35; 28. 1; 34. 14-17; Jz 14. 3; Ed 10-2; Ne 13. 26, 27; Tobias 6. 12.

A carne dos animais que morriam, e que os israelitas não deviam comer, podia ser vendida aos estrangeiros, Dt 14. 21.

Os israelitas podiam emprestar dinheiro a juros ao estrangeiro 23. 20; comp. Êx 22. 25, e obrigá-lo ao papamento, mesmo no ano do jubileu em que as dívidas dos israelitas prescreviam, Dt 15. 3. Posteriormente os judeus escrupulosos abstinham-se mesmo de comer com os gentios, At 11. 3; Gl 2. 12. Todavia, a entrada dos gentios no judaísmo era franca, Gn 17. 27; 34. 14-17; Mt 28. 15, e o seu enxerto no reino era a esperança de Israel.

ESTRANGEIRO[2], *Peregrino.*

Estrangeiro, segundo a definição da lei mosaica, era o indivíduo de procedência estranha à família judaica e que residia entre os israelitas; e peregrino era o estrangeiro que visitava temporariamente o país, Êx 20. 10; Lv 16. 29; 17. 8; 2 Sm 1. 13; Ez 14. 7. O estrangeiro, não sendo natural do país, tinha, apesar disso, direitos e deveres. Estava sob a proteção divina e era tratado benignamente pelos israelitas, Lv 19. 33, 34; Dt 10. 18, 19. A lei respeitava seus direitos, Ex 22. 21; 23. 9. Caindo em pobreza, gozava dos mesmos privilégios que o hebreu pobre, Dt 24. 19, 20. As mesmas proibições que pesavam sobre os israelitas também caíam sobre ele, Ex 12. 19; 20. 10; Lv 16. 29; 17. 10; 18. 26; 20. 2; 24. 16, e 17. 15, mais tarde modificado em Dt 14. 21, mas não era obrigado a cumprir todos os deveres religiosos e positivos dos israelitas. Para ele era-lhe facultativo o rito da circuncisão, não sendo escravo, e não podia participar da páscoa, Êx 12. 43-46. Os israelitas deviam convidar o estrangeiro para os seus banquetes religiosos, Dt 16. 11, 14. O estrangeiro podia oferecer holocaustos e participar dos sacrifícios pelo pecado da congregação e pelos pecados de ignorância. Em caso de necessidade, as cidades de refúgio, ofereciam-lhe asilo seguro, Lv 17. 8; Nm 15. 14, 26, 29; 35. 15. Nos casos de contaminação por contacto deveria sujeitar-se aos processos da purificação, Lv 17. 15; Nm 19. 10. Se aceitasse a circuncisão para si e para todos os seus varões poderia participar da páscoa, Êx 12. 48, 49. A principal desvantagem do estrangeiro é que, no caso de ser escravo, não poderia aproveitar-se dos privilégios do ano do jubileu, ele e seus filhos, que passavam por herança aos descendentes do comprador, Lv 25. 45, 46. Os amonitas e os moabitas formavam uma classe excepcional de estrangeiros. Não poderiam entrar na comunidade israelita, nem mesmo pela circuncisão, Dt 23. 3, mas o filho de um israelita e de mãe moabita poderia entrar; comp. Jessé e Reoboão. Foram terminantemente proibidos os casamentos com os idólatras cananeus que ocupavam a terra por ocasião da conquista, 7. 3. Os que ficaram na terra depois da conquista, em grande parte passaram a ser prosélitos. No tempo de Salomão havia 153.600 prosélitos no reino de Israel, 2 Cr 2. 17. Em o Novo Testamento a palavra estrangeiro não tem a mesma significação técnica, designa pessoa desconhecida, Jo 10. 5, pertencente a outra terra, Lc 17. 16, 18, afastada do lar em terra distante, 24. 18; At 2. 10, e um israelita da dispersão, 1 Pe 1. 1.

ESTRELA

O número infinito de estrelas, as constelações, ou grupos de estrelas, desde logo atraíram a atenção do homem, Gn 22. 17; Is 13. 10, Jó menciona os nomes da Ursa, do Órion e das Híades ou Plêiades, e fala da revolução do Arturo, Jó 9. 9, 38. 31, 32. O rei Josias aboliu o culto oferecido a Baal, ao Sol, à lua e aos doze signos do zodíaco, 2 Rs 23. 5. Veja também *Babilônia, Quium, Lucífer*. Pode bem ser que na epístola de S. Judas, 13, haja uma referência aos meteoros e cometas.

A observação de certas estrelas servia para determinar posições, Antig. 13. 8, 2. No Egito, o curso normal de trinta e seis constelações, determinava igual número de períodos de dez dias do ano (Veja *Semana*). Os israelitas consideravam as estrelas como obra das mãos de Deus, sujeitas a seu governo e direção, Gn 1. 16; Sl 8. 3; Is 13. 10; Jr 31. 35.

Os pagãos e os israelitas degenerados converteram os astros em objetos de adoração, Dt 4. 19; 2 Rs 17. 16, erguendo-lhes altares e queimando-lhes incenso, 21. 5; 23. 5. Acreditavam que os astros exerciam influência sobre a economia ordinária da natureza (comp. Jó 38. 31), bem como nos negócios da vida humana. Esta crença era muito vulgarizada entre os pagãos. Débora serve-se de uma frase muito empregada nos discursos de seu tempo, em que reminiscências de noções da imaginação pagã aparecem, quando descreve poeticamente o concurso das estrelas na peleja contra Sísara, Jz 5. 20. Bertheau parece ter razão, pensando que a linguagem de Débora se refere à assistência divina, 4. 15, representada pelos astros, como se o céu, ou, para servir-nos de suas próprias expressões, como se as estrelas, saindo das suas órbitas, viessem pelejar contra Sísara (comp. Sl 18. 10). Em suas palavras encontra-se uma referência àquela tempestade providencial que destroçou os cananeus. O v. 21 e as palavras de Josefo (Antig. 5. 5, 4) parecem confirmar esta opinião. Mas o escritor judaico, provavelmente, tira esta conclusão, comparando Js 10. 10 com 1 Sm 7. 10. Supunham os pagãos que as estrêlas anunciavam acontecimentos futuros e por isso, as observavam com este intuito, Is 47. 13. Veja *Astrologia*. — J. D. D.

O Novo Testamento menciona várias estrêlas que merecem estudo especial. 1. Estrela d'Alva, 2 Pe 1. 19. Luzeiro, talvez descrição figurada dos sinais que hão de preceder a segunda vinda. Dizem outros que representa a iluminação do Espírito Santo nos corações dos crentes. 2. Estrêla resplandecente e da manhã, Ap 2. 28; 22. 16, designando talvez a pessoa de Cristo como o arauto de seu povo no dia eterno. 3. A estrela dos magos. A idéia geralmente aceita é que o aparecimento da estrela aos magos do oriente foi um fenômeno puramente sobrenatural, um corpo luminoso semelhante a uma estrela. Foram levados a crer

que o rei dos judeus era nascido. Não será para duvidar que eles tivessem conhecimento da profecia de Balaão, Nm 24. 17, ou de outras predições acêrca do nascimento do rei dos judeus. A estrela tornou a ser vista no caminho que os levava de Jerusalém para as montanhas da Judéia e que os guiou até a casa em que se achava o menino na vilota de Belém. Julgam outros que a estrela foi um fenômeno providencial para guiar os magos. Em dezembro de 1603, o astrônomo Kepler observou uma conjunção de Júpiter com Saturno no mês de março; outra em 1604 com o planeta Marte, e em outubro do mesmo ano, outra conjunção com uma estrela brilhante que gradualmente desaparecen em fevereiro de 1606. Kepler calculou que o planeta Júpiter esteve em conjunção no ano 7 e 6 A. C. Supondo que a nova estrela tivesse conjunção como em 1604, era caso para dizer que esta seria a estrela dos magos. Outros identificam a estrela dos magos com a conjunção planetária já referida.

Os astronomos Ideler, Pritchard e Encke corrigiram os cálculos de Kepler, de acordo com os conhecimentos atuais, de onde resulta que no ano 7. A. C., deram-se três conjunções de Júpiter com Saturno, em maio, setembro e dezembro. Supõe-se, portanto, que os magos viram a estrela em maio. Ligaram este fenômeno com o nascimento do rei dos judeus, de conformidade com os conhecimentos astrológicos e as profecias dos hebreus e a expectação das gentes. Projetaram viagem a Jerusalém e no caminho para Belém, observaram de novo a conjunção dos dois planetas que brilhavam sobre suas cabeças. É difícil compreender que uma estrela se pareça com a conjunção de dois planetas. Esta presunção dá a entender que o nascimento de Cristo teve lugar mais cedo do que a época assinalada.

Se pudermos acreditar na teoria de Kepler, sôbre a estrela em conjunção com o planeta Júpiter, como ele supõe, chegaremos a um resultado mais razoável. Baseado em vários raciocínios, é mais provável acreditarmos que se trata de um fenômeno puramente natural. Os magos, com certeza, eram astrólogos e muito dedicados ao estudo das posições e mudanças das estrêlas. A estrela não foi adiante dêles para Judéia; ela reapareceu somente depois, quando iam no caminho para o lugar indicado. Por outro lado, muitos pensam que a passagem do evangelho segundo S. Mateus, 2. 9, não pode ser interpretada senão como um fenômeno sobrenatural. Os cálculos astronômicos acima referidos não podem explicar com segurança se com efeito a estrela dos magos era um fenômeno astronômico, ou um caso sobrenatural — G. T. D.

ESTULTICIA ver LOUCURA[2]

ETÃ[1], *Lugar de feras.*

1. Nome de uma aldeia situada no limite sul do país, que passou de Judá para Simeão, 1 Cr 4. 32; comp. Js 15. 32, 42. Na cova de um rochedo, perto da aldeia, morou Sansão por algum tempo, Jz 15. 8, 11. Aitum, a 20 quilômetros a oeste sul de Hebrom, parece que é o lugar, onde existia. Porém, o rochedo devia estar mais perto da casa de Sansão por isso, Conder acha que o lugar mais certo seja o rochedo de Beite Atabe, a 9 quilômetros a sudest eda Saréia. Schick é de parecer que o verdadeiro local seja Araque-Ismaim, cerca de 5 quilômetros da mesma Saréia.

2. Nome de uma cidade nas vizinhanças de Belém, que Roboão fortificou para defesa de Judá, depois da revolta das dez tribos, 1 Cr 4. 3; 2 Cr 11. 6. Segundo o Talmude, o templo de Jerusalém era suprido de água vinda de Etã, por um aqueduto de 13 quilômetros de extensão, desde o outeiro do templo, passando por detrás de Belém até as três represas, uma das quais é alimentada por uma nascente chamada Aim-Atã, situada ao sul. Relata o historiador Josefo que o rei Salomão gostava de fazer passeio matinal a cavalo, a Etã que distava de Jerusalém cerca de 13 quilômetros, onde havia belo aspecto de jardins e correntes de água (Antig. 8. 7, 3; Ec 2. 5, 6). Aqui, pois, em Aim-Atã, perto da aldeia de Urias, cerca de 4 quilômetros a sudoeste de Belém, era o lugar de Etã. Os peregrinos descobriram recentemente os três reservatórios a que deram o nome de tanques de Salomão. O aqueduto é muito antigo; antedata a era cristã e o período do domínio romano. Pôncio Pilatos serviu-se de uma parte dêle para abastecer a cidade, trazendo água de uma distância de 200 estádios, ou 43 quilômetros (Antig. 18. 3, 2); ou 400 estádios, 86 quilômetros (Guerras 2. 9, 4). Outra secção do aqueduto vai dos três reservatórios a el-Arrube, perto de Hebrom, e uma terceira chega até el-Biar que fica alguns quilômetros ao sul das nascentes.

ETÃ[2], *Firmeza, perpetuidade.*

1. Nome de um descendente de Judá, pertencente à família tribal de Zara, 1 Cr 2. 6. Parece ser o mesmo homem com êste nome, notável pelo seu saber, 1 Rs 4. 31; Título do salmo 89.

2. Nome de um levita da família de Gérson, casa de Lobni, 1 Cr 6. 42, 43; comp. 20; e Nm 26. 58.

3. Nome de um levita da família de Merari, casa de Musi; era filho de Cusi, e foi escolhido para cantor no tempo do reinado de Davi, 1 Cr 6. 44, 47; 15. 17, 19. Parece que lhe mudaram o nome para Iditum (que canta louvores), depois que foi designado para o serviço do tabernáculo em Gabaom, 1 Cr 16. 38-41; comp. 15. 17, 19; 25. 1.

ETÃ[3], *Limite.*

Nome do primeiro acampamento dos israelitas depois de saírem de Socó, deixando o Egito. Ficava no extremo do deserto, Ex 13. 20; Nm 33. 6. Não era o caminho, direto para a terra dos filisteus, Ex 13. 17. Este nome estendia-se a uma porção do deserto de Sur, que foi atravessado pelos israelitas para chegarem a Mara, gastando três dias de viagem, Nm 33. 8; comp. Ex 15. 22. Lugar ainda não identificado.

ETANIM, *Chuva constante.*

Nome do sétimo mês, 1 Rs 8. 2, também chamado Tisri; correspondia ao nosso mês de outubro.

Era neste mês que se celebrava a festa das trombetas, o grande dia da expiação e da festa dos tabernáculos.

ETBAAL, *Com Baal.*

Nome de um dos reis de Tiro e de Sidônia e pai de Jezabel, 1 Rs 16. 31; Antig. 8. 13. 1, 2; 9. 6. Foi sacerdote de Astarté; matou seu irmão para se apoderar do trono (Contra Apiom, 1. 18).

ETE-CAZIM

Nome de um lugar nos limites de Zabulom, Js 19. 13.

ETEI, *Oportuno.*

1. Nome de um homem de Judá, descendente pelo lado materno, de Jerameel e Hesrom, cujo pai foi escravo egiptano, 1 Cr 2. 34-36.

2. Nome de um gadita que foi encontrar-se com Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 11. Fig. diz. Eti.

3. Nome de um filho de Roboão e de Maaca, 2 Cr 11. 20.

ETER, *Abundância.*

Nome de uma aldeia da região inferior de Judá, Js 15. 42, partilhada à tribo de Simeão, 19. 7. Tem o nome de Toquém em 1 Cr 4. 32.

O lugar provável de sua localização é a arruinada aldeia de Atr, a cêrca de dois quilômetros a noroeste de Beite-Jebrim.

ETIOPES (Segundo entendiam os hebreus, povo nômade, morando em cabanas).

Nome de um dos povos que forneceram soldados a Sesaque, rei do Egito, para invadir a Palestina. Com certeza era de raça africana, 2 Cr 12. 3.

ETIÓPIA, *Em grego Aithiopia, sol abrasador.*

1. Nome de um país, que na língua hebraica se chamava Cus, mencionado em parceria com o nome do Egito, Sl 68. 31; Is 20. 3-5; Ez 30. 4. 5; Na 3. 9, e às vezes com o nome da Líbia e dos Líbios, 2 Cr 16. 8; Ez 30. 5; Dn 11. 43; Na 3. 9, situado na África oriental. A começar em Siene, descambava para a parte sul do Egito, Ez 29. 10; comp. Judite 1. 10. Compreendia a região do alto Nilo, o Sudão, a Núbia, com o Cordofão, o Senaar e a Abissínia do norte; região deserta em grande parte com alguns lugares férteis. Os egípcios conheciam toda esta região a que davam o nome de Kes. Os rios da Etiópia eram: o Branco, Is 18. 1; Sf 3. 10; o Nilo Azul, o Atbara ou Tacazo. Eram famosos os topázios da Etiópia, Jó 28. 19. Os seus habitantes eram de alta estatura. Is 45. 14, de cor escura, Jr 13. 23, dados ao comércio, exportando para o estrangeiro, os produtos da sua terra, Is 44. 14, e possuidores de grandes riquezas, 43. 3. Zera com um exército de um milhão de homens invadiu o reino de Judá, e foi derrotado pelo rei Asa, 2 Cr 14. 9-15; 16. 8.

A vigésima quinta dinastia da Etiópia estabeleceu-se no Egito. A esta dinastia pertencia o rei Taraca que enfrentou o rei Senaqueribe em batalha, 2 Rs 19. 9; Is 37. 9, Is 20. 1-6; Sf 2. 12, vaticinou contra a Etiópia; e o Salmista anunciou que a Etiópia se adiantaria para levantar as suas mãos a Deus, Sl 67. 32; comp. 86. 4. Esta profecia cumpriu-se na conversão do eunuco, valido de Candace, rainha da Etiópia, At 8. 26-40, e na introdução do Evangelho na Abissínia, que até hoje se conserva reino cristão. 2. Existem dois nomes iguais, um na Ásia e outro na África (Vide *Cuse* 1 e 2).

ETIÓPIA[1], CUSÁ

Nome de país ou de habitantes, mencionados em conexão com Madiã, talvez o nome da Arábia, enquanto esteve ocupada pelos filhos de Cão, Hc 3. 7.

ETNÁ, *Dádiva, salário.*

Nome de um homem de Judá, da família de Hesrom, 1 Cr 4. 7; comp. 5; e 2. 24.

ETNI, *Liberal.*

Nome de um levita gersonita, 1 Cr 6.41. No v. 21 tem o nome de Jetrai. A principal diferença está na última consoante. Parece que algum escriba confundiu as letras *num* e *resh*.

EUBULO, *Prudente.*

Nome de um cristão da cidade de Roma, 2 Tm 4. 21.

EUDE, *União.*

1. Nome de um benjamita descendente de Jadiel 1 Cr 7.10.

2. Nome de um canhoto descendente de Gera. Matou a Eglom, rei de Moabe, opressor de Israel em Jericó. Fugindo para os montes de Efraim, chamou os israelitas, ao som da trombeta, pôs-se à testa deles, desceu ao vale do Jordão, tomou o vau do rio e matou a 10.000 moabitas que tentavam atravessá-lo. Foi juiz de Israel durante o resto de sua vida, e conservou o povo fiel a Jeová, Jz 3.15, até cap. 4.1.

EUFRATES (Modificação grega da palavra hebraica *"Perath"*, diversamente explicada, significando *doce, largo,* ou *com bons vaus*).

Nome de um dos grandes rios da Ásia ocidental e do mundo. Forma-se pela junção de dois tributários: o Murado, que nasce na Arménia, entre o lago Vã e o monte Ararate, e o Frate ou Cara, que nasce a 74 quilômetros a nordeste de Erzerum. Às vezes o nome Frate, semelhante ao nome hebraico *Prath*, aplica-se a ambos estes rios. Correm em direção ocidental para a latitude de trinta graus norte e 39 graus de longitude este. Depois do que, as duas correntes combinadas dirigem-se para o sul, atravessam a cadeia do Tauros e em vários lugares, distam apenas 93 quilômetros do Mediterrâneo. Depois o rio volta-se para sudeste, formando a linha divisória ocidental da Mesopotâmia. Na latitude de 31° N. e na latitude 47° E. o Tigre se une com o Eufrates para formar o que agora se chama o *Shat el-Arab*, o qual, depois de um curso de 167 quilômetros, lança-se no Golfo Pérsico. O curso total do Eufrates é de 2.093 quilômetros e 600 metros. O Eufrates era um dos rios do Paraíso, Gn 2. 14. Os hebreus denominavam-no "o grande rio", ou simplesmente "o rio." Formava o limite nordeste do domínio hebreu na sua maior glória e da maior extensão de seu território, 15. 18; cp. 2 Sm 8. 3; 1 Cr 18. 3; 1 Rs 4. 21, 24. Constituía limite natural entre o oriente e o ocidente; entre o Egito e o império Assírio-Babilônico, cada um dos quais aspirava a possuir o território compreendido entre o rio do Egito e o Eufrates. No período do domínio persa, também servia de linha divisória entre o oriente e o ocidente, Ed 4. 10, 11; 5. 3; 6. 6; Ne 2. 7. Servia de limite ao reino dos selêucidas, 1 Mac 3. 32; 7. 8, e de linha divisória do Império Romano. A maior cidade que dominava as suas margens era Babilônia. A outra também importante cidade era Carquemis (Carcamis), teatro de várias batalhas, especialmente de uma, entre os egípcios e os babilônios, sendo aqueles comandados por faraó Neco, Jr 46. 2. No livro do Apocalipse descrevem-se certos anjos atados ao grande rio Eufrates, Ap 9. 14, sobre o qual o sexto anjo derrama o seu cálix, 16. 12.

EUMENES, *Bem disposto.*

Nome de um rei de Pérgamo, 197-159 A. C. Quando os romanos derrotaram Antíoco, o Grande, em Magnésia, em 190 A. C., deram a maior parte das possessões do rei vencido, existentes ao norte das montanhas do Taurus, a Eumênides, em recompensa dos serviços que lhes havia prestado, 1 Mac 8. 6-8; Lívio 37. 44, e ainda a Lícia e a Cária.

EUNICE, *Abençoada com a vitória.*

Nome de uma piedosa judia, mãe de Timóteo, At 16. 1; 2 Tm. 1. 5.

EUNUCO, *Que tem o aposento.*

Nome de certos camareiros. No oriente, os indivíduos incapazes para as funções matrimoniais, empregavam-se no ofício de guardas dos aposentos íntimos, Is 56. 3; Mt 19. 12. Não é muito certo que este nome tenha o mesmo significado em todas as passagens da Escritura. Houve, como ainda hoje há, eunucos que eram casados, Gn 39. 1. Os eunucos obtinham altas posições e eram investidos de grande autoridade. O capitão das guardas de Faraó, bem como o seu copeiro mor e o seu padeiro, eram eunucos, Gn 37. 36; 40. 2, 7. Homens desta natureza ministravam na corte de Babilônia, Dn 1. 3. Serviam na presença do rei dos persas e ao mesmo tempo exerciam as funções de porteiros, Et 1. 10; 2. 21. Um destes oficiais governava o harém, 2. 13, 14, e outro atendia às ordens da rainha Ester, 4. 5. Serviam na corte de Acabe e de seu filho Jorão e atendiam às ordens de Jezabel, 1 Rs 22. 9; 2 Rs 8. 6; 9. 32. Até mesmo em Judá, onde os eunucos eram excluídos da congregação do Senhor, Dt 23. 1, ocupavam empregos na corte de Davi, 1 Cr 28. 1, e nos últimos dias da monarquia, ainda os havia na degenerada corte dos sucessores de Josias, 2 Rs 24. 15; comp. Jr 29. 2; 2 Rs 25. 19. Os eunucos, existentes no reino de Judá, eram, pela maior parte, senão na sua totalidade, estrangeiros, Jr 38. 7. O copeiro mor de Herodes, o Grande, o oficial que o servia à mesa e o seu camareiro, todos eles pertenciam a esta classe. Mariana, mulher favorita de Herodes, tinha um eunuco ao seu

serviço particular, Antig. 15. 7, 4; 16. 3, 1. Candace, rainha de Etiópia, tinha um eunuco como superintendente de todos os seus tesouros, o qual se converteu ao Cristianismo e foi batizado por Filipe, At 8. 27, 37; comp. Is 56. 3.

EUPOLEMO, *Bom na guerra.*

Nome daquele João que conseguiu de Antíoco, o Grande, privilégios especiais para os judeus. 1 Mac 8. 17; 2 Mac 4. 11. Eupolemo foi um dos dois embaixadores enviados por Judas Macabeu a Roma para fazer um tratado com o governo do império. Pensam alguns que esta personagem é o mesmo Eupolemo, historiador judaico, que Alexandre Polistor freqüentemente cita.

EURO-AQUILÃO (Do grego *euroklydon, vento nordeste*).

Vento tempestuoso que sopra sobre o Mediterrâneo, At 27. 14, geralmente no princípio da primavera: é o mais violento de quantos sopram sobre aquele mar. Às vezes dão-lhe o nome de levante. Agora o denominam Gregali.

EUTICO, *Afortunado.*

Nome de um moço que adormeceu durante a pregação do apóstolo S. Paulo, e que caiu de um terceiro andar abaixo. Foi levantado morto. O grande apóstolo restaurou-lhe a vida, At 20. 9, 10.

EVA, *Vida.*

Nome que Adão pôs à primeira mulher, por ser ela a mãe de toda a criatura humana, Gn 3. 20. Após a sua criação, Deus a trouxe a Adão para servir-lhe de companheira, Gn 3. 21, 22. Este fato é diversamente interpretado, como se verá em seguida.

1. A mulher originou-se na costela de Adão, quando em profundo sono, sem sentir dor alguma. 2. A mulher não procedeu da costela de Adão. Por meio de uma visão, conheceu que ele e sua mulher formavam um só corpo; participavam da mesma natureza e gozavam de iguais direitos e privilégios. 3. A relação entre o homem e a mulher representa uma alegoria. Sob o ponto de vista literário, a terceira explicação torna-se inverossímil, pois não se pode crer que o escritor sagrado tivesse intenção de inserir uma alegoria no meio de uma narrativa histórica, dando conta da criação do mundo, da criação do homem e do dilúvio. Os dois entes humanos ocuparam um lugar de honra no jardim do Éden, e com o fim de experimentar a sua obediência, Deus lhes proibiu tocar ou comer o fruto de certa árvore do Paraíso. A serpente, sob a influência de Satanás, induziu a Eva a pôr em dúvida a ordem divina, e a desconfiar de sua bondade, comendo do fruto proibido. Em seguida persuadiu a Adão a comer também do mesmo fruto, fazendo-o participante do mesmo ato de desobediência. Resultou daí a queda do homem, Gn 3. 1-24; 2 Co 11. 3; 1 Tm 2. 13. Depois de expulsos do Paraíso, Eva gerou sucessivamente a Caim, Abel e Sete, com outros filhos e filhas, Gn 4. 1, 2, 25, 26; 5. 1-5.

EVANGELHO, *Boas-Novas.*

Esta palavra, como hoje se emprega, significa a mensagem anunciada pelo Cristianismo e os livros em que se regista a história da vida e dos ensinos de Cristo. Tinha o mesmo sentido na língua grega, cujo vocábulo *euaggelion* serviu de origem à palavra latina *evangelium*, donde nos veio. Em o Novo Testamento, nunca se emprega no sentido de livro, e sim, designando a mensagem de Cristo, confiada a seus apóstolos. Assim, pois, esta mensagem tem as seguintes classificações: Evangelho de Deus, Rm 1. 1; 2 Ts 2. 8; 1 Tm 1. 11; Evangelho de Cristo, Mc 1. 1; Rm 1. 16; 15. 19; 1 Co 9. 12, 18; Gl 1. 7; Evangelho da graça de Deus, At 20. 24; Evangelho da paz, Ef 6. 15; Evangelho da vossa salvação, Ef 1. 13; glorioso Evangelho, 2 Co 4. 4. Este Evangelho foi pregado: por nosso Senhor, Mt 4. 23; 11. 5; Mc 1. 14; Lc 4. 18; 7. 22; pelos apóstolos, At 15. 10; Rm 1. 15; 2. 16; 1 Co 9. 18, etc., e por evangelistas, At 8. 25. Nos tempos pós-apostólicos, o termo foi também aplicado aos escritos apostólicos que mencionavam o testemunho de Jesus. Cada um deles recebeu o nome de Evangelho, e os quatro juntos formaram um volume com o mesmo nome.

Os Quatro Evangelhos. — A evidência histórica demonstra que os nossos quatro evangelhos, desde os tempos mais remotos do Cristianismo, são reconhecidos como obra de seus autores, Mateus, Marcos, Lucas e João, e que desde o princípio da era pós-apostólica, a igreja os recebeu como documentos autorizados do testemunho apostólico, sobre a vida e os ensinos de Cristo. No segundo século, os escritores sagrados os citaram em suas obras, e sobre eles escreveram luminosos comentários, de modo a estabelecer e confirmar a sua autenticidade. Um exame, ainda que perfunctório das epístolas do Novo Testamento, também mostra que os nossos evangelhos descrevem a pessoa de Jesus, do mesmo modo que o fazem as epístolas aludidas, repetindo a mesma história, descrevendo a mesma pessoa e falando das suas obras prodigiosas. São, portanto, relatórios merecedores de toda a confiança e dignos de inteira fé. Os primeiros três evangelhos têm muita cousa em comum e geralmente descrevem a vida de Cristo, sob o mesmo ponto de vista, e por isso são denominados evangelhos sinópticos (grego, *synopsis*). Em certos particulares diferem totalmente do evangelho de S. João. Os evangelhos sinópticos tratam objetivamente do ministério de Cristo na Galiléia; o quarto evangelho dá relevo aos trabalhos de Cristo na Judéia. Em todos os quatro, porém, consta a traição de Judas, a prisão de Jesus, o seu julgamento, a crucifixão e a ressurreição. Em todos eles, também, se menciona o milagre da multiplicação dos pães para os cinco mil. Os evangelhos sinópticos pouco dizem, comparativamente, sobre a divindade de Cristo; o de S. João, porém, salienta a natureza divina do Homem-Deus. Os três primeiros evangelhos, narram, principalmente, os ensinos de Cristo sobre o Reino de Deus, as suas parábolas, as instruções que ele dava ao povo; enquanto que o quarto evangelho relata, principalmente o ensino de Jesus acerca de sua pessoa, em longos discursos. Ao mesmo tempo, este evangelho, implicitamente, confirma o conteúdo dos outros três e em certos casos lhes serve de comentário. Assim, o cap. 1. 15 de S. João subentende o fato narrado em S. Mateus 3. 11, etc., do mesmo modo o que diz o cap. 3. 24, é confirmado em Mt 4. 12. O cap. 6. 2. 15 de S. João contém a história sumariada do ministério de Jesus em Galiléia. Assim, por seu turno, a recepção de Jesus em Galiléia, e a disposição de Pedro, Tiago, André e João para largarem tudo e seguirem a Jesus, encontram plena elucidação nos caps. 1 e 2 do quarto evangelho. A controvérsia que se levantou sobre a guarda do sábado, relatada nos evangelhos sinópticos, Mc 2. 23, etc., tem clara explicação nos acontecimentos narrados no cap. 5 de S. João. Ainda mais, enquanto que os primeiros três evangelistas têm o mesmo ponto de vista geral, cada um deles reflete os característicos individuais determinados pelo propósito de cada escritor, e de acordo com as pessoas a quem se dirigia. São Mateus, escrevendo sob o ponto de vista judaico, apresenta a Jesus como o Messias rei. Constantemente cita as profecias do Antigo Testamento, e se interessa em dar os ensinos de Cristo referentes ao reino de Deus em contraste com as idéias errôneas, correntes entre os judeus. S. Marcos, evidentemente, escreveu para os gentios, e em particular para os romanos, e por isso representa a Cristo com poder para salvar, confirmado pelos seus milagres. S. Lucas, companheiro de S. Paulo,

apresenta a Cristo como o gracioso Salvador, e gosta muito de ilustrar esta feição de Jesus com a história dos grandes pecadores perdoados e arrependidos.

S. João tem o seu ponto de vista especial, tratando de Jesus como o Verbo de Deus encarnado, revelando o Pai àqueles que o querem aceitar. Nenhum dos evangelistas pretende fazer a biografia completa de Jesus; colecionam apenas os atos e as palavras, no intuito de ministrarem instrução prática e doutrinal. Aos que estudam a vida de Jesus compete colher os materiais que os evangelhos fornecem para obterem um resultado completo. Levanta-se agora a questão: Quais as fontes de informação que serviram para a elaboração dos evangelhos? Mateus e João foram apóstolos, e, portanto, tiveram conhecimento pessoal dos fatos que mencionam, ou estavam em contacto com elementos valiosos de informação.

Marcos foi companheiro de S. Paulo e de S. Pedro. Segundo opiniões autorizadas, daqueles tempos, ele incorporou no seu evangelho as pregações de S. Pedro, a respeito de Jesus. S. Lucas diz-nos que o seu evangelho era a narração das cousas que se viram cumpridas, como as disseram os que, desde o princípio, as viram com os seus próprios olhos e que foram ministros da palavra, Lc 1. 1-4. Deste modo, os evangelhos dão-nos o testemunho dos apóstolos. A coincidência de linguagem nos evangelhos sinópticos o confirma. Se um orador itinerante, ou mesmo um pregador, em férias, referir, em diversos lugares, incidentes de sua experiência, gradualmente coordena os fatos de modo a repeti-los com exatidão e da mesma forma, acrescentando ou diminuindo, aqui e ali, incidentes que julga dispensáveis, ou não. É provável que os apóstolos e os primeiros evangelistas procedessem da mesma forma, de modo que as suas narrativas ficaram largamente estereotipadas. Logo mais, algumas partes destas narrativas foram reduzidas a escrito para uso das igrejas que se iam formando. Deste modo, tiveram curso as narrativas do evangelho, ainda qu ediferindo no seu conteúdo, em vários lugares, continham matéria suficiente em comum. As coincidências verbais dos evangelhos sinópticos, pois, atestam que êles nos transmitem o testemunho apostólico acêrca de Jesus. O quarto evangelho, por outro lado, contém material que à princípio não era exigido pelas condições gerais da igreja, mas que o apóstolo, finalmente, julgou necessário escrever em ocasião oportuna. As coincidências notadas nos evangelhos sinópticos deram origem a se suspeitar que uns copiaram dos outros. Esta questão formulou o problema chamado sinóptico. Os elementos para resolvê-lo são muito vários e complexos. É certo que os três evangelhos contêm muita cousa em comum; todavia, Mateus e Lucas têm muitos assuntos que não se encontram em Marcos e cada um dêles menciona fatos que não se encontram nos outros evangelhos. O próprio S. Marcos contém material que é só dêle. Nas secções comuns aos evangelhos, a linguagem de um difere notàvelmente do outro, ao passo que em outros pontos ela se combina.

Na igreja antiga dizia-se que Marcos compendiou Mateus e Lucas. Muitos escritores modernos pensam, por outro lado, que Mateus e Lucas compendiaram Marcos em suas narrativas históricas, servindo-se da sua linguagem para alicerce das narrações, e arranjando os materiais de modo que servissem ao propósito de seus escritos, e acrescentando elementos colhidos de informações orais e escritas. É muito comum combinar, com esta explicação, a teoria que uma coleção dos ditos de Jesus, possìvelmente escrita pelo apóstolo S. Mateus, existente antes, serviu aos dois evangelistas Mateus e Lucas para compor os seus escritos (J. D. D.). Mas parece mais provável que todos três agissem independentemente, empregando a linguagem corrente nas igrejas, ao mesmo tempo que tomavam a liberdade de servir-se de sua própria linguagem para narrar os fatos de seu próprio conhecimento. Na tentativa de traçar a história literária dos evangelhos sinópticos, não devemos esquecer a promessa feita por Cristo aos apóstolos, e virtualmente a todos que se empregassem na proclamação do Evangelho: Mas o Consolador, que é o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, êle vos ensinará todas as cousas e vos fará lembrar de tudo que vos tenho dito, Jo 14. 26. Para obtermos uma idéia clara da vida de Cristo, é necessário construir uma harmonia dos evangelhos. Isto será feito fielmente de acôrdo com as indicações cronológicas, ainda que poucas, contidas nos evangelhos. Também se deve tomar em conta que as indicações de tempo e de relações, são muito resumidas e algumas vêzes duvidosas, e que, por conseqüência, muitos pontos da harmonia não podem exprimir absoluta exatidão. O método de S. Mateus é principalmente tópico, e, portanto, raras vêzes oferece base para uma harmonia. S. Marcos observa de mais perto, a ordem de tempo que nos serve de guia; muita cousa, porém, êle deixa em branco. S. Lucas, na primeira metade da sua obra, segue muito de perto a ordem cronológica de S. Marcos, pôsto com notáveis diferenças, e em muitos casos, acompanham o método tópico de S. Mateus. Mas o evangelho de S. João, narrando as festas sucessivas a que Jesus compareceu, fornece a estrutura geral a que se pode aplicar o outro material. É nesta base que foi elaborado o esbôço e harmonia que vai em seguida: Cremos que a festa mencionada no cap. 5. 1, de S. João, era uma festa de páscoa, e que durante o ministério de Cristo, assistiu a quatro destas páscoas, Jo 2. 13; 5. 1; 6. 4; 13. 1, sendo esta última, nas vésperas de sua morte. O ministério de Jesus deveria, pois, ter durado cerca de três anos e três meses, de conformidade com o que se lê no cap. 1 de S. João, dizendo que o batismo de Jesus se deu alguns meses antes da primeira páscoa. Alguns negam que a festa referida no cap. 5. 1, seja uma festa de páscoa, e dão ao ministério de Jesus o período de dois anos e três meses. Neste caso e em muitos outros semelhantes, é impossível ter absoluta certeza. Todavia, na tabela seguinte, as datas de alguns dos acontecimentos devem igualmente estar abertas a qualquer discussão. Sabe-se que a morte de Herodes, o Grande, se deu no dia 1 de abril do ano 4 A. C. Sendo assim, o nascimento de Cristo se verificou no mês de dezembro do ano 5 A. C. ou janeiro do ano 4. Concebemos que seja o dia 25 do ano 5, apesar de que não existe prova alguma quanto ao dia do mês. Se pois, Jesus tinha cerca de 30 anos quando foi batizado, Lc 3. 23, isto deveria ser na última parte do ano 26, ou princípio de 27 A. D. Se o seu ministério ocorreu dentro do período de quatro páscoas, a sua morte se deu na páscoa do ano 30. Muitos cálculos complexos tendem a confirmar estas datas, apesar de imperfeita demonstração. Supomos que o "décimo quinto ano de Tibério César", Lc 3. 1, deve ser contado desde o tempo em que Tibério era co-regente com Augusto no Império Romano, A. D. 11-12. Era, êle então, praticamente, o governador das províncias. É bem sabido que o calendário data o nascimento de Cristo muito depois de haver êste nascido. A harmonia que segue quase combina com a de Robinson; somente fizemos algumas alterações no seu arranjo.

HARMONIA DOS QUATRO EVANGELHOS

INCIDENTES	TEMPO	LUGAR	MATEUS	MARCOS	LUCAS	JOÃO
1. Introdução					1. 1-4	
2. Prólogo aos quatro Evangelhos						1. 1-18
3. Genealogia de Cristo			1. 1-7		3. 23-38	
4. Anunciação a Zacarias	A. C. 6	Templo			1. 5-25	
5. Anunciação à Virgem Maria	" 5	Nazaré			1. 26-38	
6. Maria visita a Isabel	" 5	Cidade de Judá			1. 39-56	
7. Nascimento de João Batista	" 5	" " "			1. 57, 58	
8. Circuncisão de João Batista	" 5	" " "			1. 59-79	
9. Anunciação do nascimento de Jesus a José	" 5	Nazaré	1. 18-23			
10. Nascimento de Jesus	" 5	Belém	1. 24, 25		2. 1-7	
11. Anunciação aos pastores	" 5	Perto de Belém			2. 8-14	
12. Visita dos pastores	" 5	Belém			2. 15-20	
13. Circuncisão de Jesus	" 4	Belém			2. 21	
14. Jesus é apresentado no templo	" 4	Jerusalém			2. 22-38	
15. A visita dos magos	" 4	Belém	2. 1-12			
16. Fuga para o Egito	" 4	Belém-Egito	2. 13-15			
17. Matança dos inocentes	" 4	Belém	2. 16-18			
18. Volta do Egito para Nazaré	" 4	Egito-Nazaré	2. 19-22		2. 39	
19. Vida de Jesus em Nazaré, por 30 anos, e sua visita a Jerusalém aos doze anos. João Batista. Retira-se para o deserto	A.C.4-A.D. 26	Nazaré			2. 40-52	
	A. D. 9				1. 80	
20. Ministério público de João Batista	" 26	No Jordão	3. 1-12	1. 1-8	3. 1-18	1. 19-28
21. Batismo de Jesus. Testemunho de João	" 27	No Jordão	3. 13-17	1. 9-11	3. 21-23	1. 29-34
22. A tentação no deserto	" 27	No deserto	4. 1-11	1. 12, 13	4. 1-13	
23. João, André e Pedro encontram a Jesus	" 27	Perto do Jordão				1. 35-42
24. Chamada de Filipe e Natanael	" 27	Galiléia				1. 43-51
25. O primeiro milagre de água em vinho	" 27	Caná de Galiléia				2. 1-11
26. Cristo vai para Cafarnaum	" 27	Cafarnaum				2. 12

Primeira fase do ministério de Jesus na Judéia

27. *Primeira Páscoa* .. Expulsão dos cambiadores	A. D. 27	Jerusalém				2. 13-25
28. Entrevista com Nicodemos	" 27	"				3. 1-21
29. Jesus prega na Judéia	" 27	Judéia				3. 22
30. Testemunho de João a Jesus	" 27	"				3. 23-36
31. Jesus parte para Galiléia	" 27	Judéia a Galiléia				4. 1-3
32. Entrevista com a Samaritana	" 27	Perto de Sicar				4. 4-42
33. Cura do filho do régulo	27 ou 28	Caná				4. 43-54
34. Prisão de João Batista		F. de Maquerus	14. 3-5	6. 17-20	3. 19, 20	

Ministério na Galiléia

INCIDENTES	TEMPO	LUGAR	MATEUS	MARCOS	LUCAS	JOAO
35. Princípio do ministério de Jesus em Galiléia	A. D. 28	Galiléia	4. 12-17	1. 14, 15	4. 14, 15	
36. Jesus rejeitado pela primeira vez em Galiléia	" 28	Nazaré			4. 16-30	
37. Chamada de Simão, André, Tiago e João	" 28	Perto de Cafar.	4. 18-22	1. 16-20	5. 1-11	
38. Cura de um endemoninhado na sinagoga	" 28	Cafarnaum		1. 21-28	4. 31-37	
39. Cura da sogra de Pedro	" 28	"	8. 14-15	1. 29-31	4. 38, 39	
40. Muitas curas em uma tarde	" 28	"	8. 16, 17	1. 32-34	4. 40, 41	
41. Circuito pela Galiléia	" 28	Galiléia	4. 23-25	1. 35-39	4. 42-44	
42. Cura de um leproso	" 28	Cidade de Gal.	8. 2-4	1. 40-45	5. 12-16	
43. Cura de um paralítico	" 28	Cafarnaum	9. 1-8	2. 1-12	5. 17-26	
44. Chamada de Mateus (Levi), banquete em sua casa	" 28		9. 13	2. 13-17	5. 27-32	
45. *A segunda Páscoa* Cura de um enfermo no poço de Betesda. Discussão com os judeus	Abril " 28	Jerusalém				5. 1-47
46. A colheita de espigas dá lugar a uma discussão sôbre o Sábado	" 28	Para Galiléia	12. 1-8	2. 23-28	6. 1-5	
47. A cura da mão ressicada	" 28	Cafarnaum	12. 9-13	3. 1-6	6. 6-11	
48. Conspiração contra Jesus; grande entusiasmo no povo; muitos o acompanham	" 28	Perto de Cafar.	12. 14-21	3. 7-12	6. 17-19	
49. Escolha dos doze apóstolos	" 28	" "	10. 2-4	3. 13-19	6. 12-16	
50. O Sermão do monte	" 28	" "	5. 1 a 8. 1		6. 20-49	
51. Cura do servo do centurião	" 28	Cafarnaum	8. 5-13		7. 1-10	
52. Circuito pela Galiléia	" 28	Galiléia	11. 1			
53. Ressurreição do filho da viúva	" 28	Naim			7. 11-17	
54. João Batista manda consultar a Jesus	" 28	Galiléia	11. 2-19		7. 18-35	
55. Jesus ungido pela mulher pecadora	" 28	Idem			7. 36-50	
56. Novo circuito pela Galiléia com os discípulos	" 28	Galiléia			8. 1-3	
57. Começa o dia das parábolas (vide 63); cura de um endemoninhado, os fariseus blasfemam	" 28	Cafarnaum	12. 22-37	3. 20-30	11. 14, 15, 17-23	
58. Os fariseus pedem um sinal	" 28	Idem	12. 38-45		11. 16, 24-26, 29-36	
59. A mãe e os irmãos de Jesus querem vê-lo	" 28	Idem	12. 46-50	3. 31-35	11. 27, 28-8. 19-21	
60. Ais contra os fariseus	" 28	Idem			11. 37-54	
61. Discursos sobre a vaidade das riquezas	" 28	Idem			12. 1-59	
62. Observações sôbre a matança dos galileus	" 28	Idem			13. 1-5	

Ministério na Galiléia — Continuação

INCIDENTES	TEMPO	LUGAR	MATEUS	MARCOS	LUCAS	JOÃO
63. Parábolas do semeador, da cizânia, etc.	A.D. 28	Cafarnaum	13. 1-53	4. 1-34	8. 4-18	. . . . .
64. As perguntas de três inquiridores	" 28	Perto do mar	8. 18-22	. . . . .	13. 18-21 9. 57-62	. . . . .
65. A tempestade acalmada	" 28	Mar de Galiléia	8. 23-27	4. 35-41	8. 22-25	. . . . .
66. Os endemoninhados do país dos gerasenos	" 28	Praia oriental do mar de Galiléia	8. 28-34	5. 1-20	8. 26-40	. . . . .
67. Perguntas sobre o jejum pelos discípulos de João Batista	" 28	Cafarnaum	9. 14-17	2. 18-22	5. 33-39	. . . . .
68. Cura da filha de Jairo e de uma mulher que padecia fluxo de sangue	" 28	Idem	9. 18-26	5. 21-43	8. 41-56	. . . . .
69. Cura de dois cegos	" 28	Idem?	9. 27-31	. . . . .	. . . . .	. . . . .
70. Cura de um endemoninhado e mudo	" 28	Idem?	9. 32-34	. . . . .	. . . . .	. . . . .
71. Jesus outra vez rejeitado em Galiléia	" 28	Nazaré	13. 54-58	6.1-6	. . . . .	. . . . .
72. Missão dos doze discípulos	" 28	Galiléia	9.35 10.1 10.5 11.1	6. 6-13	9. 1-6	. . . . .
73. Perguntas de Herodes a respeito de Jesus que julgava ser João Batista ressuscitado	" 29	Idem	14. 1, 2, 6-12	6. 14-16	9. 7-9	. . . . .
74. Volta dos discípulos, Jesus atravessa o mar com eles e dá de comer a 5.000 pessoas	" 29	N. E. do Mar de Galiléia	14. 13-21	6. 30-44	9. 15-17	6. 1-14
75. Jesus andando sobre o mar	" 29	Mar de Galiléia	14. 23-33	6. 45-52	. . . . .	6. 15-21
76. Marcha triunfal pela terra de Genesaré	" 29	Genesaré ou Genesar	14. 34-36	6. 53-56	. . . . .	. . . . .
77. *Terceira Páscoa* Discurso sobre o pão da vida.	" 29	Cafarnaum	. . . . .	. . . . .	. . . . .	6. 22-71
78. Jesus reprova as tradições dos fariseus	" 29	Idem	15. 1-20	7. 1-23	. . . . .	. . . . .

Outro ministério na Galiléia

79. Cura da filha da mulher siro-fenícia	A. D. 29	Região de Tiro	15. 21-28	7. 24-30	. . . . .	. . . . .
80. Curas de mudos e de outros enfermos	" 29	Decápolis	15. 29-31	7. 31-37	. . . . .	7. 1
81. Jesus alimenta 4.000 pessoas	" 29	Idem	15. 32-38	8. 1-9	. . . . .	. . . . .
82. Os fariseus e os saduceus pedem milagres	" 29	Perto de Magedão, Dalmanuta	15,39 16.4	8. 10-12	. . . . .	. . . . .
83. Jesus previne os discípulos contra o fermento dos fariseus	" 29	Mar de Galiléia	16. 5-12	8. 13-21	. . . . .	. . . . .
84. Cura de um cego	" 29	Betsaida	. . . . .	8. 22-26	. . . . .	. . . . .
85. A confissão de S. Pedro	" 29	Cesaréia-Filipos	16. 13-20	8. 27-30	9. 18-21	. . . . .
86. Jesus prediz a sua morte e ressurreição	" 29	" "	16. 21-28	8.31	9. 22-27	. . . . .
87. A transfiguração	" 29	" "	17. 1-13	9.1 9.2-13	9. 28-36	. . . . .
88. Cura de um moço endemoninhado	" 29	" "	17. 14-21	9. 14-29	9. 37-43	. . . . .
89. Nova predição de Jesus sôbre sua morte	" 29	Galiléia	17. 22, 23	9. 30-32	9. 43-45	. . . . .

Outro Ministério na Galiléia — Continuação

INCIDENTES	TEMPO	LUGAR	MATEUS	MARCOS	LUCAS	JOÃO
90. Jesus paga tributo	A. D. 29	Cafarnaum	17. 24-27	. . . . .	. . . . .	. . . . .
91. Instruções sobre a humildade, etc. ..	" 29	Cafarnaum	18. 1-35	9. 33-50	9. 46-50	. . . . .
92. Retirada final de Galiléia; rejeição em Samaria	" 29	Galiléia-Judéia	19.1	10. 1	9. 51-56	. . . . .
93. Missão dos setenta discípulos	" 29	" "	11. 20-24	. . . . .	10. 1-16	. . . . .
94. Cristo comparece à festa dos tabernáculos	Outa " 29	Jerusalém	. . . . .	. . . . .	. . . . .	7. 2-52
95. A mulher apanhada em adultério	" 29	Idem	. . . . .	. . . . .	. . . . .	7. 53. 8.11
96. Discussões com Jesus durante a festa	" 29	Idem	. . . . .	. . . . .	. . . . .	8. 12-59
97. Jesus parece retirar-se de Jerusalém; a volta dos setenta discípulos	" 29	Judéia	11. 25-30	. . . . .	10. 17-24	. . . . .
98. Instruções a um doutor; parábola do bom samaritano ..	" 29	Idem	. . . . .	. . . . .	10. 25-37	. . . . .
99. Jesus em casa de Marta e Maria ..	" 29	Betânia	. . . . .	. . . . .	10. 38-42	. . . . .
100. Jesus ensina os discípulos a orar ...	" 29	Judéia	. . . . .	. . . . .	11. 1-13	. . . . .
101. *A festa da dedicação;* cura de um cego; parábola do pastor; Jesus vai para Peréia	Dez. 29	Jerusalém	. . . . .	. . . . .	. . . . .	9. 1;10. 38
102. Ministério em Peréia	" 30	Peréia	19. 1, 2	10. 1	. . . . .	9. 39-42
103. Parábola da figueira infrutífera	" 30	Idem	. . . . .	. . . . .	13. 6-9	. . . . .
104. Cura de uma doente no dia de Sábado	" 30	Idem	. . . . .	. . . . .	13. 10-17	. . . . .
105. Jornada para Jerusalém. Prevenções contra Herodes ..	" 30	Peréia	. . . . .	. . . . .	13. 22-35	. . . . .
106. Jesus janta com um fariseu; cura de um hidrópico; parábola do banquete de núpcias	" 30	Idem	. . . . .	. . . . .	14. 1-24	. . . . .
107. Requisitos para ser verdadeiro discípulo	" 30	Idem	. . . . .	. . . . .	14. 25-35	. . . . .
108. Parábola da ovelha perdida e do pródigo	" 30	Idem	. . . . .	. . . . .	15. 1-32	. . . . .
109. Parábola do feitor iníquo	" 30	Idem	. . . . .	. . . . .	16. 1-13	. . . . .
110. Os fariseus reprovados; o rico e Lázaro	" 30	Idem	. . . . .	. . . . .	16. 14-31	. . . . .
111. Instruções sobre o perdão, fé e humildade	" 30	Idem	. . . . .	. . . . .	17. 1-10	. . . . .
112. Os dez leprosos	" 30	Samaria e Galiléia	. . . . .	. . . . .	17. 11-19	. . . . .
113. A vinda de Jesus inesperada	" 30	Peréia	. . . . .	. . . . .	17. 20-37	. . . . .
114. Parábola da viúva importuna	" 30	Idem	. . . . .	. . . . .	18. 1-8	. . . . .
115. Parábola do fariseu e do publicano ...	" 30	Idem	. . . . .	. . . . .	18. 9-14	. . . . .
116. Ressurreição de Lázaro	" 30	Betânia	. . . . .	. . . . .	. . . . .	11. 1-46
117. Palavras sentenciosas de Caifás	A. D. 30	Jerusalém	. . . . .	. . . . .	. . . . .	11. 47-54
118. Preceitos sobre o divórcio	" 30	Peréia?	19. 3-12	10. 2-12	. . . . .	. . . . .
9. Jesus abençoa as crianças	" 30	Peréia	19. 13-15	10. 13-16	18. 15-17	. . . . .

Outro Ministério na Galiléia — Continuação

INCIDENTES	TEMPO		LUGAR	MATEUS	MARCOS	LUCAS	JOAO
120. O moço que era muito rico	A.D.	30	Peréia	19. 16-30	10. 17-31	18. 18-30	.....
121. Parábola dos trabalhadores da vinha	"	30	Idem	20. 1-16	.....	.....	.....
122. Terceira vez Jesus fala de sua morte, etc.	"	30	Idem	20. 17-19	10. 32-34	18. 31-34	.....
123. Subida para Jerusalém; pedido de Tiago e de João	"	30	Idem	20. 20-28	10. 35-45	.....	.....
124. Cura de dois cegos perto de Jericó ..	"	30	Jericó	20. 29-34	10. 46-52	18. 35-43	.....
125. Conversão de Zaqueu	"	30	Idem	.....	.....	19. 1-10	.....
126. Parábola das minas de prata	"	30	Idem	.....	.....	19. 11-28	.....
127. Jesus chega a Betânia, seis dias antes da páscoa	"	30	Betânia	.....	.....	.....	11. 55 a 12. 1

A última semana

128. A ceia em Betânia, Jesus ungido por Maria. Hostilidades contra Jesus	Sab. ab. 1 A. D.	30	Betânia	26. 6-13	14. 3-9	.....	12. 2-11
129. Entrada triunfal em Jerusalém. Uma noite em Betânia	Dom. ab. 2		M. Oliv. Jerus. e Betânia	21. 1-11	11. 1-11	19. 29-44	12. 12-19
130. A figueira amaldiçoada. Purificação do templo; louvores das crianças; milagres	Seg. ab. 3		Jerusalém	21. 12-19	11. 12-19	19. 45-48 21. 37, 38	.....
131. A lição da figueira	Têrça	4	Indo a Jerusalém	21. 20-22	11. 20-25	.....	.....
132. O sinédrio pergunta pela autoridade de Jesus; sua resposta; parábola dos filhos; parábola dos lavradores e das bodas do filho do rei	"	4	Jerusalém	21. 23-32 21. 33-46 22. 1-14	11. 27-33 12. 1-12	20. 1-8 20. 9-19	....
133. O tributo a César. Os saduceus e a ressurreição; o doutor da lei e o grande mandamento; interrogação sobre Davi ..	"	4	Idem	22. 15-22 22. 23-33 22. 31-46	12. 13-17 12. 18-27 12. 28-37	20. 20-26 20. 27-40 20. 41-44	.....
134. Instruções contra escribas e fariseus	"	4	Idem	23. 1-39	12. 38-40	20. 45-47	.....
135. O ceitil da viúva ..	"	4	Idem	.....	12. 41-44	21. 1-4	.....
136. Gentios que desejavam ver a Jesus. Últimos ensinos de Jesus	"	4	Idem	.....	.....	.....	12. 20-50
137. Vaticínios sobre Jerusalém; o futuro da igreja; o segundo advento de Jesus	"	4	Mte. Oliveiras	24. 1-31	13. 1-27	21. 5-28	.....
138. A vigilância. Parábolas das dez virgens e dos talentos; o juízo final	"	4	" "	24. 32 a 25. 46	13. 28-37	21. 29-36	.....
139. A conspiração contra Jesus. Traição de Judas	Quarta, de abril	5	Jerusalém	26. 1-5 26. 14-16	14. 1, 2 14. 10, 11	22. 1-6	....
140. Preparação da páscoa	"	6	Betânia e Jer.	26. 17-19	14. 12-16	22. 7-13	.....
141. *A última páscoa.* Contenda entre os discípulos	Quinta	6	Jerusalém no quarto alto	26. 20	14. 17	22. 14, 18, 24-30	.....
142. Jesus lava os pés aos discípulos ...	"	6	" "	.....	.....	.....	13. 1-20

A Última Semana — Continuação

INCIDENTES	TEMPO	LUGAR	MATEUS	MARCOS	LUCAS	JOÃO
143. Judas denunciado; sua partida	Quinta 6	Jerusalém no quarto alto	26. 21-25	14. 18-21	22. 21-23	13. 21-35
144. A instituição da ceia do Senhor	" 6	" "	26. 26-29	14. 22-25	22. 19, 20	.....
145. Jesus prediz a queda de Pedro	Quinta de tarde, 6 de abril	.....	.....	.....	22. 31, 38	13. 36-38
146. Últimos discursos; a oração de Jesus	" 6	" "	.....	.....	.....	14. 1 até 17. 26
147. Jesus fala outra vez sobre a queda de Pedro e de ser abandonado por todos	" 6	Em caminho para Getsêmani	26. 30-35	14. 26-31	.....	.....
148. A agonia no Getsémani	" 6	No Getsêmani	26. 36-46	14. 32-42	22. 39-46	18. 1
149. A prisão de Jesus; dispersão dos discípulos	Quinta de noite, ab. 7	Idem	26. 47-56	14. 43-52	22. 47-53	18. 2-12
150. Inquérito preliminar perante Anás ...	" 7	Palácio do sumo sacerdote em Jer.	.....	.....	.....	18. 13, 14, 19-24
151. Inquérito perante o Sanedrim; escárnios	" 7	Idem Idem	26. 57, 59 a 68	14. 53, 55 a 65	22. 63-65	.....
152. Negação de S. Pedro	" 7	Idem Idem	26. 58, 69-75	14. 66-72	22. 54-62	18. 15-18, 25-27
153. Condenação de Jesus pelo Sinédrio	Sexta de manhã 7	Idem Idem	27. 1	15. 1	22. 66-71	.....
154. Jesus perante Pilatos, que procura soltá-lo	" 7	Casa de Pilatos	27. 2, 11 a 14.	15. 1-5	23. 1-5	18. 28-38
155. Jesus perante Herodes	" 7	Casa de Herodes	.....	.....	23. 6-12	.....
156. Pilatos, mais uma vez, procura salvar a Jesus; os judeus pedem a Barrabás	" 7	Casa de Pilatos	27. 15-26	15. 6-15	23. 13-25	18. 39, 40
157. Jesus é açoitado e condenado à morte	" 7	Idem Idem	27. 26-30	15. 15-19	.....	19. 1-3
158. Pilatos quer ainda salvar a Jesus ...	" 7	Idem Idem	.....	.....	.....	19. 4-16
159. Remorso e suicídio de Judas	" 7	Jerusalém	27. 3-10	.....	.....	.....
160. Jesus conduzido para o Calvário	" 7	Idem	27. 31-34	15. 20-23	23. 26-33	19. 16, 17
161. A crucifixão	" 7	Idem	27. 35-38	15. 24-28	23. 33, 34 e 38	19. 18-24
162. Incidentes no Calvário	" 7	No Calvário	27. 39-49	15. 29-36	23. 35-37 39-45	19. 25-29
163. A morte de Jesus	às 15 horas 7	Idem	27. 50	15. 37	23. 46	19. 30
164. Incidentes depois da sua morte	" 7	Jerusalém	27. 51-56	15. 38-41	23. 45-47 a 49	.....
165. A descida da cruz e sepultamento ..	" 7	Idem	27. 57-61	15. 42-47	23. 50-56	19. 31-42
166. O sepulcro sob vigilância	" 7	Idem	27. 62-66	.....	.....	.....
167. Visita das mulheres	Dom. 9 de abril	Jerusalém e vizinhanças	28. 1-10	16. 1-8	24. 1-11	.....
168. Visita de Pedro e João; Maria Madalena volta ao sepulcro e Jesus lhe aparece	" "	" "	.....	16. 9-11	24. 12	20. 1-18
169. Os guardas dão aviso aos sacerdotes	" "	" "	28. 11-15	.....	.....	.....
170. Dois discípulos no caminho para Emaús	" "	" "	.....	16. 12, 13	24. 13-35	.....
171. Jesus aparece a dez discípulos. Tomé ausente	" "	Jerusalém	.....	16.14	24. 36-49	20. 19-24
172. Uma semana depois, Cristo aparece aos onze. Tomé presente	Abril 16	" "	.....	.....	.....	20. 25-29

A última semana — Continuação

INCIDENTES	TEMPO	LUGAR	MATEUS	MARCOS	LUCAS	JOÃO
173. Aparece a sete discípulos. Restauração de Pedro, etc. ..	A. D. 30	Mar de Galiléia	.....	.....	.....	21. 1-23
174. A grande comissão. Ver 1 Co 15. 6 ..	" "	No monte em Galiléia	28. 16-20	16. 15-18	.....	.....
175. A ascensão. Ver Atos 1. 1-11	Maio 18 A. D. 30	Mt. das Oliveiras	.....	16. 19-20	24. 50-53	.....
176. Palavras finais de S. João	.....	.....	.....	.....	G. T. P.	20. 30-31 21. 24-25

Indice para achar qualquer passagem na Harmonia

MATEUS

Capitulo e Versículo	Secção	Capitulo e Versículo	Secção	Capitulo e Versículo	Secção
i. 1-17	8	xii. 14-21	48	xxi. 20-22	131
18-23	9	22-37	57	23-xxii. 14	132
24-25	10	38-45	58	xxii. 15-46	133
ii. 1-12	15	46-50	59	xxiii. 1-39	134
13-15	16	xiii. 1-53	63	xxiv. 1-31	137
16-18	17	xiv. 1, 2	71	32-xxv. 46	138
19-23	18	1, 2	73	xxvi. 1-5	139
iii. 1-12	20	3-5	84	6-13	128
13-17	21	6-12	73	14-16	139
iv. 1-11	22	13-21	74	17-19	140
12-17	35	22-33	75	20	141
18-22	37	34-36	76	21-25	143
23-25	41	xv. 1-20	78	26-29	144
v. 1-viii. 1	50	21-28	79	30-35	147
viii. 2-4	42	29-31	80	36-46	148
5-13	51	32-38	81	47-56	149
14,15	39	39-xvi. 4	82	57	151
16,17	40	xvi. 5-12	83	58	152
18-22	64	13-20	85	59-68	151
23-27	65	21-28	86	69-75	152
28-34	66	xvii. 1-13	87	xxvii. 1	153
ix. 1-8	43	14-21	88	2	154
9-13	44	22,23	89	3-10	159
14-17	67	24-27	90	11-14	154
18-26	68	xviii. 1-35	91	15-26[a]	156
27-31	69	xix. 1[a]	92	26b-30	157
32-34	70	1b,2	102	31-34	160
35-x. 1	72	3-12	118	35-38	161
x. 2-4	49	13-15	119	39-49	162
5-xi. 1	72	16-30	120	50	163
xi. 1	52	xx. 1-16	121	51-56	164
2-19	54	17-19	122	57-61	165
20-24	98	20-28	123	62-66	166
25-30	97	29-34	124	xxviii. 1-10	167
xii. 1-8	46	xxi. 1-11	129	11-15	169
9-13	47	12-19	130	16-20	174

MARCOS

Capitulo e Versículo	Secção	Capitulo e Versículo	Secção	Capitulo e Versículo	Secção
i. 1-8	20	vii. 1-23	78	xiv. 1, 2	139
9-11	21	24-30	79	3-9	128
12,13	22	31-37	80	10,11	139
14,15	35	viii. 1-9	81	12-16	140
16-20	37	10-12	82	17	141
21-28	38	13-21	83	18-21	143
i. 29-31	39	22-26	84	xiv. 22-25	144
32-34	40	27-30	85	26-31	147
35-39	41	31-ix. 1	86	32-42	148
40-45	42	ix. 2-13	87	43-52	149
ii. 1-12	43	14-29	88	53	151
13-17	44	30-32	89	54	152
ii. 18-22	67	ix. 33-50	91	55-65	151
23-28	46	x. 1[a]	92	66-72	152
iii. 1-6	47	1b.	102	xv. 1[a]	153
7-12	48	2-12	118	1b,-5	154
13-19	49	13-16	119	6-15[a]	156
20-30	57	17-31	120	15b-19	157
iii. 31-35	59	32-34	123	20-22	160
iv. 1-34	63	35-45	128	24-28	161
35-41	65	46-52	124	29-36	162
v. 1-20	66	xi. 1-11	129	37	163
21-43	68	12-19	130	38-41	164
vi. 1-5[a]	71	20-25(26)	131	42-47	165
6b-13	72	27-xii. 12	132	xvi. 1-8	167
14-16	73	xii. 13-37	133	9-11	168
17-20	34	38-40	134	12,13	170
21-19	73	41-44	135	14	171
30-44	74	xiii. 1-27	137	15-18	174
45-52	75	28-37	138	19,20	175
53-56	76				

LUCAS

Capítulo e Versículo	Secção
i. 1-4	1
5-25	4
26-38	5
39-56	6
57,58	7
59-79	8
80	19
ii. 1-7	10
8-14	11
15-20	12
21	13
22-38	14
39	18
40-52	19
iii. 1-18	20
19,20	34
21-23ª	21
23b-38	3
iv. 1-13	22
14,15	35
16-30	36
31-37	38
38,39	39
40,41	40
42-44	41
v. 1-11	37
12-16	42
17-26	43
27-32	44
33-39	67
vi. 1-5	46
6-11	47
12-16	49
17-19	48
20-49	50
vii. 1-10	51
11-17	53
18-35	54
36-50	55
viii. 1-3	56
4-18	68
19-21	59
22-25	65
viii. 26-40	66
41-56	68
ix. 1-6	72
7-9	73
10-17	74
18-21	85
22-27	86
28-36	87
37-43ª	88
43b-45	89
46-50	91
51-56	92
57-62	64
x. 1-16	93
17-24	97
25-37	98
38-42	99
xi. 1-13	100
14,15	57
16	58
17-23	57
24-26	58
27,28	59
29-36	58
37-54	60
xii. 1-59	61
xiii. 1-5	62
6-9	103
10-17	104
18-21	63
22-35	105
xiv. 1-24	106
25-35	107
xv. 1-32	108
xvi. 1-13	109
14-31	110
xvii. 1-10	111
11-19	112
20-37	113
xviii. 1-8	114
9-14	115
15-17	119
18-30	120
xviii. 31-34	123
35-43	124
xix. 1-10	125
11-28	126
29-44	129
45-48	130
xx. 1-19	132
20-44	133
45-47	134
xxi. 1-4	135
5-28	137
29-36	138
37, 38	130
xxii. 1-6	139
7-13	140
14-18	141
19, 20	144
21-23	143
24-30	141
31-38	145
39-46	148
47-53	149
54-62	152
63-65	151
66-71	153
xxiii. 1-5	154
6-12	155
13-25	156
26-38ª	160
33b-34	161
35-37	162
38	161
39-45ª	162
45b	164
46	163
47-49	164
50-56	165
xxiv. 1-11	167
13	168
13-35	170
36-49	171
50-53	175

JOÃO

Capítulo e Versículo	Secção
i. 1-18	2
19-28	20
29-34	21
35-42	22
43-51	24
ii. 1-11	25
12	26
13-25	27
iii. 1-21	28
22	29
23-36	30
iv. 1-3	31
4-42	32
43-54	33
v. 1-47	45
vi. 1-14	74
15-21	75
22-71	77
vii. 1	80
vii. 2-52	94
53-viii.11	95
viii. 12-59	96
ix. 1-x.38	101
x. 39-42	102
xi. 1-46	116
47-54	117
55-xii.1	127
xii. 2-11	128
12-19	129
20-50	136
xiii. 1-20	142
21-35	143
36-38	145
xiv. 1-xii.26	146
xviii. 1	148
2-12	149
13, 14	150
xviii. 15-18	152
19-24	150
25-27	152
28-38	154
39,40	156
xix. 1-3	157
4-16ª	158
16b,17	160
18-24	161
25-29	162
30	163
31-42	165
xx. 1-18	168
19-24	171
25-29	172
30, 31	176
xxi. 1-23	173
24, 25	176

EVANGELHO SEGUNDO SÃO JOÃO ver JOÃO, III

EVANGELISTA, Do grego *euaggelistés, mensageiro de boas-novas.*

Nome de uma ordem de homens da igreja primitiva, distinta dos apóstolos, profetas, pastores e doutores, Ef 4. 11. Conforme indica o seu nome, exerciam função especial que era anunciar as boas-novas do evangelho; como não fossem pastores de igrejas locais, estavam em condições de ir, de lugar em lugar, pregando a todos que ainda ignoravam a salvação por Cristo. Filipe serviu de instrumento para a conversão e batismo do eunuco etíope, era evangelista, At 21. 8, e como tal o encontramos sucessivamente em Jerusalém, 6. 5, em Samaria, 8. 5, na estrada entre Jerusalém e Gaza, 8-26, nas cidades ao norte de Asoto, 8. 40, e, finalmente, em Cesaréia, 8. 40; 21. 8. S. Paulo ordenou a Timóteo que fizesse a obra de evangelista, 2 Tm 4. 5. Posteriormente deram este nome aos escritores dos quatro evangelhos.

EVI

Nome de um dos cinco reis de Midiã, aliados ou vassalos de Senom, morto na guerra movida por Moisés contra os medianitas, por terem estes induzido os israelitas a cair em licenciosa idolatria, Nm 31. 8; Js 13. 21.

EVIL-MERODAQUE, Em babilônico, *Avilmarduk, homem do deus Merodaque.*

Filho e sucessor de Nabucodonosor. Subiu ao trono no sétimo mês do ano 562 A. C. e reinou apenas dois anos. No primeiro ano de seu reinado, tirou da prisão o rei Joaquim, que havia sido posto em cativeiro e o elevou acima dos tronos dos reis que estavam em Babilônia; mudou-lhe os vestidos de que tinha usado no cárcere, e comia o pão sempre à sua vista, todos os dias da sua vida, 2 Rs 25. 27-30; Jr 52. 31-34. Formou-se contra ele uma conspiração capitaneada por seu cunhado Neriglissar, ou Nergalassarusur; sendo morto, sob a acusação de desobediência às leis de intemperança, 560 A. C. Neriglissar, chefe da conspiração subiu ao trono sucedendo a Evil-Merodaque (Antig. 10. 11, 2; contra Apiom 1. 20).

EVÓDIA, *Fragrância.*

Nome de uma cristã nomeada juntamente com Síntique em uma carta de S. Paulo, Fp 4. 2.

EXÉRCITO[1]

Nome de uma multidão de soldados, principalmente quando organizada militarmente, Gn 21. 22; Jz 4. 2, ou a divisão de um exército, Êx 7. 4; 12. 41; Nm 2. 3; 1 Rs 2. 5. Os anjos formavam um exército celestial, 1 Rs 22. 19; Sl 148. 2; Lc 2. 13, e as estrelas, Dt 4. 19; 2 Rs 23. 5. Os semitas, falando dos céus e de todos os seus poderes e entes, bem como do céu e de tudo que nele se contém, usavam da expressão "exércitos do céu", e na frase "exércitos da terra" incluíam a terra e tudo que ela contém, o vento, o relâmpago, o calor e o frio, as coisas animadas e as inanimadas, Gn 2. 1; Sl 33. 6.

A expressão "Senhor dos Exércitos" tem sido explicada, querendo dizer que Jeová é o Deus dos exércitos de Israel. Em prova disto, citam-se as palavras de Davi a Golias: "Tu vens a mim com espada, e lança, e escudo: eu, porém, venho a ti em nome do Senhor dos Exércitos, do Deus das tropas de Israel", 1 Sm 17. 45, e também as palavras de Is 31. 4. "O Senhor dos Exércitos descerá para pelejar sobre o monte Sião e sobre o seu outeiro." Esta generalização é muito estreita. Jeová pelejou pelo seu povo: ele é na verdade "o Deus forte e poderoso, forte na batalha." Porém o Senhor dos Exércitos era mais do que o Deus da guerra de Israel. Os gregos, tradutores das Escrituras, deram-lhe uma significação verdadeira na palavra *Pantokrator*, o Todo-poderoso. A palavra exército, associada ao nome de Deus, refere-se às hostes do universo, no seu aspecto material e espiritual, formando um vasto exército, composto de várias divisões, composto de vários corpos, bem municiados sob o comando de Jeová. Uma das divisões é formada pelos anjos. Foi o Senhor, o Deus dos Exércitos, que apareceu a Jacó em Betel, quando viu a escada e os anjos de Deus subindo e descendo, Gn 28. 12, 13; Os 12. 4, 5. "Porque nas nuvens, quem se igualará com o Senhor: quem entre os filhos de Deus será semelhante a Deus? Deus que é glorificado na Congregação dos Santos; grande e terrível sobre todos que estão em roda dêle. Senhor das virtudes, quem é semelhante a ti? Poderoso és Senhor, e a tua verdade está sempre à roda de ti. Tu dominas sobre o poder do mar, e tu amansas o movimento das suas ondas", Sl 89. 7-9. O outro exército é formado pelas estrelas, em ordem e cheio de magnificência: Jeová é o seu comandante. Isaías manda a todos que desejam conhecer a Deus, "que saiam e levantem os olhos ao alto." "Vede", diz ele, "quem criou esses corpos celestes? quem fez marchar em ordem o exército das estrelas e as chama a todas pelos seus nomes? Eu é que fiz a terra. As minhas mãos estenderam os céus, e a toda a milícia deles dei as minhas ordens", Is 40. 26; 45. 12. O outro exército é composto de todas as forças da natureza; elas estão às ordens de Jeová, adorando-o e servindo-o, Ne 9. 6; Sl 103. 21. O Senhor dos Exércitos envia espada, fome e peste, Jr 29. 17. O Senhor é quem dá o sol para a luz do dia, a ordem da lua e das estrelas para a luz da noite; o que turba o mar, e logo soam as suas ondas, o Senhor dos Exércitos é o seu nome, Jr 31. 35. Os gregos, contemplando os céus acima de suas cabeças, e mirando o horizonte em roda, chamavam a isso cosmos, isto é, a beleza de harmonia. Os romanos, descobrindo a mesma harmonia de relações e movimentos, deram ao conjunto da criação o nome de universo, que quer dizer: tudo combinado em um. A imaginação poética dos hebreus, conhecendo a onipotência do Deus que tudo governa, a regularidade e a ordem que se observam em toda a criação, conceberam a idéia de um exército numeroso, composto de variadas divisões, operando sob as ordens de um só comando. O Senhor dos Exércitos é o rei que tudo ordena por si.

EXÉRCITO[2]

O exército de Israel consistia originalmente de infantaria, Nm 11. 21; 1 Sm 4. 10; 15. 4, composta, de lanceiros, fundibulários e besteiros. Os cidadãos fortes e válidos, de 20 anos e dai para cima, em condições de pegar em armas eram alistados para o serviço militar, Nm 1; 2 Sm 24. 9, excetuando os levitas, salvo em ocasiões especiais em que eram chamados a pegar em armas, Nm 1. 48-50; 1 Cr 12. 26-28. O número de homens, relatado em várias batalhas, é suficientemente grande para incluir a maior parte dos cidadãos de uma região. Para as operações militares de menor importância, cada tribo dava a sua quota de guerreiros, Nm 31. 4; Js 7. 3; Jz 20. 10. Nas rápidas incursões de inimigos, eram estes enfrentados por todos os varões animosos, que tomavam armas para defender os seus lares. Em ocasiões de perigos que ameaçavam a pátria, eram enviados mensageiros a todas as praças de Israel a chamar às armas, pelo toque das trombetas, pelas proclamações, ou por atos simbólicos, os cidadãos para a salvação comum, Jz 6. 34, 35; 19. 29; 1 Sm 11. 7.

O exército de Israel era organizado na base de sua divisão política. As unidades, tanto políticas, como militares, eram formadas de mil indivíduos, em reciprocidade com as casas de Israel, Ex 12. 37; Nm 1. 2; 10. 3, 16. 46; Jz 6. 15; 1 Sm 10. 21; 17. 18. O chefe do exército de Judá era muitas vezes um *alluph* ou quiliarco, Zc 9. 7; 12. 5, do mesmo modo que eram os chefes de Edom, Gn 36; Êx 15 15. Para fins políticos

militares, as unidades de mil eram subdivididas em centos, Êx 18. 25; Nm 31. 14, 48; 2 Sm 18. 1; 2 Cr 25. 5, em grupos de cinqüenta, Êx 18. 25; 1 Sm 8. 12; 2 Rs 1. 9; comp. Nm 1. 25, e em grupos de dez, Ex 18. 25; comp. Nm 26. 7. O número de mil de que se compunha uma família, variava, como é fácil de ver, segundo as leis naturais; e é muito provável que os "milhares" fossem usualmente muito menores do que o nome técnico indica. (Compare a variedade de números entre legião e regimento.) Cada uma destas divisões tinha o seu oficial, Nm 31. 14; Jz 20. 10; 1 Sm 8. 12; 2 Rs 1. 9; 11. 4; 2 Cr 25. 5. O general-chefe e os oficiais formavam um conselho de guerra, 1 Cr 13. 1; comp. 2 Rs 9. 5, 13. Os primeiros traços da existência de um exército permanente em Israel, encontram-se no reinado de Saul. Conservou 300 mil homens de todo o Israel para enfrentar os filisteus, 1 Sm 13. 2, e agarrava a si todo homem de valor que encontrava, 14. 52. Davi aumentou o exército e organizou-o em doze divisões de vinte e quatro mil homens cada uma, 1 Cr 27, e Salomão acrescentou ainda grande número de carroças e de esquadrões de cavalaria que distribuiu por todas as cidades do reino, 1 Rs 9. 19; 10. 20; comp. 4. 26; 2 Cr 9. 25. Os sucessores destes três reis de todo o Israel continuaram a prestar muito cuidado à organização e equipamento das hostes guerreiras, como Josafá, 2 Cr 17. 13-19, Amazias, 25. 5, 6, Ozias, 26. 11-15; e Judas Macabeu, 1 Mac 3. 55. Vide *Guerra*.

ÊXODO, *Saída*.

1. Partida dos israelitas, depois de haverem sido devidamente emancipados do cativeiro do Egito. Há muita dificuldade em determinar exatamente o caminho que tomaram. Os milagres operados por Moisés se verificaram no campo de Zoã, Sl 78. 12. Ramessés era um subúrbio da capital. Daqui saíram os israelitas para Sucote, Ex 12. 37, lugar este assinalado em *Tell el-Maskhutah*, no *wady Tumilat* a 59 quilômetros a sudeste de Zoã e 20 quilômetros a oeste de Ismaília. Não seguiram a linha reta para a Palestina, que os conduzia pelo território dos filisteus, mas tomaram o caminho do deserto margeando o Mar Vermelho, Êx 13. 17, 18. Primeiro acamparam em Etã, cujo lugar não foi ainda identificado, mas que ficava no extremo deserto, Êx 13. 20. Dali voltaram, acampando diante de Pi-Hairote, entre Magdal e o mar, defronte de Baal-Zefom, Êx 14. 2; Nm 33. 7, a oeste do Mar Vermelho. Deste lugar, marcharam sobre o mar que atravessaram, entrando no deserto de Sur, Ex 15. 4, 22; Nm 33. 8, caminhando ao longo do mar, em demanda do Monte Sinai, Êx 16. 1; Nm 32. 10, 15. Sobre a data do Êxodo, vide *Cronologia*.

2. Êxodo, nome do segundo livro do Pentateuco. Nas Escrituras hebraicas, o livro começa com as primeiras palavras: "Estes são os nomes." O título de Êxodo foi, muito apropriadamente dado, pelos tradutores gregos, por ter como objeto a narrativa da saída do Egito, eixo de tôda a história de Israel. O livro contém uma narrativa continuada, que se pode dividir, em três secções. 1. No Egito, capítulos 1 a 12 até o v. 36, cobrindo um período de alguns séculos que se seguiram após a entrada de Jacó no Egito, registando-se apenas o crescimento do povo depois da morte de José, 1. 7, opressão dos israelitas, 8 e seg., nascimento de Moisés, seus primeiros anos e sua chamada, caps. 2 a 4, contendas com Faraó e as primeiras pragas e a instituição da páscoa em conexão com a última praga, caps. 5 a 12 até o v. 36. 2. Do Egito ao Sinai, caps. 12. 37 até cap. 19. 2. Partida de Ramessés, 12. 37-42, regulamentação suplementar para a celebração da Pascoa, estabelecendo as condições em que um estrangeiro poderia participar dela, 43-51, consagração dos primogênitos, 13. 1, 2, observância de uma festa de sete dias, em conexão com a páscoa, 3-16; passagem do Mar Vermelho, cap. 14, cântico do livramento, 15. 1-19, as águas de Mara, o maná e as codornizes, v. 20, até cap. 16. Em Rafidim: Água brotando da rocha em Horebe, vitória sobre os amalecitas e a visita de Jetro, caps. 17 e 18. 3. No Sinai, cap. 19. 3 até cap. 40. 38, continuando até Nm 10. 10. Estabelecimento da teocracia: Concerto teocrático proposto por Deus sob condição de obediência, 19. 3-6, aprovação pelos anciãos do povo, 7, 8, promulgação dos dez mandamentos e leis subsidiárias, escritas no livro do pacto, caps. 20 até 23; 24. 4. Para análise e forma destas leis vide *Teocracia, Anrafel*) ratificação do pacto pela nação, 24. 1-8, banquete em regozijo, 9-11, Moisés no monte: especificações para a construção do tabernáculo e sua ornamentação, as tábuas de pedra, 12 até cap. 31; para análise, vide *Tabernáculo*. O bezerro de ouro, caps. 32 e 33. Segunda ida de Moisés ao monte donde trouxe a súmula da repetição das leis do pacto, cap. 34. Construção e levantamento do tabernáculo, caps. 35 a 40. Vide *Pentateuco*.

EXORCISTA, em grego, o que administra um juramento; expelir por desconjuro.

Nome que se dá aos que pretendem expelir as influências malignas, por meio de palavras e cerimônias. Certos impostores desta natureza estiveram em contacto com o apóstolo S. Paulo, At 19. 13-19.

EXPIAÇÃO[1]. Conciliar (os que antes eram adversários).

1. Reconciliação entre pessoas que estavam em inimizades, Rm 5. 11.

2. Nome daquilo que produz a reconciliação, especialmente um sacrifício, destinado àquele fim, Êx 30. 16; Lv 4. 20, 26, 31, 35. É este o sentido em que a palavra ordinariamente se emprega.

EXPIAÇÃO[2]. Dia da expiação.

Dia anual de humilhação e expiação dos pecados nacionais, quando o sumo sacerdote oferecia os sacrifícios como expiação pelo santuário, pelos sacerdotes e pelo povo, Lv 16; 23. 26-32; Nm 29. 7-11. Era observado no décimo dia do sétimo mês com abstinência de trabalhos e pelo jejum. Era este o único jejum ordenado por lei, referido no livro dos At 27. 9; e Ant. 14. 4, 3. Naquele dia, o sumo sacerdote despia-se de suas insígnias oficiais e vestia-se de linho branco, e sacrificava um bezerro como oferta pelo pecado por si e pelos sacerdotes. Tomando o incensório com brasas vivas do altar, entrava ele no Santo dos Santos e queimava incenso, para que o fumo cobrisse o Propiciatório que escondia a lei. Depois, tomava o sangue do bezerro e espargia com êle o Propiciatório e o pavimento. Com esta cerimônia terminava a expiação pelos sacerdotes. Tomava então os dois bodes oferecidos pelo povo e lançava sortes sobre eles. Um deles era morto, como oferta pelo pecado do povo, e levando para dentro do véu o sangue, o aspergia como dantes, para fazer expiação do santuário. Com semelhante rito, ele fazia expiação pelo lugar santo e pelo altar dos sacrifícios, depois, tomava o outro bode, colocava as mãos sobre a cabeça dele, e confessava os pecados do povo. Tipicamente, os pecados do povo eram lançados sobre a cabeça do bode que se tornava o substituto do povo levando os seus pecados e carregando com eles para o deserto.

O sumo sacerdote tomava outra vez as suas vestes oficiais, e queimava sobre o altar as banhas que foram oferecidas pelos pecados. As carnes do bezerro e do bode eram levadas para o campo e queimadas. A epístola aos Hebreus ensina que esta entrada do sumo sacerdote no Santo dos Santos, uma vez no ano, e nunca sem sangue, prefigurava a entrada de Jesus, o grande sumo sacerdote, uma vez por todas, nos céus, tendo feito a purificação dos pecados e adquirido para nós a salvação eterna, Hb 9. 1-12, 24-28.

EXTASE

Estado em que as funções dos sentidos ficam suspensas e a alma parece fora do corpo, durante o tempo em que contempla algum objeto extraordinário. S. Pedro e S. Paulo em certas ocasiões experimentaram estes transes, At 11.5; 22.17.

EZEL, *Separação.*

Nome do lugar onde Davi se escondeu, até que Jônatas o pudesse informar das disposições de Saul para com ele, 1 Sm 20. 19.

EZEM, *Osso.*

Nome de uma aldeia perto dos limites de Edom, no território partilhado à tribo de Judá, e depois dada à tribo de Simeão, Js 15. 29; 19. 3; 1 Cr 4. 29. Lugar ignorado.

EZEQUIAS, *Jeová dá fortaleza.*

1. Nome do filho de Acaz, rei de Judá. Em 728 A. C. estava associado com seu pai no governo do país. Acaz não foi posto no sepulcro dos reis, e, por isso, julgam alguns que ele havia sido vítima de alguma enfermidade, que representava um juízo de Deus, sobre seus pecados. Incapacitado para o governo, Ezequias mostrou-se hábil na direção dos negócios do reino. Parece haver engano quanto à idade em que começou a reinar. Não podia ser aos vinte e cinco anos. Mostrou-s eum grande servo de Deus. Começou o seu rienado, reparando o templo e reorganizando o serviço religioso, e as funções sacerdotais. Celebrou uma grande páscoa para a qual convidou todas as tribos de Judá e Israel, 2 Cr 29 até 30. 13. Destruiu os lugares altos, deitou abaixo as estátuas, mandou quebrar em pedaços a serpente de metal que Moisés tinha feito, e que se havia convertido em objeto de adoração. Ganhou uma vitória sobre os filisteus, e em tudo prosperou e se fez grande. No quarto ano de seu reinado, 724 A. C., Salmanasar começou o sítio de Samaria que Senaqueribe completou em 722, levando cativas as dez tribos de Israel, 2 Rs 18. 9, 10. No ano 714 A. C., segundo o método dos analistas hebreus, teve princípio a série de invasões dos assírios, que deram uma feição notável ao reinado de Ezequias, e que terminou por uma desastrosa derrota para os invasores. A narração bíblica destes acontecimentos compreende três secções, a saber: o princípio das invasões pelo ano 714, 2 Rs 18. 13; Is 36. 1; 2 Cr 32. 1-8; comp. invasão da Filistia em 711, Is 20. 1, a campanha principal de 701, 2 Rs 18. 14-16, na sua primeira e última fase, 2 Rs 18. 17 até 19. 35; 2 Cr 32. 9-21; Is 36. 2 até 37. 36; e o final das invasões em 681, 1 Rs 19. 36, 37. Sargom ainda estava no trono da Assíria, em 714, mas tinha posto seu filho Senaqueribe à testa das forças militares, antes daquela data, em 720 ou 715 e princípio de 714. Pelas narrações assírias, Judá foi subjugada, quando os assírios guerreavam ao norte e a oeste de seu país. Parece que logo ao princípio destas invasões, em 714, o rei Ezequias caiu doente, e às portas da morte provenientе talvez de um carbúnculo; Deus prolongou-lhe a vida por mais quinze anos, 2 Rs 20. 1-11; Is 38. Por este tempo, Merodaque-Baladã, rei da Babilônia, enviou uma carta e presentes a Ezequias, porque havia sabido que Ezequias havia estado doente. Porém, o fim principal desta embaixada era persuadir o rei de Judá a fazer parte de uma grande confederação que se formava secretamente contra o poder dos assírios. Ezequias alegrou-se muito com as cortesias do rei de Babilônia, e mostrou aos embaixadores, tudo o que havia no seu palácio, e todos os seus tesouros. Por esta ocasião, o profeta Isaías declarou a Ezequias, que seria transportado para Babilônia tudo que havia em sua casa, e que o povo de Judá seria levado cativo, 2 Rs 20. 12-19; 2 Cr 32. 31; Is 39. 1-8. Ezequias entrou na confederação, Sargom, que era um hábil general, rompeu com os aliados, antes de pôr em execução os seus planos. Fez uma expedição contra Asbode, dirigida por Tartã, em 711, Is 20. 1, e lançou tributos sobre a Filistia, Judá, Edom e Moabe. Em 710 destronou Merodaque-Baladã, e fez-se rei de Babilônia. Em 705, Sargom foi assassinado, e seu filho Senaqueribe subiu ao trono. A mudança de governo deu origem a novos acontecimentos. Para abafar a revolta do ocidente, Senaqueribe avançou até a terra dos filisteus em 701, conquistou a Fenícia e recebeu deputados de Asdode, Amom, Moabe e Edom, pedindo paz. Muitas cidades resistiam ainda, Senaqueribe investiu contra Jope, Bete-Dagom, Ascalom e outros lugares. Voltando-se para o oriente, tomou Laquis, acampou-se nas suas planícies e recebeu tributos do apavorado Ezequias; recebeu trezentos talentos de prata e trinta talentos de ouro. Os cronistas assírios dizam que foram oitocentos os talentos de prata que recebeu de Ezequias, além de muitas pedras preciosas, ricas madeiras, artefatos de marfim, etc. Levou ainda as filhas de Ezequias, as damas do palácio, e muitas outras donzelas. Para satisfazer à cobiça do rei invasor, Ezequias despedaçou as duas meias portas do templo do Senhor, e as chapas de ouro de que ele mesmo as tinha forrado. Estando Senaqueribe em Laquis, chegaram-lhe notícias de que as cidades dos filisteus haviam feito aliança com o Egito e com a Etiópia, 2 Rs 18. 21, 24. Não querendo deixar atrás de si tão grande fortaleza como era Jerusalém, enviou uma deputação às guarnições da cidade. Ezequias já tinha notícias do avanço da divisão do sul, e da resistência da cidade de Acarom aos assírios. A sua fé em Jeová reviveu com as exortações de Isaías, e por isso se recusou a dar entrada às tropas do inimigo, na cidade. Neste meio tempo, o rei assírio deixou de sitiar Laquis, e passou a sitiar Libna, 2 Rs 19. 8. Ouvindo falar da nova atitude de Ezequias, que estava disposto a resistir, despachou mensageiros com cartas ameaçadoras de futuras vinganças. Receando atacar os egípcios e os etíopes, deixando atrás de si Acarom e Jerusalém, recolheu-se a Eliteque, onde se deu a batalha. Os egípcios foram batidos, porém os despojos foram insignificantes. Senaqueribe agora volta-se para as cidades vizinhas. Havia já traçado o plano de ataque a Jerusalém, quando uma doença misteriosa entrou de noite no seu acampamento, matando-lhe 185.000 homens, 2 Rs 19. 35, 36. Vide *Senaqueribe.* Foram profetas contemporâneos de Ezequias, Isaías, Oséias e Miquéias, Os 1. 1; Mq 1. 1. O rei de Judá faleceu no ano 698, deixando no trono a seu filho Manassés, 2 Rs 20. 21; 2 Cr 32. 33.

2. Nome de um antecessor do profeta Sofonias, Sf 1. 1.

3. Nome de um filho de Naaria, aparentado com a família real de Judá, 1 Cr 3. 23.

4. Nome de um homem da descendência de Ater, que voltou do cativeiro com Zorobabel, Ed 2. 16; Ne 7. 21. Como representante de sua família assinou o pacto de servir a Jeová, Ne 10. 17.

EZEQUIEL, *Deus é fortaleza.*

Nome de um dos maiores profetas judaicos, filho de Busi, de família sacerdotal, Ez 1. 3. Passou a sua mocidade perto de Jerusalém durante o ministério do profeta Jeremias. Partilhou as agruras do cativeiro com o rei Joaquim, oito anos depois do exílio de Daniel, 38. 21; 40. 1; comp. 2 Rs 24. 11-16. Diz o historiador Josefo que Ezequiel era ainda jovem naquela ocasião (Antig. 10. 6, 3); mas já estava na idade em que os levitas assumiam suas obrigações oficiais, e em que atingiam a sua maioridade. Esteve com os exilados da Judéia nas margens do rio Cobar em Babilônia, provavelmente em Tel-abibe, Ez 1. 1, 3; 3. 15. Casou-se no sexto ou nono ano depois do exílio e teve sua casa em Babilônia 8. 1; 24. 1, 18.

Começou o ministério profético no quinto ano do cativeiro de Joaquim, sete anos antes da destruição do templo de Jerusalém, quando morava em Cobar, 1. 1, 2. Tinha então trinta anos de

idade, 1. 1, tempo em que os levitas entravam em serviço, Nm 4. 3. Há quem diga que os trinta anos não se referem à idade do profeta, e sim ao tempo em que Nabopolasar, pai de Nabucodonosor, subiu ao trono, ou a data da reforma feita pelo rei Josias; esta afirmação cai, perante as afirmações em Jr 25. 1, 3; 2 Rs 23. 36, 25 2-6; Ez 1. 2. Mesmo no exílio em terra estrangeira, Ezequiel tinha liberdade de proferir as suas profecias. À sua casa concorriam os anciãos do povo para ouvi-lo, 8. 1; 14. 1; 20. 1, mas não faziam nada do que lhes dizia, 33. 30-33. Evidencia-se pela afinidade de idéias e de linguagem, que ele se familiarizou com os ensinos de Jeremias. Freqüentava o santuário, ouvia as pregações que o profeta fazia no templo, ouvia a leitura que se fazia em público, das suas profecias, Jr 7. 2; 19. 14; 26. 2; 28. 5; 36. 8. Mesmo no exílio, teria ele uma coleção desses discursos, 29. 1, 31; 36. 22; Dn 9. 2. Como quer que seja, aparecem no seu livro, doutrinas, alegorias e pequenos discursos de Jeremias, que ele amplia, dando-lhes um colorido literário, como no caso da panela incendiada, Jr 1. 13-15; Ez 11. 2-11; 24. 3-14; das duas irmãs, Jr 3. 6-11; Ez 23. 1-49; o perdão para os condenados que se arrependem, quer seja a coletividade nacional, como os indivíduos, Jr 18. 5-12; Ez 18. 21-32; os maus pastores, Jr 23. 1-6; Ez 34. 1-24; o provérbio das uvas em agraço, Jr 31. 29, 30; Ez 18. 2-21; a nova natureza espiritual, Jr 31. 33, 34; Ez 11. 19, 20; 36. 25-29; os desterrados e não os judeus de Jerusalém, são as esperanças do futuro, Jr 24. 1-10; Ez 11. 15-21; 37. 1-14.

A atividade profética de Ezequiel estende-se por um período de cerca de 22 anos, 1. 2; 29. 17. Não se conhece o tempo, nem o modo de sua morte. Diz a tradição que ele foi morto por um príncipe, por causa de falar contra a idolatria. O livro de Ezequiel encontra-se na Bíblia entre Jeremias e Daniel. Como estes dois livros fizessem parte da Hagiógrafa no cânon hebraico, o lugar de Ezequiel era entre Jeremias e Oséias. As profecias seguem, quase sempre, certa ordem cronológica, acompanhando os anos do cativeiro do rei Joaquim, tempo em que as proferiu. Dividem-se em três partes, a saber:

1. Profecias antes da tomada de Jerusalém, predizendo a sua queda. No quinto ano de suas funções sacerdotais foi chamado para o ofício profético e preparado para exercê-lo por meio de uma visão, caps. 1 a 3 até o v. 21, sendo instruído a falar em linguagem simbólica, à destruição da cidade, 3. 22 até o cap. 7. No sexto ano aparecem as denunciações contra Judá por causa da idolatria, cap. 8. Jeová abandona simbolicamente o templo, por causa da sua profanação, caps. 9-11, até v. 13, os exilados são ainda povo de Deus, para os quais será um santuário, v. 16; eles voltarão para a terra de Israel, v. 17, e dará novo coração a todos que reformarem sua vida, v. 18-21. A descrença e a adesão aos falsos profetas, motivaram o abandono e as desgraças de Jerusalém, caps. 12-14; que fatalmente cairiam sôbre ela se não se arrependesse, caps. 15-18, e termina com as lamentações sobre os príncipes de Israel, cap. 19. No sétimo ano, porque o nome de Jeová tem sido profanado diante dos gentios, Deus castigará o povo que será mais tarde restaurado por amor de seu nome, 20. 1-44. O castigo calamitoso virá certamente, as iniqüidades subiram até a presença de Deus, cap. 20. 45, até cap. 22. Em o nono ano vem o sítio de Jerusalém e a dispersão do povo, simbolizados por uma marmita cheia de carnes, cap. 24.

2. Profecias sobre o juízo de Deus contra as nações; e em o nono ano, contra Amom, Moabe e Filístia, cap. 25. Tiro e Sidônia, em o décimo segundo ano, caps. 26-28. E finalmente, no décimo, no undécimo e no vigésimo sétimo ano, contra o Egito, caps. 29-32.

3. Profecias concernentes à restauração e livramento do povo depois da tomada de Jerusalém por Nabucodonosor. No duodécimo ano, antes de chegar aos ouvidos do profeta a notícia da destruição de Jerusalém, recebeu ele nova chamada para a continuação de seu ofício profético, caps. 33. 1-22, para dizer ao povo que, depois do cativeiro, se voltaria para Deus e teria um novo profeta, um único pastor, o servo de Deus, Davi, que o apascentaria, cap. 34; que os seus atuais inimigos seriam severamente punidos, cap. 35, que o povo, depois de santificado, seria restituído à sua pátria, cap. 36, que as doze tribos se reuniriam novamente como um povo ressuscitado dos mortos, cap. 37, e que, finalmente, os inimigos da pátria seriam aniquilados, caps. 38 e 39. No vigésimo quinto ano, Deus anuncia o restabelecimento da igreja na visão do alargamento do templo, completamente santificado, fala de um povo renovado e aceito por Jeová, caps. 40-43; dos solenes atos de culto, caps. 44-46; das águas que corriam do templo para as bandas do oriente comunicando nova vida ao deserto, cap. 47, e da distribuição da terra pelas tribos e de uma cidade, centro de todas as tribos, onde Jeová habita, cap. 48.

Nesta visão, o templo que Ezequiel conhecera na sua mocidade, aparece-lhe agora completamente mudado. Em vez do pequeno outeiro de Sião, vê uma alta montanha, coberta pelas construções de um santuário novo de grandiosas proporções; à porta deste santuário, um anjo com vara e cordel; o novo templo é modelado pelo antigo, em suas linhas gerais, porém, de tal modo locado com referência às habitações dos homens, e os seus átrios e câmaras dispostos de tal maneira, que sirva de amparo à santidade de Jeová que irá habitar ali, dentro em pouco, imprimindo no seu povo o selo de sua santidade e separando-o de toda a impureza moral e de todas as cerimônias vãs. Muitos anos antes, o profeta viu o Senhor abandonando o antigo templo profanado, 10. 18, 19; 11. 22-24, agora, contempla a Jeová entrando nele, pela mesma porta, vê a glória do Senhor enchendo a casa e ouve uma voz, vinda de dentro dela, dizendo: "Este é o lugar do meu trono onde eu habito para sempre no meio dos filhos de Israel", que não profanarão mais para o futuro o meu santo Nome, 43. 1-7. No átrio interno, Ezequiel vê o altar dos sacrifícios preparado para o novo Israel e ouve a voz do Senhor que diz: "e eu me reconciliarei convosco", diz o Senhor, 43. 13-27. Vem em seguida no cap. 44 a descrição do culto oferecido ao Senhor pelo novo Israel. Em a nova teocracia, a realidade corresponderá aos ideais divinos. O incircuncidado de coração não entrará no santuário. As famílias levíticas que se mostraram infiéis no antigo tempo, não poderão mais oficiar no altar, contudo terão um lugar humilde no templo. Os sacerdotes, filhos de Sadoque, cujo nome significa retidão, que permaneceram fiéis, só eles exercerão o alto ofício de sacerdotes diante do Senhor, cap. 44. Uma parte da terra dividida pelas doze tribos, pertenceria ao Senhor para manter o culto e o ministério do Santuário, 45. 1-6. Os príncipes teriam também uma parte considerável de terreno que os habilitasse a manter o serviço público, a fim de evitar que eles oprimissem o povo e usurpassem as prerrogativas dos sacerdotes, 45. 7-12; 46. 2, 16-18. O povo ocuparia o seu lugar no templo por ocasião do culto, v. 9. Todos os membros da teocracia, oficiais e leigos cumprirão os deveres referentes aos holocaustos e oblações que pertencem a eles, em seus lugares e relações. Em seguida, o profeta vê um rio, saindo do templo, avolumando-se a ponto de formar larga torrente, levando consigo a vida às regiões estéreis e mortas, 47. 1-12. No cap. 47. 13-20, vêm descritos os limites da terra que vai ser ocupada pela nova comunidade, 47. 13-20, e a locação de cada tribo, 47. 21 até cap. 48. 29. As primícias do terreno dividido seriam partilhadas pelos levitas, pelos príncipes, pelos sacerdotes e pela cidade, 48. 8-22. À cidade pertence a todo o Israel em comum, 15-

-20, 30-34; comp. com o v. 19 e cap. 45. 6, cujo nome será Jeová-samá, isto é, o Senhor nela mesmo, 48. 35, simbolizando o ponto central de toda a profecia. Quais foram as contribuições de Ezequiel para a mentalidade hebraica? Os críticos da escola de Welhausen consideram a Ezequiel como o pai do último formalismo judaico. Dizem que a descrição da nova Jerusalém nos caps. 40 a 48 é um programa e originou os regulamentos sacerdotais contidos nos livros de Levítico e Números. Esta teoria é rejeitada pelos críticos da escola de Ewald e por todos os teologos que aceitam o ponto de vista bíblico sobre a origem das instituições judaicas; provam que a legislação característica contida no Levítico antedata a Ezequiel, e também que o profeta não teve a intenção de fazer programa algum. Além disso as descrições feitas no seu livro, não têm por fim lançar programa algum. As descrições que ele faz não são ideais que espera ver realizados literalmente, mas são puramente simbólicas, porque de outro modo não se pode compreender a grande montanha da nova Sião, as medidas da partilha das terras, que são medidas geométricas, e não geográficas, as águas vivificadoras, saindo do santuário que se converteram em grande rio, as árvores que produzem os seus frutos em cada mês do ano e cujas folhas servem para a saúde das gentes. A riqueza mental para Israel, contida no livro de Ezequiel, está no ensino espiritual. Entre outras cousas contribui: 1. Para pensar em Deus. Enquanto outros falam de Jeová como sendo o sustentáculo de seu povo, Gn 48. 15; Sl 23, aquele que ajunta as relíquias de Israel, Jr 23. 3; 31. 10, e as toma no seu seio, Is 40. 11. Ezequiel representa a Jeová buscando as ovelhas perdidas, 34. 11-16; comp. Mt 18. 12-14; Lc 19. 10.

2. Para ter uma visão da nova Jerusalém, temos: a alta montanha, Ez 40. 2; Ap 21. 10, a cidade santa, o tabernáculo de Deus com os homens, Ez 37. 27; Ap 21. 3, a glória de Deus nela, Ez 43. 2-5; Ap 21. 11, a cidade de medidas iguais por todos os quatro lados, Ez 48. 16, 30; Ap 21. 16, tendo doze portas, Ez 48. 30-34; Ap 21. 12, 13, o rio da Vida, Ez 47. 1; Ap. 22. 1, e as árvores plantadas de um e de outro lado do rio, cujas folhas dão saúde, Ez 47. 7, 12; Ap. 22. 2. Tanto em Ezequiel como em S. João, a visão é simbólica. 3. Além de tudo, Ezequiel contribuiu para uma concepção espiritual da Jerusalém do futuro. Ezequiel, e, com ele, seus predecessores, falam da fertilidade da terra em a nova idade, Ez 36. 29, 30, mas este aspecto não desperta entusiasmo. Tomando o ensino de Jeremias como base de interpretação, vê-se que ele fala da natureza renovada do povo e da santidade do reino, como a sua coroa de glória no futuro, 11. 19, 20; 36. 24-29. A Sião espiritual regenerada está, definitivamente, no pensamento do povo de Deus: é uma nobre idéia e uma grande esperança.

EZER, *Auxílio.*

1. Nome de um descendente de Efraim, morto em uma surtida contra os filisteus, 1 Cr 7. 21.

2. Nome de um homem de Judá, descendente de Hur, 1 Cr 4. 4.

3. Nome de um gadita que se juntou a Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 9.

4. Nome de um filho de Jesua, que tomou parte na reconstrução do muro, Ne 3. 19.

5. Nome de um sacerdote que participou da cerimônia da dedicação do muro, Ne 12. 41.

EZI ver AZI

EZIOM-GEBER, *Espinha dorsal do homem.*

Nome de uma cidade do Mar Vermelho, na parte setentrional do golfo de Acaba, perto de Elate, nos confins de Edom, Dt 2.8; 1 Rs 9.26; 22.48; 2 Cr 8.17. Os israelitas acamparam perto desta cidade em sua peregrinação pelo deserto, Nm 33.35. Robinson diz que este nome se estende até *Ghudyan*, pequeno vale com águas salobras, abrindo-se em direção ao Arabá, vindo da montanha ocidental, pouco distante da fortaleza de Acaba, lugar aproximado da antiga Elate. As letras que formam esta palavra, Eziom-Geber, correspondem-se, tanto no hebraico, como no arábico.

EZRA, *Auxílio.*

1. Nome de um homem, que foi incluído no registo de Judá, 1 Cr 4. 17.

2. Nome de um sacerdote que voltou de Babilônia com Zorobabel, Ne 12. 1, 7. Um chefe de família tem o mesmo nome na geração seguinte, v. 13. (Em Fig. o nome é Esdras nestas duas passagens.)

EZRAÍTA (Forma alternada de Zarita).

Nome de um descendente de Zerá, pertencente à tribo de Judá, como Etã, 1 Rs 4. 31; título do salmo 89; comp. 1 Cr 2. 6 e Hemã. Título do salmo 88; comp. 1 Cr 2. 6.

EZRI, *Deus é auxílio.*

Nome de um filho de Quelube, e superintendente da agricultura, e dos lavradores no reinado de Davi, 1 Cr 27. 26.

EZRICÃO, *Auxílio contra o inimigo*, ou *auxílio que se levantou.*

1. Nome de um filho de Nearias, 1 Cr 3. 23.

2. Nome de um filho de Asel, e descendente de Jônatas, filho de Saul, 1 Cr 8. 38; 9. 44.

3. Nome de um levita descendente de Merari, 1 Cr 9. 14.

4. Nome do modormo mor de Acaz, que foi morto por Zecri da tribo de Efraim, 2 Cr 28. 7.

EZRIEL, *Auxílio de Deus.*

1. Nome de um chefe da meia tribo de Manassés, que habitava no oriente do Jordão, 1 Cr 5. 24.

2. Nome de um homem da tribo de Neftali do tempo de Davi, pai de Jerimote, 1 Cr 27. 19.

3. Nome do pai de Saraías do tempo de Jeremias, Jr 36. 26.

F

FACÉIA, *Pecaia, Jeová deu vista, ou libertou.*

Nome de um dos filhos de Manaém e seu sucessor no trono de Israel, 737 A. C. Reinou apenas dois anos, aderindo ao culto do bezerro que Jeroboão I havia estabelecido. Foi assassinado em seu palácio de Samaria por Pecá, capitão de seu exército, que lhe usurpou o trono, 2 Rs 15. 23-26.

FAIA[1]. CIPRESTE

Tradução da palavra hebraica *Té Ashshur*, Is 41. 19; 60. 13.

Do mesmo modo é traduzida a palavra hebraica *Berosh*. O Cipreste, *cupressus sempervirens*, é o tipo da subordem *Cupressaceae*, da ordem das *Pinaceae* (Coníferas). São conhecidas dez espécies do gênero *Cupressus*. O cipreste comum é árvore sempre verde de que existem duas variedades: uma que cresce até à altura de 20 metros e outra mais baixa, de braços estendidos. O cipreste é natural da Pérsia e do Levante. Serve de ornamento nos cemitérios do ocidente para onde foi transplantado.

FAIA[2]. CIPRESTE

1. Tradução da palavra hebraica *Tidhar*, nome de uma árvore do Líbano, Is 41. 19; 60. 13.

2. Tradução da palavra hebraica *Ez shemen*, ramos de oliveira, oliveira silvestre, Ne 8. 15.

FAIA[3]

Tradução da palavra hebraica *Berosh* e da aramaica, *Beroth*, 2 Sm 6. 5; Ct 1. 17. Esta árvore cresce juntamente com os cedros do Líbano, 1 Rs 5. 8, 10; Is 14. 8; 37. 24; 60. 13; Zc 11. 2. Empregou-se juntamente com o cedro na construção do templo de Salomão, 1 Rs 5. 8, 10; 6. 15, 34; 2 Cr 2. 8; 3. 5, na coberta dos navios, Ez 27. 5, e na fabricação de instrumentos músicos, 2 Sm 6. 5. Em seus ramos as aves construíam ninhos, Sl 104. 17. A Vulgata traduz o vocábulo hebraico uma vez por cipreste em Ct 1. 17, e em outros lugares por *abies*, faia, exceto em 2 Sm 6. 5; 2 Cr 2. 8; Na 2. 3. Os Setenta traduzem quase sempre por cipreste, pinho e junipero. Tôdas estas árvores pertencem à família das *Coníferas*. A verdadeira faia da região do Líbano é a *Abies cilica*, que ali cresce, como também nas montanhas do norte daquela região, atingindo a altura de 10 a 25 metros. O cipreste (*Cupressus sempervirens*) é árvore que se eleva a a altura de 20 e 24 metros. A madeira é de um amarelo avermelhado muito agradável de cheiro e de grande duração. Empregava-se em obras de marcenaria, e plantava-se em profusão nos cemitérios do oriente, por causa de sua forma piramidal e delicadeza de suas folhas. O pinheiro de Alepo (*Pinus halepensis*) encontra-se nas montanhas a oeste da Palestina, sendo uma das árvores características do baixo Líbano. É inferior em tamanho à faia e ao cipreste. O *Pinus maritima* dá nas costas e nas planícies arenosas e não é muito comum. Em Galaade há extensas florestas de *Pinus carica* que povoam as mais altas montanhas, acima da linha dos carvalhos.

Os altos e odoríferos juníperos crescem abundantes no Líbano.

FAIA[4]

Tradução do hebraico *Teash-shur* árvore direita, de que se fabricavam os bancos das embarcações e as tabuinhas de escrever, Ez 27. 6; Lc 1. 63. A faia fazia parte das árvores que formavam a glória do Líbano, Is 60. 13.

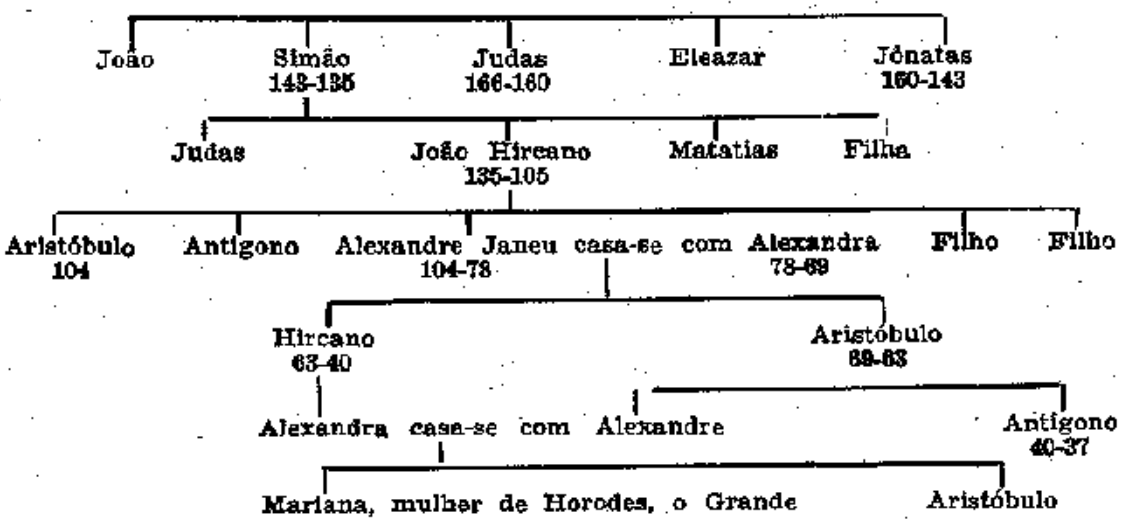
FAIXA

Tira de pano em que envolviam as crianças recém-nascidas, Jó 38. 9; Ez 16. 4; Lc 2. 7, 12. Deitavam a criança sobre um pano quadrado, cujas pontas dobravam sobre o corpo, e depois, por meio de uma faixa, o apertavam.

FALCÃO, GAVIÃO

Tradução da palavra hebraica *Nes*, voador, Jó 39. 26. Ave declarada imunda pela lei cerimonial, Lv 11. 16; Dt 14. 15, juntamente com outras aves, de rapina de menor vulto. Compreendia o gavião-fêmea (*Accipiter nisus*), e o francelho, *Falco tinunculus*. O primeiro é muito comum no Líbano e na região montanhosa de Galaade, durante o verão; na Judéia e em Arabá durante o inverno O francelho, que é genuíno falcão, abunda em toda a Palestina em todas as estações do ano.

FAMÍLIA DOS MACABEUS, *Matatias*



FANUEL I, *Presença de Deus.*

Nome de um aserita, pai de Ana, Lc 2. 36.

FANUEL II, *Face de Deus.*

1. Nome de um acampamento ao oriente do Jordão, assim denominado pelo patriarca Jacó, porque tinha visto o Senhor face a face, e porque a sua alma foi salva, Gn 32. 30, 31. No tempo dos juízes havia lá uma torre que Gideão deitou abaixo, e também uma cidade, cujos habitantes ele matou, Jz 8. 8; 9, 17; Jeroboão I fortificou-a, 1 Rs 12. 25.

2. Nome de certo homem de Judá e antecessor dos habitantes de Gedor, 1 Cr 4. 4.

3. Nome de um benjamita da família de Sesaque, 1 Cr 8. 25.

FARAÓ, Do egípcio *pera, casa grande.*

Designação geral pela qual eram conhecidos os soberanos do Egito, afixo ou não a seu nome individual. Os faraós mencionados na Bíblia dos tempos de Abraão e José não podem ser identificados com absoluta certeza. Os mais conhecidos são os seguintes:

1. O FARAÓ DA OPRESSÃO. Julga-se em geral que êste era Ramsés II, terceiro rei da décima nona dinastia, e filho de Seti I (Veja *Egito* III, 8). Ambos pertenceram ao Novo Império. Ramsés, desde bem moço, associou-se ao governo de Seti e reinou 67 anos, de 1348 a 1281 A. C., segundo cálculo feito pelo Dr. Mahler. Foi grande guerreiro; penetrou na Ásia muito além dos limites atingidos por Totmés III, avançando até a Ásia Menor e às vizinhanças do Tigre. Os líbios e os insulares do Mediterrâneo guerrearam os egípcios mas Ramsés os derrotou. A sua grande expedição foi contra os heteus e seus aliados, no que gastou muitas campanhas. O mais notável de seus feitos se verificou durante uma expedição a Cades, sobre o Orontes, capital do reino dos heteus, onde foi guiado por traidores beduínos que ali lhe prepararam uma emboscada, da qual escapou pela sua valentia pessoal; contudo não pôde tomar a cidade nem derrotar os heteus de modo a terminar a guerra. Deu fim à luta por meio de um tratado de paz e de amizade selado pelo casamento com a filha do rei heteu. No período de paz que sucedeu, Ramsés dirigiu sua atenção para as construções grandiosas que embelezaram o Egito, para opulentar as bibliotecas e estabelecer escolas. No Delta, principalmente, levantou grandes construções, entre as quais se contam *Pa-Rameses* e em parte, Pitom. A múmia dêste rei encontra-se no museu de Bulaque.

Ramsés II

2. O FARAÓ DO ÊXODO. Segundo se crê, chamava-se Meneptá II, décimo terceiro filho de Ramsés II. Por ocasião de subir ao trono ratificou o tratado de paz que seu pai havia feito com os heteus. No quinto ano de seu reinado, o Baixo Egito sofreu a invasão dos líbios com os seus aliados. Os mercenários do império, mais que o próprio rei, ganharam completa vitória sobre os invasores. Compuseram, por esse motivo, um hino para celebrar essa vitória e outros sucessos mais. Em alguns pontos, a tradução é duvidosa, porém, na essência, é como segue:

Meneptá

"Os chefes curvam-se fazendo saudações de paz.

Nenhum dos povos inimigos ousou erguer a cabeça.

A terra dos líbios está vencida.

Está em paz a terra dos heteus.

O lugar de Pa-Canana, ao sul da Palestina, foi devastado com grande violência.

O lugar de Ascalom foi levado para longe.

Aniquilado está o lugar de Gazer.

O lugar de Inuã, perto de Tiro foi reduzido a nada.

O povo isiraalu foi aniquilado, sem deixar semente.

Lugar de Car, i. é, a Palestina do sul, fez-se qual viúva do Egito.

O mundo inteiro está em paz.

Tudo quanto era rebelião caiu subjugado pela mão do rei Meneptá."

Isiraalu é mencionado em estreita ligação com os lugares da Filistia, da Fenicia e da Palestina. Não o podemos traduzir — Jezrael, porque se opõe a isso a ortografia da palavra e o emprego do determinativo que significa povo. Quando está sem o determinativo, significa país ou cidade. Por conseguinte, deve referir-se a alguma tribo nômade, ou mesmo a algum povo que ocupava um território que não era o seu. Não deixar semente a um povo aniquilado, segundo o modo de dizer dos egípcios, significava a destruição das searas, ou das reservas de grãos. O sentido natural daquela inscrição é que as tropas que operavam sob as ordens de Meneptá, guerreando contra os povos da Palestina e da vizinhança, devastaram as terras de Israel, talaram e destruíram os seus celeiros. Mas não se pode crer que os israelitas já tivessem conquistado Canaã. Não tem dado resultado a tentativa de identificar os habiri, que guerreavam na Palestina no reinado de Amenofis IV, seis ou sete gerações antes de Meneptá, com os hebreus. Veja *Egito*, III, 8). O registo bíblico harmoniza-se com as inscrições de Meneptá, se estas querem dizer, como julga o Dr. W. W. Moore, que dois ou três anos depois do êxodo, os egípcios, ou os cananeus súbditos de Meneptá, atacaram os israelitas perto de Cadesbarnéia. Os hebreus receavam ir para diante de Cadesbarnéia, quando co-

meçou o período dos quarenta anos de peregrinação pelo deserto. Aqui alimentaram os seus rebanhos e as suas manadas, e, à semelhança de Isaque, semearam a terra, Gn 26. 12, e colheram quanto lhes permitia aquele solo escasso de águas. As colheitas foram destruídas pelo inimigo. É provável que este fato se combine com o que se encontra registado em Nm 14. 45; Dt 1. 44-46, porquanto a sua demora em Cades não seria tão grande que desse tempo a fazer a colheita dos trigos semeados. Esta interpretação não dá lugar a se dizer que o Faraó do êxodo sucumbiu com o seu exército no Mar Vermelho, e nem é este o sentido da narração bíblica. Não é necessário crer que ele fez em pessoa tudo quanto se lhe atribui, e nem que ele participasse da sorte de seus emissários que perseguiam o povo de Israel.

3. SESAQUE, que os monumentos denominam Sesenque e que Maneto diz Sesonquis, primeiro monarca da vigésima segunda dinastia. Segundo uma inscrição encontrada em Abidos, Sesaque era filho de um conquistador assírio chamado Nemrete. Os nomes de seus sucessores são mais de origem assíria do que egípcia. Uma narração referente à sua expedição à Palestina, 1 Rs 14. 25, 26; 2 Cr 12. 2-9, acompanhada dos costumados exageros orientais, pode ver-se na parede do templo de Carnaque, da banda do sul. Lá estão os nomes das cidades conquistadas, por esta expedição, onde vem o nome Judá-Maleque, que pode bem ser o nome da cidade real de Judá. Parece ter sido um hábil estadista, como se mostrou ser, evitando conflitos com o rei Salomão, quando conservou em seu poder, como refugiado, a Jeroboão, inimigo do rei, 1 Rs 11. 40. Maliciosamente tirou partido da situação precária dos negócios da Palestina depois da divisão do reino, para invadi-la em circunstâncias em que a resistência a um exército inimigo era impossível por causa das perturbações intestinas. Ele também criou um equilíbrio de forças em seu favor no Egito, conferindo prerrogativas aos sacerdotes do deus Ápis em Mênfis, que eram rivais dos sacerdotes de Tebas. Jeroboão refugiou-se na corte de Sesaque, algum tempo depois do vigésimo quinto ano da idade de Salomão, 1 Rs 6. 38; 7. 1; 9. 10, 24; 11. 27, e a invasão de Judá, deu-se no quinto ano de Roboão, de acordo com o tempo mais longo, exigido pela narração bíblica para o reinado de Sesaque, que é de 21 anos, e que poderia até ser menor. Dá-se este tempo para confrontar a narração dos monumentos egípcios que falam do trigésimo nono ano do seu reinado.

4. ZARA ETÍOPE, que empreendeu invadir o reino de Judá no reinado de Asa, com um exército formidável composto de etíopes e líbios, que suplementava o exército egípcio, formando ao todo, um milhão de homens com trezentas carroças de guerra e que foi derrotado em Maresa, 2 Cr 14. 9-15; 16. 8. Os monumentos não fazem referências a esta expedição militar, como era de costume fazer, naturalmente por lhe ser desfavorável. Este Zara é identificado com Osorom I ou II, sucessor de Sesaque, na vigésima segunda dinastia. O escritor sagrado denomina-o etíope, ou porque havia sido coroado por ocasião de dirigir a expedição contra Judá, por ser portador dêste título, ou porque era realmente etíope de nascimento. Osorom II era genro e não filho do monarca precedente.

5. SUA, contemporâneo de Oséias, rei de Israel, 2 Rs 17. 4.

6. TARACA, terceiro e último rei da vigésima quinta dinastia, ou dinastia etiópica. Tanto ele como o nome, são etíopes (Steindorff). Quando Senaqueribe, rei da Assíria, atravessava a Filístia em direção ao Egito no ano 701 A. C., soube que Taraca, rei da Etiópia, vinha ao seu encontro, 2 Rs 19. 9. Senaqueribe, narrando este acontecimento, sem dizer os nomes das pessoas, relata que os reis do Egito e os archeiros, os carros e os cavalos do rei da Etiópia lhe saíram ao encontro em Elteque (Cilindro, 2. 73-81). A Etiópia e o Egito que estavam provàvelmente sob o poder de Sabataca, ou já sob govêrno do jovem e vigoroso Taraca, desposado com a viúva de Sabataca, e tutor de seu filho ainda jovem, eram governados por monarcas subordinados. Asaradom dirigiu várias campanhas contra o Egito e em 671 A. C. penetrou até ao centro do país; derrotou Taraca, que ele chamou de rei da Etiópia, tomou Mênfis, cativou o filho de Taraca e assumiu o título de rei do Egito, de Patros e da Etiópia. Taraca refugiou-se na Etiópia, e depois da morte de Asaradom, em 669 ou 668 regressou ao Egito. Assurbanipal enviou contra ele um exército, derrotou-lhe as tropas em Carabanite, perto da foz do Canópico, uma boca do Nilo. Taraca retirou-se para Tebas. Ainda poderia contar com o auxílio de outros pequenos reis do Egito, entre os quais se achava Neco. Assurbanipal foi até lá e tomou a cidade. Os registos do rei assírio dão conta da morte de Taraca. Aconteceu isto no ano 664 A. C. A história do Egito conta que o seu reinado durou pelo menos 26 anos.

7. NECO, filho de Psamético I. Foi o segundo soberano da vigésima sexta dinastia, e reinou 16 anos, desde 610 a 594 A. C. Empreendeu a abertura de um canal ligando o Nilo ao Mar Vermelho, e mandou fazer uma viagem de circunavegação nas costas da África, Heród. 2. 158; 4. 42. Matou o rei Josias em Magedo por se opor à sua marcha contra a Assíria. Diz Heródoto que Faraó Neco derrotou os sírios em Magdolus (Magedo), depois tomou Caditus, uma das maiores cidades da Assíria (2. 159), identificada com Gaza, e mais propriamente com Cadea, cidade dos heteus nas margens do Orontes. Por ocasião da morte de Josias, o povo aclamou a seu filho Joacaz que Faraó destronou, levando-o para o Egito, e pondo em seu lugar a seu irmão mais velho, Joaquim, 2 Rs 23. 30-34. Parece que Neco deixou o exército acampado em Carquemis, enquanto regressava ao Egito. No ano 605, juntou-se novamente ao exército com o fim de atacar o império assírio em decadência. Infelizmente para ele, chegou tarde. Saiu a encontrar-se com ele, Nabucodonosor, conquistador babilônico da Assíria, que o derrotou completamente com a perda de todas as suas possessões asiáticas, 2 Rs 24. 7.

8. FARAÓ HOFRA, o *Uah-ab-ra* dos monumentos egípcios, o Ouafris de Maneto e o Ápries de Heródoto. Foi o segundo sucessor de Neco, depois do curto reinado de Psamético II. Reinou 19 anos, desde 589 a 570, A. C. Conservou-se no trono quando Jeremias e seus companheiros de exílio, ainda viviam. Este profeta anunciou por ordem do Senhor que Faraó Hofra seria entregue nas mãos de seus inimigos do mesmo modo que havia sido Sedecias, rei de Judá, nas mãos de Nabucodonosor, Jr 44. 30. Foi grande cabo de guerra, parecer ter sido ele que aprisionou as frotas combinadas de Chipre e Sidônia em combate naval. Finalmente, foi mal sucedido em um ataque à colônia grega de Cirene. Em conseqüência disto, revoltou-se contra ele o exército que o prendeu e matou.

FARFAR, *Rápido.*

Nome de um dos rios de Damasco, que Naamã mencionou em segundo lugar, talvez por ser inferior em tamanho a Abana, 2 Rs 5. 12. Segundo uma tradição local, nascida no século dezesseis, este Farfar é o Taura, nome de um dos sete canais em que se divide o Barada à medida que se aproxima de Damasco. Além desta tradição local, fora dela, identificam o Farfar com o *Awaj*, única corrente solitária, além do Barada, dentro do território de Damasco, distante da cidade, uma caminhada de três horas, a cavalo. Este rio forma-se pela confluência de várias correntes que descem do monte Hermom, segue um curso tortuoso através da planície em direção ao sul da cidade, entrando finalmente em um dos três lagos, all existentes, o que fica mais para o sul. Na estação da sêca, as águas diminuem a tal ponto que se evaporam antes de chegarem ao lago.

FARISEU, *Separado.*

Nome de uma das três principais seitas judaicas, juntamente com os saduceus e os essênios. Era a seita mais segura da religião judaica, At 26. 5. Com certeza, a seita dos fariseus foi criada no período anterior à guerra dos macabeus, com o fim de oferecer resistência ao espírito helênico que se havia manifestado entre os judeus, tendente a adotar os costumes da Grécia. Todos quantos aborreciam a prática desses costumes pagãos, já tão espalhados entre o povo, foram levados a criar forte reação para observar estritamente as leis de Moisés. A feroz perseguição de Antíoco Epífanes contra eles, 175-164 A. C., levou-os a se organizarem em partido. Antíoco queria que os judeus abandonassem a sua religião em troca da fé idólatra da Grécia, tentou destruir as Santas Escrituras, e mandou castigar com a morte a quantos fossem encontrados com o livro da lei, 1 Mac 1. 56, 57. Os hasideanos que eram homens valentes de Israel, juntamente com todos que se consagravam voluntariamente à defesa da lei, 2. 42; cp. 1. 62, 63, entraram na revolta dos macabeus como um partido distinto. Parece que este partido era o mesmo dos fariseus. Quando terminou a guerra em defesa de sua liberdade religiosa, passaram a disputar a supremacia política; foi então que os hasidianos se retiraram. Não se fala deles durante o tempo em que Jônatas e Simão dirigiam os negócios públicos dos judeus, 160-135 A. C.

Os fariseus aparecem com este nome nos dias de João Hircano, 135-105. Este João Hircano pertencia à seita dos fariseus, da qual se separou para se tornar adepto das doutrinas dos saduceus, Antig. 13. 10, 5, 6. Seu filho e sucessor Alexandre Janeu, tentou exterminá-los à espada. Porém, sua esposa Alexandra que o sucedeu no governo no ano 78, reconhecendo que a força física era impotente para combater as convicções religiosas, favoreceu a seita dos fariseus, 15. 5. 16, 1. Daí por diante, a sua influência dominava a vida religiosa do povo judeu. Os fariseus sustentavam a doutrina da predestinação que consideravam em harmonia com o livre arbítrio. Criam na imortalidade da alma, na ressurreição do corpo e na existência do espírito; criam nas recompensas e castigos na vida futura, de acordo com o modo de viver neste mundo; que as almas dos ímpios eram lançadas em prisão eterna, enquanto que as dos justos, revivendo, iam habitar em outros corpos, At 23. 8, Antig. 18. 1, 3; Guerras 2. 8, 14.

Por estas doutrinas se distinguiam eles dos saduceus, mas não constituíam a essência do farisaísmo, que é o resultado final e necessário daquela concepção religiosa, que faz consistir a religião em viver de conformidade com a lei, prometendo a graça divina somente àqueles que fazem o que a lei manda. Deste modo, a religião consistia na prática de atos externos, em prejuízo das disposições do coração. A interpretação da lei e a sua aplicação aos pormenores da vida ordinária, veio a ser um trabalho de graves conseqüências; os doutores cresciam em importância para explicar a lei, e suas decisões eram irrevogáveis. Josefo, que também era fariseu, diz que eles, não somente aceitavam a lei de Moisés, interpretando-a com muita perícia, como também haviam ensinado ao povo mais práticas de seus antecessores, que não estavam escritas na lei de Moisés, Antg. 13. 10, 6, e que eram as interpretações tradicionais dos antigos, que nosso Senhor considerou de importância secundária, Mt 15. 2, 3, 6.

A princípio, quando era muito arriscado pertencer à seita dos fariseus; eram eles pessoas de grande valor religioso e constituíam a parte melhor da nação judaica. Subseqüentemente, tornou-se uma crença hereditária, professada por homens de caráter muito inferior que a ela se filiavam. Com o correr do tempo, os elementos essencialmente viciosos desta seita, desenvolveram-se a tal ponto de fazerem dos fariseus objeto de geral reprovação. João Batista, dirigindo-se a eles e aos saduceus, chamou-os de raça de víboras. É muito conhecida a linguagem de Jesus, pela qual denunciou severamente estas seitas pela sua hipocrisia e orgulho, pelo modo por que desprezavam as coisas essenciais da lei para darem atenção a minúcias das práticas externas, Mt 5. 20; 16. 6, 11, 12; 23. 1-39. Formavam uma corporação de intrigantes, Antig. 17. 2, 4. Tomaram parte saliente na conspiração contra a vida de Jesus, Mc 3. 6; Jo 11. 47-57. Apesar disso, contavam-se em seu meio, homens de alto valor, sinceros e retos, como foi Paulo, quando a ela pertencia e de que se orgulhava, em defesa de sua pessoa, At 23. 6; 26. 5-7; Fp 3. 5. Seu mestre Gamaliel também pertencia à mesma seita.

FARMASTA, Nome persa que quer dizer *muito grande.*

Nome de um dos filhos de Hamã, Et 9. 9.

FARRO, ESPELTA, TRIGO

Tradução da palavra hebraica *Kussemeth* em Ex 9. 32; Is 28. 25; Ez 4. 9. O farro ou espelta é uma espécie de trigo de inferior qualidade, cuja casca se prende fortemente ao grão. Semeava-se no Egito e nascia depois do trigo, Ex 9. 32. Os egípcios serviam-se dele no fabrico do pão (Heród. 2. 36, 77).

FASELIS

Nome de uma cidade da Lícia, no golfo da Panfília, onde existem três portos excelentes, empório de grande comércio dos tempos antigos, Heród. 2. 178. Era cidade independente 1 Mac 15. 23 até à guerra de 78-75 A. C. quando os romanos a destruíram por se haver convertido em um ninho de piratas. Depois disso, foi reconstruída, mas nunca mais atingiu a antiga importância. As suas ruínas existem perto de Tecrova.

FASIROM

Nome de um provável chefe beduíno, 1 Mac 19. 66.

FAVAS

Produto vegetal que se usa como alimento, 2 Sm 17. 28. Nos dias de fome em Jerusalém, as favas trituradas com outros cereais serviam para o fabrico de pão, Ez 4. 9. A fava comum, *Vicia faba,* ainda é conhecida na Palestina pelo antigo nome.

FÉ

Existe diferença entre crença e fé. Crença é o assentimento ao testemunho; e a fé é o mesmo assentimento ao testemunho acompanhado de confiança. A fé é um princípio ativo; é um ato da inteligência e da vontade. A distinção entre crença e fé avalia-se pela diferença entre as frases "crede-me e confiai em mim. O verbo crer convém a ambos os vocábulos, fé e crença. Na Bíblia, fé ou crença quer dizer confiança absoluta em tudo que Deus tem revelado, Gn 15. 6; Dt 32. 20; Mc 11. 22; Rm 4. 3-5. Por ela agiram os heróis da Escritura, Hb 11.

Em sentido especial, a fé consiste na confiança que se tem no testemunho que Deus dá de si mesmo, referente à missão de Nosso Senhor Jesus Cristo, Jo 5. 24, e no testemunho de Jesus a respeito de si mesmo, comp. Jo 3. 18; At 3. 16; 20. 21. A fé no Redentor pela qual o pecador confia nele só, é essencial à salvação, Jo 3. 15, 16, 18; 2. 8 e seg. A crença em sua existência histórica, e na verdade de suas doutrinas, pode ser produzida pela evidência, mas a fé em Cristo e a confiança nele para a salvação, não se pode conseguir do mesmo modo. É dom de Deus, Ef 2. 8. O Espírito aplica a verdade à alma. Os meios humanos entram como elemento de cooperação com o Espírito para produzir a fé, Rm 10. 17. A fé pode existir em diversos graus de intensidade, Rm 4. 19, 20; 14. 1. Os apóstolos, quando sentiam a fraqueza da sua fé, pediram a Jesus que ela lhes fosse aumentada, Lc 17. 5. A fé ope-

ra pelo amor, Gl 5. 6, e vence o mundo, 1 Jo 5. 4. Apesar de sua grande importância, não é a maior das graças cristãs, a maior de todas elas é a caridade, ou o amor, 1 Co 13. 13.

O sistema de doutrina revelada por Deus para a salvação, chama-se fé, At 6. 7; 24. 24; Rm 1. 5, etc.

FEBE, *Puro, brilhante.*

Nome de uma serva, ou diaconisa da igreja de Cençréia, porto oriental de Corinto. Quando ela se mudou para Roma, S. Paulo cordialmente a recomendou aos crentes daquela cidade; porque havia assistido a muitos, quer isto dizer que ela havia socorrido a muitos estrangeiros em suas necessidades, Rm 16. 1, 2.

FEBRE

Moléstia, ou antes gênero de doença, acompanhada de secura e calor do corpo, sede, pulso alterado e outros sintomas. A febre classifica-se em três tipos principais: intermitente, remitente e contínua. As febres de vários tipos como hoje se conhecem, existiam na antiga Palestina, mas não se podem identificar com certeza. Febre é a tradução da palavra hebraica *Kaddahath*, calor, Lv 26. 16, e febre, Dt 28. 22. Nesta última passagem a febre está associada ao calor e secura e secura e à infecção de ar. Em grego é *Puretos* de *Pur*, fogo, Mt 8. 15; Lc 4. 38; Jo 4. 52; At 28. 8. Galeno e os médicos gregos classificavam as febres em altas e baixas. Lucas na passagem citada assim se exprime, como médico que era. A febre acompanha uniformemente certas doenças, mencionadas em conjunto com a "febre e a disenteria." Quando na Bíblia se fala de espada, fome e pestilência em ordem sucessiva, é provavelmente a febre tífica.

FECHADURA ver FERROLHO

FEITICEIRO

Pessoa possuidora de conhecimentos sobrenaturais sob a forma de feitiçaria a que se refere a Bíblia, baseados em pretensas comunicações com os espíritos dos mortos, Is 8. 19. O feiticeiro murmurava palavras, de modo a parecer que era a voz dos espíritos cap. 29. 4.

Nunca se faz menção do feiticeiro senão em conexão com os espíritos familiares, porque pertence à mesma classe dos que invocam os espíritos dos mortos .

Os cananeus consultavam os feiticeiros, Dt 18. 9-12, bem assim os egípcios, Is 19. 3, mas os hebreus se desonravam indo a tais oráculos, e cometiam o pecado de apostasia, Lv 19. 31; 20. 6; Is 8. 19. O pecado de feitiçaria era punido com a morte, Lv 20. 27. Saul e depois dele o rei Josias deram execução a esta lei, 1 Sm 28. 3, 9; 2 Rs, 23. 24, porém Manassés a violou vergonhosamente, 2 Rs 21. 6. Ver *Mágico*.

FEL (Derivação remota do grego *chole*, bilis).

1. Secreção amarga do fígado bilis, Jó 16. 13; 20. 25. No hebraico, a palavra é *Mererah* e *Merorah*, que significa fluído ou amargo. O veneno das áspides vinha da sua bilis, segundo a crença antiga, Jó 20. 14. Aos sentimentos maus contra o que é bom, o apóstolo chama fel de amargura, At 8. 23.

2. Erva amarga e venenosa, Dt 29. 18; 32. 32, 33; Sl 69. 22, em hebraico *Rosh* e em grego, *Chole;* brota espontaneamente nos regos do campo, Os 10. 4. Vem associada ao absíntio, em estilo literário, em Dt 29. 18. Água de fel é sinônimo de castigo pungente, Jr 8. 14; 9. 15; 23. 15. Como recurso misericordioso, davam aos pacientes crucificados, uma mistura de vinagre com fel para amortecer-lhe os sofrimentos, Mt 27. 34. Os efeitos característicos desta mistura não se parecem com os produzidos pela dormideira e pela cicuta, que não são ervas amargas; são mais semelhantes aos da colocintida.

FÉLIX, *Feliz.*

Nome de um liberto do imperador Cláudio, nomeado para governador da Judéia, em data incerta. Cumanus foi o sucessor de Tibério Alexandre no ano 48 A. D. (Antig. 20. 5, 2). Segundo Tácito, Cumanus governava a Galiléia, e Félix a Samaria, em parte, até a deposição de Cumanus, sendo depois nomeado governador de toda a província, por Quadratus, governador da Síria. Josefo que era ainda rapaz em Jerusalém no ano 48 A. D. e mais tarde historiador dos judeus, diz que Cumanus era procurador da Judéia e que Félix foi nomeado seu sucessor pelo imperador Cláudio, para administrar os negócios da Judéia, no ano 52, Antig. 20. 7, 1; Guerras 2. 12, 8. É possível que ambos exercessem o govêrno por algum tempo. Dá-se como causa da sua nomeação, a influência de seu irmão Palas, pessoa de grande privança na corte do imperador Cláudio. Nero sucessor de Cláudio, transferiu o governo de quatro cidades da Galiléia de Félix para Agripa. Félix era cruel e tirano, e no exercício do poder mostrava as disposições de um escravo, Tácito, Hist. 5. 9; Anais, 12. 54. O sumo sacerdote Jônatas favoreceu a nomeação de Félix para o cargo de governador, mas não lhe foi agradável a fidelidade com que advogava a causa de seus patrícios. Jônatas foi morto pelos ladrões denominados assassinos, segundo diz Josefo, por instigações de Félix. A impunidade deste grande crime animou-os a novas empresas; tornaram-se o terror da Judéia. Félix tentou aniquilá-los; prendeu a muitos deles que mandou crucificar, e mandou a seu chefe Eleazar para Roma, Antig. 20. 8, 5; Guerras 2. 13, 2. Depois levantaram-se falsos profetas e conduziram o povo em massa para o deserto, onde, segundo diziam, Deus ia mostrar sinais de liberdade. Félix, acreditando que este movimento fosse um princípio de revolta, fez grande matança no povo, Guerras 2. 13, 4. Não tardou que um egípcio se levantasse, como profeta, reunindo grande massa de povo no monte das Oliveiras para assistir à queda dos muros de Jerusalém, abrindo-lhe caminho para entrar na cidade. Félix deu neles com as suas tropas, matou cerca de 400 e tomou 200 prisioneiros. O tal egípcio escapou. Isto foi no ano 55. Cinco anos mais tarde, deu-se a conspiração contra o apóstolo S. Paulo. O comandante das forças romanas de Jerusalém suspeitou que o apóstolo fosse o tal egípcio que voltava a fazer novos disturbios, At 21. 38; Antig. 20. 8, 6. S. Paulo foi preso sob o falso pretexto de profanar o templo, e enviado a Cesaréia, como medida de prudência para livrá-lo das mãos dos judeus. Cesaréia era então o centro do governo romano da Judéia, At 23. 26. O processo e julgamento estavam agora perante Félix, 24. 1-23. Drusila, judia, mulher de Félix que êle havia seduzido para abandonar a seu legítimo esposo, Antig. 20. 7, 12, estava presente a uma entrevista de S. Paulo com Félix, em que se tratou com certo calor da temperança e do juizo futuro, da justiça e da castidade; todo atemorizado disse-lhe: Por ora basta; e não se arrependeu. Por diversas vêzes se entreteve em conversas com o apóstolo, esperando que êle lhe desse dinheiro para comprar a sua liberdade, At 24. 24-26. Terminando o tempo de seu ofício, foi êle substituído por Pórcio Festo e deixou o apóstolo na prisão para ser agradável aos judeus (27). Esta graça não impediu que fosse acusado pelos judeus logo que voltou para Roma, no ano 60. Acusaram-no de proceder irregularmente nos últimos conflitos entre judeus e sírios em Cesaréia. Graças ainda à grande influência de seu irmão Palas, que era favorito da corte, é que êle não foi punido por Nero, Antig. 20. 8, 9; comp. 8. 7; Guerra 2. 3, 7. Pórcio Festo tomou o seu lugar de governador da Judéia.

FENICE, *Tamareira.*

Nome de um porto da ilha de Creta, At 27. 12, ancoradouro seguro, graças à sua posição, cuja

entrada se fazia por nordeste e sudeste. Chama-se hoje Lutro, único porto da ilha que oferece abrigo seguro em qualquer estação do ano.

FENÍCIA, *Terra das tamareiras, da púrpura, ou da gente de pele escura.*

Nome de uma faixa de terreno situado entre o Mar Mediterrâneo a oeste, a cordilheira do Líbano ao oriente e as montanhas que se destacam para o sul. É limitada ao norte pelo Arvade. Depois do estabelecimento dos hebreus na costa, a Fenícia terminava na Escada de Tiro, a 14 milhas ao sul, se bem que habitavam fenícios igualmente em Aczibe e Aco, Jz 1. 31. No tempo de Cristo, a Fenícia estendia-se para o sul até Dor, 16 milhas ao sul do Carmelo. A distância desde o Arvade até a Escada de Tiro, regulava 125 milhas. Cidades principais, Tiro e Sidônia; destas, a mais importante era Sidônia. Os antigos hebreus davam o nome de Canaã à Fenícia, Is 23. 11, e seus habitadores chamavam-se cananeus, classificados com os povos camitas, Gn 10. 15. Esta classificação não quer dizer que eles partilham do sangue de Cão. Dizem as suas tradições que haviam emigrado do mar Eritreu, vindos da Síria para a costa de Canaã, Heród. 1. 1; 7. 89. Segundo os autores árabes, os fenícios vieram através do deserto setentrional da Arábia. A sua origem prende-se ao território vizinho ao Golfo Pérsico, lugar habitado primitivamente pela raça de Cão. Tempos depois, adotaram a linguagem semítica. A costa da Fenícia era dotada de bons portos naturais. O monte Líbano fornecia-lhes madeiras para a construção de navios. Eram famosos navegadores, conhecidos como tais na antigüidade. Negociavam com países distantes, acessíveis pelo Mediterrâneo, e além disso estabeleceram colônias que favoreciam o seu comércio, algumas das quais, cresceram grandemente. A maior delas era Cartago, na costa africana, perto da moderna Túnis, que por muito tempo foi rival de Roma, que afinal a destruiu. Os chefes cartagineses que figuraram nas guerras púnicas, alguns, senão todos, tinham nomes puramente fenícios e quase hebreus. Aníbal, quer dizer: graça de Baal; Asdrubal, significa: Baal é auxílio. Quando nosso Senhor visitou as costas de Tiro e Sidônia, achava-se ele no território da Fenícia, Mt 15. 21; Mc 7. 24, 31. Vários cristãos dos que haviam sido espalhados pela perseguição que se seguiu ao martírio de Estêvão, refugiaram-se na Fenícia, At 11. 19. Paulo e Barnabé passaram por ela, indo de Antioquia para Jerusalém, 15. 3. Quando o apóstolo fez a sua última viagem para Jerusalém, embarcou em um navio fenício, que o conduziu a Tiro, 21. 2, 3. Veja *Tiro, Baal, Jezabel, Hirão.*

FERAS ver BESTAS

FEREZEUS, *Habitadores de aldeias sem muros.*

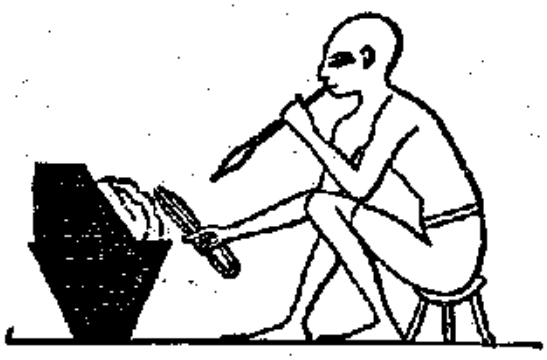
Nome de uma importante secção dos povos cananeus, enumerada muitas vezes entre as tribos da Palestina, Gn 15. 20; Ex 3. 8; Js 9. 1, e talvez como os rafains, povo aborígene, talvez de raça diferente dos cananeus, e que ocuparam o país antes deles, cp. Gn 13. 7; Js 17. 15. Já habitavam no país antes da chegada de Abraão e Ló, Gn 13. 7. Nos dias de Josué, ocupavam a região serrana, Js 11. 3, que mais tarde passou às tribos de Efraim, Manassés, 17. 15, e Judá, Jz 1. 4, 5. Em contravenção às leis de Moisés, os israelitas não os extirparam, Dt 7. 3, antes pelo contrário, contraíram com eles relações de família, o que os levou para a idolatria, Js 3. 5, 6. Salomão os fez tributários juntamente com outras tribos do país, 1 Rs 9. 20, 21; 2 Cr 8. 7.

FERMENTO

Substância que se empregava para produzir a fermentação da massa e fazê-la crescer, Ex 12. 15, 19; 13. 7. Nos tempos das Escrituras, o fermento fazia-se com um pouco de massa velha e fermentada. O pão fermentado por este processo, tinha sabor desagradável e mau cheiro. Para evitar estes defeitos empregam a levedura. Toda oferta que se fazia ao Senhor não devia levar fermento, Lv 2. 11. Quando a oferta era consumida pelo ofertante, poderia levar fermento, 7. 13; 23. 17. O motivo principal da proibição baseia-se em que o fermento é uma decomposição incipiente, e servia de símbolo para representar a corrupção moral. Também para simbolizar as doutrinas falsas, Mt 16. 11; Mc 8. 15, e a perversidade do coração, 1 Co 5. 6-8. As influências boas ou más comparam-se aos efeitos do fermento. O reino dos céus é comparado ao fermento que certa mulher esconde em três medidas de farinha até que toda fique levedada, Mt 13. 33. A lei cerimonial proibia o uso de pão levedado e tê-lo em suas casas durante a festa da páscoa. A ausência do fermento simbolizava a santidade de vida que se requer no serviço de Deus; relembrava a pressa com que abandonaram a terra do Egito, a farinha que trouxeram amassada sem tempo para meter-lhe o fermento e a insipidez do pão, Ex 12. 39; Dt 16. 3; 1 Co 5. 7, 8.

FERREIRO

Artífice que fabrica instrumentos e armas de ferro e de bronze, 1 Sm 13. 19; Is 44. 12; 54.



Ferreiro egípcio

16, como Tubalcaim, Gn 4. 22, ou que funde e molda metais preciosos, chamado ourives, Is 40. 19. Os ferreiros e ourives usam de uma fornalha de carvão, empregam foles para assoprar, tenazes para segurar as peças incandescentes, bigornas e martelos, Eccles. 38. 28.

FERRO

Nome de um metal em hebraico *Barzel*, em grego *Sideros*. Tubalcaim trabalhava em obras de cobres e de ferro, Gn 4. 22. Nos tempos de Moisés, já se faziam instrumentos de ferro, machados, etc., Nm 35. 16; Dt 19. 5. A cama de Ogue, rei de Basã, era feita de ferro, Dt 3. 11. Na cidade de Jericó devia haver vasos de ferro, Js 6. 19, 24. As carroças de guerra dos cananeus eram armadas com este metal, Js 17. 16. Nos tempos dos juízes, e daí por diante, o ferro servia para o fabrico de vários utensílios, Jz 1. 19; 4. 3, 13. As armas de guerra, tanto de defesa como de ataque, tais como: as lanças, as couraças, etc., 1 Sm 17. 7; Ap 9. 9; os instrumentos de lavoura, como arados e trituradores, 2 Sm 12. 31; Am 1. 3; as ferramentas dos artistas, como martelos, machados, pregos, 1 Rs 6. 7; 1 Cr 22. 3; ponteiros, para gravadores, Jó 19. 24; Jr 17. 1; os arpões, as fisgas, Jó 41. 7; as portas, as trancas, os ferrolhos, os grilhões, Sl 105. 18; 107. 10, 16; 149. 8; Is 44. 2; At 12. 10; os ídolos, Dn 5. 4; tudo isto se fabricava de ferro. Este metal vinha de Társis, da Grécia e do norte, sem dúvida das vizinhanças do Mar Negro, Jr 15. 12; Ez 27. 12, 19. A Palestina possuía jazidas de ferro nas montanhas do Líbano, Dt 8. 9. O minério derretia-se em forjas, Dt 4. 20; 1 Rs 8. 51, que, a julgar pelas que funcionam no Líbano, eram construídas de pedra, com cerca de 3, 3 metros de alto por 1 de diâmetro. Empregavam o carvão para derreter o ferro. Este processo envolvia enorme dispêndio de forças e de dinheiro (Ver *Ferreiro*).

FERROLHO, FECHADURA

Aparelho que servia para segurar a porta, Jz 3. 23. Tanto no tempo antigo como ainda no moderno, o ferrolho era formado de uma pequena peça de madeira, que se movia dentro de outra, colocada perpendicularmente por dentro da porta, e que entrava em um encaixe aberto no batente. Por cima da peça perpendicular existiam pequenos pinos de madeira ou de ferro. Logo que a língua do ferrolho entrava no encaixe do batente, os pinos caíam em orifícios correspondentes, abertos no ferrolho para firmá-lo. A chave era guarnecida com igual número de projeções, e quando, introduzida em um dos orifícios por baixo dos pinos, os fazia erguer, dando lugar ao recuo do ferrolho. Quando o fecho se fazia pelo lado de dentro, introduzia-se a mão por um buraco aberto na porta, e com a chave soltava-se o ferrolho, Ct 5. 5.

FERRUGEM

Secreção corrosiva, que os gregos chamam *ios*, referindo-se à que se forma na superfície do ferro; é o verdete do cobre e o óxido do ouro e da prata que lhe tira o brilho, Tg 5. 3. A palavra grega *brosis*, corrosivo, encontra-se em Mt 6. 19, 20.

FESTA

1. Refeição suntuosa, acompanhada de alegres expansões, também chamada banquete, Dn 5. 1.

2. Tempo marcado pelas regras eclesiásticas, destinado a festividades religiosas, Lv 23. 2, incluindo o sábado semanal, a festa do primeiro dia do sétimo mês e o dia da expiação, Lv 23. 3, 24. 27. Além destas, a lei mosaica instituiu três festas anuais: a celebração da *páscoa*, na tarde do décimo quarto dia do primeiro mês, em conjunto com a festa dos pães asmos, que começava no dia quinze, e durava sete dias, Lv 23. 5-8, *a festa das semanas*, também chamada das colheitas, Ex 23. 16; 34. 22; Nm 28. 26, que posteriormente se denominou pentecostes, porque era celebrada cinqüenta dias depois da páscoa, At 2. 1; e *a festa dos tabernáculos*, que começava no décimo quinto dia do sétimo mês e continuava durante sete ou oito dias, Lv 23. 34-44. Eram de tal importância as três festas anuais, que exigiam o comparecimento de todos os homens válidos, não incapacitados pela doença ou enfermidade, Ex 23. 17; Dt 16. 16; Jesus que se mostrou sempre cumpridor da lei, provavelmente comparecia anualmente às três festas tradicionais, Jo 2. 23; 7. 2-37, etc.; Mt 26. 17; Mc 14. 12; Lc 22. 8; Jo 13. 1. Mais duas festas celebravam os judeus, não ordenadas, por Moisés: a *festa do Purim*, instituída para comemorar a vitória dos judeus sobre as maquinações de Hamã, celebrada anualmente nos dias catorze e quinze do mês de Adar, Et 9. 21-28, e a *festa da dedicação* do templo, instituída por Judas Macabeu, que durava oito dias, a começar no dia vinte e cinco de Chisleve. A nova dedicação do tempo era feita em virtude das profanações praticadas neles pelos agentes de Antíoco Epífanes, 1 Mac 4. 41-59; Jo 10. 22. A Ceia do Senhor instituída por Cristo também se chama festa, 1 Co 5. 8.

FESTO, *Festivo, alegre.*

Pórcio Festo, sucessor de Félix, como procurador da Judéia no reinado de Nero, quando ainda Palas era favorito da corte, e ainda em vida de Burrus, Antig. 20. 8, 9. Palas foi morto no ano 62, e Burrus morreu em fevereiro do mesmo ano. Dois anos antes da chegada de Festo, S. Paulo pôde dizer que Félix fora juiz desta nação havia muitos anos, At 24. 10, 27. Se Félix foi reconhecido procurador da Judéia desde o ano 48, já devia por muitos anos ter exercido o seu ofício na Palestina até o ano 54 ou 55, e Festo devia tê-lo substituído no ano 55 ou 56, no segundo ou terceiro ano de Nero. Estas datas têm o apoio de algumas autoridades, resultando daí que as datas de importantes acontecimentos da vida de S. Paulo, inclusive outras de suas prisões, ficam a quatro ou cinco anos, antes dos tempos geralmente adotados por investigadores de nota, que dão o ano 52 para a ascensão de Félix e o ano 60 para a nomeação de Festo. Calamitosos foram os tempos de seu governo. Os assassinos entregavam-se à pilhagem e ao morticínio. Um impostor conduziu uma multidão de fanáticos ao deserto onde as tropas de Festo os desbarataram com grande mortandade. O rei Agripa mandou fazer uma sala de jantar no seu palácio real de Jerusalém, cujas janelas davam para o recinto do templo. Os judeus ficaram muito contrariados com isso, e levantaram um muro para impedir a vista. Este muro também impedia a vigilância dos guardas romanos para dentro do templo, e por isso Festo ordenou a sua demolição. Apelando para Nero, este consentiu na sua permanência, Antig. 20. 8, 11. O caráter de Festo contrasta favoravelmente com o de Félix, Guerras 2. 14, 1. Examinou o processo de S. Paulo e se convenceu de sua inocência; mas para satisfazer aos judeus consentiu em que fosse julgado em Jerusalém. O apóstolo então apelou para César, At caps. 25 e 26 até o v. 32. Festo morreu no seu posto e foi substituído por Albino no ano 62, Antig. 20. 9, 1.

FEZES

Sedimentos que o vinho deposita no fundo das vasilhas, Is 25. 6. Os vinhos ou licores ficavam em depósito para que a sua cor se tornasse transparente. Repousar nas suas fezes, Jr 48. 11; Sf 1. 12, quer dizer: estar contente com as circunstâncias, sem receio de mal algum. Esgotar o vinho até as fezes, quer dizer: suportar o castigo mais rigoroso, Salmo, 75. 8.

FIAÇÃO

A fiação era trabalho das mulheres, Ex 35. 25. Naqueles tempos não havia a roda de fiar, de modo que o processo de torcer o fio era feito à mão, com a roca e o fuso, Pv 31. 19. O linho ou a lã enrolava-se na roca que a fiandeira segurava debaixo do braço ou que espetava no chão. Com a mão direita, segurava o fuso a que se prendia a linha. O fuso era armado com um disco de madeira que o fazia girar em posição firme para torcer o fio (Veja *Tecido*).

FIADOR

Pessoa que se faz responsável por obrigações alheias, Pv 22. 26, 27. Às vezes é necessário garantir de algum modo uma promessa feita, Gn 44. 32. Também, nas transações comerciais, era muito comum darem-se garantias antes de receber crédito. As formalidades estabelecidas para este fim, consistiam em darem-se as mãos na presença de testemunhas, prometendo o fiador satisfazer a todas as obrigações do devedor, Pv 6. 1, 2; 17. 18. Considerava-se falta de juízo ficar por fiador de um estranho, Pv 11. 15; 17. 18; 20. 16. Em certos casos, porém, era um ato de camaradagem, Eclus 8. 13; 29. 14, 20. Corria-se grave risco quando o afiançado era reconhecidamente desonesto, 29. 16-18.

FICOL, *Que fala a todos.*

Nome de um capitão do exército de Abimeleque, rei de Gerara, que esteve presente ao tratado feito entre Abimeleque e Abraão, e entre Abimeleque, ou seu sucessor de igual nome, e Isaque, Gn 21. 22; 26. 26.

FIGELO

Nome de um cristão da província da Ásia, que, de parceria com outros, abandonou o apóstolo São Paulo na última parte de sua carreira, 2ª Tm 1. 15.

FIGUEIRA

Nome da árvore que produz figos, Jz 9. 10; Nm 13. 24. A figueira e o figo têm igual nome no hebraico, *Teenah*, ao passo que no grego cada

um tem nome diferente: figueira é *Syke* e figo é *Sykon*. A figueira é árvore nativa na Ásia ocidental. A árvore nova precisa de cuidados para produzir frutos, Lc 13. 6-9, e as velhas degeneram facilmente e morrem, se não forem devidamente cuidadas, Pv 27. 18. Os frutos novos aparecem na primavera, antes de as folhas se abrirem, Ct 2. 13. Quando sacudida pelo vento, deixa cair os figos verdes, Ap 6. 13. Se não aparecem os frutos antes de as folhas se abrirem é que a figueira não dá fruto algum, nesse ano. O mês de junho era o mais favorável à sua maturação, Is 28. 4; Guerras 3. 10, 8.

As árvores novas davam figos maduros um pouco mais tarde, de agosto em diante. Costumavam conservá-los em pasta, depois de bem secos, e serviam de bom alimento, 1 Sm 25. 28; 30. 12. A figueira era muito estimada, tanto como a vinha, Dt 8. 8; Sl 105. 33; Jr 5. 17; Jl 1. 12. Assentar-se alguém debaixo da sua parreira e debaixo da sua figueira era o símbolo da prosperidade e da segurança, 1 Rs 4. 25; Mq 4. 4; Zc 3. 10. A figueira infrutífera, mencionada na parábola por Nosso Senhor, representa a nação judaica. Os figos também serviam de remédio empregados em pasta sobre as úlceras, 2 Rs 20. 7. A figueira, *Ficus carica*, cresce à altura de 6 a 10 metros. As folhas são tardias na primavera, e caem à chegada do inverno: a largura regula 22 a 25 centímetros; tem a forma de coração, com três ou quatro lóbulos. O figo tem uma construção muito fora do comum, de modo que os botânicos dão-lhe nome especial e lugar distinto entre as outras frutas. As flôres muito minúsculas, desabrocham dentro de uma cavidade, onde se gera o fruto. A árvore cresce espontaneamente nas florestas do sul da Europa e do norte da África; é natural da Palestina, onde se encontra nas fendas das rochas e dos muros sem deixar de ser cultivada em larga escala, Dt 8. 8.

FIGUEIRA BRAVA ver SICÔMORO

FILACTÉRIOS, *Amuleto.*

Tira em que se escreviam curtas sentenças do livro da lei de Moisés, usadas na fronte ou nos braços, Mt 23. 5. Em geral, os filactérios tinham a forma de uma caixinha de pequenas dimensões, feita de pergaminho, ou de pele de foca. O filactério usado na fronte continha quatro compartimentos, em cada um dos quais se colocava uma tira de pergaminho com uma passagem da Escritura. As quatro passagens eram: Ex 13. 2-10; 11-17; Dt 6. 4-9; 11. 13-21. O filactério prendia-se à fronte, bem no centro e sobre os olhos, por meio de ataduras. A outra caixinha para o braço, continha um só compartimento, com uma tira contendo as quatro passagens já citadas. As primeiras três, serviam para regular o proceder. Todos os judeus traziam os filactérios durante as horas matinais de oração, exceto nos dias de sábado e nas festas. Estes dias, já em si possuíam elementos que dispensavam o uso dos filactérios, cp. Ex 13. 9.

FILADÉLFIA, *Amor fraternal.*

1. Nome de uma cidade da Lídia na Ásia Menor, situada a 27 milhas a sudeste de Sárdis na planície de Hermus. Foi construída por Átalo Filadelfo, em uma parte do monte Tmolus. No ano 17 da era cristã, foi destruída por um terremoto e logo depois, restaurada. Foi sede de uma das sete igrejas da Ásia a que se dirige o livro do Apocalipse, 1. 11; 3. 7-13. Ao contrário de algumas das sete igrejas recebeu conforto e animação sem censuras de qualquer natureza. A cidade tem agora o nome de *Allah Sher* e continua a ser habitada. Os muros da antiga cidade ainda de pé, cercam vários outeiros com as ruínas de um templo e de outras construções antigas.

2. Novo nome de cidade amonita Rabata.

Filadélfia moderna.

FILEMOM, *Amante.*

Nome de um convertido pelo apóstolo S. Paulo, Fm 19, que morava na mesma cidade com Arquipo de onde Onésimo havia saído, comp. Fm 2 com Cl 4. 17; Fp 4. 10 com Cl 4. 9. Existia uma igreja em casa deste homem, Fm 2. Paulo chama-o de coadjutor seu, 1, fala de sua caridade para com os santos, 5-7. Como o apóstolo nunca esteve em Colossos, cp. Cl 2. 1, é de supor que Filemom se converteu em Éfeso, durante o ministério de Paulo nesta cidade, cp. At 19. 10. É provável que Arquipo fosse filho de Filemom e Ápia, sua mulher, Fm 2. A epístola de S. Paulo a Filemom é breve e foi dirigida em nome de Paulo e de Timóteo a favor de Onésimo. Este Onésimo havia fugido da casa de seu senhor, talvez levando consigo algum dinheiro furtado a Filemom, 18, 19, tomando o caminho de Roma. Converteu-se ali pelo instrumento de S. Paulo, 10. O apóstolo poderia retê-lo em sua companhia, mas não o quis fazer sem o consentimento de Filemom, 13, 14. Julgou necessário que Onésimo, que agora era cristão, deveria procurar o perdão de seu senhor, e ao mesmo tempo, esperava que Filemom o recebesse e perdoasse a falta de seu escravo. Por isso enviou Onésimo a seu senhor, pedindo-lhe que o recebesse, não como servo, mas como irmão muito amado, 16, lembrando-lhe ao mesmo tempo a caridade que tinha usado com os irmãos e prometendo pagar-lhe o dano que poderia ter sofrido com a fuga de Onésimo, 18, 19. Esta carta revela a delicadeza de sentimentos de S. Paulo e o modo pelo qual respeitava as relações com seus amigos. Ao mesmo tempo ilustra o efeito do Cristianismo sobre as relações sociais, promovendo o espírito de amor e os princípios de justiça destinados à reorganização social.

Quando Onésimo levou esta carta a Filemom, foi acompanhado por Tíquico que, por sua vez, também era portador de outra para a igreja de Colossos, Cl 4. 7-9, e a epístola aos Efésios, Ef 6. 21, 22. As três epístolas foram escritas ao mesmo tempo em Roma, pelo ano 61 ou 62. Apesar de muito breve, a epístola a Filemom foi sempre reconhecida como legítima produção do apóstolo; encontra-se na versão siríaca e na antiga versão latina, nomeada no fragmento Muratori, aceita por Marcion, citada por Orígenes e incluída por Euzébio na lista dos livros autênticos e indisputáveis, servindo ao mesmo tempo de esteio para garantir a autoria das outras epístolas a ela associadas. G. T. P.

FILETO, *Digno de amor.*

Nome de um indivíduo associado a Himeneu

na propagação do erro, dizendo que a ressurreição era já feita, pervertendo a muitos, 2 Tm 2. 17, 18.

FILHA

Nome que se emprega em diversos sentidos em que também se emprega a palavra filho, ou como expressão de terna simpatia por uma mulher, Gn 30. 21; Êx 2. 1; Lc 13. 16; Mt 9. 22. Também se diz filha à mulher residente em um país ou em uma cidade, Gn 24. 3; Jz 21. 21. Filha de um deus estranho, a mulher adoradora de um deus, Ml 2. 11; Is 43. 6. Filha de uma cidade, ou subúrbio dela, Núm 21. 25. O corpo coletivo de uma cidade ou de um país, Sl 9. 14, 137. 8; Lm 4. 21; Zc 2. 10.

FILHO

1. Pessoa do sexo masculino, descendente imediato de seus pais, Gn 27. 1. Emprega-se esta palavra em outras acepções, tais como:

2. Designando uma paternidade remota, como por exemplo, Jeú, filho de Nansi, quando realmente era seu neto, porque havia nascido de Josafá cujo pai se chamava Nansi, cp. 2 Sm 9. 20, com o v. 2. Os israelitas chamavam-se filhos de Israel e de Jacó, muitos séculos após o falecimento destes patriarcas Ml 3. 6. Lc 1. 16.

3. Dava-se o nome de filho aos indivíduos que entravam em relações familiares por adoção ou pelo casamento, Êx 2. 10; cp. Et 2. 7, aos que entravam a fazer parte de uma tribo pelos mesmos processos, Gn 17. 9-14, e bem assim aos povos incorporados a outro povo pela conquista.

4. Expressão afetuosa empregada por uma pessoa de idade, ou de posição superior, para com outra que lhe é subordinada, 1 Sm 3. 6, 16; 4. 16; 2 Sm 18. 22; cp. Js 7. 19.

5. Nome pelo qual são designados os membros de uma mesma classe profissional, como filho de um perfumador, Ne 3. 8, filho dos cantores, 12. 28, e também dos que adoram o mesmo deus, como os adoradores de Camos, Nm 21. 29.

6. Pelo nome de filhos se designam os moradores de uma cidade ou de um país, como filhos de Sião, Lm 4. 2, filhos de Belém, Ed 2. 21, filhos da província, Ed 2. 1 e filhos de Javã, Gn 10. 4.

7. Nome que designa qualidades morais, como, filho de Belial, 1 Sm 25. 17, filho valente, 14. 52 e filho de paz, Lc 10. 6.

FILHO DE DEUS

Nome que designa o Messias, Sl 2. 7; Jo 1. 49; cp. 2 Sm 7. 14 no sentido mais profundo, expressivo da relação misteriosa existente entre o Eterno Pai e o Eterno filho. Na Versão Revista do Novo Testamento inglês a expressão Filho de Deus encontra-se cêrca de quarenta e cinco vezes e em quarenta e quatro delas, refere-se à pessoa de nosso Senhor, Mt 4. 3, 6; 16. 6; 26. 63; 27. 43; Mc 1. 1, e na outra restante, refere-se à pessoa de Adão, Lc 3. 38. Em Jo 3. 18, Jesus Cristo é chamado unigênito filho de Deus, por causa de sua eterna geração, Hb 7. 3, e do seu nascimento miraculoso pela operação do Espírito Santo, Lc 1. 35. Como filho de Deus, Cristo é Deus com todas as infinitas perfeições da divina essência, Jo 1. 1-14; 10. 30-38; Fp 2. 6, igual a Deus, Jo 5. 17-25. Jesus é subordinado ao Pai no modo de subsistir na sua obra; isto é, ele procede do Pai, foi enviado por ele e por meio dêle se manifesta, Jo 3. 16, 17; 8. 42; Gl 4. 4; Hb 1. 2. Portanto, a palavra Filho não designa o seu ofício, e sim a sua natureza. Tem ele a mesma natureza igual com seu Pai, que é Deus. Foi ele mesmo que se chamou Filho de Deus, Lc 22. 70; Jo 10. 36; 11. 4; 19. 7, e que seus apóstolos proclamaram, At 9. 20; Gl 2. 20, etc.; 1 Jo 3. 8; 5. 5, 10, 13, 20. Por se dizer filho de Deus é que os judeus o condenaram à morte como blasfemo, Mt 26. 63-66; Mc 14. 61-64. E, todavia, esta verdade foi bem atestada por ocasião de seu batismo, quando o Espírito Santo desceu sobre ele, acompanhado pelas declarações audíveis do Pai celestial, Mt 3. 16, 17; Mc 1. 10, 11; Lc 3. 22; Jo 1. 32-34, que também se fez ouvir no monte da transfiguração, Mt 17. 5; Mc 9. 7; Lc 9. 35; 2 Pe 1. 17. O caráter e as obras de Cristo confirmam que ele era Filho de Deus, Jo 1. 14; 10. 36-38; Hb 1. 3. Foi predestinado Filho de Deus com poder, segundo o Espírito de santificação pela ressurreição dentre os mortos, Rm 1. 4, e pela sua ascensão para junto do Pai, Hb 1. 3. Existe uma passagem no Antigo Testamento em que se fala do Filho de Deus, Dn 3. 25. Mas como tal expressão saí da boca de um idólatra babilônico, os revisores da Bíblia inglêsa alteraram a frase para Filho dos deuses. Veja *Filhos de Deus*.

FILHO DO HOMEM

Pessoa revestida de humanidade, distinta da natureza divina e da natureza bruta, Nm 23. 19; Jó 25. 6; Sl 8. 4; Is 51. 12. Quando Daniel caiu espavorido com o rosto em terra, diante de Gabriel, mensageiro celestial, este se dirigiu a ele chamando-o filho do homem, Dn 8. 17. Ezequiel caiu com o rosto em terra ao contemplar a semelhança da glória do Senhor, e ouviu uma voz que lhe disse: "Filho do homem, põe-te sobre os teus pés" Ez 2. 1. Daqui em diante continua a ser chamado deste modo. Foi predito que, Dn 7. 13, 14, os poderes do mundo, representados por animais, haviam de sucumbir diante do Antigo dos Dias, e que um, semelhante ao Filho do Homem, vindo sobre as nuvens do céu, receberia poder e exerceria domínio sobre um reino, e que todos os povos, todas as tribos e todas as línguas o serviriam; que o seu poder seria eterno que não lhe seria tirado, e que o seu reino jamais seria corrompido. Nesta visão aparece um ente humano em contraste com os animais, tipos dos reinos do mundo, simbolizando os santos de Deus incorporados a quem será dado a grandeza e o poder do reino que será eterno, vv. 14, 27. Jesus adotou para si o título de Filho do Homem, referindo-se evidentemente a Dn 7. 13, 14, 27; cp. Mt 24. 30; Mc 14. 62. Os evangelhos registam esta frase, designando a pessoa de Jesus, setenta e oito vezes. Estêvão, o protomártir do Cristianismo, emprega a mesma expressão, referindo-se a Jesus, At 7. 56; cp. Hb 2. 6; Ap 1. 13; 14. 14. Cristo não quer dizer por este modo que tivesse comunhão de sentimentos com o homem, nem que fosse irmão de todos os homens, nem que fosse mero homem, porque, constantemente, proclama a sua divindade com todos os seus atributos, Lc 5. 24. Tomou para si o título de Filho do Homem, que se prestava a várias interpretações, antes que seus inimigos se servissem dele para negar-lhe a filiação divina. Ele próprio o definiu, *e quer dizer*: 1. Que ele se identifica com aquele Filho do Homem que aparece na visão de Daniel, a quem pertence todo o domínio universal e eterno, Dn 7. 14; cp. Mt 16. 28; 28. 18. 2. Que ele se identifica com os santos do Altíssimo, considerados no seu todo, como sendo um povo representado na visão de Daniel, por um varão incorporado nele, como seu representante diante de Deus, Dn 7. 13, 27; cp. Mt 25. 31, 40; Mc 10. 45; Lc 12. 8, 9. 3. Que ele tomou para si os sofrimentos e a glória deles resultantes, anunciados por Daniel para estabelecer o seu domínio e vencer o mundo, Dn 7. 21, 22, 25; cp. Mt 17. 22, 23; Mc 10. 45; Lc 9. 26; 18. 31-33. 4. Que ele virá sobre as nuvens do céu para tomar posse do reino, Dn 7. 13; cp. Mt 24. 30; 26. 64. 5. Que ele se humaniza de modo a contrastar com as alimárias que representavam os reinos da terra na visão de Daniel, Dn 7. 4-9, 13; cp. Mt 25. 31, comp. 35 e 36; Mc 10. 45, "para ministrar e dar a sua vida", Lc 19. 10. As expressões Filho do Homem e Filho de Deus unem-se à mesma pessoa. "Quem dizem os homens que é o Filho do Homem? Simão Pedro, respondendo, disse. Tu és o Cristo, Filho de Deus vivo. E Jesus respondeu,

dizendo: Bem-aventurado és, Simão, filho de João, porque não foi a carne e sangue quem to revelou, mas sim meu Pai que está nos céus", Mt 16. 13, 16, 17. O príncipe dos sacerdotes disse-lhe: "Eu te conjuro pelo Deus vivo, que nos digas se tu és o Cristo, Filho de Deus. Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste; mas eu vos declaro que vereis daqui a pouco o Filho do Homem, assentado à direita do poder de Deus, e vir sobre as nuvens do céu", Mt 26. 63, 64.

FILHOS DE DEUS

Pessoas que adoram a Deus, a quem ele beneficia (art. *Filho*, sob nº 3). Tal era o sentido desta expressão na língua semítica dos velhos tempos. Há razões fortes e abundantes para acreditar que seja este o sentido das célebres passagens do princípio da Bíblia, onde se lê: "Como os homens tivessem começado a se multiplicar sobre a terra, e tivessem gerado filhas; vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram por suas mulheres as que dentre elas lhes agradaram mais", Gn 6. 1, 2. Existem três modos de entender esta expressão. Os filhos de Deus são: 1. os grandes e nobres da terra e as filhas dos homens, as mulheres de classe inferior (Versão samaritana; tradução grega de *Symmachus, Targums de Onkelos* e de Jônatas). 2. Os anjos que deixaram o seu primeiro estado e tomaram mulheres de entre os filhos dos homens (Livro de Enoque Filo, Josefo, Justina Mártir, Clemente de Alexandria e Tertuliano). 3. Homens piedosos e servos de Deus, representados pelos filhos de Sete. Foram atraídos pela beleza das mulheres que não descendiam de família crente, com as quais se casaram, secularizando-se (Júlio Africano, João Crisóstomo, Cirilo de Alexandria, Santo Agostinho e S. Jerônimo). A primeira das interpretações não tem mais quem a defenda. A favor da segunda, há quem diga que a palavra filho quer dizer anjo, em todas as passagens do Antigo Testamento Jó 1. 6; 2. 1; 38. 7; cp. Sl 29. 1; 89. 6; menos em Dn 3. 25, que a expressão se refere a anjos segundo a sua natureza conquanto a palavra ordinariamente se refira a anjos (*mal'akim*, mensageiro), refere-se às suas funções oficiais, interpretação esta confirmada por Jd 6 e 2 Pe 2. 4. 4. Há falta de provas para se afirmar que o termo designa a natureza dos anjos; é mais natural que se refira a eles como adoradores da Divindade. Quanto às passagens de Judas e de S. Pedro, já citadas, carecem elas de novo estudo, uma vez que os exegetas indicam outras referências com Is 24. 21-23. Na epístola de Jd 8, e em outras passagens o demonstrativo "estes" não determina os anjos que não guardaram o seu principado, e sim a certos homens ímpios, 4. A menos que o termo seja restringido de modo a dar-lhe sentido diverso do que tem na passagem em discussão, não é certo que ele se refira a anjos em todas as passagens do Antigo Testamento em que aparece. Os adoradores do deus Camos são denominados povos de Camos juntamente com seus filhos e filhas, Nm 21. 29; Jr 48. 46. Quando os homens de Judá que adoraram a Jeová, tomaram para si mulheres pagãs, diz o profeta Malaquias que Judá se casou com uma filha de um deus estranho, Ml 2. 11. Por ordem do Senhor disse Moisés a Faraó: "Assim diz o Senhor: Israel é meu filho primogênito"... deixa ir a meu filho, Ex 4. 22, 23. Em outros lugares, diz a Escritura: "Sede filhos do Senhor vosso Deus", Dt 14. 1. "Pecaram contra êle, já não são seus filhos. É assim que tu mostras o teu agradecimento ao Senhor? Não é ele teu pai que te possuiu e te fez, e te criou? Viu isto o Senhor, e se acendeu em ira: porque o provocaram seus filhos e suas filhas", Dt 32. 5, 6, 19. "E acontecerá que no lugar, onde se lhes disse: vós não sois já meu povo, se lhes dirá: Vós sois filhos do Deus vivente", Os 1. 10. "Israel era menino, e eu o amei, e chamei do Egito a meu filho", Os 11. 1. "Traze meus filhos de climas remotos, e minhas filhas das extremidades da terra. Todo aquele que invocar o meu nome, eu para minha glória o criei", Is 43. 6, 7. Os homens piedosos constituem a nação dos filhos de Deus, Sl 73. 15. "Efraim é para mim filho honrado", Jr 31. 20. Tomando medidas mais largas e examinando a literatura semítica, além da hebraica, observa-se o mesmo fato. Muitos dos babilônios apelidavam-se filhos dos deuses que adoravam e a quem confiavam os seus destinos. Ainda mais, dizer que a expressão filhos de Deus em Gn 6. 2, significa anjos não representa o pensamento moderno até onde sabemos. A interpretação mais geralmente aceita baseia-se no texto samaritano em que a frase filhos de Deus refere-se aos homens e não aos anjos. Quando a teoria angélica surgiu, representava a opinião de uma escola particular existente no seio da comunidade judaica, ao passo que o grupo de maior influência, em assuntos religiosos, ensinava que a passagem referida significa homens e não anjos.

A teoria a favor dos anjos opõe-se à doutrina das Escrituras que nos ensina que tais entidades não entram em relações matrimoniais com entes humanos; e que tanto os caídos como os que se conservam fiéis a Deus, possuem natureza espiritual e não são carnais. Não se pode conceber que a beleza das mulheres possa despertar amores sensuais nos anjos. A interpretação racional em harmonia com os textos das Escrituras e consistente com o contexto do cap. 6. 2 do Gênesis é que a frase filhos de Deus designa o povo crente, os adoradores do verdadeiro Deus e mais especialmente os piedosos descendentes de Adão, da família de Sete, cuja genealogia se vê no cap. 5. Os filhos de Deus contrastam com as filhas dos homens, isto é, dos outros homens como o profeta Jeremias define, no cap. 32. 20: "O Senhor fez sinais e portentos na terra do Egito e em Israel e entre os homens." Assim o diz também o Salmista, 73. 5, que os iníquos não participam dos trabalhos dos homens nem como os homens são flagelados. De harmonia com estas citações, os vv. 1 e 2 do cp. 6 de Gênesis, podem ser lidos assim: "Como os homens tivessem começado a se multiplicar sobre a terra, e tivessem gerado filhas, vendo os filhos de Deus que as filhas dos outros homens eram formosas, tomaram por suas mulheres as que dentre elas lhes agradaram mais." Estava na mente do escritor a seguinte idéia: Que começando a crescer o número dos homens, os adoradores do verdadeiro Deus, na escolha de mulheres para suas esposas, levaram-se mais pela beleza física do que pelas qualidades morais. Os descendentes de tais consórcios eram homens de elevada estatura, possantes e afamados no século, v. 4. A mistura de raças pelo casamento, muitas vezes produz gerações fortes, mas a falta de religião dos pais, gera filhos infiéis e descrentes. Tais uniões desagradavam a Deus que contra elas se pronunciou, v. 3. A penalidade não atingia os anjos e sim unicamente os homens; somente estes haviam pecado e não os anjos.

Filhos de Deus, segundo a lição de toda a Escritura, desde os mais remotos tempos, são aqueles que lhe rendem culto e por ele são abençoados, tanto entre os mortais como entre as criaturas celestes. Nem sempre, porém, foi entendido assim. Esta idéia foi crescendo à medida que as riquezas divinas se tornaram mais bem conhecidas. Começou a desenvolver-se, por exemplo, quando os israelitas estavam em vésperas de seu livramento do cativeiro do Egito. Deus disse: "Eu vi a aflição do meu povo no Egito", Ex 3. 7. E outra vez: "Dize a Faraó, Israel é meu filho primogênito", 4. 22, 23. "Eu vos tomarei por meu povo, serei o vosso Deus", 6. 7. Daí para cá, o título de filhos de Deus exprime as relações filiais dos homens com Deus, seu protetor, e estabelece as leis de reverência e sujeição à sua vontade. Pela sua parte, Deus formalmente aceita as obrigações de que implicitamente participa. Jesus Cristo ampliou

grandemente esta doutrina. Serviu-se de verdades já bem conhecidas, derramou mais luz sobre elas e subordinou-as ao título já referido. Pôs em relevo a grande verdade de que Deus é realmente nosso Pai e de que o seu povo é realmente seu filho, em virtude do novo nascimento, Jo 3. 3, 6, 8; cp. Ap 11. 11, nascidos de Deus, Jo 1. 12, 13; 5. 21; Ef 2. 5; Tg 1. 18; 1 Pe 1. 23, feitos participantes da natureza divina pela mediação do Espírito que habita neles, Jo 6. 48-51; 15. 4, 5; 1 Jo 3. 9, e possuindo um caráter semelhante ao de Deus, assemelhando-se a ele em santidade, amor e elevação acima das cousas terrenas, 1 Jo 3. 9; 4. 7; 5. 4, ainda que em grau inferior, enquanto estamos nesta vida. São êles adotados filhos de Deus, Gl 4. 5, dirigidos pelo Espírito a dizer: Aba Pai, Gl 4. 6; Rm 8. 15, e guiados por ele, v. 14.

FILHOS DO ORIENTE, HOMENS OU O POVO DO...

Designação geral das tribos que ocupam a parte oriental da Palestina nas regiões vizinhas a Amom ou Moabe, Ez 25. 4, 10, estendendo-se para o norte até onde o povo de Hará pastoreava os seus rebanhos, Gn 29. 1, 4, e para o sul até a Arábia.

FILIPE

1. Nome do pai de Alexandre o Grande, 1 Mac 1. 1, e filho do Amintas II de Macedônia. Tomou posse de governo no ano 360 A. C. como guardião do real infante. Em virtude de negociações muito hábeis e de campanhas militares de bom êxito, libertou o país dos perigos que o ameaçavam pelas hostilidades dos peônios, ilíricos e atenienses. Subiu ao trono, que parece ter usurpado; entrou em ações guerreiras, tomando Anfípolis que anexou aos seus domínios no ano 358; atravessou o rio Estrimom, apoderou-se do território da Trácia e fundou a cidade de Filipos em 356, iniciando, por este modo, a sua carreira de conquistas na Grécia, pelas quais tirou a Macedônia da sua obscuridade, elevando-a à categoria de primeira potência, dominadora dos negócios da Grécia. Filipe foi assassinado no ano 336 A. C. Alexandre, o Grande, subiu ao trono em seu lugar.

2. Nome de outro rei de Macedônia, terceiro de igual nome. Aliou-se com Aníbal contra os romanos no ano 215 A. C., porém estes o desbaratam com o auxílio dos sólios. Sete anos depois conseguiu fazer paz separada. No ano 200, os romanos lhe invadiram o reino. A esta invasão resistiu dois anos, no fim dos quais, foi completamente derrotado, A. C. 197, 1 Mac 8. 5, pelo general romano Flamino, em Cinoscéfalas da Tessália, aceitando uma paz humilhante. Morreu no ano 179.

3. Nome de um irmão colaço de Antíoco Epifanes, 2 Mac 9. 29, e um de seus amigos privilegiados, 1 Mac 6. 14. Estando prestes a morrer, nomeou a Filipe regente do império, durante a minoridade do jovem Antíoco, 15. Lísias, que estava na Síria, usurpou o poder; 17. Filipe regressou apressadamente, apoderando-se de Antioquia capital do império, 55, 63, Lísias, porém, retomou a cidade. Segundo Josefo, Filipe foi executado, Antig. 12. 9, 7, ou talvez tivesse fugido para o Egito antes de ser tomada a cidade, 2 Mac 9. 29. Tem-se pensado, ainda que sem base muito segura, que este Filipe é o mesmo frígio que Antíoco nomeou governador da Judéia, 2 Mac 5. 22, e que dirigia o ataque dos elefantes na batalha de Magnésia, Lívio 37. 41.

4. Nome de um dos filhos de Herodes o Grande, e primeiro esposo de Herodias e irmão de Herodes Antipas, Mt 14. 3; Lc 3. 19. Não tem o nome de tetrarca, e por isso, há motivo para se pensar que é um Filipe diferente do tetrarca, meio irmão de Herodes Antipas. Dando a genealogia parcial da família de Herodes, o Grande, diz Josefo que Herodias se casou com Herodes, filho de Herodes, o Grande, e de sua mulher Mariana, filha do sumo sacerdote Simão; que ela deixou o seu esposo para viver em companhia de Antipas, seu cunhado; e que sua filha Salomé se casou com Filipe tetrarca, filho de Herodes, o Grande, e de sua mulher Cleópatra, de Jerusalém, que, depois da morte de Filipe, tomou outro marido, Anti. 18. 5, 4. Deste modo, o primeiro marido de Herodias, não foi Filipe o tetrarca. Os escritores do Novo Testamento concordam com Josefo, dizendo que o primeiro marido de Herodias era irmão de Herodes Antipas, o tetrarca, e não o identificam com o tetrarca Filipe, também deles conhecido, Lc 3. 1. Diferem apenas quanto ao nome. Acredita-se geralmente que ambas estas autoridades têm razão, e portanto, o primeiro marido de Herodias é muitas vezes designado pelo nome de Herodes Filipe; porque entre os filhos de Herodes, o Grande, dois haviam nascido de mães diferentes e tinham o nome de Antipas ou Antipater, pai de Herodes. Três dos filhos de Herodes, o Grande, nasceram de três diferentes mulheres e tinham o nome de Herodes; um dos quais acrecentou o nome de Antipas indiferentemente conhecido por um ou por outro destes nomes, Antg. 17. 1, 3; 18. 5, 1, 6. 2. Um dos filhos que lhe nasceu de Cleópatra de Jerusalém, chamava-se Filipe. É provável que o filho de Mariana, que Josefo chama de Herodes, também tenha o nome de Filipe. Depois que foram executados seus irmãos Alexandre e Aristóbulo, Herodes Filipe era o segundo depois de Antipater, na ordem de nascimento, primogênito de Herodes, o Grande, e por algum tempo reconhecido como seu sucessor, Ant. 17. 3, 2, porém destituído no testamento de Herodes.

5. Filipe, o tetrarca. Nome de um dos dois filhos de Herodes, o Grande, com sua mulher Cleópatra de Jerusalém, educado em Roma com seus irmãos Arquelau e Antipas, Ant. 17. 1, 3; Guerras 1. 28, 4. No ano 4 da era cristã advogou as pretensões de Arquelau ao trono de seu pai. O imperador Augusto nomeou-o para governar a Batânea, a Traconitis, a Auranitis e certas partes da casa de Zenos, Guerras 2. 6, 1-3; cp. Antig. 17. 11, 4. Também foi tetrarca da região da Ituréia e da Traconitis no décimo quinto ano de Tibério César, quando João Batista começou a sua missão pública, Lc 3. 1. Casou-se com Salomé, filha de Herodes, filho de Mariana, e com Herodias, Antig. 18. 5, 4. Aumentou a cidade de Panéias, nas cabeceiras do Jordão, e deu-lhe o nome de Cesaréia, que mais tarde se chamou Cesaréia de Filipos, Mt 16. 13, para distingui-la da Cesaréia da costa do mar. Também elevou à categoria de cidade, a aldeia de Betsaida, acrescentando-lhe o nome Júlias, em honra de Julia, filha de Augusto, e mulher de Tibério, Antig. 18. 2, 1; Guerras 2. 9, 1. Reinou trinta e sete anos, desde o ano 4 A. C. até o ano 33, e morreu no ano vinte de Tibério César. Possuía bom caráter e governou com brandura e justiça, Antig. 18. 4, 6. Seus domínios passaram a fazer parte da província da Síria, porém no ano 37 foram incorporados ao reino de Herodes Agripa I. As moedas de seu tempo traziam a sua imagem com o título, *Tetrarcos*.

6. Filipe apóstolo. Nome de um dos doze apóstolos de Jesus Cristo, Mt 10. 3, natural de Betsaida do Mar de Galiléia, de onde também o eram André e Pedro. Jesus encontrou-o em Betânia, além do Jordão, onde João batizava, ali foi convertido e chamado por Jesus para ser discípulo. Encontrou a Natanael e levou-o a Jesus, convencido de que, em conversa com o Mestre, se convenceria de que ele era o Messias. A sua confiança não falhou, Jo 1. 43-45. Um ano depois, Jesus o incorporou ao apostolado. Quando nosso Senhor estava a ponto de operar o milagre de multiplicar os pães para os cinco mil, Jesus procurou dar a Felipe uma concepção da magnitude do milagre, perguntando-lhe: "Com que compraremos nós o pão de que estes necessitam para comer?", Jo 6. 5, 6. No dia da entrada triunfal

em Jerusalém, certos gregos desejaram ver a Jesus, e pediram a Filipe que os apresentasse a ele, 12. 20-23. Em suas relações com Cristo, os discípulos estavam em contacto com o Pai, mas quando Jesus disse, quem me vê a mim vê também o Pai, Filipe parece não ter compreendido, e, por isso, replicou: "Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta", 14. 8-12. O seu nome aparece entre os que se achavam reunidos no quarto alto, depois da ressurreição, At 1. 13. É a última notícia autêntica que temos a seu respeito. A tradição fala de sua vida apostólica de um modo mui confuso e contraditório.

7. Filipe, o evangelista. Nome de um dos sete varões de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, escolhidos para o cargo de diáconos, a fim de atenderem às necessidades das viúvas dos gregos e provavelmente dos pobres em geral, que havia na igreja de Jerusalém. O nome dele figura logo em seguida ao de Estêvão, o protomártir do Cristianismo, At 6. 5. A morte de Estêvão seguiu-se a perseguição, e os cristãos foram espalhados por toda a parte. Filipe tornou-se evangelista, visitou Samaria, pregando o evangelho, operou milagres e converteu a muitos, 8. 4-8; 21. 8. Entre os convertidos estava o feiticeiro Simão, conhecido por Simão Mago, 8. 9-25. Dirigido por um anjo, Filipe seguiu pela estrada de Jerusalém, em direção a Gaza, encontrando-se com o etíope eunuco, a quem anunciou o evangelho e batizou, 26. 39. Depois visitou Azoto, e continuou a pregar até que chegou a Cesaréia, 40. Ainda estava nesta cidade alguns anos depois, quando Paulo por ali passou de caminho para Jerusalém. É interessante notar que este Filipe tinha quatro filhas virgens que profetizavam, 21. 8, 9.

FILIPENSES

Nome dos naturais, ou dos habitantes de Filipos, Fp 4. 15. A epístola de S. Paulo aos Filipenses é a sexta das epístolas do Novo Testamento. Foi escrita por S. Paulo associado ao nome de Timóteo e dirigida a todos os santos em Jesus Cristo que se achavam em Filipos, com os bispos e diáconos, 1. 1, comunidade cristã, e uma das primeiras igrejas que o apóstolo fundou na Europa; escreveu-a estando na prisão, 1. 7, 13, 14, 16. Em que prisão estaria ele? em Cesaréia ou em Roma? Parece que estava sob os cuidados da guarda pretoriana, 1. 13; envia saudações de todos os santos e com muita especialidade dos que eram da família de César, 4. 22. Muitos dos que o cercavam interessavam-se na propagação do Cristianismo, 1. 14-18. Estas referências bem como a linguagem que ele emprega, indicam claramente que esta carta foi escrita em Roma durante o primeiro encarceramento. A data provável deve ser o fim do ano 62 ou 63, de acordo com os seguintes fatos: 1. Ele havia estado por algum tempo em Roma, 1. 12; 2. Estava à espera de ser posto em liberdade, 1. 25; 2. 23, 24; 3. Os Filipenses haviam-lhe enviado recursos, 4. 10, por mão de Epafrodito. Este havia adoecido em Roma, notícia que muito entristeceu os Filipenses, do que Epafrodito teve conhecimento, 2. 26. Depreende-se daqui, que já havia decorrido um espaço de tempo considerável desde a chegada do apóstolo à capital do império.

A epístola foi escrita primariamente para agradecer a oferta que lhe havia feito a igreja de Filipos; mais de uma vez havia recebido socorro desta igreja, 4. 15. Aproveitou a oportunidade para também prevenir os irmãos contra os erros de doutrina em que poderiam cair: é carta de um pastor dirigida a seu rebanho. Não visava a corrigir abusos nem acudir a alguma crise moral da igreja, e sim ministrar conselhos necessários à vida prática dos cristãos. Ao mesmo tempo, a epístola ilumina a situação de Paulo em Roma. Foi Epafras quem a levou, 2. 25, 30, o qual tendo-se restabelecido da sua enfermidade, estava a ponto de voltar a Filipos. A epístola pode dividir-se nas seguintes seções:

1. Introdução, 1. 1, 2. 2. Gratidão aos irmãos pela sua fidelidade, manifestações de amor para com eles e votos pela sua santificação, 1. 3-11. 3. Narrando o modo pelo qual Deus o havia tratado, que apesar de preso, podia espalhar o evangelho; fala da oposição sofrida por parte de alguns; congratula-se pela difusão da doutrina de Cristo; fala do seu desejo de morrer e de estar com os irmãos, e faz exortações para que permaneçam firmes na fé, 1. 12-30. 4. Exorta-os a manter a unidade espiritual, com espírito abnegado, segundo o exemplo de Cristo que devem ter sempre diante de si, 2. 1-18. 5. Promete enviar-lhes a Timóteo, esperando ao mesmo tempo que ele próprio iria ter com eles, enviando em primeiro lugar a Epafrodito, 2. 19-30. 6. Ordena-lhes que se alegrem no Senhor, buscando as recompensas que Cristo oferece, e condena aqueles que mal empregam a liberdade do evangelho entregando-se aos apetites carnais, cp. 3. 7. Conclui exortando a cada um e a todos, a se alegrarem no Senhor, a viverem contentes na santidade do Senhor. 8. Termina reconhecendo as dádivas recebidas e manifesta seu amor e alegria, enviando diversas saudações, 19-23. G. T. P. Tem-se posto em dúvida a unidade da epístola. Policarpo, que foi discípulo do apóstolo S. João, em carta aos Filipenses, escrita entre o ano 110 e 115, alude casualmente ao apóstolo S. Paulo, como tendo escrito cartas a eles dirigidas, Polic. 3. 2, e, por conseguinte, afirma a existência de duas cartas juntas em uma só epístola como agora existe. A primeira compreendia os capítulos 1 a 3 v. 1, e a segunda, desde o capítulo 3, v. 2, até o capítulo 4, v. 23. A legitimidade de cada uma das duas cartas hipotéticas nada sofre com esta teoria. As palavras de Policarpo parece que foram mal interpretadas, porque ele conheceu a epístola do modo por que também a conhecemos hoje. Falando no plural em referência à carta de São Paulo, segundo o costume do tempo, era um modo de dar mais força à expressão. O esforço que se tem feito para provar a existência de duas cartas em uma só, não tem encontrado o apoio desejado. A epístola, em si, presta-se a uma análise muito satisfatória. Transições abruptas de assuntos pessoais para outros de ordem geral, ou a introdução de novo pensamento, quando o autor parece estar já no fim, como se dá no capítulo 3, são muito comuns em cartas de correspondência pessoal, como o são as epístolas do Novo Testamento.

FILIPOS, Pertencente a Filipe.

Nome de uma cidade da Macedônia, chamada antigamente Crênides, ou lugar das fontainhas. Estava situada dentro dos limites da antiga Trácia. Em 356 A. C. Filippe II, da Macedônia, anexou o país até ao rio Nestus incluindo a cidade, que ele alargou e fortaleceu, dando-lhe o seu nome. Em suas vizinhanças existiam ricas minas de ouro e de prata, que muito ajudaram a Filipe a realizar os seus planos ambiciosos. No ano 168 A. C. o cônsul romano Paulo Emilio infligiu sanguinolenta e decisiva derrota sobre Perseu, último dos reis macedônios: Filipos com todo o demais território caiu em poder dos vencedores. No ano 42. A. C. deram-se duas batalhas decisivas nas vizinhanças de Filipos, entre Bruto e Cássio, dois dos assassinos de César, e Otávio e Antônio que procuravam vingar a sua morte. Otavio tendo chegado a ser Augusto César, interessou-se pelo lugar onde havia ganho a vitória, e mandou para lá uma colônia de romanos. Não é só S. Lucas que a ela se refere como colônia romana, At 16. 12, mas também as moedas existentes com a inscrição: *Colônia Augusta, Jul. Philipensis*. Era uma das principais cidades do distrito, além da capital Anfípolis. Pelo ano 52, S. Paulo visitou esta cidade, fazendo várias conversões, entre as quais se contam Lídia e a moça que tinha o espírito de Píton e o carcereiro da cidade, At 16. 12-40. A conversão da jovem pos-

suída do espírito mau, deu causa a uma violenta perseguição, sendo metidos na prisão os dois evangelistas Paulo e Silas. Deste modo puderam eles anunciar o evangelho ao carcereiro, 1 Ts 2. 2. Nesta ocasião Paulo teve de abandonar a cidade abruptamente, voltando mais tarde pela segunda vez, partindo dali para a Síria, At 20. 6. Filipos dista cerca de 10 milhas do porto de Neápolis, e separada por uma cordilheira, que se atravessa a cerca de 530 metros de altura do nível do mar. A princípio a cidade limitava-se a um pequeno outeiro, que se erguia no meio de uma planície. No domínio romano, já se havia estendido pela planície. As ruínas de Filipos constam de um teatro, algumas colunas, etc. e ocupam grande área. A mais importante é uma porta por onde se supõe que o apóstolo saiu para a margem do rio, onde se fazia oração. Ninguém mais habita naquele lugar. Nas próximas imediações existe uma aldeia turca que se chama *Bereketli*.

FILISTEUS

Nome de uma tribo ou nação mencionada pela primeira vez no capítulo 10. 14 do livro de Gênesis, como descendente de Mesraim, em outras palavras, como pertencente ao Egito. Vieram de Casluim, relíquias da ilha de Caftor, ou Capadócia, Jr 47. 4; Am 9. 7. O país perto de Gaza foi habitado a princípio pelos Avins, porém emigrantes vindos de Caftor destruíram esses aborígenes e se estabeleceram em seu lugar, Dt 2. 23. Os filisteus ocupavam a região de Gerara e de Berseba no tempo de Abraão, Gn 20. 1, 2; 21. 32, 34; 26. 1. Quando os israelitas deixaram o Egito em demanda de Canaã, o caminho mais curto era pela terra dos filisteus, mas os escravos agora emancipados, não eram suficientemente heróicos para abrir caminho por meio de um povo guerreiro, como ele era, e, por isso, tomaram outra direção, Ex 13. 17, 18. Josué não tomou passo algum para conquistar os filisteus já na posse de cinco cidades fortificadas; Gaza, Azoto, Ascalom, Gate e Acarom, cada uma com o seu príncipe, Js 13. 2; Jz 3. 3. Sangar matou a 600 deles com a relha de um arado, 31. Pouco depois disto Israel, por causa das suas idolatrias, caiu nas mãos dos filisteus, 10. 6, 7. Livre deste domínio, 11, mas, pecando outra vez, sofreu o peso dominador dos mesmos filisteus, durante quarenta anos. Foi Sansão quem o livrou, mas em breve caiu de novo nas mãos de seus inimigos que lhe cavaram a ruína, caps. 14-16. Nos dias de Samuel, desbaratararam os israelitas, e mataram, entre outros, a Ofni e Finéias, filhos de Eli; tomaram a arca de Deus, que tiveram sete meses em seu poder. Em razão das calamidades que sofreram, durante o tempo em que ela esteve prisioneira, eles a devolveram aos israelitas, 1 Sm caps. 4-6. Vinte anos depois, Samuel derrotou os filisteus em combate no mesmo lugar que ele denominou Ebenezer ou *Pedra de Socorro*, porque Jeová ali o havia socorrido, 7. 3-12. Foi uma derrota aniquiladora que humilhou permanentemente os inimigos que não mais passaram os limites de Israel. Os seus exércitos por vezes passavam pelas fronteiras, e tomavam posições estratégicas, exercendo sobre os israelitas constantes ameaças. Estes, porém, conservaram suas linhas desde Acarom até Gate e seus termos, de que não mais foram despojados, 7. 13, 14. O poder dos filisteus nunca foi tão formidável como no reinado de Saul, 10. 5; 12. 9. Ele, com seu filho Jônatas, derrotou-os em Gibeá; em Micmás e em outros lugares, 13. 1-23; 14. 47, 52; 23. 27, 28; 24. 1. Não tardaram a fazer novas investidas. Golias, que Davi matou, era filisteu e campeão, que saía armado para o território de Judá a desafiar as tropas de Israel, 17. 1-58; 18. 6; 19. 5; 21. 9; 22. 10. Em outras ocasiões, Davi, mais de uma vez saiu ao encontro deles, 18. 17-21, 25, 27, 30; 19. 8; 23. 1-5, mas afinal, temendo cair nas mãos de Saul, por duas vezes refugiou-se entre eles, 21. 10-15; 27 até cap. 29, título do salmo 56. Em outra ocasião alcançou posse feudatária da cidade de Ziclague, que até então estava sob a autoridade dos filisteus, 1 Sm 27. 6. Um lance de vista ao mapa mostra que os filisteus haviam penetrado até ao coração de Canaã, quando derrotaram os israelitas, matando a Saul e a seus filhos no monte de Gilboa, 28. 4; 29. 11; 31. 1-13; 1 Cr 10. 1-14. Davi teve melhor sorte do que seu antecessor, repelindo as invasões dos filisteus em diversas batalhas, 2 Sm 3. 18; 5.17-25; 8. 1, 12; 19. 9; 21. 15-22; 23. 9-17; 1 Cr 11. 12-19; 14. 8-17; 18. 1, 11; 20. 4, 5. Depois da morte de Davi, pouco se fala destes inimigos, parecendo que o seu poder decaía. Durante o curto governo de Nadabe, filho de Jeroboão I, e de outros reis, os israelistas sitiaram Gibetom, cidade dos filisteus, 1 Rs 15. 27; 16. 15. Apesar de terem feito a Josafá, donativos e tributos de prata, 2 Cr 17. 11, invadiram os filisteus o reino de Judá no tempo de Jorão, seu sucessor, 21. 16, e também nos dias de Acaz, 28. 18. Ozias e Ezequias invadiram sucessivamente a Filistia, 2 Rs 18. 8;2 Cr 26. 6, 7. Os profetas pronunciaram freqüentes juízos contra ela, Is 11. 14; Jr 25. 20; 47. 1-7; Ez 25. 15-17; Am 1. 6-8; Ob 19; Sf 2. 4, 5; Zc 9. 5-7. Muitos dos filisteus acompanharam Górgias, general sírio de Antíoco Epifanes, quando invadiu o reino de Judá, 1 Mac 3. 41. Judas Macabeu tomou Azoto e outras cidades da Filistia, 5. 68. Por sua vez, Jônatas Macabeu incendiou-a com o templo de Dagom e bem assim a cidade de Ascalom, 10. 83-89, e os subúrbios de Gaza somente porque esta cidade se rendeu às suas intimações, 11. 60, 61. O Novo Testamento não fala em filisteus, o que parece indicar que eles se haviam fundido com a nação judaica. Em tempos idos o Mediterrâneo tinha o nome de Mar dos Filisteus, Ex 23. 31.

FILÍSTIA, *Terra de estrangeiros.*

Palavra que se encontra na Escritura do Antigo Testamento, Sl 60. 8; 87. 4, e Is 14. 29, para determinar a terra dos filisteus. Estava situada na parte sudoeste de Canaã, e limitada ao norte, pela planície do Sarom, ao sul pelo deserto de Sur, ao oriente pela baixada de Judá e ao ocidente pelo Mediterrâneo. Excluídas algumas estreitas faixas além destes limites, o comprimento avalia-se em 50 milhas, e a largura em 15. A maior parte deste território consiste em uma baixa planície, insalubre na estação outonal, porém muito fértil, produzindo abundantes colheitas de cereais, bem como laranjas, figos, azeitonas e outros frutos. A costa marítima compõe-se de uma linha de dunas, as quais invadem continuamente as terras cultivadas. Das cinco cidades importantes da antiguidade, somente Gaza existe com alguma importância. Ecrom e Azoto são pequenas aldeias; Ascalom jaz em ruínas à beira-mar. Gate desapareceu há muito, e nem se descobre o seu lugar.

FILÓLOGO, *Amigo das letras.*

Nome de um cristão residente em Roma a quem o apóstolo S. Paulo enviou saudações e que parece ter sido cabeça de uma comunidade de crentes, Rm 16. 15.

FILOSOFIA, *Amor da ciência.*

O espírito da filosofia pura, que procura penetrar na essência das cousas, é estranho à mente dos orientais. A grande distinção histórica entre a filosofia oriental e a ocidental consiste em que os filósofos orientais não se apartaram da esfera religiosa e nunca se divorciaram dos axiomas religiosos, enquanto que as investigações dos ocidentais, mesmo as que eram feitas por espíritos profundamente religiosos, iam muito além, operando em esfera mais larga, sem o concurso dos postulados da religião. A filosofia moral caracterizava o espírito oriental, como a metafísica, a do ocidente. Para o estudante da Bíblia são de grande importância o contraste entre o pensamento grego e o hebreu, seu desenvolvimento separado, seu contacto eventual e sua mútua influên-

cia. Em face do mundo, a mente hebraica refletia a luz que lhe vinha da revelação. O saber vinha-lhe das experiências das gerações passadas, transmitido pelos antepassados, como resultante na observação da vida humana e da conduta dos indivíduos, bem como das leis da adaptação da natureza aos vários fins. Por êste modo adquiriu os verdadeiros princípios para dirigir e governar a sua conduta e descobrir até que ponto a verdade religiosa se harmonizava com as investigações humanas. Entrou em conflito com os paradoxos do governo moral pelo qual Deus governa os atos do homem, principalmente no que diz respeito aos sofrimentos dos justos e à prosperidade dos ímpios. Destas várias fontes das muitas investigações feitas, o sábio hebreu chegou à conclusão de que o temor de Deus é o princípio da sabedoria. A filosofia hebraica, ou a sabedoria como a Bíblia diz, recebeu grande impulso, devido aos estudos de Salomão, o qual, colhendo as máximas de outros sábios, fazendo observações e tirando luzes da sua experiência individual, deu origem a novos provérbios. Estes provérbios de Salomão regulam grandemente as obrigações e os deveres do homem para consigo, para com os outros homens e para com Deus, em referência à castidade, à temperança na comida na bebida, ao domínio sobre si, à honestidade, à sua honra pessoal e à sua conduta para com os superiores. Partindo destes princípios, o pensamento hebreu entrou a considerar as questões morais em mais larga escala. Partindo de aparentes exceções para as suas conclusões, enfrentava os assuntos morais e considerava os acontecimentos, não em seus resultados pessoais e imediatos, e sim à luz de seus efeitos sobre a posteridade, e das retribuições futuras que Deus tem prometido dar. A filosofia hebraica também estuda a natureza e vê que existem objetivos providenciais em toda parte, Sl 104. 24. Em tudo se descobre o dedo de Deus. A criação do universo e o modo pelo qual se conserva, revelam sabedoria, Pv 3. 19, que é um dos atributos da Divindade, revelados em tôda a natureza; existente antes da criação. Salomão personifica a Sabedoria, Pv 1. 20-33; 8. 12, e dá-lhe uma existência eterna, gerada *ab eterno*, presente com Deus, quando estendia os céus e firmava a terra e regulava todas as cousas no universo em geral, 8. 22-31; Jó 28. 12-27. A Sabedoria não representa pessoa; tem como objetivo o próprio Deus; refletindo o plano divino na criação do mundo, "princípio nêle existente para criar o mundo." Esta idéia foi desdobrada por escritores de tempos posteriores, que davam a Sabedoria como existente e separada da Divindade, Sab. 7. 22 até cap. 8. 5; 9. 4, 9. Veja *Sabedoria*.

A filosofia grega, dizem geralmente, que começou com Tales, pelo ano 640 A. C., assinalada por três períodos principais e distintos: 1. O período das escolas pré-socráticas que surgiu nas colônias gregas da Ásia Menor, cujo objetivo consistia na indagação da origem do universo e do modo por que foi constituído. Sustentara que a água é o princípio gerador de todas as cousas e tudo deve resolver-se em água. Deus não tem começo nem fim. Foi com água que êle formou, não criou, o mundo. Ensinava ainda que o princípio não era senão um intermediário da água, da terra e do ar, uma espécie de fluído, ou éter, que o ar era o elemento gerador de tudo, infinito, sempre em movimento e penetrando todas as cousas. 2. O período das escolas socráticas representadas em Sócrates, Platão e Aristóteles, 469-322 A. C. Atenas era o centro das idéias filosóficas, em que se faziam investigações acerca da forma e da essência das cousas. Não era metafísica estéril a que êles cultivavam, inculcavam alta moralidade. Sócrates empregava o método indutivo em seus raciocínios pelos quais procurava descobrir o elemento permanente que subjaz às formas mudáveis das aparências e das opiniões. As verdades que êle descobria por êste processo, tentava fixá-las por meio de definições. Aristóteles concedia absoluta autoridade somente ao raciocínio; nada aceitava que não fosse provado pela lógica. 3. As escolas pós-socráticas culminaram em Aristóteles, cujas discussões reverteram à ética baseada na metafísica. Epicuro, 342-270 A. C. ensinava que o caráter das ações é determinado pelos seus resultados, e que a permanência dos prazeres é o sumo bem. Zeno, o estóico, 308 A. C. ensinava que o caráter moral reside no próprio ato, independente de seus resultados, e inculcava a obrigação de absoluta obediência aos preceitos do dever. Os céticos ensinavam que a certeza não pode ser atingida pelo conhecimento humano. Os primitivos membros desta escola diziam que, quando nós nos convencemos de que nada podemos saber, então deixamos de ter cuidados e deste modo conseguimos a felicidade.

Alexandre, o Grande, morreu no ano 323 A. C. e Aristóteles no ano 322. A filosofia havia chegado ao seu ponto culminante; a cultura grega começou a penetrar na Palestina e a difundir-se entre os judeus da dispersão. O epicurismo e o estoicismo desenvolveram-se na Grécia durante o período do primeiro contacto dos gregos com os hebreus, porém, bem pouca influência exercia no pensamento hebreu em comparação com aquela que exerciam Platão e Aristóteles. A influência das escolas socráticas podia ser vista talvez na seita dos saduceus, os quais, semelhantes a Aristóteles, rejeitavam tudo que a razão simples não podia aconselhar, apesar de se dizerem governados por um princípio diferente. A influência das escolas socráticas, via-se na escola alexandrina dos pensadores judaicos, cujo representante principal foi Filo, contemporâneo de Jesus Cristo.

Sustentavam as doutrinas de Moisés e ao mesmo tempo, aceitavam o que mais lhes agradava da filosofia grega, sobre tudo o que havia ensinado Platão, que eles pretendiam provar como já existente no Antigo Testamento. Combinavam as doutrinas do sábio grego com as de Moisés em um novo sistema, procurando remover as inconsistências, interpretando as Escrituras por um processo de alegorias que não poupava a própria geografia. A influência da filosofia grega sente-se nos processos do raciocínio. S. Paulo aplicou-a em seu argumento formal no discurso que ele proferiu no Areópago de Atenas e no princípio da sua Epístola aos Romanos, At 17. 30, Rm 1. 19-20. A influência da filosofia grega aparece nas idéias que ela emprestou sobre a preexistência da alma, Sab. 8. 19-20; em novas palavras e em nova significação de palavras, como no emprego da palavra "forma", no sentido aristotélico, significando essência, ou soma total dos atributos, Fp 2. 6, e em belas discriminações de pensamentos e rigores de definições. As especulações gnósticas vieram do oriente, e de lá também vieram as tentativas de combinar o gnosticismo com o Cristianismo, o que levou S. Paulo a combatê-las, exibindo a verdadeira relação entre Cristo e Deus, o Pai, e para com o mundo na epístola aos Colossenses.

FÍMBRIA ver ORLA

FINÉIAS (Talvez seja a palavra egípcia PANNEHSI, negro).

1. Nome de um dos filhos de Eleazar e neto de Arão, Êx 6. 25, que matou com punhal a um israelita e a certa medianita em paga de seu crime, terminando deste modo a praga que dizimava o povo por causa de suas impurezas e idolatrias com as mulheres medianitas. A êles concederam-se as funções de sacerdócio perpétuo e a seus descendentes, Nm 25. 1-18; Sl 106. 30; 1 Mac 2. 54. Com breve interrupção, quando a casa de Heli, da linguagem de Itamar, oficiava como sumo-sacerdote, Finéias e seus filhos exerceram este ofício até ao tempo em que cessou o sacrifício, quando Jerusalém foi tomada, e destruído o templo pelos romanos no ano 70 da nossa era. Finéias acompanhou o exército na expedição con-

tra os medianitas, Nm 31. 6, e juntamente com dez príncipes de Israel fez uma demonstração de guerra às tribos que ocupavam o oriente do Jordão, por haverem levantado um altar que supunham erroneamente um ato de rebeldia, Js 22. 13. Recebeu como parte de sua dotação na terra da promessa, um outeiro no Monte de Efraim, 24. 33. Por meio dele os israelitas, consultaram o Senhor para saberem se deviam ou não atacar os benjamitas por causa do pecado dos habitantes de Gibeá, Jz 20. 28.

2. Nome do filho mais novo de Heli, morto na batalha contra os filisteus, em que a arca de Deus ficou prisioneira. Quando esta notícia chegou à casa, a mulher de Finéias, que estava grávida, encurvou-se, deu à luz e morreu, 1 Sm 1. 3; 2. 34; 4. 11, 19-22.

3. Nome do pai de certo Eleazar, Ed 8. 33.

FIRMAMENTO, Do latim *Firmamentum, fundamento firme.*

O céu, Gn 1. 8, espaço infindo estendido por cima, usando a figura empregada no hebraico, comp. Ez 1. 22, que separava, no princípio, uma água das outras águas, Gn 1. 6 de modo que uma parte das águas estava por cima dele e a outra parte, por baixo dêle, Gn 1. 7; Sl 148. 4. As estrelas e os planetas nele apareceram e se movem sem cessar, Gn 1. 14, 17, e debaixo dele voam as aves, v. 20. O céu ou o firmamento estende-se como uma tenda sobre a terra, Sl 104. 2; Is 40. 22, e pela sua força, é comparado à firmeza do metal, Jó 37. 18. Ele tem portas e janelas por onde derrama as chuvas e por onde descem as bênçãos de Deus, Gn 7. 11; 2 Rs 7. 2; Sl 78. 23; 104. 13. Esta concepção era corrente no antigo pensamento semítico. A doutrina sôbre a divisão do caos primitivo não deixa de ser aceita pela ciência moderna; outras feições da narrativa da criação não lhe merecem o mesmo crédito. As Escrituras não as ensina como fatos; conservam-se no discurso e na poesia como herança tradicional, Gn 9. 14; Jó 26. 8; 36. 27-29; 37. 11; 38. 34; Sl 77. 17; 135. 7; Is 5. 6; Jr 10. 13.

FIVELAS, COLCHETES

Peça de metal destinada a unir as presilhas das cobertas do tabernáculo, Êx 26. 6, 11.

FLAUTA, PÍFARO

1. Instrumento músico usado em Babilônia, Dn 3. 5. A palavra em Aramaico é *Mashrokita*, assobio, gaita. Havia flautas com um, dois ou mais tubos. Segundo os Setenta, era semelhante às flautas de Pã, formada de vários tubos unidos em séries uns aos outros diminuindo gradualmente em tamanho.

A flauta ou gaita em grego *Aulos*, era tocada em ocasião de morte, Mt 9. 23 ou em festas de regozijo, Ap 18. 22.

2. Instrumento de sopro, chamado em hebreu *halil*, que quer dizer, instrumento furado e em grego *aulós*. Havia-os de várias formas. A flauta simples, consistia de um tubo, ou de uma cana, assoprada verticalmente por meio de um bocal na extremidade superior.

Havia outra semelhante à nossa flauta, sem o bocal e assoprada por um furo maior, aberto na mesma linha dos outros furos. A flauta dupla compunha-se de dois tubos, um para a direita e outro para a esquerda, assoprados ao mesmo tempo e cada um deles tocado pela mão correspondente. Os furos das flautas eram em número de dois, três e quatro. A flauta entrava no acompanhamento das orquestras e servia para dirigir o canto festivo, 1 Sm 10. 5; 1 Rs 1. 40, as canções religiosas e os cantos fúnebres, Is 5. 12; 30. 29; Mt 9. 23; 11. 17. Veja *Música*.

3. Instrumento de sopro de origem remota, chamado *ugab*, Gn 4. 21, que servia em ocasiões festivas, Jó 21. 12; 30. 31, e para louvar ao Senhor, Sl 150. 4. Segundo a descrição do Targum era feito de um tubo. A Vulgata no Salmo 150, e os Setenta dizem ser instrumento de sopro, *organon*. É incerto o sentido que se dá à palavra *nekebe*, Ez 28. 13, que denota um instrumento perfurado ou uma jóia igualmente perfurada.

FLEGONTE, *Ardente.*

Nome de um cristão residente em Roma, a quem S. Paulo enviou saudações, Rm 16. 14.

FLOR, NARCISO, ROSA

Tradução do vocábulo hebraico *Habasseleth*, Ct 2. 1; Is 35. 1, na Versão Brasileira e por diversos doutores judaicos da Idade Média. As opiniões dos intérpretes modernos acham-se divididas. Uns, como Tristram, seguindo o Targum, entendem que seja o perfumoso narciso (*Narcissus tazzeta*), abundante nas planícies do Sarom, durante a primavera. Outros, baseados no sentido de uma palavra siriaca muito semelhante à hebraica, que se emprega para designar o cólquico e o açafrão, muito semelhantes entre si, e que na estação chuvosa convertem os campos em matizados tapetes, dizem que é o açafrão (*Colchicum autumnale*) com as suas flores liliáceas. Uma terceira opinião baseia-se na semelhança ainda maior de um vocábulo assírio com o hebraico, designando umas plantas dos brejos, *Cyperus syriacus*, também denominada *Cyperus papyrus*, que se encontram no *Nahr el-Âujah* das planícies do Sarom e em outros lugares alagadiços da Palestina. Florescem no fim do outono. Nas passagens acima citadas, a versão de Almeida diz rosa. A legítima rosa é natural da Média e da Pérsia, de onde foi transplantada para as terras do Mediterrâneo; dá-se muito bem nas montanhas da Palestina.

A moça que reconheceu a voz de Pedro quando este bateu à porta, chama-se Rode, que quer dizer rosa, At 12. 13; a verdadeira rosa, referida provavelmente em Sabedoria 2. 8; Ecclus 24. 14; 34. 13; 1. 8, onde se emprega a palavra grega.

Tristram, apesar disso, julga que nessas passagens, fala-se do oleandro, chamado no Brasil espirradeira, que floresce em Jericó à beira das águas.

FLUXO

Enfermidade que dá nos homens, talvez seja blenorréia ou gonorréia, Lv 15. 2-15; cp. Guerras, 5. 5, 6; 6. 9, 3. O corrimento sanguíneo é próprio das mulheres, Lv 15. 25-30; Mt 9. 20.

FOGO

Elemento necessário à vida, Ec 39. 26. Torna-se indispensável: nas artes, Gn 4. 22, no preparo do alimento, Êx 16. 23; Is 44. 16, no conforto do lar, Jr 36. 22; João, 18. 18; At 28. 2, e na oferta dos holocaustos ao Senhor, Gn 8. 20. O fogo, por assim dizer, servia de veículo para levar a Deus o sacrifício com o qual se deliciava como com um perfume de suave cheiro, 8. 21. O ofertante é quem acendia o fogo, Gn 22. 6. Moisés ofereceu sacrifícios sôbre o altar que havia levantado, Êx 40. 29. Por ocasião de serem consagrados Arão e seus filhos para o sacerdócio, saiu fogo do Senhor e devorou o holocausto, Lv 9. 24. O fogo do altar nunca se extinguia, 6. 9-13. Também desceu fogo do céu que consumiu o holocausto, quando se fez a dedicação do templo e do altar, 2 Cr 7. 1. Em outras ocasiões, por igual modo, Deus se manifestou favorável às suas criaturas, Jz 6. 21; 1 Rs 18. 23. 24; 1 Cr 21. 26; comp. Gn 19. 24; Êx 9. 23; 2 Rs 1. 12. Os adoradores de Moloque e alguns outros idólatras, queimavam seus filhos no fogo, como ato religioso, 2 Rs 16. 3; 21. 6; Jr 7. 31; Ez 16. 20, 21.

FOLE

Instrumento destinado a soprar o fogo de uma forja, Jr 6. 29; Ilíada, 18. 470. Os egípcios faziam os foles com duas câmaras de couro pregadas a uma armação de madeira, tendo cada uma um tubo por onde saía o ar. Estes foles eram colocados de modo a assoprarem o fogo da forja, ou

fornalha. O operador ficava em pé sobre eles, e com a mão puchava um cordel para suspender o fole esvaziado, e com o pé o comprimia, em movimento alternado.

FOLHA

1. Parte da planta que guarnece o talo, formando ramos, Gn 3. 7; 8. 11.

2. Peça de madeira que servia para fechar a entrada das habitações e das cidades, formada de uma ou duas folhas, que giravam sobre gonzos, 1 Rs 6. 34; Ez 41. 24. Em hebreu tinha o nome de *daleth*, porque se movia sobre gonzos ou pivôs. A primeira passagem citada refere-se à porta do lugar santo, do templo de Salomão. Para a entrada do templo, fez Salomão ombreiras que constituiam a quarta parte da parede, e de madeira de cipreste fez duas portas, cujas folhas se fechavam uma sobre a outra, 1 Rs 6. 33; deviam ser oblongas, semelhantes à forma do muro, medindo 5 cúbitos de largo e 7½ de alto, 2,54 x 3,80 metros). Estas dimensões, com certeza, incluem também os batentes e a lumeeira, deixando uma abertura livre de, pelo menos, 4 por 7 cúbitos (2,032 por 3,556 metros). Esta abertura fechava-se por duas portas, cada uma das quais se dividia perpendicularmente, ou horizontalmente em duas metades. Se fosse horizontalmente pelo meio, a folha teria 2 cúbicos por 3 ½ (1,016 por 1,778 metros), dando ingresso e egresso aos sacerdotes para os seus deveres oficiais de cada dia sem haver necessidade de abrir a porta inteira.

3. Nome que se dava à página ou à coluna de um livro antigo em forma de rolo, Jr 36. 23.

FOME

Deficiência de alimento, produzida, ou pela falta de chuvas necessárias à produção dos frutos, ou pela proibição da entrada de mantimentos em uma cidade sitiada. A fome impeliu Abraão a deixar Canaã, indo para o Egito, Gn 12. 10. Foi a primeira de uma série de fomes, relacionada com a história do patriarca e de seus descendentes e que levou os hebreus a abandonar temporariamente a Palestina, 26. 1; 41. 27-56; 47. 13. Outras calamidades ocorreram no tempo dos juízes que levaram Elimeleque a mudar-se para Moabe, Rt 1. 1. Conta-se ainda a fome no tempo de Davi, 2 Sm 21. 1, a do tempo de Elias, 1 Rs 17. 1 até cap. 17. 46, a do tempo de Eliseu, 2 Rs 4. 38; 8. 1, e a que houve no tempo de Cláudio, 41-54 A. D., quando o grande aperto da fome provocou sucessivas migrações da Judéia para a Grécia e para a Itália em um período de onze anos, At 11. 28; Ant. 20. 2, 5; 5, 2; Anais de Tácito 12. 43. As principais calamidades de fome, produzidas pela guerra, impedindo a entrada de mantimentos nas cidades sitiadas, são: a de Samaria, sitiada por Benadate, 2 Rs 6. 24 até cap. 7. 20, e a de Jerusalém em tempo de Nubucodonosor e a de Tito, 2 Rs 25. 1-3; Jr 52. 1-6; Guerras 5. 10, 2, 3.

FONTE

Nascente de água, brotando de uma rocha, de uma ribanceira ou rebentando à flor da terra, Dt 8. 7. Na geografia da Palestina deve-se fazer cuidadosa distinção, entre poços, tanques, e cisternas. As fontes deste país são numerosas e dão origem permanente aos rios, contribuindo para comunicar vida e fertilidade ao solo. Os nomes de algumas cidades recebem, na sua composição, o prefixo En, como Endor e outras. Figuradamente este nome simboliza a origem permanente e inesgotável das bênçãos espirituais, Si 36. 9; Jr 2. 13; Ap 7. 17; 21. 6. Os filhos também são comparados a fontes procedentes de seus pais, Dt 33. 28; Si 68. 26.

FONTE DE ROGEL, *Fonte do espião*, ou *do pisoeiro*.

Nome de uma fonte junto à cidade de Jerusalém e perto do vale de Enom, na linha divisória entre Judá e Benjamim, Js 15. 7; 18. 16. Segundo o historiador Josefo, a fonte de Rogel ficava dentro do jardim do rei, Antig. 7. 14, 4. Durante a revolta de Absalão, Jônatas e Aquimaás fizeram ali ponto de observação, a fim de poderem avisar a Davi dos perigos que o ameaçavam. Perto, ficava a pedra de Zoelete, onde Adonias imolou vítimas quando conspirava para tomar conta do reino de seu pai, 1 Rs 1. 9. É quase universalmente aceito que o local da fonte é o atual *Bir Eyub*, o poço de Jó, logo abaixo da junção do vale de Enom com o vale de Cedrom, ao sul de Jerusalém. Este poço tem 41 metros e 25 cms. de profundidade; a parte superior é revestida de muro até ao meio, e daí para baixo, aberto em rocha viva. Não é propriamente uma fonte, e por isso dá sérias objeções quanto a ser o local da antiga Rogel; comp. Gn 17. 7 com o v. 14.

A razão de pensarem que o poço seja o local da antiga fonte é porque em certas épocas do ano abrem-se ali vários olhos de água.

Grove e Conder dão como lugar mais certo a fonte da Virgem ao lado de Ofel. Com estes concordam vários outros.

FONTE DO DRAGÃO

Nome de um poço, entre a porta do Vale e a Porta do Monturo, Ne 2. 13; comp. 3. 13, 14.

FORCA (Viga).

Instrumento de castigo em que, depois de o criminoso ser condenado à morte, o seu corpo é pendurado em um poste, ou em uma árvore, costume muito em voga no Egito, Gn 40. 19, 22; e entre os israelitas, Dt 21. 22; Js 10. 26; 2 Sm 4. 12, e também entre os persas, Heród. 3. 125; 9. 78. Era um processo que tinha por fim intensificar a desgraça. Os israelitas expunham o cadáver assim pendurado, para servir de testemunho de, como Deus aborrece o pecado. Enquanto permanecia exposto, proclamava que em Israel se havia cometido pecado. O cadáver devia ser retirado do patíbulo ao entardecer, Dt 21. 23; Js 8. 29; comp. Gl 3. 13. Alguns suicidas davam-se a morte pelo enforcamento, 2 Sm 17. 23; Mt 27. 5.

FORMIGA

Inseto himenóptero da família *Formicidae*. São insetos que vivem em comunidades, como as abelhas e as vespas, às quais são remotamente filiadas. As espécies destes insetos são muito variadas, principalmente nas regiões tropicais. As formigas servem de modelo à indústria e são exemplos de previdência e sabedoria. Fazem, o seu provimento no estio, e ajuntam no tempo da ceifa de que se sustentar, Pv 6. 6-8; 30. 24, 25. Neste livro dos Provérbios não se diz que elas fazem provisões para se alimentarem no inverno, porém, este fato é claramente afirmado em máximas árabes. O Dr. Thomson diz que as formigas da Palestina roubam os grãos das colheitas. Sykes, em 1829, encontrou formigas na Índia que armazenavam grãos e que as denominou *Atta providens*. Moggridge observou igual fato no sul da Europa, e MacCook, no Texas.

FORNALHA, FORNO

1. Forno para derreter metais, e remover deles a escória, Dt 4. 20; 1 Rs 8. 51 (Vide *Ferro*).

2. Cadinho para refinar o ouro, e a prata, e para derreter e fundir metais, Pv 17. 3; Ez 22. 20.

3. Forno para assar pão, Ne 3. 11; Is 31. 9 (Vide *Pão*).

FORNO (Para tijolos).

Caixa abobadada, destinada a receber os tijolos que vão ser queimados, 2 Sm 12. 31; Na 13. 14.

FORTALEZA

Construção destinada à resistência do inimigo. Em Pv 18. 19, tem o nome de cidade forte. Davi tomou a fortaleza de Sião aos jebuseus e habitou nela, pelo que se ficou chamando a Cidade de Davi, 1 Cr 11. 5, 7. Josafá edificou fortalezas em forma de torres nas cidades de Judá, 2 Cr 17. 12, e

Joatão fez o mesmo nos montes e bosques de Judá, 27. 4. A fortaleza que Neemias construiu, presume-se que veio a ser a futura Torre Antônia, em que S. Paulo foi recolhido preso em Jerusalém.

FORTE (Fig.). MISGABE, *Lugar alto, fortaleza.*

Nome de uma cidade de Moabe, Jr 48. 1.

FORTUNATO

Um dos três mensageiros comissionados pela igreja de Corinto, para levarem socorros materiais ao apóstolo S. Paulo, 1 Co 16. 17.

FRASCO, VASOS

1. Vasilha para conter líquidos, em hebraico *Nebel,* Is 22. 24.

2. Tradução do hebraico *ashishah,* nome de alguma cousa amassada, torta de pão, etc, 2 Sm 6. 19; 1 Cr 16. 3; Ct 2. 5; Os 3. 1.

FRÍGIA

Nome de uma grande e importante província da Ásia Menor, cujos limites antigos foram alterados pelo desmembramento da Galácia; era limitada ao norte pela Bitínia; ao sul pela Lícia, Psídia e Isáuria; a este, pela Licaônia e Galácia, e a oeste, pela Cária, Lídia e Mísia. Achava-se situada em um alto tabuleiro entre a cadeia do Tauro ao sul, o Olimpo ao norte; e o Temnus a oeste. O Novo Testamento dá conta de quatro de suas cidades: Laodicéia, Hierápolis, Colossos e Antioquia da Psídia que Estrabão dizia pertencer à Frígia. Neste ponto da história, a Frígia já não era província, o nome tinha uma aplicação toda local. Antíoco, o Grande, estabeleceu 2000 famílias judaicas vindas de Babilônia da Mesopotâmia na Frígia e na Lídia, Antig. 12. 3, 4. Alguns dos judeus da Frígia se achavam em Jerusalém no dia de Pentecostes por ocasião da descida do Espírito Santo, At 2. 10. S. Paulo atravessou a Frígia quando fez a segunda e terceira viagem missionária, At 16. 6; 18. 23.

FUNDA

Simples arma de ataque consistindo, em geral, de um pedaço de couro, onde se colocava uma pedra, com uma corda em cada extremidade. Dava-se uma ou duas voltas com a funda, para cima da cabeça, e soltava-se uma das cordas. A pedra saía violentamente impelida em direção ao ponto alvejado. Nos campos de batalha, o guerreiro conduzia as pedras em um boldrié, ou as tinha amontoadas a seus pés, 1 Sm 17. 40. Parece que vinha sendo usada desde remota antigüidade, pelos egípcios e pelos assírios, 1 Mac 6. 51; 9. 11, pelos sírios e pelos persas, Anab. 3. 3, 18, e no extremo ocidental pelos sicilianos e pelos soldados mercenários do império, Heród. 7. 158. Entre os hebreus os benjamitas eram hábeis atiradores de funda,

Assírio atirando com funda

que sabiam manejar até com a mão esquerda, Jz 20. 16; 1 Cr 12. 2. Davi matou o gigante Golias com uma pedra atirada com a funda, 1 Sm 17. 48-50. Os exércitos de Jorão, de Josafá e de Ozias, pelejavam com fundas, 2 Rs 3. 25; 2 Cr 26. 14. Os fundibulários hebreus foram eficientes até na guerra contra os romanos, Guerras 2. 17. 5; 4. 1, 3.

G

GAÁ, *Flamífero.*

Nome de um dos filhos de Naor e de sua concubina Roma, Gn 22. 24.

GAAL, *Aversão.*

Nome de um filho de Ebede, que, com um punhado de companheiros, chegou à cidade de Siquém, e, tendo captado a confiança de seus habitantes, começou a desfazer na autoridade de seu rei Abimeleque que se achava ausente. Zebul, governador da cidade, mandou avisar a Abimeleque do que estava acontecendo, aconselhou-o a ficar de noite no seu esconderijo e a sair pela madrugada para dar combate aos revoltosos. Na peleja, Gaal foi derrotado e posto em fuga, Jz 9. 26-41.

GAAR, *Lugar de esconder.*

Chefe de uma família dos natineus que voltou do cativeiro, Ed 2. 47; Ne 7. 49.

GAÁS, *Terremoto.*

Nome de um monte do território de Efraim, ao sul de Timnate-Sera, Js 24. 30; Jz 2. 9; 2 Sm 23. 30; 1 Cr 11. 32. Lugar ignorado.

GABA, *Outeiro.*

Nome de uma cidade dentro dos limites de Benjamim, Js 18. 24, que foi partilhada aos sacerdotes, 21. 17. Não se deve confundir com a Gibeá de Saul, Is 10. 29. Gabee, ou Geba, demorava no extremo norte do reino de Judá, 2 Rs 23. 8; Zc 14. 10. Uma aldeia com o mesmo nome assinala o local da antiga cidade a 11 quilômetros a nordeste de Jerusalém, e a uns 4 quilômetros a sudoeste de Micmás.

GABAI

Nome de um benjamita que se ofereceu para ficar em Jerusalém depois do cativeiro, Ne 11. 8.

GÁBATA, *Lugar alto.*

Nome equivalente em aramaico à palavra grega *Lithostroton*, que quer dizer, pavimento de mosaicos, Jo 19. 13. Neste lugar ficava o tribunal público em que Pôncio Pilatos dava as suas sentenças. Era, talvez, um espaço aberto, fronteiro ao palácio de Herodes (comp. Guerras 2. 14-8. Não há motivos para se acreditar que Pilatos, como César, em suas campanhas, levasse consigo um estrado sobre o qual assentasse o seu tribunal.

GABRIEL, *Homem de Deus.*

Nome de um anjo de alta categoria, enviado para interpretar a visão ao profeta Daniel, Dn 8. 16-27. Este mesmo anjo foi comissionado para visitar de novo o profeta, a fim de revelar-lhe a profecia das setenta semanas e dar-lhe o entendimento de sua significação, Dn 9. 16-27. Em um período mui distante, posterior a este tempo, foi enviado a Jerusalém, para anunciar a Zacarias o nascimento de João Batista, Lc 1. 11-22, e a Nazaré para saudar a Virgem Maria como a eleita ao alto privilégio de ser a mãe do Messias, 26-31. Este anjo assiste sempre na presença de Deus, 19.

GADARENOS ver GERASENOS

GADE, *Boa fortuna.*

1. Nome de um filho de Jacó e de Zelfa, escrava de Lia, sua mulher. Ao dar à luz o seu filho, disse Zelfa: Em boa hora, e por isso lhe pôs o nome de Gade, Gn 30. 10, 11. A tradição judaica pôs na boca de Zelfa outras palavras, fazendo-a dizer: Exército armado vem. Jacó profetizou: "Gade, exército armado, pelejará contra ele", Gn 49. 19. Moisés bendisse a Deus por ter abençoado a Gade na vastidão de sua partilha e louvou a sua fidelidade para com Deus, Dt 33. 18, 20, 21. Gade teve sete filhos, Gn 46. 16, cada um dos quais fundou uma família tribal, exceto Esebom, Nm 26. 15-18.

2. Nome da tribo que tem o mesmo nome e a que deu origem, Nm 1. 14; Dt 24. 13; Ez 48. 27, 28, 34. Por ocasião do primeiro recenseamento no deserto, os gaditas contavam 45.650 homens de guerra, Nm 1. 24, 25, e no segundo, só havia 40.500, Nm 26. 15-18. Homens mui valentes e ótimos soldados, armados de escudo e de lança, da tribo de Gade, se ajuntaram a Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 18. O território ocupado por esta tribo, ficava ao oriente do Jordão, partilhada pelo próprio Moisés sob condição de marcharem à frente de seus irmãos na conquista da terra e dar-lhes auxílio, Nm 32. 21-32. O território dos gaditas estava situado entre o de Rúben ao sul e o de Manassés ao norte, incluía a parte meridional do monte de Galaade, desde o sul de Jaboque até Hesebom, e desde as vizinhanças de Raba, a oeste, até ao vale do Jordão. Neste vale, tomava todo o lado oriental, desde Bete-Arã e Bete-Nimra perto do extremo norte do Mar Morto, até ao lado de Genezaré, Js 13. 24-28; Dt 3. 12-16, 17. O território era muito próprio para pastagens, Nm 32. 1-4. Ramote de Galaade estava no território de Gade, e foi designado para servir de cidade de refúgio, Js 20. 8. O que se lê em 2 Sm 24. 5, deve significar que os que contavam o povo, passaram do Arnom por Gade para Jazer.

3. Nome de um profeta que aconselhou a Davi a abandonar a caverna de Odulão onde se achava escondido, e a procurar refúgio em outro lugar, 1 Sm 22. 5, e que mais tarde foi, por ordem divina, levar-lhe a escolha do castigo que devia sofrer, por causa de haver feito a resenha do povo, 2 Sm 24. 11-14. Colaborou no arranjo coral do santuário, 2 Cr 29. 25, e escreveu o histórico do reinado de Davi, 1 Cr 29. 29.

4. Parece que existia uma divindade pagã, conhecida pelo nome de Gade, porque Isaías se refere à mesa da Fortuna, em hebraico Gade, com a qual os israelitas entretinham práticas de idolatria, derramando libações sobre ela, Is 65. 11.

GADI, *Afortunado.*

1. Nome de um dos espias, pertencente à tribo de Manassés, que tomou parte na exploração de Canaã, Nm 13. 11.

2. Nome do pai do rei Manaém, 2 Rs 15. 14.

GADIEL, *Deus afortunou.*

Nome de um dos espias, representante da tribo de Zabulom, explorador da terra de Canaã, Nm 13. 10.

GADO

Termo de significação coletiva, empregado no Antigo Testamento para designar os animais domésticos, grandes e pequenos, tais como, camelos, cavalos, ovelhas, bodes, bois, burros, etc., Gn 13. 2; 26. 13, 14; 30. 32; 31. 8, 9, 38, 41; 47. 16-18.

GAETÃ, *Doentio.*

Nome de um descendente de Elifaz, Gn 36. 11; 1 Cr 1. 36, e chefe de uma tribo dos filhos de Esaú, Gn 36. 16.

GAFANHOTO

Tradução da palavra hebraica *Arbeh* e da grega *Akris*. O inseto referido é evidentemente o gafanhoto errante, ou nômade (*Edipoda migratoria*) ou, em certos casos, talvez um dos seus aliados (*Edipoda cinerescens, Acridium peregrinum*) ou algumas das outras espécies. O gafanhoto tem o comprimento que regula ser de duas polegadas ou mais. É inseto voador. À semelhança dos outros da ordem dos *Orthoptera*, tem quatro asas. As duas anteriores são estreitas e as posteriores, são mais avantajadas e sobrepostas e transparentes. Tem seis pernas; quatro servem-lhe para andar, enquanto que as trazeiras, mais longas que

as outras, iguais ao comprimento do corpo, servem-lhe para saltar, Lv 11. 21, 22. A boca é fornecida de mandíbulas que lhe servem para cortar as folhas das árvores e a grama. A lei cerimonial dava-o como inseto limpo, Lv 11. 21-22. João

Gafanhoto

Batista alimentava-se de gafanhotos à semelhança de muitos dos orientais que ainda hoje os comem, Mt 3. 4, levemente torrados no fogo ou secos ao sol e salgados. Para este fim, tiravam-lhe a cabeça, as asas, as pernas e os intestinos. O gafanhoto é devorador das plantas. Uma das pragas que vieram sobre o Egito no tempo de Moisés, foi a dos gafanhotos que devoraram a erva da terra e tudo o que havia de frutos nas árvores, Ex 10. 4, 5, 12, 15, 19. O gafanhoto é designado por diversos termos conforme o grau de seu desenvolvimento, Lv 11. 22; Jl 1. 4. Estes insetos fazem a desova nos meses de abril e maio em covas cilíndricas, que êles abrem no chão. No mês de junho saem do ovo em forma de larva sem asas, que passa ao estado de ninfa com asas rudimentares encerradas em uma tênue película. Neste estado de seu desenvolvimento é excessivamente voraz. No mês seguinte, despoja-se inteiramente de seu invólucro, transformando-se no perfeito gafanhoto.

GAFANHOTO²

1. Tradução da palavra hebraica *Arbeh*, que anda em bandos e que se estendem sobre a terra, Jz 6. 5; 7. 12; Jó 39. 20; Jr 46. 23.

Gafanhoto migratório, mencionado também em Ex 10. 4; e Jl 1. 4.

2. Tradução da palavra hebraica *Hagab* em Lv 11. 22; Nm 13. 33; Ec 12. 5; Is 40. 22. É pequeno e devorador, Nm 13. 33; 2 Cr 7. 13.

Parece que o nome no original indica animal que forma nuvens espessas que escurecem o sol e cobrem a terra. A família dos gafanhotos, chamada *Acrididae*, compõe-se de insetos ortópteros pulladores, com tarsos de quatro juntas, com os élitros em descanso à semelhança das abas de uma coberta e longas antenas pontiagudas; a que serve de tipo o nosso grande gafanhoto (*Locusta viridissima*).

3. Tradução da palavra hebraica *Gob* e *Gobay*, insetos que saem da terra, Na 3. 17, e que devoram a erva, Am 7. 2. Com certeza, um inseto da família dos gafanhotos e de espécie desconhecida (Ver Brugo).

GÁLBANO

Nome de uma especiaria odorífera, Ex 30. 34; Ecclus. 24. 15, em hebraico *Helbenah*, em grego *Chalbane*. O gálbano usado pelos gregos e romanos era uma resina trazida da Pérsia, e produzida por duas plantas umbeladas (*Ferula galbaniflua*, e *F. rubricaulis*). O gálbano do Levante, usado no comércio europeu, é produto de uma planta diferente, e imperfeitamente conhecida.

GAIO. Nome muito usado entre os romanos, que algumas vezes se escreve Caio.

1. Nome de um macedônio, companheiro de S. Paulo, arrebatado para o anfiteatro, no tumulto havido em Éfeso, At 19. 29.

2. Nome de certo homem de Derbe, que acompanhou o apóstolo S. Paulo na sua última viagem, para a Ásia, At 20. 4.

3. Nome de um cristão de Corinto, batizado por S. Paulo, notável pela hospitalidade que dispensava a seus irmãos na fé, Rm 16. 23; 1 Co 1. 14. É provável que seja a mesma pessoa a quem o apóstolo S. João dirigiu a sua terceira epístola, 3 Jo 1.

GAIOLA

Armação de madeira, com grades, em forma de caixa, destinada a prender pássaros e a atraí-los, Jr 5. 27; Ecclus. 11. 30. Senaqueribe jactava-se de ter encerrado o rei Ezequias em Jerusalém, como pássaro em gaiola.

GAIVOTA I, CORVO MARINHO

1. Tradução da palavra hebraica *Shalak*, mergulhador, ave cerimonialmente considerada imunda, Lv 11. 17; Dt 14. 17. Parece ser o nosso corvo marinho, ou a nossa gaivota, *Phalacrocorax carbo*, ave aquática da família dos Pelicanos, porém, diferente dele pela ausência da bolsa em baixo da mandíbula inferior. O corvo marinho habita em várias regiões. Na Palestina, demora nas costas do Mediterrâneo e do Mar de Galiléia; é proverbial a sua voracidade. Tristram descreve-o oculto na copa das árvores, na confluência do Jordão com o Mar Morto, apanhando os peixes que são levados para as águas salobras do Asfaltite. Outra espécie, o *Phalacrocorax pigmeus*, encontra-se nas torrentes que descem da Palestina para o Mediterrâneo.

2. Tradução da palavra *Kaáth* em Is 34. 11; Sf 2. 14. Vide *Pelicano*.

GAIVOTA, II

Tradução da palavra hebraica *Shahaph* em Lv 11. 16 e Dt 14. 15, ave considerada imunda pela lei cerimonial. Os Setenta e a Vulgata traduziram por este nome o vocábulo original; porém, êle tem um sentido mais geral, para ser limitado à gaivota. Compreende a gaivota, a andorinha do mar e o tentilhão, muito abundantes nos lagos da Palestina. Se a palavra se refere a alguma destas aves em particular, deve ser ao *Sterna fluviatis*, a andorinha marítima, ave de pequeno vulto, como o quer dizer o vocábulo *shahaph*, que pode bem figurar na classe das gaivotas, porque os *Sterninae*, e andorinhas pertencem a uma subfamília das *Laridae*, ou gaivotas. São muito abundantes nas praias da Palestina.

GAIVOTA, III

Nome de uma das aves cerimonialmente impuras mencionadas nas leis proibitivas, Lv 11. 16; Dt 14. 15. Tradução do vocábulo hebraico *shahaph*. O cuco (*Cuculus canorus*) é pássaro muito conhecido, que vem do sul na primavera, por ocasião de sua migração anual permanece até às proximidades do fim do ano; ouve-se o seu canto, mas raras vezes é visto. A versão inglesa revista, seguindo a tradução dos Setenta, traduz o vocábulo *Shahaph*, dizendo gaivota em vez de cuco.

GALÁCIA

Nome de um distrito da Ásia Menor, limitado ao norte pela Bitínia, Paflagônia e o Ponto, a leste, pelo Ponto e Capadócia, ao sul pela Capadócia e Licaônia e a oeste, pela Frígia e pela Bitínia. Certas tribos gálicas invadiram a Macedônia e a Grécia no ano 280 A. C. e dali emigraram para a Ásia Menor. Nicomedes, rei da Babilônia, deu-lhes o território ocupado, em recompensa a serviços que lhe haviam prestado na guerra. Daí vem o nome de Galácia. Outras tribos gálicas transpuseram a Europa central e se estabeleceram na Gália, i. é, na França. Os gregos davam o nome de *Galatai*, aos gauleses. As cidades principais da Galácia eram Pessinus, Ancira e Tavium. O território variava em tamanho, conforme as eventualidades da guerra. No ano 180 A. C. os gálatas foram subjugados pelos romanos, conservando a direção de seu governo, favorecidos pelos seus conquistadores por serem valiosos aliados do império. Sob o reinado de Aminias, aumentou para o sul, incluindo parte da Frígia, Pisídia, Licaônia e Isáuria. Depois da morte de Aminias, 25 A. C. a Galácia passou a ser província do império com o mesmo nome. Sete anos antes da era cristã, a Paflagônia e parte

do Ponto entraram nos limites do norte, e no ano 63 da era cristã se deram novas alterações territoriais. No tempo das viagens do apóstolo São Paulo, o termo Galácia designava, não só o primitivo reino, como também toda a província romana. Neste sentido se deve entender o texto de At 16. 6, onde diz: "E atravessando a Frígia e a província de Galácia." O professor Ramsay traduz: "Eles atravessaram a região Frígio-Galácia", e em At 18. 23, dá-se a mesma diferença, bem como a expressão na epístola de Paulo "às igrejas de Galácia." Se este nome quer dizer a província romana de Galácia, então o apóstolo a evangelizou logo na sua primeira viagem missionária, At caps. 13 e 14, em companhia de Barnabé. Se, porém, o nome se refere apenas ao território da Galácia, somente na segunda viagem é que o Evangelho lá entrou, At 16. 6. Na primeira epístola aos Coríntios 16. 1, há referência às Igrejas de Galácia. Na segunda a Timóteo 4. 10, lê-se que Crescente foi para a Galácia, que alguns pensam ser a Gália (França atual).

O apóstolo S. Pedro, na sua primeira epístola 1. 1, dirige-se aos estrangeiros dispersos pelo Ponto, Galácia, etc, claramente indicando a província romana. Há, contudo, sérias dificuldades em dar o mesmo sentido às passagens referidas em Atos e na epístola aos Gálatas. G. T. P.

GALAL, *Que rola.*

1. Nome de um levita, 1 Cr 9. 15.

2. Nome de outro levita filho de Iditum, 1 Cr 9. 16; Ne 11. 17.

GÁLATAS EPÍSTOLA AOS

Carta dirigida às igrejas de Galácia, 1. 2, dando a entender que existia certo número delas em diferentes partes daquele território. Quais foram elas, depende do sentido que se der ao têrmo Galácia. A data da epístola também depende desta solução. Se a Galácia é a província romana e se as igrejas referidas na epístola se originaram na primeira viagem missionária do apóstolo, At caps. 13 e 14, segue-se que foi escrita no final da segunda viagem, uma vez que, segundo Gálatas 4. 13, ele visitou duas vezes a Galácia. Por estes cálculos, a data da epístola deve ser posterior à data em que foram escritas as epístolas aos tessalonicenses, por não conterem nenhuma alusão aos ataques do judaísmo. Se porém, o termo se refere à Galácia própria, e se foi evangelizada na segunda viagem, At 18. 6, então a epístola não poderia ter sido escrita antes da estada em Éfeso, uma vez que, em At 18. 23, se menciona a sua segunda viagem à Galácia. De conformidade com este raciocínio, conclui-se que o apóstolo se dirige a seus leitores como se ele fosse o seu único pai espiritual, Gl 4. 13-20; 5. 1, apesar de ter sido acompanhado por Barnabé em sua primeira viagem. Ainda mais: diz São Paulo que os gálatas o receberam como a um anjo de Deus, 4. 14, declaração esta dificilmente combinada com as experiências conhecidas da sua primeira viagem. A maior parte dos teólogos são desta última opinião, e concluem que a Galácia própria foi evangelizada na segunda viagem, e que a epístola deve datar dos anos 55 ou 56. Outros, porém, opinam por uma data mais recente por lhes parecer existir muita semelhança com a epístola aos romanos, que foi escrita antes daquela, isto é, no inverno de 57 ou 58. Sejam quais forem os leitores da epístola, e seja qual for a data em que foi escrita, os motivos que lhe deram origem foram as influências de certos judaizantes que se intrometeram nas igrejas, atacando a autoridade apostólica de S. Paulo e ensinando ser necessário observar as leis mosaicas. Diziam que Paulo não era apóstolo como os outros foram; que ele havia recebido as doutrinas pela boca de outros. Parece que também o acusavam de ser inconsistente em referência à sua doutrina sobre a liberdade dos gentios em não observarem a lei. Atacavam-no deste modo e persuadiam os convertidos a observarem as leis judaicas. Sendo o próprio Evangelho o objeto da sua oposição, S. Paulo escreve a epístola com grande intensidade de sentimento e com argumentos vigorosos. A epístola aos gálatas é a *carta magna* da liberdade cristã. Depois da introdução, 1. 1-10, em que ele profliga a facilidade com que deram ouvidos a outro evangelho, pregado por falsos mestres, e afirma com veemência a origem divina do evangelho, por ele pregado, passa a defender a sua autoridade apostólica, que lhe foi outorgada por Cristo, sem dependência de homem algum, 1. 11 até cap. 2. 21. Evoca em seu auxílio o testemunho da igreja de Jerusalém e o apoio dos demais apóstolos, em favor de sua autoridade, 2. 1-10, e que, 2. 11-21, nunca alterou o seu ensino, mesmo quando o apóstolo S. Pedro, pela sua conduta, parecia opor-se a ele. No cap. 3, defende a doutrina da justificação pela fé somente, apelando, em prova disto, para a experiência que haviam recebido, 3. 1-5; para o ensino das Escrituras, acerca do caminho da salvação pela fé primitiva do patriarca Abraão, 3. 6-9; e para certos fatos, integralmente ensinados na Escritura, a respeito da lei, que exige obediência perfeita para ser salvo, resultando daí a maldição sobre todos os que procuram justificar-se por meio dela, 3. 10-12; que Cristo nos remiu da maldição da lei, feito ele mesmo maldição por nós, 3. 13-14; que Deus ratificou o pacto de salvação pela fé com Abraão e a sua posteridade; portanto, a lei que foi dada muito tempo depois, não o faz nulo, 3. 15-18; antes veio a servir de disciplina temporária, ensinando que o pecado é a transgressão dos mandamentos da lei de Deus, 3. 19, 20; e que, portanto, a lei servia de pedagogo para conduzir-nos a Cristo, 3. 21-24. No cap. 4, o apóstolo aduz mais três razões que os deviam induzir a ser fiéis ao Evangelho, a saber: a analogia com os direitos dos filhos garantidos pela lei civil, 4. 1-11; o afeto que lhe mostraram, recebendo-o como a um anjo de Deus, 4. 12-20; e a ilustração que a narrativa de Gênesis fornece no caso de Agar e Sara juntamente com seus filhos, 4. 21-31. Nos caps. 5 e 6 até ao v. 10, faz aplicação da lei da liberdade, porém adverte-os para que não abusem dela, usando-a com candura e com boa consciência. Os vv. finais, cap. 6. 11-18, escritos pelo próprio punho, compendiam a substância de suas instruções. A epístola aos gálatas é de imenso valor.

1. É importante pelas minúcias que fornece, referentes à vida do apóstolo. A harmonia desta carta com a história contida nos Atos dos Apóstolos, referente às relações de S. Paulo com a Igreja, tem sofrido sérias contestações, mas nem por isso deixa de ter a seu favor abundantes provas. (Vide o artigo *Paulo* e as notas cronológicas no artigo a respeito da primeira visita de S. Paulo a Jerusalém depois de convertido) Gl 1. 18, 19; At 9. 26-29, e sobre o concílio de Jerusalém, Gl 2. 2-10, e At cap. 15.

2. A epístola vem provar também que os outros apóstolos estavam de pleno acordo, apesar de lhe ser dada a evangelização dos gentios.

3. Dá-nos um esboço mais resumido, e com especial aplicação do mesmo plano de salvação e a mesma idéia da dispensação hebraica, mais detidamente elaborada na epístola aos romanos. Estando todos os homens debaixo da lei e condenados por ela, a salvação torna-se impossível. Cristo somente pode salvar, uma vez que, pela sua morte, se tornou obediente à lei em lugar do pecador. A lei nunca foi posta para salvar alguém, mas para ser um pedagogo que nos guiasse a Cristo. Abraão foi salvo pela fé, e somente pela fé, como filhos de Abraão, é que podemos ser salvos e participar das bênçãos e das promessas a ele feitas. O Judaísmo, como método de salvação, é falsa interpretação do próprio Antigo Testamento; a distinção odiosa entre judeus e gentios, desapareceu. A declaração destas verdades, fez do Cristianismo uma religião universal, em vez de ser uma seita judaica. A epístola aos gálatas serviu de constante estudo aos primitivos

escritores cristãos, notadamente a Policarpo, na Epístola a Diogneto, e por Justino Mártir, durante a primeira metade do segundo século, e a Melito, na segunda metade, e no fim do mesmo século, a Ireneu, Clemente de Alexandria e a Tertuliano. Encontra-se na antiga versão latina e na lista do fragmento Muratori.

GALÉ

Barco antigo, impelido por uma ou duas filas de remos, Is 33. 21; 2 Mac 4. 20.

GALERIAS

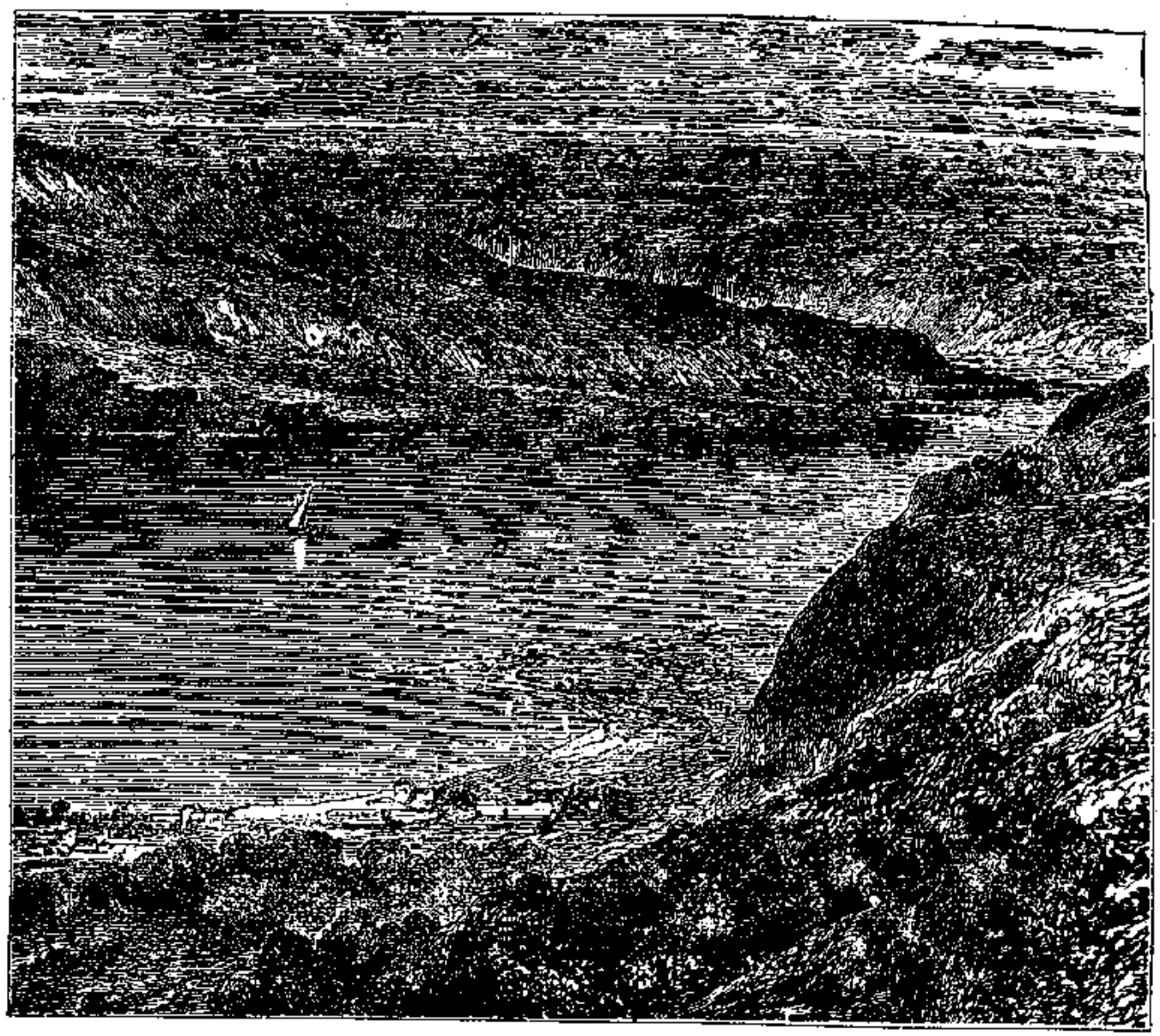
Corredor comprido de um edifício, Ez 41. 15-16; 42. 3-5.

GALGALA

Nome de um lugar referido em 1 Mac 9. 2.

GALILÉIA (Em hebraico "galil", círculo, região).

Nome primitivo de um distrito, situado na região montanhosa de Naftali, 2 Rs 15. 29; 1 Cr 6. 76. Quedes era uma das suas cidades, Js 20. 7. As vinte cidades que Salomão deu a Hirão estavam situadas na Galiléia, 1 Rs 9. 11. Nesta região residiam muitos cananeus, Jz 1. 30-33; 4. 2. A expressão "Galiléia dos Gentios" queria dizer que a região assim chamada, era habitada em grande parte por elemento estrangeiro, Is 9. 1; comp. 1 Mac 5. 15; Mt 4. 15. Este nome estendeu-se gradualmente até chegar à planície de Esdraelom para o sul, 1 Mac 5. 55; 10. 30, 12. 47, 49. Muitos de seus habitantes haviam sido deportados, especialmente durante as guerras dos assírios, 2 Rs 15. 29; 1 Rs 15. 20. Os poucos judeus ali existentes foram conduzidos para a Judéia, por Simão Macabeu, pelo ano 164 A. C., 1 Mac 5. 23. Em breve, porém, a Galiléia, foi novamente povoada por judeus. Fez parte do reino de Herodes, o Grande, e por sua morte passou a pertencer a Herodes tetrarca. É a província mais setentrional das três províncias a oeste do Jordão, em que a Palestina foi dividida no tempo dos romanos, não falando na Fenícia. No período da guerra judaica, ano 70 da nossa era, foi dividida em Alta e Baixa Galiléia, limitada ao norte pelo território dos tírios, ao sul, pela linha divisória de Samaria e Citópolis até ao Jordão, ao oriente, por Hipene, Gadara, Gaulonitis e o reino de Agripa, isto é, pelo Jordão e seus lagos, e a oeste, pela Fenícia. A Baixa Galiléia estava ao sul da alta Galiléia e se estendia desde Tiberíades até perto de Ptolemaida, que agora se chama Acre, no Mediterrâneo (Guerras 3. 3, 1; Vida 13, 14, 37; comp. Jud. 1. 8). Naquela época tinha uma população muito densa. Contribuiu com um exército de 100.000 homens, Guerras 2. 20-6. Dentro dos limites das duas Galiléias, havia 240 cidades e aldeias (Vida 45). A menor delas tinha uma população de 15.000 habitantes, Guerras 3. 3, 2. A maior das cidades chamava-se Séforis e a maior das aldeias chamava-se Jafa (Vida 45).

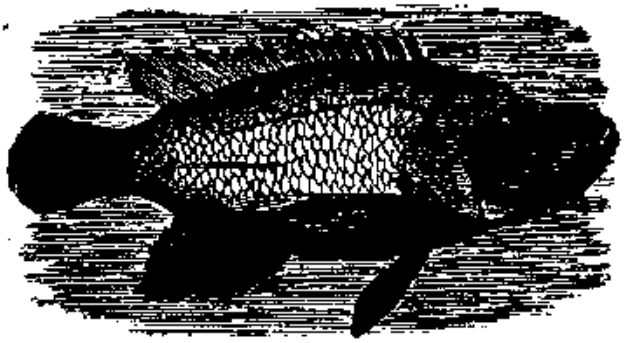


Mar da Galiléia, ao sul

A mistura da raça contribuiu para formar um novo dialeto, Mc 14. 70; Lc 22. 59; comp. At 2. 7. Desta região não consta ter vindo profeta, Jo 7. 41, 42. E, todavia, quase todos os apóstolos de Jesus eram galileus, ele mesmo foi ali educado, e fez da Galiléia o cenário principal de seu ministério; trabalhando na região oriental à beira do Mar de Galiléia e dentro de sua área, em Corazim, Betsaida, Cafarnaum, Naim, Caná e Nazaré. A Galiléia tem cerca de 111 quilômetros de comprimento e 46 de largura. É montanhosa, encerra vales férteis e oferece um cenário pitoresco. A Baixa Galiléia divide-se da Alta por uma linha imaginária, correndo do extremo norte do Lago até ao Acre. É região fértil em cereais. As montanhas são de pequena elevação, inferior à da Alta Galiléia, não tendo altitude acima de 600 metros. A Alta Galiléia possui altitudes de 700 e 1.400 metros, e suas montanhas conservam extensos olivais.

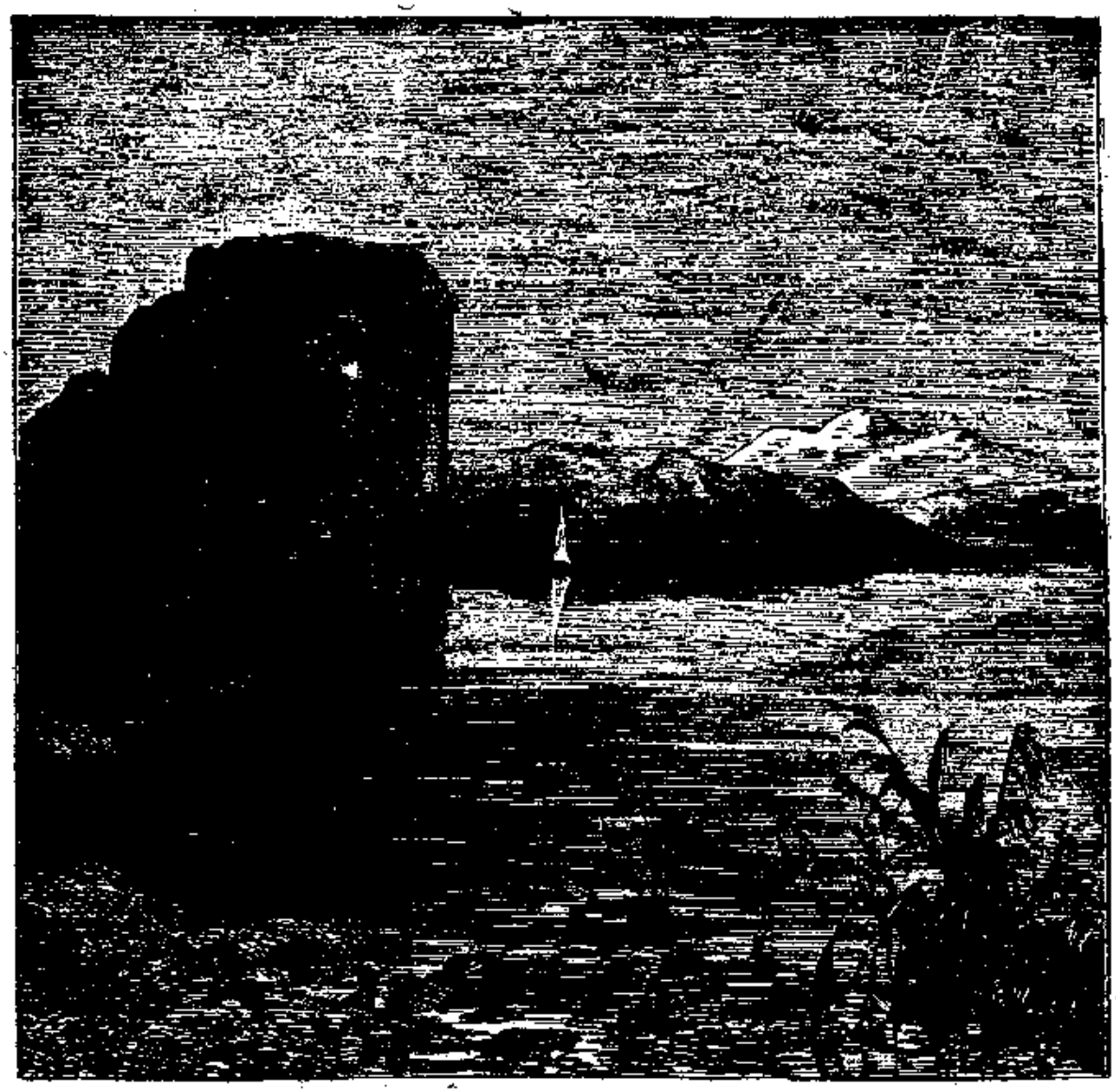
GALILÉA MAR DE

Lago de água doce, formado pelo Jordão. A princípio chamava-se Mar de Quinerete, Nm 34. 11, mais tarde Lago de Genezaré, Lc 5. 1; Antig. 18. 2, 1; comp. 13. 5, 7; 1 Mac 11. 67, e ainda Mar de Galiléia e Tiberíades, Jo 6. 1; 21. 1. O último nome, de Tiberíades, permanece sob a forma árabe *Bahr Tabariya*. É cercado de montanhas, exceto nos lugares por onde entra e sai o Jordão. As montanhas do lado do nascente sobem à altura de 330 metros; as do poente, em direção



Peixe do Mar da Galiléia (Chromis Simonis)

ao sul do Lago, tem o mesmo aspecto, porém as que se estendem para noroeste são menos elevadas e menos escarpadas. Por causa da sua considerável extensão deram-lhe o nome de mar, não obstante serem doces as suas águas. Mede 23.613 metros de comprimento, desde a entrada do Jordão até a sua saída; a maior largura, em frente de Magdala, é de 13.890 metros. A costa oriental é quase em linha reta, e a ocidental apresenta uma extensa curva, que vai de Tel Hum até Tiberíades. O nível das águas está a 225 metros abaixo do Mediterrâneo. Apesar de seu nível inferior, a temperatura é semitropical. O Hermom está nas suas vizinhanças coroado de neves eternas, onde se originam violentas e repentinas tem-



Mar da Galiléia, vendo-se o Hermom à distância

pestades, que se desencadeiam pelos desfiladeiros das montanhas até penetrar nas águas do Lago.

Tristram enumera vinte e duas espécies de peixe, que o enriquecem: Duas de *Blenniidae;* sete de *Chromidae;* uma da *Silaridae;* e doze de *Cyprinidae.* Algumas destas espécies têm nomes de personagens bíblicas: *Chromis Andrei, C. Simonis* e *C. Magdalenae.* O peixe melhor de todos para a mesa, presentemente, é o *Clarias Magdalenae* e o *Barbus Longiceps,* que os ingleses chamam respectivamente "sheatfish" e "barbel." O *sheatfish,* que o historiador Josefo chama *Coracinus* (Guerras 3. 10, 8), pertence à mesma família do lôbo marinho que chega a ter um metro de comprimento. O peixe mais abundante é o *Cromis tiberiadis.* Tristram observou grande cardume destes peixes estendidos sobre um baixio de cerca de dois hectares e meio, tão unidos uns aos outros, que parecia impossível mover-se. As barbatanas dorsais, vistas fora dágua à distância, dão a aparência de grande chuva caindo em um ponto do Lago, ferindo o espelho das águas. Os pescadores empregam a rêde que estendem desde as praias, ou de bordo de suas barcas, para tirar os peixes. As mesmas espécies de peixe encontram-se no Jordão e nos seus tributários.

Para ilustrações das praias do Lago, vide, *Cafarnaum, Genesaré, Magdala.*

GALILEU

Natural ou habitante da Galiléia, Mc 14. 70; Lc 13. 1.

GALIM, *Montões.*

1. Nome de uma aldeia, perto de Geba de Saul e Anatote, Is 10. 26, 30, não longe de Baurim, 1 Sm 25. 44; 2 Sm 3. 13-16.

2. Nome de uma cidade de Judá, chamada Gallm, mencionada pelos Setenta em conjunto com Tecoa, Belém, Etã e especialmente em conexão com as cidades do sudoeste de Jerusalém, referidas em Js 15, em número de 59 ou 60.

GÁLIO

Procônsul romano da Acaia, no tempo da primeira viagem de S. Paulo a Corinto. Antes de chamar-se Gálio, tinha o nome de Marcus Annaeus Novatus, e sendo adotado pela família de Lúcio Júnio Gálio, tomou o nome de Júnior Annaeus Gálio; era irmão do filósofo Sêneca, ambos condenados à morte pelo imperador Nero. Quando os judeus, enfurecidos contra S. Paulo em Corinto, o levaram ao tribunal proconsular, Gálio recusou tomar conhecimento de assuntos religiosos e resolveu sumariamente o caso. Ficou indiferente, mesmo quando a multidão arrebatou a Sóstenes, príncipe da sinagoga e o maltratou diante do tribunal, At 18. 12-16. Vide *Sóstenes.*

GALO

Nome do macho da galinha, a bem conhecida ave, *Gallus domesticus,* que figurava nos antigos monumentos egípcios. É mencionada em o Novo Testamento, Mt 26. 37, 74, 75. O cantar do galo é o espaço de tempo entre a segunda e a terceira vigília da noite.

GAMADITAS, *Valentes.*

Povo valente que guarneceu as torres de Tiro, Ez 27. 11.

GAMALIEL, *Recompensa de Deus.*

1. Nome de um filho de Fadassur, príncipe da tribo de Manassés no deserto, Nm 1. 10, 2. 20; 7. 54-59.

2. Nome de um dos membros do sanedrim, da seita dos fariseus e doutor da lei, tido em grande reputação pelos judeus. Aconselhou os judeus a não continuarem na perseguição contra os apóstolos, dizendo que se a obra era dos homens, por si mesma acabaria, mas se era de Deus, seria inútil ir de encontro a ela, At 5. 34-39. Gamaliel foi mestre de S. Paulo no ensino das leis, At 22. 3. Segundo o Talmude, Gamaliel era neto do célebre rabino Hilel. Não prevalece a idéia de que Gamaliel presidisse por muito tempo o sanedrim, porque nesta ocasião, o sumo sacerdote era quem o presidia. Faleceu pelo ano 50 A. D.

GAMO

Tradução da palavra hebraica *Zemer,* que significa pulador. Animal ruminante, Dt 14. 5, natural das montanhas da Europa desde os Pireneus até ao Cáucaso. Não se encontra na Palestina.

GAMUL, *Recompensado.*

Nome de descedente de Arão, cuja família, no reinado de Davi, fez parte da vigésima segunda sorte sacerdotal, 1 Cr 24. 17.

GANCHOS, COLCHETES

Os hebreus e seus contemporâneos usavam ganchos de vários formatos:

1. Os ganchos para pendurar cortinas empregados no tabernáculo, feitos de ouro e de prata, Ex 26. 32, 37; 27. 10.

2. Espécie de garfo para tirar a carne da panela, Ex 27. 3; 1 Sm 2. 13, 14, e também para pendurar as carnes de animais mortos, Ez 40. 43.

3. Ganchos parecidos com chifres empregados na pesca, Am 4. 2; Jó 41. 1; Hc 1. 15.

4. Anzol de grande formato, preso a uma corda pela qual arrastavam os grandes peixes e outros animais aquáticos, Jó 41. 2; Ez 29. 4. Usavam um instrumento semelhante para conduzir leões e outros animais ferozes, 2 Rs 19. 28; Ez 19. 4; comp. 38. 4, e para igual fim, o introduziam nos lábios dos cativos, 2 Cr 33. 11.

5. Espécie de foice podadeira empregada nas vindimas, Is 2. 4; 18. 5.

GARÇA

Tradução da palavra hebraica *anaphah,* Lv 11. 19, parece que é tipo de uma família, por ser acompanhada da frase, "segundo o seu gênero." A família das garças (*Ardeidae*) pertence aos *Grallatores;* é uma ave corpulenta, bico longo, pernas compridas e nuas, próprias para andar nas lagoas e banhados, asas largas, porém, de vôo lento. Alimenta-se de peixes e répteis. A família compõe-se de garças, etc. A cegonha de costas amarelas, *Ardea bubulcus,* muitas vezes denominado ibis branco, é o mais abundante. Andam em grandes bandos nos banhados do lago Hulé. Associam-se com o gado nas pastagens, acompanhados ordinariamente de ibis vermelhos. A garça comum, *Ardea cinerea,* encontra-se no Jordão e nos lagos adjacentes e nas costas da Palestina, juntamente com a garça purpúrea, *Ardea purpurea,* e várias outras garças menores.

GAREBE, *Aspero.*

1. Nome de um dos homens fortes de Davi, natural de Jetrite, 2 Sm 23. 38; 1 Cr 11. 40.

2. Nome de um outeiro, perto de Jerusalém a oeste, Jr 31. 39; comp. vv. 38, 40. Local incerto.

GARMITA (Que pertence a Gerem).

Nome apelativo do pai de Ceila, 1 Cr 4. 19.

GATE I, *Vale.*

Nome de uma localidade perto de Ecrom, 1 Sm 17. 52.

GATE II, *Lagar.*

Nome de uma das cinco grandes cidades dos filisteus, Js 13. 3; Jz 3. 3; 1 Sm 6: 17; 7. 14; 17. 52, notável por ter sido residência de um resto da raça dos enacins, homens de grande estatura, Js 11. 22; comp. Nm 13. 33; Dt 2. 10, 11. Golias e outros dos grandes guerreiros, pertenciam a esta raça de gigantes, 1 Sm 17. 4; 2 Sm 21. 15-22; 1 Cr 20. 4-8. A cidade foi tomada por Davi 1 Cr 18. 1. Durante o reinado de Salomão era governada, por um rei sujeito ao rei de Israel, 1 Rs 2. 39-42. Roboão a mandou fortificar, 2 Cr 11. 8, porém em breve reverteu ao poder dos filisteus; Hazael, rei da Síria, capturou-a, 2

Rs 12. 17. O rei Ozias tomou-a e derribou-lhe os muros, 2 Cr 26. 6, desaparecendo de uma vez da história. É verdade que o profeta Miquéias a ela se refere, porém empregando apenas uma antiga forma de dizer, 1. 10, comp. 2 Sm 1. 20. Posteriormente, na enumeração das cidades filistéias, não aparece mais o nome de Gate, Jr 25. 20; Sf 2. 4; Zc 9. 5, nem nos livros dos Macabeus, nem nas obras de Josefo, quando relata os acontecimentos subseqüentes ao ano 750 A. C. Correm numerosas teorias, quanto ao lugar de sua antiga existência. Uns a colocam perto do mar, em *Yebnah*, como diziam os cruzados; outros, em *Beit Jibrim*, nas proximidades de *Shephelah*, ou em *Deir Dubban*, oito quilômetros ao norte de *Beit Jibrim;* ou em *Kefr Dikkerin*, sete quilômetros a noroeste de *Beit Jibrim;* ou, seguindo a mesma estrada, mais sete quilômetros, em *Tell es-Sâfiyeh* por cima do vale de Elá, na junção do *Shephelah* com a planície marítima; ou ainda em *Tell Zakariya*, a nove quilômetros ao oriente do vale de Elá. O que é verdade, porém, é que Gate estava situada no interior do país, nos limites das terras dos hebreus, entre Azoto e Acarom, a sudoeste desta cidade e mais perto da região serrana, 1 Sm 5. 8; 7. 14; 17. 52.

GATE-HEFER, *Lagar do poço.*

Nome de uma cidade nos limites de Zebulom, Js 19. 13, onde nasceu o profeta Jonas, 2 Rs 14. 25. Nos tempos de S. Jerônimo era uma pequena aldeia, a duas milhas romanas ao nascente de Sefiris, lugar correspondente à aldeia de *el-Meshhed*, ou *Meshhad*, a 5 quilômetros a nordeste de Nazaré, onde existe o túmulo de Jonas, disputado por outro ao lado da antiga Nínive.

GATE-RIMOM, *Prensa das romãs.*

1. Nome de uma cidade da tribo de Dã, Js 19. 45; 21. 42, designada ao patrimônio dos levitas da família de Coate, 1 Cr 6. 69. Situação desconhecida.

2. Nome de uma cidade de Manassés, a oeste do Jordão, destinada também aos levitas da família de Coate, Js 21. 25.

GAVIÃO ver FALCÃO

GAZA, *Forte.*

1. Nome de uma das cinco cidades fortes dos filisteus, no extremo sul, Js 13. 3; 1 Sm 6. 17; Jr 25. 20, cidade antiqüíssima, Gn 10. 19, situada na estrada principal da Mesopotâmia para o Egito, à beira do deserto e na junção de uma estrada de comércio que vinha do sul da Arábia. Tocou na partilha de Judá, Js 15. 47, e por ela conquistada, Jz 1. 18, revertendo mais tarde aos filisteus (comp. Jz 6. 4). Sansão carregou com as portas desta cidade, Jz 16. 1-3. Aprisionado e cego, foi metido em uma prisão da Gaza, onde se ocupava a virar a mó de um moinho, 20, 21. O deus tutelar desta cidade era Dagom. O derradeiro ato da vida de Sansão consistiu em deslocar as duas colunas centrais do templo de Dagom, destruindo-o, 23-31. Gaza demarcava o limite extremo do reino de Salomão para sudoeste 1 Rs 4. 24. Ezequias bateu os filisteus até às portas de Gaza, 2 Rs 18. 8, e Faraó apoderou-se dela, Jr 47. 1. Os profetas de Israel vaticinaram contra ela, e contra outras cidades dos filisteus, Jr 25. 20; 47. 1, 5; Sf 2. 4; Zc 9. 5. Um dos crimes denunciados contra ela foi a venda de escravos hebreus capturados na guerra feita aos edomitas, Am 1. 6. Resistiu durante cinco meses às fôrças de Alexandre, o Grande, que a tomou, matando os seus habitantes. Jônatas Macabeu não pôde entrar em Gaza, e em represália lançou fogo aos seus subúrbios, e oportunamente entrou em relações pacíficas, sem mais hostilidades, Mac 11. 61, 62. Porém, Simão Macabeu, irmão de Jônatas, apoderou-se mais tarde da cidade, 13. 43-48; Antig. 13. 5-5. Pelo ano 96 A. C. Alexandre Janeu a devastou, depois de um ano de sítio, Antig. 13. 13, 3. No ano 6 A. C. Pompeu submeteu-a à jurisdição da Síria, 14. 4, 4. Gabinius, governador da Síria, em nome do Império Romano, edificou a cidade em outro lugar, e a velha cidade passou a ser conhecida pelo nome de Gaza Deserta, 14. 5, 3; Estrabão 16. 2, 30; comp. At 8. 26. Pelo ano 65 da era cristã, os judeus destruíram-na, porém ela reaparece, segundo se depreende das moedas ali cunhadas em honra de dois imperadores, Tito e Adriano. Posteriormente, veio a servir de sede a um bispado cristão. No ano 634, os árabes a tomaram, e, excetuando uns curtos intervalos em que esteve em poder dos Cruzados, continuou em mãos dos maometanos. Os árabes deram-lhe o nome de *Ghuzzeh*. Dista do Mediterrâneo cerca de 4 quilômetros, e separada dele por uma planície arenosa e devastada. Eleva-se a uns 20 metros acima da planície e estende-se para os lados do norte do nascente. Ao norte existem imensos bosques de oliveiras, as melhores de toda a Palestina. A grande indústria local é o fabrico de sabão com o azeite das oliveiras. A cidade de *Ghuzzeh* não tem fortificações; existem, porém, vestígios de antigas muralhas e de ruínas perto dela. A população avalia-se em 18.000 habitantes.

2. Nome de uma cidade de Efraim, 1 Cr 7. 28. Talvez esteja representada pela povoação atual de Azum, a 22 quilômetros a sudoeste de Siquém.

GAZÃO, *Devorador.*

Nome do fundador de uma família dos natineus, Ed 2. 48, que voltou do cativeiro com Zorobabel.

GAZELA

Pequeno antílope, que em hebraico se chama *Sebi*, animal declarado limpo pelas leis cerimoniais, Dt 12. 22; 14. 5, e caçado nas matas, Pv 6. 5; Is 13. 14; veloz na carreira, 2 Sm 2. 18; 1 Cr 12. 8. Pela sua beleza e graça, serve de ilustração no livro dos Ct 2. 9-17 e 8. 14, em que Figueiredo lhe dá o nome de veadinho. Tem cerca de 1 metro e 20 cms. de comprimento e 60 cent. de altura. As aspas do macho são mais abertas do que as da fêmea; a forma de ambos é muito graciosa; o pelo da cabeça tem a cor típica das gazelas; o resto do corpo tem a cor fulva. Encontra-se na Síria, na Arábia em pequenos grupos, ou solitário; é animal tímido, fugindo a grandes pulos diante de quem o persegue. Tristram descreve duas espécies de corças; a *Gazella dorcas* e a *Gazela arábica*, sendo esta última de maiores proporções e habitando ao oriente do Jordão.

GAZELA SELVAGEM ver CABRA MONTESA, CABRA, VEADO E CORÇA

GAZEZ, *Tosquiador.*

Nome de um filho de Calebe e provavelmente neto do velho Calebe, 1 Cr 2. 46.

GAZITA

Nativo ou habitante de Gaza, Js 13. 3; Jz 16. 2.

GEAZI, *Vale da visão.*

Nome do criado de Eliseu. Contou a seu senhor qual era o desejo de sua hospedeira de ter um filho, desejo este que lhe foi satisfeito. Quando o menino já era grande, morreu. A mãe aflita lançou-se aos pés de Eliseu, e chegando Geazi para retirá-la, o homem de Deus, lhe disse: Deixa-a, 2 Rs 4. 14, 27. Para ensinar a seu servo que não era a mágica que valia, mas a fé e a oração, Eliseu enviou a Geazi a colocar o seu bordão sobre o cadáver do menino. Ele assim o fez, mas sem resultado, 29-37. Quando Naamã da Síria seguiu as direções de Eliseu, e foi curado da lepra, desejou recompensar o profeta, este rejeitou a recompensa; porém, Geazi, lamentando que Naamã houvesse sido poupado, correu atrás dele para dizer-lhe que seu amo lhe mandava pedir um talento de prata e dois vestidos para mudar. Em castigo de sua avareza e mentira, e por trazer opróbrio sobre o ofício do profeta, a lepra de Naamã veio sobre êle, 2 Rs 5. 20-27. Mais outros

ditos e feitos são relatados em seguida referidos ao servo de Eliseu, que devem pertencer ao sucessor de Geazi.

GEBAL, *Montanha.*

1. Nome de uma antiga cidade do Mediterrâneo, a 30 quilômetros ao norte de Beirute, Ez 27. 9; comp. Js 13. 5; 1 Rs 5. 18. Sede do culto sensual do deus Adônis.

2. Parte das montanhas de Edom ao norte (Antig. 2. 1, 2; 9. 9, 1; Sl 83. 7), conhecida também pelo nome de Temã.

GEBER, *Herói.*

Nome de um dos governadores de Salomão na província de Galaade, 1 Rs 4. 19, e, provavelmente, pai do governador do norte de Galaade e do país de Argobe, 13.

GEBIM, *Cisterna, gafanhoto.*

Nome de uma aldeia ao norte de Jerusalém, Is 10. 31. Lugar ignorado.

GECO ver LAGARTIXA III e MUSARANHO

GEDALIAS, *Jeová é grande.*

1. Nome de um harpista, filho de Jedutum, 1 Cr 25. 3, e chefe da segunda das vinte e quatro companhias de doze músicos, nomeadas por Davi para o serviço do santuário, 25. 9.

2. Nome de um dos antecessores do profeta Sofonias, Sf 1. 1.

3. Nome de um dos filhos de Pasur do tempo de Jeremias, Jr 38. 1.

4. Nome de um homem de Judá de alto nascimento, filho de Aicão, filho de Safã. Foi nomeado por Nabucodonosor, governador de Judá depois do cativeiro de Jerusalém. Fixou residência em Masfa, onde foi traiçoeiramente assassinado por Ismael de sangue real, 2 Rs 25. 22-26; Jr 39. 14; 40. 5 até cap. 41. 18.

5. Nome de um sacerdote a quem Esdras induziu a abandonar a sua mulher estrangeira, Ed 10. 18.

GEDER, *Muro.*

Nome de uma cidade do extremo sul de Judá, Js 12. 13. Lugar incerto. Pode ser o mesmo Bete Geder ou Gedor.

GEDERA, *Muro, aprisco.*

1. Nome de uma cidade da parte baixa de Judá, Js 15. 36. Conder localiza-a em Jediré a 7 quilômetros e meio, e 8 e meio, respectivamente, ao norte, e a oeste de Zorá e Estaol, v. 33.

2. Nome de uma aldeia de Benjamim, comp. 1 Cr 12. 4. Conder dá as ruínas de Jediré a 11 quilômetros a noroeste de Jerusalém, como sendo o seu antigo local.

GEDERITA

Homem de Geder, 1 Cr 27. 28; comp. Js 15. 36.

GEDEROTAIM, *Dois apriscos.*

Nome de uma cidade dentro do território de Judá. Não há dela outra notícia. Os Setenta dão este nome como sendo um nome comum e traduzem-no — apriscos de gado, Js 15. 36. Esta tradução como nome comum é favorecida pelo fato de só haver catorze nomes de cidades na lista referida. Ainda assim, não se deve eliminar de vez este vocábulo.

GEDEROTE, *Aprisco.*

Nome de uma cidade na parte baixa de Judá, Js 15. 41. No reinado de Acaz foi tomada pelos filisteus, 2 Cr 28. 18. A sua localização, bem como a de Gederá, é dada em Catrá que em 1 Mac 15. 39 se chama Cedrom, na planície marítima a 7 quilômetros e meio a sudoeste de Acarom.

GEDOR, *Muro, fortaleza.*

1. Nome de um filho de Jeiel, e irmão de Ner, antecessor de Saul, 1 Cr 8. 30, 31; 9. 35-37.

2. Nome de uma cidade da parte serrana de Judá, Js 15. 58; 1 Cr 4. 4-18. O seu antigo local é ocupado pelas ruínas de Jedur a 14 quilômetros a noroeste de Hebrom.

3. Nome de uma cidade do território de Simeão não distante do limite sudoeste da Palestina, 1 Cr 4. 39.

4. Nome de uma aldeia da tribo de Benjamim, 1 Cr 12. 7.

GELILOTE, *Círculos, regiões.*

Parece ser o mesmo lugar que tem o nome Gálgala, fronteira à subida do Adumim, comp. Js 15. 7; e 18. 17, 18.

GEMALI, *Que possui ou monta camelos.*

Nome do pai do espião Amiel, Nm 13. 12.

GEMARIAS, *Jeová completou,* ou *aperfeiçoou.*

1. Nome de um filho de Helcias, um dos dois mensageiros enviados por Sedecias a Nabucodonosor. Jeremias aproveitou a oportunidade para mandar por eles uma carta aos cativos de Babilônia, Jr 29. 3.

2. Nome de um príncipe, filho de Safã, escriba, e irmão de Aicão. Ocupava um aposento no templo. Foi um dos que aconselharam o rei Joaquim a não queimar o livro de Jeremias, Jr 36. 10, 11, 12, 25.

GENEALOGIA

Processo que consiste em traçar a linha genealógica dos antecessores de uma família ou de um indivíduo. Os regulamentos da comunidade israelita, a este respeito, abrangiam larga esfera e compreendiam: a genealogia da realeza, da família sacerdotal, dos chefes das tribos, das famílias tribais e dos chefes das casas. Havia um conhecimento geral deste assunto desde o período mais remoto da história de Israel. A genealogia desenhava-se naturalmente desde a constituição das tribos, que se dividiam, nas linhas de seu desenvolvimento em grandes famílias, e estas, por sua vez, em famílias menores, com o nome de casas. Os que nasciam em uma das casas de Israel, entravam em relação social com diversas divisões da tribo, tão distintamente como o lugar do nascimento de uma pessoa, determina a classificação do indivíduo, de acordo com as divisões e subdivisões geográficas de um país. Existem, desde o princípio da nação judaica, registos muito exatos e definidos, Nm 1. 2, 18; 1 Cr 5. 7, 17. Nos tempos de Esdras, alguns dos filhos dos sacerdotes, procuraram os seus títulos nos registos genealógicos, porém não os acharam, e foram excluídos do sacerdócio, Ed 2. 61, 62; Ne 7. 63, 64. As genealogias intermináveis, contra as quais o apóstolo adverte a Timóteo e a Tito, parece que são as genealogias dos eões e de outras divindades imaginárias que os gnósticos discutiam na igreja, 1 Tm 1. 4; Tt 3. 9.

Os evangelhos contêm duas genealogias de Cristo, uma em S. Mateus e outra em S. Lucas. Mateus dá a genealogia na ordem direta, ou descendente, a começar em Abraão, Mt 1. 1-16, e Lucas, na ordem ascendente ou inversa, Lc 3. 23-38. A primeira tem como objetivo provar os direitos legais que Jesus tinha ao trono de Davi, e a participação no pacto de Abraão, Mt 1. 1. Lucas começa com o segundo Adão, o eterno e unigênito filho de Deus, e ascende ao primeiro Adão, o filho de Deus, por ele criado, Lc 3. 38. Parece que, para auxiliar a memória, ou o evangelista Mateus, ou o oficial do registo que lhe serviu de original, dividiu a genealogia em 42 gerações, 3 X 14 = 42, para o período decorrido entre Abraão e Jesus, a saber: catorze gerações de Abraão a Davi; catorze gerações, desde Davi até o cativeiro de Babilônia, e catorze gerações mais, desde o cativeiro da Babilônia, até Jesus Cristo. Para operar esta divisão artificial, omitiram-se os nomes de Ocozias, Joaz e Amasias, entre os nomes de Jorão e Azarias, na segunda geração. Encontram-se omissões semelhantes na terceira ge-

ração. Em S. Lucas, há quarenta e um nomes na linha descendente de Davi até Jesus, contra vinte e oito, ou trinta e um, com os três nomes que faltam em S. Mateus. Se o Salatiel e o Zorobabel mencionados neste evangelho forem os mesmos de S. Lucas, a dificuldade cresce, porque em S. Mateus, o Salatiel é filho de Jeconias e em S. Lucas é filho de Neri. Realmente, as duas linhas genealógicas de Davi a Jesus diferem nos dois evangelistas: uma linha passa por Salomão e outra por seu irmão Natã. Pondo em paralelo as duas linhas, na ordem direta, de Davi a Jesus, pode-se bem notar estas diferenças, como segue:

S. Mateus:	S. Lucas:
Davi	Davi
Salomão	Natã
	Matatá
Roboão	Mená
Abias	Meleá
Asa	Eliaquim
	Jonã
Josafá	José
Jorão	Judá
	Simeão
	Levi
	Matã
Ozias	Jorim
Joatão	Eliézer
Acaz	Josué
Ezequias	Er
Manassés	Elmadã
Amom	Cosã
Josias	Adi
Jeconias	Melqui
	Neri
Salatiel	Salatiel
Zorobabel	Zorobabel
	Resá
	Joanã
Abiúde	Jodá
	José
	Semei
Eliaquim	Matatias
	Máate
Azor	Nagai
	Esli
Sadoque	Naum
	Amós
Aquim	Matatias
	José
Eliúde	Janai
	Melqui
Eleazar	Levi
Matã	Matã
Jacó	Heli
José, esposo de Maria	José, esposo de Maria

É possível oferecer duas explicações a estas divergências.

1. A igreja primitiva explicava ambas as tabelas com referências à genealogia de José. Júlio Africano (220), primeiro investigador do assunto, adotou a teoria que os avós de José nas duas genealogias, Melqui e Matã, se casaram sucessivamente com a mesma mulher, e por conseguinte, Heli e Jacó eram meio irmãos, filhos da mesma mãe e de pais diferentes. Heli casou-se e morreu sem deixar filhos; e Jacó, de acordo com a lei do levirato, Dt 25. 6, tomou a viúva de seu irmão e deu-lhe sucessor na pessoa de José. Por isso, S. Mateus diz: Matã gerou a Jacó, e Jacó gerou a José; e S. Lucas diz: José, filho de Heli, filho de Matã. A solução mais pronta do problema sobre as linhas genealógicas desta teoria, é que a tabela de S. Mateus contém os nomes dos sucessores legais ao trono de Davi, enquanto que a de S. Lucas dá os nomes dos antecessores paternos de José. A linha de Salomão extinguiu-se em Jeconias, conhecido pelo nome de Joaquim; de modo que a sucessão passou sobre a linha colateral de Davi que vai aparecer em Natã, seu filho. O representante desta linha é Salatiel. Por breve espaço, a linha natural da descendência de José, da casa de Davi, é paralela em ambos os evangelhos; porém, em Zorobabel, elas se afastam. A família do filho mais velho, com direito ao trono, extinguiu-se, e os descendentes do mais moço, herdaram esse direito. Matã que figura nesta linha, e que alguns dizem ser o mesmo Matã, parece que é o herdeiro direto. Supõe-se que teve dois filhos, Jacó e Heli. Jacó, o mais velho, não teve filhos, mas provavelmente, teve uma filha, que foi a Virgem Maria. Heli, o mais moço, foi pai de José; este, uma vez que seu tio Jacó não teve descendente masculino, tornou-se herdeiro do tio, e, portanto, com direito ao trono. A larga terminologia genealógica, autoriza S. Mateus a dizer: Jacó gerou a José, e a S. Lucas, a escrever: José filho de Heli.

2. Desde os tempos da reforma que uma nova concepção das duas genealogias tem ganho terreno e que provavelmente é a mais correta. Segundo ela, a genealogia de José, em S. Mateus, acompanha a linha da descendência real com direito ao trono de Davi; ao passo que S. Lucas dá a genealogia da Virgem Maria, para provar que Jesus é mesmo filho de Davi. Com a expressa declaração de S. Lucas de que Jesus não teve pai de origem humana, segundo o emprego ordinário da palavra filho, entre os hebreus, com referência a ascendentes remotos, e sob a autoridade do texto grego, os que advogam esta teoria, traduzem o v. 23 do capítulo 3 de S. Lucas, do seguinte modo: "E o mesmo Jesus começava a ser quase de trinta anos, filho, como se julgava, de José, que o foi de Heli, etc. Segundo S. Lucas, Jesus era neto de Heli, pai da Virgem Maria, e, portanto, descendente linear do rei Davi. Existe ainda uma dificuldade peculiar a esta teoria, e que também existe na teoria anterior, e vem a ser que S. Mateus diz que Salatiel foi gerado por Jeconias, e S. Lucas o dá como filho de Neri. Talvez que a solução mais simples, seja a seguinte: Jeconias que esteve alguns anos no cativeiro, parece ter sido o rei sobrevivente de Judá, no ano 562, vinte e cinco anos depois da queda de Jerusalém, 2 Rs 25. 27, e não tinha filhos, quando foi para o cativeiro, no ano 598 A. C. Era relativamente moço, e não se faz menção de filhos seus na enumeração da família, 2 Rs 24. 8, 12, 15. Jeremias vaticinou que nenhum dos filhos de Jeconias ocuparia o trono, Jr 22. 30; comp. com o que se diz de seu pai no cap. 36. 30. Na genealogia de S. Mateus, diz ele: Depois da transmigração de Babilônia, Jeconias gerou a Salatiel. Todas as referências das Escrituras se harmonizam, e as duas genealogias se harmonizam também, se tomarmos em conta a extensão dos termos empregados, referentes aos herdeiros do trono de Davi. Pela morte de Jeconias, os direitos passaram para Salatiel, que era descendente em linha reta de Davi. É provável existir linhagem real entre Jeconias e Salatiel. Se Jeconias não teve filho que o sucedesse, e somente uma filha, a herança passava para seus filhos segundo a lei, Nm 27. 8-11. A fraseologia genealógica explica-se, admitindo que Neri se casou com a filha de Jeconias e gerou a Salatiel. A linhagem deste Salatiel era computada, segundo o uso, pelos ascendentes de seu pai até Natã e Davi; porém, os seus direitos ao trono, se computavam pela linha do avô materno, que era Jeconias, até Salomão e Davi.

Em 1 Cr 3. 17, constam os nomes de Asir, Salatiel, Malquirão, etc. como filhos de Jeconias. O epíteto filho, ou "seu filho" é peculiar a Salatiel e necessário para designar um indivíduo que pertencia a um grupo já conhecido pelo nome de filhos de Jeconias. O nome filho, aplicado a Salatiel, vinha a ser o título que o habilitava à posse do trono. Podia ser chamado seu filho, ou seu neto, como se deu com Abiezer, filho da irmã de Galaade, filho de Manassés, que é contado entre os filhos de Manassés e entre os filhos de Galaade, 1 Cr 7. 14-18; Nm 24. 30. As tábuas genealógicas dos hebreus diferem dos modernos métodos, em princípios de construção.

1. Os hebreus davam preferência, em muitos casos, à simetria de nomes, em prejuízo de uma linha ininterrupta de pai a filho. Resulta daí a omissão de nomes, deixando incompleta a linha genealógica. Na genealogia de Adão até Noé há falta de dez nomes, e o mesmo se dá entre Sem e Abraão. Faltam os nomes dos setenta filhos de Noé e das setenta almas da casa de Jacó que entraram no Egito, Gn 46. 27. Vide *Egito III*, 1.

2. As listas genealógicas podem referir-se à tribo e não a indivíduos, de modo que a palavra *filho*, pode designar o habitante de um país, Gn 10. 2-4, 6, 7, 22, um povo, ou uma tribo, Gn 10. 4, 13, 16-18. As palavras terminadas em *im* nestas passagens são adjetivos de origem gentílica usadas no plural, ou mesmo os habitantes de uma cidade, Gn 10. 15, e raras vezes se empregam designando filiação pessoal. Iguais fenômenos se notam em outros lugares, Gn 25. 2-4; 1 Cr 2. 50-55. Vide *Filho*.

3. As palavras *nascer* ou *gerar*, bem como a palavra *pai*, empregam-se com certa largueza de sentido, em Gn 46. 12, 15, 18, 25, referindo-se a netos, bisnetos e tataranetos, e também à origem de países, Gn 25. 2, 3.

GENERAL, CAPITÃES, TRIBUNOS, CENTURIÕES

Nome de posto militar, tradução da palavra hebraica *Sar*, no Antigo Testamento. Designa um oficial que tem o comando geral de um exército, Gn 20. 22; Jz 4. 2; 1 Sm 14. 50; 2 Sm 10. 16, ou o comando de uma divisão, 2 Sm 8. 2, 5; ou parte de uma divisão, 1 Rs 16. 9, ou de um oficial sobre 1.000, 100 ou 50 homens, Nm 31. 14, 48; 1 Sm 8. 12; 17. 18; 18. 13; 22. 7; 2 Sm 18. 1; 2 Rs 1. 9; Is 3. 3, ou o comandante da guarda do rei, Gn 37. 36; 2 Rs 25. 8; Dn 2. 14, onde a palavra original é *Rab*; ou oficial de um posto de sentinelas, Jr 37. 13, em Hebr. *Baal*. A palavra príncipe no cap. 2 de Nm é a tradução do vocábulo *Nasi*, e refere-se a um príncipe da tribo. *Nasis*, traduzido também por príncipe em três lugares, Js 10. 24; Jz 11. 6, 11, refere-se ao comandante do exército, e designa em geral os governadores civis, incluindo funções judiciárias, Is 1. 10; 3. 6, 7; Mq 3. 1, 9; Pv 6. 7; 25. 15.

Em o Novo Testamento, a palavra *tribuno* era o nome dos *quiliarcos*, termo que originariamente se dava ao comandante de 1.000 homens, e que se estendia ao comandante de uma guarnição, equivalente ao tribuno do exército romano, Jo 18. 12; comandava uma legião e era superior a um centurião, At 21. 31, 32; 22. 25. O capitão das guardas em Roma, At 28. 16, era *stratopedarcho*, ou comandante de uma legião, neste particular, o chefe da legião ou da guarda pretoriana. O capitão do Templo não era oficial militar, e sim um sacerdote, comandante dos levitas que vigiavam o Templo, At 4. 1; 5. 24, 26; Ant. 20. 8, 2; Guer. 2. 12, 6; 6. 5, 3. Este oficial tinha autoridade sobre outros das diversas divisões das guardas, Lc 22. 4, 52.

GENESARÉ, *Jardim de Hazor*.

Região adjacente ao lago de Genesaré, do lado ocidental, Mt 14. 34; Mc 6. 53, planície fértil, descrita por Josefo, medindo 30 estádios de comprimento por 20 de largura (6.000 X 4.000 met.²), regada por uma fonte chamada Cafarnaum, e produzindo nozes, palmeiras, figueiras, oliveiras e uvas, Guerras 3. 8, 10. É quase certo que esta planície é a que hoje se chama *el-Ghuweir*, compreendida entre a praia e o norte de Magdala. Lago de Genesaré, Lc 5. 1; Antig. 5. 1, 22; 18. 2, 1, 3, ou Genesar (Guerras 2. 20, 6), ou água de Genesaré ou Genesar, 1 Mac 11. 67; Antig. 11. 5, 7, eram nomes comuns ao mar de Galiléia.

GÊNESIS (Do grego *genesis*, origem).

Nome que os Setenta deram ao primeiro livro do Antigo Testamento, que os hebreus chamavam *Bereshith*, que significa "no princípio", palavras iniciais do livro. Divide-se naturalmente em três secções. Primeira: História do universo em suas relações com a Divindade, e introdução à história da humanidade, caps. 1 e 2 até ao v. 3. Segunda: Esboço da história da humanidade, antes de Abraão, expondo as relações entre Deus e a raça humana, e a introdução à história do povo escolhido, cap. 2. 4 até ao cap. 11. 26. E terceira: A história do povo escolhido até a sua entrada no Egito, 11. 27, até ao cap. 50.

A segunda secção inclui a criação do homem e a sua condição original, 2. 4-25; a queda, cap.

Planície de Genesaré

3; progresso do mal, 4. 1-15; a raça humana, 16-24; a raça dos fiéis, 25 ao cap. 5. 32; aumento da perversidade, 6. 18; o dilúvio, 6. 9 até cap. 9. 17; novo povoamento da terra, 9. 18 até cap. 10. 32; construção da torre de Babel, 11. 1-9; e germens da raça semítica, 11. 10-26.

A terceira secção compreende a história primitiva de Abraão, a sua vocação e estada em Canaã, 19. 27 até cap. 25. 10; a vida de Isaque desde a morte de seu pai, até a partida de Jacó para a Mesopotâmia, 25. 11 até cap. 27. 40; vida de Jacó, desde a sua partida para a Mesopotamia até a morte de Isaque, 27. 41 até cap. 35. 29; a descendência de Esaú, cap. 36; história primitiva de José, até ser vendido para o Egito, cap. 37; o pecado e vergonha, de Judá, cap. 38. José no Egito, caps. 39 a 45; entrada de Jacó no Egito com toda a sua família, caps. 46-49, e morte de José, cap. 50. O autor do livro dividiu a sua obra em dez secções, começando cada uma pela fórmula: "Estas são as gerações de..." ou palavras equivalentes, 2. 4; 5. 1; 6. 9; 10. 1; 11. 27; 25. 12, 19; 36. 1; 37. 2. Vide *Pentateuco*.

GENTIOS

Nome que designava todas as nações, afora a nação judaica, Is 49. 6; Rm 2. 14; 3. 29. Os judeus eram o povo escolhido por Deus; tinham uma religião sublime, cuja verdade contrastava com as falsidades das religiões dos gentios; leis sábias que impediam a corrupção dos costumes e a alteração das práticas religiosas, em contacto com o paganismo. Tudo isto levou o povo judeu a desprezar injustamente os gentios. A sua escolha tinha um fim, que era servir de luz para os gentios, Is 49. 1-6. Os gentios também estavam incluídos na promessa, Is 2. 2-4; Am 9. 12; Zc 9 7. A atitude dos hebreus faz lembrar a conduta dos brâmanes indianos que não queriam comer junto com os seus patrícios de classe inferior na sociedade, e ainda muito menos com aqueles que eram desclassificados, ou com os estrangeiros. O apóstolo S. Pedro, instruído pela visão de Jope, rompeu com estas restrições, foi visitar Cornélio que era gentio e comeu com ele, o que deu motivo a que os cristãos convertidos do Judaismo se escandalizassem, At 10. 28; 11. 3; e quando S. Paulo, em pé nos degraus da Torre Antonia, declarou que Deus o havia comissionado para pregar aos gentios, os judeus, ao ouvirem estas palavras, levantaram então a sua voz, dizendo: "Tira do mundo a tal homem porque não é justo que ele viva" 22. 21, 22. As igrejas primitivas compunham-se em grande parte de gentios. O primeiro concílio de Jerusalém resolveu não lhes impor a observância dos ritos judaicos, At 15. 1-29.

GENUBATE, *Ladrão*.

Nome de um filho do príncipe adomita Adade, e de sua mulher Táfnes, irmã da mulher do rei Faraó. 1 Rs 11. 20.

GERA, *Grão*.

1. Nome de um dos filhos de Bela e neto de Benjamim, Gn 46. 21 1 Cr 8. 3.

2. Nome de outro descendente de Bela, 1 Cr 8. 3.

3. Nome de um benjamita, pai de Eúde, Jz 3. 15.

4. Nome de outro benjamita, pai daquele Semei que amaldiçoou a Davi, 2 Sm 16. 5. Estes dois últimos representam os fundadores da família a que pertenciam Eúde e Semei, e são identificados com os netos de Benjamim.

GERAÇÃO

1. Nome que se dá a uma pessoa ou cousa, gerada ou produzida, Gn 2. 4; 5. 1. Em hebraico *Teledoth*, palavra que não tem singular.

2. Nome de cada uma das sucessões de pessoas, procedentes de um tronco comum, Gn 1. 3; Êx 20. 5; Dt 23. 2. Em hebraico, o nome é representado por uma modificação numeral correspondente, ou pela palavra *Dor*, com um número ordinal.

3. Duração de uma coletividade contemporânea, não na acepção moderna da palavra, significando o período da existência de todos que sobrevivem ao período infantil; e sim, o período médio da existência de qualquer coletividade contemporânea determinado pelo curso normal da vida. As gerações duram enquanto vive um de seus membros, Êx 1. 6; Nm 32. 13; Jz 2. 10; Ec 2. 4.

GERAR, *Cantaro*.

Nome de uma antiga cidade ao sul da Palestina, perto de Gaza, Gn 10. 19; 2 Cr 14. 13, 14. 13, 14.

Seu domínio estendia-se até Cades e Sur, 20. 1-9, com 26. 6, 17, 18. Costumam identificá-la com as ruínas *Um-Jerrar*, 10 quilômetros ao sul de Gaza, sobre o *wady Ghuzzeh*. Outro local, a 92 quilômetros para o sul, nas vizinhanças imediatas de Cades, também é apontado como tal, com menor probabilidade, é o *wady Jerur*, ramo do *wady esh-Sheraif* que se escoa no *wady el-Arish*. Deste modo se pode avaliar a extensão do terreno subordinado a Gerar.

GERASENOS, GADARENOS

1. Nome dos naturais, ou habitantes de Gadara, que Josefo diz ser a metrópole de Peréia, cidade grega, opulenta e rica, Guerras 4. 7, 3; Ant. 17. 11, 4. Eusébio diz que ela estava situada ao oriente do Jordão, quase defronte de Tiberíades e de Citópolis. Foi identificada com *Um-Keis*, sobre o escarpado promontório que fica a 10 quilômetros a sudeste, desde o lado sul do mar de Galiléia, bem à vista deste mar, entre o rio *Yarmuk*, que lhe fica fronteiro. As ruínas mais imponentes são as de dois teatros. As termas de Gadara ficam ao norte do rio, e *Um-Keis* fica ao sul. Gadarenos é o vocábulo preferido pelos críticos em Mt 8. 28, comp. Mc 5. 1; Lc 8. 26, 37. Havia um distrito político, ao oriente do Jordão, com este nome, cuja capital era Gadara, estendendo-se até as praias sul do Mar de Galiléia, Guerras 3. 10, 10. A referência que faz o evangelista S. Mateus ao país dos gerasenos, tem um sentido mais lato, compreendendo todo o território além da capital.

2. Povo de Gerasa, Mc 5. 1; Lc 8. 26, 37. Os manuscritos variam, dando diversos nomes, tais como: gerasenos, gadarenos, e gergesenos. Gerasa parece perpetuar-se nas ruínas de *Kersa*, situada na praia ocidental do Mar de Galiléia, defronte de Magdala, distante 8 quilômetros da foz do Jordão no Lago. A curta distância, ao sul deste lugar, está o único lugar da costa onde os outeiros alcantilados se mergulham nas águas, descendo a pique sobre elas, Lc 8. 32. Uma das cidades com o nome Gersa, hoje *Jersh*, situada na região de Decápolis, não se deve confundir com as ruínas de *Kersa*, por não condizerem às condições de sua situação topográfica, que é a 70 quilômetros a sudeste do Mar de Galiléia e a 59 a sudeste de Gadara.

3. Povo de Gergesa, Mt 8. 28, onde se lê gerasenos na versão do Padre Pereira. Quem introduziu a palavra gergesenos no texto, foi Orígenes, segundo dizem, sob o pretexto de que Gadara estava muito distante do Lago, e porque o povo do lugar afirmava que ali, perto do mar, existia uma antiga cidade com o nome de Gergesa, perto do despenhadeiro, por onde desceram os porcos. É possível que as ruínas de *Kersa* estejam neste lugar.

GERIZIM (Prural de *Gerezzi*).

Montanha rochosa e escarpada, servindo de limite sul do vale, onde está situada Nablus, a antiga Siquém, fronteando o Monte Ebal, superior em altitude, no lado sententrional do mesmo vale. O Monte Gerizim eleva-se a 940 metros acima do Mediterrâneo e 231 acima da cidade. Quan-

do os israelitas conquistaram a Palestina Central, Josué efetuou as instruções dadas a Moisés, e colocou metade das tribos defronte do Monte Gerizim para pronunciarem as bênçãos, e a outra metade, sobre o Monte Ebal, para proferirem as maldições, Dt 11. 29; 27. 12, 13; Js 8. 33-35. Jotão, filho de Gideão, em pé no monte Gerizim, pronunciou a sua parábola aos homens de Siquém, Jz 9. 7. Conta Josefo, Antig. 11. 8, 2, 7, que Manassés, irmão do sumo sacerdote Jádua, do tempo de Alexandre, o Grande, casou com a filha de um estrangeiro, chamado Sanbalá. Os anciãos de Jerusalém ordenaram-lhe que se divorciasse dela, e no caso contrário, não mais poderia aproximar-se do altar. Manassés pensou em divorciar-se, mas o amor que o prendia era forte. Sanbalá prometeu a seu genro Manassés edificar um templo rival ao templo de Jerusalém se ele conservasse a sua esposa; e cumpriu a palavra, erguendo um templo sobre o monte Gerizim. Foi esta a origem do templo samaritano, sobre aquela montanha, que deve datar do ano 330 A. C. Se este Sanbalá é o samaritano, do mesmo nome, que se opôs aos judeus, no tempo de Neemias, pelo ano 445 A. C., ou se é o oficial enviado por Dario Codomano, Antig. 11. 7, 2; 12. 5, 5, o templo deveria ter sido construído muito antes de 330, talvez no ano 380. Foi destruído por João Hircano no ano 129 A. C. A construção daquele edifício converteu o monte Cerizim em lugar sagrado. Foi a ele que a mulher samaritana e Jesus se referiram, Jo 4. 20, 21; comp. Antig. 12. 1. O poço de Jacó que serviu de assunto ao diálogo entre Jesus e a mulher, ficava no sopé do monte Gerizim que hoje se chama *Jebel el-Tôr*, alto tabuleiro que se estende para o oriente e sudeste de Nablus. Desde os dias de Benjamim de Tudela, rabino que viajou na Palestina pelo ano 1160 da nossa era, notou-se que o monte Gerizim onde foram pronunciadas as bênçãos pelas tribos no tempo de Josué, era fértil, ao passo que o monte Ebal, onde foram pronunciadas as maldições, era estéril. Porém, excetuando uma pequena ravina que desce o Gerizim perto de Nablus, ambos os montes são igualmente estéreis.

GÉRSON. Muitas vezes dão a este nome a significação de "estrangeiro ali", porém a vocalização e a forma variante deste nome com os seus patronímicos, mostram que os hebreus não lhes davam a mesma significação; tem antes, o sentido de "banimento", Êx 2. 22.

1. Nome de um dos filhos de Levi, 1 Cr 6. 16, 17, 20, 43, 62, 71.

2. Nome do filho mais velho de Moisés que lhe nasceu em Midiã, Êx 2. 22; 18. 3. Deu origem a uma família, contada entre os levitas, 1 Cr 23. 14-16.

3. Nome de um descendente de Finéias, sacerdote e chefe de uma família, no tempo de Esdras, Ed 8. 2.

4. Nome de um filho de Levi e fundador da família dos gersonitas, Gn 46. 11; Êx 6. 16; Nm 3. 17. Os seus dois filhos, Libni e Simei, originaram as duas grandes subdivisões da grande família tribal, Êx 6. 17; Nm 3. 18; 1 Cr 6. 17.

GERSONITAS

Filhos e descendentes de Gérson, que constituíram uma das três grandes divisões do corpo levítico. No deserto, tomaram posição ao lado ocidental do tabernáculo para guardá-lo e cuidar da sua coberta, Nm 3. 23-26; 4. 21-28. Para ajudá-los no transporte do tabernáculo, tinham dois carros e quatro bois, Nm 7. 7. Formavam duas famílias, a dos libnitas e a dos semeítas que contavam 7. 500 homens no primeiro recenceamento do deserto, Nm 3. 21, 22. Foram-lhes distribuídas treze cidades, duas da meia tribo de Manassés além do Jordão, quatro de Issacar, quatro de Aser e três de Naftali, Js 21. 27-33. Foram reorganizados por Davi, 1 Cr 23. 7-11.

GERUTE-QUIMÃ, *Alojamento de Quimã.*

Provavelmente um *khan*, ou lugar de pouso, Jr 41. 17.

GESÁ

Nome de um homem de Judá, filho de Jaadai, 1 Cr 2. 47.

GESEM, *Chuva.*

Nome de um dos grandes adversários dos judeus que voltaram do cativeiro. Ridicularizou o plano de Neemias de reconstruir os muros de Jerusalém, atribuindo a esta obra indício de novas rebeliões, Ne 2. 19. Não conseguindo atemorizar os judeus, por êstes meios, uniu-se a outros inimigos para, traiçoeiramente, assassinarem a Neemias. Falhando este novo plano, fez circular em toda a parte que Neemias estava se preparando para nova rebelião contra a Pérsia, para proclamar-se rei, Ne 6. 1 e seguintes.

GESSURITAS

1. Povo de Gessuri, Dt 3. 14; Js 12. 5; 13. 11, 13.

2. Nome de um povo que ocupava, em tempos remotos, o sul da Filístia, em direção ao Egito, Js 13. 2; 1 Sm 27. 8.

GESUR, *Ponte.*

1. Nome de um distrito entre o Hermom e Basã em direção a Argobe, Dt 3. 14; Js 12. 5; 13. 11; 1 Cr 11. 23. Evidentemente, estava situado ao nascente de Maaca, nos limites de Naftali, e constituia um reino, 2 Sm 13. 37; 15. 8, onde Davi casou com Maaca, filha do rei e para onde se refugiou Absalão depois de haver assassinado Amom, 2 Sm 3. 3; 13. 37.

2. Nome de um povo estabelecido ao sul da Filístia, que aparece em conjunto com os amalecitas, 1 Sm 27. 8.

GETER

Nome de uma família da Armênia, Gn 10. 23; 1 Cr 1. 17. Ignora-se o lugar de seu estabelecimento.

GETEUS, *De Gete.*

Natural de Gete, ou habitante de Gete, 2 Sm 6. 10, 11; 15. 18; 19. 22.

GETSÊMANI, *Lagar de azeite.*

Nome de um jardim, que se presume ser o jardim das oliveiras, onde existia um lagar para extrair o óleo das azeitonas. Estava situado ao nascente de Jerusalém, um pouco além do ribeiro de Cedrom e perto, ou junto ao monte das Oliveiras, Mt 26. 30, 36; Mc 14. 26, 32; Jo 18. 1. Era um local favorito para onde Jesus se retirava freqüentemente, Lc 22. 39; Jo 18. 2, e para sempre notável e sagrado, por ser ali o cenário da agonia de Jesus e onde Judas o traiu, entregando-o às mãos de seus implacáveis inimigos, Mt 26. 36-56; Mc 14. 32-52; Lc 22. 39-53; Jo 18. 1-12. O Getsêmani, segundo a tradição, deve estar situado um pouco ao oriente da ponte por onde passa a estrada que vem da porta de Santo Estêvão e que atravessa o Cedrom. O jardim está situado em um ângulo, formado pela bifurcação da estrada, que se devide ali, tomando duas direções, uma diretamente para o monte das Oliveiras, e a outra, circulando suavemente o dorso do monte. O jardim é quase quadrado e protegido por um muro, recentemente construído pelos latinos. O lado do norte tem 49 metros e meio, e o lado do poente, 52 metros e oitenta centímetros de comprimento. Existem dentro dele oito veneráveis oliveiras do tempo da ocupação de Jerusalém pelos árabes no século sétimo; e muitas outras oliveiras, igualmente velhas, existem espalhadas pela encosta do monte. Não se pode dizer que estas árvores fossem testemunhas da agonia de Jesus, porque, durante o cerco de Jerusalém, pelo exército de Tito, todas as árvores em roda da cidade, foram abatidas, Guerras 5. 12, 4. Ro-

Getsêmani

binson julga que o local é o mesmo descrito por Euzébio que o dá no monte das Oliveiras; e mais tarde, S. Jerônimo o assinala na base do monte, ainda que em dúvida, se era ou não o verdadeiro Getsêmani. Thomsom acha que o jardim deveria estar muito perto da cidade e junto à grande via, do lado do oriente, por onde Jesus deveria ter passado, naquela noite triste e angustiosa. Pensa também que o Getsêmani deveria estar em um vale retirado, distante umas centenas de metros a nordeste do local que a tradição aponta. Barclay é de parecer que o muro que cerca o atual jardim não pode compreender senão uma parte do terreno primitivo que deveria ocupar o lado superior do vale. Os gregos fecharam, ultimamente, um pedaço de terreno, adjunto pelo lado do oriente, na encosta do monte, considerado por eles como sendo o verdadeiro jardim.

GEZER, *Lugar separado.*

Nome de uma antiga cidade dos cananeus, perto de Laquis e do baixo Bete-Horom, Js 10.33, situada nos limites de Efraim, 16. 3; comp. 1 Cr 7. 28, e que foi destinada, juntamente com os seus subúrbios, aos levitas, filhos de Coate, Js 22. 21; 1 Cr 6. 67. Os filhos de Efraim não exterminaram dela os cananeus, e por algum tempo conviveram com eles na mesma cidade, Js 16. 10; Jz 1. 29. Mais de uma batalha se travou, no tempo de Davi, perto desta cidade, 2 Sm 5. 25; 1 Cr 14. 16; 20. 4. Um dos faraós tomou Gezer aos cananeus, que a incendiou, e deu em dote a sua filha por ocasião do casamento com Salomão. A cidade foi prontamente reconstruida, e representou importante papel no tempo das guerras com os Macabeus, 1 Mac 9. 52. Baquides reforçou-lhe as fortificações. Simão Macabeu sitiou-a e apoderou-se dela, convertendo-a em praça ainda mais forte que antes. 1 Mac 9. 4 , 53; 14. 34.

M. Clemont Ganneau, de acordo com antigas inscrições, determinou o local de sua existência. Uma destas inscrições é dos tempos dos Herodes, e dá os limites da cidade e o nome dela em letras hebraicas. Hoje tem o nome de *Tell Jezar*, situada a 33 quilômetros a noroeste de Jerusalém e a 9 ao oriente de Acarom.

GIA, *Broto.*

Nome de uma aldeia situada entre Gibeom e o vau do Jordão, perto de Jaboque, 2 Sm 2. 24, 16, 29.

GIBAR, *Herói.*

Nome de um homem, cujos filhos voltaram do cativeiro de Babilônia. Também pode ser nome de lugar e dos habitantes dele que voltaram com Zorobabel. Ed 2. 20. Na passagem paralela de Ne 7. 25, diz-se filhos de Gabaom em vez de Gibar.

GIBEÁ, *Monte.*

1. É provável que seja o nome de uma aldeia, 1 Cr 2. 49.

2. Nome de uma aldeia, situada na parte montanhosa de Judá, Js 15. 57, ao sul, ou sudeste de Hebrom.

3. Nome de uma cidade de Benjamim, perto de Ramá, Jz 19. 13, 14, também denominada Geba, masculino da mesma palavra. É conhecida por Gibeá de Benjamim, 1 Sm 13. 2, e Gibeá dos filhos de Benjamim, 2 Sm 23. 29; parece ser a mesma Gibeá, onde esteve Saul, 1 Sm 11. 4; 2 Sm 21. 6; Is 20. 29. Os habitantes desta cidade, por causa de um ato de revoltante maldade, atraíram sobre si e sobre toda a tribo, um tremendo castigo, Jz caps. 19 e 20. Era residência de Saul, quando escolhido rei, 1 Sm 10. 26, e ali continuou a residir, fazendo dela a capital de seu reino, 15. 34; 22. 6; 23. 19. Ainda existia nos tempos de Isaías e de Oséas, Is 10. 29; Os 9. 9; 10. 9. Estava situada entre Jerusalém e Ramá, Jz 19. 13; Antig. 5. 2, 8; comp. 8. 12, 3; Guerras 5. 2, 1. Tem sido identificada com *Tell el-Ful*, 4 quilômetros ao norte de Jerusalém, apesar de não se descobrirem ruínas antigas que atestem a sua existência neste lugar, a não ser os escombros de uma torre de vigia.

4. Nome de um monte, ou de uma cidade, existente na parte montanhosa da tribo de Efraim, pertencente a Finéias, onde o sumo sacerdote Eleazar, filho de Arão, foi sepultado, Js 24. 33; Antig. 5. 1, 29. O local assinalado são as ruínas de Jibia a uns 13 quilômetros a sudoeste de Seilum (Silo) e a uns 5 quilômetros ao oriente de Tibné. A tradição samaritana diz que o túmulo de Eleazar se encontra em *Awertah*, uns sete quilometros ao sul de Siquém.

5. Gábaa, ou Gibeá, *Outeiro de Deus*, 1 Sm 10. 5. E a mesma cidade de Saul, lugar de sua morada, vv. 11, 14. A razão deste nome está expressa no v. 5. Julga-se que *Ram Allah*, altura de Deus, situada a 6 quilômetros e meio ao norte de Ramá seja o seu antigo local, isto porém depende da identificação do túmulo de Raquel, comp. vv. 2-5, cap. 13. 3.

6. Nome de uma cidade de Benjamim, mencionada em imediata conexão com Jerusalém, Js 18. 28. Este nome é uma simples variante de Gábaa.

GIBEATITA

Natural ou habitante de Gibeá, 1 12. 3.

GIBEOM, *Que pertence a um monte.*

Cidade principal dos heveus, povo de Canaã, Js 11. 19, compreendido na designação geral de amorreus, 2 Sm 21. 2. Possuiam, além desta, as cidades de Cefira, Beerote e Quiriate-Jearim, Js 9. 17. Tentaram, por meios insidiosos, entrar em relações pacíficas com Josué, o que, sendo descoberto, redundou em ficarem escravos dos hebreus, cap. 9. 1-27. Estes respeitaram o tratado de aliança que eles haviam pedido, e os ajudaram na guerra contra os reis amorreus que foram completamente derrotados, cap. 10. Alguns séculos depois, Saul hostilizou os gabaonitas, e como satisfação à justiça, pediram a Davi a entrega de sete dos filhos de Saul, que foram por eles crucificados, 2 Sm 21. 1-9. A cidade de Gibeom ficava dentro dos limites da tribo de Benjamim, Js 18. 25, que, juntamente com os seus subúrbios, ficou pertencendo à família de Arão, 21. 17. Os antecessores de Saul residiram por algum tempo nesta cidade, onde exerceram larga influência, 1 Cr 8. 29; 9. 35. Deu-se ali um combate entre as forças de Davi e as de Isbosete, 2 Sm 2. 8-17, 24; 3.30, e no mesmo lugar, Davi ganhou uma vitória sobre os filisteus, 1 Cr 14. 15; 2 Sm 5. 25. Nas vizinhanças desta cidade, Joabe assassinou Amasa, 2 Sm 20. 8. No tempo do reinado de Davi, até os princípios do reinado de Salomão, lá esteve a arca e o altar dos sacrifícios. Ali também, o rei Salomão ofereceu sacrifícios ao Senhor e recebeu dele uma mensagem, 1 Rs 3. 4-15; 1 Cr 16. 39-40; 21. 29; 2 Cr 1. 3, 6, 13. Noventa e cinco dos filhos de Gibeom voltaram do exílio e auxiliaram a reconstrução dos muros de Jerusalém Ne 7. 25; 3. 7. Segundo Josefo, a cidade de Gibeom distava, desta cidade, cerca de 40 ou 50 estádios (8 a 10 quilômetros), Antig. 7. 11, 7; Guerras 2. 19-1. Estava localizada onde hoje se encontra a aldeia *el-Jib* a cerca de dez quilômetros ao noroeste de Jerusalém. Vê-se ali um monte de forma oblonga, no centro de uma bacia formada pela junção de diversos vales, onde existem grandes plantações. O monte é alcantilado, e formado por linhas horizontais de sedimentos calcáreos.

A aldeia está situada em largo planalto, ao lado norte da montanha, formada por umas 40 ou 50 casas de construção antiga. Ao sul da aldeia, e ao sopé da montanha, existe belíssima fonte que se despeja em um reservatório subterrâneo cortado na rocha. Não muito distante, no meio de um bosque de oliveiras, encontra-se outro reservatório descoberto, com a superfície de 20 por 12 metros, destinado a receber o excesso das águas do primeiro reservatório. Ao ocidente, outro tanque, cortado na rocha de 3, 63 por 2. 31 metros, chamado *el-Birkeh*, o poço. Na planície, forma-se durante a estação invernosa, um lindo tanque, com a superfície de 15 a 18 hectares, referido em 2 Sm 2. 13 e em Jr 41. 12. O deserto mencionado em 2 Sm 2. 24, é sem dúvida a parte não cultivada, entre Gibeom e Ramá, porque o deserto propriamente dito ficava muito distante daquela cidade, 2 Sm 2. 24.

Gibeom

GIBEONITAS

Nome dos habitantes de Gibeom, 2 Sm 21. 1-4, 9.

GIBETOM, *Altura cônica.*

Nome de uma cidade de Dã, Js 19. 44, destinada aos levitas da família de Coate, 21. 20-13. Os filisteus apoderaram-se dela. Nadabe foi ali assassinado quando a sitiava, 1 Rs 15. 27. A cidade foi novamente sitiada por Zambri antes de subir ao trono de Israel, 16. 15, 17.

GIBLEUS

Nome do povo da cidade e do reino de Gebal, Js 13. 5; 1 Rs 5. 18.

GIDALTI, *Eu engrandeci.*

Nome de um dos cantores, filho de Hemã, 1 Cr 25. 4, chefe da vigésima segunda companhia de doze músicos, das vinte e quatro, designadas por Davi para o serviço do santuário, v. 29.

GIDEÃO

Nome de um dos filhos de Joás, da família de Ezri, da tribo de Manassés, que habitava em Ofra, Jz 6. 11, divinamente designado para libertar os israelitas da tirania dos midianitas, invasores do país. Estando ele sacudindo e alimpando trigo para escondê-lo dos midianitas, apareceu-lhe um anjo do Senhor, que o saudou, encarregando-o da libertação de seu povo. O primeiro ato consistiu em derribar o altar de Baal em casa de seu pai e cortar o bosque que havia em torno dele. Irritados os adoradores de Baal, pediram a morte de Gideão. Joás respondeu-lhes: "Se Baal é deus, vingue-se a si mesmo de quem lhe destruiu o altar." A multidão apaziguou-se. O nome de Gideão foi mudado pelo de Jerobaal, que quer dizer "Baal que se vingue!" Gideão enviou mensageiros por toda a tribo de Manassés, de Aser, de Zebulom e de Naftali para combaterem contra Midiã, Jz 6. 35. Hesitante sobre o resultado de sua empresa, pediu a Deus a confirmação de ser ele o salvador de Israel, o que Deus fez pelo milagre do velo, vv. 36-40. Saindo para a campanha, reduziu o seu exército a 300 homens, para que a vitória fosse de Jeová e não dos homens. Atacou o campo dos midianitas durante a noite, acampados no vale de Jezrael ao lado do monte Moré. Na confusão da refrega, os midianitas mataram-se uns aos outros. Gideão enviou mensageiros a todo o monte de Efraim para que saíssem a encontrar-se com Midiã nos passos do Jordão e perseguissem os fugitivos que procurassem atravessar o rio, Jz 7. 1, 23. Na fuga, aprisionaram a Orebe e Zebe, cujas cabeças levaram a Gideão. Esta vitória foi celebrada pelo nome de "jornada de Midiã" e de "estrago de Midiã no penhasco de Orebe", Is 9. 4; 10. 26; Sl 3. 11. Libertada que foi a parte norte de Israel, pacificou os efraimitas, indignados por se julgarem desprezados por Gideão. Em seguida a estas vitórias, todos os filhos de Israel disseram a Gideão: "Se nosso príncipe, tu e teu filho e o filho de teu filho", honras que ele recusou, voltando para casa, Jz 8. 22, 29. Por um ato de pouco siso pediu para si as arrecadas da presa das quais mandou fazer um éfode. Se foi modelado pelo do sumo sacerdote, devia de ser muito rico, portanto este era feito de ouro com pedras preciosas engastadas em ouro. Gideão pô-lo na sua própria cidade, onde o anjo do Senhor lhe havia aparecido, e ali erigiu um altar e ofereceu um sacrifício, 6. 21-28; comp. Ex 20. 24-25. Estes altos privilégios induziram-no a pensar que o ofício de sacerdote lhe era destinado, e por isso mandou fazer o éfode, provavelmente com o Urim e Tumim, a fim de usá-lo em suas consultas ao Senhor. Tudo isto serviu de ruína para Gideão, para sua família e para o próprio povo de Israel, Jz 8. 24-27. Casou-se com várias mulheres e teve setenta filhos, além de Abimeleque, filho de uma concubina, o qual se fez rei depois da morte do pai. Gideão morreu em ditosa velhice, caps. 6 até 8; Hb 11. 32.

GIDEL, *Ele engrandeceu.*

1. Nome de um chefe da família dos natineus, Ed 2. 47; Ne 7. 49.

2. Nome do chefe de uma família dos servos de Salomão, Ed 2. 56; Ne 7. 58.

GIDEONI, *Cortado.*

Nome do pai de um príncipe da tribo de Benjamim nos tempos de Moisés, Nm 1. 11.

GIDOM, *Cortado.*

Nome de uma aldeia perto do rochedo de Rimom, Jz 20. 45.

GIGANTE

Homem de extraordinária estatura, como Ogue, rei de Basã, cujo sarcófago media nove côvados de comprido por quatro de largo, Dt 3. 11. Golias de Gate, que tinha seis côvados e um palmo de altura, 1 Sm 17. 4, e o egípcio que Banaias matou, também de cinco côvados de estatura, 1 Cr 11. 23. Uma raça de homens desta natureza fazia parte dos habitantes de Canaã, como os enacins, os emins, os zonzomins e outros povos do oriente do Jordão, Dt 1. 28; 2. 10, 11, 20, 21; 9. 2.

Quando os hebreus tomaram Hebrom, os enacins que dali escaparam, refugiaram-se nas cidades dos filisteus, 1 Sm 17. 4, 2 Sm 21. 15-22. Golias de Gate e Jesbibenobe, e outros filisteus de desmesurada altura, é possível que pertencessem à raça dos enacins refugiados. O vale dos Rafains, ou dos Gigantes perto de Jerusalém, fazia sempre lembrar a raça dos gigantes que outrora ali habitavam, Js 15. 8; 18. 16. A significação exata da palavra hebraica *nephilim*, que em Gn 6. 4 e Nm 13. 33, se traduz por gigantes, é incerta, e tanto pode referir-se à estatura dos homens, como à sua ferocidade; à degradação de seu caráter, como à ilegitimidade de seu nascimento. Na última passagem citada, se descrevem os enacins como homens de estatura extraordinária; e na primeira de Gn 6. 4, fala-se de homens possantes e afamados, tradução da palavra hebraica *Nephilim*. Do mesmo modo que se descrevem os homens valentes de Davi em 1 Cr 11. 10, 24.

GILALAI, *Pesado.*

Nome de um levita, músico, que tomou parte na dedicação do muro de Jerusalém, reconstruído por Neemias, Ne 12. 36.

GILBOA, *Fonte rumorosa.*

A montanha em que Saul enfrentou os filisteus e onde encontrou a morte, 1 Sm 28. 4; 31. 1, 8; 2 Sm 1. 6, 21; 21. 12; 1 Cr 10. 1, 8. É o contraforte oriental dos montes de Efraim, que verte para o vale do Jordão. O dorso da montanha estende-se na direção oeste-noroeste e este-sudeste, tendo quase 13 quilômetros de comprimento e 5 a 8 de largura, dividido em vários tabuleiros por meio de ravinas. O ponto mais elevado é em *Jebel Abu Madwar*, a 543 metros de altitude acima do nível do mar e 400 acima da planície de Esdraelom. Os desfiladeiros da parte ocidental são suaves, mas os da parte norte, são íngremes e escabrosos e em muitos lugares, verdadeiros precipícios. As encostas do nascente, que vertem para o vale do Jordão, também são alcantiladas, e em muitos lugares, verdadeiros abismos. Nos tabuleiros e nas encostas suaves da parte ocidental encontram-se plantações de trigo, cevada, de oliveiras, e de figos, e bem assim algumas pastagens. O resto é rocha nua com algumas manchas de ervas nativas. A aldeia Jelbom conserva a memória do nome Gilboa.

GILEADE, *Áspero, escabroso.*

1. Nome de um dos filhos de Maquir e neto de Manassés, fundador de uma família tribal, Nm 26. 29-30; Js 17. 1.

2. Nome do pai de Jefté, Jz 11. 1.

3. Nome de um gadita, 1 Cr 5. 14.

4. Nome do país montanhoso do oriente do Jordão, que se estende desde o tabuleiro de Moabe ao norte até *Yarmuk*, Dt 3. 16-17; 1 Sm 31. 11, e talvez até mais longe, uma vez que a aspereza do terreno continua inalterável até ao norte daquele rio. Divide-se em duas partes pelo Jaboque, Js 12. 2. A parte sul tocou em partilha à tribo de Gade, e a do norte foi incluída na parte que tocou à meia tribo de Manassés, Dt 3. 12, 13; Js 13. 24-31. Este nome ainda se perpetua em uma montanha ao sul do Jaboque, com a designação Jebel Jilade. A última entrevista de Labão e Jacó deu-se no monte de Gileade, Gn 31. 21. Era lugar muito próprio para criação de gado, 1 Cr 5. 9-10; Ct cap. 4. A vista de Gileade e a terra de Jazer (comp. 1 Cr 26. 31) levou os rubenitas e os gaditas, possuidores de grandes manadas

e rebanhos, a pedir a Moisés que se estabelecessem permanentemente na parte oriental do Jordão, ao que ele anuiu, mediante certas condições, Nm 32. 1-42; Js 13. 8-11. Nas terras de Gileade, encontrava-se o famoso bálsamo, referido em Jr 8. 22; comp. Gn 37. 25. Em sentido mais lato, a palavra Gileade incluía toda a região ao oriente do Jordão, Dt 34. 1; Js 22. 9; Jz 20. 1; 2 Sm 2. 9; 1 Mac 5. 17, 24-27; Antig. 12. 8, 3; 9. 8, 1.

5. Nome de uma montanha atestando com o vale de Jezrael, Jz 7. 3; comp. o v. 1 e cap. 6. 33. O nome Gileade pode ser tomado por Gelboé. Convém notar, porém, que a fonte que melhor corresponde à posição daquela em que beberam os homens de Gideão, e a montanha, donde ela brota, e o rio para onde correram os midianitas em fuga, são chamados, respectivamente, a fonte, a montanha e o rio Jalude, que em árabe é tradução de Golias.

Assim, pois, o nome Gileade se eterniza na fonte, na montanha e no rio, sob a forma corrupta de Jalude. Há, porém, mais forte evidência do que a que nos fornece este nome. Gileade fazia parte de Neftali, 2 Rs, 15. 29. Pode ser que o território desta tribo passasse para o oriente atravessando o Jordão, mas é de todo possível que Gileade fosse o nome de um distrito escabroso de Neftali, a oeste do Jordão; se assim for, está plenamente confirmada a exatidão do texto em Jz 7. 3.

6. Nome de uma cidade na região de Gileade, Os 6. 8; comp. 12. 11.

GILGAL, *Círculo.*

1. Nome do primeiro acampamento dos israelitas, depois de atravessarem o Jordão, e seu quartel-general enquanto durou a conquista de Canaã, Js 4. 19-24. A associação especial que eles tinham com este nome consistiu em se livrarem da acusação que sobre eles pesava de haverem negligenciado a ordenança da circuncisão, durante a viagem pelo deserto, Js 5. 7-9. O campo estendia-se entre o Jordão e Jericó. A seu lado erguia-se uma cidade, situada no limite norte de Judá, 15. 7, em cujas vizinhanças havia pedreiras, Jz 3. 19. Baseadas nestas duas passagens, algumas autoridades acreditam na existência de outra Gilgal, situada ao pé das montanhas. Não há certeza se esta cidade, ou outro lugar de nome semelhante, existia no circuito administrativo e judicial de Samuel, 1 Sm 7. 16, e onde Saul foi aclamado rei, terminada que foi a oposição feita à sua candidatura. Seja como for, foi em Gilgal do vale do Jordão que se fez a revista do povo que tinha de formar o exército libertador. Saul, encontrando dificuldades em conservar unidas e fortes as forças de seu exército, até a chegada de Samuel para oferecer o sacrifício, ele mesmo se apressou a fazê-lo, 1 Sm 13. 4, 7, 8; comp. 12, 15. Por causa deste ato de desobediência, Samuel anunciou-lhe a perda do reino, v. 13, 14. Segunda vez o rei Saul incorreu em outro ato de desobediência, poupando a vida de Agague, 15. 12, 21, 23, 24. Os representantes da tribo de Judá foram até Gilgal para receber o rei Davi e para o acompanharem na passagem do Jordão, depois da morte de Absalão, 2 Sm 19. 15-40. Como aconteceu a outros lugares sagrados, Gilgal veio a ser um foco de idolatria no tempo dos sucessores de Jeroboão, por cuja causa os profetas vaticinaram contra ela, Os 4. 15; 9. 15; 12. 11; Am 4. 4; 5. 5. É provável que a Gilgal referida em Ne 12. 29, seja a mesma do vale do Jordão, identificada com *Jiljulieh*, ruínas a 4 quilômetros ao oriente de Jericó.

2. Nome de uma aldeia donde Elias e Eliseu saíram em demanda de Betel, Dt 11. 30; 2 Rs 2. 1-4; 4. 38. Acredita-se que seja a atual aldeia de *Jiljilia*, situada no cimo de um alto monte, a 13 quilômetros a oeste de Betel.

3. Nome de uma cidade, associada com Dor e Tersa em Js 12. 23-24; provavelmente a atual *Jiljulieh* um pouco ao norte do ribeiro de Caná e a 9 quilômetros a nordeste de Antipatris.

GILO, *Exílio.*

Nome de uma aldeia da parte montanhosa de Judá, enumerada com outras povoações situadas ao sul de Hebrom, Js 15. 51.

GILONITA

Nativo ou habitante de Gilo, como foi Aquitofel, 2 Sm 15. 12; 23. 34.

GINÁSIO

Lugar público em Jerusalém para exercícios atléticos e para exposições, situado abaixo do claustro ocidental do templo, Guerra 4. 9, 12; 6. 3, 2; 6. 2. Havia ainda outro abaixo do palácio dos reis asmoneus, Antig. 20. 8, 11; Guerras 2. 16, 3, e mais outro, abaixo da cidadela, ou acrópole, 2 Mac 4. 12, 27, que não se deve confundir com a fortaleza síriaca chamada Acra construída mais tarde, 1 Mac 1. 33. Este último ginásio estava situado ao pé da casa do concílio, ao lado do primeiro muro, e ao fim de uma ponte que dava passagem do templo para o vale do Tiropeom, Guerras 5. 4, 2; comp. 6. 6, 2. Foi construído por judeus helenistas, sob a direção de Jasom e com licença de Antíoco Epifanes, 1 Mac 1. 10, 14; 2 Mac 4. 7 e seg. As feições essenciais a um ginásio eram:

1. Um átrio aberto para jôgo de soco, para lutas, para o jôgo de conca e para atirar o dardo, 2 Mac 4. 14, palestras, discos.

2. Estádio ou círculo para corridas a pé.

3. Uma coluna para recreio e para exercícios atléticos no inverno (Antig. e Guerras, passim xistos).

4. Tanque para banhos. O ginásio de Jerusalém foi condenado por judeus escrupulosos, porque dava lugar à prática de costumes pagãos, induzia a mocidade a usar o capacete de Hermes, a exercícios a corpo nu em público e a envergonhar-se do sinal sacramental da sua religião. Os próprios sacerdotes negligenciavam seus deveres oficiais, 1 Mac 1. 14, 15; 2 Mac 4. 13, 17. O ginásio de Jerusalém ainda existia no tempo em que a cidade foi destruída por Tito; nunca mais serviu para jogos atléticos. Ocasionalmente servia para assembléias populares, Guerras 2. 16, 3.

GINATE

Nome do pai de Tibni, 1 Rs 16. 22.

GINETOM, *Jardineiro.*

1. Nome do chefe dos sacerdotes que voltaram do cativeiro com Zorobabel, Ne 12. 4, 7.

Na seguinte geração, o chefe de uma família entre os sacerdotes e que ocupa o mesmo lugar no catálogo correspondente, tem o mesmo nome, v. 16.

2. Nome de um chefe de família sacerdotal, nos dias do sumo sacerdote Joaquim, Ne 12. 16.

3. Nome de um sacerdote que assinou o pacto de servir a Jeová, Ne 10. 6.

GINZO, *Abundante em sicômoros.*

Nome de uma cidade com suas aldeias, situada na tribo de Judá. Foi tomada pelos filisteus no reinado de Acaz, 2 Cr 28. 18.

Robinson identifica-a com Jimzu, sobre uma eminência a 5 quilômetros e meio a este sul de Lida.

GIOM, *Rio, corrente.*

1. Nome de um dos quatro rios do Paraíso, Gn 2. 13. Vide *Éden.*

2. Nome de uma fonte fora dos muros de Jerusalém de onde tiraram boa parte da água que abastecia a cidade, 2 Cr 32. 30; 33. 14; Antig. 7. 14, 5. Não estava à vista da Pedra de Zoelete per-

to de En-Rogel; porém, o som da trombeta e o rumor das aclamações de Giom, se ouviam em En-Rogel. 1 Rs 1. 40-45. Presume-se que havia duas fontes com êste nome, no tempo de Ezequias, 2 Cr 32. 30, a fonte alta e a fonte baixa. A alta Giom é identificada com Birquete Mamila, e a baixa, com Birquete es-Sultã. A primeira destas fontes está a menos de 1 quilômetro para o ocidente, e a segunda, a menos de 700 metros para o sul da Porta de Jafa. Estas fontes, agora, não são de águas vivas. Ultimamente tem havido largas discussões se Giom não pode ser identificada com a Fonte da Virgem, na escarpa oriental de Ofel, distante uns 400 metros do tanque de Siloé a que está ligada por um velho túnel.

GIRGASEU, *Que ocupa terreno argiloso.*

Nome de uma tribo de Canaã, Gn 10. 15, 16; 15. 21; Dt 7. 1; Js 3. 10; 24. 11; Ne 9. 8. Não se sabe que parte do país eles ocupavam. Não se devem confundir com os gerasenos.

GISPA, *Carícia.*

Nome de um dos intendentes da família dos natineus, no tempo de Neemias, Ne 11. 21.

GITAIM, *Dois lugares.*

Nome de uma aldeia de Benjamim, Ne 11. 31, 33, para onde se refugiaram os berotitas, talvez para escaparem às perseguições de Saul, 2 Sm 4. 3, comp. 21. 1, 2. Lugar ignorado.

GITITE

Termo musical empregado no título dos Salmos 8, 81 e 84. O Padre Pereira de Figueiredo emprega a expressão: "Para o fim, para os lugares." É a forma feminina do adjetivo hebraico empregado para gitita, e denota, ou um instrumento músico, usado em Gete, ou uma canção das vindimas para a melodia em que o salmo devia ser cantado, ou ainda a marcha da guarda dos heteus, 2 Sm 15. 18.

GIZONITA

Designação de Hasém, um dos valentes de Davi, 1 Cr 11. 34, indicando, ou a sua paternidade, ou o lugar de seu nascimento. Porém, nenhum nome semelhante a Gezo se encontra na Bíblia, referente a pessoa ou a lugar. Talvez que o adjetivo gizonita seja corrupção da palavra gunita que se encontra em Nm 26. 48.

GOÁ, *Mugido.*

Nome de um lugar perto de Jerusalém, Jr 31. 39.

GOBE, *Pequeno abismo, cisterna* ou *gafanhoto.*

Nome de um lugar, onde se feriu uma batalha contra os filisteus no tempo de Davi, 2 Sm 21. 18, 19. Lugar ignorado. Em 1 Cr 20. 4, em vez de Gobe diz-se Gezer.

GOFER

Nome da madeira de que foi construída a arca de Noé, Gn 6. 14. A tradução de Figueiredo diz, no mesmo lugar madeiras aplainadas. Gesenius diz que a palavra hebraica — *gopher* é alteração do nome *kopher*, pez, e refere-se às árvores da família dos pinheiros, e em particular aos ciprestes. As três primeiras consoantes estão na palavra grega *kyparissos*, que se compõe da mesma raiz que o vocábulo *gopher*.

GOGUE

1. Nome de um rubenita, 1 Cr 5. 4.

2. Nome de um príncipe e chefe de Mosoque e de Tubal, Ez 38. 2, profeticamente descrito, invadindo a terra de Israel nos últimos tempos e sendo desbaratado nas montanhas com grande mortandade, Ez caps. 38 e 39. Ele, com seu povo e com os seus aliados, simbolizam o paganismo, combatendo contra os filhos de Deus. O nome é tirado de Giges, chefe de uma família principesca da Lídia denominada Mermnadai. Fazia parte da guarda real e era pessoa confidencial do rei. Pelo ano 700 A. C. assassinou o seu soberano, rival da casa dos heráclidos e apoderou-se do trono da Lídia. Possuía grandes riquezas e fez valiosos donativos ao templo de Apolo em Delfos. Guerreou as cidades gregas da Ásia Menor, Heród. 1. 7-14. Em anos avançados de sua idade, foi o país invadido pelos cimérios, que derrotou, aprisionando vários de seus chefes. Receando novas incursões, enviou presentes a Assurbanipal, rei da Assíria. Por muito tempo não havia neste país quem entendesse a linguagem falada pelos embaixadores da Lídia. Afinal, apareceu um que os entendia e que serviu de intérprete. Conhecidas as pretensões de Giges, foram recebidos os seus presentes e aceita a sua amizade. Não demorou muito que o rei Giges deu auxílio ao Egito na revolta contra a Assíria. Em retaliação, o rei assírio acirrou os cimérios contra Giges que invadiram a Lídia, mataram o rei e deixaram a seu filho Ardis no trono (Vide *Gomer* e *Magogue*).

3. Nome de um personagem místico, muito semelhante no caráter ao Gogue de Ezequiel, que devia aparecer imediatamente antes de terminar a presente dispensação, Ap 21. 8-15 (Ver *Vale das tropas de Gogue*).

GOLÃ, *Exílio.*

Nome de uma cidade de Basã, dentro do território da meia tribo de Manassés, ao oriente do Jordão, destinada aos levitas da casa de Gérson, Js 21. 27; 1 Cr 6. 17, e uma das cidades de refúgio, Dt 4. 43; Js 20. 8; 21. 27. Alexandre Janeu sofreu tremenda derrota perto desta cidade, que em outra campanha, ele destruiu, Guerras 1. 4, 4, 8. O nome desta cidade serviu para designar a pequena província Gaulonitis, Antig. 8. 2, 3. Esta região estava situada entre o Hermom e o *Yarmuk*, e se estendia desde as vizinhanças do Jordão para o lado do nascente, cujo limite não foi determinado. O distrito pode dividir-se em duas secções, uma ao sul, capaz de ser cultivada, e a parte norte, pouco fácil de ser arada por causa das muitas pedras. Foi medida por Schumacher, que, com outras autoridades, considera que a cidade deveria existir em *Saem ej-Jaulan*, a cerca de 30 quilômetros a leste do Mar de Galiléia, onde existem extensas ruínas. É planície banhada por torrentes que descem do Hermom, e com as mais ricas pastagens da Síria; todavia, está deserta.

GÓLGOTA

Nome grego derivado do aramaico *gulgalta*, e do hebraico, *gulgoleth*, caveira (Vide *Calvário*).

GOLIAS, *Exílio.*

Gigante da cidade de Gate, morto por Davi, 1 Sm 17. 1-58; 21. 9, 10; 22. 10; comp. Js 11. 22; Nm 13. 23. Provavelmente pertencia à raça dos enacins. Talvez outro gigante de Gate, tivesse o mesmo nome de Golias, 2 Sm 21. 19.

GOMER, *Perfeição.*

1. Nome de uma filha de Diblaim, e mulher de Oséias, Os 1. 3.

2. Nome de um povo, descendente de Jafé, que habitava ao norte, Gn 10. 2, 3; 1 Cr 1. 5, 6; Ez 38. 6. Veio das regiões, além do Cáucaso, para a Ásia. Era, provavelmente, o povo cimeriano, da história clássica, mencionado por Homero, como sendo do extremo norte (Odis. 11. 14). Estabeleceu-se na Capadócia e ameaçou o império assírio, porém foi derrotado por Assaradom. Voltando-se para a Ásia Menor, travou mais de uma batalha com Giges rei da Lídia, cujo nome parece ser o Gogue da Escritura. O rei Giges foi morto, e o povo expulso da Lídia por Aliates (Heród. 1. 16; 4. 11, 12). Parece que este povo é o mesmo povo címbrio, dos tempos de Roma, o mesmo Címrio do país de Gales. A Câmbria, e até o *Cumberland*, guardam lembranças deste nome.

GOMORRA, *Acúmulo.*

Nome de uma das cidades da planície, Gn 10.

19; 13. 10. O rei desta cidade foi derrotado por Codorlaomer, 14. 2, 8, 10, 11, e a cidade destruída pelo fogo do céu, por causa da perversidade de seus habitantes, Gn 17. 20; 19. 24-28; Dt 29. 23; Is 1. 9; 13. 19; Jr 23. 14; 49. 18; Am 4. 11; Sf 2. 9; Mt 10. 15. Conder fala da existência de um grande cômoro, chamado *Tuk Amriyeh*, perto de um *wady*, com o nome de *Wady Amriyeh*, cujas águas correm para o Mar Morto, umas nove milhas abaixo da foz do Jordão (16 km). Parece que é o lugar da antiga Gomorra, onde existiam grandes plantações de vinhas, Dt 32. 32.

GORDURA

Abel ofereceu ao Senhor as gorduras do seu rebanho, Gn 4. 4; comp. Nm 18. 17. A lei mosaica estabeleceu que as gorduras dos animais sacrificados, pertencem ao Senhor, Lv 3. 16; 7. 23, 25. As gorduras e o sangue não podiam servir de alimento, 3. 17; eram queimados sobre o altar em oferta ao Senhor, Ex 29. 13, 22; Lv 3. 3; 4. 8, 9. Em vista do estabelecimento do povo em Canaã e do afastamento da maioria do povo para longe do altar, estas disposições foram praticamente abolidas, em referência aos animais que serviam para a alimentação, Dt 11. 15, 16, 21-24. Os animais dos rebanhos e das manadas destinados a usos domésticos não pertenciam à classe dos sacrifícios.

GÓRGIAS

Nome de um general sírio, do reinado de Antíoco IV. No ano 166 A. C. comandou um destacamento de tropas, acampadas em Emaús, para atacar, durante a noite, a Judas Macabeu. Judas, porém, teve a notícia deste plano, preparou as suas forças e caiu sobre o campo de Górgias, alcançando estrondosa vitória. Górgias, regressando ao acampamento com a sua gente, encontrou-o incendiado; os soldados que o acompanhavam, fugiram aterrados, 1 Mac 3. 38 até 4. 25. Pouco mais de um ano depois, Górgias derrotou a José e Azarias em Jamnia, para onde se dirigia a fim de tomar a cidade, na ausência de Judas, 5. 55-62.

GÓSEN

1. Nome de um distrito do Egito, muito próprio para a criação de rebanhos, situada no delta do Nilo, alguns quilômetros a nordeste de Om, pertencente ao nomo Arábia, Gn 46. 34, e que fazia parte da terra de Ramessés, Gn 46. 34; 47. 11,27. Dali saiu José para encontrar com seu pai, que vinha de Canaã, 46. 28, 29. Naquele distrito se estabeleceram os hebreus, 47. 6, onde ficaram até o dia de sua libertação, Ex 8. 22; 9. 6.

2. Nome de uma região ao sul de Judá, Js 10. 41; 11. 16. Situação ignorada.

3. Nome de uma cidade da região serrana de Judá. Js 15. 51. Situação ignorada.

GOVERNADOR

Nome que se dá àquele que governa um país, investido de autoridade suprema, como representante de um soberano. José, quando primeiro ministro de Faraó, chamava-se governador, Gn 42. 6; 45. 26. Quando Nabucodonosor, depois de tomar Jerusalém, voltou para Babilônia, deixou a Godolias, como governador do povo conquistado, Jr 40. 5; 41. 2; etc. Depois do cativeiro, os israelitas foram governados por delegados persas; Zorobabel, Neemias e outros judeus de nascimento, exerceram este cargo, como oficiais do rei dos persas, Ne 5. 14, 18; Ageu, 1. 14. Pôncio Pilatos era governador da Judéia, quando crucificaram a Nosso Senhor. Foi assim chamado, em Mt 28. 14; seu nome específico era procurador do Império Romano. Ver *Tirsata*.

GOZA

Nome de uma cidade e de um distrito da Mesopotâmia, nas margens do rio Habor, 2 Rs 17. 6; 18. 11; 19. 12; 1 Cr 5. 26; Is 37. 12. Em uma inscrição assíria, a cidade de Gozã está associada com Nisibis. Gozã talvez seja a Gauzanitis de Ptolomeu e a Migdônia (de Estrabão), província da Mesopotâmia, situada na parte superior do rio Cabour e na parte sul dos desfiladeiros do monte Másio. Não é necessário acompanhar a opinião de Ewald, baseada em 1 Cr 5. 26, que o rio Gozã era distinto do rio Habor, e que era o mesmo Gozã, que desemboca no Mar Cáspio, servindo de limite natural à Média. Ptolomeu menciona a existência de uma cidade da Média, com o nome de Gauzânia, nas suas vizinhanças.

GRADE, I. CARROÇAS FERRADAS, PICARETAS, TALHADEIRAS

Instrumento de lavoura, formado por uma armação de madeira, guarnecida com dentes de pau ou de ferro, 2 Sm 12. 31. Servia para arar a terra e quebrar os torrões, a fim de receber a semente depois da semeadura, também servia para cobrir a semente lançada na terra. Não se pode provar que a palavra hebraica em 2 Sm 12. 31, seja o verdadeiro nome deste instrumento. Os israelitas preparavam o solo por algum processo mecânico, Jó 39. 10; Is 28. 24; Os 10. 11, mas não há certeza se empregavam a grade. Os modernos agricultores da Palestina empregam a maquinaria atual para esse mister.

GRADE, II

Tecido feito com tabuinhas estreitas e delgadas, dispostas em diagonal ou cruzadas, que serviam para velar as janelas das habitações, Jz 5. 28; Pv 7. 6; 2 Rs 1. 2; Ct 2. 9. Ver *Janela*.

GRADUAL ver DEGRAUS

GRAL, ALMOFARIZ

Vaso em que os israelitas trituravam o maná que colhiam no deserto, Nm 11. 8; Pv 27. 22. Os árabes usam de almofarizes ou pilões feitos de pedra para moer o trigo de que eles fazem o *kibby*, seu principal alimento. Pode-se ouvir a qualquer hora do dia, por toda a cidade, o som do gral.

GRÃOS

Nome genérico das diversas plantas de cereais cultivadas na Palestina. Pão e vinho representam, ou simbolizam, a fertilidade da terra na multiplicidade de suas produções, como sejam: o trigo, a cevada, o milho e a aveia, Gn 27. 28; Dt 7. 13; 8. 8; Is 28. 25; Ez 4. 9.

GRÃOS TORRADOS, TOSTADOS

Alimento que servia para sustento do corpo, Lv 23. 14; Rt 2. 14; 1 Sm 17. 17. Thomson descreve o processo de prepará-lo atualmente em voga. Colhem um punhado de boas espigas, que não estejam maduras demais; amarram-nas em molhos e penduram-nas. Depois acendem por baixo um fogo de espinhos ou palha seca para queimar as cascas e torrar os grãos.

GRÉCIA (Derivado de *Graicoi*, nome de uma tribo do Epiro e dos gregos em geral. Saiu de uso, sendo substituído pela designação de helenistas, mas empregado novamente por Sófocles, que o reviveu.

Nome de um país pequeno situado a sudeste da Europa, famoso na história dos povos antigos, limitado ao norte pelas montanhas do Olimpo; ao sul, pelo Mediterrâneo; a leste, pelo Mar Egeu, que agora se chama Arquipélago, e a oeste, pelo Mar Jônio, que atualmente faz parte do Mediterrâneo, e pelo Mar Adriático, ou golfo de Veneza. A sua posição geográfica deu-lhe grandes vantagens, no tempo em que o Mediterrâneo era a estrada real da civilização.

A história autêntica a começar com os primeiros monumentos escritos, data da primeira Olimpíada no ano 776 A. C. Antes desta época, inclusive o período dos tempos heróicos, a história da Grécia está de tal modo misturada com a lenda, que é difícil separar a verdade do mito.

Todavía parece certo que os gregos descendiam de quatro tribos, cada uma das quais pretendia proceder de uma fonte comum, o seu antecessor Heleno. Destas quatro tribos, os eólios e os aqueus, representaram papel saliente nos tempos heróicos. Homero, algumas vezes, empregava a palavra aqueus, falando do povo grego. As outras duas tribos, os dóricos e os iônicos, aparecem mais em evidência nos tempos históricos. Deles descendiam respectivamente os ateninenses e os espartanos. O período histórico mais remoto, desde 776 a 500 A. C., pode considerar-se como o período do desenvolvimento de cada um dos estados de que se formou a nação. Os estados eram teoricamente independentes entre si, porém unidos pela linguagem, pela literatura, pelos jogos e pelo desenvolvimento nacional. Deram-se freqüentes alianças políticas. Durante este período, lançaram-se os fundamentos da arquitetura, da arte, da literatura e da filosofia. Em tempos mui remotos já tinha sua designação geográfica entre os hebreus sob o nome de Javã, isto é, Iônia, Gn 10. 4, porém mencionada como um país dos limites da terra em Is 66. 19; Ez 27. 13; Joel 3. 6. Pelo ano 500 A. C. a Grécia aparece na tela da história, enfrentando o grande poder da Pérsia, primeira potência do mundo. No ano 546 já o rei Ciro havia tomado Sárdis, capital da Lídia, início da sujeição das cidades gregas da Ásia ao jugo persa. No reinado de Dario, os exércitos persas atravessaram o Helesponto e submeteram a Macedônia em 510, A. C.

As cidades gregas da Ásia revoltaram-se contra os seus conquistadores nos anos 500 a 495, A. C. Os gregos da Europa desbaratararam os persas na grande batalha de Maratona em 490, e depois de lhes infligirem os revezes das Termópilas, foram além com as vitórias de Salamina em 480, de Platéia e Micale em 479. As lutas com a Pérsia deram em resultado que a Grécia ficou sob a suserania de um estado. O primeiro estado que assumiu a supremacia sobre todo o país, foi Atenas, que a conservou durante 70 anos. Todas as energias da nação nos últimos 28 anos empregaram-se na guerra do Peloponeso, começada por umas pequenas contendas entre Corinto e as suas colônias, e generalizou-se de tal modo que envolveu tôdas as forças de terra e mar, em luta entre Esparta e Atenas, do que resultou a queda do poder ateniense. Seguiu-se depois o período da supremacia de Esparta, passando por sua vez a Tebas que durou até ao ano 338. A. C. quando tôda a Grécia caiu em poder de Filipe de Macedônia e foi incorporada ao seu império. No tempo das conquistas de Alexandre, o Grande, a Grécia entrou pela primeira vez em contacto com a Judéia. Em sua passagem para a Pérsia, Alexandre entrou na Palestina que se lhe submeteu sem resistência (Vide *Alexandre*). Desde êsse tempo a influência da Grécia espalhou-se rapidamente e tomou pé firme nos países situados ao lado oriental do Mar Mediterrâneo. Até mesmo depois das conquistas do Império Romano, a influência da Grécia, pela sua língua, pela sua cultura e pela sua filosofia dominou até ao ponto de influir na própria religião judaica. No tempo de Cristo a língua grega era falada em todo o mundo civilizado. Após a morte de Alexandre, o grande império macedônio passou às mãos de seus generais que o dividiram entre si. A princípio, a Grécia própria ficou sendo patrimônio de um dos filhos de Alexandre, mas, em breve, este, bem como todos os filhos do grande imperador, foram mortos e o império se tornou presa do mais forte até que finalmente caiu em poder dos romanos.

A última guerra contra Roma deu em resultado a batalha de Leucópetra, 146 A. C., em que a Grécia passou a ser provincia do Império Romano. A divisão do Império, em Império do Oriente e Império do Ocidente, reviveu a influência grega por algum tempo. O Império do Oriente sobreviveu ao Império do Ocidente, porém, afinal, com a tomada de Constantinopola pelos turcos em 1453 A. D., teve o seu fim.

Alguns dos trabalhos mais ardorosos do apóstolo São Paulo se realizaram na Grécia e principalmente em Atenas e Corinto, não falando nas viagens pela Acaia que naquele tempo representava a antiga Grécia.

GREGO

1. Nome que designa uma pessoa natural da Grécia, ou pertencente à raça grega, At 16. 1; 17. 4. No contraste do nome grego com o termo judeu em o Novo Testamento, o nome grego emprega-se como sinônimo de estrangeiro em geral, porém designa também o tipo mais elevado do elemento gentílico, Rm 1. 14, 16; 10. 12.

2. Posteriormente à conquista do oriente pela Macedônia e ao estabelecimento dos reinos da Síria e do Egito, o nome grego servia para designar todos que falavam a língua grega nas relações ordinárias, e que fruíam os privilégios dos que se estabeleceram no reino de Alexandre e seus sucessores. Os gregos que desejaram ver a Jesus, Jo 12. 20, eram estrangeiros, mas não se sabe se eram da raça grega.

3. Línguagem falada pelos antigos e da qual se derivou o atual idioma, Jo 19. 20; At 21. 37; Ap 9. 11. Pertencem à família ariana de línguas, com afinidades com o sânscrito, com o latim, e com quase todas as línguas do ocidente da Europa, às quais excede na expressão precisa. O Antigo Testamento foi traduzido para esta língua antes da vinda de Cristo. Vide *Setenta*.

GREGOS

1. Povo que habitava a Grécia, Jl 3. 6.

2. Nome que se dava aos judeus que falavam o grego para distingui-los dos outros que falavam o aramaico, chamados hebreus, At 6. 1; 9. 29; 11. 20. Vide *Helenistas*.

GRINALDA ver COROA

GROU

Em hebraico *Agur*, ave migratória de canto estridente, Is 38. 14; Jr 8. 7. O grou é o tipo de uma família dos pernaltas; é ave corpulenta que se encontra ao norte da Europa e da Ásia. À chegada do inverno, emigra para o sul, em bandos que assumem a forma de cunha, ou de longas filas.

GUARDA

Nos países orientais, em que geralmente os reis são déspotas e cruéis, a sua conduta provoca hostilidades contra a sua pessoa. Segue-se daí a necessidade de manter perto de si, continuamente, uma guarda, ou companhia de soldados para garantia de sua pessoa. Esta organização militar torna-se tanto mais necessária quanto a segurança da pessoa do rei depende de fidelidade dela. Segue-se que as funções de uma guarda eram sobremodo honrosas e o seu capitão altamente dignificado. Putifar era capitão da guarda de Faraó, Gn 37. 36; 41. 12. Banaia era um dos guardas fortes de Davi, 2 Sm 23. 22, 23; 1 Cr 18. 17. Nebuzaradã era também guarda do rei de Babilônia, e igualmente Arioque guardava a pessoa do rei Nabucodonosor, 2 Rs 25. 8; Jr 39. 9, 10; Dn 2. 14. O capitão das guardas, às vezes, empregava a sua gente na aplicação das penas capitais. Em S. Marcos 6. 27, a palavra grega é *spekoulator*, espia. Estes espias formavam uma divisão em cada uma das legiões romanas. No tempo do império, servia de guarda a um general e exercia as funções de mensageiros e de policiais para a captura de criminosos, ou sentenciados à morte.

GUARNIÇAO

Posto militar; corpo de tropas aquartelado em uma fortaleza, 1 Sm 14. 1, 15; 2 Sm 23. 14-16; 2 Co 11. 32. É uma palavra diferente das que se empregam nas passagens seguintes do Antigo Testamento, que a Vulgata traduz do mesmo modo, I. é, guarnição, 1 Sm 10, 5; 13. 3. A palavra significa antes um pilar em Gn 19. 26, e um

oficial destacado em 1 Rs 4. 19. Que significação tem em 1 Sm 10. 5 e 13. 3? Nenhuma das boas autoridades recomenda tal tradução, a não ser que a palavra guarnição se preste a dar uma forma agradável às duas passagens e a outras semelhantes. O autor dos dois primeiros livros de Samuel emprega uma palavra diferente para guarnição. Na primeira das citações caberia melhor a palavra pilar. Se esta for a verdadeira tradução, deve-se entender que os Filisteus haviam levantado colunas comemorativas na terra de Israel, em sinal de suas vitórias, ou de seu domínio como fizeram os hebreus em Mizpa, 1 Sm 7. 12, e como usavam fazer os conquistadores nos países conquistados. Os reis do Egito e da Assíria esculpiram o registo de suas conquistas nas paredes das rochas em Naar *el-Kelb*, perto de Beirute, que nunca se apagaram, nem mesmo depois que os fenícios reconquistaram a sua independência; ainda hoje se podem ler. O crítico Driver entende que a palavra significa pilar no cap. 13. 3, e cita Am 9. 1 para provar que Jónatas poderia ter ferido o pilar e não batido a guarnição dos filisteus. Mas como a mesma palavra também significa oficial, em 1 Rs 4. 19, com esta tradução também dá bom sentido, não somente em 1 Sm 10. 5 e 13. 3, como também em 2 Sm 8. 6, 14; e como evidentemente se emprega uma palavra diferente para guarnição, é melhor acreditar que o autor dos dois livros referidos lhe dá o sentido de oficial. Ferir um oficial filisteus, como fez Jónatas, era motivo justo para uma guerra; e assim o pensaram os filisteus. Derrubar um pilar seria um simples ato de violência, a menos que o estivesse guardando um corpo de guerreiros, o que não era costume fazer.

GUEL, *Majestade de Deus.*

Nome de um dos espias, representantes da tribo de Gade, que foram explorar a terra de Canaã, Nm 13. 15.

GUERRA

Os israelitas, antes de empreenderem uma ação agressiva, consultavam a vontade de Deus, Jz 20. 23, 27, 28; 1 Sm 14. 37; 23. 2; 1 Rs 22. 6. Tratando-se de resistência a forças inimigas, invocavam o auxílio divino, por meio de orações ou sacrifícios, 1 Sm 7. 8, 9; 13. 12; 2 Cr 20. 6-12; 1 Mac 3. 47-54. Os pagãos recorriam às adivinhações para o mesmo fim, Ez 21. 21. Frequentemente, antes de penetrarem nas terras do inimigo, ou mesmo antes de começar o ataque, destacavam espiões para examinar a posição e as forças do inimigo, Nm 13. 17; Js 2. 1; Jz 7. 10; 1 Sm 26. 4. Quando faziam prisioneiros, procuravam obter deles as informações precisas à sua defesa, Jz 8. 14; 1 Sm 30. 11. Quando se aproximava o momento de combate, o sacerdote, ou mesmo o comandante das tropas, animava os soldados, falando-lhes da presença de Deus e do poderoso auxílio. Despediam-se das fileiras os pusilânimes, os que haviam construído uma casa nova, que ainda não tinham habitado, os que haviam plantado uma vinha e nem comido de seus frutos e os que haviam contratado casamento, Dt 20. 2-9; 2 Cr 20. 14-20; 1 Mac 3. 56; 4. 8-11.

Vários estratagemas se usavam, como a surpresa de ataque, a emboscada; a fuga simulada e o cerco, Gn 14. 15; Js 8. 2, 5; Jz 7. 16; 2 Sm 5. 23. Em certas ocasiões, quando os exércitos se enfrentavam para o combate, cada um dos combatentes escolhia um campeão para lutar sozinho e decidir a contenda, 1 Sm cap. 27. De outro modo, os exércitos entravam em combate, ao som das trombetas, Nm 10. 9; Js 6. 5; Jz 7. 20; 2 Cr 13. 12; 1 Mac 4. 13; 5. 33. Os exércitos se aproximavam, soltando altos gritos, Js 6. 5; 1 Sm 17. 52; Jr 50. 42; Ez 21. 22; Am 1. 14, e entravam em luta sangrenta, corpo a corpo. À semelhança de outros povos, daqueles tempos, os israelitas vitoriosos, saqueavam o campo inimigo, despojavam os mortos, Jz 8. 24-26; 1 Sm 31. 9; 2 Cr 20. 25; 1 Mac 4. 17-23, e algumas vezes, matavam ou mutilavam os prisioneiros, Js 8. 28, 29; 10. 22-27; Jz 1. 6; 8. 21; 2 Sm 8. 2, ordinariamente os reduziam ao cativeiro. Quando sitiavam uma cidade, engrossavam as suas fileiras, Guerras 5. 2, 3, e quando possível, cortavam os suprimentos de água, que abasteciam a cidade sitiada, Judite 7. 7. A fim de aproximarem o mais possível as suas máquinas de guerra, os sitiantes levantavam trincheiras em direção à cidade, 2 Sm 20. 15; Ez 4. 2. As trincheiras subiam gradualmente até atingirem a metade da altura dos muros, em plano inclinado.

Os aríetes tomavam posição em frente das muralhas. Do alto das torres, onde funcionavam os aríetes, e no alto das trincheiras, os arqueiros despediam suas flexas, e os fundibulários manejavam as fundas. Do alto das trincheiras levantavam escadas para alcançarem as ameias. Outras vezes, lançavam fogo às portas da cidade para facilitarem a entrada, Jz 9. 52. Em muitos casos, os que defendiam os muros eram atacados por arqueiros postados na base das muralhas. Os sitiados tomavam suas precauções: muniam-se de água, reparavam e aumentavam as fortificações, 2 Cr 32. 3-5, atacavam o inimigo por meio de surtidas, repeliam os ataques e detinham o inimigo em suas agressivas operações, atirando-lhe dardos e pedras de cima dos muros; destruíam ou tentavam destruir as máquinas de guerra, atirando sobre elas tochas ardentes, e abrindo caminhos subterrâneos em direção às trincheiras, onde se erguiam os aríetes, 2 Sm 11. 21, 24; 2 Cr 26. 15; 1 Mac 6. 31; Guer. 5. 2, 2, 4; 6. 4; 11. 4. As cidades vencidas eram quase sempre destruídas e os habitantes, trucidados sem respeitar sexo nem idade, Js 6. 21-24; 8. 24-29; 10. 22-27; 2 Rs 15. 16. Celebravam as vitórias com danças, música e cânticos, Êx 15. 1-18; Jz 5; 1 Sm 18. 6; 2 Cr 20. 26-28; 1 Mac 4. 24.

GUIMEL

Nome da terceira letra do alfabeto hebraico. A letra gama do alfabeto grego e o nosso tem a mesma origem.

Guimel enumera a terceira secção do Salmo 119, em algumas versões, porque cada linha do verso começa pela mesma letra, no original.

GUNI, *Pintado de várias côres.*

1. Nome de um filho de Naftali e fundador de uma família tribal, Gn 46. 24; Nm 26. 48; 1 Cr 7. 13.

2. Nome de um gadita, 1 Cr 5. 15.

GUR, *Leãozinho.*

Nome de uma subida ao pé de Jibleão, onde Acazias foi morto por ordem de Jeú, 2 Rs 9. 27. Situação exata, ignorada.

GURBAAL, *Morada de Baal.*

Nome de um lugar habitado pelos árabes, provavelmente no deserto a sudeste de Judá, 2 Cr 26. 7.

H

HÃ

Nome de um lugar entre Astarote-Carnaim e o país dos moabitas, onde Quedorlaomer derrotou os rafains e os zuzins, Gn 14. 5; comp. Dt 2. 10. Pela ordem dos nomes, parece provável que Hã estava situado ao norte de Carnaim e do Arnom; porém, Schwartz, e com êle Tristram, identificam-no com as ruínas denominadas Hamã, Animã ou Hameitá, ao lado oriental da estrada romana, e a 4 quilômetros e meio ao norte de Rabate Moabe.

HAASTARI

Nome de um dos filhos de Naara, 1 Cr 4.6; comp. 2.24.

HABACUQUE, Abraço ou talvez nome de uma planta de jardim.

Profeta de Judá. Infere-se pela leitura da sua oração no cap. 3, e pelo conteúdo do v. 19, que pertencia à tribo de Levi, e que era um dos cantores do templo.

O livro de Habacuque é o oitavo dos profetas menores. Contém: 1. Queixas sôbre os trabalhos e iniqüidades dos ímpios a que Deus não havia prestado atenção, 1. 2-4. Deus responde dizendo: Eis-aí vou eu suscitar os caldeus, essa nação cruel e veloz, 5-10, que, por sua vez, também será punida, 11.

2. Uma segunda queixa: O reino de Deus, na verdade, não perecerá, e os caldeus serão visitados pela justiça divina, 12, porém subsiste ainda um problema moral: Deus consente que os caldeus devastem e destruam os que são mais retos do que eles, 13-17. Deus responde: Os caldeus são altivos e injustos, mas o justo vive pela fé, Hc 2. 1-4. Bem compreendida esta verdade, resolve o problema. A confiança que temos em que Deus castigará a iniqüidade dos ímpios, habilita o profeta a pronunciar os cinco ais contra as grandes potências do mundo, pelas cinco formas de suas maldades, 5-20. 3. Oração de louvor, 3. 1-19, em que, depois de uma invocação e de uma petição para que Deus, na sua ira, se lembre da sua misericórdia, o profeta descreve o aparecimento de Deus em glória e majestade, enchendo de confusão a seus inimigos, 3-15, e manifesta a sua inteira confiança em Deus, 16-19. O livro não tem data, porém, evidentemente, foi escrito no período do domínio caldeu. 1. O templo ainda existia, 2. 20, e nêle, o exercício do coro musical, 3. 19.

2. O aparecimento do poder dos caldeus entre as nações, ocorre na geração do seu tempo, 1. 5, 6, e o aniquilamento da nação judaica, por aquêle povo, já estava iniciado, 1. 6, 17. O povo caldeu já era conhecido, desde muito, aos hebreus. Chamaram sôbre si a atenção do mundo pela revolta contra o poder dos assírios em 625 A. C. prosseguindo, daí em diante, a sua carreira de conquistas, que lhes deu lugar saliente entre os povos antigos, com a tomada de Nínive em 607 A. C. e pelas vitórias alcançadas sobre os egípcios em Carquemis em 605. A maioria dos críticos, por conseqüência, opinam que o livro devia ser escrito no princípio do reinado de Joaquim, quando se deu a batalha de Carquemis. Poderia, contudo, antedatar a queda de Nínive, porque, não sòmente os caldeus começavam a mover-se em 625, mas ainda que os acontecimentos, anteriores à queda de Nínive em 607, indicam a aproximação da futura grande potência do mundo. A submissão deste povo ao reino de Judá, havia sido vaticinada pelos profetas hebreus, Mq 4. 10; Is 11. 11; 39. 6, 7. Os caldeus eram notáveis em todo o mundo pela sua ferocidade, pelo seu caráter aguerrido, pela sua habitual crueldade, pelas devastações que praticavam e pelos processos e métodos de guerra, perfeitamente descritos no cap. 1. 5-10. Se a profecia teve lugar antes da vitória de Carquemis, o profeta, no cap. 1. 2-4, lamenta o carnaval de iniqüidade de que era testemunha em Israel, ou no mundo em geral.

HABAIAS, *Jeová ocultou.*

Pai de certo judeu que pretendia descender de família sacerdotal, e que foi excluído porque os seus nomes não se encontravam nos registos públicos, Ed 2. 61; Ne 7. 63.

HABAZINIAS

Nome de um recabita que viveu muito antes do profeta Jeremias, Jr 35. 3.

HABOR, *Junto a.*

Nome de um rio da Mesopotâmia, para cujas margens foram conduzidos os prisioneiros cativos das dez tribos de Israel, 2 Rs 17. 6; 18. 11; 1 Cr 5. 26. Dizem ser o atual Cabour que corre para os lados do sul, atravessando a Mesopotâmia, lançando-se no Eufrates, depois de um curso de cerca de 350 quilômetros. Pensam outros que é o atual Gozã, afluente do Tigre acima de Nínive.

HACALIAS, *Jeová obscuro.*

Nome do pai de Neemias, Ne 1. 1.

HACMONI, *Sábio.*

Nome do fundador da família hacmonita, cujos membros eram denominados filhos de Hacmoni, ou simplesmente acmonitas, 1 Cr 11. 11; 27. 32; comp. 2 Sm 23. 8.

HACUFA, *Curvado.*

Nome do fundador de uma família dos natineus, Ed 2. 51; Ne 7. 53.

HADADE, *Inclemência.*

1. Nome de um dos filhos de Ismael, Gn 25. 15; 1 Cr 1. 30.

2. Nome de uma divindade, adorada pelos aramaicos. Este nome entra na formação de nomes próprios, tais como, Ben-Hadade, Hadadezer, etc. Os assírios identificavam Hadade com o seu deus Ramã ou Rimom deus das tormentas.

3. Nome de um rei de Edom, filho de Bedade, natural da cidade de Avite. Derrotou a Midiã no campo de Moabe, Gn 36. 35, 36; 1 Cr 1. 46, 47.

4. Nome de um rei de Edom, cuja cidade era Paí, 1 Cr 1. 50; Gn 36. 39.

5. Nome de um príncipe edomita que fugiu da sua terra, quando Joabe, à frente do exército israelita, se ocupou durante seis meses, na cruel empresa, de exterminar todos os varões de Edom. Hadade era ainda muito jovem e foi conduzido para o Egito, cujo rei o acolheu com benevolência dando-lhe casa, terra e sustento. Caindo-lhe em graça, deu-lhe em casamento a irmã da rainha. Depois da morte de Davi e de Joabe, os dois grandes inimigos da sua raça, voltou para Edom, vindo a ser adversário de Salomão, 1 Rs 11. 14-22.

HADADEZER, *Hadade é auxílio.*

Nome de um dos filhos de Roobe, rei de Soba na Assíria, 2 Sm 8. 3. Quando se encaminhavam para o rio Eufrates, saiu-lhe ao encontro o rei Davi que o derrotou. Os sírios de Damasco que vieram em seu auxílio, participaram da sua derrota. De Bertá e Berotai, cidades de Adadezer, Davi trouxe muito bronze ou cobre. Foi rei de Hamate, provàvelmente da raça dos heteus, havia estado em guerra com Adadezer e congratulou-se com Davi pelas vitórias que havia alcançado, 2 Sm 8.3-13; 1 Cr 18.3-10. Adadezer renovou a guerra com Davi aliado com os amonitas, cujos exércitos, sob o comando do general Sobaque, tentaram vencer o inimigo comum. Davi saiu vitorioso. Entre os mortos, encontrou-se o cadáver do general Sobaque. Os reis

dependentes de Adadezer fizeram paz com Davi. Nunca mais se ouviu falar de Adadezer, 2 Sm 10.6-19; 1 Cr 19.16-19.

HADADRIMOM, Hadade e Rimom, nomes de duas divindades assírias.

Nome de uma cidade da planície de Jezrael, perto de Magedo, Zc 12.11. S. Jerônimo diz que no seu tempo tinha o nome de Maximianópolis. Agora chama-se Rumané, situada a cerca de dois quilômetros a noroeste de Taanaque.

HADASA, *Novo.*

Nome de uma aldeia no território de Judá, Js 15. 37. Não identificada. Ver *Edissa.*

HADASSA, Mirto.

Nome original da rainha Ester, Et 2. 7. Este nome assemelha-se, no som, ao de Atossa, mãe de Xerxes (Heród. 7. 2), mas não se refere à mesma pessoa.

HADES ver INFERNO

HADIDE, *Aguçado.*

Nome de uma cidade de Benjamim, mencionada em comum com Lode, i. é, Lida, Ed 2. 33; Ne 11. 34. Talvez seja a mesma Huditi, a que se refere Totmés III (Lista de *Karnak*), identificada com Adida, cidade situada sobre um outeiro de *Shephelah*, dominando a planície, 1 Mac 12. 38; 13. 13; Antig. 13. 6, 5.

HADLAI, *Frágil.*

Nome de um homem de Efraim, 2 Cr 28.12.

HADORÃO

1. Nome de uma tribo árabe descendente de Joctã, Gn 10.29; 1 Cr 1.21.

2. Nome de um filho do rei de Hamá, 1 Cr 18.10. Vide *Jorão, I.*

3. Nome de um oficial, superintendente dos tributos de Roboão, 2 Cr 10.18.

HADRAQUE

Nome de um país, mencionado em conexão com Damasco e Hemate, Zc 9. 1, e nas inscrições assírias, também associado com o nome Zobá. Situação ignorada.

HAFARAIM, *Duas covas.*

Nome de uma cidade fronteira a Issacar, Js 19. 19. S. Jerônimo identifica-a com Afarea, a 6 milhas romanas (9 quilômetros) ao norte de Legio. À mesma distância a noroeste de Lejum, estão as ruínas de *Farriyeh*, enquanto que a 7 milhas romanas a nordeste de Lejum está a aldeia *el-Afuleh.*

HAGABA, *Gafanhoto.*

Nome do fundador de uma família dos natineus, distinta da de Hagabe, Ed 2. 45; Ne 7. 48.

HAGABE, *Gafanhoto.*

Nome de um dos fundadores da família dos natineus, Ed 2. 46.

HAGAR, *Fuga.*

Nome de uma escrava de Sara, que talvez tivesse comprado no Egito, Gn 16.1; comp, 12.10. Depois de Abraão habitar em Canaã doze anos, sem lhe nascer o filho prometido, Sara que agora estava com 76 anos de idade, descren da participar da promessa, e lançou mão de meios humanos, a fim de dar a Abraão um filho e deste modo alcançar o nome de mãe. De acordo com o costume dos tempos, ela deu a Abraão a sua escrava para por meio dela obter um filho. A escrava, sentindo-se mãe, desprezou a sua senhora, e, sendo por ela tratada duramente, fugiu para o deserto. Ali, um anjo do Senhor a encontrou em uma fonte, entre Cades e Barade, e lhe revelou o futuro de seu filho ordenando-lhe que voltasse para sua senhora e se sujeitasse ao seu domínio. Agar pôs àquele lugar o nome *do que vive e do que me vê*, Gn 16.1-16. Tendo voltado para a casa de sua Senhora, no devido tempo deu à luz a Ismael. Quando este chegou à idade de quinze anos, brincava ele com Isaque. Sara doeu-se de que o filho de sua escrava tomasse liberdades com o seu filho Isaque, pelo que a escrava foi expulsa de casa levando aos ombros um odre de água; e, conduzindo seu filho Ismael, dirigiu-se para o deserto de Berseba comp. 43.15. Andaram pelo deserto até que se lhes acabou a água. O pequeno Ismael estava exausto pela sede. Sua mãe o tomou e foi deitá-lo à sombra de uma árvore, como se faz a uma pessoa enferma, Mt 15.30, e pôs-se a um lado, à espera de que ele morresse. De novo apareceu-lhe o anjo do Senhor que lhe indicou um poço, e a fez recordar a promessa feita a respeito de seu filho. Mais adiante se diz que Agar tomou para seu filho uma mulher dentre as egiptanas, da terra de seu nascimento, 21.1-21. Vide *Ismael.*

HAGARENOS

Povo nômade que habitava toda a parte oriental de Galaade, possuidor de grandes riquezas em camelos, ovelhas e bestas. No reinado de Saul, foram vencidos, e em grande parte destruídos pelas tribos de Israel estabelecidas ao oriente do Jordão, 1 Cr 5.10,18-22. Um destes agaritas era intendente dos rebanhos de Davi, 1 Cr 27.31. São eles os *agraoi* dos geógrafos gregos. Não há certeza se este nome tem relação com a cidade de Hejer ou Hejera, situada no deserto da Arábia perto do golfo Pérsico.

HAGI, *Festival.*

Nome de um filho de Gade e fundador de uma família tribal, Gn 46. 16; Nm 26. 15.

HAGIAS, *Festival de Jeová.*

Nome de um levita descendente de Merari, 1 Cr 6. 30.

HAGITE, *Festivo.*

Nome de uma das mulheres de Davi, e mãe de Adonias, 2 Sm 3. 4; 1 Rs 1. 5.

HALA

Nome de um distrito do império assírio para onde foram transportados os cativos das dez tribos, 2 Rs 17. 6; 18. 1; 1 Cr 5. 26. É quase certo que este distrito recebeu o nome de Calquitis, situado na Mesopotâmia, perto de Gozã, na bacia do Habor e do Saocoras (Ptolm. 5. 18, 4). Aqueles que identificam o Habor com o tributário oriental do Tigre, que tem o mesmo nome, opinam que o distrito de Hala é a província de Calaquene (Estrabo 11. 8, 4; Ptolm. 6. 1) na parte oriental do Tigre, e nas vizinhanças de Adiabene, que fica ao norte de Nínive e nos limites da Armênia.

HALAQUE, *Nu.*

Nome de um monte, ao sul da Palestina, que sobe para a banda de Seir, Js 11. 17; 12. 7. Não identificado.

HALI, *Colar.*

Nome de uma aldeia nos limites de Aser, Js 19. 25. Guérin assinala a aldeia *Kurbet Alia*, situada a 19 quilômetros a nordeste do Acre, como sendo o local da antiga Hali.

HALICARNASSUS

Nome de uma cidade da Cária, notável por ter sido o berço de Heródoto, e onde Artemísia erigiu um mausoléu, contado entre as sete maravilhas do mundo. Alexandre, o Grande, tomou essa cidade no ano 334 A. C. e quase a destruiu. Continuou a existir, porém sem progressos. Nela permanecia uma colônia de judeus, 1 Mac 15. 23; Antig. 14. 10, 23.

HALOÉS, *Encantador.*

Nome do pai de certo Salum, Ne 3.12. Juntamente com Neemias, ele ou representante de sua família, assinou o pacto de servir a Jeová, 10.24.

HALUL, *Abertura?*

Nome de uma aldeia na parte montanhosa de Judá, Js 15. 58. Os árabes conservam o nome Hulul ou Halul. Está a cinco quilômetros ao norte de Hebrom. É lugar de peregrinação por ser considerado como berço do profeta Gade.

HAMÃ, Nome persa *umana*, bem disposto; ou nome de uma divindade, Humba, Hummã. Vide *Ester*.

Nome do filho de Hamedata, Et 3.1. O pai de Hamã tinha nome persa, mas o filho Hamã trazia nome que denunciava a sua filiação com a linhagem de Agague, 3.1; 9.24. que, se não for nome de alguma família obscura da localidade, deve ser um dos descendentes da família real dos amalequitas, inimiga e adversária dos judeus. Este Hamã foi elevado a alta posição oficial pelo rei dos persas, recebendo homenagens de todos os súbditos do rei, que estavam à porta do palácio. Mordecai deliberadamente negou estas homenagens a Hamã. Ofendido por esta recusa, Hamã planejou o extermínio de Mordecai e de toda a raça judaica, espalhada por todo o império. Graças à influência da formosa rainha Ester o plano de Hamã fracassou; e êle com todos os seus filhos pereceram no patíbulo, 7.10; 9.7-10. Vide *Ester*.

HAMÁ, *Fortaleza.*

1. Nome de uma cidade à beira do Orontes, ao norte do Hermom, Js 13. 5, e distante 178 quilômetros de Damasco. Em tempos remotos foi um grande centro dos cananeus, Gn 10. 18, cujo rei Toi se congratulou com Davi, pela vitória alcançada sobre os exércitos de Hadadezer, 2 Sm 8. 9, 10; 1 Cr 18. 3, 9, 10. Salomão tomou esta cidade com os seus distritos e edificou outras cidades fortes, 2 Cr 8. 3, 4. Logo depois, voltou à posse dos antigos donos. Jerobão II, rei de Israel, tomou Damasco e Hamá, que antes de morrer restituiu a Judá, 2 Rs 14. 28. Por este tempo o profeta Amós denominou-a a grande Hamá, Am 6. 2. Por algum tempo voltou a ser livre, dependendo de Judá para sua segurança; sendo, porém, conquistada pelos assírios, 2 Rs 18. 34; 19. 13.

Depois da tomada de Samaria pelos assírios, ligou-se com o resto dos habitantes daquela cidade, em revolta contra os dominadores, no ano 720 A. C. A revolta foi prontamente sufocada por Sargom. Os assírios colocaram em Samaria colonos trazidos de Hamá, que levaram consigo o deus Asima, 2 Rs 17. 24, 30, ao passo que alguns dos exilados de Israel foram levados para Hamá, Is 11. 11. A história desta cidade passou a fazer parte da história da Assíria, subordinada a Damasco, Jr 49. 23. Ezequiel profetizou que a terra restaurada de Israel ainda se estenderia para o norte de Hamá, Ez 47. 16, 17, 20; 48. 1, conhecida pelo nome de Epifânia enquanto durou o período da supremacia grega, Antig. 1. 6, 2. Agora chama-se Hama ou Hamá.

2. Nome do distrito governado por Emate, Mac 12. 25. Uma das suas cidades era Rebla, 2 Rs 23. 33. A entrada de Emate, vizinhanças de Emate e outras expressões semelhantes, são consideradas como os limites do norte de Israel, Nm 13. 21; 34. 8; 1 Rs 8. 65.

Ao povo que habitava a parte sul, este nome tinha um sentido especial, denotando o longo vale de Coelesíria, entre o Líbano e o Antilíbano, por onde passava a estrada que ia ter a Emate. Porter julga ser a passagem entre o Líbano e as montanhas *Nusairiyeh*, 90 quilômetros ao norte de Beirute, ligando o interior da Síria às costas do Mediterrâneo.

HAMATE, *Fontes quentes.*

1. Nome de uma cidade fortificada da tribo de Naftali, Js 19. 35. Talvez umas das cidades que, juntamente com Hamote-Dor e Hamom, foi destinada aos levitas, 21. 32; 1 Cr 6. 76, e que pode ser identificada com Emaús, aldeia que possui termas, a pequena distância de Tiberíades (Antig. 18. 2, 3; Guerras, 4. 1, 3). Agora é conhecida pelo nome de *Hummam Ibrahim Basha*, na costa ocidental do Mar de Galiléia, cerca de dois quilômetros ao sul de Tiberíades. As águas são sulfurosas e medicinais.

2. Nome do fundador da casa de Recabe, família dos cineus, 1 Cr 2. 55.

HAMATEU

Povo de Emate, Gn 10.18.

HAMATE-ZOBÁ

Nome dos reinos vizinhos de Hamá e Suba, ou de algum lugar, chamado Hamá, pertencente ao reino da Síria com o nome de Suba. Foi capturado por Salomão, 2 Cr 8. 3.

HAMEDATA

Nome de um agagita, pai de Hamã, Et 3.1.

HAMELEQUE

Nome do pai de Jeremiel, Jr 36.26. O nome de Jeremiel dá a entender que descendia de sangue real.

HAMOLEQUETE, *A rainha.*

Nome da irmã de Galaade de quem descenderam diversas famílias tribais de Manassés, 1 Cr 7. 18.

HAMOM, *Quente.*

1. Nome de uma aldeia da tribo de Aser, Js 19. 28, situada a 15 quilômetros ao sul de Tiro e cerca de 1 quilômetro e meio distante da costa do Mediterrâneo.

2. Nome de uma cidade da tribo de Naftali, Js 19. 35.

HAMOM-GOGUE, *Multidão de Gogue.*

Nome que será dado a certo vale, onde as hostes, que Gogue traz consigo, encontrarão a morte e o sepulcro, Ez 39. 11, 12. Lugar ignorado.

HAMONÁ, *Abundância, multidão.*

Nome simbólico da cidade onde Gogue será derrotado, Ez 39.16.

HAMUEL, *Calor divino.*

Nome de um simeonita, filho de Masma, da família de Saul, 1 Cr 4. 26.

HAMUL, *Lastimável, débil.*

Nome do filho mais novo de Farés, fundador de uma família tribal de Judá, Gn 46. 21; Nm 26. 21; 1 Cr 2. 5.

HAMUTAL, *Refrescante como orvalho.*

Nome da filha de Jeremias, de Lobna, mulher de Josias e mãe do rei Joacaz e de Sedecias, 2 Rs 23.31; 24.18, Jr 52.1.

HANÁ, *Gracioso, misericordioso.*

1. Nome de um dos homens valentes de Davi, 1 Cr 11. 43.

2. Nome de um benjamita, filho de Sesaque, 1 Cr 8. 23.

3. Nome de um dos filhos de Asel, e descendente de Jônatas, 1 Cr 8. 38; 9. 44.

4. Nome de um profeta, filho de Jigdalias, cujos filhos tinham um quarto no templo, Jr 35. 4.

5. Nome do fundador de uma família dos natineus, alguns membros da qual voltaram de Babilônia com Zorobabel, Ed 2. 46; Ne 7. 49.

6. Nome de um homem, talvez levita, que Esdras empregou, juntamente com outros para ensinar a lei ao povo, Ne 8. 7. Parece que também foi um dos signatários do pacto, 10. 10.

7 e 8. Nome de dois chefes do povo que também assinaram o pacto, 10. 22, 26.

9. Nome de um dos filhos de Zacur, nomeado intendente dos celeiros, por Neemias, Ne 13. 13.

HANAMEEL, *Deus se apiedou.*

Nome de um dos filhos de Salum, e primo do profeta Jeremias, Jr 32. 7-15.

HANANEEL, *Deus tem sido gracioso.*

Nome de uma torre de Jerusalém, Jr 31. 38; Zc 14. 10, perto da porta dos rebanhos e da torre de Emate, Ne 3. 1; 12. 39. Vide *Jerusalém*, II, 8.

HANANI, *Gracioso.*

1. Nome de um filho de Hemã e chefe da décima oitava sorte de músicos, das vinte e quatro, nomeadas por Davi, para o santuário, 1 Cr 25. 4, 25.

2. Nome do pai do profeta Jeú, 1 Rs 16. 1, que também era vidente; repreendeu o rei Asa que o mandou meter no cárcere, 2 Cr 16. 7.

3. Nome de um irmão de Neemias, portador de notícias a respeito de Jerusalém, Ne 1. 2. ele e o governador do castelo foram mais tarde guardas da cidade, 7. 2.

4. Nome de um sacerdote, filho de Hemer, que Esdras induziu a separar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 20.

5. Nome de um levita que tocou instrumento músico, por ocasião de serem dedicados os muros de Jerusalém por Neemias, Ne 12. 36.

HANANIAS, *Jeová tem sido gracioso.*

1. Nome de um benjamita, filho de Sesaque, 1 Cr 8. 24.

2. Nome de um filho de Hemã e chefe da décima sexta classe dos músicos, das vinte e quatro nomeadas por Davi, para o serviço do santuário, 1 Cr 25. 4, 23.

3. Nome de um dos capitães do rei Ozias, 2 Cr 26. 11.

4. Nome do pai de Zedequias, contemporâneo de Jeremias, Jr 36. 12.

5. Nome de um filho de Azur de Gabaom. No quarto ano do reinado de Zedequias, profetizou a volta dos cativos, depois de dois anos de cativeiro. Jeremias havia feito diversas revelações. Em conseqüência disto, o falso profeta foi condenado à morte e justiçado dois meses depois, Jr 18. 1-17.

6. Nome do avô, ou parente mais remoto de Jerias; prendeu e meteu no cárcere ao profeta Jeremias, sob acusação de querer desertar para os caldeus, Jr 37. 12-15.

7. Nome de um dos cativos hebreus, a quem os caldeus deram o nome de Sadraque, Dn 1. 6, 7; 1 Mac 2. 59.

8. Nome de um dos filhos de Zorobabel e pai de Pelatias e Jesaías, 1 Cr 3. 19, 21, talvez um dos antecessores de Cristo, denominado por transposição de sílabas, Joanã, Lc 3. 27.

9. Nome de um dos filhos de Bebai, induzido, por Esdras, a separar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 28.

10. Nome de um perfumador que auxiliou a reconstrução do muro de Jerusalém, Ne 3. 8.

11. Nome de um sacerdote que tocou a trombeta por ocasião da dedicação do muro, Ne 12. 41.

12. Nome de um chefe do povo que assinou o pacto com Neemias, Ne 10. 23.

13. Nome do governador do castelo e companheiro de Hanani, irmão de Neemias, no governo da cidade de Jerusalém, Ne 7. 2.

14. Nome de um sacerdote chefe da casa de Jeremias, no tempo do sumo sacerdote Joaquim, Ne 12. 12.

HANATOM, *Olhando com favor.*

Nome de uma cidade na fronteira de Zabulom, Js 19. 14. Conder identifica-a com *Kefr Anan* a 16 quilômetros das ruínas Rumanê, isto é, Remom.

HANES, Hieroglífico, *Su-Chenen* ou *Chenensan;* cóptico, *Hnes.*

Nome de uma cidade do Egito, Is 30. 4, situada a 74 quilômetros ao sul de Mênfis e ainda existente com o nome de Anas. No período grego-romano era conhecida pelo nome de Heracleópolis Magna. Não se deve confundir com Tafnes.

HANIEL, *Favor, ou graça de Deus.*

1. Nome de um príncipe de Manassés, nomeado em comissão para fazer a partilha da terra de Canaã, Nm 34. 23.

2. Nome de um aserita, filho de Ola, 1 Cr 7. 39.

HANUM

1. Nome de um rei dos amonitas, filho e sucessor de Naás, amigo de Davi. O rei hebreu enviou emissários para apresentar-lhe condolências pela morte de seu pai e ao mesmo tempo felicitá-lo pelo seu acesso ao trono. Maus conselheiros convenceram o rei de que o fim principal dos mensageiros de Davi era estudar os pontos fracos do país a fim de facilitar a sua conquista. Hanum, convencido disso, mandou rapar metade da barba e cortar a metade de seus vestidos até ao alto das coxas e os despediu. Certo de que este ultraje seria vingado preparou-se para a guerra com o auxílio de aliados da Síria; porém foi derrotado, 2 Sm, caps. 10. 1 até 11. 1; 1 Cr 19. 1 até cap. 20. 3.

2 e 3. Nome de dois judeus que trabalharam na reparação do muro de Jerusalém, no tempo de Neemias, Ne 3. 13, 30.

HAPISES, Dispersão.

Nome de um descendente de Arão, cuja família fez parte da décima oitava divisão de sacerdotes, das vinte e quatro classes que Davi nomeou para o serviço do santuário, 1 Cr 24.15.

HAQUILÁ, *Escuro.*

Nome de um outeiro do deserto de Zife, 1 Sm 26. 1-3, a sudeste de Hebrom e ao sul do deserto e pouco distante de Maom, 23. 19, 24-26. Davi escondeu-se neste lugar, quando fugia de Saul, e no mesmo lugar acampou Saul, quando andava perseguindo a Davi.

HARA, *Região montanhosa.*

Nome de um lugar da Assíria, para onde foram levados os cativos das dez tribos, 1 Cr 5.26. Situação ignorada. Alguns pensam que seja a designação da Média montanhosa, ou "montanhas da Média."

HARÃ

1. Nome do filho de Taré e irmão de Abraão; morreu em Ur dos caldeus, lugar de seu nascimento. Deixou um filho, Ló e duas filhas, Melca e Jesca, Gn 11.29.

2. Nome de um levita, filho de Semei, 1 Cr 23.9.

HARÃ, *Caminho, comércio.*

1. Nome de uma cidade da Mesopotâmia a 444 quilômetros a oeste de Nínive e a 518 e meio a nordeste de Damasco; era grande centro comercial, e semelhante a Ur dos caldeus adorava o deus-lua como seu patrono. Taré e Abraão residiram temporariamente ali onde Taré morreu, Gn 11. 31, 32; 12. 4, 5. A família de Nacor estabeleceu-se em Harã, onde por algum tempo também residiu Jacó, 24. 24; 28. 10; 29. 5. Os assírios se avizinharam dela pelo ano 1100 A. C. e ali exerceram domínio por muito tempo. O segundo livro dos Reis, 19. 12, regista a tomada desta cidade pelos assírios. Os gregos denominaram-na *Karrhai* e os romanos *Carrai*. No ano 53. A. C. o triúnviro Crassus, colega de Pompeu e Júlio César, temerariamente avançou até lá, sendo derrotado por Surena, general dos partas e assassinado barbaramente. Hoje é pequena aldeia árabe, conservando ainda o antigo nome, sob a forma Harrã, situada na alta Mesopotâmia, nas margens do rio Belique, tributário do Eufrates a 444 quilômetros e meio a oeste de Nínive, e 152 a este do golfo de *Scanderun.*

2. Nome de um filho de Calebe de sua concubina Efa, da família de Hezrom, 1 Cr 2. 46.

HARADA, *Terror.*

Acampamento dos israelitas no deserto depois de haverem retrocedido de Ritma, Nm 33.24. Palmer e Drake identificam este acampamento com a atual Jebel Arade, na península do Sinai, a cerca de 74 quilômetros ao sudoeste de Elate. A esta identificação opõe-se a etimologia da palavra e a situação indicada.

HARADE, *Asno montês.*

1. Nome de uma cidade no limite sul do país e do deserto de Judá, Nm 21.1; Js 12.14; Jz 1.16. O lugar desta antiga cidade, é determinado pelo nome de Tel-Arade, sobre uma eminência a cerca de trinta quilômetros, ao sul de Hebrom. O rei de Arade pelejou contra os israelitas, quando eles estavam no monte Hor, aprisionando alguns deles. Os israelitas, porém, animados por uma nova confiança em Deus, devastaram o território do rei, que foi vencido por Josué.
Nota do tradutor. Entre a tradução brasileira e a de Figueiredo existem diferenças nesta parte. Em Nm. 21.1, Fig. diz *Arade rei Cananeu; a* V. B. diz: *O cananeu rei de Arade.* Em Josué, 12.14 Fig. diz Herede e a V. B. Arade; Almeida, Harade.

2. Nome de um benjamita descendente de Baria, 1 Cr 8.15. Fig. diz neste lugar, Herede e Alm. Arade.

HARAIAS

Nome do pai de Uziel, ourives, Ne 3.8.

HARARITA, *Morador da Montanha.*

Nome do lugar onde residiam Sage e Sacar, 1 Cr 11.33,34.

HARÁS.

Nome de um antecessor de Salum, marido da profetisa Hulda, 2 Rs 22.14. Em 2 Cr 34.22, os dois nomes são Hasra e Olda em Figueiredo.

HARBONA. Nome persa que significa condutor de animais de tiro.

Nome de um dos camaristas do rei Assuero, Et, 1. 10; 7. 9.

HAREFE, *Arrebatar.*

Nome de um dos filhos de Calebe e pai dos habitantes de Bete-Gader, 1 Cr 2. 51.

HARGOL

Tradução do vocábulo hebreu *Hargol,* inseto pertencente ao gênero dos gafanhotos e das locustas, Lv 11.22. Os principais destes insetos pertencem a três famílias dos *Orthopiera,* a vêm a ser: o gafanhoto, a locusta e o grilo. O *hargol* pertence a uma das três famílias, mas não se sabe a qual delas. Os grilos têm as antenas compridas como os gafanhotos, diferindo apenas na colocação das asas. Entre as poucas espécies conhecidas pode-se mencionar o grilo caseiro (*Gryllus domesticus*), e o grilo campeste (*Gryllus campestris*).

HARIM, *Nariz chato.*

1. Nome de um dos descendentes de Arão cuja família era uma das principais no tempo de Davi e formava o terceiro curso, quando Davi distribuiu os sacerdotes em classes, 1 Cr 24. 1, 6, 8. É provável que alguns membros desta família fizessem parte dos cativos que regressaram de Babilônia, Ed 2. 39; Ne 7. 42. Um dos chefes das famílias dos sacerdotes da seguinte geração, depois do exílio, tinha o mesmo nome, Ne 12. 15. Posteriormente, alguns dos membros desta família casaram com mulheres estrangeiras, Ed 10. 21. Um sacerdote que tem o mesmo nome, provável chefe de uma família, assinou o pacto de observar a lei de Deus e impedir os consórcios com as mulheres pagãs, Ne 10. 5.

2. Nome do fundador de uma família, da qual alguns membros voltaram de Babilônia com Zorobabel, Ed 2. 32; 10. 31; Ne 3. 11; 7. 35.

HARNEFER, *Palpitação.*

Nome de um dos filhos de Sofa, da tribo de Aser, 1 Cr 7. 36.

HARODE, *Terror.*

Nome de uma fonte a que Gideão chegou quando os midianistas se acampavam no vale de um outeiro eminente, Jz 7. 1.

HARODITA

Habitante da cidade de Harodi, 2 Sm 23. 25.

HAROSETE, *Escultor.*

Nome de uma cidade denominada Harosete das gentes, onde morou Sísera, Jz 4. 2, 13, 16. A princípio julgava-se existir na região das águas de Merom, não muito distante de Hazor. Agora julga-se located na aldeia *el-Harathiyeh* da ribeira do Cisom, no ponto em que a torrente se esconde nas matas de loureiros, e passa por uma garganta para entrar na planície do Acre.

HARPA

Tradução da palavra hebraica *Kinnor,* que emite um som trêmulo; e versão da palavra grega do Novo Testamento *Kithara,* lira, alaúde. Era instrumento musical da mesma classe da harpa, suficientemente pequeno para se poder carregar, Is 23. 16. Tocava-se com os dedos, 1 Sm 16. 23, ou com o plectro, Antig. 7. 12, 3. O antediluviano Jubal, da raça de Caim, era tocador de cítara, Gn 4. 21. Labão também se dava aos encantos deste instrumento, 31. 27. Ao som da harpa Davi acalmava os acessos de loucura do rei Saul, 1 Sm 16. 16. Os profetas e outros servos de Jeová empregavam a harpa para auxiliar o canto no culto divino 1 Sm 10. 5; Sl 43. 4; 49. 4. A harpa entrava como instrumento orquestral nas solenidades do templo, 1 Cr 25. 1, 3; servia para as festividades domésticas, Jó 21. 12, até as meretrizes a levavam consigo, Is 23. 15, 16; os cativos de Babilônia as penduravam nos salgueiros, Sl 137. 2. Havia duas espécies de harpas no Egito: uma da altura de um homem e outra menor facilmente transportável. Os hebreus conheciam este instrumento, mas não é bem certo se a palavra *kinnor* serve para o representar. Os Setenta julgaram ser a lira ou alaúde, e por isso traduziram a palavra hebraica por *kithara.*

HARPISTA, *Tangedor.*

1. Tradução da palavra hebraica *Menaggen,* empregada em 2 Rs 3. 15, que significa tocador de um instrumento de corda como seja a harpa

Harpista egípcio

ou a lira. Os hebreus usavam a música para acalmar as excitações nervosas. Quando Saul se sentia perturbado pela influência de um espírito maligno, a harpa de Davi acalmava-lhe o furor, 1 Sm 16. 14-23. A música serviu também para os exercícios religiosos dos profetas, 1 Sm 10. 5-10. Eliseu chamou um harpista para tocar diante dele enquanto esperava que Deus lhe falasse, 2 Rs 3. 15. A música acalmava o espírito do profeta, auxiliava-o a concentrar pensamentos e alegrava-lhe o espírito. "A profecia", diz Maimônides, "não habita onde há melancolia, nem onde existe apatia, e sim onde reina a alegria."

2. Os músicos que Jairo havia alugado, tocavam flauta, que juntamente com cantores e as carpideiras profissionais, acompanhavam os mortos à sepultura, 2 Cr 35. 25; Jr 9. 17-20; 48. 31, 36.

HARSA, *Trabalho de artífice, encantamento.*

Nome do fundador de uma família dos natineus, alguns dos quais voltaram do cativeiro de Babilônia com Zorobabel, Ed 2. 52; Ne 7. 54.

HARUFITA

Designação de Safatias, benjamita que se juntou a Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 5. O nome tradicional hebraico é harifita, membro da família de Harife, comp. Ne 7. 24-32, onde Harife é contado entre os benjamitas.

HARUM, *Exaltado.*

Nome de um homem de Judá, pai de Aareel, 1 Cr 4.8.

HARUMAFE, *Chato do nariz.*

Nome do pai de certo Jedaías, Ne 3. 10.

HARUR, *Inflamação, febre.*

Nome do fundador de uma família dos natineus, alguns dos quais voltaram de Babilônia com Zorobabel, Ed 2. 51; Ne 7. 53.

HARUZ, *Industrioso.*

Nome do sogro do rei Manassés, 2 Rs 21. 19.

HASABIAS, *Jeová tem imputado.*

1. Nome de um levita descendente de Merari por via de Amazias e antecessor de Jedutum, 1 Cr 6. 45. Talvez seja um dos descendentes de Buni, mencionado como antecessor de Semeia, 9. 14; Ne 11, 15.

2. Nome de um levita da família de Merari, filho de Jedutum e chefe da duodécima companhia dos músicos designados por Davi para o serviço do santuário, 1 Cr 25. 3, 19.

3. Nome de um levita da família de Hebrom, governador do oeste do Jordão, 1 Cr 26. 30; comp. 23. 12.

4. Nome de um levita, filho de Camuel, príncipe da tribo de Levi, no reinado de Davi, 1 Cr 27. 17.

5. Nome de um dos chefes dos levitas, no reinado de Josias, 2 Cr 35. 9.

6. Nome de um levita da família de Merari que se ajuntou a Esdras no rio Aava, parecendo que era um dos doze a quem foi confiado o tesouro que devia ser conduzido para Jerusalém, Ed 8. 19, 24. Também parece que foi um dos que assinaram o pacto, no tempo de Esdras, Ne 10. 11, um dos chefes dos levitas e um dos músicos do templo, Ne 12. 24.

7. Nome de um capitão do bairro de Queila, no tempo de Neemias, que reparou uma parte do muro de Jerusalém, Ne 3. 17.

8. Nome de um levita, descendente de Asafe, Ne 11. 22.

9. Nome de um sacerdote chefe da família de Helcias, no tempo de Joacim, sumo sacerdote, Ne 12. 21.

HASABNÁ

Nome de um dos que, juntamente com Neemias, assinaram o pacto de servir a Jeová, Ne 10. 25.

HASABNEIAS

1. Nome do pai de certo Hatus, Ne 3. 10.

2. Nome de um dos levitas que, por suas exortações, preparou o espírito dos exilados a assinar o pacto de obediência a Jeová, Ne 9. 5.

HASADIAS, *Jeová mostrou-se benigno.*

Nome de um dos filhos de Zorobabel, 1 Cr 3. 20.

HASBADANA

Nome de um dos que se achavam ao lado de Esdras, quando falava aos exilados de Babilônia, Ne 8. 4.

HASÉM, *Admirado.*

Nome de um gezonita, mencionado no catálogo dos valentes de Davi, 1 Cr 11.34.

HASIDEANOS (Do grego *Asidaioi* e do hebraico *Hasidim*, o piedoso).

Nome de um partido formado de judeus que guardavam com rigidez a antiga fé, 1 Mac 2. 42. Os hasideanos uniram-se a Matatias e mais tarde cooperaram com Judas Macabeu na maior parte de seus planos, 2. 42; 2 Mac 14. 6. Em contrário à opinião de Judas, eles fizeram pazes com os sírios, 1 Mac 7. 13.

HASMONA, *Lugar fértil.*

Nome do lugar de acampamento dos israelitas no deserto, Nm 33. 29, 30. Situação ignorada.

HASSENUA, e sem o artigo, SENUA, *Espinhoso.*

1. Nome de um benjamita, pai de Oduia, 1 Cr 9.7.

2. Nome do pai de certo Judas, Ne 11.9.

HASUBÁ, *Estimado.*

Nome de um dos filhos de Zorobabel, 1 Cr 3. 20.

HASUBE, *Pensativo.*

1. Nome do filho de Paate-Moabe, que reparou uma parte do muro de Jerusalém, Ne 3. 11.

2. Nome de um judeu que reparou parte do muro de Jerusalém, defronte de sua casa, Ne 3. 23. Êle, ou de nº 1, acima mencionado, assinou o pacto de obediência às leis de Jeová, 10. 23.

3. Nome de um levita da família de Merari, pai de Semeia, 1 Cr 9. 14; Ne 11. 15.

HASUFA, *Nu, despido.*

Nome do fundador de uma família de natineus, da qual alguns membros voltaram do cativeiro com Zorobabel, Ed 2. 43; Ne 7. 46.

HASUM, *Rico.*

Nome do fundador de uma família, alguns de cujos membros voltaram do cativeiro com Zorobabel, Ed 2. 19; 10. 33; e Ne 7. 22. Um representante desta família ou pessoa de nome igual, estava ao lado de Esdras, quando falava ao povo, Ne 8. 4, e quando assinavam o pacto, 10. 18.

HATAQUE

Nome de um eunuco do rei Assuero, designado para o serviço da rainha Ester, Et 4.5,10.

HATATE, *Terror.*

Nome de um dos filhos de Otoniel, 1 Cr 4. 13.

HATÍFA, *Cativo.*

Nome de um fundador da família dos natineus, alguns de cujos membros voltaram de Babilônia com Zorobabel, Ed 2. 54; Ne 7. 56.

HATIL, *Vacilante.*

Nome de um dos servos de Salomão, que fundou uma família, da qual alguns membros voltaram de Babilônia com Zorobabel, Ed 2. 57; Ne 7. 59.

HATITA, *Gravador.*

Nome do filho de um dos porteiros, que fundou uma família, da qual, alguns membros voltaram de Babilônia com Zorobabel, Ed 2. 42; Ne 7. 45.

HATUS, *Congregado.*

1. Nome de um homem de Judá, filho de Semeia, da família de Sequenias, 1 Cr 3. 22.

2. Nome de um chefe dos sacerdotes, que voltou de Babilônia com Zorobabel, Ne 12. 2, 7.

3. Nome de um dos chefes da família de Davi que voltou com Esdras para Jerusalém, Ed 8. 2.

4. Nome de um dos filhos de Hasabnéias, que reparou parte do muro de Jerusalém, Ne 3. 10.

5. Nome de um sacerdote, que juntamente com Neemias, assinou o pacto, Ne 10. 4.

HAURÃ, *Terra cavernosa.*

Nome de uma região ao sul de Damasco nos limites de Galaade, Ez 47.16,18. No período grego-romano, este nome designava um distrito menor, conhecido então, pelo nome de Auranitis, sendo uma das quatro províncias, com a Traconitis ao norte, e a Gaulonitis e Batânea, a noroeste, Antig. 17.11,4; 18.4,6; Guerras, 1.20,4; 2.6,3,17,4; 3.3.5. Consistia da planície entre Gaulonitis e a atual Jebel Haurã, talvez inclusive esta. Pelo ano 23 A. C. a Auranitis com a Traconitis e Batânea, foram conferidas a Herodes, o Grande, pelo imperador Augusto. Dividido que foi o reino de Herodes, estes distritos passaram a fazer parte da tetrarquia de Filipe, Lc 3.1; Antig. 17.11,4. A superfície é plana com algumas saliências de origem vulcânica. O solo é fértil e tão fértil, que se tornou o celeiro de toda a região em torno. Existem dentro de seus limites muitas cidades e aldeias, a maior parte desertas, entre elas, as gigantescas cidades de Basã, edificadas de basalto e com portas do mesmo material.

HAVILÁ, *Arenoso.*

Nome de um distrito da Arábia, povoado em parte por cusitas e em parte por jetanitas, povo de raça semítica, Gn 10. 7, 29; 1 Cr 1. 9, 23. A associação deste nome com Asarmote e outros lugares, dá a entender que este distrito ficava no centro da Arábia. A Havilá pertencia o rio Pisom; a região era rica em ouro, resinas aromáticas e pedras preciosas, Gn 2. 11, 12. Estas produções evidentemente indicam o distrito montanhoso ao norte do Iemema, e é nas suas vizinhanças que se deve procurar a Havilá. Ignora-se até onde se entendem os limites de Havilá. Pelo registo das relações de Saul com os amalecitas, pode inferir-se que o deserto da Arábia, por algumas centenas de quilômetros ao norte das montanhas, tinha o nome de Havilá, 1 Sm 15. 7; comp. Gn 25. 18. As emigrações dos povos desta região, levaram consigo o nome para localidades longínquas, como, talvez, as costas da África, perto do estreito de Bab-el-Mandebe, onde existe um golfo com o nome de Analites e um povo chamado Abalitai.

HAVOTE-JAIR, (Circuito de aldeias de Jair, ou de acampamentos nômades).

Cidades abertas, situadas na parte noroeste de Basã, no país de Argobe, no lugar em que se aproxima do país dos gessuritas e maacatitas, e onde os limites, entre a terra acidentada de Galaade e a terra arenosa de Basã, incensivelmente se fundem, Dt 3. 4, 14. Foram conquistadas por Jair, da tribo de Manassés. O número destas cidades estava sujeito a flutuações, por se acharem em uma terra disputada e por outros motivos, 1 Cr 2. 23. Não se devem confundir com as sessenta cidades muradas no centro de Basã, nem com Argobe, Dt 3. 4, 5; 1 Rs 4. 13. Uma vez que os limites entre Galaade e Basã não foram claramente determinados, pela própria natureza, nem por meios convencionais, os lugares mencionados nesta região, referem-se a Galaade ou a Basã, conforme o ponto de vista do historiador. A conquista de Basã pelos israelitas, compreendia as cidades abertas de Argobe, situadas nestes limites incertos.

A narração da tomada destas cidades por Jair, inclui também a conquista do reino de Ogue, iniciada em Edrai, ponto de partida, juntamente com a cidade de Havote-Jair, no reino de Basã, Dt 3. 14; Js 13. 30. Quando, pois, o oriente do país, está diante das vistas do observador no vale do Jordão, ou em Canaã, a oeste do rio, naturalmente se refere, em primeiro lugar, a Galaade, e algumas vezes mesmo emprega esta designação em sentido mais lato, referindo-se a todo o território do oriente do rio, e pode falar de uma conquista de Galaade, cujos limites não eram bem assinalados. Assim sendo, o historiador pode referir-se a cidades situadas nos limites indeterminados de Galaade e Basã, como existentes em Galaade, 1 Cr 2. 21-23; Nm 32. 40; 1 Rs 4. 13. As Hovote-Jair espalhavam-se por este território ilimitado de Argobe; e, portanto, de conformidade com o ponto de vista do observador, ele as pode dar a Galaade ou a Basã. Algumas destas povoações, evidentemente, estavam na parte aberta do país, e outras na região acidentada.

HAZAEL, *Deus tem visto.*

Nome de um cortesão da Síria, a quem Elias foi enviado por Jeová, para ungi-lo rei da Síria, 1 Rs 19. 15-17. Alguns anos depois, entre 845 e 843 A. C. Benadade II, que então ali reinava, cuja capital era Damasco, sabendo que o profeta Eliseu estava na cidade, mandou a Hazael consultá-lo para saber se sararia da enfermidade que o atormentava. Eliseu respondeu-lhe que o seu senhor não se restabeleceria e que ele Hazael iria ser rei da Síria e que havia de exercer grandes crueldades sobre o povo de Israel. "Quem sou eu, teu servo, senão um cão para fazer tão grandes cousas?", disse Hazael. Voltando para seu amo, informou-o falsamente de que o profeta garantira a sua cura. No dia seguinte assassinou o rei e tomou posse do reino, 2 Rs 8. 7-15. Em 842, Salmanasar, rei da Assíria, guerreou contra Hazael e impôs-lhe tributos. No ano 839, Salmanasar entrou outra vez em guerra com Hazael. Pelo fim do reinado de Jeú sobre Israel, 820 A. C., Hazael bateu a terra dos hebreus, pelo lado do oriente do Jordão, 10. 32, e durante os reinados posteriores, atravessou o rio, oprimiu fortemente os israelitas 13. 4-7, invadiu o país dos filisteus, tomou Gate, e poupou a cidade de Jerusalém em troca dos ricos presentes que Joás lhe fez dos tesouros do templo, 12. 17, 18. Morreu logo depois, Damasco é chamada casa de Hazael pelo profeta Am 1. 4.

HAZAÍAS, *Jeová tem visto.*

Nome de um homem de Judá da família de Salé, Ne 11. 5.

HAZAR-ENÃ, *Aldeia das fontes.*

Nome de uma aldeia situada ao norte da Palestina e perto de Damasco, Nm 34. 9; Ez 47. 17; 48.1. Situação ignorada.

HAZARGADA, *Aldeia da boa fortuna.*

Nome de uma cidade situada no extremo sul de Judá, Js 15.27. Ignora-se a situação exata.

HAZARMAVETE, *Aldeia da morte.*

Grupo de filhos de Jectã que povoaram um distrito da Arábia, Gn 10.26; 1 Cr 1.20. Existe ainda hoje uma região na Arábia Félix, ao sul da península, a que os árabes denominam Hadramaute, cujo nome corresponde, etimologicamente, a Hazarmavete. Este lugar é mencionado nas inscrições dos antigos sabeus, habitantes de Saba.

HAZAR-SUAL, *Aldeia da raposa.*

Nome de uma cidade, situada no extremo Sul de Judá, dada em posse à tribo de Simeão, Js 15. 28; 19. 3; 1 Cr 4. 28. Foi ocupada depois do cativeiro, Ne 11. 27. Talvez que o lugar desta cidade seja nas ruínas de *eth-Thali*, palavra equivalente a Sual.

HAZAR-SUSA, *Aldeia das éguas.*

Nome de uma aldeia pertencente à tribo de Simeão, Js 19. 5; 1 Cr 4. 31. Tristram coloca-a nas ruínas de Susim, a 18 quilômetros ao sul de Gaza, à beira da estrada das caravanas do Egito.

HAZELELPONI, *Dá sombra, tu que te voltas para mim.*

Nome de uma mulher de Judá pertencente à posteridade de Etão, 1 Cr 4.3.

HAZER-HATICOM, *Aser do meio.*

Nome de uma cidade, nos confins de Aurã Ez 47. 16. Lugar ignorado.

HAZERIM, *Aldeias.*

Nome das habitações dos heveus, Dt 2. 23.

HAZEROTE, *Acampamento.*

Terreno onde se acamparam os israelitas no deserto, além dos Sepulcros da Concupiscência, Nm 11. 35, e do lado de cá de Farã, 12. 16; 33. 17, Dt 1. 1. Foi alí que Maria e Arão murmuraram contra Moisés, Nm 11. 35, até 12. 16. O local deste acampamento é indicado por Burckhardt, pelo explorador Robinson e por outros cientistas, como sendo *Ain el-Hudera*, situada a 66 quilômetros a nordeste do monte Sinai. Esta identificação baseia-se, apenas, na semelhança de nomes. Palmer, encontrou neste lugar, muitos discos de pedra, que assinalam o pouso de um povo de pastores.

HAZIEL, *Visão de Deus.*

Nome de um dos descendentes de Gérson, levita, filho de Semei, 1 Cr 23. 9.

HAZI-HAMENUATE

Nome de um lugar (a julgar pelo texto hebreu atual) metade de cujos habitantes descendiam de Sobal da tribo de Judá, 1 Cr 2. 52. Este nome, se for vocalizado como está no atual texto hebreu, não dá lugar ao adjetivo gentílico do v. 54 e traduzido manaatitas na V. B. e por isso talvez seja melhor dizer Manaate em vez de Menuote.

HAZO, *Visão.*

Nome de um filho de Nacor e de Melca, Gn 22.22. Parece que este nome se perpetua na região montanhosa de Hazu, atravessada por Asaradom perto de Haurã.

HAZOR, *Cercado.*

1. Capital do reino dos cananeus, situado ao norte da Palestina, governado, no tempo de Josué, por Jabim. Segundo Josefo, estava localizada acima das águas de Merom, Antig. 5.5,1. Esta cidade foi tomada por Josué e reduzida a cinzas, Js 11.1-13; 12.19. Depois de reconstruída, foi dada à tribo de Naftali, Js 19.36. Nos tempos de Débora e Baraque, era governada por outro Jabim. Depois da morte do general Sísara, Jabim tentou continuar a guerra contra os israelitas, sendo vencido e morto, Jz 4.1-24; 1 Sm 12.9. Não há certeza se esta, ou alguma outra Hazor, era a cidade fortificada de Salomão, 1 Rs 9.15. É certo, porém, que foi deste lugar que Tiglate-Pileser levou cativos para Babilônia os seus habitantes. Nas proximidades de Hazor Jônatas Macabeu derrotou a Demétrio, 1 Mac 11.67; Antig. 13.5,7. Robinson identifica-a com *Tell Khureibeh*, a cinco quilômetros e meio a oeste das águas de Merom; e Conder, em Jabel Hadirá, a 3.700 metros mais para oeste.

2. Nome de uma cidade no extremo sul de Judá, chamada também Cariote-Hesrom, Js 15.25. Ignora-se onde se achava situada. Robinson diz que ela devia achar-se no lugar onde hoje existe *Kureitein*, a 22 quilômetros ao sul de Hebrom. No v. 23 menciona-se outra Hazor, da tribo de Judá, perto de Cades.

3. Nome de uma aldeia da tribo de Benjamim, Ne 11.33. Conder identifica-a com as ruínas de *Hazzur*, a sete quilômetros e meio a noroeste de Jerusalém, e a oeste de Beite-Hanina, que talvez seja a Anânia do v. 32.

4. Nome de uma região da Arábia Deserta, para os lados do Oriente da Palestina. Jeremias vaticinou que seria tomada por Nabucodonosor, Jr 49.28-33. Beroso confirma esta profecia, contra Apiom, 1.19. Este nome, provavelmente, é coletivo e refere-se à vida permanente da comunidade em contraste com a vida nômade. Situação ignorada.

HAZOR-HADATA, *Aldeia nova.*

Nome de uma cidade do extremo sul de Judá, perto de Hazor, Js 15.25. Situação ignorada.

HE

Quinta letra do alfabeto hebraico. A quinta letra do nosso alfabeto tem origem comum, porém, é vogal. Nas palavras em que ela se emprega como consoante na composição das palavras hebraicas, é representada por um — h — como em Abrahão (1). Emprega-se na divisão quinta do Salmo 119. Cada verso deste salmo sob a letra He, começa pela mesma letra, no original.

HEBER[1], *Região além.*

1. Nome de um dos descendentes de Sem, Gn 10. 22, 24, que foi a origem de diversos povos, compreendendo os hebreus, 10. 21; 11. 16-26, os árabes, 10. 25-30, e várias tribos armênias descendentes de Naor, 11. 29; 22. 20-24. Este nome, Heber, designa todos estes povos coletivamente. Nm 24. 24. A princípio era o nome que se dava à região além do Eufrates e do Tigre, com respeito aos últimos hebreus comp. Js 24. 2, 3, 14, 15, e aos árabes joctanides, não sendo provável que tivesse referência a seus descendentes, os antecessores de Abraão e Nacor, em Ur dos caldeus.

2. Nome de um sacerdote chefe da família de Amoque nos dias do sumo sacerdote Joacim, Ne 12. 20.

3. Nome de um gadita, chefe de uma família, residente em Galaade e Basã, 1 Cr 5. 13.

4 e 5. Nome de dois filhos da tribo de Benjamim, sendo um, filho de Elfeal, e outro, de Sesaque, 1 Cr 8. 12, 22, 25.

HEBER[2], *União, sociedade, companhia.*

1. Nome de um dos filhos de Beria, e neto de Aser, fundador de uma família tribal, Gn 46. 17; Nm 26. 45.

2. Nome de um cineu descendente de Hobabe, cunhado ou sogro de Moisés, e marido de Jael, que matou Sísera, Jz 4. 11-24.

3. Nome de certo homem, descendente de Esdras, registado com os filhos de Judá, e antecessor dos homens de Soco, 1 Cr 4. 18.

4. Nome de um benjamita, descendente de Saraim e de sua mulher Elfeal, 1 Cr 8. 17.

HEBREU, *Que é do outro lado*, ou *que pertence a Eber.*

1. Segundo a história bíblica, os hebreus eram homens que vieram do outro lado do Eufrates, Gn 14. 13; comp. 12. 5; Js 24. 2, 3, nome patronímico de Eber, aplicado a todos os seus descendentes, inclusive os israelitas, Gn 10. 21, que mais tarde passou a designar toda a nação, Gn 40. 15; 1 Sm 4. 6; 13. 3; 2 Co 11. 22. Em os tempos do Novo Testamento, a palavra hebreu ou hebreus aplicava-se aos judeus que falavam o hebraico, ou o aramaico, para distingui-los dos seus conterrâneos que falavam o grego, ou judeus helenistas, At 6. 1. Um judeu, filho de pai e mãe hebreus, era sempre um hebreu, Fp 3. 5.

2. O idioma falado pelos hebreus chamava-se hebreu, 2 Rs 18. 26, 28; Is 36. 11, 13, e linguagem de Canaã, em estilo poético, Is 19. 18. Há razões para se crer que Abraão encontrou este idioma em Canaã, em vez de o ter trazido da Caldéia. As tabelas encontradas em *Tell el-Amarna* e a pedra Moabita demonstram que, pelo menos, os cananeus e os moabitas, e talvez as tribos adjacentes, falavam uma linguagem pouco diferente da hebraica. O hebreu pertence ao grupo das línguas semíticas. Semelhante à maior parte

(1) A reforma ortográfica a aboliu no meio e no fim das palavras.

delas, lêem-se da direita para a esquerda. O alfabeto compõe-se de vinte e duas consoantes, cujos nomes se encontram no salmo 119 dividido em grupos de oito versículos. Cada um destes começa com a consoante que assinala cada grupo. Originariamente, as vogais não eram assinaladas por meio de pontos que só foram introduzidos no sexto século da era cristã, ou talvez mais tarde, pelos sábios Massoretas, cuja escola estava em Tiberiades. Excetuando alguns trechos dos livros de Daniel e de Esdras, e alguns versículos espalhados pelo Antigo Testamento, escritos em aramaico, tudo o mais do Antigo Testamento foi escrito em hebreu. Todas as línguas têm o seu período de desenvolvimento, de perfeição relativa, e depois decaem. A língua hebraica tem duas épocas bem distintas de seu desenvolvimento, conhecidas geralmente pela idade de ouro e pela idade de prata. A primeira vem desde o princípio da nação até o cativeiro de Babilônia, e a segunda, desde o cativeiro até que a língua deixou de ser falada. Durante a idade de ouro em que a nação conservou sua independência, a língua se conservou comparativamente pura. Durante a idade de prata, corrompeu-se pelo influxo constante do aramaico a ponto de ser absorvida por este. No tempo de Nosso Senhor, o aramaico havia tomado o lugar do hebreu puro no uso comum ou familiar, Mc 5. 41, e tinha-lhe usurpado o nome, como se vê em Jo 5. 2; 19. 13, 17, 20; At 21. 40; 22. 2; 26. 14; Ap 9. 11.

HEBREUS Epístola aos

A décima quarta das epístolas do Novo Testamento, segundo o arranjo de nossas Bíblias. Pelo seu conteúdo, vê-se que foi endereçada aos judeus que haviam abraçado o Cristianismo. A ninguém mais se adaptam os seus argumentos. Eles estavam em risco de voltar ao judaismo, pelas influências externas e pela oposição social, 2. 1; 3. 12; 4. 1, 11; 5. 12; 6. 6; 10. 23-25, 29. Eram recentemente convertidos, 5. 12, pela pregação dos primeiros missionários, 2. 3. Sofreram grandes perseguições, 10. 32-34, e haviam socorrido as necessidades dos santos, 6. 10; 10. 34. Não há referência a cristãos vindos do gentilismo. O perigo da igreja estava na volta às obras da lei e ao ritualismo judaico. Estas alusões só aos cristãos vindos do judaismo podiam convir, e a eles, sem dúvida, como a alguns outros judeus do oriente, é que a epístola foi dirigida. O seu autor tem sido muito disputado. Mesmo na igreja antiga, as opiniões estavam divididas, embora nunca houvesse dúvida quanto à sua canonicidade e inspiração. A primitiva igreja do oriente recebeu-a como sendo de S. Paulo, a despeito de não ter muita semelhança com as outras cartas do mesmo apóstolo, e cujas diferenças pretendiam explicar. Clemente de Alexandria acreditava que S. Lucas a havia traduzido do original hebraico. Nas igrejas ocidentais, logo no princípio, foi negada a autoria de S. Paulo. Tertuliano atribuiu-a a Barnabé. Na igreja do ocidente a sua história continua a ser obscura, até onde chega o nosso conhecimento. Finalmente, a opinião da igreja do oriente foi aceita: a epístola é anônima. Todavia o cap. 2. 3 parece dizer que o autor não era apóstolo; mas o seu conteúdo diz que, se o autor não era apóstolo, era pelo menos um dos que haviam recebido o evangelho por meio de outros, o que não se deu com o apóstolo S. Paulo (comp. Gl 1. 11-24. Pelo que se lê no cap. 13. 18, 19, conclui-se que o escritor conhecia muito bem os seus leitores, mas que infelizmente se achava longe deles. No cap. 13. 23, há uma referência a Timóteo insuficiente para provar que S. Paulo seja o seu autor, nem tão pouco a frase "os nossos irmãos da Itália vos saúdam", no cap. 13. 24, prova que o autor estava na Itália. O conteúdo da epístola e o estilo impressionam de modos diferentes. Com certeza não é tradução do hebreu. A doutrina tem muito em comum com as idéias de S. Paulo, se bem que a verdade é apresentada por modo um pouco diferente. A linguagem contém grande elemento clássico, e o estilo parece, a muitos críticos, mais doce, mais elegante e menos impetuoso do que o do apóstolo. A falta de endereço de que a epístola se ressente não se encontra em qualquer das epístolas de S. Paulo. O autor desta epístola usa em suas citações do Antigo Testamento a tradução grega, ao passo que o apóstolo se mostra mais familiarizado com o texto hebraico. Há, contudo, lugar para diferente opinião sobre o autor. Várias sugestões se têm feito por aqueles que negam a S. Paulo a autoria da epístola. Lutero pensa que foi escrita por Apolo. Se não foi, é mais provável que o tenha sido por Barnabé que tem a seu favor alguns testemunhos da antiguidade, e que nos Atos dos Apóstolos aparece como mediador entre os judeus cristãos e Paulo; e esta epístola procura equilibrar, na mente do leitor, a doutrina largamente difundida nas epístolas paulinas. A análise seguinte mostra o pensamento da epístola:

(1) O autor começa estabelecendo a superioridade do Cristianismo a tôda a revelação prévia e possível, devida à diginidade de Cristo, superior a todos os órgãos de revelação anterior, cap. 1. fato este que nos vem advertir que não se deve desprezar o evangelho, cap. 2. 1, 4. A humilhação de Cristo não constitui dificuldade, pois, por isso mesmo, ele se fez o nosso salvador e sumo sacerdote, cap. 2. Ele, pois, é superior em dignidade ao próprio Moisés, 3. 1-6; as admoestações contra a incredulidade, existentes na velha revelação, feitas a Israel, são aplicáveis contra a incredulidade, a respeito da nova revelação, 3. 7 até cap. 4. 13.

(2) Em seguida a epístola mostra o valor do sacerdócio de Jesus Cristo, 4. 14-16, explicando a sua natureza e mostrando o que Cristo fêz, e que estava predito o seu ofício sacerdotal, cap. 5; depois, em termos delicados, ainda que enérgicos, repreende-os por se haverem subtraído à plena verdade do evangelho, cap. 6, mostrando a superioridade de Cristo como sacerdote, tipificado em Melquisedeque, em confronto com a instituição levítica, ab-rogada com todos os seus rituais, pela excelência do sacerdote da nova dispensação, cap. 7.

(3) Vem agora uma exposição do sacerdócio de Jesus Cristo, cujas funções exerce no céu, que, por serem invisíveis, nem por isso deixam de ser eficientes. Em seu ministério, Jesus realiza os tipos, confirma as promessas e supre as imperfeições do ritual antigo, cap. 8. 1 até cap. 10. 18.

(4) A quarta secção que vai do cap. 10. 19 até 12. 29, exorta-os a viver de conformidade com estas verdades sem desfalecimento na sua fé, e a renovarem a sua confiança em Cristo; a conservarem a sua associação cristã, 10. 19-25; descreve o perigo da descrença conseqüente à apostasia, 10. 26-31; incita-os a recobrar o seu antigo zêlo, 10. 32-39; patenteia-lhes os exemplos dos heróis da fé, cap. 11, e o do próprio Jesus, 12. 1-3, ordenando-lhes que considerem as atuais provações como processos divinos, preparatórios a uma gloriosa salvação, 12. 4-29.

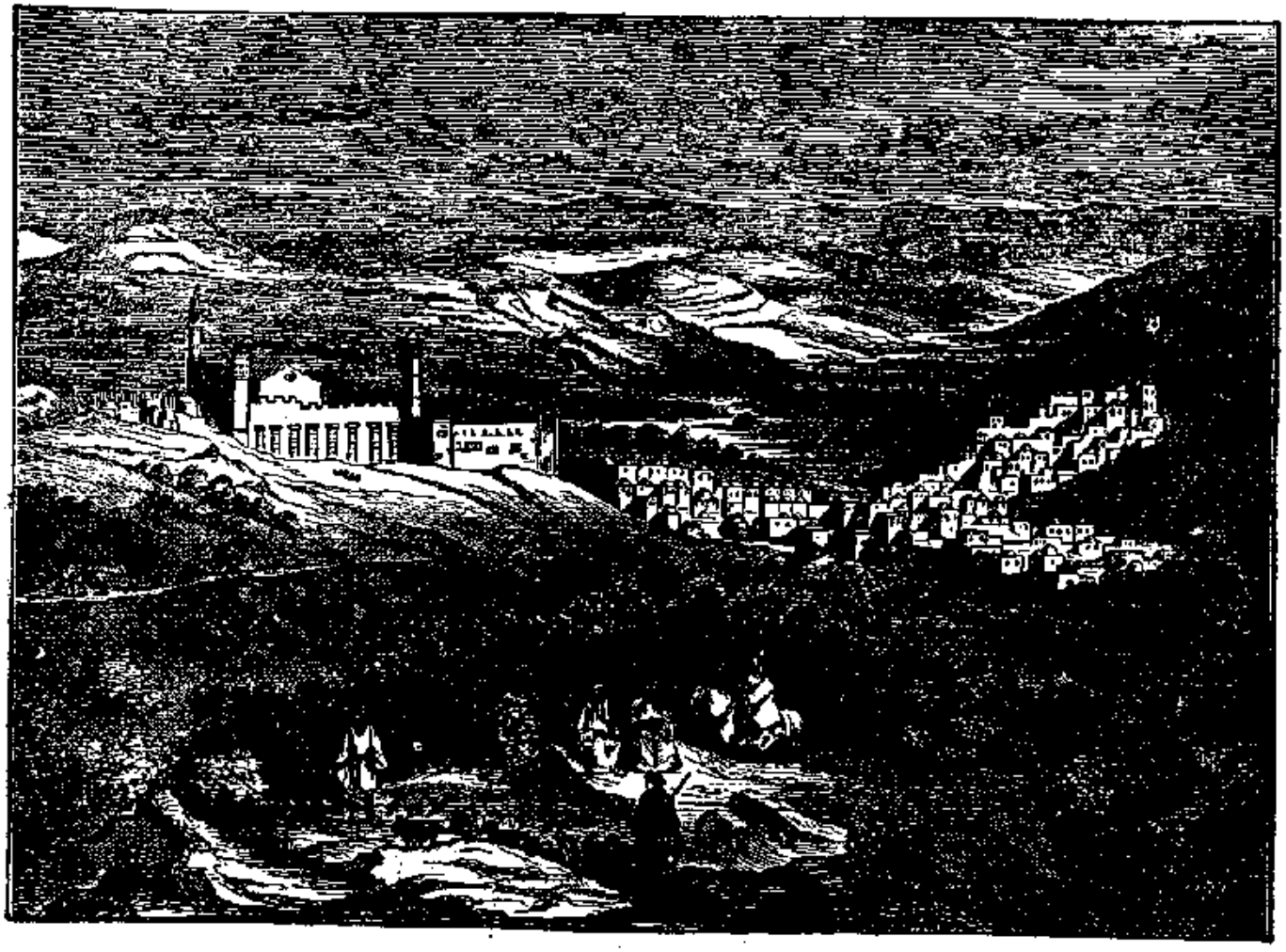
(5) No capítulo 13, adiciona algumas exortações especiais.

Esta epístola é a única em que o título de sacerdote é aplicado a Cristo; porém a substância desta doutrina encontra-se difundida em todos os outros escritos do Novo Testamento; representa o Cristianismo como o complemento e o objetivo da velha dispensação; anuncia claramente o caminho da salvação, previamente ensinado, pelos tipos e rituais antigos. Fornece, portanto, o argumento mais conclusivo para firmar a fé daqueles hebreus vacilantes. Sem esta epístola, os ensinos do Novo Testamento seriam incompletos. Parece que foi escrita na Itália e fora da cidade de Roma, o que se infere do capítulo 13. 24; era conhecida por Clemente de Roma no ano 96 — provàvelmente foi escrita entre 65 e 6 ainda o templo de Jerusalém estava e 10-14. G. T. P.

HEBROM, *União.*

1. Nome de um levita, filho de Coate, e fundador de uma família tribal, Ex 6. 18; 1 Cr 6. 2.

2. Nome de uma cidade, situada na região serrana de Judá, Js 15. 48, 54, chamada originalmente Cariate-Arbe, que quer dizer cidade dos quatro por ser constituída por quatro bairros diferentes, ou cidade da humilhação, Gn 23. 2; Js 20. 7. Foi construída sete anos antes de Zoã, cidade do Egito, Nm 13. 22, e existia, pelo menos, nos dias de Abraão, que por algum tempo morou nas suas vizinhanças, à sombra dos carvalhos, ou terebintos do vale de Mambre, Gn 13. 18; 35. 27. Ali morreu Sara, mulher do patriarca, que a sepultou na caverna dos dois côvados, comprada aos filhos de Hete, que então ocupavam a cidade, Gn 23. 2-20. Isaque e Jacó por algum tempo residiram em Hebrom, Gn 35. 27; 37. 14. Foi visitada pelos espias que encontraram nela os enacins fazendo parte da população, Nm 13. 22. Hoão, rei de Hebrom, foi um dos quatro reis, que se aliaram com Adoni-Zedeque, rei de Jerusalém, para irem de encontro a Josué; este os venceu e matou, Js 10. 1-27. A própria Hebrom foi tomada mais tarde, e mortos os seus habitantes, Js 10. 36-39. Esta narrativa é suplementada pelo capítulo 11. 21, 22, onde se diz que Josué tirou a vida aos enacins das montanhas de Hebrom, de Dair e de Anabe e de todas as montanhas de Judá e de Israel, arrasando as suas cidades. Depois desta campanha geral, os sobreviventes das antigas populações saíram gradualmente de seus esconderijos e no decurso de alguns anos, reconstruíram muitas das povoações arrasadas. Entre os retirantes contavam-se os restos de três famílias dos enacins que tinham habitado em Hebrom, e que foram encontrados de novo estabelecidos depois da conquista de Canaã, Js 14. 10, 12. Calebe disputou a posse deste distrito. Quando a tribo de Judá tomou posse dele, depois da morte de Josué, retomou Hebrom, Jz 1. 10-15, parece que antecipadamente, Js 15. 13-19. Hebrom tinha aldeias que lhe eram dependentes, Js 15. 54, e foi destinada aos sacerdotes vindo a ser uma das cidades de refúgio, Js 20. 7; 21. 10-13; 1 Cr 6. 54-57. Davi mandou para esta cidade uma parte dos despojos de Ziclague, 1 Sm 30. 31, e depois reinou ali durante sete anos e meio, 2 Sm 2. 1, 8, 11, 32; 5. 1-5, 13; 1 Rs 2. 11; 1 Cr 29. 27, onde lhe nasceram alguns de seus filhos, 2 Sm 3. 2-5; 1 Cr 3. 1-4; 11. 1-8; 12. 23-38. Ali foi sepultado Abner, 2 Sm 3. 32, e na mesma sepultura depositaram a cabeça de Isbosete, 4. 1-12. Foi em Hebrom que Absalão levantou o estandarte da revolta contra seu pai Davi, 15. 7-10. Roboão a fortificou, 2 Cr 11. 10. Quando, durante o cativeiro, os edomitas ocuparam o sul de Judá, a cidade de Hebrom, juntamente com outros lugares, caiu em suas mãos. Judas Macabeu a retomou, que então se achava fortificada, e que era a cidade dominante de outras cidades vizinhas, 1 Mac 5. 65. Não existem referências a ela em o Novo Testamento. Hebrom ainda existe com o nome de *el-Khalil er-Rahman*. É uma das mais antigas cidades do mundo, que ainda conserva habitadores, em vez de ser assinalada por montões de ruínas somente; está situada em um vale e sobre uma encosta adjacente, a cerca de 1000 metros acima do nível do oceano. Dista de Jerusalém cerca de 35 quilómetros para sudoeste e cerca de 25 de Belém, na mesma direção. Presentemente não é murada, mas ainda conserva as antigas portas. As casas são de pedra, e bem construídas, com as cobertas chatas e cupuladas no centro. Antigamente era dividida em três quarteirões. Des-



Hebrom

de 1875, que tem recebido grande impulso, e formado mais seis quarteirões. A população é calculada em cerca de 10000 habitantes, composta na maior parte de maometanos e judeus. No centro e na parte inferior da cidade, existem dois grandes reservatórios, destinados a recolher as águas pluviais, que descem das montanhas vizinhas, 2 Sm 4. 12. Existe ali uma famosa mesquita, cujos precintos têm o nome de Harã. No recinto existe uma caverna que se julga ser a dos dois covatos (a Macpela). O carvalho ou terebinto de Abraão é apontado em dois lugares, dos quais existe um exemplar genuino: (*Quercus pseudococcifera*). Há vinte e cinco fontes de águas e dez grandes reservatórios perto da cidade, vinhas e olivedos.

3. Nome de uma cidade da tribo de Aser, Js 19. 28, cujo nome difere da Hebrom de Judá (Vide *Abrá* e *Ebromn*).

HEBRONITAS

Descendentes de Hebrom, coatita, Nm 3. 27; 1 Cr 26. 30, 31.

HEFER, *Poço.*

1. Nome de uma cidade, situada ao oeste do Jordão, Js 12. 17. Este nome pertencia também a um distrito perto de Soco, 1 Rs 4. 10.

2. Nome de um dos filhos de Galaade, fundador de uma familia tribal de Manassés, Nm 26. 32; 27. 1; Js 17. 2.

3. Nome de um homem de Judá, filho de Assur pai de Tecoa, 1 Cr 4. 6.

4. Homem de Mequerate, e um dos grandes de Davi, 1 Cr 11. 36.

HEFZIBÁ, *A minha delicia está nela.*

1. Nome da mãe do rei Manassés, 2 Rs 21. 1.
2. Nome simbólico dado a Sião, Is 62. 4.

HEGAI

Nome de um dos eunucos do rei Assuero, que tinha sob sua guarda a casa das mulheres do rei, Et 2. 3, 8, 15.

HELÁ, *Escuma, ferrugem.*

Nome de uma das duas mulheres de Assur, antecessor dos homens de Tecoa, 1 Cr 4. 5, 7.

HELÁ

Nome de um lugar ao oriente do Jordão, onde Davi derrotou a Aderezer, 2 Sm 10. 16-19. Ewald e outros identificam-na com Alamata, cidade mencionada por Ptolomeu, a oeste do Eufrates, perto de Niceforium.

HELBÁ, *Fartura.*

Nome de uma cidade, dentro do território de Aser, que conservou os seus antigos habitantes cananeus, Jz 1. 31. Lugar ignorado.

HELBOM, *Fértil.*

Nome de uma cidade da Síria, famosa pelos seus vinhos generosos, Ez 27. 18. Identificam-na com Helbum, a 24 quilômetros ao norte de Damasco. Acha-se situada em um vale estreito, cercado de escarpas e ribanceiras nuas de 700 a 900 metros de altura. O fundo do vale é coberto de pomares, e no alto das montanhas, vêem-se opulentos vinhedos. Tanto os altos das montanhas como o fundo do vale, estão cobertos de extensas ruinas. Os vinhos de Helbom eram afamados, na Assíria, em Babilônia e na Pérsia, Estrabão 17. 735; Nabucodonosor, 1 R. 65. 32.

HELCAI, *Liso.*

Nome de um sacerdote, chefe de uma familia denominada Meraiote Ne 12. 15.

HELCATE, *Lisura.*

Nome de uma cidade nos limites de Aser, Js 19. 25, destinada com os seus subúrbios, aos levitas gersonitas, 21. 31, denominada Hucoque em 1 Cr 6. 75, por causa talvez de corrupção do texto. Van de Veld e Robinson identificam-na com *Yerka* a 16 quilômetros a este do Acre.

HELCATE-HAZURIM, *Campo das facas afiadas.*

Nome dado à cena de combate na Piscina de Gabaom, entre doze benjamitas do partido de Isbosete e doze do partido de Davi que se bateram, 2 Sm 2. 16.

HELDAI, HELÉM, *Sonho durável,* Zc 6. 10. 14.

1. Nome de um homem, natural de Netofate, descendente de Otniel, capitão de 24.000 homens, que servia na turma do duodécimo mês, 1 Cr 27. 15. Parece que é a mesma personagem mencionada no cap. 11. 30.

2. Nome de um exilado que voltou de Babilônia, Zc 6. 10, também chamado Helém no v. 14.

HELEBE, *Gordura.*

Nome dado a Helede, em 2 Sm 23. 29. É possível que seja este o nome original, alterado por algum erro de cópia, o que é muito comum.

HELEDE, *Sofrimento, vida transitória.*

Nome de um filho de Baaná, netofatita, e um dos homens fortes de Davi, 1 Cr 11. 30.

HELEFE, *Mudança, permuta.*

Nome de uma cidade fronteira a Naftali, Js 19. 33. Vandevelde identifica-a com *Belt Lif,* nas montanhas de Galiléia, na metade do caminho entre Cades e *Ras el-Abiad.*

HELÉM, *Golpe, pancada.*

Nome de um asserita, irmão de Somer, 1 Cr 7. 35, talvez o mesmo Hotão do v. 32.

HELENISTAS

Palavra que designava, em particular, os judeus espalhados pelo mundo antigo e que falavam a lingua grega, At 6. 1; 9. 29, para distingui-los dos que habitavam a Judéia, e que só falavam o hebreu. Ver *Gregos.*

HELEQUE, *Lisura, igualdade.*

Nome de um filho de Galaade, e fundador de uma familia tribal de Manassés, Nm 26. 30; Js 17. 2.

HELEZ, *Vigilância.*

1. Nome de um homem, pelonita, capitão de Davi, que tinha de servir no sétimo mês com os seus 24.000, 1 Cr 27. 10.

2. Nome de um homem de Judá, descendente de Hesrom, 1 Cr 2. 39.

HELI, da forma grega Eli, *elevação.*

Nome do pai da Virgem Maria, mãe de Jesus. Esta opinião funda-se no texto grego que representa Jesus, como sendo filho, como se julgava de José, que o foi de Heli, Lc 3. 23.

HELIÓPOLE I, ÁVEN, *Vácuo, nonada, ídolo.*

1. Nome de uma cidade do Egito, Om, chamada pelos Gregos Heliópolis, Ez 30. 17. As consoantes hebraicas de Om e Áven são as mesmas, somente as vogais diferem. A pronúncia foi intencionalmente modificada pelo profeta para exprimir seu desprêzo pela idolatria da cidade.

2. Nome aplicado por Oséias a Betel, como não sendo mais a casa de Deus, e sim casa de idolatria, Os 10. 8.

3. Nome de uma cidade que também serve para designar um vale do reino de Damasco, Am 1. 5; provavelmente é a Heliópolis que agora se chama Baalbeque, que, semelhante à cidade Om do Egito, era centro de culto ao sol.

HELIÓPOLE II, OM, Em egípcio *An,* luz.

Nome de uma antiga e famosa cidade do Baixo Egito, situada ao oriente do Nilo, no delta, e alguns quilômetros distantes dêle, 35 quilômetros ao norte de Mênfis. Era o centro principal de adoração do sol, a que, por esta razão, os gregos atribuiram o nome de Heliópolis (cp. Êx 1. 11, Setenta) e Jeremias a denominou Casa do Sol, Bete-Semes, Jr 43. 13. Isaías tinha em mente esta cidade, cujo nome, por uma pequena alteração da primeira letra, transformou em cidade da Destruição, profetizando a completa destruição da idolatria, Is 19. 18. Figueiredo diz: cidade de

sol. Junto ao templo do sol, funcionava uma escola de sacerdotes e uma academia de medicina, ambas muito visitadas pelos filósofos gregos que iam lá estudar. Em tempo de Heródoto, os sacerdotes de Heliópolis eram muito considerados pelos seus profundos conhecimentos da história, 2. 3. Faraó deu por mulher a José, a filha de Potífera, sacerdote de Heliópolis, Gn 41. 45-50; 46. 20.

HELOM, *Forte.*

Nome do pai de Eliabe, príncipe de Zebulom, Nm 1. 9; 2. 7; 7. 24, 29; 10. 16.

HEM, *Graça, favor, bondade.*

Nome de um filho de Sofonias, Zc 6. 14.

HEMÃ, *Fiel.*

1. Nome de um sábio cuja reputação era muito famosa no tempo de Salomão, 1 Rs 4. 31. Pertencia à tribo de Judá, 1 Cr 2. 6. Compôs um Salmo, o 88, conforme o título original, conservado em a nossa tradução.

2. Nome de um cantor do tempo de Davi, filho de Joel, neto do profeta Samuel, de uma família levítica, 1 Cr 6. 33; 15. 17. Em adição ao canto, foi também designado para tocar címbale de metal, 19. Ocupou lugar de destaque entre os músicos do tempo de Davi, 16. 41, 42.

HEMOR, *Asno.*

Nome de um príncipe de Siquém, Gn 34. 18; Js 24. 32; Jz 9. 28, heveu, ramo dos amorreus, e príncipe daquela tribo, pelo menos na Palestina Central, Gn 34. 2; 48. 22. Seu filho Siquém violentou a virgem Dina, cuja ofensa seus irmãos. Simão e Levi, vingaram, matando o ofensor e o pai, 34. 1-31.

HEMORROIDAS, *Tumores.*

Moléstia consistindo na formação de tumores na região anal interna ou externa pela dilatação dos vasos sanguíneos, Dt 28. 27. Com esta enfermidade o Senhor castigou os habitantes de Azoto para compeli-los a devolver a arca do Senhor que haviam capturado, 1 Sm 5. 6; 6. 11.

HENA

Nome de uma cidade, capturada pelos assírios, 2 Rs, 18.34; 19.13; Is 37.13. É mencionada juntamente com Sefarvaim, e pois deve ser procurada nas vizinhanças de Babilônia. Hena é identificada com a antiga cidade de Aná, em um vau perto do Eufrates, a cerca de 296 quilômetros a noroeste de Bagdá. Existem ali extensas ruínas. Os dois nomes são radicalmente diferentes. Outra conjetura dá esta cidade situada em uma ilha do Eufrates, onde as inscrições assírias assinalam certa Aná.

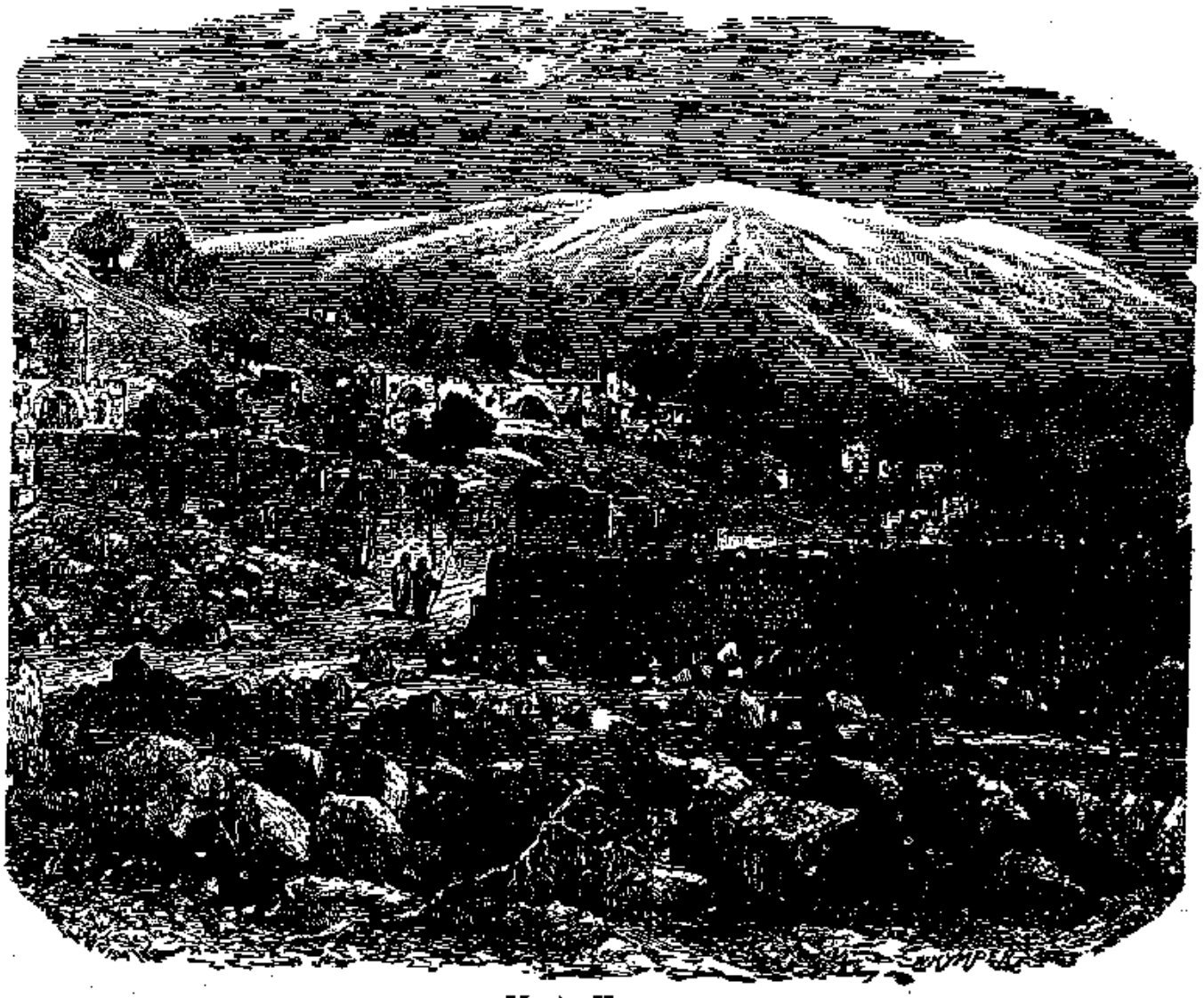
HENA ver CACHO DE CHIPRE, *cânfora.*

HENDÃ, *Desejável.*

Nome de um horita, filho mais velho de Disom, Gn 36. 26. Na passagem paralela de 1 Cr 1. 41, lê-se Hanrão. As duas palavras hebraicas diferem somente na terceira consoante. A diferença é devida a um escriba que confundiu a consoante *resh* com *daleth.* Se a forma original era Hendã ou Hanrão, é cousa que não se pode determinar presentemente.

HENADADE, *Favor de Hadade.*

Nome do fundador de uma família levítica, cujos filhos sustentaram Zorobabel por ocasião de serem lançados os alicerces do templo, Ed 3. 9,



Monte Hermom

e que assistiram à reconstrução dos muros de Jerusalém, Ne 3. 18.

HERES, *Sol.*

1. Nome de uma eminência no distrito de Aijalom, Jz 1. 35. O sentido e a comparação desta palavra com Js 19. 41, 42, fortalecem a opinião provável de que o monte Heres é essencialmente idêntico à cidade Ir-Semes, isto é, Bete-Semes.

2. Nome de uma passagem do Jordão, Jz 8. 13.

3. Nome de uma cidade do Egito. Ver *Om.*

4. Nome de um levita, 1 Cr 9. 15.

HERMAS

Nome de um cristão de Roma a quem S. Paulo enviou saudações, Rm 16. 14.

HERMES

1. Nome grego que corresponde a Mercúrio, At 14.12.

2. Nome de um cristão de Roma a quem São Paulo enviou saudações, Rm 16. 14.

HERMÓGENES, *Que foi gerado por Hermes.*

Nome de um habitante da província romana da Ásia, que, juntamente com outros, se apartou do apóstolo S. Paulo, 2 Tm 1. 15.

HERMOM, *Pico de montanha,* ou *montanha sagrada.*

Nome de um monte que os sidônios chamavam Siriom, e os amorreus, Senir, Dt 3. 8, 9. Este último nome pertencia mais particularmente, a uma parte dele. Outro nome era Sião, que significa elevado, 4. 48. Era ele o limite natural da parte do Norte, até onde chegaram as conquistas dos hebreus, sob a direção de Moisés e Josué, Dt 3. 8, 9; Js 11. 3, 17; 12. 1, 5; 13. 5, 11; 1 Cr 5. 23. Figura na poesia hebraica, juntamente com o Tabor, Sl 89. 12, com Sião, Sl 133. 3, e com o Líbano, Ct 4. 8, cuja altitude é superior a todos estes. Fica no extremo sul do Antelíbano, com cerca de 8.000 metros acima do nível do mar, e avista-se de muitas partes da Palestina. Das planícies de Tiro o pico do norte parece mais alto do que o do sul. Por causa destas duas culminancias, o nome assume a forma do plural no Sl 42. 6. É coroado pelas neves eternas que se espalham em longas fitas pelas suas encostas. Nele se encontram as nascentes do Jordão. Em alguns dos seus recessos solitários, é que se deu a cena da transfiguração de Cristo. O Hermom chama-se atualmente *Jebel-esh-Sheik.*

HERDEIRO

A herança desde os primeiros tempos do mundo, tornou-se um costume social. Já nos tempos de Abraão era conhecida, Gn 15. 3, 4. Somente os filhos de esposa legítima tinham direito à herança. Ismael, filho da escrava, não podia ser herdeiro com o filho da livre, 21. 10; e, por isso, Abraão distribuiu dádivas aos filhos de suas concubinas e os separou de Isaque seu filho, 25. 5, 6. Assim, todos os filhos de Jacó tinham iguais direitos por comum acordo. As filhas, às vezes, também podiam herdar, Jó 42. 15. Segundo a lei mosaica, os bens de um casal, por falecimento dos pais, dividiam-se pelos filhos, recebendo o mais velho, o dobro do que recebia cada um dos mais moços, Dt 21. 15-17. Quando não havia filhos machos, os bens pertenciam às filhas, Nm 27. 1-8, as quais não poderiam casar com varões fora de sua tribo, e família, Nm 36. 1-12. Se, por circunstâncias especiais, acontecia que um varão de outra família tribal casasse com a única herdeira, os filhos de tal consórcio tomavam o nome do avô materno, 1 Cr 2. 34-41. Não havendo prole, a herança passava ao irmão do pai, e depois dele, ao parente mais próximo, Nm 27. 9-11. As leis gregas e romanas introduziram novos costumes, e criaram os testamentos e os testadores segundo as leis estabelecidas em seus códigos, Hb 9. 16, 17. Em sentido figurado, os crentes são herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo, Rm 8. 17.

HERESIA (Do grego *airesis*) SEITA. At 5. 17; 15. 5.

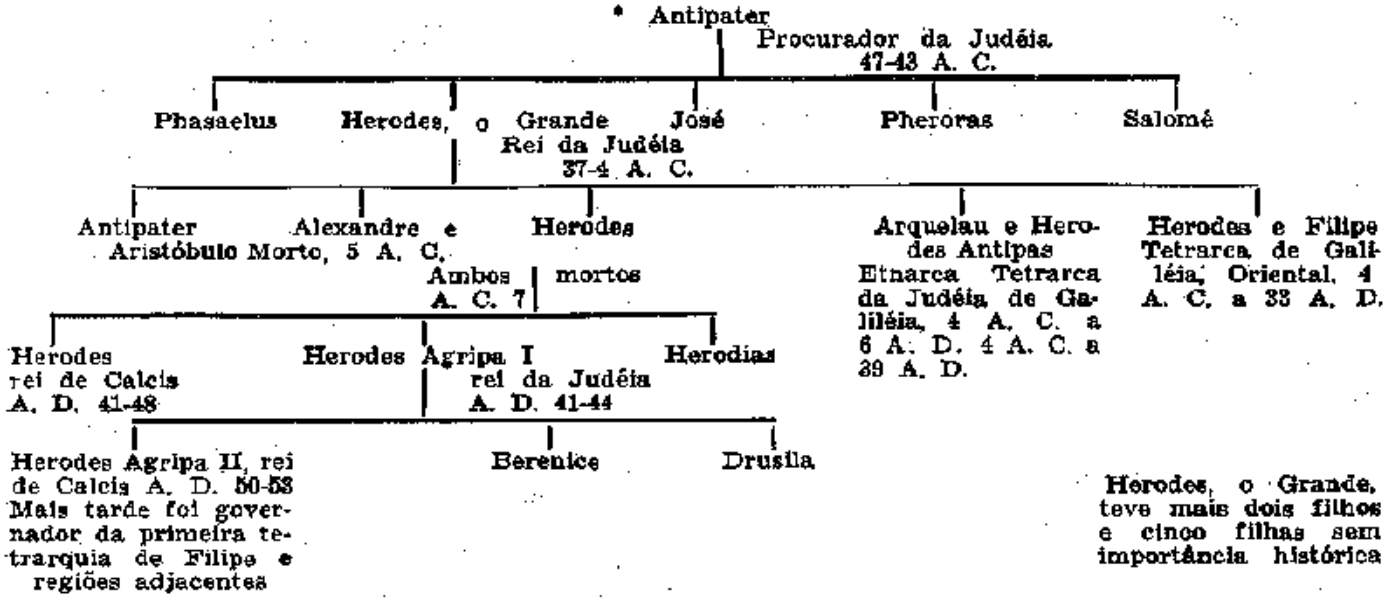
1. Facção, seita, ou partido, espírito de partido, mesmo quando não seja motivado pelo afastamento da sã doutrina, 1 Co 11. 19; Gl 5. 20.

2. Doutrina ou seita originada pelo abandono da verdade religiosa. 2 Pe 2. 1.

HERODES[1]

Nome de vários governadores da Palestina e regiões vizinhas, ou partes delas. Há três Herodes mencionados em o Novo Testamento e mais um com o nome de Agripa.

1. *Herodes, o Grande.* Segundo filho de Antipas Idumeu, ou Antipater e de sua esposa Cipros, pertencente à mesma raça, Antig. 14. 1, 3, 7, 8. Verifica-se que o rei Herodes por nenhum dos lados, descendia da raça judaica. Os idumeus haviam sido conquistados por João Hircano no ano 125. A. C. e compelidos a serem circuncidados e a adotar o judaismo, e, por isso, eram nominalmente judeus. Antipater foi nomeado governador da Judéia por César, no ano 47 A. C., Antig. 14. 8, 3, 5. Tinha cinco filhos, Phasaelus, Herodes, José, Pheroras, e a filha Salomé, Antig. 14. 1, 3. (*) Phasaelus, o mais velho, foi governador de Jerusalém e de suas vizinhanças, nomeado por seu pai; e Herodes Filho, passou a governar a Galiléia, tendo apenas 25 anos de idade, 14. 9, 2. Depois *do assassinio* de Antipater em 43 A. C. Marco Antônio visitou a Síria e nomeou tetrarcas os outros dois irmãos a quem entregou a direção dos negócios públicos da Judéia, 14. 13, 1. Mais tarde foram duramente hostilizados por Antígono, último rei da família dos macabeus, e pelos partas. *Phasaelus caiu nas mãos de ambos, e suicidou-se.* Os romanos foram induzidos por Antônio, a esposar a causa de Herodes, seguindo-se a guerra com Antígono e os partas, em que José foi morto em combate, 14. 15, 10. Jerusalém foi tomada, e Herodes ficou sendo rei da Judéia no ano 37. A. C. Os sobreviventes da família de Antipater, eram agora Herodes, Pheroras e Salomé, casada com seu tio José, Antig. 15. 3, 5; Guerras, 1. 22, 4. Depois da morte de José por causa de adultério, no ano 34 A. C. Salomé casou com Costubarus, idumeu de boa família, que Herodes fez governador da Iduméia e de Gaza, Antig. 15. 7, 9; Guerras 1. 24, 6. Divorciou-se dele, Antig. 15. 7, 10, e foi compelida a desposar Alexas, amigo de Herodes, Guerras 1, 28, 6. Durante o reinado de Herodes, ela tramou intrigas contra a família de Herodes, porém conservando-se fiel a ele. Herodes legou-lhe Jamnia, Azoto e Phasaelis perto de Jericó, Antig. 17. 6, 1, 8, 1, 11, 5. Salomé acompanhou Arquelau, filho de Herodes, a Roma, quando este ali foi para obter o praz-me imperial para subir ao trono, com o plano aparente de auxiliar a sua pretensão; mas, o verdadeiro plano era justamente ao contrário, Guerras 2. 2, 1-4. Salomé morreu no ano 10 da era cristã, quando Marcus Ambívio era procurador, Antig. 18. 2, 2. Pheroras, filho mais moço de Antipater, Antig. 14. 15, 4, viveu quase tanto como Herodes; era sócio no governo, com o título de tetrarca, e recebia as rendas do país a este do Jordão, Guerras 1. 24, 5. Por mais de uma vez, foi acusado de conspirar contra a vida de Herodes, fato que estava em prova, quando faleceu Herodes. A morte de Pheroras impediu que fosse julgado, Antig. 17. 3, 3.



Herodes, o Grande, teve dez mulheres, Antig. 17. 1, 3; Guerras 1. 27, 4. A primeira mulher foi Dóris, de uma família obscura de Jerusalém, da qual teve um filho por nome Antipater, que tomou parte ativa nos acontecimentos do reinado de Herodes, conspirando contra a vida de outros filhos de Herodes para assegurar para si a posse do trono. Pouco antes da tomada de Jerusalém, quando Herodes se fez rei, esposou a segunda mulher, a bela e casta Mariana, neta de Hircano, que lhe deu três filhos, Alexandre, Aristóbulo e o mais moço que morreu sem deixar prole, e duas filhas, Ciprus e Salâmpsio. Mariana foi morta no ano 29 A. C., Antig. 15. 1, 4.

Cinco anos depois, casou com Mariana, filha de Simão, a quem ele elevou às funções de sumo sacerdote, 15. 9, 3; 18. 5, 4. Herodes teve mais duas mulheres, suas sobrinhas, cujos nomes se ignoram, e que morreram sem deixar filhos. Além destas, esposou Maltace, samaritana, Cleópatra, de Jerusalém, Palas, Phaedra e Elpis. A história não faz referências, nem às duas sobrinhas, nem às últimas cinco mulheres de Herodes. Os filhos das outras mulheres ocupam lugares salientes na história. Mariana, filha do sacerdote Simão, teve Herodes. Maltace foi mãe de Arquelau, Herodes Antipas e de uma filha de nome Olímpias; Cleópatra teve dois filhos, Herodes e Filipe.

Começaram cedo as perturbações domésticas do reinado de Herodes, pelo ódio que ele provocou contra si, por parte da amável Mariana, e que culminaram, na última década de seu reinado, quando seus filhos atingiram à maioridade. A história doméstica gira eventualmente em torno dos oito filhos: Antipater, filho de Dóris; Alexandre e Aristóbulo, filhos de Mariana; Herodes, filho de Mariana, filha do sacerdote Simão; Arquelau e Antipas, filhos de Maltace; e Herodes e Filipe, filhos de Cleópatra.

Alexandre casou-se com Glifira, filha de Arquelau, rei da Capadócia. Tiveram dois filhos cuja história é vazia de interesse, Antig. 16. 1, 2; Guerras 1. 24, 2. Aristóbulo casou-se com sua prima Berenice, filha de Salomé, irmã de Herodes, e foi pai de cinco filhos, alguns dos quais representaram importante papel na história. Destes dois filhos da saudosa Mariana, Antipater, o primogênito de Herodes, era muito desconfiado. A sua desconfiança explodiu em ódio contra seus irmãos paternos pela evidente intenção de seu pai, em postergar os seus direitos de primogênito, Guerras 1. 22, 1.

Tanto fez, juntamente com o círculo de seus cortezãos, para envenenar o espírito de Herodes, que este os mandou matar no ano 7 ou 6 A. C. e nomeou Antipater seu herdeiro; e a Herodes, filho de Mariana, filha de Simão, sucessor dos direitos de Antipater, Antig. 16. 11, 7; 17. 3, 2; Guerras 1. 29, 2. A ordem destas nomeações obedecia às idades de cada um; sendo que Arquelau e Antipas, Herodes e Filipe eram mais moços do que Herodes, filho de Mariana. Em seguida, Antipater acusou a Salomé, irmã de Herodes, e a seus filhos, Arquelau e Filipe, que estavam sendo educados em Roma, de conspirarem contra a vida de Herodes. A denúncia deste crime veio atingir o próprio Antipater, que juntamente com seu tio Pheroras, irmão de Herodes, foram acusados de tentar contra a vida do rei. Pheroras morreu, porém Antipater foi metido no cárcere. O rei Herodes, agora, suspeitou que as acusações contra Alexandre e Aristóbulo, que ele havia feito executar, eram falsas, pelo que, alterou as suas disposições testamentárias, nomeando Antipas seu sucessor, deixando de lado Arquelau, irmão mais velho, e Filipe sobre os quais pesavam ainda suspeitas, Guerras 1. 32, 7. Logo depois mandou matar a Antipater, e alterou de novo as suas disposições, dando o reino a Arquelau, e fazendo Antipas, tetrarca de Galiléia e de Peréia, e Filipe, tetrarca de Batanéia, Traconitis e Auranitis; e dando algumas cidades a sua irmã Salomé, Antig. 17. 8, 1; Guerras 1. 33, 7. Pela morte de Herodes, foram respeitadas as suas disposições, exceto em referência a Arquelau, que foi, afinal, confirmado pelo imperador Augusto, não como rei, mas sim como etnarca da Judéia, Antig. 17. 11, 4, 5.

Herodes, filho de Mariana, filha de Simão, tinha-se casado com Herodias, filha de seu irmão paterno Aristóbulo, morto por Herodes. Ela, porém, o abandonou e casou com Herodes tetrarca, seu cunhado. O nome do primeiro marido desapareceu da história. O mesmo aconteceu a Herodes, filho de Cleópatra, e irmão do tetrarca Filipe, em quem nunca mais se falou (Vide *Herodias e Filipe*). Aristóbulo, como já foi dito, casou-se com sua prima Berenice, filha de Salomé, de quem teve cinco filhos, Guerras 1. 28, 1: Herodes, Agripa, Aristóbulo, Herodias e Mariana. Herodes casou-se com Mariana, filha de Olímpias, filha de Herodes, o Grande, com a samaritana Maltace; Agripa casou-se com Ciprus, filha de Salâmpsio e Phasaelus, o mais moço, filho de Phasaelus, irmão de Herodes, o Grande; Aristóbulo casou-se com Jotape, filha de um rei de Emesa; Herodias casou-se sucessivamente com dois tios, como já se disse; e Mariana casou-se com Antipater, filho de Dóris, Antig. 18. 5, 4; Guerras 1. 28, 5; comp. 4. Três destes filhos de Aristóbulo são dignos de nota, a saber: Herodes, Agripa e Herodias. Esta Herodias foi a mulher que coroou as suas infâmias, pedindo que sua filha exigisse a cabeça de João Batista que estava na prisão. Herodes que havia sido feito rei de Calcis, depois da morte de

sua mulher, tomou sua prima Berenice, filha de Agripa para esposa. Agripa veio a ser o rei Agripa I; casou-se e teve um filho e três filhas. Três destes são mencionados na Escritura; Agripa II e as duas famosas Berenice e Drusila.

À parte a história doméstica que guindou ao poder a família de Herodes, e as intrigas entre os seus membros, tratemos da história política do reinado de Herodes. Logo após haver sido nomeado governador da Galiléia, no ano 47 ou 46 A. C. entrou em conflito com o Sinedrim por haver mandado executar sumariamente alguns salteadores, sem permissão formal daquele concílio. Por este motivo, foi citado para julgamento, comparecendo acompanhado de um corpo de guardas para intimidar o concílio. Foi absolvido por falta de provas. A bem de seus interesses, procurou andar em paz com os sucessivos representantes das facções que disputavam entre si a direção do império romano. Obteve o generalato que lhe foi conferido por Sexto César, presidente da Síria, aparentado com o grande Júlio César; depois de algum tempo, ganhou o favor de Cássio, o mais perverso dos assassinos do grande ditador. Depois lançou a sua sorte com Marco Antônio, um dos principais vingadores da morte de Júlio César. Não foi ainda a última vez das suas manobras. Pelo ano 41 A. C. Herodes passou a tetrarca de Galiléia por nomeação do imperador Antônio, e tendo ido a Roma, após novas vicissitudes, no ano 40 A. C., mais como fugitivo do que como visitante, o seu patrono induziu o senado romano a conferir-lhe o título de rei dos judeus. Foi no ano 37 A. C. que êle, com o auxílio de Socino, general de Antônio, conseguiu tomar Jerusalém e começar o seu reinado. Pelo seu casamento com Mariana, neta de Hircano, e filha de Alexandre, filho de Aristóbulo, conseguiu aliar-se à família dos asmoneus. Agora, julgava ele consolidar a sua posição, afastando possíveis competidores. Os principais membros da família de Antígono, em número de quarenta e cinco, êle mandou matar. Logo depois, Aristóbulo, irmão de Mariana, rapaz de dezessete anos, que Herodes havia elevado às funções de sumo Sacerdote, foi asfixiado em um banheiro, por ordem do mesmo Herodes, um ano depois de assumir o pontificado. No ano 31 A. C. teve a mesma sorte o avô de Mariana, ancião de oitenta anos, Antig. 15. 1, 2; 3. 3; 6. 2. A atenção de Herodes desviou-se destas atrocidades para a nova crise que se acentuava. O seu patrono Antônio havia sido totalmente derrotado por Otavio na batalha de Actio, no dia 2 de setembro do ano 31 A. C. A situação tornava-se crítica para Herodes. Porém, ele fez um eloqüente e judicioso discurso ao vencedor Otavio, que lhe valeu o perdão por haver sido partidário de Antônio. Entregou-se cordialmente ao homem que havia ofendido, dedicando-lhe afeto que durou o resto da vida, recebendo em troca, certo aumento nos seus domínios, Antig. 15. 6, 5-7; 10, 3. O assassinato do irmão de Mariana e do avô, alterou sensivelmente os sentimentos do casal. Dia a dia se tornaram mais tensas as relações conjugais, até que afinal, por uma acusação falsa, foi ela condenada à morte. Seguiu-se o remorso que lhe alterou as faculdades mentais, quase até a loucura, Antig. 15. 7, 7; 17. 6, 5; Guerras 1. 22, 5; 33, 5. Em parte para afastar de si idéias sinistras, em parte para agradar a Otavio, agora imperador Augusto, construiu teatros, estabeleceu jogos, ambas as cousas inconsistentes com o judaísmo. Também reconstruiu, ampliou e encheu de belezas, um lugar chamado Torre de Estrato, dando-lhe o nome de Cesaréia em honra de seu patrono, que mais tarde passou a ser a capital da província romana da Palestina, Antig. 15. 8, 5; 9, 6; comp. At 23. 23, 24. Para agradar aos judeus, reconstruiu e embelezou o templo, entre os anos 19 e 11, ou 9 A. C. O nascimento de Cristo, deu-se no fim da vida de Herodes, quando já havia eliminado quantos julgava seus rivais, e quando as perturbações domésticas haviam chegado ao seu auge. Tinha matado os seus dois filhos, Alexandre e Aristóbulo, e recentemente a Antipater, por haverem conspirado contra a sua vida. É quando lhe vieram dizer que um menino da linhagem de Davi havia nascido para ser rei dos judeus. A fim de enfrentar o novo perigo, mandou matar todos os meninos que havia em Belém e em todo o seu termo, que tivessem dois anos e daí para baixo, Mt 2. 1-19. Foi esta uma das últimas atrocidades de Herodes. Finalmente, uma enfermidade repugnante e mortal o subjugou. Foi buscar alívio nas águas sulfurosas de Calirói, nas fontes de Zerca, que derramam para as bandas do Mar Morto. Estas águas ficaram denominadas por alguns: os banhos de Herodes. Pouco resultado tirou, Antig. 17. 6, 5. Sentia que a morte se avizinhava e que muitos se haviam de alegrar. Então, pediu à sua irmã Salomé e a Alexas, seu marido, que encerrassem no circo de Jericó os principais dentre os judeus, e que lhes dessem a morte, logo que ele expirasse, a fim de que houvesse lágrimas pelo seu passamento. Deu-se a sua morte no ano 4 A. C. quando *tinha setenta anos de idade, e trigésimo quarto de seu reinado*, contados desde o tempo em que foi nomeado rei. Quando correu a notícia da sua morte, puseram em liberdade os prisioneiros do circo e a morte do tirano causou vivas demonstrações de regozijo em vez de ser acompanhada de lágrimas e lamentações.

2. *Herodes Tetrarca*, filho de Herodes, o Grande, e de sua mulher Maltace, a samaritana. Tinha sangue iduméu e algumas gotas de sangue judaico. Era conhecido por Antipas, ou simplesmente Herodes, Antig. 17. 1, 3; 18. 5, 1; 6. 2; Guerras 2. 9, 1, para distingui-lo do outro Herodes da família, Herodes Antipas. Era irmão de Arquelau e mais moço do que ele, Antig. 17. 6, 1; Guerras 1. 32, 7, 33, 7. Ele e seu irmão paterno Filipe, receberam educação em Roma, Antig. 17. 1, 3. Pelo segundo testamento de seu pai, o reino pertencia-lhe, 6. 1, porém pelas últimas disposições testamentárias, foi nomeado tetrarca de Galiléia, e o reino passou a Arquelau, 8, 1. Apesar disso, entrou em competência com o irmão para obter a posse do reino, sem resultado, Antig. 17. 11, 4; Lc 3. 1. Levantou muros em Séforis que veio a ser a capital do reino. Também cercou de muros a cidade de Betaranfta na Peréia e nela edificou um palácio. Esta cidade recebeu o nome de Júlias, em honra da filha de Augusto, Antig. 18. 2, 1 (Vide *Bete-Harã*). Tiberíades também foi por ele edificada, 3. Casou-se com uma filha de Aretas, rei dos árabes nabateanos, cuja capital era Petra. Depois, estando em Roma com seu irmão Filipe, apaixonou-se doidamente pela mulher deste seu irmão, divorciou-se da filha de Aretas, sua legítima esposa, e casou-se com Herodias. Esta imoralíssima transação produziu seus resultados naturais. Herodias era dotada de um espírito másculo e Herodes era um fraco. Ela veio a ser o seu gênio mau; fez dele instrumento do mesmo modo que Jezabel havia feito de Acabe. Aretas, ressentido pela ofensa contra sua filha, declarou guerra a Herodes que levou a têrmo com bons resultados, 5, 1. Herodias causou o assassinato de João Batista, Mt 14. 1-13; Antig. 18. 5, 2. Por causa de sua malícia, nosso Senhor chamou-o de raposa, Lc 13. 31, 32. Este Herodes tinha seus imitadores porque o Evangelho se refere ao fermento de Herodes, Mc 8. 15 (Vide *Herodianos*). Quando a fama de Jesus se estendeu por toda a parte, a consciência atribulada de Herodes fe-lo recear que João Batista houvesse ressuscitado dentre os mortos, Mt 14. 1, 2. Estava em Jerusalém por ocasião da morte de Jesus. Pilatos enviou o Divino Mestre à presença de Herodes; este julgou oportuno observar a prática de um milagre que não lhe foi concedido, pelo que, ele e seus homens o desprezaram. Neste dia ficaram amigos Herodes e Pilatos, porque estavam antes inimigos um do outro, Lc 23. 7-12, 15; At 4. 27. A elevação de Agripa, irmão de Herodias, ao trono, enquanto que seu marido continuava como tetrarca, despertou a inveja desta mulher orgulhosa,

que induziu a Herodes para ir a Roma em sua companhia, pedir uma coroa para si. Porém Agripa enviou, nas suas costas, cartas a Roma ao imperador Calígula, acusando Herodes de estar em liga secreta com os partas, pelo que foi banido para Lião, na Gália, A. D., 39, onde morreu, Antig. 18. 7, 1, 2; Guerras 2. 9, 6.

3. *Herodes, o rei.* Josefo denomina-o simplesmente Agripa. Ambos os nomes se combinam, passando a ser conhecido por Herodes Agripa I, para distingui-lo de Herodes Agripa II, perante quem o apóstolo S. Paulo compareceu. Agripa I era filho de Aristóbulo, filho de Herodes, o Grande, e de Mariana, neta de João Hircano. Foi educado em Roma juntamente com Drusus, filho do imperador Tibério, e Cláudio, Antig. 18. 6, 1, 4. A morte de Drusus e a falta de recursos levaram-no a interromper os estudos e a voltar para a Judéia, 2. No ano 37, fez outra viagem a Roma, levando novas acusações contra Herodes tetrarca, Antig. 18. 5, 3; Guerras 2. 9, 5. Não regressou à Judéia quando concluiu os seus negócios, mas permaneceu em Roma, cultivando relações que lhe poderiam servir futuramente. Entre outras, conseguiu a amizade de Caio, filho de Germânico, que, logo depois, veio a ser o imperador Calígula, Antig. 18. 6, 4; Guerras 2. 9, 5. Por causa de expressões veementes em favor de Caio, Tibério mandou prendê-lo, metendo-o a ferros. Seis meses depois, Caio era imperador, e nomeou-o rei da tetrarquia, governada por seu falecido tio, Filipe, e também da tetrarquia de Lisânias, Antig. 18. 6, 10. No ano 39, o imperador baniu Herodes tetrarca, e ajuntou a sua tetrarquia ao reino de Agripa, 7, 2. Agripa ausentou-se do reino por algum tempo, e foi residir em Roma, 8, 7. Durante a sua estada em Roma, conseguiu que o imperador desistisse do plano de erigir a sua estatua no templo de Jerusalém, 8, 7, 8. Depois do assassinato de Calígula, puseram Cláudio em seu lugar. Agripa ainda estava em Roma e agiu como intermediário entre o Senado e o novo imperador, para que aceitasse o cargo, visto relutar em aceitá-lo.

Em recompensa, deram-lhe a Judéia e Samaria para aumento de seus domínios, que agora eram iguais aos de Herodes, o Grande, Antig. 19. 5-5; Guerras 2. 11, 1-5. Começou então a construir um muro na parte norte da cidade com o fim de recolher um dos subúrbios, o que lhe foi proibido continuar, Antig. 19. 7, 2. Mandou matar à espada o apóstolo Tiago, irmão de S. João, At 12. 1, 2, e meter na prisão o apóstolo S. Pedro, At 12. 3.19. Em Cesaréia, em dia assinalado, vestido em trajes reais, assentou-se no seu tribunal, e fazia um discurso ao povo que o aclamava, tributando-lhe honras divinas. Subitamente, porém, o anjo do Senhor o feriu e comido de bichos, expirou, At 12. 20-23; Antig. 19. 8, 2, no ano 44, com 54 anos de idade, deixando quatro filhos, três dos quais são mencionados na Escritura. Agripa, Berenice e Drusila, Guer. 2. 11, 6.

4. *Agripa ou Herodes Agripa II.* Era filho de Herodes Agripa I, e, como tal, bisneto de Herodes, o Grande, e irmão das famosas Berenice e Drusila, Guerras 2. 11, 6. Por ocasião da morte de seu pai, no ano 44, tinha ele 17 anos de idade, e residia em Roma, onde foi educado na residência imperial, Antig. 19. 9, 1, 2. O Imperador Cláudio foi induzido a não nomeá-lo para o trono de seu pai em vista da sua pouca idade, ficando a Judéia aos cuidados de um procurador. Agripa continuou em Roma. Sucessivamente secundou os esforços dos embaixadores da Judéia para obter a permissão de conservar as vestimentas oficiais do sumo sacerdote, sob a sua direção, 20. 1, 1. Quando seu tio Herodes, rei de Calcis, morreu, pelo ano 48, Cláudio lhe deu o pequeno reino do Antilíbano, 5. 2; Guerras 2. 12, 1; 14. 4; comp. 1. 9, 12, de modo que veio a ser o rei Agripa II. Esposou a causa dos comissários que tinham ido a Roma para se oporem ao procurador Cumanus e aos samaritanos, conseguindo que o imperador lhes desse audiência, Antig. 20. 6, 3; Guerras 2. 12, 7. No ano 52, Cláudio o transferiu do reino de Calcis para um domínio mais vasto, formado pela tetrarquia, composta de Batanéia, Traconitis e Gaulonites, a tetrarquia de Lisânias e a província de Abilene, Antig. 20. 7, 1; Guerras 2. 12, 8. A constante convivência com sua irmã Berenice, deu ocasião a escândalo, Antig. 20. 7, 3. No ano 54 ou 55, Nero aumentou os seus domínios com as cidades de Tiberíades e Tariquéia na Galiléia, e Júlias na Peréia, 8, 4. Quando Festo substituiu a Félix na procuradoria da Judéia, Agripa foi a Cesaréia para saudá-lo, acompanhado de Berenice. Nesta ocasião, o apóstolo S. Paulo estava na prisão. Festo levou o caso ao conhecimento de Agripa, e na manhã seguinte o apóstolo compareceu diante do procurador, do rei e de Berenice, para defender-se, no que foi bem sucedido, At 25. 13 até 26. 32. Logo depois, Agripa aumentou as dependências do palácio dos asmoneus em Jerusalém, Antig. 20. 8, 11, alargou e enriqueceu de belezas Cesaréia de Filipos e estabeleceu exibições teatrais em Beritus, 9, 4. Quando começaram as perturbações que ocasionaram a guerra contra a Judéia, tentou persuadir os judeus a não resistirem ao governador Fadus, e ao governo romano, Guerras 2. 16, 2-5, 17; 18, 9; 19, 3. Quando rebentou a guerra, bandeou-se para o lado de Vespasiano, sendo ferido no sítio de Gamala, 3. 9, 7, 8, 10, 10; 4. 1, 3. Depois da tomada de Jerusalém, transferiu-se com Berenice para Roma, onde foi investido na dignidade de pretor. Morreu no ano 100.

HERODES[2] Palácio de

Palácio-fortaleza, construído por Herodes, o Grande, no ano 24 ou 23 A. C., Antig. 15. 9, 1, 3, no ângulo noroeste da cidade alta, junto às torres de Hípico, Phasaelus e Mariana com as quais formava tão resistente baluarte que excitou a admiração dos próprios romanos, Guerras, 5. 4, 4; 5, 8; 6. 8, 1; 9, 1. O seu lugar está hoje ocupado por uma cidadela moderna, ao lado da porta de Jafa. As três torres eram construídas de pedras brancas. A torre Hípico era quadrada, cujos lados mediam 25 cúbitos de comprimento, ou treze metros. Até a altura de 30 cúbitos, ou 15 metros e 24 centímetros, havia sido construída de sólida alvenaria; sobre esta elevação, existia um reservatório com a profundidade de 20 cúbitos, ou 10 metros e 16 c., e ainda sobre este erguia-se uma casa de dois pavimentos, com 25 cúbitos de altura, ou 12 metros e 7 d. encimada com ameias de 2 cúbitos de altura, ou 1 metro e 1 c. guarnecidas de torreões de 1 metro e 52 m. de altura. O total de elevação era de 80 cúbitos, ou 40 metros e 64 c. A torre Phasaelus era mais larga, do que as outras. Formava um cubo de sólida alvenaria, medindo 40 cúbitos em cada direção (20 m. 32 c.), encimada com um claustro, com a altura total de cerca de 46 metros.

A construção terminou pelo ano 10 A. C., Antig. 16. 5, 2. A torre Mariana tinha metade das dimensões desta, menos na altura que media cerca de 26 metros. Herodes adornou-a magnificamente como convinha, em honra de sua esposa Mariana. O palácio, propriamente dito, estava situado na parte sul das torres, circundado de muralhas, defendidas por torreões levantados a igual distância uns dos outros. No centro, havia áreas descobertas, plantadas de bosques, ladeadas de numerosos apartamentos, entre os quais, se distinguiam dois pelo seu tamanho e beleza, denominados *Cesareum* e *Agrippium*, em honra de seus amigos, Antig. 15. 9, 3; 10. 3; Guerras 1. 21, 1; 5. 4, 4. Este palácio foi ocupado por Sabinus, procurador da Síria, Antig. 17. 10, 2, 3; Guerras 2. 3, 2, 3. Pilatos adornou-o interiormente de broquéis de ouro em honra do imperador Tibério; deu-se-lhe o nome de casa dos procuradores (Philo, de legat. ad Caium, 38 e 39).

O procurador Florus aboletou-se neste palácio, onde existia o seu tribunal que ordenava a execução das penas de açoites e crucifixão, Guerras 2. 14, 8 e 9. No princípio da guerra com os ro-

manos, os judeus sediciosos lançaram-lhe fogo. As três poderosas torres resistiram às chamas, e foram conservadas como testemunhas da espécie da cidade que haviam destruído, Guerras 2. 17, 8; 7. 1, 1.

HERODIANOS

Nome de um partido político do tempo de Cristo que evidentemente defendia a família de Herodes. Estes Herodes não pertenciam propriamente à geração judaica, mas suplantaram a família real e até a linhagem sacerdotal. Mantinham-se apoiados pelos seus amigos de Roma. Se os herodianos defendiam a posição da família de Herodes no exercício das funções reais e sacerdotais, colocavam-se em completo antagonismo com os fariseus, com os quais, no entanto, se ligaram em Jerusalém para comprometerem a Jesus na questão de pagar ou não o tributo a César, Mt 22. 16; Mc 12. 13. Em Galiléia, ligaram-se outra vez para conspirarem contra a vida de Jesus, Mc 3. 6, comp. 8. 15. Se este partido apoiava a família de Herodes, por ser representante dos interesses nacionais contra o governo estrangeiro, neste caso, a ligação com os fariseus justifica-se perfeitamente.

HERODIÃO

Nome de um cristão de Roma, parente do apóstolo S. Paulo, mencionado no cap. 16. 11 da epístola aos romanos.

HERODIAS

Nome da filha de Aristóbulo e irmã paterna de Herodes Agripa I. Casou-se com Herodes, filho de Herodes, o Grande, e de sua mulher Mariana, filha do sacerdote Simão. O marido de Herodias tem o nome de Filipe em o Novo Testamento, não o tetrarca, Mt 14. 3; Mc 6. 17. É outro Filipe diferente do tetrarca, conhecido por Herodes Filipe (Vide *Filipe*, 4). Seu irmão paterno, Herodes tetrarca, apaixonou-se por ela e com ela se casou, depois de divorciar-se de sua mulher, filha do rei Aretas da Arábia. Por sua vez, ela havia abandonado a seu esposo, Antig. 18. 5, 1, 4; 6, 2; 7. 2; Guerras 9, 6. João Batista condenou este consórcio ilegal, pelo que, Herodias planejou a sua morte. Em um dia, em que sua filha Salomé dançava perante Herodes, e na presença dos dignitários da corte, de tal modo caiu nas graças do rei que ele prometeu dar-lhe tudo o que ela pedisse. Herodias aproveitou o ensejo para induzir sua filha a pedir a cabeça de João Batista. O rei se entristeceu, mas pelo juramento e pelos que estavam à mesa, lha mandou dar, Mt 14. 6-12; Mc 6. 17-29; Lc 3. 19, 20; comp. Pv 6. 26. Quando Herodes tetrarca foi exilado, Herodias o acompanhou, Ant. 18. 7, 2; Guerras 2. 9, 6.

Salomé, filha de Herodias, casou-se com o tetrarca Filipe, filho de Herodes, o Grande. Ficando viúva, casou-se de novo com o seu primo Aristóbulo, filho de Herodes, irmão do rei Agripa e bisneto de Herodes, o Grande, Antig. 18. 5, 4.

HESBOM, *Inteligência.*

Nome de uma cidade, que pertencia a Seom, rei dos amorreus, e que parece ter sido tomada aos moabitas, Nm 21. 25-30; 34. Moisés designou-a ao patrimônio da tribo de Rúben, que, depois da conquista, os rubenitas a reconstruíram, Nm 32. 37; Js 13. 17. Estava situada nas divisas de Gade, Js 13. 26, e que depois passou a pertencer a esta tribo, e transferida, com mais uma cidade da mesma tribo de Gade, aos levitas, Js 21. 39; 1 Cr 6. 81. Os moabitas tinham-na em seu poder nos dias de Isaías e de Jeremias, Is 15. 4; 16. 8, 9; Jr 48. 2, 33, 34. Posteriormente, esteve em poder de Alexandre Janeu e de Herodes, o Grande, Ant. 13. 15, 4; 15. 8, 5. Ainda hoje é conhecido pelo nome de Hesbã, cidade arruinada, situada sobre um outeiro isolado, conservando ainda os restos de um muro, um arco e um templo. Aos lados do vale vêem-se cavernas e sepulcros. Um pouco ao oriente das ruínas de Hesbom, existe um grande reservatório que parece ser um dos tanques que havia fora dos muros da cidade, Cânticos 7. 4.

HESMOM, *Solo fértil.*

Nome de uma cidade no extremo sul de Judá, Js 15. 27.

HETE

Oitava letra do alfabeto hebraico. Encontra-se no princípio da oitava seção do Sl 119, cujos versículos começam pela mesma letra.

HETEUS

Nome de um povo conhecido também pela designação de filhos de Hete, ligados pelo sangue, ou pela conquista, com os povos de Canaã, Gn 10. 15; 23. 3. Ocuparam, durante alguns séculos, a região que se estende desde o norte da Palestina até ao Eufrates. Entre as suas cidades, contava-se Cades, sobre o Orontes, Hamate e Carquemis, Js 1. 4; 1 Rs 10. 29. Já nos tempos de Abraão, grupos de heteus haviam-se localizado na própria Canaã, e parece que haviam adotado a língua do país. Abraão encontrou-os em Hebrom a quem comprou a caverna dos dois covatos, Gn 23. 1-20; 35. 9. Esaú casou com duas mulheres da raça dos heteus, 26. 34, 35; 36. 2. Os espias que Moisés enviou a reconhecer a terra, encontraram os heteus ocupando as montanhas de Canaã, Nm 13. 29. Tomaram parte na guerra contra os conquistadores hebreus, capitaneados por Josué; Js 9. 1, 2. Também foram encontrados entre as tribos que auxiliaram Jabim, rei de Hazor, na grande batalha em que foi desbaratado por Josué nas águas de Merom, 11. 3. O homem que traiu a cidade de Luz, ou Betel, edificou uma segunda Luz na terra dos heteus, Jz 1. 26. Depois da conquista de Canaã por Josué, os heteus ainda permaneceram no país, travando-se relações de família entre eles e os israelitas, 3. 5, 6. Aquimeleque, um dos companheiros de Davi, era heteu, 1 Sm 26. 6. Urias, contra o qual Davi pecou tão torpemente, pertencia à mesma raça 2 Sm 11. 3, 17, 21. Salomão lançou tributos sobre os heteus, juntamente com outras tribos que haviam ficado no país, 1 Rs 9. 20, 21, 2 Cr 8. 7, 8. Este rei possuía mulheres hetéias no seu harém, 1 Rs 11. 1. Os *kheta*, ou *khita*, dos monumentos egípcios, os *hatti* das inscrições assírias e os *ketaioi* de Homero, Odisséia, 11. 521, eram os mesmos heteus da Bíblia. Sabe-se, pelos monumentos do Egito e da Assíria, e pelas ruínas dos heteus, que o poder deste povo se estendia desde o Arquipélago até ao Eufrates, com duas cidades capitais, Carquemis ao norte e Cades ao sul sobre o Orontes. Durante cerca de quinhentos anos, estiveram em luta com os egípcios, salvo algumas tréguas de paz, travando grandes batalhas com Totmés III, dezesseis séculos A. C. e com Seti I e Ramsés II. O sítio de Cades pelo último monarca egípcio foi celebrado em um poema épico pelo poeta Pentaur. Durante quatrocentos anos, a começar em 1100, A. C., tiveram luta com os assírios, mantendo-se em resistência até o ano 717 A. C., quando Sargom, rei dos assírios, tomou Carquemis, e pôs termo ao império heteu. Esculturas dos heteus com hieroglíficos pouco legíveis, têm sido encontradas em Carquemis, em Hamate, e em grande extensão da Ásia Menor. Os heteus constituíam uma raça forte; raspavam a barba, usavam chapéus de forma cônica e túnicas largas; sapatos de bico arrebitados, presos com tiras à roda dos artelhos. Este tipo de calçado ainda é usado pelos camponeses da Ásia Menor, muito comodo para proteger os pés no tempo da neve. Os heteus também usavam de luvas com que cobriam o antebraço com um compartimento para o polegar, e outro para os quatro dedos. Talvez sejam vestígios dos tempos em que os heteus habitavam nas montanhas da Armênia e nas cordilheiras do Tauro, cobertas de neves eternas.

HETLOM, *Esconderijo.*

Nome de um lugar ao norte da Palestina, sobre que Ezequiel profetizou, perto da entrada de Hamate, Ez 47. 15; 48. 1; comp. Nm 34. 8. Não identificada.

HEVEUS

Nome de uma das raças residentes em Canaã antes da conquista da terra pelos hebreus, Gn 10. 17, Ex 3. 17; Js 9. 1. Formavam diversas comunidades. Uma delas ocupava Siquém no tempo de Jacó, Gn 33. 18; comp. 34. 2, e seus descendentes ainda exerciam influência naquela cidade muito tempo depois da conquista, Jz 9. 28. Outro grupo habitou em Gabaom e suas vizinhanças. Alcançaram por meio de um estratagema, um tratado de paz com Josué. Descoberta que foi a fraude, foi-lhes poupada a vida, mas Josué os empregou a serrar madeira e a carregar água, Js cap. 9. Possuíam grande estabelecimento, talvez o principal, nas raízes do Líbano, desde o monte Hermom até a entrada de Hamate, Js 11. 3; Jz 3. 3. Nesta região possuíam aldeias ainda nos dias de Davi, 2 Sm 24. 7. Salomão exigiu deles, e dos demais que permaneceram em Canaã depois da conquista, que prestassem serviços como operários nas grandes obras que o rei executava, 1 Rs 9. 20-22.

HEZIOM, *Visão.*

Nome do pai de Tabrimom e avô de Benadade, rei da Síria, 1 Rs 15. 18.

HEZIR, *Porco, leitão.*

1. Nome de um descendente de Arão, cujos membros formaram uma das famílias principescas no tempo de Davi, enumerada entre as famílias sacerdotais, 1 Cr 24. 15.

2. Nome do chefe de um povo que assinou o pacto com Neemias, Ne 10. 20.

HEZRAI, *Fechado.*

Nome de um carmelita alistado entre os valentes de Davi, 2 Sm 23. 35. Em 1 Cr 11. 37. é chamado Hezro, diferença que se pode atribuir a erro do escriba, trocando a letra *jod* por *vau*.

HEZROM, *Preso, sitiado.*

1. Nome de um lugar no limite sul de Judá, pouco distante de Sina e Cades-Barnéia, Js 15. 3. Escrito Hezrom, tanto na Versão Brasileira como em Figueiredo, nesta passagem. Talvez seja a mesma Hazor (V. B.) ou Asor (Fig.), mencionada no v. 23. Estava perto de Adar, com a qual forma um só nome, em Nm 34. 4. Em Js 15. 25, aparece sob a palavra composta Quiriote-Hezrom.

2. Nome de um dos filhos de Rúben, e fundador da família heronitas, Gn 46. 9; Ex 6. 14; Nm 26. 6; 1 Cr 5. 3.

3. Nome de um dos filhos de Farés, da tribo de Judá, fundador de uma família tribal, Gn 46. 12; Nm 26. 21; Rt 4. 18; 1 Cr 2. 5.

HIDAI, *Alegre.*

Nome de um homem da torrente de Gaás, um dos heróis de Davi, 2 Sm 23. 30. Em 1 Cr 11. 32, chama-se Hurai.

HIDEQUEL. Nome hebraico; em assírio, *idiklat;* no antigo persa, *tigra* e no grego *tigris.*

Nome do rio Tigre que vai em direção à Assíria, Gn 2. 14; Dn 10. 4. Os povos que habitam as suas margens ainda o conhecem por este nome. As cabeceiras deste rio encontram-se na Armênia, nas vertentes sul do Antitauro; corre para oeste, passando por Diarbequer, depois de um percurso sinuoso de cerca de 278 quilômetros. Dois tributários, oriundos do lago zã, tem os nomes de Bitlis, Chai e Botã-Chai, que a ele se juntam, depois de um curso de 185 quilômetros. Enriquecido por estes tributários, o Hidéquel, ou Tigre, continua a sua marcha para sudeste, passando pelo Curdistã, onde recebe vários afluentes, especialmente os dois Zabe, o Dialá, que vem do oriente, e mais outros menores, que vêm do ocidente, e finalmente entram no Eufrates. Em outros tempos desaguava no Golfo Pérsico. No seu curso, atravessa as ruínas de Nínive, que, lhe ficam à esquerda, quase fronteiras, a Mosul, na margem direita. Mas para baixo, separa as ruínas de Bagdá em duas metades, banha as ruínas de Ctesifom, capital da Pártia, depois, as ruínas de Selêucia, que, em outros tempos, sob o domínio dos gregos, foi rival de Babilônia. O curso total do Tigre até a sua junção com o Eufrates, é de cerca de 2.122 quilômetros.

HIDROPISIA

Nome de uma enfermidade, notável pelo acúmulo de líqüidos nas cavidades do corpo ou nos seus tecidos, Lc 14. 2.

HIEL, *Deus vive.*

Nome de um homem natural de Betel, que no tempo do reinado de Acabe, fortificou Jericó, atraindo sobre si as imprecações de Josué. Quando lhe lançava os alicerces, morreu-lhe seu filho primogênito Abirão, e quando lhe pôs as portas, morreu-lhe o seu último filho, 1 Rs 16. 34; Js 6. 26.

HIENA

Animal que se alimenta de cadáveres ou de carniças atiradas aos cães (Eccles. 13. 18). A hiena rajada (*Hyaena striata*) é muito comum em toda parte da Palestina, vivendo nas cavernas e nos túmulos, donde sai ao escurecer para revolver as sepulturas, e os monturos em busca de alimentos. O vale Zeboim, mencionado em 1 Sm 13. 18, quer dizer vale das hienas.

HIERÁPOLIS, *Cidade sagrada.*

Nome de uma cidade da Ásia Menor, situada no vale de Lico, perto da confluência do Meandro. Pouco distante, estavam as cidades de Colossos e de Laodicéia, Cl 4. 13. Adorava-se ali a deusa Atargatis, dos sírios; suas águas termais deram-lhe renome. Hoje chama-se *Pambük-Kalahsi.*

HIGAIOM, *Som profundo; meditação.*

Termo musical que se encontra no salmo 9. 16, e também empregado em outros lugares, no sentido de meditação, ou som solene, Sl 19. 14; 92. 3; Lm 3. 63.

HILEL, *Ele tem louvado.*

Nome do pai de Abdom, juiz de Israel, Jz 12. 13.

HILQUIAS, *Porção de Jeová.*

1. Nome de um levita, filho de Amasi descendente de Merari, 1 Cr 6. 45, 46.

2. Nome de outro levita, filho de Hosa, descendente de Merari, 1 Cr 26. 11.

3. Nome do pai de Eliaquim, mordomo mor da casa do rei Ezequias, 2 Rs 18. 18, 26; Is 22. 20; 36. 3.

4. Nome de um sacerdote, pai de Jeremias, Jr 1. 1.

5. Nome do pai de Gamarias, contemporâneo de Jeremias, Jr 29. 3.

6. Nome do sumo sacerdote do tempo de Josias, que auxiliou o rei na reforma religiosa, e que achou o livro da lei, 2 Rs 22. 4-14; 23-4; 1 Cr 6. 13; 2 Cr 34. 9-22.

7. Nome de um dos sacerdotes que voltou de Babilônia com Zorobabel, e que foi chefe de uma casa na geração seguinte, que tem o seu nome, Ne 12. 7, 21.

8. Nome de um dos varões que estavam ao lado de Esdras quando lia no livro da lei, diante do povo, Ne 8. 4.

HIM

Nome de uma medida para líquidos, equivalente a um galão e três pintas, medida americana, para vinho, igual a 6 litros e 2 dl, Ex 29. 40; Antig. 3. 8, 3. Vide *Medidas.*

HIMENEU, Pertencente a Himen, deus do casamento.

Nome de um cristão que naufragou na fé, blasfemador e que S. Paulo excomungou, 1 Tm 1. 20. Ensinava que a ressurreição já se havia feito. Fileto associou-se com ele no erro, 2 Tm 2. 17, 18.

HINO

Meditação espiritual, destinada a ser cantada no culto de adoração a Deus. O livro dos Salmos é a coleção de hinos mais antiga que se conhece. Outras odes magníficas são os cânticos de Moisés, Ex 15. 1-19; Dt 32. 1-43; o canto de Débora, Jz cap. 5; o cântico de Ana, 1 Sm 2. 1-10; o cântico de Maria, Lc 1. 46-55; e o cântico de Zacarias, Lc 2. 68-78. Estes dois últimos são conhecidos pelos nomes *Magnificat* e *Benedictus*, respectivamente, tirados da tradução latina. Os salmos hebraicos eram cantados com acompanhamento de instrumentos músicos, 2 Cr 29. 27, 28. Em o Novo Testamento empregam-se três termos para designar os cânticos cristãos: salmos, hinos e cânticos espirituais, ou odes, Ef 5. 19; Cl 3. 16. Josefo emprega duas destas palavras, hino e odes, em referência aos salmos de Davi, Antig. 7. 12, 3. O hino que Jesus cantou com os seus discípulos depois da ceia na noite em que foi traído, Mt 26. 30, era parte do salmo 115-118, que os judeus costumavam cantar na noite da páscoa depois da ceia. Os cristãos primitivos cantavam hinos no culto público e particular como meio de adorar a Deus, e de edificação e conforto, At 16. 25; 1 Co 16. 26; Ef 5. 19; Cl 3. 16. Existem fragmentos de hinos dos primeiros cristãos, conhecidos assim por causa da metrificação grega em 1 Tm 3. 16; Ef 5. 14; comp. Ap 15. 3, 4. No princípio do segundo século, no reinado de Trajano, os cristãos da Bitínia, segundo o testemunho de Plínio, cantavam hinos a Cristo como Deus (Epist. 10. 96).

HINOM, Vale de Enom, conhecido também como vale do filho de Hinom.

Nome de um vale de Jerusalém, chegado à porta das olarias, Jr 19. 2. A linha divisória entre Judá e Benjamim passavam pelo vale do filho de Hinom em direção ao sul de Jerusalém, e daqui subia para o cume da montanha que o fronteava, pelo lado do ocidente, na extremidade do vale dos refains, Js 15. 8; 18. 16. Se a expressão "lado dos Jebuseus" (que é o mesmo como Jerusalém) inclui também o monte a oeste do vale Tiropeom, e não meramente o outeiro do templo, em outros termos, se a expressão "lado dos Jebuseus" se refere à planície que se projeta para o sul, entre os grandes *wadis* que a cercam e que não somente era coroada pela cidadela dos jebuseus, também ocupada pelas suas habitações extramuros e pelas suas campinas, então, a descrição feita no livro de Josué identifica o vale de Hinom, pelo menos na parte inferior do vale que cerca Jerusalém ao sul, conhecido atualmente pelo nome de *wady er-Rababeh*, perto de sua junção com a ravina do Cedrom. No alto de Tofete do vale de Hinom, os pais faziam passar seus filhos pelo fogo em sacrifício ao deus Moloque. Acaz e Manassés praticavam estas abominações, 2 Cr 28. 3; 33. 6. Jeremias profetizou a visita do Senhor para castigar o povo com a destruição e a morte, de modo que este vale se tornou conhecido pelo vale da matança, Jr 7. 31-34; 19. 2-6; 32. 35. Josias contaminou este lugar para que ninguém sacrificasse a seu filho ou filha pelo fogo a Moloque, 2 Rs 23. 10. Por causa dos fogos que ali ardiam, e das contaminações de Josias e das imundícias da cidade que eram consumidas pelo fogo, este vale passou a servir de emblema do pecado e da maldição. A palavra Ge-hinom, convertida em Geena, veio a designar o lugar dos castigos eternos.

HIRA, *Nobreza*.

Nome de um odolamita, ovalheiro de rebanhos e amigo de Judá, Gn 38. 1, 12.

HIRÃO, *Consagração*.

1. Nome do rei de Tiro. Segundo a citação que Josefo faz do historiador fenício Diom, e dos anais de Tiro, traduzidos por Menandro, Hirão sucedeu a seu pai Abibaal, reinou trinta e quatro anos, e morreu aos 53 anos de idade, Antig. 8. 5, 3; cont. Apiom. 1. 17, 18. Alargou a cidade de Tiro, construindo um dique no lado oriental, fez um passadiço, ligando a cidade à ilha, onde estava o templo de Júpiter, ou Baal-Samém, ergueu uma coluna de ouro neste templo, reconstruiu os velhos santuários, cobrindo-os de cedro do Líbano, erigiu templos a Hércules e a Astarté. Teve relações de íntima amizade com Davi e Salomão, 1 Rs 5. 1; 2 Cr 2. 3. Algum tempo depois que Davi tomou a fortaleza de Sião, o rei de Tiro enviou-lhe uma embaixada; e quando Davi planejou a construção de seu palácio, Hirão forneceu-lhe as madeiras de cedro, pedreiros e carpinteiros, 2 Sm 5. 11. Isto se deu evidentemente antes do nascimento de Salomão, 2 Sm 7. 2. 12; 11. 2. Quando este subiu ao trono, Hirão enviou-lhe congratulações. Para a construção do templo, forneceu-lhe cedros e faias, pedras e servos, 1 Rs 5. 1-12; 2 Cr 2. 3-16, juntamente com 120 talentos de ouro, 1 Rs 9. 14. Quando Salomão equipou a sua frota em demanda de Ofir, para trazer ouro, Hirão forneceu os homens entendidos em náutica, 1 Rs 9. 26, 28; 2 Cr 8. 21. Em pagamento parcial, Salomão ofereceu-lhe vinte cidades em Galiléia, que o rei de Tiro recusou, 1 Rs 9. 10-13; 2 Cr 8. 1, 2 (Vide *Cabul*). Os dados cronológicos de Josefo nem sempre se reconciliam com os da Bíblia. Diz o historiador judaico que o templo foi começado no undécimo ano do reinado de Hirão, Antig. 8. 3. 1 ou o duodécimo, cont. Apiom, 1. 18, o que não pode ser tomado na devida consideração. Parece que ele calculou este tempo, sem referência aos arquivos. Ou os trinta e quatro anos do reinado de Hirão não estão bem contados, ou então o texto em 1 Rs 9. 9-12 está errado. A passagem do livro dos Reis é paralela à de 2 Cr 8. 1, e esta última não dá a entender que Hirão vivesse até ao fim dos vinte anos, quando o templo e o palácio real foram construídos.

2. Nome de um artífice, filho de uma mulher viúva, da tribo de Naftali, cujo pai era de Tiro, 1 Rs 7. 13, 14; 2 Cr 2. 14. Executava trabalhos em bronze e cobre na construção do templo, como fossem nos pilares, no mar de bronze, nas bacias, caldeirões, etc., 1 Rs 7. 13-46; 2 Cr 2. 13, 14.

HISSOPO

Nome de uma planta do Egito e da Palestina, Ex 12. 22, em hebraico *Ezob*, em grego, *hyssopos*, planta que brota nas frestas dos muros. Era muito pequeno tamanho, contrastando com a grandeza dos cedros do Líbano, 1 Rs 4. 33. Tinha cheiro aromático e era largamente empregado, de acôrdo com a lei cerimonial, em ramos com o cedro e com a lã para servir nas purificações cerimoniais, Lv 14. 4, 6, 49, 51, 52; Nm 19. 6, 18; Sl 51. 7; Hb 9. 19. Uma esponja embebida em vinagre sobre um hissópo, foi levada aos lábios de Jesus, quando se achava pendurado no calvário, Jo 19. 29. O hissôpo comum, *hyssopus officinalis*, é planta aromática pertencente à ordem das *Labiatae*, pequena planta que cresce à altura de 20 a 40 centímetros, de folhas lanceoladas. Tristram diz que ela cresce ao sul da Europa, nas províncias do Danúbio e na Sibéria. Dois dos evangelistas contam que a esponja de vinagre foi levada aos lábios de Jesus na ponta de uma cana, Mt 27. 48; Mc 15. 36. Como o hissôpo não produz canas, *kalamos*, alguns intérpretes dizem que se trata de outra planta, talvez, a alcaparra, *capparis spinosa*, algumas vezes denominada *asuf* pelos árabes. É muito comum na Palestina e nas regiões adjacentes; cresce nas fendas dos muros e pode fornecer varas de metro e meio de comprimento, que serviam muito bem para levar uma esponja ao alto da cruz. A tradição rabínica identifica o *ezob* dos judeus com o *satar* dos árabes, que dizem ser o *origanum marjoryi*, planta comum na

Palestina, que dá nos muros e nas rochas; e é planta de folhas e galhos felpudos e muito própria para reter os liquidos que se queiram espargir. Esta planta é pequena e não fornece galhos. Mas os ramos do hissôpo empregados nas aspersões, eram postos em varas de cedro, meio este pelo qual se poderia levar aos lábios de Jesus a esponja com o vinagre.

HISTÓRIA

A história bíblica é a narração dos fatos que servem de base á religião da Bíblia, cp. Mc 10. 2-9; Rm 15. 4; 1 Co 10. 11. Divide-se em quatro períodos distintos: 1. A criação do universo mostrando a relação do mundo com Deus; introdução á história do homem; 2 Esboço da história da humanidade, com a introdução à história do povo escolhido; 3. História do povo escolhido em suas relações com Deus, e preparação para a vinda de Cristo; 4. História do estabelecimento da Igreja Cristã entre as nações.

1. *Criação do Universo,* mostrando a relação do mundo para com Deus e introdução à história do homem, Gn 1. 1-1 até 2. 3 (Vide *Criação* e *Sábado*). A grande doutrina consiste em mostrar que Deus é o criador e o senhor de todas as cousas. Nega o materialismo e o ateísmo. Ensina que Deus é ente pessoal e onipotente, cuja manifestação na história humana é incontestável.

2. *Esboço da história do homem,* mostrando as relações da raça humana com Deus, e introdução à história do povo escolhido, Gn 2. 4 até 11. 26. Os acontecimentos deste período são objeto de observação, transmitidos pelo testemunho humano. Divide-se este período em duas partes, marcadas pelo dilúvio. A narrativa é simétrica: dez gerações antes do dilúvio, desde Adão até Noé, inclusive; e dez gerações, depois do dilúvio desde Sem até Abraão, inclusive, cap. 5; 11. 10-26. O período posdiluviano divide-se em duas partes começando com Fálegue, em cujos dias se fez a divisão da terra. Desde Sem até Fálegue, inclusive, há cinco gerações; e desde Reú até Abraão, inclusive cinco gerações. No período antediluviano temos o pacto com Adão, quebrado pela desobediência; o curso da maldade humana, o castigo pelo dilúvio e o livramento de Noé. No período posdiluviano, temos o pacto incondicional feito com o patriarca Noé, os novos preceitos dados por Deus ao homem, o aumento da população, a crescente independência, ou afastamento dos preceitos divinos, o castigo pela confusão das linguas e a dispersão dos povos.

A genealogia, desde Sete até Abraão, acha-se devidamente registada, juntamente a origem comum com as outras familias da terra. O local, onde se deram os acontecimentos deste período, foi a bacia do Tigre e do Eufrates, pelo menos, tôdas as minudências históricas e geográficas se referem a esta região, 2. 14; 8. 4; 10. 10; 11. 2, 28. Deste centro saíram os povos em todas as direções, especialmente para o ocidente e para o sul, sem que as altas montanhas impedissem a sua marcha, cap. 10. No fim deste período, o mundo habitado, até onde o diz a história, estendia-se desde o mar Gáspio, montanhas do Elã e o golfo Pérsico ao oriente e parte ocidental, até as ilhas gregas e as praias fronteiras da África; e desde as vizinhanças do Mar Negro, ao norte, até ao mar Arábico ao sul. O período de tempo decorrido entre Adão e Abraao, é calculado em 1946 anos, mas que deve ser mais longo (Vide *Cronologia*). Este período que é mais longo do que o tempo decorrido desde o nascimento de Cristo até hoje, é notável pela escassez de milagres, no sentido em que a Escritura emprega este termo (Vide *Milagres*). Com a história pessoal do homem começam as teofanias, raras na verdade, mas que ocupam lugar importante na história da revelação, Gn 3. 8, e seg. Durante este período, o homem progrediu em civilização. Havia sido criado com aptidões, e recebeu poderes para dominar a natureza. Avançou, passando desde o estado de nudez, ao uso de folhas das árvores para se cobrir e desde o uso das peles, Gn 2. 25; 3. 7, 21, às roupas feitas de tecidos; do alimento das frutas nativas passou à alimentação obtida pelo trabalho rural e à carne dos rebanhos, Gn 1. 29; 4. 2. As habitações primitivas eram incertas e foram substituidas pelas tendas portáveis; depois vieram as habitações fixas, 4. 17, e as grandes cidades construídas de tijolos, 11. 3, 4; da familia passou à tribo e da tribo ao estabelecimento de nações, 10. 10. Do tempo em que não existiam meios de fabricar instrumentos de trabalho até ao tempo em que faziam instrumentos músicos, 4. 21, 22. Neste período, também a linguagem simples desdobrou-se em dialetos e idiomas, 10. 5; 11. 1, 6, 9. O homem reconhece o dever de andar na presença de Deus em santidade de vida, 3. 2, 3, 10; 4. 7; 5. 22; 6. 9; fez distinção entre animais puros e impuros, 7. 2; 8. 20; levantou altares e adorou a Deus com sacrifícios e dons, 4. 3, 4; 8. 20, e dirigiu-lhe preces, 4. 26. A religião sofreu decadência, 6. 2, 5, e a idolatria progrediu, Js 24. 2. Vide especialmente; *Gênesis, Eden, Adão, Satanás, Abel, Caim, Henoque, Dilúvio, Noé, Babel.*

3. *História do povo escolhido,* em que se vêem as relações entre ele e Deus, e os preparativos para a vinda de Cristo. Este período difere do precedente em que o local para os acontecimentos passa, do vale do Tigre e do Eufrates, para a Palestina, Canaã é centro. A duração deste período, começando com o nascimento de Abraão, diz o bispo Usher, que é de 1996 anos. Com certeza, há erros neste cálculo, mas, se ambos os períodos são iguais, ou se o total é de alguns centos de anos a mais, ou a menos, é cousa que não se pode verificar, nem pelos dados da Bíblia nem por outros estranhos a ela. No princípio deste período e em outras ocasiões posteriores, além dos vários modos pelos quais Deus se revelava aos homens, apareceu também em teofanias. Neste período se compreendem três das quatro grandes épocas de milagres, que são o livramento do cativeiro do Egito e o seu estabelecimento na terra de Canaã sob o comando de Moisés e Josué; a luta de morte entre os adoradores de Jeová e de Baal, nos dias de Elias e de Eliseu e durante o cativeiro de Babilônia. Estas épocas de milagres estão separadas entre si por espaços seculares, nos quais raramente se davam milagres. Este período, por amor à clareza, pode dividir-se em secções, acompanhando os graus sucessivos do desenvolvimento do povo de Deus como segue:

I. Tribo independente em Canaã sob o governo de Abrado, Isaque e Jacó. O patriarca era o sacerdote, e o responsável pelo governo da tribo. A história desta secção acha-se em revista nos artigos sob *Abraão, Sonhos, Visões, Teofanias, Melquisedeque, Isaque e Jacó.*

II. O povo das doze tribos em escravidão no Egito por muito tempo (Ver *Egito, José, Faraó, Milagres, Êxodo, Mara, Maná, Codornizes, Rafidim*).

III. Nação independente constituída no Sinai. Chegando ao Sinai, o povo constituiu-se em nação, aceitando o pacto que Deus lhe propôs, contido nos dez mandamentos, que ao mesmo tempo era a sua carta constitucional. Jeová é o rei que, de ora avante, habita no tabernáculo que está no meio de seu povo, revela-se aos profetas e aos sacerdotes, e exerce as funções de poder legislativo, judicial e executivo por meio das leis que decreta, pelos juízos que pronuncia e pelos oficiais que ele constitui. A nação era:

1. Uma irmandade de doze tribos sob uma constituição religiosa e com um santuário comum, Êx cap. 19; 1 Sm cap. 7. O sumo sacerdote era o chefe representativo, auxiliado pelos profetas, e ocasionalmente pelos chefes, como Moisés (Vide *Sinai, Teocracia, Tendas, Tabernáculo Levítico, Campo*).

Deixando o Sinai, os israelitas dirigem-se para Cades. Pela fraqueza de sua fé, tiveram de re-

gressar ao deserto, onde peregrinaram durante trinta e oito anos (Ver *Números, Deserto, Coré*). Finalmente, rodearam o país de Edom e acharam saída pelas cabeceiras do Arnom. Seguiu-se a conquista do país pelo lado do oriente do Jordão (Ver *Seom* e *Ogue*). O centro de operações localizou-se no vale deste rio (Ver *Sitim, Balaão, Baalfegor, Midiã, Deuteronômio*). Por ocasião da morte de Moisés atravessaram o Jordão, conquistaram e possuiram a terra de Canaã (Ver *Josué, Canaã, Silo*). Depois de se estabelecerem em a terra conquistada, deu-se a morte de Josué, que foi substituído, a intervalos, por outros indivíduos de capacidade e influência em número de quinze, que conduziram o povo na guerra contra os inimigos e que exerciam as funções governamentais (Ver *Juízes, Samuel*). Forças unidas operavam nos tempos dos juízes, demonstrando o seu grande poder. Infelizmente, obstáculos de ordem natural, pequenas divergências e interesses locais, por vezes os separaram. Existem brilhantes exemplos de piedade e de amor filial e, a par destes, o espetáculo humilhante de um povo seduzido pela idolatria (Ver *Juízes*).

Durante este período, manifestou-se a fraqueza e descobriram-se os defeitos do coração humano, referentes ao pacto com Deus. Logo no princípio mostraram falta de fé em Deus, como se vê nos acontecimentos de Cades; nos ciúmes entre as tribos que provocaram a rebelião de Coré e de seus companheiros contra o sacerdócio de Arão, e contra a supremacia política de Moisés e a facilidade com que o povo se entregava à idolatria, demonstrada na adoração do bezerro de ouro e nas seduções do culto de Baalfegor. Os grandes erros políticos da época foram a liga que Josué fez com os gabaonitas e o descuido da tomada de Jerusalém — erros e defeitos que tiveram conseqüências desastrosas na história do povo de Israel.

2. *A monarquia das doze tribos.* O povo havia-se descuidado de consolidar a centralização nacional que havia sido contemplada nos planos religiosos, deixou-se dominar por sentimentos de bairrismo e acostumou-se a largar o Senhor e a entregar-se aos ídolos. A atitude ameaçadora das nações vizinhas, levou os israelitas a sentir a necessidade de organizar um governo forte e de eleger um chefe militar. Samuel estava velho. Esqueceram-se das sábias provisões que Deus tinha feito e pediram um rei. Ao lado do sumo sacerdote e do profeta achava-se agora um governador permanente, investido de poder supremo, em lugar dos juízes que Deus havia instituído. Saul foi o primeiro rei, que não fundou dinastia, por desconhecer as funções privilegiadas do sumo sacerdote e profeta; finalmente, o modo pelo qual desobedeceu às ordens explícitas de Deus, foi causa de ser rejeitado e escolhido Davi para receber a coroa (Vede os livros dos *Reis, Samuel, Saul, Davi*). No tempo de Davi, as doze tribos se unificaram depois de uma guerra civil que durou sete anos. Jerusalém foi tomada aos jebuseus e constituída em capital civil e religiosa do reino. Os limites estenderam-se, pela conquista, para além do norte de Damasco, sendo feitos tributários os povos vencidos. Edom foi posto sob governo de procuradores de Davi (Ver *Jerusalém*).

A Davi sucedeu Salomão que erigiu o templo de Jerusalém, embelezou a cidade, levantou-lhe fortificações; a fama de Israel estendeu-se grandemente. Porém o peso de tributos afligiu o povo.

Depois da morte de Salomão, seu filho deixou de atender às reclamações populares que pediam diminuição de impostos, o que provocou a revolta das dez tribos contra a casa de Davi (Ver *Salomão, Roboão, Israel*).

3. *A monarquia reduzida à tribo de Judá.* Dez tribos se haviam revoltado, formando um novo reino cismático e apóstata. As causas que provocaram a revolta eram várias e remotas (Ver *Israel*). O reino de Judá era o que possuía maior força, força natural, pela posição em que se achava, por ter a capital, o governo organizado, por ser o centro religioso, onde o povo se acostumou a possuir fôrça moral, consistindo na adesão à linha dos reis legítimos, que sempre foi grande elemento histórico, em ter a verdadeira religião que exercia grande influência, na consciência de ser fiel a Jeová e, finalmente, em possuir reis mais piedosos.

Era objeto de cuidados providenciais da parte de Deus que ali mantinha o conhecimento e a adoração de si mesmo entre os homens, preparando o advento do Messias. A história religiosa de Judá, neste período, foi assinalada por sensível declínio nos dias de Roboão, 1 Rs 14. 22, e outra vez, nos dias de seu filho Abião, 15. 3, e ainda, nos dias de Jorão e Ocozias, 2 Rs 8. 27. A causa deste declínio religioso é atribuída a Salomão que introduziu no reino a idolatria, para ser agradável às mulheres estrangeiras com as quais se havia casado. A mãe de Roboão era amonita, para quem Salomão havia construído um lugar alto em honra de Moloque, a quem havia sacrificado. Jorão era genro de Acabe e de Jezabel. Cada um destes períodos de decadência religiosa era seguido de um movimento reformador. Um destes foi no tempo do rei Asa, e outro no tempo de Joás; este mesmo, mais tarde, apartou-se do Senhor, dando ocasião a outra reforma religiosa, que ainda foi seguida pelo domínio da idolatria sob a perniciosa influência do rei Acabe. Começou, neste período, a invasão dos assírios. A nação, enfraquecida pela separação das tribos e degenerada pela idolatria, não podia oferecer resistência aos inimigos.

Estes foram avançando até chegar a conquista do reino do norte, o reino de Israel (Ver *Israel, Samaria, Sargom*).

4. *A monarquia de Judá isolada.* O reino do sul estava agora exposto aos ataques dos assírios, e mais tarde, aos dos seus sucessores os babilônios (Veja *Ezequias, Senaqueribe, Manassés, Nabucodonosor*). As condições religiosas do povo não eram boas, apesar dos grandes esforços dos profetas Isaías, Jeremias e Miquéias, que trabalhavam para adiantar a verdade religiosa. Os seus reis, com exceção de Ezequias e Josias, não foram muito fiéis a Jeová. Havia um partido idólatra na corte, que se tornou triunfante nos dias de Acaz. A idolatria havia ganho fundas raízes no povo; as reformas encetadas pelos reis atingiam mui superficialmente a nação. O país estava invadido por idólatras estrangeiros, e, caminhava para o seu fim. O exército de Nabucodonosor visitou Jerusalém em breves intervalos, durante duas décadas, e de cada vez, fazia prisioneiros que transportava para Babilônia, e afinal, em 587 A. C. tomou a cidade e a incendiou.

O povo hebreu não pode conservar os elementos de sua força nacional, não habitou à sombra do Altíssimo, e, por isso, caiu (Ver *Judá*).

IV. 1. *Um povo cativo.* 2. *Judá exilado em Babilônia* (Ver *Cativeiro*).

3. *Judá na Palestina.* No primeiro ano de seu reinado em Babilônia, 538 A. C., Ciro publicou um decreto, permitindo aos judeus voltar à Palestina e reconstruir o templo. Quarenta e três mil exilados aproveitaram-se desta oportunidade e voltaram à pátria com Zorobabel. Esta colônia era:

(a) *Província do império persa subordinada à província Além do Rio.* Permaneceu assim por duzentos anos. Duas vezes foi governada por autoridades de seu próprio país nomeadas pelo rei da Pérsia (Veja *Zorobabel* e *Neemias*). A maior parte do tempo de sua sujeição, os negócios civis estavam sob a jurisdição de um sátrapa de Além do Rio. Competia-lhe nomear delegados para Judá e pedir homens e dinheiro. O governo local, porém, era exercido pelo sumo sacerdote, que passou a ser considerado chefe político e religioso da nação.

Logo que chegaram os exilados de Babilônia, deu-se início às fundações do templo. A obra foi

progredindo sob as exortações dos profetas Ageu e Zacarias, apesar das interrupções e da oposição sofrida, terminando no ano 515 A. C. Os muros foram levantados sob a direção de Neemias, autorizado pelo rei Artaxerxes, em 445 A. C. (Veja *Jerusalém*).

Por esta ocasião, também o sacerdote Esdras estava na cidade, zelando pela guarda da lei de Deus, e trabalhando em prol da pureza religiosa (Veja *Esdras* e *Cânon*).

Pelo ano 365 A. C. travou-se uma disputa entre dois irmãos acerca do sacerdócio, terminando pelo assassínio de um deles dentro do próprio templo. Este fato deu lugar a que Bagoses, general do exército de Artaxerxes Mnemom, entrasse no templo (Antig. 11. 7, 1). Em março ou abril de 334 A. C. Alexandre de Macedônia atravessa o Helesponto, derrota os persas, e, continuando a sua marcha, no ano seguinte, ganhou a vitória contra Dario Codomano em Isso, desfiladeiro perto do ângulo nordeste do Mediterrâneo, prostra a seus pés a Síria e entra em Jerusalém. Depois de uma jornada de constantes vitórias, volta-se para o oriente até Punjabe, e morre em Babilônia, no mês de junho de 323 A. C. (Veja *Alexandre*).

(b) *A Judéia sujeita ao Egito.* Ptolomeu Soter disputou a posse da Palestina que fazia parte da Síria depois da morte de Alexandre, apoderando-se dela, em 320 A. C., conservando-a sob seu domínio, com pequenas interrupções até 198 A. C. quando as crueldades de Ptolomeu Filopáter levaram os judeus a pedir a proteção de Antioco, o Grande (Veja *Ptolomeu*). Durante esses 122 anos foram governados pelos seus sumossacerdotes, sujeitos ao rei do Egito. Neste tempo as Escrituras hebraicas foram trasladadas para a língua grega em Alexandria, no Egito (Veja *Versões*).

(c) *A Judéia sujeita à Síria.* Antioco, o Grande, arrebatou a Palestina ao Egito em 198 A. C., pela vitória alcançada sobre Ptolomeu Filopáter em Panéias. Os sírios protegeram o partido grego que pretendia helenizar a nação, e também tentaram, pela força, impor aos judeus o culto idólatra. A tirania sacrílega dos sírios tornou-se intolerável à parte religiosa do povo de modo a provocar revolta dos macabeus, em 166 A. C. (Veja *Ginásio, Jasom, Antioco*).

Seguiu-se um período de independência sob o governo dos reis-sacerdotes macabeus, que durou desde o ano 166, até à tomada de Jerusalém pelo general Pompeu, em 63 A. C., porém os macabeus continuaram na posse do trono até ao ano 40 A. C., quando Herodes, o Grande, foi nomeado rei da Judéia pelo senado de Roma. Herodes começou o seu reinado pela tomada de Jerusalém no ano 37 A. C. Durante este período, os saduceus e os fariseus eram reconhecidos como partidos dominantes, exercendo grande influência política e religiosa (Veja *Fariseus, Saduceus, Concílio*).

(d) *A Judéia sob o domínio romano.* Durante este período os negócios da Judéia foram administrados por delegados do império romano. O primeiro foi Herodes, o Grande, depois Arquelau e mais tarde por governadores, exceto entre 41 e 44 A. D., quando Herodes Agripa I exerceu as funções de rei (Veja *Judéia, Herodes, Procurador*). A má administração destes procuradores exasperou o povo que se lançou na revolta. Uma guerra obstinada e furiosa ensangüentou a Judéia desde o ano 66 até a queda de Jerusalém no ano 70. O resto do povo judaico que ficou na Palestina não pôde mais entrar em Jerusalém, e desapareceu a existência nacional. No tempo ainda em que a Judéia era nação e nos dias do rei Herodes, nasceu Jesus de Nazaré, começando, então, novo período da história bíblica.

4. *História do estabelecimento da Igreja Cristã*, que deveria alcançar todas as nações.

a) *Jesus Cristo prepara o estabelecimento da sua igreja*, pelo exemplo, pelo ensino e pela redenção (Veja *Jesus, Evangelho, Apóstolos*).

b) *A Igreja entre os judeus.* A Igreja foi estabelecida por Jesus ressuscitado. Dez dias mais tarde, no Pentecostes, o Espírito Santo prometido manifestou-se e a obra da Igreja foi iniciada com o sermão do apóstolo S. Pedro, com as primeiras conversões e pelos primeiros batismos (Veja *Pentecostes, Espírito Santo, Línguas, Batismo, Igreja*). Alguns anos depois, talvez durante uns seis anos, a Igreja sofreu as dificuldades, naturalmente originadas pelas imperfeições dos crentes e pela perseguição; mas, foi crescendo em pureza e em número (Veja *Ananias, Diáconos, Estêvão*). A perseguição que irrompeu por ocasião da morte de Estêvão, espalhou os irmãos para fora de Jerusalém, começando, então, a ser evangelizados os judeus da Palestina e da Síria. O Evangelho entrou em Samaria e nas cidades costeiras, desde Gaza até Cesaréia (Veja *Filipe*). Com o intuito de perseguir os crentes, que se achavam nas colônias judaicas de Damasco, Saulo encaminhou-se para lá, e, no caminho, ouviu a voz de Jesus que o chamava, destinando-o a ser o apóstolo dos gentios. A visão de S. Pedro em Jope, com o seu complemento, na conversão de Cornélio, e com o derramamento do Espírito Santo, abriu os olhos da Igreja para ver a verdade, já conhecida teoricamente, que o Espírito Santo seria dado indistintamente a judeus e a gentios (Veja *Cornélio*). Em Antioquia, os judeus crentes, idos do ocidente e que haviam sido impelidos pela perseguição, conseqüente à morte de Estêvão, começaram a pregar, também aos gregos, a doutrina de Jesus, At 11. 20, passando os crentes a ser conhecidos pelo nome de cristãos, não mais identificados com os judeus. A Igreja estava agora aparelhada para empreender a evangelização dos gentios. Estava praticamente conhecida a verdade acerca da comunhão espiritual de judeus e gentios na dispensação cristã.

c) *A igreja entre judeus e gentios.* Paulo e Barnabé, chamados pelo Espírito Santo, começaram a evangelização dos judeus e dos gentios na Ásia Menor. Surgiu, agora, a questão sobre a obrigatoriedade da circuncisão dos gentios convertidos. O concílio de Jerusalém resolveu o caso com firmeza, recusando submetê-los ao rito da circuncisão e à observância da lei de Moisés, insistindo somente na prática de obrigações morais e de expedientes necessários a satisfazer a opinião pública. Estavam, pois, garantidos os direitos dos gentios convertidos. Na segunda viagem missionária, S. Paulo, sob a direção do Espírito Santo, foi a Tróade e, em visão, foi instruído a estender os seus trabalhos à Europa, trabalho este que foi iniciado em Filipos e terminado em Roma (Veja *Paulo, João, Pedro*).

HIZQUI, *Deus é minha força.*

Nome de um dos filhos de Elfaal, 1 Cr 8. 17.

HOÃO

Nome do rei de Hebrom que entrou em liga com outros reis contra Josué, e por ele foi vencido e morto, Js 10. 1-27.

HOBA

Nome de uma cidade, situada ao norte de Damasco. Hoba é o ponto extremo até onde Abraão perseguiu os reis do oriente por ele derrotados, Gn 14. 15. Wetzstein menciona um lugar com este nome entre Tadmor e Homs.

HOBABE, *Amante.*

Nome do sogro de Moisés, segundo os tradicionais pontos do texto hebraico, Jz 4. 11. Porém, o sogro de Moisés era Reuel, ou, para dar-lhe o nome honorífico pelo qual se apelidava, Jetro, que quer dizer: sua excelência. Hobabe está verificado que era filho de Reuel, Nm 10. 29, e, se a tradicional vocalização for incerta, e prestarmos reverência ao texto hebreu somente, as palavras

hebraicas podem ser traduzidas pela frase: Hobabe cunhado de Moisés, Jz 1. 16; 4. 11. O sogro de Moisés (Reuel ou Jetro) visitou a seu genro no acampamento de Rafidim e voltou para sua casa, Ex 18. 1, 5, 27. Um ano depois, quando os israelitas estavam em retirada do Sinai, Moisés instou com Hobabe, filho de Reuel, para acompanhar o povo e auxiliá-lo na sua viagem pelo deserto, no que Hobabe consentiu, Nm 10. 29; Jz 1. 16; 4. 11. Depois da conquista de Canaã, a sua família se estabeleceu na tribo de Judá ao sul de Arade, e ainda ali existia nos tempos de Saul e de Davi, Jz 1. 16; 1 Sm 15. 6; 27. 10; 30. 29. Hobabe pertencia aos cineus, família medianita, Jz 1. 16.

HODAVIAS, *Jeová é o seu louvor.*

1. Nome de um filho de Elioenai, descendente de Davi, 1 Cr 3. 24.

2. Nome de um dos chefes da meia tribo de Manassés, ao oriente do Jordão, 1 Cr 5. 24.

3. Nome de um benjamita, 1 Cr 9. 7.

4. Nome de um levita, fundador de uma família, alguns de cujos membros voltaram de Babilônia, Ed 2. 40. Também se chama Judá no cap. 3. 9, virtualmente sinônimo de Hodavias, e por uma leve corrupção do texto hebraico, Hodevá, ou segundo leitura tradicional, Hodeiá, Ne 7. 44.

HODE, *Majestade.*

Nome de um aserita, filho de Sufa, 1 Cr 7. 37.

HODES, *Lua nova.*

Nome de uma das mulheres de Saaraim, 1 Cr 8. 9.

HODIAS, *Esplendor de Jeová.*

1. Nome de um homem que foi reconhecido como pertencente à tribo de Judá, talvez por causa de seu casamento com a irmã de Naã, 1 Cr 4. 19.

2. Nome de um dos levitas empregado por Esdras para explicar a lei ao povo, Ne 8. 7, e assistir no dia da penitência e da oração, 9. 5. É quase certo que era um dos dois levitas Hodias que selaram o pacto, 10. 10, 13.

HOFNI, *Pertencente ao punho.*

Nome de um dos filhos de Heli. Ele e seu irmão Finéias exerceram as funções sacerdotais na velhice de seu pai Heli, mas mostraram-se indignos de tal ofício por causa de sua conduta escandalosa. Heli mostrou-se fraco em corrigir as faltas de seus filhos, pelo que os juízos de Deus se pronunciaram contra a sua casa. Quando se resolveu que a arca de Deus fosse levada ao campo de batalha, Hofni e Finéias a acompanharam. Ambos foram mortos na desastrada peleja que se seguiu, 1 Sm 2. 22 até cap. 4. 22.

HOGLA, *Perdiz.*

Nome de uma filha de Zelofeade, Nm 26. 33.

HOLOM, *Arenoso.*

1. Nome de uma cidade, na região serrana de Judá, Js 15. 51, dada aos sacerdotes, juntamente com seus subúrbios, 21. 15. Chama-se Hilém em 1 Cr 6. 58. Não identificada.

2. Nome de uma cidade moabita, Jr 48. 21.

HOMÃ, *Destruidor.*

Nome de um filho de Lotã e neto de Seir, 1 Cr 1. 39. Este nome aparece em Gn 36. 22, com a forma Hemã. A diferença no hebraico é muito insignificante, devida sem dúvida a uma troca de letra. O último nome tem *jod* e o primeiro tem *vau.*

HOR, *Montanha.*

1. Nome de um monte, no limite do país de Edom, onde Arão morreu e foi enterrado, Nm 20. 22-29; 33. 37-39, 41; Dt 32. 50. Diz Josefo que era uma das montanhas que circundava a região de Petra, Antig. 4. 4, 7. A tradição localiza-a em Jebel Harum que quer dizer Montanha de Arão, formando dois picos de rocha arenosa com 1584 metros de altitude, situada na parte oriental do Arabá, entre a extremidade sul do Mar Morto, e o norte do golfo de Acabe. É o ponto mais elevado e mais selvagem de toda a cordilheira de Edom. Petra está mais para o oeste; porém, as ruínas desta cidade, não são visíveis dali. Em cima da montanha existe um túmulo que dizem ser o de Arão, mas a parte superior dele, tem a aparência de grande mesquita de construção moderna. A tradição, pois, dá lugar a sérias contestações. Parece errônea a identificação de Cades com Petra. Jebel Harum está no meio de Edom, e não nos limites como estava o monte Hor. Se o país de Edom se estendia até ao golfo de Acaba, Dt 2. 8, os israelitas nunca poderiam chegar à tradicional montanha sem atravessar o Edom, que lhes era defeso por expressa proibição. Jebel Madara, a 28 quilômetros a nordeste de Cades, é outro ponto de identificação, mas não satisfaz às condições exigidas. Ainda mais: se a palavra Madara é realmente escrita em árabe com a letra *dal*, como diz Seetzen, é para se duvidar que o nome dê o som Moserá, Nm 33. 37; Dt 10. 16.

2. Nome de certa montanha no limite norte da Palestina, entre o Mediterrâneo e a entrada de Hamate, Nm 34. 7, 8. Provavelmente era um dos picos proeminentes do Líbano.

HORÃO, *Elevação.*

Nome de um rei de Gezer, que foi derrotado e morto por Josué, Js 10. 33.

HOREBE, *Seco, deserto.*

O monte de Deus na península do Sinai, Ex 3. 1; 18. 5, onde a lei foi dada a Israel, Dt 4. 10-15; 5. 2; 1 Rs 8. 9; 19. 8. Os nomes Horebe e Sinai aparecem designando o mesmo monte em diversos lugares, por exemplo: Horebe em Ex 17. 6; Dt 1. 6; 1 Rs 8. 9; 19. 8; Sinai em Ex 19. 11; 24. 6; 31. 18; Lv 7. 38; 25. 1; Dt 33. 2; Jz 5. 5. Este fenômeno tem sido explicado por diversos modos. Dizem que os dois termos não se referem exatamente ao mesmo lugar. Horebe é o nome da cordilheira, e Sinai, um dos pontos salientes (Hengstenberg e Robinson). Segundo a opinião de Gesenius, Horebe é o nome da parte inferior, ou do pico do monte Sinai, ou a parte do norte e mais abaixo da cordilheira, enquanto que o Sinai ficava mais para o sul, era o ponto mais elevado. Por outro lado, os dois termos empregam-se para representar o mesmo objeto. Ewald pensa que o nome Sinai era o antigo e que Horebe era o nome moderno da mesma montanha (comp. Jz 5. 5). Estude-se Ex 19. 1; e o contexto, 18, 13 até 19. 6; e 19. 11, no contexto 9-13.

HOREM, *Cercado, sagrado.*

Nome de uma cidade fortificada de Naftali, Js 19. 38. Não identificada. Não há motivos para crer que seja Hura ou Cura, a seis quilômetros e meio a oeste de Iarum nem Hará, a doze quilômetros, ao norte de Iarum.

HOR-GIDGADE, *Montanha* ou *caverna de Galaade.*

Acampamento dos israelitas no deserto, Nm 33. 32. É o mesmo Gudgodá mencionado em Dt 10. 6, 7; comp. 33. 31-33. Situação ignorada. Não se pode identificar com Gudagide que é de etimologia inteiramente diferente.

HORI, *Que mora em caverna.*

1. Nome de um horita, descendente de Lotã, e denominado pelo tronco familiar donde procedia, Gn 36. 22.

2. Nome do pai de Safate, um dos espias, Nm 13. 5.

HORMÁ, *Lugar condenado ou devastado.*

1. Nome de uma região ao sul de Canaã em Seir ao norte de Cades e do monte Hor. Quando os israelitas, depois de sua falta de fé, presumi-

ram avançar de Cades para Canaã, os amalecitas e os cananeus desceram do monte, onde habitavam, e os bateram e rechaçaram, perseguindo-os até Hormá, ou desolação, nome que lhe foi dado trinta e oito anos mais tarde, Nm 14. 45; Dt 1. 44. Por ocasião da segunda partida dos israelitas de Cades, depois de um lapso de 38 anos, enquanto se achavam acampados no monte Hor, os cananeus, sob o comando do rei Arade, atacaram outra vez os israelitas e fizeram alguns prisioneiros. Os israelitas deram em cima deles e, com o auxílio de Jeová, devastaram as suas cidades e deram o nome àquele lugar de Hormá, isto é, desolação, Nm 21. 1-3.

2. Nome que deram à cidade de Sefaate, depois de ser devastada. Era situada ao sul do país para os lados de Edom, perto de Ziclague,a qual foi dada a Judá, e mais tarde transferida a Simeão, Js 15. 30; 19. 4. Depois da morte de Josué, Judá auxiliou a Simeão a tomar a cidade. Era habitada pelos cananeus. Esta cidade, ou havia escapado quando a região foi devastada em cumprimento de um voto, Nm 21. 22, ou foi novamente reconstruída pelos fugitivos que a ela regressaram.

Como quer que seja a cidade foi votada à destruição e seus habitantes foram passados à espada, e se ficou chamando Hormá, Jz 1. 17. Josué já havia derrotado seu rei, antecipadamente chamado rei de Hormá. É possível que este rei estivesse fora da cidade, auxiliando a sua gente em Hebrom, por ocasião de ser tomada, como aconteceu ao rei de Jerusalém e ao rei de Gezer, que estavam ausentes de suas cidades, quando Josué os derrotou, Js 12. 14; comp. Js 10. 10, 33. Depois de destruída, os simeonitas a ocuparam, 1 Cr 4. 30. Serviu de abrigo a Davi quando andava fugitivo. Aos seus amigos desta cidade, enviou ele alguns despojos da cidade de Ziclague, 1 Sm 30. 30.

HORONAIM[1]

Nome de um lugar em Moabe, Is 15. 5; Jr 48. 34.

HORONAIM[2], *Duas cavernas.*

Nome de uma cidade moabita, não longe de Segor, Is 15. 5; Jr 48. 3, 5, 34; Pedra Moabita, 31. Sem dúvida é a cidade Oronae que Alexandre Janeu tomou aos árabes, e que seu filho restituiu a Aretas, Antig. 13. 15, 4; 14. 1, 4. Situação ignorada.

HORONITA

Nome de um homem natural de Horonaim, ou mais provavelmente de Bete-Horom, Ne 2. 10, 19.

HORREUS

Que habitavam em cavernas, aborígenes do monte Seir e, por isso, chamados filhos de Seir, Gn 36. 20. Foram derrotados por Codorlaomer e seus aliados, Gn 14. 6. Os seus governadores chamavam-se capitães, 36. 29, subseqüentemente derrotados pelos descendentes de Esaú, Dt 2. 12, 22.

HORTELÃ

Nome de uma erva do gênero *Menta*, de que existem várias espécies; chama-se em grego *sdyosmon*, doce cheiro, Mt 23. 23. A hortelã brava, *Mentha sylvestris*, é muito comum na Síria e cresce espontaneamente nas suas montanhas. Não se conhece bem qual era a qualidade de hortelã, cultivada pelos israelitas.

HOSA, *Procurando refúgio.*

1. Nome de um dos porteiros do tempo de Davi, 1 Cr 16. 38; 26. 10.

2. Nome de uma aldeia da tribo de Aser, pouco distante de Tiro, Js 19. 29. Não identificada. Conder pensa que as ruínas *Ezziyat el-Foka*, a 13 quilômetros ao sul de Tiro e a 4 e meio distante do Mediterrâneo, é o local provável. Os nomes são completamente diversos.

HOSAÍAS, *Jeová salvou.*

1. Nome do pai de Jezonias, Jr 42. 1; 43. 2.

2. Nome de um príncipe de Judá que acompanhava o coro dos que davam graças por ocasião de dedicarem o segundo templo, Ne 12. 32.

HOSAMÁ, *Jeová ouviu.*

Nome de um dos descendentes do rei Jeconias, 1 Cr 3. 18.

HOSANA, *Salve. Louvamos.*

Breve oração dirigida a Jeová, pedindo socorro, tirada do Salmo 118. 25. Aclamação do povo, marchando em torno do altar na festa dos tabernáculos. A maior parte das orações pronunciadas nesta solenidade, começavam pelo hosana. A multidão dos discípulos que acompanharam a Jesus na sua entrada em Jerusalém, aclamava-o, dizendo: Hosana ao Filho de Davi, comp. Mt 21. 9, 15, com o Sl 118. 25, 26.

HOSPEDARIA

A hospedaria oriental em nada se parece com o hotel do ocidente. Nos antigos tempos pouco se precisava de hotel. Os viajantes encontravam boas hospitalidade nas habitações particulares, Ex 2. 20; Jz 19. 15-21; 2 Rs 4. 8; At 28. 7; Hb 13. 2. As hospedarias públicas serviam apenas de abrigo para homens e animais. Semelhante aos modernos *khans*, consistiam em um pátio quadrangular, com um poço no centro e quartos aos lados, armazéns para guardar mercadorias e estrebarias para animais. Os quartos não tinham mobília. Os viajantes estendiam capachos no chão, e na falta de capachos, estendiam as mantas que serviam ao mesmo tempo de cobertas. Pessoas ricas mandavam fazer hospedarias em benefício dos viajantes, Jr 41. 17. Raras vezes se poderia comprar alimentos em uma hospedaria, Lc 10. 34, 35.

HÓSPEDE

Pessoa que temporariamente se demora em casa de outrem, ainda que seja por algumas horas somente, 1 Rs 1. 41; Sl 1. 7; Mt 22. 10, 11. Pessoas inteiramente estranhas eram recebidas como hóspedes, com provas de muita consideração, Gn 18. 1-8; 19. 3, Ex 2. 20; Jz 13. 15; 19. 20-24; Jó 31. 32. As casas abastadas tinham um aposento reservado para os hóspedes, Mc 14. 14; Lc 22. 11, comp. 2 Rs 4. 10. Em Jerusalém, os judeus que visitavam a cidade, encontravam à sua disposição quartos que podiam ocupar livremente enquanto duravam as festas (Abote, 34). A hospitalidade fazia parte do proceder cristão, recomendado na epístola aos Hebreus 13. 2, comp Mt 25. 43. Os preceitos da moralidade impedem que nos hospedemos em casas de honorabilidade suspeita. Os fariseus iam muito além, e aplicavam este princípio indiscriminadamente, abstendo-se de aceitar a hospitalidade em casa dos publicanos, Lc 5. 27-32; 19. 7.

HOTÃ, *Selo, sinete.*

Nome de um aserita, filho de Heber, da família de Baria, 1 Cr 7. 32.

HOTÃO

Nome de um homem, natural de Aroer, cujos dois filhos estiveram entre os valentes de Davi, 1 Cr 11. 44.

HOTIR

Nome de um dos filhos de Hemã, vidente do rei Davi e cantor, 1 Cr 25. 4.

HOZAI, *Jeová está vendo.*

Nome de um escritor que descreveu os feitos de Manassés, rei de Judá, 2 Cr 33. 19. Seguindo a versão dos Setenta, a palavra hebraica *Hozay* tem sido traduzida como se fosse nome comum, e o livro citado parece ser uma coleção de ditos sentenciosos dos videntes. Este modo de traduzir parece indicar que a palavra hebraica perdeu a letra inicial e a final, ou, pelo menos, a última.

HUCOQUE, *Decretado.*

Nome de uma cidade nos limites de Naftali, Js 19. 34. *Yakuk;* a 11 quilômetros a norte de *Tell*

Hum, conserva a raiz árabe correspondente a este nome.

HUFÃ

Nome de um filho, ou descendente remoto de Benjamim e fundador de uma família tribal, Nm 26. 39. Tem o nome Hupim em Gn 46. 21, comp. 1 Cr 7. 12, 15, e Hurão em 1 Cr 8. 5. Este último parece descender de Bale ou de Gera. O nome de Hupim não se encontra nos registos de Bale, Bequer ou Jedial em 1 Cr 7. 12, e a menos que descenda de Bale por via de Ir ou Iri (v. 7).

HUL, *Círculo.*

Nome do segundo filho de Arão, Gn 10. 23; 1 Cr 1. 17. Parece que a região de Hulé, ao norte das águas de Merom, conserva este nome.

HULDA, *Doninha.*

Nome de uma profetisa que habitava na cidade Baixa de Jerusalém, 2 Rs 22. 14. Era esposa de Salum, guarda-roupa, e tida em grande estima. Esta mulher viveu no tempo de Josias e anunciou a destruição de Jerusalém, mas, em face da piedade do rei, o vaticínio se realizaria depois da sua morte, 2 Rs 22. 12-20; 2 Cr 34. 20-28.

HUNTA, *Lugar dos Lagartos.*

Nome de uma cidade na parte montanhosa de Judá, Js 15.54. Situação ignorada.

HUPA, *Coberta.*

Nome de um dos descendentes de Arão, pertencente ao décimo terceiro curso dos sacerdotes, 1 Cr 24. 13.

HUR, *Esplendor.*

1. Nome de um homem de Judá da família de Hesrom, da casa de Calebe, 1 Cr 2. 18, 19. Era avô de Bezeleel, v. 20; Êx 31. 1, 2. Juntamente com Arão, sustentou os braços de Moisés, durante a batalha contra os amalecitas, Êx 17. 10-20. Associou-se com Arão no governo dos israelitas, enquanto Moisés esteve ausente no monte Sinai, 24. 14. Josefo, escrevendo muitos séculos depois, diz que Hur era esposo de Maria, irmã de Moisés (Antig. 3. 2, 4). O Antigo Testamento não confirma a narração de Josefo.

2. Nome de um dos cinco reis de Midiã que Moisés matou, Nm 31. 8; Js 13. 21.

3. Nome do pai de um dos oficiais de Salomão destacado para o monte de Efraim, 1 Rs 4. 8. Em várias das nossas versões, o nome nesta passagem, é Ben-Hur.

4. Nome do pai de certo Rafaia, Ne 3. 9.

HURAI, *Tocelão.*

Nome de um dos valentes de Davi, da torrente de Gaás, 1 Cr 11. 32, chamado Hidai em 2 Sm 23. 30.

HURÃO, *Nobre, ingênuo.*

Nome de um benjamita, talvez filho de Bale, 1 Cr 8. 5.

HURI, *Talvez tocelão.*

Nome de um gadita, 1 Cr 5. 14.

HUSÁ, *Emoção.*

Nome de uma cidade de Judá, 1 Cr 27. 11.

HUSAI, *Apressado.*

Nome de um homem de Araque e um dos dois conselheiros de Davi, que permaneceu fiel a seu soberano enquanto durou a rebelião de Absalão e que anulou os conselhos de Aquitofel, 2 Sm 15. 32-37; 17. 5-16.

HUSÃO, *Colérico.*

Nome de um homem temanita que sucedeu a Jobad no trono de Edom, Gn 36. 34, 35; 1 Cr 1. 45, 46.

HUSATITA

Nome de um habitante de Husati, chamado Sibecai, 2 Sm 21. 18; 23. 27.

HUSIM, *Rico de filhos.*

1. Nome de um filho de Dã, Gn 46. 23, chamado Suã em Nm 26. 42. A diferença provém da transposição de consoantes.

2. Nome de uma família benjamita, dos filhos de Aer, 1 Cr 7. 12.

3. Nome de uma das mulheres do benjamita Saaraim, 1 Cr 8. 8, 11.

HUZABE, *Cidade-rainha.*

Parece ser um termo poético empregado em lugar de Nínive, Na 2. 7. O Targum emprega-o como sinônimo de rainha. Faz parte do verbo *yaeab* do idioma hebraico, que significa colocar, ou estabelecer.

IBAR, *Deus escolhe.*

Nome de um dos filhos de Davi nascido em Jerusalém, 2 Sm 5. 15, 1 Cr 14. 5.

IBIS

Tradução da palavra hebraica *Tinshemeth*, que significa respiração, inflação, nome de uma ave imunda segundo a lei cerimonial, Lv 11. 18; Dt 14. 16. A mesma palavra serve para um réptil da classe dos lagartos ou camaleões, Lv 11. 30. Tristram pensa que esse pássaro talvez seja a galinula purpúrea, *Porphyrio caeruleus*, ou a brilhante íbis, *Ibis falcinellus*.

IBLEA, *O povo falha.*

Nome de uma das cidades dentro do território de Issacar que pertenceu à tribo de Manassés. Os membros desta tribo não expulsaram os cananeus da cidade, Js 17. 11, 12; Jz 1. 27. Foi perto desta cidade que Ocozias, rei de Judá, saiu mortalmente ferido pelos partidários de Jeú, 2 Rs 9. 27. Geralmente consideram que a cidade de Ibleã seja o antigo local de Jeblaã que pertenceu a Manassés, mas que foi doada aos levitas, 1 Cr 6. 70. Talvez que o verdadeiro local seja Belamé, onde se encontram antigas ruínas e um poço, a cerca de dois quilômetros ao sul de Jenim, comp. Judite 4. 4; 7. 3.

IBNEIAS, *Jeová edifica.*

Nome de um benjamita, filho de Jeroão e chefe de uma família, 1 Cr 9. 8.

IBNIJAS, *Jeová edifica.*

Nome de um benjamita, pai de Reuel, 1 Cr 9. 8.

IBRI, *Hebreu.*

Nome de um filho de Merari, 1 Cr 24. 27.

IBSÃO, *Flagrante.*

Nome de um homem de Issacar, da família de Tola, 1 Cr 7. 2.

ICABODE, *Foi-se a glória.*

Nome de um dos filhos de Finéias e neto de Heli. Este nome relembra o triste acontecimento da captura da arca pelos filisteus, 1 Sm 4. 19-22.

ICÔNIO

Nome de uma cidade da Ásia Menor, descrita por Xenofonte como a última cidade da Frígia, indo para o oriente, Anábase, 1. 2, 19. Sob o domínio do império grego e do romano, a cidade de Icônio serviu de capital da Licaônia. Estava situada em lugar fértil, nas planícies da Licaônia. Barnabé e Paulo visitaram-na, logo na primeira viagem missionária, tanto na ida como na volta, At 13. 51, 52; 14. 1-6, 19-22; comp. 16. 2; 2 Tm 3. 11. A sua história não tem solução de continuidade. É conhecida hoje pelo nome de *Konieh* e serve de capital à província de *Karaman;* é grande cidade, cercada de muros construídos com materiais de antigas ruínas.

IDADE

1. Tempo computado pelos anos, meses e dias que alguém vive neste mundo. Idades de avanço extraordinário se contam nos registos de Gênesis, caps. 5 e 11, decaindo à proporção que as genealogias se tornam mais particulares e se aproximam de Abraão (Vide *Cronologia*). Abraão morreu com 175 anos de idade, Gn 25. 7, e sua mulher Sara, aos 127 anos, Gn 23. 1; Isaque aos 180, Gn 35. 28; Jacó aos 147, Gn 47. 28; Moisés aos 120, Dt 34. 7; e Josué aos 110, Js 24. 29.

A duração ordinária da vida humana é calculada em 70 anos, ou quando muito, 80, conforme a robustez física, como diz a oração de Moisés no Sl 90. 10.

Davi morreu com 70 anos, 2 Sm 5. 4; 1 Rs 2. 11. A Bíblia manda venerar os velhos, Lv 19. 32; Pv 20. 29. A idade avançada é tida como bênção, Ex 20. 12; Dt 5. 16.

2. A freqüente tradução da palavra grega *aion* e a sua correspondente em latim *aeon* tem em o Novo Testamento as seguintes significações:

a) Certo e determinado período da história do mundo, quer passado, quer futuro, 1 Co 10. 11; Efésios, 2. 7; 3. 9; Hb 6. 5. Mais freqüentemente, determina um período longo de tempo, a eternidade passada ou futura, Lc 1. 33; todos os séculos, em Rm 1. 25; 9. 5; 11. 36; Hb 13. 8; 2 Co 11. 31; séculos dos séculos, Ef 3. 21; Gl 1. 5; 4. 20; Ap 1. 18.

b) Mundo, na sua acepção literal, Heb 1. 2 ou figuradamente, Mt 13. 22; Lc 16. 8; 20. 34; Rm 12. 2; 1 Co 1. 20; 2. 6, 7, 8; 2 Co 4. 4; Gl 1. 4; 2 Tm 4. 10; Tt 2. 12. A harmonia entre os tópicos *a* e *b* consiste em tomar a palavra *mundo* no sentido de duração atual, Mt 12. 32; 13. 40; 24. 3, e no sentido de duração eterna, Mc 10. 30; Lc 18. 30; Hb 2. 5.

c) Curso da vida humana, Ef 2. 2.

IDALA

Nome de uma cidade da tribo de Zebulom, Js 19. 15. Lugar ignorado.

IDBAS, *Doce como mel.*

Nome de um homem de Judá, 1 Cr 4. 3.

IDO, *Adornado.*

1. Nome de um levita, descendente de Gérson, 1 Cr 6.21.

2. Nome do pai de Ainadabe governador nomeado por Salomão para a província de Manaim, 1 Rs 4.14.

3. Nome de um vidente que escreveu o livro das visões a respeito de Jeroboão, e os acontecimentos referentes ao reinado de Salomão, 2 Cr 9.29. Também escreveu um livro sobre as genealogias, onde se acham registados os feitos de Roboão, 12.15. É mais uma história das ações de Abia, rei de Judá, 13.22.

4. Nome do avô do profeta Zacarias, Zc 1.1,7; comp. Ed 5.1; 6.14. Não se pode razoavelmente acreditar que seja o mesmo Ado, sacerdote, que voltou do cativeiro com Zorobabel para Jerusalém, chefe de uma família na geração seguinte. O chefe da família antes mencionada era um sacerdote chamado Zacarias, Ne 12.4-16. A diferença de nome nestes dois versículos, no hebreu, explica-se pela troca das letras jode e vau.

IDO, *Feliz.*

Nome de um chefe em Casifia, de que Esdras obteve o contingente de levitas e de natineus que lhe faltava para o serviço do templo, quando conduzia os exilados de Babilônia para Jerusalém, Ed 8. 17-20.

IDO, *Amável.*

Nome de um filho de Zacarias, chefe da meia tribo de Manassés ao oriente do Jordão, no reinado de Davi, 1 Cr 27. 21.

IDOLATRIA

A idolatria começou a ser praticada em um período muito remoto da história do homem. Os antecessores imediatos de Abraão adoravam deuses estranhos juntamente com Jeová, Js 24. 2, por meio de ídolos. Labão tinha imagens que Raquel furtou e escondeu Gn 31. 30, 32-35. Os egípcios fabricavam figuras de deuses para serem adoradas. Nos lugares mais sagrados de seus templos, colocavam o símbolo de um deus e um animal sagrado, Heród. 2. 63, 138. Os cananeus adoravam ídolos que

os israelitas, conquistadores da terra, deviam destruir por ordem de Jeová, Ex 23. 24; 34. 13; Lv 19. 4; Nm 33. 52; Dt 7. 5; 29. 17. O segundo mandamento da lei de Deus condena positivamente a idolatria, Ex 20. 4, 5; Dt 5. 8, 9, proibindo prostrar-se a criatura diante de imagens, esculturas, estátuas e pinturas. Os mestres de Israel, na obediência a este preceito, mostravam ao povo a ridícula importância dos ídolos, Sl 115; Is 2. 8, 18, 20, 21; 40. 19, 20; 44. 9-20; Jr 10. 3-5. A impotência dos ídolos ficou patente quando a arca do Senhor esteve no templo de Dagom, 1 Sm 5. 3-5. O livro apócrifo de Bel e de Dagom trata das práticas artificiosas dos sacerdotes nos templos dos ídolos. Das nações com as quais os israelitas estiveram em contacto durante os tempos das Escrituras, só os persas não adoravam ídolos. As imagens que adoravam não eram representações de Jeová. Quando os israelitas começaram a imitar as práticas idólatras das nações estrangeiras, mostraram dois graus de progressão no erro. A princípio, tentaram adorar a Jeová, por meio de figuras. Depois apartaram-se inteiramente, e passaram a representar outras divindades (Veja *Baal*). Nos tempos do Novo Testamento, os membros da Igreja, que viviam em contacto com o paganismo, tinham de precaver-se para evitar compromissos com a idolatria. O concílio de Jerusalém ordenou que os crentes deviam abster-se das carnes de animais que haviam sido sacrificados aos ídolos, At 15. 29. S. Paulo deu as mesmas instruções, explicando, porém, que a abstinência no caso das pessoas descrentes dos ídolos, tinha por fim evitar o escândalo a irmãos fracos de conhecimento, 1 Co 8. 4-13. Quando convidados a participar de algum banquete em que houvesse carne sobre a mesa, talvez sacrificada aos ídolos, o cristão não deveria indagar nada a este respeito, mas se alguém dissesse que era sacrificada aos ídolos, não deveria comer. As mesmas direções o apóstolo deu em referência às carnes vendidas no mercado, 10. 18-33. Cerca do ano 300 da era cristã, introduziram imagens em algumas igrejas cristãs, somente como meio de instruir e adornar. No ano 736, Leão, imperador do oriente, publicou um decreto, condenando estas práticas. Em 780, a imperatriz Irene introduziu a adoração das imagens na Igreja do Oriente; e em 787, o segundo concílio de Nicéia deu-lhe sanção.

IDOLO, *Imagem mental ou material.*

Chama-se assim a imagem de escultura, ou qualquer outra representação de pessoa ou coisa, destinada a ser adorada como deus, Ex 20. 4, 5, 23; Jz 17. 3; 1 Sm 5. 3, 4; Rm 1. 23, feita de prata, de ouro, Sl 115. 4; 135. 15, ou de qualquer outro material, Is 44. 13-17. Quando fabricadas de metal, este é derretido e lançado em um molde: neste caso, chama-se imagem fundida; ou feita de madeira e coberta com chapas de metal; neste outro caso, chama-se imagem esculpida; quando feita de madeira ou pedra por meio de instrumentos, também se chama imagem de escultura. O processo de fabricar imagens é descrito por Isaías e Jeremias, Is 40. 19, 20; 44. 9-20; Jr 10. 3. Faziam-nas de vários tamanhos: umas, pequenas destinadas a proteger as habitações, terafins, Gn 31. 34; 35. 1-4, outras eram colossais, como a que Nabucodonosor mandou levantar no campo de Dura, Dn 2. 1. Os iluminados servos de Jeová representam os ídolos por vários nomes, em sinal do desprezo em que os têm. O mais expressivo deles é a palavra valdade.

IDUMÉIA, *Pertencente a Edom.*

Nome usado pelos gregos e romanos para representar o país de Edom, Mc 3. 8; Is 34. 5, 6; Ez 35. 15; 36. 5. Depois da queda de Jerusalém em 587 A. C. os edomitas começaram a forçar a conquista do norte do país, Ez 36. 5. Foram repelidos de Petra pelos nabateanos, pelo ano 300 A. C. Pelo ano 200 A. C., ocupavam o sul da Judéia, inclusive Hebrom, e a parte norte até Betzur, 1 Mac. 4. 29; 5. 65. Judas Macabeu guerreou contra eles, e João Hircano, no ano 126 A. C., subjugou-os e pôs sobre eles um governador judaico, Antig. 13. 9, 1.

IFDÉIA, *Jeová livra.*

Nome de um benjamita, filho de Sesaque, 1 Cr 8. 25.

IFTÁ, *Ele abre, liberta.*

Nome de uma cidade de Judá, Js 15. 43. Lugar ignorado.

IFTÁ-EL, *Deus abre ou liberta.*

Nome de um vale nos limites de Zebulom e Aser, Js 19. 14, 27. Este nome talvez seja o mesmo de Jotapata, a moderna *Tell Jefat* a 16 quilômetros a noroeste de Nazaré.

IGAL, JIGEAL, *Ele vingará.*

1. Nome de um dos espias, tirado da tribo de Issacar para examinar a terra de Canaã, Nm 13. 7.

2. Nome de um dos valentes de Davi, filho de Natã, 2 Sm 23. 36. Ocupava o mesmo lugar no catálogo como fez Joel em 1 Cr 11. 38, sendo muito natural identificar a ambos. Mas a relação das duas listas neste ponto, é difícil determinar; e como Igal e Joel são descritos diversamente, pode bem ser que sejam pessoas diferentes, talvez tio e sobrinho.

3. Nome de um filho de Semeia, descendendo do rei Jeconias, 1 Cr 3. 22.

IGREJA

É tradução do grego *ekklesia*, que nos estados da Grécia significava a reunião dos cidadãos convocados às assembléias legislativas, ou para outros fins, At 19. 32, 41. Os escritores sagrados empregam esta palavra para designar uma comunidade que reconhece o Senhor Jesus Cristo como supremo legislador, e que se congregam para adoração religiosa, Mt 16. 18; 18. 17; At 2. 47; 5. 11; Ef 5. 23, 25. Como os discípulos de Jesus se multiplicassem por diversas idades, o plural igrejas começou a ser empregado, considerando como uma igreja a comunidade cristã de cada localidade, At 9. 31; 15. 41; Rm 16. 4; 1 Co 7. 17; 1 Ts 2. 14. A palavra também se emprega para designar a casa ou templo onde se reúne uma igreja particular. A doutrina protestante, a este respeito, é que a igreja pode existir independente de ter uma forma visível, porque ela tanto é visível como invisível. A igreja invisível se compõe de todos que estão realmente unidos a Cristo, 1 Co 1. 2; 12. 12, 13, 27, 28; Cl 1. 24; 1 Pe 2. 9, 10. Não é uma organização externa. Os seus membros são conhecidos a Deus, ainda que não possam ser conhecidos com exatidão pela vista humana; muitos deles estão no céu, ou ainda estão por nascer. A igreja visível consiste de todos que professam estar unidos a Cristo. Os apóstolos ocupavam uma posição especial de autoridade, At 5. 2; 6. 6; 1 Co 12. 28; Ef 2. 20; 2 Pe 3. 2, porém, eles não eram os únicos no governo da igreja: os anciãos, os bispos, também exerciam funções governativas, At 15. 2, 4, 6, 22, 23; 1 Tm 4. 14; 5. 17; 1 Pe 5. 1. Os oficiais da igreja local eram os anciãos ou bispos e os diáconos, At 6. 3; 14. 23; 20. 17; I Tm 3. 1, 8; Tt 1. 5-9.

Os apóstolos às vezes nomeavam comissões para serviços especiais, 1 Tm 1. 3; Tt 1. 5. O culto público da igreja era modelado pelo culto da sinagoga; consistia de prgação, Mt 28. 20; At 20. 7; 1 Co 14. 19, 20-36, leitura da Escritura, Tg 1. 22; Co 4. 16; 1 Ts 5. 27; comp. At 13. 15, oração 1 Co 14. 14, 16, cânticos, Ef 5. 19; Co 3. 16; e hinos, Ef 5. 14; 1 Tm 3. 16; administração do sacramento do batismo e da Ceia do Senhor, Mt 28. 19; At 2. 41; 1 Co 11. 18-34, e ofertas, 1 Co 16. 1, 2. Quando os dons espirituais se manifestavam, também havia a profecia e dom de línguas.

IIM, *Ruínas.*

Nome de uma cidade no extremo sul de Judá, Js 15. 29. Situação ignorada.

IJE-ABARIM, *Ruínas no distrito de Abarim.*

Nome de um lugar ao oriente do Jordão, Nm 33. 45, defronte de Moabe, onde se acamparam os israelitas.

IJÉ-ABARIM, *Ruínas do distrito de Abarim.*

Nome de lugar, onde os israelitas armaram as suas tendas, quando partiram de Obote, no deserto fronteiro a Moabe, Nm 21. 11; 33. 44.

IJOM, *Ruína.*

Nome de uma cidade fortificada de Naftali tomada por Benadade, rei da Síria a conselhos do rei Asa, 1 Rs 15.20; 2 Cr 16.4. Os habitantes desta cidade foram subseqüentemente levados para o cativeiro por Tiglate-Pileser, rei dos assírios, 2 Rs 15.29. Robinson assinala *Tell Dibbin*, outeiro de uns 36 metros de altitude, ao oriente de *Merj Ayun*, como sendo o local da antiga Ijom, por conservar alguns traços do nome antigo. Dista uns 36 quilômetros de Banias, para noroeste.

ILAI, *Supremo.*

Nome de um dos valentes de Davi, chamado Selmom em 2 Sm 23. 28; 1 Cr 11. 29.

ILHA

Tradução da palavra hebraica *I*, que significa: 1. Terra habitada, em oposição a mar, ou água, Is 42. 15. 2. Nome de ilha no sentido ordinário do termo, Jr 47. 4. 3. Terra marítima, mesmo que seja parte do continente, como a costa da Palestina e da Fenícia, Is 20. 6; cp. 23. 2, 6, e a costa e ilhas da Ásia Menor e da Grécia, Gn 10. 5. 4. As regiões remotas do globo e seus habitantes, Is 41. 5; Sf 2. 11. O emprego deste termo, do modo por que acabamos de ver, pode ser devido a uma figura de retórica, denominando, por sinédoque, as ilhas do Mediterrâneo, que eram remotas e pouco conhecidas, e também devido à opinião corrente que considerava o mundo cercado de água, de modo que a região mais distante era a costa do mundo.

ILÍRICO

Nome de um país, limitado ao norte pela Panônia, ao sul, pelo Epiro; ao oriente, pela Macedônia, e, quando compreendia a Dalmácia, a oeste, pelo Adriático. É atravessado de noroeste a sudeste pelas cadeias de montanhas da Nórica e da Cárnia e pelos Alpes Julianos que formam a parte mais importante da cadeia alpina. Ao longo da costa, existem excelentes portos e numerosas ilhas. A raça ilírica que habitava esta região, compunha-se de selvagens montanheses, vizinhos bem incômodos dos macedônios. Quando desceram das montanhas para as costas do mar, entregaram-se à pirataria, de modo a entrarem em conflitos com os romanos, que no ano 229 A. C. deram começo à sua conquista, anexando-a ao Império, com o nome de Ilíria. O apóstolo S. Paulo pregou o Evangelho desde Jerusalém e terras comarcãs, até ao Ilírico, Rm 15. 19. Nos últimos anos do Império Romano, o nome Ilírico tinha uma significação mais vasta, compreendendo a Bósnia, a Herzegovina e o Montenegro.

IMAGENS ESCULPIDAS

Imagens cortadas na madeira, na pedra ou em metal por meio de um instrumento pérfuro-cortante, processo este diferente das imagens fundidas, vasadas em moldes, Is 30. 22; 44. 16, 17; 45. 20; comp. Hc 2. 18, 19. Em alguns casos, a imagem fundida era aperfeiçoada pelo gravador, Is 40. 19; 44. 10. Os cananeus e dos babilônios usavam de imagens esculpidas muito antes da entrada dos israelitas em Canaã, Dt 7. 5; 12. 3; Jr 50. 38; 51. 47, 52. O segundo mandamento proíbe expressamente o fabrico de imagens, Êx 20. 4; Dt 5. 8; comp. Lv 26. 1; Dt 27. 15; Is 44. 9; Jr 10. 14; 51. 17.

IMER, *Loquaz.*

1. Nome de um dos descendentes de Arão, cuja família ocupava lugar proeminente no tempo de Davi, e que formou a décima sexta classe dos sacerdotes, 1 Cr 24. 1, 6, 14. O prefeito da casa do Senhor no tempo de Jeremias, e um dos opositores ao profeta, pertencia a esta casa, Jr 20. 1. Membros desta família voltaram do cativeiro de Babilônia juntamente com Zorobabel, Ed 2. 37; Ne 11. 13. Dois sacerdotes desta casa, casaram-se com mulheres estrangeiras, Ed 10. 20. Um dos filhos de Imer tomou parte na honrosa tarefa da reconstrução dos muros de Jerusalém, Ne 3. 29.

2. Nome de uma pessoa que voltou de Babilônia, mas cujo nome não foi encontrado na genealogia das famílias de Israel, Ed 2. 59; Ne 7. 61.

IMNA, *Ele restringe.*

1. Nome de um aserita, filho de Helém, 1 Cr 7. 35.

2. Nome de um filho de Aser, Nm 26. 44; 1 Cr 7. 30; Gn 46. 17.

3. Nome de um levita, pai de Coré, 2 Cr 31. 14.

IMPOSIÇÃO DAS MÃOS

Ato simbólico, pelo qual se faz a consagração de uma pessoa, ou animal, para um fim especial. Os israelitas punham as mãos sobre a cabeça dos levitas, consagrando-os ao serviço do Senhor, em lugar dos primogênitos de todas as tribos. O ato de pôr as mãos sobre a cabeça dos levitas com a intenção de significar por este ato, com a permissão divina, que as suas obrigações para o serviço de Deus eram transferidas aos levitas, Nm 8. 5-20. Quando traziam um animal para o altar dos sacrifícios, punham as mãos sobre a cabeça da vítima e a consagravam a Deus, como representante e substituto do pecador, Lv 1. 4; 16. 21. O velho Jacó pôs as mãos sobre a cabeça dos filhos de José, dando-lhes lugar entre os seus filhos e conferindo-lhes as bênçãos do pacto e transferindo-as a eles, do mesmo modo que haviam feito os seus antepassados, Gn 48. 5-20. O presbitério impôs as mãos sobre a cabeça de Timóteo, consagrando-o oficialmente ao trabalho do Evangelho e conferindo-lhe graças, 1 Tm 4. 14.

A imposição das mãos do presbitério significava que o ordenando recebia ordens e ficava devidamente autorizado para exercer o ministério da graça; ou, quando menos, significava uma recomendação oficial do candidato a Deus, como recipiente da graça divina.

IMPUREZA

A lei fazia distinção entre o puro e o impuro, Lv 10. 10; por exemplo, os animais eram puros ou impuros, não santos e profanos. A impureza, quando não resultava de ato voluntário, não tinha caráter moral; excluía o homem do santuário, 7. 20, 21, e da comunhão de Israel, mas não interrompia a comunhão com Deus pela oração. Ao mesmo tempo, que definiam a impureza, em alguns casos era reforçada pelo mandamento: Sede santos porque eu sou santo" (11. 44, 45). Conservar-se puro queria significar que a pessoa estava separada para fins sagrados e que, como pertencente a Deus, era santa para o Senhor e não devia tocar o que era imundo. Além disso, a impureza era símbolo do pecado. A pureza física era diferente da pureza cerimonial: não eram sinônimas, posto que ambas às vezes coincidiam. O conforto e as exigências sociais reclamam limpeza corporal. Os hebreus purificavam-se diversas vezes durante o dia, sem que a lei cerimonial o exigisse. As leis do bom tom, que governam os homens em suas recíprocas relações, eram instintivamente observadas pelas pessoas religiosas, quando se aproximavam de Deus, expressas em mandamentos e instituições, Êx 19. 12, 14; 30. 18-21; Js 3. 5. A impureza cerimonial, para a qual havia meios de a sanar, dava-se de um modo

especial, e limitava-se a certos atos e a processos vários: 1. Quando havia contato com o cadáver de um homem, Nm 19. 11, 22. Esta era de caráter mais grave, porque o efeito do pecado se manifesta com mais evidência na morte do corpo e na dissolução da carne. A impureza ocasionada por este modo, durava sete dias e só podia desaparecer pela água da aspersão. As cinzas da vaca vermelha que era oferecida pelo pecado, eram deitadas fora do campo, num lugar limpíssimo. Aquele que tinha levado as cinzas, depois de ter lavado os seus vestidos, ficava imundo até a tarde, 7-10, 22. 2. A lepra no indivíduo, nas vestes, ou na habitação, Lv caps. 13 e 14. O leproso era excluído da sociedade humana, 13. 46, e para a sua purificação, a lei exigia ablução e sacrifícios especiais. 3. As escreções naturais e mórbidas dos órgãos genitais, cap. 15, inclusive a impureza puerperal, cap. 12. A concepção e a parturição, em si, não eram pecado, porque foram ordenados pelo Criador, Gn 1. 27, 28; contudo, as suas conseqüências, no homem ou na mulher, quer voluntárias, quer não, constituíam impurezas. As leis de reprodução são comuns ao homem e aos animais inferiores. Por mais legítimas que sejam estas leis, lá no céu nem os homens terão mulheres, nem as mulheres homens. É bem provável que a sentença pronunciada contra Eva, por causa do pecado, se reproduz em conexão com o parto. 4. A impureza provinha também de participar das carnes de animal imundo, ou de ter contacto com o seu cadáver, ou com o de um animal limpo, sujeito à decomposição pela morte, Lv 11. Veja *Animais imundos* e *Purificação*.

INCENSÁRIO

Nome de um vaso destinado a queimar o incenso, Nm 16. 6, 7, 39. Os incensários do Tabernáculo eram de bronze, Lv 16. 12, comp. Ex 27. 3. Os incensários do Templo eram de ouro, 1 Rs 7. 50; 2 Cr 4. 22; Hb 9. 4. De ouro são também os do Apocalipse mencionados no cap. 8. 3, 5.

INCENSO

1. Resina aromática extraída de uma árvore, Ecclus. 1. 8; Ct. 3. 6, é de cor branca como indica o seu nome hebraico *Lebonah*. Entrava na composição do óleo sagrado das unções sacerdotais, Ex 30. 34, e se ajuntava ao azeite das oblações, Lv 2. 1, 2, 15, 16, que depois eram queimados, 6. 15. Sobre os pães da proposição, derramava-se incenso puro, Lv 24. 7; comp. 1 Cr 9. 29; Ne 13. 5. Os dromedários de Midiã, de Efa e de Sabá transportavam-no da Arábia para a Palestina, Is 60. 6; Jr 6. 20. O outeiro do incenso, referido nos Cânticos 4. 6, era talvez lugar reservado, nos jardins do palácio, cercado de árvores aromáticas, comp. Ec. 2. 5; Antig. 8. 6, 6; 9. 1, 2. O incenso da antigüidade, o alibanum ou incenso macho do comércio europeu, é produzido pela *Boswellia floribunda*, uma das *Amyridaceas*, natural da Índia, ou de alguma outra espécie do gênero *B. Cartei*, *B. Frereana* e *B. serrata*, de que há duas variedades, a *B. serrata*, propriamente dita, e a *B. thurifera* de Roxburgh; a variedade *B. glabra*. A primeira e a quarta espécie vêm da Índia; a segunda e a terceira, vêm da Somália e da Arábia. O incenso é uma resina gomosa em forma de lágrimas, de cheiro balsâmico, quando queimado e de cor branca.

2. Substância aromática destinada a servir em atos de culto. Incenso aromático empregava-se em grande escala como elemento de ritual israelita, Ex 25. 6; 35. 8, 28; 37. 29. Os ingredientes que entravam na composição dos perfumes eram: estoraque, onique, gálbano de bom cheiro e incenso, todos em partes de igual peso. Não se permitia que igual composição se destinasse a usos particulares, Ex 30. 34-38; Lv 10. 1-7. O altar, onde se queimava o incenso, era construído de cedro e coberto de chapas de ouro puro, e posto no oráculo, 1 Rs 6. 22, defronte do véu, que pende ante a arca do testemunho, diante do propiciatório. Pela manhã, o sumo sacerdote, metido nas suas vestes, queimava o incenso sobre ele, Ex 30. 1-9; Lc 1. 10. Uma vez no ano, no grande dia da expiação, levava o incenso para dentro do véu e o queimava no fogo, cujo fumo e vapor cobria o oráculo, Lv 16. 12. Na dedicação do altar, cada um dos capitães trazia um gralzinho de ouro, de peso de dez siclos, cheio de incenso, Nm 7. 14, 20, etc. Nos lugares onde se ofereciam sacrifícios de animais, tanto nos átrios, como no tabernáculo, como no templo, o cheiro do sangue corrompia o ambiente. Como desodorante, queimava-se o incenso. Este processo tinha significação simbólica: servia para representar a expiação pelas ofensas, Nm 16. 46, 47, e a eficácia das funções sacerdotais intercedendo pelos pecadores. O Salmista pedia a Deus que a sua oração subisse à sua presença como o incenso, Sl 141. 2. Enquanto toda a multidão do povo fazia oração da parte de fora do templo, o sacerdote Zacarias oferecia incenso dentro de seus muros, Lc 1. 10. Nas visões do Apocalipse, aparece um anjo com um turíbulo de ouro na sua mão, e lhe foram dados muitos perfumes, das orações de todos os santos que estavam diante do trono de Deus. E subiu o fumo dos perfumes das orações dos santos da mão do anjo, Ap 8. 3-5. Os adoradores dos deuses falsos, à imitação dos que adoram o verdadeiro Deus, também ofereciam incensos, 2 Cr 34. 25; Jr 48. 35.

ÍNDIA (Em hebraico *Hodu* do vocábulo persa *Hidhu*, derivado de Hundu, rio Indo).

Nome de um distrito situado na parte inferior do Indo, conquistado por Dario, o Grande, e incorporado ao império persa, Heród. 3. 94; 4. 44, servindo-lhe de limite oriental, Et 1. 1; 8. 9; comp. Heród. 4. 40. Alexandre, o Grande, atravessou o Indo, quando empreendeu as suas conquistas. A menção do nome Índia em 1 Mac 8. 8, não merece inteiro crédito. Lutero mudou este nome para Iônia. Parece que Judas Macabeu foi mal informado, quando lhe disseram que os romanos haviam arrebatado a Índia das mãos de Antíoco.

INFANTE, *Homens de pé*.

1. Soldado que combate a pé, diferente do que peleja a cavalo. Nm 11. 21; 2 Rs 13. 7; 1 Cr 18. 4.

2. Soldado que pertencia à guarda do rei, 1 Sm 22. 17.

INFERNO, CHEOL e HADES na V. B.

1. Lugar dos mortos. É uma das traduções da palavra hebraica *Sheol* e da grega *Aides*, Sl 16. 10; At 2. 27. A versão revista da Bíblia inglesa do Antigo Testamento, tanto no texto como à margem, usa a palavra *Sheol;* nos livros proféticos, emprega-se a palavra Cheol nas margens e a palavra inferno no têxto, e em Dt 32. 22; Sl 55. 15; 86. 13, emprega Cheol nas margens e abismo no texto. Em o Novo Testamento usa a palavra Hades, no texto. Ambos os vocábulos também se traduzem por sepultura, Gn 37. 35; Is 38. 10, 18; Os 13. 14. A versão revista inglesa traduz *Sheol* por morte em 1 Co 15. 55. Não há certeza quanto à etimologia da palavra. Cheol tem o sentido de insaciável em Pv 27. 20 e 30. 15, 16. Hades pronunciado sem aspiração, significa invisível. Tanto um como outro termo denotam o lugar dos mortos. Não existe evidência quanto ao verdadeiro sentido, pode afirmar-se porém, que durante alguns séculos, os hebreus partilharam a idéia semítica a respeito de *Sheol*. Era uma concepção vaga e indefinida, e, portanto, abria caminho para a imaginação, que inventava pormenores fantásticos para descrever o *Sheol*. É preciso muito cuidado para não confundir os frutos da imaginação com a fé. Os antigos hebreus, semelhantes a outras raças semíticas, imaginavam o *Sheol* embaixo da terra, Nm 16. 30, 33; Ez 31. 17; Am 9. 2. Pintavam-no como tendo portas, Is 38. 10, região tenebrosa e melancólica, onde se passa uma existência consciente, porém triste e inativa, 2 Sm 22. 6; Sl 6. 5; Ec 9. 10. Imaginavam o Cheol como sendo o lugar para onde vão as almas de

todos os homens, sem distinção alguma, Gn 37. 35; Sl 31. 17; Is 38. 10, onde os ímpios sofriam e os justos gozavam. Pensavam também que havia possibilidade de virem à terra, 1 Sm 28. 8-19; Hb 11. 19. É importante notar que a doutrina autorizada dos hebreus sobre Cheol, dizia que só Deus era conhecido, e que estava na sua presença, Pv 15. 11; Jó 26. 6; que Deus estava presente a ele, Sl 139. 8; e que os espíritos de seu povo e as suas condições naquela habitação, estavam sob a vigilância de seu olhar. Esta doutrina inclui a grande bênção de Deus para com o seu povo depois da morte, gozando da sua presença e de seu constante amor, e, ao mesmo tempo, a miséria dos ímpios. Dois lugares de habitação para os mortos: um para os justos com Deus, e outro para os ímpios, banidos para sempre da sua presença. Esta doutrina subjaz à doutrina da ressurreição eventual do corpo para a vida eterna. A doutrina a respeito da glória futura e da ressurreição do corpo, já era confortadora aos crentes do Antigo Testamento, Jó 19. 25-27; Sl 16. 8-10; 17. 15; 49. 14, 15; 73. 24; Dn 12. 2, 3. Uma base para esta doutrina encontra-se no exemplo de Enoque e de Elias que foram arrebatados, e também na crença dos egípcios com que se relacionaram, durante séculos, os hebreus. Havia, entre ambos os povos, idéias paralelas a respeito da vida futura e da relação de moralidade da vida presente com o bem estar futuro, além da sepultura. Porém, só Jesus Cristo poderia derramar luz plena sobre a imortalidade, revelando as bênçãos para as almas salvas, habitando na presença de Deus, depois da morte, livres de todos os males da presente vida, Lc 23. 43; Jo 14. 1-3; 2 Co 5-6-8; Fp 1. 23. Vide *Paraíso*.

2. Lugar de tormentos e miséria. Neste sentido é que se traduz a palavra grega *Gehenna*, em Mt 5. 22, 29, 30; 10. 28; 18. 9; 23. 15, 33; Mc 9. 47; Lc 12. 5; e Tg 3. 6. É a forma grega do hebraico *Gehinnom*, vale de Hinom, onde queimavam crianças vivas em honra de Moloque. Por causa destes horríveis pecados que se cometiam ali, por causa das suas imundícias, e talvez por servir de depósito ao lixo da cidade, veio a servir de emblema do pecado e da miséria, e o nome passou a designar o lugar do castigo eterno, Mt 18. 8, 9; Mc 9. 43. Das cenas que se observavam ali, a imaginação tirou as cores para pintar a Geena dos perdidos, Mt 5. 22; comp. 18. 42; Mc 9. 48. Na 2 Pe 2. 4, onde se lê: "...precipitando-os no inferno", é a tradução do verbo *tartaroô*, significando — lançar no Tártaro.

O *Tartarus* dos romanos, o *Tartaros* dos gregos, era o lugar por êles imaginado, para onde iam as almas, situado abaixo do Hades, quando o Hades estava abaixo do céu. Ainda que a etimologia seja diferente, Geena e Tártaro incluem essencialmente a mesma idéia — lugar de punição para os perdidos.

INLÃ, *Deus enche.*

Nome do pai do profeta Miquéias, 1 Rs 22. 8, 9; 2 Cr 18. 7, 8.

INRA, *Teimoso.*

Nome de um aserita, filho de Zofa, 1 Cr 7. 36.

INRI, *Eloqüente.*

1. Nome de um homem de Judá, filho de Banl, e descendente de Farês, 1 Cr 9.4.

2. Nome do pai de Zacur, que tomou parte na reconstrução do muro de Jerusalém, Ne 3.2.

INSENSATEZ

Ausência de sabedoria, desrespeito pela verdadeira natureza das cousas em suas relações com Deus e os homens, de onde resultam os atos imprudentes e perversos, Pv 15. 21; Ec 1. 17; 2 Co 11. 1; Gn 34. 7; Dt 22. 21; Js 7. 15; Jz 19. 23; 20. 6.

INSENSATO ver NESCIO

INSPIRAÇÃO

Os termos *inspiração* e *inspirado* empregam-se em sentido muito lato nas Escrituras. Encontram-se apenas duas vezes em nossa Bíblia, em sentido religioso: em Jó 32. 8 e 2 Tm 3. 16. Na primeira passagem, para dar expressão ao fato que os homens não são independentes de Deus como entes intelectuais, mas que, grandes e pequenos, velhos e moços, a todos igualmente, "a inspiração do Todo-poderoso dá a inteligência." Na segunda passagem, o termo *inspirado*, tem um sentido mais próprio e específico, como predicado direto das Escrituras, afirmando que elas são divinas e que contêm a virtude de ser proveitosas para os grandes fins a que se destinam. O Apóstolo refere-se às Escrituras do Antigo Testamento em particular, que eram os livros sagrados dos judeus. Não quer isto dizer, porém, que os outros escritos que hoje formam o todo das Escrituras, não mereçam o mesmo valor. Esta qualidade constitui o característico fundamental das Escrituras e é expressa no original grego por uma palavra composta: inspirado-por-Deus, *theopneusta*, para determinar a origem da inspiração. Acrescenta o apóstolo, como base do valor das Escrituras, que todas elas são dadas por inspiração divina, e, portanto, úteis para a salvação. A inspiração, segundo ele diz, é, pois, a qualidade fundamental das Escrituras, em virtude da qual, são a palavra de Deus, e se revestem de todos os predicados que lhe são devidos. De acôrdo com o ensino desta passagem clássica, todas as Escrituras são uniformemente reconhecidas como a própria palavra de Deus, contendo todas as qualidades inerentes à sua origem divina. Por isso, elas possuem os títulos exclusivos de Escrituras, as Escrituras, os Oráculos de Deus, Rm 3. 2, palavras de vida, At 7. 38. Oráculos de vida endossadas pela fórmula *Está escrito*, freqüentemente empregada para indicar a fonte autorizada donde procedem. Comprova-se ainda pelas constantes referências a Deus como seu autor, At 13. 34; 1 Co 6. 16; Mt 1. 22; 2. 15; Rm 1. 2, e mais especialmente ao Espírito Santo, Hb 3. 7; 9. 8; 10. 15; At 1. 16; 4. 25; 28. 25. Mesmo quando, nas passagens originais, estas palavras não sejam atribuídas a Deus, devem ser a êle atribuídas por fazerem parte das Escrituras, At 4. 24, 25; 13. 34, 35; Mt 19. 5; Hb 1. 6, 7, 8, 10; 4. 4, 7; 7. 21; 10. 30. Por outro lado, os escritores da Bíblia, falando por boca do Espírito Santo, Mc 12. 36; Mt 22. 43, são considerados como médiuns pelos quais Deus falava aos homens, Mt 1. 22; 2. 15; At 1. 16; 4. 25; 28. 25; Rm 1. 2. Conseqüentemente, todas as palavras das Escrituras são autorizadas, nenhum de seus mandamentos deve ser violado, Mt 22. 43; Jo 10. 34, 35; Gl 3. 16, todas as suas profecias terão de ser cumpridas, 2 Pe 1. 20; Jo 19. 36, 37; 20. 9; At 1. 16; comp. Ed 1. 1; Dn 9. 2, e todo o seu conteúdo, quer seja histórico, quer doutrinário, quer ético, não somente merece fé, como também deve ser considerado como elemento valioso ao proveito espiritual das criaturas em todos os tempos, 2 Tm 3. 16; Rm 15. 4; 1 Co 10. 11; Rm 4. 23; 9. 17; 1 Co 9. 10; Gl 3. 8, 22; 4. 30; 1 Pe 2. 6; comp. 2 Cr 17. 9; Ne 8. 1. Os livros do Novo Testamento têm o mesmo direito à inspiração como os do Antigo e participam com eles de todos os predicados que lhe são inerentes, como se prova pelas referências a eles feitas, 1 Co 7. 40; 14. 37; 2 Ts 3. 4, 14; Gl 1. 8, pela igual classificação de seus autores como órgãos do Espírito Santo, 1 Ts 2. 13; 4. 2; 1 Co 2. 13, 16; 7. 40, e pela inclusão dos livros do Novo Testamento sob o mesmo título sagrado de Escrituras, 2 Pe 3. 16; 1 Tm 5. 18. B. B. W.

INSTÂNCIA

Emprega-se no sentido obsoleto de ardente, perseverantemente, Lc 7. 4; 2 Tm 4. 2.

IQUES, *Perverso.*

Nome do pai de Hira, capitão, e um dos valentes de Davi, 2 Sm 23. 26; 1 Cr 11.28.

IRA, *Vigilante.*

1. Nome de um homem, de Jair, que foi sacerdote de Davi, 2 Sm 20. 26.

2. Nome de um homem, natural de Jetri, e um dos valentes de Davi, 2 Sm 23. 26; 1 Cr 11. 28.

IRA, *Vigilante.*

Nome de um homem natural de Tecoa, e um dos valentes de Davi, 2 Sm 23. 26; 1 Cr 11. 28.

IRÃ, *Cidadão* ou *vigilante.*

Nome de um capitão de Edom, Gn 36. 43; 1 Cr 1. 54.

IRADE

Nome de um dos descendentes de Caim, Gn 4. 18.

IRI, *Cidadão* ou *vigilante.*

Nome de um benjamita, filho de Bela, 1 Cr 7. 7, 12.

IRMÃO

1. Filho do mesmo pai e da mesma mãe, Gn 17. 6, ou pelo menos, filho do mesmo pai, ou da mesma mãe, Gn 28. 2; Jz 8. 19.

2. Pessoa procedente de parente próximo, como sobrinho, Gn 14. 16, ou da mesma raça, ou da mesma nação, Dt 23. 7; Ne 5. 7; Jr 34. 9.

3. Nome que se dá a um aliado, Am 1. 9, ou a um correligionário, At 9. 17; 1 Co 6.6; 2 Co 2. 13. Muitas vezes, no plural, se aplica aos discípulos de Cristo, Mt 23. 8; Rm 1. 13.

4. Nome que se dá a um grande amigo como Davi a Jônatas ou de um político a outro, como Acabe a Benadade, 2 Sm 1. 26; 1 Rs 20. 32.

5. Qualquer indivíduo que tem a mesma nacionalidade, ou que pertence à mesma raça, Gn 11. 5; Mt 5. 22; 18. 35.

IRMÃOS DO SENHOR

Relação de parentesco atribuída a Tiago, José, Simão e Judas, Mt 13. 55; Mc 6. 3, que aparecem em companhia de Maria, Mt 12. 47-50; Mc 3. 31-35; Lc 8. 19-21, foram juntos para Cafarnaum no princípio da vida pública de Jesus, Jo 2. 12, mas não creram nele senão no fim da sua carreira, Jo 7. 4, 5. Depois da ressurreição, eles se acham em companhia dos discípulos, At 1. 14, e mais tarde os seus nomes aparecem na lista dos obreiros cristãos, 1 Co 9. 5. Tiago, um deles, salientou-se como *líder* na Igreja de Jerusalém, At 12. 17; 15. 13; Gl 1. 19; 2. 9, e foi autor da epístola que traz o seu nome. Em que sentido eram eles irmãos de Jesus? Tem sido assunto de muitas discussões. Nos tempos antigos, julgava-se que eram filhos de José, do primeiro matrimônio. O seu nome não aparece mais na história do Evangelho. Sendo José mais velho que Maria é provável que tivesse morrido logo e que tivesse casado antes. Esta opinião é razoável, mas em face das narrativas de Mt 1. 25; e Lc 2. 7, não é provável. No quarto século, S. Jerônimo deu outra explicação, dizendo que eram primos de Cristo, pelo lado materno, filhos de Alfeu ou Cléofas com Maria, irmã da mãe de Jesus. Esta explicação se infere, comparando Mc 14. 40 com Jo 14. 25, e a identidade dos nomes Alfeu e Cléofas. Segundo esta idéia, Tiago, filho de Alfeu, e talvez Simão e Judas, contados entre os apóstolos, fossem irmãos de Jesus. Porém, os apóstolos se distinguem dos irmãos, estes, nem ao menos, criam nele, e não é provável que duas irmãs tivessem o mesmo nome. Outra idéia muito antiga é que eles eram primos de Jesus pelo lado paterno e outros ainda supõem que eram os filhos da viuva do irmão de José, Dt 25. 5-10. Todas estas opiniões ou teorias, parecem ter por fim sustentar a perpétua virgindade de Maria. O que parece mais razoável e mais natural é que eles eram filhos de Maria depois de nascido Jesus. Que esta teve mais filhos é claramente deduzido de Mt 1. 25; e Lc 2. 7 que explica a constante associação dos irmãos do Senhor com Maria.

IR-NAAS, *Cidade de Naás* ou de *uma serpente.*

Nome de uma cidade, cujos habitantes descendiam de Teina, 1 Cr 4. 12. Parece que o cronista se refere à cidade onde morava o pai de Abigail do Carmelo, 2 Sm 17. 25.

IROM, *Timidez, reverência.*

Nome de uma cidade fortificada da tribo de Naftali, Js 19. 38, a provável aldeia do *Yarun*, situada a dez milhas, 18,900 metros ao ocidente das águas de Merom.

IRPEEL, *Deus cura.*

Nome de uma cidade de Benjamim, Js 18. 27. Conder pensa que seja a atual aldeia de Rafate a 12 quilômetros a noroeste de Jerusalém, porque tanto o nome antigo como o atual, tem a mesma significação.

IR-SEMES, *Cidade do sol.*

Nome de uma cidade da tribo de Dã, Js 19. 41, provavelmente a mesma Bete-Sames.

IRU, *Cidadão* ou *vigilante.*

Nome de um dos filhos do famoso Calebe, 1 Cr 4. 15.

ISABEL, ELISEBA, *Deus é um pacto* i. é. *que faz pacto.*

Nome de uma piedosa mulher, filha da casa de Arão, chamada Isabel, nome da espôsa de Arão, Ex 6. 23. Casou com o sacerdote Zacarias e foi mãe de João Batista. Concebeu em idade avançada. O nascimento e a missão do Batista foram previamente anunciados a seu pai por um anjo. Apesar de serem de tribos diferentes, Isabel e Maria de Nazaré eram aparentadas. Maria visitou a Isabel que residia em uma aldeia na região serrana da Judéia. Isabel, inspirada pelo Espírito Santo, saudou a Maria como a mãe do Senhor, Lc 1. 5-45.

ISAÍAS, *Jeová salvou.*

Nome de um dos profetas de Judá, nos reinados de Ozias, Jotão, Acaz e Ezequias, Is 1. 1; cp. 6. 1; 7. 3; 14. 28; 20. 1, 2 e caps. 36 a 39. Era filho de Amós, nome este que não se deve confundir com o profeta, pastor de Tecoa. Residia em Jerusalém, e profetizou sobre Judá e sobre a sua metrópole. O que ele disse, referente a Samaria, Damasco, Filístia e outras nações, acha-se subordinado às profecias sobre Jerusalém, em virtude das estreitas relações entre Sião e o povo de Deus. É fato discutível, se a visão que ele teve, no ano em que o rei Ozias morreu, cap. 6, assinala a data de sua chamada para o ofício profético, ou se tem por fim determinar a época de sua intensidade profética. Outros, além dele, experimentaram semelhante período de intensificação espiritual. A vocação inaugural de Ezequiel foi iniciada por uma visão; posteriormente, quando já era notável no seu ministério, foi confirmado neste ofício, e, semelhante a Isaías, instruído sobre a indiferença com que o povo recebia as suas mensagens, Ez 33. 21-33. O apóstolo S. Pedro, depois de alguns anos de trabalho na causa de Cristo, teve novas revelações que lhe apontavam uma esfera de ação mais vasta, At cap. 10.

S. Paulo, muito depois de trabalhar entre os gentios, foi encarregado por meio de uma visão, para operar em novo campo — a Europa, At 16. 9, 10. Poderia ser também que o Senhor Deus tivesse o propósito de confirmar a vida espiritual de Isaías, por meio de uma visão nova. Pelo ano 734 A. C. este profeta já era casado Is 8. 3, e tinha um filho chamado, Jasube, que quer dizer os restos voltarão, 7. 3. Nasceu-lhe outro filho que se chamou, segundo indicação divina, Maersalal-has-baz, que quer dizer: Apressa-te a tirar os despojos, Faze velozmente a presa. Ambos os nomes dos filhos do profeta, eram nomes de profecias a se cumprir. A esposa de Isaías também era denominada profetisa, simplesmente por ser mulher dele, 8. 3.

Isaías falou muito sobre as relações de Israel, tanto políticas como religiosas com os outros povos. Com referência às relações políticas, insistia com o rei e com o povo a pôr a sua confiança em Deus e a evitar alianças com os outros povos, 8. 12-14.

No ano 734 A. C. quando a Síria e Israel se coligaram para tomar Jerusalém e pôr no trono de Judá um rei de sua confiança, o profeta declarou em nome de Jeová que tal plano haveria de falhar. Porém, foi sem resultado que o profeta tentou convencer o rei Acaz a confiar só em Deus, e a não descansar no apoio dos príncipes pagãos. Acaz, imprudentemente rejeitou estes conselhos, e chamou em seu auxílio a Tiglate-Pileser fazendo-se seu vassalo, 2 Rs 16. 7, 8, 10. No reinado de Ezequias, os conselhos do profeta tiveram melhor acolhimento. Os assírios invadiram a Judéia no ano 714 A. C., Rs 18. 13; Is 36. 1. Logo depois, no mesmo ano, Ezequias caiu doente; o profeta anunciou-lhe o restabelecimento da saúde, 2 Rs 20. 1-11. Seguiu-se a embaixada de Merodaque, Baladã, 712 ou 711 A. C., Is cap. 39, a conquista de Azoto pelo exército de Sargom; 711 A. C. cap. 20, e a expedição contra Jerusalém por Senaqueribe, em 701 A. C. 2 Rs 18. 14. Durante estas últimas crises, as profecias de Isaías animaram o governo a recusar as propostas dos assírios.

A data da morte do profeta e as circunstâncias em que ela se deu, não se conhecem com certeza. O rei Ezequias morreu no ano 698 ou 697 A. C. O assassínio de Senaqueribe e a ascensão de Esar-Hadom ao trono da Assíria, que se deu no ano 681 e 680, ainda são mencionados no cap. 37. 38. Tradições judaicas de pouco crédito dizem que Isaías foi martirizado por Manassés que o mandou serrar pelo meio, pensando alguns que a isto se refere o cap. 11. 37 da epístola aos Hebreus. A data referida parece certa, porque o profeta começou o seu ministério depois do ano 740 A. C. nos reinados dos quatro reis, Ozias, Jotão, Acaz e Ezequias; sobreviveu a este último rei, cujos atos registou, 2 Cr 32. 32, teve conhecimento do assassínio de Senaqueribe. O seu martírio deveria dar-se pelo ano dezoito do reinado de Manassés, mais ou menos, quando o profeta atingia a idade de 80 anos. Seja como for, quando ele escreveu a história do rei Ozias, 2 Cr 26. 22, serviu-se das fontes históricas autorizadas, referentes à primeira parte do reinado.

O livro do profeta Isaías divide-se da seguinte forma: I. Introdução, cap. 1. II. Profecia contra Jerusalém, caps. 2-4, em conjunto com outras profecias a ela relacionadas, cap. 5.

A profecia sobre Jerusalém, contida no cap. 4, tem o seu ponto culminante nos efeitos que se haviam de manifestar, e também na descrição gloriosa dos tempos messiânicos. Esta profecia deveria ter sido proferida durante os prósperos tempos dos reinados de Osias e de Jotão. III. A visão contida no cap. 6, que, segundo todos pensam, está em íntima relação com o Livro de Emanuel, caps. 7 a 12. IV. Os dez pesos sobre as nações, caps. 13 a 22, separados pelo cap. 20, que é de importância internacional, em duas séries de cinco pesos cada uma e culminando com o juízo anunciado sobre o mundo inteiro, cap. 24, seguido pela vitória de Judá, caps. 25 a 27. V. Um grupo de profecias, referentes exclusivamente a Judá e a Samaria, caps. 28 a 33, culminando, como antes, com os juízos sobre todas as nações, e vaticínios sobre as futuras glórias de Sião, caps. 34 e 35. VI. Seção histórica, caps. 36 e 39, descrevendo as operações de guerra dos assiro-babilônios sobre Judá, introdução ao livro das Consolações que serviu de lenitivo às dolorosas denunciações contra Judá, caps. 40 a 66. Este livro das Consolações trata da relação da igreja judaica com Jeová, caps. 40-48, e com as nações pagãs, caps. 49 a 57, das diferenças que separavam o espírito nacional e do futuro glorioso da Igreja, caps. 58 a 66. A personagem saliente nestes capítulos é o servo do Senhor (Vide *Servo de Jeová*).

Koppe, em 1797, pôs em dúvida a autenticidade do cap. 50. Logo depois, Döderlein afirmou que a composição dos vinte e sete capítulos finais pertenciam ao período do exílio. Esta opinião que se tornou extensiva aos capítulos 13 e 14 até ao v. 23; ao capítulo, 21, v. 1-10; aos capítulos 24 a 27, e 34 e 35, teve numerosos advogados. Ainda outras passagens foram adicionadas a estas, à proporção que apareciam necessidades de ajustamento, tais como o capítulo 11 v. 10, até ao capítulo 12 v. 6. A mesma unanimidade de opiniões não existia, quanto a pôr em dúvida a sua autenticidade. Os argumentos em favor da teoria principal, são em número de três: 1. antigüidade de linguagem e peculiaridades de estilo; 2. alusões à condição dos judeus e dos gentios, revelando o tempo do exílio; 3. as narrativas acerca das condições do povo, combinam-se com os fatos históricos; porém, as que se referem a acontecimentos futuros, não tiveram confirmação.

A estes argumentos têm-se dado as seguintes respostas: 1. Não existe uma simples palavra de época remota, nem um simples elemento de origem estrangeira, que não fossem correntes em Jerusalém, nos tempos de Isaías. Todas as palavras, frases e modos de dizer, se encontram na literatura antiga dos hebreus, ou podem ser explicadas pela história dos tempos. Quanto ao estilo, pode dizer-se que as suas peculiaridades são consistentes com ser o livro de Isaías obra de um só autor. O estilo de Shakespeare também variou. A sua atividade literária durou cerca de vinte e cinco anos. Neste período, contam-se quatro períodos distintos de suas produções assinaladas pelas diferenças de estilo. A atividade literária de Isaías estendeu-se, pelo menos, até quarenta ou sessenta anos. Pode-se argumentar com as peculiaridades de estilo? Aqueles que negam que Isaías seja o autor das passagens citadas, devem explicar em que consiste a semelhança de estilo. Augusti defende-as dizendo que "elas são elaboradas inteiramente em harmonia com o espírito e com a forma peculiar de Isaías." Gesenius e De Wette atribuem a semelhança de estilo ao espírito de imitação ou a uma autoria estranha que procurou cingir-se à linguagem de Isaías. Umbreit denomina o autor das passagens em discussão "Isaías ressuscitado" dentre os mortos. 2. Aos argumentos sobre as alusões contidas nesses capítulos ao estado dos judeus e gentios, como sendo referentes ao tempo do exílio, respondem: a) Os profetas transportam-se freqüentemente ao futuro e descrevem as suas predições como realizadas em tempos passados, por exemplo, as tribos de Zebulom e de Naftali haviam sido devastadas e os seus habitantes conduzidos ao cativeiro. O profeta Isaías, referindo-se a ela, diz: "Este povo que andava em trevas viu grande luz" (Is 9. 2). b) São poucas as alusões feitas a Babilônia, ao exílio e à restauração.

O profeta Isaías e outros seus contemporâneos já existiam antes do exílio para Babilônia. Existe apenas um evento em conexão com o exílio referido pelo autor, mas que era perfeitamente conhecido aos israelitas nos dias de Isaías. Os profetas daquela época vaticinaram a destruição de Jerusalém e do templo, Am 2. 5; Mq 3. 12; Is 8. 8; 6. 11; a desolação da terra de Judá, Os 8. 14; Am 9. 11, 14; Is 3. 25, 26; 6. 11, 12; 32. 13; o cativeiro do povo Judá, Is 11. 12; Mq 1. 14-16; que este cativeiro seria em Babilônia, Is 39. 6, 7; cp. 11. 11; Mq 4. 10; que os cativos haviam de voltar do exílio, Jl 3. 1; Is 11. 11; que Jerusalém e o templo seriam reedificados. Mq 4. 2; não obstante a profecia sobre a destruição da cidade, 3. 12; cp. Jl 3. 16, 17, 20, e que muitas gentes viriam a Jerusalém para adorar o Senhor, Is 2. 2-4; 11. 10; 18. 7; Mq 4. 1-8. d) As condições espirituais do povo, mencionadas nestes capítulos, pertencem ao tempo de Isaías, tais como: a idolatria debaixo das árvores frondosas, Is

57. 5 e 1. 29; 2 Rs 16. 4, e no meio dos carvalhos, 57. 5, e 1. 29; Os 4. 13, e nos jardins, 65. 3; 66. 17, e 1. 29, no sacrifício de seus tenros filhos, 57. 5 e 2 Cr 28. 3; 33. 6; 2 Rs 23. 10, oferecendo sacrifícios nos altos, 57. 7 e 2 Cr 28. 4; Os 4. 13; cp. Ez 6. 13; a hipocrisia, 58. 2-4; 29. 13; a violação do sábado 58. 13; Am 8. 5; Jr 17. 19-27; o derramamento de sangue e a violência, 59. 3, 7 e 1. 15; Mq 7. 2, a falsidade, a injustiça e a opressão, 59. 4, 6, 7, 9; 5. 7, 23; 10. 1, 2; Mq 2. 1, 2; 7. 3; abandono da casa de Deus, 43. 23, 24; 2 Cr 28. 24; 29. 27; 2 Rs 15. 4; 2 Cr 27. 2; 2 Rs 15. 35; 2 Cr 33. 10. Os sacrifícios sobre ladrilhos, 65. 3, era imitação das práticas do paganismo no Egito, na Assíria ou em Babilônia, que os israelitas imitavam em Jerusalém antes do cativeiro, 2 Rs 23. 12; Jr 19. 13. Ofereciam carne de porco e comiam dela, 65. 4, em companhia dos egípcios e dos babilônios nas festas de Selene e de Dionísio (Heród. 2. 47, 48). 3. Ao argumento que as afirmações a respeito da condição do povo se combinam com os fatos históricos, ao passo que as que se referem a acontecimentos futuros não tiveram confirmação, responde-se que tais afirmações se aplicam com igual força aos escritos de Isaías reconhecidos como tais. Ele prediz a destruição das cidades, a completa desolação do país e o exílio de seus habitantes para uma terra longínqua, 6, 11, 12. Tudo isto se cumpriu ao pé da letra. Porém, ele também profetizou que à raiz de Jessé que está posta por estandarte dos povos, a ela mesma virão fazer-lhe suas rogativas as nações, e será glorioso o seu sepulcro; anuncion a volta do povo de Deus de todas as partes do mundo, secando as correntes que possam impedir a sua marcha, abrindo um caminho largo desde a Assíria para as relíquias de seu povo, e fazendo que o lobo e o cordeiro habitem juntos em paz, 11. 6-8, 10, 12, 15, 16; veja também Am 9. 11-15; Mq 5. 4; 7. 12. Estas predições são semelhantes às que na última parte do livro, são taxadas de expressões extravagantes de um entusiasta, e que ficaram sem cumprimento. A não ser que estas numerosas passagens sejam eliminadas, o profeta Isaías, e com ele os seus contemporâneos, que viveram dois séculos antes da queda de Babilônia, escreveram muitas vezes, nos mesmos termos precisamente como o autor da última secção já referida. Um dos pontos em que se apóia a negação da autenticidade dos últimos vinte e sete capítulos, é a menção do nome de Ciro, 44. 28; 45. 1. Josias também foi nominalmente profetizado, 1 Rs 13. 2. Se é possível a profecia, se ela foi proferida por homens santos ensinados pelo Espírito Santo, então o nome do rei Ciro foi escrito pelo profeta Isaías. De outro modo, as palavras como se acham no seu livro não foram proferidas senão duzentos anos depois da vida do profeta. A Igréja sempre acreditou nas profecias de Isaías e na sua inspiração.

ISAQUE, *Ele riu-se.*

Nome do filho de Abraão e Sara, nascido ao sul do país, talvez em Berseba, Gn 21. 14-31, quando Abraão tinha 100 anos e Sara 90, Gn 17. 17; 21. 5. Deus lhe havia prometido este filho, e ele se riu duvidando, 17. 17-19. Logo depois, quando a mesma promessa foi anunciada a Sara, ela também se riu, em sinal de incredulidade, 18. 9-15. Quando, porém, deu à luz o filho, confessou jubilosamente que Deus a fez uma cousa de riso; todo aquele que o souber rirá juntamente comigo, 21. 1-12. Para manifestar a fé de Abraão, Deus ordenou-lhe o sacrifício de seu filho Isaque que na ocasião andava pelos 25 anos, como diz o historiador Josefo. Isaque obedientemente aquiesceu aos desejos de seu pai. Quando Abraão o estendeu sobre o altar, pronto a lhe lançar o golpe de morte, oferecendo a Deus tudo quanto possuía, o anjo do Senhor impediu o sacrifício cuja vítima foi substituída por um cordeiro em sinal de protesto contra os sacrifícios de crianças, praticados pelos cananeus e por outros povos idólatras, ensinando a todos os homens que o Senhor abomina os sacrifícios humanos, Gn 22. 1-18. Isaque habitou ao sul do país no lugar Beer-laai-Roi, que quer dizer: Do que Vive e do que Vê, 24. 62. Tinha disposições contemplativas e afetuosas que o levaram a sentir profundamente a morte de sua mãe, 24. 63-67. Casou-se aos 40 anos; os primeiros dois filhos nasceram-lhe daí a vinte anos, 25. 20, 26. Por causa de uma grande fome, mudou-se para Gerara, isto é, cerca de 92 quilômetros para o norte, 26. 1, 6. Ali apareceu-lhe Jeová para dizer-lhe que não fosse para o Egito, e reafirmando-lhe o pacto com seu pai Abraão, 26. 2-5. A política de seu pai, quando se achou em terra estrangeira, fazendo passar sua mulher por sua irmã, 20. 13, foi imitada por Isaque em Gerara, no que foi mal sucedido, 26. 6-11. Partindo de Gerara, levantou as suas tendas na torrente de Gerara, 26. 17, e abriu segunda vez outros poços, os quais tinham aberto os servos de seu pai Abraão. Daqui partiu para Bersebe, onde habitou por largo tempo, 26. 23; 28. 10. Jeová apareceu-lhe durante a noite e animou-o. Neste lugar erigiu um altar, como seu pai havia feito, 26. 24, 25. Abimeleque, rei de Gerara, visitou-o e fez com ele um tratado de paz, 26. 26-31. Este juramento mútuo de paz, *sheba*, deu lugar a se perpetuar a memória de um juramento com o nome do lugar, Berseba ou Beer-seba, 26. 33; comp. 21. 31.

Esaú, o mais velho dos dois filhos de Isaque, era o seu favorito, não obstante o Senhor ter dito que o mais velho serviria o mais moço, e Jacó era o predileto de sua mãe Rebeca, 25. 28. Quando Isaque já passava dos cem anos, 21. 1; comp. 25. 26; 26. 34, Rebeca e Jacó, prevalecendo-se da idade avançada de Isaque e da sua cegueira, bem como da fraqueza de seus sentidos, enganaram-no fazendo com que Jacó se fingisse de Esaú, e deste modo usurpasse a bênção destinada ao filho mais velho. Feito isto, a instigações de Rebeca, que desejava salvar a vida de Jacó contra a ira assassina de Esaú, fugiu para Labão em Padã-Harã, a pretexto de buscar mulher, 27. 46 até cap. 28. 5. Uns vinte anos mais, Isaque residiu em Hebrom, onde tinha passado os últimos anos da vida de seu pai, 35. 27; comp. 28. 2. Aqui ele morreu na idade de 180 anos, 35. 28, sendo enterrado por ambos os filhos, Esaú e Jacó, ao lado de seus pais e de sua mulher, na cova dos dois repartimentos, 49. 30, 31. O Novo Testamento alude a Isaque como filho da promessa, Gl 4. 22, 23, e cita o exemplo de sua habitação em cabanas e as bênçãos sobre Esaú e Jacó, como evidência de sua fé, Hb 11. 9, 20.

ISBÁ, *Ele louva.*

Nome de um homem de Judá, pai dos habitantes de Estemoa, 1 Cr 4. 17.

ISBI-BENOBE, *A minha habitação é nas alturas.*

Nome de um gigante filisteu que esteve a ponto de matar a Davi, e que foi morto por Abisai, 2 Sm 21. 16, 17.

IS-BOSETE, *Homem da vergonha.*

Nome de um dos filhos mais moços de Saul, que antes se chamava Esbaal, homem do Senhor, que lhe foi mudado para Is-Bosete, homem da vergonha. Esta mudança de nome foi devida, talvez, a ter desaparecido a glória da casa de Saul, ou porque o nome Baal havia caído em desprezo por causa da associação de idéias com o culto nefando daquela divindade, 2 Sm 2. 8; 1 Cr 8. 33; 9. 39. Is-Bosete não assistiu à batalha desastrosa do Gelboé, ou se lá estava, fugiu em tempo, para salvar a vida. Pela morte de Saul, Davi assumiu a soberania sobre Judá somente porque as outras tribos recusaram obediência ao novo rei, proclamando o nome de Is-Bosete para seu rei, por ser legítimo sucessor de Saul. Tinha Is-Bosete quarenta anos, e reinou apenas dois anos no meio de constantes perturbações, 2 Sm 2. 8-10. A ca-

pital do reino era Manaim, situada ao oriente do Jordão, 2 Sm 2. 8, 12. Foi infeliz na guerra com Davi para alcançar o governo sobre as doze tribos, 2 Sm 2. 12 até cap. 3. 1. Tendo feito grave acusação contra Abner, seu poderoso auxiliar na guerra contra Davi, este, em represália, declarou-se partidário de Davi a quem ofereceu os seus serviços. Como condição de ser aceito, Davi exigiu que lhe trouxesse sua mulher Mical, que se achava em poder de Paltiel, 2 Sm 3. 6-21. Quando Abner foi morto em Hebrom, Is-Bosete perdeu o ânimo, 2 Sm 3. 27; 4. 1. Tendo sido assassinado, levaram a cabeça a Davi em triunfo. Por ordem de Davi, sepultaram a cabeça de Is-Bosete com grandes honras no sepulcro de Abner em Hebrom, e os assassinos foram castigados com a morte, 2 Sm 4. 5-12. Extinguindo-se a dinastia de Saul, restava apenas um de seus netos, 2 Sm 4. 4.

ISCA, *Discernimento?*

Nome de uma das filhas de Harã e irmã de Milca. Gn 11. 29, e, portanto, irmã de Ló, v. 27. Iscá, dizem alguns ser um dos nomes de Sarai, mulher de Abraão, Antig. 1. 6, 5; Targum, Jonatã, porém, neste caso, seria também prima do patriarca e não sua irmã paterna, Gn 20. 12.

ISCARIOTES, *Homem natural de Queriote.*

Designação de Judas, o traidor, Mt 10. 4; Lc 6. 16, filho de Simão, Jo 6. 71. O emprego deste epíteto serve para distingui-lo do outro apóstolo chamado Judas, Lc 6. 16; At 1. 13, 16. Parece que Judas era natural de Queriote, ao sul de Judá, Js 15. 25, ou talvez de Corsai, do limite nordeste da Judéia (Antig. 14. 3, 4; Guerras 1. 6. 5. No códice Beza esta palavra é escrita *apo Karyotou* em todos os lugares do quarto evangelho, e do mesmo modo no códice Sinaítico, no cap. 6. 71 do mesmo evangelho. Segue-se, pois, que Judas era natural da Judéia; todos os outros apóstolos eram naturais da Galiléia.

IS-HODE, *Homem de esplendor.*

Nome de um varão da tribo de Manassés, filho de sua mãe Maalá, 1 Cr 7. 18.

ISI, *Salutar.*

1. Nome de um homem de Judá, filho de Apaim, da casa de Jerameel, 1 Cr 2. 31.

2. Nome de um homem da tribo de Judá, pai de Zoete, 1 Cr 4. 20.

3. Nome de um simeonita, cujos filhos conduziram uma tropa de 500 homens que destroçaram os amalequitas no monte Seir, e se apoderaram de suas posições, 1 Cr 4. 42.

4. Nome de um dos príncipes da meia tribo de Manassés, situada ao oriente do Jordão, 1 Cr 5. 24

ISLI, Do hebraico *esli* ao meu lado está Deus.

Nome de um dos antecessores de Cristo, que viveu depois do cativeiro, Lc 3. 25.

ISMA, *Desolação,* ou *distinção.*

Nome de um homem de Judá descendente de Hur, 1 Cr 4. 3, 4.

ISMAEL, *Deus ouve.*

1. Nome de um dos filhos de Abraão com sua escrava egípcia, Agar, que lhe nasceu, quando tinha oitenta e seis anos de idade, depois de habitar dez anos em Canaã, Gn 16. 3, 15; comp. 12. 4. Ismael representava o pensamento de Sara em oposição à promessa de Deus. Seus pais julgaram impossível a realização da promessa em face da idade avançada de Sara, e por isso lançaram mão de meios humanos para o cumprimento da promessa que Deus lhe havia feito. Instituído que foi o rito da circuncisão, para a família de Abraão, o pequeno Ismael já tinha treze anos de idade foi também circuncidado, Gn 17. 25. No ano seguinte, nasceu Isaque, quando sua mãe já havia passado da idade própria para conceber; era ele o filho da promessa, testemunho vivo contra a incredulidade de seus pais, Gn 21. 5. No dia em que o menino foi desmamado, deu Abraão grande banquete. Sara, vendo seu filho brincando com Ismael, filho da escrava, encolerizou-se. Foi a primeira vez, na família de Abraão, que os nascidos segundo a carne, entraram em conflito com os filhos da promessa, incidente de que o apóstolo S. Paulo se serviu para alegoria, a fim de representar os dois testamentos, Gl 4. 22-31. O procedimento de Ismael causou a expulsão dele e de sua mãe, do lar de Abraão. Ambos peregrinaram no deserto de Berseba, onde quase pereceram à sede. O anjo do Senhor encaminhou Agar a um poço de água, e por este modo, escapou de morrer. Ismael cresceu no deserto de Farã, ao sul de Canaã, tornando-se hábil frecheiro, e sua mãe o casou com mulher egiptana, Gn 21. 3-21. Segundo a promessa que Deus fez, Ismael chegou a ser o progenitor de doze príncipes e chefe de grande povo, Gn 17. 20; 25. 12-16. Vide *Ismaelitas.* Teve também uma filha que se casou com Esaú, Gn 28. 9; 36. 10. Tomou parte com Isaque no enterro de Abraão, Gn 25. 9, e faleceu quando tinha 137 anos de idade, 25. 17.

2. Nome de um dos descendentes de Jônatas, 1 Cr 8. 38; 9. 44.

3. Nome de um homem de Judá, pai de Zebadias, chefe da casa de Judá, 2 Cr 19. 11.

4. Nome de um dos filhos de Joanão, que tomou parte na conspiração contra a rainha Atalia, 2 Cr 23. 1.

5. Nome de um dos filhos de Netanias que pertencia à linhagem real de Judá. Quando Nabucodonosor partiu da Palestina, após a tomada de Jerusalém, deixou como governador de Judá certo judeu chamado Gedalias, que induziu o povo a se submeter ao governo do rei de Babilônia. Ismael, e com ele outros, vieram, instigados pelo rei dos amonitas, assassinar a Gedalias e trucidaram ao mesmo tempo o povo que estava com ele. Em seguida a novos assassinatos, inclusive o das filhas do rei, tomou o caminho para o país dos amonitas. Joanã, filho de Careá, juntamente com outros, saiu-lhe ao encontro em Gabaom e o derrotou. Os seus cativos voltaram para Joanã, e ele escapou com oito homens apenas, indo para o rei dos amonitas que o havia instigado, 2 Rs 25. 25; Jr 40. 7-16; 41. 1-18.

6. Nome de um dos filhos de Pasur, induzido por Esdras a divorciar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 22.

ISMAELITAS

Nome dos descendentes de Ismael, povo que participava de sangue egípcio e de sangue israelita. Doze príncipes, ou capitães descenderam de Ismael, Gn 17. 20; 25. 12-16. Possivelmente teve outros filhos, além dos doze capitães. Este número conservou-se como correspondendo às doze tribos de Israel e também ao número dos reis beteus confederados. Os ismaelitas, constituídos em doze principados, habitavam no deserto ao norte da Arábia, na região entre Havilá, Egito e o Eufrates, Gn 25. 18; Antig. 1. 12, 4, sem moradas fixas. Ocasionalmente, uma das suas tribos fixou residência permanente e civilizou-se, tomando o nome de nabateus. A maior parte dos membros desta tribo, porém, conservou os instintos de seus antecessores, Gn 16. 12. Semelhante a Ismael, eram hábeis no manejo do arco, Is 21. 17. Aos ismaelitas que trafegavam entre Galaade e o Egito, ou mais particularmente, a uns mercadores midianistas, é que José foi vendido por seus irmãos, Gn 37. 25-28. No salmo, 82. 7, os ismaelitas são mencionados juntamente com os moabitas, edomitas e agarenos.

Geralmente consideram as tribos nômades do norte da Arábia como pertencendo ao povo ismaelita, ou por ser mais numeroso entre elas, cujo nome se empregava como sinônimo de qualquer tribo nômade, daquela região, ou talvez porque uma confederação ismaelita se havia formado, in-

cluindo tribos de outras procedências, Jz 8. 24; cap. 7. 25; 8. 22, 26; Judite 2. 23. Todos os árabes, seguindo o exemplo de Maomé, prentendem descender de Ismael.

ISMAÍAS, *Jeová ouve.*

1. Nome de um dos que se foram ajuntar com Davi em Ziclague, quando fugia de Saul, 1 Cr 12. 4.

2. Nome de um dos filhos de Obadias, e príncipe da tribo de Zebulom, no reinado de Davi, 1 Cr 27. 19.

ISMAQUIAS, *Jeová sustenta.*

Nome de um dos superintendentes dos celeiros da casa do Senhor, nomeado pelo rei Ezequias, 2 Cr 31. 13.

ISPA, *Calvo?*

Nome de um benjamita, filho de Berias, 1 Cr 8. 16.

ISPÃ

Nome de um benjamita, filho de Sasaque, 1 Cr 8. 22.

ISRAEL, *Que luta com Deus.*

1. Nome que o Senhor pôs em Jacó, quando voltou da Mesopotâmia, e havia passado o vau do Jaboque, onde esperava encontrar-se com Esaú seu irmão, Gn 32. 22-32. Vide *Jacó.*

2. Nome pelo qual eram designados os descendentes de Jacó. O emprego desta palavra começou mesmo em vida do patriarca, Gn 34. 7, prolongando-se durante a peregrinação pelo deserto, Êx 32. 4; Dt 4. 1; 27. 9. Neste período, e nos tempos subseqüentes, empregava-se mais vezes a frase — filhos de Israel. Até a morte de Saul, as expressões, Israel e filhos de Israel, empregadas no sentido nacional, compreendiam os hebreus em geral, sem distinção de tribos. Posteriormente certas causas de natureza geográfica e de ordem política, que provocaram a separação da tribo de Judá das outras tribos de Israel, originando-se daí, a distinção entre os dois reinos, 1 Sm 11. 8; 17. 52; 18. 16. Vide *Judá.*

As mesmas expressões estiveram em uso em tempo da monarquia unitária, 1 Rs 11. 42. No paralelismo da poesia hebraica, o nome de Israel corresponde, muitas vezes, na segunda linha da copla, ao nome de Jacó, da primeira, Nm 23. 7, 10, 21; 24. 5; Sl 13. 7. Depois do exílio, a palavra Israel emprega-se freqüentemente para designar o povo das várias tribos, que regressou a Jerusalém, Ed 9. 1; 10. 5; Ne 9. 2; 11. 3.

3. Israel passou a designar as tribos que se separaram de Judá, formando um dos dois reinos após a morte de Saul. As tribos do norte e do oriente reconheceram a Is-Bosete, filho de Saul, como o herdeiro do trono, e a tribo de Judá seguiu a Davi. Daqui em diante, a palavra Israel dá-se ao reino das dez tribos. Is-Bosete reinou dois anos, e terminou pelo assassinato; mas, apesar disso, decorreram ainda sete anos, antes que Davi fosse ungido rei sobre todo o Israel, 2 Sm 2. 10, 11. O germe da revolta permaneceu latente, e, por ocasião da morte de Salomão, irrompeu novamente. As dez tribos reconheceram a Roboão como seu rei, e o resto aderiu à casa de Davi. As dez tribos, que romperam com a casa de Davi, foram Rúben, Gade, e a meia tribo de Manassés ao oriente do Jordão; e a oeste, a outra metade da tribo de Manassés, Efraim, Issacar, Zebulom, Naftali, Aser, Dã, e por último, Benjamim, que em parte ficou pertencente ao reino setentrional, em vista de encerrar em seus limites, os grandes centros da tribo, tais como Betel, Gálgala e Jericó.

As causas que determinaram o cisma foram:
1. O isolamento de Judá, por causas naturais, e agravado pela indiscrição de Josué.

2. A velha inimizade entre as duas poderosas tribos de Efraim e Judá. Isto provocou o rompimento temporário do reino, depois da morte de Saul. Os velhos ódios irromperam de novo com a derrota de Absalão, porque foi a tribo de Judá a primeira a saudar a volta de Davi à posse do reino, 2 Sm 19. 15, 40-43. Novos acontecimentos vieram acender os velhos ódios. O faustoso adorno de Jerusalém e as extraordinárias pompas do reinado de Salomão, não eram vistos com bons olhos, de modo que, por ocasião da morte deste rei, acentuou-se de uma vez o rompimento. 3. O luxo da monarquia salomônica pesou demais sobre o povo. O amor às riquezas e o gosto pelos esplendores da corte, forçaram o aumento dos impostos para sustento da casa real, e para realizar a conclusão das grandes obras necessárias ao embelezamento da capital, 1 Rs 4. 22, 23, 26; 5. 13-16. O pedido que o povo fez para ser aliviado dos impostos, foi imprudentemente desatendido pelo herdeiro do trono de Salomão. 4. A idolatria alimentada pelas imprudentes ligações com as mulheres estrangeiras, 1 Rs 11. 1-11. Uma insidiosa corrupção se infiltrou em todas as camadas sociais, por causa do acolhimento dado às falsas religiões e ao relaxamento do culto de Jeová, que conjuntamente enfraqueceram a unidade do reino, e destruíram a sua força. 5. A imprudente recusa de Roboão deixando de atender às reclamações do povo, para ser aliviado, um pouco dos impostos lançados por Salomão, precipitou os acontecimentos, que deram causa à separação das tribos revoltadas, 1 Rs 12. 3-5, 12-16. Comparado com o reino de Judá, o reino do norte era formado de dez tribos, tinha o dobro da população, e quase três vezes mais a extensão territorial. Mas, pela sua posição geográfica, estava mais exposto às invasões estrangeiras e em maiores dificuldades defensivas do que o reino de Judá. Era nação apóstata, e, portanto, enfraquecida. A falta do favor divino, comprometia a sua estabilidade nacional. Possuía religião inferior à de Judá, de tom moral muito enfraquecido, que muitos espíritos superiores abandonaram. Os sacerdotes e os levitas, que havia em todo o Israel, vieram para Judá, porque Jeroboão e seus filhos os tinham lançado fora para não exercerem o sacerdócio do Senhor, 2 Cr 11. 13, 14.

A princípio, a capital do reino do norte era Siquém, que logo depois foi transferida para Tirsa, e desta cidade, para Samaria fundada por Onri, onde assentou o seu governo, 1 Rs 12. 25; 14. 17; 15. 21; 16. 23, 24.

Jeroboão, primeiro rei de Israel, receando que o seu povo, visitando Jerusalém, para as adorações anuais, viesse a desenvolver simpatias pela aliança com o reino de Judá, mandou erguer dois altares, um em Dã, outro em Betel, extremos norte e sul do seu reino. Em cada um destes lugares, levantou um bezerro de ouro para ser adorado como representação de Jeová. Por causa de tão revoltante apostasia, os profetas vaticinaram contra ele e contra a sua casa. Dois anos depois do reinado de seu filho Nadabe, extinguiu-se a dinastia. Foram ao todo dezenove reis que se assentaram no trono de Israel. A duração dos dois reinos unidos foi de cerca de 210 anos. Sete dos seus reis estiveram no trono apenas dois anos ou menos; oito foram assassinados, ou deram-se à morte e o trono transferido a nova dinastia. Há sòmente dois exemplos de que quatro membros da mesma família ocuparam o governo sucessivamente. Nenhum dos reis teve coragem para abolir a adoração dos bezerros de ouro, levantados em Dã e Betel. No tempo do rei Acabe, a apostasia tocou o seu termo, por causa da influência de Jezabel, mulher pagã, com quem se havia casado o rei, estabelecendo a adoração de Baal. Deus mandou, porém, profetas que ousadamente denunciassem a idolatria e defendessem o culto de Jeová. O mais notável destes foi o profeta Elias. Seu sucessor foi Eliseu. Depois de abolido o culto de Baal, outros profetas, especialmente Oséias e Amós, trabalharam em prol da reforma moral da nação.

O reino do norte, esteve quase sempre em guerra contra Judá. Estes dois reinos somente se aliaram no tempo de Onri, porque ambas as famílias dos dois monarcas tinham relações por via de casamentos recíprocos. Quando o reino sírio de Damasco cresceu em poder naturalmente interessou a política dos reinos adjacentes, principalmente do reino de Israel. Freqüentemente os dois reinos estiveram em guerra. Ocasionalmente, porém, se aliaram para enfrentar os assírios, nos dias de Acabe. Cento e vinte anos mais tarde, de novo se aliaram com o fim principal de tomarem Jerusalém. Foi para conjurar este perigo que Acaz, rei de Judá, sem fé em Jeová, e agindo em contrário às exortações do profeta Isaías, pediu o auxílio de Tiglate-Pileser, rei da Assíria, à custa da sua independência, fazendo-se dele tributário e prestando-lhe homenagens em Damasco, 2 Rs 16. 8-10. Tiglate-Pileser socorreu a Judá contra os invasores, assolou o norte de Israel, deu de rijo nos filisteus, sitiou Damasco, que mais tarde foi tomada, matou a Rasim, deportou os israelitas, situados a oeste do Jordão e foi cúmplice da morte de Peca, ou mesmo culpado direto, e colocou no trono a Oséias, pelo ano 730 A. C. Oséias rebelou-se contra os assírios depois da morte de Tiglate-Pileser. Os exércitos assírios renovaram suas incursões e tomaram Samaria no ano 722, levando cativos grande número de seus habitantes para a Assíria (Vide *Cativeiro* e *Sargom*). O lugar deixado pelos cativos foi ocupado por elementos vindos dos cinco distritos do império vencedor, que se amalgamaram com a população que havia ficado na Palestina Central, lançam os fundamentos do que mais tarde constituiu a nação samaritana. O cativeiro de Israel foi a punição devida a seus pecados por haver abandonado o Senhor seu Deus e seguido deuses estranhos, andando segundo os costumes das gentes que o Senhor havia exterminado da terra, 2 Rs 17. 7, 8. Apostataram de uma vez, quebraram o pacto, 2 Rs 17. 15; comp. Ex caps. 20 a 22; Os 6. 7; 8. 1, rejeitando os estatutos do Senhor. A sua apostasia havia-se manifestado em duas direções: em seguir os caminhos das nações que o Senhor havia expulsado, 2 Rs 17. 8, 15, 17; cp. Os 2. 13; 4. 2, 11, 15; Am 2. 6-9, e nos caminhos dos reis de Israel, especialmente na adoração dos bezerros, em assistir às cerimônias e praticar as ordenanças do culto idólatra, 2 Rs 17. 8, 16; Os 8. 4-6; 10. 5-8; 13. 2-4. Haviam pecado a despeito das repetidas denunciações dos profetas do Senhor, 2 Rs 17. 13; Os 12. 10; Am 2. 9-11; 4.6-13. O seu pecado originou a separação, e preparou o caminho para um tremendo castigo. Separados de Judá, os israelitas se enfraqueceram e não puderam impedir o seu aniquilamento. A idolatria, a embriaguez e a licenciosidade destruíram o vigor dos mancebos, aniquilaram a sua fortaleza, de modo que os seus guerreiros, não eram superiores em caráter aos egípcios, assírios e babilônios.

ISRAELITA

Descendente de Israel, i. é, de Jacó, Êx 9. 7, e por inferência, possuidor do verdadeiro conhecimento religioso, servo fiel de Jeová e herdeiro das promessas, Jo 1. 47; Rm 9. 4; 11. 1; 2 Co 11. 22.

ISSACAR, *Salário?*

1. Nome do nono filho de Jacó, o quinto que ele teve de sua mulher Lia, Gn 30. 17, 18; 35. 23. Os filhos de Issacar foram os seguintes: Tola, Pua, Jó e Sinrom, Gn 46. 13; Nm 26. 23, 24; 1 Cr 7. 1. Com estes desceu para o Egito, juntamente com seu pai Jacó, Gn 46. 13; Ex 1. 3. Pouco antes de morrer, o patriarca, em visão profética, anunciou que seu filho Issacar estaria, qual asno forte, deitado entre seus limites, Gn 49. 14, 15.

Os descendentes dos cinco filhos de Issacar formaram uma tribo, oriunda de duas grandes famílias tribais, Nm 26. 23, 24. Um dos primeiros príncipes da tribo foi Natanael, filho de Zuar, Nm 1. 8; 2. 5; 7. 18; 10. 15, e mais adiante, Paltiel, filho de Azã, Nm 34. 26. Quando se fez o primeiro arrolamento do povo no deserto, a tribo de Issacar tinha 54.400 homens de guerra, Nm 1. 28, 29; no segundo arrolamento, era de 64.300 o número de combatentes, Nm 26. 25; e no tempo de Davi, atingiu a 87,000, 1 Cr 7. 5. Por ocasião do reconhecimento da terra de Canaã, pelos espias escolhidos de cada tribo, Jigeal, filho de José, representava a tribo de Issacar, Nm 13. 7. Homens de Issacar acharam-se no monte Gerizim, juntamente com outros para abençoarem o povo de Israel, Dt 27. 12. Moisés, profetizando o futuro das tribos, disse que Issacar seria alegre nas suas tendas, Dt 33. 18. Tola, um dos juízes de Israel, pertencia a esta tribo, Jz 10. 1, e igualmente o rei Baasa, 1 Rs 15. 27. Os príncipes de Issacar tinham visão política para discernir o momento azado em que deviam abandonar a casa de Saul e reconhecer a Davi como o rei de todo o Israel, 1 Cr 12. 32. Nesta ocasião, Onri, filho de Micael, era príncipe da tribo, 1 Cr 27. 18. Muitos dos seus homens, apesar de pertencerem ao reino do norte, compareceram às solenidades da Páscoa celebradas por Ezequias em Jerusalém, 2 Cr 30. 18. Na visão do Apocalipse, aparecem 12.000 assinalados, pertencentes também à mesma tribo, Ap 7. 7. Por ocasião de se fazer a partilha da terra de Canaã, a quarta sorte coube à tribo de Issacar. O território era limitado ao norte pelas tribos de Zebulom e de Naftali ao oriente, pelo Jordão, ao sul e a oeste, pelas tribos de Manassés e, provavelmente, pela de Aser. Dentro destes limites ficavam Jezreel, e Suném, ao passo que, Quesulote e o monte Tabor, ficavam no limite norte, e En-Ganim, perto da linha sul, Js 19. 17-23. As cidades, porém, contidas dentro de seu território, ficaram pertencendo a Manassés Js 17. 10, 11, e aos gersonitas levitas, Js 21. 6, 28, 29; 1 Cr 6. 62-73. A tribo de Issacar ocupava a maior parte da planície de Jezreel, ou Esdraelom, constituindo a parte baixa e fértil do Cisom. As condições territoriais combinadas com os traços característicos do povo, explicam porque, de acordo com a profecia de Jacó, tão facilmente se submetiam à servidão. Tinham muito que perder, e viviam em uma terra muito apropriada à ação dos carros de guerra dos exércitos invasores, enquanto que as outras tribos, situadas na região montanhosa, não podiam ser atingidas do mesmo modo. Não se deve concluir que o povo de Issacar sofresse de covardia. Os capitães de Issacar se acharam com Débora e seguiram as pisadas de Baraque, Jz 5. 15.

2. Nome de um levita, nomeado porteiro no reinado de Davi, 1 Cr 26. 5.

ISSIAS, *Jeová abandona.*

1. Nome de um homem da tribo de Issacar, e da família de Tola, 1 Cr 7. 3.

2. Nome de um dos que foram ao encontro de Davi em Ziclague 1 Cr 12. 6, que nesta passagem tem o nome de Issias.

3. Nome de um levita, descendente de Moisés, chefe da casa de Roobia, 1 Cr 24. 21, comp. 23. 14, 17 que aparece com o nome de Issias.

4. Nome de um levita, da família de Coate e da casa de Oziel, 1 Cr 23. 20; 24. 25, com nome de Issias.

ISVÃ, *Ele reparte.*

Nome de um dos filhos de Aser, fundador de uma família tribal, Gn 46. 17.

ISVÍ, *Igualdade.*

Nome do filho segundo de Aser, Gn 46. 17; 1 Cr 7. 30. Parece que não deixou filhos; se os teve, não formaram grupo familiar na tribo, Nm 26. 44.

ISVI, *Igual?*

1. Nome do terceiro filho de Aser, e fundador de uma família tribal, Gn 46. 17; Nm 26. 44; 1 Cr 7. 30.

2. Nome de um dos filhos de Saul, 1 Sm 14. 49.

ITAI, *Ayador.*

1. Nome de um dos filhos de Ribai, natural de Gibeá de Benjamim, e um dos valentes de Davi, 2 Sm 23. 29.

2. Nome de um dos habitantes de Gate, capitão de 600 homens que acompanharam a Davi, quando saiu daquela cidade dos filisteus. Conservou-se fiel a Davi durante o período de suas vicissitudes, e conduziu a terceira parte do exército real à batalha de que resultou a morte de Absalão, 2 Sm 15. 18-22; 18. 2, 5.

ITÁLIA.

Nome geográfico que, no quinto século A. C., se dava a um pequeno distrito do extremo sul da península italiana, mas que, gradualmente, se estendeu a toda a região. Já no primeiro século da nossa era, tinha o mesmo significado que agora tem. Nos tempos apostólicos, a Itália, com a maior parte do mundo civilizado, estava sob o governo de Roma. Uma corte chamada italiana achava-se destacada na Síria, At 10. 1. Áquila e Priscila, descendentes de judeus, residiam por algum tempo na Itália, At 18. 2. O apelo que S. Paulo fez para o tribunal de César, obrigou-o a embarcar para a Itália, At 27. 1-6. O navio em que ia, navegou toda a costa da Itália, desde Régio até Potéoli, At 28. 13-16. Na epístola aos Hebreus, diz-se: "Os nossos irmãos da Itália vos saúdam" Hb 13. 24, dando a entender que ali existiam cristãos, além dos que habitavam em Roma, comp. At 28. 14. No tempo da Roma imperial, o estado do país, em comparação com a capital, era miserável.

ITAMAR, *Costa das palmeiras.*

Nome do filho mais novo de Arão, Ex 6. 23; 1 Cr 6. 3; 24. 1. Juntamente com seu pai e com três irmãos mais velhos, foi consagrado ao sacerdócio, Ex 28. 1; 1 Cr 24. 2, e incumbido de enumerar e ter sob sua guarda os materiais destinados à construção do tabernáculo, Ex 38. 21. Os gersonitas e os meraritas, trabalhavam debaixo de sua inspeção, Nm 4. 21-33. Constituiu uma família sacerdotal, 1 Cr 24. 4, 5, 6, que permaneceu até depois do cativeiro, Ed 8. 2. A esta família pertenciam Heli e seus descendentes, que se conservaram neste ofício durante algumas gerações.

ITIEL, *Deus está comigo.*

1. Nome de uma das duas pessoas a quem Agur dirige as suas profecias, Pv 30. 1.

2. Nome de um benjamita, filho de Isaías, Ne 11. 7.

ITLA, *Lugar alto.*

Nome de uma cidade de Dã, Js 19. 42.

ITMA, *Privação.*

Nome de um moabita, que fez parte dos valentes do exército de Davi, 1 Cr 11. 46.

ITNÁ, *Perene?*

Nome de uma cidade do extremo sul de Judá, Js 15. 23. Lugar ignorado.

ITRA, *Abundância.*

Nome de um israelita, ou antes, de um ismaelita, que se casou com Abigail, irmã de Davi, e veio a ser pai de Amasa, 2 Sm 17. 25; 1 Rs 2. 5, 32; 1 Cr 2. 17. Nas três últimas passagens tem o nome de Jeter, que é a forma hebraica do mesmo nome.

ITRÃ, *Excelência.*

1. Nome de um dos filhos de Dísom, horita, Gn 36. 28; 1 Cr 1. 41.

2. Nome de um aserita, filho de Sufa, 1 Cr 7. 37. Parece ser o mesmo Jeter do v. 38.

ITREÃO, *Fartura de gente.*

Nome do sexto filho de Davi que lhe nasceu em Hebrom com sua mulher Egla, 2 Sm 3. 5; 1 Cr 3. 3.

ITREUS, ITRITAS

Nome de uma família que habitou em Quiriate-Jearim, 1 Cr 2. 53. Dois dos valentes de Davi eram Jiteus, 2 Sm 23. 38; 1 Cr 11. 40. Esta palavra deriva-se de Jeter, ou, se abandonarmos a vocalização em uso, deriva-se de Jatir.

ITUREIA, *Que pertence a Jetur.*

Nome de uma região ocupada por um povo denominado Jetur, descendente de Ismael, Gn 25. 15; 1 Cr 1. 31. A tribo de Jetur esteve em guerra com as tribos israelitas situadas ao oriente do Jordão, 5. 19. No tempo dos asmoneus, Aristóbulo conquistou uma parte da Ituréia, e anexou-a à Judéia, obrigando os seus habitantes a receber o rito da circuncisão (Antig. 13. 11, 3). Era um país montanhoso, incluindo parte do Antilíbano. O príncipe desta região chamava-se Ptolomeu, filho de Meneu, e possuía território na Coelesíria e a fortaleza de Cálcis; foi mau vizinho para Damasco, Estrabão, 16. 2, 18, 20; Antig. 13. 16, 3. No ano 66 A. C. comprou a Pompeu certas imunidades e obrigações, Antig. 14. 3, 2. Seu filho Lisânias foi condenado à morte pelo imperador Antônio, Antig. 15. 4, 1. Zenodoro arrendou a Ituréia que dela tomou posse, Antig. 15. 2, 2. Parte de Ituréia e da Traconite formou a tetrarquia de Filipe, Lc 3. 1. Josefo enumera diferentemente as partes de que se formava a tetrarquia de Filipe, não mostrando muito cuidado no modo de fazer isto, Antig. 17. 8, 1; 11. 4, onde parte da casa de Zenodoro está incluída (18. 4, 6; Guerras 2. 6, 3). O nome Ituréia ou Jetur, é radicalmente diferente de Jedur, nome atual de um distrito a sudoeste de Damasco.

IVA

Nome de uma cidade que os emissários de Senaqueribe diziam haver sido destruída pelos exércitos assírios, 2 Rs 18.34; 19.13; Is 37.13. Ver *Ava.*

IZAR, *Brilho, Azeite.*

1. Nome de um levita, filho de Coate, e fundador de uma família tribal, Ex 6. 18, 19; Nm 3. 19, 27; 1 Cr 6. 18, 38. Dêste Izar descende Coré, cabeça revoltoso no deserto, Nm 16. 1.

2. Nome de um homem da tribo de Judá, da família de Hesrom, filho de Assur, 1 Cr 4. 5-7.

IZLIAS, *Livramento?*

Nome de um benjamita, filho de Elpaal, 1 Cr 8. 18.

IZRAÍAS, *Jeová se eleva.*

Nome de um homem de Issacar, da família de Tola e filho de Uzi 1 Cr 7. 3.

IZRI, *Criativo.*

Nome de um levita, filho de Jedutum chefe da quarta turma de músicos que serviam no santuário, 1 Cr 25. 11. No v. 3 tem o nome de Zeri.

J

JÁ, *Senhor, Jeová.*

Já é uma das formas do nome de Jeová que se encontra na poesia. Sl 68. 4; 89. 8. Em vários outros lugares, *Jah*, ou *Yah* no hebraico, traduz-se por Senhor. No original, *Jah* e Jeová concorrem ambos para representar a mesma idéia, Is 12. 2; 26. 4.

JAACOBÁ, *Suplantador.*

Nome de um príncipe da tribo de Simeão, 1 Cr 4. 36.

JAALÁ, *Corça.*

Nome do fundador de uma família, contado entre os filhos dos servos de Salomão, Ed 2. 56; Ne 7. 58.

JAARESIAS, *Jeová nutre.*

Nome de um benjamita, filho de Jeroão, 1 Cr 8. 27.

JAASAI, *Jeová faz.*

Nome de um dos filhos de Bani, que abandonou a sua mulher estrangeira, induzido por Esdras, Ed 10. 37.

JAASIEL, *Deus faz.*

1. Nome de um homem de Masobia, e um dos valentes de Davi, 1 Cr 11. 47.

2. Nome de um dos filhos de Abner, 1 Cr 27. 21.

JAATE, *Avido.*

1. Nome de um homem de Judá, pertencente à família de Hesrom, e descendente de Sobal, 1 Cr 4. 2; cp. 2. 19, 50.

2. Nome de um dos filhos de Lobni, levita, pertencente à família de Gérson, 1 Cr 6. 20.

3. Nome de um levita da família de Gérson, e chefe de uma subdivisão da casa de Semei, 1 Cr 23. 10.

4. Nome de um levita da casa de Isari e da família de Coate, 1 Cr 24. 22.

5. Nome de um levita de Merari, superintendente dos serviços de reparação do templo durante o reinado de Josias, 2 Cr 34. 12.

JAAZIAS, *Jeová consola.*

Nome de um levita registado como chefe de uma família juntamente com a casa de Merari, 1 Cr 24. 26, 27, e talvez chamado seu filho, ou descendente (Beno). Não há indícios de que Merari tivesse terceiro filho. Será que Oziau (Jaaztas), represente a casa do extinto Eleazar, v. 28, cp. 23. 22, ou será que a passagem dos vv. 26 e 27 foi interpolada?

JAAZIEL, *Deus vê.*

1. Nome de um levita, da família de Coate e da casa de Hebrom, 1 Cr 23. 19.

2. Nome de um dos guerreiros de Benjamim, que se ajuntaram a Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 4.

3. Nome de um sacerdote do tempo de Davi, encarregado de tocar a trombeta no santuário, 1 Cr 16. 6.

4. Nome de um levita, filho de Zacarias, da família de Asafe, que profetizou no tempo de Josafá, 2 Cr 20. 14.

5. Nome do pai de um chefe do povo que voltou da Babilônia, Ed 8. 5.

JABAL, *Rio, torrente.*

Nome de um dos filhos de Lameque e de sua mulher Ada. Foi pai dos que habitam em tendas e dos pastores, Gn 4. 20.

JABÉS, *Séco.*

Nome do pai do rei Salum, 2 Rs 15. 10.

JABES-GILEADE

Nome de uma cidade de Gileade. Segundo se crê, estava situada a cerca de 20 quilômetros a sudeste de Betsã, do outro lado do rio, e perto de *ed-Deir*, que fica no *wady el-Yabis*. Ainda conserva o nome de Jabés. Na guerra contra a tribo de Benjamim, que se deu nos dias dos juízes, por causa da mulher do levita que havia sido ultrajada e morta, nenhum dos homens de Jabes-Gileade tomou parte. Por causa desta indiferença a um pecado nacional, foram condenados a uma total destruição. Pouparam a vida a 400 donzelas que deram a outros tantos mancebos de Benjamim que haviam escapado à matança, Jz 21. 8-15, para evitar o desaparecimento da tribo. Pouco depois da escolha de Saul para rei, Naás, rei dos amonitas, sitiou a cidade de Jabes-Gileade, e ameaçou os habitantes da cidade de arrancar-lhes o ôlho direito, quando a cidade se rendesse. Este insulto atingia a dignidade de toda a nação israelita, pelo que, Saul derrotou o exército sitiante, pondo em fuga o inimigo, 1 Sm 1. 1-11. Os habitantes da cidade conservaram gratas recordações do seu libertador. Quando os corpos decapitados de Saul e seus filhos foram expostos sobre os muros de Betsã, depois da batalha de Gilboé, retiraram-nos daí, queimaram-nos e enterraram os ossos nas vizinhanças de Jabes, 1 Sm 31. 11, 13; 1 Cr 10. 11, 12, donde foram trasladados para o jazigo de Quis seu pai, juntamente com os ossos de Jônatas, 2 Sm 21. 12-14. Davi mandou mensageiros a Jabes de Gileade, para agradecerem aos homens da cidade as honras prestadas aos restos mortais de Saul, 2 Sm 2. 4-7.

JABEZ, *Que causa dor.*

1. Nome de um homem da tribo de Judá, que sua mãe lhe pôs em lembrança dos sofrimentos que teve quando o deu à luz. Foi mais ilustre do que seus irmãos; invocou o Deus de Israel para que dilatasse os seus limites e o abençoasse. E Deus lhe concedeu o que lhe havia pedido, 1 Cr 4. 9, 10.

2. Nome de um lugar na tribo de Judá, onde foram habitar as famílias dos escribas, 1 Cr 2. 55.

JABIM, *Inteligente.*

1. Nome de um rei cananeu de Asor, chefe da confederação dos reis do norte e do centro de Canaã, que Josué derrotou junto às águas de Merom. Depois da batalha, os israelitas tomaram Asor e a reduziram a cinzas, Js 11. 1-14.

2. Nome de outro rei de Asor talvez descendente do primeiro, Jz 4. 2, também aliado a outros reis para combater contra Israel, 5. 19. Durante vinte anos manteve hostilidades contra o povo de Deus, sendo afinal desbaratado por Baraque, junto à torrente de Cisom, onde foi morto o general Sísera. Jabim continuou a guerra, sendo aniquilado, 4. 2-24.

JABOQUE, *Efusão.*

Nome de um rio, tributário do Jordão. Jacó atravessou-o quando regressava da Mesopotâmia, Gn 32. 22. Nasce perto de Rabá-Amom, dirige-se para o nordeste, durante um curso de 22 quilômetros onde toma a direção para noroeste. Depois de um curso de cerca de 28 quilômetros dirige-se para o ocidente e entra no vale que divide o monte Galaade. Imergindo no vale do Jordão, torce para sudoeste e entra no Jordão, cerca de 80 quilômetros ao sul do mar de Galiléia e cerca de 42 quilômetros ao norte do Mar-Morto. É conhecido agora pelo nome de *Nahr-ez-Zerka* ou rio Azul; o vale por onde corre, chama-se *wady ez-Zerka*. O Jaboque constituiu uma linha natural divisória entre os amonitas e o reino de Seom amorreu, e mais tarde serviu de linha divisória

da tribo de Gade. Dividia o monte Galaade em duas partes, das quais a parte sul pertencia a Seom, antes da conquista de Israel, e depois passou à tribo de Gade, enquanto que a parte norte pertencia a Ogue, passando depois à meia tribo de Manassés, Nm 21. 24; Dt 2. 36, 37; 3. 12, 13, 16; Js 12. 2-6.

JACÃ, *Turbulento.*

Nome de um gadita, cabeça de um casal, 1 Cr 5. 13.

JACINTO

1. Nome de uma cor, Ap 9. 17.

2. Nome de uma pedra preciosa, que figura no undécimo fundamento da nova Jerusalém, Ap 21. 20, e uma das doze pedras que adornavam o Racional do Juízo, Ex 28. 19, usado pelo sumo sacerdote judaico. Este nome se e hoje para designar o mineral zircão (silicato de zircônio). Ver *Turquêsa*.

JACÓ, *Suplantador.*

Nome de um dos filhos de Isaque e de Rebeca, e irmão gêmeo de Esaú, porém nascido depois deste, e por isso mais novo do que ele, Gn 25. 21-26. Nasceu quando seu pai tinha 60 anos de idade, v. 26. Depois de crescido, tornou-se varão simples e habitava em tendas, 27. Era o predileto de sua mãe Rebeca, ao passo que Esaú o era de seu pai Isaque, 28. Voltando Esaú de uma caçada, muito fatigado e faminto, pediu a seu irmão Jacó que lhe desse de um cozinhado de lentilhas que havia feito. Em troca dá-me, disse este, o teu direito de primogenitura, 29-34. Quando Isaque já havia atingido a idade de 137 anos, e quase cego, Rebeca induziu Jacó a disfarçar-se com as roupas de Esaú, e a cubrir as mãos e os braços com peles, e dêste modo alcançou a bênção destinada a Esaú, como filho primogênito. Irritado por se ver expoliado pela segunda vez, resolveu matar a seu irmão logo após o falecimento do velho pai, Gn 27. 1-41. Rebeca, conhecedora das intenções criminosas de Esaú, aconselhou a Jacó a procurar refúgio em Harã, onde havia membros da família, a pretexto de arranjar casamento.

Abertura externa do poço de Jacó

Em viagem, teve, uma visão de noite. Uma escada posta sobre a terra, cuja sumidade tocava o céu, com os anjos de Deus subindo e descendo por ela. O Senhor, firmado no topo da escada, renovou a promessa das bênçãos do pacto feito com Abraão, Gn 27. 42-46; 28. 1-22. Jacó esteve em Padã-Harã, pelo menos, vinte anos, em casa de Labão, sendo catorze em câmbio de suas filhas Lia e Raquel e mais seis em troco de rebanhos. Durante a estada em Harã, nasceram-lhe onze filhos, seis de Lia, a saber: Rúben, Simeão, Levi, Judá, Issacar e Zebulom, e uma filha, chamada Dina; e Bala, serva de Raquel, teve mais dois filhos, Dã e Naftali; de Zelfa, escrava de Lia, teve mais dois, Gade e Aser; finalmente, Raquel deu à luz a José, Gn caps. 29 e 30. Este último nasceu quando Jacó, tinha noventa ou noventa e um anos de idade, cp. 47. 9 com 41. 46, 47, 54; 45. 11. Seis anos depois, percebendo que Labão e seus filhos invejavam-lhe a prosperidade, e se tornavam seus adversários, temendo, mandou buscar as suas mulheres, atravessou o Eufrates, fugiu com a sua família, levando tudo que possuía, em direção a Canaã, Gn 30. 36; 31. 22. Três dias depois, Labão teve notícia da fuga do genro; estava fazendo a tosquia das ovelhas; reuniu os servos e saiu em perseguição de Jacó. Após seis dias de jornada, a marchas forçadas, alcançou-o no monte Gileade, entre o Iarmuque e o Jaboque, uns 550 quilômetros aquém do Eufrates, no que deveria ter gasto, pelo menos, dez dias de viagem, ou mais, depois da partida de Jacó; porque Labão estava ocupado na tosquia, quando soube da saída de Jacó, e não estava preparado para a viagem. Deus protegeu a Jacó. Do encontro resultou a reconciliação entre as partes adversas. Em testemunho desta aliança, tomou Jacó uma pedra, e a levantou por padrão. E disse a seus irmãos: Trazei pedras. E como tivessem ajuntado muitas, fizeram delas um cabeço e comeram em cima dêle, cap. 31. Jacó teve manifestações do favor divino em Maanaim e no Jaboque, onde um varão lutou com ele de noite até ao romper do dia, o qual se mostrou superior a Jacó, tocando-lhe o nervo de sua coxa, mas o abençoou antes de partir, dizendo: "De nenhuma sorte te chamarás Jacó, mas Israel; porquanto, se contra Deus fôste forte, quanto mais o serás contra os homens. E Jacó perguntou-lhe: Como te chamas? A que respondeu o varão; por que me perguntas o meu nome? E abençoou-o no mesmo lugar. E pôs Jacó por nome àquele lugar Fanuel, dizendo: Eu vi a Deus face a face e a minha alma foi salva" Gn 32. 22-32; cp. 33. 20; Os 12. 4. Este acontecimento ministrou bela lição ao patriarca. Até então confiava na sua própria força e sagacidade para o bom êxito de seus negócios. Agora ficou sabendo que a sua força de nada valia para lutar com Deus, e que ele deve recorrer à oração para alcançar as bênçãos divinas, sem as quais nada poderia conseguir. Daqui em diante recorre sempre à oração. Antes de atravessar o Jordão, encontra-se com Esaú e alcança o perdão dos males que lhe havia causado e que determinaram o seu longo exílio. Os dois irmãos reconciliados partem; Esaú regressa ao monte Seir, e Jacó segue para Canaã, Gn 33. 1-18. Habitou em Salém, cidade dos siquimitas, e comprou parte do campo, onde armara as tendas, aos filhos de Hemor, pai de Siquém, e erigiu aí um altar, e invocou sobre ele o Deus fortíssimo de Israel, Gn 33. 18-20. Dina, filha de Lia, saiu para ver as mulheres daquele país, vendo-a Siquém, filho de Hemor, príncipe daquela terra, enamorou-se dela e furtou-a. Dois dos filhos de Jacó, Simeão e Levi, exerceram cruel vingança sobre a cidade, matando seus habitantes e despojando-a. Jacó temeu as conseqüências deste ato imprudente; porém, uma vez que seus filhos haviam capturado a cidade, matado os varões, apoderando-se de suas riquezas e cativando mulheres e crianças, deu como conquistada a cidade e dela se apoderou, Gn 48. 22; cp. 37. 12. De Siquém, Jacó partiu para Betel, onde morreu Débora, ama de Rebeca, e onde a sepultaram, Gn 35. 6-8. Apareceu, pela segunda vez, Deus a Jacó, depois que voltou da Mesopotâmia da Síria (35. 9; 28. 10-22), dizendo-lhe: "Já não te chamarás Jacó, mas teu nome será Israel", e confirmou as bênçãos prometidas a Abraão. Ao aproximar-se de Belém, indo para Hebrom, nasceu-lhe o último filho, Benjamim, morrendo em seguida sua amada Raquel e sendo se-

pultada na estrada que vai para Belém. 35. 9-20. Afinal, chegou à casa de seu pai Isaque em Mambre, 27.

Isaque morreu 23 anos depois e foi sepultado por seus filhos, Esaú e Jacó, 28, 29. Parece que Jacó habitou em Mambre durante os trinta e três anos seguintes, porque esteve em Hebrom cerca de dez anos depois de seu regresso, 37. 14; cp. 2, e ali permaneceu até o tempo de ir para o Egito, 46. 1. Tinha 130 anos quando desceu para a terra de Faraó, 47. 9, e ali esteve 17 anos. Antes de morrer, pronunciou as bênçãos especiais, primeiro aos filhos de José, depois, a seus próprios filhos; tinha 147 anos, 47. 28 e caps. 48 e 49. Embalsamaram-lhe o corpo e o levaram para Canaã, acompanhado de grande pompa, sendo sepultado na cova de dois compartimentos, que Abraão tinha comprado a Efrom, heteu com o campo que olha para Mambre, 50. 1-14. Jacó manifestou evidentes faltas de caráter, que o fizeram sofrer bastante. No final de sua existência, sentiu profundamente a falta do filho José, e tàcitamente reconheceu as faltas de sua vida anterior, e manifestou-se grato a Deus pelas bênçãos recebidas, 48. 15, 16, e crente na fidelidade das promessas divinas, 21; Hb 11. 21.

A nação hebraica, descendente de Jacó, é designada na Escritura pela frase Filhos de Israel, Ex 14. 16, 29; 15. 1, etc. Os profetas empregam os nomes de Jacó e Israel em paralelo em suas composições poéticas, Dt 33. 10; Is 43. 1, 22; 44. 1. Vide *Israel*.

O poço de Jacó a cuja borda Jesus se encostou, quando dialogava com a mulher samaritana, estava em Sicar, junto à herdade que Jacó havia dado a seu filho José. A samaritana disse a Jesus: "Foi Jacó que nos deu este poço, do qual ele mesmo bebeu, e seus filhos e seu gado" Jo 4. 5, 6, 12; cp. Gn 33. 18-20; 37. 12. Uma tradição corrente entre os peregrinos de Bordeaux, ano 333 de Cristo, aceita pelos judeus, pelos samaritanos, pelos cristãos e pelos maometanos, identifica o poço de Jacó com o *Bir Yakub*, situado à entrada oriental do vale, entre o monte Ebal, ao norte, e o monte Gerizim ao sul, a três quilômetros e meio a sudeste do Nablus, que é a moderna Siquém, e cerca de 900 metros a sudoeste de Ascar, que muitos acreditam ser a antiga Sicar. Maundrell, que é muito exato em suas investigações, diz que o poço, tem 2 metros e 97 centímetros de diâmetro e 34 m 65 c de profundidade. O Dr. John Wilson, medindo uma linha de sonda lançada, dentro do poço, com uma lanterna, em 1843, achou que a profundidade é de 24 metros e 75 c. Conder relata que a profundidade do poço, medida em 1875, é exatamente de 24 metros e 75 c. Atualmente deve ter diminuído em virtude da queda de terra de suas paredes. A água é boa, mas difícil de a tirar, Jo 4. 11. A parte superior é revestida de alvenaria de pedra, e daí, para baixo, é cortada em rocha calcárea muito mole. Sobre a boca do poço, construíram uma abóboda baixa e subterrânea de 6 metros e 60 c. de comprimento na direção este, oeste, e 3 metros e 30 c. de largura que serviu de cripta a uma antiga igreja cristã, e cuja entrada se acha reduzida e vedada por uma ou mais grandes pedras. Um pouco a oeste, existe uma linda fonte, e muitas outras espalhadas pelo vale. O poço foi aberto, talvez, porque as fontes eram de propriedade particular. Desde o quarto século se julga que nas vizinhanças deste poço deve existir o túmulo de José.

JADA, *Sábio.*

Nome de um dos filhos de Onã, da tribo de Judá da família de Hesrom e da casa de Jerameel, 1 Cr 2. 28, 32.

JADAI, *Diretivo.*

Nome de um homem de Judá, que se acha entre a posteridade de Calebe, 1 Cr 2. 47.

JADAI

Nome de um homem a quem Esdras induziu a separar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 43.

JADAIAS, *Jeová conhece.*

Nome de um sacerdote, cujos filhos, em número de novecentos e setenta e três voltaram do cativeiro de Babilônia, Ed 2. 36.

JADIEL, *Deus alegra.*

Nome de um dos chefes da meia tribo de Manassés, situada ao oriente do Jordão, 1 Cr 5. 24.

JADO, *União.*

Nome de um gadita, filho de Buz, 1 Cr 5. 14.

JADOM, *Governa, julga ou habita.*

Nome de um meronatita, que trabalhou na reconstrução do muro de Jerusalém depois do cativeiro, Ne 3. 7.

JADUA, *Conhecido.*

1. Nome de um dos chefes do povo, que assinaram o pacto de servir ao Senhor, Ne 10. 21.

2. Nome de um dos principais dentre os sacerdotes, filho de Jônatas, e o quinto descendente do sumo sacerdote Jesua, que voltou com Zorobabel de Babilônia, Ne 12. 11, 22. Com certeza, era ainda muito jovem no reinado de Dario Noto, e sobreviveu a Dario Codomano, soberano da Pérsia, derrotado por Alexandre, o Grande, em Arbela, em 331 A. C.

JAEL, *Cabra montesa.*

1. Nome da mulher de Heber, queneu, Jz 4. 17. Sísera, general dos exércitos de Jabim, confiado na paz existente entre o seu soberano e Heber, procurou refúgio na tenda de Jael, depois de ser derrotado por Baraque. Quando se aproximava, Jael saiu a recebê-lo, e convidou-o a entrar na sua tenda, e deu-lhe a beber leite para matar a sêde que o devorava. Porém, quando ele dormia, tomou ela um martelo e um prego dos da tenda e entrando pé ante pé, aplicou o prego à fonte da cabeça de Sísera, e dando com o martelo, o cravou pelo cérebro, até entrar pela terra. Ao mesmo tempo chegou Baraque em seguimento a Sísera, e Jael, saindo-lhe ao encontro, disse-lhe: "Vem e eu te mostrarei o homem que buscas" Jz 4. 11-22. Débora bendisse o feito de Jael, apesar de traiçoeiro e cruel, 5. 24-27, sinal característico dos costumes rudes e da dureza de coração de que há freqüentes exemplos na história dos tempos primitivos.

2. No cap. 5. 6, consta de um juiz chamado Jael, que não se encontra em qualquer outro lugar da história dos juízes.

JAERA, *Mel.*

Nome de um descendente do rei Saul, 1 Cr 9. 42, chamado Jeoada no cap. 8. 36.

JAFÉ, *Beleza.*

Nome de um dos filhos de Noé, um dos dois mais velhos, Gn 10. 21; cp. 9. 24, nascido quando seu pai tinha quinhentos anos de idade, 5. 32; 6. 10. Por ocasião do dilúvio, já era casado, mas não tinha filhos, 7. 7; 1 Pe 3. 20. Jafé cumpriu um dever filial, protegendo o velho Noé contra o escárnio de seu irmão Cão. Em recompensa desta bonita ação, recebeu uma bênção, consistindo principalmente na dilatação de seus domínios, Gn 9. 20-27. "A linguagem do N. T. traduz a bênção pronunciada a favor de Jafé, que, entrando nas tendas de Sem, representa as bênçãos do Evangelho, transportando-se da raça semítica para os descendentes de Jafé. Os convertidos do paganismo são em grande parte pertencentes à raça de Jafé, habitando nas tendas de Sem" (Delitzsch). De Jafé descendem Gomer, Magogue, Madai, Javã, Tubal, Meseque e Tiras, Gn 10. 2. Estes povos habitavam o elevado planalto do sul, que se estendia para o Ocidente do Mar Cáspio, por ci-

ma da região montanhosa do sul do Mar Negro até às ilhas e costas do Mediterrâneo oriental, com estabelecimentos no extremo ocidente.

JAFIA, *Brilhando.*

1. Nome de um dos reis de Laquis, que Josué derrotou, aprisionando-o e dando-lhe a morte, Js 10. 3-27.

2. Nome de um dos filhos de Davi, nascido em Jerusalém, 2 Sm 5. 15.

3. Nome de uma cidade nos limites de Zebulom, Js 19. 12. Muitos a identificam com Iafa, pouco mais de dois quilômetros a sudoeste de Nazaré.

JAFLETE, *Que o livre!*

Nome de um aserita, da família de Heber, 1 Cr 7. 32.

JAFLETI

Descendentes de certo Jofleti, diferente do aserita que tem o mesmo nome. Habitavam os limites de Efraim, perto de Bete-Horom, Js 16. 3.

JAGUR, *Alojamento, hospedaria.*

Nome de uma cidade do extremo sul da tribo de Judá, Js 15. 21. Situação ignorada.

JAIR, *Ele ilumina, ele levanta.*

1. Nome de um dos filhos de Segube e neto de Hesrom, da tribo de Judá, cuja mulher pertencia à família de Maquir da tribo de Manassés, 1 Cr 2. 21, 22. Seu nome foi contado entre os membros da tribo de Manassés, 5. 23; Nm 32. 41; Dt 3. 14. Por ocasião da conquista da parte oriental do Jordão, em vida de Moisés, este Jair tomou aldeias em Argobe, nos limites de Basã e de Gileade a que deu o nome de Havote-Jair, isto é, aldeias de Jair.

2. Nome de um homem de Gileade que julgou a Israel vinte e dois anos, depois do juiz Tola. Tinha trinta filhos que montavam em trinta potros de jumentas e eram príncipes de trinta cidades na terra de Gileade, chamada Havote-Jair. Parece que ele pertencia à família do outro Jair acima mencionado, ou talvez houvesse adquirido prerrogativas que lhe deram a posse das cidades já mencionadas, ou que, por sua influência pessoal, conseguisse para seus filhos o domínio das ditas cidades, Jz 10. 3-5.

3. Nome de um benjamita, pai de Mordecai, ou antecessor remoto, Et 2. 5.

4. Pai de Elanã, 1 Cr 20. 5. Em 2 Sm 21. 19, aparece este vocábulo sob a forma Jaaré-Oregim, sendo que o vocábulo *oregim*, no texto hebraico, foi transposto da linha inferior, mediante erro de cópia.

JAIRO, *Forma grega da palavra Jair.*

Nome de um príncipe da sinagoga de Cafarnaum, Mc 5. 22; Lc 8. 41, cuja filha estava nas últimas, e que foi ter com Jesus, rogando-lhe que a fosse curar. Em caminho para casa, o príncipe da sinagoga teve notícia que sua filha estava morta, Mc 5. 23, 24, 35; Lc 8. 42, 29, porém o pai, tendo confiança em Jesus, insistiu para que fosse impor a mão sobre o cadáver, que ele voltaria à vida, Mt 9. 18. Jesus lhe disse: "Não temas, crê somente" Mc 5. 36; Lc 8. 50. Entrando na casa com Pedro, Tiago e João, Mc 5. 37; Lc 8. 51, cp. Mt 9. 19, viu os tocadores de flautas e uma multidão de gente que fazia rebuliço. Retirai-vos, disse ele, porque a menina não está morta, mas dorme, Mt 9. 24; Mc 5. 39; Lc 3. 52. Jesus empregou a palavra dorme como no caso de Lázaro, Jo 11. 11-14. Tomando consigo os três discípulos e o pai e a mãe da menina, entrou Jesus no quarto, onde jazia o cadáver, Mc 5. 40; Mt 9. 25, tomou-a pela mão, e disse na linguagem do povo: "Talita Cumi", que quer dizer: Menina, levanta-te, Mc 5. 41; cp. Mt 9. 25; Lc 8. 54. Ela obedeceu. Feito isto, ordenou Jesus que a ninguém dissessem o acontecido, Mc 5. 43; Lc 8. 56. Porém, milagre desta natureza não podia ficar oculto, Mt 9. 26.

JALÃO, *Escondido.*

Nome de um filho de Esaú com sua mulher Olibama, que veio a ser um dos príncipes de Edom, Gn 36. 5, 18; 1 Cr 1. 35.

JALEEL, *Deus aflige.*

Nome de um dos filhos de Zebulom e fundador de uma família tribal, Gn 46. 14; Nm 26. 26.

JALOM, *Obstinado.*

Nome de um dos filhos de Ezra, registado na tribo de Judá, 1 Cr 4. 17.

JAMAI, *Robusto.*

Nome de um dos príncipes de Issacar da família de Tola, 1 Cr 7. 2.

JAMBRES, *Oponente.*

Nome de um dos mágicos do Egito que tentaram contrastar os milagres de Moisés, 2 Tm 3. 8.

JAMBRI

Nome do fundador de uma família que habitou em Medeba, 1 Mac 9. 36, 37; Antig. 13. 1, 2. A ortografia é incerta. Talvez seja uma representação do nome hebraico *Omri* ou *Imri*.

JAMIM, *Mão direita, prosperidade.*

1. Nome de um filho de Simeão e fundador de uma família tribal, Gn 46. 10; Êx 6. 15; Nm 26. 12.

2. Nome de um homem da tribo de Judá, da família de Jerameel, 1 Cr 2. 27.

3. Nome de um dos levitas que, sob a direção de Esdras, lia e explicava a lei de Deus ao povo, Ne 8. 7, 8.

JANAI, *Voraz?*

1. Nome de um dos chefes da tribo de Gade, 1 Cr 5. 12.

2. Nome do pai de Melqui, da genealogia de Cristo, Lc 3. 24.

JANELA

1. Abertura feita especialmente nas paredes das casas, Gn 26. 8; 1 Rs 6. 4; Jr 22. 14, que se abria e fechava por meio de uma portinhola móvel, Gn 8. 6; 2 Rs 13. 17; Dn 6. 10, ou de um gelosia, Jz 5. 28; 2 Rs 1. 2; Pv 7. 6; Ct 2. 9. Havia também janelas no andar térreo das casas com vista para a rua, em altura conveniente, e protegidas fortemente por meio de trancas. Nas casas de luxo, a maior parte das janelas abriam-se para o claustro. As casas que ficavam à beira dos muros da cidade, geralmente tinham janelas que olhavam para fora deles, Js 2. 15; 2 Co 11. 33.

2. Caixilho que se move preso aos gonzos ou dobradiças; ou parte de uma janela que se abre no centro, ficando o resto fechado, Pv 7. 6; Jz 5. 28. A versão inglêsa diz gelosia.

JANES

Nome de um dos dois mágicos egípcios que tentaram contrastar os milagres de Moisés, em companhia de Jambres, 2 Tm 3. 8. Estes nomes referem-se às ocorrências que se deram no Egito, mencionadas em Êx 7. 11, 12, 22; 8. 7, 18, 19; 9. 11, onde não se diz o nome nem o número dos mágicos. Isto só era conhecido pela tradição judaica e constava do Targum do pseudo Jônatas. O Targum faz menção de Joana e Mambre. Mambres ou Jambres dizem ser uma forma grega da palavra *Jamreh*, que significa oponente. Mambre que se deriva da mesma raiz grega, emprega-se no Talmude para designar uma pessoa que se opõe às decisões do sanedrim. Janes talvez seja corrupção de Joanaã, porém eufônicamente faz lembrar o vocábulo hebraico *Yani*, ele impede ou dissuade.

JANIM, *Sono.*

Nome de uma aldeia situada na parte serrana da tribo de Judá, Js 15. 53, a oeste ou a sudoeste de Hebrom.

JANLEQUE, *Que eleja rei.*

Nome de um príncipe simeonita, 1 Cr 4. 34.

JANOA, *Descanso.*

1. Nome de uma cidade de Naftali, tomada por Tiglate-Pileser, 2 Rs 15. 29. Não identificada.

2. Nome de uma cidade situada na linha divisória de Efraim, Js 16. 6, 7. Situação atual em *Yanum*, a três quilômetros a S. E. de Siquém.

JAQUE, *Piedoso.*

Nome do pai daquele Agur, cujas palavras se encontram no cap. 30 dos Provérbios. Na língua hebraica o seu nome é seguido pelas palavras *Ham-massa*, oráculo, ou profecia. A versão inglêsa, revista, traduz Jaque de Massá, e refere-se ao Gn cap. 25. 14, onde este nome Massá aparece como pertencente a um dos filhos de Ismael.

JAQUIM, *Ele se levanta.*

1. Nome de um descendente de Arão. A sua família veio a ser uma das principais da tribo e entrou na duodécima sorte dos sacerdotes, das vinte e quatro em que Davi repartiu o corpo eclesiástico, 1 Cr 24. 12.

2. Nome de um benjamita, 1 Cr 8. 19.

JAQUIM, *Ele estabelece.*

1. Nome de um dos filhos de Simeão, e fundador de uma família tribal, Gn 46. 10; Ex 6. 15; Nm 26. 12. Em 1 Cr 4. 24, tem o nome de Jamim, talvez por causa de algum erro de cópia.

2. Nome de um dos descendentes de Arão. No tempo de Davi, a família deste homem formou a vigésima primeira classe em que se dividia a corporação sacerdotal, 1 Cr 24. 17. Residia em Jerusalém, segundo se depreende da leitura do cap. 9. 10. Não se pode afirmar com certeza que o sacerdote Joaquim, que morou em Jerusalém depois do cativeiro, pertencesse à mesma família, Ne 11. 10.

3. Nome da coluna que ficava ao lado direito no pórtico de Salomão, no templo de Jerusalém, como símbolo provável de firmeza, 1 Rs 7. 15-22 (Veja *Boaz*).

JARA

Nome de um escravo egípcio, pertencente a um homem de Judá, chamado Seša, a quem deu sua filha em casamento, 1 Cr 2. 34, 35.

JARDIM

O primeiro jardim ou parque, mencionado na Escritura, foi o Éden que Deus preparou para o homem no seu estado de inocência, Gn 2. 8 até cap. 3. 24; Ez 28. 13; 31. 8, 9. Os jardins do Egito dependiam de regas, Dt 11. 10, com águas tiradas do Nilo, ou dos poços e conduzidas por meio de canais, ou levadas. Abrindo ou fechando a entrada ou saída destes canais, as águas derivavam para o lugar desejado. Os terrenos de cultura precisavam de irrigação na Palestina, Ec 2. 6; Is 58. 11; Jr 31. 12. Cultivavam-se as ervas nos jardins ou nas hortas, 1 Rs 21. 2, bem como os lírios e outras flores, Ct 5. 1; 6. 2, e também árvores frutíferas, Jr 29. 5, 28; Am 9. 14. O jardim do Getsêmani, conforme seu nome indica, tinha um bosque de oliveiras e uma prensa para extrair o óleo das azeitonas. Em Jerusalém havia o jardim do rei, 2 Rs 25. 4, outro em Etã, perto de Belém, Antig. 8. 7, 3; comp. Ct 6. 11; Ec 2. 5; outro no palácio de Susa, Et 1. 5. A fim de protegê-los contra os danos cercavam-nos de muros, ou de sebes, Ct 4. 12; Is 5. 2, 5, e construíam uma pequena choupana para abrigo de um vigia, Is 1. 8. Os jardins prestavam-se a servir de retiro nos dias calmosos, Hist. Suzana 1. 7, onde havia piscinas para banhos, 15, também serviam para banquetes, Et 1. 5. Prestavam-se muito bem para atos devocionais, Mt 26. 36, e práticas de idolatria, Is 1. 29; 65. 3; 66. 17; comp. 2 Rs 16. 4; e ocasionalmente enterravam-se neles os restos mortais de pessoas íntimas, Jo 19. 41. Ver *Paraíso*.

JAREBE, *Contencioso.*

Nome de um rei da Assíria, cujo nome não tem sido identificado, Os 5. 13; 10. 6. Este nome é antes descritivo do que mesmo um nome próprio, e tem o significado que lhe dá a tradução de Figueiredo, de — Rei Vingador.

JARIBE, *Adversário*, ou *contendor.*

1. Nome do filho de Simeão, 1 Cr 4. 24.

2. Nome de um chefe, que juntamente com Esdras, esteve junto do rio que corre para Aava, Ed 8. 16.

3. Nome de um sacerdote que foi induzido por Esdras a desquitar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 18.

JARMUTE, *Altura.*

1. Nome de uma cidade situada na parte baixa de Canaã, cujo rei Farã foi aprisionado por Josué que lhe deu a morte, Js 10. 3-27; 12. 11. Na partilha da terra, ficou em poder da tribo de Judá, 15. 35 e novamente ocupada depois do cativeiro, Ne 11. 29. O historiador Euzébio identifica-a com a aldeia que no seu tempo se chamava Jermocos, e em latim, *Jermucha*, situada a 10 milhas romanas de Eleuterópolis, na estrada que vai a Jerusalém. O seu lugar é assinalado pelas ruínas de *Yarmuk*.

2. Nome de uma cidade de Issacar, partilhada aos levitas de Gérson, Js 21. 28, 29. Tem o nome de Ramote em 1 Cr 6. 73, e Remete em Js 19. 21, sinônimo de Jerimote. Ainda não foi identificada.

JAROA

Nome de um gadita descendente de Buz, 1 Cr 5. 14.

JASA, *Lugar aberto.*

Nome de um lugar, na planície de Moabe, Jr 48. 21, onde Selom, rei dos amorreus, foi derrotado pelos israelitas, Nm 21. 23; Dt 2. 32; Jz 11. 20. Fez parte do território de Rúben, Js 13. 18, e separado para os levitas da casa de Merari, Js 21. 36; 1 Cr 6. 78. O rei Mesa de Moabe tomou este lugar aos israelitas (Pedra, Moabita, 18-20), e esteve em poder dos moabitas, nos dias de Isaías e de Jeremias, Is 15. 4; Jr 48. 21, 34. Situação ignorada.

JASEIAS, *Jeová vê.*

Nome de um filho de Ticoa que se opôs ao divórcio das mulheres estrangeiras, Ed 10. 15.

JASOBEÃO, *Que o povo se volte para Deus.*

1. Nome de um homem da família de Hacmoni e chefe dos valentes de Davi, 1 Cr 11. 11. E o mesmo Jasobeão, filho de Zabdiel da casa de Perez, e, portanto, da tribo de Judá, o primeiro entre todos os príncipes comandantes do exército do primeiro mês, 1 Cr 27. 2, 3. Em 2 Sm 23. 8, tem o nome de Josabe-Bassebete.

2. Nome de um benjamita, que se foi unir a Davi em Ziclague, pertencente à família de Coré e que guardava as portas do tabernáculo, 1 Cr 12. 1, 2, 6.

JASOM, *Saudável.*

1. Nome de um dos dois mensageiros, enviados a Roma por Judas Macabeu a pedir auxílio contra os sírios, 1 Mac 8. 17. Parece que um dos filhos dêste Macabeu renovou esta aliança, 12. 16.

2. Nome de um sumo sacerdote, filho de Simão II, que exerceu esta função desde 174-171, A. C., e que usou sua influência para helenizar os judeus, 2 Mac 4. 7-26.

3. Nome de um homem de Cirene e autor de uma história da guerra judaica para conquistar a sua liberdade, 175-160 A. C., 2 Mac 2. 23.

4. Nome de um cristão, parente do apóstolo S. Paulo, Rm 16. 21. Era de certo aquele Jasom que morava em Tessalônica e que hospedou Paulo e Silas, quando estes visitaram a cidade. Por ocasião do tumulto que se deu ali, Jasom foi arras-

tado para fora de sua casa e conduzido à presença dos magistrados da cidade, sendo solto mediante caução, At 17. 5-9.

JASPE

Tradução da palavra hebraica *Yashephsh* (comp. o vocábulo árabe *Yasb*) e da grega *Iaspis*, pedra preciosa, Ex 28. 20; Ez 28. 13; Ap 4. 3. O jaspe é variedade do quartzo e de coloração variada, vermelho, pardo, amarelo, verde e branco escuro, sem brilho. Entre os antigos, esta palavra tinha sentido mais lato. Segundo Plínio, compreendia uma variedade de pedras de um verde transparente ou translúzente, cp. Ap 21. 11, que se denominavam calcedônia ou ágate. A Versão dos Setenta traduziu a palavra hebraica por ônix.

JASUBE, *Ele volta.*

1. Nome de um dos filhos de Issacar e fundador de uma família tribal, Nm 26. 24; 1 Cr 7. 1. Em Gn 46. 13, tem o nome de Jó, talvez por causa de um erro de cópia em que foi omitida a letra hebraica *sh*.

2. Nome de um filho de Bani, induzido por Esdras a despedir sua mulher estrangeira, Ed 10. 29.

JASUBI-LEÉM, *Pão que volta!*

É provável que seja nome de homem e não de lugar, e membro da família de Sela, da tribo de Judá, 1 Cr 4. 22.

JATIR, *Excelência.*

Nome de uma cidade situada na parte montanhosa de Judá, dada aos sacerdotes, Js 15. 48; 21. 14; 1 Sm 30. 27; 1 Cr 6. 57. Robinson identifica-a com as ruínas de Atir, que se encontram sobre um monte, a 24 quilômetros a sudoeste de Hebrom. Os dois nomes, todavia são radicalmente diferentes.

JATNIEL, *Deus confere dóns.*

Nome de um corita, filho de Meselemia, e porteiro, 1 Cr 26. 2.

JAVÁ

1. Nome de uma região onde se estabeleceram os filhos de Jafé, Gn 10. 2. Etimologicamente este nome corresponde à palavra *Ionia*, dada aos gregos e por sinonímia representa as regiões do extremo ocidente, onde o nome de Jeová ainda não havia sido pronunciado, Is 66. 19. Desde tempos remotos que esta região mantinha relações comerciais com a Fenícia, Ez 27. 13; Jl 3. 6.

2. Nome de uma cidade ou de um pôvo do *Yemen* na Arábia, donde vinha a cássia e o cálamo, Ez 27. 19.

JAVALI

Tradução da palavra hebraica *Hasir*, quando se refere a porco montês, Sl 80. 13. Para determinar o animal doméstico, emprega-se a palavra porco. O javali regula ter um metro de comprimento sem contar a cauda. Os dentes caninos projetam-se para fora do lábio superior, constituindo armas formidáveis de defesa contra o inimigo. A fêmea é menor do que o macho, e tem presas também menores. Este animal ainda se encontra na Palestina, principalmente nas ravinas ao oriente do Jordão, no vale perto de Jericó, nos pantanais do Merom, no Tabor, no Líbano, no Carmelo e nas planícies do Sarom.

JAZANIAS, *Jeová ouve.*

1. Nome de um filho de Maacati, 2 Rs 25. 23.

2. Nome de um recabita, filho de certo Jeremias, sem ser o profeta, Jr 35. 3.

3. Nome de um dos filhos de Safã, diretor do culto idólatra no tempo de Ezequiel, Ez 8. 11.

4. Nome de um dos filhos de Azur e príncipe na tribo de Judá, visto pelo profeta Ezequiel em uma visão, Ez 11. 1; cp. 8. 1-3; 11. 24.

JAZER, *Serviçal.*

Nome de uma cidade ao oriente do Jordão, em Gileade, 2 Sm 24. 5; 1 Cr 26. 31. Os israelitas a tomaram e lançaram fora os seus habitantes, Nm 21. 32. Estava situada em uma região muito apropriada para sustento de animais, 32. 1, 3. Tocou em partilha à tribo de Gade, Js 13. 25, que a reconstruiu, Nm 32. 34, 35; 2 Sm 24. 5; foi destinada à residência dos levitas meraritas, Js 21. 39; 1 Cr 6. 81.

Caiu nas mãos dos moabitas, Is 16. 8, 9; Jr 48. 32; foi tomada pelos macabeus, 1 Mac 5. 8. Segundo Euzébio, Jazer estava situada a 10 milhas romanas a oeste de Rabate-Amom e a 15 de Hesebom. Um dos consideráveis tributários do Jordão, tinha sua nascente perto desta cidade. S. Jerônimo faz menção de uma aldeia chamada Azor, a 8 milhas romanas a oeste de Rabate-Amom. Estes vários lugares são ordinariamente identificados com o *wady Sîr*, ramo superior do *wady Kefren*, e as ruínas Sîr e Sar, que se encontram em lados opostos do vale. A distância é mais ou menos exata, mas Jazer e Azor são radicalmente diferentes. Conder dá preferência a *Beit Zerah*.

JAZERA, *Ele pode reconduzir.*

Nome de um sacerdote descendente de Imer, 1 Cr 9. 12.

JAZIEL, *Deus distribui.*

Nome de um dos filhos de Naftali e fundador de uma família tribal, Gn 46. 24; Nm 26. 48; 1 Cr 7. 13

JEALELEL, *Ele louva a Deus.*

1. Nome de um homem registado na tribo de Judá e chefe de uma família, 1 Cr 4. 16.

2. Nome de um levita da família de Merari, 2 Cr 29. 12.

JEARIM, *Florestas.*

Nome de um monte, atravessado pela linha divisória da tribo de Judá, Js 15. 10, e que, a julgar pela sua posição em referência a Quesalom, devia distar cerca de 14 ou 15 quilômetros de Bete-Semes.

JEBEREQUIAS, *Jeová abençoa.*

Nome do pai de Zacarias, contemporâneo do profeta Isaías, Is 8. 2.

JEBNEEL, *Deus edificará.*

1. Nome de uma cidade, situada no limite norte de Judá, Js 15. 6, 11. Neste mesmo lugar, existiu a cidade de Jabnia; pertencente aos filisteus, cujos muros o rei Ozias derribou, 2 Cr 26. 6. No tempo dos macabeus, era conhecida pelo nome de Jânia, 1 Mac 4. 15; 5. 58; 2 Mac 12. 8, 9. É representada atualmente pela aldeia de *Yebnah*, situada a cerca de oito quilômetros distante do Mediterrâneo e a dezessete a noroeste de Azôto.

2. Nome de uma cidade, fronteira de Naftali, Js 19. 33. Conder identifica-a com as ruínas de *Yemma*, que se encontram a cerca de 13 quilômetros a sudoeste de Tiberíades. Mais comumente é identificada com a aldeia de Jânia ou Janite da Galiléia superior, edificada sobre uma eminência rochosa, e fortificada por Josefo, Vida, 37; Guerras 2. 20, 6, cujo sítio se procura nas vizinhanças da planície de Hulé e Banias, Guerras 2. 6, 3.

JEBUS, *Lugar que é pisado.*

Nome dado à cidade de Jerusalém, quando em poder dos jebuseus, Js 15. 63; Jz 19. 10; 1 Cr 11. 4. A área em que se achava era pequena, em comparação com as dimensões de Jerusalém, no tempo de Salomão. A sua cidadela foi convertida na fortaleza de Sião, 2 Sm 5. 7; 1 Cr 11. 5.

JEBUSEUS

Nome de uma das tribos de Canaã, antes da conquista do país pelos hebreus, Gn 10. 16; 15.

21; Ex 3. 8. Estava situada na região montanhosa, Nm 13. 29; Js 11. 3. Jebus ou Jerusalém era o lugar de sua habitação. Josué matou o seu rei, Js 10. 23-26. O território Jebuseu entrou na partilha de Benjamim, 18. 28. Mais tarde a cidade foi tomada pelos homens de Judá em cujos limites ficava; incendiaram-na e mataram os seus habitantes, Jz 1. 8; Js 15. 8. Mas os jebuseus parece que conservaram a cidadela, Antig. 5. 2, 2, ou a reconquistaram no todo ou em parte. Habitaram como estrangeiros nas tribos de Judá e de Benjamim, Js 15. 63; Jz 1. 21; 19. 11. Ainda conservavam a fortaleza de Sião no princípio do reinado de Davi, 2 Sm 5. 6, 7, e mesmo depois de a haver tomado, os antigos habitadores não haviam sido totalmente aniquilados, porque Araúna, possuidor de uma eira no lugar onde mais tarde foi construído o templo de Salomão, era jebuseu, 2 Sm 24. 16; 2 Cr 3. 1. As relíquias deste povo tornaram-se tributárias do rei Salomão, 1 Rs 9. 20, 21.

JECAMEÃO, *Reunião de gente.*

Nome de um levita da família de Coate e da casa de Hebrom, 1 Cr 23. 19; 24. 23.

JECAMIAS, *Jeová congrega.*

1. Nome de um homem de Judá, descendente de Sesã, linhagem de Jerameel 1 Cr 2. 41.

2. Nome de um dos filhos de Jeconias, 1 Cr 3. 18.

JECOLIA, *Jeová prevaleceu.*

Nome da mãe de Ozias, rei de Judá, 2 Rs 15. 2; 2 Cr 26. 3.

JECONIAS, *Jeová estabelece.*

Variante do nome de Joaquim, rei de Judá, 1 Cr 3. 16.

JECUTIEL, *Reverência a Deus.*

Nome de um homem de Judá, pai dos habitantes de Zanoa, 1 Cr 4. 18.

JEDAÍAS, *Jeová julga.*

1. Nome de um simeonita, 1 Cr 4. 37.

2. Membros da família deste nome que voltaram de Babilônia, Ne 7. 39.

3. Nome de um dos principais sacerdotes que voltaram de Babilônia com Zorobabel, Ne 12. 6, 7.

4. Nome de outro sacerdote que voltou do cativeiro e trouxe presentes para o templo, nos dias de Josué, sumo sacerdote, Zc 6. 10, 14.

JEDIAEL, *Conhecido de Deus.*

1. Nome de um filho de Benjamim, chefe de uma família, 1 Cr 7. 6, 10, 11. Os antigos intérpretes entendem que este Jediael é o mesmo Asbel mencionado em Nm 26. 38.

2. Nome de um homem de Manassés, que se uniu a Davi, em Ziclague, 1 Cr 12. 20.

3. Nome de um dos homens fortes de Davi, filho de Sanri, 1 Cr 11. 45.

4. Nome de um dos porteiros do reinado de Davi, 1 Cr 26. 1, 2.

JEDIAS, *Mover-se.*

Nome de um homem de Meronate, que curava dos jumentos de Davi, 1 Cr 27. 30.

JEDIAS, *Jeová inspira alegremente.*

1. Nome de um levita da família de Coate e da casa de Amrão, 1 Cr 24. 20.

2. Nome de um homem de Meronote que tratava dos jumentos do rei Davi, 1 Cr 27. 30.

JEDIDÁ, *Amado.*

Nome da mulher de Amom e mãe do rei Josias, 2 Rs 22. 1.

JEDIDJÁ, *Amado de Jeová.*

Nome que o profeta Natã deu a Salomão, por inspiração divina, 2 Sm 12.25.

JEDUTUM, *Louvor.*

1. Nome de um levita que era um dos três principais cantores, ou músicos, nomeados no tempo de Davi, e chefe de uma família de cantores oficiais, 1 Cr 16. 41; 25. 1, 6; 2 Cr 5. 12; 35. 15; Ne 11. 17. Ele ou a sua família, é mencionado no título de três salmos, 39, 62, 77. Em 1 Cr 6. 44 tem o nome de Etã.

2. Nome do pai de Obede-Edom, e porteiro, pertencente à família de Coré, divisão da família dos coatitas, 1 Cr 16. 38; cp. 26. 1, 4, 8, 12, 15. Alguns intérpretes são de opinião que é o mesmo Jedutum da família de Merari.

JEEZQUEL, *Deus fortalece.*

Nome de um descendente de Arão cuja família fêz parte da vigésima classe dos sacerdotes, 1 Cr 24. 16.

JEFONÉ, *Será preparado.*

1. Nome do pai de Calebe e um dos espias, representante da tribo de Judá, Nm 13. 6.

2. Nome de um dos homens da tribo de Aser, 1 Cr 7. 38.

JEFTE, *Libertador.*

Nome de um homem de Gileade e também filho de um homem chamado Gileade.

Era filho ilegítimo e por isso foi expulso do lar paterno por seus irmãos de legítimo consórcio. Sentiu muito a injustiça que lhe fizeram. Anos depois responsabilizou os príncipes de Gileade, juntamente com seus irmãos pela afronta recebida. Refugiou-se no país de Tobe, na terra de Haurã, onde se gozava de liberdade e havia facilidade de subsistência. Graças à sua altivez e valentia, alguns homens miseráveis e que viviam de latrocínios, se agregaram a ele, e o seguiam como seu capitão. Contudo não se deve considerar como um salteador vulgar e homem sem lei, porque obedecia à sua consciência. Sempre que empreendia qualquer empresa, buscava razões que a justificassem. Ensinou a sua filha a temer a Deus a quem tributava veneração e respeito. Logo depois de ser expulso do lar paterno, os amonitas invadiram as terras de Israel pelo oriente do Jordão, e sujeitaram os seus habitantes durante dezoito anos.

Vendo-se em apertos, os príncipes de Gileade que haviam expulsado a Jefté, viram-se na contingência de implorar o seu auxílio, dizendo: "Vem, e sê o nosso príncipe para combateres contra os filhos de Amom." Tomando o bastão do mando, Jefté deu notícia à tribo de Efraim dos apertos em que se achavam seus irmãos de Gileade, e exortou-a a vir em seu auxílio, porém ela se recusou. Dirigiu-se ao rei de Amom para saber dos motivos de sua hostilidade contra Israel, e justificou a atitude dos israelitas, em tomar armas para sua defesa. No decorrer da peleja, o êxito parecia indeciso. Jefté fêz um voto a Deus, dizendo: "Se tu me entregares nas mãos os filhos de Amom, a primeira pessoa, seja ela qual for, que sair da porta da minha casa, a se encontrar comigo, quando eu voltar vitorioso dos filhos de Amom, eu a oferecerei em sacrifício." À sua volta, depois de derrotar os amonitas, a primeira pessoa que saiu de casa a recebê-lo foi sua própria e única filha. Foi grande a sua angústia quando a viu, rasgou os seus vestidos, e disse: "Ah! filha minha, tu me prostras por completo; tu passaste a ser a causa da minha calamidade, porquanto fiz voto ao Senhor, e não tornarei atrás." E ela lhe disse: "Pai meu, fizeste voto ao Senhor, faze, pois, de mim, segundo o teu voto", Jz 11. 35, 36; comp. Lv 27. 1-8. As mulheres de Israel choravam a sua triste sorte, quatro vezes por ano. Os de Efraim acusaram falsamente a Jefté de os ter privado de participar da vitória contra os amonitas, o que deu motivo ao rompimento de hostilidades, de que resultou a derrota dos efraimitas em combate. Jefté julgou a Israel seis anos Jz 10. 6 até o cap. 12. 7. O profeta Samuel citou o seu nome como um dos heróis fiéis a Deus, libertador de seu povo nos dias do cativeiro, 1 Sm 12. 11, e na epístola aos Hebreus o seu nome figura entre os grandes exemplos de fé em Deus, Hb 11. 32.

JEGAR-SAADUTA, Em aramaico, *monte do testemunho.*

Nome que Labão deu a um montão de pedras, Gn 31. 47, quando se encontrou com Jacó, dizendo: "Este cabeço será hoje testemunha: o Senhor nos veja e nos julgue, quando, nós nos tivermos apartado um do outro."

JEÍAS, *Jeová vive.*

Nome de um dos porteiros que guardavam a arca, no reinado de Davi, 1 Cr 15. 24.

JEIEL, *Deus consola.*

Nome de um dos levitas de segunda ordem e um dos músicos que tocavam o saltério, quando se transportou a arca da casa de Obede-Edom, continuando neste ofício em Jerusalém, 1 Cr 15. 18, 20; 16. 5.

JEIEL[1], *Tesouro divino.*

1. Nome do pai dos habitantes de Gibeom e antecessor do rei Saul, 1 Cr 9. 35, 36, 39.

2. Nome de um dos filhos de Hotão de Aroer, no tempo de Davi, 1 Cr 11. 44. Parece ter sido chefe da tribo de Rúben, 5. 7, 8.

3. Nome de um levita músico, 1 Cr 16. 5.

4. Nome de um levita da segunda ordem, porteiro e tocador de harpa, quando se transportava a arca para Jerusalém, continuando a exercer as mesmas funções nesta cidade, 1 Cr 15. 18, 21; 16. 5.

5. Nome de um levita, filho de Asafe, 2 Cr 20. 14.

6. Nome de um escriba que enumerou os soldados do exército de Ozias, 2 Cr 26. 11.

7. Nome de um hebreu que foi induzido por Esdras a separar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 43.

JEIEL[2], *Deus vive.*

1. Nome de um levita da segunda turma que tocava o saltério por ocasião de ser removida a arca para Jerusalém, e que depois ficou exercendo as mesmas funções no tabernáculo, 1 Cr 15. 18, 20; 16. 5.

2. Nome de um levita da família de Gérson e chefe da casa de Ladã, no reinado de Davi, 1 Cr 23. 8.

3. Nome de um filho de Acamã que estava com os filhos do rei Davi, 1 Cr 27. 32.

4. Nome de um dos filhos de Josafá, que foi posto por seu pai no governo de uma das cidades fortificadas de Judá, e morto, juntamente com outros seus irmãos, por Jorão, 2 Cr 21. 2-4.

5. Nome de um levita, da família de Coate e da casa de Hemã o cantor, 2 Cr 29. 14. Auxiliou o rei Ezequias na reforma religiosa do reino. Parece que é o mesmo que sucedeu a Semei na superintendência dos celeiros do rei, 2 Cr 31. 13.

6. Nome de um dos príncipes que participaram na reforma religiosa no tempo de Josias, 2 Cr 35. 8.

7. Nome do pai de Obadias, contemporâneo de Esdras, Ed 8. 9.

8. Nome de um dos filhos de Elão, Ed 10. 2, e um dos que repudiaram as suas mulheres estrangeiras, induzidos por Esdras, 10. 26.

9. Nome de um dos sacerdotes da casa de Harim, que também se desquitaram de suas mulheres estrangeiras a conselhos de Esdras, 10. 21.

JEISQUIAS, *Jeová fortalece.*

Nome de um dos filhos de Salum, e um dos príncipes da tribo de Efraim no reinado de Pecá que ajudou a libertar os cativos de Judá, 2 Cr 28. 12.

JEJUM

Abstinência de alimentação ou o espaço de tempo em que se dá o jejum. Há duas espécies de jejum, o voluntário e o involuntário.

1. *Jejum involuntário,* ocasionado por acontecimentos que nos tiram o apetite. Desta natureza, foi, provàvelmente, o jejum de Moisés durante os quarenta dias que esteve no Sinai, Êx 34. 28; Dt 9. 9, o de Elias, quando caminhava para Horebe, 1 Rs 19. 8, o de Jesus durante a tentação no deserto, Mt 4. 2; Mc 1. 13; Lc 4. 2, e o de S. Paulo, 2 Co 6. 5.

2. *Jejum voluntário,* por motivos religiosos. Neste sentido é muitas vezes observado em períodos de tempo marcados pela lei. E para notar-se a ausência, na lei de Moisés, de quaisquer preceitos sobre o jejum, nem mesmo lá se encontram, o verbo jejuar ou o substantivo jejum, em todo o Pentateuco. Se existem prescrições a seu respeito, elas vêm em linguagem ambígua, como esta: "Afligireis as vossas almas" Lv 16. 29; Nm 29. 7.

A primeira vez que se fala em jejum voluntário, é no caso de Davi que recusou alimentar-se quando suplicava a Deus pela vida de seu filho, fruto de seu amor criminoso com a mulher de Urias, 2 Sm 12. 22. Muitos outros exemplos de abstinência voluntária se encontram nos últimos livros do Antigo Testamento, Ed 8. 21; Ne 9. 1; Et 4. 3; Sl 35. 13; 69. 10; 109. 24; Dn 6. 18; 9. 3. Em certos casos de públicas calamidades, proclamavam-se jejuns, Jr 36. 9; Jl 1. 14, com o fim de humilhar a alma, Sl 35. 13; 69. 10, de atrair a misericórdia divina, Is 58. 3, 4. O jejum público significava que grande peso de culpas repousava sôbre o povo e que ele precisava humilhar-se diante de Deus, 1 Sm 7. 6; 1 Rs 21. 9, 12. O jejum verdadeiro é aquele que envolve abstinência da iniqüidade e dos prazeres ilícitos, Is 58. Em tempo do profeta Zacarias foram ordenados jejuns, no quarto, quinto, sétimo e décimo mês, Zc 8. 19, para comemorar o princípio das calamidades com o sítio de Jerusalém, no décimo mês, 2 Rs 25. 1; o cativeiro, no quarto mês, 2 Rs 25. 3; Jr 52. 6. 7; a destruição do templo no quinto mês, 2 Rs 25. 8, 9, e o assassínio de Gedalias e dos judeus que estavam com êle, no sétimo mês, 2 Rs 25. 25. Ana servia a Deus de dia e de noite, em jejuns e orações, Lc 2. 37. O fariseu jejuava duas vezes por semana, Lc 18. 12. Quando os formalistas religiosos jejuavam, desfiguravam os rostos; essa prática Jesus denunciou no sermão do monte, Mat. 16. 16, 17. Os discípulos de João Batista jejuavam, mas os de Jesus não faziam o mesmo, enquanto estavam em sua companhia, Mt 9. 14, 15; Mc 2. 18, 19; Lc 5. 33-35.

Depois da morte e ressurreição de Cristo, eles jejuaram, At 13. 3; 14. 23. Não há preceitos que obriguem os cristãos a jejuar.

JEMIMA, *Pombo.*

Nome da primeira das três filhas que nasceram a Jó depois da sua grande provação, Jó 42. 14.

JEMUEL, *Que deseja a Deus.*

Nome de um dos filhos de Simeão, Gn 46. 10; Êx 6. 15. Em Nm 26. 12 e 1 Cr 4. 24, tem o nome de Nemuel. Fundou uma família tribal.

JEOADA, *Jeová embelezou.*

Nome de um dos filhos de Acaz e descendente de Jônatas, filho de Saul, 1 Cr 8. 36. Em 9. 42, tem o nome de Jaerá.

JEOADÃ, *Jeová tem-se feito agradável.*

Nome da mãe do rei Amasias, natural de Jerusalém, 2 Rs 14. 2; 2 Cr 25. 1.

JEOIARIBE, *Jeová contende.*

Nome de um dos descendentes de Arão, chefe de uma das famílias sacerdotais do tempo de Davi. Fazia parte da primeira turma quando Davi distribuiu os sacerdotes em várias divisões, 1 Cr 24. 1, 6, 7.

JEOSEBA, *Jeová é juramento.*

Nome da filha do rei Jorão e irmã de Ocozias, reis de Judá, e mulher do sumo sacerdote Joiada. Por ocasião da morte de Ocozias, e da matança da linhagem real, Jeoseba, pegando em Joás, filho de Ocozias, o furtou do meio dos filhos do

rei, quando os estavam matando, e o escondeu da presença de Atalia, no templo, até que pudesse ser proclamado rei, 2 Rs 11. 2; 2 Cr 22. 11.

JEOVÁ

Pronúncia comum do tetragrama hebraico *Yhvh*, um dos nomes de Deus, Ex 17. 15. O nome original era ocasionalmente empregado pelos escritores mais distanciados da época mosaica como Neemias (1. 5; 5. 13; 8. 1). De fato, uma forma desta palavra constituía a última parte do seu nome, *Nehemiah*. Porém o nome Jeová, não era o preferido para representar a divindade. Os tradutores do Antigo Testamento para o grego substituíram-no pela palavra *Senhor*.

Era costume entre os hebreus, quando liam, pronunciar a palavra *adonay*, Senhor, em lugar de Jeová, ou quando era acompanhada da palavra *adonay*, pronunciar *elohim*, Deus, Gn 15.2, como quando dizemos, — por exemplo, em vêz de — a saber. Desde o tempo em que os sinais massoréticos vieram ajuntar-se às consoantes do texto hebraico, os vogais das palavras *adonay* e *elohim* foram ajuntadas ao tetragrama *Yhvh*. A pontuação das vogais deu lugar à pronúncia Jeová, que se tornou corrente desde os dias de Petrus Galatinus, confessor de Leão X, no ano 1518. A substituição da palavra Senhor pelas duas palavras hebraicas e pelos tradutores da *septuaginta*, promoveram igual substituição na tradução inglesa em que a palavra Senhor é impressa em pequenas maiúsculas. Crê-se geralmente que o tetragrama *Yhvh* era pronunciado *Yahveh*, porque o nome sagrado *Jah*, Sl 89. 8, e as formas *Yeho, Yo, Yah* e *Yahu* que ocorrem constantemente na formação de nomes próprios, como sejam *Jehosaphat, Joshaphat, Shephatiah*, podem ser derivados de *Yahweh* de acordo com as leis da filologia. *Yahweh* é forma arcaica, e provàvelmente representa o *Qal*, tempo imperativo do verbo *hawah* que posteriormente tomou a forma *hayah*, ser ou fazer-se. Se assim for, o verbo *hayah* quer dizer: "Aquele que existe absolutamente e que manifesta a sua existência e o seu caráter" Ex 3. 13, 15. O criador, o que sustenta todas as cousas e que governa o universo, é o *elohim*, Deus, que fez o pacto com Abraão, Isaque e Jacó. O Deus da sua fortaleza e das suas esperanças futuras e da sua existência eterna, é o *El Shadday*, Deus Onipotente; porém, o Deus da revelação e da graça, que habita com o seu povo que o guia e que o defende contra seus inimigos e que recebe a sua adoração, chama-se Jeová.

Não se sabe se o nome Jeová era conhecido dos outros povos antes de generalizar-se entre os hebreus. Desde os dias de Enos que se começou a invocar o nome do Senhor, Gn 4. 26. Não se pode, contudo, inferir que empregassem o nome Jeová. Invocavam o Deus da revelação e da graça qualquer que fosse o nome para designar a idéia de Deus. Ocorre pela primeira vez na formação de nomes próprios na palavra Jacobede, que era o nome da mãe de Moisés e de Arão, Ex 6. 20. Aparece também na formação da palavra *Moriah*. Evidencia-se que o emprego da palavra *Jeová* encontra aplicações muito antes da palavra *Shadday* para exprimir a mesma idéia, Nm 1. 6, 12. Nas gerações posteriores ao êxodo, aparece na palavra Josué, Nm 13. 16, tornando-se freqüente daí em diante, 1 Cr 6. 6, 7, 36. Para conhecer que Deus é Jeová e ter conhecimento da mesma palavra, não quer dizer que exista um reconhecimento externo da mesma palavra, sim o conhecimento experimental da manifestação da graça e do amor de Deus para com o seu povo, 1 Rs 8. 43; Sl 9. 10; 83. 14; Is 52. 6; Jr 16. 21. Em Ex 6. 2-8, Deus promete que os filhos de Israel seriam libertados da escravidão pela graciosa interferência divina de que os seus pais não tiveram conhecimento.

JERÁ, *Lua, mês.*

Nome de uma tribo árabe descendente de Jectã, Gn 10. 26; 1 Cr 1. 20.

JERAMEEL, *Deus é compassivo.*

1. Nome de um dos descendentes de Judá, filho de Hesrom, 1 Cr 2. 9; cp. 4, 5. Os vv. 25-41 mencionam os nomes de duas mulheres de Hesrom que lhe deram numerosa progênie.

2. Nome do filho de um levita chamado Quis (não o pai de Saul), 1 Cr 24. 29.

3. Nome de um dos oficiais que o rei Joaquim enviou para prender ao profeta Jeremias e ao seu amanuense Baruque, Jr 36. 26.

JEREDE, *Descendente?*

1. Nome do filho de Malaleel e pai Henoque, Gn 5. 16-20; 1 Cr 1. 2; Lc 3. 37.

2. Nome de um homem de Judá, e pai dos habitantes de Gedor, 1 Cr 4. 18.

JEREMAI, *Alto.*

Nome de um hebreu que foi induzido por Esdras a separar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 38.

JEREMIAS, *Jeová estabelece.*

1-3. Nome de um benjamita e de dois gaditas que se foram ajuntar com Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 4, 10, 13.

4. Nome de um dos príncipes de uma das casas da meia tribo de Manassés, 1 Cr 5. 24.

5. Nome de um cidadão de Lobna e pai de Amital, esposa do rei Josias e mãe de Joacaz, 2 Rs 23. 30, 31.

6. Nome de um recabita filho de Habsanias e pai de Jezanias, Jr 35. 3.

7. Nome do grande profeta, filho de Helcias, sacerdote de Anatote, na terra de Benjamim, Jr 1. 1. Foi chamado para o ministério profético por meio de uma visão. Era ainda jovem e julgava-se sem a experiência precisa para falar aos homens em nome de Deus. Porém sobre ele estendeu Deus a sua mão e tocou os seus lábios, pondo neles as suas palavras para que se dirigisse às gentes e aos reinos, para arrancar e destruir, para arruinar e dissipar, e para edificar e plantar. Também lhe foi anunciado que êle encontraria grande oposição da parte dos príncipes dos sacerdotes e do povo, porém, que não prevaleceriam contra ele, 1. 4-10. Começou a profetizar no ano décimo terceiro do reinado de Josias, e continuou a sua obra até a tomada de Jerusalém, no quinto mês do décimo primeiro ano do reinado de Zedequias, vv. 2, 3. Deste modo, a sua vida pública se estendeu pelos últimos dezoito anos do reinado de Josias, pelos três meses que Joacaz reinou, pelos onze anos do reinado de Joaquim, pelos três meses do outro rei Joaquim e pelos onze anos e cinco meses do reinado de Zedequias, ao todo quarenta e um anos, sem interrupções, caps. 42-44. Os seus conterrâneos de Anatote foram os primeiros a se lhe oporem, ameaçando-o de morte se não desistisse de suas funções proféticas. Continuou a sua missão a despeito das perseguições. Sentiu profundamente que o povo escolhido por Deus se opusesse tão tenazmente à obra de seu Deus, o que o levou a suplicar justiça, Jr 11. 18-21; 12. 3. As hostilidades que começaram em Anatote generalizaram-se, e novamente pede o castigo para seus inimigos, 18. 18-23; 20. 12. Permaneceu fiel no cumprimento de seus deveres, a despeito da oposição em torno de si. No quarto ano do reinado de Joaquim, ditou as profecias que havia proferido durante os vinte anos anteriores e que o escriba Baruque registou em um rolo de livro. Sentindo-se impedido, por algum motivo, de ir à casa de Deus, o profeta mandou a Baruque tomar o rolo e que o levasse para o santuário para ser lido diante do povo que tinha chegado ao templo por ocasião de um jejum. Este rolo chegou às mãos do rei, que, depois de ler algumas colunas, cortou-o em pedaços e lançou-os ao fogo, 36. 1-26. Sob a direção divina o profeta imediatamente preparou novo rolo, semelhante ao primeiro com alguns aditamentos, vv. 27-32. Um de seus inimigos, Pasur, sacerdote e prefeito da casa do Senhor, o meteu

no cepo, sendo solto no dia seguinte, 20. 1-3. Durante o sítio de Jerusalém, as autoridades judaicas olhavam as profecias de Jeremias acerca do êxito dos caldeus e do subseqüente cativeiro de Judá, sob o ponto de vista político ou militar, em vez de as considerarem sob o ponto de vista religioso. Diziam que tais profecias enfraqueciam o ânimo dos defensores da cidade. Quando os caldeus temporariamente levantaram o cerco para irem ao encontro dos egípcios, Jeremias aproveitou o momento para ir a Anatote a negócios particulares. Quando chegou à porta de Benjamim, foi preso sob o pretexto de querer desertar para os caldeus e por isso foi lançado na prisão, 37. 1-15. Muitos dias depois, o rei Zedequias mandou tirá-lo da prisão, transferindo-o para o vestíbulo do cárcere, vv. 16-21. Mas os príncipes conseguiram que ele fôsse novamente metido no cárcere para morrer, 38. 1-6. Um eunuco etíope, compadeceu-se dêle, intercedeu por ele junto ao rei para que fosse retirado do lago, a que o rei acedeu, mandando que o pusessem no vestíbulo dos guardas, vv. 7-28. Os caldeus, sabendo que Jeremias havia sofrido tão graves injustiças por sua causa, por ordem de Nabucodonosor o soltaram e o entregaram a Gedalias, para que ele habitasse em sua casa e vivesse entre o povo. Foi-lhe também concedida a faculdade de ir para Babilônia, ou ficar na Judéia, cercado de todos os favores e garantias. Preferiu ficar na pátria. Nebuzaradã, general dos exércitos, forneceu-lhe vitualhas e deu-lhe presentes e confiou-o à proteção de Gedalias, que Nabucodonosor havia feito governador de Judá, 39. 11-14; 41. 1-6. Por ocasião do assassinato de Gedalias, Jeremias aconselhou os judeus a não fugirem para o Egito, mas foi em vão: não somente foram para lá como até compeliram o profeta a acompanhá-los na sua jornada, 41. 1 até cap. 43. 7. Proferiu as suas últimas predições em Tafnis no Egito, 43. 8 até cap. 44. 30. Não se sabe como, nem em que tempo morreu. Além das profecias e das Lamentações que trazem o seu nome, parece que escreveu alguns dos salmos cujo estilo muito se parece com o seu.

A par das profecias, o livro de Jeremias revela a vida espiritual de seu autor. Por causa de haver denunciado os juízos de Deus contra seu povo, caiu sobre êle o ódio de seus conterrâneos, com tal violência que chegou a lastimar-se de haver nascido, 15. 10; 20. 14-18. Porém, permaneceu fiel à sua missão. Era sozinho, mal compreendido, malignamente acusado, perseguido, vendo nulificados todos os seus esforços para elevar o moral do povo, privado do conforto do lar e das alegrias da família, 16. 1-9. Muitas vezes esteve privado de sua liberdade, achando-se só com Deus, em quem buscava conforto e consolação. Nesta intimidade aprendeu a confiar só nele e a sentir a sua responsabilidade pessoal para com êle, 17. 9; 31. 29, 30. Deu em resultado esta lição da experiência, que em Jeremias se encontra o modelo da perfeita comunhão com Deus. Religião no coração e na vida é a nota das pregações de Jeremias. Foi chamado para o exercício dessas funções cinco anos antes da descoberta eventual do livro da lei dentro do templo, quando se procedia aos consertos do edifício. Estava êle no meio de seu trabalho profético quando o rei Josias, dominado pela profunda impressão que lhe havia produzido a leitura do livro, iniciou a cruzada contra a idolatria, provocando um renascimento religioso em todo o país. Jeremias, por sua vez, exortou o povo a dar ouvidos às palavras do pacto divino ratificado no monte Sinai, com as ameaças de castigo pela sua violação, acompanhado de preciosas bênçãos no caso de ser observado, 11. 1-8. O profeta exortava o povo contra o perigo de uma reforma apenas de costumes; indicava o coração e a vida íntima como o centro de operações espirituais. Nesta obra didática inspirava-se nos métodos dos antigos profetas, empregando provérbios familiares, e firmando-se nos preceitos da lei moral, 1 Sm 15. 22; Is 1. 11-17; Am 5. 21-24; Mq 6. 6-8; Pv 15. 8; Dt 10. 12.

Fazia constante uso das negações para dar ênfase às suas antíteses, Dt 5. 3. Negava o valor dos sacrifícios e insistia na eficácia da obediência. Deus, realmente, ordena os sacrifícios, Ex 20. 24; 23. 14-19; Dt 12. 6, mas não falava de sacrifícios: este não era o seu tema; Deus falava da conduta moral, Jr 7. 21-23; cp. 6. 20; 14. 12. O sacrifício da obediência é o que agrada a Deus, 17. 24-26; 27. 19-22; 33. 10, 11, 18. Os sacrifícios e os jejuns daqueles que se apartam de Deus não lhe são agradáveis, nem ele os aceita, 14. 10-12. Confiar que Jeová está no meio de Israel, que êle está no templo é confiança vã, como é vã a posse da lei de Jeová. A obediência, e só ela tem valor, 7. 4-7; 8. 7-9. Eventualmente nem mesmo a própria arca era lembrada, 3. 16. Deus olha para o coração, 11. 20; 17. 10; 20. 12. Para servir a Deus é preciso remover as paixões carnais, 4. 4; cp. Dt 10. 16, lavar o coração, 4. 14, e voltar-se para Deus, 3. 10; 17. 5. Oportunamente, o profeta anuncia a existência de novo pacto, quando o povo receberá novo coração, no qual Deus escreverá as suas leis, 24. 7; 31. 33; 32. 39, 40. As suas visões descobrem a glória futura do reino de Israel. Daqui em diante, esta verdade toma assento no coração e se fixa na mente do povo de Deus.

Jeremias escreveu algumas das suas profecias no reinado de Joaquim, mas o rolo do livro foi destruído por este rei, 36. 1, 22. Rapidamente foi reproduzido com bastantes adições, v. 32. O atual livro de Jeremias acha-se enriquecido com o aumento das últimas profecias, e foi preparado no fim de seu ministério. As profecias de períodos diferentes foram colecionadas em conjunto e outras de um só período encontram-se distribuídas pelas várias partes do livro. O volume de Jeremias consta do seguinte: Introdução, narrando a chamada do profeta, cap. 1; três secções contendo profecias, que se prendem aos acontecimentos sociais que lhes serviam de motivo, caps. 2-51, e um apêndice histórico adicionado talvez por outro escritor, 52, cp. 51. 64. As três secções proféticas são:

I. Anunciando a aproximação dos juízos de Deus sobre Judá e a promessa de ser este resgatado do exílio, caps. 2 até 33, incluindo gerais denunciações sobre Judá, caps. 2-20, sobre os chefes religiosos e civis, 21-23, descrição dos julgamentos divinos e de seus desígnios e duração, 24-29, e as profecias anunciando as bênçãos conseqüentes aos juízos de Deus, 30-33.

II. História descrevendo o modo por que seriam executados os juízos de Deus, 34-44, inclusive o estado de corrupção em que se achava o país, por ocasião de ser destruída a cidade, 34-38; narrativa da destruição de Jerusalém, cap. 39; e das miseráveis condições em que ficaram os restos do povo, e bem assim o que Deus anunciava a seu respeito, caps. 40-44.

III. Profecias acerca das nações estrangeiras, 46-51 com uma introdução dirigida a Baruque, cap. 45. Os caps. 23. 5-8; 30. 4-11 e 33. 14-26, falam do Messias, e os caps. 31. 31-40; 32. 36-44 e cap. 33, tratam da nova aliança que Jeová havia de fazer com a casa de Israel. O texto dos Setenta difere consideravelmente do hebraico: os caps. 46-51 estão dispostos em ordem diversa entre si, mas a secção inteira colocada depois do cap. 25. 14-26; 39. 4-13 e o cap. 52. 28-30, não se encontram no grego; em muitos outros lugares a versão grega é mais breve que o texto original; exemplo: 2. 1, 2; 7. 1-3. A brevidade do texto é muitas vezes originada na ausência de palavras sem importância, como sejam a omissão do vocábulo *profeta*; quando se fala de Jeremias; exemplo: 28. 5, 11, 15, da palavra *rei* quando se menciona o nome próprio; exemplo: caps. 36. 32; 37. 17, e vice-versa, caps. 26. 22, 23; 37. 18, 21, a expressão *dos exércitos* depois da palavra Jeová, 6. 6, 9; "Senhor dos exércitos, o Deus de Israel", em que se emprega apenas o nome Senhor, 7. 21; 19. 15, e a expressão "assim diz o Senhor", 2. 9; 3.

10; 7. 13. A ordem cronológica das profecias e das narrações, de acordo com as datas que elas contêm, é como segue:

No reinado de Josias que foi 31 anos:
Aos treze anos de seu reinado, cap. 1
Entre o ano 13 até o ano 31 ..... Caps. 2-6 (cp. 3. 6) e talvez os caps. 7-12 e 14-20
No reinado de Joacaz, que durou 3 meses: Nada
Nos 11 anos do reinado de Joaquim:
No princípio ..... Caps. 26 e talvez 22. 1--19 (cp. 10, 18, 19)
No quarto ano .....
Depois do quarto ano .. Caps. 25, 36, 45, 46. 1-12
Cap. 35 (cp. 1, 11)
Nos três meses do reinado de Joaquim:
Provavelmente, 22. 20-30 e talvez cap. 13 (cp. 18 com 22. 26 e 2 Rs 24. 12)
Nos 11 anos do reinado de Zedequias:
No princípio ..... Caps. 24, 49. 34-39
No quarto ano ..... Caps. 27 (cp. 3, 12; cap. 28. 1), 26; 51. 59-64
Durante a primeira parte do sítio, quando Jeremias ainda estava solto } Cap. 34
Durante a interrupção do sítio. } Cap. 37 (cp. 4, 5)
Depois da continuação do sítio, quando Jeremias estava preso } Cap. 32 (no décimo ano) cp. 33, 38, 39. 15-18.
Na Judéia, depois da queda de Jerusalém:
Caps. 39. 1-14; 40. 1 até 43. 7
No Egito ..... 43. 8-13; e 44
Sem data e às vezes com indicação de tempo. } Caps. 23, 30, 31, 45, 46. 13 até cp. 48 e 49 a 51. 58
Apêndice ..... Cap. 52

8. Nome de um dos sacerdotes que voltaram de Babilônia com Zorobabel, Ne 12. 1.

9. Nome de um sacerdote chefe de família que assinou o pacto de separar-se de mulher estrangeira e de guardar a lei de Deus, Ne 10. 2.

JEREMOTE

Nome de um dos filhos de Bani, induzido por Esdras a separar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 29.

JERIAS, *Jeová vê.*

1. Nome de um capitão que guardava a porta de Benjamim. Durante a retirada temporária dos caldeus que sitiavam Jerusalém, este capitão prendeu o profeta Jeremias, quando este saía para ir à terra de Benjamim repartir uma possessão, acusando-o falsamente de ir ter com o inimigo, Jr 37. 13.

2. Nome de um levita da família de Conte, da casa de Hebrom, 1 Cr 23. 19; 24. 23; 26. 31.

JERIBAI, *Contencioso.*

Nome de um dos filhos de Elnaão, e um dos valentes de Davi, 1 Cr 11. 46.

JERICÓ, *Lugar de suave odor.*

Nome de uma cidade importante situada no vale do Jordão, Dt 34. 1, 3, no lado ocidental, perto do Mar-Morto e ao sopé das montanhas que dão acesso à planície de Judá. Era conhecida pelo nome de Cidade das Palmeiras, Jz 3. 13. A primeira menção que dela se faz nas Escrituras é quando os israelitas se acamparam nas planícies de Moabe, do outro lado do Jordão, Nm 22. 1; 26. 3. Era uma cidade bem fortificada e dominava o vale do Jordão e as passagens para as montanhas do oeste, e, portanto, a sua conquista se tornava essencial ao avanço dos filhos de Jacó. Josué enviou um corpo de espias para examinar a terra, Js 2. 1-24, ficando os israelitas acampados em frente da cidade. Por ordem divina os homens de guerra rodearam a cidade uma vez por dia, durante seis dias consecutivos, levando consigo a arca do concerto. Sete sacerdotes tocavam as trombetas adiante da arca. Ao sétimo dia, deram sete voltas em torno dos muros, quando a um som mais agudo das trombetas, o povo gritou, e os muros caíram, dando entrada a todo o povo. A cidade foi anatematizada e seus habitantes votados à morte, exceto a prostituta Raabe, que havia defendido os espias, bem como a família de seu pai. O ouro e a prata e outros objetos de valor foram levados para a casa do Senhor. Finalmente, Josué declarou que seria maldito do Senhor o homem que reedificasse a cidade, que lhe morreria o seu filho primogênito, quando lhe lançasse os fundamentos, e que perderia o seu último filho quando lhe pusesse as portas, Js 5. 13 até cap. 6. 26. O local foi atribuído à tribo de Benjamim. Estava situado nos limites entre Benjamim e a tribo de Efraim, 16. 1-7; 18. 12, 21. Era residência real de Eglom, rei de Moabe, quando oprimia os israelitas, Jz 3. 13. Os embaixadores que o rei Davi havia enviado ao rei Hanom, rei amonita que os havia insultado, rapando-lhe a metade da barba, ficaram em Jericó até que de novo crescesse, 2 Sm 10. 5; 1 Cr 19. 5. No reinado de Acabe, Hiel de Betel fortificou a cidade, porém perdeu os seus dois filhos, conforme o que havia dito Josué, 1 Rs 16. 34. No tempo de Elias existia ali uma comunidade de profetas, 2 Rs 2. 5.

Pouco antes de Elias ser trasladado ao céu, passou por ela juntamente com Eliseu, que ali voltou depois de separar-se de Elias, 2 Rs 2. 4, 15, 18. Os cativos de Judá que os israelitas aprisionaram no reinado de Peca, foram postos em liberdade em Jericó, 2 Cr 28. 15. Nas suas vizinhanças, o rei Zedequias foi aprisionado pelos perseguidores babilônios, 2 Rs 25. 5; Jr 39. 5; 52. 8. Trezentos e quarenta e cinco dos primeiros cativos, junto com seus descendentes, voltaram do cativeiro com Zorobabel, Ed 2. 34; Ne 7. 36. Alguns dos novos habitadores da cidade ajudaram na reconstrução do muro, 3. 2. Baquides, general sírio, reparou as fortificações de Jericó, durante o período dos macabeus, 1 Mac 9. 50.

Nos primeiros anos do reinado de Herodes, o Grande, os romanos saquearam Jericó, Antig. 14. 15, 3. Subseqüentemente Herodes a embelezou, construiu um palácio real, e por detrás do outeiro que existia ao fundo da cidade, levantou uma cidadela que denominou Ciprus, Antig. 16. 5, 2; 17. 13, 1; Guerras 1. 21, 4, 9. Havia também um hipódromo ainda existente por ocasião da morte de Herodes, Antig. 17. 6, 5; Guerras 1. 33, 6, 8. A estrada de Jerusalém a Jericó foi o teatro da cena descrita por Jesus na parábola do bom samaritano, Lc 10. 30. Na cidade de Jericó Jesus restaurou a vista a dois cegos, sendo um dêles chamado Bartimeu, Mt 20. 29; Lc 18. 35. Foi ali também que Zaqueu encontrou a salvação de sua alma, recebendo em sua casa a Jesus, 19. 1, 2.

Jericó estava situada a 272 metros abaixo do nível do Mediterrâneo, todavia gozava de clima tropical. Produzia palmeiras, árvores balsâmicas, sicômoros e a hena odorífera Ct 1. 14; Lc 19. 2, 4; Guerras 4. 8, 31. As rosas de Jericó tornaram-se famosas pela sua beleza, Eclus 22. 14. A antiga Jericó tinha perto de si uma rica e abundante fonte de águas, *Ain es-Sultan*, que parece ser a mesma cujas águas Eliseu saneou, Guerras 4. 8, 3. Escavações ali feitas revelaram a existência de uma cidade amorita que parece haver sido destruída antes que a influência dos israelitas alterasse a sua existência. A aldeia atual com o nome de Eria, que é o nome hebraico *Yeriho*, levemente alterado, está a 9 quilômetros ao ocidente do Jordão e a cerca de três a sudeste da

referida fonte. É pequena povoação de aspeto miserável.

JERIEL, *Achado por Deus.*

Nome de um dos descendentes de Tola, da tribo de Issacar, 1 Cr 7. 2.

JERIMOTE I, *Elevações.*

1. Nome de um benjamita que se ajuntou a Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 5.

2. Nome de um benjamita da família de Bela, 1 Cr 7. 7.

3. Nome de um dos filhos de Davi e pai de Maala mulher de Roboão, 2 Cr 11. 18.

4. Nome de um levita superintendente dos celeiros da casa do Senhor, no reinado de Ezequias, 2 Cr 31. 13.

JERIMOTE II, *Alturas.*

1. Nome de um homem de Benjamim, filho de Becor, 1 Cr 7. 8.

2. Nome de um homem de Benjamim, 1 Cr 8. 14, talvez o mesmo que traz o nome de Jerobão no v. 27.

3. Nome de um levita da família de Merari da casa de Musi, 1 Cr 23. 23; 24. 30.

4. Nome de um dos descendentes de Hemã e chefe da décima quinta sorte dos músicos no reinado de Davi, 1 Cr 25. 4, 22.

5. Nome de um dos filhos de Ozriel e príncipe em Naftali no reinado de Davi, 1 Cr 27. 19.

6-8. Nome de dois descendentes de Elão, Ed 10. 26, 27, e um filho de Bani, 10. 29. Ambos consentiram em separar-se de suas mulheres estrangeiras.

JERIOTE, *Cortinas.*

Nome de uma das mulheres de Calebe, 1 Cr 2. 18.

JEROAO, *Alcançou misericórdia.*

1. Nome de um levita, antecessor do profeta Samuel, 1 Sm 1. 1; 1 Cr 6. 27, 34.

2. Nome de um benjamita, cujos filhos eram patriarcas e chefes em Jerusalém, 1 Cr 8. 27.

3. Nome de um benjamita, pai de Jobania, que morava em Jerusalém, 1 Cr 9. 8.

4. Nome de um sacerdote da casa de Malquias, 1 Cr 9. 12; Ne 11. 12.

5. Nome de um benjamita de Gedor, cujos filhos foram ter com Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 7.

6. Nome do pai de um chefe da tribo de Dã no reinado de Davi, 1 Cr 27. 22.

7. Nome do pai de um dos capitães que ajudaram a Joiada a pôr no trono de Judá o rei Joaz, 2 Cr 23. 1.

JEROBOAO, *O povo tornou-se numeroso.*

1. Nome de um efraimita que fundou o reino das dez tribos. Seu pai era oficial do exército de Salomão, chamava-se Nebate, da aldeia de Zereda, do vale do Jordão; sua mãe chamava-se Sarva, e era viúva quando o deu à luz, 1 Rs 11. 26. Desde verdes anos que se revelou industrioso e hábil. Salomão conhecedor de suas aptidões, fê-lo intendente dos tributos de toda a casa de José, vv. 27, 28. Aconteceu naquele tempo que Jeroboão saiu de Jerusalém e que Aías silonita, profeta, coberto com uma capa nova, encontrou a Jeroboão no caminho, e estavam sós os dois no campo. E Aías, tomando a sua capa nova de que vinha coberto, a rasgou em doze partes, e disse a Jeroboão: Toma dez pedaços: porque isto é o que diz o Senhor Deus de Israel: Eis-aqui eu rasgarei o reino das mãos de Salomão, e dar-te-ei dez tribos. Esta notícia chegou aos ouvidos de Salomão que intentou matar a Jeroboão. Para salvar a vida, Jeroboão refugiou-se no Egito, cujo rei, Sesaque o recebeu cordialmente, vv. 29-40. Após a morte de Salomão, reuniu-se um congresso das tribos em Siquém para levantar a candidatura de Roboão, filho de Salomão. Jeroboão veio para tomar parte neste congresso. Pôs-se à frente do povo para obter em seu benefício, uma redução nos impostos. Roboão opôs-se a isso em termos muito irritantes. Dez das tribos revoltaram-se e desligaram-se da casa de Davi, proclamando a Jeroboão seu rei. A profecia de Aías teve o seu cumprimento. O profeta exortou a Jeroboão a permanecer fiel ao Senhor, com garantia de se firmar o reino em sua casa, vv. 37, 38. Jeroboão receou que o povo debandasse para a casa de Davi, indo a Jerusalém para adorar o Senhor, e que, sendo rejeitado, lhe dessem a morte. Para evitar esse fracasso, resolveu estabelecer centros de adoração em cada um dos extremos de seu reino, um em Dã e outro em Betel. A despeito do mandamento de Deus proibindo adorar por meio de imagens, levantou um bezerro de ouro em cada um dos dois lugares, 12. 26-30; 2 Cr 13. 8, e recomendou a sua adoração como fez Arão no deserto, Ex 32. 4. Parece que o seu intuito era adorar a Jeová, sob a forma dos dois bezerros. Levantou templos nos altos e pôs por sacerdotes os ínfimos do povo que não eram dos filhos de Levi, visto que nenhum dos sacerdotes legais se prestava a servir em um culto idólatra e cismático, 1 Rs 12. 31; 2 Cr 11. 13-15; 13. 9. Também determinou que a festa das colheitas, celebrada em Judá no dia quinze do sétimo mês, se efetuasse ali no reino do norte, no dia quinze do oitavo mês, 1 Rs 12. 32, 33. A massa do povo concordou nisto. Deste modo, Jeroboão fez Israel pecar. O culto abominável dos bezerros continuou até à queda do reino. Todos os reis que o sucederam continuaram na observância do culto idólatra, com exceção de Oséias. Todos os mais, andaram nos caminhos de Jeroboão, filho de Nabate, que induziu o povo a pecar, 1 Rs 15. 26, 34; 16. 19, 31; 22. 52; 2 Rs 3. 3; 10. 29; 13. 2, 11; 14. 24; 15. 9, 18, 24, 28. A idolatria que Jeroboão estabeleceu foi uma das causas que levaram as dez tribos ao cativeiro da Assíria, 2 Rs 17. 16, enfraquecidas pela divisão. A degradação do culto elevado de Jeová deu em resultado o abaixamento do nível espiritual dos israelitas do norte. Jeroboão foi repreendido pela sua apostasia, primeiramente por um profeta anônimo de Judá, e depois pelo próprio Aías silonita, que lhe havia anunciado a posse do reino. Apesar disso, continuou impenitente, 1 Rs 13. 1 até cap. 14. 18. Reedificou a Siquém e a Penuel, lugares sagrados. Fixou residência em Siquém e mais tarde transferiu-se para Tirza, 1 Rs 12. 25; 14. 17; Ct 6. 4. Por desinteligências entre Jeroboão e Roboão, rebentou a guerra entre ambos, resultando daí uma grande batalha na qual o exército de Israel foi desbaratado com enorme mortandade, perdendo a posse de Betel, que ficava a 18 quilômetros de Jerusalém, 1 Rs 15. 6, 7; 2 Cr 13. 1-20. Jeroboão subiu ao trono no ano 931 A. C. e reinou vinte e dois anos, 1 Rs 14. 20. Um de seus filhos faleceu na infância e o de nome Nadabe, subiu ao trono, 2 Sm 14. 1-17, 20.

2. Nome de um dos filhos de Joaz, rei de Israel, que o sucedeu no trono das dez tribos. Pertencia à dinastia de Jeú, terceiro de seus descendentes. Foi rei em Samaria pelo ano 790 A. C. e reinou quarenta e um anos. Encontrou o reino em condições miseráveis, porém ele o reergueu de novo, elevando-o a um alto grau de prosperidade; tomou Damasco, capital da Síria, e Hamate, uma das cidades dos heteus e restaurou para Israel o território desde Amate até ao Mar Morto, como havia profetizado Jonas, filho de Amati, que era de Gate, 2 Rs 14. 23-28; cp. Dt 3. 17. Amós também profetizou em tempos de Jeroboão (2), Am 1. 1. Desenhou um quadro melancólico do estado moral e religioso de Israel naquele tempo e anunciou o juízo divino contra êle, Am 2. 6 até o cap. 5. 27; 8. 4-6; 7. 1-9; 8. 7-10. Por causa destas profecias, os sacerdotes de Betel fizeram contra ele grandes queixas a Jeroboão, que não produziram o resultado desejado, 7. 10-17. Oséias também começou a sua missão profética ao norte do reino, durante a vida de Je-

roboão. Os três primeiros capítulos pertencem a este período. Por morte de Jeroboão, subiu ao trono seu filho Zacarias, 2 Rs 14. 29.

JERUEL, *Achado por Deus.*

Nome de um deserto da Judéia, adjacente à encosta de Ziz nas vizinhanças de En-Gadi, 2 Cr 20. 16.

JERUSA, *Possessão.*

Nome de uma mulher de Ozias, rei de Judá, e mãe de seu sucessor Joatão, 2 Rs 15. 33; 2 Cr 27. 1.

JERUSALÉM, *Lugar de paz, habitação segura.*

Nome da cidade sagrada, a bem conhecida capital de Judá, da Judéia, da Palestina e dos judeus espalhados por todo o mundo. Por motivos de clareza e para facilitar a exposição deste tópico, dividamo-lo da seguinte forma:

I. Nome. II. A cidade em si mesma, incluindo: 1) descrição do local; 2) reservatórios de água; 3) defesas artificiais; 4) edifícios notáveis no tempo de Cristo. III. História da cidade: 1) no tempo dos cananeus; 2) no tempo dos hebreus; 3) desde os tempos de Tito. IV. Escavações modernas.

I. *Nome da cidade.* O nome mais antigo que se conhece é *Urusalim*, i. é, Jerusalém. Era assim conhecida dezesseis séculos antes de Cristo, muito antes da conquista de Canaã pelos hebreus, sob a direção de Josué, nome este que se encontra em cartas do seu príncipe, dirigidas a Amenófis IV, rei do Egito, seu senhor. Salém, de que Melquisedeque era rei, é abreviação natural da palavra Jerusalém, mencionada como tal na história das conquistas de Canaã, onde às vezes, também se denomina Jebus. De fato, este último nome é muito freqüente logo após a conquista, enquanto os jebuseus a ocuparam; porém, quando Davi a capturou e fez dela a sede de seu governo, o antigo nome Jerusalém ou Salém, por abreviatura, não mais foi alterado, Sl 76. 2. A pronúncia da sílaba final tem sido modificada pelos judeus dos tempos subseqüentes, de modo a parecer uma cidade dual.

II. 1. *Seu local.* Jerusalém está situada sobre um tabuleiro no cume da cordilheira central da Palestina em um dos pontos mais culminantes. Está na mesma latitude da parte setentrional do Mar Morto. A porção do tabuleiro ocupada pela cidade, acha-se isolada do resto deste tabuleiro, exceto pelo lado do norte. Os outros lados da cidade acham-se circundados de profundas ravinas. Este promontório é cortado por um vale que, subindo desde a sua entrada no canto sudeste do promontório, na junção das ravinas de sul e de este, abre-se como um arco de círculo por quase dois quilômetros para o lado do norte, e do seu meio destaca-se um ramo deste vale para o lado do ocidente. Tal era, pelo menos, a configuração primitiva do local da cidade. Com o decorrer dos tempos, graças a melhoramentos municipais e às devastações das guerras, certas elevações desapareceram e alguns de seus vales têm sido nivelados. As ramificações do terreno apresentam três montes principais; um ao oriente, outro ao sul e outro a noroeste. O monte oriental tem um espinhaço que se prolonga por mais de novecentos metros na direção de Norte-Sul, elevando-se à altura de cerca de noventa metros acima dos vales que o circundam, e formando um ângulo obtuso na extremidade sul. A extremidade norte é quase separada (em referência à antiga topografia) do tabuleiro por um ramo da ravina oriental. A cordilheira tem a altitude de cerca de 800 metros acima do nível do mar. Nota-se leve depressão em uma zona de cerca de 33 metros de largo com cerca de 4 metros de profundidade que atravessa a cordilheira na extremidade sul, partindo da chamada Fonte da Virgem em direção ao vale Tiropeom. O monte a sudoeste é o mais largo dos três. Tem a forma oblonga, com um prolongamento para os lados de nordeste da cordilheira, erguendo-se abruptamente sobre os vales que o circundam. A parte plana da sua superfície começa na altitude de cerca de 800 metros acima do nível do mar, alteando-se a mais uns 50 metros para o lado de oeste. O terceiro monte é mais uma projeção do tabuleiro do que mesmo um cabeço; está ao norte do segundo monte já descrito. A atual elevação da parte incluída na cidade, anterior ao período cristão, é de cerca de 800 metros. A tríade de colinas com as suas profundas ravinas, oferece forte proteção para uma cidade, que, além dos vales que a circundam, tem ainda uma cinta de altas montanhas. A ravina oriental está no vale de Cedrom. O monte que fica ao oriente, enfrentando a cidade e as montanhas que a cercam, é o **monte das Oliveiras.** A longa crista que vai de norte a sul, é a colina do templo, chamada monte **Moriá**, pelo menos a parte onde estava edificado o Santuário. A parte sul tinha o nome de Ofel. O tanque de Siloé fica no ponto extremo do vale ao sul. Ao norte do templo encontra-se o tanque de **Betesda**, ou **Betsaida.**

Qual era a altura do monte Sião? A esta pergunta respondem: 1. O monte Sião ficava a sudoeste, segundo opiniões autorizadas desde o quarto século. (a) Sião era a cidade de Davi, 2 Sm 5. 7-9. Josefo afirma que a cidade alta, que é sem dúvida a colina sudoeste, tinha o nome de cidadela de Davi, Guerras 5. 4-1. É de estranhar, porém, que lhe não desse o nome de Sião. (b) Miquéias fez distinção entre Sião e o monte do Senhor, 4. 2. (c) Em Ne cap. 3 registam-se muitas construções na cidade de Jerusalém, e pela sua descrição, entende-se que Sião fazia parte do monte da casa do Senhor. A santidade de Sião explica-se pelo fato de ter sido, por muitos anos, o local, onde se recolhia a arca, sendo assim considerado pelo rei Davi, 2 Sm 6. 12-18; 1 Rs 8. 1-4; Sl 2. 6. O nome Sião passou a designar a própria cidade de Jerusalém, na qualidade de cidade santa, Sl 48. 87, 133. 3. 2. Segundo o dizer de Warren, o monte Sião ficava a noroeste. Este monte é identificado com o quarteirão da cidade, chamado por Josefo Acra, que em grego quer dizer monte alto ou cidadela. Ele denominava-a cidade baixa, de acordo com o costume de seu tempo, mas, a princípio, não era assim. Foi Simão Macabeu que a demoliu por se achar a cavaleiro do templo que lhe servia de quartel, Antig. 13. 6, 7. Os jebuseus serviram-se desta posição como ponto fortificado para sua defesa. 3. O monte Sião, dizem outros, era uma parte do monte do Senhor, isto é, uma parte do monte onde se erguia o templo. Em favor desta opinião aparecem os seguintes argumentos: (a) O monte do templo é o local mais adaptado pela natureza para uma fortificação. (b) A subida para o templo fazia-se saindo da Porta da Fonte, subindo pelas escadas da cidade de Davi, na elevação do muro, por cima da casa de Davi até a porta das águas, Ne 12. 37. As escadas referidas talvez sejam as mesmas que foram descobertas, pelas quais se chegava à extremidade sul do tanque. (c) A palavra Sião emprega-se na acepção de lugar santo em termos tais, que nunca designam a cidade de Jerusalém, mas que se tornam claros, se considerarmos que o vocábulo Sião se refere ao monte onde existia o Templo. Sião designa o monte santo, o monte do Senhor, o lugar de sua habitação, Sl 2. 6; 9. 11; 24. 3; 132. 13. (d) No primeiro livro dos Macabeus, dá-se o nome de Sião ao monte do templo, 1. 33-38. A invariável distinção feita entre cidade de Davi, monte Sião e Santuário, parece indicar que estes termos sofreram alterações de sentido desde os tempos de Davi, como se depreende de 2 Sm 5. 7. A explicação mais simples é que o monte Sião era parte do monte onde estava o templo, e por sinédoque, muitas vezes se aplicava o termo a todo o monte do mesmo modo que a expressão cidade de Davi se dava à municipalidade de Jerusalém, 2 Sm 5. 7; Antig. 7. 3, 2, era extensivo com o aumento da população, aos limites do monte

Sião, compreendendo os novos subúrbios formados nas colinas que ficavam para fora da proteção dos muros da cidade. Portanto, a expressão cidade de Davi umas vezes inclui o santuário e outras vezes não. Os sírios construíram uma fortaleza na cidade de Davi, mas Judas Macabeu veio e tomou posse do santuário que estava no monte de Sião, 1 Mac 1. 33 e seg. 4. 46 e seg. Seguindo esta informação, a fortaleza que Davi tomou, ocupava o norte da crista em que o templo foi edificado mais tarde (Ferguson) ou, como os que advogam esta teoria, a parte sul, o sul templo e também o sul da ravina transversal (Klaiber, Guthe, Sayce).

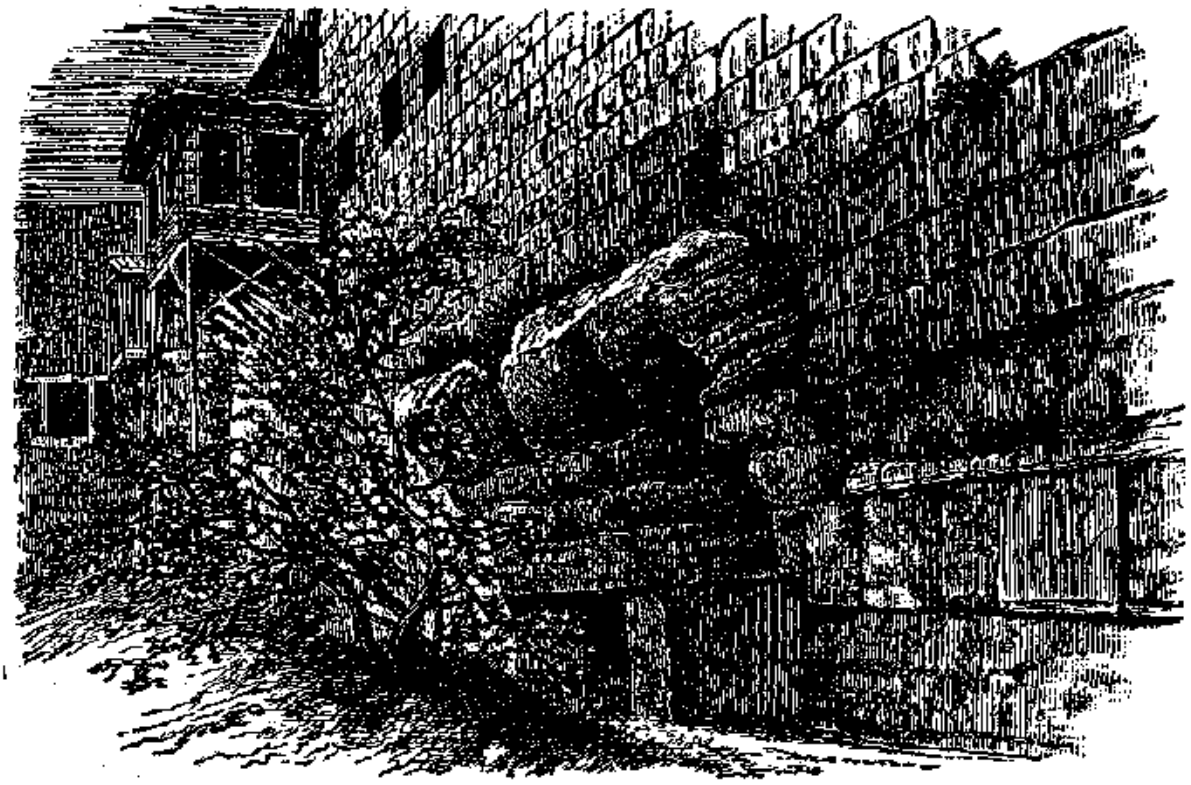
II. 2. *Reservatórios.* Jerusalém foi muitas vezes sitiada, sofrendo as angústias da fome por falta de alimentos que lhe vinham de fora, mas não consta que tivesse sentido a falta de água. Eram os sitiantes e não os sitiados que a sentiam. Não se encontram nascentes de água fora dos muros da cidade, exceto a En-Rogel. Até hoje não se pôde encontrar a nascente que alimentava o tanque de Mamila e o tanque do Sultão. Em Ne menciona-se a fonte do Dragão que igualmente não se tem encontrado, Ne 2. 13. O monte do templo é farto de águas, Tácito, Hist. 5. 12. As fontes conhecidas e seus reservatórios são a Fonte da Virgem no lado oriental com água abundante que daí é levada por um canal subterrâneo para o poço ou tanque de Siloé; a fonte de Siloé, na extremidade sul do monte, onde são procurados, apesar de difícil identificação o aqueduto do rei e o tanque de Salomão, Ne 2. 14; 3. 16; Guerras 5. 4, 1. No lado ocidental da crista, em direção ao templo, achavam-se as águas virtuosas de *Hamâ ssh-Shifa*, e ao norte da mesma crista, o tanque de Betsaida.

As fontes de águas eram suplementadas por cisternas. As torres, levantadas sobre os muros da cidade, continham enormes reservatórios para recolher as águas das chuvas, Guerras 5. 4, 3. Em toda parte da cidade se encontravam numerosas cisternas das quais ainda hoje existem algumas, Tácito, Hist. 5. 12.

Além das fontes das cisternas, ainda traziam águas de lugares distantes. O tanque de Mamila, que ficava a oeste da cidade, é provavelmente o aqueduto das piscinas de cima, no caminho do campo do lavandeiro de que fala Isaías no cap. 7. 3, Guerras 5. 3, 2. Existia também um aqueduto que trazia água desta piscina para o tanque que ficava ao oriente da porta de Jafa, conhecido por tradição pelo nome de tanque de Ezequias, e que provavelmente é o tanque Amigdalom, i. é, o tanque da amêndoa, ou da torre mencionado por Josefo, Guerras 5. 11, 4. Deste tanque sai um condutor subterrâneo na direção do oriente. Em tempos anteriores construíram um reservatório ao norte da área do templo, no lugar em que o pequeno vale se desvia do Cedrom para o lado ocidental, e que era alimentado por águas vindas do oeste. É conhecido atualmente pelo nome de tanque de Israel, e provavelmente é o mesmo *Strouthios* (tanque do pardal ou da saboaria, onde se alvejava a lã), que existia no tempo em que Jerusalém foi sitiada por Tito, defronte da torre Antônia, Guerras 35. 11, 4. O aqueduto mais extenso era o que conduzia água para Jerusalém vindo para lá da vila de Belém. Parece antedatar a era cristã.

II. 3. *Defesas artificiais.* Imediatamente após a tomada de Jerusalém, Davi tomou medidas para cingir de muros a cidade. A velha fortaleza de Jebus passou a chamar-se cidade de Davi, que habitou nela, levantou edifícios ao redor de Milo e no interior, 2 Sm 5. 9; a 1 Cr 11. 8. Salomão construiu Melo e o muro de Jerusalém e terraplenou o profundo sorvedouro da cidade de Davi seu pai, 1 Rs 9. 15, 24; 11. 27. Outros reis que o sucederam fizeram reparos e acréscimos até que o muro atingiu a porta de Jafa a oeste, 2 Cr 26. 9, abeirou-se do vale dos filhos de Hinom, ao sul, Jr 19. 2, e do tanque de Siloé, 2 Rs 25. 4, inclusive Ofel, 2 Cr 27. 3; 33. 14, e ao norte passou além dos subúrbios que se formaram sobre o monte ocidental, 2 Rs 14. 13; 2 Cr 33. 14; Jr 31. 38. Este muro foi abatido por Nabucodonosor, 2 Rs 25. 10.

Neemias reconstruiu-o com os velhos materiais esparsos, Ne 2. 13-15; 4. 2, 7; 6. 15, começando na porta das ovelhas, perto do tanque de Betsaida, 3. 1; Jo 5. 2. Este tanque foi descoberto nas vizinhanças da igreja de Sant'Ana, uns 90 metros distantes da porta do Santo Estêvão, sobre o lado



O arco de Robinson — Da muralha ocidental do templo, sobre o vale Tiropeom

setentrional do vale de Cedrom que se interpunha entre o outeiro do templo e o tabuleiro principal. A porta das ovelhas, estava, portanto, no rumo do vale, ou na encosta do tabuleiro que olhava para o norte, ou para noroeste. Perto da Porta das Ovelhas, na direção do templo, estavam a Torre de Cem e a de Hananel, Ne 3. 1; 12. 39. Depois vinha a Porta dos Peixes, que ficava no quarteirão novo da cidade, 3. 12; Sf 1. 10, e em seguida, a Porta Velha, Ne 3. 6; 12. 39. A alguma distância deste último ponto, estava o muro da rua larga, 3. 8; 12. 38, e mais adiante a Torre dos Fornos, 3. 11; 12. 38. Sucedia a esta, a Porta do Vale, designação técnica do vale que ficava a oeste da cidade, 3. 13; cp. 2. 13-15, mais adiante, a Porta do Monturo, 3. 14, depois a Porta da Fonte e o muro da piscina de Siloé, ao longo do jardim do rei, e até aos degraus que descem da cidade de Davi, 3. 15. Para o lado do oriente deste ponto estava a Porta das Águas, com largo terreiro na sua frente, 8. 1-3; 12. 37. Seguia-se o muro que passava por detrás dos sepulcros de Davi e até a casa dos heróis, 3. 16. Subindo para o ângulo fortíssimo, outro tanto espaço era rodeado de muro, 3. 19, e desde este ângulo até à casa do sumo pontífice Eliasibe, 3. 20, depois vários pontos indicados por outras casas até à volta e até ao ângulo do muro, 3. 24.

Edificaram também o muro defronte da volta da torre que se levanta acima da alta casa do rei no átrio do cárcere, 3. 25. Os natineus habitavam no bairro de Ofel até defronte da porta das águas para o oriente, e até a torre que estava sobranceira, 3. 26; cp. 11. 21. Outro tanto espaço edificaram os de Tecoa, desde a torre até ao muro do templo, 3. 27. Os sacerdotes edificaram desde a porta dos cavalos até a casa de cada um deles, 3. 28. A porta dos cavalos ficava ao oriente, olhando para o vale de Cedrom, Jr 31. 40. Ao pé da casa dos sacerdotes, edificou Zadoque defronte de sua casa e depois dêle edificou Semaías, filho de Secanias guarda da porta do oriente, 3. 29. Outro tanto espaço edificaram Hananias e Hanum, e junto dele edificou Mesulão filho de Baraquias, o muro defronte do seu gazofilácio. E ao pé dele edificou Malquias, filho do ourives, até a casa dos netineus, e dos adelos, defronte da porta judiciária, até a casa do ângulo; e finalmente, entre a câmara do ângulo na porta do rebanho, edificaram os ourives e os negociantes, 3. 29-31.

Duas importantes portas do primeiro muro não são mencionadas, não obstante a existência de, ao menos, uma delas, a porta do ângulo, 2 Rs 14. 13; 2 Cr 26. 9; cp. Zc 14. 10, e a porta de Efraim, Ne 8. 16; 12. 39. A porta do ângulo parece ter sido o ponto extremo do noroeste da cidade, Jr 31. 38, distante cerca de 200 metros da porta de Efraim, 2 Rs 14. 13. Esta última porta dava passagem à estrada que ia para a tribo de Efraim; presume-se, portanto, que se abria no muro setentrional da cidade, e, assim sendo, estava ao oriente da porta do ângulo, e ao ocidente da porta velha, Ne 12. 39. Começando pela porta dos rebanhos, e acompanhando o muro setentrional para o ocidente, a ordem das portas e das torres, é: Porta dos Rebanhos, Torres de Cem e Hananel, Porta dos Peixes, Porta Velha, Porta de Efraim e Porta do Ângulo. É difícil determinar se a torre da rua larga e a dos fornos estavam além da porta do ângulo. Convém notar que a porta do ângulo e a de Efraim se achavam em uma parte do muro que foi deixada pelos edificadores, 3. 8, o que nos leva a crer que não havia mister de reparos.

Havia também outra porta com o nome de Benjamim, por onde passava a estrada para a tribo do mesmo nome, Jr 38. 7; Zc 14. 10. Parece, no entanto, que seja outro nome dado à porta de Efraim. Depois da queda de Samaria e do virtual desaparecimento de Efraim da carta geográfica, a porta que tinha este nome passou a denominar-se de Benjamim. Concluída que foi a reparação dos muros da cidade, pela volta do exílio, passou a se chamar indiferentemente porta de Benjamim, de Efraim e eventualmente porta de Damasco. No período do tempo decorrido entre Neemias e Jesus Cristo, as fortificações de Jerusalém passaram por muitas vicissitudes. Uns 150 anos depois que Neemias reconstruiu o muro, o sumo sacerdote Simão, o Justo, julgou prudente fortificar o templo e a cidade de modo a poderem resistir a um demorado sítio, Ecclus. 1. 1-4, cp. Antig. 12. 1, 1.

No ano 168 A. C. Antioco Epifanes mandou deitar abaixo os muros de Jerusalém. Levantou então uma fortaleza e um largo e poderoso muro com suas poderosas torres que se erguiam na cidade de Davi designação esta que parece referir-se à cidade, não incluindo o templo, 1 Mac 1. 31; 33, 39; 2 Mac 5. 24-26. Esta fortaleza celebrizou-se como a de Acra. Estava a cavaleiro do templo Antig. 13. 6, 7, constituindo durante 25 anos uma ameaça aos judeus. Cerca de dois anos, depois de serem demolidos os muros da cidade, Judas Macabeu os restaurou em parte e reforçou o muro externo do templo, 1 Mac 4. 60; 6. 18-27, 62. Jônatas, seu irmão e sucessor, continuou a obra, acrescentando fortificações adicionais, reconstruindo e reparando os muros, especialmente os que cercavam o templo, 1 Mac 10. 10; 12. 36, 37; Antig. 13. 5, 11. Seu irmão Simão levou a termo a conclusão das obras, 1 Mac 13. 10; 14. 37; Antig. 13. 6, 4. Este grande sacerdote e rei não somente completou as fortificações da cidade, como também obrigou a retirada da guarnição estrangeira, evacuando a fortaleza de Acra, no ano 142 A. C., 1 Mac 13. 49-51. Posteriormente demoliram a fortaleza e arrasaram o outeiro em que se erguia até ao nível do templo, 1 Mac 14. 36; 15. 28; Antig. 12. 6, 7. Simão passou a residir na fortaleza Baris que servia de defesa à parte norte do templo, 1 Mac 13. 52; cp. Ne 2. 8.

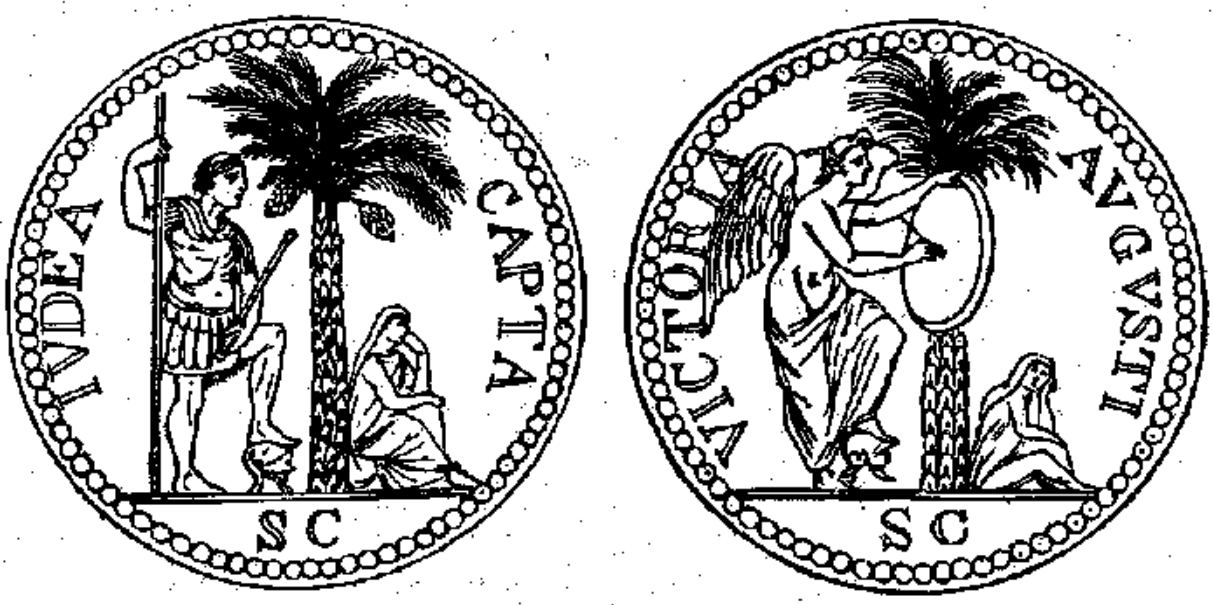
No governo de João Hircano, Antíoco Sidetes desmantelou parte das fortificações da cidade, cujas ruínas o próprio João reparou, Ant. 13. 8, 3; 1 Mac 16. 23, remodelando a fortaleza Baris, e preparando-a para mais forte resistência, Antig. 18. 4, 3; cp. 15. 11, 4. O general romano Pompeu encontrou a cidade fortemente defendida, quando a tomou finalmente no ano 63 A. C. demolindo-lhe os muros, Tácito, Hist. 5. 9, com as referências seguintes. César consentiu que de novo fossem reconstruídos, Antig. 14. 8, 5; Guerras 10. 3, 4. A parte do norte era protegida por duas muralhas que Herodes e seus aliados, os romanos, tomaram em 37 A. C., mas não destruíram, Antig. 14. 6, 2, 4; cp. 15. 1, 2.

No tempo de Cristo ainda existiam as duas muralhas reforçadas com mais uma terceira. Josefo relata que a primeira muralha que ficava mais para dentro, havia sido construída por Davi, por Salomão e seus sucessores. Descreve-a, com referência aos pontos de seus limites, prolongando-se desde a torre de Hípico, que estava imediatamente ao sul da moderna porta de Jafa, até ao ângulo noroeste do muro da velha cidade, para o lado oriental do templo; e desde a torre de Hípico ao sul e ao oriente pelo lado do tanque de Siloé e de Ofel, até ao claustro oriental do templo, Guerras 5. 4, 2, cingindo os montes de este e oeste. A segunda muralha fechava o quarteirão comercial da cidade pelo lado do norte, Guerras 5. 4, 2; Antig. 14. 13, 3. Começava na porta Genate ou porta do jardim, que assim se interpreta o nome, pertencente ao primeiro muro que estava pouco distante da torre Hípico, Guerras 5. 4, 2, 3. 2, e terminava na torre *Antônia*, que antes se chamava Baris, ao norte do templo, Guerras 5. 4, 2. Herodes Agripa I, que reinou na Judéia desde 41 a 44 A. D., empreendeu a construção de um terceiro muro, a fim de encerrar o subúrbio de Bezeta, que se havia estendido para fora das fortificações. Tendo lançado os fundamentos, teve de parar com a obra por ordem do imperador Cláudio; os judeus comple-

taram-na depois. Começou a construção da torre Hípico, que se estendia para o norte até à torre Psefinus que ficava no ângulo noroeste da cidade, Guerras 5. 3, 5; 4. 3; dali tomava a direção das torres das mulheres que estavam ao ocidente da estrada setentrional perto dos monumentos de Helena, rainha de Adiabene, 5. 4, 2; Antig. 20. 4, 3, incluindo o tradicional campo dos assírios, Guerras 5. 7, 3; passava pelas adegas dos reis; dobrava-se para o sul na torre do ângulo, perto do monumento do pisoeiro, e terminava no muro velho que ficava no vale de Cedrom, 5. 4, 2. A circunferência dos muros era de 33 estádios (cerca de 7.400 metros), 5. 4, 3. As defesas da cidade cresceram com a construção da fortaleza Antônia no templo, e com a edificação do palácio de Herodes com as suas torres sobre a parte ocidental do muro adjacente. Tudo isto foi arrasado pelos exércitos de Tito quando tomou a cidade no ano 70 A. D. Deixou apenas o grupo das três torres Hípico, Faselus e Mariana e a porção do muro que cercava a cidade pelo lado do ocidente. O muro servia de abrigo às guarnições romanas e as fortalezas serviam para atestar a espécie de fortificações que o valor dos soldados romanos haviam destruído, Guerras 7. 1, 1.

II. 4. *Edifícios notáveis no tempo de Cristo.* Além dos muros e das fortalezas de que já se falou, existiam muitas outras construções que despertavam gratas, e ao mesmo tempo tristes recordações ao israelita piedoso e patriota. O primeiro dos notáveis edifícios era o templo. Perto dele, ao norte e dentro de sua área, erguia-se a fortaleza Antônia, ocupada pela guarnição romana; ao ocidente, ficava a casa do conclílio, onde se reunia o sinédrio; um pouco mais além, na extremidade da ponte que saía do claustro do templo e galgava o vale Tiropeom, estava o ginásio, ou xistos, lugar detestável por causa da influência desmoralizadora do elemento pagão; em plano superior, dominando o vale e o santuário, erguia-se o palácio dos asmoneus como monumento do valor heróico dos macabeus. Alargando as vistas para o norte do templo para além da fortaleza Antônia, estava o tanque de Betsaida com as suas águas miraculosas; mais para o ocidente ao lado fronteiro da cidade, erguia-se o palácio magnífico de Herodes, com as suas torres inexpugnáveis, que servia também de residência aos procuradores romanos; tomando-se para o sul, encontrava-se o tanque de Siloé, e não muito distante dele, estavam os sepulcros dos reis. Nas vizinhanças destes sepulcros existia o grande anfiteatro que Herodes, o Grande, mandou construir na planície, Antig. 15. 8, 1. Talvez seja o mesmo hipódromo, que havia ao sul do templo, para corridas de carroça, luta de animais ferozes e combate de gladiadores, Guerras 2. 3, 1; Antig. 15. 8, 1. Também servia de prisão, 17. 9, 5; Guerras 1. 33, 6. Outros edifícios se notavam na cidade, tais como: a casa do sumo pontífice, Mt 26. 3; Lc 22. 54; Guerras 2. 17; a casa dos arquivos perto do templo, Guerras 2. 17, 6; a casa da rainha Helena de Adiabene, etc.

III. 1. *A cidade no tempo dos cananeus.* Se a Salém de Melquisedeque for a Jerusalém como é provável, esta cidade emerge na história desde os tempos de Abraão, já governada por um rei da raça semítica, que era, ao mesmo tempo, sacerdote, do Altíssimo. Mâneton, sacerdote egípcio e historiador do terceiro século antes de Cristo, transmite-nos uma tradição que pode encerrar importante verdade e que cronologicamente cabe muito bem aqui, para o efeito de provar que a nação governada pelos reis pastores, em número de 240.000, foi expulsa do Egito por Toumosis (ou Amosis, i. é, Aames, Euz. crôn. 15-17) e fugiu para a Síria; temendo, porém, os assírios que dominavam a Ásia, edificaram uma cidade no país, hoje denominado Judéia, com espaço suficiente para conter o povo, denominando-o Jerusalém (cont. Apiom. 1. 14, 15). A expulsão dos pastores, segundo Mâneton, que se deu alguns séculos antes do êxodo dos filhos de Israel, não deve ser confundida com este acontecimento, que se deu 1.600 anos antes de Cristo. A notícia mais remota desta cidade, encontra-se em um documento datado de 1.500 A. C. quando ainda governada por um rei semita, sujeito a Amenófis IV, rei do Egito. Isto foi antes do êxodo. Quando os israelitas entraram em Canaã, Jerusalém era governada por um rei da raça semítica e ocupada pelos amorreus, ou mais propriamente pelos jebuseus. Josué derrotou o seu rei com os demais reis confederados em Gabaom, carregou sobre eles até Bete-Morom a baixa e alí os matou, Js 10. Desta vez, porém, não se esforçaram para entrar na cidade.



Medalha romana comemorativa da tomada de Jerusalém — A. D. 70

Os jebuseus continuaram a habitar nela. Por ocasião de se dividir a terra conquistada entrou na parte de Benjamim, porém, como estivesse situada nos limites das duas tribos, Judá e Benjamim, o seu castelo dominava uma grande extensão do território de ambas, Js 15. 8; 18. 28. Na guerra movida pelas diversas tribos contra os cananeus, depois da morte de Josué, Judá pelejou contra Jerusalém, tomou-a e lançou-lhe fogo, Jz 1. 8. Nem Judá nem Benjamim conseguiram apoderar-se da cidadela, 21. Reconstruída que foi a cidade, continuou em poder dos jebuseus em companhia dos filhos de Judá e de Benjamim, Js 15.

63; Jz 1. 21; 19. 11, 12. Tal era o estado das cousas quando Davi começou a sua carreira, matando o gigante Golias e trazendo a sua cabeça, a pôs defronte da cidade de modo a ser vista pelos filisteus. Era o símbolo da sorte que a esperava, 1 Sm, 17. 54.

Logo que Davi se fez rei de todo o Israel, unida toda a nação no mesmo espírito de obediência ao novo rei, as tribos de Judá e Benjamim aliaram-se sob o comando de Davi em face do escárnio dos habitantes de Jerusalém que julgavam inexpugnáveis os seus muros, e dela se apoderaram. Daqui em diante, e por muitos séculos, Jerusalém foi a cidade dos hebreus.

III. 2. *Jerusalém, cidade dos hebreus.* Davi fez de Jerusalém a capital de seu reino e o centro religioso do país. A arca, que até então não tinha lugar fixo, desde o tempo em que Jeová permitiu que ela fosse aprisionada em Silo, foi trazida para Jerusalém e posta em um tabernáculo apropriado, começando-se a fazer provisões para a construção do templo. A cidade prosperou grandemente no reinado de Salomão: alargaram-se os muros, levantou-se o templo com grande magnificência cingindo-o de um forte muro, que lhe deu a aparência de uma formidável fortaleza; edificou também um palácio real, de um esplendor que rivalizava com o templo. No reinado seguinte, porém, os exércitos de Sesaque, rei do Egito, entravam na cidade, saqueavam o templo e o palácio, apoderando-se de todos os seus tesouros, 1 Rs 14. 25 e seg. Oitenta anos depois, os filisteus e os árabes que confinam com os etíopes, entraram na terra de Judá e a assolaram e saquearam tudo o que acharam no templo e no palácio do rei, 2 Cr 21. 16, 17. No entanto, a população da cidade foi crescendo, formando novos quarteirões, 2 Rs 20. 4; 22. 14. Antes do princípio do oitavo século já se havia formado um subúrbio no monte noroeste que foi protegido por um novo prolongamento do muro da cidade. Esta parte da cidade formava o centro mercantil que sempre foi, mesmo depois do exílio, e até à destruição da cidade por Tito, Guerras 5. 8, 1. Nesta parte da cidade abriam-se as portas das ovelhas e dos peixes. O quarteirão era cercado pelo vale dos que vendiam queijos, ou mercado de queijos. No reinado de Amazias uma parte do muro da cidade foi derribada, desde a porta de Efraim até à porta do ângulo, e o templo, despojado de todos os seus vasos de ouro e prata que lá foram encontrados, e dos tesouros do rei, por Joaz, rei de Israel, 2 Rs 14. 13, 14. Ozias e Jotão repararam as ruínas, consertaram os muros, levantaram novas torres para defesa, 2 Cr 26. 9; 27. 3. Porém, preparavam-se novas ruínas, além das que a guerra havia feito, porque no reinado de Ozias a cidade foi visitada por um formidável terremoto, Am 1. 1; Zc 14. 5; Antig. 9. 10, 4. No reinado de Acaz, Razim, rei da Síria, aliado a Peca, rei de Israel, sitiou a cidade sem a poder vencer, 2 Rs 16. 5, e logo depois, por causa das inclinações que o rei manifestou pelo paganismo, o templo foi despojado, todos os vasos da casa do Senhor foram feitos em pedaços, as portas do templo fechadas e abolido o sacrifício perpétuo, 2 Rs 16. 14; 2 Cr 28. 24; 29. 7. Ezequias reabriu o templo, restaurou o culto, mas, à vista das ameaças do rei dos assírios, viu-se obrigado a despojar a casa do Senhor e o palácio real de todos os seus tesouros, a despedaçar as duas meias portas do templo e as chapas de ouro de que ele mesmo as tinha forrado. Estas medidas produziram um resultado temporário, porque o rei dos assírios mandou postar diante da cidade, forte e poderoso exército com o fim de a tomar, 2 Cr 19. 3; 2 Rs 18. 15 e seg. Uma intervenção divina veio em socorro da cidade ameaçada: o Anjo do Senhor matou no campo dos assírios cento e oitenta e cinco mil homens. Senaqueribe, tendo-se levantado ao amanhecer, viu todos êstes corpos dos mortos, e foi-se, 2 Rs 19. 35. Quando Manassés voltou do cativeiro, levantou os muros da cidade, consertou as fortificações e pôs oficiais em todas as cidades fortes, 2 Cr 33. 14. Durante os reinados dos filhos e netos de Josias, a cidade sofreu grandes calamidades. Nabucodonosor sitiou-a nos dias de Joaquim e transportou para Babilônia os vasos do Senhor e os pôs no seu templo, 2 Rs 24. 1; 2 Cr 36. 6; Dn 1. 1. Outra vez voltou Nabucodonosor contra Jerusalém e levou dali todos os tesouros da casa do Senhor e da casa do rei, e despedaçou todos os vasos de ouro que Salomão tinha feito, e transferiu toda a Jerusalém, todos os príncipes e todos os valentes do exército, dez mil cativos e todos os artífices e lapidários; transferiu também para Babilônia a Joaquim e a mãe do rei e os seus eunucos e deportou os mais úteis cidadãos, 2 Rs 24. 10 e seg. Nove anos mais tarde, no reinado de Zedequias, cercou a cidade pela terceira vez. O cerco durou dois anos. A miséria dentro dos muros era extrema. Finalmente, abriram brecha no muro, tomaram a cidade, queimaram o templo e os principais edifícios, derribaram o muro e deportaram toda a população válida, deixando apenas os pobres, 2 Rs 25. A cidade ficou assim durante cinqüenta anos. Zorobabel e seus 50.000 companheiros voltaram para Jerusalém no ano 538 A. C. e no princípio do ano seguinte, iniciaram os fundamentos do templo, Ed 2. 64, 65; 3. 8. Os muros da cidade foram reconstruídos sob a direção de Neemias pelo ano 445 A. C. O poder supremo de Babilônia descansava nas mãos dos persas, donde passou para Alexandre, o Grande, rei de Macedônia. A cidade veio a cair em poder de Antíoco, o Grande, no ano 203 A. C.; foi de novo tomada pelos egípcios em 199 e abriu as suas portas a Antíoco que dela se aproximou amistosamente. No ano 170 A. C. Antíoco Epifanes tomou Jerusalém e profanou o templo.

Porém, os macabeus revoltaram-se e no ano 165 A. C. retomaram a cidade e purificaram o templo. Os reis asmoneus construíram perto do templo uma cidadela chamada Baris, ou a torre. Pompeu, general romano, tomou Jerusalém, no ano 63 A. C., abatendo uma parte do muro. Crasso, no ano 54, despojou o templo e os partas saquearam a cidade no ano 40 A. C. Jerusalém foi de novo tomada no ano 37 A. C. por Herodes, o Grande, que reparou os muros, embelezou-a com vários edifícios, e reconstruiu o templo com tal magnificência que deixou a perder de vista o comparativamente modesto templo de Zorobabel. Esta obra foi começada 19 ou 20 anos antes da nossa era e ainda não estava completamente terminada, quando nosso Senhor esteve na terra. Herodes também fortificou a torre Baris que passou a ser torre Antônia. Quando Herodes morreu, a cidade tinha dois muros, que no todo ou em parte cercavam a cidade, que só tinha um, no tempo de Salomão. Herodes Agripa, pelo ano 42 ou 43, isto é, doze anos depois da morte de Cristo, começou a construir um terceiro muro. No ano 70, o exército romano, comandado por Tito, tomou Jerusalém, queimou o templo e a maior parte dos edifícios da cidade, quase toda a cidade ficou destruída durante o sítio. Deitou abaixo todos os muros, exceto a parte ocidental e as torres Hípico, Faselus e Mariana, que ele deixou para mostrar aos pósteros a natureza das fortificações que o valor de suas tropas havia conquistado, Guerras 7. 1, 1.

III. 3. *A cidade desde o tempo de Tito.* No govêrno do imperador Adriano, os romanos deram princípio às fortificações de Jerusalém, como cidade gentílica e conservando-a sob seu governo, graças sem dúvida à revolta de Barcochebas no ano 132 a 135. Depois de sufocada, continuaram as obras de defesa as quais foram concluídas. O nome antigo da cidade desapareceu e passou a ser colônia *Aelia Capitolina, Colônia*, para saber-se que era colônia romana, *Aelia* em honra de Adriano, cujo pronome era *Aelius* e *Capitolina*, porque havia sido dedicada a Júpiter Capitolino. No lugar do antigo templo de Salomão, levantaram um templo a esta divindade pagã. Os judeus

não podiam passar para dentro dos muros sob pena de morte. Os cristãos já eram bem diferenciados dos judeus e por isso a eles não se estendia a proibição. O nome *Aelia* continuou por muitos anos. O imperador Constantino, aos poucos, foi removendo a proibição. No ano 326 Helena, sua mãe, mandou construir duas igrejas, uma em Belém e outra no monte das Oliveiras. No ano 336, o próprio imperador erigiu a primeira igreja do Santo Sepulcro. Em junho de 618, Jerusalém foi violentamente tomada pelos persas sob o comando de Cósroe II, milhares de seus habitantes foram trucidados, e centenares levados prisioneiros para a Pérsia; a igreja do Santo Sepulcro foi reduzida a cinzas. Em 623, por ocasião da morte de Cósroe, Jerusalém caiu de novo em poder dos romanos, sob o comando do imperador Heráclio. No ano 637 rendeu-se condicionalmente aos árabes sob o comando de Omar. Em seguida, o conquistador erigiu o Zimbório da Rocha, que os europeus denominaram Mesquita de Omar, levantada justamente no sítio onde existia o templo de Salomão. Enquanto Jerusalém esteve sob o domínio dos sarracenos, variava muito o tratamento que eles davam aos peregrinos cristãos que iam visitar os lugares santos. Uma vez a igreja do Santo Sepulcro foi incendiada por um chefe fatimita, em outras ocasiões havia tolerância para com eles. As condições mudaram, quando os sarracenos foram despojados pelos turcos no ano 1077. Os insultos e as opressões praticados por aqueles semi-selvagens, então de posse da cidade, despertaram na Europa inteira, tal indignação, que deu origem às famosas cruzadas. Na primeira destas expedições religiosas, Jerusalém foi tomada com o auxílio de uma tempestade, a 15 de julho de 1099, ficando sob o governo de um rei cristão. Este novo regime durou oitenta anos. Durante o período de ocupação cristã, julgaram descobrir muitos lugares novos. As edificações relacionadas com o Santo Sepulcro foram ampliadas; e edificaram novas construções na cidade.

Em 1187 teve de render-se a Saladino, sultão do Egito e da Síria. Com exceção de dois curtos períodos em que esteve em poder dos cristãos, tem permanecido nas mãos dos maometanos. A população da cidade cresceu muito. Em 1863, era avaliada em 5.000 maometanos, 3.606 cristãos e 7.100 judeus, total 15.706 (Keith Johnston). Em 1892, o Dr. Selah Merrill, cônsul dos Estados Unidos, em Jerusalém, diz em relatório ao seu governo, que só a população judaica subia a 25.322. Neste mesmo ano terminaram os trabalhos da construção de uma estrada de ferro de Jafa a Jerusalém. Dez anos depois, a população elevava-se a 40.000.

IV. *Escavações modernas*. "Uma inscrição em árabe, por cima da porta *Yafa*, i. é, Jafa", diz o professor Robinson, "bem como várias outras em diversos lugares, dão a entender que os atuais muros de Jerusalém foram reconstruídos por ordem do sultão Suleiman, no ano da Héjira 948, que corresponde a 1542 da nossa era. Parece que foram construídos no mesmo local dos antigos muros que tantas vezes os demoliram e outras tantas os tornaram a construir durante as cruzadas. Nota-se apenas uma leve alteração no ângulo de noroeste e nos dois outros ângulos de norte e de oeste. Os materiais empregados nas reconstruções eram os mesmos dos muros caídos, e em grande parte, parecendo muito velhos", Bibliot. Res. 1. 384. Os alicerces em grande parte descansam sobre grandes lajes que sem dúvida serviram nos antigos muros. Pode-se perguntar: Não teriam escapado à destruição os fragmentos dos velhos muros, mesmo nos lugares em que não coincidem com os muros atuais? A resposta deve ser afirmativa. O professor Robinson, em 1838, encontrou, perto da porta de Damasco, antigas pedras em esquadria, que nunca haviam sido movidas de sua primitiva posição. Pensou ele que pertenciam à casa dos guardas que defendiam a porta em dias anteriores a Herodes, Bib. Res. 1. 463. Robinson também acreditava que ele e Mr. Whiting descobriram traços de parte dos alicerces do muro de Agripa, 465, cuja observação foi confirmada por Hanauer antes de serem cobertos pelas novas construções, *Palestine Explor. Fund Quarterly Statement*, out. 1892, pág. 295. Sir Charles Warren, sob os auspícios da The Palestine Exploration Fund, fez extensas escavações em Jerusalém, desde fevereiro de 1867 até abril de 1870, sondando os *débris* que em algum lugar iam a mais de 41 metros de profundidade. Verificou, marcando por uma distância considerável, o muro de Ofel, Wilson and Warren, *Recovery of Jerusalém*, 286-289. Desde então, Henry Maudsley, C. E. traçou o curso do primeiro muro, guiando-se pelos vestígios existentes no Monte Sião, *Twenty-one Years*, 59. Quando em 1885 se procedia a escavações para lançar os alicerces do *Grand New Hotel*, um pouco ao norte do Hípico, descobriu-se uma parte do segundo muro, na extensão de 40 metros. O *Exploration Fund* continuou as escavações, sob a direção do Dr. F. J. Bliss, descobrindo os vestígios deste muro até ao vale de Hinom.

JESAÍAS, *Jeová é opulento* ou *salvou*.

1. Nome de um dos filhos de Jedutum, e músico no tempo de Davi, 1 Cr 25. 3.
2. Nome de um levita, filho de Reabias, no tempo de Davi, 1 Cr 26. 25.
3. Nome de um dos filhos de Hananias e descendente de Zorobabel, 1 Cr 3. 21.
4. Nome de um dos filhos de Atalia e chefe da casa de Elã, que regressou de Babilônia com Esdras, trazendo consigo 70 homens, Ed 8. 7.
5. Nome de um levita, filho de Merari que voltou do cativeiro com Esdras, Ed 8. 19.
6. Nome de um benjamita, pai de Eteel, Ne 11. 7.

JESANA, *Velho*.

Nome de uma cidade na parte montanhosa da terra de Efraim, tomada por Abia ao reino de Israel, 2 Cr 13. 19; cp. 20. 8. Acredita-se que seja a aldeia chamada Isanas, onde Herodes, o Grande, derrotou o general de Antígono, Antig. 14. 15, 12. Clermont-Ganneau identificou-a com a moderna aldeia de *Ain Sinia*, situada a cerca de seis quilômetros a N. de Betel.

JESEBEABE, *Habitação paternal*.

Nome de um dos descendentes de Arão. A sua família fazia parte da décima quarta divisão dos sacerdotes, 1 Cr 24. 13.

JESER, *Retidão*.

Nome de um dos filhos de Calebe, 1 Cr 2. 18.

JESIAS, *Jeová abandona*.

Nome de um dos filhos de Harim, que, por ordem de Esdras, abandonou a sua mulher estrangeira, Ed 10. 31.

JESIMIEL, *Deus ergue*.

Nome de um príncipe da tribo de Simeão, 1 Cr 4. 36.

JESIMOM, *Deserto*.

1. Nome de um deserto a nordeste do Mar Morto, não longe do Fasga e de Fogor, Nm 21. 20; 23. 28; I Sm 26. 1, 3.
2. Nome de um deserto ao norte do monte Haquilá e Maom, 1 Sm 19. 23, 24; 26. 1, 3.

A palavra Jesimom nestas passagens não é nome próprio; sua tradução é *deserto*.

JESISAI, *Pertencente a um velho*.

Nome de um gadita, descendente de Buz, 1 Cr 5. 14.

JESOAIAS, *Jeová humilha*.

Nome de um simeonita, príncipe da sua tribo, 1 Cr 4. 36.

JESSÉ

Nome do filho de Obede, da família de Farés, descendente de Naassom, chefe da tribo de Judá nos dias de Moisés, e de Rute, a moabita, Rt 4. 18-22. Teve oito filhos, o mais moço dos quais chamava-se Davi, 1 Sm 17. 12-14. A julgar

pelo que se lê em 1 Cr 2. 15, um deles morreu sem deixar filhos, pois o seu nome desaparece da lista dos filhos de Jessé na passagem citada: a não ser que tenha escapado ao registo o nome de Eliú, mencionado no cap. 27. 18. Jessé teve duas filhas, de outra mulher que não a mãe de Davi, 2. 16; cp. 2 Sm 17. 25. Jessé morava em Belém, e ali, por ordem de Deus, foi enviado Samuel para ungir em rei, um dentre seus filhos. Sete destes filhos haviam desfilado perante o profeta, na ordem de suas idades. Davi, o mais moço deles, estava vigiando as ovelhas de seu pai; chegado que foi à presença de Samuel, este o ungiu para ser rei, 1 Sm 16. 1-13. Irritado Saul pela inveja que tinha de Davi, tratava-o de filho de Jessé, 20. 31; 22. 7; 25. 10, a fim de pôr em relevo a origem humilde de Davi. Saul devia saber que seu pai não tinha posição superior à do pai de Davi. Davi retirou-se para a cova de Adulão, o que tendo ouvido seus irmãos e toda a casa de seu pai, foram lá ter com ele, consentindo assim em participar dos perigos de sua situação. Dali foi ele para Mispa na terra de Moabe, e disse ao rei: "Peço-te que meu pai e minha mãe fiquem convosco, até eu saber que ordena o Senhor de mim", 22. 1-4. Ignora-se em que tempo se deu a morte de Jessé. Apesar de proceder de uma família de bom nome, e de ser ele homem de raras aptidões, ocupava humilde posição social. A esta humilde posição aludem as seguintes passagens: Is 11. 10; cp. Mq 5. 2; Rm 15. 12. O nome de Jessé foi também mencionado com desprezo pelos revoltosos que não queriam ser governados pela casa de Davi, 2 Sm 20. 1; 12. 16; 2 Cr 10. 16.

JESUA, *Jeová é salvação.*

1. Nome de um dos descendentes de Arão, chefe de uma família no tempo de Davi, que formou a nona classe das vinte e quatro em que Davi dividiu os sacerdotes, 1 Cr 24. 1-11.

2. Nome de um dos levitas do reinado de Ezequiel, nomeado inspetor das ofertas voluntárias ao Senhor e das primícias das cousas consagradas ao Santo dos Santos, 2 Cr 31. 15.

3. Nome de um dos sacerdotes que vieram com Zorobabel de volta de Babilônia, Ed 2. 2; 7. 7. Era filho de Josedeque. Tomou parte na edificação do altar do Deus de Israel, e animou os trabalhadores empregados na reconstrução do templo, Ed 3. 2-9. Nas profecias de Zacarias tem o nome de Josué, representando a classe sacerdotal vinda do cativeiro, Zc 3. 1-10; 6. 11-13.

4. Nome de um homem da casa de Paate-Moabe, contado entre os que voltaram do cativeiro com Zorobabel, Ed 2. 6; Ne 7. 11.

5. Nome de um levita, chefe de uma família levítica, que, juntamente com outros membros da mesma família, voltou do cativeiro com Zorobabel, Ed 2. 40; Ne 7. 43; 12. 8. Auxiliou eficazmente o sumo sacerdote Josué, estimulando os operários empregados na fábrica do templo, Ed 3. 9. O representante da casa que tem o seu nome, assinou o pacto de obediência a Deus, Ne 10. 9. Nesta última passagem se diz que Jesua era filho de Azanias. Em Ne 12. 24, a palavra *ben*, filho de, depois de Jesua, é provavelmente corrupção da palavra Bani ou Boni, cap. 9. 4, 5. Não se deu o mesmo com o levita Jesua, que foi pai de Azer, capitão de Masfa. Este Azer trabalhou no conserto do muro, Ne 3. 19.

6. Nome de um levita que ajudou Esdras a explicar a lei ao povo, Ne 8. 7, ensinando-o a adorar a Jeová, 9. 4. 5.

7. Nome de uma aldeia ao sul de Judá, Ne 11. 26.

JESURUM, *Reto, Amado.*

Nome terno, usado em poesia e aplicado a Israel com referência ao caráter moral que ele devia manifestar, Dt 32. 15; 33. 5, 26; Is 44. 2.

JESUS (Imitação da forma grega *Jeshua*, que, por sua vez, é também forma antiga da palavra *Jehoshúa* ou *Joshua*, Josué, que quer dizer: *Jeová é salvação.*

1. Josué, condutor militar do povo hebreu, nas guerras da conquista de Canaã, At 7. 45; Hb 4. 8.

2. Jesus, nome de um antecessor de Cristo, que viveu quatrocentos anos depois de Davi, Lc 3. 29.

3. O nome Jesus ocorre muitas vezes nos livros apócrifos. É o nome que se dá ao autor do Eclesiástico, em cujo livro doze vezes se menciona, aplicados a pessoas diferentes, além das que se fazem a Josué e a Jesus Cristo. Este nome era muito comum entre os judeus do período grego.

4. Nome de um judeu convertido, apelidado Justo, companheiro de Paulo, no trabalho do reino de Deus, Cl 4. 11.

5. Nome de nosso Senhor Jesus Cristo.

JESUS CRISTO

Nosso Senhor foi denominado Jesus, de acordo com as indicações do anjo a José, Mt 1. 21, e a Maria, Lc 1. 31. Quando aplicado a qualquer criança, este nome meramente significava a fé que seus pais tinham em Deus, como salvador de seu povo, ou a sua fé na futura salvação de Israel. Em referência ao filho de Maria, designava a missão especial que ele vinha cumprir: "E lhe chamarás por nome Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles", Mt 1. 21. A palavra Cristo vem do grego *Christos*, e quer dizer ungido, correspondente à palavra hebraica *Mashiach*, que tem o mesmo sentido. Jesus, pois, era o nome da pessoa de nosso Senhor, e Cristo designava o título da sua pessoa (o Cristo), nome este que ficou servindo de nome próprio, isolado da palavra Jesus, ou junto dela.

O objeto do presente artigo é esboçar a vida do Senhor, sobre a terra, pondo em ordem os eventos principais relacionados entre si.

Cronologia. As datas referentes ao seu nascimento e à sua morte não podem ser determinadas com absoluta exatidão. A maior parte dos teólogos concordam entre si dentro de estreitos limites. O nosso calendário atual teve origem em Dionísio Exiguus, abade romano, falecido em 556. Tomou como ponto de partida o ano da encarnação. Deu o nascimento de Jesus no ano da fundação de Roma, 754, começando nele o ano 1 da nova era. Porém, o historiador Josefo demonstra com clareza que Herodes, o Grande, faleceu pouco depois do nascimento de Jesus, Mt 2. 19-22, e alguns anos antes de 754 da era da fundação de Roma. A morte dele deu-se 37 anos depois da sua nomeação pelo senado romano para ser rei da Judéia, A. U. C. 714. Isto deve ser no ano 751 ou 750 A. C., quer contasse a fração do ano pelo ano inteiro, quer não. O ano 750 é o mais provável, porque por uma narração de Josefo, contando que pouco antes da morte de Herodes foram executados por sua ordem, dois rabinos judaicos, e que em a noite desta execução, se deu um eclipse lunar. Os cálculos astronômicos dão este fenômeno no ano 750, em que houve um eclipse parcial da lua na noite de 12 ou 13 de março, e em 751 não se deu eclipse algum.

Narra também Josefo que Herodes morreu pouco antes da Páscoa, que no ano 750 caiu a 12 de abril. Pode-se, com toda a certeza, asseverar que a morte de Herodes se deu a primeiro de abril do ano de Roma 750, ou 4 anos antes da era cristã. Podemos colocar os acontecimentos narrados nos evangelhos, antes daquela data, no tempo entre o nascimento de Cristo e a morte de Herodes, que naturalmente seria uns dois ou três meses. O nascimento de Cristo, portanto, deu-se nos fins do ano 5 ou princípios do ano 4, antes de Cristo. A data de 25 de dezembro, como o natalício de Jesus, começou no quarto século, sem autoridade que a justifique. Pode, contudo ser aceita, como abeirando a verdade, se a dermos a 25 de dezembro do ano 5 A. C., isto é, 5 anos antes do calendário de Dionísio que o dá a 25 de dezembro do ano 1, A. D. A data em que prin-

cipiou o ministério público de Nosso Senhor pode ser determinada principalmente pelo cap. 3 do evangelho segundo S. Lucas, v. 23, onde se diz que o batismo de Jesus se deu quando ele começava a ser de quase trinta anos. Esta declaração é muito precisa. Dado que êle tivesse nascido a 25 de dezembro do ano 5 A. C. deveria ter trinta anos a 25 de dezembro do ano 26. *A data tradicional do batismo de Jesus, é 6 de janeiro,* e supondo-se que se tenha dado no princípio do ano 27, a narração de Lucas, dizendo que ele começava a ser de quase trinta anos, é correta. Esta data é confirmada também pelas afirmações dos judeus, registadas no cap. 2. 20 do evangelho segundo S. João, quando disseram: "Em se edificar êste templo gastaram-se quarenta e seis anos, e tu hás de levantá-lo em três dias?" A reconstrução do templo por Herodes, como se pode provar, foi 19 ou 20 anos antes da nossa era, de modo que os 46 anos, supondo que se tivessem decorrido, quando os judeus fizeram esta declaração, nos transportam outra vez ao ano 27 da era cristã. Finalmente, se o "décimo quinto ano do império de Tibério César", Lc 3. 1, quando João Batista deu começo a seu ministério, for aceito, como não pode deixar de ser, como a época em que Tibério estava associado com Augusto no governo do império, A. D. 11 a 12, coincide com o A. D. 26 e vem confirmar os cálculos já feitos. É certo que todos estes pontos podem sofrer contestações, mas as datas que temos apresentado são as mais prováveis e se confirmam mùtuamente.

A duração do ministério de Cristo, e o conseqüente ano de sua morte são determinados pelo número das páscoas de que fala o evangelho segundo S. João. Se tivéssemos apenas os evangelhos sinóticos, poderíamos inferir que o seu ministério durou apenas um ano, opinião aceita por muitos nos antigos tempos. Porém o evangelho segundo S. João menciona pelo menos três páscoas, 2. 13; 6. 4; 13. 1. É muito provável que a festa referida no cap. 5. 1 de S. João, seja também uma páscoa. Se assim for, no ministério de Cristo deram-se quatro páscoas, na última das quais, ele morreu. Se ele foi batizado logo no princípio do ano 27, a primeira páscoa foi em abril daquele ano: e ele morreu no ano 30, quando a festa da páscoa se realizou a 7 de abril. Aqueles que pensam que a festa mencionada no cap. 5. 1 de S. João, não é a festa pascoal, dão a morte de Cristo no ano 29. Concluimos, pois, como mais provável, que as *datas principais da vida de Cristo, são: nascimento, a 25 (?) de dezembro do ano 5 A. C.; batismo, e o princípio de seu ministério, a 27 de janeiro (?) do ano A. D. e a sua morte,* a 7 de abril do ano 30.

Condições políticas dos judeus. Quando Jesus nasceu, Herodes, o Grande, era rei dos judeus. O seu reino incluía a Judéia, a Samaria e a Galiléia. Pertencia à raça iduméia, mas professava a religião judaica. Seu pai Antipater havia sido nomeado governador da Judéia por Júlio César, e depois de alguns caprichos da sorte, Herodes era declarado rei dos judeus, pelos romanos, no ano 40 A. C. Apesar de independente em muitos respeitos, Herodes se mantinha no poder pelo favor dos romanos e na dependência deles, que praticamente regiam o mundo. *Por ocasião* de sua morte, *quatro anos* antes da era cristã, o reino foi dividido entre os seus filhos. Arquelau recebeu a Judéia e a Samaria; Herodes Antipas, a Galiléia e a Peréia, e Herodes Filipe recebeu o território a nordeste do mar de Galiléia, Lc 3. 1. Porém, no décimo ano de seu reinado, Arquelau foi deposto por Augusto César, e daí então, a Judéia e a Samaria passaram a ser governadas por procuradores até à destruição de Jerusalém, excetuando apenas os anos 41-44, quando Agripa I foi investido nas funções reais, At 12. 1. Durante o ministério de Cristo, portanto, a Galiléia e a Peréia, onde gastou a maior parte de seu ministério, eram governadas por Herodes Antipas, Mt 14. 3; Mc 6. 14; Lc 3. 1, 19; 9. 7; 13. 31; 23. 8-12, enquanto que Samaria e Judéia eram governadas diretamente pelos romanos por meio de seu procurador, que neste tempo era Pôncio Pilatos. O governo romano, quer fosse direto, quer indireto, irritava sobremodo o povo judaico. No tempo de Cristo a Palestina fermentava politicamente falando. Os romanos procuravam dar à nação, a maior autonomia possível, de modo que o sanedrim que era a corte suprema, exercia jurisdição sobre grande número de casos. Os romanos também garantiam muitos privilégios aos judeus, especialmente no que tocava às suas práticas religiosas. Apesar de tudo isto, a nação odiava o jugo estrangeiro, que sempre se fazia sentir quando era preciso, e que de modo algum, permitia a conquista de sua antiga liberdade. A aristocracia judaica, inclusive a maior parte dos saduceus, simpatizava com os romanos. Os fariseus, que formavam a parte mais devotada às observâncias religiosas, geralmente evitavam complicações políticas, mau grado seu espírito conservador e intolerante. Os herodianos de que nos dá notícia a história, favoreciam as pretensões da família de Herodes ao trono da Judéia. Havia, porém, segundo narra o historiador Josefo, um elemento libertador, formado de patriotas, que fazia constantes tentativas para sacudir o jugo estrangeiro. Nestas condições, quem tivesse a pretensão de ser o Messias, não poderia evitar a influência política. Veremos como Jesus evitou cuidadosamente e com bom êxito, este perigo, a fim de proclamar o verdadeiro espírito do reino de Deus.

Condições religiosas do povo judaico. A religião sofria grandemente com o estado político. As classes superiores da sociedade, haviam quase esquecido as esperanças religiosas dos seus antepassados, e a massa do povo sonhava com um reino temporal, perdendo de vista a feição espiritual do reino do Messias. O Evangelho dá notícia de duas seitas dominantes na sociedade judaica: a dos fariseus e a dos saduceus. A primeira zelava pela pureza da religião, mas punha em primeiro lugar as tradições teológicas, as cerimônias e as subtilezas da casuística, deixando à parte a palavra de Deus. A religião de Moisés e dos profetas havia tomado uma forma bem diferente em suas mãos. Os fariseus opunham-se muito naturalmente à religião que Jesus ensinava, toda espiritual e despida de formalismo; apelando para as lições das Escrituras com desprestígio das tradições. Os saduceus, por outro lado, formavam a aristocracia social, a que pertenciam as famílias dos príncipes sacerdotais, gente saturada pela cultura do paganismo, rejeitando as tradições farisaicas, e mais interessada em negócios políticos, do que na relegião. O motivo da sua oposição a Cristo, é que os seus triunfos no meio do povo perturbavam as relações políticas existentes, Jo 11. 48. Entretanto, as cerimônias do culto divino realizavam-se com toda a magnificência no templo de Jerusalém. O povo atendia fielmente, e em grandes massas, às festas religiosas. Havia muito zelo pela religião e pelas tradições. De vez em quando, porém, uma explosão de patriotismo, misturado com fanatismo, assoprava as cinzas quentes das esperanças do povo, convertendo-as em viva chama. Eram poucos os que ainda conservavam o espírito da pura religião e a fé viva em Deus. Estes elementos vivos encontravam-se, principalmente, nas classes humildes da sociedade, nas quais ainda não se havia extinguido a esperança de um Salvador, e foi do centro de um desses círculos de piedade, que Jesus Cristo veio. Pode-se dizer, pois, que o povo judaico, do tempo de Cristo, ainda era povo religioso; conhecia o Antigo Testamento, que se lia nas sinagogas e que as crianças aprendiam na escola. A nação mostrava interesse pela religião, e ao mesmo tempo desejava a sua liberdade política. Tudo isto vem explicar o motivo da excitação popular, quando João Batista começou a pregar no deserto da Judéia, e a exaltação do espírito público que a doutrina de Jesus havia produzido. As classes dirigentes da sociedade opunham-se a ambos estes estranhos profetas de Is-

rael. O método que Jesus adotava na pregação do seu evangelho era eficiente; seus resultados, mesmo considerados pelo lado humano, eram inevitáveis.

A vida de Jesus. As circunstâncias do nascimento de Cristo, mencionadas nos evangelhos, condiziam com a sua dignidade; e harmonizavam-se com as profecias a ele referentes, mesmo aquelas que falavam da sua humilde aparência sobre a terra. Malaquias anunciou, 3. 1; 4. 5, 6, que um arauto com o espírito e com o poder de Elias, havia de preceder o Senhor, quando viesse ao seu templo. S. Lucas começa o seu evangelho, falando do nascimento de João Batista, precursor de Cristo. Um piedoso sacerdote, chamado Zacarias, que não tinha filhos, era de idade avançada, estava desempenhando as suas funções no templo, na ordem da sua turma, para oferecer o incenso, sobre o altar no lugar santo. Apareceu-lhe o anjo Gabriel e anunciou-lhe que seria o pai do precursor do Messias. Devia ser isto em outubro do ano 6 antes da era cristã. Terminado que foi o tempo de seu ministério, ele e sua mulher Isabel retiraram-se para sua casa nas montanhas da Judéia, Lc 1. 39, aguardando o cumprimento da promessa. Dois meses depois, o anjo apareceu a Maria, donzela da linhagem de Davi, residente em Nazaré, desposada com José, que também descendia de Davi, o grande rei de Israel, Mt 1. 1-16; Lc 1. 27. José exercia o ofício de carpinteiro, homem de humilde classe, ainda que de alta linhagem e de elevado sentimento religioso. O anjo anunciou a Maria que ela ia ser mãe do Messias, Lc 1. 28-38, em virtude do Espírito Santo, e que o menino, que se chamaria Jesus, possuiria o trono de seu pai Davi. Ao mesmo tempo anunciou-lhe que Isabel, sua parenta, também havia concebido na sua velhice, estando já no sexto mês. Levantando-se Maria, foi às pressas à casa de Zacarias. Quando se encontrou com Isabel, o espírito de profecia entrou nelas. Enquanto Isabel a saudava, como sendo a mãe de seu Senhor, Maria, semelhante à velha Ana do tempo de Heli, 1 Sm 2. 1-10, produziu um cântico de louvor pela salvação de Israel e pela honra que lhe havia sido conferida. É claro que êstes acontecimentos, tão extraordinários, às piedosas mulheres, possuídas de profundo espírito de fé e dominadas por uma santa exaltação, significariam o cumprimento das esperanças de Israel. Chegado que foi o tempo de Isabel dar à luz, Maria voltou para Nazaré. A defesa de sua honra, Deus a faria em tempo oportuno. José, conhecendo o estado interessante de sua desposada, resolveu deixá-la secretamente, evitando assim um escândalo público. O plano caridoso de José deixou de ser executado, porque um anjo revelou-lhe em sonhos que o que se achava no ventre de Maria era obra do Espírito Santo e que o menino que ia nascer chamar-se-ia Jesus, porque salvaria o seu povo dos pecados dele, para se cumprir o que falou o profeta Isaías, dizendo que este Jesus nasceria de uma virgem. Com fé igual à de Maria, José creu na mensagem, e recebeu legalmente como sua esposa aquela que não queria infamar. Estava assim assegurado que o filho de Maria nasceria de uma virgem. Com fé igual à de Maria, tinha um pai reconhecido pela lei e que sua mãe era protegida pelo amor e pelo respeito de um esposo. Não haverá a menor dúvida que todos estes fatos chegaram ao conhecimento de Maria em tempo próprio. Pelo fato de, nem Cristo, nem os seus apóstolos, aludirem à concepção miraculosa de Jesus, como prova de seu ofício messiânico, de modo algum se enfraquece o valor da narrativa. O fato não constitui prova de caráter bíblico. A história do nascimento de Cristo harmoniza-se muito bem com o que hoje sabemos da sua dignidade e da importância de sua missão na terra. O Messias devia ser a bela flor da vida espiritual de Israel, e, por isso, Jesus nasce no seio de um piedoso círculo familiar, onde a pura religião do Antigo Testamento dominava os corações pela fé e pelo amor. O Messias tinha de aparecer sem aparência do que era, e daí, o ter nascido no lar do carpinteiro de Nazaré; o Messias teria de ser filho de Davi, e, por isso, José, seu pai putativo, e provavelmente a virgem Maria sua mãe, segundo a carne, eram descendentes do grande rei. O Messias devia ser a encarnação divina, unindo-se à natureza humana, e, por isso, nasceu miraculosamente de uma mulher que concebeu por obra do Espírito Santo.

Depois de relatar o nascimento de João Batista e o cântico profético que proferiram os lábios cheios de unção do velho Zacarias, Lc 1. 57-69, sobre o advento do precursor do Messias, o evangelista S. Lucas explica como foi que Jesus veio a nascer em Belém de Judá. O imperador Augusto havia ordenado um alistamento geral de todos os súditos de seu império, e, apesar de a Palestina ser governada pelo rei Herodes, os seus habitantes foram compreendidos no decreto imperial. O alistamento dos judeus, evidentemente, teria de ser feito pelos seus métodos, pelos quais o pai de família tinha de ser alistado no lugar de seus antepassados, e não no da sua residência atual. Portanto, José precisava de ir a Belém, lugar primitivo da casa de Davi. Maria foi com ele. A hospedaria, ou *khan*, onde os estrangeiros poderiam repousar, já estava inteiramente ocupada, quando lá chegaram, e só encontraram abrigo em um estábulo, que, segundo uma antiga tradição, existia em uma caverna perto da cidade. As cavernas serviam muitas vezes para esse fim. O Evangelho não diz que existisse gado lá dentro, sendo provável que estivesse inteiramente desocupada. Naquele tempo, naquele país e entre aquele povo, o estábulo não era lugar tão desprezível para um alojamento, como entre nós; não obstante, era por demais humilde para servir de berço ao Messias. Tal berço estava destinado para o nascimento do filho de Maria, que o depositou em uma manjedoura, Lc 2. 7. Tendo nascido em tão humilde local, nem por isso passou sem notável aviso. Naquela noite, os pastores que guardavam os rebanhos nas campinas próximas, tiveram notícia, por uma numerosa milícia celestial, de que na cidade de Davi havia nascido o Salvador, o Cristo Senhor. E cantavam: "Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens a quem ele quer bem", Lc 2. 14. Os pastores apressaram-se a ir a Belém e viram o menino, relataram o que tinham visto e ouvido, e depois voltaram aos seus rebanhos. Todos estes fatos se harmonizavam perfeitamente com tudo quanto vinha sendo dito em referência à missão de Jesus. É bom notar que este fato se deu em um círculo de humildes pastores, sem fazer eco lá fora no grande mundo. José e Maria demoraram-se por um pouco ali em Belém. No oitavo dia o menino foi circuncidado, Lc 2. 21, e deram-lhe o nome de Jesus, conforme havia sido anunciado. Quarenta dias depois de seu nascimento, Lv 12, seus pais o tomaram, segundo ordenava a lei, e o levaram ao templo, oferecendo Maria ao Senhor o que era ordenado pela sua purificação, e consagraram o menino ao Senhor.

O primogênito dos hebreus deveria ser resgatado por cinco siclos de prata do peso do Santuário, Nm 18. 16, quando fosse apresentado ao Senhor. A mãe também tinha de oferecer em sacrifício o que a lei mandava, e Maria ofereceu um par de rolas ou dois pombinhos que era a oferta dos pobres. As condições precárias desta humilde família tem mais uma vez a sua confirmação. Todavia, o menino Jesus não deixaria a casa de seu pai sem um atestado de sua grandeza. O velho Simeão chegou ao templo, e sobre ele veio o Espírito do Senhor logo que avistou o menino. Deus lhe havia dito que veria o Messias antes de morrer. Tomando o menino em seus braços, deu graças e profetizou a glória e os sofrimentos de sua vida, Lc 2. 25-35. Havia também uma profetisa chamada Ana, avançada em anos, e que não se apartava do templo, a qual deu testemunho, falando dêle a todos como a esperança de Israel, Lc 2. 36-38. Porém, o mais eloqüente

testemunho de sua grandeza é o que segue: Logo que José e Maria regressaram a Belém, uns magos do Oriente chegaram a Jerusalém, declarando que tinham visto a estrela do Messias nos céus, e que vieram adorá-lo. Os judeus, espalhados pelo Oriente, teriam levado consigo as tradições proféticas referentes ao nascimento do Messias, rei de Israel e grande libertador dos homens. Seria com eles que os magos aprenderam a lição? Com certeza estudavam os fenômenos celestes, e Deus serviu-se de suas noções supersticiosas para fazê-los testemunhas, perante o mundo gentílico, e que também esperava à meia-luz da religião natural a vinda do Salvador desejado, mas cujo caráter real não podiam bem compreender. Viram no oriente uma estrela, que por algumas razões consideravam ser indicação de haver nascido o rei dos Judeus. Vindo a Jerusalém, indagaram do lugar do seu nascimento. Esta notícia alarmou o supersticioso Herodes, que convocou uma reunião dos escribas para saber deles onde havia de nascer o Cristo. Quando disseram que havia de nascer em Belém, Herodes os mandou lá, fazendo que prometessem voltar a Jerusalém, a dar notícia do menino. De caminho para Belém viram de novo a estrela sobre Belém e encontraram o menino, a quem ofereceram ouro, incenso e mirra. Podemos imaginar o novo espanto que José e Maria tiveram ao contemplarem a estranha visita dos magos. Era mais um novo sinal dos altos destinos do menino que havia nascido. Avisados por Deus, os magos voltaram para a sua terra por outro caminho, visto que a intenção de Herodes era achar o menino para o matar. José também foi avisado em sonhos do perigo que ameaçava a vida do menino, recebendo ordem divina para ausentar-se para o Egito. E não era cedo de mais, porque o cruel Herodes, que nem poupava a vida de seus próprios filhos, segundo diz Josefo, enviou soldados a Belém para matar a todos os meninos que tivessem menos de três anos de idade. Contava por este modo realizar o desejo de que havia sido privado pela falta dos magos. Belém era lugar pequeno e não deveria ser muito grande o número das crianças mortas, mas nem por isso diminuiu a crueldade do ato. Jesus havia escapado. Não se sabe quanto ficou no Egito. Alguns meses talvez. No Egito havia muitos judeus, entre os quais, o piedoso José encontraria bom acolhimento. Em tempo oportuno, o anjo anunciou a José que Herodes era morto, e que poderia regressar à pátria. Era seu propósito ficar em Belém, cidade de Davi, mas Arquelau, filho de Herodes, reinava na Judéia, o que o fez hesitar. Recebeu novas instruções, em virtude das quais buscaram abrigo na sua velha morada de Nazaré. Em conseqüência disto, Jesus apareceu entre o povo, no começo de sua vida pública, como profeta de Nazaré. Tais são alguns dos incidentes registados nos evangelhos sobre o nascimento e a infância de Jesus. Maravilhosos como nos parecem, não deram na vista do mundo de então. São poucas as pessoas que os testemunharam, ou os esqueceram ou os guardaram para si. Porém, quando se fundou a Igreja, é lícito supor que Maria os revelou aos discípulos. S. Mateus e S. Lucas os escreveram cada um a seu modo, o primeiro ilustrando a realeza de Jesus e o cumprimento da profecia, e o segundo explicando a origem de Jesus e a história de seus primeiros anos. Depois de voltar a Nazaré, nada mais se nos diz a respeito da vida de Jesus a não ser o incidente de sua visita a Jerusalém na companhia de seus pais, que o encontraram no templo a discutir com os doutores da lei, quando tinha apenas doze anos, Lc 2. 41-51. Este incidente é instrutivo: mostra que José e Maria continuavam a ser piedosos e fiéis na educação religi sa do menino. Mostra também como se desenvolveu o espírito religioso de Jesus, visto já se mostrar tão interessado nas questões religiosas em que os rabinos instruíram as crianças. Não se deve pensar que o menino de doze anos estivesse a dar lições aos doutores da lei; devemos antes imaginar que era um dos discípulos que se achavam na escola do templo, e que pelas suas perguntas e pelo alcance de sua inteligência provocou a admiração de todos. Este incidente também ilustra a vida humana que Jesus levava. Ele cresce em sabedoria, em idade e em graça diante de Deus e dos homens, Lc 2. 52. As maravilhas de sua infância eram conservadas em secreto por seus pais. A seus companheiros e aos membros da família, Jesus não pareceria um ente sobrenatural, mas simplesmente um tipo notável pela sua mentalidade e pela pureza de seu caráter. Considerando em conjunto outros fatos incidentalmente mencionados nos evangelhos, poderemos formar alguma idéia das circunstâncias em que a infância de Jesus se desenvolveu. Ele era membro de uma família; tinha quatro irmãos e algumas irmãs, Mc 6. 3, etc.

Pensam alguns que estes irmãos eram filhos de José de um primeiro matrimônio; outros opinam que eram eles primos de Jesus. Parece mais natural, e mais de conformidade com a Escritura, acreditar que eram filhos de José e Maria depois do nascimento de Jesus. Como quer que seja, Jesus cresceu em família, gozando de seus prazeres e obedecendo à sua disciplina. Como seu pai, exercia o ofício de carpinteiro, 3, de modo que estava acostumado ao trabalho manual. Não lhe faltava a disciplina mental. As crianças dos hebreus eram bem instruídas nas Escrituras, o que se evidencia nos ensinos de Jesus. As parábolas revelam um espírito aberto aos ensinos da natureza, tão fecundos para evidenciar a sabedoria de Deus nas obras de sua mão. Nazaré, ainda que um pouco oculta, achava-se na orla da parte mais laboriosa do mundo judaico, e perto das mais famosas cenas da história de Israel. Das alturas que lhe ficavam na face posterior, descortinavam-se, a olho nu, muitos dos lugares associados a grandes eventos. Não, muito distante, via-se o mar da Galiléia, em cujo horizonte se agrupavam todos os elementos da vida mundial, em miniatura. Era também um período de grande excitação política, em que os lares da família se agitavam com as notícias de acontecimentos sensacionais. Não há razão para supor que Jesus tivesse vida de isolamento. Devemos antes imaginar que ele acompanhava com interesse os acontecimentos progressivos da sua pátria. Quanto à linguagem por ele falada, devia ser o aramaico, idioma este que havia substituído o velho hebreu. A língua grega não lhe seria desconhecida por ser falada geralmente na Judéia. Todo este período de sua vida, os evangelistas não relatam. Os seus escritos não tinham por objeto descrever a vida íntima de Jesus, e sim relatar o seu ministério público. Podemos, no entanto, ver o suficiente para provar a naturalidade da vida de Jesus, a adaptação do meio em que vivia e no qual se preparava para a sua obra futura, e a beleza de seu caráter; e, deste modo, apreciar o desenvolvimento gradual de sua humanidade, até chegar o momento de oferecer-se a seu povo como o enviado de Deus. Aproximava-se a hora, quando, talvez no verão do ano 26, João, filho de Zacarias, que até então havia passado vida de devoção ascética no deserto, Lc 1. 80, recebeu de Deus a comissão de convidar o povo a arrepender-se de seus pecados e preparar-se para a vinda do Messias. João andava em volta do vale do Jordão, administrando o rito do batismo a todos que criam na sua mensagem. Chamava o povo e os indivíduos ao arrependimento em tom dos antigos profetas, especialmente do profeta Elias, anunciando que o Messias estava a chegar, para purificar a Israel e fazer expiação pelos pecados do mundo, Mt 3; Mc 1. 1-8; Lc 3. 1-18; Jo 1. 19-36. O efeito do seu ministério foi longe. Desde a Galiléia, o povo acudia a ouvi-lo. O sinédrio enviou deputados para saber da autoridade de sua missão, Jo 1. 19-28. Enquanto as classes dirigentes da sociedade se mostravam indiferentes à sua pregação, Mt 21. 25, o vulgo despertava. O caráter puramente religioso da sua mensagem levou muita gente a crer

que as esperanças de Israel iam ter o seu cumprimento. O ministério de João Batista durava seis meses ou mais, quando Jesus aparece no meio das multidões, chegando-se a João para ser batizado. Instintivamente, o Batista reconheceu aquêle que não precisava de arrependimento para ser batizado; viu nele o Messias, e disse: "Eu é que preciso ser batizado por ti, e tu vens a mim?" Mt 3. 14. Não se deve pensar que Jesus ignorasse ser ele verdadeiramente o Messias. Pela sua resposta se vê o contrário: "Deixa por enquanto, porque assim nos convém cumprir toda a justiça." O batismo significava para ele, em parte, dedicação pessoal à obra anunciada por João, e também queria dizer que ele ia tomar sobre si o pecado do povo que ele veio salvar. Logo que saiu da água, Mc 1. 10; Jo 1. 33, 34, João viu os céus abertos e o Espírito de Deus que descia em forma de pomba e pousava sobre ele; e ouviu-se uma voz que dizia: "Este é o meu Filho amado em quem eu me comprazo" Mt 3. 17. Estava plenamente consumado o consórcio da natureza humana de nosso Senhor com o poder espiritual para o seu ministério. Verdadeiramente homem e verdadeiro Deus, que ele era, provou-o a tentação que imediatamente se seguiu. Não devia iniciar a sua obra sem ter preparo mental adequado. Para evidenciar a sua vocação, foi levado pelo espírito ao deserto. Ali, o grande tentador o foi encontrar, procurando perverter os seus propósitos, aplicando-os a fins mundanos e egoísticos. Jesus devia ter relatado a seus discípulos esta provação. Conquanto não possamos duvidar da realidade material do tentador e das feições físicas da cena como a descrevem os evangelistas, Mt 4. 1-11; Lc 4. 1-13, não se deve ignorar que a força da tentação consistia na subtileza com que o mundo foi apresentado a Jesus, em um aspecto muito mais atraente do que a vida de obediência a Deus com seu fatal epílogo. Jesus voltou dali para o Jordão, inteiramente dedicado à sorte que lhe estava destinada para cumprir a vontade de Deus. Daqui em diante, começou a chamar os discípulos. Sem altas e retumbantes proclamações de seu advento, deu princípio à sua obra. O Batista o apontou a alguns de seus discípulos, como o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, Jo 1. 29, 36. Dois deles, João e André, seguiram o novo profeta. Logo depois veio Simão, 35-42. Um dia mais tarde, Filipe e Natanael receberam convite, 43-51. Com este pequeno bando, Jesus regressou à Galiléia, e em Caná operou o seu primeiro milagre em que os discípulos testemunharam os primeiros lampejos da sua futura glória, 2. 1-11. É caso para estranhar que Jesus não fizesse este milagre mais publicamente. O novo movimento começou com uns poucos de obscuros galileus.

A narrativa de S. João deixa bem claro que Jesus tinha perfeito conhecimento de si e da missão que o trouxe ao mundo. Esperava apenas o momento favorável para se apresentar a Israel como o seu Messias. Este momento devia ser por ocasião da festa da páscoa, abril, de 27. De Cafarnaum, para onde tinha ido com sua família e com os discípulos, 12, subiu a Jerusalém e ali procedeu à purificação do templo, lançando fora os que o profanavam, ato digno de um profeta, reformando o culto de Deus. As palavras de Jesus: "Tirai isto daqui e não façais da casa de meu Pai, casa de negociações" 16, indicam que pretendia ser mais do que um profeta. Havia de fato um apelo para todo o Israel para acompanhá-lo na obra de reformar a religião. Foi somente, depois de rejeitado, que ele procedeu à organização da nova igreja do futuro. Bem sabia ele que não o haviam de acompanhar, como bem o provou o diálogo com Nicodemos, predizendo, ainda que em linguagem velada, a sua morte às mãos dos judeus, 19, enquanto que, na conversa com Nicodemos, mostra a necessidade de um novo nascimento e a conveniência de seus sofrimentos, 3. 1-21, a fim de que os pecadores pudessem entrar no reino que o amor de Deus lhe havia mandado estabelecer na terra. Devemos ao evangelista S. João, 2. 13; até cap. 4. 3, a notícia do primeiro ministério de Jesus na Judéia, que durou cerca de nove meses. Depois da Páscoa, Jesus se retirou da cidade, e começou a pregar a necessidade do arrependimento, como o Batista ainda estava fazendo. Por um pouco, os dois operavam em linhas paralelas. Somente depois que João acabou a sua missão, é que Jesus começou a trabalhar sòzinho. Finalmente, os discípulos de Jesus foram em maior número que os de João. Não importava, porém, que houvesse rivalidade entre ambos, Jo 4. 1-3. Voltou Jesus novamente para Galiléia. Passando por Samaria, deu-se a notável entrevista com a mulher samaritana, à beira do poço de Jacó, 4-42. Dali seguiu apressadamente para noroeste. Chegado que foi à Galiléia, notou que o precedia a fama de seu nome, 43-45.

Um régulo, cujo filho estava doente em Cafarnaum, foi ter com Jesus a Caná de Galiléia, rogando-lhe que fosse à sua casa curar a seu filho que estava a morrer, 46-54. Era perfeitamente claro que a Galiléia devia ser o centro de suas operações, porque os campos em roda, estavam branquejando próximos à ceifa, 35. Este fato parecia indicar que havia chegado a hora para começar a sua obra. João Batista havia sido posto na prisão por ordem de Herodes Antipas. A obra do precursor estava terminada. A velha igreja judaica recebeu formal convite para arrepender-se e reformar os seus costumes. Este convite ela desprezou. Jesus, dal por diante, começou a pregar o reino de Deus, na Galiléia, anunciando os princípios geradores da nova dispensação, e formando o núcleo da futura igreja. O grande trabalho ministerial de Jesus em Galiléia durou dezesseis meses. Centralizou-os em Cafarnaum, empório comercial da província. A população predominante era judaica e aquela região estava escoimada de autoridades eclesiásticas. Evidentemente, Jesus tinha em vista manifestar o verdadeiro reino de Deus, e, por meio de suas maravilhosas obras, tornar evidente a sua autoridade e o caráter do reino espiritual que vinha estabelecer. Queria que cressem nele; manifestou o seu caráter divino e ensinou aos homens as obrigações que tinham para com o seu Deus. Não se apelidou de Messias para evitar a má compreensão por parte dos espíritos prejudicados pelas noções falsas a respeito deste nome. Geralmente falava de si como sendo Filho do Homem. A princípio não aludiu à sua morte. Não era tempo ainda para ser compreendido sobre este assunto. Ensinou os princípios da verdadeira religião, com a autoridade de sua própria pessoa. Suas obras maravilhosas produziam grande entusiasmo no povo. As atenções para a sua pessoa generalizaram-se de tal modo em tôdo o país, de sorte que toda a gente desejava vê-lo e ouvi-lo. Como era de prever, os resultados finais não correspondiam aos seus esforços: o povo não compreendia as cousas espirituais. Somente um pequeno grupo lhe era fiel. Todavia, pelos seus ensinos, estabeleceu verdades que o grupo de seus discípulos teriam de levar a todo o mundo, depois de sua morte. Em relação à ordem dos acontecimentos durante o ministério da Galiléia, o leitor poderá consultar o artigo — *Evangelhos*. Aqui, apenas mencionamos os fatos culminantes da história. O primeiro deles foi o ato inaugural de sua obra, consistindo em milagres, em apelos para crer no Evangelho e no despertamento de entusiástico interesse dos galileus pela pessoa de Jesus. Este ato inaugural compreende também os eventos mencionados na Harmonia dos Evangelhos, começando com o primeiro ato de rejeição em Nazaré, e terminando com o banquete em casa de Levi. O encerramento desta fase de sua obra, que durou cerca de quatro meses, deu em resultado a formação de um centro de geral interesse na Galiléia, e congregar em torno de sua pessoa um pequeno grupo de fiéis e dedicados discípulos. Pouco se diz ainda acerca de doutrina, mas desse pouco e dos milagres que operou, tais como, a cura do endemoninhado, Mc 1. 23-27, a cura do leproso, 40-45, a cura do para-

lítico, 2. 1-12, a pesca miraculosa, Lc 5. 1-12, é claro que a substância de sua mensagem estava compreendida na leitura que ele fez na sinagoga em Nazaré, 4. 18-21: "O Espírito do Senhor repousou sobre mim, pelo que ele me consagrou com a sua unção, e enviou-me a pregar o Evangelho aos pobres, a sarar aos quebrantados de coração, anunciar aos cativos redenção, e aos cegos vista; a pôr em liberdade aos quebrantados para seu resgate, a publicar o ano favorável do Senhor, e o dia da retribuição." O aspecto do trabalho em breve mostrou nova feição, graças à resistência dos fariseus. Começa aqui a segunda fase do ministério de Jesus em Galiléia. Agora ele visita Jerusalém, Jo 5. 1, cura um paralítico em dia de sábado, por cujo motivo explode contra ele o ódio dos rabinos e dos sacerdotes. Este conflito parece que Jesus o provocou muito de propósito, com o fim de mostrar a diferença entre o espírito de sua doutrina e os ensinos do judaísmo. Vê-se nele o verdadeiro intérprete do Antigo Testamento, dando o sentido real das doutrinas, com expresso apelo à sua autoridade como Filho de Deus, divinamente destinado para instruir os homens. Esta nova fase compreende, além do que se contém no cap. 5 de S. João, mais os incidentes da colheita das espigas e da cura de um homem que tinha a mão ressequida.

O conflito com os fariseus e o interesse crescente que o povo mostrava por Jesus, deu origem à terceira fase desta parte de seu ministério, com a organização de seus discípulos em um corpo; nomeia os doze apóstolos, no famoso sermão da montanha descreve o caráter e a vida dos verdadeiros membros do Reino de Deus, sublime exibição de uma existência genuinamente religiosa, em ridente harmonia com o Pai celestial, consagrada ao seu serviço, na salvação do mundo, real cumprimento da antiga lei, ainda que em oposição ao formalismo e à superfluidade dos fariseus, ideal de confiança e de comunhão com seu Deus. No sermão do monte, Jesus não ensinava o caminho da salvação, nem sintetizava as doutrinas de seu evangelho. Neste sermão, em que atacava o farisaísmo e a ignorância popular, ensinava, ao mesmo tempo que a vida espiritual é a manifestação do reino de Deus, no qual se entra pela fé em Jesus. Feito, como foi, o esboço da nova organização, chegamos à quarta fase, que se caracteriza por uma sucessão de milagres e de viagens pela baixa Galiléia, em companhia de seus apóstolos, com o fim de estender a sua influência.

Esta fase desenvolve-se harmônicamente, desde o final de seu sermão do monte, até ao tempo em que Herodes indagou quem era o novo profeta. Durante estes meses cresceu o interesse popular acerca de Cristo, e na mesma proporção, cresceu também a oposição dos fariseus. O mais notável ponto desta história é o dia das parábolas. A parábola era uma forma de instrução em que Jesus não tinha rivais. Era um meio de ministrar a verdade às mentes receptivas, e ao mesmo tempo evitar o emprego de expressões que pudessem servir de arma na mão de seus inimigos. O ensino, por meio de parábolas, neste período, revela a gravidade crescente da situação, que exigia prudentes reservas da parte de Cristo. É digna de grande admiração a incomparável perícia com que ele incorporava nestas simples histórias as mais profundas verdades, a respeito da origem e desenvolvimento do seu reino espiritual que estava fundando neste mundo, bem como dos perigos e dos destinos a ele inerentes. Afinal, sobreveio uma crise à sua obra em Galiléia. Herodes Antipas começou a indagar acerca de Jesus, fato este que podia originar complicações, como já havia acontecido com João Batista, que o levaram à prisão e que originaram a sua morte. Contudo, a nova situação dava ao povo boa oportunidade de experimentar suas relações com a verdade. Nesta ocasião ocorreu um fato que veio resolver a crise. Jesus se havia retirado com os doze a um lugar deserto. As multidões acompanharam-no e acamparam-se a nordeste do mar de Galiléia. Compadecido de suas necessidades, Jesus as alimentou milagrosamente, sustentando-as com cinco pães e dois peixes. Eram cinco mil os que comeram, e todos ficaram fartos. Subiu de tal modo o entusiasmo dos galileus, que o queriam arrebatar para o fazerem rei, Jo 6. 15. Este fato veio provar quão longe estavam eles de compreender a sua missão. Ia chegando o tempo de dar fim à sua obra. Desde o princípio que ele dava a entender que veio a este mundo para ser entregue à morte, e que somente pela morte poderia salvar o mundo, Jo 3. 14, 15. Era tempo de se preparar para o sacrifício. No dia que se seguiu ao milagre dos cinco pães, Jesus proferiu em Cafarnaum, o discurso recordado no cap. 6. 22-71, falando de si como sendo o pão da vida, e da necessidade que todos tinham de comer a sua carne e de beber o seu sangue para terem vida. Depois de algumas objeções dos fariseus sobre práticas cerimoniais da religião, Mc 7. 1-23, foi com seus discípulos para os confins de Tiro e de Sidônia.

O período seguinte da vida de Cristo é o último do seu ministério em Galiléia, e durou seis meses. Foi a única vez que Jesus penetrou em território de gentios, i. é, em Tiro e Sidônia. Tendo passado para o lado sul ao longo do Jordão superior, e do mar de Galiléia, encontramo-lo na região de Decápolis. Voltou de novo para a parte setentrional da Galiléia e, finalmente, entrou em Cafarnaum. Neste período, dedicou-se principalmente a preparar o espírito de seus discípulos para a morte que se avizinhava e falava-lhes sobre a extensão de seu reino, entre todos os povos. Pregou pouco e isso mesmo de preferência aos gentios, ou às populações mistas do oriente e do sul do mar de Galiléia. Finalmente, perto de Galiléia de Filipos, na raiz do Monte Hermom, provocou a confissão de seus discípulos, declarando-se estes quanto ao caráter de sua pessoa, e, em seguida, disse-lhes claramente que ia a Jerusalém para ser morto e ressuscitar ao terceiro dia. E disse-lhes mais: "Se algum quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me." Pouco depois, deu-se a transfiguração, em que três de seus apóstolos testemunharam a sua glória e em que, com sublime exaltação de espírito, se consagrou ao sacrifício que a lei e os profetas anunciaram, e que Moisés e Elias relembraram. Continuou a repetir a predição de sua morte. Chegando a Cafarnaum, instruiu seus discípulos, Mt 18, sobre o serviço de Deus, para o qual deviam ser abnegados, humildes e amorosos, de que êle era exemplo permanente.

Estamos agora no princípio do outono do ano 29. Jesus sai de Cafarnaum pela última vez e dirige-se para Jerusalém, Lc 9. 51. O período seguinte de seu ministério é a última jornada que ele faz para aquela cidade. É impossível acompanhar com exatidão a ordem das viagens que Jesus fez, porque S. Lucas, que nos serve de base neste estudo, não é muito exato no seu método de narrações cronológicas. As feições salientes deste período são suficientemente claras. Jesus procura atrair a atenção pública de todo o país, inclusive a Judéia. Enviou setenta discípulos para anunciarem a sua vinda; visitou Jerusalém pela festa dos tabernáculos, Jo 7, e outra vez, na festa da dedicação, 10. 22, e em ambas as vezes, mostrou-se ao povo, chamando-se a luz do mundo, o bom pastor do rebanho divino, valorosamente disputando com os doutores que se opunham à sua doutrina. Andou pela Judéia e pela Peréia, explicando em discursos populares e com a maior beleza de ilustrações de que nunca antes o fizera, a verdadeira vida religiosa, a noção real da idéia de Deus e da natureza de seu serviço. Aqui entram as parábolas do samaritano, do banquete de núpcias, da ovelha perdida, da dracma, do filho pródigo, do servo infiel, do rico e Lázaro, da viúva importuna, do fariseu e do publicano. Assim, os ensinos do Evangelho se tornaram mais completos, ao mesmo tempo que a oposição dos inimigos se mostrava mais violenta e feroz, culminando em um fato de mais intenso valor.

Vieram contar a Jesus que o seu amigo Lázaro de Betânia estava doente. Indo vê-lo, achou que havia quatro dias tinha sido sepultado. Jesus chamou-o à vida, operando um milagre que deixava a perder de vista quantos havia feito antes, 11. 1-46, tão estupendo, e operado tão perto de Jerusalém, que produziu ali grande sensação, não só entre o povo da capital como do sinédrio, que tinha como presidente o pontífice Caifás. Reunido o conselho dos pontífices e dos fariseus, decidiram que a influência de Jesus só poderia ser aniquilada pela morte, 47-53. Daqui em diante, Jesus subtraía-se às vistas do povo, 54, evidentemente determinado a não se entregar antes da páscoa. Logo que se avizinhou o dia da festa, foi-se chegando à cidade, vindo de Peréia, Mt 19 e 20; Mc 10; Lc 18. 15 até cap. 19. 28. À medida que se aproximava, ia profetizando a sua morte e ressurreição, até que chegou novamente a Betânia, seis dias antes da festa, Jo 12. 1. Em Betânia, Maria, irmã de Lázaro, ungiu-lhe os pés e a cabeça, quando Jesus ceava, fato este que silenciosamente anunciava a morte do Senhor. No dia seguinte, deu-se a entrada triunfal em Jerusalém, com grande desafio à inveja e ao ódio dos príncipes dos sacerdotes. Entrou montado em um asninho, simbolizando o espírito pacífico do reino que veio fundar na terra. De volta, mais uma vez, a Jerusalém, e pelo caminho encontrou uma figueira coberta de folhas, porém sem fruto algum, a qual ele amaldiçoou, emblema da igreja judaica, tão pretensiosa, porém, vazia de frutos. Então, como havia feito três anos antes, purificou o templo, lançando fora os cambiadores que profanavam os átrios, tácito convite à nação para acompanhá-lo na purificação de Israel. Os peregrinos que tinham vindo para a festa que o haviam aclamado na sua entrada triunfal agrupavam-se em torno de Jesus, plenos de entusiasmo. Apesar disso, os inimigos conservavam intenso ódio. No dia seguinte, terça-feira, Jesus chega de novo à cidade, e entra no templo. O sinédrio enviou ao seu encontro uma deputação para saber dele com que autoridade fazia todas estas coussas. Recusou responder como desejavam, uma vez que estavam resolvidos a dar-lhe a morte. Por meio das parábolas dos dois filhos, do feitor iníquo e das bodas do filho do rei, pôs em relevo a desobediência às leis de Deus, a falta de fidelidade para com Ele e as funestas conseqüências que viriam sobre a cidade e a igreja. Com o intuito de encontrar motivos para acusações e enfraquecer a sua autoridade, vários grupos o assediaram com perguntas. Os fariseus e os herodianos foram perguntar-lhe se era lícito dar tributo a César; os saduceus interrogaram-no sobre a ressurreição; um doutor da lei, queria saber qual era o grande mandamento da lei. Pelas suas respostas reduziu ao silêncio a cada um dos adversários, e confundiu-os, citando as palavras de Davi, dirigidas ao Messias como seu Senhor, porquanto, a linguagem do salmista, bem mostrava que Jesus não blasfemava, quando se dizia filho de Deus. Este foi um dia de grande conflito. Jesus denunciou com veemência, a indignidade dos condutores de Israel, Mt 23. 1-38. Quando alguns gregos mostraram desejo de vê-lo, Jesus descobriu nisso a futura rejeição dos judeus, e que os gentios o receberiam. Estava prestes a realização destas palavras, Jo 12. 20-50.

Ao sair do templo, disse com tristeza a seus discípulos que brevemente aquele esplêndido edifício seria destruído.

No mesmo dia à tarde, revelou a quatro de seus discípulos a destruição da cidade. Anunciou-lhes que o seu Evangelho seria espalhado em todo o mundo, que os crentes sofreriam grandes perseguições. Profetizou a sua volta ao mundo, mostrando-nos que no meio da tempestade levantada pelas hostilidades judaicas, o Mestre divino conservava a visão clara do seu futuro e caminhava ao encontro do sacrifício com certeza na vitória final. Talvez que na noite daquele dia ficasse decretada a morte de Jesus. Judas, um dos doze, segundo se crê, há muito havia abandonado a idéia de ser fiel ao Mestre. A declaração que Jesus fez sobre a espiritualidade do seu reino, havia de tê-lo ofendido, porque, segundo escreve o apóstolo S. João, era ele homem avarento. Na ceia em Betânia, ficou perfeitamente demonstrada a falta de simpatia que ele tinha por Jesus. Cresciam mais e mais as desilusões de proventos materiais; agora Jesus falava de sua morte, e, por isso, resolveu tirar algum proveito, entregando-o aos sacerdotes, mediante preço ajustado. O plano concebido devia ser executado depois da festa, quando a cidade seria evacuada pelos forasteiros. Na falta de provas reais contra Jesus, acharam de bom aviso aproveitarem-se da proposta de Judas. O dia de quarta-feira, Jesus o passou em recolhimento talvez em Betânia. Na quinta-feira, à tarde, devia ser morto o cordeiro pascoal e depois do sol-posto tinha cabimento a ceia, começando então o sétimo dia da festa em que se comiam os pães asmos. Neste dia, Jesus enviou Pedro e João à cidade a fim de prepararem o que era mister para ele comer a páscoa com seus discípulos. Enviou-os à casa de um discípulo ou de um amigo, Mt 26. 18, e para ajudá-los na pesquisa, disse-lhes: Sair-vos-á ao encontro um homem que levará uma bilha de água, ide atrás dele, e ele nos preparará secretamente o lugar, sem conhecimento dos demais, com o fim provável de que Judas não descobrisse aos sacerdotes e viesse perturbar na última hora a íntima comunhão com os seus discípulos. Chegada que foi a tarde, celebrou Jesus a páscoa. Para seguir a ordem dos fatos durante a tarde, vêde a *Harmonia* no artigo *Evangelho*. Alguns pensam, baseados no Evangelho segundo S. João, 13. 1, 29; 18. 28; 19. 31, que Jesus foi crucificado no dia 14 do mês de Nisã, dia em que se matava o cordeiro pascoal, e portanto, que ele não celebrou a páscoa no tempo regular, porém, que adiantou um dia. Esta opinião não encontra apoio na linguagem de S. Mt 26. 17-19, de S. Mc 14. 12-16, e de S. Luc 22. 7-13, 15. A expressão citada no evangelho segundo S. João e que serve de fundamento à opinião referida, pode ser explicada, por hipótese como abaixo se vê (*). Deve-se notar que provavelmente Judas se retirou antes da celebração da páscoa, e que Jesus predisse por duas vezes a negação de Pedro, uma no quarto alto, e outra, no caminho para o Getsêmani. O evangelista S. João não relata a celebração da páscoa, porém, relata os discursos finais de nosso Senhor, confortando os discípulos entristecidos pela idéia da separação. Nesses discursos, revelou ele a união indissolúvel das relações espirituais que os ligariam ao Mestre, e a missão do Espírito Santo para confortá-los. Recorda também a oração sacerdotal sublime nas expressões de amor e ternura, cap. 17. Em caminho para o Jardim das Oliveiras, Jesus declarou-lhes que em breve seriam espalhados, e convocou-os para uma reunião na Galiléia logo depois de ressuscitar. A agonia no Getsêmani foi a última rendição de sua pessoa ao sacrifício, interrompida pela chegada de Judas, acompanhado de soldados, tirados da guarnição que estacionava perto do templo, sob pretexto de prender uma pessoa sediciosa, Jo 18. 3, 12. Em companhia dos soldados vieram tam-

NOTA

(*) As palavras do cap. 13. 1 do evangelho segundo S. João significam que tudo que se acha no cap. 13, se deu antes da festa da páscoa, é antes uma nota introdutória, descrevendo o espírito meigo com que Jesus ia celebrar aquela fatal solenidade. As palavras do v. 29, «compra as cousas que havemos mister para o dia da festa» podem referir-se às cousas necessárias para o dia seguinte, dia em que o povo fazia as suas ofertas. As palavras do cap. 18. 28 «mas comerem a páscoa» podem simplesmente significar «para esperarem a páscoa.» Também as palavras do cap. 19. 31 «a preparação» não querem referir-se à preparação da páscoa, mas à preparação para o sábado.

bém as guardas dos levitas e os servos do sumo sacerdote. Judas sabia que o Mestre descansava ali. Supõem alguns que ele tinha primeiro subido ao quarto alto, e sabendo que Jesus tinha ido para o Monte das Oliveiras, em cuja base estava o Jardim, seguiu-o de longe. Depois de ligeiras perguntas, Jesus entregou-se à prisão. Neste momento, os discípulos o abandonaram e fugiram. A escolta levou-o primeiramente à casa de Anás, 13, sogro de Caifás, onde sofreu o primeiro interrogatório, enquanto se reunia o sanedrim, 13, 14, 19-24. É provável que Anás e Caifás morassem no mesmo palácio, porque a negação de Pedro deu-se no átrio do palácio, quando foi do primeiro interrogatório perante Anás, e também quando se procedia ao segundo, em presença do sanedrim. No primeiro exame, Jesus se negou a responder, e, por isso, procuravam testemunhas que viessem depor contra êle. Manietado, conduziram-no à presença de Caifás, onde o sanedrim se reuniu apressadamente. Não puderam colher provas contestes para acusá-lo de blasfêmia, crime este que desejavam evidenciar, pelo que, o sumo sacerdote se viu forçado a conjurá-lo para que dissesse se ele era o Messias. Jesus respondeu da maneira mais explícita. Acendeu-se a ira do tribunal que imediatamente o declarou digno de morte pelo crime de blasfêmia. A decisão injusta do tribunal provocou o escárnio da multidão. Segundo a lei, as decisões do sanedrim só tinham efeito jurídico, quando tomadas de dia. Por isso, muito de manhã, o tribunal reuniu-se de novo, observando as mesmas formalidades anteriores, Lc 22. 66-71. A execução das penas contra delinqüentes, só poderia efetuar-se com a permissão do governador, e para isso apressaram-se a levar Jesus à presença de Pôncio Pilatos. Este açodamento tinha por fim evitar que algum movimento popular viesse prejudicar o julgamento. Pilatos ocupava o palácio de Herodes no Monte Sião. A distância desde a casa do sumo sacerdote não era muito grande. Era ainda muito cedo, quando o governador foi chamado para atender ao requerimento dos sacerdotes. Queriam que assinasse a sentença de morte sem tomar conhecimento das causas. Ele se recusou a isso, Jo 18. 29-32. Acusavam a Jesus de perverter a nação, e vedar o tributo a César e de se fazer rei, Lc 23. 2. Pilatos perguntou-lhe: "Tu és rei?" a que êle respondeu: "Tu o dizes" 3. De novo o governador o interrogou em particular, Jo 18. 33-38, descobrindo que nenhuma culpa ele tinha. Dai em diante procurava inocentá-lo, dizendo ao povo: "Eu não acho nêle crime algum."

O governador receava muito contrariar os desejos de seus súditos que pediam insistentemente a condenação de Jesus à morte pela crucificação. Ele então lançou mão de vários expedientes para afastar de si a responsabilidade. Sabendo que Jesus era da província de Galiléia, mandou que o levassem a Herodes Antipas, Lc 23. 7-11, que nesse tempo se achava em Jerusalém. Este, por sua vez, recusou exercer jurisdição. A grita popular crescia mais e mais. Pilatos propôs a soltura de Jesus pela páscoa segundo lhe era facultado. Esperava que a popularidade de Jesus o havia de arrebatar da mão dos sacerdotes. Triste engano: o povo pediu que lhe soltasse a Barrabás. O pedido que sua mulher lhe fez aumentou a sua ansiedade para soltar a Jesus. Apesar de todos os seus esforços, a multidão mostrava-se sedenta de sangue. Pilatos temia ir de encontro às suas convicções, mas a sua fraqueza consentiu no crime. Previamente, o condenado era açoitado. Tentando ainda mais um esforço, e desejando ao mesmo tempo agradar aos judeus, veio fora e disse ao povo: "Eis aqui vo-lo trago para que saibais que eu não acho nele crime algum. Saiu, pois, Jesus, trazendo uma coroa de espinhos e uma veste de púrpura, e Pilatos disse: "Eis aqui o homem." Então os príncipes dos sacerdotes e os seus oficiais, tendo-o visto, gritaram dizendo: "Crucifica-o, crucifica-o. Nós temos uma lei, e ele deve morrer segundo a lei, pois se fez filho de Deus" Jo 19. 1-7. Pilatos, pois, como ouviu estas palavras, temeu ainda mais, e entrou outra vez no pretório, e disse a Jesus: "Donde és tu?" Jesus não deu resposta alguma. Procurando ainda algum meio de o livrar, os judeus gritaram: "Se tu livras a este, não és amigo de César, porque todo que se faz rei, contradiz a César" 8-12. Ouvindo estas palavras, Pilatos trouxe para fora a Jesus, e assentou-se no seu tribunal para dar a sentença. Jesus ia ser crucificado. Não era a execução de uma sentença, e, sim, um assassinato jurídico. A sentença era confiada a quatro soldados, Jo 19. 23, sob o comando de um centurião. Mais dois condenados iam ser executados: eram dois ladrões. Geralmente as vítimas carregavam a sua cruz, inteira, ou somente a parte transversal. Jesus parece que a carregou inteira, porque caiu desfalecido, sob o seu peso. O lugar do sacrifício estava a curta distância da cidade (Vide *Gólgota*). O paciente costumava ser pregado à cruz antes de a erguerem, firmando-a ao chão em um buraco previamente aberto. A causa da condenação era posta por cima da cabeça do condenado e escrita numa tábua. A de Jesus estava escrita em hebraico, grego e latim e dizia: Jesus Nazareno, Rei dos Judeus, 19. 19. S. Marcos relata que o ato da crucificação consumou-se à terceira hora (nove da manhã). Sabendo-se que o processo começou logo ao amanhecer, Lc 22. 66, não é para estranhar que tudo estivesse pronto às nove horas, de acordo com a precipitação dos judeus, desde o princípio, empenhados na condenação de Jesus. Deixaremos de mencionar os incidentes relatados nos evangelhos, ocorridos durante a crucificação. Os pacientes muitas vezes permaneciam alguns dias vivos; o corpo enfraquecido de Jesus não podia suportar tão longa agonia. A nona hora (três da tarde), expirou, dando grande grito. As palavras que proferiu na cruz indicam que ele conservou a lucidez de espírito até ao fim, e que tinha pleno conhecimento de tudo que se passava e do valor e importância de seu sacrifício. Por ocasião de sua morte, parece que havia poucas pessoas presentes. A multidão que acompanhava os condenados ao Calvário, havia-se retirado para a cidade. Os sacerdotes que o escarneceram, também haviam saído. Só alguns dos discípulos e os soldados ficaram até ao fim. Os inimigos não tinham muita certeza de sua morte. Não querendo que os corpos ficassem na cruz durante o dia de Sábado, foram a Pilatos e pediram-lhe que mandasse quebrar as pernas dos condenados. Os soldados executaram a ordem, quanto aos dois ladrões, deixando de o fazer na pessoa de Jesus, por o haverem encontrado morto. Um dos soldados feriu-lhe o lado com uma lança para certificar-se de sua morte. O apóstolo João que ali estava, viu que da ferida aberta saiu sangue e água, 19-34. Jesus parece ter morrido, literalmente quebrantado de coração. Logo depois, José de Arimatéia, discípulo oculto de Jesus, homem rico e membro do sanedrim e que não havia consentido na condenação de Jesus, Lc 23. 51, quando soube da sua morte pediu o corpo e sepultou-o num sepulcro aberto em rocha, onde ainda ninguém tinha sido posto. É claro que os discípulos estavam inteiramente desconcertados e profundamente abatidos pela inesperada prisão e morte de seu Senhor. Apesar de haverem sido previamente avisados da morte e conseqüente ressurreição de Jesus, ao terceiro dia, as esperanças se haviam enfraquecido sensivelmente; pois, tendo Jesus ordenado que o esperassem na Galiléia, eles permaneciam em Jerusalém. Não é de estranhar que assim procedessem, levando em conta os efeitos produzidos em seu espírito pela tristeza e pelo desapontamento. Jesus apareceu-lhes em Jerusalém e suas vizinhanças. Os evangelistas não visam dar notícias completas dos acontecimentos, nem pretendem pôr em ordem as evidências em favor da ressurreição. As provas deste fato existem no testemunho pessoal dos apóstolos aos quais se manifestou repetidas vezes, 1 Co 15. 3-8. Encontra-se nos evangelhos grande número de incidentes, cuja importância consiste, ou no seu valor intrínseco, ou no merecimento da instrução espiritual que eles

fornecem aos crentes. A ordem dos fatos referentes à ressurreição de Jesus, é mais ou menos a seguinte: No primeiro dia da semana, logo ao amanhecer, umas piedosas mulheres de Galiléia foram ao sepulcro para ungirem o corpo de Jesus, preparando-o para o sepultamento definitivo. A primeira visita foi de Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e Salomé, Mc 16. 1. O outro grupo de visitantes compunha-se destas mesmas mulheres, mais Joana e outras mulheres que estavam com ela, Lc 24. 10. As primeiras mulheres viram que a pedra estava revolvida do sepulcro, que o corpo havia desaparecido e foram dar notícias a Pedro e a João, Jo 20. 1, 2. As suas companheiras entraram no sepulcro e souberam por boca do anjo que Jesus havia ressuscitado, de que deram notícias aos discípulos, Mt 28. 1-7; Mc 16. 1-7. Quando se retiravam apressadas, supõe-se que encontraram outras mulheres em demanda do sepulcro e que todas elas voltaram a ele, recebendo de dois anjos a confirmação do milagre, Lc 24. 1-8. As mulheres, voltando do sepulcro, contaram todas estas cousas aos onze e a todos os demais. No caminho, Jesus saiu-lhes ao encontro, Mt 28. 9, 10. Maria Madalena havia contado a Pedro e a João que o sepulcro estava vazio; estes, saindo, foram ao sepulcro, e verificaram a verdade, Jo 20. 3-10. Maria acompanhou-os até lá. Voltando êles para casa, ficou só, e a ela só, Jesus apareceu, 11-18. Todas elas, voltando a ter com os discípulos, contaram-lhes tudo o que tinham visto. Não era unicamente no testemunho das mulheres que repousava a fé na ressurreição de Cristo. Naquele mesmo dia apareceu a Pedro, Lc 24. 34; 1 Co 15. 5, logo em seguida a dois discípulos que iam para Emaús, Lc 24. 13-35, e na tarde do mesmo dia a todos os discípulos, exceto Tomé, 36. 43; Jo 20. 19-23. Nesta ocasião comeu diante dêles, provando a realidade física de sua ressurreição. Tomé, contudo, não deu crédito. Os discípulos continuavam em Jerusalém. No domingo seguinte, Jesus apareceu outra vez a todos e provou ao discípulo incrédulo a realidade da sua pessoa, Jo 20. 24-29. Parece que os apóstolos foram para Galiléia. O evangelista S. João conta que Jesus apareceu a sete discípulos que pescavam no Mar de Galiléia, cap. 21. Sobre um monte da Galiléia, onde Jesus lhes havia ordenado que se achassem, êle apareceu-lhes e deu-lhes a grande comissão de "ensinar todas as gentes" com o auxílio de sua presença constante" Mt 28. 16-20. Pode ser que esta fosse a ocasião em que se achavam reunidos mais de quinhentos irmãos, 1 Co 15. 6. Logo em seguida, apareceu também a Tiago, 7, mas não sabemos em que lugar. Finalmente, vieram outra vez a Jerusalém e Jesus os levou até Betânia, e levantando as mãos os abençoou, Lc 24. 50, 51. E aconteceu que, enquanto os abençoava, se ausentou deles e o recebeu uma nuvem que o ocultou a seus olhos, At 1. 9-12. Temos pois, recordado em o Novo Testamento o aparecimento de Jesus em dez ocasiões diferentes depois de haver ressuscitado, além daquela vez em que se encontrou com Saulo de Tarso no caminho de Damasco, 1 Co 15. 8. É possível que se tenham dado outras aparições que não foram registadas. Diz S. Lucas, At 1. 3, "que ele se mostrou a si mesmo vivo, com muitas provas, depois da sua paixão, aparecendo-lhes por quarenta dias." Não estava sempre com eles como fazia antes: aparecia-lhes ocasionalmente, Jo 21. 1. Os quarenta dias decorridos entre a sua ressurreição e a ascensão, formaram um período de transição, em que os discípulos se preparavam para a sua obra futura. Era preciso que eles tivessem provas amplas, repetidas e variadas acerca da ressurreição, como já temos visto; era preciso que eles estivessem plenamente convencidos de que a morte de Cristo se impunha, e que tivessem conhecimento dos caracteres do reino que ia ser estabelecido por meio deles. No cumprimento das Escrituras, que falavam da morte e ressurreição de Cristo, teriam eles a prova de que a nova dispensação era o prolongamento da antiga. O conhecimento destas cousas não o podiam obter senão depois da morte de Jesus, e durante êstes quarenta dias, Lc 24. 44-48; Jo 20. 21-23; 21. 15-22; At 1. 3-8. Finalmente, as experiências recebidas neste período, prepararam os discípulos a pensar de seu Mestre como ausente, mas vivo; como invisível, mas sempre junto deles; como ressuscitado para nova vida e retendo a antiga natureza e o antigo corpo, agora glorificado, que tanto amavam; como exaltado, mas ainda o mesmo. Deste modo, poderiam eles ir mundo fora proclamar a Jesus como o Filho de Deus glorificado, cingindo a coroa dos reis de Israel, e ao mesmo tempo, sendo o homem de Nazaré e o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Entretanto, corria entre os judeus que os discípulos haviam furtado o corpo. E foi para evitar isto que eles pediram guardas a Pilatos para junto do sepulcro. Quando se deu a ressurreição, confirmada por um anjo que havia descido e tirado a pedra do sepulcro, os soldados foram dominados por grande susto, fugindo. Pagãos e supersticiosos como eram, sem dúvida não se impressionaram menos pelo que tinham visto, do que as pessoas ignorantes, quando pensam ver almas do outro mundo. Os príncipes dos sacerdotes, julgando, provavelmente, que se tratava de alguma manobra dos discípulos, deram aos soldados grande soma para dizerem que os discípulos haviam furtado o corpo enquanto eles dormiam, Mt 28. 11-15. No dia de Pentecostes, porém, os apóstolos começaram a dar testemunho da ressurreição de Jesus, e o número dos crentes aumentou rapidamente, At 2. Não aduzindo provas em contrário, os sacerdotes lançaram mão da violência para os fazer calar, At 4. Não foi nosso intuito, neste artigo, expor os ensinos de Jesus, e, sim, dar um esboço histórico da sua vida. Vê-se, pelo que se colhe dos evangelhos, que ele fez a revelação gradual de sua pessoa e da sua obra, o que constitui uma das evidências mais fortes das verdades em que se baseia o nosso conhecimento. A sua natureza humana faz com que ele apareça na história como sendo verdadeiramente homem, vivendo sob a influência do meio, com objetivo seguro. Era personagem genuinamente humana e, portanto, servindo de assunto para estudo histórico. Ao mesmo tempo, Jesus declarou ser mais do que simples homem, Mt 11. 27; Jo 5. 17-38; 10. 30; 17. 5, etc. À medida que se ia revelando, os discípulos iam conhecendo melhor o seu caráter divino, Mt 16. 16; Jo 20. 28. As experiências finais, corroboradas pelo testemunho do Espírito Santo, fixaram, de uma vez para sempre, a crença na divindade de Jesus. O último dos apóstolos sobrevivente, que escreveu o quarto evangelho, ocupou-se especialmente em descrever a carreira de Jesus neste mundo, tratando de pôr em evidência a sua natureza divina, como o Verbo que se fez carne, sem contudo esconder a sua natureza humana. A respeito de sua pessoa, diz ele: "No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus" Jo 1. 1. E o verbo se fez carne e habitou entre nós, e nós vimos a sua glória, glória como a do Filho Unigênito de Deus, cheio de graça e de verdade" 14. "Estas cousas foram escritas", conclui ele, "para que vós creiais que Jesus é o Cristo, Filho de Deus, e de que, crendo-o assim, tenhais a vida em seu nome" 20-31. G. T. P.

JETER, *Abundância, eminência, excelência.*

1. Nome de um descendente de Judá, geração de Jerameel, que morreu sem filhos, 1 Cr 2. 32; cp. 26. 28.

2. Nome de um homem, registado entre os descendentes de Judá, cuja linhagem não se conhece além de seu pai, 1 Cr 4. 17.

3. Nome de um aserita, filho de Zofa, 1 Cr 7. 37, 38.

4. Forma da palavra Jetro, nome do sogro de Moisés, Ex 4. 18.

5. Nome do primogênito de Gideão a quem ordenou que matasse a Zeba e Salmuna, que se excusou a isso por ser muito moço, sendo mortos pelo próprio Gideão, Jz 8. 20, 21.

6. Nome do pai de Amasa, oficial do exército de Absalão, 1 Rs 2. 5.

JETETE

Nome de um dos capitães edomitas, Gn 36. 40; 1 Cr 1. 51.

JETRO, *Sua excelência.*

Nome de um dos sacerdotes de Midiã e sogro de Moisés, Êx 3. 1. No cap. 2. 18 tem o nome de Reuel (Antig. 2. 12, 1). Reuel significa amigo de Deus, que parece ser o nome próprio, e Jetro, nome de um título honorífico. Tinha sete filhas que guardavam os rebanhos. Moisés, que havia fugido do Egito, prestava serviços a Jetro, vindo afinal a casar-se com sua filha Zípora. Durante 40 anos, Moisés ocupou-se na guarda dos rebanhos de seu sogro, Êx 3. 1, 2; At 7. 30. Quando Deus o chamou para ir ao Egito tratar da emancipação dos hebreus, este pediu a seu sogro para levar consigo a mulher e os dois filhos, Êx 4. 18-20, que mais tarde os mandou temporariamente para a casa de Jetro, 24-26; 18. 2. Depois da passagem do Mar Vermelho, que aproximou os israelitas das terras de Jetro, trouxe a Moisés a mulher e os dois filhos, 18. 1-7, e lhos entregou; regozijou-se pelo livramento dos israelitas, ofereceu sacrifícios a Jeová e deu instruções a Moisés para nomear juízes que julgassem os casos mais comuns, reservando para si os mais difíceis, 8-27.

JETUR, *Nômade.*

Nome de um povo, descendente de Ismael, Gn 25. 15; 1 Cr 1. 31; 5. 19 (Ver *Ituréia*).

JEÚ, *Ele é Jeová.*

1. Nome de um homem de Anatoti que se ajuntou a Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 3.

2. Nome de um profeta, filho de Hanani, que anunciou os juízos de Deus contra Baasa e a sua casa, por não se ter apartado dos caminhos maus de Jeroboão (2), 1 Rs 16. 1-4, 7. Condenou o proceder de Josafá por dar auxílio ao ímpio Acabe, 2 Cr 19. 2, e escreveu as crônicas dos reis de Judá, 20. 34.

3. Nome do fundador da quarta dinastia do reino de Israel. Era um dos filhos de Josafá e neto de Ninsi. Por amor à brevidade, é muita vez chamado filho de Ninsi, 1 Rs 19. 16; 2 Rs 9. 2. Pouco antes do ano 854, A. C., era soldado ao serviço do rei Acabe, 2 Rs 9. 25. Quando este rei encheu o cálix das iniqüidades pela matança dos servos de Deus, e estabeleceu o culto de Baal ao Norte do reino, Elias recebeu ordem de Deus para ungir a Jeú rei sobre Israel, 1 Rs 19. 16, 17. Esta incumbência foi executada por Eliseu, sucessor de Elias, que para este fim enviou um jovem profeta a Ramote de Gileade, que os israelitas estavam sitiando. Encontrou a Jeú assentado com outros oficiais, convidou-o a entrar em casa para comunicar-lhe a mensagem que trazia e ungiu-o rei sobre Israel, encarregando-o de exterminar a casa de Acabe, e depois fugiu do campo. Jeú contou a seus companheiros a missão que lhe fora confiada, os quais prometeram auxiliá-lo. Dirigiram-se para Jezrael, onde se achava Jorão, filho de Acabe.

A sentinela que estava no alto da torre de Jezrael viu a tropa de Jeú. Ocozias, rei de Judá, tinha vindo a visitar a Jorão que estava doente. Os dois reis, cada um no seu carro, saíram ao encontro de Jeú. Encontraram-se na vinha que Acabe havia arrebatado a Nabote por meio de um processo iníquo que o condenou à morte. A conferência foi rápida. Jorão foi morto por uma flecha do arco de Jeú e o seu corpo lançado no campo de Nabote. Ocozias também, cuja mãe era filha de Acabe, foi morto por ordem de Jeú. Por sua ordem, também Jezabel, a rainha mãe, o gênio mau do rei Acabe foi lançada da janela abaixo, sendo pisada à pata de cavalo, 2 Rs 9. 1-37. Depois disto, os que guardavam os setenta filhos de Acabe, foram induzidos a dar cabo deles, cujas cabeças formaram dois montes às portas de Jezrael. Mataram igualmente os seus grandes homens, juntamente com quarenta e dois filhos de Ocozias. Finalmente, todos os profetas de Baal foram encerrados no templo deste deus pagão e ali trucidados. Apesar de Jeú ter executado os juízos pronunciados contra a casa de Acabe e matado os sacerdotes de Baal, ele próprio não cuidou em andar na lei do Senhor, continuando nos pecados de Jeroboão que tinha feito pecar a Israel com a adoração dos bezerros, 2 Rs 10. 29, 31. Subiu ao trono no ano 842, A. C. Neste ano, segundo rezam as crônicas assírias, pagou tributo a Salmanasar, rei da Assíria, que chegou às suas vizinhanças para guerrear contra Hazael. Reinou vinte e oito anos. Pelo ano 821, A. C., em virtude de sua idade avançada, perdeu a energia e a perícia militar, pelo que seu filho Joacaz se associou com ele no governo. Esta mudança não impediu a queda de seu reino. Hazael deu de rijo sobre Israel, e o derrotou em todos os encontros, 2 Rs 10. 32.

Deus havia prometido que havia de conservar no trono a seus filhos até a quarta geração, por haver cumprido cuidadosamente o que era justo e agradável a seus olhos, e assim fez. A linha de seus descendentes passa por Joacaz, Joaz, Jeroboão (2) e Zacarias, 2 Rs 10. 30; 15. 8-12.

4. Nome de um homem de Judá da família de Jerameel, 1 Cr 2. 38.

5. Nome de um simeonita, 1 Cr 4. 35.

JEUBÁ, *Escondido.*

Nome de um aserita da família de Baria, 1 Cr 7. 34.

JEUDE, *Louvor.*

Nome de uma cidade no primitivo território de Dã, Js 19. 45. Robinson identifica-a com a aldeia de *el-Yehudiyeh*, a 15 quilômetros a sudeste de Jafa, opinião esta aceita geralmente.

JEUDI, *Judeu.*

Nome de um mensageiro enviado pelo rei Jeoaquim a perguntar a Baruque onde se achava o livro que o profeta Jeremias havia escrito. Ordenou a leitura do livro. Enraivecido ao ouvir as palavras nele contidas, cortou-o em pedaços e lançou-o ao fogo, Jr 36. 14, 21, 23.

JEUEL, *Tesouro de Deus.*

1. Nome de um homem de Judá, da família de Zara. Morou algum tempo em Jerusalém com 690 de seus irmãos, 1 Cr 9. 6.

2. Nome de um levita, descendente de Elisafã que tomou parte na reforma religiosa de Ezequias, 2 Cr 29. 13.

3. Nome de um dos contemporâneos de Esdras, que com outros membros da família, voltou de Babilônia com o escriba, Ed 8. 13.

JEÚS, *Apressado.*

1. Nome de um dos filhos de Esaú com sua mulher Oolibama, Gn 36. 5, capitão de Edom, 18.

2. Nome de um benjamita, filho de Balã, 1 Cr 7. 10.

3. Nome de um levita, da família de Gérson, e filho de Semei, 1 Cr 23. 10, 11.

4. Nome de um dos descendentes de Jônatas, 1 Cr 8. 39.

5. Nome de um dos filhos de Roboão, 2 Cr 11. 19.

JEUZ, *Conselheiro.*

Nome de um benjamita, filho de Saaraim e de sua mulher Hodes, 1 Cr 8. 10.

JEZABEL, *Casta.*

1. Nome de uma das filhas de Etbaal, rei dos sidônios, que antes havia sido sacerdote de Astarte, 1 Rs 16. 31; cont. Apiom 1. 18. Casou-se com Acabe, rei de Israel. Possuía temperamento masculino, e exercia grande império sobre

o marido. Adorava fervorosamente a Baal; e era muito intolerante. Para ser-lhe agradável, Acabe mandou erigir um templo a Baal em Samaria e plantou um bosque, 1 Rs 16. 32, 33. Como espôsa do rei não tinha parte no governo do país, assim mesmo mandou matar todos os profetas de Jeová que lhe caíram nas mãos, 18. 4-13. Quando planejou a morte de Elias, 19. 1, 2, e mais tarde realizou o assassínio judicial de Nabote, sem audiência do rei, que sancionou o ato, 21. 16-22. Por causa destes assassinatos e de outras violações da lei moral, o profeta anunciou a Acabe que os cães comeriam as carnes de Jezabel no lugar onde lamberam o sangue de Nabote, 23. A profecia cumpriu-se logo depois. Onze anos após a morte de Acabe, Jeú exerceu implacável vingança na casa de Acabe. Jeú veio a Jezreel. Sabendo Jezabel da sua chegada, pintou os olhos com antimônio, adornou a cabeça, e olhou pela janela para Jeú que entrava pela porta, e disse: Que paz se pode esperar de quem, como Zinri, matou a seu amo? Jeú levantou o rosto para a janela e disse: Quem é esta? Dois ou três eunucos lhe fizeram profunda reverência. Mas Jeú lhes disse: Precipitai-a daí abaixo; e eles a precipitaram, e a parede ficou salpicada de sangue, e as patas dos cavalos a pisaram. Daí a pouco, lembrando-se de que era filha de um rei, deu ordem para que fôsse enterrada. Tendo ido para a enterrar, não acharam senão a caveira, os pés e as extremidades das mãos. E cumpriu-se o que disse o profeta: No campo de Jezreel, comerão os cães a carne de Jezabel, 2 Rs 9. 7, 10, 30-37.

2. Nome de uma mulher de Tiatira, que se dizia profetisa e que seduziu alguns membros da igreja cristã para imoralidades e comerem das coisas sacrificadas aos ídolos. Talvez que êste nome seja simbólico. Caso seja, foi empregado pela semelhança com a impia Jezabel, mulher de Acabe, Ap 2. 20, 23.

JEZANIAS, *Jeová ouve.*

Nome de um dos oficiais das forças que tinham ficado em Jerusalém sob o comando de Gedalias, filho de Maacati, 2 Rs 25. 23; Jr 40. 7, 8; 42. 1. Veio com a sua gente para prestar obediência a Gedalias, que Nabucodonosor havia nomeado governador da Judéia, depois da tomada de Jerusalém. Este Jezanias não teve cumplicidade no assassinato de Gedalias, e parece que tomou parte saliente na captura dos criminosos. Foi um dos que recorreram a Jeremias para consultar o Senhor sobre a conveniência de emigrarem para o Egito os israelitas que ficaram na Judéia, cap. 42. Era irmão de Azarias, cujo nome parece corrupção de Jezanias, 43. 2.

JEZER, *Formação.*

Nome de um dos filhos de Naftali e fundador de uma família tribal, Gn 46. 24; Nm 26. 49; 1 Cr 7. 13.

JEZIAS, *Jeová exulta.*

Nome de um dos filhos de Parós, induzido por Esdras a abandonar sua mulher estrangeira, Ed 10. 25.

JEZIEL, *Assembléia de Deus.*

Nome de um benjamita, filho de Azmavete, que se foi juntar a Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 3.

JEZRAIAS, *Jeová ilumina.*

Nome do prefeito dos cantores no tempo de Neemias, Ne 12. 42.

JEZREEL, *Deus semeia.*

1. Nome de uma cidade fortificada, 1 Rs 21. 23, cercada de muros, com torre, 2 Rs 9. 17, e porta, 10. 7, 8, situada no território de Issacar, Js 19. 17, 18, pouco distante do monte de Gilboa, 1 Sm 31. 1-5; cp. 29. 1-3 e 2 Sm 4. 4. Os israelitas acamparam ao pé de uma fonte nas suas vizinhanças, antes da batalha de Gilboa, 1 Sm 29. 1; cp. 2 Sm 4. 4. Os filisteus saíram-lhes ao encontro no mesmo local, 1 Sm 29. 11. Is-Bosete governou como rei sobre Jezreel e sobre outros lugares próximos, 2 Sm 2. 9. Serviu de capital no reinado de Acabe e de seu filho Jorão, 1 Rs 18. 45; 2 Rs 8. 29. Nabote era natural de Jezreel, cuja vinha ficava próxima ao palácio de Acabe. A execução da pena que o condenou à morte, se efetuou fora da cidade, 1 Rs 21. 1, 13. Ali mesmo, Jezabel sofreu a morte violenta, 1 Rs 21. 23; 2 Rs 9. 10, 30-35. Acabe tinha setenta filhos que foram mortos por ordem de Jeú e cujas cabeças mandou empilhar à porta da cidade, 2 Rs 10. 1-11. A carnificina praticada por Jeú, que Oséias denomina "o sangue de Jezreel", seria visitada sobre a casa deste rei, Os 1. 4. Os cruzados identificaram Jezreel com o *Parvum Gerinum*, que é a atual aldeia Zerim. A descoberta caiu no olvido até 1814. Agora está definitivamente reconhecida. Não obstante achar-se em uma planície, o lugar prestava-se admiravelmente para uma cidade fortificada, porque ficava à beira de uma escarpa rochosa de cerca de 30 metros, voltada para o norte, com esplêndida vista para o Jordão. Abaixo da aldeia existe uma bela fonte de abundante água, que se chama *Ain el-Meiyiteh*. Outra fonte, ainda mais abundante, *Ain Jalud*, está à pequena distância. Os antigos vinhedos parece que existiam ao oriente da cidade, onde se encontram lagares abertos na rocha. O vale de Jezreel parece que é a grande planície que divide a Palestina imediatamente ao norte do Carmelo, ou antes, a parte do vale, adjacente a Jezreel, que desce para o lado do Jordão, Js 17. 16; Os 1. 5. Nos dias de Gideão, os midianitas e os amalequitas se acamparam nos seus limites, Jz 6. 33. Toda a planície central, atualmente, chamava-se planície de Esdraelom, leve modificação da palavra Jezreel, cp. Judite 1. 8; 4. 6; 7. 3. Desde tempos remotos, foi sempre o campo de batalha das nações.

2. Nome de uma cidade situada na parte montanhosa de Judá, Js 15. 56. Uma das mulheres de Davi que ele levou para Gate com Abigail, era de Jezreel, 1 Sm 25. 43; 27. 3. Situação ignorada.

3. Nome de um homem de Judá, descendente de Hur, 1 Cr 4. 3.

4. Nome de um dos filhos do profeta Oséias assim chamado porque Jeová havia declarado que ele vingaria o sangue de Jezreel na casa de Jeú, Os 1. 4, 5.

JIDLAFE, *Ele chora.*

Nome de um dos filhos de Naor e Melca, Gn 22. 22. Ignora-se onde residia.

JIGDALIAS, *Jeová é grande.*

Nome do pai do profeta Hanã, Jr 35. 4.

JISBAQUE, *Abandonado!*

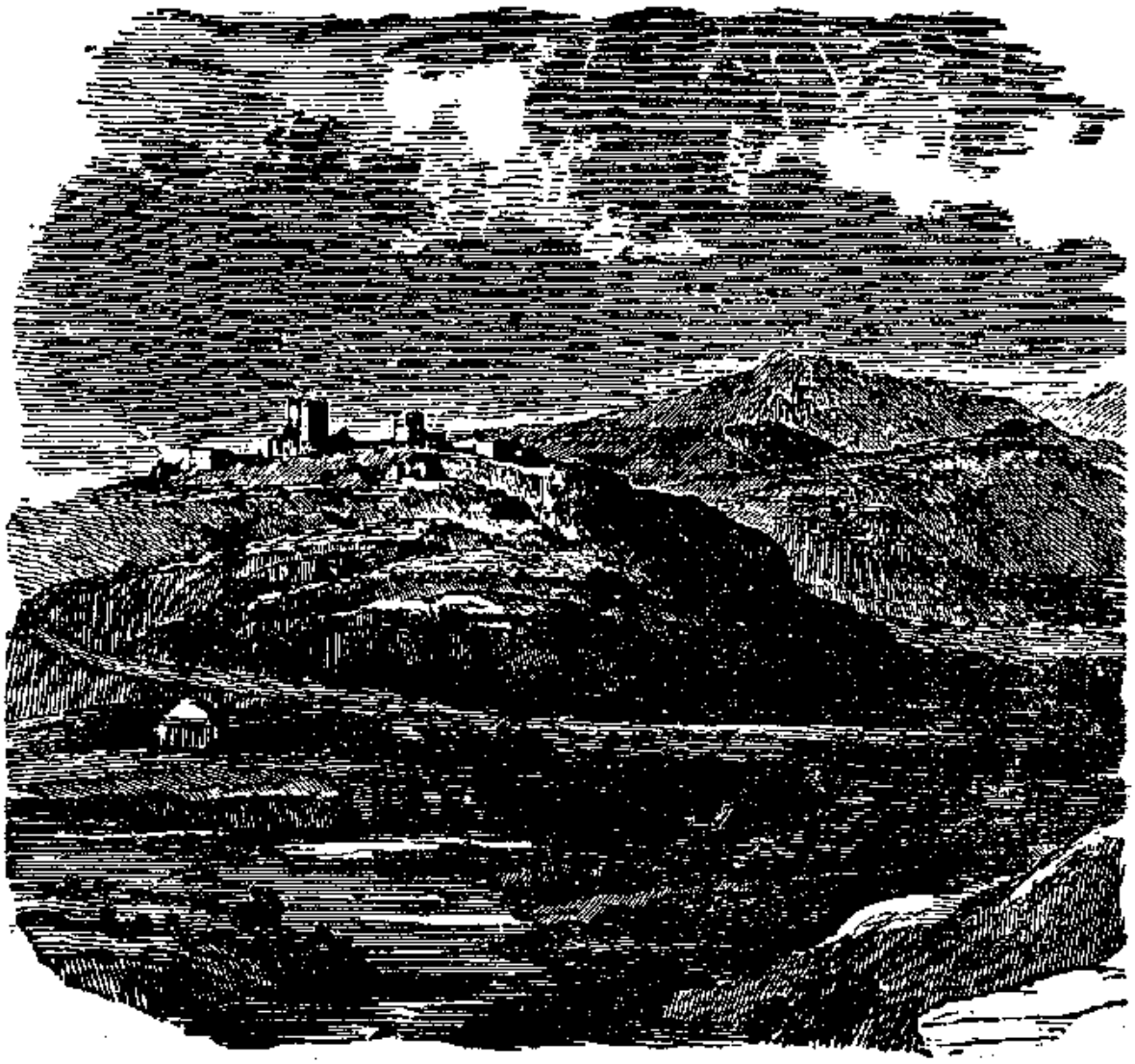
Nome de uma tribo árabe, descendente de Abraão e Quetura, Gn 25. 2.

JÓ, *Voltando sempre para Deus.*

1. Nome de um dos filhos de Issacar, Gn 46. 13.

2. Nome de um santo do Antigo Testamento, que habitava na terra de Hus, Jó 1. 1, mencionado a primeira vez por Ezequiel, 14. 14, 16, 20. Vivia a vida patriarcal em algum distrito ao oriente da Palestina, nas vizinhanças do deserto, em um tempo em que os caldeus infestavam o ocidente, 1. 17. Não há razão para se pôr em dúvida a sua existência histórica, e que sofreu as provações descritas no seu livro, apesar das licenças poéticas que nele se encontram. Os sofrimentos de Jó dão lugar a se perguntar: Por que é que Deus permite que homem tão reto seja provado tão rudemente, e forneça material para um poema filosófico de tanta magnificência?

O livro de Jó faz parte dos livros poéticos da Bíblia, e menciona os sofrimentos de Jó, bem assim os diálogos entre êle e seus três amigos, referentes aos motivos de seus grandes males e dos remédios a êles atinentes. Não se sabe se o poema foi escrito durante a sua vida, ou mais tarde. O prólogo, cap. 1 a 3. 2, as introduções a vários



Jezreel

discursos e em particular os discursos de Eliú, 32. 1-5 e o epílogo, narrando a prosperidade de Jó nos últimos dias sob as bênçãos de Jeová, foram escritos em prosa, 42. 7-17.

O princípio do livro representa Jó como sendo varão de vida próspera, possuidor de muitos rebanhos e muitas manadas, grande número de servos e numerosa família. Satanás consegue permissão para provar a fé do grande servo de Deus; primeiro, despojando-o de todas as suas riquezas, e eliminando toda a sua prole. Falhando esta primeira tentativa, consegue ainda permissão para ocasionar-lhe cruéis padecimentos físicos. A fé triunfa em Jó que sofre resignado todos os padecimentos; e recebe em recompensa uma prosperidade que excede a tudo quanto de primeiro possuía.

Este livro, desde o primeiro até ao último capítulo, pode dividir-se em três partes principais, e cada uma delas pode ser dividida também em três partes menores. A introdução descreve a prosperidade de Jó e as condições felizes de sua existência. Na primeira parte, primeiro subtítulo, encontra-se descrita a primeira aflição de Jó, com a perda de suas propriedades e da sua família. No segundo título, vem a segunda fase de suas provações: o ataque à pessoa de Jó. O terceiro título relata a visita dos três amigos que o vieram consolar. A segunda parte contém os argumentos produzidos por Jó e pelos seus três amigos. Cada um dos dois visitantes falava três vezes; o terceiro falou só duas vezes. Jó respondeu a cada um deles. É esta a parte principal do livro. Os três amigos pensam que a aflição tem sempre como origem a existência do pecado. Jó aceita esta doutrina como princípio geral, mas nega que lhe deva ser aplicada. Resultam daí discrepâncias e desacordos de opiniões que deixam o problema insolúvel.

O primeiro dos amigos de Jó, Elifaz de Temã, começa o seu argumento, tomando como base a iniqüidade do homem e dando a entender que o estado em que se achava o seu amigo Jó, encontraria explicação em alguma falta oculta. Jó responde-lhe, protestando pela sua inocência.

O segundo amigo de Jó, Baldade Suíta, continua a expor as mesmas idéias do primeiro, afirmando que Deus não pode ser injusto, e que o mal está no próprio homem. Jó continua afirmando a sua inocência, e roga a Deus que alivie o peso de sua miséria.

O terceiro amigo de Jó, Sofar de Naamate, segue a mesma linha de considerações de seus companheiros, acusando mais diretamente a Jó de haver cometido alguma ofensa contra Deus.

Começa agora a segunda série de discursos contidos nos capítulos 12 a 20. Os três amigos de Jó insistem na mesma argumentação anterior, e mostram-se irritados com o que eles julgam ser uma obstinação de Jó em não querer confessar o seu pecado. Na terceira série, que compreende os capítulos 21 a 31, Elifaz acusa abertamente a Jó de haver cometido algum pecado. Jó reafirma a sua inocência com muita veemência. Baldade toma de novo a sua posição anterior, renovando as acusações, enquanto que Sofar permanece em silêncio. Em todo o decurso destas argumentações, Jó conserva-se profundamente consciente de sua

justiça e inocência, e sem poder explicar porque Deus o trata com tanta severidade. As lutas internas de seu espírito crescem na proporção da intensidade dos sofrimentos corporais; e ele permanece firme na determinação de confiar em Deus, ainda que maiores males o tenham de assaltar. Espera que Deus algum dia fará manifesta a sua inocência, se não fôr nesta vida, certamente o será na eternidade. Cria na existência futura, declarando: "Eu sei que o meu Remidor vive, e que eu, no derradeiro dia, surgirei da terra e serei novamente revestido de minha pele e na minha própria carne verei a meu Deus, a quem eu mesmo hei de ver, e meus olhos hão de contemplar, e não outro. Esta minha esperança está depositada em meu peito" 19. 25, 26.

Na terceira parte do livro, Eliú, até então em silêncio, propõe-se a tratar o assunto de modo diverso. Em lugar de considerar as aflições humanas como resultado de desobediências, declara que elas são, em muitos casos, processos eficientes para santificar os filhos de Deus; e que, portanto, não devemos considerá-las como manifestações da ira implacável de um Deus, mas antes como castigos de um pai amoroso. As palavras de Eliú são de um mensageiro de Deus, preparando o caminho para a sua vida, e oferecendo um argumento que Jó poderia aceitar ou não. Jó concorda com a opinião de Eliú, caps. 32 a 37.

Fala Jeová e mostra a Jó que o homem pouco sabe para justificar-se e para explicar satisfatoriamente os mistérios de Deus. Jó humilha-se na presença de Deus, caps. 38 a 42. 6. Finalmente, Jó recebe em dobro tudo quanto havia perdido, em bens e em membros de sua família, 42. 7-16. O desenvolvimento das idéias e narrativas deste livro oferecem um argumento sólido em favor de sua unidade literária. Não há motivos para supor que se tenham feito interpolações, ou que se tenha suplementado o livro, como alguns pensam referindo-se aos caps. 32 a 37 e 38 a 42. Mesmo que assim fosse, seriam eles o produto de um poeta de grande inspiração a quem Deus falou, e que, com vistas seguras, removeu os erros que dominavam o espírito popular acerca das questões morais e das verdades primeiras que Jó havia descoberto, acrescentou novas revelações acerca da verdade, caps. 32-37, e dirigiu a sua atenção para a posição humilde que a humanidade deve assumir diante de Deus e dos mistérios que se encerram no governo divino, caps. 38 a 41. Além do visível está o invisível, como se tem nos dois capítulos de introdução, 1. 6-12; 2. 1-6. Os disputantes falavam sem ter conhecimento algum dos motivos que determinavam os atos divinos, e na ignorância completa das compensações que Deus reserva para os que sofrem, reveladas no final do capítulo 42. De fato, este argumento, contido nos caps. 38 a 42. 6 deveria estar na mente do autor, quando escreveu a introdução deste poema, em que entra Satanás, conspirando contra o homem com a permissão divina, fatos estes que escapam ao conhecimento da criatura.

JOA

1. Nome de um benjamita, filho de Berias, 1 Cr 8. 16.

2. Nome de um homem de Tosa, que fazia parte dos valentes de Davi, 1 Cr 11. 45.

JOÁ, *Jeová é irmão.*

1. Nome de um dos filhos de Obede-Edom, 1 Cr 26. 4.

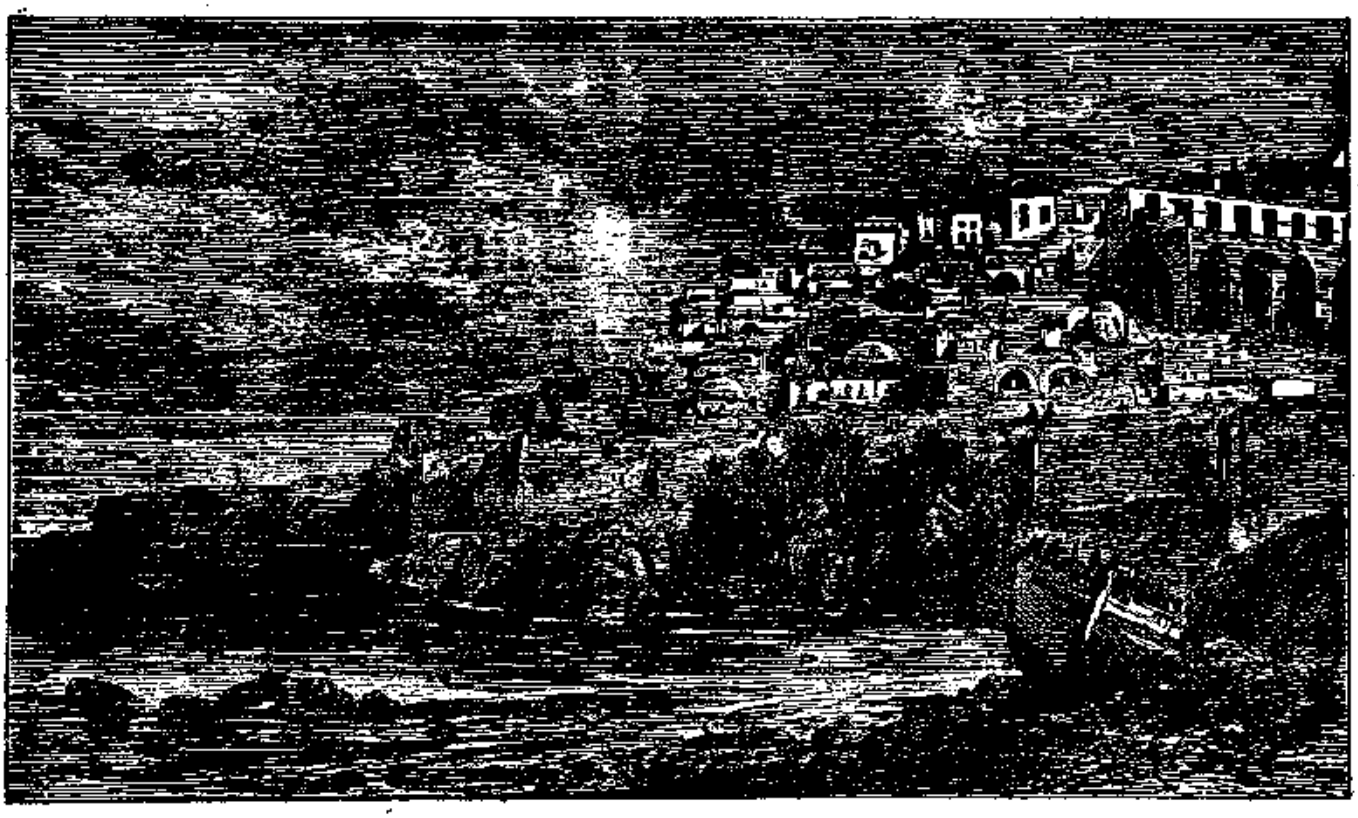
2. Nome de um levita, filho de Zama, e descendente de Gérson, 1 Cr 6. 21. Parece que é o mesmo levita, filho de Zama, e descendente de Gérson, que auxiliou o rei Ezequias na reforma religiosa de Judá, 2 Cr 29. 12.

3. Nome de um dos filhos de Asafe, cronista-mor do rei Ezequias, 2 Rs 18. 18-26; Is 36. 3, 11, 22.

4. Nome de um dos filhos de Joacaz, que foi cronista no tempo do rei Josias, 2 Cr 34. 8.

JOABE, *Jeová é pai.*

1. Nome de um dos filhos de Seraías, e descendente de Quenaz, reconhecido como pertencente à tribo de Judá. Foi pai dos habitantes do vale dos Artífices, 1 Cr 4. 13, 14.



Jope ou Jafa

2. Nome de um dos filhos de Zeruia, 2 Sm 8. 16, irmã paterna de Davi, 1 Cr 2. 16; cp. 2 Sm 17. 25. Joabe, pois, era sobrinho do rei Davi, sendo o segundo dos três irmãos, Abisai, Joabe e Asael, todos homens de tipo heróico. O primeiro dêles aparece na vida pública, à frente dos soldados de Davi na guerra contra Is-Bosete. Comandava o exército que duelava em Gabaom com Abner, ganhando a vitória, 2 Sm 2. 12-32. Abner, comandante-chefe de Is-Bosete, depois de uma contenda com seu real senhor conferenciou com Davi. Joabe reprovou a conduta de Davi por deixar ir livre a Abner, denunciando como espião; e de acordo com Abisai, 3. 30, 39; cp. 2. 24, assassinou-o traiçoeiramente, vingando, deste modo, a morte de Asael, seu irmão mais moço, na batalha de Gabaom, 3. 30, não obstante tê-lo morto em defesa de sua vida. Entrou nesta vingança, talvez, o receio de que Abner viesse a ocupar o comando do exército. Davi sentiu-se fraco demais para castigar este crime, mas nunca o perdoou, 2 Sm 3. 6-39. No assalto à fortaleza dos jebuseus em monte Sião, Joabe foi o primeiro que lá entrou e, em recompensa, Davi o nomeou comandante-chefe dos exércitos de Israel, 2 Sm 4. 8; com 1 Cr 11. 6. Logo depois, reparou uma parte da cidade, 8. Acabada que foi a conquista dos edomitas pelo rei Davi, 2 Sm 8. 13, 14; 1 Cr 18. 12, Joabe permaneceu em Edom durante seis meses com o seu exército, enquanto matava todos os varões da Iduméia, 1 Rs 11. 14-17. Comandou as forças que operavam contra os exércitos confederados dos sírios e amonitas, 2 Sm 10. 1-14; 1 Cr 19. 1-19, apertou o sítio a Raba com tão bom êxito que a poderia tomar; porém ele queria dar essa honra a Davi a quem mandou chamar para efetuar em seu nome a conquista, 2 Sm 11. 1; 12. 26-29; cp. 1 Cr 20. 1-3. Obedecendo às ordens de Davi, pôs a Urias no lugar mais perigoso do assalto para que fosse morto, 2 Sm 11. 6-27. Joabe mandou a Davi uma mulher sábia de Tecoa para induzi-lo a perdoar a Absalão, 14. 1-27. Não desejando Joabe interferir por mais tempo neste caso, Absalão mandou lançar fogo ao campo de cevada de Joabe que estava junto ao seu, 28-33. Quando Absalão se revoltou contra seu pai, Joabe conservou-se fiel a Davi, e comandou uma das três divisões do exército real que derrotaram os rebeldes, 18. 1, 2. A despeito da ordem do rei, Joabe atravessou o coração de Absalão com três dardos, matando-o, 9-17. O rei Davi chorou copiosamente quando soube da morte do príncipe rebelde, pelo que Joabe lhe dirigiu imprudentes palavras de censura, 19. 1-8, sendo por isso demitido do comando das tropas e substituído por Amasa, 13. Rebentou nova rebelião contra Davi capitaneada por Seba; Amasa foi encarregado de a reprimir. Joabe, dominado de intenso ódio, assassinou covardemente a Amasa, como havia feito a Abner em iguais circunstâncias. Joabe e Abisai dominaram a rebelião, 20. 1-22, e Joabe é de novo investido nas funções de general-chefe (v. 23, cp. 1 Rs 2. 34, 35). Davi resolve fazer o arrolamento do povo de Israel a que se opõe Joabe, sem contudo impedir o intento do rei, 2 Sm 24. 1-9; 1 Cr 21. 1-6. Quando Adonias se propôs a ser rei para substituir a Davi, Joabe tomou o seu partido, 1 Rs 1. 7; sabendo, porém, que Salomão havia sido proclamado rei, êle e seus companheiros, temendo, fugiram, 28-49. No leito de morte, Davi manifestou a sua vontade, i. é, que Joabe fosse punido pelo assassinato de Abner e de Amasa. Salomão teria de executar a vontade de seu pai, Joabe fugiu para o tabernáculo e pegou-se ao corno do altar. Salomão mandou a Banaias, filho de Joiada, dizendo: "Vai, e mata-o." Partiu, pois, Banaias, e arremetendo a Joabe o matou e foi sepultado em sua casa no deserto, 2. 5, 6, 28-34.

3. Nome do fundador de uma família alguns de cujos membros voltaram do cativeiro, Ed 2. 6; 8. 9; Ne 7. 11.

JOACAZ[2], *Jeová deitou a mão.*

Nome do pai do cronista do rei Josias, 2 Cr 34. 8.

JOACAZ[3], *Jeová se apoderou.*

1. Forma variante do nome de Ocozias, filho mais novo de Jorão, rei de Judá, 2 Cr 21. 17; cp. 22. 1, pela transposição das partes de que se compõe.

2. Nome do filho de Jeú e seu sucessor no trono de Israel. Começou a reinar no ano 821 A. C. como associado de seu pai, e reinou 17 anos, 2 Rs 10. 35; 13. 1. No seu governo continuou a adoração do bezerro estabelecida por Jeroboão. A sua apostasia foi severamente punida pela invasão dos sírios sob o comando de Hazael e Benadade, que, em sucessivas campanhas, tomou as suas cidades, restando-lhe apenas, 50 cavaleiros, 10 coches e dez mil homens de pé. Na sua angústia orou ele ao Senhor, e o Senhor o ouviu e deu-lhe um salvador que apareceu depois de sua morte, na pessoa de dois de seus sucessores, Joás e Jeroboão. O primeiro destes retomou todas as cidades que os sírios haviam tomado a seu pai, e o segundo restabeleceu os antigos limites de Israel. É provável que Joás tivesse auxílio do rei da Assíria, que, atacando os sírios pela retaguarda, impediu que eles invadissem o reino de Israel, voltando a defender seu próprio país. Joás foi o seu sucessor, 2 Rs 13. 2-9, 22-25.

3. Nome do filho mais novo de Josias, que por ocasião da morte de seu pai, foi aclamado pelo povo de Judá para ser rei. Tinha então vinte e três anos, e reinou apenas três meses, durante os quais manifestou más disposições. Faraó Neco o prendeu em Ribla para que não reinasse em Jerusalém, e mais tarde o conduziu para o Egito. Neco constituiu rei a Eliaquim, filho de Josias, para reinar em lugar de seu pai, e lhe mudou o nome em Jeoaquim, 2 Rs 23. 30-34; 2 Cr 36. 1-4. Joacaz é também denominado Salum em 1 Cr 3. 15; Jr 22. 10-12, e é o primeiro dos leõezinhos mencionados em Ez 19. 1-9. Quanto à idade, é o terceiro dos filhos de Josias, e o primeiro que ocupou o trono. Em 1 Cr 3. 15, figura em quarto lugar, talvez por uma degradação intencional.

JOANA, Forma grega da palavra hebraica *Yohanan, Jeová tem sido gracioso.*

Nome da mulher de Cuza, procurador de Herodes tetrarca. Fazia parte do grupo de mulheres que assistiam a Jesus com as suas posses, Lc 8. 3, e uma das que acompanharam Maria Madalena ao sepulcro de Jesus, 24. 10.

JOANÃ, Forma grega da palavra *Yohanan, Jeová tem sido gracioso.*

Nome de um dos antecessores de Cristo, que viveu cêrca de 500 anos A. C., Lc 3. 27.

JOANÃ, *Jeová é gracioso.*

1. Nome de um benjamita que se ajuntou a Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 4.

2. Nome do oitavo gadita que se ajuntou a Davi em Ziclague e que foi capitão do exército de Davi, 1 Cr 12. 12, 14.

3. Nome de um dos pontífices, que viveu pelo ano 800 A. C., 1 Cr 6. 10.

4. Nome de um efraimita, 2 Cr 28. 12.

5. Nome do filho mais velho do rei Josias, 1 Cr 3. 15. Parece que morreu moço.

6. Nome de um capitão, filho de Careá, que juntamente com os seus homens, prestou obediência a Gedalias que Nabucodonosor havia nomeado governador de Judá, 2 Rs 25. 22, 23; Jr 40. 8. Sabendo que se conspirava contra a vida do governador, ele o avisou do perigo 13, 14. Gedalias não deu crédito ao aviso e foi assassinado. Joanã com a sua gente perseguiu os criminosos para vingar a morte do governador, 41. 11-15. Depois disto, conduziu para o Egito o resto do povo, contra as advertências de Jeremias, 41. 16 até cap. 43. 13.

7. Nome de um dos filhos de Elioenai, 1 Cr 3. 24.

8. Nome de um dos filhos de Ecetã da família de Azgade. Com cento e dez homens, voltou de Babilônia em companhia de Esdras, Ed 8. 12.

9. Nome de um dos filhos de Eliasibe. Esdras entrou em casa de Joanã, e não comeu pão, nem bebeu água, porque chorava o pecado daqueles que tinham voltado do cativeiro, por se terem casado com mulheres estrangeiras, Ed 10. 6.

10. Nome do filho de Tobias, amonita, que se casou com uma mulher da Judéia nos dias de Neemias, Ne 6. 18.

11. Nome de um sumo sacerdote, Ne 12. 22, neto de Eliasibe, 23; cp. 11. Os judeus que moravam em Elefantina, defronte de Siene, no Egito, tiveram o seu templo destruído, em 411 A. C. por ordem oficial, a instigações dos sacerdotes egípcios. Imediatamente deram notícia a Joanã, na esperança de obterem uma reparação, *Elephantine Papyri*. Josefo dá a este Joanã o nome de João, que é mais correto, e diz que ele matou a seu irmão Jesus, no templo, por desconfiar que ele queria suplantá-lo no cargo de sumo sacerdote. Este crime foi cometido no reinado de Artaxerxes Mnemom, entre 405 a 362 A. C. Antig. 11. 7, 1; cp. 5. 4.

12. Nome de um porteiro que ocupava o sexto lugar, no reinado de Davi, 1 Cr 26. 3.

13. Nome de um dos capitães de Josafá que tinha 280.000 homens sob seu comando, 2 Cr 17. 15.

14. Nome do pai de Ismael, e um dos que tomaram parte na revolta contra Atalia, 2 Cr 23. 1.

15. Nome de um dos sacerdotes, chefe da família de Amaria, no tempo do sumo sacerdote Joiaquim, Ne 12. 13.

16. Nome de um dos filhos de Eliasibe, Ed 10. 6.

17. Nome de um dos filhos de Babai, induzido por Esdras a abandonar a sua mulher estrangeira, Ed 10. 28.

18. Nome de um filho de Tobias, amonita, Ne 6. 18.

19. Nome de um dos sacerdotes que oficiaram na dedicação do muro de Jerusalém, Ne 12. 42.

JOÃO[1], Em grego *Ioannes*, derivado do hebraico *Yohanan*, que significa *Jeová tem sido gracioso*.

1. Nome do pai de Matatias, que instigou os macabeus à revolta, 1 Mac 2. 1.

2. Nome do filho mais velho de Matatias, 1 Mac 2. 2. Foi cognominado Gadis, palavra de significação ignorada. Os filhos de Jambri o mataram, no ano 100 A. C., 9. 36, 38, 42; e 2 Mac 8. 22, onde é erroneamente chamado José.

3. Nome de um homem que alcançou privilégios especiais de Antioco, o Grande, em favor dos judeus, 2 Mac 4. 11. Era filho de Acos e pai de Eupolemus, 1 Mac 8. 17.

4. Nome de um filho de Simão Macabeu, 1 Mac 13. 53; 16. 1. Foi conhecido na história pelo nome de João Hircano. No ano 142, A. C. assumiu o cargo de comandante-chefe do exército, por nomeação de seu pai, 13. 53. Saiu ao encontro de Cendebaeus, a quem derrotou perto de Jâmnia, 16. 1-10. No ano 135 A. C. seu pai e mais dois de seus irmãos foram assassinados. Ele próprio estava destinado à mesma sorte. Conseguiu tomar a ofensiva contra o inimigo e expulsá-lo da Judéia, Antig. 13. 8, 1. Exerceu o cargo de sumo sacerdote e de governador civil desde 135 a 105, A. C. Antíoco Sidetes, rei da Síria, invadiu a Judéia, ao findar o ano 134, A. C. e sitiou Jerusalém. Após um ano, a cidade caiu em seu poder; desmantelou as suas fortificações, 13. 8, 2, 3. A morte de Antioco abriu caminho a João Hircano para estender os seus domínios até Samaria e Iduméia. Renovou também aliança com os romanos, pela qual conseguiu a restituição de Jope e de outras cidades à autoridade dos judeus; e reparou os muros de Jerusalém, I Mac. 16. 23. A guerra civil que rebentou na Síria, no ano 125, A. C. e a sucessão de seus reis, dos quais nada tinha a recear, garantiu a João Hircano a sua independência sem dificuldades. A princípio, ele favorecia os fariseus; estes, porém, pediam a sua exoneração do sumo sacerdócio, pelo que passou a favorecer os saduceus. Morreu no ano 105, e o poder dos macabeus e com êle o de Israel, declinou ràpidamente.

5. João Batista, precursor de Jesus, enviado para preparar-lhe o caminho. João descendia de pais crentes e piedosos e pertencia a uma geração sacerdotal, tanto por Isabel como por Zacarias, ambos descendentes de Arão, Lc 1. 5. Ao mesmo tempo, Isabel era prima da virgem Maria que pertencia à tribo de Judá, 36. Os pais de João Batista moravam em uma cidade situada na região serrana de Judá, 39, talvez em Juta, que era a cidade sacerdotal de Hebrom. Quando Zacarias, no exercício das suas funções sacerdotais, oferecia o incenso no templo de Jerusalém, o anjo Gabriel apareceu-lhe e lhe anunciou que ele seria pai de um filho que se chamaria João, que seria nazareno como Sansão e Samuel, que seria cheio do Espírito Santo, desde o ventre de sua mãe e que viria preparar o povo para o Senhor, Lc 1. 8-17. João Batista nasceu no ano 5 A. C. Passou os primeiros anos no deserto, perto de sua casa ao ocidente do Mar Morto, 80. No ano 28 A. D. apareceu a pregar no deserto do Jordão. Acredita-se que exerceu o seu ministério durante um ano sabático, 3. 1, 2, em que o povo descansava dos trabalhos rurais, e, portanto, em condições de atender às pregações do Batista. Começou anunciando uma nova dispensação, proclamando a vinda de um novo reino, o Reino de Deus e o batismo do Espírito Santo, Mt 3. 2, 11, a fim de preparar o povo, para receber a Cristo, 3, 8, apresentá-lo na pessoa de Jesus, Jo 1. 15, e mostrar nele a união entre as duas dispensações como sendo o cordeiro de Deus, 29, 30. Falava com clareza e grande fervor à enorme multidão que, de toda parte, afluía a ouvi-lo. Insistia sobre a necessidade de pronto arrependimento, porque o reino de Deus estava próximo. Os penitentes, depois de confessar os seus pecados, eram por ele batizados no Jordão, e, por isso, passou a chamar-se João Batista, para distingui-lo de outros de igual nome. O batismo que ele administrava, simbolizava a purificação do pecado. Ele, porém, não o considerava suficiente, e falava de outro profeta que viria após de si que batizaria com o Espírito Santo e com fogo, maior do que ele, e ao qual não era digno de desatar a correia das sandálias, Mt 3. 5-12. Não obstante confessar-se inferior a Jesus, nosso Senhor foi a ele para receber de suas mãos o batismo. João relutou, para dar provas de que conhecia que Jesus era o Messias, e somente o batizou em obediência à sua palavra, 13-17. Seus pais o haviam instruído sobre a pessoa de Jesus. As instruções recebidas eram agora confirmadas pela descida do Espírito Santo em forma de pomba, repousando sobre Jesus por ocasião de ser batizado. Por este sinal, ficava autorizado a declarar que Jesus era o Cristo, Jo 1. 32, 33. O profeta Malaquias anunciou a vinda de Elias, antes do grande e terrível dia do Senhor, para converter o coração dos filhos a seus pais, e o coração dos pais a seus filhos. João negou que fosse Elias em pessoa, Jo 1. 21; definiu a sua missão e os seus característicos, citando simplesmente Is 40. 3. Porém ele veio no espírito e poder de Elias, Ml 4. 5, 6; cp. Lc 1. 17, era o mensageiro enviado para aplainar o caminho do Senhor diante de Cristo, Ml 3. 1, com Mc 1. 2. Jesus aplicou estas predições a João, Mt 11. 10, 14; 17. 12, 13. Havia semelhanças entre os dois homens até no modo de vestir, que pela simplicidade e rudeza simbolizava o desprezo do mundo com os seus refinamentos; as maneiras e os hábitos de vida eram próprios a homens que viviam nos desertos e não nos palácios dos reis, 2 Rs 1. 8; Mt 3. 4; 11. 8; Mc 1. 6. "Convém que ele cresça e que eu diminua", disse João, falando de Jesus, Jo 3. 25-30. O ministério de

João foi curto, mas o efeito foi enorme. Afinal, pelos fins do ano 27, ou princípios de 28 A. D., foi posto na prisão por haver denunciado a ilegitimidade das relações de Herodes tetrarca com a mulher de seu irmão Filipe, Lc 3. 19, 20. Quando se achava detido, entrou em dúvidas sobre o valor dos métodos de Jesus para o adiantamento de sua obra, e talvez, sentindo-se abandonado e esquecido, enviou dois de seus discípulos a Jesus para saber se era ou não o Messias prometido. Em resposta, Jesus apelou para o testemunho de suas obras. Partidos que foram, Jesus aproveitou a ocasião para fazer o panegírico de João, Mt 11. 2-15. João era o maior de todos os profetas, por ter o privilégio de preparar o povo para o aparecimento de Cristo e apresentá-lo como o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. O ódio da adúltera Herodias foi causa da morte de João. Ela persuadiu sua filha, que havia agradado a Herodes, dançando em sua presença e da sua corte, a pedir a cabeça de João Batista a qual lhe foi dada. O corpo decapitado de João Batista, foi em seguida tomado pelos seus discípulos que lhe deram sepultura. Morto que foi o mestre, recordaram-se de suas palavras, referentes ao cordeiro de Deus, e passaram a ser discípulos de Jesus, Mt 14. 3-12; Mc 6. 16-29; Lc 3. 19, 20. Josefo atribui a morte de João Batista ao ciúme de Herodes, devido à sua grande influência entre o povo. Diz também o escritor judaico, que a derrota do exército de Herodes na guerra contra o rei Aretas, que se deu logo depois, foi considerada como castigo divino por causa da morte de João. Diz ainda o historiador Josefo que o lugar onde esteve preso o Batista e onde foi decapitado é a fortaleza Maquereus que agora se nomeia por *Makaur* (Antig. 18. 5, 2). Esta fortaleza acha-se situada nas montanhas da parte oriental do Mar Morto, a 10 quilômetros ao norte do Arnom, e sobre um cabeço de forma cônica de 1.800 metros acima do referido mar. Ainda se podem ver as ruínas das muralhas que circundavam a antiga fortaleza, dentro da qual existem profunda cisterna e duas prisões. Uma destas teria sido a em que foi prêso e morto João Batista.

6. Nome do pai do apóstolo S. Pedro, Jo 1. 42; 21. 15-17. Em Mt 16. 17, tem o nome de Jonas.

7. João, apóstolo, filho de Zebedeu e irmão de Tiago, que foi morto no reinado de Herodes Agripa I, Mt 4. 21; At 12. 1, 2, pelo nome de Jesus. Era mais novo que Tiago, e filho de Salomé, irmã da mãe de Jesus. Seu pai era pescador no mar de Galiléia, juntamente com seus dois filhos, seus auxiliares, Mc 1. 19, 20. João assistiu a pregação do Batista no Jordão, e foi, evidentemente, um dos discípulos, que juntamente com André, viram o Cordeiro de Deus que o Batista lhes apontava, Jo 1. 35-40. Sem dúvida acompanhou a Jesus até Galiléia e assistiu às bodas em Caná, 2. 1-11. Ainda não havia sido chamado para o apostolado, limitando a sua atividade às lides do mar, em companhia de Pedro e do pai, Lc 5. 10. Desta ocupação Jesus os foi tirar para o seguirem, Mt 4. 21, 22; Mc 1. 19, 20, e depois foram chamados apóstolos, Mt 10. 2. Jesus denominou-os boanerges, filhos do trovão, talvez por causa do seu temperamento forte, Mc 3. 17. A impetuosidade destes homens, ainda não dominados pela graça, manifestou-se, quando João repreendeu a um que expelia demônios em nome de Cristo e não os acompanhava, Lc 9. 49, e, vendo seu Mestre rejeitado pelos samaritanos, desejavam que fogo do céu os consumisse, 52-56. Mostraram ser egoístas, quando se uniram a sua mãe, que solicitava lugares de honra para seus dois filhos ao lado de Jesus no futuro reino. Ao mesmo tempo mostraram-se possuídos de grande zelo pelo Mestre, declarando-se prontos a dar a vida por ele, Mt 20. 20-24; Mc 10. 35-41. Os defeitos naturais da sua natureza foram vencidos pela graça, convertendo-os em elementos de força e de glória. João era homem de profundo conhecimento espiritual e dotado de disposições afetivas, que o levaram a ser o discípulo que Jesus particularmente amava. Foi um dos três que Jesus escolheu para estarem com ele e assistirem ao milagre da ressurreição da filha de Jairo, Mc 5. 37; Lc 8. 51, para serem testemunhas de sua transfiguração, Mt 17. 1; Mc 9. 2; Lc 9. 28, e para presenciarem a agonia, no Getsêmani, Mt 26. 37; Mc 14. 33. Na última ceia estava ao lado de Jesus, sentado à mesa, Jo 13. 23. Acompanhou o seu Mestre desde o Jardim até ao palácio do sumo pontífice, de quem era conhecido, e dali foi até ao Calvário. Estando na cruz, prestes a expirar, Nosso Senhor encomendou sua mãe aos cuidados amorosos do discípulo amado que a tomou para sua casa, 18. 15; 19. 27. Quando soube que o sepulcro de Jesus estava vazio, correu em companhia de Pedro para certificar-se da verdade que o Salvador havia ressuscitado, 20. 1-10. Em companhia de outro discípulo, ele viu o Senhor vivo, na tarde de um dia, e uma semana depois, tornou a vê-lo, Lc 24. 33-43; Jo 20. 19-20; 1 Co 15. 5. Em companhia dos demais, foi ele para Galiléia, como Jesus havia ordenado, e outra vez viu o Senhor, Mt 26. 32; 28. 10-16; Jo 21. 1-7. Quando se achavam ali em conseqüência de uma errônea compreensão, correu entre os discípulos a notícia de que João não morreria, Jo 21. 22. Depois da ascensão, este apóstolo residiu por algum tempo com os dez em um quarto alto de Jerusalém, At 1. 13, e depois do Pentecostes, foi companheiro de Pedro em trabalho missionário, 3. 1. Ambos sofreram prisão por ordem das autoridades judaicas, 4. 19. Ambos foram em comissão a Samaria auxiliar o trabalho que Filipe havia começado, 8. 14. João foi um dos que permaneceram em Jerusalém durante a perseguição que assaltou a igreja nascente, e ali ainda se achava, quando Paulo visitou a cidade, após a sua primeira viagem missionária, 15. 6; Gl 2. 9. Cinco dos livros do Novo Testamento trazem o seu nome: o quarto evangelho, três epístolas e o Apocalipse. Diz a tradição que foi em Éfeso onde terminou o seu ministério. É possível que as sete igrejas da Ásia estivessem algum tempo sob seus cuidados, Ap 1. 11. Escreveu o Apocalipse, talvez no ano 95; achava-se degredado na ilha de Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus, Ap 1. 9. Quando Nerva assumiu o governo do Império, deu-lhe a liberdade e ele regressou a Éfeso. Policarpo, Papias e Inácio foram seus discípulos. Irenen, que foi discípulo de Policarpo, relata que ele continuou a residir em Éfeso até a sua morte, no reinado de Trajano.

8. João que tem por sobrenome Marcos, filho de Maria a cuja casa se dirigiu o apóstolo S. Pedro, ao sair da prisão, At 12. 12-25.

9. Nome de um judeu, alto dignitário, que tomou parte, juntamente com Anás, Caifás, Alexandre e outros da linhagem sacerdotal, na intimação de Pedro e João para dizerem com que poder e em nome de quem faziam essas cousas, At 6. 6.

JOÃO², Epístolas de

A primeira epístola de S. João é evidentemente escrita pelo autor do quarto evangelho. Encontra-se nela a mesma fraseologia característica em ambos os livros e a mesma construção das sentenças. A epístola destinava-se a quem já tinha conhecimento do evangelho do mesmo autor. Ambos os escritos foram dirigidos às mesmas igrejas, e segundo a opinião de muitos, a epístola era um suplemento do evangelho. As primeiras palavras fazem lembrar o prólogo do evangelho. Em ambos se encontram passagens paralelas em quase todos os versículos. A epístola considera o mundo como inimigo da Igreja, e campo de suas operações, 2. 2. 15-17; 4. 3-5; 5. 4, 5, 19. Adverte os crentes contra as heresias opostas à integridade da pessoa de Cristo, 2. 18-26; 4. 1-3; 5. 6-10. Estas feições da epístola harmonizam-se com a data e os objetivos do evangelho. As duas produções são da mesma origem e da mesma época. A epístola aplica à vida cristã a verdade, cuja

revelação histórica se acha no evangelho. A epístola bem como o evangelho foram elaborados por um apóstolo, um daqueles que estiveram em contacto pessoal com Cristo, 1. 1-3, 5; 4. 14, e escreve com autoridade, como apóstolo que era, 1. 4; 2. 1; 4. 6-14. Para se ver quanto ele se havia identificado com os ensinos de seu Senhor, basta observar a semelhança que existe entre a epístola e os discursos de Cristo no Evangelho. A autenticidade desta epistola é comprovada pelo testemunho de Ireneu e do Fragmento Muratori. As citações que dela fazem Policarpo, Papias e outros, provam que já no princípio do segundo século, estava em uso na Igreja. A linha de pensamento pode ser esboçada da seguinte forma: depois da introdução, 1. 1-4, em que o apóstolo expõe o objeto do seu ministério, que não é outro senão declarar aos homens as manifestações do Verbo da Vida, a fim de que possam ter comunhão com os apóstolos, ele ensina que o caráter divino, conforme Cristo o revelou, deve determinar o caráter da vida interna e externa dos crentes, 1. 5 até o cap. 2. 6, exorta-os a se amarem uns aos outros, adverte-os contra as influências mundanas e contra as doutrinas heréticas, 2. 7-27. Em seguida insiste sôbre a necessidade de fazerem sempre o que é justo e permanecerem no amor de Deus, para terem confiança no dia do Juízo. Com a segunda vinda de Cristo se manifestará a nossa filiação com ele, expressa pela obediência e pelo amor, cap. 4. Faz lembrar a seus leitores que o modo de se provar a existência do Espírito de Deus conosco, consiste na verdadeira confissão de ser Jesus Cristo a encarnação do Filho de Deus, e que o que tem o Filho tem a vida e o que não tem o Filho não tem a vida, 5. 1-12. Concluindo, 5. 13-21, resume, em têrmos muito delicados, as doutrinas ensinadas na epístola para o fim de confirmá-las na fé e na comunhão com Deus, aludindo solenemente aos fatos históricos e espirituais em que se devem basear para a firmeza de sua fé.

Segunda epístola de S. João. Em completa harmonia com as reservas que o apóstolo guarda na primeira epístola, quanto ao nome de seu autor, nesta segunda epístola êle se denomina "O Presbítero" à semelhança do apóstolo S. Pedro, 1 Pe 5. 1, nome que Papias dá a todos os apóstolos. Nesta segunda carta, dirige-se à Senhora Eleita e a seus filhos, manifestando a sua alegria por ter achado que alguns deles andavam na verdade, e advertindo-a contra os perigos de doutrinas heréticas.

A epístola tem apenas 13 versículos e por isso não é de estranhar que se encontrem tão poucas referências a ela nos escritores primitivos. Todavia, as provas externas de sua autenticidade, são mais evidentes do que era para se esperar. Os mais antigos testemunhos históricos dão ao apóstolo S. João a sua autoria. Clemente de Alexandria mostra-se muito conhecedor, ao menos com uma das pequenas epístolas de S. João, e Ireneu cita as palavras dos vv. 10, 11, como pertencentes a João, o discípulo do Senhor. A autenticidade desta epístola prova-se exuberantemente pelas notáveis coincidências de linguagem e de pensamento com a primeira epístola, eliminando tôda a idéia de falsificação. Pensam alguns que a Senhora Eleita representa a Igreja, supõem outros que seja uma pessoa que tinha o nome de *Kyria*, que em grego quer dizer senhora.

Terceira epístola de S. João. Outra epístola com apenas 14 versículos, dirigida pelo presbítero ao caríssimo Gaio, louvando-o pela hospitalidade que havia dispensado aos irmãos, particularmente aos peregrinos, estimulando-o a imitar tudo que é bom. Há uma referência a certo Diótrefes, que a ele se opôs; e outra a Demétrio de quem todos davam bom testemunho. Não se pode identificar com qualquer outro nome igual, mencionado em o Novo Testamento. Parece ter sido pessoa proeminente em uma das Igrejas da Ásia, sem contudo exercer funções eclesiásticas. Esta epístola, como as precedentes, é notável pelo estilo e pelos pensamentos, de modo que não se pode negar pertencer ao mesmo autor.

Todas as epístolas de S. João, bem como a de S. Tiago, as de S. Pedro e a de S. Judas, são denominadas epístolas "católicas" ou gerais, por não serem dirigidas a igrejas particulares, nem a individualidades, mas às congregações em geral. A primeira de S. João foi dirigida, sem dúvida, às igrejas da Ásia, às quais havia sido igualmente dirigido o Quarto Evangelho. As duas últimas epístolas de S. João não cabem muito bem na designação de católicas por serem dirigidas a pessoas particulares. Foram assim classificadas por causa da sua brevidade, e de estarem juntas à primeira das cartas. — G. T. P.

JOÃO', Evangelho segundo S.

O título prefixado ao quarto evangelho de acordo com a crença universal da igreja primitiva, dá a entender que o livro foi escrito pelo apóstolo S. João. Como os outros evangelhos, não contém o nome de seu autor. Porém, as considerações sobre sua evidência interna e externa, confirmam a crença tradicional, de ser autêntico.

I. *Evidência interna.* (1) O escritor era um dos apóstolos, conforme se deduz pelo emprego da primeira pessoa do plural, 1. 14, e talvez 21. 24, e de pequenas passagens descritivas, a respeito da impressão que os discípulos receberam pelos acontecimentos da vida de Cristo, 1. 37; 2. 11, 17; 4. 27, 54; 9. 2; 11. 8-16; 12. 4-6, 21, 22; 13. 23-26; 18. 15; 19. 26, 27, 35; 20. 8, e das terminantes declarações do capítulo 21. 24. O autor fala "do discípulo a quem Jesus amava", 13. 23; 19. 26; 20. 2; 21. 7, 20, 21, que no cap. 21 24, diz ser o próprio autor. Todos os apóstolos, são mencionados nominalmente neste livro, exceto Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão Zelador e os filhos de Zebedeu. Os três primeiros não pertencem ao pequeno círculo dos discípulos íntimos. Somente a um destes, conviria este título, e Tiago, filho de Zebedeu, foi morto logo no princípio dos trabalhos apostólicos, At 12. 2. S. João era o único sobrevivente. 3. Prova-se que o escritor dêste evangelho pertencia à raça judaica pelo hebraísmo de seu estilo, escrevendo em grego, 4. Mostra conhecimento muito íntimo da geografia, da história e dos costumes dos judeus, durante o ministério de Cristo, 1. 21, 28, 46; 2. 6; 3. 23; 4. 5, 27; 5. 2, 3; 7. 40-52; 9. 7; 10. 22, 23; 11. 18; 18. 28; 19. 31, e dá mais pormenores pessoais do que qualquer outro dos evangelistas. A evidência interna harmoniza-se perfeitamente com a pessoa do discípulo amado. Não se podem exigir provas mais evidentes, em falta de informações mais explícitas. Contudo, o cap. 21. 24, quase supre esta falta, porque, de acordo com o testemunho unânime da história primitiva do Cristianismo, S. João foi o apóstolo que viveu mais, firmando a crença de que chegaria até a segunda vinda de Cristo.

O capítulo 21 é evidentemente um aditamento que ele fez ao seu evangelho, que a princípio terminava com o cap. 20. Tudo prova que S. João foi o autor de todo o livro.

II. *Evidência externa.* O testemunho de Ireneu (nascido entre 115 e 125, e que foi bispo de *Lyon* na última parte do segundo século), discípulo de Policarpo, que por sua vez o foi de S. João, é explícito, afirmando que o apóstolo João escreveu seu evangelho em Éfeso, quando já existiam os outros três. Este testemunho é em si mesmo concludente, confirmado por uma série de outros testemunhos, muito chegados à idade apostólica. Não resta dúvida de que a primeira epístola pertence ao autor do evangelho, cuja autoridade apostólica se confirma pelo uso que Policarpo fazia dela no ano 110, e Papias no ano 130-140. As cartas de Inácio, Ano 100, provam que o evangelho segundo S. João corria entre as igrejas da Asia Menor, no princípio do segundo século, como livro inspirado e de autoridade espiritual. Justino

Mártir, A. D. 150, servia-se dele livremente, e cita-o como fazendo parte das "memórias dos apóstolos", que, diz ele, se chamavam evangelhos, escritos pelos apóstolos e seus companheiros." O "Ensino dos Apóstolos" contém grande cópia de passagens que só poderiam ter origem no quarto evangelho. Quando fosse possível duvidar disto, a recente descoberta do evangelho apócrifo de S. Pedro, mostra que o quarto evangelho, junto com os outros três, fazia parte da narrativa em que se baseava o pseudo Pedro para escrever o seu livro. O Diatessaron de Tatiano, não era outra cousa mais que uma harmonia dos evangelhos usada nas igrejas em que os quatro se combinam. O manuscrito dos evangelhos siríacos, recentemente descoberto por Mrs. Lewis, prova, que no segundo século, os nossos quatro evangelhos eram aceitos pelas igrejas da Síria. Finalmente, prova-se que até os heréticos gnósticos do segundo século, aceitavam o quarto evangelho como apostólico. Por este modo cabalmente se confirma a crença de que este livro havia sido escrito pelo apóstolo S. João e recebido nas igrejas como tal, desde a idade pós-apostólica. Diz ainda a tradição que foi escrito na Ásia Menor, talvez em Éfeso, nos fins do primeiro século. Aos adversários de Jesus, ele denomina simplesmente "os judeus", 1. 19; 2. 18; 5. 10; 7. 15; etc., explica as festas dos judeus, 6. 4; 7. 2; 11. 55; 19. 31, denomina o mar de Galiléia, segundo o modo pagão de mar de Tiberíades, 6. 1. No prólogo de seu evangelho, representa a Cristo como Verbo de Deus, aludindo a um período da história em que o Cristianismo confrontava com as tendências filosóficas dominantes da Ásia Menor, o que vem explicar o fim para que o livro foi elaborado: dar testemunho de Cristo como sendo o Filho de Deus encarnado para Salvador do mundo, 20. 30, 31. Dá a entender que conhecia os outros evangelhos, cujas narrações suplementava. Omite os grandes discursos de Jesus, respondendo aos ataques dos judeus contra a sua divindade, e explicando aos discípulos os mistérios referentes à sua pessoa e às suas relações espirituais. Dá testemunho pessoal acerca de Jesus em oposição às heresias da época que negavam a ressurreição de Cristo e alguns aspectos de sua pessoa. Deste modo, combinava também, muito naturalmente, várias reminiscências pessoais, resultando daí um retrato completo da pessoa de Cristo sob o ponto de vista da sua dupla natureza, divina e humana.

O Evangelho segundo S. João abre-se com um prólogo, 1. 1-18, no qual o apóstolo resume a grande verdade que se manifestaria na vida de Cristo: a existência de uma segunda pessoa divina, cujo ofício seria revelar a pessoa de Deus, que ele denomina o "Verbo", que além de ser a origem da vida universal e a luz da criação, fez-se carne em Jesus Cristo que revela Deus a todos aqueles que crêem, comunicando-lhes a salvação. Em seguida, relata: 1. O testemunho de João Batista e do próprio Jesus, aos primeiros discípulos, 1. 19 até ao cap. 2. 11. 2. A revelação que Cristo faz de si mesmo por uma série de atos e de discursos, dirigidos a seus inquiridores ou aos seus adversários, 2. 12 até cap. 12. 50, incluindo: (a) o testemunho que ele deu na primeira páscoa, 2. 12-25, e o colóquio com Nicodemos, 3. 1-21, juntamente com o novo testemunho de João Batista, 22-36; (b) a conversa com a mulher samaritana, 4. 1-42; (c) o segundo milagre em Galiléia, 43-54; (d) defesa de sua autoridade divina e dignidade da sua pessoa, cap. 5; (e) falando de si como sendo o pão da vida, cap. 6; (f) nova defesa de sua autoridade e de sua dignidade, na festa dos tabernáculos, caps. 7 e 8; (g) a cura do cego e a parábola do bom pastor, 9. 1 até cap. 10. 21; (h) testemunho final aos judeus, 22-24; (i) ressurreição de Lázaro e suas conseqüências, cap. 11; (j) seu testemunho em Betânia, quando ali entrou triunfante, e a visita dos gregos que desejavam vê-lo, cap. 12. 3. Revelação que Cristo faz de si mesmo em conexão com a sua morte e ressurreição, cap. 13. 1 até 21. 25. incluindo: (a) Seus discursos finais em companhia dos discípulos, caps. 13 a 17; (b) sua prisão, julgamento e morte no Calvário em que dá testemunho, particularmente diante de Pilatos, referente à sua pessoa e à sua obra, caps. 18 e 19; (c) a ressurreição e certos testemunhos a ela referentes, caps. 20 e 21. Tudo isto servia para confirmar que em a natureza humana de Jesus, existia ao mesmo tempo a natureza divina do Filho de Deus, que pela sua pessoa, pelos seus ensinos e pela sua obra redentora revelou o Pai e alcançou a vida eterna para todos os que o recebem. Assim, pois, S. João representava a missão de Jesus, como o clímax da revelação divina a fim de que os crentes possam alcançar aquela luz que consiste em conhecer a suprema verdade, e possuir aquela vida que consiste na união espiritual com Deus, resultando daí o perfeito bem e a salvação eterna. Estas cousas, diz ele, foram escritas a fim de que vós creiais que Jesus é o Cristo, Filho de Deus, e de que, crendo-o assim, tenhais a vida eterna, em seu nome", Jo 20. 31. — G. T. P.

JOAQUIM, *Jeová estabelece.*

Nome do filho de Joaquim, que sucedeu a seu pai no trono de Judá, no ano 598 ou 597 A. C., na idade de dezoito anos, segundo 2 Rs 24. 8; segundo 2 Cr 36. 9, tinha apenas oito anos. Esta discrepância de números encontra-se na versão dos Setenta e também no texto hebreu. Não se sabe qual dos dois números é o verdadeiro. Fez o mal na presença do Senhor, conforme em tudo o que seu pai tinha feito. Governou apenas três meses e dez dias. Durante este curto período Nabucodonosor, rei de Babilônia, mandou os seus generais sitiar Jerusalém, que se rendeu no oitavo ano do reinado de Nabucodonosor, cp. 2 Rs 24. 12; Jr 52. 28. O rei Joaquim, suas mulheres, sua mãe e os criados do palácio, os príncipes e os eunucos, os valentes do exército e todos os artífices e lapidários, foram levados cativos para Babilônia, 2 Rs 24. 8-16; 2 Cr 36. 9, 10. Esteve na prisão por muito tempo, mas, trinta e sete anos depois de seu exílio, 562 A. C. Evilmerodaque subiu ao trono de Babilônia, libertou-o da prisão e assinou-lhe alimentos perpétuos, que diariamente lhe dava o rei, durante a sua vida, 2 Rs 25. 27-30; Jr 52. 31-34.

JOÁS, *Jeová é forte.*

1. Nome de um homem de Judá, da família de Sela, 1 Cr 4. 22.

2. Nome de um homem de Manassés, pai da família de Ezri, e pai de Gideão, Jz 6. 11-15. Morava em Ofra e parecia ser homem abastado. Havia erguido um altar a Baal e plantado um bosque. Gideão derrubou o altar de Baal e cortou o bosque. Os idólatras, sabendo disto, pediram a Joás a entrega de seu filho para ser morto. A isto respondeu Joás: "Acaso sois vós os vingadores de Baal, para combaterdes por ele? Se ele é Deus, vingue-se de quem destruiu o seu altar", Jz 6. 11-32.

3. Nome de um benjamita de Gibeá, que foi juntar-se a Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 3.

4. Nome de um dos filhos de Hameleque, 1 Rs 22. 26; 2 Cr 18. 25.

5. Nome de um dos filhos de Ocozias, rei de Judá. Quando Atalia, sua mãe, soube que haviam matado seu filho, encheu-se de ira e ordenou a matança de toda a descendência real. Escapou apenas o infante Joás, que Josabá, filha do rei Jorão, escondeu da presença de Atalia, metendo-o no templo em companhia de sua ama, onde permaneceu durante seis anos. No sétimo ano, Joiada, sumo sacerdote, tomando os centuriões e os soldados, os introduziu no templo do Senhor e fez com eles um tratado, e, juramentando-os na casa do Senhor, lhes mostrou o filho do rei: "Eis aqui o que haveis de fazer: uma terça parte de vós entrará no sábado, e fará guarda à casa do rei. A outra terça parte ficará à porta de Sur, que está por detrás do quartel dos escudeiros, e fareis a guarda à casa da Mesa; e duas partes de vós

estarão de sentinela em a casa do Senhor junto ao rei, 2 Rs 11. 5-7, e o rodeareis, tendo as armas nas vossas mãos; e se alguém entrar no templo seja morto, e estareis com o rei, quando entrar e quando sair." Os capitães executaram tudo o que o pontífice Joiada lhes havia ordenado, e tomando cada um a sua gente, vieram ter com o pontífice Joiada, o qual lhes deu as lanças e as armas do rei Davi, que estavam na casa do Senhor. Em um dia de sábado, estes cinco corpos tomaram posição em frente do altar, e Joiada lhes apresentou o filho do rei e pôs-lhe na cabeça o diadema e o livro da Lei, e eles o constituíram rei e o ungiram; e batendo com as mãos, gritaram: "Viva o rei." Atalia, ouvindo o clamor do povo, correu ao templo. Joiada ordenou que a levassem para fora do recinto do templo onde a mataram. Joás ficou livre da sua rival. Joiada, pois, fez uma aliança entre o Senhor, entre o rei, e entre o povo, para que o jovem rei e seu povo servissem ao Senhor, e que tanto o rei como o povo, mutuamente se auxiliassem. Depois todo o povo da terra entrou no templo de Baal e deitaram abaixo os seus altares e fizeram as suas imagens em mil pedaços e mataram o sacerdote Matã, 2 Rs 11. 1-20; 2 Cr 23. 10-21. Joás subiu ao trono no ano 825 A. C., mas foi o único rei legítimo desde 842 A. C. Seu reinado foi contado desde 841 que é o primeiro ano de governo. Joás tinha sete anos de idade quando foi coroado e reinou quarenta anos. Enquanto menino, o caráter de seu governo dependia inteiramente de seus ministros. Felizmente, esteve sob a direção do pontífice Joiada enquanto este viveu. Joás pôs em prática medidas importantes, sendo uma delas, os reparos do templo, ainda que o povo continuasse a sacrificar nos altos, 2 Rs 12. 1-16. Depois da morte de Joiada, tanto o rei como o povo abandonaram a Jeová, adorando Aserim e outros deuses. Zacarias, filho de Joiada, denunciou a justiça de Deus sôbre os desobedientes, e, por isso, Joás ordenou que o matassem. A multidão rompeu furiosa e o mataram no átrio da casa do Senhor. 2 Cr 24. 15-22; Mt 23. 35. Logo depois, Hazael rei da Síria, tomando a cidade de Gate aos Filisteus, ameaçou Jerusalém, que foi poupada à custa dos tesouros do templo. Após a saída dos invasores, Joás foi acometido de grave enfermidade.

Amazias, seu filho, é quem dirigia os negócios públicos. No fim de três anos, segundo parece, os servos de Joás o mataram no seu leito, vingando a morte de Zacarias, 2 Rs 12. 20; 2 Cr 24. 25. Sepultaram-no na cidade de Davi, mas não no sepulcro dos reis. Joás era infante em 842 A. C. e tinha sete anos em 835, 2 Rs 11. 21, e seu filho Amazias tinha 25 anos em 804, 14. 2. Portanto, êste filho havia nascido em 828, no décimo quarto ou décimo quinto ano da vida de Joás. Na vida oriental, isto é, fisicamente possível e tem seus paralelos. Joás casou muito cedo por causa das instâncias de Joiada, visto Joás ser o único sobrevivente da casa de Davi. Na sua prole existia a única esperança de ver perpetuada a geração de Davi.

6. Nome de um dos filhos de Joacaz, rei de Israel. Começou a reinar no ano 805 A. C. e reinou dezesseis anos. Continuou a adorar os dois bezerros de Dã e de Betel. Contudo mostrava grande veneração por Eliseu, cuja morte sentiu profundamente. Quando foi visitar o profeta enfermo, este o mandou abrir a janela do lado do oriente e atirar uma flecha. Feito isto, disse ainda o profeta: "Fere a terra com a flecha", e três vezes feriu a terra com a flecha. As flexas simbolizavam as vitórias que ele havia de alcançar sobre os sírios; se ele tivesse ferido a terra seis vezes em lugar de três, ganharia igual número de vitórias, 2 Rs 13. 14-25. Depois disto forneceu 100.000 mercenários a Amazias, rei de Judá, para uma campanha contra os edomitas. Um profeta veio impedir esta marcha e fez voltar os soldados para a sua terra. Na volta, espalharam-se por todas as cidades de Judá, mataram três mil homens e fizeram grande presa, 2 Cr 25. 6-10, 13. Talvez por causa disto, Amazias desafiou a Joás para um encontro. Joás tentou evitar a guerra; Amazias, porém, insistiu. Encontraram-se os dois exércitos em Bete-Semes, cidade de Judá, e Joás saiu vitorioso. Em seguida a este sucesso, deitou abaixo uma parte do muro de Jerusalém e despojou o templo e o palácio do rei, levando todos os seus tesouros e conduzindo reféns em garantia de futuras perturbações. Por morte de Joás, reinou seu filho Jeroboão II, 2 Rs 14. 8-16; 2 Cr 25. 17-24.

7. Nome de um benjamita da família de Becor, 1 Cr 7. 8.

8. Nome de um oficial que tomava conta dos armazéns de azeite, no tempo de Davi, 1 Cr 27. 28.

JOBABE, *Aclamar, tocar trombeta, rugir, deserto.*

1. Nome de uma tribo árabe, oriunda de Jectã, Gn 10. 29; 1 Cr 1. 23. Ignora-se onde se havia localizado.

2. Nome de um rei de Edom, filho de Zara de Bosra, Gn 36. 33; 1 Cr 1. 44, 45.

3. Nome de um rei de Madom, que entrou na guerra contra Josué, em companhia dos reis do setentrião, e que foi derrotado junto às águas de Merom, Js 11. 1; 12. 19.

4 e 5. Nome de dois benjamitas, um deles, filho de Saaraim; e outro, de Elfaal, 1 Cr 8. 9, 18.

JOCDEÃO, *Possuído pelo povo.*

Nome de uma cidade nas montanhas de Judá, Js 15. 56.

JOCMEÃO, *O povo vem junto.*

Nome de uma cidade de Efraim, 1 Cr 6. 68, nas vizinhanças de Abel-Meolá, 1 Rs 4. 12. Os levitas da família de Coate residiram nela, 1 Cr 6. 66, 68. Em Js 21. 22, em vez desta cidade, há outra com o nome de Quibzaim que parece ser a Jocmeão.

JOCNEÃO, *O povo que possua.*

1. Nome de uma cidade, situada perto do monte Carmelo, Js 12. 22. A linha divisória da tribo de Zebulom ia até o rio que passa diante de Jocneão, 19. 11. Deram-na em posse com os seus subúrbios aos levitas, filhos de Merari, 21. 34. A identificação dada por Ell Smith e Robinson com Tell Keimun, a Ciamom, mencionada em Judite 7. 3, é geralmente aceita. Ciamom demorava na parte sul da planície do Esdraelom, nos desfiladeiros do Carmelo, um pouco ao sul de Cisom, e cerca de 25 quilômetros a noroeste de Jezrael. Domina a principal passagem do Esdraelom para o sul da planície.

2. Nome de um lugar mencionado em 1 Rs 4. 12.

JOCSÃ, *Caçador.*

Nome de uma tribo e de seu progenitor, descendente de Abraão e de Quetura, Gn 25. 1, 2. De Jocsã também procederam Seba e Dedã, 3.

JOCTÃ, Do hebreu *Yoktan, pequeno.*

Nome de uma pessoa, ou antes de uma tribo, descendente de Sem, donde procederam treze tribos árabes, Gn 10. 25, 29; 1 Cr 1. 19-23. Corretamente ou não, os muçulmanos dizem *Kahtan* em vez de Joctã.

JOCTEEL, *Sujeito a Deus.*

1. Nome de uma aldeia situada na parte baixa de Judá, Js 15. 33, 38.

2. Nome que o rei Amazias deu à fortaleza que ele tomou no vale das salinas, 2 Rs 14. 7.

JODÁ

Nome de um dos antecessores de Cristo, que viveu em tempo próximo ao exílio, Lc 3. 26.

JODE

Décima letra do alfabeto hebraico, donde se originou o I e o J do nosso alfabeto. Ambas estas letras se empregam como iniciais de nomes hebraicos traduzidos para a nossa língua, tais como Jeconias e outros. Alguns leitores confundem o *Jod* com o *Vau*.

JOEDE, *Jeová é testemunha.*

Nome de um benjamita, descendente de Jesaías, Ne 11. 7.

JOEIRA, PÁ, CIRANDA

Instrumento formado de uma forquilha ou garfo, com seis dentes, empregado na limpeza dos grãos depois de pisados, para separá-los da palha. Também se empregava uma pá. A limpeza fazia-se atirando os grãos para o ar, fazendo voar a palha ou moinha, que também se chama grança. É tradução da palavra hebraica *Mizreh*, denominada *midhra* pelos árabes, Is 30. 24; Jr 15. 7.

JOEIRAR, SACUDIR, MALHAR

Processo de separar os grãos da casca que os envolve. As pequenas quantidades de grãos espalhavam-se na eira, eram malhados com uma vara, ou mangoal, Jz 6. 11; Rt 2. 7. Era por este modo que debulhavam a nigela e os cominhos, Is 28. 27. Quando, porém, se tratava de grandes quantidades, estendiam-se os grãos no eirado e sobre eles passavam as rodas dos carros, ou trilho armado de dentes. O clima da Palestina permitia que este serviço se fizesse ao ar livre, Jz 6. 37. Geralmente em todas as aldeias havia uma eira pública, que servia para todos os lavradores; alguns deles tinham a sua eira de uso privado, 2 Sm 24. 16. Sempre que era possível, os eirados ocupavam uma superfície sobre os rochedos em lugares altos, expostos ao vento que se encarregava de levar as cascas, ou a palha. Na falta de uma eira natural, faziam-na à beira dos caminhos, preparando o terreno em círculo, cujo diâmetro chegava a 50 pés. O solo endurecia-se pelo constante piso do gado que servia na debulha. Desatavam os molhos e os punham em roda da eira. No caso de ser preciso guardar a palha, separavam as espigas da haste e as espalhavam pelo chão. Os bois que trilhavam na eira, ficavam livres do açamo, Dt 25. 4; pisavam os grãos caminhando em roda da eira tantas vezes quantas eram necessárias, e quando preciso, puchavam uma espécie de trenó, ou mesmo um carro, cujo peso aumentavam colocando nele grande pedra para facilitar a operação da debulha. O trenó constava de duas peças de madeira pesada, curvas na frente, com as pontas erguidas, e ligadas entre si. Pelo lado de baixo, colocavam pedras agudas, presas em buracos abertos na madeira. Os carros, pelo menos os que se usavam no Egito, consistiam em uma armação contendo três cilindros de madeira, armados de facas bem afiadas. No caso de haver vento, atiravam ao ar os grãos trilhados, com uma pá, ou com um forcado, a fim de separar a palha do grão, Is 30. 24; Mt 3. 12; Iliada, 13. 588. Na ausência de vento, serviam-se de um enorme abano que agitavam enquanto as pás levantavam os grãos. Poucas vezes o empregavam a não ser para afastar o pó subtil que ficava no solo. O padejamento fazia-se geralmente à tarde, por causa de haver viração. Para prevenir os furtos, o dono da eira ficava de guarda durante a noite, Rt 3. 2. Terminada a debulha, passavam os grãos pelo crivo a fim de eliminar algum corpo estranho, antes de entrarem no moinho.

JOEL, *Jeová é Deus.*

1. Nome de um levita, filho de Azarias, da família de Coate, e antecessor do profeta Samuel, 1 Cr 6. 36, com 34-38.

2. Nome do filho mais velho do profeta Samuel, e pai do cantor Hemã, 1 Sm 8. 2; 1 Cr 6. 33; 15. 17; 6. 28.

3. Nome de um levita gersonita, que em companhia de 130 de seus irmãos, por ele chefiados, auxiliou o transporte da arca da casa de Obede-Edom para a cidade de Davi, 1 Cr 1. 1; 5. 7, 11, 12. Era filho de Ledã, 1 Cr 23. 8, e guarda dos tesouros da casa de Deus, 26. 21, 22.

4. Nome de um homem de Issacar, chefe desta tribo e descendente de Uzi, 1 Cr 7. 3.

5. Nome de um dos valentes de Davi, irmão de Natã, 1 Cr 11. 38.

6. Nome de um dos filhos de Pedaías, e governador na tribo de Manassés em tempo de Davi, 1 Cr 27. 20.

7. Nome de um chefe dos gaditas em Basã, anterior aos reinados de Jotão, rei de Judá, e Jeroboão II, rei de Israel, 1 Cr 5. 12; cp. 17.

8. Nome de um rubenita, possuidor de gado em Gileade, 1 Cr 5. 4, 8, 9.

9. Nome de um levita coatita, filho de Azarias, que auxiliou a purificação do templo durante o reinado de Ezequias, 2 Cr 29. 12.

10. Nome de um dos príncipes da tribo de Simeão que se apoderou de Gador em busca de pastos para seus rebanhos, 1 Cr 4. 35-43.

11. Nome de um dos filhos de Nebo, induzido por Esdras para deixar a sua mulher estrangeira, Ed 10. 43.

12. Nome de um benjamita, filho de Zicri, superintendente em Jerusalém, no tempo de Neemias, Ne 11. 9.

13. Nome de um dos filhos de Petuel e autor do segundo livro dos profetas menores, Jl 1. 1, cuja biografia se ignora. O seu livro abre-se com uma descrição dos estragos causados pelos gafanhotos, agravados pela praga da lagarta e do brugo, 1. 4-12, 17-20; cp. Am 7. 1, 2, 4. Os gafanhotos simbolizam exércitos invasores, Ap 9. 3-11. Os antigos intérpretes das profecias, empregam este nome como símbolo dos inimigos de Israel. Parece, no entanto, que os gafanhotos mencionados no capítulo já referido, e no capítulo dois, fazem parte de uma praga tremenda que devastou as terras de Israel, semelhante a um exército invasor. A Palestina era visitada ocasionalmente por nuvens de gafanhotos, vindas de nordeste, em direção ao mar, onde pereciam, 2. 20. Se o país estava realmente coberto de gafanhotos, isto serviu ao profeta para simbolizar o terrível dia do Senhor, e ao mesmo tempo oferecia ocasião para dar corpo à sua mensagem.

O livro de Joel é sublime mensagem, na qual se encontra, em primeiro lugar, dupla história sobre os juízos de Deus, acompanhada de convites ao arrependimento e à oração, 1. 2 até cap. 2. 17; e em segundo lugar, um anúncio das bênçãos, próximas e remotas, tanto espirituais como materiais que viriam sobre Israel, mediante o seu arrependimento, 2. 18. até cap. 3. 21. Divide-se em quatro partes, a saber:

1. O profeta desenha as desgraças pendentes sobre o país, e convida os habitantes a chorar, a se arrepender e a clamar ao Senhor, 1. 2-12, 13, 14.

2. O profeta explica como se darão os fatos, dizendo: "O dia do Senhor está perto e virá como uma assolação da parte do Todo-poderoso", 15. Será um dia de grande aflição: um povo grande e forte, semelhante a um exército invencível, executará a vontade de Jeová, 2. 1-11. Ainda assim, o arrependimento evitará o castigo, 12-17.

3. Resultados do arrependimento: Jeová, zeloso de sua terra, promete destruir os invasores, dar a seu povo abundantes colheitas, que compensarão os prejuízos causados pelo gafanhoto, pelo brugo e pela ferrugem, e que jamais cairiam em confusão, 18-27.

4. O livramento anunciado a Israel naquele momento, serve para anunciar também as bênçãos futuras. Tendo derramado a chuva sobre a terra

para produzir os frutos, Jeová também derramará o seu espírito sobre toda a carne. O sol e a lua se cobrirão de trevas, como símbolo da ira de Deus, antes que venha o dia terrível de Jeová, como o descreve o cap. 3. 14-17. Todo aquele, porém, que invocar o nome do Senhor, será salvo: porque a salvação se achará, como o Senhor disse, no monte Sião e em Jerusalém, 2. 28-32. Naqueles dias, quando Jeová levantar o cativeiro de Judá todos os seus inimigos serão chamados a julgamento. Como em um quadro, Joel desenha os juízos que Deus executará sobre as nações e o julgamento final do universo, culminando com o estabelecimento de Sião para sempre, 3. 1-21 no texto hebreu é 4. 1-21.

Qual é a data desta profecia?

1. Joel refere-se a uma profecia anterior no cap. 2. 32, cujas palavras se encontram literalmente em Ob 17. Quem sabe se êle tinha em mente a passagem de Is 4. 2, 3, onde ocorrem as mesmas palavras e a mesma idéia!

2. O livro de Joel anuncia a dispersão do povo de Israel entre todos os povos, 3. 2, isto não só em referência às dez tribos em particular mas a todos os filhos de Abraão, de Isaque e de Jacó, povo e herança de Deus. Menciona também o cativeiro de Judá e de Jerusalém, 3. 1, porém, no espírito profético do Dt cap. 28, de Os 6. 11, ou de Mq 3. 12; 4. 10. Porque, enquanto o profeta e o povo estiverem em Judá, Sião existe, Jl 2. 1, 15, e enquanto lá estiver o templo, 1. 14; 2. 17, e houver nele o culto e os sacrifícios, apesar de faltarem as oblações, porque a terra estava devastada, 1. 9-13; 2. 14.

3. As referências aos acontecimentos passados começam na última cláusula do capítulo 3. 2 (texto hebreu 4. 2), conforme parecia indicar a construção gramatical. As nações inimigas haviam partilhado entre si a terra de Jeová, lançando sortes sobre os cativos, despojado o templo de seus tesouros de ouro e prata, vendidos os filhos de Judá aos gregos e derramado o sangue inocente, 2-6, 19. As alusões feitas não se referem ao período depois do exílio, nem ao tempo decorrido, entre a primeira deportação dos judeus e a queda de Jerusalém, nem ao período anterior, quando os assírios invadiram o país, porque os juízos não são pronunciados (a) contra a Síria, ou Babilônia, e sim contra os inimigos de Judá, que eram Tiro, Sidônia, Edom e Egito, 3. 4, 19. Tiro e Sidônia haviam rompido a aliança que tinham com seus irmãos, 3. 4; Am, 1. 9, e haviam comprado aos filisteus, cativos da Judéia, vendendo-os depois aos gregos. A Filístia e Edom não haviam cometido violências contra Judá, Jl 3. 4, 19; 2 Cr 21. 16, 17; 28. 17. (b) Não se fazem referências a Assíria que apenas hostilizou o reino de Judá antes do governo de Acaz, 2 Rs 12. 17. Durante o reino de Acaz e mesmo depois dele, os profetas de Judá referem-se freqüentemente à Síria, como potência inimiga, Is 7. 8; 8. 4, 17; Jr 49. 23-27; Zc 9. 1. (c) Não existem alusões à Assíria, que só entrou em conflito com a Judéia depois do reinado de Acaz, e que durante o meio século que precedeu êste monarca, não exercia grande atividade na Ásia ocidental. (d) Não se faz referência aos gregos, que não haviam penetrado na Palestina nem empregado violência contra Judá. O que se diz dêles é como simples nação afastada à qual os fenícios e os filisteus haviam feito vendas de escravos, filhos da Judéia, e em contraste com os homens de Sabá, povo que habitava outro ponto extremo, a quem Judá vendia cativos da Filístia e da Fenícia, Jl 3. 1-8. Os comentadores em geral são de opinião que as profecias de Joel são anteriores ao reinado de Acaz. O lugar que este livro ocupa na ordem dos profetas menores, indica que a opinião corrente entre os que formaram o cânon, é que Joel começou a profetizar depois que Oséias havia iniciado a sua missão profética e antes de Amós ter começado a sua, isto é, durante o reinado de Ozias, rei de Judá, e enquanto Jeroboão ocupava o trono de Israel, Os 1. 1; Am 1. 1; 7. 10.

JOELA, *Ajude-se.*

Nome de um dos filhos de Jeroão de Gedor, que foi ter com Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 7.

JOEZER, *Jeová é auxílio.*

Nome de um homem de Caraim que se foi unir a Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 6.

JOGBEÁ, *Elevado.*

Nome de uma cidade da tribo de Gade, Nm 32. 35; Jz 8. 11. Seu nome ainda perdura sob a forma Jubeibá, nome de uma aldeia, situada a 11 quilômetros a noroeste de Rabá Amom, no caminho que vai de *es-Salt* para o Jordão.

JOGLI, *Levado ao cativeiro.*

Nome do pai de Buqui, da tribo de Dã, Nm 34. 22.

JOGOS

Em o Novo Testamento, existem numerosas alusões, mais ou menos claras, aos antigos jogos gregos. Entre eles havia quatro, que eram os mais importantes: o Olímpico, em Olímpia, no distrito da Élida do Peloponeso; os jogos píticos, em Delfos, na Fócida; os jogos Nemos, em Argos, na Argólida do Peloponeso, os jogos ístmicos, no istmo de Corinto. Estes jogos consistiam em corridas de carros, de cavalos, corridas a pé; em atirar a malha, ou conca, à balisa, no boxe, ou soco; em lutas corporais e em atirar o dardo. Os candidatos submetiam-se a longos e penosos exercícios. Enormes multidões assistiam a estes espetáculos. Os prêmios alcançados pelos vencedores pouco valiam, mas as honras que recebiam do público, eram grandiosas. Os judeus helênicos do reinado de Antíoco Epifanes, introduziram jogos semelhantes na Judéia, prestigiados pelo rei Herodes, o Grande, I Mac 1. 10, 14; Antig. 15. 8, 1. Vide *Ginásio.*

Os jogos ístmicos faziam-se nas vizinhanças de Corinto, e os outros três, não muito distante dali. É natural, que o apóstolo S. Paulo, nas duas epístolas aos coríntios, usasse de metáforas ou comparações tiradas dos jogos gregos. Na primeira epístola, 9. 24-27, existe uma alusão à disciplina a que se submetiam os corredores no estádio para alcançarem o prêmio. Outras alusões de igual natureza se encontram em várias epístolas, Gl 2. 2; 5. 7; Fp 2. 16; 3. 14; 2 Tm 2. 5. Na epístola aos hebreus 12. 1, 2, existe notável alusão ao preparo daqueles que tinham de correr no estádio. A vasta multidão de homens e mulheres que têm dado testemunho de sua fé em Deus, assemelha-se ao imenso concurso dos que assistem a uma corrida a pé. O competidor lança fora de si tudo quanto possa, para diminuir o peso, inclusive a túnica que envolve o corpo. Exige paciência e perseverança, que se obtêm, olhando com firmeza para o juiz colocado na extremidade do corso para conferir o prêmio ao primeiro que chega.

Cada um destes pormenores tem distinta aplicação espiritual que há de impressionar vivamente a todo leitor da epístola que tivesse assistido a algum destes jogos gregos.

JOIADA, *Jeová conhece.*

1. Nome de um dos filhos de Paséia, que tomou parte na edificação da porta velha de Jerusalém, Ne 3. 6.

2. Nome de um dos principais dos sacerdotes, neto de Josué, Ne 12. 10. Um dos seus filhos casou-se com a filha de Sambalá, governador de Samaria, profanando deste modo as funções sacerdotais. Por causa disto, foi expulso de Jerusalém, Ne 13. 28.

3. Nome do pai daquele Banaías que fêz parte do exército de Davi nos últimos tempos de seu reinado e no reinado de Salomão, 2 Sm 23. 22; 1 Rs 4. 4. Joiada parece ter sido sacerdote, 1 Cr 27. 5, e o chefe dos aronitas que levou 3.700 homens a Davi, quando este se achava em Ziclague, 12. 27.

4. Nome de um dos filhos de Banaías e conselheiro de Davi depois de Aquitofel, 1 Cr 27.

34. A maior parte dos comentadores são de parecer que alguns dos copistas acidentalmente escreveram Joiada, filho de Banaias, em vez de Banaias filho de Joiada. Não há motivo para esta suposição, visto que um neto de Joiada tinha igual nome, e não ocupava lugar saliente neste período.

5. Nome de um sumo sacerdote durante a usurpação de Atalia. A mulher deste sacerdote escondeu no templo o jovem príncipe Joás, o único sobrevivente representante direto de linhagem real. Joiada levou a efeito a revolta em que pereceu a rainha Atalia, sendo Joás proclamado rei. A mulher de Joiada era filha do rei Jorão, e irmã de Ocozias. O sumo sacerdote, portanto, era tio do jovem monarca que ele havia protegido e colocado no trono. Durante a sua vida, serviu de instrumento para conservar o rei fiel ao culto de Jeová, 2 Rs 11. 1 até cap. 12. 16; 2 Cr 22. 10 até cap. 24. 14. Morreu quando tinha 130 anos de idade. Foi sepultado na cidade de Davi, entre o sepulcro dos reis, como tributo de reconhecimento aos eminentes serviços prestados à igreja e ao estado, vv. 15 e 16. Depois que morreu, Joás apartou-se do Senhor, e cruel e ingratamente mandou matar o filho de Joiada por declamar contra os pecados do povo, vv. 17-22.

6. Nome de um sacerdote que, no tempo de Jeremias, foi substituído por Sofonias no cargo de segundo sacerdote e guarda do templo, Jr 29. 26.

7. Nome de um dos filhos de Paséia; tomou parte na reparação da porta de Jerusalém, Ne 3. 6.

JOIAQUIM, *Jeová estabelece.*

Nome de um sumo sacerdote, filho de Josué, Ne 12. 10, 12, 21-26, no reinado de Artaxerxes, Antig. 11. 5, 1.

JOIARIBE, *Jeová defende.*

1. Nome de um dos descendentes de Arão, 1 Cr 24. 7.

2. Nome de um dos chefes dos sacerdotes que voltou de Babilônia com Zorobabel, Ne 12. 6, 7. Na seguinte geração, tomou o mesmo nome um dos chefes de família, v. 19, cap. 1 Mac. 2. 1.

3. Nome de um homem sábio que voltou de Babilônia com Esdras e que foi enviado com outros, desde o rio Aava, a buscar no acampamento, homens dos filhos de Levi, para o serviço do templo, Ed 8. 16, 17.

4. Nome de um homem de Judá, descendente de certo Zacarias, Ne 11. 5.

JÓIAS, PENDENTES ver **PINGENTES**

JOIO ver **CIZÂNIA**

JONÃ, Talvez seja modificação da palavra hebraica YOHANAN, *Jeová tem sido gracioso.*

Nome de um dos antecessores de Cristo e que viveu cerca de 200 anos depois de Davi, Lc 3. 30.

JONADABE, *Jeová é generoso.*

1. Nome de um dos filhos de Simeia, irmão de Davi, 2 Sm 13. 3.

2. Nome de um dos filhos de Recabe queneu, Jr 35. 6; cp. 1 Cr 2. 55. Foi chefe de uma tribo, notável pelos seus costumes austeros. Os queneus viviam em tendas, abstinham-se da agricultura e não bebiam vinho, a fim de conservarem a simplicidade de seus costumes primitivos. Jeú, achando que Jonadabe simpatizava com a sua obra reformadora, abolindo a adoração de Baal, levou-o para Samaria, onde auxiliou a Jeú a lançar fora do templo de Baal todos os sacerdotes que não eram deste deus, a fim de que os sacerdotes de Baal fossem mortos, sem escapar um só, 2 Rs 10. 15-23.

JONAS, *Pomba.*

1. Nome de um dos profetas de Israel, filho de Amitai, natural de Gate. Antes de findar o reinado de Jeroboão II, profetizou que Israel recobraria os antigos limites desde a entrada de Hamate até ao mar do deserto, 2 Rs 14. 25; Jn 1. 1. O livro de Jonas é o quinto na ordem dos profetas menores. Na versão dos Setenta ocupa o sexto lugar. Pode-se dividi-lo em seis secções. I. Desobediência de Jonas, cap. 1. Deus ordenou-lhe que fosse pregar a Nínive, anunciando-lhe a sua próxima destruição. Jonas, porém, desejava que aquela cidade fosse castigada, abatendo assim um dos grandes inimigos de Israel. Receava que a sua pregação produzisse efeitos contrários a seus desejos, que o povo se arrependesse e que Jeová suspendesse a execução de sua justiça. Por isso, desceu a Jope e encontrando ali um navio que ia para Társis, embarcou nele. Pavorosa tempestade se levantou, ameaçando o navio. Os marujos lançaram sortes para descobrir o causador de tão forte calamidade. A sorte caiu sobre Jonas. Então ele lhes contou que era servo do Deus do céu, que fez o mar e a terra, e que se o lançassem às ondas, cessaria a tempestade. Com relutância obedeceram. A tempestade acalmou-se logo, e o profeta que havia desaparecido no abismo, foi tragado por um grande peixe que Deus havia preparado. II. A oração de Jonas, cap. 2. Surpreendido por achar-se vivo no seio das águas, o profeta deu graças a Deus por o haver livrado da morte e manifestou desejo de salvar-se. Finalmente o peixe o vomitou na praia. III. A mensagem de Jonas e seus resultados, caps. 3 e 4. Encarregado pela segunda vez para ir a Nínive, obedeceu e deu cumprimento à sua missão. Os ninivitas fizeram público arrependimento e Deus poupou a cidade. Jonas mostrou-se descontente com o resultado da sua missão, não por causa do arrependimento que os salvou, 3. 9; 4. 2, mas porque ele sentia que a sorte de sua pátria corria sério perigo. Pela hera que o Senhor havia feito murchar, ensinou-lhe Jeová uma lição da misericórdia divina para com os homens. O motivo que levou Jonas a fugir, foi sem dúvida a noção estreita de seu patriotismo. Receava que Nínive se arrependesse e que Deus na sua misericórdia salvasse a cidade. Jonas desejava antes a sua destruição, 4. 2, 4, 11, por ser um dos grandes inimigos de Israel. Se não fôsse destruída, a sua pátria correria sério perigo.

O objetivo deste livro é mostrar que a graça de Deus não se limitava a beneficiar os filhos de Abraão, e que os gentios, conquanto ainda fora do alcance da lei, também poderiam participar dos favores divinos. Além desta grande lição, o livro de Jonas oferece ilustrações de grande valor espiritual.

1. Nínive arrependeu-se ao ouvir a pregação de Jonas, enquanto que Israel permanecia surdo à pregação dos profetas que lhe eram enviados, cp. Mt 12. 41. É um tipo de verdade que seria demonstrado futuramente na pronta conversão dos gentios, em contraste com a incredulidade de Israel. Os gentios submeter-se-iam à lei moral e aceitariam a revelação divina no seu todo, conforme o método de salvação esboçado por Oséias e Isaías, Os cap. 14; cp. Is 2. 2-5.

2. Jonas, na qualidade de israelita e de servo de Deus, foi enviado a pregar aos gentios, provando deste modo que é da vontade de Deus que o seu povo seja quem guie os gentios ao seu reino e os conduza ao arrependimento. Jonas não foi o único dos israelitas em que esta verdade se exemplificou. Elias foi enviado a uma viúva de Sarepta, 1 Rs 17. Eliseu curou da lepra a Naamã da Síria, 2 Rs 5. Cristo conversou com a mulher samaritana acerca das cousas de Deus e curou a filha de uma mulher sirofenícia, Mc 7; Jo 4.

3. Jonas, israelita e servo de Deus, fugindo ao cumprimento de um dever, é lançado ao mar, donde Deus o tirou para obedecer ao mandado divino. Isto vem ilustrar a doutrina profética, que os filhos de Israel, faltando aos deveres que lhes

foram impostos, seriam expulsos de sua terra. As relíquias, porém, principalmente as de Judá, seriam salvas para executarem a missão de Israel para o mundo, Is 42. 1-4; 49. 1-13; cp. 2. 1-4; 2. 2-4; 11. 10.

4. Jonas, servo de Deus, precipitado no abismo, e tirado de lá vivo, Jn 2. 2, 6, ilustra e talvez prediz a morte e sepultamento do Messias e a sua ressurreição, ele que era o verdadeiro israelita e perfeito servo de Deus, Mt 12. 40. Alguém tem posto em dúvida que o livro de Jonas tenha sido escrito por ele. O título, 1. 1, é semelhante ao de Os, Jl, Sf, Mq, Ag e Zc cuja autoria não sofre contestações. Dizem mais que o livro foi escrito muito tempo depois da morte de Jonas, porque: 1. Na oração a ele atribuída encontram-se citações de salmos. Por exemplo: O cap. 2. 3 contém palavras do salmo 4. 7; o v. 5 do mesmo cap. recorda as palavras do salmo 69. 2; o v. 9 do mesmo capítulo encerra o pensamento do Sl 50. 14. Porém os salmos podem igualmente conter citações de Jonas, 2. A linguagem do livro de Jonas contém elementos aramaicos e construções gramaticais que se encontram em livros de épocas posteriores. Mas o profeta Jonas pertencia ao reino do norte, isto é, ao reino de Israel, e as feições lingüísticas do livro assemelha-se à literatura do norte, como seja: O canto de Débora, as narrações de Elias e de Eliseu e as profecias de Oséias. A palavra *taam*, de significação aramaica, é vocábulo assírio, que significa uma ordem do rei, e é a mesma palavra que se encontra no livro de Jonas, empregada pelo rei assírio. 3. Falta o nome do rei assírio que governava Nínive, o que parece indicar que o autor do livro o ignorava. Porém, a referência é feita meramente ao monarca como tal, justamente como se lê em Jz 11. 12, 13 em que Jefté enviou mensageiros ao rei dos filhos de Amom, sem dar o nome do rei. O mesmo modo de dizer se encontra em referência ao rei de Moabe, em 1 Sm 22. 3; e assim por diante, falando do rei de Edom, 2 Rs 3. 12, do rei da Assíria 23. 29; 2 Cr 33. 11, do rei de Damasco, 2 Cr 24. 23, apesar de serem nomes muito conhecidos aos escritores dos respectivos livros, mas que não julgaram necessário mencioná-los. Geralmente os hebreus falavam dos reis de Nínive, dizendo: rei da Assíria, e no livro de Jonas diz-se rei de Nínive. Do mesmo modo, se diz de Seom, rei dos amorreus, Nm 21. 21, 29; Dt 1. 4; 3. 2; 4. 46, também denominado rei de Hesbom, Dt 2. 26; Js 2. 5; 13. 27, lugar de sua residência oficial. A Benadade chamava-o rei da Síria, 1 Rs 20. 1, e também rei de Damasco, 2 Cr 24. 23. Acabe era rei de Israel e também o denominavam rei de Samaria, 1 Rs 21. 1. A data da profecia de Jonas pode ser antes do reinado de Jeroboão II, ou pouco depois dele, 2 Rs 14. 25. Cronologicamente talvez pertença à época posterior a Amós, Am 1. 1, antes do reinado de Tiglate-Pileser, rei da Assíria, que começou a governar no ano 745 A. C. Alguns consideram o livro de Jonas como mito, lenda, parábola ou conto. Os principais intérpretes são de opinião que este livro é: 1. Uma alegoria, ou narração parabólica, opinião muito em voga, removendo a idéia de milagre, ou se não houve milagre na salvação de Jonas, é extraordinária a natureza do acontecimento. Dizem que Jonas era o tipo de Israel, fugindo às obrigações que lhe eram impostas de dar testemunho da vontade de Deus ao mundo. O mar representa freqüentemente as nações enfurecidas; o sono de Jonas, simboliza a frouxidão de Israel em cumprir os seus deveres para com os gentios, e por êste motivo entregue ao cativeiro das nações estrangeiras, porém, conservado vivo; tendo sofrido as lições do cativeiro, porém, ainda preparado para empreender o cumprimento de sua missão, e ainda assim na estreita compreensão da grande misericórdia de Deus para com as suas criaturas. Em apoio desta teoria, citam o profeta Jeremias que representa Nabucodonosor sob a imagem de um dragão engulindo a Israel, mas ao mesmo tempo vomitando a sua presa, 51. 34. Citam ainda Oséias que representa o exílio de Israel durando apenas três dias, Os 6. 2. Mas, se o livro de Jonas contém imagens tiradas de Jeremias, o mesmo se pode dizer de Jeremias, haver emprestado as suas imagens de Jonas. Oséias foi contemporâneo do profeta Jonas no reino de Israel, e poderia inspirar-se nas lições de Jonas se houvesse dependência recíproca, entre Os 6. 2 e Jn 1. 17. 2. Alegoria histórica. O elemento miraculoso aumenta ou diminui segundo o juízo e o conhecimento individual. A concepção da narrativa como verdade histórica, tem a seu favor o seguinte: (I) A forma do livro é histórica, e todos que o lêem recebem esta impressão. (II) Jonas é sem contestação uma personagem histórica. (III) Conquanto se possa dizer que as palavras de Cristo a respeito de Jonas estar no ventre da baleia, não quer dizer que o fato seja realmente histórico e que Jesus acreditasse na sua realidade, é, não obstante muito provável que os judeus pensassem de modo diferente e que Jonas fosse tido como personagem real, Mt 12. 39; Lc 11. 29, 30. (IV) O conteúdo deste livro foi sempre considerado pelos judeus como narração histórica, Antig. 9. 10, 2. (V) O arrependimento dos ninivitas é fato digno de fé. Os ninivitas, como todos os outros povos eram supersticiosos; as misérias do povo e a condição lastimável do império, dispunham-nos a escutar a voz dos deuses. O aparecimento de um profeta, vindo de terra estrangeira, da qual haviam sabido cousas maravilhosas, devia ter produzido um efeito extraordinário: o Espírito de Deus opera quando e onde quer. Contra o caráter histórico do livro, há os seguintes argumentos: (a) Que a conversão permanente dos ninivitas não se deu. De certo que não, e nem se diz isso em qualquer parte do livro: o que se diz é que o povo daquela geração se arrependeu sob a ação do rei. Assim aconteceu com os homens de Judá no reinado de Ezequias e de Josias, que se santificou à ordem de seus reis. (b) Outro argumento contra o caráter histórico do livro, é a descrição que ele faz sobre as dimensões da cidade, 3. 3; 4. 11. Veja *Nínive*. (c) Outro argumento põe em dúvida o rápido crescimento da planta que protegeu a cabeça de Jonas contra o ardor do sol, 4. 10. Mas este crescimento foi miraculoso ou extraordinário? O Targum traduz o v. 10 desta forma: "Que em uma noite cresceu e em outra murchou." Provavelmente esta linguagem representa o caráter efemero da planta, pela própria narrativa dos vv. 6-8 não se pode concluir que o crescimento fosse miraculoso, cp. Sl 90. 6; Mt 6. 30. (d) Diz-se ainda que o livro teve foros de histórico quando se punha em ordem o cânon hebraico, colocando-o entre os livros históricos e não entre os proféticos. Porém os fatos nele contidos são típicos e proféticos, como os que se encontram em Zc 6. 9-15. E o que é mais, o cânon hebraico não faz distinção entre livros históricos e livros proféticos. Os escritos em prosa dos profetas oficiais estão agrupados por si mesmos. Excetuando o livro de Rute, todos os demais livros, desde Josué até ao 2º livro dos Reis, inclusive, pertencem à classe dos livros proféticos. Esta coleção forma uma história contínua, seguida imediatamente por um segundo grupo denominado profético que compreende todos os demais livros restantes que têm o nome oficial do profeta. E aqui o lugar a que pertence o livro de Jonas, e aqui foi ele colocado. Vide *Cânon*.

2. Nome do pai de Simão Pedro, Mt 16. 17; Jo 1. 42; 21. 15.

JONATAS, *Jeová deu*.

1. Nome de um dos filhos de Uzias, nomeado por Davi, intendente dos tesouros, espalhados em várias localidades fora de Jerusalém, 1 Cr 27. 25.

2. Nome de um dos levitas que Josafá enviou para ensinar a lei de Deus ao povo das cidades de Judá, 2 Cr 17. 8.

3. Nome de um sacerdote, chefe da família de Semaías, nos dias do sumo sacerdote Joiaquim, Ne 12. 18.

4. Nome de um levita, filho ou descendente remoto de Gérson, filho de Moisés, Jz 18. 30. Parece que este levita é o mesmo que andava por Belém de Judá, e que deixou esta cidade para estabelecer-se em melhor lugar. Passou pelo monte de Efraim e alojou-se em casa de Micas para oficiar como sacerdote perante uma imagem de Jeová, 17. 7-13. Quando os danitas saíram em busca de novos estabelecimentos ao norte da Palestina, roubaram os ídolos de Micas e persuadiram o levita a acompanhá-los, prometendo-lhe o lugar de sacerdote da tribo em vez de o ser em uma casa particular. Cumpriram os danitas o que haviam prometido ao levita: Jônatas ficou sendo o primeiro de uma linhagem sacerdotal, adorando no altar do ídolo furtado, todo o tempo em que a casa de Deus esteve em Silo até ao dia de seu cativeiro, Jz 18. 3-6, 14-31. Para evitar a desonra de se contar um idólatra entre os descendentes de Moisés, inseriram a letra *nun*, na palavra hebraica Moisés, transformando-a em Manassés, como se lê no v. 30, do cap. 18. Esta letra *nun* não foi incorporada ao texto, e sim posta um pouco acima da linha.

5. Nome do filho mais velho de Saul, primeiro rei de Israel, 1 Sm 14. 49; cp. 20. 31. Depois que seu pai subiu ao trono, Jônatas comandava uma coluna de 1.000 homens, e Saul outra de 2.000. Jônatas bateu a guarnição dos filisteus que estava em Gibeá, 1 Sm 13. 3. Pouco depois, o jovem príncipe, acompanhado apenas do seu escudeiro, trepou de gatinhas ao campo dos inimigos, e caiu sobre eles, que tomados de espanto, fugiram em todas as direções, deixando o campo coberto de cadáveres, 14. 1-23. Naquele mesmo dia, Saul quase deu a morte a seu heróico filho por ter comido mel em um bosque, ignorando a ordem do rei que proibiu que alguém comesse pão antes da tarde. Porém, o povo interferiu, não permitindo que Saul sacrificasse a seu filho, 24-26. Quando Davi, que então era ainda muito jovem, e quase desconhecido, ganhou a vitória sobre Golias, Jônatas, dotado de grande coração, concebeu ardente afeição pelo herói, 18. 1, e ligou-se tão estreitamente a ele que nunca mais o abandonou, nem mesmo quando Saul lhe declarou que o seu amigo poderia um dia disputar o trono. Durante o tempo em que Saul perseguiu a Davi, Jônatas comunicava-se sempre com ele, informando-o dos planos de Saul e dando-lhe as instruções precisas para garantia de sua vida. Saul desconfiando que a conduta de Jônatas era desleal, tentou atravessá-lo com uma lança como por várias vezes havia feito para matar a Davi, caps. 18 a 20. Desta vez, Jônatas tentou reconciliar Saul com Davi. Este aguardava o resultado da mediação de Jônatas, escondido no campo. Ambos os amigos previram a dificuldade que Jônatas encontraria em dar aviso a Davi, especialmente no caso de fracassarem os seus esforços em conseguir a pacificação. Todos sabiam que Jônatas defendia a causa de Davi, e por isso o vigiavam de perto, para evitar comunicações entre ambos. Com o fim de afastar suspeitas, Jônatas simulou uma caçada, e por meio de uma seta atirada de seu arco, avisou a seu amigo do perigo que o ameaçava, despachou para trás o seu criado, e teve um encontro com Davi. Os dois amigos viram-se de novo na brenha de Zife, 1 Sm 23. 16-18. Jônatas, dois de seus irmãos e seu pai Saul, foram mortos na batalha do monte de Gilboa. Os filisteus penduraram os seus cadáveres nos muros de Bete-Seã. Os habitantes de Jabes de Gileade, sabendo de tudo que os filisteus haviam feito a Saul, saíram os mais valentes deles e marcharam toda a noite e tiraram o cadáver de Saul e de seus filhos do muro de Bete-Seã, voltando para Jabes de Gileade e ali os sepultaram, 31. 1, 11-13; 1 Cr 10. 2, 8-12. Davi chorou a morte de Saul e de seus filhos, 2 Sm 1. 17-27. Jônatas deixou um filho, chamado Mifibosete, estropiado dos pés, 2 Sm 4. 4. Davi tratou-o benignamente em atenção a Jônatas seu pai, cuja linha genealógica passou a várias gerações, aumentando sempre como si todos os perigos de sua extinção houvessem desaparecido, 2 Sm 9. 1-13; 1 Cr 8. 33-40; 9. 39-44.

6. Nome de um tio de Davi, homem prudente e letrado, conselheiro do rei, 1 Cr 27. 32. Alguns expositores pensam que nesta passagem, a palavra hebraica, tio, é empregada em sentido geral, significando parente, e dizem que este conselheiro é um Jônatas sobrinho de Davi.

7. Nome de um dos filhos do pontífice Abiatar, e um dos dois moços que se esconderam em En-Rogel perto de Jerusalém, enquanto durou a rebelião, para dar notícia a Davi do que se passava na cidade, 2 Sm 15. 36; 17. 15-22. Quando Adonias tentou usurpar o trono, e enquanto se banqueteava, Jônatas trouxe a notícia de que Salomão havia sido proclamado rei. À vista do que todos os convivas trataram de fugir, 1 Rs 1. 41, 49.

8. Nome de um dos filhos de Simei, irmão de Davi, que se notabilizou por haver matado um dos gigantes de Gate, 2 Sm 21. 21, 22.

9. Nome de um dos valentes de Davi, e filho de Sage, hararita, 1 Cr 11. 34; cp. 2 Sm 23. 11.

10. Nome de um dos oficiais de Davi, 1 Cr 27. 25.

11. Nome de um dos filhos de Careá; depois da tomada de Jerusalém por Nabucodonosor, acolheu-se à proteção de Gedalias, Jr 40. 8. Este nome não se encontra na passagem correspondente em 2 Rs 25. 23, talvez por omissão acidental.

12. Nome de um escriba cuja casa serviu de prisão ao profeta Jeremias, Jr 37. 15, 20.

13. Nome de um dos filhos de Jada, 1 Cr 2. 32.

14. Nome de um dos descendentes de Adim, Ed 8. 6.

15. Nome de um dos oponentes à proposta de Esdras para o abandono das mulheres estrangeiras, Ed 10. 15.

16. Nome de um levita da linhagem de Asafe, Ne 12. 35; cp. 11. 15, 17.

17. Nome de um sacerdote, chefe de família, nos dias do sumo sacerdote Joiaquim, Ne 12. 14.

18. Nome de um sumo sacerdote, filho de Joiada, Ne 12. 11.

19. Nome do filho mais moço do sacerdote Matatias, 1 Mac 2. 5. Quando seu irmão, Judas Macabeu, foi morto na batalha, ano 160 A. C. Jônatas tomou o seu lugar, 9. 23-31. As fôrças militares de que dispunham eram insuficientes para operações ofensivas contra os sírios, e, por isso, retirou-se para o deserto de Tecoa, 33. Tinha o sobrenome de Afus, 2. 15, que quer dizer *Dissimulador*, nome que lhe foi dado, por ocasião de sua primeira façanha, em que por meio de uma emboscada, matou os filhos de Jambri, que haviam assassinado a seu irmão João, 9. 37-41. Em um dia de sábado do ano 157 A. C. repeliu um ataque dos sírios, comandados por Baquides, na margem oriental do Jordão; mas, depois da vitória, ele e seus companheiros entraram no rio e nadaram para o lado oposto, 9. 43-38, onde se demoraram, 58, frustrando as tentativas dos inimigos para assassinarem o seu chefe, 60, 61. Jônatas e Simão fortificaram-se em Betbasi no deserto, provavelmente em Tecoa. Quando Baquides pôs cerco à fortaleza, Jônatas encarregou a Simão de defender a posição, enquanto ele devastava o país vizinho, 62, 66. Baquides viu-se em tais apertos que se sentiu obrigado a fazer a paz com Jônatas e a abandonar a Judéia, 67-72. Jônatas fixou residência em Macmás e ali julgava o povo. 73. Quando Alexandre Balas se revoltou contra Demétrio, rei da Síria, este correu à procura de aliança com Jônatas, autorizando-o a reunir tropas. Os sírios, que ainda se achavam entrinchei-

rados na Judéia, fugiram e Jônatas entrou em Jerusalém no ano 152 A. C., 10. 1-14. Alexandre, desejando igualmente o auxílio de Jônatas, nomeou-o sumo sacerdote dos judeus e amigo do rei. Jônatas vestiu as insígnias pontificiais na festa dos tabernáculos no ano 152 A. C., 15-21. Demétrio, logo que soube deste fato, apressou-se a fazer maiores vantagens aos judeus, 22-45. Jônatas desprezou as promessas de Demétrio. Alexandre, logo que tomou posse do trono da Síria, no ano 150 A. C., nomeou-o governador de Judéia, 46. 59-66. No ano 148-147 A. C. Demétrio II ergueu o estandarte da revolta contra Alexandre, no que foi auxiliado por Apolônio que enviou uma ameaçadora mensagem a Jônatas. Este tomou Jopa e derrotou Apolônio na planície vizinha, 67-87. Quando Ptolomeu, sogro de Alexandre, interveio na guerra, Jônatas se mostrou muito grato e o acompanhou até aos limites da Síria, 11. 1-7. Ptolomeu, atraiçoando a Alexandre, deu o trono a Demétrio. Jônatas conseguiu a amizade do novo rei, e prestou-lhe grandes serviços, fornecendo-lhe um contingente de 3.000 soldados, que sufocaram uma insurreição contra Demétrio em Antioquia. Demétrio usou de falsidade, e Jônatas tomou o partido do jovem Antioco, travando lutas proveitosas com as tropas de Demétrio perto de Cades, na Galiléia. Jônatas agora pede o auxílio dos romanos e dos espartanos, 12. 1, 2. Empreendeu operações agressivas contra Demétrio, cujas tropas derrotou nas vizinhanças de Emate, 24-35. Porém, Trifom, que havia desposado a causa do jovem Antioco, ergue-se agora contra seu senhor e tenta a ruína de Jônatas. Persuadiu o chefe judaico a acompanhá-lo com uma pequena escolta até Ptolemaida. Quando Jônatas entrou na cidade, fecharam-se as portas, os soldados de Jônatas foram passados à espada, ficando ele na prisão por algum tempo, e finalmente assassinado em Gileade no ano 143 A. C., 39-48; 13. 12-23. Os restos mortais de Jônatas vieram para Modim, onde os depositaram no sepulcro da família.

20. Nome de um general filho de Absalão que, sob o comando de Simão Macabeu, se apoderou de Jopa, 1 Mac 13. 11.

JOPE, JAFO, *Beleza.*

Nome de uma cidade da Palestina que entrou na partilha de Dã, Js 19. 46. Era o porto de mar de Jerusalém, onde iam ter as jangadas com as madeiras cortadas no Líbano e dali transportadas para a construção do templo de Salomão, 2 Cr 2. 16. Jonas embarcou neste porto em demanda de Társis, quando tentava escapar-se de Jeová, Jn 1. 3. Por ocasião de reconstruir o templo depois da volta do cativeiro de Babilônia, os tírios e os sidônios traziam madeiras de cedro do Líbano ao mar de Jope, segundo a ordem que Ciro, rei dos persas, havia dado, Ed 3. 7. Em Jope morava uma discípula por nome Tabita, cheia de boas obras e de esmolas que fazia, a qual, tendo morrido, o apóstolo S. Pedro a ressuscitou dos mortos, At 9. 36-42. Dêste milagre resultaram muitas conversões ao Cristianismo naquele lugar. O apóstolo ficou ali por algum tempo, hospedado em casa de certo Simão curtidor de peles, 9. 43; 10. 5, 6. A esta cidade foram enviados os servos de Cornélio para levarem Pedro a Cesaréia, 7-48.

Jope ainda floresce. Os árabes a denominam *Yafa* e os ingleses Jafa. Uma linha de arrecifes prende-se ao promontório onde se acham as edificações, formando um porto, que, apesar de pequeno e muito perigoso, é o único da costa, cercado de rochas, com duas entradas: a do norte é perigosa por causa dos baixos de areia, e a do sul por ser muito estreita e perto dos rochedos. Poucos navios, e estes de pequeno tamanho se podem acomodar dentro dele. A cidade está sobre um outeiro de granito de forma oblonga sobre diversas plataformas sucessivas formadas em camadas sobrepostas. Nas vizinhanças da cidade há lindos jardins bem regados e pomares de laranjeiras, limoeiros, damasqueiros, marmeleiros e outras árvores frutíferas. Contém fábricas de sabão e cortumes. É porto de mar da Palestina e ponto terminal de uma estrada de ferro que vem de Jerusalém.

JOQUEBEDE, *Jeová é grande.*

Nome de uma das filhas de Levi que se casou com seu primo Anrão, de quem procedem Maria, Arão e Moisés, Ex 6. 20; Nm 26. 59.

JOQUIM

Nome de um homem de Judá da família de Sela, 1 Cr 4. 22.

JORAI

Nome de um gadita, 1 Cr 5. 13.

JORÃO, *Jeová é sublime.*

1. Nome de um dos filhos de Acabe, rei de Israel, 2 Rs 8. 1.

2. Nome de um sacerdote, enviado por Josafá para instruir o povo, 2 Cr 17. 8.

3. Nome de um dos filhos de Josafá e rei de Judá, 2 Rs 8. 16.

4. Nome de um dos filhos de Toí, rei de Hamate, enviado por seu pai a congratular-se com Davi por haver alcançado a vitória sobre Hadaezer, 2 Sm 8. 10. Em 1 Cr 18. 10, é chamado Adorão, que significa "O deus Adu."

5. Nome de um levita, descendente de Moisés, 1 Cr 26. 25; cp. 23. 15, 17.

6. Nome de um filho de Acabe, rei de Israel. Por ocasião da morte de seu irmão mais velho, Ocozias, subiu ao trono, 853 A. C., e reinou até 842. Deitou abaixo a imagem de Baal que seu pai tinha feito, mas conservou os bezerros que Jeroboão havia levantado. Por ocasião da morte de Acabe, Mesa, rei de Moabe, rebelou-se e deixou de pagar os tributos. Para recobrar o domínio sobre Moabe, Jorão conseguiu o auxílio do rei Josafá e de um governador edomita. Quando êstes confederados rodeavam a parte sul do Mar Morto, quase pereceram à sede. A conselho de Eliseu, cavaram umas poças que ao dia seguinte se encheram de água. Os raios do sol matutino tingiram de vermelho as águas das poças. Levantando-se ao romper da manhã, viram os moabitas, defronte de si as águas vermelhas como sangue e disseram: "É sangue derramado pela espada: os reis pelejaram entre si e de parte a parte se mataram." Marcharam sobre o campo dos israelitas para se apoderarem da presa. Jorão e seus aliados bateram os moabitas e os mataram, 2 Rs 3. 1-27. Veja *Pedra moabita.* O rei da Síria enviou uma carta ao rei de Israel, que outro não podia ser senão Jorão, para que o seu servo Naamã fosse curado da lepra que padecia, 5. 1-27. Eliseu também enviou uma mensagem a Jorão avisando-o do perigo que o esperava em certo lugar, 6. 8-23. Durante o cerco de Samaria, por Benadade, rei da Síria, o povo sofreu os rigores da fome, a tal ponto que o rei de Israel decretou a morte de Eliseu, 24-31. Este o denominou filho do homicida, 24. O fim dêste rei foi trágico. Estando em Jezrael, tratando das feridas que recebeu em Ramote de Gileade, deram-lhe aviso de que Jeú vinha de encontro a ele. Tomando o seu carro, e acompanhado por seu sobrinho, o rei de Judá em outro carro, os dois reis saíram de encontro a Jeú. Chegados que foram ao campo em que a mãe de Jorão havia derramado o sangue de Nabote para se apoderar da sua vinha, Jeú feriu a Jorão por entre as espáduas, e a flecha lhe saiu pelo coração, e caiu morto no seu coche, 9. 14-26. Com a morte de Jorão cessou a dinastia de Onri e começou a de Jeú.

7. Nome de um dos sacerdotes que Josafá enviou a instruir o povo, 2 Cr 17. 8.

8. Nome de um dos filhos de Josafá. No ano 854 A. C. associou-se com seu pai no governo, e no ano 849, cinco anos depois, passou a governar sozinho, 2 Rs 8. 16; cp. 1. 17; 3. 1. Logo que se viu seguro no trono, Jorão mandou matar à espada

todos os seus irmãos e alguns dos grandes de Israel, 2 Cr 21. 1-4. Tinha-se casado com uma das filhas de Acabe, que o levou às práticas grosseiras do paganismo, assim como fizera Jezabel com Acabe, 2 Rs 8. 18; 2 Cr 21. 6-11. Como sempre, a sua apostasia produziu-lhe grandes males. Os edomitas revoltaram-se, e apesar de os haver vencido, eles conquistaram a sua independência. Lobna também se revoltou para não estar debaixo de sua obediência, 2 Rs 8. 20-22; 2 Cr 21. 8-10. Suscitou o Senhor contra Jorão o espírito dos filisteus e dos árabes, que confinavam com os etíopes, os quais entraram na terra de Judá, assolaram-na e saquearam tudo o que acharam no palácio do rei; além disso, seus filhos e mulheres, de modo que não lhe ficou filho algum se não Joacaz que era o mais moço; e, em cima de tudo, o feriu o Senhor com uma doença incurável nas entranhas, 2 Cr 21. 16, 17; 22. 1. Enquanto durou a sua enfermidade, Ocozias agia como regente, 2 Rs 9. 29; com 8. 25, 26. Ninguém sentiu a sua morte. Reinou oito anos, vindo a falecer no ano 842 A. C., quando seu filho Ocozias subiu ao trono, 2 Rs 8. 24; 2 Cr 21. 12 até 22. 1.

JORDÃO, *Que desce.*

Nome do rio mais importante da Palestina, formado por várias nascentes. A nascente oriental está em Banias, que é a antiga Cesaréia de Filipos, cujas águas correm abundantemente de uma caverna aberta em um penhasco elevado. A nascente central, que é a maior delas, está em *Tell el-Kádi*, que parece ser a antiga Dã, onde nasce o Ledã formado por duas fontes volumosas. A terceira, que fica mais ao norte, é a fonte abaixo de Hasbeila por onde corre o rio Hasbani. Thomsom diz que o Hasbani é mais longo, que o Ledã, é o mais largo, e que o Banias é o mais belo dos três rios. Desde a origem do rio, em Banias até ao lago de Hulé, a distância é de cerca de 22 quilômetros. A junção do Banias e do Ledã faz-se na distância média entre estes dois pontos, e a confluência com o Hasbani, dá-se a menos de uma milha, mais abaixo. O lago tem cerca de sete quilômetros e meio de comprimento. Saindo o Jordão deste lago, encaminha-se para o sul e entra no mar de Galiléia depois de um curso de perto de 20 quilômetros, que por sua vez tem 23 quilômetros de comprimento. Atravessando este mar vai serpeando até entrar no Mar Morto, na distância em linha reta de 120 quilômetros, desde o mar de Galiléia. Incluindo os dois lagos, o rio mede cerca de 193 quilômetros desprezando as curvas. Entre os demais rios do mundo, o Jordão é o único que se acha inferior ao nível do mar. A nascente de Banias está a 330 metros acima do Mediterrâneo. Quando entra no lago Hulé, desce a 2,30; no mar de Galiléia já está a 225 metros, e quando entra no Mar Morto, está a 426 metros abaixo do Mediterrâneo. Foi-lhe bem posto o nome de Jordão, que quer dizer: o *que desce*. O curso é muito sinuoso. O tenente Lynch, da armada americana, em 1848, chefiou uma expedição vinda dos Estados Unidos e navegou desde o mar de Galiléia até o Mar Morto. Diz ele: "Em um espaço de 60 milhas de latitude e 4 de longitude, o Jordão percorre, pelo menos, 200 milhas. Passamos por vinte e sete grandes corredeiras ameaçadoras, além de muitas outras de menor importância." As narrações bíblicas referentes a este rio, relacionam-se principalmente com a parte compreendida entre o mar de Galiléia e o Mar Morto. As suas margens são bordadas de árvores frondosas e arbustos, em que abundam as tamareiras, os loendros e os salgueiros, entre os quais se abrigam os leões, Jr 49. 19; Zc 11. 3. A parte sul do vale do Jordão, onde o nível é mais baixo, assemelha-se muito a uma zona tropical, e no tempo das chuvas produz vegetação luxuriante. Guer. 4. 8, 3. Por causa desta fertilidade, é que Ló, desprezando certas considerações morais, escolheu este lugar para sua residência, Gn 13. 8-13. O rio não tinha pontes até ao tempo do domínio romano; a travessia fazia-se pelos vaus, que ofereciam fácil transporte na parte superior, até a foz do Jaboque, por onde passou Jacó, 32. 10; 33. 18. Para baixo deste porto, o rio é raramente vadeável e isto mesmo em certas épocas do ano.

Vale do Jordão

A correnteza do rio é tão forte perto de Jericó, que os numerosos peregrinos que vão tomar banhos ali, correm sério perigo de serem levados pela corrente. Para que os israelitas o atravessassem em qualquer estação, e principalmente quando trasbordava, foi precisa a intervenção divina para reter as águas, Js 3. 1-17; 4. 1-24; Sl 114. 3, 5. A enchente do Jordão, que se dá no mês de março ou abril, é produzida pelas chuvas abundantes e pelo derretimento das neves no Hermom, Js 3. 15. A fuga dos midianitas, quando perseguidos por Gideão, fez-se pelos vaus, acima da foz do Jaboque Jz 7. 24; 8. 4, 5. Davi quando fugia de Absalão, e ao voltar para Jerusalém, atravessou duas vezes o Jordão em algum lugar, entre Jericó e o Jaboque, 2 Sm 17. 22, 24; 19. 15-18. Elias e Eliseu, no meio dos maravilhosos eventos de sua vida, atravessaram o Jordão em Jericó, 2 Rs 2. 5-8; 13-15. Naamã da Síria, por ordem do profeta, lavou-se sete vezes no Jordão, em algum lugar das passagens do norte, ou do sul do mar de Galiléia, para curar-se da lepra, 2 Rs 5. 14. João Batista administrava o rito que lhe deu o nome, no rio Jordão, onde também nosso Senhor foi batizado, Mt 3. 6, 13-17.

JORIM

Nome de um dos antecessores de Cristo que viveu no ano 850, depois de Davi, Lc 3. 29.

JORQUEÃO, *Expansão.*

Nome de um lugar que foi povoado por membros da família de Hesrom, e da casa de Calebe, 1 Cr 2. 44.

JOSA, *Retidão.*

Nome de um simeonita, filho de Amasias, 1 Cr 4. 34.

JOSABE-BASSEBETE

Corrupção do texto de 2 Sm 23. 8, que deve ser Isbaal, que quer dizer, existe um Senhor. O vocábulo *Baal* foi alterado para *bosheth*, que significa, *vergonha.* Estas alterações davam-se sempre que a ele se associavam elementos pagãos. E em lugar de *bosheth*, i. é, *b-sh-th*, foi alterado para *b-sh-b-th* com que termina o v. precedente. A identidade deste nome com Jasobeão está plenamente confirmada, comparando êste v. com 1 Cr 11. 11, e os vv. 8, 9 com 1 Cr 27. 2, 4. Esta última forma é talvez outro modo de evitar o nome de Baal.

JOSAFÁ, *Jeová julgou.*

1. Nome de um dos filhos de Ailude e cronista-mor de Davi e Salomão, 2 Sm 8. 16; 20. 24; 1 Rs 4. 3.

2. Nome de um dos sacerdotes designados para tocar a trombeta diante da arca, quando foi levada da casa de Obede-Edom para a cidade de Davi, 1 Cr 15. 24.

3. Nome de um dos filhos de Parua e governador de Issacar por ordem de Salomão, 1 Rs 4. 17.

4. Nome de um filho do rei Asa e seu sucessor no trono de Judá. Parece que esteve associado com seu pai no govêrno, nos fins de seu reinado e também no undécimo ano do reinado de Onri, 1 Rs 16. 28, 29, ficando sozinho no governo depois da morte de Asa, pelo ano 871 A. C., 22. 41, 42. Reinou vinte e cinco anos, inclusive o tempo em que governou com seu pai. Tinha trinta e cinco anos quando subiu ao trono. Sua mãe chamava-se Azuba, filha de Salai. 1 Rs 22. 41, 42; 1 Cr 17. 1. Foi bom rei; serviu a Jeová e não pôs a sua confiança nos ídolos, 1 Rs 22. 43; 2 Cr 17. 3, apesar de não ter destruído os altos, porque o povo ainda sacrificava neles e queimava incenso, 1 Rs 22. 43. Recebeu grandes bênçãos de Deus. No terceiro ano de seu reinado, enviou príncipes e levitas da sua corte para ensinarem a lei nas cidades de Judá, levando consigo o Livro da Lei do Senhor, 2 Cr 17. 7-9. Dêste modo se espalhou o terror do Senhor por todos os reinos vizinhos, e não se atreviam a tomar armas contra Josafá. Os filisteus e os árabes pagaram-lhe tributos, vv. 10 e 11, edificou em Judá fortalezas em forma de torres, e cidades muradas, 12-19; pôs termo às desinteligências entre Israel e Judá, desde os tempos de Roboão; fez paz com Israel. Casou um filho com a princesa Atalia, filha de Acabe, 1 Rs 22. 44; 2 Rs 8. 18-26. Quando percebeu que Jeová o protegia, tomou coragem e fez deitar abaixo os altos e os bosques, 2 Cr 17. 5, 6. Extirpou também da terra os restos dos efeminados que tinham ficado desde o tempo de seu pai Asa, 1 Rs 22. 46.

Pelo ano 853, A. C., visitou o rei de Israel, e este o persuadiu a juntar as suas forças armadas às suas com o fim de retomar aos sírios Ramote de Gileade. Metido na armadura real de Acabe, entrou na batalha. Acabe foi mortalmente ferido, e Josafá escapou, não obstante as suas insígnias reais, 1 Rs 22. 1-38; 2 Cr 18. 1-34. Regressando à pátria, foi repreendido pelo profeta Jeú, filho de Hanani, por se haver fraternizado com tal homem como era Acabe, 2 Cr 19. 1, 2. Continuou a sua obra reformadora na igreja e no estado, promovendo a adoração de Jeová, e nomeando juízes nas cidades fortificadas de Judá e estabelecendo tribunais formados de levitas, sacerdotes e leigos, da mais alta sociedade de Jerusalém, 2 Cr 19. 4-11. Logo que começou esta reforma, os amonitas, os moabitas e os edomitas confederados, invadiram o reino de Judá pelo lado de sudeste, acampando em En-Gadi ao lado ocidental do Mar Morto. Josafá invocou as promessas de livramento pedidas por Salomão, 2 Cr 6. 24-30; 20. 9. Jaaziel profetizou a vitória e Josafá saiu de encontro ao inimigo, levando à sua frente os cantores que louvavam ao Senhor Deus de Israel em altas vozes. A vitória foi alcançada sem combate. Os exércitos confederados lutaram entre si e se deram a morte, 20. 1-30. Depois disto, travou Josafá amizade com Ocozias, rei de Israel, cujas obras foram impiíssimas, e convelo com ele em que equipassem navios que fossem a Társis e construíram navios em Eziom-Geber. Porém, Eliézer, filho de Dodá de Meresa, profetizou a Josafá, dizendo: Pois que tu fizeste aliança com Ocozias, destruiu o Senhor as tuas obras e despedaçaram-se as tuas naus e não puderam ir a Társis. Ocozias tentou partilhar com Josafá novas aventuras que foram repelidas, 2 Cr 20. 35-37; 1 Rs 22. 48, 49. Em 852, A. C., ou mais tarde, Jorão, rei de Israel, pensou em tornar tributário a si o reino de Moabe, e, para conseguí-lo, pediu auxílio a seu cunhado Josafá. Jorão havia dado mostras de piedade, operando uma reforma em seu reino, Rs 3. 2, pelo que Josafá não se negou a auxiliá-lo, alcançando parciais resultados, 2 Rs 3. 4-27. Josafá morreu aos sessenta anos de idade no ano 850, A. C., e foi sepultado na cidade de Davi, deixando a seu filho Jorão no trono, 1 Rs 22. 50.

5. Nome de um dos filhos de Nansi e pai de Jeú, rei de Israel, 2 Rs 9. 2, 14.

6. Nome de um homem de Matani e um dos valentes de Davi, 1 Cr 11. 43.

7. Nome de um sacerdote que tocou a trombeta diante da arca, quando a conduziram para Jerusalém, 1 Cr 15. 24.

JOSAFÁ Vale de

Nome do vale onde todas as nações se reunirão por ordem de Jeová para o julgamento, Jl 3. 2, 12. Pelo menos, no tempo de Eusébio, no quarto século da era cristã, o vale de Josafá era identificado com o vale de Cedrom, onde os católicos romanos e os maometanos dizem ser o lugar do juízo final. Porém, isto é apenas uma simples conjetura, baseada na passagem citada de Joel e no cap. 14 de Zacarias. Até onde podemos julgar, nenhum dos vales atuais contém este nome. Joel, sem dúvida, escolheu esta designação que significa "Deus tem julgado" para simbolizar o grande dia final.

JOSAVIAS, *Jeová faz justiça.*

Nome de um dos valentes de Davi, 1 Cr 11. 46.

JOSBECASA, *Lugar de firmeza.*

Nome de um dos cantores, filho de Hemã, 1 Cr 25. 4, e chefe da décima sétima classe dos cantores, 24.

JOSE[1]

Nome de um dos antecessores de Cristo, que provàvelmente viveu depois do exílio, Lc 3. 26.

JOSÉ[2], *Possa ele acrescentar.*

1. Nome do undécimo filho de Jacó e o mais velho de Raquel, a qual, quando o deu à luz, disse: "O Senhor me dê ainda outro filho", e por isso lhe pôs o nome de José, Gn 30. 22-24. Nasceu em Padã-Harã, seis anos antes de Jacó voltar para Canaã, 25; cp. 31. 41, quando Jacó tinha 90 ou 91 anos de idade. Era o favorito de seu pai, por ser o filho de sua velhice e por ser filho de Raquel; fez-lhe uma túnica de várias cores, semelhante à que usavam os jovens da boa sociedade, 37. 3. Por ser o filho predileto de Jacó, suscitou a inveja de seus irmãos, sentimento este que se tornou mais intenso por causa dos dois sonhos que ele teve, nos quais previa o tempo em que seu pai e sua mãe e seus irmãos se curvariam na sua presença. Chegando à idade de dezessete anos, 37. 2, foi a Siquém, onde seus irmãos apascentavam os rebanhos, para saber como passavam. Chegando ali, soube que haviam partido para Dotaim, e para lá se dirigiu.

Quando os irmãos o viram, resolveram tirar-lhe a vida e dizer ao velho Jacó que uma fera o devorou. Rúben opôs-se a isso, propondo que o lançassem vivo em alguma cisterna, pensando em depois tirá-lo de lá e levá-lo ao pai. Na ausência de Rúben, passava uma caravana de ismaelitas que descia para o Egito. Uns negociantes midianitas que iam junto à caravana, o compraram. Tomaram então os irmãos a sua túnica e a tingiram no sangue de um cabrito que mataram, enviando homens que a levassem a Jacó e lhe dissessem: "Nós achamos esta túnica, vê se acaso é a túnica de teu filho, ou não." Jacó concluiu que José havia sido devorado por alguma fera e desatou a chorar, Gn 37. 1-35. No entanto os midianitas levaram José para o Egito e o venderam a Potifar, oficial de Faraó e general de seus exércitos. Os grandes dotes morais do jovem escravo não podiam por muito tempo ficar escondidos. Potifar o pôs no governo de sua casa. Por causa de falsas acusações de sua senhora, foi metido na prisão, onde esteve por alguns anos. Ali mesmo ganhou a confiança do carcereiro que lhe confiou a guarda dos presos. Deus lhe concedeu a graça de interpretar os sonhos proféticos do padeiro-mor e do copeiro-mor de Faraó, que estavam com êle na prisão. A interpretação realizou-se em todos os seus pormenores. Dois anos depois, Faraó também teve dois sonhos proféticos, que ninguém era capaz de interpretar. O padeiro-mor, que havia reassumido as suas funções, lembrou-se de José, e contou o que se tinha passado com ele na prisão. Faraó mandou buscar logo a José que interpretou ambos os sonhos de Faraó que tinham o mesmo sentido. Haveria sete anos de grande abundância que seriam seguidos por outros sete de grande fome. José aconselhou o rei a que nomeasse pessoa competente para armazenar os excessos produzidos nos sete anos para servirem aos sete anos de penúria. Faraó aprovou o plano, e convencido da sabedoria de José, 41. 9-13; 25-36, nomeou-o superintendente de todo o Egito, o segundo abaixo de Faraó, 41. 39-44. José tinha 30 anos de idade, 41. 46, de sofrimentos e provações. Faraó deu-lhe Asenete, filha de sacerdote de Om por esposa. Antes de começarem os sete anos de fome, nasceram-lhe dois filhos, Manassés e Efraim, 41. 50-52. A fome chegou, como havia sido profetizada, estendendo-se a todo o mundo conhecido, especialmente na parte ocidental em torno do Mediterrâneo, 41. 54, 56, 57. No Egito havia provisões armazenadas. Os irmãos de José foram lá comprar trigo. Não reconheceram a seu irmão José, mas foram reconhecidos por ele. À proporção que eles o veneravam e lhe obedeciam conheceu ter chegado o tempo em que se realizariam os sonhos que tanto o haviam feito sofrer. Tendo experimentado o seu caráter por várias maneiras, quando fizeram a segunda viagem ao Egito, descobriu-se a eles e perdoou-lhes o mal que lhe haviam feito, e convidou-os a virem habitar no Egito juntamente com seu velho pai. Faraó recebeu-os muito cordialmente. Segundo o historiador Euzébio, este Faraó devia ser Apepi II, ou Apofis. Qualquer que fosse, pertencia à dinastia dos Hicsos ou reis pastôres, oriundos da raça semítica, o que naturalmente contribuiu para a boa recepção da família de Jacó. José morreu com 110 anos. Embalsamaram o corpo e o sepultaram no Egito, sob promessa de ser transportado para Canaã logo que se desse o êxodo, Gn caps. 42 a 50; Hb 11. 21. A sua vontade foi religiosamente cumprida. Os restos de José descansam em Siquém, bem no centro da terra prometida, Ex 13. 19; Js 24. 32.

Os particulares da vida de José, que se relacionam com os costumes dos egípcios, são conhecidos pelos monumentos e pelos papiros. Sabe-se, pelo que se contém na Pedra de Roseta, que os reis costumavam dar liberdade aos prisioneiros, por ocasião de seu natalício, ou grandes festas nacionais. Dava-se muita importância às artes mágicas e de adivinhação e principalmente aos sonhos, como mensagens divinas. Quando mandaram buscar a José na prisão, apesar da urgência, gastou o tempo necessário para se barbear e vestir roupas limpas, Gn 41. 14. A tosquia era particularmente feita entre os sacerdotes como ato religioso. O termo "Senhor de toda a terra", encontra-se só uma vez em um monumento depositado no museu de Turim, mas a investidura de um oficial de alta patente, encontra-se sempre descrita, combinando com a narração do Gênesis, como seja o anel, a opa de linho fino e o colar de ouro à roda do pescoço. A frase "Sem o teu mando (boca) não moverá ninguém, mão ou pé em toda a terra do Egito", representada na escritura hieroglífica por uma boca, símbolo do mando. A situação econômica do país transformou-se inteiramente. Em conseqüência das medidas de salvação pública postas em prática por José, a terra passou a ser propriedade do rei e dos sacerdotes até pouco antes do estabelecimento do novo império. Veja *Egito, II, 5.*

O Gênesis refere-se à distinção de classes estabelecida pela pragmática dos egípcios. José foi servido à parte, e seus irmãos também à parte, e bem assim os egípcios que comiam com ele, porque não era permitido, entre os egípcios, comer com os hebreus, Gn 43. 32. José comia sozinho por ser pessoa de alta categoria social e membro da classe sacerdotal, que se apartava do povo leigo. Os egípcios comiam à parte para não se misturarem com os estrangeiros, e os sacerdotes não comiam nem bebiam cousas que viessem de fora do país, Porfírio 4. 7. O povo considerava abominável fazer uso de objetos gregos no serviço de copa, Heródoto 2. 41. Os egípcios detestavam todos os pastores de ovelhas, criadores de porcos e possuidores de gados, porque tais ocupações eram consideradas incompatíveis com a civilização e com a pureza de costumes exigida pelos padrões do bom tom social, Gn 46. 34; Heród. 2. 47; cp. 164. Foi este o motivo por que o filho de Jacó localizou a seu povo na terra de Gósen, onde podia evitar o contacto com os naturais do país. Existiam na Palestina alguns lugares com os nomes *Joseph-el* e *Jacob-el*, dados pelo conquistador Totmés II, muito depois da entrada de Jacó e de seus filhos no Egito e um século antes do êxodo. Não há certeza se estes nomes tinham alguma relação com o patriarca Jacó e seu filho José. São denominações semelhantes a *Jiphthah-el*,

ou *Iphtah-el* nome de um vale no território de Zebulom, Js 19. 14. Estes nomes têm a significação de "Deus suplanta e Deus tira", e era costume em Babilônia usá-los como nomes próprios individuais.

Uma lenda egípcia, conhecida pela História dos Dois Irmãos, narra as tentações sofridas por um jovem, em casa de seu irmão mais velho, muito parecida com a de José em casa de Potifar, Gn 39. O pobre moço escapou às iras de seu irmão, graças à intervenção do deus sol que lançou entre ambos um rio cheio de crocodilos como barreira defensiva. Posteriores aventuras dos dois irmãos, finalmente, operaram a reconciliação recíproca. Este final da lenda é igualmente fabuloso, e foi copiado no reinado de Seti II, da décima nona dinastia, séculos depois da vida de José. Ignora-se quando e por quem foi elaborada. Cousas como estas encontram-se com freqüência nos contos da antigüidade, Homero, Ilíada 6. 155 e seguintes.

As duas tribos de Manassés e Efraim descendem dos dois filhos de José. As bênçãos que Jacó pronunciou sobre José no leito de morte, estenderam-se às duas tribos, Gn 48. 8-22; 49. 22-26. No salmo 80. 1-3, existe uma designação poética referente às tribos de Manassés e Efraim, representando a pessoa de José.

2. Nome do pai do espião, representante da tribo de Issacar que tomou parte na exploração da terra de Canaã, Nm 13. 7.

3. Nome de um dos filhos de Asafe, um dos principais músicos no reinado de Davi, 1 Cr 25. 2, 9.

4. Nome de um dos antecessores de Cristo, que viveu no período entre o reinado de Davi e o exílio, Lc 3. 30.

5. Nome de um dos filhos de Bani, induzido por Esdras a desquitar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 42.

6. Nome de um sacerdote, chefe da família de Sebanias, em tempo do pontífice, Joiaquim, Ne 12. 14.

7. Nome de um dos antecessores de Cristo, que viveu depois do exílio, Lc 3. 26.

8. Nome de um dos filhos de Matatias, da linha genealógica de Cristo, Lc. 3. 24, 26.

9. Nome de um dos filhos de Zacarias. Quando Judas Macabeu enviou Simão para auxiliar os judeus da Galiléia, enquanto pelejava em Gileade, deixou José e Azarias no comando das forças da Judéia. Estes, desobedecendo às ordens de Judas, meteram-se em combate, sendo derrotados, 1 Mac 5. 18, 55-62.

10. Nome do esposo de Maria, mãe de Jesus, Mt 1. 16; Lc 3. 23. Por ocasião do estado interessante da Virgem, quando ainda desposada com José, pensou este em abandoná-la secretamente, por ser homem justo e não querer infamá-la. "Andando ele com isto no pensamento, apareceu-lhe em sonhos um anjo do Senhor, dizendo: Não temas receber Maria tua mulher, porque o que nela se gerou é obra do Espírito Santo. José fez como o anjo lhe mandou, e recebeu sua mulher" Mt 1. 18-25. Como pertencia à linha da geração de Davi, precisava ir a Belém, velho solar de seus avoengos, para dar ali o seu nome no alistamento ordenado por César Augusto, juntamente com o de sua mulher. E ali nasceu Jesus, Lc 2. 4, 16. Achava-se junto de sua esposa, quando levaram o menino ao templo. Simeão e Ana produziram seus discursos proféticos, em referência ao menino, 33. Avisado por um anjo em sonhos, José soube que Herodes procurava o menino para o matar, e, ainda por aviso do anjo, fugiu para o Egito, Mt 2. 13, 19. Após a morte de Herodes, voltou para Nazaré, 22, 23. José e Maria iam anualmente a Jerusalém para assistirem à festa da páscoa; e levavam consigo a Jesus, quando já tinha doze anos, Lc 2. 43. Voltando a Nazaré, ali continuou Jesus sujeito à autoridade paterna, 51. José ocupava-se no ofício de carpinteiro, Mt 13.55, auxiliado por seu filho Jesus, Mc 6. 3. Parece que José ainda vivia, quando Jesus começou o seu ministério público, Mt 13. 55. Parece igualmente que o seu falecimento se deu antes da crucificação de Jesus, pois não se ouve falar dele em companhia das mulheres que estavam junto à cruz no Calvário; também Jesus não teria encomendado sua Mãe aos cuidados do apóstolo João, se José ainda vivesse, Jo 19. 26, 27.

11. Nome de um dos irmãos do Senhor, Mt 13. 55.

12. Nome de um judeu, natural de Arimatéia, membro do Sanedrim, homem de honrosa posição e que esperava o reino de Deus, Mc. 15. 43. Este homem não teve parte na condenação de Jesus, porque era seu discípulo, ainda que secretamente, como Nicodemos, que por medo não o confessava publicamente. Ambos se tornaram mais corajosos depois da morte do Senhor. José de Arimatéia reclamou o corpo de Jesus e o depositou em um sepulcro novo que tinha aberto na rocha, Mt 27. 57-60; Lc 22. 50-53; Jo 19. 38.

13. Nome de um cristão, chamado Barsabás, ou filho de Sabás e, que tinha por sobrenome o Justo. Este havia acompanhado a Jesus desde o batismo de João e era um dos dois discípulos indicados para preencher o lugar vago pela prevaricação de Judas. A sorte, porém, caiu sobre Matias, At 1. 21, 26. Parece que era irmão de Judas, chamado Barsabás, At 15. 22.

14. Nome próprio de Barnabé, At 4. 36.

JOSIAS, *Jeová sara.*

1. Nome do filho e sucessor de Amom, rei de Judá. Subiu ao trono quando apenas contava oito anos de idade, 639 A. C. Enquanto jovem, teve como seu conselheiro o pontífice Helcias, a quem ele ouvia atentamente. Passados que foram oito anos de seu reinado, tentou dirigir-se de acordo com as leis de Jeová e por elas governar o procedimento de sua corte. Aos doze anos de reinado, começou a dar combate à idolatria nas suas várias formas, trabalho este que se prolongou anos adiante, tanto em Judá e Jerusalém, como também em Israel, 2 Rs 22. 1, 2; 2 Cr 34. 1-7. Aos dezoito anos, tomou medidas enérgicas para a reparação e adorno do templo; os operários meteram mãos à obra com entusiasmo, trabalhando fielmente na execução do plano, empregando escrupulosamente os dinheiros recebidos para esse fim. Enquanto se procedia aos concertos do templo, o pontífice Helcias encontrou o livro da lei na casa do Senhor, e o deu ao escriba Safã para que o lesse diante do rei. Este, ouvindo a leitura, sentiu-se profundamente impressionado pelas ameaças contra o povo no caso de se apartar das leis de Jeová; rasgou as suas vestiduras e humilhou-se na presença de Deus que foi servido mostrar-se gracioso para com ele, transferindo para depois de seu reinado, a execução de suas ameaças, 2 Rs 22. 8-20; 2 Cr 34. 15-28. As palavras que mais atingiram o espírito de Josias foram as do Dt caps. 28 a 30, e muito particularmente as do cap. 29. 25-28. O livro encontrado pelo pontífice Helcias, deveria, pelo menos, conter o Deuteronômio, no caso de não ser o Pentateuco completo. Os livros sagrados haviam sido, em geral, destruídos e postos longe das vistas, durante a apostasia e perseguição que celebrizaram o longo reinado do ímpio Manassés, 2 Rs 21. 16; 2 Cr 33. 9. O livro encontrado pelo pontífice teria sido algum exemplar da lei para uso do templo, e que havia sido escondido, ou talvez atirado para algum canto, quando se deu a profanação do santuário, Dt 31. 9, 26; ou, quem sabe, algum exemplar da lei que se costumava guardar na parede, quando o templo foi construído, conforme uso dos antigos tempos. Não se pode duvidar de que este livro da lei não seja o antigo Deuteronômio, porquanto reflete as condições de Israel nos tempos primitivos, muito diferentes das do reinado de Josias; ordena o extermínio dos cananeus e dos amalequitas, 20. 16-18; 25. 17-19, que não tinha razão de ser no reinado

de Josias; contempla a conquista de terras pelos israelitas, 20. 10-15, que há quase um século estavam em poder deles; os negócios difíceis e escabrosos deveriam ser encaminhados aos sacerdotes e ao juiz como representantes de Jeová, chegará um tempo em que o povo de Israel há de pedir um rei, 17. 8-20; 19. 17; ora, no tempo de Josias, o sistema monárquico já se achava estabelecido havia séculos. O Deuteronômio nega entrada na congregação do Senhor aos amonitas e aos moabitas, e a faculta aos filhos dos idumeus, 23. 3-8; porém, nos dias de Josias, e muito tempo antes, o Egito representava o inimigo do povo de Deus, Is 63. 6; Jl 3. 19; e Obadias. Jeremias promete a restauração futura de Moabe e Amom e nega-a a Edom, 48. 47; 49. 6, 17, 18. A legislação do Deuteronômio estava em fôrça muito antes do tempo de Josias; foi observada na coroação de Joás em 835 A. C., 2 Rs 11. 12, e também por Amazias, filho e sucessor de Joás, 14. 6; cp. Dt 24. 16. A leitura do livro perante o povo realizou-se na existência de um rei. Foi tão grande a impressão que ela produziu, que deu início a um segundo assalto contra a idolatria, e, desta vez, mais forte do que o primeiro. Depois que o rei e os súditos se comprometeram a servir somente a Jeová, passaram a tomar os vasos de Baal e de Astarote e de toda a milícia do céu, e os queimaram fora de Jerusalém no vale de Cedrom. Queimou igualmente o bosque da casa do Senhor, derrubou mais as casas dos efeminados; destruiu os altos, não somente em todo o reino de Judá, mas também a parte do território das tribos do Norte que agora se achava desfalcado da população israelita. Contaminou também o lugar de Tofete que é no vale dos filhos de Hinom para que ninguém sacrificasse seu filho, ou filha pelo fogo a Moloque, e efetuou outras reformas purificadoras. Quando estave em Betel, Josias mandou tirar os ossos dos sacerdotes idólatras das suas sepulturas e os queimou sôbre o altar, segundo a palavra do Senhor que o homem de Deus havia pronunciado nos dias de Jeroboão, 1 Rs 13. 2, e matou todos os sacerdotes dos altos que neles curavam dos altares. Feito isto, ordenou a celebração da Páscoa em honra do Senhor, com tal solenidade, como não se tinha visto desde os tempos de Samuel, 2 Rs 23. 1-25; 2 Cr 34. 29 até 35. 19. Treze anos depois, Faraó Neco, rei do Egito, marchou contra o rei dos assírios para a banda do Eufrates, onde tentou seus esforços contra o grande poder da Assíria. Situado como se achava, o comparativamente fraco reino de Judá, entre os grandes impérios da Assíria e do Egito em luta, era difícil manter neutralidade. Josias considerava-se vassalo do rei da Assíria, e moralmente obrigado a dar-lhe auxílio militar em casos de guerra, e, por isso, saiu de encontro do Faraó Neco em Megido, onde uma flecha o feriu mortalmente, sendo conduzido para Jerusalém. Ali chegado, faleceu e foi sepultado no seu jazigo. Todo o Judá e Jerusalém o prantearam; e muito particularmente Jeremias, cujas lamentações foram cantadas pelos músicos, homens e mulheres, e pelo povo em geral. Foi uma perda irreparável para o reino. As reformas religiosas por ele iniciadas, paralisaram-se, e perdida foi a independência que o país gozou durante o seu reinado, que durou 31 anos, tendo apenas 39, quando morreu, A. C. 608, 2 Rs 22. 1; 23. 29, 30; 2 Cr 35. 20-27; cp. Zc 12. 11. Jeremias e Zacarias profetizaram durante a última parte de seu reinado, Jr 1. 2; 3. 6; Sf 1. 1.

2. Nome de um dos filhos de Sofonias, que viveu no tempo do profeta Zacarias, Zc 6. 10. Talvez seja o mesmo Hem do *v.* 14.

JOSIBIAS, *Jeová concede abrigo.*

Nome de um simeonita da família de Asiel, 1 Cr 4. 35.

JOSIFIAS, *Jeová dará aumento.*

Chefe da casa de Selomite que voltou do exílio com Esdras, Ed 8. 10.

JOSUÉ, *Jeová é salvação.*

1. Nome de um homem de Efraim, filho de Num, Nm 13. 8, 16, que dirigiu o ataque dos israelitas contra os amalequitas em Refidim, Êx 17. 8-16. Esteve com Moisés no Monte Sinai, quando cá em baixo se fabricava o bezerro de ouro. Ouvindo o tumulto do povo, disse para Moisés: "Um alarido de peleja se está ouvindo no campo"; mas o que ele ouvia eram os cantos e as danças com que celebravam o culto ao bezerro, Êx 24. 13; 32. 17, 18. Oficiava como ministro de Moisés, quando se estabeleceu o primeiro tabernáculo no deserto 33. 11. Como príncipe de Efraim, fez parte da comissão dos doze enviados a reconhecer a terra de Canaã, e que juntamente com Calebe, sustentou a possibilidade de se poder tomar de assalto o país, Nm 13. 8; 14. 6-9. Por causa de suas opiniões escaparam de ser apedrejados, 10; Deus recompensou a sua fidelidade e confiança em Jeová, conservando-lhes a vida até entrarem na terra prometida, 30, 38. No fim dos quarenta anos de peregrinação pelo deserto, Moisés, por ordem de Jeová, o apresentou diante do sacerdote Eleazar e de toda a multidão dos filhos de Israel, nomeando-o seu sucessor no comando do povo, Nm 27. 18-23; Dt 1. 38. Pouco antes da morte de Moisés, este o levou ao tabernáculo para receber as ordens do Senhor, Dt 31. 14, 23. Morto que foi Moisés, Josué preparou-se imediatamente para atravessar o Jordão. Mandou avisar o povo que se preparasse durante três dias, com os mantimentos necessários, para daí a três dias passarem o Jordão, Js 1. 10, 11. Disse aos da tribo de Rúben, e aos da tribo de Gade e à meia tribo de Manassés: "Lembrai-vos do que vos ordenou Moisés: Vós todos os que sois valentes passai armados na frente de vossos irmãos e pelejai por eles", 12-18. Enviou também Josué, filho de Num secretamente desde Sitim, dois espias para reconhecerem a terra e a cidade de Jericó, 2. 1. O povo pôs-se em marcha em direção ao rio, bem orientado quanto à ordem de marcha, 3. 1-8. O sucessor de Moisés demonstrou grande perícia militar no plano geral da campanha para a conquista de Canaã. Estabeleceu um acampamento central, estrategicamente situado; tomou as cidades próximas a seu quartel-general, estendendo suas armas vitoriosas pelo país a dentro. Veja *Canaã*. Errou, porém, fazendo tratados com os gaboanitas e em não ter guarnecido a cidadela dos jebuseus. Por estes dois erros, a tribo de Judá, até certo ponto, se isolou das tribos do norte. Segundo havia ordenado Moisés, o povo foi convocado para reunir-se sôbre o monte Hebal e sobre o Gerizim, a fim de ouvir as bênçãos e as maldições e tudo o mais que estava escrito no livro da Lei, 8. 30-35. O poder dos cananeus foi enfraquecido, mas não exterminado. O plano de campanha ainda não estava de todo executado; urgia, porém, traçar desde logo, o futuro plano administrativo da nova terra. Auxiliado pelo sumo sacerdote e por uma comissão especial, Josué presidiu à repartição do país, começando êste trabalho, quando o acampamento estava em Gálgala, 14. 6 até ao cap. 17, e terminando-o em Silo, depois que o tabernáculo se estabeleceu alí, sendo ao mesmo tempo separadas as cidades de refúgio e as cidades destinadas aos levitas, caps. 18 a 21. Josué pediu para si a cidade Timnate-Sera sobre o monte de Efraim, onde ficou morando, 19. 50. Sendo Josué de idade muito avançada, convocou uma assembléia do povo em Siquém, por ter sido ali que Abraão levantou o primeiro altar ao Senhor quando entrou na terra de Canaã e onde também as tribos haviam pedido sobre si as bênçãos e as maldições do Senhor. Neste mesmo lugar, Josué exortou o povo a não se apartar de Jeová, 24. 1-28. Pouco tempo depois, faleceu tendo 110 anos de idade, sendo sepultado no lugar que havia escolhido para sua morada, 29, 30.

O Livro de Josué está colocado logo depois do Deuteronômio, nas Escrituras hebraicas, porque é a continuação da história depois da morte de Moi-

sés, último acontecimento relatado neste livro. Relaciona-se mais intimamente com o Pentateuco, do que com os livros que o seguem: vê-se nele a continuação do espírito de Moisés, animando as suas narrativas, e a continuação do Gênesis, no que diz respeito à promessa feita a Abraão sobre a posse da terra prometida. Não obstante estas afinidades, o livro de Josué não faz parte do Pentateuco por não ser escrito por Moisés. Com este livro começa a segunda divisão dos livros do Antigo Testamento, compreendendo todos os livros entre Josué e o 2º de Reis, inclusive, exceto o livro de Rute. Pode dividir-se em três partes. I. A conquista de Canaã, caps. 1-12; incluindo os trabalhos preparatórios à passagem do Jordão, caps. 1 a 4. 18; o estabelecimento do campo e celebração da Páscoa, 4. 19 até cap. 5. 12; a tomada de Jericó, e de Ai, a confirmação do pacto no monte Hebal e o tratado com os gabaonitas, 5. 13 até cap. 9, as campanhas ao norte e ao sul, caps. 10 e 11; relação sumária das conquistas, cap. 12. II. Distribuição da terra de Canaã caps. 13 a 22, incluindo uma descrição das terras ainda não repartidas, 13; distribuição das cidades de refúgio e das cidades destinadas aos levitas, caps. 24 a 31; noção errônea a respeito dos intuitos com que foi levantado o altar junto ao Jordão pelos filhos de Rúben, de Gade e da meia tribo de Manassés. Os israelitas julgaram ser ameaça de divisão do reino. Este engano foi prontamente desfeito, 22. III. Josué faz as suas despedidas e morre, 23, 24. Não há dúvida quanto a ter sido este livro escrito pelo próprio Josué, pelo menos até ao ponto em que menciona as deliberações tomadas em Siquém em referência à lei de Deus, caps. 23, 24. 25, 26. Os vv. finais do livro, 24. 29-33, foram escritos depois da morte de Josué, de Eleazar e dos homens daquela geração. Facilmente se compreende que a conquista de Hebrom, Debir e Anabe levada a efeito por Calebe, somente poderia ser realizada depois da morte de Josué, registada por antecipação no capítulo 15. 13-20. Ver *Hebrom*. Igualmente, a cidade de Zefate chama-se Hormá, no cap. 12. 14, e que este v. reflete um acontecimento que se efetuou depois da morte de Josué, Jz 1. 17. Veja *Hormá*. Também o cap. 19. 47 recorda a migração dos danitas que se deu nos tempo dos juízes. Pode-se razoavelmente concluir, de acordo com o caráter geral dos documentos, e com as narrações ocasionais que neles se encontram, que algumas das maiores porções do livro foram escritas em tempo de Josué. Como quer que seja, essas porções tiveram uma redação final enquanto a cidade de Ai ainda estava em ruínas, 8. 28, antes do reinado de Salomão e no tempo em que os cananeus ocupavam Gezer, 16. 10 com 1 Rs 9. 16, e anterior ao reinado de Davi, e antes que os jebuseus fossem expulsos de Jerusalém, 15. 63.

2. Nome de um betsamita, dono de um campo, para onde se dirigiram as vacas que puxavam o carro condutor da arca que os filisteus haviam devolvido a Israel, 1 Sm 6. 14.

3. Nome de um governador de Jerusalém, durante o reinado de Josias, 2 Rs 23. 8.

4. Nome do sumo sacerdote que oficiava em Jerusalém durante o governo de Zorobabel, Ag 1. 1, 12, 14; 2. 2-4; Zc 3. 1-9.

5. Nome do condutor militar do povo de Israel na terra de Canaã, Ne 8. 17.

JOTA

Translação da palavra grega *iota* Mt 5. 18, nome da letra do alfabeto grego correspondente ao *jod* hebraico, que a ele etimologicamente corresponde. O discurso de Jesus em que entra o v. 18 acima referido, foi proferido em língua hebraica, segundo se presume; a alusão que nele se faz à lei, claramente se refere à literatura hebraica. A palavra jota, portanto, deve representar o *jod* hebraico. No princípio do século primeiro, esta letra nem sempre se diferenciava das outras letras do alfabeto hebraico, pelo tamanho, apesar de que algumas vezes a escreviam como sendo uma das menores; o ponto de comparação não está na sua pequenez. Em muitas palavras hebraicas o emprego do *jod* é matéria de relativa indiferença, e, em tais casos, a letra pode ser empregada, ou dispensada à vontade de quem escreve; vindo a significar, figuradamente, um assunto de pouca importância.

JOTÃO, *Jeová é reto.*

1. Nome do filho mais moço de Gideão, que escapou à matança de seus setenta irmãos por ordem de Abimeleque, que se constituíu rei em Siquém. A esta usurpação opôs-se por meio de uma parábola que ele proferiu sobre o monte Gerizim, ouvindo-a os siquemitas que estavam em baixo no vale, Jz 9. 1-21.

2. Nome de um rei de Judá, que governou como regente em lugar de seu pai Azarias que havia ficado leproso, 2 Rs 15. 5. Começou a regência quando Jeroboão II era rei de Israel, 1 Cr 5. 17. Evidencia-se que a regência de Jotão deu-se quando Jeroboão reinava: se o terremoto, de que fala o profeta Amós, se deu no reinado de Osias e Jeroboão, Am 1. 1; Zc 14. 5. Após a morte de seu pai, Jotão passou a governar como rei, 734 A. C. Seguiu a Jeová, mas não derribou os altos, onde o povo adorava outros deuses. Edificou a porta alta do templo e continuou a obra do muro sobre o monte de Ofel. Levantou cidades nas terras altas de Judá, e construiu torres e castelos nas florestas. Alcançou uma vitória sobre os amonitas e fê-los seus tributários. Durante o seu reinado de dezesseis anos, profetizaram Isaías e Oséias, Is 1. 1; Os 1. 1. No final deste reinado, os israelitas, aliados com os sírios, deram princípio à invasão de Judá. Morreu aos quarenta e um anos de idade, um ano após a morte de Ozias. Sucedeu-o no trono, Acaz, seu filho, 2 Rs 15. 32-38; 2 Cr 27. 1-9. Por um estranho sincronismo, o nome de Jotão encontra-se ligado ao nome de Oséias na seguinte passagem de 2 Rs 15. 30: "Mas Oséias, filho de Ela fez uma conspiração e armou emboscadas contra Peca, filho de Romélia, e o feriu, e o matou, e reinou em seu lugar, no vigésimo ano de Jotão, filho de Ozias." Explicam alguns que esse vigésimo ano é aquele em que Jotão começou a reinar, a que se refere o versículo 5, sendo omitida a duração do seu governo e bem assim a notícia de sua morte. Qualquer que seja a verdadeira explicação, o sincronismo estabelece harmonia entre a data dos hebreus e a cronologia dos assírios.

3. Nome de um dos filhos de Jadai, 1 Cr 2. 47.

JOTBÁ, *Bondade.*

Nome da cidade onde nasceu o avô de Amom, rei de Judá, 2 Rs 21. 19.

JOTBATA, *Bondade.*

Nome de uma das estações dos israelitas, na sua viagem pelo deserto, nas vizinhanças de Eziom-Geber, Nm 33. 33, local abundante em águas correntes, Dt 10. 7. Lugar ignorado.

JOZABADE, *Jeová concedeu.*

1. Nome de um homem de Gederote que se juntou a Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 4.

2 e 3. Nome de dois homens da tribo de Manassés que ajudaram a Davi a perseguir os amalequitas depois da tomada de Ziclague, 1 Cr 12. 20.

4. Nome de um levita, superintendente dos celeiros onde se recolhiam os dízimos e as primícias no reinado de Ezequias, 2 Cr 31. 13.

5. Nome de um dos levitas do tempo de Josias, 2 Cr 35. 9.

6. Nome de um levita, filho de Josué, Ed 8. 33. Talvez seja o mesmo Jozabade que por ordem de Esdras ensinava a lei ao povo, Ne 8. 7, e o principal dos levitas que foi intendente de todas as obras, que se faziam exteriormente na

casa de Deus, Ne 11. 16. Pode bem ser que seja o mesmo homem a quem Esdras induziu a deixar a sua mulher estrangeira, 10. 23.

7. Nome de um sacerdote, filho de Pasur, induzido por Esdras a separar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 22.

JOZABADE, *Jeová doador.*

1. Nome de um dos filhos de Obede-Edom, que exercia as funções de porteiro, 1 Cr 26. 4.

2. Nome de um dos servos de Joás que tomou parte no assassinato do rei, seu amo, 2 Rs 12. 21; 2 Cr 24. 26. Por causa de seu crime, Amasias, sucessor de Joás, o mandou matar, 2 Cr 25. 3.

3. Nome de um benjamita, capitão sobre 180.000 soldados de tropas ligeiras no tempo de Josafá, 2 Cr 17. 18.

JOZACAR, *Jeová se lembrou.*

Nome de um filho de Simeate, amonita, e um dos dois assassinos do rei Joás, 2 Rs 12. 21, erroneamente chamado Zabade em 2 Cr 24. 26. Veja *Beth* e *Daleth.*

JOZADAQUE, *Jeová é justo.*

Nome do pai de Josué, sumo sacerdote, Ed 3. 2, 8, levado para o cativeiro de Babilônia por Nabucodonosor, 1 Cr 6. 15.

JUBAL, *Torrente, região úmida, música.*

Nome do filho mais novo de Lameque e de sua mulher Ada, pai dos que tocam cítara e órgão, Gn 4. 21.

JUBILEU, *Canto jubiloso, som de trombeta.*

Quinquagésimo ano, depois de sete vezes sete anos contados desde a instituição da festa, ou desde o último jubileu, Lv 25. 8-10. Deriva o seu nome do costume de ser proclamado por um toque de trombeta. Cada sétimo ano, tinha o seu ano sabático. No fim de sete semanas de anos, que fazem ao todo quarenta e nove anos, e ao sétimo mês em o dia décimo do mês, no tempo da expiação, soava a trombeta em toda a terra, para anunciar o jubileu a todos os seus habitantes. Neste ano voltavam todos à posse de seus bens; os escravos de Israel adquiriam sua liberdade, os que haviam alienado suas propriedades por motivo de pobreza, entravam de novo na posse delas. A própria terra descansava de ser lavrada, mesmo que o ano do jubileu fosse precedido de um ano sabático. Para evitar injustiças para com aquele que tivesse comprado um campo e pudesse conservá-lo somente até o ano do jubileu, a prática, de acordo com os princípios de economia política, consistia em pagar somente o valor da propriedade, correspondente ao tempo de sua ocupação até ao ano do jubileu.

O que tiver vendido uma casa dentro dos muros da cidade, terá liberdade de a remir dentro de um ano. Se a não remir, possuí-la-á para sempre o comprador e seus descendentes, e não poderá remir-se nem ainda no jubileu. Mas se a casa for numa herdade que não tenha muros, será vendida como se vendem os campos; se não fôr remida antes, tornará no jubileu para seu dono, do mesmo modo as casas dos levitas, qualquer que seja a sua localização, Lv 25. 8-55; 27. 17, 18; Nm 36. 4. Parece que as seguintes passagens aludem ao jubileu: Is 61. 1-3; Ez 46. 17; cp Ne 5. 1-13.

JUCAL, *Capaz.*

Nome de um dos filhos de Selemias e príncipe de Judá. O rei Sedecias enviou-o, juntamente com outros, a pedir as orações de Jeremias, quando os babilônios sitiavam Jerusalém, Jr 37. 3. Logo depois, este Jucal suplicou ao rei que mandasse matar a Jeremias sob pretexto de que as suas palavras sobre a tomada de Jerusalém desanimavam os defensores da cidade, 38. 1-6.

JUDÁ, *Objeto de louvor.*

1. Nome do quarto filho de Jacó e de sua mulher Lia. Não tomou parte com seus irmãos Simeão e Levi na vingança traiçoeira sobre Hemor e Siquém por causa do ultraje feito a sua irmã Dina, Gn 34. Casou-se com uma das mulheres de Canaã, filha de Sua, da qual teve dois filhos, Her e Onã, os quais sofreram a morte por causa de seus delitos, Gn 38. 1-10. Teve mais um terceiro filho a quem chamou Selá. Depois teve mais dois filhos gêmeos de Tamar, viúva de seu filho Her, os quais tiveram o nome de Perez e Zerá, 11-30; 46. 12; Nm 26. 19. Pela linha genealógica de Perez, Judá passou a ser antecessor de Davi, Rt 4. 18-22, e, finalmente, no cumprimento dos tempos, também veio a ser de Cristo, Mt 1. 3-16. Judá salvou a vida de José, propondo a sua venda em vez de ser assassinado, Gn 37. 26-28. Quando José, ainda desconhecido a seus irmãos, propôs que Benjamim ficasse detido no Egito, Judá deprecou em seu favor, oferecendo-se para ficar na prisão, contanto que o menino voltasse para seu pai, 44. 33, 34.

O eloqüente e emocionante discurso de Judá, surtiu grande efeito: José sem mais detenças, revelou-se a seus irmãos, 45. 1. Em marcha para o Egito, o velho Jacó escolheu a Judá para ir adiante de si a fim de guiá-lo até a terra de Gósen, 46. 28. Os crimes de Rúben, Simeão e Levi privaram-nos desta honra, e os privilégios da primogenitura ficaram para Judá, 49. 3-10.

2. Judá foi pai de uma tribo que teve o seu nome, dividida em cinco famílias tribais, procedentes de seus três filhos e de dois netos, Nm 26. 19-21; 1 Cr 2. 3-6. O príncipe da tribo de Judá no período primitivo das peregrinações, foi Naassom, filho de Aminadabe, Nm 1. 7; 2. 3; 7. 12-17; 10. 14. Outro príncipe foi Calebe, filho de Jefoné 13. 6; 34. 19. Quando se fez o primeiro arrolamento no deserto, o número dos filhos desta tribo era de 74.600, Nm 1. 26, 27, e no segundo, feito em Sitim nas vésperas de entrar em Canaã, era 76.500, 26. 22. Foi uma das tribos que esteve no monte Gerizim para abençoar o povo, Dt 27. 12. Acã, causador de perturbações em todo o Israel por causa de sua ambição, pertencia à tribo de Judá, Js 7. 1, 17, 18.

Depois da morte de Josué, a tribo de Judá foi a primeira encarregada de tomar posse do território que lhe foi partilhado; seus homens de guerra, juntamente com os simeonitas, tomaram as cidades ocupadas pelos cananeus e expulsaram os povos que ocupavam a região serrana, Jz 1. 1-20. Ver *Canaã, 2.*

A tribo de Judá ocupava a maior parte da Palestina meridional. Os limites que lhe foram traçados por Josué, começavam no extremo sul do Mar Morto e desde a língua que ele forma, olhando para o Austro, estende-se para a subida do Escorpião e passa até Sina, e sobe para Cades-bernéia, e vem até Hesrom, subindo para Adar, e dando volta a Carca e, passando dali para a banda de Asmom, chega até a torrente do Egito, e os seus limites serão o Mar Grande. São êstes os limites pelo lado do sul. Mas, pela banda do nascente, começavam pelo mar salgadíssimo até a extremidade do Jordão e, pela banda do norte, desde a língua que forma o mar até ao mesmo rio Jordão. À sua fronteira subia a Bete-Hogla e passava do norte a Bete-Arabá, subindo à Pedra de Boã, filho de Rúben, e estendendo-se até aos confins de Debir desde o vale de Acor ao norte, olhando para Gilgal, que está defronte da subida de Adumim, pela parte austral da torrente; e passa às águas de En-Sã e vem a acabar na Fonte-de-Rogel; e sobe pelo vale dos filhos de Hinom, pela banda meridional dos jebuseus, onde está Jerusalém: e dali, subindo até ao cume do monte que está fronteiro ao vale Hinom, para o poente, na extremidade do vale dos Refains para o norte: e passa desde o cume do monte até à Fonte de Neftoa, e chega até as aldeias do monte Efrom e baixa depois a Baalá, que é em Quiriate-Jearim; de Baalá dá volta para o poente até o monte Seir, e costeia o monte Jearim ao norte para a

banda de Quesalom, e desce a Bete-Semer e passa até Timna e chega até ao lado setentrional de Ecrom e baixa por Sicrom, e passa o monte Baalá: e estende-se até Jobneel, e termina enfim da banda do poente no Mar Grande, uma parte do qual estava quase sempre em mãos dos filisteus, Js 15. 1-12; cp. 13-63; 18. 11-20. O comprimento do território da tribo de Judá, de norte a sul, era de cerca de 50 milhas (92.600 metros), a parte bem povoada, porém, de 95 milhas (175.940 metros), contando de Jerusalém a Cadesbarnéia. A largura, desde o Jordão até à planície dos filisteus era, de cerca de 45 milhas (83.340 metros). Quanto às suas feições físicas, divide-se naturalmente em três regiões: a região serrana, Js 15. 48; Lc 1. 39, a parte baixa, Js 15. 33, e a planície próxima ao Mediterrâneo. O país nas vizinhanças de Berseba tinha o nome de Negebe. Grande parte do território de Judá é formado de rochas estéreis, o resto presta-se admiravelmente para o cultivo das vinhas e criação de gado, cp. Gn 49. 11, 12. A região ao sul do Arade era deserta, Jz 1. 16, e bem assim a que ficava ao ocidente do Mar Morto (Título do Salmo 63). Depois de haverem conquistado Canaã, os israelitas sofreram a opressão do rei da Mesopotâmia, de quem foram libertados por Otniel da tribo de Judá, Jz 3. 8-11. Nos tempos calamitosos que vieram sobre os israelitas, por se terem esquecido do seu Deus, e também por causa das desconfianças entre si e por terem conservado elementos pagãos na terra conquistada, as tribos de Judá, Dã e Simeão, formaram um grupo, separado das demais tribos, ao norte por uma faixa de terra de algumas milhas de largo, difícil de ser transposta por se achar povoada pelos cananeus, amoreus, gabaonitas e jebuseus, e também por causa da sua natural aspereza selvática, cortada de profundos vales entre Jerusalém e Jericó. Judá estava separada de Gade e Rúben pela abertura do Jordão e do Mar Morto; e cercada pelos filisteus, Jz 3. 31; 10. 7; 13. 1. Pouca ação tomou com as demais tribos nas guerras contra os opressores. Boaz e Rute habitavam por este tempo em Belém. Judá uniu-se às outras tribos para castigar a tribo de Benjamim, 20. 1, 8. No tempo de Heli e Samuel, quando os filisteus oprimiam Judá e Benjamim, as relações com as tribos do norte tornaram-se mais estreitas, e a tribo de Judá entrou a fazer parte do reino de Saul. Depois da morte deste rei, os homens de Judá sustentaram a candidatura de Davi ao trono e por ela se bateram durante dezessete anos, vencendo afinal. Jerusalém passou a ser a capital de todo o reino de Israel. Deus havia prometido a Davi que a sua posteridade ocuparia o trono para sempre, 2 Sm 7. 13-16; 1 Cr 17. 12, 14, 23, sob condição de não se apartar dos caminhos do Senhor. A promessa de Deus não excluía a ciência de governar, da qual se apartou Roboão, dando lugar a que a casa de Davi perdesse as dez tribos que formaram um reino separado. Veja *Israel*.

A tribo de Judá e grande parte da de Benjamim, permaneceram fiéis a Davi e constituíram o principal elemento de estabilidade para o reino de Judá, que permaneceu como tal desde o ano 931 a 587 A. C., terminando com a queda de Jerusalém. Durante este período, governaram dezenove reis da casa de Davi, exceção feita pela usurpação de Atalia, ver *Cronologia*.

O território quase coincidia com o das tribos de Judá e Benjamim, exceto na linha do norte, em que Betel às vezes entrava nos limites de Judá, principalmente depois da queda de Samaria. Acontecimento que veio exercer grande influência na sorte final do reino de Israel, foi a elevação dos dois bezerros de ouro por ordem do rei Jeroboão, como objetos de adoração, com o fim de evitar que o povo fosse a Jerusalém assistir às festas anuais. Um dos efeitos deste plano foi que os que eram fiéis a Jeová, emigraram para o reino de Judá, levando consigo elementos de força espiritual e política, 1 Rs 12. 26-33; 13. 33; 2 Cr 10. 16, 17. As primeiras relações entre os dois reinos foram naturalmente de mútua hostilidade. Os reinos vizinhos aproveitaram-se desta anormalidade para interferir na vida política dos judeus. No quinto ano do reinado de Roboão, Sesaque, rei do Egito, veio a Jerusalém e levou os tesouros da casa do Senhor, e os tesouros do rei e roubou tudo, até mesmo os escudos de ouro que Salomão fizera, 1 Rs 14. 25-28; 2 Cr 12. 1-12. A guerra entre os dois reinos separados durou cerca de sessenta anos, 1 Rs 14. 30; 15. 7, 16; 2 Cr 12. 15; 13. 2-20. Nos reinados de Acabe e Josafá havia paz entre ambos os reinos, e até uma aliança política e familiar entre as duas casas reinantes. Em conseqüência disto, entrou no reino de Judá o culto de Baal que veio a ser forte elemento de destruição para o reino. Formaram-se dois grandes partidos, um que defendia o culto de Jeová, e outro que era favorável ao culto de Baal, e de outros deuses estrangeiros. Em anos subseqüentes, estes dois partidos estiveram em constante conflito, vencendo, ora um, ora outro, conforme o proceder do monarca, a favor de Jeová ou de Baal. Em outros períodos do governo teocrático, em que se mantinha fidelidade a Jeová, crescia a prosperidade espiritual e temporal, ao passo que a apostasia acarretava desgraças e misérias. Entre os bons reis contam-se: Asa, Josafá, Ezequias e Josias; mas Acabe, Manassés e alguns outros celebrizaram-se pela impiedade. O reino de Judá manteve relações importantes com as potências estrangeiras. O reino do Egito vizinhava-se com ele e freqüentemente se envolvia nos negócios de Judá. Sesaque, Zaré e, depois de longo intervalo, Neco guerrearam contra Judá. Por outro lado, o Egito, por vezes, se tornou poderoso aliado contra os grandes impérios do Tigre e do Eufrates. O golpe desferido por Taraca sobre os assírios, no reinado de Ezequias, contribuiu para a salvação de Judá, e o avanço dos egípcios, entrando na Judéia, obrigou Nabucodonosor a levantar o cerco de Jerusalém (Ver *Faraó*).

Quando os babilônios tomaram esta cidade, grande massa de judeus se refugiou nas terras do Nilo. Durante estes anos, a influência vária da cultura e da religião do Egito, exerceu grande poder sobre Judá. Em referência às grandes potências do Tigre e do Eufrates, estas igualmente tiveram o seu domínio sobre Judá. No ano 734 A. C. Acabe impetrou o auxílio de Tiglate-Pileser contra os aliados de Israel e da Síria, e depois teve de render-lhe vassalagem em Damasco. Dez anos depois, os assírios conquistaram o reino do norte, e Judá ficou exposto, por quase 125 anos, à cobiça furiosa dos assírios, até que os babilônios se apoderaram de Nínive. Sargom, Senaqueribe, Esar-Hadom e Assurbanipal, quatro dos reis que governaram sucessivamente a Assíria, fazem menção de suas conquistas, mais ou menos extensivas, sobre o reino de Judá. Três destes quatro reis, têm os seus nomes nos registos dos hebreus, Is 20. 1; 36. 1; 37. 38, e talvez também o quarto. Veja *Asnapar*. O período do domínio babilônico começou em 605 A. C. quando o rei Joaquim foi subjugado por Nabucodonosor. Em menos de uma vintena de anos, Jerusalém era um montão de ruínas e o povo de Judá havia sido deportado para Babilônia. A promessa divina feita a Davi, não impediu a perda temporária do trono a seus descendentes.

As causas concorrentes à queda de Jerusalém, e o exílio de seus habitantes foram: 1. A separação do reino de Israel, e a queda de Samaria que deixou Judá desamparado. 2. A negligência dos preceitos de Deus, referentes ao extermínio dos cananeus. Os israelitas não puderam, ou, para melhor dizer, não quiseram exterminar aqueles povos, e, por isso, conservaram o fermento da corrupção em seu seio. 3. As alianças políticas e as relações de família com os povos idólatras. 4. A perda de força moral por causa da apostasia, e o enfraquecimento de entusiasmo pela grande causa do estabelecimento do reino de Deus sobre a terra. 5. Recusa de arrependimento pregado pelos pro-

fetas. 6. Quando estas causas haviam operado a ruína da nação, quando era chegado o tempo de se render sob a força das circunstâncias, a resistência às forças dominantes, com o auxílio de fracas alianças, foi uma política muito estreita, e um grande erro de apreciação a respeito das forças imperiais que se aproximavam. O pequeno Judá não queria submeter-se à Assíria, mas afinal tinha de render-se a Babilônia. Tais eram as exortações de Jeremias. Desde os primeiros dias de sua existência nacional, o povo hebreu precisava poupar todos os seus recursos, físicos e políticos, morais e espirituais, uma vez que tinha de ocupar posição entre os impérios do mundo. Quando voltaram do exílio, Zorobabel, que era descendente de Davi, exercia as funções de governador civil, porém, sob o domínio persa. Seguiu-se logo depois o govêrno de Neemias, também pertencente à tribo de Judá. Exceto durante a administração dêstes dois homens, o governador da província da Pérsia de Além-do-Rio; de que fazia parte o reino de Judá, era o principal responsável. Depois da conquista de Alexandre, o Grande, a Judéia passou a pertencer ao Egito e à Síria. A revolta vencedora dos macabeus contra os sírios, deu origem ao estabelecimento de uma dinastia de sacerdotes-reis, oriundos da tribo de Levi, que ocuparam o trono de Davi. Veja *Macabeus*. A esta dinastia, sucedeu a dos idumeus, começando com Herodes, o Grande, que governou sob a autoridade dos romanos. Veja *Herodes*, *História*, *Jerusalém*. Quando o cetro reverteu à casa de Davi, o reino passou a ser espiritual; e o seu soberano já não era um potentado terreno, e sim o Filho de Deus. A julgar pelo contexto, a palavra Judá pertence também ao território tribal mencionado em Js 19. 34. Esta passagem não tem tido interpretação satisfatória. A palavra Judá não se encontra na versão dos Setenta, e talvez seja alteração do texto.

3. Nome de um levita, entre cujos descendentes se conta Cadmiel, Ed 3. 9.

4. Nome de um levita, que voltou do cativeiro com Zorobabel, Ne 12. 8.

5. Nome de um levita que foi induzido por Esdras a separar-se de sua mulher estrangeira. Ed 10. 23.

6. Nome de um benjamita, filho de Senua, o segundo no comando da cidade de Jerusalém, Ne 11. 9.

7. Nome de um dos que tomaram parte na dedicação do muro. Parece ter sido príncipe de Judá, Ne 12. 34.

JUDAIA (Fig.), *Judia*.

Nome de uma das mulheres de Merede. A outra chamava-se Betia, e era filha de Faraó, rei do Egito. Judaia não é realmente nome próprio: é adjetivo que significa judia, precedido pelo artigo definido. Chamava-se assim para diferençá-la da princesa egípcia, 1 Paral. 4. 18.

JUDAS[1], genitivo JUDA forma grega de substantivo próprio Judá no hebraico.

1. Nome de um dos antecessores de Jesus, que viveu antes do exílio, Lc 3. 30.

2. Judas Macabeu, o terceiro dos cinco filhos do sacerdote Matatias, 1 Mac 2. 1-5. Seu pai, profundamente entristecido pela determinação de Antíoco Epifanes de introduzir a idolatria entre o povo judeu, começou a lutar pela liberdade religiosa. Por morte de Matatias, em 166 A. C. Judas, para cumprir os desejos de seu pai, assumiu a direção militar, 2. 66; 3. 1, e alcançou logo uma série de vitórias. Um exército de sírios e samaritanos, sob o comando de Apolônio, saiu-lhe de encontro; ele o derrotou e lhe tomou a espada, 10, 11. Judas serviu-se desta espada em todas as campanhas até ao fim de sua vida, 12. Derrotou outro exército sírio, comandado por Serom, perto de Bete-Horom, 13-24; e talvez ainda em 166 A. C. alcançou uma batalha decisiva contra Gorgias, nas vizinhanças de Emaús, v. 27 até cap. 4. 25. No ano seguinte, Antíoco enviou um grande exército à Judéia, sob o comando de Lísias, que Judas derrotou em Bete-Zur, 4. 26-34. Em conseqüência destes sucessos, os judeus tomaram conta do templo, purificaram-no e novamente o consagraram, 36-53. Este fato foi celebrado anualmente por uma grande festa, chamada da dedicação, Jo 10. 22. Em continuação a estas guerras com a Síria, entraram em outras operações de guerra ofensiva contra as nações vizinhas, dirigidas por Judas e Simão seu irmão, 1 Mac 5. 9-54. Antíoco Eupator sucedeu a seu pai Antíoco Epifanes no trono da Síria, e reinou desde 164-162 A. C. Dirigido por Lísias, renovou a guerra com os judeus. Lísias derrotou Judas em Betzacarias, 6. 28-47, e deu sítio a Jerusalém, 48-54, mas por causa de complicações internas, concluiu paz com Judas e retrocedeu para Antioquia. Os judeus reconheceram a suserania da Síria, com o livre exercício de sua religião, 55-61. Demétrio Soter, que reinou desde 162-150, A. C., favoreceu o partido helênico, existente entre os judeus, e elevou Alcimus ao posto de sumo sacerdote, 7. 1-20. Judas resistiu aos esforços deste sacerdote, 23. 24. Demétrio enviou um exército para proteger Alcimus, comandado por Nicanor, que foi derrotado em Cafarsalama e mais uma vez em Adasa, perto de Bete-Horom, 26-50. Seguiu-se uma paz de pouca duração. Então Judas entrou em negociações com os romanos para obter deles provas de amizade e auxílio, cap. 8. Antes de chegar a resposta do senado romano, Demétrio enviou novo exército, comandado por Baquides, no ano 160, A. C. Judas ofereceu vigorosa resistência ao invasor em Elasa, porém as suas tropas foram rechassadas e ele perdeu a vida. Seus irmãos recolheram o cadáver e o sepultaram no jazigo da família em Modim, 19. A derrota do exército e a morte do chefe causou profundo abatimento, porém o partido patriótico tomou ânimo e ofereceu o comando das forças a Jônatas, irmão de Judas, 23-31.

3. Judas, filho de Calfi, e um dos dois capitães que permaneceram junto de Jônatas Macabeu em Hazor, quando todos o abandonaram, e o habilitaram a reparar as perdas, 1 Mac 11. 70.

4. Nome de um dos filhos de Simão Macabeu, 1 Mac 16. 2. Por ordem de seu pai tomou o comando do exército juntamente com seu irmão João para combater a Cendebaeus. Os dois irmãos tiveram grande vitória sobre o general sírio perto de Cedrom e não distante de Azôto, 2-10, mas Judas recebeu graves ferimentos, 9. No ano 135 A. C., três anos depois da batalha, êle e seu irmão Matatias foram traiçoeiramente assassinados no castelo de Doque, por um membro da família em um banquete, ao mesmo tempo que seu pai era igualmente morto, 14-17, Antig. 13. 8, 1.

5. Judas de Galiléia, que, por ocasião do alistamento, chefiou uma revolta na qual pereceu e todos que o acompanhavam At 5. 37. Josefo denomina-o várias vezes galileu e só uma vez lhe dá o nome de gaulonita, da cidade de Gamala, querendo dizer que era de Gaulonitis, situada ao oriente do Jordão. Parece que, com o auxílio de um fariseu de nome Saduque, Judas levou alguns a pensar que o alistamento feito por Quirino, era o princípio do movimento de servidão a que o govêrno os queria reduzir. Fundou uma seita filosófica cujo fim era reconhecer somente a Deus como o único governador, Antig. 18. 1, 1, 6; Guerras 2. 8, 1. Josefo afirma que Judas teve êxito em levantar a revolta, e dá a entender que êle pereceu neste movimento; e diz claramente que também os seus dois filhos morreram, Antig. 20. 5, 2. A conseqüência indireta desta tentativa foi a criação de um partido denominado dos zeladores que muito concorreu para fomentar as perturbações internas e que provocou a tremenda guerra judaica entre 66-70 da era cristã.

6. Judas Iscariotes, filho de Simão Iscariotes, Jo 6. 71, e um dos apóstolos do Senhor, que entregou Jesus aos quadrilheiros dando-lhe um ósculo. Denomi-

na-se Iscariotes para distingui-lo de outro apóstolo de igual nome, Lc 6. 16; Jo 14. 22. O sobrenome parece indicar que era natural de Queriote, não sendo, portanto, da Galiléia. A julgar pelo seu caráter, acompanhava a Jesus dominado pelo interesse que ele tinha sonhado no reino de Cristo. Jesus, sem declinar nome algum, havia anunciado que, dentre os doze, um havia de o entregar, Jo 6. 70. Judas exercia o cargo de tesoureiro e era o que trazia a bolsa. Quando Maria de Betânia, quebrou a redoma de alabastro e derramou o precioso bálsamo sobre a cabeça de Jesus, Judas, em seu nome e de seus companheiros, denunciou este ato como sendo um desperdício, pois poderia vender-se o bálsamo, aplicando o produto ao sustento dos pobres, Jo 12. 5, 6. Jesus repreendeu-o carinhosamente, mas provocou nele um profundo ressentimento; e levantando-se foi ter com os príncipes dos sacerdotes, oferecendo-se para entregar a seu Mestre. O preço ajustado foi de trinta moedas de prata, cerca de 19,50 dólares, preço de um escravo, naquele tempo. Daí por diante procurava oportunidade para entregar a Jesus, Mt 26. 14-16; Mc 14. 10-11; Êx 21. 32; Zc 11, 12, 13. Na ceia pascoal Jesus, manifestando o seu designio de ser crucificado, por ocasião da festa, denunciou o traidor. O diabo já tinha posto no coração de Judas a determinação de o entregar, Jo 13. 2. Quando Jesus declarou solenemente: "Um de vós me há de entregar", cada um dos discípulos perguntava: "Porventura sou eu, Senhor?" Simão Pedro fez sinal a João para saber de Jesus quem era o de que ele falava. Jesus respondeu enigmaticamente, dizendo: "O que mete comigo a mão no prato, esse é o que me há de entregar" Mt 26. 23; Mc 14. 20; Jo 13. 26; em termos mais familiares: O que come o pão comigo, levantará contra mim o seu calcanhar, 18; Sl 41. 9. Parece que Jesus e Judas meteram a mão no prato ao mesmo tempo, e Jesus, pegando no pedaço de pão o deu a Judas, Jo 13. 26. Atrás do bocado entrou nele Satanás, 27. Ele também perguntou: "Sou eu Mestre?" E Jesus respondeu: "Tu o disseste", o que equivale a dizer: "Ês tu mesmo", Mt 26. 21-25. Os demais discípulos não entenderam o que Jesus queria dizer. Quando o Mestre disse: "O que fazes, faze-o depressa", entenderam que falava de dar alguma cousa aos pobres, ou comprar as coussas que haviam mister para o dia da festa. O traidor saiu logo a encontrar-se com os príncipes dos sacerdotes. É muito provável que Judas não estivesse presente à instituição da Santa Ceia. Esteve na ceia e participou dela junto com os demais, Mt 26. 20, porém saiu logo depois de receber o bocado, Jo 13. 30, e a eucaristia se deu após a ceia, Mt 26. 26-29; Mc 14. 22-25; Lc 22. 19, 20. S. Lucas, descrevendo a solenidade da ceia, inverte a ordem dos fatos, pondo em contraste o espírito de Jesus e o de seus discípulos, 22. 15-24. Depois que Judas abandonou a sala, a conversa de Jesus mudou de tom. Terminada a ceia, Jesus conduziu os onze para o jardim de Getsêmani. Para lá se dirigiu Judas, acompanhado de uma multidão, armada de espadas e de varapaus que eram os ministros, enviados pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo. De acordo com um sinal previamente combinado, a fim de indicar aos soldados a pessoa de Jesus, Judas adiantou-se e saudou o Mestre, beijando-o na face, e prenderam logo a Jesus, Mt 26. 47-50. No dia seguinte, quando Judas se havia acalmado, soube da condenação de Jesus e que ia ser crucificado. Despertou nele o sentimento de sua enorme culpa e foi ter com os príncipes dos sacerdotes para dizer-lhes: "Pequei, entregando o sangue inocente", e lançou diarte deles as trinta moedas de prata. A sua consciência não estava tão cauterizada como a dos príncipes dos sacerdotes, que, tendo seduzido o infeliz apóstolo, agora arrependido, viram-lhe as costas, dizendo: "Que nos importa? Isso é contigo", Mt 27. 3-5. Saindo dali, Judas foi pendurar-se de um laço, rebentando pelo meio e derramando todas as suas entranhas, At 1. 18. O salmo 109 fala de inimigos que perseguiram a Davi em têrmos tais que encontram paralelo no proceder de Judas, Sl 109. 8; At 1. 20. Nenhum ato de coerção da parte de Deus levou ao seu destino aquele que era filho da perdição, a cumprir o seu destino, Jo 17. 12.

Não suplicou misericórdia, tacitamente a recusou.

7. Nome de um dos doze apóstolos, distinto de Judas Iscariotes, Jo 14. 22. Era filho ou talvez irmão de Tiago, Lc 6. 16; At 1. 13, também chamado Tadeu, Mt 10. 3; Mc 3. 18. Em outras versões encontra-se o nome Lebeu. Ambos os sobrenomes têm o mesmo sentido: Lebeu vem do hebreu e do aramaico *leb*, coração, e Tadeu deriva-se do aramaico *thad*, que quer dizer seio de mãe, significando, ambos, filho amado.

8. Nome de um dos quatro irmãos do Senhor, Mt 13. 55; Mc 6. 3, provável escritor da epístola que tem nome igual.

9. Nome de um homem que morava em Damasco, na rua Direita, onde se alojou Paulo, depois de sua conversão, At 9. 11.

10. Judas, cognominado Barsabás, pessoa de destaque na igreja de Jerusalém, escolhido juntamente com Silas para acompanharem Barnabé e Paulo a Antioquia, levando a carta do concílio de Jerusalém às igrejas da Síria e da Cilícia. Possuía dons proféticos. Nada se conhece de sua história subseqüente, At 15. 22, 27, 32. Tem o mesmo sobrenome que o discípulo José, proposto para o apostolado. Talvez fosse irmão dele At 1. 23.

JUDAS[3], Epistola de

Escritor da epístola que tem o seu nome. Fala de si como sendo "irmão de Tiago", parecendo indicar o autor da epístola de S. Tiago, o mesmo que fazia parte saliente da igreja de Jerusalém. Sendo assim, era irmão do Senhor e não apóstolo. Esta conclusão tem apoio na lista dos nomes dos irmãos do Senhor, Mt 13. 55; Mc 6. 3, e pelas aparentes indicações do v. 17, desta epístola, em que o seu autor dá a entender que não era apóstolo. Aqueles que identificam os irmãos do Senhor com os filhos de Alfeu, não obstante, identificam Judas, autor desta epístola, com o apóstolo Judas. Afora o simples nome, nada mais podemos saber, além das inferências que se podem tirar a respeito dos irmãos do Senhor, que não creram nele enquanto viveu sobre a terra, Jo 7. 5, mas que depois da ressurreição, se fizeram seus discípulos, At 1. 14. Hegésipo, escritor eclesiástico, conta uma história interessante, conservada por Euzébio, Hist. Ecl. 3. 20, que vem confirmar a possível inferência baseada na 1 Co 9. 5, de que êle era casado e que havia falecido antes do ano 80 A. D.

A epístola católica de S. Judas é muito curta. Seu autor denomina-se servo de Jesus Cristo e irmão de Tiago, 1. É quase certo que este Judas é irmão do Senhor, Mt 13. 55; Mc 6. 3. Dirige-se àqueles que são amados em Deus Pai e conservados e chamados pela graça de Jesus Cristo, 1. Contudo, de acordo com o caráter da epístola, que parece ter sido escrita para uma ocasião especial, e está cheia de alusões que somente seriam entendidas pelo povo judaico, parece que foi endereçada igualmente a uma corporação cristã, que pelas necessidades do momento deixou de ser mencionada. É mais natural admitir que a epístola foi destinada aos cristãos vindos do judaísmo e que habitavam a Palestina. A epístola reflete-se bastante na 2 de S. Pedro cap. 2 e deve ter sido escrita, pouco tempo antes dela, aí pelo ano 66. Os defensores da autenticidade da 2ª epístola de S. Pedro e que discutem a sua prioridade à de S. Judas, dizem que foi escrita entre o tempo da morte de S. Pedro no ano 68 e a subida de Domiciano ao trono do império romano, no ano 81. A razão de fixar a data de 81 como o limite dêste período, basea-se em uma tradição citada por Euzébio sob a autoridade de Hegésipo, que

escreveu nos princípios do ano 170, pela qual se vê que Judas, irmão do Senhor, morreu antes do reinado de Domiciano, ou logo no princípio dele. A epístola teve por fim combater uma heresia nascente com tendências imorais, talvez semelhantes ao gnosticismo, condenadas nas epístolas pastorais e no Apocalipse, vv. 3, 4, 10, 15, 16, 18, e destinadas a salvar as igrejas de sua influência perniciosa, 1, 2, assinala o motivo de a escrever, 3, 4, anuncia a condenação reservada para os falsos mestres, 5-16, mostra qual seja o dever dos cristãos em tais circunstâncias, 17-23, terminando com uma rica e apropriada doxologia, 24, 25. Sem dúvida por causa de sua brevidade, esta epístola não é claramente citada pelos padres primitivos da Igreja. Na última parte do segundo século, contudo, sabe-se que era muito lida nas igrejas gregas e latinas; foi incluída na velha versão latina; introduzida na lista do fragmento Muratori, citada e referida por Clemente de Alexandria e por Tertuliano e mais tarde por Orígenes, e desde o princípio fez parte do cânon cristão. B. B. W.

JUDÉIA (Nome latino derivado do grego *Ioudaia*, terra dos judeus, por sua vez, vindo do hebraico *Yehudah*).

Termo geográfico, que se encontra pela primeira vez na Bíblia, em Ed 5. 8, para designar úma das províncias do império persa; tradução do aramaico *Yehud*. A terra de Judéia é mencionada em os tempos dos macabeus, depois que os persas cederam lugar ao domínio grego-macedônio, 1 Mac 5. 45; 7. 10. Por ocasião do banimento de Arquelau, a Judéia foi anexada à província romana da Síria, mas era governada por procuradores, nomeados pelo imperador romano. A sucessão de procuradores foi interrompida por breve período, pelo reinado de Herodes Agripa I, A. D. 41-44. O procurador residia em Cesaréia. Seu superior imediato era o procônsul, ou presidente, cuja autoridade se estendia até Antioquia, Lc 3. 1; Antig. 17. 13, 5; 18. 1, 1. Tal era a Judéia quando Nosso Senhor exercia o seu ministério na terra. Este nome se lê em vários lugares do Novo Testamento, Lc 23. 5-7; Jo 4. 3; 7. 3; At 1. 8. O limite ao norte pode ser considerado de Jope no Mediterrâneo até certo ponto do rio Jordão, a 20 quilômetros ao norte do Mar Morto. O limite sul pode ser traçado desde o *wady Ghuzzeh*, que fica a 13 quilômetros a sudoeste de Gaza, passando por Berseba até ao sul do Mar Morto. O comprimento de norte a sul é de 55 milhas inglesas, 8.4 495 metros, e igual largura de este a oeste (Ver *História*).

JUDEU (Do latim, *Iudaeus*, do grego *Ioudaios*, e do hebreu *Yehudi*).

Nome que designava os filhos de Judá, tribo ou reino, 2 Rs 16. 6; 25. 25. Este nome tornou-se extensivo aos indivíduos da raça hebréia que voltaram do cativeiro, e hoje, finalmente, designa qualquer indivíduo daquela raça, espalhada no mundo, Et 2. 5; Mt 2. 2. O atual estado deste povo é a confirmação das profecias, Lv 26. 33, 39; Dt 4. 27; 28. 25, 36, 37, 64-68, que anunciavam o seu desterro para todas as nações da terra, e que nunca mais, nem dentro nem fora da Palestina, teriam governo próprio. A língua falada pelos judeus era o hebraico, 2 Rs 18. 26; Ne 13. 24.

JUDIA

Nome de uma mulher da tribo de Judá, mãe de Jerede, 1 Cr 4. 18.

JUDIA

Nome que designava as mulheres nascidas na Judéia ou que pertenciam à raça hebrêia, At 16. 1; 24. 24.

JUDITE, *Digno de louvor*.

1. Nome da mulher de Esaú, filha de Beeri heteu, Gn 26. 34.

2. Nome da heroína do livro de Judite. Ver *Apócrifos*.

JUGO, *Canga*.

Pequena barra de madeira com duas curvaturas na parte inferior destinadas a receber os pescoços dos bois, empregados em puxar os carros ou os arados no campo, Nm 19. 2. Dois bois, jungidos à mesma canga, fazem uma junta, 1 Rs 19. 19. Por analogia, chamam-se jugo as obrigações pesadas impostas sôbre alguém, 1 Rs 12. 4; Mt 11. 30; At 15. 10.

JUIZ

1. Magistrado civil, Ex 21. 22; Dt 16. 18. A conselhos de seu sogro e a fim de aliviar-se de pesado trabalho, Moisés organizou uma corporação judiciária para julgar os negócios menos graves, reservando para si os negócios de maior importância, Ex 18. 13-26. Em todas as subdivisões das tribos, já existiam os chefes, ou príncipes e os anciãos, investidos de autoridade civil e religiosa. O sistema judicial organizado por Moisés, incluiu esses oficiais que retinham em o novo regulamento as suas funções hereditárias de juízes, Dt 1. 15-17; cp. 21. 2. Antes de morrer instruiu os israelitas que se iam estabelecer na terra de Canaã, para designarem juízes e oficiais em todas as suas cidades, com autoridade para julgar as questões menos difíceis e levar as mais graves ao conhecimento dos sacerdotes, 16. 18-20; 17. 2-13; 19. 15-20; cp. Js 8. 33; 23. 2; 24. 1; 1 Sm 8. 1. Com o estabelecimento da monarquia, o rei assumiu as funções supremas para julgar as questões civis, 2 Sm 15. 2; 1 Rs 3. 9, 28; 7. 7; cp. 1 Sm 8. 5. Davi nomeou os levitas para o cargo de juízes e nomeou mais seis mil juízes e oficiais de justiça, 1 Cr 23. 4; 26. 29. Josafá organizou o poder judiciário em Judá e estabeleceu juízes nas cidades fortificadas, e uma suprema corte em Jerusalém, composta de levitas, sacerdotes, chefes das famílias, sob a presidência do sumo sacerdote para decidirem sobre assuntos religiosos e um tribunal de príncipes de Judá, para decidirem sobre questões de ordem civil, 2 Cr 19. 5-8.

2. Homens que Deus destinava para dirigirem os movimentos libertadores e que tendo libertado a nação e provado a sua investidura, eram considerados pelo povo como salvadores da pátria, como Moisés. Contam-se doze destes juízes, não incluindo Abimeleque, que foi pseudo libertador sem autoridade divina, cap. 9. Foram eles: Otniel de Judá, que livrou a Israel do rei da Mesopotâmia; Aode, que expeliu os amonitas e os moabitas; Sangar, que matou seiscentos filisteus e que salvou a Israel; Débora, associada a Baraque guiando Naftali e Zebulom à vitória contra os cananeus do norte; Gideão, que expulsou os midianitas do território de Israel; Tola e Jadir; Jefté, que subjugou os amonitas; Abesã, Aijalom, Abdom e Sansão, grande perseguidor dos filisteus. Heli e Samuel também julgaram a Israel, 1 Sm 4. 18; 7. 15, mas o primeiro agia como sumo sacerdote e o último como profeta de Jeová. Estes juízes não formavam linha ininterrupta, antes apareciam esporadicamente. Muitas vezes eram juízes locais, exercendo suas funções em distritos limitados, e cuja autoridade se limitava a resolver questões de ordem particular. Não podiam fazer declarações de guerra, nem mobilizar tropas. Algumas das opressões, e não poucas, eram evidentemente contemporâneas e envolventes. Sangar, por exemplo, foi contemporâneo de Aode, cujas façanhas se acham misturadas com as de Eúde Jz 3. 31, uma opressão de filisteus sobre Judá, era coeva com a dominação amonita ao oriente do Jordão e com o ataque às tribos de Judá, Benjamim e Efraim, 10. 7. Ver *Cronologia, III*

Estes fatos derramam luz sobre as perturbações que agitavam a vida de Israel durante o governo dos Juízes. Os distritos políticos eram separados pelo Jordão e pelos limites com os países vizinhos, entre Judá e o norte. O cântico de Débora e a história do Jefté bem mostram a frouxidão dos laços que uniam as tribos, e quais eram as que se uniam em forças para a defesa comum.

Entre as tribos isoladas, nota-se a de Judá. Porém, havia energias centralizadas em operação. Existia o sentimento nacional. A guerra de extermínio contra a tribo de Benjamim, mostra quanto a nação inteira partilhou a grave ofensa e sentiu a sua responsabilidade. Existia uma só arca para todas as tribos no tabernáculo nacional de Silo, Js 18. 1; Jz 21. 19; cp. Êx 23. 14-17. A arca foi transferida para Betel, onde se reuniram as tribos para a batalha, e ali adoravam a Jeová e o consultavam, Jz 20. 18-29. As grandes opressões uniam o povo na comunidade da miséria para resistência ao inimigo comum; os grandes libertadores uniam os corações do povo pelo sentimento de lealdade ao seu chefe, e as grandes vitórias alcançadas por uma ação comum, congraçavam as tribos no sentimento da glória nacional. O período dos juízes tem sido chamado a idade de ferro de Israel. O povo freqüentemente caía na idolatria. A adoração no santuário tornava-se difícil pelas condições excepcionais do país. A aspereza de costumes revela-se no modo por que Jael matou a Sísara; no sacrifício da filha de Jefté; no modo por que Gideão tratou os moradores de Socote, e no pecado dos homens de Gibeá. Em contraste com estas crueza, destaca-se a fidelidade da filha de Jefté, de Rute para com Noemi e o caráter reto e puro de Booz.

JUÍZES, Livro dos

Livro histórico do Antigo Testamento, colocado depois do livro de Josué. Continua a narrativa histórica desde a morte de Josué e consiste de três partes: I. Introdução: saída das tribos para se apossarem das terras que lhes haviam sido partilhadas por sorte, Js caps. 15-21; e uma lista das cidades ainda em poder dos cananeus, Jz caps. 1 a 2. 5. Guerras de conquista sem extermínio completo das populações aborígenes. II. História dos juízes, salvadores de Israel, desde a morte de Josué até Sansão, 2. 6 até 3. 6. Esta segunda parte tem uma introdução em estilo profético, compendiando os acontecimentos daquele período histórico, e tirando deles lições religiosas, acompanhadas de notícias minuciosas da vida de seis juízes, e breve menção da vida de outros seis. A pretensão de Abimeleque, filho de Gideão, de ser rei, acha-se registada como parte integral da história; ele foi antes pequeno rei do que um juiz, salvador de Israel. III. Dois apêndices, contendo a história do culto da imagem em casa de Micas e o seu estabelecimento entre os danitas no norte, caps. 17 e 18, e o pecado horrendo dos homens de Gibeá, castigado por tremenda guerra, caps. 19 a 21.

Não se pode determinar com certeza a data da composição do livro. Os fatos que seguem, de algum modo satisfarão a curiosidade do leitor. Todas as escolas de crítica atuais reconhecem a grande antigüidade do cântico de Débora, pertencente à mesma época dos acontecimentos nele celebrados. A primeira parte, a segunda e a maior porção do livro, não poderiam ter sido escritos senão depois da morte de Sansão, 16. 30, 31. Nos apêndices, encontram-se as expressões: "Naqueles dias não havia rei em Israel" que parecem indicar que a composição destes capítulos se efetuou depois do estabelecimento da monarquia. O tabernáculo já não estava em Silo, quando o livro foi escrito, 18. 31. A menção acerca do cativeiro da terra, no cap. 18. 30, tem sido interpretada como referindo-se à invasão de Tiglate-Pileser ao Norte, 2 Rs 15. 29, ou à deportação das dez tribos em seguida à queda de Samaria. Esta explicação entra em conflito com a narração paralela: "Todo o tempo que a casa de Deus esteve em Silo", 18. 31. Ainda mais: as circunstâncias históricas dos reinados de Davi, Salomão e Jeroboão, 1 Rs caps. 5 a 7; 12. 28-31, não favorecem a idéia de que a imagem da casa de Micas continuasse a ser adorada até ao tempo de Tiglate-Pileser, ou ao auxílio da Assíria. Portanto, desde Davi Kimchi, que muitos intérpretes opinam que a expressão "cativeiro da terra" se refere à tomada da arca pelos filisteus, quando Jeová abandonou Silo. Muitos expositores adotam a doutrina de Houbigant de que a última palavra da frase "cativeiro da terra" está errada; que o texto hebreu original tinha a letra *nun* em vez do *tzade*, e então a leitura seria esta: "cativeiro da arca" em vez de "cativeiro da terra." O crítico Keil julga que se refere à conquista da terra dos danitas do Norte e ao cativeiro de seus habitantes pelos sírios das vizinhanças de Damasco. Qualquer destas hipóteses é mais aceitável do que supor-se que o ídolo da casa de Micas continuou a ser adorado até à queda de Samaria. A expressão "desde Dã até Berseba", 20. 1, usava-se no tempo dos juízes e era oriunda da época, 10. 11-13; cp. 1. 31, 32, 34; 3. 13-31; 6. 3, 9, 10, 33. As indicações de tempo que se encontram nos apêndices referem-se ao período anterior ao reinado de Davi sôbre todo o Israel. A introdução geral do livro foi escrita enquanto os jebuseus ainda ocupavam a praça forte de Jerusalém, 1. 21. Todas estas indicações de tempo favorecem fortemente a inferência de que o livro, no seu todo, foi escrito no tempo de Samuel e talvez pelo próprio Samuel, como diziam os velhos rabinos. Os críticos que negam a Moisés a autoria do livro de Deuteronômio, dizem que um revisor antigo operou sobre os elementos existentes, porque o livro dos Juízes reflete as mesmas concepções religiosas que o livro de Deuteronômio. Como bem o diz a análise da obra, os fatos foram colhidos e postos na ordem em que se acham, com o fim de exibir o seu ensino religioso e dar lições às idades futuras. A significação religiosa dos acontecimentos que o compilador desejava demonstrar, não era ignorada aos próprios autores. O cântico de Débora e a indignação contra o crime de Gibeá, revelam que a consciência nacional se empenhava ardentemente em defender os negócios sagrados de Israel.

JÚLIA (Forma feminina de Júlio em latim).

Nome de certa dama cristã residente em Roma, Rm 16. 15, talvez a esposa de Filólogo.

JÚLIO

Nome de um centurião da corte Augusta, encarregado de conduzir o apóstolo S. Paulo a Roma, juntamente com outros prisioneiros, At 27. 1. Usando de humanidade, consentiu que Paulo fosse ver seus amigos e prover-se do que havia mister, facultando-lhe desembarque em Sidom, 3. Quando chegaram à ilha de Creta, Júlio não deu crédito ao que Paulo dizia em referência à tempestade que se aproximava, dando mais crédito ao mestre e ao piloto, 11. Apanhada que foi a nau pela furação, Júlio deixou-se guiar pelas instruções de Paulo, impedindo o desembarque da tripulação, 31. Dado o naufrágio do navio, os soldados quiseram matar os prisioneiros por temerem fugissem alguns deles, salvando-se a nado. Mas o centurião, querendo salvar a Paulo, impediu-os de o fazer, 42, 43.

JUMENTO ver MACHO

JUNCO[3], PAPIRO

Tradução da palavra *Gome*, no hebraico; planta que cresce em terrenos alagados, Jó 8. 11; Is 35. 7, de que fizeram o cestinho em que Moisés foi lançado ao Nilo, Êx 2. 3, e que servia também para embarcações de certo vulto, Is 18. 2. A planta referida é a cana que servia de papel, chamada papiro, *Papyrus antiquorum*. Mas o papiro não é uma espécie de relva ou cana como a palavra original parece dizer. É um caniço gigante com uma haste triangular de 8 a 10 pés de altura, 2m64 e 3m30, coroada por um ramalhete de flôres. Cresce nas planícies do Sarom perto do Mar de Galiléia e nas águas do Hulé, ou Merom. Antigamente florescia no Nilo de onde desapareceu. Empregava-se de vários modos, Ne 15. 2; 3 Mac. 4. 20. Os egípcios fabricavam com ele, sapatos, cestos, botes e outros artigos; e também faziam umas folhas que serviam para escrever, consistindo em tiras feitas com o miolo. Foi nesta espécie de papel que o apóstolo S. João escreveu a sua segunda feitas com o miolo. Foi nesta espécie de papel

JUNCO[2]

1. Tradução da palavra hebraica *Ahu*, em Jó 8. 11, planta aquática, que se encontra nas margens do Nilo. Era uma das muitas plantas que enchiam as águas daquele rio: juncos, bardanas, lírios roxos.

2. Tradução da palavra hebraica *Suph*, em Ex 2. 3, 5; e Is 19. 6, planta que também se dá nas margens do Nilo e em águas salgadas. O Mar Vermelho em hebraico é mar de *Suph*. É claro que se trata do junco que só cresce em água doce; este nome refere-se a uma vegetação aquática, como sejam algas, juncos, lírios roxos, etc.

JUNCO[3]

Tradução da palavra hebraica *Agmon*, que sugere a idéia de banhado, planta baixa que dá nos brejos, Is 9. 14; 19. 15, cuja sumidade se curva, Is 58. 5, e de cujos filamentos se faziam cordas, Jó 41. 1.

JUNIAS

Nome de uma cristã, residente em Roma, parenta de Paulo e sua companheira nas prisões por Cristo e que foi cristã primeiro do que ele, Rm 16. 7.

JUPITER

Nome do deus supremo dos romanos, o Zeus dos gregos. Este nome é mencionado uma só vez em o Novo Testamento, At 14. 12, 13. O texto grego emprega a palavra Zeus. Júpiter, possuia um magnífico templo em Olímpia, Heród. 2. 7, de onde se derivou a designação de Olímpico. Antíoco Epifanes erigiu-lhe um templo em Atenas e dedicou o templo de Jerusalém a Júpiter Olímpico. A pedido dos samaritanos, diz Josefo, deram ao santuário de Gerizim, o nome de Júpiter, protetor dos estrangeiros, 2 Mac 6. 2; Antig. 12. 5, 5. O culto tributado a Júpiter, que Paulo e Barnabé encontraram em Listra, era praticado em todo o império romano e em tôda a Grécia. Tinha sacerdotes, templos e sacrifícios.

JURAMENTO

Apelo feito para Deus como prova da verdade de um depoimento, ou para reforçar o caráter de uma promessa, Gn 21. 23; 31. 53; Gl 1. 20; Hb 6. 16. Violar um juramento assim feito, é ofender a Deus, 2 Cr 36. 13; Ez 17. 13, 18. Às vezes o apelo é feito para o soberano, ou para objetos sagrados, Gn 42. 15; 2 Sm 11. 11; Mt 5. 33; 23. 16-22. Jeová condescende na confirmação de sua promessa ao patriarca, jurando por si mesmo, Gn 22. 16; Hb 6. 13-20. O juramento era pronunciado levantando as mãos para o céu, Gn 14. 22; Ez 20. 5, 6; Ap 10. 5; Homero, Iliada, 19. 254, outras vêzes, a pessoa que jurava metia a mão debaixo da coxa da pessoa a quem fazia a promessa, Gn 24. 2; 47. 29, provavelmente como invocação à posteridade, que havia de sair de seus lombos, para cumprir o prometido e vingar a sua violação. Geralmente prestava-se juramento diante do altar, 1 Rs 8. 31. Abraão deu a Abimeleque sete cordeiras como testemunhas de seu juramento, Gn 21. 27-31. Costumavam às vezes intensificar o juramento, sacrificando um animal, dividindo-o em duas partes e passando entre elas, 15. 8-18. Cada uma das partes que entravam neste pacto invocava sôbre si a sorte da vítima, se o juramento fosse violado. Pela lei mosaica, em certas investigações judiciais, a pessoa acusada seria julgada inocente se jurasse diante dos juízes, Ex 22. 11; Nm 5. 19-22. Qualquer pessoa, prestando juramento, ou fazendo uma promessa a Deus, ficava obrigada a cumpri-la; no caso em que uma mulher ainda môça, e em casa de seu pai, fizesse qualquer voto ou juramento, e se o pai sabendo do voto e do juramento, não dissesse nada, era ela obrigada a cumprir o seu voto. Da mesma sorte com a mulher casada, no caso em que o marido a não contradissesse, ficava obrigada a cumprir o que jurou a fazer. A viúva e a repudiada deveriam cumprir todos os votos que fizessem, Nm cap. 30. Se alguém jurasse falsamente em nome do verdadeiro Deus, profanava o seu nome, Lv 6. 3; 19. 12; cp. Is 48. 1; Jr 12. 16; Ml 3. 5; em caso algum se permitia jurar pelos deuses falsos, Js 23. 7. O que jura em seu próprio dano, não é desobrigado do que prometeu, Sl 15. 4. Nosso Senhor condenou o uso dos juramentos, mesmo feito na melhor intenção, dizendo que o que for além do Sim, Sim e Não, Não, procede do mal, Mt 5. 33-37. No sermão do Monte, corrigiu várias das alterações que perversamente haviam feito à lei, os escribas e os fariseus; e entre outras, condenou o juramento praticado entre indivíduos em suas relações ordinárias. Porém, o juramento judicial é permitido e legal, Ex 22. 11. O próprio Cristo não hesitou em responder, quando, sob juramento pelo Deus vivo, se ele era ou não o Cristo, Mt 26. 63. Os apóstolos também reconheceram a legalidade do juramento, quando deram testemunho em nome de Deus, em defesa de suas palavras, 2 Co 11. 31; Gl 1. 20. O perigo de um juramento precipitado e desnecessário é bem ilustrado no caso de Herodes, tetrarca, que contra a sua vontade teve de mandar tirar a cabeça a João Batista, Mt 14. 3-12.

JUSABE-HESEDE, *Regresso da bondade.*

Nome de um dos filhos de Zorobabel, 1 Cr 3. 20.

JUSTO, *Justo, reto.*

1. Sobrenome de José, um dos que foram propostos para ocupar o lugar de Judas no apostolado, At 1. 23.

2. Nome de um homem piedoso, residente em Corinto, e cuja casa vizinhava com a sinagoga, onde se hospedou o apóstolo S. Paulo, At 18. 7.

3. Sobrenome de um judeu chamado Jesus que se associou com S. Paulo às saudações enviadas à igreja dos Colossenses, Cl 4. 11.

JUTÁ, *Extenso, inclinado.*

Nome de uma cidade situada na região montanhosa de Judá, mencionada juntamente com Maom, Carmelo e Zife, como cidades vizinhas, Js 15. 55. Juntamente com os seus subúrbios tocou em partilha aos sacerdotes, 21. 16. Agora é conhecida pelo nome de *Yuttah* e acha-se situada sôbre uma pequena elevação a sudoeste de Hebrom. Supõe-se, e com bons fundamentos, que seja a cidade de Judá nas montanhas, onde Maria foi visitar a sua parenta Isabel, Lc 1. 39. É crença mais comum que Isabel era da cidade de Hebrom.

L

LAADE, *Opressão.*

Nome de um dos filhos de Jaate, homem de Judá, 1 Cr 4. 2.

LAAMAS

Nome de uma aldeia da tribo de Judá, Js 15. 40, cujas ruinas se encontram a cerca de 4 quilômetros ao sul de *Beit Jibrin.*

LABÃO, *Branco.*

1. Nome de um dos filhos de Betuel, e neto de Nacor. Residia em Harã, Gn 24. 10-15; 28. 5, 10; 29. 5; 31. 53. Era irmão de Rebeca. Quando viu os valiosos presentes que o servo de Abraão havia dado a Rebeca, prontamente consentiu que ela fosse à terra de Canaã para desposar-se com Isaque, Gn 24. 1-67. Quando Jacó fugiu às iras de seu irmão Esaú, abrigou-se em casa de Labão seu tio, que era chefe de uma casa, 30. 35; 31. 1, pai de diversos filhos e pelo menos de duas filhas, 29. 16, possuia escravos e grandes rebanhos de ovelhas e gados, 29. 9; 30. 30; 31. 8. Jacó esteve em casa de Labão, pelo menos vinte anos, sendo sete para obter a mão de sua filha Raquel, e outros sete com o mesmo intuito, visto ter sido enganado por seu sogro, dando-lhe primeiro sua filha Lia, e mais seis anos pela criação de gado. No fim dos vinte anos, Jacó percebendo que a sua prosperidade havia excitado a inveja de Labão e de seus filhos, fugiu com suas mulheres, filhos e rebanhos em direção a Canaã. Labão correu a perseguí-lo e alcançou-o no monte de Gileade. Admoestado por Deus para não molestar a Jacó, fez com ele um pacto de amizade, depois do que, separaram-se para sempre, Gn caps. 29 a 31. Labão adorava o Deus de seus pais, o Deus de Nacor. 31. 53, Jeová, 24. 50, e ao mesmo tempo adorava ídolos, fazendo uso dos deuses familiares, os terafins, 31. 30, e praticava a adivinhação, 30. 27.

2. Nome de um lugar, ainda não identificado, existente na península do Sinai, Dt 1. 1, associado ao nome de Hazerote. Alguém pensa que pode ser Libna, também associado ao nome de Hazerote em Nm 33. 20.

LAÇO

Nó corrediço, ou armadilha, posta no chão, para o fim de caçar pássaros, animais e até homens, Jó 18. 9; Am 3. 5. Tradução de duas palavras hebraicas *Mokesh* e *Pah.*

LACUM, *Obstrução.*

Nome de uma cidade da tribo de Naftali, Js 19. 33. Lugar ignorado.

LADA, *Ordem.*

Nome de um homem de Judá, da família de Selá, e pai dos habitantes de Maressa, 1 Cr 4. 21.

LADÃ, *Bem ordenado.*

1. Nome de um efraimita e antecessor de Josué, 1 Cr 7. 26.

2. Nome de um gersonita que deu origem a várias famílias, 1 Cr 23. 7-9; 26. 21.

LADRÃO

Em sentido geral, é o nome que se dá a todo aquele que se apodera do que não lhe pertence, Jo 12 6, quer o faça em particular, quer nas vias públicas, Lc 10. 30; Mt 6. 20. Os ladrões de estrada convertiam-se às vezes em fomentadores de revolta contra as leis romanas, como fez Barrabás, Mc 15. 7, que, compelido pelas circunstâncias, como pelo desejo de roubar, se libertou das mãos da polícia, para viver como salteador. Decretava a lei mosaica que o ladrão era obrigado a restituir em dobro o que havia furtado, e no caso de impossibilidade, seria vendido pelo tempo necessário até pagar todo o roubo. Se um ladrão fosse achado, arrombando uma casa, e ferido morresse, aquele que o feriu não seria culpado de sua morte. Se porém, matasse o ladrão já de dia, seria culpado de morte, Ex 22.1-4. Aqueles dois ladrões que foram crucificados com Jesus, com certeza eram mais que ladrões, segundo o termo grego que lhes era aplicável, e pelo gênero de castigo a que foram condenados, Guerras 2. 13, 2; mesmo porque um deles reconheceu a justiça de sua condenação, Lc 23. 41. Ambos improperavam a Jesus, 44; um deles, porém, sentiu-se tocado pela mansidão de espírito e pelas palavras do Salvador que pedia perdão para seus inimigos, e dominado por um profundo arrependimento e temor de Deus em seu coração, e reconhecendo que Jesus era inocente e que seria rei após a morte, rogou-lhe: "Senhor, lembra-te de mim quando entrares no teu reino" Lc 23. 30-43.

LADRILHOS, TIJOLO

Placa de barro cozido no forno. Em Babilônia empregavam-se os ladrilhos para servirem de registos e até para desenhos, Ez 4. 1. Escreviam ou desenhavam sobre eles enquanto o barro estava mole; depois metiam os ladrilhos no forno. Deste modo as inscrições ficavam indeléveis. Empregavam-se os ladrilhos na cobertura das casas, Lc 5. 19. Na Palestina era pouco usado este modo de cobertura. S. Lucas estava habituado ao sistema dos telhados usados na Grécia, e por isso empregou a expressão" subiram ao telhado e levantaram as telhas" sem referir-se à qualidade do material de que eram feitas. É conveniente notar que, neste caso particular, a casa tinha uma abertura na coberta que dava saída aos moradores da casa para tomarem fresco na estação calmosa, fechando-a hermeticamente com uma porta de ladrilhos, no tempo de inverno.

LAEL, *Consagrado a Deus.*

Nome de um gersonita, pai de Eliasafe, Nm 3. 24.

LAGARTA I, *Locusta.*

Tradução da palavra *Gazam,* no hebraico, *devorador,* nome de um inseto devorador das vinhas, das figueiras, das oliveiras e dos produtos dos jardins e dos campos em geral, Jl 1. 4; 2. 25; Am 4. 9. Talvez seja uma espécie de gafanhoto em estado de desenvolvimento, ou um inseto cabeludo, sem morada fixa, que se move de um lugar para outro, como lagarta.

LAGARTA II, *Brugo.*

Tradução da palavra hebraica *Hasil,* que quer dizer, devorador. Anda junto com o gafanhoto, e destrói as plantas, 1 Sm 8. 37; 2 Cr 6. 28; Sl 78. 46; Is 33. 4; Jl 1. 4; 2. 25. Provavelmente é uma espécie de gafanhoto em estado de evolução. Vide Sl 105, 34; Jr 51. 27. Vide também *Brugo.*

LAGARTIXA[1], *Lesma.*

1. Tradução da palavra hebraica *Homet,* animal que se arrasta sobre a terra, Lv 11, 30.

2. Tradução de outra palavra hebraica, *Shabbelul,* úmido, gomoso, a lesma, Sl 58. 8, em particular a que pertence à família das lesmas sem casca, *Limacidae.*

LAGARTIXA[2]

Nome de um pequeno réptil da família dos lagartos, chamado em hebreu *letaah,* considerado imundo pela lei cerimonial, Lv 11. 30. Os outros quatro animais mencionados com a lagartixa: o musaranho, o camaleão, a saramántiga e a toupeira, são nomes de significação incerta, segundo a nota à margem da versão revista inglesa, porém, representam quatro espécies de lagartixas, muito abundantes na Palestina e países adjacentes, com grande variedade de espécies. As

lagartixas verdes, que se encontram nas matas e nos terrenos cultivados, principalmente a *Lacerta viridis* e a *Lacerta laevis*, são as mais lindas. Pertencem à mesma família (*Lacertidae*) mas de gênero diferente (*Zootica*); são as lagartixas das paredes, que aparecem em grande número, na estação calmosa, deslizando sobre os muros, sobre as rochas e terrenos pedregosos. Outras famílias desta espécie têm seus representantes na Palestina, como sejam: as *Scincidae*, as *Zonuridae*, as *Agamidae* e as *Monitoridae*. À primeira destas famílias pertence o camaleão, Lv 11. 30. Encontra-se de preferência nos lugares solitários, é de pequenas dimensões e tem a cor amarela do deserto, é tão comum como a lagartixa azul; mas não trepa; esconde-se nas fendas das pedras, ou mergulha rapidamente no solo. A família das *Zonuridae* é representada pela *Pseudopus pallasi*, cujas pernas traseiras são rudimentares de modo a parecer-se com uma cobra. É de cor preta e tem o comprimento de 66 a 82 centímetros, inclusive a cauda que regula ter dois terços do comprimento total. Em íntima relação com esta família, encontram-se os *Agamidae* a que pertencem os *Uromastix spinipes*. Este réptil habita os desertos arenosos da África e da Arábia, e é muito comum no deserto da Judéia. Tem o comprimento de 66 centímetros; é de cor verde com malhas escuras; possui formidável cauda, composta de anéis armados de poderosos espinhos que lhe servem de arma defensiva. O nome hebraico era *sab*, traduzido crocodilo e lagarto nas versões portuguesas em Lv 11. 29. Os árabes dão-lhe o nome de *dabb*. A família dos *Monitoridae* ou *Varanidae* a que pertencem os monitores, que Almeida traduz crocodilo da terra, em Lv 11. 29, 30; o *Waran el-ard* dos árabes, *Psammosaurus scincus*, encontra-se no sul da Judéia, na península do Sinai e nas partes arenosas do Egito. Atinge o comprimento de um metro a metro e meio. Tem focinho longo, dentes afiados e cauda com a qual se defende. O monitor das águas, *Waran el-bahr* (*Hydrosaurus niloticus*), é um pouco maior que o seu congênere da terra, do qual facilmente se distingue pela alta serrilha que se estende ao longo da cauda. Ambos estes répteis são notavelmente ligeiros, possuem força prodigiosa, justificando por este modo o nome hebraico *koab*, *força*. Alimentam-se de pequeninas lagartixas, de uma espécie de pequenos ratos, e devoram com avidez os ovos dos crocodilos e as crias destes. Por sua vez, serve de alimento aos naturais da terra.

LAGARTIXA[3], *Geco*.

Tradução da palavra hebraica *anakah*, nome de um animal declarado impuro pela lei cerimonial, classificado com os répteis, Lv 11. 30. A lagartixa tem a forma de um lagarto e anda pelos muros das casas; tem pintas esbranquiçadas pelo dorso e emite um silvo tristonho, donde lhe vem o nome hebraico. A lagartixa comum, que tem a pata em forma de leque, *Ptyodactylus gecko*, é muito comum na Palestina. Freqüenta as casas, anda pelos muros e pelos celeiros. Pode correr assim em virtude da construção peculiar de seus dedos, providos de bolsas que se dilatam, quando êle anda, e que lhe permitem fácil aderência.

LAGARTO, *Leão do chão*.

Nome de um réptil, pertencente à mesma ordem a que pertencem os lagartos, porém, segundo a classificação atual, não é do mesmo grupo. Este nome encontra-se em Lv 11. 30. É tradução da palavra hebraica *Tinshemeth*, respiração, inflação. Os pulmões do camaleão são dilatados e, quando se enchem, tornam o animal semitransparente. Os globos oculares são protuberantes e funcionam independentes um do outro, de modo que o animalzinho pode olhar em duas direções ao mesmo tempo; tem a faculdade de mudar a côr, refletindo as cores dos objetos que o cercam, ou por motivo de qualquer excitação nervosa. Esta faculdade é devida à existência de células transparentes da pele que se dilatam ou contraem, obedecendo às operações do sistema nervoso. Mora nas árvores. As patas dianteiras e traseiras são de molde a facilitar a subida aos mais elevados galhos das árvores, com o auxílio da cauda. Alimenta-se de insetos por meio de sua língua cuja extremidade contém uma substância viscosa.

LAÍS, *Leão*.

1. Nome de um homem de Galim, e pai de Palti, 1 Sm 25. 44.

2. Nome de uma cidade dos cananeus, situada ao norte da Palestina, no país de Reobe. Os danitas tomaram a cidade e a reconstruíram e mudaram-lhe o nome para Dã, Jz 18. 7-29.

3. Nome de uma aldeia, Is 10. 30.

4. Nome de uma vila da tribo de Benjamim entre Galim e Anatote, Is 10. 30.

LÂMEDE

Duodécima letra do alfabeto hebraico.

LAMENTAÇÕES

Composição, ou discurso de sentimentos tristes, elegias, como as que produziu Davi sobre Saul e Jônatas, 2 Sm 1. 17-27.

As Lamentações de Jeremias ocupam no Antigo Testamento lugar entre o livro de Jeremias e o de Ezequiel. Nas Escrituras dos hebreus estava incorporado na divisão dos Livros Sagrados, ou Hagiógrafo, entre o livro de Rute e o Eclesiastes. É conveniente chamar a atenção do leitor para o seguinte: dos cinco capítulos das Lamentações, os capítulos 1, 2, 4 e 5, tem cada um deles, vinte e dois versículos, e o capítulo 3 tem 22 X 3 = 66. O alfabeto hebraico compõe-se de 22 letras distintas. Nos caps. 1, 2 e 4, os vv. estão dispostos em ordem alfabética. O v. primeiro começa com a letra álef; o v. segundo, com a letra bete; o v. terceiro, com a letra guímel e o v. quarto, com a letra dálete, e assim por diante até ao fim. Convém, todavia, notar que nos caps. 2-4 a ordem das letras *ain* e *phe* não é a mesma do cap. 1 e do Sl 119; acha-se invertida, de modo que o *phe* precede o *ain*. O capítulo 5 não tem arranjo alfabético. O tema de todas as cinco elegias ou lamentações, é a destruição da capital judaica e os terríveis sofrimentos de seus defensores, pela fome, pela espada e pelos ultrajes de toda natureza, devidos aos pecados do povo, sem omitir os pecados dos profetas e dos sacerdotes. Em vários lugares das Lamentações, a condição miserável em que se achava o país, é personificada em um indivíduo que lamenta a sua triste sorte, 1. 9, 11, 12-22; 2. 18-22, ou em um profeta representando a nação, falando na primeira pessoa, 2. 11; 3. 1-51 e 52-66. Este livro é anônimo na língua hebraica, conhecido apenas pela primeira palavra "como" do cap. 1, e fazia parte do Hagiógrafo. Apesar disso, os críticos, mesmo os de tendências racionalistas atribuem os quatro primeiros capítulos a Jeremias. O quinto capítulo, dizem eles, é possível que seja de outro autor.

Na versão dos Setenta encontra-se a seguinte declaração, prefixa ao livro: "Depois que Israel foi levado para o cativeiro, e que Jerusalém foi devastada, aconteceu que Jeremias se assentou a chorar sobre Jerusalém, e escreveu a seguinte lamentação, e disse." Vem, pois, de longa data a presunção de ser o livro da autoria de Jeremias, no que acordam com algumas exceções todos os escritores sagrados e profanos tanto antigos como modernos. No segundo livro das Crônicas, cap. 35. 24, 25, fala-se da morte de Josias, dizendo: "Judá tôda e Jerusalém o prantearam, e, muito particularmente Jeremias, cujas lamentações sobre Josias se cantam até este tempo por todos os músicos." Se estas lamentações foram escritas, com certeza perderam-se, porque não constam do presente livro.

LAMEQUE, *Moço forte*.

1. Nome de um dos filhos de Matusael, da raça de Caim. Teve duas mulheres, Ada e Sela. Da

primeira, nasceram Jabel e Jubal; e da segunda, teve Tubalcaim e uma filha de nome Noema. As palavras por ele dirigidas às suas mulheres, são belo espécimen da poesia hebraica, e se encontram em Gn 4. 23, a que se dão duas interpretações: 1. Lameque confessa ter matado um homem, e ter morto um rapaz com uma pancada que lhe deu. Estas palavras traduzem o remorso de sua consciência. As frases: *porque me feriu, porque me pisou*, parecem querer atenuar a sua culpa, alegando que matou em defesa própria.

2. A outra interpretação diz: Lameque profere ameaça: "Matarei todo aquele que me ferir" exultando, por este modo, com a invenção de seu filho Tubalcaim, oficial de martelo e artífice em toda qualidade de obras de cobre e de ferro. Com os instrumentos por ele fabricados, poderia Lameque tirar pronta desforra contra quem ousasse agredi-lo. Deste modo, procuram explicar o sentido do poema de Lameque como exprimindo a determinação de empregar os novos instrumentos em defesa de sua pessoa. Os comentadores são acordes em dizer que Lameque se exalta a si próprio, dizendo: Se Caim, que matou um homem, está sob a proteção divina, que vingaria sete vezes quem ousasse tirar-lhe a vida, certamente que Lameque, tendo a seu dispor novas armas para sua defesa, será vingado setenta vezes sete, Gn 4. 18-24.

3. Nome de um patriarca antidiluviano da raça de Sete, e filho de Matusalém e pai de Noé. Temia a Deus e confiava nas promessas da salvação concretizadas na pessoa de seu filho Noé, dizendo "Este nos consolará em nossos trabalhos, e nas obras das nossas mãos na terra que o Senhor amaldiçoou" Gn 5. 25, 28-31.

LAMI

Nome de um irmão de Golias de Gate, que foi morto por Elanã, filho de Jair, 1 Cr 20. 5. A palavra Lami corresponde à última parte da palavra hebraica *Bethlémita*.

LÂMIA, *Fantasmas.*

Tradução do hebreu *Lilith*, ser noturno, monstro, Is 34. 14, que freqüenta as ruínas das cidades. Tristram julga ser a coruja parda, *Syrnium aluco* que se encontra em Gileade, Basã, Líbano e no vale do Jordão quebrando o silêncio da noite com os seus gemidos. Ver *Sátiro*.

LÂMPADA

Vasilha destinada a conter um líquido inflamável, que serve para iluminação, juntamente com um pavio que serve de condutor do líquido para alimentar a chama, Heród. 2. 62. As sete lâmpadas do candeeiro de ouro que iluminavam o tabernáculo e o templo, eram de ouro, Êx 37. 23; 1 Rs 7. 49, e continham azeite, Êx 27. 20. Empregavam-se espevitadores para cortar os morrões das

Antigas lâmpadas

torcidas ou pavios, e caldeirinhas para apagar o morrão, Êx 25. 38. As lâmpadas comuns para uso doméstico eram feitas de barro e continham uma tampa móvel ou fixa. No centro da tampa havia um orifício por onde se introduzia o azeite, e outro ao lado por onde saía a torcida. A palavra hebraica é *Ner*, traduzida por lâmpada em 2 Sm 21. 17, e em Jr 25. 10, por luz de candeia. A palavra hebraica *Lappid*, também se traduz por lanterna em Jz 7. 16, 20; lâmpada em Is 62. 1 e Dn 10. 6; por tochas em Jz 15. 4; por facho, em Zc 12. 6; e relâmpagos em Êx 20. 18. A palavra grega traduzida por lâmpada em Mt 25. 1, Ap 15. 5; At 20. 8, também se traduz por archotes em Jo 18. 3.

A extinção de uma candeia significa em sentido figurado, a destruição de uma família, Pv 13. 9.

Em Gazer, costumavam envolver uma lâmpada dentro de uma dupla vasilha para representar uma criança que freqüentemente sepultavam nos lugares altos, durante a ocupação dos amorreus, em sacrifício aos deuses.

LÂMPADAS ver LANTERNAS

LANÇA[1]

Arma de arremesso, usada na guerra, Jó 41. 29, e que se trazia suspensa entre as espáduas, 1 Sm 17. 7. O Senhor ordenou a Josué que levantasse a sua lança contra a cidade de Ai, Js 8. 18, em sinal de completa vitória. O nome hebraico é *kidon*, traduzido por escudo em Js 8. 18, 26; 1 Sm 17. 6, 45; Jó 39. 23; e por lança em Jr 6. 23; 50. 42.

LANÇA[2]

A lança chamava-se em hebreu *hanith* e consistia de uma peça de metal fixada à ponta de uma vara, 1 Sm 13. 19; 17. 7; Is 2. 4. Os soldados a conduziam na mão e a fincavam no solo quando estavam em descanso. Destinava-se a servir de arma de ataque, de dois modos: ou investindo contra o inimigo ou atirando-a de longe como se fosse um dardo, 1 Sm 18. 10; 26. 7, 8; 2 Sm 2. 23; Jo 19. 34. As lanças compridas, que os árabes denominavam *rumh* estavam em uso nos tempos antigos, Jz 5. 8; 1 Cr 12. 8, 24; Ne 4. 13; Jr 46. 4. Os hebreus davam-lhe o nome de *romah*, Nm 25. 7, 8. Não se prestavam a ser atiradas como dardos.

LANCEIROS

Tradução da palavra grega *Dexiolabos* ou como diz o manuscrito Alexandrino, *Dexiobolos*, em At 23. 23, designando um corpo de soldados distinto dos legionários e da cavalaria. Evidentemente eram soldados pedestres levando a sua arma na mão direita.

LANTERNAS, ALÂMPADA, TOCHAS, LÂMPADAS

Facho, archote, que produz um clarão deslumbrante, Jz 7. 16; Mt 25. 3; Jo 18. 3. Primitivamente consistia apenas em um pedaço de madeira resinosa, ou em um molho de qualquer substância absorvente embebida em óleo, e posta na ponta de uma vara, dentro de uma vasilha de barro, de forma cônica.

Os soldados romanos, que foram prender a Jesus, levavam consigo lanternas, Jo 18. 3, que eles faziam com películas transparentes ou lâminas de chifre.

LAODICÉIA, *Que pertence a Laodice.*

Nome de uma cidade que antes se chamava Diópolis, cidade de Zeus, melhorada e ampliada por Antíoco II, que lhe pôs o nome de Laodicéia em honra de sua mulher Laodice. Era cidade principal da Frígia Pacatiana da Ásia Menor, e estava situada um pouco ao sul de Colossos, e Hierápolis, sôbre o rio Licos, tributário do Meandro. Possuía fábrica de panos e de vestuários de lã escura, produto de ovelhas criadas nas suas vizinhanças. Tinha uma escola de medicina onde se preparava um pó aplicado à cura de moléstias dos

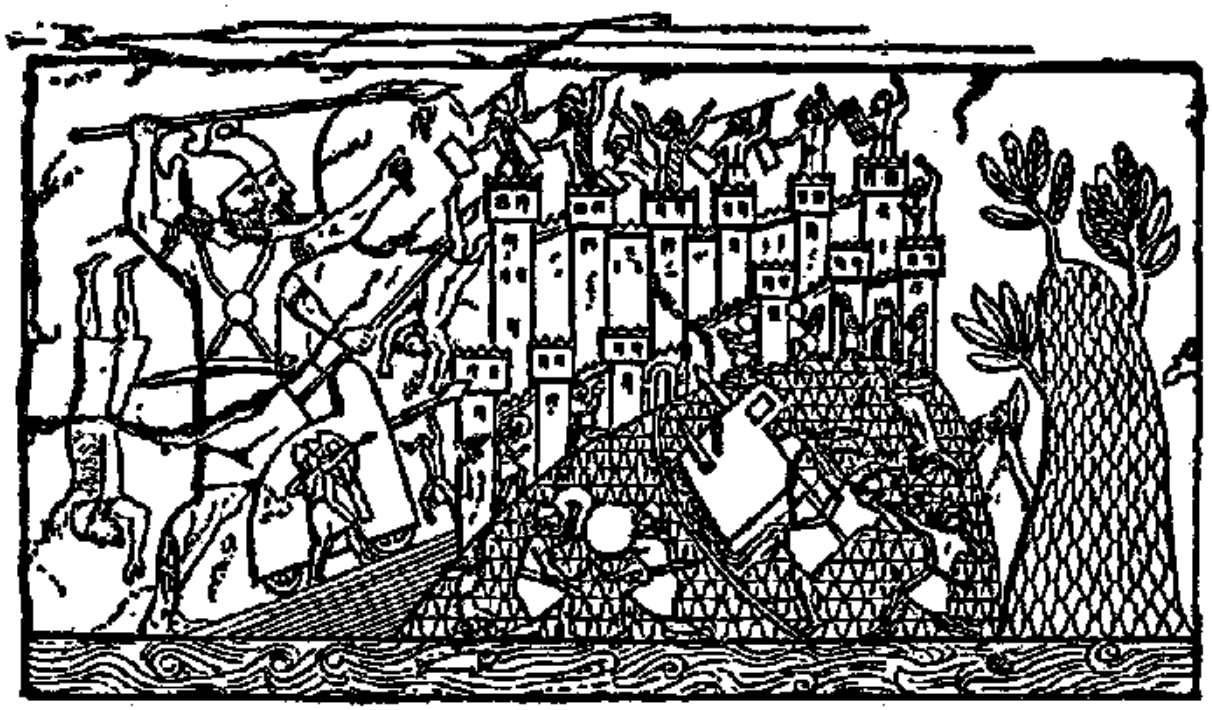
olhos. Continha grande número de judeus ali residentes, Antig. 14. 10, 20. Epafras trabalhou nela como evangelista e fundou uma igreja cristã, Cl 4. 12, 13. S. Paulo mostrou grande interesse pelo progresso da igreja em Colossos, bem como pelos irmãos que estavam em Laodicéia, Cl 2. 1. Enviou-lhes saudações e escreveu-lhes uma carta de que talvez só um exemplar foi deixado em Laodicéia, Cl 4. 15, 16. Crêem alguns que a epístola referida é a carta aos efésios. Uma das sete igrejas mencionadas no Apocalipse chamava-se de Laodicéia. A carta que lhe foi dirigida continha amargas repreensões, Ap 1. 11; 3. 14-22, e nela se alude às riquezas que a tornaram famosa. Pelo ano 65 da era cristã, Laodicéia, Colossos e Hierápolis foram destruídas por um terremoto. Os habitantes de Laodicéia reconstruíram a cidade à sua custa, sem auxílio algum do governo romano. As ruínas de Laodicéia podem ser vistas no lugar chamado *Eski Hissar*, perto de *Denisli*, a uns 98 quilômetros a sudeste de Esmirna.

LAPIDOTE, *Archotes.*

Nome do marido da profetisa Débora, Jz 4. 4.

LAQUIS, *Difícil de tomar.*

Nome de uma cidade fortificada nas campinas de Judá, Js 15. 33, 39. No tempo da conquista da Palestina, o rei de Laquis foi derrotado e morto por Josué, Js 10. 3-35; 12. 11. Roboão fortificou a cidade. 2 Cr 11. 9. Amazias, rei de Judá, perseguido pelos conspiradores, refugiou-se em Laquis, onde o mataram, 2 Rs 14. 19; 2 Cr 25. 27. Laquis foi sitiada por Senaqueribe, rei da Assíria.



Assalto a Laquis por Senaqueribe

Do campo fronteiro a esta cidade, saiu Rabsaqué para intimar a rendição de Jerusalém, 2 Rs 18. 14, 17; cp. 19. 8; 2 Cr 32. 9; Is 36. 2; 37. 8. Laquis é acusada de ser a causadora do pecado da filha de Sião, porque nela se acharam as maldades de Israel, Mq 1. 13. Nabucodonosor tornou a sitiar Laquis e outras cidades de Judá, Jr 34. 7. Depois da volta do cativeiro, foi novamente habitada pelos israelitas, Ne 11. 30. Seu antigo lugar é assinalado em *Tell el-Hesy*, a uns trinta quilômetros a nordeste de Gaza e a uns vinte a oeste sueste de *Beit Jibrin*. Escavações recentes têm pôsto a descoberto a muralha da antiga cidade e algumas construções, pertencentes aos tempos de Roboão, Asa, Josafá, Ozias, Joatão e Manassés. Parece que dez cidades têm ocupado sucessivamente o local da antiga Laquis. Uma delas chamava-se Amorita, que tinha apenas cerca de 500 metros quadrados, edificada sobre uma rocha alcantilada, a uns sete metros acima do córrego que vinha do oriente e uns treze metros acima da planície do norte; e era defendida pelo lado do sul e pelo lado de oeste, por uma ravina. A muralha do norte estava no sopé da rocha e tinha 2 m 60 de espessura, com uma grande torre no ângulo setentrional, ocupando uma área de 12 m 48 por 9 m 24 com aposentos de cerca de 11 metros quadrados protegidos por muralhas de 2 a 3 metros de espessura. Outros muros, pelo menos com o duplo de espessura, foram levantados antes da conquista de Canaã pelos hebreus. Nas escavações têm-se encontrado pederneiras, cobre, bronze e utensílios de ferro, armas de bronze e grande quantidade de artigos de barro. Descobriram-se duas inscrições, uma em caracteres do hebreu antigo, e outra em caracteres cuneiformes. Esta última deve datar de quinze séculos A. C. e contém o nome de um rei de Laquis chamado Zinrida.

LASA, *Fenda.*

Nome de um lugar mencionado em conjunto com as cidades da planície, Gn 10. 19. S. Jerônimo diz que este lugar ocupava uma ravina ao oriente do Mar Morto, notável pelas suas águas termais que Herodes visitou por ocasião de sua última enfermidade. A garganta donde brotam estas águas é tão estreita que bem merece o nome de fenda. Não tem espaço suficiente para uma aldeia, por menor que seja. A torrente que dali vem chama-se agora Zerca-Maim e deságua no lado oriental do Mar Morto, a uns 20 quilômetros em linha reta da embocadura do Jordão depois de uns 5 quilômetros de curso.

LASAROM

Nome de uma cidade cujo rei foi morto por Josué, Js 12. 18. O texto hebraico pode ser lido da seguinte forma: "Rei sobre Sarom." O que se depreende pela versão dos Setenta é que o texto original diz: "Rei de Afeque (que pertence) a Sarom."

LASEIA

Pôrto de mar da ilha de Creta, vizinho do lugar denominado Bons-Portos, onde abordou o navio que conduzia o apóstolo S. Paulo a Roma, At 27. 8. Em 1856 o Rev. G. Brown descobriu umas

ruínas que supôs serem as de Laséia, situadas a uns nove quilômetros ao oriente de Bons-Portos.

LASTENES, *Fortíssimo*.

Nome de um cretense que levantou um exército de mercenários para auxiliar a Demétrio II; em virtude do qual, pode este fazer desembarque na Cilícia e erguer ali o estandarte da revolta contra Alexandre Balas, Antig. 13. 4, 3. Lastenes teve como recompensa o governo da Coelesíria. Demétrio chamava-o de pai, primo, etc, 1 Mac 11. 31, 32. O nome pai parece indicar que era pessoa de idade avançada. Os outros nomes poderão dizer que realmente pertencia à família de Demétrio, ou que ocupava posição elevada na côrte. Por meio de uma carta, recebeu informações sôbre os têrmos da paz celebrada entre Demétrio e Jônatas Macabeu e das concessões feitas aos judeus, 32-37.

LATIM

Idioma falado pelos romanos. Posto que o jugo romano pesava sôbre a Palestina desde um século antes de Cristo, até centenas de anos depois, a língua latina não tomou raízes no país. Sòmente alguns vocábulos se incorporaram à língua hebraica, tais como, *praetorium* e *centurio*, que se acham escritos em caracteres gregos no evangelho segundo S. Marcos 15. 16, 39, 45. Como a língua latina era oficial na Palestina, o título posto sôbre a cruz de Cristo, foi escrito em latim, em grego e no aramaico, Jo 19. 20.

LAVANDEIRO

Pessoa que limpa as roupas brancas, removendo delas as manchas produzidas pelo uso, as nódoas de gordura, etc., Mc 9. 2. As roupas eram mergulhadas em água de sabão e esfregadas, Ml 3. 2. Fora da cidade de Jerusalém havia um campo com o nome de Campo do Lavandeiro, ligado por um caminho largo, e servido por um aqueduto que levava água a uma piscina, Is 7. 3; 36. 2, tão chegada aos muros que os embaixadores assírios, falando dali, podiam ser ouvidos pelo povo, 2 Rs 18. 17. Existe um canal que conduz água do *Birket Mamilla*, fonte das cabeceiras do vale de Enom, para cidade, que parece ser o antigo aqueduto do Campo do Lavandeiro. Se este canal se identifica com o túnel que liga a fonte da Virgem ao tanque de Siloé, o Campo do Lavandeiro devia ficar no vale de Cedrom.

LAVRADOS

Tradução da palavra hebraica *Pekaim*, 1 Rs 6. 18; 7. 24, nome de ornamentações esculturais abertas em cedro, associadas a florões, que adornavam o templo de Salomão. A tradução brasileira diz que os lavrados eram de botões. A palavra tem a terminação feminina, representando uma espécie de cabaça, como se a ornamentação tivesse com ela alguma semelhança.

LÁZARO, Do hebraico *El-azar; Deus tem ajudado*.

1. Nome de um mendigo que aparece na parábola do rico e Lázaro e que jazia à porta do rico, desejando fartar-se das migalhas que caíam de sua mesa. Além da fôme, sofria as dores produzidas pelas chagas, que lhe cobriam o corpo, lambidas pelos cães. Nada se diz quanto ao caráter de ambos. Quando ambos morreram, Lázaro foi levado pelos anjos ao seio de Abraão, e o rico foi sepultado no inferno. Parece à primeira vista que um foi galardoado simplesmente por ser pobre, e que o outro foi punido, por ser rico. O caso, porém, é outro. O rico vivia naturalmente como os outros cinco irmãos, que não criam em Moisés, nem nos profetas, precisando de arrependimento, vindo isto a dizer que neste caso entrava um elemento moral, e que o proceder e não a posição social, é que decidiu o destino final, Lc 16. 19-31.

2. Nome de certo membro de uma família de Betânia, e irmão de Marta e Maria. Foi objeto de profunda simpatia, não somente de suas irmãs, como também de Jesus, que o chamava "nosso amigo." Teve a honra de ser levantado dentre os mortos. Tomado de grave enfermidade, as irmãs mandaram contar a Jesus que estava doente aquêle que ele amava. Jesus estava além do Jordão e lá se deixou ficar, sem acudir ao chamado. Dois dias depois, quando Lázaro, já estava morto, Jesus caminhou para Betânia. Marta foi encontrá-lo fora da aldeia, tendo com êle uma importante conversação, na qual, o divino Mestre procurou animar-lhe a crença na ressurreição e no seu poder sôbre a morte. Chegada que foi Maria, irmã de Marta, Jesus, em companhia delas e dos amigos de Lázaro, se encaminhou para o sepulcro, que, segundo o costume entre os judeus era aberto em rocha. Depois de removida a pedra que fechava a entrada do sepulcro, Jesus orou a seu Pai. Fez assim por causa do povo que o rodeava, a fim de que o milagre, que ia ser operado, provasse a todos os que o presenciavam, que Jesus era enviado de Deus, o Pai. Então disse Jesus em voz alta: "Lázaro vem para fora", Jo 11. 1-44. O efeito produzido foi profundo e foi causa da entusiástica recepção que Jesus teve em Jerusalém. O sanedrim reuniu-se e decretou a morte de Jesus, porque o povo o saudava como rei; se realmente êle fôsse aceito como tal, também as suas doutrinas acerca de um reino espiritual disfarçado, todas as esperanças de resistências ao poder dos romanos, e tôdas as tentativas de restaurar o governo teocrático, se perderiam. Resolveram, pois, que um só homem perecesse, culpado ou não, antes que tôda a nação viesse a sofrer, 11. 45-53; 12. 9-19. Lázaro estêve presente a uma ceia que Simão o leproso de Betânia deu em honra de Jesus, seis dias antes da páscoa, 12. 1, 2. O efeito produzido pela ressurreição de Lázaro, levou muitos a crer em Jesus o que muito irritou os judeus que tomaram a deliberação de o matar, 10, 11. É esta a última vez que se fala de Lázaro na Escritura. A conspiração contra a sua vida parece que não foi levada a efeito. Com certeza êle veio a morrer segunda vez, mas não se sabe, quando, em que lugar e em que circunstâncias.

LEABIM

Nome de uma tribo originária dos egípcios ou a êles incorporada, Gn 10. 13; 1 Cr 1. 11.

LEÃO

O *Felis leo* dos naturalistas. Êste animal domina os sertões africanos e parte da Ásia meridional até ao oriente da província de Guzerate na Índia. Em tempos idos, encontrava-se na Grécia; atualmente, nem lá, nem em qualquer outro país da Europa; não existe no estado selvagem. Nos tempos bíblicos era muito cômum na Palestina. Os hebreus não tinham menos de seis palavras para designar êste animal nos diversos estados de sua existência. As mais comuns eram *aryel* e *arí* que ocorrem oitenta vêzes no Antigo Testamento. Alude-se à fôrça do leão em 2 Sm 1. 23; Pv 30. 30; à sua coragem em Jl 1. 6; a agachar-se antes de se langar sôbre a vítima em Gn 49. 9; às suas tendências para assaltar os rebanhos de ovelhas, vacas e outros animais, em 1 Sm 17. 34; Is 11. 6, 7, e até mesmo sôbre o homem, em 1 Rs 13. 24; Jr 2. 30; e aos seus rugidos em Jó 4. 10; Pv 20. 2; 1 Pe 5. 8. Esconde-se nas espessuras, Jr 4. 7, nas florestas, 5. 6; e em outros lugares das matas, 25. 38. Faziam caçadas de leões nas selvas que bordavam as margens do Jordão, 49. 19. Na visão de Ezequiel aparece um dos quatro animais com rosto de leão, Ez 1. 10; 10. 14. A primeira das quatro alimárias vista por S. João era semelhante a um leão, 4. 7. Nosso Senhor é chamado Leão da tribo de Judá, 5. 5; cp. Gn 49. 9.

LEBANA, *Branca*, designação poética da lua.

Nome do fundador de uma família, alguns de cujos membros voltaram do cativeiro, Ed 2. 45; Ne 7. 48.

LEBAOTE, *Leoa*.

Nome de uma cidade do extremo sul de Judá, Js 15. 32.

LÊBE-CAMAI

Nome artificial, Jr 51. 1, no qual, trocadas as consoantes, segundo o sistema denominado *Athbash*, forma a palavra *Kasdim* isto é, caldeu.

LEBONA, *Incenso.*

Nome de uma cidade ao norte de Silo, Jz 21. 19. Há muito foi identificada com Lubã, na estrada que vai de Siquém a Jerusalém, 3 quilômetros e meio ao norte de Silo.

LEBRE

Nome de um animal em hebraico *Arnebeth* que remói mas que não tem a unha fendida, e, por isso, considerado animal imundo, Lv 11. 6; Dt 14. 7. A opinião dos hebreus era que o animal que remói se distinguia por um movimento peculiar das mandíbulas. Fisiologicamente, a lebre não é ruminante, mas animal rodente, assim classificado pelos naturalistas modernos. A lebre comum da Palestina, *Lepus syriacus*, é menor no comprimento do que a lebre européia, cerca de seis centímetros, e as orelhas, também um pouco mais curtas. Habita as matas e os lugares cultivados. A lebre comum do sul da Judéia e do vale do Jordão (*L. judeae*, de Gray) tem as orelhas muito compridas e o pelo ligeiramente pardo. Tristram enumera três outras espécies, existentes na fronteira meridional: *L. aegyptiacus*, a lebre do Egito, na parte sul da Judéia *L. isabellinus*, nos desertos arenosos do sul da Palestina, e a *L. sinaiticus* com o pêlo avermelhado.

LECA, *Jornada.*

Nome de uma aldeia de Judá, 1 Cr 4. 21, a julgar pelo contexto.

LEGIÃO

Nome da divisão principal do exército romano, Guerras 3. 4, 2. Compunha-se de 3.000 soldados de infantaria com um contingente de cavalaria. Desde o ano 100 A. C. até a queda do império o número dos soldados que formava uma legião, variava entre 5.000 e 6.200 enquanto que, desde o governo de Augusto até Adriano o número regular era de 6.000 sem o contingente de cavalaria. Nesta época, a legião compunha-se de dez coortes, cada coorte, de dez manípulos, e cada manípulo, de duas centúrias, cp. Mt 27. 27, sob o comando de tribunos ou centuriões, Guerras 3. 5, 3; At 21. 31, 32; 23. 23, em número de dez e sessenta respectivamente. A palavra legião emprega-se na Escritura no sentido de multidão, Mt 26. 53; Mc 5. 9.

O estandarte militar dos romanos consistia a princípio em um molho de palha amarrado à ponta de uma vara, que mais tarde foi substituído por uma águia e quatro outros animais; depois do ano 104 A. C. ficou limitado a uma águia, Plínio, Hist. Nat. 10. 4. O estandarte ficava sob a guarda do centurião. Além da águia, ajuntaram depois a imagem do imperador. Pôncio Pilatos introduziu em Jerusalém estas imagens dando origem a uma insurreição dos judeus, Antig. 18. 3, 1; Guerras 2. 9, 2. O estandarte da águia só era usado pelas legiões. As coortes e as centúrias, tinham estandartes com insígnias menores e de várias formas.

LEGUMES

Plantas leguminosas, ou sementes delas, como sejam ervilhas e feijões de grande nutrição. Com estes legumes se alimentaram Daniel e seus companheiros, Dn 1. 12, 16. Em 2 Sm 17. 28, fala-se em grãos fritos, mas a palavra grão foi talvez introduzida pelos tradutores, porque não se encontra no original.

LEI

Esta palavra emprega-se em várias acepções, porém, na Escritura, tem dois sentidos especiais.

1. Força que opera uniformemente, determinando a seqüência regular dos acontecimentos; e que regula os atos da vontade, Rm 7. 23.

2. Regra de proceder formulada por uma autoridade competente, e, quando preciso, posta em prática com o auxílio de leis penais. Esta é a principal significação que a Escritura dá à palavra lei. Muitas leis têm sua origem nas relações entre os membros da mesma sociedade, que, pela sua continuação e estabilidade, se convertem em lei.

A lei subentende a existência de um governador divino ou humano. A palavra lei é tradução do hebraico *Torah*, instrução; do aramaico *Dath*, que significa estabelecido, e do grego *Nomos*, costumes, lei; é uma regra autorizada para governar o proceder dos homens, quer seja revelada dentro do homem, ou fora dele. A lei pode ser imposta por autoridades constituídas do estado, que são ordenadas por Deus, Ed 7. 26; Et 1. 19; Dn 6. 8, ou emanada diretamente de Deus, revelada de um modo sobrenatural e audível, como o foi no Sinai, ou por meio do Espírito, aos profetas, Zc 7. 12, ou, ainda, revelada na constituição de nossa própria natureza, Rm 2. 14, 15. São sábios aqueles que temem a Deus e guardam os seus mandamentos; a sabedoria piedosa, assim adquirida, pelo estudo da lei escrita, pela observação do coração humano, e por uma vida de santidade, quando manifestada, é fonte de vida, Pv 13. 14, e quando comunicada pelos pais a seus filhos, e que estes a recebem, converte-se em adorno de sua cabeça e colar de seu pescoço, Pv 1. 9.

O termo lei, precedido de artigo definito e sem outro adjunto que lhe modifique o sentido, refere-se a todo o Antigo Testamento em geral, Jo 12. 34; 1 Co 14. 21; cp. Jo 10. 34; 15. 25, porém, emprega-se mais freqüentemente para designar o Pentateuco, Js 1. 8; Ne 8. 2, 3, 14; Mt 5. 17; 7. 12; Lc 16. 16; Jo 1. 17. A Lei Moral foi dada por Deus a Moisés, Êx 20. 19-22; Mt 15. 4; Jo 1. 17, e é a lei de Deus, Js 24. 26; 2 Cr 31. 3. Foi escrita em livro, Js 1. 7, 8, incluindo toda a legislação contida no Êxodo, em Levítico, Números e Deuteronômio, Mc 12. 26, com Êx 3. 6; Mc 7. 10, com Êx 20. 12; 21. 17; Lc 2. 22 e Jo 7. 22, 23, com Lv 12. 2, 3; Mt 8. 4, com Lv 14. 3; Mt 19. 8 e 22. 24 com Dt 24. 1 e 25. 5, e chamava-se Pentateuco, formando a primeira divisão do cânon, Lc 24. 44. Ver *Pentateuco*. A parte legal consiste dos dez mandamentos que formam a lei fundamental da teocracia e dos estatutos que nela se baseiam. Foi dada no Sinai. A lei fundamental, proferida em voz alta, soou aos ouvidos de toda a congregação de Israel. Os estatutos regiam a forma geral do culto, protegiam os direitos humanos, regulavam o proceder pessoal e determinavam os tempos consagrados às festas e aos sacrifícios. Esses estatutos se tornaram conhecidos do povo por meio de Moisés. Veja *Teocracia*. Quando se levantou o tabernáculo, Deus promulgou as leis regulando o modo de se aproximarem dele. Veja *Levítico*. Trinta e oito anos depois, Moisés fez ouvir de novo a lei publicamente, perante a nova geração, acentuando com empenho aquelas passagens que a experiência de um terço de século lhe havia ensinado a compreender melhor, e introduzindo modificações reclamadas pelas condições especiais em que o povo se achava. Veja *Deuteronômio*. Crê-se geralmente que, desprezando tudo quanto os estatutos continham, referentes às condições do lugar e do tempo, tudo o mais permanece como parte essencial à futura dispensação cristã e judaica, regulando a sua vida religiosa, cp. Êx 20. 12; Dt 5. 6; com Ef 6. 2, 3. Os dez mandamentos, sendo a lei fundamental e sumária de toda a moral, permanecem firmes; baseiam-se na imutável natureza de Deus e nas relações permanentes do homem sobre a terra. A respeito do quarto mandamento, disse Jesus: "O sábado foi feito para o homem"; segue-se, pois, que a lei permanece em toda a sua força enquanto o homem existir sobre a terra. A respeito do quinto mandamento, o apóstolo S. Paulo, evidentemente considera em vigor, tanto o preceito como a promessa, a terra de Canaã desaparece, mas "a terra" toma o seu lugar, Ef 6. 2, 3. A lei cerimonial a que se refere a carta aos Hebreus, 8. 7, como o primeiro pacto, ela a declara como anti-

quada e prestes a perecer, 13 cp. os caps. 8 a 10. O Apóstolo não julgou necessário obrigar a ela os gentios, At 15. 23-29. Tinha função transitória, apontando para Cristo, nosso sumo pontífice por meio de seu sacerdócio, de seus sacrifícios, de suas cerimônias e de seus símbolos. Chegado que foi o antítipo, cessaram de uma vez os tipos, sem contudo perder de vista a importância que eles têm em todas as idades futuras. As disposições legais que formavam o código civil e criminal dos israelitas eram admiravelmente adaptadas ao estado de civilização a que o povo havia chegado. Essas leis, porém, foram livremente modificadas à medida que as circunstâncias se alteravam. Moisés foi o primeiro que as reformou; Davi e outros reis as aumentaram.

LEI, *Queixada.*

Nome de um lugar da tribo de Judá, Jz 15. 9, onde os filisteus se acamparam para prender a Sansão, e onde o seu exército foi desbaratado. Deram-lhe êste nome por ser um espinhaço de rocha dentada semelhante a uma queixada, ou por causa da façanha de Sansão que, com a queixada de um jumento, deu a morte a mil filisteus. Como quer que seja, aquele lugar onde Sansão bateu os filisteus, o qual, lançando a queixada da mão, chamou àquele lugar Ramate-Leí, que quer dizer, Elevação da Queixada, 17. Guérin dá o local de Lei, em *Ain el-Lehi*, a noroeste de Belém, 8 quilômetros e meio a sudoeste de *Malhah*, e, portanto, não mui distante de Etão, em uma planície elevada. Este lugar, porém, não satisfaz; não se encontra no mapa. Além disso, Lei deve ser procurada perto de algum outro Etão, porque Sansão desceu de Timnata para ir à rocha de Etão.

LEITE

Importante artigo de alimentação, principalmente no oriente. Até agora emprega-se como tal, o leite das vacas, 2 Sm 17. 29, das cabras, Pv 27. 27, das ovelhas, Dt 32. 14, e das camelas, Gn 32. 15. O leite das camelas é excelente, rico e forte, porém, pouco doce.

O leite usa-se no seu estado natural, coalhado ou feito em queijo, Dt 32. 14; Jz 5. 25; 2 Sm 17. 29. Guardavam em odres e serviam-se dele em pratos, Jz 4. 19; 5. 25.

LEMUEL, *Dedicado a Deus.*

Nome do rei que escreveu o cap. 31 do livro dos Provérbios, reproduzindo as palavras com que sua mãe o instruiu, v. 1.

LENÇO

Pedaço de tecido, usado pelos romanos para limpar as mãos e o rosto. Os judeus começaram a usá-lo no período da dominação romana. Servia para envolver o rosto dos defuntos, Jo 11. 44; 20. 7. Em Efeso, os lenços que haviam tocado no corpo de S. Paulo eram aplicados aos enfermos com grande proveito, At 19. 12. O marco de prata, mina, que o homem de grande nascimento entregou a seu servo para negociar com ele, foi embrulhado em um lenço, Lc 19. 20.

LENTILHAS

Nome de uma planta, 2 Sm 23. 11, que cozinhavam servindo de sopa, Gn 25. 29, 34, e que em tempos de penúria substituía o pão. O nome que os modernos árabes lhe dão é semelhante ao hebraico, *iadashim*. A lentilha, *Ervum lens*, é planta papilionácea, aliada às ervilhas; tem folhas compostas com cinco a seis pares de folíolos oblongos, flores brancas, estriadas de raios violeta e pequenas sementes chatas. O cozinhado que delas se faz é de cor vermelha. Foi este o guisado pelo qual Esaú vendeu o direito de primogenitura e de que lhe veio o nome de Edom. Esta planta é silvestre em Moabe e cultiva-se em toda parte da Palestina. As sementes constituem alimento muito saudável. É dela que se fabrica a *Revalenta arábica*, muito usada nos restaurantes vegetarianos e em muitas casas particulares.

LEOPARDO

Animal feroz: em hebreu, *Namer*, animal malhado; em grego, *Pardalis*. Era, como bem o diz o seu nome, animal mosqueado, Jr 13. 23, muito ágil, Hc 1. 8, procurando entre os rebanhos a sua alimentação predileta, Is 11. 6. Às vêzes também atacava o homem, Os 13. 7, 8, ocultando-se para êste fim nas vizinhanças das povoações, Jr 5. 6. Sua morada habitual era nas montanhas, Ct 4. 8. O leopardo, *Felis pardus*, diziam os antigos, que era um produto híbrido do leão com a pantera, com o que concordam alguns cientistas modernos, donde lhe vem o nome de *leo* e *pardus*, leão e pantera. Julga-se, no entanto, que seja variedade da mesma espécie. O leopardo ou pantera, é natural da África e do sul da Ásia. Aparecia na região oriental do Jordão, isto nos tempos bíblicos.

Em Daniel 17. 6, simboliza uma nação feroz com o seu rei, sem dúvida, a Grécia, 8. 21. A bêsta de que fala o Apocalipse cap. 13. 2, com sete cabeças e dez cornos, que se combina com as quatro alimárias de Daniel, representando fôrças unidas dos poderes da terra, tem o corpo de leopardo.

LEPRA

Moléstia terrível, que em hebreu se chamava *Saraath*, que quer dizer açoite, cujos sintomas se descrevem em Levítico cap. 13. 1-46, e que poderia confundir-se com outras moléstias de pele. A enfermidade tinha fundas raízes. Começava por uma pústula, ou alguma cousa luzente com tendências a expandir-se embranquecendo a pele, penetrando na carne, 13. 2, 3, 7, 8, 10, 24, 25, 27, 35, 36, e abrindo chaga vermelha semelhante à queimadura de fogo, 10. 14-16, 24. Entre as partes do corpo, atacadas pela lepra, notava-se especialmente a cabeça, a barba, 24, 29, 30, 42. O leproso devia separar-se por juízo do sacerdote e habitar fora do campo, e clamar que ele está imundo e sujo, 45, 46. Devia apresentar-se freqüentemente ao sacerdote que se pronunciava sobre o caráter da moléstia, 1-44, e logo que fosse declarado limpo, passava a um processo de purificação acompanhado de sacrifícios, 14. 1-32. A descrição da moléstia como a dá o cap. 13, de Levítico, não menciona o rápido aparecimento de cor branca como a neve, que se manifestou em Miriã, Nm 12. 10, em Geazi, 2 Rs 5. 27, e momentâneamente em Moisés, Ex 4. 6.

A lepra não atacava somente as pessoas das classes inferiores, Naamã, general-chefe dos exércitos da Síria, 2 Rs 5. 1-14, e o rei Ozias durante os últimos anos de seu reinado, ficaram leprosos, 15. 5; 2 Cr 26. 21. As regras referentes à exclusão dos leprosos encontram-se nas seguintes passagens: Nm 5. 1-4; 12. 10, 15; 2 Rs 7. 3, 8; 15. 5; 2 Cr 26. 21; cp. Lc 17. 12.

Parece que, apesar de todas estas restrições, a lepra, sendo tão repugnante, não era contagiosa, porquanto o rei da Síria se encostava ao braço de Naamã, mesmo quando se achava enfermo, e o mesmo Naamã vivia no seio de sua família e era acompanhado de seus servos, 2 Rs 5. 18. A enfermidade a que se dá hoje o nome de lepra, é uma doença formidável, tecnicamente denominada *Elephantiasis Grecorum*, que se manifesta sob duas formas: a lepra negra ou tuberosa, que é a mais comum e que ataca principalmente a pele e a membrana mucosa; e a lepra branca ou anestética que ataca os nervos e produz torpor. Os sintomas de ambas as formas são muito semelhantes e freqüentemente se confundem. O princípio da moléstia consiste em uma lassidão que dura, às vezes, meses e até anos. Aparecem depois umas manchas de forma irregular que se estendem na fronte, nos lábios e em todo o corpo. Depois de algum tempo, ficam brancas e as partes adjacentes perdem a sensibilidade. Nos casos mais graves, as juntas dos dedos dos pés e das mãos caem, uma a uma, produzindo deformidades em outras partes do corpo. Diz Thomson: "As úlceras vêm gradualmente nas diferentes partes do corpo; o cabelo

da cabeça cai, as sobrancelhas desaparecem, as unhas despregam-se, amolecem e caem; as juntas dos dedos, tanto dos pés como das mãos, encolhem-se e vão caindo lentamente. As gengivas contraem-se e os dentes desaparecem. Os olhos, o nariz, a língua e o paladar, pouco a pouco, se consomem." Diz ainda o mesmo autor que, ao chegar à porta de Jafa, em Jerusalém, deparou-se-lhe um grupo enorme de mendigos, sem olhos, sem narizes e sem cabelos, erguendo braços sem mãos, e emitindo sons inarticulados, saídos das gargantas carcomidas pelas úlceras. Esta doença tão repugnante e fatal é idêntica à lepra descrita no livro de Levítico e em outros livros da Bíblia, cp. Nm 12. 12. Porém a lepra descrita na Bíblia parece ser curável, Lv 14. 3, ao passo que a *Elephantiasis Graecorum* é incurável, exceto em casos muito incipientes. Se não é a *Elephantiasis*, que é então? Sir Risdon Bennett (Diseases of the Bible, 15-52) e, com êle, muitos outros acreditam que, provàvelmente, a *Lepra vulgaris* é agora representada pelo gênero *Psoriasis vulgaris*, impigem seca. Não é contagiosa, manifesta-se por meio de escamas nos cotovelos e nos joelhos, de forma arredondada, muito brancas, que se alargam até ao tamanho de uma pequena moeda, depois do que, as escamas desagregam-se, deixando um sinal rubro, em torno do qual se formam novas manchas. Depois, passam para o abdome, para o pescoço e para as costas, e, em alguns casos, vão até à cabeça, rosto e mãos. Não perturbam o sistema geral e a doença é curável, mas, às vezes, reaparece. É simples doença de pele, sem perigo de vida. A lepra branca do Antigo Testamento pode bem ser a *Psoriasis guttata*, na qual as manchas parecem salpicos de lama. Talvez que a palavra hebraica *saraath* seja têrmo genérico, e a *elephantiase psoriasis*, uma de suas espécies, sendo quase certo que diferentes variedades desta moléstia tenham existido em tempos diversos. Se a lepra do Antigo Testamento e a do Novo forem idênticas, ficará provado que a lepra antiga era *psoriasis*, porque S. Lucas, que era médico, emprega a palavra grega *lepra*, usada tecnicamente para a *psoriasis*, Lc 5. 12, 13. Com isto concorda a descrição que Josefo faz, definindo o leproso como sendo um homem que tem a desgraça de ter a sua pele manchada sem aludir a mais graves sintomas. Diz também que entre os gentios, os leprosos não eram excluídos da sociedade e até exerciam cargos de importância na política. 2. A mesma palavra *saraath* aplicava-se a certas manifestações de lepra que consistiam em manchas brancas ou vermelhas que aparecem no vestido de lã, ou de linho, e também nas paredes das casas, Lv 13. 47-59; 14. 33-37. Estas manchas poderão ser formadas por minúsculos criptógamos, por cogumelos ou quaisquer outras formações que se operam nas paredes ou nos vestidos expostos à umidade da estação hibernal.

LEPROSO

Pessoa atacada pela doença da lepra, 2 Rs 7. 8; Mt 10. 8. O leproso não podia manter relações com as pessoas sãs, nem entrar no santuário; e devia gritar de longe: "imundo, sujo", sempre que alguém se aproximava dele, Lv 13. 45; Lc 17. 12, 13. Era considerado como morto, Nm 12. 12. Se a lepra aparecesse mais escura e não tivesse crescido sobre a cútis, o sacerdote declarava-o limpo, Lv 13. 6, 12, 18. Entendem alguns expositores que, quando a moléstia apresentava sintomas de atividade, a lei declarava o enfermo poluto; e quando declinava, com tendências à cura, perdia o caráter de maldição divina de que era expoente. Outros entendem que o leproso atacado pela moléstia em todo o corpo, como tipo do pecado, podia ser admitido aos privilégios da expiação. Outros intérpretes acreditam que a rápida manifestação da lepra em todo o corpo, era sintoma de que a crise havia passado, e de que a cura se aproximava.

LETUSIM

Nome de uma tribo, descendente de Dadã, estabelecida na Arábia, Gn 25. 3.

LEUMIM, *Povos, nações.*

Nome de uma tribo, descendente de Dadã, estabelecida na Arábia, Gn 25. 3.

LEVI, *Adesão, associado.*

1. Nome do terceiro filho de Jacó e de Lia, Gn 29. 34. Tomou parte na trucidação de Hemor e de Siquém e dos demais habitantes da cidade, vingando o estupro de sua irmã Dina, Gn 34. 25-31. O velho Jacó, no seu leito de morte, manifestou-se contra estes atos de carnificina. Referindo-se a Simeão e a Levi, disse: "Maldito o seu furor, porque é obstinado, e maldita a sua ira, porque é inflexível: eu os dividirei em Jacó e os espalharei em Israel" Gn 49. 7. Levi teve três filhos: Gérson, Coate e Merari, Gn 46. 11, e morreu no Egito aos 137 anos de idade, Êx 6. 16.

2, 3. Nome de dois antecessores de Cristo; um, filho de Simeão e o outro filho de Melqui, Lc 3. 24, 29, 30.

4. Um dos nomes de Mateus, apóstolo de Jesus, cp. Mt 9. 9-13; Mc 2. 14-17; Lc 5. 27-32.

LEVIATÃ, *Ferida em espiral.*

Grande animal aquático, referido sòmente em passagens poéticas da Bíblia, formado por Deus para zombar dos mares, Sl 104. 26. Tem lábios, cabeça, pescoço, olhos, nariz, patas, bôca, dentes e língua, Jó 41. 1, 2, 7, 12, 14, 18, 19, 22, coberto de escamas e de uma couraça impenetrável, 7, 15-17, 26-29. Faz ferver o fundo do mar como uma panela, 22. É grande demais para ser tirado com o anzol, 40. 20, de terrível aspeto, 41. 11, de proporções enormes e de fôrça irresistível, 24, poèticamente descrito como respirando fogo e expelindo fumo, 9-11, do modo mesmo que se fala de Deus no Sl 18. 8, e dos cavalos descritos no Ap 9. 17. Quando Deus operou a salvação de seu povo, dividindo o mar, moeu as cabeças dos dragões nas águas que habitavam e deu as suas carnes por comida aos povos da Etiópia, Sl 74. 13, 14. Assim como o mar serve de tipo para representar os povos irrequietos, do mesmo modo o leviatã que nele habita, serpente como uma alavanca, serpente cheia de roscas e o dragão, representam as grandes potências que têm afligido o povo de Deus e que Deus destruirá, Is 27. 1.

O leviatã também se assemelha ao crocodilo, por efeito de imaginação. O Egito que é o lugar de sua habitação, o tipo opressor do reino de Deus que foi destruído quando o Senhor dividiu o Mar Vermelho para livrar o seu povo. Leviatã pode bem ser uma criação da fantasia popular, um monstro marinho imaginário de que os poetas e os profetas inspirados de Israel se serviam para ilustrações da verdade. O nome de Leviatã em Jó 3. 8, pode referir-se a um dragão fabuloso, que escureceu a terra, engulindo o sol e a lua. Nesta passagem, o leviatã, talvez seja o resistente crocodilo que desafia a maior perícia para a sua captura.

LEVITAS

1. Nome dos descendentes de Levi, filho de Jacó. Teve três filhos: Gérson, Coate e Merari, cada um dos quais fundou uma família tribal, Gn 46. 11; Êx 6. 16; Nm 3. 17; 1 Cr 6. 16-48. Moisés e Arão eram levitas da casa de Anrão e da família de Coate, Êx 6. 16, 18, 20, 26.

2. Homens da tribo de Levi que tomavam conta do santuário. Arão e seus filhos foram separados para o sacerdócio que se perpetuou na sua família. Mas o tabernáculo e o culto nêle celebrado, sofreram alterações que exigiam grandes cuidados. O zelo, o transporte do rico santuário, o preparo dos materiais necessários ao culto, reclamavam serviços que excediam as fôrças de um homem ou de uma família. Precisava-se de auxiliares. O cuidado pelo tabernáculo era cargo muito honroso. Quem o poderia desempenhar? O primogênito pertencia ao Senhor, de acordo com as circunstâncias em que se deu o livramento do ca-

tiveiro da terra do Egito. No momento em que se deu a mortandade dos primogênitos dos egípcios, as casas dos hebreus que tinham o sangue espargido nas ombreiras de suas portas, foram poupadas; nem um dos primogênitos dos hebreus foi morto, e, por isso, pertenciam ao Senhor, Ex 13. 11-16. Porém, em lugar dos primogênitos de todas as tribos, foram escolhidos os levitas para o serviço que se relacionava com o tabernáculo. A razão desta preferência encontra-se no fato seguinte: Quando o povo quebrou o pacto de obediência a Jeová, fabricando o bezerro de ouro, somente os levitas, permaneceram fiéis à sua aliança com Deus, 32. 26-29; Nm 3. 9, 11-13, 40, 41, 45 e seg. 8. 16-19. O número dos primogênitos do sexo masculino, excluindo os dois levitas, era de 22.273, quando se fez o censo no Sinai, Nm 3. 43, 46. Havia 22.000 levitas, 39. Porém, os cálculos mencionados nos vv. 22, 28 e 34, dão 22.300. Atribui-se este aumento a erro de cópia, ou ao número dos primogênitos dos levitas que não podiam servir de substitutos dos primogênitos das outras tribos. Os 22.000 foram substituídos. Os 273 primogênitos que excediam ao número dos levitas, foram remidos pelo pagamento de cinco siclos cada um, Nm 3. 46-51. Competia aos levitas transportar o tabernáculo e os seus utensílios, sempre que se mudava o acampamento; e quando se estabelecia um novo local, eram eles que outra vez o levantavam e assistiam os sacerdotes nas suas várias funções, Nm 1. 50-53; 3. 6-9; 25-37; 4. 1-33; 1 Sm 6. 15; 2 Sm 15. 24. Como os filhos de Arão fossem sacerdotes e ao mesmo tempo levitas, freqüentemente os seus nomes são incluídos nesta designação, Dt 33. 8-10; Js 14. 3; 21. 1-4; Ml 3. 3. Também, como oficiais de altas funções, ou como levitas, poderiam, a seu critério, e quando o julgassem necessário, desempenhar quaisquer serviços deste cargo.

A idade legal para entrar no serviço do tabernáculo era de trinta anos, Nm 4. 3; 1 Cr 23. 3-5, de vinte e cinco, Nm 8. 24, e de vinte anos, 1 Cr 23. 24-27. A prática divergente em diferentes períodos da história, explica, em parte, a razão dos números. Parece que houve uma redução na idade, para a entrada no ofício e um aumento para terminação do prazo do mesmo ofício, alterações que Moisés fez, durante o período dos quarenta anos de viagem pelo deserto, e outras que fez Davi. Deve notar-se que, tanto no livro de Números como no livro de Crônicas, a idade de trinta anos é imediatamente seguida por outra menor. Também em Nm cap. 4, o serviço dos levitas de trinta anos de idade é definido por uma cláusula explicativa: "Desde os trinta anos, e daí para cima, até aos cinqüenta em que estavam empregados no ministério do tabernáculo e em levar as cargas", 47, 49. E de fato, o serviço particular é especificadamente definido em todo o capítulo. Não é, pois, para se duvidar de que, aos trinta anos de idade, os levitas eram elegíveis para todo o serviço que a eles pertencia no santuário, inclusive a alta função de carregar o tabernáculo e todos os seus utensílios em procissão pública, e mais tarde para exercerem os cargos de prepostos e juízes, Nm 4. 1-33; 1 Cr 23. 3-5. Mas os levitas entravam no ministério geral aos vinte e cinco anos quando começavam os vários serviços pertencentes a seu cargo com exceção dos já notados, Nm 8. 24-26; 1 Cr 23. 25-32. Davi julgou que devia fazer uma redução na idade, quando os mais simples deveres lhe poderiam ser confiados; e ordenou que os levitas deviam entrar para o serviço na mesma idade em que os outros israelitas entravam para o serviço militar, isto é, aos vinte anos, 1 Cr 23. 24, 27. Não havendo mais necessidade de transportar a arca, 25, 26, e achando-se regularizado o cerimonial do santuário, fez-se sentir a necessidade de certo preparo regular para exercer os deveres eclesiásticos. Daqui em diante a idade legal para os levitas passou a ser de vinte anos, 2 Cr 31. 17; Ed 3. 8. Nesta idade começavam como assistentes dos sacerdotes e dos principais levitas, 1 Cr 23. 28-31; cp. 2 Cr 29. 34; 35. 11, parece, porém, que só depois de chegarem aos trinta anos, é que eram considerados elegíveis para os altos cargos de porteiros, membros da orquestra do templo, administradores ou juízes, 1 Cr 23. 3-5. Aos cinqüenta anos retiravam-se do serviço ativo, mas tinham a faculdade de assistir aos levitas que os sucediam no serviço do santuário, Nm 8. 25, 26.

Os levitas não se distinguiam por meio de vestimentas especiais; somente nas grandes solenidades vestiam túnicas de linho, 1 Cr 15. 27; 2 Cr 5. 12. Foi inovação, quando os cantores levíticos do primeiro século da era cristã, conseguiram licença do rei Agripa, sancionada pelo Sanedrim, para trazerem sempre roupas de linho à semelhança dos sacerdotes, Antig. 20. 9, 6. Os levitas não eram obrigados a servir a vida inteira no santuário, nem a ficar perto dele. Na distribuição das terras de Canaã, tomaram parte em várias cidades, Js 21. 20-40. Fora as cidades que foram dadas aos levitas que eram sacerdotes, as quais se achavam situadas nas tribos de Judá, Simeão e Benjamim, havia ainda trinta e cinco cidades espalhadas pelas outras tribos do norte e de leste, Js 21. 5-7. Uma vez que os levitas eram consagrados ao Senhor em benefício dos filhos de Israel e destinados ao serviço do tabernáculo, era natural que, nos distritos do norte, onde não havia sacerdotes levitas, a ordem inferior dos levitas fôsse chamada pelo idólatra, Mica e depois dela pelos danitas a fim de fornecer-lhes um homem que lhes servisse de sacerdote, Jz 17. 8-13; 18. 18-20, 30, 31. No reinado de Davi, os levitas eram divididos em quatro classes: 1. Assistentes dos sacerdotes na obra do santuário; 2. Juízes e escribas; 3. Porteiros; 4. Músicos. Cada uma destas classes, com a possível exceção da segunda, era subdividida em 24 turmas ou famílias, para servirem alternadamente, 1 Cr caps. 24 a 26; cp. 15. 16-24; 2 Cr 19. 8-11; 30. 16, 17; Ed 6. 18; Ne 13. 5. Quando se deu a divisão do reino, muitos levitas e sacerdotes, deixaram o reino do norte e vieram para Judá e Jerusalém, 2 Cr 11. 13-15.

LEVITICO, *Referente aos levitas.*

Nome do terceiro livro do Pentateuco. Logo que se ergueu o tabernáculo e se nomeou um sacerdote para servir no altar, seguiu-se a regulamentação do culto divino. E isto que se encontra no livro de Levítico. Sem sacerdotes e sem sacrifícios, ninguém se podia aproximar de Jeová. As relações com Deus exigiam condições de pureza e santidade, tanto morais como cerimoniais. Para se conseguir isto, prepararam-se vários manuais que vieram formar o livro de Levítico: 1. Diretório sobre o modo pelo qual o pecador podia chegar-se a Deus, e pelo qual o sacerdote devia oferecer os vários sacrifícios, Lv 1. 1 até cap. 6. 7, e o livro sobre o modo de dispor os sacrifícios, 6. 8 até cap. 7. 36. Este diretório foi promulgado no Sinai, depois de levantado o tabernáculo. O livro que regulava o cerimonial dos sacrifícios foi escrito no mesmo tempo, quando ele ordenou aos filhos de Israel que oferecessem oblações a Jeová, 1. 1; cap. 7. 38 cp. 1. 2. 2. Direção sobre o modo de ordenar a Arão e a seus filhos para o ofício sacerdotal, caps. 8 e 9, ato oficial, ditado a Moisés durante a sua primeira subida ao Sinai, Ex cap. 29, criando o sacerdócio. A estas leis, segue-se a narração da morte de Nadabe e Abiú, filhos de Arão, por haverem oferecido a Deus um fogo estranho e mais uma legislação destinada a suprir as deficiências das leis anteriores, Lv cap. 10. 3. Direções sobre a pureza cerimonial, caps. 11-16, contendo leis a respeito dos alimentos, sobre enfermidades e sobre as purificações de ordem pública já mencionadas em Ex 30. 10. Esta legislação é atribuída a Moisés, como representante de Jeová, Lv 11. 1, etc., quando Israel estava no deserto, 14. 34; 16. 21. 4. Lei sobre a santidade, caps. 17-26, estatutos sobre a santidade da vida, dados por Moisés, 17. 1; no Sinai, 25. 1; 26. 46; cp. 24. 10.

As diversas coleções de leis são acompanhadas de um apêndice sobre votos, dízimos e cousas consagradas, cap. 27. Ocasionalmente algumas leis se repetem em referência a casos diversos e diferentes fins. Às vezes as leis se interrompem para darem lugar a uma narrativa de acontecimentos que originavam novas leis, Lv 10. 1-7, 12-20; 21. 24; 24. 10-23. É possível que algumas leis elaboradas depois da saída do Sinai, fossem inseridas, por amor à conveniência, no seu próprio lugar, sobre o mesmo assunto. Em todo o livro trata-se de um só santuário, de um só altar para todo o Israel e de um só sacerdócio da casa de Arão, 19. 21; 1. 3; 8. 3; 17. 8, 9; 1. 5. Os levitas são mencionados incidentalmente, 25. 32, 33. As variações de leis que se encontram no Levítico e no Deuteronômio, explicam-se facilmente quando nos lembramos de que: 1. O Levítico é manual para os sacerdotes, com o fim de guiá-los na técnica do ritual, ao passo que o Deuteronômio não é propriamente uma legislação mas antes um livro destinado a instruir o povo sobre o cumprimento dos seus deveres, exortando-o a ser fiel. O Deuteronômio omite certos pormenores referentes ao sacerdócio.

2. As leis do Levítico são datadas do Sinai, uma geração antes do Deuteronômio, promulgado em Sitim. Portanto, a legislação levítica pressupõe-se existir no Deuteronômio. É este o ponto de vista da Bíblia. Os efeitos da legislação levítica refletem-se na história desde o reconhecimento do sacerdócio de Arão. Até onde chega a evidência dos fatos, este sacerdócio compunha-se exclusivamente de filhos de Arão, Dt 10. 6; Js 14. 1; 21. 4, 13; 1 Rs 2. 26; Jz 20. 27, 28; 1 Sm 1. 3; 2. 27, 28; 14. 3; 21. 6, com 1 Cr 24. 3; 1 Sm 22. 10, 11, 20; 23. 6; 2 Sm 8. 17 com Ed 7. 3 e 1 Cr 24. 3.

Os levitas eram itinerantes e subordinados, Jz 17. 7-9; 19. 1; 1 Sm 6. 15; 2 Sm 15. 24. Compare com a casa de Deus, Jz 18. 31; 19. 18; 1 Sm 1. 7, 24; 3. 3; 4. 3, com a festa do Senhor no tabernáculo visitado por todo o Israel, Jz 21. 19; 1 Sm 1. 3; 2. 14, 22, 29. Ver *Sacerdote, Sumo Sacerdote, Levitas, Altar, Deuteronômio.*

LIA, LÉIA, *Vaca brava.*

Nome da filha mais velha de Labão. Era menos atraente que sua irmã mais moça, Raquel, além de sofrer de uma enfermidade de olhos. Com fraude, Labão introduziu-a na câmara nupcial de Jacó como se fosse Raquel por quem o havia servido sete anos. Lia foi mãe de Rúben, Simeão, Levi, Judá, Issacar, Zebulom e sua irmã Dina, Gn 29. 16-35; 30. 17-21.

LÍBANO, *Branco.*

Cadeia de montanhas cobertas de neve, Jr 18. 14, amparada por contrafortes que se irradiam em todas as direções. Os 14. 5. As correntes que descem para os vales comunicam-lhes espantosa fertilidade. As suas encostas cobrem-se de vinhedos, 6, 7, e as montanhas encerram gigantescos cedros e abundantes faias, 1 Rs 5. 6-10; 2 Rs 19. 23; Is 40. 16; 60. 13; Zc 11. 1. Os leões e os leopardos habitam nas suas matas, 2 Rs 14. 9; Ct 4. 8. Derrubavam as grandes árvores e tiravam dali as madeiras para a construção de palácios e templos, também os mastros para os navios fenícios, Ed 3. 7; Ez 27. 5. O Líbano ficava no limite setentrional da terra prometida, Dt 1. 7; 11. 24; Js 1. 4; 11. 17; 12. 7; 13. 5. A cordilheira é de formação calcárea, composta de duas séries de montanhas, na direção norte-sul separadas pelo vale do Litna e do Orontes. No período da dominação grega, a palavra Líbano, designava apenas a série de montanhas que ficava a oeste, a outra que ficava ao oriente, chamava-se Antelíbano. Esta distinção ainda existe. O vale que as separa chama-se hoje Coelesíria, isto é, Síria inferior.

A cordilheira começa a uns 28 quilômetros a sudeste de Sidônia, e corre uns 22 quilômetros em direção a Trípoli, dando um desenvolvimento total de 180 quilômetros. O ponto culminante do Líbano é ao norte; e o do Antelíbano é o monte Hermom, que fica ao sul. Durante um curso de 18 quilômetros ao norte da cordilheira do Líbano, a altitude é de 3.300 metros sôbre o nível do mar. Durante outros 18 quilômetros, a elevação oscila entre 2.475 e 2.640. Em mais outro percurso de 37 quilômetros a média de altitude é de 2. 141 e 2.310; depois sobe a 2.805 metros, no grande cone truncado de Jebel Sunim. Entre o Sunim e o Quenisé desce a 1.980 metros. O pico mais elevado de Quenisé tem quase 2.310 metros de altitude. Vem depois o passo da estrada de Damasco em Caã Muzir, a 1.657 metros; as cordilheiras do Jebel Baruque e Jebel, a 2.145 metros, em uma extensão de 74 quilômetros, terminando no pitoresco Tomá Nia. Finalmente chegamos a Jebel Riã que desce mansamente até nivelar-se com a planície, *Meri Ayun*. Jebel Quenisé e Jebel Sunim, no centro da cadeia, não são os mais elevados, mas por se acharem isolados, são de um aspecto imponente (Post. Quart. State. Exped. Fund. 1892). Os picos mais elevados são o *Jebel Macmal* e *Kurnat es-Sauda*, cada um dos quais se eleva a 3.365 metros. A população atual do Líbano avalia-se em 200.000 habitantes, ocupando aldeias romanticamente belas, situadas nas plataformas dos montes ou nas suas encostas.

LÍBIA, LÍBIOS

Tradução da palavra *Put*, em Jr 46. 9; Ez 30. 5; 38. 5, e *Lubim*, Dn 11. 43, país situado na parte ocidental do Baixo Egito. Os habitantes da Líbia eram conhecidos pelo nome de *Tehenu*, como os egípcios lhe chamavam; posteriormente denominavam-nos *Pit, Phaiait*, palavra equivalente ao hebreu *Put*, conhecidos também pelo nome de *Rebu* ou *Lebut* que é o *Lubim* dos hebreus e de outros povos. A Líbia dos romanos era imenso território, vagamente determinado que se estendia desde o delta do Nilo até ao fim do continente africano, compreendendo todo o norte da África a oeste do Egito, exceto o pequeno estabelecimento grego de Cirene e Barca, e as colônias fenícias de Cartago, Útica e Hipo. Era um areal estéril e deserto, onde se encontravam alguns oasis povoados de palmeiras. As tribos que habitavam a Líbia não eram muito de se temer, por se acharem distanciadas entre si e sem coesão política. Os romanos dividiram a região africana que margeava o Mediterrâneo até a *Grande Sirte*, que era o país situado entre o Egito e a província da África, em Líbia Marmarica, ao oriente, e Líbia Cirenaica ou Pentápolis ao ocidente. No ano 67 A. C. constituiu-se em província romana juntamente com a ilha de Creta. A capital era Cirene. No dia de Pentecostes, achavam-se em Jerusalém alguns dos representantes desta província, At 2. 10; Antig. 16. 6, 1.

LIBERTINOS, *Libertos.*

Secção da comunidade judaica que tinha uma sinagoga em Jerusalém, e que se achavam entre os inimigos do protomártir Estêvão, At 6. 9. Provàvelmente eram judeus que haviam sido aprisionados por Pompeu e por outros generais romanos; e levados para Roma, foram alí postos em liberdade.

LÍBIOS

Povo africano incorporado ao exército de Sesaque, rei do Egito, na invasão da Palestina, 2 Cr 12. 3; 16. 8; cp. Dn 11. 43; Na 3. 9.

LIBNA, *Alvura.*

1. Nome de um dos acampamentos dos israelitas no deserto, Nm 33. 20. Situação ignorada.

2. Nome de uma cidade situada entre Maceda e Laquis, Js 10. 29-31, tomada por Josué, 30, 39; 12. 15, no território de Judá, 15. 42, e subseqüentemente dada aos descendentes de Arão, 21. 13; 1 Cr 6. 57. No reinado de Jorão, filho de Josafá, Libna revoltou-se contra Judá, 2 Rs 8. 22; 2 Cr 21. 10. Senaqueribe, rei da Assíria, guerreou contra ele, 2 Rs 19. 8; Is 37. 8. O pai de Hamu-

tal, a mãe de Joacaz e Zedequias eram naturais de Libna, 2 Rs 23. 31; 24. 18; Jr 52. 1. Situação ignorada.

LIBNI, *Branco puro.*

1. Nome de um dos filhos de Gérson e neto de Levi, fundador de uma família tribal, Ex 6. 17; Nm 3. 18, 21; 26. 58.

2. Nome de um levita da família de Merari, da casa de Mali, 1 Cr 6. 29.

LICAÔNIA, *Que pertence ao rei Licaom.*

Nome de um distrito situado em uma elevação do interior da Ásia Menor, situado ao norte pela Galácia, ao sul pela Cilícia e pela Isáuria, ao oriente pela Capadócia e a oeste pela Frígia, muito próprio para pastagens. Seu dialeto peculiar, talvez uma mistura de grego com siríaco, ainda se falava, quando o apóstolo S. Paulo o visitou, pregando o evangelho em três das suas cidades: Icônio, Derbe e Listra, At 13. 51 até cap. 14. 23.

LÍCIA, *Pertencente a Licus*, filho de Pandion, Heród. 1. 173.

Nome de uma província da Ásia Menor, projetando-se ao sul no mediterrâneo e limitada ao norte pela Cária, Frígia, Pisídia e Panfília. O apóstolo S. Paulo, na sua última viagem a Jerusalém, foi em direitura a Cós e no dia seguinte a Rodes, ilha situada na costa ocidental e desembarcou em Pátara, que ficava dentro de seus limites, onde se embarcou para a Fenícia, At 21. 1, 2. Na sua viagem para Roma, desembarcou em Mirra, nome de outra cidade da Lícia, de onde se fez à vela para a Itália em um navio de Alexandria, At 27. 5, 6.

LIDA

Povoação de tamanho considerável, perto de Jope, At 9. 38; Antig. 20. 6, 2, provavelmente a cidade que no Antigo Testamento se chamava Lode. Em breve o evangelho lançou ali raízes, At 9. 32. Pouco antes do ano 153, esta cidade, com o território em torno, formou um governo distinto em conexão com Samaria, porém, no ano 145, foi transferida para a Judéia, 1 Mac 11. 34; cp. 28; 10. 30, 38. O apóstolo S. Pedro visitou-a e curou o paralítico Enéias em nome de Jesus, dando lugar à conversão de muita gente, At 9. 32-35. Foi incendiada por Cestius em tempo de Nero, e mais tarde reconstruída, Guerras 2. 19, 1. (Veja *Lode.*)

LÍDIA. Derivado de *Lydos*, seu fundador. Heród. 1. 7.

1. Nome de uma região da costa ocidental da Ásia Menor, cuja capital era Sárdis. Nela existiam as cidades de Tiatira e Filadélfia; era densamente populosa, dotada de clima ameno e possuindo terreno muito fértil. Os costumes de seus habitantes eram semíticos e a religião consistia em uma amalgama de ritos da Síria e da Frígia. Pelo ano 689 A. C. no tempo de Giges, subjugadas as tribos da Ásia Menor e os gregos que habitavam a costa, Lídia elevou-se à altura de uma potência. No ano 549, Creso, o último dos seus reis, foi derrotado por Ciro, passando a ser província do império persa. Nunca mais conquistou a sua independência. Antíoco III, da Síria, foi constrangido a cedê-la aos romanos, cp. 1 Mac 8. 8. Parte considerável de sua população compunha-se de judeus, Antig. 12. 3, 4. Pelo que se lê no Ap 1. 11, sabe-se que em Lídia se haviam fundado várias igrejas cristãs.

2. Nome de uma mulher de Tiatira, cidade da Lídia, nome que parece ter-se originado no local de seu nascimento. Tiatira notabilizou-se pelos seus processos de tinturaria. Lídia empregava-se no comércio de tecidos de púrpura, ou na venda de tinta para tecidos, quando se mudou para Filipos. Era mulher crente em Deus quando S. Paulo chegou a esta cidade. Ouviu o evangelho e creu nele. Tendo nascido na Ásia, foi, não obstante, o primeiro fruto do trabalho de S. Paulo na Macedônia e na Europa. Insistentemente convidou o apóstolo e seus companheiros para se hospedarem em sua casa. Quando Paulo e Silas saíram da prisão, onde haviam sido recolhidos depois do grande tumulto havido na cidade, voltaram novamente à casa de Lídia, At 16. 14, 15, 40.

LINGUA

Nome de um dos membros do corpo, Êx 11. 7; Tg 3. 6, situado na boca, Jó, 29. 10, e de grande utilidade no uso da palavra, Sl 39. 1; 71. 24; Mc 7. 35.

Em Josué 7. 21, 24, encontra-se a expressão "regra de ouro", cujo sentido é língua de ouro. Os babilônicos chamavam língua de ouro a uma barra deste metal, cuja forma se assemelhava a uma língua. Uma delas foi encontrada nas ruínas de Gezer.

Em sentido figurado dá-se o nome de língua ao idioma ou linguagem falada ou escrita, Gn 10. 5; At 2. 8, 11. Os descendentes de Noé, por muito tempo, depois do dilúvio, falavam uma só linguagem, Gn 11. 1. Por efeito de um juízo de Deus sobre os que edificavam a tôrre de Babel, se produziram diferenças no modo de falar, dando em resultado a dispersão das gentes pelo mundo então conhecido, Gn 11. 2-9. (Veja *Babel.*) Este acontecimento histórico, conhecido pela frase "confusão das línguas" podia ter-se limitado à família semítica, depois que se fundou a família de Heber, Gn 10. 25. No decorrer dos tempos os descendentes de Noé vieram a falar línguas diferentes e muitos dialetos. Os filhos de Jafé falavam as línguas denominadas indo-germânicas, 10. 2-5, inclusive os idiomas falados na Média e na Iônia, v. 2. Os povos semíticos geralmente falavam vários dialetos do grupo semítico, 21-23, compreendendo o assírio, o aramaico, v. 22, o árabe, 26-29, e o hebreu. Os elamitas usavam de uma linguagem aglutinada muito semelhante à que falavam os fineses, v. 22. Muitos dos descendentes de Cão também falavam o semítico, como por exemplo, Cus na Assíria, 11, na Arábia, 6, 7, e na África, e em Canaã, na Palestina e na Fenícia, 15; mas os antigos habitantes de Mesraim, 6, 13, melhor conhecido pelo nome de Egito, falavam uma linguagem composta de palavras aglutinadas, que muitos egiptólogos denominada, dizem ser um ramo da família semítica. É bom lembrar que as tribos que emigravam para uma nova terra, adotavam freqüentemente a língua do povo que ali habitava.

No dia de Pentecostes, logo depois da festa da páscoa em que Jesus foi condenado, Deus conferiu o dom de línguas. Estando os discípulos reunidos, repentinamente veio do céu um estrondo como de vento que assoprava com ímpeto, e lhes apareceram repartidas umas como línguas de fogo que repousavam sobre cada um deles, e foram todos cheios do Espírito Santo, At. 2. 1-4.

Por este modo a igreja estava habilitada e simbolicamente comissionada pelo Espírito a anunciar o evangelho a todas as nações da terra. Existem duas teorias, quanto à natureza deste dom. 1. O dom de línguas manifestou-se em momentos de êxtase, At 10. 46, sem que os recipientes tivessem ciência. A língua era órgão do Espírito Santo e não da pessoa que havia recebido o dom: as palavras proferidas eram de natureza devocional e não se destinavam à instrução da igreja. Em favor desta teoria, oferecem os seguintes argumentos: (a) S. Paulo não menciona a existência de línguas estranhas na igreja de Corinto e aquelas a que ele se refere na primeira epístola aos Coríntos 14, e somente aqui, não dão a entender que se fala de línguas estrangeiras. (b) S. Paulo ensina que o que fala uma língua desconhecida não fala a homens porque nenhum o entende, 1 Co 1. 2. (c) No dia de Pentecostes, as multidões não entendiam o que se falava a ponto de dizerem que estavam cheios de mosto.

Foi preciso que o apóstolo S. Pedro lhes explicasse o que aquilo significava, At 2. 13-17. Se os discípulos falavam línguas estranhas no dia de Pentecostes, foi isso devido a um fenômeno ocasional que não se reproduziu. 2. O dom de línguas manifestou-se em um discurso que todos compreenderam, proferido em línguas antes desconhecidas. (a) A narrativa de S. Lucas é bem clara neste ponto, At 2. 6-12. (b) Qualquer pessoa histérica pode proferir palavras ininteligíveis; somente quando a pessoa que fala emprega palavras que antes ignorava; neste caso é forçoso reconhecer que o dom de línguas é miraculoso. (c) O argumento de S. Paulo na passagem citada dá a entender que o dom de línguas consistia em falar uma língua estrangeira. Discursar ou fazer oração em língua estranha sem haver quem a interprete, não edifica a igreja, 12. 10, 30; 14. 13-16, 27, 28. Os cristãos que têm o dom de línguas deve utilizá-lo no trabalho missionário e não fazer exibição dele entre pessoas que o não entendem, a menos que alguém o interprete. O dom de línguas era um dos sinais que acompanhavam aqueles que criam, Mc 16. 17. Era um sinal visível da assistência do Espírito Santo com aqueles que pregavam o Evangelho e que davam o Espírito pela imposição das mãos, At 10. 44-46; 19. 1-7; cp. 8. 14-24. O dom de línguas era um fenômeno da idade apostólica que foi desaparecendo gradualmente. No século segundo, talvez uns cinqüenta ou sessenta anos depois da morte do último dos apóstolos, refere Ireneu ter ouvido "falar de muitos irmãos, possuidores de dons proféticos e de falarem tôda casta de línguas pela operação do Espírito Santo" (adv. Haer. 5. 6, 1).

Em 1830 algumas pessoas da Escócia, e em 1831, outras de Londres, principalmente mulheres de temperamento vivo, acreditavam haver recebido o dom de línguas. O Rev. Edward Irving deixou-se convencer por esta gente, mas ele mesmo não conseguiu converter a nenhum de seus colegas de ministério. Este movimento deu origem à criação da Igreja Católica e Apostólica.

LINHO

Tradução do hebraico *Pishteh* e *Pishtah* e do grego, *Linon*, Is 42. 3; Mt 12. 20, planta cultivada no Egito e em outros lugares. Nestas duas citações a palavra é cana. Os talos desta planta espalhavam-se nos telhados para secar ao calor do sol, Js 2. 6. Produzia fibras muito finas que se prestavam à fiação como a lã, Is 19. 9; Pv 31. 13; comp. Os 2. 5. É sem dúvida o nosso linho, *Linum usitatissimum*, tipo da ordem botânica *Linace*. É planta de pouca altura com estames solitários e eretos com cinco sépalas, cinco pétalas e cinco estames rudimentares. Fazem-se grandes plantações de linho, cujas fibras servem para fiação e tecelagem. As sementes produzem o valioso óleo de linhaça, de grande consumo no comércio de tintas.

LINHO

1. Linho fino é tradução da palavra hebraica *Shesh*, branco, nome que se dá a um tecido de que se fazem as vestimentas. José foi vestido de uma opa de linho fino por ordem de Faraó, Gn 41. 42. Do mesmo tecido se fizeram as cortinas, o véu e os reposteiros do tabernáculo, Ex 26. 1, 31, 36, para a porta do átrio e para o próprio átrio, 27. 9, 16, 18. As vestimentas características do sumo sacerdote consistiam em um éfode, o racional do juízo, a túnica do éfode, a chapa de ouro sobre a mitra; destas, o éfode e o racional do juízo eram feitos de linho fino, Ex 28. 6, 15. Outros vestuários oficiais eram comuns aos sacerdotes, como sejam: as túnicas de linho, os cíngulos, os calções e as tiaras, Ex 28. 40-42; 39. 27-29; cp. Lv 16. 4. A tiara do sumo sacerdote era uma mitra ou turbante, enquanto que os outros sacerdotes usavam apenas uma simples mitra. Dêstes quatro artigos das vestes sacerdotais o cíngulo era de linho bordado, Ex 39. 28. As outras três peças eram feitas exclusivamente de linho branco, 28. 39; 39. 27, 28. A versão inglesa revista, tem à margem a palavra algodão em vez de linho, em Gn 41. 42; e Ex 25. 4.

Na margem de Ex 28. 39, da mesma versão, referindo-se à mitra do sumo sacerdote e à túnica, está sêda em lugar de linho. A mesma palavra hebraica em Et 1. 16, é traduzida por mármore, também em Ct 5. 15; e por seda em Pv 31. 22.

2. Tradução da palavra hebraica *Bad*, sinônimo de *shesh*, mas emprega-se mais geralmente em referência a linho, Ex 28. 42; com 39. 28. O material de que se faziam as vestes dos sacerdotes encontra-se descrito com tanta minudência que não vale a pena repeti-lo aqui, Lv 6. 10; 16. 4. O pequeno Samuel vestia-se de um Éfode de linho, bem assim os sacerdotes de Nobe, e o rei Davi, por ocasião de remover a arca, 1 Sm 2. 18; 22. 8; 2 Sm 6. 14. Na visão de Ezequiel aparece um homem vestido de linho e do mesmo modo aparece a Daniel, Ez 9. 2; Dn 10. 5.

3. Tradução da palavra hebraica *Pishteh*, linho, material de que se fazem os tecidos, Jr 13. 1. Emprega-se em contraste com as roupas de lã, Lv 13. 47; Dt 22. 11, e descreve o material de que eram feitos os calções, os cintos, etc., Ez 44. 17, 18.

4. Tradução da palavra hebraica *Bus* que aparece nos últimos livros do Antigo Testamento, e do vocábulo grego *Byssos*. Deste material é que se fêz a túnica que Davi vestia quando se removeu a arca, 1 Cr 15. 27, e a parte do véu do templo, sendo os demais tecidos, jacinto, púrpura, e escarlata, 2 Cr 3. 14, as vestimentas dos levitas que eram músicos na dedicação do templo, 5. 12, as cordas que seguravam os pavilhões do palácio do rei Assuero, Et 1. 6; as vestes oficiais de Mordecai, 8. 15; as vestimentas do homem rico, a cuja porta se assentava o pobre Lázaro, Lc 16. 19; a cobertura da grande cidade de Babilônia, Ap 18. 16, e os vestidos da esposa do Cordeiro, 19. 8. *Shesh* é vocábulo de origem egípcia, derivado de outro vocábulo do antigo Egito, *shenti*. *Bus* vem do aramaico, cp. Targ. Onk. Gn 41. 42. *Byssos*, é etimologicamente igual a *Bus*. É interessante notar que Ezequiel emprega a palavra *shesh*, falando dos tecidos importados do Egito, e *bus*, para os que vinham da Síria. Se as palavras se referem a tecido de linho ou de algodão ou compreende ambos, é assunto largamente debatido. O linho e o algodão empregavam-se em tempos remotos para envolver as múmias.

5. Tradução da palavra hebraica *Etun*, derivada de *atan*, ligar, Pv 7.16, tecido importado do Egito, onde naquele tempo existiam os mais hábeis fabricantes.

6. Fio de linho. É assim que a antiga versão inglesa traduziu a palavra hebraica *Miksheh* de 1 Rs 10. 28; 2 Cr 1. 16. A versão revista traduz multidão. Os Setenta e a Vulgata consideram a palavra original como palavra composta e a traduzem da seguinte forma: "de *Cóa*", lugar perto do Egito, segundo Euzébio.

7, 8. Tradução da palavra grega *Sindon*, tecido fino da Índia, musselina, linho fino, de que se podia fazer uma túnica ou um lençol, Mc 14. 51, como aquele em que envolveram o corpo de Jesus, para ser sepultado, Mt 27. 59. É sinônimo de *othonioi*, posto que de sentido mais particular, Lc 23. 53, com 24. 12; Jo 19. 40; 20. 5, 7. Nos clássicos gregos, quer dizer: linho genuíno, ou pano para velas de navio.

9. Versão da palavra grega *Linon*, linho em Ap 15. 6.

LINO

Nome de um cristão de Roma que se associou a S. Paulo nas saudações enviadas a Timóteo, 2 Tm 4. 21. Segundo o testemunho de Ireneu e Euzébio, foi o primeiro bispo de Roma. Não quer isto significar que ele exercesse funções eclesiás-

ticas hierárquicas por que o seu nome se acha associado sem distinção alguma a dois outros membros da igreja de Roma.

LIQUI, *Notável pelo saber.*

Nome de um homem da tribo de Manassés, da família de Semida, 1 Cr 7. 19.

LISÂNIAS, *Tristeza que termina.*

Nome do tetrarca de Abilina, no décimo quinto ano do império de Tibério César, Lc 3. 1. Alguns críticos são de opinião que este Lisânias era filho de Ptolomeu, e que governou Cálcis da Coelesíria entre 40 e 34 A. C., Antig. 14. 13, 3; 15. 4, 1, que foi quem deu o nome a esta tetrarquia e que, portanto, S. Lucas está em erro. Porém, as mais elevadas autoridades neste assunto explicam o fato por modo diferente. O Lisânias que governou em Cálcis nunca teve o nome de tetrarca, e Abila nunca esteve em seus domínios. Vê-se, lendo as Antigüidades em 15. 10, 1-13, que a casa ou território de Lisânias foi alugada por Zenodoro, no ano 25. A. C., e ficou sendo conhecida pelo nome de terra de Zenodoro, situada entre a Traconitis e a Galiléia, principalmente nas proximidades de Panéias e Ulata, e, portanto, não compreendia a Cálcis da Coelesíria; restritamente falando era inteiramente distinta da Batanéia, da Traconitis e da Auranitis. Estes distritos concedidos a Herodes, o Grande, passaram a seu filho Filipe tetrarca, e Augusto confirmou-o na posse de Batanéia, Traconitis, Auranitis e parte da casa de Zenodoro, 17. 11, 4, que incluía Panéias, 8. 1. No ano 37 da era cristã o imperador Calígula fez rei a Herodes Agripa para governar a tetrarquia de Filipe, e acrescentou a ela a tetrarquia de Lisânias, 18. 6, 10. A primeira tinha a capital em Ábila, que ficava a uns 23 quilômetros a noroeste de Damasco, distinta do reino de Cálcis, 19. 5, 1; 20. 7, 1; Guerras 2. 11, 5. No reinado do imperador Tibério a região em torno de Ábila era governada por um tetrarca chamado Lisânias, em exata harmonia com a narração de S. Lucas. Ainda que muito para o norte, poderia ser a parte restante do país de Zenodoro que, depois de sua morte e da divisão de sua terra, como já foi dito, tinha sido convertido em uma tetrarquia, ou em um reino, sob o governo de um Lisânias mais môço, talvez da mesma linha do anterior Lisânias que reinou em Cálcis.

LÍSIAS

1. Nome de um general do exército da Síria no reinado de Antíoco Epifanes e de Antíoco Eupator. Quando o primeiro destes soberanos foi para a Pérsia, pelo ano 165 A. C. nomeou a Lísias, que era de sangue real, vice-rei, durante a sua ausência, incumbindo-o de sufocar a insurreição judaica capitaneada pelos macabeus, 1 Mac 3. 32-37. Tendo operado por meio de vários generais, Lísias julgou necessário tomar o comando das forças sendo derrotado com grandes perdas por Judas Macabeu, 38-40; 4. 1-22, 28-35. Chegada que foi a notícia da morte de Antíoco, no ano 163 A. C. Lísias tomou as rédeas do governo em nome do jovem Antíoco, apesar de haver o falecido rei, nomeado a Filipe regente durante a minoridade do herdeiro do trono, 6. 14-17. Na capacidade de regente, Lísias empreendeu nova campanha contra os judeus e pôs em sítio a cidade de Jerusalém, depois de haver alcançado uma vitória sobre Judas Macabeu. Sabendo, porém, que Filipe vinha da Pérsia para reclamar a regência, tratou de entrar em negociações de paz com os judeus e voltou para Antioquia, 6. 28-63. Conseguiu opor-se com vantagem a Filipe, porém foi morto no ano 162 A. C. por Demétrio I, 7. 1-4.

2. Nome de um tribuno de Jerusalém que salvou o apóstolo S. Paulo das mãos dos judeus que o queriam matar, At 22. 24. Veja *Cláudio Lísias.*

LISTRA

Nome de uma cidade da Licaônia e colônia romana, onde S. Paulo curou um homem leso dos pés, coxo desde o ventre de sua mãe, e onde teria sido adorado como Deus se a isso não se tivesse recusado. Nesta cidade foi ele apedrejado e dado como morto, At 14. 6-21; 2 Tm 3. 11. Em Listra ou em Derbe encontrou-se a primeira vez com Timóteo, At 16. 1, 2. O lugar da antiga Listra é hoje onde se acha Zoldera, a cerca de dois quilômetros ao norte de *Khatyn Serai* e a 4 quilômetros a sudoeste de Icônio.

LIVRO DOS HERÓIS

O Livro dos Heróis é citado em Js 10. 13; 2 Sm 1. 18, e em 1 Rs 8. 53, na Versão dos Setenta. Em face destas citações chega-se à conclusão de que o livro devia ser uma coleção de poemas precedidos de uma introdução e terminando por um apêndice de notas explanatórias, como se pode ver nos salmos 17 e 50; ou semelhante ao livro de Jó nos caps. 1 a 3. 1 e as conclusões do cap. 42. 7-17.

Em 1751 apareceu na Inglaterra uma publicação que pretendia ser uma tradução do Livro dos Heróis, que foi reconhecida como grosseiro embuste.

LIVROS

Os antigos documentos se registavam em argila ou se gravavam em pedras. Posteriormente a este sistema, empregaram-se as peles, ou pergaminhos, e o papiro. As peles, em que se escreviam os longos documentos assumiam a forma de rolos, escritos de um só lado ou de ambos. A palavra latina *volumen* representa este tipo de livros, Sl 40. 7; Jr 36. 2; Ez 2. 9. A primeira vez que se faz menção de livros escritos pelos hebreus, depois da sua estada no Egito, onde já existia uma literatura secular, é em Ex 17. 14. Os 39 livros do Antigo Testamento, e os 27 do Novo, que constituem o cânon das Escrituras, não representam toda a literatura hebraica na época de sua inteira atividade, durante a formação do cânon. Temos, por exemplo, os livros apócrifos e mais tarde as memórias de Jesus, Lc 1. 1. No período do Antigo Testamento, existiam, pelo menos, dois livros poéticos, o livro das Guerras do Senhor e o livro dos Heróis, Nm 21. 14; Js 10. 13. Os acontecimentos dos reinados de Davi e Salomão, foram registados na história de Samuel, o vidente, na história do profeta Natã na história de Gade, 1 Cr 29. 29; 2 Cr 9. 29, e também nas Crônicas do rei Davi, que parecem assinalar a época em que se iniciou o costume de conservar os anais do Estado, 1 Cr 27. 24. Os fatos referentes aos reinados de Salomão e de Jeroboão acham-se registados nas Visões de Ido, 2 Cr 9. 29, e os do reinado de Roboão, assim os primeiros como os últimos estão escritos nos livros do profeta Semaías e de Ido, o vidente, 12. 15. As Crônicas dos reis de Judá, e as dos reis de Israel, contêm a história dos dois reinos, desde os tempos de Roboão e Jeroboão, até ao reinado de Joaquim, 1 Rs 14. 19, 20; 2 Rs 24. 5; 2 Cr 36. 8. (Vide *Reis.*) Em adição a estas obras, existia uma completa biblioteca, no tempo em que foram escritos os livros das Crônicas ou Paralipômenos, consistindo principalmente de monografias, cujos títulos são mencionados em grande parte, 2 Cr 9. 29; 13. 22; 20. 34; 24. 27; 26. 22; 32. 32; 33. 18, 19; 35. 25. Vêde também Pv 25. 1; 1 Rs 4. 32, 33.

LÓ, *Mirra.*

Filho de Harã, irmão de Abraão, e conseqüentemente sobrinho do patriarca que o acompanhou desde a Mesopotâmia até Canaã, Gn 11. 31; 12. 5, e daqui para o Egito, donde saiu para Betel 13. 1. À semelhança de seu tio, adquiriu muito gado. Os seus pastôres guerrearam com os de Abraão por causa da escassez do terreno onde guardavam os rebanhos. Abraão propôs a separação como meio de evitar futuras contendas, e generosamente convidou a *Ló* para fazer a sua es-

colha. Ló, tendo levantado os olhos, contemplou todo o país em roda do Jordão, todo regado de águas como o paraíso do Senhor e como o Egito, e fêz seu assento em Sodoma. Não levou em conta o caráter de seus habitantes e o efeito provável de seus maus exemplos sobre a sua família. Sabe-se que ele conservava a integridade de seu caráter e que era atormentado todos os dias pelas obras detestáveis dos habitantes de Sodoma, 2 Pe 2. 8. Por ocasião das invasões de Codorlaomer e de seus confederados, Ló ficou prisioneiro, devendo a sua libertação à coragem e perícia de seu tio Abraão, Gn 13. 2 até cap. 14. 16. Os dois anjos que Deus enviou para tirar dali a Ló e a sua família, o proceder tumultuoso e agressivo do povo, provou sobejamente que aquela cidade merecia a destruição imediata. Ló foi salvo da grande conflagração, porém sua mulher, tendo olhado para trás, sofreu a morte, ficando convertida em uma estátua de sal. Os futuros genros de Ló, 19. 14, permaneceram na cidade e morreram no desastre, 19. 1-29; Sab 10. 6-9. Logo mais, sob a influência do vinho, Ló inconscientemente participou de atos indignos, de que procederam os moabitas e os amonitas, 30-38.

LOBO

1. Animal carnívoro, feroz, Is 11. 6; Hc 1. 8, caçador de ovelhas, Ecclus, 13. 17; Jo 10. 12, que se esconde durante o dia e que sai à noite em busca de presa, Sf 3. 3. Benjamim foi comparado ao lobo arrebatador, Gn 49. 9, 27. A comparação de uma pessoa com o lobo, nem sempre era honrosa. Os príncipes que exerciam violências sobre os indefesos são comparados a lobos arrebatadores, Ez 22. 27, e bem assim os falsos mestres, Mt 7. 15; At 20. 29, inimigos do rebanho de Deus, Mt 10. 16.

O lobo da Palestina é uma variedade do lobo europeu (*Canis lupus*), espalhado por todo o país. À vista da facilidade com que se alimentam e da amenidade do clima não atacam em grupos como nos países frios do norte.

2. Tradução do vocábulo hebraico *Iyyim*, animal que uiva, Is 13. 22; 34. 14; Jr 50. 39.

O lobo pertence ao mesmo gênero do cão, mas não late.

LODE

Nome de uma cidade da tribo de Benjamim, edificada por um cidadão desta tribo, de nome Elaal, 1 Cr 8. 12, geralmente mencionada em conexão com Ono, Ne 11. 35. Os hebreus habitaram-na depois do cativeiro de Babilônia, Ed 2. 33; Ne 7. 37. Parece ser a mesma Lida do período da dominação grega, 1 Mac 11. 34. Veja *Lida*.

Existe ainda com o nome de Lude, a uns 20 quilômetros a sudeste de Jope. Encontram-se ali as ruínas da igreja de S. Jorge, mártir do Cristianismo em Nicomédia e tido como patrono da Inglaterra desde o século décimo quarto, a título de haver nascido naquele país.

LO-DEBAR, *Sem pastos.*

Nome de um lugar de Gileade, 2 Sm 9. 4, 5; 17. 27, e talvez a mesma Debir, mencionada em Js 13. 26.

LOIDE

Nome da avó de Timóteo, dotada de fé não fingida, 2 Tm 1. 5.

LOTÃ

Nome de uma das tribos dos horreus, que ocupava o monte Seir, governada por um capitão, Gn 36. 20, 29.

LOUCURA, I

1. Fraqueza ou desequilíbrio mental que priva o uso normal das faculdades, Dt 28. 28. O rei Davi quando se fingiu louco, demudou o seu rosto e deixava-se cair e dava com a cabeça pelos postigos das portas, e deixava correr a saliva pela barba, 1 Sm 21. 13, 14. Nestas passagens empregam-se dois dos principais sinônimos. A loucura pode também manifestar-se por alucinações, At 12. 15; ou por delírio, 1 Co 14. 23, e até por atos de violência, atirando flechadas e lançadas para matar, Pv 26. 18. Há também a loucura temporária produzida pelo álcool, Jr 25. 16; 51. 7.

2. Estado de emoção irresistível como seja o orgulho, Jr 1. 38, ou a ira, Sl 103. 9; Lc 6. 11; At 26. 11.

LOUCURA, II, *Estultícia.*

O mesmo que insentatez, 2 Sm 15. 31; Pv 22. 15.

LUA

Nome do principal luminar que preside à noite, Gn 1. 16; Sl 136. 9, para se contar o tempo, os meses e regularmente o dia da páscoa, e deste modo determinar as festas anuais, Gn 1. 14; Sl 104. 19; Ecclus. 43. 6, 7; Antig. 3. 10, 5. Quase todos os povos que se relacionaram com os hebreus, adoraram a lua. Em Ur dos caldeus, donde emigrou Abraão e em Harã onde se estabeleceu po. algum tempo, e onde Jacó morou vinte anos, adorava-se a lua. Quando Abraão voltou novamente para Canaã, foi vizinhar com povos que praticavam o mesmo culto. Os egípcios sacrificavam leitões por ocasião da lua cheia, Heród. 2. 47. Quando os assírios e os babilônios invadiram a Palestina, os hebreus entraram de novo em contacto com gente que tinha a lua em conta de grande deus. Foi então que este astro, juntamente com outros que adornam o firmamento, entraram como objetos de culto na religião de Jeová, 2 Rs 21. 3; 23. 4, 5; Jr 7. 18; 8. 2; uma das formas de adoração consistia em beijar a mão, Jó 31. 26, 27, e outra em queimar-lhe incenso, 2 Rs 23. 5. Nos templos pagãos, a lua representava-se pelo crescente como expressão simbólica, e por ser imagem de forma humana. Tais práticas do paganismo encontravam plena reprovação nas sublimes doutrinas de Jeová. O sol e a lua foram criados pelo Deus de Israel, com o fim de darem luz e prestarem serviços ao homem na contagem do tempo.

Diferente da adoração da lua, existia a infantil concepção de que as diversas fases da lua, variando de uma noite para outra, bem assim as modificações do seu tamanho, passando pelo firmamento, desde o nascente até ao seu ocaso, em virtude das condições atmosféricas e astronômicas, pressagiavam ocorrências políticas. O aspecto da lua poderá anunciar alterações de tempo, mas nunca servir de critério para avaliar os acontecimentos políticos, Is 47. 13. Os hebreus parece que participaram da crença espalhada em grande escala pelas histórias dos viajantes que transitavam pelas regiões equatoriais, afirmando que a lua pode influir no bem estar da saúde, em certas circunstâncias produzir maus efeitos nos músculos e nos nervos. Mas os filhos de Deus podem descansar com segurança naquele Jeová que vela por nós de dia e de noite, Sl 121. 6. Nos meses lunares, o princípio de cada mês começava na lua nova, começo natural de uma divisão de tempo e por isso observado como dia santo. Parece que não havia ordenação especial para esta observância; em todo caso ofereciam-se sacrifícios adicionais, Nm 28. 11-14, tocavam-se as trombetas, Nm 10. 10; Sl 81. 3; suspendiam-se os trabalhos, Am 8. 5, e abria-se larga oportunidade para a instrução religiosa, 2 Rs 4. 23; Ez 46. 1, 3. O dia da lua nova era guardado com muita alegria e com muitas festas, 1 Sm 20. 5; Judite 8. 6. A lua nova do sétimo mês marcava o princípio de uma sétima repetição de tempo, e, por conseqüência, caía sob a lei do sábado e era observado como tal em aditamento ao serviço religioso do dia da lua nova, Lv 23. 24, 25; Nm 29. 1-6. Depois do exílio, esta celebração assumiu o caráter de festividade de ano novo.

A chegada da lua nova era objeto de cálculo desde muito tempo, 1 Sm 20. 5, 18. Os astrólogos de Babilônia faziam observações à tarde do dia em que era esperada a fim de tomar nota de seu aparecimento. Segundo o Talmude, o Sanedrim se reunia sete vezes no ano pela manhã cedo no dia treze do mês. Distribuíam-se vigias em torno da cidade para observarem das alturas o aparecimento de lua nova e darem notícias imediatamente. Feito isto, o Sanedrim pronunciava a palavra *Mekuddash*, que quer dizer "consagrado" e aquele dia vinha a ser o primeiro dia do novo mês, deixando vinte e nove dias para o mês precedente. Se a neblina ou as nuvens impediam a observação do aparecimento da lua, o dia era contado como o último do mês e o dia da lua nova começava no dia seguinte. Fazia-se o anúncio da lua nova por meio de uma grande fogueira sobre o Monte das Oliveiras, sinal esse que se repetia na sumidade de todos os outros montes. Dizem que os samaritanos prejudicavam este plano, acendendo fogos antes do tempo. Por este motivo, aboliram o sistema das fogueiras e mandavam fazer o anúncio por meio de mensageiros.

LUCAS (Em grego *Loukas*, provável abreviatura do nome latino *Lucanus* ou *Lucilius*).

Nome de um dos amigos e companheiros de S. Paulo que a ele se associou nas saudações enviadas de Roma à igreja dos colossenses, e a Filemom, Cl 4. 14, Fm 24. Na primeira destas citações é ele o muito amado Lucas médico, e na segunda é um dos coadjutores do apóstolo S. Paulo. Esteve em Roma com o grande apóstolo dos gentios, quando foi escrita a 2ª ep. a Timóteo, 2 Tm 4. 11, em que ele aparece como único companheiro de S. Paulo em Roma, como tocante tributo à sua fidelidade. São as únicas passagens do Novo Testamento em que o seu nome é citado, porque não deve ser identificado com o Lúcio dos Atos dos Apóstolos 13. 1, nem com outro referido em Rm 16. 21. Veja *Lúcio*. No segundo século existia uma tradição de que Lucas era o autor do terceiro evangelho e dos Atos dos Apóstolos, ambos os escritos procedentes do mesmo autor, At 1. 1. O livro dos Atos é onde encontramos notícias mais freqüentes acerca de suas relações com S. Paulo, no qual se vê que ele o acompanhou na sua última viagem, em cujas narrações emprega o pronome *nós* e *conosco*, At 16. 10-17; 20. 5 até cap. 21. 18; 27. 1 até cap. 28. 16. Vê-se, pelas passagens citadas, que S. Lucas acompanhou a S. Paulo na sua segunda viagem missionária a Tróade, e foi com ele a Filipos.

Na terceira viagem ajuntou-se novamente ao Apóstolo em Filipos e foi com ele até Jerusalém. Parece que permaneceu na Palestina durante dois anos, tempo em que S. Paulo esteve detido na prisão de Cesaréia, porque desta cidade ele partiu para Roma, em sua companhia. Em Cl 4. 14, faz-se distinção entre os judeus que acompanhavam a S. Paulo, o que dá a entender que Lucas era gentio, cp. v. 11. Antigas tradições dizem que era natural de Antioquia da Síria, o que é muito provável. Seja ou não, é certo que ele tomou grande interesse pela igreja desta cidade e com ela se havia familiarizado, At 6. 5; 11. 19-27; 13. 1-3; 14. 26-28; 15. 1, 2, 30-40; 18. 22, 23. Ramsay considera-o natural de Filipos (*St. Paul the Traveller* pág. 202). Nada se conhece sobre a data de seu nascimento e de sua morte. O evangelho que tem o seu nome, é o terceiro na ordem dos livros do Novo Testamento, dirigido a certo Teófilo, provavelmente a um cristão gentílico. Neste livro afirma ele que as suas narrações foram cuidadosamente colhidas no testemunho apostólico, com o fim de dar conhecimento claro e completo da verdade em que havia sido instruído.

Todo o material de seu evangelho foi colhido em documentos primitivos e nas informações obtidas daqueles que haviam sido testemunhas de Jesus. A narrativa deste evangelho pode dividir-se da seguinte maneira: 1. Versículos que servem de introdução, 1. 1-4. 2. Preparação para o aparecimento de Jesus, compreendendo os anúncios sobre o nascimento de João Batista e de Jesus, com alguns acontecimentos que se referem à sua infância e à sua mocidade, 1. 5 até cap. 2. 52. 3. Inauguração do ministério de Cristo, inclusive (a) o ministério de João Batista, (b) o batismo de Jesus acompanhado de sua genealogia, e (c) a tentação, cap. 3 até 4 v. 13. 4. O ministério de nosso Senhor em Galiléia, 4. 14 até cap. 9. 50. Nesta parte do seu evangelho muitas vezes acompanha a mesma ordem de S. Marcos. Também introduz mais dos ensinos de Jesus do que Marcos, e nisto se assemelha mais a Mateus. Contudo, mostra-se independente de ambos, mesmo quando trata do mesmo assunto. Muitos dos que estudam este evangelho, conquanto sejam acordes em que o seu autor não se serviu do evangelho de S. Mateus, e que ambos se serviram independentemente da mesma fonte de informações, sobre os ensinos de Jesus, crêem, todavia, que S. Lucas se serviu do evangelho de S. Marcos ou de alguma outra narrativa que se havia inspirado nele, e relata os fatos do ministério de Jesus, seguindo a mesma ordem dos incidentes, posto que ocasionalmente se afaste dela (J.D.D.). S. Lucas introduz em seu evangelho elementos que lhe são peculiares. A seguinte análise mostra o curso de sua narrativa: (a) Descrição introdutória, 4. 14, 15. (b) Início da obra de Cristo em Galiléia, incluindo a primeira visita a Nazaré, os milagres em Cafarnaum e a viagem pela Galiléia, a chamada dos primeiros quatro discípulos e a cura do leproso, 4. 16 até cap. 5. 16. (c) Manifestações de hostilidade que Jesus combateu pelos seus ensinos, pela cura do paralítico, pela chamada de Levi e conseqüente banquete em sua casa, pelo seu discurso acerca da controvérsia sobre o jejum e sobre a guarda do Sábado, 5. 17 até cap. 6. 12. (d) Organização dos discípulos, incluindo a formação do corpo apostólico e o discurso sobre os característicos do verdadeiro discípulo (sermão do monte), 6. 13-49. (e) Incidentes que ilustram o gracioso ministério de Jesus, incluindo a cura do servo do centurião, a ressurreição do filho da viúva de Naim, a mensagem de João Batista, a resposta de Cristo a esta mensagem, Jesus ungido pela mulher pecadora, 7. 1-50. (f) A extensão da obra de Cristo, incluindo as suas viagens por toda a Galiléia, acompanhado pelos discípulos, os seus ensinos por meio de parábolas, a visita de sua mãe e de seus irmãos, os quatro grandes milagres, a tempestade acalmada, a cura do endemoninhado gadareno, da mulher que padecia fluxo de sangue, a ressurreição da filha de Jairo; segue-se a mensagem dos apóstolos, o desejo de Herodes para ver a Jesus e a conseqüente retirada para o deserto, onde deu de comer a 5.000 pessoas, 8. 1 até cap. 9. 17. (g) Instruções de Jesus a seus discípulos em face do encerramento de seu ministério em Galiléia, da sua morte futura, incluindo a confissão de Pedro, a predição de Jesus sobre a sua morte e ressurreição, a transfiguração e a cura do endemoninhado, e admoestações contra o orgulho 9. 18-50. (h) As jornadas de Jesus para Jerusalém, 9. 51 até cap. 19. 48. Esta parte do evangelho segundo S. Lucas contém material que lhe é muito próprio, às vezes um pouco fora da ordem cronológica, mas disposto de acordo com certos tópicos. Algum do material que ele dá aqui, pertence ao ministério de Galiléia, 9. 57-60; 13. 18-21; provavelmente 11. 14 até cap. 13. 5.

Porém, esta secção descreve principalmente uma série de viagens para Jerusalém, terminando com a última subida a esta cidade e com os discursos apropriados à situação. Pode ser subdividida da seguinte forma: (a) Partida de Galiléia e instruções acerca do verdadeiro espírito cristão, a rejeição feita por uma cidade samaritana, respostas a três inquiridores, a missão dos setenta e a volta destes, a consulta do doutor da lei e a parábola do bom samaritano, Cristo em casa de

Marta e Maria, instruções acerca da oração, 9. 51 até cap. 11. 13. (b) Denunciações contra os fariseus e conselhos a respeito do dever de confessar o seu nome, instruções sobre a avareza e sôbre o dever de vigiar, etc., 11. 14 até cap. 13. 5. (c) Discursos ilustrativos do verdadeiro Israel e do culto; o primeiro dêles incluindo a parábola da figueira infrutífera, a história de certa mulher enfermada pelo espírito maligno, as parábolas da semente de mostarda e do fermento, admoestações sôbre falsos juízos pessoais e lamentações sobre Jerusalém; o último discurso inclui a cura de um homem hidrópico e as belas parábolas da festa de núpcias, da grande ceia, da ovelha perdida, da dracma perdida, do filho pródigo, do feitor infiel, do rico e Lázaro, da viúva importuna, entremeadas de incidentes e de lições sobre assuntos gerais, 13. 6 até 18. 30. (d) A última subida para Jerusalém, incluindo a repetição da notícia sobre a sua morte e ressurreição, a cura do cego Bartimeu, a conversão de Zaqueu, a parábola dos marcos de prata e a sua entrada triunfal em Jerusalém, 18. 31 até 19. 48. 6. A última semana em Jerusalém, incluindo os últimos ensinos de Jesus no templo ao povo e a seus discípulos, sua prisão, seus julgamentos e conseqüente crucificação e sepultamento, 20 a 23. 56. 7. Narração do aparecimento de Jesus depois de ressuscitado, discursos e instruções a seus discípulos para pregarem o Evangelho, e a separação final subindo ao céu, 24.

S. Lucas declara, 1. 3, que a sua narrativa é escrita "em ordem." O emprego desta frase em outros lugares do Novo Testamento, At 11. 4; 18. 23 e o texto grego de Lc 8. 1 e At 3. 24, mostra que não significa necessariamente ordem exata de cronologia. Ao mesmo tempo em que o esboço geral obedeça à ordem cronológica, o arranjo dos fatos é freqüentemente tópico. Este livro, semelhante ao dos At dos Apóstolos, contém uma descrição sistemática da vida do fundador do Cristianismo. S. Lucas não se apresenta como privando pessoalmente com Jesus, e fundamenta a sua obra no testemunho dos apóstolos, cujos ensinos estudou cuidadosamente. O seu evangelho é fundamentalmente histórico como se vê pela narração da origem genealógica de João Batista e de Jesus, no modo de referir-se aos acontecimentos seculares, referentes ao nascimento de Jesus e ao aparecimento de João Batista, 2. 1, 2; 3. 1, 2, no modo por que descreve o ministério de Cristo, pondo em destaque as suas idéias religiosas fundamentais, os seus triunfos sobre a oposição e os fundamentos históricos do Cristianismo. (Veja a análise acima.) O escritor também manifesta a sua predileção por estes aspectos dos ensinos do Senhor e pela sua obra, nos quais se revela como divino salvador dos homens. Descreve o Evangelho de Cristo exercendo missão universal, 2. 32; 3. 6; 4. 24-27, etc.; evangelho para os perdidos, para os pobres e aflitos, 6. 20-26; e para os humildes, 7. 36-50; 15; 19. 1-9, etc., mensagem de salvação 7. 11-18; 9. 56; 12. 32, etc. Traça as linhas graciosas do caráter pessoal de Cristo: a sua piedade, a sua compaixão, caridade, espírito de oração, santidade, ternura. Descrevendo os ditos sentenciosos sobre as riquezas, Lucas emprega linguagem mais franca do que os outros evangelistas, 1. 52, 53; 6. 24, 25; 16. 25, etc., deixando ver claramente que Jesus não condena os ricos por o serem, mas aqueles que confiam nas riquezas e não são ricos para com Deus, 12. 21. No que se refere ao bom samaritano, 10. 33; 17. 16, sem dúvida também quer ilustrar o poder do Evangelho para destruir os prejuízos nacionais. Finalmente, este evangelho apresenta Cristo estabelecendo a religião que eleva e salva a humanidade sofredora. O emprego de um vocabulário técnico que ocasionalmente aparece nas descrições, dão a entender que o autor do livro era mesmo o Lucas médico. Veja o cap. 4. 35, onde diz: "o demônio o lançou por terra"; e no cap. 4. 38: "padecia de grandes febres"; e no cap. 5. 18, "um homem que estava paralítico"; e no cap. 6. 19: "e os curava a todos", e no cap. 8. 44: "e no mesmo ponto lhe parou o fluxo de sangue"; e no cap. 10. 34: "lhe atou as feridas, lançando nelas azeite e vinho" (Hobart, *Medical language of St. Lucas*).

A data da composição deste evangelho depende da dos Atos dos Apóstolos. Na primeira epístola a Timóteo, 5. 18, parece existir uma citação de S. Lucas. Se assim for, com certeza deveria ter sido escrita antes do ano 66 A. D. Seja como fôr, o evangelho por ele escrito, fala da destruição de Jerusalém, predita por Cristo, mas isto não prova, como alguns pretendem, que este evangelho fosse escrito antes deste acontecimento, visto como a linguagem de Lucas é apenas uma interpretação das palavras de Cristo, destinada à instrução dos gentios que a lessem, Lc 21. 20; cp. Mt 24. 15; Mc 13. 14, visto que os cristãos, firmados na profecia de Cristo, olhavam para a futura destruição da cidade como se prova pela leitura de S. Marcos e por outras evidências. Pode ser que tenha sido escrito durante os dois anos em que Lucas esteve detido na Palestina, esperando a S. Paulo que estava na prisão de Cesaréia, 58-60, a não ser que ele colhesse os elementos para sua obra mais tarde em Roma, onde teria escrito o seu livro. Parece que teve em vista a princípio a composição de uma série de tratados sobre a origem do Cristianismo, como se depreende pela leitura do cap. 1. 1, 2 e pela brevidade da narrativa que ele faz das instruções finais que Jesus dá insertas no último capítulo, parecendo que tinha a intenção de as reproduzir como se encontram no primeiro capítulo dos Atos. Sabe-se com bons fundamentos que este livro era lido nas igrejas do segundo século e tido como autoridade em matéria de fé. Mutilaram-no depois. O gnóstico Marcion tinha-o como o único evangelho verdadeiro, isto nos meados do século segundo, o que prova que já era tido como tal, antes desse tempo A primeira vez que se fala de S. Lucas como seu autor, de conformidade com a literatura eclesiástica, é pelo ano 170 no fragmento Muratório. A tradição há muito que havia reconhecido o seu autor sob bases mui seguras.

LUCIFER, *Quem tem ou dá luz.*

Nome do planêta Vênus, estrela da manhã. Excetuando o sol e a lua, Vênus é o corpo celeste de maior brilho no firmamento. Aparece de manhã ou à tarde, conforme sua posição a oeste ou ao oriente do sol, voltando à mesma posição de dezenove em dezenove meses. Semelhante à primitiva Vênus, é precursora da aurora. O profeta Isaías comparou o esplendor do rei da Babilônia a Lúcifer, filho da manhã, Is 14. 12. Jesus chama-se a estrela resplandecente e da manhã Ap 22. 16; cp. 2 Pe 1. 19. A aplicação deste nome Lúcifer a Satanás tem-se feito desde o terceiro século, especialmente entre os poetas, por causa de uma interpretação errônea de que a passagem de Lc 10. 18 é uma explicação de Is 14. 12.

LUCIO

1. Nome de um oficial romano que, no ano 174 da era dos selêucidas, 139-8 A. C., expediu cartas a favor dos judeus a vários reis sujeitos a Roma, 1 Mac 15. 16. Dão-lhe o título de cônsul, que de algum modo o identifica com Lúcio Calpurinus Piso, um dos cônsules que serviram no ano 139 A. C. É possível também que seja o pretor Lúcio Valério que dirigia os trabalhos do Senado romano, quando decretou tratados de amizade com os judeus, que foi motivo de expedir às cartas já mencionadas e que nos dias de Hircano II, promoveu uma ação favorável aos judeus, Ant. 14. 8, 5.

2. Nome de um cristão natural de Cirene que ensinava na igreja de Antioquia, At 13. 1. Supõe-se que seja o parente de S. Paulo que se associou a ele em Corinto, enviando saudações aos irmãos em Roma, Rm 16. 21.

LUDE

1. Nome de um povo classificado na raça semítica, Gn 10. 22, que se supõe ser o mesmo povo da Lídia, Antig. 1. 6, 4, que ocupava um território mais extenso do que a própria Lídia na parte ocidental da Ásia Menor. Não se sabe como é que os lídios foram incluídos entre os semíticos, se pela ligação de raça, ou pela conquista. Segundo Heródoto, 1. 7, o primeiro rei dos lídios foi um dos filhos de Nino e neto de Belo, que é o mesmo que dizer que era descendente dos assírios.

2. Nome de um povo relacionado com os egípcios, Gn 10. 13, e também o nome do país por ele ocupado. Figuravam nos exércitos do Egito e de Tiro como bons atiradores, Jr 46. 9; Ez 27. 10; 30. 5. Este povo deveria ocupar a África setentrional a oeste do Nilo.

LUITE, *Feito de pranchões.*

Nome de uma cidade moabita, situada sobre um outeiro, Is 15. 5; Jr. 48. 5. Segundo Eusébio e S. Jerônimo, é a mesma Loueita, entre Areópolis, *Rabata Moabe*, e Segor.

LUNÁTICO (Loucura com intervalos lúcidos).

Pessoa atacada de epilepsia, moléstia caracterizada por ataques contínuos, perda dos sentidos com espasmos prolongados, Mt 17. 15; Mc 9. 18. Os casos mencionados nos evangelhos são atribuídos a possessões demoníacas.

A palavra grega deriva-se de *selene*, lua, do mesmo modo que o nosso vocábulo se deriva do latim *luna*, lua. Acreditava-se que esta enfermidade se relacionava com os raios da lua, ou com as mudanças periódicas deste astro. Os lunáticos distinguem-se dos que eram endemoninhados, Mt 4. 24, porque se davam outras causas à manifestação desta enfermidade. Contudo, as possessões demoníacas eram também causa da loucura dos lunáticos, Mt 17. 15 e Mc 9. 17. O estudo destas duas passagens tem dado origem à opinião de que a palavra grega quer dizer *epilepsia*.

LUZ, *Amendoeira.*

1. Nome de uma cidade dos cananeus que mais tarde se chamou Betel, Gn 28. 19; 35. 6; 48. 3; Js 18. 13; Jz 1. 23. Em Js 16. 2, ela se distingue da Betel, e é tida por situada ao ocidente.

2. Nome de uma cidade dos heteus, edificada por um habitante de Luz, no monte de Efraim, que a entregou traiçoeiramente aos israelitas, sendo-lhe poupada a vida a ele e à sua família, Jz 1. 22-26. Situação ignorada.

M

MAACA, *Compressão.*

1. Nome de um lugar da Síria, 2 Sm 10. 6, 8, algumas vezes chamado Arã-Maaca, ou Síria-Maaca, 1 Cr 19. 6, 7, cujos habitantes descendiam de Naor, Gn 22. 24.

2. Nome da esposa de Maquir, filho de Manassés, 1 Cr 7. 15, 16.

3. Nome de uma concubina de Calebe, filho de Hesrom, 1 Cr 2. 48.

4. Nome da esposa de Jeiel, antecessora do rei Saul, 1 Cr 8. 29; 9. 35.

5. Nome da filha de Tolmai, rei de Gesur. Veio a ser uma das mulheres de Davi, e mãe de Absalão, 2 Sm 3. 3.

6. Nome do pai de Hanã, um dos homens valentes de Davi, 1 Cr 11. 43.

7. Nome do pai de um dos príncipes da tribo de Simeão, 1 Cr 27. 16.

8. Nome de um dos filhos do rei de Gate, contemporâneo do rei Davi, 1 Rs 2. 39.

9. Nome da esposa de Jeroboão e filha de Absalão, e em vista do que se lê em 2 Cr 13. 2, talvez seja neta de Absalão, 1 Rs 15. 2; 2 Cr 11. 20-22, e mãe do rei Abia. Depois da morte deste, tomou posse do governo; mas seu neto Asa destronou-a por ter ela levantado numa bosque o ídolo de Priapo, 2 Cr 15. 16. Em 2 Cr 13. 2, tem o nome de Micaia, o que parece ser erro de cópia, porque em sete lugares diferentes tem sempre o nome de Maaca.

MAACATITA

Nome do descendente de uma pessoa chamada Macate, natural ou morador no reino sírio de Maacate, ou natural da cidade de Bete-Maaca, da tribo de Naftali, Js 12. 5; 2 Sm 23. 34.

MAADAI, *Inconstante.*

Nome de um dos filhos de Bani que Esdras induziu a separar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 34.

MAADIAS, *Ornamento de Jeová.*

Nome de um dos principais dentre os sacerdotes que voltaram do cativeiro de Babilônia, Ne 12. 5, 7. Na geração seguinte veio a ser um dos chefes das famílias sacerdotais, e ocupa a mesma posição no catálogo correspondente com o nome de Moadia, 17. Não existe explicação para esta mudança gráfica, a não ser que seja explicada pelo modo de pronunciar a palavra.

MAAI

Nome de um dos sacerdotes que tocaram as trombetas na cerimônia da dedicação do segundo templo, Ne 12. 36.

MAALÁ, *Doença.*

1. Nome de uma das filhas de Zelofeade, Nm 26. 33; 27. 1.

2. Nome de um dos filhos de Hamoleqüete, que quer dizer rainha, como traduz o padre Pereira, que também diz Mcola, e não Maalá como está na primeira citação de Nm 26. 33.

MAALATE, *Doença, ansiedade.*

1. Termo de música que se encontra nos títulos dos salmos 53 e 88, que, a julgar pela etimologia hebraica, se refere à tristeza. As palavras *almahalath leannath* no título do salmo 88 significam "cantar tristemente."

2. Nome da filha de Ismael e mulher de Esaú, Gn 28. 9. Também se chama Basemate, em Gn 36. 3.

3. Nome de uma das filhas de Jerimote, que foi esposa de Roboão, 2 Cr 11. 18.

MAANAIM, *Dois campos.*

Nome que Jacó deu a um lugar situado ao oriente do Jordão, onde o foram encontrar os anjos de Deus, logo que Labão se apartou dêle e antes de passar o Jaboque, Gn 32. 2. Deu-se o encontro na linha divisória das tribos de Gade e Manassés, Js 13. 26, 30. Este lugar tocou na parte assinada aos levitas de Merari, 21. 38; 1 Cr 6. 80. Depois de ser lugar sagrado, veio a ser cidade fortificada em que Is-Bosete estabeleceu a sede de seu governo, 2 Sm 2. 8, 12, 29. Davi retirou-se para esta cidade, enquanto durou a revolta de Absalão que se havia apoderado de Jerusalém, 2 Sm 17. 24, 27; 18. 24, 33; 19. 32; 1 Rs 2. 8. Ainadabe, filho de Ido, foi governador em Maanaim, por ordem de Salomão, 1 Rs 4. 14. Este lugar ainda não foi identificado. Robinson, e muito antes dele, Moisés hap-Parchi, viajante judaico, pelo ano 1315, apontou Mané, situada a cerca de 7 quilômetros ao oriente de *ed-Deir*. Tristram prefere que seja *Birket Mahneh* a cerca de 32 quilômetros a sudoeste de Gadara e a 34 de Edrei.

MAANE-DÃ

Nome de um lugar situado por detrás de Quiriate-Jearim, Jz 18. 12, entre Sarás e Estaol, 13. 25, nome que lhe foi posto quando o espião danita acampou ali.

MAARAI, *Impetuoso.*

Nome de um homem de Netofate, um dos valentes de Davi, 2 Sm 23. 28; 1 Cr 11. 30. Serviu de chefe na décima turma do exército de Davi, 27. 15.

MAARATE, *Lugar sem árvores.*

Nome de uma cidade na parte montanhosa de Judá, situada ao norte de Hebrom e perto de Halul, Js 15. 59.

MAASÉIAS, *Obra de Jeová.*

1. Nome de um levita da segunda ordem que serviu de porteiro no reinado de Davi e que cantava ao som de alaúdes, 1 Cr 15. 18, 20.

2. Nome de um dos centuriões que cooperaram com o sumo sacerdote Joiada na deposição da rainha Atalia para elevar ao trono de Judá a Joaz, 2 Cr 23. 1.

3. Nome de um oficial que parece ter auxiliado o levita Jeiel no preparo da lista dos homens de guerra no reinado de Ozias, 2 Cr 26. 11.

4. Nome de um príncipe da casa real, filho de Joatão e não de Acabe, uma vez que este rei não tinha idade para ser pai de filhos de anos avançados. Maasélas foi morto por ocasião de Peca invadir o reino de Judá, 2 Cr 28. 7.

5. Nome do governador de Jerusalém no reinado de Josias, 2 Cr 34. 8.

6. Nome de um dos ascendentes de Baruque e de Saraías, Jr 32. 12; 51. 59.

7. Nome do pai do falso profeta Zedequias, Jr 29. 21.

8. Nome de um sacerdote, pai de Sofonias, oficial do rei Zedequias, Jr 21. 1; 29. 25.

9. Nome de um dos filhos de Salum e porteiro do templo, Jr 35. 4. Provavelmente pertencia à classe dos levitas, 1 Cr 26. 1.

10. Nome de um homem de Judá, pertencente à família de um silonita, que habitou em Jerusalém depois que voltou do cativeiro, Ne 11. 5.

11. Nome de um benjamita cujos descendentes se estabeleceram em Jerusalém na volta do cativeiro, Ne 11. 7.

12-15. Nome de um homem da casa de Paate-Moabe e mais três sacerdotes, um pertencente à

casa do sumo sacerdote Josué, outro pertencente à casa de Harim e o terceiro, à casa de Pasur, cada um dos quais se separou de sua mulher estrangeira, Ed 10. 18, 21, 22, 30.

16. Nome do pai de Azarias que reparou o muro fronteiro à sua casa, Ne 3. 23.

17. Nome de um chefe do povo que assinou o pacto com Neemias, Ne 10. 25.

18. Nome de um sacerdote que tomou parte na cerimônia da dedicação do muro de Jerusalém, e talvez um dos seis que estiveram junto de Esdras quando êste lia a lei diante do povo, Ne 12. 41; 8. 4.

19. Nome de um levita que provavelmente tomou parte na festa da dedicação do muro, e talvez um dos treze que explicavam a lei quando se lia diante do povo, Ne 12. 42; 8. 7.

MÁATE, I

Nome de um dos antepassados de Cristo, que viveu em tempo posterior a Zorobabel, Lc 3. 28.

MÁATE II, *Presa*, os instrumentos de prêsa.

1. Nome de um levita descendente de Coate pela linha de Sofonias, Tate e Abiasafe, 1 Cr 6. 35. Foi antecessor de Samuel, 28.

2. Nome de outro levita, que fiscalizava os dízimos e as ofertas no reinado de Ezequias, 2 Cr 31. 13. Provavelmente era filho de Amaral e descendente de Coate, 29. 12.

MAAVITA

Nome de significação ignorada que serve de adjunto ao nome de Eliel, um dos valentes de Davi, 1 Cr 11. 46. Parece haver erro nesta passagem, porque a palavra tem a terminação do plural e o nome é singular.

MAAZ, *Ira*.

Nome de um dos descendentes de Judá e de sua mulher Jerameel, 1 Cr 2. 27.

MAAZIAS, *Consolação de Jeová*.

1. Nome de um descendente de Arão, que veio a ser chefe de família no tempo de Davi e a quem coube a vigésima quarta sorte da divisão sacerdotal, 1 Cr 24. 1, 6, 18.

2. Nome de um sacerdote que assinou o concêrto nos dias de Neemias, Ne 10. 8.

MAAZIOTE, *Visão expressiva?*

Nome de um levita descendente de Hemã, 1 Cr 25. 4; 30, que fez parte do corpo de cantores na vigésima terceira sorte.

MACABEUS

Nome de uma família, também denominada dos asmoneus, que governou a Judéia desde o ano 166 até 37 A. C. (Veja *Asmoneus*). O nome Macabeu pertencia em primeiro lugar a Judas, terceiro filho de Matatias, 1 Mac 2. 4, que passou a designar toda a família e a outros indivíduos que participaram dos mesmos acontecimentos. A origem e a significação do termo tem sido objeto de longas pesquisas. Deriva-se do vocábulo *makkabah*, martelo, em alusão talvez aos duros golpes desferidos por Judas e seus companheiros aos inimigos, ou porque ele usava um capacete encimado por um emblema com a forma de martelo. Alguns explicam que o nome se compõe das iniciais hebraicas na setença: "Quem há semelhante a ti ó Jeová entre os deuses?" ou ainda de outra sentença: "Quem há que seja semelhante a meu pai?" Outros dizem que tem sua origem na palavra hebraica *makki*, que significa destruidor. Tôdas estas explicações não passam de conjeturas. O primeiro dos membros desta família, cujo nome se menciona, é Matatias; velho sacerdote profundamente indignado pelos ultrajes de Antioco Epifanes, levantou a revolta contra ele e retirou-se para as montanhas, acompanhado por quantos zelavam a fé de Israel. Matatias morreu dois anos depois, mas a revolta continuou sob a direção de seus cinco filhos. Judas, o terceiro deles, foi o primeiro dos chefes militares, 166 A. C. Para evitar batalhas campais, e a fim de causar os sírios com vigorosas e destruidoras guerrilhas, êle com o seu bando destroçou quantos destacamentos os sírios lhe enviavam. Retomou Jerusalém, purificou o Templo, restaurou o sacrifício diário, instituiu uma festa para celebrar a grande conquista que se ficou repetindo anualmente. Era esta a festa do Inverno, a festa da dedicação a que alude S. João cap. 10. 22. No ano 160 A. C. morreu em combate. Seu irmão mais moço, o sacerdote Jônatas, assumiu o comando do exército. Por êsse tempo, seu irmão João foi aprisionado e morto pelos filhos de Jambri, 1 Mac 11. 36, pouco antes. outro irmão de nome Eleazar, pereceu esmagado sob o peso de um elefante, que ele mesmo havia ferido em combate. Durante a direção de Jônatas. os sírios se ocupavam com a sua guerra civil, de modo que, não somente a Judéia gozava de paz como também os judeus tinham sido favorecidos de modo a manter a sua posição. Jônatas fez um tratado com os romanos e com os espartanos. No ano 148 A. C. foi traiçoeiramente assassinado. por Trifom, general assírio. Pela sua morte, Simão, o único que restava dos filhos de Matatias. tomou a direção da guerra. A maior conquista por êle conseguida foi a independência da Judéia, garantida por Demétrio II, rei da Síria. Cunharam-se moedas com o nome de Simão, e os documentos públicos tinham a data do "primeiro ano de Simão, sumo sacerdote e governador." Simão e dois de seus filhos foram traiçoeiramente mortos por seu genro Ptolomeu, em Doque perto de Jerico, no ano 135 A. C. O único dos filhos que escapou, chamado João, tomou conta do governo, sendo conhecido na história pelo nome de João Hircano, que se mostrou sagaz e vigoroso, alargando a esfera de seu governo e os limites de seu reino. Conquistou os edomitas e os distribuiu pela população judaica. Após longo e próspero reinado teve morte natural, sucedendo-lhe seu filho Aristóbulo, homem cruel, que chegou a matar a própria mãe e um irmão. Mudou o governo teocrático em realeza e deu-se o título de rei, sendo ao mesmo tempo sumo sacerdote. Um ano depois, substituiu-o no governo seu irmão Alexandre Janeu que teve o país perturbado por virulentas dissenções entre fariseus e saduceus. Todo o seu reinado de 27 anos foi muito atribulado. Por sua morte, governou a viúva Alexandra durante nove anos e deixou dois filhos, Hircano e Aristóbulo, que entre si disputavam a posse do reino, Hircano tomou para si o sumo sacerdócio, e Aristóbulo o governo civil. Não demorou a rebentar a guerra civil. Os romanos intervieram; a princípio sustentaram o governo de Aristóbulo, a quem depuseram mais tarde, conduzindo-o para Roma. Nomearam rei a Hircano mas o verdadeiro rei era Antipas ou Antipater, idumeu que havia sido nomeado procurador da Judéia pelos romanos. Seguia-se um período de contendas e de dissensões entre os membros da família reinante de que se aproveitou Antipater para o crescimento de sua influência e poder junto ao império romano, até que, finalmente, os macabeus caíram no desagrado do imperador romano que deu a coroa da Judéia a Hérodes, filho de Antipater. Veja os quatro livros dos Macabeus no artigo *Apócrifos*.

MACACO

Animal quadrúmano. Tradução da palavra hebraica *Koph*, termo genérico, e inclui tanto os macacos que não têm cauda como os monos que a possuem. O termo grego *kepos* denota um mono de Etiópia. O malabar e o sânscrito *kapi* significa mono. Nem na Índia, nem em Malabar se encontram os macacos genuínos. Se os animais trazidos para a Palestina pelos navios que iam buscar ouro a Ofir, 1 Rs 10. 22; 2 Cr 9. 21, vinham da Índia, eram macacos de cauda ou monos, os *Hanuman* (*Semnopitecus entellus*), comuns em toda a Índia, onde são adorados como deuses.

MAÇANETA

Tradução da palavra hebraica *Kaphtor*, em Êx 25. 33-36; 37. 17-22, nome de uma das peças que adornavam o candeeiro de ouro que servia no tabernáculo. Em outras passagens, a mesma palavra dava-se ao capitel de uma coluna, Am 9. 1; Sf 2. 4. Parece que estas maçanetas serviam de suporte aos braços do candeeiro, ou a corolas das flores que o ornamentavam. Josefo diz que representavam romãs, em termos que não são muito claros, Antig. 3. 6, 7.

MACAZ, *Fim.*

Nome de uma cidade donde os governadores da Mesa de Salomão tiravam as provisões, 1 Rs 4. 9. Situação ignorada.

MACBANAI *Coberto com capote.*

Nome de um dos gaditas que se juntou a Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 13.

MACBENA, *Laço* ou *capote.*

Nome de uma cidade de Judá, a julgar pelo contexto, 1 Cr 2. 49.

MACEDÔNIA

Nome de um país situado ao norte da Grécia. Pouco se conhece de sua história antes do ano 566 A. C. e ainda 200 anos depois não despertava interesse especial. Porém sob o domínio de Filipe de Macedônia, 359-336, A. C. e ainda mais, sob o governo de seu filho, o célebre Alexandre, o Grande, 336-323, cresceu de tal modo que se tornou potência de alto renome em todo o mundo. Veja *Filipe I e Alexandre I.* No governo de seus sucessores o império dividiu-se e a sua influência declinou. No ano 168 A. C. os romanos a conquistaram e no ano 142 ficou sendo província do império. O Antigo Testamento não menciona este nome, porém a este império se refere o profeta Daniel no cap. 2. 39; 7. 6; 8. 5; 8. A Quitim mencionada em 1 Mac 1. 1, é a Macedônia. S. Paulo, solicitado em uma visão por um macedônio, quando fazia a sua segunda viagem, passou da Ásia para a Europa e pregou o Evangelho pela primeira vez na Macedônia, passando por Neápolis, Filipos, Anfípolis, Apolônia, Tessalônica e Beréia, At 16. 9, até 17. 14. Depois da partida de S. Paulo, Silas e Timóteo continuaram a obra evangelizadora, 17. 14, 15; 18. 5. De novo S. Paulo visitou esta região, 19. 21, 22; 20. 1-3; cp. 2 Co 2. 13; 7. 5; 1 Tm 1. 3. Gaio e Aristarco, macedônios, foram companheiros de S. Paulo, e com ele arriscaram a vida, quando se deu o tumulto em Éfeso, At 19. 29. Segundo também era macedônio e um dos que estiveram à espera de S. Paulo em Tróade, quando ali foi pela última vez, deixando Filipos em demanda de Jerusalém, 20. 4. Os crentes da Macedônia fizeram uma coleta para os irmãos pobres da capital judaica, Rm 15. 26, e também socorreram o apóstolo, 2 Co 8. 1-5, notando-se em particular a grande generosidade dos filipenses, na obra da caridade, Fp 4. 15.

MACHO, MULA, BESTA, JUMENTO, POSTILHÃO

Animal herbívoro, que em hebreu se chama *pered*, 1 Rs 18. 5, produto híbrido do cavalo com mula. No Sl 32. 9, aparece o nome do cavalo junto com o mulo. Prestava muito serviço ao homem no transporte de cargas e como de sela ou montaria, 2 Sm 13. 29; 2 Rs 5. 17; 1 Cr 12. 40. Antes do tempo de Davi não se faz menção deste animal. Os tírios iam buscá-los à Armênia, Ez 27. 14. Em Gn 36. 24, encontra-se no hebreu a palavra *yemim* traduzida jumentos, que melhor tradução tem na expressão águas termais, caldas. Em Et 8. 10, 14, a palavra hebraica *rekesh* é traduzida por postilhões (Fig.) e por ginetes (V.B.) e em 1 Rs 4. 28, por bêstas de carga (Fig.) e por ginetes (V. B.); Almeida igualmente ginetes num e noutro caso.

MACIEIRA, MAÇÃ

Nomes da árvore e do fruto, Ct 2. 3; 8. 5; Pv 25. 11. É assim que se traduz a palavra hebraica *Tappuah*, muito chegada ao vocábulo arábico *tuffah*, que quer dizer maçã. A outra palavra do hebraico encontra-se no Antigo Testamento, traduzida por macieira, a *Pyrus malus* que Tomson encontrou em crescimento fantástico em Ascalom na Filistia. Este nome também pode representar o marmeio. Tristram pensa que é o abricó. No livro do profeta Joel, menciona-se a macieira em companhia de outras plantas frutíferas, como sejam: a vide, a figueira, a romeira e a palmeira. Estas são, entre outras, as principais cultivadas na Palestina, Jl 1. 1, 12. Consta a existência de diversas cidades com o nome de *Tappuah*, nas planícies de Hebrom, Js 15. 34, e nos limites entre Efraim e Manassés, 17. 8, o que dá a entender que ali havia muitas macieiras. A palavra *Tappuah* é traduzida por Figueiredo, Tafua.

MACNADEBAI

Nome de um dos filhos de Bani, que Esdras induziu a separar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 40.

MACPELA, *Duplicação.*

Nome de um lugar diante de Mambre, onde havia um campo arborizado e uma caverna pertencente a Efrom, heteu, Gn 23. 9, 17, 19, que Abraão comprou, por 400 siclos de prata, a fim de sepultar a Sara sua mulher. Nesta mesma caverna, Isaque e Israel sepultaram o velho patriarca, 25. 9, 10, e talvez Lia e Jacó, bem como Isaque e Rebeca, e talvez alguns mais de que não há notícia, 35. 29; 47. 28-31; 49. 29-33; 50. 12, 13. No tempo de Cristo ainda existiam êstes monumentos patriarcais em Hebrom (Guerras, 4. 9, 7). A caverna parece bem identificada, com uma existente debaixo da grande mesquita em Hebrom. Os cristãos têm sido privados de entrar na mesquita e de penetrar na caverna, porém o príncipe de Gales, em 7 de abril de 1862, e o príncipe herdeiro da Prússia, em novembro de 1869, e os dois filhos do príncipe de Gales, um dos quais veio a ser o rei Jorge, em 5 de abril de 1882, conseguiram examiná-la imperfeitamente. Na encosta, do outeiro que olha para o ocidente, está o Harã, recinto sagrado fechado em forma oblonga, situado na direção noroeste e sudeste, cercado de muros de alvenaria semelhante à que cercava a área do templo de Jerusalém, dos primeiros tempos, medindo pela parte externa, cerca de 65 metros de comprimento por 37 de largura. A antiga igreja cristã, que enchia completamente a extremidade meridional deste recinto, foi convertida em mesquita. Na mesquita, junto ao muro de noroeste, a cerca de 33 metros a sudoeste da entrada principal, existe uma abertura circular com cerca de 40 centímetros de diâmetro por onde se penetra no pavimento da mesquita. Por esta abertura pode-se ver uma pequena área de cerca de quatro metros quadrados e 4 m 95 de profundidade, com uma porta ao lado de sudeste. Parece que esta área é uma espécie de vestíbulo, ou ante-sala, que dá acesso à caverna de Macpela, situada imediatamente a sudeste, por baixo do pavimento da mesquita. Encontram-se lá duas entradas bem assinaladas, mas, que não podem ser abertas sem levantar o pavimento. A sua posição parece indicar que dão acesso à caverna. O pavimento da mesquita e o vestíbulo que lhe fica em frente, estão a cinco metros acima da rua que cerca o Harã pelo lado de sudoeste. No lado de noroeste existe uma catacumba onde, dizem, reposa os ossos de José. A história, porém, diz que ele foi sepultado em Siquém, Js 24. 32.

MACTÊS, *Gral, celha, cavidade.*

Nome de uma localidade em Jerusalém, Sf 1. 11.

O Targum identifica-a com o vale de Cedrom; outra versão diz que era o vale que separava a cidade do templo.

MADAI

Nome de um povo descendente de Jafete, Gn 10. 2; 1 Cr 1. 5, e que, sem dúvida, habitou na Medéia.

MADALENA, *Natural de Magdala.*

Nome pelo qual se distinguia uma das Marias, para designar o local de seu nascimento, ou de sua procedência, que era Magdala, situada provàvelmente no local da moderna *el-Mejdel*, aldeia miserável, situada na praia ocidental do mar de Galiléia, a cerca de 8 quilômetros de Tiberíades. A palavra Madalena não encerra nenhuma imputação moral contra o caráter de Maria, no sentido em que hoje se emprega a mesma palavra.

MADMANA, *Monturo.*

Nome de uma cidade do extremo sul de Judá, Js 15. 31; 1 Cr 2. 49, que alguns identificam com Betmarcabote.

MADMEM, *Monturo.*

Nome de uma cidade de Moabe, Jr 48. 2.

MADMENA, *Monturo.*

Nome de uma cidade perto de Jerusalém para o lado do norte, Is 10. 31. Não identificada.

MADOM, *Contenda, luta.*

Nome de uma cidade situada ao norte de Canaã, cujo rei tomou parte na confederação de Jabim, rei de Asor, Js 11. 1-12; 12. 19. Lugar ignorado. Nos mapas aparece com um ponto de interrogação, assinalada a 10 quilômetros ao noroeste de Tiberías com o nome Madim.

MAGADÃ

Nome de uma localidade a cujos limites Jesus chegou, depois de haver atravessado o mar de Galiléia, Mt 15. 39. Parece que estava situada na praia ocidental do lago, e que incluía também a cidade de Magdala, cp. Mc 8. 10.

MAGBIS, *Congregação.*

Nome de pessoa ou de cidade, Ed 2. 30. Se fôr nome de cidade, ignora-se o seu local.

MAGDALA, *Tôrre.*

Nome de uma cidade, que, segundo o Talmude, ficava na margem ocidental do mar de Galiléia, perto de Tiberíades e de Emate, a menos de uma jornada de Sábado distante da praia. Ainda existe com o nome de *el-Mejdel*, aldeia miserável, a seis quilômetros ao norte de Tiberíades. Seguindo os melhores manuscritos, Magdala, traduz-se por Magdã. Veja também *Madalena* e *Magedã*.

MAGDIEL, *Honra divina.*

Nome de um capitão, descendente de Esaú, Gn 36. 43; 1 Cr 1. 54.

MÁGICO[1] Derivado do grego *Magoi.*

Nome de pessoa que pretende possuir dons sobrenaturais, alcançados pelo conhecimento de ciências ocultas, ou que exerce a prática da magia negra em comunicação com os espíritos maus, cp. At 19. 19. Veja *Feiticeiro*. A palavra mágico, empregada na Bíblia, é a tradução do hebraico *hartom*, pessoa que pertence à classe dos escribas sagrados, peritos em escrever e adquirir vastos conhecimentos, Dn 1. 20, e que muitas vezes pretendiam possuir conhecimentos ocultos, praticavam a mágica, Ex 7. 11, e se aventuravam interpretar sonhos, Gn 41. 8; Dn 2. 10.

Os mágicos do Egito que se opuseram a Moisés, eram dois, que se chamavam Janes e Jambres 2 Tm 3. 8.

MÁGICO[2], FEITICEIRO

Nome de pessoa que pratica a feitiçaria ou a mágica, servindo-se de poções, cuja eficácia depende de palavras mágicas, e que pretende estar investido de fôrças sobrenaturais, adquiridas principalmente por meio de relações com os maus espíritos, Ex 7. 11; Antig. 17. 4, 1; Vida 31. Havia deles no Egito, Ex 7. 11, na Síria, Na 3. 4, em Babilônia, Is 47. 9; Dn 2. 2, em outros países pagãos, Dt 18. 10. A lei mosaica não tolerava os feiticeiros em Israel, Ex 22. 18; Dt 18. 10, havia admoestações contra as suas práticas ilusórias, Jr 27. 9, e fortes ameaças contra eles, Mq 5. 12; Ml 3. 5; Ap 21. 8. Simão Mago ou Mágico, e Barjesus foram célebres mágicos na história apostólica, At 8. 9, 11; 13. 6, 8. Os feiticeiros, mágicos e adivinhos, de ambos os sexos não tinham guarida na congregação de Israel, e deviam ser punidos com a morte, Ex 22. 18; Lv 22. 27; Dt 18. 10-12. Deus mandava destruir tanto os feiticeiros adivinhos e mágicos como aqueles que os iam consultar, Lv 20. 6, 23; Dt 18. 12; Sab 12.4-6.

MAGOGUE

Nome de um povo, descendente de Jafé, Gn 10. 2, que em tempo ocupou um país do norte. Ez 38. 2, 15. Josefo identifica-o com os citas, Antig. 1. 6, 1, com bons fundamentos. A luta final do paganismo com o reino de Deus, é profeticamente representada por Ezequiel a uma invasão da terra de Israel pelas hordas do rei de Magogue, que serão destruídas. O Apóstolo S. João refere-se à descrição feita por Ezequiel e serve-se da sua imaginação profética no Ap 20. 8, 9. Veja *Gogue.*

MAGOS. Em grego *Magoi*, plural de *Magos;* na inscrição *Bêlitâtun* lê-se *Magushu.*

Casta religiosa a que pertenciam, como o indica o seu nome, os sábios que vieram do oriente para adorar o infante Jesus, Mt 2. 1. Os magos eram uma classe numerosa bastante para formar uma das seis tribos da Média, Heród. 1. 101. Quando os persas conquistaram a Média, os magos conservaram a sua influência em o novo império. Tentaram uma vez apoderar-se do governo, com o sacrifício inútil de muitas vidas que os dizimou. Apesar disso, o seu poder reviveu, 8. 79. Adoravam os quatro elementos: o fogo, o ar, a terra e a água, especialmente o fogo. Os únicos templos que eles tinham eram dedicados ao fogo, construídos em geral sobre as casas, onde conservavam o sagrado elemento sempre ardendo dia e noite. Quanto ao destino que davam aos cadáveres era uma questão que envolvia muita perplexidade, da parte deles. Os corpos não deviam ser queimados nem enterrados, nem lançados às águas, nem expostos ao ar até se consumirem. Para não profanarem nenhum dos elementos sagrados, ficavam expostos para serem devorados pelos abutres ou pelas feras, Heród. 1. 140. A fim de tornarem este processo menos desumano construíam umas torres que denominavam torres do silêncio, guarnecidas de varões transversais na parte superior, onde pousavam os corvos e os abutres, a fim de exercerem sua melancólica missão. Os magos usavam vestimentas sacerdotais, consistindo em uma túnica branca, chapéu alto de feltro, com abas para cobrir os lados do rosto. Pretendiam ser mediadores entre Deus e os homens, intervindo em todos os sacrifícios, Heród. 1. 132; 7. 43. Interpretavam os sonhos e os agouros e diziam possuir o dom de profecia, 1. 107, 120; 7. 19, 37, 113. Tinham muito cuidado em eliminar todo animal que consideravam pertencer a uma criação má, 1. 140. Os estrangeiros davam menos importância às doutrinas religiosas e às funções sacerdotais dos magos, do que aos seus encantamentos. No correr do tempo, os gregos davam o epíteto de mago a todos os feiticeiros que empregavam os métodos e os processos do oriente. O judeu Barjesus era mago, At 13. 6, assim como Simão, que exercia a mágica, enganando o povo samaritano, 8. 9.

MAGPIAS, *Matador de maripôsas.*

Nome de um dos chefes do povo que assinou o concerto, Ne 10. 20.

MAL

A origem do mal é problema que tem lançado em perplexidade o espírito de muitos sábios, de todos os tempos e de todos os países. Deus não é autor do pecado, mas permite-o, porque a revelação de suas infinitas perfeições nos dá conta do grande atributo de sua divindade, o bem supremo, como causa final de todas as suas obras. Não poderia haver tais manifestações de seus atributos, se não existisse o pecado. Se não houvesse miséria, não se conheceria a misericórdia divina; não haveria revelação de sua graça e de sua justiça, se não existisse o pecado, Rm 9. 22, 23. Existe o pecado para que seja conhecida a justiça divina, punindo-o; e para que se manifeste a sua misericórdia, perdoando-o. A santidade e o pecado podem encontrar um termo de comparação aqui na terra; porém no Universo, o pecado está em proporção muito menor, comparado com a santidade: o número dos homens e dos anjos perdidos é sem dúvida muito menor, em comparação com o total das criaturas racionais que Deus criou.

MALAQUIAS, *Meu mensageiro*, ou *mensageiro de Jeová*.

Nome de um profeta, escritor do último livro do Antigo Testamento, Ml 1. 1. Nada se conhece a seu respeito além do que se lê no seu livro. De acôrdo com o significado do nome, 3. 1, alguns supõem que êste nome de Malaquias, não é o próprio nome do escritor, e sim a designação de um profeta, que talvez seja Esdras. Porém, como todos os onze profetas menores que o precedem, tenham os seus nomes prefixados às suas traduções, é de supor que assim seja com a profecia de Malaquias. Este livro pode dividir-se da seguinte forma: 1. O amor de Deus para com Israel, escolhendo Jacó em lugar de Esaú, 1. 2-5, não foi devidamente reconhecido: (a) Os sacerdotes e o povo, 6, 14, desonraram a Deus, oferecendo-lhe pão imundo e hóstias cegas e roxas mancas e doentes, 6-14. Ameaças por se haverem apartado das normas por Deus estabelecidas para as funções sacerdotais, 2. 1-9. (b) O povo contaminou a santificação do Senhor e se casou com a filha de um deus estranho, 11, desprezando a mulher de sua puberdade, 14, 16, e praticando atos de violência, 2. 10-17.

2. Juízo iminente. O anjo de Deus vai preparar o caminho do Senhor, que virá ao seu templo, o mensageiro do Pacto virá para purificar a Levi e visitar os que praticam o mal, 3. 1-6; cp. Ex 23. 20-23; Mt 11. 10. 3. Chamar ao arrependimento; porque o Senhor virá com bênçãos e juízos, reduzindo aos que não fazem distinção entre o bem e o mal. Os que se voltarem de seus caminhos da maldade para Deus, serão o seu pecúlio, porém, os maus serão feitos como cinza debaixo dos pés, 3. 7 até cap. 4. 3. Exortações para observarem as leis de Moisés; anúncio sôbre a vinda de Elias para preparar o caminho do Senhor, antes da sua vinda, 4. 4-6; Mt 17. 10-13; Lc 1. 17.

No tempo desta profecia, o povo judeu não tinha rei, era regido por um governador, Ml 1. 8, talvez um persa, nomeado pelo imperador, Ne 5. 14. O templo que Zorobabel havia levantado estava em pé, e também o altar; ofereciam-se sacrifícios como dantes, 1. 7-10, concluindo, pois, que Malaquias foi posterior a Ageu e Zacarias. Porém, as manifestações de nova vida religiosa, que irrompeu logo depois da volta do cativeiro de Babilônia, de que tinha resultado a reconstrução do templo e das fortificações da cidade, tiveram tempo suficiente para se expandir. Sacerdotes e levitas haviam-se corrompido. A data dêste livro, segundo Vitringa, é 420 e segundo Davidson, 460-450, A. C.

MALASAR, *Camareiro*.

Nome do homem que o eunuco mor nomeou para tomar conta de Daniel e de seus companheiros, Dn 1. 11, 16.

MALCA, *Reinante*.

1. Nome de um benjamita, filho de Saaraim e de Hodes sua mulher, 1 Cr 8. 9.

2. Nome da divindade principal dos amonitas, Jr 49. 1, 3; Sf 1. 5. Em Am 1. 15, diz-se: Malcã irá para o cativeiro e juntamente os seus príncipes, falando desta divindade como se fosse um rei.

MALCO, Do grego *malkos*, rei.

Nome do servo do sumo pontífice a quem Pedro cortou uma orelha, Jo 18. 10.

MALELEEL, *Louvor de Deus*.

1. Nome de um dos patriarcas antediluvianos da linha de Sete, Gn 5. 12-17; Lc 3. 37.

2. Nome de um homem da tribo de Judá, da família de Farés, que veio morar em Jerusalém depois da volta do cativeiro, Ne 11. 4.

MALI, *Doente, fraco*.

1. Nome de um levita, filho de Merari e irmão de Musi, fundador de uma família tribal, Ex 6. 19; Nm 3. 20; 26. 58. Os netos de Mooli casaram-se com suas primas, 1 Cr 23. 22.

2. Nome de um levita, da família de Merari e da casa de Musi, 1 Cr 6. 47; 23. 23; 24. 30.

MALOM, *Adestrado*.

Nome do filho mais velho de Elimeleque e de Noemi, com quem se casou Rute, a primeira vez, Rt 1. 2; 4. 10.

MALOTE

Nome de um dos filhos de Hemã, 1 Cr 25. 4. A sorte deu-lhe a posição de ser o mestre dos cantores do décimo nono curso, 26.

MALQUIAS, *Jeová é rei*.

1. Nome de um levita da família de Gesrom e da casa de Siméia, 1 Cr 6. 40.

2. Nome de um descendente de Arão, cuja família veio a ser uma das principais, e a quinta do curso, quando Davi distribuiu os sacerdotes escolhidos para o ministério, 1 Cr 24. 1, 6, 9. Parece que alguns membros de subdivisão desta família, isto é, a casa de Pasur, voltaram do cativeiro com Zorobabel, Ed 2. 38. Parece que também a ele se referem as passagens de 1 Cr 9. 12 e Ne 11. 12, onde uma linha sacerdotal aparece traçada a um indivíduo do mesmo nome, passando por Pasur. O príncipe real Malquias, do cap. 38. 6 de Jeremias, e provavelmente do v. 1, não é a mesma pessoa.

3. Nome de um príncipe real, que possuía um calabouço, onde lançaram o profeta Jeremias, Jr 38. 6; 38. 1; 21. 1.

4, 5. Nome de dois dos filhos de Parós, induzidos por Esdras a se desquitarem de suas mulheres estrangeiras, Ed 10. 25.

6. Nome de um dos filhos de Harim, induzido por Esdras a separar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 31. Este homem associou-se com outro hebreu para reparar uma parte do muro de Jerusalém e a torre dos fornos, Ne 3. 11.

7. Nome de um dos filhos de Recabe, que também tomou parte na reparação do muro de Jerusalém, Ne 3. 14.

8. Nome de um ourives que tomou parte na reparação do muro de Jerusalém, Ne 3. 31.

9. Nome de um sacerdote que, juntamente com outros, oficiou na festa da dedicação do muro de Jerusalém, Ne 12. 42, e talvez um dos que ajudaram a Esdras, quando explicava a lei ao povo, Ne 8. 4.

10. Nome de um sacerdote que assinou o pacto com Neemias, Ne 10. 3.

MALQUIEL, *Deus é rei*.

Nome de um filho de Beria e neto de Aser, fundador de uma família tribal, Gn 46. 17; Nm 26. 45.

MALQUIRAO, *O rei é exaltado.*

Nome de um dos filhos do rei Joaquim, 1 Cr 3. 18.

MALQUISUA, *O rei é salvação.*

Nome de um dos filhos do rei Saul, 1 Sm 14. 49; 1 Cr 8. 33; 9. 39, que foi morto na batalha do monte Gilboa, 1 Sm 31. 2.

MALTA

Nome da ilha, onde naufragou S. Paulo, At 28. 1. Duas ilhas da antigüidade tinham igual nome. Uma delas chama-se hoje Melida, está no mar Adriático, nas costas da Dalmatia, e a outra é a ilha de Malta. Acredita-se que seja esta, onde naufragou o apóstolo, opinião fortemente endossada pelo testemunho de Mr. Smith, de Jordanhill, que fazia passeios em seu iate pelo Mediterrâneo. Investigou primeiramente a direção do vento Euroclidom, ou Euro-aquilão; em seguida, o curso que o navio devia tomar e a média de sua derrota, enquanto as velas sofriam a impetuosidade do vento; concluiu, pois, que chegaria à ilha de Malta, justamente à mesma hora a que se refere a narração dos Atos dos Apóstolos, 27. 27. O lugar do naufrágio que a tradição aponta, é a baía de S. Paulo, ao nordeste da ilha. Os bárbaros, seus habitantes, não eram gregos, nem romanos, por isso é que lhes deram essa qualificação.

MALUQUE, *Conselheiro.*

1. Nome de um levita da família de Merari, da casa de Musi, 1 Cr 6. 44.

2. Nome de um dos sacerdotes que voltaram de Babilônia com Zorobabel, Ne 12. 2, 7, que deu o nome a uma família na geração seguinte, 14.

Nesta última passagem, a forma *Malluchi* é talvez devida a erro de ditado. A letra final da palavra é a inicial da palavra seguinte, e não aparece na versão dos LXX. As consoantes da palavra *Malluchi*, encontram-se no texto hebreu; liam-se *Maliou.*

3. 4. Nome de um dos filhos de Bani e de um filho de Herém, induzidos por Esdras a abandonarem as suas mulheres estrangeiras, Ed 10. 29, 32.

5. Nome de um sacerdote e chefe do povo que assinou o pacto com Neemias, Ne 10. 4, 27.

MALVAS

Tradução do vocábulo hebraico *Malluah*, planta salina, Jó 30. 4, que servia de alimento a gente muito pobre. Existem dois gêneros de plantas conhecidas por este nome: a *Salicornia* e a *Salsola*, nenhuma delas, porém, servia para comer. Provavelmente refere-se a algum quenopódio, como o espinafre, ou, ainda melhor, à salgadeira (*Atriplex halimus*). Esta última é arbusto que cresce abundantemente nos pântanos salgados das margens do Mediterrâneo e nas praias do Mar Morto. Em casos de extrema necessidade, as suas fôlhas ácidas e tûmidas oferecem alimento miserável.

MAMOM, Palavra grega, do aramaico *mamon, mamona, riquezas.*

Personificação das riquezas, Mt 6. 24; Lc 16. 9, 11, 13.

MANÁ, *Que é isto?* ou antes, *é maná*, nome de um artigo chamado *manna*, conhecido no Egito e importado da península do Sinai.

Nome de uma substância que serviu de alimento aos israelitas durante a sua peregrinação de quarenta anos pelo deserto. Foi-lhes ministrado a primeira vez no deserto de Sin, na segunda metade do segundo mês, quando o povo se queixou da deficiência de sustento. O maná descia do céu em forma de chuva, Ex 16. 1-4, 12; Sl 78. 24; 105. 40. Pela manhã, logo que desaparecia o orvalho, encontrava-se o chão coberto de pequenas granulações, semelhantes à geada que cai sobre a terra. Quando os filhos de Israel viram isto, disseram uns para os outros, "Que é isto?" porque ignoravam inteiramente o que fosse. Moisés disse-lhes: "Este é o pão que o Senhor vos deu para comerdes", Ex 16. 13-15; Nm 11. 9. Era de cor branca, semelhante à semente de coentro e de sabor semelhante à farinha com mel; parecia resina. O povo ia ao redor do campo, e, colhendo-o moia-o com mó, ou pisava-o em gral, e, cozendo-o em panela, fazia dele tortas de sabor como de pão amassado com azeite, Nm 11. 8. O povo devia colher um ômer, 2.'937, por dia, para cada pessoa de uma casa ou família, sem fazer reserva para o dia seguinte. Os que violavam estas ordens viam o maná podre e cheio de bichos. No sexto dia da semana deviam colher dois ômeres para cada pessoa, porque no sábado não caía o maná. Ex 16. 22-30. Arão, por ordem de Moisés, guardou em um vaso o maná que poderia caber em um ômer para ser conservado em reserva diante do Senhor, para todas as gerações futuras, para que saibam qual foi o manjar com que o Senhor os sustentou no deserto, 32-34. Um ano depois que apareceu o maná, e na mesma estação do ano temos notícia de que ainda caía do céu, e bem assim se faz menção dele no fim da viagem dos quarenta anos. Estas referências são por causa das murmurações que o povo fez contra este genero de sustento, Nm 11. 4-9; 21. 5. Mas o benefício que ele tão mal reconhecia não deixou de cair do céu, durante o tempo de sua peregrinação de 40 anos, pelo deserto, Ex 16. 35; Dt 8. 3, 16; Ne 9. 20; Sl 78. 24, e somente parou no dia em que atravessaram o Jordão e se acamparam em Gilgal, quando começaram a se alimentar dos frutos de Canaã, Js 5. 10-12. O maná foi uma substância criada especialmente para o povo no deserto, ou seria ele um produto natural, miraculosamente multiplicado? Há várias plantas que produzem uma substância semelhante ao maná emanação espontânea da planta, ou resultante de uma operação realizada por um inseto. Esta planta é conhecida tecnicamente por *Tamarix mannifera*, variedade de *Tamarix gallica*, que se encontra na península do Sinai, e emite uma substância amarela que passa a ser branca, quando cai sobre as pedras, e que se derrete ao calor do sol. A sua produção é de seis a dez semanas durante a metade do ano, sendo o mês de junho o de maior colheita. *Alhagi maurorum* e *A. desertorum* são duas espécies de espinhos de camelo que também fornecem uma substância parecida com o maná, e assim diversas outras plantas. Os árabes usam os produtos da planta maná em lugar de manteiga e de mel. Atualmente a colheita anual em toda a península é menos de meia tonelada nos melhores anos. Nunca usam este maná em lugar de pão. Tomado em dose um pouco elevada, tem efeito purgativo. Mesmo que fosse abundante, seria difícil identificá-lo com o maná das Escrituras.

MANAATE, *Descanso.*

1. Nome de um dos filhos de Sobal, Gn 36. 23, e talvez o nome de um lugar habitado por um ramo da tribo de Sobal, 1 Cr 1. 40.

2. Nome de um lugar para onde foram transportados os benjamitas por seus irmãos de outras tribos, 1 Cr 8. 6. Os descendentes de Salma, da família de Calebe, da tribo de Judá, formaram provavelmente metade da população deste ou de outro lugar com o mesmo nome, 2. 54.

MANAATITAS

Nome dos habitantes de Manaate, ou dos descendentes de um homem que tem igual nome. A julgar pelo contexto, parece tratar-se de um lugar, 1 Cr 2. 54.

MANAÉM, forma grega de Menaém, *consolador, confortador.* Manaém é outra forma grega de nome hebraico.

Nome de um cristão que era profeta ou mestre na igreja de Antioquía, que havia sido educado em companhia de Herodes Tetrarca e seu companheiro. At 13. 1, ou seu irmão de leite por ser aleitado no mesmo seio materno. Descendia ou

pelo menos era aparentado com Manaém, o essênio, que profetizou a Herodes, o Grande, quando ainda menino de escola, que ele governaria um reino. Cumprida que foi a profecia, Herodes o teve junto de si e lhe consagrava grande estima, Antig. 15. 10, 5.

MANASSES

1. Nome do filho mais velho de José e de sua mulher Asenate, filha de Potífera, sacerdote de Heliópolis, que lhe nasceu no Egito. Pelo nascimento participa, como seu irmão Efraim, da raça hebréia e da egípcia, Gn 41. 50, 51. Quando o velho Jacó estava para abençoar os dois netos, José tomou Efraim com a mão direita e o pôs à esquerda de Jacó, e Manassés, tomado com a esquerda, ficou à direita do patriarca enfermo. Este, porém, cruzando os braços, pôs a mão direita sobre a cabeça de Efraim e a esquerda sobre a de Manassés, dando a entender profeticamente que ambos seriam chefes de largas gerações, mas que Efraim teria a primazia, 48. 8-21.

2. Nome da tribo descendente de Manassés, que consistia de sete famílias tribais; uma delas, fundada por seu filho Maquir, e as outras seis, procedentes de Gileade, Gn 50. 23; Nm 26. 28-34; Js 17. 1, 2. Quando se fez o primeiro arrolamento no deserto, a tribo contava 32.200 homens de guerra, Nm 1. 34, 35; e no segundo, que foi feito trinta e oito anos depois, contava 52.700 (26.34). Moisés, tendo derrotado a Seom, rei de Hesbom, e a Ogue, rei de Basã, metade da tribo de Manassés, uniu-se às tribos de Rúben e de Gade, a pedido destas, que desejavam estabelecer-se ao oriente do Jordão, o que lhes foi permitido, sob condição de irem armados adiante de seus irmãos que ainda não tinham terras conquistadas e ajudá-los na guerra ao ocidente do Jordão, 32. 33-42; cp. 32. 1-32; 34. 14, 15; Dt 3. 12, 13; 29. 8; Js 12. 4-6; 18. 7. As duas tribos observaram as condições propostas, Js 1. 12-18; 4. 12. Terminada que foi a guerra, entraram na posse da terra que haviam solicitado. Chegados aos cabeços do Jordão, edificaram junto ao rio, um altar de imensa altura. Este fato teve significação errônea, e quase deu origem a lamentáveis conseqüências, evitadas por meio de explicações amistosas, 22. 1-34. A região que tocou à meia tribo de Manassés, ao oriente do Jordão, compreendia parte de Gileade e todo o Basã, Dt 3. 13-15, e Manaim que ficava na linha divisória, Js 13. 29-33. Tinha 120 quilômetros na sua maior largura, de este a oeste, 74 de comprimento, de norte a sul, e estava situada em uma planura de 825 metros de altitude. Era uma das mais ricas partes da Palestina e até hoje, é o celeiro de grande parte da Síria. Está coberta de cidades arruinadas. A outra metade da tribo, atravessou o Jordão e se estabeleceu na parte central da Palestina ao ocidente do Jordão; é limitada ao sul pela tribo de Efraim, a noroeste, pela de Aser, e a nordeste pela de Issacar. Ao sul, ficavam Janoé e Tanateselo, perto de Siquém, e as margens setentrionais do Caná até a sua entrada no Mediterrâneo, Js 17. 5-10. Porém, os filhos de Efraim possuíam cidades no meio da herança dos filhos de Manassées, 16. 9; por outro lado, a tribo de Manassés, possuía várias cidades, como Bete-Seã, Ibleã, Dor, En-Dor, Taanaque e Megido, dentro dos territórios de Issacar e de Aser, 17. 11; cp. 1 Cr 7. 29.

Os filhos de Manassés não expulsaram os habitantes destas cidades, e os fizeram seus tributários, Js 17. 12, 13; Jz 1. 27, 28. As cidades leviticas foram tiradas da tribo de Manassés e de outras tribos, inclusive Golã de Basã, na região oriental do Jordão e uma das seis cidades de refúgio, Js 20. 8; 21. 27. O heróico Gideão que também foi juiz de Israel, pertencia à tribo de Manassés, e um dos mais notáveis de seus filhos, Jz 6. 15; cp. 3. 5; 7. 23. Alguns desta tribo se uniram a Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 19, 20. Nada menos de 18.000 homens da tribo de Manassés, ofereceram os seus serviços durante o reinado de Davi em Hebrom, 31, 37. A parte oriental da tribo, conjugada com as duas tribos, Gade e Rúben, tiveram guerra com os agarenos e lhe tomaram as terras. Por haverem deixado o Deus de seus pais e por se haverem prostituído aos deuses dos povos da terra, foram transportados para o exílio por Tiglate-Pilneser, rei de Assur, 5. 18-26. Vendo que o Senhor favorecia o rei Asa, muitos dos homens desta tribo lhe deram apoio, 2 Cr 15. 9. No reinado de Ezequias muitos deles foram assistir à grande festa da páscoa em Jerusalém, e o mesmo se deu no reinado de Josias, 30. 1, 10, 11, 18; 31. 1; 34. 6, 9.

3. Encontra-se este nome Manassés em Jz 18. 30, em lugar de Moisés, alteração feita intencionalmente. Veja *Jônatas, I.*

4. Nome do filho e sucessor do bom rei Ezequias, que subiu ao trono pelo ano 698 A. C., tendo apenas doze anos de idade. Não continuou a obra reformadora de seu pai; estabeleceu os altos, levantou altares a Baal, plantou bosques, adorou todos os astros do céu, dedicou altares nos dois átrios do templo e fez passar seu filho pelo fogo. Os profetas o avisaram, porém ele não lhes deu ouvidos, antes fez derramar muito sangue inocente em toda a Jerusalém. As vítimas, em geral, pertenciam à classe daqueles que se conservavam fiéis a Jeová, e que se opunham ao proceder reacionário do rei, 2 Rs 21. 1-10. A tradição dá Isaías como uma das suas vítimas, porém sem confirmação absoluta. Em recompensa às crueldades deste rei, Deus fez vir sobre ele e sobre o seu povo, os príncipes do exército do rei dos assírios que aprisionaram a Manassés e o levaram para Babilônia, preso com cadeias e em grilhões, 2 Cr 33. 11. O rei assírio, por ordem de quem foi levado para o cativeiro, deveria ser Assurbanipal, que havia dominado a rebelião de seu irmão *Shamash-shumukin*, rei de Babilônia, pelo ano 647 A. C., apoderando-se da coroa. Manassés arrependeu-se e algum tempo depois foi reposto no trono. Lançou fora os ídolos que o haviam arruinado, restaurou o culto de Jeová e ampliou a defesa de Jerusalém, 2 Cr 33. 12-19. Tendo reinado 55 anos, o mais longo dos reinados dos monarcas de Judá, faleceu no ano 642 A. C. Em seu lugar, reinou Amom, 2 Rs 21. 17, 18; 2 Cr 33. 20.

5 e 6. Nome de um filho de Paate-Moabe e de um filho de Hasom que se desquitaram de suas mulheres estrangeiras, induzidos por Esdras, Ed 10. 30, 33.

MANDRAGORA

Tradução da palavra hebraica *Dudaim*, planta de efeitos eróticos. Atribuíam-lhe qualidades particulares, comunicativas de filtros amorosos, Gn 30. 14-16. É planta odorífera, Ct 7. 13. A mandrágora, *Mandragora officinalis*, é uma bela planta da ordem das Solanáceas, tem folhas onduladas e produz flores de cor violeta clara e azul carregado, ou desmaiado. Os frutos são pequenos e amarelos. As suas raízes bifurcadas têm alguma semelhança com o corpo humano. Encontram-se no vale do Jordão e nas margens dos rios que lhe são tributários, nas planícies de Moabe, em Gileade e na Galiléia.

Mandrágora (Mandragora officinalis)

MANJEDOURA

Lugar onde se alimenta o gado, selha, comedouro, em grego *Phatne*, Lc 2. 7, 12; no cap. 13. 15 o vocábulo grego é traduzido por estrebaria; cp. Is 1. 3. Homero e Heródoto fazem menção dela em suas obras, Ilíada, 10. 158; 24. 280; Heród. 9, 70. Na Palestina os estábulos estavam dentro da casa, instalados a um canto, onde se punham as manjedouras, feitas de pedra com argamassa de cal em forma de pia.

MANOÁ, *Descanso, quietude.*

Nome de um homem da tribo de Dã, natural de Zorá e pai de Sansão, Jz 13. 1-25.

MANRE, *Gordura, força.*

1. Nome de uma cidade, ou para melhor dizer, de um distrito de Hebrom, Gn 23. 19; 35. 27, a oeste de Macpela, 23. 17, onde existia a cova dos dois covatos, perto de Hebrom, lugar em que Abraão ergueu por várias vezes a sua tenda, 13. 18; 14. 13; 18. 1, etc. No tempo do historiador Josefo existia ali um velho terebinto, que denominavam a árvore de Abraão que ficava a três estádios de Hebrom, 1.284 metros, Guerras 4. 9, 7. No quarto século existia outro terebinto em *Ramet el-Khuhl*, a duas milhas romanas ao norte de Hebrom, também tido como a árvore de Abraão, que o imperador Constantino mandou cercar com o muro de uma basílica. Os restos desta construção chamam-se casa de Abraão. A árvore que atualmente reclama para si a honra de ser o carvalho de Abraão e tida como tal, desde o século décimo sexto, é um genuino carvalho, *Quercus pseudococcifera*. O tronco mede 8 metros e 58 cms. de circunferência junto ao solo, e os ramos cobrem uma área de 30 metros e 69 cms. de diâmetro (Thomson). Está a pouco mais de dois quilômetros a noroeste de Hebrom, perto das cabeceiras do *wady Sebta*.

2. Nome de um chefe amorreu que morava em Manre, e que juntamente com seus irmãos Escol e Aner auxiliou a Abraão a re-haver os cativos que o rei Quedorlaomer havia tomado, Gn 14. 13, 24. Parece que era designado, pelo nome do distrito em que habitava, e era por ele regido.

MANTEIGA, LEITE AZEDO, COALHADA

O Dr. Thomson informa que nem os antigos nem os modernos orientais preparam a manteiga conforme o nosso modo. A manteiga que Jael deu a Sísara era leite azedo, que os árabes chamam *leben*. A manteiga de que fala Pv 30. 33, é produzida da seguinte forma: Enche-se de leite a pele de um pequeno búfalo, previamente preparada para servir de vasilha, ou odre, que as mulheres agitam até que o leite se converta em manteiga. Depois, tira-se o conteúdo que vai ao fogo para cozinhar ou derreter, e que novamente se recolhe em outras vasilhas, feitas de peles de cabrito. No inverno tem a aparência de mel cristalizado, e no verão parece óleo. A Versão Brasileira traduz leite azêdo e coalhada nas seguintes passagens: Gn 18. 8, leite azêdo; Dt 32. 14, coalhada; e em Is 7. 15, 22, manteiga.

MANTO

Larga vestimenta externa, sem mangas, ou como se traduz do vocábulo hebraico *meil*, uma vestimenta que se usa ocasionalmente entre a túnica e a capa.

MANTOS

As mulheres hebréias usavam um chale ou charpa de seda ou de linho, que lhes servia para cobrir o pescoço, o queixo e os lados do rosto. Is 3. 22. É tradução do vocábulo hebraico *Mitpahhath*.

MAOL, *Dança, alegria.*

Nome do pai de Etã, Hemã e Calcol, três homens notáveis pelo seu saber, 1 Rs 4. 31.

MAOM, *Habitação.*

1. Nome de uma cidade na parte montanhosa de Judá, Js 15. 55, onde morou Nabal, 1 Sm 25. 2, que hoje tem o nome de Maim, situada a quase três quilômetros ao sul do Carmelo de Judá e a cêrca de dezesseis ao sul de Hebrom. Nas vizinhanças de Maom, refugiou-se Davi e os seus homens, quando era perseguido por Saul, 1 Sm 23. 24.

2. Nome de um dos filhos de Samai, da tribo de Judá, e antecessor dos habitantes de Bete-Zur. 1 Cr 2. 45. A palavra Maom pode ser aplicada aos habitantes da cidade deste nome, cp. Belém. no v. 54, e Maom é em seguida chamado pai de Bete-Zur, pode estar em paralelo com 1 Cr 1. 8. 9, 11, 13.

3. Nome de um povo que oprimiu Israel, Jz 10. 12. Fig. diz cananeus em vez de maonitas.

MAOQUE, *Opressão.*

Nome do pai de Aquis e rei de Gate, 1 Sm 27. 2.

MAQUEDA, *Lugar de pastôres.*

Nome de uma cidade dos cananeus que Josué tomou, Js 15. 41, em cujas vizinhanças existia uma caverna, 10. 16. Situação ainda ignorada. Euzébio indica o antigo local a 8 milhas romanas ao oriente de Eleuterópolis. Mas como este lugar fica nas montanhas, se o que Euzébio diz for exato, deve estar situada a nordeste ou a sudeste.

MAQUEDE

Nome de uma cidade de Gileade na qual os pagãos encerraram os judeus, 1 Mac 5. 26. Judas Macabeu tomou-a, libertando os prisioneiros, 36. Hitzig identifica-a com Macade, situada nas margens do Aurã, perto de Edrai.

MAQUELOTE, *Assembléias.*

Nome do acampamento dos israelitas no deserto, Nm 33. 25, 26. Situação ignorada.

MAQUI

Nome do pai de um dos espias, pertence à tribo de Gade, Nm 13. 15.

MAQUIR, *Vendido.*

1. Nome do primogênito e único filho de Manassés, Gn 50. 23; Js 17. 1, e de uma síria, 1 Cr 7. 14. Foi chefe da família dos maquiritas, única família da tribo de Manassés. À medida, porém, que aumentou a sua posteridade, novas famílias se destacaram da linha principal que se prendia ao primogênito que foi contado entre as famílias de Manassés, Nm 26. 29. A família, coletivamente denominada Maquir, subjugou Gileade, cujo distrito lhe foi dado em herança, Nm 32. 39, 40; Js 17. 1, por Moisés. A palavra Maquir empregou-se uma vez em sentido poético, para designar a tribo de Manassés, Js 5. 14.

2. Nome de um dos filhos de Amiel, residente em Lodabar, ao oriente do Jordão, 2 Sm 9. 4, 5, que trazia provisões a Davi enquanto durou a revolta de seu filho Absalão, 17. 27.

MAR.

1. Oceano ou qualquer outra porção de águas, distinta da terra firme de que se compõe o globo, Gn 1. 10; Sl 8. 8; Ap 7. 1-3; 21. 1.

2. Porção mais ou menos considerável de água separada dos grandes oceanos, Gn 49. 13; At 10. 6, ou grandes lagos de água doce ou salgada cercados de terra, Nm 34. 11, 12; Mt 4. 18. Os mares principais, conhecidos pelos israelitas, eram o Mediterrâneo, o Mar Vermelho, o Mar Morto e o mar de Galiléia. Referindo-se ao Mediterrâneo, diziam o mar, grande mar, e mar dos filistinos, ou mar posterior ou ocidental. Veja *Mediterrâneo*. O Mar Morto tinha vários nomes como Mar Salgado, mar oriental, mar de Arabe ou da planície. Veja *Mar Morto*. O mar de Galiléia também se denomina mar de Quinerete, Lago de Genesaré e mar de Tiberíades.

3. Grandes rios com a sua rede de canais e tributários como o Eufrates, Jr 51. 36, 42, e o Nilo, Na 3. 8.

4. O grande tanque do templo de Salomão onde os sacerdotes lavavam as mãos e os pés, antes de irem para o altar e de entrarem no santuário, 1 Rs 7. 30. Veja *Mar de Bronze*.

MARA, *Amargoso, triste.*

1. Nome escolhido por Noemi para exprimir a sua desventura, Rt 1. 20.

2. Nome de uma fonte de águas amargosas no deserto de Sur, caminho do Sinai, onde os israelitas fizeram alto três ou mais dias depois de passarem o Mar Vermelho. O mau gosto da água, e talvez a solidão, levaram-os a pensar nas agruras que os esperavam para diante, e puseram-se a murmurar. Moisés, dirigido por Deus, lançou um lenho sobre as águas e elas se tornaram doces, ou em virtude de alguma combinação química, ou propriedades medicinais que nela existiam, ou em virtude de um milagre, Êx 15. 23-26; Nm 33. 8, 9. Desde os dias de Burckhardt que o local de Mara é assinalado em *Ain Howarah*, que fica a 87 quilômetros distante de Suez, e alguns quilômetros distante do Mar Vermelho, separado deste por uma linha de outeiros. O poço tem uma boca de 10 metros de diâmetro, que se alarga para o fundo, e a profundidade de cerca de oito metros. O terreno desta região é abundante em soda, e, por isso, a água do poço é salobra e amarga. Outro lugar se opõe a *Howarah*, que é o *wady Ghurundel*, que, apesar disso, dizem ser a antiga Elim. A recente identificação de Pitom com *Tell-el-Maskhuta*, faz pensar que Mara deva ser *Ayun Musa*, os poços de Moisés, grupo de fontes situadas a uns 14 quilômetros a sudoeste de Suez e a uns 96 a sudoeste de Pitom. As águas de algumas delas são potáveis; outras, porém, são amargas e detestáveis. Os árabes não deixam os seus camelos beber delas.

MARALÁ, *Tremor.*

Nome de uma aldeia de Zebulom, fronteira ao mar, Js 19. 11. Não identificada.

MARCOS, Do latim *marcus*, martelo grande.

Nome do evangelista a quem se atribui o segundo evangelho. Marcos é sobrenome, At 12. 12, 25; 15. 37. O seu primeiro nome é João, pelo qual é designado em At 13. 5, 13. Sua mãe Maria parece ter sido senhora de largos recursos; tinha casa em Jerusalém, onde se reuniam os cristãos, At 12. 12-17. Veja *Maria*. Há vários exemplos em o Novo Testamento de judeus com sobrenomes latinos, At 1. 23; 13. 9, de modo que o aditamento do nome Marcos a João, não quer dizer que ele tivesse pai ou mãe gentia. Marcos era primo de Barnabé, Cl 4. 10; acompanhou Barnabé e Paulo, desde Jerusalém a Antioquia da Síria, At 12. 25, e depois, foi com ele na sua segunda viagem missionária, 13. 5, mas por motivos ignorados deixou-o em Perge, 13, e voltou para Jerusalém. Qualquer que fosse o motivo, Paulo o desaprovou, recusando-se a tê-lo consigo, quando se projetou uma segunda viagem, 15. 38. A divergência entre ambos deu em resultado que eles se separaram; Barnabé e Marcos navegaram para Chipre, continuando a sua obra de evangelização. Passado este incidente, o nome de Marcos desaparece da história por cerca de dez anos. Depois encontramo-lo em Roma com o apóstolo S. Paulo, associando-se às saudações que ele enviava às igrejas, Cl 4. 10; Filemom, 24. Vê-se, pois, que haviam desaparecido os motivos de sua separação. Mais tarde, Paulo, refere-se a ele em termos muito elogiosos, dizendo: "Toma a Marcos e traze-o contigo, porque me é útil para o ministério", 2 Tm 4. 11. Esta última referência dá a entender que Marcos havia estado no oriente, talvez na Ásia Menor, ou no extremo oriente. Com isto combina a passagem da primeira epístola de Pedro, Pe 5. 13, por onde se vê que ele esteve com S. Pedro em Babilônia, tomado este nome em sentido literal. Este apóstolo chama a Marcos seu filho, termo este, que se não exprime em sinal de afeto, deve significar que foi um dos seus convertidos. De fato, aquele Pedro, logo que foi libertado da prisão, dirigiu-se à casa da mãe de Marcos, 12. 12, o que bem dá a entender a sua intimidade naquela casa. A tradição não é acorde em dizer se Marcos havia sido companheiro de Jesus. Muitos pensam que o moço que esteve presente à prisão de Jesus, Mc 14. 51, 52, coberto com um lençol, era o próprio Marcos. Este incidente não é mencionado por nenhum outro evangelista, e não havia outro motivo para referir-se a ele senão o desejo de registar uma experiência pessoal. Ignora-se o tempo, o lugar e modo de sua morte. A tradição antiga diz que ele é o intérprete de S. Pedro. São desta opinião, entre outros, Papias de Hierápolis, que escreveu pelo ano 140; citando o "presbítero" como sua autoridade, diz: "Marcos, tendo-se feito intérprete de Pedro, escreveu com exatidão, se bem que sem respeitar a ordem dos fatos, quanto ele se lembrava das cousas que o Senhor disse e fez. Porque ele não acompanhou o Senhor, nem o ouviu falar, porém, mais tarde, como já disse, ele acompanhou a Pedro, que dava as suas instruções conforme o exigiam as circunstâncias e sem cogitar da ordem sistemática dos ensinos do Senhor. Por isso, Marcos não errou em dar por escrito a narração das cousas de que ele se lembrava. Uma cousa tinha ele em vista: era não deixar de escrever nenhuma das cousas que ele tinha ouvido, e dizê-las com a maior exatidão" (Eusébio, hist. eccles. 3. 39). Esta referência a Marcos, como sendo ele o intérprete de S. Pedro, deixa ver que foi seu companheiro nos últimos anos de sua vida apostólica, nas viagens missionárias, e que por sua autoridade falava nas audiências dos gentios, ou ainda pode apenas indicar que a obra de Marcos se limitou a escrever a pregação de Pedro, no evangelho que traz o seu nome. Não há certeza, se quando ele esteve em Roma com S. Paulo, ali também esteve o apóstolo S. Pedro. Diz também a tradição que ele fundou a igreja de Alexandria. Este testemunho não merece inteira *fé*. O ponto

essencial que se deve notar é que tanto a história primitiva de sua vida religiosa, como a companhia com o apóstolo S. Pedro o habilitaram a escrever um evangelho.

Este evangelho segundo S. Marcos é o segundo dos quatro, mas não é segundo na ordem da composição. É o mais curto dos quatro, que não se explica pela condensação do material. O que Marcos escreveu é muito minucioso e os fatos sucedem-se rapidamente com bastante força de imaginação, em uma série de cenas descritivas, em ordem mais cronológica do que Mateus e Lucas; ocupa-se mais em descrever as obras de Cristo, do que em registar os seus discursos, somente menciona quatro das suas parábolas, ao passo que dá notícia de dezoito milagres e apenas regista um dos seus longos discursos com alguma precisão, cap. 13. Fala de Jesus Cristo, como sendo o singularmente amado em quem Deus havia posto toda a sua complacência, o Filho do Deus altíssimo, 1. 11; 5. 7; 9. 7; 14. 61; também 8. 38; 12. 1-11; 13. 32; 14. 36, e o Salvador que vence. Este evangelho ocupa-se principalmente de dois períodos da vida de Jesus: o ministério na Galiléia, 1. 14 até 9. 50. e a última semana em Jerusalém, 11. 1 até 16. 8. Entre estes dois períodos existem rápidas descrições no cap. 10 como pontos de transição de um período para outro. Em seu conjunto, pode dividir-se do seguinte modo: 1. Princípio do evangelho de Jesus Cristo, compreendendo o ministério de João Batista, o batismo e a tentação de Jesus, 1. 1-13. 2. Início do ministério em Galiléia, mencionando os lugares em que Jesus pregava, a chamada dos primeiros discípulos, os milagres operados em Cafarnaum e em Galiléia, 1. 14-45. 3. Os triunfos alcançados por Jesus sôbre a nascente oposição, a cura de um paralítico, o banquete em casa de Levi, o discurso sobre o jejum e a controvérsia sobre o sábado, 2. 1 até 3. 6. 4. Extensão da obra de Cristo entre a oposição crescente, entusiasmo das multidões que o acompanhavam e a escolha dos doze apóstolos; respostas aos fariseus: visita de sua mãe e de seus irmãos; as parábolas do semeador, do crescimento misterioso da semente, da semente de mostarda acompanhadas de observações; o grande milagre de serenar a tempestade, os endemoninhados gadarenos, da mulher que padecia fluxo de sangue e da ressurreição da filha de Jairo; segunda rejeição em Nazaré; a missão dos doze; investigações de Herodes acerca de Jesus juntamente com a descrição da morte de João Batista; o milagre da multiplicação dos pães para 5.000 pessoas; do passeio sobre as ondas; denúncia contra as tradições dos fariseus, 3. 7 até 7. 23. 5. Período em que exerceu o último ministério em Galiléia, incluindo a cura da filha da mulher sirofenícia nos limites de Tiro e de Sidônia, um mudo em Decápolis; o milagre da multiplicação dos pães para 4.000 pessoas; a recusa de dar um sinal aos fariseus, advertências contra eles; a cura de um cego perto de Betsaida, seguido de incidentes perto de Cesaréia de Filipos, incluindo as predições sobre a morte de Cristo, a confissão de S. Pedro, etc. a transfiguração, a cura do endemoninhado, novas predições sobre a morte de Cristo e, em retorno para Cafarnaum, instruções especiais a seus discípulos, 7. 24 até 9. 50. Este último período é muito completo no evangelho segundo S. Marcos. 6. Ministério final em Peréia, inclusive a discussão sobre o divórcio; a bênção das criancinhas a conversa com o moço rico, explicações aos discípulos, subida para Jerusalém, incluindo mais uma predição sobre a sua morte, o pedido de Tiago e de João e a cura de Bartimeu, cap. 10. 7. A última semana, compreendendo a entrada triunfal em Jerusalém; a maldição da figueira estéril; a segunda purificação do templo; os deputados enviados pelo sanedrim; a parábola dos lavradores da vinha; as perguntas dos fariseus, dos herodianos e dos saduceus e a do doutor da lei; a pergunta de Jesus sobre o filho de Davi; breve denunciação contra os fariseus e os escribas, cp. Mt cap. 23, a esmola da viúva; os discursos no Monte das Oliveiras; a traição de Judas; e a festa em Betânia; breve narração da última tarde com os discípulos e a instituição da ceia do Senhor; a agonia no Getsêmani, a prisão; o julgamento à noite pelo sanedrim; a negação de Pedro; o julgamento diante de Pilatos; a crucifixão, o sepultamento; o anúncio da ressurreição a certas mulheres por um anjo, assentado à beira do sepulcro vazio, 11. 1 até cap. 16. 8.

Os doze versículos finais do evangelho segundo S. Marcos, não fazem parte do último capítulo, como se acha no original, segundo o dizer da maior parte dos críticos.

Estes versículos foram certamente acrescentados em tempos primitivos, talvez no princípio do segundo século. Em parte parece que foram tirados de outros evangelhos e descrevem com fidelidade as crenças das igrejas apostólicas. O cap. 16. 8, termina abrutamente. Parece que os doze vv. seguintes, substituíram o final do capítulo, feitos pelo autor, que parece terem-se perdido. Alguém tem pensado que Marcos foi impedido de concluir o seu livro. Os doze vv. finais, já referidos, considerados necessários para conclusão, provam evidentemente a existência de outros evangelhos que circulavam nas igrejas, e que o de Marcos havia sido aceito como genuino e autêntico.

Este evangelho circulava nas igrejas nos meados do segundo século, e foi incluído por Taciano no seu *Diatessaron*, ou Harmonia dos Evangelhos. Ireneu, escrevendo no fim do segundo século, cita-o freqüentemente, bem como outros que o precederam, como Papias, e declaram que Marcos havia sido discípulo de Pedro e seu intérprete. Deste modo, os antigos escritores bem como a tradição, dão este evangelho segundo Marcos como intimamente ligado à pregação que Pedro fazia acerca de Cristo. As relações de Marcos com Pedro são confirmadas por muitos particulares bem apreciáveis que o livro contém, que parecem reproduzir as impressões recebidas em companhia do apóstolo, com a força de um testemunho pessoal; é ele quem nos dá uma narração minudente da negação de Pedro, e, como diz Euzébio, ocultando fatos favoráveis ao seu caráter, Mt 16. 17-19; Lc 5. 3-10. Não se deve pensar que S. Marcos reproduzisse exclusivamente o que aprendeu de S. Pedro, excluindo quaisquer outras fontes de informação. O evangelista teve abundantes oportunidades de saber muitas cousas de outras testemunhas de vista e de muitos membros da primitiva comunidade cristã, como sejam: seu parente Barnabé, Paulo e os discípulos que freqüentavam a casa de sua mãe em Jerusalém, At 17. 12, 17. Na igreja, pensavam alguns, e entre eles S. Agostinho, que S. Marcos havia feito um resumo de S. Mateus. Esta afirmação cai diante do fato de que o evangelho segundo S. Marcos contém muitos pormenores que não se encontram no outro evangelho. Pensam outros que Mateus e Lucas é que foram buscar em Marcos os elementos para os seus escritos. Como quer que seja, a opinião corrente em nossos dias, é que Marcos se mostra independente de qualquer outro evangelista. O mais provável é que todos eles escreveram independentemente uns dos outros, As semelhanças verbais raras vezes se estendem a um versículo inteiro, e que podem facilmente explicar-se pelo fato de que todos os escritores empregavam linguagem em que eram narradas as palavras e as obras de Cristo, e que já circulavam entre as igrejas. Diz a tradição que S. Marcos escreveu o seu evangelho em Roma, pouco antes, ou pouco depois da morte de S. Pedro. Sendo assim, podemos dar-lhe a data 65-68. Baseados em outros fundamentos, alguns escritores modernos, dizem que deveria ter sido escrito pouco antes da tomada de Jerusalém. Este evangelho evidentemente destinava-se aos gentios, como se depreende das explicações que seu autor dá dos lugares, dos costumes e dos termos da Palestina, 1. 9; 3. 17; 5. 41; 7. 3, 4, 11, 34; 12. 42; 14. 12; 15. 22, 42, etc. Também emprega bom

número de palavras latinas e gregas. Tudo isto parece indicar que o livro foi publicado em Roma, como o diz a tradição. Ao contrário de S. Mateus, não se refere às relações de Cristo com a lei Mosaica, faz algumas alusões ao cumprimento das profecias e abstem-se totalmente de citações do Antigo Testamento.

G. T. P. (Alterado)

MAR DE BRONZE

Bacia grande que Salomão mandou fazer com os bronzes que Davi havia tomado como presa de guerra, 1 Cr 18. 8. Este mar de bronze foi colocado na parte interior do templo, entre o altar dos incensos e o santuário, um pouco para a banda do sul, e destinava-se à lavagem das mãos e dos pés dos sacerdotes antes de entrarem no santuário, ou de se aproximarem do altar, 1 Rs 7. 39; 2 Cr 4. 6; Antig. 8. 3, 6; cp. Êx 30. 18-21. Era de forma circular, tinha 3m 33 de diâmetro e 1 m 665 de altura, com a capacidade de 58.752 litros, 1 Rs 7. 23, 26. Em 2 Cr 4. 5, dá 3.000 metretas, ou 88.128 litros, naturalmente por engano de cópia. A borda era como a de copo, ou como flor de lírios, 1 Rs 7. 24, 26. Não tinha a exatidão de um hemisfério, porque seus lados eram como a tulipa e como se pode avaliar pela sua capacidade e da sua comparação com o lírio; descansava sobre doze bois de bronze divididos em quatro grupos de três bois cada um, olhando para os quatro pontos cardeais. O rei Acaz retirou-o de cima dos bois, 2 Rs 16. 17, e, finalmente, quando Nabucodonosor tomou Jerusalém, reduziu-o a pedaços, 25. 13, 16; Jr 27. 19-22.

MAR DE SUFE, *Lírio roxo.*

Nome de uma localidade, Dt 1. 1, cuja situação se ignora. Os Setenta e a Vulgata supõem que a palavra mar foi omitida do texto e por isso concluem que o texto primitivo dizia *yam suph*, que significa Mar Vermelho, referência que se faz àquela parte do Mar a que se dá o nome de Acaba.

MARESSA, *A cabeça.*

1. Nome de uma cidade na parte baixa da tribo de Judá, Js 15. 44; cp. 1 Cr 4. 21. Roboão a fortificou, 2 Cr 11. 8. Perto dela deu-se a grande batalha entre o rei Asa e Zerá, etíope, 14. 9, 10. Na época do período grego, atingiu a grande importância, era habitada pelos edomitas e conhecida pelo nome de Maressa, Antig. 13. 9, 1; 14. 1, 3, 9. Judas Macabeu a saqueou, 1 Mac 5. 66; 2 Mac 12. 35; Antig. 12. 8, 6, e João Hircano plantou nela uma colônia judaica, Antig. 13, 9, 1; 10. 2; mas Pompeu, no ano 63, concedeu-lhe os foros de cidade livre, 14. 4, 4. Gabinio fortificou-a, 14. 5, 3, e finalmente os partas a destruíram no ano 40 A. C., 14. 13, 9. Segundo o testemunho de Euzébio, as suas ruínas existem a duas milhas romanas distante de Eleuterópolis. Robinson localiza-as em um outeiro de *Merash*, cerca de dois quilômetros ao sudoeste de *Beit Jibrin*.

2. Nome do pai de Ebrom, 1 Cr 2. 42. A forma da expressão, à luz do contexto, dá a entender que Maressa foi o progenitor dos habitantes de Hebrom.

O v. seguinte fala dos filhos de Hebrom, parecendo provável que o nome se refira a um homem.

MARFIM

Substância derivada dos dentes do elefante, do hipopótamo, das focas e de outros animais. No hebreu tem o nome de *Shem*, dente, ou *Shenhabbim*, palavra composta em que a terminação *habbim* denota provavelmente algum animal. A primeira vez que se fala nos dentes de elefantes, vindos de Társis, é em 1 Rs 10. 22, e 2 Cr 9. 21. O rei Salomão mandou fazer um grande trono de marfim, talvez trazido da Índia, 1 Rs 10. 18. Nos tempos faustosos de Jerusalém, faziam-se leitos de marfim, Am 6. 4, e até se construíam casas com este precioso material, 1 Rs 22. 39; Am 3. 15; Sl 45. 8. Os tírios faziam bancos de marfim para assento de seus remeiros, Ez 27. 6. O mundo antigo comerciava em marfim com a Etiópia, Heród. 3. 97, 114.

MARIA. O Novo Testamento grego diz *Maria* e *Mariam* derivado do hebreu *Myriam*. No latim é Maria.

Em o Novo Testamento há seis mulheres que têm êste nome.

1. Maria, mulher de Clopas, assim chamada em Jo 19. 25. A palavra "mulher", no sentido de esposa, segundo o método de dizer em grego, não se encontra no original. Os tradutores é que a empregaram. Clopas parece que é o mesmo Alfeu, Mt 10. 3; Mc 3. 18; Lc 6. 15. Os dois nomes são variantes do mesmo vocábulo em aramaico. Ele e Maria eram pais do apóstolo Tiago, o Menor, que tinha um irmão chamado José, Mt 27. 56; Mc 15. 40; Lc 24. 10. Os que dão os "irmãos" do Senhor como sendo seus primos, pelo lado materno, supõem que esta Maria era irmã da Virgem, e que S. João menciona somente o nome de três Marias que estiveram junto à cruz, Maria, mãe de Jesus, Maria, mulher de Clopas e Maria Madalena, 19. 25. Não é provável que duas irmãs tivessem o mesmo nome; por esta razão e por outras considerações, a teoria de serem primos "os irmãos do Senhor" não parece razoável. Veja *Irmãos do Senhor*. Na passagem citada, Jo 19. 25, o apóstolo menciona quatro mulheres que ele viu junto à cruz; uma delas era Maria, mulher de Clopas, mas além do fato que seu marido e seus filhos, juntamente com ela, eram discípulos de Jesus e que, provavelmente um de seus filhos era apóstolo, nada mais se diz a seu respeito. Além disto, estando junto à cruz, Maria foi uma das mulheres que acompanharam o corpo de Jesus à sepultura, e a quem o Salvador ressuscitado apareceu, Mt 28. 1; Mc 15. 47; 16. 1; Lc 24. 10. Veja o nº 2 em seguida e os artigos *Alfeu* e *Tiago*.

2. Maria, a virgem, mãe de Jesus. Todas as informações a seu respeito, somente a Escritura é que no-las dá. Diz ela que no sexto mês após a concepção de João Batista foi enviado o anjo Gabriel a Nazaré, cidade ou aldeia de Galiléia, a uma virgem chamada Maria, que ali morava, desposada com um carpinteiro de nome José, Lc 1. 26, 27, reconhecido como descendente de Davi. Não se diz que a virgem também o fosse; muitos acreditam que também pertencia à mesma linhagem, porque, diz o anjo, que o filho que ia nascer dela receberia o "trono de seu pai Davi", e que "foi feito da linhagem de Davi, segundo a carne", Rm 1. 3; 2 Tm 2. 8; cp. At 2. 30.

Além disso, a opinião de muitos doutores é que a genealogia de Cristo, como a dá S. Lucas, Lc 3. 23-38, é pelo lado materno, vindo de Heli, que se supõe ser o pai dela. Como quer que seja, o anjo Gabriel saudou a Maria, dizendo: "Salve! agraciada; o Senhor é contigo", anunciando-lhe que ela teria um filho a quem deveria chamar *Jesus*. "Este será grande, será chamado Filho do Altíssimo; Deus o Senhor lhe dará o trono de Davi, seu pai, ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim", Lc 1. 32, 33. Quando Maria perguntou como se faria isso, visto não conhecer varão, o anjo lhe respondeu: "O Espírito Santo descerá sobre ti e a virtude do Altíssimo te cobrirá da sua sombra. E por isso mesmo o Santo que há de nascer de ti será chamado Filho de Deus", Lc 1. 35. Estas declarações revelaram a Maria que ela foi escolhida para ser a mãe do Messias. Com humilde piedade, aceitou a honra que Deus misteriosamente lhe concedia. Para seu conforto o anjo Gabriel a informou de que a sua parenta Isabel ia também ser mãe, pelo que Maria se apressou a caminhar para as montanhas a uma cidade de Judá, onde moravam Zacarias e sua mulher Isabel. À sua entrada Isabel cientificou-se da honra que ia receber e por uma inspiração de momento proferiu o cântico de louvor. Por sua vez, a Virgem Maria entoou o hino de graças denominado "A Magnífica", Lc

1. 46-55. Isto nos dá a entender a profunda piedade e a solene alegria com que estas santas mulheres contemplaram o poder e a graça de Deus que por seu intermédio ia realizar as antigas promessas feitas a Israel, e trazer a salvação ao mundo. Maria permaneceu em casa de Isabel até pouco antes do nascimento de João Batista, e voltou para Nazaré. Revelada que foi a origem de sua concepção, a José por meio de um sonho, quando ele pensava em deixá-la secretamente, Mt 1. 18-21. Deus ordenou-lhe que a recebesse por mulher, e que ela teria um filho que se chamaria Jesus, porque ele salvaria seu povo dos pecados deles, Mt 1. 24, 25, em virtude do que havia dito o Senhor pelo profeta Isaías que ele nasceria de uma Virgem; José obedeceu reverentemente; recebeu-a por mulher, e não a conheceu enquanto não deu à luz ao seu primogênito, e lhe pôs por nome Jesus, Mt 1. 24, 25. Pelo casamento, a Virgem ficou abrigada de más suspeitas e o filho que lhe nasceu foi tido como filho de José, segundo a lei, e como tal herdeiro de Davi. O nascimento deu-se em Belém. Um decreto de César Augusto ordenou que todo o mundo se alistasse, em virtude do qual, José teve de ir à cidade de Davi, como seu descendente, acompanhado de sua esposa Maria. Não encontrando lugar na hospedaria foram obrigados a abrigar-se em uma estrebaria. Ali nasceu Jesus; sua mãe o enfaixou e o deitou em uma manjedoura, Lc 2. 7. Com reverente e confiante assombro, Maria ouviu a narração dos pastores, relatando a visão dos anjos e o cântico que tinham ouvido, anunciando paz ao mundo pelo nascimento do Salvador. Portanto ela ainda não sabia que seu filho era Deus que se fez carne; apenas sabia que êle ia ser o Messias, e com verdadeira piedade esperava que Deus lhe desse luz sobre a missão de seu filho. No quadragésimo dia depois de nascido o menino, José e Maria o levaram a Jerusalém para o apresentarem diante do Senhor e oferecerem no templo o que a lei ordenava às mães, Lv 11. 2, 6, 8. Os animais oferecidos deviam ser um par de rolas, ou dois pombinhos, indicando as humildes condições da família. Ao apresentarem o menino no templo, encontraram o velho Simeão que se regozijou pelo nascimento do Messias, porém profetizou a sua mãe que ela teria grandes dores e tristezas pelo que a ele havia de acontecer, Lc 2. 35. Parece que, depois disto, José e Maria voltaram para Belém, Mt 2. 11. Ali foram ter os magos do oriente que vieram adorar a Jesus, Mt 2. 1-11. Em seguida o casal fugiu para o Egito levando o menino, regressando mais tarde para Nazaré em obediência a instruções divinas. Ali deveria ele dedicar-se à educação do filho da promessa que lhe havia sido confiado, e cujo futuro era objeto de constante cuidado.

Um dos traços do caráter de Maria desenha-se quando o menino tinha doze anos. Piedosamente em companhia de seu espôso, ia anualmente a Jerusalém por ocasião da festa da páscoa, Lc 2. 41, se bem que as mulheres não estavam sujeitas a esta obrigação, Êx 23. 17. Com igual piedade, José e Maria levaram consigo o menino, logo que ele atingiu a idade, quando era costume que as crianças deveriam comparecer ao templo. A sua demora na casa de Deus e as suas palavras na discussão com os doutores, foi motivo de causar maior espanto a seus pais. "E sua mãe conservava todas estas palavras no seu coração", Lc 2. 51. Maria ainda não havia compreendido tôda a grandeza real de seu filho, nem de que modo realizaria a sua missão. Com reverência e cheia de confiança ia cumprindo o seu dever, educando o menino para o serviço de Deus, o que ela realmente fez enquanto ele esteve debaixo de sua autoridade. Se os "irmãos do Senhor" eram, como é provável, filhos de José e de Maria, nascidos depois que Jesus apareceu, Maria deveria ter sido mãe de grande família. O evangelho também fala das irmãs de Jesus, Mc 6. 3. Nada mais se diz a respeito de Maria até ao princípio do ministério público de Jesus.

Aparece então nas bodas de Caná de Galiléia, Jo 2. 1-10. Evidentemente regozijou-se em ver que seu filho assumia as funções do ofício messiânico, e, sem reservas, creu nele. Imprudentemente, porém, ela pretendeu dirigir os seus atos, o que provocou da parte dele uma repreensão respeitosa. Maria devia compreender que, na sua obra, ela participava apenas como sua companheira. Na qualidade de filho, prestava-lhe reverência, porém na qualidade de Messias e Salvador ele só a poderia ter como discípula, precisando igualmente, com os demais, a salvação que ele veio trazer ao mundo. Verdade semelhante se repete em outra ocasião quando ela aparece, Mt 12. 46-50; Mc 3. 31-35; Lc 8. 19-21. No grande dia das parábolas, estando ele ensinando o povo, Maria e os irmãos de Jesus desejavam vê-lo, talvez com o intuito de afastá-lo dos perigos que a oposição lhe criava. Respondendo, fez notar que as relações espirituais entre ele e seus discípulos eram mais importantes do que os laços de família. "Todo aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, e irmã e mãe", Mt 12. 50. Enquanto Cristo prosseguia em seu ministério, sua mãe e seus irmãos, parece que continuavam a morar em Nazaré. Como não se faz menção de José, dá lugar a se pensar que ele tenha morrido.

No ato da crucifixão, aparece Maria com outras mulheres, perto da cruz. Ao contrário dos irmãos de Jesus, Jo 7. 5, ela sempre creu na missão salvadora de seu filho, e por isso não é de estranhar que o acompanhasse até a última e fatal jornada a Jerusalém.

Dominada pelo amor de mãe, e pelos afetos de um discípulo, contemplou-o pregado à cruz, e nesta hora de suprema angústia, ele dirigiu-lhe a palavra entregando-a aos cuidados do amado discípulo João, que desde essa hora a levou para sua casa, Jo 19. 25-27. Depois da assunção de Jesus, ela se encontra, na companhia dos apóstolos no quarto alto de Jerusalém, At 1. 14, e nada mais nos diz a Escritura a seu respeito. Não se sabe, quando e de que modo morreu. O seu túmulo vê-se no vale de Cedrom, mas não se pode crer na sua legitimidade, por falta de bons testemunhos. Há muitas lendas a respeito de Maria, nenhuma, porém, digna de fé. A Escritura apresenta-a como simples modelo de fé e de piedade.

3. Maria Madalena, modo por que os evangelhos designam esta Maria, Mt 27. 56, 61; 28. 1; Mc 15. 40, 47; 16. 1, 9; Lc 8. 2; 24. 10; Jo 19. 25; 20. 1, 18, determinando precisamente o lugar de seu nascimento que era a cidade de Magdala, situada na costa sudoeste do mar de Galiléia. Jesus havia expulsado dela sete demônios, Mc 16. 9; Lc 8. 2, e veio a ser a mais devotada de seus discípulos. A velha crença de que esta mulher havia sido de mau caráter e cujo nome tem servido para designar as mulheres mundanas, basea-se unicamente no fato de que a primeira vez que se fala nela, em Lc 8. 2, e logo depois de se haver dito que uma mulher pecadora que havia na cidade tinha vindo ungir os pés de Jesus. Magdala era cidade da Galiléia, Lc 7. 36-50. Esta prova não satisfaz. Ignora-se qual fosse a doença que sofria. Fez-se discípula de Jesus logo no princípio do seu ministério em Galiléia e foi uma das que se uniram ao pequeno bando dos imediatos seguidores, e que lhe ministrava o necessário para o seu sustento, Lc 8. 13. Esteve junto à cruz com as outras mulheres, Mt 27. 56; Mc 15. 40; Jo 19. 25, e assistiu ao sepultamento do Senhor. Ao terceiro dia, logo de manhã, ela com a outra Maria, mulher de Clopas e Salomé foram ao sepulcro para ungir o corpo de Jesus, Mc 16. 1. Vendo que a pedra havia sido removida do sepulcro, voltaram apressadamente à cidade e foram dizer a Pedro que haviam levado o corpo de Jesus, Jo 20. 1, 2. Em seguida, acompanhando os apóstolos, voltou ela ao sepulcro e ali ficou depois que se foram os companheiros. A ela apareceu Jesus em

primeiro lugar, Mc 16. 9; Jo 20. 11-17, e foi ela quem levou a notícia aos outros discípulos. E aqui termina a sua história.

4. Maria de Betânia, nome de uma mulher que em companhia de Marta, sua irmã, morava em certa aldeia, Lc 10. 38, que S. João diz chamar-se Betânia, Jo 11. 1; 12. 1, distante cerca de dois quilômetros ao oriente do monte das Oliveiras. Na primeira vez que Jesus foi à casa delas, Lc 10. 38-42, Maria mostrou grande interesse em receber as instruções de Jesus. Marta pediu a Jesus que a mandasse ajudar no serviço da casa, a que ele respondeu: "Uma cousa te é necessária: Maria escolheu a melhor parte que lhe não será tirada, Lc 38-42. S. João relata que ela era irmã de Lázaro, a quem o Senhor havia ressuscitado. Quando Jesus lá chegou, já fazia quatro dias que havia sido sepultado. Maria conservou-se quieta em casa, Jo 11. 20, porém Marta, sua irmã, a foi buscar, v. 28, dizendo, é chegado o Mestre e ele te chama. À semelhança de Marta, ela exclamou "Senhor, se tu houveras estado aqui não morreria meu irmão." A aflição das duas irmãs moveu o coração de Jesus. Seis dias antes da Páscoa, Jo 12. 1, Jesus foi outra vez a Betânia e deram-lhe lá uma ceia em casa de Simão, o leproso, Mc 14. 3. Durante a ceia, Maria trouxe uma redoma de alabastro, cheia de precioso bálsamo, feito de espigas de nardo, e, quebrada a redoma, lho derramou sobre a cabeça, e lhe enxugou os pés com os seus cabelos, Jo 12. 3. Foi este um ato de rara devoção, revelando ao mesmo tempo profunda gratidão e a alta dignidade daquele que desejava honrar. Judas e alguns outros dos discípulos acharam que fora desperdício de bálsamo. Jesus, porém, aprovou o ato e declarou que onde quer que o Evangelho fosse pregado, que seria em todo o mundo, publicar-se-ia também para memória sua a ação que havia praticado, Mt 26. 6-13; Mc 14. 3-9. Considerou este ato como consagração, posto que intencional, de seu corpo para o sacrifício que se aproximava, Jo 12. 7, 8.

5. Maria, mãe de Marcos, em cuja casa estavam reunidos os discípulos, orando pelo livramento de Pedro, a quem Herodes Agripa havia feito prender e para onde o apóstolo se dirigiu depois de solto pelo anjo, At 12. 12. Parece que esta Maria era pessoa de recursos pecuniários; a sua casa servia para as reuniões dos irmãos em Jerusalém. Segundo a antiga versão inglesa de Cl 4. 10, ela era irmã de Barnabé, porque Marcos era primo deste. Não se sabe bem se o parentesco de Marcos com Barnabé era pelo lado materno ou paterno. Sobre quem era o marido de Maria, nada sabemos.

6. Maria de Roma. Nome de uma crente da cidade de Roma, a quem o apóstolo S. Paulo enviou saudações, Rm 16. 6, e que trabalhou muito entre os irmãos, Rm 16. 6. Parece, pois, que exerceu grande atividade na causa de Cristo na cidade imperial. Além desta referência, nada mais diz a Escritura, a seu respeito.

G. T. P.

MAR MEDITERRANEO, *Mar interior.*

Nome de um mar, existente entre a Europa e a África. A Escritura refere-se a ele pelo nome de Mar de acordo com a idéia geral dos hebreus, Nm 13. 29, 30; At 10. 6. Também era denominado o mar grande, Nm 34. 6; Js 15. 47, o mar ocidental, Dt 11. 24; Jl 2. 20, ou o mar dos palestinos, Ex 23. 31. Os gregos e os romanos referindo-se a ele, diziam: o nosso mar e depois do período do Antigo Testamento, diziam: o mar que fica para dentro das colunas de Hércules (Aristóteles), ou o mar interior (Plínio). A designação de Mar Mediterrâneo é moderna. Tem 2.000 milhas de comprimento; a parte mais estreita entre a Sicília e a África é de 70 milhas de largura. Desde os antigos tempos, os navegantes da Fenícia o haviam percorrido em todas as direções, desde a Síria até as colunas de Hércules, hoje estreito de Gibraltar.

MÁRMORE

Pedra calcárea, especialmente em estado cristalino que se presta a polimento. Em hebreu chama-se *shayish* e *shesh*, por causa de seu brilho, e em grego, *marmaros*. Servia para fazer colunas e para os pavimentos das habitações ricas, Et 1. 6; Ct 5. 15. Salomão empregou mármore de Paros na construção do Templo, 1 Cr 29. 2. Josefo ,descrevendo as paredes deste edifício, diz que eram construídas de pedras brancas, mas não diz de que qualidade eram elas, Antig. 8. 3, 2. O Líbano fornecia mármore vermelho, branco e amarelo; o preferido era o da Arábia. No período grego-romano, o mármore branco e o vermelho tinham preferência nas construções da Palestina, de ambos os lados do Jordão. As colunas do templo de Herodes eram monólitos de mármore branco de 25 cúbitos de altura, cêrca de 14 metros, Guerras 5. 2, 5.

MAR MORTO

Nome pelo qual é conhecido o lençol de água a que a Bíblia chama de Mar de Sal, Gn 14. 3; Nm 34. 12; Dt 3. 17; Js 3. 16, Mar do Deserto, Dt 3. 17; Js 3. 16, Mar oriental, Ez 47. 18; Jl 2. 20; Zc 14. 8.

Josefo denomina-o *Asphaltitis*, Antig. 1. 9, 1. Os gregos denominaram-no Mar Morto, desde a metade do segundo século da nossa era (Pausanias). Jaz na profunda depressão situada onde desemboca o Jordão, despejando cerca de seis milhões de toneladas de água em cada vinte e quatro horas; está a 426 metros abaixo do nível do Mediterrâneo; tem a configuração de um longo retângulo com ângulos agudos, interrompido por uma projeção que se inclina para o lado do sudoeste, formando um grande promontório ou península, chamada Lisã ou Língua. O comprimento de norte a sul regula 47 milhas inglesas, ou 75.623 metros, que varia um pouco no tempo da seca. A largura ao norte de En-Gadi é de nove e meia, milhas inglesas ou 15.285 metros. Os antigos vestígios do nível das águas indicam que a área era muito maior, Guerras 4. 8, 4. O Lisã tem cerca de 9 milhas inglesas de comprimento, de norte a sul, 14.481 metros. As ribanceiras elevam-se de 13 a 20 metros de altura; e segundo Tristram, o ponto mais elevado é de 99 metros. O tenente Lynch, que em 1848, chefiou uma expedição para explorar o Jordão e o Mar Morto, achou por meio de sondagens uma profundidade de 422 metros na boca do Arnom. Outras sondagens mais para o norte acusaram 429 metros. Ao sul do Lisã a profundidade é quase nula, exceto o lado setentrional, onde entra o Jordão; o Mar Morto é cercado quase inteiramente por grande muralha de rochedos escarpados, que em alguns lugares formam pequenas praias e em outros, fazem a linha da costa. Estes penhascos sobem em terraços sucessivos que se estendem pelo Jordão acima. Ao lado do oeste, em En-Gadi, estes penhascos se elevam até 644 metros de altura, e ainda mais para o norte, atingem a 832 metros acima do Mar Morto e 405 acima do Mediterrâneo, decrescendo gradualmente até 462. Na parte ocidental, existem depósitos de betume em estado líquido e sólido. Ao lado do oriente erguem-se as montanhas de Moabe a 390 metros acima das praias do mar.

O Mar Morto é um dos mais notáveis. Nenhum outro ocupa lugar mais profundo na superfície do globo. As águas são mais salgadas do que as dos oceanos, estas contêm 6 libras de sal em cada 100 libras de água, ao passo que as do Mar Morto em igual quantidade de água, produzem 20 a 27.8 de sal. Em conseqüência disto os ovos lançados nêle flutuam. Os banhistas não afundam na água e quando chegam à praia sentem o corpo coberto de sal que muito os magoa quando tem alguma esfoladura na pele. A grande quantidade de sal é devida à natureza do solo muito saturado de cloreto de sódio, magnésio e cálcio. Estas substâncias são conduzidas para o Mar pelas correntes que nele deságuam. Não havendo saída, os sais permanecem e acumulam-se ano após ano, ao passo

que as águas que os trazem diminuem pela evaporação, aumentada pelo ar quente do deserto. O nome que a Escritura lhe dá de Mar Salgado foi substituído pelo de Mar Morto por causa da crença de que havia completa ausência de vida dentro das águas e em torno de suas praias. A vida orgânica é muito escassa, porém as suas margens são adornadas de luxuriosa vegetação devida às torrentes que nele entram. A vegetação é visitada por grande número de aves. Segundo Lartet o peixe é pouco abundante ao sul de Lisã. O profeta Ezequiel compara a vida no reino de Deus, às águas do Mar Morto, plenas de peixe, rivalizando com o Mar Grande; e que as suas praias seriam o enxugadouro das redes dos pescadores, Ez 47. 6-12.

MAROTE, *Amargura, fontes amargosas.*

Nome de uma cidade da tribo de Judá, Mq 1. 12. Situação ignorada.

MAR SALGADO

Nome que se dá no Antigo Testamento ao que hoje se denomina Mar Morto, Gn 14. 3; Nm 34. 3, 12; Dt 3. 17; Js 15. 2, 5.

MARSENA

Nome de um dos sete príncipes da Pérsia, aos quais era permitido ver a face do rei, Et 1. 14. Talvez seja o célebre Mardônio, primo de Xerxes, e um de seus conselheiros nos princípios de seu reinado, Heród. 7. 5, 9. A terceira consoante da forma hebraica deste nome é sâmeque, que representa um som, que nem sempre se distingue de um som dental.

MARTA, *Senhora.*

Nome da irmã de Maria e de Lázaro de Betânia, Jo 11. 1, 2. Os três amavam ternamente a Jesus. Marta mostrava certo afeto especial; fazia tudo para proporcionar-lhe conforto em sua casa. Maria deu provas evidentes de possuir sede ardente de ouvir de seus lábios a palavra da verdade. Quando Marta pediu a Jesus que ordenasse a Maria que a ajudasse no serviço da casa, necessário a dar ao Mestre provas externas de bom acolhimento, Jesus ensinou-lhe que ele apreciava mais o desejo ardente de seus discípulos pelas coisas espirituais, do que as honras externas, Lc 10. 38-42. Ambas eram crentes sinceras, Jo 11. 21-32. A casa onde Jesus assistia, chamava-se a casa de Marta, Lc 10. 38. Tendo Jesus ido a Betânia deram-lhe lá uma ceia na qual servia Marta, e onde Lázaro era um dos que estavam à mesa com ele. Tomou Maria, então uma libra de bálsamo, feito de nardo puro, de grande preço, e ungiu os pés de Jesus, e lhos enxugou com os seus cabelos, Jo 12. 1-3. Isto foi em casa de Simão, o leproso, Mt 26. 6; Mc 14. 3. Estes fatos parecem dizer que Marta era provavelmente a mulher de Simão, ou viúva dêle.

MARTELO

Instrumento que em hebraico tem o nome de *Patish*, serve para trabalhar em metais e para quebrar pedras, Is 41. 7; Jr 23. 29. Simboliza uma força esmagadora. Babilônia foi o martelo de toda a terra, Jr 50. 23. A palavra de Deus é semelhante ao martelo que quebra a pedra, 23. 29. Outros nomes, que designam ferramentas da mesma espécie, são: *makkabah* e *makkebeth*, que servem para bater estacas de tendas, Jz 4. 21, em trabalhos de construção, 1 Rs 6. 7, e no fabrico de ídolos, Is 44. 12; Jr 10. 4. Ver *Dardo.*

MAR VERMELHO

É o nome do mar que os hebreus, denominavam *Yam suph* ou mar dos lírios roxos. O termo grego *Erythra Tahlassa* cuja tradução literal é Mar Vermelho, é assim expressa por Heródoto, 2. 8, pelos Setenta, Ex 15. 4, 22, e por Josefo, Antig. 2. 11, 1; 15. 1. Os gregos derivavam este nome, de Eritras, rei fabuloso, de um país adjacente, Estrabão, 16; Plínio, Hist. Nat. 6. 23. Corresponde a Edom, ou refere-se ao povo de pele vermelha, de que faziam parte os edomitas, os himiaritas e os primitivos fenícios, por isso quer dizer: mar da terra vermelha, contrastando com a côr escura do solo egípcio (Ebers). "As rochas calcáreas dos períodos eoceno e cretáceo assumem, pela ação do tempo, uns coloridos vermelho-escuros muito vivos, que sob a ação dos raios do sol, ao entardecer, se tingem de vermelho para o lado do oriente, o que igualmente se vê ao amanhecer para o lado do poente, contrastando com o verde-azul das águas. Em vista do que, os primeiros viajantes lhe deram o nome de Mar Vermelho (Dawson, Egypt and Syria, 59).

Os antigos davam o nome de Mar Eritreu não somente ao Mar Vermelho, como hoje o entendem os atuais geógrafos, mas também ao Oceano Índico e ùltimamente até ao Golfo Pérsico. Em sentido restrito, de acordo com a moderna geografia, o Mar Vermelho tem cerca de 1.490 milhas de comprimento e de largura a média de 150 milhas. Na parte setentrional, termina em dois golfos, o Suez e o Acaba, os quais encerram entre si a península do Sinai. O golfo de Acaba está ao oriente e tem cerca de 100 milhas de comprimento por 15 de largo. Na parte norte, estão as cidades de Elate e de Eziom-Geber. O golfo de Suez a oeste da península, tem cerca de 180 milhas de comprimento por 20 de largura; porém, antigamente se estendia mais para o norte, compreendendo, em tempos pré-históricos, o lago Timsé e os Lagos Amargosos. As margens de ambos os lagos abundam em juncos, justificando o dizer dos hebreus, que lhe davam o nome de mar dos juncos, ou dos lírios roxos. O termo hebreu *Yam suph* refere-se ao Mar Vermelho, da geografia moderna, ou pelo menos a parte onde se acha a península do Sinai; porque está ao oriente do Egito, Ex 10. 19; nela se acamparam os israelitas, bem perto de Sinai, Nm 33. 10, 11. Para alcançarem o caminho *Yam Suph*, os israelitas rodearam o país de Edom, 21. 4, e de Eziom-Geber, na terra de Edom, que é perto de Elate, na praia do Mar Vermelho, 1 Rs 9. 26. Os israelitas atravessaram o *Yam suph*, onde os egípcios seus perseguidores pereceram afogados, Êx 15. 4, 22. Brugsch nega que os israelitas atravessassem o Mar Vermelho e afirma que eles passaram por um atoleiro chamado Serboniano, que está separado do Mediterrâneo por um estreito istmo. A opinião geral, porém, baseada no testemunho constante das Escrituras, é que os israelitas atravessaram o mar no ponto onde se acha o golfo de Suez, provavelmente ao sul dos Lagos Amargosos.

A navegação por este mar é sempre um tanto perigosa, por causa das repentinas mudanças dos ventos e da violência impetuosa de sua força. As viagens de um extremo a outro, são geralmente morosas por causa dos ventos que sopram na parte norte em direção ao sul durante nove meses do ano; e na parte sul, sopram para o norte em igual período. Além disto, os navegantes têm de estar sempre alerta por causa dos arrecifes de coral e das pequenas ilhas que em vários lugares afloram à superfície das águas.

MÁS

Nome de um dos ramos do povo aramaico, Gn 10. 23, que em 1 Cr 1. 17, tem o nome de Meseque, nome este empregado em Gn. 10. 23, pelos Setenta. A razão da diferença parece existir em erro de cópia, confundindo um nome com outro mais familiar. Se realmente o nome Más existe no texto original, deve então referir-se a um povo estabelecido em Meseque, e formado de elementos da raça de Sem e de Jafé.

MASAI, *Obra de Jeová.*

Nome de um sacerdote da família de Imer, 1 Cr 9. 12. Este nome pode bem ser uma abreviatura de Maaseiá, ou talvez uma transposição acidental das letras da palavra Amasai.

MASÉIAS, *Jeová é refúgio.*

Nome de um antecessor de Jeremias, e pai de Baruque e de Seraías, Jr 32. 12; 51. 59.

MASQUIL

Palavra hebraica que se encontra servindo de título aos salmos, 32, 42, 44, 45, 52, 53, 54, 55, 74, 78, 88 e 142. Sem dúvida significa um poema didático, cp. Sl 31. 8, onde diz inteligência te darei que é a mesma palavra Masquil no original, ou mesmo um poema reflexivo.

MASRECA, *Vinha.*

Nome de uma cidade edomita, Gn 36. 36; 1 Cr 1. 47. Situação ignorada.

MASSÁ, *Conduzir, carregar um fardo.*

Nome de uma tribo descendente de Ismael, Gn 25. 14; 1 Cr 1. 30; cp. Pv 31. 1, geralmente identificada com a tribo Masani, estabelecida no deserto da Arábia, perto do Golfo Pérsico, Ptol. 5. 19, 2, e a nordeste de Dumá. Nas inscrições assírias encontra-se o nome *Mas'u* junto com *Tem'u* e *Nibá'âtu;* cp. Gn 25. 13, 15.

MASSÁ, *Provação.*

Nome que Moisés deu a um lugar em Horebe, onde brotaram as águas da rocha, ferida pela vara deste servo de Deus, porque os israelitas tentaram ao Senhor, dizendo: Está o Senhor no meio de nós, ou não? Ex 17. 7; Sl 95. 8, 9. E também veja-se Dt 33. 8, onde o pensamento tem outra forma, dizendo que Jeová provou a fidelidade dos levitas na pessoa de Moisés. Em Ex 17. 7 este lugar também se chama Meribá, e em mais duas passagens já citadas, nas quais parece existir na mente do escritor, dois fatos diversos em dois lugares também diversos. A palavra Tentação, *Massá*, empregada em Dt 6. 16 e 9. 22, está desacompanhada da palavra Meribá, e refere-se a um só fato, à rebelião de Israel contra Jeová logo depois que deixou o Egito, Dt 9. 7, e antes de chegar a Horebe, 8; ao passo que o fato ocorido em Massá é narrado em conjunto com outros acontecimentos que se deram nas vizinhanças de Horebe, 22. Ver *Meribá.*

MATÁ, *Donativo.*

1. Nome do antecessor próximo de José, da linha genealógica de Cristo, Mt 1. 15.

2. Nome de um sacerdote de Baal, morto diante do altar deste ídolo, durante a revolução que destronou Atalia, e elevou ao trono de Judá o rei Josias, 2 Rs 11. 18; 2 Cr 23. 17.

3. Nome do pai de Sefatias, Jr 38. 1.

4. Nome de dois antecessores de Cristo, um próximo, e outro remoto, Lc 3. 24, 29.

MATANÁ, *Donativo.*

Nome de uma das estações dos israelitas nas vizinhanças da terra de Moabe, Nm 21. 18, 19. O texto grego difere do hebreu. É possível que a palavra Mataná não estivesse no v. 19, originàriamente, e que a mesma palavra que se vê no v. 18, seja nome comum e parte da última linha do cântico de Israel, assim: E da solidão veio um presente.

MATANIAS, *Dom de Jeová.*

1. Nome de um cantor, filho de Hemã, dos tempos de Davi, 1 Cr 25. 4, 16.

2. Nome de um levita, dos filhos de Asafe e fundador de um dos ramos desta família, 2 Cr 20. 14, e cujo nome aparece em 1 Cr 9. 15, e Ne 13. 13, e como representante de sua casa em Ne 12. 8; cp. Ed 2. 41; Ne 11. 17, 22; 12. 25.

3. Nome de um levita descendente de Asafe, um dos que auxiliaram o rei Ezequias na reforma religiosa de Judá, 2 Cr 29. 13.

4. Nome de um dos filhos do rei Josias, colocado no trono de Judá por Nabucodonosor, rei de Babilônia, que lhe mudou o nome para Zedequias, 2 Rs 24. 17.

5 a 8. Nome de quatro hebreus, um, filho de Elão, outro, filho de Zetua, outro, filho de Faate e outro, filho de Bani, que foram induzidos por Esdras a abandonar as suas mulheres estrangeiras, Ed 10. 26, 27, 30, 37.

MATATÁ, *Donativo.*

1. Nome de um dos filhos de Natã e neto do rei Davi, Lc 3. 31.

2. Nome de um dos filhos de Hasom, induzido por Esdras a desquitar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 33.

MATATIAS, Forma grega de *Mattithiah, dom de Jeová.*

1 e 2. Nome de dois antecessores de Cristo, separados entre si por cinco gerações que viveram depois dos dias de Zorobabel. Lc 3. 25, 26.

3. Nome de um sacerdote fundador da família dos macabeus, 1 Mac 2. 1-70.

4. Nome de um dos filhos de Absalão e capitão no exército de Jônatas Macabeu. Distinguiu-se na batalha de Azor permanecendo ao lado de Jônatas, quando todos os outros capitães haviam fugido, 1 Mac 11. 70. Talvez fosse irmão de Jônatas, filho de Absalão, 13. 11.

5. Nome do filho de Simão Macabeu, que juntamente com seu pai e seu irmão, foi traiçoeiramente assassinado por seu cunhado no castelo de Doque, 1 Mac 16. 14.

MATENAI, *Dádiva.*

1. Nome de um sacerdote chefe da casa de Joiaribe, em tempo do rei Joaquim, Ne 12. 19.

2 e 3. Nome de dois hebreus, um filho de Hasom, e outro, filho de Bani, cada um dos quais foi induzido por Esdras a abandonar sua mulher estrangeira, Ed 10. 33, 37.

MATEUS, O N. T. grego diz *Matthaios* ou *Mattaios*, derivado do hebreu *Mattithyah, dom de Jeová.*

Nome de um publicano, ou cobrador de impostos ao serviço do governo romano ou do rei Herodes, estabelecido em Cafarnaum. Estando assentado no telônio, Jesus o chamou para segui-lo como discípulo. Ele, levantando-se, o foi seguindo, Mt 9. 9; Mc 2. 14; Lc 5. 27. Mais tarde foi contado entre os doze apóstolos, Mt 10. 3; Mc 3. 18; Lc 6. 15. Nestes dois últimos evangelhos é denominado Levi, filho de Alfeu. Era comum entre os judeus usarem dois nomes, por isso, é provável que ele se chamasse a princípio pelos dois nomes, ou que o nome de Mateus lhe fosse dado depois da sua conversão, como aconteceu com Simão que se ficou chamando Pedro.

Nas listas dos apóstolos figura sempre com o nome de Mateus, pelo qual também é conhecido o primeiro evangelho. O fato de Jesus receber em sua companhia um publicano, evidentemente animou a outros das classes desprezíveis a segui-lo e com isso aumentou o ódio dos fariseus contra Jesus. Vê-se isto por ocasião do banquete que Mateus deu a Jesus, logo após a sua conversão, quando muitos publicanos e pecadores ali compareceram, provocando a crítica dos fariseus, aos quais Jesus deu famosa resposta: "Eu não vim a chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento", Mt 9. 10-13; Mc 2. 15-17; Lc 5. 29-32. Mateus não diz que o banquete foi em sua casa. Mt 9. 10, porém, Mac 2. 15, e Lc 5. 29, o dizem. Este último ainda acrescenta: "e lhe deu um grande banquete." Alguns identificam Alfeu, pai de Mateus, com o pai de Tiago Menor. Porém, os nomes de Mateus e de Tiago não aparecem juntos nas listas apostólicas, como os outros pares de irmãos. Esta identificação deve ser rejeitada. Mateus, finalmente, aparece entre os apóstolos depois da ressurreição de Cristo, At 1. 13. Nada mais o Novo Testamento diz a seu respeito. Afirma a tradição que ele pregou o evangelho aos judeus, o que parece provável, em vista da feição peculiar de seu evangelho.

S. Mateus é o primeiro dos quatro evangelhos.

Desde o princípio da idade pós-apostólica é reconhecido como tal. O seu conteúdo pode ser dividido da seguinte forma:

1. Genealogia, nascimento e infância do rei Messias, caps. 1 e 2. O objeto especial desta secção é demonstrar que Jesus é o filho de Davi e o Cristo das profecias.

2. Introdução ao ministério público de Cristo, 3. 1 até cap. 4. 17, relatando a obra preparatória do Batista, o batismo e a tentação de Jesus e sua residência em Cafarnaum, em cumprimento ao que havia dito o profeta Isaías.

3. Ministério de Cristo em Galiléia, 4. 18 até cap. 9. 35. Esta importante secção começa com a chamada dos quatro primeiros discípulos, 4. 18-22, descrição sumária de suas doutrinas e das suas curas e da sua fama por toda a Palestina, 4. 19-25. Depois segue-se como exemplo de seus ensinos, o sermão do monte, caps. 5 a 7, acompanhado de uma série de incidentes, na maior parte milagres, ilustrando os seus discursos, 8. 1 até 9. 34.

4. A missão dos apóstolos, 9. 36 até 10. 42, começando por uma narração em que Jesus se compadece do povo, parecido a um rebanho sem pastor, a organização do corpo apostólico com as introduções inerentes a seu ofício.

5. Cristo entra em conflito com a oposição sempre crescente, 11. 1 até 15. 20, mensagem de João Batista e o elogio que Jesus lhe faz, juntamente com outras observações provocadas pela incredulidade do povo; oposição dos fariseus começando pela controvérsia sobre o sábado, terminando pela acusação feita a Jesus de estar ligado a Beelzebu e a resposta que ele deu, juntamente com a recusa de dar-lhes um sinal; visita de sua mãe e irmãos; grupo de parábolas de Jesus; segunda vez rejeitado em Nazaré; indagações de Herodes e a morte de João Batista; Jesus dá alimento a 5.000 pessoas e anda sobre as águas; último conflito com os fariseus em Galiléia, em que Jesus condena o formalismo.

6. Cristo retira-se de Cafarnaum e dá instruções a seus discípulos, 15. 21 até 18. 35, cura da filha de uma mulher de Canaã, sustento miraculoso a 4.000 pessoas; Jesus nega-se a dar um sinal; advertências contra o fermento dos fariseus e dos saduceus; a confissão de S. Pedro seguida de forte censura; Jesus faz a primeira predição de sua morte; a transfiguração e a cura do moço endemoninhado. Jesus volta a Cafarnaum; meios para pagar o tributo; instruções aos discípulos sobre humildade, a abnegação, o amor e o espírito que devem ter os verdadeiros discípulos.

7. Fim do ministério de Cristo em Peréia e na Judéia, caps. 19 e 20, compreendendo instruções sobre o divórcio, a bênção das criancinhas, a história do jovem que tinha muitas riquezas, a parábola dos trabalhadores da vinha, a subida para Jerusalém, nova predição sôbre a sua morte, o pedido de Tiago e João e a cura do cego Bartimeu em Jericó.

8. A derradeira semana do ministério de Cristo, caps. 21 a 28, compreendendo a entrada triunfal em Jerusalém, a purificação do templo, a história da figueira estéril, a deputação do Sinédrio, a parábola dos dois filhos, dos arrendadores da vinha e do casamento do filho do rei; perguntas dos fariseus e dos saduceus, investigação de um doutor da lei, com a resposta de Cristo, concernente ao filho de Davi; maldições contra os escribas e os fariseus; discurso escatológico no Monte das Oliveiras, seguido das parábolas das virgens e dos talentos com uma descrição do juízo final.

Segue-se depois a traição de Judas, a última Páscoa, a agonia no Getsêmani, a prisão de Jesus e o seu julgamento perante o Sanedrim, a negação de S. Pedro, o remorso de Judas, o julgamento no tribunal de Pilatos, a crucificação e o sepultamento. O último capítulo relata o aparecimento de Jesus às mulheres, o relatório dos soldados romanos e a reunião de Cristo com os discípulos sobre um monte de Galiléia, quando os comissionou para anunciarem o Evangelho a todo o mundo, prometendo estar sempre com eles.

O assunto deste evangelho é exposto em ordem cronológica em geral. Contudo, na segunda metade, a começar com o cap. 14. 6, segue com raros desvios, a verdadeira ordem dos acontecimentos, obedecendo naturalmente ao fim que ele tinha em vista. Em primeiro lugar agrupava os fatos de acôrdo com os assuntos. Desejava particularmente apresentar o ensino de Cristo acerca da natureza do reino dos céus e do caráter de seus discípulos, os milagres que ilustravam os ensinos e revelavam a sua autoridade e os esforços inúteis de seus inimigos, que representavam o pensamento nacional. Isto explica o grande espaço que ele dá aos ensinos de Jesus, e a razão por que ele agrupa as instruções referentes a certos assuntos e incidentes que ilustram as suas doutrinas, por exemplo: O sermão do monte, 5. 1 até 7. 29, é acolitado por uma série de narrações de maravilhosas curas, operadas em vários lugares e em tempos diversos, 8. 1 até 9. 34. Às parábolas do capítulo 13, segue-se a narração de maravilhosos feitos, 14. 1-36, e o discurso, condenando as tradições dos fariseus, 15. 1-20, é acompanhado pela descrição de uma visita à região dos gentios, onde espalhou, a mãos largas, os benefícios de seu coração misericordioso, 21-39. Apresenta o Divino Mestre como sendo o rei Messias que veio cumprir a lei e as profecias e que estabeleceu na igreja, pela sua obra redentora e pelo ensino espiritual, o verdadeiro reino de Deus, que se estenderá por todas as nações da terra. Dá especial destaque ao cumprimento das profecias, 1. 22, 23; 2. 5, 6, 15, 17, 18, 23; 3. 3; 4. 14-16; 8. 17; 11. 10; 12. 17-21; 13. 14, 15, 35; 21. 4, 5; 26. 24, 31, 56; 27. 9, 35, e refere-se a cêrca de cem passagens mais ou menos completas do Antigo Testamento. Conquanto o evangelista escrevesse a sua história sob o ponto de vista judaico, mostra que o evangelho se destina a tôdas as gentes, 8. 10-12; 10. 18; 21. 43; 22. 9; 24. 14; 28. 19, não oculta a tenaz oposição do judaísmo a Cristo, 5. 20-48; 6. 5-18; 9. 10-17; 12. 1-13, 34; 15. 1-20; 16. 1-12; 19. 3-9; 21. 12-16; 23, etc., e mostra, explicando os termos, 1. 23; 27. 33, os lugares, 2. 23; 4. 13, as crenças judaicas, 22. 23, e os costumes, 27. 15; 28. 15, de modo a ser compreendido por todos os crentes.

O autor deste evangelho é realmente o apóstolo Mateus, segundo o atesta a tradição unânime da igreja antiga, confirmada: (I) Pela evidência que nos fornece todo o seu conteúdo, mostrando que o escritor era judeu convertido ao cristianismo e emancipado do judaísmo; (II) que um livro tão importante como é este evangelho, tenha sido atribuído a tão obscuro apóstolo sem ponderosas razões; (III) pela semelhança com os processos empregados pelos publicanos no registo de sua profissão; (IV) pelo modo reservado em que ele descreve o banquete que deram a Jesus em casa de Mateus, 9. 10; cp. Luc 5. 29.

Afirmam antigas tradições que S. Mateus escreveu o seu evangelho em hebraico. Papias, bispo de Hierápolis, na Frígia, escrevendo no ano 140, diz: "Mateus compôs a *logia* no dialeto hebraico, e cada um o interpretava como podia", Euzébio, hist. ecl. 3. 39, 16. Papias, provavelmente, queria dizer que a princípio, antes de seus dias, cada leitor interpretava a *logia* aramaica o melhor que podia. Pode-se também deduzir das palavras de Papias que ele tinha este evangelho em grego; e não existam provas de que ele possuísse jamais um exemplar em aramaico. Alguns doutores contestam que o livro fosse escrito em hebraico; supõem outros que o grego é uma tradução ou que Mateus escreveu dois evangelhos, um em hebraico ou aramaico, e outro em grego. Muitos dos mo-

dernos teólogos pensam que Mateus escreveu em hebraico, apenas uma coleção das palavras de Jesus, que foi incorporada ao nosso evangelho em grego, juntamente com os elementos históricos tirados de S. Marcos. Segundo esta teoria, o evangelho de S. Mateus, formado pela combinação de discursos e incidentes que alguém combinou, contém uma história de primeira ordem, uma vez que entram nela os discursos de Jesus, apanhados por um dos assistentes, e a narração dos atos de Jesus, presenciados por uma testemunha de vista. Esta teoria entra em confronto com os seguintes fatos: (1) Pelo testemunho antigo, afirmando que S. Mateus é autor do nosso evangelho em grego; (2) pelo emprego do termo *logia* em o Novo Testamento, de que fazem uso Filo e muitos dos antigos padres. At 7. 38; 1 Pe 4. 11; e pelas constantes aplicações que dele se fazem aos livros inspirados, quer no todo, quer em parte, Rm 3. 2; Hb 5. 12; (3) pelo fato de que a dependência de Mateus no preparo de seu livro, baseado em S. Marcos, é uma hipótese sem fundamento (Veja *Marcos* e *Evangelho*); e (4) ainda mais, por ser contrário à razão, que um evangelho fosse elaborado apenas com os discursos de Jesus, excluindo todos os elementos históricos, palavras e não atos, especialmente aqueles que se referiam à paixão de Cristo. Qualquer que seja o valor da tradição a este respeito, isto é, que Mateus escreveu em hebraico, o evangelho em grego que possuimos, é dele; era muito competente para escrevê-lo, uma vez que a maior parte dos discursos de Jesus e de seus milagres foram por ele testemunhados.

A data da composição, provavelmente, é entre 60 e 70. A fórmula batismal, registada no cap. 28. 19, que alguns dizem pertencer a uma data posterior, tem em seu favor a fórmula da bênção apostólica em 2 Co 13. 14; e a palavra *igreja*, no sentido de corporação organizada, Mt 18. 17, foi primeiramente empregada por Estêvão, Paulo e Tiago, At 7. 38; 20. 28; Tg 5. 14. Parece que S. Mateus escreveu o seu evangelho antes da queda de Jerusalém, Mt 5. 35; 24. 16. Pela tradição mais antiga segundo o testemunho de Irineu, A. D. 175, a tomada de Jerusalém deu-se no tempo em que S. Pedro e S. Paulo pregavam o evangelho em Roma, Heród. 3. 1, 1. Ignora-se em que lugar foi escrito. O conhecimento que dele tinham os escritores pós-apostólicos, em toda a área evangelizada, prova que teve larga circulação logo que foi publicado.

G. T. P. (Suplementado)

MATIAS, Parece variante da palavra Matatias, *dom de Jeová*.

Nome de um dos discípulos que andou com o apóstolo em companhia de Cristo, desde seu batismo até a sua ressurreição, de que também foi testemunha. De acôrdo com estas qualidades, tinha direito ao apostolado. Havia outro em iguais condições chamado José, para preencher a vaga aberta no apostolado pela traição e suicídio de Judas. A dificuldade da escolha foi resolvida por meio da sorte, saindo eleito Matias, que foi contado entre os doze, At 1. 21-26. Nada mais se sabe a seu respeito.

MATITIAS, *Dom de Jeová*.

1. Nome de um levita filho do cantor Jedutum, 1 Cr 25. 3, e um dos músicos do santuário que tocava harpa, 15. 18, 21. Mais tarde chefiou o décimo quarto dos grupos organizados por Davi, 25. 21.

2. Nome de um levita dos filhos de Coré e da família de Coate. Era o filho mais velho de Salum, intendente sobre o que se fazia em sertãs, 1 Cr 9. 31.

3. Nome de um dos filhos de Nebo, induzido por Esdras a abandonar sua mulher estrangeira, Ed 10. 43.

4. Nome de um sacerdote, ou levita, que esteve ao pé de Esdras, quando ele lia a lei ao povo, que havia voltado do exílio, Ne 8. 4.

MATREDE, *Puxar para diante*.

Nome da sogra de Adar, rei de Edom, Gn 36. 39; 1 Cr 1. 50.

MATRI, *Chuvoso*.

Nome de uma família de Benjamim, donde procede Quis e seu filho Saul, 1 Sm 10. 21.

MATUSALÉM, *Homem armado*.

Nome do filho de Enoque e pai de Lameque, Gn 5. 21-27. Se o número de anos que lhe são atribuídos refere-se à sua vida individual, é êle o homem mais notável por ter a existência não igualada por nenhum outro homem. Veja *Cronologia*.

MEARA, *Caverna*.

Nome de um lugar perto de Sidônia, Js 13. 4; fracamente identificado com um distrito cavernoso, existente no cimo do monte Líbano, ao oriente de Sidônia, conhecido pelo nome de Mugar Jezim, ou cavernas de Jezim. Conder opina a favor de *Mogheiriyeh*, a 11 quilômetros a nordeste de Sidônia.

MEBUNAI, *Construído*.

Nome de um dos valentes de Davi, natural de Usati, 2 Sm 23. 27. De acôrdo com o cap. 21. 18, e 1 Cr 11. 29; 27. 11, deve ler-se Sibecai.

MECONÁ, *Fundação*.

Nome de uma cidade do território de Judá, Ne 11. 28, mencionada juntamente com Ziclague e outras cidades do extremo sul. Não identificada.

MEDÁ

Nome de uma tribo descendente de Abraão e Quetura, mencionada em conexão com Midiã, Gn 25. 2; 1 Cr 1. 32, Wetzstein observa que o geógrafo árabe Yakut faz menção de um *wady* Medá perto das ruínas da cidade de Dedá, cp Gn 25. 3.

MEDADE, *Amor*.

Nome de um homem que recebeu o Espírito do Senhor, não estando no tabernáculo, quando foi derramado sobre os anciãos de Israel, Nm 11. 26-29.

MEDEBA, *Água tranqüila*.

Nome de uma velha cidade moabita, mencionada juntamente com Hesbom e Dibom em Nm 21. 30. Tocou na partilha da terra à tribo de Rúben Js 13. 9, 16.

Durante o reinado de Davi, esteve por algum tempo, em poder dos amonitas, que juntamente com os seus aliados, foram derrotados por Joabe, 1 Cr 19. 7. A cidade voltou novamente ao poder dos moabitas (Pedra Moabita 30; Is 15. 2). João Macabeu nela pereceu assassinado pelos filhos de Jambri, ou Ambri, poderosa família residente naquela cidade. Esta morte foi vingada por seus irmãos Jônatas e Simão, 1 Mac 9. 36-42; Antig. 13. 1, 2, 4. João Hircano tomou a cidade após um sítio de seis meses, 9, 1. As ruínas ainda hoje conservam o nome de Madeba, e acham-se a cerca de 25 quilômetros ao oriente da foz do Jordão e a uns 13 ao sul de Hesbom, situadas sobre uma eminência de onde se estendem para o lado da planície em direção do nascente. Vêem-se ali os restos do muro da cidade e as ruínas dos templos e de outros edifícios com inscrições gregas, romanas e fenícias. No ângulo sudeste da cidade existe um belo tanque, ou reservatório com 109 metros quadrados e nas suas vizinhanças um grande número de cavernas que serviram para depósitos de águas.

MÉDIA

Nome de um país da Ásia, situado ao oriente das montanhas de Zagros, ao sul do Mar Cáspio, a oeste da Pártia e ao norte do Elã. Tinha cêrca de 1.111 quilômetros de comprimento e 462 de largura com uma área de 277.800 metros quadrados. Quando o império medo atingiu ao maior grau de glória, os limites se alargaram principalmente para os lados de noroeste.

Grande parte da Média, propriamente dita, ocupava uma planura de quase 1.000 metros de elevação. O restante consistia de sete cadeias de montanhas paralelas, correndo de noroeste para sudoeste, formando vales bem regados e de abundante fertilidade. Era dotada de ricas pastagens, onde se criavam famosos cavalos. Os primitivos habitantes desta região parece que não procediam da raça ariana nem da semítica. Estas duas raças haviam sido conquistadas por Arianos, que é o Madai, mencionado em Gn 10. 2, cp. Heród. 7. 62. A história da Média começou a ser conhecida no século nono A. C. Berosus diz que os medos conquistaram a Babilônia no ano 2.458 A. C. e estabeleceram lá uma monarquia que durou 224 anos. Não se sabe, porém, em que autoridade se baseia para tal afirmação. Pelo ano 835, o país foi invadido por Salmanazar, rei da Assíria, e mais tarde por seu filho *Shamshi-Ramman* que reinou entre 823 e 810, e também por outro guerreiro de nome Ramanirari que governou desde 810 a 781, resultando daí ficarem os medos tributários da Assíria.

Tiglate-Pileser conquistou a Média e anexou-a ao seu império. Quando Sargom tomou Samaria, 729 A. C., colocou israelitas nas cidades da Média. 2 Rs 17. 6; 18. 11. Pelo ano 710, os medos foram mais completamente conquistados por Sargom que lhes impôs um tributo de seus famosos cavalos. Senaqueribe também se gaba de receber tributos da Média, e Assaradom pôs sobre ela governadores seus. Em tudo isso não se encontram traços que nos levem a acreditar que os medos constituíssem uma nação unida sob o governo de um rei, em desabono ao que afirma Heródoto, 1. 96 e seguintes.

Sob o governo de Faortes, 655-633 A. C. a Média chegou a ser uma potência formidável. No ano 625 seu filho Ciaxares aliou-se com Nabopolassar de Babilônia, tomou Nínive, dando fim ao grande império assírio, cp. Antig. 10. 5, 1. Os vencedores dividiram o império entre si. Ciaxares ficou com a Assíria própria e com os países que dela dependiam, situados ao norte e a noroeste. O casamento de Nabucodonosor, filho de Nabopolassar, com Amiites, ou Amitis, filha de Ciaxares, cimentou a aliança da Babilônia com a Média, fortalecendo grandemente ambas as monarquias.

Pela morte de Ciaxares em 593, seu filho Astiages subiu ao trono. Pelo ano 550, quando Astiages já era avançado em anos, os persas, cujo país ficava ao sul e a sudeste da Média, revoltaram-se sob a direção de Ciro, que se fez rei da Média e da Pérsia. Os conquistadores e os conquistados pertenciam à mesma raça ariana, e constituíram o reino Medo-Persa. No ano 330, a Média passou para o império de Alexandre. Depois da morte deste conquistador, uniu-se à Síria, 1 Mac 6. 56, e mais tarde incorporou-se ao império Parta.

Nas Escrituras dos hebreus, os medos aparecem como uma das nacionalidades que participaram da tomada de Babilônia, Is 13. 17, 18; cp. Jr 51. 11, 28. O Elã e a Média figuram como sendo os países donde viriam os seus conquistadores, Is 21. 2, 9. Quando se deu a queda da grande cidade, efetuada por Ciro em 539 A. C., Dario, medo, tomou o reino de Babilônia, Dn 5. 31; cp. 28. O império Medo-Persa é o segundo reino, Dn 2. 39, a alimária semelhante a um urso, 7. 5, e o carneiro que tinha dois cornos levantados, 8: 3-7,20. Um dos cornos era maior do que o outro, crescendo pouco a pouco, v. 3; em outras palavras, o poder da Média veio primeiro, mas a Pérsia, vindo depois, o excedeu.

MEDICINA

O Egito, em tempos remotos, já possuía médicos de nomeada. Ciro, rei dos persas, mandou buscar um médico oculista ao Egito, e Dario tinha médicos desta nação em Susa, Heród. 3. 1, 129. Cada moléstia tinha o seu especialista, Heród. 2. 84. Embalsamavam cadáveres, Gn 50. 2, tratavam de moléstias dos olhos e dos pés, Heród. 3. 1, 129, e as mulheres davam excelentes parteiras, Êx 1. 15. O Egito fabricava medicamentos. Jr 46. 11. A palavra química deriva-se talvez de *Kam-i*, nome antigo do Egito. Na Grécia, os médicos de Crotona, gozavam da mais alta reputação: em segundo lugar, estavam os de Cirene, Heród. 3. 131. Médicos e farmacêuticos aparecem na história dos hebreus desde tempos remotos, a começar com o êxodo do Egito, Êx 15. 26; 2 Cr 16. 12; Jr 8. 22; Mt 9. 12; Mc 5. 26; Guerras 2. 8, 6; e Ex 30. 35; Ne 3. 8; Ec 10. 1; Eclus. 38. 8. Os meios e os remédios empregados para realizar as curas consistiam em ataduras, Is 1. 6, aplicações de azeite, de azeite e vinho, unções com óleo, Is 1. 6; Lc 10. 34; Tg 5. 14; Guerras 1. 33, 5, pastas de figos e resinas, 2 Rs 20. 7; Jr 8. 22, frutos e folhas, Ez 47. 12; Guerras 2. 8, 6, e vinho, 1 Tm 5. 23. "O Senhor criou na terra os remédios; o homem prudente não se desagradará deles", Ecclus. 38. 4.

MEDIDAS

I. MEDIDAS DE COMPRIMENTO

Unidade principal, cúbito ou côvado igual a 18 polegadas, ou 0,555 milímetros.

4 dedos = a largura da mão; ou mão travessa;

3 larguras da mão = 1 palmo;

2 palmos = 1 cúbito; ou côvado.

O dedo equivalia a ¾ de polegada.

No período grego-romano as unidades para as grandes distâncias eram a milha e o estádio.

5.000 pés formavam a milha romana = 1.478,7 metros, igual a 4.851,43 pés ingleses. Oito *Stadia*, Lc 24. 13, correspondia a uma milha. Teoricamente o *stadion* era igual a 600 pés gregos, ou 625 romanos, que viria a ser o comprimento da pista em Olímpia.

II. MEDIDAS DE SUPERFÍCIE

Jeira é a tradução da palavra hebraica *Semed*, jugo e de *Maanah*, sulco, 1 Sm 14. 14; Is 5. 10. O *actus*, romano, tinha 120 pés romanos de comprimento, e o *iugerum*, jugo, era um trato de terra que tinha dois *actus* de comprimento por um de largura, menos de 2/3 de uma jeira. É possível que a jeira dos hebreus não fosse muito diferente da nossa, i. é, em medida decimal: ares 40.4671.

III. MEDIDAS DE CAPACIDADE

A unidade das medidas para secos era o *efa* e o *bato* para líquidos, ambas de igual capacidade, Ez 45. 11, equivalentes a 29.l376.

MEDIDAS PARA LÍQUIDOS

12 sextários, iguais a 1 him;
6 hins, iguais a 1 bato;

10 batos, iguais a 1 ômer, ou coro, Ez 45. 14.

A *metreta* dos gregos, Jo 2. 6, tinha a capacidade de 39.l39, em Atenas.

MEDIDAS PARA SECOS

6 cabos, iguais a 1 coro
3 coros, ou medidas
10 ômeres
} = 1 efa (Ex 16. 36; Nm 15. 4, Setenta).

10 efas iguais a 1 ômer (Ez 45. 11).

O cabo era equivalente a 1.l632.

A palavra grega *choinix*, que Figueiredo traduz oitava e a V. B. queniz, era igual a 1.l094 (Ap 6. 6).

O módio dos romanos, que Figueiredo diz alqueire, era igual a 8l"64.

MEDO

Nome de pessoa natural da Média, ou habitador dela, 2 Rs 17. 6; Et 1. 19; Is 13. 17; Dn 5. 28, 31.

MEETABEL, *Deus abençoa.*

1. Nome da mulher de Adar, rei de Edom, Gn 36. 39; 1 Cr 1. 50.

2. Nome do pai de certo Dalaías, Ne 6. 10.

MEFAATE, *Beleza.*

Nome de uma cidade da tribo de Rúben, Js 13. 18, que foi dada aos levitas da família de Merari, 21. 37; 1 Cr 6. 79. No tempo de Jeremias esteve em poder dos moabitas. Situação ignorada.

MEFIBOSETE, *Vergonha destruidora.*

1. Nome de um dos filhos do rei Saul e de sua mulher Rispa, filha de Aiá, que foi executado a instâncias dos gibeonitas, 2 Sm 21. 8, 9.

2. Nome de um dos filhos de Jônatas. Tinha cinco anos, quando seu pai e seu avô encontraram a morte no monte de Gilboa. Tomada de pânico, a sua ama o levou nos braços e fugiu com elé; na sua corrida, deixou-o cair, ficando aleijado de ambos os pés, 2 Sm 4. 4. Por muito tempo viveu em Lodabar, ao oriente do Jordão, de onde o foi tirar o rei Davi, para tê-lo na sua corte, mostrando-se para com ele de muita benignidade por ser filho de Jônatas; restituiu-lhe todos os campos de Saul, e deu-lhe lugar à sua mesa, 9. 1-13. Durante a revolta de Absalão permaneceu em Jerusalém e foi acusado pelo seu criado Siba de ser desleal para com o rei. Davi acreditou na denúncia e deu a Siba o que pertencia a Mefibosete. Depois do regresso de Davi para Jerusalém, Mefibosete tentou justificar-se, pelo que Davi mandou dar-lhe a metade dos bens de que o havia privado, mas ele não desejava receber cousa alguma e só queria que o deixassem ir em paz para sua casa, 16. 1-4; 19. 24-30.

Mefibosete tinha um filho chamado Mica, 9. 12, em que se perpetuou a raça de Jônatas. Em 1 Cr 8. 34 e 9. 40, chama-se Miribaal, que quer dizer, o Senhor se opõe; ou talvez, se opõe contra Baal. É provável que o seu nome primitivo seja *bosheth*, vergonha, que foi substituído por Baal, senhor, por escritores mais recentes, quando a palavra Baal havia perdido a significação odiosa da idolatria.

MEGIDO, *Lugar de tropas.*

Nome de uma cidade importante da Palestina, tomada por Totmés III, rei do Egito, no segundo ano de seu govêrno. Quando os israelitas entraram em Canaã, a cidade tinha um rei que foi morto por Josué, Js 12. 21. Ficava dentro dos limites da tribo de Issacar, mas foi distribuída à tribo de Manassés, que, no entanto, deixou de expulsar os cananeus seus habitantes, 17. 11; Jz 1. 27; 1 Cr 7. 29. Possuía águas nas suas vizinhanças, Jz 5. 19, e não distava muito de Tanaque e de Bete-Sã, 1. 27; 1 Rs 4. 12. Salomão a fortificou, juntamente com outras cidades, 9. 15. Ocozias, rei de Judá, ferido pelos partidários de Jeú, refugiou-se em Megido e ali morreu, 2 Rs 9. 27. Nas planícies, perto da cidade, travou-se a batalha entre Faraó Neco e Josias, em que este perdeu a vida, 23. 29; 2 Cr 35. 22. A morte do bom rei Josias, foi muito sentida, 2 Cr 35. 25; Zc 12. 11. O nome de Magedo entra na composição da palavra Armagedom. Robinson e, 500 anos antes dele, Moisés *hap-Parchi* davam a existência de Megido em *el-Lejjun*, situado sobre o principal tributário do Cisom, a 16 quilômetros a oeste de Jezreel.

Thomson acha que o local deve ser em *Tell el-Mutaselim*, a menos de 2 quilômetros ao norte de *el-Lejjun*. Revelam as recentes escavações que a cidadela coroava a eminência assinalada por *Tell el-Mutaselim*, enquanto que o campo da legião que os romanos haviam destacado para Megido, estava a cinco minutos a pé, distante da aldeiola conhecida pelo nome de *el-Lejjun* que conserva o nome latino, e onde se encontraram tabletes contendo o carimbo da sexta legião. Este lugar tinha muita importância estratégica, visto que dominava a passagem para as montanhas entre as planícies do Sarom e de Esdraelom.

MEIDA, *União.*

Nome do fundador de uma família de natineus, da qual alguns membros voltaram do cativeiro, Ed 2. 43, 52.

MEIR, *Preço.*

Nome de um homem de Judá, 1 Cr 4. 11.

ME-JARCOM, *Água amarela.*

Nome de um lugar da terra de Dã, perto de Jope, Js 19. 46. Kiepert e Conder dizem que ficava onde hoje se acha o rio Aujá. Este rio nasce em um banhado e corre por entre canaviais, salgueiros, juncos e paúis, e depois entra em um canal profundo, de cujas margens se desprendem detritos vegetais em quantidade tal que tingem de amarelo as águas. Daqui lhe vem o nome de Me-Jarcom. A corrente nunca seca, e na estação invernosa não dá passagem. Lança-se no Mediterrâneo a cêrca de seis quilômetros ao norte de Jope.

MEL

Fluído espêsso, de gosto agradável, doçura peculiar, colhido pelas abelhas, nas flores e nos frutos e depositado em favos de que se formam as colmeias, Jz 14. 8; Sl 19. 10. O mel era muito apreciado pelas suas qualidades nutritivas, Gn 43. 11; 2 Sm 17. 29, comido no estado em que se encontra nas colmeias ou preparado de vários modos, Ex 16. 31; 1 Sm 14. 26. O mel silvestre era depositado pelas abelhas nas fendas das rochas, no oco das árvores e em vários outros lugares, Dt 32. 13; Jz 14. 8; 1 Sm 14. 25; Mt 3. 4. Por causa de ser sujeito a fermentar, não se podia usar dele nos sacrifícios do Senhor queimados em cima do altar, Lv 2. 11. Os hebreus faziam mel artificial, preparado com tâmaras, Guerras 4. 8-3.

A terra de Canaã é descrita como terra onde correm arroios de mel e de leite, Ex 3. 8, 17.

MELÃO

Nome de uma planta suculenta que produz frutos saborosos. A palavra original é *abattiah*. Os hebreus, durante a sua estada no Egito, apreciavam esta fruta, Nm 11. 5. Os egípcios cultivavam tôda sorte de melões, e bem assim, as melancias, *Cucumis citrullus*, que ainda hoje se dão muito bem no solo africano.

MELATIAS, *Jeová libertou.*

Nome de um gabaonita que ajudou a consertar uma parte do muro de Jerusalém, Ne 3. 7.

MELEA

Nome de um dos antecessores de Cristo, que viveu logo depois de Davi, Lc 3. 31.

MELEQUE, *Rei.*

Nome de um dos filhos de Mica, descendente de Saul e de Jônatas, 1 Cr 8. 35; 9. 41.

MELQUI, *Jeová é rei.*

Nome de dois antecessores de Cristo, que existiram, um antes, e outro depois de Zorobabel, Lc 3. 24, 28.

MELQUISEDEQUE, *Rei de justiça.*

Nome de um rei de Salém e sacerdote do Altíssimo, Gn 14. 18 e seg. Salém é o antigo nome de Jerusalém e quer dizer: 1. Que a cidade já existia e era governada por um rei, antes da conquista de Canaã pelos israelitas. 2. Que o nome Jerusalém significa cidade, ou segundo o modo hebraico de entender, fundamento de paz, ou segurança, de que Salém é uma abreviação. 3. Que Salém se emprega como sinônimo de Jerusalém no Sl 76. 2. 4. Que a comparação do Senhor de Davi com Melquisedeque no Sl 110. 4, é a mais apropriada, visto que Melquisedeque foi rei da mesma cidade em que Davi também o foi. 5. Que

Jerusalém se acha no caminho de Hobá e Damasco para Hebrom, lugar para onde se dirigia o patriarca Abraão.

Melquisedeque, como é descrito na epistola aos Hebreus 5. 10; 6. 20; e cap. 7, não tinha pai nem mãe, nem genealogia. Quer isto dizer que a sua ascendência era ignorada, cp. Ed 2. 59, 62. Este modo de dizer era muito familiar aos escribas assírios e também usado pelos rabinos da Judéia e conhecido aos escritores gregos e latinos. Diz-se mais que não teve princípio de dias, nem fim de vida, permanece eternamente.

Emerge repentinamente do desconhecido e do mesmo desaparece: não se sabe donde veio e para onde vai, ignora-se o seu nascimento e a sua morte: é o tipo do sacerdócio eterno.

Melquisedeque era sacerdote do Deus Altissimo. *Elelyon* é palavra que aparece na teogonia dos fenícios representando Saturno, criador dos céus e da terra (*Sanchoniathon*, citado por Euzébio, Praep. 1. 10). Se este *Elelyon*, não representa a concepção que Melquisedeque tinha do Deus único, deve referir-se ao Deus supremo, o Deus dos deuses, idéia muito elevada, ainda que não seja de puro monoteísmo.

Melquisedeque saiu de sua cidade real para encontrar-se com Abraão quando voltava da matança dos reis e o abençoou. O patriarca reconheceu nele um sacerdote do verdadeiro Deus, e publicamente deu testemunho de ser participante da mesma fé, ao qual deu o dízimo de todas as cousas, como representante do Deus Altíssimo, que atribuia a vitória alcançada por Abraão ao Criador dos céus e da terra, cp. At 10. 35. O autor da epístola aos Hebreus mostra quão grande personagem era Melquisedeque a quem o próprio Abraão, e por meio dele, virtualmente, o mesmo Levi pagou dízimos, confessando por este modo que lhe era inferior. Quando, pois, assumiu as funções de sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque, excedeu a dignidade do sacerdócio arônico.

MEME

Nome da décima terceira letra do alfabeto hebreu. O *m* do nosso alfabeto tem a mesma origem. A décima terceira secção do salmo 119 é assinalada por esta letra. Cada secção dêste salmo é precedida por uma letra do alfabeto hebreu. Existem letras neste alfabeto que tem formas que se confundem com o *mem*, ocasionando sérios embaraços aos copistas. Veja *beth*, para exemplo, bete.

MEMUCÁ

Nome de um dos sete príncipes da Pérsia e da Média assistentes na corte de Assuero e que viam a face do rei. Este foi um dos conselheiros adversos à rainha Vasti, Et 1. 14, 15, 21.

MENÁ

Nome de um dos antecessores de Cristo, que viveu pouco depois do tempo de Davi, Lc 3. 31.

MENAEM, *Consolador*.

Nome de um dos filhos de Gadi, que veio de Tirza a Samaria e investiu com Salum, filho de Jabés e o matou, reinando em seu lugar, 2 Rs 15. 14. A cidade de Tapsa recusou dar-lhe entrada, e, por isso, ele a tomou, exercendo as maiores crueldades contra os seus habitantes, v. 16. Pul, melhor conhecido pelo nome de Tiglate-Pileser, invadiu o país. O trono de Manaém vacilava, custando-lhe a soma de 1.000 talentos de prata, quase dois milhões de dólares, para não ter as suas terras devastadas e perder o trono. O dinheiro para o grande resgate foi levantado entre as pessoas ricas que tiveram de pagar um imposto *per capita* de 50 ciclos, cerca de 32.50 dólares. Quer isto dizer que seriam necessários mais de 60.000 judeus em condições de pagar tão pesado imposto. Segundo as inscrições das esculturas assírias, Tiglate-Pileser tinha a Minúmum (Manaém de Samaria) como um dos seus tributários. Em religião, seguia a adoração do bezerro que seus antecessores haviam estabelecido. Reinou dez anos, 747-38, e Pecaías, seu filho, subiu ao trono, 2 Rs 15. 17, 22.

MENE

Primeira palavra da inscrição feita por uns dedos como de mão de homem que escrevia defronte do candeeiro, na superfície da parede da sala do rei Belsazar, quando se banqueteava com os grandes da sua corte. *Mene, Tequel* e *Farsim*, Dn 5. 25, palavras do aramaico, cuja tradução é a seguinte: Contados, contados, pesado, dividido. *Farsim* é o plural do nome *peres; Mene* é o particípio passivo regular do seu verbo; *Tequel* é igualmente considerado como um particípio passivo, com a vocalização tradicionalmente dada a êle pela mudança de *tekil* para *tekel*, para conformar-se com o som de *mene*. Estas letras não foram vocalizadas conforme a inscrição da parede, podiam ser pronunciadas de vários modos. Mesmo que um dos sábios fosse capaz de dar uma pronúncia correta, como é possível, ainda assim, teria de estabelecer entre elas uma ligação de sentido que as interpretasse. Daniel explicou o enigma, 25-28. Para se ver quão difícil seria determinar a verdadeira pronúncia das palavras, basta considerar o que alguns teólogos têm dito em referência a *Mene* como a expressão absoluta do nome *manya, maneh*, devendo ler-se: "*Um maneh, um maneh*, um *shekel* e *meio manehs* ou Contados têm sido um *maneh*, um *shekel* e meios *manehs*." As palavras lidas deste modo, dão algumas vezes a entender que simbolizam sob a figura de pesos, que uma pessoa de alta dignidade (Nabucodonosor, o fundador virtual do império) havia tido na pessoa de Belsazar um representante inferior a si, e que o império ia ser dividido em dois.

MÊNFIS, (Em egípcio, *Men-nefer, lugar do bem*.

Nome de uma importante cidade do Egito que Heródoto diz ter sido edificada por Menes, primeiro rei do Egito mencionado na história, cujo solo ele reclamou do Nilo. Estava situada na planície que ficava ao lado ocidental do grande rio, a uns dezoito quilômetros acima do ápice do delta. Foi metrópole e capital do Baixo Egito. Maneto considerou menfíticas as dinastias terceira, quarta, quinta, sétima e oitava. A divindade, especialmente adorada na cidade, era Ftás. Mênfis continuou a florescer mesmo depois de ser transferida a capital para Tebas, e não perdeu a sua importância senão depois da fundação de Alexandria. Os hebreus conheciam Mênfis pelo nome de Nofe do demótico *Men-nofi*, e também pelo nome Mofe de *Menf*, Is 19. 13; texto de Os 9. 6; cp, Mimpi assírio. Depois da queda de Jerusalém e do assassinato de Gedalias, os judeus que ficaram no país, fugiram para o Egito e se estabeleceram em Mênfis, Jr 44. 1. Jeremias e Ezequiel profetizaram contra ela, 46. 19; cp. também 2. 16 e 46. 14; Ez 30. 13, 16; cp. também Is 19. 13; Os 9. 6. Na Idade-Média ainda existia parte considerável desta cidade, que foi desaparecendo aos poucos, à medida que os materiais da velha metrópole eram transportados para as construções no Cairo. Extinguiu-se para sempre e em seu lugar, vêem-se duas pequenas aldeias. As vinte pirâmides da antiga necrópole e a célebre esfinge ainda falam da sua antiga grandeza.

MENTIRA

Dizer falsidades, Sl 5. 6.

MEOLATITA

Nome de um indivíduo natural de Meola, ou ali residente, 1 Sm 18. 19. Talvez seja a Abelmeola onde nasceu Elias.

MEONENIM

O carvalho dos adivinhadores. Ficava perto de Siquém, Jz 9. 37.

MEONOTAI, *Minhas moradas.*

Nome de um homem de Judá, e pai dos habitantes de Ofra, 1 Cr 4. 14.

MEQUERATITA

Nome de pessoa residente em Mequerá, ou relacionada com família de igual nome, 1 Cr 11. 36. Não se conhece pessoa nem lugar que tenha êste nome. Esta passagem deve ser comparada com 2 Sm 23. 34.

MERABE, *Aumento.*

Nome da filha mais velha de Saul, 1 Sm 14. 49, que seu pai havia prometido dar por espôsa a Davi. Quebrando a palavra, deu-a a Adriel meolatita, 18. 17-19. Cinco filhos desta mulher foram entregues aos gabaonitas que os mataram por causa do pecado de Saul, 2 Sm 21. 8.

MERAIAS, *Contumácia.*

Nome de um sacerdote chefe da família de Seraías, nos dias de Joiaquim, na geração que se seguiu ao exílio, Ne 12. 12.

MERAIOTE, *Rebeliões.*

1. Nome de um sacerdote, filho de Zeraías, 1 Cr 6. 6, 7, 52, que viveu no tempo em que Eli esteve de serviço no tabernáculo, 1 Cr 6. 6, 7, 52.

2. Nome de um sacerdote, filho de Aquitobe e pai de Zadoque, da linha sacerdotal, 1 Cr 9. 11; Ne 11. 11. Parece que viveu cinqüenta anos antes do exílio.

3. Nome de um chefe de família, e um dos príncipes entre os sacerdotes nos dias de Joiaquim, Ne 12. 15.

MERARI, *Amargoso, infeliz.*

Nome de um dos filhos de Levi, e fundador de uma das três famílias levíticas, Gn 46. 11; Êx 6. 16; Nm 26. 57.

MERARITAS

Nome de uma das três grandes famílias da tribo de Levi, descendentes de Merari, que se acamparam no deserto, na parte setentrional do tabernáculo, Nm 3. 35, e que tinha a seu cargo a guarda das tábuas, dos varais, das colunas e suas bases, das colunas que cercam o átrio com as suas bases e as estacas com as suas cordas, tudo pertencente ao tabernáculo, sob a direção de Itamar, filho mais môço de Arão, 3. 36; 4. 29-33. Para facilitar o transporte de todo material, deram-lhes quatro carros e oito bois, 7. 8. Estes merarítas subdividiram-se em moolitas e musitas, 3. 20, 33. Quando se fêz o primeiro recenseamento no deserto, o número de machos de um mês e daí para cima, era de 6.200 (33, 34), número menor que das outras famílias de Levi. Destes, 3.200 eram de 30 a 60 anos de idade, 4. 42-45, número proporcionalmente maior do que o das outras famílias. Foram-lhes dadas doze cidades, quatro na tribo de Zebulom, quatro na tribo de Rúben e quatro na tribo de Gade uma das quais, a de Ramote de Gileade, servia de cidade de refúgio, Js 21. 34-40; 1 Cr 6. 63, 77-81. Estes filhos de Levi foram reorganizados por Davi, 1 Cr 23. 6, 21-23. Tinham a sua parte com os demais levitas no coro musical do santuário, exercendo seis dos vinte e quatro ofícios, 1 Cr 6. 31, 44; 25. 3. Alguns dos membros desta família encontram-se entre os reformadores que ajudaram Ezequias a purificar o templo, 2 Cr 29. 12, e uma notável companhia, ainda que pequena, voltou do exílio com Esdras, para Jerusalém, Ed 8. 18, 19.

MERATAIM, *Duplicada rebelião.*

Nome simbólico de Babilônia, Jr 50. 21.

MERCADO DE OVELHAS, Veja *Jerusalém, II,* 3.

MERCÚRIO

Divindade adorada pelos romanos e pelos gregos sob o nome de Hermes. Era o arauto dos deuses, e especial assistente de Júpiter. Bom orador e muito lépido, atribuíam-lhe a invenção das letras e da música e de outras artes. O povo da cidade de Listra pensava que Paulo e Barnabé eram deuses que haviam baixado à terra, quando efetuaram a cura do paralítico. E como S. Paulo era o que tinha a palavra, julgaram que fôsse Mercúrio, e que Barnabé seu companheiro fôsse o deus Júpiter, At 14. 12. Ver *Hermes.*

MEREDE, *Rebelião.*

Nome de um dos filhos de Ezra, que foi reconhecido como pertencente à tribo de Judá. Casou com Bitia, filha de Faraó, 1 Cr 4. 17, 18.

MEREMOTE, *Elevações.*

1. Nome de um dos sacerdotes que voltaram de Babilônia com Zorobabel, Ne 12. 3, 7. Na geração seguinte, aparece o nome Maraiote, como chefe de uma família de sacerdotes, enumerado na posição correspondente ao catálogo, 15. Um dos dois nomes com certeza está errado, pela confusão do *mem* com o *jod.*

2. Nome de um sacerdote, filho de Urias, encarregado de pesar a prata e o ouro trazidos de Babilônia por Esdras, Ed 8. 33. Reparou uma parte do muro de Jerusalém, Ne 3. 4-21. Talvez seja o mesmo que assinou o concerto com Neemias, 10. 5.

3. Nome de um dos filhos de Bani, induzido por Esdras a desquitar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 36.

MERES

Nome de um dos sete príncipes da Pérsia, que podia ver a face do rei no tempo de Assuero, Et 1. 14.

MERETRIZ, PROSTITUTA, Gn 38. 15; Lv 21. 7; Dt 23. 18; Js 2. 1; Jz 16. 1. Entregar-se a uma meretriz, ou acompanhar uma prostituta, quer dizer em sentido bíblico, ir atrás de uma amante. Figuradamente aplica-se àqueles que se apartam de Jeová, entregando-se ao culto de outros deuses, Jr 2. 20; 3. 1; Ez 16. 15; 23. 5.

MERIBÁ, *Contenção.*

1. Meribá é nome comum, usado uma vez e talvez muitas mais, no final da palavra Massá, designando certo lugar do Horebe, perto de Rafidim, onde o povo se levantou contra Moisés, por não ter água para beber, e onde o Senhor lhe deu a beber água da rocha, Êx 17. 1-7. Este nome Meribá não se encontra na Vulgata, mas encontra-se em outras versões antigas.

2. Nome de uma segunda localidade, em Cadesbarnéia, no deserto de Zim, onde também o povo se levantou contra Moisés e contra Jeová, pedindo água, que lhe foi dada miraculosamente, brotando da rocha, Nm 20. 3, 13, 24; 27. 14; Dt 32. 51. As águas desta Meribá, que a versão de Figueiredo chama Água da Contradição, encontram-se referidas no Sl 106. 32, em Ez 47. 19 e 48. 28. Há outra referência a este local no Sl 81. 7, onde se diz que Deus fez prova de seu povo junto à água da contradição, e em Dt 33. 8, onde Deus prova a Levi. Neste lugar a palavra Meribá é acompanhada com a palavra Massá, no original, como igualmente no Sl 95. 8. Deve notar-se que não existe nada de extraordinário atendendo às circunstâncias em que se deram as queixas do povo pela falta de água, que se fez sentir uma, duas ou três vezes, em diferentes lugares completamente distanciados entre si, e em tempos diferentes. O proceder de Moisés difere muito em ambas as ocasiões.

MERODAQUE, Em assírio e babilônico, *Marduk.*

Divindade padroeira de Babilônia, Jr 50. 2. Veja *Bel.*

MEROM, *Lugar alto.*

Junto às águas de Merom, Josué derrotou os reis do norte de Canaã e os seus aliados, Js 11.

Lago HUTÉ, talvez as águas de Meroni

5-7, que, segundo a tradição, se acamparam perto de Berote, na alta Galiléia, pouco distante de Cades, Antig. 5. 1-17. Estas águas têm sido identificadas com um lago perto do Jordão a 20 quilômetros ao norte do mar de Galiléia, ou com as correntes que dele derivam. Este lago tem cerca de oito quilômetros de comprimento por cerca de seis de largura; a sua superfície está a 227 metros acima do mar de Galiléia. É quase certo que seja o corpo de águas que Josefo denomina lago Semeconitis, Antig. 5. 5, 1; Guerras 4. 1, 1. Ocupa a parte meridional de uma bacia alagada que tem cerca de 28 quilômetros de comprimento por 10 de largura. Esta bacia tem hoje o nome de Hulé, e o lago chama-se Baeiré el-Hulé, ou lago de Hulé. Este nome é árabe e designa também a planície ao sul de Hamate, que talvez seja um eco do nome do distrito de Ulata, situado entre a Traconitis e a Galiléia, Antig. 15. 10, 3.

MERONOTITA

Habitante de Meronote, 1 Cr 27. 30; Ne 3. 7. Não identificada.

MEROZ, *Lugar de refúgio.*

Nome de uma cidade que não auxiliou os israelitas no combate contra Sísera, Jz 5. 23. Dois lugares parecem indicar, onde existiu: *el-Murussus*, nome das ruínas existentes a 8 quilômetros a noroeste de Bete-Sã ou *Kefr Misr*, na encosta meridional do monte Tabor, a 11 quilômetros a noroeste de *el-Murussus*.

MÊS

No Egito, os israelitas se familiarizaram com o ano de doze meses de trinta dias cada um, com mais cinco dias adicionais para se conformarem com o ano solar de 365 dias, Heród. 2. 4. Este modo de contar é confirmado pela narração do dilúvio, Gn 7. 11-24; 8. 3, 4. Posteriormente, parece que os hebreus adotaram o mês lunar, como se depreende do sentido das duas palavras de que se forma a palavra mês, que denotam, respectivamente, lua nova e lunação, indicando o modo primitivo de contar o tempo; depreende-se igualmente de passagens tais como Gn 1. 14; Sl 104. 19; Eccles. 43. 6-8; da observância dos dias da lua nova por meio de ofertas especiais a Jeová, Nm 10. 10; 28. 11-14; 2 Cr 2. 4, e da coincidência entre a páscoa, celebrada sempre na tarde do décimo quarto dia do mês, e a lua cheia, Sl 81. 1-5; Antig. 3. 10, 3, 5; 4. 4, 6. A lunação exige um pouco mais de vinte e nove dias e meio. Os meses, portanto, têm a média de vinte e nove e trinta dias alternadamente. Porém quando se fala em meses, entende-se sempre o período de trinta dias, cp. 20. 29; Dt 34. 8 com 21. 13. Os meses distinguiam-se por meio de números. Os nomes dos primeiros quatro meses hebraicos encontram-se em as narrações da Bíblia referentes ao período que precedeu o cativeiro. O primeiro mês chamava-se Abibe, Êx 13. 4, etc.; o segundo mês, Zife, 1 Rs 6. 37; o sétimo, Etanim, 8. 2, e o oitavo, Bul. 6. 38. Depois do cativeiro, designavam os meses pelos nomes em uso comum entre os babilônios e outros povos semíticos.

MESA, *Salvação.*

1. Nome de um homem de Judá, da família de Hesrom da casa de Calebe, pai dos habitantes de Zife, 1 Cr 2. 42.

2. Nome de um rei de Moabe, que pagava ao rei Acabe um tributo de cem mil cordeiros e cem mil carneiros com os seus velos, 2 Rs 3. 4. O rei de Israel foi morto na batalha de Ramote de Gileade, 854 A. C., provavelmente no princípio do inverno, "no tempo em que os reis saiam para a guerra", e Azarias subiu ao trono. A derrota de Judá e de Israel em Ramote de Gileade e a morte de Acabe, deram ocasião a Mesa para recusar-se a pagar tributos no segundo ano do reinado de Azarias, Antig. 9. 2, 1; 2 Rs 1. 1. Josafá, rei de Judá, voltando de Ramote de Gileade para Jerusalém, deu começo a reforma religiosa da nação, 2 Cr 19. Em seguida, os amonitas e os moabitas aliados aos edomitas, invadiram o reino de Judá. Josafá derrotou os aliados e sujeitou Edom, seguindo-se uma época de paz, 30. O rei Azarias morreu no fim deste ano, em dezembro, ou em janeiro do ano seguinte, subindo ao trono seu irmão Jorão, 2 Rs 1. 17. No ano 852, Jorão quis sujeitar Moabe, a pagar tributos e pediu auxílio a Josafá 3. 7. Este último queria castigar os moabitas ainda mais, por terem invadido o seu reino, e, portanto, apesar de haver sido repreen-

dido por se ter aliado com o impio Acabe e Azarias, aceitou o pedido, por ter Jorão dado sinais de piedade, executando considerável reforma, 2. Jorão avançou com os seus confederados. Josafá junto com um rei de Edom, rodeou a parte sul do Mar Morto. Os exércitos aliados pereciam à sede, mas Eliseu mandou que abrissem trincheiras para receberem águas. Logo pela manhã as águas correram e encheram o vale. Os raios do sol nascente iluminaram as águas de vermelho. Os moabitas, julgando que estavam tintas de sangue derramado em luta entre os próprios aliados, marcharam sôbre o campo de Israel; mas os israelitas, levantando-se, bateram os moabitas, que fugiram à sua vista, destruíram as cidades e encheram de pedras os mais férteis campos, 24, 25, 26. Vendo o rei de Moabe que os inimigos prevaleciam, tomou consigo setecentos homens de guerra, que investissem o rei de Edom, mas eles não puderam. O rei Mesa, pegando em seu filho primogênito que havia de reinar depois dele, o ofereceu em holocausto sobre o muro. Os israelitas ficaram em extremo indignados e logo se retiraram dele, julgando-se responsáveis por aquele sacrifício humano e que haviam incorrido na ira de Deus; voltaram para sua terra, sem subjugar a Moabe, 25-27. A Pedra Moabita regista este fato histórico, comemorando a revolta e os resultados que dela decorreram. Veja *Pedra Moabita*.

MESA, *Retiro.*

Nome de um benjamita, filho de Saaraim e de sua mulher Hodes, 1 Cr. 8. 8, 9.

MESALOTE. Derivado de *mesillot*, palavra hebraica, que significa *subidas, escadas*.

Nome de um lugar do distrito de Arbela, 1 Mac 9. 2. Pensa o historiador Josefo que este lugar era uma região de cavernas fortificadas, existentes em Arbela, na Galiléia, acessível por meio de escadas, Antig. 12. 11, 1.

MESAQUE

Nome que o eunuco mor de Babilônia deu a um dos três fiéis judeus que mais tarde foram lançados na fornalha ardente, de onde saíram ilesos, Dn 1. 7; 2. 49; 3. 13-30.

MESELEMIAS, *Jeová recompensa.*

Nome de um levita, da família de Coate da casa de Isaar e de Corê. Ele e seus filhos exerceram o cargo de porteiro do santuário, 1 Cr 9. 21; 26. 1. No cap. 26. 14 tem o nome de Selemias.

MESEQUE

Nome de um povo, descendente de Jafé, Gn 10. 2, que negociava em escravos e em vasos de metal, nos mercados de Tiro, Ez 27. 13. Era aliado de Tubal, e aliado ou sujeito a Gogue, príncipe de Meseque e de Tubal, Ez 32. 26; 38. 2, 3; 39. 1. Os nomes de Meseque e de Tubal encontram-se associados nas inscrições assírias como se acham na Bíblia. Nos dias de Tiglate-Pileser, 1120 A. C. e nos dias de Salmanasar, 859-825, a terra de Muscu, que é Meseque, estava situada nas montanhas ao norte da Assíria e nos limites de Tabal, que é Tubal, a oeste. Gradualmente lançava-se para o norte avizinhando-se do Mar Negro. Heródoto denomina as duas raças, Moscói e Tibarenói, como estabelecidas a sudeste do Mar Negro, Heród. 3. 94; 7. 78. Os Moscói habitavam entre as cabeceiras do Fásis e do Cirus, Plínio, 6. 4.

MESEZABEL, *Deus liberta.*

1. Nome do pai de certo Baraquias, Ne 3. 4.

2. Nome de um dos que assinaram o pacto com Neemias, Ne 10. 21.

3. Nome de um homem de Judá, da família de Zara, Ne 11. 24.

MESILEMOTE, *Recompensa.*

1. Nome de um homem de Efraim, pai de Baraquias, que falou a favor da liberdade dos cativos que o exército de Peca trouxe de Judá, 2 Cr 28. 12.

2. Nome de um sacerdote descendente de Imer, Ne 11. 13. Em 1 Cr 9. 12 tem o nome de Mesilemite.

MESOBABE, *Restaurado.*

Nome de um dos príncipes da tribo de Simeão que saíram para se apoderar de Gador, até ao oriente do vale em busca de pastos para os seus gados, 1 Cr 4. 34-41.

MESOPOTÂMIA, *Terra entre rios.*

Tradução emprestada dos Setenta para os hebreus em troca da palavra *Aramnaharaim*. Veja *Arã* 2, (1). É nome grego que aparece depois do reinado de Alexandre, o Grande. Os geógrafos gregos e romanos designavam, por este termo, toda a região entre o Eufrates e o Tigre, excluindo as regiões montanhosas, onde se acham as cabeceiras de ambos os rios e em geral, também as planícies inferiores de Babilônia em outra direção. Por estes limites vê-se que a parte superior é montanhosa e fértil, e a inferior, especialmente para as bandas do Tigre, é um deserto salgado. A Mesopotâmia tem hoje o nome de Jezirê que os árabes lhe deram, e quer dizer ilha.

Alguns dos habitantes da Mesopotâmia assistiram, no dia de pentecostes, à descida do Espírito Santo, At 2. 9. Em seu discurso, S. Estêvão inclui Ur dos Caldeus na Mesopotâmia, 7. 2.

MESSA

Nome do limite, em uma direção, do território ocupado pelos descendentes de Joctã, Gn 10. 30. Não identificado. Pensam alguns ser algum dos seguintes lugares: Mouza na costa oriental do Mar Vermelho, distante 185 quilômetros do estreito de Babel Mandebe; Bisca no *Yemen* setentrional; o distrito Mesene na extremidade ocidental do Golfo Pérsico e do Massá, cp. Setenta em Gn 25. 14.

MESSIAS, *Ungido.*

Palavra hebraica, correspondente à palavra grega *Christos*, aplicável a qualquer pessoa que era ungida com óleo santo, como o foi o sumo sacerdote, Lv 4. 3, 5, 16; 1 Sm 12. 3, 5, ou o rei, 2 Sm 1. 14, 16. Este título aplica-se aos patriarcas Abraão e Isaque, e a Ciro, rei dos persas, escolhidos para administrarem o reino de Deus, Sl 105. 15; Is 45. 1. Quando Deus prometeu a Davi que o trono e o cetro permaneceriam na sua família para sempre, 2 Sm 7. 13, a palavra ungido adquiriu uma referência especial aos representantes da linha real de Davi, Sl 2. 2; 18. 50; 84. 9; 89. 38, 51; 132. 10-17; Lm 4. 20; Hc 3. 13. Quando as profecias começaram a anunciar a vinda de um rei procedente da linhagem de Davi, que havia de ser o grande libertador de seu povo, Js 23. 5, 6, cuja geração é desde o princípio, desde a eternidade, Mq 5. 2-5, que se assentará sobre o trono de Davi para sempre, Is 9. 6, 7, a este pertence *par excellence* o título de Messias, Dn 9. 25, 26; *Targum Onkelos*, Nm 24. 17-19. Ultimamente a palavra Messias é tão comum em referência a Cristo, como a expressão Filho de Davi, Jo 1. 41; 4. 25.

A locução "profecia messiânica" compreende tôdas as profecias que tratam da pessoa de Cristo, da sua obra e de seu reino, quer mencionem o nome de Cristo, quer se refiram à salvação futura, à glória e consumação do reino de Deus, sem mesmo fazer menção do mediador. A expressão tempos messiânicos, não se refere exclusivamente ao período em que Cristo viveu na terra; compreende geralmente a dispensação que ele inaugurou e que dirige como rei e mediador, quer a consideremos no seu todo, quer em algum de seus aspectos.

MESULÃO, *Amigo.*

1. Nome de um benjamita, filho de Elpaal, 1 Cr 8. 17.

2. Nome de um governador entre os gaditas no reinado de Jotão, 1 Cr 5. 13 e 17.

3. Nome de um dos antecessores de Safã, escriba, 2 Rs 22. 3.

4. Nome de um sacerdote, filho de Sadoque, e pai do sumo sacerdote Helcias, que viveu no reinado de Josias, 1 Cr 9. 11; Ne 11. 11. Veja *Sellum*, 7.

5. Nome de um levita da família de Coate, que em companhia de outros, dirigiu os trabalhadores empregados na restauração do templo, em tempo de Josias, 2 Cr 34. 12.

6. Nome de um sacerdote, filho de Mesilemite, da casa de Imer, 1 Cr 9. 12.

7. Nome de um dos filhos de Zorobabel, 1 Cr 3. 19.

8. Nome de um benjamita, pai de Salo, 1 Cr 9. 7; Ne 9. 7.

9. Nome de outro benjamita, filho de Safatias, 1 Cr 9. 8.

10. Nome de um dos enviados por Esdras, ao rio Aava para trazer de lá levitas que viessem para Jerusalém, Ed 8. 16.

11. Nome de um daqueles que foram nomeados para promover a separação das mulheres estrangeiras que se haviam casado com israelitas, Ed 10. 15.

12. Nome de um dos filhos de Bani, induzido por Esdras a desquitar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 29.

13. Nome de um dos filhos de Baraquias que ajudou a reparar duas porções do muro de Jerusalém, na segunda das quais tinha defronte o seu gazofilácio, Ne 3. 4-30. Uma das suas filhas, casou-se com Joanã, filho de Tobias, amonita, 6. 18.

14. Nome de um dos filhos de Besodia, que, juntamente com Joiada, ao voltarem do exílio, edificaram a porta velha do muro de Jerusalém, Ne 3. 6.

15. Nome de um dos que estiveram à esquerda de Esdras, enquanto ele lia e explicava a lei ao povo, Ne 8. 4.

16. Nome de um sacerdote que tomou parte na assinatura do pacto como representante de sua família, Ne 10. 7.

17. Nome de um dos chefes do povo que assinaram o pacto com Neemias, Ne 10. 20.

18. Nome de um dos príncipes de Judá que tomaram parte no préstito da dedicação do muro de Jerusalém, Ne 12. 33.

19. Nome de um sacerdote, chefe da família de Esdras, nos dias do sumo sacerdote Joiaquim, Ne 12. 13.

20. Nome de outro sacerdote que no mesmo tempo foi chefe da família de Ginetom, Ne 12. 16.

21. Nome de um porteiro que serviu no tempo do sumo pontífice Joiaquim, Ne 12. 25.

MESULEMETE

Nome da mulher do rei Manassés e mãe do príncipe Amom, 2 Rs 21. 19.

METAIS

Os metais usados nos antigos tempos eram o ouro, a prata, o cobre, o ferro, o chumbo e o estanho, Nm 31. 2. Veja o artigo de cada um.

Parece que o antimônio se empregava para colorir as pálpebras e as sobrancelhas.

METEGAMÁ, *Rédeas da metrópole.*

Nome de uma cidade tomada por Davi aos filisteus, 2 Sm 8. 1. Parece referir-se a Gate e aos seus subúrbios, 1 Cr 18. 1.

METUSAEL, *Homem de Deus.*

Nome de um dos filhos de Mehujael, e pai de Lameque, Gn 4. 18, da raça de Caim.

MEUJAEL

Nome de um dos filhos de Irade, pai de Metusael, da raça de Caim, Gn 4. 18.

MEUMÃ, *Fiel eunuco;* se for aramaico, deriva-se de *mehaiman.*

Nome de um dos sete eunucos que serviam na presença do rei Assuero, Et 1. 10.

MEU MARIDO, *Meu esposo.*

Nome pelo qual os israelitas chamavam a Jeová quando voltaram a servi-lo, em substituição ao nome Baal, meu senhor, porque o nome Baal estava associado ao culto idólatra dos gentios, Os 2. 16, 17.

MEUNITAS, Plural de um adjetivo gentílico, derivado de Maom, denotando o povo deste lugar.

Nome de um povo cuja capital era provàvelmente a cidade de Maã, situada a 23 quilômetros a sudeste de Petra. Habitavam o monte Seir, 2 Cr 20. 1. Um troço destes homens foi batido pelos simeonitas, perto de Gador, onde eles habitavam como estrangeiros, 1 Cr 4. 39-41. O nome deste povo encontra-se junto com o dos filisteus e árabes, 2 Cr 26. 7. Alguns deles, talvez cativos de guerra, e seus descendentes, serviam no templo em Jerusalém, Ed 2. 50; Ne 7. 52.

O texto hebreu dá este nome em Jz 10. 12, onde os Setenta empregam a palavra Midiã. Os meunins são identificados pelos Setenta com os mineanos. Se for correta esta identificação, eles vêm a ser apenas uma colônia daquele povo.

MEU-POVO, Tradução da palavra hebraica *Ami* que quer dizer *meu-povo*. Os 2. 1.

ME-ZAABE, *Águas de ouro.*

Nome de uma antecessora da mulher de Adar, rei de Edom, Gn 36. 39; 1 Cr 1. 50, ou talvez seja o nome de um distrito, onde nasceu Matrede, sua filha.

MIAMIM, *A mão direita.*

1. Nome de um chefe de família entre os sacerdotes nos dias do sumo sacerdote Joaquim, Ne 12. 17.

2. Nome de um dos sacerdotes que tocavam as trombetas por ocasião de dedicar-se o muro de Jerusalém, Ne 12. 41.

MIAMIM, *A mão direita.*

1. Nome de um dos descendentes de Arão, cuja família existia no tempo de Davi, vindo a ser a sexta das vinte e quatro classes em que foram distribuídos os sacerdotes, 1 Cr 24. 1, 6, 9.

2. Nome de um dos sacerdotes que voltaram com Zorobabel de Babilônia, Ne 12. 5, 7. Na geração seguinte aparece uma família com o nome de Miamim, v. 17. A diferença destes dois nomes não é essencial, consiste apenas em que um tem a forma da letra *nun* assimilada, e outro não.

3. Nome de um dos filhos de Parós, induzido por Esdras a desquitar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 25.

4. Nome de um sacerdote que assinou o pacto com Neemias, na qualidade de chefe de família, Ne 10. 7. Parece que tomou parte como trombeteiro na festa da dedicação do muro da cidade de Jerusalém, 12. 41.

MIBAR, *Escolha.*

Nome de um dos valentes de Davi e filho de Agarai, 1 Cr 11. 38. Veja uma nota no artigo *Bani.*

MIBSÃO, *Doce aroma.*

1. Nome de uma tribo descendente de Ismael, Gn 25. 13; 1 Cr 1. 29.

2. Nome de um simeonita, 1 Cr 4. 25.

MIBZAR, *Fortificação.*

Nome de um capitão edomita, Gn 36. 42; 1 Cr 1. 53.

MICA. Evidente abreviatura da palavra Miquéias, que quer dizer: *Quem é semelhante a Jeová?*

1. Nome de um filho de Mefibosete, 2 Sm 9. 12. A mesma forma de nome aparece em 1 Cr 8. 34, 35; 9. 40, 41.

2. Nome de um levita que selou o pacto com Neemias, Ne 10. 11.

3. Nome de um levita descendente de Asafe, 1 Cr 9. 15; Ne 11. 17-22; e 12. 35, onde aparece a mesma palavra.

4. Nome de um levita da família de Coate, da casa de Oziel, 1 Cr 23. 20; 24. 24, 25.

5. Nome de um homem de Efraim que furtou 1.100 moedas de prata (cerca de 725 dólares) de sua mãe, e que mais tarde as devolveu. A mãe de Mica destinou 200 moedas de prata ao Senhor a fim de fazer delas uma imagem de escultura e de fundição e pô-la dentro de uma capelinha em sua casa. Mica consagrou um de seus filhos ao sacerdócio. Aconteceu passar por ali um levita. Mica aproveitou a oportunidade para fazer dele ministro no seu santuário. Um levita, ainda que não fosse sacerdote, sempre seria melhor do que um leigo. Este levita prestou-se a ministrar diante de Jeová em uma casa de ídolos, em oposição ao segundo mandamento. Algum tempo depois, passaram por ali uns danitas que seduziram o levita a acompanhá-los e levaram consigo as imagens de Mica, Jz caps. 17. 18.

6. Nome de um filho de Meribaal, 1 Cr 8. 34, 35; 9. 40, 41.

7. Nome de um rubenita que viveu algumas gerações antes de 730 A. C., 1 Cr 5. 5.

8. Nome do pai de Abdom, nasceu antes do reinado de Josias, 2 Cr 34. 20; 2 Rs 22. 12.

9. Nome de um descendente de Asafe, 1 Cr 9. 15.

MICAEL, *Quem é semelhante a Deus?*

1. Nome de um homem da tribo de Aser, pai do representante desta tribo na comissão encarregada de reconhecer a terra de Canaã, Nm 13. 13.

2. Nome de um homem da tribo de Gade, descendente de Buz e chefe de uma família em Gileade, 1 Cr 5. 13; cp. 11, 14, 16.

3. Nome de outro gadita, antecessor do precedente, 1 Cr 5. 14.

4. Nome de um levita da família de Gérson e antecessor de Asafe, 1 Cr 6. 40.

5. Nome de um príncipe da tribo de Issacar, da família de Tola, da casa de Uzi, 1 Cr 7. 3.

6. Nome de um benjamita da família de Bari, 1 Cr 8. 16.

7. Nome de um homem de Manassés que se foi unir a Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 20.

8. Nome do pai de Anri, que governou a tribo de Issacar no reinado de Davi, 1 Cr 27. 18.

9. Nome de um dos filhos do rei Josafá, 2 Cr 21. 2.

10. Nome do pai de Zebadias, dos filhos de Safatias, Ed 8. 8.

11. Nome de um arcanjo, Jd 9, que veio em auxílio do homem vestido de linho branco que lutava contra o ente espiritual, o príncipe do reino dos persas, Dn 10. 13, e que contendia a favor de Israel, Dn 10. 21; 12. 1. Miguel com os seus anjos luta vitoriosamente contra os inimigos do povo de Deus, Ap 12. 7. Quando a doutrina sobre os anjos foi elaborada pelos judeus, depois do exílio, deram a Miguel lugar entre os sete arcanjos, Tob. 12. 15; Gabriel também foi incluído, Dn 8. 16; 9. 21, neste número e mais cinco outros, completando o número de sete, a saber: Rafael, Tob. 3. 17; Uriel, Ne 4. 1; Camuel, Jofiel e Zadquiel. Era crença comum que o arcanjo Miguel disputou com Satanás, sôbre o corpo de Moisés, a que se refere Judas e sobre que baseia uma lição, Jd 9; cp. 2 Pe 2. 11, crença esta que se reflete no Targum de Jônatas sobre Deuteronômio 34. 6, que atribui o sepultamento de Moisés a Miguel e a outros anjos. As expressões em Zc 3. 1, 2; e Jd 9, podem ter-se derivado desta crença. Provavelmente as palavras de Zacarias é que deram lugar a ela.

MICAIA, *Quem é semelhante a Jeová?*

1. Nome de uma das filhas de Uriel de Gibeá, e mulher de Roboão e mãe do rei Abia, 2 Cr 13. 2. Segundo a narração do cap. 11. 20, a mãe de Abia era Maaca, filha de Absalão. Micaia é provavelmente uma corruptela da palavra Maaca, e por este nome é conhecida em outros lugares da Escritura, é quase certo ser ela neta de Absalão e filha de Uriel e de sua mulher Tamar, filha de Absalão. Veja *Maaca* 9.

2. Nome de um descendente de Asafe, Ne 12. 35.

MICAIAS

1. Nome de um profeta, filho de Inlá, a quem Acabe mandou buscar para saber se devia, ou não, marchar contra Ramote de Gileade. A resposta combinou com a de todos os profetas de Baal que auguravam o bom êxito da guerra, mas o fez ironicamente. O rei conjurou-o para que dissesse a verdade. Em nome de Jeová, declarou ele que Acabe morreria na batalha. O rei imediatamente deu ordem para que Micaías fosse metido na prisão e ali conservado até que voltasse vencedor, para provar a falsidade de seu vaticínio, 1 Rs 22. 8-28; 2 Cr 18. 6-27.

2. Nome de um dos maiorais da corte de Josafá, enviado por este rei a ensinar as leis do Senhor nas cidades de Judá, 2 Cr 17. 7.

3. Nome de um dos filhos de Gamarias, que referiu aos príncipes de Judá, no reinado de Joaquim, as palavras contidas no livro de Jeremias, como foram lidas por Baruque, Jr 36. 11-13.

4. Nome de um dos sacerdotes que tocaram as trombetas na festa da dedicação do muro de Jerusalém, por Neemias, Ne 12. 40.

MICAL, *Ribeiro.*

Nome da filha mais moça de Saul, 1 Sm 14. 49. Tendo faltado à promessa feita a Davi para dar-lhe sua filha mais velha em casamento, viu com prazer que a mais moça se inclinava para o jovem herói, cujo afeto lhe oferecia ocasião azada para expô-lo ao risco da morte. O rei Saul ofereceu Mical a Davi, sob condição de matar cem filisteus. Davi satisfez a condição estipulada e recebeu a Mical por sua esposa, 1 Sm 18. 27, 28. Esta, uma vez, salvou a seu marido das ciladas de Saul. Durante a ausência de Davi, que andava foragido, Saul deu Mical em casamento a outro homem, 25. 44. Quando Abner, general de Is-Bosete, entrou em negociações com Davi este exigiu que antes de tudo lhe fosse restituída sua mulher Mical, o que foi feito imediatamente, 2 Sm 3. 15. Mas quando Davi acompanhava a arca para Jerusalém, na intensidade de seu zelo religioso, dançou diante do Senhor. Mical pensou que um herói e um rei estava fazendo um papel impróprio de sua posição, repreendeu-o e lá no seu coração o teve em pouca conta. Por causa disto Mical não teve filhos até o dia de sua morte, 2 Sm 6. 14-23.

MICLOTE, *Varas.*

1. Nome de um dos oficiais do exército de Davi, que, em companhia de outro, fazia guarda no segundo mês, 1 Cr 27. 4.

2. Nome de um benjamita, da família de Jeiel de Gabaom, 1 Cr 8. 32; 9. 37, 38.

MICMÁS, *Escondido longe.*

Nome de uma cidade perto do monte de Betel, 1 Sm 13. 2, ao oriente de Bete-Áven, 5, e ao norte de Gibeá, 14. 5; Is 10. 28, 29. Nesta cidade se acampou o exército dos filisteus na guerra contra Saul. O valor heróico de Jônatas e de seu

escudeiro, que subiram por entre uns rochedos escarpados, ao campo dos inimigos, os encheu de pavor de modo a se porem em fuga e a se darem reciprocamente à morte, sendo em seguida desbaratados pelos exércitos de Israel, 1 Sm 13. 5-7, 15 e seg., 14. 1-23. Alguns dos exilados de Micmás voltaram do cativeiro, Ed 2. 27; Ne 7. 31, e pertenciam à tribo de Benjamim, 11. 31. Jônatas Macabeu instalou-se em Micmás e exerceu alí a sua regência, 1 Mac 9. 73; Antig. 13. 1-6. O desfiladeiro de Micmás ainda conserva o nome de *Mukhmas* e está a cerca de 14 quilômetros a nordeste de Jerusalém e a 2 ½ a nordeste de Geba e a 7 a sudeste de Betel. A aldeia de *Mukhmas* tem aspecto muito humilde; o desfiladeiro, como bem diz Robinson, é o *wady es-Suweinit*. Os dois rochedos de Bozez e Sené que flanqueiam o desfiladeiro, 1 Sm 14. 4, êle os descreve de forma cônica e esférica.

MICMETÁ

Nome de uma cidade nos limites de Efraim e Manassés em frente de Siquém, Js 16. 6; 17. 7. Situação incerta.

MICNÉIAS, *Possessão de Jeová.*

Nome de um levita do segundo grau, porteiro na segunda ordem, e que tocava instrumentos, no reinado de Davi, 1 Cr 15. 18-21.

MICRI, *Valioso.*

Nome de um benjamita, 1 Cr 9. 8.

MICTÃO, *Inscrição.*

Palavra que se encontra nos títulos dos Salmos 16, 56 e 60, que significam: 1. Escondido, secreto, mistério, ou composição até agora ignorada. 2. Salmo áureo. 3. Epigrama, poema planejado, semelhante a uma inscrição para registar pensamentos memoráveis, e muitas vezes com estribilhos. Esta última opinião é a mais aceitável.

MIDIÁ

1. Nome de um filho de Abraão com sua mulher Quetura, que ele despediu para o deserto. Os midianistas ligam-se a Abraão pelas suas relações com esta mulher, Gn 25. 1-6.

2. Nome de uma região situada no deserto da Arábia, e nas proximidades do golfo de Elã, ocupada pelos midianitas, Gn 25. 6, nas divisas de Edom, que lhe ficava a nóroeste. Os limites desta região nunca foram bem determinados, por causa de grandes alterações em vários períodos de sua história. Segundo o que se lê no Antigo Testamento, ocupava uma área que media 324 quilômetros de norte a sul. Por ocasião do êxodo, dominavam os midianitas, as pastagens que ficavam ao oriente do Horebe na península do Sinai, Ex 3. 1. Estabeleceram-se por algum tempo em um distrito adjacente a Moabe nas proximidades do reino amorreu, e cuja capital se chamava Hesbom, Gn 36. 35; Nm 2. 4; 25. 1, 6; Js 13. 21. Parece que também ocupavam o território ao oriente de Edom, na direção do Mar Vermelho. Os midianitas que haviam sido derrotados no vale de Jezreel, fugiram nesta direção; perseguidos por Gideão, passaram além de Sucote e da cidade gadita de Jogbeá, Jz 8. 5, 10, 11; cp. Gn 37. 25, 28. No país de Midiã, refugiou-se o rei Adade, saído de Edom para salvar a vida, antes de seguir para o Egito, 1 Rs 11. 17, 18. O centro populoso dos midianitas ficava ao oriente do golfo elanítico do Mar Vermelho, onde se perpetuou o nome deste povo e cujas ruínas conservam o nome de Midiã.

MIDIANITAS

Povo do deserto, Gn 25. 2, 6; Nm 10. 29-31; Is 60. 6; He 3. 7; Judite 2. 26, donde procederam cinco famílias, Gn 25. 4. Destas cinco famílias destaca-se o nome de Efa, identificado com muita probabilidade com um nome encontrado nas inscrições assírias do oitavo século antes de Cristo, referente a uma tribo do norte da Arábia. Negociantes midianitas que vinham de Gileade e faziam parte de uma caravana de ismaelitas, tiraram a José da cisterna em que o haviam lançado seus irmãos e venderam aos ismaelitas, que o levaram para o Egito, Gn 37. 25, 28. O sogro de Moisés era midianita, Ex 3. 1. Os midianitas associaram-se aos moabitas para alugarem o profeta Balaão a fim de amaldiçoar a Israel. Falhando este plano, usaram de sedução, levando o povo à idolatria e à licenciosidade, Nm 22. 4, 6; e cap. 25. Os israelitas foram obrigados a guerreá-los. Assim, pois, mataram cinco dos seus reis com toda a população masculina daquela região e todas as mulheres casadas, cp. 31. Estes cinco reis eram aliados de Seom, rei dos amorreus, Js 13. 21. No período do governo dos juízes, os midianitas em conjunção com os amalequitas e outros filhos do oriente, entraram em Canaã, trazendo gados e rebanhos, em tão grande número que cobriram a terra como gafanhotos, apoderaram-se das culturas, enchendo de pavor os pobres agricultores. Depois de sete anos de opressão, Deus levantou a Jerobaal ou Gideão para libertar o povo. O combate decisivo deu-se nas planícies de Jezrael, em que foram derrotados os dominadores estrangeiros. Gideão matou os dois príncipes Orebe e Zeebe e os dois reis de Midiã, Zeba e Salmuna. A terra esteve em paz durante quarenta anos, Jz caps. 6 a 8; 9. 17; Sl 83. 9-12; Is 9. 4; 10. 26.

MIDIM, *Extensão.*

Nome de uma aldeia situada no deserto de Judá, Js 15. 61. Situação ignorada.

MIGDAL-EL, *Tôrre de Deus.*

Nome de uma cidade fortificada da tribo de Naftali, Js 19. 38. A identificação que dela se faz com *el-Mejdel*, isto é, Magdala, sôbre o mar de Galiléia, não obedece à ordem da enumeração feita em Josué. O local mais aceitável é *Mujeidil*, a 23 quilômetros a noroeste de Cades a uns 20 de *Yarun*.

MIGDAL-GADE, *Torre de Gade*, ou *da fortuna.*

Nome de uma cidade, situada na parte baixa de Judá, Js 15. 37. Talvez que *el-Mejdel* seja o local de sua antiga existência, a pouca distância de Ascalom, no país dos filisteus.

MIGDOL, *Torre.* Do Egípcio *Makthal.*

Nome de um acampamento dos israelitas quando deixaram o Egito. Segundo Ex 15. 4, 22 e Dt 11. 4, ficava perto do Mar Vermelho, diante de Pi-Hairote e fronteiro a Baal-Zefom, Ex 14. 2; Nm 33. 7. Depois da tomada de Jerusalém por Nabucodonosor, os judeus fugiram para o Egito e tomaram posição em um lugar chamado Migdol, Jr 44. 1; 46. 14; que deveria estar no extremo norte do Egito. Alguns dos autores antigos fazem menção de um Migdol, ou Magdolom à distância de 22 quilômetros de Pelusium na fronteira setentrional do Egito. *Makthal* que aparece nos monumentos do Egito, estava situada perto do Mediterrâneo (Ebers). Brugsch identifica este lugar com *Teil es-Samut* que julga ser o local onde os israelitas acamparam. Mas esta situação não se harmoniza com o local perto do Mar Vermelho. Havia outro lugar na fronteira com igual nome (Ebers). Naville é de opinião que Migdol estava no lugar que hoje se chama Sarapeum, entre o lago Timsá e os Amargos, e pelo dizer de Ebers seria no extremo sul dos lagos Amargos, perto do monumento persa. Aquí o golfo de Suez era muito estreito e baixo, no tempo do Êxodo. Também estava sujeito aos ventos de este que afastavam as águas e davam caminho a seco.

MIGROM, *Precipício.*

Nome de uma aldeia de Benjamim, situada ao sul de Ai e ao norte de Micmás, Is 10. 28, onde se encontram hoje as ruínas de Macrum. Saul acampou-se nas suas vizinhanças e na extremidade de Gibeá, 1 Sm 14. 2. Se o local de Gibeá,

era onde se acha a atual *Tell el-Ful*, como geralmente se acredita, ou talvez Geba, como outros pensam, e se o texto de 1 Sm 14. 2, não estiver alterado, como parece, deveria então existir duas Migrons, uma ao norte e outra ao sul de Micmás.

MIL

Número de soldados que cada uma das tribos tinha de fornecer para dar combate aos midianitas, Nm 31. 5; Js 22. 14, e também para fins judiciais, Ex 18. 21-25; Nm 31. 14; 1 Sm 8. 12; 22. 7; 2 Sm 18. 1. Este número tem aplicação prática na subdivisão das tribos, tecnicamente conhecido pela frase casa de um pai, Nm 1. 2, 4, 16; Jz 6. 15; 1 Sm 10. 19-21.

Mateus cap. 5. 41, é a única passagem da Bíblia, onde se encontra a expressão *mil passos*, i. é, milha (Fig. e Br.). A milha romana era equivalente a mil passos de 5 pés romanos cada um, igual a 4851^{p},53 ingleses, ou 1474^{m},83, 12/13 da milha.

MILAGRE

Os milagres são maravilhas, tipos, forças, obras de Deus, Dt 11. 3; 29. 3; Sl 78. 7, 11, 12, 43; 95. 9; Mc 9. 39; Lc 23. 8; Jo 2. 11, 23; At 2. 22; 6. 8; 8. 13. Não são apenas manifestações maravilhosas, mas também sinais, tipos, forças e obras de Deus; não são apenas acontecimentos sobrenaturais, como a criação do mundo, porque Deus não é representado neste ato como exibindo prova da verdade; nem são meramente providências extraordinárias, que os homens às vezes chamam milagres da providência e que são operados por meios secundários e não constituem sinais; como a tempestade que destroçou a Armada Invencível espanhola; os gafanhotos caídos no Egito por efeito de um vento do oriente e que foram igualmente expulsos por um vento do ocidente, Ex 10. 13-19; nem as codornizes que caíram sobre o acampamento dos israelitas durante uma tarde, 16. 13; são providências extraordinárias, mas realizadas por meio de elementos adicionais, e foram anunciadas como sinais. A praga dos gafanhotos foi um dos sinais e maravilhas operados no campo de Tanis, Sl 78. 43-46, e as codornizes serviam para que o povo conhecesse a Jeová como seu Deus, Ex 16. 12. No sentido estritamente bíblico, os milagres são acontecimentos do mundo externo, operados pelo imediato poder de Deus, com o fim de servir de sinal ou testemunho. A possibilidade dos milagres baseia-se no fato indiscutível que Deus é onipotente, que ele governa e dirige todas as cousas como ente pessoal que é. Talvez que a maneira de operar esses milagres nos domínios da natureza física possa ser ilustrada pelo poder da vontade humana. A vontade e a força muscular do homem podem governar e dirigir as leis da natureza, como quando levanta uma pedra, contrariando as leis da gravidade dos corpos. Os milagres não devem ser aceítos credulamente sem exame. As provas a que se devem submeter, são: 1. Se eles revelam o caráter de Deus e se têm por fim ensinar verdades a ele referentes. 2. Se estão em harmonia com as verdades religiosas já estabelecidas, Dt 13. 1-3. Se qualquer fato maravilhoso contradiz as doutrinas da Bíblia, vem a ser um prodígio mentiroso, 2 Ts 2. 9; Ap 16. 14. 3. Há sempre uma ocasião adequada para o milagre. Deus não opera milagres senão em benefício de uma grande causa e para fins religiosos; eles se relacionam com a história da redenção.

Nenhum milagre deve merecer este nome e deve ser considerado genuíno, sem ter sido operado em momento para ele ocasionado e sem ter lugar na revelação da obra redentora. 4. Os milagres confirmam-se, não tanto pelo número das testemunhas que os presenciam, mas pelo seu caráter e pelas suas qualificações.

Os milagres da Bíblia limitam-se, quase exclusivamente, a quatro períodos, separados entre si por alguns séculos. 1. O período em que Deus operou o livramento de seu povo do cativeiro do Egito e seu estabelecimento na terra de Canaã sob o comando de Moisés e de Josué. 2. Os milagres operados durante as lutas de morte entre o paganismo e a religião verdadeira no tempo dos profetas Elias e Eliseu. 3. A intervenção divina no modo por que se manifestou o poder de Jeová sobre os deuses do paganismo, mesmo na terra do exílio, como se deu com Daniel e seus companheiros. 4. O estabelecimento do Cristianismo acompanhado dos milagres que atestavam a divindade da pessoa de Cristo e da sua doutrina. Afora estes períodos, os milagres são muito raros, Gn 5. 24: são quase inteiramente desconhecidos durante muitos séculos depois da criação até ao Êxodo. A operação de milagres na idade apostólica, posto que não limitada aos apóstolos, eram credenciais que os acreditavam como enviados de Deus, At 6. 8; 8. 5-7; 2 Co 12. 12; Hb 2. 4; cp. At 2. 43; Gl 3. 5.

MILALAI, *Eloqüente.*

Nome de um dos levitas que tocavam instrumentos na festa da dedicação do muro de Jerusalém, Ne 12. 36.

MILCA, *Conselho.*

1. Nome da filha de Arã e irmã de Ló, casada com Nacor, e mãe de Uz, Buz, Quemuel, Quisede, Azo, Pildas, Jidlafe e Betuel, Gn 11. 29; 22. 20-23, e avó de Rebeca, 22. 23; 24. 15-24.

2. Nome da filha de Zelofeade, Nm 26. 33.

MILETO

Porto de mar a que chegou S. Paulo um dia após sair de *Trogylium*, At 20. 15. Reuniu ali os anciãos da igreja de Éfeso, aos quais deu instruções e despediu-se deles, 17-38. Neste lugar ficou detido Trófimo por causa de enfermidade, 2 Tm 4. 20. A cidade de Mileto ficava nas costas da Iônia, a 66 quilômetros e meio ao sul de Éfeso, quase nos limites da Cária. Possuía belo templo consagrado a Apolo e foi pátria de Tales, de Anaximandro e talvez de Demócrito, notáveis filósofos gregos. Poucas relíquias restam desta cidade.

MILHANO

1. Ave de rapina, pertencente à família dos falcões armado de asas longas e pontiagudas, e de cauda bipartida. Milhano ou milhafre, é tradução da palavra hebraica *Daah* e *Dayyah* Lv.

Milhafre comum da Palestina

11. 14; Dt 14. 13; Is 14. 15. Tanto o milhano como o falcão eram pássaros cerimonialmente impuros. O nome hebraico para o milhano, correspondia ao arábico *haddayyeh*, vocábulo vernáculo de milhano. Havia-os de várias espécies, Dt 14. 13: o milhano preto (*Milvus nigrans*) que se encontra no centro e no sul da Europa, no norte da África e no ocidente da Ásia. Aparece na Palestina no mês de março, deslizando-se silenciosamente pelo ar, em busca de alimento, que consiste de restos de comida ou cereais. Por ser ave tímida não assalta os galinheiros. Cria-se nos galhos das árvores, e constrói os ninhos com farrapos de várias cores. O milhano de asas negras (*Elanus caeruleus*), também aparece na Palestina, porém, raras vezes.

2. É o milhano comum, Dt 14. 13, corredor. Tradução da palavra hebraica *Raah*, que de fato é erro de copista, pois a palavra correta é *Daah*. Outro escriba pôs à margem *Dayyah* para corrigir o erro, que mais tarde entrou no texto, porque tal palavra não se encontra na lista correspondente em Lv cap. 11.

MILHO MIUDO

Cereal (*Panicum miliaceum*), em hebreu *dohan*, em árabe, *duhn*. O Senhor ordenou a Ezequiel que empregasse este cereal no fabrico do pão que havia de comer, Ez 4. 9. O milho miúdo tinha largo consumo nos países do ocidente e do sul da Ásia, do sul da Europa e do norte da África. As hásteas serviam de alimento para o gado, enquanto que os grãos se davam às aves e proporcionavam saboroso e nutriente pábulo para o homem. Talvez a palavra hebraica *dohan* servisse para designar outras espécies de cereais, inclusive o *Sorghum vulgare*, que é o milho miúdo da Índia, muito cultivado ali e no sul da Ásia, a que os naturais denominam *doura*.

MILO, *Terraço*.

1. Nome de uma casa, que provavelmente servia de fortaleza, existente em Siquém, Jz 9. 6-20.

2. Nome de um bastião existente em Jerusalém, no tempo de Davi, reconstruído por Salomão e reforçado por Ezequias, para resistir à invasão dos assírios, 2 Sm 5. 9; 1 Rs 9. 15-24; 11. 27; 2 Cr 32. 5. Situação ignorada. Erguia-se dentro ou fora da cidade de Davi com o intuito de proteger a velha fortaleza dos jebuseus, 2 Cr 32. 5. Gerais conjeturas levam a pensar que se achava sobre o outeiro de sudoeste e no ângulo nordeste, saliência sobrepujante ao vale Tiropeom que olha para o templo.

MINDOS

Nome de uma pequena cidade da Cária, situada à beira-mar, Heród. 5. 33. Não estava muito distante de Halicarnasso, porque Alexandre conduziu um destacamento de soldados entre estes dois lugares, em uma noite apenas. No tempo de Simão Macabeu estava sujeita a Roma, 1 Mac 15. 23. Parece que existiu no pequeno porto de abrigo que se chama Gumislu.

MINERAÇÃO

Processo pelo qual se extraem da terra os metais: o ouro, a prata, o ferro, o cobre e as pedras preciosas, graficamente descrito em Jó 28. 1-11. Os egípcios de longa data faziam operações desta natureza. Logo no tempo da quarta dinastia, descobriram minas de cobre no *wady Magharah*, península do Sinai, dando logo início às explorações e conseqüente fundição que continuaram por muitos anos, ficando suspensos estes trabalhos durante a dominação dos hicsos. Totmés III continuou as explorações bem como Ramsés II, reconhecido como sendo o Faraó que oprimiu os hebreus. Empregavam na extração dos minérios os criminosos, os prisioneiros de guerra e os escravos que trabalhavam sob o azorrague dos feitores e algumas vezes carregados de ferros. As minas alargavam-se no subsolo. O poço descia a profundidade considerável. O teto das minas era sustentado por pilares de granito e por estelos de acácia. A Espanha celebrizou-se pelas suas minas de ouro e de prata, 1 Mac 8. 3. Diziam aos israelitas que esperavam a posse de Canaã, que a terra que iam buscar era abundante em tôdas as cousas, cujas pedras eram ferro e de cujos montes se tiravam os metais de cobre, Dt 8. 9. Não consta, porém, que se fizessem minerações na Palestina. Os hebreus sabiam muito bem abrir poços, como se pode ver pelo túnel que êles fizeram para ligar a fonte da Virgem ao tanque de Siloé. Atualmente existem minas de ferro no monte Líbano.

MINI

Nome de um povo da Armênia, Antig. 1. 3, 6, que habitava o distrito perto do lago Vã, provavelmente entre este lago e o lago Urumiá, adjacente ao reino de Ararate no Araxes. Em 830 A. C. Salmanasar, rei da Assíria, devastou a terra de Mini. Em 716, o rei Mini revoltou-se contra a Assíria, mas em 714, foi novamente subjugado. Este povo continuou a insurgir-se, especialmente durante o reinado de Assurbanipal, rei da Assíria, 668-626, até que, finalmente, pelo ano 606, em ação conjunta com os medos, com os cimerianos e outras nacionalidades, tomou Nínive e pôs termo ao império da Assíria. Em Jr 51. 27 fala-se na união dos reinos de Ararate, Mini e Asquenaz para destruir Babilônia.

MINIAMIM, *A mão direita*.

Nome de um dos homens, que, sob a direção do levita Coré, tinha a seu cuidado a guarda das ofertas voluntárias das primícias e das cousas consagradas ao Santo dos Santos para serem distribuídas aos levitas seus irmãos, durante o reinado de Ezequias, 2 Cr 31. 15.

MINISTRO

1. Título que se dava a um assistente, ou auxiliar, "não de serviço doméstico", em hebreu *mesharēth*, em grego, *hyp'eretes*. O escravo José, elevado à posição honrosa e de confiança na casa de seu senhor, passou a ser o encarregado de tôdas as coisas, Gn 39. 4. A jovem Abisague, escolhida para o serviço do rei Davi, ministrava-lhe o que exigia o seu estado de saúde, 1 Rs 1. 4, 15. Josué assistia a Moisés como seu ministro no tabernáculo e foi o seu sucessor no comando do povo, Êx 24. 13; 33. 11; Js 1. 1. Eliseu serviu de ministro a Elias, dava-lhe água para as mãos e sucedeu-o no ofício de profeta, 1 Rs 19. 21; 2 Rs 3. 11. O assistente da sinagoga auxiliava o leitor da lei, dando e recebendo o livro, e chamava-se o ministro, Lc 4. 20. Os discípulos que assistiam a Jesus e que eram suas testemunhas, chamam-se ministros da palavra, Lc 1. 2; At 26. 16. Marcos e Barnabé assistiam a S. Paulo na sua primeira viagem missionária, 13. 5.

2. Título que se dava a um funcionário público ao serviço do estado, ou ao serviço de Deus; em hebraico, *mesharēth*; em grego, *leitourgos*, como eram os sacerdotes e os levitas, exercendo as suas funções no santuário, Êx 28. 43; Nm 3. 31; Dt 18. 5; Is 61. 6; cp. Setenta; Lc 1. 23; Hb 9. 21, como era Jesus Cristo, exercendo as funções de sumo sacerdote no verdadeiro tabernáculo, Hb 8. 2; como S. Paulo, ministrando o evangelho aos gentios, Rm 15. 16. Este epíteto dava-se ao magistrado civil, 13. 6, e designava um *attaché* da corte, 1 Rs 10. 5, que muitas vezes era pessoa de alta categoria social, 2 Cr 22. 8; Et 1. 10; e até servia para designar funcionários celestes, Sl 103. 21; 104. 4.

3. Nome de alguém encarregado de exercer obrigações em lugar de outra pessoa, agindo como servo que executa ordens de seu senhor contra terceiros; em grego, *diakonos*. Por exemplo: magistrado que exerce a justiça de Deus sobre os que obram mal, Rm 13. 4. Emprega-se especialmente para designar os ministros de Deus no evangelho de seu Filho, como Timóteo, 1 Ts 3. 2, Paulo e Apolo, 1 Co 3. 5, Tíquico, Ef 6. 21, Epafras, Cl 1. 7.

A palavra *diakonos* também se empregava em sentido restrito, para designar o diácono, oficial eclesiástico, diferente do bispo.

MINITE

Nome de uma cidade dos amonitas, Jz 11. 33, que exportava trigo para Tiro, Ez 27. 17. Segundo Euzébio, existia uma aldeia chamada Manite a uns cinco quilômetros de Hesbom para os lados de Filadélfia.

MIQUÉIAS

Nome de um profeta natural de Morasti, cidade que parece ter pertencido a Judá, não distante de Gate, e que por algum tempo serviu de dependência dos filisteus. Miquéias profetizou nos reinados de Jotão, de Acaz e de Ezequias, reis de Judá, Mq 1. 1; Jr 26. 18. Começou, portanto, a sua carreira, pouco depois do seu contemporaneo Oséias e também depois de Isaías, cp. 1. 1 com Is 1. 1 e Oséias, 1. 1. Falou sobre os mesmos grandes temas como Isaías e em termos tão semelhantes, que Calvino e denominou colega de Isaías.

O estilo de Miquéias é simples e elegante. Repreende sem rebuço o pecado, 1. 5; 2. 1, 2; 6. 10-12. As transições de pensamento são às vezes abruptas, que nem sempre se descobre a sua ligação lógica. Gosta muito de fazer interrogações, 1. 5; 2. 7; 4. 9; 6. 3, 6, 7, 10, 11, é irônico, 2. 11; emprega metáforas, 1. 6; 3. 2, 3, 6; 4. 6-8, 13; 6. 10, 11, 14, 15, compraz-se em paranomasias que ele emprega largamente no primeiro capítulo, e talvez servindo-se delas para determinar o parágrafo final de seu livro, em que ele fala em louvor de Jeová, baseado em uma pergunta: "O' Deus, quem é semelhante a ti?" O profeta encerra a sua predição, declarando que as suas palavras têm fundamento naquele que não conhece outro igual a si, repetindo assim o significado de seu nome, Miquéias.

Em suas relações com Israel e em sua experiência individual, Miquéias baseia a sua confiança e a sua força no caráter de Deus, revelado nos dez mandamentos 2. 7; 6. 3-5; 7. 15. Deus faz justiça e ama a misericórdia e quer que o seu povo seja justo e misericordioso. As promessas de Deus serviam também de baluarte ao profeta e comunicaram-lhe doce energia; sabia que a segurança de Israel dependia dos propósitos divinos para salvar o seu povo, segundo as promessas feitas a Abraão, 7. 20, e centralizadas no filho de Davi, 5. 2-6; cp. Lc 1. 72-75. Os inimigos deste reino, não podem prevalecer contra ele. O cap. 5 baseia-se na mesma verdade, expressa no Sl 2, e do mesmo modo, a mensagem de perdão e restauração, 7. 8-20, tem seus fundamentos na palavra de Deus.

O livro de Miquéias é o sexto dos profetas menores. Seu autor profetizou nos reinados de Jotão, de Acaz e de Ezequias, 1. 1. O seu conteúdo mostra que foi escrito depois dos reinados de Onri e de Acabe, 6. 16, no tempo em que a Assíria era potência temida pelos israelitas, 5. 5, 6, e pelo menos, em parte, quando a Samaria e o reino do norte ainda existiam, 1. 6-14; porém, não se pode dizer quanto tempo antes da queda de Samaria, foram proferidas as palavras contidas no cap. 1. 5-7; porque, desde os dias de Ozias e de Jotão, os profetas ainda estavam anunciando a queda de Samaria, Os 1. 6; 3. 4; 5. 9; Am 2. 6; 3. 12; 5. 1-3, 27; 6. 1, 7-11, 14; Is 7. 8, 9; 8. 4, e a desolação de Judá, Os 5. 10; Am 2. 4; Is 6. 1 11-13; 7. 17-25. A alusão à queda de Basã e Gileade poderá indicar um período mais distante do que 733-732 A. C., quando Tiglate-Pileser invadiu aquele território e levou cativos os seus habitantes, Mq 7. 14, onde a expressão "dias antigos" se refere à ocupação da região de Israel, desde o tempo da conquista e daí para diante, cp. os vv. 14 e 20. A profecia do cap. 3. 12, foi anunciada durante o reinado de Ezequias, Jr 26. 18, se bem que Miquéias poderia ter tratado do mesmo assunto algum tempo antes.

As profecias de Miquéias, referem-se especialmente a Judá, e são dirigidas ao povo do reino do sul, mas, nem por isso, deixam de compreender todo o Israel, 1. 1, 5-7, 9-16. As transições abruptas indicam que o livro é antes um sumário dos ensinos do profeta, do que uma série continuada de discursos distintos.

A expressão "ouvi todos vós" repetida três vezes, serve para marcar o princípio de cada uma das três divisões que terminam também, com uma mensagem de esperança. I. Juízo sôbre Samaria por causa das suas disposições incuráveis para a idolatria, 1. 2-8, e sobre Judá, dominado por iguais disposições, 9-16. Maldições contra os opressores do povo, e profecias anunciando a ruina e o cativeiro da nação, 2. 4, 5, como punição dos seus representantes injustos e iníquos, 2. 1-11, salvando-se apenas algumas relíquias, 2. 12, 13. II. Denunciações acompanhadas de promessas de salvação. Exprobrações às autoridades civis e religiosas pela indiferença covarde para com a verdade e a justiça e pelo caráter mercenário de suas doutrinas e governo, 3. 1-11; conseqüentemente abandono de Sião por Jeová às forças inimigas, 12, e a exaltação final do reino de Deus pela sua influência moral entre os homens, promovendo a paz, a prosperidade e a força, 4. 1-8. Porém, atualmente, é só tristeza, desesperança e cativeiro, 9. 10, seguido de vitória sobre seus inimigos por se haverem oposto a Jeová, 11-13. Presentemente, Sião será devastada, 5. 1, até ao tempo em que se há de manifestar aquele que governará a Israel, e cuja geração é desde o princípio, desde os dias da eternidade, 2-4. Esta predestinação divina acerca do Messias assegura o livramento de Sião das mãos dos assírios, 5, 6; cp. Is 7. 4-16, e serve de penhor e de garantia à sobrevivência do povo de Deus através dos séculos e ao seu triunfo sobre todos os inimigos e à realização de todos os ideais divinos, 6. 7-15. III. Controvérsia de Jeová com o povo como unidade social, não com os ricos e com as classes dirigentes somente, 6. 1-5, explicando os requisitos da verdadeira religião, 6-8; veja também Is 1. 11-17, e lamentando que se tenha apartado deles, 6. 9 até cap. 7. 6, terminando pela manifestação de sua própria confiança em um futuro glorioso, devido à graça misericordiosa de Jeová e à fidelidade de suas promessas a Abraão, 7-20.

O capítulo 4. 1-3 é quase idêntico a Is 2. 2-4, porém o assunto é mais intimamente ligado do que a passagem correspondente de Isaías com os versículos que imediatamente a seguem. O profeta Joel exprime idéia semelhante, 3. 10, Isaías com certeza citou as suas palavras, como prova a frase que lhe serve de introdução: "E acontecerá isto que", a qual poderia ter citado de Miquéias. Porém, as variações verbais entre Isaías e Miquéias e entre estes dois e Joel, podem explicar-se, supondo que todos eles adotaram uma predição tradicional muito vulgar em seu tempo. De qualquer modo que seja, o povo de Deus, desse tempo era instruído por profecias autorizadas, nas quais depositavam à sua confiança, e que citavam como hoje fazem os cristãos.

A integridade do texto de Miquéias tem sofrido contestações por parte de alguns. Os argumentos em favor desta opinião consistem, principalmente, nos seguintes fatos, reforçados com freqüência, pela afirmação de que o estilo não é de Miquéias: I. Ele pressupõe a existência de um cativeiro, 2. 12, 13; 7. 7-20, Wellhausen. Certamente que Miquéias não poderia deixar de ver o futuro exílio de seu povo, porque: 1. Baseado nas lições de Moisés registadas no Deuteronômio, era natural que Miquéias poderia saber de cor, Is 39. 6, 7. futuramente. De harmonia com os princípios morais da lei, a desobediência quer dizer enfraquecimento e ruínas. Em tais condições, e naquelas épocas remotas, as conseqüências resultantes dos pecados nacionais seriam o domínio estrangeiro sôbre a nação, o exílio e o cativeiro, Dt 28. 31-37.

47-53; cp. Is 1. 19, 20. 2. O cativeiro de Judá, ou quando menos, o exílio das classes superiores, são passagens genuínas em Miquéias, e o exílio da nação como povo, é claramente anunciado por Isaías. Mq 1. 15, 16; 2. 3-5, 10; Is 5. 13; 6. 11-13; 7. 3; e bem assim a volta das relíquias de Jacó à pátria, 10. 21. Uma vista antecipada, cabe muito bem na profecia de Miquéias. Os críticos desta força, que aceitam como genuíno o contexto, rejeitam ao mesmo tempo a cláusula do cap. 4. 10, onde se menciona Babilônia como o lugar do exílio. É uma circunstância que pode ser omitida sem prejuízo de sentido. Segue-se que (1) muitas cláusulas genuínas podem ser omitidas, sem prejuízo de suas ligações, e (2) Isaías fala de Babilônia como lugar do exílio, em uma profecia que Miquéias poderia saber de cor, Is 39. 6, 7. Ainda mais, Isaías tendo em mente a dispersão dos filhos de Israel por todo o mundo habitado, menciona Sinear, isto é, Babilônia, como sendo uma das terras do exílio, 11. 11. A porção deste capítulo como a cláusula de Miquéias é impugnada por se referir ao exílio para Babilônia. II. Elementos messiânicos, tais como: a reunião do povo de Israel, a sua entrada triunfante, tendo à sua frente o seu rei, Mq 2. 13, a paz e a prosperidade de Sião no período messiânico e a entrada dos gentios, 4. 1-8, e a pessoa do Messias, 5. 2-8. Porém, todas estas idéias corriam dominantes do pensamento contemporâneo de Miquéias, Os 11. 8-11; Is 2. 2-4; 4. 2-6; 9. 1-7; Hb 8. 23 até cap. 9. 6; Is 10. 20-22; 11. 1-10; Am 9. 11-15. III. A universalidade das relações de Jeová com o mundo gentílico. A resposta a esta objeção é a seguinte: (1) Não faltam pressuposições na mente de Miquéias, que não sejam o reflexo de outras passagens reconhecidamente genuínas, 1. 2. (2) Uma concepção de universalidade aparece em Amós, anunciando os castigos de Jeová sobre as nações que hostilizaram o reino de Deus, Am caps. 1 e 2, na atitude de Jeová contra Damasco, o Egito e Assíria proclamada por Isaías, e nos escritos atribuídos a Jeremias e a Ezequiel em que se faz menção ao governo moral que Deus exerce no mundo, Gn caps. 2 a 11; 18. 25, etc. IV. As idéias escatológicas de um fracassado ataque das nações contra Sião, em contraste com a profecia, anunciando a queda de Sião às mãos de seus inimigos, Mq 4. 11-13, com 3. 12. As duas idéias, contudo, não são inconsistentes. Miquéias e os outros profetas de seu tempo, e outros depois deles, encaravam o conflito entre Judá e as forças do mundo, sob dois pontos de vista: Um deles é que Jeová entregaria seu povo à espada e ao cativeiro por causa de seus pecados; e o outro é o que considera as hostilidades do mundo contra Sião, como sendo feitas contra Jeová, de que resulta a sua destruição, Is 1. 19, 20; 8. 5-8, 9, 10; 10. 5-7, 12-16, comp. Is 3. 8, 24-26; 5.13, 26-30. Nenhuma espada que se levante contra Sião sairá vencedora. As investidas da Assíria contra Judá, por Senaqueribe, nos dias de Isaías, e talvez de Miquéias e o seu fracasso, oferecem bela ilustração dos dois princípios, aqui proclamados como verdade válida em todos os tempos, 2 Rs 18. 13 até cap. 19. 37, cp. 18. 11, 12; 19. 4-7 (Vos. Presb. e Refd. Rev. 10. 305). V. A condenação dos simulacros e dos altares de que se servia o povo em suas práticas idólatras, e que se deu depois que os profetas começaram a falar contra os altos, isto é, depois da reforma promovida pelo Deuteronômio. Deve-se notar, porém, que as proibições contidas no livro de Deuteronômio não são originalmente mosaicas; e que a atitude de Miquéias é a mesma de seu predecessor Oséias. A própria construção de simulacros é condenada por êste profeta, 10. 1, 2, que, condenando todos os ídolos, deveria compreender também os simulacros, cp. 2. 5, 13; 4. 12-17; 8. 4-6; e Mq 1. 7. Além disso, a passagem inteira de Mq 5. 9-14 é semelhante à de Is 2. 6-8. VI. As transições abruptas de ameaças para promessas, Mq 2. 12, 13; 4. 1-8; 7. 7-20. Esta seqüência é muito freqüente entre os profetas. Uniformemente, depois de anunciar as maldições e os castigos, eles iluminavam a escuridão da ira de Deus, com os raios fulgurantes das promessas divinas, animando os homens piedosos a permanecer firmes, a lutar e a ter esperança. É costume dêsses críticos que se ocupam a formular as objeções já mencionadas, separar estas passagens, a fim de prepararem o terreno para fundamentar as suas teorias.

Várias considerações se oferecem para defender a legitimidade dos caps. 6 e 7. O pensamento do profeta acerca dos exílios, Mq 7. 12, não nos deve surpreender em um contemporâneo de Isaías; a esperança de ver os muros de Jerusalém reconstruídos, 7. 11, é muito natural, depois de haver falado de Sião, pisada como se pisa a lama das ruas, 10. Contra a afirmação de Ewald, dizendo que os caps. 6 e 7 pertencem à época de Manassés (se bem não esteja fora do tempo de Miquéias) podemos opor a opinião de Cornill que afirma que todo o conteúdo dos caps. referidos se aplica perfeitamente à época de Acaz. A antecipação do exílio, 7. 7-20, e a devastação do reino pelos inimigos, 6. 13-16, e a submissão destes, 7. 16, 17, e as transições das ameaças para as promessas, caracterizam os caps. 1 até 5, da mesma sorte que os caps. 6, 7. Estes capítulos formam natural seqüência dos capítulos 1 a 3, que contêm as denunciações de Jeová contra os representantes oficiais da nação, para os caps. 6 e 7 em que se encontram as controvérsias com o povo. A representação de Jeová em controvérsia com Israel, era familiar aos profetas deste período, Os 4. 1; 12. 2; cp. Is 1. 2-24. Era também prática muito comum dos profetas Miquéias, Oséias e Isaías, referirem-se aos fatos da primitiva história como se vê em Is 6. 4, 5; 7. 15, 20; Mq 1. 15. Do mesmo modo que as profecias dos capítulos 1 até 5 se parecem com as produções de Isaías, assim também se parece o cap. 6 com o primeiro capítulo do mesmo profeta.

MIRIÃ, *Rebelião.*

1. Nome da irmã de Arão e de Moisés, Êx 15. 20; Nm 26. 59. Pode bem ser que fosse ela quem vigiava o cestinho que encerrava o corpo do menino Moisés, boiando nas águas do Nilo, Êx 2. 4-8. Depois da passagem do Mar Vermelho, saiu Miriã tocando adufe e após ela as mulheres também com os adufes e com danças, Miriã ia adiante delas e entoava dizendo: Cantemos ao Senhor, porquanto ele gloriosamente, submergiu no mar o cavalo e o cavaleiro, 15. 20, 21. Era profetisa e Deus a escolheu juntamente com seus irmãos para serem os guias do povo hebreu, 4. 15, 29, 30; Mq 6. 4. Arão e Miriã falaram contra Moisés por causa de sua mulher etiopiza, com a qual, pensavam eles, não se deveria ter casado, em descrédito de sua posição e da sua influência. Porventura falou o Senhor só por Moisés? Não nos falou também a nós? disseram Miriã e Arão. Por causa desta insubordinação à vontade de Deus, ficou branca de lepra como a neve, de que foi curada pela intervenção de Moisés, Nm 12. 15; Dt 24. 9. Morreu Miriã e foi sepultada em Cades, Nm 20. 1.

2. Nome de um homem de Judá, descendente de Esdras, 1 Cr 4. 17.

MIRMA, *Engano.*

Nome de um benjamita filho de Saaraim e de sua mulher Hodes, 1 Cr 8. 10.

MIRRA

1. Nome de uma substância aromática, que em hebreu se chama *mor*, e em grego *smyrna*. Este aroma se ajuntava ao óleo com que se ungiu Arão e seus sucessores, Êx 30. 23; servia também para perfumar as vestes e os leitos, Sl 45. 8; Pv 7. 17; Ct 3. 6. Com óleo de mirra se purificavam as damas na Pérsia, Et 2. 12. Os magos, vindos do oriente, ofereceram mirra ao infante Jesus, Mt 2. 11. Quando Jesus pendia da cruz no Calvário, ofereceram-lhe vinho misturado com mirra

com o fim de lhe amortecer as dores do sacrifício, Mc 15. 23. A mirra entrou na composição das especiarias destinadas a ungir o corpo de Jesus, Jo 19. 39. Também servia para embalsamar os mortos, Heród. 2. 86. A árvore que a produz, cresce na Arábia, 3. 107; Plínio 12. 16, e denomina-se *Balsamodendron myrrha*, é árvore baixa, de casca e madeira aromática; tem galhos curtos e espinhosos, e folhas trifoliadas; produz umas frutas semelhantes à ameixa. Cresce na Arábia Félix, aonde a vão buscar os negociantes.

2. Tradução da palavra hebraica *Lot*, Gn 37. 25; 43. 11. A tradução não é muito feliz. Seria melhor dizer *ladanum*, que os gregos chamam *ledon* e *ladanon*, cognato com o hebreu *lot*, resina aromática, contendo um óleo volátil produzido pelo *Cistus creticus* e por outras espécies de estevas. Cresce na Síria.

MIRRA

Nome de uma cidade da Lícia, onde o apóstolo S. Paulo mudou de navio, indo prisioneiro para Roma, At 27. 5, 6. Mirra era uma das principais cidades da Lícia. Estava situada a uns três quilômetros da costa sobre um outeiro à entrada da garganta que dá acesso ao interior da região montanhosa. Hoje tem o nome de Dembra.

MISA, *Prontidão.*

Nome de um benjamita, filho de Elpaal, que em companhia de seus irmãos, fundaram as cidades de Ono e Lode, 1 Cr 8. 12.

MISAEL, *Quem é Deus?*

1. Nome de um dos três companheiros de Daniel, que lhe foi posto pelos babilônios, Dn 1. 6, 7, 11, 19; 11. 17; 1 Mac 2. 59.

2. Nome de um dos que estavam ao lado de Esdras, quando ele doutrinava o povo, Ne 8. 4.

3. Nome de um levita da família de Coate, e casa de Oziel, Ex 6. 22; Lv 10. 4.

MISAEL, *Quem é Deus?*

Nome de um levita, da família de Coate e da casa de Oziel, Ex 6. 22; Lv 10. 4.

MISAL

Nome de uma cidade da tribo de Aser, Js 19. 26, que foi dada, com os seus subúrbios, aos levitas da família de Gérson, 21. 30. Chama-se Masal em 1 Cr 6. 74. Não identificada.

MISIA

Nome de uma província, situada no extremo noroeste da Ásia Menor, limitada ao norte pelo Propôntis que agora tem o nome de Mar de Mármora, ao sul, pela Lídia, ao oriente, pela Bitínia e a oeste, pelo Helesponto. Tróade estava situada nesta província. Paulo e Silas chegaram à cidade de Tróade, atravessando aquela região, At 16. 7, 8, chegando até Assôs, onde o foram encontrar os seus companheiros. Em Pérgamo, terceira cidade depois de Assôs, havia uma das sete igrejas, mencionadas no Ap 1. 11; 2. 12-17.

MISMA, *Audição.*

1. Nome de uma tribo, descendente de Ismael, Gn 25. 14; 1 Cr 1. 30. Este nome acha-se representado em Jebel Misma, entre Damasco e Jauf, ou na outra Jebel Misma, situada a 278 quilômetros ao oriente de Taima.

2. Nome de um descendente de Simeão, 1 Cr 4. 25.

MISMANA, *Gordura.*

Nome de um dos gaditas, que foi ao encontro de Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 10.

MISPA

1. Nome de uma aldeia perto da planície de Judá, Js 15. 38, geralmente identificada com *Tell es-Safi*, a 13 quilômetros a noroeste de *Beit Jibrin*. Eusébio a dá situada ao norte de Eleuterópolis, que é *Beit Jibrin*, na direção de Jerusalém.

2. Nome de uma cidade de Gileade, situada ao oriente do Jordão, Jz 10. 17; 11. 11, provavelmente a mesma Masfa de Gileade do cap. 11. 29, e Masfe, de Josué 13. 26, outrora Ramote em Gileade, e Ramote de Gileade, Dt 4. 43; 1 Rs 4. 13; 2 Rs 8. 28, 29. Estava situada no território de Gade, Js 13. 26, e nos limites determinados para os levitas, 21. 38, e destinada a ser cidade de refúgio, Dt 4. 43; Js 20. 8. Serviu de residência a Jefté, Jz 11. 34, e residência de um dos doze recebedores dos tributos que o rei Salomão havia posto em todo o reino, 1 Rs 4. 13. Custou muitas batalhas para assegurar a sua posse entre os israelitas e os sírios, 1 Rs 22. 3, etc.; 2 Rs 8. 28. Judas Macabeu a tomou e a reduziu a cinzas, 1 Mac 5. 35. Segundo o testemunho de Eusébio, estava a 15 milhas romanas a oeste de Filadélfia sobre o Jaboque. Geralmente a identificam com *es-Salt* a 20 quilômetros ao oriente da foz do Jaboque e a passagem do Jordão em Damié; porém, as ruínas da cidade de Jalude a 11 quilômetros ao norte de *es-Salt* tem mais direito à identificação.

3. Nome da cidade para onde foram chamadas as tribos de Israel, por várias vezes a fim de conferenciarem sobre os interesses comuns, 1 Sm 7. 5-7; 10. 17; Jz 20. 1-3; 21. 1, 5, 8. O rei Asa a fortificou para defender-se das tribos do norte, 1 Rs 15. 22; 2 Cr 16. 6. Depois da destruição de Jerusalém, o governador de Babilônia fixou a sua residência em Mispa, 2 Rs 25. 23-25; Jr 40. 6-11, 12-16; 41. 1-16. Depois do cativeiro, os exilados estabeleceram-se outra vez em Mispa, Ne 3. 7, 15, 19. Robinson acredita que esta cidade devia estar onde existe hoje *Neby Samwil*, que quer dizer profeta Samuel, ou em *Tell el-Ful*, eminência ao norte de Jerusalém, se bem que ele dá preferência ao primeiro destes lugares. Esta identificação recebeu cordial acolhimento. Este local está a cerca de 1.000 metros acima do nível do mar e distante de Jerusalém cerca de oito quilômetros para os lados de noroeste de onde ela é vista distintamente.

4. Nome de um lugar na terra de Moabe, ainda não identificado, 1 Sm 22. 3.

5. Nome de um lugar nas raízes do monte Hermom, Js 11. 3. Não identificado. O vale de Mispa mencionado no v. 8, é talvez o mesmo local.

MISPA

Nome de uma cidade de Benjamim, Js 18. 26, pouco distante de Ramá, e acima de Jerusalém, 1 Mac 3. 46.

MISPÁ, *Torre de Vigia.*

Nome que se deu a um monte de pedras levantado ao norte do Jaboque, chamado Galaade, ou montão do testemunho para indicar que Deus era testemunha entre as partes contratantes do modo por que cumpriam o prometido, Gn 31. 44-49.

MISPAR, *Narrativa, número.*

Nome de um dos exilados que voltou com Zorobabel, Ed 2. 2. Em Ne 7. 7 este nome vem com a forma feminina Misperete.

MISRAEUS

Nome de uma família que se relaciona com os de Quiriate-Jearim, 1 Cr 2. 53.

MISRAIM, Forma dual da palavra *misra*, que significa *defesa*, ou *terra defendida*.

Nome que se dava ao Egito. A forma dual parece designar as duas regiões, a do Alto e a do Baixo Egito, ocupadas pelos descendentes de Cão, Gn 10. 6.

MISREFOTE-MAIM, Fogo, ou elevação das águas.

Nome de um lugar até onde Josué perseguiu os reis que havia derrotado nas Águas de Merom, Js 11.8, nas fronteiras do país dos sidônios, 13.6, identificado agora com as ruínas e a fonte de el-Museirifé, a 20 quilômetros ao norte do Acre e a menos de 1 quilômetro do mar nas raízes do Ras en-Nacurá.

MISTÉRIO

Vocábulo oriundo da religião pagã em que o mistério significava doutrina secreta e peculiar, que distinguia uma religião de outra, concretizada nos ritos, cerimônias e purificações privativas dos iniciados. A palavra mistério não inclui a idéia de doutrina incompreensível. Em o Novo Testamento significa um segredo escondido desde os tempos eternos, Rm 16. 25, até que o homem fosse preparado pelo Espírito de Deus para recebê-lo e apreciá-lo, Mc 4. 11. É grande o mistério da piedade, com que Deus se manifestou em carne, foi justificado pelo Espírito, foi visto dos anjos, tem sido pregado aos gentios, crido no mundo, é recebido na glória, 1 Tm 3. 16.

MITANITA

Nome de um habitante de uma cidade denominada Metém, 1 Cr 11. 48.

MITCÁ, *Doçura.*

Nome de um acampamento dos israelitas no deserto, Nm 33. 28.

MITILENE

Nome de uma cidade, entre Assôs e Quios, que S. Paulo visitou, At 20. 13-15. Era capital da ilha de Lesbos, do Arquipélago Grego, notável por haver sido o berço do poeta Alceu, do estadista Pitaco e da poetisa Safo. Ainda conserva o mesmo nome.

MITRA

Cobertura para a cabeça, chamada em hebreu *misnepheth*, usada pelo sumo sacerdote, feita de linho fino, adornada com uma chapa de puro ouro, tendo gravadas as palavras: Santidade ao Senhor. Esta lâmina atava-se à mitra com uma fita de jacinto, Ex 28. 4; 36-39; Lv 16. 4; Ez 21. 26.

MITREDATE, *Dado por Mitra, espírito animador do fogo.*

1. Nome de um tesoureiro de Ciro, rei dos persas, que por ordem do rei entregou os vasos do templo do senhor aos judeus, Ed 1. 8.

2. Nome de um dos que, no reinado de Artaxerxes Longímano se queixaram de que os judeus estavam reconstruindo os muros de Jerusalém, Ed 4. 7.

MIZÁ, *Temor, receio.*

Nome do chefe de uma tribo da terra de Edom, descendente de Esaú e também de Ismael, Gn 36. 3, 4, 13, 17; 1 Cr 1. 37.

MNASOM

Nome de um discípulo antigo, natural de Chipre, em cuja casa se ia hospedar o apóstolo S. Paulo, At 21. 16.

MOABE, *Desejo?*

1. Nome de um filho de Ló, produto de um ajuntamento incestuoso com sua filha mais velha, Gn 19. 37.

2. Nome dos descendentes de Moabe, filho de Ló, intimamente ligados aos amonitas, Gn 19. 37, 38. Ramsés II conquistou os moabitas, segundo se lê na inscrição da base da estátua em Luxor. Formavam um povo numeroso antes que os israelitas passaram o Mar Vermelho, Ex. 15. 15. Ocupavam o país desde as planícies de Hesbom até ao *wady Kurahi*, que emerge no extremo sul do Mar Morto e formava na linha divisória entre Edom e Moabe. Estas duas tribos absorveram e destruíram a raça forte dos emins, primeiros habitadores do país, ao oriente do Jordão, Dt 2. 10, 11, 19-21; cp. Gn 15. 5. Pouco antes da entrada dos israelitas em Canaã, Seom, rei dos amorreus, tomou aos moabitas as pastagens e as terras ao norte do Arnom. O país continuou a ser denominado terra de Moabe, confinando por algum tempo com as terras ao norte do Arnom, Nm 21. 13-15, 26-30. Os moabitas mostravam muita camaradagem com os emigrados israelitas por interesses comerciais, Dt 2. 28-29, mas negaram permissão para atravessarem o seu território, Jz 11. 17; cp. Dt 23. 4. Em virtude do parentesco dos moabitas com os israelitas, Jeová ordenou a Moisés que os não guerreassem, Dt 2. 9; cp. 19. Não obstante, o rei de Moabe se alarmou quando os israelitas acamparam nas suas vizinhanças e contratou o profeta Balaão para os amaldiçoar, Nm caps. 22 a 24; Js 24. 9. Por causa destas hostilidades, ordenou o Senhor que não lhes fosse permitida a entrada na congregação ainda depois da décima geração, e bem assim que não fizessem pazes com eles por todos os dias de sua existência, Dt 23. 3-6; Ne 13. 1. O último acampamento dos israelitas antes de passarem o Jordão, foi em Sitim, nas planícies que ficavam dentro dos antigos limites de Moabe, Nm 22. 1 até Js 3. 1. Enquanto estiveram ali acampados, as mulheres moabitas e edomitas os seduziram para as práticas idólatras e licenciosas do paganismo, Nm cap. 25; Os 9. 10. Logo no princípio do governo dos juízes, Eglom, rei de Moabe, invadiu Canaã, assentou o seu govêrno em Jericó e oprimiu os israelitas que habitavam a região montanhosa adjacente, durante 18 anos até ser assassinado por Aode, Jz 3. 12-30; 1 Sm 12. 9. Elimeleque peregrinou em Moabe onde lhe nasceram as duas filhas Orfa e Rute. Esta casou com Booz e veio a ser antecessora do rei Davi, Rute, 1. 22; 4. 3, 4, 5, 10, 13-17; Mt 1. 5-16. Saul guerreou os moabitas, 1 Sm 14. 47 e Davi, quando perseguido por Saul, pôs o seu pai e sua mãe, sob a guarda do rei de Moabe, 22. 2, 4. Quando Davi chegou a ser rei, subjugou os moabitas, impôs-lhes tributos e condenou grande parte dêles à morte, 2 Sm 8. 2, 12; 1 Cr 18. 2, 11. Os moabitas também estiveram sujeitos a Onri e a seu filho; porém, após a morte de Acabe, revoltaram-se, e não puderam ser dominados, nem pelos netos de Onri, nem por Ocozias, incapacitado por causa de uma queda, nem por Jorão, 2 Rs 1. 1; 3. 4-27; Pedra Moabita. Josafá era rei de Judá por este tempo. Os moabitas confederaram-se com os amonitas, com os edomitas e com outros povos vizinhos para invadirem o reino de Judá. Estes aliados, porém, guerrearam entre si e se deram a morte, de modo que o rei de Judá não teve necessidade de desferir um só golpe para se livrar dêles, 2 Cr 20. 1-30; cp. Sl 60. 8; 83. 6; 108. 9. No ano em que morreu o profeta Eliseu, bandos de moabitas invadiram o reino de Israel, 2 Rs 13. 20. Pagaram tributos a Tiglate-Pileser e a Senaqueribe, reis da Assíria. Entraram no reino de Judá no tempo de Joaquim, 2 Rs 24. 2. Muitas das cidades do norte do Arnom voltaram ao poder dos moabitas, cp. Is 15. Os profetas denunciaram os moabitas muitas vezes, como sendo os tipos de todos os inimigos do reino de Deus, Is caps. 15, 16, 25; Jr 9. 26; 25. 21; 27. 3 e cap. 48; Ez 25. 8-11; Am 2. 1, 2; Sf 2. 8-11. Alguns dos judeus que fugiram de Jerusalém, quando Nabucodonosor invadiu o reino de Judá, refugiaram-se em Moabe, e de lá voltaram, quando Gedalias foi nomeado governador, Jr 40. 11. Nabucodonosor subjugou os moabitas, Antig. 10. 9, 7. Daqui em diante desapareceram da história das nações, Ed 9. 1; Ne 13. 1, 23; Antig. 1. 11, 5. Alexandre Janeu impôs-lhes tributos, Antig. 13. 13, 5.

3. O país ocupado pelos moabitas tinha o nome de Moabe. Era limitado ao ocidente pelo Mar Morto, e separado de Edom, ao sul, pelo *wady Kurahi*, conhecido pelo nome de *wady el-Ashy*, na parte superior de seu curso; ao oriente é limitado pelo deserto, Nm 21. 11. O limite setentrional, reconhecido pelos amorreus e pelos israelitas, era o Arnom, Nm 21. 13; Dt 2. 36; 3. 12; Js 12. 1; Jz 11. 18; porém, os moabitas em tempos remotos, Nm 21. 26, ocupavam como seu um distrito considerável ao norte do rio, Is cap. 15; Pedra Moabita, 8-30. Moabe está situado sobre um planalto ondulado, a cerca de 800 metros de altitude, muito próprio para nutrição de gado. O limite ocidental desce abruptamente para o Mar Morto, cor-

tado por vales profundos. A praia do Mar Morto é comparativamente fértil, graças à profusão das nascentes de água que para ali correm. O campo de Moabe fazia parte de seu território, Gn 36. 35; Nm 21. 20. As planícies de Moabe compreendiam a parte do vale do Jordão que em outros tempos estava dentro de seus limites, ao oriente do rio, defronte de Jericó e ao longo da praia oriental do Mar Morto, Nm 22. 1; 33. 48, 49.

MOADIAS, *Exército de Jeová.*

Nome do chefe da família entre os sacerdotes no tempo do sumo pontífice Joiaquim, Ne 12. 17.

MOCHO

1. Tradução da palavra hebraica *Bath hay-yalanah*, Lv 11. 16.

2. Tradução da palavra hebraica *Kos*, môcho, ave considerada imunda pela lei cerimonial, Lv 11. 17; Dt 14. 16, que freqüenta lugares arrasados, Sl 102. 6. Provavelmente é a pequena coruja, *Athene glaux*, muito abundante na Palestina onde freqüenta os olivedos, os cerrados, os túmulos e as ruínas.

3. Tradução da palavra hebraica *Yanshuph*, íbis, em Lv 11. 17; Dt 14. 16, e que habitava em lugares desertos, Is 34. 11. A Vulgata e os Setenta dizem íbis e os Targuns e a versão siríaca traduziram coruja. Tristram acredita que seja a coruja águia dos egípcios (*Bubo ascalaphus*) que habita em cavernas e entre as ruínas, muito comum em Petra e em Berseba.

4. Tradução da palavra hebraica *Tinshemeth*, cisne, Lv 11. 18. Os Setenta traduziram garça e a Vulgata, cisne.

5. Tradução da palavra hebraica *Lilith*, espetro noturno, Is 34. 14, que também freqüenta as ruínas na Palestina.

6. Tradução da palavra hebraica *Kippos*, serpente, Is 34. 15 em árabe *kiffaza*.

MODIM, *Adivinhos.*

Nome de uma cidade dos macabeus, 1 Mac 2. 1, onde se achava o túmulo da família deste nome, e onde Matatias e dois de seus filhos, Judas e Jônatas, foram sepultados, 2. 70; 9. 19; 13. 25. Estava situada na orla da planície da Filístia, 14. 4, 5, e do mar se avistava o túmulo acima referido, 13. 29. Esta cidade ainda existia no tempo de Euzébio e de S. Jerônimo, situada nas vizinhanças de Dióspolis, que é Lida. O Talmude calcula a sua distância de Jerusalém em 15 milhas romanas. Existem divergências quanto à sua posição. Hitzig diz que era em *el-Burj* a 4 quilômetros ao sul de Midié; e Robinson, acompanhando os dizeres dos peregrinos medievais, afirma que é Latrum. A opinião mais recente é a de Forner, e a mais aceitável, em favor de Midié, à beira da estrada que vai a Jerusalém, via Bete-Orom, 11 quilômetros distante de Lida e 33 quilômetros da cidade santa. A uns 900 metros ao norte da arruinada cidade de Midié e a igual distância para oeste da moderna povoação, eleva-se um outeiro de cujo cimo se podem avistar os navios que passam pela costa e onde se encontraram os fundamentos de um majestoso túmulo.

MOEDA DE PRATA

Tradução da palavra hebraica *Keseph*, prata, em Is 7. 23, que em outros lugares se traduz por sequel e moedas de prata.

MOINHOS

Na Palestina e nos países circunvizinhos, o moinho era uma simples máquina, formada de duas pedras redondas sobrepostas, Dt 24. 6. Atualmente as pedras de moinho são feitas de basalto, com 0,50 cent. de diâmetro e 0,m0508 a 0,m1016 de espessura. A pedra inferior era ligeiramente convexa e armada com um pino no centro que serve de eixo à pedra de cima que sobre ele gira. A pedra que fica em cima é ligeiramente côncava pelo lado de baixo formando caixa com a pedra inferior e tem uma abertura circular no centro por onde se despejam ou introduzem os grãos, e onde entra o pino da pedra que fica por baixo. Perto da circunferência levanta-se uma manivela que serve para fazê-la girar com a mão. A farinha sai pela circunferência da pedra inferior e cai sobre um pano estendido por baixo, ou em uma vasilha apropriada. O trabalho da moagem é fatigante, geralmente feito pelas mulheres, Ec 12. 3; Mt 24. 41, pelas escravas, Êx 11. 5; Is 47. 2, e pelos prisioneiros, Jz 16. 21. Nas casas das famílias judaicas, não era serviço humilhante virar o moinho todos os dias pela manhã para os gastos do dia, serviço esse que, no inverno, se fazia antes de amanhecer. No caso de ser penhorada a pedra do moinho, a família ficava sem farinha até que fosse resgatada a pedra, e por este motivo, a lei mosaica proibia receber em caução a mó de cima ou a de baixo, porque era receber a própria vida do devedor, Dt 24. 6. O silêncio dos moinhos era sinal de grande desolação, Jr 25. 10; Ap 18. 22. Além dos pequenos moinhos, havia outros de grandes dimensões movidos por um animal, Mt 18. 6.

Mulheres moendo

MOISÉS, Derivado do egípcio *mes*, ou *mesu*, filho.

Nome de um grande legislador hebreu, pertencente à tribo de Levi, da família de Coate e da casa de Anrão, Êx 6. 18-20, filho de Jacobede, sua mãe, 20. Esta expressão deve ser entendida no sentido de antecessora. Anrão a Jacobede, foram os fundadores da casa tribal em que Moisés nasceu. Veja *Egito.*

O edito que mandava matar todos os meninos que nascessem das mulheres hebréias, pôs em grande risco a vida do infante Moisés. Sua mãe, vendo-o tão perfeito, escondeu-o durante três meses em sua casa. Não podendo ocultar por mais tempo, tomou um cestinho de junco, barrou-o com betume e pez, meteu dentro o menino e o expôs num canavial que estava na ribanceira do rio. Ao longe ficou Miriã, sua irmã, a observar o que sucederia. Ao mesmo tempo, eis que descia a filha de Faraó para se banhar no rio. Segundo Josefo, chamava-se Termútis, a princesa egípcia, Antig. 2. 9, 5. Euzébio diz que o nome dela era Merris, que soa como Meri, uma das filhas mais novas de Ramsés II. Os rabinos identificam-na com Bitia, filha de Faraó, 1 Cr 4. 17. Vendo ela o cestinho no canavial, mandou uma das suas criadas a trazer-lho. Abrindo-o, e vendo nele um menino que chorava, compadecida dele, disse: Este é algum dos meninos dos hebreus. Miriã adiantou-se e disse à filha de Faraó: Queres que vá e que te chame uma mulher hebréia que possa criar êste menino? A princesa consentiu e o menino foi criado pela própria mãe. Sendo já adulto, entregou-o à filha de Faraó que o adotou por seu filho e lhe pôs o nome de Moisés, dizendo: Porque eu o tirei da água, Êx 2. 1-10.

O filho adotivo de uma princesa deveria ter educação principesca e, por isso, foi ele instruído em toda a literatura dos egípcios, At 7. 22, que nesse tempo excediam em civilização a qualquer outro povo do mundo. Deste modo se preparou para exercer missão mais elevada do que a de ser herdeiro do trono dos Faraós. Deus o estava preparando para servir de condutor dos hebreus. Moisés possuía grandes dotes naturais, aperfeiçoados por uma cultura especial, que o preparavam para exercer a grande missão destinada para ele. Familiarizou-se com a vida na corte, privou com os príncipes, contemplou a grandeza, as pompas e os rituais do culto; entrou no conhecimento do simbolismo convencional, fez-se tal quanto o permitiam as idéias do tempo. Presidiu à administração da justiça e familiarizou-se com as artes em uso na vida civilizada daquela época. Contudo, não perdeu de vista a sua origem, acreditava nas promessas reservadas ao povo hebreu. Antes mesmo de terminar a sua estada no Egito, já tinha descoberto que Deus o chamara para ser juiz e libertador dos israelitas, seus irmãos. Viu um dos egípcios lutando com um dos hebreus, e matou-o, escondendo o cadáver na areia. Tendo saído ao outro dia, viu a dois hebreus rixando, e disse ao que fazia a injúria: "Por que maltratas tu o teu próximo?" o qual respondeu: "Quem te constituiu a ti príncipe, e nosso juiz? Acaso queres matar-me como mataste ontem ao egípcio?." Faraó tendo notícia do caso, procurava matar a Moisés; mas este, fugindo da sua vista, retirou-se para a terra de Midiã. Não quis ser chamado filho da filha de Faraó e lançou a sua sorte com o povo de Deus, assumindo as funções de salvador e juiz sobre ele, Ex 2. 11-15; At 7. 24-28; Hb 11. 24, 25. Tinha ele a idade de quarenta anos, At 7. 23. Chegado que foi a Midiã ajudou as filhas de Jetro a dar água aos rebanhos. Por este ato, foi ele apresentado ao pai das moças que era sacerdote e que o acolheu bondosamente, deu-lhe emprego e o casou com uma das suas filhas. Deste casamento teve ele dois filhos, Gérson e Eliezer, Ex 2. 22; 4. 20; 18. 3, 4. Demorou-se em Midiã, cerca de quarenta anos, At 7. 30, associado intimamente com o povo que era descendente de Abraão e que talvez adorasse o Deus de Abraão, cp. Êx 18. 10-12. Este lapso de tempo serviu-lhe de escola preparatória, convivendo com homem que exercia funções elevadas entre os midianitas, homem de bom senso e sacerdote, Êx cap. 18. Neste meio, Moisés alargou seus conhecimentos religiosos e familiarizou-se com as formas de culto, ficou conhecendo os caminhos do deserto, os recursos que ali havia, estudou o clima e os costumes do povo. No meio da grandeza solene do deserto e de sua profunda solidão, teve tempo para meditar e refletir. Ao terminar este período, foi ele surpreendido com o incêndio de uma sarça, que ardia sem se consumir. Aproximando-se para observar o fenômeno, o Senhor o chamou no meio da sarça para ir libertar o seu povo. Moisés opôs a sua incapacidade para tal empresa, Êx 3. 11. Eis aqui eu irei, disse Moisés, aos filhos de Israel, e lhes direi: O Deus de vossos pais me enviou a vós outros. Mas se eles me disserem: Que nome é o seu? que lhes hei de responder? 13. Não me darão crédito, nem ouvirão a minha voz, 4. 1. Alegou também Moisés a falta de eloqüência para persuadir, 10. Todas estas dificuldades foram removidas, e Moisés teve de ceder ainda que contrariado. Deus se desagradou e prometeu-lhe o auxílio de Arão, 14. Moisés tomou a sua mulher Zipora, com os dois filhos, e voltou para o Egito, 20. Um dos filhos, o mais moço, ainda não havia sido circuncidado, porque Zipora considerava este rito muito bárbaro. Cedendo à resistência de sua mulher, Moisés revelou incapacidade, não só para governar a sua casa, como para desempenhar-se de tão elevada missão junto de seu povo. Deus desgostou-se de Moisés por haver negligenciado o sinal do pacto. E quando Moisés ia no caminho, o Senhor se lhe pôs diante na pousada e queria matá-lo. Zipora percebendo a causa, tomou logo uma pedra agudíssima e circuncidou o prepúcio de seu filho, e disse a Moisés: "Tu és para mim esposo sanguinário", Êx 4. 24-26. Chegando ao Egito, Moisés e Arão repetidamente compareceram à presença de Faraó, como enviados por Deus para conduzirem ao deserto o povo hebreu. A resistência de Faraó atraiu sobre si e sobre o povo egípcio sucessivos castigos com o nome de as dez pragas do Egito, caps. 5 a 12. 16. Quando chegou a hora da partida, Moisés tomou o comando do povo. No Sinai foi ele admitido a íntimas relações com Deus, cuja voz se fez ouvir no acampamento articuladamente, e Moisés viu a Deus que falava com ele, cara a cara, como um homem fala com o seu amigo, Êx 24. 9-11; 33. 11, 17-23; 34. 5-29, que lhe revelou a sua vontade para instruir o povo, do modo por que o fez mais tarde por meio de seus profetas. Em comunhão com Deus, obteve dele os estatutos, baseados nos dez mandamentos. Logo depois de uma estada de quarenta dias sobre o monte, recebeu instruções para a construção do tabernáculo e o modo de ser adornado, e bem assim as tábuas de pedra. Durante a longa ausência de Moisés, o povo fez para si um bezerro de ouro. Sabedor deste grande pecado, Moisés indignado atirou ao chão as tábuas de pedra e as quebrou. Por este ato significou ele que o pacto feito com Jeová, expresso nas dez palavras da lei, havia sido anulado pelo pecado do povo, que teve de sofrer pesados castigos. Todos quantos se achavam perto do lugar em que se adorou o bezerro e que se não retiraram, quando Moisés os exprobrava pelo seu pecado, foram mortos às mãos dos levitas que voluntariamente se ofereceram para este fim. Tendo agido simbólica e judicialmente, Moisés passou a agir como mediador, intercedendo pelo seu povo. Depois do que, Deus promete enviar o seu anjo para servir-lhe de precursor. O Senhor chamou outra vez a Moisés ao monte, onde recebeu novas instruções sobre o culto e as ordenanças, tão grosseiramente violadas, e recebeu também outras duas tábuas de pedra iguais às primeiras que Moisés havia quebrado, caps. 19, 20, 32 até 34.

Em uma destas ocasiões jejuou quarenta dias e quarenta noites, Êx 24. 18; 34. 28; Dt 9. 9-18, como Elias fez mais tarde, 1 Rs 19. 8, ambos prefigurando o jejum de Nosso Senhor, Mt 4. 2. O nome de Moisés acha-se para sempre associado às leis promulgadas no Sinai e à peregrinação pelo deserto. Veja *Levítico* e *Números*.

Quando Moisés desceu do Sinai, depois de lá estar quarenta dias pela segunda vez, trazendo consigo as tábuas da lei, do seu rosto saíam uns raios que lhe tinham ficado da conversação com o Senhor, de que o povo se arreceou, evitando aproximar-se dele, Ex 34. 29. Chamados por ele, vieram os filhos de Israel aos quais expôs todas as ordens que tinha recebido do Senhor no Monte Sinai, e cobria o rosto com um véu todas as vezes que lhes falava. Mas quando Moisés entrava à presença do Senhor, tirava o véu até sair, 33, 34. A nova versão inglesa, seguindo os Setenta e a Vulgata e traduzindo corretamente o texto hebreu, diz o contrário: "E quando Moisés tinha acabado de falar com eles, punha um véu sobre o rosto." Ele não usava o véu, nem quando falava com o povo, nem com o Senhor. Ele cobria o rosto, não para esconder o seu esplendor, e sim para ocultar a ação deslumbrante do seu brilho e só o retirava quando entrava de novo à presença do Senhor, e nessa ocasião o brilho se tornava mais intenso. Moisés punha um véu sobre o rosto para que os filhos de Israel não fixassem a vista no seu semblante, cuja glória havia de perecer, 2 Co 3. 13.

No segundo ano da viagem pelo deserto, desposou uma mulher cusita, Nm 12. 1. É quase certo que Zipora havia falecido no ano anterior, apesar do silêncio da história, cp. Êx 18. 2. Corria entre os judeus, em tempos posteriores, que a segunda esposa de Moisés era uma princesa etíope,

chamada Tarbis, que se havia enamorado dele por ocasião de comandar um exército egípcio para a Etiópia, quando ainda fazia parte da casa de Faraó, Ant. 2. 10, 2. Evidentemente não passa de uma lenda. O segundo casamento deu-se no deserto, quando Miriã e Arão se mostraram invejosos da superioridade de Moisés na direção dos negócios públicos. Ambos dirigiam as hostes, tomavam parte nos negócios públicos e ambos eram profetas como Moisés, e por este motivo se julgavam com direito a fazer oposição ao casamento de Moisés com mulher estrangeira, que talvez fizesse parte da multidão mista que acompanhou os israelitas, quando saíram do Egito, Êx 12. 38.

Logo depois de largarem de Cades, Coré e outros príncipes revoltaram-se contra a autoridade de Moisés e Arão, pelo que foram severamente punidos por Deus, Nm 16. Veja *Coré*. No segundo acampamento, em Cades, Moisés e Arão pecaram contra Deus, Nm 20. Quando Deus ordenou a Moisés que ferisse a rocha, congregou o povo diante da pedra e disse: "Ouvi, rebeldes e incrédulos, acaso poderemos nós fazer sair desta pedra água para vós outros?" Os dois irmãos perderam de vista a sua posição dependente e subordinada a Deus. Julgaram-se únicos guias do povo, de quem dependia tudo o que lhe era necessário; esqueceram-se de que foi Deus quem tirou o povo do cativeiro do Egito e que o sustentou durante quarenta anos no deserto. Tomaram para si a honra que só a Deus pertencia. Deus os chamou para seus delegados e eles empregavam a sua autoridade para se engrandecerem, por isso Deus os privou de entrar na terra prometida. Este duro castigo não alterou a fidelidade de Moisés ao seu Deus. Depois da sentença condenatória, continuou a ser fiel como dantes. Recomeçando a sua marcha para Canaã, levou Arão ao cimo do monte Hor, despojou-o de suas vestes oficiais e transferiu as suas funções a Eleazer. Deste modo, ele próprio auxiliou a executar a sentença. Quando o povo era mordido pelas serpentes venenosas, ele intercedeu com Deus que lhe ordenou levantar a serpente de metal que servia para curar todos que fossem mordidos e que para ela olhassem. Conduziu as tropas de Israel ao território de Seom e de Ogue e o conquistou para Israel. Quando acamparam em um vale entre as montanhas de Abarim e avistaram a terra prometida a Abraão, a Isaque e a Jacó, as emoções da alma de Moisés contidas até então, irromperam como em outras ocasiões desde que havia pecado, encontraram alívio na oração: "Senhor Deus, tu começaste a mostrar ao teu servo a tua grandeza, e a tua mão poderosa... passarei, pois, e verei essa excelente terra além do Jordão, e esse notável monte e o Líbano." A isto o Senhor respondeu: "Basta, não me fales mais nisto, porque tu não passarás este Jordão", Dt 3. 24-27. Levantou-se o acampamento para o vale de Sitim, e Moisés pôs em ordem a sua casa e, preparando-se para morrer, fêz as despedidas a seu povo. Veja *Deuteronômio*. Levou a Josué destinado pelo Senhor para seu sucessor e apresentou-o ao sumo sacerdote na presença da congregação, e lhe impôs as mãos e o investiu no cargo que ele havia exercido durante quarenta anos, com tanta distinção e eficiência, Dt 34. Depois levou-o à porta do tabernáculo para receber de Deus a investidura de seu cargo. Ensinou ao povo um cântico para que ele conservasse na memória palavras de sabedoria religiosa e as tivesse prontas na língua; era o cântico de despedida em que ele registava as bênçãos para cada uma das tribos. E subindo ao monte Nebo, ali morreu na idade de 120 anos. Nunca a vista se lhe diminuiu, nem os dentes se lhe abalaram. O Senhor o sepultou no vale da terra de Moabe, defronte de Bete-Peor, Dt 34. Durante os quarenta anos, que passou no deserto é que ele produziu as suas obras literárias. Registou o nome dos vários acampamentos, Nm 33, a batalha com Amaleque, Êx 17. 14, mandou escrever as leis baseadas no pacto, 24. 4-7, conservou uma cópia de sua última despedida, Dt 31. 24. Possuía também imaginação fértil, pensamentos profundos, idéias claras, para escrever naquele idioma hebraico de estrutura tão simples, e ao mesmo tempo tão apropriado a servir de veículo a ardentes impressões. O mais espontâneo de seus poemas, escrito sob emoção do momento, foi o cântico que serviu para celebrar a derrota de Faraó no Mar Vermelho, Êx 15. 1-18, no qual atribui a Jeová, a glória do feito, 1-3, descreve o espantoso acontecimento, 4-12, antecipa os seus efeitos sobre os inimigos de Israel, 13-15, e prevê as garantias asseguradas para Israel na terra prometida, 16-18. Este cântico foi composto em alguns momentos, ao passo que o Sl 90, representa o produto de reflexão e tranqüilidade de espírito, em que se acham incorporadas as lições dos quarenta anos que o precederam; é um poema didático destinado a ser retido na memória do povo de Deus, Dt 32, cp. 31. 19-22. As bênçãos por ele pronunciadas por ocasião de seu último adeus, assemelham-se às palavras de Jacó ao despedir-se de seus filhos, e tem a forma poética, Dt 33. Moisés possuía cabedal literário; nas suas várias produções descobrem-se os traços de seus predecessores egípcios. Descobre-se que ele possuía as mesmas idéias literárias operando nele, de parceria com os exemplos da história daquele povo extraordinário, aliadas ao despertamento da vida nacional dos hebreus e os acontecimentos emocionantes que se desenrolaram a seus olhos, para guiá-lo na organização da história de seu povo, tão bem concatenada como se vê no Pentateuco.

Como organizador de um povo, Moisés, guiado por Deus, dotou a Israel com instituições civis e religiosas de primeira ordem. Estas instituições tinham oportunidade, visto como, eram consideradas pelos povos daquele tempo, como essenciais a qualquer povo normalmente constituído, cujos caracteres correspondiam aos ideais da época, expressões da mais elevada moral e das verdades religiosas que a humanidade jamais possuiu. As leis, no seu todo, não eram novas. O pacto fundamental eram os dez mandamentos. Havia muito que os israelitas sabiam que a idolatria condenada pelo segundo mandamento, era ofensiva a Jeová, Gn 35. 2. É evidente que a observância do sábado já existia muito antes que o quarto mandamento fosse promulgado no Sinai. Desde muito, que o povo de Israel sabia que o assassínio, o adultério, o roubo e o falso testemunho, constituíam crimes condenados e punidos pelos homens. O valor da constituição judaica consistia no reconhecimento das obrigações morais que serviam de lei fundamental do reino, e que a ação dos dez mandamentos que caracterizavam os atos externos, penetrava no interior do homem, apontando o coração como o centro de todos os maus desejos que dão origem ao pecado. A parte principal do Livro do Pacto consiste de leis oriundas do Decálogo, Êx 21. 1 até cap. 23. 19. Em certos casos pelo menos, as antigas leis eram reafirmadas e os costumes velhos convertiam-se em leis do reino. O código de Hammurabi (Veja *Amrafel*) habilita-nos a traçar grande parte das ordenanças a um período mais remoto, do que Moisés seria capaz de fazer, e prova que a idéia de codificação, tão saliente no Livro do Pacto, séculos antes de Moisés, já havia tido execução. A legislação eclesiástica de Moisés tinha sua oportunidade; preparando um santuário, subordinado a um plano fundamental, semelhante ao tipo predominante dos templos do Egito, edifício permanente, simétrico em suas proporções, empregando um simbolismo de acordo com o estilo da época, conforme os fins a que se destinavam, e organizando um ritual com uma corporação sacerdotal, cujas funções se assemelhavam em geral, às que se usavam nos povos contemporâneos. Era uma casa santa, um culto que representava o bem, segundo o pensamento e a prática do mundo civilizado, acessível à inteligência, tanto dos israelitas como dos gentios, que professavam o monoteísmo e o espiritualismo, patenteando o modo por que o pecador se podia aproximar de Deus.

Moisés era homem inspirado, mas um código de leis e uma forma de culto inteiramente ignorados desde a criação do mundo, não lhe foram revelados. Moisés era profeta e recebeu inspirações como os outros profetas. Sob as influências do Espírito Santo constituiu-se veículo infalível da mente e da vontade divina para com as suas criaturas. Despendeu soma de dias em comunhão com Deus, que lhe iluminou o entendimento para conhecê-lo e a natureza de seu reino, que o guiou no modo de discernir as leis apropriadas às condições do povo e adaptadas a disciplinã-lo no espírito das instituições divinas. Em comunhão com Deus, habilitou-se a organizar leis e a fundar instituições com elementos antigos e velhos modelos, porém muito diferentes das analogias que eles tinham nos povos contemporâneos. Distinguiam-se deles pelo modo de exibir a natureza espiritual e a santidade de Deus, pelo modo de desembaraçar o proceder do homem das relações cívis e trazê-la também em contacto com Deus, e pelo poder de adaptar a vida secular ao serviço de Deus.

Moisés possuía dotes de estadista. Facilmente descobriu a oposição que lhe faziam os membros de sua própria família, Nm 12; notou o ciúme de outras tribos e mesmo da sua, por causa da posição elevada que ele e Arão tinham, cap. 24; as considerações mundanas que influíam sobre a vida do povo, cap. 32; a sua falta de fé em Jeová nos momentos críticos e a facilidade com que se fazia idólatra. Meditou muito sobre estas fraquezas, que ameaçavam a existência nacional. Por isso, ao preparar o seu discurso de despedida, insistiu muito sobre a existência de um só altar e sobre a espiritualidade da religião como sendo os grandes meios de eliminar esses defeitos, impregnando a vida moral, por um lado, e por outro, conservando a pureza do culto e da doutrina, unificando o povo em um só corpo, e fazendo com que a religião sirva para manifestar a grandeza de suas instituições em confronto com os altares do paganismo. Veja *Altar* e *Deuteronômio*. Depois de sua morte, a estatura grandiosa de Moisés veio a ser reconhecida universalmente e a sua reputação cresceu século após século. Teve ainda a distinta honra de lhe ser permitido reaparecer como representante do Antigo Testamento juntamente com Elias, para conversar com Jesus sobre a sua saída dêste mundo, no Monte da Transfiguração, Mt 17. 3, 4.

MOLADA, *Nascimento, origem.*

Nome de uma cidade no extremo sul de Judá, Js 15. 26, que tocou na partilha da terra à tribo de Simeão, 19. 2; 1 Cr 4. 28, e ocupada pelos israelitas vindos do cativeiro, Ne 11. 26. É sem dúvida a mesma cidade conhecida no período grego pelo nome de Malata, na Idumèia, para onde se retirou Herodes Agripa I, o período menos próspero de sua vida para refazer-se de seu abatimento de espírito, Antig. 18. 6, 2. O Onomásticon assinala a cidade de Malata a 4 milhas romanas distante de Arade, na estrada que vai de Hebrom para Aila, que é Elate. Geralmente a opinião de Robinson é a mais seguida, que a identifica com Mil, situada na estrada romana, a 14 quilômetros a sudoeste de Arade, onde se encontram vestígios de uma cidade extensa com importantes reservatórios; está situada a 18 quilômetros ao sul de Berseba e a 41 a sudoeste de Hebrom.

MOLIDE

Nome de um homem da tribo de Judá, da família de Hesrom e da casa de Jerameel, 1 Cr 2. 29.

MOLOQUE, *O que reina, o rei.*

Nome de uma divindade adorada pelos filhos de Amom, 1 Rs 11. 7. Na língua hebraica, este nome tem o artigo definito prefixado, o que dá a entender que é substantivo comum, ou apelativo, e não nome próprio, tendo a significação de "aquele que reina." Em outros lugares da Escritura é designado pelo nome de Milcom, 1 Rs 11. 5, 33, e Malcã, Jr 49. 1, 3; Sf 1. 5; 1 Cr 20. 2, nome próprio, formado com as terminações *om* e *ã*. Tinha o aspecto de Baal, Jr 32. 35, cujo nome também é comum, e quer dizer: senhor. Adoravam a Baal com sacrifícios humanos em Tiro, sob a denominação de Melcarte, rei da cidade; prestavam-lhe culto detestável, sacrificando-lhe crianças vivas queimadas no fogo, prática muito antiga, entre eles. Quando os israelitas se achavam perto do Sinai e prestes a vizinhar com os amonitas, foi-lhes proibido consagrar seus filhos ao ídolo de Moloque, sob pena de morte, Lv 18. 21; 20. 1-5. Não obstante, Salomão, no fim de sua vida, ergueu altares a Moloque, seduzido pelas mulheres amonitas a quem amou loucamente. Nos séculos seguintes, os israelitas ofereciam seus filhos a Moloque, queimando-os no vale dos filhos de Hinom e nos altos de Tofete, Sl 106. 38; Jr 7. 31; 19. 4, 5; Ez 16. 21; 23. 37, 39; cp. Is 30. 33. O rei Acaz fez passar seus filhos pelo fogo, segundo o costume das nações, 2 Cr 28. 3, e o mesmo fez Manassés, que ao menos um dos seus filhos ele fez passar pelo fogo, 2 Rs 21. 6. Os israelitas do norte também participaram deste crime hediondo, 2 Rs 17. 17; Ez 23. 37. Josias destruiu os altares que Salomão havia levantado no monte da Corrupção e contaminou o lugar de Tofete, 2 Rs 23. 10, 13.

MONTANHA

Das que existem dentro e fora da Palestina a mais elevada é o Monte Hermom. Segue-se a cordilheira do Líbano. Comparados pela sua altitude, o Monte Sião, o Moriá, o Carmelo, o Tabor, etc., são muito inferiores, Dt 3. 25. A montanha é uma imagem natural para representar duração continuada, Dt 33. 15; Hc 3. 6, a estabilidade, Is 54. 10, as dificuldades e os perigos, os caminhos perigosos da vida, Jr 13. 16, e os obstáculos intransponíveis, Zc 4. 7; Mt 21. 21.

MONTÃO

Montão de pedras levantado por Jacó no monte Galaade, ao norte de Jaboque. Ignora-se o verdadeiro local, que era situado entre as respectivas habitações de Labão e Jacó. O montão ou cabeço tinha por fim servir de memorial do pacto feito entre si, naquele lugar a fim de que nenhum deles passasse por aquele monumento com o intento de se fazerem mal, Gn 31. 45-54.

MONTE

1. Montanha. A palavra monte emprega-se quase exclusivamente na poesia, ou como parte de um nome composto, como: Monte Carmelo, Monte Tabor, Monte Sião, Monte das Oliveiras, 1 Rs 18. 19; Sl 48. 2; Zc 14. 4.

2. Elevação natural da terra. Aplica-se geralmente a uma eminência, mais ou menos saliente, menor do que a montanha, e maior do que um outeiro. Estes nomes têm valor relativo; a mesma elevação é designada por ambos, Is 31. 4. Em alguns lugares chama-se monte e em outros, montanha, Ap 17. 9. Monte é a tradução do hebraico *Gibah*, e do grego *Bounos*, Sl 2. 6; 3. 4; 15. 1; 24. 3; 42. 6; Mt 5. 14; Lc 6. 29. A palavra hebraica *Har* e a grega *Oros*, traduzem-se por montanha.

MONTE DA CONGREGAÇÃO

Montanha do extremo norte, Is 14. 13, referindo-se provavelmente a uma concepção comum da antiga mitologia e corrente entre os babilônios de que os deuses se reuniam em certa montanha do norte. Segundo a expressão do rei de Babilônia no verso acima referido, devia ser mesmo a montanha do testamento ao lado do Aquilão.

MONTE DAS OLIVEIRAS e OLIVETE. Forma latina tirada da Vulgata. *Lugar onde existem muitas oliveiras.*

Nome de um monte fronteiro a Jerusalém, Zc 14. 4, e separado dela pelo vale de Cedrom, 2 Sm 15. 14; 23. 30. A distância desde a cidade até

ao cume marcava a viagem de um sábado, At 1. 12, ou, segundo Josefo, era de cinco ou seis estádios, Antig. 20. 8, 6; Guerras 5. 2, 3. Davi, descalço e com a cabeça coberta, percorreu este espaço quando fugia de Absalão e na sumidade do monte adorou o Senhor, 2 Sm 15. 32. A glória do Senhor apareceu ali em visão a Ezequiel, Ez 11. 23. O profeta Zacarias, em sua visão, representa a Jeová em pé sobre o monte para defender o seu povo, Zc 14. 4. Para este lugar Jesus se dirigiu muitas vezes, Lc 21. 37; 22. 39; Jo 8. 1. Quando ele descia este monte, todos os seus discípulos, transportados de gosto, começaram de chusma a louvar a Deus em altas vozes e o aclamaram com hosanas, até a cidade, Lc 19. 37, 38. Quando chegou perto, ao ver a cidade, chorou sobre ela, por causa da sorte que lhe estava destinada, 41-44. Uma vez, assentado sobre o Monte das Oliveiras, os seus discípulos se chegaram a ele e mostraram-lhe a fábrica do templo e a cidade cuja destruição havia profetizado, Mt 24. 3; Mc 13. 3. Depois da última páscoa, retirou-se para o Monte das Oliveiras, Mt 26. 30; Mc 14. 26. O jardim de Getsêmani ficava ao ocidente do monte, na sua base ou à curta distância da encosta. Betânia e Betfagé ficavam ao lado oriental, Mt 21. 1; Mc 11. 1; Lc 19. 29. Foi perto da primeira localidade que nosso Senhor subiu ao céu, 24. 50. O Monte das Oliveiras é, sem a menor dúvida, a eminência que os árabes chamam hoje *Jebel et-Tor*, ao oriente de Jerusalém. Propriamente falando, é uma cadeia de montes com três ou quatro elevações, e dois contrafortes laterais. Um destes lança-se para o ocidente, partindo da curva de Cedrom, cerca de dois quilômetros ao norte da cidade com uma elevação de cerca de 900 metros sobre o nível do mar. O contraforte setentrional é geralmente identificado com o monte *Scopus*, assim designado por Josefo, e quer dizer Atalaia, Guerras 2. 19, 4. Outro contraforte separa-se da cadeia central pelo Cedrom e também se estende para o ocidente em frente da cidade pelo lado do sul, e chama-se o monte do Mau Conselho, por causa de uma antiga tradição, não digna de crédito, de que o pontífice Caifás possuía um retiro na sumidade deste monte e que foi ali que se reuniram em conselho os sacerdotes para decretarem a morte de Jesus, Jo 11. 47-53. Tem cerca de 842 metros acima do nível do mar. Das quatro elevações que surgem da cordilheira, a que fica mais ao norte, chama-se *Karem es-Seiyad* e é a de maior altura; tem 898 metros acima do nível do mar. Em tempos idos chamava-se Galiléia, ou porque os galileus se acampavam ali quando iam a Jerusalém, para assistirem às festas, ou porque, como se acreditava no décimo quarto século, foi o lugar da ascensão do Senhor, em que os anjos se dirigiram aos discípulos como varões galileus. O segundo pico chama-se da Ascensão. Desde o ano 315 foi considerado como o lugar de onde Jesus partiu para o céu, e nele, o imperador Constantino construiu uma rotunda e uma basílica, que tem sido substituída por uma sucessão de igrejas da Ascensão. Este é o monte das Oliveiras propriamente dito, e fica bem defronte da porta oriental de Jerusalém, com uma elevação de 872 metros, acima do mar, 122 acima do leito do Cedrom e cerca de 69 sobre o planalto do templo. A terceira elevação chama-se o monte dos Profetas, e, por isso, os túmulos ali existentes têm o nome de túmulos dos profetas. A quarta elevação chama-se o monte da Ofensa, na suposição de que ali, o rei Salomão levantou os altares dos deuses de suas mulheres pagãs. O monte da Ascensão e o dos Profetas são tão unidos, que alguns escritores reduzem os quatro montes a três.

Na base do Monte das Oliveiras, propriamente dito, no sítio tradicional do Getsêmani, a estrada bifurca-se deixando o jardim para dentro. Uma das estradas dirige-se para o sul, sobe gradualmente, circula o lado sul da montanha e segue para Jericó e Betânia. Foi aberta no sétimo século pelo califa *Abd-el-Melek*. A outra estrada dirige-se para o oriente, e na distância de cerca de uns 500 metros, divide-se em três caminhos. O do meio, escarpado e áspero, sobe a montanha, passa para o outro lado perto do cume, e continua por detrás da pedra de Betfagé em direção a Betânia. No quarto século os cristãos de Jerusalém, quando celebravam a entrada triunfal de Jesus na cidade, costumavam passar por esta estrada em procissão. Os outros dois caminhos, ao lado do central, também subiam ao tope da montanha, porém gradualmente. Acima do vale de Cedrom uma estrada romana dirigia-se para o Jordão, subia a encosta ocidental da cordilheira perto de *Ain es-Suwan*, atravessava a crista a uns 900 metros ao norte do cimo do Olivete, na depressão norte de *Karem es-Seiyad*, descia para o *wady* que atravessava perto das ruínas de *Bukeldan*, e deixando o *wady Ruabeh* um pouco ao norte, continuava até chegar ao Jordão.

MORASTITA

Nome de pessoa natural de Morasti ou morador nela, como foi o profeta Miquéias, Mq 1. 1; Jr 26. 18.

MORCEGO

É a tradução da palavra hebraica *talleph*. Entre os animais impuros especificados na lei cerimonial, contava-se o morcego, Lv 11. 13-19; Dt 14. 11, 12. 18. É um animalzinho que se oculta em lugares escuros, Is 2. 20. Tristram enumera dezessete espécies existentes na Palestina. O morcego é quadrúpede, coberto de pelo, em vez de penas, tendo dentes em lugar de bico. Não põe ovos; amamenta as crias. As asas de que se serve para voar, não são iguais às dos pássaros; são formadas por uma membrana despida de penas, ligando entre si as quatro pernas.

MORDECAI. Parece nome persa, significando homem pequeno, ou um diminutivo babilônico da palavra Merodaque.

1. Nome de um benjamita, filho ou descendente de Jair, filho de Simei, filho de Quis, Et 2. 5. A cláusula relativa que segue no v. 6 em continuação, pode referir-se ao último nome da série genealógica, cp. 2 Cr 22. 9, afirmando que Quis havia sido levado para o exílio com Jeconias no ano 598 A. C. ou pode referir-se a outro nome anterior da série, por exemplo, a Jair, cp. Gn. 24. 47, e, neste caso, Mordecai descendia de Jair, benjamita que havia ido com Jeconias para o cativeiro de Babilônia. Levou consigo a Edissa ou Ester, filha de seu tio, que ele adotou como sua, por ser órfã de pai e mãe. Ela se guiou sempre pela direção de Mordecai, na série de acontecimentos que se desdobraram, e que terminaram pela sua elevação ao trono da Pérsia, pelo casamento com o rei Assuero, Et 2. 7-20. Este Assuero é o Xerxes da história, que reinou entre 486 a 466 A. C. Por meio de Ester, Mordecai informou o rei de que se conspirava contra a sua vida. Feitas as averiguações confirmando a denúncia, dois conspiradores foram executados, 21-23. No tempo em que Hamã era o favorito do rei, todos os servos que estavam à porta do palácio dobravam os joelhos diante de Hamã, menos Mordecai que sempre se recusou a prestar esta homenagem, ou porque Hamã, era homem de mau caráter, ou por ser descendente do rei Agague. Vendo-se assim desacatado por Mordecai determinou vingar-se dele e de toda a raça judaica, e o rei concedeu-lhe a devida permissão. O rei Assuero passou uma noite sem conciliar o sono, e para matar o tédio, mandou vir à sua presença o livro das crônicas do império para ser lido pelos seus ministros. Chegado ao ponto em que se falava da conspiração contra a sua vida e do modo por que havia sido poupado pela denúncia de Mordecai, lembrou-se de que nenhuma recompensa havia dado ao seu salvador. Logo na manhã seguinte, aparece Hamã, que havia pedido licença para enforcar Mordecai e o rei ordenou-lhe que tomasse a Mordecai e o adornasse

com as vestiduras reais, que o fizesse montar em um cavalo dos que se servia o rei, que lhe pusesse na cabeça a coroa real, e que Hamã o conduzisse pelas ruas da Susa, puxando o seu cavalo, proclamando: "De tal honra é digno aquele a quem o rei quiser honrar." Foi assim que começou a queda de Hamã, que terminou pela sua morte e de seus filhos. Mordecai passou a ocupar o segundo lugar no império, abaixo do rei, Et 6 a 9.

Alguns escritores identificam Mordecai com o eunuco Matacas ou Natacas, que, segundo Ctésias, era o favorito principal de Xerxes.

2. Nome de um judeu que voltou de Babilônia com Zorobabel, Ed 2. 2; Ne 7. 7.

MORÉ, *Arqueiro, primeira chuva,* ou *mestre.*

1. Nome de um terebinto, ou carvalho, perto de Siquém, Gn 12. 6; Dt 11. 29, 30, que provavelmente tirou este nome de um arqueiro que em tempos habitou ali. Abraão acampou perto dele, quando chegou a Canaã, vindo da Mesopotâmia, e erigiu um altar ao Senhor que lhe havia aparecido. É quase certo que seja a mesma árvore sob a qual Jacó enterrou os amuletos e os ídolos que sua família havia trazido de Harã, e onde Josué levantou a pedra comemorativa do pacto que o povo renovou com Jeová, Gn 35. 4; Js 24. 26. Nestas duas passagens empregam-se palavras ligeiramente diferentes das que se encontram em Gn 12. 6, e Jz 9. 6. A identidade desta árvore com o carvalho ou terebinto dos augures perto de Siquém, não é muito clara, Jz 9. 37.

2. Nome de um outeiro no vale de Jezrael ao norte das fontes de Harode, Jz 7. 1. Não identificado. Pensam alguns que seja o *Jebel Duhy,* ou Pequeno Hermom, a 14 quilômetros a noroeste do monte Gilboa e a 2 quilômetros ao sul de Naim.

MORESETE-GATE, *Propriedade de Gate,* ou *de um lagar.*

Nome de uma cidade mencionada em conexão com os nomes de outros lugares da tribo de Judá, e, portanto, situada na mesma região, Mq 1. 14. S. Jerônimo diz que se achava nas vizinhanças de Eleuterópolis. O nome Gate parece referir-se à cidade dos filisteus e que Maresa lhe ficava perto. Talvez seja o lugar onde nasceu o profeta Miquéias, 1. 1.

MORIÁ. Ignora-se que sentido tenha. O artigo definito que lhe anda prefixo prova que não é substantivo próprio, e que não exprime o divino nome de Jeová. A sua ortografia prova ainda que a palavra não tem o sentido de "aparecimento ou provisão de Jeová."

1. Nome de um distrito sobre um de cujos montes Abraão se preparou para sacrificar a Isaque. Este nome parece que designava também a região circunvizinha a este monte, sobre o qual foi edificado o templo, Gn 22. 2; Antig. 1. 13, 1, 2. Os samaritanos da época e alguns dos cientistas modernos, como Bleek, Tuch, Stanley, dão o Moriá perto de Siquém, e que o Gerizim foi onde Abraão ofereceu o sacrifício. A identificação que os samaritanos fazem basea-se sem dúvida no fato de Abraão ter edificado um altar em Moré (V. B.), e Vale Ilustre (Fig.), naturalmente dominados pelo desejo de ganhar as honras para si. A etimologia dos dois nomes Moré e Moriá é diferente.

2. Nome do monte em que se achava a eira de Araúna jebuseu. Davi comprou ali um terreno e edificou nele um altar; foi neste mesmo lugar que Salomão construiu o templo, 2 Sm 24. 18-25; 2 Cr 3. 1. A feição original deste monte acha-se sensivelmente alterada artificialmente; parte das encostas se escondem debaixo de aterros e taludes, mas o contorno geral permanece. O monte Moriá estava entre os vales de Cedrom e do Tiropeom, cuja sumidade apontava diretamente para o lado oposto da entrada da ravina que forma o braço ocidental deste último vale. Pelo lado do norte separava-o uma pequena depressão da língua de terra que o ligava ao tabuleiro principal. É difícil determinar-lhe as exatas dimensões, contudo, não ficaremos muito longe da verdade se dissermos que media de norte a sul, 198 metros e 99 de, este a oeste. O ponto mais alto, segundo Warren, eleva-se a 807 metros sobre o nível do mar. Outras altitudes marcam 801 e 798. Os lados de este e oeste caem rapidamente sobre os vales.

MOSCA

1. Inseto voador, armado com duas asas, pertencente à ordem dos *Diptera,* principalmente a mosca doméstica, *Musca domestica.* As moscas são muito incômodas, em certos países quentes. Os acaronitas sentiam-se mortificados por elas a ponto de se apegarem a Baalzebu, deus das moscas, a quem atribuiam o poder de as afugentar, Is 7 18; Ec 10. 1; 2 Rs 1. 2.

2. Tradução da palavra hebraica *Arob,* inseto voraz, cujas picadas afligiam os egípcios, Ex 8. 21; Sl 105. 31, que devoravam e destruiam, corrompendo a terra, Sl 78. 45; Ex 8. 24. O nome deste inseto, segundo os Setenta, é mosca ou inseto canino.

MOSERÁ, *Prisão, laço.*

Nome de um acampamento dos israelitas no deserto, perto de Jacã, Dt 10. 6. Em Nm 33. 30 vem a palavra Moserote, que é o plural de Moserá. Situação ignorada, mas devia ser perto do monte Hor, nos limites, de Edom, Nm 20. 23; 33. 37; com Dt 10. 6, e na terra dos horitas, cp. Gn 36. 20-27 com 1 Cr 1. 42. Jebel Madara soa muito semelhante a Moserá; mas, se é verdadeira a pronúncia árabe de que usam os viajantes, as duas palavras não são equivalentes. Veja *Hor.*

MOSQUITO

Tradução da palavra grega *Konops,* pequeno inseto, Mt 23. 24, muito abundante nos banhados e muito incômodo por causa das suas picadas. Os egípcios protegiam-se durante a noite contra os mosquitos, cobrindo-se com redes finas, Heród. 2. 95. O mosquito é o representante de algumas espécies de *Culex,* gênero conhecido pelos seguintes característicos: antenas peludas, nos machos, tromba enrolada, corpo esguio, duas asas transparentes, pernas compridas, muito inclinados a chupar sangue. "Coar mosquitos e engulir camelos", é uso particular daqueles que são muito escrupulosos em pontos insignificantes de proceder e deveres, e ao mesmo tempo cometem graves violações da lei moral.

MOSTARDA

Planta cultivada nas hortas, Lc 13. 19, que em comparação com as outras ervas, se faz grande árvore, Mt 13. 32; Mc 4. 32, em cujos ramos os pássaros fazem os seus ninhos a fim de se alimentarem com as sementes que ela produz, que, por hipérbole, são menores que todas as outras sementes, Mt 13. 32. A grandeza da planta produzida por semente assim pequena, serve para ilustrar o aumento do reino de Deus, e a sua origem tão humilde. Semente de mostarda era frase que os judeus empregavam proverbialmente, como Jesus o fez, Mt 17. 20; Lc 17. 6, para representar cousa muito pequena. A mostarda comum da Palestina é a *Sinapis nigra,* ou mostarda negra. Cresce espontaneamente elevando-se à altura de um homem a cavalo, segundo dizem os viajantes. Também a cultivam nas hortas, por causa das sementes empregadas como condimento. Os que procuram dar-lhe outra identificação, geralmente consideram a mostarda de que fala a Escritura, como sendo a *Salvadora pérsica,* tipo da ordem natural *Salvadoraceæ.* Royle, que é desta opinião, afirma que produz fruto suculento, parecido no gosto com o do mastruço. Dá-se em pequena quantidade no vale inferior do Jordão.

MOZA

Nome de uma cidade de Benjamim, Js 18.26. Não identificada. Este nome é etimològicamente diferente de Beit Mizza, aldeia em ruínas a nove quilômetros a noroeste de Jerusalém.

MOZA, *Saída*.

1. Nome de um homem da tribo de Judá, da família de Hesrom e da casa de Calebe, 1 Cr 2. 46.

2. Nome de um dos descendentes de Jônatas, 1 Cr 8. 36, 37.

MULHER

Companheira do homem, que Deus lhe deu para servir-lhe de auxílio; sua igual em todas as condições sociais, Gn 2. 21-24. Deus instituiu o casamento de um homem com uma só mulher, que se denomina monogamia. As mulheres moças de uma casa, principalmente nos antigos tempos e entre as tribos nômades, conduziam os rebanhos, Gn 29. 6; Ex 2. 16, iam para as searas e tomavam parte nas colheitas, Rt 2. 3-8; mas as principais obrigações das mulheres eram dentro de casa. Iam buscar água às fontes, Gn 24. 13; Jo 4. 7, moiam o trigo para o gasto diário, Mt 24. 41, preparavam a comida, Gn 18. 6; 2 Sm 13. 8; Lc 10. 40, fiavam e lã e teciam o pano, 1 Sm 2. 19; Pv 31. 13, 19; At 9. 36-39, instruíam as crianças nas doutrinas religiosas, Pv 1. 8; 31. 1; cp. 2 Tm 3. 15, e presidiam aos serviços domésticos, Pv 31. 27; 1 Tm 5. 14.

A lei mosaica e a opinião pública entre os judeus, asseguravam à mulher gôzo de muitos direitos. Veja *Concubina, Casamento, Divórcio*. O casamento era considerado sagrado em suas relações de marido e mulher, Ml 2. 14-16. A mulher devia ser tratada com honra e distinção, Pv 5. 18; 18. 22; 31. 10-12; Ec 9. 9. A mãe era digna de honra e suas palavras tinham força de lei, Êx 20. 12, Pv 1. 8. A mulher forte é altamente louvada, 31. 10-31, cujos edificantes exemplos acharam entrada nos escritos sagrados. O espírito do Novo Testamento é igualmente hostil à degradação da mulher. Ensina que o homem e a mulher devem ocupar suas respectivas esferas como são indicadas pelo Criador, respeitando-se mutuamente e reconhecendo sua mútua dependência, Mc 10. 6-9; Ef 5. 31; 1 Tm 2. 12-15. A santidade e a estabilidade das relações matrimoniais eram condições essenciais ao casamento. O divórcio somente era permitido em casos extremos, Mt 19. 8, 9; 1 Co 7. 15; Ef 5. 22-33. A mulher participa das mesmas graças que o homem e é herdeira das mesmas promessas, Gl 3. 28, ocupa lugar de honra na igreja, a que presta serviços apreciáveis e devidamente reconhecidos, Rm 16. 1-4, 6, 12. Os preceitos que as epístolas contêm, quer dirigidos aos santos em geral, quer às mulheres em particular, tinham por fim pôr em evidência as nobres qualidades de ambos e exercitá-las no serviço de Cristo, 1 Tm 2. 9, 10; 3. 11.

MUNDO

O mundo conhecido na época mosaica era de proporções muito limitadas, Gn 10. Ao sul estendia-se desde as montanhas ao oriente do Golfo Pérsico até ao rio Nilo; e ao norte, desde o Mar Cáspio até às ilhas gregas; em outras palavras, media 1500 milhas de este a oeste a 900 de norte a sul, ou 1500 incluindo a Arábia do Sul, com uma superfície de 2.250.000 milhas quadradas. Grande parte desta superfície era ocupada pelo mar, de modo que a terra representava apenas dois terços da superfície atual do Brasil. A história dos acontecimentos de que a Bíblia nos dá conta, inclusive os que se referem à fundação dos grandes impérios, limita-se a uma área igual a um terço da superfície da grande república americana. Durante os tempos do Antigo Testamento estes limites se conservaram estacionários, apesar de que os horizontes geográficos se tinham alargado um pouco mais. A Média e a Pérsia cresceram em importância antes de encerrar-se este período, fazendo-se conhecidas como nunca antes, e tomando o primeiro lugar entre as demais nações. O centro de seu governo estendia-se desde a Índia até à Etiópia, sobre cento e vinte e sete províncias, Et 1. 1. Já era conhecida a existência de Terra do Meio-Dia, ou Sinim, Is 49. 12. No reinado de Faraó Neco fez-se a circunavegação da África, sem resultados para os conhecimentos geográficos. Os navegadores não realizaram o que desejavam; gastaram mais de dois anos na viagem. O fenômeno mais notável que eles registaram foi que o sol que se erguia ao lado da mão esquerda quando viajavam para o sul do Egito, nascia-lhes agora pelo lado direito à sua volta, Heród. 4. 42, 43. Na Itália e na costa da África que lhe ficava fronteira, as populações e a civilização cresciam lentamente, sem que os habitantes do oriente dessem por isso, a não ser por informações dos comerciantes. Quase ao encerrar-se o período do Antigo Testamento, a Grécia emergia da sua obscuridade pela resistência heróica e vigorosa que ofereceu aos exércitos persas.

Alexandre, o Grande, conquistou o mundo; alargou os seus limites em direção ao oriente e enriqueceu os conhecimentos geográficos, levando suas armas através do Oxus até ao moderno Turquestão, e para além dos limites do Afganistão, e para o sul, até ao norte da Índia. Os romanos seguiram-lhe o exemplo. No tempo de Cristo, o mundo estendia-se desde a Espanha e da Bretanha até ao planalto do Irã e da Índia, e desde o deserto do Saara ao sul, até as florestas da Germânia e os estepes da Rússia e da Sibéria ao norte. Sabia-se alguma cousa mais além destes limites, cujos habitantes tinham pouco contacto com o resto do mundo, que pouca atenção lhes dava. As noções sobre geografia eram muito confusas. A palavra mundo emprega-se freqüentemente para designar os seus habitantes, Sl 9. 8; Is 13. 11; Jo 3. 16; 7. 7; Rm 3. 19. Em o Novo Testamento a palavra mundo designa tudo quanto pertence à terra e às suas condições atuais, 1 Co 7. 31; Gl 6. 14; Ef 2. 2; Tg 1. 27; 4. 4; 1 Jo 2. 15.

MUPIM

Nome de um dos filhos de Benjamim, Gn 46. 21.

MURTA

Árvore que em hebreu se chama *hadas;* cresce nas montanhas perto de Jerusalém. Juntamente com ramos de outras árvores, os hebreus traziam ramos de murta para a festa dos tabernáculos, Ne 8. 15. Encontra-se este nome em Is 41. 19; 55. 13; Zc 1. 8, 10, 11. Com certeza esta árvore é o mirto comum, *Myrtus communis*, que cresce na Palestina.

MUSARANHO, GECO, OURIÇO

Tradução da palavra hebraica *anakah*, animal declarado impuro pela lei cerimonial, e classificado entre os répteis pelos hebreus, Lv 11. 30.

MUSI

Nome de um levita, filho de Merari e fundador de uma família tribal, Ex 6. 19; Nm 3. 20; 26. 58; 1 Cr 6. 19-47; 23. 21-23; 24. 26-30.

MÚSICA

O uso da música vem de tempos muito remotos, Gn 14. 21. Depois da passagem do Mar Vermelho, a profetisa Miriã, irmã de Arão, tomou um tamborim e saíram em coros todas as mulheres após ela com tamborins, e diante delas, entoava: "Cantai ao Senhor, porque gloriosamente triunfou, e precipitou no mar o cavalo e o seu cavaleiro" Ex 15. 20, 21. O povo de Israel dançava e cantava diante do bezerro de ouro que haviam fabricado no deserto, Ex 32. 6-18. Nas festas de família, bem como nas solenidades religiosas, cantava-se ao som de instrumentos musicais, Jr 25. 10; 1 Mac 9. 39; Lc 15. 25. Os cortejos nupciais, em trânsito pelas ruas, eram acompanhados de música e de cânticos, Jr 7. 34. Ao voltarem da guerra, os sol-

dados vitoriosos, as mulheres e as donzelas davam-lhes as boas-vindas ao som de músicas e de cânticos acompanhados de danças, Jz 11. 34; 1 Sm 18. 6. Os reis tinham músicos nas suas cortes, 2 Cr 35. 25; Ec 2. 8. A posse do rei, o seu casamento e tôdas as festas no seu palácio celebravam-se ao som da música, 2 Sm 19. 35; 1 Rs 1. 40; Sl 44. 8.

Os pastores tinham suas harpas, 1 Sm 16. 18. A música servia para afugentar as tristezas e acalmar o espírito, 1 Sm 10. 5; 16. 16; 2 Rs 3. 15. As canções religiosas entoavam-se ao som das harpas, Sl 92. 1-3; 137. 2; cp. Am 6. 5.

Os instrumentos músicos dos hebreus constavam de três classes: instrumentos de cordas, instrumentos de sopro e instrumentos de percussão. Os instrumentos de corda compunham-se de uma peça de madeira fornecida com cordas de tripa que as faziam vibrar com os dedos de uma, ou de ambas as mãos, ou que eram feridas por um plectro de madeira, de marfim ou de metal, tais eram a harpa e o saltério. A harpa servia tanto para as festas religiosas como profanas; mas o saltério, só se usava nas solenidades religiosas. O saltério era afinado pela voz do soprano, e a harpa, uma oitava abaixo, 1 Cr 15. 20, 21. Os instrumentos de sopro, em geral, eram a flauta e os cornos. As flautas tocavam juntas com outros instrumentos, 1 Sm 10. 5; 1 Rs 1. 40; Is 5. 12; 30. 29; Ecclus 40. 21, para acompanhamento das danças, Mt 11. 17, nas festas de núpcias, 1 Mac 3. 45; Ap 18. 22, e especialmente em casos de profunda tristeza, em que havia lamentações, Jr 48. 36; Mt 9. 23; Guerras 3. 9, 5. A Bíblia não conta que este instrumento servisse para usos religiosos no templo, mas nem por isso deixava de fazer parte da música sagrada, 1 Sm 10. 5, e entrava no corpo musical que acompanhava a procissão em marcha para a casa de Deus, Is 30. 29. No segundo templo tinha lugar saliente por ocasião da páscoa e da festa dos tabernáculos. A buzina, ou coisa semelhante, servia para aumentar o som dos outros instrumentos, 1 Cr 15. 28; 2 Cr 15. 14; Sl 98. 6. As trombetas de metal e as cornetas tinham seu emprego principal nas bandas militares e para fazer proclamações. Os sacerdotes judaicos tocavam umas trombetas para anunciar os dias de festa, para reunir o povo e para incitar os combatentes na guerra, Nm 10. 1-10. Este instrumento chamava-se em hebraico *hesoserah*, tinha cerca de um cúbito de comprimento e era feito de prata. Raras vezes os leigos o tocavam, Os 5. 8; 2 Rs 11. 14; 2 Cr 23. 13. Dos instrumentos de percussão o pandeiro era o mais popular, geralmente tocado pelas mulheres, e usado em certas ocasiões para marcar o compasso das danças e dos cantores, Gn 31. 27; Êx 15. 20; Jz 11. 34; Sl 81. 2. Os timbales de metal usavam-se no serviço do templo, 1 Cr 15. 19. Uma espécie de orquestra acompanhava às vezes os profetas, 1 Sm 10. 5, composta de vários instrumentos, como saltérios, tambores, flautas e citaras, que parece não pertencerem a princípio ao serviço do tabernáculo. Davi os introduziu no santuário, e Salomão continuou a usá-los, 2 Sm 6. 5, 14; 1 Rs 10. 12; I Cr cap. 15 e 16. Ezequias e Josias restauraram cuidadosamente esta parte do culto, 2 Cr 29. 25; 35. 15. Davi teve como assistentes na organização da música e do canto a três grandes mestres: Asafe, Hemã e Jedutum. Um corpo de cantores e de músicos regido por Asafe, estacionava diante da arca no tabernáculo em Sião, enquanto que Hemã e Jedutum com os seus cantores e músicos assistiam no antigo tabernáculo de Gibeom, 1 Cr 16. 4-6, 39-42. Mais tarde, êstes três coros ajuntaram-se no templo. No reinado de Davi, o número de cantores e de músicos era de 4000, 1 Cr 23. 5 dos quais 288 eram músicos amestrados, que se encarregavam de dirigir os menos práticos deste serviço, 1 Cr 25. 7, 8. Foram divididos em vinte e quatro grupos, tendo cada um deles doze mestres. Destes vinte e quatro grupos, quatro pertenciam à família de Asafe, seis, à família de Jedutum e catorze, à de Hemã. A orquestra que acompanhava o canto compunha-se de instrumentos de corda. Também empregavam os cimbalos, tangidos pelos mestres cantores para marcar o compasso, 1 Cr 15. 19-21. Vê-se por estas passagens que o número de saltérios e das harpas estava na proporção de oito para seis. No templo de Herodes havia ordinariamente dois saltérios, nove harpas e um cimbalo; em certos dias ajuntavam também as flautas. A participação dos sacerdotes com as trombetas na orquestra dos instrumentos de corda era excepcional, 2 Cr 5. 12, 13; 7. 6. No segundo templo, quando soavam as trombetas, em harmonia com a orquestra regular, somente se ouviam nas pausas, ou como música responsiva, Ed 3. 10, 11. Os músicos tomavam posição na parte oriental do grande altar, 2 Cr 5. 12. No templo de Herodes ocupavam grande escadaria que ligava o átrio de Israel ao átrio dos sacerdotes; um coro de meninos estacionado em baixo da escada, emprestava suas vozes ao canto dos levitas.

Banda de música da Assíria

Pouco se conhece a respeito do caráter da música daquele tempo. Os hebreus tinham uma escala de oito notas. Provavelmente o coro cantava com uma só voz a mesma melodia simples, dividida em duas partes, sendo uma em oitava superior à outra, representando as vozes masculinas e femininas, acompanhadas pelos instrumentos nos mesmos tons, 1 Cr 15. 20, 21. Os nomes das melodias encontram-se nos títulos dos salmos 9, 22, 45, 55, 56 e outros. Os cânticos da antífona e os responsivos, Êx 15. 21; Ne 12. 31-43, faziam-se ouvir no templo, Ed 3. 10, 11; Jr 33. 11. Para este fim arranjaram diversos salmos como sejam o 24. 7-10 e o 136. As vezes a congregação associava aos cânticos, isto no culto do primeiro templo; depois, apenas diziam *amém*, quando terminava o canto, 1 Cr 16. 7-36. No tempo de Herodes o povo, algumas vezes, participava desta parte do serviço religioso entoando responsos.

MUTE-LABEN, *Morre pelo filho.*

Vocábulo de significação duvidosa no título do Salmo 9. É provável que se refira a uma melodia familiar.

N

NAÃ, *Consolação, doçura.*

1. Nome do irmão da mulher de Odaía, 1 Cr 4. 19.

2. Nome de um dos filhos do famoso Calebe, 1 Cr 4. 15.

NAALAL, *Pastagem.*

Nome de uma aldeia da tribo de Zebulom, Js 19. 15, cujos habitantes cananeus não foram dela expulsos, Jz 1. 30. Tocou em partilha aos levitas da casa de Merari, Js 21. 35. O Talmude de Jerusalém diz que mais tarde lhe foi dado o nome de Malul. Schwarz e Van de Velde identificam-na com a aldeia de Malul, situada a seis quilômetros a oeste de Nazaré.

NAALIEL, *Vale e ribeiro de Deus.*

Nome de um acampamento dos israelitas, entre Beer, no deserto, ao oriente de Moabe e Bamote, que está entre Dibom e Baal-Meom, Nm 21. 19, e por isso à margem de um dos tributários do Arnom ao norte. Não identificado, apesar de que este nome pareça perpetuado no vale de *Encheileh*, que começa em Balua ao oriente da embocadura do *Seil Saideh.*

NAAMÃ, *Doce, agradável.*

1. Nome de uma amonita, mulher de Salomão e mãe do rei Roboão, 1 Rs 14. 21, 31; 2 Cr 12. 13.

2. Nome de uma cidade da tribo de Judá, Js 15. 41. Não identificada. Ver *Noema.*

NAAMÃ, *Prazer, delícia.*

1. Nome de um neto de Benjamim e filho de Bela, fundador de uma família, Gn 46. 21; Nm 26. 40.

2. Nome de um general do exército do rei da Síria, homem poderoso e de grande privança junto a seu amo, porque por ele salvou o Senhor a Síria, mas leproso. Esta moléstia não excluía o enfermo do convívio social, segundo o costume do país, como se dava em Israel. Uns ladrões que haviam saído da Síria e penetrado nas terras de Israel, levaram cativa uma menina que foi servir de escrava à mulher de Naamã, e disse à sua senhora: "Oxalá o meu senhor estivesse diante do profeta que está em Samaria; ele o restauraria da sua lepra." Dito isto a Naamã, resolveu procurar remédio com Eliseu. O rei da Síria escreveu uma carta ao rei de Israel, apresentando-lhe a Naamã para que ele o curasse. Tendo o rei de Israel lido a carta, pensou logo em que o rei da Síria buscava um pretexto para romper com ele. O profeta tranqüilizou-o, dizendo: "Deixa-o vir a mim, e saberá que há profeta em Israel." Chegou Naamã com os seus cavalos à porta da casa de Eliseu que para abater o seu orgulho e para ensinar-lhe que a sua cura era obra de Deus, nem sequer lhe apareceu, e mandou dizer-lhe por um criado que se fosse mergulhar sete vezes no Jordão. Naamã, agastado, retira-se, dizendo: "Não são porventura Abana e Farfar, rios de Damasco, melhores do que todas as águas de Israel? Não poderia eu lavar-me neles, e ficar limpo?" Seus servos o acalmaram e o aconselharam a seguir a ordem do profeta para lavar-se no Jordão. Ele resolveu-se a isso e ficou são. Cheio de gratidão quis presentear a Eliseu, o que ele rejeitou para mostrar-lhe o modo gracioso do seu Deus. O criado Geazi pensou de outro modo, e recebeu presentes que lhe foram fatais. Naamã renunciou a idolatria e fez-se adorador de Jeová. Levou dois machos carregados de terra e com ela levantou um altar ao Deus de Israel. Vivendo em uma sociedade pagã, não podia fugir à participação dos atos externos do paganismo. O rei adorava o deus Rimom, e Naamã tinha de levá-lo pelo braço ao templo deste deus, e curvar-se diante dele. O profeta consentiu que ele continuasse a exercer os seus deveres seculares, mesmo que, assim fazendo, se prestasse a participar de um ato de culto pagão, 2 Rs 5. 1-19.

NAAMANI, *Compassivo.*

Nome de um daqueles que voltaram com Zorobabel do cativeiro de Babilônia, Ne 7. 7.

NAAMATITA

Nome do lugar onde morava Zofar, um dos amigos de Jó, que o vieram consolar na sua aflição, Jó 2. 11; 11. 1; 20. 1; 42. 9. Este lugar devia estar na Arábia.

NAARÁ, *Moça.*

Nome da mulher de Assur, antecessor dos habitantes de Tecoa, 1 Cr 4. 5, 6.

NAARAI

Nome de um dos valentes de Davi, 1 Cr 11. 37. Talvez que este nome seja uma correção, ou uma variante da palavra Faral (Fig.), e Paarai (V. B.), respectivamente em 2 Rs 23. 35. e 2 Sm 23. 35.

NAARAI, *Ronquidão.*

Nome de um homem, beerotita, escudeiro de Joabe, 2 Sm 23. 37; 1 Cr 11. 39.

NAARATE

Nome de uma cidade nos limites de Efraim, ao oriente de Betel, perto de Jericó, Js 16. 7. É a mesma Naará mencionada em 1 Cr 7. 28. Arquelau desviou a metade das águas dos reservatórios de Naará, para irrigar as palmeiras de seu palácio em Jericó, Ant. 17. 3, 1. Eusébio faz menção de uma aldeia com o nome de Noorate a cinco milhas romanas distante de Jericó. É mais plausível que o local da antiga cidade seja perto de *Nahr el-Aujah* com as suas águas abundantes nas ruínas de *el-Aujah.*

NAÁS, *Serpente.*

1. Nome do pai de Abigail e Sarvia, irmãs de Davi, 2 Sm 17. 25; cp. 1 Cr 2. 16. É provável que a viúva de Naás, mãe de Abigail e de Zeruia se tivesse casado com Jessé e se fizesse mãe de Davi. Esta explicação serve melhor que supor que o nome Naás fôsse o da mulher de Jessé. Os intérpretes judaicos modernos dizem que Naás era outro nome de Jessé.

2. Nome de um rei amonita que sitiou Jabes de Gileade, cujos habitantes quiseram fazer aliança com ele e ser-lhe sujeitos. Esta proposta seria aceita se cada um deles se sujeitasse a perder o olho direito, com o fim de fazer deles o opróbrio de Israel. Foi-lhes concedido o prazo de sete dias para esperarem defesa. Antes de expirar este prazo, Saul que vinha de ser ungido rei, chegou com um reforço de tropas e derrotou os amonitas, salvando Jabes de Gileade e os seus defensores, 1 Sm 11. 1-11. Este Naás, ou outro de igual nome, talvez seu filho, tratou a Davi benignamente, talvez em virtude de não estar em boas relações com Saul, 2 Sm 10. 2.

3. Nome de um homem de Rabá dos amonitas, 2 Sm 17. 27. Pode bem ser o já mencionado rei, ou algum israelita que se estabeleceu ali depois que a cidade foi tomada por Davi.

NAASSOM, *Encantador.*

Nome de um príncipe da tribo de Judá, no período em que começou a peregrinação pelo deserto, Nm 1. 7; 2. 3; 7. 12; 10. 14. Sua irmã casou com Arão que era da tribo de Levi, Ex 6. 23. Naassom foi parente remoto de Booz, marido de Rute e o quinto ascendente da genealogia de Davi,

Rt 4. 20-22; 1 Cr 2. 10-12. Assim, pois, entra na linha genealógica de nosso Senhor, Mt 1. 4; Lc 3. 32, 33.

NAATE, *Repouso.*

1. Nome de um descendente de Esaú e de Ismael, capitão em Edom, Gn 36. 3, 4, 13, 17; 1 Cr 1. 37.

2. Nome de um levita da família de Coate, 1 Cr 6. 26, talvez o Toú, mencionado em 1 Sm 1. 1; 1 Cr 6. 34.

3. Nome de um levita encarregado juntamente com outros de receber os dízimos e as primícias no tempo de Ezequias, 2 Cr 31. 13.

NABAL, *Malvado, insensato.*

Nome de um homem que havia no deserto de Maome que tinha as suas propriedades no Carmelo, muito rico, possuindo três mil ovelhas e mil cabras. Sua mulher chamava-se Abigail. Davi com a sua gente acampou-se por algum tempo nas vizinhanças de Nabal e defendia as propriedades de seus vizinhos contra os bandos de ladrões que por ali havia. Quando Nabal procedia à tosquia das ovelhas, enviou Davi dez mancebos, pedindo mantimentos para si e para a sua gente. Nabal respondeu por modo tão desabrido, que Davi, irritado, cingiu a espada e com a sua gente, saiu disposto a acabar com Nabal e toda a sua casa. Abigail, mulher inteligente e de bons pianos, sabendo do caso, preparou largos presentes para Davi, que ela mesma foi levar, profligando a conduta de seu marido, e deste modo impediu que se desencadeasse a tempestade que ameaçava desabar sobre a sua casa. De regresso ao lar, encontrou a Nabal banqueteando-se e tomado do vinho. No dia seguinte de manhã, contou-lhe como havia escapado à vingança de Davi; o coração de Nabal ficou como morto interiormente. Daí a dez dias, o Senhor o feriu, vindo êle a morrer. Tempo depois Abigail fazia parte das mulheres de Davi, 1 Sm 25. 1-42.

NABI, *Escondido.*

Nome de um dos espias, representante da tribo de Naftali, Nm 13. 14.

NABOTE

Nome de um homem, possuidor de uma vinha que vizinhava com um dos palácios de Acabe, rei de Israel, que desejava muito comprá-la. Nabote recusou vendê-la por ser ela patrimônio de família. A instâncias de Jezabel, Nabote foi condenado à morte, por causa de um processo iníquo em que depuseram falsas testemunhas contra êle. Nabote e seus filhos foram apedrejados e os corpos, deixados insepultos para serem devorados pelos cães, e Acabe entrou na posse da vinha. Tão revoltante crime provocou o juízo de Deus sobre o rei e sua mulher, 1 Rs 21. 1-24; 22. 34-39; 2 Rs 9. 30-37.

NABUCODONOSOR, *Nabukudurri-usur,* que quer dizer: *Nebo defensor dos limites.*

Nome do filho de Nabopolassar e rei de Babilônia, que capitaneou uma bem sucedida revolta dos babilônios contra os assírios e que fundou o grande império, em 625 A. C. Faraó Neco que subiu ao trono do Egito em 610 A. C., conhecendo que o poder da Assíria se havia enfraquecido, invadiu o norte da Síria pelo ano 608, e marchou contra o rei dos assírios para a banda do Eufrates, 2 Rs 23. 29; 2 Cr 35. 20. Porém, Nínive, capital da Assíria, foi tomada pelos exércitos aliados da Média e de Babilônia no ano 606 A. C. Os egípcios tinham agora de haver-se com os novos triunfadores. Nabopolassar mandou que seu filho Nabucodonosor lhes fosse de encontro. Este príncipe derrotou os egípcios com grande mortandade na batalha de Carquemis e fe-los retroceder para o seu país e subjugou as regiões intermediárias, desde o regato do Egito até ao rio Eufrates, 2 Rs 24. 7; Jr 46. 2. Tendo recebido notícia do falecimento de seu pai; entregou os negócios do ocidente aos seus generais, e regressou apressadamente para Babilônia a tomar posse do trono, 605 A. C., cont. Apiom 1. 19.

As informações acerca deste reinado dão-nas os escritores sagrados, principalmente os que foram contemporâneos de Nabucodonosor, como, Jeremias, Ezequiel e Daniel, suplementadas pelas inscrições em tijolos e pelos escritos de Berosos, historiador babilônico, que viveu 250 anos depois de Nabucodonosor. Após as suas conquistas, o reino de Judá se tornou tributário de Nabucodonosor durante três anos quando se revoltou, 2 Rs 24. 1. Este rei regressou à Palestina sufocou a revolta, pôs a ferros o rei e o enviou cativo para Babilônia, e pôs outro rei no trono. 2 Cr 36. 6, 10. Veja *Joaquim* e *Zedequias.* Zedequias conservou-se fiel durante cêrca de oito anos, findos os quais, tentou a sua independência, auxiliado por forças do Egito, Jr 37. 5. Resultou desta tentativa que Jerusalém foi sitiada e tomada no ano 587 A. C., o templo reduzido a cinzas e os principais de seus habitantes levados para o cativeiro. 2 Rs caps. 24 e 25; 2 Cr 36. 5-21; Jr caps. 39 e 52. Por este tempo, talvez pelo sétimo ano do reinado de Itobalos, rei de Tiro, Nabucodonosor começou o cerco de Tiro, que durou treze anos. Ez 29. 18; cont. Apiom, 1. 21; Antig. 10. 11, 1. No vigésimo terceiro ano de seu reinado, 582 A. C., guerreou contra Coelesíria, Moabe e Amom e deportou algumas centenas de judeus, Jr 52. 30; Antig. 10. 9, 7. Voltou-se em seguida contra o Egito para castigá-lo pela parte que havia tomado na guerra judaica. Pelo ano 572 A. C. invadiu este país, Ez 29. 19, e no ano trinta e sete de seu reinado, 569 ou 568 A. C., de novo dirigiu suas armas contra ele. É quase certo ter ele feito outras campanhas militares cujas notícias se perderam. Era costume seu transportar os habitantes dos países conquistados para diversas partes do império, tendo assim ao seu dispor um elemento servil que o auxiliou a realizar obras de construção muito valiosas; construiu o grande muro de Babilônia, erigiu magnífico palácio para sua residência, reparou o grande templo de Merodaque e o templo de Nebo em Borsipa, e muitos outros santuários do paganismo. Dizem que foi êle quem construiu os jardins suspensos, para que sua esposa Amuia tivesse recordações das verdejantes colinas de Midiã, sua terra natal (con. Apiom 1. 19; Antig. 10. 11, 1). Dizem ainda que foi êle quem mandou construir o enorme reservatório perto de Sipara, destinado a irrigações, o qual tinha 277.800 metros de circunferência e 59 metros e 40 cent. de profundidade, além de muitos canais que cortavam o país; edificou cais e quebra-mar no Golfo Pérsico. A forma de loucura que êle veio a sofrer, quando o seu orgulho lhe perturbou a razão, é aquela doença denominada licantropia, em que o paciente se julga um animal inferior e como tal, o rei de Babilônia julgou ser boi, e passou a comer feno, Dn cap. 4. Reinou mais de quarenta e três anos, e morreu depois de ligeira enfermidade no ano 562, deixando no trono a seu filho Evilmerodaque.

NACOM, *Preparado, pronto.*

Nome de uma eira, onde Uzá deitou a mão à arca do Senhor, sendo punido com a morte, 2 Sm 6. 6; e por isso ficou-se chamando aquele lugar "O Castigo de Uzá", *Perez-uzzah.*

NADABATE

Nome de um lugar, talvez de uma aldeia, na terra de Moabe ou perto dela, 1 Mac 9. 37; nas Antig. 13. 1-4, é Gábata.

NADABE, *Liberal.*

1. Nome do filho mais velho dos quatro filhos de Arão, Ex 6. 23; Nm 3. 2; 26. 60; 1 Cr 6. 3; 24. 1. Juntamente com Abiú, seu irmão teve o privilégio de se aproximar do Senhor com Moisés no Sinai, Ex 24. 1, e subseqüentemente nomeados sacerdotes, 28. 1. Por haverem oferecido ao Senhor um fogo estranho, foram consumidos

pelo fogo, Lv 10. 1-7; Nm 26. 61. Tendo sido vedado a Arão o uso de vinho, quando entrasse no tabernáculo, presume-se que Nadabe e Abiú tivessem violado este preceito, e entrassem à presença de Deus sob a ação do álcool, sofrendo a morte. Ambos morreram sem deixar filhos, Nm 3. 4; 1 Cr 24. 2.

2. Nome de um homem da tribo de Judá, pertencente à família de Hesrom da casa de Jerameel, 1 Cr 2. 28-30.

3. Nome de um benjamita, filho de Gibeom e de sua mulher Maaca, 1 Cr 8. 30; 9. 36.

4. Nome de um filho de Jeroboão I e seu sucessor no trono de Israel. Começou a reinar no ano 910 A. C. Seguiu os maus exemplos de seu pai adorando o bezerro. Conduziu as suas armas para sitiar Gibetom e foi ali assassinado com toda a sua casa por Baasa que tomou conta do trono. Este morticínio cumpriu as ameaças de Deus contra Jeroboão e sua casa. Nadabe não chegou a reinar dois anos, 1 Rs 14. 10, 11, 20; 15. 25-30.

NAFIS, *Respiração.*

Nome de um dos filhos de Ismael, Gn 25. 15; 1 Cr 1. 31, fundador de uma casa com a qual as tribos do oriente do Jordão entraram em conflito, 1 Cr 5. 18-22.

NAFTALI, *Ganho na peleja.*

1. Nome do sexto filho de Jacó e o segundo que lhe deu sua escrava Bila. Raquel deu-lhe este nome porque havia pelejado com Deus em oração para alcançar filhos, Gn 30. 8.

2. Nome da tribo oriunda de Naftali, subdividida em quatro grandes famílias de que foram chefes os quatro seus filhos, Gn 46. 24; Nm 26. 48, 49. O príncipe da tribo no deserto foi Aíra, filho de Enã, Nm 1. 15; 2. 29; 7. 78-83; 10. 27, posteriormente, o foi Pedael, filho de Amiúde, 34. 28. A tribo teve como seu representante na comissão dos espias, a Nabi, filho de Vofsi, 13. 14. Quando se fez o primeiro censo no deserto, contava 53.400 homens de guerra, 2. 29, 30; no segundo, acusava 45.400, 26. 50. Acampou-se ao norte do tabernáculo, atrás das tribos de Dã e Aser, 2. 29. Chegados a Canaã, era ela uma das seis que se puseram no monte Ebal para pronunciar as maldições contra os transgressores da lei, Dt 27. 13; cp. Js 8. 33. O território a ela destinado, estava ao norte da Palestina, e era limitado ao oriente pelo alto Jordão, e o mar de Galiléia, ao sul pela tribo de Issacar e de Zebulom e a oeste, por Zebulom e Aser, Js 19. 34. Consistia em uma estreita faixa de terra com cerca de 93 quilômetros de comprimento de norte a sul e variando entre 18 e 28 de largura, de este a oeste, terreno, pela maior parte montanhoso, Js 20. 7, e muito fértil. A sua linha divisória corria pelo monte Tabor, 19. 34; contava cidades fortificadas, entre outras: Asor, Cedes, Jerom e Betanate, 36-38. Os levitas da casa de Gérson possuíam três cidades dentro de seus limites: Cedes, Hamote-Dor e Cartã. A primeira destas era cidade de refúgio, Js 20. 7; 21. 6-32; 1 Cr 6. 62, 76. Ainda sob o governo dos Juízes, os da tribo de Naftali não haviam conseguido expulsar os cananeus das cidades de Betsames e Betanate, conseguindo porém fazê-los tributários. Os de Naftali tomaram parte saliente na campanha dirigida por Débora e Baraque os quais, juntamente com os da tribo de Dã, expuseram suas vidas na terra de Merom, Jz 4. 6; 5. 18. Também responderam à chamada às armas que Gideão fez, 6. 35; 7. 23. Mil capitães com trinta e quatro mil homens de guerra, armados de escudos e lanças, chegaram-se para Davi em Hebrom para auxiliá-lo na campanha contra Isbosete, 1 Cr 12. 34; cp. 40. Tempos depois, teve como seu príncipe, a Jerimote, filho de Ozriel, 27. 19; cp. Sl 67. 27. Aimaás exerceu as funções de governador em Naftali por ordem de Salomão, 1 Rs 4. 15. Hirão (não o rei de Tiro), filho de certa mulher viúva da tribo de Naftali, era hábil artista em trabalhos de bronze, 7. 14. A terra de Naftali foi assolada por Benadade, rei da Síria, 1 Rs 15. 20; 2 Cr 16. 4; e muitos de seus habitantes sofreram o cativeiro quando Tiglate-Pileser, rei dos assírios, invadiu o país, 2 Rs 15. 29. A estas grandes calamidades alude o profeta Isaías, confortanto o povo aflito, anunciando em nome do Senhor, que o território agora assolado, seria abençoado com privilégios especiais e que uma grande luz brilharia sobre a gente que habitava na região da sombra da morte, Is 9. 1-7. Cumpriu-se esta profecia, quando nosso Senhor escolheu esta região assolada pelas invasões, para ser o centro especial de seu ministério, Mt 4. 12-16. Corazim, Cafarnaum e Betsaída ocupavam o território que outrora pertencia à tribo de Naftali.

NAFTUIM, Plural de *naphtuhi.*

Nome de uma tribo de origem egípciaca mencionada entre os líbios do Baixo Egito e os patrusins do Alto Egito, Gn 10. 13; 1 Cr 1. 11. Ebers deriva este nome da palavra egípcia *naptah,* povo de Ptá, ou habitantes do Médio Egito, no distrito de Mênfis, centro do culto prestado a Ptá. Napata, antiga capital da Etiópia, nas margens do Nilo, perto da quarta catarata, também é indicada como origem da palavra Naftuim.

NAGAI

Nome de um antecessor de Cristo, Lc 3. 25.

NAIM

Nome de uma cidade onde Jesus ressuscitou o filho único de uma viúva, Lc 7. 11, 17. Ainda conserva o mesmo nome; está situada a noroeste de uma eminência chamada *Jebel Duhy,* ou Pequeno Hermom, a três quilômetros a sudoeste de Endor, e a nove, a sudeste de Nazaré. É uma pequena aldeola, pouco maior que um montão de ruínas, onde se encontram antigas sepulturas em cavernas principalmente na parte oriental.

NÃO-MEU-POVO

Nome simbólico do segundo filho do profeta Oséias e de sua mulher Gômer, Os 1. 8, 9.

NAOR, *Soprador.*

1. Nome de um dos filhos de Serugue, e avô de Abraão, Gn 11. 24, 25.

2. Nome de um dos filhos de Terá e irmão de Abraão. Casou-se com sua prima Milca, filha de Harã e irmã de Ló, 29. Não consta que tivesse emigrado de Ur dos caldeus com Terá, Abraão e Ló. Mais tarde ainda o encontramos na Mesopotâmia em Harã, 24. 10; 27. 43. Nasceram-lhe oito filhos de Milca sua mulher. Estes oito filhos deram origem às tribos aramaicas. Teve mais quatro filhos de uma concubina por nome Reumá, 22. 21-24, e Betuel, filho de Milca, que foi pai de Rebeca e de Labão, 24. 15-29.

NARCISO

Nome de um romano cuja família estava no Senhor, a quem o apóstolo S. Paulo enviou saudações na sua carta à igreja de Roma, Rm 16. 11. Ver *Flor* e *Açafrão.*

NARDO

Planta aromática, que em hebreu se chama *nerd,* Ct 4. 13, 14, da qual se extrai um bálsamo precioso, que os gregos denominam *nardos,* Mc 14. 3. Parece que é o *Nardostachys jatamansi,* planta da família das Valerianas, que tem raízes odoríferas e que se encontra nas montanhas do Himalaia entre 11.000 e 17.000 pés de altitude. Os indus serviam-se dela na medicina e também em preparações de perfumaria, vindo a ser um importante artigo de comércio em tempos remotos. Por causa da longa distância, havia demora considerável em transportar o nardo da Índia para a Palestina, e por isso o fazia mais precioso. A redoma de alabastro cheia de bálsamo feito de espigas de nardo, derramado sobre a cabeça de

Jesus, valia 300 denários, Mc 14. 3-5. Segundo diz Plínio, o preço do bálsamo variava entre 25 a 300 e até 400 denários conforme a qualidade, Hist. Nat. 12. 26; 13. 2-4. Em Mc 14. 3 e Jo 12. 3, a palavra nardo é acompanhada por um adjetivo grego, *pistikos*, variante de *pistos*, líquido. Dizem alguns críticos que o adjetivo *pistikos* refere-se ao lugar de sua procedência.

Nardo

NATÃ, *ele deu.*

1. Nome de um dos filhos de Itel e pai de Zabade, pertencente à casa de Jerameel, da família de Hesrom da tribo de Judá, 1 Cr 2. 36.

2. Nome de um distinto profeta que viveu nos reinados de Davi e Salomão. O rei Davi submeteu à sua aprovação o plano da construção do templo. A princípio foi ele favorável ao projeto, mas depois, em virtude de uma mensagem do Senhor, disse que outro, e não Davi, teria a honra de o edificar, 2 Sm 7. 1-17; 1 Cr 17. 1-15. Este profeta teve de apresentar a Davi a denúncia de seu grande crime contra Urias heteu, sob a forma de uma parábola, 2 Sm 12. 1-15; cp. Sl 51, título. Na capacidade oficial de profeta do Senhor, deu o nome de Amável ao Senhor ao filho de Davi, o jovem Salomão, 2 Sm 12. 25. Juntamente com o profeta Natã, auxiliado pelo também profeta Gade, ou a instâncias de ambos, Davi organizou o serviço musical para o santuário, 2 Cr 29. 25. Quando Adonias aspirou ao trono em lugar de Salomão, não manifestou as suas intenções ao profeta Natã, prevendo naturalmente que ele seria bastante fiel a Davi, para aceitar aliança consigo, 1 Rs 1. 8-10. Natã mostrou a Bate-Seba a conveniência de, sem demora, dar parte a Davi do que se estava passando, a fim de providenciar sôbre a sucessão ao trono. O plano surtiu efeito. Davi ordenou a Sadoque, sacerdote e ao profeta Natã e a Banaias, capitão de suas guardas, que proclamassem a Salomão, rei de Israel, 11-45. Natã escreveu um livro descrevendo o reinado de Davi e parte do de Salomão, 1 Cr 29. 29; 2 Cr 9. 29.

3. Nome do pai de Igal de Zobá, e do irmão de Joel, ambos faziam parte dos mais valentes de Davi, 2 Sm 23. 36; 1 Cr 11. 38.

4. Nome de um dos três filhos de Davi que lhe nasceram em Jerusalém, 2 Sm 5. 14. Este ou o profeta do mesmo nome, foi pai de Azarias e de Zabude, oficiais do exército de Salomão, 1 Rs 4. 5. A família de Natã é mencionada no livro de Zc 12. 12. A este nome prende-se a linha genealógica de Davi e de Jesus Cristo, Lc 3. 31, enquanto que, pela linha do rei Salomão é que vem a genealogia de José, esposo da Virgem Maria que faz descender de Davi, Mt 1. 6.

5. Nome de um dos chefes, que esteve com Esdras no rio Aava, Ed 8. 16.

6. Nome de um dos filhos de Bani que Esdras induziu a abandonar sua mulher estrangeira, Ed 10. 39.

NATALÍCIO

O nascimento de um filho era motivo de grande contentamento e celebrado com ruidosas festas, Jr 20. 15; Ant. 12. 4, 7. Os egípcios e os persas festejavam os seus aniversários, Gn 40. 20; Heród. 1. 133. Herodes celebrava o seu natalício quando mandou decapitar a João Batista, Mt 14. 6.

NATÃ-MELEQUE, *O rei deu.*

Nome de um dos eunucos do tempo de Josias rei de Judá, que habitava no recinto do templo 2 Rs 23. 11.

NATANAEL, *Deus tem dado.*

1. Nome de um homem, natural de Caná da Galiléia, a quem Jesus declarou ser um israelita verdadeiro e sem dolo. Filipe convidou-o a ir ter com aquêle de quem Moisés havia falado na Lei Jesus de Nazaré, filho de José, e de quem escreveram os profetas. Porém, este nome de Nazaré não se encontra nas profecias do Antigo Testamento, e, além disso, êste nome era de uma reputação duvidosa, pelo que, Natanael teve dificuldade em aceitar as pretensões messiânicas procedentes daquele lugar. Imediatamente, porém, rendeu-se à evidência do conhecimento super-humano que Jesus havia manifestado, Jo 1. 45-51. Quando se operou o milagre da pesca no Mar de Galiléia Natanael estava na barca, juntamente com Simão Pedro, 21. 2. O seu nome não consta da lista dos apóstolos que vem nos três primeiros evangelhos mas parece provável que lá esteja com o nome de Bartolomeu. No Antigo Testamento encontram-se outras pessoas com o mesmo nome, porém na forma hebraica.

2. Nome do príncipe da tribo de Issacar que serviu na peregrinação pelo deserto, Nm 1. 8; 2. 5; 7. 18-23; 10. 15.

NAUM, *Compassivo.*

Profeta natural de Elcese, aldeia da Palestina Profetizou para a tribo de Judá, 1. 15, e não para as dez que estavam no cativeiro. O lugar que este livro ocupa na ordem dos profetas menores, depois de Miquéias e antes de Habacuque e Sofonias dá a entender que foi escrito entre o princípio do reinado de Ezequias e o final do reinado de Josias, Mq 1. 1, Sf 1. 1, porque este profeta faz referência à destruição de Noamom (Tebas, Egito 3. 8-10, tomada pelos assírios em 664 A. C., e prediz a queda de Nínive, 7, que ocorreu pelo ano 600. Tudo isto marca os limites do tempo em que o livro foi elaborado, que vem a ser nos cinqüenta e oito anos decorridos entre os dois acontecimentos citados, quando o povo se achava consternado pelas persistentes invasões dos assírios e pelo cativeiro de seu rei. O tema da profecia é o peso de Nínive, 1. 1. Insiste em declarar que Jeová é Deus zeloso e vingador, que se arma de furor contra seus adversários e ao mesmo tempo serve de baluarte para os que nele confiam, 2-8; acusa o povo de se mostrar indiferente para com aqueles que falavam contra o Senhor e que o aconselhavam a abandonar o seu serviço, 9. 11; declara firme o propósito que Deus tinha de livrar o seu povo, 12-14; e exorta-o a permanecer fiel ao Senhor e às suas ordenanças, 15. Nestas bases, o

profeta passa a descrever a destruição das nações que estavam em oposição ao reino de Deus; descreve o sítio da cidade, 2. 1-10, e aproveita a ocasião para mostrar o seu estado lastimável, semelhante a uma caverna de leões, 11-13. Voltando a descrever o sítio, atribui as desgraças que ela sofre à multidão de seus crimes, 3. 1-4. Aludindo a eles, o profeta faz uma comparação entre ela e uma prostituta, castigada com vergonha e opróbrio, 5-7. Chama a atenção para No-Amom, *Tebas*, cujos habitantes sofreram o cativeiro, sendo superior a Nínive, 8-10, e anuncia que esta cidade será igualmente destruída, 11-19. Em Naum 3. 8-10, a versão de Figueiredo traz *Alexandria*, o que é um grosseiro anacronismo, onde se lê No-Amom, i. é, Tebas do Egito na V. B. e em Almeida.

A profecia começa com uma introdução poética em ordem alfabética, 1. 2-15, sem a feição de um salmo cujos vv. começam por uma letra como se vê no Sl 119. O autor do livro faz mais: serve-se dos sons consecutivos das letras para assinalar os tópicos e não os vv., e para acompanhar cada um dos tópicos simples ou em grupos, no curso de sua majestosa oração. Educa o ouvido para entender certos sons e ouvi-los com prazer. Assim, pois: I. O profeta enuncia uma doutrina referente a Jeová, Deus de Israel (soando o *aleph* na primeira palavra *el*, Deus), doutrina que serve de fundamento à verdade em que assenta a sua profecia, a saber, que Jeová, posto que tardo em se irar, toma vingança sobre seus adversários, 2, 3; em que o *aleph* dá começo às palavras mais importantes. Depois, passa a descrever a majestade e o poder de Jeová, servindo-se na natureza, dizendo: O Senhor anda entre a tempestade e o torvelinho, e debaixo de seus pés se levantam nuvens de poeira (a letra *beth* soa três vezes nesta parte do v. 3); ameaça o mar, e ele o seca, e muda todos os rios num deserto. Basã e o Carmelo perderam a força e a flor do Líbano amorteceu (o v. 4 começa com *gimel*); os montes foram por ele abalados e os outeiros ficaram desolados e a terra e o orbe e todos que nela habitavam, tremeram diante dele, 5; neste v. o *gimel* aparece quatro vezes em palavras proeminentes, e quatro vezes também se emprega a conjunção *vav;* diante da face da sua indignação, quem é que poderá subsistir? e quem resistirá contra a ira do seu furor? 6; as palavras de mais forte expressão começam, uma vez com *zayin* e duas vezes com *kheth*, em sua própria ordem. A verdade assim exposta, compreende, de um lado, a bondade de Deus para com o seu povo e o conhecimento que ele tem de cada um dos que esperam nele, 7; as palavras começam com *teth* e *yodh;* e de outro lado, a destruição completa do mal, 8; a palavra principal sendo *kalah*, retém os dois sons *kaph* e *lamedh*, acompanhadas duas vezes pelo som *mem* na palavra "lugar." Chega-se ao clímax da doutrina. II. Abre-se uma nova secção do excelso discurso, em que o profeta fundamenta as suas predições nas verdades já expostas. Insiste na improficuidade da oposição a Jeová: primeiro em forma interrogativa, 9; cuja parte principal começa com outro *mem* e termina com *nun;* em seguida faz uma declaração, repetindo as conclusões da secção doutrinal, em que se repete a seqüência dos sons *kaph*, uma vez e *lamedh*, duas vezes, nas duas palavras que dominam o pensamento, *kalah* e *lo*, seguidas imediatamente pela repetição de *mem* três vezes. Em seguida, o profeta prediz a destruição dos inimigos de Deus, 10-13; nestes vv. a letra *samekh* entra quatro vezes no princípio de quatro palavras consecutivas, sibilando pelo v. 10, enquanto que *ayin*, arrasta-se quatro vezes em palavras consecutivas do v. 11, e outras quatro vezes na segunda metade do v. 12 e na primeira palavra do v. 13. Segue-se a predição acerca do livramento do povo de Deus, 14; neste v. a letra *tsadhe* está no princípio do v. e *goph* é a letra inicial das duas palavras finais. Finalmente, em vista das verdades expostas, o profeta exorta o povo a continuar firme e sem desfalecimento no seu serviço e nos atos de seu culto, 15. Neste v. as letras *resh*, *sin* e *shin*, soam repetidamente na primeira metade do v. e a letra *tav* é a última do v. e o som final da profecia que começa com *aleph*. O último v. pelo sentido como pelo ritmo, forma a transição para o capítulo II.

As letras *daleth* e *pe* não se encontram nesta enumeração; mas quando se disser toda a história dos sons, as encontraremos lá. O ouvido ficará satisfeito, ouvirá tudo quanto deseja ouvir. O discurso exaltado do profeta começa com a letra *aleph* no v. 2, ouvindo-se também o *beth*, enquanto que no fim do v. as duas letras soam juntas; *aleph* ouve-se duas vezes no princípio do v. 3, seguida de *gimel* e de *daleth* juntas; depois, *beth* aparece duas vezes seguida de *daleth; aleph* e *beth* aparecem de novo na palavra característica do encerramento, seguidas de uma palavra que tem *gimel;* o v. 4 começa com *gimel* e deixa ouvir repetida a letra *beth*, e o *aleph* faz-se ouvir no princípio e no fim da última cláusula. Nestes vv. o *aleph* aparece dez vezes como letra radical; *beth*, sete vezes também como radical, *gimel* e *daleth* duas vezes cada uma. *Tau* não aparece nos primeiros dois v. e a letra *sin* não soa até ao v. 3. O grupo de letras, desde *he* até *yodh* é empregado com certa parcimônia. A letra *he* começa e termina o v. 5, e repetida nêle várias vezes; e a letra *vav*, vê-se no princípio ou no fim de quase todas as palavras. O pensamento do v. 6, está incorporado em uma palavra que começa com *zayin* repetida duas vezes em sinônimos que começam com *kheth*. *Teth* principia o v. 7; a palavra enfática de introdução à última cláusula começa com *yodh*. A primeira parte do poema exibe uma exultante conclusão, anunciando que a iniqüidade será destruída; e a segunda parte repete esta mesma verdade, como base profética e fundamento para as suas exortações, 8, 9. Entre estas duas partes, e como transição da primeira para a segunda, existe uma pergunta, mostrando quão louca é a resistência contra Jeová. Em cada passagem o poeta emprega os sons consecutivos *kaph*, *lamedh* e *mem;* o essencial do assunto começa por *mem* e termina por *nun*. Nos v. 9-11, os sons de *mem*, *nun*, *samekh*, *ayin* e *tsadhe* são muito freqüentes e dominantes. A letra *pe* também se vê, porém, em completa subordinação, e talvez sem emprego intencional da parte do profeta; todavia a sua ocorrência agrada ao ouvido. Nos vv. 13 e 14, as letras *goph*, *resh*, *shin* e *tav* têm proeminência muito legítima: *tav*, *shin*, e *resh*, no final das sílabas consecutivas do princípio do v. 13, e *shin*, *goph*, *resh* e *tav* no princípio das sílabas das últimas quatro palavras do v. 14. No v. 15, a letra *resh* aparece em três palavras consecutivas seguidas de *sin* e *shin* nas mesmas palavras, e terminando com a radical *tau*.

2. Nome de um antecessor de Cristo, nascido cêrca de três séculos antes dele, Lc 3. 25.

NAVALHA

Instrumento cortante empregado para fazer a barba ou rapar o cabelo, Is 7. 20; Ez 5. 1.

NAVIO

Pequena embarcação de que se serviam os moradores do alto Eufrates para descerem até Babilônia, Heród. 1. 194. Tinha a forma circular; o cavername era de faia forrado de couro. Dois timoneiros governavam alternadamente, o barco impelido por uma vela grande. Cada um dos maiores navios carregava 5.000 talentos. Os barcos que navegavam pelo Nilo, eram construídos de acácia, Heród. 2. 96. Nos tempos do Antigo Testamento, com certeza havia barcos no Mar de Galiléia, se bem que deles não há notícia. No período romano, êste mar continha muitos barcos de pesca, Lc 5. 2; Jo 6. 22, 23; Guerras 2. 21, 8; 3. 10, 9; Vida, 33, movidos a remos e à vela, Mc 4. 38; comp. Lc 8. 23, sob a direção de um piloto. As âncoras tornavam-se indispensáveis para segurar o barco no termo da viagem, ou quando abrigado dos temporais, Vida 33.

Os israelitas não se davam ao mar, apesar do exemplo das nações vizinhas. Os egípcios e os fenícios possuíam grandes estaleiros onde construíam suas embarcações, já antes do êxodo. Em todo o tempo de sua história, tinham os hebreus diante dos olhos o espetáculo grandioso das navegações pelo Mediterrâneo. Salomão meteu-se em grandes empresas comerciais e marítimas que Josafá procurou imitar, porém, somente em circunstâncias excepcionais, servindo-se de marinheiros fenícios. As madeiras de cedro e de faia destinadas à construção do templo, iam para Jope conduzidas por marinheiros de Tiro, 1 Rs 5. 9; 2 Cr 2. 16. As madeiras para o segundo templo, foram igualmente levadas para Jope pelos fenícios, Ed 3. 7. A tripulação do navio em que ia o profeta Jonas, compunha-se de estrangeiros, Jn 1. 5. Consta haver, no período romano, expedições de piratas hebreus, que infestavam o mar, Antig. 14. 3, 2; Guerras 3. 9, 2, 3. O Mediterrâneo era cruzado em todas as direções por navios mercantes e de guerra, Nm 24. 24; Dn 11. 30; Jn 1. 3; 1 Mac 11. 1. Em tempo de guerra usavam de navios para o transporte de soldados, 15. 3, 4; 2

Navio do tempo de Paulo
(Desenho achado em Pompéia)

Mac 14. 1, e para combates navais, 1 Mac 8. 23-32; Antig. 9. 14, 2; cp. Guerras 3. 10, 1. Alguns deles navegavam só à vela, outros à vela e a remos. Os navios mercantes de Tiro eram fabricados de faia de Sanir e de cedros do Líbano, Ez 27. 5-9, com mastros, velas de linho e cordas, 7; Is 23. 23, assentos de marfim e câmaras de madeiras das ilhas da Itália, remos de carvalho, Ez 27. 6. Os marinheiros trabalhavam nos navios sob a direção de um piloto, 8, 27. Em navios de luxo, as velas eram de tecido fino do Egito com bordaduras e os pavilhões eram feitos de jacinto e de púrpura das ilhas de Elisa, 7. As viagens marítimas iam até Társis, Jn 1. 3, 5, 6, 13, e tocavam o Oceano Atlântico desde a Espanha à Inglaterra. O navio de Alexandria em que S. Paulo viajava tinha capacidade para conduzir, além da equipagem, ainda mais 276 passageiros e um carregamento de trigo, At 27. 37, 38. O navio que naufragou com Josefo, levava 600 pessoas a bordo, Vida 3. O cargueiro que transportava trigo de Alexandria, descrito por Luciano, e que deu à costa no pôrto de Atenas, tinha 120 cúbitos, ou 180 pés de comprimento, inclusive sem dúvida as projeções de ambas as extremidades, e 45 pés de largura chamando por isso a atenção de todos. Lotava de 1.200 a 1.300 toneladas. A galera de Ptolomeu Filopáter media, segundo diz Ateneu, 420 pés de comprimento e 57 de largura. O navio em que viajava o apóstolo S. Paulo estava a cargo do próprio dono e de um piloto, At 27. 11, e manobrado por marinheiros, v. 30, e fabricado de pranchas de madeira, 44. O velame compunha-se de uma cevadeira que podia ser levantada ou abaixada, 40, e conseqüentemente com um mastro de traquete, um mastro grande, e governado por dois lemes, 40. Possuía quatro âncoras, duas à ré, e duas à proa, 29, 30, e um pequeno bote suspenso à popa, por meio de cordas, 16, 17, 30, 32. Os navegantes costumavam levar a bordo uma sonda para avaliar a profundidade do mar, 28. Era costume pintar ou esculpir um olho de cada lado do talha-mar. O navio referido não podia resistir ao vento, 15. Uma pintura encontrada nas ruínas de Pompéia mostra a feição dos navios no tempo de S. Paulo: um mastro de proa inclinado à maneira de um gurupés, destinado a sustentar uma vela quadrada, mais um mastro grande com uma vela também quadrada, presa a uma verga comprida. A verga compõe-se de dois mastaréus ligados entre si, fazendo centro na ponta do mastro. A vela é protegida por meio de cordas costuradas em sentido horizontal e perpendicular, de modo que, dando-se um rasgão, este fica limitado ao quadrado em que ele se deu. A vela cingia-se à verga por meio de cordas que a suspendiam enrolando. O convés é protegido por uma cinta. A popa, e em muitos casos a proa também, levantam-se em curva. Era costume terminar a proa em forma da cabeça de uma ave marinha. O nome do navio pintava-se ou era esculpido em cada lado da proa, At 28. 11. O navio governava-se por meio de dois remos em forma de pás, que se moviam através de um orifício. As âncoras daquele tempo pareciam-se muito com as atuais, exceto em não ter unhas. Para impedir que o navio sofresse abertura nas juntas, costumavam cingi-lo com cordas, ou correntes.

NAZARÉ, *Verdejante, rebento*, ou talvez *protetora*.

Nome de uma cidade da Galiléia, Mt 2. 23, onde residiam José e Maria, Lc 2. 39, e onde Jesus cresceu, 4. 16, e passou a maior parte de sua existência de trinta anos, 3. 23; por isso lhe chamavam Jesus de Nazaré, Mt 21. 11; Mc 1. 24. Ali gozava da estima de seus habitantes, Lc 2. 52; 4. 16, mas depois que iniciou sua carreira pública, foi rejeitado duas vezes pelos seus conterrâneos, 4. 28-31; cp. Mt 4. 13; 13. 54-58; Mc 6. 1-6. Nazaré estava situada sobre um monte, Lc 4. 29, era pequena e sem importância, ou de origem muito recente, porque o seu nome não se encontra no Antigo Testamento, nem nos livros apócrifos, nem nas obras de Josefo. Atualmente chama-se *en-Nasirah*, e está situada em um vale apertado da Baixa Galiléia, um pouco ao norte da planície de Esdraelom, ou cerca de 27 quilômetros a sudoeste de Tiberíades a 37 a sudoeste de *Tell-Hum*, lugar onde se julga haver existido a cidade de Cafarnaum e a 35 a sudeste do Acre. O vale tem cerca de dois quilômetros de este a oeste e a média de 500 metros de norte a sul. Pelo lado de noroeste, o monte eleva-se a cerca de 165 metros sobre o vale cercado de ravinas pela encosta oriental, onde se acha situada Nazaré. As casas são mais bem edificadas do que em outras povoações da Palestina, construídas de pedras calcáreas que se encontram nos outeiros vizinhos, e entre plantações de figueiras, oliveiras e alguns ciprestes. No vale, existem jardins cercados de árvores espinhosas. No centro destes jardins está a Fonte da Virgem, donde vai a água que abastece a cidade, e onde, provavelmente, a Virgem Maria ia buscar água para a sua habitação. Nazaré contém hoje cêrca de 4.000 habitantes, cuja maioria professa o culto grego; a quinta parte compõe-se de maometanos, e há também número considerável de protestantes e pequena parte de católicos romanos. Os frades franciscanos possuem lá um convento e dão notícias de muitos lugares santos na cidade, o único, porém, de maior evidência é a Fonte da Virgem. O ponto culminante donde queriam precipitar Jesus, talvez seja perto da igreja maronita onde existem duas ou três escarpas nuas de 6 a 17 metros de altura.

O nome de Nazaré está escrito de várias formas nos manuscritos do Novo Testamento. As mais aceitáveis são: *Nazaret* e *Nazareth*. O texto alexandrino diz *Nazareth*, o texto sinaítico e o

Fonte da Virgem em Nazaré

Vaticano dizem *Nazara*, em Mt 4. 13 e Lc 4. 16. Estas várias formas representam provavelmente os diversos modos de falar entre o povo da Palestina. A cidade de Nazaré em aramaico chamava-se *Nasera*, retendo a terminação feminina t (th) como era muito freqüente com os nomes de cidades (Zarephath, Daberath, Bozkath, Timnath) e sob a influência hebraica se pronunciava *Nazereth* (*cp. iggera* e *iggereth* que em aramaico quer dizer letra). Segundo esta explicação, a palavra é um particípio feminino. É raro que na língua semítica o som *s* seja representado pelo *z* grego, como o exige esta explicação do nome Nazaré; contudo, tem seus paralelos (cp. Zilpah, em hebreu *Silpah* e em grego *Zelpah*). O siríaco conserva o *s* usando a forma *Naserath*. Os árabes, conquistadores do país, ouvindo a sibilante enfática, conservaram o nome na forma *en-Nasirah*. O sentido que tem em árabe é *auxiliador* ou *vencedor*. Procura-se a derivação do nome original na raiz hebraica *nasar*, vigiar, proteger, guardar; de modo que *Nazaré* quer dizer: *protetor* ou *guardião*. Porém esta raiz no aramaico, inclusive o siríaco, é *netar*. O nome Nazaré deriva-se de uma raiz que em hebreu tem a forma *neser* e em aramaico, *nisra*, grelo; portanto, *Nazaré* quer dizer: *lugar verdejante*.

NAZARENO[1], *Separado, consagrado a Deus.*

Pessoa, homem ou mulher, que se consagrava especialmente a Deus. Desde muito que existia esta espécie de consagrados, cujos votos foram regulamentados pela lei do Sinai. Os nazarenos prometiam consagrar-se ao Senhor por certo espaço de tempo. Não eram eremitas; continuavam a viver em contacto com a sociedade humana; nem tinham vida ascética. A lei determinava que se abstivessem do vinho e de outras bebidas fortes, não comessem dos frutos da vide enquanto durasse o tempo de seu voto. Desde os tempos patriarcais, a vinha simbolizava a habitação fixa e a vida culta, muito lícitas em si mesmas, porém, que não se compadeciam com a simplicidade da vida e dos costumes antigos. Veja *Jonadabe*. Os nazarenos não deviam rapar a cabeça. Os longos cabelos denunciavam a sua consagração a Deus; o cabelo era a glória da cabeça e o produto do corpo santificado para o Senhor; cortar o cabelo que Deus fez crescer, era considerado pelo povo como não tendo voto, cp. Ex 20. 25; Nm 19. 2; Dt 15. 19. Finalmente, o nazareno não era considerado limpo pela lei cerimonial, se tivesse tocado um cadáver, mesmo que fosse de um parente muito próximo. Quando se aproximava o termo de sua consagração, devia comparecer diante do sacerdote, para cumprir as prescrições legais, quanto às oferendas, rapar a cabeça e queimar os cabelos, depois do que, poderia outra vez beber vinho, Nm 6. 1-21. Qualquer pessoa podia fazer voto perpétuo em lugar de ser por tempo limitado, e mesmo poderia ser consagrado perpetuamente desde o ventre de sua mãe. Foi este o caso com Sansão, Jz 13. 4, 5, e com Samuel, 1 Sm 1. 11, 28. Sansão, todavia, afastou-se destas leis e ainda dos antigos costumes da velha civilização. No tempo de Amós, gente profana tentou induzir os nazaremos a violar os seus votos de abstinência, oferecendo-lhes brindes, Am 2. 11, 12. Depois do exílio o número dos nazarenos aumentou, 1 Mac 3. 49; Guerras 2. 15, 1. João Batista foi consagrado Nazareno desde o ventre de sua mãe, Lc 1. 15. É bem possível que a profetisa Ana tivesse voto de nazareno, 2. 36, 37. Parece que foi o voto de nazareno que os amigos de S. Paulo o induziram a tomar para acalmar a tempestade que se armava contra ele, na sua última visita a Jerusalém, At 21. 20-26. As pessoas ricas costumavam fazer as despesas do voto para favorecer os que eram pobres, Antig. 19. 6, 1.

NAZARENO², *Que pertence a Nazaré.*

1. Nome de pessoa nascida, ou residente em Nazaré, Mt 2. 23; Mc 16. 6. Em Is 11. 1, diz-se que sairia uma vara do tronco de Jessé, e que uma flor brotaria da sua raiz; um rebento da real família, é verdade, mas daquela família despojada da sua glória, e reduzida à sua humilde condição primitiva. Em vários lugares da profecia, o Messias é anunciado como um germe da casa de Davi, Jr 23. 5; 33. 15; Zc 3. 8. Interpretando o v. 23 do cap. 2 de S. Mateus, pode dizer-se que o evangelista via o cumprimento da profecia de Isaías no fato providencial que levou os pais de Jesus a tomar outra vez residência permanente em Nazaré, dando a Jesus a designação de nazareno. Se a palavra Nazaré significa protetor ou guardião, Mateus acha o cumprimento da profecia meramente na semelhança do nome e no baixo conceito em que era tida a cidade e os seus habitantes; porém, se o nome se deriva da mesma raiz *neser* (veja *Nazaré*), então o evangelista acha o cumprimento na significação do nome, Mt 26. 71; Mc 16. 6.

2. Nome que se dava por desprezo aos aderentes da religião fundada por Jesus, At 24. 5.

NEÁ, *Emoção.*

Nome de um lugar na fronteira de Zebulom, Js 19. 13.

NEAPOLIS, *Cidade nova.*

Pôrto de mar em Filipos, e o primeiro lugar da Europa a que chegou o apóstolo S. Paulo, At 16. 11, compreendido no cap. 20. 6. Estava situado no golfo Estrimônio, a 10 milhas a este-sudeste de Filipos. Seu nome atual é Cavala, cidade turca, cercada de ruínas.

NEARIAS, *Jeová sacudiu.*

1. Nome de um simeonita que tomou parte na guerra contra os amalequitas, perto do monte Seir, durante o reinado de Ezequias, 1 Cr 4. 42.

2. Nome de um dos descendentes de Secanias, 1 Cr 3. 22, 23.

NEBAI

Nome de um dos chefes do povo, que assinou o pacto juntamente com Neemias, Ne 10. 19.

NEBAIOTE, *Lugares altos.*

Nome de uma tribo descendente de Ismael, Gn 25. 13, 16; 28. 9; 36. 3; 1 Cr 1. 29, cuja riqueza consistia em rebanhos, Is 60. 7. Setecentos anos antes de Cristo, os assírios deram notícia da existência desta tribo na Arábia, em harmonia com o Antigo Testamento em conexão com Cedar. Podem ser os mesmos nabateus árabes que quatro séculos antes de Cristo se apossaram do monte Seir, e dele se espalharam para nordeste até a região além do rio, Mac 5. 25; 9. 35, atingindo Haurã e Damasco, Antig. 13. 15, 2. Todo o país, desde o Eufrates até o golfo Elanítico no Mar Vermelho pertencia aos nabateus (Antig. 1. 12, 4). Foram conquistados por Pompeu no ano 62 A. C., e no ano 105 da era cristã, passou a ser província do império romano. A Sela antiga ficou sendo capital com o nome de Petra. Aretas foi um dos seus reis, mencionado em 2 Co 11. 32.

NEBALATE

Nome de uma cidade da tribo de Benjamim, ocupada pelos israelitas depois do cativeiro, Ne 11. 34. Hoje chama-se *Beit Nebala*, situada a 7 quilômetros a nordeste de Lida e a 3, ao norte de *el-Hadîeh* ou Hadide e a noroeste de Betel.

NEBATE, *Aspecto.*

Nome do pai de Jeroboão, 1 Rs 11. 26.

NEBO, Sendo nome de uma divindade deriva-se da palavra semítico-babilônica *Nabu*, anunciador; sendo nome geográfico, pode representar o lugar onde se adorava o deus Nebo e neste caso, deriva-se do arábio *Naba*, que significa elevação.

1. Nome de um deus de Babilônia, Is 46. 1 que presidia às ciências e à literatura, venerado na cidade de Borsipa, perto de Babilônia, cujas imagens eram objeto de adoração no tempo de Isaías, Is 46. 1.

2. Ponto culminante das montanhas de Abarim, defronte de Jericó, Nm 33. 47; Dt 32. 49, que parece ser o Pisga, Dt 34. 1, e acha-se em Jebel Neba a cerca de 15 quilômetros ao oriente da foz do Jordão. Desta sumidade, e em particular do pico denominado *Ras Singhah*, vê-se através da atmosfera limpida da primavera, o monte Hermom, em cuja base está situada Dã; descortinam-se as montanhas de Naftali e a região serrana de Efraim e de Judá; o Carmelo e o mar que lhe ficam atrás; as depressões características da região meridional; o Mar Morto e o vale do Jordão.

3. Nome de uma cidade moabita, perto de Nebo, Nm 32. 3. Foi reconstruida pelos rubenitas, 32. 37, 38; 33. 47; cp. 1 Cr 5. 8, caindo depois nas mãos dos moabitas, *Pedra Moabita* 14; Is 15. 2; Jr 48. 1-22. Acredita-se que seja assinalada pelas ruínas conhecidas pelo nome de *Nebbeh*, a 11 milhas a sudoeste de Hesbom.

4. Nome de uma cidade mencionada depois de Betel e Ai, Ed 2. 29; Ne 7. 33. Não identificada. Nem *Beit Nuba*, a 24 quilômetros a sudoeste de Betel, nem Nuba, 12 quilômetros de Hebrom, se aproximam etimologicamente de Nebo.

NEBUSAZBA, *Nabu-shizibanni, Nebo, salva-me.*

Nome de um príncipe babilônico que exerceu o cargo de rabe-saris no tempo de Nabucodonosor, Jr 39. 13.

NEBUZARADÃ, *Nabu-zir-id-dina, Nebo deu geração.*

Nome de um general do exército de Nabucodonosor que tomou Jerusalém, completou a destruição da cidade e lançou fogo ao templo, 2 Rs 25. 8-11, 18-21; Jr 39. 9, 10; 52. 12-30; cp. 41. 10; 43. 6. Mostrou a mais cordial simpatia para com Jeremias, recomendada pelo rei porque o profeta havia aconselhado a seus compatriotas que se submetessem aos babilônios, Jr 39. 11-14; 40. 1-5. Cinco anos depois, deportou um grupo de setecentos e quarenta e cinco judeus, 52. 30.

NECAU, NECO, NECOM, Do egípcio: *Neku Nekau, Nekhao* (Veja *Faraó*).

NECEBE, *Buraco, caverna, fosso.*

Nome de uma vila na fronteira da tribo de Naftali, Js 19. 33. O Talmude de Jerusalém diz Nequebe Siadata. Conder acha que este nome é o mesmo que *Seiyadeh*, nome de umas ruínas que se encontram a uns seis quilômetros a noroeste da saída do Jordão do Mar de Galiléia.

NECO ver FARAÓ

NECODA, *Pastor.*

Nome do fundador de uma família de natineus, Ed 2. 48, 60.

NECOM ver FARAÓ

NEDABIAS, *Jeová é liberal.*

Nome de um dos filhos do rei Jeconias, 1 Cr 3. 18.

NEELAMITA

Palavra referente ao falso profeta Semaias, Jr 29. 24. Não se sabe se esta palavra designa o lugar onde ele nasceu, ou se é nome de algum de seus antecessores.

NEEMIAS, *Jeová consolou.*

1. Nome de um dos principais homens que voltaram de Babilônia em companhia de Zorobabel, Ed 2. 2; Ne 7. 7.

2. Nome de um dos filhos de Azbuque, que edificou parte do muro de Jerusalém, Ne 3. 16.

3. Nome de um judeu do cativeiro, filho de Hacalias, Ne 1. 1, que exercia as funções de co-

peiro junto do rei Artaxerxes Longimano, rei dos persas. Um dia em que o semblante de Neemias se mostrou abatido, o rei perguntou-lhe qual era a causa do seu pesar. Respondeu-lhe francamente que era o estado de ruínas em que se achava Jerusalém, onde existiam em abandono os sepulcros de seus antepassados e pediu-lhe licença para ir lá reconstruir os muros da cidade. O rei forneceu-lhe uma escolta de cavalaria para acompanhá-lo na viagem e deu-lhe cartas de apresentação, recomendando-o a vários governadores persas, e nomeou-o governador da Judéia, como Zorobabel havia sido, Ne 1. 1 até cap. 2. 9; 5. 14. Chegou a Jerusalém no vigésimo ano de Artaxerxes, 445 A. C. O sacerdote Esdras estava então na capital judaica onde havia chegado treze anos antes. Entrando na cidade, Neemias deu volta de noite em torno dela e contemplou com tristeza as ruínas do muro.

Apresentou-se ao povo, aos sacerdotes e aos magnatas, descobrindo-lhes quais eram as suas intenções, e convidou-os a prestar-lhe auxílio eficiente na reparação dos muros. De boa mente acudiram ao seu apelo: todos os homens notáveis se dispuseram à obra, Ne 3. As tribos gentílicas da vizinhança, sabendo que Jerusalém consertava os muros, ficaram em extremo iradas. Três de seus representantes, Sanabalá horonita, Tobias amonita e Gôssen árabe, intentaram fazer parar a obra e para isso empregaram os mais ingentes esforços. Não conseguiram, porém, iludir nem intimidar a Neemias que resolutamente continuou o trabalho. Os operários preveniram-se contra qualquer ataque inesperado, e trabalhavam, tendo em uma das mãos a trolha e na outra a espada, 2. 10; caps. 4 a 6; Ecclus. 49. 13. O conserto do muro levou cinqüenta e dois dias, 4. 15, e terminou no ano 445 A. C., setenta e cinco anos depois que o templo havia sido completado. Agora a atenção de Neemias volta-se para a instrução religiosa do povo, resultando daí um despertamento geral em favor do serviço de Deus, que levou os representantes das famílias, os sacerdotes, os levitas e o povo a assinarem um pacto, prometendo servir a Jeová, caps. 9 e 10. Depois de uma demora de doze anos como governador de Judá, Neemias voltou para Susã no ano 433 A. C. Pediu nova licença para voltar a Jerusalém, 13. 6, 7, onde permaneceu até ao fim de sua vida, como governador, exortando o povo a permanecer na lei de Moisés, da qual se haviam apartado, e castigando os desobedientes, 13. 8-31. Josefo afirma que Neemias morreu em idade muito avançada, Antig. 11. 5-8. Diz o papiro de Elefantine que o sucessor de Neemias foi certo Bagoi no ano 411. Veja *Cânon*.

O livro de Neemias faz parte do Hagiógrafo, ou terceira divisão das Escrituras hebraicas, em seguida ao livro de Esdras e antes das Crônicas. Na contagem dos livros da Escritura, davam Esdras e Neemias como um só livro. Veja *Esdras* Neemias informa as condições aflitivas de Jerusalém, cap. 1; alcança licença do rei da Pérsia para visitar a cidade temporariamente, como comissário do rei, cp. 2 e 6, incita o povo a consertar os muros, 17, enumera os trabalhadores da obra, cap. 3, acha necessário que todos eles se armem para resistir a qualquer ataque inesperado dos samaritanos, cap. 4. Enquanto prosseguia a obra da reconstrução, corrigia os abusos do povo, 5. O muro, afinal, ficou concluído, não obstante todas as tentativas de Sanabalá e de Tobias para amedrontar Neemias, e as peitas com que tinha induzido alguns nobres de Judá para o aconselharem a desistir do seu intento, cap. 6. A cidade era grande e a população escassa, e por isso, Nemias queria aumentá-la, 7. 4. Para este fim, reúne os nobres, os príncipes e o povo, a fim de conhecer e avaliar o seu número pelas listas genealógicas, e chamar os ausentes para virem habitar ali. Primeiro fez-se o arrolamento dos que tinham vindo primeiro com Zorobabel, 7. 6-73, também mencionados em Ed 2. 1-70. Antes de se terminar o registo, chegou o sétimo mês, em que o povo vinha para a festa. Nesta ocasião, leu-se o livro de Moisés. Esta leitura deu em resultado, em primeiro lugar, a construção de tendas para se abrigarem durante a festa, cap. 8; e em segundo lugar, o arrependimento de seus pecados e da culpa de se haverem casado com mulheres estrangeiras, cap. 9. Assinaram um pacto de obediência à lei de Deus e de evitar as relações matrimoniais com os pagãos. O cap. 10 contém a lista dos que assinaram. Estes atos de culto religioso auxiliaram em grande parte a realização do plano de Neemias para aumentar a população da cidade. Deitaram sortes para tirarem uma parte de dez que habitaria em Jerusalém, em aditamento aos que já ali existiam, 11. 1, 2. Do v 3 até 24 vem a lista das famílias que habitavam em Jerusalém; o cap. 12. 1-9 dá a relação dos sacerdotes e levitas que voltaram com Zorobabel; os vv. 10 e 11 relatam os nomes dos sumos sacerdotes, desde Josué até Jedoa. Vem em seguida, a relação dos sacerdotes que eram chefes das famílias, 12-21, e a lista dos levitas, também chefes das famílias, 22-26. Dos vv. 27 em diante, vem descrita a festa da dedicação do muro. No interregno da ausência de Neemias na Pérsia, deram-se lastimáveis abusos: não tinham dado aos levitas os quinhões que lhes pertenciam, 13. 10, a lei do sábado havia sido violada, v. 15, e voltaram as relações matrimoniais com os estrangeiros, 23, abusos estes que Neemias corrigiu.

O título do livro dá o nome de Neemias como seu autor, 1. 1, e em todo o livro ele fala na primeira pessoa do singular, exceto, quando menciona as listas e documentos, 10. 1; 12. 26, quando incidentalmente, no meio das narrações da obra religiosa de Esdras, se menciona a presença de Neemias, como governador civil e de outras pessoas de destaque, 8. 9, e ainda quando se faz menção aos dias de Neemias, depois de aludir aos dias de Davi, de Asafe e de Zorobabel, 12. 45. Nesta última passagem, a terceira pessoa do singular caberia melhor do que a primeira pessoa; e além disso a passagem citada contém uma narração retrospectiva, recebida depois da volta de Neemias, e refere os acontecimentos que se deram durante os doze anos de sua primeira administração.

Acredita-se geralmente que Neemias foi quem escreveu a maior parte do livro. E a oração mencionada no cap. 9. 6-38, que na versão dos Setenta é precedida pelas palavras "E Esdras disse", e que de fato bem se vê que é produção sua, cp. v. 10 com Ed 9. 7-15; e o v. 30 com Ed 9. 1, 2, 11; os vv. 8, 36 com Ed 9. 9-15, poderiam ter entrado sem alterar a fraseologia de Neemias na sua narração histórica. Mas a narrativa contida no cap. 8. 9 e 10. 1, dá a Neemias o título de Atersata que é sem dúvida o nome persa equivalente a *pehah* que vale governador, Ed 2. 63, com Ageu 1. 1. O emprego da terceira pessoa, nesta e em outras passagens é compatível com a teoria que aceita o livro como produção de Neemias; porém, o título de Atersata que se lhe dá, não tem explicação, tão pronta, supondo que foi o próprio Neemias quem escreveu as passagens, porque ele se chama *pehah*, 5. 14-18; 12. 26. A maior parte dos críticos modernos são de opinião que no livro de Neemias se encontram traços de outra mão. O emprego da primeira pessoa do plural no cap. 10. 30, 32, 34 e uma parte da secção compreendida entre os capítulos 8 a 10, parecem indicar que foram escritas por uma testemunha ocular. Se outro, além de Neemias, trabalhou na compilação da obra, se êsse colaborador era contemporâneo de Neemias, ou se lhe foi posterior, depende principalmente de saber se as genealogias mencionadas no cap. 12. 10, 11, 12, 22, atingem o reinado de Dario Codomano, rei da Pérsia, de 336 a 330 A. C. até o sumo sacerdote Jedoa, que oficiava em Jerusalém, quando Alexandre, o Grande, visitou esta cidade, Antig. 11. 8, 4. Se as genealogias referidas chegam até esta data, então, nem Neemias, nem outro de seus contemporâneos poderiam ter escrito as palavras; porém se as re-

ferências ao pontífice Jedoa, simplesmente são quando ainda jovem, e por ser herdeiro do ofício do sumo sacerdote, as passagens cabem muito bem na época de Neemias e no reinado de Dario Noto, rei da Pérsia, 424-405 A. C. Deve-se notar que a enumeração das famílias pertence ao tempo de Joaquim, filho de Josué e bisneto de Jedoa, 12. 12-26, e que os últimos eventos recordados se deram na geração que precedeu o sacerdócio de Jedoa, 12. 23; 13. 28. Os dois livros de Esdras eram tidos como um só livro.

NEFEGUE, *Renovo.*

1. Nome de um levita, da família de Coate, da casa de Isaar, Êx 6. 21.

2. Nome de um dos filhos de Davi que lhe nasceu em Jerusalém, 2 Sm 5. 15; 1 Cr 3. 7; 16. 6.

NEFTOA. *Abertura.*

Nome de uma fonte nas fronteiras de Judá e Benjamim, a oeste de Jerusalém, Js 15. 9; 18. 15. Dão-na como existindo em *Ain Lifta*, a 5 quilômetros e meio a noroeste de Jerusalém. O Dr. Porter dá preferência a *Ain Yalo* a 5 quilômetros a sudoeste de Jerusalém. Conder relata que o Talmude de Jerusalém a identifica com *En Etã* que êle acha ser *Ain Atan* a 3 quilômetros e meio a sudoeste de Belém, opinião esta pouco favorecida.

NEFUSIM, *Dilatados.*

Nome de uma família de natineus, Ed 2. 50; Ne 7. 52, talvez composta de cativos tomados à tribo dos Nafis.

NEGINOTE, Plural de Neginá, *instrumento de corda.*

Têrmo musical que vem no título de muitos salmos, para indicar o instrumento que deve ser tocado. Em alguns lugares quer dizer cântico ou música.

NEGOCIANTE

O que compra ou vende, bufarinheiro, 2 Cr 9. 14.

NEGOCIANTES

Tradução da palavra hebraica *Rokel*, em 1 Rs 10. 15.

NEGUEBE, *Seco.*

Região pastoril situada a alguns quilômetros ao sul de Hebrom, Gn 13. 1; 20. 1; Nm 13. 22. Quanto à sua feição física, contrastava com a parte montanhosa de Judá e a terra baixa das campinas, Js 10. 40; 12. 8. A parte setentrional foi partilhada entre as tribos de Judá e Simeão, 15. 21-32; 19. 1-9. Os lugares mais notáveis desta região vem a ser: Cades, Gn 20. 1, Beer-Laai-Roi, 24. 62, Berseba, Js 15. 28, Ziclague, 15. 31, e Arade, Nm 21. 1.

NEIEL

Nome de uma vila fronteira à tribo de Aser, Js 19. 27. Não identificada.

NEMUEL

1. Nome de um rubenita, irmão de Datã e Abirã, Nm 26. 9.

2. Nome de um filho de Simeão, Nm 26. 12.

NER, *Lâmpada.*

1. Nome de um benjamita, filho de Abiel, 1 Sm 14. 51. Este Ner ou Abner foi tio de Saul, 50. Se foi Abner o tio de Saul, então Ner foi avô dêle, e vem a ser o que segue abaixo.

2. Nome de um benjamita, filho de Jeiel, e pai ou antecessor mais remoto do pai de Saul, que se chamava Quis, 1 Cr 8. 33; 9. 35, 36.

NEREU. Nome de uma divindade oceânica, que sob o governo de Posídon ou Netuno, reinava no Mediterrâneo.

Nome de um cristão a quem S. Paulo enviou saudações, Rm 16. 15. É bem possível que seja filho de Filólogo.

NERGAL

Divindade pagã adorada pelos babilônios, 2 Rs 17. 30. O centro do seu culto era em Cuta; governava o mundo inferior, servia de advogado contra a guerra e contra a peste; representavam-na sob a forma de colossal leão alado com rosto de homem.

NERGAL-SAREZER. Em babilônico, *Nergal-sharusur*, que quer dizer: *Nergal protege o rei.*

Nome de um dos príncipes de Nabucodonosor, Jr 39. 3, 13. Supõe-se que seja o mesmo Nergal-sarusur, conhecido dos gregos pelo nome de Neriglissar, ou Nerigasolassar que se casou com uma filha de Nabucodonosor, e que assassinou a seu cunhado Evilmerodaque, subindo ao trono, Apiom, 1. 20. Reinou desde 559 a 556, A. C.

NERI

Nome de um dos antecessores de Cristo e genealogicamente pai de Salatiel, Lc 3. 27.

NERIAS, *Lâmpada de Jeová.*

Nome de um dos filhos de Maséias e pai de Baruque e de Seraías, Jr 32. 12; 36. 4; 51. 59.

NÉSCIO, INSENSATO, TOLO.

Pessoa destituída de entendimento, ou sabedoria, 2 Co 11. 16, especialmente sendo perverso. O sinal mais evidente da ausência de compreensão, é a perversidade. Quanto maiores forem os talentos conferidos ao homem, maior será a sua responsabilidade; e por conseguinte, a má aplicação dêsses talentos, produz maus resultados, 1 Sm 26. 21; 2 Sm 3. 33; 13. 13; Sl 13. 1, 2, 8; Pv 26. 10; Mt 5. 22. Vide *Insensatez, Filosofia, Sabedoria.*

NETAIM, *Plantações.*

Nome de um lugar na tribo de Judá, onde se faziam as plantações do rei, 1 Cr 4. 23.

NETANEL, *Deus tem dado.*

1. Nome do quarto filho de Jessé e irmão de Davi, 1 Cr 2. 14.

2. Nome de um dos sacerdotes que tocavam a trombeta, quando a arca era levada para a cidade de Davi, 1 Cr 15. 24.

3. Nome de um levita, pai de Semaías, 1 Cr 24. 6.

4. Nome de um filho de Obede-Edom, no reinado de Davi, 1 Cr 26. 4.

5. Nome de um dos príncipes enviados por Josafá para ensinar nas cidades de Judá, 2 Cr 17. 7.

6. Nome de um dos chefes dos levitas, no reinado de Josias, 2 Cr 35. 9.

7. Nome de um dos filhos de Pasur induzido por Esdras a separar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 22.

8. Nome de um sacerdote, chefe da casa de Idaia, nos dias do sumo sacerdote Joaquim, Ne 12. 21.

9. Nome de um dos sacerdotes que tocavam a trombeta na dedicação do muro de Jerusalém, Ne 12. 36.

NETANIAS, *Jeová tem dado.*

1. Nome de um dos filhos de Asafe, chefe do quinto grupo dos cantores, 1 Cr 25. 2, 12.

2. Nome de um levita, que, em companhia de outros, foi enviado por Josafá, a ensinar nas cidades de Judá, 2 Cr 17. 8.

3. Nome do pai de Judi, Jr 36. 14.

4. Nome do pai daquele Ismael que assassinou a Gedalias, 2 Rs 25. 23, 25.

NETINEUS, *Dado.*

Nome dos servos ou escravos que Davi e os príncipes deram para serviço dos levitas, Ed 8. 20. Antes deles, estas funções eram exercidas pe-

los midianitas, que Moisés deu aos levitas que velavam pela guarda do tabernáculo, Nm 31. 47. Depois destes, eram os gibeonitas obrigados por Josué a cortar lenha e a carregar água para a casa de Deus, Js 9. 23. Parece que, apesar do aumento de pessoal, o número dos netineus era insuficiente para os serviços do templo instituído pelo filho de Davi e pelos seus sucessores, porque se encontra no livro de Ed 2. 55-58, e no de Ne 7. 57-60, que os servos dos filhos de Salomão eram contados com os netineus. Este corpo de serventes, posto que organizado por Davi, o foi sob outra denominação, porque a palavra netineu aparece somente nos livros de Esdras e de Neemias, e em uma única passagem do primeiro livro de Crônicas, 9. 2. Este pessoal desempenhava o serviço mais humilde do templo. O número de netineus e dos servos dos filhos de Salomão que voltaram do cativeiro com Zorobabel era de 392, Ed 2. 58; Ne 7. 60, e mais 220 com Esdras, Ed 8. 17-20.

Estes netineus parece que são estrangeiros naturalizados e não descendentes dos israelitas, 1 Cr 9. 2; Ed 2. 59; Ne 7. 61, porque os nomes constantes da lista de seus chefes, não são de origem hebraica, Ed 2. 43-54; Ne 7. 46-56. Provàvelmente descendiam dos midianitas e dos gibeonitas, já mencionados e de vários bandos de cativos aprisionados na guerra, e continuavam a ser conhecidos pelo nome do príncipe ou da tribo donde tinham vindo, como: os filhos de Rezim, de Sisera, de Munim, de Nefusim, Ed 2. 48, 50, 53; comp. 1 Cr 5. 19-21; 2 Cr 26. 7. Os filhos de Tabaote e de Queros, e dos servos de Salomão e de Soferete, Ed 2. 43, 44, 55, que significavam: filhos dos anéis dos pentes de tecelão e do escriba, parecem dizer que eram serventes dos homens que desempenhavam estas funções no templo. Outros nomes ainda parecem pertencer aos progenitores; outros aos lugares do nascimento dos cativos, como Necoda, Harur e Harsa, vv. 48, 51 e 52. Alguns deles moravam no bairro de Ofel, defronte da porta das águas para o oriente que era um prolongamento do outeiro do templo, Ne 3. 26, 31; 11. 3, 21; outros, nas aldeias em torno da cidade de Jerusalém, Ed 2. 70; Ne 7. 73. Como exercessem cargos de posição oficial, ainda que de caráter servil, eram isentos de impostos, Ed 7. 24. Parece que adotaram com certa cordialidade o pacto feito, a instâncias de Neemias para adorarem a Jeová, Ne 10. 28, 29.

NETOFA, *Gotejante.*

Nome de uma cidade de Judá, perto de Belém, 1 Cr 2. 54; Ed 2. 21, 22; Ne 7. 26. Neste lugar nasceram dois dos valentes de Davi, 2 Sm 23. 28, 29. Os netofatitas, com Seraías à sua frente, fizeram parte daqueles homens que prestaram apoio a Gedalias que Nabucodonosor nomeou governador de Judá por ocasião da tomada de Jerusalém, 2 Rs 25. 23; Jr 40. 8 e seg. Cinqüenta e seis dos habitantes desta cidade voltaram do exílio, Ed 2. 22. Não foi dada primitivamente aos levitas, mas depois do cativeiro, as aldeias que a cercavam foram ocupadas por alguns deles, inclusive cantores, 1 Cr 9. 16; Ne 12. 28. No mapa, este lugar aparece com um ponto de interrogação, assinalado no local onde estão as ruínas *Umm Toba*, a *Om Tuba de Tobler*, e a *Autabeh de Van de Velde*, situadas a 2 milhas e meia a nordeste de Belém. Alguns indicam *Beit Nettif* que se acha situada em uma crista de rochedos a 22 quilômetros a oeste de Belém. Nem *Umm Toba*, nem *Beit Net* dá uma idéia etimológica de Netofa.

NETOFATITA

Nome que designa os habitantes de Netofa, 2 Sm 23. 28.

NEUM, *Consolação.*

Nome de um dos que voltaram do cativeiro de Babilônia, Ne 7. 7, chamado Reum em Ed 2. 2.

NEUSTA, *Bronze.*

Nome de uma filha de Elnatã, de Jerusalém, que foi mãe de Joaquim, 2 Rs 24. 8.

NEVE

A neve encontra-se na região serrana da Palestina, em Séforis na Galiléia, em Nazaré, Jerusalém, Hebrom, 1 Mac 13. 22; Guerras 1. 16, 2; 4. 8, 3, nos meses de janeiro ou fevereiro. Nem sempre, na estação invernosa, se encontra neve. Algumas vezes forma camada de um pé de altura, que quase sempre dura o dia inteiro. No Líbano, conserva-se sem derreter até à entrada do verão e no monte Hermom fica o ano todo. A Santa Escritura emprega a palavra neve como símbolo da pureza, Sl 51. 7; Is 1. 18; Lm 4. 7; Mt 28. 3; descreve-a poèticamente existindo nos tesouros de Deus, Jó 38. 22, descendo sobre a terra por seu mandado, 37. 6; Sl 147. 16, como lã, os pássaros ou como enxame de gafanhotos, Ecclus 43. 17. A neve é um elemento valioso na fecundação da terra, Is 55. 10. Serve para refrescar as bebidas na estação do verão, cp. Pv 25. 13. A água de neve empregava-se nas mais delicadas purificações, Jó 9. 30.

NEZIA, *Brilhante, puro, ilustre.*

Nome do fundador de uma família da tribo dos netineus. Alguns dos membros desta família voltaram do cativeiro com Zorobabel, Ed 2. 54; Ne 7. 56.

NEZIBE, *Estátua, ídolo, estação militar.*

Nome de uma cidade na planície de Judá, Js 15. 43. *Beit Nusib* a 17 quilômetros a noroeste de Hebrom dificilmente terá direito a ser representante da antiga Nezibe, por achar-se na região das serras.

NIBAZ

Nome de um dos dois ídolos adorados pelos aveus, tribo trazida, juntamente com outras, do império da Assíria, para colonizar Samaria, depois do cativeiro das dez tribos, 2 Rs 17. 31. Os rabinos derivam este nome da raiz semítica *nabah*, latir, e davam a este deus a forma de um cão, sem razão plausível.

NIBSÁ, *Brando, solo plano.*

Nome de uma cidade no deserto de Judá, Js 15. 62. Situação ignorada.

NICANOR, *Vitorioso.*

1. Nome de um dos filhos de Pátrocle, e um dos amigos do rei, a quem Lísias, regente na Síria ocidental, durante a ausência de Antíoco Epífanes, 166 A. C. escolheu para comandar o exército que tinha de sufocar a revolta dos judeus, 1 Mac 3. 38; 2 Mac 8. 9.

Os sírios foram derrotados. Nicanor conquistou as graças de Demétrio I que o nomeou governador da Judéia, 1 Mac 7. 26; 2 Mac 14. 12. Mostrou-se muito amigo de Judas Macabeu, mas êste não se deixou enganar. Nicanor travou luta com Judas em Cafarsalama e caiu morto, perto de Bete-Orom, 160 A. C., 1 Mac 7. 27-49; 2 Mac 15. 1-36.

2. Nome de um dos sete escolhidos pela igreja de Jerusalém, para se encarregarem do cuidado das viúvas dos gregos que se queixavam de ser desprezadas no serviço de cada dia, e dos pobres em geral, At 6. 5.

NICODEMOS, *Vitorioso sobre o povo.*

Nome de um fariseu e membro do sanedrim. Convencido pelos milagres que Jesus obrava de que o mestre de Nazaré tinha vindo de Deus, procurou uma entrevista com ele, porém fê-la de noite para escapar à observação de seus companheiros, ou talvez por ser mais conveniente. Jesus explicou-lhe a natureza do novo nascimento e o amor com que Deus amou ao mundo, dando-lhe a seu Filho

Unigênito para que todo aquele que cresse nêle tivesse a vida eterna, Jo 3. 1-21. Em uma reunião do Sanedrim, em que Jesus foi denunciado como impostor, Nicodemos perguntou: "Condena porventura a nossa lei a algum homem, antes de o ouvir, e antes de se informar de sua defesa?", 7. 50-52. Depois da morte de Cristo, Nicodemos levou consigo uma composição de quase cem libras de mirra e de aloés e ajudou a preparar o corpo para ser sepultado, 19. 39.

NICOLAÍTAS

Nome de uma facção da igreja de Éfeso e de Pérgamo, cuja prática e doutrina são severamente censuradas. Os partidários desta seita seguiam as doutrinas de Balaão que ensinava a Balaque a pôr tropeços diante dos filhos de Israel, e ensinavam que os cristãos podiam comer até as cousas sacrificadas aos ídolos e praticar os excessos do paganismo, Ap 2. 6, 14, 15. Presume-se que estes nicolaítas sejam os seguidores de algum heresiarca chamado Nicolau. Não existem provas que nos levem a julgar que ele seja o mesmo homem que foi eleito para exercer as funções de diácono. Diz uma tradição que este homem se desviou da pureza cristã e se fez chefe de uma seita imoral. Dizem outros que ele usava de uma linguagem que, sendo em si mesma inocente, adaptava-se a maus fins, e deste modo, deu origem a uma seita imoral que ele próprio reprovava. Existia uma seita de nicolaítas incorporada aos gnósticos que poderia bem ser o germe de corrupção da idade apostólica.

NICOLAU, *Vitorioso sobre o povo.*

Nome de um prosélito de Antioquia e um dos sete eleitos a instâncias dos apóstolos para tomarem a si o cargo de zelar pelos direitos das viúvas dos gregos que faziam parte dos pobres da igreja, At 6. 5.

NICÓPOLIS, *Cidade da vitória.*

Lugar em que o apóstolo S. Paulo esperava passar o inverno, quando escreveu a epístola a Tito, Tt 3. 12. A nota apensa à epístola parece dar a entender que ela foi enviada de Nicópolis da Macedônia. Não há base para assim pensar. O lugar referido no *post-scriptum* estava situado em ambas as margens do rio Nestus, que servia de limite entre a Trácia e a Macedônia, e que agora tem o nome de *Nikopi*. Toda probabilidade é que a Nicópolis em que o apóstolo ia invernar era cidade do Epiro, distante cerca de 7 quilômetros de *Actium*, que Augusto fundou no ano 30 A. C. para comemorar a sua vitória. Herodes, o Grande, levantou ali grande número de edifícios públicos, Antig. 16. 5, 3. As suas ruínas encontram-se em Prevesa.

NIGELA, *Endro.*

Planta forraginosa, Is 28. 25, 27, muito cultivada na Palestina, cujo nome hebraico é *Kesah*; era semeada às mãos cheias. Colhida em madura, malhavam-na com varas para separar os grãos. Pertence à ordem dos ranúnculos (Ranunculacea); cresce a 50 centímetros de altura, dá flores amarelas, e às vezes azues, com muitos estames e vários lóculos ovarianos, com numerosas sementes aromáticas de cor preta e gosto picante, muito usadas no oriente como tempero e como carminativo. É planta silvestre nas regiões do Mediterrâneo e cultivada na Palestina por causa das suas sementes.

NIGER

Nome latino dado a Simão, que foi profeta e mestre na igreja de Antioquia, At 13. 1.

NILO

Nome do grande rio do Egito, Is 23. 3; em hebreu *Shihor*, escuro, túrbido, e *Yeor*, torrente. As águas deste rio cobrem tão grande superfície de terreno, principalmente durante as inundações, que algumas vezes lhe dão o nome de mar. Na 3. 8. As mais remotas cabeceiras vêm das nascentes do Vitória Nianza na África equatorial. Porém, o Nilo propriamente dito, em sentido restrito, de acordo com as peculiaridades que o tornaram famoso, forma-se pela confluência do Nilo Branco e do Nilo Azul em *Khartum* correndo em direção das suas bocas principais, Damieta e Roseta, com um percurso de 1.800 milhas ou 3.333.600 metros, atravessando uma região árida e estéril, e recebendo apenas um tributário, que é o Atbara, que tem a sua foz, 180 milhas abaixo de *Khartum* (333.360 mt.).

Em alguns pontos do seu curso, as margens sobem a dezenas de metros, chegando em alguns lugares a 330 metros, assemelhando-se aos paredões dos grandes canais. As ribas acompanham todo o vale até Cairo onde se abrem abruptamente na direção oriental e para noroeste, onde enfrenta o delta. A curta distância acima de Assuã, a antiga Siene, estende-se uma cadeia granítica, de leste para oeste, de 180 milhas de comprimento (333.360 met.), que atravessa o rio cortando-lhe a corrente, que se despenha com tremendo fragor e entra na região do antigo Egito. Acima das cataratas estava a Etiópia, e para baixo delas, o Egito.

O granito da cordilheira que atravessa o rio, é colorido, muito conhecido pela sua cor escuro-clara de que esculturavam as belas estátuas polidas dos Faraós. Abaixo do Cairo, o rio divide-se e lança-se no mar por diversos grandes canais. Atualmente tem duas bocas: a de Damieta e a de Roseta; antigamente, porém, eram sete, das quais, as mais importantes eram a oriental, ou *Pelusium*, a ocidental, ou Canópica, e a média, ou Sebenítica, Heród. 2. 17.

O Nilo tem um curso tortuoso, passando por terras secas; grande parte de suas águas evaporam-se e infiltram-se no solo e passam para os grandes canais que servem para irrigação do território. A perda de seu volume, no tempo da inundação dentro do Egito, regula um terço.

A inundação periódica deste rio é uma das suas famosas tradições. Este fato que se notava na estação da seca, causava espanto aos antigos, que o julgavam misterioso (Heród. 2. 19-25, e tem explicação no fato de que todas as nascentes se acham na região de abundantes chuvas periódicas, caídas copiosamente nas cabeceiras do Nilo Branco, nos equinócios, e na Abissínia, um pouco mais tarde. As chuvas desta última região, caindo mais perto da foz, ocasionam a primeira inundação que chega ao Egito nos meados de junho. Cerca de um mês depois, dá-se a repentina subida das águas, devida ao crescimento do Nilo Branco, pela inundação que começa na última parte do mês de agosto. As águas começam a diminuir nos fins de setembro, conservando ainda certa elevação, durante quinze dias; depois, torna a subir nos meados de outubro, atingindo o nível mais elevado. As inundações chegam, às vezes, à altura de 12,m20 em Assuã, e de 7,m59 e 7,m81 no Cairo. Pelos fins de novembro, os campos ficam secos, e cobertos de uma camada de limo escuro, muito rico para as culturas. É neste tempo que começam as lavouras. Acontece às vezes não se darem inundações. Existe uma tradição baseada em inscrições encontradas nas rochas de uma ilha denominada Sael, na primeira catarata, que no reinado de Toser, ou Toser-Sa, um dos faraós da terceira dinastia, houve uma seca de sete anos de que resultou tremenda fome. Esta deu-se no tempo de José, Gn 41. 54, e também por igual tempo, no reinado do califa *el-Mustanser*, A. D. 1070, do que resultou uma fome devastadora.

No tempo dos faraós o ano agrícola dividia-se em três partes iguais: o período das inundações, desde o fim de junho ao fim de outubro; o das culturas, desde o fim de outubro, ao fim de fevereiro, e o das colheitas, que ia de fevereiro a junho.

NIMRA, *Água límpida e salubre.*

Abreviação da palavra Betenemra, cp. Nm 32. 3, 36.

NIMRODE

Filho de Cus e homem valente, caçador e poderoso na terra, cujo reino compreendia Babilônia, capital, Araque, Acade e Calane, na terra de Sinear, Gn 10. 8-10; Mq 5. 6. O único rei antigo de Babilônia que se pode comparar a este, celebrado pela tradição e cantado em versos, foi Izdubar, que segundo boas razões se pronuncia Gilgames. Libertou Babilônia do poder dos elamitas e fez-se rei de Araque. Era valente caçador de feras, e, como tal, serviu de assunto a um poema, em que ao mesmo tempo se cantavam os seus feitos na guerra. A gravura e a escultura perpetuaram a sua memória. A vida deste rei embelezou-se pela lenda que o transformou em divindade a quem as gerações futuras dirigiam súplicas. Apesar de todos os atributos sobre ele acumulados, não deixou de ser um simples mortal. Não há motivos para afirmar que Nimrode e Gilgames sejam a mesma pessoa e, bem assim, que os dois nomes tenham relação entre si.

NINFA. *Nome sagrado das musas.*

Nome de uma mulher cristã de Laodicéia, ou de Colossos, a quem S. Paulo enviou saudações, Cl 4. 15.

NINIVE

Capital do império da Assíria. Os hebreus compunham toda a população que rodeava a cidade e ocupavam o distrito na confluência do Tigre, e o Alto Zabe, sob a denominação de Nínive, a grande cidade, Gn 10. 11, 12; Jn 1. 2; 3. 3; Judite, 1. 1. Nínive, na acepção mais restrita, achava-se situada na margem oriental do Tigre, na foz do pequeno tributário, hoje conhecido pelo nome de *Khosr*, 50 quilômetros acima da confluência do Zabe. Foi construída por gente de origem babilônica, Gn 10. 11. Tinha como divindade tutelar a deusa Istar, onde desde tempos remotos possuía um templo. Este santuário prendeu a atenção de Sansiramã no ano 1800 A. C., e tendo caído em decadência, foi reconstruído com grande esplendor, por Asurubali no ano 1400 A. C. Assur, situada a 111 quilômetros ao sul de Nínive, na margem fronteira do rio, havia servido de sede do governo, mas Salmanasar, construiu um palácio em Nínive pelo ano 1300 A. C. e fez dela a capital do império. Asurnasirpal e o seu sucessor Salmanasar cujos dois reinados se estendiam desde 885 a 825, possuíam palácios tanto em Nínive como em Calá, onde residiam alternadamente. Seus sucessores habitavam em Nínive, tomada no sentido mais lato, mas nem sempre era na capital propriamente dita; erigiam palácios nos subúrbios, como em Calá, em Dur-sarruquim ou em Tarbisu. Os assírios eram grandes guerreiros e levavam para a capital os despojos das nações vencidas para lhes servir de adorno. Também era centro de alguma atividade literária. Pelo ano 650, A. C. Assurbanipal instalou uma grande biblioteca, formada de documentos inscritos em ladrilhos, registando fatos da história, formas do ritual, tratados de encantamento, de astronomia, de matemáticas, etc. Compunha-se a biblioteca de obras antigas que haviam trazido de Babilônia. O profeta Naum chama a esta cidade, a cidade de sangue, 3. 1, não só por causa das guerras que havia tido com as nações vizinhas durante alguns séculos, como também pelas crueldades praticadas com os povos vencidos. Asurnasirpal, por exemplo, estava acostumado, depois da vitória a cortar as mãos e os pés, os narizes e as orelhas, a tirar os olhos aos cativos e a fazer pirâmides com as cabeças humanas. Em 625, quando começou a declinar o poder dos assírios, Nabopolassar, governador de Babilônia, declarou-se independente. Pelo ano 606 A. C. os *umman-mandá*, povos ferozes que habitavam as terras do extremo setentrional, aliados a Nabopolassar, desceram às planícies e por si mesmos tomaram e destruíram Nínive.

Esta vitória teve como bom auxiliar a cheia repentina do Tigre, que destruiu grande parte do muro da cidade, tornando impossível a sua defesa. Foi tão completa a sua desolação, que nos tempos clássicos a extinta Nínive se tornou um mito. Até hoje a maior parte da cidade jaz sepultada sob montões de escombros. Rich, cidadão inglês, residente em Bagdade, inspecionou um dos montões chamado *Kouyunjik*, na margem oriental do Tigre, em 1820, e se convenceu de que ali existiam as ruínas de Nínive. Em 1843, o cônsul francês residente em Mossul, na margem ocidental, começou a fazer ali escavações. Mas foi distraído para *Khorsabad*, distante uns 19 quilômetros de Dur-sarruquim. Entre 1845 e 1850, Layard começou a operar em *Nimrud*, a 33 quilômetros ao sul de *Kouyunjik;* depois fez escavações neste último lugar, certificando-se de ser realmente este o lugar da antiga cidade. George Smith continuou as escavações neste mesmo lugar, desde 1873 a 1876. Depois de sua morte, o trabalho continuou, estendendo-o a outros montões o arqueólogo Rassam. Conseguiram estes exploradores traçar a linha dos muros que acusaram uma extensão de 5.556 metros por 2.778 de largura, com a área de 1.800 geiras inglesas. Como já dissemos, os hebreus e talvez outros estrangeiros, davam o nome de Nínive ao conjunto das cidades além da capital, tais como: Calá, a 33 quilômetros de distância para o sul, Resém entre Calá e Nínive e Reobote-Ir, grandes subúrbios da cidade, que talvez se possa identificar com Rebite Nina, situada a nordeste de Nínive, como subúrbio desta cidade. Estes são os quatro lugares enumerados em Gn 10. 11, 12, de que se compunha a grande metrópole. Não eram as únicas cidades que bordavam as redondezas de Nínive. Iarinja, na margem do rio, ao sul, assinala um antigo lugar, e perto do Tigre, a seis quilômetros acima, estava Tarbisu, com um palácio real, onde começava a linha das habitações e das cidades muradas que se estendiam ao longo do rio em direção ao sul até Cale ou Calá. Para trás do rio, a nordeste de Nínive, e além de Rebite Nina, ao sopé das montanhas orientais, estava Dur-sarruquim, ou o burgo de Sargom, cidade tão grande como Calá, construída 707 anos antes de Cristo, contendo um grande palácio. A 12 quilômetros a sudeste, e também nas raízes das montanhas, estava outra cidade, pouco inferior em tamanho, a Calá. Ignora-se qual haja sido o seu nome primitivo, mas estava situada perto de Baaseiá, e pertencia à série de cidades que se estendiam até Calá. Birtelé, a 11 quilômetros ao sul, assinala o local de uma antiga cidade, e Querenlis, a 3 e meio mais para diante, parece indicar a mesma cousa. Ingurbel, com os seus palácios e com o templo que Asurnasirpal adornou, estava a 11 quilômetros ao sul deste último lugar e a 16 quilômetros de Calá. Outras cidades e aldeias semeadas pela planície, compreendidas nos limites já descritos, assinalam a existência de antigas povoações.

Diodoro Siculo, escritor do primeiro século, antes de Cristo, dá conta de uma antiga tradição, dizendo que a cidade de Nínive formava um quadrângulo de 150 estádios por 90, ou 480 em circuito, cerca de 60 milhas. Alguns anos depois, Estrabão dizia que a cidade era maior que Babilônia.

NINRIM. Talvez seja plural de Ninra, águas límpidas, ou o plural anormal de leopardos.

Nome de uma localidade de Moabe, notável pelas suas águas, Is 15. 6; Jr 48. 34. Estão divididas as opiniões, quanto à sua identificação, entre Betnimra, no vale do Jordão e o *wady Nemeirá*, nas vizinhanças do extremo sul do Mar Morto, onde existem as ruínas de uma cidade antiga de nome Nelmerá, que quer dizer leopardo. Tristram pensa que deve ser mais para cima, onde se diz haver uma velha cidade moabita com o nome de Fontes de Nemeira, com bem regados jardins e boas culturas.

NINSI, *Dilatado, ou vivaz.*

Nome de um antecessor de Jeú, 1 Rs 19. 16; 2 Rs 9. 2, que era geralmente denominado filho de Ninsi.

NISÃ. Em assírio *Nisannum, princípio, abertura.*

Nome que deram depois do cativeiro ao primeiro mês do ano que dantes se chamava Abibe, Ne 2. 1; Et 3. 7. Corresponde ao nosso mês de março.

NISROQUE

Nome de um deus, adorado por Senaqueribe, em cujo templo foi assassinado, 2 Rs 19. 37; Is 37. 38. A pronúncia hebraica deste nome é *nisrocH*, que talvez represente o deus assírio *Nusku*, ou seja um nome composto, contendo o nome do deus Assur.

NOA, *Andante.*

Nome de uma filha de Zelofeade, Nm 26. 33; 27. 1; 36. 11; Js 17. 3.

NOÃ, *Descanso.*

Nome do quarto filho de Benjamim, 1 Cr 8. 2, que não deu origem a uma família tribal. Seu nome não aparece entre os que acompanharam Jacó ao Egito, provavelmente por haver nascido depois de lá entrar. Keil dá outra explicação: supõe êle que êste Noã é o mesmo Sufã, Nm 26. 39, ou um famoso chefe, descendente de Sufã e cujo nome o suplantou como designação de família.

NOADIAS, *Jeová encontrou.*

1. Nome de um filho do levita Benoi, e um dos que tomaram parte na guarda do ouro e da prata que Esdras trouxe de Babilônia, Ed 8. 33.

2. Nome de uma profetisa que tentou amedrontar a Neemias, Ne 6. 14.

NO-AMOM, Em egípcio *nu-áa*, cidade grande; ou *nu-amen*, cidade de Amom.

Nome da antiga Tebas, cidade do Egito, assim conhecida pelas inscrições dos monumentos da antigüidade. Heródoto calculou a distância a percorrer para lá chegar em nove dias de viagem, rio acima, 2.9. Depois da expulsão, dos hicsos, Aames I, fundador da décima oitava dinastia, lançou suas vistas para a reorganização e para os melhoramentos do reino. Entre outras grandes obras, embelezou Tebas, que repentinamente assumiu grande importância, como capital do novo império, crescendo em tamanho, em esplendor e em população. Homero denomina-a a cidade das cem portas, Ilíada 9. 381. A divindade tutelar de Tebas era o deus Amom, cujo sacerdote era o segundo em autoridade abaixo do rei. Permaneceu como centro da civilização e do poder egípcio, até a conquista feita por Assaradom, rei da Assíria em 672 A. C. e depois, por Assurbanipal, seu filho, que subjugou todo o país e saqueou a cidade em 664, Naum, 3.8. Mesmo assim, Tebas continuou a ser lugar de grande importância, Jr 46.25; Ez 30.14-16; Heród. 2.8; 3.10.

Finalmente os romanos a destruíram, pela ação militar do prefeito Cornélio Galo, por haver tomado parte na revolta do Alto Egito, em 30-29 A. C. contra os impostos lançados sôbre ela.

Existem esplêndidas ruínas da sua antiga grandeza, como sejam: templos, obeliscos, esfinges, etc., descobertos em Luxor, e em Carnaque, na margem oriental do rio, em Curna e Mediné-habu, na margem ocidental. Ao lado de oeste, onde existia a antiga cidade, vê-se uma abertura feita na rocha, onde se acham os túmulos dos antigos reis de Tebas.

NOBÃ, *Latido.*

1. Nome de um homem da tribo de Manassés, que tomou a cidade de Canã, situada na encosta do Jebel Haurã, e que lhe deu o seu próprio nome, Nm 32. 42. Parece que lhe restauraram o nome primitivo.

2. Nome de uma cidade, mencionada juntamente com o de Jogbeá. Perto dela passava um caminho que conduzia aos que habitavam em tendas na banda oriental da cidade, Jz 8. 11. O lugar desta cidade pode ser encontrado entre Gade e o deserto arábico.

NOBE, *Elevação.*

Nome de uma cidade sacerdotal, 1 Sm 22. 19, no território da tribo de Benjamim, Ne 11. 32, situada ao norte à vista de Jerusalém, Is 10. 32. Depois da tomada da arca, o tabernáculo foi levantado em Nobe, onde Abimeleque era sumo sacerdote, que ignorava as divergências entre Davi e Saul. Quando Davi chegou a Nobe, consentiu em que êle levasse a espada de Golias e que comesse os pães da proposição. Sabedor disto, o rei Saul ordenou a prisão e morte de todos os sacerdotes, e mandou matar os habitantes de Nobe, homens, mulheres e crianças. O pontífice Abiatar escapou e foi contar a Davi o que havia acontecido, 1 Sm caps. 21 e 22. Este lugar foi novamente habitado depois do exílio, Ne 11. 32. Não identificada. Robinson contenta-se em dizer que "o local desta cidade era em algum ponto da cordilheira do Monte das Oliveiras, a nordeste de Jerusalém."

NODABE, *Nobreza.*

Nome de uma tribo árabe do deserto da Síria, 1 Cr 5. 19.

NODE. Em hebreu, *degredo, exílio.*

Nome de um distrito situado ao oriente do Éden, onde se refugiou Caim, depois que matou Abel, Gn 4. 16. Não identificada.

NOÉ, *Repouso.*

Nome do filho de Lameque, descendente de Sete, Gn 5. 28, 29. A razão deste nome afirma-se nas palavras que têm alguma semelhança de som. "E ele lhe pôs o nome de Noé, dizendo: Este nos consolará em nossos trabalhos, *yenahame hamenu*, e nas obras das nossas mãos na terra que o Senhor amaldiçoou." Este método é um dos muitos que os escritores hebreus empregam. A referência aos anos da vida de Noé sofre várias explicações, de conformidade com os antigos métodos de organizar e construir os registos genealógicos, que se encontram no artigo sôbre *Cronologia.*

A aplicação dos primeiros dois destes métodos, referentes à idade de Noé, não carece de explicação. O terceiro método é mais intrincado, porém igualmente aplicável. Segundo ele, na família de Lameque, 182 anos depois que assumiu posição proeminente entre os filhos de Sete e constituiu a família de que descende a igreja, nasceu um filho a quem seu pai chamou Noé, dizendo: "Este nos consolará." Muito depois, entre os descendentes dêste filho de esperança, denominados coletivamente pelo nome de Noé, justamente como os descendentes de Israel eram conhecidos por este nome, apareceu um em quem se realizaram as esperanças e que provou ser realmente o portador dêste conforto, cuja conduta religiosa Deus recompensou, prometendo não mais amaldiçoar a terra por causa da maldade humana, nem ferir mais vivente algum; que construiu a arca, que foi o chefe da família e seu representante. A este se refere o nome tribal. Seu filho mais velho tinha cem anos de idade, quando veio o dilúvio. Deu-se este grande evento no ano 600 de Noé, isto é, 600 anos depois que a família denominada Noé, havia assumido as funções do patriarcado. Se o terceiro método for o verdadeiro, este será o modo de explicar o caso a respeito de Noé. Este patriarca era homem justo e, como Enoque, andou com Deus, Gn 6. 9. Foi um tempo de apostasia universal, de completa indiferença religiosa, em que até os filhos de Deus haviam tomado para si mulheres dos filhos dos homens, por causa da sua formosura, 6. 2, e quando os homens em geral, vivendo para o mundo, casavam-se e davam-se em

casamento, comiam e bebiam até o dia em que Noé entrou na arca, Mt 24. 38. Era também um tempo em que a terra estava corrompida diante de Deus e cheia de iniqüidade, em que a imaginação e os pensamentos do coração humano eram aplicados para o mal, Gn 6. 5, 11. Era tal a corrupção, que Deus resolveu destruir a humanidade, concedendo-lhe um prazo de 120 anos, v. 3. Noé, pela sua vida exemplar, foi pregoeiro de justiça, 2 Pe 2. 5. A ele, o Deus criador e juiz de toda a terra, revelou o plano de destruir a raça humana, e ordenou-lhe a construção de uma arca para seu livramento e de sua família e conservar a vida de várias espécies de animais, porquanto um dilúvio de águas ia cobrir a terra. E Noé assim fêz. Terminada que foi a construção da arca, Jeová, o Deus redentor, ordenou a Noé que entrasse na arca com sua família, prevenindo-se com os animais necessários aos sacrifícios e à sua alimentação. Aquele que havia criado os animais e os pássaros, ordenou que entrassem na arca um casal de cada um para perpetuar as espécies. Este Deus redentor fechou a arca em que Noé entrou. Depois veio o dilúvio. Veja *Dilúvio*. Quando, afinal, se cumpriu o juízo proposto pelo Criador e governador do universo, lembrou-se de Noé, e fêz diminuir as águas. Quando apareceram os primeiros vestígios de terra seca, esperou ainda outros tantos dias, quantos havia durado o dilúvio, e soltou aves para saber se as águas haviam desaparecido de cima da terra. Certo disto, esperou ainda que Deus lhe desse ordem para sair da arca. No dia do novo ano, removeu a coberta da arca e viu que a terra havia secado, mas isto se deu oito semanas depois da ordem que Deus lhe havia dado. Saindo da arca, Noé edificou um altar ao Senhor e tomando de todas as reses e de todas as aves limpas, as ofereceu ao Deus da sua redenção, que aceitou as suas oferendas e os propósitos de seu coração, e resolveu não mais amaldiçoar de novo a terra, nem ferir de morte as criaturas viventes por causa da maldade dos homens. Deus continuou a revelar este seu propósito. Do modo por que depois de criado Adão, Êle o abençoou, ordenando-lhe que crescesse e se multiplicasse sobre a terra, assim também deu preceitos à nova raça. Dos sete preceitos de Noé, como assim se chamam, e que os judeus diziam anteceder a lei a cujas observâncias se obrigavam os prosélitos, somente três são expressamente mencionadas aqui: Não comer carne com sangue, não matar e reconhecer a autoridade civil, Gn 9. 4-6. Os outros quatro preceitos, proibindo a idolatria, o incesto, a blasfêmia e o roubo, faziam parte da consciência humana em geral. Deus ainda, revelando os seus propósitos de não mais amaldiçoar a terra por causa do homem, comprometeu-se a não destruir a carne por meio das águas do dilúvio e deu como sinal deste pacto, o aparecimento do arco íris sobre as nuvens, 8-17.

Noé dedicou-se, naturalmente, à agricultura e plantou uma vinha, bebeu do vinho que fabricou e embriagou-se. Seu filho Cão motejou-o, vendo-o descomposto; os outros dois filhos o defenderam cobrindo-lhe a nudez. Despertando Noé, e sabedor do que se tinha passado, e conhecendo intimamente o caráter humano, e iluminado pelo conhecimento das ordenanças divinas anteriores ao dilúvio de que as propensões más dos pais passam aos filhos e que Deus abençoa os justos até mil gerações, Ex 20. 5, 6, profetizou a degradação da raça de Cão, e por algumas razões, separando somente um dos filhos de Cão, profetizou que êle seria escravo dos escravos de seus irmãos, pronunciou bênçãos para as famílias de Sem e Jafé, e anunciou que ambos seriam fiéis ao Deus de Sem, Gn 9. 20-27. Veja *Canaã, Jafé, Sem*.

Noé viveu ainda 350 anos depois do Dilúvio, ele ou os seus descendentes com o mesmo nome, Gn 9. 28. Os semitas, distintos dos outros descendentes de Noé, vieram a ser a geração dirigente e predominante na linha de que descende a igreja. O Salmo 29. 10, contém a palavra hebraica *mabbul*, especialmente com o sentido de dilúvio. Is 54. 9 e Ez 14. 14, ambos fazem alusões a Noé. Nosso Senhor compara os dias de Noé aos que hão de preceder a sua segunda vinda, Mt 24. 37; Lc 17. 26. A fé do patriarca Noé é louvada na carta aos Hb 11. 7, e o apóstolo S. Pedro alude duas vezes ao oitavo pregoeiro da justiça divina trazendo o dilúvio sobre um mundo de ímpios, castigando-os com uma total ruína, 1 Pe 3. 20; 2 Pe 2. 5. Os gregos e os romanos tinham uma história a respeito de um dilúvio em que somente duas pessoas foram salvas: Deucalião e sua mulher Pirra. Este Deucalião pode bem ser Noé com nome diferente. Seja como for, os babilônios conservaram uma tradição semelhante à dos hebreus, sobre o dilúvio, cujo herói denominavam Sitnapistim e Atraasis. Veja *Dilúvio*.

NOEMA, *Doce, agradável.*

Nome de uma das filhas de Lameque e irmã de Tubalcaim, Gn 4. 22.

NOEMI, *Formosa.*

Nome da mulher de Elimeleque, que em companhia de seus filhos foi morar em Moabe, porque a fome assolava as terras de Judá. Os dois filhos casaram-se com mulheres moabitas. O pai e os filhos morreram; e Noemi, acompanhada por sua nora Rute, voltou para Belém, Rt caps. 1-4.

NOFÁ, *Brisa.*

Nome de uma cidade moabita, Nm 21. 30. Este nome não aparece em outro lugar. O texto está em discussão.

NOGÁ, *Brilhantismo.*

Nome de um dos filhos de Davi, 1 Cr 3. 7; 14. 6.

NOGUEIRA

Tradução da palavra hebraica *egoz*, nogueira, Ct 6. 10. A nogueira, *Juglans regia*, como se conhece na Europa, é natural do Cáucaso, de onde foi para as montanhas da Índia setentrional, e é cultivada nas encostas do Líbano e do Hérmom.

NOITE

Período das trevas, Gn 1. 5, dividido em três vigílias: do ocaso à meia-noite, da meia-noite ao cantar do galo, e do cantar do galo, ao amanhecer, Lm 2. 19; Jz 7. 19; Êx 14. 24. A divisão grega e romana repartia a noite em quatro vigílias, sistema este em vigor no tempo de Cristo, Lc 12. 38; Mc 6. 48. O período da noite constava de doze horas, desde o entardecer até ao romper da aurora, cp. At 23. 23.

NOME

Os nomes de pessoas entre nós, tais como Tiago, Roberto, Ana, etc., tem significado, só conhecido pelos que estudam a etimologia das palavras. Entre os hebreus, o caso era diferente; não somente tinham significação, como era esta imediatamente conhecida por todos que os ouviam pronunciar, como: Sara, Jacó, Maria, Josafá, Marta, Rode, Dorcas, etc.

Ao oitavo dia depois de nascida, a criança recebia o nome, segundo o costume dos hebreus, Gn 17. 12; 21. 3-4; Lc 1. 59; 2. 21, que seria de um objeto natural, como Taré, cabra montesa; Lia, vaca brava; Jonas, pomba; Tamar, palmeira; Tabita, gazela, etc. de uma feição física, como por exemplo: Séfora, esplendor; ou que exprimissem os desejos ou esperanças dos pais, como: Noé, consôlo, Gn 5. 29. Alguns nomes tinham significação profética, como o de Jesus, que segundo S. Mateus queria dizer: "Porque ele salvará o seu povo dos pecados dele" 1. 21. Muitos nomes, também, exprimiam a piedade ou a gratidão, como Simeão, Gn 29. 33, porque o Senhor viu que eu era tratada com desprezo; ou Natanias, Jeová deu; ou Elizur, Deus é rochedo. Outros nomes comemoravam acontecimentos nacionais, como Icabode, 1 Sm 4. 21, ou ainda, representavam nomes de famílias, Lc 1. 50-61; cp. 3. 23-39.

Quando se desenvolvia o caráter da pessoa, davam-lhe às vezes outro nome novo, expressivo de suas novas qualidades, como Israel e Cefas. No último período da história dos hebreus, quando se falavam diversas línguas na Palestina, o nome primitivo era traduzido para outra língua, e a pessoa era conhecida por dois nomes, como Cefas, segundo o aramaico, e Pedro, segundo o grego; Tomás e Dídimo, nomes que têm o sentido de gêmeos; Messias e Cristo, que ambos querem dizer ungido. Neste período da história, os nomes também sofriam transformações: o hebreu Jeoanã, passou a ser Joanes em grego; *Joseph*, hebraico, converteu-se em José. Os nomes próprios de pessoas, não tinham sobrenomes; Para distinguir um nome de outro, acrescentavam-lhe o lugar de seu nascimento, como Jesus de Nazaré, José de Arimatéia, Maria Madalena, Naum de Elcese; ou também a origem genealógica, como Simão filho de Jonas; e também pela ocupação profissional, ou por outros característicos, como Simão Pedro, Natã o profeta, José o carpinteiro, Mateus o publicano, Simão o zelador e Dionísio o areopagita. Os romanos costumavam usar três nomes; o *prenomen*, que era o nome pessoal e vinha em primeiro lugar; o *nome*, que era o de sua *gens* ou nome da sua casa, e vinha em segundo lugar e o *cognomen*, ou sobrenome que era o da sua família e vinha em último lugar. Assim, M. Antonius Félix, explicava-se assim: Marcus, da casa Antônia e da família Félix. Em geral usavam apenas os dois últimos nomes, com omissão do nome pessoal, como Julio César, Pôncio Pilatos, Cláudio Lísias, etc.

Em muitos casos, no hebreu, alguns nomes traduziam qualidades essenciais, como no caso em que Deus jura pelo seu grande nome, Jr 44. 26, querendo dizer que êle jura pela força de seu nome como garantia do cumprimento de sua palavra. O nome de Deus que é excelente em toda a terra, Sl 8. 1, é expressão de um ser que se revela nas obras criadas e no plano da redenção. O nome do Deus de Jacó que envia socorro desde o alto, Sl 20. 2, é frase que manifesta o poder do Deus de Israel. O nome de Deus encontra-se no anjo que guiava a Israel pelo deserto, Ex 23. 21, como expressão do poder e da majestade inerente à natureza divina. O nome de Deus habita no seu santuário, 2 Sm 7. 13, no lugar em que êle se manifesta e onde dá testemunho. Conhecer o nome de Deus é dar testemunho da manifestação de seus atributos e compreender o caráter expresso por êsses nomes, Ex 6. 3; 1 Rs 8. 43; Sl 91. 14; Is 52. 6; 64. 2; Jr 16. 21.

NOVILHA, BEZERRA

Vaca nova, Gn 15. 9; Dt 21. 3; 1 Sm 16. 2. Vide *Vaca, Purificação.*

NOVILHO, TOURO, BOI, BEZERRO

Touro novo. A palavra hebraica designa um animal de sete anos, Jz 6. 25. Estes animais empregavam-se no serviço de tração, Jr 31, 18, e eram sacrificados em grande número, Ex 29. 1; 1 Cr 29. 21.

NOVO TESTAMENTO

A segunda das duas partes em que a Bíblia se divide. A palavra testamento vem do latim *testamentum* e serve para traduzir o vocábulo grego *diatheke*, que quer dizer pacto, 2 Co 3. 14. O Novo Testamento incorpora o novo pacto de que é mediador Jesus Cristo, Hb 9. 15; cp. 10. 16, 17 e Jr 31. 31-34. O primeiro pacto era o pacto de sangue, Hb 9. 19, 20, mas não era um testamento, propriamente dito; o segundo, conquanto seja um pacto, é também um testamento, isto é, não somente foi selado com sangue, como também exigiu a morte do testador para dar-lhe força: não seria eficaz se Jesus, que era o mediador, não tivesse morte expiatória.

Com a possível exceção do evangelho segundo S. Mateus, todos os livros do Novo Testamento foram escritos em grego. Este idioma havia lançado fundas raízes na Palestina, durante mais de três séculos, decorridos entre a conquista da Terra Santa por Alexandre, o Grande. O valor deste idioma e o da literatura grega, tinham concorrido para que lhe fosse dada larga circulação entre as classes cultas da Grécia e de Roma, não obstante ter a Grécia perdido grande parte de sua independência política.

Os manuscritos originais do Novo Testamento e as cópias que dele se fizeram, durante os três primeiros séculos, desapareceram completamente. O papiro empregado na escrita das cartas, 2 Jo 12, rapidamente se estragava. Também no tempo de Diocleciano, A. D. 360, os perseguidores dos cristãos destruíam quantas cópias encontravam das Escrituras. Ainda não se conhecia a arte de imprimir, e por isso o trabalho de multiplicar cópias era por demais laborioso. Os quatro evangelhos foram transcritos com mais freqüência, e depois dêles, as epístolas de S. Paulo. O Apocalipse é o que foi copiado menos vezes. Existem nada menos de 3.791 manuscritos antigos do Novo Testamento no todo, ou em partes, contrastando o pequeno número dos escritos clássicos que chegaram até os nossos dias.

As corrupções do texto cresceram rapidamente. Os copistas eram falíveis, descuidosos e em muitos casos, pouco entendidos na língua grega. Os homens da idade patrística e os que os sucederam não se dirigiram pelas leis científicas da crítica moderna, e por isso usavam os textos com lastimável licença. Tentaram melhorar a gramática e o estilo para corrigir supostos erros de história e de geografia, para combinar as citações do Antigo Testamento com o grego dos Setenta em harmonia com os evangelhos. Incorporaram notas marginais, e acrescentaram aos evangelhos narrativas incidentais obtidas de fontes autorizadas, como as que se encontram em Jo 7. 53 até cap. 8. 1, e Mc 16. 9-20. Por este modo se originaram numerosíssimas variantes, que chegaram a 150.000. Dezenove vigésimos destas variantes não têm importância, genuínas; somente a pequena fração resportanto, genuínas; somente a pequena fração restante tem alguma importância, porque altera o sentido. O mesmo número destas variações e o fato de serem feitas em diferentes partes do mundo e originárias de grande variedade de manuscritos, habilitam os estudantes da literatura bíblica a descobrir os erros e a se aproximarem cada vez mais do texto original. Este trabalho tedioso, porém necessário, tem-se adiantado com infatigável energia pelos críticos. É possível que indiretamente se possam aproximar aos textos perdidos por meio das versões do Novo Testamento em várias línguas, como a siríaca e a latina e das muitas citações que se encontram nos escritos dos primitivos cristãos, especialmente de Clemente de Alexandria e de Orígenes. Em muitos casos estas versões e citações foram tiradas de manuscritos que já não existem, mas a tradução prova que o original existiu.

Os manuscritos do Novo Testamento, quanto aos caracteres, são de duas categorias; escritos em maiúsculas gregas, a princípio sem aspirações nem acentos, e sem espaço algum entre as palavras, exceto ocasionalmente para indicar o princípio de um novo parágrafo. As linhas também tinham pequeno espaço entre si. A outra categoria constava de caracteres cursivos manuscritos com divisão das palavras e separação de linhas. A mudança de uma para outra deu-se no século décimo. Somente cinco manuscritos do Novo Testamento, quase completos, precedem a data referida. O primeiro deles é designado pela letra A: é o manuscrito alexandrino. Foi levado para a Inglaterra por Cirilo Lucar, patriarca de Constantinopla, que o deu de presente a Carlos I. Foi escrito em Alexandria nos meados do século 5, e daí lhe vem o nome que tem. Em adiantamento a uma grande parte do Antigo Testamento e à primeira epístola de Clemente é parte da segunda,

contém o Novo Testamento inteiro, com exceção dos caps. 1 a 25 de S. Mateus, do cap. 6. 50 até cap. 8. 52; de S. João e 2 Co 6. 13 até cap. 12. 6. As páginas constam de duas colunas; o de S. Marcos dividido em 48 capítulos. O segundo manuscrito é o Vaticano, assinalado pela letra B e encontra-se na biblioteca do Vaticano desde o ano de 1475, ou antes. Só em 1857 é que apareceu uma edição dêste manuscrito, publicada pelo cardeal Mai, que não mereceu crítica e a que se deu pouca importância. Mas em 1889 a 90, apareceu um facsímile que o pôs em contacto com os teólogos. Este documento data dos meados do quarto século, senão antes. Além da maior parte do Antigo Testamento, contém o Novo Testamento, excetuando Hb 9. 14; 13. 25; as epístolas a Timóteo, a Tito, a Filamom e o Apocalipse; tem três colunas em cada página e divide-se em capítulos curtos, dos quais S. Mateus conta 170. O terceiro manuscrito tem a letra C e chama-se Efraêmico, escrito em palimpsesto. No século 12, o escrito primitivo que enchia o pergaminho, foi lavado para dar espaço a certos tratados ascéticos do sírio Efraêm. Os traços da antiga escritura tornaram-se visíveis por meio de uma aplicação de prussiato de potassa, reaparecendo o texto primitivo. Foi isto em 1834. Acredita-se que pertence ao quinto século, talvez anterior ao manuscrito A. Contém partes do Antigo Testamento e cinqüenta e oito capítulos do Novo. As linhas correm através das páginas. O quarto manuscrito tem a letra D, com o nome de Beza, a quem pertenceu logo que foi retirado da abadia de Santo Ireneu, quando se deu o saque da cidade de Lião, em 1562. Dão-lhe a data do sexto século. Contém a maior parte do texto grego dos evangelhos e os Atos, juntamente com uma tradução em latim. Na sua maior parte, é a única testemunha entre os manuscritos gregos, de um tipo textual, de larga circulação desde o segundo século, representantes principais das velhas versões latinas e siríacas. É escrito esticometricamente, i. é, em linhas conteudo tantas palavras, quantas poderiam ser pronunciadas de uma só vez, consistentes com o sentido. O quinto manuscrito é o sinaítico, designado pela primeira letra do alfabeto hebraico, Alefe. Devemos a descoberta deste códice, em 1844, ao professor Tischendorf, no convento de Santa Catarina do Monte Sinai. Além da maior parte do Antigo Testamento, contém o Novo Testamento inteiro, juntamente com a epístola de Barnabé e grande parte do Pastor de Hermas. Faltam-lhe os últimos doze vv. do evangelho segundo S. Marcos, talvez, por causa, de se ter rasgado a página em que estavam escritos. Pertence ao quarto século. Tem quatro colunas em cada página. Os manuscritos em cursivo são muito numerosos, mas pertencem a época mais recentes e não têm o mesmo valor para os críticos, como os outros. A primeira edição impressa do Novo Testamento em grego saiu à luz em 1516, publicada por Erasmo, e reimpressa em 1518, aparecendo uma edição mais correta em 1519, uma terceira em 1522 e uma quarta em 1527. O Cardeal Ximenes, primaz das Espanhas, empreendeu por alguns anos uma edição em grego, que por vários motivos demorou a sair até 1521 ou 22. Por haver sido feita em Alcalá (Complutum), a denominaram *Complutênsia* e por tal nome é conhecida esta edição. Entre outras edições do Novo Testamento no idioma grego, que a estas se seguiram, nenhuma se tornou mais célebre que as de Robert Stephen, de Paris, que vieram à luz, sucessivamente em 1546, 1549, 1550 e 1551. Aparece em cena, depois disto, o reformador Beza que publicou várias edições entre 1565 e 1604, baseadas na terceira edição de Stephen (1550), que por sua vez havia sido modelada sobre a quarta ou quinta edição de Erasmo. A de Stephen de 1550 é o *textus receptus* na Inglaterra, mas no continente europeu esta qualificação e autoridade pertencem à primeira edição de Elzevir, impressa em *Leyden*, em 1624, cujo texto é quase o mesmo da edição de Stephen, de 1550, da qual difere em 278 lugares, em geral meramente alterações ortográficas. A edição de Beza de 1598 serviu de base à antiga versão da Bíblia inglesa.

A atual divisão da Bíblia em capítulos atribui-se ao cardeal Hugo, monge dominicano, falecido em 1263, que dela se serviu para a sua concordância com a Vulgata. As aplicações a esta concordância deram-lhe muito valor, e estabeleceram a prática de citar os capítulos em vez de referir-se ao livro, ou a alguns fatos proeminentes nele contidos, cp. Mc 2. 26; 12. 26; Rm 11. 2. Há, contudo, razões para acreditar que esta divisão é anterior a Hugo e atribuída a Stephen Langton, arcebispo de Canterbury, falecido em 1228. A divisão atual do Novo Testamento em versículos é obra de Robert Stephens, e aparece na sua edição grega de 1551. A primeira edição inglesa dividida em vv. foi a tradução de Whittinghan, publicada em Genebra, 1557, e a primeira Bíblia inglesa, igualmente dividida em vv. é a versão de 1560 publicada também em Genebra.

NUM, *Peixe.*

1. Nome do pai de Josué, condutor militar do povo, Ex 33. 11; Js 1. 1, descendente de Taã e talvez também de Baria de Efraim, 1 Cr 7. 27.

2. Nome da décima quarta letra do alfabeto hebreu. O nosso N tem a mesma origem. Esta letra marca a décima quarta secção do salmo 119, na qual a primeira linha de cada v., no original, começa por ela.

NUMENIO, *Pertencente à lua nova.*

Nome de um judeu, filho de Antíoco e membro do senado, Antig. 13. 5-8, enviado como embaixador a Roma e Sparta no ano 144 A. C. por Jônatas Macabeu, e segunda vez enviado a Roma por Simão no ano 140 A. C., 1 Mac 12. 16; 14-24; 15. 5.

NÚMERO, NUMERAIS

Não existem provas de que os hebreus empregassem algarismos para representar os números. Os que existem no atual texto das Escrituras hebraicas, nas inscrições de Siloé, e na Pedra Moabita, todos são escritos por extenso. Os hebreus usavam as letras do alfabeto para representar os números, desde os tempos dos Macabeus. *Aleph*, primeira letra do alfabeto, era número 1; *Beth* que era a segunda, era o número 2 e assim por diante. Este costume aparece nas moedas de Simão Macabeu. Nas inscrições de Nabaiote, do primeiro século, os numerais são escritos por extenso, e ocasionalmente representados por sinais, consistindo em pequenas incisões perpendiculares para as unidades inferiores, um sinal semelhante a um ponto de interrogação, valia cinco, etc. As inscrições aramaicas da mesma época, existentes em Palmira, revelam o mesmo processo. Nas moedas denominada *pesos de ledo*, de que se serviam os negociantes aramaicos em Nínive, oito séculos antes de Cristo, eram indicados por meio de incisões perpendiculares; as incisões horizontais indicavam as dezenas. Em tempos mais remotos, os assírios e os babilônios usavam sinais cuneiformes para representar os números.

Os números eram simbólicos e convencionais. O número três não era simbólico, mas servia para dar ênfase às expressões, tais como: "Templo do Senhor, templo do Senhor, este templo é o do Senhor", Jr 7. 4; "Terra, terra, terra", 22. 29; "A injustiça, a injustiça, a injustiça", Ez 21. 27; "Santo, santo, santo", Is 6. 3, e a bênção três vezes repetidas em Nm 6. 24-26. O triplice caráter da fórmula batismal e da bênção apostólica baseam-se na doutrina da Trindade, Mt 28. 19; 2 Co 13. 14. O número quatro não representa papel tão importante; serve para determinar os quatro pontos cardeais: norte, sul, este, oeste, Is 11. 12; os quatro ventos a eles correspondentes, Dn 7. 2; os quatro carros, mencionados por Zc 6. 1-5. Em tempos remotos o número sete era sagrado entre os povos semitas, Gn 2. 2; 4. 24; 21. 28. A im-

portância deste número não procede de ser a soma dos números três e quatro; à sua formação presidem considerações de ordem religiosa. Veja *Sábado*. O número dez considerava-se número completo e como tal era empregado constantemente. Havia dez mandamentos, Êx 24. 28; dez patriarcas antediluvianos, e dez pós-diluvianos. Veja *Cronologia;* e o livro de Gênesis dividia-se em cinco secções de dez capítulos, cada uma. O número doze servia de base ao sistema duodecimal empregado pelos babilônios e servia para uso comum.

Alguma cousa deste sistema aparece na história dos hebreus. Entre eles encontra-se o número das doze tribos. O número quarenta era redondo, muito em voga entre eles, Êx 24. 18; 1 Rs 19. 8; Jn 3. 4; Mt 4. 2; e *Cronologia, III*.

NÚMEROS

Dá-se este nome ao quarto livro do Pentateuco. Nas Escrituras hebraicas denomina-se "No deserto" porque começa por esta expressão, Nm 1. 1. A designação atual vem da versão grega, que a adotou, em virtude de conter as duas enumerações do povo: a primeira no Sinai, quando chegou o segundo ano da saída do Egito, e a segunda, à beira do Jordão no final dos quarenta anos de peregrinação pelo deserto.

O livro de Números pode dividir-se em três secções principais:

1. No deserto do Sinai, 1. 1 até cap. 10. 11, e contém: o arrolamento do povo, com exclusão dos levitas, e a indicação dos lugares que as tribos deviam ocupar no acampamento, caps. 1 e 2; alistamento dos levitas, sua localização no campo e deveres que cumprir, caps. 3 e 4; remoção dos leprosos para fora do acampamento 5. 1-4; lei sobre a remissão dos pecados e sobre a restituição a fazer de valores retidos e o modo de efetuá-la em caso de falecimento, 5-10; disposições sobre os zelos e sobre os nazarenos e a fórmula para as bênçãos sacerdotais, 5. 11 até cap. 6; ofertas dos príncipes de Israel na dedicação do tabernáculo, cap. 7; indicação do local para sete lâmpadas, 8. 1-4; consagração dos levitas, 5-22; indicação do tempo em que deveriam entrar no serviço, 23-26 (Veja *Levitas*); observância da festa pascoal e outras solenidades suplementares, 9. 1-14; narração da coluna de nuvem, 15-23, e indicação sôbre o toque das trombetas, 10. 1-10.

2. Em caminho do Sinai para o Jordão, 10. 11 até cap. 21. 35, contendo: Ordem de marcha, 10. 11-28; convite a Hobabe para acompanhar a Israel, 29, 32; acampamento e repouso, 33, 34; palavras a serem pronunciadas quando a arca caminhava e parava, 35, 36; murmurações contra o maná, setenta anciãos para assistirem a Moisés e a descida das codornizes, cap. 11; Miriã, irmã de Moisés, coberta de lepra, cap. 12; em Cades, os espias e seu relatório, falta de fé castigada com a morte no deserto, caps. 13 e 14; especificações legais suplementares, cap. 15; rebelião de Datã, Coré e Abirão e acontecimentos a ela relacionados, caps. 16 e 17; afirmação dos deveres e privilégios dos sacerdotes e levitas, cap. 18; lei da purificação pelo contacto com os cadáveres, cap. 19; volta do povo para Cades, morte de Miriã, o pecado de Moisés e de Arão, embaixada a Edom, 20. 1-21; morte de Arão, jornada desde o monte Hor às planícies de Moabe, volteando Edom; as serpentes; conquista da terra ao oriente do Jordão, 20. 22, até cap. 21. 35.

3. Em Sitim, defronte de Jericó, cap. 22. 1 até cap. 36. 13, contendo: o pecado da consagração a Baal-Peor, cap. 25; o Senhor manda contar os filhos de Israel da nova geração, cap. 26; leis regulando a herança das filhas de Zelofeade, cap. 27. 1-11; proclamação investindo a Josué como sucessor de Moisés, 12-23; outras disposições, regulando as ofertas de cada dia e os votos, caps. 28 a 30; guerra contra Midiã, cap. 31; o país conquistado ao oriente do Jordão, distribuído às tribos de Rúben, Gade à meia tribo de Manassés, cap. 32; itinerário do Egito a Sitim, cap. 33; limites da terra e partilha pelas tribos, cap. 34; leis sobre as cidades de refúgio, cap. 35; leis suplementares, regulando a herança das filhas de Zelofeade, cap. 36.

Tôdas as escolas de crítica bíblica reconhecem que o livro dos Números reflete as mesmas condições sociais expressas no livro de Levítico e mostra perfeita harmonia com as suas leis.

NUVENS

Como agentes em conexão com a chuva, as nuvens são as portadoras das umidades, 2 Sm 22. 12; Jó, 26. 8; 37. 11; Ec 11. 3, que descarregam sôbre a terra, Jz 5. 4; Sl 77. 17. Uma nuvem ao ocidente era sinal de chuva, 1 Rs 18. 44; Lc 12. 54. A coluna de nuvem era uma nuvem miraculosa em forma de pilar que se movia em frente dos israelitas no deserto para indicar-lhes o caminho que Deus queria que eles seguissem, Êx 13. 21, 22; Ne 9. 19. Quando a tarde escurecia de modo a esconder a nuvem, ela se iluminava, transformando-se em coluna de fogo. Quando o Senhor queria mostrar a sua presença aos israelitas, ele o fazia em coluna de nuvem, Nm 12. 5; Dt 31. 15, e quando queria perturbar os egípcios, parecia olhar do meio da nuvem para eles, Êx 14. 24.

O

OADE

Nome de um filho de Simeão, Gn 46.10; Ex 6.15. Não fundou família tribal.

OBADIAS, *Que adora a Jeová.*

1. Nome do pai de um zebulonita do tempo de Davi, 1 Cr 27.19.

2. Nome do governador do palácio de Acabe, que, durante a perseguição aos profetas de Jeová, pela rainha Jezabel, escondeu cem deles em duas cavernas, cinqüenta em cada uma, 1 Rs 18.3,4, e que foi enviado pelo rei a procurar pastagens para salvar a vida dos animais, ameaçada pela grande seca. Encontrando-se com o profeta Elias, este lhe ordenou que fosse anunciar a Acabe: "Eis aqui está Elias", 5.16. Da entrevista do profeta com o rei de Israel resultou o confronto entre Jeová e Baal, sobre o Carmelo, em que foram mortos os profetas do falso deus.

3. Nome de um levita que inspecionava as obras da reparação do templo, no reinado de Josias, 2 Cr 34.12.

4. Nome de um dos profetas de Judá, Ob 1. Josefo é de opinião que este profeta é o mesmo Obadias, temente a Deus, que servia no palácio de Acabe, porém, o autor da profecia que tem este nome viveu, pelo menos, um século depois.

O livro de Obadias é o quarto dos profetas menores, e contém apenas um capítulo em que prediz a destruição de Edom, 1-9, dando como causa a mortandade e o agravo feito a seu irmão Jacó, 10, 11. Exorta a Edom a não zombar mais dos filhos de Judá nos dias de sua perdição, 12-16, e anuncia o livramento e a expansão de Israel, 17-21. A profecia inteira deriva todo o seu vigor da grande verdade, claramente discernida pelos outros homens piedosos, de que o dia de Jeová estava perto sobre todas as gentes, 15, para destruir a todos os inimigos, quer nacionais, quer estrangeiros, e para firmar sobre a terra o reino de Jeová, 21; cp. Is 2. 12, 17. 20, 21; 10. 12-19; Jl 3.12-21; Am 5.18; 9.8-15; Mq 4.11-18. Existe muita incerteza quanto à data da profecia.

I. Acredita-se geralmente que pertence ao período caldeu, quando Jerusalém esteve alternadamente em poder do rei do Egito e do rei de Babilônia, e, finalmente, tomada por Nabucodonosor em 587 A. C., arrasada, e seus habitantes levados cativos para Babilônia. Esta opinião baseia-se na descrição que ele faz do estado calamitoso de Judá, 10.15, e da acusação feita a Edom pelas suas simpatias para com Babilônia, Sl 137.7, e das severas denunciações dos outros profetas do tempo contra Edom, Jr 49. 7-22; Ez 25. 12-14; cap. 35.

II. A profecia pode ser muito anterior, porque: (I) Nenhuma alusão faz aos espantosos incidentes da tomada de Jerusalém, do incêndio do templo, da destruição dos muros da cidade e do cativeiro de seus habitantes. (II) A relação dos vv. 1-9 com Jeremias 49.7-22. É geralmente reconhecido que a unidade e o movimento de espírito de Obadias e a semelhança entre as duas passagens, indicam que Jeremias dependia de Obadias. (III) A atitude hostil de Edom já vinha de muito longe, Ez 35.5, e o modo de sentir que Obadias manifesta contra ele, já o havia manifestado Amós um século antes da invasão dos caldeus, Am 1. 6, 9, 11, 12; 9. 12; cp. Jl 3. 19. (IV) As condições históricas e particulares que o profeta pressupõe já existiam no reinado de Acaz. Jerusalém havia sido saqueada várias vezes; invadida e devastada pelos árabes e filisteus no reinado de Jorão, 2 Cr 21. 16, 17; cp. Am 1. 6, no reinado de Amazias, que matou a muitos edomitas. O rei de Israel entrou em Jerusalém, deitou abaixo a parte do muro da cidade que olha para o norte, saqueou o templo e o palácio do rei e levou reféns, 2 Rs 14. 14, 17; 2 Cr 25. 11, 12, 23, 24. Estes fatos terão servido de motivo para amortecer o espírito de fraternidade, o que Obadias profligou. Neste caso, a profecia deve ser do ano 791 A. C. e antedata a Joel, cp. Ob 17 e Jl 2. 32. Ver *Joel*. Porém, se assim for, a sua posição depois de Joel é um desvio notável da ordem cronológica dos profetas menores.

III. O livro, todavia, pode ter data aproximada ao tempo de Acaz. No tempo deste rei, grandes calamidades caíram sôbre Judá: o rei de Damasco arrebatou os edomitas das mãos de Acaz; o rei de Israel levou suas armas até as portas de Jerusalém; os filisteus tomaram as cidades da planície de Judá; Acaz despojou o templo de seus tesouros para alcançar auxílio do rei da Assíria de quem se fez vassalo, os israelitas também foram levados cativos, Ob 20; Am 1. 6, 9; cp. 1 Cr 5. 26. Depois, os edomitas fizeram violências a seu irmão Jacó, negaram-lhe auxílio e fizeram-se como um dos inimigos de Judá, 2 Cr 28. 17; 2 Rs 16. 6; Ob 10, 11. O ano de 731 A. C. ou um pouco antes, no reinado de Acaz, quando Judá sofreu tão grande humilhação, foi tempo muito apropriado para Obadias proferir as condenações contra Edom, repreendê-lo por negar apoio a Judá e por suas hostilidades passadas e presentes, e por se alegrar com as misérias atuais de seu irmão, porquanto o tempo de seu castigo se avizinhava.

OBADIAS, *Que adora a Jeová.*

1. Nome de um homem de Judá, da família de Tola e da casa de Ozi, 1 Cr 7. 3.

2. Nome de um descendente de Jônatas, 1 Cr 8. 38; 9. 44.

3. Nome do fundador de uma família, que se presume ser da linhagem de Davi, 1 Cr 3. 21.

4. Nome de um herói gadita que se ajuntou a Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 9.

5. Nome de um dos príncipes que Josafá enviou para ensinar nas cidades de Judá, 2 Cr 17. 7.

6. Nome de um sacerdote que sem dúvida, a favor da casa de seu pai, assinou o pacto, no tempo de Neemias, Ne 10. 5.

7. Nome de um dos descendentes de Joabe, que veio de Babilônia com Esdras, Ed 8. 9.

8. Nome de um levita, que parece ter fundado uma família de porteiros, Ne 12. 25, e talvez o mesmo Obadias, filho de Semaías, 1 Cr 9. 16, que aparece com o nome de Abda em Ne 11. 17.

OBAL, *Corpulência.*

Nome de um povo descendente de Joctã, Gn 10. 29. Abil é o nome de uma das mais antigas tribos da Arábia (Delitzch) e de um distrito do *Yemen*. (Halévy) Bochart pensa que são os avalitas a que se refere Plínio, domiciliados na costa africana, perto do estreito de Babel-Mandebe. Em 1 Cr 1. 22 está escrito Hebal, em que se emprega o jode em vez do vau, que os copistas confundem com freqüência.

OBEDE, *Adorador.*

1. Nome de um dos filhos de Ofial, da casa de Jerameel, da tribo de Judá, 1 Cr 2. 37.

2. Nome de um filho de Booz e de Rute, e avô de Davi, Rt 4. 17, 21, 22.

3. Nome de um dos valentes de Davi que se ajuntou a êle em Ziclague, 1 Cr 11. 47.

4. Nome de um levita que era porteiro, filho de Semaías, da casa de Obede-Edom, 1 Cr 26. 7.

5. Nome do pai de certo Azarias, do tempo de Atalia, 2 Cr 23. 1.

OBEDE-EDOM, *Que serve a Edom.*

1. Nome de um homem de Gate, talvez um dos soldados da guarda de Davi, ou um dos moradores da cidade levítica Gate-Rimom, da tribo de Dã. Este homem residia entre Quiriataim e Jerusalém, perto do lugar onde Oza pereceu por haver tocado a arca, quando ia para a casa de Obede-Edom, por ordem de Davi, e aí permaneceu durante três meses, recebendo assinaladas bênçãos para si e para sua família, 2 Sm 6. 10-12; 1 Cr 13. 13, 14; 15. 25. Se este homem era levita, talvez seja o mesmo Obede-Edom, filho de Coré, porteiro da arca de que fala o número 3 abaixo. Estes filhos de Coré eram uma divisão da família de Coate, à qual pertencia a cidade de Gate-Rimom. Dizendo o texto que Deus o abençoou, 1 Cr 26. 5, parece referir-se à 1 Cr 13. 14, e 2 Sm 6. 11.

2. Nome de um levita de segunda ordem que serviu de porteiro da arca e que tocava harpa, acompanhando a arca para Jerusalém, onde ficou investido nas mesmas funções, 1 Cr 15. 18, 21; 16. 5.

3. Nome de um levita que marchou à frente da arca quando era levada para Jerusalém, 1 Cr 15. 24. Parece que é o mesmo Obede-Edom, filho de Iditum, porteiro da arca em Jerusalém, 16. 38, e que se julga ser a mesma pessoa mencionada na cláusula precedente do v., ainda que sem bases seguras. Este Obede-Edom parece ser o mesmo filho de Coré, 26. 1-4; cp. v. 10 com cap. 16. 38, cujos filhos e netos, com seus irmãos em número de sessenta e dois, estavam entre os noventa e três de que se formavam os grupos no reinado de Davi, 26. 8, e estacionavam na porta do sul, 26. 8. Esta família ainda exercia o seu ofício no tempo de Amazias, 2 Cr 25. 24.

OBIL, *Guarda dos camelos.*

Nome de um ismaelita que tinha a seu cargo a guarda dos camelos de Davi, 1 Cr 27. 30.

OBOTE, *Odres.*

Nome de uma estação dos israelitas antes de chegarem ao oriente do deserto de Moabe, Nm 21. 10, 11; 33. 43, 44. Situação ignorada.

OCRÃ, *Perturbado.*

Nome de um aserita, pai de Fegiel, Nm 1. 13.

ODEDE, *Ele restaurou.*

1. Nome do pai do profeta Azarias, 2 Cr 15. 1, 8.

2. Nome de um profeta israelita, no reinado de Peca. Encontrando-se com o exército do reino do norte, que voltava da batalha, conduzindo muitos cativos de Judá, fez ver aos vencedores quão censurável era o seu procedimento, cativando a seus irmãos, e em nome de Jeová exortou-os a libertá-los. As palavras do profeta deram excelente resultado. Alguns dos chefes samaritanos, persuadidos por ele, proibiram a entrada dos prisioneiros na cidade. Eles, então, vestiram os nus, alimentaram os famintos, e fazendo montar os fracos e doentes levaram-nos a Jericó, restituindo-os a seus irmãos, 2 Cr 28. 9-15.

ODOMERA

Nome do chefe de uma tribo nômade, ou talvez de um oficial de Baquides, batido por Jônatas Macabeu, 1 Mac 9. 66.

ODRE

Nome de uma vasilha feita de couro, ou da pele de um animal, destinada a guardar líquidos, como vinho, azeite, etc., Jó 32. 19; Mt 9. 17.

OEL, *Tenda.*

Nome de um dos filhos de Zorobabel, 1 Cr 3. 20.

Odres

OFEL, *Elevação, outeiro.*

Nome de uma parte do outeiro sobre que estava edificado o templo de Jerusalém, compreendida dentro dos muros da cidade. Ficava nas proximidades do tanque de Selá, i. é, Siloé, fronteira à porta das águas e à porta dos cavalos, Ne 3. 15-27, em face do tanque de Siloé, e do átrio oriental do templo e do vale de Cedrom, Guerras 5. 4, 1, 2; 6. 1. Joatão edificou a porta grande da casa do Senhor e mandou fazer muitas obras sobre o muro de Ofel, 2 Cr 27. 3; 33. 14. Depois do exílio, senão antes, os natineus habitaram no bairro de Ofel, até defronte da porta das águas para o oriente, por causa da conveniência do serviço do templo, Ne 3. 26; 11. 21. Sir Charles Warren, quando fazia escavações nesta parte da colina deu com um muro que tinha mais de 23 metros de altura, julgando ser a muralha de Manassés.

OFERTAS

As ofertas que faziam a Deus, eram de várias espécies desde o berço da humanidade. No Antigo Testamento encontra-se a notícia de serem oferecidos vegetais, Gn 4. 3, das primícias dos rebanhos, 4. 4, dos holocaustos, 8. 20; Êx 10. 25, dos manjares consagrados, 31. 54, das libações de vinho e de azeite, 35. 14. As grandes nações da antigüidade tinham seus rituais bem elaborados, regulando os atos sacrificiais, notadamente os babilônios e os egípcios, muito tempo antes de Moisés.

As várias espécies de ofertas em honra de Jeová constituíam uma feição característica do culto israelita. Larga informação sobre este assunto encontra-se nos primeiros sete capítulos do livro Levítico e em outros lugares das Escrituras. Havia duas classes de ofertas, públicas e particulares, conforme se faziam pela nação, ou pelos indivíduos, consistindo em libações, vegetais e manjares, e de animais ou sacrifícios. O derramamento de sangue devia acompanhar todas as ofertas de acordo com a religião de Jeová. Sem isso não havia remissão de pecados. O sacrifício incruento era inaceitável a Deus. É certo que, em alguns casos, como de extrema pobreza, eram permitidas as ofertas sem efusão de sangue, aceitas somente em junção com o sangue do altar, Lv 2. 2, 8; 5. 11-13. As libações só eram aceitáveis em conexão com as comidas sacrificiais, exceto o que a lei prescrevia em relação às parturientes, Lv 12. 6, e as ofertas pacíficas que eram as dos nazarenos, as votivas ou espontâneas, Nm 6. 17; 15. 1-12. Excluíam-se desta categoria as ofertas pelo pecado e pelas transgressões. As ofertas de vegetais consistiam em flor de farinha, ou em pães

asmos, filhoses, espigas torradas ao fogo, tudo temperado com sal, exceto as ofertas pelo pecado, Lv 2. 1, 4, 13, 14; 5. 11, temperadas com azeite. Poderia formar uma oferta independente do sacrifício; uma parte deveria ser posta sobre o altar, e o resto pertencia ao sacerdote, como no caso das ofertas voluntárias, cap. 2, e quando aceitas como ofertas pelo pecado, pelos extremamente pobres, 5. 11-13, e podiam mesmo ser totalmente consumidas sôbre o altar. Neste caso, correspondia ao sacrifício do altar, e se operava por ocasião de ser consagrado o sumo sacerdote; e da purificação de um leproso, 6. 19-23; 14. 10, 20. As ofertas de vegetais poderiam também ser subordinadas a um sacrifício.

Era, pois, invariavelmente concomitante com os sacrifícios, exceto, talvez, nos casos especiais mencionados no cap. 12 de Levítico; e das ofertas pacíficas, exceto aquelas que eram obrigatórias na festa das semanas. Nestes casos, de acordo com a tradição, tudo se consumia sobre o altar. Em outros casos, uma parte punha-se sobre o altar e o restante pertencia ao sacerdote: a saber, as tortas da consagração dos sacerdotes, 8. 26-28; das ação de graças, 7. 12-15; e as que se ofereciam ao terminar os dias de voto dos nazarenos, Nm 6. 13-20. Os sacrifícios ou ofertas de animais consistiam de bois, ovelhas e bodes de ambos os sexos, e pombas em casos especiais. Estes animais deviam ser sem defeito e que tivessem ao menos oito dias de idade. Havia três espécies de sacrifícios em que se derramava sangue para expiação, Lv 1. 4; 17. 11: 1. Holocausto de um carneiro, de um cordeirinho ou de um bezerro. O caso referido em 1 Sm 6. 14, foi excepcional. O sangue da vítima era aspergido em torno do altar, e o animal todo, era queimado, representando a consagração pessoal do ofertante a Jeová. 2. A oferta pelo pecado, consistia em um novilho, um bode, uma carneira, uma pomba ou um pombinho, Lv 4. 4, 23, 28, 32; 5. 7, e a oferta pelas transgressões exigia um bode, ou um carneiro como no caso dos nazarenos e dos leprosos, 6. 6; 14. 12, 21; Nm 6. 12. O sangue era espalhado de vários modos. Na oferta pelo pecado do sacerdote como pelo pecado do povo, do Senhor e sobre os cornos do altar do incenso, e o resto se derramava pela base do altar do holocausto à entrada do tabernáculo, tanto pelo pecado do sacerdote como pelo pecado do povo. Quando se tratava de pecados de outras pessoas, uma parte punha-se sobre o altar dos sacrifícios e o resto era derramado como já ficou dito, Lv 4. 6, 7, 17, 18, 25, 30, 34. Nos sacrifícios pelas transgressões todo o sangue da vítima era espalhado sobre o altar, e a carne queimava-se fora no campo, enquanto que a carne das outras vítimas pertencia aos sacerdotes, Lv 6. 26, 30; 7. 6, 7; cp. Ex 29. 14; Lv 4. 3, 12, 13, 21; 16. 27; Hb 13. 11, 12. Nenhuma parte destas ofertas podia ser comida pelo ofertante, como nas ofertas pacíficas, porque o sacrificador vinha como sendo indigno da comunhão com Deus, e tais ofertas eram expiatórias. A oferta pelo pecado fazia-se pelos pecados cujo efeito terminava primariamente no pecador; a oferta pelas transgressões cujos efeitos terminavam primariamente sôbre outrem, e pelo qual, além do sacrifício, tinha de fazer uma restituição que depositava nas mãos do sacerdote, que a transmitia à pessoa prejudicada; e no caso de falecimento, passava às mãos dos herdeiros, e se não havia herdeiros, ficava com o sacerdote, Lv 5. 18; 6. 5; Nm 5. 7, 8. Os pecados cometidos deliberadamente e punidos com a morte, não tinham remissão, Nm 15. 30, 31. Os pecados intencionais podiam ser remidos pela expiação, tais como os pecados que não eram punidos com a morte: o furto, em que havia punição e restituição, e os pecados que o criminoso confessava voluntariamente e fazia as devidas compensações quando possíveis. 3. As ofertas pacíficas, das quais havia três espécies: a oferta de gratidão, em reconhecimento das bênçãos imerecidas e inesperadas; as ofertas votivas, cumprindo votos feitos, e as ofertas voluntárias, não como expressões de gratidão por motivo de algum favor especial, mas como fruto de um amor irreprimível para com Deus, Lv cap. 3. As ofertas pacíficas representam o desejo de renovar a paz e a comunhão com Deus. Jz 20. 26; 21. 4; 2 Sm 24. 25. Nestes casos, poder-se-ia empregar todo animal permitido em lei, menos aves. O sangue devia ser aspergido, as gorduras queimadas sobre o altar; e quando o ofertante era pessoa particular, o peito e as espáduas pertenciam ao sacerdote e o resto das carnes era comido pelo ofertante e pelos seus amigos diante do Senhor no lugar do santuário, Lv caps. 3 e 7. 11-21; cp. 22-27; Ex 29. 20-28; Dt 12. 7, 18; 1 Sm 2. 15-17. O banquete diante de Jeová era uma festa eucarística, e significava que ele estava presente como convidado.

Eram cinco os atos sacrificiais: (I) Apresentação do sacrifício à porta do santuário pelo ofertante como ato pessoal. (II) Imposição das mãos. O ofertante impunha as mãos sobre a cabeça da vítima, consagrando-a a Deus e fazendo dela o seu representante e substituto, cp. Lv 16. 21. (III) A morte do animal pelo próprio ofertante, que simbòlicamente aceitava a punição devida a seu pecado. Em tempos depois, era o sacerdote quem matava o animal. (IV) Aplicação simbólica do sangue. O sacerdote aspergia o sangue, ou tingia com ele o altar, e derramava-o na sua base. Em casos especiais, uma porção era posta sobre o ofertante, ou aspergida diante do véu do santuário, Lv 4. 6, ou levado para dentro do tabernáculo do testemunho, 6. 30, e até mesmo para dentro do véu, 16. 14. (V) A vítima destruida pelo fogo, no seu todo ou em parte, sobre o altar, de onde o seu cheiro subia à presença de Deus.

OFIR

Nome de uma tribo descendente de Jectã, Gn 10. 29; 1 Cr 1. 23 e também do país por ela ocupado, famoso pela abundância de suas minas de ouro, 29. 4; Jó 22. 24; 28. 16; Sl 45. 9; Is 13. 12, de onde traziam o precioso metal, as frotas que saiam de Eziom-Geber, equipadas por Salomão e pelo rei de Tiro, 1 Reis, 9. 28. Juntamente com o ouro, a frota de Hirão trazia de Ofir prodigiosa quantidade de paus odoríferos e pedras preciosas, 10. 11, prata, dentes de elefantes, bugios e pavões, 22; cp. 22. 48. O rei Josafá tentou executar iguais empresas, mas a sua frota naufragou em Eziom-Geber, 22. 48. Este porto estava no golfo de Acaba, na rota para Ofir que era pelo Mar Vermelho. A viagem durava três anos entre ida e volta, 10. 22; cp. 22. 48. Há três opiniões sôbre a situação de Ofir: dizem uns que Ofir estava situado em Sofala, na costa oriental da África, fronteira à ilha de Madagascar. Esta opinião tem a seu favor o fato de ser este lugar em tempos remotos um empório de ouro. Porém, as madeiras odoríferas, como o sândalo, só poderiam vir da India, porque não se davam nem na Arábia, nem na África, bem como outros produtos de Ofir que os navios conduziam, e que tinham nomes indianos; portanto, Ofir deveria estar naquela parte do mundo, a menos que não fossem produtos resultantes de permutas. A segunda opinião, sustentada por Josefo, é que a Terra do Ouro era na India, Antig. 8. 6, 4, talvez no rio Cofom, 1. 6, 4, em Abira, na foz do Indo; finalmente, dizem outros que as minas de Ofir estavam na Arábia, situadas entre Sabá e Evilá. Esta opinião deve ser a mais correta, porque a maioria dos jectanitas se estabeleceu na Arábia.

OFNI

Nome de uma aldeia de Benjamim, Js 18. 24, que Robinson identifica com Gofna, no caminho que vai de Jerusalém a Samaria, a um dia de marcha para o norte de Gabaa (Guerras 5. 2, 1), é a moderna Jufna, a 5 quilômetros a noroeste de Betel. Esta identificação dá a entender que a fronteira de Benjamim tomava a direção norte, perto de Betel.

OFRA

Nome de uma aldeia a oeste do Jordão, ocupada pelos filhos de Abiezer da família de Manassés, Jz 6. 11. 15; cp. Js 17. 1, 2, pátria de Gideão, de onde foi chamado para exercer a sua missão salvadora, onde levantou um altar ao Senhor e onde foi enterrado, Jz caps. 6 a 8. Diz Conder que, de acordo com a *Samaritam Chronicle*, Ofra é o nome antigo de Ferata, situada a dez quilômetros a sudoeste de Siquém, e considerada como sendo a antiga Faratom.

OFRA

Nome de uma das cidades de Benjamim, Js 18. 23, situada ao norte de Macmás, 1 Sm 13. 17. Segundo o *Onomasticon* do quarto século, era uma aldeia chamada então Efraim, distante nove quilômetros para o oriente de Betel, que Robinson identifica com *et-Taiyibeh* situada em um outeiro de forma cônica, a sete quilômetros a nordeste de Betel, donde se goza um esplêndido panorama e que não poderia estar desocupado em antigos tempos. Esta opinião é geralmente aceita, se bem que o verdadeiro local parece que deve ser mais para o norte.

OFRA

Nome de um dos filhos de Maonati da tribo de Judá, 1 Cr 4. 14.

OGUE

Nome do rei de Basã, Dt 3. 1, 8, cujo domínio se estendia desde o Jaboque até ao monte Hermom, 8, 10 com Nm 21, 23, 24. Residia alternadamente em Astarote e em Edrai, Js 12. 4, 5; 13. 12. Era homem de grande estatura, o último dos refains, cujo leito de ferro se mostrava em Rabá, e tinha nove côvados de comprido e quatro de largo, pela medida de um covado de mão de homem, Dt 3. 11. Depois da vitória sobre Seom, rei dos amorreus, os israelitas deixaram as famílias e os seus gados, em segurança no campo de Pisga, e marcharam contra Ogue, ao qual derrotaram e mataram em Edrai, e tomaram posse de seu país, Nm 21. 20, 32-35; Dt 3. 14, que foi dado à meia tribo de Manassés, Dt 3. 13.

OITAVA, *Oitava*.

Têrmo musical, 1 Cr 15. 21. Títulos dos salmos 6 e 12. Stainer passa em revista três opiniões a respeito desta palavra: (1) Oitava acima da escala natural; (2) nome de uma escala ou de uma harmonia, e (3) número de cordas do instrumento a ser tocado. Talvez em contraste com o alamote, quer dizer uma oitava abaixo, Gesenius, Delitzsch.

OLEIRO

Artista que fabricava louça de barro para vários fins. Amassavam o barro com os pés até ficar em pasta, Is 41. 25; Sab. 15. 7. Depois o depositavam sobre uma roda horizontal, em frente da qual tomava assento o oleiro, virando a roda com a mão, à medida que iam modelando a vasilha, ou conservando a roda em movimento com o auxílio do pé, enquanto trabalhavam com a mão e com o braço. Terminada a obra, cobria-a de esmalte para ser levada ao forno, Jr 18. 3, 4; Ecclus. 38. 29, 30. A capacidade do oleiro para dar forma ao barro como lhe apraz, e fazer aplicação da sua obra, como se lê em Is 45. 9; Jr 18. 5-12; Rm 9. 20-25, serve para ilustrar a soberania de Deus sobre o homem. Deus, portanto, no exercício desta soberania, age de conformidade com as suas infinitas perfeições de sabedoria, justiça, bondade e verdade.

Oleiro oriental

ÓLEO

O óleo usado entre os antigos hebreus era em geral fabricado dos frutos das oliveiras, que amadurecem no outono. A colheita faz-se sacudindo a árvore ou batendo-a com varas, Dt 24. 20; Is 17. 6; 24. 13. Extraíam o óleo das azeitonas, pisando-as com os pés, Dt 33. 24; Mq 6. 15, muitas vezes em cavidades abertas na rocha, ou triturando-as em uma vasilha circular por meio de um cilindro, recolhiam o óleo assim extraído, e para aproveitá-lo o mais possível, espremiam o bagaço das frutas por meio de uma prensa para esse fim construída. O azeite era depositado em vasilhas de pedra para depurar as impurezas. Ao azeite novo os hebreus davam o nome de *yishar*, cp. Jl 2. 24, no hebreu. O azeite mais puro era espremido num gral, Ex 27. 20; 29. 40. Tiradas as folhas e os cabos das frutas, e todos os corpos estranhos, eram elas partidas e amassadas e postas em um cesto, dando saída ao azeite que corria naturalmente sem pressão. Era, para assim dizer, uma espécie de primícia recolhida antes de levarem a polpa para a prensa. O azeite constituía um dos principais produtos da Palestina, que, juntamente com o vinho, fazia parte da riqueza agrícola, Nm 18. 12; Ne 10. 39; 13. 5, etc. O azeite das oliveiras tinha várias aplicações: servia para alumiar, pôsto em lâmpadas com torcidas, Ex 25. 6; Mt 25. 3; para o serviço do santuário que era continuamente iluminado, e para este fim se usava o azeite mais puro, Ex 27. 20; servia para fins culinários, 1 Cr 12. 40; Ez 16. 13; empregava-se no fabrico de pão, 1 Rs 17. 12; derramava-se sobre as oblações de flor de farinha, Lv 2. 1, 4-7; também o aplicavam no tratamento das feridas para alívio do padecente, Is 1. 6; Mc 6. 13. No caso do bom samaritano, o azeite misturado com vinho, servia de alívio às dores produzidas pelas contusões, Lc 10. 34. Herodes metia-se em banhos de azeite para aliviar-se das suas dores, Guerras 1. 33, 5. Servia o azeite de cosmético para ungir o corpo, especialmente depois do banho, e para amaciar o cabelo, Sl 23. 5; 104. 15; 2 Sm 14. 2. Os reis eram ungidos com óleos, 1 Sm 10. 1; 16. 1; 1 Rs 1. 39; 2 Rs 9. 1, 6, e quando empregado em atos religiosos, chamava-se óleo santo, Sl 89. 20. Os sumos sacerdotes eram consagrados com óleos associados a custosos perfumes, e bem assim o tabernáculo, a arca, o tanque e as suas bases, o altar e o candeeiro, Ex 30. 22-33.

OLIMPAS

Nome de um cristão residente em Roma, a quem o apóstolo S. Paulo enviou saudações, Rm 16. 15.

OLIVEIRA[1]

Tradução literal das palavras hebraicas Es *shemen*, que em Is 41. 19 se traduz por árvore de azeitona (Fig.), e oleastro (V. B.) em 1 Rs 6. 23, 26. O pau de oliveiras serviu para o fabrico dos dois querubins do oráculo de Salomão, cada um dos quais tinha dez côvados de altura (5,m550), 1 Rs 6. 23, 26, e também as portas do oráculo para a entrada do templo, 31-33. Di-

zem alguns que a oliveira era o oleastro, *Eleagnus hortensis*, que outros denominam oliveira silvestre, que, não obstante alguma semelhança com a verdadeira oliveira, não tem parentesco com ela. O oleastro é arbusto ou árvore, que produz óleo muito inferior ao da oliveira. É abundante na Palestina, principalmente perto de Hebrom, em Samaria e no monte Tabor. Outros investigadores identificam-na com a *Balanites egyptiaca*, chamada *zakkum* pelos árabes e da qual extraem certo óleo. Porém, esta cresce no Mar Morto e não no Monte das Oliveiras, Ne 8. 15.

OLIVEIRA[2]

Árvore largamente cultivada na Palestina em grandes hortos, ou olivedos, Êx 23. 11; Js 24. 13; Jz 15. 5; 1 Sm 8. 14, e também cultivada na Assíria, 2 Rs 18. 32. Estrabão refere-se a ela entre as árvores da Armênia, e supõe-se que era indígena na Índia Setentrional e em outras regiões temperadas da Ásia. A madeira servia para construções, 1 Rs 6. 23, 31-33. A oliveira produzia um óleo valioso, extraído de suas frutas, e de grande emprego. Veja *Óleo*. As árvores que nasceram de sementes ou de enxertos feitos por baixo de galhos já enxertados, e dos brotos que saem em roda do tronco, são de uma variedade de oliveiras bravas e precisam ser enxertadas. Uma oliveira, por boa que seja, se não for bem cuidada, deteriora-se e torna-se selvagem. A oliveira silvestre é um arbusto, ou árvore baixa, cujos frutos são pequenos e de nenhum valor. Ao processo de enxertar uma oliveira brava em outra legítima, alude o apóstolo S. Paulo na epístola aos Rm 11. 17, 24, para ilustrar as ligações dos gentios convertidos com a igreja judaica. Em referência ao cultivo da oliveira, o processo era diferente, e consistia em enxertar um gomo da legítima oliveira em um cepo da oliveira brava para melhorar a sua natureza. A pomba saída da arca voltou a ela levando no bico um ramo de oliveira que havia apanhado, quando as águas do dilúvio tinham diminuído, Gn 8. 11. O ramo de oliveira ficou sendo emblema da paz. A oliveira simboliza também a abundância, as bênçãos divinas, a beleza e a força, Sl 52. 8; Jr 11. 16; Os 14. 6. As velhas oliveiras dão viçosos rebentos em roda de seus troncos, Sl 128. 3. As mulheres enfeitavam-se, às vezes, com grinaldas de oliveiras em ocasiões festivas, Judite 15. 13. Nos jogos olímpicos da Grécia, a coroa dos vencedores era tecida com folhas de oliveira.

A oliveira da Palestina é a comum *Olea europea*, cobre-se de folhas lanceoladas, sempre verdes, de forte resistência, com uma cor que parece coberta de pó. As flores têm uma só pétala. A planta que mais se parece com ela é a alfeneira. Ainda é cultivada em quase toda parte da Palestina.

OM, *Fortaleza.*

Nome de um rubenita que participou da rebelião de Coré, Nm 16. 1.

OMAR

Nome de um descendente de Esaú, filho de Elifaz, capitão de uma tribo do mesmo nome, Gn 36. 11, 15.

OMBREIRA

Peça de madeira que se coloca aos lados de uma porta, 1 Rs 6. 33, que às vezes também se faz de pedra. O escravo hebreu que não desejava livrar-se do cativeiro, quando chegava o sétimo ano, e preferia permanecer na casa de seu senhor, chegava-se à ombreira da porta, e aí lhe furavam a orelha com uma sovela, ficando escravo para sempre, Êx 21. 6; Dt 15. 17.

ÔMEGA

Nome da última letra do alfabeto grego, usada em sentido figurado para representar o último ou final, Ap 1. 8, 11; 21. 6; 22. 13.

ÔMER

Nome de uma medida de capacidade para secos e líquidos, igual a dez batos ou efas, igual a cem ômeres (388 litros e 8 dec), Ez 45. 11, 14; Êx 16. 36. Ver *Efa* e *Medida.*

ÔMER

Nome de uma medida para secos, equivalente à décima parte de um efa, Êx 16. 36, e a centésima parte de um coro, Êx 45. 11. O ômer é igual a 2 litros e 937 mililitros. Veja *Medidas.*

ONÃ, *Forte.*

1. Nome de um dos filhos de Judá, casado com uma mulher cananéia, a quem Deus castigou por haver cometido uma ação detestável. Não deixou prole, Gn 38. 4-10; 46. 12; Nm 26. 19.

2. Nome de um horita, Gn 36. 23; 1 Cr 1. 40.

3. Nome de um homem de Judá, da casa de Jerameel, 1 Cr 2. 26, 28.

ONESÍFORO, *Portador de vantagem.*

Nome de um cristão residente em Éfeso, 2 Tm 1. 13. Quando esteve em Roma, consolou o apóstolo S. Paulo na sua prisão, 16. A família deste Onesíforo estava com Timóteo por quem lhe foram enviadas saudações, 4. 19.

ONÉSIMO, *Útil, proveitoso.*

Nome de um escravo de Filemom, convertido em Roma por ministração de S. Paulo, que o enviou a seu senhor, que era cristão, pedindo-lhe que o recebesse, já não como servo, mas em vez de servo, como irmão muito amado, Fm 10-19. Era natural de Colossos, e juntamente com Tíquico, levou para aquela cidade as epístolas aos colossenses e a de Filemom, Cl 4. 7-9.

ONIAS ou ONIARES, em 1 Mac 12. 19. Talvez Coniá em grego. A forma Oniares é uma antiga corrupção, em que os dois nomes Onias Arius se fundiram em um só, cp. Antig. 12. 4, 10.

Nome de um sumo sacerdote dos judeus que oficiou desde 323 a 300 A. C., contemporâneo de Ário, rei de Esparta, que reinou de 309 a 265, 1 Mac 12. 7; e também Dario, que é corrupção de Ário, 19, 20. Onias foi sucessor de Jadua, pai e predecessor de Simão, o Justo, Antig. 11. 8, 7; 12. 2, 5. A ele se refere Ecclus. 1, 1. Josefo cai em erro quando diz que Onias III, outro pontífice depois dele, recebeu uma carta de Ário.

ONICHA

Tradução da palavra hebraica *Shoheleth*, Êx 30. 34, nome de um dos ingredientes que entrava na composição dos perfumes para o serviço do tabernáculo, que, segundo se crê, era o opérculo da concha de um molusco chamado *strombe*, que, sendo queimado, produz certo perfume.

ÔNIX

Tradução do hebreu *Shoham*, pedra preciosa, Jó 28. 16; Ez 28. 13, encontrada na terra de Evilá, Gn 2. 12. Duas destas ornavam o éfode do sumo pontífice em que estavam gravados os nomes dos filhos de Israel, seis nomes em cada uma, Êx 28. 9, 12. Outra destas pedras entrava na quarta ordem das pedras do racional do Juízo, 28. 20. Davi ajuntou algumas delas para o serviço do futuro templo, 1 Cr 29. 2. O ônix é uma variedade das criptocristalinas, ou uma subvariedade do quartzo. Encontra-se em camadas de várias cores que se alternam e tem alguma semelhança com a cor branca e levemente encarnada que cerca as unhas.

ONO, *Forte.*

Nome de uma cidade de Benjamim, Ne 11. 35, situada em um grande campo, 6. 2, edificada, ou, para melhor dizer, reedificada por um benjamita de nome Samade, 1 Cr 8. 12. Alguns de seus habitantes regressaram do cativeiro de Babilônia, Ed 2. 33; Ne 7. 37. Julga-se que estava situada no lugar que hoje tem o nome de *Kefr Ana*, distante 12 quilômetros de Jope, para sudeste.

ONRI, *Grosseiro, impetuoso.*

1. Nome de um homem da tribo de Benjamim da família de Becor, 1 Cr 7.8.

2. Nome de um homem da tribo de Judá da família de Fares, 1 Cr 9.4.

3. Nome de um filho de Micael e príncipe da tribo de Issacar no reinado de Davi, 1 Cr 27.18.

4. Nome de um dos reis de Israel. Antes de subir ao trono exercia as funções de general das forças israelitas, no reinado de Ela e no de Baasa que poderia subjugar Moabe nesta ocasião. (Pedra Moabita, 7.8.) Estava ele dirigindo o assédio de Gebetom, cidade dos filisteus, quando soube que Zambri havia assassinado o rei Ela e usurpado o trono. Imediatamente o exército aclamou a Onri para ser rei de Israel. Aceitando tão honroso cargo, saiu com o seu exército e foi sitiar Tersa, cidade capital, onde residia Zambri. Vendo este que a cidade estava a ponto de ser tomada, entrou no palácio, queimou-se a si mesmo, lançou fogo ao palácio e morreu, 1 Rs 16.15-20. Então o povo se dividiu em dois partidos: a metade do povo seguia a Tebni e a outra seguia a Onri. Com a morte de Tebni, que se deu cinco anos depois, Onri reinou tranqüilamente sobre todo o Israel, 21-23. Diz o v. 23: "No ano trinta e um de Asa, rei de Judá, reinou Onri sobre Israel"; refere-se não ao tempo em que foi proclamado pelas tropas e recebeu o título de rei (e os doze anos de reinado começaram com este ato) e, sim, ao tempo em que ele estendeu sobre todo o reino a sua ação régia (cp. vv. 15,29). Transferiu a sede do governo de Tersa para Samaria que ele edificou para este fim (v. 24), continuou com as idolatrias de Jeroboão, a alguns respeitos, fez pior do que ele e de todos os mais que o precederam no trono das dez tribos (26; Mq 6.16). Morreu no ano 874 A. C. e foi sepultado em Samaria. Acabe, seu filho, sucedeu-o no trono, 1 Rs 16.28. Onri provocou admirações fora dos limites de Israel. Os moabitas não se esqueceram dele; porém, depois da sua morte e do extermínio de sua família, os assírios, por algum tempo ainda, ajuntavam o nome Hunri, ao do monarca reinante, e até mesmo à terra de Israel.

OOLA, *Sua tenda.*

Nome que personifica Samaria e o reino de Israel em marafona, pela sua infidelidade para com Jeová, Ez 23. 1-49.

OOLIBA, *A minha tenda está nela.*

Nome este que personifica a cidade de Jerusalém e o reino de Judá, representando-a em uma mulher de mau caráter, ainda que de posse da tenda de Jeová, Ez 23. 1-49.

ORAÇÃO

A oração consiste em manter comunhão com Deus. Quer isto dizer que Deus existe pessoalmente, que pode e quer ouvir-nos, que criou o universo, que preserva e governa todas as suas criaturas e dirige as ações delas. Deus não se escraviza às leis que decreta; pode produzir resultados suspendendo as leis da natureza ou operando por meio delas, tão facilmente como o homem, porque ele é Deus; pode dirigir os corações e as mentes dos homens mais eficientemente do que nós somos capazes de fazer. Deus preordenou, tanto a oração como a sua resposta. Deus tem um plano traçado desde o princípio, que ele executa, tanto no modo em que se estabeleceu o universo e nas leis que o governam, como também pela sua constante presença no universo mantendo-o e dirigindo-o.

A oração é instintiva no homem, que em suas crises chama por Deus. Ele exige que o homem ore; porém, para ter direito a este privilégio, é preciso que esteja em legítimas relações com Ele. A oração que Ele aceita, é a que lhe dirigem os retos. A oração dos ímpios lhe é abominável, Pv 15. 29; 28. 9. Somente aqueles cujos pecados são perdoados, têm o privilégio de se aproximar de Deus em oração. Todos quantos se revelam contra a autoridade divina não lhe são aceitos sem antes renunciarem a seus pecados e receberem o perdão. A oração é a comunhão dos filhos de Deus com o seu Pai que está nos céus, e consiste em adoração, ação de graças, confissão de pecados e petições, Ne 1. 4-11; Dn 9. 3-19; Fp 4. 6. Desde o princípio o povo de Deus se empenhou neste santo exercício.

A oração é a expressão natural dos sentimentos religiosos a que respondem as bênçãos divinas, 1 Rs 9. 3; Ez 36. 37; Mt 7. 7. Deus atende a tôda oração que lhe é oferecida de conformidade com as regras por ele estabelecidas; atende ao grito dos filhos do corvo, quando a ele se dirigem pedindo alimento, e promete também responder às orações de seu povo; Sl 65. 2. O apóstolo S. Tiago, citando fatos, declara que a oração do justo, sendo fervorosa, pode muito, Tg 5. 16. Cristo, falando a seus discípulos, disse-lhes: "Tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, isso vos farei" Jo 14. 13. O povo de Deus dirige-lhe as suas orações, deixando à sua vontade, o responder sim ou não; sabe que Deus responderá de acordo com o bem de suas criaturas, e com o adiantamento de seu reino, ou para honra de sua glória. O apóstolo S. João, escrevendo aos crentes, ensina a doutrina da oração, dizendo: "Esta é a confiança que temos nele, que em tudo quanto lhe pedirmos, ele nos ouve, sendo conforme à sua vontade", 1 Jo 5. 14. A resposta virá, como nós desejamos, se estivermos bem iluminados. Deus muitas vezes abençoa melhor a seus filhos, negando-se a atender ao que pedem. Assim também, os filhos de Deus deixam à vontade de seu Pai o resultado de suas petições e se conformam com ele.

Devemos orar em nome de Cristo, porque o pecador não pode aproximar-se de Deus em seu próprio nome; devemos reconhecer que não temos merecimentos inerentes à nossa natureza para irmos a sua presença, e que somente em nome daquele que nos lavou de nossos pecados em seu sangue que nos fez sacerdotes para com Deus.

A oração é dirigida ao Deus Trino na sua plenitude. A bênção apostólica nos ensina também que a poderemos dirigir a cada uma das pessoas da Trindade: "A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, e a caridade de Deus, e a comunicação do Espírito Santo seja com todos vós", 2 Co 13. 13. Dirigiam-se orações a Cristo ressuscitado. Os cristãos invocavam o seu nome, 1 Co 1. 1, 2. Santo Estêvão a ele se dirigiu por ocasião de seu martírio; S. Paulo invocou o seu nome e lhe rendeu graças, atribuindo-lhe glória e domínio, At 7. 59, 60; 2 Co 12. 8. 9; 1 Ts 3. 11; 1 Tm 1. 12; Ap 1. 5, 6.

ORADOR

Tradução da palavra grega *Rhetor*, pessoa que fala em público e em tribunais, At 24. 1, como Tértulo, advogado que os judeus tomaram para fazer a acusação contra S. Paulo perante o procurador romano.

OREBE, *Corvo.*

1. Nome de um dos dois príncipes midianitas que Gideão matou sobre um rochedo que tomou o seu nome, Jz 7. 25; 8. 3; Sl 83. 11; Is 10. 26.

2. Nome do rochedo onde foi morto por Gideão o príncipe midianita Orebe, Jz 7. 25; Is 10. 26. Situação ignorada, que devia ser a oeste do Jordão e perto deste rio, Jz 7. 25; 8. 4.

OREM (Espécie de pinheiro).

Nome de um homem de Judá, da casa de Jerameel, 1 Cr 2.25.

ORFA, *Pescoço, juba.*

Nome da mulher de Queliom e cunhada de Rute, que preferiu ficar na sua terra de Moabe, enquanto que Rute, presa por um grande afeto para com sua sogra Noemi, a acompanhou para a Palestina, Rt 1. 4, 14, 15; cp. 4. 10.

ORIENTE

Um dos pontos cardeais da terra para o lado onde nasce o sol, conforme o significado das palavras hebraicas e gregas, usadas em Js 11. 3; 12. 3; etc. Mt 2. 1. Os hebreus orientavam-se voltando-se para o nascente, como se depreende da palavra hebraica no Gn cap. 2. 8.

ÓRION

Nome de uma constelação, Jó 9. 6; 38. 31; Am 5. 8, em hebreu *kesil*, que significa homem sem juízo, irreligioso, tolo. As antigas versões são unânimes em dar-lhe este sentido. Os Targuns e a versão siríaca traduzem por gigante; a Vulgata e os Setenta dizem Órion. Na mitologia clássica representa-se o Órion na figura de um homem de grande fôrça, que trabalhava em ferro e grande caçador. Tendo sido morto por Diana, foi transportado para o céu, cp. Jó 38. 31, convertendo-se em uma constelação, que é visível em tôdas as latitudes. Disputa com a grande Ursa a distinção de ser a mais bela das constelações. Duas das suas estrelas, Betelgeuse, que fica na parte de cima do braço direito de quem observa, e Rigel, no pé que fica para cima, são de primeira grandeza. Cerca de 100 estrelas desta constelação são visíveis a olho nu; mas 2.000 só podem ser vistas pelo telescópio.

ÓRIX, ANTÍLOPE, BOI SILVESTRE

Nome de um animal mencionado em Dt 14. 5, e Is 51. 20. Caçavam-no em redes; muito apreciado nas mesas. No Targum se traduz por boi silvestre, significando o *Antilope bubalis*, do Egito e da Arábia. Nas versões gregas e na Vulgata, dá-se o nome de órix que se refere ao *Antilope leucoryx*. É animal de longas aspas, delgadas, de forma cônica e aneladas. É de cor branca, excetuando um longo penacho preto de cabelo, pendente por baixo do pescoço. Cresce no Senaar, no Alto Egito e na Arábia donde é natural. Também se encontra na Síria.

ORLA, FIMBRIA, BORDAS

A parte inferior do vestido, ou da túnica, Ex 28. 33, 34; 39. 24, 25, 26; Mt 9, 20; 14. 36. Os judeus consideravam a orla, ou fimbria dos vestidos, como tendo em si alguma cousa de sagrado.

ORNAMENTO

Decoração com adições ornamentais, 2 Cr 3. 6; Jó 26. 13; Mt 12. 44; 23. 29; Lc 11. 26; Apoc 21. 19.

ORNAMENTOS

Os orientais adornavam-se com tanto exagêro de modo a causar reparo aos povos do ocidente. E assim continua a ser. Os hebreus, os midianitas, os sírios, homens e mulheres, gostavam muito de enfeites, Gn 24. 22; Ex 3. 22; 11. 2; 32. 2; Nm 31. 50. As mulheres usavam colares, objetos de ouro, de prata, Ct 1. 10, 11; 1 Tm 2. 9, arrecadas de ouro, braceletes, anéis, pulseiras, manilhas, lunetas, gargantilhas, garavins, cadeias de ouro, pingentes de pedras preciosas caindo sobre a fronte, espelhos de bronze, etc., Gn 24. 22; 35. 4; Ex 35. 22; Nm 31. 50; Is 3. 18-23. Os homens de todas as classes sociais, exceto os pobres, usavam anéis e braceletes, Gn 38. 18. Os anéis com selo eram objetos de ornamento e serviam também para uso comercial. Saul, à semelhança dos reis assírios trazia braceletes, 2 Sm 1. 10. Era costume nacional entre os ismaelitas, trazerem brincos nas orelhas, Jz 8. 25, 26, costume imitado por alguns dos hebreus, Ex 32. 2. Os colares de ouro, usados pelos indivíduos de alta representação, serviam para recomendá-los ao respeito público, Gn 41. 42; Dn 5. 29. Em tempos de tristeza e calamidades não se usavam adornos, Ex 33. 4-6.

ORTOSIA

Nome de uma cidade nas costas da Fenícia, entre Trípoli e o rio Eleutero, 1 Mac 15. 37, Plínio, Hist. Nat. 5. 17.

ORVALHO

Nome que se dá à umidade condensada, caindo da atmosfera sobre os corpos resfriados. A Escritura emprega este vocábulo, em sentido figurado, para representar a ação silenciosa e invisível das bênçãos divinas, sobre o coração humano, como a ação do orvalho se manifesta na vida vegetal, Dt 32. 2; Sl 110. 3; Pv 19. 12; Mq 5. 7.

O SENHOR É MINHA BANDEIRA

Nome que Moisés deu ao altar que erigiu em Rafidim, em lembrança da vitória alcançada sôbre Amaleque, Ex 17. 15, 16.

O SENHOR É PAZ

Nome do altar que Gideão erigiu em Ofra para comemorar a visita do Anjo de Jeová, que o havia comissionado para livrar a Israel, quando Gideão esperava a morte por ter visto o Anjo do Senhor face a face, ouvindo então as palavras: "Paz seja contigo! Não temas! Não morrerás!", Jz 6. 23, 24.

O SENHOR PROVERÁ

Nome que Abraão deu ao lugar onde viu o carneiro embaraçado pelas pontas, o qual Deus lhe deparou para substituir o sacrifício de seu filho Isaque, Gn 22. 14. Situação ignorada.

OSÉIAS[1], *Salvo.*

1. Nome primitivo de Josué, filho de Num, a quem Moisés mudou o nome para Josué, Nm 13. 8, 16.

2. Nome de um filho de Ozazias e príncipe na tribo de Efraim no reinado de Davi, 1 Cr 27. 20.

3. Nome de um filho de Ela. Em conivência com Tiglate-Pileser, rei da Assíria, conspirou contra Peca, rei de Israel, matou-o e subiu ao trono, 2 Rs 15. 30. Reinou cerca de nove anos, 730 a 722 A. C. Fez o mal na presença do Senhor, porém ainda foi melhor do que a média dos reis precedentes. Salmanasar, rei da Assíria, dirigiu uma expedição contra ele. Não podendo repelir o invasor, Oséias pagou-lhe tributos, 17. 3; mas, conhecendo que o poderoso monarca do Egito olhava com inveja a aproximação dos assírios, procurou logo o seu auxílio. Julgando que o auxílio viria sem demora, suspendeu o pagamento dos tributos que fazia anualmente aos assírios, 4. Salmanasar de novo invadiu o território israelita, aprisionou o rei Oséias e sitiou Samaria que resistiu durante três anos, no fim dos quais Salmanasar morreu ou foi assassinado. Sargom sucedeu-o no trono; a êle coube a honra de tomar Samaria; levou os principais de seus habitantes para o cativeiro, colocando-os em Halá e em Habor, perto do rio Gozã, 5, 6. Este acontecimento tem o nome de cativeiro das dez tribos. Não foi pelas iniqüidades de Oséias; o copo das iniqüidades de Israel vinha-se enchendo havia séculos. Os pecados de Oséias foram a última gôta que o fez transbordar.

4. Nome de um dos que assinaram o pacto no tempo de Neemias, Ne 10. 23.

5. Nome hebraico do profeta Oséias, Veja *Oséias*[3].

OSÉIAS[2], *Salvo.*

Palavra idêntica a Oséias em Nm 13. 8, 16. Nome primitivo de Josué, e nome igual a Oséias, rei de Israel, 2 Rs 15. 30.

Oséias é o nome de um profeta, filho de Beeri, que vaticinou nos dias de Oséias, de Joatã, de Acaz, de Ezequias, reis de Judá, e de Jeroboão II, rei de Israel, Os 1. 1. Presumindo que Oséias profetizou durante doze ou treze anos do reinado de Jeroboão e que ele chegou a ver a queda de Samaria, no ano 722 A. C., o seu ministério estendeu-se por mais de quarenta anos. Este profeta deveria ser do norte do reino, porque fala do "nosso rei" e da "terra", referindo-se ao norte de Israel, sem o auxílio de um adjetivo restritivo, 1. 2; 7. 5. Dirigiu-se ao povo daquele reino. Oséias e Isaías eram contemporâneos; êste operava em

Judá, Os 1. 1 e Is 1. 1. Começou sua atividade profética no reinado do segundo Jeroboão, quando contemporâneo de Ozias, isto é, antes de 749 A. C. e alguns anos antes do aparecimento de Isaías, e terminou mais cedo que ele. Oséias também foi contemporâneo de Amós no reino do norte, e de Miquéias que profetizou em Judá.

O livro de Oséias é o primeiro dos profetas menores, não somente na ordem dos livros, como também na ordem do tempo. Consiste em duas porções, capítulos 1 a 3, e 4 a 14. A primeira parte pertence ao primeiro período do ministério do profeta. O primeiro capítulo, pelo menos, data do reinado do segundo Jeroboão, isto é, dentro dos últimos seis meses de seu reinado e antes da destruição da casa de Jeú, 1. 2-4. Os primeiros três capítulos fornecem a chave do livro todo, nos quais se vê a infidelidade de Israel para com Jeová durante o período da sua história, 4. 1 até 5. 7; 6. 4 até 7. 16; a necessidade do castigo e o inquebrantável amor de Jeová pelo seu povo transviado. 6. 1-3; caps. 12-14. Nos caps 1 a 3, a infidelidade de Israel e a paciência e longanimidade de Jeová são representadas pela analogia com uma prostituta. Desde antigos tempos que as opiniões dos teólogos se dividem quanto à história do casamento do profeta com uma meretriz. Será uma alegoria ou um fato? Dizem ser uma alegoria e não um fato verdadeiro, pelas seguintes razões: 1. É impossível que Deus tivesse ordenado a um profeta contrair tal aliança, que naturalmente havia de enfraquecer a sua influência moral com a melhor parte do povo, vendo-o ligado a uma mulher de vida impura. 2. A lei de Moisés proibia aos sacerdotes, o casamento com mulheres prostitutas e repudiadas, Lv 21. 7. Sendo a classe dos profetas consagrada ao Senhor, ainda que não do mesmo modo por que eram os sacerdotes, não é crível que Deus tivesse ordenado tal união. 3. Se for real a cena do primeiro capítulo, exigiria alguns anos para se realizar, envolvendo, não só o casamento do profeta, como o nascimento dos diversos filhos, e, portanto, a lição simbólica ficaria prejudicada. Por outro lado, a narrativa contém a história de uma tragédia doméstica representada na vida real. O mandamento contido no cap. 1. 2, ordenando ao profeta que tome para si uma pública meretriz, para servir-lhe de esposa, é considerado referir-se a uma mulher honesta, e não a uma já manchada pelo vício. Depois de se haver casado com Oséias, revelou tendências para uma vida imoral, violando os votos de fidelidade conjugal, vindo a se divorciar, cap. 2. 2. Os filhos da meretriz, dizem ser, ou os próprios filhos do profeta que herdaram as más tendências de sua mãe, ou mesmo os filhos de uma união adúltera que o profeta reconheceu como seus. Eventualmente, por direção divina, o profeta toma uma mulher adúltera, 3. 1, deste modo representando Jeová a prontidão com que ele restaura o favor ao povo de Israel, apóstata, idólatra e pecador. Há diversas opiniões contrárias a esta teoria: 1. As palavras "e ela lhe pariu um filho", 1. 3, são incompatíveis com a interpretação que dá este filho como bastardo; 2. As palavras do cap. 2. 2 são dirigidas por Jeová aos israelitas, como adiante se vê, e não dirigidas pelo profeta a seus próprios filhos; 3. No cap. 3. 1, alude-se a uma mulher e não à mulher; visto que a expressão é pròpriamente definida, referindo-se a uma mulher antes mencionada no cap. 1. Todas as dificuldades exegéticas ou morais, desaparecem, considerando a linguagem como alegórica. Estas alegorias eram comuns nos ensinos poéticos, Jr 25. 15-29; Zc 11. 4-17. De qualquer modo que seja, alegórica ou não, a mulher adúltera e seus filhos igualmente adulterinos, simbolizam o povo de Israel com as suas tribos infiéis a Jeová, afeiçoando-se a deuses estranhos e fazendo alianças com outros povos, cp. 47. 8, 9; Lc 19. 44.

A segunda parte do livro de Os, caps. 4 a 14, não é uma série de discursos, nem mesmo um sermão continuado, mas sim um sumário de seus ensinos proféticos preparado por ele, no final de seu ministério. Este sumário contém, pois, o ponto principal de suas pregações públicas. Ele podia ter usado notas, porém eram dispensáveis: bastava-lhe a memória. Os ditos agudos e vigorosos com que havia acerado as suas flechas e os seus símiles brilhantes, pelos quais ilustrava os pecados de seu povo, não podiam ser facilmente esquecidos por ele; também a freqüente repetição sobre os mesmos temas, deram forma estereotipada aos materiais armazenados na mente do profeta, conservando o ritmo e o fervor com que ele falava ao povo. No fim da sua vida, confiou à escrita pequenas notas de seus discursos, consistindo em descrições, advertências e conselhos de aplicação universal e eterna.

As profecias contidas nos caps. 4 a 14, foram pronunciadas quando a Assíria enchia os corações dos israelitas de espantoso terror. Não poucos acontecimentos de vulto se deram durante os anos do ministério de Oséias, e que êle não menciona nem de leve a eles se refere, tais como: a glória do reinado de Jeroboão e a extensão dos limites de Israel, 2 Rs 14. 25, 28; o assassinato de Zacarias por Salum e o dêste por Menaém, 15. 10, 14; a invasão da Galiléia por Tiglate-Pileser, rei dos assírios, 15. 10, 14, além de outras indicações de datas referentes a acontecimentos particulares. Se, por exemplo, o rei dos assírios, denudou completamente os habitantes do país, quando deportou as duas tribos e meia da região oriental do Jordão, 1 Cr 5. 26, então as palavras do profeta a respeito de Gileade, cidade dos artífices de ídolos, toda inundada de sangue, foram primeiramente proferidas antes do ano 733 A. C., Os 6.8; 12. 11. Esta última passagem pode referir-se ao passado.

A carnificina dos habitantes de Betel, referida no cap. 10. 15, tem sido, muitas vezes, considerada como fato que se deu no reinado de Salmanasar, 727-722 A. C. Se o fato pertence à história deste rei, as palavras do profeta foram proferidas pelo ano de 725. As freqüentes referências que ele faz ao socorro solicitado ao Egito e à Assíria, condiz muito bem com o estado político do país no reinado de Peca e de Oséias, Os 5. 13; 7. 11; 8. 9; 14. 3; 12. 1; com 2 Rs 17. 3, 4. É provável, pois, que as repreensões do profeta sôbre a política externa, fossem proferidas no tempo dos dois últimos reis. Os parágrafos em que se acham divididos os capítulos 4 a 14, formam unidades de pensamento completas em si mesmas, são grupos que se ligam entre si logicamente, às vezes com certa subtileza, sem formar seqüência oratória.

1. Capítulo 4. 1 a cap. 6. 3. O pensamento que une as várias produções proféticas, concentra-se no pecado e na necessidade de arrependimento. O povo achava-se imerso em profunda iniqüidade, 4. 1-19, tendo na dianteira, os príncipes e os sacerdotes, 5. 1-15. As repreensões do profeta são acompanhadas de uma bela exortação ao arrependimento com a promessa do favor para com êles, 6. 1-3.

2. Capítulo 6. 4 a cap. 10. 15. O pensamento predominante concentra-se no tremendo castigo que deve cair sobre a nação por causa da hediondez de seus pecados. Arrependimento transitório não satisfaz a Deus, 6. 4-11. A vida imoral e os excessos praticados pelos grandes do povo tinham chegado até o céu, 7. 1-7. A insensatez e a loucura em buscar auxílio para sua defesa entre os pagãos havia desagradado a Deus. Por causa disto, seriam castigados, 7. 8-16. O inimigo invasor estava às portas para castigar a idolatria e o cisma de Israel, 8. 1-7. As transações com a Assíria, os abusos da religião e a confiança nos meios humanos haviam provocado a ira de Deus, 8. 8-14. O cap. 9. 1-9 condena os desvios de Israel e anuncia o seu castigo, 9. 10-17. Israel cresceu como vi-

rosa vinha, somente para progredir nas práticas idólatras, porém o castigo brotará tão abundante como brotam os espinhos e os abrolhos, 10. 1-8. O pecado de Israel é comparado ao de Gibeá. Da sementeira do mal, colherá também o mal (10. 12-15).

3. Capítulo 11. 1 a cap. 13. 16, oferece uma transição característica por lembranças do passado acompanhadas de queixas. O amor de Jeová para com Israel é semelhante ao amor de um pai para com seu filho, mesmo que este seja transviado, 11. 1-11. Jacó confiou em suas próprias fôrças e na sua astúcia, prevalecendo contra Deus; é exortado a deixar as alianças terrenas e a voltar-se para o seu Deus, 11. 12 a cap. 12. 6, comp. Hb. 12. 1-7. Efraim enriqueceu à custa da fraude, procurando desculpar seus pecados; porém Jeová o lançará fora de sua casa. Aquele que salvou a Israel do cativeiro do Egito, é o mesmo que o vai punir, 12. 7-14. O capítulo 13 condena a idolatria de Efraim e anuncia as suas conseqüências.

4. Capítulo 14. 1-9. Contém exortações ao arrependimento, à confissão de pecado e a súplicas humildes. Jeová promete aceitar a Israel e abençoá-lo abundantemente.

Tem-se posto em dúvida a autenticidade das referências a Judá, contidas no livro de Oséias, particularmente cap. 1. 7; 4. 15; 5. 10-14; 6. 11; 11. 12; Hb 12. 1; a restauração de Israel ao favor de Deus e a sua volta à terra natal, isto é, o cap. 1. 10 até ao cap. 2. 1, Hb 2. 1-3, e a única e exclusiva legitimidade da casa de Davi na posse do trono, 1. 4; 3. 5; 8. 4; 12. 10, 11.

Nega-se geralmente a autenticidade destas passagens, alegando a falta de ligação com o contexto e a variedade de metro. Não se deve esquecer, porém, que as transições abruptas caracterizam o estilo de Oséias, e que o ritmo, e não o metro, é geralmente a feição dominante das produções exaltadas dos profetas. Deve-se também notar que um autor tem a liberdade de escolher as variações de forma literária, preferindo-as à monotonia. Além disso, o livro de Oséias assemelha-se a um mosaico formado de pequenos extratos de muitos discursos. A respeito das três classes, de passagens, cuja autenticidade se contesta, temos a acrescentar o seguinte: 1. Em referência a Judá, diz Harper, sobre o cap. 5. 5: "Um rápido lance de vista sobre Judá, tão intimamente ligado a Israel, não podia escapar ao profeta, vendo que as condições morais de Judá se assemelhavam às de Efraim." 2. As referências concernentes à restauração de Israel ao favor de Deus e a volta à pátria. (1) Não se pode negar uma referência a restauração do favor de Deus, referência esta exigida pela simetria, visto que, cada secção dos caps. 1 a 3, 1. 10 a cap. 2. 1; 2. 14-23; 3. 5, e outras secções maiores do livro, terminam sempre com promessas. (2) É costume nos livros proféticos, após os vaticínios sobre os castigos e maldições, não deixar o povo sem uma esperança, derramando luz sobre as grandezas do futuro. (3) Continuando a falar sôbre a destruição de Israel, em combate, por causa de seus pecados, os vv. dos cap. 1. 10 até cap. 2. 1, representam a vitória do reino unido de Judá e Israel sobre os seus inimigos. (4) O pensamento volta-se para a possibilidade do regresso do exílio em perspectiva, e também dos judeus que se achavam atualmente na Assíria, 2 Rs 15. 29; 1 Cr 5. 26; Is 9. 1.

3. Referências à legitimidade da monarquia da casa de Davi e à ilegitimidade das dinastias do reino do norte. (1) É necessário rejeitar a autenticidade, não só destas profecias do livro de Oséias, como as predições sobre o domínio universal da dinastia de Davi, que foi anunciada no reino do norte por um profeta contemporâneo, natural da tribo de Judá, Am 9. 11. (2) A todos que crêem no governo moral do universo, a queda de uma dinastia, após outra, no reino do norte, durante os dois séculos precedentes, dá a entender, logicamente, que elas foram rejeitadas por Deus; e a dinastia da casa de Davi continuadamente confirmada pela palavra dos profetas, em referência ao reino do sul, é prova concludente de que Deus havia escolhido a casa de Davi.

OTNI, *Leão de Deus.*

Nome de um filho de Semaías, que exercia o cargo de porteiro, 1 Cr 26. 7.

OTNIEL, *Leão de Deus.*

Nome de um dos filhos de Quenaz e irmão mais moço de Calebe, filho de Jefoné, queneu, Js 15. 17; 1 Cr 4. 13. Calebe prometeu dar sua filha em casamento àquele herói que tomasse a cidade de Debir, que antes se chamava Quiriate-Sefer. E tomou-a Otniel que recebeu Acsa em casamento, Js 15. 15-17; Jz 1. 11-13. Subseqüentemente Otniel libertou os israelitas do poder de Cusã-Risataim, rei da Mesopotâmia, e ficou juiz de Israel. Seguiu-se um período de quarenta anos de completa paz, Jz 3. 8-11.

OURIÇO, *Leitão espinhoso.*

Tradução da palavra hebraica *Kippod*, em Is 14. 23; 34. 11; Sf 2. 14, nome de animal que se enrola. O termo correspondente em outros dialetos semíticos significa, tanto ouriço, como porco espinho. O porco espinho europeu, *Hystrix cristata*, é comum na Palestina, principalmente nas gargantas que dão saída para o vale do Jordão. Também se encontra lá o porco espinho de cauda em forma de brocha, *Atherura hirsutirostris*. Ver *Musaranho*.

OURIÇOS, CORUJAS

Tradução da palavra hebraica *Kippod*, que significa animal que se contrai ou que se enrola; freqüenta as ruínas, Is 14. 23; 34. 11, sobe aos umbrais das portas e das janelas, donde faz ouvir a sua voz, Sf 2. 14. A garça, *Botaurus stellaris*, é pássaro de pernas e pescoço alongado freqüentador dos tanques e lagoas. A tradução inglesa revista (R. V.) diz que o animal referido é o porco espinho, enquanto Tristram o identifica com a coruja, *Scops giu*, ave migratória que se encontra na Palestina, nos meses de verão, aninhando-se entre antigas ruínas e nas cavidades de árvores carcomidas.

NOTA DO TRADUTOR

Ouriços e corujas como dizem as traduções de Figueiredo, Brasileira e Almeida, não parecem condizer com a descrição que o dicionário faz, dizendo que o **Botaurus stellaris** é pássaro de pernas e pescoço alongados, que freqüenta os tanques e lagoas. A antiga versão inglesa diz **bittern**, cuja tradução é garça.

OURO

Metal precioso abundante no país de Havilá, Gn 2. 11, 12, em Seba, 1 Rs 10. 2; Sl 72. 15, em Ofir, 1 Rs 22. 48; 2 Cr 8. 18; Jó 22. 24; Sl 45. 9, prodigamente empregado no revestimento das peças ornamentais do templo e do tabernáculo, Êx 25. 18; 1 Rs 6. 22, 28. Também serviu para fazer ídolos, Êx 10. 23; 32. 31; Sl 115. 4; Is 40. 19; At 17. 29, coroas, Sl 21. 3, cadeias, Gn 41. 42, anéis, Ct 5. 14, arrecadas, Jz 8. 26 e moedas, Ed 2. 69; At 3. 6; 20. 33.

O ouro simboliza objetos de grande valor e de particular estima, Lm 4. 12; Ap 3. 18.

OUTEIRO DE AMÁ, *Mãe de alguma cousa em sentido figurado; princípio, fundação.*

Nome de um outeiro no caminho deserto para Gibeom, 2 Sm 2. 24; compare com os vv. 16, 29 do mesmo capítulo. É desconhecida a sua exata situação.

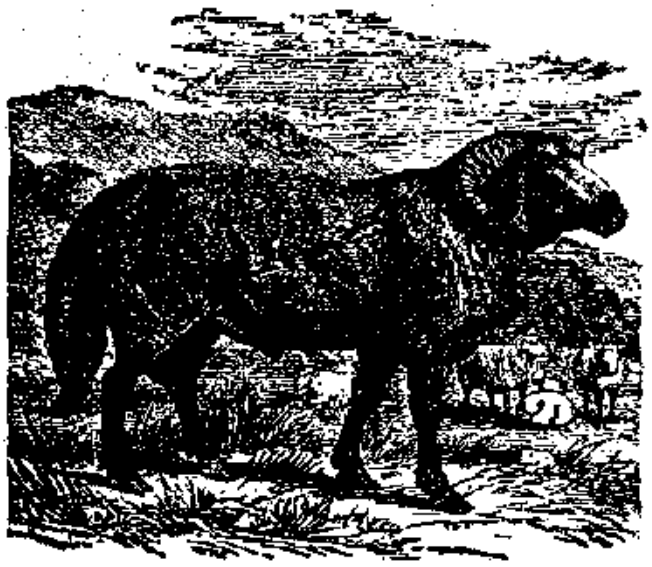
OUTEIRO DE MIZAR, *Pequeno.*

Nome do outeiro ao lado oriental do Jordão, que podia ser visto do cimo do Hermom, Sl 42. 6. Situação ignorada.

OVELHA

A ovelha é animal doméstico, Gn 4. 2, de grande importância como fator da riqueza dos patriarcas e dos antigos povos orientais, Gn 12. 16. Jacó e seus filhos foram criadores de ovelhas, tanto fora como dentro do Egito e na Palestina, quando lá se estabeleceram, Ex 10. 9; 12. 32, 33, 38; 1 Cr 27. 31, e continuaram com a sua criação até aos últimos tempos, Lc 2. 8. O deserto da Judéia como todo o sul do país e especialmente o planalto de Moabe, possuiam ricas pastagens, Nm 32. 1; Jz 5. 1, 11; 25. 2, do mesmo modo que os países vizinhos, a Mesopotâmia, etc. Gn 29. 2, a terra de Us e dos agarenos, Jó 1. 3; 1 Cr 5. 20, 21, Midiã, Ex 2. 16, Quedar e o país dos nabateus, Is 60. 7; Ez 27. 21; cp. 1 Sm 15. 7, 9. Nestas regiões, por causa do calor e falta de águas correntes, os pastores tinham de conduzir as ovelhas para junto dos poços para dar-lhes de beber, Gn 29. 8, 9; Ex 2. 16-19. As ovelhas eram animais limpos usados como alimento, tanto a carne como o leite, 1 Sm 14. 32; 25. 18; 2 Sm 17. 29; 1 Rs 4. 23; Dt 32. 14; Is 7. 21; 1 Co 9. 7. As peles serviam para fazer roupas, Hb 11. 37; cp. Zc 13. 4; Mt 7. 15 e às vezes também as convertiam em couros, Ex 26. 14. Da lã faziam tecidos, Lv 13. 47; Jó 31. 20; Pv 27. 26; Ez 34. 3. A lã era de grande utilidade até mesmo para o pagamento de tributos, 2 Rs 3. 4; Is 16. 1. O tempo da tosquia era celebrado com festas, Gn 38. 12; 1 Sm 25. 4, 11, 36; 2 Sm 13. 23. Os chifres das ovelhas serviam de frascos e de trombetas, Js 6. 4; 1 Sm 16. 1. Como a ovelha fosse animal limpo, servia para os sacrifícios, Ex 20. 24; Jo 2. 14; Nm 22. 40, e para o holocausto, Lv 1. 10, de vítima pelo pecado do povo, 4. 32, para as ofertas pelo pecado e transgressões, 5. 15; 6. 6, e para as vítimas pacíficas, 22. 21. A ovelha é animal afetuoso, 2 Sm 12. 3, dócil, Jo 10. 3, 4, meigo e submisso, Is 53. 7; Jr 11. 19, indefeso, Mq 5. 8; Mt 10. 16, e dependente, Nm 27. 17; Ez 34. 5; Mt 9. 36; 26. 31. As ovelhas da Palestina e países adjacentes são geralmente de cor branca, Sl 147. 16; Is 1. 18; Ez 27. 18, às vezes de cor negra ou parda, e malhadas de branco e pardo, ou preto e branco, Gn 30. 32. Existem duas raças de ovelhas na Palestina; uma no distrito do norte, que tem o pelo curto; tanto os machos como as fêmeas têm chifres; outra raça mais generalizada tem a cauda muito dilatada, *Ovis laticaudata*, desde muito exísfres; outra raça mais generalizada tem a cauda cp. Ex 29. 22; Lv 3. 9; 7. 3; 8. 25. As caudas que vão para o mercado, às vezes pesam 10 a 15 libras, e quando o carneiro é bem gordo, a cauda assume proporções extraordinárias. Os árabes apreciam-nas muito em guisado, e fritam-nas aos pedaços.

OVELHA MONTESA ver GAMO



Carneiro da Síria, de cauda grossa

OZAZIU, *Jeová é forte.*

1. Nome de um tocador de harpa no reinado de Davi, 1 Cr 15. 21.

2. Nome de um príncipe de Efraim no tempo de Davi, 1 Cr 27. 20.

3. Nome de um dos inspetores dos celeiros no tempo de Ezequias, 2 Cr 31. 13.

OZEM

1. Nome de um dos filhos de Jessé, 1 Cr 2.15.

2. Nome de um dos filhos de Jerameel, 1 Cr 2.25.

OZNI, *Atento.*

Nome de um filho de Gade e fundador de uma família tribal, Nm 26. 16. Em Gn 46. 16; tem o nome de Esbom. Talvez que pela morte de Esbom ele tomasse o seu nome e fundasse a família tribal, como fizeram Hezrom e Hamul na tribo de Judá, Nm 26. 19-21.

P

PAARAI

Nome de um dos valentes de Davi, 2 Sm 23. 35. Em 1 Cr 11. 37, tem o nome de Naarai.

PAATE-MOABE, *Governador de Moabe.*

Nome do fundador de uma família alguns de cujos membros voltaram do cativeiro de Babilônia, Ed 2. 6; 8. 4; Ne 7. 11. Alguns deles casaram-se com mulheres gentias, das quais se separaram a conselho de Esdras, Ed 10. 30. O representante desta família assinou o pacto de obediência aos preceitos de Jeová, Ne 10. 14. Hassube, filho de Paate-Moabe tomou parte na edificação do muro de Jerusalém, 3. 11.

PACTO

Contrato entre duas ou mais pessoas. Vários destes contratos, cujos efeitos findaram, são mencionados nas Escrituras, Gn 21. 27, 32; 1 Sm 18. 3; 23. 18; 1 Rs 20. 34. Deus houve por bem tomar parte com o homem em um pacto. O pacto de Deus com o homem contém uma livre promessa de sua parte, baseada no cumprimento de várias condições a que o homem se deve subordinar. Prometeu vida e graça ao homem sob a condição de perfeita obediência, e ao mesmo tempo ameaçou-o de morte no caso de desobediência, Gn 2. 16, 17. Fez um pacto com o patriarca Noé, garantindo-lhe a vida, quando o velho mundo era destruído pelas águas, 6. 18, e que não mais o seria deste modo, dando o arco-íris como sinal deste pacto, 9. 12, 15, 16. Outro pacto com Abraão e a sua posteridade, prometendo ser o seu Deus e dar-lhe a terra de Canaã como sua herança, instituindo o rito da circuncisão como sinal do pacto, 13. 17; 15. 18; 17. 2, 4, 7, 11, 13, 14, 19; 2 Rs 13. 23; 1 Cr 16. 15-18; Sl 105. 9-11; At 7. 8; Rm 4. 13, 17. Fez pacto com a nação israelita, prometendo-lhe continuar a ser o seu Deus, dispensando-lhe toda a proteção, assinalado pelo descanso semanal ou sábado, Êx 31. 16. A nação israelita tinha por sua vez de guardar os dez mandamentos Dt 4. 13; 28. Este pacto foi feito em Horebe, Dt 5. 2; 29. 1, e renovado com a geração seguinte nas planícies de Moabe, Dt 29. 1. Houve um pacto com os levitas, Ml 2. 4, 8 e um especial com Finéias, em que Deus prometeu dar-lhe, e a seus descendentes, um sacerdócio eterno, Nm 25. 12, 13. Outro pacto com Davi, em que Deus prometeu dar-lhe a posse do trono, e à sua posteridade, para sempre, Sl 89. 20-28, 34; comp. 2 Cr 7. 1-29, e 1 Cr 17. 1-27; 2 Cr 7. 18; Jr 33. 21. Em contraste com o pacto do Sinai, ia haver outro pacto, o novo pacto também com os israelitas, de uma feição mais espiritual do que os anteriores, Jr 31. 31-34; Hb 8. 8-11, administrado pelo Espírito, Jo 7. 39; At 2. 32; 2 Co 3. 6-9; baseado na fé, Gl 4. 21-31, e destinado a todas as nações, Mt 28. 19, 20; At 10. 44-47. Jesus Cristo é o mediador deste pacto, Hb 8. 6-13; 9. 1; 10. 15-17; 12. 24. O Antigo e o Novo Testamento, sob este ponto de vista, bem podiam ser denominados o Antigo e o Novo Pacto.

As duas tábuas de pedra em que foram gravados os dez mandamentos, e que eram a lei fundamental do pacto divino com o povo de Israel, eram as tábuas do pacto; e a arca em que essas tábuas foram depositadas foi igualmente denominada arca do concerto, Dt 9. 11; Nm 10. 33. O livro da lei consistia nos dez mandamentos com as ordenanças que os acompanhavam, contidas em Êxodo caps. 20 até 23, e que foram escritas por Moisés em um livro, aceito formalmente pelos israelitas e ratificado como um pacto entre os Senhor e o seu povo, Ex 24. 3-8. Vide *Teocracia.* Posteriormente este termo é tido como sinônimo de livro da lei, incluindo o Deuteronômio, 2 Rs 23. 2; com 22. 8, 11; Dt 31. 9, 26; 2 Rs 14. 6 com Dt 24. 16.

PADOM, *Liberdade, redenção.*

Nome do fundador de uma família de natineus, Ed 2. 44; Ne 7. 47. Alguns dos membros desta família voltaram do cativeiro.

PÃES DA PROPOSIÇÃO

Literalmente quer dizer "Pães da Presença." Eram em número de doze, postos em duas pilhas sobre a mesa, que ficava no lugar santo diante do Senhor continuamente, seis de um lado, e seis de outro. Cada sábado se mudavam por outros novos. Os pães velhos pertenciam aos sacerdotes que os comiam no lugar santo, Ex 25. 30; Lv 24. 5-9; 1 Sm 21. 6; Mt 12. 4. Este pão também se denominava o pão perpétuo, isto é, o pão que estaria sempre sobre a mesa, Nm 4. 7, expostos na presença do Senhor, 2 Cr 2. 4, preparados sempre frescos em todos os sábados, 1 Cr 9. 32. Diz Josefo que estes pães eram asmos, isto é, sem fermento, Antig. 3. 6, 6. Cada um deles continha dois décimos de um efa de flor de farinha, como se usava fazer para honrar os hóspedes de distinção e conforme o costume da mesa dos reis, Gn 18. 6; 1 Rs 4. 22, e serviam para vários fins cerimoniais, Lv 2. 1; 5. 11. Os doze pães representavam as doze tribos de Israel, Lv 24. 7; cp. Ex 28. 10-12; também 24. 4; 28. 21, e postos na presença de Jeová, provavelmente significavam a comunhão constante de seu povo com ele, naquelas cousas que a sua bondade lhe prodigalizava, as quais gozavam na sua presença, consagradas a seu serviço. Alguns dos filhos de Coate tinham a seu cargo os pães da proposição, 1 Cr 9. 32. A mesa era feita de pau de Sitim coberta de ouro com uma moldura de ouro em roda, e sobre a mesma moldura, uma coroa entalhada de quatro dedos de alto. Da parte debaixo da coroa estavam argolas de ouro para se meterem por elas varais para se poder levar; media dois côvados de comprido, um côvado de largo e meio de alto, Ex 25. 23-29. Maneira de a transportar: veja Nm 4. 7, 8.

A mesa ficava no lugar santo, à mão direita de quem entrava no tabernáculo, Ex 40. 22. No templo de Salomão havia dez mesas para os pães da proposição, correspondentes aos dez candeeiros, dos quais somente um estava em uso ao mesmo tempo, 1 Cr 28. 16; 2 Cr 4. 8, 19; 13. 11; Antig. 8. 3, 7, como se vê em 1 Rs 7. 48; 2 Cr 29. 18. A mesa pertencente ao segundo templo levou-a Antíoco Epifanes, mas Judas Macabeu pôs outra em seu lugar, 1 Mac 1. 22; 4. 49. Esta última levou-a para Roma o general Tito.

PAFOS

Nome de uma cidade, situada na extremidade de sudoeste de Chipre, perto do cabo Zeferiom. Chamava-se a Velha Pafos para distingui-la de outra cidade mercantil, mais recente, situada a algumas milhas a noroeste. Era capital da província romana de Chipre e residência de um procônsul. Nas suas vizinhanças estava um célebre templo de Vênus, Hom. Odisséia 8. 362. S. Paulo visitou esta cidade, At 13. 6-13. Hoje tem o nome de *Kukkla.*

PAGÃO, *Bárbaro, gentílico.*

Esta palavra dá idéia de que o Evangelho lançou raízes, primeiramente, nas cidades, cujos habitantes se fizeram cristãos, ao passo que os habitantes das aldeias continuaram a ser idólatras. A palavra pagão vem do latim *paganus*, que pertence a uma aldeia, homem rústico; passou a designar aqueles que não adoram o Deus da Bíblia, principalmente se são idólatras. É tradução da palavra hebraica *Goy*, em grego *Ethnos*, cada uma das quais designa nação ou povo, e se encontra somente no Antigo Testamento, quando se refere ao caráter das nações gentílicas, falando das suas

abominações, 2 Rs 16. 3; Ez 23. 30, das suas corrupções, Ed 6. 21, da sua ignorância e de sua oposição à verdadeira crença, bárbaros perseguidores do povo de Deus, expostos à justa indignação divina, Sl 79. 1, 6, 10; Jr 10. 25; Lm 1. 3, 10; Ez 34. 28, 29; 36. 6, 7, 15.

PAGIEL, *Encontro com Deus.*

Nome de um príncipe da tribo de Aser no deserto, Nm 1. 13; 2. 27; 7. 72, 77; 10. 26.

PAI

1. Progenitor imediato de uma pessoa, Gn 42. 13, o avô, 28. 13, ou ainda os mais remotos avoengos. 17. 4.

2. Nome que se dá aos iniciadores de indústrias, ou comércio, Gn 4. 20, e também àqueles que deram origem a populações, 1 Cr 2. 51; 4. 14-18.

3. Nome da pessoa que cuida de alguém com benignidade e prudência, Gn 45. 8; Jz, 17. 10; 18. 19. Nome que também se dá, em sinal de respeito, àquele que ensina com autoridade, principalmente sendo pessoa de idade avançada, 1 Sm 10. 12; 1 Rs 2. 12, e aos conselheiros e ministros dos reis, Gn 45. 8.

4. Nome pelo qual conhecemos a Deus, como criador da raça humana, Ml 2. 10; Antig. 4. 8, 24; comp. At 17. 28, ou como gerador e guardião de suas criaturas espirituais, Rm 8. 15; Gl 4. 6. O nome pai exprime as relações misteriosas de Jesus com Deus, Mt 11. 26; Mc 14. 36; Lc 22. 42.

PAIS

O quinto mandamento ordena que os filhos honrem a seus pais para terem longa vida sôbre a terra, Ex 20. 12; Dt 5. 16; Ef 6. 1, 2. Aos pais compete criar os filhos no temor do Senhor e não provocá-los à ira, Gn 18. 19; Dt 6. 7; Ef 6. 4. Segundo a lei de Moisés, o filho que ferisse ou amaldiçoasse a seu pai ou a sua mãe, era castigado com a morte, Ex 21. 15, 17; Lv 20. 9; Dt 27. 16. Ordenava também a lei que os pais levassem aos anciãos da cidade os filhos desobedientes e contumazes para serem castigados com a morte, Dt 21. 18-21. Deste modo, a lei mosaica regulava os poderes dos pais sobre os filhos. Segundo a lei romana, expressa nas doze tábuas, a vida e a liberdade dos filhos estavam nas mãos dos pais. A lei mosaica não facultava aos pais o direito de morte que só poderia ser exercido pelos tribunais. Os costumes antigos permitiam que um pai pobre vendesse uma filha; a lei, porém, regulava cuidadosamente os direitos da moça escravizada, Ex 21. 7-11. Lei posterior facultava a um credor escravizar a mulher e os filhos de um devedor insolvável, 2 Rs 4. 1; Ne 5. 1; Is 50. 1; Mt 18. 25. Em casos muito graves o castigo do ofensor atingia a tôda a família, Js 7. 24.

PALÁCIO

Davi ocupou uma residência real em Jerusalém, 2 Sm 5. 9; 7. 1, 2, porém Salomão construiu para si um magnífico palácio na mesma cidade, famoso pela grandeza de suas proporções e pela riqueza de seus adornos, 1 Rs 7. 1-12; nessa construção se gastaram treze anos, ao passo que o templo se fez em sete, 6. 38; 7. 1. Era constituído pela casa da floresta do Líbano, 2-5, que recebeu este nome por causa dos numerosos cedros empregados na sua construção; tinha 100 cúbitos de comprimento, 50 de largura e 30 de alto, 50,m800; 25,m400; 15,m240 respectivamente. As paredes eram de sólida alvenaria. Continha quatro ordens de colunas de cedro talvez cada uma delas acompanhando as linhas do palácio, e formando um átrio retangular de 30 por 80 cúbitos; ou ainda, essas colunas estavam dispostas em duas ordens paralelas e duplas aos lados do palácio, cercando um átrio central. As colunas sustentavam umas vigas que se iam prender nas paredes da casa e sôbre as quais havia três ordens de aposentos com janelas para o átrio interno. A casa do Líbano era ao mesmo tempo casa de armas e tesouro do rei, 10. 17, 21; Is 22. 8, e poderia ainda servir para outros fins.

Um pórtico de colunas servia para recepções e sala de espera, 1 Rs 7. 6, com 50 cúbitos de comprimento e 30 de largura e um pórtico fronteiro, que não era a entrada principal do palácio. Em seguida vinha a sala dos julgamentos, 7, aberta na frente, e fechada pelas três outras faces com portas de entrada. Esta era a sala do trono, porque era ali que estava o trono de marfim, guarnecido de ouro mui luzente, 10. 18-20. As três construções davam entrada para um pátio retangular cujos lados eram: o pórtico da parte central do longo muro interno da casa da floresta do Líbano; as portas internas e o muro do átrio das colunas e a frente da sala do trono. Atrás da sala do trono, estava o átrio interno que servia de residência ao rei. A entrada principal para este átrio era provavelmente pela sala do trono, de modo que o rei dava as suas sentenças e recebia o povo, na porta do palácio. Este átrio era adornado de flores e tinha fontes de águas no centro e claustro em roda. Em seguida estava o palácio da filha de Faraó, mulher de Salomão, 7. 8, que ficava por detrás da sala do trono, segundo afirma Josefo, Antig. 8. 5, 2.

O Palácio de Salomão obedecia aos mesmos planos das construções da Ásia ocidental, como se vêem nas ruínas das habitações reais descobertas na Assíria, Babilônia e Pérsia. Pode-se fazer idéia da elegância e beleza destas faustosas residências, pela descrição do palácio do rei persa que se lê no livro de Et 1. 5, 6, 9; 2. 3, 14; 5. 1, 2; 7. 7.

PALAL, *Juiz, julgador.*

Nome de um filho de Ozi, que ajudou a reconstruir o muro de Jerusalém, Ne 3. 25.

PALANQUIM

Veículo coberto, feito de modo a ser conduzido por meio de dois varais, um de cada lado, apoiados aos ombros de dois, quatro ou seis homens, ou, como as liteiras, conduzido por dois camelos, cavalos ou mulas. As acomodações internas permitiam ir-se assentado ou reclinado. O palanquim que o rei Salomão mandou fazer para a sua espôsa, era de cedro ornamentado com colunas de prata, o reclinatório de ouro, a subida de púrpura e ornado de tudo o que havia de mais precioso feito pelas filhas de Jerusalém, Ct 3. 9.

PALESTINA

Em o Antigo Testamento este nome refere-se à terra dos filisteus, cp. Heród 7. 89. Atualmente designa um país situado no ângulo sudoeste da Ásia, de que faz parte a Síria e que por muito tempo esteve em poder dos hebreus. A parte que fica a oeste do Jordão, os antigos hebreus chamavam Canaã, para distingui-la da terra de Gileade ao oriente do mesmo rio. Depois da conquista, todo o país se tornou conhecido pelo nome de terra de Israel, 1 Sm 13. 19; 1 Cr 22. 2; Mt 2. 20, porém, depois da divisão do reino, aplicava-se ao reino do norte. Na epístola aos Hebreus, 11. 9, chama-se terra da Promessa. Logo após da era cristã, os escritores gregos e latinos, a denominavam. Palestina, e na Idade Média, tornou-se conhecida pelo nome de Terra Santa, cp. Zc 2. 12; 2 Mac 1. 7.

1. *Limites e extensão da Palestina.* Os hebreus ocuparam a região compreendida entre Cadesbarnéia, e o *wady el-Arish* ao sul, e o monte Hermom ao norte, e desde o Mediterrâneo, a oeste, até ao deserto ao oriente exceto a planície dos filisteus e o país de Moabe. No tempo próspero dos poderosos monarcas, estendia-se além destes limites compreendendo o Emate e Damasco, ia para lá do Eufrates, e abraçava os reinos de Amom, Moabe e Edom. Os hebreus costumavam dizer que a sua terra ia desde Dã até Berseba, isto é, 278 quilômetros de comprimento. Era limitado ao sul pelo então *wady el-Fikreh* e pelo rio Arnom. Estes

limites compreendiam a população mais densa do país. Tomando os limites mais reduzidos, excluindo a maior parte do território ocupado pela tribo de Simeão e parte do que era ocupado pela tribo de Naftali ès limites formavam um paralelogramo, cujo comprimento, medido pela latitude de Dã e pela extremidade sul do Mar Morto, é de 268 quilômetros com uma base de 180 quilômetros, com uma área de 18.798 quilômetros quadrados, incluindo a Filistia, que tinha do Carmelo a Berseba, uma área de 3.269 quilômetros quadrados, e deixando aos hebreus 15.529. A medição dá à Palestina oriental desde o Hermom até ao Arnom, cerca de 3.800 milhas quadradas, e à Palestina ocidental, desde Berseba ao sul, incluindo a Filistia, 6.040 milhas quadradas.

2. *População da Palestina.* Os hebreus possuiam uma população de 600.000 homens de vinte anos para baixo, que representava um total de 2.160.000 indivíduos por ocasião da conquista, ocupando uma área de 8.300 milhas quadradas ou mais. O estado de Massachusets, nos Estados Unidos, tinha uma população de 2.238.943 habitantes numa área de 8.315 milhas em 1890, e New Jersey, com uma área de 7.815 tinha 1.444.933 habitantes. Davi fez o recenseamento em uma região muito maior. A população atual é avaliada em 600.000 habitantes. É evidente que primitivamente era mais numerosa, como bem o afirmam as narrações bíblicas e a história judaica de Josefo, bem como as numerosas ruínas das antigas cidades. São bem poucas as colinas e altos de serra onde não se encontram ruínas de uma aldeia ou de uma cidade.

3. *Geologia da Palestina.* Uma faixa de rocha arenosa como em Petra ou na Núbia estende-se ao longo da costa oriental do Mar Morto e parte da muralha rochosa que flanqueia o vale do Jordão ao nascente, e que aparece no lado oposto nos desfiladeiros do Líbano e do Antilíbano. Em geral tem a cor de um vermelho escuro, ou preta. Sobre ela descansa a mais valiosa formação geológica da Palestina, a camada de pedra arenosa-cretácea que constitui a maior parte dos tabuleiros existentes de ambos os lados do rio Jordão. Em Jerusalém existem dois leitos de rocha calcárea sobrepostos; o de cima é mais sólido, denominado, pelos habitantes, *misseh;* o inferior é mais permeável e por isso lhe chamam *melekeh.* Os reservatórios, as sepulturas e os celeiros que cercam a cidade e existentes no subsolo foram todos abertos na camada superior, a *melekeh;* as fundações dos edifícios descem à camada inferior, a *misseh.* As grandes pedreiras próximas à porta de Damasco são de *melekeh,* as quais forneceram o material para a construção do templo. Estes leitos de pedra arenosa sustentam uma camada de formação mais recente, que, começando no Monte Carmelo, corre para o sul, até chegar perto de Berseba, de onde se volta em curvatura para sudoeste, seguindo em linha paralela ao Mediterrâneo. Afora destas linhas, existe também a nordeste, ao oriente e a sudoeste de Jerusalém e em torno de Siquém. Por haver nela grande abundância da pequena *foraminifera* chamada numulita, e por isso lhe deram o nome de rocha numulítica. Estas camadas pertencem ao período eocênio terciário e provavelmente ao médio. Esta rocha acha-se tão ligada com a cretácea, de modo a constituir uma só formação denominada rocha cretáceo-numulítica. Ladeando a camada numulítica pelo oeste, uma extensa zona de rocha calcárea se estende pela região filistina e surge em manchas esparsas no extremo norte, até perto do Monte Carmelo. Sendo muito porosa e de pouca densidade, facilmente se desagrega e corre sobre a camada mais densa e resistente, pondo-a a descoberto, e deste modo se explica a queda abrupta das altas planuras da Judéia e de Samaria para os vales profundos destas regiões. Entre esta camada de rocha arenosa e o Mediterrâneo, surgem camadas que pertencem ao plioceno superior, isto é, a tempos mais recentes. Todas elas representam leitos de formação sedimentar. Existem, contudo, algumas rochas vulcânicas na Palestina. Uma delgada fita de rochas ígneas, que se destaca da grande massa granítica, do pórfiro, do diorito e da rocha felsítica que aparece no extremo sul, no Arabá e especialmente no Sinai, mistura-se com as rochas carboníferas. Ao lado oriental do Jordão, quase em tôda a extensão desde as raízes do monte Hermom até ao sul do Mar de Galiléia, a este e a sudeste do Haurã, além dos limites da Palestina, toda a região está semeada de enorme massa de materiais vulcânicos, como sejam basaltos, dolerites, felsitos de épocas recentes, alguns dos quais parecem mais recentes que o plioceno terciário. Encontram-se porções das mesmas rochas vulcânicas na Palestina ocidental, a oeste e a noroeste do Mar de Galiléia e em outros lugares. Ao longo da costa do Mediterrâneo, onde o terreno é baixo e plano estende-se grande linha de dunas de areia, tendo algumas delas 200 pés de altura (66 met.). Estas dunas, principalmente as que estão a sudoeste, pelo menos em parte, devem a sua existência às areias que os ventos trazem dos desertos do Egito e do Sinai. As que se acham mais ao norte devem ter sido formadas pela erosão das rochas calcáreas da Filistia, tendentes a usurpar os terrenos cultivados que lhe são próximos, impelidas pelos ventos que sopram do interior do país. A Palestina acha-se na linha dos movimentos sísmicos na qual se manifestam mais potentes, tanto agora como nos tempos antigos, e na qual certos lugares têm sido seriamente assolados. Em resumo, diremos que a estrutura geológica da Palestina, consiste de um leito de grés vermelho que se estende sobre as rochas primitivas; depois vêm as rochas calcáreas, que formam a massa geral do país, cobertas pelos terrenos de aluvião, e, finalmente, a nordeste surgem as massas colossais das rochas vulcânicas.

4. *Geografia física da Palestina.* São em número de cinco as divisões físicas da Palestina: a planície marítima, a parte baixa ou Sefelá, a cordilheira central, o vale do Jordão e o planalto oriental. Estas divisões formam zonas paralelas e com algumas modificações estendem-se por todo o país, de norte a sul, interrompidas somente pela planície de Esdraelom que corta a linha das montanhas e liga a costa do mar com o vale do Jordão.

1. A planície marítima estende-se pela costa do Mediterrâneo em todo o comprimento do país, cortada apenas pelo monte Carmelo, onde se aperta pelo lado do norte. Ao sul do Carmelo tem seis milhas de largo, aumentando para a região meridional. A planície é ondulada e corre de 100 a 200 pés acima do nível do mar, é muito rica em produções agrícolas. Entre o Carmelo e o Aujá que desemboca no mar ao norte de Jope era conhecida pelo nome de planície de Sarom. Ao sul de Jope demoravam os filisteus.

2. A terra baixa, ou Sefelá, é uma região formada por baixas ondulações, situada entre a planície marítima ao sul do Carmelo e a alta cordilheira central. Formava um terraço à altura de 500 pés (165 met.), sobre o nível do mar. Este nome de terra baixa, aplica-se exclusivamente àquela parte do país, onde existem outeiros pouco elevados, que se estende desde a latitude de Jope, ao sul até Berseba e que é separada da cadeia central por uma série de vales correndo de norte a sul.

3. A cordilheira central é uma continuação das montanhas do Líbano. Ao sul do rio Leontes a alta cordilheira cai em um planalto que atinge a parte setentrional do Mar de Galiléia e do Acre que é a Alta Galiléia. Compõe-se de uma série de montanhas de 2.000 a 3.000 pés de altura (660 a 990 met.). Alguns deles, porém, sobem mais como o Jebel Jermuque que tem 3.934 pés (1.298 met).

A baixa Galiléia é triangular: o Mar de Galiléia e o Jordão até Besã, ficam no lado oriental e a planície de Esdraelom na banda de sudoeste. Consiste de uma série de baixas cordilheiras que

se elevam entre o nascente e o poente com altitudes inferiores às da Alta Galiléia, oscilando entre 400 e 600 pés (122 m. e 198 m), e alguns um pouco mais altos a oeste do Mar de Galiléia. A sudoeste do mar está o monte Tabor em 1.843 pés (608 met.), e mais para o sul, o monte Gelboé com 1.848 pés (543m84). A parte Meridional da Baixa Galiléia desce para a planície de Esdraelom, cujas altitudes não excedem de 200 a 300 pés (66 a 99 metr.). Ao sul da planície de Esdraelom a cordilheira cinde-se em vários lugares por causa dos *wadys* que a atravessam: as montanhas formam grupos esparsos, cujos íntimos recessos são acessíveis pelos lados da planície marítima e do Esdraelom, e pelo vale do Jordão. O Carmelo lança-se para o noroeste como um esporão.

A média das vertentes é de 2.000 pés de altura (660 met.). Mas o monte Ebal tem 3.077 (1.015m 41); e o seu companheiro monte Gerizim 2.849 (940 met.).

De Betel a Hebrom, quase chegando a Berseba na distância de 45 milhas, a cordilheira forma um todo compacto, com escarpas laterais de fundos precipícios pelo lado do oriente e do ocidente com a média de 2.200 pés de altitude (726 met.). Betel, contudo, tem uma elevação de 2.930 pés (967 met.), acima do nível do mar, a parte mais alta de Jerusalém 2.598 (857m34) Belém, 2.550 (831 m 50) e Hebrom, 3.040 (1.003 m 20). Cerca de 15 milhas ao sul de Hebrom desce para o deserto da peregrinação. A sumidade da cordilheira é o estreito tabuleiro que ocupavam as tribos de Benjamim e de Judá. 4. O vale do Jordão é uma abertura enorme que começa na base do monte Hermom, a 1.700 pés acima do nível do mar (561 met.), cercado de altas montanhas, cuja profundidade desce rapidamente à medida que se aproxima do Mar Morto, que está a 1.290 pés abaixo do nível do mar (425 m 70). Posto que não seja uma barreira impossível de transpor, contudo dificulta o livre intercurso entre os povos do oriente e do sul do Jaboque, e das tribos de Judá e Benjamim ao ocidente. 5. O planalto oriental é grandemente fértil, quase todo, a 3.000 pés de altitude (990 metros), estendendo-se desde os penhascos que cercam o vale do Jordão até o deserto da Síria. A garganta do Jaboque divide-o em duas partes. Na parte setentrional torna a sofrer nova divisão pelo Iarmuque ao sul do Mar de Galiléia.

5. *Estradas, principais da Palestina.* As feições físicas é que determinavam o curso dos caminhos. As grandes estradas comerciais e militares que ligavam o Egito aos impérios do oriente atravessavam a Palestina, passando pelo *wady el-Arish* perto de sua entrada, e acompanhando a costa até Gaza, onde se encontrava com a estrada que vinha de Elate e da Arábia, continuando pela planície dos filisteus até Azoto. Um pouco além, bifurcava-se; seguindo, uma, a costa de Jope e de Dor, evitando o monte Carmelo e acompanhando a praia que atravessa o promontório. Neste lugar, a praia tem apenas 600 pés de largura (198 met.), cortada de rochedos. A outra estrada, que era a principal via, continuava desde Azoto, passando por Acarom e Lode, atravessava as montanhas, passando à planície de Esdraelom por uma das três entradas. A estrada ocidental emergia em *Tell Keimum*, dirigindo-se para Acre, Tiro e Sidônia em direção ao norte. A estrada central passava para *el-Lejjum* (Megido), atravessava a planície de Esdraelom e a Baixa Galiléia em direção à Genesaré, costeava o Jordão pelo lado setentrional, e por um de seus ramos penetrava no vale do rio Litani, entre o Líbano e o Antilíbano, em direção a Emate e daqui para o norte. O outro ramo atravessava o Jordão, entre as águas de Merom e o Mar de Galiléia, e seguia para Damasco. A outra via, que era a mais freqüentada, passava da planície marítima para Dotaim e Enganim, onde se dividia, passando um de seus ramos a juntar-se com a estrada que atravessava a Baixa Galiléia, a que já nos referimos e o outro ia a Betsa, onde novamente se dividia e continuando em direção a Gileade, ou a Damasco. Por qualquer destas estradas do norte, poder-se-ia chegar a Carcames junto ao Eufrates. Havia outra estrada, que saía da planície de Esdraelom e se dirigia para o Egito, atravessava a região montanhosa, passando por Samaria, Siquém, Betel, Jerusalém, Hebrom e Berseba. Neste ponto, ramificava-se. A estrada principal que corria ao longo da costa, podia ser atingida tomando-se para o ocidente ou continuando pela estrada de Reobote e de *Ain Muweileh*, e daqui seguindo para o Egito através do deserto. Outra estrada que saía de Betel para Edom, também servia para quem se destinava à capital, dirigindo-se pelo vale do Jordão para Jericó, de onde teria de galgar a estrada alcantilada para chegar a Jerusalém. De Jericó, a estrada continuava, descia para o Mar Morto costeando a praia ocidental em direção a En-Gadi, onde se unia à estrada que vinha de Jerusalém e de Belém, e dali continuava para Edom e Elate, na entrada do mar Vermelho, fundindo-se com os caminhos das caravanas que viajavam do Egito e de Gaza para o sul da Arábia. Veja *Decápolis*. Passava ao oriente do Jordão um caminho por onde transitavam as caravanas, que ia até Damasco abeirando o deserto, vindo do sul da Arábia. A este caminho se juntavam outros que vinham de Betsã através de Gileade, e ainda outro, vindo de Siquém para o *wady Farah* e dali para o vau do Jordão abaixo da foz do Jaboque, donde passa para Rabá, e, finalmente, outro caminho que saía do vau em Jericó de passagem para Hesbom. A ocidente do Jordão, a Galiléia era cortada por uma estrada vinda do Acre que se juntava ao caminho de Damasco, perto do lugar onde vadeia o Jordão a meio caminho das águas de Merom e o mar de Galiléia. O planalto ocupado pelas tribos de Judá e Benjamim oferecia certas dificuldades de acesso a quem vinha da região marítima. Havia, porém, um caminho que subia da planície do Sarom de *Nahr el-Aujah* (Antipátride) para os lados de sudeste em direitura à região serrana que se unia em um ponto à estrada que vinha de Samaria a Jerusalém a duas milhas (3.704 met.), a sudoeste de Betel.

Do porto de Jope saía uma estrada para Jerusalém passando pelo vale de Aijalom e de Bete-Horom. De Azoto chegava-se mais rapidamente à capital, indo-se pelo *wady es-Surar* e por Bete-Sames. Outro meio de chegar a Jerusalém e também a Belém era tomar o *wady es-Sunt* por detrás de Socote. O acesso para a região das serras nas vizinhanças de Hebrom, fazia-se pelo *wady el-Afranj*, passando por *Beit Jibrin* e pelo *wady el-Hesy* em Laquis.

6. *Meteorologia da Palestina.* Os grandes contrastes das feições físicas da Palestina, deram-lhe variedade de clima desde as neves eternas do Hermom até aos calores abrasadores do vale do Jordão em Jericó e En-Gadi. A temperatura média em Jerusalém no mês de janeiro, que é o mês mais frio do ano, é de cêrca de 49.4 Farnt, e o frio mais rigoroso é de 28 graus Farnt. A temperatura média em agosto é de 79.3 e o maior calor é de 92 graus à sombra. Veja *Ano*.

7. *Botânica da Palestina.* Em virtude da grande variedade de climas, encontram-se ali as plantas de todas as latitudes. Tristram mostrou que das 3.002 plantas florescentes e fetos, que se conhecem, grande número para tão pequeno país 2.563 são Paleárticas, a maior parte das quais pertence à secção do Mediterrâneo; 161 são da Etiópia, 27 são da Índia, e 251 do próprio país. Na região que liga as montanhas do Tauro e o ponto sul da península do Sinai, e na que medeia entre o Mediterrâneo e o deserto da Síria, o Dr Post encontrou 850 gêneros e cêrca de 3.500 espécies de plantas.

8. *Zoologia da Palestina.* A distribuição das diversas espécies de animais regula essencialmente

com as das plantas. Das 113 variedades de mamíferos que lá se encontram, Tristram diz que 55 pertencem à região paleártica, a mesma a que pertencem as nossas espécies européias; 34 à Etiópia; 16 à Índia e 13 à própria Palestina. A mesma espécie, às vezes, é comum a duas regiões. Das 348 espécies de pássaros 271 eram da Paleártica; 40 da Etiópia; 7 da Índia e 30 peculiares à Palestina. Dos 91 répteis e anfíbios, 49 eram da Paleártica, 27 da Etiópia, 4 da Índia e 11 próprios do país. Das 43 qualidades de peixes de água doce, 8 eram da Paleártica, 2 da Etiópia, 7 da Índia e 36 peculiares à Palestina. Tanto as plantas como os animais, dos tipos africanos e indianos, vieram, principalmente, da região em torno do Mar Morto, e a parte menos numerosa, pertence ao vale do Jordão.

9. *Etnologia da Palestina.* Os aborígenes da Palestina eram indivíduos de uma raça robusta e de elevada estatura, de que faziam parte os enaquins, Js 11. 21, 22, os refains, Gn 14, 5, os horreus, os emins, e os zanzumins, Dt 2, 10-23. Traços das primitivas raças continuaram a existir ainda nos tempos da monarquia, 2 Sm 21, 16-22. Quando Abraão ali chegou, todo o país era ocupado, principalmente, pelos amorreus e por outras tribos menores de Canaã; mas os filisteus e os fenícios, ocupavam as costas do Mediterrâneo, e os heteus habitavam a fronteira norte e em Hebrom. Os heteus eram oriundos das montanhas do Tauro. Os filisteus tinham vindo do ocidente. Os cananeus, inclusive os fenícios, ou pertenciam à raça hamítica pelo sangue, ou a ela se incorporaram, Gn 10. 6, 15-20, e adotaram o idioma semítico. Estes vários povos foram conquistados, mas nunca inteiramente exterminados pelos hebreus, sob o comando de Moisés e de Josué. A entrada ocasional dos edomitas, dos amonitas e dos moabitas pela conquista e pela emigração, não inoculou novo sangue, porquanto eram povos da mesma raça semítica, e, como os hebreus, descendentes de Abraão. A conquista das tribos aramaicas, como elemento estranho à república de Israel, veio aumentar a raça semítica. Depois da queda de Samaria, os assírios deportaram as tribos israelitas estabelecidas ao norte e a oeste e introduziram em seu lugar colonos vindos de Emate, de Babilônia e de Elã, 2 Rs 17. 24; Ed 4. 9, na sua maioria semitas e arianos. Seguiu-se larga emigração de gregos por ocasião da conquista de Alexandre, o Grande, que colonizaram a Ptolemaida, construíram as cidades gregas de Decápolis e introduziram a língua grega, alteraram os costumes e a cultura social. Mais tarde os oficiais romanos e as tropas do império ocuparam o país e ultimamente se estabeleceram colônias romanas. No segundo quartel do sétimo século da era cristã, o país foi subjugado pelos maometanos, que implantaram nas cidades e vilas, colônias militares. No ano 1086 aparecem os turcos conquistadores na Ásia ocidental, e daí por diante a Palestina, com pequenas interrupções, sofreu o seu jugo, até que passou a ser um mandato da Sociedade das Nações. Este elemento étnico, os turcos, é muito resumido no país.

10. *História da Palestina.* A história primitiva da Palestina, antes da chegada de Abraão, é muito obscura. A sucessão de raças que habitavam o país, só pode ser conhecida pela história hebraica, como já se disse. Os reis de Babilônia em breve iniciaram a invasão do ocidente. A campanha de Quedorlaomer na Palestina oriental no tempo de Abraão, acha-se descrita no cap. 14 de Gênesis. Os babilônios introduziram ali a cultura, inclusive a sua escrita complicada e a sua linguagem como médium das comunicações internacionais. Depois da expulsão dos reis pastores que dominavam no país do Nilo, os grandes faraós da décima oitava dinastia estenderam o seu domínio no centro da Ásia. Totmés III conquistou Canaã e impôs tributos sobre todas as nações até além do Eufrates. Durante o reinado de Amenófis III e do IV que o sucedeu após pequeno intervalo, a terra de Canaã esteve ocupada por forças egpcíacas e governadas por delegados do mesmo país. Pouco a pouco, o poder faraônico decresceu. Os heteus ameaçavam as fronteiras do norte, ocupavam vários lugares do país; não havia garantias; os diversos estados fomentavam a rebelião e várias tribos alargavam os seus limites em prejuízo do domínio egípcio. Na dinastia seguinte, Seti I invadiu a Palestina e guerreou com os heteus no Orontes. Ramsés II fez o mesmo, passando além. Os exércitos de Meneptá devastaram a região do sul, as costas da Filístia e destruíram as colheitas dos israelitas, ainda acampados no deserto perto de Cadesbarnéia. Veja *Egito e Faraó*. Ramsés III, da vigésima dinastia, fez correrias na Palestina antes da entrada dos israelitas. Reduzidas as forças do país por causa das guerras constantes, apareceram em cena os hebreus. Dirigidos por Moisés conquistaram a região ao oriente do Jordão; e no ano seguinte, capitaneados por Josué, atravessaram o rio e, após repetidas campanhas, apoderaram-se de Canaã. Daí então, até a tomada de Jerusalém, no primeiro século da era cristã, a história da Palestina é, em geral, a história do povo hebreu. Veja *História*.

II. Topografia da Palestina. Existiam 622 cidades situadas a oeste do Jordão, cujos nomes se encontram na Bíblia e nos Livros Apócrifos. Antigos documentos fazem referência nominal a muitas destas cidades. Em 1874 Mariette Bey publicou listas geográficas tiradas das lâminas que ornavam o pescoço das figuras dos cativos, representadas no grande pórtico do templo de *Karnak*, pertencentes ao reinado de Totmés III. Há 118 nomes, dos quais, não menos de um terço, derramam luz sobre a topografia da Palestina e sobre o livro de Josué. Nas inscrições encontradas em *Tell el-Amarna*, lêem-se muitos nomes de cidades da Palestina dos tempos de Amenofis III e IV. Outras referências se encontram nos escritos contemporâneos da Assíria, especialmente em documentos que se referem às campanhas da Palestina. Euzébio, bispo de Cesaréia, na primeira metade do quarto século da era cristã, escreveu um tratado dos nomes e lugares da Terra Santa, contidos nas Santas Escrituras que foi traduzido e ampliado por S. Jerônimo, residente em Belém um século depois. Esta obra é conhecida geralmente pelo nome de Onomástico de Euzébio e Jerônimo.

As notícias acerca da situação dos lugares antigos da Palestina, segundo as informações colhidas por autores eruditos, são muito valiosas e às vêzes absurdas. As informações que Reland obteve e publicou em 1714, e as viagens de Seetzen e de Burkhardt, especialmente ao oriente do Jordão, no princípio do século atual, abriram o caminho para as investigações sistemáticas e científicas dirigidas pelo Dr. Robinson. Este grande explorador visitou a Palestina em 1838, acompanhado pelo Rev. Dr. Eli Smith, seu antigo discípulo, e missionário americano em Beirute, que muito contribuiu para o êxito da empresa, graças aos seus conhecimentos do árabe. Procurou saber dos naturais do país, com absoluta exatidão, os nomes de certas ruínas e de lugares desabitados, que conservavam quase sempre, os mesmos nomes hebraicos, ainda que levemente modificados pela pronúncia dos lábios árabes. As descobertas por eles feitas na topografia da Palestina, forneceram assunto para três volumes em oitavo que o Dr. Robinson publicou em 1841. De novo ele voltou à Palestina para continuar suas pesquisas acompanhado pelo Rev. Dr. Eli Smith e outros em 1852. Fizeram novas descobertas condensadas em seu novo livro: *Later Biblical Researches*, 1856. O Dr. Robinson publicou as suas observações muito exatas com juízos muito sãos, enriquecidas de grande erudição. Algumas das suas conclusões que foram então contestadas, agora são geralmente aceitas. A 22 de junho de 1865, organizou-se na Inglaterra uma associação com o nome de *The Pa-*

lestine Exploration Fund, para continuar os trabalhos de exploração, com intuitos puramente científicos, visando estudar a Terra Santa. Foi daí o início do levantamento de uma carta topográfica de grande parte da Palestina, e construiu soberbo mapa do país em vinte e seis folhas, importante aquisição de resultados permanentes. A associação continuou com as escavações especialmente em Jerusalém e em Laquis. Resultou daí a identificação local de muitos lugares mencionados na Bíblia, com muita exatidão de alguns, e com muita probabilidade a de muitos outros.

PALHA

A palha do trigo e da cevada seca e cortada em pedaços e algumas vezes misturada com grãos e cevada servia de alimento para o gado, camelos, bêstas e cavalos, Gn 24. 25, 32; Jz 19. 19; 1 Rs 4. 28; Is 11. 7. Os egípcios misturavam palha com o barro no fabrico de tijolos para dar-lhes maior consistência. Quando Faraó suspendeu aos escravos israelitas o fornecimento da palha, estes foram obrigados a ir buscá-la nos campos e a ajuntá-la para si, Ex 5. 7, 12, 16. Parece que os antigos hebreus não usavam forrar os leitos com palha. Hoje, na Palestina, emprega-se para este fim o estrume seco do gado.

PALMEIRA

Nome de uma árvore que em hebreu se chama *tamar*, *timorah* e *tomer* e em grego, *phoinix*, de elevada altura, Ct 7. 7, 8, ereta e desempenada, Jr 10. 5, árvore frutífera, Jl 1. 12 e de ornamentação, esculpida em várias partes do templo de Salomão e em outros santuários, 1 Rs 6. 29, 32, 35; Heród. 2. 169. As suas grandiosas folhas simbolizavam a vitória e a paz, 1 Mac 13. 51; 2 Mac 10. 7; Jo 12. 13; Ap 7. 9, e tem o nome de palmas, Lv 23. 40; Ne 8. 15; Jo 12. 13, que não é botânicamente correto. As palmeiras não têm ramos. A tamareira, geralmente encontrada na Palestina, não é exceção a esta regra. As folhas são grandes, semelhantes apenas na sua forma e têm o comprimento de 4 a 6 pés (1 m 32 a 1 m 98). Facilmente acessível, servindo de apoio para a subida, os pequenos rebentos que cercam o tronco. As palmeiras florescem nas margens do Nilo. Em Elim, no deserto perto do Mar Vermelho, os israelitas acamparam-se à sombra de setenta palmeiras, Ex 15. 27. Cresciam em Edom (Virg. Geórg. 3. 12), em várias partes da Judéia (Plínio Hist. Nat. 5. 14), no vale do Jordão em Jericó, em En-Gadi e nas costas do Mar de Galiléia, Gn 14. 7; Dt 34. 3; Ecclus. 24. 14; Antig. 9. 1, 2; Guerras 1. 8, 6; 3. 10, 8; ao sul de Judá, Js 15. 31, 49, com os nomes de Sensena e Cariatsena, no Monte de Efraim perto de Betel, Jz 4. 5; 20. 33, e perto de Jerusalém, Ne 8. 15; Jo 12. 13. Encontravam-se também no deserto ao oriente de Damasco, na cidade que tinha o seu nome, que tal é a significação de Tadmor, Tamar e Palmira; floresciam nos vales do Tigre e do Eufrates, Heród. 1. 193. Os gregos e os romanos tinham a palmeira como a árvore característica da Palestina e das nações vizinhas. A Fenícia tirou o seu nome do grego com que se designava a tamareira. A medalha comemorativa que os romanos fizeram cunhar, quando tomaram Jerusalém, representava uma mulher, emblema do país, assentada e mui triste debaixo de uma palmeira. Veja *Jerusalém* e *Dinheiro*. Esta árvore tão comum na Palestina, tem quase desaparecido dali, exceto na planície marítima da Filístia e das vizinhanças de Beirute. Agora está sendo cultivada perto de Jericó. As palmeiras mencionadas nas Escrituras, são em geral as tamareiras, *Phoenix dactylifera*, que se erguem a 60 e 80 pés de altura (20 e 27 mets.), com um tronco só muito direito e de grossura uniforme assinalado pelas cicatrizes das folhas caídas, coroado por uma coma de folhas de perene verdura. Avalia-se a duração de uma palmeira de cem a duzentos anos. O emprego desta planta em usos domésticos, é muito variado. As folhas servem para cobrir as casas, para fechar as paredes, para cercar terrenos, para tecer esteiras e fazer cestos. Quando se fere a espata, deixa sair um líquido doce e aromático que, pela evaporação, produz açúcar, e que também, depois de fermentado, ou submetido ao processo da destilação, dá um líquido fortemente alcoólico a que chamam *arrack*. Guerras 4. 8, 3; Heród. 1. 193. Os frutos que ela produz anualmente em numerosos e abundantes cachos, são muito valiosos como elemento substancial. As sementes duras, depois de trituradas, oferecem bom alimento para o camelo do deserto. Outras espécies de palmeiras eram familiares aos israelitas, como, por exemplo, a palmira que se dá em Tadmor do deserto, a *Borassus flabelliformis*, que quer dizer que as suas folhas se assemelham a leques.

Tamareira

PALMO

A largura da mão estendida, Ex 25. 25. O Salmista emprega esta medida como símbolo da brevidade da existência humana, Sl 39. 5; medida da dimensão das bordas das mesas destinadas aos holocaustos em Ez 40. 43.

PALTI, *Libertado por Deus.*

1. Nome de um dos espias que representava a tribo de Benjamim, Nm 13. 9.

2. Nome de um homem com quem Saul casou sua filha Micol, mulher de Davi, sendo-lhe mais tarde arrebatada e entregue novamente a Davi, 1 Sm 25. 44; 2 Sm 3. 15.

PALTIEL, *Salvação por Deus.*

Nome de um príncipe da tribo de Issacar e contemporâneo de Moisés, Nm 34. 26.

PALU, *Notável.*

Nome de um dos filhos de Rúben e fundador de uma família tribal, Gn 46. 9; Ex 6. 14; Nm 26. 5.

PANAGUE

Nome de um produto da Palestina que os tírios, compravam, Ez 27. 17. O Targum judaico dava este nome a uma espécie de confecção.

PANELA

Tradução da palavra hebraica *sir*, muito usada para designar as vasilhas de vários tamanhos, 2 Rs 4. 38, fabricadas de barro ou de metal, Ex 38. 3, destinadas a diversos usos, tais como: cozinhar carnes, 16. 3; 2 Cr 35. 13; Jó 41. 31; e Ez 24. 3-5, para lavar, Sl 60. 8, para refinar metais, Pv 27. 21. O vocábulo *dud*, também designa uma espécie de panela, Jó 41. 20, em 1 Sm 2. 14, marmita, e em Mq 3. 3, caldeirão. Em Jó 41. 22, também se diz panela. A água para uso doméstico era conservada em panelas de barro ou de pedra, chamadas talhas, Jo 2. 6.

PANFILIA. Os gregos representavam por este nome a reunião de muitas tribos.

Nome de uma faixa de terra que se estendia pela costa da Ásia Menor, limitada ao norte pela Pisídia, ao sul pelo golfo do Mediterrâneo, denominado mar da Panfília, por onde passou o apóstolo S. Paulo, At 27. 5; ao oriente, pela Cilícia e a oeste pela Lícia e parte da Frígia. A Panfília continha comunidades judaicas, 2. 10. S. Paulo visitou as cidades de Perge e Atália situadas neste território, quando fez a sua primeira viagem missionária, At 13. 13; 14. 25; 15. 38.

PÃO[1]

Massa de farinha de cevada ou de trigo, 2 Rs 4. 42; Jo 6. 9; Lv 23. 17; com Ex 34. 22, para o fabrico de pães de forma arredondada, Ex 29. 23; Jz 8. 5, em hebraico *Kikkar*, feitos de tamanho conveniente para serem levados ao forno, e facilitar o seu transporte, 1 Sm 10. 3; Mt 14. 17; Jo 6. 9.

PÃO[2]

O pão de que usavam os israelitas tinha a forma de pequeno bolo, feito de farinha de trigo ou de cevada. Os grãos eram triturados em um moinho manual e o pão se fazia diariamente. Quando se precisava comer o pão no mesmo dia, não levava fermento, Gn 19. 3; 1 Sm 28. 24. O processo de levedar o pão não levava tempo a se executar, Mt 13. 33. O pão que devia aturar uns oito dias tinha de ser fermentado. A farinha era amassada com água e poderia ser fermentada logo depois deste processo. Na primeira páscoa, a massa já estava mexida nas masseiras, mas sem fermento, até ao momento em que foi dada a ordem de marcha, Ex 12. 34. O forno em que se cozia o pão era portátil e consistia em uma vasilha de barro, aquecida no fogo, em cujos lados depositavam o pão amassado. Outro processo consistia em assar os bolos de farinha em uma vasilha côncava, parecida com uma das nossas frigideiras, caçarolas, ou sertãs, Lv 2. 4. previamente aquecida, que, depois de expurgada das cinzas e das brasas, cobrem cuidadosamente e assim fica durante a noite. Este processo devia ser muito familiar aos israelitas. Geralmente, eram as mulheres as encarregadas deste serviço, Gn 18. 6; 1 Sm 8. 13; Lv 26. 26; Jz 6. 19, mas nas grandes casas, eram os escravos; nas cidades, o pão era vendido pelos padeiros, Jr 37. 21; Os 7. 4, 6. No capítulo 2 de Levítico encontra-se uma lista das diferentes espécies de pão aceitáveis para as oblações. O pão é o símbolo de tudo quanto serve para alimentar o corpo, Lc 11. 3.

PARÁ, *Vitela.*

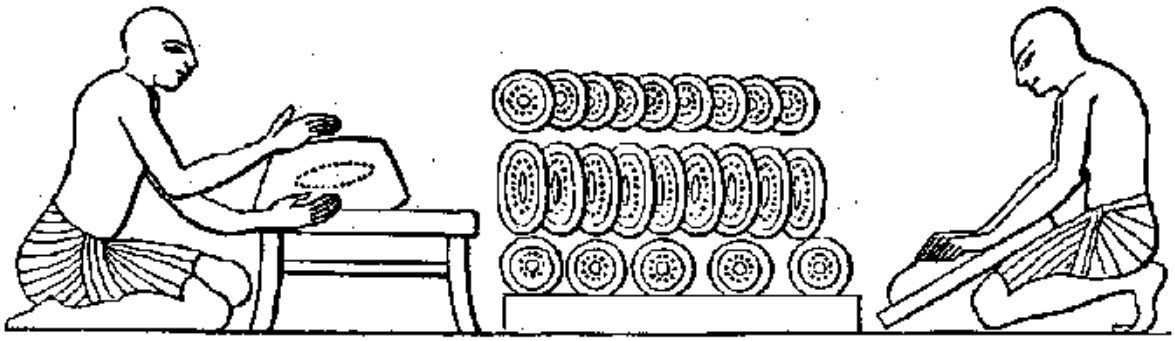
Nome de uma aldeia de Benjamim, Js 18.23, identificada com as ruínas *Farah* no *wady Farat*, a cêrca de 10 quilômetros a nordeste de Jerusalém.

PARÃ, *Região das cavernas.*

Nome de um deserto entre o Sinai, ou mais exatamente entre Haserote e Canaã, a alguns dias de marcha desde o Sinai, Nm 10. 12; 12. 16. Estava ao sul de Judá, 1 Sm 25. 1-5. Neste meio estava situado Cades, Nm 13. 26, e também Elate sob o Mar Vermelho, Gn 14. 6. Ficava no deserto de Bersabé e de Sur, Gn 21. 14, 21; cp. 25. 9, 12-18; 28. 9. Incluía o deserto de Sim, ou insensivelmente fundia-se nele sem limites determinados, Nm 13. 26; 20. 1. Estes dados indicam o planalto ou terras montanhosas, Dt 33. 2; Hb 3. 3, situadas ao sul de Canaã, limitadas por outros lados pelo deserto de Sur, pela curva da cordilheira chamada *Jebel et-Tih*, ou montes da peregrinação e pelo Arabá. É este o deserto em que os israelitas peregrinaram trinta e oito anos. A maior parte dele ficava a 2.000, 2.500 pés acima do nível do mar (600 m 825 metros). Existe um *wady* ou vale, na Península do Sinai, chamado *wady Feiran*, que muito se parece com o nome Parã, ligeiramente alterado. Niebhur pensa que seja o local onde estiveram os hebreus, mas é muito difícil harmonizar esta opinião com a Escritura. Robinson e Stanley também a repudiam. O *wady Feiran* está entre o Monte Sinai e o Mar Vermelho. O Parã acha-se distante do Sinai algumas jornadas, em direção oposta.

PARÁBOLA

Método empregado no discurso por meio do qual as verdades morais ou religiosas se ilustram pela analogia com fatos da vida comum. A comparação pode fazer-se por meio de palavras semelhantes, ou pela idéia contida na parábola. Os limites entre parábola, símile e metáfora não estão bem determinados. Muitas vezes nota-se pequena diferença: o símile e a metáfora são breves, ao passo que a parábola é comparativamente longa. "Vós sois a luz do mundo" é uma metáfora. "Como um cordeiro mudo diante daquele que o tosquia" é um símile. Mas "O reino dos céus, é semelhante ao fermento que uma mulher esconde em três medidas de farinha até que toda ela fique



Padeiros egípcios

A terra e as pedras quentes também serviam para assar o pão em casos de urgência, 1 Rs 19. 6; Gn. 18. 6. Os beduínos, ainda hoje, preparam o pão, metendo-o em uma cavidade, feita no chão, levedada", é uma parábola, Mt 13. 33. A parábola tem certas vantagens. Uma delas é que este meio de comunicar a verdade, faz que ela se fixe na memória mais fortemente do que o pode fazer

uma lição didática bem elaborada. Por exemplo, nenhuma exposição didática seria capaz de pôr em evidência a boa vontade de Jesus para receber os pecadores, que produzisse o efeito da parábola do Filho Pródigo, Lc 15. 11-32. Outra vantagem da parábola é servir de meio para repreender alta personagem, que não havia de consentir acusações diretas à sua pessoa. É possível fazê-las por meio de uma parábola habilmente construída, para prender a sua atenção e condenar-se a si próprio pelo que a parábola descobre. Foi isto que fez o profeta Natã com muita perícia quando foi ter com o rei Davi para reprovar o grande crime praticado contra Urias, heteu.

As principais parábolas do Antigo Testamento são: A das árvores escolhendo um rei, Jz 9. 8-20, a da ovelhinha, 2 Sm 12. 1-14, a da viúva, um dos filhos da qual matou o outro, 2 Sm 14. 4-20, a do soldado que deixou escapar o prisioneiro, 1 Rs 20. 35-42, a do cardo do Líbano que pediu ao cedro que lhe desse a filha em casamento a seu filho, 2 Rs 14. 9-11, a da vinha, Is 5. 1-7, a das duas águias, Ez 17. 1-10, a dos leõezinhos e sua mãe, 19. 1-9, a de Oola e Oolíba, 23. 1-49, e a da marmita ao fogo, 24. 1-14.

Uma importante parte dos ensinos de Jesus constou de parábolas. Quando se fala em parábolas da Escritura, logo vêm à idéia as de Jesus. Ele usou este meio de ensinar em todos os períodos de sua vida de ministério público, Mc 3. 23; Lc 6. 39; 7. 40-50. Houve um período de sua vida pública em que ele empregou em mais larga escala este método de ensino, Mt 13. 3; Mc 4. 2. Há duas razões que explicam este fato. Uma delas é o de S. Mateus, quando diz: "Porque assim foi dito pelo profeta", Mt 13. 34, 35; cp. Sl 49. 4; 78. 2, 3. A outra é dada por nosso Senhor mesmo, explicando a primeira. Usava de parábolas porque não era dado a ouvintes conhecer os mistérios do reino dos céus para que, vendo não vejam, e ouvindo não entendam, Mt 13. 10-16. Este modo de explicar; tem sido interpretado como sendo um meio de vestir as verdades de modo a gravá-las mais indelèvelmente na memória de seus ouvintes e torná-las mais inteligíveis. Isto é verdade em referência a certa classe de parábolas, cujo sentido em alguns casos explicava particularmente. Queria ele dizer que o seu auditório, em geral, não estava preparado para ouvir e crer as verdades espirituais de seu reino; e enquanto não chegasse o tempo em que as ensinaria a seus discípulos que teriam de continuar a sua obra depois de partir para o céu, Mc 4. 33, 34. As verdades ficavam por este modo escondidas àqueles que as ouviam sem arrependimento; ele as enunciava cautelosamente aos ouvidos de seus obdurados inimigos que andavam buscando alguma palavra que servisse de acusação contra ele velando-se ao mesmo tempo às multidões inconstantes, que recusariam ouvi-lo, se alcançassem o valor delas, Mc 4. 11, 12.

Com apenas uma exceção, Mt 18. 23-35, as parábolas contidas nos evangelhos e que deram feição proeminente aos ensinos de Jesus, podem ser classificadas em três grupos. I — Oito ilustrando a natureza do reino dos céus, Mt 13. 1-50; Mc 4. 26-29, seguidas por outra que lhes ampliava o sentido, Mt 13. 51, 52. Estas foram proferidas à beira do Mar de Galiléia durante um dia, 13. 1, 53, e encerram cinco verdades fundamentais. (1) O semeador e a semente ilustrando os vários modos pelos quais o Evangelho é recebido pelas diferentes classes de corações. (2) A cizânia e o trigo ilustrando a existência do mal entre o bem. (3) A semente que brota secretamente, a semente de mostarda, o fermento, mostrando o desenvolvimento da igreja de um modo imperceptível, tanto interna como externamente. (4) O tesouro escondido e a pérola de grande preço, pondo em evidência o valor do reino dos céus e a necessidade de alcançá-lo à custa de sacrifícios. (5) A rede, colhendo toda casta de peixes, representando a existência da igreja visível composta de elementos vários e assim continuando até ao fim do mundo. II — Mais cerca de dezenove parábolas ilustrando o reino dos céus na vida individual, Lc 10. 25 até cap. 19, exceto 13. 18-21. A maior parte delas, Jesus as proferiu depois que saiu de Galiléia no espaço de seis meses entre a festa dos tabernáculos e a última páscoa incluindo a parábola do bom samaritano, a do amigo à meia-noite, a do homem rico com os seus celeiros, a dos servos esperando a seu senhor, a da porta fechada, a do lugar de honra, a da grande ceia e dos que a ela se escusaram, a da ovelha perdida, a das dracmas perdidas, a do filho pródigo, a do servo infiel, a do rico e Lázaro, a dos deveres dos servos, da viúva importuna, a do fariseu e do publicano, e a dos marcos. III — Cinco ou seis segundo Mt 24. 32-35, proferidas durante a última semana em Jerusalém, falando do julgamento e da consumação do reino. A atitude dos que são chamados para o reino de Deus é ilustrada pelas parábolas dos dois filhos e dos que arrendaram a vinha, Mt 21. 28-46, a necessidade das vestes nupciais, o dever da vigilância e da fidelidade é igualmente ilustrado na parábola das bodas do filho do rei, na das dez virgens e dos cinco talentos, Mt 22. 1-14; 25. 1-30. A interpretação das parábolas exige um estudo muito cuidadoso das circunstâncias em que foram proferidas e da doutrina, ou argumentos que elas tinham em vista. Feito isto, logo se descobre a sua aplicação universal adaptada em todas as circunstâncias análogas e em todos os tempos.

PARAÍSO

Lugar de delícias, jardim que em hebreu se diz *pardês*, Ec 2. 5; Ct 4. 13, em Ne 2. 8, também se diz bosque. Os jardins de Salomão em Etã e os jardins suspensos de Babilônia tinham o nome de paraísos no texto grego de Josefo, Antig. 8. 7, 3; contra Apiom 1. 20. O jardim do Éden chama-se paraíso, *paradeisos*, do Éden na Versão dos Setenta, Gn 2. 8. O Paraíso era a região de bênçãos que o homem perdeu, naturalmente serve para designar o lugar destinado para os justos depois da morte. Os judeus faziam distinção entre paraíso superior e paraíso inferior, o primeiro era uma parte do céu e o segundo uma divisão do Hades destinado às almas dos justos.

Em o Novo Testamento a palavra paraíso, quer dizer céu em dois lugares distintos, 2 Co 12. 4; cp. com v. 2; Ap 2. 7; cp. 22. 2. Veja *Céu*. E por isso naturalmente é tomada na mesma acepção em Lc 23. 43. *Ver Jardim.*

PARALISIA

Perda total ou parcial da sensibilidade, do movimento voluntário, ou de ambos em uma ou mais partes do corpo, Mc 2. 3, 9-12; At 9. 33-35. É produzida por enfermidade do cérebro, da coluna vertebral, ou por afecção particular dos nervos. Sob esta denominação, os antigos incluíam uma variedade de doenças que atacavam os músculos.

PARBAR, *Colunata.*

Recinto do templo, situado ao lado ocidental, no átrio externo, 1 Cr 26. 18, onde estavam as celas dos oficiais e os estábulos para o gado, 2 Rs 23. 11.

PARDAL

Tradução da palavra hebraica *Sippor*, pássaro, nos salmos 84. 3; 102. 7; Pv 26. 2.

Assim a encontramos traduzida em sentido geral, designando pássaro ou ave, Sl 8. 8; 148. 10; Ez 17. 23. Pode também referir-se à ave de rapina, Jr 12. 9; Ez 39. 17, como o corvo, apesar de alimentar-se de carniça; pode também referir-se a algumas das aves consideradas limpas pela lei cerimonial e próprias para a alimentação, Lv 14. 4; Ne 5. 13, aves que vivem nas montanhas ou nas cidades, Sl 11. 1; 84. 3, constroem os ninhos nas árvores, no solo ou em torno das habitações humanas, Dt 22. 6; Sl 84. 3. O termo

compreende rolas ou pombas, Gn 15. 9, 10. A etimologia da palavra indica, no primeiro exemplo, pássaros que gorjeiam, como o pardal e outros da mesma espécie. A palavra grega *Strouthion*, empregada em o Novo Testamento refere-se a qualquer pássaro pequeno, especialmente ao pardal que servia para comer e era comprado no mercado, Mt 10. 29; Lc 12. 6, 7.

O pardal que se aninha nas casas, *Passer domesticus*, encontra-se em toda a Europa, ao norte da África e a oeste da Ásia, e é muito abundante nas cidades marítimas da Palestina. Há duas espécies de pardais ao sul da Europa, de relações muito íntimas: o pardal italiano, *Passer italiae*, e o pardal dos pântanos, *Passer hispaniolensis*. Este último encontra-se no vale do Jordão, onde se multiplicam abundantemente sobre as árvores. O pardal das árvores, *Passer montanus*, relaciona-se intimamente com o pardal das habitações; talvez que na Palestina não se fizesse distinção entre um e outro. Os pardais que freqüentavam o recinto do templo, muito comuns no Monte das Oliveiras, os escritores autorizados davam-lhe o nome de pardais das árvores. Outra espécie de pardal, *Passer moabiticus*, encontra-se nas vizinhanças do Mar Morto, porém é raro. O pardal das rochas, ou pardal bobo, *Petronia stulta*, encontra-se nas cordilheiras da Palestina, e nunca procura abrigar-se nas casas. Diz o Dr. Thomson que um pardal que perde o seu companheiro, encontra-se muitas vezes pousado no cume de um telhado lamentando o seu isolamento, cp. Sl 102. 7. Tristram julga que esta passagem se refere ao tordo azul, *Monticola cyanus*, pássaro solitário que pousa em cima das habitações, soltando pios monótonos e plangentes.

PARMENAS, *Fiel.*

Nome de um dos sete homens eleitos para acudirem às reclamações das viúvas dos gregos sôbre a distribuição dos socorros na igreja de Jerusalém, At 6. 5.

PARNA

Nome de um zabulonita, Nm 34. 25.

PAROS, *Pulga.*

Nome do fundador de uma família. Alguns de seus membros voltaram do cativeiro babilônico, Ed 2 3; 8. 3. Pedaías pertencia a esta família, Ne 3. 25. Outros membros casaram-se com mulheres estrangeiras das quais se separaram, induzidos por Esdras, Ed 10. 25.

PARRA

Planta trepadeira, armada de varas delgadas, que se estendem e se prendem por meio de gavinhas à maneira das aboboreiras, 2 Rs 4. 39. A palavra parra aplica-se à bem conhecida videira, *Vitis vinifera*. É planta indígena da Ásia ocidental, ao sul do Mar Cáspio, cp. Gn 9. 20, 21, e largamente cultivada no Egito, 40. 9-11; Sl 78. 47. As esculturas egípcias do antigo império, anteriores a José, representam as vinhas, as latadas com uvas, os lagares e o modo de fabricar o vinho. O solo e o clima da Palestina favoreciam muito êste gênero de cultura, já existente em Canaã, Gn 14. 18. Há referências a ela, nas terras baixas da Filístia, em Jezrael e na planície de Genesaré, Jz 15. 5; 1 Rs 21. 1; Guerras 3. 10, 8, e especialmente nos distritos montanhosos, perto de Hebrom, de Silo e de Siquém, Nm 13. 23; Jz 9. 27; 21. 20; Jr 31. 5. Fazem-se referências especiais às vinhas do vale de Escol, *Vale do Cacho*, na terra de Judá, Nm 13. 23, de Engadi, Ct 1. 13, no vale do Mar Morto, de Hesbom, de Eleale e de Sibma, além do Jordão, Is 16. 8-10; Jr 48. 32, e do Líbano, Os 14. 7. Havia muita diferença de valor entre as vinhas escolhidas e as plantas degeneradas que só produziam labruscas, Is 5. 2; Jr 2. 21. Israel é comparado a uma vinha, Sl 80. 8-16, e nosso Senhor a uma videira e os seus verdadeiros discípulos, às varas da videira, Jo 15. 1-8. Ordinariamente as vinhas eram plantadas nos altos para esse fim preparados, Is 5. 1; Jl 3. 18. Cercavam-nas com uma sebe, ou com um muro de pedras para defendê-las dos ladrões e dos animais daninhos, levantavam uma torre no centro para os vigias, e construíam lagares para pisar as uvas, que às vezes eram cavados na rocha, Is 1. 8; 5. 1-7; Mt 21. 33-41. Alugavam servos para trabalhar nas vinhas, 20. 1-16, porque era necessário podá-las, cavar em torno das plantas e livrá-las das ervas daninhas, Lv 25. 3; Pv 24. 30, 31; Is 5. 6; Jo 15. 2. As videiras estendiam-se pelo chão, sem apoio para o tronco, somente as varas que davam frutos é que eram suspensas e amarradas a estacas, Is 16. 8; Ez 17. 6; Plínio, Hist. Nat. 17. 35, 15. Outras videiras eram suspensas às árvores, ou plantadas em linha, com espaço de 8 a 10 pés entre si, amarradas em palanques, onde cresciam à altura de 6 pés. As uvas eram geralmente vermelhas, Is 63. 2; Ap 14. 19, 20. Atualmente cultivam mais a uva branca em Belém e em Hebrom. Os cachos começam a amadurecer no mês de agosto; em outros lugares mais favorecidos pelo clima, amadurecem antes. Comiam-nas frescas ou secas, Nm 6. 3; Dt 23. 24. As secas ou passadas conservavam-nas em cachos, ou prensadas e serviam de alimento, 1 Sm 25. 18; 1 Cr 16. 3. O suco das uvas espremidas, bebia-se fresco ou depois de fermentado. Veja o artigo *Vinho*.

A colheita começava nos meados de setembro e ia até fins de outubro. Era uma estação alegre e festiva: cantava-se nas vinhas, durante a apanha dos cachos; e nos lagares, os pisadores entoavam alegres canções, Jz 9. 27; Is 16. 10; Jr 25. 30; 48. 33.

PARRA SILVESTRE

Tradução da palavra hebraica *Pakkuoth*, que racha, que explode. É fruto de uma parreira brava que dá na Palestina e que floresce, quando as outras plantas murcham por falta de umidade. Um dos filhos dos profetas saiu para apanhar umas ervas bravas, e achou uma como parra silvestre e colheu dela umas frutas de que encheu a sua capa, lançou-as em uma panela para cozinhar. Feito isto, deram-nas aos companheiros, que, provando-as, gritaram logo: "Homem de Deus, a panela tem cousa mortífera"; em outras palavras, os frutos colhidos são venenosos, 2 Rs 4. 38-41.

A planta era atraente; uma ou outra das duas espécies da ordem das aboboreiras, a coloquíntida, *Citrullus colocynthis*, planta rasteira, como a abóbora, cresce ao sul da Espanha, ao norte e ao sul da África, na Arábia, na Índia, etc. Na Palestina é planta silvestre, e também na planície marítima e no vale do Jordão, onde a encontrou o filho do profeta. Quando as outras plantas murcham, castigadas pelo vento abrasador do verão, a parra silvestre resiste admiravelmente, ostentando a sua cor encantadora de um verde-esmeralda. Apanhando as frutas e cortando-as com canivete, o viandante sente o cheiro pronunciado do pepino, com o qual muito se parece. Porém, tocando-as com os lábios, terá a sensação do fogo. A coloquíntida exerce valiosa função na medicina, apesar de ser muito perigosa. Outra planta competidora com ela, é a *Ecballium agreste*, antes denominada *Momordica elaterium*, também uma espécie de parra, com gavinhas, e frutos espinhosos. Quando amadurecidos, estes frutos arrebentam e emitem uma substância venenosa que dá origem à etimologia da palavra que a representa. Encontra-se nos lugares estéreis, e à beira dos caminhos, em toda a Palestina; não serve para comer, o que bem o prova a experiência do jovem companheiro de Eliseu.

PARSANDATA, *Nome persa.*

Nome de um dos filhos de Hamã, Et 9. 7.

PARTAS

Nome de um povo que ocupava uma região, correspondente à moderna província persa *Khorasan*, situada a considerável distância a sudeste do

Mar Cáspio. Tinha a Pártia cerca de 300 milhas de comprimento e a largura desde 100 a 120 com a área de 33.000 milhas quadradas, um pouco mais que a da Escócia, e quase tanto como o estado de Indiana. As primeiras referências aos partas encontram-se nas inscrições de Dario Histarpes. Em 321 A. C. revoltaram-se contra os persas que facilmente os subjugaram. Do domínio persa passaram ao de Alexandre, o Grande, e depois para o dos Selêucidas seus sucessores. Pelo ano 256 A. C. a Báctria revoltou-se sucessivamente contra o domínio selêucida, cujo exemplo a Pártia imitou sob a direção de Ársaces I. Esta dinastia é conhecida pelo nome de arsácidas. Mitidrates I, que reinou 38 anos, desde 174 a 136 A. C., elevou o reino, fundado por Ársaces, à categoria de império, estendendo-se 1.500 milhas, do oriente ao ocidente, com uma largura que variava entre 100, 300 ou 400 milhas. O Eufrates servia-lhe de limite ocidental. A cidade principal era Ctesifonte, sobre o Tigre, na fronteira da Selêucia.

Depois de se libertarem do jugo grego-macedônio, os partas entraram em freqüentes coltsões com os romanos por causa da posse da Arménia. Desde o ano 64 A. D. até 225, os partas traçaram limites ao império romano no oriente. Entre os anos 40 e 37 A. C., os exércitos da Pártia percorreram a Ásia Menor e a Síria, saquearam Jerusalém e puseram no trono da Judéia a Antígono, o último dos asmoneus, Antig. 14. 13, 3; Guerras 1. 13, 1. Alguns judeus, residentes na Pártia, achavam-se em Jerusalém no dia de Pentecostes, At 2. 9, os quais teriam levado o Evangelho para aquele país.

Depois de exercerem grande poder durante quase 500 anos, os partas enervaram-se pela luxúria; os persas revoltaram-se sob o comando de Ardasir no ano 224 A.C. da família de Sassã, que pôs término ao domínio parta, dando origem ao segundo império persa, ou sassânida.

PARUA, *Florescente.*

Nome de um dos governadores de Salomão na tribo de Issacar, 1 Rs 4. 17.

PARVAIM

Nome do lugar de onde vinha o ouro que serviu para a ornamentação do templo de Salomão, 2 Cr 3. 6. Gesênio deriva este nome do sânscrito *purva*, que quer dizer em frente, para o lado do oriente, e por isso deram-lhe o nome de ouro do oriente. Porém, muitos investigadores são de parecer que o nome Parviam se refere a uma localidade de Ofir.

PASAQUE, *Partidor.*

Nome de um aserita, da família de Baria, 1 Cr 7. 33.

PÁSCOA[1]. *Passagem,* Ex 12. 23; Antig. 2. 14, 6.

1. Nome da primeira das três festas anuais a que deveriam comparecer todos os varões, Êx 12. 43; Dt 16. 1, conhecida também pelo nome de festas dos pães asmos, Êx 23. 15; Dt 16. 16.

Foi instituída no Egito para comemorar o acontecimento culminante da redenção de Israel, Êx 12. 1, 14, 42; 13. 15; Dt 16. 1, 3. Aquela noite ia ser muito celebrada em honra do Senhor, porque foi nela que ele feriu os primogênitos dos egípcios, poupando as casas dos israelitas em cujas ombreiras havia o sangue do cordeiro. Todos deviam estar de pé, com os bordões nas mãos, cingidos os lombos, esperando a ordem de marcha. A festa começava no dia catorze do mês de abide à tarde, isto é, ao principiar o dia quinze com a solenidade dos asmos, Lv 23. 5. Deviam matar o cordeiro aí pelas duas tardes, isto é, ao entardecer, Êx 12. 6; Dt 16. 6, entre a noite e as onze horas, Guerras 6. 9, 3. Devia ser assado inteiro e comido com pães asmos e alfaces bravas, Ex 12. 8. O sangue derramado representava explação, as alfaces bravas significavam a amargura do cativeiro, os pães asmos eram o emblema da pureza, cp. Lv 2. 11; 1 Co 5. 7, 8. Os israelitas defendidos pelo sangue que os fazia lembrar das aflições de que haviam sido libertados, e santificados para o serviço de Deus, passaram a ser o povo de Jeová em alegre e jubilosa comunhão com ele.

A ceia pascoal devia ser tomada pelos membros de cada família. Se esta fosse pequena, chamavam alguns vizinhos até que houvesse número suficiente para comer o cordeiro todo, Êx 12. 4. O chefe da casa recitava a história da redenção. A princípio, os participantes comiam reclinados. Algumas outras feições suplementaram esta solenidade; empregavam quatro cálices de vinho misturado com

Vindima no Egito

água de que a lei não fala; cantavam os salmos 113 e 118, cp. Is 30. 29; Sl 42. 4; punham à mesa um prato de frutas desfeitas em vinagre, formando uma pasta, como recordação da argamassa que eles empregavam nos trabalhos do cativeiro. A ceia pascoal servia de introdução a toda solenidade que durava até ao vigésimo primeiro dia do mês, Ex 12. 18; Lv 23. 5, 6; Dt 16. 6, 7. A duração de sete dias não foi comunicada ao povo senão depois da saída do Egito, 13. 3-10. Aquela tarde teria de ser solenizada perpetuamente, 12. 21-25.

O comparecimento dos peregrinos era obrigatório somente à ceia pascoal. Poderiam retirar-se logo na manhã seguinte, Dt 16. 7. O primeiro dia depois da páscoa, que era o décimo quinto, era santo e solene, e o dia sétimo era igualmente venerável. Nestes dias não se fazia obra alguma, senão o que pertencia ao comer, Êx 12. 16; Lv 23. 7; Nm 28. 18-25. Era o último, o mais solene Êx 13. 6; Dt 16. 8. Ao outro dia depois da festa levavam uns molhos de espigas de presente ao Senhor, Lv 23. 10-14; cp. Js 5. 10-12; Antig. 3. 10. 5. Veja *Festa das Semanas.* Esta era uma feição incidental: um meio de consagrar a abertura das colheitas, e ocupava lugar secundário. Este segundo dia não era tido como santo; a relação da páscoa com o ano das colheitas, era menos notável do que a festa das semanas e a dos tabernáculos. Durante o dia da páscoa e em dias seguidos, em aditamento aos sacrifícios regulares do santuário, ofereciam dois bezerros da manada, um carneiro, sete cordeiros de um ano e um bode pelo pecado, Lv 23. 8; Nm 28. 19-23. Nos sete dias só poderiam comer pães asmos. Em a noite da páscoa não deviam ter fermento em suas casas; por conseqüência a farinha que tomaram às pressas quando saíram do Egito, não tinha fermento, Êx 12. 8, 34, 39. Dali em diante, o pão asmo foi associado em suas mentes, não somente com a idéia de sinceridade e verdade, que era a essencial, mas também com a pressa que os impeliu a fugir do Egito, Dt 16. 3. Há notícia de se haver celebrado a páscoa no Sinai; Nm 9. 1-14, à entrada de Canaã, Js 5. 11, no reinado de Ezequias, 2 Cr 30. 1-27, com referências a Salomão, 5, 26, no reinado de Josias, 2 Rs 23. 21-23; 2 Cr 35. 1-19, nos dias de Esdras.

Ed 6. 19-22. Veja também Mt 26. 17 e seg.; Mc. 14. 12 e seg.; Lc 22. 7 e seg.; Jo 18. 28; Antig. 17. 9, 3; 20. 5, 3; Guerras 6. 9, 3.

2. Nome que se dá ao cordeiro imolado para a festa da páscoa, Ex 12. 21; Dt 16. 2; 2 Cr 30. 17. Cristo é a nossa páscoa, 1 Co 5. 7. Semelhante ao cordeiro pascoal, era sem defeito, Ex 12. 5; cp. 1 Pe 1. 18, 19, não lhe quebraram osso algum, Ex 12. 46, com Jo 19. 36, e o seu sangue era o penhor da salvação, Ex 12. 13; Ex 12. 13, com 1 Co 5. 8.

PÁSCOA [3]

Festa da primavera originalmente consagrada à Eastra ou Ostra, divindade teutônica, deusa da luz e da primavera. Este vocábulo veio a designar a festa cristã da ressurreição desde o século oitavo por via dos anglo-saxônios. Encontra-se uma vez em Atos, 12. 4, porém a tradução não é correta. A palavra original é *Pascha*, vocábulo grego que significa Páscoa.

PASEÁ, *Coxo.*

Nome de um homem de Judá, descendente de Calebe, 1 Cr 4. 12.

PASÉIA, PASEÁ, *Coxo.*

Nome do pai de certo Jojada que reparou a porta velha de Jerusalém, Ne 3. 6. Fundou uma família de natineus. Alguns membros dela voltaram do cativeiro, Ed 2. 49; Ne 7. 51.

PASSOS, BRAÇAS

Medida usada na avaliação da profundidade do mar, At 27. 28. O nome grego é *Orguia* que representa uma unidade igual ao comprimento dos braços estendidos, avaliado pelo nosso sistema métrico em 2 metros e 2 cm.

PASTOR

Pessoa encarregada de guardar rebanhos de ovelhas. Abel era pastor, Gn 4. 2. Neste mister se ocupavam os patriarcas desde Abraão até Jacó e seus filhos, 13. 1-6. Havia pastores nômades possuidores de grandes rebanhos que moravam em tendas; mudavam-se de um lugar para outro à procura de pastagens e de abrigo seguro para suas manadas. Assim viviam Abraão, Jabal e os recabitas, 4. 20; 13. 2, 3, 18 com 20. 1; Jr 35. 6-10. Havia também ricos pastores que habitavam em cidades e cujos rebanhos andavam de pastagem em pastagem ao cuidado dos servos, 1 Sm 25. 2, 3, 7, 15, 16; cp. Gn 37. 12-17. Havia também, pastores localizados possuidores de apriscos, onde recolhiam os rebanhos à tarde, depois de passarem o dia nas pastagens distantes, Jo 10. 1-4. Veja *Aprisco*. Às vêzes os rebanhos ficavam sob os cuidados de um filho, Gn 37. 2; 1 Sm 16. 11, 19, de uma filha, Gn 29. 9; Ex 2. 16, 17, ou de servos jornaleiros, Gn 30. 32; Zc 11. 12; Jo 10. 12. Em geral, os servos eram responsáveis pelas perdas sofridas, e extravio de ovelhas, Gn 31. 39. A lei mosaica isentava desta responsabilidade, sempre que ficasse provado que o prejuízo não fôra motivado por negligência, Ex 22. 10-13.

O pastor dirigia-se de manhã para o aprisco, onde se achavam recolhidos os vários rebanhos, e chamava as ovelhas. As ovelhas de cada pastor ouviam a sua voz e o seguiam. As ovelhas de outros rebanhos não davam atenção à voz do pastor estranho, Jo 10. 2-5. O pastor levava o rebanho às pastagens, passava o dia inteiro com ele, e, às vezes, até a noite, Gn 31. 40; Ct 1. 7; Lc 2. 8, defendia-o contra os assaltos das feras e dos ladrões, 1 Sm 17. 34, 35; Is 31. 4, e impedia que as ovelhas entrassem nas searas, procurava as extraviadas e as recolhia no aprisco, Ez 34. 12; Lc 15. 4; com grande desvelo cuidava dos cordeirinhos e das que eram fracas, Is 40. 11; Ez 34. 4, 16; Zc 11. 9. As ovelhas que ficavam mais perto do pastor, tinham cada uma o seu nome e davam por êle, recebendo do pastor cuidados especiais. Até ao presente, ainda é assim naquelas regiões. Nas estações do ano em que as pastagens secavam ou ficavam cobertas de neve, os pastores tinham de fazer provisões para sustento do rebanho; cortavam ramos de árvores da floresta de que se alimentavam as ovelhas e os outros animais do rebanho.

Os pastores levavam consigo cobertas que lhes serviam para se resguardarem do frio, uma bôlsa com alimentos e armas de defesa, 1 Sm 17. 40; Jr 43. 12. Comprida vara, de ponta curva, como ainda se usa, servia para guiar as ovelhas, obrigá-las a se unirem, guiá-las e defendê-las, e também para castigar as desobedientes, Sl 23. 4; Mq 7. 14; Zc 11. 7. Os cães auxiliavam os pastores na guarda dos rebanhos; eram geralmente cães que somente serviam para acompanhar os rebanhos e darem sinal à aproximação de perigo, Jó 30. 1.

Jeová era o pastor de Israel e em particular da parte que lhe era fiel, Gn 49. 24. Cristo é o bom pastor que entra no aprisco pela porta e chama as ovelhas pelos seus nomes; estas confiam nele e o seguem, e não acodem à voz dos estranhos. O Bom Pastor dá a vida pelas suas ovelhas, Jo 10. 1-18. Todos que tinham posições de responsabilidade na teocracia, tais como, os profetas, os sacerdotes e os reis, eram considerados pastôres do povo israelita; e como tais repreendidos por causa de suas negligências, Is 56. 11. Na Igreja Cristã, os anciãos ou presbíteros, e pastores sob a direção do Príncipe dos pastôres, que é Jesus Cristo, são exortados a terem cuidado do rebanho de Deus, 1 Pe 5. 1-4.

PASUR

1. Nome de um dos filhos de Melquias, e um dos oficiais que tinham influência sobre o rei Sedecias, e que mais furiosamente se opuseram ao profeta Jeremias, Jr 21. 1, 38. 1, 4; cp. 21. 9, com 38. 2. É justo supor que seu pai é o Malaquias mencionado no cap. 38. 6, em cujo calabouço lançaram o profeta Jeremias. A sua identidade com o sacerdote Pasur, filho de Melquias, 1 Cr 9. 12, é duvidosa principalmente porque o título de sacerdote pertencia a seu companheiro e não a ele, Jr 21. 1.

2. Nome de um dos filhos do sacerdote Imer, que lançou a Jeremias na prisão, por causa das predições desanimadoras que ele proferia contra Jerusalém, Jr 20. 1-6.

3. Nome do pai de um dos que se opunham ao profeta Jeremias, chamado Gedalias, Jr 38. 1.

PASUR

1. Nome do fundador de uma família sacerdotal, alguns de cujos membros voltaram do cativeiro de Babilônia, Ed 2. 38; Ne 7. 41, e talvez 1 Cr 9. 12. Alguns de seus descendentes casaram-se com mulheres estrangeiras, das quais se desquitaram, induzidos por Esdras, Ed 10. 2.

2. Nome de um sacerdote, chefe de uma casa, que em companhia de outros assinou o pacto nos dias de Neemias, pelo qual todos se comprometeram a proibir os casamentos de seus filhos com mulheres estrangeiras, e guardar as leis de Deus, Ne 10. 3.

PÁTARA

Nome de uma cidade marítima a sudeste da Lícia. S. Paulo embarcou ali em demanda da Fenícia, quando se dirigia à Palestina, At 21. 1. Existia ali o famoso oráculo de Apolo. As ruínas existentes conservam o mesmo nome antigo, e tendem a desaparecer sob as areias movediças das dunas de que está cercada.

PÁTIO, PRETÓRIO

Lugar amplo, dentro de um edifício, destinado a receber o público. No palácio do sumo pontífice em Jerusalém, havia um pátio, onde, na noite da prisão de Jesus, esteve o apóstolo S. Pedro aquentando-se ao fogo, juntamente com outros curiosos, Lc 22. 55.

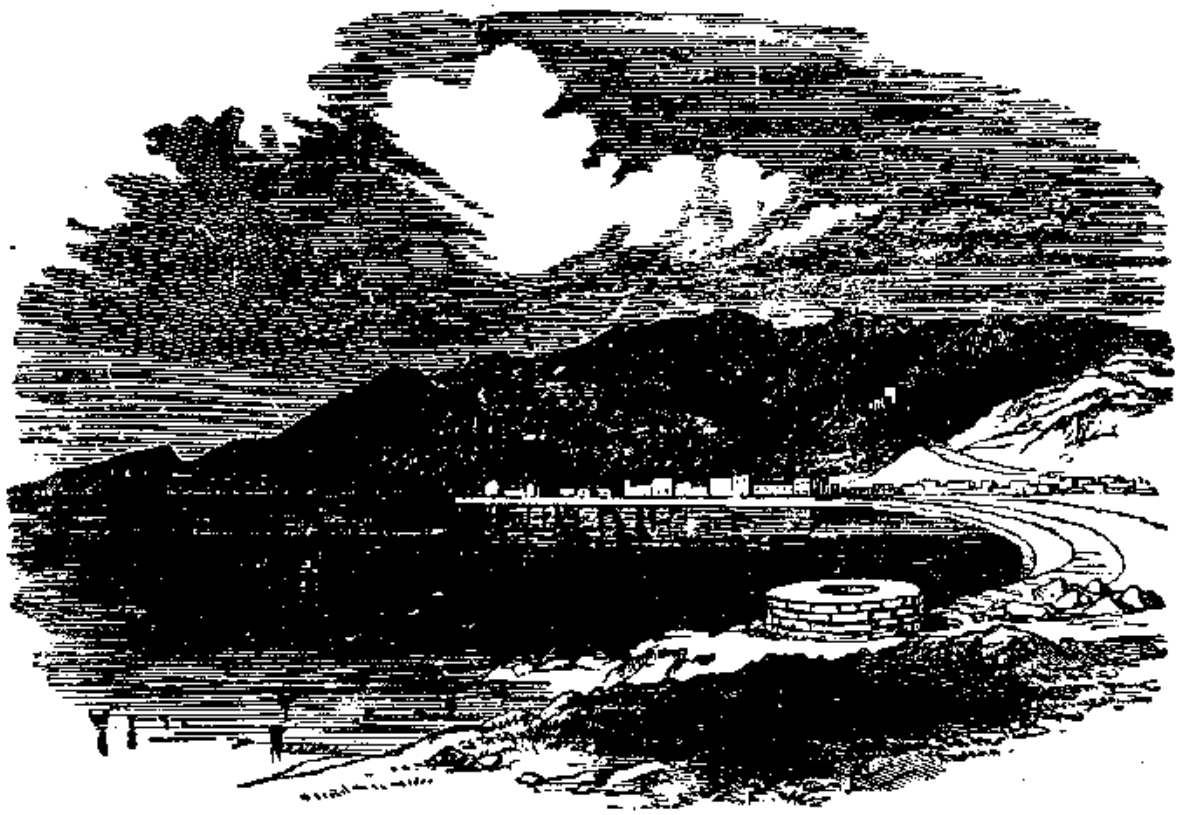
Na residência oficial do governador provincial da Judéia, havia o pretório com o seu pátio para onde foi conduzido Jesus, depois de sair da casa do sumo sacerdote, Mc 15. 16; Mt 27. 27; Jo 18. 28, 33; 19, 9; At 23. 35.

PATMOS

Nome de uma ilha para onde foi banido o apóstolo S. João por causa da palavra de Deus e pelo testemunho de Jesus Cristo, e onde teve a visão registada no seu livro, *Revelação*, ou Apocalipse, Ap 1. 9. É uma pequena ilha de formação vulcânica, que faz parte das Espórades do Arquipélago Grego, e que agora se chama Patino. Está situada longe da costa meridional da Ásia Menor, a umas 30 milhas ao sul de Samos. Tem cêrca de 15 milhas de circunferência e nada produz.

PATROS, *Terra do sul*-Gesenius; *Casa da deusa Hator no sul*-Ebers.

Nome de um país situado no Alto Egito entre o Egito e Cus, Is 11. 11, e conhecido nos textos egípcios pelo nome de Pa-to-ris, cuja capital era Tebas. Foi ali o berço dos egípcios, Ez 29. 14. Menes, primeiro rei do Egito, recordado na história, residia no Alto Egito, no tempo em que a região baixa ao norte do lago Moeris era um enorme pântano, Heród. 2. 4, 15, 99. Isaías profetizou a dispersão de Israel para as mais remotas regiões e a sua volta eventual dentre outros muitos lugares, além de Patros, Is 11. 11; cp. 7. 18. Depois da tomada de Jerusalém por Nabucodonosor, judeus que dali escaparam, refugiaram-se em Patros, onde ficaram residindo, Jr 44. 1, 2, 15.



Patmos e o porto La-Scala

PATRIARCA

Nome que se dá ao chefe de uma raça. O Novo Testamento aplica este termo aos fundadores da raça e da nação hebrêia: a Abraão, Hb 7. 4, aos doze filhos de Jacó, At 7. 8, 9, e ao rei Davi, 2. 29. Geralmente dá-se este nome aos piedosos chefes das famílias, mencionados no Antigo Testamento, anteriores a Moisés, como sejam os patriarcas antediluvianos, cuja linhagem se acha no livro de Gênesis cap. 5. No regime patriarcal, o governo da tribo era a vontade individual do patriarca, como direito paternal, que residia a princípio no progenitor da tribo, passando dele para o primogênito, ou para o mais velho da linha genealógica. O chefe de cada família que se formava pela expansão da tribo, exercia iguais funções dentro da sua esfera.

A dispensação patriarcal vigorou antes do estabelecimento da teocracia no Sinai, quando todos os chefes de família e cada um deles era sacerdote de sua própria casa com quem Deus se comunicava.

PATROBAS

Nome de um cristão, residente em Roma, a quem S. Paulo enviou saudações, Rm 16. 14.

PATRUSIM

Nome de um dos sete povos procedentes de Mesraim, e que habitavam em Patros, Gn 10. 14; 1 Cr 1. 12.

PAU, *Balido.*

Nome de uma cidade de Edom, cidade do rei Adar, Gn 36. 39. Situação ignorada. Em 1 Cr 1. 50, tem o nome de Pai, por causa sem dúvida da confusão da letra vau com a letra jod, do texto original.

PAUL, CARRIÇAL, PRADO

Tradução da palavra egípcia *ahu*, que significa ervas de paul, carriçal, canavial do brejo, ou lugares de juncos, como se diz em Jó 8. 11; Gn 41. 2, 18.

PAULO. Em grego *Paulos*, derivado do latim *Paulus*, que quer dizer pequeno.

Nome do grande apóstolo dos gentios. O nome judaico anterior era Saulo; no hebreu, *Shaul*, no grego, *Saulos;* assim denominado nos Atos dos Apóstolos, mesmo até depois da conversão de Sérgio Paulo, procônsul de Chipre, At 13. 9. Daqui em diante, só tem o nome de Paulo, que ele a si mesmo dá em todas as suas cartas. Não é de estranhar que alguns pensem que tomou êste

nome do procônsul Sérgio. Isto, porém, não é de modo algum aceitável, tendo em vista o modo gentil pelo qual S. Lucas o apresenta, dando-lhe o nome gentílico de Paulo, quando começou a sua obra de apóstolo das gentes. É mais provável que, acompanhando o costume de muitos judeus, At 1. 23; 12. 12; Cl 4. 11, e principalmente os judeus da dispersão, o apóstolo usasse de ambos os nomes. Havia nascido em Tarso, cidade principal da Cilícia, At 9. 11; 21. 39; 22. 3, e pertencia à tribo de Benjamim, Fp 3. 5. Não se sabe como é que a sua família foi residir em Tarso. Uma antiga tradição afirma que ele havia sido levado de Giscala em Galiléia, pelos romanos, depois que tomaram êste último lugar. É possível, pois, que a família de Saulo em tempos anteriores, tivesse fixado residência em Tarso, com alguma das colônias que os reis da Síria estabeleceram ali (Ramsay, *St. Paul the Traveler*, p. 31) ou que tivesse imigrado voluntariamente, como faziam muitos judeus por motivos de ordem comercial. Parece que S. Paulo tinha relações familiares de alto valor e de grande influência. Em Rm 16. 7, 11, manda saudar a três pessoas, seus parentes, das quais Andrônico e Júnias, que se haviam assinalado entre os apóstolos e que foram cristãos primeiro que ele. Pela leitura de At 23. 16 sabe-se que "um filho de sua irmã", que provavelmente morava em Jerusalém com sua mãe, deu informações ao tribuno sobre a conspiração tramada contra a vida de S. Paulo. Dá isto a entender que este moço pertencia a alguma das famílias importantes da cidade, o que parece confirmado pelo fato de Paulo haver presidido à morte de Estêvão. É provável que já fosse membro do concílio, At 26. 10, pois que não tardou a receber comissão do sumo sacerdote para perseguir os cristãos, 9. 1, 2; 22. 5. Os seus dizeres na epístola aos filipenses 3. 4-7, autorizam-nos a crer que ocupava posição de grande influência que lhe dava margem para conseguir lucros e grandes honras. As suas relações de família não podiam ser obscuras. Apesar de receber uma educação subordinada às tradições e às doutrinas da fé hebraica, e de ter pai fariseu, At 23. 6, êle era cidadão romano. Ignora-se por que meios havia alcançado este privilégio; teria sido por serviços prestados ao estado ou talvez por compra, e pode bem ser que o nome Paulo tenha alguma relação com o título de cidadão romano. De qualquer modo que seja, dava-lhe grande importância na seqüência de seu trabalho cristão, e serviu mais de uma vez para salvar-lhe a vida. Tarso era centro intelectual do oriente onde existia uma escola famosa e onde dominava a filosofia estóica. É possível que Paulo crescesse ali sob estas influências. Seus pais, sendo como eram, fiéis à lei mosaica, o mandaram logo para Jerusalém para ser educado lá. À semelhança de outros rapazes da mesma raça, tinha de aprender um ofício, que, no seu caso, foi o de fazedor de tendas, das que se usavam nas viagens, 18. 3. Como ele mesmo diz, 22. 3, foi educado em Jerusalém, para onde o mandaram, quando muito jovem. A educação consistia principalmente em fixar nele as tradições farisaicas. "Foi instruído conforme a verdade da lei de seus pais", *ibid.* Teve como preceptor um dos mais sábios e notáveis rabinos daquele tempo, o grande Gamaliel, neto do ainda mais famoso Hilel. Foi este Gamaliel, cujo discurso se contém nos Atos dos Apóstolos 5. 34-39, que aconselhou o sanedrim a não tentar contra a vida dos apóstolos. Este Gamaliel possuía alguma cousa estranha ao espírito farisaico, a qual se avizinhava da cultura grega. O seu discurso já referido demonstra que ele não possuía o espírito intolerante e perseguidor, característico da seita dos fariseus. Celebrizou-se por seus vastos conhecimentos rabínicos. A seus pés o jovem Saulo, vindo de Tarso, recebeu as lições sobre os ensinos do Antigo Testamento, porém já se vê, de acordo com as subtilezas e interpretações dos doutores, que acenderam no espírito ardente do jovem discípulo, um zêlo feroz para defender as tradições de seus antepassados. Assim, pois, o futuro apóstolo tornou-se fariseu zeloso, disciplinado nas idéias religiosas e intelectuais de seu povo. Por este modo, as suas qualidades pessoais, o seu preparo intelectual, e, talvez ainda, as relações de família, preparavam-lhe posição de destaque na sociedade judaica.

Aparece no cenário da história cristã, como presidente da execução de Estêvão o protomártir do Cristianismo, a cujos pés as testemunhas depuseram suas vestimentas, At 7. 58, quando ainda môço. A sua posição neste caso, não queria dizer que estivesse investido de funções oficiais. De acôrdo com os dizeres da passagem referida acima, êle apenas era consentidor na morte de Estêvão.

Contudo, vê-se claramente que perseguia com ardor os primeiros cristãos. Sem dúvida entrava em o número daqueles helenistas, ou judeus que falavam o grego, mencionados nos Atos dos Apóstolos 6. 9, que promoveram a acusação contra Estêvão. Não erramos dizendo que o ódio de Paulo contra a nova seita já estava aceso; não só desprezava o crucificado Messias, como considerava os seus discípulos um elemento perigoso, tanto para a religião como para o Estado. Não é para admirar, pois, que fosse tão feroz o seu ódio a ponto de promover-lhes o exterminio pela morte. Logo após o martírio de Estêvão, tomou parte ativa, dirigindo o movimento de perseguição contra os cristãos, At 8. 2, 3; 22. 4; 26. 10, 11; 1 Co 15. 9; Gl 1. 13; Fp 3. 6; 1 Tm 1. 13. Fazia tudo isto guiado por uma consciência mal informada. Era o tipo do inquisidor religioso. Não satisfeito com a perseguição devastadora que fazia em Jerusalém, pediu cartas ao príncipe dos sacerdotes para as sinagogas de Damasco com o fim de levar presos para Jerusalém quantos achasse desta profissão, At 9. 1, 2. Os romanos davam largos poderes aos judeus para exercerem a sua administração interna. O governador de Damasco que obedecia à direção do rei Aretas, era particularmente favorável aos judeus, 9. 23, 24; 2 Co 11. 32, favorecendo por êste modo a perseguição de Paulo aos cristãos.

Nota importante a observar, segundo o testemunho expresso de S. Lucas e do próprio S. Paulo, é que respirava ameaças de morte contra os discípulos de Jesus até ao momento da sua conversão, crendo que assim fazendo prestava grande serviço a Deus. Não tinha dúvida alguma quanto à justiça da sua empresa, nem sentia desfalecimento de coração para executá-la.

Foi no caminho de Damasco que se deu a repentina conversão. Paulo e seus companheiros provàvelmente iam a cavalo, como era costume nas viagens pelos caminhos desertos da Galiléia para a antiga cidade. Estavam perto da cidade. Era meio-dia, o sol ardente estava no seu zênite, At 26. 13. Repentinamente uma luz vinda do céu, mais brilhante que a luz do sol, caiu sobre eles, derrubando-os, 14. Todos se ergueram, continuando Paulo prostrado por terra, 9. 7. Ouviu-se então uma voz que dizia em língua hebraica: "Saulo, Saulo, porque me persegues? Dura cousa é recalcitrares contra o aguilhão", 26. 14. Respondeu êle então: "Quem és tu, Senhor?" Êle respondeu: "Eu sou Jesus a quem tu persegues, 15. Levanta-te e vai à cidade e aí se te dirá o que te convém fazer", 9. 6; 22. 10. Os companheiros que o seguiam ouviam a voz sem nada ver, 9. 7, nem entender, 22. 9. Paulo sentiu-se cego pelo intenso clarão da luz, e foi conduzido pela mão dos companheiros, entrou em Damasco, hospedando-se na casa de Judas, 9. 11, onde permaneceu três dias sem vista e sem comer, nem beber, orando, 9. 11, e meditando sobre a revelação que Deus lhe fizera. Ao terceiro dia, o Senhor mandou a certo judeu convertido, chamado Ananias, que fosse ter com Paulo e impor-lhe as mãos para recobrar a vista.

O Senhor garantiu a Ananias, o qual tinha receio de encontrar-se com o grande perseguidor, que este, quando em oração, já o tinha visto apro-

ximar-se dele. Portanto, Ananias obedeceu. Paulo confessou a sua fé em Jesus, recobrou a vista, e recebeu o batismo; e daqui em diante, com a energia que o caracterizava, e com grande espanto dos judeus, começou a pregar nas sinagogas que Jesus era o Cristo, Filho de Deus vivo, 9. 10-22. Tal é a narrativa da conversão de Saulo de Tarso. Há três narrativas deste fato nos Atos; uma feita por S. Lucas, 9. 3-22, outra pelo próprio S. Paulo, diante dos judeus, 22. 1-16 e outra pelo mesmo S. Paulo, diante de Festo e Agripa, 26. 1-20. As três narrativas combinam-se entre si, pôsto que nem todos os incidentes se achem em cada uma delas. Em todo caso, cada uma foi escrita com referência ao fim que o narrador tinha em vista. Em suas epístolas, o apóstolo alude freqüentemente à sua conversão, atribuindo-a à graça e poder de Deus, ainda que a não descreve em minúcias, 1 Co 9. 1-16; 15. 8-10; Gl 1. 12-16; Ef 3. 1-8; Fp 3. 5-7; 1 Tm 1. 12-16; 2 Tm 1. 9-11. Este fato, pois, é atestado pelo testemunho mais forte possível. É certo também que Jesus, não somente falou a Paulo, mas também lhe apareceu, At 9. 17, 27; 22. 14; 26. 16; 1 Co 9. 1. Não se diz de que forma; com certeza foi de modo tão glorioso, que o apóstolo conheceu logo que era o Jesus crucificado, o Cristo, Filho do Deus Vivo, que lhe falava; e ele chama a isto, "visão celestial" At 26. 19, ou um espetáculo, palavra esta empregada em Lc 1. 22; 24. 23, para descrever o aparecimento de entes celestiais. Não há lugar para dizer-se que seja ilusão de qualquer espécie. Contudo, o aparecimento de Cristo não foi a causa da conversão de Saulo, e sim a obra do Espírito Santo no coração, habilitando-o a receber e aceitar a verdade que lhe havia sido revelada, Gl 1. 15. Foi o mesmo Espírito que convenceu a Ananias e que o levou a impor as mãos e a unir à igreja nascente o novo convertido. Vários racionalistas pretendem explicar a conversão de Paulo, sem tomar em conta a intervenção sobrenatural; essas opiniões são destruídas pelo testemunho do mesmo Paulo; afirmando a sua atitude de perseguidor, obedecia a motivos de consciência e que a sua mudança era devida ao soberano exercício do poder de Deus e à sua graça infinita. A frase "Dura cousa é recalcitrares contra o aguilhão", não quer dizer que ele agia contra a sua vontade, ou que já reconhecia a verdade do Cristianismo, quer dizer antes que era insensatez resistir aos propósitos divinos. A sua vida anterior deve ser reconhecida como um período de iniciação inconsciente para a sua missão futura.

Os foros de cidadão romano, a instrução recebida nas escolas, as suas qualidades pessoais, tudo isto serviu para fazer dele um instrumento especial para a obra missionária. Há motivos para crer que o seu espírito não tinha paz na prática do Judaísmo, Rm 7. 7-25. Se assim não fora, não chegaria a compreender claramente que a salvação sòmente se alcança por meio da graça de Deus em Cristo. A sua experiência religiosa também teve o efeito de prepará-lo para ser grande expositor da doutrina da justificação pelos méritos de Cristo, alcançados somente pela fé. Após a sua conversão, Paulo deu início à obra da evangelização; em parte graças à sua natural energia, e também por haver Deus revelado que ele ia ser vaso escolhido para levar o seu nome diante das gentes, dos reis e dos filhos de Israel, isto é, missionário e apóstolo, At 9. 15; 26. 16-20; Gl 1. 15, 16. Começou a sua obra nas sinagogas de Damasco com muito bom êxito, provocando contra si a perseguição dos judeus de Damasco, auxiliados pelo governador da cidade, 2 Co 11. 32, de modo que foi preciso fugir. Os discípulos, de noite, o deslizaram pela muralha da cidade, metendo-o numa alcofa, At 9. 23-25; 2 Co 11. 33. Em vez de regressar a Jerusalém, dirigiu-se para a Arábia e de lá voltou a Damasco, Gl 1. 17. Não se sabe em que lugar da Arábia ele esteve, nem quanto tempo lá se demorou, nem o que foi fazer naquele lugar. Presume-se que meditasse sobre os grandes acontecimentos de sua vida religiosa e das revelações que Deus lhe havia feito. Três anos depois da sua conversão, determinou sair de Damasco e ir outra vez a Jerusalém. Diz-nos ele que o principal objetivo desta viagem foi visitar a Pedro, Gl 1. 18, 19, demorando-se com ele quinze dias, não tendo visto mais nenhum dos apóstolos senão a Tiago, irmão do Senhor. S. Lucas menciona mais alguns particulares, At 9. 26-29. A igreja de Jerusalém teve medo dele, não acreditando que agora fosse discípulo de Cristo. Foi necessário que Barnabé o levasse consigo e o apresentasse aos apóstolos, contando como havia visto ao Senhor e como depois em Damasco ele se portou com toda a liberdade em nome de Jesus.

Diz ainda S. Lucas que Paulo pregava em Jerusalém com o mesmo desassombro como havia feito em Damasco, empregando seus esforços para a conversão de seus velhos amigos e compatriotas que falavam o grego, 9. 28, 29. Como em Damasco, estes também conspiraram contra ele. A situação ameaçadora e perigosa em que se achava, fez com que os irmãos o conduzissem a Cesaréia e dali para Tarso, 29, 30; Gl 1. 21. Saiu mais depressa de Jerusalém, por haver tido uma visão no templo, na qual o Senhor lhe ordenou que sem detensa se afastasse dali para ir às nações de longe, At 22. 17-21. As duas notícias sobre esta visita a Jerusalém, que se encontram nos Atos e na carta aos Gálatas, parecem inconsistentes, porém, harmonizam-se naturalmente. É muitíssimo provável que Paulo quisesse visitar a Pedro a fim de que o trabalho que lhe estava destinado fosse feito em harmonia com os primitivos apóstolos, dos quais Pedro se destacava. É igualmente provável que os cristãos de Jerusalém, a princípio, se arreceassem dele, e que o proceder de Barnabé, que era como Paulo, helenista judeu, fosse recebido com algumas reservas. Além disso, quinze dias de estada na cidade, é tempo suficiente para os acontecimentos descritos nos Atos. A ordem do Senhor para que Paulo deixasse logo a cidade, é de fato confirmada, 22. 18. A notícia que S. Lucas dá de que Barnabé apresentou Paulo aos apóstolos, não contradiz a afirmação de Paulo de que somente viu a Pedro e a Tiago. A recepção feita ao novo converso pelo apóstolo S. Pedro, para não falar também de Tiago que ocupava posição quase apostólica, Gl 2. 9, equivalia ao reconhecimento oficial do novo apóstolo, e é isto mesmo que S. Lucas queria significar. É ainda digno de nota que achava completamente confirmado, tanto por parte de S. Paulo como dos irmãos principais de Jerusalém que o novo converso havia sido escolhido apóstolo, e que a sua missão iria ser entre os gentios. Nesta ocasião ainda não se cogitava das relações dos gentios convertidos para com a lei mosaica. Ninguém poderia ainda avaliar da importância e da extensão da obra de Paulo. Contudo foi ele reconhecido como tal e enviado a Tarso para iniciar o seu trabalho.

A demora dele nesta cidade é quase um enigma; parece que foi de seis ou sete anos (veja a cronologia abaixo), durante os quais se ocupou de evangelização e provavelmente fundou as igrejas da Cilícia, incidentalmente referidas em At 15. 41. Se alguma vez sentiu a influência intelectual de Tarso, esta devia ser-lhe muito propícia. Como já foi dito, Tarso era um dos centros da filosofia estóica. Em seu discurso em Atenas, São Paulo faz apreciações sobre esta escola, suficientes a satisfazer a nossa curiosidade. Ainda que em atividade, Paulo aguardava as indicações providenciais sobre o caminho que devia tomar no serviço do Mestre. Finalmente começaram a aparecer. Alguns dos judeus convertidos que falavam a língua grega, que haviam saído de Jerusalém, fugindo à perseguição que se seguiu à morte de Estêvão, chegaram à grande cidade de Antioquia da Síria, situada às margens do Orontes, ao norte da cordilheira do Líbano. Tinha sido capital do reino e

era naquele tempo a residência oficial do governador romano da província. Era contada entre as cidades principais do império, por causa de sua população mista e da extensão de seu comércio.

Situada fora dos limites da Palestina, e às portas da Ásia Menor, ligada também pelo tráfego e pela política com todo o império, servia de base natural de operações, de onde a nova fé, separada do judaísmo, sairia à conquista do mundo. Nesta cidade, os cristãos refugiados começaram a pregar aos gentios, At 11. 20. Há uma dificuldade no texto original para determinar com clareza se era mesmo aos gentios que eles pregavam; mas o contexto não dá lugar a dúvidas. Muitos gentios se converteram ali de modo a formarem uma igreja gentílica na metrópole da Síria.

Quando a notícia chegou a Jerusalém, enviaram lá a Barnabé para investigar o caso. Claramente descobriu a mão de Deus neste movimento, não obstante serem os recém-convertidos incircuncidados. Parece que ele também percebeu que Deus estava abrindo a porta aos trabalhos de Paulo, porque daí foi buscá-lo a Tarso e levou-o para Antioquia. Ambos trabalharam naquela cidade um ano inteiro. Muitos outros gentios se converteram, de modo que a nova igreja, sem vestígios de judaísmo, foi denominada dos cristãos pelos habitantes gentios da cidade. Começaram por êste modo as relações do apóstolo com Antioquia. Nas páginas da história foi registada a primeira igreja cristã formada de elementos gentílicos, ponto de partida para a obra de S. Paulo no mundo pagão.

Quando S. Paulo estava em Antioquia, um profeta por nome Ágabo, vindo da Judéia, predisse na assembléia dos cristãos, que em breve haveria uma grande fome na terra. Serviu esta profecia de motivo para que os irmãos manifestassem o seu extremado amor para com os cristãos da Judéia. Este fato é prova notável do sentimento de obrigação destes gentios para com aqueles de quem haviam recebido a nova fé, e também para mostrar quão depressa haviam sido destruídos os muros de inimizade que separava as raças e as classes. Em Antioquia fizeram-se logo contribuições para aliviar as necessidades dos irmãos da Judéia, enviadas por mão de Barnabé e de Saulo, At 11. 29, 30. Esta visita de S. Paulo a Jerusalém deveria ser no ano 44, ou pouco antes, e a ela não se refere na sua epístola aos Gálatas, talvez por não ter visto nenhum dos apóstolos. Alguns escritores tentaram identificar esta visita com a que se acha mencionada em Gl 2. 1-10; porém deu-se esta depois de discutida a circuncisão dos gentios, como se depreende de At 15. 1. O propósito de S. Paulo, na epístola aos Gálatas, foi o de contar de novo as oportunidades que ele havia tido de obter a confirmação de seu evangelho pelos apóstolos mais velhos, e se nesta ocasião, como diz S. Lucas, ele encontrou somente os anciãos da igreja, a sua rápida visita era de simples caridade, o seu argumento na carta aos Gálatas não exigia menção desta viagem. Barnabé e Paulo voltaram novamente a Antioquia, levando consigo a João Marcos, 12. 25.

Havia chegado o tempo de iniciar a história missionária da evangelização dos gentios, indicada pelo Espírito aos profetas pertencentes à igreja de Antioquia, At 13. 1-3, os quais, por ordem divina separaram a Barnabé e a Paulo esta obra a que Deus os havia chamado. Obedecendo à direção divina e sob os auspícios da igreja de Antioquia, o apóstolo principiou a primeira viagem missionária, sem podermos determinar a data, que deveria ser entre 45 e 50, ou 46 e 48, e sem sabermos quanto tempo durou. Barnabé, que era o mais velho, dirigia o movimento, mas Paulo, em breve, ocupou o primeiro lugar por causa de seus dotes oratórios. João Marcos entrou nesta comissão. Saíram de Antioquia para Selêucia, situada na foz do Orontes e daí para Chipre, pátria de Barnabé. Desembarcando em Salamina, na costa de Chipre, começaram a trabalhar, como de costume, nas sinagogas. Percorreram toda a ilha até chegarem a Pafos, na costa sudoeste. Neste lugar, despertaram a atenção de Sérgio Paulo, procônsul romano. Saiu-lhes ao encontro, com violenta oposição, um feiticeiro judeu, chamado Barjesus, também conhecido por Elimas o mago, que previamente havia conseguido a proteção do procônsul, At 13. 6, 7. Paulo resistiu-lhe indignado e repreendeu-o severamente, e feriu-o de cegueira. Resultou disto a conversão de Sérgio Paulo, 8-12. Partindo de Chipre, o grupo de missionários de que Paulo era agora o chefe, 13, navegaram para a Ásia Menor e chegaram a Perge na Panfília. Ali João Marcos, por motivos ignorados, deixou os seus companheiros e regressou a Jerusalém. Os dois, Paulo e Barnabé não se detiveram em Perge, dirigiram-se para o norte, chegaram à Frígia e foram até Antioquia da Pisídia.

Esta era a cidade principal da província romana de Galácia. Entraram na sinagoga judaica, e a convite dos chefes da sinagoga, proferiu o grande discurso, registado em At 13. 16-41, primeiro espécime de sua pregação de que há notícia. Depois de narrar a missão dos chefes de Israel, com vistas ao Messias, que tinha de vir, falou do testemunho de João Batista e do modo por que Jesus foi rejeitado pelos judeus; declarou que Deus o havia ressuscitado dentre os mortos, cumprindo na sua pessoa as promessas feitas a Israel pelos antigos e que somente pela fé nele, os homens podem ser justificados. Admoestou os judeus a não repetirem o crime cometido pelas autoridades de Jerusalém. Este discurso fomentou a odiosidade dos judeus, mas impressionou a alguns outros e ainda mais aos gentios que já estavam sob a influência da sinagoga e formavam o laço de união entre esta e o mundo gentílico para o trabalho de S. Paulo. No sábado seguinte deu-se o rompimento entre a sinagoga e os missionários cristãos, de modo que estes passaram a dirigir-se aos gentios. O povo da cidade, excitado pelos judeus, levantou-se contra Paulo e Barnabé e os lançaram fora, At 13. 50.

De Antioquia passaram a Icônio, outra cidade da Frígia, onde uma copiosa multidão de judeus e de gregos se converteu à fé, 51. Aqui também encontraram forte resistência da parte dos judeus incrédulos, irritando os ânimos dos gentios contra seus irmãos. Daqui passaram para Listra e Derbe, cidades importantes da Licaônia, 14. 1-6. Em Listra, o apóstolo S. Paulo curou um homem coxo desde o ventre materno. O povo, tendo visto o milagre, levantou a voz dizendo:

"Estes são deuses que baixaram a nós em figura de homens; chamavam a Barnabé, Júpiter e a Paulo Mercúrio." Este fato ocasionou o segundo discurso feito por S. Paulo, registado nos Atos, 15-18, no qual pôs em evidência a estultícia da idolatria. É quase certo que a conversão de Timóteo se deu em Listra, At 16. 1; 2 Tm 1. 2; 3. 11. A popularidade de Paulo durou pouco. Irrompeu nova perseguição, instigada pelos judeus, At 14. 19, apedrejando-o e lançando-o fora da cidade como morto, At 14. 19. Rodeando-o os discípulos, e levantando-se ele, entrou na cidade e no dia seguinte, partiu com Barnabé para Derbe, limite provável da província da Galácia a sudeste, 20. Seria possível aos dois missionários atravessar a cordilheira indo à Cilícia, e passando por Tarso, irem diretamente de regresso a Antioquia da Síria. Fizeram um novo círculo; não quiseram voltar antes de consolidar a existência das novas igrejas. Portanto, passaram de Derbe a Listra, de Listra a Icônio, de Icônio a Antioquia da Pisídia, de Antioquia a Perge, organizando igrejas e animando os discípulos. Nesta cidade pregaram o Evangelho que parece não haviam feito na primeira visita; dirigiram-se ao pôrto de Atália e daí regressaram a Antioquia da Síria, At 14. 21-26. E assim terminou a primeira viagem missionária do apóstolo. Esta viagem compreendia todas as regiões para

o lado do ocidente, já ocupadas pelo Evangelho. O método de trabalho consistia em oferecer em primeiro lugar a salvação aos judeus e depois aos gentios. Encontrou o apóstolo grande número deles influenciados pelo judaísmo, e portanto, em condições de receber a nova doutrina. O seu objetivo consistia em formar igrejas nas cidades principais. As boas estradas de rodagem abertas pelo governo romano, entre os postos militares, contribuiram muito para facilitar as viagens missionárias. A língua grega, por ser geralmente falada, serviu de veículo à pregação da verdade. A Providência havia por este modo preparado o caminho para a difusão do Evangelho no mundo. Sôbre as viagens missionárias, podem os leitores consultar Conybeare e Howson que escreveram sôbre a primeira viagem de S. Paulo, *Life and Epistles of St. Paul*, e especialmente, em referência à primeira viagem, a primeira parte da obra de Ramsay, *Church in the Roman Empire*.

Os grandes resultados da obra de S. Paulo entre os gentios, provocaram sérias controvérsias dentro da igreja. Certo número de cristãos, vindos do judaísmo, foram de Jerusalém para Antioquia, ensinando ali que não poderiam ser salvos os gentios convertidos a menos que fossem primeiramente circuncidados, At 15. 1. Alguns anos antes, Deus havia revelado à igreja por meio do apóstolo S. Pedro, que os gentios deviam ser recebidos na igreja sem a observância das leis de Moisés, At 10. 1 até cap. 11. 18. Porém os fariseus restritos, convertidos ao Cristianismo, 15. 5, não se podiam conformar com esta doutrina vencedora na igreja da Antioquia, e de tal maneira perturbaram a consciência dos irmãos, que eles resolveram mandar Paulo e Barnabé, acompanhados de outros irmãos, a Jerusalém para consultarem os apóstolos e os anciãos sobre este assunto. Esta viagem é a que vem descrita no cap. 15 dos Atos e em Gl 2. 1-10. Ambas estas descrições são inteiramente acordes, posto que feitas sob pontos de vista diferentes. S. Paulo diz que foi lá em conseqüência de uma revelação divina, Gl 2. 2. A situação era delicada e muito crítica. O futuro da nova religião dependia de uma resolução sábia. Dela resultou a vitória da lealdade cristã e da caridade. Paulo e Barnabé mostraram à igreja mãe o que Deus havia feito por intermédio dêles. Diante da oposição dos elementos judaicos reuniu-se um concílio dos apóstolos e dos anciãos, At 15. 6-29. S. Pedro recordou o fato da conversão de Cornélio; Paulo e Barnabé relataram os fatos que se deram em sua viagem missionária; Tiago, irmão do Senhor, fez lembrar a profecia, anunciando a vocação dos gentios. Resolveram então aceitar como irmãos os convertos não circuncidados, exortando-os apenas a se absterem de certas práticas altamente ofensivas aos judeus. Diz o apóstolo na carta aos Gálatas que ele advertiu a igreja de Jerusalém contra os falsos irmãos, e também que Tiago, Pedro e João lhe haviam dado as mãos em sinal de companhia para que ele fosse aos gentios e eles aos judeus. Deste modo, o apóstolo manteve as relações com os outros apóstolos continuando livremente o seu trabalho missionário para o qual havia sido divinamente destinado. Quanto esta controvérsia acirrou os ódios do judaísmo, pode ver-se na subseqüente perseguição contra Paulo. A sua vitória nesta questão serviu para conservar a unidade da igreja e garantir a liberdade dos gentios.

Um sábio ajustamento de idéias, de resultados práticos, conciliou os prejuízos razoáveis dos judeus, ao mesmo tempo que o caminho para a evangelização dos gentios em todas as direções, ficou aberto e livre das cerimónias judaicas. Na carta aos Gl 2. 11-21, existe rápida alusão a uma controvérsia sobre o assunto, em Antioquia, de que não há registo. Pedro tinha ido lá, e, estando de pleno acordo com as idéias de Paulo, mantinha livres relações com os gentios; mas, chegando ali alguns judeus de Jerusalém, Pedro e Barnabé como que haviam cortado relações com os gentios. Esta maneira de proceder repreensível foi severamente condenada por S. Paulo, que ao mesmo tempo esboçou a doutrina da justificação pela fé sem as obras da lei, porque, dizia ele, eu estou morto à lei pela mesma lei, querendo com isso dizer que pela morte de Cristo ficaram prejudicadas tôdas as obrigações impostas pela lei cerimonial. A única condição para se tornarem discípulos de Cristo, era crer nele para a salvação. Vê-se pois, que os direitos dos gentios na igreja cristã eram para o apóstolo, mais do que uma questão de unidade: envolvia um princípio essencial do Evangelho. Na defesa deste princípio, tanto como pela sua obra missionária, S. Paulo foi o principal agente para se estabelecer o Cristianismo universal.

O concílio de Jerusalém se efetuou no ano 50. Não muito depois, S. Paulo propôs a Barnabé uma segunda viagem missionária, At 15. 36. Nesta ocasião não quis que João Marcos fosse com eles, ficando desde aí separados os dois grandes missionários. Desta vez acompanhou-o Silas. Primeiro visitaram as igrejas da Síria e da Cilícia; depois, passaram para os lados do norte, atravessaram as montanhas do Tauro e passaram às igrejas que Paulo havia fundado na sua primeira viagem. Foram a Derbe e a Listra. Nesta última cidade, determinou levar a Timóteo, e o circuncidou por causa dos judeus que lá havia, impedindo por este modo que eles se escandalizassem, porque sua mãe era judia. Por este modo mostrou ele desejos de conciliar os prejuízos judaicos, e ao mesmo tempo não cedendo uma linha em questão de princípios. De Listra passou para Icônio e para Antioquia da Pisídia. Neste lugar encontrou a oposição dos filósofos. Diz Ramsay, e com ele outros, que ele seguiu diretamente para o norte, quando deixou Antioquia da Pisídia, atravessando a província romana da Ásia, porém sem pregar ali, por haver sido proibido pelo Espírito Santo, At 16. 6, e tendo chegado à Mísia, intentavam passar à Bitínia, 7, mas foram de novo proibidos de pregar ali. Passando depois à Mísia, voltaram-se para o ocidente, e foram para Tróade. A opinião mais comum é que eles, de Antioquia da Pisídia, passaram para nordeste e foram para Galácia própria; que nesta viagem, Paulo adoeceu, aproveitando esta oportunidade, apesar de enfêrmo para pregar na Galácia, e fundar igrejas, Gl 4. 13-15; que este movimento ao nordeste foi por causa de terem sido proibidos de pregar na Ásia; que terminado que foi o trabalho na Galácia própria, tentaram entrar na Bitínia, sendo outra vez proibidos. E assim, adotando a primeira teoria, o apóstolo voltou para o ocidente, para Tróade. Todo êste período é rapidamente descrito por S. Lucas. O Espírito estava dirigindo os missionários para a Europa. A narração dos Atos assim o indica.

Em Tróade apareceu a visão do homem de Macedônia, At 16. 9. Obedecendo a esta chamada, os missionários juntamente com S. Lucas, dirigem-se para a Europa e desembarcando em Neápolis, seguem logo para a importante cidade de Filipos. Aqui fundaram uma igreja, 16. 1-40, que sempre foi cara ao coração de Paulo, Fp 1. 4-7; 4. 1, 15. Aqui também, pela primeira vez, entrou em conflito com os magistrados romanos, servindo-se dos seus direitos de cidadão romano em favor de seu trabalho, At 16., 20-24, 37-39. De Filipos, onde Lucas ficou, Paulo, Silas e Timóteo foram para Tessalonica. A deficiência de informações sôbre o trabalho neste lugar, At 17. 1-9, é suprida pelas alusões que a ele fazem as duas epístolas àquela igreja.

Alcançou grandes resultados entre os gentios e lançou com grande cuidado os alicerces da igreja, servindo-lhe de exemplo de indústria e sobriedade, provendo pelo trabalho manual, o seu sustento e o de seus companheiros enquanto ali esteve a serviço do evangelho, 1 Ts cap. 2, etc. Veio a perseguição instigada pelos judeus, e por isso os irmãos

enviaram Paulo para a Beréia; deste lugar, após valiosos resultados até mesmo dentro da sinagoga, seguiu para Atenas.

A sua estada nesta cidade foi sem resultados. O que de mais importante se deu foi o brilhante discurso por ele proferido no Areópago em presença dos Filósofos gregos, At 17. 22-31, no qual o apóstolo fez apreciações sobre as verdades que o Evangelho continha em comum com o estoicismo, e ao mesmo tempo proclamando a seu auditório os deveres que tinha para com Deus e o que deveriam crer a seu respeito. Em Corinto, onde se deteve dezoito meses, ao contrário de Atenas, seus trabalhos surtiram efeito admirável. Travou relações com Áquila e Priscila e hospedou-se em sua casa, 18. 1-3. A princípio pregava na sinagoga, depois, por causa da oposição dos judeus, passou a pregar em casa de certo Tito Justo, próximo à sinagoga, 5-7. Tanto no livro dos At 18. 9, 10, como na 1 Co 2. 1-5, encontram-se alusões à grande ansiedade com que o apóstolo prosseguia na sua missão em Corinto, e o seu desejo ardente de proclamar o evangelho na Grécia e em outros lugares. Na 1ª aos coríntios refere-se aos bons resultados de seus trabalhos e às muitas tentações a que a igreja de Corinto estava exposta e que desde o princípio ocasionou cuidados especiais da parte do apóstolo. As necessidades de outras igrejas também serviam de objeto a seus constantes cuidados. De Corinto escreveu as duas epístolas aos Tessalonicenses com o propósito de advertir os irmãos contra certas doutrinas e práticas nocivas que ameaçavam a igreja. As hostilidades dos judeus continuavam. Por ocasião da chegada a Corinto do procônsul Gálio, acusaram a Paulo de violar a lei. O procônsul decidiu que a questão devia ser resolvida pelo pessoal da sinagoga, que o apóstolo não havia violado lei alguma que exigisse a sua intervenção. Nesta época, o império romano defendia os cristãos das violências dos judeus, identificando-os com eles e deste modo o apóstolo podia continuar o seu trabalho sem embaraço algum. A missão de Paulo em Corinto é uma das mais frutíferas que a história da igreja primitiva regista. Finalmente, o apóstolo volta-se outra vez para o oriente. De Corinto vai para Éfeso, onde não se demorou, e segue para Cesaréia indo apressadamente para Jerusalém. Havendo saudado a igreja desta cidade, voltou a Antioquia, de onde havia partido, At 18. 22. Assim terminou ele a segunda viagem missionária de que resultou o estabelecimento do Cristianismo na Europa. A Macedônia e a Acaia estavam evangelizadas. O Evangelho havia dado grande passo para a conquista do império romano. Depois de algum tempo em Antioquia, o apóstolo S. Paulo, talvez no ano 54, deu início à sua terceira viagem. Primeiro atravessou a região da Galácia e da Frigia a fim de fortalecer os discípulos, 23, depois vai a Éfeso. Parece que a anterior proibição de pregar o evangelho na Ásia, havia sido removida. Éfeso era a capital da Ásia e uma das cidades de maior influência no oriente. Permaneceu três anos estabelecendo ali o centro de operações, 19. 8, 9; 20. 31. Durante três meses ensinava na sinagoga, 18. 8, e depois durante dois anos na escola de certo Tirano, 9. O seu trabalho nesta cidade notabilizou-se pela riqueza de instrução, 20. 18-31, pela operação de portentosos milagres, 19. 11, 12, pelos resultados obtidos, porque todos que habitavam na Ásia ouviram a palavra do Senhor, 10, e até mesmo alguns dos principais da Ásia eram seus amigos, 31, também pela constante e feroz perseguição, 23-41; 1 Co 4. 9-13; 15. 32, e finalmente pelo cuidado que tinha de todas as igrejas, 2 Co 11. 28. Este período da vida do apóstolo é rico em incidentes. Muitas cousas se deram que não se encontram nos Atos. Em Corinto, o apóstolo soube dos ataques que lhe faziam e à sua doutrina os mestres judaizantes da Galácia, o que deu origem à epístola aos Gálatas, na qual defende a sua autoridade apostólica e de os primeiros ensinos formais sobre a doutrina da graça. O estado da igreja de Corinto também lhe deu motivo a constantes aflições. Em resposta às perguntas que a igreja lhe fez, escreveu uma carta, que se perdeu, a respeito das relações dos crentes com a sociedade pagã, 1 Co 5. 9. Notícias posteriores dão a entender que haviam surgido dificuldades mais sérias. A primeira epístola aos Coríntios foi escrita de modo a mostrar a sabedoria prática do apóstolo; no modo de instruir e disciplinar as igrejas nascentes. Apesar disso, os elementos sediciosos da igreja de Corinto, continuaram em ação. Pensam alguns que depois de haver enviado a carta, ele próprio foi a Corinto apressadamente para corrigir os crentes indisciplinados, cp. 2 Co 12. 14; 13. 1.

É certo, porém, que antes de sair de Éfeso enviou Tito a Corinto, talvez levando instruções sôbre o caso de um membro refratário da igreja. Tito deveria encontrar-se outra vez com o apóstolo em Trôade. Falhando este encontro, Paulo passou para a Macedônia, muito ansioso, aonde haviam chegado Timóteo e Erasto, At 19. 22.

Finalmente, Tito chegou ao encontro desejado, 2 Co 2. 12-14; 7. 5-16, levando boas notícias: a igreja havia obedecido às instruções do apóstolo e permanecia fiel. Isto deu assunto para escrever a segunda epístola, a que contém as mais completas notas biográficas, e em que ele se regozija pela obediência dos irmãos, e dá instruções sobre o serviço das contribuições destinadas aos santos da Judéia; mais uma vez defende a sua autoridade apostólica. Da Macedônia seguiu para Corinto, onde foi passar o inverno do ano 57-58. Durante a sua estada, completou o serviço de organização e regulou a disciplina da igreja. Foi ainda memorável a visita que ele fez a Corinto, porque nessa ocasião é que ele escreveu a epístola aos romanos, em que expõe com toda a clareza a doutrina referente à salvação da alma. Evidentemente, considerava a cidade de Roma como o ponto culminante de suas operações mas não podia ir já, porque tinha necessidade de voltar a Jerusalém para levar as ofertas das igrejas dos gentios à igreja mãe. O trabalho cristão já havia sido iniciado em Roma, e continuava a ser feito pelos amigos de Paulo, cp. Rm 16.

Enviou a epístola escrita em Corinto para que os cristãos da capital possuíssem instruções completas sobre o Evangelho que ele pregava em todo o mundo. Agora inicia a sua última viagem a Jerusalém, acompanhado de amigos, representantes das várias igrejas dos gentios, At 20. 4. O trabalho do apóstolo entre os gentios sofreu grande oposição da parte dos judeus e até mesmo de cristãos vindos do judaísmo que tentavam desprestigiá-lo. Resultou daí o plano de provar a lealdade das igrejas dos gentios, induzindo-as a enviar ofertas liberais aos pobres da Judéia. Foi para este fim que ele e seus amigos saíram de Corinto com destino a Jerusalém. O seu primitivo plano era de navegar diretamente para a Síria, mas uma conspiração dos judeus, o obrigou a voltar pela Macedônia, 20. 3. Demorou-se em Filipos enquanto que seus companheiros caminhavam para Trôade. Depois da festa da páscoa ele e Lucas foram para Trôade, 5, onde os companheiros o esperavam e onde se demoraram sete dias, 6. Havia lá uma igreja. Lucas dá-nos interessante notícia do que se passou nas vésperas da partida do apóstolo, 7-12. De Trôade caminhou Paulo para Assôs que ficava distante cerca de vinte milhas, para onde haviam embarcado seus companheiros, 13. Dêste porto, navegaram para Mitilene que ficava na costa oriental da ilha de Lesbos, e costeando pela banda do sul, passaram entre a terra firme e a ilha de Quios; no dia seguinte aportaram em Samos e no outro, chegaram a Mileto, 14, 15. Esta cidade estava a 36 milhas de Éfeso, e, como Paulo tivesse pressa, resolveu não ir lá, e, por isso, mandou chamar os presbíteros da igreja. Em Mileto fez as suas despedidas de modo muito emocionante, como se lê em At 20. 18-35. Não havia

palavras capazes de exprimir mais vivamente a dedicação pela sua obra e o amor que votava a seus irmãos convertidos. Partindo de Mileto, o navio seguiu diretamente a Cós, At 21. 1, nome de uma ilha situada a 40 milhas para o sul; no seguinte dia chegaram a Rodes, distante 50 milhas de Cós; de Rodes passaram a Pátara, nas costas da Lícia, At 21. 1. Encontrando um navio que passava à Fenícia, entraram nele, e fizeram-se à vela, 2. Depois de estarem à vista de Chipre deixando-a à esquerda, chegaram a Tiro, 3, onde se demoraram sete dias. Inspirados pelo Espírito Santo, os discípulos instavam com Paulo para não ir a Jerusalém, 4. Depois de uma afetuosa despedida, partiram para Ptolemaida, que hoje se chama Acre, 5, 6, e no seguinte dia chegaram a Cesaréia, 7, 8, aboletando-se em casa de Filipe, o evangelista. Aqui também o profeta Ágabo, que tempo antes havia profetizado a fome, 11. 28, tomando a cinta de Paulo, e atando-se os pés e as mãos, disse: "Assim atarão os judeus em Jerusalém, ao dono deste cinto e o entregarão nas mãos dos gentios." A despeito destas alarmantes predições e das lágrimas dos irmãos, ele seguiu viagem, 21. 11-14, acompanhado dos irmãos, e assim terminou a terceira viagem missionária.

Em breve se cumpriram as palavras de Ágabo. A princípio foi bem recebido pelos irmãos. No seguinte dia à sua chegada, foi à casa de Tiago, irmão do Senhor, onde se haviam congregado os anciãos, aos quais contou todas as cousas, que Deus tinha feito entre os gentios por seu ministério. Ouvindo isto, engrandeceram a Deus. Ao mesmo tempo disseram-lhe os irmãos que muitos dos judeus que estavam entre os gentios, haviam dado más notícias a seu respeito, que punham em dúvida a sua fidelidade às leis de Moisés. Era necessário, pois, que ele desse provas visíveis que o justificassem. Aconselharam-no a que tomasse consigo a quatro varões que tinham voto sobre si, que os levasse ao templo, que se santificasse com eles e fizesse as despesas da cerimônia. A isto Paulo acedeu de bom grado porque era seu desejo agradar aos judeus. A cerimônia era pouco mais do que a que havia feito em Corinto, 18. 18. Conquanto o apóstolo insistisse em que os gentios não eram obrigados às cerimônias judaicas, e nenhum dos cristãos vindos do judaísmo não mais estava na obrigação de observá-las, ele contudo reserva-se o direito de praticar, ou não, certas cerimônias de acordo com as circunstâncias. Este ato, portanto, não era inconsistente com o seu proceder em outras ocasiões. Mas o expediente tomado não surtiu efeito. Certos judeus da Ásia o viram no templo e deram alarma. Acusaram-no de haver introduzido gentios no templo, amotinaram todo o povo dizendo que havia profanado o lugar santo, 21. 27-29. Seguiu-se um tumulto. O povo arrastou a Paulo para fora do templo e o teriam assassinado, se o tribuno Cláudio Lísias não tivesse corrido para o lugar do conflito, arrebatando a Paulo das mãos do povo e fazendo-o liar com cadeias e meteu na prisão. Paulo, com permissão do tribuno, pondo-se em pé sobre os degraus, fez sinal ao povo com a mão, para falar. O tribuno pensou a princípio que ele era certo egípcio que tempo antes havia dado muito trabalho ao governo. Quando Paulo contou que era judeu de Tarso, consentiu que falasse ao povo, o que ele fez em língua hebraica, 22. 2. Contou a história do seu nascimento, da sua vida e da sua conversão, até ao ponto em que falou em nações de longe, quando romperam em gritos para que o matassem. Neste ponto o tribuno o mandou recolher à cidadela, e que o açoitassem e lhe dessem tormento. Tendo-o ligado com umas correias, disse Paulo a um centurião: "E-vos permitido açoitar um cidadão romano e que não foi condenado?", 25. Sabendo disto, Lísias, o mandou desatar, ordenando que o conselho dos sacerdotes tomasse conhecimento do caso. O comparecimento de Paulo perante o conselho provocou novo tumulto, At 22. 1-10. O apóstolo estava agora defendendo a vida, não podia esperar justiça. Se fosse condenado, o tribuno Lísias entregá-lo-ia para ser executado. Com muita habilidade dividiu a opinião de seus inimigos; dizendo que professava ser fariseu, e queriam condená-lo por pregar a ressurreição dos mortos. Isto era verdade e, até certo ponto, prestava-se aos fins em vista. O ódio entre fariseus e saduceus era mais forte do que os dois juntos contra Paulo. As duas seitas tomaram posições opostas. O tribuno, receando que Paulo fosse trucidado entre as duas facções, mandou que os soldados o arrebatassem das mãos da multidão e o metessem na prisão. Naquela noite, o Senhor apareceu a Paulo em visão, dizendo-lhe: "Coragem! porque assim como deste testemunho em Jerusalém assim importa que também o dês em Roma", At 23. 11. A morte de Paulo estava decretada, devendo efetuar-se de modo inesperado. Alguns dos judeus combinaram em pedir ao tribuno que mais uma vez mandasse vir o prisioneiro perante o concílio. Um filho da irmã de Paulo soube do plano e informou a seu tio que por sua vez mandou o pequeno dar notícia ao tribuno, 12-22. Por êste motivo, Lísias mandou aprontar forte contingente de tropas para conduzir Paulo a Cesaréia, com uma carta ao presidente Félix, para que ele resolvesse o caso. Quando Félix soube que o acusado era da Cilícia, determinou que se esperasse a vinda dos acusadores. Entretanto, conservou-o em segurança no palácio de Herodes, que servia de pretório, ou residência do procurador. Passaram-se dois anos de prisão em Cesaréia. Quando os judeus compareceram perante Félix, fizeram uma acusação em termos gerais, dizendo que Paulo era sedicioso, que havia profanado o templo, e queixaram-se da violência com que o tribuno Lísias o havia arrebatado das suas mãos, At 24. 1-9. A isto, Paulo respondeu com formal negação, apelando para o testemunho de seus acusadores, 10-21. Félix estava perfeitamente informado, e sabia que Paulo não havia cometido nenhum crime que merecesse a morte. Despediu os acusadores adiando o julgamento para quando chegasse o tribuno Lísias. E mandou a um centurião que o tivesse em custódia sem tanto aperto e sem proibir que os seus o servissem.

Passados alguns dias, vindo Félix com sua mulher Drusila, que era judia, mandou chamar a Paulo e o esteve ouvindo falar da fé que há em Jesus Cristo, 24. O apóstolo parece ter exercido estranha fascinação sobre o procurador que tremeu na sua presença, prometendo ouvi-lo de novo quando tivesse tempo. Esperava também que Paulo lhe desse algum dinheiro em troca de sua liberdade, 25. 26. O apóstolo não quis subornar o procurador, que adiou o julgamento. Dois anos depois, veio Pórcio Festo substituí-lo no governo, e Paulo ainda estava na prisão, 27. Os judeus esperavam que o novo governador lhes fosse mais favorável do que o tinha sido Félix. Festo recusou-se a enviar Paulo a Jerusalém para ser julgado; que estando preso em Cesaréia, partiria para lá dentro de poucos dias, a fim de tomar conhecimento das acusações, At 25. 1-6. Ainda desta vez nada puderam provar. Paulo continuava afirmando a sua inocência, 7, 8. Festo, querendo agradar aos judeus, perguntou a Paulo se queria ser julgado em Jerusalém. Sabendo que a sua vida corria perigo se fosse ali julgado, serviu-se de seus privilégios de cidadão romano e apelou para César, 9-11. Por este modo o julgamento escapou das mãos do procurador, e o prisioneiro tinha de ser remetido para Roma. Antes da saída de Paulo, Agripa II e sua irmã Berenice vieram visitar a Festo talvez por motivo de sua nomeação.

O novo procurador que não era muito versado em controvérsias judaicas, e como tinha de enviar ao imperador um relatório de informações sobre o caso, contou a Agripa o caso de Paulo. Por sua vez, o rei mostrou desejos de saber o que o prisioneiro dizia em sua defesa. Arranja-

ram-se as cousas de modo que Paulo comparecesse a uma assembléia destas notáveis personagens. Agripa era versado em casos de doutrina e poderia servir de muito para instruir o relatório que o procurador tinha de mandar para Roma, 12-27. A defesa de Paulo perante o rei Agripa, é um dos seus mais notáveis discursos. Nele revela as qualidades de homem de elevada educação, a eloqüência de orador e firmeza de cristão. Passa revista ao seu passado a fim de provar que em todos os seus atos procurou sempre servir a Deus, e que a sua carreira como cristão, não só obedecia a uma direção divina, como ao cumprimento das profecias, At 26. 1-23. Quando Festo o interrompeu, exclamando: "Tu estás louco, Paulo", apelou energicamente para Agripa. Porém o rei estava disposto a ser simples observador e crítico do que ele julgava ser um novo fanatismo, e respondeu com uma frase de desprezo: "Por pouco me persuades a me fazer cristão", 28. Contudo estava convencido de que Paulo não tinha crime e que poderia ser posto em liberdade se não tivesse apelado para César, 31, 32. No outono do mesmo ano 60, Paulo foi enviado para Roma, confiado juntamente com outros presos ao cuidado de um centurião chamado Júlio, da coorte Augusta. Lucas foi seu companheiro juntamente com Aristarco de Tessalonica, 27. 1, 2. Lucas é quem dá o relatório desta viagem com minúcias muito particulares e admirável exatidão. Veja James Smith, *Voyage and Shipwreck of St. Paul.* O apóstolo foi tratado com muita cortesia pelo centurião. Embarcando em um navio de Adrumete, chegaram a Sidom, donde partiram para a Mirra na Lícia. E achando ali o centurião um navio de Alexandria que fazia viagem para a Itália, embarcaram nele.

Os ventos não eram favoráveis, e por isso foram obrigados a navegar lentamente e apenas puderam avistar a Cnido na costa da Cária. Tomando o rumo sul, foram costeando a ilha de Creta, junto a Salmona; navegando com dificuldade ao longo da costa, abordaram a um lugar a que chamam Bons Portos, At 27. 3-8. Havia passado o jejum do décimo dia do mês de Tisri, o dia da expiação, 9, quando chegavam ao termo da viagem. O tempo continuava ameaçador. Paulo mostrou a inconveniência de continuar a viagem, mas o centurião deu mais crédito ao mestre e ao piloto do navio que eram de parecer contrário e desejavam chegar a Fênix e invernar ali por ser porto de Creta, onde havia bom ancoradouro, 9-12. Mas logo que largaram de Bons Portos veio contra a ilha um tufão de vento, chamado Euro-aquilão que arrojou a nau para o sul, indo dar a uma pequena ilha chamada Clauda (a moderna *Gozzo*). Alijada que foi a carga, e os aparelhos do navio, correram assim durante catorze dias à mercê dos ventos para os lados do ocidente. Paulo mostrava-se animado e animava os companheiros, porque o Senhor lhe havia revelado em sonhos que nenhum deles havia de perecer, 13-26. Lançando eles a sonda, perceberam que estavam perto de terra, e, lançando as quatro âncoras, esperavam que viesse o dia. Como tivesse aclarado o dia, não conheceram a terra: somente viram uma enseada que tinha ribeira, na qual intentavam encalhar o navio. Pelo que, tendo levantado âncoras, se entregaram ao mar, e se encaminharam à praia, 27-40. O navio deu numa língua de terra; a proa afincada permanecia imóvel, ao mesmo tempo que a popa se abria com a força do mar. Todos se lançaram às ondas; e, como Paulo havia dito, nenhum dêles pereceu, 41-44.

Nesta emocionante aventura, que Lucas descreve com tanta minúcia, o proceder de Paulo ilustra muito bem a coragem de um cristão e a influência que um homem de fé exerce sobre os outros indivíduos, em tempos de perigo. A terra a que haviam chegado era a ilha de Melita que hoje se apelida Malta, situada a 58 milhas ao sul da Sicília, cujos habitantes receberam os náufragos com muita cordialidade. O procedimento maravilhoso de Paulo ganhou para ele muita honra e simpatia, At 28. 1-10. Três meses depois, embarcaram em um navio de Alexandria que tinha invernado na ilha, no qual arribaram a Siracusa, onde ficaram três dias. De lá, correndo a costa, foram a Régio, e dois dias mais, aportaram a Potéoli, a sudoeste da Itália. Ali, Paulo encontrou irmãos em cuja companhia se demorou sete dias, 11-14. Entretanto a notícia chegou a Roma. Os irmãos vieram encontrá-lo à Praça de Ápio e às Três Vendas, nomes de dois lugares distantes de Roma, 43 e 33 milhas, respectivamente. O centurião entregou os prisioneiros ao capitão da guarda, que era o prefeito da guarda pretoriana, cargo este exercido nesta ocasião, A. D. 61, pelo célebre Burro. Mommsen e Ramsay pensam que os prisioneiros foram entregues ao capitão de outro corpo a que o centurião Júlio pertencia, cujo ofício consistia em superintender o transporte dos cereais para a capital e outros encargos policiais. Realmente não sabemos quem foi que tomou sobre si a guarda de Paulo. O que se pode dizer é que ele ficou sob a guarda de um soldado com licença de habitar onde quisesse, 28. 16; Fp 1. 7, 13. As apelações para César eram atendidas com muita morosidade. Dois anos inteiros permaneceu Paulo em um aposento que alugara, onde recebia a todos que o queriam ver, 28. 30. E assim termina a narrativa da primeira detenção de Paulo em Roma. Os Atos dos Apóstolos concluem dizendo que, passados três dias, convocou Paulo os principais dos judeus para informá-los dos motivos de sua prisão na capital, tendo-lhe aprazado dia para dar testemunho do Reino de Deus, convencendo-os a respeito de Jesus, pela lei de Moisés e pelos profetas, desde pela manhã até a tarde. Como não o quisessem crer, declarou mais uma vez que aos Gentios era enviada esta salvação. A prisão não o impedia de exercer a sua atividade missionária, 28. 17-31. As epístolas que ele escreveu neste período, iluminam mais de perto esta fase de sua história: são as epístolas aos Colossenses, a Filemom, aos Efésios e aos Filipenses.

As primeiras três foram provavelmente escritas, no princípio deste período, e a última no fim. Por elas se vê que o apóstolo tinha muitos amigos fiéis em Roma, trabalhando com ele, entre os quais se contam: Timóteo, Cl 1. 1; Fp 1. 1; 2. 19; Fm 1. 1; Tíquico, Ef 6. 21; Cl 4. 7; Aristarco, Cl 4. 7, 10; Fm 24; João Marcos, Cl 4. 10, Fm 24, e Lucas, Cl 4. 14; Fm 24. Estes amigos tinham livre acesso à sua pessoa e operavam como mensageiros para as igrejas e como cooperadores em Roma. Paulo na prisão era o centro de onde irradiava a luz do Evangelho para todo o império. As epístolas citadas põem em relevo a atividade pessoal do eminente apóstolo. Com grande zelo e apreciáveis resultados, apesar das suas cadeias, pregava o Evangelho: estando em cadeias fazia o ofício de embaixador, Ef 6. 20. Pedia a seus amigos que orassem a Deus para que se lhe abrisse a porta da palavra para anunciar o mistério de Cristo, Cl 4. 3. Em Onésimo, escravo fugido, vemos um exemplo vivo do fruto de seu trabalho, Fm 10. À medida que o tempo corria, aumentava também o seu trabalho. Escreveu aos Fp 1. 12, 13, que todas as cousas que lhe tinham acontecido haviam contribuído para proveito do Evangelho, de maneira que as suas prisões se tinham feito notórias em Cristo por toda a corte do Imperador e em todos os outros lugares. Enviou saudações dos que eram da família de César. Ao mesmo tempo sofria oposição até mesmo de alguns dos crentes, provavelmente do tipo judaico, 1. 15-18, e que ele enfrentava com ânimo sereno, esperando ser em breve livre das prisões, Fp 1. 25; 2. 17, 24; Fm 22.

A detenção de Paulo serviu nas mãos de Deus para habilitá-lo a exercer com mais precisão o ofício de embaixador de Cristo. Finalmente, as epístolas provam que o apóstolo superintendia a

todas as igrejas espalhadas pelo território do grande império. Na Ásia surgiram novas heresias. Nas epístolas que escreveu na prisão, forneceu as mais preciosas instruções acerca da pessoa de Cristo e dos eternos propósitos de Deus revelados no Evangelho, e ao mesmo tempo as direções práticas que elas contêm descobrem a largueza do círculo em que exercia a sua atividade, e o fervor de sua vida cristã.

O livro dos Atos termina deixando a Paulo na prisão em Roma. Existem abundantes provas que nos levam a crer que ao cabo de dois anos, foi solto, continuando as suas viagens missionárias. As provas referidas podem ser condensadas da seguinte forma: (1) Os vv. finais dos Atos acomodam-se melhor com esta idéia do que, pensando que a prisão do apóstolo terminou pela condenação e morte. Lucas dá relevo ao fato de que o apóstolo pregava o Reino de Deus e ensinava as cousas concernentes ao Senhor Jesus Cristo com toda a *liberdade* e *sem proibição*, dando-nos a entender que o fim de sua atividade não estava próximo. (2) Na epístola aos Fp 1. 25; 2. 17, 24, em Fm 22, diz claramente que cedo ficaria livre. Esta esperança encontra apoio no tratamento que havia recebido dos oficiais romanos. Deve-se notar que as perseguições de Nero contra os cristãos ainda não haviam começado; que se o apóstolo fosse condenado seria um ato sem precedentes nas relações do governo com os cristãos; que em face das leis do império, sendo os cristãos tidos como seita judaica, eram garantidos no exercício de suas crenças.

É provável também que na acusação contra Paulo entrasse algum crime contra as leis romanas. Contudo, o relatório enviado por Festo nada continha que o desabonasse, At 26. 31, nem parece que os judeus tivessem mandado algum acusador a Roma, 28. 21. (3) Afirma a tradição que Paulo foi solto e reassumiu a sua atividade missionária, sendo mais tarde novamente preso. Clemente de Alexandria, A. D. 96, dá a entender claramente que o apóstolo chegou a ir à Espanha, quando diz que em suas viagens "chegou ao extremo ocidente." Este fato é confirmado pelo Fragmento Muratório, A. D. 170. Com isto concorda a história de Eusébio, A. D. 324, onde se diz que, segundo a tradição comum, depois que Paulo saiu da prisão, tendo feito a sua defesa, se entregou de novo ao ministério da pregação, e mais uma vez foi a Roma, onde sofreu o martírio. É admissível que esta evidência tradicional não seja suficientemente forte para uma demonstração absolutamente exata; porém, pertence a uma época remota e é em si mesma bastante forte para confirmar a evidência contra a qual não se pode opor nenhuma outra. 4. Ninguém pode contestar que as epístolas a Timóteo e a Tito não sejam genuínas em razão da evidência interna e externa a seu favor. Ora, nenhuma delas é mencionada na história de Paulo, como a dá o livro de Atos. Logo, devem pertencer a uma época posterior, o que nos leva a aceitar a tradição referida por Eusébio. Devemos, pois, acreditar que o apelo feito, do tribunal de Festo para o de César, deu em resultado a sua liberdade. Os trabalhos subseqüentes somente poderão ser avaliados pelas alusões que se encontram nas epístolas a Timóteo e a Tito e pelo testemunho da tradição. Podemos supor que depois de solto, seguiu para a Ásia e Macedônia como desejava, Fp 2. 24; Fm 22. Pelo que se lê em 1 Tm 1. 3, sabe-se que ele deixou a Timóteo encarregado de cuidar das igrejas em Éfeso, indo para a Macedônia. Onde se achava, quando escreveu a sua primeira carta a Timóteo, não é fácil saber, mas ele esperava regressar, brevemente a Éfeso, 1 Tm 3. 14. Pela carta a Tito, sabe-se que havia confiado a ele o cuidado das igrejas de Creta e que esperava passar o inverno em Nicópolis, Tt 3. 12. Havia três cidades com este nome, a que se pode aplicar esta referência, uma na Trácia perto de Macedônia, outra na Cilícia e a terceira, no Epiro; de modo que não podemos dizer a qual delas se refere o apóstolo. É provável, porém, que fosse a do Epiro. Se aceitarmos o que diz a tradição sobre a ida de S. Paulo à Espanha, é lícito supor que só poderia ser depois de haver estado na Ásia e na Macedônia; e que, depois de regressar da Espanha, é que ele se demorou em Creta, onde deixou a Tito, voltando para a Ásia, de onde provavelmente escreveu a carta a Tito. Sabe-se mais pela leitura da segunda carta a Timóteo, 4. 20, que ele passou pela cidade de Corinto e por Mileto, uma na Grécia e outra na Ásia. Ignora-se se realizou o intento de invernar em Nicópolis. Muitos são de parecer que ele seguiu para Nicópolis do Epiro e que ali foi novamente preso e enviado para Roma. Apesar de serem muito incertos os movimentos do apóstolo durante o final de sua existência, as epístolas neste período, dizem o bastante para sabermos que empregava a sua atividade, evangelizando novas regiões e fundando igrejas nos moldes das já existentes, perfeitamente organizadas. Sabia que pouco lhe restava de vida e que as igrejas ficariam expostas a novos perigos, tanto internos como externos. Daqui vem que as epístolas pastorais, como são chamadas, serviam de veículo para levar às igrejas as instruções apostólicas necessárias à consolidação de sua fé e equipando-as pràticamente para a obra do futuro.

O livramento de Paulo, quando foi preso a primeira vez, deu-se pelo ano 63; a sua subseqüente atividade durou quatro anos. Segundo Eusébio a morte de Paulo deu-se no ano 67, e segundo S. Jerônimo, no ano 68. Qual foi o motivo de ser outra vez preso não se sabe. Na segunda epístola a Timóteo, escrita de Roma pouco antes de morrer, encontram-se alguns indícios. Devemos recordar que a perseguição de Nero aos cristãos explodiu no ano 64, seguida de outras em várias províncias do império, 1 Pe 4. 13-19. Pode bem ser, como alguns presumem, que o apóstolo foi apontado como o chefe da nova seita pelo Alexandre por ele mencionado na carta a Timóteo, 2 Tm 4. 14. Seja como for, foi preso e remetido para Roma a fim de ser julgado, ou por que tenha apelado para César, como fez antes, ou por ser acusado de algum crime cometido na Itália, talvez de cumplicidade no incêndio de Roma, ou ainda por causa da oficiosidade de algum procurador provincial que desejava gratificar a vaidade do tirano, enviando-lhe tão preciosa presa. Somente o seu amigo Lucas se achava com ele, quando escreveu a carta a Timóteo, 2 Tm 4. 11. Alguns o haviam abandonado, 1. 15; 4. 10, 16, e outros se haviam ausentado para lugares diferentes, 10. 12. A primeira vez que compareceu ao tribunal, foi absolvido, 17, continuando na prisão por algum motivo diferente. Quem sabe se, tendo sido absolvido por algum crime, ficou na prisão por ser cristão. Fala de si como prisioneiro, 1. 8, e em cadeias, 16, como malfeitor, 2. 9, e estava a ponto de ser sacrificado, 4. 6-8. É certo que afinal foi condenado à morte simplesmente por ser cristão, de acordo com a política de Nero iniciada no ano 64. Diz a tradição que foi decapitado, sendo cidadão romano, na via Ostia.

Dando o esboço biográfico do apóstolo, referimo-nos ao testemunho dos Atos e das epístolas. Não devemos contudo, ignorar que muitos outros fatos se deram durante a sua carreira ativa e fecunda. A alguns destes fatos, encontram-se alusões em várias epístolas, Rm 15. 18, 19; 2 Co 11. 24-33. Os fatos bem averiguados da sua vida, conforme o testemunho das epístolas, revelam claramente o caráter do grande apóstolo e o valor supremo de sua obra. É difícil esboçar todas as linhas de seu caráter versátil. Era por natureza intensamente religioso: a sua natureza obedecia inteiramente a esta influência, quando fariseu, e muito mais depois da sua conversão. Dotado de alto vigor intelectual, apreendia todo o valor da verdade, e logicamente obedecia a todas as suas

injunções. A verdade dominava-lhe o coração e a mente. As emoções que ele produzia eram tão ardentes quanto vigorosos os processos lógicos de seu raciocínio. Ao mesmo tempo, os aspectos práticos da verdade, ele os via com a mesma nitidez como o seu lado teórico. Se por um lado tirava conclusões lógicas das suas idéias doutrinais, por outro, aplicava o Cristianismo à vida prática com a sabedoria e compreensão de um homem de negócios. Era intensamente afetivo e às vezes extático em suas experiências religiosas, sempre progressivo nas suas exposições da verdade, capaz de remontar-se às mais elevadas culminâncias do pensamento religioso e de vida e movimento à verdade pela qual se batia. A flexibilidade de caráter, a intensidade de espírito, a pureza de sentimentos, a vida espiritual, o vigor mental, dotes estes governados pelo espírito de Deus, habilitaram o apóstolo para a obra que a Providência Divina lhe havia destinado. Esta obra consistia em interpretar ao mundo gentílico por meio da palavra falada e escrita, e por atos sobrenaturais, a missão de Cristo e a mensagem de salvação que ele trouxe. O modo prático de realizar esta obra encontra-se bem descrito nos Atos dos Apóstolos. Por meio de sua ação inteligente estabeleceu-se no mundo a catolicidade do Cristianismo, independente do ritualismo judaico e adaptável a todo o gênero humano, como bem o confirma a história. Outros obreiros colaboraram neste mesmo trabalho, porém só ao apóstolo S. Paulo foi divinamente confiada esta missão especial; a ele, mas do que a qualquer outro, se devem as conquistas do Evangelho no mundo. É verdade que tudo isto se efetuou de acordo com os propósitos divinos. Mas os que estudam a história do Cristianismo devem reconhecer na pessoa de Paulo o agente principal desta grande obra. Por outro lado, as epístolas de S. Paulo expõem de modo claro, a palavra de Cristo, dão-nos a interpretação doutrinal e ética das doutrinas e das obras por ele realizadas e que serviram ao grande apóstolo para auxiliá-lo no exercício de sua grande atividade; sem isto, o Cristianismo não teria existência permanente nem exerceria tão profunda influência. E, pois, ao apóstolo das gentes que devemos admirar como grande teólogo. A sua teologia reflete a experiência peculiar de sua conversão. Por meio da repentina transição que se operou na sua vida religiosa, chegou a conhecer que era impossível salvar-se por si mesmo, e que o pecador depende exclusivamente da graça soberana de Deus, e da obra redentora de Jesus, o Filho de Deus, por meio de sua morte e ressurreição. Segue-se daí que, somente pela união com Cristo por meio da fé, é que o pecador poderá ser salvo. A salvação consiste na justificação do pecador que só Deus faz, baseada na obediência de Cristo, participando de todos os benefícios espirituais, tanto internos como externos, no céu e na terra, adquiridos para ele. O Espírito Santo deu a Paulo a intuição necessária para lançar como fundamento de todo o seu trabalho, a verdade e a pessoa de Cristo. Nas epístolas aos Gálatas e aos Romanos, o meio de salvação acha-se plenamente elaborado, nas epístolas que escreveu nas prisões, encontram-se a exaltação da dignidade de Cristo e a inteira e completa demonstração dos fins e propósitos divinos em referência à igreja de Cristo. Além destes assuntos fundamentais, ele traça as linhas características do dever e da verdade cristã. A sua teologia predileta é a que fala da graça, cujas profundezas ilumina; interpreta o Messias hebreu, ao mundo gentílico; ergue-se para explicar a doutrina do Salvador, em que ele creu e a obra redentora por ele realizada. Paulo teve a primazia como professor de teologia, e ao mesmo tempo salientou-se como o mais agressivo de todos os missionários. É impossível compreender o Cristianismo, sem os ensinos e as obras de Cristo e a interpretação fornecida pelo apóstolo S. Paulo.

Cronologia da vida de S. Paulo. Conquanto a ordem dos acontecimentos da vida de S. Paulo e as datas relativas das suas epístolas sejam em grande parte bem claras, existem contudo algumas divergências quanto aos anos em que se deram os fatos e em que foram escritas as epístolas. Nos Atos dos Apóstolos existem duas datas rigorosamente exatas, que são a data da ascensão de Cristo no ano 30, (posto que alguns dizem que é 29), e da morte de Herodes Agripa, At 12. 23, que todos admitem ter sido no ano 44. Contudo, nenhuma delas serve para determinar com absoluta certeza a cronologia da vida de Paulo, que depende principalmente de assinalar a data da posse do procurador Festo no governo da Judéia. Segundo a opinião mais geralmente aceita, que é a mais provável, Festo tomou posse do governo no ano 60, 24. 27. Josefo diz que quase todos os acontecimentos que se deram na Judéia durante o governo de Félix, se efetuaram no reinado de Nero, que começou em outubro do ano 54. S. Paulo em sua defesa perante Félix diz: "Sabendo que tu és juiz desta nação muitos anos há, com bom ânimo satisfarei por mim", 10. Em vista do que, a prisão de Paulo quando compareceu diante de Félix, não podia ser antes do ano 58. Paulo esteve dois anos na cadeia de Cesaréia, e por isso a substituição de Félix deveria ter sido no ano 60 e não depois, porque no ano 62 o procurador Festo era substituído por Albino, sendo certo, pois, que ele governou mais de um ano. Se Festo tomou posse do cargo no ano 60, Paulo deveria ter seguido para Roma no outono dêsse ano, chegando a Roma na primavera do ano seguinte depois de passar o inverno em viagem. Portanto a narrativa final dos Atos e o provável livramento de Paulo, quando pela primeira vez esteve em Roma devem ser datados do ano 63, 28. 30. Os acontecimentos da vida de Paulo, anteriores a esta data, precedem ao governo de Festo começado no ano 60. Sendo assim, a prisão de Paulo deu-se no ano 58, dois anos antes, At 24. 27, isto é, no fim da terceira viagem missionária. O inverno que precedeu a sua prisão, passou-o ele em Corinto, 20. 3, e o outono anterior, na Macedônia, 2, e antes desta época demorou-se três anos em Éfeso, 31, para onde havia ido, quando deixou Antioquia, depois de uma rápida excursão pela Galácia e pela Frígia, 28. 23. Conclui-se pois, que na terceira viagem gastou quatro anos. Se ele foi preso em Jerusalém na primavera do ano 58, segue-se que começou esta viagem na primavera do ano 54. A terceira viagem foi iniciada pouco depois da segunda, 23, talvez dois anos e meio, visto que, ele se demorou dezoito meses em Corinto, 11, e que os fatos precedentes teriam consumido mais um ano, 15. 36 até cap. 17. 34. Portanto, se a segunda viagem terminou no outono de 53, provavelmente começou na primavera de 51. A segunda viagem começou alguns dias, 15. 36, depois do concílio de Jerusalém que se efetuou no ano 50. A primeira viagem missionária não poderia realizar-se senão entre o ano 44, em que morreu Herodes, cap. 12, e o ano 50, em que se deu o concílio, cap. 15. Poder-se-á, pois, dar-se o período de 46-48, não sendo provável que gastasse tanto tempo.

Para determinar a data da conversão de Paulo, precisamos combinar os cálculos acima referidos com o que diz a epístola aos Gálatas. Diz ele no cap. 2. 1: "Catorze anos depois subi dali, outra vez, a Jerusalém com Barnabé." Esta visita não pode ser outra senão a que ele fez para assistir ao concílio no ano 50. Mas desde quando começou ele a contar estes catorze anos? Segundo alguns comentadores, devem ser calculados desde a data de sua conversão, mencionada em Gl 1. 15, no ano 36 ou 37, segundo o modo de contar os catorze anos, incluindo ou excluindo o primeiro deles. Mas em Cl 1. 18, Paulo nota que ele visitou Jerusalém três anos depois de ser convertido. É mais lógico datar os catorze anos, mencionados em Gl 2. 1 desde o fim dos três anos prévios. Neste caso, de qualquer modo que se faça o cálculo, a conversão deu-se no ano 33 ou 35. Está mais de

acordo com o sistema hebraico de calcular incluir o ano anterior, e por isso podemos dizer que a conversão se deu no ano 35 e que sua primeira visita à cidade de Jerusalém, Gl 1. 18, foi no ano 37, e que os catorze anos depois, 2. 1, vão ao ano 50. Como já dissemos, todas estas datas são discutidas. Alguns dão o ano 55 para a posse de Festo, e portanto alteram todas as outras datas em cinco anos para menos. Outros críticos divergem em certos pontos especiais, como por exemplo, a respeito da morte do apóstolo, dizendo que foi no ano 64, supondo ter sido no primeiro ano da perseguição de Nero. Contudo, as datas que acima demos, parecem aproximar-se muito da verdade, e podem ser vistas na seguinte:

TÁBUA CRONOLÓGICA

Morte, ressurreição e ascensão de Cristo	A.D.	30
Conversão de S. Paulo	"	35?
Primeira visita subseqüente a Jerusalém, Gl 1. 18	"	37
Paulo em Tarso	"	37-43
Visita a Jerusalém, levando ofertas de Antioquia, At 11. 30	"	44
Primeira jornada missionária	"	46-48
Concílio de Jerusalém	"	50
Segunda jornada missionária	"	51-53
1 e 2 aos Tessalonicenses	"	52
Terceira jornada missionária	"	54-58
Gálatas	"	55
1 Coríntios	"	56 ou 57
2 Coríntios	"	57
Romanos	"	57-58
Prisão de Paulo	"	58
Encarceramento em Cesaréia	"	58-60
Festo sobe ao poder	"	60
Paulo chega a Roma	"	61
Colossenses, Filemom, Efésios	"	61 ou 62
Filipenses	"	62 ou 63
Absolvido em primeiro julgamento	"	63
1 Timóteo	"	64 ou 65
Tito	"	65 ou 66
Hebreus (se foi de Paulo)	"	66 ou 67
2 Timóteo	"	67
Morte de Paulo	"	67

G. T. P.

PAU PRETO

Madeira de várias espécies do gênero *Diospyros* que constitui o tipo das *Ebenaceas*. A parte interna, ou cerne, é de cor preta, muito dura e pesada. Emprega-se em trabalhos de marcenaria ornamental e de torno. Os negociantes de Dedã a levavam aos mercados de Tiro, que, segundo parece, a traziam da Índia e de Ceilão, Ez 27. 15. Os gregos reconheciam duas qualidades de pau preto, um mosqueado, procedente da Índia, e outro de cor preta, originário da Etiópia.

PAVÃO

Tradução da palavra hebraica *Tukki*. A frota do rei Salomão ia por mar, com a frota de Hirão, uma vez cada três anos a Társis, a trazer dali ouro e prata, e dentes de elefantes, e bugios e pavões, *tukkiyym*, 1 Rs 10. 22; 2 Cr 9. 21. As palavras empregadas no original para dentes de elefantes e bugios, são de origem indiana. A palavra *tukki*, encontra explicações no vocábulo *togei*, original do Malabar, do Antigo Tamil *tokei*, *togei*, pavão. O pavão é originário da Índia, *Pavo cristatus*, vivendo nas matas, e fugindo ao mais leve rumor que dele se aproxima. Os naturais não o deixam molestar. Às vezes chegam a entrar nos povoados.

PE

Décima sétima letra do alfabeto hebraico empregada na décima sétima divisão do Sl 119. Cada linha do texto original começa por esta letra. Os copistas, algumas vezes, acham difícil distingui-la da letra *beth*, com a qual muito se parece.

PECA, *Abertura, livramento.*

Nome do filho de Remalias, general dos exércitos de Peca que conspirou contra seu rei, matou-o e reinou em seu lugar. Prestou adoração ao bezerro, que Jeroboão I adorava, 2 Rs 15. 25-28. Avizinhando-se o fim do reinado de Joatão, rei de Judá, Peca entrou em aliança com Razim, rei da Síria, contra o reino de Judá, com o fim de destronar o rei e dar a coroa a quem lhes convivesse. Os exércitos aliados deram começo à invasão de Judá, justamente quando o governo de Joatão passou para as mãos de Acaz. Os sírios avançaram pelo lado oriental do Jordão, dirigindo-se a Jerusalém, a fim de se juntarem ao exército de Israel. Peca dirigia-se para a capital, devastando pelo incêndio e pelo saque tôdas as povoações por onde passava. Os habitantes de Jerusalém estavam grandemente alarmados. O profeta Isaías animava o povo e o rei, assegurando-lhes que o plano do inimigo seria frustrado, exortando-os a confiar em Jeová. Acaz desprezou este conselho e preferiu socorrer-se do rei da Assíria. Os soldados de Tiglate-Pileser entraram pela Galiléia, 2 Rs 15. 29, em direção à Filístia, no ano 734 A. C., obrigando os reis aliados a evacuarem o reino de Judá a fim de garantir os próprios domínios deles. Peca, na sua retirada, levou consigo uma grande multidão de cativos. O profeta Obede saiu ao encontro do exército que vinha para Samaria que a seu conselho vestiu e alimentou os prisioneiros, fazendo-os voltar em paz para a sua terra, 2 Rs 15. 5-9; 2 Cr 28. 5-15; Is 7. 1-13. Nos dois anos seguintes, Tiglate-Pileser estêve em Damasco, sem dúvida dirigindo o exército no território de Israel, à medida que saía da Filístia. Os destacamentos do exército assírios saíram de Damasco e invadiram o país ao oriente do Jordão, levando cativos muitos israelitas, 1 Cr 5. 26. No ano 730 A. C. Oséias assassinou a Peca e subiu ao trono em seu lugar, 2 Rs 15. 30. Este feito, segundo relatam os escritos dos assírios, realizou-se com a conivência de Tiglate-Pileser. O atual texto hebreu dá vinte anos para o reinado de Pecá, 2 Rs 15. 27. Não é possível que ele tivesse ocupado o trono de Samaria todo este tempo, porque Manaém, seu predecessor estava no trono ainda pelo ano 738 A. C. quando reinava Tiglate-Pileser. Os críticos de todas as escolas são concordes em dizer que este reinado de vinte anos é longo demais. É de supor que o escritor hebreu, quando fez o sumário histórico do reinado de Pecá, dizendo que "no ano cinqüenta e dois de Azarias, reinou Pecá, filho de Remolias sobre Israel, em Samaria, vinte anos", não quer dizer que Pecá reinou durante estes vinte anos em Samaria. Peca associou-se aos galaaditas, 2 Rs 15. 25, sendo possível que estabelecesse a sua autoridade ao norte de Galaade e na Galiléia em 749, enquanto durou a confusão que seguiu à morte de Jeroboão II. É possível ainda que continuasse a manter essa autoridade durante a maior parte do reinado de Manaém por este sentir-se inseguro enquanto Tiglate-Pileser não invadiu o norte e estabeleceu a autoridade de Manaém sobre todo o país, 2 Rs 15. 19. Depois disto, Pecá, à semelhança de Abner, abandonou a oposição, fez voto de lealdade, sendo investido em alta posição militar ao serviço do rei a quem havia recusado obediência até então. Depois da morte de Manaém, e na ausência de Tiglate-Pileser, e talvez à sombra de Razim apoderou-se do trono no ano cinqüenta e dois do reinado de Azarias e de novo continuou a reinar.

PECADO

Qualquer falta de conformidade com a lei de Deus, ou qualquer transgressão desta lei, Rm 3. 23; Jo 3. 4; Gl 3. 10-12. Pecado de omissão consiste em deixar de fazer o que a lei de Deus ordena; e pecado de comissão consiste em fazer o que a lei proíbe.

PEÇAS

Quando se fala em peças, no Antigo Testa-

mento, no sentido monetário, quer dizer certa quantidade de metal precioso, cunhado ou não, Gn 33. 19; 1 Sm 2. 36. Os tradutores empregaram esta palavra porque no original tem um sentido vago, cujo valor não podia ser determinado por nenhum dos numerais hebraicos. Os tradutores também empregam a mesma palavra nos lugares onde o valor da unidade de peso ou de moeda, não é indicado com precisão, e onde a unidade monetária é expressa pela palavra *shekel*, Jz 17. 2; 2 Sm 18. 11; cp. Dt 22. 19; 1 Rs 10. 29. Em o Novo Testamento a moeda de prata, representa geralmente o *shekel* ou seu equivalente, Mt 26. 15, com 27. 9, e Zc 11. 12, porém, em Lc 15. 8, se encontra a palavra dracma que regula 16 cent. do dólar.

PÉCODE

Nome de uma localidade de Babilônia e também do povo que nela habita, Jr 50. 21; Ez 23. 23. Parece que seja o povo denominado *Pukudu* do império babilônico.

PEDAEL, *Deus salvou.*

Nome de um príncipe da tribo de Neftali no deserto, Nm 34. 28.

PEDAGOGO

Tradução em Gl 3. 24, 25, o vocáculo grego *Paidagogos*, pessoa que dirige o ensino de crianças. As nossas versões dizem pais em 1 Co 4. 15. O *paidagogos* ou pedagogo entre os gregos era um escravo de confiança ao qual se entregava a educação das crianças, *Vida* 76; Heród. 8. 75, e que as acompanhava fora de casa. Era responsável pela sua segurança, guardava-as de más companhias, conduzia-as à escola e de lá as trazia para casa. A lei foi um pedagogo para nos conduzir a Cristo; preparou-nos para recebê-lo como nosso redentor; manifestou a justiça de Deus, convenceu-nos do pecado; as suas ameaças obrigam-nos a buscar refúgio contra a ira e maldição divina. Tornou patente a impossibilidade de alcançarmos a salvação pelas obras da lei; exibiu o plano da salvação nos tipos e cerimônias, alimentando a fé no Salvador que havia de vir, Gl 3. 24; Rm 3. 19-21; 4. 15; 7. 7-25.

PEDAÍAS, *Jeová tem salvo.*

1. Nome do pai de Joel, príncipe de Manassés, 1 Cr 27. 20.

2. Nome de um cidadão de Ruma, avô materno do rei Joaquim, 2 Rs 23. 36.

3. Nome de um irmão de Salatiel, ou talvez seu filho, 1 Cr 3. 18, 19.

4. Nome de um dos descendentes de Faros, reconstruiu e reparou uma parte do muro de Jerusalém, Ne 3. 25.

5. Nome de um dos que estiveram ao lado esquerdo de Esdras, quando este falava ao povo, Ne 8. 4.

6. Nome de um benjamita da família de Jesaías, Ne 11. 7.

7. Nome de um dos levitas nomeados por Neemias como superintendente dos celeiros Ne 13. 13.

PEDAZUR, *Rocha,* i. é, *Deus tem salvo.*

Nome do pai de um dos príncipes da tribo de Manassés no deserto, Nm 1. 10; 2. 20.

PEDERNEIRA, *Sílex.*

Substância mineral extremamente dura a que se dá em diversas partes da Escritura o nome de pedra, Dt 8. 15; 32. 18; Sl 104. 8. Pedra durissima é símbolo de firmeza no cumprimento de deveres, Is 1. 7; Ez 3. 9. Através do sílex, vão os mineiros até as raízes das montanhas em busca do que há precioso, Jó 28. 9, 10. As lascas da pederneira serviam de canivete em casos especiais, Ex 4. 25; Js 5. 2.

PEDRA

A Palestina é um país de rochedos. Muitas vezes, antes de se cultivar um campo, era preciso aliviá-lo das pedras, Is 5. 2. Um dos modos de hostilizar o inimigo consistia em entupir as fontes das águas e cobrir de pedras todos os campos, os mais férteis, 2 Rs 3. 19, 25. As pedras empregavam-se em vários usos: 1. Para a construção de cais, Guerras 1. 21, 6, para levantar os muros das cidades, 1 Rs 15. 22; Ne 4. 3, para a edificação de casas, Lv 14. 45; Am 5. 11, palácios, 1 Rs 7. 1, 9, fortalezas e templos, 6. 7. De pedras se faziam os pavimentos dos vestíbulos e as colunas dos átrios dos templos e dos palácios, Et 1. 6. Nos tempos de Herodes, senão antes, deu-se início ao calçamento das ruas com pedras de granito; serviam elas para a construção dos aquedutos, dos reservatórios, das pontes, e dos muros que cercavam as vinhas e dos altares, Pv 24. 30, 31; Ex 20. 25. Na construção dos altares, os israelitas empregavam pedras toscas, e bem assim no levantamento de monumentos para comemorar um fato qualquer, Gn 31. 46, ou para assinalar o local onde jazem os restos de um criminoso, Js 7. 26; 8. 29; 2 Sm 18. 17, costume este ainda em voga na Síria e na Arábia, não limitado à sepultura dos criminosos. Algumas construções exigiam pedras serradas, 1 Rs 7. 9, 11. Empregavam-se pedras de enormes proporções nos muros do templo, v. 10, e nos molhes de Cesaréia, Guerras 1. 21, 6.

2. Outras pedras de tamanho regular serviam para tapar as bocas das cisternas e dos poços e a entrada dos sepulcros, Gn 29. 2; Mt 27. 60; Jo 11. 38, para marcar os limites de territórios, Dt 19. 14, e para marcos, Jr 31. 21. No tempo dos romanos, as estradas tinham pedras de milha em milha, que assinalavam as distâncias, como, por exemplo, na estrada entre Tiro e Sidônia, e entre Pela e Gerasa, onde ainda se vêem. Erguiam-se pedras comemorativas de pessoas e acontecimentos, Gn 31. 45; 35. 14, 20; 2 Sm 18. 18, que às vezes se cobriam de inscrições descritivas de fatos, Heród. 2. 106. Veja *Pedra Moabita.*

As pedras, tanto brutas como cinzeladas, serviam de objetos de adoração, Lv 26. 1; Dt 29. 17; 2 Rs 19. 18, cp. Is 57. 6. Certa quantidade de pequenas pedras, que os gregos chamavam *baituloi* e *baitulia*, de origem meteórica, eram tidas como sagradas por haverem caído do céu e alimentavam a superstição dos gentios. Diziam eles que estas pedras falavam, moviam-se e guardavam a gente dos males. O nome grego, se for de origem semítica, como não é para se duvidar, é muito aparentado com *bethel* e pode indicar que a pedra servia de abrigo a alguma força sobrenatural de algum deus ou espírito. Os semitas não empregavam este nome para designar as pedras brutas que eles erguiam em lugares de adoração, Dt 12. 3. Em certos casos, os israelitas consagravam uma pedra em honra a Deus, Gn 28. 18-22; 35. 14; 1 Sm 7. 12; Is 19. 19, e davam um nome religioso ao lugar, Gn 28. 19; 35. 7, ou mesmo à pedra, 1 Sm 7. 12, como faziam algumas vezes, chamando um altar pelo nome de Deus, Gn 33. 20; Ex 17. 15; cp. 35. 7. Nestes casos, porém, não consideravam a pedra ou o altar como residência de algum poder oculto, ou de alguma divindade, nem lhe prestavam honras divinas. O culto oferecido a Deus, em tais lugares, era separado da pedra memorial e do altar, Gn 31. 54; 35. 1, 7; 1 Sm 7. 9.

3. Serviam as pedras de armas de combate atiradas por fundas e catapultas, Jz 20. 16; 1 Sm 17. 40; 2 Cr 26. 15; Sab 5. 22; 1 Mac 6. 51, empregavam-se como instrumento de morte aos condenados a esta pena. A pederneira serva para acender fogo, e, preparada de certo modo, também fazia as vezes de canivete, 2 Mac 10. 3; Js 5. 2. Os pesos para as balanças eram muitas vezes

feitos de pedras talhadas, Dt 25. 13. Lâminas de pedras serviam de livro para registar documentos, Ex 24. 12.

Os egípcios e os judeus usavam de vasilhas de pedra para depósitos de água, Ex 7. 19; Jo 2. 6. O profeta Ezequiel fala de mesas de pedra sôbre as quais se imolavam os holocaustos, Ez 40. 42. Um grande cilindro de pedra de cerca de trinta libras de peso, movia-se rolando sobre os grãos até reduzi-los a farinha. Outras vezes, duas pedras, uma sobreposta à outra, serviam de moinho, Dt 24. 6.

A pedrinha branca, mencionada no Ap 2. 17, tem recebido várias interpretações: 1. Uma das pedras, contendo o nome de uma pessoa, para ser tirado à sorte. 2. A pedra em que estava escrito o nome de um candidato às eleições na Grécia, para ser tirado à sorte. 3. A pedra de absolvição usada nos tribunais da Grécia. 4. O sinal que recebia o que ganhava o prêmio nos jogos Olímpicos. 5. As instruções que os imperadores romanos conferiam aos vencedores na arena. E, finalmente, 6. Uma pequena pedra branca que simbolizava o caráter celestial do crente vitorioso contendo o seu nome, como sinal e selo de sua glória futura.

Em sentido figurado, a pedra simboliza a dureza ou insensibilidade, 1 Sm 25. 37; Ez 36. 26, e a firmeza, Jó 6. 12; 41. 24. Uma pedra viva é uma pedra no seu estado natural, compata e inteiriça. Os discípulos de Cristo são pedras vivas, que formam o templo espiritual do qual Cristo é a pedra angular. (Ef 2. 20-22; 1 Pe 2. 4-8).

PEDRA ANGULAR

Nome da pedra colocada no ângulo, onde se encontram dois muros. Este nome dá-se a todas as pedras que ocupam este lugar desde os alicerces até acima, Jó 38. 6; Is 28. 16; Sl 118. 22; Zc 4. 7. Em sentido figurado, Cristo é a principal pedra angular, e cabeça do ângulo, Rm 9. 33; Ef 2. 20; 1 Pe 2. 6; Mt 21. 42; 1 Pe 2. 7.

PEDRA DE CAL

Pedra destacada da rocha calcárea, o que dá uma das feições da Palestina, Is 27. 9.

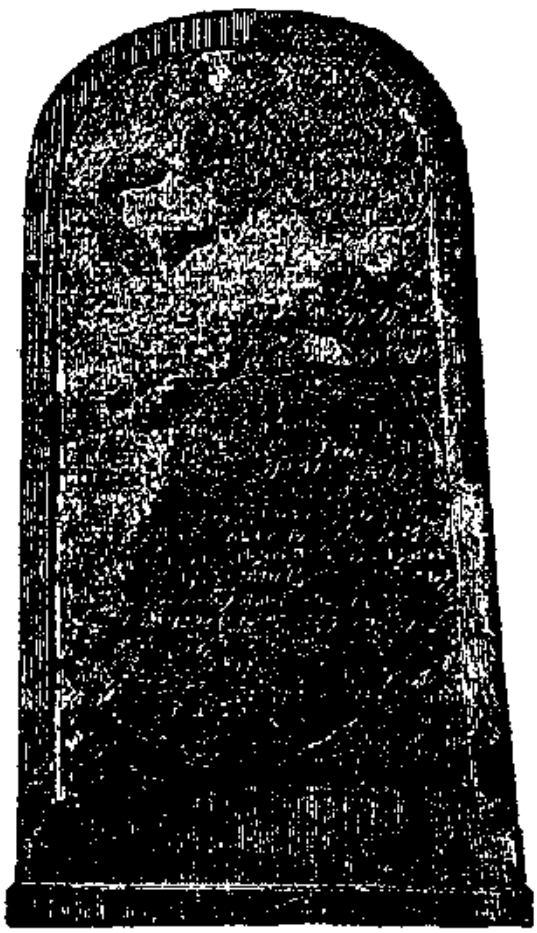
PEDRA DE ESCAPE, *Rocha da separação.*

Nome de um outeiro no deserto de Maom. Deram-lhe este nome porque naquele lugar, Saul deixou de perseguir a Davi, 1 Sm 23. 28. Diz Conder que cerca de oito milhas a este nordeste de Maom, existe um outeiro sôbre o *wady el-Malaki*, onde se vê um estreito, mas profundo abismo intransponível, a não ser por meio de um circuito de muitas milhas. Saul poderia ver a Davi mui de perto e contudo sem conseguir aproximar-se dêle, a menos que fizesse um grande rodeio.

PEDRA MOABITA

Assim se denomina uma pedra coberta de inscrições, encontrada no território de Moabe, em que se acham registados fatos da sua história. A 19 de agosto de 1868, o Rev. F. Klein, a serviço da Sociedade Missionária, *Church Missionary Society*, achava-se acampado em Dhiban, nas ruinas de Dibom, antiga cidade moabita, quando um *sheik* o informou de que distante da sua tenda uns dez minutos a pé, existia uma pedra contendo inscrições. Encaminhando-se para lá, encontrou de fato uma pedra de basalto negro deitada no chão, de 3 pés e 10 polegadas de altura, 1, m 0154, dois pés de largura, 0,m66, e 1 pé e 2 ½ polegadas de grossura, 0,m3935, tendo a parte superior cortada em arco e a inferior quase em semicírculo. A inscrição compunha-se de trinta e quatro linhas de caracteres desconhecidos, traçadas horizontalmente, conservando entre si o espaço de uma polegada e um quarto, 0,m0317. Imediatamente entrou em negociações para transportá-la ao Museu de Berlim.

Infelizmente M. Clermont-Ganneau, do consulado francês pretendeu comprá-la para o Museu de Paris. O preço estipulado era quase proibitório. Os árabes contenderam entre si sobre o desejado valor. A contenda não deu resultado definitivo, pelo que, puseram fogo por baixo da pedra, e depois de bem quente, derramaram sobre ela água fria, reduzindo-a a pedaços, que distribuíram pelos vários celeiros para abençoar os grãos de trigo. Antes deste ato vandálico, um emissário de M. Clermont-Ganneau conseguiu fazer uma impressão das letras; mas teve de fugir precipitadamente a cavalo e nesta fuga apertou demais o papel ainda úmido, que se rasgou em sete pedaços, perdendo



Pedra Moabita

grande parte de seu valor. Mais tarde, um enviado de Sir Charles Warren e outro de M. Clermont-Ganneau, conseguiram boas impressões de dois pedaços maiores da pedra quebrada, e finalmente grande número de fragmentos foram levados para Jerusalém e dali para Londres e Paris. Com o auxílio das impressões, conseguiu-se ordenar estes fragmentos. Verificou-se que das 1.100 letras que deveria contar a pedra, foram identificadas, ao todo 669, ou menos de dois terços, e que a linguagem assemelhava-se muito à hebraica. A inscrição é como segue:

1. Eu sou Mesa filho de Camósmeleque, rei de Moabe, o D
2. ibonita. Meu pai reinou em Moabe durante trinta anos e eu reinei
3. depois de meu pai. Consegui esta alta posição para Camós em *Krhhr*, por ter livrado Me-
4. sa, porque ele me salvou de todos os reis e porque me permitiu o prazer sobre todos que me odiavam Onr-
5. i era rei de Israel, e afligiu Moabe por muitos dias porque Camós estava irritado contra a sua ter-
6. ra. E seu filho ficou em seu lugar, e também disse: "Vou afligir a Moabe." Foi nos meus dias que ele falou assim.

7. Mas vi o meu prazer sobre ele e sobre a
sua casa, e Israel pereceu com eterna des-
truição. Atualmente Onri havia se apode-
rado de tôda a (ter-)
8. ra de Medeba e nela habitou durante a
sua vida e a metade dos dias de seus
filhos (ou seu filho) quarenta anos; mas res-
9. taurou-a Camós nos meus dias. Edifiquei
Baalmeor e fiz nela o reservatório (?)
e edifiquei
10. Quiriáten. E os homens de Gade tinham
habitado a terra de Atarote, desde muito e
construído para si tinha o rei de I-
11. srael Atarote. Combati a cidade e a tomei,
matando toda (o povo dela)
12. a cidade, glória para Camós e para Moabe.
E eu trouxe de lá o altar, coração de Dau-
dó (?) e o
13. arrastei para diante de Camós em Queriote.
Estabeleci nela os homens de *Srn* e os
homens de
14. *Mhrth*. E Camós disse-me: "Vai toma Nebo
contra Israel." E eu
15. saí de noite e pelejei contra ele desde o
amanhecer até ao meio-dia, e to-
16. mei-a e matei-os todos, sete mil homens e
rapazes e mulheres me-
17. ninas e servas; porque a havia consagrado
a Astor-Camós. E trouxe dali as fornalhas
do al-
18. tar de Jeová e as arrastei para diante de
Camós. Presentemente o rei de Israel havia
edificado
19. Jaaz, e ele habitou nela enquanto pelejava
contra mim. Mas Camós o abateu perante
mim.
20. E tomei duzentos homens de Moabe, todos
seus chefes e os lancei contra Jaaz e a
tomei,
21. para ajuntá-la a Dibom. Edifiquei *Krhh*,
o muro de madeiras e o muro do
22. baluarte. E construí as suas portas e le-
vantei as suas torres. E
23. edifiquei o palácio do rei e fiz os fechos
de (as .....para ág) uas no meio da
24. cidade. E não havia cisterna no meio da
cidade em *Krhh* e disse a todo o povo:
"Fazei para
25. vós cada um uma cisterna em sua casa."
E fiz a escavação para *Krhh* com o auxí-
lio dos prisioneiro-
26. s de Israel. Edifiquei Aroer e abri a es-
trada sobre o Arnom.
27. Edifiquei Bete-bamote porque estava em
ruínas. Edifiquei Bezer, porque ruínas
28. ...Dibom cinqüenta, porque Dibom era
obediente e eu reinei
29. sobre cem cidades que eu aumentei ao país.
E edifiquei
30. Medeba e Bete-dibláten e Bete-baalmeom
e tomei dali os (pastores).
31. ...as ovelhas do país. E quanto a Horo-
ném habitava nela o filho De(d)ã. E
De(dã) disse
32. .....Camós disse-me: "Desce e peleja
contra Horoném" e eu desci e.....
33. .....Camós a (restau) rou nos meus
dias. E eu ..... dali dez (?).
34. .....

As palavras de Mesa dão a entender que a pedra de Moabe era um monumento comemorativo da sua independência nacional e também de seu glorioso reinado, 1. 4. 31, levantada logo após a morte de Acabe, e da humilhação de sua casa, parecendo provável que também fosse depois que desapareceu a casa de Onri, quando começou a decadência de Israel 1, 7.

A história hebraica regista a data da revolta de Moabe depois da morte de Acabe, 2 Rs 1. 1; 3. 5, data que entra em conflito com o modo de interpretar a inscrição dando a revolta como tendo lugar nos meados do reinado de Acabe. Mas os dizeres da pedra facilmente se explicam de harmonia com a narração bíblica, de um ou dois modos: 1. As duas histórias se combinam. A tomada de Medeba foi levada a efeito por Mesa nos meados do reinado de Acabe, 1. 8, porém o rei moabita não tentou sacudir o jugo hebreu senão depois da morte de Acabe. 2. Ou melhor, de acôrdo com o bem conhecido costume dos tempos, os descendentes reais de Onri, como de outros que fundaram monarquias dinásticas, eram designados simplesmente como seus filhos. Em vista da declaração sobre os quarenta anos da ocupação de Medeba pelos israelitas, e em face da construção gramatical moabita, pela qual a colocação da palavra *beth mun* ele, na linha oito, se pode propriamente traduzir seus filhos; e em vista da probabilidade que nos fornecem as palavras do próprio Mesa de que ele teve conhecimento da destruição dos filhos de Onri, as linhas 7 e 8 da inscrição podem ser traduzidas do seguinte modo: "Presentemente Onri havia tomado posse de toda a terra de Medeba, e (Israel) habitou nela durante os seus dias e metade dos dias de seus filhos, quarenta anos." E esta a mesma história narrada pelos escritores hebreus. A revolta de Moabe deu-se no meio do reinado dos filhos de Onri, como se o reino estivesse dividido em dois e apresentando aos olhos dos moabitas um aspecto da última metade do seu govêrno muito diferente da primeira.

PEDRAS PRECIOSAS

Todas as pedras preciosas mencionadas nas Escrituras canônicas, estão enumeradas em Êx 28. 17-20 e Ap 21. 11, 19-21, em Ez 3. 9, cujos nomes são: Sárdio, topázio, esmeralda, carbúnculo, safira, jaspe, turquesa, ágata, ametista, crisólita, cornelina, berilo, calcedônia, sardônio, jacinto, crisopraso e diamante, ônix, pérola (margarita), rubi, lápis-lazúli, âmbar.

PEDREIROS

Nome que se dá aos artistas hábeis em serrar pedras e dar-lhes a forma conveniente para servirem às edificações de qualquer natureza, 2 Sm 5. 11; 1 Rs 7. 9; 1 Cr 22. 2; 2 Cr 24. 12. Entre os egípcios da antigüidade, a arte de pedreiro havia progredido bastante, como o provam as colossais edificações das pirâmides, construídas durante a quarta dinastia e os numerosos templos que se erguiam nas suas cidades. Os hebreus, ali escravizados fabricavam tijolos para construção das cidades, Êx 1. 11; não se diz que fossem empregados no corte e facejamento das pedras. No reinado de Salomão, os fenícios possuíam artistas mais hábeis que os hebreus, nos trabalhos de cantaria. Não tinha ainda chegado o tempo das grandes construções de alvenaria de pedra, por isso, Salomão serviu-se dos canteiros fenícios para o templo e para o seu palácio. As pedras destinadas a este fim tinham de oito a dez côvados de comprimento, com a altura e largura proporcionais, 1 Rs 7. 10. Com certeza foram artista hebreus que mais tarde construiram os muros e as fortalezas, os aquedutos e os reservatórios, os arcos e as pontes, e cinzelaram as colunas, 2 Cr 23. 14; Ed 3. 10; Cl 5. 15; Antig. 15. 11, 12.

PEDRO

Forma grega da palavra aramaica Cefas, Jo 1. 42; 1 Co 1. 12; 3. 22; 9. 5; 15. 5; Gl 1. 18; 2. 9, 11, 14, que quer dizer rocha, nome êste que Jesus deu a Simão, At 15. 14; 2 Pe 1. 1, quando este compareceu pela primeira vez à sua presença, Jo 1. 42, e que depois explicou nas palavras proféticas, Mt 16. 18, etc. Mc 3. 16. Simão era filho de certo João, Jo 1. 42; 21. 15, 16, 17, ou Jonas, Mt 16. 17, talvez síncope da palavra João, que, com seus filhos André e Pedro, exercia a profissão de pescador no Mar de Galiléia, de parceria com Zebedeu e seus filhos, Mt 4. 18; Mc 1. 16; Lc 5. 3 e seg. Havia nascido em Betsaida, Jo 1. 44, de onde se transferiu com sua família

para Cafarnaum, Mt 8. 14; Lc 4. 38. Parece que Pedro havia sido discípulo de João Batista, e foi levado a Jesus por seu irmão André, Jo 1. 41, 42, que era um dos discípulos favoritos de S. João que o havia dirigido a Jesus imediatamente depois que regressou da tentação no deserto, Jo 1. 35 e seg. Jesus deu-lhe o sobrenome de Cefas ou Pedro, que quer dizer "Rocha", Jo 1. 42. Em comum com os primeiros discípulos de Jesus, Pedro recebeu três chamadas distintas de seu Mestre: a primeira para ser discípulo, Jo 1. 40 e seg. cp. 2. 2; a segunda, para acompanhá-lo em sua missão, Mt 4. 19; Mc 1. 17; Lc 5. 10; e a terceira para ser apóstolo, Mt 10. 2; Mc 3. 14, 16; Lc 6. 13, 14. O ardor de ânimo, o espírito de consagração, a coragem, o vigor físico e a impetuosidade de seu gênio, deram-lhe desde logo lugar distinto entre os demais discípulos de Jesus. O seu nome figura sempre em primeiro lugar na lista dos apóstolos, Mt 10. 2; Mc 3. 16; Lc 6. 14; At 1. 13. No círculo íntimo dos três discípulos mais favorecidos, o nome dele é sempre o primeiro, Mt 17. 1; Mc 5. 37; 9. 2; 13. 3; 14. 33; Lc 8. 51; 9. 28. Era ele quem primeiro falava, o primeiro em confessar que Jesus era o Cristo Filho do Deus Vivo, Mt 16. 16; Mc 8. 29, mas também foi o primeiro a dissuadir o Mestre a não seguir o caminho dos sofrimentos, recebendo dêle a mais formal repreensão, Mt 16. 22; Mc 8. 33.

A vida do apóstolo S. Pedro apresenta três feições muito distintas. A primeira é o período de aprendizagem de que o Evangelho nos dá conta. Durante os anos de convivência pessoal com Cristo, aprendeu a conhecer-se a si e a seu Mestre. Ele que havia protestado fidelidade incondicional a Jesus, terminou por negá-lo três vezes, Mt 26. 69 e seg.; Mc 14. 66 e seg., Lc 22. 54 e seg.; Jo 18. 15 e seg. Neste epílogo de suas experiências, parece terem desaparecido todos os conhecimentos adquiridos nos anos de sua aprendizagem. Porém o Divino Mestre termina o curso de seus ensinos provando o coração de Pedro, restaurando-lhe a paz e a confiança, Jo 21. 15, e seg. A segunda feição é o período em que ele toma a dianteira aos demais apóstolos para regular os negócios da igreja como se vê nos primeiros capítulos dos Atos.

A sua mão forte guiou-a em todos os seus passos. Foi ele quem propôs a eleição para o preenchimento do lugar vago pela morte de Judas, At 1. 15; foi ele quem explicou às multidões o que significava a difusão do Espírito Santo no dia de Pentecostes, 2. 14; foi ele quem tomou a dianteira, na cura do homem leso dos pés, e que fez o discurso referente a este milagre, 3. 4, 12; 4. 8, foi pela sua palavra que Ananias e Safira foram repreendidos, 5. 3, 8, e finalmente, foi pelas suas mãos que se abriu a porta da salvação tanto para os judeus, no grande sermão de Pentecostes, 2. 10, 38, como para os gentios em casa de Cornélio, cap. 10. A terceira fase compreende o período de trabalho humilde no reino de Cristo revelado nas epístolas do Novo Testamento. Depois de lançados os fundamentos da igreja, Pedro toma lugar humilde, entrega-se ao trabalho de alargar os limites do reino de Deus, e desaparece das páginas da história. Na igreja de Jerusalém, é Tiago quem agora toma a direção dos trabalhos, 12. 17; 15. 13; 21. 18; Gl 2. 9, 12. Tendo sido aberta a porta aos gentios, Paulo passa a ser o apóstolo das gentes, Gl 2. 7. Como apóstolo da circuncisão, S. Pedro prossegue a sua carreira menos brilhante nos lugares onde havia judeus, e de bom grado deixou Jerusalém à direção de Tiago, e o mundo civilizado a Paulo. O livro dos Atos encerra as notícias a seu respeito, por ocasião do concílio de Jerusalém, At 15, quando defendeu a causa dos gentios com geral aprovação. Depois sabe-se que esteve em Antioquia, Gl 2. 11, talvez também em Corinto, 1 Co 1. 12, e com certeza no extremo oriente em Babilônia, 1 Pe 5. 13, prosseguindo na sua obra missionária em companhia de sua esposa, 1 Co 9. 5. Sabe-se, finalmente, que ele glorificou a Deus, sofrendo o martírio, Jo 21. 19. Nada mais a Escritura relata a seu respeito, se não o que se lê em suas cartas onde aparece revestido de uma encantadora humildade, despido de todas as pretensões no govêrno da igreja, seguindo os ensinos de S. Paulo ou de Judas, e exortando os seus leitores a permanecerem na fé que lhes era comum. Nenhum caráter da história sagrada, e poderemos dizer de tôda a literatura, aparece tão em relevo como o do apóstolo S. Pedro. Nos evangelhos, nos Atos e nas epístolas, é sempre o mesmo homem com suas feições caracteristicamente dramáticas. Sempre veemente, ardoroso, impulsivo, é realmente o homem de ação no círculo apostólico, exibindo ao mesmo tempo os defeitos inerentes às suas boas qualidades, Mt 16. 22; 26. 69-75; Gl 2. 11. As suas virtudes e as suas faltas tinham raízes comuns nas suas disposições entusiásticas. Devemos reconhecer, para honra de seu nome, que juntamente com a cizânia de sua ira e precipitação do gênio, cresceu mais fortemente o trigo, representado pelo seu amor e pronta recepção da verdade.

Nosso Senhor tratou-o com muita honra. Conferiu-lhe o poder de operar nada menos de três milagres nos primeiros dias da pregação do Evangelho; a ele concedeu manifestação especial depois da ressurreição, 1 Co 15. 5. Jesus teve tempo, nos momentos de sua paixão e quando realizava a obra redentora da humanidade, de lançar sobre Pedro olhar de compaixão, para amparar seu coração quebrantado. Portanto, a vida de Pedro é rica de instruções e de conforto para os cristãos. Os seus escritos penetram as profundezas da experiência cristã, e sobem às mais altas culminâncias da esperança.

A história pouco acrescenta ao que já sabemos pelos evangelhos e pelas epístolas. De acordo com a profecia referente ao seu martírio, contida no capítulo 21. 19 de S. João, diz a história que ele foi crucificado, ao mesmo tempo que o apóstolo S. Paulo, que foi decapitado, no ano 68, ao que parece na cidade de Roma. Desde o princípio que a lenda muito se ocupou com a vida de S. Pedro. A tradição romanista afirma que ele foi bispo de Roma durante 25 anos, tendo como base uma história apócrifa, originada entre os ebionitas, e indigna de crédito, não só pela sua origem e manifesta inconsistência interna, como pela ausência de valor histórico.

Primeira epístola católica de S. Pedro. O autor anuncia-se como sendo o apóstolo Pedro, 1. 1. Tem a seu favor, não só o caráter interno no seu todo, como copiosos atestados históricos. É endereçada aos estrangeiros dispersos pelo Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia, 1. 1, descrição um tanto metafórica de todo o corpo de cristãos que habitavam a região compreendida hoje pela Ásia Menor. É claro que ele tinha em mente o elemento gentílico como se depreende das seguintes passagens: 1. 14; 2. 9, 10; 3. 6; 4. 3. Estas igrejas foram organizadas e nutridas em grande parte pelo apóstolo Paulo que a elas se havia dirigido por meio de cartas como as que dirigiu aos Gálatas, Efésios e Colossenses. S. Pedro escreve de tal modo a dar a entender que a ele não deviam a sua conversão, 1. 12, 25, e ao mesmo tempo afirma que o Evangelho que haviam recebido era o evangelho da graça de Deus exortando-os a permanecer nele, 5. 12. Deste modo torna pública a sua inteira harmonia com as doutrinas de S. Paulo, escrevendo a que se chama epístola da esperança. A ordem em que os países a que ele se refere são enumerados, 1. 1, começa do oriente para o ocidente, dando a entender que ele se achava nas partes do oriente como se vê pela saudação que ele envia da igreja de Babilônia, 5. 13.

Pode-se determinar a data desta epístola entre 63 e 67, talvez com certeza entre 64 e 65. A segun-

da epístola do mesmo apóstolo alude a esta no cap. 3. 1, o que vem confirmar a sua autoria, cp. 1. 1. E citada por Policarpo que foi discípulo do apóstolo S. João. O mesmo fazem Ireneu e Tertuliano nas últimas décadas do segundo século. Desde o princípio tinha o seu lugar na Bíblia dos cristãos em toda a parte do mundo e entrava em uso em todas as igrejas.

O estilo da carta é simples e ao mesmo tempo emocionante e enérgico, cheio de transições rápidas e abruptas, refletindo admiravelmente o caráter do escritor. O modo de tratar do assunto é especial e característico, posto que a doutrina por êle apresentada, é exatamente igual à da epístola de S. Paulo, com referências predominantes à graça divina e às esperanças futuras. A epístola contém em alto grau, as feições particulares das doutrinas de S. Paulo nas epístolas aos Romanos e aos Efésios, bem como as de S. Tiago em sua epístola, cp. 1 Pe 2. 6, 8 com Rm 9. 32, 33; 1 Pe 2. 5; 3. 8, 9; 4. 7-11 com Rm 12. 1, 16, 17, e 3, 6; 1 Pe 2. 18; 3. 1-7; com Ef 6. 5 e 5. 22, 23; 1 Pe 1. 1, 6, 7, 23 e 5. 6, com Tg 1. 1, 2, 3, 18, e 1 Pe 4. 10. Em todas estas passagens se revelam os traços que desenham a pessoa do grande apóstolo, consorciando a profundeza da doutrina com a beleza dos ensinos cristãos. Após as saudações, 1. 1, 2, segue-se uma secção introdutória, 1. 3-12, em que louva a Deus pelas bênçãos da salvação. O corpo da epístola, 1. 13 até 5. 11, consiste de uma série de exortações sobre o modo de pôr em prática os ensinos que os crentes haviam recebido, 1. 13 até cap. 2. 10, e em segundo lugar um número considerável de instruções particulares sôbre a vida prática, 2. 11 até cap. 4. 6, terminando com algumas outras sobre as necessidades atuais de seus leitores, 4. 7 até cap. 5. 11, e enviando saudações, 5. 12-14.

Segunda epístola católica de S. Pedro. O autor denomina-se Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, 1. 1, testemunha presencial de sua grandeza no monte da transfiguração, 1. 16, de quem recebeu aviso de sua próxima saída dêste tabernáculo, 1. 14; cp. Jo 21. 19, e apresenta-se em linha paralela com o apóstolo S. Paulo, 3. 15. A falta de simplicidade de estilo e liberdade de expressão, contrastam com a simplicidade da sua primeira epístola, motivo pelo qual já no tempo de S. Jerônimo se impugnava a sua autenticidade.

Este doutor da igreja, porém, diz que tais diferenças eram devidas aos vários comentadores das suas cartas. Pode ser que assim seja, cp. Marcos. Seja como for, ele se denomina Simão Pedro apóstolo, que a própria carta confirma pelos traços característicos que nela se encontram, no modo de dizer muito semelhante ao que se encontra nos Atos e em muitas expressões e de palavras em comum com a primeira epístola, e no costume que lhe era peculiar notado na primeira carta, dando o aspecto negativo e positivo de uma mesma idéia; por exemplo: 1 Pe 1. 12, 14, 15, 18, 19; 2 Pe 1. 16, 21; 2. 4, 5; 3. 9, 17.

Não existem muitas provas em favor do uso desta epístola nos dias antigos da igreja; porém Orígenes, no princípio do terceiro século, exprime-se de tal modo, que dá a entender que era muito lida nas igrejas de seu tempo. Apesar de algumas dúvidas quanto à sua autenticidade, a evidência histórica em seu favor é por demais valiosa.

O modo de endereçar a carta era o que geralmente se usava: "Aos que alcançaram igual fé conosco em Jesus Cristo", 1. 1. Mas o cap. 3. 1 mostra que ele se dirigia aos mesmos leitores ou a algum grupo que estava entre eles. Ignora-se em que lugar foi escrita esta carta. Se for certo que as palavras do v. 14 se referem ao seu próximo martírio, é de presumir que foi escrita em Roma. Neste caso poderemos datá-la do ano 68. Com esta data concordam as referências que ele faz à natureza dos erros por ele profligados, como a referência à sua primeira carta.

Tinha como objetivo, segundo ele declara no cap. 3. 1, 17, 18, despertar o ânimo de seus leitores a se recordarem do que ele lhes havia ensinado, a fim de serem salvos dos erros então prevalecentes e para crescerem em graça e no conhecimento do Salvador Jesus Cristo. Em outras palavras, a epístola foi escrita com o fim de combater o gnosticismo que procurava entrada nas igrejas e consolidar nelas a verdadeira pureza e sabedoria cristã. O conteúdo da carta harmoniza-se muito com o fim em vista. Depois das saudações apostólicas do costume, 1. 1, 2, passa insensivelmente a exortar os crentes a crescerem na graça e conhecimento, 3-11, passando a recordar as bases em que se deve fundamentar esse conhecimento, 12-21, e a denunciar os falsos mestres, 2. 1-22. Recorda-lhes as doutrinas referentes a segunda vinda e ao fim do mundo, 3. 1-13. Concluindo, exorta os leitores a fazer certa a sua vocação e eleição, recomenda-lhes que leiam as cartas de Paulo; fecha com uma doxologia, 14-18.

B. B. W.

PEITORAL

1. Ornamento sagrado usado pelo sumo sacerdote judaico, Êx 28. 15-30. Ver *Sumo Sacerdote.*

2. Couraça destinada a proteger o corpo dos guerreiros em combate, Ap 9. 9. Em sentido figurado, significa justiça, retidão, fé e amor, Is 59. 17; Ef 6. 14; Sabed. 5. 9; 1 Ts 5. 8.

PELAIAS, *Jeová ilustre.*

Nome de um dos levitas que, em companhia de Esdras, ensinava a lei ao povo e assinou o pacto, Ne 8. 7; 10. 10.

PELAÍAS, *Jeová ilustre.*

Nome de um homem de Judá, descendente de Secanias, 1 Cr 3. 24.

PELALIAS, *Jeová julgou.*

Nome de um sacerdote descendente de Melquias, Ne 11. 12.

PELATIAS, *Jeová libertou.*

1. Nome de um dos capitães simeonitas que teve parte na guerra entre a tribo de Simeão e os amalecitas, 1 Cr 4. 42.

2. Nome de um príncipe de Israel, filho de Benaias, e que enganava o povo. Contra ele profetizou Ezequiel; morreu repentinamente, Ez 11. 1-13. cap. 8. 1, 3; 11. 24.

3. Nome de um dos filhos de Hananias e neto de Zorobabel, 1 Cr 3. 21. Parece que seja a mesma pessoa com o nome de Feltia, príncipe do povo, e que, em companhia de Neemias, assinou o pacto, 10. 22.

PELEGUE, *Divisão.*

Nome de um dos filhos de Heber ou de seus descendentes, Gn 10. 25. Deram-lhe este nome porque no seu tempo se fez a divisão da terra, ou a separação dos descendentes de Arfaxade dos de Jactã, Gn 10. 24-29. Também pode referir-se à dispersão dos descendentes de Noé, em conseqüência da confusão das línguas na tôrre de Babel.

PELES

Os hebreus conheciam a arte de curtir as peles e dar-lhes côres diferentes, Êx 25. 5; At 9. 43.

As peles tinham larga aplicação entre os hebreus e outras nações da antigüidade; serviam para roupa de uso, Lv 13. 48; Nm 31. 20, para cobertura das tendas, Êx 26. 14, para odres, Judite 10. 5. As peles que serviam para o fabrico de escudos, eram lubrificadas com azeite para evitar o ressecamento e conservá-los macios e brilhantes, 2 Sm 1. 12; Is 21. 5. As peles de foca ou de porco marinho, empregavam-se no fabrico de finas sandálias, Ez 16. 10. Elias e João Batista vestiam-se de peles, 2 Rs 1. 8; Mt 3. 4.

PELES DE ANIMAIS MARINHOS

Tradução do vocábulo hebraico *Tahash*, Ex 26. 14; 35. 7; Nm 4. 25; Ez 16. 10. Empregavam-se na cobertura do tabernáculo, e serviam para o fabrico de sandálias.

Tahash corresponde ao árabe *tuhas*, que se aplica às focas e em particular ao *dugong*, *Halicore hemprichii*, pertencente à ordem das *Sirenia*, próximos aliados dos mamíferos da ordem das baleias. Tinham geralmente dez a doze pés de comprimento, 3 a 4 metros, cabeça redonda, peitos para amamentar os filhos, cauda semelhante às dos peixes, pintados de escuro no lombo e de branco na parte inferior. Parece que é o mesmo animal que deu origem à lenda das sereias. Encontram-se nos bancos de coral do Mar Vermelho que se estendem até as costas da Austrália.

PELETE, *Libertação.*

1. Nome de um dos filhos de Jaadai da tribo de Judá, 1 Cr 2. 47.

2. Nome de um benjamita que se juntou a Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 3.

PELETE, *Velocidade.*

1. Nome de um rubenita, pai daquele Om que tomou parte na rebelião de Coré, Nm 16. 1.

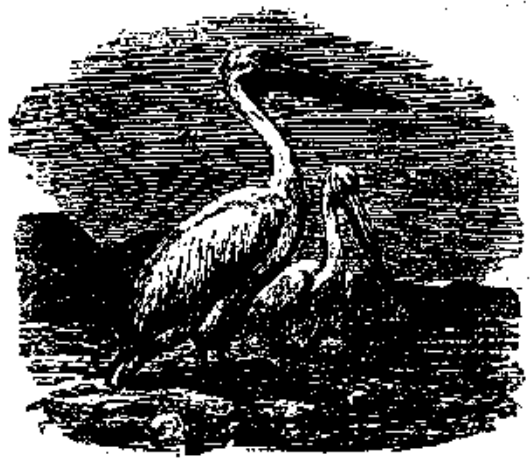
2. Nome de um homem de Judá da família de Hesrom da casa de Jerameel, 1 Cr 2. 33.

PELETEUS

Nome de certos homens incorporados à guarda de Davi. Parece que tinham vindo da terra dos filisteus, como eram também os quereteus e os geteus, seus camaradas de armas. Conservaram-se fiéis a Davi enquanto duraram as calamidades de seus últimos anos, e tomaram parte saliente na guerra em que Absalão perdeu a vida, 2 Sm 15. 18-22. Igualmente auxiliaram a Davi na luta contra Seba, 20. 7. O nome pelo qual são conhecidos, é de origem gentílica, como o dos seus companheiros. Não se pense que seja contração de *Pelishti*, como alguns supõem.

PELICANO

Tradução da palavra hebraica *Knath* que parece dizer vomitador. Em Is 34. 11, e Sf 2. 14, a mesma palavra é traduzida por corvo. Ave imunda segundo a lei cerimonial, Lv 11. 18; Dt 14. 17, habita nos desertos, Sl 102. 6, e freqüenta as ruínas, Is 34. 11; Sf 2. 14. É provável que seja o pelicano comum, *Pelecanus onocrotalus*, que freqüenta os rios, os lagos e os pântanos e não ruínas, a menos que estas estejam em lugares pantanosos.



Pelicano

Os seus quatro dedos são ligados por largas membranas que os adaptam à vida aquática. Às vezes se encontram pousados nas árvores. Tem formidável bico canelado com grande bolsa na parte inferior, na qual carrega os peixes destinados à alimentação dos filhos. Regula ter de 5 a 6 pés de altura; a distância da ponta de uma asa à outra é de 12 a 13 pés. Alguns deles se encontram nas margens do Mar de Galiléia e em grande número nos lagos do Egito e nas ribeiras do Nilo.

PELONITA

Palavra correspondente, em 1 Cr 11. 27; 27. 10, à palavra paltita em 2 Sm 23. 26 e em 1 Cr 11. 36, a gilonita em 2 Sm 15. 12; 23. 34. Em 1 Cr 27. 10, a pessoa designada por este epíteto, mais adiante é dado como pertencente aos filhos de Efraim. Não se conhece lugar ou pessoa de que se possa derivar este adjetivo. Com certeza não será derivado de Palu que era rubenita e cujos descendentes eram denominados paluítas, Nm 26. 5. Em vista destas circunstâncias a palavra palunita pode ser uma corrupção do texto, ou mesmo significar o que se costuma dizer, quando nos referimos, a alguém cujo nome ignoramos "certo, tal", como por exemplo se lê em 1 Sm 21. 2 "em tal e tal lugar." Talvez que o escriba não acertando, ou não podendo ler a palavra original, a substituísse pelo vocábulo "fulano."

PENA

1. Estilo ou instrumento feito de ferro, empregado pelos escritores para abrir letras na pedra, Jo 19. 24; Sl 45. 1; Jr 8. 8; 17. 1. Em hebreu chama-se *et* e *heret*, Is 8. 1.

2. Pena usada para escrever com tinta sôbre papiro, 3 Jo 13; cp. 2 Jo 12. A menção a um canivete em Jr 36. 23 e de um rolo em que foram escritas as palavras do profeta, dão a entender que o uso das penas de escrever, havia sido introduzido entre os israelitas no tempo de Joaquim.

PENHA

Rochas abundantes em toda a parte montanhosa da Palestina. Algumas delas tinham nomes característicos, como a penha de Orebe, Jz 7. 25, e a rocha de Etã, 15. 8.

PENHOR

Quantia de dinheiro ou qualquer outro valor que se dá em garantia de um negócio a realizar em tempo determinado. Blackstone diz que o pagamento antecipado por conta de maior valor, ainda que seja de um *penny*, tem o efeito de um contrato. Veja entrega de uma parte da mercadoria por pequena que seja em conta de um pedido, responsabiliza pela entrega do restante. O Espírito Santo no coração dos crentes é o penhor, que Deus dá como garantia da herança eterna, 2 Co 1. 22; 5. 5; Ef 1. 13, 14.

PENINA, *Rubi*, ou *coral.*

Nome de uma das duas mulheres de Elcana, 1 Sm 1. 2-6.

PENTATEUCO, Grego *pentateuchos*, cinco livros.

Nome que se dá à coleção dos primeiros cinco livros do Antigo Testamento: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Nos lugares da Escritura onde ocorria este nome, os israelitas davam aos cinco livros o nome de Lei, Js 1. 7; Mt 5. 17; Lei de Moisés, 1 Rs 2. 3; Ed 7. 6; Lc 2. 22; a Lei do Senhor, 2 Cr 31. 3; Lc 2. 23; o livro da Lei, Js 1. 8; o Livro de Moisés, 2 Cr 25. 3, 4; o livro da lei de Moisés, Js 8. 31; o Livro da Lei de Deus, Js 24. 26; o Livro da Lei do Senhor, 2 Cr 17. 9. Todas estas designações do Pentateuco dão a entender que os cinco livros eram tidos como um só volume, como ainda se vê nos manuscritos judaicos, ainda que citados pelos vários nomes das palavras iniciais. A divisão em cinco livros distintos é mencionada por Josefo, cont. Apiom 1. 8, e originou-se com a tradução grega, ou já existia anteriormente. Como quer que seja, os Setenta adotaram a divisão.

donde vieram para nós os modernos títulos de Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio (*).

A narração dos fatos contidos no primeiro livro do Pentateuco, foi transmitida aos tempos de Moisés pela tradição oral e escrita. Os acontecimentos posteriores deram-se no seu tempo e nos quais tomou parte pessoalmente. A arte de escrever era comum no Egito muito antes de Moisés; era conhecida na Arábia, onde havia ele estado algum tempo; em Canaã, onde seus antecessores peregrinaram e por onde estava guiando o povo. As várias formas de literatura representadas no Pentateuco, mostram quais eram as concepções familiares naquela época. Posto que os cinco livros não sejam, no seu todo, atribuídos a Moisés, contudo, dão-no como seu autor. Duas passagens são de sua autoria: a vitória sobre Amaleque, Ex 17. 14, e o itinerário dos israelitas desde o Egito às planícies de Moabe, fronteiras ao Jordão e a Jericó, Nm 33. 2. O cântico comemorativo das obras do Altíssimo e do seu favor para com Israel, foi escrito e composto por ele, Dt 31. 19, 22, 30; 32. 44. Moisés também escreveu e cantou o hino de louvor a propósito da destruição de Faraó e do seu exército, e da passagem do Mar Vermelho, Êx 15. 1-18, 21. A parte que trata das leis, compõe-se de três corpos distintos. O primeiro chama-se o livro do pacto, e compreende os dez mandamentos, lei fundamental da nação e os regimentos nela baseados, Êx caps. 20-23. O segundo corpo de leis, regula o serviço do santuário, Êx caps. 25 a 31 e 35 a 40; o Levítico é a maior parte do livro de Números. Toda esta legislação revelou-a Deus a Moisés, Êx 25. 1 e seg. O terceiro corpo de leis contém as proclamações que Moisés fez à nova geração dos hebreus nas vésperas de sua entrada em Canaã, recordando o modo por que Deus os conduziu, e reproduz várias porções da lei com o fim especial de mostrar-lhes a sua espiritualidade e pondo em relevo as feições mais importantes da vida religiosa, nas circunstâncias especiais em que o povo ia entrar, e ao mesmo tempo modificando os pormenores referentes às novas exigências da vida na terra de Canaã. Moisés escreveu esta mensagem e mandou aos levitas que pusessem o livro ao lado da Arca da Aliança do Senhor para lhes servir de testemunho, Dt 31. 9, 24-26. Segundo se lê nestes livros, as passagens espalhadas em todo o Pentateuco são de sua autoria. Todo o Antigo Testamento, quando fala da lei, sempre a dá como obra de Moisés, escrita em um livro, Js 1. 7, 8; Ed 6. 8; Ne 8. 1. 18. São muito freqüentes e explícitas as referências à lei de Moisés, Js 1. 7, 8; 8. 31-35; Jz 3. 4; 1 Rs 2. 3; 2 Rs 18. 6, 12; cp. Dt 24. 16; 2 Rs 21. 7, 8; Dn 9. 11, 13; Ed 3. 2; 6. 18; 7. 6; Ne 8. 1, 18; Ml 4. 4. Uma das feições particulares desta legislação, a lei de um só altar, esteve em desuso durante o cativeiro ou retenção da arca pelos filisteus depois que o Senhor abandonou a Silo, 1 Sm 4. 11, 21, 22; 6. 1; 7. 2; Sl 78. 60; Jr 7. 12-15; 26. 6. Enquanto durou este período o povo, sob a direção de Samuel, sacrificava onde podia, 1 Rs 3. 2-4, como seus pais haviam feito nos tempos antigos, antes do pacto entre Jeová e os israelitas, de que a lei e a arca serviam de monumento. Mais uma vez este regime esteve em vigor, quando os piedosos israelitas, que habitavam o reino do norte, se viram privados de subir a Jerusalém para adorar o Senhor. Teriam de escolher entre abster-se inteiramente de sacrificar, ou adorar a Deus como o haviam feito Abraão, Isaque e Jacó. Tomaram o segundo alvitre. Todos os outros casos de sacrifícios, fora do santuário central, obedeciam à lei, que expressamente estabelecia que em qualquer lugar em que Jeová se manifestasse, aí se oferecia o sacrifício, Ex 20. 24; Jz 2. 1, 5; 6. 19-24; 13. 15-22. O reino do norte reconhecia a autoridade da lei de Moisés. Os profetas Oséias e Amós que trabalhavam entre as dez tribos, apesar de não falarem em nome de Moisés, referiam-se constantemente às leis do Pentateuco e empregavam a sua linguagem.

Algum tempo, o livro da lei guardado no templo, caiu em desuso e foi posto de lado, enquanto durou o reinado de Manassés. Por meio século, a religião de Jeová foi negligenciada. Quando, porém, se procedeu à reparação do templo, destinado a restaurar o culto a Jeová, descobriu-se o livro, pelo menos a parte em que se continha o Deuteronômio, 2 Rs 22. 8; 23. 25, ou mais propriamente, o livro que o sumo sacerdote, encontrou devia ser um exemplar da lei de Deus, encerrada na parede do templo, em lembrança da construção do santuário. Daniel, Esdras e Neemias fazem alusões à lei de Moisés. Os judeus do tempo de Cristo confirmam que Moisés era autor do Pentateuco, Mc 12. 19; Jo 8. 5; Antig. prefácio 4; contra Apiom, 1. 8. Jesus e os evangelistas dão o nome de Moisés ao Pentateuco, Mc 12. 26; Lc 16. 29; 24. 27, 44, dizem que a lei foi dada a Moisés e por ele escrita, Mc 10. 5; 12. 19; Jo 1. 17; 5. 46, 47; 7. 19.

Negam alguns que o Pentateuco seja obra de Moisés. As principais objeções consistem em que o livro contém fatos que se deram após a sua morte e que, portanto, não poderiam ser escritos por êle. 1. Lê-se em Gn 12. 6: "Era então o cananeu o que habitava a terra", cp. 13. 7. O sentido que dão a esta passagem é que os cananeus já não ocupavam a terra em vida do escritor. Mas não é isso que ele diz; senão que o cananeu era o habitador da terra, quando Abraão ali esteve e que a terra lhe estava prometida. 2. Gn 14. 14 diz: "Que Abraão foi em alcance destes reis até Dã." Dizem que no tempo do patriarca esse lugar se chamava Laís e que o nome Dã só lhe foi dado no tempo dos juízes, Jz 18. 29. Resta saber, porém, se o Dã de Gênesis é o mesmo Dã do livro dos Juízes. Se é, então devemos supor que o nome Dã, que era o mais familiar, substituiu o antigo Laís no curso de repetidas transcrições. O texto hebreu não existe em sua absoluta pureza primitiva. 3. Em Gn 36. 31, diz-se: "Antes que os filhos de Israel tivessem rei",

(*) A divisão da lei de Moisés em cinco livros, dizem, serviu de modelo para a divisão do Saltério. Se assim foi, deveria ter sido em tempos muito antigos, porque já de muito que ele estava assim dividido em cinco livros. As provas encontram-se nas descobertas feitas nos próprios manuscritos nos quais os livros dos salmos aparecem de tal modo arranjados, que o salmo que abre cada livro, corresponde ao respectivo livro do Pentateuco. O salmo primeiro, comparando o justo a uma árvore plantada junto às correntes das águas, faz lembrar o jardim do Éden, de que fala o primeiro livro do Pentateuco. O salmo 42 dá início ao segundo livro do Saltério, com um grito de quem se acha em tristeza, oprimido pelo inimigo, e julgando-se abandonado por Deus, mas que, ao mesmo tempo, antecipa o seu livramento, é uma recordação das aflições de Israel no Egito, como as descreve o livro de Êxodo. No salmo 73, que abre o terceiro livro, as dúvidas do salmista acerca da justiça de Deus para com os homens, desaparecem, quando considera o fim destinado aos perversos. Este salmo reflete a gratidão para com a bondade divina, dando a lei levítica como garantia de sua misericórdia. O salmo 90 abre-se com a oração de Moisés em que ele roga a Deus que lhe faça conhecer o número de seus dias. Este assunto corresponde ao Livro dos Números. O salmo 107, que dá princípio ao quinto livro, fala da bondade do Senhor nos dias de tribulação, e, como o Deuteronômio, faz uma recapitulação dos exemplos do favor divino para com Israel. É preciso reconhecer que esta correspondência é mais fantasiosa que real. Se alguém tivesse de fazer arranjo desta natureza, com certeza que o faria de modo mais apropriado. O salmo 8, com suas referências aos céus obra das mãos de Deus, à lua e às estrelas que ele estabeleceu, ao homem posto sobre toda a criação, teria mais correspondência com o capítulo 1º do Gênesis. O salmo 66, que fala das maravilhas que Deus operou, mudando o mar em terra seca para que o seu povo passasse a pé enxuto, e pondo sobre os israelitas cadeias e tribulações, e homens sobre as suas cabeças, e depois conduzindo-os a lugares de abundância e riquezas, deveria corresponder ao segundo livro do Pentateuco. Este salmo contém clara referência ao livro de Êxodo que não se encontra no salmo 42. O salmo 76 ou 78 serviria muito bem para corresponder-se com o terceiro livro do Pentateuco, o Levítico.

como se à monarquia que principiou em Saul já existisse quando o autor escreveu o livro. Mas os reis de Edom referidos nos vv. 32-43, reinaram antes de Moisés; este diz somente que os descendentes de Esaú já tinham reis, ao passo que os israelitas, aos quais se havia prometido rei, ainda o não tinham, Gn 17. 6, 16; 35. 11. 4. Diz o Dt 1. 1: "Estas são as palavras que Moisés disse a todo o Israel na banda daquém do Jordão", isto é, na parte oriental como se o escritor estivesse em Canaã. Mas a expressão citada não tem êste sentido. Abraão, Isaque e Jacó falaram daquela região como situada aquém do rio, que ficou sendo conhecida por este modo. Ainda mais: aquela região não era Canaã, a terra prometida. Moisés ainda estava aquém do rio. Qualquer que tosse o lado do rio em que o povo estivesse, designavam as montanhas Abarim ao oriente do Mar Morto, como as montanhas daquém, e ultimamente denominavam o país entre o Jaboque e o Arno na Peréia, a região daquém. 5. Admite-se geralmente que os versículos 5-12 do cap. 34 do Dt, onde se fala da Morte de Moisés e em que é comparado com os profetas que o precederam, 5, 10, não foram escritos por sua mão. Isto, porém, de modo algum pode servir de argumento para negar-lhe a autoria do Pentateuco, no seu todo.

Os teólogos ortodoxos e o comentador Vitringa em 1707 opinavam pela credibilidade do livro de Gênesis, editado por Moisés com seus aditamentos, legado pelos patriarcas e conservado pelos israelitas. Em 1753, Jean Astruc, notável médico francês, porém libertino, tentou provar que o livro de Gênesis foi escrito por dois autores, de que se serviu Moisés, e que esses autores se distinguem respectivamente pelo emprego das palavras Eloim, isto é, Deus, e pela palavra Jeová. Além destes dois escritos, pensa ele ter descoberto mais dez documentos menores que se referem principalmente às nações estrangeiras, nos quais não se encontra o nome de Deus. Esta hipótese foi adotada por Eichhorn que a defendeu com proficiência e candura. Insistiu firmemente em que Moisés compilou o Gênesis e dá-lhe a autoria dos demais livros do Pentateuco. Descobriu-se logo que os princípios com que advogava a sua opinião sôbre Gênesis, podiam aplicar-se com iguais resultados a todos os demais livros do Pentateuco. Sendo assim, esses documentos originais compreenderiam também a história do próprio Moisés, e dificilmente ele os poderia colecionar para fundir o seu Pentateuco. Os argumentos em prol desta teoria da fragmentação do Gênesis baseiam-se em quatro pontos principais: 1. O emprego alternado dos nomes Deus e Jeová em sucessivos parágrafos ou secções; 2. A continuidade de cada um desses chamados documentos, quando tomados em separado; 3. A diversidade de estilo, de dicção e de idéias que se nota nos vários documentos; 4. As repetições, ou passagens paralelas muitas vezes contraditórias, indicando a existência de documentos distintos. Esta hipótese tomada na sua forma simples, sofre constantes modificações, quando cuidadosamente criticada, a fim de remover as dificuldades que a cercam. Segundo ela, existem quatro documentos originais de que o editor ou redator se serviu para compilar o Pentateuco: um Eloístico, no qual o nome divino é Eloim e que se encontra em cerca de metade do material do livro; outro Jeovístico e outro Eloístico que têm entre si notável semelhança e são intimamente unidos, e, finalmente, os documentos do Deuteronômio. O segundo e o terceiro documentos referidos que designamos pelas iniciais J. E. São tidos como os mais antigos, pertencentes às datas de 100 — 800 A. C. maior parte do Deuteronômio, designada pela letra D, pertence ao ano 621 A. C. ou meio século menos, 2 Rs 22. 8. O primeiro documento já mencionado o que chamam P, para indicar que o autor era sacerdote, em inglês "Priest", é datado do fim do exílio. A cada uma destas principais divisões, corresponde um código de leis. Os capítulos 20 a 23 do Êxodo, correspondem às letras J e E; os caps. 12 a 26 do Deuteronômio, correspondem à letra D, e à letra P correspondem a legislação sacerdotal e outras contidas no Êxodo, Levítico e Números. Convém observar que existem dois elementos distintos contidos na teoria moderna: a existência de documentos que serviram à composição do Pentateuco, e a data desses documentos. Wellhausen mantém as datas acima referidas e sustenta que as leis levíticas são posteriores às do Deuteronômio. 1. Porém, esta opinião, ou teoria envolve a negação da verdade histórica contida no Antigo Testamento, não somente no que diz respeito às pequenas imperfeições, como interesse todo o crédito que merecem as narrativas do velho cânon. Wellhausen não esconde este fato. 2. Ainda mais, dando a esses documentos uma data tão recente, é o mesmo que negar o desenvolvimento da doutrina. No Pentateuco, as concepções aceitas e as doutrinas referentes ao estado futuro, à retribuição divina, ao caráter espiritual da verdadeira adoração, aos anjos e ao Messias, são todas rudimentares. Todas elas assumem formas mais desenvolvidas nos livros de Jó, Salmos e nos profetas. Isto serve para provar que o escritor do Pentateuco viveu em época remota e em meio intelectual muito diferente. Dillmann, ainda que aceitando os documentos referidos por Wellhausen, não concorda com o arranjo que êle fez; mostrando que a lógica da história exige a existência da legislação levítica antes do Deuteronômio, e que além disso está mais em harmonia com os ensinos da Escritura. 3. A existência das leis do Pentateuco e das instituições mosaicas, aparecem em largos traços nos escritos proféticos. Não faz muito tempo que se admitia a legitimidade dessas passagens, mas negava-se ao mesmo tempo que fossem tiradas do Deuteronômio ou dos documentos sacerdotais. Agora todos reconhecem que essas leis e instituições vigoravam quando essas passagens foram escritas; porém o resultado lógico dessa concessão, isto é, que a lei do Pentateuco e as instituições levíticas estavam em pleno vigor oito séculos antes de Cristo, nulifica-se, quando declaram que as referências aludidas foram interpoladas nos escritos dos profetas. Mas não oferecem provas que justifiquem as suas afirmações. A decisão deste assunto é magistral, proferida sem apelo. Os que crêem nas leis do Deuteronômio e nas ordenanças levíticas, como procedentes de Moisés, citam confiadamente essas passagens como parte integrante dos escritos proféticos, em razão de suas relações com o contexto e de sua inseparável conexão com o argumento original. 4. A teoria sobre a origem recente das instituições de Israel, afirma como postulado fundamental, que a lei e os rituais resultaram de um desenvolvimento gradual. Como se dá em a natureza, assim é nas artes e na legislação: o simples precede o complexo; aos costumes rudes, segue-se o viver civilizado. Como princípio geral, a tese pode demonstrar-se com universal aceitação, sendo verdadeira no caso das leis civis e do ritual judaico.

Há, porém, outra verdade, para não falar em outras, a saber que o povo de Israel possuía a herança dos séculos. O aperfeiçoamento de suas leis e de suas instituições religiosas vinha de longe. Os israelitas não começaram com o nada; possuíam alguma cousa mais que os fundadores das nações modernas, e os que elaboram as constituições dos povos. Não criaram *ex nihilo*. Sob a direção de Moisés apropriaram-se dos frutos amadurecidos do labor humano e da experiência dos séculos. Entre as nações com as quais estiveram em contacto na era mosaica, entre os babilônios, donde emigraram seus antepassados e entre os egípcios, onde residiram tantos anos, as formas de culto haviam amadurecido no meio de bem elaborada civilização. As idéias dos semitas sobre legislação haviam-se desenvolvido, de modo a perceberem a existência de unidade na multiplicidade

das leis, e adotarem o processo da codificação. Os estatutos organizados em código de leis e incorporados ao livro do pacto, o santuário como o descreve o livro de Êxodo e o ritual esboçado no Levítico, não eram novidades estranhas ao povo reunido no Sinai, eram concepções familiares de claro sentido, que apelavam para os princípios de justiça, que apreciavam os direitos das classes humildes desamparadas, princípios que os semitas já possuiam muito antes de Moisés. Os tipos de arquitetura e ritos sagrados, aprovados pela mais refinada civilização contemporânea, incorporavam altas idéias possuídas em comum pelas religiões étnicas do tempo, empregando um simbolismo que era, por assim dizer, a linguagem universal dos homens daquela época, e dando expressão aos sentimentos inatos que nos dirigem no modo de render culto a Deus. Tudo isso foi vasado nos moldes da verdade e da crença em um Deus único, santo, gracioso e espiritual. A lei civil dos israelitas, o santuário, o sacerdócio e o ritual rico, apurado, bem elaborado, não eram cousas novas debaixo do céu. Moisés, que era estadista, e diretor espiritual, privando intimamente com Jeová, dirigido e guiado por Ele, escolheu os materiais que melhor servissem, tirados dos tesouros da legislação e dos rituais de seu tempo, e organizou-os de modo a servirem de veículos às manifestações da vontade de Deus para animar, dirigir, disciplinar e guiar a consciência moral e religiosa de Israel e dar-lhe amostra dessas grandes verdades a respeito de Deus e do modo de representá-lo perante o mundo pagão. A lei e as normas para o culto divino, conforme se acham na legislação do Sinai, por mais longo que seja o período em que se desenvolveram, foram oportunamente postas em inteira harmonia com as concepções da época mosaica. Veja *Moisés, Altar, Arrafel, Sacerdote, Tabernáculo, Teocracia.*

Voltando a considerar o aspecto literário da questão, perguntamos: Quais são as objeções à teoria chamada documental? 1. A impossibilidade de separar os documentos uns dos outros, tomando por base que certas palavras denunciam a existência de vários escritores. Serve de exemplo o emprego de diferentes nomes representando a divindade, que é o ponto de partida da hipótese. Jeová é geralmente traduzido por Senhor e pertence ao documento J, que, segundo a teoria citada, não aparece no livro de Gênesis nos documentos E e P. De fato, assim é, como se pode ver nas seguintes passagens: 5. 29; 7. 16; 14. 22; 15. 1, 2; 17. 1; 20. 18; 21. 1, 33; 22. 11, 14, 15, 16; 28. 21. Nem o nome Eloim aparece no documento J; contudo ele se vê em 3. 1-5; 4. 25; 6. 2, 4; 7. 9; 9. 26, 27; 33. 5, 11; 43. 14, etc. Só aqui no Gênesis há mais de vinte exemplos em referência a duas palavras características, em que naufragam esses princípios de crítica. Quando fatos desta natureza se opõem à teoria em questão, devem ser desprezados. Dizem os críticos que o compilador introduziu arbitrariamente no texto palavras mal escolhidas ou oriundas de outros documentos; dizem ainda que o compilador empregou o nome de Deus discriminadamente em o documento J, o que virtualmente vai de encontro à teoria. Se é verdade que o escritor empregou o nome de Deus discriminadamente em alguns casos poderia fazer isto em todos, como afirmam os que defendem o lado contrário. Os que defendem a teoria de que Moisés é o autor do Pentateuco, dizem que estas palavras estão no lugar próprio e são empregadas intencionalmente como é fácil ver. A palavra Deus representa o ser divino em suas relações com o universo em geral, que lhe deu a origem, que o preserva e que, ao mesmo tempo, governa todas as suas criaturas e dirige os seus atos. A palavra Jeová representa Deus como ele se revela ao homem, especialmente como Deus da graça. 2. Não é verdadeira a afirmação de que os documentos referidos tenham unidade entre si, quando tomados em separado. As narrações do documento J terminam no capítulo 4. 25, 26 e continuam no capítulo 5. 28, 29; 6. 1-4, 5-8. Estas passagens não registam uma história seguida, são fragmentos desconexos, sem ligação entre si. A narrativa do documento J no capítulo 6. 5-8, continua no capítulo 7. 1-5, é fragmentária e não continua. Donde veio a arca em que Noé entrou por ordem divina? A história deste fato no documento J compreende o capítulo 10. 21, 25-30; 11. 1-9, 28-30; 12. 1-4. Quem foi Taré? Quem foi Arã e Abrão? Onde existem os laços que unem estas narrativas?

A história da criação contida no documento P, capítulo 1 até capítulo 2, v. 4, termina com a declaração enfática: "E viu Deus tôdas as cousas que tinha feito, e eram muito boas." Passando à genealogia de Adão, 5. 1-28, 30-32, pára de repente e diz: "Ora a terra estava corrompida diante de Deus", 6. 9-22. Como é que se corrompeu aquilo que Deus havia achado muito bom? Ainda mais: A história do patriarca Abraão mal contada no documento P, encontra-se fracionada nas seguintes passagens do documento J: 11. 27, 31, 32; 12. 4, 5; 13. 6, 11, 12; continua no capítulo 16. 1, 3, 15, 16 e capítulo 17. Esta narrativa extravagante, contida nos documentos hipotéticos, é tida pelos que acreditam que seja obra de Moisés, como sendo uma história uniforme, sem interrupções de pensamento, bem equilibrada em todas as suas partes e progressivamente desenvolvida. Veja *Gênesis.* 3. A teoria que afirma a existência de passagens paralelas distintas entre si por estilos diferentes, não merece fé, a menos que tenha a seu favor a evidência externa. Dizem ainda que na história do dilúvio, a tempestade que deu causa a êste cataclismo, é contada duas vezes em três vv. sucessivos: "No ano setecentos da vida de Noé, no dia dezessete do segundo mês do mesmo ano, se romperam todas as fontes do grande abismo e se abriram as cataratas do céu", 7. 11 P. "Passados que foram os sete dias, derramaram-se sôbre a terra as águas do dilúvio. E caiu a chuva sôbre a terra, quarenta dias e quarenta noites", 7. 10, 12 J. Alegam que existem nesta descrição, dois estilos literários; o primeiro, exuberante, vívido e poético; o segundo, singelo, narrando os fatos em simples prosa. A narração do dilúvio também nos foi transmitida pelos babilônios e pelos assírios. Comparando a narrativa assírio-babilônica com a que vem no Gênesis, encontram-se as mesmas repetições, a mesma diferença de estilo nos lugares correspondentes. O escritor descreve o rompimento das fontes do abismo e a abertura das cataratas do céu ainda com maior exuberância de linguagem do que o autor do Gênesis. Quando chega a dizer quantos dias durou a tempestade, naturalmente o faz em linguagem simples. Diz ele: "Seis dias e seis noites, assopraram os ventos e caíram as chuvas; ao sétimo dia, diminuiu a chuva, e a tempestade que se havia desencadeado rugidora como uma mulher com dores de parto, amainou; o mar recolheu-se ao seu leito, o vento e a chuva cessaram." Veja o artigo *Dilúvio.*

Não há dificuldade em explicar a diferença de estilo em a descrição atribuída a Moisés. Cada assunto requer seu modo especial de exposição. Para se falar de datas, de genealogias e de outras cousas semelhantes, não há necessidade de trabalhar com a imaginação; só os incidentes emocionantes e que exigem descrição pitoresca e viva. 4. A teoria que afirma a existência de narrações paralelas do mesmo assunto, notáveis pela sua contradição, não resistem à prova da evidência externa. Alega-se que segundo o documento P, Deus avisou a Noé de que ia mandar as águas do dilúvio, mas não diz se este dilúvio seria causado pelo degêlo das neves, ou por meio de abundantes chuvas, ou ainda por efeito de alta maré. Deste modo P contradiz J, dizendo que o Senhor ordenou a Noé que entrasse na arca porque, dentro, de sete dias, mandaria chover sobre a terra. Ainda neste ponto, o registo dos assírios vem provar que a história dos hebreus não contém duas nar-

rações divergentes, e sim uma só história de acontecimentos progressivos. De acordo com ambas as histórias, Noé teve aviso de que ia haver um dilúvio; e em seguida, Deus lhe ordenou que fizesse a arca. A destruição ia dar-se por meio de um dilúvio. Não lhe foi revelado como se daria esse fato, se por meio de abundantes chuvas, se por uma invasão do oceano. Chegado que foi o tempo assinalado, a profecia definiu-se: seria por meio de chuvas.

A narrativa hebraica de conformidade com seus elementos e o modo por que está disposta é essencialmente a velha história, legada pelos nossos antepassados. A crítica que atribui a diversos autores a elaboração do Gênesis, alegando a existência de estilos diferentes, e de contradições em si mesma, tem a prova de sua incompetência. Para desenvolvimento deste assunto, consulte William Henry Green, *The Higher Criticism of the Pentateuch and the Unity of the Book of Genesis*.

PENTATEUCO SAMARITANO

Os samaritanos possuíam o Pentateuco em hebraico, citado por S. Jerônimo, por Euzébio e por outros dos antigos padres. No ano 1616 A. D. Pietro della Valle comprou um exemplar, existente nas mãos de samaritanos de Damasco, o qual foi depositado na biblioteca do Oratório de Paris no ano 1623. No fim do século dezoito, chegaram à Europa mais quinze outros exemplares, mais ou menos completos. Morin, ou Morinus, que primeiramente estudou o Pentateuco samaritano, declarou que o seu texto era superior ao dos massoretas. Daí resultou larga controvérsia, que se prolongou com alguns intervalos, por dois séculos, até que, em 1815, o grande sábio hebreu Gesenius, que o havia examinado cuidadosamente, provou que era muito inferior ao texto hebreu dos massoretas, e de pouco valor para a crítica. A maior parte dos rolos samaritanos, contendo o Pentateuco, ou parte dele, não vão além do décimo século da era cristã. Um ou dois deles, conservados sob a guarda dos samaritanos em Nablus, antiga Siquém, pertenciam a data mais antiga. Os vários rolos existentes estão escritos em caracteres samaritanos, iguais aos que se encontram nas moedas dos macabeus, que são semelhantes aos dos hebreus, antes de serem adotados os caracteres quadrados. O texto samaritano difere freqüentemente do texto hebreu dos massoretas. Em Dt 27. 4, lê-se que Moisés dirigiu o povo na passagem do Jordão, com o fim de levantar no monte Ebal umas pedras que mandou rebocar e nas quais escreveu a lei. Neste ponto os samaritanos substituíram pelo nome Gerizim o nome Ebal, para dar maior incremento à veneração do seu monte sagrado. Existem ainda outras variações de menor importância. Veja *Cronologia*. A maior parte delas são devidas à pressa dos escribas, ou a alterações feitas de propósito. Em cêrca de 2.000 lugares, o texto concorda com o da versão dos Setenta, contra o que se lê no texto hebreu, o que dá a entender que os tradutores gregos se serviram de um texto hebreu muito semelhante ao que tinham os samaritanos. Em que data e como foi que os samaritanos conseguiram o Pentateuco? Segundo uma antiga opinião, geralmente aceita, é que eles fizeram transcrições do sagrado volume que existia entre eles, antes da divisão do reino no tempo de Roboão, 931 A. C. Outra idéia é que o volume da lei circulava entre eles, quando o sacerdote andou ensinando os colonos estrangeiros, vindos da Assíria para povoar Samaria, depois que os seus habitantes primitivos foram levados para o cativeiro 722 A. C. Uma terceira opinião é que o Pentateuco samaritano foi levado de Jerusalém por um sacerdote renegado, por ocasião de ser levantado o templo no monte Gerizim. A forma das letras e a alteração já notada, do nome Ebal por Gerizim, no texto sagrado, oferecem base para esta terceira hipótese. Seja como for, a alteração se deu depois que o Gerizim se converteu em lugar de adoração.

Não se deve confundir o Pentateuco samaritano com a versão samaritana do Pentateuco, feita no dialeto do antigo samaritano, no princípio da era cristã. Existe também uma tradução árabe feita no décimo primeiro, ou no décimo segundo século, um livro de Josué, baseado no livro canônico do mesmo nome, e escrito no décimo terceiro século, e mais alguma outra literatura.

PEOR, *Abertura, fenda.*

1. Nome de uma montanha de Moabe que olha para o deserto, Nm 23. 28. Dali se via o acampamento de Israel em Sitim, 24. 2. No tempo de Euzébio e de S. Jerônimo ainda existia um monte com este nome, fronteiro a Jericó, na estrada que vai a Hesbom acima ou a este de Lívias, que agora se chama *Tell er-Rameh*. Portanto, Peor era uma sumidade da cordilheira de Abarim, perto do *wady* Hesbã.

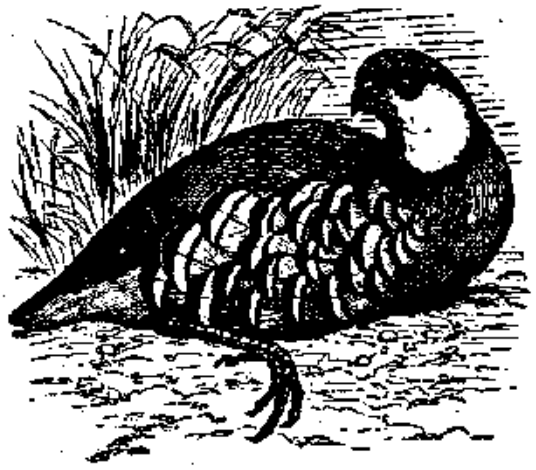
2. Nome de uma divindade moabita adorada no monte Peor, chamada também Baal-Peor.

PEPINO

Tradução correta da palavra hebraica *Kissha*, nome de um vegetal que os israelitas usavam no Egito e pelo qual suspiravam quando estavam no deserto, Nm 11. 5. É o *Cucumis chate*, muito comum no Egito, diferente no sabor ao *Cucumis sativus*, por ser mais doce. Este vegetal cultivava-se nos jardins da Palestina, Is 1. 8; Baruque. 6. 70. Ambas as espécies ainda se cultivam ali.

PERDIZ

Nome de uma ave silvestre, em hebreu *kore*, pregoeiro, e em grego *perdix*, que os caçadores apanhavam nas montanhas da Palestina, 1 Sm 26. 20, servindo-se para este fim de uma perdiz engaiolada em uma armadilha, Eccles. 11. 30. Jeremias compara aquêles que enriquecem fraudulentamente, às perdizes, que, segundo a crença dos israelitas do seu tempo, chocavam os ovos



Perdiz

que não haviam posto, Jr 17. 11. Encontram-se duas espécies de perdizes na Palestina: a perdiz do deserto, *Ammoperdix heyi*, que é a única que se encontra em En-Gadi, onde se achava Davi quando se comparou a uma perdiz perseguida; a outra espécie é a perdiz *chukar*, *Caccabis chukar*, muito abundante em toda parte montanhosa da Palestina; tem os flancos ricamente ornados de penas mosqueadas, as pernas e o bico coloridos de vermelho vivo e gorjal preto. É ave muito linda, contada entre a perdiz grega, *Caccabis saxatilis*, de maior vulto, que excede à perdiz da Índia.

PEREGRINAÇÃO PELO DESERTO

1. Limites e extensão do deserto

A natureza traçou grande triângulo invertido, cuja base assentava na costa sudeste do Mediterrâneo, limite sul da Palestina. Um dos lados deste

triângulo ficava ao ocidente, na depressão em que se acha o golfo de Suez e os Lagos Amargosos. O outro lado contém a depressão ocupada pelo golfo de Acaba e pelos desfiladeiros do Arabá. A base deste triângulo, media 200 milhas com a área total de 22.000 milhas quadradas. Este distrito pode bem ser chamado o deserto da peregrinação. Em árabe, porém, tem o nome de *Badiet et-Tih*, limitado à planície que fica ao norte do Sinai, região estéril, imprópria para ser habitada. As grandes nações da antigüidade nunca a cobiçaram. Os israelitas puseram a sua linha divisória ao sul, a curta distância das fronteiras do Egito, onde começava a região das areias.

2. Aspecto físico do deserto

Eram quatro as principais feições do território: a região das areias, ao lado do norte e do noroeste; a região das rochas calcáreas, no plato; a região das rochas arenosas, ou das baixas montanhas, e a região granítica, ou das altas montanhas.

(a) A região arenosa ocupa larga zona desde a Filístia ao longo da costa do Mediterrâneo até a divisa com o Egito e ainda além dela, voltando-se para o sul, e continuando por uma faixa de 10 milhas de largo além do Suez até certo ponto a um terço do caminho de onde desce para a costa. Esta região arenosa é mais ou menos coextensiva com o deserto de Sur citado por Delitzsch, Gn 16. 7.

(b) A parte norte e central do triângulo é planalto estéril, de rocha calcárea, a 2.000 ou 2.500 pés de altura, descendo para o norte até a região arenosa do Mediterrâneo, e subindo para nordeste afé formar a parte montanhosa; é limitada pelos outros lados por um círculo de montanhas de 4.000 pés de altura, que agora se chama *Jebel et-Tih*. O centro deste deserto é ocupado por longa bacia central que verte para o Mediterrâneo pelo *wady el-Aris* e seus tributários. Estas águas secam durante a maior parte do ano, correndo de novo na estação das chuvas. Ao ocidente desta bacia, correm outros *wadis* em direção ao mar. Ao oriente desta mesma bacia central, entre ela e o Arabá, existe outra que lhe é paralela, estendendo-se desde o *Jebel et-Tih* perto do *Jebel Araif* até a região montanhosa de nordeste que sai pelo *wady el-Jerafeh*. O planalto propriamente dito, que se estendia até à linha de montanhas a nordeste e, até à fenda do *wady el-Fikreh*, era o deserto de Farã, Nm 10. 11-12; 13. 26; 1 Sm 25. 1, 2, onde os israelitas jornadearam durante 38 anos. A parte compreendida entre Horebe e Cades era o que eles chamavam o "grande e terrível deserto", Dt 1. 19. Este planalto é quase todo despido de vegetação e coberto de pedregulho. Nos *wadis* sempre se encontra alguma vegetação, principalmente depois das chuvas, quando se cobrem de um tapete de fina verdura. São poucas as fontes que por ali há, e essas mesmas de águas muito impuras. Na região de Cades e nas margens do Arabá, existe número considerável de fontes de águas vivas. Perto de Cades e mesmo em outros lugares, bem no coração do deserto, somente se obtém água, abrindo cisternas.

(c) A formação da rocha arenosa atravessa a península em larga zona, logo ao sul do *Jebel et-Tih* e estende-se quase de uma praia a outra, separando o planalto da rocha arenosa, das montanhas de granito. Esta parte é muito rica em minerais. Compõe-se de dois grupos de montanhas, ligados por um platô central, à altura de 1.500 pés.

(d) A região granítica compunha-se de grupos de montanhas em torno do Monte Sinai. As vertentes são para os lados do norte e do sul e vão cair no *wady esh-Sheikh*.

3. Possibilidade de uma viagem de quarenta anos no deserto

Os israelitas eram em número de 600.000 homens de vinte anos para cima, segundo o testemunho conteste dos registos hebreus. De acordo com as estatísticas da população que dão a média de quatro a cinco indivíduos entre os de vinte anos para baixo, e para cima, o total dos fugitivos deveria orçar por 2.100.000. A Bíblia, bem como as explorações feitas, ensinam que esta grande multidão não podia viver por tão largo espaço de tempo no deserto, a não ser por meio da intervenção miraculosa de Deus. Moisés faz lembrar ao povo que no deserto ele havia visto como o Senhor seu Deus o havia levado, como um pai costuma levar um seu tenro filhinho, Dt 1. 31. Os milagres que se conhecem são poucos. No deserto de Sim, logo no começo da viagem, o Senhor deu o maná aos filhos de Israel que eles continuaram a comer até ao fim da viagem, Ex 16. 1, 4, 14, 15, 35. Era esta uma provisão permanente, para as suas necessidades. Ocasionalmente vieram outras, como fossem as codornizes, 16. 12, 13, ao mesmo tempo que o maná; o suprimento de águas saindo da rocha perto de Rafidim, 17. 3-7; ainda pela segunda vez caíram codornizes sobre o campo, durante trinta dias, no segundo ano da viagem, Nm 10. 11; 11. 4-6, 31, e a água que saiu da rocha correu todo o tempo até a chegada a Canaã, 20. 2-11. Diz ainda a Bíblia que, não obstante estes milagres, certos períodos da viagem, foram de triste memória, Dt 1. 19; 8. 15; que apesar de nada faltar, 2. 7, todavia sofreram duras provações. A água de Rafidim já não chegava. Em Cades murmuravam outra vez contra Moisés, Ex 17. 1; Nm 20. 2. Três dias depois de deixarem o Sinai, o povo murmurou contra o Senhor, como de quem se queixava pela fadiga que padecia, 10. 33; 11. 1, 35. Partindo do monte Hor, pela estrada que conduz ao Mar Vermelho, começou o povo a enfastiar-se do caminho e do trabalho, 21. 4, 5, por este vasto e temeroso deserto, Dt 8. 15. Vê-se pelas narrações bíblicas que o maná lhes serviu de alimento ainda que se enjoaram dele; que a água nunca lhes faltou, mesmo que a achassem escassa. Em referência a este elemento, nesta região desoladora, há duas considerações importantes a fazer: (a) O desânimo do povo para continuar a viagem pelo deserto provinha da escassez de água. É grande a resistência dos homens e dos animais para suportarem a sêde, nestas regiões áridas. Os condutores de camelos, homens e rapazes, que saem do Egito para acompanhar os viajantes através das areias ardentes e sob a ação dos raios solares, passam o dia inteiro sem provar uma gota de água. Relata o Dr. Robinson que o seu guia árabe passou quinze dias na península do Sinai, perto do monte Serbal, dando pasto aos camelos, sem ter água, nem para si nem para eles. Bebia leite dos camelos; estes, à semelhança das ovelhas e das cabras, tendo pastagens verdes, podem passar três ou quatro meses sem beber, *Researches*, 1. 150. Os israelitas, como fazem todos que viajam pelo deserto, sem dúvida, levaram água consigo, que renovavam oportunamente. Evidencia-se pela leitura de Ex 15. 22, que, no princípio da viagem, levaram consigo provisões de água pelo menos para três dias. Além disso, encontravam subsídios que a natureza ocultava. Não raras vezes, quando o leito de um *wady* estava seco, ou quando uma planície aparecia ressecada, encontrava-se logo abaixo um lençol de água. Segundo diz o geólogo Fraas, os chamados poços de Moisés que se encontram no deserto a curta distância do Suez, são alimentados por mananciais subterrâneos que vêm das montanhas de *er-Rahab* que ficam a 10 ou 14 milhas de distância, Baedeker, *Lower Egypt*. 421.

No *wady Ghurundel*, ordinàriamente identificado com Elim, existe uma corrente subterrânea que os árabes abrem, quando lhes falta a água na superfície. Decorrem às vezes dois ou três anos sem cair chuva; apesar disso, pouco abaixo da superfície aparece a água, Robinson, *Researches* 1. 69. Além do Tur, em *Maouk*, em *Kubab* e em outros lugares, a água se armazena no subsolo e pode ser colhida com leve esforço, Ritter, *Erdkund* 14. 161, 185; Robinson, *Researches* 1. 167.

Os hebreus sabiam muito bem disto, e aproveitaram-se destas reservas durante a viagem pelo deserto como se depreende do cântico do poço registado em Nm 21. 17, 18. Se o modo de viajar era semelhante às migrações de outros grandes povos, os israelitas deveriam ter-se espalhado a fim de se aproveitarem dos pastos e dos mananciais para si e seus gados. Ainda mais, os israelitas economizavam as reservas de água. As chuvas eram abundantes, como se pode ver pelos vestígios deixados nos *wadis*. Os antigos monges cristãos que se estabeleceram nas montanhas do Sinai, e os primeiros habitantes e cultivadores do distrito em torno de Cades, faziam represas através das ravinas, ajuntando águas para si, para os seus gados e para a irrigação dos jardins e hortas. Abraão, Isaque e Jacó, pais destes israelitas do êxodo, abriam fossos nos vales e construiam reservatórios com iguais fins, e sem dúvida assim fizeram os israelitas durante a sua viagem de 38 anos pelo deserto. (b) Outra consideração importante é que o país foi coberto por densas matas em tempos passados. Faziam carvão de madeiras de faia e de outras árvores, mas os imprevidentes árabes não cuidavam em replantar novas árvores que viessem substituir as que haviam destruído. Refere Bartlett que em 1874 viu, nos lugares onde os árabes haviam queimado as árvores, troncos de acácias que haviam sido despojados de seus galhos para alimentar os camelos, *From Egypt to Palestine*, págs. 225, 300, 301. Burckhardt, um dos antigos exploradores do Sinai, viajando naquele distrito em 1812, encontrou grandes covas de fazer carvão, *Erdkunde*, 14. 153; e Ruppell, em 1822, refere-se à indústria do carvão destinado ao consumo do Egito, exercida desde muito pelos beduínos, e atribui o despovoamento dos vales à negligência dos árabes em não replantar a terra que êles haviam desnudado, *Erdekunde*, 14. 274, 342. O Egito desde 1822 lançou um imposto sobre o carvão que era explorado no Sinai. Porém, não foi sòmente o carvão o único elemento que roubou à península a riqueza de suas florestas: a mineração e a fundição de metais concorreram muito para isso. Os antigos egípcios trabalharam em minas de cobre nas montanhas do ocidente, desde tempos mui remotos e ainda exploravam este metal em tempos posteriores ao êxodo. Serviam-se de troncos de acácia para segurar as paredes e os tetos das minas, Palmer, *Desert of Exodus*, 1. 205, e para a fusão do metal que exigia grande quantidade de combustível, ibid. 28, 43, 231-235; *Erdekund*, 14. 786, 787. Faz-nos lembrar da extinção dos cedros do Líbano e das matas da América. É claro que a destruição das matas desde antes do êxodo até ao tempo presente, havia de reduzir grandemente a existência das madeiras na região percorrida pelos israelitas. Este fato tem relação direta com o abastecimento de água; porque havendo extensas e grandes matas as chuvas caem regularmente, e as águas vão mansamente correr pelos *wadis*, sem afundar os sulcos e sem levar consigo a tenra vegetação; as nascentes de águas, multiplicavam-se mais facilmente e as torrentes resistiam melhor à evaporação. Sob a direção de um guia competente e enérgico, conhecedor do deserto e de seus recursos, fazendo boas economias e alargando as linhas do acampamento e formando grupos, destacados do acampamento central, e tendo o auxílio das chuvas anuais, é fácil perceber como tão enorme multidão poderia obter água suficiente, ainda que com certa escassez para as necessidades dos homens e dos animais.

4. A Viagem dos Israelitas pelo Deserto.

Alguns lugares em que pousaram têm sido encontrados: Sucote no Egito, logo no princípio da viagem; o rio Arnom, onde chegaram ao fim de quarenta anos, deixando atrás de si o deserto; os acampamentos além do Arnom mencionados em seu itinerário; Cades, onde hoje se encontra Ritmá, onde acamparam duas vezes, e de onde os israelitas esperavam marchar diretamente para a terra da Promissão; e Ezion-Geber, onde acamparam antes da segunda marcha para Cades e perto da qual passaram mais tarde em direção ao Arnom. O Monte Sinai está no centro da península do mesmo nome. O acampamento em Mósera, onde Arão morreu, perto do monte Hor, nos limites de Edom; as fontes de Benejaacã e de Gadgade, também nos limites de Edom. Funom ficava ao oriente de Edom e a nordeste de Petra. Com a locação destes lugares, qualquer pessoa achará facilmente a rota dos itinerantes, consultando o mapa. Moisés traça toda a viagem, desde Ramessés e Sucote até ao acampamento fronteiro a Jericó, em Nm cap. 33. A viagem feita depois de sairem do Sinai, assinala o movimento do tabernáculo. O povo muitas vêzes se dispersava pelo deserto, conduzindo seus rebanhos para onde encontrava água e pastagens. Quando incorporados no acampamento, ocupavam grande área de terreno, e quando estabelecidos em terra povoada, cobriam a distância entre várias cidades; por este motivo é que um mesmo acampamento é descrito de vários modos, Nm 33. 49, e cap. 25. 1. Além do itinerário referido em Nm 33, temos a narrativa da jornada, Êx cap. 12 até Nm cap. 25, e também algumas alusões esparsas nos discursos de Moisés a vários incidentes que se deram durante a viagem. É importante notar que cada uma destas três narrações foi preparada para um fim especial. O itinerário regista os acampamentos principais e não menciona os lugares de repouso e onde passaram a noite, Êx 25. 22; Nm 10. 33. Parece que não omite nenhum dos lugares onde se ergueu o tabernáculo. Ocupa-se apenas em narrar o nome dos acampamentos e mesmo alguns lugares de parada, onde se dava algum acontecimento notável, e passa em claro todos os demais. Nos discursos de Moisés, os eventos aparecem como ilustrações, ou para reforçar os argumentos e por isso são escolhidos a esmo sem respeito à ordem cronológica e citados nas suas linhas gerais.

Itinerário		*Narrativa*		*Alusões no discurso de Moisés*	
DE RAMESSES AO MONTE SINAI					
Saída de Ramessés no dia 15 do primeiro mês ..... Nm.	33.3,5	Dia 14 do primeiro mês à tarde, Êx	12.18,34,37	..... Dt	16.1
Sucote	5	.. ..	37		
Etã, à beira do deserto	6	. .....	1.20		
Pi-Hairote	7	.. ..	14.2		
Passagem do Mar Vermelho	8	.. ..	22	.. ..	11.4
Tendo marchado três dias pelo deserto de Etã acamparam-se em Mara	8	.. ..	15.23		

Itinerário		*Narrativa*		*Alusões no discurso de Moisés*	
Elim	9	..	27		
Sobre o Mar Vermelho	10	Dia 15 do segundo mês	16.1		
No deserto de Sim	11				
Dofca	12				
Alus	13				
Refidim, onde faltou água para beber	14	..	17.1	..	6.16; 25.17
No deserto do Sinai	15	Defronte do monte	19.2	..	4.10,11; 5.2
		No terceiro mês	1		
DO MONTE SINAI AO SEPULCRO DA CONCUPISCÊNCIA					
Deserto do Sinai		Nm no dia 20 do segundo mês do segundo ano, 11; cp.	10.12 1.1	Horebe, passando por todo aquele grande e terrível deserto em caminho para a região montanhosa dos amorreus	9.22
Sepulcros da Concupiscência	16	Três dias de jornada	9.5 10.33		
		O fogo do Senhor devorou a última parte do campo e			
		Chamou àquele lugar Incêndio,	11.1,3,34		
		onde permaneceram durante 30 dias	21		
Hazerote	17	..	11.35	Para Cadesbarnéia Dt	24.9;1.19
		Ficaram aqui sete dias	12.15	11 dias de viagem de Horebe a Cadesbarnéia pelo caminho de Monte Seir	1.2
Ritmá	18	Cades no deserto de Farã	12.16; 13.26		
		Na última parte do quinto mês, quando apareciam os primeiros cachos maduros	13.20	..	25
		Desanimados pela narração dos espias, os israelitas recusaram-se a caminhar para diante sendo por isso condenados a peregrinar durante 40 anos pelo deserto. Retrocederam pelo caminho do Mar Vermelho. Tentaram entrar em Canaã subindo pelas montanhas, sendo batidos até			1,40-45
		Horma	14.25,33-45	..	9.23
DE CADES A EZIOM-GEBER de onde voltaram, até a morte todos daquela geração					
Ritmá					
Rimom-Peres	19	..		Ficaram em Cades muitos dias	1.46
Libna	20				
Rissa	21			Voltaram pelo caminho do deserto para o Mar Vermelho por ordem de Deus	2.1
Queelata	22				
Monte Sefer	23	No deserto	15.32		
Harada	24				
Maquelote	25				
Taate	26				
Tara	27				
Mitca	28	No deserto	16.18		
Hasmona	29				
Moserote	30				
Benejaacã	31				
Monte de Gadgade	32				
Jotbata	33				
Abrona	34				
Eziom-Geber	35				
Deserto de Sim que é o de Cades	36	Deserto de Sim em Cades no primeiro mês do ano 40	20.1	Rodeando o monte Seir, cp.	32.51

Itinerário		*Narrativa*		*Alusões no discurso de Moisés*	
		Moisés e Arão pecaram contra Deus quando feriram a pedra	2-13		
		Enviam mensageiros ao rei de Edom, pedindo permissão para atravessarem as suas terras	14-17	muitos dias	2.2
DE CADES AO JORDÃO					
Cades		Cades	22		3.26; 4.21
Monte Hor, nos confins do país de Edom	37	Viagem pelo caminho dos exploradores	21.1	Poços dos filhos de Jacã	10.6
No primeiro dia do 5º mês do ano 40	38	Monte Hor nos confins do país de Edom	20.22,23	Mósera	10.6
Arão sobe o monte onde morreu	39	..	24-29	Onde Arão morreu até	10.6
O rei Arade tem notícias da chegada dos israelitas	40	O rei Arada sai ao encontro de Israel fazendo alguns cativos	21.1	que finalmente chegam ao termo dos 40 anos	10.7 29.5
		No Monte Hor, os israelitas souberam da atitude do rei de Edom e resolveram evitá-lo		Gadgade	10.7
		Nm	20.18-21	Jetebata. 10.7 passaram em paz pelos limites de Edom, perto de Eziom-Geber e seguiram para o lado norte, Dt	8.15
		Do Monte Hor, seguiram pela estrada que conduz ao Mar Vermelho para rodearem o país de Edom	21.4		
Zalmona — Nm	41	As serpentes	6-9	rodeando o país de Moabe	2.4,5,8
Punom	42	..	10		
Obote	43	No deserto ao oriente de Moabe	11		
Ijé-Abarim	44	Vale de Zarede	12	Passaram o ribeiro de Zarede	13
				38 anos depois de sua condenação em Cadesbarnéia	14
		No deserto ao sul do Arnom	13	Passaram pelo alto do Arnom, talvez no lugar onde entra o *wady es-Saideh*, abeirando-se dos limites dos amonitas	2.18,19
				e dos limites dos amorreus	24
		Poços no deserto	16,18	Do deserto de Cadesmote saíram embaixadores para o rei Seom	26
		Seom ajuntou o seu exército para vir ao encontro dos israelitas em Jasa	23		32
Dibom-Gade	45	Matana	18		
Almom-Diblataim	46	Naaliel	19		
Serras de Abarim defronte de Nebo	47	Bamote Vale no cume Pisga	19 20		
Planícies de Moabe, sobre o Jordão, defronte de Jericó	48,49	..	22.1	No vale defronte do templo de Bete-Peor	3.29; 4.46
		Em Sitim	25.1	No ano 40 primeiro dia do undécimo mês, Dt	1.3

PERÉIA, *Terra de além.*

Nome de uma região entre o Jaboque e o Arnom, além do rio Jordão, Guerras 3. 3, 3; cp. lugar e significação da palavra Abarim. Este nome aplicava-se em sentido mais lato. Josefo atribuía o nome de Gadara a uma cidade situada nas margens do Rio Iarmuque, que era a capital da Peréia, Guerras 4. 7, 3.

PEREZ, *Brecha, separação, distinção, indigno.*

1. Nome de um dos filhos de Judá, um dos dois gêmeos que Tamar deu à luz, Gn 38. 24-30. Fundou uma família tribal com o seu nome e mais duas famílias procedentes de seus filhos, às quais deram os nomes, Nm 26. 20, 21; 1 Cr 2. 4, 5. Foi antecessor de Davi, e por conseguinte de Jesus Cristo, Rt 4. 12-18; Mt 1. 3.

2. Nome de um homem da tribo de Manassés, 1 Cr 7. 16.

PEREZ-UZÁ, *Castigo de Oza.*

Nome que Davi deu ao lugar onde Oza foi ferido de morte por haver tocado a arca, 2 Sm 6. 8; 1 Cr 13. 11. Situação ignorada.

PERFUMARIAS

Nome que se dava às especiarias de várias qualidades, tais como: aloés, cássia, cinamomo, incenso, mirra, nardo, cultivadas no vale do Jordão, ou importadas da Arábia e de outros lugares, onde se fabricavam perfumarias, Eccles. 24. 15. Havia quatro processos para extrair os perfumes das diversas especiarias: atavam-nas em molhos, ou guardavam-nas em sacos, Ct 1. 13; reduziam-nas a pó e queimavam-no como incenso, 3. 6; a parte aromática separavam-na pôr meio da fervura de que faziam extratos, que guardavam em frascos para trazer à cinta, e também o misturavam com óleo para o cabelo e a barba, 1. 3; Is 3. 20; Jo 12. 3. Geralmente ajuntavam diversas especiarias para fabricar os perfumes, Ex 30. 28, 24; Jo 19. 39. As perfumarias serviam para uso pessoal, para as vestimentas, para aromatizar os móveis, etc., Sl 45. 8; Pv 7. 17; Ct 4. 11. No serviço religioso do templo, empregavam-se o incenso e os óleos aromáticos, Ex 30. 22-38.

PERGAMINHO

Peles de ovelhas ou de cabritos, preparadas com o fim de servirem de material para escrita, ou para outros fins. Em primeiro lugar, as peles eram mergulhadas em solução de cal para remover os pelos, depois limpavam-nas com faca, iam para lavar, punham-nas a secar, estendiam-nas e as poliam. Relata Heródoto que os antigos iônios se serviam das peles das ovelhas e dos cabritos, pela escassez do papiro, Heród. 5. 58. No seu tempo o papiro era o material mais comum empregado na escrita. Os pergaminhos vinham, a princípio, de Pérgamo. Quando Ptolomeu proibiu a exportação do papiro, Eumenes II, rei de Pérgamo, adotou o pergaminho para os livros da sua grande biblioteca. As peles passaram a denominar-se *chartae pergamenae*, de onde se deriva a palavra pergaminho. Desde os tempos de Josefo que os judeus passaram a usar os pergaminhos para os manuscritos dos livros sagrados, Antig. 12. 2, 11, e o Talmude estabelecia que a lei deveria ser escrita em peles de animais limpos, mansos ou silvestres e também de pássaros igualmente limpos. O papiro era muito comum como material de escrita, 2 Jo 12. S. Paulo refere-se aos seus pergaminhos com especial solicitude, 2 Tm 4. 13.

PÉRGAMO, *Cidadela, burgo.*

Nome da mais importante das cidades da Mísia, situada nas margens do rio Caico, distante 20 milhas do mar. Foi outrora capital de um riquíssimo reino, governado por uma dinastia de reis, alguns dos quais se chamavam Atalus. O primeiro deste nome subiu ao trono no ano 241 A. C. Derrotou os gauleses e estabeleceu-os em um distrito que se ficou chamando Galatia. Seu filho Eumenes subiu ao trono no ano 197 A. C., adornou a cidade e criou uma biblioteca célebre que veio a ser a segunda abaixo da de Alexandria. Atalo III, que morreu no ano 133 A. C., legou aos romanos todos os seus bens móveis. Os romanos fizeram-se de desentendidos e tomaram conta do reino, convertendo-o em província da Ásia, de que Pérgamo era a capital. Seis anos antes de Cristo, a residência proconsular, que nos tempos imperiais agia como governador da província, foi transferida para Éfeso. Marco Antônio prometeu dar a Cleópatra a biblioteca que não era sua, e a fez transportar para o Egito sendo adicionada à já opulenta biblioteca de Alexandria. A acrópole de Pérgamo coroava um alcantilado outeiro a 1.000 pés acima da planície. Quase na sumidade, erguia-se um imenso altar dedicado a Zeus, que Eumenes II mandou erigir para comemorar a vitória alcançada por seu pai sobre os gauleses. À curta distância deste altar, havia um elegante templo dedicado a Atene. No período romano, construíram também um templo na acrópole, em honra do divino Augusto. Fora dos limites da cidade, existia um altar famoso, dedicado a Esculápio, deus da medicina, freqüentado pelas multidões de enfermos, que vinham de todas as partes à procura de saúde. Havia uma espécie de pergaminho, em latim e em grego *pergamene*, assim chamado porque foi ali donde primeiramente veio. Havia uma igreja cristã em Pérgamo, nomeada em terceiro lugar no Apocalipse, entre as sete igrejas da Ásia, às quais Jesus Cristo enviou mensagens. Na igreja de Pérgamo existia a cadeira de Satanás, e onde Antipas se ostentou fiel testemunha de Jesus, sendo por isso morto. Deveria ter sido grande baluarte da idolatria, Ap 1. 11; 2. 12-17. Ainda existe a antiga Pérgamo com o nome de Bérgama ou Bergma, amontoado de habitações de madeira que emergem das mais esplêndidas relíquias da antigüidade.

PERGE, *Cidadela, Burgo.*

Nome de uma cidade da Panfília capital da província no tempo dos romanos, situada à margem direita do rio *Kestros*, 60 estádios acima da foz. Paulo e Barnabé visitaram-na em sua primeira viagem missionária, tanto na ida como na volta, At 13. 13, 14; 14. 25. Existia na sua vizinhança um magnífico templo consagrado à deusa Ártemis, do tipo asiático; cp. Diana dos efésios, conhecida como rainha de Perge.

PÉROLA

Precioso artigo de comércio, Mt 13. 45, 46; Ap 21. 21; Jó 28. 18, usado como objeto de adorno pelas damas, 1 Tm 2. 9; Ap 17. 4. As pérolas encontram-se dentro de conchas de certos moluscos, formadas de carbonato de cal, com membranas animais interstratificadas e pelo depósito de substâncias nacaradas que se agregam a um corpo estranho por elas envolvido como por um manto, um grão de areia, talvez, que sirva de núcleo. Esta substância é a mesma da madrepérola de que se reveste internamente a concha. As pérolas de grande tamanho e de boa qualidade, encontram-se nas ostras da pérola, *Meleagrina margaritifera*, muito abundante nos mares das Índias, especialmente no Golfo Pérsico e perto de Ceilão. Chega às vezes a ter dez e dose polegadas de comprimento. Sinônimo: margarita, Ap 21. 21.

PERSEU

Nome do filho e sucessor de Filipe III e o último dos reis da Macedônia. Em 171 A. C. recomeçou a guerra com os romanos, que seu pai havia abandonado. Após três anos de combates inglórios e de alguns triunfos ocasionais, foi completamente derrotado, 1 Mac 8. 5, por L. Emílio Paulo na batalha de Pidna, que pôs termo à monarquia macedônia. Perseu fugiu, mas os romanos o alcançaram, sendo preso e conduzido para Roma como ornamento triunfal do conquistador.

PÉRSIA

A Pérsia, propriamente dita, quando pela primeira vez foi conhecida dos povos do ocidente, como nação constituída, estava situada a sudeste do Elã, que correspondia quase à província atual da Pérsia, chamada Fars, ou Farsistã, modificação do nome antigo Parsa. A Pérsia, em sentido restrito, era limitada ao norte pela Grande Média (Média Magna), a sudeste pelo Golfo Pérsico, ao oriente pela Carmania (agora *Kerman*), e a noroeste pela Susiana. Tinha de comprimento 250 milhas com uma largura média de 200. A superfície regulava 50.000 milhas quadradas. Em sentido mais lato, a Pérsia compreendia o planalto do Irã, toda a região limitada pelo Golfo Pérsico, os vales do Tigre e do Ciro, o Mar Cáspio, o rio Oxus, o Jaxartes e o Indo, 1 Mac 6. 1; 2 Mac 1. 19. Quando, porém, o império persa atingiu o maior grau de sua grandeza, estendia-se desde o império da Índia ao oriente até ao Arquipélago grego a oeste; e desde o Danúbio, ao Mar Negro; e desde o Monte Cáucaso e o Mar Cáspio ao norte, até aos desertos da Arábia e da Núbia, ao sul, Et 1. 1; 10. 1. Tinha quase 3.000 milhas de comprimento e a largura que variava entre 50 a 1.500 milhas, com uma superfície de 2.000.000 de milhas quadradas, metade da superfície do continente europeu. A raça ariana intimamente unida à raça média, é que habitava todo o império. Os persas não figuram na lista das nações mencionadas no capítulo 10 do Gênesis. Somente alguns séculos depois de Moisés, é que eles surgiram. Pelo ano 700 A. C., o país de Parsu, Pérsia, aparece como aliado de Elã. Em breve, porém, Teispes, chefe da tribo e membro da família dos Aquemênides, conquistou o Elã e se estabeleceu como rei no distrito de Ansã, ou Ansã, como às vêzes se escreve. Os seus descendentes abriram-se em dois ramos, um que reinou em Ansã e outro que permaneceu na Pérsia. Seu neto, Ciro II, rei de Ansã, uniu os dois ramos, conquistou a Média pelo ano 550 A. C., a Lídia na Ásia Menor e Babilônia em 539. Foi ele quem deu liberdade aos hebreus exilados para voltarem à pátria. Veja *Ciro*. Pela sua morte em 529, subiu ao trono seu filho Cambises. Ciro havia legado ao filho mais môço, chamado Esmérdis, uma parte dos seus vastos domínios. Cambises, dominado pelo ciúme, promoveu secretamente a morte do irmão. Em 525 conquistou o Egito. Ao regressar à Pérsia, teve notícia de que Esmérdis, que ele julgava morto, vivia (o que não era verdade) e havia assumido as rédeas do governo, auxiliado pelo exército. Angustiado por estas notícias, o monarca persa tirou a espada da bainha e feriu-se de tal modo que em poucos dias morreu, 522 A. C. O falso Esmérdis, estava senhor do trono. Quando se descobriu que ele não era o Esmérdis legítimo, formou-se contra ele uma conspiração que lhe deu a morte. Dario, filho de Histaspes, um dos chefes do movimento revolucionário, e um dos herdeiros mais próximos do trono, quando se extinguiu a família de Ciro, começou a reinar em 521; tinha então vinte e oito anos de idade. A ascensão do jovem rei provocou uma revolta geral nas províncias. Ciro reprimiu-a facilmente, e organizou novo império que se estendia da Índia ao Arquipélago Grego e ao Danúbio. Foi ele quem mandou fazer a reconstrução do templo de Jerusalém. Morreu no ano 486. Veja *Dario*, 2. Sucedeu-lhe seu filho Xerxes, que é o Assuero de que fala o livro de Ester e provàvelmente também o livro de Ed 4. 6. Reconquistou o Egito e tentou invadir a Grécia, mas foi repelido com grandes perdas. Veja *Assuero*, 2. Depois de reinar vinte anos, foi assassinado no ano 465. Seu filho e sucessor, Artaxerxes Longímano possuía caráter mais respeitável, porém inconstante e fraco. Era amigo dos judeus; consentiu que grande número deles voltasse para Jerusalém a fim de levantar os muros da cidade. Veja *Artaxerxes*. Reinou quarenta anos, vindo a falecer no ano 425. Teve como sucessores a Xerxes II, 425; a Sogdiano, 425; a Dario Nótus, 424; a Artaxerxes Minémon, de boa memória, 404; a Artaxerxes Oco, 359; a Arses, 338; e a Dario Codomano, 336. O último rei caiu nas mãos de Alexandre, o Grande, em 331 A. C. e com êle terminou o primeiro império dos persas. Veja *Dario*, 3. Várias cidades serviram de residência aos imperadores persas, tais como: Persépolis, 2 Mac 9. 2; Susa, Ne 1. 1; Et 1. 2; Ecbátana, Ed 6. 2; e Babilônia, Ed 6. 1.

Quando Ciro deu consentimento aos judeus para voltarem à pátria, 538 A. C., não lhes garantiu independência política; pôs sobre eles governadores por êle nomeados, Ne 3. 7. A Judéia fazia parte da Satrapia de além do rio, Ed 8. 36, formada pela Síria, Palestina, Fenícia e Chipre. Heród. 3. 91. Estes países estiveram sujeitos à Pérsia, durante 207 anos, desde 539, ano em que Ciro entrou em Babilônia, até 332, ano em que Alexandre, o Grande, concluiu a conquista da Palestina. Os persas professavam as doutrinas de Zoroastro, mas não as impunham aos povos conquistados. Era uma religião espiritual, que reconhecia a distinção entre Deus e a natureza, entre o espírito e a matéria, e por conseqüência adversa à representação da divindade por meio de imagens. O princípio fundamental da sua ética consistia na contradição essencial entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas. Concebia duas regiões distintas em que dominavam os espíritos: uma onde existia a hierarquia dos anjos e dos arcanjos, onde se achava Auramazda, ou Ormazde, como se escreve no persa moderno, o senhor todo sábio, que é Deus, na extensão da palavra, presidindo aos sete espíritos bons que são os seus ministros e a expressão de seus atributos, e sobre milhares de entes dignos; a outra região é a dos espíritos maus, em que impera Arimã, o grande inimigo espiritual. Este sistema dualista, em que Arimã era considerado como tendo existência eterna, ensinava a combater o mal e a cultivar o bem; a buscar a santidade em pensamentos, palavras e obras, recompensada com a imortalidade nos céus. Prestava culto aos quatro elementos, fogo, ar, terra e água, como criações de Auramazda. Veja *Magos*. O judaísmo conserva alguns traços da supremacia persa. O que outrora havia sido Pérsia, passou, primeiramente, para os gregos macedônios e seus sucessores da mesma raça. Depois passou a fazer parte do império parta. No ano 211 da era cristã, Ardasir lançou os fundamentos de nova soberania persa, governada por uma dinastia que tinha o nome de sua família, a dos sassânidas. No ano 224, derrotou e matou o último rei da Pártia. A dinastia dos sassânidas ficou poderosa, a ponto de enfrentar os exércitos romanos e traçar limites ao império para os lados do oriente. No ano 636 e 641, *Yezdejerd* III, último rei desta dinastia, foi derrotado pelos sarracenos, e a Pérsia caiu sob o domínio dos maometanos até ao dia de hoje. Alguns dos mais alentados espíritos recusaram submeter-se aos dominadores, fugindo para os desertos e para as montanhas. Finalmente, número considerável de persas refugiados, desembarcaram em Guzerate pelo ano 717, em busca de asilo na Índia, onde o encontraram. Os descendentes destes refugiados constituem uma fração importante da comunidade indiana. São denominados pársis; têm prosperado muito e são leais ao trono da Inglaterra.

PÉRSIDE, *Perse*.

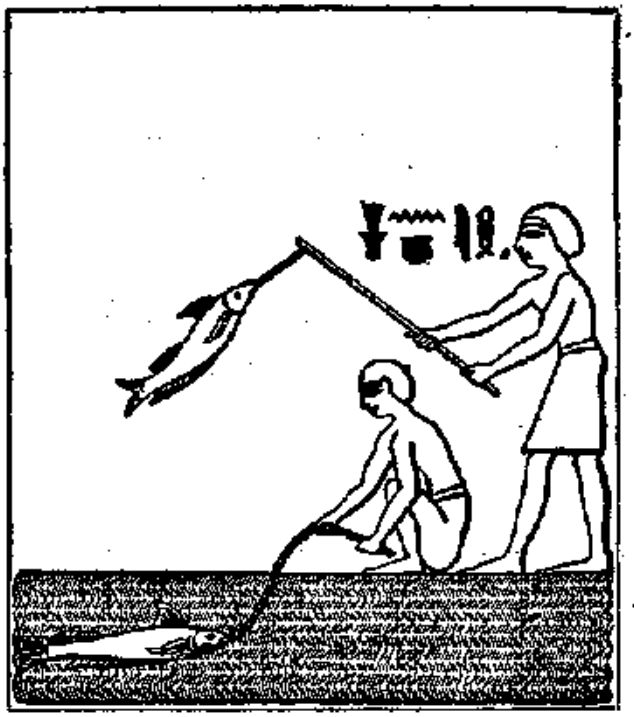
Nome de uma cristã residente em Roma que trabalhou muito no Senhor e a quem S. Paulo enviou saudações, Rm 16. 12.

PESCARIA

A pescaria fazia-se em grande escala no delta do Nilo, antes que suas bocas entrassem no Mediterrâneo, Is 19. 8. Os israelitas, durante o cativeiro do Egito, comiam peixe abundantemente sem lhes custar nada, Nm 11. 5. A pesca que se fazia nas costas do Mediterrâneo, estava geralmente em mãos dos tírios e dos sidônios, ao norte, Ne 13.

Pescaria com rêdes no antigo Egito

16, e em mão dos filisteus, ao sul. Aos israelitas ficava o Mar de Galiléia, centro de suas operações. Tristram dá conta de vinte e duas espécies de peixes nas águas de Genesaré e no Jordão. Os peixes que desciam até ao Mar Morto, morriam em suas águas salgadas. Em certos lugares da Palestina, existiam aquários, onde se criavam peixes,



Pescaria com anzol no antigo Egito

Ct 7. 4. Em Jerusalém havia uma porta chamada dos peixes, talvez por ser lugar por onde entravam ou onde se vendiam, 2 Cr 23. 14; Ne 13. 16. Na pesca empregavam-se linhas, anzóis, fisgas e redes, Jó 41. 1, 7; Is 19. 8; Am 4. 2; Mt 17. 27, e Lc 5. 4-7.

PESOS

Os hebreus usavam balanças e pesos, Lv 19. 36; pesavam o dinheiro e outros artigos de comércio, Jr 32. 10. Os pesos tinham os seguintes nomes: talento (círculo), mané (parte), chequel (peso), gerá (grão), e beca (metade).

20 gerás = 1 chequel
60 chequéis = 1 mané
60 manés = 1 talento

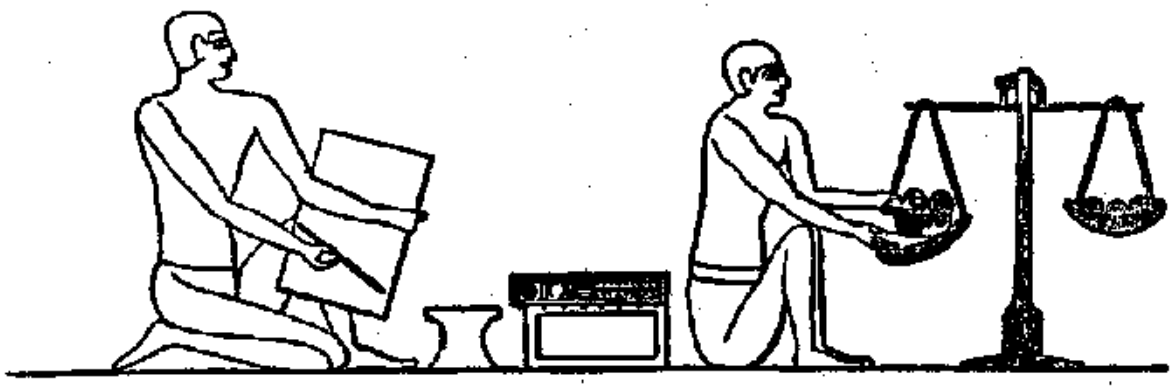
É importante notar que a tabela para ouro e prata é diferente das de outros artigos, como segue:

20 gerás = 1 chequel
50 chequéis = 1 mané
60 manés = 1 talento

A palavra libra é tradução do hebreu *Maneh*, 1 Rs 10. 17; do grego *Mna*, 1 Mac 14. 24; 15. 18, avaliado segundo se crê pela base do talento ático, e portanto pouco mais da metade do mané hebreu, e *Litra*, Jo 12. 3; 19. 39, equivalente a libra romana; duas e meia destas libras equivaliam a um mané hebreu de ouro. A libra, quantia de dinheiro, era igual a 100 dracmas e valia cerca de 16 dólares, Lc 19. 13. Um chequel de peso valia 20 gerás e um mané era igual a 20 + 25 + 15 = 60 chequéis, Ez 45. 12. Esta interpretação é confirmada pela divisão que os assírios e babilônios faziam do mané em 60 partes. Em Nínive e Babilônia descobriram-se pesos com o nome de mané, mostrando que usavam ali talentos leves e pesados; o primeiro era igual a 60, kg 6 e o segundo com a metade exata do peso, ou 30, kg 3. Os manés pesados e leves tinham 1, kg 010 e 505 gramas respectivamente, e os chequéis 16. 83 e 8. 41. Segundo Josefo, o mané de ouro hebreu, era igual a duas libras e meia romanas, Antig. 14. 7, 1, ou 818. 57 gramas e segundo Madden, 819.538. Vê-se, pois, que o mané judaico de ouro era calculado em 50 chequéis, que o chequel de ouro era pouco mais leve que o assírio, 16. 37, segundo Madden 16. 39 gramas, e que o chequel de ouro e o chequel de peso eram iguais. A diferença entre este chequel hebreu e o chequel assírio era apenas de sete grãos. Comparando 1 Rs 10. 17 com 2 Cr 9. 16, não havendo erro no texto, vê-se que um mané de ouro valia algumas vezes cem chequéis leves em vez de cinqüenta chequéis de peso normal.

Três mil chequéis de prata valiam um talento, visto como, 603.550 meio chequéis ou 301.775 chequéis do santuário equivaliam a 100 talentos, mais 1.775 chequéis, Ex 38. 25, 26. Pode-se justamente concluir que o talento de prata valia 60 manés

Pesos de bronze e de pedra, com a forma de leões e de gansos, usados em Nínive.



Ação de pesar e de registar no antigo Egito

de cinqüenta chequéis cada um. O chequel era igual a vinte gerás, Ex 30. 13. O chequel de prata, contudo, era mais leve que o de ouro.

Segundo Madden, o de ouro pesava 14.5668 gramas, e o de prata, 14.5565.

Tabela de pesos (de Babilônia)

Talento = 30.3 quilogramas
Manê = .5 "
Chequel = 8.4 gramas

Nota 1. Esta é a tabela publicada pelo Museu Britânico

Tabela do peso de ouro
Talento = 49114.20 gram.
Manê = 818.57 gram.
Chequel = 16.37 gram.

Nota 2. Segundo as indicações do historiador Josefo.

Tabela do peso de prata
Talento = 43669.5 gramas
Manê = 727.8250 gramas
Chequel = 14.5565 gramas

Nota 3. Nas traduções portuguesas da Bíblia, o vocábulo *siclo*, corresponde a chequel. Ex 30. 23; Dt 22. 19; etc.

PESTILÊNCIA

Moléstia contagiosa ou infecciosa, praga. Conquanto a pestilência seja mencionada na Escritura como enviada por Deus, Ex 9. 15; Lv 26. 25; Dt 28. 21, muitas vezes ele emprega causas secundárias para manifestar-se. O castigo com que Deus ameaça os pecadores, são representados pela espada, pela fome e pela pestilência, Ez 6. 11. Há razão para conservar a ordem em que estas palavras vêm. A guerra irrompe. Os povos do país invadido não podem cultivar a terra, e se o fazem, terão de ver as suas plantações devastadas pelo inimigo. Os sitiantes investem contra as cidades, de propósito impedem a entrada de mantimentos para obrigar o inimigo a render-se. Segue-se a fome. A fome, a carnagem e as condições anti-higiênicas das povoações sitiadas, ocasionam a peste.

PETAIAS, *Jeová libertou.*

1. Nome de um levita, induzido por Esdras a separar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 23. Parece que é o mesmo Petaias que auxiliou a Esdras no serviço religioso, Ne 9. 5.

2. Nome de um homem de Judá, da família de Zera, e oficial do rei persa para dirigir todos os negócios do povo, Ne 11. 24.

PETAÍAS, *Jeová livrou.*

Nome de um descendente de Arão cuja família constituiu o décimo nono curso dos sacerdotes, 1 Cr 24. 16.

PETOR, *Abertura.*

Nome de uma cidade, perto de Eufrates, Nm 22. 5, e das montanhas de Arã, ou Mesopotâmia, Nm 23. 7; Dt 23. 4. Enquanto durou o cativeiro do Egito, os heteus tomaram esta cidade, em cujo poder esteve até ao nono século antes de Cristo, quando Salmanasar se apoderou dela, convertendo-a em colônia do império assírio. Estava situada no extremo norte da Palestina, em a margem ocidental do Eufrates, perto do rio Sagura, que agora se chama Sajur, distante algumas milhas de Carquemis, capital do reino dos heteus.

PETUEL, *Nobre disposição de Deus.*

Nome do pai do profeta Joel, Jl 1. 1.

PEULETAI, *Laborioso.*

Nome de um levita, filho de Obede-Edom, um dos porteiros do tabernáculo, 1 Cr 26. 5.

PI-BESETE (Nome egípcio *Pabast*, habitação da deusa Bast).

Nome de uma cidade egípcia, Ez 30. 17. A forma grega era Bubastos, ou Bubastis (Heród. 2. 59, 137). Agora chama-se *Tell Basta*, situada no Delta, perto de Zagazigue, na parte ocidental do Pelusíae, nome de um dos braços do Nilo, a 45 milhas a nordeste da moderna Cairo, e a 30 a sudoeste da antiga Tanis. Entre as ruínas desta cidade encontram-se as de um magnífico templo de granito vermelho, dedicado à deusa protetora da cidade.

PIEDADE

Piedade filial, dever familiar, 1 Tm 5. 4.

PI-HAIROTE, *Casa, ou lugar de caniços.*

Nome da última estação dos israelitas depois que deixaram o Egito, perto de Baal-Zefom entre Magdal e o mar, Ex 14. 2, 9; Nm 33. 7, 8. Há dúvidas quanto ao lugar certo. Brugsch considera este nome de origem hebraica, com o sentido de entrada das cavernas; diz ele que é o atoleiro, ou pântano serboniano a que os gregos chamam Báratro, no fundo do qual, diziam eles, jazia o monstro Tifon. Mas o nome é evidentemente de origem egípcia. Afirma Keil que o antigo nome é hoje representado pela forma *Ajrud*, nome de um lugar situado na Estrada do Peregrino, a 16 milhas a noroeste de Suez. Porém os dois nomes têm apenas uma letra em comum. Naville identifica a estação Pi-Hairote com *Pikerehet* ou *Pi-keheret*, fronteiro a Pitom. Nem ao menos existe semelhança de som; todavia o rei Faraó possuía ali uma fazenda, e, por isso, os tradutores da Bíblia para o grego, em vez de dizerem "defronte de Pi-Hairote", escreveram, "defronte da fazenda." Era cidade muito importante, que disputava a Pitom a honra de ser a capital do oitavo nomo ou distrito do Baixo Egito cuja divindade era Osíris. Naville acredita que era o mesmo lugar denominado Serápio ou Serapeum, único santuário de Osíris daquela região. Saem dela duas estradas, uma para Chusma e outra para Pelusium.

PILATOS, Armado com um dardo, ou trazendo o *pilus*, barrete de feltro, que usavam os escravos manumitidos, como símbolo da liberdade.

Pôncio Pilatos, quinto governador romano da Judéia, depois da deposição de Arquelau. Ano 6 da era cristã. Graças à influência de Sejano, foi

ele nomeado pelo imperador Tibério, no ano 26 como sucessor de Valério Gratus. Chegou à Judéia no mesmo ano, acompanhado de sua mulher, Mt 27. 19. Por muito tempo, não se permitia a um governador romano levar a esposa para uma terra, sujeita a perturbações intestinas; porém, do tempo de Augusto em diante foi-lhe isso concedido, Tácito, Am 3. 33. Pilatos enviou um destacamento de soldados, que entrou de noite na cidade, levando as insígnias do novo governador, as quais até então, ficavam fora das portas. Constavam elas de águias de prata e pequenas imagens do imperador que muito escandalizaram os judeus. Enviaram deputados a Cesaréia, onde se achava a residência oficial dos procuradores, pedindo a retirada das insígnias. Pilatos, depois de vãs ameaças para intimidar os delegados, foi obrigado, afinal, a atender ao que pediam, Antig. 18. 2, 1; Guer 2. 9, 2, 3. Algum tempo depois, empregava o dinheiro sagrado, chamado corbã, na construção de um aqueduto para trazer água a Jerusalém, tirada na parte sul da cidade. Os judeus consideravam que o emprego do dinheiro sagrado em fins seculares era uma profanação, e por ocasião de uma visita de Pilatos à capital, cercaram o tribunal com grande tumulto e vozeria. Pilatos, tendo sido previamente avisado, preveniu-se, e mandou alguns soldados disfarçados em paisanos, armados de bastões e de adagas que eles levavam escondidas, para se misturarem entre a multidão. Quando o tumulto havia atingido o seu auge, deu-lhes sinal para atacar os amotinados, o que eles fizeram com tanta violência, que alguns deles foram mortos. A multidão debandou, tomada de pânico; muitos morreram atropelados pela fuga. Parece que não houve novo motim. O aqueduto foi concluído, porém a animosidade contra o governador cresceu, mais e mais, Antig. 18. 3, 2; Guerras 2. 9, 4. Pilatos tentou dedicar alguns escudos dourados em honra do imperador Tibério e colocá-los dentro do palácio de Herodes em Jerusalém, apenas com o nome sem efígie alguma. Ainda assim os judeus se ofenderam. O povo protestou em vão. Então, os homens mais influentes da cidade enviaram uma petição ao imperador que ordenou a Pilatos que mandasse os escudos para Cesaréia. *Philo, Legat ad Calum* xxxviii. Narrando este fato, Filo, ou antes Agripa I, em uma carta, citada por Filo, descreve Pilatos como homem de disposição inflexível, sem misericórdia e obstinado. Diz também que ele receava que o povo fosse contar ao imperador os atos de sua vida corrupta, a violência de seu gênio, os insultos dirigidos ao povo, a crueldade com que o castigava sem julgamento e sem processo e as desumanidades sem número por êle cometidas. Pilatos ainda era governador quando João Batista e nosso Senhor começaram o seu ministério, Lc 3. 1. Era costume dos procuradores irem para Jerusalém, quando as enormes multidões de gente se congregavam ali por ocasião das grandes festas. Ocupavam o palácio de Herodes. Provavelmente foi por uma destas festas que Pilatos fez matar os galileus e cujo sangue misturou com os sacrifícios deles, Lc 13. 1, 2. Os galileus eram uma classe de gente muito turbulenta, sempre pronta a brigar quando vinham às festas, Antig. 17. 102. Não é crível que Pilatos os tratasse tão duramente se eles não tivessem provocado algum motim. Talvez que Herodes Antipas se desgostasse pelo modo sumário por que foram mortos os seus súditos nesta ocasião. Qualquer que seja o motivo pelo qual os dois se desavieram, eles se harmonizaram quando se tratou do processo de Jesus, no dia em que foi condenado à morte.

O caráter de Pilatos, revelado nestes vários incidentes de sua vida, vê-se também no modo por que tratou o caso de Jesus. Desejava fazer justiça, sempre que não afetasse os seus interesses e evitava praticar atos criminosos, sempre que não lhe fosse pesado. Mas nada fazia à custa de pesados sacrifícios. O motivo secreto de seus hábitos, consistia, não em perguntar: Qual é o meu dever? mas sim: Qual é o meu interesse? Reconhecia que nosso Senhor estava sem crime e desejava salvá-lo, segundo os princípios da justiça; mas ao mesmo tempo via a sua impopularidade crescer com a absolvição de Jesus, e para ser agradável ao povo judaico, mandou açoitar aquêle que pouco antes declarara inocente. Permitiu que os soldados romanos infligissem novas torturas àquele cujo corpo já estava lacerado, e depois de muitos insultos e injúrias que Jesus sofria sem murmurar, acedeu aos desejos do povo, mandando crucificar o Filho de Deus, como eles pediam, Mt 27; Lc 23.

O governo de Pilatos terminou abruptamente. Um impostor samaritano prometeu a seus compatriotas que, se eles quisessem subir com ele ao monte Gerizim, mostrar-lhes-ia o lugar onde Moisés havia escondido certo número de vasos de ouro, pertencentes ao tabernáculo. Moisés nunca esteve naquele monte, nunca atravessou o Jordão, e, contudo, a multidão iludida reuniu-se em uma aldeia que ficava na raiz do monte a fim de subir. Infelizmente carregavam armas. Pilatos mandou cercar todos os caminhos que conduziam ao monte Gerizim, por soldados de cavalaria e de infantaria, atacou a massa do povo que procurava a posse dos tesouros, matou a muitos e prendeu o restante que mandou executar. Os samaritanos fizeram uma queixa contra Pilatos e a mandaram a seu superior imediato, Vitélio, presidente da Síria. Este foi nomeado para o lugar de Pilatos, que foi chamado a Roma para justificar a sua conduta. Antes de chegar a Roma, Tibério faleceu, 16 de março de 37, Antig. 18. 4, 1, 2. Dizem que Pilatos foi banido para Viena sobre o Reno, ao sul da França, onde se suicidou. Várias *Acta Pilati*, Atos de Pilatos, existem; são considerados espúrios, e nota-se falta de harmonia entre todos.

PILDAS

Nome de um dos filhos de Nacor e Melca, Gn 22. 22.

PILHA, *Fatia.*

Nome de um daqueles que selaram o pacto juntamente com Neemias, Ne 10. 24.

PILTAI

Nome de um sacerdote chefe de uma casa, nos dias do sumo sacerdote Joaquim, Ne 12. 17.

PINÁCULO

Parte do templo, cuja aresta ficava a grande altura, Mt 4. 5. Não se pode fazer uma identificação exata. A palavra grega *pterygion*, semelhante a pináculo, empregada para traduzir o vocábulo hebraico, significa literalmente, asa pequena, e representa a barbatana do peixe, a orla de um vestido, ou as ourelas do racional, Lv 11. 9; Nm 15. 38; Êx 28. 26. Também pode significar simplesmente a cumieira do telhado. Lightfoot, cingindo-se ao sentido do vocábulo grego, diz que e o pórtico que se projetava à semelhança de asas aos lados do templo, Guerras 5. 5, 4. Pensam outros que seja o grande pórtico real que estava ligado ao templo e que subia a 400 cúbitos acima do vale do Cedrom, Antig. 15. 11, 5; 20. 9, 7. Ainda pensam outros que a palavra se refere às arestas de ouro que ornavam a cumieira do templo para impedir pouso às aves, uma vez que tinham a aparência de pequenos pináculos. Estes, porém, eram em grande número, e o evangelista fala só de um pináculo.

PINGENTES, JÓIAS, PENDENTES

Adorno com pedras preciosas, geralmente preso por meio de um anel ao lado do nariz, Is 3. 21, ou entre as fossas nasais, Gn 24. 47; Ez 16. 12.

PINOM

Nome de um capitão edomita, Gn 36. 41; 1 Cr 1. 52, talvez assim denominado por haver nascido na cidade do mesmo nome, Gn 36. 40. Veja *Punom.*

PINTURA

No antigo Egito e na Assíria, as mulheres tinham o costume de pintar de prêto as pálpebras. Os hebreus, parece que consideravam este processo como arte empregada pelas meretrizes e imprópria de mulher séria, 2 Rs 9. 30; Jr 4. 30; Ez 23. 40; Guerras 4. 9, 10. Pintavam com esta cor, a menina do olho, as pálpebras em roda e até mesmo as sobrancelhas. Com certeza empregavam alguma das tintas que serviam para tingir os tecidos. Empregavam também o antimônio carbonizado reduzido a pó (Setenta), e talvez o chumbo como se fazia na Pérsia. O *kohl* que ainda hoje usam as mulheres do Egito, é pó obtido pelas cascas de amêndoas carbonizadas, ou de resinas aromáticas, que elas guardam em pequenas vasilhas cobertas e aplicam em seco, ou umedecido com um pouco de óleo, por meio de um bastãozinho de madeira, prata ou marfim, com uma espécie de pincel na extremidade. Sôbre pinturas em outras partes do corpo, veja *Cacho de Chipre*, e sôbre pinturas de paredes, veja *Cores*.

PIOLHOS

Tradução da palavra hebraica *Kinnam* ou *Kinnin*, Êx 8. 16-18; Sl 105. 31, referente a um inseto nocivo ao homem. Pensa o historiador Josefo que se trata de piolhos, Antig. 2. 14, 3. Os Setenta traduziram por *sknips*, lagarta, ou algum outro inseto roedor, ou que chupa. A versão inglesa revista, dá à margem pulgas ou *sandflies*.

PIRÃO, *Asno montês*.

Nome de um cananeu, rei de Jerimote, derrotado por Josué, em frente de Gabaom, Js 10. 3.

PIRATOM, *Nudez*.

Nome de uma cidade situada no monte de Amalegue, território de Efraim. O juiz Abdon e o valente Benaia eram de Piratom, Jz 12. 13-15; 2 Sm 23. 30; 1 Cr 27. 14. Baquides fortificou-a, 1 Mac 9. 50. Robinson identifica-a com Ferata, situada sobre uma colina a seis milhas a sudoeste de Siquém. Conder quer que seja Ferom a 14 milhas a noroeste de Siquém.

PIRRO

Nome do pai de Sópatro de Beréia, At 20. 4.

PISCINA

Reservatório de água, alimentado pelas águas da chuva, ou por lacrimais, à semelhança do tanque de Siloé. Desta piscina, saíam canais para levar a água aos jardins dentro da cidade, 2 Rs 20. 20; Ec 2. 6; Eclus. 24. 30. Os tanques de Betsaida, de Siloé e de Giom estavam dentro de Jerusalém. Os reservatórios de Etão também forneciam água para as piscinas da cidade. Existiam piscinas em Hebrom, Gabaom, Samaria e Hesbom, 2 Sm 2. 13; 4. 12; 1 Rs 22. 38; Ct 7. 4.

PISGA, *Divisão*.

Nome de uma parte da cordilheira de Abarim, perto do extremo noroeste do Mar Morto, Dt 34. 1, com 3. 27 e 32. 49, que lhe fica nas fraldas, Dt 8. 17. Do cimo do Pisga descortina-se o deserto, Nm 21. 20. Ali esteve Balaão e Balaque, 23. 14. De um dos pontos da cordilheira, chamado monte Nebo, via-se uma grande parte da terra de Canaã para o ocidente do Jordão, de onde Moisés avistou a terra prometida, Dt 3. 27, 34. 1-4 (Veja *Nebo*). Este monte ficava no limite sul dos domínios de Selom rei dos amorreus, Js 12. 2, 3. Já nos tempos de Euzébio, o país montanhoso adjacente ao monte Fogor, tinha o nome de Fasgo, porém este nome não pertencia mais às montanhas orientais, e mais se combinava com as montanhas rochosas, *Rasel-Feshkah*, ao lado oposto do mar.

PISÍDIA

Nome de um distrito da Ásia Menor, limitado ao norte pela Frígia, ao sul pela Lícia e Panfília, ao oriente pela Licaônia e a oeste pela Cária. Fazia parte da província romana de Galácia. Por meio dele passava a cordilheira do Tauro. Os habitantes desta região nunca foram inteiramente subjugados, quer pelos persas, quer pelos romanos. A cidade principal da Pisídia era Antioquia que S. Paulo visitou, At 13. 14.

PISPA

Nome de um aserita, filho de Jéter, 1 Cr 7. 38.

PITOM (Do egípcio *pa-tum*, morada de Tum, sol poente, adorado pelos egípcios).

1. Nome de uma das cidades que os israelitas edificaram, no Egito, para Faraó, no tempo do cativeiro, Êx 1. 11. As escavações feitas sob os auspícios do *Egyptian Exploration Fund*, por Edouard Naville, em *Tell el-Maskhuta*, deram a conhecer a antiga Pitom. Está ao sul do canal de água doce, que vai do Cairo ao Suez, passando pelo *wady Tumilat*. Encontra-se ali assinalado o local onde existia o altar de Tum. As inscrições feitas indicam que esta cidade e as suas fortificações datam do tempo de Ramsés II, o Faráo da opressão. Nenhum outro monumento de tempos anteriores, foi encontrado no local. Ao nordeste do templo de Tum, existem longas construções subterrâneas. Os muros têm 9 pés de espessura, construídos de tijolos crus, ligados com argamassa de cal e areia. É interessante notar que alguns tijolos foram amassados sem palha e outros não, cp. Êx 5. 10-12. Os muros encerram número considerável de compartimentos retangulares sem comunicações entre si, cuja entrada se fazia pelo lado superior. Naville acredita que estes compartimentos serviam de celeiros em que se guardavam as provisões necessárias para o exército ou para as caravanas que tinham de atravessar o deserto em direção à Síria. No tempo da dinastia grega a cidade de Pitom recebeu o nome de Heróopolis, cidade dos heróis que os romanos abreviaram para Hero, como se prova pelas inscrições latinas ali encontradas. Saíce compara Hero com Fara, nome egípcio que significa depósito, ou celeiro. Foi aqui o local da terra de Gósen, porque os Setenta substituíram Heróopolis por este nome, no capítulo 46. 28 do livro de Gênesis.

A versão coptica feita sobre os Setenta diz "perto de Pitom na terra de Ramsés." Em torno das construções sagradas de Pitom desdobrava-se a cidade civil de *Thuku*, que se julga ser a Sucote mencionada em Êx 12. 37.

2. Nome de um descendente de Jônatas, 1 Cr 8. 35; 9. 41.

PLANÍCIE, ARABÁ, *Deserto*.

1. Nome de significação geográfica, da grande depressão do terreno em que se acha o mar de Galiléia, o Jordão e o mar Morto, Js 11. 2; 12. 3. Este nome também se aplica à região que cerca o mar Vermelho, Dt 2. 8.

2. Arabá é o mesmo nome de Bete-Arabá, Js 18. 22. Ver *Campina*.

PLANÍCIES

Palavra que em nossas Bíblias se traduz por vários modos: vale, vales, campinas, terras baixas, etc., determinando a região compreendida entre as montanhas e as planuras da Filístia e a cadeia central da Palestina. O historiador Euzébio descreve-a no seu *Onomasticon* sob o título *Sephela*, como sendo "toda a região plana em torno de *Eleutheropolis*, a moderna *Beit Jibrin*, na direção norte e oeste." Nos tempos da conquista a *shephelah*, ou terras baixas, designava a região inferior da parte acidentada, compreendida entre o oriente e o ponto sul. Os montes desta região elevavam-se à altura de 160 a 265 metros, com alguns picos mais proeminentes, em cujas encostas vicejavam as oliveiras. Este distrito era separado da cadeia central da Judéia por uma série de vales na direção norte-sul, desde Aijalom até às proximida-

des de Berseba, e cortado por diversos vales de grande fertilidade que desciam da cordilheira em direção ao mar. Tocou em partilha à tribo de Judá; de onde se destacou uma parte para a tribo de Dã, Js 15. 33; 19. 40 e seg. Compreendia lugares muito notáveis como Adulã, Betsemes, Gezer, Eglom, Laquis, e parte dos vales de Aijalom, Soreque e Elá, ou vale do Terebinto, 1 Sm 17. 1, 2; 2 Cr 28. 18.

PLÁTANO, CASTANHEIRO

Tradução da palavra hebraica *Armon*, que quer dizer nu, Gn 30. 37; Ez 31. 8. As antigas versões, menos a dos Setenta, diziam pinheiro, nesta passagem de Ezequiel. O plátano do Oriente, *Platanus orientalis*, cresce até a altura de 70 a 90 pés. As folhas são espalmadas e lobuladas, semelhantes às do sicômoro, que por esta razão tem o nome específico de *pseudo-platanus*. O plátano do Oriente é indígena no sul da Europa e no ocidente da Ásia. Na Palestina é árvore silvestre; não obstante, cultivam-na em muitos lugares.

PÓ

Partículas mui finas a que se reduz alguma substância por meio de trituração ou da moagem, Êx 32. 20. Especiarias pulverizadas com o fim de serem queimadas para produzir fumaça odorífera, Ct 3. 6.

POBRES

A desigualdade dos bens temporais não é ideal divino. Deus entregou Canaã a seu povo, Êx 6. 4-8, para que todo ele se tornasse proprietário. Conquanto a lei mosaica permitisse a transferência de propriedades, pela venda, cada cinqüenta anos, os bens alienados voltavam à posse de seus primitivos donos, Lv 13. 23. Apesar de todas as garantias da lei em referência aos bens particulares, sempre havia pobres, alguns por causa de seus pecados, ou de seus antecessores; outras vezes, porém, como resultante de atos providenciais que escapam às investigações humanas. A pobreza proveniente da indolência ou do crime, era teoricamente excluída de Israel, o reino de Deus. Os pobres, especialmente as viúvas, os órfãos e os de vista teocrático, como infelizes e castigados, porém, filhos de Deus muito amados. Todos os pobres, especialmente as viúvas, os órfãos e os estrangeiros, não escapavam aos cuidados divinos e da gente piedosa, nem à proteção da lei. Os que tinham fome, podiam entrar na vinha de seu próximo e tirar dela as uvas que quisessem para comer, sem levar nada consigo; igualmente poderiam entrar na seara do seu amigo e colher as espigas que quisessem, mas não segá-las com foice, Dt 23. 24, 25. Ordenava a lei que, por ocasião da sega, não se devia cortar rente ao chão, nem enfeixar as espigas que ficassem, a fim de que os pobres e forasteiros as pudessem colher para si. Poderiam também levar consigo as gavelas deixadas por esquecimento no campo. Dizia mais a lei: "Se colheres o fruto das oliveiras, não voltarás a colher o que ficar nas árvores, mas deixá-lo-ás para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva." "Se tiveres vindimado a tua vinha, não irás colhêr os cachos que ficaram, mas serão para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva", Lv 19. 9, 10; 23. 22; Dt 24. 19-21. No fim de cada sete anos e de cada período de cinqüenta anos, a terra não seria cultivada, e o que ela produzisse não deveria ser colhido, e sim deixado para sustento de todos, Lv 25. 4-7, 11, 12. Se o pobre, constrangido pela necessidade, se vendesse por um têrmo de anos, voltaria, findo o prazo, para sua casa, 38-42. Se alguém caísse em pobreza e precisasse fazer um empréstimo, era dever atendê-lo ainda que fosse perto do ano da remissão, Dt 15. 7-10. A taxa devida pelo resgate de sua alma, que todo israelita tinha de pagar, era igual para todos; mas nas ofertas que deveriam ser feitas no tabernáculo, ou no templo se estabelecia uma forma equitativa para os mais pobres, Lv 12. 8; 14. 21; 27. 8. Os ricos deveriam convidar os pobres para tomarem parte nas festas sacrificiais e lembrar-se deles em outras ocasiões de regozijo, Dt 16. 11-14. Existem muitos exemplos belos de simpatia para com os necessitados, Jó 31. 16-22. A lei mosaica contém solenes advertências contra a opressão dos pobres, Êx 22. 21-27. Ao mesmo tempo não se deveria violar a justiça. O juiz não podia julgar a favor de um homem por êle ser pobre; o julgamento estava acima de quaisquer considerações, Êx 23. 3; Lv 19. 5. Estas disposições tão humanas, todavia, foram freqüentemente violadas nos dias de abatimento religioso, de modo a receberem severas repreensões da parte dos profetas, por causa das injustiças cometidas contra os pobres, Is 1. 23; 10. 2; Ez 22. 7, 29; Ml 3. 5. Havia também abusos na observância de tão boas leis; cumprindo a letra, mas não atendendo ao espírito, davam esmolas com fim de serem vistos dos homens, Mt 6. 1. Muitas promessas graciosas Deus reserva para os pobres que lhe são fiéis, manifestadas em atos de muito amor e bondade, 1 Sm 2. 6; Jó 5. 15; 34. 28; 36. 15; Sl 9. 18; 10. 14; 12. 5; 34. 6; 35. 10. Deus promete abençoar aquêle que cuida do necessitado e do pobre, Sl 41. 1; Pv 14. 21-31; 29. 7, etc. Nosso Senhor no curso de seu ministério, revelou grande cuidado pelos pobres, Mt 19. 21; Lc 18. 22; Jo 13. 29, etc. Um dos principais característicos de seu ministério é que o Evangelho se anuncia aos pobres, Mt 11. 5; Lc 14. 21-23. A igreja primitiva considerava como um dos seus mais sagrados deveres, o cuidado pelos pobres, ainda mesmo por aqueles que não pertenciam à comunhão cristã, At 2. 45; 4. 32; 6. 1-6; 11. 27-30; 24. 17; 1 Co 16. 1-3; Gl 2. 10; 1 Ts 3. 6. Os pobres de espírito são os humildes, quer sejam ricos ou pobres dos bens deste mundo, Mt 5. 3.

POÇO[1]

Escavação que se faz no chão em sentido vertical ou horizontal até encontrar veios de águas, a que os hebreus davam o nome de *ber*, palavra esta que entra na composição de outras palavras, como Berseba, etc. A água corria para uma depressão do terreno, onde se apanhava, ou borbulhava através da areia correndo para um nível inferior, ou jorrava em coluna do seio da terra, Gn 16. 7, 14; 24. 11, 13. Às vezes abriam poços na areia, onde se desconfiava existir água. Também os abriam no leito dos *wadis*, onde eram alimentados por veios subterrâneos mesmo quando o *wady* estava seco, como Berseba, e no vale de Gerará, Gn 21. 30, 31; 24. 19. Havia poços abertos em toda a planície da Filístia, cujas águas formavam uma corrente perene que se ia lançar no mar. Nas montanhas eram cavados nas rochas calcáreas. Aparentemente não havia diferença entre um poço e uma cisterna. A entrada era protegida por uma cinta de pedras e coberta por uma laje para evitar a queda de animais ou gente que por ali passasse, Jo 4. 6; Êx 21. 33; 2 Sm 17. 19; Antig. 4. 8-37. Quando o poço era raso, cortavam escadas na rocha para descer até a superfície da água. Pias de madeira ou de pedra, colocadas perto, serviam para dar água ao gado, ou aos camelos, Gn 24. 30. Tirava-se água mergulhando nela o cântaro, 16; e quando o poço era fundo, serviam-se de uma vasilha de barro ou de couro que faziam descer por meio de uma corda, Jo 4. 11, que era tirada à mão, ou por meio de uma roda presa à boca do poço, às vezes puxada por um boi, ou por um jumento.

No Egito empregavam o *shaduf* para tirar água do Nilo, e na Palestina serviam-se de uma espécie de balde. Na planície da Filístia empregavam a roda persa, chamada *naura*. Consistia esta máquina em um eixo perpendicular de madeira, em cuja extremidade fixavam uma roda dentada em sentido horizontal, cujos dentes moviam outra roda vertical colocada bem no centro da boca do poço,

por onde passavam duas cordas de vime torcido a que se prendiam vasilhas de madeira. As que subiam cheias de água, esvaziavam-se em um condutor que ia alimentar o reservatório.

POÇO[3]

Larga abertura feita no solo com profundidade variável, natural ou artificial, Gn 14. 10; 37. 20-24. Em sentido figurado, emprega-se em lugar de sepultura, ou morte, Jó 33. 18, 24. Três vêzes serve para traduzir a palavra *sheol*, Nm 16. 30, 33; Jó 17. 16. Veja *Inferno* e *Abismo*.

POÇO DO QUE VIVE, BEER-LAAI-ROI, LACHAI-ROI

Nome que Agar deu ao poço, no deserto, entre Cades e Barade, e que lhe foi indicado por um anjo, quando ela e seu filho Ismael estavam a ponto de morrer de sêde, Gn 16. 10-15; 24. 62; 25. 11.

Os beduínos consideram *Ain Muweileh*, a este de *Jebel Muweileh*, distante algumas milhas ao ocidente de Cades, à beira da estrada que vai para o Egito, como sendo o lugar onde a escrava de Abraão adorou o Senhor.

PÕE-LHE O NOME DE RÁPIDO-DESPOJO — PRÊSA-SEGURA.

Palavras que o profeta Isaías escreveu por ordem do Senhor em um livro grande na presença de duas testemunhas, nome que êle deu a seu filho que lhe nasceu daí a um ano. Estas palavras prediziam o enfraquecimento da fortaleza de Damasco e de Samaria pelo rei dos assírios Is 8.1-4, e serviam para chamar a atenção do público para um fato que o Senhor anunciava antecipadamente, para daí a um ano.

POESIA

A poesia é uma das mais antigas formas pela qual o gosto literário de um povo se manifesta. É rítmica e regular, semelhante aos movimentos das danças dos antigos tempos, Ex 15. 20, 21. Nasce das emoções e se manifesta em expansões de alegria ou de tristeza, tanto nos indivíduos como nas coletividades. O poder da imaginação e o hábito de manifestar o pensamento por meio de linguagem figurada, servindo-se de imagens e comparações da natureza, são os elementos vitais da poesia desde a infância da humanidade. Os hebreus não foram exceção a esta regra. As palavras de Sara por ocasião do nascimento de seu filho, tem harmonia poética, Gn 21. 6, 7. As bênçãos de Jacó distribuídas a seus filhos nas vésperas de sua morte, eram vasadas nas formas pitorescas da poesia semítica, cap. 49. O cântico que espontâneamente saiu dos lábios de Moisés, celebrando o desastre das fôrças de Faraó no mar Vermelho, e seus efeitos morais sôbre as nações de Canaã, foi a expressão de sentimentos e emoções profundas, vasada nos moldes simples da poesia hebraica.

A antiga poesia semítica não tinha rimas. Têm-se encontrado poemas que mostram certa cesura, que lhe não é essencial. A assonância, a aliteração e a rima, tão comuns na poesia ocidental, só ocasionalmente ocorrem na poesia hebraica, feição esta que não é de sua essência e que lhe é extremamente rara.

Não tem o emprego regular e alternado de sílabas breves e longas, porém, mostra fortes tendências para o ritmo, que inconscientemente produzia linhas com número de palavras, ou de grupos de palavras, quase iguais, ou para melhor dizer, com o mesmo número de acentos principais, incluindo, às vezes, mais um acento secundário. Além disso, não completava o sentido, exceto em casos mui raros, como no Sl 96. 12. A feição essencial e característica da poesia hebraica, é o paralelismo, que consiste, na repetição do sentimento poético na linha seguinte. Foi o bispo Lowth quem deu este nome em 1753, depois de haver investigado este fenômeno e prestado atenção ao paralelismo sinonímico, antitético e sintético (de Sacr. Poesi. Hebr. xix). O paralelismo é de várias espécies:

1. *Sinonímico*, quando o pensamento da primeira linha, se repete em outras palavras, na segunda linha, como em Gn 4. 23.

"Ada e Zilá, ouvi-me;
Vós, mulheres de Lameque, escutai o que passo a dizer-vos."

E a copla:

"Matei um homem porque êle me feriu,
E um rapaz porque me pisou."

Do mesmo modo que mostra o paralelismo sinonímico, exibe igualmente a sua importância exegética. De conformidade com o princípio de interpretação aplicável a este caso. Lameque não fêz duas mortes, apenas matou um homem. Este princípio habilita o expositor da Escritura a interpretar palavras ambíguas, como as do Sl 22. 20.

"Livra da espada a minha vida;
Do poder do cão, a minha predileta."

De acordo com o princípio referido acima, a palavra predileta da segunda linha, refere-se à vida, ou à alma do salmista, e não à pessoa que lhe era cara.

2. *Paralelismo progressivo*, no qual a segunda linha exprime uma idéia nova, mais ou menos relacionada com a primeira, como em Jó 3. 17:

"Ali os ímpios cessam de inquietar,
E ali descansam os cansados."

3. *Paralelismo sintético* ou construtivo que consiste apenas na construção do v. enquanto o pensamento de uma linha serve de alicerce para construir um pensamento novo, como no Sl 24. 12 (Figueiredo).

"Quem é o homem que teme ao Senhor,
Êle lhe constituiu uma lei no caminho que escolheu."

ou Provérbios 26. 4.

"Não respondas ao louco segundo a sua loucura
Por não vires a ser seu semelhante."

ou salmo 24. 9 (V. E.):

"Erguei, ó portas, as vossas cabeças;
Sim, erguei-as, ó portas antigas;
E entrará o rei da glória."

4. *Paralelismo gradual* em que as palavras características se repetem, formando uma escada, pela qual o pensamento sobe até completar-se por meio de repetições enfáticas, como no Sl 28. 5 (Fig.).

"Voz do Senhor que quebra os cedros;
O Senhor quebrará os cedros do Líbano"; e no Sl 120. 3-4 (Fig.):

"Não permite que vacile o teu pé,
Nem dormite aquele que te guarda;
Eis aqui não adormecerá, nem dormirá
O que guarda a Israel."

5. *Paralelismo antitético*, no qual o pensamento se esclarece por meio de contrastes, como em Mt 8. 20:

"As raposas têm seus covis
E as aves do céu, ninhos;
Mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça."

6. *Paralelismo comparativo*, em que o pensamento se esclarece pela comparação com objetos familiares, como no Sl 41. 1 (Fig.):

"Assim como o cervo suspira pelas fontes das águas,
Assim a minha alma suspira por ti, ó Deus."

O paralelismo em geral formava-se de dois versos e, às vezes, também de três, como se pode ver nos exemplos já citados. Os quatro e cinco versos encontram-se nos salmos 1, 3; 17, 4, 9:

37. 7, 14, 20, 25, 28, 34, 40 (V. B.). A estância não era essencial à poesia hebraica, contudo aparece nos salmos 42 e 43, formando um só poema, dividido em três partes iguais em versos sucessivos. O Sl 46 (V. B.) compõe-se de três grupos, cada um dêles composto de três versos, cada um dos quais é assinalado pela palavra *Selá*, e os dois últimos terminam por um estribilho. Há também salmos alfabéticos nos quais predomina, mais ou menos, o princípio já mencionado, começando cada linha do v. pela letra do alfabeto que marca a divisão do salmo na sua ordem, Sl 25, 34 e 37 (V. B.). O Sl 119 compõe-se de vinte e dois grupos de oito vv. cada um, igual ao número das letras do alfabeto hebraico, e a letra inicial de cada v. de um grupo, é no original, a letra correspondente ao grupo. O Livro das Lamentações obedece a êste plano construtivo. Veja *Lamentações*.

A poesia divide-se em épica, dramática, lírica e didática. A épica e a dramática não se encontram na Bíblia; todavia o livro de Jó apresenta uma forma semidramática, porque nêle se encontra a ação como base do drama, tanto no prólogo como no epílogo, e a alternação de diálogos em todo êle. Veja o *Cântico dos Cânticos*. Os poemas líricos são os mais numerosos. No período histórico dos israelitas, logo depois do êxodo, são muito freqüentes, e consistem em odes triunfais, celebrando as maravilhas de Jeová, como o cântico de Moisés, pela passagem do Mar Vermelho, o cântico de Débora; os salmos penitenciais, suplicando misericórdia e exprimindo o gôzo nas misericórdias do Senhor, Salmos 32 e 51, V. B. Os salmos do pobre e do necessitado clamando em tristezas, com fé calma, ou pedindo socorro a Deus. Salmos 38, 3, 23; Hc 3, e 1 Sm 2. 1-10; Is 38. 10-20; Lc 1. 46-55, salmos sôbre a vinda do Redentor e de seu reino. Salmos 2, 45 e 72, V. B., e elegias, como os lamentos de Davi sôbre Saul e Jônatas, os cânticos fúnebres sôbre Judá e as Lamentações, 2 Sm 1. 17-27; Salmos 44, 60 e 74, V. B.

POMBA

Nome de uma ave, Sl 55. 6, com belos olhos, Ct 1. 15; 5. 12, voz gemente, Is 38. 14, com disposições graciosas e gentis, Ct 2. 14; 5. 2; 6. 9, dotada de simplicidade, Os 7. 11.

A pomba é ave tímida e treme quando lhe metem medo, Os 7. 11. Em estado selvagem, freqüenta os vales, Ez 7. 16, constrói os ninhos à entrada das grutas, Jr 48. 28. Quando domesticada, refugia-se nos beirais das habitações, Is 60. 8; comp Gn 8. 8-12. Jesus refere-se às pombas como modelos de simplicidade, Mt 10. 16.

Compravam-se e vendiam-se pombas no átrio do Templo, Mt 21. 12; Mc 11. 15; Jo 2. 14, porque eram usadas nos sacrifícios, Lc 2. 24.

A pomba é símbolo do Espírito Santo, Lc 3. 22.

Também tem o nome de rôla, que em sentido popular, se dá a uma espécie de menor tamanho, Gn 15. 9; Lv 1. 14; 5. 7; 12. 6, 8; 14. 22, 30; 15. 14, 29; Nm 6. 10.

As pombas formam uma família de pássaros, *Columbidae*, de que Tristram enumera quatro espécies existentes na Palestina; a pomba torcaz, ou rôla dos bosques, *Columba palumbus;* a *Columba oenas*, a *Columba livia* e a *Columba schimperi*. A pomba torcaz visita a Palestina em grandes bandos na primavera e no outono durante as suas migrações anuais. As outras espécies visitam o Jordão e seus vales, abrigando-se nas grutas e nas entradas das rochas, Jr 48.28.

PONTO

Nome dado à metade da costa da Ásia Menor, sôbre o Pontus Euxinus, ou Mar Negro, de onde se deriva. Estendia-se desde o vale do Fasis na Colchida até o rio Halis lançando-se para os lados do sul através das montanhas da Capadócia. Pelo ano 400 A. C., existia um reino independente com êste nome. Seis de seus monarcas sucessivos tinham o nome de Mitrídates. O último dêles, sustentou até à morte, no ano 63 A. C., forte luta com os romanos, que reduziram o reino à condição de província da Bitínia e do Ponto. Os judeus residentes no Ponto, 1 Pe 1. 1, estiveram em Jerusalém por ocasião de Pentecostes, em que foi derramado o Espírito Santo sôbre a Igreja, At 2. 9. Áqüila, mencionado em At 18. 2, nasceu no Ponto.

POQUERETE-HAZEBAIM, *Caçada das gazelas.*

Nome de um dos filhos de Hamá, Et 9. 8. alguns dos quais voltaram de Babilônia, Ed 2. 57; Ne 7. 59. A divisão dêste nome em duas partes, como se acha, dá a entender que a segunda parte é nome de um lugar como se dissesse: Poquerete de Zebaim.

PORATA, *Que tem muitos carros.*

Nome de um dos filhos de Hamá, Et 9. 8.

PORCO

Animal que a lei cerimonial considerava imundo, Lv 11. 7; Dt 14. 8. Alimenta-se de sobras de comida, de carnes podres e de tudo mais que pode satisfazer à sua voracidade. Nos países quentes, dizem, o uso da carne de porco na alimentação, produz moléstias cutâneas. Os árabes não criavam êste animal, Plínio, Hist. Nat. 8. 73. Os egípcios, os fenícios e os etíopes consideravam-no imundo. Apesar disso, no Egito, sacrificava-se um leitão na festa anual em honra do deus-lua e de Osíris (Baco); suas carnes serviam de manjar. Se um homem tocava acidentalmente em um porco, e aquêles que se ocupavam em guardar porcos, não deviam entrar no templo, e só poderiam casar-se com mulher da mesma profissão, Heród. 2. 47; cont. Apiom, 2. 14. A carne de porco era abominável aos judeus, Is 65. 4. O porco servia de emblema para representar a imundície e a baixeza, Pv 11. 22; Mt 7. 6; 2 Pe 2. 22. A condição mais desprezível a que um judeu poderia chegar era de guardar porcos, Lc 15. 15. No período em que as festas idólatras tiveram entrada na sociedade hebraica degenerada, a carne de porco achava-se nos seus banquetes, Is 65. 4; 66. 17.

No reinado de Antíoco Epifanes, ordenou-se a um judeu que oferecesse carne de porco e que a comesse com o fim de saber se êle permanecia fiel à religião de seus pais, ou se estava querendo aceitar a religião dos conquistadores da pátria, 1 Mac 1. 47, 50; 2 Mac 6. 18, 21; 7. 1, 7. Muitos dos judeus procuravam imitar os costumes gregos. João Hircano julgou necessário proibir terminantemente a criação de porcos. No tempo de Cristo, uma grande manada de porcos se achava pastando em Decápolis, Mc 5. 11-13, região colonizada por gregos, que muito apreciavam a carne de porco. Não há razão para supor que os porcos sob a guarda do filho pródigo, em país distante, pertencessem a algum judeu, Lc 15. 13.

PORFIRIÃO

1. Tradução do hebraico *Rahham*, assim chamado por causa de seu amor aos filhos. Ave considerada imunda pela lei cerimonial, Lv 11. 18; Dt 14. 17. Sem dúvida é ave do Egito, espécie de águia, galinha de Faraó, *Neophron percnopterus*, que os árabes ainda chamam *rahem*. Em geral, são de côr branca; as primeiras penas das asas são pretas. Os filhos nascem pardos. Têm de comprimento pouco mais de 70 centímetros. Voam em linhas para o ocidente da Índia no tempo de verão, indo do sul da França, passando pelo sul da Europa e pelo norte da África, onde são substituídos por uma espécie de aves intimamente relacionadas. O abutre do Egito é ave de aparência fúnebre que limpa as cidades do oriente, os campos e as vizinhanças dos hospitais; é comum na Palestina onde se multiplicam.

2. Tradução do hebraico *Peres*, Lv 11. 13; Dt 14. 12. Ver *Ibis*.

PORROS

Tradução da palavra hebraica *Hasir* que se encontra em Nm 11. 5, e que ordinariamente representa erva. Neste caso, porém, deve ser o *Allium porrum*, por achar-se associado ao nome de outros vegetais que os israelitas comiam no Egito, tais como os pepinos, os melões, os alhos e as cebolas, e é assim que se emprega no Targum, de *Onkelos*, nos Setenta, na Vulgata e na versão siríaca. O aramaico emprega o vocábulo *hasir* no mesmo sentido.

PORTA

Nas cidades muradas e nos palácios, as portas eram essenciais para o egresso e ingresso dos seus habitantes e serviam de proteção contra os inimigos. Por cima das portas das cidades, edificavam torres, donde os guerreiros poderiam defender a entrada, 2 Cr 26. 9. Também eram fortalecidas por meio de trancas, a fim de oferecerem maior resistência aos assaltos, Dt 3. 5; 1 Rs 4. 13; 2 Cr 8. 5; 14. 7. Às portas das cidades se reuniam negociantes e juízes para tratarem dos interesses sociais, 1 Rs 22. 10; 2 Rs 7. 1; Ez 11. 1, onde faziam transações com a presença de testemunha, Gn 23. 10, 18; Rt 4. 1-11, e se pronunciavam sentenças, Dt 21. 19; 22. 15; 25. 7-9; Jó 31. 21; Am 5. 15. Os muros que encerravam as mansões aristocráticas também tinham suas portas, Lc 16. 20, por onde se exibia o fausto das riquezas humanas, Pv 17. 19.

PORTA DA GUARDA, *Lugar determinado*.

Nome de uma porta em Jerusalém, talvez alguma das portas do templo, Ne 3. 31. Ver *Jerusalém II*, 3.

PORTA DAS OVELHAS. Veja *Jerusalém II*, 3.

PORTEIRO

O guarda da porta, 1 Cr 9. 22, 23; 16. 38. Havia porteiros que estacionavam à entrada da cidade, 2 Sm 18. 26; 2 Rs 7. 10, à entrada do templo, 1 Cr 9. 22, à entrada de habitações particulares etc. Mc 13. 34. Quando Davi organizou os levitas para o serviço do tabernáculo, também os encarregou em número de 4.000 de guardar as portas de entrada. Nem todos serviam ao mesmo tempo; estavam divididos em grupos que se alternavam neste serviço, 1 Cr 23. 5; 26. 1-9.

PÓRTICO

Espaço coberto, ornado de colunas, em que descansa cobertura, colunada-pórtico. Havia muitos pórticos no palácio real de Jerusalém e em outras habitações de pessoas ricas, 1 Rs 7. 6; 7. Um deles, porém, sobressaía a todos, era o pórtico da fronteira oriental do templo de Salomão, 6. 3; Ez 8. 16; Jl 2. 17.

Em alguns casos, também se faziam colunadas nos pavimentos superiores, Jz 3. 23. Os pórticos do tanque de Betsaida e do palácio de Salomão, ligados ao segundo templo, eram também de colunadas, Jo 5. 2; 10. 23, chamados em grego *stoa*. O pórtico onde se deu a segunda negação de Pedro, foi sem dúvida a passagem da rua para o átrio da casa, Mt 26. 71, também chamado entrada do pátio, Mc 14. 68.

PÓRTICO DE SALOMÃO

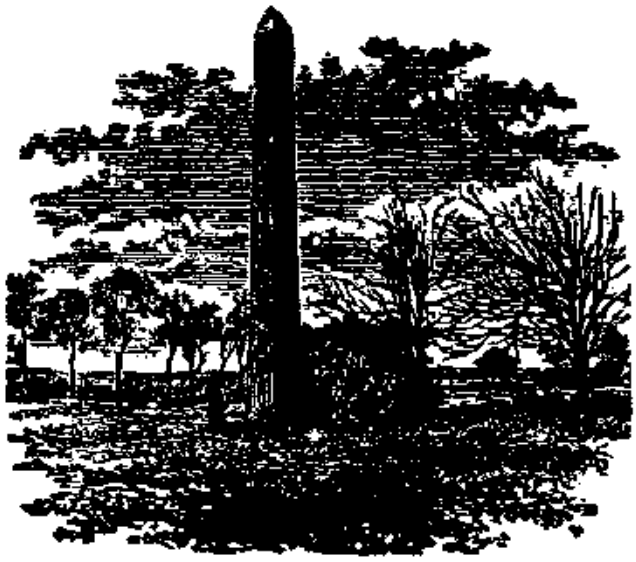
Nome de uma esplêndida colunada cuja construção se atribui a Salomão; ficava para o lado do oriente do templo, sobre um alicerce artificial que se ergula do vale de Cedrom, Antig. 20. 9. 7; Guerras, 5. 5, 1. Jesus passeou uma vez no alpendre de Salomão, Jo 10. 23, e os apóstolos ali estiveram por várias vezes, At 3. 11; 5. 12.

PORUDA, *Espalhado*.

Nome de uma subdivisão dos filhos dos servos de Salomão que voltaram do cativeiro, Ed 2. 55; Ne 7. 57.

POTEOLI, *Poços pequenos*.

Porto da Itália, onde chegou o navio que conduzia o apóstolo S. Paulo, um dia após a saída de Régio. Ali encontrou alguns cristãos que lhe deram bom acolhimento, At 28. 13. Data do sexto século A. C., a sua fundação com o nome de Dicaearquia, onde desembarcavam os passageiros em trânsito para a Itália, vindos do Egito e do Oriente, At 17. 12, 1; 18. 7, 2; Vida, 3. Estava situado na praia meridional da baía de Nápoles e perto do lugar onde se acha esta cidade. O antigo nome era Potéoli, que foi levemente alterado para Pozzuoli. Toda a região que o cerca é vulcânica. Atrás dele está a cratera do Solfatara.



Heliópolis — Egito

POTIFAR, *Pertencente ao sol*.

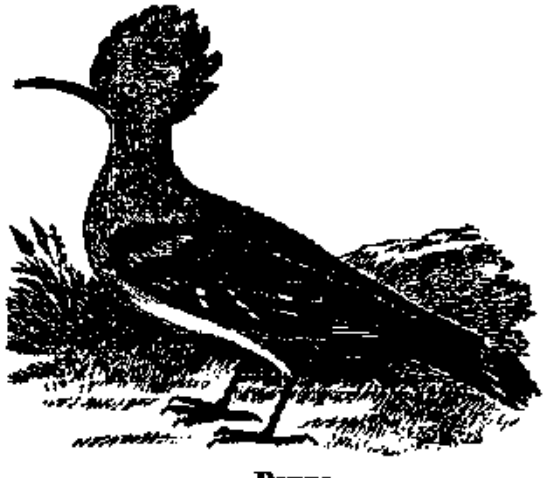
Nome do capitão das guardas de Faraó de quem José foi escravo. Sua mulher tentou seduzir o jovem cativo afastando-o do caminho da virtude; vendo-se desprezada, induziu a seu marido a metê-lo na prisão, acusando-o falsamente de sedutor, Gn 39. 1-20.

POTIFERA, *Que pertence ao sol*.

Nome do sacerdote de Heliópolis, cidade do sol e pai de Azenate, que Faraó deu por mulher a José, Gn 41. 45-50; 46. 20. Ver *Heliópolis*.

POUPA

Nome de um pássaro, Lv 11. 19, companheiro das garças e das cegonhas, venerado antigamente pelos egípcios.



Poupa

POUPA

Tradução da palavra hebraica *Dukiphath* em Lv 11. 19 e Dt 14. 18. A poupa, *Vanellus cristatus*,

é membro da subfamília, *Charadriinae*, encontra-se em bandos, na Palestina, na estação invernosa. Segundo a Vulgata e a Versão dos Setenta esta ave é a *Upupa epops*, tipo das *Upupidae* família das aves que têm o bico em forma de esporão de navio profundamente fendido no centro. A poupa tem cerca de um pé de comprimento, côr pardo cinzentada por cima, com asas pretas listadas de branco e grande topete. Encontra-se no centro e ao sul da Europa e da Ásia, e ao norte da África. Segundo Tristram, aparece na Palestina no mês de março em bandos que se espalham por todo o país. À entrada do inverno, emigram para o Egito e para o Saara.

PRAGA

Castigo enviado por Deus, em retribuição do pecado. Na maioria dos casos mencionados na Bíblia, o castigo se manifesta por meio de epidemias ou de outras enfermidades, e por outros modos de caráter diverso. A praga por meio de doenças não constitui propriamente milagre. A doença particular que Deus manda pela violação desta ou daquela lei física ou mental, pode chamar-se praga, se o ato tem qualidades morais. Até mesmo a moléstia que provém da ignorância das leis sanitárias, ou pela violação das leis da natureza, que não envolvem crime e que em si mesmas não tem significação moral, podem servir nas mãos de Deus como instrumentos para castigo dos que praticam o mal, predeterminando o tempo e o lugar segundo os fins em vista. A praga no sentido de epidemia, também denominada peste, é uma forma de tifo altamente maligna, originada na violação das leis sanitárias que irrompe freqüentemente no Cairo e no Egito, espalhando-se pela Síria, Ásia Menor e regiões adjacentes. E quem sabe se não tem servido de vara nas mãos de Deus para castigo dos pecadores. A primeira praga mencionada na Escritura, caiu sobre Faraó, contemporâneo de Abraão em defesa de Sara, mulher do patriarca, Gn 12. 17.

As outras pragas, na ordem dos tempos, foram as dez que caíram sobre o Egito. Não eram fenômenos ignorados pelos egípcios, porém, na maioria dos casos, senão em todos, angustiaram o país inteiro. Não eram simples fenômenos naturais, agravados pela forma de se manifestarem, eram verdadeiros milagres. Veja *Egito III*, 6. O primeiro consistiu na mudança da água do rio em sangue, ou alguma cousa semelhante, Ex 7. 14-25; a segunda, na enorme quantidade de rãs, 8. 1-15; a terceira consistiu em converter o pó da terra, em mosquitos que se espalhavam por toda a terra do Egito, 16-19, a quarta; em enxames de moscas, 20-32; a quinta, na morte de todos os animais dos egípcios, 9. 1-7; a sexta, no aparecimento de úlcera e tumores sobre homens e animais, 8-12; a sétima, na chuva de pedras que destruiu todas as searas, 13-35, a oitava, nas nuvens de gafanhotos, trazidas pelos ventos do oriente, 10. 1-20, a nona, pelas densas trevas que envolveram toda a terra, 21-29, e, finalmente, a décima, que destruiu os primogênitos dos homens e dos animais, 11. 1 até cap. 12. 30.

Os israelitas sofreram terrível praga por haverem feito e adorado o bezerro de ouro, Ex 32. 35, e ainda outra por haverem murmurado contra Deus quando lhes mandou o maná, Nm 11. 33, 34.

Outra praga caiu sobre os espias que deram más notícias sobre a terra prometida, 14. 37, e ainda outra que veio castigar a murmuração feita contra Moisés, por causa do castigo infligido aos rebeldes Coré, Datã e Abirã, em que pereceram 14.700 vidas, 16. 46-50.

De outra feita morreram 24.000 por causa das idolatrias e impurezas no culto de Baal-Peor, 25. 9; Js 22. 17; Sl 106. 29, 30. Também foi praga, a doença que afligiu os filisteus na parte oculta entre as nádegas, 1 Sm 6. 4. Uma grande peste veio sobre Israel em que morreram 70.000 pessoas, motivada pelo arrolamento do povo que Davi mandou fazer, 2 Sm 24. 13-25; 1 Cr 21. 12-30. O Senhor ameaçou a Jorão, rei de Judá, com uma terrível praga que viria sobre ele e sobre o seu povo, 2 Cr 21. 14, 15.

Algumas vezes a palavra praga emprega-se para designar doenças que não são epidêmicas, como por exemplo, o fluxo de sangue mencionado em Mc 5. 29, 34, a lepra nos casos individuais, Lv 13. 3, 5, 6, e até mesmo certas formas inferiores de vegetação que se estendem pelas paredes úmidas das casas, 14. 35.

PRATA

Metal precioso, cujas veias se encontram no seio da terra, Jó 28. 1. A prata derrete-se na fornalha para ser purificada de corpos estranhos, Sl 12. 6; Pv 17. 3; 25. 4; Ez 22. 22. Vinha da Arábia, 2 Cr 9. 14; cp. 1 Rs 10. 22, 27, de Társis, Jr 10. 9; Ez 27. 12, e da Espanha que a produziam em grande quantidade, 1 Mac 8. 3. Desde remota antigüidade servia para realizar transações, Gn 23. 16; 37. 28. Como não existia ainda a prata em moeda, o seu valor se calculava pelo pêso, Jó 28. 15; Is 46. 6. A prata amoedada só começou a vigorar entre os judeus muito depois da volta do cativeiro, 1 Mac 15. 6. Veja *Dinheiro*. Empregava-se como objeto de adorno pessoal, Gn 24. 53; Ex 3. 22; Ct 1. 11, para o fabrico de coroas, Zc 6. 11, no fabrico de instrumentos músicos, trombetas, etc. Nm 10. 2, e utensílios de uso doméstico, das pessoas ricas, Gn 44. 2. No tabernáculo e no templo empregava-se grande quantidade deste metal para as bases das tábuas do tabernáculo, Ex 26. 19, para os capitéis e entalhes das colunas, 27. 10; 38. 19, para os pratos de redomas, Nm 7. 13; 1 Cr 28. 17; Ed 1. 9, 10, para os copos, 2 Rs 12, 13, castiçais e mesas, 1 Cr 28. 15, 16, servia também para o fabrico de ídolos e nichos, Sl 115. 4; At 19. 24.

PRATO

Nome que se dá, no Evangelho segundo S. Mateus, 14. 18, ao vaso em que foi levada a cabeça de João Batista à presença do rei Herodes. Naassom fez presente de um prato para a dedicação do altar, que pesava 130 siclos de prata, Nm 7. 13. A palavra hebraica também se emprega para designar os pratos de ouro em que eram depositados os pães da Proposição, Ex 25. 29; Nm 4. 7.

PRECURSOR

1. Nome que se dava aos corredores, que precediam os oficiais de alta patente que iam a cavalo ou em carroças, a fim de desembaraçarem o caminho ou fazerem proclamações, Gn 41. 43; 1 Sm 8. 11; 2 Sm 15. 1; 1 Rs 1. 5; 18. 46; Et 6. 9.

2. Nome que designava os arautos, Heród. 1. 60.

3. Guarda avançada de um exército, Sab. 12. 8; Heród. 4. 121, 124; comp. 9. 14.

4. Nome dos primeiros frutos precursores da colheita, Nm 13. 20.

Jesus, como nosso precursor entrou por nós no céu, o santo dos santos, à imediata presença de Deus, para interceder por nós, Hb 6. 20.

PREGO, ESTACA, CRAVOS

Espécie de cavilha, Jz 4. 21, feita ordinariamente de madeira de tamanho avantajado que servia para segurar as tendas, ou barracas. As escápulas empregadas no tabernáculo eram de bronze, Ex 27. 19. Os pregos, destinados a unir as peças de madeira ou de outro material, eram feitos de metal, ferro, ouro, etc., 1 Cr 22. 3; 2 Cr 3. 9. Costumavam fixar pregos, nas junturas das pedras dos muros ou das paredes, Eclus. 27. 2, e bem assim, para segurança dos ídolos, Is 41. 7; Jr 10. 4. Os condenados à morte de cruz sofriam as dores cruciantes dos pregos que lhes atravessavam as mãos e os pés, Jo 20. 25.

PREPARAÇÃO

O dia anterior ao sábado, Mc 15. 42; Jo 19. 31; Antig. 16. 6, 2; cp. Judite, 8. 6. A preparação

para o sábado da Páscoa, era de importância especial, Jo 19. 14, 31.

PRESBITÉRIO

Nome que se dava à coletividade dos anciãos, *presbyteroi*, da igreja, 1 Tm 4. 14. Veja *Anciãos* e *Imposição das mãos*.

PRESENTE ver DÁDIVAS

PRETORES

Nome dos principais magistrados civis que exerciam funções judiciárias nas colônias romanas. Em grego tinham o nome de *strategos*, At 16. 12, 20, 35.

Geralmente eram eleitos anualmente em número de dois pelos habitantes da colônia; ocasionalmente tinham o nome de cônsules. Cada pretor tinha dois lictores como auxiliares, encarregados de aplainar as dificuldades, sondar a opinião pública e executar as suas ordens, 35, 38.

PRETÓRIO, *Pertencente ao pretor.*

Tenda de um general; residência oficial de um governador de província; palácio. Em o Novo Testamento aplica-se êste nome:

1. Ao palácio ocupado por Pôncio Pilatos em Jerusalém onde dava audiência e lavrava sentença, Mc 15. 16; Mt 27. 27; Jo 18. 28, 33; 19. 9; cp. 13. Alguns entendem que este palácio era o castelo de Antônia; porém, o palácio de Herodes é que servia de residência aos procuradores romanos. Veja *Herodes*, palácio de.

2. Ao palácio de Herodes em Cesaréia, onde estêve preso o apóstolo S. Paulo, At 23. 35.

3. À guarda pretoriana de Roma, encarregada de guardar o palácio imperial e a vida do imperador que nêle residia, Fp 1. 13.

PRIMÍCIAS[1]

Nome que se dava à parte das cousas que os israelitas adquiriam para oferecer a Jeová, Lv 22. 12; Nm 5. 9; 18. 8; 31. 28, 29. Compreende em geral: 1. A parte das cousas santas, toda a oblação e sacrifício, e tudo o que se oferece pelo pecado e pelo delito, não exigido para ser queimado no altar. Estas primícias pertenciam aos sacerdotes que as comiam no recinto do santuário, Nm 18. 9, 10; comp. Lv 6. 18. 2. A parte dos dons, Nm 18. 11-19, tais como: (a) As primícias que os filhos de Israel votavam e ofereciam ao Senhor pertenciam às famílias dos sacerdotes por um direito perpétuo de que somente os que se achavam cerimonialmente limpos, poderiam comer, 11. (b) Os primeiros frutos do vinho, do azeite e do trigo, Nm 18. 12; comp. 24. 30; Dt 18. 4; Ne 13. 39. Um cesto destes primeiros frutos era levado à presença do Senhor pelo ofertante para se banquetear, juntamente com sua família, com o levita e com o estrangeiro, Dt 26. 2, 10, 11; comp. 12. 6, 7, 11, 12. Exceto os frutos deste cesto, tudo o mais pertencia às famílias sacerdotais, de que podiam comer somente os que estivessem limpos, segundo a lei, Nm 18. 13, Dt 18. 4. (c) Tudo quanto por voto davam os filhos de Israel, pertencia aos sacerdotes, Nm 18. 14. (d) Tudo o que primeiro sai da matriz de toda a carne, pertencia por direito aos sacerdotes, Nm 18. 15-18. 3. Os dízimos, 21-24, pertenciam aos levitas como sua posse. Os sacrifícios particulares consistiam: 1. Em pães fermentados com a hóstia de ação de graças, que igualmente pertenciam ao sacerdote, Lv 7. 14, 32-34. 2. Do carneiro que se usava na consagração de Arão e seus filhos que seria a sua porção, Ex 29. 27. Era uma hóstia pacífica e, por isso, pertencente ao sacerdote, 28. Porém, na consagração de Arão, o primeiro da linha sacerdotal, a hóstia devia ser queimada, 22-25; Lv 8. 25-28. 3. Também, depois de terem chegado à terra prometida deveriam separar para o Senhor as primícias das massas e as primícias das eiras, Nm 15. 20, 21.

PRIMÍCIAS[2]

Os primeiros frutos colhidos, penhores das futuras messes. Estes primeiros frutos pertenciam ao Senhor: em favor da nação levariam uns molhos de espigas, na festa dos pães asmos e dois pães na festa das semanas, Lv 23. 10, 17, em proveito individual cada um levaria ao Senhor as primícias do fruto da sua terra, Ex 23. 19; Dt 26. 1-11. Este termo primícias, é empregado figuradamente em Rm 8. 23; 11. 16; 16. 5; 1 Co 15. 20, 23; 16. 15; Tg 1. 18; Ap 14. 4.

PRIMÍCIAS DAS SEARAS

O rito da festa das searas, era regularmente celebrado em conexão com: 1. As ofertas pacíficas. Levantava-se a espádua direita da vítima e o peito da separação diante do Senhor e depois de consagrados eram comidos pelo sacerdote. 2. No segundo dia da Páscoa elevava-se um dos molhos de espigas colhido das searas diante do Senhor e a ele consagrado, Lv 23. 10, 11. 3. Os dois pães fabricados com os grãos de trigos novos e os dois cordeiros eram oferecidos no Pentecostes, cinqüenta dias depois de se haver levantado o feixe das espigas, na páscoa, 15. 20. 4. A oferta do leproso pela sua purificação, 14. 12, 21, pela qual o ofertante ali representado era novamente consagrado ao serviço de Deus. 5. O sacrifício dos zelos, Nm 5. 25.

Se o oferecimento das hóstias pacíficas, era particular, a espádua direita e o peito pertenciam ao sacerdote e o resto era comido pelo ofertante e seus amigos na presença do Senhor dentro do santuário, Lv 7. 30-34; Nm 18. 18. Das hóstias pacíficas oferecidas pelo nazareno, a espádua do carneiro cozida pertencia ao sacerdote além do que a ele pertencia, Nm 6. 17-20. No Pentecostes o todo dos dois cordeiros do holocausto pacífico e os pães pertenciam ao sacerdote, uma vez que o sacrifício se fazia em benefício da nação, Lv 23. 20.

Nesta cerimônia, o sacerdote punha todas estas cousas nas mãos de Arão e de seus filhos e as elevava diante do Senhor, Ex 29. 24, 25; Nm 6. 19, 20. O movimento das mãos fazia-se horizontalmente, de trás para diante (Talmude), e da direita para a esquerda (Rabis), isto é, na direção dos quatro pontos cardeais.

PRIMOGÊNITO

Deus, doador de todas as cousas, tem direito às primícias dos homens e dos animais, Gn 4. 4. Para os israelitas, havia ainda outra razão adicional, em favor deste direito: é que Jeová os havia resgatado do cativeiro do Egito.

A décima e última praga que matou os primogênitos que lá havia, poupando os primogênitos dos israelitas, somente por haverem conservado o sangue espargido nas umbreiras das suas portas, Ex 12. 12, 13, 23, 29. Salvos por este modo, contraíram uma dívida de consagração para com Jeová. Todos os primogênitos dos homens e dos animais eram consagrados ao Senhor, Ex 13. 2; 34. 19, e não podiam ser destinados a outro fim, Lv 27. 26, pertenciam ao santuário para o sacrifício. O primogênito do homem era remido, ou resgatado por dinheiro, Ex 13. 13, 15; 34. 20; comp. 27. 6. Nesta ocasião traziam-no para o santuário e o apresentavam ao Senhor, Lc 2. 22; comp. Nm 18. 15. Os levitas foram mais tarde substituídos pelos primogênitos, Nm 3. 12, 41, 46; 8. 13-19; comp. Ex 32. 26-29; Dt 33. 9.

Os primogênitos dos animais que participaram também da décima praga, eram da mesma sorte consagrados ao Senhor, com alguma distinção entre eles. Os primogênitos dos animais limpos deviam ser sacrificados; o primogênito do jumento era trocado por uma ovelha, e no caso de seu dono o não querer remir, seria morto, Ex 13. 13, 15; 22. 30; 34. 20. Quando se estabeleceu no Sinai a ordem sacerdotal, também foram dadas as especificações sobre estes animais. A gordura dos animais limpos era queimada e a carne pertencia ao sacerdote. O animal impuro devia ser remido ou vendido, Lv 27. 27; Nm 18. 15-18. Posterior-

mente, em face das novas circunstâncias do povo na terra da Palestina pela razão das distâncias e das despesas de viagem, para chegar ao santuário, foi concedido um prazo razoável para a apresentação dos primogênitos na casa de Deus. Os primogênitos dos animais poderiam estar presentes depois de oito dias prescritos, até ao tempo da festa anual; e a carne em vez de ser dada ao sacerdote, era dada ao peregrino que trouxe o animal e à sua família para comê-la no santuário, Dt 15. 19, 20. Os primogênitos defeituosos deviam ser comidos em casa independente de cerimônia religiosa, 21-23.

PRIMOGENITURA

Os primeiros filhos, nascidos de um casal, gozavam de certos direitos e privilégios que não eram partilhados pelos outros filhos mais moços. O filho mais velho, ordinariamente, gozava os direitos de sucessão na família de que se tornava chefe e representante. Herdava em dobro na herança paterna, direito garantido aos primogênitos mesmo quando fosse filho da mulher menos amada, se o pai houvesse mais de uma, Dt 21. 17; 2 Rs 2. 9. Os direitos de primogenitura podiam ser vendidos a um irmão mais moço, como fez Esaú com Jacó, Gn 25. 29, 34, e também transferido no caso de faltas ou crimes praticados pelo primogênito, 2 Cr 5. 1.

PRÍNCIPE, CHEFE, *Autoridades.*

Em sentido geral é o nome que se dá a quem exerce autoridade. Mais particularmente:

1. Título de um oficial da sinagoga, Lc 8. 41.

2. Membro do sanedrim, quer fosse sacerdote ou leigo, Jo, 3. 1; 7. 26; At 4. 5, 8, 15; 23. 5.

3. Arconte, ou magistrado civil de uma cidade, At 16. 19. Na Macedônia e nas regiões por ela governada, estes oficiais chamavam-se tecnicamente politarcas, ou governadores da cidade, 17. 6, 8.

4. Pessoa de alta jerarquia social ou que exerce autoridade, como o soberano, que governa um povo, 1 Rs 14. 7, o sátrapa governador de uma província, Dn 3. 2, o chefe de uma tribo, Nm 1. 16, ou de uma família tribal, 25. 14, um xeque, Gn 23. 6, o eunuco mor, Dn 1. 7. A palavra príncipe é tradução de vários vocábulos hebraicos e gregos.

Sete príncipes assistiam ao rei dos persas, que eram os primeiros e os mais próximos dele que nunca o perdiam de vista, Et 1. 14, e que parecem ter sido seus conselheiros, Ed 7. 14. No ano 521 A. C. deu-se um fato que talvez explique a origem destes privilégios. Sete homens da alta sociedade persa, Heród. 3. 77, tendo assassinado o falso Esmérdis, combinaram entre si qual dentre eles deveria ser o rei; feito isto, resolveram que todos eles tivessem entrada livre no palácio e que o rei não deveria tomar por esposa, nenhuma mulher fora destas sete famílias, 84.

PRISÃO, *Cárcere.*

Lugar reservado pelos egípcios, para reter os criminosos, que ficavam sob a guarda de um oficial militar e em sua própria casa. Gn 40. 3, 4; 42. 16, 17. Os filisteus também possuíam prisões, em uma das quais foi detido Sansão, cego, e preso com cadeias e obrigado a trabalhos forçados, Jz 16. 21.

Os hebreus tinham uma prisão em Samaria no reinado de Acabe que estava a cargo do governador da cidade, 2 Rs 22. 27. Posteriormente temos notícia do recolhimento de presos em Jerusalém, no vestíbulo do cárcere, Jr 37. 21, no calabouço de Melquias, onde não havia água, 38. 6, e também em casas particulares, 37. 15, onde davam pão e água aos presos, 1 Rs 22. 27. No tempo do domínio romano, o palácio do procurador em Cesaréia, o castelo Antônia e até mesmo o palácio de Herodes tinham apartamentos reservados para os presos, At 23. 10, 35. A prisão em Jerusalém em que Herodes Agripa I mandou lançar o apóstolo S. Pedro, era guarnecida com portas de ferro. Os presos de certa importância, ainda por cima eram acorrentados por guardas na própria cela, com sentinelas nas portas exteriores, 12. 6, 10. A prisão Marmetina em Roma, onde encerraram Jugurta até morrer de fome, segundo diz a tradição, foi a mesma em que prenderam o apóstolo S. Pedro. Ficava na encosta do monte Capitolino para as bandas do Forum, e data de época muito remota. Consistia em duas celas sobrepostas. A inferior tinha 10 pés de comprimento por 6 ½ de altura e ficava inteiramente no subsolo, coberta por uma abóbada formada pelas próprias paredes que se iam apertando à medida que subiam. A julgar pelo pendor das paredes, a altura primitiva deveria ser de 10 pés, fechando em abóbada cônica em forma de arco. Entrava-se por uma abertura feita no teto por onde desciam os presos. O pavimento era de rocha nativa onde gotejava água.

Diz a lenda que foi S. Pedro quem fez brotar água ali dentro, para batizar os guardas da prisão.

PRISCILA, *Velha, ou velhinha.*

Mulher de Áqüila que o acompanhava nas suas peregrinações e que mostrava igual zelo com seu esposo no adiantamento da causa de Cristo. S. Paulo tinha a ambos em grande estimação, At 18. 1-3, 18, 26; Rm 16. 3; 2 Tm 4. 19. Em três dos cinco v. em que figura o seu nome, está antes do nome de Áqüila, seu esposo.

PROCÔNSUL, *Que exerce o ofício de cônsul.*

Nome do governador de uma província romana, administrada pelo senado, At 13. 7, 18. 12; 19. 38. Era nomeado por um ano, e exercia todos os poderes de um cônsul, assistido por questores que arrecadavam as rendas para depois a entregarem ao tesouro.

PRÓCORO, Provavelmente: *o que dirige um bailado coreu.*

Nome de um dos sete que foram eleitos para atender às reclamações das mulheres pobres em Jerusalém, At 6. 5.

PROCURADOR, *Intendente, administrador.*

Agente do imperador romano para dirigir os negócios das províncias do império (distintas das províncias senatoriais) cobrar impostos e remetê-los para o tesouro particular do César. O governador militar tinha o nome de propretor ou legado, e era o principal magistrado. Nas pequenas províncias imperiais, e algumas vezes até mesmo nas maiores, o ofício dos legados passava a ser exercido pelo procurador que assumia as funções civis e militares. Este foi o caso com a Judéia. Quando Arquelau foi deposto pelo imperador Augusto no ano 6 da nossa era, a Judéia, a Samaria e a Iduméia faziam parte de uma prefeitura da Síria, chamada província da Judéia governada por procuradores, Antig. 17. 11, 4; 18. 5; Tácito, Ana. 12. 23; Hist. 5. 9. Estes procuradores foram sucessivamente: Copônio, Antig. 18. 1, 1; 2. 2; Guerras 2. 8, 1. Marcus Ambivius; Annius Rufus, em cujo tempo o imperador Augusto morreu; Valério Grato, que exerceu o cargo onze anos, Antig. 18. 2, 2; Pôncio Pilatos, nomeado pelo imperador Tibério, deposto após dez anos de governo, tendo chegado a Roma logo depois da morte de Tibério que ocorreu em março do ano 37, Antig. 18. 2, 2; 4. 2; 6. 5; Guerras 2. 9, 2; Tácito, Anais, 15. 44; Lc 3. 1; Marullus, nomeado pelo imperador Caio, Antig. 18. 6, 11, após um intervalo que terminou no terceiro ano do reinado de Herodes Agripa na Judéia, At 12. 1-23; Cuspio Fadus, nomeado pelo imperador Cláudio; Tibério Alexandre, Antig. 19. 9, 2; 20. 1, 2; 5, 2; Guerras, 2. 11, 6; Cumanus, nomeando rei de Cálcis, depois da morte de Herodes e nomeado outra vez pelo imperador Cláudio, Antig. 20. 5, 2, 6, 2, 3; Guerras 2. 12; 1, 6; Félix, nomeado pelo imperador Cláudio, Antig. 20. 7, 1; Guerras 2. 12, 8; Tácito, Hist. 5. 9; Anais, 12;

Pórcio Festo, nomeado por Nero, Antig. 20. 8, 9; Guerras 2. 14, 1; At 24. 27; Albino, nomeado depois da morte de Pórcio Festo, Antig. 20. 9, 1; Guerras 2. 14, 1 e, finalmente, Géssio Floro, nomeado por Nero, pouco antes do décimo segundo ano de seu reinado, Antig. 20. 11, 1; Guerras 2. 14 e seg.; Tácito, Hist. 5. 10.

Como se vê das passagens citadas e do seu contexto, estes procuradores estavam sob o governo do procurador da Síria; porém na Judéia exerciam autoridade absoluta. A guarnição militar ali estacionada, permanecia às suas ordens; todas as questões importantes dependiam de seu julgamento; suas sentenças eram executadas pelos soldados romanos, Guerras 2.8.

Residiam ordinariamente em Cesaréia, na costa do Mediterrâneo. Por ocasião das festas e algumas vezes na estação invernosa, subiam para Jerusalém, Antig. 18. 3, 1, e visitavam várias cidades dentro de seus domínios, sempre que era necessário. Quando iam a Jerusalém ocupavam o palácio de Herodes. Ver *Província.*

PROFETA

Mestre infalível com autoridade para falar em nome de Deus. Falando da ordem dos profetas no sentido de uma corporação, constituiam eles uma classe de homens que Deus chamava, para se dirigirem ao povo, dando-lhes palavras e conferindo-lhes autoridade para falar em seu nome, Dt 18. 18, 19. Cada um dos profetas de Deus, e em particular o próprio Jesus Cristo, exerciam um cargo semelhante ao de Moisés, 18. 18; At 3. 22, 23, no que diz respeito à doutrina, às relações com a lei e à sua obra didática. O profeta Zacarias refere-se claramente a estes atributos dos servos de Deus, quanto ao seu caráter e à sua autoridade. Deus concedia palavras aos seus profetas, enviados pelo seu Espírito, que êles ensinavam ao povo e que Deus confirmava, Zc 1. 6; 7. 12; Ne 9. 30. Estes fatos referentes aos profetas são abundantemente ilustrados em casos individuais. Os profetas não herdavam o ofício nem eram erigidos por autoridade humana; eram sim escolhidos por Deus, que os chamava e lhes conferia as qualificações necessárias, Êx 3. 1 até cap. 4. 17; 1 Sm 3. 1-20; Jr 1. 4-10; Ez 1. 1 até cap. 3. 15.

A palavra de Deus vinha a êles de vários modos.

Deus ordenava-lhes que falassem e não guardassem silêncio. A sua missão era confirmada por sinais extraordinários, pelo cumprimento de suas palavras e pelo valor de suas doutrinas, e cuja autoridade Deus mantinha, dando execução de suas ameaças sôbre os ímpios e desobedientes.

Havia também falsos profetas. Além dos que falavam em nome dos ídolos, Dt 13. 20; 1 Rs 18. 19; Jr 2. 8; 23. 13, havia também outros que falavam em nome dos ídolos, Dt 18. 20; 1 Rs demos classificar de dois modos: os impostores conscientes, que se arrogavam possuir os dons que distinguiam os verdadeiros profetas, e que eram honrados por causa das suas doces palavras, 1 Rs 22. 5-28; Ez 13. 17-19; Mq 3. 11; Zc 13. 4, e os profetas que eram sinceramente, homens piedosos, cujas doutrinas se firmavam na lei de Deus, porém, que se enganavam, pensando que eram chamados por Deus para aquele ofício. Havia meios de distinguir os falsos dos verdadeiros profetas. Estes eram reconhecidos, pelos prodígios que operavam, Êx 4. 8; Is 7. 11, 14. Não bastavam os prodígios, que poderiam ser obra do acaso, ou produtos de artifícios, Dt 13. 1, 2; cp. Êx 7. 11, 22; 2 Ts 2. 9. Outro meio de conhecer o verdadeiro profeta, consistia no cumprimento de suas predições, Dt 18. 21, 22. O valor desta credencial cresce à medida que o tempo passa e na proporção que se cumprem os fatos anunciados por eles. Também se conhecem os verdadeiros profetas pela natureza, de seus ensinos, Dt 13. 1-5; Is 8. 20. Se a doutrina ensinada por um profeta que se diz enviado por Deus, desvia os homens para longe dos dez mandamentos, o tal profeta, com certeza, não é homem de Deus. O verdadeiro profeta deve ensinar de acordo com a lei que nos dá a conhecer a Deus, a sua natureza, o seu caráter, que nos ensina o modo de adorá-lo e que nos fala a respeito da norma de proceder do homem. Não basta, porém, esta semelhança servil com a lei de Deus. Firmados nas doutrinas da lei, os profetas desenvolvem seus princípios, aplicando-os ao procedimento humano em suas relações com Deus. Entre os sábios que a história regista, os profetas de Israel elevam-se sobre todos eles pela sua pureza, pelo seu valor moral, como pela oportunidade de seus ensinos.

A profecia inclui o anúncio prévio de acontecimentos futuros, Is 5. 11-13; 38. 5, 6; 39. 6, 7; Jr 20. 6; 25. 11; 28. 16; Am 1. 5; 7. 9, 17; Mq 4. 10. As predições constituiam parte importante do trabalho profético e entravam na ordem das credenciais que acreditavam os profetas de Deus.

Mais importante ainda é que o profeta tinha de tratar de acontecimentos atuais e passados, e ao mesmo tempo cuidar da instrução do povo nos caminhos de Deus, Is 41. 26; 42. 9; 46. 9. A palavra profeta deriva-se do grego *prophetes*, que quer dizer pessoa que fala em lugar de outra como intérprete, ou proclamador, e também pessoa que prediz o futuro. Este duplo sentido é devido à preposição *pro*, que tem o sentido de *por* e *antes*.

O vocábulo hebraico *nabi*, profeta, significa pessoa que anuncia, tomado em sentido genérico. O particípio ativo emprega-se em outra língua semítica, o assírio, para significar anunciante. As Escrituras hebraicas chamam de profeta a Abraão, Gn 20. 7. Havia entre ele e Deus, relações pessoais muito diretas; Deus lhe confiava seus propósitos, Gn 15. 1-18; 18. 17, deste modo ficou habilitado a transmitir a seus descendentes o verdadeiro conhecimento de Deus, 18. 19. Abraão era forte como intercessor junto de Deus, 23-32. Miriã, a quem o Senhor havia falado, era profetisa, Ex 15. 20; Nm 12. 2, 6. Arão, falando em lugar de Moisés, era o seu profeta, Êx 7. 1; cp. 4. 16. *Nabi*, ou profeta, era uma pessoa que Deus qualificava para falar em seu nome aos homens. Esta é a idéia fundamental compreendida no vocábulo hebraico empregado em Dt 18. 18. Uma das qualificações do profeta era a visão, 1 Sm 3. 1. Sob êste aspecto, o profeta também se chama vidente, 1 Sm 9. 9, em hebreu *roeh*; Is 30. 10, em hebreu, *hozeh*. Sendo êste o principal aspecto em que o termo era considerado pelo povo, e sendo estas qualificações de grande valor na estima pública, o vidente gozava de grande estima. Este foi o caso em um período considerável da história primitiva de Israel. Os profetas Samuel, Gade e Ido eram designados por este nome. Mas Samuel deixou de ser um simples vidente a quem o povo recorria, logo que precisou de invocar o Senhor, para saber a sua vontade, em referência a seus deveres, ou em referência aos negócios da república, ou para regular os interesses privados e individuais. Samuel subiu na categoria social e foi tido como a maior autoridade enviada por Deus, sendo, portanto, proclamado como profeta, 1 Sm 10. 10-13; 19. 20. A função didática como se vê em Moisés, tornou-se proeminente outra vez; e começando com Samuel e continuando com os seus sucessores, indo sempre com renovadas forças pelos séculos adiante, a presença do profeta tornou-se indispensável na vida nacional, como embaixador do céu junto ao reino de Israel, como pregador da justiça, como intérprete da história do passado e do presente, considerada pelo lado moral, como denunciador das conseqüências supervenientes ao proceder moral; como precursor do juízo de Deus contra o pecado, e como fiador do povo para com Jeová. Predizer o futuro, ou declarar o conselho secreto do Senhor, como fez o profeta Natã, quando proibiu a Davi a construção do templo, e anunciou o propósito divino de estabelecer eternamente

o trono de Davi, continuaram a ser as funções do profeta, porém em uma esfera mais limitada, e somente como parte de sua antiga missão. Outras feições estavam mais constantemente em evidência, resultando daí que o emprego da palavra vidente em sentido mais restrito, deu lugar a outro termo de sentido mais largo, incluído no vocábulo profeta, 1 Sm 9. 9. Samuel era vidente, no entender de seus contemporâneos, mas os seus notáveis sucessores, que Deus inspirou para ensinar a verdade ao povo, tinham o nome de profetas, conforme diziam os homens de seu tempo. O nome vidente não caiu em desuso, mas o título de profeta, que não havia sido abandonado inteiramente, Jz 4. 4; 1 Sm 10. 10-13; 19. 20, assumiu de novo sua primitiva importância, 3. 20. Amós teve visões proféticas, Am 1. 1; 8. 1; 9. 1, e por isso os sacerdotes de Betel o chamavam de vidente, ou homem das visões, 7. 12, sem contudo deixar de ser chamado para o exercício da profecia, como foi, 7. 15. Referindo-se à investidura especial que os profetas recebiam do alto, eram chamados homens do Espírito, Os 9. 7. O profeta, em comum com os outros ministros de Deus, quer oficiais, quer privados, era tido como homem de Deus, servo de Deus, mensageiro do Senhor, pastor do povo de Deus, vigia e intérprete. O profeta deveria pertencer por nascimento ao povo de Israel; isto, porém, não impedia que o Senhor, sábio e onipotente, que tudo faz para o adiantamento de seu reino, não se manifestasse por meio de visões a um filisteu, a um egípcio a um midianita, a um babilônio, a um romano, etc. Gn 20. 6; 41. 1; Jz 7. 13; Dn 2. 1; Mt 27. 19, até o próprio Balaão, que era feiticeiro, e como tal foi chamado pelo rei de Moabe para amaldiçoar o povo de Israel Deus se serviu dêle para profetizar. Estes profetas estrangeiros estiveram, por momentos, em contacto com o reino de Deus, aos quais era concedida uma relativa visão do futuro, em favor dos interesses deste reino, e nem por isso eram mais profetas do que Agar e Manué e sua mulher, a quem o anjo do Senhor apareceu para comunicar-lhes acontecimentos futuros. Não eram os homens do Espírito, nem os íntimos do Senhor.

Os verdadeiros profetas recebiam ensinos do Espírito de Deus, 1 Rs 22. 24; 2 Cr 15. 1; 24. 20; Ne 9. 30; Ez 11. 5; Jl 2. 28; Mq 3. 8; Zc 7. 12; Mt 22. 43; 1 Pe 1. 10, 11. Deus operava nestes homens, segundo a psicologia de cada um; por meio de voz audível, ou de mensageiro angélico, Nm 7. 89; 1 Cr 3. 4; Dn 9. 1, mas geralmente por meio de sonhos, de visões e de influências íntimas que eles bem reconheciam como vindas de cima. Não estavam permanentemente sob a influência do Espírito. A palavra do Senhor vinha a eles, que esperavam revelações, Lv 24. 2. Pelo seu discernimento natural, percebiam o que neles era obra do Espírito Santo. Os pensamentos particulares de Samuel eram bem distintos dos pensamentos de Deus, 1 Sm 16. 6, 7. O profeta Natã achou bom que Davi construísse o templo do Senhor, porém, mais tarde foi dizer-lhe que o Senhor proibia tal construção, 2 Sm 7. 3. Os profetas não possuíam a faculdade de falar em nome de Deus, senão em ocasiões especiais. Desde os tempos de Samuel que o ofício de profeta era regularmente transmissível. Ainda que sejam em pequeno número os profetas conhecidos pelo nome, há muitos outros anônimos, 1 Rs 18. 4; 2 Rs 2. 7-16. O período dos profetas continuou até à morte de Malaquias. Aproximando-se o advento de Cristo, o espírito profético reaparece, Lc 1. 67; 2. 26-38. Na igreja do Novo Testamento também havia profetas 1 Co 12. 28, mas não formavam uma classe regular de homens, igual à dos apóstolos e dos presbíteros. Homens e mulheres recebiam influências especiais para exporem a revelação divina, At 21. 9. Falavam, predizendo o futuro, sob o poder do Espírito, 11. 27, 28; 21. 10, 11, ensinavam e exortavam proveitosamente, edificando grandemente a igreja, 1 Co 14. 3, 4, 24. S. Paulo, irônicamente, dá o título de profeta a um escritor pagão, que descreveu os maus costumes dos cretenses, como que a verdade falava pela sua boca, Tt 1. 12.

A vocação profética era Deus quem a concedia, Am 7. 15. O profeta conhecia por intuição o momento de sua chamada; Moisés foi chamado quando estava defronte da sarça ardente, Ex 3. 1 até cap. 4. 17, Samuel, quando ainda menino, recebeu uma revelação especial, 1 Sm 3. 1-15, que foi o início de futuras revelações, 3. 19 até cap. 4. 1. Elias conheceu o momento em que foi chamado para o ofício de profeta, e também quando recebeu as devidas qualificações, 1 Rs 19. 19, 20; 2 Rs 2. 13, 14. A visão que Isaías teve no dia em que o rei Ozias morreu, Is 6, supõem alguns que foi o início de sua carreira, mas também poderia ser uma experiência necessária a prepará-lo para exercer uma função em mais larga escala, como aconteceu com a visão que teve o apóstolo S. João, muito depois de ser chamado para o apostolado, Ap 1. 10; como aconteceu com a visão de S. Pedro em Jope, At 10; como a visão de S. Paulo em Jerusalém, At 22. 17. Ezequiel soube que havia sido chamado para o ofício de profeta, Ez 33. 1-22, por uma visão que teve muitos anos antes, 1. 1-4. Não se sabe em que tempo foi chamado Elias, mas somente depois é que ele foi comissionado para uma obra especial, 1 Rs 19. Jeremias soube quando foi chamado e interpôs objeções, Jr 1. 4-10. Oséias refere-se ao tempo em que Jeová falou por meio dele, Os 1. 2. No caso da chamada de profetas por meio de instrumentos humanos, só conhecemos o de Eliseu, 1 Rs 19. 19. Provas de que os profetas eram ungidos com óleo, por ocasião de sua investitura, só existe uma no salmo 105. 15. Nesta passagem, porém, o salmista fala dos patriarcas e não de profetas, fala em nome de Deus, empregando uma linguagem em uso no seu tempo, referindo-se a eles como profetas (Alexander, Weilhausen), ungidos pelo Espírito, ou aos sacerdotes que eram ungidos e também profetas (Perowne); ou ainda, aos reis que sendo ungidos, eram ao mesmo tempo profetas, Gn 20. 7; 23. 6 (Delitzsch Baethgen), chefes das tribos iguais em dignidade para ungir reis. Citam ainda o cap. 61. 1, de Isaías em prova de que os profetas eram ungidos, porém, nesta passagem, fala-se da unção do Espírito. Também apelam para o caso de Elias, 1 Rs 19. 16, a quem o Senhor ordenou que ungisse a Eliseu, profeta em seu lugar. Mas não se pode provar que o próprio Elias fosse ungido. Elias, ao ser arrebatado ao céu, lançou a sua capa sôbre Eliseu, simbolizando com este ato a unção do novo profeta, cp. 1 Rs 19. 15, com 2 Rs 8. 13, onde se vê que a ordem de ungir o rei da Síria se cumpre por uma expressão verbal. A capa de Elias simbolizava a sua vocação, 2 Rs, 1. 8. 2. 9, 13-15, a mesma capa lançada sobre Eliseu, era bastante para consagrá-lo ao ofício de Profeta.

Quanto ao modo de vida dos profetas, existem apenas alusões incidentais. Em muitos respeitos era igual ao viver dos demais homens. O traje mais característico de seu ofício, era uma coberta de peles, 2 Rs 1. 8; Zc 13. 4; cp. Mt 3. 4, não como expressão de uma vida ascética, mas sim como um sinal de tristeza pelos pecados do povo, como se fosse uma vestimenta de saco, Is 20. 2. As vestes grosseiras dos profetas não eram cingidas ao corpo como faziam os ascetas; consistiam em uma capa lançada sobre os ombros. Alimentavam-se de frutas silvestres, 2 Rs 4. 39; Mt 3. 4. Gente caridosa concorria com donativos para o seu sustento, 1 Sm 9. 8; Rs 14. 2, 3; 2 Rs 4. 42, davam-lhes hospedagem e alimento, 1 Rs 17. 9; 18. 4; 2 Rs 4. 8-10. Alguns dos profetas eram levitas, e, como tais, viviam de suas rendas; outros possuíam bens particulares, como Eliseu e Jeremias, 2 Rs 19. 19, 21; Jr 32. 8-10; outros eram sustentados na corte como o profeta Gade vidente do rei Davi, 2 Sm 24. 11; 1 Cr 25. 5; 2 Cr 35. 15. Em geral, tinham habitações como os demais

homens, 1 Rs 7. 17; 2 Sm 12. 15; 2 Rs 14. 4; 2 Rs 4. 1,2;5.9;22. 14; Ez 8. 1. Vide *Rancho de Profetas.*

Entre eles encontram-se notáveis vocações literárias, como historiadores, etc. Os fatos referentes aos reinados de Davi e Salomão, encontram-se registados nas histórias de Samuel, o vidente; de Natã e de Gade na profecia de Aias, 1 Cr 29. 29; 2 Cr 9. 29. Os acontecimentos do reinado de Roboão foram registados nas histórias do profeta Semeías e de Ado, o vidente, 2 Cr 12. 15; os do reinado de Jeroboão, encontram-se na Visão do vidente Ado, 9. 29; o resto das ações de Abia encontra-se com toda exatidão no livro do profeta do Ado, 13. 22; as ações de Josafá estão escritas na História de Jeú, filho de Hanani, 20. 34 com 19. 2; o resto das ações de Ozias, assim as primeiras como as últimas, foi escrito pelo profeta Isaías, filho de Amós 26. 22; 32. 32. As quatro grandes obras históricas, os livros de Josué, de Juizes, de Samuel e dos reis que os judeus puseram na classe dos primeiros profetas do seu cânon, foram evidentemente escritas pelos profetas. Nos tempos de Isaías e de Oseías, os profetas foram grandes escritores no seu gênero. Reduziram a escrito as suas produções proféticas em resumo, ou em consideráveis pormenores, ou em profecias isoladas.

Em sentido espiritual, os profetas estavam preparados para receber, comunicações divinas; eram homens santos que se haviam entregado ao serviço de Deus, que viviam em comunhão com êle, homens de oração habitual (como Samuel, 1 Sm 7. 5; 8. 6; 12. 2, 3; 15. 11), que se retiravam ocasionalmente para meditar, entregando-se a contemplações, à espera de que Deus lhes falasse, Is 21. 8. Moisés estêve quarenta dias recolhido ao Monte Sinai, em comunhão com Deus, e lhe foi mostrado o plano para a construção do tabernáculo. Em tempos primitivos, empregava-se a música como estimulante para a devoção e para despertar o sentimento religioso, 1 Sm 10. 5, para acalmar o espírito e preparar o coração, quando se buscava a vontade de Deus, 2 Rs 3. 15. De certo não era por acaso que os profetas, algumas vêzes, buscavam as margens dos rios, deleitando-se com o sussurro da corrente, ou com a placidez das águas, à espera que Deus lhes falasse, Ez 1. 3; Dn 10. 4. Samuel ouviu a voz do Senhor pela calada da noite, 1 Sm 3. 2-10. Por êstes vários modos a alma dos profetas se preparava para receber as operações do Espírito Santo. Deus, em suas comunicações com os homens, operava de acôrdo com as leis do espírito humano.

Havia homens que não eram oficialmente profetas e que, no entanto, possuíam o dom de profecia. Davi era profeta, e, como tal, falou de Cristo, e não era profeta oficial; era rei, e os seus escritos não figuram entre os livros proféticos. Daniel possuía em alto grau o espírito profético, mas nunca se dedicou a exortar o povo, sendo apenas estadista e governador no reinado dos persas e babilônios. Os seus escritos, como os de Davi, faziam parte do Hagiógrafo, ou escritos sagrados. Veja *Cânon.*

Os "Primeiros Profetas" e os "Últimos Profetas", conforme a classificação do cânon hebraico, vêm a ser, em primeiro lugar, os autores dos livros históricos de Josué, Juízes, os dois de Samuel, os dois dos Reis, e dos livros restritamente proféticos, à começar com Isaías. Os autores dêstes livros eram profetas anônimos no caso dos "Primeiros Profetas", porém com o nome de seus autores quando se trata de livros restritamente proféticos. A razão disto está em que a profecia exigia autenticidade. A classificação não obedece à ordem do tempo em que foram escritos, mas de acordo com os assuntos de que tratam. Os livros de Samuel e dos Reis, por exemplo, foram escritos depois de Isaías e têm o seu lugar entre os "Primeiros Profetas." Existiram grandes profetas, como Elias e Eliseu, que nada escreveram, e por isso, os escritores modernos os denominam profetas orais. As produções literárias de outros profetas que registaram as suas palavras, aparecem citadas e incorporadas nos livros dos "Primeiros Profetas", e em outras escrituras.

Dos "Últimos profetas", Oséias, Amós e Jonas, trabalharam no reino do norte; os outros operaram entre o povo de Judá e Benjamim, quer na Palestina, quer na terra do exílio. Postos em ordem cronológica, e incluindo Daniel, são: 1. No período assírio, contando desde pouco antes da subida de Tiglate-Pileser ao trono em 745 A. C. até à queda do poder assírio, 625 A. C. vêm Oséias, Amós e Jonas, no reino do norte, e Joel, Obadias, Isaías, Miquéias e Naum, no reino de Judá. 2. Durante o período babilônico, no reino de Judá, desde 625 até 587 A. C. Jeremias, Habacuque e Sofonias. 3. Durante o exílio em Babilônia, Ezequiel e Daniel. 4. Durante a restauração, Ageu, Zacarias e Malaquias. Ver *Música Naiote.*

PROFETISA

Mulher chamada por Deus para exercer o ofício profético, como Débora, Jz 4. 4, a quem os filhos de Israel recorriam em tôdas as suas diferenças e nos casos de calamidade pública, 5, 6, 14. Hulda era profetisa e foi consultada pelo pontífice Helcias por ordem do rei, sobre as palavras do livro de Deuteronômio, a fim de que ela declarasse o conselho do Senhor, 2 Rs 22. 12-20. Filipe, o evangelista, era pai de quatro filhas virgens que profetizavam, At 21. 9. O cap. 8. 3 de Isaías alude a uma profetisa, à qual êle se chegou.

PROPICIATÓRIO

Nome da cobertura da arca, em hebreu *Kapporeth*, coberta (especialmente, senão exclusivamente, no sentido de expiação), em grego, *Hasterion*, propiciatório, Ex 26. 34; Hb 9. 35. Este nome não significa somente uma tampa, tem a idéia de um lugar onde se operavam as expiações. Na tradução inglesa, tem o nome de *mercy-seat*, lugar das misericórdias, nome que Tyndale adotou de Lutero. Era feito de ouro purissimo, tinha dois côvados e meio de comprimento (1,m385) e um côvado e meio de largura (0,m832), Ex 25. 17-22; 30. 6; Nm 7. 89. Dois querubins feitos de ouro, trabalhados ao martêlo, um de um lado, e outro de outro do propiciatório, com as asas estendidas, cobriam o oráculo, cujas extremidades se tocavam. No meio dêstes querubins se manifestava a glória de Deus, falando a seu povo, Ex 25. 17-22; 30. 6; Nm 7. 89. Havia igual instalação de querubins no templo de Jerusalém, 1 Rs 6. 23-28; 8. 6-11; 1 Cr 28. 11. Uma vez por ano, no grande dia da expiação, o sumo sacerdote, depois de fazer oferecimento de uma vitima por si mesmo, entrava no santo dos santos e queimava o incenso, símbolo de ter sido aceito na presença de Deus que por meio de uma nuvem, envolvia o propiciatório. Depois aspergia o sangue do sacrifício, diante dele e sobre êle. Tendo sacrificado o bode, que era a oferta pelo pecado, levava o sangue para dentro do véu, para o santo dos santos, e com êle borrifava o propiciatório; fazia expiação pelos seus pecados e pelos da nação na presença da lei, que estava escrita nas tábuas de pedra, colocadas dentro da arca, e na presença de Jeová que habitava entre os querúbins, Lev 16. 2, 13-17.

PROSELITO

Palavra que em o Novo Testamento se aplica aos pagãos convertidos ao judaísmo. Os fariseus rodeavam o céu e a terra para fazer um prosélito, Mt 23. 15. O poeta Horácio faz referência a este fato como sendo um traço característico dos judeus. Sat. 1. 4, 142, 143. No dia de Pentecostes achavam-se em Jerusalém alguns dêstes prosélitos, At 2. 10. Um dos homens escolhidos para o serviço dos pobres em Jerusalém, chamava-se Nicolau, prosélito de Antioquia, 6. 5. Havia muitos deles nesta cidade, Guerras 7. 3, 3. Em Damasco havia grande número de mulheres convertidas ao

judaísmo, 2. 20, 2. O eunuco, valido da rainha Candace, era evidentemente convertido ao judaismo, At 8. 27, assim como a família real de Adiabene ao oriente do Eufrates, Antig. 20. 2-4. Em Antioquia da Pisídia, muitos dos prosélitos seguiam a Paulo e a Barnabé, At 13. 43. Os rabinos reconheciam duas ordens de prosélitos. Uma era a dos prosélitos da retidão, que se circuncidavam, recebiam o batismo e ofereciam sacrifícios. Adotavam o judaismo na sua íntegra. A outra era a dos prosélitos da porta, menos adiantados: adotavam os sete mandamentos de Noé e não se sujeitavam à circuncisão.

PROSTITUTA ver MERETRIZ

PROVÉRBIOS

Livro poético, tratando da piedade prática. Acha-se em nossas Bíblias depois do livro dos salmos e bem assim na coleção dos livros em hebreus, no grego e no latim. A palavra hebraica que nós traduzimos Provérbios, compreende mais do que uma coleção de máximas. Entra nele também a fábula, o enigma, a sátira e a parábola, Nm 23. 7; Is 14. 4; Ez 17. 2. As diversas partes do livro são como seguem: 1. O título, 1. 1-6, descrevendo o livro inteiro, declarando o seu objetivo "para se aprender a sabedoria e a doutrina"... "para se entenderem as palavras da prudência e receber a instrução da doutrina." São os provérbios de Salomão, filho de Davi, rei de Israel. Isto não quer dizer que o livro em tôdas as suas partes, seja escrito por Salomão, cp. Sl 72. 20; nem por isso todos os salmos referidos no livro são atribuídos a Davi. Veja os títulos dos salmos 42 a 50. 2. Assuntos principais: (I) Louvor à sabedoria, 1. 7 até cap. 9. 18; poema didático em forma de conselhos de um pai a seu filho, destinado principalmente a um jovem; (II) Provérbios de Salomão, caps. 10 a 22. 16; máximas em ordem irregular, e consistindo na maioria dos casos de duas sentenças em contraste; (III) sem inscrição formal, que pode ser encontrada no primeiro v. compara as palavras dos sábios, do cap. 22. 17 até cap. 24. 22, com as do cap. 24. 23. No meio delas existe um poema sobre a embriaguez, suplementado pelas palavras do sábio, contidas no cap. 24. 23-34, inclusive uma ode sobre o preguiçoso; (IV) Provérbios de Salomão, copiados pelos servos de Ezequias, rei de Judá, contidos nos caps. 25 a 29. Todos êles têm o cunho do provérbio popular, consistindo de ponderosas sentenças, formadas de duas até cinco cláusulas, paralelas cada uma, acompanhados de três apêndices, a saber: a) Palavras de Agur, cap. 30, contendo ditos enigmáticos em que tomam parte muito saliente os adjetivos numerais. b) Palavras do rei Lemuel, cap. 31. 1-9, que lhe foram dirigidas por sua mãe, sôbre assuntos da vida prática. c) Poema em louvor da mulher forte, 31. 10-31, no qual os seus vinte e quatro vv. começam por uma letra do alfabeto hebraico em ordem regular. Algumas partes do livro são atribuídas a Salomão, e outras, a pessoas ou autores diferentes, o que dá a perceber que o sábio rei não é autor de tudo que nele se contém. As palavras iniciais do cap. 25 dizem: "Estas são também parábolas de Salomão que os servos de Ezequias, rei de Judá, transcreveram, provando a tôda a evidência que o livro dos Provérbios não tinham a feição atual, antes do reinado de Ezequias. A breve introdução, contida no cap. 1-1-6, descreve com precisão o conteúdo de todo o livro. O poema em louvor da Sabedoria, contido desde o v. 7 até o cap. 9. 18, não é atribuído a Salomão, e serve de prefácio aos Provérbios de Salomão que seguem logo depois, ou mais provàvelmente, a todas as máximas da sabedoria de que se compõe todo o livro restante. A introdução e o poema, podem ser atribuídos com segurança a outra mão e a outro cérebro que não o de Salomão, escritos antes do reinado de Ezequias. A segunda e a quarta secções, compreendidas nos caps. 10 a 22 16 e caps. 25 a 29, isto é, quase dois terços de todo o livro, são atribuídas a Salomão. A ausência de polêmica contra a idolatria tem sido considerada como prova de que os provérbios contidos nestas secções foram colecionados depois que cessou a grande campanha dos profetas contra o paganismo. Com os mesmos argumentos se pode supor que as referidas secções antedatam a campanha. Se a ausência da polêmica prova alguma cousa, quer dizer que esses provérbios foram colecionados, ou antes da divisão do reino e da vitória da idolatria, ou depois do exílio, quando a idolatria havia perdido todos os seus atrativos. Pela linguagem das referidas secções, por ser de puro hebreu, se depreende que elas foram escritas por Salomão. Não se encontra ortografia estranha nem modos de dizer alheios ao idioma hebraico, como se dá com alguns livros, escritos imediatamente antes ou depois do exílio. Além de que, a literatura em forma de provérbios data de remota antigüidade. Aparece também entre os hebreus, como se vê das seguintes passagens, 1 Sm 24. 14; 2 Sm 12. 1; Jz 9. 7. Está bem averiguado que Salomão compôs e colecionou provérbios, Pv 25. 1; 1 Rs 4. 32; 10. 1 e seg.; Ecclus. 47. 13-17. Segue-se, pois, que os títulos que atribuem as máximas contidas nestas duas secções do livro dos Provérbios, podem, com segurança ser tidos como autênticos.

PROVÍNCIA

Tradução da palavra hebraica *Medinah*, jurisdição, e do grego *Eparchia*, governo. Os criados de pé dos príncipes das províncias, que pelejaram contra Benadade, 1 Rs 20. 14, não eram israelitas, 15. É mais provável que fossem os servos dos capitães que governavam os vários distritos em Gileade e no Haurã, que haviam feito causa comum com os israelitas contra a dominação dos sírios sôbre o território ao sul de Damasco. As províncias da Babilônia e da Pérsia eram divisões administrativas dos respectivos impérios, Dn 2. 49; 13. 3. Dario, o grande, que foi rei da Pérsia, dominava desde a Índia até a Etiópia, Heród. 3. 90-94. Este vasto império era dividido em vinte províncias denominadas satrapias, 1. 192; 3. 89, (*Satrapa*), por sua vez subdivididas em distritos menores, que os judeus denominavam províncias, Ed 8. 36; Ne 2. 7, 9; cp. Heród. 3. 120, 128; 6. 42, com 3. 127; 5. 11, 27, 30; veja também *Dario*, 2. Nos dias do rei Assuero, estas províncias eram em número de 120, Et 1. 1. Enquanto durou o período persa, a Judéia esteve a princípio sob a jurisdição de um governador da Banda de além do rio, Ed 5. 3, 6, mas, por um decreto do rei, passou a ser província separada, governada por um dos seus, 2. 63; 5. 8.

O império romano dividia as suas províncias em duas classes: províncias do império e províncias do senado. As do império ficavam sob a direção do imperador, e ocupavam as fronteiras, onde era preciso conservar exércitos de ocupação para manter a ordem. Estas províncias eram governadas por oficiais do exército que exerciam o cargo de legados por nomeação do imperador. As rendas eram cobradas pelos procuradores que eram agentes do império, e entregues ao tesouro particular do imperador. As províncias menores do império e as subdivisões das provínvias maiores, como a subprovíncia da Judéia, eram governadas por um só procurador, sem a presença de legado. A Cilícia, At 23. 34, a Galácia e a Síria, de que fazia parte a Judéia, pertenciam à classe das províncias imperiais. As do Senado eram por ele administradas e dispensavam a presença de guarnição militar permanente. O governador tinha o nome de procônsul, auxiliado por questores, que arrecadavam as rendas e as remetiam para o tesouro público sob a direção do senado. Chipre, At 13. 4, 7 a Macedônia, 16. 12, a Acaia, 18. 12, e a Ásia, 19. 10, pertenciam à classe das províncias senatoriais. Ver *Procurador* e *Procônsul*.

PTOLOMEU

Nome que se dava a todos os governadores do Egito, da casa dos Lagos, a começar com Ptolomeu Soter, um dos generais de Alexandre, o Grande, e terminando na conquista dos romanos e morte de Cleópatra. Os primeiros três Ptolomeus, em particular, elevaram o Egito à altura de uma potência de grande importância política e militar, com muitas possessões no estrangeiro, entre as quais se contavam a Fenícia, a Celesíria, Chipre e a Cirenaica, e até a Palestina, por algum tempo. Os Ptolomeus protegeram as artes, as letras e as ciências. Alexandria, que era a capital, possuía uma universidade, que se tornou o centro da cultura grega. Os judeus encontraram ali bom acolhimento, sendo animados a se estabelecerem nela com privilégios especiais, e ocupando cargos de destaque na ordem civil e militar. Os últimos Ptolomeus decaíram muito, tornaram-se fracos e perversos; entraram em freqüentes guerras com os países vizinhos, e sofreram revoltas internas; a vida doméstica dos reis perverteu-se com as relações incestuosas e assassinatos de parentes. Tudo isto, e mais a perda de suas colônias, assinalaram a queda dos monarcas Ptolomeus. A história dos macabeus regista os nomes de três soberanos desta dinastia, e mais os nomes de sete homens de humilde categoria social, que representaram papel saliente na antigüidade.

Ptolomeu IV — Filopater

1. Ptolomeu IV, chamado Filopater, suspeito de causar a morte de seu pai. Os primeiros atos de seu governo foram o assassinato de sua mãe e de seu irmão mais novo. Todo o seu reinado consistiu em uma série de vícios e de crimes. Animado pela fraqueza e dissolução deste Ptolomeu, Antioco III, rei da Síria, declarou-lhe guerra, com o fim de arrebatar-lhe a Fenícia, porém, foi totalmente derrotado pelo exército egípcio na batalha de Rafia em 217 A. C., 3 Mac 1. 1-5. Depois disto, Ptolomeu sacrificou no templo em Jerusalém, mas sendo impedido de entrar no Santo dos Santos, planejou a matança de todos os judeus, residentes em Alexandria, para vingar-se. O terceiro livro dos Macabeus contém uma fantasiosa narração deste fato. Morreu no ano 205 A. C.

2. Ptolomeu VI, denominado Filometor, começou a reinar em 181 A. C. quando tinha apenas sete anos, sob a regência de sua mãe Cleópatra. Governou durante alguns anos sozinho e alguns outros em conjunto com seu irmão Fiscom, que foi o Ptolomeu VII. Mais tarde dividiram entre si o reino: Fiscom reinava sobre Cirene e a Líbia, e Filometor sobre o Egito e Chipre. Os seus generais invadiram a Síria, e puseram-se em contacto com Antioco Epifanes, pelo qual foram completamente derrotados em Pelusium no ano 171 A. C. Antioco tomou Chipre. Alexandria teria também caído em seu poder se não fora a intervenção dos romanos, que naquele tempo começaram a exercer um quase protetorado sobre o Egito. Filometor interferiu freqüentemente em os negócios da Síria, uma vez ao lado de Alexandre Balas, 1 Mac 10. 51-57, e depois com Demétrio Nicator, rival de Alexandre, 11. 1-18. Quando se achava empenhado em uma batalha na Síria, caiu do cavalo, vindo a morrer em conseqüência disto, no ano 145 A. C. Ptolomeu mostrou-se muito amigo dos judeus. Com o seu consentimento, Onias construiu um templo em Leontópolis, segundo o modêlo do templo de Jerusalém.

Ptolomeu VI — Filometor

3. Ptolomeu VII, denominado Fiscom, também chamado Evérgeta, que primeiro governou como co-regente com seu irmão Filometor, 170-164 A. C. e que depois da morte deste, reinou sozinho, 145-117 A. C. Também é reconhecido como sendo Ptolomeu VIII, seu sobrinho Eupator, filho de Filometor, que reinou por alguns dias após a morte de seu pai. A primeira parte de seu reinado consistiu em uma série de crimes contra sua própria família, e em vida tão depravada, que provocou várias revoltas de seu povo. À maneira de seus antecessores, interferiu em os negócios da Síria prestando apoio, primeiro a Zabinas e depois pondo-se contra ele. Esteve em correspondência com os romanos, 1 Mac 15. 16, e é talvez a ele que se refere o 1 Mac 1. 18.

4. Ptolomeu, general de Antioco Epifanes, 2 Mac 4. 45; 6. 8; 8. 8. Tomou parte na expedição organizada por Lísias contra Judas Macabeu, 1 Mac 3. 38. É possível que seja o mesmo Ptolomeu Macrom, 2 Mac 10. 12, que primeiro esteve ao serviço de Ptolomeu Filometor em Chipre, e depois passou a servir Antioco Epifanes e Antioco Eupator. Caindo em desagrado deste último, suicidou-se, tomando veneno, 164 A. C.

5. Ptolomeu, genro do sumo sacerdote Simom. Matou o sogro e dois cunhados na fortaleza de Doque, perto de Jericó, 1 Mac 16. 11 e seg.

PUÁ

Nome de uma das parteiras dos hebreus, que desobedeceram às ordens do rei do Egito, que mandava matar todos os filhos machos dos hebreus, ao nascerem, Ex 1. 15.

PUA, PUVA

1. Nome de um dos filhos de Issacar e fundador de uma família tribal, Gn 46. 13; Nm 26. 23; 1 Cr 7. 1.

2. Nome de um homem da tribo de Issacar, filho de Dodo e pai do juiz Tola, Jz 10. 1.

PUBLICANO

Rendeiro dos impostos do governo romano, cobrador de tributos. Em vez de nomear oficiais para a cobrança do fisco, os romanos e seus prepostos, à semelhança de Herodes, punham em almoeda os privilégios para a arrecadação das rendas públicas, ou parte delas, nas diversas províncias, cidades, vilas e distritos. As pessoas que concorriam a estes cargos deveriam possuir fortes ca-

bedais; porquanto elas se comprometiam a entrar para o tesouro, *in publicum*, com certa soma, e, para isso, tinham de oferecer garantias suficientes. Em alguns casos, os publicanos, por sua vez, vendiam os direitos de seu cargo, ou parte deles; e em outros casos, empregavam certo número de agentes subordinados a eles publicanos, para os efeitos da cobrança. Geralmente estes coletores pertenciam à classe dos eqüestres romanos, enquanto que os seus subordinados eram de inferior dignidade. Estes subcoletores das taxas e dos impostos tinham o nome de publicanos, como os denomina o Novo Testamento. Ficava entendido que os cobradores deveriam receber em benefício de seu trabalho e em recompensa aos riscos de sua profissão mais uma fração além do que pagavam ao governo. Não havia lei para fixar o *quantum* desta fração, que às vezes tomava largas proporções. Com raras exceções, os publicanos de qualquer categoria eram grandes extorquidores, cap. 3. 12, 13; 19. 8. Por esta razão, todas as classes sociais os desprezavam, a não ser os governadores romanos, que às vezes participavam das extorsões, tornando-se coniventes na opressão exercida pelos publicanos sobre o povo. Algumas vezes os subcontratantes, e na maioria dos casos, os cobradores subordinados a estes, nos países conquistados, pertenciam ao povo do lugar. Assim, Zaqueu pertencia ao povo judeu, e parece ter sido um dos subcontratantes das rendas de Jericó, Lc 19. 1, 2, assim Mateus ou Levi, também judeu, parece que era coletor pago pelo empreiteiro das cobranças, em Cafarnaum, Mt 9. 9; Mc 2. 14; Lc 5. 27. Este ofício tornava-se tanto mais odioso, àqueles de entre os judeus que aceitavam o encargo de agentes do governo romano. A sociedade os repelia, tanto em público como em particular. Uma das acusações contra Jesus Cristo é que ele comia com publicanos e pecadores, Mt 9. 10-13, e que era amigo de tal gente, 11. 19. Jesus honrou esta classe de homens, chamando um para o apostolado, Mt 9. 9; 10. 3.

Concordando com o sentimento popular com referência ao baixo nível moral da maior parte dos publicanos, 5. 46, 47; 18. 17, contudo ele os convidou, como fazia a todos, para entrarem no reino de Deus. A bondade de Jesus tocou o coração de muitos deles, e não poucos foram batizados, 21. 31, 32; Lc 3. 12; 7. 29; 15. 1; 18. 13, 14. Em uma das suas parábolas, apresenta um penitente publicano em contraste com o orgulhoso fariseu, Lc 18. 9-14.

PÚBLIO

Nome de um príncipe possuidor de terras na ilha de Malta, quando S. Paulo lá estêve, e em cuja casa se hóspedou durante três dias, juntamente com seus companheiros. Públio recebeu boa recompensa, porquanto tendo caído doente seu velho pai, com disenteria e febre, Paulo foi vê-lo, e como fizesse oração e lhe impusesse as mãos, o curou, At 28. 7, 8. O nome parece indicar que era romano; e o título de príncipe, que se encontra em inscrições referentes à ilha de Malta, dá a entender que exercia elevadas funções como delegado do govêrno romano.

PUDENTE

Nome de um cristão residente em Roma, que se associou a S. Paulo, enviando saudações a Timóteo, 2 Tm 4. 21. Encontrou-se este nome em uma inscrição na capital do império, e talvez o mesmo que se diz servo de Tibério ou Cláudio. É fato que na carta a Timóteo existem os nomes de Pudente, Lino e Cláudia. O poeta Marcial que esteve em Roma no ano 66, onde se deteve três anos, faz menção de três pessoas com iguais nomes, o que tem levado a suspeitar que eram os três amigos de Paulo. Se assim for, Pudente era natural da Umbria, e, como centurião, exerceu funções militares em comissão, ao norte do império. Cláudia era sua esposa, talvez de origem britânica e filha do rei Tibério Cláudio Cogidubnus, cujo nome figura em uma inscrição latina, descoberta em Chichester no ano 1723 A. D. Com permissão do rei Tibério Cláudio Cogidúbnus, certo homem chamado Pudente deu lugar em Chichester a um grupo de carpinteiros para edificarem um templo.

PUL

1. Nome de um país e de um povo africano. O nome desse povo acha-se associado ao nome de Társis e Lude, povos hábeis em atirar com flechas, Is 66. 19. Há quem diga que Pul é a ilha de Filéia, situada no centro do Nilo, no Alto Egito, vizinhando com a Etiópia. Talvez seja erro de cópia. Veja *Pute*.

2. Nome de um rei da Assíria. Veja *Tiglate-Pileser*.

PULGA

Inseto que em hebraico se chama *Parosh*, pulador, 1 Sm 24. 14; 26. 20. É muito comum na Palestina, a ponto de dizer-se que o rei das pulgas tem o seu trono em Tiberíades.

PUNIÇÃO

Penalidade que merece o pecador para satisfação da Justiça. Deus puniu a Adão, Eva e Caim. A punição não tem por fim beneficiar o delinqüente. A destruição dos homens de Sodoma por causa de sua maldade, não lhes serviu de emenda. A execução de um assassino não serve para regenerá-lo. Somente o castigo poderá concorrer para reformar o ofensor. A punição, como era aplicada em tempos primitivos, não tinha em vista impedir a prática do crime, apesar de ser este um grande objetivo. A autoridade civil dá forças à lei com a aplicação das penas a fim de garantir o estado contra possíveis atentados, desde que as considerações de ordem moral, não bastem para garantir os direitos sociais. As punições especificadas na lei mosaica tinham por fim impedir a prática do crime, mas não era neste, princípio que ela se baseava, Dt 13. 11; 17. 13; 19. 20; 21. 21. Quando o principal objetivo era impedir a prática do pecado, então a justiça se convertia em benevolência para com a sociedade. Ainda mais, o objetivo principal da punição não consiste em impedir que o criminoso pratique novos crimes, nem que outros os cometam. O pecado deve ser punido, a despeito dos resultados que possa produzir em benefício da ordem social. A indignação que sentimos contra um criminoso, quando somos testemunhas de um ato de flagrante violação, como seja um assassinato, uma opressão ou uma crueldade, e o desejo que instintivamente sentimos para que tais crimes sejam punidos, mostram que reconhecemos a culpa do ofensor, e não pensamos na necessidade de impedir que outros cometam os mesmos crimes. O delinqüente merece a punição. Sob o regime da lei mosaica, o Estado devia exercer justiça e punir o criminoso, sob pena de ser cúmplice com ele, Lv 20. 4, 5; Nm 25. 4, 11; Dt 21. 8; Js 7. 11-15. O povo devia purificar a terra de Jeová do sangue derramado. A execução do assassino servia para purificar a terra, Nm 35. 33, 34; Dt 21. 8. A majestade da lei mantem-se somente quando as suas penas são aplicadas na proporção do crime, nem mais nem menos. A penalidade não precisa ser um equivalente exato à extensão do crime, como raras vezes acontece. A pena sobre o roubo não é a restituição do objeto roubado, nem a restituição de seu valor em dinheiro. A restituição forçada não absolve o ladrão. Violada a lei, o crime existe exigindo punição. As leis dos hebreus eram severas, mas a punição não era cruel. Em casos muito raros, a família do criminoso era extirpada por um ato direto de Deus, ou por ordem expressa dele, Nm 16. 32, 33; Js 7. 24, 25; 2 Rs 9. 25, 26. A aplicação desta pena era muito limitada, não se aplicava a qualquer crime. A lei proibia que os pais fossem punidos em lugar dos filhos, Dt 24. 16. Em casos especiais de impureza, cuja fealdade foi agravada com pessoa relacionada com o santuário de Deus, e por

atos incestuosos, os delinqüentes sofriam a pena do fogo, Lv 20. 14; 21. 9; cp. Gn 38. 24. Nisto não havia crueldade. Os culpados não eram queimados vivos: primeiro sofriam a lapidação, depois, o fogo consumia-lhes os corpos, cp. Js 7. 15-25; Dt 21. 22, 23. A mulher, que em socorro de seu marido lançasse a mão à parte vergonhosa do contendor, teria a mão cortada, Dt 25. 11, 12. Seria isto severidade demasiada? A lei dava direito à retaliação no caso de ofensas físicas, praticadas por livre vontade, e não ocasionadas pela luta, ôlho por olho, e dente por dente. Assim o permitiam as leis dos antigos gregos e a lei das doze tábuas dos romanos. Leis posteriores adotadas pelos judeus, Ant. 4. 8, 35, e talvez mesmo em tempos anteriores estabeleciam indenizações em favor da pessoa ofendida. Esta exenção baseava-se em Êx 21. 29, 30. Pois se no caso de morte ocasionada por um boi, o mal poderia ser remido por dinheiro, em casos de menor importância poderia aplicar-se mais facilmente o mesmo processo. Sob o ponto de vista humanitário, a administração da justiça entre os hebreus, compara-se favoravelmente com os processos romanos. Ao contrário da lei romana, o código penal dos hebreus não autorizava a castigar um parricida com azorrague até escorrer sangue, e depois cozê-lo em um saco e deitá-lo ao mar para morrer afogado, nem sancionava os atos cruéis de obter depoimentos de testemunhas à custa de flagelações, At 22. 24 (veja *Diaconisa*), nem o castigo de cruéis flagelações aplicadas aos condenados, Mt 27. 26; At 16. 24; Guerras 2. 14, 9, nem o escárnio lançado sôbre os que iam ser executados, Mt 27. 27-31, nem a crucificação, 26. 32, 44; Antig. 17. 10, 10, nem a condenação à morte em combate com gladiadores ou com as feras, 1 Co 15. 32; Guerras 6. 9, 2; 7. 2, 1, nem pelos açoites e pela fome, nem pela cremação, envolvendo o corpo da vítima em uma vestimenta untada de pez e lançando-lhe fogo.

A lei hebraica não abolia rudemente usos estabelecidos, mesmo quando fugiam dos padrões que Deus havia levantado (*Escravidão, Concubina, Divórcio*); reconhecia a dureza de coração do povo, Mc 10. 5; fazia dos costumes lei; reprimia os excessos; reformava os abusos; dava a devida importância às concepções justas sobre o direito e a justiça em voga naquele tempo; prevenia a vingança, restringia os sentimentos de ódio, satisfazia ao sentimento da justiça e por este modo mantinha a augusta majestade da lei; erguia bem alto os seus padrões caminhando para a perfeição. A forma de justiça punitiva era ainda determinada pela idéia essencial da teocracia que exigia a punição, não só dos crimes contra o estado e a sociedade, como também as violações das ordenanças religiosas. Da relação dos israelitas com seu divino Rei, resultava que Deus punia o pecado, sempre que eles o cometiam, reservando para si o direito de punir certos pecados especificados, Lv 20. 4-6, 20, 21. Ainda mais, a administração da justiça interessava toda a comunidade, e por conseqüência, o povo tomava parte na sua execução. Era o povo que apedrejava os condenados à morte.

Os crimes mencionados na lei penal consistiam:

1. Na violação dos deveres religiosos estabelecidos no pacto. Havia (I) pecados que os tribunais humanos puniam com a morte. Estes eram em número de cinco: sacrificar aos ídolos, Êx 22. 20; Lv 20. 2; Dt 13. 6-17; 17. 2-7; a feitiçaria, a invocação de espíritos, as adivinhações, Êx 22. 18; Lv 20. 27; a profanação do Sábado, Êx 31. 14, 15; 35. 2; a blasfêmia, Lv 24. 10-16; e as profecias falsas, quer proferidas a favor das divindades do paganismo, quer em nome de Jeová, Dt 13. 1-5; 18-20. A pena de morte era executada pelo apedrejamento. Existem casos destes registados na história, de pessoas que violaram estas leis, e que foram punidas com a morte: por sacrificar aos ídolos, 2 Rs 10. 18-25; 11. 18; 23. 5, 20, por evocar os mortos, 1 Sm 28. 3, 9, por violar o Sábado, Nm 15. 32-36, por blasfemar, 1 Sm 21. 13; por falsa profecia, 18. 40; 20. 27, 28. (II) Em ofensas punidas pela exclusão do ofensor, do meio da congregação de Israel. Esta punição aplicava-se a todos que desprezavam as instituições do pacto e as ordenanças fundamentais do culto, recusando-se ao rito da circuncisão, que era o sinal do pacto, Gn 17. 14; desprezando a Páscoa, que era o sacrifício do concêrto, deixando de participar dos pães asmos, Êx 12. 15; Nm 9. 13; entregando-se a obras servis, e recusando-se ao jejum no dia da expiação, Lv 23. 29, 30; comendo das gorduras que se deviam queimar em oblação ao Senhor, 7. 25-27; 17. 14; deixando de fazer suas ofertas ao Senhor, à porta do tabernáculo, 17. 4; matando animais destinados ao sacrifício, sem primeiramente fazer as ofertas pacíficas, e comendo deles, fora dos limites prescritos em lei; 7. 18; 17. 8; 19. 8; empregando o óleo santo e queimando o incenso em proveito de si mesmo, Êx 30. 33. 38; desprezando as purificações, estando imundo, Lv 22. 3; Nm 19. 20. Este gênero de punição, em alguns casos, era seguido de pena de morte, ou de ameaças de cair sob o juízo divino. Quanto à exclusão seguia-se a pena de morte, esta devia ser executada pela justiça humana. O juízo de Deus, somente ele o aplicava. Tem havido muita discussão sobre se a punição que excluía o ofensor da comunhão de Israel, era acompanhada da pena de morte, mesmo nos casos omissos. Os escritores rabínicos interpretam a lei, dizendo que a frase "perecerá a sua alma do meio da congregação", significa excomunhão ou perda dos direitos conferidos aos fiéis, em virtude do pacto, ou pena de morte que, em virtude de quebra do ritual, poderia ser comutada em pena de banimento ou privação dos direitos cívis; ou a morte em todos os casos em que não havia remissão, e também nos casos em que a morte poderia ser evitada pelo arrependimento e pelas cerimônias de purificação e de sacrifícios propiciatórios. Provavelmente significa exclusão da comunhão de Israel, Êx 12. 15, 19; Nm 16. 9; 19. 13. Todos estes atos disciplinares incluem tácita ou expressamente, a intervenção divina, Gn 17. 14; Êx 4. 24; Lv 17. 10; 20. 3, 5, 6; 23. 30. As faltas acidentais, ou atos de simples negligência, escapavam a tão cruéis penas. Perecia do meio do povo todo o que cometia algum pecado por soberba, ou fosse cidadão ou forasteiro Nm 15. 30-31.

2. Na falta de moralidade: (I) Os atos de impureza que manchavam o povo e a nação eram punidos com a morte, tais como: o adultério, a sedução de uma virgem, Lv 20. 10; Dt 22. 21-27, crimes contra a natureza, a sodomia e a bestialidade, Êx 22. 19; Lv 20. 13, 15, 16, as relações incestuosas com a sogra ou cunhada, 11, 12, 14. A filha de um sacerdote, sendo apanhada em estupro, uma vez que desonrava o nome de seu pai, era entregue às chamas, depois de sofrer a morte, 21. 9 (II) Atos de impureza conjugal menos graves eram punidos pela expulsão ou pela esterilidade, Lv 20. 17-21. (III) Seria cortada a mão de uma mulher que, para defender seu marido, lançasse a mão à parte vergonhosa do contendor, Dt 25. 11-12. (IV) Atos de impureza, fora do adultério, de práticas contra a natureza e de relações incestuosas, tais como, a sedução de uma virgem ainda não desposada; o criminoso pagava tanto em dinheiro, quanto as donzelas costumam receber de dote, Êx 22. 16-17. Se um homem estuprar uma virgem, ainda não desposada, dará cinqüenta siclos de prata a seu pai, e casará com ela, e não a poderá repudiar enquanto viver, Dt 22. 28-29.

3. Na insubordinação contra as autoridades constituídas, eram punidos com a morte: (I) os que feriam a seu pai ou a sua mãe, ou os que os amaldiçoavam, Êx 21. 15, 17; Lv 20. 9; os filhos contumazes e desobedientes, Dt 21. 18-21; (II) os que inchados de soberba, recusavam obedecer ao mandado do sacerdote, 17. 12; (III) o crime de traição, não incluído na lei, porém, segundo reza a história, era punido com a morte e confisco de

suas propriedades, 1 Sm 20. 31; 22. 16; 2 Sm 16. 4; 19. 29; 2 Rs 2. 8-9; 21. 13-15.

4. Nos crimes contra as pessoas, o caráter, a vida e a propriedade alheia: (I) o assassínio voluntário e o que furtava um homem para vender, Ex 21. 12, 16; Dt 24. 7; (II) os que cometiam ofensas físicas intencionalmente, ou por descuido, eram punidos de acordo com as circunstâncias, pela compensação, ou pela retaliação, olho por olho e dente por dente, Ex 21. 18-36; (III) a testemunha falsa incorria na mesma pena em que ele tinha intento de condenar a seu irmão, Dt 19. 16, 19, e a falsa acusação contra a honra de uma mulher, era punida com açoites e com multa de cem siclos. O falso acusador não a poderia repudiar, 22. 13-19; (IV) os prejuízos contra a propriedade alheia, a lei exigia, de acordo com as circunstâncias, ou uma simples compensação ou o pagamento diversas vezes maior do que o valor do objeto furtado, 22. 1-15.

As punições admitidas pela lei de Moisés eram a pena de morte pelo apedrejamento e em casos extremos, pelo fogo, ou pela fôrca, o castigo pelos açoites que não devia exceder a quarenta o número de golpes, Dt 25. 3, a retaliação, a compensação e a indenização, a perda de direitos, e, em casos especiais, a perda de uma das mãos. Algumas vezes dava-se a morte por meio da espada, da lança ou da flecha, sem as formalidades da lei judaica, e em casos extraordinários, Êx 19. 13; 32. 27; Nm 25. 7; 1 Rs 2. 25. A espada que o magistrado trazia não simbolizava a autoridade judicial dos hebreus. A prisão, as correntes, e os cepos, estavam em uso por autoridade dos sacerdotes e dos reis, mas não foram instituídos nos tempos antigos da nação judaica, Ed 7. 26; Jr 20. 2; At 4. 40.

PUNOM, *Neblina.*

Nome de uma estação dos israelitas no deserto, pouco antes de chegarem a Moabe, Nm 33. 42, 43. Talvez seja a pequena cidade Fainom, mencionada por Eusébio, situada no deserto, ao oriente do monte Seir, entre Petra e Segor.

PURA, *Ramo.*

Nome de um servo de Gideão, talvez, seu escudeiro, Jz 7. 10, 11.

PURIFICAÇÃO

A lei mosaica estabelecia quatro espécies de purificações: 1. A purificação do indivíduo que havia tocado um cadáver, Nm 19; cp. 5. 2, 3. Para este fim recolhiam-se as cinzas de uma vaca, como no caso de um sacrifício pelo pecado a favor do povo. A vaca deveria ser vermelha, cor do sangue em que reside a vida, sem defeito e que ainda não tivesse levado o jugo. Deveria ser morta fora do campo e imolada diante de todos; e molhando o dedo no sangue dela o sacerdote aspergia sete vezes, voltado para a porta do tabernáculo. Era queimada à vista de todos em uma fogueira alimentada com paus de cedro, hissope e escarlata. Colhiam-se as cinzas da vaca e as deitavam fora do campo num lugar limpíssimo. A purificação de um nazareno, cuja consagração se interrompesse por haver tocado um cadáver, se fazia de conformidade com a lei cerimonial. Terminados os dias de sua purificação, ao sétimo dia, rapava de novo a sua cabeça, e no dia seguinte oferecia o sacerdote à entrada do concerto do testemunho, duas rôlas e dois pombinhos, Nm 6. 9-12. Seguia-se a oferta de um cordeiro de um ano pelo pecado, 12, como ato necessário à sua restauração como nazareno.

2. A purificação de um homem que padecia de purgação branca, Lv 15; cp. Nm 5. 2, 3. Tendo sarado da sua moléstia, deveria contar sete dias depois da sua purificação, lavava os vestidos em água pura. Ao oitavo dia voltava ao santuário e oferecia duas rolas ou dois pombinhos, um pelo pecado e outro em holocausto. A impureza ocasionada pelo contacto com tais pessoas, ou com algum objeto considerado imundo, a purificação se fazia lavando-se a pessoa contaminada em água, e ficava imundo até a tarde, Lv 15. 5-11.

3. A purificação das parturientes. Depois dos dias da sua impureza, que eram sete para filho macho e catorze para menina, seguiam-se os dias da purificação, durante os quais, não poderia tocar cousa alguma santa, nem entrar no tabernáculo. O tempo desta purificação durava trinta e três dias para o nascimento de um menino, e para o de uma menina, sessenta e seis dias. Findos estes, levava à porta do tabernáculo do testemunho, para holocausto, pelo pecado, um cordeiro de um ano, e um pombinho, ou uma rola. Em caso de pobreza, não podendo oferecer um cordeiro, tomava duas rolas, ou dois pombinhos, um para ser oferecido em holocausto e outro pelo pecado, Lv 12. 8; Lc 2. 21-24.

4. A purificação dos leprosos, Lv 14. O candidato à purificação, apresentava-se no dia apontado, à entrada do campo, e mais tarde, à entrada da cidade. O sacerdote mandava ao que se purificava, que oferecesse por si duas avesinhas vivas, e mandava imolar uma das avesinhas num vaso de barro sobre águas vivas. Borrifava sete vezes, com um ramo de hissopo, amarrado com um cordão de escarlata a um pau de cedro, aquele que estava para se limpar, a fim de que fôsse legitimamente purificado; e depois disto soltava a avesinha viva que voava para o campo. Ver *Hazael.* Grande parte deste ritual aplicava-se também à casa em que houvesse lepra. O candidato era então declarado limpo. Tendo lavado os vestidos, rapado todo o pelo do corpo, e lavado em água, entrava no campo, ou na cidade, ficando ainda sete dias fora de sua morada. Ao sétimo dia, rapava novamente o corpo e segunda vez lavava os vestidos e o corpo. Ao oitavo dia tomava dois cordeiros sem defeito, e uma ovelha de um ano, sem defeito, e três dízimas de flor de farinha, borrifada com azeite e separadamente um sextário de azeite. Então o sacerdote tomava um cordeiro e o oferecia pelo delito, e tomando do sangue da hóstia, o punha sobre a extremidade da orelha direita e sobre os dedos polegares da mão e do pé e com o dedo direito fazia sete aspersões diante do Senhor. O resto do azeite era derramado sobre a cabeça do que se purificava. Ver *Impureza.*

PURIM, Do persa pur, *sorte,* ou talvez do babilônico *pur* ou *bur pedra.*

Festa judaica, instituída para celebrar o livramento dos judeus exilados na Pérsia, de serem massacrados em massa por causa dos planos sanguinários de Amã. Tinha êle lançado o *pur,* ou a sorte para saber em que dia seria executado o seu plano. A festa foi marcada para o dia catorze do mês de Adar, aproximadamente o mês de fevereiro, e durava quinze dias, Et 9. 20-28. Em 2 Mac 15. 36, chama-se dia de Mardoqueu. Diz o historiador Josefo que no seu tempo, todos os judeus espalhados pelo mundo, celebravam esta data festiva, Antig. 11. 6, 13. Pensam alguns que a festa mencionada no cap. 5. 1 do evangelho segundo S. João, era a do Purim. A isto se opõe a circunstância referida na mesma passagem, que Jesus subiu a Jerusalém porque a festa do Purim celebrava-se em todo o país. Só havia três grandes festas anuais a que os judeus eram obrigados a assistir. Desde o tempo em que se instituiu, o Purim gozou de grande popularidade entre os judeus O dia 13 do mês de Adar destinava-se ao jejum. Na tarde desse dia em que começava o dia catorze, reuniam-se nas sinagogas. Feitas as orações da tarde, começava a leitura do livro de Ester. Quando chegavam ao nome de Amã, toda a congregação gritava: "Apaga esse nome", ou "o nome do perverso apodreça", e a criançada rompia em assua-

da, batendo matracas. Os nomes dos filhos de Amã eram lidos de um jato para indicar que haviam sido enforcados simultaneamente. Na manhã seguinte, o povo voltava à sinagoga para terminar os exercícios religiosos em que consistia a festa, passando o resto do dia em intenso regozijo na presença do Senhor. Os ricos faziam largos presentes aos pobres. A celebração da festa do Purim através de gerações e gerações, serve de valioso argumento a favor do caráter histórico dos incidentes narrados no livro de Ester.

PÚRPURA

Nome de uma cor que, de acordo com o emprego antigo e moderno que dela se faz, compõe-se da côr violácea e de todos os tons entre

Murex trunculus

a violeta e o carmesim. Nos antigos tempos, incluía o carmesim e outras cores vermelhas, Plínio, Hist. Nat. 9. 61, 62; Mc 15. 17; cp. Mt 27. 28. As vestimentas de púrpura custavam muito dinheiro; só as pessoas ricas as podiam usar, e bem assim, as que ocupavam posições elevadas, Et 8. 15; cp. Pv 31. 22; Dn 5. 7; 1 Mac 10. 20, 62, 64; 2 Mac 4. 38; cp. 31; Lc 16. 19; Ap 17. 4, e em particular pelos reis de Midiã, Jz 8. 26. A púrpura servia para representar as dignidades reais, 1 Mac 8. 14; Homero, Iliada 4. 144; puseram-na sobre Jesus, por escárnio. Usavam ricos panos de púrpura para cobrir os palanquins principescos, Ct 3. 10, para toldar o convés das embarcações de luxo, Ez 27. 7, e vestir as imagens, Jr 10. 9. As cortinas do tabernáculo eram, em grande parte, feitas de púrpura, Ex 25. 4; 26. 1, 31, 36, e bem assim as vestes sacerdotais, 28. 5, 6, 15, 33; 39. 29. Os judeus davam à cor da púrpura uma interpretação simbólica, Guerras 5. 5, 4.

A tinta de púrpura obtinha-se de várias conchas marítimas, 1 Mac 4. 23; Gûerras 5. 5, 4, das quais se extraía um líquido a que dava o nome de flor, secretado das glândulas do peixe. A quantidade produzida em cada uma das conchas, era muito pequena e dava muito trabalho para se obter grande quantidade de líquido, encarecendo por este motivo o seu custo. As grandes conchas de púrpura eram quebradas na parte superior para se tirar a glândula sem estragá-la, mas as conchas pequenas iam à prensa, ou ao moinho, Plínio, Hist. Nat. 9. 60. Os antigos tírios conheciam duas espécies de *Murex*, o *Murex trunculus* e o *Murex brandaris*, que produziam o carmesim. O *Murex* é abundante em toda a costa do Mediterrâneo, porém a cor varia conforme a latitude.

PUTE

Nome de um povo relacionado com os egípcios, e do país por ele habitado, Gn 10. 6. Há quem diga que seja a Líbia, no todo ou em parte. Anda associado com o Egito e com outros nomes de países africanos, especialmente com Lubim, Na 3. 9, e Lude, Ez 27. 10; e Is 66. 19, nos Setenta, entre Guse e Lude, Jr 46. 9; Ez 30. 5, a versão dos Setenta traduz líbios em Jerémias e Ezequiel e também Josefo o identifica com a Líbia, Antig. 1. 6, 2. A parte ocidental do Baixo Egito chama-se em cóptico, *Phaiat*. Ebers e Brugsch afirmam com veemência que Fute ou Pute é Punte, que fica a sudeste de Cuse, identificada em geral com a Somália, país africano, situado ao oriente do estreito de Babel-Mandebe, nas costas adjacentes da Ásia, perto de Áden, na Arábia.

PUTEUS

Nome de uma família de Cariatiarim 1 Cr 2.53.

PUTIEL, *Afligido por Deus.*

Nome do sogro de Eleazar, filho de Arão, Ex 6. 25.

Q

QUADRANTE

Pequena moeda do valor de 7 centavos da moeda brasileira, Mc 12. 42.

QUARTO

Nome de um cristão residente em Corinto que se associou ao apóstolo S. Paulo, nas saudações por ele enviadas à igreja de Roma, Rm 16. 23.

QUEBAR.

Nome de um rio na terra dos caldeus, em cujas margens alguns dos judeus exilados, inclusive o profeta Ezequiel, se estabeleceram. Foi no mesmo lugar que o mesmo profeta teve várias revelações, Ez 1. 1, 3; 3. 15, 23; 10. 15, 20. Não é o mesmo rio a que os gregos chamam Cáboras, que nasce perto de Nisibis, na Alta Mesopotâmia, e entra no Eufrates em *Circesium*. O nome hebreu deste rio é Habor. O Quebrar era grande canal a sudeste de Babilônia. A estes canais davam o nome de *nâr, rio*.

QUEBRANTOSSO, *Quebra osso.*

Tradução da palavra hebraica *Peres*, quebrador, ave imunda, segundo a lei cerimonial, Lv 11. 13; Dt 14. 12. Presume-se que seja a águia barbada, *Gypaetus barbatus*. O nome que se lhe dá de quebrantosso e *peres*, ambos se referem ao costume que ela tem de alimentar-se, quebrando ossos, partindo serpentes e tartarugas. Isto ela faz, elevando-se a grande altura e deixando-os cair de lá sobre uma laje. O quebrantosso regula ter 1 metro e 90 cms. de altura e quase três metros de envergadura com as asas abertas. As garras não são próprias para carregar a presa viva. Esta ave é rara na Palestina e tende a desaparecer. Habita nas ravinas do Arnom ao oriente do Mar Morto.

QUEDAR, *Poderoso.*

Nome de uma tribo descendente de Ismael, Gn 25. 13, composta de filhos do oriente, que habitavam em tendas negras, possuíam rebanhos, camelos, Ct 1. 5; Is 60. 7; Jr 49. 28, 29, e aldeias no deserto, Is 42. 11. Eram tribos árabes, Is 21. 13, 16; Ez 27. 21, governadas por príncipes e tinham fama de bons frecheiros, Is 21. 16, 17; habitavam entre a Arábia Pétrea e Babilônia. Este povo de Cedar é mencionado por Plínio com o nome de Cedrai, donde procede o profeta Maomé.

QUEDEMOTE, *Lugares antigos* ou *principios.*

Nome de uma cidade, situada ao oriente do Jordão, e perto do deserto, Dt 2. 26, partilhada à tribo de Rúben, Js 13. 18, e destinada à residência dos levitas da casa de Merari, 21. 37; 1 Cr 6. 79. Não identificada.

QUEDES, *Lugar santo, santuário.*

1. Nome de uma cidade, situada no extremo sul de Judá, Js 15. 23, provavelmente diversa de Cadesbarnéia (v. 3). *Kadus*, a cerca de 13 quilômetros ao norte de Jebel Madara, e perto do *wady el-Yemen*, parece que é lugar de sua antiga existência.

2. Nome de uma cidade fortificada dos cananeus, cujo rei foi morto por Josué, Js 12. 22; 19. 37. Foi partilhada à tribo de Naftali, e, por isso, tem às vezes o nome de Cades de Naftali, Jz 4. 6. Foi dada aos levitas de Gérson para sua residência e foi também destinada a cidade de refúgio, Js 20. 7; 21. 32; 1 Cr 6. 76. Serviu de residência a Baraque, Jz 4. 6. Os habitantes desta cidade foram levados ao cativeiro por Tiglate-Pileser, 2 Rs 15. 29. Demétrio fez dela ponto estratégico para a guerra contra os judeus, 1 Mac 11. 63, 73; Antig. 13. 5, 6. Recebeu geral aceitação a identificação que dela faz Robinson com a aldeia de *Kades*, situada na Alta Galiléia, a nove quilômetros a noroeste das águas de Merom.

QUEDES

Nome de uma cidade da tribo de Issacar, destinada à residências dos levitas da casa de Gérson, 1 Cr 6. 72. Em Js 21. 28, tem o nome de Quisiom.

QUEDMA, *Para o Oriente.*

Nome de uma tribo descendente de Ismael, Gn 25. 15; 1 Cr 1. 31.

QUEDORLAOMER (Elamita: *Servo do deus Lagamar*).

Nome do rei de Elã, que dominou sobre Babilônia. Nos dias de Abraão, aliado com Anrafel, rei de Sinear, com Arioque, rei do Ponto e Tidal, rei de Goim, fez uma expedição ao ocidente e subjugou o país das imediações do Mar Morto. O povo desta região foi-lhe sujeito durante doze anos, mas depois revoltou-se. No ano seguinte, Quedorlaomer, com os seus aliados, invadiu a região ao oriente do Jordão, desde Basã e terra de Edom, até as proximidades do Mar Vermelho, região esta que foi habitada pelos amalequitas, e também as planícies que cercam o Mar Morto. Esta conquista deu-lhe o domínio das estradas por onde transitavam as caravanas, vindas de Arábia, passando pelas cabeceiras do Mar Vermelho em demanda do Egito, de Canaã e do norte da Palestina. Foi ele quem aprisionou Ló, o que levou Abraão a reunir os seus numerosos servos e os seus aliados, a perseguir o rei invasor. Durante uma noite, caiu sobre Quedorlaomer, perseguindo-o até Dã, desfê-lo, foi em seu alcance até Hoba e recobrou todos os seus bens e a Ló com tudo que lhe pertencia, Gn 14. 1-16. Não é estranho que naqueles tempos tão remotos, um monarca babilônico empreendesse uma expedição a regiões distantes sôbre o Mediterrâneo. Muito antes do tempo de Abraão, grandes reis, como *Lugal-zaggisi*, *Sargom* e *Gudéia*, tinham levado suas conquistas ao mar ocidental. *Kudurmabug*, supremo governador de Babilônia, era elamita e pai de Eriacu, rei de Larsa. O nome de Quedorlaomer era, em sua forma primitiva, *Kudurlagamar*, e prova que era elamita; a sua associação com Arioque e seus companheiros, dá bem a entender que pertencia à esta dinastia e era um dos sucessores de *Kudurmabug*.

QUEELATA, *Assembléia.*

Nome de uma das estações dos israelitas no deserto, Nm 33. 22, 23. Não identificada.

QUEFAR-AMONAI

Cidade de Emona (Fig), Aldeia dos amonitas.

Nome de uma aldeia da tribo de Benjamim, Js 18. 24. Lugar ignorado.

QUEIJO

Coalho do leite coagulado, separado do sôro e amassado, Jó 10. 10; comp. 1 Sm 17. 18; 2 Sm 17. 29. Um vale de Jerusalém tinha o nome de Tiropeom, que em grego quer dizer fabricante de queijos, Guer. 5. 4, 1.

QUEILA

Nome de uma cidade na parte baixa de Judá, Js 15. 44; 1 Cr 4. 19. Os filisteus guerrearam contra ela, porém Davi atacou os inimigos e salvou a cidade. Contudo, não permaneceu na cidade, quando dela se aproximou Saul, para que os homens de Queila não o entregassem ao rei que o perseguia, 1 Sm 23. 1-13. Esta cidade foi ocupada pelos exilados depois do cativeiro, Ne 3. 17, 18. Alguns a tem identificado com Quila, aldeia situada a 14 quilômetros ao noroeste de Hebrom. Quila, porém, está na parte montanhosa, e Queila estava situada na parte baixa de Judá.

QUELAL, *Consumação.*

Nome de um filho de Faate Moabe a quem Esdras induziu a divorciar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 30.

QUELITA, *Anão.*

Nome de um levita, também chamado Celaía, que foi induzido por Esdras a separar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 23. Empregou-se em companhia de outros a ler e a explicar a Lei ao povo, Ne 8. 7. Juntamente com Neemias, assinou o pacto de guardar a lei de Jeová, 10. 10.

QUELUBE, *Cesto enganador, gaiola de pássaro.*

1. Nome de um dos irmãos de Sua, de linhagem ignorada, porém, registado na tribo de Judá. 1 Cr 4. 11.

2. Nome do pai de um dos oficiais de Davi, que tinha a direção dos trabalhos de agricultura, 1 Cr 27. 26.

QUELUI

Nome de um dos filhos de Bani a quem Esdras induziu a divorciar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 35.

QUEMARINS

Nome dos sacerdotes que sacrificavam nos altos, 2 Rs 23. 5, onde adoravam bezerros e prestavam culto a Baal. Os 10. 5; Sf 1. 4.

QUEMUEL, *Congregação de Deus.*

1. Nome de um dos filhos de Nacor e Melca, que foi pai dos sírios. Gn 22. 21.

2. Nome de um príncipe da tribo de Efraim e membro da comissão que partilhou as terras de Canaã, Nm 34. 24.

3. Nome de um levita, pai de Hasabias, 1 Cr 27. 17.

QUENAANÃ, *Feminino de Canaã.*

1. Nome de um benjamita da família de Jediel, 1 Cr 7. 10.

2. Nome do pai do falso profeta Sedecias que enganou Acabe, 1 Rs 22. 11; 2 Cr 18. 19.

QUENANIAS, *Jeová é firme.*

Nome de um chefe dos levitas do reinado de Davi, da casa de Isaar, designado para superintender os negócios de fora, para instruí-los e julgá-los 1 Cr 26. 29.

QUENATE, *Possessão.*

Nome de uma cidade situada na encosta de Jebel Haurã, no limite extremo nordeste do território israelita. Era a mais oriental das dez cidades de Decápolis (Plínio, Hist. Nat, 5. 16), e vizinhava com Bostra (Jerônimo, Onom). Existem opulentas ruínas desta cidade com o nome de *Kanawat*. Foi tomada por Nobe que lhe deu o seu nome, chamando-lhe Nobe, Nm 32. 42. O novo nome não suplantou por muito tempo o velho. A cidade passou outra vez às mãos dos gentios. 1 Cr 2. 23. Os árabes derrotaram a Herodes neste lugar, Guerras, 1. 19, 2.

QUENAZ, *Caçada.*

1. Nome de um dos descendentes de Esaú por seu filho Elifaz, Gn 36. 11. Foi chefe no monte Seir, 15. Provavelmente tomou este título do clã que ele governava, 40-43. As referências a este nome em Js 15. 17; 1 Cr 4. 13, pertencem também à tribo.

2. Nome de um dos descendentes de Calebe, filho de Jefoné, 1 Cr 4. 15.

QUENEU, *Possessão, criatura, fundidor.*

Nome de uma tribo donde se deriva o adjetivo queneu, Nm 24. 22; Jz 4. 11.

QUENEUS

Nome de uma tribo que se dividiu em dois ramos, um deles habitou em Canaã no tempo de Abraão, Gn 15. 19, e a outra se estabeleceu em Madiã. No tempo de Moisés, os queneus se incorporaram aos madianistas, Jz 1. 16; 4. 11; cp. Nm 10. 29. Os madianitas-queneus vêm a ser uma família tribal, procedente de um homem de Madiã chamado Caim, que não tinha nada em comum com os queneus que habitavam em Canaã. Estes últimos ocupavam os fortes rochedos perto de Amaleque, Nm 24. 20-22. Esta informação habilita-nos a crer que os queneus habitavam as rochas do território montanhoso, que fica a nordeste dos amalecitas e ao oriente de Hebrom, antes da conquista de Canaã. O madianita Hobabe, da família dos cineus, acompanhou os israelitas na sua marcha, desde o monte Sinai até Canaã, para ajudá-los a conhecer o caminho, Nm 10. 29-32. Quando os israelitas atravessaram o Jordão e se acamparam em Gálgala e tomaram Jericó, a família de Hobabe levantou suas tendas em Jericó e depois da conquista de Canaã, lançaram a sua sorte com a tribo de Judá estabelecendo-se no deserto, ao sul do Arade e a sudeste de Hebrom, Jz 1. 16. A escolha deste local indica que eles eram realmente um ramo daqueles velhos queneus de Canaã e buscavam aproximar-se de seus antepassados. Um dêstes queneus, porém, não quis habitar com seus irmãos no sul; indo habitar perto de Cades em Naftali, Jz 4. 11. Os queneus que se estabeleceram ao sul de Judá ainda ali estavam em cordiais relações com os israelitas no tempo de Saul e de Davi, 1 Sm 15. 6; 27. 10; 30. 29. Tinham os seus registos na tribo de Judá, 1 Cr 2. 55.

QUENEZEU, *Salto de uma rês.*

Nome de uma das tribos que se estabeleceram na terra de Canaã no templo de Abraão, Gn 15. 19. Fundaram estabelecimentos no monte Seir, e ficaram sujeitos aos vitoriosos descendentes de Esaú. Quando estes tomaram posse do país, Dt 2. 12, amalgamaram-se com os conquistadores e tomaram dentre eles um para seu chefe, conhecido pelo nome de Quenaz, Gn 36. 11, 15, 40-42. Membros desta tribo por outro lado, ligaram-se aos filhos de Jacó. Jefoné foi um deles que se desposou com uma das mulheres da tribo de Judá, e Otoniel, outro quenezeu e que foi juiz de Israel depois da conquista (Veja *Calebe*, 2).

QUERÃ, *Cítara. Alaúde.*

Nome de um horita, filho de Disom, Gn 36. 26; 1 Cr 1. 41.

QUEREN-HAPUQUE, *Córno da tinta.*

Nome da filha mais nova de Jó que lhe nasceu depois da grande prova, Jó 42. 14.

QUERETE.

Nome de uma floresta de Judá, onde se escondeu Davi, quando era perseguido por Saul, 1 Sm 22. 5.

QUERETITAS

Nome de uma nação ou tribo que habitava o país dos filisteus, 1 Sm 30. 14; Ez 25. 16; Sf 2. 5, 6. Podem bem ser identificados com os filisteus que vieram de Caftor, ou emigrantes que vieram da ilha de Creta. Alguns destes, faziam parte da guarda do rei Davi, 2 Sm 8. 18; 23. 23; 15. 18. Em três lugares o nome dêstes queretitas aparece ocupando posições de valor e confiança, 2 Sm 20. 23; 2 Rs 11. 4, 19. Alguém pensa que este nome traz à memória o nome dos cárias, habitantes de Creta, a que aludem os escritores clássicos.

QUEROGRILO[1]

Tradução do vocábulo hebreu *Shaphan*, designando por êste termo um animal de pequeno vulto, que habita entre os rochedos, Sl 104. 18; Pv 30. 24, 26, que remói, mas não tem a unha fendida, Lv 11. 5; Dt 14. 7. O nome correspondente no dialeto do sul da Arábia aplica-se ao *Hyrax-syriacus*, que é o querogrilo. O hirax se parece com o coelho, mas tem mais afinidade com o rinoceronte e com o tapir. A sua estrutura é tão anômala que lhe deram uma ordem especial com o nome *Hyracoidea*. Move de tal modo as queixadas que

parece estar sempre remoendo, não sendo ele animal ruminante. A espécie *syriacus*, encontra-se na península do Sinaí, ao norte da Palestina e na região do Mar Morto. O pelo é de cor escura com uma pinta amarela no lombo. Anda pelas cristas das rochas e não cava ninhos no chão. Anda em grupos, e destaca uma sentinela para dar aviso de algum perigo que se aproxime. Pouco se vê a não ser pela manhã e ao entardecer, quando sai em busca de alimento.

Querogrilo-Hyra Syriacus

QUEROGRILO*

Nome de um animal considerado imundo pela lei mosaica, Lv 11. 5.

QUEROS, *Braço de tear.*

Nome do fundador de uma família dos natineus. Alguns dos membros desta família voltaram do cativeiro, Ed 2. 44; Ne 7. 47.

QUERUBIM

1. Nome do guardião que o Senhor pôs à entrada do Éden para impedir que nossos primeiros pais se aproximassem da árvore da Vida, depois de serem expulsos do Paraíso, Gn 3. 24. Quando se construiu a Arca para o Tabernáculo, foram trabalhados dois querubins, feitos de puro ouro, e colocados sobre a arca com as faces voltadas um para o outro, e cobrindo-a com as asas estendidas, Ex 25. 18-20; 37. 7-9. Simbolizavam a presença de Jeová, cuja glória se manifestava entre eles, Lv 16. 2, e que habitava no meio de seu povo, estando presente no tabernáculo para receber a sua adoração, Ex 25. 22; Lv 1. 1. Há freqüentes referências à habitação de Jeová entre querubins, Nm 7. 89; 1 Sm 4. 4; 2 Sm 6. 2; 2 Rs 19. 15; Sl 80. 1; 99. 1; Is 37. 16. As cortinas do Tabernáculo eram bordadas com as figuras de querubins, Ex 26. 1. No oráculo do Templo foram postos dois gigantescos querubins de quase seis metros de altura, cujas asas estendidas tinham igual comprimento à altura. Eram feitos de pau de oliveira e cobertos de ouro, 1 Rs 6. 23-28; 8. 7; 2 Cr 3. 10-13; 5. 7, 8; Hb 9. 5.

As paredes do Templo eram esculpidas em roda de entalhes e molduras, com querubins e palmas, 2 Rs 6. 29. Em um poema, Davi representa Jeová montado sobre querubins e voando sobre as asas dos ventos, 2 Sm 22. 11; Sl 18. 10. Ezequiel teve uma visão de querubins perto do rio Cobar, cada um deles tinha quatro faces e quatro asas, Ez 10. 1-22; comp. 9. 3. Os quatro querubins parecem ser idênticos às criaturas que ele viu, cada uma com quatro faces com rosto de homem, rosto de leão, rosto de boi e rosto de águia, cp. 1. 5-12; com 10. 20, 21. Estes querubins sustentavam o trono de Jeová, 1. 26-28; 9. 3. Finalmente, o apóstolo S. João descreve no Apocalipse quatro animais com rostos semelhantes aos já descritos, Ap 4. 6-9. É possível que os assírios tivessem conhecimento da mesma idéia. Os touros alados com cabeça de homem têm aparência física com os querubins descritos nas Escrituras e desempenham as mesmas funções colocados à entrada dos palácios e dos templos, onde reside a majestade. Não se pode ainda afirmar que os touros da Assíria tivessem o mesmo nome como os querubins dos hebreus. As formas várias, assumidas pelos querubins na arte e na imaginação poética, mostram que eles eram símbolos. Porém, símbolos de que? A espada flamejante, Gn 3. 24, e a escuridão difundida sob aquele que montava os querubins e que voava sobre as asas dos ventos, Sl 18. 10, têm sido citados em defesa da teoria que o querubim é, em última análise, a nuvem da tempestade. É verdade que ele pode representar, em certo grau, alguma ou todas as forças da natureza, como ministros de Jeová e guardas de sua habitação. Mas os escritores bíblicos representam os querubins, pelo menos, simbolicamente, como entes animados, com a inteligência de homem, com a força do boi, com a coragem do leão e com movimentos livres como a águia para dominar o espaço. Pelos fatos observados, estes querubins representam uma ordem de anjos.

2. Nome de um lugar em Babilônia, donde vieram alguns cativos que não puderam provar a sua identidade, Ed 2. 59; Ne 7. 61.

QUESEDE (Talvez seja deste nome que se deriva o vocábulo caldaico *Kasdim*).

Nome de um dos filhos de Nacor e Melca, Gn 22. 22.

QUESIL, *Tolo.*

Nome de uma aldeia do extremo sul de Judá, também conhecida pelo nome de Betul ou Betuel, Js 15. 30.

QUESLOM, *Esperança.*

Nome de uma cidade, situada na linha divisória da tribo de Judá sobre o monte Jarim, Js 15. 10, identificada na atual aldeia de *Kesla*, a 11 quilômetros a oeste de Jerusalém.

QUESULOTE, *Confianças*, ou talvez *lombos, declives.*

Nome de uma cidade da linha divisória de Issacar, talvez a mesma *Quisiote-Tabor*, Js 19. 18.

QUETURA, *Incenso.*

Nome de uma das mulheres de Abraão, Gn 25. 1; cp. 16. 3. A história desta união encontra-se no final da biografia de Abraão, por causa de considerações de ordem literária a que obedece a feitura do livro, sem acompanhar a ordem cronológica dos fatos. O autor do livro fornece breve notícia sobre a linha subordinada dos descendentes, imediatamente deixa-os para continuar com a história principal. Pelo que se vê, Abraão tomou outra mulher chamada Quetura, muito antes do falecimento de Sara, Quetura veio a ser a progenitora das tribos de Zinrã, Jocsã, Medã, Midiã, Jisboque e Suá, Gn 25. 1, 2; 1 Cr 1. 32. Os filhos desta mulher não tiveram iguais direitos aos de Isaque a quem Abraão deu tudo quanto possuía. Pelos filhos, porém, das concubinas, distribuiu dádivas e os separou de Isaque seu filho, ainda em sua vida, para as partes do oriente, Gn 25. 6. As antigas genealogias árabes dão conta de uma tribo com o nome de *Ketura* estabelecida nas vizinhanças da cidade de Meca.

QUIBROTE-ATAAVÁ, *Sepulcros da concupiscência.*

Nome de um lugar da península do Sinaí, entre o monte Sinaí e Haserote, onde foram sepultados os israelitas mortos pela praga que os feriu, por haverem eles manifestado desejos de voltar para o Egito, Nm 11. 33-35; 33. 16, 17; Dt 9. 22. Em 1870, o Dr. Palmer e seu companheiro Drake julgaram haver encontrado o sítio onde se deu tão lamentável incidente, no lugar denominado *Erweis el-Ebeirig*, a um dia de viagem de *Ain el-Hudera*, que é elevada planura muito própria para grande acampamento e com evidentes sinais que se estendem a muitas milhas, de ter servido para esse fim. Diz a tradição que neste lugar se acampou a grande caravana do poderoso *Hajj* que há muitos anos por ali passou e de quem nunca mais se ouviu falar.

QUIDOM, *Dardo.*

Nome da eira em que Oza caiu morto por ter estendido à mão para amparar a arca, 1 Cr 13. 9. Em 2 Sm 6. 6, o nome da eira é Nacom. A diferença do nome não alcançou ainda explicação satisfatória. Lugar ignorado.

QUILEABE

Nome do segundo filho de Davi, nascido em Hebrom, de Abigail do Carmelo. Em 1 Cr 3. 1, tem o nome de Daniel, 2 Sm 3. 3.

QUILIOM, *Ruína acabada.*

Nome do filho mais velho de Elimeleque e Noemi, Rt 1. 2, 5.

QUILMADE

Nome de um lugar que mantinha relações comerciais com Tiro, mencionado em conjunto com Sabá e Assur, Ez 27. 23.

QUIMÃ, *Anelo.*

Nome de um filho de Barzilai de Gálgala. Quando o pai foi convidado por Davi para viver em companhia do rei, declinou desta honra por causa da sua idade avançada, indo em seu lugar o filho Quimã, 2 Sm 19. 37, 38. Parece que este foi residir nas proximidades de Belém onde estabeleceu um caravançará, Jr 41. 17.

QUINÁ, *Canção matinal.*

Nome de uma aldeia, situada no extremo sul de Judá, Js 15. 22. Situação ignorada.

QUINERETE, *Alaúde, harpa.*

1. Nome de uma cidade fortificada da tribo de Naftali, Js 19. 35; comp. Dt 3. 17.

2. Nome da região em torno de Quinerete, 1 Rs 15. 20; comp. Js 11. 2. Identificada com a planície de Genesaré, Mt 14. 34.

3. Nome de um lençol de água adjacente a uma cidade fortificada na região de Quinerote, Nm 34. 11; Js 12. 3; 13. 27; 1 Rs 15. 20. Em tempos adiante, este nome aparece com a forma Genesaré, Mar de Galiléia ou Tiberíades, Lc 5. 1; Jo 6. 1.

QUIOS

1. Nome de uma cidade e de um promontório na costa ocidental da Ásia Menor, fronteira à ilha de Samos. Ali esteve S. Paulo, quando se dirigia pela terceira vez a Jerusalém, At 20. 15. Um dos ancoradouros do porto de Trôade, tem o nome de S. Paulo.

2. Nome de uma ilha, que hoje se chama Cio ou Quio, no Arquipélago grego, à entrada do golfo de Esmirna. Fica ao sul de Lesbos e ao norte de Samos. Mede 59 quilômetros de comprimento de norte a sul e 33 de largura de este a oeste, com a área de 1947 quilômetros quadrados. O apóstolo S. Paulo passou por ela na sua última viagem em demanda da Palestina, At 20. 15.

QUIR, *Cidade forte.*

Nome do lugar donde emigraram sírios para Damasco, Am 9. 7, donde voltaram depois da conquista dos assírios, 2 Rs 16. 9; Am 1. 5. Fala-se dos habitantes de Quir como associados com os elamitas para combaterem contra Judá, Is 22. 6. Lugar ignorado. Gesênius identifica Quir com a região *Kur*, entre o mar Negro e o Cáspio, sem base segura. Do mesmo modo faz Schrader, identificando-a com a Média (cp. Is 21. 2; 22. 6), pois não há razão para se crer que os armênios viessem da Média. Também carece de provas a identificação de Furrer com o distrito da Cirenaica, a noroeste de Antioquia.

QUIR DE MOABE

Cidade fortificada ao sul do Moabe, Is 15. 1, que resistiu aos exércitos combinados de Judá e Edom, 2 Rs 3. 25. O nome atual, segundo o Targum, é Querá. Está situada a 20 quilômetros ao oriente da baía sul do mar Morto, ao sul de Lisã, e a 33 ao sul do rio Arnom. Ocupa a sumidade de um outeiro triangular, a 1217 metros acima do Mediterrâneo, sobre uma plataforma rochosa, cuja extremidade a sudeste, tem a altitude de 1336 metros. Exceto em um ou dois lugares, o outeiro acha-se isolado das eminências vizinhas, por precipícios que descem a prumo até ao fundo dos vales. O seu ponto fraco para defesa militar, é que ela se acha cingida de outeiros adjacentes que se elevam a altura de 1336 metros. Querá forma um triângulo de 792 a 990 metros de cada lado e dá entrada por dois túneis abobadados, que parecem pertencer à época dos romanos, e nela se encontram vestígios dos tempos dos romanos e dos maometanos. Existe um grande castelo, construído pelo rei Fulco, no ano 1131 e que desde 1183 até 1188, desafiou os esforços de Saladino que tentou assaltá-lo. Ibraim Pacha em 1841 tentou debalde capturá-la. Tem atualmente a população de cerca de 8.000 habitantes, sendo 1.000 cristãos.

QUIRIATAIM, *Cidades gêmeas.*

Nome de uma antiga cidade dos emins, Gn 14. 5, reconstruída pelos rubenitas, Nm 32. 37; Js 13. 19, que depois caiu nas mãos dos moabitas. Pedra Moabita 10; Jr 48. 1, 23; Ez 25. 9. Acredita-se que estava situada em *Kureiyat*, ao norte do Arnom e a sudeste de Atarote. As suas ruínas encontram-se sobre dois outeiros.

QUIRIATE, *Cidade.*

Nome de uma cidade da tribo de Benjamim, Js 18. 28.

QUIRIATE-ARBA, *Cidade de Arba.*

Antigo nome da cidade de Hebrom, que parece haver sido fundada por Arba, pai de Enaque, Gn 23. 2; Js 14. 15; 15. 13, 54; 20. 7; 21. 11; Jz 1. 10. Ainda existia com este nome no tempo de Neemias, Ne 11. 25. Veja *Hebrom.*

QUIRIATE-HUZOTE, *Cidade das ruas.*

Cidade moabita perto de Ramote-Baal, Nm 22. 39, 41. Pode bem ser a mesma Quiriate-Jearim.

QUIRIATE-JEARIM, *Cidade dos bosques.*

Nome de uma cidade que pertenceu aos gabaonitas, Js 9. 17, situada na parte da linha divisória entre as tribos de Judá e Benjamim, Js 15. 9; 18. 14, 15, mas pertencia a Judá, 15. 48, 60; Jz 18. 12. Depois que os filisteus devolveram a arca, permaneceu durante vinte anos nesta cidade, até à segunda batalha de Betcar, 1 Sm 6. 19 até 7. 2. Alguns dos habitantes desta cidade de Quiriate-Jearim voltaram do cativeiro, Ne 7. 29; Ed 2. 25. Também é conhecida pelo nome de Quiriate-Baal, Js 15. 60; 18. 14, Baala, Js 15. 9, 11. Diz o historiador Euzébio que ficava a 9 ou 10 milhas romanas distante de Jerusalém na estrada que vai a Diópolis, 1. 6, Lida, e de acordo com esta indicação tem sido identificada com *Kuriet el-Enab*, a 13 quilômetros a noroeste de Jerusalém. Conder diz que as ruínas de Erma são o lugar da antiga Quiriate-Jearim, que se encontram a 20 quilômetros a sudoeste de Jerusalém, e a 4 quilômetros e meio de Quesla. A esta opinião opõe-se o texto sagrado de Js 15. 10. Erma e Jarim são radicalmente diferentes, e a sua posição muito distanciada dos estabelecimentos gabaonitas.

QUIRINO (*Quirinius* era a forma primitiva dêste nome entre os latinos e *Cyrenius*, o mesmo nome corrente entre os gregos).

Nome de um dos governadores romanos nomeados para a Síria (Antig. 18. 1,1) e que por ordem de César Augusto mandou fazer o alistamento do povo na Judéia. Por este motivo é que José e sua esposa Maria saíram de Nazaré para a cidade de Belém. Deu-se isto no reinado de Herodes, o Grande, ao findar o quinto ano antes de Cristo ou no princípio do quarto. O alistamento devia ser feito em todo o império romano para

à cobrança dos impostos. Este primeiro alistamento se deu quando Quirino era governador da Síria, Lc 2. 1-5. Este Quirino foi enviado duas vezes como *legatus Augusti*, i. é, como governador para a Síria. A primeira vez, entre 7 e 2 A. C. quando dirigiu a guerra contra os homonadenses da Cilícia, talvez partilhando das honras e do título de parceria com Varo que foi também governador da Síria entre 7 e 4 A. C. Varo dirigia os negócios civis, e Quirino conduzia os negócios militares. Quirino foi procônsul da Ásia entre 3 e 2 A. C. se as inscrições encontradas no Tivoli receberam a interpretação verdadeira que lhes deu o professor Ramsay; e foi *legatus Augusti* na Síria pela segunda vez no ano 6 a 9 A. D. O primeiro alistamento fez-se à moda judaica por tribos e famílias; e o segundo, entre 6 e 7, quando a Judéia se achava incorporada ao império romano em sinal de sujeição ao domínio estrangeiro, o que deu lugar ao levante efetuado por Judas Galileu, At 5. 37; Ant. 17. 13, 5; Guerras 2. 8, 1. Lucas dá o primeiro alistamento como feito por Quirino sem mencionar o nome de Varo, porque, geralmente, se fazia menção deles, para distingui-lo do outro alistamento que deu origem aos tumultos.

Tácito dá-nos breve biografia de Quirino (An. 3. 48), nos seguintes têrmos: "Por este tempo, ele (o imperador Tibério) pediu ao senado que se fizessem públicas solenidades pela morte de Sulpício Quirinius (Ano 21 A. D.). "Quirinius não pertencia à antiga família patrícia dos Sulpícios, mas era natural de Lanuvium, cidade municipal. Em recompensa aos serviços prestados como militar e administrador, foi-lhe conferida a honra de cônsul no tempo do imperador Augusto (12 B. C.) e logo depois teve as honras de um triunfo por haver tomado as fortalezas dos homonadenses na Cilícia. Enquanto servia de chefe na ausência de Caio César que se achava na Armênia, também prestou serviços a Tibério quando este se achava em Rodes. Tibério menciona este fato nesta carta em que ele o louva pelos bons ofícios, e acusa Marcos Lolius de ser o autor das depravações de Caio César, e da malvadeza de seu gênio. Para outra gente, porém, a memória de Quirinius não é tão grata, por causa do processo movido contra sua mulher Lepida (que ele acusou de adultério, de envenenamentos e de planos traiçoeiros, de que foi livre pela compaixão popular) e também pela avareza sórdida de seus últimos anos, apesar de seu grande poder.

QUIRIOTE, *Cidades.*

1. Nome de uma cidade situada no extremo sul de Judá mais propriamente Quiriote-Hezrom, Js 15. 25, o mesmo que Asor. Parece foi onde nasceu Judas Iscariotes, como bem diz o final de seu nome que significa, homem de Queriote.

2. Nome de uma cidade moabita, Pedra Moabita, 13; Jr 48. 24, cidade fortificada, 41, adornada de palácios, Am 2. 2. Supõe-se que seja sinônimo de Ar, antiga capital de Moabe, porque assim o diz a passagem citada. E quando a palavra Queriote desaparece encontra-se em seu lugar a palavra Ar, na lista das cidades de Moabe, Jr 48; Pedra Moabita, e vice-versa, Is 15, 16, comp. Js 13. 16-21. Não identificada.

QUIS

1. Nome de um benjamita, filho de Jeiel, 1 Cr 8. 30; 9. 35, 36.

2. Nome de um benjamita, pai do rei Saul e filho de Abiel, 1 Sm 9. 1, mas também registado com o nome de filho de Ner, e descendente de Jeiel, 1 Cr 8. 33; 9. 36, 39. Esta última genealogia pode meramente indicar que Quis era descendente de Ner, sem afirmar que era filho direto dele, dando lugar à existência de Abiel e outros nomes, entre Quis e Ner.

Jeiel

Abdon, Sur Quis	Baal Ner Nadabe	
	Gedor	
	Abiel	
Quis		Ner
Saul		Abner

Porém, é provável que somente um Quis e um Ner fossem descendentes de Jeiel. Sendo assim, conclui-se que os descendentes de Ner formaram duas casas tribais, a de Quis e a de Ner. A primeira, que era família real de Saul, dava o nome de Quis filho de Ner, como seu fundador, mas era apenas um ramo procedente de outro mais antigo, menos distinto, que se prendia à linha genealógica de Ner. Ambas as famílias pertenciam à casa de Jeiel, e, portanto, Quis e Ner estão registados, segundo princípios familiares, entre os filhos de Jeiel (9. 35). Quis, pai de Saul, e Ner, pai de Abner, aparecem também como filhos de Abiel, 1 Sm 9. 1; 14. 51; portanto, Ner ou Abner era tio de Saul, 14. 50. Abiel segundo alguns expositores supõem, pode ser ou não, outro nome, ou a forma correta da palavra Jeiel.

Jeiel ou Abiel

Abdom Sur Baal Ner Nadabe Gedor		
Quis		Abner
Saul		

3. Nome de um levita, do tempo de Davi, da família de Merari, da casa de Mooli, 1 Cr 23. 21, 22; 24. 29.

4. Nome de um levita, da família de Merari e filho de Abdi que auxiliou o movimento religioso do tempo de Ezequias, 2 Cr 29. 12.

5. Nome de um benjamita, antecessor de Mordecai, Et 2. 5.

QUISIOM, *Dureza.*

Nome de uma cidade nos limites de Issacar, Js 19. 20, dada aos levitas da família de Gérson, 21. 28. Em 1 Cr aparece com o nome de Cedes, talvez algum erro de cópia. Não identificada.

QUISLEU

Nome do nono mês do ano hebraico, Ne 1. 1; Zc 7. 1; 1 Mac 1. 54.

QUISLOM, *Esperança.*

Nome do pai do príncipe de Benjamim no tempo de Moisés, Nm 34. 21.

QUISLOTE-JABOR, *Os flancos do Tabor,* ou *a confiança do Tabor.*

Nome de uma localidade perto do Tabor que servia de marco aos limites de Zabulom, Js 19. 12, talvez a mesma Quesulote mencionada no v. 18. Os dois nomes são radicalmente idênticos, diferindo apenas em a vocalização. Euzébio faz menção de uma aldeia com o nome de Casalus na planície do Tabor. Existe uma aldeia, e uma elevação rochosa, a oeste do Tabor que tem o nome de *Iksal* ou *Ksal*, que parece indicar a antiga posição desta localidade.

QUISOM, *Tortuoso.*

Nome do rio mais importante da Palestina, depois do Jordão. "A torrente de Quisom arrastou os seus cadáveres", os cadáveres dos soldados de Sísera, quando em fuga, batidos pelos soldados de Israel, Jz 5. 19-21; Sl 83. 9. Os sacerdotes de Baal, depois da derrota no Carmelo, foram mortos na torrente de Quisom, 1 Rs 18. 40. Este rio tem hoje o nome de *Nahr el-Mukuta.* Konder e Kitchener dizem que as suas nascentes encontram-se perto de *Khurbet el-Meerah*, e de *el-Mujahiyah*. Deste ponto, que é pouco distante de Betsã, estende-se grande linha de tanques que forma uma corrente contínua. Como o nome o indica, Quisom é rio sinuoso, com grandes curvas, passando pela planície de Esdraelom, vindo de noroeste. Parece corrente de pouca importância, tendo apenas 4 a 6 metros de largura, mas tem perigosos bancos de um fundo de lama muito traiçoeiro.

Quando os turcos e os árabes foram derrotados pelos franceses, na batalha do monte Tabor, a 16 de abril de 1790, os vencidos tiveram a sorte dos soldados de Sisera. Para os lados de Harosete dos gentios, cidade de Jabim, o Quisom passa por uma estreita garganta, no fundo dos penhascos que constituem o lado norte do monte Carmelo. Em certos lugares passa inteiramente sem ser visto, sob uma abóbada de oleandros. Depois entra na planície do Acre. Dunas de areia, matizadas de grupos de palmeiras, opõem-se ao seu curso. Vencidos êstes obstáculos pelo volume das águas, faz sua entrada triunfal no Mediterrâneo.

QUITIM (Origem e significação ignorados).

Nome dos descendentes de Javã, que habitaram as costas do Mediterrâneo, Chipre e outras ilhas do mesmo mar, Gn 10. 4; 1 Cr 1. 7; Is 1. 12; Jr 2. 10; Ez 27. 6; Dn 11. 30, onde se emprega a linguagem de Nm 24. 24; Antg. 1. 6, 1. Este nome tem sua relação com o nome Chipre e com Quitiom, cidade antiga desta ilha, e ainda com a palavra *Kiti* mencionada por *Thothmes* III, quando possuiu a ilha. Lê-se em 1 Mac 1. 1 que Alexandre, o Grande, havia saído da terra de Quitim. No cap. 8. 5 do mesmo livro, fala-se em Perseu como rei de Quitim, no sentido de Macedônia.

QUITLIS

Nome de uma aldeia, situada nas terras baixas de Judá, Js 15. 40. Não identificada.

QUITROM

Nome de uma cidade, situada no território de Zabulom, na qual permaneceram os cananeus depois da conquista, Jz 1. 30.

QUIUM

Palavra que se encontra uma só vez na Bíblia hebraica, Am 5. 26. Pode ser que represente o planeta Saturno, conhecido aos sírios pelo nome de *Kaiwan* ou *Keiouan*.

R

RÃ

Animal anfíbio, Ex 8. 3; Ap 16. 13. A rã, do Antigo Testamento *Rana punctata*, é naturalmente a rã pintada do Egito.

RAABE, *Ferocidade, insolência, largo.*

1. Nome poético aplicado ao Egito, Sl 87. 4; 89. 10; Is 30. 7; 51. 9. Em Is 51. 9 está em paralelo com dragão. Em Jó 9. 13 e 26. 12, alguns intérpretes são de parecer que se refere a um monstro marinho, e outros pensam que seja alusão a um mito semítico, uma espécie de monstro marinho chamado Tiamate que tentou reduzir a ordem do universo a um caos, sendo subjugado por Marduque, deus sol. Esta interpretação pode ser verdadeira. Os poetas inspirados serviam-se de criações imaginárias para ilustrar a verdade, cp. *Leviatã*.

2. Nome de uma mulher prostituta que morava em Jericó e cuja habitação ficava sobre o muro da cidade. Ela recolheu em sua casa os espias enviados por Josué para explorar a cidade, escondeu-os, quando estavam em perigo de serem presos, tendo-os feito descer por uma corda muro abaixo por onde saíram para o campo israelita, Js 2. 1-24. Por ocasião da tomada de Jericó, Raabe e toda a sua família foram poupadas e incorporadas ao povo de Deus, 6. 22-25; Hb 11. 31; Tg 2. 25. Foi ela provavelmente mulher de Salmom e mãe de Boaz e como tal entrou na linha genealógica dos antecessores de Davi e de nosso Senhor, Mt 1. 5.

RAAMÁ, *Tremor.*

Nome coletivo de um povo descendente de Cus e associado com Sabá, Gn 10. 7; 1 Cr 1. 9. Os vendedores de ambas as tribos levavam pedras preciosas e ouro para os mercados de Tiro, Ez 27. 22.

Encontra-se o nome de Raamá nas inscrições de Sabá, falando de sua posição a sudoeste da Arábia perto de Maim.

RAÃO

Nome de um homem de Judá, da família de Hesrom da casa de Calebe, 1 Cr 2. 44.

RABÁ

Nome de uma cidade com suas aldeias, situada na parte montanhosa da tribo de Judá, Js 15.60. Talvez que o seu antigo lugar seja assinalado pelas ruínas de Ruba, a 14 milhas a sudoeste de Belém.

RABÁ, *Grande*, ou *Capital.*

1. Nome de uma cidade, situada nas margens de um dos tributários de Jaboque, 23 milhas ao oriente do ponto mais vizinho ao Jordão. Era a cidade principal dos amonitas. Na guerra contra os filhos de Amom, vingando o ultraje feito aos embaixadores de Davi, Abisai derrotou os amonitas em Medeba, 1 Cr 19. 7-15. Na primavera do ano seguinte, Joabe sitiou Rabá. Durante uma sortida, foi morto Urias, heteu. A parte da cidade entre a cidadela e o rio, chamada a cidade das águas, caiu em poder de Joabe, porém a cidadela ficou. Davi foi chamado para completar a conquista e dar seu nome à vitória. Assim o fez, tratando os habitantes da cidade com severidade cruel, 2 Sm 11. 1; 12. 26-31; 1 Cr 20. 1-3. Contra esta cidade, os profetas de Israel proferiram veementes denunciações, Jr 49. 2-6; Ez 21. 20. Ptolomeu Filadelfo embelezou-a 285-247, A. C., que em honra de seu nome a denominou Filadélfia, nome este que os naturais repeliram. Filadélfia ficava no limite extremo da Peréia, Guerras 3. 3, 3, e era a que ficava mais ao sul de Decápolis. A estrada comercial entre Damasco e a Arábia que beirava o deserto, passava por ela, e dali partia outra estrada que passava por Gerara e Pela em direção a Citópolis. Foi outrora sede de um bispado; entre as suas ruínas encontram-se restos de uma igreja.

Como em vários outros casos, o seu nome desapareceu, e em seu lugar existe o de Amã que é uma abreviatura do primitivo. Rabá Amom.

2. Nome de uma cidade com suas aldeias, situada na parte montanhosa de Judá, Js 15. 60. Presume-se que existiu no local onde se acham as ruínas de Ruba, cerca de 26 quilômetros a oeste-sul de Belém.

Aparece em Figueiredo com o nome de Areba.

RABE-MAGUE

Título de elevado ofício de que usava Nergal-Sarezer, oficial do exército de Nabucodonosor, Jr 39. 3. Existem quatro modos de explicar este têrmo, porém nenhum deles tem base segura. 1. Denota o chefe dos magos. Segundo esta idéia, a casta religiosa dos medos e dos persas, tinha grande influência em Babilônia no reinado de Nabucodonosor, que se havia casado com uma das princesas da Média, e tinha um chefe medo à testa do exército.

Os magos, que em grego se diz *Magoi*, singular *Magos*, na língua semítica é *Magushu* e não *mag*.

2. É modificação hebraica da palavra *rubu imga*, que significa príncipe exaltado, título que Nabunaíde dá a seu pai, assumido por Nabucodonosor.

A palavra *imga* não tem sentido bem determinado.

A vogal longa inicial serve de forte argumento contra a sua identidade com *mag*.

3. Representa *rab mahhú*, grande profeta, ou adivinho, que, segundo se lê em Jeremias, acompanhava o exército, como faziam os romanos com os seus áugures.

4. Uma vez que a palavra *mah* representa príncipe, do mesmo modo que a palavra *rab*, a combinação e ambas faz príncipe que é o título de uma alta patente militar, apenas empregada para designar a posição pessoal.

RABE-SARIS, *rab-sha-reshu*, chefe que é cabeça. O final deste nome foi modificado para acomodar-se ao ouvido dos hebreus. O *reshu*, passou a ser *saris* que quer dizer eunuco.

Título oficial de um funcionário. Um destes rabe-saris acompanhou os exércitos de Senaqueribe e de Nabucodonosor, 2 Rs 18. 17; Jr 39. 3. O oficial da côrte de Nabucodonosor, denominado eunuco mor, em hebreu é *rab sarisim*, parece que exercia as mesmas funções militares acima referidas, Dn 1. 3.

RABI e RABONI

Doutor ou mestre, termo de distinção honrosa aplicado pelos judeus a seus instrutores espirituais, Mt 23. 7; Jo 1. 38. Dizem que as escolas judaicas continham três graus de honra: *rab* (mestre), grau inferior, *rabbi* (meu mestre), grau médio; e *rabboni* (meu senhor, meu mestre), que era o mais elevado de todos. Quando S. João escreveu o seu evangelho, a terminação *oni*, meu, havia perdido a sua significação especial de adjetivo possessivo, porque dá às palavras *rabbi* e *rabboni* o mesmo sentido de mestre, Jo 1. 38; 20. 16.

RABISCAR

Apanhar os grãos ou as espigas que os colhedores deixam atrás de si, ou também as uvas que ficam nas parreiras depois da vindima, Jz 8. 2; Rt 2. 2, 7, 9, 16; Is 17. 6. Em benefício do estrangeiro, dos pobres, dos órfãos e da viúva, a lei ordenava: "Quando segares as messes do teu campo, não cortarás rés do chão o que está na

superfície da terra, nem colherás as espigas que remanescem; nem na tua vinha colherás os rabiscos, nem os bagos que caem: mas deixá-los-ás para que os apanhem os pobres e forasteiros", Lv 19. 9, 10; 23. 22; Dt 24. 19.

RABITE, *Multidão.*

Nome de uma aldeia situada na fronteira de Issacar, Js 19. 20. Conder identifica-a com a atual povoação Raba, situada entre as montanhas, a 8 milhas ao sul do monte Gelboé e a 7 a sudeste de Jenim.

RABONI ver RABI

RABSAQUE. Derivado do assírio *rab shak*, que quer dizer *general*.

Título militar associado com o nome tartã e rabe-saris de Senaqueribe no comando de uma expedição contra Jerusalém, 2 Rs 18. 17. Nessa ocasião foi ele quem dirigiu a conferência com os oficiais de Ezequias, 19, 26, 27, 37, e que chefiou a expedição militar contra Judá, 19. 8.

RACA

Têrmo aramaico *reka*, indigno, aplicado em sinal de desprezo, Mt 5. 22.

RACAL, *Comércio.*

Nome de um lugar da tribo de Judá para onde Davi enviou algumas presas tomadas em 1 Sm 30. 29. Situação ignorada.

RACATE, *Praia.*

Nome de uma cidade fortificada da tribo de Naftali. Pela formação etimológica dêste nome presume-se que estivesse situada na costa do mar de Galiléia, Js 19. 35. Os rabinos dão-na como existente no lugar onde se acha atualmente a cidade de Tiberíades.

RACOM, *Escassez, praia.*

Nome de uma aldeia da tribo de Dã, Js 19.46. Conder diz que existia no lugar onde se acha atualmente *Tell er-Rekkeit*, a 2 milhas e meia ao norte da foz do *Aujah* e 6 milhas ao norte de Jope.

RADAI, *Subjugando.*

Nome de um dos filhos de Jessé e irmão de Davi, 1 Cr 2. 14.

RAFAEL, *Deus curou.*

Nome de um levita, filho de Semaías, da família de Obede-Edom, e porteiro do santuário, 1 Cr 26. 7.

RAFAIAS, *Jeová curou.*

1. Nome de um homem da tribo de Issacar, da família de Tola, 1 Cr 7. 2.

2. Nome de um descendente de Jônatas, 1 Cr 9. 43. No cap. 8. 37, chama-se Rafa, que é sinônimo.

3. Nome de um dos quatro simeonitas que conduziram uma expedição contra Edom, destruíram um bando de amalequitas que ali moravam e tomaram a sua terra, 1 Cr 4. 42, 43.

4. Nome de um dos filhos de Hur, capitão de um bairro de Jerusalém, que auxiliou a reparação do muro, Ne 3. 9.

5. Nome do fundador de uma família que por negligência foi registada com a descendência real de Davi, e que se presume ser uma linha colateral que a ele se prende, 1 Cr 3. 21.

RAFOM

Nome de uma cidade de Gileade, sitiada pelos amonitas e libertada por Judas Macabeu, 1 Mac 5. 37. Parece que distava pouco de Carnaim, 43. Pode ser identificada com Rafana, que era uma das cidades primitivas que formavam a Decápolis, situada ao sul do mar de Galiléia e ao oriente do Jordão.

RAFU, *Curado.*

Nome de um benjamita, pai de Palti, Nm 13. 9.

RAGAU, *Amigo.*

Nome de um dos descendentes de Eber e antecessor de Abraão, Lc 3. 35. Em Gn 11. 18-26 tem o nome de Reú.

RAINHA

A consorte do rei, ou mulher que governa em lugar do rei. Vasti e Ester foram rainhas consortes, Et 1. 9; 2. 22. Mesmo depois da morte do rei, seu esposo, a rainha, especialmente sendo mãe do novo monarca, conservava o respeito e a influência inerente à sua posição, 2 Rs 10. 13. A prática da poligamia tornava a posição, até mesmo de uma rainha, muito precária. Às vezes, o rei caprichosamente a punha sob o domínio de uma das suas rivais. A rainha mãe mantinha relações inalteráveis com o monarca, e em muitos casos, constituía-se poderosa personagem feminina da corte. A Escritura faz menção de três rainhas que ocuparam tronos: Atalia, que depois de exterminar a descendência real, usurpou o trono de Judá; a rainha de Sabá, 1 Rs 10. 1-13; 2 Cr 9. 1-12, e Candace, rainha da Etiópia, At 8. 27. Estas últimas ocupavam legitimamente o trono, segundo parece. A rainha do céu era uma falsa divindade em honra da qual, os judeus, no tempo de Jeremias, ofereciam tortas, libações e incenso, Jr 7. 18; 44. 5-30. Parece que era a mesma deusa Astarote que os fenícios adoravam, personificada em parte na lua e em parte no planêta Vênus.

RAMA

Nome de uma cidade murada, da tribo de Naftali, Js 19.36, que se crê ter existido no local ocupado hoje por Er-Rame, a 5 milhas a sudoeste de Safade e a 17 ao oriente de Acre.

RAMÁ

Nome de uma cidade, situada na linha divisória da tribo de Aser, Js 19. 29. Se não for a mesma Ramá de Naftali, referida no v. 36, devia existir onde se acha a atual Ramé, a 13 milhas a sudoeste de Tiro.

RAMÁ, *Altura.*

1. Nome de uma cidade da tribo de Benjamim, Js 18. 25, perto de Gibeá e Betel, Jz 4. 5; 19. 13, 14; Is 10. 29. Baasa, rei de Israel, fortificou-a para impedir que o povo de Judá fizesse incursões para o norte, 1 Rs 15. 17, 21, 22; 2 Cr 16. 1-6. Parece que foi desta cidade que os cativos de Judá saíram para o cativeiro de Babilônia, Jr 40. 1. De volta do cativeiro continuou a ser ocupada pelos judeus, Ed 2. 26; Ne 11. 33. Segundo informa Josefo, distava de Jerusalém cerca de 40 estádios, Antig. 8. 12, 3. Robinson pensa que estava situada onde existe hoje *er-Ram*, a 5 milhas ao norte de Jerusalém, opinião esta geralmente aceita. A povoação atual é de pouca importância. O solo está semeado de pedras lavradas, fragmentos de colunas, restos dos tempos remotos.

2. Nome da cidade onde residiam os pais de Samuel, 1 Sm 1. 19; 2. 11; cp. 1. 1, e onde este nasceu e viveu, 7. 17; 8. 4; 15. 34; 16. 13; 19. 18, 19, 22, 23; 20. 1, e onde foi sepultado, 25. 1; 28. 3. Para distinguí-la de outras cidades de nome igual, chamavam-na Ramataim-Zofim, cp. 1. 1 com 19. Não se pode determinar com certeza onde estava situada.

Alguns dão-na em Ramá de Benjamim. Segundo êste parecer, a descrição do local harmoniza-se bem com a região montanhosa de Efraim, 1 Sm 1. 1, e diferente daquela outra cidade sem nome, existente na terra de Zufe, onde Saul havia encontrado pela primeira vez a Samuel, 9. 5 e seg. Robinson acha duvidosa esta identificação, talvez com justiça, apesar de não ser apoiado por todas as autoridades. Dizem outros que Ramá estava situada ao sul da tribo de Benjamim, porque: (1) A passagem de 1 Sm 1. 1 não diz claramente que estava na região montanhosa de Efraim; menciona o nome de um homem da família de

Zufe que morava em Ramataim, cidade dos sofistas, que se ramificavam com os levitas da família de Coate, denominados efraimitas, porque o lugar destinado para sua residência era a região serrana de Efraim de onde emigraram, cp. Js 21. 5; 1 Cr 6. 22-28, 35, 66 e seg. (II) Se esta interpretação for verdadeira, segue-se que a cidade cujo nome se ignora, e onde Saul se encontrou com Samuel, deve ser Ramataim-Zofim, na terra de Zufe. Este distrito está para fora dos limites de Benjamim, 1 Sm 9. 4-6, para o sul, isto é, em uma situação tal que, saindo-se de uma cidade que esteja dentro ou fora deste limite, em direção a Gibeá de Benjamim, chega-se ao sepulcro de Raquel nos termos desta tribo, 10. 2, entre Betel e Belém, Gn 35. 16, 19. (III) Fica-se sabendo porque é que Saul não conheceu à primeira vista o profeta Samuel, o que não teria acontecido se o profeta morasse em Ramá de Benjamim, que ficava a 2 milhas e meia distante da casa de Saul; cp. também 1 Sm 8. 1, 2. Pode-se ainda buscar outra localização para Ramataim no território de Efraim, Antig. 5. 10, 2, onde moravam os sofistas; mas não em Benjamim, nem naquela cidade cujo nome não aparece, referida em 1 Sm 9. 5. Indicam alguns *Beit Rima* a 12 milhas a nordeste de Lida como sendo o local da antiga Ramá.

3. Nome de uma aldeia da tribo de Simeão, Js 19. 8. É sem dúvida a mesma Ramote do Neguebe, 1 Sm 30. 27, também conhecida pelo nome de Baalate-Ber.

RAMATAIM, *Alturas gêmeas.*

Cidade que deu nome a um dos três distritos governamentais que foram destacados de Samaria e incorporados à Judéia, 1 Mac 11. 34; cp. 10. 30, 38. Devia estar nas proximidades da tribo de Efraim para os lados do sul.

RAMATAIM-ZOFIM, *Alturas gêmeas dos Sofistas.*

Nome do lugar onde residia o pai de Samuel, 1 Sm 1. 1.

RAMATITA

Natural ou habitante de Ramá, 1 Cr 27. 27. Como existem várias cidades com o mesmo nome, não se sabe a qual delas se refere a passagem citada.

RAMEIRA ver MERETRIZ

RAMESSÉS, Em egípcio, *Ra-mesu, filho do sol.*

Nome de uma cidade do Egito, situada na parte mais fértil do país, Gn 47. 11, na terra de Gósen, 6. Por ordem de Faraó, José localizou ali a seu pai e a seus irmãos. A cidade de Ramessés ou Ramsés, que os israelitas construíram para Faraó (talvez o Ramsés II), parece ser a mesma Ramessés, Ex 1. 11. Por ocasião do êxodo, os israelitas saíram de Ramessés para Sucote, Ex 12. 37; Nm 33. 3.

RAMIAS, *Jeová é exaltado.*

Nome de um dos filhos de Faros, que Esdras induziu a separar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 25.

RAMOTE, *Altura.*

1. Nome de uma aldeia da tribo de Simeão, Js 19. 8, conhecida pelo nome de Ramote do Neguebe, ou do Sul, 1 Sm 30. 27.

2. Nome de uma cidade da tribo de Issacar, destinada à residência dos levitas da casa de Gérson, 1 Cr 6. 73.

3. Nome de uma cidade de Gileade. Veja *Ramote-Gileade.*

4. Nome de uma cidade do sul, 1 Sm 30. 27.

RAMOTE-GILEADE, *Alturas de Gileade.*

Nome de uma cidade, cp. 2 Rs 8. 28, com 29 e 2 Cr 22. 5, 6.

RANCHO DE PROFETAS

O primeiro livro de Samuel 10. 5, fala de um rancho de profetas que descia do Outeiro de Deus, morada de Saul. Não se sabe com certeza se era um bando de profetas que andavam de cidade em cidade, ou se formavam uma comunidade, estabelecida em Gibeá. A designação de Outeiro de Deus, derivava-se provavelmente, não por ser habitação dos profetas, e sim por ser ali um lugar em que se adorava a Deus.

Samuel habitava em Ramá, 1 Sm 7. 17; 28. 3, onde existia um rancho de profetas por ele dirigido, 19. 18-20. Mais precisamente, Samuel estava em Naiote de Ramata, nome de uma habitação, ou de uma localidade situada naquela cidade, onde existia uma comunidade de profetas. Veja *Casa dos Profetas.*

A tradição judaica, segundo o Targum de Jônatas, diz que a palavra Naiote quer dizer casa de ensino o que deu origem à frase "escola de profetas." Os profetas agregavam-se, naturalmente para empregar o tempo no estudo das cousas pertencentes a Deus. Não há motivos para se pensar que fosse uma escola onde entravam noviciados para o ofício de profeta. O que diz o texto, e o que dele se pode deduzir, é que em Ramata existia um grupo de homens dotados de espírito profético e de vigor, em cooperação com Deus, 1 Sm 10. 10; 19. 20-23, de que participavam os que se punham em contacto com eles. Este rancho de profetas ocupava a casa onde residia Samuel, ou estavam residindo em torno dela. Sob a direção de Samuel, empregavam o tempo em louvar a Deus e em expandir as suas emoções religiosas, 1 Sm 10. 5; 1 Cr 25. 1-3, e cumprindo outros deveres religiosos inerentes ao seu caráter oficial. A situação pode tomar-se do seguinte modo: Silo, centro religioso de adoração do povo de Israel, havia sido abandonado por Deus. Os profetas agrupados em torno do grande representante de Deus e chefe espiritual naquele tempo, procuravam cultivar a sua vida espiritual, prestar culto a Deus em comum e louvá-lo, conforme o Espírito os ajudava, 1 Sm 19. 20, unindo-se em oração a favor da pátria, 12. 23; 15. 11, 35; 16. 1. Por outro lado, procuravam fortalecer-se, cultivando a fraternidade, manter constante comunhão com Deus, cercados de um ambiente favorável, a satisfazer às suas aspirações espirituais, como a se habilitarem a cumprir a missão inerente a seu cargo de falar em nome de Deus; e por outro lado, criar um centro de resistência contra a grande apostasia de Israel.

Duzentos anos depois, surgiram no reino do norte, ranchos de profetas, ou comunidades dêles, que logo desapareceram. É provável que fosse trabalho de Elias, baseado no modêlo de Samuel, cujos membros eram conhecidos pela designação de filhos dos profetas. Quer isto dizer que pertenciam à ordem dos profetas, do mesmo modo que se apelidavam os que seguiam a profissão de droguista, de ourives e dos que cultivavam a música, Ne 3. 8, 31; 12. 28. Os membros da comunidade chamavam-se profetas e filhos dos profetas, aos quais Deus revelava a sua palavra, 1 Rs 20. 35-38, 41; 2 Rs 2. 3, 5; 9.1. As associações por eles formadas eram relativamente grandes, 2 Rs 2. 7, 16; 4. 42, 43; ocupavam uma habitação comum, ou grupo de habitações, 4. 38; 6. 1-4, em vários lugares, como Gilgal, Betel e Jericó, 2. 3, 5; 4. 38. Betel era um centro de culto idólatra, bem como Jericó. O estabelecimento de uma sociedade organizada e composta de profetas nestes centros, parece indicar que o seu fundador tinha em vista oferecer resistência ao paganismo, para reformar o país. Elias e, depois dele, Eliseu eram os chefes destas comunidades, visitavam-nas alternadamente, 2. 1, 2, 4; 4. 38, e por elas eram tidos como seus mestres a quem muito respeitavam, 6. 5. Elias recebia deles especial afeto; desejavam a presença, assentavam-se diante dele, contavam-lhe os seus planos, apresentavam-lhe as suas dificuldades, e

recebiam instruções para o exercício de seu trabalho, 4. 38, 40; 6. 1-7; 9. 1. Mesmo que não tivessem revelações, aprendiam muito a respeito da vontade de Deus com o maior dos profetas, do mesmo modo que Miriã e Arão aprendiam dos lábios de Moisés, 2. 16-18. Assentado diante de um profeta, equivalia a estar na presença de Deus para conhecer a sua vontade, Ez 8. 1; 14. 1-7; 20. 1. As condições espirituais, até mesmo de profeta, dependiam muito do auxílio dos meios de graça e da meditação na lei de Deus. Não há provas que nos levem a crer que estas associações continuassem a existir depois de Elias, Eliseu, Isaías e Amós, Is 8. 16; Am 7. 14. A profetisa Hulda não fazia parte destas associações; ela habitava em Jerusalém, no segundo quarteirão da cidade, 2 Rs 22. 14.

RÃO

1. Nome de um dos descendentes de Buz, fundador de uma família de buzitas antecessor de Eliú, Jó 32. 2. Algumas vezes o identificam com o Arã de Gn 22. 21, mas este não descendia de Buz, além disso, Arã e Rão são nomes diferentes no original. Ver *Arã*.

2. Nome de um homem da tribo de Judá, da família de Hesrom e da casa de Jerameel, 1 Cr 2. 25, 27.

RAPOSA

Animal que habita em covas, Mt 8. 20, e nas ruínas solitárias, Lm 5. 18, muito hábil e artificioso na defesa e segurança de sua vida, Lc 13. 32; Ez 13. 4. Tristram enumera duas espécies, existentes na Palestina: a raposa do Egito *Vulpes nilotica*, e a raposa trigueira, *Vulpes flavescens*. A primeira é muito numerosa na Palestina central e meridional e a este do Jordão; a segunda, de maior corpo, talvez a única variedade da raposa comum, *Vulpes vulgaris*, domina a parte montanhosa do país. Sob esta designação geral, em hebraico *Shual*, os atuais habitantes da Palestina, à semelhança dos antigos, incluem também o chacal, que pertence à família dos cães. As trezentas raposas que Sansão amarrou, deveriam ser chacais, Jz 15. 4, porque é justamente na parte baixa da Palestina que eles são mais numerosos; à noite andam em bando, e durante o dia, se escondem em covas, o que facilita a sua caçada, ao passo que a raposa é animal solitário e difícil de se apanhar. O chacal alimenta-se de carnes putrefatas, Sl 63. 10, que a raposa repele; come frutas e carnes, e a raposa devasta as vinhas, Ct 2. 15.

RAQUEL, *Ovelha*.

Nome da filha mais nova de Labão, dotada de extraordinária beleza, da qual se enamorou Jacó ao primeiro encontro à beira do poço em Harã, na Mesopotâmia, quando ela tirava água para os seus rebanhos.

Como Jacó não possuísse propriedades nem recursos para dar em penhor de seu noivado, serviu a Labão durante sete anos para realizar seu consórcio. Tendo sido enganado por Labão, que lhe deu a Lia em vez de Raquel, e não sendo esta a mulher de sua escolha, serviu mais outros sete anos para obter a mão de Raquel, com a qual veio a casar, Gn 29. 1-30.

Foi mãe de José e de Benjamim, falecendo ao dar à luz a este último, Gn 30. 22-25; 35. 16-18, e sepultada ao norte de Efrata, melhor conhecida pelo nome de Belém. O jazigo era situado em um lugar que o viajante que vinha de Betel, encontrava antes de chegar a Belém. Jacó levantou um padrão sobre a sepultura de Raquel, que ali permaneceu por muito tempo, 19, 20, situado nos termos de Benjamim, 1 Sm 10. 2. A este lugar famoso, referiu-se S. Jerônimo e bem assim os peregrinos de Bordeaux no quarto século. Judeus, cristãos e maometanos, todos são acordes em reconhecer este local. O monumento levantado sobre a sepultura de Raquel tem o nome de *Kubbet Rahil;* tem a forma de uma pequena mesquita encimada por uma abóbada.

Túmulo de Raquel

Possui um apartamento aberto para o lado do oriente e um pequeno recinto fechado ao lado do oeste. O monumento atual não é de grande antigüidade.

O profeta Jeremias representa a Raquel chorando por seus filhos, os descendentes de seu filho José que formavam as tribos de Manassés e Efraim, ausentes no cativeiro, Jr 31. 15; cp. 9. 18. Em Ramá se fez ouvir a sua voz, não porque o profeta previu que os cativeiros de Judá e de Benjamim seriam reconduzidos a Ramá depois da queda de Jerusalém, antes de serem levados para o exílio, Jr 40. 1; porque Raquel não chora sobre o povo judeu, e sim sobre uma cidade chamada Ramá que talvez estivesse próxima ao sepulcro de Raquel, cp. 1 Sm 10. 2, ou mais provavelmente porque Ramá fosse o nome de uma elevação do território que tinha ficado aos filhos restantes de Raquel, descendentes de Benjamim e perto dos limites da despovoada Efraim, de onde se divisava a desolação da terra. A pintura que o profeta nos faz, representando a Raquel chorando por seus filhos, encontra-se realizada na matança dos inocentes de Belém na terra de Judá, Mt 2. 18, posto que não eram os filhos de Raquel e sim os de Lia que eram chorados. Raquel, contemplando as devastadas terras de Efraim, e lamentando a seus filhos mortos e exilados, era testemunha de que havia começado o processo que devia terminar com a ocupação da terra prometida pelos estrangeiros, a ocupação do trono por um rei edomita e pela matança dos filhos de Lia, com o intuito de matar o seu legítimo rei, destinado a salvar todo o Israel, e igualmente a Efraim, Benjamim e Judá. Esta descrição aparece com mais realidade nas dores das mães que choravam a matança de seus filhos em Belém; completava-se ali, com todas as cores de um quadro vivo. Raquel chorava de novo e desta vez com sua irmã Lia. As esperanças de Raquel de ver a volta de seus filhos para o Senhor, seu Deus e para Davi seu rei, Jr 30. 9, basearam-se no desejo de Lia de ver aquele filho de Davi em cujos dias Israel seria salvo e Judá habitaria sem temor, 23. 6. O grito de Raquel era o primeiro das lamentações que continuariam através dos séculos

e que seria ouvido em Belém, quando um rei estrangeiro, em hostilidades ao filho de Davi, legítimo rei dos judeus, mandaria homens armados para matar os infantes. Começou este processo quando Raquel chorou a primeira vez, e terminava agora, em que o quadro profético se completava.

RATO

Pequeno quadrúpede roedor, *Mus musculus*, e outras espécies aliadas da família *Muridae*, classificado animal imundo pela lei cerimonial, Lv 11. 29, porém que os israelitas comiam no tempo de Isaías, que se haviam entregado ao paganismo, deixando as leis mosaicas, Is 66. 17. O rato dos campos, *Arvicola arvalis*, destruíra as plantações, 1 Sm 6. 5. A palavra no hebraico é *akbar* e compreende, não só o gênero *mus*, mas também a família *Muridae*, com muitos animais de outras famílias que têm afinidade ou analogia com o camundongo. Os árabes incluem o gerbo sob a designação dos *akbar*, que eles comem, e vários outros animais parecidos com os ratos, tais como os ratos da areia, que pertencem à subfamília, *Gerbillinae*, e o dormice relacionado com a família *Myoxidae*.

REABIAS, *Jeová é compreensivo.*

Nome de um dos filhos de Eliezer e neto de Moisés, 1 Cr 23. 17; 24. 21; 26. 25.

REAÍAS, *Jeová tem visto.*

1. Nome de um dos filhos de Sobal, descendente de Judá por via de Hesrom, 1 Cr 4. 2.

2. Nome de um rubenita, 1 Cr 5. 5.

3. Nome do fundador da família dos natineus. Alguns deles voltaram do cativeiro, Ed 2. 47; Ne 7. 50.

REBA, *Quarta parte.*

Nome de um dos cinco reis midianitas aliados de Seom, ou seus vassalos, morto pelos israelitas na guerra que lhe moveu Moisés, por haverem seduzido o povo para a idolatria e para a licenciosidade, Nm 31. 8; Js 13. 21.

REBECA, *Corda com laço*, i. é, *donzela cuja beleza prende os homens.*

Nome de uma das filhas de Betuel. Quando ela se aproximava do poço para tirar água, levando o seu cântaro, apareceu-lhe o servo de Abraão, que havia mandado procurar mulher para seu filho Isaque, e pediu-lhe de beber. Não somente lhe deu a água que pedia, como também se lhe ofereceu para dar de beber aos seus camelos. Viu nisto a resposta à oração que havia feito a Deus. Por este ato de cortesia, revelou as disposições generosas de que era dotada a filha de Betuel. Encantado pela sua beleza, encheu de presentes aquela que ia ser a esposa do filho de seu amo. Não lhe sabia o nome, mas perguntou-lhe de quem era filha, e se havia lugar para ele em casa de seu pai. Satisfeito o seu desejo, expôs a Nacor, pai da moça, o objeto de sua viagem à Mesopotâmia, terminando com o pedido de Rebeca para esposa de Isaque.

Obtido o consentimento, e manifesto o desejo da moça, o servo de Isaque a levou consigo; e ela veio a ser mãe de Esaú e de Jacó, Gn 24. 1-67. As suas preferências eram por Jacó. Não confiando muito na promessa que lhe havia sido feita acêrca de Jacó, lançou mão de artifícios a fim de alcançar para o seu predileto as bênçãos que por direito de nascimento pertenciam a seu irmão Esaú, 25. 28; 27. 1 até cap. 28. 5. Morreu quando ainda Jacó morava na Mesopotâmia, e foi sepultada na cova dos dois repartimentos, chamada Macpela, Gn 49. 31.

RECA

Nome de um lugar desconhecido da tribo de Judá, 1 Cr 4. 12.

RECABE, *Cavaleiro.*

1. Nome de um dos filhos de Rimom de Beerote, capitão de um bando de salteadores, ao serviço de Is-Bosete. Entrando em casa deste filho de Saul, e encontrando-o dormindo à sesta, matou-o e lhe cortou a cabeça, 2 Sm 4. 2, 5.

2. Nome de um queneu, 1 Cr 2. 55, pai de Jonadabe, convidado por Jeú a tomar lugar em seu coche, para ver o seu zelo pelo Senhor, 2 Rs 10. 15, 23.

3. Nome do pai de Malquias, capitão do bairro de Bete-Hac-Cherém, Ne 3. 14.

RECABITAS

Nome de uma tribo de queneus que habitavam entre os israelitas. O chefe chamava-se Jonadabe, filho de Recabe, que lhes ordenou absterem-se de vinho e de toda bebida que pudesse embriagar, a não possuírem habitações fixas, a não plantarem vinhas, e a viverem em tendas. Por estes meios queria ele conservar os hábitos e os costumes primitivos. O profeta Jeremias provou a fidelidade desta gente, pondo diante deles taças cheias de vinho, que eles recusaram. Por isso, Deus prometeu que nunca faltaria varão da estirpe de Jonadabe que estivesse todos os dias na sua presença, Jr 35. 1-19. Ainda existem membros desta seita na Mesopotâmia e no *Yemen*.

RECENSEAMENTO

Arrolamento ordenado por Augusto, imperador romano, que, na providência de Deus, obrigou a José e Maria a irem até Belém, a fim de se cumprir a antiga profecia de que o Messias havia de nascer naquela cidade, Mq 5.2; Mt 2.5,6; Lc 2.1-20. Outro recenseamento se fez que provocou grande agitação entre o povo, At 5.37. Veja: *Quirino*.

REDE

A rede servia entre os hebreus para caçar aves, Pv 1. 17. Sem dúvida, como no Egito, a rede ou armadilha, consistia de dois semicírculos de madeira em forma de arco a que se prendia uma rede ou malha, colocados em um eixo comum. A armadilha punha-se aberta no chão, com a isca no centro. O movimento do pássaro ao arrebatar a isca, soltava uma mola, os círculos fechavam-se ràpidamente e a caça ficava presa.

Também empregavam a rede para pegar animais de outra espécie, Is 51. 20, sobre os quais a estendiam, ou lançavam, Ez 12. 13; 19. 8, ou a escondiam por baixo dos pés, Sl 9. 15; 25. 15; 57. 6; Lm 1. 13. As esculturas e os escritos antigos revelam que era costume estender as redes por grande espaço, presas a fortes estacas com uma entrada à moda de porta. Várias espécies de caça eram apanhadas por este processo, tais como lebres, porcos silvestres, veados, etc. Uma vez dentro, facilmente eram apanhados. Usavam pequenas redes para fechar as entradas no mato ou para cercar caminhos estreitos. Serviam-se ainda os antigos de sacos de malhas, em que os animais entravam como em um túnel sem saída. Na pescaria empregavam as redes de arrastão, Hc 1. 15; Mt 13. 47, 48, e as redes de aremesso, 4. 18; Jo 21. 6; Heród. 1. 141. Os hebreus também faziam uso das redes de arrastão à moda dos egípcios, Is 19. 8, eram muito largas e feitas de cordas de linho. A ourela inferior descia ao fundo do rio ou do mar levada por blocos de chumbo a ela presos, e a orla superior flutuava com o auxílio de pedaços de madeira. Esta espécie de rêde era usada em todo o mundo. Homero, Odisséia, 22. 384-387; Plínio, Hist. Nat. 15. 8, 13.

RÊDESINHAS ver COIFA

REDOMA

Pequeno vaso com tampo para o fim de guardar óleos essenciais, 2 Rs 9. 1; Mt 26. 7. Ver *Copo 1*.

REELAIAS, *Tremor causado por Jeová.*

Nome de um dos chefes do povo que vieram de Babilônia em companhia de Zorobabel e de Josué, Ed 2. 2. Em Ne 7. 7, é conhecido por um sinônimo do mesmo nome, que é Raamias.

REFA, *Riquezas.*

1. Nome de um antecessor de Josué, e talvez filho de Berias, 1 Cr 7. 25.

2. Nome de um dos filhos de Benjamim, 1 Cr 8. 2, que não foi contado com os que acompanharam a Jacó para o Egito, Gn 46. 21, e que provavelmente nasceu depois de lá se achar. Não fundou família tribal. Os seus descendentes, se é que os teve, entraram em outras famílias da tribo de Benjamim.

3. Nome de um descendente de Jônatas, 1 Cr 8. 37, chamado Refaias em 9. 43, que é nome sinônimo.

REFAINS

1. Nome de um povo, homens de grande estatura, que nos tempos antigos, e mesmo antes de Abraão ter chegado à Palestina, ali habitavam, ocupando as terras de ambos os lados do Jordão, Gn 14. 5; Dt 2. 11, 20; 3. 11; e Gn 15. 20; Js 17. 15. Um resto deles refugiou-se entre os filisteus, quando os hebreus entraram em Canaã, 2 Sm 21. 16, 18, 20, 21.

2. Nome de um vale perto de Jerusalém e de Belém, Antig. 7. 4, 1; 2 Sm 23. 13, 14, ao sul da cidade e do vale de Enom, Js 15. 8; 18. 16, muito fértil, Is 17. 5, que se presume ter sido habitado pelos refains. Por duas vezes, neste vale, Davi derrotou os filisteus, 2 Sm 5. 18-22; 23. 13; 1 Cr 11. 15; 14. 9. É quase certo que seja o grande vale, de cerca de três milhas de comprimento, que se estende a sudoeste de Jerusalém, começando na ravina que serve de limite à cidade pelo lado do sul e do oeste, até meio caminho de Belém. Declina rapidamente para o ocidente. É pedregoso, mas de grande fertilidade.

REFEIÇÕES

Os israelitas comiam duas vezes ao dia, pela manhã e à tarde, Êx 16. 12; 1 Rs 17. 6; Jo 21. 4, 12. Este costume não impedia que se comesse mais vezes, nos intervalos destas refeições. Os servos tomavam refeições ao meio dia, Rt 2. 14. Os ascetas essenos tinham duas refeições em cada dia: a primeira, à quinta hora, ou às 11 da manhã, e a outra, à tarde, Guerras 2. 8, 5. Entre os judeus, mais restritos do tempo de Cristo, o jejum da noite não era quebrado por uma refeição, em dia comum, antes das nove horas do dia, que era a hora de oração, At 2. 15. Nos dias de sábado, as refeições não deviam ser tomadas antes do meio dia, quando terminava o culto na sinagoga, Vida, 54. A principal refeição do dia era tomada à tarde, Guerras 1. 17; Vida 44, cp. Gn 19. 1-3; Êx 12. 18; Rt 3. 7. Os banquetes entre os egípcios e os sírios, eram muitas vezes celebrados ao meio dia, Gn 43. 16; 1 Rs 20. 16.

Quanto ao modo de se porem à mesa, os antigos hebreus à semelhança dos egípcios e dos gregos, Ilíada 10. 578; Anab. 6. 1, 3, e dos modernos árabes, costumavam assentar-se, provavelmente em capachos estendidos no chão, Gn 27. 19; Jz 19. 6. 1 Sm 20. 5, 24; 1 Rs 13. 20. Mais tarde, reclinavam-se em leitos, Et 1. 6; 7. 8; Ez 23. 41; Jo 21. 20. Este costume ainda prevalecia no período grego-romano Mc 7. 4. Estendiam três leitos, ou divãs, aos lados da mesa de modo a ocupar três lados de um quadrado, deixando o outro lado aberto para entrada dos serventes portadores das iguarias. Os leitos eram de três categorias, superiores, médios e inferiores. O superior ficava à direita do servo que se aproximava da mesa. Em geral, somente três pessoas ocupavam um dos leitos e ocasionalmente, quatro ou cinco. O corpo estendia-se no leito em posição diagonal, com a cabeça perto da mesa e os pés estendidos para trás e fora do leito. O cotovelo esquerdo descansava sobre um travesseiro para sustentar a parte superior do corpo. O braço direito ficava livre. A cabeça da pessoa reclinada defronte de outra apoiava-se no seio da que lhe ficava atrás, Jo 13. 23; 21. 20. As três posições em cada um dos leitos denominavam-se: superior, média e inferior. A pessoa de maior posição não tinha ninguém atrás de si. A posição de honra, Mt 23. 6 era o lugar mais alto também do leito mais alto. Só em certos casos as mulheres comiam junto com os homens, Rt 2. 14; 1 Sm 1. 4; Jó 1. 4.

Os hebreus e os gregos, à semelhança dos árabes, lavavam as mãos antes de comer, Mt 26. 23; Ilíada 10. 577; Odis. 1. 136, porque geralmente havia só um prato na mesa, onde todos metiam a mão. Este costume converteu-se em ritual que era observado pelos fariseus, e, como tal, Jesus o condenou, Mc 7. 1-13. Antes de tomar as refeições pediam a bênção de Deus, como fez Samuel, 1 Sm 9. 13, como fazia Jesus, Mt 14. 19; 15. 36; 26. 26, e como era costume entre os primitivos cristãos, At 27. 35. No tempo de Cristo ainda vigorava este hábito, cp. Guerras 2. 8, 5. Uma côdea de pão servia de colher para tirar o môlho, a carne, ou a sopa da tigela, que era transportada na palma da mão, em concha, para um prato. As vezes faziam-se pratos separados para cada um, Rt 2. 14; 1 Sm 1. 4; Jo 13. 26. As orações depois da comida obedeciam às palavras do Dt 8. 10, Guerras 2. 8, 5. Nos banquetes especiais, quando comparecia grande número de convidados que se reuniam em torno da mesa, observava-se largo cerimonial. Mandava a cortesia que os hóspedes recebessem o ósculo de boas-vindas, Lc 7. 45, e que se lhes desse água para lavar os pés e as mãos, Gn 18. 4; 19. 2; Lc 7. 44; Jo 2. 6. Os convidados, por sua vez, deveriam trazer as melhores roupas, perfumar o cabelo, a barba e

Refeição à moda romana

até as vestes, Am 6. 6; Sab. 2. 7. Em certos casos, recebiam estes cuidados na própria casa, onde eram recebidos, Lc 7. 38; Jo 12. 3. Geralmente traziam a cabeça coberta com turbante, Is 28. 1; Sab. 2. 7, 8; Antig. 19. 9, 1, e trajavam-se conforme a sua categoria social. 1 Sm 9: 22; Lc 14. 8, como era costume no Egito, Gn 43. 33. Usava-se também distribuir quinhões a cada um dos assistentes, 1 Sm 1. 4, distinguindo

Refeição entre os orientais

com maior porção, os hóspedes de mais dignidade, 1. 5; 9. 24, como se fazia no Egito, Gn 43. 34. Aos banquetes presidia uma pessoa para isso indicada, a fim de dirigir os serviços, provar as viandas e dar as providências que fossem reclamadas, Ecclus. 32. 1, 2; Jo 2. 9, 10. Os banquetes tornavam-se mais agradáveis com a assistência de uma orquestra de instrumentos músicos, Is 5. 12; Ecclus. 32. 5, 6, de cantores, 2 Sm 19. 35; Am 6. 4-6, de bailados, Mt 14. 6; Lc 15. 25, e adivinhações, Jz 14. 12.

Estes costumes refletiam a maneira por que os gregos celebravam os seus banquetes. Os convidados ocupavam lugares de acordo com a sua jerarquia e os mais distintos eram servidos com iguarias especiais, Heród. 6. 57; Ilíada 7. 321. No final dos banquetes, servia-se o vinho, distribuíam-se coroas e várias espécies de perfumes. O presidente da festa escolhia-se dentre os assistentes, Anab. 6. 1, 30. As suas ordens tinham foros de lei. Provava a comida e o vinho antes de irem para a mesa, governava os criados, regulava a porção do vinho e da água que tinha de ser misturada com este, determinava a quantidade que cada um poderia beber. Também dirigia os divertimentos, a que não faltavam as danças, os cânticos e representações, Platão, Simpos 2; Legg. 671; Anab. 6. 1, 3-13.

Existia entre os egípcios uma prática muito esquisita. Segundo conta Heródoto, 2. 78, nos banquetes das pessoas abastadas era costume trazer para a sala a imagem de um defunto dentro de um esquife, que faziam circular em torno da mesa, e mostravam-no a cada um dos convivas, com a seguinte observação: "Olha para isto, bebe e regala-te porque depois da morte ficarás assim."

REFIDIM, *Larguezas.*

Lugar onde se acamparam os israelitas no deserto, entre Sim e o Sinai, Êx 17. 1; 19. 2; Nm 33. 12, 15. Não havia água neste lugar, e o povo começou a murmurar. Moisés, acompanhado pelos anciãos, foi ter com Jeová que lhe ordenou ferir a rocha donde logo brotaram águas abundantes, Êx 17. 5, 6. A água corria para o campo e serviu para saciá-los durante o percurso até ao monte Sinai. Refidim foi o lugar onde se feriu a batalha dos israelitas contra Amaleque, sendo êste derrotado, enquanto Moisés tinha as mãos erguidas para o céu, de quem dependia a vitória, Êx 17. 8-16. O local não está bem determinado. Robinson, e depois dele Wilson, assinalam um ponto onde existe um parapeito de rochas, chamado Wateiyah correndo em direção de sudeste para sudoeste, até chegar ao *wady esh-Sheikh*. Burckhardt, Stanley e outros, pensam que deve ser o belo *wady Feiran*, por onde correm abundantes águas. Veja *Meribá*.

REFINADOR

Pessoa que depura os metais preciosos, tais como a prata e o ouro, submetendo-os repetidas vezes à ação do fogo até que seja despojado de todas as fezes, Zc 13. 9; cp. Sl 12. 6. Dizem que o refinador sabe quando o metal se acha completamente depurado, logo que a sua imagem se reflete na superfície do metal em fusão. Deus é comparado a um refinador de prata; êle lança o seu povo na fornalha da aflição até que seja purificado, e só então a sua imagem se reflete na alma, Ml 3. 2, 3.

REGEM, *Amigo.*

Nome de um homem de Judá, filho de Jadai, 1 Cr 2. 47.

RÉGEN-MELEQUE, *Amigo do rei.*

Nome de um homem que foi enviado de Betel em companhia de outros, para fazer perguntas aos sacerdotes acêrca do jejum, Zc 7. 2.

RÉGIO

Nome de uma cidade da Grécia, situada na costa da Itália, defronte de Messina na Sicília. O navio em que ia S. Paulo tocou em Régio, depois de haver feito um circuito por Siracusa, At 28. 13.

Régio é agora capital da Calábria. É cidade considerável, exportadora de laranjas, limões, azeite, etc.

REI

Nome que se dá ao chefe que governa um reino. A princípio, representava um poder autocrático. Nimrode governava um reino em Babilônia formado de diversas cidades, Gn 10. 10. Quedorlaomer era rei dos elamitas e chefe de uma confederação de reis, 14. 1-5. Faraó exercia autoridade sôbre os príncipes do Egito, 12. 15. Nabucodonosor, rei de Babilônia e Artaxerxes, rei da Pérsia, eram reis que dominavam outros reis, Ed 7. 12; Dn 2. 37; cp. 2 Rs 24. 17. Em Canaã, em tempos de Abraão, o governo de um rei circunscrevia-se à cidade de sua residência, Gn 14. 2, 18; 20. 2.

Alguns séculos depois, Josué enumerou trinta e um reis que ele havia vencido, nos limites de Canaã, Js 12. 7-24. Somente depois que as tribos e as nações vizinhas da Palestina haviam sido governadas por monarcas, é que os israelitas pediram rei. Este pedido foi prontamente atendido, apesar de ser uma rebelião contra Jeová, se bem que tal forma de governo não era incompatível com a teocracia. Esta instituição, em seus princípios, contemplava o governo divino, exercido por meio de agentes humanos. Veja *Teocracia*. Moisés previu a necessidade que mais tarde se havia de sentir para o estabelecimento de um rei visível e deu as providências para o caso, do mesmo modo que o fizeram os profetas e os sacerdotes, explicando ao povo quais eram os direitos do rei, representantes do rei invisível, Dt 17. 14-20. Estabelecido o primeiro rei sobre Israel, nem por isso foi abolida a teocracia, ele seria o vice-regente de

Jeová. Logo que Saul perdeu de vista a sua verdadeira função, procurando agir de encontro à vontade de Deus, outro foi escolhido para ocupar o trono. Os reis que o sucederam, sempre que se esqueciam das leis de Jeová, comprometiam os seus direitos ao trono, 1 Rs 11. 31-36. Para estudo dos reis que governaram Judá e Israel veja *Cronologia*.

Para que um indivíduo qualquer pudesse exercer funções de realeza, era preciso que fosse nomeado para esse cargo por uma autoridade superior, 1 Sm 9. 16; 16. 1, 13; 2 Rs 23. 33, 34; 24. 17; por escolha popular, 1 Sm 18. 6; 2 Sm 5. 1-3; 1 Rs 12. 20; 2 Rs 23. 30; pela usurpação, 1 Rs 15. 27, 28; ou por herança, 11. 36. A cerimônia da coroação entre os israelitas consistia regularmente em colocar o rei no trono, pôr-lhe a coroa na cabeça, derramar-lhe óleo e fazer a proclamação, 2 Rs 11. 12; cp. 1 Sm 10. 24; 2 Sm 2. 4; 5. 3; 1 Rs 1. 34; 2 Rs 23. 30. Este ato era acompanhado de sacrifícios, e às vezes, seguido de uma procissão solene, 1 Sm 16. 2, 5; 1 Rs 1. 25, 43-46. Os reis, às vezes, conduziam os exércitos à batalha, Gn 14. 5; Nm 21. 23; 1 Sm 8. 20; 14. 20; faziam tratados em benefício seu e de seu povo, Gn 21. 22-32; 1 Rs 15. 19; faziam leis e as executavam, Et 3. 12, 13; 8. 7-12; Dn 3. 4-6, 29; 6. 6-9; exerciam funções judiciais, 2 Sm 15. 2; Is 33. 22, e tinham poder de vida e morte, 2 Sm 14. 1-11; 1 Rs 1. 51, 52; 2. 24-34; Et 4. 11; 7. 9, 10. As restrições para o governo do rei eram o temor a Deus e o respeito aos homens. A vontade do povo devia ser conhecida do rei, 1 Sm 14. 45; 15. 24. Não deviam oprimir o povo, sem sofrer graves conseqüências, 1 Rs 12. 4. Os oficiais da religião, tanto sacerdotes como profetas, agiam independentes da vontade do rei e não hesitavam em condenar os erros deste, 1 Sm 13. 10-14; 15. 10-31; 2 Sm 12. 1-15; 1 Rs 18. 17, 18; 21. 17-22; 2 Cr 26. 16-21.

Os reis déspotas rompiam tôdas estas restrições, 1 Sm 22. 17-19; 1 Rs 12. 18-16; Jr 26. 20-23. Em virtude dos deveres inerentes às funções reais e às suas prerrogativas, os reis deveriam possuir grande poder físico e mental a fim de bem governar. A superioridade física é apreciável sempre que ela se manifesta. Quando Saul foi apresentado ao povo e este o viu mais alto do que todos do ombro para cima, exclamou: "Viva o rei", 1 Sm 10. 23, 24; cp. 16. 7. Para ser bom juiz, o rei deveria ser dotado de espírito penetrante, capaz de distinguir a verdade do êrro, de fazer justiça ao inocente e castigar o criminoso. Por este motivo, o povo sentiu-se profundamente impressionado com o primeiro julgamento de Salomão, descobrindo, entre as duas mulheres que disputavam a posse de uma criança, qual delas era a verdadeira mãe, 1 Rs 3. 28; cp. Is 11. 1-9. Não basta, porém, um espírito penetrante; é preciso que também seja dotado de qualidades morais que o habilitem a fazer justiça sem respeito à pessoa dos grandes e sem desprezo pelo pobre. Para guarda de sua pessoa, o rei possuía um corpo de soldados sob o comando de um capitão, que vinha a ser o executor de sua vontade, 2 Sm 15. 18; 20. 23; com 1 Rs 2. 25, 29. Os reis possuidores de grandes riquezas, habitavam magníficos palácios e cercavam-se de grande magnificência, 1 Rs 10.

Deus é comparado a um rei que possui ilimitado poder, que ele usa sob a influência de suprema bondade, Sl 5. 2; 10. 16. Ele é o Rei dos reis, 1 Tm 6. 15. Cristo é rei, assim chamado porque o seu reino não é deste mundo, Jo 18. 33-38, e também é Rei dos reis, Ap 19. 16.

REI, *Amigável.*

Nome de um homem que não se juntou a Adonias na tentativa de usurpar o trono de Davi, 1 Rs 1. 8.

REINO

1. Território, ou povo que é governado por um rei, 2 Rs 15. 19.

2. O governo soberano que Deus exerce sobre o universo, 1 Cr 29. 11; Sl 22. 28; 145. 13; Mt 6. 13.

3. A soberania que Daniel profetizou que Deus estabeleceria na terra para sempre. Em confronto com os reinos deste mundo, representados sob a figura de animais, o reino de Deus é representado por um varão semelhante ao filho do homem, Dn 7. 13, 14. João Batista e nosso Senhor declararam que este reino estava próximo, Mt 3. 2; 4. 17. Jesus ensinou a seus discípulos que orassem pela sua vinda, 6. 10, instruiu os apóstolos, em sua primeira missão para que dissessem que o reino de Deus estava próximo, 10. 7, e mais tarde declarou que este reino já havia chegado, 12. 28; ilustrou a natureza deste reino por meio de parábolas. Chama-se reino dos céus e reino de Deus. O evangelista S. Mateus prefere a expressão reino dos céus; Marcos e Lucas preferem dizer Reino de Deus, cp. Mt 13. 24, 31, 33, 44, 45; com Mc 4. 11, 26, 30; Lc 14. 15; 17. 20, etc. Este reino é todo espiritual, e nenhuns meios materiais violentos servirão para o seu estabelecimento na terra, Jo 18. 33-37. Começou na terra com o ministério real de Cristo e será consumado nas bem-aventuranças do mundo eterno, Mt 25. 31-46; Lc 23. 42, 43. O reino dos céus vem a ser a "igreja invisível." É a república dos filhos de Deus, a verdadeira companhia de todo o povo fiel, representada pela igreja visível, mas que é maior do que ela em tôdas as idades do mundo.

REIS, 1 e 2 Reis, *Livros dos*

Estes dois livros dos Reis formavam originàriamente um só volume que os tradutores para o grego dividiram em dois e fazem parte dos livros "proféticos", do cânon hebreu, incluídos no grupo que se denominava dos "primeiros profetas." Os escritos desta classe formam uma narrativa continuada que começa com a morte de Moisés e termina com o cativeiro. O livro de Josué é o primeiro desta série, e o livro dos Reis é o último. Estes dois últimos foram escritos com o intuito de expor o ensino religioso da história nacional durante o período monárquico desde a ascensão do rei Salomão. O autor mostra o desenvolvimento e a decadência do reino, assinala as suas causas e dá grande atenção à parte da história em que predomina o caráter moral e religioso, cp. 2 Rs 17. O livro contém fatos que abrangem um período de cerca de 400 anos, e, portanto, o seu autor serviu-se de escritos anteriores como fontes de informação, principalmente do "livro das crônicas dos reis de Israel", 1 Rs 14. 19, até a morte de Pecá, e o "livro das crônicas dos reis de Judá", 29, até a morte do rei Joaquim. Acredita-se que estas crônicas foram originalmente, como bem o dizem os seus títulos, duas obras distintas, que ultimamente se reuniram em um só volume, formando a obra citada pelo cronista com o nome de "livro dos reis de Judá e de Israel", 2 Cr 16. 11.

Ambas estas crônicas continham mais matéria do que os atuais livros dos reis, porque o seu autor remete os leitores para esse livro a fim de obter maiores minudências, 1 Rs 14. 19, 29. O autor das Crônicas, ou *Paralipômenos*, também cita alguns trechos que não se encontram nos livros dos Reis, 2 Cr 27. 7; 33. 18. Diz-se geralmente que os dois livros de Crônicas não eram registos públicos, e sim compilações de vários documentos.

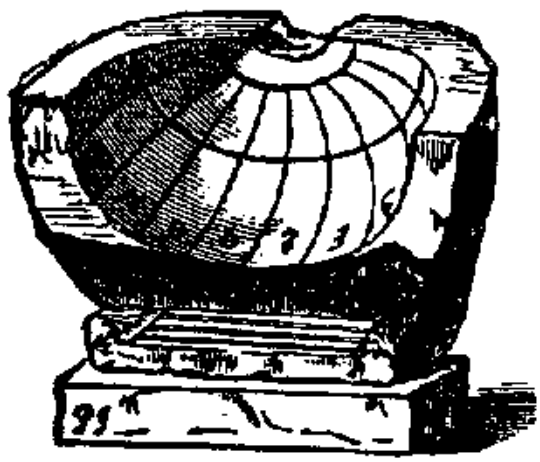
Esta opinião firma-se no fato de se encontrarem neles os escritos de vários profetas como fazendo parte dos livros dos Reis de Israel, 2 Cr 20. 34; cp. 32. 32, o que não teria acontecido se o livro fosse o registo oficial de fatos que diariamente eram nele inseridos por algum escriba. As Crônicas foram escritas antes da queda de Jerusalém, porque a frase "até ao presente dia" se refere invariàvelmente ao tempo em que o templo e a cidade ainda existiam, 1 Rs 8. 8. Se isto não provar que o escritor dos livros dos Reis existiu antes do exílio, mostra pelo menos, que o mesmo

não se dava com o autor do livro por ele citado. Se o autor dos livros dos Reis começou a escrevê-los antes da destruição de Jerusalém, ou não, com certeza não lhe pôs o fim senão lá pelos meados do cativeiro de Babilônia, 2 Rs 25. 27, visto que a obra não faz referência ao livramento do povo. O autor interessa-se mais particularmente com a história da monarquia de Davi. Semelhante ao autor do Gênesis, ocupa-se com os assuntos subsidiários em vez de tratar do tema principal.

Seguindo este método, recorda acontecimentos referentes a Israel, antes de relatar a história contemporânea de Judá. Isto o leva algumas vezes a narrar o mesmo acontecimento em conexão com os dois reinos, do norte e do sul. 1 Rs 15. 16, 32; 2 Rs 17. 5, 6; 18. 9. A obra divide-se em três partes. I. Reinado de Salomão, 1 Rs caps. 1-11. II. Narração sincrônica dos reinos de Judá e Israel, até ao cativeiro de Israel. 1 Rs caps. 12 a 2 Rs cap. 17. III. O reino de Judá até ao cativeiro de Babilônia.

RELÓGIO

Nome de um instrumento, que consistia em uma superfície graduada por meio de linhas, e armado de um gnômon que projetava a sua sombra sobre as linhas, à medida que o sol se adiantava em seu curso diurno, indicando as horas; o relógio do rei Acaz, 2 Rs 20. 11; Is 38. 8, era um aparelho desta natureza, tendo um mostrador plano, ou côncavo, com linhas de graduação, introduzido na Palestina e usado em Babilônia antes do tempo de Heródoto, Heród. 2. 109, ou pelo menos desde o oitavo século A. C. O relógio do



Relógio antigo

rei Acaz, segundo antigos escritores, consistia em uma escadaria, cujos degraus eram dispostos de tal sorte que a sombra de um obelisco, levantado no centro, marcava as horas do dia pela sombra neles projetada. O recuo da sombra no relógio de Acáz tem sido explicado por vários modos, motivado por um miraculoso movimento de reversão da terra, ou por igual movimento do sol, pela refração dos raios solares, ou ainda por um eclipse solar.

REMALIAS, *Jeová adornou.*

Nome do pai do rei Pecá, 2 Rs 15. 25.

REMETE, *Lugar alto.*

Nome de uma cidade nas fronteiras de Issacar, Js 19. 21.

RENFÁ

Nome de um deus, adorado pelos israelitas no deserto, At 7. 43. Esta passagem é uma citação do Antigo Testamento. O nome, no hebreu, é *Raiphan*, que os Setenta traduziram por *Kaivan*, como era conhecido o deus Saturno entre os sírios. Parece que é o mesmo deus referido por Am 5. 26. Em vista de sua origem mais que provável do nome *Rephan*, a identificação proposta como deus *Renpu* dos egípcios, cai por terra.

RENOVO

Título aplicado a Jesus Cristo como renovo de Davi, Jr 23. 5; 33. 15; Zc 3, 8; 6. 12.

REOBE, *Espaço aberto, rua larga.*

1. Nome de uma cidade, situada na linha-divisória do território da tribo de Aser, Js 19. 28, talvez a mesma cidade de igual nome pertencente a esta tribo, 30. Os israelitas não expulsaram desta cidade os cananeus, Jz 1. 31. Tocou na partilha aos levitas, Js 21. 31; 1 Cr 6. 75. Situação ignorada.

2. Nome do pai de Adarezer, rei de Soba, 2 Sm 8. 3, 12.

3. Nome de um levita que assinou o pacto juntamente com Neemias, Ne 10. 11.

REOBOTE, *Lugares amplos, ruas largas, espaço, liberdade.*

1. Nome de um poço, aberto por Isaque no vale de Gerara. Uma vez que os pastores filisteus não o reclamavam para si, como o haviam feito antes, ele o apelidou de Reobote, que quer dizer largura, Gn 26. 22. Robinson identifica este vale com o *wady Ruheibeh*, situado a um dia de viagem para o sul de Berseba; porém não encontrou ali poço algum. Stewart achou um, que também foi visto por Rowlands. Palmer achou um segundo poço que havia escapado às vistas dos outros exploradores, por achar-se coberto de pedras.

2. Nome de um subúrbio da cidade de Nínive, Gn 10. 11.

3. Nome de uma cidade "do rio", Gn 36. 37; 1 Cr 1. 48. "O rio" quer dizer o Eufrates. Chesney indicou Raabé, a 3 milhas distante da margem direita do rio, e 8 milhas abaixo da foz do *Kabour*. Neste lugar existe um castelo cercado de ruínas. Quatro ou cinco milhas mais abaixo, na margem oriental, existe outra Raabé, chamada Raabé Malique (Raabé Real). Qualquer destas pode ser o verdadeiro local, mas não é possível dizer com certeza, qual delas será. A tradição judaica inclina-se pela segunda.

REOBOTE-IR, *Espaços abertos, ou mercado da cidade.*

Nome de uma cidade que fazia parte da grande cidade de Nínive, como se disséssemos: Nínive, a Grande, Gn 10. 11.

RÉPTIL

Nome de todo animal que se arrasta, Gn 1. 24, 25, quer seja da terra, quer seja das águas, 6. 7; Sl 104. 25, e bem assim os que andam de rastos sobre a terra, ainda que tenham quatro ou mais pés, Lv 11. 41, 42.

REQUÉM, *Variegado.*

1. Nome de um dos cinco reis de Midiã, aliado ou vassalo de Seom, morto na guerra de Moisés contra os midianitas, que haviam seduzido os hebreus a práticas licenciosas e a atos de idolatria, Nm 31. 8; Js 13. 21.

2. Nome de um dos filhos de Hebrom, descendente de Calebe, 1 Cr 2. 43.

3. Nome de uma cidade da tribo de Benjamim, Js 18. 27.

4. Nome de um homem da tribo de Manassés, 1 Cr 7. 16.

RESÁ

Nome de um dos descendentes de Zorobabel e um dos antecessores de Cristo, Lc 3. 27.

RESEFE, *Flama.*

Nome de um dos descendentes de Efraim, e talvez filho de Berias, 1 Cr 7. 25.

RESÉM

Nome de uma cidade da Assíria situada entre Nínive e Calá, Gn 10. 11, 12. Esta e outras cidades próximas a Nínive constituíam um núcleo

que denominavam a Grande Cidade. Situação incerta. Pensam alguns que estava no local onde existe a cidade de *Resheni* ao norte de *Dur-sharrukin*.

RESINA, BÁLSAMO

Tradução da palavra hebraica *Seri*, lôdo, produto vegetal obtido especialmente em Gileade, Gn 37. 25; Jr 8. 22; 46. 11, e exportado da Palestina, Gn 37. 25; Ez 27. 17. Usava-se como linimento para curar feridas, Jr 51. 8. Cria-se muito, e ainda há quem creia, que o bálsamo da Gileade era o opobálsamo, oleoso, uma resina de cor verde-amarelada, de consistência semelhante ao mel, a que atribuíam maravilhosas virtudes curativas. Era extraído de uma árvore *Balsamodendron opobalsamum*, ou *gileadense* da ordem *Amyridaceae*, Amiridis. Atingia a altura de dois a três metros. A identificação do opobálsamo com o Bálsamo de Gileade, ainda está um pouco em dúvida, pela razão de que a árvore que o produz não se encontra em Gileade, nem mesmo nos jardins, e não há provas de que jamais tenha existido naquele lugar. É antes natural da Arábia e da Núbia, e, por isso, dão-lhe o nome de bálsamo de Meca.

Na Versão Brasileira, em Gn 37, 25, a palavra hebraica *Seri*, é traduzida por mastique, *Pistacia lentiscus*, árvore frondosa e sempre verde, de cerca de quatro metros de altura, natural da Palestina, Plínio, 14. 25. A sua resina aromática transparente de um amarelo pálido, queimava-se como incenso, e, dissolvida em água, fornecia uma loção agradável; óleo produzido pela casca, pelas fôlhas e pelas bagas, servia para fins medicinais. Josefo faz menção de uma planta produtora de um bálsamo mui precioso, cultivada em Jericó, mas sem fornecer pormenores para sua identificação, Ant. 14. 4, 1; 15. 4, 2; Guer. 1. 6, 6. Desde o tempo das cruzadas que não se tem notícia dela, e supõe-se extinta.

RESSURREIÇÃO (*Anástasis, égersis*, levantar, erguer, surgir, sair de um local ou de uma situação para outra). Latim — *resurrectio*, o ato de ressurgir, voltar à vida, reanimar-se. Bìblicamente, entende-se o termo *ressurreição* como o mesmo que ressurgir dos mortos, Mt 22. 28, 30, 31.

A ressurreição dos mortos ou do corpo é doutrina expressa da Revelação bíblica. Significa, de modo geral, e em linguagem popular, união da alma ou espírito ao seu corpo, após morte física, Ec 12. 7, e, especificamente, a reunião da alma humana ao seu próprio corpo, após a morte física, na segunda vinda do Senhor, e como antecedente ao julgamento final e universal da raça humana, de modo a nunca mais passar outra vez pela experiência da morte física. Exemplos de ressurreições no sentido geral, de pessoas que morreram e que viveram de novo por algum tempo, vindo, todavia, a morrer segunda vez, são os casos de duas crianças, na época de Elias e Eliseu, profetas, 1 Rs 17. 21-24; 2 Rs 4. 20, 32-36, a da filha de Jairo, a do filho da viúva de Naim, Lc 7. 11-15; 8. 49-55, a do amigo de Jesus, de nome Lázaro, Jo 11. 1-44, e outros, 2 Rs 13. 21; At 17. 36-42; 20. 9-12.

A expressão — *ressurreição do corpo* ou *da carne* — não se encontra nas Escrituras, que usam pelo menos três fórmulas para denotar a Doutrina: 1) ressurreição *de* mortos; 2) ressurreição *dos* mortos e 3) ressurreição *dentre* os mortos, 1 Co 15. 12, 13, 20, 21 e em outros lugares do Novo Testamento. Parece que as duas primeiras frases referem-se à ressurreição de modo genérico, ou em geral, como um fato revelado e como doutrina, ao passo que a frase — *dentre* os mortos — procura dar ênfase à mudança de estado ou de situação da alma ressurgida ou ressuscitada, que é um retorno à vida individual e pessoal. Alguns intérpretes julgam ver ainda nessa última frase referência específica e exclusiva à ressurreição de Cristo ou só dois salvos em Cristo, que, na nova e gloriosa situação, se separam definitivamente dos mortos que continuam nesse estado, tanto física, quanto espiritualmente, e isto para sempre. A fórmula — ressurreição do *corpo* ou da *carne* — era comum na Igreja pós-apostólica, tanto entre os escritores cristãos da época, como nos credos conhecidos, entre os quais o chamado Credo dos Apóstolos. As frases referidas eram usadas com protesto e reação contra a errônea crença pagã e gnóstica, da época, de ser a matéria, o corpo, a carne, os seres físicos, enfim, maus por natureza e, assim, a fonte do mal no mundo.

Era generalizada, desde os dias mais antigos da humanidade, a crença da sobrevivência da alma, a sua imortalidade ou seja sua vida ou existência futura, após a morte física. Mas, quanto à ressurreição corporal, que passaria também à imortalidade no após túmulo, unido de novo à alma e em situação adequada à nova existência, no *além*, os antigos pagãos ignoravam completamente. A fé, crença ou esperança da ressurreição dos mortos, era e é doutrina revelada. A ressurreição, bìblicamente entendida, é do corpo humano, e não da alma, que não pode morrer nem dormir; visto que estes são fenômenos puramente físicos e materiais, totalmente fora do campo espiritual, Mt 10. 28; 27. 51; Fp 3. 21; Rm 8. 11; 1 Co 15. 35, 37, 41-44, 53-54, e outros do Novo Testamento. Cristo, em linguagem metafórica e veemente, chegou a dizer que "os *mortos* ouvirão a voz do Filho de Deus... e viverão... e todos que se acham *nos túmulos* ouvirão a sua voz e sairão", Jo 5. 25, 28. Ora, o que realmente morre e vai para os túmulos é o *corpo* e nunca a alma, Ec 12. 7. As palavras do Senhor, assim usadas metonìmicamente, salientam que a ressurreição é do *corpo*, da *carne*, ou é dos *mortos*. Isto a antigüidade, fora da Revelação, ignorou sempre.

A doutrina da ressurreição geral foi vislumbrada desde muito cedo pelo povo de Deus, o povo hebreu, a princípio como matéria de grande esperança. O fato de ser Deus o Deus dos seus pais ou patriarcas, Ex 3. 6; Mt 22. 31, 32; a trasladação para o céu, em pessoa, de Enoque e do profeta Elias, Gn 5. 22, 24; 2 Rs 2. 1-20; a crença firme de que os mortos crentes se reuniam aos seus queridos, ou no além, ou no *sheol* (lugar invisível dos mortos), como se lê em Gn 15. 15; 37. 35; Lc 16. 22; este fato comprova a crença israelita da ressurreição dos mortos, pelo menos dos fiéis crentes do povo do Senhor. Essas idéias tomaram mais corpo e destaque no correr dos tempos entre os hebreus, e já se falava mesmo, antes do Exílio, como depois, numa ressurreição geral, Dn 12. 2, 3; Jó 3. 14-19; 14. 13-15; 19. 25-27 (texto que alguns comentaristas julgam duvidoso, mas sem bases sérias); Sl 16. 9-11; 17. 15; 49. 14, 15; Is 26. 19; 19. 9; 38. 18, 19; Hb 11. 19, 26, 35. Depois do Exílio, já pelos fins da antiga aliança, a crença da ressurreição se tornara muito popularizada mediante a literatura apocalítica e apócrifa da época. Tal era, já então, essa crença na ressurreição geral dos fiéis, que era também símbolo da restauração de Israel e da Nação, Ez 34. 23, 24; 37. 24, 25; Jr 30. 7; Os 3. 5 e semelhantes passos bíblicos.

A doutrina de uma ressurreição final e geral era comum, já nos dias de Cristo e dos apóstolos, embora negada pelos agnósticos materialistas, e os saduceus, Mt 22. 20-23, 31; Lc 20. 33; Jo 11. 23, 24; At 23. 6-8; 24. 14, 15, 21; 26. 4-8. Mas, a doutrina do fato da ressurreição dos mortos, ou seja da pessoa humana, corpo e alma, na segunda vinda de Cristo, para o juízo universal, só teve o seu ponto mais alto com o ensino de Cristo e de seus apóstolos inspirados. Foi Jesus, com a sua própria ressurreição e a glorificação do seu corpo, e ainda por sua obra redentora, 1 Co 15. 12-22; Rm 4. 24, 25; 5. 12, 17, "aquele que trouxe à luz a vida e a imortalidade", 2 Tm 1. 10, isto é, foi quem elucidou, esclareceu, evidenciou e certificou definitivamente o fato da vida eterna e da imortalidade da *pessoa humana* (e não só da

alma, como era a crença geral antiga). Por isso, Cristo é a ressurreição e a vida, Ele mesmo, Jo 11. 25.

A ressurreição corporal é ato da sabedoria e da onipotência divina, e nele concorrem as três Pessoas da SS. Trindade — o Pai, Mt 22. 29-32; Jo 5. 21; Rm 4. 17; o Filho, Jo 5. 21, 26, 29; 6. 39, 40, 44, 54; Fp 3. 21; o Espírito Santo, Rm 8. 11. Essa obra ou ato da ressurreição dos mortos é representada em o Novo Testamento sob tríplice aspecto: 1) como uma *vivificação*, 1 Co 15. 22; Rm 8. 11; 2) como uma *transformação*, 1 Co 15. 51, 52, 59; 3) como uma espécie de *recriação*, 1 Co 15. 36, 37, 38, 49. De fato nesse maravilhoso conteúdo, operam o Pai (o Agente), o Filho (o Mediador), o Espírito Santo (o Executor).

O Novo Testamento dá à ressurreição corporal algumas características:

1) É parte essencial do Evangelho, isto é, é *graça divina*, Hb 6. 2; 2 Tm 1. 10; 1 Co 15. 1, 3, 4.

2) É *geral*, para todos os homens, Jo 5. 28; At 24. 15; Ap 20. 13.

3) É uma *bênção consoladora* para os remidos ou justos, agora e no futuro, Fp 3. 11, 20, 21; Rm 8. 19, 23; 2 Co 1. 9; 1 Ts 4. 13-18.

4) É reto *juízo* para os ímpios, perdidos e impenitentes, Dn 12. 2; Jo 5. 29; Ap 20. 12, 13.

5) É *futura*, Jo 5. 28, 29; 6. 39, 40, 44, 54; 11. 24; 1 Co 15. 23; Mt 13. 41, 43; 24. 30, 31.

6) É *plena de felicidade* para os remidos, porque terão preferência, no grande dia do seu acontecimento, 1 Co 15. 23, 51, 52; 1 Ts 4. 16, 17; Ap 20. 4-6; terão o gozo da recompensa de sua fidelidade, Lc 14. 14; Ap 11. 18; terão a vida eterna (comunhão com Deus permanente e feliz); e serão todos semelhantes aos anjos, Mt 22. 30; Mc 12. 25; Lc 20. 36. Sobre a "primeira ressurreição", referida em Ap 20. 4-6, acima citado, há três escolas de interpretação; uma diz que aí se menciona a ressurreição espiritual, a conversão, a união com Cristo, 1 Co 15. 17, 18, 19, 20-23; Ap 14. 13; Cl 3. 1-4; outra diz que a primeira ressurreição é só a dos crentes, na segunda vinda, na era do milênio, cabendo após este a ressurreição dos ímpios, para o juízo final, Ap 20. 5. A terceira interpretação diz que a primeira ressurreição se refere à bênção que os crentes usufruem em Cristo, que, ressurgindo, se tornou as "primícias dos que dormem." Parece que a primeira interpretação é a mais simples e razoável.

7) É *gloriosíssima*. Paulo cita várias transformações que hão de ocorrer no corpo ressurreto, quanto aos salvos. Sendo cada corpo ressurto o mesmo corpo humano que foi sepultado, passa, todavia, a possuir qualidades e condições adequadas e adaptadas ao seu novo estado futuro, espiritual e celestial, 1 Co 15. 42-44, 52-54. O padrão desse novo corpo transformado é o próprio corpo de glória de Cristo, Rm 6. 5; Fp 3. 20, 21; 1 Jo 3. 2.

8) É *pessoal*. Em 1 Co 15. 35-50, Paulo desenvolve, ora por analogias, ora por argumentação clara, objetiva e inspirada, a doutrina da ressurreição dos mortos na sua natureza ou essência. Após combater a crença do politeísmo pagão de uma imortalidade ou ressurreição materializada, em que a nova vida humana seria carnal, sensual e física no mais alto grau, a ponto de se juntarem aos cadáveres, no ato de sepultá-los, em muitos casos, alimentos, roupas, recursos para a sua viagem até o seu novo estado, diz o apóstolo que a ressurreição do corpo não é de caráter físico, nem material ou biológico, como na vida terrena, 1 Co 15. 50; depois de preservar a fé cristã da rude crença, então popular, da metempsicose ou transmigração das almas, quando estas assumiam corpos de animais inferiores, 1 Co 15. 38-41, o apóstolo revela que na ressurreição dos mortos continua íntegra e completa a personalidade ou a individualidade específica de cada pessoa humana, pois o corpo que é tirado dos sepulcros, onde quer que estejam, não é qualquer corpo de outros seres animais, aves, peixes ou semelhantes, nem qualquer corpo mesmo humano, ou terreno, ou natural, 1 Co 15. 39, 40, 44, 47-49, mas é o mesmo corpo que foi sepultado, transformado, e adaptado, porém, às condições da sua nova existência, do seu novo estado, no além, e que passa a ser então corpo espiritual e celestial, 1 Co 15. 44, 46, 47-49. Paulo, apóstolo, não entra na discussão da natureza desse corpo *espiritual*, nem diz o *como* da ação divina nessa nova fase da existência das criaturas, no futuro. Afirma que o corpo da ressurreição participa da vitalidade que lhe é própria, unido de novo à alma ou espírito, tal como acontece à semente que, plantada, se dissolve ou evolui, mas sempre com a sua própria vitalidade, e não outra qualquer matéria, 1 Co 15. 35-38, 42-44, 53, 54. O corpo ressurreto, no futuro, é o mesmo, reanimado e glorificado com as novas possibilidades e as novas condições do seu novo *habitat*, como aconteceu e acontece com o corpo glorificado de Cristo, o Redentor. Assim, as objeções tantas vezes suscitadas pelos ímpios ou agnósticos quanto à impossibilidade da ressurreição real, concreta, objetiva, em qualquer tempo, do corpo humano, o qual sepultado, se dissolve e desaparece no conteúdo da própria matéria, em contínuo movimento e transformação, não tem cabimento, no sentido bíblico sério das Escrituras, especialmente do Novo Testamento, antes e acima de tudo porque para Deus, que pôde e pode tirar do nada, isto é, sem material preexistente, o Universo todo, os corpos, as almas, tudo, será até mais factível fazer surgir de novo da terra o corpo humano e uni-lo à alma ou espírito que o animou, visto ser material já criado, já em mãos, já à disposição da sabedoria e da onipotência divina. A identidade *pessoal* é assim garantida, em sua plenitude, na ressurreição dos mortos, pois aquela não depende do simples organismo físico, nem das partículas e elementos que formam o corpo humano, constantemente em mudança, mas a identidade, que não significa *igualdade* de partes materiais, existe no conteúdo íntegro do ser, da pessoa humana, corpo e alma substancialmente unidos. O princípio indestrutível é a personalidade, esta permanece, uma só e sempre, na ressurreição dos mortos, no futuro, dentro das condições da sua nova existência no mundo espiritual (Ver *Jesus Cristo, in fine*, sua ressurreição histórica; bem como — *Ressurreição de Cristo*, a seguir). G. M.

RESSURREIÇÃO DE CRISTO, *Doutrina bíblica da*

Já se acha narrada, em síntese, no título "Jesus Cristo", parte final, neste volume, a documentação histórica e testemunhal quanto à realidade da ressurreição pessoal de Cristo, At 1. 3; 1 Co 15. 4-8; 1 Jo 1. 1-4. Teremos a seguir os dois elementos centrais da doutrina da ressurreição do Senhor, após três dias de sua morte e sepultamento — a sua *importância suprema* e os seus *efeitos ou resultados eternos*.

I — Importância do fato da ressurreição de Cristo: 1. Foi o cumprimento à risca da palavra dos profetas e do próprio Jesus, que predisseram com antecedência de séculos, no primeiro caso, e de alguns meses, no segundo, o episódio, e até com minúcias, em vários de seus elementos importantes, Sl 16. 10; At 13. 34, 35; 2. 31; Is 26. 19; 53. 10; Mt 16. 21; 17. 23; 26. 32; Lc 9. 22; 18. 33; Jo 2. 19-22. 2. A veracidade das Escrituras foi justificada, pois dependiam do fato dessa ressurreição, Lc 24. 44-46; At 17. 3. 3. Foi também a evidência central da Divindade de Cristo, Rm 1. 4, da sua exaltação e glorificação, At 13. 33-35; Ef 1. 19, 20 e do seu supremo poder pessoal, Jo 2. 19; 10. 18. 4. Tornou idôneos, adequados, eficazes, verdadeiros e seguros a fé cristã a pregação do Evangelho da graça divina, o tes-

temunho apostólico, a certeza do juízo final e o fundamento da esperança dos justos no futuro glorioso que os aguarda, 1 Co 15. 1-4, 12, 14, 15, 17, 19; At 10. 39-41; 4. 33; 5. 30; 1 Pe 3. 22; 1. 3-5; Rm 14. 9, 10; At 17. 31. 5. Tornou-se o símbolo ou emblema expressivo do novo nascimento ou regeneração da alma, Jo 5. 21, 25; Rm 6. 4; 1 Pe 3. 21, que é uma como ressurreição, ou uma nova vida espiritual. 6. Tornou-se a pedra de toque da confissão de fé dos que crêem, Rm 10. 9, 10; Fp 3. 8-10; 2 Tm 2. 8.

II — Efeitos, resultados ou benefícios da ressurreição pessoal de Cristo. São grandes, maravilhosos e excedem a todos os mais amplos desejos santos dos corações. 1. A ressurreição de Cristo garantiu a remissão dos pecados dos crentes e a sua justificação, 1 Co 15. 17; Rm 4. 25; 8. 33, 34. 2. A ressurreição de Cristo assegurou definitivamente a ressurreição final dos mortos, especialmente a feliz ressurreição dos justos, Rm 6. 8; 8. 11; 1 Co 15. 12-23; Cl 1. 18; 1 Ts 4. 14. 3. A ressurreição de Cristo fê-lo as "primícias" e o "primogênito" da ressurreição dos justos, como o Líder e garantia da nossa ressurreição real, literal e objetiva, 1 Co 15. 20, 23; Cl 1. 18; At 26. 23, no futuro e na Sua segunda vinda. 4. A ressurreição de Cristo é fonte permanente de poder para os santos fiéis, Fp 3. 10. 5. A ressurreição de Cristo fez-se alvo afetuoso de recordação piedosa e constante dos que o amam, no mundo, 1 Co 15. 2-4; 11. 24-26; 2 Tm 2. 8. 6. E pela sua união com Cristo ressurto e vivo que os crentes são capacitados a dar bons frutos, dignos de Deus e do mesmo Jesus, Rm 7. 4; 6. 3, 4; 8. 11; 5. 9, 10. 7. Pela ressurreição, Cristo se fêz o Sumo Sacerdote perfeito e compassivo do Seu povo, pelo qual vive a interceder, Rm 8. 34; Hb 7. 25; 1 Jo 2. 1, 2. 8. A ressurreição de Cristo, finalmente, é a segurança da nossa salvação e o santo estímulo perene da nossa alegria espiritual, At 13. 32, 33; 3. 26; Fp 3. 1, porque, naquele dia glorioso, no fim da presente era, ressuscitaremos todos à semelhança do Filho de Deus, nosso Redentor, Rm 6. 5; 1 Co 15. 49; Fp 3. 21. Os anjos se alegraram com a ressurreição de Cristo e a testemunharam, anunciando-a com vivacidade e clareza aos fiéis discípulos do Senhor, Mt 28. 5-7; Mc 16. 5-7; Lc 24. 4-7, 23. A ressurreição de Cristo foi e é, realmente, o supremo e majestoso fato da História e dos Evangelhos (Ver "Jesus Cristo" e "Ressurreição dos mortos"). G. M.

RESTANTE

Porção do povo que sobreviveu aos processos divinos destinados a purificar o reino de Deus. Ed 9. 8, Zc 14. 2. Em virtude do grande amor de Jeová para com o seu povo, os restantes espalhados entre as nações, serão escolhidos para formar novo Israel; santo, para viver de conformidade com as leis de Jeová, ser-lhe fiel, e consagrado. Jeová promete defendê-lo e abençoá-lo, Is 1. 26; 4. 2-6; 6. 13; 10. 20-23; 11. 11 até cap. 12. 6; Jr 23. 3; 32. 36-44; Am 9. 8-15; Mq 4. 6-8; 5. 7, 8; Sf 3. 13; Zc 8. 12; 13. 9.

REUEL, *Amigo de Deus.*

1. Nome de um dos descendentes de Esaú e de Ismael, Gn 36. 2-4.

2. Nome do sogro de Moisés, Êx 2. 18. Ver *Jetro.*

3. Nome de um benjamita, filho de Jebanias, 1 Cr 9. 8.

4. Nome de um gadita, pai de Eliasafe, Nm 2. 14.

REUM, *Amador.*

1. Nome de um chanceler da Pérsia, no país Além-do-rio, que no tempo de Artaxerxes acusava os judeus que estavam ocupados na reconstrução do templo, Ed 4. 8, 9.

2. Nome de um dos principais homens que vieram com Zorobabel de volta do cativeiro babilônico, Ed 2. 2. Em Ne 7. 7 está escrito Neum: naturalmente é erro de cópia.

3. Nome de um dos sacerdotes que voltaram do exílio com Zorobabel, Ne 12. 3, 7. Na geração seguinte, o chefe de uma família, que ocupava lugar correspondente a este, na enumeração dos sacerdotes, tem o nome de Harã, por causa talvez da troca de letras por ocasião da cópia.

4. Nome de um dos que assinaram o pacto com Neemias, Ne 10. 25.

5. Nome de um levita, filho de Bani, que tomou parte na reconstrução do muro de Jerusalém, Ne 3. 17.

REUMÁ, *Exaltada.*

Nome de uma concubina de Nacor, irmão de Abraão, Gn 22. 24.

REXE

Nome da vigésima letra do alfabeto hebreu, de onde vem a mesma letra do nosso. Serve para enumerar a secção 20 do salmo 119, na qual cada uma das linhas começa, no original, por esta letra. Os copistas encontraram alguma dificuldade em distinguir o *resh* do *daleth.*

REZEFE, *Pedra do lar que servia de fogão, pavimento.*

Nome de um lugar que Rabsacés se jactava de haver sido destruído pelos assírios, 2 Rs 19. 12; Is 37. 1, 12. Sem dúvida, há de ser a cidade de Rasapa, que por muito tempo serviu de residência a um governador da Assíria, que hoje tem o nome de Rusafa, situada a algumas milhas ao ocidente do Eufrates, na estrada que vai a Palmira.

REZIM

1. Nome de um rei de Damasco. Pelo ano 738 A. C., pagava tributos a Tiglate-Pileser, rei da Assíria. Quatro anos depois, no tempo de Acaz ajuntou-se com Peca, rei de Israel, com o intuito de tomar Jerusalém, e pôr gente sua sobre o trono de Davi. O plano fracassou, segundo o havia profetizado Isaías, Is 7. 1 até cap. 9. 11. Em vez de unir as suas tropas com as de Peca, Rezim marchou contra Elate, situada no golfo de Acaba, e tomou esta cidade ao reino de Judá, 2 Rs 16. 6. Acaz havia comprado o auxílio de Tiglate-Pileser. O rei assírio, depois de castigar os filisteus por terem participado das hostilidades, contra Judá, marchou depois para Damasco, sitiou-a durante os anos 733-732 A. C., assolou os distritos vizinhos e, finalmente, tomou a cidade e matou a Rezim, 7-9, e inscrições assírias.

2. Nome do fundador de uma família dos natineus.

Alguns membros desta família voltaram do cativeiro, Ed 2. 48; Ne 7. 50.

REZOM, *Importância.*

Nome de um dos filhos de Eliada, e súdito de Hadadezer, rei de Zoba. Quando Davi tomou a cidade de Zoba, Rezom reuniu um bando de homens, tomou Damasco e fundou o reino da Síria. Enquanto existiu este reino, os israelitas mantiveram com ele contínuas relações, ora hostis, ora amigáveis, 1 Rs 11. 23-25.

RIBAI, *Contencioso.*

Nome de um benjamita de Gibeá e pai de Itai, um dos valentes de Davi, 2 Sm 23. 29; 1 Cr 11. 31.

RIBEIRO

Pequena corrente de água, como a torrente de Quisom, 1 Rs 18. 40, e o Jaboque, Gn 32. 23. Na escritura emprega-se este nome para as torrentes formadas pelas chuvas do inverno e que secam na estação calmosa, como a torrente do Egito, Nm 34. 5, a do Zarebe, Dt 2. 13, a do Cedrom, etc., 2 Sm 15. 23; Jo 18. 1.

RIBLA, *Fertilidade.*

Nome de uma cidade do país de Emate, 2 Rs 23. 33; 25. 21. Achavam-se acampados ali os egípcios.

quando o rei Joacaz foi levado prisioneiro, 23. 33. Quando Zedequias escapou de Jerusalém, fugindo dos inimigos, prenderam-no no caminho e o levaram à presença de Nabucodonosor, que se achava acampado em Ribla, e ali lhe arrancaram os olhos e o ligaram com cadeias, sendo depois conduzido para Babilônia. À sua vista lhe mataram os filhos e os príncipes de Judá, 25. 6, 7, 21; Jr 39. 5-7; 52. 2-11, 27. Buckingham, em 1816, encontrou umas ruínas num lugar chamado *Rubla*, que agora escrevem *Riblch*, à margem direita do Orontes, 36 milhas a nordeste de *Baalbek*, no meio da grande planície da Celesíria, muito convenientes ao acampamento de um grande exército, com fácil acesso, tanto pelo lado norte, como pelo lado sul. As ruínas consistem de pequenas elevações rodeadas de escombros de construções antigas. É muito duvidoso se tais ruínas pertencem à antiga Ribla que ficava no limite norte da Palestina e ao oriente de Aim, Nm 34. 11.

RIFA, DIFATE

Nome de um povo, descendente de Gomer, Gn 10. 3; 1 Cr 1. 6. Josefo identifica-o com os paflagônios, Antig. 1. 6, 1. Este nome prepetua-se na palavra *Riphean*, que designa um grupo de montanhas, que os antigos diziam ser a cria setentrional do mundo.

RIMOM, *Trovejador.*

1. Nome de uma divindade da Síria, venerada em um templo de Damasco, onde Naamã e seu real senhor costumavam prestar adoração, 2 Rs 5. 18. Na Assíria o deus Rimom ou Ramã, como ali costumavam dizer, figurava entre os doze grandes deuses daquele império. Presidia às chuvas, às tempestades e aos trovões. Temiam-no por ser destruidor das searas e das colheitas. Os outros deuses favoreciam a fecundidade da terra, recebendo, por isso, especial adoração. Rimom é o mesmo Hadade, deus supremo da Síria, cujos nomes se combinam em Hadade-Rimom.

2. Nome de um benjamita que tinha dois filhos capitães de Isbosete, filho de Saul, que por eles foi assassinado no seu leito, 2 Sm 4. 2.

3. Nome de uma cidade ao sul de Judá perto de Aim, Js 15. 32; 1 Cr 4. 32; Zc 14. 10, e tão perto que parecia formar uma só povoação, Ne 11. 29. Esta cidade, juntamente com outras, passaram à posse da tribo de Simeão, Js 19. 7. Identificam-na com as ruínas de *Um er-Rumamim*, a 10 milhas a nordeste de Berseba.

4. Cidade nos limites de Zabulom e dada aos levitas, Js 19. 13; 1 Cr 6. 77; e Js 21. 35, onde se lê Damna, sem dúvida motivado pela confusão da letra *resh* com *daleth*. O nome desta cidade conserva-se na aldeia Rumané, a 6 milhas a nordeste de Nazaré.

5. Nome de um rochedo perto de Gibeá onde se esconderam 600 benjamitas, durante 4 meses, Jz 20. 45-47; 21. 13, talvez seja uma rocha calcárea existente a 3 milhas e meia a este de Betel, isolada, e cercada de ravinas; contendo várias cavernas, nas quais os refugiados benjamitas bem poderiam viver por muito tempo. Os vestígios de seu antigo nome encontram-se em Ramun, aldéia situada no seu cume.

RIMOM-PEREZ, *Romã da fenda.*

Acampamento dos israelitas no deserto, Nm 33. 19, 20. Situação ignorada.

RINA, *Grito selvagem.*

Nome de um homem de Judá e filho de Simão, 1 Cr 4. 20.

RINS

Pensavam os hebreus, e outros povos da antigüidade supunham que nestes órgãos existiam as sedes dos desejos e das esperanças, Sl 7. 9; 16. 7; 26. 2; 73. 21; Pv 23. 16; Jr 12. 2.

RIO

Das diversas palavras originais que têm esta tradução, somente três mencionamos aqui: 1. *Nahar*, torrente, que em grego se diz *potamos*, aplicável aos grandes rios conhecidos aos hebreus, como sejam o Tigre e o Eufrates, Gn 2. 14; Ap 9. 14; Abana e Farfar, 2 Rs 5. 12; o Jordão, Mc 1. 5, e os afluentes do Nilo Superior, Sl 8. 10. Quando se faz menção do rio, ou do grande rio, é sempre ao Eufrates que se referem, Gn 15. 18; 31. 21. 2. *Nahal*, nome de uma torrente perene, como o Jaboque, Dt 2. 37, designando em geral as torrentes formadas pelas chuvas do inverno, cujo leito seca no verão, é o *wady* dos hebreus. 3. *Yeor*, corrente usada quase exclusivamente em referência ao Nilo e às suas bocas. Esta palavra tem um som muito semelhante à pronúncia que os egípcios dão ao nome do seu grande rio, Gn 41. 1; 2 Rs 19. 24; Ez 29. 3. Algumas vezes, também se refere ao Tigre, Dn 12. 5-7; cp. 10. 4.

RIO DO EGITO

1. Frase aplicada especialmente ao braço oriental do Nilo, onde está Pelusium, Gn 15. 18. Nesta passagem encontram-se os nomes dos rios Nilo e Eufrates, designando os limites extremos da terra prometida. Rio do Egito, ou *wady el-Arish*, era considerado como o limite meridional da Palestina; mas o território entre este *wady* e o braço oriental do Nilo compunha-se de uma planície quase deserta, e o Nilo era virtualmente o limite natural do Egito. Esta passagem quer dizer que os descendentes de Abraão possuiriam a terra que se estendia até ao Egito. A diferença entre o Nilo e o *wady el-Arish* é assinalada pelas palavras *nahal*, para aquêle, e *nahal* para este.

2. Designação do grande *wady*, ou *nahal*, conhecido pela frase rio do Egito, limite sudoeste de Canaã, Nm 34. 5; 1 Rs 8. 65; 2 Rs 24. 7 e servindo também de limite na mesma direção, à tribo de Judá, Js 15. 4, 47. Deste modo o conheciam os assírios e os hebreus. O *wady el-Arish* consiste em um leito seco como seu nome indica, mas que recebe as águas pluviais do inverno que vêm do deserto e bem assim os seus tributários, um dos quais passa por Cadesbarnéia. Entra no Mediterrâneo a 50 milhas ao sul de Gaza.

RISPA, *Pedra quente.*

Nome de uma filha de Aiá, e concubina de Saul. Por causa desta mulher, originou-se uma desinteligência entre Is-Bosete e Abner, dando em resultado bandear-se este para o lado de Davi, 2 Sm 3. 6-8. Os filhos desta mulher, Armoni e Mefibosete, foram mortos, durante a fome que se manifestou no reinado de Davi, por causa do mau tratamento que Saul dera aos gabaonitas, 2 Sm 21. 8-11.

RISSA, *Ruína, orvalho, chuva.*

Nome de um acampamento dos israelitas no deserto, Nm 33. 21, 22. Situação desconhecida.

RITMÁ, *Vassoura.*

Nome de um acampamento dos israelitas no deserto, Nm 33. 18, 19, perto de Cades, no *wady* denominado *Abu-Retemat*, equivalente ao nome antigo.

RIZIA, *Deleite.*

Nome de um aserita, filho de Ula, 1 Cr 7. 39.

ROBOÃO, *O povo cresce.*

Nome do filho de Salomão com uma de suas mulheres amonitas, de nome Naamá, 1 Rs 14. 31. Apesar de ser filho de pai sábio, possuía idéias muito estreitas. Tendo falecido o rei Salomão, em 931 A. C., os representantes das doze tribos reuniram-se na cidade central de Siquém, para o reconhecimento do novo rei, herdeiro do trono. Várias causas mais ou menos remotas, criaram uma atmosfera pesada entre Judá e as tribos do norte e do oriente. Ultimamente o povo sofreu bastante com os pesados impostos para sustentar o esplendor da corte do rei Salomão. O povo aproveitou a oportunidade para levar suas queixas à presença do novo rei. Jeroboão serviu de intérprete das reclamações populares. Este Jeroboão havia sido ofi-

cial do exército do falecido rei sábio, e possuía alta competência administrativa. O profeta Aías lhe havia anunciado que ele seria rei das dez tribos. O que o povo queria era a diminuição dos impostos. Roboão pediu três dias para responder. Consultou os velhos conselheiros de seu pai, que foram de parecer favorável ao que o povo pedia; depois consultou os moços, seus companheiros de infância, que o aconselharam a dizer: "O meu dedo mínimo é mais grosso que o costado de meu pai."

"E se meu pai pôs sobre vós um jugo pesado, eu ainda acrescentarei sobre o vosso jugo: meu pai açoitou-vos com correias e eu açoitar-vos-ei com escorpiões."

Estas palavras mostram o calibre mental de Roboão, que, rejeitando os conselhos sábios dos velhos servidores de seu pai, deixou-se levar pela insensatez dos moços. O efeito não se fez esperar. Dez das doze tribos recusaram obediência a Roboão, que a casa de Davi perdeu para sempre. Os filhos de Israel voltaram para as suas tendas. Roboão enviou a Adurão, superintendente dos tributos, para fazer a cobrança dos impostos, sendo morto a pedradas. Em vista do que, o rei Roboão, a toda a pressa montou no seu coche e fugiu para Jerusalém, 1 Rs 12. 1-20; 2 Cr 10. 1-19. Ficaram com ele a tribo de Judá, uma grande parte de Benjamim e os simeonitas. Ajuntou Roboão oitenta mil homens de guerra para cair sobre as tribos rebeldes. O profeta Semaías, por ordem do Senhor, saiu-lhe ao encontro para fazê-lo desistir de tal empresa, 1 Rs 12. 21-24; 2 Cr 11. 1-4. Abandonado o plano de ataque, ocupou-se a fortificar certo número de cidades de Judá e Benjamim e as guarneceu de soldados, 5-12. Jeroboão levantou dois bezerros de ouro, um em Dã e outro em Betel. Este ato provocou a saída de quase todo o corpo de levitas e sacerdotes para o reino do sul, aumentando grandemente a força do reino de Roboão. Infelizmente ele mesmo veio a cair em idolatria daí a três anos, 1 Rs 14. 21-24; 2 Cr 11. 13-17; 12. 1. No quinto ano do reinado de Roboão veio a Jerusalém, Sisaque, rei do Egito, invadiu todo o país, tomou as cidades fortificadas, saqueou o templo e o palácio real, 1 Rs 14. 25-28; 2 Cr 12. 2-12. Roboão tinha oito mulheres e sessenta concubinas, vinte e oito filhos e sessenta filhas, 21. Tinha quarenta e um anos quando começou a reinar, e reinou dezessete anos em Jerusalém e morreu no ano 915 A. C. deixando no trono a seu filho Abias, 1 Rs 14. 21, 31; 2 Cr 12. 13, 16.

RODE, *Roseira.*

Nome de certa moça, serva de Maria, mãe de Marcos. Quando S. Pedro, depois de miraculosamente libertado da prisão, bateu à porta da casa de Maria, mãe de João, que tem por sobrenome Marcos, onde muitos estavam congregados e faziam oração, ouvindo a voz de Pedro com o alvoroço lhe não abriu logo a porta, mas, correndo para dentro, foi dar a nova de que Pedro estava à porta. Entretanto, o apóstolo continuava a bater, até que, abrindo-lhe a porta, o conheceram, At 12. 13-16.

RODES

Nome de uma ilha nas costas da Cária, a sudoeste da Ásia Menor. Tem cerca de 45 milhas de comprimento e 20 de largura, notável pelas grandes plantações de laranjas e cidrões. Esta ilha estava no intercurso das grandes linhas dos navios costeiros, e foi centro comercial de importância igual a Alexandria e Cartago. A capital tem o mesmo nome da ilha, que além, do mais, se tornou famosa pelo seu colosso, um grande farol com cerca de 105 pés de altura, levantado em 300 ou 288 anos A. C. Rodes era semi-independente sob o governo romano, Mac 15. 23, exceto durante nove anos no reinado de Cláudio, a começar do ano 44 da nossa era, e outra vez no tempo de Vespasiano. O navio em que S. Paulo viajava para a Palestina, partido de Assôs, tocou em Rodes, At 21. 1, que era então uma cidade esplêndida. Como esta ilha continuasse no gozo de sua independência, em poder dos cavaleiros de S. João, que no ano 1130 se apoderaram dela, ali desafiaram eles o poder dos turcos até 1522, quando os cavaleiros se renderam, sendo-lhes concedida a sua tranaferência para a ilha de Malta. Desde esse tempo ficou sujeita aos turcos.

ROGA, *Clamor.*

Nome de um homem da tribo de Aser, da família de Barla e da casa de Heber, 1 Cr 7. 34.

ROGELIM, *Pisoeiros, ou espias.*

Nome de uma cidade de Gileade, morada de Barzilai, 2 Sm 17. 27; 19. 31. Local ignorado.

ROLA

Espécie de pombo, ave dócil e inofensiva, belo emblema de um povo inocente e pacífico, Sl 74. 19. É ave migratória, Jr 8. 7, anunciadora da primavera, Ct 2. 12. Abraão sacrificou uma rola junto com outras vítimas, quando o Senhor fez o pacto com ele, Gn 15. 9. A lei mandava oferecer as rolas em sacrifício pelo pecado, Lv 1. 14. O pobre que não podia oferecer um cordeiro, ou uma cabra, oferecia duas rolas, ou dois pombinhos, do mesmo modo, a mulher pobre depois de dar à luz, ou a mulher pela purificação de seu fluxo, e bem assim o nazareno, 5. 7; 12. 6, 8; 15. 14, 29, 30; Nm 6. 10, 11. A rola estava ao alcance da gente pobre, por ser muito abundante na Palestina e facilmente apanhada. Tristram descreve três espécies de rolas que se encontram na Palestina. A mais abundante e a mais comum é a *Turtur vulgaris*, que vem do sul em grandes bandos no princípio de março e desaparece à entrada do inverno. A segunda é a *Turtur risorius*, entra pelo verão, procria nas árvores e nas moitas. A terceira é a *Turtur senegalensis* que não emigra, permanecendo nos vales do Mar Morto que tem clima tropical.

ROLO

Folha de papiro, ou de pergaminho, em que se escreviam antigamente os documentos. Enrolava-se com as mãos, preso a um pedaço de pau roliço como se costuma fazer com os mapas de geografia, formando o rolo, Jr 36. 2, ou um volume, segundo o modo de dizer antigo, Sl 40. 7. A palavra livro em Is 8. 1, deve ler-se ardósia.

ROMA

A data de 756 A. C. é reconhecida pelas melhores autoridades como sendo aquela em que Rômulo fundou a cidade de Roma de que foi o primeiro rei. O pequeno reino foi crescendo em tamanho e em importância, atraindo para si os vizinhos mais próximos, durante o governo de sete reis, até que a tirania de Tarqüinio Soberto levou o povo a depositar o governo em suas próprias mãos e estabeleceu a república. No princípio deste novo regime, o governo se concentrou inteiramente nas mãos de algumas famílias patrícias. Os plebeus submetiam-se docilmente às resoluções tomadas pelo governo. Com o andar dos tempos, porém, alcançaram consecutivos privilégios até que, qualquer cidadão romano participava do governo. Durante o regime republicano, Roma estendeu o seu poder, a princípio sobre toda a península, e finalmente, sobre todo o mundo conhecido.

O primeiro contacto de Roma com a Ásia, deu-se no ano 190 A. C., quando os exércitos romanos derrotaram Antíoco, o Grande, rei da Síria, na batalha de Magnésia, assumindo o protetorado sobre algumas cidades da Ásia Menor, cp. 1 Mac 1. 10. A maior parte das conquistas subseqüentes realizaram-se pacificamente: as nações submetiam-se voluntariamente ao poder de Roma. No ano 63 A. C. a Judéia passou a ser formalmente sujeita a Roma, depois que Pompeu a tomou, reduzindo o reino dos selêucidas a província

romana. Nestas condições tornou-se tributária do império, com a faculdade de ser administrada por autoridades da própria terra.

Entretanto, formaram-se vários partidos contrários entre si, de que resultaram lutas intestinas, que comprometiam a paz do império. Formou-se então o triunvirato de César, Pompeu e Crasso. Pela morte de Crasso e por causa da derrota de Pompeu nas lutas civis, o governo caiu inteiramente nas mãos de César, que logo depois foi assassinado, 44 A. C. Organizou-se novo triunvirato de que faziam parte Antônio, Otávio e Lépido, que, semelhante ao primeiro triunvirato, ficou reduzido a um só na pessoa de Otávio. Este, dominado pela ambição, proclamou-se imperador, com o título de Augusto. Foi êste o princípio do império.

Durante o reinado de Augusto, nasceu Jesus Cristo, que foi crucificado no reinado de Tibério. O martírio de Tiago, irmão de João, deu-se no reinado de Cláudio, At 11. 28; 12. 1, 2. Nero governava o império, quando Paulo apelou para César, 25. 11. A destruição de Jerusalém, profetizada por nosso Senhor, Mt 24; Mc 13; Lc 19. 41-44; 21. 5-36, deu-se no ano 70, sendo Tito, general do exército e mais tarde imperador. Nos tempos de sua maior extensão, o império romano media 3.000 milhas de este a oeste, e 2.000 de norte a sul, com uma população de 120.000.000.

Enfraquecido por excessos e pela corrupção dos costumes da sua vida interna, e combatido por inimigos de fora, começou a declinar. O primeiro golpe sério deu-se com a divisão do império no ano 395, e desapareceu finalmente com a tomada de Roma por Odoacro, rei dos godos no ano 476. Durante o declínio do poder civil, os cristãos foram crescendo em poder e influência. Apesar da tolerância política do império em respeitar a religião dos povos conquistados, os cristãos sofreram perseguições desde o princípio da igreja, devidas principalmente a duas causas: atitude agressiva contra os ritos do paganismo e esfôrço para fazer prosélitos. As mais severas perseguições deram-se no reinado de Nero, que atribuiu aos cristãos a prática de seus crimes nefandos. Outras perseguições cruéis se deram no tempo de Domiciano. Não obstante, as prisões e as mortes, os cristãos continuaram a crescer em número e em influência, a ponto de que a igreja de Roma e o seu bispo constituíram um fator considerável no progresso geral do Cristianismo, que chegou a ser religião do Estado no princípio do quarto século sob o governo de Constantino, o Grande.

ROMÃ, *Espécie de fruta que contém muitos grãos.*

A romã, *Punica granatum*, em hebreu *rimmon*, em arábico, *rummân*, é árvore de 12 a 15 pés de altura, de folhas oblongo-oboladas, com alguns espinhos espalhados pelos galhos.

As flores têm pétalas escarlatas, precedidas por um cálice resistente. Os frutos são do tamanho de uma laranja, de casca muito dura e de cor avermelhada, encerrando numerosas sementes, cada uma coberta com uma polpa vermelha, de sabor agradável. A romã é nativa ao norte da África, no oeste da Ásia e provavelmente em Gileade, e cultivada em grande escala na Palestina, nos tempos bíblicos, Nm 13. 23; 20. 5; Dt 8. 8; 1 Sm 14. 2; Ct 4. 3-13; 6. 7, 11; 8. 2; Jl 1. 12; Ag 2. 19. O licor feito de romã era muito apreciado, Ct 8. 2. Aos pés da túnica do sumo sacerdote e em redor dela, havia umas como romãs de jacinto, misturadas por entre elas umas campainhas, Ex 28. 33, 34; 39. 26. A circunferência do segundo capitel das colunas do pórtico do templo de Salomão eram ornamentadas com duzentas romãs postas em duas ordens, 1 Rs 7. 20; 2 Rs 25. 17; 2 Cr 3. 16. Ainda se cultiva na Palestina em grande escala.

Romã

ROMANOS

1. Habitantes de Roma, 1 Mac 8. 1; At 2. 10.

2. Pessoas que representavam o governo romano, Jo 11. 48; At 25. 16; 28. 17.

3. Pessoas nascidas no território do império, ou que fizeram jus ao título de cidadão romano, At 16. 21, 37, 38; 22. 25, 26, 27, 29. Pela lei pórcia, assim chamada por haver sido criada e posta em execução por P. Pórcio Laeca, tribuno do povo, no ano 248 A. C., ficou estabelecido que nenhum magistrado tinha o direito de ligar com cadeias, açoitar ou matar um cidadão romano. Não se podia condenar à morte um cidadão romano senão pelo voto decisivo de todo o povo, reunido em *comitia centuriata*, que era uma assembléia do povo, que votava por centúrias. Se um magistrado ou governador mandava açoitar algum indivíduo protegido pela lei, bastava que ele dissesse: "Eu sou cidadão romano", para suspender a execução, até que o povo se pronunciasse. Quando o voto popular passou para a pessoa do imperador, era êle quem resolvia. Os privilégios de cidadão romano, a princípio, eram limitados aos que nasciam ou residiam na capital, depois se estenderam a várias tribos e cidades da Itália, tornando-se extensivo a quase toda a Itália; mais tarde, a outros lugares além da península, e assim por diante, até que, segundo dizem, Caracala, 211-217, o conferiu a todos os habitantes do império romano. Durante o período de transição, todos os indivíduos que haviam prestado serviços ao governo, poderiam comprar este privilégio, mesmo que habitassem em cidades ou em distritos não privilegiados. Alguns dos que libertavam escravos adquiriam iguais direitos. Estas explicações servem para dar a entender por que S. Paulo, sendo descendente de judeu, gozava dos foros de cidadão romano, Fp 3. 5. Cláudio Lísias tornou-se cidadão romano à custa de grande soma de dinheiro, At 22. 28. Quando mandou açoitar ao apóstolo Paulo, soube por boca de um centurião que ele era cidadão romano, pelo que mandou logo cessar o flagelo, 25. 29. As autoridades da cidade de Filipos ficaram seriamente atemorizadas ao saber que Paulo e Silas, aos quais haviam mandado açoitar publicamente, sem forma alguma de juízo, gozavam os foros de cidadão romano, 16. 36-38. Torna-se claro também que S. Paulo, apelando para César, exercia um direito que a lei lhe conferia por ser cidadão romano, 25. 11.

ROMANOS EPISTOLA AOS

Segundo a ordem dos livros do Novo Testamento, a epistola aos romanos é a primeira das epistolas do apóstolo S. Paulo. Na ordem, porém, de sua composição, ocupa o sexto lugar, tendo sido escrita em Corinto; como se vê pelas saudações por ele enviadas, cp. 16. 23, com 1 Co 1. 14, e 2 Tm 4. 20, e pelo fato de ter sido enviada a Roma, pela irmã Febe, ao serviço da igreja de Cencréia, Rm 16. 1, existente perto de Corinto, At 18. 18, em vista de que, a epistola aos romanos deveria ter sido escrita durante a sua visita à Grécia, mencionada no cap. 20. 2, 3, dos Atos, e que se efetuou no inverno de 57 e 58. O apóstolo há muito que desejava visitar Roma, Rm 1. 10-12; 15. 23, e não tendo já motivo para demorar-se no oriente, 15. 23, iria visitar a capital quando se pusesse a caminho para a Espanha, 28. Antes disso, porém, resolveu ir a Jerusalém em serviço dos santos, levando consigo as coletas das igrejas dos gentios, em benefício dos irmãos pobres daquela cidade, 25, 26. Não sabendo, porém, o que lhe poderia acontecer nesta perigosa viagem, 30-32; At 20. 22, enviou esta carta a igreja de Roma, onde tinha muitos amigos, cp. Rm 16, porquanto na qualidade de apóstolo dos gentios considerava a igreja de Roma como objeto de seus cuidados, 15. 15, apesar de nunca a haver visitado. O tema desta epistola, uma das mais bem elaboradas que ele escreveu, foi determinado pelas controvérsias da atualidade e, por ser necessário expor formalmente e completamente o evangelho que ele pregava entre os gentios. É um tratado completo das doutrinas de salvação e, por isso, de suprema importância. Dirigindo-a aos cristãos de Roma, mostra quanto ele tinha em conta a influência que a igreja que ocupava a capital do mundo, exerceria no futuro, e a conseqüente necessidade de estabelecer nela os fundamentos da fé para resistir aos assaltos do erro. Se a Epístola aos Gálatas é a *magna charta* da igreja universal, a Epistola aos Romanos é a sua constituição. Analisando-a, encontramos o seguinte: Depois das saudações, 1. 1-7, e do interesse que o apóstolo manifesta pelo bem-estar da igreja, 8-15, faz um resumo das feições do evangelho que ele pregava, e assim fazendo dá o tema do seu discurso: "O evangelho da virtude de Deus para dar a salvação a todo aquele que crê. Porque a justiça de Deus se descobre nele de fé em fé", 16, 17. Passa então a demonstrar que a justiça é necessidade universal, 1. 18 até cap. 3. 20.

Primeiro mostra que o mundo gentílico jaz em estado de miséria e pecado merecedor de justa condenação, 1. 18-32. Depois, que o povo judeu não está fora desta regra e que igualmente merece a condenação, cap. 2. Responde à objeção que os benefícios da salvação dos gentios prejudica os privilégios do povo de Deus, dizendo que tais privilégios consistiam apenas em ser ele o depositário da revelação que o declara pecador, 3. 1-19, de modo que não existe exceção alguma quanto à universalidade da culpa.

Pela lei é que vem o conhecimento do pecado, 20. Fala em seguida da justiça pela qual Deus aplica aos crentes, pela obra redentora e sacrificial de Cristo, 3. 21-30, e prova que este meio de salvação tem raizes no Antigo Testamento, 3. 31 até cap. 4. 25, que serve de base a todo o conhecimento das doutrinas cristãs, 5. 1-11, e que opera sôbre os mesmos princípios do govêrno moral sôbre que Deus age, em suas relações com o gênero humano, na pessoa de seu representante, Adão, no jardim do Éden, 12-21. O apóstolo passa a refutar três objeções que poderiam ser levantadas contra a doutrina da salvação pela obra de Cristo por nós, alcançada, pela fé somente. A primeira objeção é que baseados nesta doutrina, os homens podem continuar a pecar e ainda ter a salvação, a que ele responde: Não; porque a fé em Cristo envolve união vital com ele, pela qual o crente ressuscita com Cristo para uma nova vida moral, 6. 1-14. A segunda objeção é que a doutrina, ensinada por ele, acerca de sermos livres da condenação da lei, isenta o homem de obrigações morais. A isto responde: Não, porque o crente aceita uma obrigação mais nobre e elevada pela qual êle se consagra a fazer a vontade de Deus, 6. 15 até cap. 7. 6. A terceira objeção é que a doutrina de S. Paulo, converte a lei de Deus em pecado. A que ele responde: Não, pela razão de que a lei não nos pode salvar, não se segue daí que seja má; o homem é que, sendo pecador, não a pode guardar perfeitamente, 7-25.

Tendo refutado as objeções, cap. 8, passa a demonstrar que, na base da obra redentora de Cristo, existe uma provisão para renovar espiritualmente a alma, e para completa santificação dos que estão em Cristo e sua final glorificação, os quais, sendo escolhidos e chamados por Deus, gozarão com certeza a fruição perfeita do amor divino.

Tendo assim demonstrado o caminho da salvação, aberto pelo Evangelho, o apóstolo denuncia o povo de Israel por havê-lo rejeitado. Assim fazendo, ensina que a promessa salvadora que Deus fez, não era somente para os judeus como povo, mas somente para os eleitos, para a semente de Abraão, escolhida por ele, 9. 1-13, e fundamenta esta doutrina nas próprias Escrituras, 14. 29, acrescenta ainda que os judeus foram rejeitados por causa da sua incredulidade desprezando o caminho da salvação ensinado nas próprias Escrituras, 9. 30 até cap. 10. 21, finalmente, que esta rejeição não é completa, porque, segundo a eleição de sua graça, salvou Deus a um pequeno número que ele reservou para si, 11. 1-10. E, por fim, os judeus serão convertidos e com os gentios confiarão no Redentor prometido, 11-36. O restante da epístola contém exortações sobre a vida prática dos crentes, cap. 12, sobre os deveres civis e sociais, cap. 13, sobre a caridade e a união cristã, 14. 1 até cap. 15, 13, terminando com mensagens e saudações, 15. 14 até cap. 16. 27. G. T. P.

Teria a Epístola aos Romanos, nos tempos antigos, forma talvez mais resumida do que a atual? Em vista de certos fenômenos, existem duas teorias que merecem atenção somente sob o ponto de vista literário, sem prejuízo doutrinário. Segundo uma destas teorias, fez-se um resumo da epistola, destinado a circular entre as igrejas, omitindo as referências locais como "em Roma", 1. 7, e os capítulos 15 e 16, retendo inteiras a instrução doutrinal e as exortações essenciais à vida prática. As provas em que se apóia esta teoria são as seguintes: A doxologia no final do capítulo 16. 25-27, aparece em alguns manuscritos no fim do capítulo 14, como no capítulo 16, e também por não se encontrarem citações dos caps. 15 e 16 nos escritos de Tertuliano, Ireneu e Cipriano, e na aparente omissão que deles faz Marcion. A falta de citações ou referências a estes capítulos não tem importância, em vista do assunto de que eles tratam. Nunca foram muito citados, principalmente no que diz respeito às saudações. A hipótese de ter havido uma edição resumida desta epístola baseia-se principalmente em se haver encontrado a doxologia referida, no fim do capítulo 14, em alguns manuscritos. É prova muito fraca em vista do que não existe manuscrito que seja resumo da epístola, todos eles, sem exceção, contêm os capítulos 15 e 16.

A outra teoria e a mais vulgarizada é que o capítulo 16 não fazia parte da epístola: era apenas uma nota adicional, recomendando a irmã Febe à igreja de Éfeso. O capítulo 15 não se pode facilmente destacar do cap. 14, visto ser ele a continuação dos apelos feitos antes, ao espírito de abnegação cristã daqueles que eram mais valentes na fé.

Ainda mais: o capítulo 15 conclui com uma bênção no v. 33, semelhante à que se vê no fim de outras cartas escritas pelo mesmo apóstolo, 2 Co 13. 11; 1 Ts 5. 23; 2 Ts 3. 16; Fp 4. 9, forma uma conclusão natural à epistola aos Ro-

manos. Portanto, o cap. 16 parece mesmo ser um apêndice. Que o último capítulo foi originalmente uma carta de recomendação à irmã Febe para a igreja de Éfeso e não para os cristãos de Roma, pode-se julgar pelas seguintes considerações: (I) O fim principal consistia em recomendar aquela irmã, 16. 1. (II) Áqüila e Priscila, a quem se mandam saudações, residiam com certeza em Éfeso, três anos antes de ser escrita a epístola aos Romanos, e não estavam em Roma, quando Paulo escreveu a sua segunda carta a Timóteo, 2 Tm 4. 19. (III) A referência a Epêneto, "primícias da Ásia", Rm 16. 5, cabia mais em uma epístola aos Efésios do que a uma dirigida aos Romanos, (IV) Não é provável que o apóstolo tivesse tantas relações pessoais em uma igreja que ele nunca havia visitado, como se vê no capítulo 16. As objeções a esta teoria que dá o capítulo 16 como breve nota dirigida à igreja de Éfeso, são as seguintes: (a) Era costume adicionar saudações ocasionalmente depois de uma doxologia, ou após uma bênção, mesmo quando seguida do Amém, Fp 4. 20; 2 Ts 3. 16; cp. 2 Tm 4. 18. (b) O fato de que o capítulo 16 é parte integrante da epístola em todos os manuscritos existentes (c) Áqüila e Priscila emigravam constantemente de um lugar para outro; residiam em Roma; quando todos os judeus receberam ordem de abandonar a cidade, foram residir em Corinto durante cerca de um ano e meio e acompanharam Paulo a Éfeso, onde trabalharam ativamente no Evangelho, e ali estiveram até que Paulo voltasse de uma jornada a Jerusalém. Não seria de estranhar que tivessem voltado a Roma especialmente em conexão com o plano do apóstolo de visitar aquela cidade com o fim de a evangelizar, At 19. 21. (d) Não é de admirar que Epêneto, convertido na Ásia, tivesse ido a Roma; porque cristãos judeus e gentios iam constantemente a Roma por motivos vários, saindo de várias províncias do império, como por exemplo Epafras de Colossos, Áqüila do Ponto e Herodes o tetrarca. (e) As pessoas às quais se dirigem as saudações do cap. 16 têm nomes muito usuais na capital imperial, e alguns deles conhecidos entre os cristãos daquela cidade. (f) Não é necessário supor que a gente, a quem ele manda saudações, fosse de ralações pessoais do apóstolo; era bastante que lhe fossem conhecidos como cristãos ativos, por meio de cartas que havia recebido de Áqüila e Priscila, sobre os negócios da Igreja em Roma.

ROMANTI-EZER. *Tenho auxílio exaltado.*

Nome de um cantor, filho de Hemã, 1 Cr 25. 4. Foi-lhe destinada a vigésima quarta sorte dos cantores, 31.

ROS, *Chefe, príncipe.*

1. Nome de um filho de Benjamim que desceu ao Egito juntamente com Jacó e seus filhos, Gn 46. 21. Não deu origem a família tribal, Nm 26. 38, porque talvez morresse sem deixar filhos como aconteceu com Er e Onã, de Judá.

2. Nome de um povo do norte, mencionado com Mosoque e Tubal, Ez 38. 2, 3; 39. 1. Gesenius acredita que este povo seja o russo, apesar de não se encontrar mais este nome em qualquer outro lugar durante muitos séculos.

RUA

As ruas das cidades orientais, em geral, eram estreitas, tortuosas e sujas, Antig. 20. 5, 3; Guerras 2. 14, 9; 15, 5. A largura dava passagem a dois camelos a par e algumas tinham largura suficiente para o trânsito de carroças, Jr 17. 25; Na 2. 4. As grandes cidades possuíam, às vezes extensas avenidas, como Alexandria e Babilônia. A rua chamada Direita, da cidade de Damasco, era uma grandiosa avenida de 100 pés de largura, dividida em três secções paralelas, ornadas de colunas. Muitas ruas eram fechadas por muros brancos com algumas portas de entrada. As janelas abrem-se para átrios internos. As ruas destinadas ao comércio tinham armazéns alinhados de ambos os lados, com largas aberturas. As destinadas aos bazares cada uma delas servia para um só género de comércio segundo o costume dos antigos tempos, Jr 37. 21; Guerras 5. 8, 1. O ponto de intersecção das ruas era lugar para reuniões e divertimentos, Pv 1. 21; Mt 6. 5; Lc 13. 26. As portas das cidades havia lugares espaçosos onde se operavam transações comerciais. Não há notícia que nos informe se as ruas tinham calçamento. Josefo, porém, afirma que Salomão mandou pavimentar as estradas que se dirigiam a Jerusalém com pedras pretas, Antig. 8. 7, 4. No tempo de Herodes as ruas eram calçadas e varridas, 16. 5, 3; 20. 9, 7; 15. 9, 6.

RUAMÁ, *Ela alcançou misericórdia.*

Um dos nomes simbólicos com o qual os filhos de Judá e Israel, eventualmente se saudavam, Os 2. 1.

RÚBEN

1. Nome do filho mais velho de Jacó, que lhe nasceu de sua mulher Lia, Gn 29. 31, 32; 35. 23; 46. 8; 1 Cr 2. 1; 5. 1. Rúben manchou seu caráter por um ato clamorosamente desonesto, Gn 35. 22, contrastado por outro que muito abona os sentimentos humanitários de seu coração. Foi ele quem livrou da morte a seu irmão José, propondo que o lançassem em uma cisterna, donde pretendia tirá-lo para o restituir a seu pai aflito. Não estava com seus irmãos quando estes o venderam aos midianitas, e por isso sentiu-se profundamente angustiado por não o encontrar na cisterna, Gn 37. 21-29. Os filhos de Jacó, sentiram-se em perigo no Egito vinte anos depois; Rúben apressou-se em lembrar-lhes o ato cruel contra o seu irmão José, em que ele não havia tomado parte, 42. 22-24. Jacó relutou em não deixar que lhe levassem seu filho Benjamim ao Egito. Rúben ofereceu a dois de seus filhos como reféns, caso não lhe trouxesse com vida a Benjamim, 37. Rúben tinha quatro filhos ao todo, Enoque, Palu, Hesrom e Carmi, Gn 46. 8, 9; Êx 6. 14; 1 Cr 5. 3. No leito de morte, Jacó declara que seu filho primogênito Rúben, seria instável como água; "não serás mais excelente", disse ele, "porque subiste ao leito de teu pai e o manchaste"; por este ato perdeu os direitos da primogenitura, Gn 49. 3, 4.

2. Nome da tribo formada pelos descendentes de Rúben e do território em que ela se estabeleceu. A tribo dividia-se em quatro grandes famílias tribais, procedentes dos quatros filhos do patriarca, Nm 26. 5-11, cujo príncipe, no tempo da peregrinação pelo deserto, era Elizur; Nm 1. 5; 2. 10; 7. 30-35; 10. 18. Por este tempo, a tribo possuía 46.500 homens de guerra, 1 20, 21, no segundo arrolamento, trinta e oito anos depois, havia baixado a 43.730, 26. 7. Elizur chefiava os exércitos reunidos das tribos de Rúben, Simeão e Gade, que montavam a 151.450 homens, Nm 2. 10, 16. Samua, filho de Zecur, representou a tribo na comissão enviada para inspecionar a terra de Canaã antes da conquista, 13. 4. Datã, Abirom e Hom que se ajuntaram ao levita Coré, em rebelião contra Moisés e Arão, pertenciam à tribo de Rúben, 16. 1-50; 26. 9; Dt 11. 6. Depois das batalhas contra Seom e Ogue, os gaditas e os rubenitas juntamente com a meia tribo de Manassés, as quais possuíam grandes riquezas em rebanhos, pediram a Moisés que os deixasse localizar a este do Jordão, onde mais facilmente poderiam apascentar os seus grandes rebanhos. Foram atendidos, sob condição de que eles deveriam fornecer o maior contingente de tropas para combater contra os cananitas, do outro lado do rio, Nm 32. 1-42; Js 18. 7. Assim o cumpriram, tomando parte em todas as campanhas de Josué contra os cananeus, Js 4. 12, voltando gloriosos para as suas terras. Ao oriente do Jordão levantaram eles um altar de imensa grandeza, sobre os cabeços do Jordão, não para oferecerem sobre ele sacrifícios, mas para servir de testemunho. Por uma errônea interpretação deste ato, quase se envolveram em uma guerra civil com as outras tribos, 22. 1-34. Os

rubenitas não tomaram parte na guerra contra Sísara, e por isso, no cântico de Débora, tiveram desabonadora referência, Jz 5. 15, 16.

Os filhos de Rúben e de Gade, e da meia tribo de Manassés, uniram-se na guerra contra os agarenos, vencendo-os, fazendo neles grande matança; e habitaram em seu lugar até à transmigração, 1 Cr 5. 18-22. Ezequiel deu-lhes em partilha um lugar em Canaã, depois de ser ocupada de novo, Ez 48. 6, 7, e deu o nome de Rúben a uma das portas da cidade de Jerusalém, depois de sua restauração 31. Quando o livro do Apocalipse menciona os 144.000 assinalados, dá a quota de 12.000 à tribo de Rúben, Ap 7. 5. Os limites da tribo de Rúben eram: ao oriente a terra dos amonitas; ao sul, o rio Arnom, Nm 21. 24, ao ocidente o Mar Morto e o rio Jordão, Js 13. 23, ao norte, a linha divisória corria desde o Jordão, ao sul de Betonim até Hesbom, Js 13. 17, 26; 21. 37; Nm 32. 36; Js 13. 27. Dentro destes limites ficavam Aroer, situada sobre a ribanceira da corrente de Arnom e no meio do vale a mesma torrente e toda a planície que vai a Medeba; e Hesbom com todas as suas aldeias, que estão nas campinas, como também Dibom, Bamote-Baal, Bete-Baal-Meom Jaza, Quedemote, Mefaate, Quiriataim, Sibma, Zerete, Hassaar, Bete-peor, Pisga, Bete-Jesimote e, finalmente, a parte sul do reino amonita de Seom, Js 13. 15-23.

As cidades de Bezer, Jaza, Quedemote e Mefaate, com os seus subúrbios, quatro cidades, juntamente com as cidades de outras tribos, foram partilhadas pelos levitas da casa de Merari, Js 21. 7, 36, 37; 1 Cr 6. 63, 78, 79. A primeira das quatro, Bezer, servia de cidade de refúgio, Js 20. 8; 1 Cr 6. 78. Os rubenitas tinham as suas fronteiras muito abertas às incursões dos inimigos. Por um lado ficavam os moabitas; pelo outro, o deserto por onde vinham os salteadores, que podiam invadir o território, pelo oriente e pelo sul. Comparadas as cidades rubenitas, mencionadas nesta secção, com as que estavam em poder dos moabitas, incidentalmente mencionadas em Is caps. 15 e 16; Jr 48 e na Pedra Moabita, ver-se-á que nos tempos do rei Mesa e dos profetas citados, a tribo de Rúben havia sofrido notável descrescimento de seu território por causa das conquistas dos seus vizinhos. Todo o território, ocupando grande planalto muito próprio a ser cultivado, acha-se abandonado pelos antigos donos, entregue às pilhagens das tribos nômades do deserto.

RUBIS

1. Tradução da palavra hebraica *Peninim* que se encontra só no plural. Este nome pode significar ramos, e assim sendo aplica-se muito bem ao coral, mas o verdadeiro sentido da palavra não está ainda bem determinado. Tinha a cor avermelhada, Lm 4. 7, e era precioso, Jó 28. 18; Pv 3. 15. A cor serve para não o confundir com a pérola. O legítimo marfim ou coral, assemelha-se à safira, variedade do corinto. É transparente e brilhante, de cor rubra.

2. Tradução do vocábulo hebraico *Odem*, Ex 28. 17; Ez 28. 13, que nestas duas passagens se traduz por Sárdio, que melhor sentido dá ao original.

RUFO, *Vermelho*.

Nome de um filho daquele Simão de Cirene que foi compelido a carregar a cruz de Cristo, Mc 51. 21. Pode bem ser que seja o mesmo Rufo que morava em Roma e a quem S. Paulo enviou saudações, Rm 16. 13.

RUMA[1], ARUMÁ, *Altura*.

Nome de uma aldeia perto de Siquém, onde morou Abimeleque, Jz 9. 41. Supõe-se que seja a mesma Ruma, mencionada em 2 Rs 23. 36. Julga-se que *el-Olmeh*, a cerca de 12 quilômetros a sudeste de Siquém, seja o antigo lugar de sua existência.

RUMA[2], RUMÁ, *Altitude*.

Nome de um lugar a que pertencia o pai de Zébida, progenitora do rei Joaquim, 2 Rs 23. 36. Antigos geógrafos dizem ser a mesma Ruma das vizinhanças de Siquém, cp. Antig. 10. 5, 2. Também pode ser uma cidade de Galiléia, Guerras 3. 7, 21, com o nome de *Kumeh* perto de Nazaré.

RUMÁ ver RUMA[2]

RUTE, *Vistosa*.

Nome de uma mulher moabita, casada em primeiras núpcias com Maalom de Belém, que havia ido residir em Moabe com seus pais e com seu irmão por causa da fome que assolava a terra de Judá. Os três homens morreram. Rute abandonou a terra natal para acompanhar sua sogra Noemi para a terra de Belém. Quando respigava nos campos de Boaz, parente do falecido marido de Noemi, achou-se favorecida por ele. Segundo o costume do tempo, um parente de Maalom deveria casar com Rute, e Boaz a tomou por esposa, depois que outro parente mais próximo, abriu mão de seus direitos. Por este casamento, Rute entrou na linha genealógica de Davi. O casamento de Boaz e Rute não era levirato, Dt 25. 7-10; cp. Rute, 1. 11-13, porque Boaz não era irmão do falecido marido de Rute. A lei preceituava que a viúva de um homem que não deixava filhos e desejasse vender a sua propriedade, se o morto não tinha irmão, o parente mais próximo e herdeiro do defunto deveria comprá-la ou remi-la, 4. 3, 4, 9. Deste modo a propriedade se perpetuava na família. Estava em uso também que o parente assumiria voluntàriamente os deveres do levirato, ou tomaria para si a viúva em casamento, caso não desejasse arriscar a sua própria herança, 3. 9; 4, 5, 6. Quem assim procedia, dava prova de grande magnanimidade e de ser leal à família. O filho que nascesse de tal união, por lei, pertencia ao falecido, 4. 5, 10, 14, 17, e gozava dos foros e prerrogativas dos primogênitos. O livro de Rute fazia parte da coleção dos livros sagrados que se liam publicamente por ocasião de certos aniversários; porque tratando de assunto relativo às colheitas, liam-no nos dias de Pentecostes, que era a festa das colheitas. O livro de Rute figura na lista dos livros canônicos logo depois do livro de Juízes, tanto na versão dos Setenta como na enumeração feita por Josefo. Os acontecimentos que ele narra, deram-se nos tempos dos juízes, 1. 1, 60 anos, ou mais, antes de Davi nascer, 4. 21, 22. O consórcio de um piedoso israelita com uma moabita, é fato que se registou, e a prole dele é originada, na linha genealógica de Davi. Depois do exílio, um casamento desta natureza seria condenável e inadmissível. A narrativa é pois, caracteristicamente histórica, e confirma a harmonia que se nota com as circunstâncias do tempo e das relações cordiais existentes entre Israel e Moabe, 1 Sm 22. 3, 4. Os fatos são registados sem comentário algum, o que vem provar que foram escritos antes do cativeiro.

A linguagem assemelha-se na sua pureza, aos escritores daquela época, em paralelo com o livro dos Juízes. O livro de Rute não recebeu a sua forma literária final, senão muito tempo depois dos acontecimentos que ele contém; o que vem explicar o costume de tirar o sapato em sinal de testemunho na aquisição de propriedades, 4. 7, usado nos tempos primitivos.

S

SAAFE

1. Nome de um dos filhos de Jadai, incluído no registo de Calebe, 1 Cr 2. 47.

2. Nome de um dos filhos de Calebe com sua concubina Macbena. Foi criador dos habitantes de Madmana, 1 Cr 2. 49.

SAALABIM, *Raposas.*

Nome de uma cidade dos amorreus, situada dentro do território de Dã, Js 19. 42, nunca abandonada pelos seus primitivos donos, Jz 1. 35, senão depois do estabelecimento definitivo dos hebreus na terra de Canaã, 1 Rs 4. 9. Não identificada, ainda que alguns dizem que estava situada onde hoje se encontra Selbite, a três milhas a noroeste de Aijalom.

SAALBONITA

Nome dos habitantes ou naturais de Salabone, cidade desconhecida, ou mais provàvelmente de Saalbonita, 2 Sm 23. 32; 1 Cr 11. 33.

SAALIM, *Raposas.*

Nome de um distrito, situado na tribo de Efraim, por onde passou Saul, depois de sair de Salisa, à procura das jumentas de seu pai, 1 Sm 9. 4. Situação ignorada.

SAARAIM, *Dupla nascente.*

Nome de um benjamita, pai de numerosos descendentes, 1 Cr 8. 8.

SAARAIM, *Duas portas.*

1. Nome de uma cidade situada na parte baixa de Judá, Js 15. 36, a oeste de Soco e de Azeca, 1 Sm 17. 52, com 1.

Não identificada. Alguns assinalam seu antigo lugar em *Saireh*, entre as montanhas, a 5 milhas a nordeste de Soco; e outros dizem ser a aldeia de *Zakariya* ao lado do *wady es-Sunt*, a 2 milhas e meia a noroeste de Soco. Êste nome, porém, somente conserva uma única consoante em comum com Saaraim, além de que se parece mais com o nome do profeta Zacarias, cujo túmulo se vê ali.

2. Nome de uma cidade da tribo de Simeão, 1 Cr 4. 31.

SAASGAZ

Camareiro do rei Assuero, Et 2. 14.

SAAZIMA, *Lugares altos.*

Nome de uma cidade, situada nos limites de Issacar, Js 19. 22. Posição ignorada.

SÁBADO, *Descanso.*

Dia de descanso instituído por Deus, para ser observado por todos os homens. Tendo completado a obra da criação em seis dias, cessou de trabalhar no dia sétimo. "E abençoou o dia sétimo e o santificou; porque nele mesmo cessara de tôda a sua obra que Deus criou para fazer", Gn 2. 1-3. Veja *Criação.*

A referência que segue à divisão do tempo em períodos de sete dias, repete-se por ocasião do dilúvio, quando Noé recebeu prévio aviso da iminência da tempestade, sete dias antes de cair; e outra vez, quando soltou as aves, em intervalos de sete dias, para saber se já haviam baixado as águas do dilúvio, Gn 7. 4; 8. 10, 12. E não pára aqui a lição: ela repete-se em tôda a cronologia do dilúvio, quando interpretada de acordo com seus princípios, isto é, que a divisão hebdomadária do tempo, remonta-se às primeiras eras do mundo.

Os acontecimentos medem-se por espaços de sete dias, tanto nas páginas da Bíblia, como nos registos da Assíria. Veja *Dilúvio.* E o que é mais: Existem provas evidentes e muito abundantes, de que o sétimo dia representa uma das manifestações da benevolência divina para com o homem. Segundo ambas as narrativas, e contando desde o dia em que começou o dilúvio, o poder divino que mandou a tempestade, a fez cessar no fim do sexto dia. O dia sétimo aparece luminoso e belo: era o descanso. Foi também em um sétimo dia que Deus ordenou que os habitantes da arca saíssem dela, e quando Noé ofereceu o sacrifício de ação de graças. Um lance de vista pelas tábuas cronológicas, evidencia que teria sido no dia sétimo que Noé soltou as aves, por ser um dia de grande favor divino. Desde os dias de Noé até ao Êxodo, não se encontram ordens expressas sôbre a santificação do sétimo dia, pela abstenção do trabalho e pelas práticas religiosas. Não existiam motivos que as justificassem, pela ausência de fatos e acontecimentos especiais. É certo que naqueles tempos remotos o dia de Sábado não se diferençava muito dos outros dias, mesmo entre o povo de Deus. Os pastores nômades eram obrigados a certos trabalhos inadiáveis. Os israelitas, no Egito, não eram donos de si e não poderiam observar a santificação do sétimo dia. Quando o povo se organizou em unidade política, no Sinai, adotou-se novo modo de vida. Os israelitas elaboraram suas leis, constituíram-se em comunidade independente, estabeleceram a sua norma de vida no deserto, entregaram-se à agricultura e ao comércio, e, como era natural, à guarda do sábado assumiu nova feição. Tanto nos escritos literários dos hebreus como nos babilônicos anteriores ao êxodo, existem referências incidentais ao período setimanal, Gn 29. 27, 28. Deve-se entender, sem dúvida, que tal período corresponde aos sete dias da semana, a contar do modo que nos aprouver. Como quer que seja, a medição do tempo sempre se fez em períodos de sete dias. Várias causas contribuíram para generalizar êste costume; entre outras, contam-se as fases da lua. Porém, além desta, sobrepuja a concepção traçada em a narrativa do dilúvio, que o sétimo dia era de repouso e de favor divino para com os homens.

É assunto para discussão, se o nome sábado servia para designar o sétimo dia, entre os assírios e babilônios. Tinham eles um dia de propiciação aos seus deuses, que eles pronunciavam *shabattu*, Sábado.

Outros modos de pronunciar este nome são igualmente possíveis, dando um sentido que satisfaz plenamente à descrição do dia. Não se pode provar que fosse um dia especial da semana em que não havia trabalho servil. *Tabletes* do tempo de Assurbanipal, 650 A. C., dizem que o sétimo, o décimo quarto, o décimo nono, o décimo primeiro e o décimo oitavo dia de cada mês eram considerados de mau agouro para a prática de certos atos especiais. Estes dias aziagos, é bom notar, não se relacionam com as fases da lua, porque ela não faz quarto no dia dezenove; e em meses de trinta dias, como eram os meses em questão, só ocasionalmente havia quarto no sétimo dia. O azar do dia relacionava-se com o número sete. Não somente era mal fadado o sétimo dia periódico, como também o décimo nono, isto é, o quadragésimo nono dia, produto de sete vêzes sete, contados desde o primeiro dia do mês anterior. Estes sete dias periódicos não eram dias de descanso nacional, quando os *tabletes* vigoravam; somente alguns atos especificados não convinham a esses dias sem grave perigo. Os negócios e os trabalhos ordinários corriam como nos demais dias. Se estes *tabletes* nos dão conta da existência do Sábado, também testemunham a degradação de uma ordenança mais nobre de tempos mais remotos. Não perpetuam o pensamento que se descobre, mesmo nas inscrições dos assírios

acerca do dilúvio. Não sobem ao padrão erguido no quarto mandamento, como foi promulgado séculos antes no Sinai, conhecido entre os hebreus em toda a sua grandeza, nos tempos de Jeremias, jovem contemporâneo de Assurbanipal. Nestes *tabletes*, como entre os hebreus, não era a lua que determinava o descanso, ou o Sábado. Entre os hebreus, não era só o sétimo dia o único dia santo, mas também o dia que começava e que consagrava o sétimo mês; era igualmente santo o sétimo ano, bem como o que seguia ao quadragésimo nono ano. Todos estes períodos de tempo associavam-se à idéia de repouso, de adoração, de liberdade, de boa vontade para com os homens e do favor divino.

A primeira vez que aparece o nome Sábado nos livros dos hebreus, é em Êx 16. 23. Os israelitas ainda não haviam chegado ao monte Sinai, nem haviam recebido os dez mandamentos, que ali foram promulgados, e já no deserto de Sim, quando começou a cair o maná, eles o colhiam em dôbro no sexto dia. E Moisés disse-lhes: "Isto é o que o Senhor ordenou: Amanhã é o descanso do Sábado, consagrado ao Senhor. Fazei pois o que tendes que fazer, e cozei o que tendes que cozer: e tudo que sobejar, guardai-o para amanhã. E disse-lhes ainda Moisés: Comei-o hoje, porque o Sábado é do Senhor: nem hoje se achará no campo. Colhei-o nos seis dias: mas o dia sétimo é o Sábado do Senhor; por isso não se achará", Ex 16. 23-26; cp. v. 5. Logo depois, o preceito que ordenava a guarda do Sábado, foi promulgado juntamente com os outros nove por Jeová no Sinai e mais tarde escritos pelo dedo de Deus sobre tábuas de pedra, Ex 31. 18; Dt 9. 10. Juntamente com as outras leis, a guarda do Sábado era de obrigação perpétua. Começava assim: "Lembra-te de santificar o dia de Sábado." A frase "lembra-te" dá a entender que não era a primeira vez que eles tinham conhecimento do Sábado. Repetindo de novo as palavras da lei, quarenta anos depois, em Sitim, Moisés faz lembrar que o Senhor seu Deus lhes havia ordenado que observassem cuidadosamente o Sábado, e em vez de assinalar as razões em que se baseava este preceito, acrescenta: "Lembra-te que também serviste no Egito e que de lá te tirou o Senhor teu Deus, com mão poderosa e braço forte", motivo pelo qual o povo de Israel deveria sentir-se na obrigação de observar o descanso instituído por Deus, Dt 5. 15.

O dia sétimo chamar-se-á santo porque é o descanso do Senhor, Lv 23. 3; cp. Ez 46. 3, sinal estabelecido para que soubessem que o Senhor é que os santifica, Ex 31. 13. A doutrina ensina claramente que este dia foi ordenado por Deus, para repouso do corpo, e bem-estar do homem; que o deviam observar, imitando o exemplo que Deus dá, e por causa das bênçãos por ele conferidas. A redenção do cativeiro donde vieram, os punha sob a obrigação de guardar este dia, em que deveriam reunir-se para o culto divino. Recordava este dia que Deus descansou da sua obra e que o povo havia sido libertado da escravidão do Egito. No dia de sábado ofereciam-se dois cordeiros, em vez de um, que se oferecia nos outros dias da semana, Nm 28. 9, 19. Neste dia punham-se sobre a mesa os pães da proposição, para substituirem aos que eram retirados e que pertenciam a Arão e a seus filhos, Lv 24. 5-8; 1 Cr 9. 32. Em obediência à lei do descanso, ninguém deveria acender fogo em suas casas; quem trabalhasse nesse dia era condenado à morte. Estando os filhos de Israel no deserto, acharam um homem enfeixando a lenha no dia de Sábado, e o apresentaram a Moisés, e todo o povo o apedrejou e morreu como o Senhor tinha mandado, Êx 35. 3; Nm 15. 32-36. Veja *Punição*, Is 56. 2-6 e Jr 17. 21-27, exortam fortemente o povo a guardar o Sábado. O salmo 92 celebra as delícias do dia de Sábado na contemplação das obras de Deus. Ezequiel lamenta que o dia de Sábado tenha sido profanado em tão larga extensão, Ez 20. 12-24; 22. 8-26; 23. 38. Nos tempos de Neemias, os negociantes, principalmente os de Tiro, traziam continuamente mercadorias a Jerusalém no dia de descanso, pelo que Neemias condenou com veemência êste costume e tomou severas medidas contra aqueles que contrariassem suas ordens, Ne 10. 31; 13. 15-22. No começo da guerra da independência sob a direção da família dos macabeus, julgavam os defensores da pátria que não deveriam defender-se se fôssem atacados no dia santo, pelos inimigos. Começou a campanha em dia de Sábado, morrendo 1.000 patriotas e suas famílias que não ofereceram resistência. Os sobreviventes resolveram então que daí em diante ofereceriam resistência se fossem atacados no dia de descanso, porém não iniciariam operações de guerra, 1 Mac 2. 31-41. Por este motivo, os gentios tinham vantagem sobre os hebreus, por não se acharem obrigados por este dever sagrado. Aproveitavam os dias de Sábado para estabelecerem o cêrco e fazerem outros preparativos de guerra, abstendo-se, porém, de atacar diretamente os judeus. O general Pompeu levantou trincheiras e assestou aríetes contra a cidade santa, em dia de sábado sem receber resistência alguma, deixando para depois de findar o dia, o ataque aos muros, Antig. 14. 4, 2, 3. No tempo de Cristo, os fariseus aplicavam a lei do descanso aos atos mais triviais da vida, proibindo muitas obras de necessidade e misericórdia. Acusaram a Jesus por fazer curas em dia de Sábado, ao mesmo tempo que achavam lícito retirar o boi, o animal, ou a ovelha que tivesse caído dentro de um poço. Também julgavam necessário levar os animais a beber, como em qualquer outro dia da semana, Mt 12. 9-13; Lc 13. 10-17. E não eram somente as curas feitas em dia de Sábado que eles condenavam. Quando os discípulos de Jesus passavam pelas searas e colhiam espigas, e machucando-as nas mãos as comiam, porque tinham fome, os fariseus os censuraram, como se fosse essencialmente o mesmo trabalho de fazer colheitas e moer o trigo. A isto nosso Senhor deu uma notável resposta, dizendo: "O Sábado foi feito em contemplação ao homem e não o homem em contemplação ao Sábado. Assim que o filho do homem é Senhor também do Sábado", Mc 2. 23-28. O Sábado foi instituído para benefício do gênero humano; as suas obrigações duram enquanto o homem viver e enquanto subsistirem as suas necessidades. O Filho do homem não é escravo do Sábado e sim dono dele. O dia consagrado ao culto na sinagoga era o sétimo da semana, Mt 12. 9, 10; At 13. 14. Desde o princípio, a igreja apostólica reunia-se para o culto no dia primeiro da semana, dia em que Jesus Cristo ressuscitou dos mortos para nossa justificação, At 2. 1; 20. 7. Nesse dia é que os cristãos de Galácia e de Corinto, deveriam, segundo as recomendações de S. Paulo, fazer as coletas em benefício dos pobres. 1 Co 16. 1, 2. Este primeiro dia da semana ficou-se chamando dia do Senhor, ou Domingo, Ap 1. 10, e passou a ser considerado como dia de descanso, igual ao sábado judaico.

Serve igualmente para solenizar a redenção de seu povo. As bênçãos, tanto físicas como espirituais, que decorrem desta instituição, demonstram muito bem a bondade divina para com o povo de Deus. A terra também tinha o seu sábado. Depois de seis anos de semeadura, descansava. Seguia-se um ano de repouso, que se repetia, periodicamente de sete em sete anos. Nesse ano não havia sementeira nem colheitas, nem tampouco se colhiam as uvas e as azeitonas. Os produtos desse ano pertenciam a todos. No ano sabático, o credor não poderia mais cobrar ao devedor, cuja dívida era cancelada, e ficava livre o escravo hebreu, Ex 23. 10, 11; Lv 25. 3-7; Dt 15. 1-18; Ne 10. 31. No fim de sete anos sabáticos, isto é, depois de quarenta e nove anos, soava a trombeta para proclamar a liberdade por toda a terra dos hebreus; era o ano do jubileu, voltava o homem à sua possessão, e cada um tornava para a sua primeira família, Lv 25. 8-10. Veja *Jubileu*. São dignas de

nota as notícias históricas sobre a observância do ano sabático no tempo de Neemias, Ne 10. 31, no ano 150 dos selêucidas, ou 164-163 A. C., 1 Mac 6. 49-53; cp. Antig. 12. 9, 5, e o decreto de César, isentando de impostos os judeus, durante o ano sabático, Antig. 14. 10, 6; cp. Tácito Hist. 5. 4, ano 38-37 A. C., Antig. 14. 16, 2; 15. 1, 2, no ano anterior à queda de Jerusalém, A. D. 68-69. Talmude. Veja também Antig. 11. 8, 5.

Se os israelitas violassem as leis divinas sofriam o cativeiro em terra estranha. Então desolados teriam o seu descanso em todos os dias de sua soledade, em paga dos anos sabáticos que a ganância lhe havia roubado, Lv 26. 34-43. Jeremias profetizou que o povo seria punido por causa da sua idolatria, ficando a terra abandonada, e os habitadores dela, levados para o cativeiro babilônico onde estariam durante setenta anos, Jr 25. 7-11. O cronista bíblico relaciona o cativeiro com as desobediências do povo e com a profanação do templo, acrescentando que os hebreus foram escravos em Babilônia durante setenta anos conforme o havia predito Jeremias; a terra celebrou os seus sábados; porque durante o tempo da sua desolação, esteve num sábado continuado, até que se completaram setenta anos, 2 Cr 36. 14, 16, 20, 21. Não se deve inferir que o povo havia negligenciado o ano sabático exatamente setenta vezes, ou que essa negligência se deu em anos contínuos. Sem dúvida haviam cometido essa falta algumas vezes porque um povo idólatra e desobediente sempre se esquece das suas obrigações quando ferem interesses pecuniários. Evidentemente, qualquer espaço de tempo determinado para santificação e repouso, chamava-se sábado, como o sétimo dia da semana, o sétimo ano e o dia da explação que era o décimo do sétimo mês, Lv 23. 32.

A jornada de um sábado era avaliada a juízo dos escribas. Esta expressão encontra-se em At 1. 12, determinando o espaço compreendido entre o monte das Oliveiras e a cidade de Jerusalém, ou desde esta cidade a um lugar no monte, de onde se avistava Betânia, Lc 24. 50. Medindo-se a distância, desde a porta oriental de Jerusalém, conforme o método judaico de calcular, até ao lugar onde existe a igreja da Ascenção, no cume do monte das Oliveiras, igual ao vôo de um corvo, é de cerca de 2.250 pés ingleses, ou 742. m 5. A jornada de um sábado atual, é consideravelmente maior. Segundo Josefo, o monte distava da cidade, cerca de seis ou sete estádios, Antig. 20. 8, 6; Guerras 5. 2, 3.

A regulamentação da jornada de um sábado originou-se de uma proibição contida no livro de Êx 16. 29, ordenando que cada um ficasse na sua tenda no dia de Sábado. Calcularam em 2.000 covados a viagem do Sábado, baseando-se para isso em uma interpretação errônea de Nm 35. 5, segundo a qual o distrito de uma cidade levítica se estendia a 2.000 côvados além dos muros em todas as direções, e servindo-se também do exposto em Js 3. 4, estabelecendo o espaço de 2.000 côvados entre o campo e o tabernáculo, que poderiam percorrer no Sábado. Dentro de uma cidade a viagem devia ser a mesma neste dia.

SABÃO

O sentido desta palavra difere do emprego que ela tem em nossos dias. As palavras hebraicas *bor*, *borith*, querem dizer cousa que lava, espécie de álcali. Empregava-se para a limpeza do corpo, Jó 9. 30, para lavar os vestidos, Jr 2. 22; Ml 3. 2, e para dissolver as fezes de um metal derretido, Is 1. 25. Os tradutores gregos julgaram que fôsse uma planta, ou algum produto vegetal, porque o designaram pela palavra grega *poa*, erva, ou planta semelhante. A raiz da saponária, *Saponaria officinalis*, é muito conhecida na Palestina para branquear os tecidos de linho, sem deixar manchas. O emprego do álcali para dissolver as gorduras, dá a entender que se usava dele em forma de cinzas. Sem dúvida obtinha-se do mesmo modo, ou pelo mesmo processo, como a barrilha, *Salicornia fruticosa*, e a soda, *Salsola kali*, que até agora são reduzidos a cinzas para se extrair delas o álcali que elas contêm.

SABAOTE, *Exércitos.*

O Senhor de sabaote é o mesmo que dizer Senhor dos Exércitos, não traduzindo a segunda parte do título, Rm 9. 29, com Is 1. 9; Tg 5. 4. Veja *Senhor*.

SABEDORIA

Os hebreus dividiam os conhecimentos em três classes: Sabedoria, Lei e Profecia. A Lei continha os mandamentos e os preceitos que regulavam as obrigações do homem para com Deus. A Profecia denunciava os juízos de Deus contra aquêles que violavam as leis divinas, regulava o seu proceder e explicava o objeto das relações de Deus com os homens. A Sabedoria buscava, pela observação, pela experiência e pela reflexão, o conhecimento das cousas, a sua essência, em suas relações com Deus e o homem. A Lei e a Profecia vinham de Deus diretamente, que em sentido mais elevado se denominam — Palavra de Deus. A Sabedoria tem sua origem no homem, como produto da experiência e da observação. Conquanto seja produto humano, sabe-se que a boa compreensão das cousas é dom de Deus, e que a sabedoria tem seus fundamentos no temor de Deus e na guarda de seus mandamentos, Sl 111. 10; Pv 9. 10; Ec 12. 13. Nos primeiros capítulos do livro de Provérbios, no livro de Jó e na Sabedoria de Salomão encontra-se a personificação deste sublime conhecimento. Os sábios conselheiros aparecem na história de Israel de tempos em tempos, Jr 18. 18, como a mulher de Tecoa, 2 Sm 14. 2, a ajuizada mulher de Betmaaca, 20. 18, as quatro celebridades, Etã, Hemã, Calcol e Dorda, 1 Rs 4. 31, cujas palavras tomaram a forma de parábolas, 2 Sm 14. 4-11, de preceitos, Pv 24. 27-29, de provérbios, 23-26, de enigma, 1. 6, e a história da vida real com as suas lições, 24. 30-34. Encontramos espécimens de profunda observação, de métodos e de ditos sentenciosos, na fábula de Joatão, Jz 9. 7-20, nos ditos enigmáticos e obscuros de Sansão, 14. 14, na parábola do profeta Natã e das palavras sentenciosas da mulher de Tecoa a certo profeta, 2 Sm 12. 1-7; 14. 4-17; 1 Rs 20. 35-43, e a fábula proferida pelo rei Joás, 2 Rs 14. 9, 10. Mas os grandes monumentos da sabedoria dos hebreus eram Jó, Provérbios, Eclesiastes, Eclesiástico e a Sabedoria de Salomão.

SABETAI, *Pertencente ao sábado.*

Nome de um levita do tempo de Esdras, Ed 10. 15; Ne 11. 16.

SABEUS

Povo de Saba, Is 45. 14, nação longínqua, Jl 3. 8; cp. Ez 23. 42.

SABTÁ

Nome de um povo, filho de Cus, Gn 10. 7; 1 Cr 1. 9, provavelmente localizado ao sul da Arábia. Uma forte corrente de opiniões aponta a cidade de Sabata ou Sabota, do país de Catramotita, como sendo o local da antiga Sabtá, porém, de identificação duvidosa. Gesenius acha que deve ser Sabate, Saba ou Sabai, nas vizinhanças da moderna *Arkiko*, cidade da Abissínia, situada em uma das baías do Mar Vermelho.

SABTECÁ

Nome de um povo descendente de Cus, Gn 10. 7; 1 Cr 1. 9, provavelmente do sul da Arábia.

SACAR, *Mercadoria.*

1. Nome de um ararita, filho de um dos valentes de Davi, 1 Cr 11. 35. Em 1 Sm tem o nome de Sarar, 23. 33.

2. Nome de um dos filhos de Obede-Edom, 1 Cr 26. 4.

SACERDOTE

Ministro investido de autoridade. Às vezes denota um ministro de estado, assistente responsável junto do rei, 2 Sm 8. 18. Em 2 Sm 20. 26, o oficial Jair é denominado sacerdote de Davi; e em 1 Cr 18. 17, os filhos de Davi são os primeiros depois do rei. Em 1 Rs 4. 5, diz-se que o sacerdote Zabude era íntimo, ou amigo do rei. Freqüentemente os ministros do santuário são denominados sacerdotes levíticos, porquanto o sentido da palavra *kohen*, ministro, sacerdote, exige qualidades descritivas.

Um ministro devidamente autorizado, para oficiar perante uma divindade, em favor de um povo e tomar parte em outros ritos, chama-se sacerdote. A função essencial a seu cargo era a de mediador entre Deus e o homem. Em geral, formavam os sacerdotes uma classe de funcionários muito distinta entre as nações da antigüidade, como no Egito, em Midiã na Filistia, na Grécia, em Roma, etc. Gn 47. 22; Êx 2. 16; 1 Sm 6. 2; At 14. 13. Na falta de uma corporação regularmente organizada, o ofício de sacerdote era exercido desde tempos imemoriais, por indivíduos particulares, tais como, Caim e Abel; pelos patriarcas em favor de suas famílias, ou da tribo, como Noé, Abraão, Isaque, Jacó, Jó, bem assim os chefes de uma corporação, ou de um povo. No tempo do êxodo havia indivíduos investidos destas prerrogativas por direito natural, por causa da crescente necessidade do momento, em conseqüência do aumento da população e das influências do sa-

Sumo Sacerdote

cerdócio egípcio, Êx 19. 22. Mesmo depois de organizado o sacerdócio levítico, homens havia que, fora desta corporação, também exerciam as funções de sacerdote. Quando Deus mesmo dispensava a mediação dos sacerdotes ordenados, e se revelava imediatamente a um indivíduo estranho à corporação sacerdotal, tal pessoa sentia-se no direito de oferecer sacrifícios, sem que fosse necessária a intervenção dos mediadores regularmente ordenados, Jz 6. 18, 24, 26; 13. 16. Quando, por motivos políticos, tornava-se impossível aos que habitavam no reino do norte, utilizarem-se do ministério dos sacerdotes levíticos, o pai de família, ou outra pessoa indicada, de acordo com a lei primitiva, levantava o altar e oferecia sacrifícios a Jeová, 1 Rs 18. 30.

Quando o povo hebreu se organizou em nação no Sinai, levantou-se o tabernáculo e o serviço do santuário foi organizado de acordo com a dignidade de Jeová de modo a não ficar devendo nada às mais cultas nações da antigüidade. Daí nasceu a necessidade de um corpo sacerdotal. Arão e seus filhos foram designados para este cargo que se perpetuou na família, e a ela restringido, Êx 28. 1; 40. 12-15; Nm 16. 40; cp. 17 e 18. 1-18; cp. Dt 10. 6; 1 Rs 8. 4; Ed 2. 36 e seg. Todos os filhos de Arão eram sacerdotes, salvo nos casos de deformidades físicas, Lv 21. 16 e seg. Quando a Escritura se refere à classe sacerdotal, emprega as expressões — sacerdotes, ou filhos de Arão, aludindo à descendência deste sacerdote, 1. 5; 2 Cr 26. 18; 29. 21; 35. 14; cp. Nm 3. 3; 10. 8; Js 21. 19; Ne 10. 38, ou sacerdote da linhagem de Levi, aludindo à tribo a que pertenciam, Dt 17. 9, 18; 18. 1; Js 3. 3; 8. 33; 2 Cr 23. 18; 30. 27; Jr 33. 18, 21; cp. Ex 38. 21, ou ainda como sacerdotes e levitas, filhos de Sadoque, designando o ramo da família de que descendiam, Ez 44. 15; cp. 43. 19. Este modo de referir-se à classe dos sacerdotes, como acabamos de ver nas passagens citadas, era muito comum no tempo em que se fazia questão fechada em distinguir as funções dos sacerdotes e dos levitas, como se vê na história em que os ministros do altar no tabernáculo e no templo, e aqueles que traziam o Urim e Tumim, também pertenciam à família de Arão.

As obrigações dos sacerdotes eram, em geral, de três categorias: Ministrar no santuário diante do Senhor, ensinar o povo a guardar a lei de Deus e tomar conhecimento da vontade divina, consultando o Urim e Tumim, Êx 28. 30; Ed 2. 63; Nm 16. 40; 18. 5; 2 Cr 15. 3; Jr 18. 18; Ez 7. 26; Mq 3. 11. O sacerdote estava sujeito a leis especiais, Lv 10. 8 e seg. Em referência ao casamento, só poderia tomar mulher que fosse de sua própria nação, mulher virgem ou viúva, que não fosse divorciada, e cuja genealogia fosse tão regular como a dos próprios sacerdotes, 21. 7; Ed 10. 18, 19; cont. Apiom. 1. 7. As vestimentas consistiam de calções curtos desde os rins até as coxas; uma camisa estreita, tecida de alto a baixo e sem costura, descendo até aos artelhos e apertada na cinta por um cíngulo bordado, simbòlicamente ornamentado; uma tiara em forma cônica, tudo feito de linho fino e branco, Êx 28. 40-42; Antig. 3. 7, 1-3. Os sacerdotes e outros oficiais de serviço religioso costumavam vestir um éfode de linho, sem bordados e sem os adornos custosos como o que usava o sumo sacerdote, 1 Sm 2. 18; 22. 18; 2 Sm 4. 14.

Por ocasião da conquista de Canaã, atendendo às necessidades atuais dos descendentes de Arão, que sem dúvida já estavam na terceira geração, porém mais especialmente em atenção às necessidades futuras, separaram-se treze cidades para sua residência e criação de seus gados, Js 21. 10-19. Davi dividiu os sacerdotes em vinte e quatro classes. Exceto por ocasião das grandes festividades em que todos eles tinham de oficiar; cada uma das classes oficiava uma semana de cada vez, substituída em cada sábado de tarde, antes do sacrifício, 1 Cr 24. 1-19; 2 Rs 11. 5-9; Antig. 7. 14, 7. Parece que destas vinte e quatro classes, somente quatro voltaram de Babilônia com Zorobabel, Ed 2. 36-38, porém, o antigo número foi reconstruído, segundo parece, cp. Lc 1. 5-9. Havia distinções no corpo sacerdotal. O supremo pontífice era o sumo sacerdote; seguia-se o segundo sacerdote, 2 Rs 25. 18, que provavelmente era denominado o pontífice da casa de Deus, 2 Cr 31. 13; Ne 11. 11, e o magistrado do templo, At 4. 1; 5. 24. Os pontífices de que fala o Novo Testamento eram os sumos sacerdotes, membros da família dos antigos sacerdotes e funcionavam irregularmente. A lei que regulava o acesso às funções do sumo sacerdócio havia caído em olvido em conseqüência das perturbações políticas e do domínio estran-

geiro. Os pontífices eram investidos em seu ofício ou dele despojados à mercê dos governos dominantes.

SACHO

Nome de um instrumento que servia para afrouxar o solo, semelhante a uma picareta, com duas lâminas em diferentes planos, uma delas, semelhante a um machado, que servia para cortar, e a outra parecida com uma enxó, destinada a arrancar as raízes das árvores. No Antigo Testamento, a palavra sacho, ou picareta, é a tradução de: (1) *Mahareshah*, instrumento cortante, mencionado em 1 Sm 13. 20. *Mahareshath* é outra palavra semelhante derivada da mesma raiz, que se encontra no v. 20, e que quer dizer relha de arado. Ambos estes instrumentos eram feitos de metal. (2) A outra palavra é *Mader*, instrumento que serve para amanho da terra; empregado em cavar a terra e limpar os vinhedos, Is 7. 25.

SACO de CILÍCIO

Tecido grosseiro de cor escura, fabricado com pelo de bode, Ap 6. 12, que os hebreus denominavam *sak*. Era costume vestirem com este pano os carpidores, 2 Sm 3. 31; 2 Rs 19. 1, 2, e algumas vêzes os profetas, Is 20. 2; Ap 11. 3, e os cativos, 1 Rs 20. 31; cp. Is 3. 24. Tinha a semelhança de um saco, aberto em cima para enfiar a cabeça, e aos lados, para introduzir os braços. Jacó cobriu-se de cilício ao ter notícia da suposta morte de seu filho José, Gn 37. 34; os servos de Benadade cingiram-se de sacos para alcançarem o favor do rei de Israel, 1 Rs 20. 31; Davi ordenou a Joabe e a todo o povo que estava com êle que rasgassem os seus vestidos e se cobrissem de saco, para chorar a morte de Abner, 2 Sm 3. 31; os ninivitas vestiram-se de saco ao ouvirem a pregação de Jonas, Jn 3. 6; cp. 2 Sm 21. 10; Acabe cobriu a sua carne de um cilício, ao ouvir as denunciações de Elias, 1 Rs 21. 27; o mesmo fêz Jó 16. 16, nos extremos de sua angústia. Servia também o pano de cilício para fazer sacos, Gn 42. 25; Js 9. 4.

SADE

Décima oitava letra do alfabeto hebreu. Nenhuma letra do nosso alfabeto a ela corresponde. Serve para marcar uma das secções do Salmo 119, cujas linhas no hebraico, começam por ela.

SADOQUE, Em hebreu *justo, reto*.

Nome de um dos antecessores de Cristo, que viveu depois do exílio, Mt 1. 14.

SADRAQUE, Do babilônico *Shudurahu*, decreto do deus lua.

Nome que o príncipe dos eunucos, ou eunuco mor, deu a Ananias, um dos fiéis hebreus, que mais tarde foi miraculosamente salvo da fornalha ardente, Dn 1. 7; 3. 12-30.

SADUCEUS

Nome de um partido oposto à seita dos fariseus, Antig. 13. 10. 6. Compunha-se de um número comparativamente reduzido de homens educados, ricos e de boa posição social, 18. 1, 4. A julgar pela sua ortografia, a palavra saduceu deriva-se de Zadoque, que em grego se escrevia *Sadouk*. Dizem os rabinos que o partido tirou o nome de *Zadok*, seu fundador, que viveu pelo ano 800 A. C. Porém, compondo-se êste partido de elementos da alta aristocracia sacerdotal, crê-se geralmente que o nome Zadoque se refere ao sacerdote de igual nome que oficiava no reinado de Davi, e em cuja família se perpetuou a linha sacerdotal até a confusão política na época dos Macabeus. Os descendentes deste Zadoque tinham o nome de zadoquitas ou saduceus.

Em oposição aos fariseus, acérrimos defensores das tradições dos antigos, os saduceus limitavam o seu credo às doutrinas que encontravam no texto sagrado. Sustentavam que só a palavra da lei escrita os obrigava, Antig. 13. 10, 6; defendiam o direito do juízo privado na interpretação da lei, 18. 1, 4; cingiam-se à letra das escrituras mesmo nos casos mais severos da administração da justiça, 20. 9. Distinguiam-se dos fariseus nos seguintes pontos: (1) Negavam a ressurreição e o juízo futuro, afirmavam que a alma morre com o corpo, Mt 22. 23-33; At 23. 8; Antig. 18. 1, 4; Guerras 2. 8, 14. (2) Negavam a existência dos anjos e dos espíritos, At 23. 8, (3) Negavam o fatalismo em defesa do livre arbítrio, ensinando que todas as nossas ações estão sujeitas ao poder da vontade, de modo que nós somos a causa dos atos bons; que os males que sofremos resultam de nossa própria insensatez, e que Deus não intervém nos atos de nossa vida, quer sejam bons, quer não, Antig. 13. 5, 9; Guerras 2. 8, 14. Negavam a imortalidade e a ressurreição, baseando-se na ausência destas doutrinas na lei mosaica, não defendiam a fé patriarcal na existência de Sheol, não só por não se achar bem defendida, como por não conter os germes das doutrinas bíblicas acerca da ressurreição do corpo e das recompensas futuras. Não se pode negar que os patriarcas criam na existência futura da alma além da morte. Negando a existência da alma e dos espíritos, os saduceus entravam em conflito com a angelogia do Judaísmo elaborada no seu tempo, e ainda iam ao outro extremo: não se submetiam ao ensino da lei, Êx 3. 2; 14. 19. A princípio, provavelmente, davam relevo à doutrina a respeito da interferência divina nas ações humanas, punindo-as ou recompensando-as neste mundo, de acôrdo com seu caráter moral. Se realmente ensinavam, como afirma Josefo, que Deus não intervém em nossos atos, bons ou maus, repudiavam os ensinos claros da lei de Moisés em que professavam crer, Gn 3. 17; 4. 7; 6. 5-7. É possível que começassem negando as doutrinas expressamente ensinadas na letra da Escritura. E, rendendo-se à influência da filosofia grega, adotaram os princípios aristotélicos, recusando-se a aceitar qualquer doutrina que não pudesse ser provada pela razão pura.

Quanto à origem e desenvolvimento dos saduceus, Schurer é de parecer que a casa sacerdotal de Zadoque, que estava à testa dos negócios da Judéia no quarto e terceiro século A. C. quando sob o domínio persa e grego, começou, talvez inconscientemente, a colocar a política acima das considerações religiosas. No tempo de Esdras e de Neemias, a família do sumo sacerdote era mundana e inclinada a consentir na junção de judeus com os gentios. No tempo de Antíoco Epifanes, grande número de sacerdotes amava a cultura grega, 2 Mac 4. 14-16, entre eles contavam-se os sumos sacerdotes Jasom, Menelau e Alcimus. O povo postou-se ao lado dos Macabeus para defender a pureza da religião de Israel. Quando este partido triunfou, os Macabeus tomaram conta do sacerdócio e obrigaram os zadoquitas a se retirarem para as fileiras da política, onde continuaram a desprezar os costumes e as tradições dos antigos e a favorecer a cultura e a civilização grega. João Hircano, Aristóbulo e Alexandre Janeu, 135-78 A. C. deram apoio aos saduceus, de modo que a direção dos negócios políticos estava em grande parte em suas mãos, durante o domínio dos romanos e de Herodes, visto serem os sacerdotes deste período, membros da seita dos saduceus, At 5. 17; Antig. 20. 9, 1. Os saduceus, e assim mesmo os fariseus, que iam ao encontro de João Batista no deserto, foram por ele denominados raça de víboras, Mt 3. 7. Unidos aos fariseus, pediram a Jesus que lhes fizesse ver algum prodígio do céu, Mt 16. 1-4. Contra estas duas seitas, Jesus preveniu a seus discípulos, 5-12. Os saduceus tentaram a Jesus, propondo-lhe um problema a respeito da ressurreição. A resposta de Jesus reduziu-os ao silêncio, 22. 23-33. Ligaram-se com os sacerdotes e com o magistrado do templo para perseguirem a Pedro e a João, At 4. 1-22. Tanto os fariseus como os saduceus achavam-se no sinédrio, quando acusavam a S. Paulo, que, aproveitando-se das

suas divergências de doutrina, habilmente os atirou uns contra os outros, 23. 6-10.

SAFÃ, *Texugo.*

1. Nome de um escriba no reinado de Josias. Quando Helcias achou o livro da lei na casa do Senhor, ele o deu a Safã, que o leu em particular e depois na presença do rei. Foi êle o mesmo que, mais tarde, se dirigiu à casa da profetisa Hulda para consultá-la a respeito das ameaças contidas no livro da lei, 2 Rs 22. 8-14. Safã foi pai de Aicão, Jr 26. 24; 39. 14, de Gamarias, 36. 10, e de Jaazanias, Ez 8. 11, e avô de Gedalias, 2 Rs 25. 22.

2. Nome de um gadita morador em Basã, 1 Cr 5. 12.

SAFATE, *Ele julgou.*

1. Nome de um representante da tribo de Simeão que fez parte da comissão enviada para reconhecer a terra de Canaã, Nm 13. 5.

2. Nome de um gadita governador em Basã, 1 Cr 5. 12.

3. Nome de um filho de Adlai, guarda dos rebanhos de Davi, que se criavam nos vales, 1 Cr 27. 29.

4. Nome do pai do profeta Eliseu, 1 Rs 19. 16.

5. Nome de um dos filhos de Semaías, registado com os descendentes de Davi, 1 Cr 3. 22.

SAFE, *Bacia, fundação, limiar.*

Nome de um gigante filisteu, morto por Sibecai em Gobe, quando combatia, 2 Sm 21. 18; Em 1 Cr 20. 4, tem o nome de Sipai.

SAFIR, *Bela.*

Nome de uma cidade de Judá, Mq 1. 11. Não identificada. Robinson e outros expositores dizem que existia no lugar onde se acha a povoação de *Suwafir*, 5 milhas a nordeste de Azoto.

SAFIRA[1]

Pedra preciosa, Tobias, 13. 16, chamada em Hebreu *Sapir*, e em grego *Sappheiros*. No racional do juizo que ornava o peito do sumo sacerdote, ocupava a segunda ordem, entre outras duas pedras preciosas, Ex 28. 18. O segundo fundamento do muro da Nova Jerusalém, descrita por S. João, é feito de pedras de safira, Ap 21. 19. Prestava-se a ser polida, Lm 4. 7, e tinha grande valor, Jó 28. 16; cp. Ct 5. 14; Is 54. 11. A safira é uma das três variedades do espato adamantino, de que fazem parte também o corundum propriamente dito e o esmeril. Tem cor azulada, é transparente ou transluzente. É menos resistente que o diamante, e muito apreciada. Antigamente vinha da Índia e da Etiópia. Em Ceilão encontram-se lindos espécimens desta pedra.

SAFIRA[2], *Beleza.*

Nome da mulher de Ananias, ferida de morte por haver mentido a Deus. Participou do pecado e da punição de seu marido que havia cometido igual pecado, At 5. 1-10.

SAGE, *Errante.*

Nome de um ararita, pai de um dos valentes de Davi, 1 Cr 11. 34. Alguns expositores lêem Agê em vez de Sage, baseando-se em 2 Sm 23. 11. Comparando 2 Sm 23. 32, 33 com a revisão dos Setenta feita por Luciano, conclui-se que o verdadeiro nome é *Shammah.*

SAL

O sal de qualidade inferior encontrava-se nas praias do Mar Morto, depois de evaporada a água salgada, e bem assim nos outeiros vizinhos. Servia na terra de Canaã e nas regiões adjacentes para temperar a carne dos animais mortos, e preservá-la da corrupção, Jó 6. 6; Ecclus 39. 26. Tudo que se oferecia em sacrifício, segundo a lei, era temperado com sal, Lv 2. 13; Ez 43. 24; Antig. 3. 9, 1. A terra salgada não produz, Jó 39. 6. Nas cidades vencidas e condenadas a total ruína, o inimigo semeava sal para evitar que a cultivassem de novo. Assim fez Abimeleque à cidade de Siquém, Jz 9. 45. O sal preserva da corrupção, dá tempero ao alimento e serve para representar figuradamente os verdadeiros discípulos de Jesus, que pela sua doutrina e pelos seus exemplos erguem o moral dos povos, Mt 5. 13; Mc 9. 50; Lc 14. 34. O sal também serve para representar o bom caráter e as boas palavras, Mc 9. 50; Cl 4. 6. O sal impuro da Síria, quando exposto à chuva e ao sol, ou conservado em lugares úmidos, perdia as suas propriedades boas e para nada mais ficava servindo, Mt 5. 13; Lc 14. 35. Durante as convulsões que deram fim às cidades de Sodoma e Gomorra, a mulher de Ló, detendo-se na região condenada, pereceu, transformando-se em estátua de sal, Gn 19. 26; Sab. 10. 7; Antig. 1. 11, 4. Provavelmente caiu sobre ela uma chuva de sal que a encrustou.

Pacto de sal era aquele em que as obrigações estipuladas eram contínuas e permanentes, Lv 2. 13; Nm 18. 19; 2 Cr 13. 5.

SALA, *Missivo, arremesso.*

1. Nome de um dos filhos de Arfaxade, Gn 10. 24; 11. 12-15; 1 Cr 1. 18.

2. Nome de uma piscina de Jerusalém, perto do jardim do rei, traduzido em Ne 3. 15, por Hasselá.

3. Nome do terceiro filho de Judá, nascido de uma mulher cananéia. Foi chefe de uma família tribal, Gn 38. 2, 5, 11, 14, 26; Nm 26. 20.

SALA DE VERÃO

A sala de verão do rei Eglom estava situada em pavimento superior, para receber as brisas que amenizavam o ambiente, Jz 3. 20.

SALAI, *Veloz.*

Nome de um sacerdote, chefe de uma família que tinha o nome de Salai, do tempo de Joaquim, sumo sacerdote, Ne 12. 20.

SALAI, *Exaltado.*

1. Nome do chefe de uma família de benjamitas que residiu em Jerusalém, Ne 11. 8.

2. Nome de um chefe de família sacerdotal depois do cativeiro, Ne 12. 20.

SALAMINA

Nome de uma cidade, situada na costa oriental de Chipre, que a tradição diz haver sido edificada por Teucro, que foi para lá da ilha de Salamis, que ficava distante da costa helênica. Existiam nela sinagogas de judeus, nas quais pregou o apóstolo Paulo, quando fez a sua primeira viagem missionária, At 13. 4, 5. Mais adiante teve o nome de Constância e agora chama-se Famagusta.

SALÁRIOS

Nos tempos antigos, não raras vezes, eram pagos em espécie, Gn 29. 15, 20; 30. 28-31; no Egito, pagavam em dinheiro, ou em mercadorias, no tempo em que lá estiveram os israelitas, Ex 2. 9. A lei mosaica mandava pagar o salário dos trabalhadores na tarde de cada dia, Lv 19. 13; Dt 24. 14, 15. Reter o pagamento devido, era crime que os profetas denunciaram em têrmos muito severos, Jr 22. 13; Mt 3. 5; Tg 5. 4. Tobias pagava uma dracma, 16 cents, por dia, e mais o sustento, a cada trabalhador, Tob. 5. 14. No tempo de Cristo, o salário para um dia de serviço regulava um denário, igual a 17 cents, Mt 20. 2. Ignora-se para que servia tão pequena quantia, mas, evidentemente, não era tão exígua como parece, Lc 10. 35. Nos últimos tempos da república romana, o soldado ganhava 10 asses por dia, igual a um *dime*, Tácito. Anais, 1. 17.

SALATIEL, *Pedi a Deus.*

Nome de um dos filhos do rei Jeconias, 1 Cr 3. 17; Mt 1. 12, e também de um filho de Neri, Lc 3. 27. Foi pai de Zorobabel, Ed 3. 2, etc., e talvez seu tio, e até seu avô, 1 Cr 3. 17-19. Explica-se do seguinte modo: conquanto não fosse fi-

lho de Jeconias, nem pai de Zorobabel, segundo a carne, contudo era sucessor legítimo de Jeconias com direito ao título de rei, e por sua morte, os direitos ao trono, passavam para Zorobabel. É ele o laço de união da realeza entre Joconias e Zorobabel. Veja *Assir, Zorobabel* e *Cronologia, II*.

SALCA, *Estrada*.

Nome de uma das cidades de Basã, perto de Edrei, Dt 3. 10; Js 12. 5; 13. 11. Ficava nos limites do reino de Ogue, e mais tarde, limite setentrional da tribo de Gade, 1 Cr 5. 11. Agora chama-se *Salkhad*, ligeira modificação do antigo nome. Fica a 35 milhas ao oriente de Edrei e a 66 ao oriente do Jordão fronteira a Bete-Seã, em Samaria.

SAL, CIDADE DO

Nome de uma cidade do deserto de Judá, mencionada junto com En-Gadi, situada nas margens do Mar Morto, Js 15. 62. Local ignorado.

SALEFE, *Extração*.

Povo semítico, descendente de Joctã, Gn 10. 26; 1 Cr 1. 20, que provavelmente habitava o sul da Arábia. Este nome é muito comum no *Yemen*.

SALEM, *Completo, pacífico, paz*.

1. Abreviação natural do nome Jerusalém, cidade ou fundamento de paz, Sl 76. 2; Gn 14. 18.

2. Nome de uma cidade perto de Siquém, Gn 33. 18, de acordo com as versões grega, latina e siríaca. Não se pode afirmar que seja a mesma Salém, mencionada em Gn 14. 18, porque aquela é a que mais tarde se chamou Jerusalém; também não pode ser Salim, situada a 4 milhas ao oriente de Siquém, não mencionada no Antigo Testamento. Parece que é nome comum que significa paz, ou segurança.

SALEQUETE, *Lançar fora*.

Nome de uma das portas do templo de Salomão que ficava ao ocidente, 1 Cr 26. 18.

SALGUEIRO

1. Qualquer árvore do gênero *Salix*. Em hebreu tinha o nome de *saphsephah*, Ez 17. 5, e em árabe *safsaf*. Encontram-se várias espécies na Palestina.

2. Tradução do vocábulo hebraico *arabah*. Os israelitas deviam tomar ramos de salgueiro e de outras árvores para celebrar a festa dos tabernáculos, Lv 23. 40. Crescia à beira das torrentes, Is 44. 4, e oferecia abrigo ao corpulento beemote Jó 40. 22. Nos salgueiros que havia junto aos rios de Babilônia, os hebreus levados cativos, penduraram suas harpas, Sl 137. 2. Devia ser o salgueiro chorão, *Salix babylonica*, muito abundante nas margens do Eufrates e cultivado na Palestina. Intérpretes de nomeada, seguindo a opinião de Wetzstein, entendem que o vocábulo árabe *gharab* e seu equivalente etimológico, o hebraico *arabah*, refere-se ao álamo do Eufrates, *Populus euphratica*.

SALGUEIROS, TORRENTES DOS

Nome de uma torrente do país de Moabe, Is 15. 7, que talvez seja o *wady el-Ahsy*, curso superior do *wady Kurahi*, na linha divisória entre Moabe e Edom. Pode bem ser identificada com a torrente de Arabá, Am 6. 14.

SALIM, Derivação provável do aramaico *shelim, completo*.

Nome de um lugar perto do qual havia muitas águas, as águas de Enom, Jo 3. 23.

SALISA, *A terça parte*.

Nome de um distrito das terras montanhosas de Efraim, por onde passou Saul, quando procurava as jumentas de seu pai, 1 Sm 9. 4. Não parece que seja a mesma *Baal-shalishah*.

SALITRE

Nitrato de potassa, que os antigos chamavam carbonato de sódio e carbonato de potassa. É um álcali, que, dissolvido, servia para lavar as roupas, Pv 25. 20; Jr 2. 22.

SALMÃ

Tiglate-Pileser menciona o nome de Salamanu entre os príncipes que lhe foram tributários. Schrader é de opinião que este príncipe é o mesmo Salmã que destruiu as fortificações de Bete-Arbel e a que se refere o profeta Oséias, Os 10. 14. Bete-Arbel estava ao oriente do Jordão e perto de Pela. Estas identificações podem ser verdadeiras, mas não têm bases seguras. Não consta que Salamanu de Moabe tivesse invadido a terra de Israel, e sim Salmanasar, rei da Assíria. À luz dos conhecimentos modernos é mais natural que Salmã seja abreviatura de Salmanasar, do mesmo modo que o nome de Benadade; e que Bete-Arbel seja a cidade de Galiléia, perto da qual se acampou o exército de Salmanasar.

SALMANASAR, Do assírio, *Shulmann-asharidu*, deus *Shulman* é chefe.

Nome de vários reis da Assíria, como:

1. O que edificou ou reconstruiu e fortificou a cidade de Cale. Reinou no ano 1.300 A. C.

2. Nome do filho de Assurbanipal. Reinou entre 860 e 825 A. C. e foi o primeiro dos reis assírios que entrou em conflito com os israelitas. Era dotado de temperamento forte e tenaz. Logo no primeiro ano de seu reinado, dominado por desejos hostis, atravessou o Eufrates e assolou as terras dos filisteus até ao Mediterrâneo. Repetidas vezes passou o Eufrates para levar a guerra aos países do norte, do oriente e ao sul de Nínive. Para oferecer-lhe resistência no oeste, formou-se uma liga de elementos sírios, em que entrou Damasco, Hemate, e mais doze reis do litoral, a que se ajuntavam ocasionalmente, soldados de povos vizinhos. Assim, por exemplo, o exército de Acabe, rei de Israel, batalhou ao lado dos homens de Damasco, em Carcar, contra o inimigo comum, 854 A. C. Ver *Acabe* e *Benadabe*. Salmanasar gaba-se de ter ganho a batalha de Carcar, mas não ganhou cousa alguma; o que ele fez foi voltar apressadamente para Nínive. Três anos mais tarde voltou de novo ao ataque, mas encontrou pela frente os exércitos aliados que lhe opuseram resistência. No ano seguinte, o undécimo de seu reinado, passou outra vez o Eufrates e devastou muitas cidades do reino de Hemate, mas teve de parar. No décimo quarto ano, voltou a fazer novas conquistas. As forças coligadas tiveram de ceder. No décimo oitavo ano, 842 A. C., derrotou Hazael de Damasco no monte Hermom. Os reis de Tiro, de Sidônia e Jeú, rei de Israel, dominados pelo medo submeteram-se e enviaram-lhe presentes.

3. Nome de outro rei, entre 783 e 773 A. C. que não se relaciona com a história dos hebreus.

4. Nome de um sucessor de Tiglate-Pileser. Antes de subir ao trono, e mesmo depois, foi conhecido pelo nome de Ululai, em grego *Ioulaios* (Cânon de Ptolomeu). Reinou desde o dia 25 de Tebete, décimo mês de 727 A. C., até 12 de Tebete de 722. Em 725 empreendeu uma expedição a terras estrangeiras. Segundo os anais da Síria, citados por Josefo, Salmanasar invadiu a Fenícia. À chegada dos exércitos assírios, Sidônia, Acre e Tiro do continente, revoltaram-se contra o domínio da ilha de Tiro e reconheceram a suserania do invasor, que em vista disto retirou-se, voltando depois para guerrear contra a ilha de Tiro. A sua frota guarnecida por marinheiros fenícios foi derrotada pelos tírios em combate naval. Salmanasar retirou-se, deixando tropas suficientes para manter o sítio da cidade que durou cinco anos, Antig. 9. 4. 2, ao termo dos quais rendeu-se a Sargom. Quando Salmanasar voltou do ocidente, o rei Osée pagou-lhe tributos como havia feito ao seu antecessor. Confiado no apoio de So, rei do Egito, suspendeu o pagamento. Salmanasar prontamente o dominou e prendeu. É muito provável que Osée, à frente de suas tropas, procurasse oferecer-lhe resistência, sendo derrotado e prêso, e que a ba-

Salmanasar recebe tributos de Jeú

talha se tivesse dado em um ponto estratégico, na famosa Arbela de Galiléia. Esta conjetura que leva a identificar Salmana com Salmanasar em Os 10. 14, é sedutora, mas não deixa de ser conjetura. Depois de vencer o rei, seja em Arbela, ou em qualquer outro lugar, Salmanasar sitiou a capital, Samaria sofreu três anos, caindo em mão dos assírios, 2 Rs 17. 1-6; 18. 9, 10. É cousa ainda a decidir se Salmanasar ainda estava no trono, ou se já era no tempo de Sargom.

SALMOM

Nome do pai de Booz. Pertencia à tribo de Judá e descendia de Farés, Esrom e Rão, Mt 1. 4; Lc 3. 32; Rt 4. 18-21. O texto hebreu de Rt 4. 20, emprega a forma *Salmah*, mais tarde reduzida a Salma, 1 Cr 2. 11. Julga-se que foi êle o antecessor dos habitantes de Belém, mencionado em 1 Cr 2. 51, 54. Mas este Salma vem pela linha de Calebe e não de Rão. A diferença de linhagem parece indicar que são pessoas diversas, se bem que ambas as genealogias se entrelacem.

SALMONA

Nome de um promontório de que se forma a parte oriental da ilha de Creta, At 27. 7. Antigas inscrições dizem Salmônia. Hoje é o cabo Sidério.

SALMOS, LIVRO DOS

Coleção de poemas religiosos, empregados especialmente no culto público em honra do Deus de Israel. Esta coleção chama-se em hebreu, Livro dos Salmos conforme a denomina a tradução grega, Lc 20. 42. A designação geral de salmos de Davi, deriva-se dos primeiros setenta e três salmos, atribuídos a Davi conforme os títulos no hebreu, cp. 4. 7.

O livro dos salmos contém 150 poemas, distribuídos em cinco livros, correspondentes aos cinco livros do Pentateuco. Veja nota em *Pentateuco*. Esta divisão vem de longe; encontra-se na versão dos Setenta, bem como no texto hebreu. Já no livro de Crônicas, livro primeiro cap. 16. 35, 36, cp. com Sl 106. 47, 48, se evidencia a existência dêstes livros. O comentador Delitzsch diz que a passagem do salmo citado se deriva do livro de Crônicas ou *vice-versa*. Os cinco livros dos salmos começam respectivamente com os salmos 1, 42, 73, 90 e 107, como se vê na Versão Brasileira. Cada um dos livros termina por uma doxologia. Os salmos do primeiro livro são atribuídos a Davi, exceto o primeiro, o segundo, o décimo e o trigésimo terceiro, a que chamam órfãos por não se conhecer o nome de seus autores. Na versão dos Setenta, os salmos de que se compõe o livro primeiro são atribuídos a Davi, exceto o primeiro, que serve de introdução e o segundo. O décimo está incorporado ao nono e o trigésimo terceiro traz o título, "A Davi." O nome divino de Jeová aparece geralmente nos salmos que compõem este livro. O segundo livro contém trinta e um salmos. Os primeiros oito fazem parte de uma coleção de cânticos atribuídos aos filhos de Coré. O salmo 43, quer tenha sido escrito por eles, quer não, foi composto para fecho do salmo quarenta e dois. Êste grupo é seguido de um salmo de Asafe. Vem depois um grupo de vinte salmos pertencentes a Davi, excetuando dois, o 66 e o 67; este último, porém, a versão dos Setenta o dá como sendo de Davi. O livro fecha com um salmo anônimo e outro salomônico, 71 e 72. Neste livro predomina a palavra *Elohim* para designar a pessoa divina, e dois salmos são duplicatas de outros dois do primeiro livro, nos quais a palavra Deus é substituída pela de Jeová, 52, 70, cp. 14 e 40. 13-17.

O livro terceiro contém dezessete salmos. Os primeiros onze são atribuídos a Asafe, quatro aos filhos de Coré, um a Davi e outra a Etã. Os salmos deste livro foram colecionados depois da destruição de Jerusalém e do incêndio do templo, 74. 3, 7, 8; 79. 1. O quarto livro contém igualmente dezessete salmos: o primeiro é atribuído a Moisés e dois a Davi; os catorze restantes pertencem a autores anônimos. Os Setenta dão onze a Davi, deixando apenas cinco para autores anônimos, 92, 100, 102, 105, 106. O quinto livro contém vinte e oito salmos anônimos, enquanto que quinze são atribuídos a Davi e um a Salomão. As inscrições diferem muito na versão dos Setenta. A coleção dos salmos deste livro foi feita tardiamente porque inclui odes que se referem ao exílio, 126 e 137. Vê-se, pois, que a composição dos salmos levou grande período de tempo a fazer. Existem abundantes testemunhos e de tempos remotos, afirmando que Davi é autor de muitos dos salmos. Ver *Davi*. Os títulos dos salmos datam dos tempos remotos. Já existiam nos lugares em que estão, quando se fez a versão para o grego. Os termos músicos e outros que neles se encontram não foram entendidos pelos tradutores. O modo em que se encontram não se pode ter como a expressão da verdade. O salmo 88, por exemplo, tem dois títulos. Semelhante aos outros textos do Antigo Testamento, os títulos dos salmos estavam sujeitos às vicissitudes das transmissões. Os erros cresciam à medida que se faziam as cópias, que se vão expurgando pelos trabalhos da crítica textual. A preposição *lamed* ocorre constantemente nos títulos dos salmos, traduzida por *ao* na frase "Ao cantor-mor", Sl 4, e por *de* em expressões como esta: "Salmo de Davi", Sl 3. "Mictão de Davi", Sl 16. "Salmo dos filhos de Coré", Sl 47. "Salmo de Asafe", Sl 50. "Salmo e canção de Davi", Sl 65. "Oração de Moisés, homem de Deus", Sl 90. "Oração do aflito", 102. "Salmo de Davi", 11. "Salmo dos filhos de Coré", 44. "Salmo de Salomão", 72; e simplesmente "de Davi", 122; "de Salomão", 127, e *para*, "Canção para o dia de sábado", Sl 92. "Salmo de ação de graças", Sl 100. A fôrça desta preposição era muito vária na linguagem hebraica. O intérprete deve ter em mente que os títulos prefixos aos poemas têm quatro sentidos muito importantes, como sejam: 1. Posse, pertencente a alguém, Sl 24. 1, representado pelo caso possessivo. 2. Autoria, Hc 3. 1. 3. Dedicação, Gn 16. 14. Poço Beer-Lahai-Roi, consagrado, Aquele que me vê, Is 8. 1. 4. Propósito em vista. Quando a pre-

posição se emprega diversas vezes em um título, pode ser usada cada vez em sentido diferente. No salmo 4 foi traduzida por, *para*, e *de;* no salmo 18, por *de*, e *ao;* em Is 5. 1, por *para*, e *no tocante*. A simples frase "de Davi", no salmo 11; "de Asafe", no salmo 81; e a ordem da colocação das palavras adotadas pelos hebreus, dizendo "de Davi", Sl 24; "dos filhos de Coré-Masquil", Sl 44, dá a entender que a palavra salmo ou Mictão ou oração, Sl 4, 16, 17, é epíteto descritivo do poema, e neste caso, como em outros semelhantes, pode ser separado por vírgula, ou por outra pontuação, da frase prepositiva que segue, como por exemplo: "Salmo, de Davi; Salmo, para o dia de Sábado. A preposição parece às vezes referir-se a uma coleção de salmos a que pertence o salmo por ela regido, como na frase: "dos filhos de Coré." Assim, pois, a frase semelhante "de Davi", pode determinar um salmo pertencente a uma coleção preparada por Davi.

O Livro dos Salmos, como se acha na Bíblia, era o livro de hinos cantados no segundo templo. Suas ricas e devocionais estrofes, também eram cantadas em reuniões familiares para o culto divino, Mt 26. 30. À moda dos atuais livros de hinos, eram compostos de poesias de épocas diversas, e em muitos casos, a origem deles se acha indicada nos títulos que os precedem. Por eles se vê que havia coleções de salmos em uso antes que o atual saltério fôsse compilado.

1. *A coleção de Davi*. Setenta e três salmos do Saltério pertenciam originariamente a este antigo livro de cânticos, como se vê pelas notas do texto hebreu, nos salmos 3 a 9; 11 a 32; 34 a 41; 51 a 65; 68 a 70; 86; 101; 103; 108 a 110; 122; 124; 131; 133; 138 a 145. Na versão grega não aparecem estas notas nos salmos 122 e 124, mas encontram-se nos de números 33, 43, 67, 71, 91, 93, 99, 104 e 137; em aditamento aos salmos que as têm no texto hebreu. Nesta coleção, certo número de salmos é precedido de uma introdução em prosa, falando do momento em que foram escritos. Todos quantos têm este prefácio, ou pelo menos, treze deles, entraram na composição do livro dos Salmos, tais são os salmos, 3, 7, 18, 34, 51, 52, 54, 56, 57, 59, 60, 63, 142. Nenhum dos salmos tem uma introdução desta natureza, exceto os que têm a frase "de Davi." A julgar pelo nome, pelas inscrições positivas, afirmando que o salmo pertence a Davi, conforme as cláusulas que se vêem em alguns deles, 7 e 18, a julgar pelos dons poéticos de que era dotado o grande rei, e a julgar pelo testemunho antigo, que nos dá conta do interesse que ele tinha pela cultura da música no serviço do santuário, esta coleção devia ter sido feita por Davi, e que servia para o cântico no templo antes do exílio. É provável que as poesias fossem em parte de Davi e em parte escolhidas por ele e pertencentes a vários autores. É quase certo que esta coleção de hinos recebesse novos subsídios de várias procedências, conservando o primitivo nome de Salmos de Davi, Sl 72. 20. Não será verdade que muitos dos salmos do atual livro foram escritos depois da destruição de Jerusalém pelos babilônios, e que têm o nome de Davi, como se fossem por ele produzidos? Quando se fez a coletânia dos salmos, cada um deles foi assinalado com o nome de Davi. Não será para estranhar que os escritos dos profetas, dos sacerdotes e dos poetas que viveram antes do exílio para Babilônia e que a ele sobreviveram, fossem compendiados entrando mais tarde a fazer parte do novo hinário.

2. *Coleção usada pelos filhos de Coré, alguns dos quais serviam de cantores no templo*. Onze salmos pertenciam a esta coleção, a saber: 42, 44 a 49, 84, 85, 87 e 88.

3. *Outra coleção feita por Asafe*, ou por membros desta família, que serviam no côro como cantores e músicos, no santuário. Desta coleção contam-se doze salmos em que predomina o santo nome de Deus; são eles os seguintes: 50, 73 a 83. Além destas três coleções, existiam outras produções avulsas, que, no correr do tempo, receberam a aprovação das autoridades religiosas para serem usadas no culto público. Mas as três coleções avulsas, que, no correr do tempo, receberam Salmos. Depois de organizadas as três coleções, formaram-se mais três grupos menores de poesias: (I) Pela seleção de poesias escolhidas das três primeiras coleções, em que predomina a glorificação do nome de Deus na plenitude de seus atributos, Sl 42 a 83. E porque neles predomina a palavra *Eloim* em referência a Deus, estes salmos são conhecidos pela designação de *eloísticos*. Este grupo continha a coleção de Asafe, talvez inteira, consistindo de doze números; este dos filhos de Coré; cerca de uma vintena tirados dos salmos de Davi e um, do livro de Salomão. Este grupo foi organizado com o fim de preencher uma lacuna do serviço religioso, e compreendia: (a) Salmos escritos originalmente, destinados à contemplação da Divindade, e (b) Salmos em que o nome divino, se não era a palavra Deus, era Jeová, e foi mudado para Deus ou Senhor, a fim de adaptar o salmo a uso especial, cp. 14 com 53, e 108. 1-5 com 57. 7-11, em que o nome Jeová foi trocado pelo nome Deus ou Senhor e *vice-versa*. Apenas um salmo eloístico se encontra no Saltério que não pertence a este grupo, salmo 90, em que entrou a fazer parte, como um todo, sem alteração alguma, até onde se pode saber, do Saltério, cuja divisão em cinco livros, se fez em dois. (II) Formou-se uma coleção de quinze salmos, escolhidos, a maioria dos quais, consistia de poesias avulsas, intitulada *Cânticos das Subidas*, que entrou inteiro na feitura do Saltério. (III) Outra coleção, tirada principalmente das três coleções primitivas, foi organizada pelo cantor-mor, contendo cinqüenta e cinco salmos que aparecem no saltério, sendo trinta e nove tirados da coleção de Davi, nove da dos filhos de Coré, cinco da de Asafe e um ou dois de origens ignoradas, o salmo 66 e o 67, a menos que este último não seja também de Davi. A estes cinqüenta e cinco, a versão dos Setenta acrescenta o salmo 30 tirado da coleção de Davi incluindo também nela a oração de Habacuque, Hc 3. 19. Todos os salmos de que se compõe o atual Saltério, acompanhados de indicações musicais, pertencem a esta coleção. Nem todos os salmos que outrora figuravam nêle, tinham notas musicais. Êste último fato, mais do que o primeiro, indica a existência de uma coleção; uma vez que as notas musicais sejam consideradas como simples instruções destinadas ao diretor da música do templo. Havia salmos que pertenciam à coleção do cantor mor, como se pode ver pelas referências contidas no Saltério.

A evidência interna para determinar a data em que foram escritos os salmos, pode ser coligida de várias fontes: 1. Dicção e construções gramaticais. As investigações nestas linhas devem ser feitas com muita cautela, em razão do limitado volume da literatura e de seu escopo para estudo comparativo, em razão de ser preciso recorrer ao subsídio do vocabulário semítico em busca de sinônimos empregados no paralelismo do verso hebraico, cp. Sl 19. 2-4, em razão do vocabulário poético, caracteristicamente rico de palavras e construções desusadas, e, finalmente, em razão dos vários dialetos falados entre os hebreus na Palestina, com o seu cortejo de palavras e de formas diferentes, cp. Jz 5; 1 Rs 17 a 2 Rs 8; Os e Jn. 2. Acontecimentos históricos e condições sociais que se refletem nos salmos. A menos que um incidente tenha data conhecida e seja mencionado com toda a clareza, Sl 137, a evidência é inconcludente; porquanto, uma ocasião propícia que é familiar ao intérprete moderno (como, por exemplo, o livramento da invasão de Senaqueribe, Sl 46), poderia muito bem não estar na mente do escritor. A crítica deve indagar se a descrição é tão minuciosa de modo a determinar com certeza os fatos, e a dispensar a consideração de outros semelhantes. 3. Os graus do desenvolvimento reli-

gioso que o salmo revela. O argumento desta natureza é capaz de afrouxar as teorias a respeito da época dos documentos contidos no Pentateuco, ou em qualquer outro livro do Antigo Testamento, ou as opiniões acerca das cousas espirituais e íntimas, e, bem assim, enfraquecer a experiência religiosa sentida pelos mais ardentes homens, que viveram nos primeiros tempos da monarquia. Existem, contudo, alguns escritos que são reconhecidos por todas as escolas de críticos, como pertencentes aos tempos anteriores a Davi, outros, contemporâneos a ele, e ainda outros que não vão além do oitavo século. Esses escritos oferecem uma base comum para discussão, ainda que limitada, sôbre os limites do saber religioso e da experiência humana. 4. O fato de que a pessoa que fala no salmo, empregando o pronome da primeira pessoa do singular, ou do plural, em muitos casos, fala em nome da comunidade, e não exprime as suas emoções pessoais. Desde os mais remotos tempos, até aos mais recentes da vida de Israel, era costume individualizar a nação. Vê-se isto na linguagem dos Dez Mandamentos, no seu prefácio, e muito freqüentemente na linguagem dos profetas. Resulta daí que o emprego deste processo na redação de um salmo, não oferece auxílio prático para se determinar a data da sua composição; cp. primeira pessoa do singular em Dt 7. 17; 8. 17; 9. 4; Is 9. 1, 2; Jr 3. 4; 10. 19, 20; 31. 18, 19; Os 8. 2; 12. 8; 13. 10; Mq 2. 4. Ainda mais, estes vários critérios determinam a data dessas secções, somente no que diz respeito àquilo a que elas se aplicam, e não fixam a data do salmo inteiro, Sl 19. 7-14; 51. 18, 19. O investigador cauteloso descobre que em muitos casos, chega-se a um resultado negativo, isto é, que não existe razão suficiente para negar a autenticidade do título, ou que o resultado da investigação venha dizer positivamente que o conteúdo do salmo está em harmonia com a ocasião de que fala o título.

Os termos técnicos empregados nos salmos, são: Neginá, instrumento de corda, e seu plural Neginote e Neilote, instrumento de sopro, 4, 5, 61. Termos provavelmente musicais: Alimote, donzelas, ou talvez voz trêmula de donzela, 46; 1 Cr 15. 20; Gitite, procedente de Gete, ou talvez marcha da guarda gitita, Sl 8, 81, 84; Selá, pausa, ou mudança de *piano* para *forte*, 3. 2; Seminite oitava, 6, 12; 1 Cr 15. 21; termos que exprimem o caráter do salmo: Masquil, poema didático ou refletivo, 32 e mais doze outros; Mictão, talvez epigramático, 16, 56 a 60; Mizmor, poema lírico, salmo regularmente traduzido, 3 *et passim;* Sigaiom, provavelmente quer dizer ditirambo agreste, 7 e Hc 3. 1. Outros termos indicam melodias familiares, como: Aijelete-Hás-Saar, corça da alva, 22; Jonate-Elém-Recoquim, a pomba silenciosa daqueles que estão longe; ou, mudando a pronúncia da segunda palavra, a pomba dos terebintos distantes, 56; Maalate, lentidão, 53, 88; Mute-Láben, 9; Sosanim, e Sosanim-Edute e Susã-Edute, testemunho adornado de lírios, 45, 60, 80. Os salmos de subida ou graduais, eram destinados aos peregrinos que subiam para Jerusalém.

Numeração dos Salmos em versões da Bíblia em português. — Não coincide a numeração dos Salmos na versão de Figueiredo, de um lado, e do outro, a de Almeida e a V. Brasileira, concordando ambas estas entre si.

Encontra-se a origem dessa diferença nos textos antigos: o hebreu, que é em geral seguido por Almeida e a V. Brasileira, diverge da Vulgata de S. Jerônimo e da Setuaginta grega, que são a fonte do texto de Figueiredo.

As diferenças e semelhanças de numeração nas versões portuguesas vão notadas na tabela seguinte:

Figueiredo Vulg. e Setuag.			V. Bras. e Almeida Hebraico	
Salmos			Salmos	
1 até	8	igual a	1 até	8
9		"	9 e	10
10 até	112	"	11 até	113
	113	"	114 e	115
114 e	115	"		116
116 até	145	"	117 até	146
146 e	147	"		147
148 até	150	"	148 até	150

SALMUNA, *Abrigo negado.*

Nome de um dos dois reis de Midiã que Gideão matou, Jz 8. 4-28; Sl 83. 12.

SALOMÃO, *Pacífico.*

Nome do filho mais moço de Davi com Bate-Seba, 2 Sm 12. 24; 1 Cr 3. 5; Antig. 7. 14, 2. Nasceu em Jerusalém e seu pai pôs-lhe o nome de Salomão, que quer dizer pacífico, por antecipação da paz e tranqüilidade que havia de caracterizar o reino de seu filho, em contraste com as perturbações e guerras que alteraram a vida nacional de seu governo, 1 Cr 22. 9. O profeta Natã, por ordem divina, deu-lhe o nome de Jedidias, que quer dizer *Amável ao Senhor*, 2 Sm 12. 25. Nos últimos dias do rei Davi, enfraquecido e velho, Adonias, um dos seus filhos, nascido em Hebrom, o mais velho depois de Amom e de Absalão, já mortos, pensou em governar sem o apoio do velho rei. O seu designio, porém, foi contrariado pelo profeta Natã que, com o auxílio de Sadoque, sumo sacerdote, e de Benaías, general, do exército e pelo grosso das tropas, proclamaram rei a Salomão, 1 Rs 1. 5-40, com a derrota dos partidários de Adonias. Logo depois Davi morria. Salomão começou a reinar no ano 970 A. C. na idade de vinte anos. Obediente às instruções de seu pai, tratou com justiça ao pontífice Abiatar e a Semei. Tentando Adonias nova conspiração contra o rei, este mandou matá-lo bem assim a Joabe, também envolvido na conspiração, 1 Rs 2. 1-46. O jovem rei aparentou-se com Faraó, rei do Egito, porque se casou com uma sua filha e a levou para Jerusalém, 1 Rs 3. 1. Até então, não se tinha edificado templo ao nome do Senhor. O tabernáculo ainda estava em Gabaom, a arca, porém, achava-se em Jerusalém. O povo sacrificava nos altos. Salomão subiu para Gabaom a fim de oferecer sacrifícios. Ali o Senhor lhe apareceu em sonhos, durante a noite e lhe disse. "Pede-me o que tu queres que eu te dê." Salomão pediu ao Senhor que lhe desse coração dócil, para que pudesse julgar o povo e discernir entre o bem e o mal. Deus atendeu ao que pedia como prova o julgamento com que decidiu a contenda entre as duas mulheres prostitutas por causa do filho que ambas reclamavam para si, 1 Rs 3. 2-28; 2 Cr 1. 3-12. Vinte, ou mais anos depois, o Senhor lhe apareceu outra vez, como lhe tinha aparecido em Gabaom, prometendo firmar o seu trono para sempre e dando-lhe solenes admoestações, 1 Rs 9. 1, 10; 2 Cr 7. 12-22. Seu pai havia subjugado as nações vizinhas. Salomão somente teve de fazer guerra contra Emate. Foi obrigado a tomar esta cidade a fim de proteger a parte setentrional de seu reino. Adade, rei de Edom e Rezim de Damasco, mostraram-se hostis ao monarca hebreu, que pouco se importou com isso. Salomão fortificou Hezer no alto Jordão e edificou uma torre no Líbano, a fim de guarnecer as fronteiras contra possíveis investidas de Damasco, protegendo por este modo o trânsito entre Edom e Eziom-Geber. As relações com os demais povos vizinhos eram cordiais. Entregou-se, pois, o grande rei a cuidar da organização do reino e à cultura das artes e das ciências.

Davi havia acumulado grande quantidade de metais preciosos para a construção de um magnífico templo consagrado a Jeová. Salomão meteu mãos à obra, e com o auxílio de Hirão, rei de Tiro, concluiu a construção no fim de sete anos, 1 Rs caps. 5 e 6; 2 Cr cap. 2. Completadas que foram tôdas as ornamentações internas do templo, êle o dedicou ao Senhor, 1 Rs 7. 13 até cap. 8. 64; 2 Cr caps. 2 a 7. Em seguida, o monarca edificou um palácio para si em que gastou treze anos, 1 Rs 7. 1-12. Veja *Paládio*. Mandou fazer jardins e plantar vinhas em Etã e talvez em Baal-Hamom, 1 Rs 9. 19; 2 Cr 8. 6; Ec 2. 5, 6; Ct 8. 11.

Revelou-se hábil governador, cercando-se de eminentes auxiliares, entre os quais contava como general dos exércitos o filho do sumo pontífice, 1 Rs 4. 2-6.

Manteve o exército em plena atividade. Para fins administrativos, dividiu o reino em doze distritos, inteiramente independentes das antigas divisas das tribos, vv. 7-19, sem descuidar-se dos negócios atinentes à religião do Estado. Por ocasião de fazer a dedicação do templo, congregou o povo para orar e impetrou as bênçãos de Deus sobre ele.

Floresceu o comércio e aumentou a riqueza pública, 1 Rs 10. 14-21; 2 Cr 9. 13, 14, 21, 27, deu incremento à navegação em sucessivas e proveitosas viagens a Ofir e à Índia, 1 Rs 10. 22, 23; 2 Cr 9. 10-22. Com o fim de intensificar o comércio e de facilitar o intercurso internacional, mandou edificar várias cidades, entre as quais a de Palmira no deserto, a meio caminho de Damasco e do Eufrates, 1 Rs 9. 18, 19. Empenhou-se em assuntos literários e científicos; escreveu tratados de botânica, sobre todas as árvores, desde o cedro que há no Líbano, até o hissopo que brota do muro; tratou dos animais e das aves e dos répteis e dos peixes, 1 Rs 4. 33. Colecionou e compôs muitos provérbios, alguns dos quais ocupam lugar distinto no Antigo Testamento. Veja *Provérbios*. São atribuídos a ele os dois salmos, o 72 e o 127. Veja *Eclesiastes* e *Cânticos*.

O esplendor da sua corte, a magnificência de sua mesa e a grande pompa, quando fazia excursões, correspondiam à sua riqueza e ao seu poder político, 1 Rs 10. 4, 5, 21; Ct 3. 7-11. De todos os povos vinham gentes a ouvir a sabedoria de Salomão, 1 Rs 4. 34; 10. 23-25. Até a rainha de Sabá, ouvida a fama do grande rei, veio a Jerusalém para fazer experiências nêle por enigmas, 1. 13.

Salomão errou em duas cousas: Estabeleceu um harém onde recolheu cêrca de mil mulheres. Não poucas destas mulheres eram princesas que ali estavam como penhores de amizade política, por conseqüência, eram estrangeiras e idólatras, que lhe perverteram o coração a ponto de ser induzido por elas a erigir altares e templos aos seus deuses, 1 Rs 11. 1-8. Por causa de sua apostasia, Deus o castigou, rasgando o seu reino, deixando-lhe apenas uma pequena parcela, vv. 9-13, como herança de família. O exemplo da apostasia de Salomão teve influência direta neste caso. O profeta Aías, encontrando-se com Jeroboão no caminho de Jerusalém, anunciou-lhe que o reino de Israel seria rasgado das mãos de Salomão e que lhe seriam dadas dez tribos, vv. 28-39. Daí então ficou este considerado como opositor do rei Salomão, porém, só aparece quando Roboão sobe ao trono de seu pai. O segundo erro de sua vida consistiu nas enormes despesas da corte. O povo gemia sob o peso dos tributos e foi esta a causa da futura rebelião. Veja *Roboão*.

Reinou quarenta anos, 1 Rs 11. 42; 2 Cr 9. 30, 31, e faleceu no ano 931 A. C.

O resto das ações de Salomão, assim o que êle fez como a sua sabedoria, tudo está escrito no Livro da História do seu reinado, 1 Rs 11. 41, e nos livros do profeta Natã e nos livros de Aías de Silo e na visão do vidente Ado contra Jeroboão, filho de Nebate, 2 Cr 9. 29.

SALOMÉ, *Inteiro, perfeito, íntegro, paz.*

Nome da mulher de Zebedeu e mãe de Tiago e João, cp. Mt 27. 56, com Mc 15. 40; 16. 1. Era uma das mulheres que de longe contemplavam a tragédia do Calvário, Mt 27. 56, e que foi ao sepulcro de nosso Senhor na manhã do primeiro dia da semana, levando aromas para ungir o seu corpo, Mc 16. 1.

SALTÉRIO

1. Tradução usual do vocábulo hebraico *Nebel*, falando-se de instrumento músico. A versão de Figueiredo diz lira em Is 5. 12; 16. 11; Am 5. 23, e saltério em 6. 5, e a Versão Brasileira diz harpa em Is 5. 12; 16. 11; e lira em Am 5. 23; 6. 5. A palavra *Nebel* vem do grego *Nabla*, considerada de origem sidônia. Os Setenta empregam a palavra *nabla* nas seguintes passagens: 1 Sm 10. 5; 2 Sm 6. 5; 1 Cr 13. 8; 15. 16-20. O corpo do instrumento era feito de madeira, 2 Sm 6. 5; 2 Cr 9. 11, ou de metal, Antig. 8. 3, 8. As cordas eram de tripa, *minnim*, em número variado até ao máximo de dez, Sl 33. 2; 92. 8, afinadas em Seminite, isto é, em oitava, 1 Cr 15. 21. Os músicos tocavam êste instrumento, caminhando, 1 Sm 10. 5; 2 Sm 6. 5. A palavra saltério, empregada ocasionalmente pelos Setenta, Sl 33. 2; 57. 9, 8, tem sido identificada com o *santir* dos árabes. A história dêste instrumento e a origem de seu nome parecem o seguinte: Os assírios usavam de um instrumento, consistindo de uma peça de madeira de pequena altura, comprida, sôbre a qual esticavam as cordas de tripas, tangidas por meio de um plectro. Os gregos deram-lhe o nome de *magadis*, quando fornecido com vinte cordas, e de *epigonion*, quando armado com quarenta cordas. Mais para diante o *magadis* recebeu o nome de *psalterion*, que os aramaicos adotaram, Dn 3. 5, e também os árabes, que o denominaram *santir*. À luz dêste esbôço histórico do *santir*, a identificação de seu nome com o saltério não parece ser a mesma com o *nebel* dos hebreus. Diz a tradição que o *nebel* era uma espécie de harpa. Afirma o historiador Josefo que existe diferença entre o *kinura*, em hebreu, *kinnor*, harpa, e o *nabla*. O *kinura* tinha dez cordas, tocadas pelo plectro, e o *nabla* tinha doze notas, tocadas pela mão, Antig. 7. 12, 3. Segundo Eusébio, o *psalterion* era chamado *nabla* pelos hebreus, e tinha uma caixa metálica na parte superior para avolumar os sons. Santo Agostinho, comentando o salmo 42, descreve-o como tendo a caixa na parte superior, por sobre as cordas, e não em baixo, como a cítara. As cordas do saltério estiravam-se entre um braço curvo e o tambor, ou caixa ressonante, em que terminava na parte superior. Isidoro e Cassiodoro descrevem o saltério, como tendo a forma triangular, semelhante ao delta do alfabeto grego. Se não o confundiram com o *trigonon* que tinha armação triangular, e se fazem dêle descrição correta, vê-se que o saltério assemelhava-se muito à harpa que os assírios tocavam andando e em posição vertical. A forma primitiva da caixa ressonante e do braço curvo, tinha parecença com um odre, e por isso deram ao instrumento músico o nome de *nebel* que quer dizer garrafa, ou odre. Era um dos instrumentos que o rancho dos profetas tocava quando saíram ao encontro de Saul, 1 Sm 10. 5, e um dos que Davi e todo o Israel tocavam, por ocasião de transportarem a arca para Jerusalém, 2 Sm 6. 5. O grande rei organizou os tocadores de instrumentos em orquestras para o serviço do santuário, escolheu alguns músicos para tocarem o saltério, 1 Cr 15. 16, 20, 28; 16. 5; 25. 1, 6, que continuou em uso nos tempos subseqüentes, 2 Cr 5. 12. Também o tocavam em reuniões festivas, Is 5. 12; Am 6. 5, algumas vezes combinado com a harpa, 1 Sm 10. 5; 2 Sm 6. 5; 2 Cr 9. 11; Sl 81. 2; 108. 2. Para o seu emprego no santuário, veja o artigo *Músico*.

2. Tradução do aramaico *Sumphoneyah, Sumphoneya*, Dn 3. 5, 10, 15. Era um instrumento musical, consistindo em uma caixa de madeira de

superfície plana, com duas tiras convergentes, também de madeira, a que se prendiam cordas metálicas, que soavam ao contacto de pequenos martelos. Tinham chaves que regulavam a tensão das cordas, cujos sons se avolumavam com o auxílio da caixa ressonante.

SALU, *Elevado, exaltado.*

Nome de um simeonita, pai de Hambri, que Finéias matou, Nm 25. 14; 1 Mac 2. 26.

SALU, *Exaltação.*

1. Nome de um benjamita, filho de Mesulão e chefe de uma família, residente em Jerusalém, 1 Cr 9. 7; Ne 11. 7.

2. Nome de um dos principais entre os sacerdotes, que veio de Babilônia com Zorobabel, Ne 12. 7. Na geração seguinte o chefe de uma casa que ocupa a mesma posição no catálogo correspondente, tem o nome Salai, v. 20. Um dêstes dois nomes não está correto por causa da confusão entre a letra *jod* e *vau*.

SALUM, *Retribuição.*

1. Nome de um dos filhos de Naftali, 1 Cr 7. 13.

2. Nome de um dos descendentes de Simeão, 1 Cr 4. 24, 25.

3. Nome de um dos descendentes de Judá, 1 Cr 2. 40, 41.

4. Nome de um dos porteiros do santuário, 1 Cr 9. 17, 18. Se existiu antes do exílio, como é provável, é o mesmo que se encontra em Jeremias, 35. 4. Era filho de Coré, e junto com sua família exerceu as funções de porteiro do santuário, 1 Cr 9. 19. O nome de Salum equivale a Meselemia e Selemias, 26. 1, 14, se o registo que se acha no cap. 9 se refere ao tempo anterior, ou posterior ao auxílio. A comparação do cap. 9. 21 com o cap. 16. 2, não dá lugar a esta identificação. Se não houver provas em contrário, o registo deve ser o que se fez depois do exílio, e neste caso, o nome Salum deve ser identificado com Selemia, e por isso, este Salum, não se refere a pessoa, mas a uma família.

5. Nome de um dos filhos de Jabes, que assassinou o rei Zacarias, reinando em seu lugar sobre as dez tribos. Dentro de um mês foi morto por Manaém, 2 Rs 15. 8-15.

6. Nome do pai de certo Ezequias, 2 Cr 28. 12.

7. Nome de um dos membros da família sacerdotal de Sadoque, e antecessor de Esdras. Viveu muito antes da tomada de Jerusalém por Nabucodonosor, 1 Cr 6. 12-15; Ed 7. 20. Em 1 Cr 9. 11, tem o nome de Mesulão.

8. Nome de um dos filhos de Tiqvá, e marido da profetisa Hulda. No reinado de Josias, foi ele encarregado de guardar as vestimentas dos sacerdotes, depositadas no templo, ou talvez as do rei, 2 Rs 22. 14; 2 Cr 34. 22.

9. Nome de um tio de Jeremias e pai de Hanameel, Jr 32. 7, 8. Não pertencia à família sacerdotal, como alguém tem pensado, porque seu filho morava em Anatote, cidade onde residiam os sacerdotes da linha de Itamar, 1 Rs 2. 26, e os sacerdotes desta época pertenciam à linha de Eleazar.

10. Nome dado a Joacaz, filho de Josias, rei de Judá, 2 Rs 23. 30-34. Veja *Joacaz*.

11 e 12. Nome de um dos porteiros do templo e de um filho de Bani cada um dos quais foi induzido a abandonar sua mulher estrangeira, Ed 10. 24, 42.

13. Nome de um dos filhos de Aloés, e capitão da metade de um bairro de Jerusalém. Juntamente com suas filhas fez o conserto de uma parte do muro da cidade, Ne 3. 12.

14. Nome de um capitão do bairro de Mispa, que edificou a porta da fonte de Jerusalém, Ne 3. 15.

SALVADOR.

Pessoa que livra de algum mal, ou de algum perigo, 2 Rs 13. 5; Ne 9. 27. Em o Antigo Testamento a palavra salvador emprega-se particularmente em referência a Deus e a Jeová, como libertador do povo escolhido de Israel, 2 Sm 22. 3; Sl 106. 21; Is 43. 3, 11; 45. 15, 21; 49. 26; 63. 8; Jr 14. 8; Os 13. 4. Os escritores clássicos empregavam o vocábulo grego *soter*, libertador, Heród. 7. 139, referindo-se aos seus deuses. Às vezes, também aos reis se dava este título como fizeram Ptolomeu Soter e Demétrio I. Em o Novo Testamento a palavra salvador aplica-se a Deus o Pai, 1 Tm 1. 1; 4. 10; Tt 1. 3; 3. 4; Jd 25, e com especialidade a Cristo, o Filho, que salva o seu povo dos pecados dele, Mt 1. 21, livrando-o de seu estado de pecado e de miséria, da maldição e da ira de Deus, do poder do pecado e dos laços de Satanás, e trazendo-o a um estado de salvação em íntima comunhão com Deus, Lc 19. 10; At 5. 31; Rm 5. 8-11; Fp 3. 20-21; 1 Tm 1. 15; 2 Tm 1. 10; Tt 2. 13-14; Hb 7. 25.

SAMA, *Desolação. Ele tem ouvido.*

1. Nome de um descendente de Esaú e também de Ismael, Gn 36. 3, 4, 13, 17. Foi capitão na terra de Edom, 17.

2. Nome do terceiro filho de Jessé e irmão de Davi, 1 Sm 16. 9; 17. 13.

3. Nome de um dos primeiros três homens valentes de Davi, filho de Age de Arari, 2 Sm 23. 11. Este nome aparece no v. 33. Em vista do que se lê em 1 Cr 11. 34, e das considerações sobre o texto, é razoável acreditar que esta pessoa é mencionada outra vez como pai de Jônatas. As palavras em o livro de Reis e nas Crônicas devem ser lidas assim: "Jônatas, filho de Sama ararita."

4. Nome de um dos valentes de Davi, natural de Harodi, 2 Sm 23. 25. Em 1 Cr 11. 27, aparece com o nome de Samote que é a forma do plural. Samaote em 1 Cr 27. 8, é outra forma do mesmo nome.

5. Nome de um dos filhos de Hotão de Arori, e um dos valentes de Davi, 1 Cr 11. 44.

SAMÁ, *Desolação.*

Nome de um aserita, filho de Sufa, 1 Cr 7. 37.

SAMÁ, HARARITA, *Que mora na montanha.*

Habitante da região serrana de Judá ou de Efraim (Simonis, Gesenius, Siegfried-Stade). Esta designação parece muito geral. Provavelmente, a julgar pelo contexto de 2 Sm 23. 33, quer dizer habitante de um povoado chamado Harar, 2 Sm 23. 11; 1 Cr 11. 34, 35.

SAMAI, *Devastado.*

1. Nome de um dos filhos de Onã da casa de Jerameel, da tribo de Judá, 1 Cr 2. 28.

2. Nome de um filho de Requém da casa de Calebe da tribo de Judá, 1 Cr 2. 44.

3. Nome de um filho de certo Ezra, registado na tribo de Judá, 1 Cr 4. 17.

SAMARIA.

1. Nome da capital do reino das dez tribos durante o período mais longo da sua história. Foi começada ou construída por Onri, rei de Israel, sôbre um monte comprado por dois talentos de prata, ou cerca de 3.800 dólares. Chamava-se a princípio Semer, palavra que significava vigia, guardião, sentinela, parecia muito apropriada a uma cidade situada no alto de um monte. Nesse sentido, Onri deu-lhe o nome de *Shomron*, que quer dizer lugar de vigília, 1 Rs 16. 24. A eminência sobre que estava edificada tinha às vezes o nome de Monte de Samaria, Am 4. 1; 6. 1. A cidade ocupava o centro de um vale muito fértil, Is 28. 1. Este local, tão bem escolhido, continuou a ser a capital do reino até ao cativeiro das dez tribos, onde reinaram sucessivamente os seus mo-

Colunas de Herodes em Sebaste

narcas e onde foram sepultados, 1 Rs 16. 28, 29; 20. 43; 22. 10, 37, 51, etc. Apenas se havia edificado Samaria surgiram hostilidades entre Benadade I, rei da Síria, e Onri. Se é verdade o que diz seu filho, Benadade I, ganhou vantagens sôbre Onri que se obrigou a fazer ruas em Samaria para os negociantes sírios se estabelecerem, 1 Rs 20. 34. Durante o reinado de Acabe, filho de Onri, e seu sucessor, Benadade II sitiou a cidade sem resultados favoráveis, 1 Rs 20. 1-21. Dentro, ou perto da capital, havia uma piscina, onde os servos de Acabe lavaram a carroça que transportou o corpo de Acabe, morto em Ramote de Gileade, 22. 38. No reinado de Jorão, Benadade II veio sitiar Samaria, 2 Rs 6. 8 até cap. 7. 20. Os anciãos de Samaria, com receio de desagradar a Jeú, obedeceram às suas ordens, matando a setenta filhos de Acabe, 10. 1-10. Desde o princípio desta cidade que ela se tornou conhecida pela sua idolatria. "Acabe pôs um altar a Baal no templo de Baal que ele tinha edificado em Samaria", 1 Rs 16. 32. No seu reinado se faz referência aos 400 profetas dos bosques que comiam à mesa de Jezabel, 18. 19, e é bem provável que o ídolo permanecesse ali até ao tempo de Jeú, 2 Rs 13. 6. Estes atos de idolatria eram acompanhados de grande corrupção moral, Os 7. 1-8; 13. 16; Am 4. 1; 8. 14. O profeta Elias opôs-se a estas práticas idólatras, 1 Rs 18. Eliseu estabeleceu em Samaria o centro de suas operações, 2 Rs 5. 3-9; 6. 32, e também o profeta Oséias. Muitos profetas vaticinaram contra a cidade e o reino de Samaria, Is 7. 9; 8. 4; Jr 31. 5; Ez 16. 46, 51, 53, 55; 23. 33; Os 8. 5, 6; 13. 16; Am 3. 12; Mq 1. 5-9. Finalmente, as ameaças realizaram-se e o castigo chegou. No ano 724 A. C. no reinado de Salmanasar, os assírios sitiaram Samaria, que ao fim de três anos a tomaram, 2 Rs 17. 3-6. A glória dêste feito coube a Sargom, sucessor de Salmanasar, que naquele ano, 722, subiu ao trono. Os conquistadores povoaram de novo as cidades com elementos estrangeiros, 24. No ano 332, ou 331, A. C., Alexandre, o Grande, tomou Samaria e transferiu os seus habitantes para Siquém, e nela estabeleceu gentes vindas da Síria e de Macedônia. Pelo ano 109 A. C., João Hircano sitiou Samaria e levantou em torno dela um muro de circunvalação de 80 estádios de comprimento. Depois de um ano, rendeu-se pela fome. O vencedor demoliu-a inteiramente, tentando apagar todos os vestígios que dessem a conhecer que ali existiu uma cidade fortificada, Antig. 13. 10, 2, 3; Guerras 1. 2, 7, 8. Foi novamente habitada no tempo de Alexandre Janeu. Pompeu anexou-a à província da Síria, e Gabino fortificou-a de novo, Ant. 13. 15, 4; 14. 4, 4, 5, 3. Mais tarde, Herodes, o Grande, a mandou reconstruir e fortificar e deu-lhe o nome de Sebaste, palavra grega correspondente a Augusto, nome de seu patrono, o primeiro imperador romano, 15. 8, 5. Em Samaria trabalhou o evangelista Filipe com bons resultados, At 8. 5-8, e aí se deu por convertido o célebre Simão Mago, 9-13. Os apóstolos que se achavam em Jerusalém, tendo sabido que a Samaria recebera a palavra de Deus, mandaram-lhe lá a Pedro e a João, 14-25. O local de Samaria tem sido identificado com a aldeia *es-Sebustieh*, situada sobre um monte escarpado a seis milhas a noroeste de Siquém, na Palestina central, em um planalto de uma milha de este a oeste. Encontram-se ali colunas quebradas, grandes blocos de pedra, que parecem ter pertencido a edifícios importantes, e montes de entulho. Alguns destes *débris*, rebolaram para os vales, conforme o havia dito o profeta Miquéias, 1. 6.

2. Nome do território ocupado pelas dez tribos, ou o reino de Israel personificado, 1 Rs 13. 32; 21. 1; 2 Rs 17. 24; Ne 4. 2; Is 7. 9; Jr 31. 5; Ez 16. 46; Am 3. 9. Veja *Israel*.

3. Nome do distrito de Samaria que ocupava a Palestina central, entre a Galiléia ao norte e a Judéia ao sul, 1 Mac 10. 30. A descrição de limites feita por Josefo, Guerras 3. 3, 4, 5, não é muito clara, mas deixa ver que o limite ao norte passava por uma "aldeia situada na grande planície, chamada Ginéia", que parece ser Enganim, Js 19. 21; 21. 29, no ângulo sul da planície de Esdraelom. Servia de limite ao sul, a toparquia Acrabatene, distante de Siquém 6 ou 7 milhas. O distrito de Samaria estendia-se, a este, até ao Jordão, e para oeste, sem chegar ao Mediterrâneo. A cidade de Aco já pertencia à Judéia. O Talmude diz que Antipatris era o limite a oeste. Compreendia o antigo território de Manassés a oeste

Sebaste e antiga Samaria

do Jordão, e também o de Efraim, com parte de Issacar e Benjamim. Pompeu, no ano 63 A. C., anexou o distrito de Samaria à província da Síria. Antig. 14. 4. 4. No ano 6 da era cristã, o imperador Augusto fez da Judéia, Samaria e Iduméia uma divisão da prefeitura da Síria, denominada província da Judéia sob o governo de procuradores, 17. 13. 5; cp. 11. 4, que ainda vigorava no tempo de nosso Senhor.

SAMARIAS, *Jeová tem conservado.*

1. Nome de um benjamita que se ajuntou a Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 5.

2. Nome de um dos filhos de Roboão, 2 Cr 11. 19.

3 e 4. Nome de um dos filhos de Herém, e de um filho de Bani, ambos os quais se desquitaram de suas mulheres estrangeiras a conselho de Esdras, Ed 10. 32, 41.

SAMARITANO

O sentido desta palavra na única passagem do Antigo Testamento, 2 Rs 17. 29, aplica-se a um indivíduo pertencente ao antigo reino do norte de Israel. Em escritos posteriores, significa um indivíduo natural do distrito de Samaria, na Palestina central, Lc 17. 11. De onde veio a raça, ou como se originou a nacionalidade samaritana? Quando Sargom tomou Samaria levou para o cativeiro, segundo ele diz, 27.280 de seus habitantes, deixando ainda alguns israelitas no país. Sabendo que eles conservavam o espírito de rebelião, planejou um meio de os desnacionalizar, estabelecendo ali colônias de habitantes da Babilônia, de Emate, 2 Rs 17. 24, e da Arábia. Estes elementos estrangeiros levaram consigo a sua idolatria. A população deixada em Samaria era insuficiente para o cultivo das terras, interrompido pelas guerras, de modo que as feras começaram a invadir as povoações e a se multiplicarem espantosamente, servindo na mão de Deus de azorrague para aquele povo. Os leões mataram alguns dos novos colonizadores. Estes atribuíram o fato a um castigo do deus da terra que não sabiam como apaziguar, e neste sentido pediram instruções ao rei da Assíria, que lhes mandou um sacerdote dos que havia entre os israelitas levados para o cativeiro. Este foi residir em Betel e começou a instruir o povo nas doutrinas de Jeová, porém, não conseguiu que os gentios abandonassem a idolatria de seus antepassados. Levantaram imagens de seus deuses nos lugares altos de Israel combinando a idolatria com o culto de Jeová, 2 Rs 17. 25-33. Este regime híbrido de adoração permaneceu até a queda de Jerusalém, 34-41. Asor-Hadã continuou a política de seu avô Sargom, Ed 4. 2; e o grande e glorioso Asenafar, que talvez seja Assurbanipal, completou a obra de seus antecessores, acrescentando à população existente, mais gente vinda de Elã e de outros lugares, 9, 10.

A nova província do império assírio decaía. Josias mesmo, ou seus emissários, percorreram todo o país, destruindo por toda a parte os lugares altos, 2 Cr 34. 6, 7, onde havia altares da idolatria. O culto pagão decrescia sob a influência dos israelitas que ficaram no país, e por causa do ensino dos sacerdotes. A ação renovadora de Josias foi mais um golpe. Anos depois, alguns dentre os samaritanos, costumavam ir a Jerusalém para visitar o templo e fazer adoração, Jr 41. 5. Quando Zorobabel voltou do exílio, trazendo consigo bandos de cativos para Jerusalém, os samaritanos pediram licença para tomar parte na construção do templo, alegando que haviam adorado o Deus de Israel desde os dias de Asor-Hadã, Ed 4. 2.

Desde muito que a maior parte dos judeus sentiam repugnância em manter relações sociais e religiosas com os samaritanos, sentimento este Josefo, Antig. 9. 14, 3, que, no tempo em que os anos corriam, Ed 4. 3; Ecclus. 1. 25, 26; Lc 9. 52, 53; Jo 4. 9. Os samaritanos não tinham sangue puro de hebreus, nem religião judaica. Diz Josefo, Antig. 9. 14, 3, que, no tempo em que os judeus prosperavam, os samaritanos pretendiam possuir alianças de sangue; mas em tempos de adversidade, repudiavam tais alianças, dizendo-se descendentes dos emigrantes assírios. Tendo Zorobabel, Josué e seus associados rejeitado a oferta dos samaritanos para auxiliar a reconstrução do templo, não mais tentaram conciliações com os judeus, antes pelo contrário, empenharam-se em obstar a conclusão da obra, Ed 4. 1-10, e mais tarde procuravam impedir o levantamento dos muros por Neemias, Ne 4. 1-23. O cabeça deste movimento era certo Sanabalá Horonita, cujo genro havia sido expulso do sacerdócio por Neemias. O sogro, com certeza, fundou o templo samaritano sobre o monte Gerizim, para servir ao dignitário deposto em Jerusalém. Daqui em diante, todos os elementos indisciplinados da Judéia, procuravam

o templo rival de Samaria, onde eram recebidos de braços abertos. Antig. 11. 8, 7. Enquanto durou a perseguição promovida por Antíoco Epifanes contra os judeus, declaravam não pertencer à mesma raça, e agradavam ao tirano, mostrando desejos de que o seu templo do monte Gerizim, fosse dedicado a Júpiter, defensor dos estrangeiros, 2 Mac 6. 2. Pelo ano 129 A. C. João Hircano tomou Siquém e o monte Gerizim, e destruiu o templo samaritano, Antig. 13. 9, 1; porém, os antigos adoradores continuaram a oferecer culto no cabeço do monte, onde existiu o edifício sagrado. Prevalecia ainda este costume no tempo de nosso Senhor, Jo 5. 20, 21. Neste tempo, as suas doutrinas teológicas não diferiam muito na sua essência, das doutrinas dos judeus e especialmente da seita dos saduceus. Partilhavam da crença na vida do Messias, Jo 4. 25, mas somente aceitavam os cinco livros de Moisés. O motivo principal que levou os samaritanos a receber tão alegremente o evangelho pregado por Filipe, foram os milagres por ele operados, At 8. 5, 6. Outro motivo, sem dúvida, concorreu para o mesmo resultado, é que, ao contrário das doutrinas dos judeus, o Cristianismo seguia os ensinos e os exemplos de seu fundador, admitindo os samaritanos aos mesmos privilégios de que gozavam os judeus convertidos ao Evangelho, Lc 10. 29-37; 17. 15-18; Jo 4. 1-42. Existem ainda cerca de 150 samaritanos em torno de Nablus, antiga Siquém.

SAMBALÁ, *O deus-lua Sin deu vida.*

Nome de uma notabilidade samaritana, natural de Horonaim, e por isso denominada Horonita, Ne 2. 10. Opôs-se à reedificação dos muros de Jerusalém por Neemias e tentou inùtilmente impedi-la, 4. 7, 8. Dolosamente, Sambalá e Gôsen convidaram Neemias para uma conferência com o intuito de o assassinarem, 6. 1-4. Falhando êste plano, passaram a intimidá-lo, porém em vão o fizeram, 5-14. Sambalá Horonita foi contemporâneo do pontífice Eliasibe, avô de Jedua. Em companhia de Tobias amonita, opôs-se à reconstrução do muro de Jerusalém por Neemias, no vigésimo ano de Artaxerxes. Um dos filhos do pontífice Joiada casou com a filha de Sambalá, pelo que, Neemias o afugentou, Ne 3. 1; 4. 3, 7; 13. 4, 28. Josefo faz menção de um Sambalá, natural de Cuta, a quem Dario, último rei da Pérsia, 336-330 A. C., enviou como governador para Samaria, Antig. 11. 7, 2; 8. 2, continuando neste cargo no tempo de Alexandre, o Grande, vencedor de Dario, 332 A. C., 8, 4. Manassés, irmão do pontífice Jedua, casou-se com a filha de Sambalá, chamada Nicaso, com grande escândalo para as autoridades judaicas, que expulsaram do templo a Manassés. Sambalá, com o consentimento de Alexandre, edificou um templo sobre o monte Gerizim, e investiu a seu genro no ofício de sacerdote, 7. 2; 8. 2, 4. Estas narrativas da história judaica não se combinam com os fatos da história de Sambalá já referidos. Antigos comentadores pensam que Josefo fala de outro Sambalá, mas parece que ele tinha em mente o Horonita, e o casamento referido em Ne 13. 28. É possível que tenha alterado a data em que existiu Sambalá, para menos 100 anos, com o fim de combinar os fatos a seu gosto, dizendo que o genro de Sambalá, não somente fundou e promoveu o engrandecimento da religião samaritana, mas também construiu o templo no monte Gerizim, e que este templo foi levantado depois que Alexandre, o Grande, conquistou o país, Antig. 13. 9, 1; 200 anos mais ou menos A. C., e que Alexandre e o sacerdote Jedua eram contemporâneos, 11. 8, 5. Neste caso, Josefo erra na data, como fez com Neemias assinalando o ano 25 de Xerxes, que reinou apenas 21 anos, Antig. 11. 5, 7, em vez de dizer no ano 20 de Artaxerxes, seu sucessor, 2. 1; errou igualmente, dando a chegada de Esdras a Jerusalém no sétimo ano de Xerxes, Antig. 11. 5, 2, e que se efetuou 21 anos depois, no sétimo ano de Artaxerxes, Ed. 7. 1, 8; erra ainda, confundindo Onias I com Onias III, que viveu um século depois, 1 Mac 12. 7, 20; Antig. 12. 4, 10.

SAMBUCA

Instrumento de sopro, usado na Idade Média, consistindo em um longo tudo de bronze, com uma chave móvel para mudar o som das notas da música, à semelhança de um trombone. O instrumento referido em Dn 3. 5, pertence a uma classe muito diversa: é instrumento de corda, que em aramaico se denomina *sabbeka*. Se êste nome for de origem semítica, descreve a guarnição das cordas; é evidentemente idêntico ao vocábulo grego *sambuke*, instrumento músico um pouco parecido com a harpa ou a lira, contendo apenas quatro cordas. Strabo afirma que o vocábulo grego é de origem bárbara, i. é, oriental. Ateneu diz que o instrumento foi inventado pelos sírios.

SAMEQUE

Nome da décima quinta letra do alfabeto hebreu. Serve para marcar a décima quinta secção do salmo 119, em que todos os vv. do original começam pela mesma letra.

SAMIR, *Espinho.*

1. Nome de uma cidade situada na região serrana de Judá, Js 15. 48, representada pelas ruínas de Sômera, 13 milhas a oeste-sudoeste de Hebrom.

2. Nome de uma cidade da tribo de Efraim, onde foi morar o juiz Tola e onde o sepultaram, Jz 10. 1, 2. Situação ignorada.

3. Nome de um levita, filho de Mica, 1 Cr 24. 24.

SAMLA, *Vestimenta.*

Nome de um rei de Edom, natural de Masreca, Gn 36. 36, 37.

SAMOS, *Altura sobre a costa.*

Nome de uma ilha com cerca de 80 milhas de circunferência ao largo da costa da Ásia Menor, a sudoeste de Êfeso e quase fronteira ao promontório de *Trogyllium*. Depois da derrota de Antíoco, o Grande, pelos romanos em Magnésia, no ano 190 A. C. ficou independente, 1 Mac 15. 23, porém, sob a influência de Pérgamo. Juntamente com esta, passou às mãos dos romanos no ano 133 A. C. Quando o apóstolo S. Paulo esteve lá, At 20. 15, gozava de autonomia que os romanos lhe haviam conferido no ano 19 A. C. Os seus habitantes distinguiam-se como negociantes de altas empresas. Ainda existem moedas daquele tempo.

SAMOTRÁCIA, *Samos da Trácia.*

Nome de uma ilha do arquipélago ao largo da costa da Trácia, fronteira à foz do Hebrus. Tem a superfície de 30 milhas quadradas. Sobre ele ergue-se uma montanha de 5.000 pés de altura. S. Paulo viajou em direção a esta ilha, tendo embarcado em Trôade, na Ásia Menor, At 16. 11.

SAMPSAMES

Nome de país, e não de um rei, amigo de Roma, 1 Mac 15. 23. Não identificado.

SAMUA, *Fama.*

1. Nome de um representante da tribo de Rúben que fêz parte da comissão exploradora da terra de Canaã, Nm 13. 4.

2. Nome de um dos filhos de Davi com sua mulher Bate-Seba, nascido em Jerusalém, 2 Sm 5. 14; 1 Cr 3. 5. O nome dele era semelhante ao de seu tio, 2. 13. Em 1 Cr 3. 5 tem o nome de Simaa, variante inútil, visto ter a mesma significação de Samuaa, diferindo apenas na sua formação.

3. Nome de um levita, descendente de Iditum, Ne 11. 17.

4. Nome de um sacerdote que viveu nos dias do sumo sacerdote Joiaquim. Foi chefe da casa de Bilga, Ne 12. 18.

SAMUEL, *Livros de*, 1 e 2 Sm.

A tradução de Figueiredo dá quatro livros com o nome de livro dos reis. Almeida divide estes quatro livros em dois grupos de dois livros cada um. Ao primeiro grupo chama-lhes primeiro e segundo livro de Samuel, e ao segundo, chama-lhes primeiro e segundo livro de Reis. Seguindo esta classificação, vamos dar notícia dos dois livros de Samuel, deixando a descrição dos dois livros para o artigo seguinte.

Os dois livros formavam um só volume como se pode ver pela nota massorética ao 1 Samuel 28. 24, no texto em hebraico, onde se diz que este versículo assinala a metade do livro. Nos manuscritos hebraicos, como na enumeração dos livros feita por Josefo, os dois livros são tidos como um só. A divisão em dois se deu, quando se fez a impressão da Bíblia Hebraica em 1517, à imitação da Versão dos Setenta e da Vulgata. Como Samuel fôsse a figura predominante durante a primeira metade do período histórico de sua vida, e tendo sido o maior dos profetas de Israel, e organizador do reino, e o agente na escolha dos primeiros reis, Saul e Davi, e coadjutor de Saul enquanto permaneceu fiel às suas obrigações teocráticas, o livro tomou o nome de Samuel. Contém ele a história dos primeiros dois reis, e por isso a Versão dos Setenta o dividiu em dois livros e os denominou Primeiro e Segundo Livro dos Reis. Aos outros dois livros que os seguem, em continuação à história dos reis, que a Versão de Almeida chama Primeiro e Segundo livros dos Reis, a Versão dos Setenta diz Terceiro e Quarto Livro dos Reis. S. Jerônimo na sua versão latina substituiu a palavra Reinos pela de Reis, dizendo 1, 2, 3, 4 Livro dos Reis.

Os dois livros de Samuel, ou para melhor dizer o livro de Samuel, divide-se em três seções. 1. Samuel como profeta e juiz, caps. 1 até 7, compreendendo o seu nascimento, a sua infância, as causas que determinaram a sua entrada no ministério profético, 8. 20, e que, como tal, entrou na posse exclusiva de juiz, que lhe abriu o caminho para a administração judicial, cap. 4, a sua obra reformadora, os atestados que lhe valeram os foros de governador pela vitória alcançada sobre os filisteus de que resultou a independência de Israel, 7. 1-12, e o sumário de sua administração, 13-17. 2. Reinado de Saul caps. 8. a 31, incluindo: (I) O pedido do povo para que Samuel lhe desse um rei; a promessa de ter satisfeito êsse pedido, cap. 8; entrevista de Samuel com Saul, que foi ungido em rei, cap. 9. 1 até 10. 16; a assembléia que Samuel convocou para se efetuar em Mispa a escolha do rei por meio de sortes, 17. 26; parte do povo contrariado com a escolha, 27; fatos que levaram o povo a reconhecer a Saul como rei por determinação divina, cap. 11; últimas palavras de Samuel, cap. 12. (II) Revolta contra os filisteus; Saul viola as suas obrigações teocráticas, cap. 13; façanha de Jônatas, pondo em debandada os filisteus, 14. 1-46; sumário das guerras de Saul, 47, 48; sua família, 49-51; particulares de uma das suas guerras com Amaleque, em que ele, mais uma vez e de modo agravante, manifesta desprezo pelos seus deveres teocráticos, cap. 15. Segue-se depois: (III) Narrativa dos últimos anos de Saul, com referência especial às relações entre ele e Davi, cap. 16 a 31; rejeitado por Deus, Samuel, por ordem divina, unge em rei a Davi, 6. 1-13. Saul, atormentado por um espírito mau, manda trazer a Davi para tocar harpa em sua presença, 14-23. Davi mata o gigante Golias e torna-se o *attaché* permanente da corte de Saul, cap. 17. 1 até 18. 5; ciúmes de Saul e tentativa contra a vida de Davi, 18. 6 até cap. 19. 17; Davi afasta-se da corte e passa a ter vida errante, 19. 18 até cap. 27. 12; invasão dos filisteus e a consulta de Saul à feiticeira de Endor, cap. 28; Davi, repelido do campo dos filisteus, persegue um bando de amalequitas, caps. 29 e 30; batalha de Gilboa e morte de Saul, cap. 31. 3. Reinado de Davi, 2 Sm caps. 1-24. Davi recebe notícia da morte de Saul, cap. 1. Davi e Is-Bosete disputam o trono de Saul, Davi sustentado pelos homens de Judá e Is-Bosete pelos chefes das outras tribos, caps. 2 a 4. Davi reconhecido em todo o Israel, 5. 1-3, seu reinado, 5. 4 até cap. 24. Veja *Davi*. O autor deste duplo volume era profeta, porque o livro foi colocado entre os livros proféticos no cânon hebraico. Samuel escreveu um livro e o depositou diante do Senhor, 1 Sm 10. 25, parte do volume duplo pode bem ser a história de Samuel, o vidente, 1 Cr 29. 29, porém, apenas metade do livro poderia ser escrito por ele, porque a sua morte se deu antes de terminar o reinado de Saul, 1 Sm 25. 1, o livro todo deveria ter sido escrito depois da morte de Davi, 2 Sm 5. 5. Uma alusão feita aos reis de Judá indica provavelmente que o livro ainda não estava completo quando se deu a divisão dos israelitas nos dois reinos de Judá e de Israel, 1 Sm 27. 6; mas a distinção entre Israel e Judá já existia no tempo de Davi, 11. 8; 17. 52; 18. 6; 2 Sm 3. 10; 24. 1. Pela leitura de Jr 15. 1, infere-se que este profeta estava familiarizado com 1 Sm cap. 13. Não existe nêle referência alguma ao cativeiro, e por isso, é crença geral que foi escrito antes da queda de Jerusalém.

Existiam vários documentos referentes ao período de que trata o livro, tais como a História de Samuel, o Vidente, História do profeta Natã e a História de Gade, o Vidente, 1 Cr 29. 29, mas o autor não menciona as fontes de onde tirou as informações, como fazem os autores dos livros dos Reis e de Crônicas. Wellhausen faz uma análise dos livros e das suas origens, *Prolegomena* 3. 1. Mocidade de Samuel. Prepara-se para o exercício das funções sacerdotais e anuncia o colapso do govêrno existente antes do estabelecimento do reino, 1 Sm caps. 1-3. Esta história foi arranjada depois que se fez conhecido em Israel. O cap. 2. 1-10 contém interpolações de origem ignorada; os vv. 27-36 são nada mais que um enxêrto de passagens do Deuteronômio, págs. 126, 281, 415; cp. Kittel 3. 29; Anm. 6. 2. Narração da queda da casa de Heli, caps. 4 a 6. O v. 18 do cap. 4 é um aditivo, pág. 254, 3. Elevação de Saul ao trono.

Existem duas narrações deste fato: (a) Segundo uma, Saul foi indicado secretamente por Samuel para ser rei, e por sua autoridade o eleva à categoria de libertador de Israel, cap. 9. 1 até cap. 10. 16; porém, o v. 9 do cap. 9 é interpolação, e o v. 8 do cap. 10 é obra de segunda mão. Samuel ordena a Saul que aguarde ocasião para agir, 10. 17, ocasião essa que chega um mês mais tarde, v. 27, quando os amonitas começaram a combater contra Jabes-Gileade. Saul chama o povo às armas, dirige o combate e sai vitorioso; o povo o aclama como libertador da pátria, e o conduz a Gilgal onde renova a eleição do rei, cap. 11. Mas os versículos 12-14 deste capítulo foram ali insertos pela mão que escreveu o capítulo 8 e o 10, v. 17 e seguintes, com o fim de harmonizar esta narrativa com a sua. A história da derrota dos filisteus por Saul e Jônatas, caps. 13 e 14, exceto os vv. 7-15 do cap. 13 e 10. 8 que pertencem a escritor diferente e que foram escritos antes do capítulo 7. (b) Segundo outra narrativa, Samuel convocou o povo para se reunir em Mispa, perto de Jerusalém, a fim de exortá-lo ao arrependimento, 7. 2-4, e pedir a Deus que o livrasse das mãos dos filisteus. Estes começaram o combate contra Israel, mas foram repelidos e lançados para fora dos termos do país, 5-14. Samuel julgou a Israel durante a sua vida, 15-17. Tendo envelhecido, reconhecida a incapacidade de seus filhos para o substituírem no julgado, os anciãos de Israel pediram um rei, subtraindo-se ao govêrno de Jeová e imitaram o exemplo das nações vizinhas, cap. 8. Por isso, e de acordo com o que pediam, Saul foi escolhido pela sorte para ser rei, 10. 17-27. Samuel faz as suas despedidas, cap. 12. 4. O capítulo 15 é uma produção secundária: é a forma original de onde se

copiou a narrativa dos vv. 7-15, do capítulo 13 e muito relacionada com o cap. 28. 3-25. 5. Existem dois documentos completos a respeito de Davi que se suplementam entre si. O primeiro encontra-se em 1 Sm cap. 16 até 2 Sm cap. 8. O segundo compreende 2 Sm cap. 9 até 1 Rs cap. 2. Acha-se mutilado no princípio mas completo daí por diante. Em 2 Sm cap. 21 a 24 existem aumentos. O primeiro documento compreende a história de Davi desde que foi ungido por Samuel até que se ausentou da presença de Saul. Está ligada com 1 Sm 14. 52 em 16. 14. Davi como moço valente e hábil tocador de harpa, entra na corte de Saul nomeado seu escudeiro, 16. 14-23, mas no v. 14 descobre-se a mão do redator.

Alguma cousa devia seguir primitivamente este final, narrando as guerras com os filisteus, inteiramente diferente da luta entre Davi e Golias. No conflito com os filisteus, Davi notabilizou-se, e subiu gradualmente até fazer-se genro do rei, 18. 6-30. As reflexões sobre a pessoa de Saul pertencem a outra mão. O cap. 18. 29 continua a referir-se aos aplausos populares celebrando a vitória de Davi, e ao ódio crescente de Saul contra êle a ponto de procurar atravessá-lo com a sua lança, 19. 9, 10. Depois de um entendimento com Jônatas, Davi foge, Saul mata os sacerdotes em Nobe, por causa de terem relações de amizade com Davi, 21. 2-7; 22. 6-23. A Davi se acostou um troço de 400 homens e foram habitar no deserto de Judá, 22. 1-5. Existem vários aumentos à história de Davi, como por exemplo: A unção de Davi; 16. 1-13, que depende da legenda acerca do herói pastor em luta com o gigante Golias, 17. 1 até cap. 18. 5; o desejo de Saul para matar a Davi, serve de motivo para que Jônatas o aconselhasse a refugiar-se, 19. 1-7, é aumento feito depois, que mostra que o autor se havia familiarizado com o cap. 17. Depois que Saul tentou contra a vida de Davi, procurando atravessá-lo com a lança, este fez a primeira fugida, 19. 8-10, mas Davi continua em casa, e com o auxílio de sua mulher, escapa pela segunda vez, fugindo para Samuel em Ramata, 19. 11-24. Mas os vv. 18-24 estão alterados, e eram desconhecidos ao autor do cap. 15. 35. O v. 18 parece reproduzir o conteúdo do cap. 16. 1-13, Davi está em Gabaá. O rei dá por falta dele. Certo de que Saul lhe tinha ódio de morte, Davi foge para salvar a vida, cap. 20. Esta narração é incongruente do modo por que está feita. Davi em Nobe obtém a espada de Golias, 21. 8-10. Temendo a ira do rei, Davi refugia-se na corte do rei Aquis, 11-16. A descrição da vida de Davi no deserto, onde se escondeu de Saul, cap. 23 a 27, contém três adições no primeiro documento, que são: 27. 7-12; 26. 1-25; e 23. 14 até cap. 24. 23. As duas últimas são paralelas. O capítulo 26 foi colocado antes do 27 porque o capítulo 26. 19 e a passagem em cap. 23. 14 até cap. 24. 23, foram postos antes do cap. 25 para evitar justaposição com o cap. 26. o Cap. 28. 1, 2 é a continuação imediata do cap. 27 que, por sua vez, continua nos caps. 29 a 31. Os vv. 3-25, onde vem a entrevista de Saul com a feiticeira de Endor, acham-se intimamente relacionados com o cap. 15, que é o original de onde foi copiado o cap. 12. 7-15. Nem o cap. 15 nem o 28, pertencem à tradição fundamental. Cada um deles constitui o prelúdio dos acontecimentos que os seguem.

Os críticos da Bíblia, representando todas as escolas, são acordes em dizer que o autor dos livros de Samuel serviu-se do material de várias procedências para compor a sua história; e todos eles gostariam bem de saber com certeza quais elas sejam. Nem todos aceitam a análise que Wellhausen fez, e não adotam o seu método. A análise funda-se em contradições que ele alega existir entre certas passagens da história. À essas alegações sobre a existência de passagens discordantes, e sobre a diversidade de documentos, responde-se:

I. O autor não descobriu contradições entre as partes separadas.

II. As contradições que diz existir em as narrações, ele as fundamenta, por um processo expositivo de passagens isoladas, e pela manipulação de textos que combina para produzir inconsistências. A interpretação mais racional é aquela, que, sem esforço, mostra a harmonia de todas as partes da história. Dizem existir irreconciliável contradição entre 1 Sm 7. 13, 14, e tudo mais que tem sido transmitido. Vê-se em seguida que o domínio dos filisteus não foi totalmente destruído; não só continuaram a oferecer resistência nos tempos de Samuel, como ainda se apoderaram de terras dos israelitas, e até um dos seus oficiais habitou em Gabaá de Benjamim (Wellhausen). Diz Driver, com mais ponderação: "As conseqüências da vitória em Ebenézer mencionadas no cap. 7. 13, são generalizadas em termos que dificilmente se reconciliam com a história subseqüente; contrastam com a descrição feita imediatamente depois em que se descreve a ascendência dos filisteus", 10. 5; 13. 3, 19. A passagem não afirma, como diz Wellhausen, que os israelitas tomaram as cidades Acarom e Gate; êles poderiam ter feito isto: a passagem diz que foram restituídas a Israel as cidades desde Acarom até Gate, situadas no seu antigo território. Os filisteus nunca mais ocuparam posições dentro dos limites de Israel, que libertou suas fronteiras, desde Acarom até Gate, das mãos dos inimigos, 7. 13, 14; cp. limites em Jr 31. 17. A mão do Senhor foi sobre os filisteus em todo o tempo de Samuel, v. 13; em todo o tempo de Samuel é o mesmo que dizer, de acordo com as expressões da Escritura, durante o tempo de sua administração. Não obstante os filisteus, repetidas vezes depois, invadiram as fronteiras de Israel, mesmo antes do falecimento de Samuel, chegaram até a pôr oficiais nas cidades de Judá, para receberem os tributos, como fez Davi em Damasco, 2 Sm 8. 6. Porém, êles nunca se estabeleceram no país, nem expulsaram os hebreus que nele habitavam, Jz 1. 34-36.

Com a vitória de Ebenézer, Samuel livrou os israelitas do domínio dos filisteus e apoderou-se das fronteiras de Israel. Enquanto durou a sua administração vigorosa, a fama de seu nome evitou que os inimigos renovassem as suas incursões; a personalidade de Samuel inspirava confiança a todo o povo. Envelhecendo, largou as rédeas do governo, para confiá-las a seus filhos. Estes não possuíam qualidades que os recomendassem à confiança pública, que desfalecia, diante de seus inveterados inimigos. Samuel estava em idade muito avançada e não poderia mais conduzir os exércitos à batalha; os filhos dele eram homens desprezíveis; os amonitas e os filisteus cresciam em poder como nunca e estavam à espreita. A senilidade de um governador, ou a subida ao trono de um novo monarca inexperiente, geralmente oferecia oportunidade a inimigos vigilantes. Naás, rei dos amonitas, dava começo às hostilidades da outra banda do Jordão, 1 Sm 12. 12. "Dá-nos um rei", pediam os anciãos de Israel a Samuel, para que ele nos julgue e marche à nossa frente e peleje por nós, 8. 5-20. As pretensões de um príncipe estrangeiro a exercer soberania sobre um povo, poderão ser ignoradas durante anos; mas com o andar dos tempos, o príncipe pretensioso, sentindo-se forte, cai com seus exércitos sobre o povo refratário para castigá-lo; ou então, vendo que ele se amedronta, e notando a fraqueza e pusilanimidade de seus tributários, envia-lhes emissários para saberem dos motivos que os levaram ao não pagamento dos tributos, e forçá-los à restituição. Se houver submissão, tudo irá bem; cessam as hostilidades. Foi este o plano dos filisteus. Quando viram que os israelitas eram impotentes para uma resistência, e que Samuel havia sido rejeitado pelos anciãos de Israel, como representantes do povo, tornaram efetiva a sua autoridade, 9. 16, estabelecendo no país guarnições de soldados, 10. 5; e, como medidas de precaução, chegaram a ponto de proibir o funcionamento de forjas em Israel a fim de evitar o fabrico de

armas, 13. 19-22. Nesta situação acabrunhadora os anciãos de Israel pediram a Samuel que lhes desse um rei, que pudesse defende-los contra os poderosos inimigos que os cercavam. O velho Samuel sentiu-se acabrunhado sob o peso de tamanha exigência. Samuel ouviu todas as palavras do povo e as referiu ao Senhor, que lhe disse: "Faze o que eles te dizem, e estabelece sobre êles um rei; porque não é a ti que eles rejeitam, e sim a mim, para eu não reinar sobre eles, 1 Sm cap. 8. Pouco depois disto, Deus revelou ao profeta que um homem de Benjamim havia de sair-lhe ao encontro, a quem êle deveria ungir em rei sôbre Israel para ser o libertador do povo, 1 Sm 9. 16. Chegado que foi Saul, o profeta o convidou a subir com ele ao alto da casa, onde passaram a tarde confabulando. Não seria difícil adivinhar o assunto da conversa. Samuel revelou-lhe que ele havia sido escolhido para libertar a Israel do jugo dos filisteus, e deu-lhe as instruções precisas à execução de sua empresa. Também estabeleceu as condições que deveria respeitar para ter o auxílio de Deus na guerra. Na manhã seguinte, antes da partida de Saul, o profeta Samuel o ungiu secretamente, deu-lhe as instruções precisas para ele certificar-se de que Deus o havia escolhido. "Desce a Gilgal, disse Samuel, primeiro que eu, e espera lá sete dias, até que eu vá ter contigo e te declare o que deves fazer", 10. 7, 8. O alcance destas instruções tem sua explicação na conferência havida no alto da casa e nos fatos que a ela se seguiram, 9. 16-25; 13. 8.

Saul não se proclamou rei, nem tentou ação alguma para libertar o povo de Israel, enquanto as circunstâncias não lhe indicaram o tempo. Gilgal seria o lugar da entrevista depois de uma espera de sete dias, até que o profeta chegasse para oferecer sacrifícios, suplicar o favor divino para o bom êxito da emprêsa, e receber as necessárias instruções, 10. 8; 13. 12. Com esta demora de sete dias, ficou patente que o rei era apenas um vice-regente da Divindade e que o exercício da realeza não invadia as prerrogativas sacerdotais. Rei e sacerdote deviam ser dois elementos de cooperação para o bem da pátria. Saul observou este princípio básico por algum tempo. Honrava a pessoa de Samuel e punha-se a seu lado para colaborar com ele, 11. 7.

Sentia a necessidade de conhecer a vontade de Deus, que sòmente se manifestava por meio do profeta, 28. 15. Samuel, por sua vez, logo que Saul se estabeleceu no trono, dispôs-se a orar pelo povo de Deus, 12. 23. Apesar de haver pecado contra Deus e de ser por ele rejeitado, ainda assim, o profeta subiu para Gabaá de Benjamim, onde havia instalado a sua corte para auxiliá-lo no governo e instruí-lo no modo de fazer a vontade de Deus, 13. 15. Em obediência às instruções do profeta, regressou à casa paterna. Tanto, pois, que Saul deu costas, deixando a Samuel, Deus lhe mudou o coração, e todos os sinais anunciados aconteceram no mesmo dia, especialmente quando se encontrou com um rancho de profetas. O Espírito do Senhor apoderou-se de Saul e êle profetizou no meio deles, 1 Sm 10. 9-13.

Samuel cumpria o que havia prometido aos representantes do povo. Saul subia ao trono sem o apoio de sua autoridade; o caso era por demais delicado, e mais eram ainda as suas conseqüências. Convocou o povo em Mispa para assistir ao ato solene da escolha de seu rei que Deus ia fazer. Sorteou Samuel, todas as tribos e caiu na sorte sobre a tribo de Benjamim e sobre suas famílias, e caiu a sorte sôbre a família de Metri, e enfim chegou até Saul, filho de Quis, homem de bela aparência e de elevada estatura. A tribo de Benjamim a que ele pertencia ficava no limite, entre o norte e o sul, servindo, portanto, para enfraquecer as velhas dissenções entre as tribos. E disse Samuel a todo o povo: "Vós bem vistes a quem o Senhor escolheu, porque não há em todo o povo quem lhe seja semelhante." E o povo o aclamou e disse: "Viva o rei." E assim ficou estabelecida a primeira monarquia dos hebreus, 1 Sm 10. 24, 25. As precauções tomadas por Samuel tiveram plena justificação pelos acontecimentos posteriores. A escolha ainda que feita pelo próprio Deus, não agradou a todos. Os filhos de Belial disseram: Acaso poder-nos-á este salvar?, 27. Saul retirou-se para casa de seu pai, acompanhado por certos homens de valor, esperando os acontecimentos. Não reclamou logo os seus direitos ao trono, em face das manifestações hostis, provocando guerra civil; deixou correr as cousas até que Deus mudasse o coração do povo, evitando por este modo derramamento de sangue e continuou na administração da casa de seu pai.

Assim decorreu cerca de um mês, 1 Sm 10. 27. Naás amonita adiantou-se com seu exército até quase às margens do Jordão, e sitiava Jabes de Gileade. O povo da cidade achava-se em grande aperto.

Naás impôs condições ignominiosas para a rendição oferecida e grandemente ofensivas a todo o Israel. Os anciãos de Jabes pediram um prazo de sete dias a fim de terem tempo de enviar mensageiros a todos os limites de Israel à procura de varões que os defendessem. Alguns desses mensageiros, senão todos, chegaram a Gibeá, onde estava Saul e referiram as circunstâncias aflitivas em que se achavam. Saul estava no campo e ao chegar teve notícia do que acontecia, e da recusa feita pelo inimigo à rendição da cidade. O Espírito do Senhor se apoderou de Saul, ao ouvir a mensagem se acendeu o seu furor sobremaneira, e convocou o povo para acompanhá-lo a ele e a Samuel. Entrou no povo o temor do Senhor e saíram como se fosse um só homem. Saul caiu sobre o inimigo e o destroçou a ponto de não ficar dêles dois juntos. E assim ficou livre a cidade, 1 Sm 11. 1-11. Os filisteus não tinham motivos que impedissem o livramento da cidade; pelo contrário, era de seu interesse que o país tributário fosse conservado intacto. A mesma história acerca de países sujeitos, que os vencedores deixam em liberdade para dirigir os seus negócios internos e sustentar lutas com as nações vizinhas, era muito comum nos anais da Assíria e do Egito. Fortalecidos pela vitória, e orgulhosos pelo valor de seu chefe, disse o povo a Samuel: "Quem são os que disseram: Saul não reinará sobre nós? Dai-nos para cá esses homens, e matá-los-emos." Saul impediu a matança, e a sugestões de Samuel, o povo foi a Gilgal para renovar a eleição do rei. Concluída que foi esta formalidade, ficou ele investido no cargo. E todos os israelitas se alegraram em extremo, 1 Sm 11. 12 a cap. 12. 25. Saul estava eleito, mas a obra que tinha de fazer estava apenas começada. Os amonitas haviam sido batidos para fora dos limites de Israel, mas os israelitas continuavam a sofrer o jugo humilhante dos filisteus. Dirigiam seus negócios internos, tinham o seu rei com uma guarda de honra de três mil homens; mas pagavam tributos aos filisteus, tinham dentro de seus limites os oficiais estrangeiros, e não podiam ter forjas para o fabrico de ferramentas e de armas. Saul sentia-se cerceado em sua liberdade. Passados dois anos, segundo diz o atual texto hebreu um pouco duvidoso quando surgiu oportunidade para rompimento, Jônatas bateu uma guarnição de filisteus que estava em Gibeá. O que sabendo eles, reuniram os seus exércitos para vingar o insulto e sufocar a insurreição. Chegava o momento de agir. Saul chamou às armas ao som de trombetas a todos os hebreus, que se reuniram a ele em Gilgal. Era isto que Samuel lhe havia ordenado que fizesse, 1 Sm 13. 1-7. Wellhausen exclui a narração da entrevista de Samuel com Saul em Gilgal, dizendo que não se acha no original primitivo e que foi adicionada depois. Baseia-se para isso na troca de nomes de lugares entre os vv. 4 e 16; identifica Gibeá de Benjamim com Geba de Benjamim, 3, 4, 16. Neste ponto ele tem razão,

porque os dois nomes se confundem no texto do livro de Juízes. Porém não cita com muita exatidão a narrativa hebraica. "No princípio da narrativa", diz ele, "Saul está em Gibeá onde os filisteus o foram buscar, e ali estacionaram por causa da resistência que encontraram. Sùbitamente dá-se como certo que Saul permaneceu em Gilgal desde que foi escolhido rei." Em face do que se lê no v. 4, Wellhausen faz uma exposição errônea. O que a passagem diz é inteiramente diverso. As tropas de Saul estavam em Micmás e em Betel, e as de Jônatas em Gibeá de Benjamim, quando este derrotou a guarnição dos filisteus em Geba, 2, 3. Foi quando Saul mandou tocar a trombeta e a ele se reuniu o povo em Gabaá, 3, 4; cp. 7. Segundo a análise de Wellhausen, o cap. 13. 1-6, é a continuação do v. 16, que diz: "E Saul e Jônatas seu filho e a gente que tinha ficado com eles achavam-se em Gibeá de Benjamim: os filisteus, porém, tinham feito assento em Micmás.

Isto é que é claro e consistente. Mas, continua Wellhausen: "No cap. 13. 16, o leitor recebe outra vez a impressão de que Saul havia permanecido por muito tempo em Gilgal com a sua gente, quando o inimigo se acampou em frente dela. Somente assim pode ser compreendido o contraste entre o particípio circunstancial e o perfeito incoativo." Ainda desta vez, Wellhausen se mostra incorreto. A narrativa havia deixado os filisteus em Micmás, v. 5, e Saul em Gilgal, segundo a análise feita por ele, v. 4, e ainda em Gilgal, se o v. 7 for incluído na mesma descrição. Diz o texto que Saul e os seus homens estavam em Gibeá de Benjamim e que os filisteus acampados em Micmás. A mesma dificuldade, se alguma existe, encontra-se em a descrição que Wellhausen diz ser original, como contra a narrativa que se encontra no atual texto hebreu. Quer isto dizer simplesmente que a secção omitida por ele, que vem a ser a dos vv. 7 a 15, está em lugar que fala dos eventos que se deram em Gilgal, e conclui dizendo que Samuel se levantou e foi de Gilgal para Gibeá de Benjamim; e que Saul, após ter contado as suas tropas, estêve com Jônatas e com essa gente em Geba de Benjamim. A saída de Gilgal acha-se expressamente descrita em referência a Samuel, e não é necessário repetir explicitamente isto em referência a Saul e à sua gente: está implicitamente compreendido. E o autor emprega o particípio para indicar a circunstância de que o rei continuou a morar em Gibeá. A passagem é bem clara em referência ao texto hebreu. A dificuldade imaginada desaparece, quando o texto se completa ou corrige com o auxílio da Versão dos Setenta. A tradução grega tem uma cláusula adicional. Driver imagina que o texto original diz assim: "E Samuel levantou-se e levou-o de Gilgal (indo seu caminho. E o resto do povo acompanhou a Saul para encontrar-se com as tropas, e eles vieram de Gilgal) para Gibeá de Benjamim e Saul contou..." e assim por diante. A omissão existente no texto massorético, é evidentemente devida à freqüente repetição da frase "de Gilgal", *Text of Samuel pág.* 78. Em face do v. 16, este novo texto justifica a identificação que Wellhausen faz de Gibeá com Geba neste capítulo; porém, implica que os vv. 7 e 8 formam parte integrante da narrativa original. Driver aceita êste resultado, rejeitando a exclusão que Wellhausen faz do cap. 10. 8 e do 13. 7-15, da narrativa original, *Introduction* p. 176. Assim, pois, o capítulo inteiro forma um todo unido, quer o cotejemos com o texto massorético, quer com o texto emendado com auxílio dos Setenta.

Conquanto o 1 Sm 13, seja uma unidade, contudo afirmam que não foi escrito pelo mesmo autor do capítulo 15; porque nestes dois capítulos existe uma narração duplicada e contraditória acerca de Saul, pelo motivo de ser rejeitado por Deus. Esta asserção não resiste ao mais leve exame. Samuel, realmente repreendeu a Saul duas vezes em Gilgal, porém, só uma das vezes o fez em nome de Deus. Logo no princípio de seu reinado, quando iniciava a obra especial para que havia sido chamado, Saul desobedeceu a Samuel que lhe havia ordenado esperasse sete dias até que êle chegasse para oferecer sacrifício ao Senhor, implorando seu auxílio. Nesta ocasião o rei foi repreendido e não rejeitado.

"Obraste nèsciamente", disse Samuel, "e não guardaste o mandamento que te deu o Senhor teu Deus. Se não tiveras feito isto, já desde agora teria o Senhor confirmado para sempre o teu reino sobre Israel. Porém o teu reino não subsistirá para o futuro. O Senhor buscou para si um homem segundo o seu coração: e o Senhor lhe mandou que fosse o chefe do povo, porque não observaste o que o Senhor te ordenou", 13. 13, 14. O profeta não lhe disse que era indigno de ser rei sôbre o povo de Deus, e não o abandonou, antes acompanhou-o para a capital, onde lhe prestou eficiente auxílio.

Apenas declarou o profeta que o reino de Saul não continuaria para sempre e que eventualmente passaria à posse de outra família. Quando se efetuou o segundo ato flagrante de desobediência, violando suas obrigações teocráticas na guerra com Amaleque, foi aí que o Senhor o rejeitou para não ser rei, 15. 23. Samuel separou-se dele e nunca mais o viu até ao dia da sua morte, 34, 35. Outro, pertencente a tribo diferente, recebeu o óleo da unção, 16. 1, 13, o Espírito do Senhor daí em diante se comunicou a Davi, e se retirou de Saul, 13, 14. Davi e não Saul iria ser o libertador de Israel. A história do juizado de Samuel e da elevação de Saul ao trono, compreendendo os primeiros anos de seu governo e o ato divino que o rejeitou, encontra-se em perfeita harmonia e não pode sofrer duas interpretações. O mesmo se pode afirmar em referência à história do reinado de Davi. Veja *Davi* e *Jônatas*. Não existe fundamento algum para se afirmar que documentos contraditórios foram combinados para a elaboração do Primeiro Livro de Samuel.

III. Vê-se mais que o conteúdo dos referidos documentos que serviram de base à composição histórica do livro em questão, não só se harmonizam, como se completam entre si. (I) A narrativa original contida em 1 Sm 9. 16 e 10. 5, dá a saber que os filisteus renovaram o exercício de soberania sobre Israel. A explicação deste fato encontra-se no capítulo precedente, que os críticos dão como sendo narrativa posterior; porque, dizem eles, a atitude ameaçadora dos filisteus e de outros velhos inimigos de Israel, quando Samuel largou as rédeas do governo, já consta no cap. 8. 1, 5, 20. A narrativa original exige que o cap. 8 lhe sirva de parte complementar. A única saída consiste em afirmar categòricamente que os israelitas ficaram sujeitos aos filisteus desde o dia em que se apoderaram da arca; que Samuel nunca livrou os israelitas do jugo estrangeiro e que a história da segunda batalha de Ebenézer é pura fantasia, 7. 2-17. Esta afirmação dogmática, Wellhausen não hesita em fazer. Diz ele "que não existe uma só palavra verdadeira em toda aquela história." Driver não nega explicitamente os fatos ocorridos, mas admite que os caps. 9 e 10 não se ligam diretamente com o cap. 7. 1 e diz ainda que "é provável que a continuação original do cap. 4. 1 até ao cap. 7. 1 tenha sido omitida para dar lugar ao cap. 7. 2." Em outras palavras, o cap. 7. 17 e o cap. 8, oferecem um quadro de acordo com as côres do tempo, como já foi mostrado. A teoria dos críticos peca por não explicar os fenômenos existentes.

(II) A narrativa original contida no cap. 11, supõe que a escolha de Saul para ser rei havia sido feita, e que no entanto é referida posteriormente no cap. 10. 17-27. Se, como se afirma, Saul somente havia sido ungido particularmente, 10. 1, como se explica que daí a um mês fosse ele acompanhado por todos os homens armados, vindos de todas as tribos para socorrer a Jabes-Gileade.

O cap. 11 exige que algum acontecimento tivesse registado antes, igual ao que se acha em a narrativa posterior, 10. 17-27.

(III) A narrativa original da carreira de Davi, dizem êles, primeiro o representa como homem adulto, acostumado com as armas, hábil músico, e, portanto, reclamado por Saul para dar-lhe alívio nos momentos críticos de sua enfermidade, 16. 14-23, continuando no cap. 18. 6-30. É claro, porém, que estas duas passagens não se ligam. O cap. 18. 6 refere-se à volta de Davi depois da matança dos filisteus. A narração do combate entre Davi e Golias que é atribuída a outro escritor, fica de permeio e serve de liame. Porém, este laço foi eliminado da narrativa original pelos críticos divisionistas, alegando que no cap. 17. 38, Davi aparece como um jovem, e nos vv. 55-58 se declara que Saul não conhecia a Davi. Não se encontram tais inconsistências notadas por nenhum outro intérprete. Veja *Davi*.

Para fazê-las desaparecer, os críticos divisionistas são obrigados a descartar-se do cap. 17. 14. Saul não pergunta quem era Davi, e sim quem era seu pai. Não há dúvida que alguma cousa se faz sentir entre o cap. 16. 23 e o cap. 18. 6. Diz Wellhausen que deveria ser alguma cousa inteiramente diversa do que agora lá existe, porque o cap. 17 relata que Davi deu cabo de um homem, ao passo que o cap. 18. 7 fala de haver matado dez mil. Como se a morte do campeão filisteu e a fuga das hostes inimigas não fossem equivalentes à morte dos dez mil, cantados em versos pelas mulheres israelitas! O autor dos livros de Samuel, com certeza assim entendeu. A narrativa original da carreira pública de Davi implica a existência da história posterior que os críticos dizem existir. A única saída para escapar ao dilema consiste em afirmar que alguma parte da narrativa original tem sido substituída por alguma outra muito diferente. Não é o livro de Samuel que criou a dificuldade. As teorias é que não explicam os fenômenos nêle contidos.

SAMUEL[1], *Nome de Deus.*

1. Nome de um dos filhos de Amiúde. Fez parte da comissão encarregada de dividir a terra de Canaã, como representante da tribo de Simeão. Nm 34. 20.

2. Nome de um homem da tribo de Issacar, da família de Tola e chefe de uma família, 1 Cr 7. 2.

3. Nome do profeta Samuel, 1 Cr 6. 33.

SAMUEL[2], *O profeta.*

Nome de um dos grandes profetas da antigüidade judaica, depois de Moisés, e o último dos juízes de Israel, filho de Elcana, levita da família de Coate da casa de Isaar. Elcana era filho de Sufe, 1 Sm 1. 1; 1 Cr 6. 26, 35, natural de Ramataim-Zofim do monte de Efraim, porque à sua família havia sido destinada aquela tribo para sua residência, Js 21. 5; 1 Cr 6. 66, e morava em Ramata, 1 Sm 1. 1, 19; 2. 11. Teve duas mulheres uma por nome Ana e outra por nome Penina. E Penina tinha filhos. Ana, porém, não os tinha, e pedia a Deus que lhe desse um filho, e fez um voto dizendo: Senhor dos Exércitos, se deres à tua escrava um filho varão, eu te oferecerei por todos os dias da sua vida e não passará navalha pela sua cabeça, Nm 6. 1-5. Deus atendeu à sua petição; ao filho que lhe nasceu deu o nome de Samuel, porque o havia pedido ao Senhor. Quando desmamou o menino, levou-o consigo à casa do Senhor em Silo e o deixou aos cuidados do sacerdote Heli para ser educado e instruído nas cousas sagradas, 1 Sm 1 e 2. 1-17. O menino ministrava diante do Senhor, vestido de um éfode de linho, de que usavam os candidatos ao sacerdócio e até mesmo os leigos, 2. 18. Morava Samuel no templo do Senhor, onde estava a arca de Deus, e ministrava ao Senhor junto a Heli, 3. 1-3, 15. Ainda jovem, o Senhor se revelou a êle, anunciando-lhe o próximo castigo que viria sobre a casa de Heli por causa da vida irregular de seus filhos que êle não soube corrigir, 3. 1-18. Diz Josefo que Samuel tinha nesta ocasião 12 anos de idade, Antig. 5. 10, 4. Este testemunho é muito próximo da verdade, ainda que não se saiba em que autoridade se baseia. Quando já havia atingido à maioridade, todo o Israel desde Dã até Berseba, acreditava que era profeta do Senhor a quem se havia revelado em Silo, 1 Sm 3. 20, 21. Logo depois começou a cumprir-se o juízo de Deus contra a casa de Heli com a morte dos dois filhos do pontífice no campo de batalha em que a arca de Deus foi capturada. Heli morreu ao receber a triste notícia, 4. 1-22. A arca voltou logo depois à posse dos israelitas, que a transportaram para Quiriate-Jearim e a puseram em casa de Abinadabe, até que o povo se preparasse para recebê-la. Samuel é reconhecido profeta e depois da morte de Heli, toda a autoridade religiosa se concentrou em suas mãos. Consagrou-se à obra da regeneração popular. Vinte anos depois de ser restituída a arca, notou que as condições morais do povo haviam melhorado; e convocou uma assembléia em Mispa perto do lugar onde a arca havia sido tomada, para uma confissão pública de seus pecados, e jejuar na presença do Senhor, e pedir-lhe misericórdia. Ouvindo os filisteus que os filhos de Israel se tinham ajuntado em Mispa, os seus príncipes marcharam contra Israel. Samuel exortou o povo a orar ao Senhor para que os livrasse. E aconteceu que ao tempo que Samuel oferecia o holocausto, começou o combate dos filisteus contra Israel. Mas o Senhor trovejou aquele dia com estrondo espantoso sobre os filisteus e os aterrou de medo, e foram derrotados no encontro de Israel. E os israelitas saindo de Mispa os foram perseguindo, e ficaram humilhados e não ousaram mais vir sobre as terras de Israel enquanto Samuel esteve à testa do governo, 1 Sm 7. 3-14. Veja *Filisteus*.

Esta assinalada vitória indicou que Deus havia feito Samuel juiz e defensor em Israel.

Semelhante a Débora e a Moisés, Samuel foi reconhecido profeta e juiz. No desempenho de seus deveres fazia anualmente um circuito por Betel, Gilgal e Mispa e administrava a justiça nos sobreditos lugares. Residia em Ramata em companhia de um rancho de profetas que o ajudavam na reforma religiosa de Israel, 7. 15-17; 19. 18-20. Aqui ergiu êle um altar ao Senhor, porque havia abandonado a Silo; a arca continuava abrigada em Gabá, o pacto em vacatura, porque os israelitas o haviam quebrado com as suas sacrílegas idolatrias. Durante os anos de sua vigorosa administração o país gozava de liberdade e independência. Sentindo-se avançado em anos, constituiu por juízes em Israel a seus filhos. Estes seus filhos não seguiam os caminhos do pai, senão que se deixavam corromper da avareza, e recebiam presentes e pervertiam os juízes. A sua conduta provocou geral descontentamento. Tendo-se reunido os anciãos de Israel, vieram ter com Samuel em Ramata e lhe disseram: Bem vês que estás velho e que teus filhos não seguem os teus caminhos. Constitui-nos um rei como o têm todas as nações, para que êle nos julgue. Samuel, por ordem de Deus, ungiu em rei a Saul, que, sendo rejeitado, teve como sucessor a Davi, ungido também por Samuel conforme Deus havia mandado. Samuel morreu, quando Davi se achava no deserto de En-Gadi, fugido às perseguições de Saul. Foi sepultado em sua casa em Ramata e todo o Israel o chorou, 25. 1. Em a noite anterior à batalha de Gilboa, Saul foi consultar a Samuel, por meio da feiticeira que havia em Endor, 28. 3-25. Hemã, um dos cantores de Davi, era neto de Samuel, 1 Cr 6. 33. O nome de Samuel figura na lista dos heróis da fé, Hb 11. 32.

SAMUTE, *Desolação.*

1. Nome de um dos capitães de Davi que servia no quinto mês com uma turma de vinte e qua-

tro mil homens, 1 Cr 27. 8. Talvez seja o mesmo Sema que foi um dos valentes de Davi.

2. Nome de um homem natural de Jezer, chefe da quinta turma que servia o rei, em número de vinte e quatro mil, 1 Cr 27. 8.

SANDÁLIAS ver SAPATOS

SANEDRIM, Do grego *sunedrion*, concílio.

Nome que os escritores da história e das antigüidades judaicas davam ao tribunal supremo que deliberava sôbre a vida e costumes dos hebreus no tempo de Cristo.

SANGAR

Nome de um dos juízes de Israel, filho de Anate. Viveu pouco antes de Débora e Baraque, tempo em que, por causa da opressão dos filisteus, não se trilhavam os caminhos, indo-se por atalhos desviados, Jz 5. 6. Matou a seiscentos inimigos com uma aguilhada de bois, e foi defensor de Israel, 3. 31.

SANGAR-NEBO, *Shamgir-Nabu*, *só gracioso, Nebo.*

Nome de um dos príncipes de Nabucodonosor que entraram em Jerusalém, Jr 39. 3.

SANGUE

Nome que se dá ao fluído vital que circula em todo o corpo, por meio de um sistema arterial que, do coração, se estende às extremidades e por outro sistema de veias superficiais que devolvem o sangue ao coração. O sangue arterial é vermelho brilhante, ao passo que o sangue venoso é vermelho escuro. A vida está no sangue, Lv 17. 11, 14, ou o sangue é a vida, Dt 12. 23, não exclusivamente, Sl 104. 29. O sangue representa a vida, e esta é tão preciosa perante Deus, que o sangue de Abel pode ser descrito como clamando a Deus por vingança, Gn 4. 10. Logo depois do Dilúvio, Deus proibiu comer a carne com o sangue dos animais inferiores, apesar de ser permitida a sua matança, como necessária à alimentação do homem, Gn 9. 3, 4; At 15. 20, 29. A lei estabeleceu: "Aquele que matar será castigado com a efusão de seu próprio sangue", Gn 9. 6. A perda da vida é o castigo do pecado, e o derramamento do sangue é sinal típico de sua expiação, porque sem efusão de sangue não há remissão, Hb 9. 22. Sob a lei mosaica, o sangue dos animais empregava-se em todos os sacrifícios pelo pecado. O sangue dos animais mortos na caça e destinados à alimentação, tinha de ser derramado e coberto com terra; porque Deus o reservou para os fins expiatórios, Lv 17. 10-14; Dt 12. 15, 16. O sangue de Cristo, o sangue de Jesus, o sangue de Jesus Cristo, ou o sangue do Cordeiro, são expressões figurativas da sua morte expiatória, 1 Co 10. 16; Ef 2. 13; Hb 9. 14; 10. 19; 1 Pe 1. 2, 19; 1 Jo 1. 7; Ap 7. 14; 12. 11.

SANGUESSUGA

A sanguessuga, *Hemopsis*, era muito comum na Palestina. Os hebreus denominavam-na *alukah*, os armênios *aluka* e os árabes, *alaikat*, por causa da sua aderência à pele, Pv 30. 15. É notável por causa de seu apetite insaciável pelo sangue. Nos Provérbios é usada em sentido figurado, como tendo duas filhas, igualmente insaciáveis que parecem ser as duas mencionadas no princípio do v. 16.

SANLAI

Nome do fundador de uma família de natineus. Alguns dos membros dela voltaram do cativeiro com Zorobabel, Ed 2. 46; Ne 7. 48.

SANSANA, *Folha de palmeira.*

Nome de uma cidade situada no extremo norte de Judá, Js 15. 31, talvez a mesma Hasersuna que ocupa posição correspondente na lista das cidades destinadas aos semeonitas, cp. Js 19. 5.

SANSÃO, *Radioso, pequeno sol, destruidor.*

Nome de um dos mais eminentes juízes de Israel, filho de Manoá da tribo de Dã, natural de Zorá. Um anjo do Senhor apareceu a seus pais para anunciar-lhes o nascimento do filho que ia ser libertador do povo. Desde que nasceu era nazareno de Deus; não passou navalha sobre a sua cabeça, nem bebidas fortes entraram na sua boca. Enquanto se submeteu a este regime, possuia fôrça para feitos heróicos contra os filisteus, inimigos da pátria, Jz 13. 1-24. Circunstâncias ocasionais deram causa a que as tribos de Judá e de Dã se destacassem das outras tribos de Israel, para obrigarem estas duas a lutar pela sua independência. Por este motivo ficaram elas à mercê dos filisteus, que prontamente se dispuseram a oprimi-las. A tribo de Judá, por si, nada podia fazer, senão por meio de atos de audácia e de planos estratégicos. O espírito do Senhor moveu a Sansão para dar início à sua obra no campo de Dã, 25. Desde logo mostrou um ponto fraco no seu caráter: era escravo de paixões. Descendo a Tamata, apaixonou-se por uma das mulheres filistéias daquela cidade, com a qual se casou. Ela, porém, deu-se depois em casamento a um dos amigos de Sansão, que irado jurou vingança. Sansão, talvez auxiliado pelos seus companheiros, tomou 300 raposas, e ajuntou-as umas às outras pelas caudas, e no meio atou uns fachos, e tendo-lhes chegado fogo, largou-as. Elas partiram logo a correr pelo meio das searas dos filisteus. E incendiadas estas, tanto os trigos enfeixados, como os que ainda estavam por ceifar, se queimaram, de tal modo que o mesmo fogo consumiu também as vinhas e os olivais, 14. 1 até cap. 15. 5. Os filisteus invadiram a tribo de Judá e exigiram a entrega de Sansão. Consentiu que seus tímidos compatriotas o amarrassem, ignorando que ele fosse o libertador da pátria. Estando ele para ser entregue nas mãos dos incircuncidados filisteus, o Espírito do Senhor se apoderou dêle, quebrou as cordas e soltou-o. Os filisteus temeram-no assombrados. Sansão, pegando na queixada de um jumento, que achou à mão, matou com ela mil homens. Reconhecendo que o poder de Deus o auxiliava, sentindo sêde, pediu socorro ao Senhor, que providencial e milagrosamente lhe matou a sede. Agora, os homens de Judá se convenceram de que ele era o seu libertador, 6-20. Depois foi ele para Gaza, onde caiu em pecado com uma mulher pública. Sabendo isto, os filisteus pensaram em prendê-lo e para esse fim fecharam as portas da cidade. À meia-noite levantou-se Sansão, e pegou em ambas as metades da porta com os seus postes e fechaduras, e pondo-as às costas, as levou até ao alto do monte que olha para Hebrom. Enamorou-se de outra mulher que assistia no Vale de Soreque, chamada Dalila. Foi esta a causadora de sua ruína. Aconselhada por seus patrícios, importunou-o tanto até conseguir o segredo da sua grande força. A princípio deu-lhe explicações enganosas, mas, afinal, revelou-lhe o segrêdo: Se me for rapada a cabeça, ir-se-á de mim a minha fortaleza, e eu desfalecerei e serei como os demais homens. Imediatamente lhe cortaram os cabelos, e viram que a força havia desaparecido. Arrancaram-lhe os olhos e meteram-no no cárcere, onde o obrigaram a virar a mó de um moinho. Em dia de grande festa, ajuntaram-se os filisteus para imolarem solenes hóstias a seu deus Dagom, mandaram buscar a Sansão para lhes servir de brinco. Tendo-o tirado do cárcere, os divertia e o fizeram estar em pé entre duas colunas. Já os seus cabelos lhe tinham começado a crescer. O grande templo estava cheio de povo e todos os príncipes, e algumas três mil pessoas de ambos os sexos que do teto e do pavimento estavam vendo brincar a Sansão, que conhecia muito a estrutura do edifício por ter estado antes em Gaza, pediu ao moço que o guiava que o deixasse tocar as colunas em que se sustinha a casa para arrimar-se a elas e descansar um pouco. Ele, porém, invocando o Senhor, disse: "Senhor Deus, e não eram os cabelos a sua base. Estes

a minha primeira força, para me vingar de meus inimigos." Abraçando-se com as colunas em que a casa se sustinha, e sacudindo-as com a sua grande força, a casa caiu sobre todos e os matou, 16. 1-31. Apesar dos defeitos de seu caráter, o seu nome aparece em o Novo Testamento como um dos heróis da fé, Hb 11. 32. Sansão possuía uma força sobrenatural, pela qual realizava grandes feitos, sempre que era assistido pelo Espírito de Deus, e não eram os cabelos a sua base. Estes eram apenas uma prova material de que êle se achava em relações com Deus e que em seu nome agia. Consentindo no corte do cabelo, quebrou os votos de sua profissão e Deus o abandonou. A maravilhosa força de que era dotado, foi-se, e somente reapareceu quando Deus atendeu à sua oração. A extraordinária força de Sansão servia de prova aos homens de Judá de que êle havia sido chamado por Deus para livrá-los de seus inimigos e, ao mesmo tempo, patentear aos filisteus a superioridade de um servo de Jeová. Tem havido várias tentativas para enfeixar os feitos de Sansão. Ewald, dominado por uma das suas teorias, pensou ter descoberto um drama em cinco atos. De fato, a história deste nazareno narra cinco grupos de fatos. 1. Os que se deram com relação à mulher de Tamata que êle amou, como sejam: o esquartejamento do leão, a matança de trinta filisteus em Ascalom, a soltura das raposas, levando fachos ardentes nas caudas para incendiar as searas dos filisteus, e o destroço que fez nêles por causa de lhe terem queimado a esposa. 2. Os acontecimentos que se deram na cova do Rochedo de Etão, quando seus compatriotas o pediram para entregá-lo nas mãos dos inimigos, de que êle se livrou, quebrando as cordas que o haviam prendido, a matança de mil incircuncidados com a queixada do jumento, e a oração pedindo água para saciar a sede. 3. A visita à cidade de Gaza, cujas portas arrancou. 4. Os amores com Dalila, de que resultou o rompimento das sete cordas de nervos, com as quais o havia ligado; o rompimento das cordas novas com as quais ela de novo o havia manietado, e que êle quebrou como se fossem os fios de uma teia. 5. O cego e cativo na cidade de Gaza, onde, abraçando-se às colunas, deitou abaixo o templo de Dagom. Os pormenores referentes a cada um dos cinco grupos são em número de doze. O nome de Sansão pode ser interpretado como significando os raios do sol. Roskoff, Steinthal e outras mentalidades de igual valor, têm-se esforçado para encontrar ligação destes doze fatos com os doze trabalhos de Hércules, ou com os de Izdubar de Babilônia, ou com os do deus sol Samás. Hércules viajou em busca de aventuras, matou um leão, adormeceu, foi vendido como escravo e voluntariamente se imolou. Izdubar venceu o leão e rejeitou as seduções de Istar, deusa do amor. Hércules é um mito do sol. A história de Izdubar é a de um antigo rei de Ereque, embelezado pela lenda e trabalhado em um poema épico dividido em doze partes. Veja *Nimrode*. Porém, Sansão não pode ser identificado, nem com o deus-sol nem com Ereque, pelas seguintes razões: 1. Os antigos hebreus dão conta de Sansão, existindo no tempo dos juízes, antes de Samuel e Saul. 2. A narração bíblica contém precisamente o lugar do nascimento de Sansão, os feitos por êle praticados e o local de sua sepultura. 3. A enumeração dos doze feitos por êle obrados, só tem valor para aquêles que pretendem identificá-lo com Hércules ou Izdubar, e nem possui a importância que se lhe quer dar. O número doze não é bem determinado. A oração que êle fez, pedindo água, não é feito de Sansão: é antes uma das crises de sua vida. A narrativa bíblica contém outros feitos não especificados entre os doze referidos na comparação com os mitos, Jz 13. 25, de modo a entendermos que o escritor do livro não se preocupava com a narração de doze fatos somente. 4. A força de que Sansão era dotado vinha-lhe de Deus, não sendo, portanto, inerente à natureza humana. Privado dela, quando Deus o abandonou, não quer dizer que não fosse um poder sobrenatural, além do que se pode obter pelo vigor natural. Na maior parte dos feitos praticados por Sansão, encontramos paralelos nos anais da história. Davi, sem o auxílio de instrumentos, matou um leão e um urso; Jônatas com o seu escudeiro, Eleazar e Sema e Abisai obraram prodígios de valor iguais aos de Sansão, 1 Sm 14. 1-17; 2 Sm 23. 9-12, 18, e a história moderna apresenta outros paralelos. A natureza dos feitos, referentes ao deslocamento das portas de Gaza e à queda das colunas do templo de Dagom, não pode ser determinada, sem que tenhamos à mão informações exatas a respeito da estrutura particular dessas portas e da arquitetura do templo. Estes feitos não podiam ser senão super-humanos e miraculosos.

SANSERAI

Nome de um benjamita, filho de Jeroão, 1 Cr 8. 26.

SANTO

A palavra hebraica, geralmente usada, é *Kadosh*, que significa separado. Em o Novo Testamento, é representada pela palavra grega *Agios*. Emprega-se para designar as pessoas ou cousas destinadas ao uso sagrado, bem como os dias reservados a serviço religioso, Ex 20. 8; 30. 31; Lv 21. 7; Nm 5. 17; Ne 8. 9; Zc 14. 21, tudo que a lei cerimonial manda separar, Ex 22. 31; Lv 20. 26, a purificação da carne e do espírito, 2 Co 7. 1; 1 Ts 4. 7, inclusive a separação dos falsos deuses e de práticas pagãs, Lv 20. 6, 7; 21. 6. Em um sentido mais lato, Deus é santo porque é separado de todos os outros entes pelas suas infinitas perfeições, como sejam, sabedoria, poder, santidade, justiça, bondade e verdade, cuja glória enche a terra, Is 6. 3. Os mesmos santos anjos rendem preito à sua santidade, Ap 4. 8; 16. 5.

SAPATOS, CALÇADOS, SANDÁLIAS

Os sapatos que usavam os hebreus eram simples sandálias, amarradas aos pés por meio de correias. Dentro de casa e nas salas de refeições, não se entrava com sapatos nos pés, cp. Lc 7. 38. As casas ricas costumavam ter criados à entrada da porta, que se destinavam a desprender as sandálias dos convidados e das visitas, cp. Mc 1. 7. Em terra santa não se devia pisar com os pés calçados, Ex 3. 5; Js 5. 15. A ausência de calçados

Sandálias

nos pés dos sacerdotes, faz crer que êles entravam no tabernáculo e no templo com os pés descalços. Andar nu e descalço simbolizava as agruras do cativeiro, Is 20. 2, e condição de profunda amargura e tristeza, 2 Sm 15. 30. Trazer a cabeça atada e sapato nos pés em situações dolorosas servia para disfarçá-las, Ez 24. 17-23. Era costume antigo em Israel, entre os parentes, que, quando um cedia o seu direito a outro para a cessão ser válida, o que cedia tirava o sapato e o dava a seu parente, em testemunho, Rt 4. 7, 8. Aquêle que se recusava a receber por mulher a viúva de seu irmão, falecido sem prole, se lhe tirava o sa-

pato de um pé pela mão da mulher desprezada que ao mesmo tempo lhe cuspia ao rosto, dizendo: Assim será tratado aquele que não edifica a casa de seu irmão. E a sua casa se chamará em Israel a Casa do Descalçado, Dt 25. 9, 10. Atirar o sapato sobre um lugar, simbolizava o ato de tomar posse dele e de tratá-lo pelas leis da escravidão, Sl 60. 8.

SAQUE

Pilhagem que se fazia em um distrito conquistado, arrebatando todos os objetos de valor, roupas, ouro, prata, gados, escravos, etc., Gn 14. 11, 12, 16; Nm 31. 9, 26-52; Js 7. 21. Na conquista de Canaã, os israelitas tinham de tirar a vida a todo que respirava e destruir todos os ídolos e lugares de idolatria, porém, nas demais conquistas, se lhes ordenava a matança dos homens somente, podendo distribuir o esbulho pelo exército, Nm 33. 52; Dt 20. 14-16. Em casos excepcionais, fazia-se o inventário das presas e se distribuíam pelo povo, exceto o que era destinado ao Santuário, Nm 31. 26-47; Js 6. 19; 1 Sm 15. 2, 3. Davi fez uma lei para que fossem participantes dos despojos, não só os combatentes, como também os que guardavam a bagagem, 1 Sm 30. 23-25.

SARA, *Princesa.*

Nome da mulher de Abraão, dez anos mais nova que ele. Casou-se em Ur dos caldeus, Gn 11. 28-31; 17. 17. Era meia irmã de Abraão, por ser filha de seu pai somente e não de sua mãe, 20. 12. O nome primitivo de Sara era Sarai, querendo dizer princesa ou contenção. Quando Abraão saiu de Harã em demanda de Canaã, tinha Sarai cerca de sessenta e cinco anos de idade, 12. 4. Evidentemente era mulher bem conservada; viveu cento e vinte e sete anos. Logo depois de sair de Harã, e quando prestes a entrar no Egito, Abraão temeu que a sua beleza atraísse a atenção dos egípcios e que o matassem para se apoderarem dela. Recomendou-lhe, pois, que dissesse que era sua irmã, 10-20. Anos depois lançou mão do mesmo expediente na corte de Abimeleque, rei de Gerara, 20. 1-18. Não se diz a razão pela qual ele fez isto; nem se sabe se Abimeleque se deixou influenciar pela beleza dela. É provável que o rei de Gerara pensasse em fazer aliança com o chefe hebreu, e com este fito determinou tomar para si uma das mulheres da parentela de Abraão e pô-la no seu harém, como se fazia naquele tempo, quando se concluíam alianças. Sara tinha uma escrava de nome Agar, mas nem por isso se dispensava dos trabalhos domésticos, 16. 6. Não tinha filhos, e, abeirando-se dos setenta anos, chegou à conclusão de que a sua esterilidade viesse a comprometer a promessa que Deus fizera a Abraão, de que a sua descendência seria numerosíssima. Assim, pois, tomou a sua escrava Agar e a deu a seu marido para que tivesse filhos por meio dela. De Agar nasceu Ismael, 16. 1-16. Chegando Sara à idade de oitenta e nove anos, teve promessa de dar à luz um filho, cp. Hb 11. 11, 12, e ao fim de um ano nasceu-lhe Isaque, o filho da promessa. Foi por ocasião de receber a promessa, que Deus lhe mudou o nome de Sarai, para Sara, que quer dizer princesa, Gn 17. 15-22; 18. 9-15; 21. 1-5. No dia em que desmamaram o menino, deu Abraão um grande banquete. Sara, vendo seu filho a brincar com o filho da escrava, disse a Abraão: Deita fora esta escrava com seu filho, porque o filho da escrava não será herdeiro com meu filho Isaque, 9-21. Sara morreu na cidade de Quiriate-Arba, que é em Hebrom, tendo cento e vinte e sete anos de idade, 23. 1, 2, e foi sepultada na caverna dos dois covatos, Macpela, que Abraão comprou para servir de jazigo à sua família.

SARAFE, *Ardente, feroz.*

Nome de um dos descendentes de Selá, filho de Judá, que por algum tempo exerceu domínio sobre Moabe, 1 Cr 4. 22.

SARAI, *Livre.*

Nome de um dos filhos de Bani, induzido por Esdras a desquitar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 40.

SARAIVA

Pequenos glóbulos de gelo formados pelas gotas de chuva existentes nas camadas frias da atmosfera. A saraiva, ou chuva de pedras, cai em todos os climas, frios, temperados e quentes e até mesmo nas latitudes tropicais onde a neve e o gelo não se encontram senão nas grandes altitudes. Nas regiões mais quentes, as pedras de gelo aumentam de volume, porque as gotas da chuva são maiores do que nos climas temperados. Em todas as regiões, duas ou mais pedras podem unir-se e produzir um volume irregular de gelo que se torna formidável durante a sua queda. Ocasionalmente há chuvas de pedras no Egito, Ex 9. 22-25, entre os meses de dezembro e abril. Na Palestina, este fenômeno é mais freqüente, Js 10. 11; Ag 2. 17. A área atingida por uma chuva de pedras, geralmente se limita a uma zona estreita e comprida; de modo que, de dois lugares unidos, um pode ser atacado, e outro não. Por esta razão, a terra de Gósen nada sofreu enquanto que a região limítrofe do Egito, para o lado do ocidente, sofreu grandemente, Ex 9. 26. Um exército que perseguia o seu inimigo, escapou de uma formidável chuva de pedras, enquanto que o exército inimigo que ia em fuga na sua frente, foi por ela aniquilado, Js 10. 11.

SARAR, *Firme.*

Nome de um homem de Orari, e pai de um dos valentes de Davi, 2 Sm 23. 33. Em 1 Cr 11. 34 tem o nome de Sage.

SARÇA

1. Tradução da palavra hebraica *Seneh* e do grego *Batos*, moita de espinhos, Lc 6. 44, a sarça ardente que Moisés viu, onde Jeová falou, Ex 3. 2, 3; Dt 33. 16; Mc 12. 26. Tristram julga ser a *Acacia vera* ou *nilotica*, espinheiro do Egito. Tem a aparência de uma árvore seca, com uns 4 metros de altura, vestida de folhas bipinaladas e adornada de flôres brancas. Cresce na África, na península do Sinai e nas praias do Mar Morto. Produz a goma arábica do comércio que ela segrega em forma líquida solidificada pela ação do ar.

2. Tradução de outra palavra hebraica *Siah*, Jó 30. 4, 7; Gn 2. 5, onde se lê plantas; arbusto bastante copado para oferecer larga sombra, Gn 21. 15.

3. Ainda outra palavra hebraica *Nahalol*, Is 7. 19, traduzida pastos, na V. E., matos em Fig. e pastios em Alm.

SARDES

Nome de uma cidade que pertenceu aos meônios e que veio a ser capital da Lídia. Era situada ao pé do monte Tmolo, e nas margens do rio Pactolo, tributário do Hermo. A maior parte da cidade ocupava uma planície pantanosa, mas a cidadela ficava sobre um outeiro flanqueado por grande precipício. Era a capital de uma região muito fértil. Um dos seus reis chamava-se Creso, famoso pelas suas imensas riquezas. No ano 546 A. C. foi tomada por Ciro, o Grande, que fez dela a sede de uma satrapia. O incêndio de Sardes pelos atenienses em 499 A. C. provocou a invasão da Grécia pelos persas, nos reinados de Dario e Xerxes. No ano 334 A. C. entregou-se a Alexandre, o Grande, depois da vitória de Granico. Em 214 A. C. tomou-a Antioco, o Grande, que a veio a perder, depois de vigorosa resistência no ano 190 A. C. depois da derrota que os romanos lhe infligiram em Magnésia. Fêz parte do reino do Pérgamo, porém, no ano 129 A. C. organizada que foi a província da Ásia, a cidade de Sardes ficou dentro de seus limites. Havia nela uma colônia de judeus, Antig. 14. 10, 24. O Apocalipse menciona a existência de uma igreja cristã nesta cidade, Ap 1. 11; 3. 1, 4.

Sardes existe hoje com o nome de *Ser-Kalessi*, miserável aldeola formada de algumas casas. Existem nas suas vizinhanças magníficas ruínas de um templo que parece pertencer aos tempos em que era capital da Lídia, e bem assim as ruínas de um estádio, de um teatro e de igrejas cristãs. A cidadela encontra-se destruída em parte, talvez por causa de alguns dos terremotos muito freqüentes naquela região.

SARDÔNIO

Nome de uma qualidade de pedra preciosa a que os gregos chamavam *sardios* e *sardion*, Ap 4. 3, de que se constituía o sexto fundamento do muro da Nova Jerusalém, 21. 20. Havia duas espécies distintas pela cor e conhecidas pelo mesmo nome, uma de vermelho transparente a que se dá o nome de cornalina, e outra de um vermelho escuro a que chamam sardônio. Segundo Plínio, encontrava-se perto de Sardes, de onde lhe vem o nome, porém as de melhor qualidade vinham de Babilônia. As melhores cornalinas vêm hoje da Índia. Também se encontram na Arábia, de onde as traziam os antigos hebreus. Sárdio é tradução da palavra hebraica *Odem*, pedra preciosa de côr vermelha; uma das pedras da primeira fila do Racional do Juízo que o Sumo Sacerdote trazia ao peito, Ex 28. 17; e também uma das pedras com que se ornava o príncipe de Tiro, Ez 28. 13. Uma nota marginal de versão inglêsa diz rubim, mas os Setenta traduziram *Odem* por *Sardion*. O mesmo faz Josefo, Guerras 5. 5, 7, em um lugar, e em outros, traduz por sárdio, que é uma variedade de calcedônia, Antig. 3. 7, 5.

SAREPTA, *Fornalha de fundição.*

Nome de uma cidade pertencente a Sidônia, 1 Rs 17. 9; Lc 4. 26; Antig. 8. 13, 2. Ali estêve Elias depois que secou o ribeiro da Querite. Confiando na palavra deste profeta em nome de Jeová, uma pobre viúva abrigou-o em sua casa enquanto durava a fome. Em recompensa à sua fé, nunca faltou o azeite na almotolia, nem a farinha na panela, e recobrou a seu filho, que o profeta fêz voltar à vida, 1 Rs 17. 8-24. Sarepta foi o limite assinalado aos israelitas pelo profeta Obadias, 20. Este nome ainda perdura, sob a forma *Surafend*, aldeia, situada sobre um monte perto do mar, a 14 milhas ao norte de Tiro, e a 8 de Sidônia. A antiga cidade estava bem na costa, onde se encontram importantes ruínas, em uma extensão de cêrca de uma milha.

SAREZER, *Protege o rei.*

1. Nome de um dos filhos de Senaqueribe. De parceria com seus irmãos, deu a morte ao pai, 2 Rs 19. 37; Is 37. 38.

2. Nome de um homem, enviado ao sacerdote em Jerusalém pelos homens de Betel, para saber se deviam continuar a fazer jejuns, uma vez que cessaram os motivos para esta prática, Zc 7. 2.

SARGOM (Do assírio *Sharrukinu, rei consolidado*).

Nome de um dos reis da Assíria, mencionado por Isaías no cap. 20. 1, sucessor do último Salmaneser. Talvez seja de sangue real. É opinião geral que êle usurpou o trono e tomou para si o nome de Sargom, que pertenceu a um antigo e famoso rei de Babilônia. Não se pode bem determinar se, tomando o trono, completou depois o cêrco de Samaria, que Salmaneser havia começado, em 724 A. C., ou se se apoderou do govêrno, depois de tomada a capital do reino de Israel. A narração bíblica não é clara sobre este ponto, 2 Rs 17. 1-6. O escritor sagrado relata que Salmaneser veio contra Oséias e continua dizendo que o rei da Assíria descobriu que ele conspirava, e por isso o meteu na prisão; que o rei da Assíria sitiou Samaria durante três anos e que a tomou em o nono ano do reinado de Oséias. Enquanto não saiu à luz a notícia de que foi Sargom quem tomou Samaria, os leitores da narrativa hebraica pensavam que havia sido Salmaneser que a havia conquistado. Porém esta inferência não tinha base, porque o escritor continua a falar do rei da Assíria, sem dizer que era o conquistador da cidade, 24, 26, 27. Não particulariza o nome do rei; quando, porém, se refere ao sítio de Samaria, menciona o nome de Salmaneser, dizendo que ele a sitiou e tomou, 18. 9. 10. Como quer que seja, Samaria foi tomada nos últimos meses do ano de 722 A. C.; e no dia 12 de Tebete, décimo mês daquele ano, Sargom subiu ao trono. Imediatamente depois, os babilônios auxiliados pelos elamitas, revoltaram-se, e Sargom viu-se por algum tempo impossibilitado de subjugá-los. No ano 720, os israelitas que ficaram em Samaria, aliados a homens de Hemate rebelaram-se, mas foram igualmente subjugados por Sargom, que colonizou a Samaria com os cativos que trouxe de Hemate. No mesmo ano derrotou as forças aliadas de Hanum, rei de Gaza, e Sibé, conhecido dos leitores da Bíblia pelo nome de Sô, na batalha de Ráfia. Sargom tomou Carquemis, capital dos heteus em 717 e com a tomada de sua capital, caiu o império heteu. Em 716 os seus exércitos tentaram a guerra na Armênia que se prolongou até 715 e levaram as suas operações até à Média. Neste ano, também as tribos árabes, foram colonizar Samaria por sua ordem e recebeu tributos de Faraó, rei do Egito. Sargom gabou-se de ter subjugado a terra de Judá. O tablete em que aparece a história desta conquista foi inscrito antes de terminar o ano 714, a julgar pelo que nêle se lê. A combinação das datas assírias com as hebraicas, apontam o fim do ano 715 ou princípios de 714, ano em que o rei Ezequias reconheceu a suserania da Assíria, pagando-lhe tributos. Merodaque-Baladã incitou os povos desde o Elã até ao Mediterrâneo a se revoltarem contra a Assíria. Em 711, portanto, Sargom enviou tropas contra Azoto, e em 710 tomou Babilônia, assumindo o título de rei de Babilônia. Deu começo à edificação de uma nova cidade e de um grande palácio, a 10 milhas a nordeste de Nínive que a chamou *Dur-sharrukin, Sargonsburg*, cujas ruínas têm o nome de *Khorsabad* (Veja *Nínive*). Ali fixou residência pelo ano 707. Morreu assassinado em 705. Reinou em seu lugar seu filho Senaqueribe.

SARIDE, *Sobrevivente.*

Nome de uma aldeia situada na frente sul da tribo de Zebulom, Js 19. 10-12. Conder, imitando os Setenta e a versão Siríaca, escreve Sadide em vez de Saride, e com alguma incerteza diz que o antigo lugar desta aldeia é *Tell-Shadud*, situada na parte setentrional da planície de Esdraelom, 5 milhas a sudoeste de Nazaré.

SAROM, *Planície.*

1. Nome do território compreendido entre Jope e o Carmelo na costa do Mediterrâneo, e que penetra até às montanhas de Samaria. Era uma região fértil, Is 35. 2, mui própria para os rebanhos que ali pastavam, 1 Cr 27. 29; Is 65. 10, porém, convertido em um deserto, quando devastado pelos inimigos, Is 33. 9. Entre a variedade de flôres que produzia, notavam-se em particular, os lírios e as anêmonas (Veja *Lírio, Rosas*). Na parte norte ficava a cidade de Lida, At 9. 35. Contava 50 milhas de comprimento e 9 ou 10 de largura. Não era região rigorosamente plana, tinha ondulações graciosas, adornadas de grupos de carvalhos, e com excelentes pastagens, exceto nos lugares tomados por espinhos e abrolhos.

2. Nome de uma região pastoril ao oriente do Jordão, até hoje ignorada, 1 Cr 5. 16.

SARSEQUIM

Nome de um dos príncipes de Nabucodonosor que entraram em Jerusalém, Jr 39. 3.

SARTÁ, ZARETÁ

Nome de uma aldeia, abaixo de Jezreel, perto de Bete-Seã, Js 3. 16; 1 Rs 4. 12. Em uma terra barrenta, nos campos do Jordão, entre Socote e Sartá, é o que Salomão mandou fundir os utensí-

los de bronze destinados à casa do Senhor, 1 Rs 7. 46. Ainda não identificado o local de sua existência.

SARUÉM

Nome de uma aldeia do território de Simeão, Js 19. 6, que parece ser a mesma Saaraim, mencionada em 1 Cr 4. 31, e a Silim de Js 15. 32. Talvez que seja a cidade fortificada, *Sherohan* ou *Sheruhan*, na estrada que vai do Egito a Gaza, a que freqüentemente se referem os registos militares do reino dos Faraós.

SASAI, *Pálido.*

Nome de um dos filhos de Bani, que se separou de sua mulher gentia, a conselho de Esdras, Ed 10. 40.

SASAQUE

Nome de um benjamita, filho de Elpaal, 1 Cr 8. 14, 25.

SATANÁS, Em hebreu *satan*, adversário.

Diabo, Mt 4. 1, com 10, 11; Mc 1. 13, adversário, Jó 1. 6; Zc 3. 1, assim chamado porque, em virtude de suas disposições hostis, promove tôda a espécie de impiedade, opondo-se a Deus e aos homens, Jó 2. 3; Lc 22. 3; cp. 1 Cr 21. 1, e Sl 109. 6, comprometendo a obra de Deus, Mc 4. 15, induzindo os homens a pecar, Lc 22. 3; At 5. 3; 26. 18, e a separarem-se de Deus, Jó 2. 5; Mt 4. 9, 10, e a rejeitarem o plano de salvação, Zc 3. 1, 2. De Satanás, procedem em muitos casos as doenças, a perda dos bens temporais e as violências, Jó 1. 11-22; 2. 4-7; Lc 13. 16. Contudo êle somente age pelo consentimento divino e sob o govêrno de Deus, Jó 1. 12; 2. 5, 6; Lc 22. 32. Quando Deus lhe permite executar os seus desígnios perversos é somente como instrumento para realizar os planos divinos. No caso de Jó os vãos esforços de Satanás para induzir o patriarca a pecar, deram em resultado a formação do caráter e o aperfeiçoamento da fé em Deus. O Novo Testamento nos ensina que Satanás é o deus dêste mundo, que tem acesso aos corações dos homens para enganá-los e reduzi-los à servidão, Lc 22. 3; At 5. 3; 26. 18; 2 Co 4. 4; 2 Ts 2. 9; Ap 12. 9. Êle é o príncipe dos demônios, exercendo poder sôbre os principados e potestades do mundo espiritual, Mt 12. 24-26; Lc 11. 18; Ap 12. 7.

Foi êle quem seduziu a Adão e Eva no Paraíso, 2 Co 11. 3; Ap 12. 9. Eles, os nossos primeiros pais, deveriam conhecer bem este fato, ao menos logo que a existência do diabo e das suas más obras se manifestaram objetivamente pelas persuasões de um animal irracional. O espírito maligno, agindo por meio da serpente, procurava desmanchar a obra de Deus, de um modo todo sobrenatural, emprestando a faculdade da palavra a um réptil, ou comunicando-se de tal maneira com o pensamento de Eva, de modo a induzi-la a crer que ouvia palavras articuladas. Esta doutrina está de acordo com aquela outra a respeito do diabo, aceita pelas maiores autoridades, Sab. 2. 24; Jo 8. 44; Rm 16. 20; 2 Co 11. 3; Ap 12. 9. Veja *Serpente.*

Satanás produzia as possessões demoníacas, Mt 12. 22-29; Mc 3. 22-27; Lc 11. 14-23, aproximou-se de Jesus para tentá-lo, Mt 4. 1-11, arrebata a palavra de Deus, lançada nos corações dos homens, ignorantes ou desatenciosos, Mc 4. 15, entrou no coração de Judas para cometer o seu grande crime, Lc 22. 3; Jo 13. 27, tomou parte na queda de Pedro, Lc 22. 31. Foi pela tentação de Satanás que Ananias e Safira mentiram ao Espírito Santo, At 5. 3. Foi Satanás quem estorvou a ida de S. Paulo a Tessalonica, 1 Ts 2. 18, tendo previamente enviado um dos seus anjos para esbofeteá-lo, 2 Co 12. 7. Pérgamo, onde o fiel Antipas sofreu o martírio, era habitação de Satanás, Ap 2. 13. As criaturas de corações não regenerados estão sob o poder de Satanás, At 26. 18. A reunião daqueles que se afastam da fé e que transgridem as leis da boa moral, constitui-se em sinagoga de Satanás, Ap 2. 9; 3. 9; cp. 1 Tm 5. 15. Aqueles que são excluídos da igreja, ficam entregues a Satanás, com o fim de produzir a reforma de sua vida, e não para sua destruição, 1 Co 5. 5; 1 Tm 1. 20. Existem profundidades em Satanás que os cristãos inexperientes não podem sondar, Ap 2. 24. Satanás é tão insidioso de modo a transformar-se em anjo de luz, 2 Co 11. 14. Em muitos casos, êle surpreende os crentes, 2. 11, porêm o Deus de paz o esmaga debaixo dos pés dêles, Rm 16. 20. Satanás é o real agente das operações realizadas pelo homem do pecado, 2 Ts 2. 1-12; virá, porém, o dia em que depois de um triunfo temporário, Satanás será expulso da terra e precipitado no abismo, Ap 13. 9; 20. 1, 2. Veja *Diabo.* Jesus Cristo chamou a Pedro de Satanás quando este se meteu a contradizer profecia a respeito de sua morte e ressurreição, servindo-lhe de escândalo, e por não ter gosto das cousas de Deus, Mt 16. 23; Mc 8. 33.

SÁTIRO

Nome de um deus rústico dos gregos e romanos, companheiro de Baco. A princípio representavam-no com longas orelhas pontiagudas, nariz chato e cauda de bode. Depois acrescentaram-lhe também pernas de cabra. Emprestavam-lhe uma natureza de sensualidade brutal. Sátiro é a tradução da palavra hebraica *Seir*, bode, designando os animais selvagens, ou demônios, que dançavam entre as ruínas de Babilônia, Is 13. 21, e das cidades de Edom, 34. 14. Em duas passagens denota objeto de culto idólatra, Lv 17. 7; 2 Cr 11. 15. Nesta última passagem faz-se referência a uns deuses semelhantes a novilhos, e dando a entender que são parecidos a bodes. Em Is 13. 21, 22, encontra-se este nome associado ao de animais silvestres, e em 34. 14, ao de animais noturnos, que podem ser a coruja ou algum dos fantasmas que aparecem a horas mortas. Na adaptação dos termos de Isaías ao livro do Apocalipse, emprega-se a palavra demônios, citando a Versão dos Setenta, Ap 18. 2. Por esta razão, os intérpretes discutem sobre se o profeta hebreu quer dizer cabras montesas, avestruzes, lobos, chacais, ou algum outro dos animais bravios, habitadores dos desertos, que passeiam por entre as ruínas, ou se êle introduz nas suas descrições poéticas elementos existentes na imaginação popular, alimentada pela crença nos demônios que apareciam de noite em forma de bodes.

SATRAPA (Do persa, *khshatrapavan* por abreviatura, *khshatrapa*, protetor da terra; em hebreu *ahashdrapan*).

Título oficial do vice-rei, que em favor do monarca persa exercia a autoridade civil e militar em diversas províncias pequenas formando um só govêrno. Cada uma destas províncias tinha o seu governador, Ed 3. 12. Nos documentos históricos aramaicos, escritos depois da conquista persa, encontra-se este título designando os altos funcionários do império babilônico, e do reino sob o govêrno de Dario medo, Dn 3. 2; 6. 1.

SAUDAÇÃO

Entre os hebreus, as saudações consistiam na expressão dos bons desejos pela felicidade das pessoas que se encontravam, ou ainda uma fórmula de solenes bênçãos. Destas, as mais conhecidas e freqüentes, são: 1. "Deus se compadeça de ti", Gn 43. 29. "Bendita sejas do Senhor", Rt 3. 10; 1 Sm 15. 13. 2. "O Senhor seja convosco"; a que o outro respondia: "O Senhor te abençoe", Rt 2. 4. 3. "Paz seja convosco", paz que significa bem-estar, Lc 24. 36. Era esta a mais comum de tôdas as saudações, ainda em uso entre os judeus, a que respondiam: "A paz seja a ti." Se o momento permitia, empregava-se outra fórmula: "Paz seja à tua casa e a tudo que tens", 1 Sm 25. 6; Lc 10. 5. 4. "Salve", saudação comum no período grego, Mt 26. 49; 27. 29; 28. 9; Lc 1. 28. 5. "Viva o rei para todo o sempre", sau-

dação que um súdito hebreu dirigia ao soberano, 1 Rs 1. 31, também usada em Babilônia e na Pérsia, Ne 2. 3; Dn 2. 4; 3. 9; 5. 10; 6. 6, 21.

Por ocasião da partida, havia uma invocação de bênçãos para os que saíam, Gn 24. 60; 28. 1; 47. 10; Js 22. 6, eventualmente formulada nas palavras: "Vai em paz", 1 Sm 1. 17; 20. 42; 2 Sm 15. 9; Mc 5. 34; At 16. 36. A réplica a um superior consistia em palavras de profunda humildade, como: "Praza a Deus que a tua escrava ache graça aos teus olhos", 1 Sm 1. 18.

Abraão e Ló, levantando-se, prostram-se diante de seus visitantes, oferecendo-lhes hospitalidade, Gn 18. 2; 19. 1. Boaz trocava saudações com os segadores do seu trigo, Rt 2. 4. Os viajantes que passavam pelos caminhos, saudavam os trabalhadores dos campos, Sl 129. 8. Os membros da família trocavam saudações pela manhã e ao se encontrar depois de longa separação, Êx 4.27; Pv 27. 14. Em muitos casos, as saudações negavam-se entre indivíduos de diferente religião, Mt 5. 47, o que tinha razão de ser, sempre que a saudação implicava solidariedade com o erro, ou desejos para a vitória de uma causa má, 2 Jo 11. Para evitar demoras, certos mensageiros não deveriam fazer saudações pelo caminho, 2 Rs 4. 29; Lc 10. 4. A saudação reverencial não consistia apenas em uma leve curvatura de corpo, mas sim em profunda prostração; e em casos de pessoas de diferente categoria social, como entre Abigail e Davi, o cavaleiro descia do animal, ou deixava o seu côche e prostrava-se no chão, 1 Sm 25. 23; 2 Rs 5. 21.

As cartas escritas na Palestina, antes da conquista do país pelos hebreus, e também no Egito, começavam pelas saudações, todas elas obedecendo a uma fórmula. Um filho, escrevendo a seu pai, diz: "Ao Dudu, meu senhor, meu pai, assim fala Aziru, teu filho e teu servo. Prostro-me aos pés de meu pai. Aos pés de meu pai pode haver paz." Um súdito, dirigindo-se ao rei do Egito, diz: "Ao rei meu senhor, meu deus, meu deus-sol, assim fala *Ypahi*, teu servo, pó dos teus pés. Aos pés do rei meu senhor, meu deus, meu deus-sol, sete vezes sete me prostro a teus pés." Um governador de um distrito, escrevendo aos seus iguais, diz: "Aos reis de Canaã, servos, meus irmãos, assim o rei." O rei faraó, escrevendo a um monarca seu vizinho, começa: "A *Kallima-Sin*, rei de *Karduniyash*, meu irmão, assim fala *Nibmuariya* (Amenofis III), o grande rei do Egito, teu irmão Jônatas, saudações", 1 Mac 10. 18. "O rei tigo, com a tua casa, com os teus filhos, com os teus magnatas, com os teus cavalos e com os teus carros, e haja paz abundante na tua terra."

As saudações epistolares na Palestina, no período greco-romano, eram mais breves, mais diretas e com menores preocupações, começando pelo nome de quem escrevia. "O rei Alexandre a seu irmão Jônatas, saudações", 1 Mac 10. 18. "O rei Demétrio à nação dos judeus, saúde", 1 Mac 10. 25; At 15. 23; 23. 26; Tg 1. 1. A carta terminava na maioria dos casos com uma saudação à moda dos latinos: "Deus seja convosco", At 15. 29; 23. 30. Ainda à imitação dos latinos, os hebreus ajuntavam uma oração pela paz, 2 Mac 1. 1. As saudações que o apóstolo S. Paulo usava nas suas cartas são variadas, Rm 1. 1-7. Nas epístolas a Timóteo, deseja a seu filho na fé, graça, misericórdia e paz, mas a forma usual é: "Graças a vós e paz", encerrando-as com saudações suas e de outros, 1 Ts 1. 1; 5. 26-28.

SAUL[3], *Pedindo.*

1. Nome de um rei de Edom, de Reobote, Gn 36. 37, sobre o Eufrates.

2. Nome de um filho de Simeão com uma mulher cananéia, Gn 46. 10; Êx 6. 15; 1 Cr 1. 48, e chefe de uma família tribal, Nm 26. 13.

3. Nome de um levita da família de Coate, descendente de Coré, Ablasafe e Taate, 1 Cr 6. 24.

SAUL[2], *Pedido de Deus.*

Nome do primeiro rei de Israel, filho de Quis, da tribo de Benjamim (Veja *Quis*). O profeta Samuel havia envelhecido. Seus filhos, em razão de seu mau procedimento, mostraram-se incapazes de continuar a obra governamental de seu pai. As nações vizinhas preparavam-se para embaraçar a vida política de Israel e oprimir o seu povo, 1 Sm 8. 1, 3, 20; 12. 12. Por este motivo os anciãos de Israel vieram ter com Samuel e pedir-lhe mudança na forma de governo, dando-lhes um rei visível que governasse sobre eles, à semelhança das nações bem organizadas que lhes eram próximas a fim de conduzi-los à vitória sobre os inimigos. 8. 4, 5, 19, 20. Posto que o futuro governo seria a monarquia, presidida por um rei representante de Jeová, de acordo com o que havia sido anunciado desde remotos tempos, Gn 17. 6-16; 35. 11; Dt 17. 14-20, todavia o espírito do povo, pedindo um rei, nesta crise social, era irreligioso. Perderam a confiança em Deus, sem a qual era impossível o governo de Jeová, como rei teocrático. Abandonavam a fé em um Deus invisível para depositarem confiança em um rei visível. Por instruções divinas, Samuel informou aos anciãos, quais seriam os direitos do rei e as obrigações do povo para com ele. Como os anciãos insistissem no seu pedido, foram atendidos e saíram.

Elevação de Saul ao trono. Por este tempo, haviam-se perdido umas jumentas do pai de Saul e este saiu à sua procura. Saul era ainda jovem, talvez com trinta e cinco anos de idade; dos ombros para cima, era o mais alto dos homens de Israel. Passaram-se três dias sem que aparecessem as jumentas, e ele estava a ponto de voltar para casa. Os seus criados aconselharam-no a fazer um último esforço. Algumas das pessoas a quem os servos haviam pedido informações acerca das jumentas perdidas, talvez os informassem de que na cidade vizinha havia um homem de Deus que poderia dar-lhes notícias delas, e aconselharam a Saul a ir ter com ele. Este homem de Deus era o profeta Samuel, a quem Deus havia dito que um homem de Benjamim o havia de procurar e que a esse ungisse em rei sobre Israel. Saul e sua família, moradores de Gibeá, conheciam a Samuel *só* de nome, 1 Sm 10. 1-16. Saul nunca se havia encontrado com ele antes e não sabia que Samuel era o homem de Deus de quem o povo falava. Referindo-se a ele, dizia: "o homem de Deus" e ao encontrar-se com ele às portas da cidade, não o conhecia como tal, 18, 19. Samuel disse-lhe que as jumentas de seu pai já haviam aparecido e participou-lhe que Deus o havia escolhido para ser rei sobre Israel, e que ia dar-lhe o lugar de honra na festa sacrificial que ia celebrar. Na manhã seguinte, quando o seu hóspede se despedia, o profeta tomou uma pequena redoma de óleo e a derramou sobre a cabeça de Saul, e, beijando-o, disse: "Eis aqui te ungiu o Senhor por príncipe sobre a sua herança", proibiu-lhe dizer o que havia sucedido com ele, ordenou-lhe que fosse para Gilgal e que se detivesse ali sete dias até que lá chegasse para oferecer sacrifícios e dar-lhe as precisas instruções, 9. 20 até cap. 10. 16. Em breve, Samuel reuniu o povo em Mispa. A escolha pertencia a Deus. Lançaram as sortes e a escolha caiu sôbre Saul. Porém, ele se ocultou. Quando o tiraram de seu esconderijo e surgiu por entre a multidão, mais alto que todo o povo dos ombros para cima, o aclamaram com entusiasmo. Deus havia escolhido um homem de bela aparência a fim de atrair a admiração e ganhar a confiança de todo o povo; e ainda mais, um homem da tribo de Benjamim, situada entre Efraim e Judá de modo a agradar tanto às gentes do norte como às do sul. Samuel havia entregue a escolha ao Senhor a fim de conseguir o apoio dos homens piedosos para o novo rei. Grande séquito de homens obedientes a Deus acompanhou Saul até sua casa. Havia, porém, certo número de homens de Belial que não se mostraram contentes. Saul

retirou-se à vida privada até que se dissolvessem estes germes de oposição. Dedicou-se ao cultivo das terras de seu pai. Um mês depois dêstes eventos, 10. 27, os amonitas cercaram a cidade de Jabes de Gileade. A pedido dos sitiados, os amonitas concederam-lhes, por escárnio, sete dias de prazo para acharem quem os livrasse. Alguns dos emissários chegaram até Gebas, trazendo a triste notícia e pedindo socorro. Saul soube isto quando voltava do campo. O Espírito do Senhor apoderou-se dele. Cheio de ardor, convidou as tribos a acompanhá-lo em auxílio de seus irmãos. Samuel foi junto. Jabes foi salva. Por essa ocasião o povo quis matar os que se recusavam a reconhecer a Saul como seu rei. O profeta levou Saul até Gilgal, lugar mais próximo, onde se ofereciam os sacrifícios. Ali foi Saul investido nas funções reais e Samuel despojou-se do seu cargo de juiz, 11. 1 até cap. 12. 25. Veja *Samuel, Livro de.*

Reinado de Saul. A idade em que Saul começou a reinar é ignorada. O texto hebreu de 1 Sm 13. 1 não tem adjetivo numeral. O número trinta que se encontra nesta passagem da tradução brasileira vem dos Setenta. A idade de trinta anos é mais que suficiente para habilitar um homem a assumir o comando militar. Saul organizou um exército permanente de três mil homens; dois mil dêstes estavam com ele em Micmás e em Betel, e mil ficaram com Jônatas em Gibeá, 13. 2. Jônatas destroçou uma guarnição de filisteus em Gibeá, 3. Sabendo disto, os filisteus se aprestaram para a campanha. Compreendendo o perigo que os ameaçava, acudiram ao chamado de Saul para se reunirem em Gilgal, 3, 4, para onde Samuel havia ido a fim de suplicar o favor divino, 8, 11, 12; 10. 8. Um exército inimigo penetrou em terras de Israel e acampou-se em Micmás. Os israelitas tomaram-se de medo. Muito de propósito, Samuel demorou-se a chegar; o povo deu de espalhar-se, abandonando o rei; os filisteus começaram a descer sôbre as forças enfraquecidas de Saul, 13. 8, 11, 12. Tardando Samuel em vir, Saul adiantou-se a oferecer o sacrifício. Chegando o profeta, repreendeu a Saul por haver transgredido a ordem divina, 10. 8, e declarou-lhe que por causa de sua desobediência o seu reino não subsistiria para o futuro, 13. 9-14. Samuel seguiu para Gibeá, a fim de estar perto do rei. Saul e Jônatas tomaram posição em Gibeá de Benjamim, e os filisteus acamparam-se em Micmás. Por um ato de bravura, Jônatas levou o pânico ao campo do inimigo. Saul, aproveitando-se dêste sucesso, alcançou uma esplêndida vitória, 13. 15 até cap. 14. 46. Depois disto, Samuel mandou que o rei fizesse guerra de extermínio aos amalequitas. Saul deu começo à guerra que terminou com o completo desbarato do inimigo; porém, nos despojos que deveriam ser destruídos, o rei separou o melhor dos gados para serem oferecidos em sacrifício ao Senhor, em Gilgal, e também poupou a vida do rei. Por este segundo ato de desobediência pelo qual mostrou mais uma vez que não servia para executar as ordens divinas, antes a elas opunha a sua vontade, Deus o rejeitou para não ser mais rei de Israel, 15. 1-35. Veja Samuel 1º e 2º livro. O Senhor enviou Samuel a Belém para ungir em rei a Davi, 16. 1-13. O Espírito do Senhor apartou-se de Saul, o qual começou a ser atormentado por um espírito maligno. Era preciso que um harpista viesse alegrar o seu temperamento melancólico e, para este fim, chamaram a Davi, 14-23. As aclamações que o povo fez ao jovem filho de Jessé, ao voltar da vitória sôbre o gigante Golias, de tal modo enciumaram o rei, que por vezes tentou matá-lo, cap. 17 a 30. Afinal, os filisteus invadiram o território israelita e acamparam-se em Suném, perto do vale de Jezrael. Saul, dispondo-se a dar combate ao inimigo, tomou posições no desfiladeiro do monte Gilboé. Alarmado por maus pressentimentos sôbre o resultado da guerra, dirigiu-se pela escuridão da noite à casa de uma pitonisa que morava em En-Dor, muito perto do acampamento dos filisteus, a qual tinha fama de evocar o espírito dos mortos, e por ela foi informado de que ele e seu filho iam perecer no dia seguinte em combate, 28. 1-25. Chegou o dia, e a batalha começou. Os inumeráveis inimigos avançaram, com denodo, contra as linhas de Saul. Na refrega, morreram os três filhos de Saul, inclusive o abnegado e heróico Jônatas. O rei ficou gravemente ferido e pediu a seu escudeiro que o atravessasse com a sua espada. O jovem soldado declinou da responsabilidade dêste ato. Saul atirou-se sôbre a ponta da espada e suicidou-se. Os filisteus vitoriosos, encontrando os corpos estendidos no campo, cortaram a cabeça de Saul e o despojaram das armas e a enviaram por toda a terra dos filisteus, e puseram as armas de Saul no templo de Astarote e penduraram o seu corpo no muro de Betsã, juntamente com os corpos de seus filhos. Os homens de Jabes de Gileade que Saul havia salvo no princípio de seu reinado, em testemunho de gratidão, passaram o rio durante a noite em direção à cidade, tiraram os cadáveres do rei e de seus filhos e voltaram para Jabes e ali os queimaram; e tomaram os seus ossos e os sepultaram no bosque de Jabes. Davi chorou a sorte do Ungido do Senhor e do amado Jônatas em sentidas estrofes, 31; 2 Sm 1. A Escritura não menciona a duração do reinado de Saul, mas, segundo S. Paulo e o historiador Josefo, foi de 40 anos, At 13. 21; Antig. 6. 14, 9.

Saul e a mulher de En-Dor. O aparecimento do ancião coberto com uma capa, durante a entrevista de Saul com a mulher de En-Dor, 1 Sm 28. 3-19, tem sido explicado de três modos diferentes. A personagem que subiu da terra tornou-se cúmplice com a mulher. Quando ele apareceu, a mulher soltou grande grito e disse a Saul: Por que me enganaste? Tu és Saul. O alto grito que a mulher soltou fazia parte do seu embuste. Ela percebeu que o consulente era o rei, por causa da sua elevada estatura, pelo modo de trajar, pela sua linguagem e pelo cortejo de que era acompanhado. Outra explicação é que o grito que a mulher soltou foi em razão do aparecimento de um espírito que ela não esperava ver, e que lhe causou grande espanto. Esta aparição, segundo a opinião de Lutero e de Calvino, ou era o diabo, como o entendem aqueles que atribuem a Satanás a antiga feitiçaria e as modernas manifestações do espiritualismo (Veja *Demônio* e *Demoníaco*), ou era realmente o próprio Samuel que se manifestava como fizeram Moisés e Elias no monte da Transfiguração, 1 Cr 10. 13; Ecclus. 46. 20, e deste parecer são a maioria dos intérpretes evangélicos, desde os tempos da Reforma. Estas opiniões baseam-se no fato de que a narração afirma que Samuel apareceu, 1 Sm 28. 14, 15, 16, 20, e que as palavras por ele proferidas, cumpriram-se literalmente. A narração bíblica apenas dá conta do que ocorreu. É bom notar que esta mulher violava, com as suas práticas, a lei de Deus, com grave ofensa à religião de Jeová. Além de tudo, ela somente viu uma aparição que relata em termos vagos, dizendo: "Vi um homem ancião e esse coberto com uma capa." Tal descrição pode aplicar-se a qualquer pessoa idosa; Saul concluiu que Samuel realmente apareceu. As palavras proferidas pelo velho da capa, anunciam com segurança o futuro, como fazem os feiticeiros quando dêle tem conhecimento seguro. As predições cumpriram-se em parte por deliberações do próprio Saul. Ainda uma terceira opinião diz: Se realmente Samuel apareceu, é o único fato que a Escritura menciona, isto é, que o espírito de um morto tenha voltado à terra para conversar com os homens, uma vez que o aparecimento de Moisés e Elias em conversa com Jesus não é caso análogo. Seria muito para estranhar que, tendo Deus se recusado a revelar-se a Saul por meio de sonhos, ou por meio de seus profetas, consentisse que o seu servo Samuel se manifestasse para uma entrevista formalmente proibida por Deus, e por meio de uma

mulher cuja profissão era condenada pelas leis civis e religiosas, Ex 22. 18; Lv 20. 27; Dt 18. 10-14; 1 Sm 28. 3, 9; 1 Cr 10. 13.

SAUSA

Nome de um dos secretários de Davi e de Salomão, 1 Cr 18. 16; 1 Rs 4. 3. Parece que é o mesmo Seraías, 2 Sm 8. 17, e o Seva de 2 Sm 20. 25.

SAVÉ, *Planície.*

Nome de um vale, que depois se chamou vale do rei, perto de Salém, onde o rei de Sodoma saiu ao encontro de Abraão depois que este derrotou a Quedorlaomer, Gn 14. 17, 18. Neste vale, Absalão levantou uma coluna para perpetuar a sua memória, 2 Sm. 18. 18, que, segundo Josefo, se via a um quarto de milha distante de Jerusalém, Antig. 7. 10, 3.

SAVÉ-QUIRIATAIM, *Planície de Quiriataim.*

Nome de uma planície próxima a Quiriataim, no território destinado a Rúben, antes habitado pelos emins, Gn 14. 5. Situação ignorada.

SEAL, *Súplica.*

Nome de um dos filhos de Bani que se separou de sua mulher estrangeira a conselhos de Esdras, Ed 10. 29.

SEARIAS, *Jeová protou como a aiva.*

Nome de um benjamita, filho de Jeroão, 1 Cr 8. 26.

SEARIAS, *Jeová tem estimado.*

Nome de um dos descendentes de Jônatas, 1 Cr 8. 38.

SEAR-JASUBE, *Um-resto-voltará.*

Nome de um filho de Isaías em que se incorpora uma profecia, Is 7. 3; cp. 10. 21.

SEBA, *Sete, juramento.*

Nome de um poço que os servos de Davi abriram perto de Berseba e que Isaque denominou *Shibah*, em lembrança do pacto, que havia feito com Abimeleque, Gn 26.33.

SEBA, *Sete, juramento.*

Nome de uma cidade simeonita também denominada Berseba, Js 19. 2. Quanto a ela, dizem uns que existia onde hoje se encontra a povoação *Tell es-Seba*, a 3 milhas a este de Berseba; dizem outros que a palavra *Sheba* é corrupção de *Shema*, cp. a Versão dos Setenta com Js 15. 26, e ainda outros são de parecer que, não se encontrando este nome em 1 Cr 4. 28, estabelece harmonia com o sumário que se encontra em Js 19. 6, concluindo-se daí que a palavra *Sheba* é forma abreviada de *Beer-Sheba* ou introduzida no texto por efeito ditográfico.

SEBA, *Sete, juramento.*

1. Nome de um benjamita, filho de Bicri. Depois de fracassar a revolta de Absalão, e da adesão das dez tribos à causa de Davi, Seba tocou a trombeta convocando as tribos a renunciar a aliança com Davi. Seba estava sitiado em Abela de Betmaaca, onde perdeu a vida porque os habitantes da cidade lhe cortaram a cabeça e a entregaram a Joabe, lançando-a por cima do muro, 2 Sm 20. 1-22.

2. Nome de um gadita, habitante de Gileade e de Basã, 1 Cr 5. 13.

SEBÁ

Nome de um povo, Gn 10. 7, descendente de Cus, que habitou o sul da Arábia. O nome Seba associa-se com Sabá, país do extremo sul, Sl 72. 10, e com o Egito, com a Etiópia e com a África, para onde emigraram muitos cusitas, Is 43. 3; 45. 14. Josefo identifica Seba com a ilha Meroe, Antig. 2. 10, 2, situada entre o Nilo e o seu afluente Atbara. Tem cerca de 400 milhas de comprimento por 200 de largura. Esta região não tem semelhante nome nos documentos do Egito. Os hebreus conheciam-na com o nome de Cus. Mais se parece com o país vizinho nas margens do Mar Vermelho, onde se acha o porto Saba e a cidade Sabai.

SEBANIAS, *Jeová misericordioso.*

1. Nome de um dos levitas, tocador de trombeta diante da arca, em tempo de Davi, 1 Cr 15. 24.

2. Nome de um dos chefes de família, que havia entre os exilados, Ne 12. 14, e que assinou o pacto de obediência a Deus, 10. 4, em favor de sua casa.

3. Nome de um levita que assistiu à festa dos tabernáculos no tempo de Esdras, Ne 9. 4, 5, e que assinou o pacto como representante de sua casa, 10. 10.

4. Nome de outro levita que também assinou o pacto, Ne 10. 12.

SEBARIM, *Aberturas, ruínas.*

Nome de uma localidade perto de Ai, Js 7. 5. Situação ignorada.

SEBATE

Nome do undécimo mês do ano, Zc 1. 7. Veja *Ano.*

SEBER, *Fratura.*

Nome de um dos filhos de Calebe com sua concubina Maaca, 1 Cr 2. 48.

SEBNA, *Ternura.*

Nome do prefeito do templo no reinado de Ezequias, Is 22. 15, homem de grande influência; parece que era estrangeiro e amigo de ostentações, 16, 18. Como costumavam fazer as pessoas ricas, construiu para si um sepulcro, 16, sendo, por isso, repreendido pelo profeta que o chamou desonra da casa de seu Senhor. Predisse ao mesmo tempo a queda de sua posição, e que Eliaquim ocuparia o seu lugar, 17-25. No ano 701 A. C. Eliaquim foi elevado à categoria de prefeito, enquanto que Sebna foi servir de secretário do rei Ezequias, 2 Rs 18. 18-26, 37; 19. 2.

SEBUEL, *Cativo de Deus.*

1. Nome de um dos filhos de Gérson e neto de Moisés, 1 Cr 23. 16; 26. 24. Em cap. 24. 20 tem o nome de Sabuel, com o mesmo significado.

2. Nome de um dos filhos de Hemã, nos tempos de Davi, também chamado Sabuel no v. 20.

SECACA, *Cerca, fecho.*

Nome de uma aldeia situada no deserto de Judá, Js 15. 61. Com alguma hesitação, Conder aponta as ruínas de *Sikkeh* ou *Dikkeh*, a 2 milhas ao oriente de Betânia, como sendo o lugar de sua antiga existência.

SECANIAS, *Jeová habita.*

1. Nome de um dos descendentes de Arão, cuja família tomou posição entre as principais do tempo de Davi, contada no décimo quarto grupo em que o rei dividiu a classe sacerdotal, 1 Cr 24. 1, 6, 11.

2. Nome de um levita do tempo de Ezequias, 2 Cr 31. 15.

3. Nome de um dos sacerdotes que voltou do cativeiro com Zorobabel, Ne 12. 3, 7. Na geração seguinte aparece como chefe de uma família com o nome de Sebanias, 14.

4. Nome do fundador de uma família e talvez descendente de Davi, mas fora da linha de sucessão ao trono, 1 Cr 3. 21, 22, porque o seu nome não figura com Zorobabel na lista da realeza. Talvez pertença à família cujos representantes voltaram de Babilônia com Esdras, Ed 8. 3. O nome dêste representante desapareceu do texto hebreu entre os nomes de Secanias e as palavras "filhos da Faros." A passagem paralela em Ed 8. 23, diz: "Dos filhos de Davi, Hatus, filho de Secanias." Realmente, isto concorda com o fato de

que Hatus era neto de Secanias, 1 Cr 3. 22, mas não encontra apoio no texto de Ed 8. 13, no hebreu e nos Setenta.

5. Nome de um dos filhos de Ezequiel e descendente de Zatu que regressou de Babilônia com Esdras, Ed 8. 5; 8. 32.

6. Nome de um dos filhos de Jeiel dos filhos de Elão. Confessou-se culpado de haver tomado mulher estrangeira e prometeu lançá-la fora, Ed 10. 2, 3.

7. Nome do pai de Semaias, guarda da porta do oriente no tempo de Neemias e talvez um dos levitas, Ne 3. 29.

8. Nome do sogro de Tobias e filho de Arã, Ne 6. 18.

SECU, *Monte, torre de vigia.*

Nome de uma aldeia, perto de Ramá cidade de Samuel, 1 Sm 19. 22, provavelmente em direção a Gibeá. Conder acha provável que estivesse situada onde atualmente se encontra a povoação de *Shuweikeh*, 3 milhas a noroeste de *er-Ram*.

SECUNDO

Nome de um homem de Tessalônica que acompanhou o apóstolo S. Paulo de Macedônia à Ásia Menor, At 20. 4.

SEDA

Fio muito delgado produzido por várias espécies de lagartas e do qual se fabricam lindos tecidos. A seda apareceu nos mercados do oriente logo depois da conquista de Alexandre, o Grande. Os gregos a conheciam pelo nome de *serikon*, derivado de Sers, povo da Índia, lugar de sua procedência. Era objeto muito apreciado como artigo de comércio, Ap 18. 12, e empregava-se no fabrico das vestes dos imperadores romanos, Guerras 7. 5, 4. Em tempo do imperador Aureliano, A. D. 270-275, os tecidos de seda pura compravam-se a peso de ouro. As roupas bordadas de que fala Ez 16. 10, 13, feitas de *meshi*, segundo entendiam os intérpretes rabínicos, eram de seda. Este profeta conheceu o tecido em Babilônia. A palavra original *demeshek* usada em Am 3. 12, refere-se, sem dúvida, a um tecido fino geralmente denominado damasco.

SEDEUR, *Emissão, luz.*

Nome do pai de Elizur, e chefe rubenita no deserto, Nm 1. 5; 2. 10.

SEERÁ, *Parenta.*

Nome de uma filha de Efraim ou talvez de Berias. Esta ou seus descendentes, reedificou a alta e a baixa Bete-Orom, e Uzém-Seerá, 1 Cr 7. 24. É provável que se tivesse casado com Bequer de que se originou a família tribal dos bequeritas.

SEFÁ

Nome de um lugar no limite setentrional de Canaã, e perto de Ribla, Nm 34. 10, 11. Situação ignorada.

SEFAR, *Contagem.*

Nome de um lugar que assinalava o limite do território ocupado pelos descendentes de Jectã, Gn 10. 30, situado talvez ao sul da Arábia. A despeito de não ser igual à primeira letra deste nome, geralmente o identificam com Zafar, que começa pela letra arábica apical *za* (teth). Havia dois lugares com o mesmo nome: um era o pôrto de mar em *Hadramaut*, perto da montanha do incenso, o outro era ao sul do *Yemen*, capital dos reis himiaritas.

SEFARADE

Nome de um lugar para onde seria levado cativo o povo de Jerusalém, Ob 20. Ignora-se em que lugar existia. Alguns têm dito que talvez seja Sparda, nome de um distrito mencionado em inscrições persas, juntamente com Iônia, Armênia de Capadócia, e que parece ser a mesma Sárdis da Ásia Menor. Encontra-se este nome em inscrições assírias do tempo de Assaradom, 680-668 A. C. (Expository Times, 13.308). Talvez seja próximo da verdade identificá-lo com Saparda, lugar para onde Sargom, depois de subjugar a Judá como se jacta de ter feito, transportou os israelitas para as cidades da Média entre cujos nomes se acha o do distrito Saparda situado a sudoeste, 2 Rs 17. 6.

SEFARVAIM, *Siparas gêmeas.*

Nome de um lugar de onde os assírios trouxeram colonos para Samaria, 2 Rs 17. 24, 31, talvez a mesma cidade mencionada no cap. 18. 34 e 19. 13. Na margem oriental do Eufrates, acima de Babilônia, e muito perto da Mesopotâmia, existiu a famosa cidade de Sipar, lugar de adoração do deus-sol, e por isso denominada Sipar de *Shamash*. Mas Anunite, esposa do deus firmamento, recebia culto na mesma cidade, segundo parece em um lugar que também denominavam Sipar de Anunite. A dualidade de nomes explica suficientemente o nome hebreu que é dual na forma, equivalente a cidades gêmeas de Sipara. Atualmente tem o nome de *Abu Habba*.

SEFARVITAS

Nome dos habitantes de Sefarvaim, 2 Rs 17. 31.

SEFATIAS, *Jeová tem julgado.*

1. Nome de um harufita, um dos benjamitas que se uniu a Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 5.

2. Nome de um dos filhos de Davi que lhe nasceu em Hebrom, de sua mulher Abital, 2 Sm 3. 4; 1 Cr 3. 3.

3. Nome de um dos filhos de Maaca, e chefe da tribo de Simeão no tempo de Davi, 1 Cr 27. 16.

4. Nome do pai de um benjamita que habitou em Jerusalém, 1 Cr 9. 8.

5. Nome de um dos filhos do rei Josafá, 2 Cr 21. 2.

6. Nome de um príncipe, filho de Matã, e um daqueles que aconselharam ao rei Zedequias a matar ao profeta Jeremias por causa das suas desanimadoras palavras sobre a defesa de Jerusalém, durante o sítio de Nabucodonosor, Jr 38. 1.

7. Nome do fundador de uma família de cujos membros 372 voltaram do cativeiro com Zorobabel, Ed 2. 4; Ne 7. 9, e mais 80 que vieram com Esdras, Ed 8. 8.

8. Nome de um homem de Judá da família de Perez, que viveu antes do exílio, Ne 11. 4.

9. Nome de um homem cujos descendentes vieram de Babilônia com Zorobabel, Ed 2. 57; Ne 7. 59.

SEFELÁ, *Terra baixa.*

Nome bem conhecido na geografia da Palestina que aparece somente em 1 Mac 12. 38. Ver *Campina, Terras baixas.*

SEFER, *Beleza, elegância.*

Nome de um monte onde se acamparam os israelitas no deserto, Nm 33. 23, 24.

SEFO, *Lisura.*

Nome de um dos filhos de Sobal, ou natural da tribo que tem este nome, descendente de Seir horreu, Gn 36. 23.

SEGUBE, *Exaltado.*

1. Nome do filho mais moço de Hiel. Morreu, quando seu pai levantava as portas de Jericó, 1 Rs 16. 34, cumprindo-se assim a maldição lançada por Josué, Js 6. 26.

2. Nome de um dos filhos de Hesrom com a filha de Maquir, 1 Cr 2. 21, 22.

SEGUNDA

Tradução da palavra hebraica. *Mishneh*, que se refere a um lugar de Jerusalém, a Segunda, ou o Segundo Quarteirão, 2 Rs 22. 14; 2 Cr 34. 22. *Cidade Baixa.*

SEIR, *Cabeludo.*

1. Nome de um país e de seus habitantes. Seir designava uma cordilheira da terra de Edom, Gn 36. 21; Nm 24. 18; Ez 35. 15. Os primitivos habitadores destas montanhas eram os correus, ou habitadores das cavernas, Gn 14. 6. Em Gn 36. 20, a população primitiva é personificada em um indivíduo e as tribos que dela procedem, tem o nome dos filhos, cp. Mesraim ou Egito, Gn 10. 6, 13. Emprega-se também o nome Seir representando um povo, Ez 25. 8. Esaú habitou em Seir, Gn 32. 3, e os seus descendentes expulsaram de lá os horitas, Dt 2. 12; Js 24. 4. Um resto dos amalequitas, 1 Sm 14. 48; 15. 7; 2 Sm 8. 12, refugiaram-se nestas montanhas, sendo finalmente destruídos pelos simeonitas, 1 Cr 4. 42, 43.

2. Nome de uma cordilheira nos limites de Judá, a oeste de Jarim, Js 15. 10. Parece que seja o lugar em que se acha a aldeia de Saris.

SEIRÁ, *Animal peludo, cabra.* Aplicado a um lugar, quer dizer, coberto de árvores.

Nome de uma localidade do monte de Efraim, talvez na parte sudeste para onde se refugiou Eúde, depois que matou a Eglom, rei de Moabe, Jz 3. 26.

SEITA ver HERESIA

SELÁ, *Elevação.*

Palavra que se encontra setenta e uma vêzes nos salmos e também em Hc 3. 9, 13. Stainer oferece seis opiniões distintas quanto ao sentido: (1) pausa; (2) repetição semelhante a *da capo;* (3) final de uma estrofe; (4) toque com força (*fortissimo*); (5) curvatura do corpo em sinal de obediência; e (6) repetição da sinfonia (*ritornello*). Provàvelmente significa uma pausa da orquestra ou mudança de *piano* para *forte.*

SELEDE

Nome de um homem de Judá da família de Jerameel, 1 Cr 2. 30.

SELEMIAS, *Jeová recompensa.*

1. Nome de um porteiro do santuário no tempo de Davi, 1 Cr 26. 14.

2. Nome de um dos filhos de Cusi, Jr 36. 14.

3. Nome de um dos filhos de Abdeel, Jr 36. 26.

4. Nome do filho de Hananias, Jr 37. 13.

5. Nome do pai de Jucal, Jr 38. 1.

6, 7. Nome de dois homens induzidos por Esdras a abandonarem suas mulheres estrangeiras, Ed 10. 39, 41.

8. Nome do pai daquele Hananias que ajudou a reedificar o muro de Jerusalém, Ne 3. 30.

9. Nome de um sacerdote que Neemias nomeou como intendente dos celeiros destinados aos levitas, Ne 13. 13.

SELES, *Trio.*

Nome de um aserita, filho de Helém, 1 Cr 7. 35.

SELEUCIA, *Concernente a Seleuco.*

Nome de uma cidade situada na costa da Síria, 1 Mac 11. 8, ao norte da foz do Orontes. Foi construída por Seleuco Nicanor no lugar de uma antiga cidade. Servia de porto de mar à cidade de Antioquia, que ficava a 20 milhas rio acima. Pompeu concedeu-lhe os foros de cidade livre. Paulo e Barnabé, estando ali, navegaram até Chipre, At 13. 4. Existem no porto de *es-Suweidiyeh,* cerca de 4 milhas para o sul, dois molhes denominados Paulo e Barnabé.

SELEUCO

Nome de um dos reis da Síria, 1 Mac 7. 1; 2 Mac 3. 3, denominado Filopater, filho e sucessor de Antioco, o Grande; reinou desde 187 a 175 A. C. Foi assassinado por Heliodoro, um dos seus cortesãos. Antioco Epifanes subiu ao trono em seu lugar. Veja *Antioco.* Tomou parte na desastrosa batalha de Magnésia. Procurou engrandecer o reino; entrou em relações conciliatórias com os judeus, apesar de dizerem que tentou saquear o templo, 2 Mac 3. 4-40, talvez com o fim de auxiliá-lo a satisfazer ao enorme tributo que foi compelido a pagar aos romanos.

Seleuco Filopater

SELOMI, *Pacífico.*

Nome do pai de Aiúde, príncipe da tribo de Aser, no final da peregrinação pelo deserto, Nm 34. 27.

SELOMITE, *Pacífico.*

1. Nome de uma mulher da tribo de Dã, filha de Dabri e mãe do israelita que foi morto no deserto por ter blasfemado o nome do Senhor, Lv 24. 11.

2. Nome de um levita da família de Coate, da casa de Isaar, 1 Cr 23. 18, chamado Selomote no cap. 24. 22.

3. Nome de um descendente de Moisés por via de Eliezer. Ele e seus irmãos foram nomeados por Davi para superintender os tesouros, 1 Cr 26. 25-26.

4. Nome de um gersonita, filho de Semei, 1 Cr 23. 9.

5. Nome de um filho ou filha de Roboão, 2 Cr 11. 20.

6. Nome de um dos filhos de Josafias, Ed 8. 10. O texto hebreu não diz assim. A versão dos Setenta dá este nome a um membro da família de Bani, nos seguintes termos: "Dos filhos de Bani, Selemote, filho de Josafias."

7. Nome de uma filha de Zorobabel, 1 Cr 3. 19.

SELUMIEL, *Amigo de Deus.*

Nome de um príncipe da tribo de Simeão, logo no começo da peregrinação pelo deserto, Nm 1. 6; 2. 12; 7. 36; 10. 19.

SEM, *Nome.*

Nome de um dos dois filhos mais velhos de Noé e talvez o primogênito, Gn 10. 1, 21; cp. 9. 24; 5. 32. Para a explicação cap. 11. 10, veja o artigo sobre *Cronologia* na secção sobre o período desde a Criação até Abraão. Sem e seus descendentes figuram no final do cap. 10, de acordo com o sistema do autor, de começar as genealogias pelos nomes subordinados, deixando para o fim a linha principal do povo de Deus. Sem nasceu no ano quinhentos da vida de Noé. Por ocasião do dilúvio já era casado, mas ainda não tinha filhos, Gn 7. 7; 1 Pe 3. 20. Depois da grande catástrofe, revelou profundo respeito pelo seu velho pai, quando o irmão mais moço prati-

cou um ato reprovável para com o seu progenitor. Por este motivo Sem recebeu uma bênção, em têrmos tais que lhe garantiam graças divinas, para que o culto do verdadeiro Deus se perpetuasse na sua família, Gn 9. 23, 27. Os filhos de Sem foram: Elão, Assur, Arfaxade, Lude e Arã, Gn 10. 21, 22.

SEM, *Dente, rocha, dentada.*

Nome de um pequeno lugar a um lado do ponto onde Samuel levantou a Pedra do Socorro, que chamou Ebenézer, 1 Sm 7. 12. O texto não parece exato. As versões grega e siríaca dão Jesaná.

SEMA, *Rumor, fama.*

1. Nome de uma cidade do extremo sul de Judá, Js 15. 26.

2. Nome de um dos filhos de Hebrom, pertencente à tribo de Judá, 1 Cr 2. 43, 44.

3. Nome de um rubenita, filho de Joel, 1 Cr 5. 8; cp. v. 4.

4. Nome de um benjamita, chefe de uma família em Aijalom, 1 Cr 8. 13. No v. 21 tem o nome de Simei.

5. Nome de um dos homens que estavam junto de Esdras, quando fazia a leitura da lei diante do povo, Ne 8. 4.

SEMAA, *Rumor, fama.*

Nome de um benjamita que se ajuntou a Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 3.

SEMAIAS, *Jeová tem ouvido.*

1. Nome de um simeonita, 1 Cr 4. 37.

2. Nome de um dos filhos de Joel, da tribo de Rúben, 1 Cr 5. 4.

3. Nome de um levita, príncipe dos filhos de Elisafã que fez parte dos duzentos que acompanharam a arca quando saiu da casa de Obede-Edom para o monte de Sião, 1 Cr 15. 8-11.

4. Nome de um levita, filho de Natanael. Foi escriba no tempo de Davi e tomou nota das vinte e quatro divisões dos sacerdotes, 1 Cr 24. 6.

5. Nome do filho mais velho de Obede-Edom, 1 Cr 26. 4. Teve vários filhos esforçados, que, juntamente com ele, serviram de porteiros do tabernáculo, 1 Cr 26. 6-8.

6. Nome de um homem de Deus, do tempo de Roboão, que proibiu a este rei a tentativa de conquistar as dez tribos revoltadas, 1 Rs 12. 23, 24; 2 Cr 11. 2-4. Cinco anos depois, Sesaque invadiu o país. Segundo declaração do profeta, a invasão era permitida por Deus, como punição dos pecados do povo. À vista disto, o príncipe humilhou-se, e Deus atenuou o castigo, 2 Cr 12. 5-8. As ações de Roboão foram escritas no livro do profeta Semaias, v. 15.

7. Nome de um dos levitas enviados por Josafá para ensinar o povo, 2 Cr 17. 8.

8. Nome de um levita, descendente de Iditum. Ajudou na purificação do templo no reinado de Ezequias, 2 Cr 29. 14, 15. Talvez seja o mesmo levita, mencionado em 1 Cr 9. 16, e a mesma pessoa com o nome de Samua referida em Ne 11. 17.

9. Nome de um levita dos tempos de Ezequias encarregado, em companhia de outros, da distribuição dos dons destinados aos levitas, 2 Cr 31. 15.

10. Nome de um dos chefes dos levitas, encarregado de prover o necessário para a festa da páscoa. Ele com mais alguns de seus irmãos deram aos levitas, para o mesmo fim, cinco mil reses miúdas e quinhentos bois, 2 Cr 35. 9.

11. Nome do pai de Urias de Quiriate-Jearim, que foi morto por ordem do rei Joaquim, por haver anunciado os castigos que viriam sobre Jerusalém e sobre o povo, Jr 26. 20-23.

12. Nome do pai de Delaías que foi príncipe no reinado de Joaquim, Jr 36. 12.

13. Nome de um neelamita, falso profeta entre os exilados em Babilônia, que profetizou próximo regresso à pátria. Escreveu cartas a todo o povo de Jerusalém e ao sacerdote que tomava cuidado do templo, queixando-se de não terem repreendido a Jeremias por anunciar que o cativeiro de Babilônia seria longo. Quando Jeremias soube disto, profetizou que Semaias não deixaria varão que se assentasse no meio do povo e não teria vida para contemplar a volta do cativeiro, Jr 29. 24-32.

14. Nome de um dos principais dentre os sacerdotes que vieram de Babilônia com Zorobabel, Ne 12. 6, 7. Na geração seguinte encontra-se um chefe de família com igual nome, v. 18.

15. Nome de um dos filhos de Adonicão e um dos chefes das famílias que vieram do cativeiro com Esdras, para a terra de Canaã, Ed 8. 13.

16. Nome de um dos chefes enviados por Esdras, a Edo para obterem ministros para a casa de Deus, dos quais havia falta entre os que haviam deixado a terra do cativeiro, Ed 8. 16.

17 e 18. Nomes de dois homens, um dêles filho de Haarim e outro, filho de Erém, aos quais Esdras induziu a se desquitarem de suas mulheres estrangeiras, Ed 10. 21, 31.

19. Nome de um dos filhos de Sequenias, 1 Cr 3. 22.

20. Nome de um guarda da porta do oriente, que talvez seja levita, que reparou uma parte do muro de Jerusalém no tempo de Neemias, Ne 3. 29.

21. Nome de um levita, descendente de Buni, superintendente das obras do templo, nos dias de Neemias, Ne 11. 15.

22. Nome de um falso profeta, filho de Delaías, filho de Meetabel, a quem Tobias e Sambalá haviam alugado para intimidar a Neemias, aconselhando-o a esconder-se no templo a portas fechadas para escapar à morte, Ne 6. 10-13.

23. Nome de um sacerdote que assinou o pacto com Neemias, Ne 10. 8.

24. Nome de um príncipe de Judá que participou da festa da dedicação do muro de Jerusalém, Ne 12. 34.

25. Nome de um levita da linhagem de Asafe, Ne 12. 35.

26. Nome de um que fez parte do corpo coral, quando se inaugurou o muro de Jerusalém, Ne 12. 36.

27. Nome de um sacerdote que tocou a trombeta na ocasião acima mencionada, Ne 12. 42.

SEMANA

A Santa Escritura dá-nos conta da divisão do tempo em períodos de sete dias, em conexão com a instituição do sábado, Gn 2. 1-3. Segundo as narrativas, tanto hebraicas como babilônicas, era assim que se fazia nos dias de Noé, 7. 4-10; 8. 10, 12. Na lenda babilônica de Adapa, corrente quinze séculos e mais antes de Cristo, se menciona que o vento deixou de soprar durante sete dias. Há motivos para se acreditar que a referência a êste fenômeno, não é por ser um fato acidental. O sono de Izdubar durou seis dias e sete noites. Deste modo contavam eles o período semanal. Gudea, príncipe de Lagash, comemorou a conclusão de um templo com uma festa que durou sete dias. Igual número de dias durava uma festa de núpcias na Síria, no tempo de Labão e de Jacó, Gn 29. 27, 28. O mesmo costume prevalecia entre os filisteus nos dias de Sansão, Jz 14. 12, 17. As cerimônias fúnebres, como a de Jacó e de outros, duravam sete dias, Gn 50. 10; 1 Sm 31. 13. As semanas entravam constantemente em todos os arranjos da lei cerimonial, Êx 12. 15; 13. 6, 7; 22. 30; 29. 30, 35, 37; Lv 12. 2; 13. 5; 14. 8, etc. Na maior parte destes casos, não existia um dia fixo para se contar o primeiro dia da semana. A semana das festas nupciais, por exemplo, começava no dia do casamento, qualquer que fosse a data em que era celebrado. Em todos estes nu-

merosos exemplos, vê-se que o período de sete dias era tomado como padrão; é digno de nota que os períodos são consecutivos em a narrativa do dilúvio (veja *Dilúvio*), como também serviu mais tarde para determinar a data de Pentecostes. Para saber a origem da semana veja o artigo *Sábado*.

Os antigos hebreus não davam nome algum aos dias da semana, a não ser ao sétimo que eles denominavam sábado. Contavam os dias de festa. O historiador babilônico enumera cada um dos sete dias, durante os quais a arca esteve encalhada. No período do Novo Testamento, os hebreus designavam os dias da semana por meio de números, Mt 28. 1; At 20. 7. O dia anterior ao sétimo, chamavam da preparação, Mc 15. 42.

A semana com os nomes dos dias de que ela se compunha entrou em uso no império romano, em um período comparativamente tardio. Os antigos romanos tinham uma semana de oito dias. Os gregos dividiam o mês em três períodos. Os egípcios, já no tempo das pirâmides, tinham períodos de dez dias, cada um dos quais começava, quando surgia no horizonte uma das trinta e seis constelações sucessivas.

Dio Cassio, escritor do segundo século da era cristã, fala de uma divisão hebdomadária do tempo, adotada universalmente no império romano, à semelhança dos egípcios, baseada em cálculos astrológicos. Dos dois sistemas referidos, por um ou por outro dos quais ele considera que os nomes dos planetas é que *fixaram* os diferentes dias da semana, somente um é plausível: cada dia sucessivo foi atribuído a um dos planetas, como seu patrono; as horas também foram distribuídas por eles. Se os planetas forem nomeados na ordem de suas distâncias da terra, como se acreditava no tempo de Dio Cassio, Saturno, Júpiter, Marte, o Sol, Vênus, Mercúrio, a Lua e outros mais, então, a primeira hora pertencia a Saturno, a segunda a Júpiter, e assim por diante; a vigésima quinta hora, que era a primeira do dia seguinte, pertencia ao sol e na manhã seguinte, à lua e em seguida a Marte, Mercúrio, Júpiter e Vênus. Se o planeta a que pertence a primeira hora do dia for reconhecido como o patrono, ou regente do dia, os dias da semana serão assim designados: Dia de Saturno, dia do Sol, dia da Lua, e assim por diante. Esta teoria deve ser recebida com cautelosas reservas. Pode haver uma razão inteiramente diversa, para assinalar a ordem dos planetas, se bem que todo o esforço para explicar satisfatoriamente os nomes adotados pelos astrônomos de Babilônia, ainda não tenha produzido resultados finais. Os nomes adotados pelos romanos passaram dêles para toda a Europa, tanto com a forma latina como também, quando transferidos para as línhas germânicas, com os nomes das divindades germânicas, em substituição aos nomes das divindades romanas a eles correspondentes. Também se encontram estes nomes na Índia, que, segundo se crê, os receberam com a astronomia e com a astrologia da Grécia e de Roma. Estes nomes são de origem pagã, nascidos da superstição do povo. Nenhuma associação desta natureza se liga a eles, além do nome que tem. Janeiro era o mês de Jânus, deus do sol e do ano; março era o mês de Marte, deus da guerra; junho era o mês consagrado a deus Juno.

A palavra semana é tradução do hebraico *shabua*, que quer dizer hebdômada, que tanto pode referir-se a um período de sete dias, como de sete anos. A existência do ano sabático justificou o seu emprego. Não é, pois, fora de propósito que a palavra hebraica empregada por Daniel em referência a um período de sete anos, seja assim entendida pelos intérpretes, Dn 9. 24-27; cp. Lv 25. 8.

SEMANAS, FESTA DAS

Era a segunda das três festas anuais a que devia comparecer todo israelita, e a primeira das duas festividades das colheitas, Êx 34. 22, 23; 2 Cr 8. 12, 13; cp. 1 Re 9. 25. Dava-se-lhe este nome porque caía na sétima semana depois que se oferecia o molho das primícias, Lv 23. 15, 16, cp. Dt 16. 9, 10. Este feixe era elevado diante do Senhor na manhã depois do Sábado, Lv 23. 11. Os baitoseanos, saduceus, interpretavam êste sábado como significando o sábado semanal que ocorria durante a festa dos pães asmos. Alguns dos teólogos modernos adotam esta idéia. Outros sustentam que apenas se refere ao sábado semana, que caía imediatamente antes da colheita. A opinião mais antiga e a melhor é que se refere ao primeiro dia da festa dos asmos. Assim o entenderam os tradutores gregos, Lv 23. 7, 11, bem como os que dirigiam os serviços religiosos do segundo templo, Antig. 3. 10. Este primeiro dia era guardado como santo, não se fazia nele obra alguma, Lv 23. 32; 25. 2. Na manhã, depois da Páscoa, os novos grãos não podiam ser comidos senão depois de levantar o feixe diante do Senhor, Lv 23. 14; Js 5. 10, 11. O festival caía no qüinquagésimo dia depois de se levantar o feixe, de que se originava a palavra Pentecoste, ou qüinquagésimo dia. At 2. 1. Também se denomina solenidade da ceifa, ou dia dos primeiros frutos, Êx 23. 16; 34. 22; Nm 28. 26. Nesta semana celebrava-se o fim das colheitas. Unia-se ao ciclo das festas religiosas pelo número sete. Era observado como sábado, com ausência de toda a obra servil, Lv 23. 21; Nm 28. 26. Ofereciam ao Senhor em suas casas dois pães de primícias de duas dízimas de farinha fermentada, representando os primeiros frutos da colheita do trigo, Lv 23. 17, 20; cp. Êx 34. 22; Nm 28. 26; Dt 16. 10. Com estes pães, ofereciam dez animais em holocausto, um bode pelo pecado e dois cordeiros por hóstia pacífica, Lv 23. 18, 19. Os sacrifícios destinados a este dia eram distribuídos da seguinte forma: 1) O sacrifício diário regular de dois cordeiros, Nm 28. 3, 31. 2) Sacrifícios especiais para o dia da festa, 27-30, que eram os mesmos como no dia da lua nova, e dos asmos, 11, 19. 3) Sacrifícios conjuntamente com a oferta dos pães e dos dois cordeiros, Lv 23. 17-19, Josefo dá o número exato dos sacrifícios adicionais, ao sacrifício diário, exceto no que ele, no texto que nos foi transmitido, menciona dois carneiros em vez de três, Antig. 3. 10, 6. Como se dava na festa das colheitas, também nesta, o povo era exortado a lembrar-se dos pobres, Dt 16. 11, 12. A festa de Pentecostes veio a ser considerada nos últimos tempos, especialmente nos primeiros séculos da era cristã, como comemorativa da promulgação da lei no Monte Sinai; mas o Antigo Testamento não autoriza esta idéia, porquanto, não se pode provar que a lei fosse dada exatamente cinqüenta dias depois da Páscoa. A mais notável das festas de Pentecostes foi a que se deu logo depois, da ascensão de Cristo, At 2, que veio comemorar a fundação da igreja cristã. Os traços essenciais de uma instituição encontram-se na história de seu estabelecimento. Na instituição da igreja, o Espírito Santo desceu sôbre todos os crentes, sem distinção de idade, sexo ou classe, 1-4, 14-21. Veja *Línguas*. A vida havia sido comunicada. O Espírito descia sobre os homens antes, mas agora, a igreja é que havia entrado na dispensação do Espírito, todos o recebem sem medida, sem a intervenção dos ritos. Deus havia reservado para si um povo sôbre a terra. Nesta nova era aplica a sua energia divina à sua igreja com larga amplitude divina, aperfeiçoando-a e consolidando a sua fé.

SEMAQUIAS, *Jeová tem sustentado.*

Nome de um levita descendente do porteiro Obede-Edom, 1 Cr 26. 7.

SEMEADOR

As sementeiras começavam no mês de outubro. Veja *Ano*. As sementes deveriam ser limpas, segundo determinava a lei cerimonial, Lv 11. 37, 38. O semeador segurava a vasilha da semente com a mão esquerda, e com a outra, a lançava sobre a terra. Em ocasiões favoráveis, atirava a semente adiante do arado que ao mesmo tempo a

cobria com terra. O trigo semeava-se em linhas direitas, Is 28. 25. A lei cerimonial proibia semear o campo com diversas sementes, Lv 19. 19; Dt 22. 9, como sendo contrária às leis da natureza estabelecidas por Deus. As sementes de espécies diferentes poderiam ser lançadas no mesmo campo, em lugares separados.

SEMEBER

Nome do rei de Zeboim, derrotado em companhia de outros reis que governavam as cidades da planície, por Quedorlaomer e seus confederados, Gn 14. 2, 8, 10.

SEMEDE, *Destruição.*

Nome de um benjamita descendente de Elfaal. Foi ele quem fundou Ono e Lode com os lugares de seus distritos, 1 Cr 8. 12.

SEMEI, Do hebreu *Shimi.*

Nome de um dos antecessores de Cristo, posterior a Zorobabel, Lc 3. 26.

SEMER, *Borra de vinho.*

1. Nome de um homem de quem Onri comprou o monte de Samaria sobre que edificou a cidade que tem este nome, 1 Rs 16. 24.

2. Nome de um levita, filho de Merari, 1 Cr 6. 46.

3. Nome de um aserita, 1 Cr 7. 34.

SEMIDA, *Fama de sabedoria.*

Nome de um dos filhos de Gileade e fundador de uma família tribal, Nm 26. 32; Js 17. 2.

SEMIRAMOTE, *Alto nome.*

1. Nome de um levita e cantor no tempo de Davi, 1 Cr 15. 18, 20.

2. Nome de um levita nomeado por Josafá para ensinar o povo, 2 Cr 17. 8.

SEMÍTICAS

As línguas que, geralmente falando, eram ou são vernáculas aos descendentes de Sem, chamam-se línguas semíticas. O primeiro termo deriva-se do hebreu *Shem*, e o segundo, do grego *Sem*. As línguas semíticas constituem uma das principais famílias de línguas. Como nem todos os descendentes de Sem falavam essas línguas, e alguns dos descendentes dos outros filhos de Noé as falavam, ficou resolvido denominar essas línguas siro-árabes, sem abolir a designação de línguas semíticas. É incontestável que, a princípio, só existia uma dessas línguas, mas por causa da separação das tribos que dela faziam uso, deu-se a formação de vários dialetos. Em todos eles, as raízes das palavras são quase sempre de três letras consoantes. Muitas delas parecem basear-se em raízes de duas letras levando a supor que, a princípio, só existiam duas consoantes nas raízes. As várias modificações de sentido eram produzidas com estas raízes e o emprego de vogais, de que, somente três, a, i, u, eram usadas originariamente. Assim, as três consoantes, k, s, r, sugerem a idéia de separar e *kasar* quer dizer — ele colheu, *kesor* — colher, *koser* — colhedor; *kasir* — colheita, — *kasur* — colhido. A significação das palavras também se modificava por meio de sinais de pontuação em certas consoantes e por meio de afixos, assim: *gadal* ele se fez grande, *giddal* ele engrandeceu, *gaddel* engrandecer, *migdal* tôrre.

A família das línguas semíticas tem duas grandes divisões, a do norte e a do sul. A do norte subdivide-se em um grupo oriental, formado pelo babilônico e pelo assírio; em um grupo central formado de vários dialetos da língua aramaica, compreendendo o siríaco, o neo-siríaco, o mandaítico, o dialeto do Talmude babilônico no oriente e o samaritano no ocidente, o caldaico da Bíblia, os Targuns, e o Talmude de Jerusalém, o dialeto das inscrições de Palmira e de Nabata, e um grupo ocidental formado pelo hebreu, pelo moabita e pelo fenício. A divisão meridional subdivide-se em arábico, himiarítico ou sabeu da Arábia do sul e em geês ou etiópico e no amarico da África.

A escrita semítica, na maior parte dos dialetos, faz-se da direita para a esquerda, isto é, de modo inverso ao nosso. A primeira página da Bíblia hebraica está no lugar que para nós é o fim do livro; a partir deste fim, vai-se indo até onde para nós é o princípio do livro.

A capacidade intelectual da raça semítica revela-se nas posições que os judeus assumem nos países cristãos onde se estabelecem. O seu vigor físico também é grande, porém, na história do passado onde as forças semíticas e arianas se medíam na guerra, geralmente a vitória cabia aos arianos. As forças perso-arianas aniquilaram o império semítico-babilônico. Os arioromanos deram fim aos semitas de Cartago e os guerreiros arianos da Europa, depois de algum tempo, riscaram as linhas ao domínio dos semitas sarracenos.

SENAÁ, *Espinhoso.*

Os filhos de Senaá edificaram a porta dos peixes de Jerusalém, Ne 3.3. Alguns dos filhos de Senaá, cerca de três mil e seiscentos, voltaram de Babilônia com Zorobabel, Ed 2.35; o nome aparece sem o artigo definito-senaá. Se é nome de pessoa ou de cidade, é caso para averiguar.

SENAQUERIBE, *Sim, o deus lua tem aumentado os irmãos.*

Nome do filho de Sargom, que subiu ao trono da Assíria logo depois do assassinato de seu pai, a 12 de abril de 705, A. C. Ainda que hábil guerreiro, não chegou a ser igual a Sargom. Foi cruel e orgulhoso; não soube conservar as suas conquistas por meio de uma política conciliadora. Por ocasião de assumir o governo, Merodaque-Baladã de Babilônia tentou sacudir o jugo assírio. Senaqueribe derrotou-o, bem como a seu aliado, o rei de Elã, e colocou no trono de Babilônia, a Belibni, voltando triunfante para Nínive, com numerosos cativos e abundantes despojos. No ocidente também se manifestou a revolta, entre os povos que Sargom havia submetido. Para dominá-la, Senaqueribe apareceu na Fenícia, tomou a Grande e a Pequena Sidônia, Sarepta, Aczibe e Aco. Tiro resistiu. Os povos vizinhos apressaram-se a submeter-se. Passando à Filístia, tomou Ascalom, Betdagom e Jope. Em seguida tomou Laquis, enviou um destacamento de tropas para Jerusalém, pôs em liberdade o rei de Ecrom, que se achava ali detido, derrotou as tropas combinadas do Egito e da Etiópia na batalha de Elteque, e ajuntou o próprio Ecrom ao número de suas conquistas.

Nesta campanha, não somente tomou Laquis e Elteque, cidades de Judá, mas ainda 46 cidades fortificadas deste reino, e levou consigo 200.150 cativos, grande cópia de cavalos, mulas, camelos e ovelhas. A sua carreira de conquistas teve paradeiro em conseqüência da peste que irrompeu no seio do seus exércitos e que o obrigou a retroceder para Nínive. Não existe referência alguma a este fracasso nas inscrições da Assíria e nem sobre haver tomado Jerusalém. Parece que, por causa da inglória conclusão de sua campanha, deixou de mencionar a tomada desta cidade, dizendo apenas que havia recebido tributos do rei Ezequias, nos seguintes termos: "O próprio Ezequias encerrei em Jerusalém qual pássaro em gaiola; levantei fortificações contra ele e vedei as saídas desde a porta da cidade. Arrebatei-lhe as cidades que entreguei ao saque e dei-as a Mitinti, rei de Azoto; a Padi, rei de Ecrom e a Silbel rei de Gaza. Aos tributos já existentes acrescentei ainda os tributos da minha soberania. O pavor que a minha glória lhe havia infundido pesou sobre ele, Ezequias; ele mesmo, enviou-me para Nínive, minha real cidade, os árabes, seus leais súditos, que ele havia arranjado para a defesa de Jerusalém, sua cidade real, contribuindo como pagamento, além de trinta talentos de ouro, 800 talentos de prata depurada, pedras preciosas, leitos de marfim, tronos de marfim, couros de elefantes, marfins, variedade de

madeiras preciosas, vastos e ricos tesouros, bem como suas filhas, damas de seu palácio e muitas outras mulheres; ele enviou-me embaixadores com as suas homenagens." Outra versão, contada pelos sacerdotes egípcios, e citada pelo historiador grego Heródoto, diz que Senaqueribe avançou contra o Egito, chegando até Pelusium. Imensa quantidade de ratos do campo, durante a noite, roeram as cordas dos arcos dos assírios, sendo por isso obrigados a evacuar o país, na manhã seguinte. Para a série de acontecimentos históricos entre Senaqueribe e Ezequias, veja o artigo sobre Ezequias. O fracasso de Senaqueribe em Jerusalém deu-se no ano 701 A. C. No entanto, novas dificuldades surgiram em Babilônia. No ano terceiro do reinado de Belibni, 700 A. C., o rei dos assírios marchou para o sul, depôs a Belibni e deu o trono a Asurnadinsum. Vencidas estas dificuldades, Senaqueribe voltou sua atenção para noroeste, pondo a Cilícia sob o jugo da Assíria. Em 694 fez nova expedição por mar, tentando desalojar os defensores de Merodaque-Baladã de seu último refúgio na foz do Ualai. Esta campanha surtiu alguns resultados, porém os elamitas invadiram a Babilônia, prenderam a Asurnadinsum e puseram no trono um rei babilônico que governou o país durante ano e meio. Apesar de Senaqueribe haver tomado Ereque, e deposto o rei de Babilônia e devastado Elã, outro rei de Babilônia subiu ao trono e os assírios não puderam castigar a grande cidade senão no ano 690. Foi então que Senaqueribe avançou contra Babilônia, que foi por ele saqueada, trucidados os seus habitantes, incendiados os seus edifícios, arrasados os muros e os templos, cujas ruínas cobriu com as águas do Eufrates e de seus canais. Os últimos oito anos do reinado passaram-se em paz. Algum tempo antes fechou de muros a cidade de Nínive com uma cinta de oito milhas de circunferência. Em 695, concluiu o grande palácio que havia mandado construir para sua residência na parte noroeste da cidade: tinha 1.500 pés de comprimento e 700 de largo, com largos alpendres, espaçosos salões e amplos quartos. Restaurou outro palácio e construiu um sistema de canais para o abastecimento de água potável. Depois de um reinado de vinte e quatro anos e cinco meses, foi assassinado no dia 20 de Tebete, correspondente ao final de 681 ou mais provavelmente ao mês de janeiro de 680. Os autores da morte foram dois de seus filhos, Adrameleque e Sarezer por ciúmes de outro irmão chamado Asaradom, mais querido do pai. 2 Rs 19. 37; 2 Cr 32. 21.

SENAZAR, *ó deus lua, valei-me.*

Nome de um filho, ou descendente de Jeconias, 1 Cr 3. 18.

SENE, *Moita de espinhos.*

Nome de uma das rochas escarpadas que franqueavam a passagem de este para oeste, entre Micmás e Gibeá. Ocupava o extremo meridional, ficando mais perto de Gibeá do que de Micmás. Pelo meio destes rochedos é que Jônatas e o seu escudeiro passaram para atacar o acampamento dos filisteus, 1 Sm 14. 4, 5. Ficavam a cavaleiro do *wady Suweinit*, a 3 milhas e meia a sudeste de Micmás.

SENHOR

Em referência a Deus, assim se traduz a palavra hebraica *Adon* em Ex 23. 17; Sl 114. 7. Com mais freqüência se traduz do mesmo modo o vocábulo *adonai* no sentido de meu Senhor, Ex 4. 10; Is 40. 10. A palavra grega *Kurios* tem igual significado, Mt 1. 20. YHVH é no hebreu o nome por excelência, Gn 2. 4, que representa a Divindade e que traduzimos por Jeová.

SENIR, *Cota de malha.*

Nome do monte Hermom, que os sidônios chamavam Siriom e os amorreus Senir, Dt 3. 9. Em Cânticos dos Cânticos de Salomão, os dois nomes de Hermom e Senir são distintos um do outro, cada um deles referindo-se, conforme parece, a dois picos diferentes da gigantesca montanha. As faias de Senir empregavam-se no fabrico das cobertas dos navios de Tiro, Ez 27. 5.

SEOM, *Escova!*

Nome de um rei dos amorreus, que lançou fora os moabitas dentre Hesbom e o Arnom, e tomou posse de seu território, Nm 21. 26-30. Cinco tribos midianitas se fizeram seus vassalos, Js 13. 21. Quando os israelitas chegaram ao deserto pelo lado de sueste do Arnom, Moisés enviou mensageiros a Seom, pedindo-lhe licença para atravessar o país, Nm 21. 21, 22; Dt 2. 26. Sendo-lhe negada, os israelitas entraram violentamente abrindo caminho para as margens do Jordão. Seom reuniu tropas e saiu de encontro com eles no deserto e veio a Jasa. Deste encontro, resultou a sua derrota e a perda do reino que entrou na posse dos israelitas, Nm 21. 21-32; Sl 134; 11, desde o Arnom até Jaboque e até aos filhos de Amom, Nm 21. 24, 32; Dt 2. 36; Jz 11. 22. O campo de Israel estabeleceu-se no Pisga, posição segura sobre as montanhas de Abarim, quase no centro do território conquistado, ponto estratégico para a campanha contra Basã, Nm 21. 20; cp. 22. 1; 33. 47. O reino de Seom tocou em partilha às tribos de Rúben e de Gade, região muito desejada para a criação de rebanhos, Nm 32. 1-4, 33-38.

SEORIM, *Cevada.*

Nome de um dos descendentes de Arão que veio a ser chefe de família no tempo de Davi, constituindo o quarto curso dos sacerdotes, segundo a divisão que o rei fez, 1 Cr 24. 1, 6, 8.

SEPULCRO, *Cova, Sepultura.*

Em geral os hebreus sepultavam os seus mortos em cavernas naturais ou artificiais, Gn 23. 9; Is 22. 16; Mt 27. 60; Jo 11. 38. As cavernas naturais sofriam aumentos por meio de escavações, Gn 50. 5. Os rochedos perto de Jerusalém estão cheios destes sepulcros. A entrada para eles e suas dependências fechava-se por meio de pedras, Mt 27. 60,

Túmulo fechado e selado

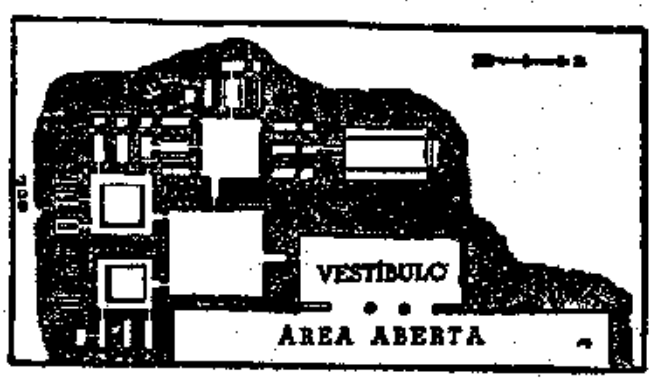
para protegê-los contra a invasão dos chacais e outros animais carnívoros que se alimentavam de cadáveres. Julgava-se conveniente que os cadáveres fossem sepultados em lugares distanciados das habitações. Poderiam ser depositados nos jardins, 2 Rs 21. 18, 26, ou dentro dos muros da cidade, 1 Rs 2. 10; geralmente, os enterramentos se faziam

Portal do chamado túmulo dos juízes, perto de Jerusalém

para fora dos muros, entre árvores, ou no meio de jardins, Jo 19. 41. Muitas vezes, porém, abriam sepulcros nos paredões das rochas, bem no alto. Costumavam caiar de branco os sepulcros, Mt 23. 27, não somente por amor à limpeza, mas para ser agradável à vista. Nos sepulcros internos, as covas abriam-se no pavimento e cobriam-se com umas lajes de pedra; ou cortados na rocha à maneira de um nicho. Também era costume abrir sepulturas ao lado das cavernas, e fechá-las com uma pedra chata servindo de porta. Abriam-se igualmente compartimentos nas paredes das cavernas, à maneira de estantes, ou prateleiras, às vezes em linhas duplas de nichos. Dispensavam-se os caixões. As pessoas abastadas costumavam encerrar os cadáveres em urnas de pedra, ou sarcófagos, que depositavam nos sepulcros. Às vezes, a entrada era ricamente ornamentada, e até mesmo erguiam belos monumentos em formas de pilares, 2 Rs 23. 17, ou em forma de mausoléu, 1 Mac 13. 27. Os hebreus e os povos seus vizinhos, gostavam muito de ter sepulcros de família, construídos de tal jeito a depositar em tantos nichos quantos eram precisos, os despojos de seus membros, Gn 49. 29-31; 2 Sm 2. 32; 1 Rs 13. 22; 1 Mac 9. 19; 13. 25. Havia cemitérios públicos para o enterramento de gente pobre e de estrangeiros, 2 Rs 23. 6; Jr 26. 23; Mt 27. 7. Quando os exploradores da Palestina descobrem uma sepultura cavada no chão e coberta de terra, supõem pertencer a um cristão; e as abertas horizontalmente na rocha, presumem pertencer a um judeu.

SEPULCRO DOS REIS

O lugar destinado a sepultar os reis, encontra-se na cidade de Davi, não longe do jardim do rei, 1 Rs 2. 10; 2 Cr 21. 20; Ne 3. 15, 16, e sem dúvida no campo dos sepulcros do rei, 2 Cr 26. 23; cp. 2 Rs 15. 7. Tedoreto, citando Josefo, diz que o sepulcro dos reis ficava perto do tanque de Siloé, em uma caverna; revelando grandeza verdadeiramente real (Quest. 6 in 3 Reg.). Compunha-se de vários quartos, Antig. 7. 15, 3. João Hircano levou dali grandes tesouros. Herodes, o Grande, foi levado a procurar mais riquezas, que não conseguiu descobrir. Alguma cousa o amedrontou, de sorte que abandonou a empresa. Mandou levantar na sua entrada um monumento propiciatório de pedras brancas, ibid. 13. 3, 4; 16. 7, 1; Guerras 1. 2, 5. Ainda existia no tempo de Cristo, At 2. 29. Todos os reis desde Davi até Ezequias, inclusive, foram sepultados na cidade de Davi. Parece que Asa e Ezequias possuiam túmulos próprios, 2 Cr 16. 14; 32. 33. Jorão, Joás, Ozias e Acaz não acharam lugar no sepulcro dos reis, 21. 20; 24. 25; 26. 23; 28. 27. Manassés, Amom e Josias foram sepultados em Jerusalém, em túmulos próprios, 2 Rs 21. 18, 26; cp. 2 Cr 33. 24. Joacaz morreu no Egito; Joaquim e Zedequias ficaram em Babilônia. A caverna dos reis a que se refere Josefo, é conhecida pela gruta de Jeremias, Guerras 5. 4, 2.



Túmulo dos Reis

SEPULTURA, COVA

Cavidade aberta no solo em que os judeus costumavam depositar os seus defuntos, Tobias 8. 9, 18; era mais comum sepultá-los em cavernas abertas na rocha, ou naturalmente existentes, Gn 23. 9; Mt 27. 60; Jo 11. 38. Vide *Sepulcro*.

SEQUIAS

Nome de um benjamita, filho de Saaraim, 1 Cr 8. 10.

SERA, *Abundância*.

Nome de uma das filhas de Aser, Gn 46. 17; 1 Cr 7. 30.

SERAFIM

Nome de entes celestiais que estavam à roda do trono de Deus, na visão de Isaías. Cada um deles tinha seis asas: com duas cobriam a face, e com outras duas cobriam os pés e com duas voavam. E clamavam um para o outro, e diziam: "Santo, Santo, Santo, Senhor Deus dos Exércitos,

cheia está toda a terra da sua glória", Is 6. 2, 3. Tendo o profeta confessado ser homem de lábios impuros, um dos serafins voou para ele levando na mão uma brasa viva, que havia tomado do altar com uma tenaz, e tocou com ela a boca do profeta dizendo: "Eis aqui tocou esta brasa os teus lábios, e será tirada a tua iniqüidade, e lavado será o seu pecado." A Escritura nada mais diz a respeito de serafins, senão o que se contém nesta passagem. Quem eram eles? 1. Gesenius deriva este nome do vocábulo árabe *sharafa*, que significa alto, nobre. A raiz árabe pode bem haver entrado na formação da palavra *saraph* do hebreu, mas não existem provas de que jamais a usassem nesta língua, nem existem palavras que se prendam a esta raiz. Gesenius teve de ir buscar o seu derivado fora do léxico hebreu, o que torna a sua explicação bastante difícil. 2. Cheyne imagina que a palavra serafim se refira a raios luminosos parecidos com serpentes, visto que os vocábulos *saraph* e *seraphim* se empregam para designar as serpentes que apareceram no deserto, cujas mordeduras queimavam como fogo, Nm 21. 6, 8; Is 14. 29; 30. 6. Porém, mesmo que as palavras serafim e serpente tenham a mesma forma no singular, o que é incerto, e mesmo que ambas se derivem de uma raiz semítica, como é provável, então neste caso, não se podem aplicar às mesmas entidades, ou a indivíduos que tenham formas semelhantes. O nome não designa formas. O característico comum que a palavra exprime, é ardente em sentido transitivo; não entidades ardentes ou luminosas, mas sim criaturas que destroem queimando. Os serafins não se parecem às serpentes na forma, porque têm mãos, pés e asas. O prof. Cheyne é de parecer que Isaías não os teve como animais, quanto à forma. 3. Os serafins são idênticos aos grifos dos egípcios, *serref* (Dillmann, citando L. Stern) que os israelitas imitaram. Nesta hipótese, eram eles personificações de objetos ou fenômenos naturais. Na visão de Isaías representavam simbolicamente as forças da natureza exercendo ordens de Deus da natureza, cp. Zc 6. 1-8. 4. Os serafins eram uma ordem superior de anjos, segundo o entendimento dos judeus. O Targum insere a palavra em Ez 1. 8 e Zc 3. 7. Eram criaturas que proclamavam a santidade de Deus três vezes repetidas, impressionadas com os atributos da Divindade, adorando-o apaixonadamente, e exercendo os seus propósitos santificadores no seio da humanidade (Delitzsch). A conclusão a que se chega por este argumento é que os querubins que rendiam preito à santidade divina e que se empregavam no ministério da purificação, representam entidades morais, e não forças físicas personificadas.

SERAIAS, *Soldado de Jeová.*

1. Nome de um dos filhos de Quenaz, 1 Cr 4. 13.

2. Nome de um escriba, secretário do rei Davi, 2 Sm 8. 17.

3. Nome de um simeonita, filho de Asiel, 1 Cr 4. 35.

4. Nome de um dos beleguins enviados para prender a Baruque e ao profeta Jeremias, Jr 36. 26.

5. Nome do primeiro sacerdote que Nabucodonosor prendeu, quando tomou Jerusalém, e mandou matar em Riblata, 2 Rs 25. 18-21; Jr 52. 24-27. Era pai de Josedeque, que foi levado para o cativeiro, e avô de Josué, que foi pontífice logo depois do cativeiro, e antecessor de Esdras o escriba, 1 Cr 6. 14, 15; Ed 3. 2; 7. 1.

6. Nome de um dos filhos de Nerias, levado cativo para Babilônia, Jr 51. 59-64.

7. Nome de um dos filhos de Tanumete, netofatita, 2 Rs 25. 23; Jr 40. 8.

8. Nome de um dos que acompanharam a Zorobabel, quando voltou de Babilônia, Ed 2. 2. Em Ne 7. 7 chama-se Azarias.

9. Nome de um dos sacerdotes que voltaram de Babilônia com Zorobabel, Ne 12. 1-7. Na seguinte geração aparece o seu nome como em uma família de que era chefe Meraías, v. 12.

10. Nome de um sacerdote, sem dúvida chefe de uma família que juntamente com Neemias, assinou o pacto de se conservar separado do paganismo e observar a lei de Deus, Ne 10. 2. Talvez seja o mesmo que segue.

11. Nome de um dos sacerdotes, filho de Helcias, e príncipe da casa de Deus após o exílio, Ne 11. 11. Aparece com o nome de Azarias em 1 Cr 11. 11. Parece que o nome Azarias e o de Seraías designam pessoas diferentes; tendo o primeiro existido antes do exílio e o segundo depois dele. Também se podem referir a diferentes pessoas que viveram depois do exílio, sendo Azarias predecessor de Seraías. Se assim não for, pode-se admitir que o texto se acha alterado. Em uma das passagens, o nome poderia ser mal entendido pelo copista. Como ambos os nomes se referem à genealogia sacerdotal, sendo um sucessor do outro, é provável ter escapado alguma palavra do texto, como por exemplo: "Seraías, filho de" frase esta que poderia ter sido omitida antes do nome de Azarias em Crônicas, ou a frase "filho de Azarias", depois do nome de Seraías, em Neemias.

SEREBIAS, *Jeová fez tremer.*

1. Nome de um levita, chefe de uma família, vindo de Babilônia com Zorobabel, Ne 12. 8. O representante desta família selou o pacto com Esdras, 10. 12. Era composta de cantores, 12. 24.

2. Nome do chefe de uma família de levitas que vieram com Esdras de Babilônia. Talvez fosse representante de parte da família já mencionada que havia ficado atrás dos exilados que vinham com Zorobabel, e, como tal, oficialmente trazia o nome da família. Parece que é o Serabias mencionado no v. 24; se bem que nesta passagem ele figura como sacerdote, e um dos homens a quem Esdras confiou a guarda das ofertas para o templo, durante a viagem para Jerusalém.

3. Nome de um dos levitas que assistia a Esdras, quando lia a lei diante do povo, servindo-lhe de intérprete, Ne 8. 7. Tomou parte na pública confissão de pecados depois da festa dos tabernáculos, 9. 4.

SEREDE, *Temor.*

Nome de um dos filhos de Zebulom, e fundador de uma família tribal, Gn 46. 14; Nm 26. 26.

SERES, *Raiz ou rendoo.*

Nome de um homem de Manassés da família de Maquir, 1 Cr 7. 16.

SÉRGIO PAULO, Paulo significa *pequeno.*

Nome do procônsul de Chipre que era província senatorial no tempo de S. Paulo, At 13. 5-12. Veja *Chipre.* Antigas inscrições em moedas, encontradas em Soli, na costa setentrional da ilha, dizem "Paulus proconsul."

SEROM, Talvez forma grega de Hirã.

Nome de um comandante do exército da Síria, no reinado de Antíoco Epifanes, 1 Mac 3. 13. Tentou reprimir a revolta dos judeus, mas foi derrotado por Judas Macabeu, perto de Bete-Horom, em 166 A. C. (14-24). Segundo Josefo, este Serom perdeu a vida em combate, Antig. 12. 7, 1.

SERPENTE

1. Nome de um animal, que anda de rastos sobre o peito, Gn 3. 1, 14. Tem cabeça e cauda, mas é desprovido de membros. Em hebreu chama-se *nahash* e em grego *ophis*, Gn 3. 13, com 2 Co 11. 3; Nm 21. 9, com Jo 3. 14. Rastejando-se sobre a terra, a boca fica em contacto com a terra, Mq 7. 17; cp. Gn 3. 14; Is 65. 25. A mordedura de algumas serpentes é fatal, produzindo a morte, Nm 21. 6; Sl 58. 4; Pv 23. 32. Algumas podem ser hipnotizadas, Ec 10. 11. En-

contra-se a serpente nos desertos e nos distritos abandonados, à beira dos caminhos, nas cercas, nas rochas e nos muros, Gn 49. 17; Nm 21. 6; Pv 30. 19; Ec 10. 8; Am 5. 19. As serpentes venenosas que morderam os filhos de Israel no deserto, e lhes deram a morte, Nm 21. 6, eram de uma espécie que se encontra na Arábia e em outros lugares, cujas picadas produzem uma inflamação semelhante à queimadura, acompanhada de sede ardente. Veja *Serpente de Metal*. A serpente tentadora do Éden era cobra comum, um dos animais do campo, notável pela subtileza e perícia em segurar a presa. Tendo participado na queda do homem, Deus a amaldiçoou, Gn 3. 1, 14. Eva não via senão uma serpente, mas o diabo estava dentro dela, como depois se meteu nas criaturas humanas e nos porcos, dominando-lhes e comunicando-lhes a sua astúcia sobrenatural, e foi assim que se aproximou de Eva, Sab. 2. 24; Jo 8. 44; Rm 16. 20; 2 Co 11. 3; Ap 12. 9. Veja *Satanás*. A serpente recebeu o castigo como o recebem outras criaturas inocentes, quando se fazem instrumentos do pecado, Lv 20. 15, 16. Já antes de ser amaldiçoada andava de rastos sobre a terra, mas agora este modo de locomoção, juntamente com o pó que lhe serve de sustento, converteram-se em sinais de sua degradação. Nada sofre com isso, a não ser quando é pisada e morta pelo homem. Quanto mais conhecemos que o espírito maligno é que dominava a serpente, tanto mais ódio lhe votamos.

2. Espécie de serpente que em hebreu se chama *pethen*, Sl 91. 13. Ver *Cobra*.

SERPENTE DE METAL

Imagem de uma serpente, feita de metal, e levantada por Moisés no deserto na ocasião em que os israelitas foram mordidos pelas serpentes venenosas. Todos que olhassem para a serpente de metal com fé nas promessas de Deus, eram curados, Nm 21. 8, 9. Posteriormente fizeram uso dela como uma deusa pelo que o rei Ezequias a quebrou e a chamou neustã, que quer dizer, pedaço de bronze, 2 Rs 18. 4. Jesus, predizendo a sua crucifixão, explicou o sentido espiritual deste símbolo, comparando-se à serpente de metal, Jo 3. 14, 15.

SERRA

Instrumento dentado, que serve para cortar madeira e pedras, 1 Rs 7. 9; Is 10. 15. As vítimas das perseguições ferozes eram às vezes serradas pelo meio, Hb 11. 37. Davi trouxe os amonitas de Rabá, e os mandou serrar, e que passassem por cima deles carroças ferradas e que os fizessem em pedaços com cutelos, 2 Sm 12. 31; 1 Cr 20. 3. Este ato de excepcional severidade da parte de Davi é inteiramente estranho a tudo quanto se conhece de seu caráter. A mudança da letra *resh* para *mem* no verbo empregado na citação de Crônicas, e de *resh* para *daleth*, no livro de Samuel, acima citados, muda o sentido, de modo a entender-se que Davi exigiu que os cativos lhe prestassem serviços com as serras, carroças e cutelos. As serras usadas pelos egípcios tinham um só cabo e as fôlhas eram feitas de bronze presas ao cabo ou amarradas como correias. Os dentes das serras eram em geral inclinados para o lado da mão. A madeira era posta perpendicularmente e serrada de cima para baixo. Os assírios usavam serras com dois cabos com fôlhas de ferro.

SERUQUE, *Rebento*.

Nome de um dos filhos de Reú, pai de Naor, e antecessor de Abraão, Gn 11. 20, 23; 1 Cr 1. 26; Lc 3. 35.

SERVO

Pessoa que serve, tradução do hebreu *ebed*. É termo geral, compreendendo o que serve voluntàriamente e o que é obrigado a servir, desde o escravo prisioneiro de guerra, ou adquirido por compra, até ao ministro de um rei, e ao que serve a Deus, Gn 39. 1 com 41. 12; 40. 20; Êx 32. 13; At 16. 17. Os orientais empregam sistemàticamente este termo, sempre que se dirigem a um superior ou a Deus, Gn 32. 4, 20; 50. 18; Dt 3. 24; 2 Sm 9. 2; Lc 2. 29; At 4. 29. Aplica-se também aos povos conquistados e compelidos a pagar tributos ao conquistador, 2 Sm 8. 2. Deus chama de servos às suas criaturas que o adoram, Gn 26. 24; Nm 12. 7; 2 Sm 7. 5. Veja *Ministro, Escravo*.

SERVO DE JEOVÁ

Nome que se dá a todo que reconhece a Jeová como seu Deus, e de acordo com o valor do termo, que fielmente faz a sua vontade, como Abraão, Sl 105. 6. Moisés, v. 26, Davi, Sl 132. 10, Isaías, Is 20. 3. A palavra servo ocupa lugar proeminente nos capítulos 40 a 66 do livro de Isaías. A maior parte dos modernos comentadores são de parecer que o servo de Jeová mencionado nestes capítulos é Israel. Algumas vezes o pensamento do profeta fixa-se sobre a nação, outras vezes, sobre a parte do povo consagrado ao Senhor, outras, ainda, sobre aquele verdadeiro israelita que é Cristo. Para refutar outras idéias, basta dizer o seguinte: 1. O servo mencionado no cap. 53 refere-se ao Messias, conforme entendem os Targuns judaicos. 2. O profeta Zacarias parece dizer que o renovo a que se refere como servo do Senhor, é uma expressão familiar de Jesus Cristo, que há de tirar a iniqüidade da terra em um só dia, Zc 3. 8-10; cp. Jr 23. 5-8. 3. A descrição feita no capítulo 53 de Isaías somente se explica referindo-se a Cristo.

O intérprete do cap. 53 de Isaías deve ter sempre em mente, os seguintes fatos: 1. Quando êste capítulo foi escrito, os hebreus possuíam noções exatas de seus deveres, Gn 39. 9; 2 Sm 12. 5-13; Is 6. 5-7; cp. Sl 32 e 51. 2. O povo crente, em geral, reconhecia os seus pecados e sentia-se responsável pelos crimes nacionais e pela desobediência às leis de Deus, deixando de corresponder aos fins de sua vocação para serem servos de Deus entre os homens. Os melhores dentre os israelitas sentiam profundamente esta verdade, Ne 1. 6, 7; Dn 9. 5-11, 20. Israel era uma unidade solidária em todas as suas partes componentes: os pecados de uma parte do povo arrastavam consigo toda a nação, Dt 21. 1, 7, 8; Js 7. 11, 13, 15, 25; Jz 20. 6, 10, 13. 3. Quando êste cap. 53 de Isaías foi escrito, os israelitas tinham perfeito conhecimento do simbolismo referente a expiação. Os críticos que dão esta profecia como produção de Isaías, acreditam geralmente que o livro de Levíticos já existia séculos antes; outros críticos dão este capítulo como produto dos tempos do exílio, posterior a Ezequiel e escrito muito depois que o sistema sacrificial estava em uso. A profecia foi proferida quando as verdades referentes ao perdão que Deus concedia depois de uma punição reparadora, Is 40. 2, ainda que a simples punição do pecado, ou compensação de uma injúria, não bastasse para absolver o pecador. Para isso, eram necessárias a punição, a restituição e a purificação, Is 4. 3, 4; 6. 6, 7; 53. 10; Lv 5. 14-16; Nm 5. 5-8; Sl 51. 2, 7. 4. A doutrina da substituição também era bem conhecida, delineada nos vv. 5, 6, 11, 12, do cap. 53 e publicàmente ilustrada no dia anual da expiação, Lv 16. 20-22. 5. Para cumprir estas condições e satisfazer ao credo de Israel, o servo de Jeová devia ter merecimentos bastantes para substituí-lo, para se identificar com ele a fim de poder representá-lo diante de Deus, e que nele estavam cumpridas todas as suas obrigações; e ao mesmo tempo êste servo de Jeová deveria ser distinto de Israel para não participar das suas culpas e não ter obrigação de as expiar por si mesmo. Todas estas qualidades dão bem a perceber que somente uma pessoa divina poderia exercer as funções do servo do Senhor, descritas no cap. 53 de Isaías.

SERVOS DE SALOMÃO

Certas pessoas cujos descendentes se associaram aos natineus. Trezentos e noventa e dois de ambas as classes resolveram voltar do cativeiro com Zorobabel, Ed 2. 55-58; Ne 7. 57-60. Alguns

destes exilados tinham nomes de feição estrangeira. Parece que procediam daqueles cananeus de várias tribos, que Salomão havia escolhido em número de trinta mil para trabalharem nas obras do templo, 1 Rs 5. 13-18; 9. 21. Veja *Natineus*.

SERVOS ver EMISSÁRIOS

SESÃ

Nome de um homem de Judá, da família de Hesrom, da casa de Jerameel, 1 Cr 2. 31. Só teve filhas, uma das quais êle deu em casamento a um escravo egípcio, vv. 34. 35.

SESAI, *Alvacento*.

Nome de um filho de Enaque, ou de família dêste nome, residente em Hebrom e dali expulso por Calebe, Nm 13. 32; cp. 33; Js 15. 14.

SESAQUE

Segundo antigas tradições, esta palavra emprega-se em lugar de Babel, Jr 25. 26, construída sob o sistema *atbbash*, pelo qual as letras do alfabeto eram contadas tanto na ordem regular de sua seqüência, como na inversa. Quando se desejava a cifra de um nome, as suas consoantes eram substituídas pelas letras que tinham o mesmo número na contagem inversa. B é a segunda letra do alfabeto hebreu e *s* ou *sh*, é a segunda a contar do fim; l é duodécima letra a contar do princípio, e *k* é a duodécima, a contar do fim. Portanto, a cifra para Babel era *Sheshak*. É possível que não existisse nenhuma cifra neste nome, e neste caso seria êle a designação de um quarteirão da cidade, talvez *Shish-ku* (Lauth, Delitzsch).

SESBAZAR

Nome de um príncipe de Judá a quem Ciro nomeou governador, e a quem fez entrega dos vasos sagrados que Nabucodonosor havia levado para Babilônia. Sesbazar, chegando a Jerusalém, lançou os fundamentos do templo, Ed 1. 8-11; 5. 14-16. O nome deste príncipe é evidentemente o nome babilônico de Zorobabel, como Baltazar era o nome de Daniel.

SETAR-BOZENAI

Nome de um oficial persa, que juntamente com outros, tentou impedir que os judeus vindos do cativeiro, reedificassem o templo de Jerusalém, Ed 5. 3, 6; 6. 6.

SETE

Sete é um dos algarismos empregados nos processos de calcular, sem ligação alguma com assuntos religiosos. Era contudo, número considerado sagrado pelos hebreus e por outros povos da raça semítica, entre os quais se contam os arianos da Pérsia e até mesmo os gregos, Ilíada 19. 248. Este caráter religioso perde-se na noite dos tempos. Encontra-se este número na descrição do templo da Sabedoria, Pv 9. 1; nas sete tranças da cabeleira de Sansão, consagrado a Deus, Jz 16. 13, 19; nas vítimas que eram sacrificadas pela violação do pacto, 2 Sm 21. 6, 9; em o número das pedras que os antigos árabes cobriam com o sangue das partes que faziam tratados, Heród. 3. 8; nas sete cordeiras que serviram para atestar o tratado entre Abraão e Abimeleque, Gn 21. 28-30; nas palavras hebraicas empregadas no juramento e na santificação do sétimo dia da semana. A idéia de que o número sete deriva o seu caráter sagrado da soma do número três, mais o número quatro, é pura fantasia. Considera-se número sagrado porque Deus o empregou na contagem dos luminares postos no firmamento: o sol, a lua e os cinco planetas; as fases da lua renovam-se de sete em sete dias. Todos estes fenômenos servem para confirmar a sagração do número sete. Deus abençoou o dia sétimo e o santificou. Não precisávamos mais do que isto para considerarmos sagrado este número. O número doze não alcançou os foros de número sagrado, não obstante o Senhor ter dividido o ano em doze meses, os doze signos do zodíaco e fazer o sol conformar-se a este no seu curso, e a voltar à primavera logo que terminam os doze meses lunares, cada um dos quais se assinala pelas quatro fases da lua. O homem observou estes fenômenos desde os mais remotos tempos, adaptou-os à sua vida diária, entraram no seu código de linguagem e prestou-lhes honras religiosas. Em Babilônia serviu para um sistema de numeração denominada duodecimal na Assíria; o panteão abrigava doze grandes deuses. Apesar de tudo isto, o número doze não conseguiu as honras de número sagrado, mas o sete chegou a ser número sagrado, e o sétimo dia também, acompanhado de uma bênção. Desde tempos remotos foi tido como dia de bênçãos divinas para o homem, no qual Deus lhe manifestava os seus favores. Veja *Sábado*.

SETE², *Designado*.

Nome de um dos filhos de Adão, 1 Cr 1. 1, que lhe nasceu depois da morte de Abel, de quem, em certo sentido, foi substituto, Gn 4. 25; 5. 3. Foi pai de Enos e morreu quando tinha 912 anos de idade, Gn 5. 6-8; Lc 3. 38.

SETE³, *Tumulto*.

Nome aplicado aos moabitas por serem promotores de guerras e de tumultos, Nm 24. 17.

SETE-ESTRELO. Filhas da navegação, estrelas que indicam pela sua altura o tempo de se navegar com segurança, talvez este nome dê a idéia de grupo compacto.

A palavra hebraica *Kimah* é o nome de uma estrêla brilhante, ou de uma constelação, Jo 9. 9; 38. 31; Am 5. 8. Na opinião da maior parte dos escritores antigos, refere-se às Plêiades, que os árabes dizem *Thurayya*, ou grupo compacto. As Plêiades formam um grupo de estrêlas localizado na constelação do Touro. Por alguma razão que nos é desconhecida, os antigos diziam Sete-estrelo, e como somente se contam seis estrêlas no grupo, é de presumir que uma delas desapareceu. Em noites claras, apenas seis se podem ver a olho nu. Com o auxílio do telescópio se divulgam dezenas de estrêlas. Josefo costumava servir-se do ocaso das Plêiades para determinar o tempo, Antig. 13. 8, 2.

SETUR, *Escondido*.

Nome de um espia que representava a tribo de Aser, Nm 13. 13.

SEVA, *Vaidade*.

1. Nome de um homem de Judá, da família de Hesrom, da casa de Calebe. Foi antecessor dos habitantes de Macbena e de Gibeá, 1 Cr 2. 49.

2. Nome de um escriba do reinado de Davi, 2 Sm 20. 25.

SEVENE. Do egípcio *sun*, que dá entrada.

Nome de uma cidade, que assinalava o limite extremo do Egito em uma direção dependente da tradução de Ez 29. 10; 30. 6. Se, como é provável, a tradução preferida for "desde Migdol até Sevene"; neste caso, a cidade fica ao sul do Egito e nos limites da Etiópia, e vem a ser a Sevene dos romanos, que é a moderna Assouã, ao lado do Egito e ao pé da primeira catarata, onde se encontram ruínas de uma antiga cidade. Aí, ou na ilha que lhe fica ao lado, estacionava uma guarnição de soldados, Heród. 2. 30. Na ilha, desde os tempos da conquista persa, a colônia judaica mantinha um templo a Jeová (Elephantine papyri).

SEXTÁRIO, *Profundidade*.

Medida de capacidade usada entre os judeus para medir o azeite, Lv 14. 10, 12, 15, 21, 24. Diziam os rabinos que esta medida era igual a doze hins, equivalente à 720ª parte de ômer.

SIAÁ, *Assembléia*.

Nome de uma família de natineus. Alguns de seus membros voltaram do cativeiro com Zorobabel, Ed 2. 44; Ne 7. 47.

SIÃO, *Lugar seco, banhado pelo sol*.

1. Nome de um dos montes sobre que estava

edificada a cidade de Jerusalém. Aparece a primeira vez no Antigo Testamento, como fortaleza dos jebuseus. Davi apoderou-se dela e mudou-lhe o nome para o de cidade de Davi, 2 Sm 5. 7; 1 Cr 11. 5. Para ali conduziu ele a arca e desde esse tempo aquele monte ficou sendo monte sagrado, 2 Sm 6. 10-12. A arca foi removida dali para o templo pelo rei Salomão, 1 Rs 8. 1; 2 Cr 3. 1; 5. 2. O templo estava no monte Moriá, e, portanto, distinto do monte Sião. Sôbre qual dos dois era o Monte de Sião, veja *Jerusalém*, parágrafo: topografia.

2. Depois da construção do templo sobre o monte Moriá e a transferência da arca para ele, o nome Sião compreendia também o templo, Is 8. 18; 18. 7; 24. 23; Jl 3. 17; Mq 4. 7. Serve isto para explicar a razão por que em o Antigo Testamento a palavra Sião aparece entre cem e duzentas vezes, e o monte Moriá, uma só vez, 2 Cr 3. 1, ou quando muito duas vezes, Gn 22. 2.

3. A palavra Sião emprega-se muitas vezes em referência a toda a cidade de Jerusalém, 2 Rs 19. 21; Sl 48; 69. 35; 133. 3; Is 1. 8; 3. 16; 4. 3; 10. 24; 52. 1; 60. 14.

4. No período dos macabeus, o monte sobre o qual estava o templo era distinto da cidade de Davi, 1 Mac 7. 32, 33.

5. A igreja judaica, e bem assim o seu regime político eram conhecidos pelo nome de Sião, Sl 126. 1; 129. 5; Os 33. 14; 34. 8; 49. 14; 52. 8.

6. O céu descrito em Hb 12. 22, e em Ap 14. 1, tem o nome de Sião.

SIBECAI

Nome de um homem de Husati, e um dos valentes de Davi, notável por haver matado o filisteu Safe, da raça dos gigantes, 1 Cr 11. 29; 2 Sm 21. 18. Nesta última passagem tem o nome de Sabocai. Comandou uma divisão do exército destacada para servir no oitavo mês, 1 Cr 27. 11. Em 2 Sm 23. 27, tem o nome de Mebonai.

SIBMA, *Frescura.*

Nome de uma cidade, destinada à tribo de Rúben, Nm 32. 38; Js 13. 19, e que depois reverteu para Moabe. Era notável pelas suas vinhas, Is 16. 8, 9; Jr 48. 32. A forma masculina é Sebã, Nm 32. 3. Segundo S. Jerônimo, estava situada a meia milha distante de Hesbom. Não identificada. Conder julga ser a atual Sumia, a 3 milhas a noroeste de Hesbom.

SIBOLETE, CHIBOLETE, *Rio, corrente.*

O dialeto local dos efraimitas caracterizava-se pela ausência do som palatal sibilante *sh* no começo das palavras, e pelo emprego do lingual sibilante *s* em seu lugar. Quando Jefté, à frente dos homens de Gileade, havia derrotado os de Efraim, e ocupado as passagens do Jordão, muitos dos que haviam sido derrotados vinham ao rio, procurando passar pelos vaus. Os de Gileade perguntavam se eram de Efraim e eles negavam. Dizei chibolete, ordenavam os de Efraim, e quando pronunciavam sibolete, eram mortos sem mais cerimônia. Jz 12. 5, 6.

SIBRAIM, *Esperança.*

Nome de um lugar ainda não identificado, que segundo Ez 47. 16, estava entre os confins de Emate e de Damasco, ao norte de Canaã.

SICAR

Nome de uma cidade de Samaria, nas vizinhanças da terra que Jacó deu a seu filho José e perto do poço a que deu o nome, Jo 4. 5; cp. Gn 48. 22. Supunha-se a princípio que a palavra Sicar era alteração do vocábulo *Shechem*, ou alcunha que lhe deram depois de ser ocupada pelos samaritanos. Havia também quem dissesse que a palavra Sicar se derivava do hebreu *sheker*, que quer dizer falsidade, ou de *shikkor*, embriagado. Sabe-se hoje que se achava situada onde existe a aldeia Ascar, na encosta oriental do monte Ebal, um pouco ao norte do poço de Jacó.

SICIOM

Nome de uma cidade do Peloponeso, Heród. 5. 48, no golfo de Corinto, 10 milhas a noroeste da cidade do mesmo nome. A velha Sicion que se achava no porto foi abandonada no ano 303 A. C. e os seus habitantes transferidos para a nova cidade, fundada a duas milhas para o interior da costa, em um lugar que garantia a sua defesa natural. Esta cidade entrou na liga de Acaia em 251 A. C. Cinqüenta anos depois, manifestou-se amiga dos romanos e assim continuou durante outros cinqüenta anos. No ano 146 quando se deu a destruição de Corinto, pelo general romano Mummius, recebeu larga porção do terreno conquistado, inclusive a direção dos jogos ístmos. Conservou-se nesta posição saliente por mais de um século, até a reconstrução de Corinto que passou a ser colônia do império romano. O senado de Roma no ano 139 A. C. enviou uma carta à cidade de Sicion, mencionada em 1 Mac. 15. 23.

SICLO

Pêso empregado para avaliar o valor dos metais, Gn 24. 22; 1 Sm 17. 5, 7. Em tempos remotos, esta quantidade de prata fundida em barra, serviu de padrão para as transações comerciais, Gn 23. 15, 16. Quando se fêz o arrolamento do povo, cada um de vinte anos para cima, dava meio siclo em resgate de sua pessoa, Ex 30. 14. O valor de um siclo corresponde a 65 cents. de um dólar. Entre 141 e 140 A. C. no quarto ano do sacerdócio de Simão Macabeu, Antíoco VII, que ainda não era rei da Síria, mas já no exercício de autoridade, concedeu-lhe licença para cunhar moeda em seu nome; desde esse tempo começaram a circular as moedas de prata de um siclo e de meio siclo. Veja *Dinheiro.*

SICÔMORO

Espécie de figueira, que os hebreus chamavam *shikmah* e os gregos *sukomorea*, muito abundante nas terras baixas de Judá, 1 Rs 10. 27; 1 Cr 27. 28; 2 Cr 1. 15; 9. 27, no vale do Jordão, Lc 19. 4, e nas terras cultivadas do Egito, Sl 78. 47. A madeira do sicômoro, apesar de inferior ao cedro, empregava-se nas construções, Is 9. 10. O *Ficus sycomorus* sobe de 25 a 50 pés de altura. As folhas têm a forma de coração e são felpudas pelo lado de baixo. Costumavam plantá-los à beira dos caminhos por causa da sua agradável sombra, cp. Lc 19. 4. As frutas crescem em grupos sobre os galhos a começar do próprio tronco, donde se estendem para os braços superiores. Não servem para comer enquanto não derem sinais de madureza, e só depois da saída dos insetos que os atacam, cp. Am 7. 14.

Não se deve confundir o sicômoro com o sicâmoro, *Platanus occidentalis*, não mencionado na Bíblia. Ver *Amoreira.*

SICOR, *Negro túrbido.*

O Nilo, Is 23. 3; Jr 2. 18. O braço oriental do rio Nilo ao lado de Pelusium, estava na divisa do Egito para os lados de Canaã, Js 13. 3; 1 Cr 13. 5. Veja *Rio do Egito*, 1. Muitos comentadores dizem qeu Sicor é o nome de um ribeiro do Egito, o *wady el-Arish*, Js 13. 3. Segundo a opinião de Brugsch, dava-se a princípio este nome a um canal que ficava no limite oriental do Egito, paralelo ao braço de Pelusium.

SICROM, *Embriagues.*

Nome de uma cidade situada no extremo norte da tribo de Judá, Js 15. 11. Situação ignorada.

SICUTE

Esta palavra encontra-se em Am 5. 26. Tida como nome próprio, corresponde a *Sakkut*, designação dada pelos babilônios ao planêta Saturno, que também denominavam *Kaiman.*

SIDE

Nome de uma cidade marítima, situada na costa oriental da Panfília da Ásia Menor. Entre-

tinha estreitas relações comerciais com Aradus na Fenícia e conferiu o título de Sidetes a Antíoco VII, que se educou ali. A esta cidade, o Senado Romano enviou cartas a favor dos judeus, 1 Mac 15. 23.

SIDIM, *Lados.*

Nome de uma cidade fortificada da tribo de Naftali, Js 19.35. O Talmude chama a esta cidade *Kefar Chittai*, que tem dado lugar a supor-se que seja a atual *Hatim*, situada a 5 milhas e meia ao norte de Tiberíades e a menos de meia milha ao norte dos celébres Cornos de Hatim.

SIDOM

Nome de uma antiga cidade dos cananeus, Gn 10. 15, situada na costa do mar, a 22 milhas de Tiro. No décimo quinto século A. C. esteve sujeita ao Egito. Homero dá-lhe grande relevo, referindo-se sempre a ela e nunca à cidade de Tiro. Fala de Sidom e dos sidônios como sinônimo de Fenícia e fenícios. Ficava no limite norte de Canaã, em sentido restrito, Gn 10. 19. O território de Sidônia era vizinho da tribo de Zebulom, 49. 13, e entestava com a tribo de Aser, Js 19. 28, que nesta passagem e no cap. 11. 8, se denomina a grande Sidom. A tribo de Aser não conseguiu expulsar os cananeus desta posição, Jz 1. 31. No governo dos juízes, os sidônios oprimiram os israelitas, 10. 12. Estes por sua vez passaram a adorar os deuses dos sidônios, v. 6, cujo principal deles era Baal, que simbolizava o sol, 1 Rs 16. 31 O objeto principal de adoração era a deusa Astarté, símbolo da fertilidade, 11. 5, 33; 2 Rs 23. 13. Etbaal, rei dos sidônios, era pai de Jezabel, mulher de Acabe, rei de Israel, 1 Rs 16. 31. Isaías profetizou a ruína de Sidom e a transferência de seus habitantes para Quetim, que é Chipre, Is 23. 12.

Por algum tempo esteve sujeita ao domínio de Tiro, Antig. 9. 14. 2. Em 701 A. C., submeteu-se a Senaqueribe, rei da Assíria. Em 678 foi destruída por Assaradom. Jeremias profetizou que ela seria subjugada por Nabucodonosor, rei de Babilônia, Jr 27. 3, 6, e Ezequiel denunciou os juízos de Deus sobre ela, por ter sido um tropeço de amargura para a casa de Israel, Ez 28. 21, 22. O profeta Joel acusa os sidônios de terem, em companhia de outros, saqueado Jerusalém, levando prata e ouro, e vendendo os filhos de Judá e os filhos de Jerusalém, aos filhos dos gregos, Jl 3. 4.6. No ano 526 A. C., Sidom submeteu-se a Cambises, filho de Ciro, rei dos persas. Os sidônios forneciam madeiras aos judeus para a reconstrução do templo por Zorobabel, Ed 3. 7. Rebelou-se contra Artaxerxes Oco, rei da Pérsia, em 351 A. C. sendo então destruída. Sacudindo o jugo persa, em 333, abriu as portas a Alexandre, o Grande. No ano 64 passou para o domínio romano Gente de Sidom veio à Galiléia para ouvir a palavra de Jesus e presenciar os seus milagres, Mc 3. 8; Lc 6. 17, etc. Jesus visitou esta região e talvez mesmo tivesse entrado na cidade, Mt 15. 21; Mc 7. 24-31. Herodes Agripa II estêve irritado contra os de Tiro e de Sidom, porém foram pedir-lhe paz, "porque das terras do rei é que o seu pai tirava a subsistência", At 12. 20. O apóstolo S. Paulo tocou no porto de Sidom, indo prisioneiro para Roma, 27. 3. Desde os tempos do Novo Testamento que esta cidade tem passado por várias vicissitudes. A moderna cidade chama-se Saida, situada sobre um promontório que se estende pelo mar fora. O antigo porto era formado por uma linha de arrecifes paralela à praia Em parte foi ele obstruído com pedras e terra por *Fakhr ed-Din*, governador dos drusos no décimo sétimo século. Existe um muro de proteção pelo lado fronteiro à terra. A parte superior, onde se acha a cidadela, fica para a banda do sul. A cidade é cercada de jardins e pomares, mas tem pouco comércio que se tem desviado para Beirute. A população avalia-se entre 5 a 10 mil habitantes. Encontram-se nos seus arredores algumas colunas de granito quebradas e vários sarcófagos, inclusive o famoso sarcófago de Esmunazar, retirado dos túmulos da vizinhança.

Porto de Sidom

SIFI, *Abundante.*

Nome de um simeonita, filho de Alom, 1 Cr 4. 37.

SIFMITA

Pessoa natural ou habitante de Sifomote, 1 Cr 27. 27.

SIFMOTE

Nome de um lugar que Davi visitou durante a sua peregrinação e a cujos moradores enviou despojos tomados em Ziclague, 1 Sm 30. 28; cp. 1 Cr 27. 27. Local ignorado.

SIFRÁ, *Esplendor.*

Nome de uma das parteiras dos hebreus no Egito, que desobedeceu à ordem de Faraó, conservando a vida dos meninos ao nascerem, Ex 1. 15.

SIFTÁ, *Judicial.*

Nome de um efraimita, pai de Quemuel, Nm 34. 24.

SIGAIOM, *Singular.*

SIGIONOTE, *Plural. Errante.*

Têrmo musical empregado no título do Sl 7 e em Hc 3. 1. Ode ditirâmbica, irregular, entusiasta.

SIGNOS DO ZODIACO, CONSTELAÇÕES

Aspecto cintilante do firmamento, Jó 38. 32. Os revisores da versão inglesa dizem à margem que este luzeiro, ou *Mazzaroth*, são os signos do Zodíaco, equivalente à palavra hebraica *Mazzaloth*, em 2 Rs 23. 5. A passagem paralela em Jó 9. 9 faz lembrar a constelação do hemisfério sul, aquele grupo de pontos luminosos localizado entre as estrelas. Tal é a idéia sugerida pela palavra original, *Mazzoroth*.

SILA, *Cesto.*

Nome de um lugar ignorado perto de Milo, 2 Rs 12. 20.

SILAS, *Contração do nome Silvanus.*

Distinto membro da igreja apostólica de Jerusalém. Em companhia de S. Paulo, foi a Antioquia levar aos cristãos desta cidade as decisões do concílio de Jerusalém, At 15. 22, 27, 32. Quando o apóstolo dispensou a companhia de Marcos, na segunda viagem missionária, partindo com Barnabé, escolheu a Silas para fazer parte de sua missão, v. 40. Ambos foram encarcerados em Filipos, 16. 19, 25, 29. Silas achava-se em companhia de Paulo, quando se levantou o tumulto contra êles em Tessalônica, 17. 4. Retirando-se Paulo para a parte do mar, Silas e Timóteo ficaram ali, v. 14. Ambos tiveram de seguir para Atenas acudindo a um chamado urgente de Paulo, v. 15, mas parece que não subiram com ele senão depois de chegar a Corinto, 18. 5. Nesta cidade, Silas prestou valioso auxílio ao trabalho de Paulo, 2 Co 1. 19. A mesma pessoa familiarmente designada pelo nome de Silas nos Atos, tem o nome de Silvano nas epístolas. O seu nome aparece, juntamente com o de Paulo e Timóteo nas duas epístolas aos Tessalonicenses, 1 Ts 1. 1; 2 Ts 1. 1. Possivelmente, é ele o mesmo Silvano que foi portador da primeira epístola de S. Pedro, 1 Pe 5. 12.

SILÊM, *Retribuição.*

Nome de um dos filhos de Naftali, e fundador de uma família tribal, Gn 46. 24; Nm 26. 48. Salum é sinônimo de Silêm, e mais usado, 1 Cr 7. 13.

SILÍ, *Armado com dardo.*

Nome do pai de Azuba, mãe de Josafá, 1 Rs 22.42.

SILIM, *Arma de arremesso.*

Nome de uma cidade no extremo sul de Judá, Js 15. 32.

SILO, *Tranqüilidade, repouso.*

Nome de uma cidade, ao norte de Betel, ao sul de Lebona, ao oriente do caminho que vai de Betel a Siquém, Jz 21. 19, e, portanto, dentro do território de Efraim. Foi ali onde os filhos de Israel se ajuntaram e levantaram o tabernáculo do testemunho, Js 18. 1, e onde se fez a demarcação das terras e se lançaram as sortes, 19. 51; 22. 9. Em Silo se congregaram todos os israelitas das tribos ocidentais do Jordão, para pelejarem contra as tribos estabelecidas ao oriente do mesmo rio, v. 12. No tempo dos juízes celebrava-se ali uma festa anual a Jeová, Jz 21. 19; 1 Sm 1. 3, em uma das quais, os benjamitas roubaram para suas mulheres as donzelas que dançavam tantas quantos eles eram, Jz 21. 16-23. No tempo do pontífice Heli e durante os primeiros anos da vida de Samuel, ainda existia ali o tabernáculo e a arca, Jz 18. 31; 1 Sm 1. 9, 24; 2. 14, 22; 3. 3-21; 4. 3-4; 14. 3. A tomada da arca pelos filisteus queria significar que o Senhor havia abandonado Silo, Sl 78. 60; Jr 7. 12, 14; 26. 6, 9. O pacto feito no Sinai, do qual a arca e o ritual serviam de garantia, fora suspenso. Quando a arca voltou de novo, devolvida pelos filisteus, não ficou mais em Silo, 1 Sm 6. 21; 7. 1, 2; 2 Sm 6. 2, 11, 17. A obra regeneradora e a restauração dos privilégios do pacto começou com Samuel. O profeta Aías que havia anunciado a Jeroboão a sua próxima grandeza, morava em Silo, para onde se dirigiu a mulher do rei, a fim de saber o futuro acêrca de seu filho enfermo, 1 Rs 14. 2, 4. Silo continuou a ser habitada pelo menos até ao tempo de Jeremias, Jr 41. 5. Robinson identificou-a com Seilun, situada a 10 milhas a nordeste de Betel e cujas ruínas se encontram em um vale rodeado de montanhas. As encostas do estreito vale, estão semeadas de muitos sepulcros. Um fio de límpidas águas corre pela vizinhança.

Existem três interpretações da palavra Silo, ou *Shiloh*, virtualmente incluída na difícil passagem de Gn 49. 10, a saber: 1. *Shiloh* é nome próprio que designa o Messias, e refere-se às disposições pacíficas de seu reino. 2. *Shiloh*, quer dizer lugar de tranqüilidade, nome da cidade central da Palestina, onde se colocou o tabernáculo logo depois da conquista de Canaã por Josué, Js 18. 1, 3. *Shiloh* não é nome próprio, nem palavra de simples formação: é palavra composta do pronome relativo *she*, da preposição *l* e do sufixo pronominal da terceira pessoa do masculino, *oh*. A mesma forma do sufixo ocorre duas vezes no v. seguinte. Esta frase tem sido interpretada como significando "aquilo que é seu", "cujo ele é", ou "o seu próprio." A segunda destas três significações é a que melhor corresponde a Ez 21. 27, mas não é gramaticalmente admissível; e a primeira, considerada como objetiva, "ele virá para o que é seu", é gramaticalmente difícil, porque uma cláusula objetiva relativa com um antecedente indefinido, é precedida por uma preposição, ou pelo sinal do acusativo. Esta concepção da palavra como frase, é antiga e foi adotada pelos tradutores das antigas versões, tais como, a dos Setenta, os Targuns de Onkelos e a de Jônatas, a Siríaca e a de S. Jerônimo. A primeira e a terceira das interpretações referem-se expressamente ao Messias. Na segunda, há referências às bênçãos do pacto, as quais os profetas revelaram pertencer, em sua plenitude, aos tempos do Messias. Rúben comprometeu os direitos de sua primogenitura por causa de seu proceder irregular, Gn 49. 4; 35. 22. Simeão e Levi incorreram nas justas censuras de seu pai, 49. 5-7; 34. 30; e Judá tomou o lugar de primogênito e se tornou representante da tribo e o herdeiro das bênçãos do pacto feito com Abraão e à sua semente, 49. 8.

A promessa que Deus fez à semente da mulher, 3. 15, as bênçãos do favor divino centralizadas na pessoa de Sem, 9. 26, 27, a conseqüente centralização das bênçãos do pacto na família de Abraão, cap. 17, daqui em diante pertenciam exclusivamente a Judá, herdeiro e possuidor dos direitos da primogenitura. Por ele, conforme a primeira e a terceira interpretação referidas, as prerrogativas de que era possuidor, passariam para um dos seus, um da sua tribo, o homem da paz, a quem os povos dariam obediência e em quem se concentrariam todas as bênçãos do pacto. Esta interpretação, com muitas modificações de minúcias e considerando o cetro como emblema da realeza ou o símbolo do mando em geral, vê-se clara-

mente representada no texto das versões inglesas. Esta deve ser essencialmente a verdadeira interpretação; porque a cidade de Silo não compreende as condições históricas, e não há razão alguma pela qual Jacó, não falando em revelação especial, poderia julgar que Silo iria ser o futuro centro de adoração, nem que Judá teria o lugar de honra entre as demais tribos, antes que o tabernáculo fosse levantado em Silo, exceto se alguma circunstância especial lhe desse o bastão de mando, enquanto o povo marchava para Canaã, a fim de erguer suas tendas em frente do tabernáculo. A chefia estava a princípio nas mãos de Moisés, da tribo de Levi. Os príncipes de Rúben não viam isto com bons olhos. Depois da morte de Moisés, até ao tempo em que o tabernáculo se ergueu em Silo, o bastão de mando estêve nas mãos de Josué, da tribo de Efraim.

É mais natural considerar o nome Silo, nesta passagem, designando a cidade, porque é nesta acepção que ele se emprega em tôda parte, e deste modo, as palavras de Jacó se entendem fàcilmente. Esta é a idéia predominante entre todos que negam ser o patriarca Jacó quem proferiu as palavras referidas, afirmando que elas contêm uma profecia já realizada. Porém, o discurso de Jacó não é produção de um velho profeta, comentando a história passada das doze tribos, e pondo nos lábios de Jacó, seu antecessor, as suas reflexões; porque as descrições não combinam com o estado atual das cousas em qualquer período da história nacional (veja para exemplo o v. 13 e o artigo *Zebulom*). Os que acreditam na legitimidade do discurso, sustentam que as palavras se referem a Silo como cidade, para explicar como Jacó chegou a usar o nome, e como Moisés, o levita, e Josué, o efraimita, podiam guiar o povo, enquanto ainda o cetro pertencia a Judá. O argumento de Delitzsch pode ser ampliado. Sem dúvida que Silo já existia nos tempos dos patriarcas. Jacó antevia o regresso final de seu povo para Canaã, Gn 15. 13-16; 46. 3, 4; 48. 21, e emprega êste nome, que significa lugar de tranqüilidade como presságio do futuro, deleitando-se com êste nome, como Esaú se comprazia com o nome de Jaco, e Miquéias com os nomes das cidades de Judá. Não importava que Deus destinasse homens de outras tribos para servirem em emergências especiais, uma vez que os direitos de primogenitura e os privilégios que lhe eram inerentes, pertenciam a Judá. Tudo isto se confirma pela posição que ocupava à frente dos exércitos e pela localização de suas tendas defronte do tabernáculo, e pela multiplicação de seus descendentes, de modo que ela possuía mais povo do que as outras tribos, durante os quarenta anos da viagem pelo deserto. Verifica-se ainda que a primeira das sortes na distribuição da terra conquistada, saiu à tribo de Judá. A vinda de Jacó à cidade de Silo, ele a não julgava necessária. O cumprimento de suas palavras tinha mais sentido literal do que a expressão das cousas que esperava: tinha simplesmente em vista a posse tranqüila da terra prometida. A ereção do tabernáculo em Silo, cidade que Josué teria preferido por causa das palavras de Jacó, marcava o primeiro passo da realização da promessa. Chegava novo período da história de Israel. A conquista estava completa, a herança era dêle e a posse estava começada, e o descanso havia também começado. Judá, na posse de seus direitos de primogenitura, havia chegado ao lugar de sua tranqüilidade em Canaã, conseguindo a obediência dos povos, e agora estava pronto a gozar da possessão conquistada, Gn 49. 10-12. As palavras não querem dizer que ao chegar a Silo, o cetro seria tirado; devem ser entendidas em harmonia com as palavras de Is 43. 4: "Não será triste, nem turbulento, até que estabeleça na terra a sua justiça." Isto não quer dizer que o servo a que se referem estas palavras, estava sujeito a desanimar na sua obra. Do mesmo modo, Jacó quer dizer que os privilégios conferidos pelo direito de primogenitura, centralizados no pacto abraâmico, não seriam transferidos até que Judá tivesse alcançado as bênçãos prometidas com a posse da Canaã, e só então entraria no gozo delas. Abre-se para ele novo período. Deus lhe havia destinado o primeiro lugar entre as tribos, e seria ela a primeira em entrar em luta contra os cananeus na terra da conquista. Foi também a primeira chamada para a guerra contra Benjamim para castigar o seu pecado. O primeiro e único libertador do povo de Israel, durante o período dos juízes, saiu da tribo de Judá, Jz 3. 7-11. Saul, que era da tribo de Benjamim, à semelhança dos juízes, foi chamado para ser o libertador de Israel, 1 Sm 9. 16; 10. 5, e poderia conservar a coroa na sua família, 13. 13, 14; 15. 23, 26, 28, se não fora o pecado, do mesmo modo por que Rúben perdeu os direitos de primogenitura, e Judá a permanência do trono. A obediência dos cananeus, a posse da terra, o gozo de sua fertilidade, eram apenas o tipo dos triunfos messiânicos incluídos nas bênçãos do pacto. À medida que os tempos se completavam, a realidade ia aparecendo. Os profetas deliciavam-se considerando as verdades sobre os últimos dias, quando todas as nações subiriam ao monte da casa do Senhor, porque de Sião sairá a lei e de Jerusalém a palavra do Senhor. "Ele julgará as nações e arguirá a muitos povos." "Das suas espadas forjarão relhas de arados, e das suas lanças, foices; não levantará a espada uma nação contra outra, nem daí por diante se adestrarão mais para a guerra." "Cada um estará assentado debaixo de sua parreira, e debaixo de sua figueira, e não haverá quem os intimide, porque assim o disse pela bôca sua o Senhor dos Exércitos", Is 2. 2-4; Mq 4. 1-5; Jl 3. 9-21.

SILOÉ, *Enviado*, referindo-se especialmente à água que vinha pelo aqueduto.

Nome de um tanque existente em Jerusalém, Jo 9. 7, o mesmo Siloé, cujas águas correm em silêncio, referido por Is 8. 6; a piscina de Siloé ao longo do jardim do rei de que fala Ne 3. 15. Diz Josefo que o tanque de Siloé estava situado na extremidade do vale dos vendedores de queijos, perto de uma curva do velho muro por baixo de Ofel, Guerras 5. 4, 1, 2. O nome Siloé existe sob a forma *Birket Silwan*, nome este de um tanque que ocupa o lugar do antigo; é reservatório de 58 pés de comprimento por 18 de largo e 19 de profundidade, construído de pedra, cujo lado ocidental se acha quase destruído. A nascente fica na parte superior em uma escavação feita na rocha, justamente na extremidade do túnel aberto para trazer a água da Fonte da Virgem. Do reservatório inferior, a água corre como um pequeno riacho, atravessa o caminho e vai irrigar os jardins do vale de Cedrom.

Em 1880 descobriu-se uma inscrição de seis linhas nos muros do túnel. Deu com ela um moço que havia entrado lá pelo tanque de Siloé. A inscrição era feita em caracteres de puro hebreu, que parece pertencer ao tempo de Acaz ou de Ezequias. Uma parte das três primeiras linhas acha-se destruída pelo tempo, e em certos lugares não se podem bem reconstruir com certeza os caracteres. Apesar disso, o sentido é perfeitamente claro. Descreve como foi que os trabalhadores, começando a escavação nos dois extremos opostos do túnel, se vieram a encontrar. Diz assim: "Eis como se fez a escavação. À medida que os mineiros se aproximavam uns dos outros, e quando ainda faltavam três cúbitos para se encontrarem, ouviam as vozes de um e outro lado, que passavam por uma fenda da rocha à mão direita... E no dia em que se encontraram a picareta de um bateu na do outro do lado contrário. E a água correu desde a fonte até ao tanque 1.200 cúbitos; à profundidade de 100 cúbitos acima da cabeça dos mineiros"

A torre de Siloé que caiu sobre dezoito homens e os matou, Lc 13. 4, provavelmente era algum penhasco de Ofel, perto de Siloé. Ver *Jerusalém*.

SILONITA

1. Designação de pessoa natural de Silo, ou morador nela, 1 Rs 11. 29.

2. Nome de um membro da família tribal de Salé, Ne 11. 5.

SILSA, *Trio.*

Nome de um aserita, filho de Sufa, 1 Cr 7. 37.

SILVANO — Ver *Silas* — 2 Co 1. 19; 1 Ts 1. 1; 2 Ts 1. 1; 1 Pe 5. 12.

SIM

1. Cidade e fortaleza do Egito, Ez 30. 15, 16. Os Setenta dizem *Sais*, que nunca foi grande fortaleza. A Vulgata diz *Pelusium*, que era a chave do Egito, grandemente fortificada. Não se podia entrar no Egito pelo lado de nordeste sem primeiro tomar esta cidade. O nome Sim faz lembrar a palavra Sun, a *Syene* dos gregos e a moderna Assuã da primeira catarata do Nilo. A ordem da enumeração das cidades do Egito, a contar do sul para o norte como se acha em Ez 30. 16-18, favorece esta identificação.

SIM

2. Nome do deserto por onde passaram os israelitas quando saíram de Elim depois de deixarem a terra do Egito, e se acamparam em Rafidim, Ex 16. 1; 17. 1; Nm 33. 11-12. Identificação disputada. O lugar preferido é entre Debete *er-Ramleh*, ou planície de areia, no interior da península nas raízes do *Jebel et-Tih* e na planície deserta *el-Markhah* na costa do mar. Se fôr aqui, então os israelitas, tendo deixado este lugar, continuaram a sua jornada ao longo da costa, penetrando depois no interior pelo *wady Feiran*.

SIMALCUE

Nome de um árabe que educou o jovem Antíoco, filho de Alexandre Balas, 1 Mac 11. 39. Nas Antig. 13. 5, 1, chama-se Malcus. Este nome, sem dúvida, contém a palavra árabe *malik*, rei.

SIMÃO[1]

Nome de um homem registado na tribo de Judá, 1 Cr 4. 20.

SIMÃO[2], *Audição*, Simão e Simeão, dois modos de representar o vocábulo hebraico *Shimon*, Simeom.

1. Nome do filho segundo do sacerdote Matatias, também chamado Tassi, que talvez signifique diretor ou guia, 1 Mac 2. 3, em siriaco Tarsi. Este Simão junto com seus irmãos simpatizou com a atitude de seu pai na revolta contra a intolerância religiosa dos sírios, v. 14. Considerando-o como o melhor e mais sábio dos filhos, seu pai, estando para morrer, nomeou-o conselheiro da família, mas conferiu a autoridade militar a Judas, irmão mais novo de Simão, vv. 65, 66, que serviu no exército sob as ordens de Judas, e comandou um exército para auxiliar os judeus de Galiléia, 5. 17, 20-28. Depois da morte de Judas, Jônatas assumiu a direção do governo e nomeou a Simão comandante das tropas que operavam na costa, 11. 59; 12. 33, 34. Quando Jônatas foi prêso por Trifom, Simão assumiu a direção da guerra, como sendo o último dos irmãos remanescentes da família dos macabeus, 13. 1-9. Imediatamente procedeu à conclusão das fortificações de Jerusalém e assegurou a posse de Jope, 10, 11. Quando Trifom invadiu a Judéia, Simão perseguiu-o, 20, e quando Trifom abandonou o país, Simão reconstruiu as fortificações da Judéia, 33. Também aliou-se com Demétrio II, rival de Trifom e alcançou dele o reconhecimento da independência da Judéia, 142 A. C. vv. 34-42. Depois sitiou e capturou Gezer (Gaza), 43-48. Na primavera do ano 141, submeteu a cidadela síria de Jerusalém, 49-52. Seguiu-se um período de paz, durante o qual, Simão aplicou as suas energias à administração interna, a desenvolver o comércio e a agricultura, 14. 4-15. Embelezou o túmulo da família em Modim, onde havia depositado os restos mortais de seu irmão Jônatas, 13. 25-30. Roma e Esparta renovaram a liga com êle, 14. 16-24; 15. 15-24. Os judeus o reconheceram como sumo sacerdote, capitão e chefe, 13. 42; 14. 41, 42, 47; 15. 1, 2, e no ano 140 A. C. autorizaram-no a usar a púrpura, 14. 43, 44. Antíoco Sidetes, nas vésperas de vir para a Síria, a fim de auxiliar a causa de Demétrio, que se achava ausente, contra Trifom, fez concessões a Simão e deu-lhe autoridade para cunhar moedas, 15. 6, mas depois separou-se dele e exigiu que lhe entregasse Jope, Gaza e a cidadela de Jerusalém, 26-31. Simão recusou-se seguindo-se a guerra, 138-7. A. C., mas os sírios foram vencidos. No princípio da primavera de 135 A. C. quando visitava as cidades por ele conquistadas, foi traiçoeiramente assassinado no castelo de Doque, perto de Jericó, por seu genro, 16. 14-16.

2. Nome do pai de Judas Iscariotes, Jo 6. 71, que também tinha o mesmo apelido de Iscariotes, 13. 26.

3. Simão Pedro, o apóstolo de Jesus, Mt 10. 2; At 15. 14. Veja *Pedro*.

4. Simão, chamado Zelador, nome de um dos doze apóstolos, Lc 6. 15; At 1. 13.

5. Nome de um dos irmãos do Senhor, Mt 13. 55; Mc 6. 3.

6. Nome de um fariseu que deu um banquete a Jesus em sua casa, e onde uma mulher pecadora ungiu os pés do Senhor, Lc 7. 36-50.

7. Nome de um morador de Betânia. Havia sido leproso e talvez fosse curado por Jesus. Quando Jesus estava à mesa em sua casa, Maria, irmã de Lázaro, ungiu-lhe os pés com precioso bálsamo, Mt 26. 6-13; Mc 15. 3-9; Jo 12. 1-8. Marta servia, e Lázaro era um dos que estavam à mesa. A presença de Lázaro e de suas irmãs e a parte ativa que elas tomaram, e bem assim o fato de a casa de Simão achar-se na mesma povoação de Betânia, dão a entender que êste Simão era parente ou amigo íntimo de Lázaro e de suas irmãs. Não há motivo para se pensar que êle fôsse pai ou esposo de Maria. É mais provável que fosse marido de Marta. Veja *Marta*.

8. Nome de um homem de Cirene que foi constrangido a levar a cruz de Cristo. Era pai de Alexandre e de Rufo, Mt 27. 32.

9. Nome de um feiticeiro, conhecido por Simão Mago, que havia exercitado a mágica em Samaria enganando o povo, dizendo que ele era grande homem, a quem todos davam ouvidos, dizendo: "Este é a virtude de Deus, a qual se chama grande." Este homem teve uma conversão aparente por instrumento de Filipe, o evangelista, que o batizou. Posteriormente tentou obter o dom do Espírito Santo por meio de dinheiro, a fim de poder também impor as mãos e transmitir o poder santificador. S. Pedro o repreendeu severamente, declarando que o seu coração não era reto diante de Deus; que estava em fel de amargura e prêso aos laços da iniqüidade. Simão recebeu com brandura esta repreensão e pediu ao apóstolo que rogasse por ele para que não viesse sôbre si tudo quanto havia dito, At 8. 9-24. Teve medo, mas não consta que se houvesse arrependido.

A tradição eclesiástica diz que este Simão voltou novamente a exercer a feitiçaria e foi grande e persistente antagonista do apóstolo Pedro, acompanhando-o de um lugar para outro e procurando opor-se às suas doutrinas, mas sendo constantemente confundido. Dizem que foi ele um dos fundadores do gnosticismo. Existem notícias contraditórias quanto ao modo de sua morte.

10. Nome de um curtidor de peles, residente em Jope, em cuja casa se hospedou o apóstolo S. Pedro, At 9. 43; 10. 6, 17, 32.

11. Nome de um cristão, profeta ou doutor, residente em Antioquia, o qual tinha por apelido Níger, talvez por ser de raça africana, At 13. 1.

SIMEÃO[1], *Audição.*

1. Nome do segundo filho de Jacó com sua

mulher Lia, Gn 29. 33. Em companhia de seu irmão Levi, massacrou os moradores de Siquém por causa da ofensa de um deles contra Dina, sua irmã, Gn 34. 24-31. Quando um dos filhos de Jacó estava a ponto de ficar prisioneiro do Egito como refém para garantir a volta dos irmãos, trazendo a Benjamim, José mandou que ligassem a Simeão, Gn 42. 24. Nas finais declarações de Jacó, quando estava para morrer, refere-se às injustiças de Simeão e Levi contra os moradores de Siquém e anuncia que, por causa disso, os dois irmãos haviam de ser divididos em Jacó e espalhados em Israel, Gn 49. 5-7.

2. Nome da tribo de que Simeão, filho de Jacó, foi o progenitor. Teve Simeão seis filhos: Jamuel, Jamim, Aode, Joaquim, Sobar e Saul. À exceção de Aode, todos os outros foram chefes de famílias tribais, Gn 46. 10; Nm 26. 12-14; 1 Cr 4. 24. O príncipe da tribo nos tempos da peregrinação pelo deserto, foi Salamiel, filho de Surisadai, Nm 1. 6; 2. 12; 7. 36-41; 10. 19, e mais tarde, Samuel, filho de Amiúde, 34. 20.

Quando se fez o primeiro arrolamento do povo no deserto, a tribo contava 59.300 homens de guerra, 1. 23; 2. 13, e no segundo, tinha apenas 22.200, 26. 12-14. O representante da tribo na comissão enviada para o reconhecimento da terra de Canaã, chamava-se Safate, filho de Huri, 13. 6. Moisés, antes de morrer, abençoou as tribos, mas deixou de mencionar explicitamente o nome de Simeão, Dt 33. Esta omissão explica-se talvez pela construção artificial do poema. Moisés precisava de contar doze tribos, e formou dois grupos de seis a contar pela ordem dos nascimentos, colocando os filhos das duas mulheres de Jacó, no primeiro grupo, e os das duas escravas, no segundo grupo.

Lia 3	Escrava de Lia 1
Raquel 3	Escrava de Raquel 2
Lia 2	Escrava de Lia 1

O primeiro grupo contém oito, omitindo o nome de Simeão; e o segundo grupo, justamente a metade de oito. O primeiro grupo subdivide-se em três grupos menores, começando pelos três filhos mais velhos de Lia e terminando com os dois últimos, e pondo, no centro, os três filhos de Raquel. O segundo grupo obedece às mesmas disposições. Começa pelo primogênito da serva de Lia e termina pelo segundo filho da mesma serva entre os quais se encontram os dois filhos da serva de Raquel. As bênçãos pronunciadas sôbre estas tribos estão implicitamente compreendidas em uma bênção sobre todo o Israel, Dt 33. 2-5, 25-29. A tribo de Simeão não tem menção particular por achar-se espalhada em Israel, Gn 49. 5-7. Igual punição estava reservada à tribo de Levi, que de algum modo, teve remédio em acontecimentos posteriores que lhe deram lugar distinto entre as demais tribos. Depois da morte de Moisés, a tribo de Simeão não teve parte na divisão da terra, senão no território de Judá. Apesar de não ser individualizada, nem por isso deixou de participar das bênçãos invocadas sôbre as demais tribos. Os rubenitas achavam-se implicitamente compreendidos na bênção geral pronunciada sobre Israel, que serviu de início e de encerramento ao poema. A tribo de Simeão foi uma das que estiveram sôbre o monte Gerizim para abençoar o povo, Dt 27. 12. Quando se fez a distribuição da terra de Canaã, por meio das sortes, a segunda sorte saiu aos filhos de Simeão, cuja herança lhes tocou no meio da herança dos filhos de Judá, no extremo sul da terra, Js 19. 1, 2, 9. As duas tribos fizeram causa comum contra os cananeus, Jz 1. 1, 3, 17. Entre as cidades simeonitas contavam-se Berseba, Ziclague e Hormá ao sul, Js 19. 2-9. No reinado de Ezequias, os simeonitas deitaram abaixo as tendas de Cão e mataram os habitantes que se acharam ali. Quinhentos homens dentre os filhos de Simeão passaram ao monte de Seir e desbaratataram os restos dos amalequitas que puderam escapar, e habitaram ali em seu lugar, 1 Cr 4. 24-43. Acredita-se que, ultimamente, grande parte da tribo desapareceu. Contudo, nas profecias de Ezequiel, ela aparece na lista dos donatários da futura Canaã, e nas visões do Apocalipse, encontram-se 122.000 assinalados da tribo de Simeão, Ez 48. 24, 25, 33; Ap 7. 7.

3. Nome de um dos antecessores de Cristo que viveu depois de Davi, e antes de Zorobabel, Lc 3. 30.

4. Nome de um sacerdote da família de Joaribe e antecessor dos Macabeus, 1 Mac 2. 1.

5. Nome de um homem reto e bom a quem o Espírito Santo revelou que não veria a morte, sem ver primeiro ao Cristo do Senhor. Chegando ao templo, quando José e Maria haviam ali entrado com o menino, Simeão, reconhecendo nele o Messias prometido, disse: "Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo segundo a tua palavra", e profetizou o que havia de acontecer a Maria por causa deste menino, Lc 2. 25-35.

SIMEÃO[3], *Que ouve a oração ou responde a ela.*

Nome de um dos filhos de Herém, induzido por Esdras a lançar fora sua mulher estrangeira, Ed 10. 31.

SIMEATE, *Rumor.*

Nome de uma mulher amonita, mãe de um dos assassinos do rei Josias, 2 Rs 12. 21.

SIMEATITAS

Família de cineus, descendentes do fundador da casa de Recabe, e residente em Jabes, 1 Cr 2. 55.

SIMEI, *Famoso.*

1. Nome de um dos filhos de Gérson e neto de Levi. Fundou uma das subdivisões da família tribal de Gérson, Ex 6. 17; Nm 3. 18, 21; 1 Cr 23. 7, 10; Zc 12. 13.

2. Nome de um levita da família de Merari, da casa de Mooli, 1 Cr 6. 29.

3. Nome de um simeonita, provavelmente da família de Saul. Teve dezesseis filhos e seis filhas, 1 Cr 4. 24-27.

4. Nome de um levita, filho de Jete, da família de Gérson, 1 Cr 6. 42.

5. Nome de um benjamita, chefe de uma família estabelecida em Aijalom, 1 Cr 8. 21. No v. 13 tem o nome de Sema.

6. Nome de um levita da família de Gérson e chefe de uma das subdivisões da família Ledã, que mais tarde também foi subdivisão da casa de Libni, 1 Cr 23. 9.

7. Nome de um levita, chefe da décima classe dos cantores no reinado de Davi, e evidentemente filho de Jedutum, 1 Cr 25. 3, 17.

8. Nome de um homem de Romati, encarregado das vinhas do rei Davi, 1 Cr 27. 27.

9. Nome de um benjamita, filho de Gera, da família do rei Saul, que havia perdido o trono. Quando viu a Davi com o seu séquito, descendo o monte das Oliveiras por ter Absalão ocupado a cidade de Jerusalém, julgou-se com direito a insultar o rei deposto em linguagem por demais insultuosa. Davi perdoou-lhe a ofensa, porém, mais tarde Salomão o mandou matar, 1 Rs 2. 44-46, por haver desobedecido às suas ordens.

10. Nome de um dos aderentes de Davi e Salomão, durante a usurpação de Adonias, 1 Rs 1. 8. Era filho de Ela, governador de Salomão no território de Benjamim, 4. 18.

11. Nome de um rubenita, 1 Cr 5. 4.

12. Nome de um levita, filho de Hemã, que auxiliou a purificação do templo no reinado de Ezequias, 2 Cr 29. 14-16. Pode ser identificado com o seguinte:

13. Nome de um levita, irmão de Conenias, no reinado de Ezequias, e que tomava conta dos dízimos e das primícias, 2 Cr 31. 12.

14 Nome de um benjamita, filho de Quis e antecessor de Mordecai, Et 2. 5.

15. Nome de um homem, pertencente à família real de Judá e irmão de Zorobabel, 1 Cr 3. 19.

16, 17, 18. Nome de três homens, um dêles, levita; outro, filho de Hasom e o terceiro, filho de Bani, que, induzidos por Esdras, lançaram fora suas mulheres estrangeiras, Ed 10. 23, 33, 38.

SIMEIA, *Afamado.*

1. Nome de um levita da família de Merari da casa de Mooli, 1 Cr 6. 30.

2. Nome de um levita da família de Gérson. 1 Cr 6. 39, 44.

3. Nome de um irmão do rei Davi, 2 Sm 13. 3; 1 Cr 20. 7. Em 1 Sm 16. 9 e 17. 13 aparece com o nome de Sama, com a queda de uma letra do alfabeto hebraico, ou por haver mudança de nome, com significado mais nobre, passando de "desolação" para "fama", depois que foram os israelitas libertados do poder dos filisteus. Esta última conjetura é muito provável, como no caso de Icabode que era nome memorável.

4. Nome de um filho de Davi. Veja *Samua.*

5. Nome de outro Samá, soletrado em hebreu de modo diverso, 1 Cr 8. 32.

6. Nome de um benjamita, filho de Miclote residente em Jerusalém, 1 Cr 9. 38; 8. 32.

SINABE

Nome de um dos reis de Admá, derrotado por Quedorlaomer, Gn 14. 2, 8, 10.

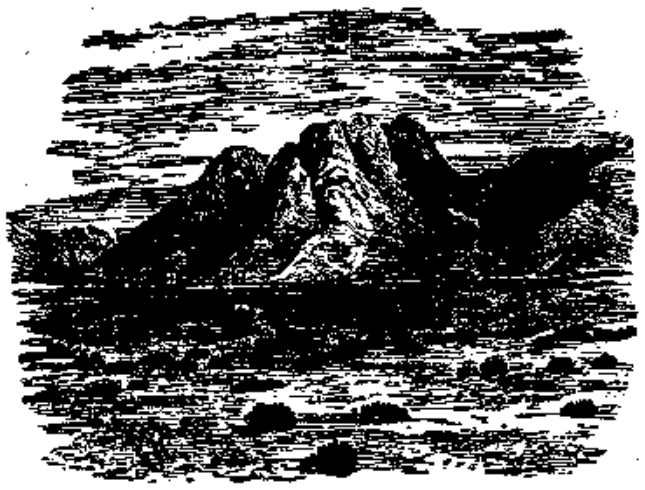
SINAGOGA, *Assembléia.*

Lugar destinado à oração. As sinagogas serviam também para o funcionamento dos tribunais e para escolas. Antes do cativeiro as práticas religiosas de elevada categoria somente eram celebradas no templo de Jerusalém. A lição das Escrituras fazia-se publicamente em qualquer lugar, Jr 36. 6, 10, 12-15. O povo tinha liberdade de procurar instrução em casa dos profetas, onde quer que estivessem, 2 Rs 4. 36. Enquanto durou o cativeiro em Babilônia, era impossível assistir ao culto no templo de Jerusalém, e por isso foram-se erguendo sinagogas em diversas partes, dentro e fora da Judéia. Na sinagoga não se ofereciam sacrifícios: liam-se as Escrituras e fazia-se oração. No Antigo Testamento não se encontram referências a estes lugares de adoração. Desde o primeiro século da era cristã que há notícias da existência de sinagogas nos lugares onde havia judeus. Até mesmo em pequenas localidades fora da Palestina, encontram-se sinagogas, como em Salamina, na ilha de Chipre, At 13. 5, Antioquia da Pisídia, 14, Icônio, 14. 1, Beréia, 17. 10. Nas grandes cidades, como Jerusalém e Alexandria, 6. 9, havia muitas sinagogas. Estas comunidades religiosas, mantinham existência separada do estado. Contudo, os seus negócios civis e religiosos eram subordinados às leis do país em que viviam, Antig. 19. 5-3. Um corpo de anciãos dirigia os negócios da sinagoga e da comunidade religiosa por ela representada, Lc 7. 3, 5. Os principais encarregados da direção do culto, mantenedores da ordem e que tomavam conta das cousas temporais, eram os seguintes: 1. O príncipe da sinagoga, At 18. 8. Em algumas sinagogas havia vários chefes em exercício, 13. 15; Mc 5. 22. O príncipe é quem presidia ao culto. A leitura das Escrituras, as orações e as exortações, At 13. 15, eram feitas por membros para esses fins designados, sob responsabilidade do príncipe, Lc 13. 14. Os atos de culto não eram exercidos por oficiais permanentes para isso destinados, e sim por membros particulares que manifestavam aptidões. Jesus leu as Escrituras na sinagoga de Nazaré, 4. 16, e muitas vezes entrava nelas para ensinar, Mt 4. 23. Os chefes da sinagoga de Antioquia de Pisídia, convidaram a Paulo e Barnabé a fazer exortações, ao povo, At 13. 15. 2. Além do príncipe da sinagoga, havia oficiais de categoria inferior, encarregados de entregar o livro da lei a quem o ia ler, e pô-lo outra vez no seu lugar. Estes oficiais também executavam as penas impostas pelo tribunal aos delinqüentes, Lc 4. 20. 3. Os encarregados de administrar as esmolas, cp. Mt 6. 2. 4. Os homens ricos da congregação, em número indeterminado, representavam a comunidade nos dias de culto, que se reunia em cada sábado para adorar a Deus, At 15. 21, e também no segundo e quinto dia da semana para ouvir ler as Escrituras. Os homens tomavam assentos separados das mulheres. Um dos membros da sinagoga é quem fazia oração. Consistia principalmente na leitura de Dt 6. 4-9; 11. 13-21; Nm 15. 37-41, e em repetir algumas, ou todas as dezoito orações e bênçãos. O povo ficava em pé durante as orações, Mt 6. 5; Mc 11. 25, e todas as pessoas presentes diziam Amém, quando terminavam. A leitura da lei fazia-se, At 15. 21, por diversos assistentes, cada um dos quais lia um parágrafo alternadamente; começava e terminava com ação de graças. Seguia-se uma lição dos profetas que era lida pela mesma pessoa que abria o serviço com oração. Depois da leitura fazia uma exposição sobre ela, ou o leitor, ou qualquer outra pessoa presente, Lc 4. 16-22; At 13. 15. O culto terminava com a bênção, pronunciada por um sacerdote, se havia algum presente; e a congregação dizia, Amém. Os judeus denominavam a sinagoga de casa das reuniões. Existem ruínas de antigas sinagogas em *Tell Hum* de Galiléia, que parece ser o antigo local de Cafarnaum, em *Irbid, Kefr Birim, Nebartein* e em alguns outros lugares. Eram construções retangulares, voltadas para o norte e para o sul, tinham uma porta larga no centro e duas menores, uma de cada lado na parte sul. O interior dividia-se em cinco naves formadas por quatro ordens de colunas. Os ângulos do lado setentrional tinham duas colunas uma de cada lado. Em *Tell Hum,* as colunas são ornadas de capitéis coríntios; e em *Irbid* são um misto de coríntio e iônico. As lumieiras das portas centrais geralmente eram ornamentadas com representações de folhas de parreira com cachos de uva. Nas ruínas da sinagoga de *Nebartein* vê-se a representação do candeeiro do templo, com uma inscrição; na de *Kefr Birim,* uma figura que parece ser do cordeiro pascoal, e em *Tell Hum,* vê-se também a mesma figura e com ela a do vaso que guardava o maná. O espaço destinado aos assistentes continha uma estante, ou púlpito onde se liam as Escrituras, um armário para guardar os rolos dos livros e alguns assentos destinados às pessoas mais ricas da congregação e aos anciãos. Mt 23. 6; Tg 2. 2, 3. Os lugares mais distintos ficavam próximos do armário onde se guardava a lei. Os homens ocupavam lugares separados das mulheres. Havia lugares reservados onde se aplicavam os castigos decretados pelas autoridades da sinagoga, Mt 10. 17; At 22. 19. A grande sinagoga é o nome de um concílio, organizado por Neemias no ano 410 A. C. formado de 120 membros (*Megilloth* 17, 18). Esdras era o presidente. Os profetas transmitiam a esta corporação a lei de Moisés (*Pirke aboth,* 1. 1). Simão o Justo, que morreu no ano 275 A. C., foi um dos últimos membros dêste concílio que foi substituído pelo sanedrim, 10. 1. A sua função principal era reorganizar o culto religioso entre os que voltavam do cativeiro e coligir os livros canônicos. Tal é a tradição judáica a este respeito. A existência da grande sinagoga parece ter cessado, visto não haver mais notícia a seu respeito nos livros Apócrifos, nas obras de Josefo e nas de Filo, e nem mesmo consta nas Escrituras; mas, nem por isso, se deve rejeitar *intotum* a tradição. A grande sinagoga compunha-se provavelmente de escribas encarregados de resolver as questões teológicas; durou cêrca de século e meio, composta de 120 membros proeminentes entre os quais ocupavam lugar distinto todos os escribas de nomeada desde Esdras a Simão o Justo.

SINAI. Duas vezes Sinai, em At 7. 30, 38. Talvez pertencente a Sin, deus-lua.

Convento Santa Catarina

Nome de uma montanha, também chamada Horebe, aonde chegaram os israelitas, ao terceiro mês, depois da saída do Egito, passando por Mara, Elim e Mar Vermelho, Êx 19. 1. Era distante de Cadesbarnéia onze dias de jornada pelo caminho do monte Seir, Dt 1. 2. Na base desta montanha existia um deserto largo bastante para servir de alojamento aos israelitas, Êx 19. 2, e tão perto dela que podia ser tocada, v. 12, e cuja sumidade se avistava do acampamento, vv. 16, 18, 20. Do cimo deste monte foi proclamada a lei dos dez mandamentos, e na sua base foi ratificado o pacto que formou a nacionalidade hebraica, tendo a Jeová por seu rei, cap. 20. 1 até cap. 24. 8. Toda a legislação contida em Êx 20 até Nm 10, foi promulgada sobre o monte ou ao pé dêle de conformidade com a dupla exposição dela que temos, **Êx 24. 12; 31. 18; 34. 2; Lv 1. 1; 16. 1; 25. 1; 26. 46; 27. 34; Nm 1. 1; 9 1. O profeta Elias chegou até ao monte Horebe, quando fugia às ameaças de Jezabel, 1 Rs 19. 8.**



Planície er-Rahah

O professor Sayce localizava o monte Sinai nas fronteiras do monte Seir. É crença geral que se deve procurar nas montanhas interiores da península sinaítica. Desde os tempos de Euzébio que a tradição se pronunciou pelo monte Serbal, no *wady Feiran*, e desde Justiniano que se diz que o local do Sinai é o monte Jebel Musa. Nenhum dos dois que a tradição aponta merece crédito absoluto. O Serbal é o mais imponente dos dois; eleva-se a 6.712 pés de altura, visível a grande distância, mas não tem a seus pés deserto algum que mereça o nome de deserto do Sinai. Jebel Musa, faz parte de uma pequena cordilheira de formação vulcânica de duas milhas de comprimento na direção noroeste para sudeste. A cordilheira tem dois picos: o *Ras es-Sufsafeh*, ou pico dos salgueiros, na extremidade setentrional com 6.540 pés de altitude; e o Jebel Musa, que é o Sinai da tradição, situado no extremo meridional com a altitude de 7.363 pés. Alguns doutores, entre os quais se conta o sábio Tischendorf, são de opinião que a planície situada nas cabeceiras do *wady es-Sulaf*, ao oriente do Jebel Musa, deve ser o local onde se acamparam os israelitas mas a sua área é por demais limitada para acomodar tão grande multidão. A base do *Ras es-Sufsafeh* facejando o noroeste, consiste de uma esplanada muito íngreme, em cujo fim se acha a planície de *er-Rahah* de cerca de uma milha em quadra de comprimento, com os *wadis* adjacentes, *esh-Sheik* e *ed-Deir* inteiramente apropriados para um acampamento. A descrição bíblica obriga a perguntar se a lei foi dada sobre o Jebel Musa, ou sobre o *Ras es-Sufsafeh*, e qual das duas sumidades é o monte do Senhor, em contraste com o resto da cordilheira.

O mosteiro de Santa Catarina é um convento de monges gregos, situado na encosta oriental da montanha, que fica para baixo do Jebel Musa, no *wady ed-Deir* a 5.014 pés de altura sobre o nível do mar. Cercado de muralhas de granito, forma uma espécie de fortificação. Julga-se que foi o imperador Justiniano quem o mandou edificar no ano 527 A. D., em volta de uma torre que a rainha Helena, mãe de Constantino, havia antes mandado construir. Parece haver alguma confusão neste caso. O que afirma o secretário particular de Justiniano é que este imperador havia ordenado a edificação de um castelo no ano 530 com o fim de proteger os monges que habitavam naquela região. O mosteiro recebeu o nome de Santa

Catarina por ter sido ela submetida ao suplício das rodas e decapitada em Alexandria no ano 307. Dizem os monges que o seu corpo foi conduzido pelos anjos e depositado no ponto mais elevado do *Jebel Katherin*, 2 milhas e ¼ a sudoeste de Jebel Musa. Dizem ainda que a cabeça e uma das mãos, estão depositadas em um sarcófago de mármore na capela do mosteiro. Este convento foi destruído por várias vezes e reconstruído. A igreja de transfiguração é uma antiga basílica cristã com mosaicos do sétimo ou oitavo século. A parte mais antiga da igreja deve ser a capela da Sarça Ardente, colocada atrás da abside e no lugar onde se diz ter acontecido o memorável fato. A princípio existiam lá cerca de 400 monges; atualmente, calcula-se em 40 o número de monges que ali habitam. Os jardins abundam em figueiras, laranjeiras, oliveiras, amendoeiras, macieiras, abricoteiros, videiras e alguns velhos ciprestes. A sua biblioteca encerra valiosos manuscritos, principalmente em grego e árabe, e muitos outros em siríaco e em etíope. Em 1844 e 1859, Tischendorf encontrou ali o códice sinaítico datado de 400 A. D. Veja *Novo Testamento*. Em 1892, Mrs. Lewis descobriu também um manuscrito contendo o texto dos evangelhos siríacos escritos talvez em o quinto século. Veja *Versões*.

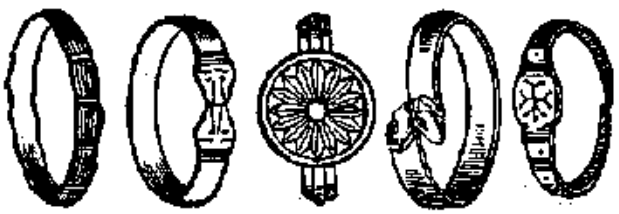
SINEAR, SINAR

1. Nome de um lugar em Babilônia, Gn 14. 1. As ruínas de Larsa, que formam o terrapleno de *Senkereh*, ao sul de Ereque, parecem apontar a sua posição antiga.

2. Nome de um país, onde se edificaram as cidades de Babel, Ereque, Calné, Gn 10. 10; 11. 2; Dn 1. 2. Segundo entendiam os hebreus, a terra de Sinear compreendia a planície de Babilônia. A mesma região talvez fosse conhecida dos semitas da Mesopotâmia do mesmo modo que conheciam *Shanhar*, como dizem as inscrições encontradas em *Tell el Amarna*. Nos tempos abraâmicos, Anrafel reinava em toda a terra de Sinear, ou pelo menos em grande parte dela, Gn 14. 1, 9. Alguns judeus foram levados cativos para lá, Is 11. 11; Zc 5. 11.

SINETE, ANEL, SELO

Anel ou cilindro em que se gravava o nome de seu possuidor, só ou com algum outro desenho, Ex 28. 11; Et 8. 8. Quando o sinete era feito em anel, traziam-no no dedo, ou pendurado ao pescoço, Gn 38. 18; Jr 22. 24. Estes sinetes serviam para a assinatura de cartas e de outros documentos, 1 Rs 21. 8; Ne 9. 38; Et 8. 8; Jr 32. 10, 44; Jo 3. 33. As impressões dos sinetes faziam-se no barro ainda mole, Jó 38. 14.



Anéis egípcios com sinete real

Os selos aplicavam-se a tudo quanto se queria guardar inviolável, tais como, cofres, túmulos, etc. Jó 14. 17; 41. 15; Dn 6. 17; Mt 27. 66; Ap 5. 1.

SINEU

Nome de uma tribo de cananeus, mencionada em Gn 10. 17. S. Jerônimo fala de um lugar chamado Sim, não distante de Arca, e Estrabão refere-se a uma fortaleza com o nome de Sina, existente no monte Líbano.

SINFONIA

É esta a tradução que se dá ao vocábulo de origem aramaica, *Symphoneyah* em Dn 3. 5, 7. 10, 15, na Versão Brasileira. A versão de Figueiredo no mesmo lugar traduz por viola, e as versões inglesas dizem *dulcimer* ou saltério. A palavra *Symphoneya* tem sua semelhança com o grego *symphonia* que em português se diz sinfonia, que vem a ser concerto de instrumentos músicos, cujos sons se confundem em um só.

SINRATE, *Vigilância.*

Nome de um benjamita, filho de Simei de Aijalom, 1 Cr 8. 21.

SINRI, *Vigilante.*

1. Nome de um simeonita, filho de Semaías, 1 Cr 4. 37.

2. Nome do pai de um dos valentes de Davi, 1 Cr 11. 45.

3. Nome de um levita, da casa de Merari, e filho de Hosa, 1 Cr 26. 10.

4. Nome de um levita, que viveu no reinado de Ezequias, e filho de Elisafã, da família de Coate, da casa de Oziel, 2 Cr 29. 13.

SINROM, *Guardião.*

1. Nome de um dos filhos de Issacar, e fundador de uma família tribal, Gn 46. 13; Nm 26. 24.

2. Nome de uma cidade dos limites de Zebulom, Js 11. 1; 19. 15. Não identificada. Entre outros lugares, julga-se ter existido no local de Semunique, a cinco milhas ao oriente de Nazaré.

SINROM-MEROM

Nome de uma cidade dos cananeus, cujo rei foi vencido e morto por Josué, Js 12. 20.

SINSAI, *Brilhante, luminoso.*

Nome de um dos escribas que escreveram a Artaxerxes Longímano, denunciando os judeus que estavam reconstruindo o templo, e os muros da Jerusalém, Ed 4. 8.

SÍNTIQUE, *Afortunada.*

Nome de uma mulher da igreja dos filipenses a quem S. Paulo fez exortação em carta dirigida à igreja, Fp 4. 2.

SIOM, *Destruição, ruínas.*

Nome de uma cidade da tribo de Issacar, Js 19. 19, cujas ruínas parecem existir em *Ayun esh-Shain*, a 3 milhas a noroeste do monte Tabor.

SIOM, *Elevado.*

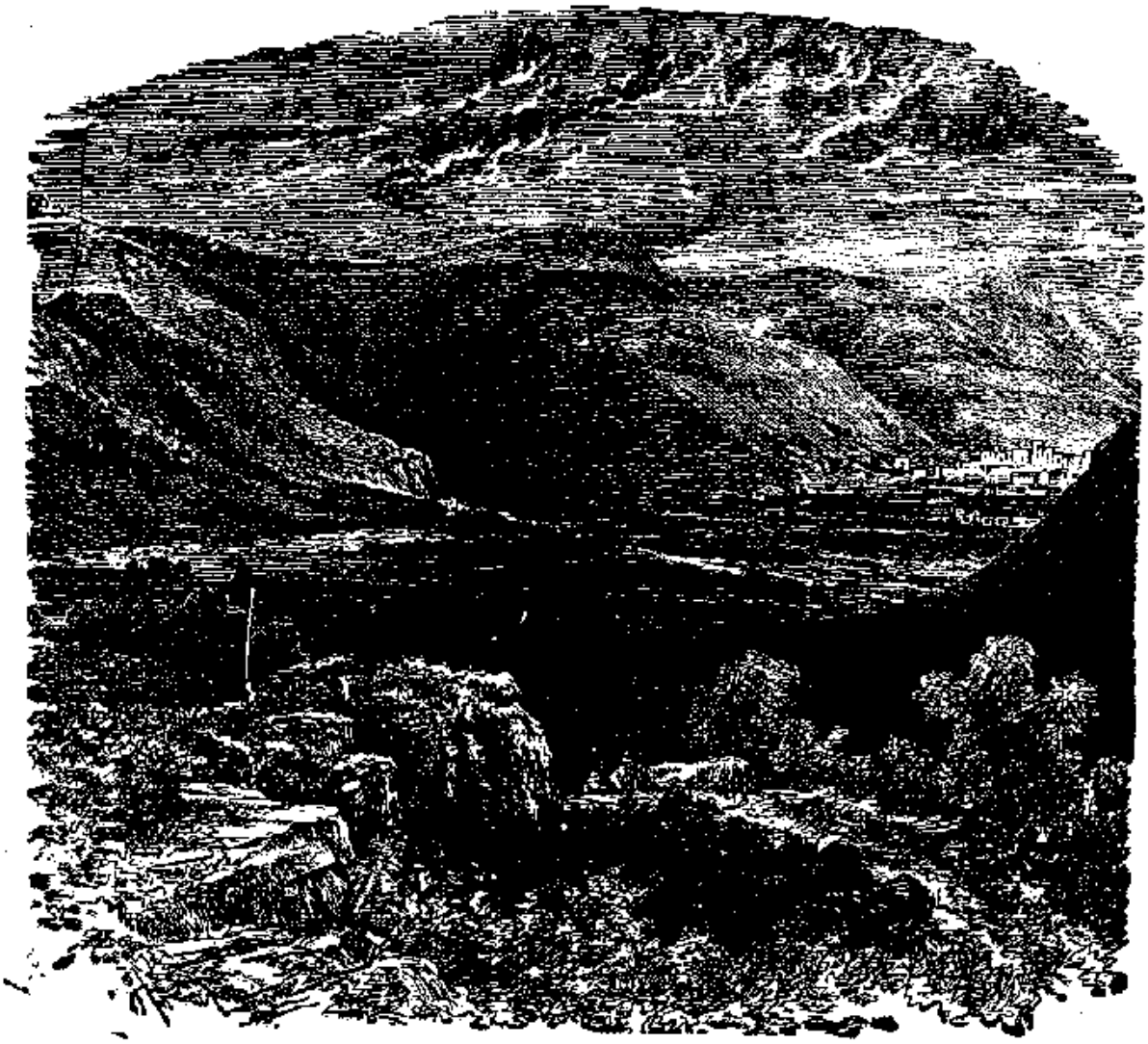
Nome aplicado ao monte Hermom, Dt 4. 48.

SIOR-LIBNATE, *Torrente escura de Libnate.*

Nome de um pequeno rio da tribo de Aser, Js 19. 26, nas vizinhanças do Carmelo. Crê-se atualmente que seja o Zerca, a 6 milhas ao sul de Dor, cidade de Asser.

SIQUÉM, *Espádua.*

1. Nome de uma cidade, situada nas montanhas de Efraim, Js 20. 7, perto da qual acampou o patriarca Abraão, Gn 12. 6. Encontrou ele os cananeus estabelecidos ali, mas Deus lhe anunciou que aquela terra seria herança e posse de seus descendentes; em ação de graças erigiu um altar ao Senhor que lhe tinha aparecido, 7. Jacó, chegando ali, encontrou a tribo de Hemor povo de heveus e tomou posição entre ele. Comprou de Hemor uma parte do campo, onde mais tarde sepultaram a José, 33. 18, 19; Js 24. 32. Em At 7. 16, Estêvão trocou o nome de Jacó pelo de Abraão. Simeão e Levi trucidaram os homens de Siquém, depois do que, assolaram a cidade em vingança de estrupo feito a sua irmã Dina, Gn 34. 25-27. Os irmãos de José apascentavam os rebanhos de seu pai em Siquém, 37. 12, 13. Perto desta cidade passavam as linhas divisórias entre as tribos de Efraim e Manassés, Js 17. 7. Fizeram dela uma das cidades de refúgio e patrimônio dos levitas, 20. 7; 21. 21. Nesta cidade Josué reuniu as tribos de Israel para despedir-se delas nas vésperas de sua morte, 24. 1. Depois da morte de Gideão, os filhos de Israel se rebelaram e se



Siquém e o Monte Gerizim

contaminaram com Baal, mantendo em Siquém, aliança com ele, Jz 8. 33. Nesta cidade residia a concubina de Gideão, cujo filho Abimeleque, por algum tempo, teve o auxílio de seus compatriotas na execução de seus planos políticos, sendo aclamado rei, 9, 1, 3, 6. Finalmente, os sequemitas rebelaram-se contra ele. Em represália, Abimeleque destruiu a cidade, 23, 45.

Roboão veio a Siquém e o povo de Israel foi a seu encontro para pedir-lhe que o aliviasse do peso do governo. Não sendo atendido, o povo constituiu rei a Jeroboão, sobre as dez tribos, 1 Rs 12. 1-19; 2 Cr 10. 1-19. O novo rei fortificou a cidade e fez dela a capital do novo reino, cp. I Cr 7. 28; 1 Rs 12. 25. Os salmos 60. 6; 108. 7, fazem referências a esta cidade, cuja existência se perpetuou até depois da tomada de Jerusalém, Jr 41. 5, como uma das principais de Samaria, Ecclus. 1. 26; Antig. 11. 8, 6. João Hircano a tomou, 13. 9, 1. Tem sido freqüentemente identificada com a Sicar do Novo Testamento, porém, as duas cidades, não obstante serem vizinhas, ocupam posições bem diferentes. Os gregos denominavam-na Neápolis, ou Cidade Nova. Guerras 4. 8, 1, nome este que, ao contrário dos outros nomes que haviam posto às antigas cidades dos hebreus, se enraizou e ainda existe sob a forma de Nablus ou Nabulus, Siquém ou Nabulus, está situada ao norte de Jerusalém na distância de 31 milhas e ½ e 5 ½ ao sudeste de Samaria, sôbre um terreno elevado, formando um vale entre o monte Gerizim ao sul e o monte Ebal ao norte. Por uma considerável extensão, ocupa a encosta setentrional deste último, de modo que uma parte da cidade se acha muito próxima às paredes aprumadas da montanha. As ruas são estreitas e ornadas de arcarias; e algumas delas servem de leito às correntes das águas pluviais na estação das chuvas. Existem em torno da cidade oitenta nascentes de águas as quais contribuem para a excepcional fertilidade daquela região. As águas são distribuídas por meio de canais que passam pelos jardins e se unem em um ponto, formando levadas que vão mover os moinhos. Os jardins, as hortas e os pomares formam um conjunto de verdura, onde se vêem em profusão, por entre os variados massiços, as flores e os frutos, entre os quais se destacam as amoras, as laranjas, as romãs, etc. A maioria dos habitantes é muçulmana, depois vêm os gregos-cristãos, segue-se uma pequena quantidade de judeus e cerca de 150 samaritanos que ocupam em grande parte a região situada a noroeste da cidade. O poço de Jacó fica a duas milhas a este-sudeste da cidade, e o túmulo de José, a 2 milhas para este.

2. Nome de um dos filhos de Hemor, e que foi príncipe de Siquém, Gn 34. 1-31.

3. Nome de um dos filhos de Gileade, e fundador de uma família tribal, Nm 26. 31; Js 27. 2.

4. Nome de um dos filhos de Semida, da tribo de Manassés, 1 Cr 7. 19.

SIRÁ, *Efervescência.*

Nome de uma cisterna de onde voltou Abner a chamado de Joabe. Voltando Abner a Hebrom, Joabe o levou à porta para lhe falar aleivosamente a aí mesmo o feriu na virilha e o matou em vingança da morte de seu irmão Asael, 2 Sm 3. 26. Segundo Josefo, a cisterna ficava a 20 es-

tádios de Hebrom, Antig. 7. 1-5. Parece que seja *Ain Sarah* a 1 milha e meia a noroeste de Hebrom.

SIRACUSA

Nome de uma cidade célebre, situada na costa oriental da Sicília, fundada no ano 735 A. C. por uma colônia de coríntios e dóricos, capitaneada por Arquias de Corinto. Teve grande brilho na antigüidade. No ano 413 A. C. os habitantes de Siracusa destruíram uma frota ateniense de cerca de 200 naus. No ano 212 A. C. os romanos a tomaram. O apóstolo S. Paulo arribou ao seu pôrto, onde se demorou três dias, na sua viagem para Roma, At 28. 12. Os sarracenos se apoderaram dela no ano 878. Ainda existe em proporções reduzidas.

SÍRIA

País situado ao longo da costa oriental do Mediterrâneo. Compreendia a maior parte das regiões designadas no Antigo Testamento pelos nomes de Canaã e Arã. A palavra Síria é abreviação da palavra Assíria que entrou em uso depois das conquistas de Alexandre, o Grande. A Síria formou a mais importante das províncias do reino dos Selêucidas, cuja capital era Babilônia, tanto sob o ponto de vista comercial como militar. Em breve, porém, se fez sentir que a Ásia ocidental reclamava um governo próprio, mais chegado ao espírito grego do que ao sistema adotado no extremo oriente. Para esse fim fundou-se a cidade de Antioquia no ano 300 A. C. para servir de capital, cp. Mac 3. 37, 31, 32. O reino dos selêucidas reduziu-se gradualmente em conseqüência das usurpações de seus inimigos, até que ao terminar o segundo século A. C. ficou somente com a Síria. Com a conquista dos romanos em 64 A. C. o reino foi convertido em província da Síria, governada por um legado do império residente em Antioquia. O antigo nome de Síria limitava-se a esta província que compreendia o território a oeste do Eufrates, desde as montanhas do Tauro até as divisas do Egito. Desde o tempo de Augusto foi governada por um legado consular do imperador. No ano 70, a Judéia, separada da Síria, constituiu uma província distinta, governada por um legado imperial.

SÍRIO

Nome que designa um indivíduo nascido ou domiciliado na Síria. No Antigo Testamento encontra-se a palavra Síria em Gn 28. 5 (Fig.), que se refere à Mesopotâmia ou Padã-Arã. Veja *Arã, Damasco, Síria*, depois da conquista de Alexandre, o Grande.

SIRIOM, *Couraça, cota de malha.*

Nome que os sidônios davam ao monte Hermom, Dt 3. 9; Sl 29. 6.

SIRO-FENÍCIA

Fenícia da Síria para distingui-la da Líbio-fenícia do norte da África, Mc 7. 26; cp. Mt 15. 22. Para os fins do segundo século da era cristã fez-se nova distinção: a província da Síria foi dividida em duas com os nomes de Síria Magna e Síria da Fenícia.

SIRTE

Banco móvel de areia. A Sirte que amedrontou os marujos da nau em que S. Paulo viajava, At 27. 17, e que infundia terror aos antigos marinheiros era uma das duas, denominadas a Grande e a Pequena Sirte. A primeira ocupava a parte sudeste da grande curva oceânica ao norte da África e do sul da Sicília, e a segunda ficava a sudoeste da mesma curva. A Grande Sirte, que hoje tem o nome de golfo de Sidra, encurva-se para dentro da costa africana ao norte, com 126 milhas de fundo, e 264 entre os dois promontórios que lhe servem de boca. A menor mede apenas algumas milhas de fundo, cuja entrada se calcula em 69 milhas de boca, desde a ilha de Querquena ao norte e a de Jerba ao Sul, e oferece grande perigo aos navegantes por causa dos ventos e das marés. Chama-se hoje golfo de Cabes.

SISERA, *Ordem de combate.*

Nome de um general do exército de Jabim, rei dos cananeus e opressor de Israel, que reinou em Asor. Sísera habitava em Harosete das Gentes. Destacou-se como figura proeminente em uma curta guerra. Baraque, a instâncias de Débora, começou a lutar pela independência de seu povo e derrotou o exército cananeu comandado por Sísera, junto à torrente de Cisom. Sísera fugiu e foi abrigar-se na tenda de Haber, queneu, porque havia paz entre Jabim, rei de Asor, e a casa de Haber, queneu. Saindo Jael, mulher de Haber ao encontro de Sísera convidou-o a entrar, e o matou com uma estaca da tenda, enquanto dormia, Jz caps. 4 e 5. Veja *Jael*. É provável que aqueles natineus, filhos de Sísera, mencionados em Ed 2. 53, Ne 7. 55, fossem descendentes dos vencidos nesta guerra. Veja *Natineus*.

SISMAI

Nome de um homem da tribo de Judá, da família de Hesrom da casa de Jerameel, 1 Cr 2. 40.

SISTRUM

Nome de um instrumento musical, formado por diversas varas de metal, introduzidas em uma armação metálica de forma oval. As varetas eram sôltas, ou tinham penduradas argolas, de modo a produzir sons, quando sacudidas, 2 Sm 6. 5.

SITIM, *Acácias.*

1. Nome de um acampamento importante dos israelitas nas planícies de Moabe, ao oriente do Jordão, nas fronteiras de Jericó, Nm 22. 1 com 25. 1, logo depois de terem saído do Pisga sobre as montanhas de Abarim, após a derrota de Seom e de Ogue, Nm 21. 20; 22. 1; 33. 47, 48. Ficava em um planalto, o mais elevado dos três, que neste ponto formam o vale do Jordão, entre os bosques de acácias, dilatando-se desde Betsimote até Abelsatim, 33. 49; cp. 23. 28, com cerca de 3 milhas de extensão. O acampamento se fez ordenadamente pelas suas tribos, apresentando um aspecto grandioso, 24. 2, 5, 6. A viagem para este lugar fez-se através de muitas peripécias. Depois de se estabelecerem ali, Balaão tentou amaldiçoá-los, caps. 22 a 24; o povo entrou em contacto com as filhas de Moabe e de Midiã e se consagrou a Baal-peor, sendo por isso castigado com uma praga, cap. 25. Foi ainda neste lugar que se fez o segundo recenseamento, cap. 26, e onde se promulgaram as leis, regulando a herança das filhas, 27. 1-11. Em Sitim, Moisés proclamou a candidatura de Josué para substituí-lo na direção do povo, vv. 12-23; legislou sôbre o modo de fazer as ofertas e os sacrifícios, caps. 28-30; deu-se ali o combate às cinco tribos dos midianitas da vizinhança por causa de atraírem os israelitas para as suas práticas licenciosas do culto de Baal-peor, cap. 31. As tribos de Rúben e de Gade pediram que a sua herança fosse ao oriente do Jordão, cap. 32. Fez-se um itinerário da viagem, desde a saída do Egito até ao Jordão, cap. 33. Tomaram-se medidas para a ocupação definitiva de Canaã. Em vista dos últimos acontecimentos, ordenou-se que, com toda a urgência, se desse princípio à expulsão dos cananeus e se destruíssem os seus ídolos e os seus altares. Foram definidos os limites da terra e nomeou-se uma comissão para fazer a distribuição da terra pelas tribos, e das cidades destinadas aos levitas e a servirem de refúgio para abrigo dos assassinos involuntários, caps. 33. 50, até cap. 35. Regulamentação das heranças das filhas de Israel, cap. 36. Depois disto, Moisés faz as suas despedidas; Josué entra na posse de seu cargo e Moisés sobe ao monte Nebo, e ali morre.

Depois da morte de Moisés, Josué envia dois espias para examinar a terra e dar relatório sobre as defesas de Jericó, Js cap. 2. Então o povo levantou acampamento e atravessou o Jordão, cap. 3.

2. Nome de um vale seco e comparativamente improdutivo, onde cresciam acácias e espinheiros em abundância, Jl 3. 18. Se na mente do profeta havia outra idéia, talvez se referisse ao Arabá do Mar Morto, cp. Ez 47. 1-12. O profeta dá-lhe êste nome em lembrança do acampamento dos israelitas em Sitim, e dá-o como tipo, porque as águas do mar eram praticamente inanimadas, e a região sul, composta de rochas nuas e de montanhas salgadas. Depois que Jeová tiver julgado as nações, o reino de Deus florescerá e os reinos do mundo desaparecerão, Jl 3. 9-21. As montanhas de Judá produzirão vinho novo, os seus outeiros destilarão doçura e manarão leite e as águas se espalharão por todos os regatos de Judá, e da casa do Senhor sairá uma fonte que regará a torrente dos espinhos. Em outras palavras: o deserto florescerá como um jardim; a vida espiritual terá sua fonte em Deus, que suprirá as necessidades de seu reino, cp. Ap 22. 1, 2.

SITNA, *Acusação, inimizade.*

Nome de um poço aberto por Isaque na terra dos filisteus, perto de Gerara, cuja posse foi disputada pelos habitantes do lugar, Gn 26. 21. Palmer e Drake, em 1870, descobriram um pequeno vale, chamado *wady Shutnet er-Ruheibeh*. A primeira parte do nome correspondente a Sitna, é *Ruheibeh*, a Reobote, que ficava nas vizinhanças de Sitna, v. 22.

SITRAI

Nome de um saronita que tomava conta dos rebanhos de Davi no campo de Sarom, 1 Cr 27. 29.

SITRI, *Lugar escondido.*

Nome de um levita, da família de Coate, da casa de Oziel, Êx 6. 22.

SIVÁ

Nome do terceiro mês do ano babilônico e judaico, contado desde a lua nova de maio até à de junho, Et 8. 9. Veja *Ano*.

SIZA, *Veemente amor.*

Nome de um rubenita, pai de um dos heróis de Davi, 1 Cr 11. 42.

SO

Nome de um dos reis do Egito cujo auxílio, Oséias, rei de Israel, procurou obter para opor-se ao rei da Assíria, 724 A. C., 2 Rs 17. 4. Como as consoantes hebraicas tenham o som *Seve*, este rei é geralmente identificado mui corretamente com Sibe, Tartã do Egito, que em 720 A. C., aliado a Hanum, rei de Gaza, saiu de encontro a Sargom, rei da Assíria e com ele combateu em Rafia no Mediterrâneo, 20 milhas ao sul de Gaza. Os dois aliados sofreram grande derrota; Sibe fugiu e Hanum ficou prisioneiro. Faraó pagou tributos à Assíria. Há certa dúvida em afirmar que este Sibe seja o Sabaco, rei do Egito. A etimologia opõe-se a esta identificação. Pelo menos, neste tempo, o nome usado era mais Tartã do que Faraó.

SOA

Nome de um país e denominação de seus habitantes mencionados em conexão com os babilônios, caldeus e assírios, Ez 23. 23, e sem dúvida os sutu, mencionados pelos babilônios e assírios como ocupantes da região montanhosa, adjacente a Babilônia pelo lado do nordeste, entre o rio Tigre e as montanhas de Elã e da Média (Delitzsch. *Paradies*, 334).

SOÁO, *Berilo ou ônix.*

Nome de um levita, filho de Merari, 1 Cr 24. 27.

SOBABE, *Restaurado, libertado.*

1. Nome de um homem de Judá, da família de Hesrom, da casa de Calebe. Sua mãe chamava-se Azuba, 1 Cr 2. 18.

2. Nome de um dos filhos de Davi, que lhe nasceu em Jerusalém, 2 Sm 5. 14.

SOBAI, *Homem que leva cativo?*

Nome de um levita, fundador de uma família de porteiros. Alguns dos membros desta família voltaram do cativeiro com Zorobabel, Ed 2. 42.

SOBAL, *Viajante.*

1. Nome de uma tribo de horitas, Gn 36. 20, composta de várias famílias, 23, governada por um capitão, 29.

2. Nome de um dos filhos de Hur, da tribo de Judá, da família de Hesrom e da casa de Calebe. Dêle procedem os habitantes de Quiriate-Jearim, 1 Cr 2. 50; 4. 1, 2, 4.

SOBEQUE, *Pessoa que se esquece.*

Nome de um judeu que, juntamente com Neemias, assinou o pacto, Ne 10. 24.

SOBI, *Aquêle que conduz escravos.*

Nome de um filho de Naás, residente em Rabate dos amonitas, 2 Sm 17. 27. Sobi levou mantimentos e objetos de uso a Davi quando chegou a Maanaim.

SOBOQUE, *Pessoa que derrama.*

Nome de um general do exército de Adarezer, rei de Soba, 2 Sm 10. 16. Em 1 Cr 19. 16-18, tem o nome de Sofaque. A diferença atribui-se a engano do escriba, trocando a letra *beth* e *pe*; mesmo assim, os dois são sinônimos.

SOCÓ, *Espinho, cerca de espinhos.*

1. Nome de uma cidade, situada na parte baixa de Judá, Js 15. 35, na borda do vale de Elá, em posição de fácil defensiva, isolada da cordilheira. Os filisteus se acamparam entre Socó e Azeca na ocasião em que Golias saiu a campo contra os israelitas, 1 Sm 17. 1. Roboão fortificou várias cidades muradas, entre elas a de Socó, 2 Cr 11. 7. Os filisteus a tomaram quando Acaz reinava em Jerusalém, 28. 18. Robinson determinou a antiga posição de Socó nas ruínas de *Shuweikeh*, a 13 milhas distantes de Belém, para o lado do sudoeste.

2. Nome de uma cidade situada na parte montanhosa de Judá, Js 15. 48, cujas ruínas se encontram em outra *Shuweikeh*, a 10 milhas de Hebrom para os lados de sudoeste. Não há certeza sobre qual delas aparece em 1 Rs 4. 10 e 1 Cr 4. 18.

SODI, *Conhecimento familiar.*

Nome do pai do espião, representante da tribo de Zebulom, enviado a reconhecer a terra de Canaã, Nm 13. 10.

SODOMA

Nome de uma das cinco cidades da planície do Jordão, Gn 13. 10. Quando Ló se separou de Abraão, escolheu Sodoma para sua residência, apesar de ser lugar de notória perversidade, vv. 11, 12. Quedorlaomer, rei dos elamitas, saqueou Sodoma, 14. 11; Abraão deu sobre ele até Hoba e recobrou todos os bens, e a Ló, seu irmão, com tudo que lhe pertencia, como também as mulheres e o povo, vv. 21-24. Subseqüentemente a cidade de Sodoma e, pelo menos, mais três outras, foram destruídas por causa das suas impiedades. Sem dúvida Deus serviu-se, para este fim, dos elementos que ali existiam o asfalto e o súlfur que produziram uma erupção tremenda. Escaparam da catástrofe Ló e as duas filhas, Gn 19. 1-29; Dt 29. 23; Is 1. 9, 10; 3. 9; 13. 19; Jr 49. 18; 50. 40; Lm 4. 6; Ez 16. 46-56; Am 4. 11; Sf 2. 9; Mt 10. 15; 11. 24; Lc 10. 12; 17. 29; Rm 9. 29; 2 Pe 2. 6; Jd 7. No Apocalipse, dá-se o nome de Sodoma e Egito à grande cidade do crime, Ap 11. 8. Não se pode determinar com exatidão o local da antiga Sodoma. Existem dois argumentos substanciais em favor do extremo norte. 1. De um ponto, nas vizinhanças de Betel, Abraão e Ló teriam visto toda a planície do Jordão, Gn 13. 3, 10. É preciso cuidado na interpretação da palavra toda, junta à planície. 2. Vindo o rei Quedorlaomer do sul, havia derrotado os amorreus de

Asasontamar, isto é, Engadi, antes do encontro com os reis de Sodoma e seus aliados, 14. 7, 8, fato este que parece indicar que a batalha se deu entre Engadi e o extremo norte do mar. Por outro lado, há três argumentos de peso em favor do extremo meridional. 1. O asfalto existe em grande quantidade somente ao sul do Mar Morto, cp. Gn 14. 10. 2. Admitindo que este mar cubra a superfície ocupada pelas cidades, cp. 14. 3, elas deveriam estar situadas no extremo sul, onde a profundidade das águas é de 2 a 20 pés, e não ao norte, onde a profundidade é de 600 a 1.000 pés. Sob o ponto de vista geológico, observa-se que a parte sul é a que denuncia formação recente. 3. Segor, uma das cidades destruídas, 13. 10, estava situada no extremo sul do Mar Morto, Guer. 4. 8, 4.

SODOMITA

Pessoa que pratica os atos viciosos do povo de Sodoma, Gn 19. 5. A palavra hebraica é *Kadesh* que quer dizer, pessoa consagrada aos cultos impuros do paganismo, Dt 23. 17; Jó 36. 14. As sacerdotisas de Astarté em Canaã, e de Istar em Babilônia, prostituíam-se em honra de seus deuses, Gn 38. 21, 22; Dt 23. 17; Os 4. 14. A lei de Moisés condenava a sodomia, Dt 23. 17, não obstante havia sodomitas em Judá nos tempos do reinado de Roboão, 1 Rs 14. 24. Asa e Josafá tiraram da terra os efeminados e alimparam tôdas as imundícias dos ídolos, 15. 12; 22. 46. Outra vez as práticas indecorosas do paganismo invadiram o país, sendo necessária a ação vigorosa de Josias para de novo sanear o reino de Judá, 2 Rs 23. 7.

SOFERETE, *Secretariado.*

Nome de pessoa que exercia algum ofício de que tirou o nome. Pertencia a uma classe dos servos de Salomão. Alguns membros de sua família voltaram do cativeiro com Zorobabel, Ed. 2. 55; Ne 7. 57.

SOFONIAS, *Jeová escondeu.*

1. Nome de um levita da família de Coate e da casa de Isaar, 1 Cr 6. 36-38.

2. Nome de um sacerdote, filho de Maaséia, Jr 21. 1; 37. 3. Certo falso profeta que habitava em Babilônia, chamado Semaías, enviou cartas a Sofonias para que ele castigasse ao profeta Jeremias por causa de suas predições desanimadoras, as quais levou ao conhecimento do profeta, 29. 24-32. Exercia ele as funções de vigilante do templo e de segundo sacerdote, sob a chefia de Seraías. Depois da tomada de Jerusalém pelos babilônios, Sofonias, foi morto em Riblata, 2 Rs 25. 18-21; Jr 52. 24-27.

3. Nome de um homem, cujo filho de nome Josias viveu nos dias de Zorobabel e do profeta Zacarias, Zc 6. 10, 14.

4. Nome de um profeta, cujos descendentes vêm da linhagem de Ezequias através de quatro gerações, Sf 1. 1. Este Ezequias é provavelmente o rei a cuja origem remota se refere. O profeta viveu e trabalhou em dias do rei Josias.

O livro de Sofonias é o nono dos profetas menores. O tempo mencionado no primeiro v. é confirmado pela omissão da palavra Gate, na enumeração, das cidades dos filisteus, 2. 4, pela ausência do nome de Nínive, ainda existente, 13, e pela falta de alusões aos caldeus. O assunto fundamental da profecia é a grande doutrina do juízo universal. 1. Juízo universal semelhante ao dilúvio em seus efeitos, 1. 2, 3; destruição da idolatria de Jerusalém, 4-6; julgamento sôbre os pecadores de Judá, como se o Senhor preparasse um grande sacrifício, 7-13; será um dia de névoas e de torvelinho por causa da sua iniqüidade, 14-18. 2. Convite para o arrependimento, meio único de escapar, 2. 1, 2, e de achar asilo no dia do furor do senhor, 3, reforçado pelas declarações de que o castigo de Deus cairia sôbre as outras nações por causa das suas maldades, 4-15. Jerusalém não escapará porque não se arrependeu; o Senhor no meio dela fará justiça, 3. 1-8. 3. Resultados benéficos que o juízo de Deus produz. As nações se voltarão para o Senhor, 9, 10, as relíquias de Israel confiarão no Senhor, e serão santas, 11-13, e o Senhor reinará glorioso como rei no meio de seu povo, 14-18, trazendo-o do cativeiro e fazendo dele o louvor de todos os povos da terra, 19, 20. Parece que esta profecia foi enunciada antes da reforma religiosa inaugurada por Josias em 622 A. C., 2 Rs 22. 3; 2 Cr 34. 8 a cap. 35. 19. Pode bem ser que fôsse proferida nos anos prévios à conquista de Nabucodonosor, Jr 25. 3; 26. 1-6, 12, 18, 20; 2 Rs 23. 32, 37.

SOL

Grande luminar que Deus criou para presidir ao dia, Gn 1. 16; Sl 74. 16; 136. 8, é ele quem o governa e dirige, Jr 31. 35; Mt 5. 45; Sl 104. 22, para auxílio da vegetação, Dt 33. 14; 2 Sm 23. 4, e também para a destruir, com o seu calor, Jn 4. 18. Segundo as aparências visuais, o sol nasce e põe-se; em linguagem poética, estendeu o seu tabernáculo no céu com a alegria e vigor de um esposo que sai do seu tálamo, dá saltos como gigante para correr o caminho. A sua saída é desde uma extremidade do céu até à outra, e não há quem se esconda do seu calor, Sl 19. 4-6. A morte no meridiano da vida e a perda repentina da prosperidade, são comparadas ao pôr do sol no meio do dia, Jr 15. 9; Am 8. 9; Mq 3. 6. Os povos contemporâneos dos hebreus, notadamente os fenícios, adoravam o Sol, sob a invocação de Baal; os assírios sob o nome de *Shamash*, e os egípcios, sob a designação de *Raphe*. Veja *Assíria, Baal, Egito, Om.*

Os hebreus receberam instruções contra as práticas do paganismo, contudo, o deus sol abriu caminho para Israel. Manassés dedicou altares a todos os astros do céu, 2 Rs 21. 5. O rei Josias aboliu os agoureiros e os que ofereciam incenso a Baal; até cavalos lhe eram dados pelos reis de Judá, 2 Rs 23. 5, 11; cp. Heród. 1. 189; 7. 54, e o povo, olhando para o sol no seu luzimento atirava-lhe beijos com a mão, Jó 31. 26, 27.

Josué mandou parar o sol. Antigos comentadores referem-se às palavras de Habacuque em apoio deste fato, Hc 3. 11, mas a construção gramatical e o contexto, opõem-se a ele. O sol e a lua pararam no seu curso. O temor da presença de Deus domina a natureza inteira e revela-se no abalo das montanhas, no bramido das ondas; o sol e a lua param na sua habitação, retiram-se à luz das suas frechas, 10 e 11. A primeira referência ao prolongamento do dia em Bete-Horom encontra-se no livro do Eclesiástico, cujo autor, evidentemente, acreditava que o sol e a lua pararam no seu curso. "Não é que a sua mão fez voltar atrás o sol? e o dia não se fez igual a dois?", Ecclus. 46. 4. Assim o entendeu o historiador Josefo, Antig. 5. 1, 17. Não há dúvida que Deus podia operar tal maravilha com todas as suas conseqüências. As circunstâncias, contudo, apenas oferecem uma ocasião adequada para tão estupendo milagre. Há outra interpretação muito aceitável. É certo que os vv. 12 e 13 do cap. 10 de Josué são de forma poética. Os vv. 12-15, com toda a probabilidade, formam um parágrafo, cp. a repetição das palavras do v. 15 e do 43, e foram citadas do Livro dos Justos, Livro de Jasar, coleção de poemas, acompanhada de notas em prosa, tanto no princípio como no fim. Veja *Jasar*, cp. Jó com o seu prólogo e epílogo em prosa; cp. a posição da cláusula citada em Js 10. 13 com 2 Sm 1. 18. As palavras de Josué são a ordem do dia de um general a seus soldados animando-os à peleja nas vésperas da batalha. Desejando que Israel tivesse bastante tempo para efetuar a derrota do inimigo, dirige-se ao sol e à lua em frases imperiosas: "Sol, detem-te sobre Gabaom; e tu, Lua, pára sobre o vale de Aijalom." E Deus fez-lhe a vontade. Antes de findar o dia, o povo havia-se vingado de seus inimigos. Uma tempestade de neve veio em auxí-

lio dos israelitas que foram dando sobre o inimigo até Azeca e Maceda, fazendo neles grande mortandade. Este acontecimento foi poeticamente celebrado no Livro de Jasar, e deve ser interpretado como o interpreta o Salmista quando, falando do maná, diz: "E mandou às nuvens de cima, e abriu as portas do céu. E lhes choveu o maná abriu as portas do céu. E lhes choveu o maná 24, ou como o entende o poeta sagrado, que, após relatar a passagem do Mar Vermelho e do Jordão, acrescenta: "Os montes saltaram de prazer como carneiros", Sl 114. 6; e assim mesmo as palavras de Habacuque, falando de Deus como guerreiro: "Tu montarás sobre os teus cavalos, e as tuas carroças são a nossa salvação", Hc 3. 8.

SOLDOS, DARICOS, DRACMAS

Nome de uma moeda de ouro, corrente na Pérsia, equivalente a cinco dólares. De um lado apresentava um rei com arco e flecha e do outro, um desenho quadrado. O cronista calcula o valor do ouro contribuído pelos príncipes no reinado de Davi para o templo em daricos, 1 Cr 29. 7 porque era a moeda corrente mais comum entre eles. O darico corria na Pérsia no tempo de Esdras, Ed 2. 69; 8. 27; Ne 7. 70, 71, 72. A primeira distribuição desta moeda é atribuída a Dario Histaspes, comp. Heród. 4. 166, porém o professor Sayce diz que o darico procede realmente do babilônico *darion*, nome de um peso ou medida, que, à semelhança da libra inglesa, sendo a princípio o nome de um pêso, passou a ser o nome de moeda. O darico figura em um contrato do ano 12 de Nabonido, cinco anos antes da conquista de Babilônia por Ciro, e muito antes que Dario fosse elevado ao trono (Sayce, Esdras, etc. pág. 38). Também havia daricos de prata que valiam um *shekel*.

SOMER, *Guarda, vigilante.*

1. Nome de um aserita, filho de Heber, 1 Cr 7. 32. Veja *Semer*.

2. Nome de uma moabita cujo filho participou do assassinato do rei Joás, 2 Rs 12. 21. Veja *Simeate*.

SONHO

Nome que se dá às idéias presentes ao espírito, durante o sono. Os sonhos podem ser classificados: 1) sonhos vãos, Jó 20. 8; Sl 73. 20; Is 29. 8; 2) sonhos de que Deus usa para fins especiais. Produzindo êstes sonhos, Deus age de conformidade com as leis do espírito, e talvez empregue causas secundárias. Têm por fim estes sonhos: (a) Interessar a vida espiritual dos indivíduos. Assim se deu com os midianitas, cujo sonho abateu o ânimo das hostes inimigas e elevou o espírito de Gideão, que providencialmente ouviu a sua narrativa, Jz 7. 13. Da mesma sorte aconteceu com o sonho da mulher de Pilatos, Mt 27. 19. Muitos outros sonhos providenciais se têm dado nos tempos modernos. João Newton, impressionado pela salvação de sua alma, teve um sonho, que veio esclarecer o caminho a seguir. (b) Sonhos proféticos e instrutivos de que Deus se servia, quando a revelação era ainda incompleta, os quais tinham em si mesmos as credenciais de sua origem divina. Deus se comunicava por êste meio, com Abimeleque, Gn 20. 3, com Jacó, 28. 12; 31. 10, com Labão, 31. 24, com José, 37. 5, 9, 10, 20, com Faraó, 41. 7, 15, 25, 26, com o padeiro mor e com o copeiro de Faraó, 40. 5, com Salomão, 1 Rs 3. 5, com Nabucodonosor, Dn 2. 1, 4, 36; 4. 1 e seg., com Daniel, 7. 1 e seg., com José, o esposo de Maria, Mt 1. 20, com os Magos, 2. 12 A faculdade de interpretar os sonhos proféticos com exatidão foi conferida a certos indivíduos, como a José, Gn 41. 16, e a Daniel, Dn 2. 25-28, 47. Os sonhos oferecidos à igreja como revelações divinas, estavam sujeitos a provas que determinassem o seu caráter. Se inculcavam proceder imoral, eram tidos como falsos, e seus autores, condenados à morte, Dt 13. 1-5; comp. Jr 23. 25-32; 29. 8; Zc 10. 2. Vide *Visões*.

SÓPATRO, *De boa família.*

Nome de um cristão de Beréia, filho de Pirro, e um dos companheiros de S. Paulo, durante a sua terceira viagem missionária, indo da Grécia para a província da Ásia, At 20. 4.

SOREQUE, *Vinha escolhida.*

Nome de um vale, onde assistia Dalila, Jz 16. 4. Parece que é o atual *wady es-Surar* que principia a 18 milhas a oeste de Jerusalém e segue em linha tortuosa para as bandas de noroeste em direção ao Mediterrâneo. É cortado por uma corrente que desemboca no mar a 8 milhas e ½ ao sul de Jope. O nome *Surik* encontra-se em uma ruína ao norte do vale, 2 milhas distantes de Zorá, onde nasceu Sansão.

SORTE

Era costume entre as nações da antigüidade, resolver os casos difíceis por meio de sortes, Et 3. 7; Jn 1. 7; Mt 27. 35. Lançavam pedrinhas, ou lâminas inscritas, ou cousas semelhantes, dentro de um vaso que sacudiam, lançando fora o conteúdo. Ordinariamente faziam orações antes, apelando para Deus para decidir a questão, At 1. 23-26; Iliada 3. 316-325; 7. 174-181. Na história primitiva do povo judeu, era Deus servido lançar mão da sorte como meio de fazer conhecida a sua vontade, como se lê em Pv 16. 33. "Os bilhetes da sorte lançam-se numa dobra de vestido, mas o Senhor é quem os tempera." A terra de Canaã foi dividida pelas doze tribos por meio de sortes, Js 14. 2; 18. 6. Veja *Canaã*. Em uma ocasião, Saul e Jônatas, postos de um lado, lançaram sortes contra o povo. A sorte caiu sobre Saul. Lançando de novo a sorte entre Saul e Jônatas, caiu esta sobre Jônatas, 1 Sm 14. 40-45. Os turnos dos sacerdotes eram determinados por meio de sortes, 1 Cr 24. 5 e seg. Por este processo se fez a eleição de Matias para suceder a Judas Iscariotes no apostolado, At 1. 15-26. Este método de seleção não se repetiu mais depois da descida do Espírito Santo.

SOSANIM, *Lírios.*

Palavra que se encontra nos títulos dos Sl 45 e 69. Existem três opiniões para explicar o sentido dela: Sumariando o sentido de todo o salmo; referência a um instrumento músico parecido com um lírio, e melodia familiar. Parece fora de dúvida que se refere a uma ária popular. Assim o dá a entender a combinação das palavras Sosanim Edute, "testemunho dos lírios", título do salmo 80, e Susã-Edute, "testemunho do lírio", título do salmo 60.

SOSÍPATRO, *Salvador de um pai.*

Nome de um cristão, que aparece com o de S. Paulo, nas saudações dirigidas à igreja de Roma, Rm 16. 21.

SOTAI, *Desviado.*

Nome de um homem pertencente à classe dos servos de Salomão. Fundou uma família, alguns de cujos membros voltaram do cativeiro com Zorobabel, Ed 2. 55; Ne 7. 57.

SÓSTENES, *De força inquebrantável.*

Cabeça da sinagoga judaica na cidade de Corinto, quando S. Paulo ali esteve. No tumulto havido na cidade por causa da pregação do Evangelho, a multidão exaltada lançou mão de Sóstenes e lhe davam pancadas diante do tribunal, At 18. 17. Talvez que este Sóstenes se tivesse convertido porque se encontra nome igual associado ao de S. Paulo no cap. 1. 1 da 1ª carta aos Coríntios.

SUÃ, *Depressão.*

Nome de um homem de Judá, 1 Cr 4. 11.

SUÁ, *Varreduras, riqueza, depressão.*

1. Nome de um aserita, filho de Zofa, 1 Cr 7. 36.

2. Nome de um cananeu cuja filha foi mulher ou concubina de Judá, e mãe dos filhos: Her, Onã e Sela, Gn 38. 2, 12; 1 Cr 2. 3.

3. Nome de uma aserita, e filha de Heber, 1 Cr 7. 32.

4. Nome de um dos filhos de Abraão com sua mulher Quetura, Gn 25. 2, origem da tribo árabe, denominada suíta, que habitava perto da terra de Hus, Jó 2. 11. O lugar que ocupava parece que é o atual distrito do mesmo nome, no Soú assírio, a oeste do Eufrates, perto da foz dos rios *Belich* e *Khabour*.

SUÁ, *Depressão*.

Nome de um filho de Dã, e fundador de uma família tribal, Nm 26. 42, chamado Husim em Gn 46. 23.

SUAL, *Raposa* ou *chacal*.

1. Nome de um aserita, e filho de Zofa, e Cr 7. 36.

2. Nome de um distrito, perto de Ofra, ao norte de Micmás, 1 Sm 13. 17. Situação ignorada.

SUCATITAS

Nome de pessoa nascida ou moradora em um lugar desconhecido, denominado Sucá, 1 Cr 2. 55.

SUCOTE, *Barraca, cabana*.

1. Nome de um lugar ao oriente do Jordão, Jz 8. 4, 5; Gn 33. 17, onde o patriarca Jacó, quando voltava da Mesopotâmia, depois de passar o Jaboque, Gn 32. 22, edificou uma casa e levantou os pavilhões para os seus rebanhos, Gn 33. 17. Daqui foi para Siquém, v. 18. Sucote estava no vale do Jordão, perto de Sartã, 1 Rs 7. 46; Sl 60. 6; 108. 7, e tocou em partilha aos gaditas, Js 13. 27. Nos dias de Gideão, era importante cidade, governada por setenta e sete anciãos. Gideão pediu pão aos habitantes de Sucote para os seus soldados, quando ia em perseguição de Zeba e Salmuna, reis de Midiã. Recusaram o auxílio pedido. Voltando Gideão vitorioso da campanha, puniu severamente os homens de Sucote, Jz 8. 5-16. O local desta antiga cidade deve existir nas proximidades do vau de *Damieh*, na estrada entre *es-Salt* e Nablus. Talvez seja *Tell Deir Alla*, porque, diz o Talmude, o nome do antigo Sucote era *Dar'alah* porquanto o *Tell* está ao lado do norte de Jaboque, e a história diz com certeza que Sucote ficava para o sul.

2. Nome do primeiro acampamento dos israelitas depois que saíram de Ramessés, Êx 12. 37; 13. 20; Nm 33. 5, 6. O nome Sucote parece ser modificação da palavra *Thuku*, com que os egípcios denominavam a cidade civil que circundava os templos sagrados de Pitom.

SUCOTE-BENOTE

Nome de um ídolo que os colonos de Babilônia trouxeram para Samaria, 2 Rs 17. 30. A divindade tutelar de Babilônia era o deus Marduque e sua consorte Zarpanitum, além de numerosas divindades a que prestavam adoração. O historiador Rawlinson e, com ele, Schrader propuseram que se identificasse Sucote-Benote com Zarpanitum, porque a parte final de ambos os nomes é essencialmente igual. Frederich Delitzsch oferece idéia mais aceitável; considera o Sucote-Benote como uma hebraização dos vocábulos assírios *sakkut binúti* que significa, supremo juiz do universo, e pensa que era um dos apelidos de Marduque.

SUFÁ, *Ciclone, solo cultivado no meio de terra seca*.

É provável que seja nome próprio, designando a região em que estava situada Vaebe, Nm 21. 14. Tristram liga este nome com o *Suffeh*, oásis existente a sudeste do Mar Morto. Porém os sons sibilantes não se correspondem.

SUFÁ, *Talvez, serpente bicórnea*.

Nome de um filho ou descendente remoto de Benjamim, e fundador de uma família tribal, Nm 26. 39. Neste mesmo v. se encontra com o nome de Hufã. Em Gn 46. 21 chama-se Hupim e Supim em 1 Cr 7. 12, 15. As letras *m* e *s*, ou *sh* eram muito semelhantes no antigo hebreu. Talvez seja conhecido também pelo nome de Sefufá, 1 Cr 8. 5. Nesta passagem o nome figura na lista dos descendentes de Belá, posto que não seja impossível que a enumeração dos filhos de Bale termine com o nome de Gera, e que o nome de Sefufá esteja registado como filho de Benjamim. No cap. 7. 12 o mesmo nome se encontra catalogado entre os filhos de Benjamim, mas não está claro se figura como filho, no sentido próprio da palavra, ou como descendente dêle, nascido de seu filho Belá, por meio de Uri, v. 7. Neste último caso, nasceu depois que Jacó e sua família desceram para o Egito, porém, encontra-se enumerado com aqueles que foram para o Egito por ser o fundador de uma família tribal. Veja *Egito, III*, I.

SUFE, *Favo de mel*.

1. Nome de um levita, descendente de Coate e antecessor do profeta Ezequiel, 1 Cr 6. 35. Sofai ou Zofai são variantes da mesma palavra, 26.

2. Nome de um distrito para fora dos limites de Benjamim, para os lados do sul, segundo se pensa, 1 Sm 9. 4-6; 10. 2. Parece que este nome se deriva da família de Zufe que se estabeleceu ali.

SULAMITA

Nome de uma jovem, mencionada nos Cânticos de Salomão, 6. 13. Com certeza deriva-se o nome da cidade de Suném. Os Setenta traduziram *Sounamitis*, isto é, Sunamite; e a cidade de Suném era conhecida no tempo de Eusébio pelo nome de Sulém e atualmente se chama Solã. A forma sulamite deveria preferir-se a Sulamita por causa de sua consonância com Salomão, em hebreu *Shelomoh*.

SUMATEUS, De *shumah*, alho.

Nome de uma das principais famílias de Quiriate-Jearim, 1 Cr 2. 53.

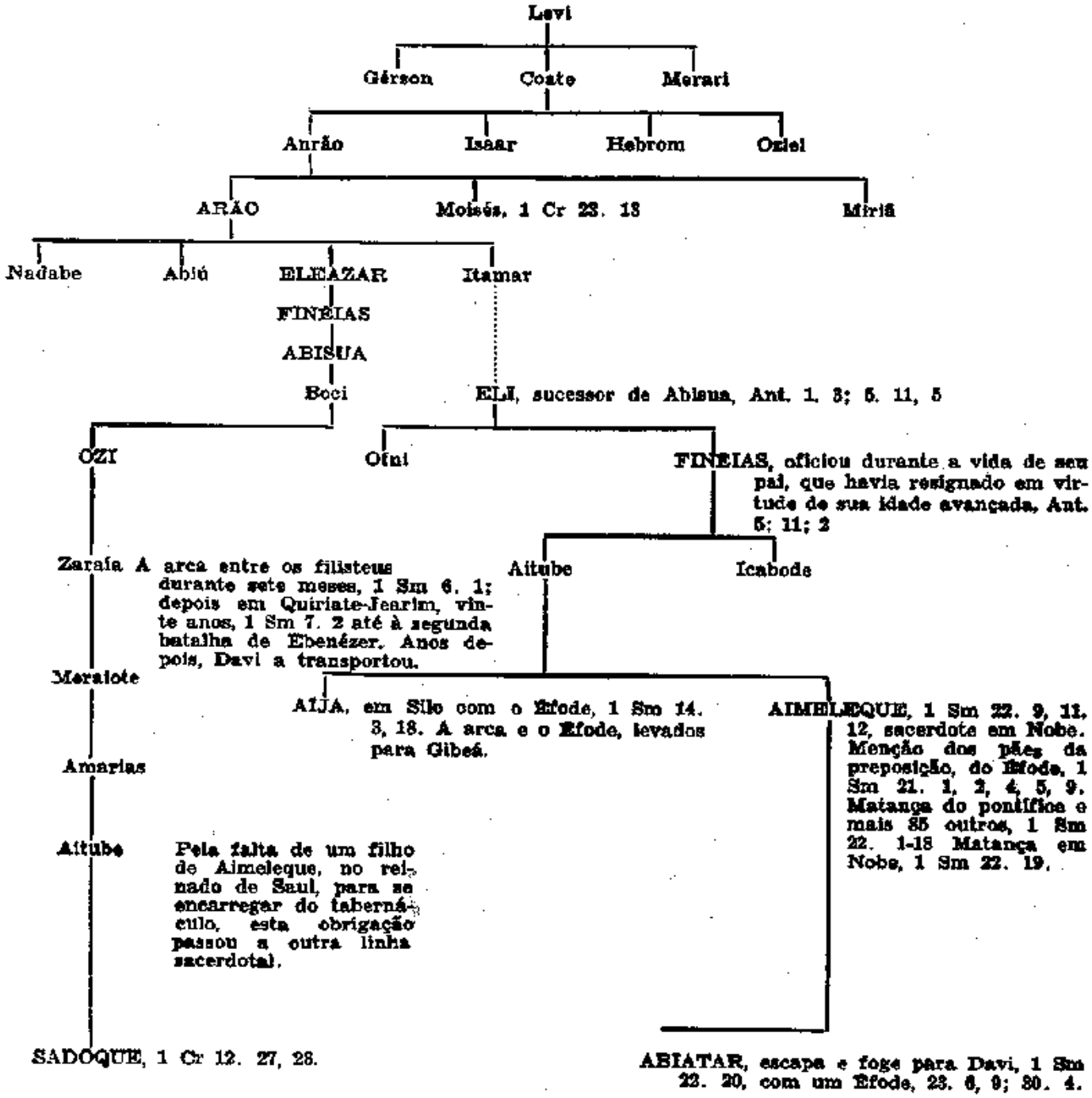
SUMO SACERDOTE

Pontífice supremo e representante da nação judaica perante Jeová. Arão foi designado para êste ofício logo depois do pacto do Sinai e do estabelecimento do santuário, ou tabernáculo, Êx 27. 21; e cap. 28. A referência em Êx 16. 33, 34, em que Moisés ordena a Arão que tomasse um vaso novo e o enchesse de maná, e o pusesse diante do Senhor não é uma antecipação de seu ofício. Esta ordem poderia ser dada muito depois, mas acha-se registada aqui para entrar no corpo da história do maná, 31-35. As primeiras indicações a respeito da entrada dos filhos de Arão para o alto cargo de sacerdotes, encontram-se depois da proclamação do pacto, Êx 24. 1, 9. A distinção que lhes foi conferida, não quer dizer que êles representassem o sacerdócio nacional. Arão não era o sumo sacerdote nesta ocasião; era apenas o profeta de Moisés. Seus filhos entraram na comissão, designada para testemunhar as manifestações da glória de Deus. Isto quer dizer que os filhos de Arão seriam herdeiros do seu ofício. O chefe legal da casa de Arão entrou nas funções deste cargo; ou sucessores deveriam ser os primogênitos, a menos que houvesse restrições legais, Lv 21. 16-20. Motivos de ordem também entravam na escolha dêstes funcionários, 1 Rs 2. 26, 27, 35. Segundo as tradições, não poderiam tomar posse do cargo, antes de 20 anos de idade. Todavia, Aristóbulo já era sacerdote aos 17 anos, Antig. 15. 3, 3. O proceder do sumo sacerdote era regulado por uma legislação especial, Lv 21. 1-15. Tinha de fiscalizar o santuário, de dirigir os atos de culto e de guardar os tesouros do templo, 2 Rs 12. 7 e seg. 22. 4. No dia da expiação, competia-lhe entrar no Santo dos Santos e consultar a Jeová pelo Urim e Tumim. Além dos deveres inerentes a seu cargo, também podia exercer quaisquer outras funções sacerdotais. Competia-lhe oferecer os sacrifícios nos dias de sábado, das luas novas e das festas anuais, Guerras 5. 5, 7. Presidia ao conselho do Sanedrim, sempre que tinha de resolver alguma questão religiosa, Mt 26. 57; At 5. 21. As suas vestes oficiais consistiam, além da camisa de linho branco em comum com os demais sacerdotes: 1. O Racional do Juízo, feito de ou-

(Continua na pág. 575)

LINHA DOS SUMOS SACERDOTES HEBREUS

I. *Desde o estabelecimento do sacerdócio aarônico ao cativeiro.* A Bíblia contém dois catálogos da linha sacerdotal, 1 Cr 6. 1-15; e Ed 7. 1-5, cada um dos quais omite linhas genealógicas como se nota em quase todas as tábuas dos hebreus.



A arca é transportada de Quiriate-Jearim e depositada em casa de Obede-Edom, 2 Sm 6. 1-11; 1 Cr 13. 13, 14. Transferida para a cidade de Davi, 2 Sm 6. 12, com a presença de Sadoque e Abiatar, 1 Cr 15. 11, 12. A arca depositada em uma tenda. Elevação de um altar, 2 Sm 6. 12, 17; comp. 7. 2. Sadoque e Aimeleque, nomeados sacerdotes, durante certo período do reinado de Davi, 2 Sm 8. 17; 1 Cr 18. 16. A data é incerta. Parece que foi antes da revolta de Absalão.

Sadoque e os levitas trazem a arca. Abiatar acompanha a Davi na sua fuga, 2 Sm 15. 24 e seg. Sadoque e Abiatar são chamados sacerdotes, 2 Sm 15. 35; 17. 15; 19. 11; 20. 25, servindo de mensageiros, seus filhos Aimaás e Jônatas. Na tentativa de afastar Salomão de subir ao trono e favorecer a candidatura de Adonias,

Sadoque é fiel a Davi, 1 Rs 1. 8. Abiatar favorece a Adonias, 1 Rs 1. 7. Sadoque e Aimeleque, filhos de Abiatar, superintendem a divisão dos sacerdotes em turnos, 1 Cr 24. 3, 6, 31. Fazem isto por serem os chefes das respectivas famílias. Em conseqüência de uma segunda conspiração em favor de Adonias, que se deu antes da subida de Salomão ao trono,

Sadoque no lugar de Abiatar, 1 Rs 2. 26, 35.

Pela deposição de Abiatar, desaparece a casa de Eli, 1 Rs 2. 27 e

Sadoque é o único sumo sacerdote.

AIMAÁS

AZARIAS

AMARIAS, sumo sacerdote no reinado de Josafá, no ano 853 A. C., 2 Cr 19. 11.

JOIADA, no reinado de Atalia e Joás. Morreu nos dias de Joás com 136 anos, 2 Rs 11. 4-19; 12. 2; 2 Cr 22. 10; e seg. 24. 15.

ZACARIAS, filho de Joiada, talvez sumo sacerdote, morto por Joás, entre 819 e 805 A. C., 2 Cr 24-20, 22.

JOANÃ

AZARIAS, que oficiou no templo em Jerusalém, pelo ano 750 A. C. no reinado de Ozias, 1 Cr 6. 10; 2 Cr 26. 17.

URIAS, ano 752 A. C. no reinado de Acaz, 2 Rs 16. 10.

AZARIAS, ano 727 A. C. no reinado de Ezequias, 2 Cr 31. 10, 13.

AMARIAS

AITUBE

MERAIOTE, 1 Cr 9. 11; Ne 11. 11.

SADOQUE

SALUM, 1 Cr 6. 12; 9. 11.

HELCIAS. Décimo oitavo ano de Josias, 622 A. C., 1 Cr 9. 11; 2 Cr 34. 8, 9.

AZARIAS

SERAIAS

JEOZADAQUE, que foi levado cativo para Babilônia por Nabucodonosor no ano 587 A. C., 1 Cr 6. 15. Intervalo de cinqüenta anos durante o exílio.

II. *Desde o cativeiro, até dos sacerdotes macabeus*

JESUA, filho de Jozadaque, que voltou do cativeiro com Zorobabel, e foi sumo sacerdote desde 538 a 520 A. C., Ed 2. 2; 3. 2; Ne 12. 10; Zc 1. 7; 3. 1; 6. 11.

JOIAQUIM, Ne 12. 10, 12; nos dias de Artaxerxes, Antig. 11. 5, 1.

ELIASIBE, no vigésimo ano de Artaxerxes, 440 A. C. e ainda funcionando em 433 A. C., Ne 3. 20; 12. 10; 13. 4, 6.

JOIADA

JÔNATAS, Ne 12. 11, ou antes Joná, 22, 23, em grego, João, sumo sacerdote em 411 A. C. (Elephantini papyri) e no reinado de Artaxerxes (Menemon), Antig. 11. 7, 1; comp. 5, 4, que ocupou o trono desde 405 a 362 A. C.

JADUA, Sumo sacerdote, quando Alexandre, o Grande, visitou Jerusalém, 332 A. C. e morreu ao mesmo tempo que Alexandre em 323 A. C., Ne 12. 11; Antig. 11. 8, 4; 5, 7.

ONIAS, em hebreu Coniá, contemporâneo de Ario, rei de Esparta, 309 a 265 A. C., 1 Mac 12. 7, 20; Antig. 11. 8, 7.

SIMÃO O JUSTO, filho de Onias.

ELEAZAR, filho de Onias e irmão de Simão, no tempo de Ptolomeu Filadelfo, que reinou de 285 a 247 Antig. 11. 8, 7.

MANASSES, tio de Eleazar, Antig. 12. 4, 1.

ONIAS II, filho de Simão o Justo, no tempo de Ptolomeu Evergetes, que reinou de 247 a 222, Antig. 12. 4, 1.

SIMÃO II, filho de Onias II, Antig. 12. 4, 10.

ONIAS III, filho de Simão, no tempo de Seleuco IV, chamado Filopáter, que reinou entre 187 a 175 A. C., 2 Mac 3; Antig. 12. 4, 10.

JOSUE, em grego, JESUS, filho de Simão II, que tomou o nome de JASSOM, induziu a Antíoco Epifanes que reinou entre 175 a 164 a depor Onias, 2 Mac 4. 7, 26-35. Após três anos de exercício, Jassom foi suplantado, 171 A. C. por

MENELAU, chamado também ONIAS, filho de Simão II, Antig. 12. 5, 1; 15. 3, 1. Segundo o livro de 2 de Mac 4. 23, era irmão de Simão o benjamita. Menelau exerceu o seu cargo durante dez anos, Antig. 12. 9, 7. Foi morto no tempo de Judas Macabeu, 2 Mac 13. 3-8.

JAQUIM, com o nome grego de ALCIMUS, não pertencente à linha sacerdotal, ainda que da descendência de Arão; foi elevado às funções de sacerdote por Demétrio, 161 A. C., e deteve-se três anos. 1 Mac 7. 5-9, 12-25; 9. 1, 54-56; Antig. 12. 9, 7; 20. 10, 1.
Sacerdócio vago durante sete anos, Antig. 20. 10, 1.

III. Período sacerdotal dos macabeus

JÔNATAS, da família sacerdotal de Joaribe, 1 Mac 3. 1; 1 Cr 24. 7, feito sumo sacerdote em 152 A. C. por Alexandre Balas, que pretendeu o trono da Síria, 1 Mac 10. 18-21. Exerceu o sacerdócio durante sete anos, Antig. 20. 10, 1.

SIMÃO, irmão de Jonatas, foi sacerdote oito anos.

JOÃO HIRCANO, filho de Simão, durante trinta anos.

ARISTÓBULO, filho de Hircano, por um ano.

ALEXANDRE JANEU, filho de Hircano, por vinte e sete anos.

HIRCANO, filho de Alexandre, por nove anos.

ARISTÓBULO, filho de Alexandre, por três anos e três meses.

HIRCANO, pela segunda vez, por vinte e quatro anos, desde 63 A. C.

ANTÍGONO, filho de Aristóbulo, por três anos e três meses, até que Herodes, o Grande, tomou posse de Jerusalém no ano 37 A. C., Antig. 14. 16, 4; 20. 10, 1.

IV. *Desde a subida de Herodes, o Grande, ao trono da Judéia, até à tomada de Jerusalém por Tito.* Durante este período, houve vinte e oito sacerdotes, Antig. 20. 10, 1, geralmente, em sucessão ao que antes fora demitido.

Sacerdotes nomeados por Herodes, o Grande, desde 37 A. C. a 4 A. D:

HANANEL, ou ANANELUS, em grego latinizado, Antig. 15. 2, 4.

ARISTÓBULO, neto de Hircano, por um ano, 35 A. C., Antig. 15. 3, 1 e 3.

HANANEL, pela segunda vez, Antig. 15. 3, 3.

JESUS, filho de Fabes, Antig. 15. 9, 3.

SIMÃO, filho de Boetus, desde 24 A. C. a 5 A. D., Antig. 15. 9, 3.

MATIAS, filho de Teófilo e enteado de Boetus, Antig. 17. 4, 2.

JOAZAR, filho de Boetus, Antig. 17. 6, 4; 13, 1.

Sacerdotes nomeados por Arquelau, entre o ano 4 A. C. até 6 A. D.

ELEAZAR, filho de Boetus, durante pouco tempo, Antig. 17. 13, 1.

JESUS, filho de Sie, Antig. 17. 3, 1.

Sacerdotes nomeados por Quirino, presidente da Síria:

ANÁS, ou ANANUS, filho de Sete, que alcançou o ofício no ano 6 ou sete da era cristã. JOAZAR que a multidão aclamou sumo sacerdote, mas foi deposto, Antig. 18. 2, 1; cp. 1. 1.

Sacerdotes nomeados por Valério Grato, procurador da Judéia, A. D. 14-25:

ISMAEL, filho de Fabi, que exerceu o ofício pouco tempo, Antig. 18. 2, 2.

ELEAZAR, filho de Anás, por um ano, Antig. 18. 2, 2.

SIMOM, filho de Camítus, por um ano, Antig. 18. 2, 2.

JOSÉ CAIFÁS, genro de Anás, desde 18 a 36, Jo 18. 13; Antig. 18. 4, 3.

Sacerdotes nomeados por Vitélio, presidente da Síria:

JONATAS, filho de Anás, no ano 36, Antig. 18. 4, 2, 3; comp. 19. 6, 4; 20. 8, 5.

TEÓFILO, filho de Anás, no ano 37, Antig. 18. 5, 3.

Sacerdotes nomeados pelo rei Herodes Agripa, entre 41-44:

SIMOM CANTERAS, filho de Boetus, Antig. 19. 6, 2.

MATIAS, filho de Anás, Antig. 19. 6, 4.

ELIONEU, filho de Canteras, Antig. 19. 8, 1.

Sacerdotes nomeados por Herodes, rei de Cálcis, que morreu no ano 48:

JOSÉ, filho de Camidos, Antig. 20. 1, 3.

ANANIAS, filho de Nedebeus, Antig. 20. 5, 2. Foi enviado preso a Roma durante a procuradoria de Cumanus. Depois de solto assumiu as funções sacerdotais que ainda exercia no ano 57, dois anos antes de Félix ser substituído por Festo, At 23. 2; 24. 1, 27.

Sacerdotes nomeados por Agripa, II:

ISMAEL, filho de Fabi, Antig. 20. 8, 8, ano 59. Foi remetido a Roma em refém, 20. 8, 11.

JOSÉ, também chamado CABI, filho do primeiro Simom, sacerdote, Antig. 20. 8, 11.

ANÁS, filho de Anás, por três meses, no ano 62, Antig. 20. 9, 1.

JESUS, filho de Danaeus, Antig. 20. 9, 1.

JESUS, filho de Gamaliel, Antig. 20. 9, 4.

MATIAS, filho de Teófilo, no ano 64, Antig. 20. 9, 7.

Sacerdote aclamado pelo povo durante a guerra:

FANAS, ou FANIAS, filho de Samuel, Antig. 20. 10; Guerras 4. 3, 8.

ro, de jacinto, de púrpura, de linho fino retorcido, obra tecida de várias cores, ornado com quatro ordens de pedras preciosas, três em cada uma, onde estavam inscritos os nomes de cada tribo dos filhos de Israel, cada um em sua pedra, conforme a ordem das doze tribos. Neste Racional do Juízo, estavam o Urim e Tumim, Doutrina e Verdade. 2. O Éfode, de ouro, de jacinto, de púrpura, de escarlate tinta duas vezes, de linho, com duas aberturas, uma de cada lado, servindo para a frente e para as costas do sacerdote, feito em duas partes, unidas por cima dos ombros, por duas pedras cornelinas. Cada uma destas, teria gravados os nomes dos filhos de Israel, seis nomes em cada uma. Teriam dois ganchos de ouro e duas pequenas cadeias, também de ouro. O Éfode ficava por baixo do Racional do Juízo, unido a êste por duas argolinhas e por uma fita de jacinto, de púrpura e de linho retorcido. 3. A túnica do Éfode, mais comprida que êste, toda de côr de jacinto, sem mangas, adornada na parte inferior com umas romãs alternadas com campainhas de ouro. Vide *Campainhas*. 4. A Tiara, turbante de linho ao qual se sobrepunha outro de jacinto. Sobre ele usava uma chapa de ouro com a inscrição "Santidade ao Senhor" atada com uma fita de jacinto, Êx cap. 28; Ecclus. 45. 8-13; Antig. 3. 7. 1-6; comp. 1 Mac 10. 20. O sumo sacerdote usava estas vestimentas oficiais, quando desempenhava funções privativas, exceto no dia da expiação, em que as punha de lado para entrar no Santo dos Santos. O modo da consagração dos sacerdotes é descrito no cap. 29 do livro de Êxodo. Entre outras cerimônias derramava-se óleo sobre a cabeça, Êx 29. 7; Lv 8. 12; Sl 133. 2. O sumo sacerdote distingue-se dos outros sacerdotes pela expressão "Ungido", Lv 4. 3, 5, 16; 21. 10; Nm 35. 25. Os sacerdotes comuns eram consagrados, aspergindo óleo pelos seus vestidos, Êx 29, 21; Lv 8. 30. As tradições rabínicas faziam distinção no modo de ungir os sacerdotes e o sumo pontífice; consistia, apenas, na quantidade do óleo, sendo mais abundante para a cabeça do sumo sacerdote, sobre a qual era derramado, ao passo que na cabeça dos sacerdotes era aspergido apenas. A princípio, o ofício do sumo sacerdote, pertencia-lhe durante a vida; mais tarde, porém, Herodes e os romanos, invejosos das prerrogativas sacerdotais exercidas durante a vida, nomeavam e destituíam os sacerdotes a seu talante. Jesus Cristo foi o sumo sacerdote da nossa confissão, de que eram tipos os dignitários da velha dispensação, Hb 3. 1-13; 8. 1-6; 9. 24-28.

SUNÊM, *Dois lugares de repouso.*

Nome de uma cidade de Issacar, Js 19. 18, fronteira ao monte Gilboa, 1 Sm 28. 4, onde se acamparam os filisteus antes do combate com Saul. Estava situada onde existe hoje Solam, na encosta ocidental de um monte a 3 milhas e ½ a nordeste de Jezreel, a 5 ao norte do limite ocidental do monte Gilboa e a cerca de 16 milhas distante do Carmelo, aonde a Sunamita foi ao encontro de Eliseu, 2 Rs 4. 25.

SUNI, *Calmo, tranqüilo*

Nome de um filho de Gade e fundador de uma família tribal, Gn 46. 16; Nm 26. 15.

SUOR

Em casos excepcionais, dá-se repentina transpiração que se generaliza por todo o corpo, quando a pessoa se acha sob a influência de forte emoção moral. Existem casos autênticos em que o suor aparece cor de sangue, fenômeno este a que a ciência médica denomina *diapedese*, que outra cousa não é senão a filtração dos glóbulos vermelhos através dos vasos sangüíneos sem haver ruptura. Durante a agonia de Cristo no Getsêmani, veio-lhe um suor, como de gotas de sangue, que corria sobre a terra, Lc 22. 44.

SUPIM, *Almoxarifado.*

Casa em que se guardavam as alfaias e mais objetos pertencentes ao serviço do Templo, situada perto da porta sul do átrio exterior. Dois levitas da casa de Obededom eram encarregados de a guardar, 1 Cr 26.15 17.

SUPIM

1. Nome de um benjamita, 1 Cr 7. 12, 15. Veja *Sufá*.

2. Nome de um levita que serviu de porteiro do santuário, 1 Cr 26. 16. Com certeza o texto original acha-se alterado. Talvez que este nome Supim se tenha destacado do v. precedente que termina por uma palavra muito parecida com ela.

SUR, *Muro, fortaleza.*

Nome de uma localidade do deserto, ao sul da Palestina, ou mais exatamente, ao sul de Ecer-Laai-Rói e ao oriente do Egito, Gn 16. 7; 25. 18. Ainda não foi identificada, mas deve encontrar-se em frente das fortalezas do Egito. Por êste nome foi conhecido o deserto por onde passaram os israelitas durante três dias, logo que atravessaram o Mar Vermelho, Êx 15, 22. E também conhecido pelo nome de Deserto de Etã, Nm 33. 8.

SUSÃ

Nome da cidade real do império persa e residência do soberano, Ne 1. 1; Et 1, 2, situada na província de Elã, sôbre o rio Ulai, Dn 8. 2. Nela se guardavam os tesouros da coroa, Heród. 5. 49. O lugar referido nestas passagens é Susã. Assurbanipal tomou esta cidade no ano 660 A. C. ficando sujeita aos reis de Babilônia. A família real a que pertencia Ciro, conquistador de Babilônia, governava em Ansã que parece ter sido um distrito ao oriente de Elã. Quando Ciro estabeleceu o império persa, graças a seus dotes militares, a cidade de Susã foi elevada à categoria de capital do império em igual importância com Ecbatana e Babilônia. Por ocasião da entrada de Alexandre, o Grande, em Susã, 331 A. C., encerrava ela imensos tesouros de que ele se apoderou. No ano 315, foi novamente saqueada por Antígono que também dela se apoderou; começou então a declinar, mas ainda pôde resistir aos sarracenos quando êstes conquistaram a Pérsia. O local da antiga Susã é hoje Sus, na latitude norte de 32 graus e 10 segundos e 48 graus e 26 minutos latitude oriental, entre o rio Euleus (nome romano do Ulai de Daniel) e o *Shahpur*, e distante 100 milhas do Golfo Pérsico. As ruínas principais cobrem uma área de 6.000 pés de comprimento por 4.500 de largura com uma circunferência de 3 milhas, que chegam a 6 ou 7 se tomarmos em conta as ruínas esparsas. Consistem em uma série de elevações, numa das quais, os exploradores encontraram as ruínas de um palácio, que não é outro senão aquêle a que deu começo o rei Dario e em que Xerxes estabeleceu a sua corte. Parece que é o mesmo em que o rei Assuero dava os seus banquetes e celebrava as suas festas, Et 1. 2, 3, 9; 2. 18, etc.

SUSANA

Nome de uma das mulheres que assistiam a Jesus com as suas posses, Lc 8. 3.

SUSANQUITAS. Do elamita *Susininak*.

Moradores ou naturais de Susã, capital da Pérsia, que juntamente com outros povos, entraram na Palestina central para suprir as faltas deixadas pelo cativeiro das dez tribos, Ed 4. 9.

SUSI, *Cavaleiro.*

Nome do pai de Gadi, enviado a reconhecer a terra, como representante da tribo de Manassés, Nm 13. 11.

SUTELA

1. Nome de um dos filhos de Efraim, fundador de uma família tribal, Nm 26. 35, 36; 1 Cr 7. 20.

2. Nome de outro descendente de Efraim, na mesma linha genealógica, 1 Cr 7. 21.

T

TAÁ, *Inclinação.*

Nome de um dos descendentes de Efraim, e fundador de uma família tribal, Nm 26. 35. Seus antecessores foram Refa, Resefe Tela, 1 Cr 7. 25.

TAANAQUE

Nome de uma cidade dos cananeus, cujo nome aparece 1600 A. C. em conexão com o avanço de Totmés III contra Megido. O rei de Taanaque foi derrotado e morto por Josué, Js 12. 21. Estava situada dentro dos limites de Issacar e nominalmente na posse da tribo de Manassés, Js 17. 11; 1 Cr 7. 29. Foi destinada a servir de residência aos levitas das famílias dos filhos de Coate, Js 21. 25. Os da tribo de Manassés não expulsaram dela os seus habitantes cananeus, mas fizeram-nos tributários, Jz 1. 27. A grande batalha entre Baraque e Sísera deu-se nas proximidades de Taanaque, 5. 19. Teve grande importância no tempo de Salomão, 1 Rs 4. 12. O lugar da antiga cidade é Taanaque, entre as montanhas na orla da planície de Jezrael a cinco milhas a sudeste da antiga Megido.

TAANATE-SILÓ, *Próximo a Silo.*

Nome de uma cidade situada entre Efraim e Manassés, Js 16. 6, onde se encontram as ruínas de Tana, a sete milhas a sudeste de Siquém.

TAÁS, *Porco marinho.*

Nome de um dos filhos de Naor e de sua concubina Reumá, Gn 22. 24.

TAATE, *Que está debaixo.*

1. Nome de uma estação dos israelitas no deserto, Nm 33. 26, 27. Situação ignorada.

2. Nome de um levita da família de Coate, da casa de Izar e da linha de Coré e Ebiasafe, 1 Cr 6. 24, 37. A estas duas famílias prende-se o ramo de Uriel e Sofonias.

3. Nome de um efraimita, filho de Berede da família de Sutela, 1 Cr 7. 20.

4. Nome de um dos filhos de Eleada e descendente de Taate, filho de Berede, 1 Cr 7. 20.

TABAOTE, *Anéis.*

Nome de uma família de natineus que veio de Babilônia com Zorobabel, Ed 2. 43; Ne 7. 46.

TABATE

Lugar situado perto de Abel-Meolá, Jz 7. 22. Situação ignorada.

TABEAL, Do aramaico, *Deus é bom.*

1. Nome de um homem, cujo filho, os reis aliados Rezim da Síria e Peca, de Israel, tentaram colocar no trono de Judá como instrumento de sua política, Is 7. 6.

2. Nome de um governador persa, provavelmente de raça síria, que se queixou a Artaxerxes Longímano de que os judeus estavam reconstruindo o muro de Jerusalém, Ed 4. 7.

TABERÁ, *Incêndio.*

Nome de um lugar onde os israelitas murmuraram contra Deus. Um incêndio se manifestou contra eles que devorou a última parte do campo, Nm 11. 1-3; Dt 9. 22. Moisés orou ao Senhor e se extinguiu o fogo.

TABERNÁCULOS, FESTA DOS

A festa dos tabernáculos era a última das três grandes festas anuais, a que todo israelita era obrigado a comparecer, e a segunda das festas da colheita, Dt 16. 16; 2 Cr 8. 12, 13; cp. 1 Rs 9. 25; 12. 32; Zc 14. 16. Deu-se-lhe este nome, porque no tempo que durava, o povo se abrigava em tendas, Lv 23. 40-42. Depois do estabelecimento do santuário em Jerusalém, o povo armava suas tendas nos lugares abertos da cidade, nos telhados, nos átrios das habitações e no recinto do templo, Ne 8. 16, e até mesmo fora dos muros da capital. Era a festa culminante de cada ano. Ainda que essencialmente agrícola, relacionava-se historicamente com os antecedentes da páscoa, Lv 23. 39, 43. Celebrava-se no sétimo mês, número sagrado, e no fim da estação das colheitas, quando todos os produtos eram recolhidos aos celeiros, tanto os do campo, como os apanhados nos olivedos e nas vinhas. Também se denominava solenidade das ceifas, tempo em que foi instituída, Êx 23. 16; 34. 22; Lv 23. 39; Dt 16. 13, 15. Começava no dia 15 do sétimo mês e durava sete dias. Montava a setenta o número total de bezerros sacrificados, oferecidos em escala decrescente, durante a semana, juntamente com dois carneiros e catorze cordeiros diariamente, e um bode pelo pecado, Nm 29. 12-34; cp. Lv 23. 36; Ed 3. 4. As cabanas feitas de ramos de árvores davam idéia da vida rural, e servia também para recordar a peregrinação pelo deserto após a saída do Egito, Lv 23. 43; cp. Os 12. 9. De sete em sete anos, lia-se publicamente a lei de Moisés. O ano em que se fazia esta leitura coincidia com o ano da remissão em que não se faziam colheitas, Dt 31. 9-13. A festa ocorria quase imediatamente ao dia da expiação. O povo purificava-se de acordo com a lei cerimonial, e assistia à festa, banqueteando-se em honra do Senhor que o abençoava abundantemente, Dt 16. 14. Ao oitavo dia ofereciam um holocausto ao Senhor; nesse dia não se fazia obra alguma. Distinguia-se dos outros dias de festa; não havia barracas nem tendas, e as oferendas não tinham relação com as dos dias anteriores, Lv 23. 36, 39; Nm 29. 35-38; Antig. 3. 10, 4. Não se destinava a servir de fecho aos dias de festas dos tabernáculos, e sim a dar ao ciclo anual das festas um termo característico. Em tempos posteriores, considerava-se a festa como tendo a duração de oito dias, 2 Mac 10. 6; Antig. 3. 10, 4. Existem opiniões diferentes sobre o dia mais solene da festa a que se refere S. João, 7. 37, se era o sétimo ou oitavo dia. Cerimônias espléndidas foram adicionadas subseqüentemente às prescrições da lei. Por ocasião do sacrifício da manhã, o povo empunhava ramos de palmas, de mirto e de salgueiros entrelaçados, e com as mãos cheias de frutos acudiam ao templo e marchavam em torno do altar dos sacrifícios uma vez por dia, e sete vezes no último dia, à maneira da tomada de Jericó, Antig. 3. 10, 4; 13. 13, 5; cp. 2 Mac 10. 6, 7. Outro costume que parece em voga no tempo de Cristo era que diariamente, enquanto durava a festa, por ocasião das oblações da manhã e da tarde, o sacerdote tomava um vaso de ouro e o enchia de água do tanque de Siloé e o conduzia para o templo, onde o recebiam ao som de trombetas, entoando as palavras de Is 12. 3: "Vós tirareis com gosto águas das fontes do Salvador." Esta água era misturada com o vinho dos sacrifícios e, enquanto os sacerdotes tocavam as trombetas e os levitas faziam soar os instrumentos músicos e cantavam salmos, a derramavam atrás do altar, de onde saía para a torrente de Cedrom, por um cano de esgoto. Também costumavam, na tarde depois do primeiro dia da festa e talvez nas tardes subseqüentes, iluminar o átrio das mulheres com dois postes, cada um dos quais sustentava quatro enormes lâmpadas que iluminavam, não somente os átrios do templo, mas também uma parte da cidade. Os pavios eram feitos de linho que havia servido nas vestes dos sacerdotes. Os levitas ficavam de pé nos degraus do átrio, tocando instrumentos músicos e entoando salmos; pessoas de alta categoria social juntamente com os sacerdotes entregavam-se a danças festivas.

Os judeus que moravam longe da cidade, ou em terras estrangeiras, não podiam assistir às festas em Jerusalém, faziam-nas nas sinagogas locais, mas sem oferecer sacrifícios.

TABERNÁCULO, TENDA

1. Tenda provisória, onde o Senhor falava a seu povo, Êx 33. 7-10.

2. Construção portátil, em forma de tenda, que Deus ordenou a Moisés fizesse, para servir de sua morada no meio do povo de Israel, Êx 25. 8, 9, donde lhe veio o nome de habitação, 25. 9; 26. 1, lugar onde Jeová falava a seu povo, 41. 34, 35, onde se achavam depositadas as tábuas da lei ou o testemunho, "o tabernáculo do testemunho", 38. 21; cp. 25. 21, 22; Nm 9. 15, também denominado "casa do Senhor", Êx 34. 26; Js 6. 24. Os materiais para construção do tabernáculo foram adquiridos ali mesmo em larga quantidade. As madeiras vieram das florestas do deserto. Deram os homens e as mulheres os braceletes, as arrecadas, os anéis e os ornatos dos braços; todos os vasos de ouro foram postos à parte para donativos do Senhor. Se algum tinha jacinto, púrpura e escarlata, linho fino e pelos de cabra, peles de carneiro, metais de prata e de cobre, paus de cetim para vários usos, tudo ofereceram ao Senhor. Os príncipes ofereceram pedras cornelinas e pedras preciosas para o éfode, Êx 35. 21-29. O largo dispêndio de metais preciosos para uma construção temporária ficou plenamente justificado, uma vez que todos os materiais tinham de ser aproveitados, quando se procedesse à construção permanente.

O Senhor dá a Moisés as instruções minuciosamente para a edificação do tabernáculo, a começar pela arca, que era o ponto central para o encontro de Jeová com o seu povo, Êx 25. 22. I. Feições essenciais e permanentes: a arca, a mesa dos pães da proposição e o candeeiro de ouro, Êx 25. 10-40, símbolo de cousas celestiais, Hb 9. 23. Seguem-se os pormenores, Êx 26. 1-37; para o altar dos sacrifícios, 27. 1-8; para a localização do átrio, 9-19. O candeeiro deveria ser alimentado com azeite puro de oliveira para conservá-lo sempre aceso, 20, 21. O cap. 25. 30 fala sobre os pães da proposição que deveriam estar sempre na presença de Deus. II. Aproximação a Deus, por mediação do sacerdócio. Sua instituição, 28. 1; suas vestes, 2-43, modo de sua consagração, 29. 1-36. Depois de criada a ordem sacerdotal, vêm as especificações referentes ao altar, 37, e ao sacrifício perpétuo, 38-42. III. Passa em seguida para o altar dos incensos, 30. 1-10, simbolizando a adoração que o povo santificado oferece a seu Deus. Somente neste lugar é que se fala do altar dos perfumes em separado dos demais objetos que ornavam o tabernáculo. Deveria ocupar lògicamente o ponto em que o povo oferecia as suas adorações ao Senhor. Em outros lugares, figura ele em conjunto com as outras peças na ordem seguinte: a arca, a mesa, o candeeiro, o altar dos incensos e o altar dos sacrifícios, como se diz em relação a estes objetos, 37. 25-28, na enumeração de todas as peças, 39. 38, nas instruções sôbre a maneira de levantar o tabernáculo, 40. 5, e na história final de sua elevação, 26. IV. Provisões para as necessidades do culto: A contribuição de meio siclo preço do resgate de cada pessoa, Êx 30. 11-16, a bacia de bronze, 17-21, as santas unções de óleo, 22-33, e o incenso, 34-38.

O tabernáculo formava um paralelogramo de 30 cúbitos de comprimento por 10 de largo, com entrada pelo lado do oriente. A parte traseira e os dois lados eram feitos com 48 tábuas, 20 de cada lado e 8 nos fundos, das quais, duas formavam os ângulos. Cada tábua tinha 10 cúbitos de altura por 1 ½ de largo, todas cobertas de ouro. As tábuas apoiavam-se em bases de prata duas em cada tábua, ligadas entre si por barrotes de pau de cetim; cinco para conterem as tábuas a um lado do tabernáculo, outros cinco para o outro lado, e cinco para o lado ocidental, presos a argolas de ouro, 26. 15-30. Toda a frente servia de entrada, onde se erguiam cinco colunas de pau de cetim douradas, cujos capitéis eram de ouro e as bases de bronze, de onde pendia um véu de jacinto e de púrpura. O interior dividia-se em duas secções, separadas por uma cortina suspensa de quatro colunas douradas, com capitéis de ouro e bases de prata, 32, 37. Os dois compartimentos ficavam na parte ocidental, onde se achava o santo dos santos, medindo 10 cúbitos em todas as direções, e o santuário, ou lugar santo, que tinha 20 cúbitos de comprimento e 10 de largura e 10 de alto, 26. 16. Havia quatro cortinas: 1. A coberta e os lados tinham uma cortina de linho retorcido de cor de jacinto, de púrpura e de escarlata com querubins. Esta cortina era feita em dez pedaços, cada um dos quais tinha 28 cúbitos por 4. Cinco pedaços eram enlaçados uns com os outros, e os outros cinco se uniam do mesmo modo, de sorte que formavam duas peças que se prendiam entre si. Uma formava a coberta e três lados do santo dos santos, e a outra, a coberta e outros dois lados do santuário, 1-6. 2. A principal coberta externa do Tabernáculo, era de pelos de cabra e consistia de onze cobertas estreitas, tendo cada uma delas 30 cúbitos por 4, isto é, 2 cúbitos mais compridas do que as cobertas internas feitas de linho, cp. v. 13.

Estas onze cobertas se ajuntavam umas às outras, formando duas secções: uma com cinco, e outra com seis. A parte formada pelas cinco cobria o teto e três lados do santo dos santos; a mais larga cobria o teto e os lados do santuário, dobrando a sexta parte por diante do texto, 7-13. 3. A terceira coberta era de peles de carneiro, tintas de vermelho. 4. À entrada do santuário pendia um véu e outro em frente do santo dos santos. Cada um deles era de cor de jacinto, de púrpura e de escarlata, e de linho fino retorcido, com lavores de bordados, com figuras de querubins, para indicar que ninguém se poderia aproximar da presença de Jeová, 31-37.

O tabernáculo ocupava um átrio retangular de 100 cúbitos de comprimento na direção de leste a oeste, e de 50 de largura de norte para sul, cercado por vinte colunas de cada lado com outras tantas bases de bronze e capitéis de prata, cada uma separada da outra, 5 cúbitos, com cortinas de linho retorcido. Na entrada do átrio havia uma coberta de vinte cúbitos, de jacinto, de púrpura, de escarlata tinta duas veres, e de linho fino retorcido, com quatro colunas e outras tantas bases, Êx 27. 9-18. O tabernáculo ocupava a metade da parte ocidental do átrio: o mar de bronze e o altar dos sacrifícios ficavam na outra metade para o lado do oriente sem coberta alguma. A arca era o ponto de convergência de todo o cerimonial e ocupava o santo dos santos. No santuário, bem defronte do véu que o separava do santo dos santos, erguia-se o altar dos incensos, que, não obstante, também pertencia ao oráculo, 1 Rs 6. 22; Hb 9. 3, 4. Neste mesmo apartamento estava a mesa dos pães da proposição ao lado direito, e ao lado esquerdo, o candeeiro de ouro. Fora no átrio, estava o mar de bronze e o altar dos sacrifícios. A descrição e simbolismo destes objetos, encontra-se em artigos separados. A dedicação do tabernáculo fez-se no primeiro dia do segundo ano depois que os israelitas saíram do Egito. Durante o dia, cobria-o uma nuvem, e durante a noite, pairava sobre ele uma coluna de fogo, enquanto durou a viagem pelo deserto. Quando se levantava acampamento, os levitas se encarregavam de desmontar o tabernáculo e de novo o levantarem em outro lugar, Êx caps. 26. 27. 9-19; 35. 4 a 36. 38; 40. 1-38. Enquanto durou a conquista de Canaã, a arca permaneceu no campo em Gilgal. Depois de se estabelecerem na terra prometida, Josué levantou o tabernáculo em Silo, onde permaneceu em todo o tempo dos juízes, Js 18. 1. Parece que em torno do santuário havia dependências destinadas aos sacerdotes e à guarda das ofertas que o povo fazia ao Senhor, 1 Sm 3. 3; cp. acampamento dos levitas em torno dele, Nm 3. 23, 29, 35. Estas dependências com certeza eram prote-

gidas de modo diverso, por que era o tabernáculo. Fala-se em tendas, 2 Sm 7. 6, em porta do tabernáculo do testemunho, Js 19. 51; 1 Sm 2. 22, em habitação de Jeová, Js 22. 19, 29; Jz 19. 18; 1 Sm 1. 7, 24; 3. 15. Quando os filisteus tomaram a arca, o tabernáculo perdeu tôda a sua glória e todo o seu valor, Sl 78. 60. No reinado de Saul, a arca estêve em Nobe, cp. 1 Sm 21. 1 com Mc 2. 26.

No reinado de Davi e no de Salomão, até à construção do templo, o tabernáculo estava num alto que havia em Gabaom, 1 Cr 16. 39; 21. 29. Depois que Salomão edificou o templo, segundo o modelo do tabernáculo, porém em mais largas proporções, tudo que havia no tabernáculo foi transferido para ele, 1 Rs 8. 4; 2 Cr 5. 5.

TABOR

1. Nome de um monte existente nos limites do território de Issacar, Antig. 5. 1, 22; Js 19. 22. O monte Tabor estava situado no meio de montanhas, Jr 46. 18, e figurava entre os mais notáveis da Palestina, ainda que inferior em tamanho ao Hermom, Sl 89. 12. As forças militares de Issacar e Zebulom concentraram-se no monte Tabor para darem combate a Sísera, Jz 4. 6, 12, 14. No ano 218 A. C. Antíoco, o Grande, tomou uma cidade que existia no seu cume, juntamente com as posições fortificadas nêle existentes, Políbio, 5. 70, 6. Josefo levantou muros de defesa em torno de sua crista, Vida 37; Guerras 4. 1, 8. O Tabor chama-se hoje *Jebel el-Tor*, monte separado de entre outros de formação calcárea, erguendo-se a 1.843 pés sobre o nível do Mediterrâneo, na parte setentrional da planície de Jezrael, a doze milhas ao norte de Gilboa, a 5 ½ a sudeste de Nazaré e a 12 a oeste sul da curva meridional do lago de Genezaré. Visto do lado noroeste, assemelha-se a um cone truncado, e do lado de sudoeste, parece um segmento de círculo. O lado do norte cobre-se de espessas matas de carvalhos e terebintos. O cume é plaino e de forma elíptica. Pensavam os teólogos do segundo século, que no Tabor é que se deu a cena da Transfiguração, e por isso, de tempos a tempos, construíam lá monumentos comemorativos. Os que afirmam existir no seu cumé uma fortaleza, no tempo de Cristo; encontram sérias dificuldades em provar isto.

2. Nome de uma cidade da tribo de Zebulom dada aos levitas da casa de Merari, 1 Cr 6. 77, talvez nos limites da tribo de Issacar, Js 19. 22, dificilmente identificada com a cidade de Ceselete-tabor (v. 12) e que mais corresponde a Casalote, (v. 18).

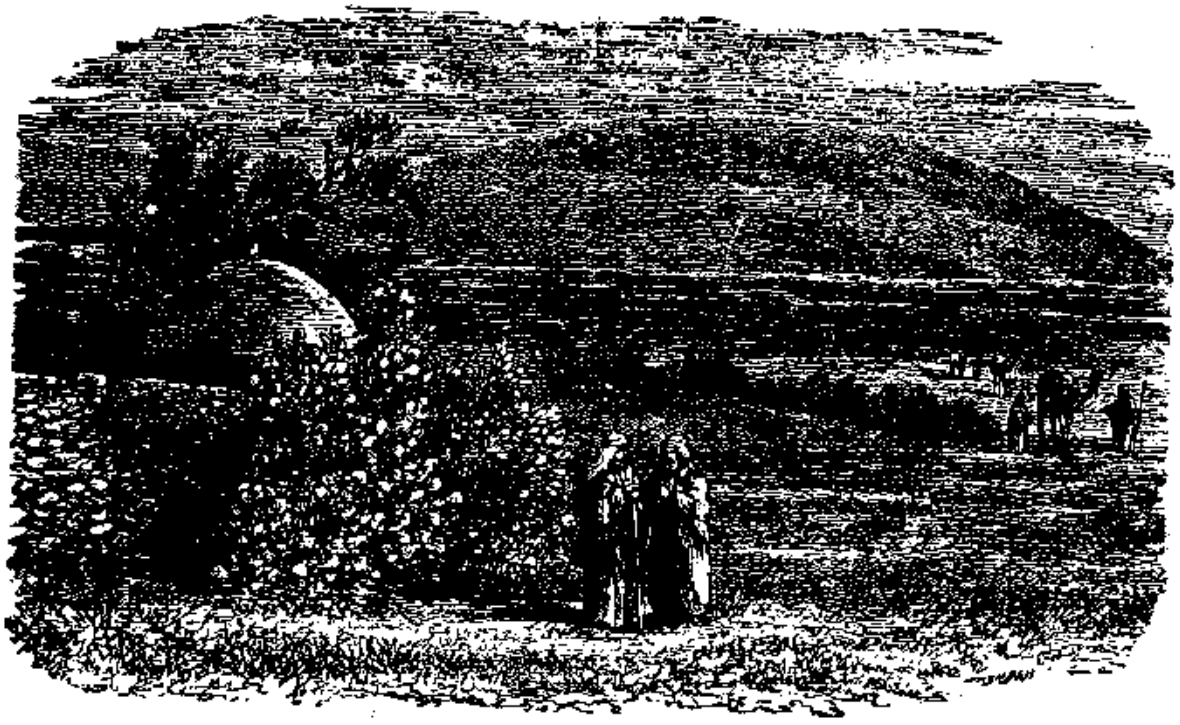
3. Carvalho do Tabor (1 Rs 10. 3) que parece estar no território de Benjamim.

TABRIMOM. No aramaico, *Rimom é deus*.

Nome de um dos filhos de Heziom, rei da Síria, e pai de Benadade I, também rei da Síria, 1 Rs 15. 18.

TADMOR. Palavra formada de *tamar*, palmeiras.

Nome de uma cidade do deserto, 2 Cr 8. 4, que Salomão mandou fortificar, sem dúvida com o fim de regular o trânsito das caravanas que por ela passavam. Em passagem paralela de 1 Rs 9. 18, encontra-se a palavra Tamar, em referência a êle na V. B. Em Figueiredo diz-se "Palmira na terra do deserto." Parece que esta frase "terra do deserto" tem por fim assinalar a extensão do reino do grande filho de Davi, v. 19 e cap. 4. 21, 24. Alguém tem sugerido que esta cidade pode ser identificada com a Tamar, mencionada em Ez 47. 19; 48. 28, situada no limite meridional da terra prometida, provavelmente na estrada que vai de Hebrom a Elate. Veja *Tamar* 5. Esta identificação é aceitável e pode incluir ou corrigir a palavra Tadmor, de 2 Cr 8. 4, que tem servido para explicar a passagem paralela de 1 Rs 9. 18. Mas o texto do livro dos Reis é suspeito; porque a frase "na terra" é supérflua, uma vez que todas as cidades mencionadas estavam na terra; além de que o texto se afasta da enumeração paralela no livro de Crônicas deixando de mencionar em Emate as cidades de Salomão que lhe serviam de celeiros. Talvez que o texto original dissesse "Tamar do deserto na terra de Emate, tôdas as cidades que serviam de celeiro."



Monte Tabor, visto de Naim

Tadmor eventualmente veio a ser presa dos romanos que lhe latinizaram o nome, denominando-a Palmira, Antig. 8. 6, 1. Entre os anos 251 e 273 da era cristã, gozou de relativa independência. Ainda subsiste o nome de Tadmor, levemente modificado para Tadmur, nome de um oásis a 140 milhas a nordeste de Damasco e a 120 do Eufrates. E um montão de ruínas que se estende por cêrca de duas milhas. Encontram-se extensas

linhas de colunas de ordem corintia e iônica com numerosos túmulos parecidos a torres. As inscrições são gregas e semíticas.

TAFATE, *Gota.*

Nome de uma das filhas de Salomão e mulher do filho de Abinadabe, 1 Rs 4. 11.

TAFNES

1. Nome de uma rainha do Egito do tempo de Salomão, 1 Rs 11. 19, 20.

2. Nome de uma cidade do Egito, Ez 30. 18, para onde se retiraram os judeus para escapar à vingança dos babilônios por causa da morte de Gedalias, Jr 43. 7-9. Parece que os judeus se estabeleceram ali definitivamente, 44. 1; 46. 14. Os Setenta traduziram Tafnis por Tafne ou Tafnai, que é o mesmo que Dafne, cidade fortificada do canal de Pelusium, Heród. 2. 30, 107, que parece identificada com as ruínas de Defené, 12 milhas ao norte de Pitom.

TALENTO

Nome de um peso que servia para usos ordinários de comércio e também para avaliar metais preciosos, porém de vários padrões, de acordo com a espécie de que se tratava. Veja *Pesos.* O valor de um talento de ouro era de 29.374.50 dólares, e o de prata 1.950. O talento usado no período grego-romano, era o ático que variava entre 1.180 e 960 dólares. O Evangelho contém uma parábola denominada dos talentos, em que um senhor distribui certo número de talentos pelos seus servos para que eles negociassem e lhe dessem os lucros. A cada um confiou número correspondente à sua capacidade, Mt 25. 14-30. Em inglês a palavra talento emprega-se em sentido figurado, de aptidões pessoais.

TALHAS, CÂNTARO, BILHA, ALMOTOLIA

1. Vasilha feita de barro ou de qualquer outro material, Jo 2. 6; cp. Odisséia, 13. 108, destinada a conservar líquidos ou cereais. As talhas de barro tinham geralmente uma ou duas asas e serviam para carregar água apanhada nas fontes vizinhas, Ec 12. 6. Em geral, as mulheres carregavam estas vasilhas ao ombro ou na cabeça,

Vasilhas para líquidos e cereais

Gn 24. 13, 15, 16; Jo 4. 28, e os homens, também, faziam este serviço, Mc 14. 13. As talhas de barro serviam também para depositar o vinho, Heród. 3. 6; Anabasis 6. 1, 15; cp. Odisséia 2. 290, e para este fim, as faziam com grande capacidade, Odisséia 2. 340, *pithos.* As vasilhas de barro destinadas a guardar azeite, tinham o nome de almotolia, 1 Rs 17. 12.

2. Vasilhas de pedra, Jo 2. 6, que serviam para depósitos de água. Chamavam-se em grego *Metretas* e tinham a capacidade de 1952.17 polegadas cúbicas, para cerca de 38 litros de vinho.

TALITA CUMI, Em aramaico, menina ergue-te Mc 5. 41.

TALMAI, *Sulco?*

1. Nome de um dos filhos de Enaque, fundador da família dos enacins, Nm 13. 22, expulsos de Hebrom por Calebe, Js 15. 14; Jz 1. 10.

2. Nome de um rei de Gessur, cuja filha Maaca foi uma das mulheres de Davi e mãe de Absalão, 2 Sm 3. 3; 13. 37, 1 Cr 3. 2.

TALMOM, *Oprimido.*

Nome de um porteiro, que passou a designar a família por ele fundada, 1 Cr 9. 17; Ne 11. 19; 12. 25. Alguns dos membros desta família voltaram do cativeiro de Babilônia com Zorobabel, Ed 2. 42; Ne 7. 45. Continuaram no mesmo ofício de porteiros do novo templo.

TÂMARA

Fruto da tamareira ou *Phoenix dactylifera,* 2 Cr 31. 5, de que se fazia mel, Guerras 4. 8, 3.

TAMAR, *Palmeira.*

1. Nome da mulher de Her, filho de Judá. Depois de enviuvar teve dois filhos gêmeos, Perez e Zerá, cujo pai era o próprio sogro, Gn 38. 6-30. Destes procederam várias famílias tribais, Nm 26. 20, 21.

2. Nome de uma linda mulher, irmã de Absalão, de quem se enamorou Amnom, seu irmão paterno, e da qual abusou criminosamente, 2 Sm 13. 1-39; 1 Cr 3. 9. Parece ter-se casado com Uriel, de quem teve uma filha que foi mulher de Roboão, chamada Macaia.

3. Nome de uma filha de Absalão, de nome igual ao de sua irmã, 2 Sm 14. 27.

4. Nome de uma cidade do deserto, *Palmira.* 1 Rs 9. 18, também denominada Tadmor, em 2 Cr 8. 4.

5. Nome de um lugar no extremo oriental da Palestina, Ez 47. 19; 48. 28; deveria ser ao sul do Mar Morto e talvez se possa identificar com a aldeia Tâmara que Euzébio diz situada entre Hebrom e Elate.

TAMARGUEIRA, ARBUSTO SOLITÁRIO, JUNÍPERO

Tradução das palavras hebraicas *Ar,* Jr 17. 6, em árabe junípero, *J. Oxycedrus* e *aroer,* Jr 48. 6, ambas as quais envolvem a idéia de nudez.

Tamargueira

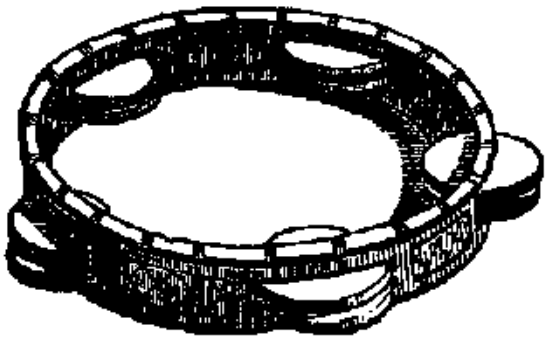
A tamargueira é árvore, vestida de folhas estreitas, muito pequenas e rígidas. A espécie *Erica verticillata*, de flores pediceladas, de cor rosada e de doce e suave perfume, encontra-se nas encostas do Líbano. A maior parte dos intérpretes consideram esta palavra, pelo menos em Jr 48. 6, representando uma pessoa desamparada, uma vez que *aroer* tem este sentido no Sl 102. 17.

TAMBOR

Instrumento de música, 1 Sm 10. 5, pandeiro, adufe.

TAMBORES, ADUFES, PANDEIROS, TAMBORIL

Espécie de tambor de pequenas proporções, de onde se originou o moderno pandeiro. A palavra hebraica é *toph*, instrumento que se usa batendo nele com a mão, muito empregado nas festividades familiares, acompanhando as cantigas e marcando o compasso das danças. Também servia para acompanhar as orquestras nos atos de cultos a Deus, Gn 31. 27; Êx 15. 20; Jz 11. 34; 1 Sm 10. 5; 18. 6; 1 Cr 13. 8; Jó 21. 12; Sl 81. 2; Is 5. 12.



Pandeiro

TAMBORIL ver TAMBORES

TAMUZ

Nome de uma divindade babilônica que denominavam *Dumuzi*, ou *Duzi*, que parece significar filho da vida, de onde vem a palavra TAMUZ. Era adorado em toda a Babilônia, na Assíria, na Fenícia e na Palestina. Deu nome ao quarto mês do ano semítico. Tamuz era esposo da deusa Istar e rei do mundo inferior, deus das pastagens e patrono dos rebanhos e dos pastores; ele próprio se denominava pastor. Morria anualmente para de novo aparecer no ano seguinte. Segundo entendiam alguns, o deus-sol *Shamash* é quem o matava. Como se vê, é uma história puramente mitológica. Todavia, em seus pormenores simboliza o curso do sol, desde o nascimento ao ocaso, e a morte e o renascer da vegetação. O profeta Ezequiel, em visão, presenciou, na porta da casa do Senhor que olha para a banda do Aquilão, umas mulheres que, assentadas, choravam a Adônis ou Tamuz, divindade pagã que havia entrado na Palestina, Ez 8.14. Cirilo de Alexandria e S. Jerônimo identificam-no com o deus fenício Adônis, com aceitação geral. Diz S. Jerônimo que os sírios celebravam uma solenidade anual a Adônis no mês de junho. Neste mês as mulheres choravam a sua morte; depois que voltava à vida, entoavam-lhe cânticos. Sabe-se de outras fontes, que em Biblos na Fenícia, existia o centro do culto de Adônis. A festa anual em sua honra, celebrava-se nas vizinhanças do templo de Afrodite no monte Líbano e durava sete dias. Começava pela comemoração do desaparecimento do deus. Enchiam vasilhas de terra, com rebentos de trigo, de cevada, de alface e de funcho, a que chamavam jardins de Adônis, e os expunham ao calor do sol. O murchar das plantas simbolizava a morte da mocidade pelo deus-fogo Marte. Depois saíam as mulheres à procura do deus Adônis. Finalmente, o encontravam em um dos jardins. Este achado era celebrado com atos de luxúria e cantos. Depositavam a imagem em um esquife, mostrando em seu corpo a ferida que lhe fez o simbólico javali causador da morte do jovem deus. O povo assentava-se no chão em roda do ataúde, rasgavam os vestidos, e as mulheres soltavam estrondosas lamentações. Ofereciam sacrifícios ao deus morto e davam sepultura ao ídolo.

TANUMETE, *Consolação.*

Nome de um netofatita, 2 Rs 25. 23; Jr 40. 8.

TAPUA, *Maçã*, ou *abricó.*

1. Nome de uma cidade na parte baixa de Judá, Js 15. 34. Lugar ignorado.

2. Nome de uma cidade da tribo de Manassés, situada a oeste de Siquém, na linha divisória da tribo de Efraim, Js 16. 8; 17. 7, 8.

3. Nome de um dos filhos de Hebrom, 1 Cr 2. 43.

TAQUEMONI

Palavra que se encontra em 2 Sm 23. 8, que parece ser uma corrupção do texto hebreu da palavra *Hachmonita*, na qual o copista trocou a letra *h* pelo *t*.

TARALA, *Cambalear.*

Nome de uma cidade da tribo de Benjamim, Js 18. 27. Situação ignorada.

TAREÁ, *Habilidade.*

Nome de um descendente do rei Saul e de seu filho Jônatas, 1 Cr 8. 35; 9. 41.

TARPELITAS

Habitantes de um lugar que se presume seja Tarpel, situado perto de Babilônia ou Elã, Ed 4. 9.

TÁRSIS

1. Nome de um povo descendente de Javã, Gn 10. 4 e do lugar por ele habitado. Quando Jonas entrou em um navio, no porto de Jope, em demanda de Társis, teria evidentemente de atravessar o Mediterrâneo. Era um país longínquo, Is 66. 19. Tiro era a filha do mar, ou filha de Társis, como está em Is 23. 10, talvez por sua origem no comércio de Társis, que exportava prata em lâminas, Jr 10. 9, ferro, estanho e chumbo, Ez 27. 12. Há quem diga que Társis era a Tartessus, cidade do sul da Espanha, perto de Gibraltar, Heród. 4. 152, no país de Turti ou Turditânia a que a cidade pertencia. A riqueza mineral daquela região atraía os fenícios que em breve se estabeleceram nela, e cujo nome passou a ter forma semítica. Desde muito que a Espanha se fez conhecida pelas suas riquezas minerais. Os navios de Társis, a princípio, limitavam a sua rota ao comércio local; ultimamente, porém, navios de alto bordo, trafegavam para diversos portos, Sl 48. 7; Is 2. 16; 23. 1, 14; 60. 9; Ez 27. 25. Josafá construiu frotas que estacionavam no porto de Eziom-Geber no Mar Vermelho que iam até Ofir atrás de ouro, 1 Rs 22. 48. As frotas de Salomão iam de três em três anos, com a gente de Hirão, a Társis, donde traziam ouro e prata, marfim e bugios e pavões, 2 Cr 9. 2; cp. 1 Rs 10. 22; 2 Cr 20. 36.

2. Nome de um benjamita, filho de Bilã, 1 Cr 7. 10.

3. Nome de um dos sete príncipes da Pérsia, Et 1. 14.

TARSO. Não se deriva de *tarsus*, nome grego que significa cesto de vime, ou qualquer superfície plana. Os assírios pronunciavam-no *Tarzi*, e aparece em caracteres aramaicos com a forma *Trz*.

Tarso era a principal cidade da Cilícia, na parte oriental da Ásia Menor. Estava situada em ambas as margens do rio Cidno, distante da costa, cêrca de 12 milhas. No ano 833 A. C. já era conhecida por Salmanasar, rei da Assíria. Quando os romanos formaram a província da Cilícia no ano 64 A. C., a cidade de Tarso servia de residência ao governador. Para compensá-la do que havia sofrido pela sua aliança ao partido de Cé-

Tarso

sar, Marco Antônio nomeou-a cidade livre e isentou-a de impostos. Notabilizou-se pelas suas escolas que rivalizavam com as de Atenas e Alexandria. Ali nasceu o apóstolo S. Paulo, que depois de sua conversão a visitou, uma vez pelo menos, At 9. 11, 30; 11. 25; 21. 39; 22. 3.

Posto que muito longe da primitiva grandeza, ainda é cidade importante. Existem nela algumas reliquias da antigüidade.

TARTÃ

Nome titular do comandante-chefe do exército assirio, 2 Rs 18. 17; Is 20. 1. Os assírios pronunciavam êste nome de dois modos: *tartanu* e *turtanu*.

TARTAQUE

Nome de um idolo que os heveus adoravam em Samaria, 2 Rs 17. 31.

TATENAÍ

Nome de um governador persa, residente a este do rio Eufrates. Opôs-se tenazmente à reconstrução do templo de Jerusalém pelos que voltaram do cativeiro de Babilônia, Ed 5. 3; 6. 6.

TAU

Vigésima segunda letra do alfabeto hebraico; pronuncia-se *t* ou *th* segundo a posição que ocupa. Acha-se representada pelo *t* do nosso alfabeto e aparece nas palavras de origem hebraica como Tamar, Natã, etc. Assinala uma das secções do salmo 119. Cada v. desta secção começa por esta letra. Os escribas ocasionalmente trocavam a letra *tau* pela *ãs*.

TAXAS

No tempo dos juizes as contribuições regulares e obrigatórias destinavam-se ao culto de Jeová. Nesse tempo ainda não tinham exércitos nem os gastos com a manutenção da corte, mas havia um tabernáculo e um sacerdócio, mantidos pelos dizimos e pelas ofertas e pelas terras à disposição permanente dos levitas.

Depois do estabelecimento do reino, as rendas públicas provinham de várias fontes: 1. Contribuições em espécie para a corte do rei, consistindo em produtos dos campos e dos rebanhos, 1 Rs 4. 7-28; cp. Am 7. 1. 2. Ofertas especiais recebidas por Saul logo no principio de seu reinado, 1 Sm 10. 27, ou em tempos de guerra, 16. 20; 17. 18. 3. Tributos que pagavam os povos vencidos, 2 Sm 8. 6, 14; 1 Rs 10. 15; 2 Rs 3. 4, inclusive serviços manuais a que foram obrigados a prestar os cananeus que viviam no meio de Israel, Jz 1. 28, 30; 1 Rs 9. 20, 21. Quando os hebreus ficavam sujeitos a algum país estrangeiro, pagavam-lhe tributos, além dos impostos destinados ao seu próprio governo. 4. Os negociantes e agentes de comércio pagavam impostos de acordo com a natureza de seus lucros, 1 Rs 10. 15. Sem lançar novos tributos em dinheiro ou em produtos, e com a redução de suas despesas pessoais, Davi conseguiu manter um exército permanente, formando brigadas de 24.000 homens que serviam ao rei, distribuídas pelas suas turmas, entrando e saindo de guarda, todos os meses do ano, 1 Cr 27. 1. O governo de Salomão oprimiu bastante o povo com impostos, o que deu causa à divisão do reino, 1 Rs 12. 4. Eram isentas de impostos as pessoas que prestavam assinalados serviços à pátria, 1 Sm 17. 25; Antig. 17. 2, 1. No tempo do domínio persa, por decreto de Dario Histaspes, os sátrapas de cada provincia pagavam soma fixa para o tesouro do rei, Heród. 3. 89. Os súditos eram obrigados a contribuir também para o sustento pessoal dos governadores. A esta contribuição chamavam o pão do governador. Os governadores de Judá oprimiam o povo, cobrando dele todos os dias, quarenta siclos em pão, vinho e dinheiro, Ne 5. 14, 15. As rendas públicas resultavam dos tributos e dos rendimentos anuais, Ed 4. 13, 20. Os sacerdotes, os levitas e os natineus não pagavam impostos em Judá, 7. 24; todo o peso das contribuições caia sôbre a massa do povo, que igualmente estava sujeito às despesas do santuário. Muita gente do povo ainda precisava empenhar os seus campos e suas vinhas para pagar os tributos do rei, Ne 5. 4; 9. 37.

Os reis do Egito e da Síria, em vez de fixarem os impostos que o povo devia pagar, punham em almoeda o monopólio da cobrança e a concediam a quem mais dava. Quem se obrigava a dar a maior parte das rendas de uma provincia, tinha a seu dispor forças militares suficientes para auxiliá-lo no exercicio de suas funções, Antig. 12. 4, 1-5. Os reis da Síria criaram um imposto de capitação, tributavam o comércio do sal, cobravam uma soma arbitrária em substituição da coroa de ouro que era costume dar todos os anos, tomavam a terça parte dos cereais, a metade dos

frutos e ainda por cima cobravam os dízimos e as capitações destinadas ao templo de Jerusalém, 1 Mac 10. 29-31; 11. 34, 35; 13. 37, 39; Antig. 12. 3, 3.

Por ocasião da tomada de Jerusalém pelo general Pompeu, no ano 63 A. C., os romanos impuseram um tributo aos judeus, que dentro em pouco atingiu a mais de 10.000 talentos, Antig. 14. 4, 4. Júlio César decretou que os impostos não deviam ser arrendados e que no ano sabático fossem suspensos, que no ano seguinte somente fosse arrecadado um quarto da renda do ano anterior, 10, 5, 6. Herodes, o Grande, lançou impostos sobre os produtos dos campos, 15. 9, 1, e sobre os lucros de compra e venda, 17. 8, 4. Logo que os romanos se apoderaram da Judéia, introduziram nela o sistema financeiro do império, que consistia na cobrança, por meio de exatores ou publicanos, dos impostos sobre: 1) o solo, pago em espécie ou em dinheiro; 2) o imposto de capitação. Mt 22. 17, e da propriedade particular; 3) imposto sobre as mercadorias que entravam pelos portos de mar e pelas portas das cidades. Em Jerusalém havia uma recebedoria de rendas sustentada pelos próprios habitantes, Antig. 19. 6, 2.

Depois do exílio, todo israelita, ao chegar aos 21 anos e daí em diante, pagava uma taxa de meio siclo para custeio do templo, Mt 17. 24.

Os coletores visitavam todas as cidades em tempo certo para receberem os tributos. Em terras estrangeiras havia lugares designados para êste fim. Veja *Tributo*, 2.

TEATRO

Lugar onde se fazem representações dramáticas. O teatro com o seu auditório, com a sua orquestra e tablado, acomodava enormes multidões, e prestava-se admiràvelmente para assembléias públicas e para transações comerciais, segundo o uso nas antigas cidades gregas, At 19. 29, 31; Antig. 19. 8, 2.

TEBA, *Matança.*

Nome de um filho de Nacor com sua concubina Reumá, Gn 22. 24, e da tribo por ele formada. O nome da tribo acha-se em 2 Sm 8. 8, segundo a versão dos Setenta e a versão siríaca, e também em 1 Cr 18. 8, sob a forma Tibate, referente a uma cidade de Aranzobá.

TEBALIAS, *Jeová purificou.*

Nome de um levita, e terceiro filho de Hosa da família de Merari, 1 Cr 26. 11.

TEBES, *Brilho, esplendor.*

Nome de uma cidade perto de Siquém, onde havia uma torre alta e forte. Abimeleque sitiou-a. Aheirando-se da torre, perdeu ali a vida, Jz 9. 50-55; 2 Sm 9. 21. Ainda existe com o nome de Tubas, aldeia situada a nordeste de Siquém, na estrada de Bete-Seã.

TEBETE

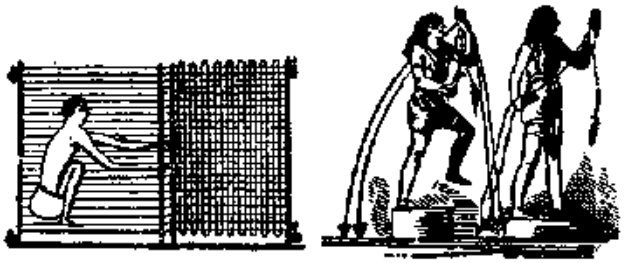
Nome do décimo mês do calendário semítico, Et 2. 16. Veja *Ano.*

TECELAGEM

Os egípcios já faziam tecidos antes da chegada dos israelitas ao seu meio, principalmente em panos de linho, Gn 41. 42. Êste serviço pertencia de preferência aos homens, Heród. 2. 32, se bem que também as mulheres aparecem como tecelãs nas esculturas e desenhos do antigo Egito. No tempo do Êxodo, os hebreus sabiam fazer tecidos simples e bordados, Ex 35. 35. Trabalhavam em tecidos finos para ornamentos e vestuários, panos grossos para o fabrico de tendas, e de roupas para gente pobre. A matéria prima consistia em pelos de cabra e de camelo, Mt 3. 4; Ex 26. 7, linho e lã, de várias cores, Ex 26. 1; cp. 28. 39; Heród. 3. 47. Faziam estofos com fios de ouro, Ex 39. 3, e bordavam com agulhas, 27. 16; 38. 23. Muitos intérpretes são de opinião que a palavra hebraica que traduziram por bordados, refere-se a alguém que fazia desenhos, como os modernos desenhos árabes denominados *markum*, destinados a servir de cortinas ornamentadas para divisão de apartamentos nas tendas. Entre os hebreus, tanto os tecidos como a fiação eram feitos por mulheres, 2 Rs 23. 7; cp. 1 Sm 2. 19; Pv 31. 22, 24; At 9. 39. Capas e túnicas vinham dos teares já prontas para serem usadas.

As túnicas, feitas de uma só peça, não tinham costura. Os sacerdotes só usavam túnica sem costura, Ex 28. 6, 8; Antig. 3. 7, 4. Jesus vestia uma destas túnicas nas vésperas de sua morte, Jo 19. 23, talvez simbolizando a sua missão sacerdotal.

Os teares no Egito eram verticais ou horizontais. A armação dos verticais ficava um pouco acima do chão; a tecedeira agachava-se para fazer passar as linhas. A urdidura fazia-se, passando os fios entre as barras de madeira a que se prendiam; liços de feitio muito rudimentar separavam



Tecelões egípcios

os fios da urdidura para a passagem da lançadeira; a batedeira dos fios da trama ficava entre o tecelão e a parte já tecida. Com uma varinha faziam chegar o último fio, apertando-o bem junto dos outros. O tear dos hebreus tinha igualmente órgão e lançadeira, 1 Sm 17. 7; 2 Sm 21. 19 e Jó 7. 6. O pino do órgão, ou antes o pino do tecido, porque empregavam uma palavra diferente da que usamos para o órgão, poderia ter sido o pente ou sedeira por onde passam os fios da trama para fazê-los chegar ao seu lugar, Jz 16. 13, 14. Depois tiram o tecido do cadilho, Is 38.12 ou, mais propriamente, do tear.

TECOA

Nome de uma cidade de Judá, 1 Cr 2. 24; 4. 5, situada no deserto para os lados de En-Gadi, 2 Cr 20. 20; cp. 20. 16. Roboão converteu-a em cidade forte, 2 Cr 11. 6. Foi pátria do profeta Amós, Am 1. 1. No tempo de Neemias, o povo de Tecoa ajudou a reconstruir o muro de Jerusalém, enquanto que os nobres da cidade se conservavam indiferentes à obra do Senhor, Ne 3. 5, 27. O nome Tecoa subsiste em uma pequena aldeia em ruínas situada a cinco milhas ao sul de Belém, sobre um monte, onde existe uma planura cheia de antigas fundações de edifícios, muitas delas com pedras aparelhadas, numa área de 4 ou 5 jeiras. Também existe lá um castelo de época mais recente.

TECOITA

Pessoa que nasceu em Técoa, ou residente nesta cidade, 2 Sm 23. 26.

TEFOM

Nome de uma cidade da Judéia, fortificada por Baquides, 1 Mac 9. 50. Parece que esta palavra é modificação do nome Tapuá, nome de várias cidades da Judéia.

TEÍNA, *Graça, súplicas.*

Nome de um homem de Judá, descendente de Quelube e antecessor dos habitantes da cidade de Naás, 1 Cr 4. 12.

TELA, *Fratura.*

Nome de um dos descendentes de Efraim, 1 Cr 7. 25.

TEL-ABIBE, *Monte de espigas de trigo.*

Nome de um lugar da Babilônia, perto do rio Quebar, onde moravam os judeus exilados, Ez 3. 15. Situação ignorada.

TELAIM, *Cordeiros.*

Nome de um lugar onde Saul reuniu o seu exército para combater contra os amalequitas, 1 Sm 15. 4; 27. 8. Pode ser que seja a Telém mencionada em Js 15. 24. Os dois nomes têm sentido diferente segundo o modo de os pronunciar.

TELASSAR, *Monte de Assur.*

Nome de um lugar, ocupado pelos filhos de Eden, 2 Rs 19. 12; Is 37. 12, e portanto, situado ao ocidente da Mesopotâmia, perto de Harã. Ignora-se a situação exata.

TELÉM, *Opressão.*

1. Nome de uma cidade do extremo sul de Judá, Js 15. 24. Situação ignorada.

2. Nome de um porteiro, a quem Esdras induziu para abandonar sua mulher estrangeira, Ed 10. 24.

TEL-HARSA.

Nome de um lugar da Babilônia, onde residiam certos indivíduos que se diziam pertencer ao povo judeu ali exilado, e que vieram para Jerusalém com Zorababel, Ed 2. 59; Ne 7. 61. Situação ignorada.

TEL-MELÁ, *Monte de sal.*

Nome de um lugar em Babilônia, onde certa gente se dizia pertencer ao povo judeu e que veio para Jerusalém com Zorobabel, Ed 2. 59; Ne 7. 61. Situação desconhecida.

TEMÁ

Nome de uma tribo dos ismaelitas e do distrito por eles ocupado, Gn 25. 15; Is 21. 14, e cujas caravanas eram bem conhecidas, Jó 6. 19. Temá é muitas vezes identificada com Taima do Aurã; porém a palavra Temá refere-se antes a um povo de nomeada que habitava em Taima, ou nas suas vizinhanças, ao oriente do golfo Aelanítico do Mar Vermelho e a meio caminho de Damasco e Medina.

TEMÁ, *Riso.*

Nome do fundador de uma família de natineus, da qual alguns membros voltaram do cativeiro com Zorobabel, Ed 2. 53; Ne 7. 55.

TEMÃ, *Meridional.*

Nome de uma tribo descendente de Esaú, e do distrito que ela ocupava, Gn 36. 11, 15, 34, na terra de Edom, Jr 49. 20; Am 1. 12, e na sua parte setentrional, Ez 25. 13. Os habitantes desta região eram notáveis pelo seu saber, Jr 49. 7.

TEMANITAS

Pessoas pertencentes à tribo de Temã, Gn 36. 34. Elifaz, amigo de Jó, era de Temã, Jó 2. 11.

TEMENI

Nome de um dos filhos de Assur, 1 Cr 4. 5, 6.

TEMPLO. Em hebreu, casa grande, palácio, como em 1 Rs 1. 21; 2 Rs 20. 18; Dn 1. 4; 4. 14.

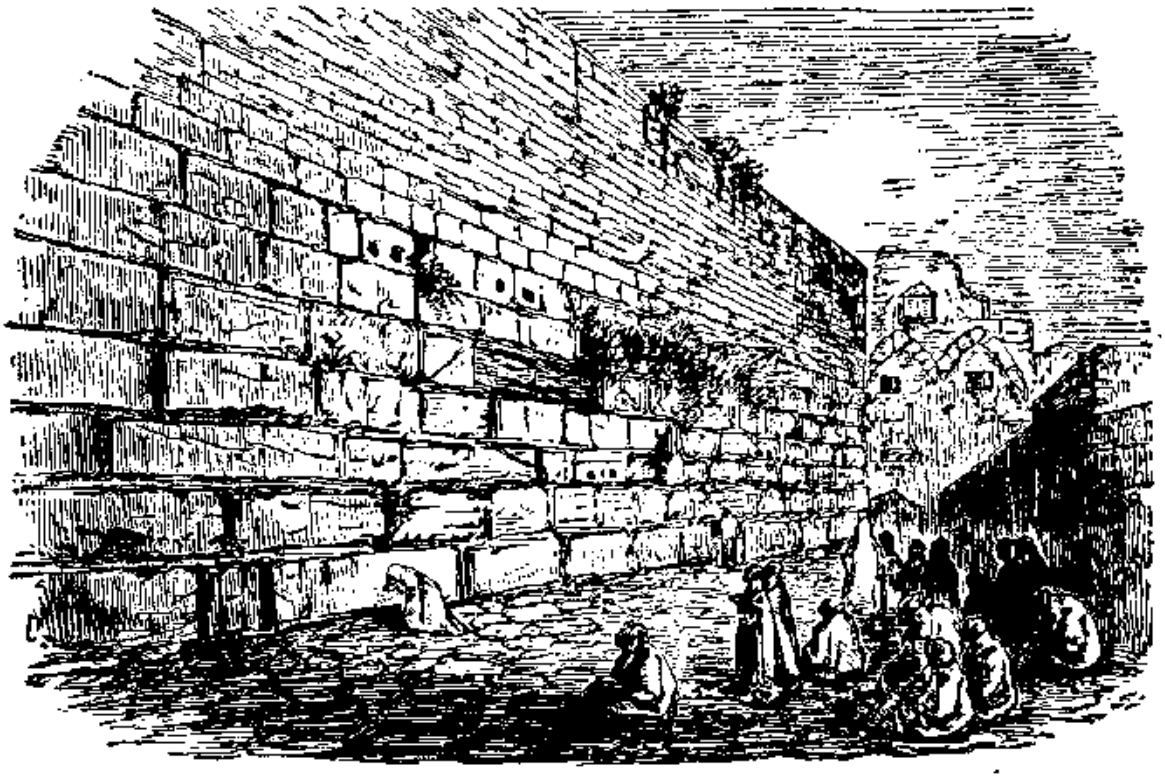
Grande ofício consagrado à adoração de uma divindade, Jl 3. 5; Ed 5. 14, com 1. 7; At 19. 27. Em três passagens, este nome se aplica ao tabernáculo, 1 Sm 1. 9; 3. 3; 2 Sm 22. 7; cp. Ap 15. 5, mas, em geral, refere-se aos templos sucessivamente consagrados a Jeová em Jerusalém.

1. *O templo de Salomão.* A construção de uma casa permanente para substituir o tabernáculo, ocupou sempre o pensamento de Davi, e, por isso, tratou logo no princípio de seu reinado, de armazenar os materiais necessários à realização de seu plano, 2 Sm cap. 7; 1 Rs 5. 3-5; 8. 17; 1 Cr caps. 22; 28. 11, até cap. 29. 9. Ajuntou 100.000 talentos de ouro e 1.000.000 de talentos de prata, para os gastos da casa do Senhor, 1 Cr 22. 14. Além disso, deu ele de seu bolsinho 3.000 talentos de ouro e 7.000 talentos de prata; e os príncipes contribuíram com 5.000 talentos de ouro, 10.000 soldos de ouro, e 10.000 talentos de prata, 29. 4, 7, fazendo um total de 108.000 talentos de ouro, 10.000 soldos de ouro e 1.017.000 talentos de prata. Esta soma equivale a quase 4.900 milhões de dólares, ou quase 2.450 milhões de dólares, se fizermos o cálculo pelo sistema de peso mais reduzido. Não é para admirar que ele pudesse ajuntar tão grandes riquezas, tomando em conta os despojos das guerras com os reinos vizinhos e os tributos dos países vencidos. Não obstante isto, a soma é avultadíssima; será bom admitir que haja alterações no texto. Todo o material amontoado foi posto à disposição do rei Salomão para a construção do templo e ainda sobejou, 1 Rs 7. 51; 2 Cr 5. 1. Salomão deu princípio à obra no quarto ano de seu reinado e completou-a dentro de sete anos e meio, 1 Rs 6. 1, 38. A aliança de Salomão com Hirão, rei de Tiro, facilitou a aquisição de madeiras do Líbano e de hábeis artífices. O rei escolheu obreiros em todo o Israel, 30.000 homens, que ele mandava ao Líbano por seu turno, dez mil cada mês, 1 Rs 5. 13. Havia mais 150.000 entre carregadores e cabouqueiros, 1 Rs 5. 15; 9. 20, 21; 2 Cr 2. 2, 17, 18. Sobre este número de operários havia 550 inspetores e 3.300 sub-inspetores, 1 Rs 5. 16; 9. 23, dos quais 3.600 eram cananeus e 250 israelitas, 2 Cr 2. 17; 8. 10. O templo foi levantado sobre o Monte Moriá, no lugar que tinha sido mostrado a Davi seu pai, na eira de Ornã, jebuseu, 2 Cr 3. 1. O plano geral obedecia ao mesmo plano do tabernáculo; as dimensões eram em dobro e as ornamentações mais ricas. O interior do edifício media 60 cúbitos de comprimento e 20 de largura e 30 de altura. Neste particular, as proporções não condiziam com as do tabernáculo, 1 Rs 6. 2. As paredes do templo foram construídas com pedras que já vinham prontas, lavradas e perfeitas, 7. A coberta era de pranchões de cedro, 9. As paredes da casa pelo interior eram guarnecidas de tábuas de cedro, 15; e 2 Cr 3. 5. Todo o interior era coberto de ouro purissimo, 1 Rs 6. 20, 22, 30; e 2 Cr 3. 7, *et passim*, e os muros, ornamentados com figuras de querubins, de palmas e de flôres.

O santo dos santos media 20 cúbitos de cada lado com igual altura, 1 Rs 6. 16, 20. O espaço de quase 10 cúbitos de alto, compreendido entre o teto e a cobertura, servia provavelmente para as câmaras superiores, revestidas de ouro, 1 Cr 28. 11; 2 Cr 3. 9. A arca repousava no santo dos santos, 1 Sm 8. 6, sob as asas de dois querubins colossais, feitos de pau de oliveira e cobertos de ouro. Cada um deles tinha 10 cúbitos de alto; o comprimento das asas era de 5 cúbitos, isto é, 10 cúbitos desde a extremidade de uma das asas até à extremidade da outra. Os querubins tinham as suas asas estendidas, e uma asa tocava na parede, e a asa do segundo querubim, tocava na outra parede, e as asas ajuntavam-se no meio do templo. Os querubins estavam em pé e os seus rostos virados para o templo exterior, 1 Rs 6. 23-28; 2 Cr 3. 13.

A divisão entre o santo dos santos e o lugar santo era feita de tábuas de cedro, forradas de ouro de ambos os lados, e tinha duas portas de pau de oliveira, decoradas com palmas, querubins e flôres, e também forradas de ouro, 1 Rs 6. 16, 21, 31, 32; 2 Cr 3. 14; cp. Antig. 8. 3, 3, 7.

O lugar santo, ou santuário, tinha 40 cúbitos de comprimento, 20 de largo, e 30 de alto, com janelas obliquas, próximas ao teto, para facilitar a ventilação e dar saída à fumaça, 1 Rs 6. 4. O altar do incenso era feito de cedro e coberto de ouro, 20, 22; 7. 48. Pertencia ao santo dos santos, Hb 9. 3, 4, mas permanecia fora dele, sem dúvida, para que os sacerdotes, que só entravam no santo dos santos uma vez no ano, pudessem diàriamente oferecer o incenso. Havia dez castiçais de ouro e dez mesas. A entrada para o santuário tinha portas de pau de faia, 6. 33, 34. Sobre a parede do templo havia diversos andares com quar-



O MURO DO PRANTO

Resto da grande muralha ocidental sobre o vale Tiropeom. Neste lugar os judeus, desde o século II, lamentam a destruição de Jerusalém e oram pela restauração de Israel

tos à roda, destinados aos oficiais do templo e à guarda das alfaias. 6. 5-10. Havia um pórtico diante do templo, de 20 cúbitos de comprimento e 10 de largo e 120 cúbitos de alto. 1 Rs 6. 3; 2 Cr 3. 4; cp. as versões Setenta e Siríaca. Este pórtico tinha duas colunas de bronze, Jaquim e Boaz, cada uma delas com 18 cúbitos de altura, ricamente ornamentadas. 1 Rs 7. 15-22; 2 Cr 3. 15-17. O templo tinha dois átrios, o átrio dos sacerdotes e o grande átrio. 2 Rs 23. 12; 2 Cr 4. 9; Jr 36. 10, separados entre si, tanto por diferença de nível, como por um pequeno muro, formado de três ordens de pedras cortadas e de uma ordem de cedro. 1 Rs 6. 36; 7. 12. No átrio dos sacerdotes, havia um altar de bronze para os sacrifícios. 8. 64; 2 Rs 16. 14; 2 Cr 15. 8, quatro vezes maior do que o que havia no tabernáculo. 4. 1, e um mar de bronze e dez bacias também de bronze, 1 Rs 7. 23-39. O mar destinava-se à purificação dos sacerdotes; as bacias serviam para se lavar nelas tudo o que se houvesse de oferecer em holocausto. 2 Cr 4. 6. Veja *Altar, Mar e Bacia*. O átrio exterior, ou grande átrio, destinava-se ao povo de Israel cp. 1 Rs 8. 14, cujo pavimento era lajeado de pedra, cercado por um muro com porta ao lado. 4. 9; cp. Ez 40. 5. Os babilônios saquearam e reduziram a cinzas este templo, quando tomaram Jerusalém no ano 587 A. C., 2 Rs 25. 8-17.

2. *O templo de Zorobabel*. Ciro, rei dos persas, autorizou a reedificação do templo com 60 cúbitos de alto e 60 de largura. Ed 6. 3; Antig. 11. 4. 6. Estas dimensões serviram de base para a construção do templo de Herodes. Deram-lhe começo no ano 537 A. C. no segundo ano depois da volta do cativeiro. Depois de muitas e tenazes oposições por parte dos habitantes de Samaria, foi concluído no ano 515 A. C. no sexto ano de Dario. Ed 3. 8; 6. 15; cont. Apiom. 1. 21. Ignora-se tudo quanto às dimensões das outras partes. Contudo, acompanharam o plano do antigo templo de Salomão, mas sem tanta magnificência. Empregaram em a nova construção, madeira de cedro do Líbano. Ed 3. 7, e metais preciosos que o povo ofereceu voluntariamente, como outrora no deserto. 1. 6; 2. 68, 69. Grande parte dos primitivos vasos do templo foram restaurados. Adotaram a mesma divisão do santo dos santos e santuário, separados por um véu. 1 Mac 1. 21, 22; 4. 48, 51. O santo dos santos estava vazio: a arca havia desaparecido (Cícero pro Flaco. 28; Tácito, Hist. 5. 9). O santuário tinha o altar dos incensos, um só candeeiro e a mesa dos pães da proposição. 1 Mac 1. 21, 22; 4. 49. Os quartos externos estavam unidos à casa do Senhor, Ne 10. 37-39; 12. 44; 13. 4; 1 Mac 4. 38, que era cercada de átrios. Ne 8. 16; 13. 7; Antig. 14. 16. 2. Tinha um mar de bronze, Ecclus. 1. 3, e um altar para os sacrifícios. Ed 7. 17, construído de pedras, 1 Mac 4. 44-47. O átrio dos sacerdotes era eventualmente separado por uma balaustrada, Antig. 13. 13. 5. O templo e suas dependências eram defendidos por meio de portas. Ne 6. 10; 1 Mac 4. 38.

3. *O templo de Herodes*. — Excedeu muito ao de Zorobabel. Josefo descreve-o minudenciosamente por haver assistido à sua construção, Antig. 15. 11; Guerras 5. 5. Muitos dos materiais foram tirados das ruínas do antigo templo. A construção começou no décimo oitavo ano do reinado de Herodes, 19 A. C. O edifício principal foi construído pelos sacerdotes em um ano e meio e os átrios, em oito anos, 11 ou 9 A.C.; mas o resto da obra só terminou no tempo do procurador Albino, 62-64 A. D., Antig. 15. 11. 5, 6; 20. 9, 7; cp. Jo 2. 20. A área aumentou em dobro as primeiras dimensões, Guerras 1. 21. 1. O templo propriamente dito, ocupava a parte mais elevada. Foi construído de grandes blocos de pedra branca. O interior tinha as mesmas dimensões do templo de Salomão. A altura, porém, excedia em 10 cúbitos ao antigo. Dividia-se em duas partes: o santo dos santos e o santuário, com as mesmas linhas. O santo dos santos estava vazio, separado do lugar santo por um véu, Guerras 5. 5. 5. A ruptura deste véu por ocasião da morte do Cristo, quando houve o terremoto, significava que o caminho para o trono das misericórdias estava franqueado pela mediação do sumo sacerdote Jesus, a todo sincero adorador, Mt 27. 51; Hb 6. 19; 10. 20. O lugar santo continha, como sempre, um altar de ouro para o incenso, a mesa para os pães da proposição e o candeeiro de ouro. Entrava-se neste recinto por uma porta que se abria para o oriente, cujas fo-

Inscrição proibindo a entrada dos gentios no átrio de Israel, sob pena de morte, descoberta por Clermont-Ganneau em 1871

lhas eram de ouro, cada uma delas tinha 55 cúbitos de altura e 16 de largo, com um véu de púrpura, de jacinto de escarlata e de linho fino retorcido, circundado pelo lado de fora por uma videira de onde pendiam enormes cachos de uvas. Aos lados do templo e na parte traseira, erguia-se um edifício de três pavimentos com 40 cúbitos de alto, cp. Guerras 6. 4, 7, suplementados por duas alas, uma das quais continha uma escada de volta que dava acesso por um dos lados da frente. Todo o edifício media 100 cúbitos de comprimento e 54 de largura, e incluindo as duas alas da frente, 70 cúbitos de largura. Por cima do santo dos santos e do lugar santo, construíram um sobrado que tinha as mesmas dimensões de ambos os apartamentos inferiores. Este pavimento, com a sua elevação, dava ao sagrado edifício uma altura de mais de 90 cúbitos. O templo era adornado com um vestíbulo ou pórtico em toda a sua frente que tinha 100 cúbitos de comprimento e outros tantos de altura, com 20 de largo. O portal era de 70 cúbitos de alto e 25 de largo (ou segundo Mishna 40 por 20 cúbitos) sem folhas, dando entrada para o santuário que podia ver-se do lado de fora. Sobre êste pórtico, Herodes mandou pôr a célebre águia de ouro, Antig. 17. 6; 2, 3; Guerras 1. 33, 2, 3. Havia doze degraus por onde se passava do vestíbulo para o átrio dos sacerdotes. Este átrio cercava todo o edifício. Nele estava o altar dos sacrifícios, cuja altura era de 15 cúbitos, com base de 50 cúbitos. Segundo Mishna, era construído de pedras toscas, diminuindo de 32 para 24 cúbitos da base para o cimo. Chegava-se a ele por um plano inclinado. Estava em uso o mar de bronze (Mishna). Este átrio era cercado por um muro, de um cúbito de altura. Em volta do átrio dos sacerdotes, havia como dantes, o grande átrio, que agora tinha o dobro do antigo, fechado por um muro de 25 cúbitos de altura acima do pavimento. Pelo lado interior deste muro, havíam construído os apartamentos para as alfaias, Guerras 6. 5, 2, e na frente destes, para o lado do templo, corria uma colunada coberta. Este átrio dividia-se em duas partes por um muro. A parte ocidental que cercava o átrio dos sacerdotes, destinava-se ao povo de Israel, e só entravam homens nele. O átrio das mulheres ficava para o lado do nascente. Chegava-se a ele, saindo do átrio dos homens por uma porta espaçosa que se abria no centro do muro divisório, descendo por uma escada de quinze degraus. Somente os israelitas poderiam entrar. As mulheres não deviam passar além. Os três átrios, juntamente com o templo, estavam dentro do *chel*, ou recinto sagrado. Havia três ordens de muros divisórios: o muro que separava o átrio de Israel e das mulheres, já mencionado, muito parecido a uma fortaleza por ser de grande espessura, cp. Guerras 6. 4, 1. o terraço cujo superfície plana tinha 10 cúbitos de largura, no topo, e na base, mais um muro de 3 cúbitos de altura com pilares contendo inscrições, proibindo a entrada a pessoas estranhas ao povo de Israel. Dizia uma delas em grego: "É vedada aos gentios a passagem para dentro deste muro e bem assim do fecho que cerca o santuário, sob pena de morte." Estas divisões davam entrada por nove portas, Ef 2.14, forradas de ouro e prata, quatro ao norte e quatro ao sul. Uma destas quatro, de cada lado, dava entrada ao átrio das mulheres, e três ao átrio dos homens; a nona porta era a grande porta oriental, a única que havia neste lado e que provàvelmente deveria ser a porta Especiosa, referida em At 3. 2, 10. A diferença de nível entre o vestíbulo do templo e o átrio dos gentios devia ser de 15 cúbitos. Do vestíbulo para o átrio dos sacerdotes subia-se por doze degraus; do átrio dos homens para o das mulheres havia 15, dêste para o terraço, 5; e deste para o átrio dos gentios, 14. Este átrio dos gentios ocupava o restante da área do templo e cercava completamente o recinto sagrado. Era quadrangular, Guerras 6. 5, 4, e media seis estádios, ou três quartos de milha, em circuito, Guerras 5. 5, 2, todo ele pavimentado. No ângulo de noroeste estava a torre Antônia. Exceto em um ponto, era cercado de magníficas colunadas cobertas, ou claustros, Antig. 17. 10. 2; cp. Guerras 6. 3, 2. O claustro da parte do sul era o mais belo; compunha-se de 162 colunas dispostas em quatro ordens, formando três naves. Cada coluna era feita de um monolito branco de 25 cúbitos de alto. A cobertura era de cedro, artisticamente ornamentado e perfeitamente polido. Os outros três claustros eram formados por duas ordens de colunas. A que ficava ao oriente do átrio representava as relíquias do primitivo templo e denominava-se alpendre de Salomão, Jo 10. 23; At 3. 11; Antig. 20. 9, 7; Guerras 5. 5, 1. Era nesta parte que os cambiadores tinham as suas mesas

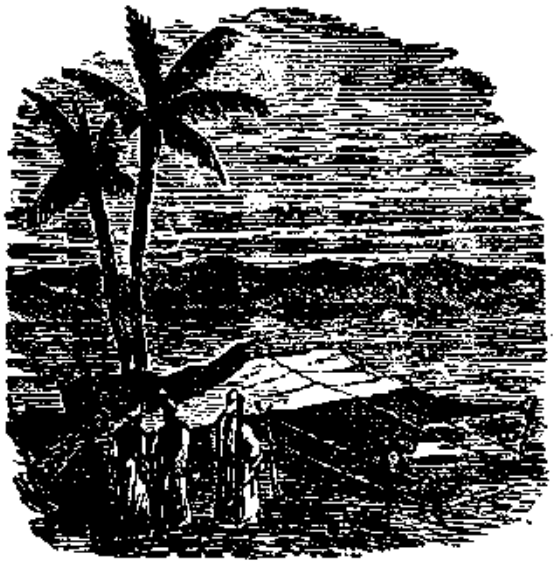
e que os comerciantes vendiam o gado destinado aos sacrifícios, Mt 21. 12; Jo 2. 14. Finalmente, todo o recinto sagrado era fechado de grossas muralhas. Ao lado ocidental do muro abriam-se quatro portas, duas davam saída para os subúrbios, a terceira para o vale Tiropeoni, no ponto em que se acha o arco de Wilson, e a quarta, mais para o sul, dava saída para o vale por uma escadaria que saía do átrio do templo, Antig. 15. 11, 5. Na parte do muro que ficava para o lado do sul, havia mais duas portas conhecidas pelo nome de Hudá. Na parte oriental do muro, ficava a porta Susã, e mais uma na face setentrional, Guerras 6. 4, 1.

Durante o sítio de Jerusalém pelos romanos, no ano 70 da era cristã, os judeus converteram o templo em fortaleza de guerra e lançaram fogo aos claustros externos. Um soldado romano, contra as ordens do general Tito, incendiou o templo reduzindo a cinzas todas as construções de madeira, Guerras 6. 3, 1; 4. 5; cp. 5. 1; 9. 2. Depois disto, os conquistadores deitaram abaixo os muros, 7. 1, 1. No lugar do antigo templo, o imperador Adriano mandou edificar um templo a Júpiter Capitolino, ano 136. O imperador Juliano, cognominado apóstata, no ano 363, mandou reconstruir o templo, com o fim de desmentir a profecia de Cristo, Mt 24. 1, 2, plano que fracassou por causa da irrupção de labaredas que saíam dos alicerces. A mesquita de Omar ali construída, ocupa o local do antigo templo. O explorador Warren esteve lá, entre fevereiro de 1867 e abril de 1870; fêz sondagens nos entulhos espalhados pelo monte Moriá, chegando a 100 e 125 pés de profundidades. Ainda se vêem as pedras angulares do templo, que tem 14 a 15 pés de comprimento e 3 ½ a 4 ½ de espessura. Algumas das pedras existentes no ângulo meridional contêm inscrições fenícias que parecem datar dos tempos de Herodes ou de Salomão. Os muros que cercavam a área do templo tinham 1000 pés de comprimento, e a plataforma onde estava o lugar santo, era amparada por um contraforte de 200 pés de altura acima do vale que lhe ficava por baixo. Finalmente uma das inscrições existentes, tendo sido restaurada, diz que era vedado o ingresso no segundo átrio, aos estrangeiros.

TENDA

1. Habitação portátil, como as que usavam os pastores, as tribos nômades e os soldados, Gn 4. 20; 25. 27; Jz 8. 11. Em geral as tendas eram feitas de um tecido escuro de pelos de cabras, Ct 1. 5, e se armavam sobre cordas presas a estacas que se enterravam no solo, batidas a martelo, Ex 35. 18; Is 54. 2. Havia tendas de forma cônica e redondas, e outras chatas e oblongas.

2. Nome geral das habitações, tomando-se uma parte pelo todo, e uma espécie de habitação, por outra, de acordo com as circunstâncias, Gn 9. 27; 1 Rs 8. 66; 2 Rs 13. 5; Jó 8. 22; Sl 83. 11; Jr 30. 18; Lm 2. 4; Zc 12. 7; Ml 2. 12. Ver *Tabernáculo*, 2.



Tenda árabe

TENDA DA CONGREGAÇÃO

Lugar provisório onde Jeová visitava o seu povo, Ex 33. 7-11; 34. 34, 35. Depois que fabricaram o bezerro de ouro, Jeová se recusou a manter relações com o povo e a habitar no meio dele; fez-se estranho e distanciou-se. Para simbolizar este fato, Moisés tirou a tenda e a pôs muito longe fora do campo, Ex 33. 7, provavelmente até que Jeová voltasse de novo a habitar no meio do povo, 34. 9. Não se sabe de que qualidade era; porém, era sem dúvida o centro do governo e da administração do acampamento. Ali é que Moisés se assentava para fazer justiça ao povo e dar-lhe audiência, Ex 13. 13. Veio a ser o lugar de suprema justiça depois de organizado o corpo de juízes, 21-26. Naturalmente se depositou ali o livro do pacto, caps. 20 a 23, que era ao mesmo tempo o volume sagrado dos estatutos do Senhor, 18. 16, e o livro que continha as leis civis para o governo de Israel. Foi provavelmente esta a tenda que Moisés transportou para fora do campo. Deu-lhe o nome de tenda da congregação porque: (1) Era o tribunal de justiça. Todos os do povo que tinham alguma dificuldade, saíam à tenda da congregação, fora do arraial, 33. 7. Em casos de contendas buscavam a face do Senhor, 2 Sm 21. 1; para ouvirem pronunciar a sentença de Deus, Ex 18. 15; para lhe exporem os seus requerimentos, 19; Nm 27. 5, onde comparecia diante do Senhor, Ex 21. 6; 22. 9; Dt 19. 17; e porque era: (2) lugar de revelação. Ali Jeová encontrava o seu povo, representado por Moisés, quando a nuvem descia à porta da tenda, Ex 33. 9. O nome tenda da congregação é tirado do primeiro Tabernáculo, salvo se Moisés lhe deu este nome de acordo com as instruções que havia recebido, referentes ao Tabernáculo permanente, uma vez que representava, simbòlicamente as mesmas verdades, 27. 21. Devia ter um altar perto, 18. 12, mas a Tenda da Congregação não era o santuário nacional, não tinha a arca para adoração, nem possuía sacerdócio e estava aos cuidados de Moisés e do pessoal que o servia, 33: 11. A nuvem descia sobre a Tenda quando Moisés entrava para consultar o Senhor, mas cobria o Tabernáculo permanente que a glória do Senhor enchia, vedando entrada ao próprio Moisés, 40. 33.

TEOCRACIA

Josefo empregou este termo para designar o governo instituído no Sinai. "O nosso legislador", diz ele, "deu-nos um governo que podemos denominar teocrático, sem esforço de linguagem, a que se atribui o poder e a autoridade divina" (cont. Apiom 2. 17). Jeová era o chefe da nação, habitando entre os querubins, Ex 25. 22. Nele se concentravam todos os poderes: o legislativo, o judicial e o executivo. Como legislador, promulgava a lei fundamental do estado aos ouvidos da congregação. Depois disto, exercia o seu governo, em grande parte, por meio de seus delegados. À maneira dos potentados da terra, confiava as funções judiciárias a homens por ele escolhidos, reservando para si, os casos mais graves, Ex 18. 19. Veja *Urim e Tumim*. Exercia as funções legislativas por instrumento de Moisés e dos profetas, Dt 18. 15-19.

A lei tinha suas intermitências. O corpo de leis era em si mesmo completo; algumas vezes, porém, sofria restrições ou ampliações. As funções executivas eram igualmente exercidas intermitentemente, durante anos, por meio de chefes, denominados juízes, ocasionalmente chamados por Deus, que se impunham à confiança do povo, por atos de valor. O governo teocrático foi estabelecido no Sinai sob condição de obediência, Ex 19. 4-9. Esta condição foi aceita pelos anciãos, representantes do povo, 7, 8. O próprio Jeová proclamou

os dez mandamentos, de modo a chegar aos ouvidos de todos, como base fundamental do pacto, 20. 1, 19, 22; Dt 4. 12, 33, 36; 5. 4, 22, a fim de que eles cressem, Êx 19. 9. A pedido da congregação, as outras leis, que serviam de comentário aos dez mandamentos em sua aplicação prática, foram dadas por meio de Moisés, Êx 20. 18-21. Seguiu-se a ratificação do pacto. Moisés escreveu tôdas as ordenações do Senhor, levantou um altar, e doze padrões, conforme o número das doze tribos de Israel, mandou que se oferecessem holocaustos e que se imolassem vítimas; tomou a metade do sangue e o derramou sobre o altar. Tomando o livro da aliança o leu, ouvindo todo o povo que prometeu obedecer. Em testemunho de que, Moisés derramou sobre o povo o resto do sangue, dizendo: "Eis aqui o sangue da aliança que o Senhor celebrou convosco, debaixo de todas estas condições." Finalmente, terminou com o banquete contractual. E assim foi estabelecido o governo teocrático em Israel, 24. 3-11. Êste livro do pacto contém a constituição e as leis mais antigas de Israel. Os dez mandamentos constituíam a lei fundamental do estado. Segundo o modo de dizer atual, pode bem chamar-se a constituição do país. De acordo com a concepção dos hebreus, as leis promulgadas constituíam pacto estabelecido entre Deus e o povo: tratado entre a comunidade e o seu Deus. Sendo lei fundamental, gravou-a em tábuas de pedra e mandou que as depositassem na arca, e denominaram-na o pacto, Dt 4. 13; 9. 9, 11; 1 Rs 8. 9-21. Veja também Nm 10. 33; Jz 20. 27; 1 Sm 4. 3, ou testemunho, Êx 31. 18; 32. 15, etc. As leis suplementares aos dez mandamentos tinham o nome de estatutos; nenhuma delas, porém, contrariava os princípios constitucionais: serviam de comentário a eles e ensinavam o modo de aplicá-los aos negócios de cada dia, eram disposições transitórias, sujeitas a alterações e emendas, podendo mesmo ser revogadas. Segundo as condições de cada época, podiam até ser ampliadas. A codificação destas leis mostra que a elas presidiu atento cuidado: acham-se dispostas em ordem e quase sempre em grupos de dez e cinco artigos, precedidos da conjunção *se*. A ordem de classificação é como segue: 1. Leis regulando as formas de culto, Êx 20. 23-26. 2. Leis garantidoras dos direitos do homem: (*a*) Protegendo a liberdade, 21. 2-11; (*b*) A respeito das ofensas pessoais, 12-36; (*c*) Sobre os direitos de propriedade, 22. 1-17. 3. Leis regulando o procedimento pessoal, Êx 22. 18 até cap. 23. 9. 4. Leis sobre o descanso e sobre os sacrifícios, 10-19. 5. Recompensas prometidas, 20-33.

Para saber da antigüidade, do caráter e da codificação destas leis, consulte: *Amrafel* e *Moisés;* e para conhecer o processo de revogá-las e de sua aplicação durante os quarenta anos seguintes. Veja *Zelofeade* e *Deuteronômio*.

No ato de instituir o governo teocrático no monte Sinai, a idéia que ficou bem clara na mente do povo, é que Deus era o soberano, e Moisés, o seu representante acreditado por meio do qual exercia o poder legislativo, judicial e executivo. Por sua vez, Moisés tinha juízes subordinados que lhe serviam de assistentes, Êx 18. 21-26. Terminado o período dos quarenta anos no deserto, Deus promete continuar a promulgação de suas leis, Dt 18. 15-19, e a revelar a sua vontade. Moisés alimentava a esperança de que o Senhor destinaria homens que o sucedessem, e que em seu tempo, por causa da falta de fé do seu povo, far-se-ia sentir a necessidade de um rei temporal, quando o povo se estabelecesse na Palestina. Segundo a lei geral das monarquias, este futuro se acha esboçado em Dt 17. 14-20.

A estabilidade de um povo sob a forma teocrática, dependia em primeiro lugar da fidelidade de Deus para com os seus governados, e os resultados finais em qualquer tempo, dependiam da atitude do povo para com o seu Deus e para com as provisões do pacto. Obediência a Deus e confiança nas suas promessas eram condições irrevogáveis. A teocracia baseava-se na concepção de comunidade. É bom notar quão débeis eram os laços que uniam a primitiva comunidade de Israel. Os hebreus dividiam-se em doze tribos, ligadas entre si pelo sangue, pela linguagem, pelas desgraças e pelas necessidades que lhes eram comuns. Estavam unidos na prossecução de um grande fim e na esperança de que viria um homem que, sob a proteção divina, lhes daria liberdade e uma pátria desejada. As tribos conservavam-se unidas pela providência. Todos estes elementos de unificação eram fracos, com exceção do último; podiam ser facilmente quebrados, como o foram por muitas vezes. Esta falta de resistência comunal servia de grande obstáculo à teocracia, a que a própria monarquia não pôde resistir.

TEOFANIA

Manifestação divina à criatura humana. Não consiste na revelação imediata feita por Deus o Pai, Jo 1. 18; 1 Tm 6. 16. Jeová se manifesta na pessoa do anjo do Senhor, Gn 16. 7, no anjo da presença do Senhor, Êx 32. 34; 33. 14, no anjo do Testamento, que é Cristo, Ml 3. 1. A classificação das teofanias é a seguinte: 1. A teofania do Antigo Testamento, epifania do Cristo que havia de vir. 2. Encarnação de Cristo, o Deus feito carne. 3. A segunda vinda de Cristo.

As teofanias do Antigo Testamento consistiam em manifestações transientes e em localizações permanentes. Jeová se manifestava ocasionalmente aos patriarcas e habitava no *shekinah*. As teofanias concedidas aos patriarcas consistiam em manifestações incorpóreas de aparência humana. Alguns intérpretes, como Tertuliano, acreditam que ao menos ocasionalmente, havia manifestações corporais, verdadeiros corpos humanos, justamente como o de Cristo, que era Deus manifestado em carne, possuindo carne e sangue antes e depois de ressuscitar, que podia ser visto e apalpado, Lc 24. 30-43; Jo 20. 27. Se o anjo do Senhor aparecia revestido de corpo humano, é porque o fazia miraculosamente, como Jesus, que fez da água vinho. Cristo possuía corpo humano, carne e sangue, e desapareceu da vista dos homens. Na teofania do Antigo Testamento, o anjo do Senhor tomou alimentos, Gn 18. 1-8. Provará isto que o anjo havia tomado corpo? Josefo interpreta dizendo que a ação de comer era aparente, Antig. 1. 11, 2, e do mesmo modo pensa Filo, Op 2. 18, e o autor do livro de Tobias, Tob. 12. 19. Justino Mártir diz que o anjo consumia o alimento do mesmo modo que o fogo consome a lenha (Dial. c. Trifo, 34). O anjo do Senhor que apareceu a Manuá, tocou o alimento e ele se consumiu. A terra seca absorve a água de um modo diferente por que o fazem os raios solares (Agostinho).

As manifestações transientes convertem-se gradualmente em localizações estáveis. O *shekinah* era a visível majestade da presença divina, especialmente habitava entre os querubins, no tabernáculo e no templo no meio do povo de Israel, que era o povo de Deus. Manifestou-se a primeira vez por ocasião do êxodo. O Senhor ia adiante dêle, de dia numa coluna de nuvem, e de noite numa coluna de fogo, Êx 13. 21, 22. Uma espessa nuvem cobria o monte Sinai que fumegava, porque o Senhor tinha descido sobre ele, 19. 16, 18. Mais tarde a glória do Senhor descansou sobre o Sinai, cobrindo-o com uma nuvem seis dias. Ao sétimo dia chamou Deus a Moisés do meio da escuridade. A representação da glória do Senhor era como um fogo ardente, à vista dos filhos de Israel, Êx 24. 16, 17. Quando Moisés entrou no tabernáculo do concerto, desceu a coluna de nuvem e parou à porta e o Senhor falava com Moisés, cara a cara, bem como um homem costuma falar com outro homem, Êx 33. 11; cp. Dt 5. 4. Quando se levantou o tabernáculo, o Senhor tomou posse dele. A nuvem do Senhor repousava sobre ele durante o dia, e de noite aparecia sobre ele uma chama que os filhos de Israel

viam de todos os seus acampamentos, Êx 40. 34, 35; Nm 9. 15, 16. Quando Moisés entrava no tabernáculo para consultar o oráculo, ouvia uma voz que lhe falava desde o Propiciatório que estava sobre a arca do testemunho, entre os dois querubins, de onde também lhe falava, Nm 7. 89; cp. Êx 25. 22; Lv 16. 2. É provável que a glória do Senhor não fôsse vista constantemente; êles a viam brilhar através da nuvem que a escondia, Êx 16. 7, 10; Lv 9. 6, 23; Nm 14. 10; 16. 19, 42; 20. 6. Parece que o Senhor continuou a manifestar-se entre os querubins. Afinal, quando Salomão procedeu à consagração do templo a nuvem cobriu a casa do Senhor de tal modo que os sacerdotes não podiam ter-se em pé, nem fazer as funções do seu ministério por causa da névoa, porque a glória do Senhor havia enchido a casa, 1 Rs 8. 10, 11.

As manifestações temporárias deram lugar a que a presença do Senhor se perpetuasse no tabernáculo e no templo de Salomão. Finalmente, o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e nós vimos a sua glória, glória como de Filho Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade, Jo 1. 14. A glória desta última casa será maior do que a primeira, diz o Senhor dos Exércitos, Ag 2. 9. A presença divina habitou o corpo de Cristo como em um templo.

TEÓFILO

Nome de um cristão a quem S. Lucas dirigiu o seu evangelho e os Atos dos Apóstolos, Lc 1. 3; At 1. 1.

TERÁ

1. Nome do pai de Abraão e de Nacor; morava em Ur dos caldeus durante a maior parte de sua vida, servindo a deuses estranhos a Jeová, Js 24. 2, com aqueles que adoravam o deus-lua em um célebre templo que ali havia. Juntamente com Abraão e Ló, mudou-se para a terra de Canaã, onde morreu na idade de 205 anos, Gn 11. 25-32.

2. Nome de um acampamento dos israelitas no deserto, Nm 33. 27, 28. Situação ignorada.

TERAFIM

Imagens de vários deuses, usadas em família e por indivíduos em particular. Estes ídolos eram de vários tamanhos e de várias formas, desde tão pequenos que podiam ser levados escondidos nos arreios de camelo, Gn 31. 19, 30, 34, até ao tamanho de um homem, 1 Sm 19. 13. Eram tidos como portadores de felicidade. Consultavam-nos respeitosamente sobre resoluções a tomar, Ez 21. 20, 21; Zc 10. 2. Esta palavra tem a forma do plural, e significação plural, 1 Sm 19. 13. Em Babilônia eram muito venerados os terafins, Ez 21. 21. Labão tinha-os em sua casa em Harã. Sua filha Raquel lhos furtou, quando saiu de casa, sem que Jacó o soubesse, e os levou para Canaã, Gn 31. 19, 34. Chegado que foi a Siquém, ordenou que lançassem fora os deuses estranhos que os membros de sua casa haviam trazido de Harã, 35. 2-4. No tempo dos Juízes, Micas tinha em sua casa, pertencente a sua mulher Mical, 19. com sacerdote, éfode e terafins, Jz 17. 5, imagens de escultura e de fundição, por meio das quais consultavam ao Senhor, 18. 4, 5, 6, 14. Os danitas que haviam chegado à casa de Micas levaram tudo consigo, 17-20. O profeta Samuel classificou estas idolatrias em conjunto com a adivinhação e com o pecado de rebeldia contra o Senhor, 1 Sm 15. 23, e apesar disso, Davi tinha um em sua casa, pertencente a sua mulher Mical, 19. 13. Com outros objetos de idolatria, os terafins tinham larga cotação no reino de Israel do norte, Os 3. 4. Os terafins foram condenados, juntamente com outros ídolos, como abominações e destruídos pelo rei Josias por ocasião da reforma religiosa, 2 Rs 23. 24, não obstante, ainda depois do exílio, os encontramos em Israel, Zc 10. 2.

TÉRCIO

Nome de um amanuense de S. Paulo, que escreveu a epístola aos Romanos, ditada pelo grande apóstolo, Rm 16. 22.

TEREBINTO[1]

Tradução da palavra hebraica *Elah*, que significa: árvore robusta. *Elah* é provavelmente o terebinto, *Pistacia terebinthus*, pequena árvore de folhas pinuladas, flores pequenas, com sexos separados, e produzindo pequenas frutas arredondadas de cor purpurina escuro. É natural do sul da Europa, do norte da África e do ocidente da Ásia, incluindo a Palestina. Produz a terebentina que se extrai fazendo incisões no tronco. Confunde-se com a *Pistacia Palestina*, que também lá se encontra, como variedade da espécie.

Esta palavra ocorre quinze vezes no original do Antigo Testamento. Em três delas, emprega-se como designação geográfica, funcionando como nome próprio, Vale de Elá e Vale de Terebinto

Terebinto

(Fig.), em 1 Sm 17. 2, 19; 21. 9. Em duas passagens, onde se acha associada à palavra carvalho, *allon*, a Versão Inglesa revista dá terebinto, e til e olmo na Antiga Versão em Is 6. 13; Os 4. 13. Nas dez outras passagens diz carvalho, com terebinto à margem.

TEREBINTO[2]

Tradução da palavra hebraica *Botnim*, nozes de pistácia, Gn 43. 11. A legítima árvore pistácia, *Pistacia vera*, pertence à ordem *Anacardiacea*, anacardos ou terebintos. As suas folhas, geralmente têm três ou quatro folíolos; os frutos têm menos de uma polegada de diâmetro, e consistem de casca óssea, envolvida em uma película seca e contendo uma noz oleosa, que se pode comer como se comem as amêndoas e que serve para confeitaria. É natural da Ásia ocidental, donde veio para a Europa. É hoje muito comum na Palestina. Jacó mandou algumas destas nozes de presente ao primeiro ministro do Egito, Gn 43. 11. Ver *Carvalho*.

TEREBINTO, CARVALHO, ELÁ. Árvore grande sempre verde, semelhante ao ilex ou terebinto.

1. Nome de um vale perto de Soco, em que Saul e os israelitas se acamparam para enfrentar os filisteus, antes do combate entre Davi e Golias, 1 Sm 17. 2, 19; 21. 9. Este vale é o atual *es-Sunt*, formado pela junção de três outros vales, e situado a cêrca de 27 quilômetros a sudoeste de Belém. É muito fértil e banhado por uma torrente. *Wady es-Sunt* quer dizer vale das acácias, *Acacia vera*, das quais ali existem vários exemplares.

2. Nome de um capitão de Edom, o qual lhe vem do lugar em que habita, Gn 36. 41; 1 Cr 1. 52. Vide *Elá*.

3. Nome de um dos filhos de Calebe, filho de Jefoné, 1 Cr 4. 15.

4. Nome de um benjamita, filho de Ozi, 1 Cr 9. 8.

5. Nome do pai de um dos governadores nomeados por Salomão. Vide *Ela*.

6. Nome do filho e sucessor de Baasa no trono de Israel. Reinou dois anos. Quando se achava bebendo e embriagado em casa de Arsa, governador de Tersa, caiu Zambri sobre ele e o matou e toda a sua casa. Deste modo se cumpriu a profecia de Jeú, filho de Hanani. Porém ainda não profetizado, êste ato cruel não se justifica, 1 Rs 16. 6, 8-10.

7. Nome do pai de Oséias, rei de Israel, 2 Rs 15. 30; 17. 1; 18. 1.

TERES, *Austero*.

Nome de um dos eunucos, que estavam à porta do rei Assuero e que intentaram levantar-se contra o rei e matá-lo. Por êste crime, foi ele executado em companhia de seu cúmplice, Et 2. 21-23; 6. 2.

TERRA

1. Nome do planeta que habitamos, para distingui-la do firmamento que se estende acima de nossas cabeças, Gn 1. 1.

2. Nome do elemento árido, distinto do agregado das águas, Gn 1. 10, e do mundo habitado, Gn 1. 28; 10. 25; 18. 18. O termo presta-se a comparações poéticas. Ana, mãe de Samuel, diz em seu cântico a Deus: "Do Senhor são os polos da terra, e sobre eles pôs o mundo", 1 Sm 2. 8. Na resposta de Jó a seu amigo Baldade Suíta, diz: "Êle move a terra do seu lugar e as colunas são abaladas", Jó 9. 6. Davi, no Sl 75 e v. 3, diz: "Tem-se liquidado a terra e todos que a habitam: eu fortaleci as suas colunas." E descreve-a fundada sobre os mares e estabelecida sobre os rios, Sl 24. 2, e 135. 6, comp. Êx 20. 4. Em linguagem figurada e em expressões puramente literais a Bíblia descreve, em vários lugares, os fundamentos da terra: Sl 102. 25; 104. 5-9; Pv 3. 19; 8. 29; Is 48. 13.

3. A palavra terra serve também para representar o solo onde crescem os vegetais, Gn 27. 28; Sl 104. 14.

4. Emprega-se a mesma palavra para representar os habitantes do mundo, ou de qualquer das suas regiões, Gn 11. 1; Sl 98. 9.

TERRA DE SINIM

Nome de um país, citado para ilustrar a promessa a respeito da conversão dos gentios, ou dos israelitas espalhados, e de sua reunião, vindos das mais remotas regiões da terra. "Eis aí, diz o profeta, que estes virão de longe, e eis aí aqueles que chegarão do Aquilão e do mar, e aqueles outros da Terra de Sinim", Is 49. 12. Uma vez que não se faz menção do ocidente e do norte, não é lá que devemos procurar a terra de Sinim, porém no sul ou no oriente. Qualquer que seja o local em que se achava o profeta, quando proferiu estas palavras, é fora de dúvida que não pode ser o Sinim da Fenícia, Gn 10. 17, porque não era povo remoto; e além disso, era tribo de somenos importância. Pela mesma razão, o povo de Siene ou Pelúsio e de outras cidades do Egito não pode ser compreendido nas palavras de Ez 30. 15, 16. Os tais povos a que o profeta se refere deveriam estar quase no coração do mundo habitado, separados dos limites remotos da terra, pela Etiópia e pela Líbia pelo menos. Ainda mais, os habitantes de nenhuma destas cidades constituíam nação distinta, nem o profeta Isaías poderia referir-se à terra de Sitim do Nilo, a menos que se referisse ao Egito, e nenhuma dessas cidades tinha importância bastante para representar o grande império dos Faraós. As principais teorias a este respeito são: 1. A expressão serve para designar as terras situadas ao sul da Palestina, porque e nessa direção que fica a cidade de Sim (Pelúsio), o deserto de Sim, Êx 16. 1, e o monte Sinai. Mas esta região era por demais próxima para representar nações de longe. Sabá e Cus que designavam os lugares mais remotos da terra para os lados do sul, estavam muito distantes. 2. Os sinins eram os sinas que habitavam desde remotos tempos nas fraldas dos montes *Kush* da Índia. 3. A idéia mais aceitável é que a palavra Sinim se refere à China. O profeta não afirma que nesse tempo já existiam judeus morando lá, caso as palavras se restrinjam à volta dos exilados. Mas pode bem ser que já nesse tempo eles lá estivessem porque a presença deste elemento étnico, na China se notou desde o terceiro século antes de Cristo, sem contudo saber-se em que tempos emigraram. O povo hebreu espalhou-se em todas as direções, e ainda novos limites lhe estavam reservados, Is 11. 11, 12. Os fugitivos de Israel se ajuntarão, vindos das quatro plagas da terra. Parecerá estranho que o nome da China fosse conhecido na Ásia ocidental?

É historicamente certo, segundo dizem os anais da China, que os negociantes do Celeste Império visitaram terras estrangeiras doze séculos antes de Cristo, e que negociantes estrangeiros entraram na China desde o ano 1000 A. C. É muito provável que existissem relações diretas de comércio entre a China e a Índia, e indiretamente, pelo menos, com os povos do extremo ocidente. Em Tebas do Egito encontram-se artigos de porcelana com inscrições chinesas. M. Pautbier diz que existe entre os chineses uma tradição afirmando que no ano 2.353 A. C. chegou lá um enviado de país longínquo levando de presente uma tartaruga divina que tinha cem anos de idade, em cuja casca tinha escrita em caracteres estranhos, parecidos com rãs, a história do mundo desde a criação. Uma segunda embaixada de um povo que usa vestes compridas, ali chegou no ano 1110 A. C. que gastou um ano para voltar à sua terra, navegando desde Sião pela costa do mar. Os caracteres semelhantes a rãs, devem ser inscrições cuneiformes usadas pelos assírios e babilônios; e as vestes compridas que não estavam em uso nas terras quentes do sul da China, favorecem a idéia de que se trata de embaixadores vindos da Mesopotâmia, assírios ou babilônicos.

TERRA DO ORIENTE

Nome da região situada ao oriente da Palestina, Zc 8. 7, compreendendo os desertos da Arábia e da Síria, Gn 25. 1-7.

TERRA DOS HETEUS

Nome de uma região visitada pelos que faziam o arrolamento do povo por ordem de Davi, antes de chegarem ao bosque de Dã, contornando Sidônia, 2 Sm 24. 6. Não se encontra este nome em outros lugares.

TERREMOTO

Tremor da terra com movimentos vibratórios ou ondulantes, superficialmente sobre grande área, ou para o centro da terra, desde dois a cinqüenta quilômetros de profundidade, mais ou menos. Estas vibrações são produzidas, segundo se pensa, pelas contrações da crosta terrestre. Os terremotos e os vulcões relacionam-se entre si e produzem-se em regiões particulares e em linhas contínuas. Uma destas linhas vem das montanhas do Tauro

para o golfo de Acaba, passando pelos vales do Orontes e do Jordão. Nos grandes terremotos, e nos pontos de sua maior violência, os montes se movem e os outeiros tremem, a terra se comove e os fundamentos dos montes estremecem, Jr 4. 24; Sl 18. 7, ou outeiros se partem, a terra abre-se e fecha-se, Zc 14. 4, 5, tragando em suas fauces hiantes as criaturas, Nm 16. 31-33. Freqüentemente os terremotos abalam as habitações, demolindo-as e sepultando os moradores em suas ruínas. Quando estes fenômenos se dão perto do mar, as águas se deslocam invadindo a terra em alterosas ondas, e no seu recuo arrastam tudo quanto encontram à sua passagem. A Judéia foi visitada por um tremendo terremoto nos dias de Ozias e de Jeroboão II, Am 1. 1; Zc 14. 5; Antig. 9. 10, 4. Outro notável terremoto deu-se no sétimo ano de Herodes, o Grande, que matou muito gado e tirou a vida a mais de 10.000 pessoas, Antig. 15. 5, 2. Outro, acompanhado de trevas, assinalou a morte de Cristo, Mt 27. 45, 51-54; outro ainda, anunciou a sua ressurreição, 28. 2, e finalmente, outro destes fenômenos se repetiu na Macedônia, quando Paulo e Silas estiveram encarcerados em Filipos, At 16. 26.

TERROR-POR-TODOS-OS-LADOS

Nome profético que Jeremias deu a Pasur, sacerdote e governador do templo, que o havia maltratado, Jr 20. 3.

TÉRTULO, *Diminutivo de Tércio.*

Nome de um advogado romano encarregado pelos judeus para acusar a S. Paulo diante do tribunal de Félix, procurador do império na Judéia, At 24. 1-8. O seu discurso está muito de acordo com o estilo empolado, em voga naquele tempo.

TESBITA

Nome que designa membro de alguma família, ou pessoa residente ou natural de uma cidade chamada *Tishbeh*, 1 Rs 17. 1. Não se conhece família com este nome. Procurando-o entre as cidades, encontra-se uma com o nome de Tisbe no livro de Tobias, 1. 2, situada ao sul de Quidios de Naftali; outra, Josefo diz encontrar-se no texto do 1 Rs 17. 1, em harmonia com a versão dos Setenta, situada ao oriente do Jordão, em Gileade. O sinal do número plural que precede a palavra Gileade no texto hebreu, que a versão inglesa traduziu por "sojourners", os tradutores gregos consideraram nome local e o passaram para as suas páginas com o sinal do genitivo plural. Ao nome Tesom ou Tessebom de Tesbé, Josefo prefixa a palavra cidade e acrescenta uma terminação singular àquele nome, Antig. 8. 13, 2; texto de Niese.

TESSALÔNICA, *Conquista da Tessália.*

Nome de uma cidade situada no Golfo Termaico, que agora se chama golfo de Salônica. O nome primitivo da cidade era Terme, ou Terma, que quer dizer, fonte de água quente. Cassandro, um dos sucessores de Alexandre, o Grande, foi residir nela e deu-lhe o nome de Tessalônica em honra de sua mulher *Thessalonike*, filha do conquistador do Quersoneso e irmã do grande Alexandre. No tempo dos romanos serviu de capital do segundo distrito, um dos quatro em que foi dividida a Macedônia. Foi estação militar e comercial na *Via Egnatia* e declarada cidade livre no ano 42 A. C. Os magistrados civis tinham o nome de politarcas, ou governadores da cidade. At 17. 6. Havia lá uma sinagoga judaica, onde S. Paulo pregou e onde se converteram alguns, formando o núcleo de uma igreja cristã, At 17. 1-13; cp. Fp 4. 16. A esta igreja o apóstolo S. Paulo enviou duas epístolas. Dois de seus coadjutores, Aristarco e Secundo eram de Tessalônica, At 20. 4; 27. 2. Esta cidade foi tomada pelos sarracenos no ano 904 A. D. Depois de várias vicissitudes, o sultão Amurate II a tomou em 1430.

Ainda existe com o nome de Salônica, contendo uma população de 100.000 habitantes, composta de maometanos, cristãos e judeus.

TESSALONICENSES EPÍSTOLA AOS

A Primeira Epístola aos Tessalonicenses é a mais antiga de quantas escreveu o apóstolo S. Paulo. Foi dirigida à igreja de Tessalônica em conjunção com Silvano (Silas) e Timóteo. Paulo havia fundado esta igreja quando fêz a segunda viagem missionária, passando dali a Beréia, em caminho para Atenas, por causa da perseguição que lhe moveram os judeus. Esta epístola contém alusões à sua estada naquela cidade, 1 Ts 2. Também diz que, estando em Atenas, lhes havia

Salônica

enviado a Timóteo para fortalecê-los no meio das perseguições, 3. 1-3, e que o mesmo Timóteo havia sido portador de boas notícias. Pela lição de Atos 18. 5, sabe-se que Silas e Timóteo se ajuntaram ao apóstolo em Corinto, onde escreveu a epístola talvez no ano 52. As alusões que nela se contêm à permanência de Paulo em Tessalônica, a tristeza que a igreja sentia pelo falecimento de seus amigos, bem como a feição rudimentar da doutrina que a epístola contém, confirmam a data referida. O estado da igreja apresenta três feições muito especiais que impressionaram o apóstolo e que o moveram a escrever a epístola, e vêm a ser: 1. A tendência para negligenciar as suas obrigações diárias provavelmente sob a expectativa da próxima vinda de Cristo, resultando daí, certo afrouxamento da moral; 2. Tristeza pela morte de irmãos que não puderam usufruir as glórias do reino que ia ser estabelecido por Jesus, cuja segunda vinda se esperava; 3. Fricções entre os oficiais da igreja e as pessoas dotadas pelo Espírito Santo com o poder de operar milagres. Resulta de tudo isto a seguinte análise:

1. Agradável testemunho de seu fervor religioso, firmeza nas tribulações e a salutar influência de sua vida no proceder das outras igrejas, cap. 1.

2. Recordação do procedimento do apóstolo quando ali esteve e do entusiasmo que manifestaram pela pregação, a despeito das perseguições dos judeus, cap. 2.

3. Manifestação de sua alegria pelas boas notícias que Timóteo lhe deu sobre as animadoras condições da igreja, cap. 3.

4. Instruções sobre pontos especiais, cap. 4. 1 até cap. 5. 24, referentes: (*a*) à pureza das relações sexuais, 4. 3-8; (*b*) sobre a cordialidade que deve existir entre irmãos, 9-12; (*c*) sobre a morte dos crentes, declarando que por ocasião da segunda vinda de Cristo, os crentes falecidos ressuscitarão primeiro, e, em companhia dos que ainda viverem, irão receber a Cristo nos ares, 13-18; (*d*) instruções sobre a necessidade de vigilância e sobriedade na vida, 5. 1-11; (*e*) sôbre o respeito devido aos oficiais da igreja, sobre o cuidado com as necessidades alheias, sobre a cultura dos dons espirituais e sobre outros deveres da vida cristã, 12-24.

5. Últimas palavras, 25-28. A epístola ilustra brilhantemente as dificuldades inerentes à vida de uma igreja gentílica de formação recente, e a largueza de vistas do grande apóstolo tão graficamente revelada.

A Segunda Epístola de S. Paulo aos Tessalonicenses evidentemente seguiu-se à primeira dentro de breve tempo. Também deve ter a data de 52 e foi escrita em Corinto. A sua leitura dá a entender que a situação da igreja de Tessalônica havia-se agravado seriamente e conservava a mesma feição. Esta epístola, semelhante à primeira, foi escrita pelo apóstolo S. Paulo em conjunção com Silvano (Silas) e Timóteo; trata largamente da segunda vinda de Cristo e das idéias errôneas sobre este assunto. Refere-se outra vez às irregularidades da vida religiosa, 2 Ts 3. 6-12. Na primeira epístola ocupa-se da segunda vinda em suas relações com os crentes, e na segunda epístola trata do mesmo assunto em relação com os ímpios, 1. 5-10. Em seguida, adverte a igreja a não pensar que o dia do Senhor estivesse já perto, 2. 2, e que a manifestação pessoal do Salvador estava para breve. Não seria enquanto não viesse a apostasia, predita por Cristo, Mt 24. 9-12, e referida pelo apóstolo em At 20. 29, 30; Rm 16. 17-20; 2 Co 11. 13-15; 1 Tm 4. 1, e antes que aparecia o homem do pecado, o filho da perdição, 2 Ts 2. 3, 4; Dn 7. 25; 11. 36; I Jo 2. 18; veja *Anticristo*, a quem o Senhor destruirá com o assopro da sua boca. "Não vos lembrais que eu vos dizia estas cousas, quando ainda estava convosco?", 2. 5, pergunta o apóstolo.

A epístola presta-se à seguinte divisão: 1. Congratulações pela fidelidade que manifestaram no meio das perseguições, pela certeza de que por meio delas, a fé se avigorou, e de que os ímpios serão punidos à chegada do Salvador, cap. 1. 2. Rogativas aos irmãos para que não pensem que o dia do Senhor estivesse perto; descreve a apostasia que o há de preceder, o aparecimento do homem do pecado, antes da segunda vinda, 2. 1-12. 3. Confiança que o apóstolo tem na eleição e fidelidade dos irmãos, membros da igreja de Tessalônica, 13-17. 4. Exortações finais, pedindo que orem por ele, que se apartem dos que andam desordenadamente, que sejam cuidadosos, que obedeçam à sua autoridade apostólica, etc., cap. 3. Pelo que se lê no cap. 2. 2, parece que circulou na igreja uma carta apócrifa, o que o levou a dizer no cap. 3. 17: "Eu vos saúdo aqui de minha própria mão, que é o sinal em todas as cartas: assim é que escrevo." Por aqui se vê que desde o princípio, a igreja reconheceu a autoridade do apóstolo, tanto nas suas cartas, como em seus ensinos orais. O que se diz em referência à apostasia e ao homem do pecado tem recebido várias interpretações. É mais provável que o apóstolo se refira a uma apostasia que havia de manifestar-se dentro da própria igreja, culminando em um anticristo pessoal, detido em sua ação, 2. 6, por elementos cívis, ou, mais provavelmente, pela influência do Espírito Santo. G. T. P.

A Primeira Epístola aos Tessalonicenses encontra-se na velha versão latina, na lista do fragmento Muratório; é citada por Ireneu, que a atribui a S. Paulo, por Clemente de Alexandria e por Tertuliano. Nas obras de Policarpo e nas de Justino Mártir existem citações da Segunda Epístola aos Tessalonicenses.

TESTAMENTO

Tradução do grego *Diatheke*, testamento, pacto. Ainda tem mais uma significação que não cabe no presente artigo. Em Hb 9. 16, 17, a palavra grega referida, tem o sentido de testamento; porém, no cap. 8. 6-10, 13 e cap. 9. 1, 4, o sentido é evidentemente de aliança no original. Em vez de se dizer Antigo e Novo Testamento, seria melhor que se dissesse: Antiga e Nova Aliança para designar as duas partes em que está dividida a Bíblia. Veja: *Herdeiro*, *Novo Testamento*, *Antigo Testamento*.

TESTEMUNHO

Evidência para a qual se apela em tempos futuros confirmada por algum monumento tangível, como um montão de pedras, Gn 31. 46-52, pelo testemunho de pessoas, 23. 10-18, por documentos escritos, etc. Dt 24. 1, 3; Jr 32. 10.

O depoimento conteste de duas testemunhas, era suficiente, pela lei de Moisés, para comprovar o crime, Nm 35. 30; Dt 17. 6; Hb 10. 28; cp. 1 Rs 21. 10, 13; Mt 26. 60. Este princípio serviu de regra geral em todos os casos judiciais, Dt 19. 15. A lei mosaica proibia a tortura como meio de obter testemunho. A testemunha, antes de prestar depoimento, prometia dizer a verdade sem ocultar cousa alguma, sob pena de incorrer em iniqüidade, Lv 5. 1; Pv 29. 24. A lei proibia dar falso testemunho contra o próximo. A testemunha falsa, quando convencida de perjúrio, seria tratada do mesmo modo como tinha intento de tratar a seu irmão, Ex 20. 16; Dt 19. 16-19. A testemunha tomava parte na execução da sentença de morte. Diz o historiador Josefo que as mulheres e as crianças não podiam servir de testemunhas, Antig. 4. 8, 15. A lei nada estabelecia sobre esta proibição; porém, tratando-se da pena de morte, as mulheres e as crianças eram excluídas. O testemunho de Josefo, evidentemente, representa a interpretação corrente da lei mosaica no seu tempo.

O excelente princípio, estabelecendo o depoimento de ao menos duas testemunhas, tem larga aplicação nas questões entre homem e homem, Is 8. 2; Mt 17. 1, 2; 18. 16; Jo 8. 17, 18; 1 Tm 5. 19.

Todos quantos dão testemunho em face de perigos e tristezas, a respeito da verdade divina, são testemunhas de alto valor, Hb caps. 10, 11, 12. 1.

A palavra é de origem grega, e quer dizer testemunha e veio a significar tôda pessoa que sela o seu testemunho com o sangue, como no caso de Estêvão e de Antipas, At 22. 20; Ap 2. 13.

TETE

Nona letra do alfabeto hebraico. O teta grego tem igual procedência, mas a versão dos Setenta representa-o em os nomes hebraicos pela letra *tau*, reservando o *theta* para o *tau* aspirado. Esta letra assinala a nona secção do salmo 119 e emprega-se no princípio de cada v. de que se compõe a secção.

TETRARCA

Título que designava o governador da quarta parte de um reino ou de uma província. Filipe da Macedônia dividiu a Tessália em quatro distritos que denominou tetrarquias. Eventualmente, a mesma palavra veio a determinar qualquer soberano que ficava sujeito a outro país, ainda mesmo que o seu território não estivesse dividido em quatro tetrarquias. Os romanos adotaram este termo para designar um príncipe a quem se confiava o govêrno de uma província, ou de um pequeno território, sem honras de soberano.

Em o Novo Testamento encontra-se este nome aplicado a três pequenos dignitários do império: Herodes, tetrarca de Galiléia; Filipe, tetrarca da Ituréia e da Traconites, e Lisânias, tetrarca de Abilene, Lc 3. 1. Em referência a Herodes Antipas e a Filipe, cabe-lhes bem o título, com a significação primitiva, porque o imperador Augusto deu a metade do reino de Herodes, o Grande, a Arquelau com o título de etnarca, e dividiu o resto em duas tetrarquias que distribuiu entre ambos, Antig. 17. 11, 4; Guerras 2. 6, 3. Às vezes dá-se o nome de rei a um tetrarca, por mera cortesia, Mt 14. 1, 9; Mc 6. 14.

TEUDAS

Gamaliel, fariseu e doutor da lei, fêz um discurso perante o sanedrim, pelo ano 32 A. D. e referiu-se a certo Teudas, que se dizia ser grande homem e a quem se acostou o número de quatrocentas pessoas, que foi morto, sendo dispersos todos que o acompanhavam. Também se refere a Judas Galileu que se levantou nos dias em que se fazia o arrolamento, sendo morto e dispersos todos quantos a ele se acostaram, At 5. 36, 37. Não pode haver dúvida de que o Judas de que se fala era o Judas Gaulonita, de Gamala, que nos dias de Quirino, durante o govêrno do procurador Copônio, promoveu uma sedição, opondo-se ao alistamento, Antig. 18. 1, 1; Guerras, 2. 8, 1. Teudas levantou-se antes dele no ano 6. Josefo menciona em seus escritos o nome de um mágico chamado Teudas, que no tempo em que Fadus exerceu o cargo de procurador da Judéia, A. D. 44-46, induziu grande parte do povo a acompanhá-lo para as bandas do Jordão, porque se dizia profeta, e que a seu mando as águas do Jordão se dividiriam para dar-lhes passagem. Fadus enviou atrás dele um esquadrão de cavalaria que caiu de improviso sobre o povo, matou a muitos deles, a outros aprisionou, cortou a cabeça a Teudas e a levou para Jerusalém, Antig. 20. 5, 1.

Será que S. Lucas e Josefo se referem à mesma pessoa? Dizem alguns que sim, e dizem ao mesmo tempo que um dos dois está em êrro. Josefo dificilmente teria errado em seus pormenores. Porém, em referência a S. Lucas, não se pode admitir que tenha errado. Segundo crêem outros intérpretes, é muito provável que se trate de duas pessoas de igual nome, separadas entre si por um lapso de quarenta anos, e que ambas tenham caído nas suspeitas do govêrno romano e sofrido o castigo que mereciam. Não parece crível que o Teudas mágico fosse insurgente da mesma espécie que o Teudas mencionado por Gamaliel. Um era impostor com pretensões a profeta, que, abusando da boa fé do povo, conseguiu levar após si grande multidão. O outro também se dava a grande, e arrastou consigo quatrocentas pessoas. Qual é, pois, o Teudas a que Gamaliel se refere? Com certeza é algum dos chefes sediciosos que conduziram bandos revolucionários ao findar o govêrno de Herodes, o Grande. O último ano de govêrno deste rei foi de grandes agitações. Josefo menciona três e faz alusão a muitas outras. Teudas era um desses revolucionários, citado por Gamaliel para provar que as ruins causas e seus promotores, acabam mal. Teudas era nome muito vulgar; é muito natural que num período de cerca de meio século, se encontrem duas pessoas do mesmo nome, envolvidas em acontecimentos populares. Analogicamente, Josefo fala de quatro homens com o nome de Simão que existiram sucessivamente num período de quarenta anos; e de três com o nome de Judas, todos os quais foram instigadores de rebeliões. Também pode ser que o Teudas referido por Gamaliel, seja um dos três insurgentes de que fala Josefo. Dois dêles são parecidos nos feitos a Teudas. Um era Simão, Antig. 17. 10, 6; Guerras 2. 4, 2, escravo de Herodes que pretendeu fazer-se rei por morte de seu senhor. Notabilizou-se como perturbador da paz nesta ocasião e cujo nome poderia ocorrer a Gamaliel. O tal Simão era homem de altas pretensões e sofreu morte violenta. Parece que teve poucos aderentes. Como fosse escravo, era muito comum a mudança de nome com a mudança de posição social. Gamaliel dá-lhe o nome de Teudas, pelo qual era conhecido havia muito em Jerusalém aos membros do sanedrim; ao passo que Josefo lhe dá o nome de Simão, nome que ele adotou quando apareceu como rei dos judeus e pelo qual era conhecido ao govêrno romano e ao povo. O outro era certo Matias, Antig. 17. 6, 2; Guerras 1. 32, 2. Matias é forma grega do hebreu *Mattanyah*, dom de Deus, equivalente à palavra grega Teudas, que é o mesmo que *Theodas*, abreviatura de Teodoro, que significa dom de Deus. Matias era mestre eloqüente, que junto com outro mestre chefiou um bando de revoltosos nos dias do rei Herodes e destruiu a águia de ouro que êste rei havia posto sôbre a grande porta do templo.

Foi preso e queimado vivo com alguns de seus companheiros. O resto dêles foi morto por vários modos.

TIAGO, *Forma da palavra Jacó.*

1. Tiago, filho de Zebedeu, Mt 4. 21; 10. 2; Mc 1. 19; 3. 17, e irmão do apóstolo S. João, Mt 17. 1; 5. 37; At 12. 2, um dos primeiros discípulos, Mt 4. 21; Mc 1. 19, 29; cp. Jo 1. 40, 41, e um dos apóstolos mais íntimos de nosso Senhor, Mt 17. 1; Mc 5. 37; 9. 2; 13. 3; 14. 33; Lc 8. 51; 9. 28. Nada sabemos do seu nascimento, da sua família, nem dos antecedentes de sua vida. Ocupava-se no serviço de pescador no mar de Galiléia de sociedade com Pedro e André, Lc 5. 10, o que parece indicar que residiam por ali perto. A pescaria no mar de Galiléia era franca para os israelitas. Havia uma distinção social entre os filhos de Zebedeu e os filhos de Jonas, o que dá a entender que Zebedeu tinha a seu serviço jornaleiros, Mc 1. 20. Sabe-se que o apóstolo João era conhecido do sumo sacerdote, Jo 18. 16, e que talvez tivesse casa em Jerusalém, 19. 27. O nome de seu pai aparece só uma vez nas páginas dos evangelhos, Mt 4. 21; Mc 1. 19, por onde se vê que nenhum embaraço fez a seus filhos para seguirem a Jesus. Comparando Mt 27. 56, com Mc 15. 40; 16. 1, e com Jo 19. 25, tira-se a razoável conclusão de que sua mãe se chamava Salomé e era irmã da mãe de Jesus. Assim sendo, Tiago era primo de Jesus, pertencendo igualmente à linhagem de Davi. O seu nome encontra-se somente nos evangelhos sinópticos e no livro dos Atos dos Apóstolos. No evangelho segundo S. João há duas alusões a ele, nos caps. 1. 40, 41 e 21. 2. Sempre

que se fala de seu nome, é em paralelo com o de João e em precedência a este, Mt 4. 21; 10. 2; 17. 1; Mc 1. 19; 29; 3. 17; 5. 37; 9. 2; 10. 35. 41; 13. 3; 14. 33; Lc 5. 10; 6. 14; 9. 54. Quando se fala de João, é como irmão de Tiago, Mt 4. 21; 10. 2; 17. 1; Mc 1. 19; 3. 17; 5. 37. Conclui-se que ele era irmão mais velho. Ocasionalmente nota-se a inversão dêstes nomes em Lc 18. 51 e 9. 28, e em At 1. 13; 12. 2, graças à grande consideração que gozava o discípulo amado no círculo apostólico. Ao nome de João, recebeu de Cristo o sobrenome de Boanerges, ou filho do trovão, Mc 3. 17. Em companhia dos outros discípulos, foi repreendido por Jesus, por se manifestar tão irado contra a cidade dos samaritanos que negou hospedagem ao Mestre, Lc 9. 55. Foi igualmente merecedor da indignação de seus companheiros, quando pediu um lugar de honra ao lado de Jesus, Mc 10. 41. Depois da crucifixão, encontramo-lo com os outros discípulos em Galiléia, Jo 21. 2, e em Jerusalém, At 1. 13, terminando a referência a seu nome, com a sua morte à espada por ordem de Herodes Agripa I, no ano 44 A. D., At 12. 2. Foi o primeiro do círculo apostólico a selar com sangue o testemunho de Cristo.

2. Tiago, filho de Alfeu é um dos apóstolos de nosso Senhor, Mt 10. 3; Mc 3. 18; Lc 6. 15; At 1. 13. Nada mais se diz a seu respeito. É natural supor que o Tiago mencionado em Mt 27. 56; Mc 15. 40; 16. 1; Lc 24. 10, seja este mesmo Tiago, e neste caso, tem ele o sobrenome de "Menor", talvez por ser de pequena estatura, Mc 15. 40. Sua mãe chamava-se Maria e foi uma das mulheres que acompanharam a Cristo. Sabe-se também que era irmão de José. Levi ou Mateus, que segundo Mc 2. 14, era filho de Alfeu, pode bem ser mais um de seus irmãos, e também Judas o apóstolo, entra na irmandade de Tiago, segundo a tradução de Figueiredo (e que a V. B. dá como sendo filho dele), segundo Lc 6. 16 e At 1. 13. É possível ainda identificar a Maria, mulher de Clopas, mencionada em Jo 19, 25, com a Maria, mãe de Tiago, e, portanto, irmã de Maria, mãe de Jesus. De acordo com esta combinação, Tiago, filho de Alfeu, deve ser primo irmão de Jesus. Pode-se ainda tirar outra conclusão, por causa da semelhança de nomes dos irmãos do Senhor com os dos filhos de Alfeu, que este primo irmão de Jesus é um dos irmãos do Senhor. Todos estes raciocínios não são muito seguros e não encontram base firme nos fatos bíblicos.

3. Tiago, irmão do Senhor, Mt 13. 55; Mc 6. 3; Gl 1. 19, figura saliente na igreja de Jerusalém, nos tempos apostólicos, At 12. 17; 15. 13; 21. 18; Gl 1. 19; 2. 9, 12. Este Tiago é mencionado nominalmente duas vezes nos evangelhos, Mt 13. 55; Mc 6. 3; mas os traços gerais de sua vida, só os poderemos encontrar nas relações com as notícias sobre "os irmãos do Senhor" que constituem classe distinta, tanto em vida do Senhor, quando ainda não criam nele, Jo 7. 5, como depois da sua ressurreição, quando se encontram no meio dos discípulos em Jerusalém, At 1. 14. As exatas relações destes "irmãos" com o Senhor Jesus, têm dado lugar a muita discussão. Alguns identificam-nos com os filhos de Alfeu, seus primos irmãos. Pensam outros que estes irmãos do Senhor vêm a ser filhos de José, por um primeiro casamento. Como eles aparecem sempre em companhia de Maria, morando com ela e acompanhando-a em viagens e mantendo relações tão íntimas, não é para se duvidar que êles sejam realmente seus filhos e verdadeiros irmãos de Jesus, Mt 12. 46, 47; Lc 8. 19; Jo 2. 12. Como o nome de Tiago é o primeiro que aparece na enumeração dos irmãos de Jesus, é de supor que fosse ele o mais velho, Mt 13. 55; Mc 6. 3. É provável que ele tenha participado da descrença de seus irmãos, Jo 7. 5, e sem dúvida também dos cuidados pela segurança de sua vida, Mc 3. 31. Quando e de que modo se operou a sua mudança em servo de Cristo, não sabemos, At 1. 14; Tg 1. 1. Quem sabe se ele se converteu em virtude de uma revelação especial como foi a do apóstolo S. Paulo!, 1 Co 15. 7. Desde o início da igreja de Jerusalém que o nome de Tiago aparece à sua frente, At 12. 17; 15. 13; 21. 18; Gl 1. 19; 2. 9, 12.

Quando, pelo ano 40, S. Paulo visitou Jerusalém, depois de convertido, declara haver estado com Tiago, sinal evidente de que êle estava à testa da igreja, Gl 1. 19. Há uma referência em At 12. 17 e outra em 21. 18, pelas quais se vê que êste discípulo continuava em destaque nos anos 44 e 58 respectivamente. A leitura do v. 6 do cap. 15 dá-nos a entender em que consistia a sua preeminência. Não sendo apóstolo, é lícito pensar que ele era o presidente da corporação presbiterial da igreja de Jerusalém e pastor dela. O seu nome aparece nesta qualidade, como se depreende das seguintes passagens: Gl 2. 12; At 12. 17; 15. 13; 21. 18. Os visitantes que iam a Jerusalém dirigiam-se em primeiro lugar a êle, 12. 17; 21. 18; Gl 1. 19; 2. 9. A sua posição na igreja serviu muito para facilitar a passagem dos judêus para o Cristianismo. Os fundamentos de sua fé allavam-se perfeitamente com as idéias de S. Paulo como se evidencia pela leitura de Gl 2. 9; At 15. 13; 21. 20. Em ambas as passagens citadas, ele fala também em favor da consciência cristã dos judeus convertidos. Como S. Paulo, fazia-se tudo para todos, era judeu com os judeus para ganhar os judeus. O emprego de seu nome pelos judaizantes, Gl 2. 12; Lit. Clementina, e a admiração que havia por ele entre os judeus, a ponto de o apelidarem de "justo", tem explicação neste traço de seu caráter, Euzébio, H. E. 2. 23. A última vez que o Novo Testamento se refere a ele, é em At 21. 18, onde se diz que o apóstolo Paulo havia ido à sua casa em Jerusalém, A. D. 58. A história profana, contudo, informa que êle sofreu o martírio por ocasião do motim dos judeus no interregno entre a morte de Festo e a nomeação de seu sucessor, A. D. 62, Antig. 20. 9, 1; Euzébio, H. E. 2. 23.

4. Tiago, pai ou irmão do apóstolo S. Judas, Lc 6. 16; At 1. 13. Nada mais consta a seu respeito.

B. B. W.

TIAGO Epístola de

Esta epístola, que se atribui a S. Tiago, apóstolo, descreve o seu autor como simples servo de Deus e de nosso Senhor Jesus Cristo, no cap. 1. 1. É natural atribuí-la a Tiago, irmão do Senhor, como parece indicar a sua linguagem. Esta epístola tem o perfume das primitivas eras do Cristianismo. A igreja ainda tem a denominação de sinagoga, congresso ou reunião, 2. 2. Os crentes em Cristo são designados pelo nome das doze tribos dispersas, 1. 1, sem distinções entre judeus e gentios. Os pecados a que ela se refere e os erros que ela corrige, são plantas do solo judaico. Não se vê nela nenhum traço das controvérsias que já na sexta década do primeiro século da era cristã, convulsionavam a igreja de Cristo. Pode-se atribuir-lhe a data de 45 A. D. e considerá-la como sendo o mais antigo documento dos escritos do N. Testamento. Foi dirigida às doze tribos dispersas, ou da dispersão, 1. 1, isto é, não dos judeus dispersos, e nem mesmo dirigida a tôda a Igreja Cristã, no sentido de Israel espiritual, mas provavelmente aos cristãos, 2. 1, 5. 7; 3. 7, que se achavam entre os judeus dispersos, nome que, tecnicamente, se dava aos judeus que habitavam fora da Terra Santa, Jo 7. 35; cp. 2 Mac 1. 27. O objetivo desta carta era corrigir os erros e condenar os pecados a que estavam sujeitos os primitivos judeus convertidos ao Cristianismo, e animar os crentes a sofrer as provações a que estavam expostos.

Depois da saudação, 1. 1, Tiago, em primeiro lugar, consola os leitores e exorta-os a permanecerem firmes, assinalando ao mesmo tempo as causas que originam a apostasia, 1. 2-21. Procede em seguida a admoestá-los contra as falsas demonstrações de religião, explicando em que consiste

a verdadeira fé, 1. 22-27, quais são os efeitos que ela produz, sôbre o pecado da distinção de pessoas, 2. 1-13, e de que modo se evidencia uma fé verdadeira, 2. 14-26. Exortações contra a presunção espiritual, e contra a profanação do exercício ministerial e a falsa sabedoria, 3. 1-18; reprova as contendas, 4. 1-12; os juízos temerários, 4. 13 até 5. 6. A epístola termina com exortações à paciência nos sofrimentos, 5. 7-12, e à oração como recurso dos crentes em todas as circunstâncias, 13-18, juntando uma declaração sobre os gozos e bons resultados do trabalho cristão, 19, 20.

A feição literária da epístola é muito elevada. Foi escrita em grego correto que só poderá ser comparado à pureza de S. Lucas, elevando-se acima dos demais escritores do N. Testamento. O seu estilo assemelha-se muito ao dos profetas hebreus. Contém mais imagens tiradas da natureza do que todas as epístolas de S. Paulo, relembrando deste modo a maneira dos ensinos de nosso Senhor, com os quais apresenta numerosos paralelos. O tom e os assuntos de que trata são muito próprios aos tempos e às pessoas a quem se dirige. A secção que trata da fé e das obras, 2. 14-26, tem sido mal interpretada por muitos, julgando ser uma polêmica contra a doutrina de S. Paulo sobre a justificação pela fé, ou, pelo menos, um corretivo às falsas idéias sobre aquela doutrina. E realmente a reprovação de uma falsa noção judaica que afirmava ser necessário para a salvação, um entendimento completo das cousas divinas. Tiago, do mesmo modo que S. Paulo, afirma que o instrumento da salvação é a fé, 2. 22, 23; e S. Paulo, com a mesma firmeza de Tiago, insiste em que a única fé salvadora é a fé que se manifesta por obras, Gl 5. 6.

Está evidentemente provado que esta epístola era lida na igreja primitiva em tempos muito remotos. Não obstante isso, Orígenes, escrevendo no princípio do terceiro século, é o primeiro escritor que a cita nominalmente. Houve um período durante o qual os escritores latinos pouco a citavam. Lutero, não encontrando completa harmonia entre esta epístola e os escritos de S. Paulo, pronunciou-se indiscretamente a seu respeito. Historicamente é reconhecida como parte integrante do cânon sagrado.

B. B. W.

TIATIRA

Nome de uma cidade da Ásia Menor, na Lídia, nos limites da Mísia. Ficava na estrada que, de Pérgamo vai a Sardes. Já era conhecida pelo nome de Pelópia e Eulpia, quando Seleuco Nicator a colonizou com elementos gregos no ano 280 A. C., dando-lhe então o nome de Tiatira. Notabilizou-se pelos famosos tecidos de púrpura. Lídia que comerciava em púrpura na cidade de Filipos, era da cidade dos tiatirenos, At 16. 14. Nela se achava uma das sete igrejas da Ásia, mencionadas no Ap 1. 11; 2. 18-24. Encontram-se traços de sua antiga existência nos fragmentos de colunas e de edifícios, nas ruas e nas casas de *Ak Hisar* sua atual representante. Parte da população é cristã.

ṬIBATE, *Matança.*

Nome de uma cidade sujeita ao rei Hadarezer, 1 Cr 18. 8. Situação ignorada.

TIBERIADES

Nome de uma cidade do mar de Galiléia, Jo 6. 23, construída por Herodes tetrarca, assim denominada em honra de Tibério César, imperador romano. Antig. 18. 2, 3; Guerras 2. 9, 1. Josefo fortificou esta cidade durante a guerra judaica, Vida 8; Guerras 2. 20, 6. Vespasiano penetrou nela. Tendo aprisionado certo número dos habitantes de uma cidade vizinha denominada Tariquéia, aos quais havia prometido garantia de vida, os levou para Tiberíades, onde os fez matar a sangue frio. Guerras 3. 10. Depois da destruição de Jerusalém, e depois que os judeus foram expulsos da Judéia em conseqüência da rebelião de Barcochebas, Tiberíades veio a ser virtualmente a capital da nação judaica, como se verifica pelas moedas que trazem os nomes de Tibério, Cláudio, Trajano, Antonino Pio e Adriano. O sanedrim foi transferido para lá na metade do segundo século, e tornou-se o centro intelectual da Judéia. Fundaram uma célebre escola onde se elaborou o volume das tradições chamado *Mishna* pelo ano 190 ou 220, e os suplementos a ele feitos com o nome de Gemara, codificados no século quarto.

O Massorá, ou corpo de tradições que davam conta dos pormenores do texto hebreu do Antigo Testamento, e fixavam a sua pronúncia por meio dos sinais massoréticos em lugar das vogais, teve sua origem em grande parte em Tiberíades. Veja

Tiberíades

Antigo Testamento. Os judeus contavam a cidade de Tiberíades entre as quatro cidades sagradas, com Jerusalém, Hebrom e Safede, onde se faziam contínuas orações, sem as quais o mundo voltaria ao caos. Ainda existe com o nome de Tubarlia, na costa ocidental do mar de Galiléia, distante 11 milhas e meia da entrada do Jordão e a 6 da saída. Neste lugar, a cadeia de montanhas não se avizinha muito do lago, deixando estreita faixa de terreno ondulado, na parte setentrional onde se encontra Tiberíades, que se estende ao longo da praia, cêrca de meia milha. Pelo lado da terra defende-a grossa muralha guarnecida de torres e alto castelo. As casas, na sua maioria, são construídas de basalto negro. A 1 de janeiro de 1837 sofreu muito com violento terremoto, mas acha-se em grande parte reconstruída. O quarteirão dos judeus fica perto do mar.

O mar de Tiberíades é mais conhecido pelo nome de mar de Galiléia, Jo 6. 1; 21. 1.

TIBNI

Nome de um dos filhos de Ginete, candidato ao trono de Israel em competência com Anri, 1 Rs 16. 21, 22.

TICIO

Nome de um piedoso homem de Corinto, cognominado Justo, At 18. 7.

TICVÁ, *Expectação*.

1. Nome do pai de Salum, marido da profetisa Hulda, 2 Rs 22. 14; 2 Cr 34. 22.

2. Nome do pai de certo Jaseías, Ed 10. 15.

TIDAL

Nome do rei das Gentes e um dos confederados de Quedorlaomer, Gn 14. 1, 9. Este Tidal é o Tudul, rei de Gutium, país situado a nordeste de Babilônia.

TIFSA, *Passagem*.

1. Nome de uma cidade no limite extremo do reino de Salomão para as bandas do Eufrates, 1 Rs 4. 24. Geralmente a identificam com Tapsacus, grande cidade, situada à beira do Eufrates, perto da moderna *Rakka*, onde se encontra um vau, por onde passaram as forças de Ciro, o Môço, e as de Alexandre, o Grande.

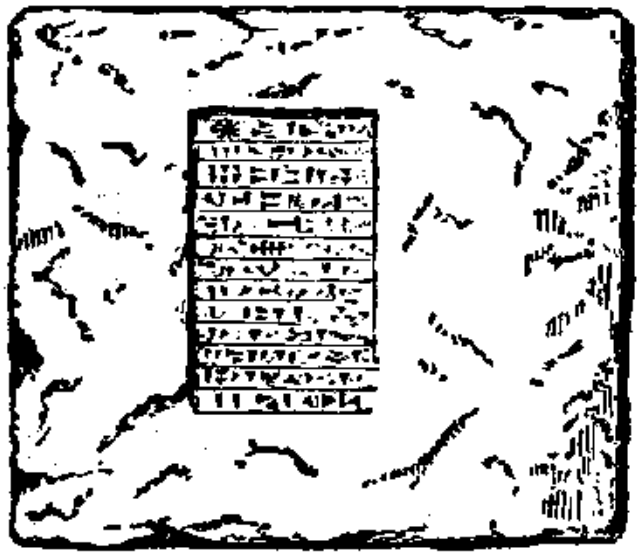
2. Nome de um lugar, destruído por Menaém e a cujos habitantes infligiu bárbaras crueldades, 2 Rs 15. 16. Êste nome acha-se associado com o de Tirsa que lhe ficava próxima. Conder identifica-a com a aldeia de Tafsa, a 6 milhas e ½ a sudoeste de Siquém.

TIGLATE-PILESER. Do assírio *Tukulti-apil-Eshara*, a minha fôrça está no deus Ninibe. Ver *Pul*.

Nome de um rei da Assíria, 745 a 727 A. C. também conhecido pelo nome de Pul. A lista dos reis de Babilônia organizada por Ptolomeu dá-o com o nome de Poros, nos registos dinásticos de Babilônia aparece com o nome de Pulu, e nas crônicas daquele império caldeu, vem com o nome de Tiglate-Pileser. Provavelmente Pul é o nome primitivo, e por ocasião de assumir o governo tomou o título grandioso que se encontra nas crônicas, título já famoso de um rei anterior. Há motivos para se acreditar que ele deve a sua elevação ao trono, às perturbações em Calá no ano 746. Tomou posse do trono da Assíria no dia 13 do segundo mês, e no sétimo mês marchava sobre Babilônia. Os israelitas o conheceram pelo nome de Ful. Durante os anos 743-740, o seu quartel general era em Arpade ao Norte da Síria, pouco distante de Antioquia. Deste ponto destacou expedições que levaram o terror a mais de 100 milhas de distância, chegando até as terras de Israel. Menaém deu-lhe mil talentos de prata para que êle o socorresse e lhe firmasse o reino, 2 Rs 15. 19, 20. Tiglate-Pileser menciona em seus registos os nomes dos reis que lhe pagaram tributos entre os quais se encontra o nome de Menaém de Samaria. Alguns anos depois levou a guerra até ao extremo oriente, tomou a direção norte e noroeste e chegou a Nínive; em 734 voltou outra vez para o ocidente. A aliança de Peca e Rezim contra Acaz, rei de Judá, levou este rei a valer-se de auxílios humanos, desobedecendo assim às exortações do profeta Isaías. Socorreu-se de Tiglate-Pileser a quem enviou a prata e ouro que pôde achar na casa do Senhor e nos tesouros do rei, 16. 7, 8. O rei assírio aproveitou tão grande oportunidade para estender a sua influência ao lado de Acaz. Marchou contra a Filistia; tomou as cidades da costa à medida que avançava. Em seus registos menciona com clareza a tomada das cidades do norte de Israel. Foi durante o seu avanço para o sul, ou na sua volta para o norte, que ele tomou Aiom, Abel-Bete-Maaca, Janoa, Quedes, Hazor, Gileade e Galiléia, todas situadas na terra de Naftali, e transportou todos os seus habitantes para a Assíria, 2 Rs 15. 29. Também tomou Gaza aos filisteus, fazendo-os pagar duramente as depredações cometidas contra o reino de Judá, 2 Cr 28. 18. Nos anos 732 e 733 A. C., segundo rezam as crônicas da Assíria, esteve em Damasco. Durante o sítio desta cidade, ou depois dele, devastou dezesseis distritos a ela pertencentes, deixando-os, como ele diz, tão arruinados como se tivesse passado por eles uma violenta tempestade, e matou a Rezim, rei de Damasco. O Deus de Israel suscitou o espírito de Ful, rei dos assírios, e o espírito de Tiglate-Pileser, rei de Assur, e transportou a tribo de Rúben e a tribo de Gade e a meia tribo de Manassés, para Hala, Habor, Hara e para o rio Gosã, 1 Cr 5. 26. Menciona ainda os tributos recebidos de muitos reis, entre outros, dos reis de Amom, de Moabe, de Edom e de Acaz, rei de Judá. Tudo isto confirma o que está escrito em 2 Rs 16. 10, no qual se diz que o rei Acaz foi a Damasco ao encontro de Tiglate-Pileser. No ano 730 A. C., segundo a cronologia bíblica, Oséias revoltou-se contra Peca, instigado por Tiglate-Pileser ou por ele auxiliado, que nesta ocasião deveria achar-se em Nínive, porque, diz ele: "Peca a quem matei, e nomeei a Oséias para governar sobre eles." Depois da queda de Damasco em 733 ou 732, Tiglate-Pileser voltou para Nínive. Durante o resto de sua vida entregou-se à consolidação de seu governo, ficando-lhe ainda tempo para operações de guerra; comandou um exército contra Babilônia, e onde se proclamou rei. Morreu no décimo mês de Tebete, do ano 727 A. C. tendo ocupado o trono dezoito anos. Nunca antes o império assírio havia atingido tão elevado grau de glória.

TIJOLO

Massa de barro, vasado em formas retangulares, endurecida pelo calor do forno, ou pela ação



Tijolo com o nome de Nabucodonosor

dos raios solares, Gn 11. 3; Heród. 2. 136, quando o barro era misturado com palha, Ex 5. 7. Tanto os tijolos como as telhas, encontrados nas ruínas antigas, contêm nomes e inscrições, de que derivam muitos dos nossos conhecimentos dos tempos antigos. Os ladrilhos de barro queimado preparados para receber inscrições, são outros tantos elementos de informação histórica de grande valor.

TIL

Do latim *titulus*, sinal que se usava sobre uma letra para distingui-la de outra igual, ou de forma semelhante.

O ponto, ou pequena linha horizontal, servia para diferençar uma letra do alfabeto hebraico de outra com ela parecida. As diminutas obrigações da lei são comparadas ao til, ou ao i minúsculo, sinais do alfabeto, Mt 5. 18. Em grego *keraia*.

TILOM

Nome de um dos filhos de Simão, registado na tribo de Judá, 1 Cr 4. 20.

TIMÃO, *Que parece digno*.

Nome de um dos sete homens escolhidos para aliviar os apóstolos de serviços semi-seculares da igreja primitiva, At 6. 5.

TIMBALES, CÍMBALO (Do grego *Cymbalon*).

Instrumento músico, 2 Sm 6. 5; 1 Cr 16. 5, nome derivado de uma raiz hebraica que significa tinir, produzir som. O nome deste instrumento tem a forma dual para denotar que ele se compõe de duas partes distintas. Consiste de duas lâminas circulares de bronze com uma parte côncava no centro, cujo som é produzido batendo uma na outra com ambas as mãos, 1 Cr 15. 19.

TIMEU, *Muito estimado*.

Nome do pai daquele cego que pedia esmola, assentado junto ao caminho que ia dar a Jericó, Mc 10. 46.

TIMNA[1], *Inacessível*.

1. Nome da irmã de Lotã e concubina de Elifaz, filho mais velho de Esaú, e mãe de Amaleque, Gn 36. 12, 22; 1 Cr 1. 39. Convém observar que os nomes referentes a graus de parentesco empregam-se também para designar tribos e indivíduos.

2. Nome de um governador de Edom, Gn 36. 40; 1 Cr 1. 51.

TIMNA[2], *Porção destinada*.

1. Nome de uma cidade, situada na fronteira de Judá, e pouco distante de Bete-Semes, Js 15. 10. Mais tarde passou para a tribo de Dã, 19. 43. Os filisteus ocuparam-na nos dias de Sansão, Jz 14. 2, e a tomaram no reinado de Acaz, 2 Cr 28. 18. Encontram-se os vestígios desta cidade em Tibná, povoação situada a 3 milhas a sudoeste de Bete-Semes, a 15 ½ a sudoeste de Jerusalém e a 16 a oeste de Azoto.

2. Nome de uma cidade situada na região serrana de Judá, Js 15. 57, o mesmo lugar referido em Gn 38. 12, 14. Nos mapas, aparece com o nome de Tibná, a 9 milhas a oeste sul de Belém, lugar este distante demais do Maom, do Carmelo e de Zife.

3. Nome de uma cidade enumerada depois de Emaús, Bete-Horom e Betel, e antes de Faratom, 1 Mac 9. 50. Foi guarnecida de fortalezas por Baquides. Em tempo serviu de cidade principal de uma toparquia, Guerras 3. 3, 5, limitando com as toparquias de Gofna, Lida e Emaús, 2. 20, 4, entre Antipatris e Lida, 4. 8, 1. O seu antigo lugar encontra-se nas ruínas de Tibné, 7 milhas e ½ a oeste noroeste de Jufna (Gofna) na velha estrada de Antipatris para Jerusalém, passando por Gofna.

4. Soletração errônea que se encontra em algumas versões do nome Timna, filha de Seir.

TIMNATE-SERA, *Extra porção*.

Nome de uma cidade da região serrana de Efraim, no lado norte do monte Gaás, que Josué havia pedido para si, e onde morreu e foi sepultado, Js 19. 50; 24. 30. Em Jz 2. 9, está escrita de modo diverso: Timnate-Heres, que quer dizer, porção que pertence ao sol, Jz 2. 9. É bem possível que a terminação *heres* tenha sido escrita por acaso de trás para diante, formando a palavra final *serah*.

Conder acha que devia existir no lugar onde está a povoação *Kefr Haris* que parece eco de Heres, e onde a tradição samaritana diz existirem os túmulos de Josué e Calebe.

TIMNITA

Natural ou habitante de Timna, Jz 15. 6.

TIMÓTEO, *Que adora a Deus*.

1. Chefe de uma grande corporação de amonitas contra quem Judas Macabeu feriu diversos combates, 1 Mac 5. 6, 40.

2. Nome de um dos convertos de S. Paulo e seu companheiro de trabalho e coadjutor do apóstolo S. Paulo. As expressões "meu filho muito amado e fiel no Senhor", 1 Co 4. 17 "amado filho na fé", 1 Tm 1. 2, parecem indicar não só o grande amor que lhe tinha, mas também que ele era seu pai espiritual. Seja como for, torna-se claro, 2 Tm 1. 5; 3. 11, que, por ocasião da primeira viagem missionária, o apóstolo visitou Listra, que Eunice, mãe de Timóteo e sua avó Lóide, já eram crentes e que o moço Timóteo tinha idade bastante para compreender as lições sobre a nova fé que sua mãe havia adotado. A mãe era mulher fiel da Judéia e o pai era gentio, At 16. 1. Por outro lado, desde a infância havia sido instruído nas sagradas letras, 2 Tm 3. 15, apesar de não haver ainda sido circuncidado, At 16. 3. Quer tenha sido convertido por S. Paulo, ou pela influência de sua mãe, certo é que em breve se tornou cristão ativo e fervoroso. Alguns anos mais tarde, por ocasião da segunda viagem missionária, S. Paulo visitou Listra outra vez, e soube que o jovem ministro tinha bom testemunho dos irmãos que estavam em Listra e em Icônio, 16. 2. A voz das profecias já havia indicado que Timóteo se destinava a serviço especial, 1 Tm 1. 18; 4. 14. Paulo resolveu levá-lo consigo. O jovem convertido foi separado para ser evangelista, pela imposição da mão do presbitério e do apóstolo, 4. 14; 2 Tm 1. 6. Para não ofender os judeus, Timóteo foi circuncidado. Por este ato, o apóstolo manifestou o desejo de, sem ofensa de princípios, preparar o jovem evangelista para começar a sua obra, sem escandalizar os judeus a quem ia pregar. Daqui em diante, Paulo e Timóteo se uniram no mesmo trabalho. Evidentemente, Timóteo acompanhou o apóstolo pela Galácia, Tróade, Filipos, Tessalônica e Beréia. Diz-se nos Atos, 17. 14, que Silas e Timóteo ficaram em Beréia, quando Paulo se retirou para a parte do mar. Chegado que foi a Atenas, mandou buscar a Timóteo, que muito à pressa se foi encontrar com ele. 15. Vê-se pela leitura de 1 Ts 3. 1, 2, que ele fez voltar Timóteo a Tessalônica, e que Silas e Timóteo não se ajuntaram a ele enquanto não chegou a Corinto, At 18. 5; 1 Ts 3. 6. Timóteo permaneceu com Paulo em Corinto, 1 Ts 1. 1; 2 Ts 1. 1, e provavelmente acompanhou-o na sua volta. Ouve-se falar de Timóteo durante o ministério de Paulo em Éfeso. Diz Paulo na 1 Co 4. 17 que antes de escrever esta epístola, êle havia enviado Timóteo à Corinto para corrigir abusos que ali havia. Ainda por alguma razão, como se depreende de 1 Co 16. 10, havia probabilidade de que Timóteo não chegasse a Corinto, o que de fato parece ter acontecido. Sabe-se, porém, que voltou a Éfeso, porque pouco antes da saída de Paulo desta cidade. Timóteo e Erasto foram por ele enviados à Macedônia, At 19. 22, onde se ajuntou aos jovens companheiros. 2 Co 1. 1. Todos juntos entraram em Corinto, Rm 16. 21. Timóteo foi um dos que acompanharam a

Paulo, quando fazia a terceira viagem a Jerusalém, At 20. 4, mas não se diz se ele chegou até lá com o apóstolo; não aparece nos acontecimentos em Cesaréia, nem na viagem para Roma. Mas encontra-se o seu nome nas epístolas de S. Paulo, que ele escreveu de Roma, Fp 1. 1; 2. 19-22; Cl 1. 1; Filemom, 1. Evidentemente Timóteo foi com o apóstolo para Roma, onde lhe prestou relevantes serviços. Depois de solto, o grande Paulo confiou-lhe o desempenho de sérias obrigações. Na primeira epístola a Timóteo, vê-se que a igreja de Éfeso ficou a seu cargo; missão difícil, plena de responsabilidades, principalmente para um jovem ministro do Evangelho, 1 Tm 4. 12. Tinha de dar combate a falsos doutores, de nomear oficiais e de corrigir os abusos introduzidos na vida da igreja. Parece que ele foi como delegado apostólico, e por isso não é de admirar que S. Paulo lhe escrevesse tratando especialmente deste assunto. A segunda carta a Timóteo foi escrita pouco antes da sua morte. Quase só, e com a morte diante dos olhos, Paulo desejava ardentemente a presença de seu "filho", 2 Tm 4. 9, 21, cuja ausência lhe era tão sensível. É provável que ele Timóteo ainda chegasse a Roma antes da morte de Paulo. Sabe-se, no entanto, que esteve preso em Roma e que havia sido posto em liberdade, Hb 13. 23. Se a epístola aos Hebreus foi escrita por S. Paulo, a prisão de Timóteo deveria ter-se dado no período entre a liberdade do apóstolo e a segunda prisão. Veja *Paulo*. Se não foi escrita por ele, segue-se que Timóteo estava em companhia de Paulo na prisão. É simples conjetura, porque nada se conhece a respeito dos últimos dias de Timóteo.

A Primeira Epístola de S. Paulo a Timóteo foi escrita depois que ele saiu da primeira prisão que sofreu em Roma e de reassumir a sua posição no trabalho missionário. Timóteo estava encarregado de cuidar da igreja de Éfeso enquanto Paulo se detinha em Macedônia, 1 Tm 1. 3. Supõem alguns que a epístola foi escrita em Macedônia, o que não parece provável. Deveria ser pelo ano 64 ou 65. Trata das dificuldades eclesiásticas que Timóteo tinha de vencer e para esse fim dá-lhe instruções especiais. Por ela se evidencia o interesse que ele mostrava pelo trabalho prático da igreja e o cuidado que ele tinha pelo bem-estar pessoal de Timóteo e pelo êxito feliz de seu trabalho. O conteúdo da epístola oferece a seguinte divisão: 1. Instruções sobre a maneira de governar e instruir a igreja, cap. 1-3, incluindo advertências sobre os falsos mestres, cap. 1; instruções sobre atos de culto, cap. 2, sobre os oficiais da igreja, terminando com breve exposição sobre a dignidade da igreja e das verdades fundamentais que lhe servem de base, cap. 3. 2. Instruções sobre o procedimento pessoal, caps. 4-6, referente às doutrinas falsas e os erros que ele tinha de enfrentar, cap. 4, e ao modo de tratar as diversas classes de pessoas de que se compunha a igreja, 5. 1 até 6. 2, acompanhadas de exortações finais, parte de feição pessoal e parte reforçando as instruções anteriores, 6. 3-21.

A Segunda Epístola de S. Paulo a Timóteo foi escrita em Roma, depois de estar preso pela segunda vez, no ano 67, último produto de sua pena inspirada. Fala de si como prisioneiro do Senhor, 2 Tm 1. 8, 16; 2. 9, acusado de malfeitor, 2. 9, esperando ser martirizado dentro em breve, 4. 6. Muitos de seus amigos o haviam abandonado, 1. 15; 4. 10, 12. Dos seus antigos companheiros, somente Lucas estava com ele, 4. 11, gozando, contudo, de um círculo de novos irmãos, entre os quais, particulariza Êubulo, Pudente, Lino e Cláudia, 21. Já havia entrado no primeiro julgamento de que saiu livre, 16, 17, estando agora novamente para ser julgado. Solitário e ameaçado de novos perigos, lembra-se de Timóteo. Em parte, a sua carta tem como objetivo dar-lhe coragem para exercer a obra de evangelista e pedir-lhe que apressasse a sua volta a Roma, levando consigo alguns objetos de que precisava. A epístola presta-se à seguinte divisão: 1. Depois de curta introdução, exprime o desejo de ver a Timóteo, e regozija-se pela sua firmeza, 1. 1-5, admoesta-o para que torne a acender o fogo da graça de Deus que havia recebido, a despeito das provações, 6-12, e a ser fiel à verdade que havia recebido, 13-18. 2. Exorta-o a ser forte, a fazer-se bom soldado de Jesus Cristo, a ter em mente o imperecível fundamento da verdade em que se basea o Cristianismo, a evitar os erros e a cuidar de sua própria espiritualidade, cap. 2. 3. Anuncia-lhe o crescimento do erro e faz-lhe lembrar o exemplo que ele lhe oferece e os ensinos das Escrituras inspiradas em que ele havia sido instruído, cap. 3. 4. Finalmente, ordena-lhe que pregue a palavra e faça a obra de evangelista, 4. 1-5, acrescentando solenemente que ele estava a ponto de ser sacrificado e que a morte se avizinhava dele, 6-8. Termina com algumas referências pessoais, 9-22. As epístolas de S. Paulo a Timóteo e a Tito, chamam-se epístolas pastorais, classificação justificada pelo assunto de que tratam. Os críticos racionalistas recusam-se a acreditar que Paulo seja o autor destas cartas, pelo menos de acordo com a sua forma atual. Há contudo abundantes provas externas a favor de sua autenticidade, conforme o testemunho da igreja pós-apostólica que as recebeu como tais, levando ainda em conta o fato de que nos últimos anos da vida do apóstolo, ele se entreteve a estudar a vida prática das igrejas. Estas epístolas ensinam as mesmas doutrinas que se encontram em todos os seus escritos, sòmente com mais alguma ênfase sobre os aspectos práticos da fé cristã, de acôrdo com a situação. Paulo não seria o homem de largos horizontes que nós conhecemos, se não tivesse discutido, como fez nestas epístolas, as feições das igrejas e sua organização, nas vésperas de separar-se delas.

G. T. P.

TINTEIRO

Objeto feito de chifre ou de qualquer outro material, servindo para levar tinta de escrever. Os escribas costumavam trazê-lo à cinta, Ez 9. 2.

No oriente ainda se usam tinteiros presos à cinta, consistindo em uma caixa de madeira, de chifre ou de metal, com um depósito para a tinta, e um escaninho para colocar as canetas.

TIO

Irmão do pai de alguém, 2 Rs 24. 17. A palavra hebraica é *dod*, que tem sentido mais lato, aplicando-se não sòmente ao irmão do pai, como a qualquer parente do lado paterno, Lv 10. 4; Am 6. 10, como primo, Jr 32. 12; cp. 8, 9, ou a um membro da mesma tribo, Nm 36. 11.

TIQUICO, *Fortuito*.

Nome de um cristão da província da Ásia, que em companhia de outros viajou para Tróade desde Macedônia e naquela cidade se ficaram à espera de S. Paulo, At 20. 4. Tiquico era irmão muito amado e fiel ministro do Senhor. Serviu de portador das epístolas aos Efésios e aos Colossenses, Ef 6. 21; Cl 4. 7. Paulo destinava-o a ir a Creta visitar a Tito, Tt 3. 12. Mais tarde enviou-o a Éfeso, 2 Tm 4. 12.

TIRANA

Nome de um dos filhos de Calebe, irmão de Jerameel, com sua concubina Maaca, 1 Cr 2. 48.

TIRANO, *Senhor absoluto*.

Nome de um homem de Éfeso, mestre de filosofia, ou de retórica, ou mesmo escriba judaico, que dava instruções sobre a lei. Na sua escola, Paulo disputava com o fim de tornar conhecido o Cristianismo ali, depois do mau êxito que teve na sinagoga dos judeus, At 19. 9.

TIRAS

Nome de um país e pelo qual se conheciam os seus habitantes descendentes de Jafé, Gn 10. 2. Antigas opiniões o identificam com a Trácia,

Antig. 1. 6, 1, por causa de ligeira semelhança de som. Outros afirmam ser o rio Turas, o moderno Dniester, e os Turitai que demoram nas suas margens. As condições favorecem melhor os tursenoi, antigo povo pelásgico que ocupava as ilhas e a costa do mar Egeu, Heród. 1. 57, 94. Talvez se trate dos piratas turusa que invadiram a Síria e o Egito, 13 séculos A. C. *Tursenos* é a forma iônica e ática da palavra *Turrenos* (Thyrrheno).

TIRATITAS

Família de escribas, queneus de Tirá que habitavam em Jabes, 1 Cr 2. 55.

TIRIA

Nome de um dos filhos de Jaleleel, 1 Cr 4. 16.

TIRO

Nome de uma importante cidade da Fenícia e de remota antigüidade, Is 23. 7; Antig. 8. 3, 1, depois de Sidônia, Gn 10. 15; Is 23. 12. Os sacerdotes de Melcarte disseram a Heródoto que havia sido fundada 2.300 anos antes de haver chegado lá, de modo que a cidade deveria ter 2.750 anos de existência, Heród. 2. 44. Segundo antigas informações, Tiro estava situada no continente. No decorrer do tempo, para livrar-se dos assédios a que estava sujeita, foi transferida para uma ilha vizinha que deu nome à localidade. Antigos escritores aludem freqüentemente à sua situação marítima, Ez 26. 17, 27, 32. Quando estava no continente era chamada Palatiros, ou Velha Tiro. Ficava mais perto dos israelitas do que Sidônia. Este fato, juntamente com o crescimento e grandeza da cidade, deu lugar a que fôsse denominada em primeiro lugar dizendo-se sempre, Tiro e Sidônia. Tiro esteve sujeita ao Egito no século 15 A. C. segundo as tabletes de *Tell el-Amarna*. No tempo de Josué era uma praça forte, Js 19. 29. estava nos limites da tribo de Aser, mas não ficou pertencendo a ela, nem a nenhuma outra, 19. 29; Jz 1. 31, 32, nem consta que os israelitas se tivessem apoderado dela em qualquer período de sua história. No tempo de Davi tinha fama de ser forte praça de guerra, 2 Sm 24. 7. Hirão, rei de Tiro, manteve estreitas relações de amizade com Davi e Salomão, e ajudou-os na construção dos palácios e do templo, 5. 11; 1 Rs 5. 1; 1 Cr 14; 1 Rs 5. 1; 9. 10-14; 2 Cr 2. 3, 11; Sl 45. 12. Havia outro Hirão, filho de uma mulher viúva da tribo de Naftali, cujo pai era de Tiro, que trabalhava em bronze, o qual fundiu as duas colunas do templo, 1 Rs 7. 13, 14, 40, 45. Os tírios eram mais dados às manufaturas, ao comércio, às viagens marítimas e à colonização, do que às aventuras guerreiras. Produziam a púrpura, obras de fundição, vidros, etc., e mantinham relações comerciais com as nações mais remotas, cp. 1 Rs 9. 28. Os comerciantes de Tiro eram príncipes e os ínclitos da terra, Is 23. 8. No nono século antes de Cristo, os tírios fundaram Cartago que veio a ser formidável rival de Roma. Não obstante serem dados à prática do comércio, nem por isso enjeitavam a guerra, quando a ela eram forçados. No princípio do nono século, adquiriram certas imunidades de Asurnasirpal, rei da Assíria, e mais tarde, se fizeram representar na aliança de Acabe para resistir ao filho de Asurnasirpal e sucessor de Salmanazar, a quem afinal, tiveram de pagar tributos, juntamente com outras nações. Pelo ano 724 A. C. Salmanazar, rei da Assíria, chamado o Quarto, tendo submetido a Velha Tiro, sitiou a ilha morrendo, porém, em 722, sem realizar o seu intento, Antig. 9. 14, 2; cp. Is 23. A ilha entregou-se a Sargom, sucessor de Salmanazar. As relações de amizade dos tírios com Israel cessaram por este tempo. Os profetas acusaram os tírios de haverem entregado os israelitas aos edomitas, Am 1. 9, e de os haverem despojado e vendido como escravos aos gregos, Jl 3. 5, 6. A cidade não foi saqueada, como haviam sido as cidades vizinhas por Senaqueribe, mas foi sitiada por Asaradom e entregue sob condições honrosas e Assurbanipal no ano 664 A. C. No século seguinte gozou de grande prosperidade comercial, mantendo relações com todos os países do mundo conhecido, Ez cap. 27. Jeremias profetizou a sua queda, Jr 27. 1-11. A clássica profecia contra Tiro, mais pormenorizada encontra-se em Ezequiel, Ez caps. 26 a 28. 19 e 29. 18-20. Estas profecias de Jeremias e de Ezequiel referem-se grandemente ao sítio de Tiro por Nabucodonosor, que durou treze anos, cont. Apiom, 1. 21. Não se sabe com certeza se ele se apoderou de alguma parte das duas cidades, cp. Ez 29. 18-20. Se fez alguma presa, foi na cidade da costa, 26. 7-11, 12, cujos resultados não compensaram as despesas do sítio. Todavia, Tiro teve de aceitar a suserania de Nabucodonosor, segundo se lê em um dos ladrilhos de Babilônia. Em 332 A. C. Alexandre, o Grande, tomou a ilha de Tiro, depois de um sítio de sete meses, tendo para esse fim construído um molhe, desde o continente até a ilha, através do pequeno estreito. Não demorou em readquirir considerável prosperidade, cp. Is 23. 15-18. Nosso Senhor visitou uma vez as costas de Tiro e de Sidônia, Mt 15. 21-31; Mc 7. 24-31. Desta região vieram alguns para assistir ao ministério de Jesus, Mc 3. 8; Lc 6. 17. Mostrou ele que a responsabilidade destas cidades pagãs era *menor* do que a dos lugares em torno do Mar de Galiléia, que ouviram constantemente a sua pregação e presenciaram os seus feitos maravilhosos, Mt 11. 21, 22; Lc 10. 13, 14. No primeiro século da era presente havia lá uma comunidade cristã, At 21. 3-6. Orígenes que morreu no ano 254 A. D. foi sepultado na basílica cristã de Tiro. Outra basílica maior e mais rica foi construída pelo bispo Paulino. No ato de sua consagração no ano 323, o historiador Eusébio, bispo de Cesaréia, pregou o sermão inaugural. Em 638, os maometanos tomaram a cidade. Pouparam as vidas e as propriedades dos cidadãos em condições muito humilhantes; não podiam mais construir novas igrejas, nem repicar sinos, os cristãos não poderiam montar em cavalos, e não seria tolerado nenhum desacato à religião muçulmana. No dia 27 de junho de 1124 a cidade foi tomada pelos cruzados. O imperador germano Barbaroxa que morreu afogado em 1190, foi sepultado na catedral de Tiro. Em março de 1291, a cidade foi de novo tomada e reduzida a um montão de ruínas. Desde esse tempo acha-se em poder dos maometanos. Grande quantidade das pedras de seus edifícios destruídos, tem ido para Beirute, Acre, e Jope para novas edificações. Os muros estão caídos e em parte desapareceram cobertos de areia. Antigamente havia lá dois portos, agora existe só um que é o antigo porto Sidônio, no lado de nordeste; o outro, que era o porto Egípcio, está obstruído pelas areias. Ainda se vê o molhe que o imperador Alexandre mandou fazer para tomar a ilha: tem quase meia milha de largura. A maior parte das ruínas, inclusive as da catedral, pertencem à época dos cruzados. As fontes e reservatórios, chamados *Ras el-Ain*, abasteciam a cidade por meio de um aqueduto com uma elevação de 15 a 20 pés acima do nível do solo, a fim de ter queda suficiente para o curso da água. Por tempo considerável, estêve completamente desabitada. Reviveu um pouco e tem agora a população de cêrca de 6.500 habitantes. Chama-se Sur, que é o antigo nome em árabe. As habitações ocupam a parte oriental do que outrora se chamava a ilha, porque a ilha mesma passou a ser promontório depois que Alexandre a ligou ao continente. A escada de Tiro é alta montanha que se eleva sobre a costa da Síria a 100 estádios, ou 11 milhas ao norte de Ptolemaida, Guerras 2. 10, 2. Por meio dêste cálculo da distância e pela direção indicada, não será fora de propósito dizer a montanha referida é uma parte senão o todo do promontório montanhoso que tem sete milhas de largura, que emerge das águas, formando a divisa natural entre a Palestina e a Fenícia, 1 Mac 11. 59. Pelo lado de sudoeste, no ângulo *Ras en-Nakurâ*, projeta-se alteroso cabo

sem dar lugar a qualquer subida, sendo preciso tomar a estrada que o corta ao meio, em escala ascendente. Esta parte do grande promontório é o que ordinariamente denominam a Escada. Alguns viajantes localizam a Escada no ângulo de noroeste, onde se acha o *Ras el-Abyad*, que é o promontório branco. A estrada corta os seus agudos penhascos na extensão de uma milha, sempre subindo, e atinge em alguns pontos a 200 pés acima do mar.

TIRSATA

Nome persa que designava as funções de governador de Judá quando esteve sob o domínio persa. Este nome foi criado por Zorobabel e empregado por Neemias. Ed 2.63; Ne 7.65,70. No cap. 12.26, o original tem a palavra *pehah*, que quer dizer governador, equivalente a Atersata.

TIRZA, *Deleite.*

1. Nome de uma das cinco filhas de Zelofeade e a mais moça delas, Nm 26. 33; 27. 1; 36. 11; Js 17. 3.

2. Nome de uma cidade, famosa pela sua beleza, Ct 6. 4, pertencente aos cananeus, a qual foi tomada por Josué, Js 12. 24. Jeroboão I estabeleceu-se nela, 1 Rs 14. 17, e fêz dela a capital do reino das dez tribos, 15. 21, 33; 16. 6, 8, 9, 15, 17, até a edificação de Samaria por Onri, 23, 24. Passando a capital para a nova cidade, Tirza ficou sendo cidade provincial, sem prejuízo de sua importância, 2 Rs 15. 14, 16.

Robinson indica, com certa hesitação, Tuluza, situada a 6 milhas ao oriente de Samaria, como sendo o lugar provável de sua existência. Conder não hesita em afirmar que é em Telasir, com suas antigas ruínas, a 13 milhas a nordeste de Samaria, sôbre um planalto, onde os vales começam a descer ràpidamente para o Jordão.

TITO

Nome do grande companheiro de S. Paulo. Êste nome não aparece no livro dos Atos, mas encontra-se repetidas vezes nas epístolas do grande apóstolo. Era filho de pais gentios, Gl 2. 3. Tomou parte na comissão da igreja de Antioquia, At 15. 2, juntamente com Paulo e Barnabé, que foram a Jerusalém assistir ao concílio da igreja, Gl 2. 3. E possível que fôsse natural de Antioquia, uma vez que S. Paulo o chama de amado filho na fé que nos é comum, Tt 1. 4, e que fosse convertido por ele. Evidentemente era mais moço que Paulo. A presença de Tito no concílio escandalizou os que eram da circuncisão, porém a igreja se recusou a ordenar que se circuncidasse, tomando deste modo o partido de Paulo que era advogado dos gentios para libertá-los do jugo da lei, Gl 2. 3-5. Tito aparece na residência de Paulo em Éfeso, onde lhe fez companhia. Pela leitura de 2 Co 2. 13; 7. 16; 8. 6, 16 e 12. 18, sabe-se que foi mandado a Corinto para corrigir certos abusos que muito afligiam o espírito de Paulo. Supõem alguns que ele foi um dos irmãos que serviram de portador da primeira carta aos Coríntios, 1 Co 16. 12. É mais provável, contudo, que ele e mais outro, 2 Co 12. 18, fossem enviados lá, depois de remeter a primeira carta em virtude de novas informações que o apóstolo recebeu. A sua missão era muito delicada, de modo que Paulo aguardava a sua volta com grande ansiedade, 2 Co 2. 13. Quando o apóstolo deixou Éfeso, esperava encontrar Tito em Tróade, 12, 13, e, como não o encontrasse, seguiu para Macedônia. Ali, Tito o foi encontrar, dando-lhe boas notícias, 7. 6, 13, 14, sendo imediatamente enviado a Corinto, levando consigo a Segunda Epístola para a igreja daquela cidade, 2 Co 8. 6, 16, 23. Não se ouve mais falar dele, senão depois que S. Paulo foi sôlto da prisão em Roma. Pela epístola a Tito sabe-se que esteve em Creta para superintender a organização das igrejas naquela ilha. Parece que esteve em Éfeso como deputado apostólico. Sua missão foi temporária, porque logo teve de ajuntar-se ao apóstolo em Nicópolis. A última notícia que temos dele, encontra-se na 2 Tm 4. 10, onde se diz que havia ido para Dalmácia.

A Epístola de S. Paulo a Tito foi escrita depois que o apóstolo saiu da prisão em Roma, e reassumiu a sua obra missionária. Deve datar do ano 65 ou 66. Tito ficou superintendendo a igreja de Creta. A epístola que Paulo lhe enviou, à maneira da Primeira Epístola a Timóteo, tinha por fim dirigi-lo no modo de resolver as dificuldades que ia encontrar. Pode dividir-se da seguinte forma:

1. Saudações, descrevendo particularmente a dignidade da mensagem apostólica, 1. 1-4. 2. Instruções a respeito do caráter daqueles que deveriam ser escolhidos para o cargo de bispos ou anciãos, especialmente, tendo em vista os falsos discípulos que havia de encontrar e o modo de combatê-los, 5-16. 3. Instruções que ele deveria ministrar às várias classes de pessoas de que se compunha a igreja, a fim de que fossem todos zeladores de boas obras, cap. 2. 4. Direções acerca dos deveres dos cristãos para com a sociedade, imitando o amor de Deus para com os homens, manifestado na pessoa de Cristo, 3. 1-8. 5. Instruções para evitar a influência das doutrinas falsas e heréticas, 9-11. 6. Direções pessoais, exortações finais e bênção apostólica, 12-15. O pensamento central da epístola é pôr em destaque a importância das boas obras que devem aparecer em todos que professam o Cristianismo. Sôbre epístolas pastorais, consulte as notas no fim do artigo sôbre *Timóteo*.

G. T. P.

TIZITA

Designação de certo Joa, 1 Cr 11. 45, provavelmente indicando o lugar onde havia nascido.

TOÁ, *Baixo.*

Nome de um levita dos filhos de Coate, 1 Cr 6. 34.

TOBADONIAS, *Deus é o meu Senhor Jeová.*

Nome de um dos levitas enviados por Josafá para ensinar nas cidades de Judá, 2 Cr 17. 8.

TOBE

Região situada ao oriente do rio Jordão para onde fugiu Jefté, quando deserdado por seus irmãos, Jz 11. 3, 5. Quando Hanum, rei amonita, deu motivos de ofensa a Davi, mandou vir soldados de Tobe e de outros lugares, 2 Sm 10. 6, o que indica que esta região ficava além das divisas de Israel, talvez no distrito de Gileade, conhecido dos gregos pelo nome de Tubias, 1 Mac 5. 13; cp. 2 Mac 12. 17. Situação ainda incerta.

TOBIAS, *Jeová é Deus.*

1. Nome de um dos levitas enviado por Josafá para ensinar nas cidades de Judá, 2 Cr 17. 8.

2. Nome de um judeu que veio do cativeiro, de quem o profeta Zacarias recebeu ouro e prata para as coroas destinadas à cabeça de Josué, sumo sacerdote; Zc 6. 10, 14.

TOBIAS[1], *Jeová é Deus.*

1. Nome do fundador de uma família, da qual alguns membros vieram para Jerusalém depois do cativeiro, cuja identidade não puderam determinar, Ed 2. 60; Ne 7. 62.

2. Nome de um amonita que meteu a ridículo o esforço dos judeus para reconstruírem o muro de Jerusalém, Ne 2. 10; 4. 3, 7.

TOBIAS[2]

Nome de um distrito ao oriente do Jordão, 1 Mac 5. 13; cp. 2 Mac 12. 17. Talvez seja a terra de Tobe.

TOFEL

Nome de um lugar onde se acamparam os israelitas no deserto, Dt 1. 1. Robinson, e com ele outros, identificam este lugar com Tufilé, a 14

milhas a sudeste da curva sudoeste do Mar Morto. As consoantes empregadas nesta palavra são diferentes; o *teth* está em lugar do *tau*, o que dá lugar a supor que a identificação não é exata.

TOFETE, *Aborrecimento.*

Nome de certos lugares altos, construídos no vale dos filhos de Hinom, onde o povo de Jerusalém, nos tempos de Isaías e de Jeremias costumavam sacrificar seus filhos pelo fogo a Moloque, Jr 7. 31; 2 Rs 23. 10. O lugar de Tofete era uma abertura dilatada e profunda, onde se metia grande quantidade de lenha à qual se comunicava o fogo por meio de uma torrente de enxôfre, Is 30, 33. O rei Josias o contaminou, 2 Rs 23. 10, e Jeremias profetizou que ali haveria grande mortandade e que o nome Tofete seria mudado para vale da Matança, Jr 7. 32, 33; 29. 6. Tofete do mesmo tipo estava aparelhado pelo rei da Assíria, Is 30. 33.

TOGARMA

Nome de um país do extremo norte, Ez 38. 6, habitado por um povo descendente de Jafé por via de Gomer, Gn 10. 3. Negociavam em cavalos e mulas, Ez 27. 14. Julga-se que seja o povo da Armênia. Frederico Delitzsch, contudo, é de parecer que este nome se acha representado em Tilgarimu, cidade do extremo oriente da Capadócia, cujo nome aparece em inscrições da Assíria.

TOLA, *Verme, escarlate.*

Nome de um rei de Hamate que esteve em guerra com Hadadezer rei de Soba e que mandou congratulações a Davi pela sua vitória sôbre o inimigo comum, 2 Sm 8. 9-12; 1 Cr 19. 9-11.

TOLA, *Verme, escarlate.*

1. Nome de um filho de Issacar e fundador de uma família tribal, Gn 46. 13; Nm 26. 23; 1 Cr 7. 1.

2. Nome de um filho de Pua, da tribo de Issacar, que julgou a Israel vinte e três anos. Morou em Samir, onde morreu e foi sepultado, no monte de Efraim, Jz 10. 1, 2.

TOMÉ. Palavra grega, derivada do hebraico *taom*, que significa *gêmeo*.

Nome de um dos doze apóstolos, Mt 10. 3, também chamado Didimo cujo sentido em grego é igual ao de Tomé em hebraico. Quando os discípulos se admiraram de que Jesus tencionasse voltar para a Judéia, onde pouco antes o queriam apedrejar, Jo 11. 7, 8, disse então Tomé aos outros condiscípulos: "Vamos nós também para morrermos com ele", 16. Quando Jesus falou da sua próxima saída deste mundo, e de ir preparar lugar para seus discípulos, disse-lhes: "Vós sabeis para onde eu vou, e sabeis o caminho." Respondeu-lhe Tomé e disse: "Senhor, nós não sabemos para onde tu vais, como podemos nós saber o caminho?" Em resposta, tornou Jesus: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida", Jo 14. 1-6. Tomé não se achou presente quando Jesus se manifestou vivo depois de sua ressurreição, e quando teve conhecimento deste fato, disse: "Eu se não vir nas suas mãos a abertura dos cravos e se não meter o meu dedo no lugar dos cravos, e se não meter a minha mão no seu lado, não hei de crer", 20. 24, 25. Deus converteu este incidente em bem para os outros discípulos. "Ele duvidou para que nós crêssemos." (Agostinho.) Passados oito dias, Jesus lhe deu as provas exigidas, à vista das quais Tomé exclamou: "Senhor meu, e Deus meu!", 26-29. Estava no mar de Galiléia, com outros seis de seus companheiros, quando Jesus veio pôr-se na ribeira e disse-lhes: "Ó moços, tendes alguma cousa de comer?" Responderam-lhe eles: "Nada." "Lançai", ordenou Jesus, "a rede para a parte direita da embarcação, e achareis" 21. 1-8. Tomé também estava junto com os demais apóstolos no quarto de cima em Jerusalém, depois que Jesus foi assunto ao céu, At 1. 13. Diz a tradição que Tomé trabalhou na Pártia e na Pérsia, onde morreu. Dizem ainda que ele esteve na Índia, onde sofreu o martírio. Existe um lugar perto de Madras que se chama monte de S. Tomé.

TOPÁZIO

Pedra preciosa, em grego *topazion*, em hebreu *pitedah*. Era a segunda pedra da primeira ordem das pedras preciosas que ornavam o Racional do Juízo usado pelo sumo pontífice, Êx 28. 17; cp. a versão grega e Antig. 3. 7, 5. O topázio encontrava-se na Etiópia, Jó 28. 19, e em uma ilha do Mar Vermelho (Diodoro Siculo, 3. 38; Plínio, Hist. Nat. 37. 9). Serve de adorno ao nono fundamento da Nova Jerusalém, Ap 21. 20. O topázio dos antigos era uma variedade da safira amarela. Parece que os romanos transferiram a palavra crisólita para o topázio, que eles denominavam a ambas pelo nome geral de pedras preciosas.

TOQUÉM, *Peso, medida.*

Nome de uma cidade, pertencente à tribo de Simeão, 1 Cr 4. 32. Situação ignorada.

TÔRRE

Edifício mais alto do que as habitações comuns, mais estreito do que largo, com uma guarita destinada ao abrigo e proteção do guarda que vigiava a vinha, Is 1. 8. Quando a torre era construída com bastante solidez e esmero, significava que o dono da vinha pretendia explorá-la por muito tempo, Is 5. 2; Mt 21. 33; Mc 12. 1 Além destas, havia outras que se destinavam à defesa de vidas e propriedades, construídas para garantia dos pastores e para afastar os salteadores, 2 Rs 17. 9; 2 Cr 26. 10. As torres também serviam de defesa das cidades fortificadas, 14. 7; Ne 3. 1. Erguiam-se aos lados das portas das cidades, nos ângulos dos muros e nos espaços intermediários, 2 Cr 26. 9. Colocavam-se sentinelas dentro das torres, e armavam-se as máquinas destinadas a expedir as flexas e a lançar as pedras contra o inimigo atacante, 2 Cr 26. 15. As torres serviam de refúgio aos moradores das cidades em casos de serem apertados pelos inimigos, Jz 9. 51, 52; Sl 61. 3. Dentro de seus muros grossos e resistentes, havia garantias de vida. De cima delas tinha-se abundante luz e ar, fora do alcance das armas inimigas, e de lá se podia com vantagem combater o inimigo.

TÔRRE DOS CEM, *Cem.*

Nome de uma torre de Jerusalém, perto da torre de Hananeel e da porta do rebanho, Ne 3. 1; 12. 39. Ver *Jerusalém II*, 3.

TOU, *Baixo.*

Nome de um dos filhos de Zufe, 1 Sm 1. 1.

TOUPEIRA

Tradução das palavras hebraicas *Haphor peroth*, abridor de buracos, Is 2. 20. As duas palavras unidas *Haphorperoth*, significam cavadores, que tanto podem ser toupeiras como ratos. Dizem que nenhuma das espécies da *Talpa*, gênero a que pertence a toupeira, *Talpa europea*, existe na Palestina, e que o seu lugar é preenchido pelo rato, *Spalax typhlus*, que é naturalmente o animal a que Isaías se refere, e que é muito comum na Terra Santa, formando verdadeiras colônias subterrâneas. Tem a aparência do rato, mas não pertence à mesma ordem: é roedor e alimenta-se especialmente de vegetais, de preferência os tuberosos, ao passo que a toupeira é insetívora. O rato é maior que a toupeira; tem cerca de 22 cent. ou mais de comprimento, o pelo tem a cor de prata oxidada, a cauda é longa e os olhos são rudimentares.

TOURO

Nome do macho da espécie que os naturalistas denominam *Bos taurus*, Jó 21. 10; Sl 68. 30; Is 34. 7; Jr 50. 20; Sl 22. 12.

TRAÇA

Inseto proverbial pelos estragos que faz na rou-

pa, Jó 13. 28; Mt 6. 19; Tg 5. 2. As larvas sustentam-se de lã, Is 51. 8, de que fazem um casulo em que vivem, Jó 27. 18, deitando fora a cabeça quando precisam alimentar-se. As traças da roupa, *Tinea*, são de diversas espécies, como a *T. pellionella* e a *Vestianella*, que se alimentam de pêlos e de lã.

TRACONITES

Região, que por ocasião do aparecimento de João Batista como pregador, formava com a Ituréia uma tetrarquia governada por Filipe, irmão de Herodes, tetrarca de Galiléia, Lc 3. 1. Ficava para além de Damasco, Estrabo 16. 2, 20, e compreendia a extensão de rochas vulcânicas conhecida hoje pelo nome de *el-Lejjah* em direção a Ulata e a Panéias, para a banda do ocidente; para o sul, chegava até os limites de Batanéia e de Jebel Haurã, Antig. 15. 10, 3; 17. 2, 1, 2. Ptolomeu 5. 15, 4.

TRAGACANTA, Gn 37. 25, V. B. *Arômata*.

Resina produzida por diversos arbustos espinhosos do gênero *Astragalus*, principalmente do *Astragalus gummifer*, planta leguminosa. Os que dão a goma são de pequena altura, protegidos por densa massa de longos espinhos. As flores são axilares e na maioria das espécies de cor amarela e em outras, brancas ou purpurinas. Sob a ação dos raios solares, segrega a goma pelo tronco, pelos galhos, pelas fôlhas e pelos espinhos. Na Palestina apanham a goma por meio de um pano que enrolam no arbusto; ao pano apega-se toda a exudação viscosa. Aplica-se na confecção de pílulas para dar-lhes consistência, no fabrico de livros, e para engomar os crepes e os tecidos de algodão.

TRAVESSEIRO

A palavra hebraica que dá o nosso vocábulo almofada ou travesseiro, serve para representar, o objeto que se usa para descanso da cabeça durante o sono. Jacó, dormindo em campo aberto, tomou uma pedra que lhe serviu de travesseiro, Gn 28. 11, 18. Jesus, provavelmente, serviu-se da almofada de couro de que os remadores usavam, para repousar a cabeça, quando foi dormir na pôpa da barca, Mc 4. 38.

TRÊS VENDAS

Nome de uma pequena estação da Via Ápia, distante uma milha do Forum e trinta da cidade de Roma, onde alguns irmãos residentes na cidade, foram encontrar-se com o apóstolo S. Paulo, At 28. 15.

TRIBUTO

1. Pagamento em dinheiro, em mercadorias ou em serviços, imposto por um soberano a súditos estrangeiros, Dt 20. 11; Jz 1. 28; Ed 4. 13; Ne 5. 4; Et 10. 1; Mt 17. 25. Os fariseus tentaram meter a Jesus em um dilema, perguntando-lhe se era lícito pagar tributos ao imperador romano, Mt 22. 17. Se ele respondesse na afirmativa, ofenderia o povo, uma vez que a sua independência estava ligada ao exercício de sua religião, e somente com malcontida relutância é que pagavam os tributos. Os fariseus esperavam que ele dissesse que era ilegal o tributo pago ao governo estrangeiro, porque o mesmo Jesus já havia anunciado as suas pretensões ao trono de Davi. Neste caso, o acusariam de rebelião contra o governo de César. "Mostra-me cá a moeda do censo", disse Jesus, e perguntou-lhes: "De quem é esta imagem e inscrição? Responderam eles: de César. Então lhes disse Jesus: "Pois dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus." Jesus reconheceu a distinção entre as ruas esferas do poder, civil e religioso.

2. A didracma ou meio *shekel* pago para as despesas do templo, Mt 17. 24. Esta contribuição baseava-se na taxa de meio *shekel*, paga por todos os israelitas quando chegavam a idade de vinte anos, preço do resgate de sua pessoa, Êx 30. 11-16. No tempo de Neemias, os israelitas pagavam anualmente a terça parte de um *shekel* para custear as despesas do culto no templo. Ne 10. 32, 33. Mais adiante a terça parte do *shekel* passou para metade de um *shekel*, cobrada anualmente de todo varão de vinte anos de idade e daí para cima, em todo o mundo, Antig. 18. 9, 1. O coletor de Cafarnaum perguntou a Pedro se o Mestre não pagava o tributo das duas dracmas, a que ele, impulsivamente, respondeu que sim, Mt 17. 24, 25. Jesus pagaria certamente, e o fez por meio de Pedro. Chegado que foi à casa, perguntou Jesus a Pedro: Que te parece Simão, de quem recebem os reis da terra o tributo, de seus filhos, ou dos estranhos? Dos estranhos, respondeu Pedro; disse-lhe Jesus, logo são isentos os filhos. Havia pouco, Pedro tinha confessado que Jesus era o filho de Deus. O tributo reclamado destinava-se ao serviço da casa de Deus: não era razoável que exigissem dele tal pagamento. Tal é a interpretação que se dá às palavras de Jesus. Depois da queda de Jerusalém, o imperador Vespasiano, ordenou que os judeus espalhados pelo império romano, pagassem o tributo das duas dracmas, em favor de Júpiter Capitolino, e que antes se destinava ao serviço do templo, Guerras 7. 6, 6.

TRIFENA, *Delicada*.

Nome de uma mulher residente em Roma à qual o apóstolo S. Paulo enviou saudações e que estava trabalhando na Causa do Senhor, Rm 16. 12.

TRIFOM, *Sensual*.

Nome de um general de Alexandre Balas, 1 Mac 11. 39, natural de Casiana, perto de Apaméia na Síria, antes conhecido pelo nome de Diodotus, Estrabo 16. 2, 10. Depois da morte de Balas e do reconhecimento de Demétrio II, Trifom proclamou Antíoco VI, filho de Alexandre Balas como rival de Demétrio, 11. 39, 40 e, com o auxílio dos judeus, conquistou rapidamente o país. Havendo traído a Jônatas Macabeu, 12. 39-50, fez com que os judeus seus aliados passassem para o lado de Demétrio Trifom, no entanto, mata o jovem Antíoco e se proclama rei, 12. 31, 39. A prisão de Demétrio por Arsaces, rei dos partas, deixou a Trifom entregue a si mesmo por um pouco; mas Antígono VII, irmão de Demétrio, opôs-se a ele, e deu-lhe caça, primeiro em Dor, na costa fenícia, 15. 10, 14, 37, e depois em Apaméia, onde Trifom perdeu a vida, no ano 138 A. C., Antig. 13. 7. 2.

Trifom

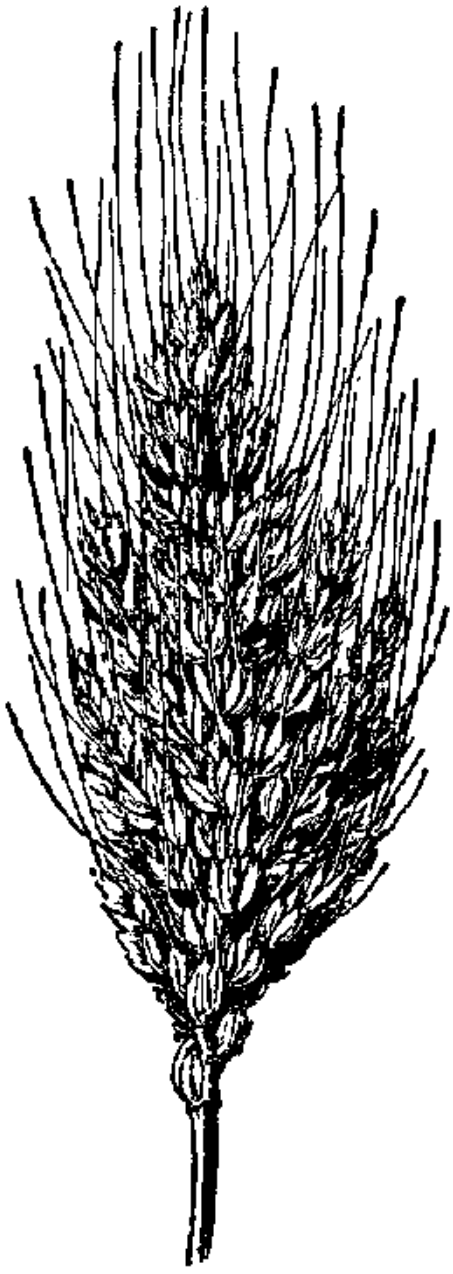
TRIFOSA, *Delicada*.

Nome de uma mulher residente em Roma, associado ao de Trifena na lista daquelas pessoas da igreja às quais S. Paulo enviou saudações e que estavam trabalhando na Causa do Senhor, Rm 16. 12.

TRIGO

O trigo era cultivado em Babilônia, Herod. 1. 193, na Mesopotâmia, Gn 30. 14, no Egito, Êx 9. 32, na Palestina, 34. 22; Dt 8. 8; Jz 6. 11, e em outras localidades, desde tempos mui remotos.

Na Palestina semeavam-no em o mês de novembro ou dezembro, depois de começarem as chuvas. A melhor maneira de o semear era em linhas direitas, Is 28. 25. A colheita fazia-se em abril, maio ou junho, variando conforme o local, a qualidade do solo e a estação. O pão comum usado na Palestina era feito de farinha de trigo, Ex 29. 2. Costumavam torrar as espigas e comer os grãos, Lv 2. 14; Rt 2. 14. O trigo quebrado e moído também servia de alimento, Lv 2. 14, 16. O trigo novo preparado deste modo, também servia de alimento, 23. 14; 2 Rs 4. 42. O Egito era



Trigo egípcio

o celeiro das regiões do Mediterrâneo que exportava o trigo em larga escala para Roma pelo pôrto de Alexandria, At 26. 6, 38. Segundo Plínio, a melhor qualidade de trigo vinha do Alto Egito, Hist. Nat. 18. 47. O trigo do Egito era cheio de arestas e dava muitas espigas no mesmo pé, *Triticum compositum*. Encontra-se desenhado em antigos monumentos. Na Palestina cultivava-se o *Triticum vulgare*, que dava uma só espiga.

TRINCHEIRA, TRANQUEIRA, BALUARTES.

Nomes que se dão às instalações levantadas contra os muros de uma cidade sitiada por um exército invasor, Jr 6. 6; Dn 11. 15; 2 Sm 20. 15; 2 Rs 19. 32; Ez 26. 8, 9; Is 29. 3.

TRISTEZA

A tristeza entre os orientais era e ainda é ostentosa. As manifestações públicas de tristeza consistiam em despojar-se dos ornamentos pessoais, Ex 33. 4; 2 Sm 14. 2; 19. 24; Mt 6. 16-18, em rasgar os vestidos, Lv 10. 6; 2 Sm 13. 31; Jl 2. 13, em rapar a cabeça e arrancar os cabelos, Ed 9. 3; Jr 7. 29, em vestir-se de saco, Jl 1. 8, em lançar pó e cinza sobre a cabeça, 2 Sm 15. 32, em jejuns, Sl 35. 13, em chorar e lamentar, Jl 1. 8, 13. Alguns destes vários modos eram exercidos em conjunto, Gn 37. 34; 2 Sm 3. 31; 13. 19; 15. 32; Ed 9. 3, 5; Jó 1. 20; Jr 41. 5. Os amigos da casa chegavam trazendo tocadores de flauta e carpidores profissionais, que eram geralmente mulheres que faziam altas lamentações, Jr 9. 17; Mt 9. 23; At 9. 39. Como ainda se faz hoje em dia, davam-se banquetes fúnebres ao pessoal que comparecia a estas solenidades, Jr 16. 7; Baruque, 6. 32. Depois do enterro, as mulheres iam bem cedo na manhã seguinte visitar a sepultura, como ainda costumam fazer, para ali rezar, verter lágrimas, soluçar, ou cantar hinos e bater nos peitos, Mc 16. 1, 2. Muitas destas pessoas alugavam-se para estes atos, porém outras choravam sinceramente como os pais, os parentes e os amigos do morto, Jo 11. 31. Estas práticas prevaleciam no Egito, na Pérsia, na Cítia, Heród. 2. 66, 85; 4. 71; 8. 99; 9. 24. O tempo que duravam estas demonstrações variava. O luto pela morte de Arão e Moisés, durou trinta dias, Nm 20. 29; Dt 34. 8, e por Saul, sete dias apenas, 1 Sm 31. 13. Os egípcios choraram a Jacó durante setenta dias e mais sete dias na eira de Atade, em públicas manifestações de pesar, Gn 50. 3, 10.

TROADE, *Região em torno de Tróia.*

Pôrto de mar da Mísia, At 16. 11, onde S. Paulo teve a visão do homem macedônio que em pé lhe rogava: "Passa à Macedônia, e ajuda-nos" At 16. 8-10; 2 Co 2. 12. O apóstolo demorou-se em Trôade uma semana, quando regressava da sua terceira viagem, At 20. 6. De uma feita, havia deixado em Trôade a sua capa, os livros e os pergaminhos, 2 Tm 4. 13. A cidade de Trôade foi fundada por Antígono, um dos sucessores de Alexandre, o Grande, que lhe deu o nome de Antigônia. Depois de sua morte, Lisímaco, rei da Trácia, que era inimigo de Antígono, mudou-lhe o nome para o de Alexandria, a que acrescentaram a palavra Trôade para distingui-la da Alexandria do Egito. Estava situada ao sul da Tróia de Homero, cujo nome se tornou extensivo a todo o distrito. As suas grandes ruínas têm atualmente o nome de *Eski Stambul*.

TRÓFIMO, *Nutriente.*

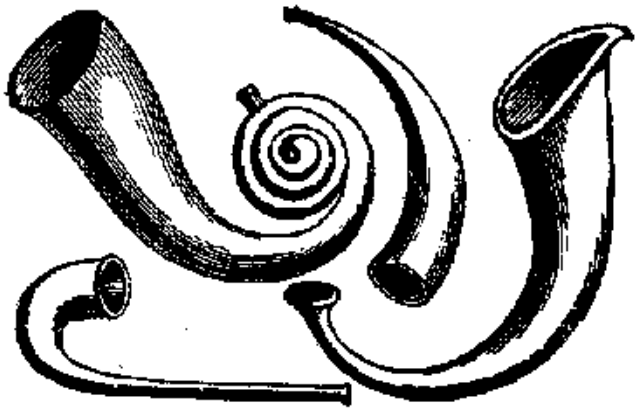
Nome de um cristão gentio de Éfeso, companheiro de S. Paulo em suas viagens missionárias. Tendo-o visto em Jerusalém na companhia do apóstolo, julgaram os judeus que havia entrado no templo a despeito das leis proibitivas. Serviu isto de falsa acusação contra S. Paulo, At 20. 4; 21. 29. A última vez que se fala de Trófimo, é na 2 Tm 4. 20, onde o apóstolo conta que o deixou doente em Mileto.

TROMBETA[1]

1. Tradução da palavra hebraica *Shophar*, em 1 Cr 15. 28; 2 Cr 15. 14; Sl 98. 6; Os 5. 8; Lv 25. 9.

2. Tradução do vocábulo hebraico *Menadnaeim* em 2 Sm 6. 5.

3. Tradução do aramaico *Karna*, correspondente ao hebraico *Keren*, em Dn 3. 5, 7, 10, 15. Significa corno, assim traduzido em Dn 8. 20, feito de um corno de boi, ou também de metal com a mesma forma.



Trombetas de chifres, curvas

TROMBETA[2], CORNETA, BUZINA

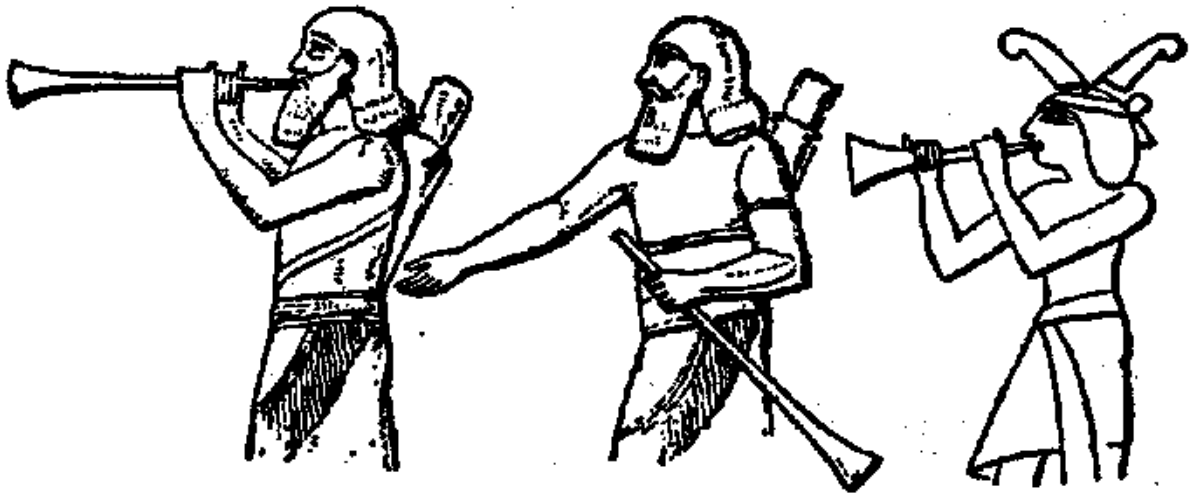
1. Instrumento de sopro, feito de chifre de algum animal, cuja forma conservava quando fabricado de outro material, Js 6. 5; cp. Dn 3. 5, onde a palavra original *keren*, corno, se traduz corneta na V. B.

Trombeta é tradução da palavra hebraica *shophar*. Em quatro passagens do original aparece a palavra *hasoserah*, traduzida por buzina, 1 Cr 15. 28; 2 Cr 15. 14; Sl 98. 6; Os 5. 8, cujo som se ouvia a grande distância, Êx 19. 16-19, dando volume às manifestações de júbilo, 2 Sm 6. 15; 2 Cr 15. 14; Sl 98. 6, porém, não se prestava ao acompanhamento de flautas e de harpas, em uma orquestra. Nos acompanhamentos militares, o som da trombeta chamava os soldados à forma, Js 3. 37; 6. 34; 1 Sm 13. 3, e dava sinal para o combate, Jó 39. 24, tocava para cessar o avanço, 2 Sm 2. 28, e para ordenar a retirada, 20. 1, 22. A trombeta dava sinal de alarme em caso de perigo, Jr 6. 1; Am 3. 6. Ao som de trombetas se anunciava ao povo a subida do rei ao trono, 2 Sm 15. 10; 1 Rs 1. 34; 2 Rs 9. 13, e o começo do ano do jubileu, Lv 25. 9. O primeiro dia do sétimo mês era de solene descanso, em que se ofereciam holocaustos ao Senhor, 23. 24, 25; Nm 29. 1-6, porque este dia marcava um período de tempo que se alternava: era o dia do sonido das trombetas, chamando o povo a lembrar-se da presença do Senhor, cp. Ex 28. 12, 29; 30. 16. Diz a tradição judaica que a trombeta usada nesta solenidade era a *shophar*, Cp Lv 25. 9.

2. Trombeta é a tradução invariável da palavra hebraica *Hasoserah*. Duas delas soavam para chamar o povo a reunir-se à entrada do tabernáculo, Nm 10. 2, mas o número delas aumentou com o decorrer do tempo, 2 Rs 12. 13. Quando se fez a dedicação do templo, soaram cento e vinte trombetas, 2 Cr 5. 12. As que se usavam no santuário eram de prata, Nm 10. 2. Tinha menos de um cúbito de comprimento. O tubo era estreito, regulando com o da flauta, terminando em forma de campainha, à semelhança das trombetas comuns, Antig. 3. 12, 6. Os sacerdotes é que as tocavam para anunciar os dias de festa, para convocar as assembléias do povo e dar o sinal de combate, Nm 10. 1-10; 31. 6. Raras vêzes se diz que um leigo as tocava, em campo de batalha. Os 5. 8. Por ocasião de ser coroado o rei Joás, 2 Rs 11. 14; 2 Cr 23. 13, soaram as trombetas. Sôbre o uso deste instrumento na orquestra do templo, veja o artigo *Música*.

3. Em o Novo Testamento, a palavra trombeta é *salpigx*, usada na guerra, 1 Co 14. 8 e para anunciar a segunda vinda de Cristo, Mt 24. 31 e a ressurreição dos mortos, 1 Co 15. 52. As sete visões do Apocalipse foram anunciadas por número igual de trombetas, Ap cap. 8 a 9 até v. 19. A *salpigx* é a mesma *Hasoserah*, trombeta sagrada referida em Ecclus. 1. 16; 1 Mac 3. 54; 4. 40; 5. 33; 16. 8.

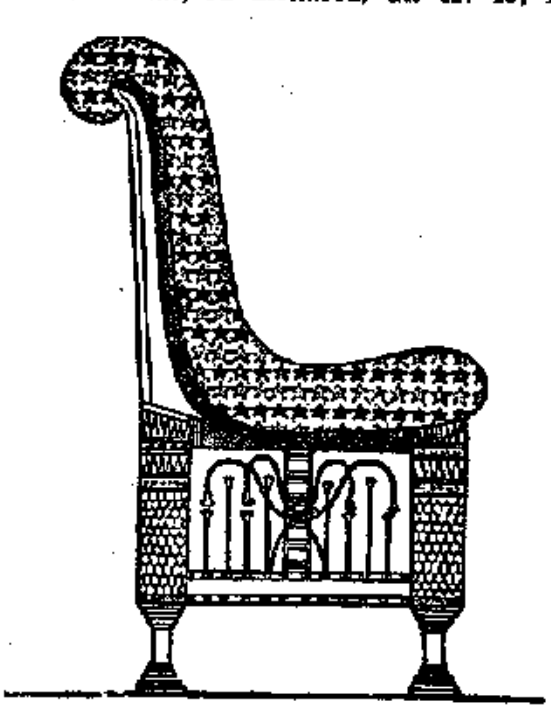
TRONCO ver CEPO



Trombetas dos assírios e egípcios

TRONO

Cadeira de estado, em hebreu *kisse*, em grego *thronos*, em que se assentavam as pessoas investidas de autoridade, quer fosse sumo pontífice, juiz, chefe militar, ou monarca, Gn 41. 40; 1 Sm



Antigo trono egípcio

1. 9; 2 Sm 3. 10; Ne 3. 7; Sl 122. 5; Jr 1. 15; Mt 19. 28. Os tronos dos reis, como os de Acabe e Josafá, eram transportáveis, 1 Rs 22. 10, bem como o de Senaqueribe em Laquis. O trono de Salomão estava colocado sobre um estrado acima de seis degraus, feito de marfim, guarnecido de ouro mui luzente; o alto do trono era redondo pelo espaldar: duas mãos, uma de cada lado, sustinham o assento, com dois leões ao pé de cada mão, e doze leõezinhos, postos sobre os seis degraus, de uma parte e de outra, 1 Rs 10. 18-20; 2 Cr 9. 17-19. Parecia-se muito com os tronos dos monarcas assírios e egípcios. O trono de Salomão com o seu dossel era o mais magnífico de seu tempo. O rei, em trajes de gala, assentava-se no trono para dar audiências, receber homenagens, administrar a justiça e promulgar leis, 1 Rs 2. 19; 7. 7; 22. 10; 2 Rs 11. 19; Jn 3. 6. Os tronos simbolizavam o poder supremo, Gn 41. 40, e a autoridade constituída.

TROVÃO

Estampido produzido pelo raio. As tempestades acompanhadas de raios e trovões tomam caráter pavoroso, Êx 9. 23. Na estação do verão havia poucas trovoadas na Palestina por causa da falta de chuvas, Pv 26. 1. Chuvas e trovões nesta parte do ano, vinham às vezes em resposta às orações, como um sinal de atenção divina, 1 Sm 12. 17. O nome hebraico é simplesmente *kol*, que quer dizer voz, som, rumor, representando, poèticamente a voz de Jeová, Jó 37. 2-5; 40. 9; Sl 29. 3-9, que manda e dirige a tempestade, Jó 28. 26. Os trovões e a tempestade acompanhavam as manifestações da presença de Deus, quando aparecia em poder e majestade, Êx 19. 16; Ap 4. 5; serviam para indicar o poder divino operando em a natureza, Sl 29. 3-9. Assim como o trovão é o percursor de violenta tempestade, simboliza ele a vingança divina, 1 Sm 2. 10; 2 Sm 22. 14, 15, Sl 77. 18.

TUBAL

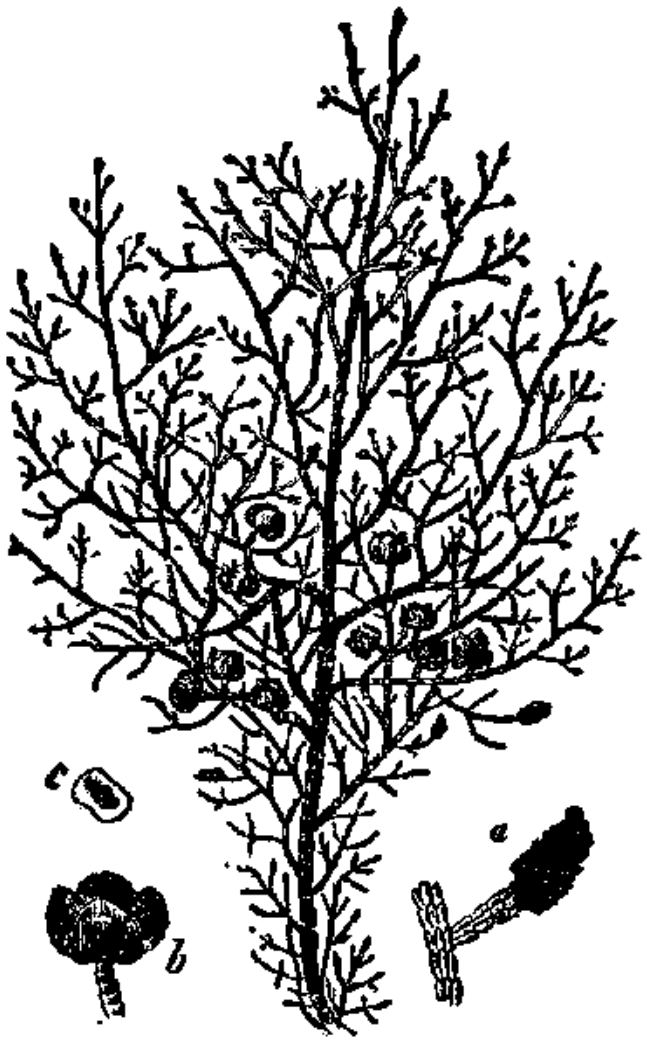
Nome de uma tribo descendente de Jafé, Gn 10. 2. Este nome se acha associado ao de Javã, Is 66. 19, e ao de Meseque, Ez 32. 26, como negociante de escravos e de vasos de metal dos mercados de Tiro, 27. 13. Gogue era príncipe de Magogue e de Tubal, 38. 2, 3; 39. 1. Os descendentes de Tubal são os *Tabla* das inscrições assírias, e os Tabareni ou Tibarenói dos escritores clássicos. Veja *Meseque*.

TUBALCAIM, *Produto de forjas.*

Nome de um dos filhos de Lameque e de Sela sua mulher. Foi oficial de martelo e artífice em toda qualidade de obras de ferro e cobre, Gn 4. 22.

TUIA

Madeira que se vendia nos mercados da mística Babilônia, Ap 18. 12. Árvore grande da família dos ciprestes, *Callitris quadrivalvis*, de cor vermelho-escuro e odorífera. Era muito apreciada pelos romanos para o fabrico de artigos de ornamento, e custava grandes somas. Dela se extraía a resina conhecida pelo nome de sandaraca.



Tuia

TUMOR ver CHAGA

TUMORES, ÚLCERAS

Tradução da palavra hebraica *babuoth*, pústulas, significa uma empola, uma bolha, um saco de pus, uma pústula serosa, que se ergue à superfície da pele. É classificada entre as moléstias da pele que têm o nome de pênfigo. Tumores, seguidos de úlceras é a doença que constituiu a sexta praga do Egito, Êx 9. 8-11.

TURBANTE ver COROA

TURQUESA, JACINTO

Tradução da palavra hebraica *Leshem* pedra preciosa, nome da primeira pedra da terceira ordem de pedras que ornava o Racional do Juízo, Êx 28. 19. A tradução deriva-se dos Setenta, da Vulgata e de Josefo, Guerras 5. 5, 7. É impossível identificar o *ligurium* dos antigos com qualquer das pedras preciosas conhecidas. A versão inglesa revista dá o nome de jacinto ou âmbar.

U

UCAL, *Eu sou forte.*

Nome de um dos dois filhos, discípulos ou contemporâneos a quem Agur se dirige, Pv 30. 1. Esta interpretação representa a tradicional pontuação hebraica, baseada nas palavras do v. 4, onde alguém faz perguntas e pede respostas, no caso de as poder dar.

UEL, *Vontade de Deus.*

Nome de um dos filhos de Bani, a quem Esdras ordenou separar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 34.

UFAZ

Nome de um lugar onde se ia buscar ouro, Jr 10. 9; Dn 10. 5. Parece tratar-se de Ofir, mas a diferença da palavra ainda não teve explicação satisfatória.

ULA, *Jugo.*

Nome de um aserita, 1 Cr 7. 39, talvez descendente de Helém, v. 35.

ULAI

Nome de um rio em cujas margens, o profeta Daniel teve a visão do bode e do carneiro, etc. Dn 8. 2, 16. O Ulai não pode ser outro senão o rio *Eulaeus*, identificado com o *Kerkha*, que banha os muros de Susã, ou *Shushan*, e o *Karun*, que banha a parte oriental da cidade. O conflito de idéias, quanto a esta identificação, explica-se do seguinte modo: Um braço do rio *Kerkha*, saindo a 20 milhas a noroeste de Susã, ligou-se ao *Karun*, de modo que o nome Ulai pode aplicar-se a ambos.

ULÃO, *Frente.*

1. Nome de um dos filhos de Maquir, da tribo de Manassés, 1 Cr 7. 16, 17.

2. Nome de um dos filhos de Ezeque, descendente de Benjamim, na linha de Saul e Jônatas, 1 Cr 8. 39, 40.

ÚLCERA

Tumor, inflamação. Foi uma das pragas com que Deus castigou os egípcios, Ex 9. 8-11; comp. Dt 28. 27, 35, sintomas proeminentes da lepra, Lv 13. 18-20. Um tumor pôs em risco a vida de Ezequias, 2 Rs 20. 7; Is 38. 21. Jó sofreu a moléstia das úlceras, desde a cabeça até às plantas dos pés, Jó. 2. 7. Manifestam-se, em geral, nas partes do Oriente onde há mais calor e durante a estação chuvosa; tem aspecto repugnante, mas sem conseqüências graves. O carbúnculo é um dos tipos das úlceras, com a diferença que este provém das impurezas do sangue e destrói a vida. Talvez fosse esta a úlcera de Ezequias, a que foi aplicada a pasta de figos, mas cujos resultados finais são devidos a Deus. Ver *Chaga*.

UMÁ, *Conjunção.*

Nome de uma cidade da tribo de Aser, Js 19.30. Thomson é de opinião que seja a atual Alma, situada a 5 milhas da praia de *Rás en-Nákûrah*. Por causa de ponderosas considerações, julga-se que o texto original diga *Akko* e não *Ummah*. Não raras vêzes os copistas confundem o *caph* com o *mem* (Veja *Beth*).

UNGIR

Derramar óleo sobre a cabeça, ou aplicá-lo a qualquer pessoa ou cousa. Ungiam-se os enfermos, ungiam-se os sacerdotes e os reis. As unções eram geralmente serviço de toucador, 2 Sm 12. 20; Dn 10. 3; Mt 6. 17. Ungir a cabeça com óleo era ato de cortesia para com os hóspedes e visitantes, Lc 7. 46. A unção oficial era conferida aos profetas, aos sacerdotes e aos reis. O profeta Elias ungiu a Eliseu, seu sucessor, 1 Rs 19. 16, Arão e seus sucessores de sacerdócio, foram ungidos com óleo santo, Ex 28. 41; 29. 7; 30. 30; 40. 13, 15. Também os reis, como Saul, 1 Sm 9. 16; 10. 1, Davi, 1 Sm 16. 1, 12, 13; 2 Sm 2. 7; 3. 39; etc. Salomão, 1 Rs 1. 34, Hazael da Síria, 1 Rs 19. 15, Jeú, 1 Rs 19. 16, Joás, 2 Rs 11. 12, e outros. As palavras Messias e Cristo significam o Ungido. Jesus, o Cristo, foi ungido pelo Espírito Santo para ser profeta, sacerdote e rei. Os utensílios do altar e do tabernáculo eram ungidos, Ex 29. 36; 30. 26; 40. 9, 11.

A unção médica ou cirúrgica nem sempre era feita com óleo, que ordinariamente se empregava nas doenças e nos casos de ferimentos, Is 1. 6; Lc 10. 34; Ap 3. 18. Os cristãos não confiavam nestes meios naturais em si mesmos, mas em Deus, que opera por êles e os torna eficazes, Tg 5. 14, 15.

UNGÜENTO PRECIOSO ver BÁLSAMO PRECIOSO

UNHA

Parte córnea da ponta dos dedos, Dt 21. 12; Dn 4. 33.

UNI, *Aflito.*

1. Nome de um levita da segunda ordem no reinado de Davi, que tocavam saltérios ou címbalos. Talvez alguns fossem porteiros do santuário, 1 Cr 15.18,20.

2. Nome de um levita do tempo de Zorobabel, Ne 12.9. Foi contemporâneo do sumo sacerdote Josué.

UNICÓRNIO, ANTÍLOPE, TEIXUGO

Tradução da palavra hebraica *Dishon*, pisador, ou que salta, nome de um animal limpo, Dt 14. 5. O unicórnio dos antigos era um antílope branco sem cauda. Parece ter sido o ádax, *Antilope addax*, ou *Addax nasomaculatus*. Ambos os sexos possuem cornos torcidos e anelados. Tem um capucho de pêlos brancos na testa; o resto do corpo é branco acinzentado; no tamanho, é parecido com um grande jumento. É natural do nordeste da África, cp. Heród. 4. 192, porém, também se encontra na fronteira sudeste da Palestina.

UNICÓRNIO

Qualquer animal que só tem um chifre, como o rinoceronte, Is 34. 7. O rinoceronte da Bíblia tem dois, Dt 33. 17; era dotado de grande fôrça, Nm 23. 22; 24. 8, mas indomável ao jugo e inútil para auxiliar o homem nos trabalhos agrícolas, Jó 39. 9-12. Quando novo, era alegre, Sl 29. 6, não domesticável, como o búfalo, Nm 28. 22. Nesta passagem, Figueiredo diz rinoceronte, e a V. B. diz boi selvagem, que é o mesmo que órix, *Antilope leucorix*. Esta interpretação baseia-se na analogia da palavra hebraica *reem* com a arábica *rim*, usada agora na Síria para indicar a gazela branca e amarela. Mas o órix é animal tímido, que no antigo Egito domesticavam para puxar o arado. Há motivos para crer que o vocábulo hebreu se refere ao boi selvagem, porque este animal é designado pelo vocábulo assírio *rimu*. As admiráveis representações deste boi pelos artistas assírios mostram que era ele o auroque, *Bos primigenius*. Tiglate-Pileser, lá pelos anos 1120 a 1100 A. C., fazia caçadas destes bois nas raízes do monte Líbano. É raça extinta. O nome serve hoje para representar outro animal da Síria. Tristram descobriu vestígios deste animal nas cavernas do Líbano. Júlio César, que o encontrou na Gália, descreve-o, como sendo o *Bos urus*, Belo Gálico, 6. 28. Independente de seu tamanho, distingue-se do boi comum que dele descende, pela amplitude da fronte e pela largura dos chifres com dupla curvatura.

UR[1]

Nome do pai de um dos homens valentes de Davi, 1 Cr 11. 35.

UR[2]. Talvez signifique estabelecimento.

Nome de uma cidade da Caldéia, onde nasceu o patriarca Abraão, Gn 11. 28, 31; Ne 9. 7. Dizem que o lugar da antiga Ur é em Mugeir ou Ungemiru em Bitumenede ou Mãe do Betume, na Baixa Babilônia, na margem ocidental do Eufrates. Nos tijolos da Caldéia está escrito Uri em vez de Ur, e ficava em um distrito chamado *Kaldu*, pelo menos em o nono século A. C. O deus-lua tinha lá o centro de sua adoração. Encontram-se neste lugar consideráveis ruinas.

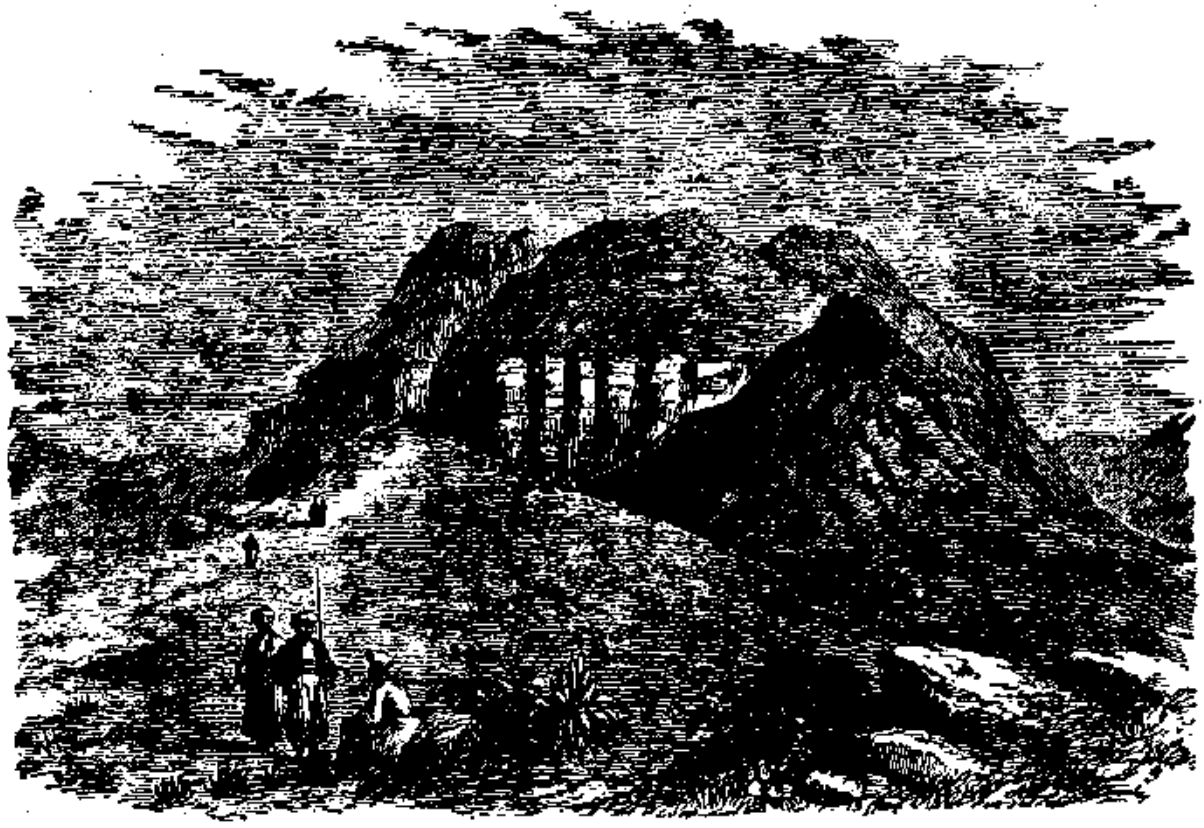
4. Nome de um sacerdote, pai de certo Meremote, Ed 8. 33; Ne 3. 4, 21.

5. Nome de um assistente de Esdras, quando falava ao povo, Ne 8. 4.

6. Nome do pontífice que serviu durante o reinado de Acaz. Este rei ordenou ao pontífice Urias que fizesse um altar igual ao modelo que lhe enviou, reprodução do que havia em Damasco. 2 Rs 16. 10-16. Era ele com certeza uma das duas testemunhas das enigmáticas inscrições de Isaías, Is 8. 2.

7. Nome de um profeta, Jr 26. 20.

8. Nome de um sacerdote, Ne 3. 4, 21.



Mugeir — as ruínas de Ur dos caldeus

URBANO, *Urbano, polido.*

Nome de um cristão a quem o apóstolo S. Paulo enviou saudações, Rm 16. 9.

URI, *Ardente*, ou talvez *Luz* (de Jeová) abreviatura de *Erijah*.

1. Nome do pai de Beseleel, hábil no fabrico de tôda casta de obras, Ex 31. 2.

2. Nome do pai de Geber, ministro de Salomão, 1 Rs 4. 19.

3. Nome de um dos porteiros, a quem Esdras induziu a lançar fora sua mulher gentia, Ed 10. 24.

URIAS, *Luz de Jeová.*

1. Nome de um heteu, valente oficial do exército de Davi, 2 Sm 23. 39; 1 Cr 11. 41. O rei ordenou que o pusessem na frente de um batalhão onde fôsse mais rijo o combate, para que, ferindo-o, perecesse, a fim de ocultar a ofensa que havia feito ao fiel servidor na pessoa de sua mulher, 2 Sm 11. 1-27; Mt 1. 6.

2. Nome de um sacerdote e uma das duas testemunhas que assistiram ao que o profeta Isaías escreveu por ordem do Senhor em um livro, Is 8. 2.

3. Nome de um profeta, filho de Semei de Quiriate-Jearim. Predisse que o reino de Judá seria temporàriamente destruído. De tal modo se enraiveceu o rei Joaquim ao saber disto, que tentou matá-lo. Para salvar a vida, o profeta escondeu-se no Egito. De lá o foram tirar para ser morto, Jr 26. 20-23.

9. Nome de uma personagem que estêve ao lado de Esdras, quando falava ao povo, Ne 8. 4.

URIEL, *Luz de Deus.*

1. Nome de um levita da família de Coate, da casa de Isar, descendente de Coré, de Abiasafe e de Taate, 1 Cr 6. 24. É pessoa diferente de Sofonias, 36, e pertencia à linha colateral que se prendia a Taate. O chefe da família dos coatitas, no reinado de Davi, tinha igual nome e por isso é de crer que se trata da mesma pessoa, 15. 5, 11.

2. Nome de um homem de Gibeá, cuja filha Micaía foi mãe de Abias, 2 Cr 13. 2.

URIM E TUMIM, *Luz e perfeição.*

Nome de um ou mais objetos pertencentes ao Racional do Juízo que o sumo pontífice trazia ao peito de modo que estivesse sobre o coração do sacerdote quando se apresentava diante do Senhor. Ex 28. 30; Lv 8. 8. Estes objetos, provàvelmente, eram guardados em uma dobra do Racional do Juízo, ou por baixo dele. Por meio do Urim e Tumim, o sumo sacerdote consultava a vontade de Deus em casos difíceis. Este processo não era aplicável a casos particulares, nem a interesses privados, e somente sobre negócios de interesse público. Por isso mesmo, o lugar do Urim e Tumim era no Racional do Juízo, onde se achavam gravados os nomes das doze tribos de Israel sobre pedras preciosas. Por meio dêle, isto é, do Urim e Tumim, se consultava a vontade de Deus acerca de assuntos judiciais e de negó-

cios públicos, Nm 27. 21; cp. Js 9. 14; Jz 1. 1; 20. 18, 23, 27, 28; 1 Sm 10. 22; 14. 36-42; 22. 10, 13; 23. 9-12; 28. 6; 30. 7, 8; 2 Sm 2. 1; 5. 19, 23, 24. O Urim e Tumim eram consultados, não só no santuário onde estava a arca, Jz 20. 27, 28; 1 Sm 22. 10, como em qualquer outro lugar, onde estivesse presente o pontífice devidamente autorizado. As respostas eram simples, consistindo em afirmativas ou negativas, nem sempre era este o caso, 1 Sm 10. 22; 2 Sm 5. 23, 24. Ocasionalmente, também, quando o pecado havia interrompido a comunhão com Deus, não havia respostas, 1 Sm 14. 37; 28. 6. Não se encontram referências ao Urim e Tumim, depois do reinado de Davi. Depois da volta do cativeiro, nenhum dos sacerdotes usava o Urim e Tumim, Ed 2. 63; Ne 7. 65. Parece que Josefo está em erro, quando diz que este modo de consultar o Senhor havia desaparecido havia 200 anos antes de seu tempo (Antig. 3. 8, 9). Somente o sumo sacerdote poderia gozar o privilégio de consultar o Senhor por meio do Urim e Tumim. Este privilégio constituiu a glória da tribo de Levi, Dt 33. 8.

Tem havido diferentes explicações sobre o Urim e Tumim. Por exemplo: procuram descobrir analogia, com as insignias de que usava o sacerdote egípcio, quando funcionava como supremo juiz. Dizem os escritores clássicos que ele trazia um emblema suspenso ao pescoço por uma cadeia de ouro, representando a verdade, somente enquanto duravam as suas funções de juiz, que colocava sobre a pessoa a favor de quem pronunciava a sentença. Não existem provas que indiquem que tal insignia também servisse para consultar a vontade divina. Outros são de parecer, que por ocasião de o sacerdote vestir o éfode com o Urim e Tumim e fazer oração a Deus, ocorria-lhe uma idéia, cuja origem divina se confirmava por um brilho estranho produzido pelas pedras preciosas do Racional do Juízo, ou peitoral. Deste fenômeno se originou a palavra Urim, que quer dizer luzes. Tem-se pensado que as respostas se percebiam através de um brilho sucessivo das letras que formavam os nomes próprios, gravados nas pedras; mas para nada dizer sobre o fato de que o alfabeto completo não havia produzido estes nomes, e que em várias das respostas de que há notícia, existem letras que não se encontram nas pedras, a idéia integral cheira aos milagres inventados pelos sacerdotes gregos e romanos, inteiramente estranhos aos métodos e concepções do ritual hebraico. Existem apenas duas teorias dignas de atenção.

1. O Urim e o Tumim eram um ou mais acessórios do éfode e que dêle se podiam separar para serem usados à maneira de dados, e pelo modo por que caíam, revelavam a vontade de Deus. Esta é realmente uma concepção possível, mas sem provas a seu favor. Procuram firmar esta teoria, dizendo que duas vezes se faz referência ao lançamento de sortes, em íntima conexão com as consultas ao Urim e Tumim, 1 Sm 10. 19-22; 14. 37-42. Neste último caso, Saul rogou ao Senhor que lhe desse a conhecer por meio da sorte porque é que não respondia ao seu servo. A palavra usada no original é *thamim*; que se pronunciava *thummim*. Assim sendo, o Urim e Tumim era uma espécie de sorte. Mas nas duas passagens citadas, o lançar as sortes é ato distinto de consultar o Senhor, e se realizava para propósito diferente daquele que pedia conselhos.

2. O Urim e Tumim não fazia manifestações exteriores, era antes um símbolo. O sumo sacerdote vestia o éfode com o Urim e Tumim, sinais de sua investidura para obter a luz e a verdade, como as duas palavras indicam, a fim de que pudesse buscar o conselho de Jeová da maneira por ele indicada. Humildemente punha diante de Deus a sua petição. A resposta vinha-lhe à mente; e como tivesse feito o seu pedido de acordo com as instruções divinas e baseada na promessa de que receberia luz e verdade, tinha-a como a expressão da vontade de Deus. A fé em Deus baseava-se na evidência das cousas não vistas. Esta interpretação do Urim e Tumim harmoniza-se com o espírito de todo o ritualismo do tabernáculo. A resposta consistia em uma iluminação interna, sem nenhum sinal exterior em paralelo com as revelações dos profetas.

URSA, *Guarda do urso.*

Nome com que os gregos e os romanos designavam uma grande e brilhante estrela, nome este que quer dizer: Guarda do Urso, porque a sua órbita no firmamento passa por detrás da cauda da Ursa Maior. É tradução da palavra hebraica *Ash* ou *Ayish* que se encontra em Jó 9.9; 38.32. Porém, *Ash* não é o Arcturo. Este astro aparece solitário, e o *Ayish* de Jó, 38.32, tem um cortejo de sete pequenas estrelas. Provavelmente é a Ursa mesma, como traduziu o Padre Antônio Pereira de Figueiredo e como se encontra na Versão Brasileira, em Jó 9.9. Quatro das sete estrelas assemelham-se, pela sua disposição, a um ataúde, conduzindo um cadáver, enquanto que as três restantes, que formam a cauda do Urso, segundo a imaginação dos árabes, parecem os filhos do morto que vão acompanhando o esquife para o cemitério.

URSO

O urso da Síria, *Ursus syriacus*, tem a cor amarelo-escuro e alimenta-se de vegetais. É animal perigoso quando em companhia de outros, Is 11. 7; Am 5. 19, e quando lhe roubam os cachorros, 2 Sm 17. 8; Pv 17. 12; Os 13. 8. Este animal encontrava-se em toda a Palestina; atualmente, porém, vive nas montanhas do Líbano, no Hermom, em Gileade e em Basã, ao oriente do Jordão, Pv 28. 15. Davi matou um urso nas vizinhanças de Belém, 1 Sm 17. 34. Perto de Betel, dois ursos saídos das matas, devoraram quarenta e dois meninos que mofavam do profeta Eliseu, 2 Rs 2. 24. O urso mencionado em Dn 7. 5, ao qual foi ordenado que se fartasse de carnagem, simbolizava o império Medo-Persa, um dos quatro impérios sucessivos que dominaram o mundo. As quatro bestas do livro de Daniel fundem-se em uma só besta, mencionada no Ap 13. 2, para simbolizar todos os poderes da terra. Os seus pés eram como pés de urso.

URTIGAS ver ESPINHOS

UTAI, *Proveitoso.*

1. Nome de um homem da tribo de Judá, da família de Perez e filho de Amiúde. Era chefe da família a que pertencia e morava em Jerusalém, 1 Cr 9. 4.

2. Nome de um descendente de Begvai; veio da Babilônia em companhia de Esdras, Ed 8. 14.

UZ, Gn 22. 21.

Nome de uma tribo de aramaicos, Gn 10. 23, cuja origem se prende, em parte, a Naor, Gn 22. 21, e ligada pelo sangue, ou por interesses políticos, ao capitão horita Lotã, 36. 29. Jó morava na terra de Uz, exposto aos ataques dos sabeus e dos caldeus, 1. 15, 17. No tempo de Jeremias, os edomitas habitavam na terra de Uz, Lm 4. 21. Josefo acha que desta tribo saíram os fundadores de Traconitis e de Damasco, Antig. 1. 6, 4. Diz Ptolomeu que Uz ficava onde hoje se encontra Ausitai, no deserto ao ocidente do Eufrates. Segundo estas informações, devia estar no deserto da Síria entre a latitude de Damasco e de Edom.

UZA, *Força.*

1. Nome de um benjamita, filho, ou descendente de Aiúde, 1 Cr 8. 7.

2. Nome de um homem conhecido somente por ser proprietário de um jardim que passou às mãos de Manassés, rei de Judá, e que ficava no

precinto de seu palácio. Tanto este rei como seu filho Amom foram sepultados ali, 2 Rs 21. 18, 26; cp. 2 Cr 33. 20. Este jardim ficava na cidade de Jerusalém, ou perto dela, em ponto não determinado.

3. Nome de um filho de Abinadabe. Quando a arca havia chegado à eira de Nacom, em caminho para Jerusalém, começaram os bois a escoucear, e pendendo a arca, Uzá lhe lançou a mão e a susteve. Imediatamente Deus o feriu pela sua temeridade e caiu morto ali mesmo junto à arca. Ficou chamado aquele lugar, o Castigo de Uzá, 2 Sm 6. 3-11; 2 Cr 13. 7-14.

4. Nome de um dos filhos de Merari, 1 Cr 6. 29.

UZAI

Nome do pai de um homem que ajudou a reconstruir o muro de Jerusalém, Ne 3. 25.

UZAL, *Viandante.*

Nome de um povo árabe descendente de Joctã, Gn 10. 27; 1 Cr 1. 20; Ez 27. 19. O nome Usal, que pertence à mesma família, era, segundo a tradição árabe, o antigo nome de Sana, capital do *Yemen* na Arábia.

UZÊM-SEERÁ

Nome de uma cidade reedificada por Sara, filha de um Efraimita chamado Efraim, 1 Cr 7. 24. Este nome acha-se associado com a Alta e Baixa Bete-Horom. Julga-se que estava situada no lugar onde existe a atual *Beit Sira*, a 8 milhas distante da Bee-Hom Inferior, e a 12 a noroeste de Jerusalém.

UZI, *Minha força.*

1. Nome de um homem da tribo de Issacar, da família Tola e chefe de uma família, 1 Cr 7. 2, 3.

2. Nome de um sacerdote, filho de Boci, e pai de Zeraías da linha de Eleazar, 1 Cr 6. 5, 6, 51. Foi um dos ascendentes de Esdras, Ed 7. 4.

3. Nome de um benjamita da família de Belá e chefe de uma família, 1 Cr 7. 7.

4. Nome de outro benjamita, filho de Micri e pai de Elá, 1 Cr 9. 8.

UZIA, *Força de Jeová.*

Nome de um homem da cidade de Astaro e um dos valentes de Davi, 1 Cr 11. 44.

UZIAS, OZIAS, *Força de Jeová.*

1. Nome de um levita da família de Coate e filho de Saul, 1 Cr 6. 24.

2. Nome do pai de certo Jônatas, do tempo de Davi, 1 Cr 27. 25.

3. Nome de um rei de Judá, 2 Rs 15. 13, 30-34; 2 Cr e Is; Os 1. 1; Am 1. 1; Zc 14. 5; Mt 1. 9. Tem o nome de Azarias nas seguintes passagens: 2 Rs 14. 21; 15. 1-8, 17-27; 1 Cr 3. 12. Sucedeu a seu pai Amasias, no ano 786 A. C. nos últimos dias deste rei, poucos anos depois da derrota que lhe infligiu o rei de Israel. É evidente que já reinava em vida de seu pai, conforme se vê pelas narrativas referentes a seu reinado. Foi ele quem edificou Elate depois da morte do rei seu pai, 2 Rs 14. 22. Tinha 16 anos quando subiu ao trono, 21. Tendo governado vinte e quatro anos, diz-se que "ele reinou no ano vinte e sete de Jeroboão, rei de Israel", 15. 1. Não se encontra no original a palavra — "começou." Esta diferença de número de anos explica-se muito facilmente, diz Kleinert, admitindo que neste ano o reino de Judá havia reconquistado completa soberania, libertando-se da vassalagem de Jeroboão em que havia estado desde os dias de Azarias, quando foi tomada a cidade de Jerusalém, feita a reorganização do exército, a reconstrução das fortificações da cidade e o total equipamento do exército. Alcançou importantes vitórias sobre os filisteus e os árabes, deitou abaixo os muros de Gate, de Jabna e de Azoto; impôs tributos aos amonitas e outros povos. A sua reputação se infundiu até ao Egito por causa de suas freqüentes vitórias, 2 Cr 26. 6-8. Uzias promoveu a agricultura, construindo tôrres no deserto e abrindo poços. Ele próprio prestava culto a Jeová, mas conservou os altos, onde o povo sacrificava a outros deuses. Afinal, inchado pelos seus triunfos, entrou arrogantemente no templo, e a despeito da resistência dos sacerdotes, tentou oferecer incenso, sendo ferido de lepra da qual nunca se libertou. Teve como auxiliar no govêrno a seu filho Joatã. Durante o seu reinado deu-se um notável terremoto, Am 1. 1; Zc 15. 1, nas proximidades da tentativa que ele fez de invadir as prerrogativas sacerdotais, fato este que se gravou na memória do povo, Antig. 9. 10, 4. Reinou cinqüenta e dois anos. Morreu no ano 735 A. C., 2 Rs 15. 1-7; 2 Cr 26. 1-23. Antes de sua morte, deram início à sua missão os profetas Isaías, Amós e Oséias, Is 1. 1; Os 1. 1; Am 1. 1.

4. Nome de um sacerdote, filho de Harim, que foi induzido por Esdras a separar-se de sua mulher gentia, Ed 10. 21.

5. Nome de um homem de Judá, da família de Perez, 11. 4. Este nome na versão de Figueiredo é Azião.

UZIEL, *Poder de Deus.*

1. Nome de um levita, filho de Coate e fundador de uma família tribal, Ex 6. 18-22; Nm 3. 19, 27, 30. Era descendente de Arão pelo lado paterno, Lv 10. 4. Aminadabe, chefe dos ozelitas e 112 de seus irmãos foram nomeados por Davi para entrarem no cortejo que devia trazer a arca para a cidade de Davi, 1 Cr 15. 10.

2. Nome de um benjamita, da família de Belá, 1 Cr 7. 7.

3. Nome de um levita, tocador de instrumentos no reinado de Davi, 1 Cr 25. 4, no v. 18 tem o nome de Azareel.

4. Nome de um levita, filho de Jedutum, assistente de Ezequias na obra da reforma religiosa de Judá, 2 Cr 29. 14.

5. Nome de um chefe simeonita, que no reinado de Ezequias comandou uma expedição contra os amalequitas do monte de Seir, desbaratando-os, 1 Cr 4. 41-43.

6. Nome de um ourives, filho de Haraías, que tomou parte na reconstrução do muro de Jerusalém, Ne 3. 8. Em Figueiredo está escrito Eziel.

V

VACA

As vacas são animais domésticos desde tempos mui remotos. O Egito, a Filistia e a Palestina ofereciam excelentes pastagens onde se criava este útil animal, Gn 41. 2; Dt 7. 13; 1 Sm 6. 7. Abraão e seus descendentes eram criadores de gado, Gn 12. 16; 32. 15. O leite servia de alimento, 2 Sm 17. 29. Empregavam-se vacas nos sacrifícios por ocasião de ratificar um pacto, Gn 15. 9; na cerimônia para inocentar de culpa, quando fosse achado o cadáver de um homem que foi morto, sem saber-se quem fora o matador, Dt 21. 3; no sacrifício das hóstias pacíficas, Lv 3. 1; no sacrifício pelo pecado para purificação por haver tocado um corpo morto, 19. 2; Hb 9. 13, e em casos excepcionais, nos holocaustos, 1 Sm 6. 14.

VAEBE

Nome de um lugar perto do Arnom, Nm 21. 14, 15.

VAISATA, *Forte como o vento.*

Nome de um dos filhos de Amã, Et 9. 9.

VALE DE SIDIM, *Planícies.*

Nome de um vale, onde havia muitos poços de betume, na região do Mar Salgado, ou Mar Morto. Neste lugar, Quedorlaomer, rei dos elamitas, derrotou o rei de Sodoma e os seus aliados, Gn 14. 3, 8, 10.

VALE DO SAL

Nome de um lugar em Edom, tomado por Amazias, rei de Judá, e que ele denominou Jocteel, 2 Rs 14. 7. Parece que existem referências a este lugar em Jz 1. 36; em 2 Cr 25. 12; Is 42. 11; Ob 3, e talvez em Is 16. 1. Estas indicações dão a conhecer uma ravina a que os gregos chamam Petra, que é simplesmente tradução da palavra hebraica Sela. Pelo ano 300 A. C. passou dos edomitas para os árabes nabateus. A dinastia que então começa a reinar em Petra contém diversos reis com o nome de Aretas, um dos quais é mencionado em 2 Co 11. 32. O reino dos nabateus terminou no ano 105 da nossa era, quando a Arábia Pétrea passou a ser província do império romano. Burckhardt descobriu, em 1812, este lugar que tem sido visitado por vários exploradores. Encontra-se no ângulo de um profundo fosso escavado pelas águas no flanco setentrional do monte Hor. O vale com outros que a ele se prendem, pode ter uns 4.500 pés de comprimento por 740 a 1.500 de largo, cercado por todos os lados de paredões de argila arenosa. A maior das gargantas chama-se *wady Musa*, que quer dizer: Vale de Moisés, onde de certo nunca esteve. É banhado em toda a sua extensão por pequeno regato. A variedade de cores que as rochas têm, emprestam ao lugar beleza especial. Vêem-se nelas o vermelho, o pardo, a púrpura e o amarelo. Encontram-se ali túmulos, ruínas de templos, um anfiteatro, um arco triunfal, etc., que parecem pertencer ao tempo dos romanos. Além destas relíquias, existem nos outeiros adjacentes, túmulos e habitações particulares de tempos mais remotos. No alto que dominava a antiga cidade, está a grande cidadela; nas elevações vizinhas encontram-se altares consagrados às suas divindades.

VALE DO SAL

Nome do vale em que Davi matou 18.000 homens edumeus, 2 Sm 8. 13, 14; 1 Cr 18. 12 cp. 1 Rs 11. 15-17; Sl 60, título. Amazias matou 10.000 edumeus no Vale do Sal e tomou a sua capital, 2 Rs 14. 7; 2 Cr 25. 11. O lugar que mais se parece com o Vale do Sal está ao sul do Mar Morto, onde existe uma linha de montanhas de 5 milhas de comprimento, coberta de camadas de sal. Entre esta linha de montanhas e o mar, está um vale de 6 a 8 milhas de comprimento. A esta identificação opõe-se a palavra hebraica *ge*, que mais se refere a uma encosta, ou vale estreito, do que a um vale nas proporções descritas. Pode bem ser um desfiladeiro que desce das montanhas de Edom, dirigindo-se para a planície salgada.

VALE DOS ARTÍFICES

Nome de um vale na tribo de Judá, 1 Cr 4. 14, ocupado, depois do exílio, pela tribo de Benjamim, Ne 11. 35.

Conder diz que Hirsa, cujas ruínas existem a 3300 metros do sul de Aijalom, e a 20 quilômetros a oeste-noroeste de Jerusalém, é como que um eco do mesmo nome.

VANIAS, *Calamidade.*

Nome de um dos filhos de Bani, Ed 10. 36, induzido por Esdras a abandonar sua mulher estrangeira.

VASNI

Segundo 1 Cr 6. 28, é o filho mais velho de Samuel, que é o mesmo Joel do v. 33 e de 1 Sm 8. 2. Mas o texto está alterado. O nome de Joel foi acidentalmente omitido. A conjunção *vau* antes do nome Abia uniu-se a ele e formou a palavra *vashni*.

VASTI

Rainha da Pérsia e mulher do soberano Assuero. Recusando-se a comparecer a um banquete oficial, celebrado no terceiro ano de seu reinado, o rei Assuero divorciou-se dela, e a depôs do trono, Et 1. 8, 9 até cap. 2. 1. A palavra Vasti, segundo o antigo persa, quer dizer a mais doce, *Vashti*, e também pode referir-se ao nome de uma deusa elamita, chamada Wasti (veja o artigo *Ester*); também pode ser reprodução hebraica do nome persa que os gregos pronunciavam Amestris, filha de Otanes e mulher de Xerxes, Heród. 7. 61, 114. Se esta era a mesma Vasti, segue-se que ultimamente foi restaurada ao favor do rei, porque Amestris era reconhecida como esposa de Xerxes pelo ano 479 A. C. no oitavo, ou nono ano de govêrno (9.109).

VAU

Sexta letra do alfabeto hebraico. Emprega-se para marcar a sexta secção do Sl 119, e no início de cada linha do v. da mesma secção. Em diversas fases do desenvolvimento do alfabeto hebreu veio a assemelhar-se com outras letras do mesmo alfabeto. No túmulo de Tiago, já um século antes de Cristo, *vau* e *zain* distinguiam-se uma da outra com muita dificuldade. O *jod* somente se conhecia por um pequeno ângulo na extremidade superior. Nas inscrições de uma sinagoga em *Kef Birim*, desapareceu completamente a diferença entre *vau* e *jod*.

VEADO[1]

Nome de um animal do gênero *Cervus*, ou da família *Cervidae*. Tristram enumera duas espécies de *Cervus*, existentes ainda na Palestina: o gamo, *Cervus capreolus*, e a corça, *Cervus dama*. Os restos de três outras espécies, o veado vermelho, *Cervus elaphus*, o rangífer, *Cervus tarandus*, e o alce, *Cervus alces*, encontram-se petrificados nas cavernas das montanhas do Líbano.

VEADO[2]

Tradução da palavra hebraica *Ayyal*, gamo, veado, animal limpo, Dt 12. 15; 14. 5; 1 Rs 4. 23; Sl 42. 1; Ct 8. 14. É o veado de cinco anos, perfeitamente desenvolvido na sua armadura frontal.

VEADO[3], GAZELA, CERVA

Veada, em hebraico *Ayyalah*, Gn 49. 21; corça, em Jó 39. 1; Sl 18. 33; Pv 5. 19; Ct 2. 7; Jr 14. 5.

VEDÃ, DÃ

Lugar de negociações da gente de Tiro, Ez 27. 19. Talvez seja Adim ou *Weddan*, entre Meca e Medina. Mas o texto pode estar errado. A versão de Figueiredo diz Dã. Pode bem ser que a primeira sílaba fosse tomada pela conjunção *vau*.

VENENO

Qualquer substância, vegetal, animal ou mineral que produz efeitos mortais ou mórbidos, quando introduzidos no organismo animal, 2 Rs 4. 39, 40; Rm 3. 13. O veneno das serpentes é representado pela palavra hebraica *hemah*, que significa calor, Dt 32. 24, 33; Sl 58. 4, termo de larga aplicação para representar o calor das paixões e o calor produzido pelo vinho. Outra palavra hebraica que tem igual sentido é *rosh*, Dt 32. 33; Jó 20. 16, que também significa ervas amargas. O livro de Jó 6. 4, alude ao costume de envenenar as pontas das setas com substâncias vegetais, ou com o vírus das serpentes, costume largamente praticado na antigüidade, Hom. Odisséia, 1. 261, 262; Plínio, Hist. Nat. 11. 115; 18. 1. O veneno vegetal era fornecido pelo teixo, Hist. Nat. 16. 20. Os gauleses usavam uma erva venenosa chamada *limeum*, 27. 76. O suicídio de Ptolomeu Macrom pelo veneno, o envenenamento de Feroras e a nomeada daquela mulher árabe famosa pelo fabrico de poções venenosas, 2 Mac 10. 13; Antig. 17. 4, 1, servem para provar que os crimes praticados naquele tempo em Roma, se reproduziam em Judá e no oriente, cp. Mc 16. 18, se bem que em grau menos elevado, visto não haver referência direta a eles na Bíblia.

VENTO

Os hebreus não indicavam com rigor a direção dos ventos, como hoje se faz; contudo reconheciam quatro ventos: o do oriente, o do ocidente, o do norte e o do sul, Jr 49. 36; Ez 37. 9; Ap 7. 1. Deus criou o vento, Am 4. 13, é êle quem o pesa e o governa conforme sua vontade, Jó 28. 25; Sl 78. 26; 107. 25; 135. 7; 148. 8; Mt 8. 26. Os ventos que sopravam do ocidente, de sudoeste e de nordeste traziam chuvas torrenciais para a Palestina, acompanhadas de tempestades, 1 Rs 18. 43-45; Sl 147. 18; Pv 25. 23; Ez 13. 13. O vento forte destruía casas e navios, Jó 1. 19; Sl 48. 7; Mt 7. 27. O soão secava as águas e queimava os vegetais, Gn 41. 6; Is 11. 15; Ez 19. 12; Jn 4. 18. O do sul e o de sudeste atravessavam o deserto da Arábia; eram secos e quentes, Jó 37. 17; Lc 12. 55. O vento norte era temperado, Ecclus. 43. 20, e muito favorável à vegetação, Ct 4. 16. O vento auxiliava a limpeza do trigo, separando a palha e as cascas, Jó 21. 18; Sl 1. 4. Os marinheiros regulavam-se pelo vento, At 27. 40.

VENTO ORIENTAL

Vento que soprava da parte do oriente. No Egito fazia secar as espigas do trigo, Gn 41. 23, 27, e na Palestina queimava as vinhas e destruía tôdas as plantações, Ez 17. 7-10; 19. 10-12. O vento oriental nestas regiões, é quente e abrasador, muito prejudicial à vegetação, em conseqüência de sua passagem pelos desertos da Arábia e da Síria, Os 13. 15. Sem dúvida foi este o vento que tanto afligiu o profeta Jonas, Jn 4. 8.

VERDUGOS, ATORMENTADORES. Carcereiros encarregados de reter na prisão os devedores até pagarem toda a dívida. Os condenados, além de privados de sua liberdade, eram metidos no cepo e amarrados com cadeias, Mt 18.34. Os verdugos costumavam aplicar torturas para obterem a confissão do crime, At 22.24; Antig. 16. 8, 4; 11. 6.

VERGA

Peça de madeira, ou de outro qualquer material, empregada na parte superior das portas ou janelas, em hebraico *Mashkoph*, Êx 12. 22.

1. Tradução da palavra *Ayil* em 1 Rs 6. 31, significando uma verga ou um poste saliente. Esta palavra encontra-se dezoito vêzes em Ez caps. 40 e 41, no sentido arquitetônico.

2. Tradução da palavra hebraica *Kaphtor* em Amós, 9. 1, e Sf 2. 14. Em Ex caps. 25 e 37, aparece dezesseis vezes, no sentido de botão-cornija, rebôrdo, bordadura, etc.

VERME

Pequeno animal que rasteja, corpo sem ossos, formado por uma série de articulações, sem membros apreciáveis, ou mesmo com ausência absoluta dêles. O nome hebreu é genericamente *tolaath* ou *toleah* e em grego, *skolex*, verme destruidor das vinhas e outras plantas, Dt 28. 39; Jn 4. 7, que corrompia o maná durante a noite, Êx 16. 20, consumia os cadáveres, Is 14. 11; cp. 66. 24; Mc 9. 48, dava a morte aos vivos, At 12. 23. O homem fraco e desprezado é comparado ao verme, Jó 25. 6; Is 41. 14.

1. Tradução do vocábulo hebraico *rimmah*, verme que se alimenta de podridões e de cadáveres, Jó 21. 26; 24. 20; Is 14. 11.

2. Tradução da palavra *sas*, traça que destrói as roupas, Is 51. 8.

3. O coco, *tolaath shani*, que é inseto, segundo a classificação moderna.

A palavra hebraica *zahal* refere-se a algum verme que se arrasta e que se chama réptil em Mq 7. 17.

VERMELHÃO

Tinta que se obtém pela trituração do cinábrio, Plínio, Hist. Nat. 33. 38. Em hebreu chamava-se *shashar* e em grego, *miltos*. Era usado para pintar as paredes, para decorações murais e para colorir ídolos, Jr 22. 14; Ez 23. 14; Sab. 13. 14. O Vermelhão traduz perfeitamente a palavra hebraica nestas passagens. A palavra grega *miltos* tem sentido mais lato, significando qualquer tinta vermelha de origem mineral, como o vermelho de chumbo, ou o barro misturado com óxido de ferro a que chamam ocre. Os africanos pintam-se com vermelhão, Heród. 4. 191, 194, e certas tribos empregam esta cor como emblema de guerra, 7. 69.

VERSÕES

Tradução da Bíblia, ou de alguns de seus livros, para línguas vernáculas, para uso das pessoas pouco versadas nas línguas originais, ou que as ignoram completamente.

As versões são imediatas ou mediatas, segundo são feitas diretamente do texto original, ou por meio de outras traduções. Existem quatro versões do Antigo Testamento feitas imediatamente sobre o original: A versão dos Setenta, os Targuns de Onkelos e de Jônatas ben Uzziel, a Pishito Siríaca e a Vulgata Latina. A importância destas versões deriva-se de terem sido feitas antes que o texto hebreu recebesse as vogais massoréticas.

O Pentateuco Samaritano não é propriamente uma versão: é o texto hebreu escrito em Samaritano ou com os velhos caracteres hebraicos, com várias divergências do texto hebreu dos massoretas. A versão samaritana do Pentateuco é tradução do texto divergente para o dialeto samaritano. Ver *Pentateuco Samaritano*.

1. Antigas versões do Antigo Testamento feitas para uso dos judeus

1. *A Versão dos Setenta*. A mais célebre versão das Escrituras do Antigo Testamento hebreu e a mais antiga e a mais completa que se conhece, é a dos Setenta. Deriva êste nome, figurado pelos algarismos romanos LXX, por haver sido feita por setenta tradutores que a ela se entregaram, no tempo de Ptolomeu Filadelfo entre 285 e 247 A. C. Um sacerdote judaico de nome Aristóbulo, resi-

dente em Alexandria, no reinado de Ptolomeu Filometor, 181-146, A. C. referido em 2 Mac 1. 10, e citado por Clemente de Alexandria e por Euzébio, diz que, quando as partes originais referentes à história dos hebreus haviam sido vertidas para o grego, já os livros da Lei estavam traduzidos para esta língua sob a direção de Demétrio Falero no reinado de Ptolomeu Filadelfo. A mesma tradição, consideravelmente embelezada, se lê em uma carta escrita por Aristeas a seu irmão, tida como espúria pelos modernos doutores. A mesma história de Aristeas, repete-a Josefo com ligeiras alterações, que de certo a tinha diante dos olhos. Diz êle que Demétrio Falero, bibliotecário de Ptolomeu Filadelfo, que reinou de 283-247 A. C. desejou adicionar à sua biblioteca de 200.000 volumes um exemplar dos livros da lei dos hebreus, traduzidos para a língua grega, a fim de serem mais bem entendidos. O rei consentiu nisso e pediu a Eleazar, sumo sacerdote em Jerusalém, que lhe mandasse setenta e dois intérpretes peritos, homens de idade madura, seis de cada tribo, para fazerem a tradução. Estes setenta e dois doutôres chegaram a Alexandria levando consigo a lei, escrita com letras de ouro em rolos de pergaminho. Foram gentilmente recebidos e os aboletaram em uma solitária habitação na ilha de Faros, situada no porto de Alexandria, onde transcreveram a lei e a interpretaram em setenta e dois dias, Antig. 12. 2, 1-13; cont. Apiom, 2, 4.

Estas antigas informações acerca da origem da versão grega são muitos valiosas, se bem que não se possa depositar em seus pormenores absoluta confiança, e bem assim quanto ao escopo da obra. É admissível, não obstante, que a Versão dos Setenta teve sua origem no Egito, que o Pentateuco foi traduzido para a língua grega no tempo de Ptolomeu Filadelfo; que os demais livros foram gradualmente traduzidos e a obra terminada no ano 150 A. C. Jesus, filho de Siraque, no ano 132 A. C. (Prólogo ao Ecclus.), refere-se a uma versão grega da lei dos profetas e de outros livros. É provável que a obra tenha sido revista no período dos Macabeus. A versão é obra de muitos tradutores, como se vê pela diferença de estilo e de método. Em várias partes existem notáveis desigualdades e muitas incorreções. A tradução do Pentateuco, exceto lugares poéticos, Gn cap. 49; Dt caps 22 e 28, é a melhor parte da obra, e o todo revela uma tradução fiel, se bem que não é literal. Os tradutores dos Provérbios e de Jó mostram-se peritos no estilo grego, mas pouco proficientes em hebraico, que em alguns lugares traduziram um pouco arbitrariamente. Fizeram a tradução dos Provérbios sobre um texto hebreu, muito diferente do atual texto massorético. O sentido geral dos Salmos é muito bem reproduzido. O Eclesiastes está servilmente traduzido. A tradução dos profetas é de caráter muito desigual; a de Amós e Ezequiel é sofrível; a de Isaías deixa muito a desejar; a de Jeremias parece ter sido feita sôbre outro texto que não o massorético. De todos os livros do Antigo Testamento, o de Daniel é o mais pobremente traduzido, de modo que os antigos doutores, a começar por Ireneu e Hipólito, substituíram-no pela versão de Teodócio.

Cristo e os seus apóstolos serviam-se freqüentemente da Versão dos Setenta. Citando o Antigo Testamento, faziam-no literalmente, ou de memória, sem alteração essencial; em outros casos, cingiam-se ao texto hebreu. Existem cerca de 350 citações do Antigo Testamento, nos evangelhos, nas epístolas e nos Atos, e somente se encontram umas 50 diferenças materiais da versão grega. O eunuco que Filipe encontrou lendo as Escrituras, servia-se do texto grego, At 8, 30-33.

Fizeram-se três principais revisões dos Setenta: uma no ano 236 A. D. e duas outras, antes do ano 311: a de Orígenes na Palestina, a de Luciano na Ásia Menor e em Constantinopla, e a de Hesíquios no Egito. O manuscrito dos Setenta que existe no Vaticano considera-se o mais perfeito, de acordo com o texto original; presume-se que seja a reprodução do mesmo texto de que se serviu Orígenes e que aparece na quinta coluna da sua Hexapla. A revisão de Luciano foi editada em parte por Lagarde e por Oesterley. Luciano era presbítero de Antioquia e morreu mártir em Nicomédia no ano 311, ou 312. Deu à luz o texto revisto dos Setenta, baseado na comparação do texto grego comum, com o texto hebreu, considerado bom, porém diferente do massorético. Hesíquios era bispo no Egito e sofreu o martírio no ano 310 ou 311; o seu trabalho perdeu-se. Existe, contudo, um códice, assinalado pela letra Q, depositado na biblioteca do Vaticano, contendo os profetas, que lhe é atribuído.

2. *Outras versões gregas menores.* Depois da destruição de Jerusalém no ano 70, a versão dos Setenta perdeu muito do seu valor entre os judeus, em parte em conseqüência do modo por que os cristãos a usavam para fundamentar as doutrinas de Cristo, e em parte, porque o seu estilo era falho de elegância. Por causa disto, os judeus fizeram três versões dos livros canônicos do Antigo Testamento, no segundo século.

(I) A tradução de Áqüila, natural do Ponto e prosélito do Judaísmo, viveu no tempo do imperador Adriano, e tentou fazer uma versão literal das Escrituras hebraicas, com o fim de contrariar o emprego que os cristãos faziam dos Setenta para fundamentar as suas doutrinas. A tradução era tão servilmente literal, que em muitos casos se tornava obscura aos leitores que não conheciam bem o hebreu como o grego. (II) A revisão dos Setenta por Teodócio, judeu prosélito, natural de Éfeso, segundo Ireneu, e segundo Euzébio, um ebionita que acreditava na missão do Messias, mas não na divindade de Cristo. Viveu no ano 160, porque dele faz menção Justino Mártir. Na revisão que fez dos Setenta, serviu-se tanto da tradução de Áqüila como do original hebreu. (III) A tradução elegante, porém, perifrástica feita por Símaco, samaritano ebionita. Orígenes arranjou o texto hebreu em quatro versões diferentes, em seis colunas paralelas para efeito de estudo comparativo. Na primeira coluna vinha o texto hebreu, na segunda, o texto hebreu em caracteres gregos, na terceira, a versão de Áqüila, na quarta, a de Símaco; na quinta, a dos Setenta e na sexta, a revisão de Teodócio. Em virtude destas seis colunas tomou o nome de Hexapla. Na coluna destinada ao texto dos Setenta, marcava com um sinal palavras que não encontrava no texto hebreu. Emendava o texto grego, suprindo as palavras do texto hebraico que lhe faltavam, assinalando-as por um asterisco. Conservou a mesma grafia hebraica para os nomes próprios. Orígenes preparou uma edição de menor formato, contendo as últimas quatro colunas, que se ficou chamando Tétrapla. Estas duas obras foram depositadas na biblioteca fundada por Panfilo, discípulo de Orígenes em Cesaréia. S. Jerônimo as consultou no quarto século e ainda existiam no século sexto. Parece que desapareceram, quando os maometanos invadiram a cidade em 639. Alguns fragmentos da grande obra de Orígenes ainda se conservam nas citações que dela fizeram os santos padres. A coluna dos Setenta foi dada à luz por Panfilo e Euzébio, e vertida para o siríaco por Paulo, bispo de Tela em 617-18. Orígenes adotou um método infeliz, comparando o texto dos Setenta com o texto hebreu do seu tempo. Uma vez que o grande *desideratum* dos sábios é restaurar o texto grego como o deixaram as mãos dos tradutores, porque esse texto iria lançar luz sôbre o texto hebreu por eles usado. Ainda mais, os sinais e asteriscos que êle usou, foram muitas vezes negligenciados, pelos copistas e talvez mesmo os tivessem empregado sem a devida cautela, de modo que os acréscimos feitos à versão dos Setenta e às porções dela que não encontrou no texto hebreu, nunca mais se puderam descobrir.

3. *Targuns.* Quando os judeus voltaram do

cativeiro de Babilônia, o idioma hebreu de seus antepassados deixou de ser a linguagem ordinária do povo. O aramaico, ou pseudo caldaico, tomou o seu lugar. Em breve foi necessário que a leitura das Escrituras feita em público fôsse oralmente explicada pelo leitor, ou por seu assistente, a fim de que o povo a pudesse compreender. O costume de explicar as palavras e frases obscuras quando se liam as Escrituras em público, já estava em voga no tempo de Esdras, Ne 8. 8. Esta passagem tem sido citada como prova evidente de que as palavras que se liam precisavam de tradução. Isto, porém, diz mais do que a letra afirdo texto africano na Itália, e por este motivo se ficou chamando Itala.

(III) *A Vulgata.* A publicação da versão italiana, seguiram-se várias revisões do que resultou grande confusão de textos, até que afinal, no ano 383, um padre cristão de nome Jerônimo ou *Hieronymo*, 329, ou de 331 a 420, o mais sábio de seu tempo, e homem dotado de grande piedade e valor moral, a pedido de Damaso, bispo de Roma, empreendeu uma revisão do Novo Testamento latino. Comparou os evangelhos com o original grego, removeu as interpolações e corrigiu muitos erros graves. Reviu também duas versões latinas dos

que o bispo omitiu, por julgar que a narração das guerras e do combate à idolatria, seria de mau efeito nas mãos dos godos. Desta versão, existe a maior parte do Novo Testamento e algumas porções do Antigo. A tradução é muito fiel e esmerada.

6. *Versões Arabes.* As que existem são antigas, e não merecem importância, sob o ponto de vista crítico.

III. Versões Inglesas

1. *Antigas Versões.* Nos tempos dos anglo-saxônios fizeram-se traduções em vernáculo de algumas partes das Escrituras, como fossem os Salmos, os dez mandamentos e partes do Novo Testamento. Em conseqüência das alterações de linguagem, por causa da conquista normanda, alguns livros da Bíblia, especialmente os evangelhos, foram vertidos para o idioma nacional. Não houve nenhuma tentativa de uma versão integral.

2. *A Bíblia de Wycliffe e de Purvey.* A primeira aparece entre 1382 e 83; e a segunda, em 1388. A primeira saiu em linguagem robusta e tersa, mas de pouco polimento; é atribuída a Wycliffe. A segunda, em estilo mais primoroso, saiu das mãos de Purvey, porque Wycliffe, nascido em 1324, havia falecido a 31 de dezembro de 1384. A versão mais conhecida é a de Purvey. Ambas as versões foram da Vulgata Latina. A Versão de Wycliffe foi a primeira que se fêz para o inglês moderno e serviu-lhe de modêlo; também exerceu grande influência na vida nacional. A princípio circulava em manuscritos; e só foi impressa em 1848.

3. Pelo ano 1526, chegou à Inglaterra uma tradução do Novo Testamento, segundo o original grego, obra do reformador William Tyndale, que havia fugido da sua pátria para escapar às perseguições. Foi publicada em Worms. Esta versão obedecia à versão grega feita por Erasmo e publicada em 1519, e sob consulta da edição de 1522. Tyndale fez tradução diretamente do grego, auxiliando-se ao mesmo tempo, do Novo Testamento de Lutero e da Vulgata. A sua obra sofreu grande oposição dos altos dignitários da igreja dominante, mas o povo a recebeu alegremente. O livro estava cheio de pestilentes erros e foi queimado na praça pública. Em 1530 e 1534, publicou uma tradução do Pentateuco, e em 1531, uma do livro de Jonas, ambas feitas diretamente do hebreu com o auxílio da Bíblia de Lutero e da Vulgata. Em 1534 publicou em Antuérpia mais uma edição do Novo Testamento. É fora de dúvida que ele traduziu outros livros do Antigo Testamento, além dos já mencionados, provavelmente até ao fim dos livros das Crônicas e alguns livros proféticos, porém não chegou a publicá-los em vida. Foi preso a 23 ou 24 de maio de 1535, em Antuérpia, onde se havia estabelecido, e a 6 de outubro de 1536 foi, primeiramente, estrangulado e depois queimado como herético. Mas a sua obra permaneceu. Fixou os moldes da tradução da Bíblia; a sua dicção e o seu estilo vivem na versão inglêsa, à qual emprestam beleza literária e rigidez de feição.

4. *A Bíblia de Coverdale.* Esta obra foi publicada em 1535, sem indicar o nome do impressor, nem o lugar de sua procedência. Provavelmente foi em Zurique, que reclama essa honra, mas é bem possível que fosse em Frankfort ou em Colônia. É a primeira Bíblia completa que se publicou em inglês. O Novo Testamento e a maior parte do Antigo, são visivelmente da versão de Tyndale. Somente a parte compreendida desde Jó a Malaquias foi traduzida independentemente por Miles Coverdale, servindo-se, não do original hebraico, e sim de uma Bíblia alemã impressa em Zurique entre 1527 e 29. A versão dos Salmos, virtualmente imutável, ainda figura no livro do ritual da Igreja de Inglaterra.

5. *A Bíblia de Matheus.* O nome de Tomás Mateus é pseudônimo adotado por John Rogers, sucessor de Tyndale, como capelão servindo aos negociantes ingleses que moravam em Antuérpia, e que foi o primeiro mártir das perseguições de Maria Tudor. Em 1537 imprimiu uma edição da Bíblia, cremos que na mesma cidade de Antuérpia. Continha o texto de Tyndale. Os livros não contidos na versão de Tyndale, ele os tirou da de Coverdale. Era acompanhada de audaciosas anotações; contudo foi a primeira Bíblia licenciada pelas autoridades públicas.

6. *A Bíblia de Taverner,* publicada no ano de 1539, destinada a contrapor-se à influência da Bíblia de Mathews e principalmente às suas atrevidas anotações.

7. *A Grande Bíblia,* também chamada a *Bíblia de Cranmer.* O primeiro nome justificava-se pelo seu tamanho: cada página media 13 ¼ por 7 ½ polegadas, e o segundo nome vinha-lhe de ter sido Cranmer quem escreveu a introdução. Esta Bíblia foi empreendida por sugestão de Cromwell, e representa a revisão do texto da Bíblia de Mathews. Veio à luz em 1539-41. Teve caloroso acolhimento. Esgotaram-se logo sete edições.

8. *A Bíblia de Genebra.* Resultou dos esforços de três exilados refugiados em Genebra, durante as perseguições de Maria a Sangüinária. Foram eles Whittingham, Gilby e Sampson, que a traduziram cotejando a Grande Bíblia. O Novo Testamento apareceu em 1557 e a Bíblia inteira em 1560. Estas duas edições foram as primeiras que apareceram divididas em versículos. Os tradutores serviram-se da colaboração dos mais ilustres teólogos daquele tempo. Era um volume manual de tamanho de *in quarto* pequeno. O povo a recebeu com grande entusiasmo, especialmente as pessoas que tendiam para os Puritanos. Durante setenta e cinco anos esteve em uso na Inglaterra. Era acompanhada de notas, que lhe serviam de bom comentário juntamente com algumas exposições práticas e doutrinais. Foi a primeira Bíblia impressa na Escócia.

9. *A Bíblia dos Bispos.* A popularidade da Bíblia de Genebra não agradou aos bispos, que em 1568 publicaram a sua Bíblia, vasada nos moldes da de Genebra, e dividida em capítulos e versículos. Em 1571, o Sínodo aprovou-a e mandou que fosse posta em todas as igrejas.

10. *A Bíblia de Reims e de Douay.* Esta é a versão autorizada pela Igreja Católica Romana para o povo inglês. Foi traduzida da Vulgata. O Novo Testamento saiu à luz em Reims no ano de 1582, e o Antigo Testamento, em Douay em 1609-10. Contém comentários de elevada controvérsia. O estilo tinha o sabor latino, pondo em curso muitas palavras deste idioma, entre as quais se contam: impenitente, propiciação, remissão, etc.

11. *Versão Autorizada.* O Dr. Reynolds, presidente do Colégio Corpus Christi de Oxford, propôs na Conferência de Hampton, a 16 e 18 de janeiro de 1604, durante a discussão entre anglicanos e puritanos, que se fizesse uma versão autorizada da Bíblia. O rei Tiago I, muito conhecido pelo interesse que mostrava por assuntos teológicos, acolheu a proposta, e a 10 de fevereiro de 1604, ordenou entre outras cousas "que se fizesse uma tradução da Bíblia, diretamente do hebraico e do grego, para ser impressa e publicada sem notas marginais, destinada a ser lida em todas as igrejas da Inglaterra por ocasião do culto divino." O rei nomeou cinqüenta e quatro tradutores, mas sòmente quarenta e sete tomaram parte neste serviço. Esta comissão dividia-se em seis grupos: dois funcionavam em Westminster, dois em Oxford, e dois em Cambridge. Concluíram o trabalho em 1611, acompanhado de uma dedicatória ao rei Tiago. Não foi realmente nova tradução, merece antes o nome de revisão. É endereçada a todos os cristãos que falam a língua inglesa, e está atualmente em uso.

12. *A Versão Revista.* A Versão da antiga Bíblia, já tinha um curso de mais de dois séculos o

meio. A descoberta de novos manuscritos e o estudo cuidadoso dos textos, revelaram a existência de erros em o Novo Testamento grego que serviu para a versão inglesa. Tendo-se obtido um texto mais perfeito, além de ter havido grandes progressos no estudo do grego e do hebraico, durante o mesmo período, em fevereiro de 1870, em reunião havida em Canterbury, resolveu-se rever a antiga versão. Formaram-se duas comissões, uma para o Novo Testamento e outra para o Antigo. A do Antigo Testamento compunha-se de vinte e sete membros, e a do Novo Testamento, também de vinte e sete membros. A maior parte do tempo funcionou só com vinte e quatro. Dois terços pertenciam à igreja de Inglaterra. Havia mais duas comissões na América cooperando neste trabalho, compostas, uma de catorze membros para o Antigo Testamento e outra de treze para o Novo, representando diferentes igrejas protestantes. A revisão começou a 2 de junho de 1870. Na revisão do Novo Testamento gastaram-se dez anos e meio, e saiu à luz em maio de 1881. A revisão do Antigo Testamento começou a 30 de junho de 1870 e terminou catorze anos depois, a 20 de junho de 1884. A Versão Revista Americana e a Versão Revista de 1881 e 1884 foram novamente editadas, o Novo Testamento em 1900 e o Antigo em 1901.

A edição americana incorporou no texto as variantes e traduções preferidas pelas duas comissões, adiciona referências às passagens ilustrativas paralelas, fornece indicações para os tópicos de cada página, muda o número dos vv. da margem para o texto, substitui o nome de Jeová pelo de Senhor e Deus, onde ele existe no original, aumenta o número de mudanças por amor aos eufemismos. A Versão Revista é inferior à Versão Autorizada na felicidade da expressão, e as sentenças são menos perfeitas no seu ritmo e na sua cadência. Como trabalho científico, é muito superior à Antiga Versão, especialmente nas partes poéticas e proféticas do Antigo Testamento, e nas epístolas do Novo em que o sentido se tornou mais claro. A ortografia dos nomes próprios foi grandemente melhorada.

IV. *Versões em português.* Entre os antigos monumentos da língua portuguesa, encontram-se alguns fragmentos da História Sagrada. Foi, porém, a rainha D. Leonor, mulher de D. João II, quem fez imprimir em 1495, a expensas suas, a versão portuguesa da "Vida de Cristo", obra escrita em latim por Ludolfo ou Lentolfo da Saxônia, na qual vinha completo o evangelho de S. Mateus, com interpolações das passagens dos de S. Marcos, S. Lucas e S. João que não correspondem às daquele evangelho. Em 1505 a rainha D. Leonor mandou ainda imprimir os Atos e as epístolas de Tiago, Pedro, João e Judas, traduzidas anteriormente por frei Bernardo Brivega.

Limitando-nos a mencionar as traduções dos evangelhos e epístolas em um antigo missal, por Gonçalo Garcia, a de frei Francisco de Jesus Maria Sarmento, paráfrase em quarenta e quatro volumes publicados em 1777, a de A. L. Blackford, que em 1879, publicou no Rio de Janeiro o Novo Testamento completo, vertido do grego, e ainda outras, tratamos aqui das principais versões em uso:

1. *Almeida.* João Ferreira de Almeida, nascido em 1628, em Torre de Tavares, Portugal, emigrou para a Holanda, donde foi para Java em 1641. Ali uniu-se à igreja reformada portuguesa. Em 1642, traduziu do espanhol para o português um resumo dos evangelhos e das epístolas. Iniciou a tradução da Bíblia pelo Novo Testamento, logo depois de sua ordenação a 16 de outubro de 1656. O Novo Testamento, vertido do grego, foi concluído em 1670, sendo impresso em Amsterdão em 1681. Almeida faleceu a 6 de agosto de 1691, deixando o Antigo Testamento vertido do hebraico até os últimos versículos da profecia de Ezequiel. Alguns missionários do Tranquebar, a expensas de Teodoro, van Cloon, governador geral da Índia holandesa, cotejaram a tradução de Almeida pelo hebraico, e completaram a obra. O mais ilustre dos continuadores dêsse trabalho foi Nicolau Dal. Teodósio Walther traduziu o livro de Daniel.

Em 1819, a Sociedade Bíblica Britânica começou a publicar o texto de Almeida em um volume completo. O texto de Almeida ressente-se desde a edição de 1681, das imperfeições de revisão. Em 1894 e em 1925 fizeram-se revisões gerais no todo ou em parte que lhe mudaram bastante a forma ortográfica. Essas manipulações sucessivas de certa forma desfiguraram o texto primitivo, do qual disse Teófilo Braga:

"É esta tradução o maior e mais importante documento para se estudar o estado da língua portuguêsa no século XVII; o padre João Ferreira de Almeida, pregador do Evangelho em Batávia, pela sua longa residência no estrangeiro escapou incólume à retórica dos seiscentistas; a sua origem popular e a sua comunicação com o povo levaram-no a empregar fórmas vulgares que nenhum escritor cultista do seu tempo ousaria escrever. Muitas vêzes o esquecimento das palavras usuais portuguêsas leva-o a recordar-se de têrmos equivalentes, e é esta uma das causas da riqueza do seu vocabulário. Além disto, a tradução completa da Bíblia presta-se a um severo estudo comparativo com as traduções do século XIV, e com a tradução do padre Figueiredo, do século XVIII. É um magnífico monumento literário."

2. *Figueiredo.* O padre Antônio Pereira de Figueiredo, 1725-1797, da congregação do Oratório, deputado da real Mesa Censória, sócio da Academia Real das Ciências, um dos maiores latinistas de seu tempo, escritor elegante e primoroso, traduziu a Bíblia da Vulgata, saindo à luz o Novo Testamento em 1778, em seis volumes. O Antigo Testamento veio seguidamente em 17 volumes, entre 1783 e 1790. A edição de 1819 em sete volumes é considerada o padrão, havendo sido retocada na tradução e notas. É o texto autorizado pela Igreja Romana.

Em 1821, a Sociedade Bíblica Britânica publicou o texto de Figueiredo em um só volume. Na edição de 1825 suprimiram-se os livros apócrifos, e um exemplar enviado em 1842 pela alfândega de Angra do Heroísmo, Açores, ao govêrno português, foi examinado pelo arcebispo D. Francisco de S. Luís, posteriormente cardeal Saraiva, que deu parecer favorável ao livro.

3. *Tradução Brasileira.* Em 1902 a Sociedade Bíblica Americana e a Sociedade Bíblica Britânica nomearam uma comissão composta dos Revs. William Cabell Brown, depois bispo de Minnesota, J. R. Smith, J. M. Kyle, A. B. Trajano, E. C. Pereira e Hipólito de Oliveira Campos, para do hebraico e grego tirarem uma versão que acompanhasse mais de perto o original, servindo-se dos textos resultantes do cotejo dos manuscritos estudados pela crítica científica.

Saiu a lume o Novo Testamento completo em 1910 e a Bíblia tôda em 1917.

VESPAS, VESPÕES

Tradução da palavra hebraica *Sirah*, nas antigas versões. O Senhor prometeu enviar vespas para expulsar os cananeus, Ex 23. 28; Dt 7. 20; Js 24. 12; Sab. 12. 8. Há dúvidas quanto ao modo de entender estas palavras, se literalmente, ou em sentido figurado. Em favor do primeiro, temos o que Eliano relata em referência aos Faselitas que tiveram de abandonar a sua terra por causa das vespas; em favor do segundo, temos o silêncio das Escrituras que nada dizem em referência às vespas, como elemento de conquista. Figuradamente, a picada das vespas pode representar o terror que os cananeus sentiram, ao se aproximarem dêles os israelitas, cujos exércitos eram invencíveis.

VESPÕES ver VESPAS

VESTE SUNTUOSA

Parte das vestimentas femininas, que envolvia o tronco até ao estômago, e que costumava ser ricamente ornamentada. A tradução em Is 3. 24 é da palavra hebraica *Pethigil*, designando um dos artigos com que se ataviavam as damas judaicas. O verdadeiro sentido do vocábulo original não se conhece. A versão inglesa diz vestido, e Lutero, manto.

VESTIMENTAS

O homem no princípio de sua existência andava nu, Gn 2. 25. As primeiras roupas que usou eram feitas de peles de animais, 3. 21. Subseqüentemente os materiais empregados no fabrico de vestimentas eram a lã, 31. 19; Lv 13. 47; Jó 31. 20, o linho, Ex 11. 31; Lv 16. 4, o linho fino, Gn 41. 42, e finíssimo, Lc 16. 19, a sêda, Ez 14. 10, 13; Ap 18. 12, o saco de cilício, Ap 6. 12, e as peles de camelo, Mt 3. 4. As peças essenciais dos trajes do homem e da mulher, eram duas: uma túnica, espécie de camisa de mangas curtas, chegando até aos joelhos, Gn 37. 3; 2 Sm 13. 18, às vezes tecida de alto a baixo e sem costura, Jo 19. 23, 24, cingida por um cinto. Outra peça consistindo em um manto, Rt 3. 15; 1 Rs 11. 30; At 9. 39, feito de um pano de forma quadrada, guarnecido de fitas, Nm 15. 38; Mt 23. 5. Punha-se sobre o ombro esquerdo, passando uma das extremidades por cima ou por baixo do braço direito. A parte inferior do baixo manto chama-se orla, Ag 2. 12; Zc 8. 23. As vestes dos profetas eram de peles de ovelhas, ou de cabritos, 2 Rs 1. 8; Zc 3. 4; Hb 11. 37, e também de peles de camelo, Mt 3. 4. Outra peça de roupa era às vezes usada entre a túnica e a manta, por pessoas de distinção, e oficialmente pelo sumo sacerdote, Lv 8. 7; 1 Sm 2. 19; 18. 4; 24. 4; 2 Sm 13. 18; 1 Cr 15. 27; Jó 1. 20. Era uma veste comprida sem mangas, apertada na cinta, Antig. 3. 7, 4. Os cintos serviam para facilitar os movimentos do corpo e eram feitos de couro, linho cru ou fino, 2 Rs 1. 8; Jr 13. 1; Ez 16. 10, muitas vezes bem elaborados com decorações artísticas, Êx 18. 39; 39. 29; Dn 2. 5; Ap 1. 13. A espada era levada à cinta e o dinheiro também, Jz 3. 16; 1 Sm 25. 13; Mt 10. 9. Fora de casa traziam sandálias, sapato rudimentar, feitas com uma sola de madeira ou de couro, Êx 16. 10, apertadas aos pés nus por meio de correias, passando pelo peito do pé e à roda dos artelhos, Gn 14. 23; Is 5. 27; At 12. 8. O povo comum andava com a cabeça descoberta. Às vezes traziam turbantes, Jó 29. 14; Is 3. 20; Ez 23. 20. O véu era usado pelas mulheres em presença de pessoas estranhas, Gn 24. 65; Ct 5. 7, se bem que muitas vezes elas saíam com as faces descobertas, Gn 24. 16; 26. 8; Judite, 10. 7, 14. A lei mosaica proibia aos homens, vestir roupas de mulher, Dt 22. 5; comp. 1 Co 11. 6, 14.

VIBORA

1. Tradução da palavra hebraica *Epheh*, soprar, assobiar, serpente venenosa, que se encontra ao sûl da Palestina, cuja espécie não está bem determinada, Jó 20. 16; Is 30. 6; 59. 5.

2. Réptil venenoso, que em grego se chama *echidna*, incidentalmente mencionado, quando S. Paulo esteve na ilha de Melita, At 28. 3, muito conhecido aos judeus, Mt 3. 7. Talvez seja a víbora, *Vipera communis*, ou *Pelias berus*, muito abundandante nas costas do Mediterrâneo.

VIGA, FORCA

Amã mandou levantar uma viga de cinqüenta côvados de altura a fim de pendurar a Mordecai, Et 5. 14. Suspender por meio de corda enlaçada ao pescoço, não era processo de execução adotado pelos persas. O intuíto de Amã era empalar a Mordecai, comp. 2. 23. Heród. 3. 159.

VINAGRE

Vinho, ou qualquer outro líquido alcoólico que azeda em virtude de fermentação acética, Nm 6. 3. Se a fermentação vinosa continua por muito tempo, ou se o vinho é guardado em demasia, converte-se em vinagre. O vinagre é ácido que embota os dentes, Pv 10. 26, e endurece o sabão, neutralizando o álcali nele contido, 25. 20. Não serve para beber, Sl 69. 21, porém, misturado com um pouco de azeite, serve no oriente para acalmar a sede na falta de água fresca. Também se usava o vinagre às refeições por ocasião das colheitas, molhando nele o pão; produzia o efeito de calmante, Rt 2. 14. O vinagre que Boaz mandava dar aos segadores, dizem alguns que era vinho fraco e não vinho azedo. Os soldados romanos, quando em campanha, tomavam vinho fraco e azedo, chamado *acetum*, puro ou misturado com água. Neste último caso tinha o nome de *posca*, Plínio, Hist. Nat. 19. 29. Talvez fosse bebida desta sorte que os soldados romanos ofereceram a Jesus para acalmar-lhe a sêde, depois de o crucificarem, Mc 15. 36; Jo 19. 29, 30. Esta bebida que Jesus tomou, era diferente daquela outra mistura com fel, ou com mirra, e que êle não quis beber, Mt 27. 34; Mc 15. 23.

VINGANÇA DE SANGUE

Vingador de sangue é aquele que, por suas próprias mãos, castiga o assassino, vingando a majestade da lei: "todo que derramar o sangue humano, será castigado com a efusão de seu próprio sangue", Gn 9. 5, 6; Nm 35. 31.

Quando a vida civil é regulada por leis, o castigo contra o assassino é aplicado pelos tribunais. Antigamente, porém, as nações semíticas, e bem assim os antigos gregos, os germanos, e eslavos consentiam que a parte ofendida se vingasse por suas mãos. Quando se dava um homicídio proposital ou involuntário, o parente mais próximo da vítima, devia vingar a morte. Matava o assassino sumàriamente sem qualquer forma de processo. Depois, muito provavelmente, o parente mais próximo do segundo homem morto, matava o vingador; dêste modo se estabelecia um regime de vingança de sangue, interminável. A lei mosaica traçou limitações a este sistema, estabelecendo cidades de refúgio. Qualquer que cometia homicídio e que se refugiasse a alguma destas cidades, estava garantido em seus direitos de defesa, e não podia ser morto, a menos que fosse condenado perante a congregação, Nm 25. 12, 19, 21, 24, 27; 2 Sm 14. 11. Vide *Cidades de Refúgio*.

VINHA DE SODOMA

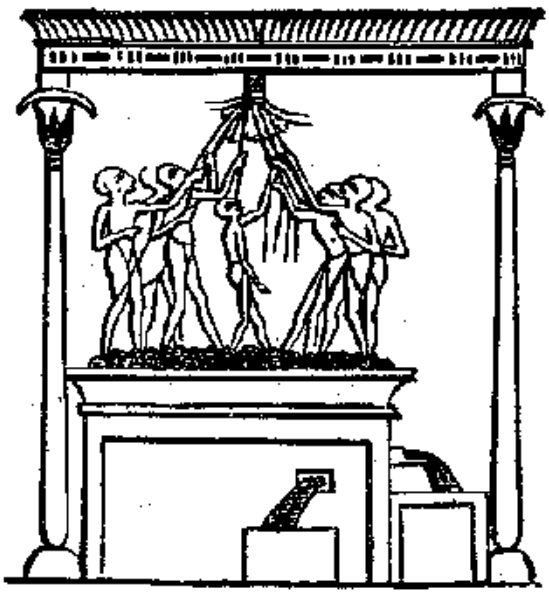
Planta que se encontrava perto de Sodoma, produzindo frutos amargosos, Dt 32. 32. A expressão parece figurada. Josefo descreve uns frutos que se davam nas vizinhanças da antiga Sodoma, tão rosados que desafiavam o apetite. Ao colhê-los, desfaziam-se em cinzas e dissolviam-se como fumaça, Guerras 4. 8, 4; cp. Tácito, Hist. 5. 6. Êste fruto não corresponde às uvas amargas peculiares à vinha de Sodoma. Tem-se afirmado, contudo, que ambas são uma e a mesma planta procurando meios de as identificar. Excluindo as que são mais comuns em tôda a Palestina, as principais que podem entrar nesta categoria, são: 1. A que os árabes chamam *ushar*, planta asclepiadácea, *Calotropis gigantea* ou *procera*, natural do Alto Egito, da Arábia e da Índia. Cresce em En-Gadi e em outros lugares do vale do Mar Morto; é árvore de 10 a 15 pés de altura, e produz uns frutos semelhantes a maçãs ou laranjas em pencas de três ou quatro. São muito agradáveis à vista e ao tacto, porém, quando apertados com a mão, arrebentam como se fossem uma bola de ar, deixando fragmentos da casca e algumas fibras. Faz-se grande objeção a ser identificada com a vinha, por ser arbusto ereto sem nada que a ela corresponda. 2. A colocintida, *Citrullus, colocynthus*, planta rasteira. Os frutos que ela produz não são agradáveis à vista, e quando premidos, depois de bem maduros, encontra-se dentro deles, pó misturado com as sementes (Tristram).

VINHO

O vinho era feito de uvas. Colhiam-se os cachos maduros em cestos, Jr 6. 9, conduziam-nos para o lagar, onde os depositavam. O lagar era feito em cima da terra ou escavado na rocha, e consistia em uma espécie de caixa pouco pro-

A vindima no Egito

funda, tendo na parte inferior alguns orifícios por onde saía o suco para outros receptáculos, destinados a recebê-lo, quase sempre abertos também na rocha, Is 5. 2; Jl 3. 13. O lagar media cerca de oito pés quadrados e quinze polegadas de profundidade. A cuba inferior regulava ter a metade destas dimensões. As uvas eram pisadas com os pés, Ne 13. 15; Jó 24. 11, por um ou mais homens, conforme a capacidade do lagar. No Egito, e provavelmente também na Palestina, seguravam-se com as mãos, em cordas que lhes ficavam por cima da cabeça para evitar quedas. Os pisadores entoavam canções talvez para amenizar a monotonia do trabalho, Is 16. 10; Jr 25. 30; 48. 33. O sumo vermelho das uvas corria em torno deles, e salpicava-lhes as vestes e o corpo, Is 63. 1-3. O suco que passava para as cubas de baixo era recolhido em odres, Jó 32. 19. Mt 9. 17, ou em grandes vasilhas de barro para fermentar. Depois de terminada a fermentação, o vinho passava para outras vasilhas, Jr 48. 11, 12. O suco das uvas usava-se em várias condições: quando saía do lagar, era o mosto; depois da fermentação vinosa, era o vinho, e passando à fermentação acética era o vinagre. Provavelmente nos antigos tempos, como ainda hoje, uma parte do mosto era reduzida a xarope por meio da fervura. O vinagre e o vinho eram designados em grego pela palavra *oxos*, e em hebraico pelo vocábulo *homes*. Conforme outras condições em que se achava o vinho, davam-lhe nomes diferentes, como abaixo se vê.



Lagar egípcio

A palavra hebraica *tirosh*, significa vinho que embriaga, Nm 18. 12; Ne 10. 37. Alguns intérpretes tentam limitar o significado desta palavra, dizendo que nem sempre se aplica ao vinho novo, ou mosto. Tem este sentido em Jl 3. 24: "As vossas eiras se encherão de trigo, e os vossos lagares trasbordarão de vinho e de azeite", e no cap. 3. 13: "Metei as foices ao trigo, porque já está madura a messe; vinde e descei, porque o lagar está cheio, e as cubas deitam por fora." Também significa suco das uvas, ou vinho novo como está em Os 4. 11: "A imoralidade e o vinho e a embriaguez fazem perder o sentido"; a exegese é forçada e portanto, sem valor, quando afirma que a imoralidade procede do abuso do vinho, e que êste se liga ao abuso, isto é, à fermentação do *tirosh* ou mosto. A passagem citada diz que todos três fazem perder o sentido. Não há necessidade de sair do significado da palavra *tirosh*, traduzindo-a por vinho (a) Em Is 62. 8, 9: "Se eu der o teu trigo daqui em diante por comida a teus inimigos, e se os filhos alheios beberem o teu vinho em que trabalhaste; porque os que o recolhem, o comerão; e os que o acarretam o beberão nos meus santos átrios." (b) Nem em Is 65. 8: "Como quando se acha um formoso bago num cacho de uvas, e se diz não o desperdices, porque é bênção, assim farei eu por amor dos meus servos." O comentador Cheyne traduz assim: "Como quando se encontram bagos no cacho e se diz, não os destruas porque eles são bênçãos." Porém o mesmo sentido se dá, quando se diz: "Como quando se encontra o suco no cacho, etc., Alexander, Delitzsch e Dillmann. (c) Nem em Mq 6. 15: "Tu pisarás os cachos e não lhes beberás o vinho." Os hebreus falam em pisar as uvas, Am 9. 13, e em pisar o vinho, Is 16. 10. (d) Nem mesmo naquelas numerosas passagens em que os frutos da terra são mencionados em conjunto, como o trigo, o vinho e o azeite, Nm 18. 12; Dt 7. 13; 11. 14; 12. 17; Os 2. 8, 22; Jl 1. 10; 2. 19. Em muitas destas passagens fala-se no dízimo do trigo, do vinho e do azeite. Uma vez que *yishar* é o nome do óleo que se tira da oliveira, 2 Rs 18. 32; Zc 4. 14, *tirosh* pode também referir-se ao suco da uva. E assim como o grão era batido na eira, o *tirosh* e o azeite eram expremidos no lagar. Falando-se do trigo na eira, não se podem olvidar o vinho e o azeite no lagar. A única questão vem a ser: Não havia primícias e dízimos de outros produtos da vinha que não eram reduzidos a vinho? Havia, sim, mas não estão especificadamente incluídos na tríplice designação, tantas vêzes repetida. As primícias de todos os produtos da terra eram apresentados diante do Senhor como bem explicitamente o diz o livro de Nm 18. 13. A hortelã e o cominho eram dizimados ainda que não estivessem discriminados. Falando-se de grãos e de óleo, estavam compreendidos todos os produtos da terra.

A palavra hebraica *asis* representa qualquer cousa que é pisada, de onde provém o suco de uva, o mosto, Is 49. 26; Am 9. 13, e não se refere sòmente às uvas, mas também a outros frutos. A palavra grega *gleukos* é empregada por Josefo, falando das uvas que o copeiro mor expremia na taça de Faraó, Gn 40. 11; Antig. 2. 5, 2. Hesíquio explica como era que o suco escorria espontâneamente das uvas antes de serem pisadas. Recolhiam-no separado do outro suco produzido pela pressão. Os apóstolos foram acusados de estarem cheios de mosto no dia de Pentecostes, At 2. 13. O mosto bebia-se, mas depois de entrar em fermentação, produzia a embriaguez, Os 4. 11, diz *tirosh*, At 2. 13, diz *gleukos* e provavelmente Is 49. 26, diz *asis*. De qualquer modo que o mosto fôsse bebido, o vinho velho sempre era preferido, Eccles. 9. 10; Lc 5. 39. Plínio era de parecer que o mosto fazia mal ao estômago, Hist. Nat. 23. 18.

O vocábulo hebraico *yayin* é etimològicamente igual ao grego *oinos* e ao latino *vinus*. *Hamar* é nome aramaico, e *hemer* é etimologicamente equivalente a ele empregado na poesia hebraica. A palavra hebraica *yayin* aparece na Escritura pela primeira vez, referindo-se ao suco fermentado da uva, Gn 9. 21; não há motivos para crer que tenha outro significado nos lugares em

que se encontra. O grego *oinos* também se refere a suco fermentado, salvo quando é acompanhado do adjetivo novo; mesmo assim, não se pode dizer que haja dois vinhos, um fermentado e outro não. O mosto chama-se vinho novo, e só se torna vinho por meio da fermentação. Dizem que pelo fato de ser proibido o fermento durante os sete dias da festa pascoal, o vinho usado nessa solenidade não devia ser fermentado. O argumento não procede. A fermentação vinosa nunca se chamou fermento. Durante a Páscoa, os judeus não deviam beber líquidos fermentados, nem mesmo provar o pão com fermento (Mishna, *Pesachoth*, 2). Havia numerosas qualidades de vinhos, diferentes no gosto e em corpo, tais como o vinho do Líbano e o de Helbom.

Fruto da vide, frase falada por Jesus por ocasião de instituir a Santa Ceia, Mt 26. 29, é expressão usada pelos judeus, desde tempos imemoriais, para designar o vinho que tomavam em ocasiões solenes, tais como, pela festa da Páscoa e na tarde do sábado (Mishna, *Berakoth*, 6. 1). Os gregos também empregavam a mesma frase, como sinônimo de vinho capaz de embriagar, Heród. 1. 211, 212. O sumo da uva comum era de cor rubra, Is 63. 2; Ap 14. 19, 20, e por isso davam-lhe o nome de sangue da uva, Gn 49. 11; Dt 32. 14; 1 Mac 6. 34, que era o próprio vinho, Ecclus. 50. 15. O vinho com mistura era designado pelas expressões *mesek*, Sl 75. 8, *mimsak*, Pv 23. 30; Is 65. 11, e *mezeg*, Ct 7. 2, cada uma das quais designava vinho misturado com certas especiarias que lhe davam gosto agradável, Ct 8. 2; Plínio, Hist. Nat. 14. 19, 5, ou com água para enfraquecê-lo, Heród. 6. 84.

O vinho, propriamente dito, era diferente do *shekar*, porque o vinho era feito do suco da uva; e o *shekar*, era líquido produzido por outros frutos e até mesmo pela infusão de grãos, com propriedades inebriantes, Is 28. 7; 29. 9. Empregavam no seu fabrico a cevada, Heród. 2. 77, o mel, ou mesmo as tâmaras, 1. 193; 2. 86; Jerônimo, *Epist. ad Nepotianum*, e o lótus, Heród. 4. 177. O vinho feito de tâmaras era muito bom para a saúde e de qualidades calmantes, mas, em dias quentes, fermentava rapidamente, e, tomado em excesso, produzia a embriaguez. A palavra *shekar*, tomada em sentido geral, designa qualquer bebida forte, em contraste com a água, e emprega-se em Nm 28. 7, em referência ao vinho.

Sobe é palavra hebraica, derivada de uma raiz que significa embeber, ou tomar em excesso, Is 1. 22; Na 1. 10. *Shemarim* é outra palavra hebraica referente às fezes do vinho, e emprega-se para designar o vinho velho.

O vinho empregava-se como remédio, Pv 31. 6; Lc 10. 34; 1 Tm 5. 23, e também no serviço de Deus. Êx 29. 39-41; Lv 23. 13. O vinho teve era artigo de comércio na Palestina e em outros países do Mediterrâneo, desde tempos mui remotos, Nm 6. 20; Dt 14. 26; 2 Cr 2. 15; Ne 5. 18; Mt 11. 19; 1 Tm 3. 8. Na Palestina havia falta de carne e os vegetais eram raros: o vinho supria estas faltas. Contudo, é erro pensar que o vinho fosse invariavelmente companheiro das refeições muitas das quais se faziam sem ele. Sendo do uso comum, o vinho e o pão representavam o sustento essencial do corpo, Sl 104. 14, 15; Pv 4. 17. Com êle se obsequiavam as visitas e os hóspedes e servia de elemento obrigatório nas festas particulares. Gn 14. 18; Jo 2. 3. Em geral o povo hebreu tinha hábitos muito simples e temperamento meigo; mas os efeitos do vinho, mesmo que fôsse fraco, tomado em demasia, eram muito sensíveis. Por isso, os sacerdotes que serviam no santuário não o deviam tomar, Lv 10. 9, bem assim os que ocupavam a cadeira da justiça, Pv 31. 4, 5; cp. Ec 10. 17. Is 28. 7. Todos deveriam ter o cuidado de não o tomarem em excesso. Os meios empregados para neutralizar os efeitos perigosos do vinho, eram: 1. Enfraquecê-lo com água, 2 Mac 15. 39; Heród. 6. 84, como se pode ver no modo de celebrar a Páscoa em que os servos levavam uma vasilha com água quente para misturar no vinho que ia ser usado nessa solenidade (Mishna, *Pesachim*, 7. 13; 10. 2, 4, 7. A igreja primitiva havia adotado o costume de misturar água com o vinho usado na celebração da Santa Ceia, Justino Mártir, Apol. 1. 65. 2. O diretor das festas e banquetes, Ecclus. 32. 1, 2; Jo 2. 9, 10, tinha de fixar a proporção da água e do vinho que entrava na mistura e regular a porção que tocava a cada um dos convivas. Era êste o costume observado pelos gregos. 3. Faziam advertências solenes para evitar que o vinho que brilhava nos copos não os tentassem à embriaguez, apontando para os efeitos degradantes exemplificados em Gn 9. 21; Pv 23. 29-35; Is 5. 22. 4. Mostrando quão louco seja o uso da embriaguez sob o ponto de vista social, profligado por meio de provérbios registados na literatura sagrada do povo, Pv 20. 1; 21. 17; 23. 20, 21; Hc 2. 5; Ecclus. 31. 25-31. 5. O pecado da embriaguez energicamente condenado por Deus nas seguintes passagens: 1 Sm 1. 14-16; Is 5. 11-17; 1 Co 5. 11; 6. 10; Gl 5. 21; Ef 5. 18; 1 Pe 4. 3.

VISÕES

Não se conhece bem a diferença entre visões e sonhos. Ambos se confundem. A Bíblia reconhece: 1. A visão noturna, que desaparece, Jó 20. 8; Is 29. 7. 2. As visões dos profetas, pela maior parte de caráter privado, sem que pessoas estranhas as percebessem. Às vezes cooperavam causas naturais para as produzir. A visão que S. Pedro teve, aparecendo-lhe uma como grande toalha suspensa pelas pontas, e a voz que ouviu, dizendo-lhe: "Levanta-te, Pedro, mata e come", relacionava-se com uma necessidade corporal que era a fome, conforme o diz o livro dos Atos dos Apóstolos, no cap. 10. 9 e seg. As visões dos profetas têm pontos de contacto com as que se operam em condições anormais, e com elas se devem classificar como fenômenos mentais. Estes fatos são apenas provas adicionais daquilo que se poderia esperar: a saber, que Deus, mantendo comunicações com os homens, opera de conformidade com as leis da mente humana. As visões proféticas, contudo, formam classe única, com talvez uma exceção, Nm 24. 4, eram concedidas sòmente aos homens santos, consagrados ao serviço de Deus, homens que mantinham íntimas relações com o seu soberano. Todos que presenciavam tais fenômenos, os reconheciam como vindos de Deus, distintos de quaisquer outros.

A igreja recebia tais comunicações com muita cautela, e não lhes dava crédito senão depois de bem provadas, Jr 23. 16, 21, 22, 27; cp. Is 8. 20; Dt 18. 10 e seg. As visões de que fala a Bíblia são únicas na história das religiões, pela sua pureza e retidão. Nunca eram vãs, nunca vazias de significação, nem destituídas de verdade; encerravam sempre uma lição moral claramente apreciável. Em muitos casos, tinham caráter profético, cuja realização lhes imprimia o selo da verdade. Pertenciam à época das revelações, e só as tinham aquêles que, por vários modos, haviam provado estar em comunicação com Deus.

Como existissem visões reais, não faltava quem procurasse imitá-las. Os profetas do Senhor denunciavam os embusteiros e prediziam a sua condenação, Jr 14. 14; 23. 16; Ez 13. 7 e seg.

VIÚVA

Desde remotos tempos, as viúvas trajavam de um modo apropriado à sua condição social, Gn 38. 14, 19, despojavam-se de seus ornamentos, vestiam-se de saco, não se penteavam nem ungiam o rosto, Judite, 10. 3, 4; 16. 8. Deus sempre mostrou compaixão especial para com as classes desprotegidas e principalmente para com as viúvas, Dt 10. 18; Sl 68. 5; 146. 9; Pv 15. 25; Jr 49. 11. A lei mosaica ordenava que as viúvas fossem tratadas com justiça e consideração, cominando se-

veras penas a quem a violasse, Ex 22. 22; Dt 14. 29; 16. 14; 24. 17-21; 26. 12, 13; Is 1. 17; Jr 7. 6; 22. 3; Ze 7. 10; Ml 3. 5. Jesus também condenou os que devoram as casas das viúvas, Mc 12. 40. A igreja apostólica dispensava especiais cuidados às suas viúvas, At 6. 1; Tg 1. 27. Nas igrejas ao cuidado de Timóteo, certas viúvas, que eram verdadeiramente viúvas, sem filhos ou netos que lhes prestassem auxílio, 1 Tm 5. 4, eram socorridas pelas igrejas e ocupavam cargos de beneficência, 16. Para desempenharem certas funções, era preciso que tivessem ao menos sessenta anos, que tivessem tido um só marido, que tivessem bom testemunho na prática das boas obras, 9, 10. Estas instruções deram origem a uma instituição. A começar do fim do segundo século até ao quarto, dizem os escritores eclesiásticos, criou-se na igreja a ordem das anciãs viúvas, cujos deveres consistiam em servir a igreja, e velar sobre as mulheres da congregação, particularmente sobre as viúvas e os órfãos. Esta ordem foi abolida pelo concílio de Laodicéia em 364. Quanto ao casamento com o irmão do falecido marido, consulte o artigo *Casamento*.

VOFSI

Nome do pai de Naabi, um dos espias, representante da tribo de Naftali, Nm 13. 14, 15.

VOTO

Obrigação voluntária contraída para com Deus, em virtude de certos favores de que dependia a realização do voto. Em casos de enfermidades, de aflições ou em tempos angustiosos, existem na humanidade desejos de fazer votos a Deus para serem cumpridos depois de passada a calamidade, ou de alcançarem os fins desejados, Gn 28. 20-22; Nm 21. 2; 1 Sm 1. 11; 2 Sm 15. 8. Os votos tinham sua origem no reconhecimento da inteira dependência de Deus e no dever de lhe sermos agradecidos. Em todos os povos havia gente que fazia votos a Deus, Jn 1. 16. A notícia mais remota que temos de um voto, é o caso típico de Jacó em Betel. Prometeu ele que, se Deus fosse com ele e o guardasse no caminho em que andava, e se voltasse felizmente para a casa de seu pai, a pedra que havia erigido em padrão se chamaria Casa de Deus, e de tudo que possuísse daria o dízimo ao Senhor, Gn 28. 18-22. A lei mosaica não prescrevia votos, apenas os regulamentava em três casos: votos de consagração, votos de abstinência e votos de destruição. Voto de consagração tinha lugar quando uma pessoa ou um objeto ainda não separado para fins sagrados, podiam ser votados ao santuário, e podiam ser resgatados, exceto no caso de ser animal para sacrifício, Lv 21. 1-27. O resgate se fazia com o acréscimo de um quinto a mais do valor do objeto. O voto feito em terras, vendidas pelo proprietário, sem primeiro fazer a remissão, eram retidas pelo comprador, e no ano do jubileu não podiam voltar às mãos do vendedor, mas ficavam na posse do santuário, 20, 21. As pessoas que se consagravam a Deus, serviam no santuário, 1 Sm 1. 11, 24, 28, mas eram geralmente remidas, 2 Rs 12. 4, especialmente quando o serviço dos levitas tornava inútil tal voto. O preço variava conforme a idade e o sexo. 2. Voto de abstinência. Consistia na prática do jejum, como prova de penitência, e todas as demais obrigações a que se impunham os nazarenos. 3. Pelo que se contém em Ex 22. 20; Dt 13. 16, conclui-se que somente o que estava condenado por causa de idolatria, poderia ser votado à destruição. Neste caso, não havia remissão, Lv 27. 28, 29.

Os princípios gerais aplicáveis em caso de votos eram: 1. Os votos eram voluntários, mas, uma vez feitos, tornavam-se obrigatórios, Nm 30. 2; Dt 23. 21-23. Somente em casos excepcionais, como no de Sansão, Samuel e João Batista que tinham missão especial a cumprir, é que o voto de nazareno se tornava obrigatório. 2. Voto de abstinência, feito por filha solteira, ou por mulher casada, não tinha valor sem o consentimento do pai ou do marido, Nm 30. 3-16. 3. O produto de negócios ilícitos, ou pecaminosos, não podia ser objeto de voto, Dt 23. 18. 4. Os votos não deviam ser feitos imprudentemente. Este princípio tem sua força no exemplo de Jefté e nos conselhos do livro dos Provérbios, 20. 25.

X

XEBA, *Homem.*

Nome de um povo da terra de Cus, descendente de Regma e intimamente ligado a Dadã, Gn 10. 7, classificado na raça semítica, por via de Jectã, 28, e semelhante a Dadã, descendente de Abraão por via de Jecsã, 25. 3. Ainda que em tão íntimas ligações com o velho patriarca, separou-se dele indo para as partes do oriente, 25. 6; cp. Jó 1. 15; 6. 19. Ocupou as partes do sul, ou meio-dia, Mt 12. 42, e negociava em ouro, incenso e pedras preciosas, 1 Rs 10. 1 e seg.; Sl 71. 10; Is 60. 6; Jr 6. 20; Ez 27. 22; 38. 13. Xeba é o nome de um país e de um povo, localizado a sudoeste da Arábia, muito conhecido pelos seus registos e por via dos antigos geógrafos. A capital tinha o nome de Xeba, situada no local onde se encontram as ruínas de Meriaba. O povo de Xeba era muito comerciante não só com os produtos da sua terra como também com as produções da Índia e da Etiópia. Falava a língua semítica. Espalhara-se em várias direções, deixando traços de sua existência na costa oriental da Arábia e no deserto setentrional entre os nabateus. Percebe-se facilmente que as suas relações com outras gentes dariam em resultado a sua fusão com elas por meio de casamentos, interesses comerciais e relações políticas. Desta maneira as suas linhas genealógicas aparecem em diferentes direções e são classificadas de vários modos.

Z

ZAANÃ, *Lugar das manadas.*

Nome de uma cidade, que talvez seja a mesma Zena, Mq 1. 11.

ZAANANIM, *Partidas.*

Nome de uma cidade da fronteira de Naftali, Js 19. 33, perto de Cades, Jz 4. 11. Conder segue a versão grega que diz *Besemitn* em vez de Zaananim e crê que provavelmente devia estar perto de Bessum em cima do planalto a oeste do Mar da Galiléia.

ZAÃO, *Desgosto.*

Nome de um dos filhos de Roboão, 2 Cr 11. 19.

ZAAVÃ, *Inquieto.*

Nome de um dos filhos de Eser horita, Gn 36. 27; 1 Cr 1. 42.

ZABADE, *Doado* ou *doador.*

1. Nome de um descendente de Efraim, da família de Sutela, 1 Cr 7. 21.

2. Nome de um homem de Judá, da família de Hesrom, da casa de Jerameel, descendente de Sesã e neto de Oolai, 1 Cr 2. 31, 34-37. Parece que era um dos valentes de Davi, que tinha nome igual, 11. 41.

3. Forma alterada do nome Jezacar, 2 Cr 24. 26.

4, 5, 6. Nome de três hebreus a quem Esdras induziu a se desquitarem de suas mulheres gentias, Ed 10. 27, 33, 43.

ZABADEANOS

Nome de uma tribo árabe, estabelecida entre o rio Eleutero, o Hamate e Damasco, 1 Mac 12. 30-32; cp. 25, e que parece haver ocupado parte das montanhas do Antilibano, onde se achavam situadas as aldeias de Zebedani e Zebade, na estrada de Baalbeque para Damasco.

ZABAI, *Zumbido.*

Nome de um dos filhos de Bebai, induzido por Esdras a separar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 28. Era pai de certo Baruque que ajudou a reconstruir o muro de Jerusalém, Ne 3. 20.

ZABDI, *Dom de Jeová.*

1. Nome de um homem de Judá, da família de Zera e fundador de uma casa, Js 7. 1. Em 1 Cr 2. 6 tem o nome de Zinri, por causa da troca das letras, *m*, *d* e *r*. Veja *Beth*, *Daleth*.

2. Nome de um benjamita, 1 Cr 8. 19.

3. Nome de um oficial de Davi encarregado de fiscalizar as adegas do rei, 1 Cr 27. 27.

4. Nome de um dos filhos de Asafe, Ne 11. 17.

ZABDIEL, *Dom de Deus.*

1. Nome do pai de Jesboão, 1 Cr 27. 2.

2. Nome do filho de Hagedolim, um dos poderosos do seu tempo, Ne 11. 14.

3. Nome de um príncipe árabe que traiçoeiramente decapitou Alexandre Balas e remeteu a cabeça a Ptolomeu Filometor, 1 Mac 11. 17; Antig. 13. 4, 8. É provável que seja o mesmo homem a quem se refere Diodoro Sículo com o nome de Diocles, governador de Abai, aos cuidados de quem Alexandre deixou o seu filho. Viajando em companhia de Zabdiel, Alexandre foi assassinado por dois de seus próprios oficiais.

ZABUDE, *Doado.*

Nome de um dos filhos de Natã, secretário e privado do rei Salomão, 1 Rs 4. 5.

ZABUDE, *Dotado.*

Chefe de uma família entre os filhos de Bigvai, que veio de Babilônia com Esdras, Ed 8. 14.

ZACAI, *Puro, inocente.*

Fundador de uma família. Alguns de seus membros voltaram do cativeiro de Babilônia com Zorobabel, Ed 2. 9; Ne 7. 14.

ZACARIAS[2], Forma grega do vocábulo hebreu *Zekaryah: Jeová se lembrou.*

1. Nome do pai do Capitão José, 1 Mac 5. 18.

2. Nome do pai de João Batista, e sacerdote da turma de Abias, Lc 1. 5. Ele e sua mulher Isabel eram pessoas piedosas. Isabel era parenta de Maria de Nazaré, mãe de Jesus, 6, 36. Morava na região serrana da Judéia, 39, 40. Era costume distribuir pelos membros da turma dos sacerdotes, as obrigações de cada dia. Quando a turma de Zacarias se reuniu em Jerusalém, foi ele sorteado para queimar o incenso. Enquanto desempenhava estas funções, na hora da oração, apareceu-lhe um anjo e comunicou-lhe que a sua oração havia sido atendida. Há muito que ele pedia a Deus que lhe desse um filho. Correu o tempo e o Senhor não respondia; e por isso, não pediu mais, 18. Mas a oração que sempre fazia pedindo o advento do Messias foi atendida, 68-75. Disse-lhe o anjo que sua mulher teria um filho que iria diante da face do Senhor para aplainar o caminho, nos corações dos homens, 13-17. Zacarias pôs em dúvida a promessa e pediu um sinal, visto que tanto ele como sua mulher eram avançados em anos. Foi-lhe dado um sinal que era ao mesmo tempo uma punição; Deus privou-o da fala até ao dia em que se deveria cumprir a promessa feita, 18-22, 62-64. Nascida que foi a criança, soltou-se-lhe a língua, ficou cheio do Espírito Santo e pronunciou palavras de reconhecimento e louvor, 67-79.

3. Nome de um servo de Deus que foi morto entre o templo e o altar, Mt 23. 35; Lc 11. 51.

ZACARIAS[3], *Jeová se lembrou.*

1. Nome de um benjamita, da família de Jeiel de Gabaom, 1 Cr 9. 37, que em 1 Cr 8. 31 se chama Zequer. Se a vocalização for correta, Zequer é sinônimo de um nome que significa memória. Talvez, pois, seja abreviatura de Zacarias, como Acaz é de Ocozias que se pronunciava Zacar que significa: ele se lembrou.

2. Nome de um levita da família de Coate, da casa de Isaar, descendente de Abiasafe. Era o filho mais velho de Meselemias, e exercia as funções de porteiro do Tabernáculo do Testemunho, no reinado de Davi, 1 Cr 9, 21, 22; 26. 2, por ser homem prudentíssimo e discreto conselheiro, 14.

3. Nome de um levita de segunda ordem, que tocava saltério no préstito que acompanhou a arca para Jerusalém, e que depois continuou como empregado no Tabernáculo quando Davi fixou a arca, 1 Cr 15. 18, 20; 16. 5. Há dúvidas se a palavra porteiros em cap. 15. 18, também a ele se refere.

4. Nome de um sacerdote que tocou a trombeta, quando conduziam a arca para a casa de Obede-Edom, 1 Cr 15. 24.

5. Nome de um levita da família de Coate, da casa de Oziel. Era filho de Isaías e viveu no tempo do reinado de Davi, 1 Cr 24. 25.

6. Nome de um levita da família de Merari, e quarto filho de Hosa. Exerceu o cargo de porteiro no reinado de Davi, 1 Cr 26. 11.

7. Nome de um homem da tribo de Manassés, pai de Jado, que viveu no reinado de Davi, 1 Cr 27. 21.

8. Nome de um levita dos filhos de Asafe, e portanto da família de Gérson, 2 Cr 20. 14.

9. Nome de um dos príncipes que Josafá enviou para ensinar nas cidades de Judá, 2 Cr 17. 7.

10. Nome do quarto filho do rei Josafá, 2 Cr 21. 2.

11. Nome do filho de Joiada, sumo sacerdote, homem reto como havia sido seu pai. Viveu no reinado de Joás, rei de Judá. O Espírito do Senhor caiu sobre ele para falar ao povo a respeito de sua apostasia em seguida à morte de Joiada. Por ordem do rei foi ele morto à pedra no átrio do templo, 2 Cr 24. 20-23. Julga-se que a ele se refere nosso Senhor quando diz que a nação teria de dar conta do sangue inocente derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel até ao sangue de Zacarias que foi morto entre o altar e o templo, Lc 11. 51. Zacarias, filho de Joiada, é a única pessoa mencionada na Escritura que sofreu este gênero de morte, muito memorável nas gerações seguintes. Foi ele o último dos homens justos que sofreram cruel morte, como o justo Abel havia sido o primeiro. A sua morte acha-se registada no livro de Crônicas que é o último livro das Escrituras do cânon hebreu. Na passagem paralela de Mt 23. 35, diz-se que era filho de Baraquias, que naturalmente o identifica com o bem conhecido profeta que viveu depois do cativeiro. Esta cláusula explicativa de S. Mateus, pode ser atribuída a alguma nota marginal que os copistas incorporaram no texto.

12. Nome de um homem, inteligente profeta de Deus que dava sábios conselhos ao rei Ozias que por algum tempo lhe serviram de guia, 2 Cr 26. 5.

13. Nome de um rei de Israel, o último da dinastia de Jeú. Subiu ao trono de Samaria no trigésimo oitavo ano de Azarias, rei de Judá, e reinou seis meses, 749 A. C. Era filho de Jeroboão II, e foi assassinado por Salum, que reinou em seu lugar, 2 Rs 14. 29; 15. 8-12. Deste modo se cumpriu o que havia sido anunciado que a quarta geração dos filhos de Jeú se assentaria sobre o trono, 10. 30.

14. Nome de um príncipe da tribo de Rúben, 1 Cr 5. 7.

15. Nome de um filho de Baraquias, uma das testemunhas que Isaías tomou para atestarem o que havia escrito em frases enigmáticas, um ano antes de serem explicadas por meio de uma profecia, Is 8. 2.

16. Nome do avô materno de Ezequias, 2 Rs 18. 2.

17. Nome de um levita descendente de Asafe, que tomou parte na purificação do templo durante o reinado de Ezequias, 2 Cr 29. 13.

18. Nome de um levita da casa de Coate, superintendente dos oficiais empregados na reparação do templo no reinado de Josias, 2 Cr 34. 12.

19. Nome de um dos príncipes da casa de Deus no reinado de Josias, 2 Cr 35. 8.

20. Nome de um filho de um silonita, Ne 11. 5.

21. Nome de um homem de Judá, da família de Farés, Ne 11. 4.

22. Nome de um sacerdote descendente de Pasur, da casa de Melquias, Ne 11. 12.

23. Nome de um descendente de Parós, que voltou de Babilônia em companhia de outros, Ed 8. 3.

24. Nome de um filho de Bebai que veio de Babilônia em companhia de outros, Ed 8. 11.

25. Nome de um dos chefes que Esdras enviou a Edo e aos natineus para trazerem os ministros da casa de Deus, em companhia dos exilados que voltavam do cativeiro, Ed 8. 17.

26. Nome de um dos homens que se achavam à direita de Esdras quando falava ao povo e lia as Escrituras, Ne 8. 4.

27. Nome de um dos filhos de Elão, induzido por Esdras a desquitar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 26.

28. Nome de um levita, filho de Jônatas, e descendente de Asafe. Dirigiu um grupo de levitas músicos, quando se fez a dedicação do muro de Jerusalém, Ne 12. 35, 36.

29. Nome de um sacerdote que tocou a trombeta quando se fez a dedicação do muro da cidade de Jerusalém, Ne 12. 41.

30. Nome de um sacerdote chefe da família de Adaía, nos dias do sumo sacerdote, Joiaquim, Ne 12. 16.

31. Nome de um profeta, filho de Baraquias, e neto de Ado, Zc 1. 1. Profetizou a princípio, no segundo ano de Dario Histaspes, 520 A. C., 1. 1; Ed 4. 24; 5. 1. Foi contemporâneo de Zorobabel, governador da Judéia, de Jesus, sumo sacerdote e do profeta Ageu, Zc 3. 1; 4. 6; 6. 11; Ed 5. 1, 2, e uniu-se a este último para exortar os chefes do povo a reassumir a obra do templo do Senhor. É difícil acreditar que tivesse nascido em Babilônia, porque os exilados haviam regressado à Palestina havia apenas dezoito anos, e Zacarias começou a profetizar antes de ter 18 anos de idade. É quase certo pertencer à tribo de Levi, e semelhante a Jeremias e a Ezequiel, fôsse profeta e sacerdote ao mesmo tempo; porque, segundo Neemias, Ne 12. 1, 4, 7, Ado era chefe de uma família sacerdotal e um dos que haviam voltado do cativeiro com Zorobabel. Um dos descendentes de Ado, chamado Zacarias, foi chefe da casa sacerdotal de Ado, durante o pontificado do sumo sacerdote Joiaquim filho de Jesus, 10, 12, 16. É verdade que a genealogia que se encontra no livro de Neemias, pode ser inteiramente distinta da genealogia a que pertence o profeta, não obstante se encontrarem nela os mesmos nomes e na mesma ordem, porém a teoria que as identifica não tem a mínima confirmação.

1. Quando Ado chegou a ser chefe de uma família sacerdotal, é justo concluir que já fosse avançado em anos, quando regressou do cativeiro no ano 538 A. C. Zacarias, seu descendente, chegou à mesma posição na geração seguinte, o que significa haver atingido à mesma idade, no ano 520 A. C. para que se pudesse chamar môço. O profeta Zacarias é assim chamado (é verdade que por um anjo) no ano 520 A. C., Zc 2. 4.

2. Admitindo que Baraquias, pai do profeta, fosse filho de Ado, e que morresse antes do ano 520, sem chegar a ser chefe de uma família, então, o profeta Zacarias teria ficado na linha seguinte da sucessão e por isso é que Esdras o chama filho de Ado, como seu sucessor e descendente. Mesmo que Baraquias fosse vivo, o seu nome podia ser omitido, porque só era necessário mencionar o nome do chefe da família a que pertencia, a fim de dar-lhe lugar entre as tribos de Israel. A suposição de haver morrido Baraquias, também deve explicar porque é que na geração posterior à volta do cativeiro, Zacarias aparece como chefe de uma família.

3. A teoria que dá o profeta como sacerdote, explica-se pela familiaridade que ele revela com as idéias e funções sacerdotais, caps. 3 e 4. A outra idéia é defendida por Kimchi. Segundo ele o termo profeta que se encontra no cap. 1. 1, 7 refere-se a Ado. Esta teoria é falha de provas, mas nem por isso se deve desprezar, porque, entre o vidente Ado e o profeta Zacarias, decorre um período de quatro séculos.

O livro de Zacarias é o undécimo dos profetas menores, e pode ser assim dividido:

I. Introdução e uma série de oito divisões: A introdução fere a nota principal de todo o livro, 1. 1-6. Voltar atrás aos caminhos da obediência: "Convertei-vos a mim e eu me converterei a vós." Primeira visão: a manada de cavalos, 7-17, velozes e incansáveis mensageiros. Deste modo Deus ensina que ele preside aos acontecimentos do mundo. Não há indícios de salvação para o povo de Deus, nem de punições para os seus opressores: tudo está em paz. Contudo Deus é cioso por Sião e sente-se profundamente indignado con-

tra os inimigos de seu povo. Portanto, volta-se para Jerusalém em misericórdia, promete edificar a sua cidade e a sua casa e dar grande prosperidade à sua terra. A primeira visão serve de intróito às sete que se lhe seguem. Segunda visão: Os quatro cornos e os quatro oficiais, 18-21. Quer dizer que os quatro cornos representam os quatro povos que devastaram a Judá, cuja destruição está decretada. Terceira visão: o varão que tinha na mão um cordel de medidores, cap. 2. A animadora mensagem da primeira visão vai realizar-se, isto é, a reconstrução de Jerusalém. A idéia se expande. A cidade não será medida como geralmente são as cidades, pela extensão de seus muros; porque ela gozará de ilimitada prosperidade sem muros que a estorvem. Não lhe faltará segurança: Jeová será para ela um muro de fogo para sua defesa. Quarta visão: o sumo sacerdote Jesus, cap. 3. O sacerdócio, ainda que humano e profanado, contudo, comó um tição tirado do fogo, o Senhor o purificou, mandou que se lhe tirassem os hábitos sujos e que se lhes dessem outros limpos. Sob promessa de obediência, o Senhor promete a continuação de suas bênçãos. Torna-se patente que os sacerdotes são tipos do Messias. Por uma ação simbólica, declara-se que Deus tem um propósito que vai realizar: Ele fará aparecer aquele que os tipos representam. Quinta visão: O candeeiro de ouro e as duas oliveiras, cap. 4. Parece indicar que a luz da igreja, posto que fraca, depois do exílio, vai morrer. Assim não acontecerá: Deus preparou abundante e inesgotável reserva de óleo para alimentar por si mesmo as sete lâmpadas. Sexta visão: O livro volante, 5. 1-4. Deus pronuncia a maldição sobre a face da terra para destruição dos maus. Sétima visão: É a continuação da sexta. A impiedade personificada por uma mulher, presa dentro de uma talha, que foi arrebatada da terra, 5-11. Oitava visão: As quatro carroças saindo da presença do Deus de toda a terra, 6. 1-8. As quatro carroças representam os quatro ventos, que são as forças ocultas da Divindade. Esta visão quer dizer que todo o plano esboçado nas visões anteriores será executado pelo Senhor de toda a terra.

II. Ação simbólica: A coroação do sumo sacerdote, 6. 9-15. Este cerimonial vai realizar-se no futuro, e refere-se ao renovo que brotará por si mesmo da linhagem de Davi.

III. Os deputados vindos de Betel para saber se deveriam continuar a fazer jejuns, agora que os motivos que os justificavam haviam em parte cessado, e as quatro respostas do profeta, caps. 7, 8; (*a*) Os jejuns que fizeram no cativeiro não foram para o Senhor senão para si mesmos. O que Deus quer é obediência, 7. 4-7; (*b*) A justiça e a verdade são as cousas que Deus deseja. A desolação do país e a dispersão do povo não são cousas para lamentar: eram o castigo da desobediência e o meio de operar a reforma de vida, 8-14; (*c*) Deus volta-se para Sião com grande zelo, e lhe dará justiça e santidade, 8. 1-17; (*d*) Os jejuns se converterão em festas, 18-23.

IV. Às visões, seguem-se os pesos revelando o propósito divino de destruir os opressores de Judá e trazer muitos povos para o seu reino. Primeiro pêso: Jeová destruirá os inimigos do reino de Deus. As punições pendem sobre todas as nações vizinhas para abatê-las. Contudo, umas reliquias da Filistia serão incorporadas ao reino de Deus. Jerusalém estará em segurança no meio das desolações, porque o Senhor se acampará em torno de Judá, cujo rei está para chegar, cap. 9. Episódio: Exortação para buscarem o Senhor a fim de alcançarem as bênçãos prometidas, porque os ídolos deram respostas vãs e os adivinhos tiveram visões mentirosas, 10. 1, 2. Em resumo: O Senhor, como já se disse, visitou o seu rebanho e o pôs como o cavalo de guerra de sua glória. Os de Judá serão como os valentes de Efraim, e o seu coração se alegrará como com o vinho, 3-12.

Tão abundantes bênçãos, porém, seriam um tanto retardadas. A desolação da terra, tal é o grito profético, 11. 1-3. A explicação desta calamidade encontra-se na parábola do pastor rejeitado, 4-17, na contínua rejeição do govêrno divino, por cujo motivo, Deus quebrou o seu concerto com todos os povos, e Israel foi votado à desolação. Pelo mesmo motivo, a unidade de Judá com Efraim continua rota, resultando daí a fraqueza, a discórdia e a desolação. Segundo peso: conflitos com o reino de Deus e vitória final. Os povos da terra armar-se-ão contra Jerusalém e contra Judá, que no tempo de Zacarias formavam a igreja visível de Jeová; mas Jeová põe a Jerusalém como a verga de uma porta de embriaguez para todos os povos dos arredores e como pedra de carga para todos eles, ferindo-os de loucura de modo a reconhecerem que os homens de Sião se fortalecem no Senhor, 12. 1-8. Preparação de Jerusalém, 12. 9 até cap. 14. 5. Deus prepara Jerusalém, primeiro por uma graciosa mudança espiritual, 12. 10 até cap. 13. 6; segundo, por meio de uma punição santificadora, 13. 7, até cap. 14. 5. Vitória final, 5-21. O Senhor virá: nesse dia não haverá luz, mas sim frio e gelo. E na tarde desse dia aparecerá a luz. A igreja florescerá, e todos os que restarem de todas as gentes que vieram contra Jerusalém, virão a ela de ano a ano a adorar o rei, o Senhor dos Exércitos. Chegará então o reino de Deus e a igreja será santa.

O primeiro a dizer que o livro de Zacarias não foi inteiramente escrito por ele, é José Mede do Colégio da Igreja de Cristo em Cambridge, no ano 1653. Pretende provar que os caps. 9 até 11 foram escritos por Jeremias, porque S. Mateus, citando Zacarias, no cap. 11. 13, refere-se a Jeremias, Mt 27. 9. Este argumento não mudou a opinião dos críticos. Dizem uns que Mateus errou, citando Jeremias, dizem outros que provavelmente existe violação do texto de Mateus. Dizem outros ainda que os hebreus, quando arranjavam o catálogo dos livros, uma vez começavam pelos últimos profetas, pondo Jeremias em primeiro lugar, seguindo-se Ezequiel e Isaías, em vez da ordem atual, Isaías, Jeremias, Ezequiel. Veja *Cânon*. Esta secção de livros proféticos era citada pelo nome de Jeremias, como os Salmos e os Provérbios são citados como de Davi e de Salomão respectivamente, e todos sabem que Davi não é o único autor dos Salmos, nem Salomão dos Provérbios. Desde os tempos de Mede, muitos críticos sustentam que o livro de Zacarias contém escritos de dois, três, ou mais profetas. Dizem eles que os capítulos 9 a 11 foram escritos pouco antes da queda de Samaria no ano 722 A. C.; que os caps. 12-14 foram escritos pouco antes da tomada de Jerusalém em 587 A. C.; que os caps. 9 a 14 foram escritos no último período do domínio persa, isto é, mais de um século e meio depois da morte de Zacarias, ou no período dos Macabeus; que os caps. 9 a 14, bem como os caps. 1 até 8 pertencem a Zacarias. As discussões, portanto, têm versado somente sobre os caps. 9 a 14. Todos os críticos concordam em que os primeiros oito capítulos foram escritos por Zacarias. As partes em discussão tratam dos dois pesos. Em que tempos foram escritos? Em referência ao primeiro peso, fala-se de um tempo em que a Casa de Deus estava firme, 9. 15; 11. 13; porém, deste fato nada se pode deduzir quanto à data, porque o templo de Salomão permaneceu de pé até ao tempo do cativeiro, e o novo templo que se levantou, depois de voltarem de Babilônia, ainda subsistia até depois de 515. A referência do cap. 10. 10, 11, tem servido para provar que o Egito e a Assíria eram grandes potências na época em que a profecia foi pronunciada, e ela o foi depois que Israel havia saído para o cativeiro, 6, portanto, depois de tomada Samaria, e antes da queda de Nínive, no ano 606, A. C. Mas um profeta, quer pertencesse a uma época posterior ao exílio, ou a outra anterior, podia predizer que os israelitas seriam restaurados às terras de onde haviam vindo, a saber, do Egito e da Assíria. Apesar de este último império ter

sucumbido ao peso de outro império, ainda assim, poderia dizer que o orgulho da Assíria, cujo poder conservava os israelitas em cativeiro, seria abatido. Também a palavra Assíria poderia ser empregada no sentido da região geográfica, incluindo Babilônia, como já o havia feito Esdras, Ed 6. 22, não obstante achar-se toda a região sob o domínio persa. Portanto, o primeiro peso poderia ter sido pronunciado, ou antes da queda de Nínive, quando a Assíria ainda estava de pé, ou depois do exílio, quando o império da Assíria havia dado origem a outros impérios, uma vez que o templo ainda existia depois do sexto ano de Dario, rei da Pérsia. Outro fato que contribui para a solução deste caso é a declaração do v. 14 do cap. 11, em que se diz: "Eu quebrarei o meu segundo cajado que se chama o cordel, para dissolver a irmandade entre Judá e Israel." A irmandade existiu até ao reinado de Roboão, quando se rompeu pela revolta das tribos do norte, negando aliança ao trono de Davi. Também se pode dizer que a irmandade deixou de existir por ocasião da queda de Samaria e pela dispersão das tribos de que se compunha o reino do norte. A irmandade existiu de novo, mais uma vez, depois do cativeiro de Babilônia. Ora, o peso foi pronunciado depois da queda de Samaria e do cativeiro de Efraim, 10. 6 e, portanto, deve datar de uma época posterior ao exílio, quando a concepção corrente admitia a irmanação de Efraim e Judá. De fato, estavam reunidos fraternalmente: muitos dos membros das dez tribos, tinham-se unido a Judá, por este motivo considerava-se universalmente que a nação estava representada pelas suas doze tribos. Nos dias de Esdras, pois, por ocasião de se dedicar a casa de Deus, foram oferecidos doze bodes, pelo pecado de todo o Israel, conforme o número das doze tribos, Ed 6. 17; 8. 35; cp. Mt 19. 28; Lc 2. 36; At 4. 36; 26. 7; Fp 3. 5. É verdade também que o profeta emprega freqüentemente os velhos termos de Judá e Efraim, por isso parece provar que a profecia foi pronunciada muito antes do tempo de Zacarias. Porém, este modo de referência à nação israelita, estava muito em voga mesmo depois da volta do cativeiro. O próprio Zacarias emprega as mesmas expressões, casa de Judá e casa de Israel nos primeiros oito capítulos de seu livro. É a este período pós-exílio, portanto, que se referem as palavras *irmandade de Efraim e Judá*. Declara a profecia que Deus havia de levantar a Judá contra os filhos distantes da Grécia, o que é mais um sinal, 9. 13. Deve-se tomar em conta que os gregos são aqui mencionados por duas razões (*a*) Porque o profeta conhece o conflito da igreja com as nações mais distantes do mundo. Javã, ou a Grécia, com suas ilhas achavam-se nesta época dentro do horizonte geográfico dos hebreus, e seus nomes serviam para representar as nações pagãs mais remotas, Gn 10. 4, 5; Is 41. 5; 59. 18; 66. 19; Ez 27. 13. (*b*) A Grécia aparece aqui como a potência culminante do paganismo. A data mais remota em que o poder da Grécia começa a surgir aos olhos do observador, foi durante os anos de 500 a 479 A. C. A grandeza da Grécia em competência com a Pérsia começa a desenhar-se nitidamente. A Grécia impediu o avanço dos exércitos persas. As cidades gregas da Ásia Menor revoltaram-se contra os governadores persas durante os anos 500 a 495. Os persas foram derrotados em Maratona em 490. Depois da vitória alcançada pelos gregos sobre os persas nas Termópilas, seguiu-se a vitória decisiva de Salamina, 480, a de Platéia e Micale em 479. Evidências consideráveis e várias levam-nos a crer que o profeta Zacarias era moço talvez de uns vinte ou vinte e cinco anos, quando em 520 A. C. exortou a Zorobabel a reconstruir o templo. Conseqüentemente, todos estes acontecimentos de tanto realce, reveladores da grandeza da Grécia, fazem supor que esta nação faria sentir a sua influência nas terras do oriente, justamente na época em que Zacarias iniciava a sua carreira profética. O segundo peso, caps. 12 a 14, pelo assunto de que trata, vê-se pertencer ao período pós-exílio. O escritor alude ao terror do povo quando se deu o terremoto nos dias de Ozias, como acontecimento ainda vivo em sua memória, não só por ser de recente data, como também pela impressão deixada em seu espírito. Certamente, devia ser duradoura, visto perpetuar-se na lembrança do povo daquela época, Am 1. 1, e ainda recordado no primeiro século da era cristã, como acontecimento notável, Antig. 9. 10, 4. Existe mais uma nota histórica no segundo peso: é a referência ao pranto de Hadadrimom no Vale de Megido, Zc 12. 11. A única referência natural não pode deixar de ser à morte de Josias que se opôs a Faraó Neco em Megido, sendo ali mortalmente ferido e cuja morte foi lamentada com prantos que o profeta Jeremias pôs em versos nas suas Lamentações. Portanto, o segundo peso foi pronunciado em uma época nas vésperas do exílio. Não somente as referências históricas dos dois pesos apontam para um período recente, como também os característicos literários de sua linguagem, estão a dizer que foram produzidos pelo autor dos primeiros oito capítulos. Certos críticos negam isto a pés juntos. Dizem eles que existe diferença notável de estilo entre as visões e os pesos. Isto é verdade, mas também é verdade, como princípio cardeal de crítica literária que o estilo de um autor difere em vários períodos de sua carreira literária, e quando ensaia diferentes formas de literatura. O estilo de Zacarias havia de sofrer alterações durante um período de trinta ou quarenta anos; não poderia ele escrever do mesmo modo visões e ações simbólicas com o mesmo estilo com que fazia solenes admoestações. Ainda mais, na parábola, ou representação simbólica do bom pastor, existem traços feitos pela mesma pena que descreveu as visões e a coroação do sumo sacerdote. Mais subtis marcas da mesma pena se descobrem no emprego freqüente de certas palavras e expressões muito características nos primeiros oito capítulos, em comum com os seis restantes. Entre outros, estão o *Qal* de *yashab*, empregado na voz passiva, 2. 8; 9. 5; 12. 6, *meober umishshab*, 7. 14; 9. 8; *ehad*, em lugar do artigo indefinido, 5. 7; 12. 7, *alyamin, weal-semol adamah*, 4. 11; 12. 6; 2. 16; 9. 16; 13. 5. O emprego de igual vocábulo em sentido diferente que caracteriza o estilo dos primeiros oito capítulos, considerados genuínos, também se encontram nos seis restantes cuja autenticidade é impugnada. Tudo isto vem provar que Zacarias foi o autor do livro todo, e que a sua idade madura se passou entre 520 e 479 A. C.

ZACUR, *Atento*.

1. Nome de um rubenita, Nm 13. 4.

2. Nome de um simeonita, descendente de Misma, 1 Cr 4. 26.

3. Nome de um levita, filho de Merari, 1 Cr 24. 27.

4. Nome de um levita gersonita, filho de Asafe, e diretor de uma turma de músicos no reinado de Davi, 1 Cr 25. 2, 10; Ne 2. 35.

5. Nome de um dos filhos de Anri que tomou parte na reconstrução dos muros de Jerusalém, Ne 3. 2.

6. Nome de um levita que subscreveu o pacto de obediência a Deus, Ne 10. 12.

7. Nome de um filho de Matanias e pai de Hanã, Ne 13. 13.

ZADOQUE, *Justo, reto*.

1. Nome de um dos descendentes de Eleazar, filho de Arão, 1 Cr 24. 3, filho de Aquitobe, 2 Sm 8. 17. Sem dúvida era o valoroso jovem que, em companhia dos príncipes das tribos de Israel, foi a Hebrom para constituírem rei a Davi sobre todo o Israel, 1 Cr 12. 27, 28. Logo no princípio do reinado de Davi serviu de pontífice junto com Abiatar, 2 Sm 8. 17. Enquanto durou a revolta de Absalão, os dois colegas acompanharam a Davi

quando fugia de Jerusalém, levando a arca; porém, o rei constrangeu-os a regressar à cidade, aguardando ali o resultado final da luta, 15. 24-29. Depois da morte de Absalão, o rei mandou dizer aos dois pontífices, Zadoque e Abiatar, que falassem aos anciãos de Judá, que ainda não se haviam pronunciado a favor da sua volta para a capital, 19. 11. Nos últimos dias de Davi, Adonias conspirou para se apoderar do trono; nesta conjectura Zadoque se conservou fiel a Davi, e seu colega Abiatar acompanhou a Adonias. 1 Rs 1. 7, 8. Chegando a notícia aos ouvidos do rei, este mandou chamar a Zadoque e ao profeta Natã para que fôssem ungir em rei a Salomão, 32-45. Abiatar foi deposto do sacerdócio, ficando Zadoque no exercício do pontificado até ao fim de sua vida, enquanto durou o reinado do novo monarca, 2. 26, 27; cp. 4. 4. O ofício de sumo sacerdote foi restaurado na linha de Eleazar.

2. Nome de um sacerdote da linhagem dos pontífices, pai de Salum, 1 Cr 6. 12. Descendia do segundo Aquitobe, *ibid.* Ed 7. 2, por via do segundo Maraiote. 1 Cr 9. 11; Ne 11. 11.

3. Nome do pai de Jerusa, mãe do rei Ozias, 2 Rs 15. 33.

4. Nome de um dos filhos de Baana que tomou parte na reconstrução do muro de Jerusalém, Ne 3. 4, e talvez o mesmo que assinou o pacto de obediência a Deus, 10. 21.

5. Nome de um sacerdote, filho de Imer, que reparou o muro da cidade em frente de sua casa, Ne 3. 29, e talvez o mesmo que foi encarregado dos celeiros, 13. 13.

ZAFENATE-PANÉIA, *Deus fala, ele vive* (Steindorff).

Graças à consonância das palavras, os judeus imaginavam que os nomes significavam revelador de segredos (Targum Onkelos, Antig. 2. 6, 1). Foi êste o nome que Faraó deu a José depois de lhe haver interpretado os sonhos, Gn 41. 45.

ZAFOM, *Esconderijo.*

Nome de uma cidade dos gaditas, situada no vale do Jordão, Js 13. 27; cp. Jz 12. 1. O Talmude dá-lhe o nome de Amato. Se fôr certo, então vem a ser a Amatus, Antig. 13. 13, 5; 14. 5, 4, situada no lugar onde se acha *Tell Ammete*, no vale do Jordão, ao oriente do rio Smiles e a noroeste da foz do Jaboque.

ZAINE

Sétima letra do alfabeto hebreu, que assinala a sétima secção do salmo 119 e com a qual começa a primeira linha de cada v. de toda a secção.

ZAIR, *Pequeno.*

Nome de um lugar perto do Edom, onde Jeorão, rei de Judá, se acampou antes de atacar os edomitas, 2 Rs 8. 21; cp. o texto diferente em 2 Cr 21. 9. Conder acha que *Zuwera*, cidade perto do Mar Morto, na estrada do extremo sul deste mar, em direção a Hebrom, seja o local acima mencionado.

ZALAFE, *Fratura.*

Nome do pai de certo Hanum, Ne 3. 30.

ZALMOM, *Sombrio.*

1. Nome de um homem de Aode e um dos valentes de Davi, 2 Sm 23. 28, também chamado Ilai em 1 Cr 11. 29.

2. Nome de um monte coberto de árvores perto de Siquém, Jz 9. 48; cp. Sl 68. 14.

ZALMONA, *Sombrio.*

Nome de um acampamento dos israelitas, Nm 33. 41, 42, ao oriente ou ao ocidente de Edom.

ZANOA, *Água suja.*

1. Nome de uma cidade na planície de Judá, Js 15. 34, ocupada depois da volta do cativeiro, Ne 11. 30. Parece que seja a mesma cidade cujos habitantes edificaram a porta do vale de Jerusalém, 3. 13. Robinson identifica-a com Zanua, a 3 milhas a sudoeste de Bete-Semes.

2. Nome de uma cidade da parte montanhosa de Judá, Js 15. 56, e talvez a mesma mencionada em 1 Cr 4. 18. Julga-se que seja representada pela atual Zanuta situada a 12 milhas e ½ a sudoeste de Hebrom, a 2 ½ ao sul de *Shuweikeh* e a 5 ao ocidente de *es-Semua*, porque pertence ao grupo das cidades mencionadas por Josué em cap. 15. 48-51 e não às dos vv. 55-57.

ZANZUMINS, *Barulhentos.*

Nome de uma tribo de Refaim que nos antigos tempos ocupava o oriente do Jordão, e onde depois se estabeleceram os amonitas, Dt 2. 20. Talvez seja o mesmo que Zuzim.

ZAQUEU, Forma grega do hebreu *Zakkay*, puro.

Nome de um homem rico de Jericó, coletor das rendas do governo romano. Converteu-se a Cristo de quem se fez discípulo, Lc 19, 1-10.

ZATU

Nome do fundador de uma família. Alguns de seus membros voltaram do cativeiro, Ed 2. 8; Ne 7. 13, casados com mulheres estrangeiras, das quais se desquitaram a instâncias de Esdras, Ed 10. 27. Um de seus chefes assinou o pacto com Neemias, Ne 10. 14.

ZAZA, *Abundância.*

Nome de um homem da tribo de Judá, da família de Hesrom, da casa de Jerameel, 1 Cr 2. 33.

ZEBA, *Matança, sacrifício.*

Nome de um dos dois reis midianitas, perseguido e morto por Gideão, Jz 8. 4-28; Sl 83. 12.

ZEBADIAS, *Jeová deu.*

1. Nome de um benjamita, da casa de Berias, 1 Cr 8. 15, 16.

2. Nome de um benjamita, descendente de Elpaal, 1 Cr 8. 17, 18.

3. Nome de um dos filhos de Jerôão de Gedor, que foi unir-se a Davi em Ziclague, 1 Cr 12. 7.

4. Nome de um dos filhos de Asael, irmão de Joabe, 1 Cr 27. 7.

5. Nome de um levita de Coré, filho de Meselemias, no reinado de Davi, 1 Cr 26. 1, 2.

6. Nome de um dos levitas enviados por Josafá para ensinar a lei ao povo, 2 Cr 17. 8.

7. Nome de um príncipe de Judá, que presidia aos negócios atinentes ao serviço do rei Josafá em Jerusalém, 2 Cr 19. 11.

8. Nome de um dos descendentes de Sefatias, e um dos que voltaram do cativeiro com Esdras, Ed 8. 8.

9. Nome de um sacerdote da casa de Imer, induzido por Esdras a desquitar-se de sua mulher estrangeira, Ed 10. 20.

ZEBEDEU, Forma grega do hebreu *Zebadyah, Jeová tem dotado.*

Nome do marido de Salomé, e pai de Tiago e João, pescador do Mar de Galiléia, Mt. 4. 21, homem de abastança, porque tinha servos alugados, Mc 1. 19, 20. Não opôs nenhum embaraço para que seus filhos seguissem a Jesus.

ZEBIDA, *Dotado.*

Nome de uma filha de Pedaías de Ruma, e mãe do rei Jeoaquim, 2 Rs 23. 36.

ZEBINA, *Adquirido.*

Nome de um dos descendentes de Nebo, induzido por Esdras a deixar sua mulher estrangeira, Ed 10. 43.

ZEBOIM, *Hienas, gazelas.*

1. Nome de um vale no território de Benjamim, entre Micmás e o deserto pelo lado do oriente,

1 Sm 13. 16-18. Um rochedo escarpado que fica acima da planície do Jordão, perto de Jericó, chamado *Shukh ed-Duba*, que quer dizer covil de hienas, parece indicar a antiga Zeboim.

2. Nome de uma cidade ocupada pelos benjamitas depois do cativeiro, Ne 11. 34. Deve encontrar-se nas fraldas das montanhas que ornam a planície do Sarom, perto de Lida.

3. Nome de uma das cinco cidades da planície, Gn 10. 19. O rei de Zeboim foi derrotado por Quedorlaomer, 14. 2-8, 10. A cidade foi destruída pelo fogo do céu, juntamente com outras, 19. 17-29; Dt 29. 23; Os 11. 8.

ZEBUL, *Habitação.*

Nome de um dos governadores da cidade de Siquém no tempo de Abimeleque, a quem mostrou inquebrantável fidelidade, Jz 9. 28, 36-39.

ZEBULOM, *Morada.*

1. Nome do décimo filho de Jacó e o sexto, com sua mulher Lia, Gn 30. 19, 20. Desceu com seu pai para o Egito, Êx 1. 3, levando consigo três filhos: Sarede, Elom e Jaslel, Gn 46. 14. Jacó, ao despedir-se dos filhos, disse que Zebulom habitaria na praia do mar e no ancoradouro dos navios, estendendo-se até Sidônia, 49. 13, profecia esta que se realizou não muito minuciosamente. A Zebulom pertenceu o território vizinho ao mar, e possuiu os mercados da costa do Mediterrâneo, mas estava separado do Mar de Galiléia pela tribo de Naftali e de Issacar, e do Mar Mediterrâneo e de Sidônia, pela tribo de Aser. A discordância entre as palavras de Jacó e a posição da tribo de Zebulom na Palestina, é forte argumento contra os que dizem que a despedida de Jacó foi escrita depois do estabelecimento das tribos.

2. A tribo da qual Zebulom foi o progenitor. Dos seus três filhos saíram três famílias em que se dividiu a tribo, Nm 26. 26, 27. O príncipe da tribo no deserto foi Eliabe, filho de Helom, 1. 9; 10. 16, e mais tarde foi Elisafã, filho de Farnaque, 34. 25. O espião que representou a tribo na comissão exploradora da terra de Canaã, chamava-se Gediel, filho de Sodi, 13. 10.

Quando se fez o primeiro censo, a tribo contava 57.400 homens de guerra, 1.30, 31, no segundo arrolamento, acusava 60.500, (26. 27). Foi uma das seis tribos, cujos representantes estiveram no monte Ebal, pronunciando as maldições contra os transgressores do pacto, Dt 27. 13; cp. Js 8. 32-35. Antes de sua morte, Moisés, associando o nome dos dois irmãos, filhos de Lia, e tendo em mente as palavras proféticas de Jacó, disse: "Alegra-te, Zebulom, na tua saída, e tu, Issacar, nas tuas tendas. Eles chamarão os povos ao monte; aí imolarão vítimas de justiça. Eles chuparão como leite as riquezas do mar e os tesouros escondidos nas areias", Dt 33. 18, 19. No monte da herança de Jeová, Ex 15. 17, onde estabeleceria o seu povo escolhido, Zebulom e Issacar trariam ricas ofertas a seu grande Benfeitor. Depois da conquista de Canaã, tocou a Zebulom a parte do território situado ao norte do país, que ficava ao norte de Issacar, ao oriente de Aser e ao sul e ocidente de Naftali, Js 19. 27, 34. A linha divisória ao sul corria pelo Daberate, na raiz ocidental do Monte Tabor, passava por Quisiote-Jabor, e depois de atravessar a planície de Esdraelom, passava defronte de Jocneão, 11, 12, que parece ser o *wady el-Milh*, tributário do Quisom. O limite oriental passava por Gate-Hefer que ficava a cerca de três milhas a nordeste de Nazaré, sobre o Rimom, e a quase seis milhas ao norte de Nazaré, 13.[1] No ângulo de noroeste do território, ficava o vale de Iftá-El, 14, provavelmente a nove milhas a noroeste de Nazaré, deixando a fértil planície de *el-Buttauf* dentro dos limites de Zebulom. Uma vez que Belém pertencia a Zebulom, 15, o limite ocidental era sem dúvida em parte o *wady el-Khalladiyeh*. A região pertencente a Zebulom era muito fértil, compreendia uma parte da região montanhosa da Baixa Galiléia e o lado ocidental da planície de Esdraelom. Os zebulonitas formavam uma parte importante das forças de Baraque contra Sisera, Jz 4. 6-10; 5. 14, 18, e das forças de Gideão contra Midiã, 6. 35. Débora cantou que desceram de Zebulom os que comandaram o exército para a batalha, 5. 14. O juiz Aialom veio da tribo de Zebulom, julgou a Israel dez anos; morreu e foi sepultado dentro do território de sua tribo, 2 Rs 25. 19; Jz 12. 12. Cinqüenta mil homens de guerra, comandados por hábeis capitães, desceram com os de outras tribos a Hebrom para proclamarem rei a Davi sobre todo o Israel, 1 Cr 12. 33, 4. Ismaias, filho de Obadias, foi príncipe da tribo de Zebulom no reinado de Davi, 27. 19. A tribo de Zebulom juntamente com o resto da Galiléia muito sofreram com as guerras dos assírios, mas Isaías profetizou que haviam de alcançar bênçãos compensadoras nos tempos messiânicos, Is 9. 1, 2; Mt 4. 12-16. Alguns homens desta tribo aceitaram o convite de Ezequias para virem a Jerusalém e participar da festa solene da Páscoa, 2 Cr 30. 10, 11, 18. Em sua profecia, Ezequiel destina uma das portas da Jerusalém por ele descrita, aos zebulonitas, Ez 48. 33. No Apocalipse a tribo de Zebulom tem doze mil assinalados nas suas testas como servos de nosso Deus, Ap 7. 8.

ZEBULONITA

Pessoa pertencente à tribo de Zebulom, ou residente em seu território, Nm 26. 27; Jz 12. 11, 12.

ZEDADE

Nome de um lugar, ou mais provável de uma tôrre, no limite setentrional da Palestina, Nm 34. 8; Ez 47. 15. Acreditam alguns que seja o lugar a que chamam Sudude ou Sadade no deserto, ao oriente da estrada que vai de Damasco a *Hums*.

ZEDEQUIAS, *Retidão de Jeová.*

1. Nome do filho de Quenaaná. Tendo-se unido com outros falsos profetas foi persuadir a Acabe para combater contra Ramote de Gileade e destruir o poder da Síria. Sentiu-se tão excitado quando Micaías, profeta de Jeová, o contrariou, que se atirou contra êle dando-lhe uma bofetada acompanhada de insultos. Micaías respondeu-lhe: "Tu o verás naquele dia, quando entrares de câmara em câmara, para te esconderes", 1 Rs 22. 11-25.

2. Nome de um profeta imoral e mentiroso, filho de Maaséias, e que Nabucodonosor fêz assar no fogo, Jr 29. 21-23.

3. Nome de um filho de Hananias, e príncipe de Judá no reinado de Jeoaquim, Jr 36. 12.

4. Nome que Nabucodonosor deu a Matanias, um dos filhos de Josias, quando o constituiu rei de Judá em lugar de seu sobrinho Joaquim, 2 Rs 24. 17; 1 Cr 3. 15. Em 2 Cr 36. 10, a V. B. diz irmão de Joaquim, i. é, parente chegado. Era o mais moço dos dois filhos de Josias com sua mulher Amital, 2 Rs 23. 31; 24. 18. Tinha vinte e um anos quando começou a reinar e reinou onze anos, desde 598 a 587 A. C. Nem êle, nem o seu povo, deram ouvidos à palavra do Senhor proferida por Jeremias, 2 Cr 36. 12; Jr 37. 2. Profanaram o templo com idolatrias, 2 Cr 36. 14, e abandonaram a justiça, Jr 21. 11, 12. Forte partido, auxiliado por falsos profetas, aconselhou o rei a sacudir o jugo estrangeiro, 27. 12-22. No princípio do reinado de Zedequias mensageiros de Edom, Moabe, Amonom, Tiro e Sidônia, vieram a Jerusalém para combinar um plano de revolta contra o rei de Babilônia. Jeremias, divinamente inspirado, condenou o plano, 2-11. Zedequias enviou uma embaixada a Nabucodonosor, com o fim, parece, de assegurar sua fidelidade, 29. 3, tendo ido êle mesmo a Babilônia no quarto ano de seu reinado, 51. 59. Ultimamente resolveu revoltar-se.

No dia dez do décimo mês, do nono ano, de seu reinado, o monarca babilônico tomou posições em frente de Jerusalém, e começou a levantar trincheiras contra ela. Era forte demais para ser tomada por assalto. Os babilônios sitiaram-na. As avançadas dos egípcios obrigaram os sitiantes a retirar, Jr 37. 5, mas em breve voltaram às posições abandonadas. Em o nono dia do quarto mês do ano décimo primeiro de Zedequias, não havia mais mantimentos na cidade. Na noite desse dia, Zedequias, com todos os homens de guerra, deixou secretamente a cidade, e, passando silenciosamente pelos baluartes inimigos, dirigiu-se para o Jordão. Os babilônios, sabendo que o rei havia fugido, saíram a persegui-lo e o alcançaram na planície de Jericó. Os soldados fugiram em todas as direções e deixaram o rei quase só. Levaram-no prisioneiro à presença de Nabucodonosor que lhe mandou arrancar os olhos, depois de mandar matar em sua presença a todos os seus filhos. Carregado de algemas, foi conduzido para Babilônia, 2 Rs 24. 17-20; 25. 1-7; 2 Cr 36. 11-21; Jr 39. 1-14, permanecendo na prisão até ao dia da sua morte, Jr 52. 11. Jeremias profetizou durante o reinado de Zedequias.

5. Nome de um dos filhos de Jeconias, 1 Cr 3. 16. Alguns comentadores dizem que a palavra filho tem o sentido de descendente.

6. Nome de uma alta personagem que assinou o pacto logo depois de Neemias, Ne 10. 1.

ZEEBE, *Lobo.*

Nome de um príncipe midianita que Gideão prendeu e matou, em um lugar que se ficou chamando o Lagar de Zeebe, Jz 7. 25. Situação ignorada, mas que deveria ser ao ocidente do Jordão e perto do rio.

ZEFATÁ, *Torre de vigia.*

Nome de um vale perto de Maresa, 2 Cr 14. 10, na tribo de Judá. Conder indica o *wady Safieh*, que começa a uma milha a nordeste de Maresa, perto de Bete-Jibrim e vai na direção desta cidade a curto trecho.

ZEFATE, *Torre de vigia.*

Nome de uma cidade dos cananeus, situada ao sul do país nos limites de Edom, a qual tocou em partilha à tribo de Simeão. Os simeonitas, com o auxílio de seus irmãos da tribo de Judá, tomaram a cidade e lhe puseram o nome de Horma, Jz 1. 17. Robinson acha que este nome se conserva sob a forma *Sufah*, passagem que dá acesso ao sul de Judá, saindo de Arabá. A opinião geral é favorável a Sbaita, descoberta por Rowlands e redescoberta por Palmer a 24 milhas ao nordeste de Cadesbarnéia, a 26 ½ a sudoeste de Bersabé. As ruínas cobrem uma área de 1.500 jardas. A identificação filológica é problemática.

ZEFI, *Vigia.*

Nome de um filho de Elifaz e neto de Esaú. Fundou uma tribo, Gn 36. 11, 15; 1 Cr 1. 36.

ZEFOM, *Vigilância.*

Nome de um filho de Gade e fundador de uma família tribal, Nm 26. 15. Chama-se Zifiom em Gn 46. 16, que é nome sinônimo.

ZELA, *Riba.*

Nome de uma cidade que tocou em partilha à tribo de Benjamim, Js 18. 28. Nela se encontra o sepulcro de Quis e onde descansam os ossos de Saul e de Jônatas, 2 Sm 21. 14.

ZELEQUE, *Fenda, racha.*

Nome de um amonita que fazia parte dos homens fortes de Davi, 2 Sm 23. 37; 1 Cr 11. 39.

ZELOFEADE

Nome de um homem da tribo de Manassés, da família de Maquir, subfamília de Gileade, e casa de Hefer. Não teve filhos, mas somente filhas, Nm 26. 33. Esta anormalidade deu ocasião a promulgação de uma lei que dava direito de posse entre os parentes do pai, às filhas quando não havia filho macho, a fim de participarem da herança, Nm 27. 1-8. Esta lei foi logo depois ampliada pelo acréscimo de uma provisão, ordenando que as filhas de Zelofeade casassem com quem quisessem, contanto que fosse com homem da sua tribo, para que a herança não fosse transferida de uma tribo para outra, 36. 1-12. A herança desta família ficava ao oriente do Jordão, Js 17. 1-6.

ZELOTE, *Zeloso.*

Membro de um partido nacionalista, Guerras 4. 3, 9; 7. 8, 1. O apóstolo Simão e outros distinguiam-se de Simão Pedro pelo epíteto de zelota, Lc 6. 15; At 1. 13. Este partido converteu-se em centro de resistência aos romanos no tempo de Cirênio, sob a direção de Judas Galileu. Crescendo em fanatismo, provocou a guerra com o império dos Césares. Ultimamente degenerou em um corpo de assassinos, ou sicários, Antig. 18. 1, 6; Guerras 2. 8, 1; 17. 8; 4. 3, 9. Ver *Cananeu.*

ZELZÁ, *Talvez sombra no calor do sol.*

Nome de uma cidade na fronteira de Benjamim, perto do sepulcro de Raquel, 1 Sm 10. 2. Situação ignorada.

ZEMARAIM, *Dois cortes.*

1. Nome de uma cidade da tribo de Benjamim, Js 18. 22. Existem largas ruínas de uma povoação a 3 milhas a oeste do Jordão e 4 a nordeste de Jericó na estrada que vai a Jerusalém, que se presume ser o local da antiga Samaria.

2. Nome de um monte na parte serrana de Efraim, de onde o rei Abia falou em termos de paz a Jeroboão e a todo o Israel antes de entrar em combate, 2 Cr 13. 4. Talvez estivesse ao sul de Betel, 19, e não longe da cidade do mesmo nome.

ZEMAREUS

Nome de uma tribo de cananeus, Gn 10. 18; 1 Cr 1. 16. Este nome figura com os nomes Aradio e Amateu, habitadores de Simura, que agora se chama Sunra, na costa, entre Arvade e Trípoli.

ZEMIRA, *Melodia.*

Nome de um benjamita, filho de Bequer, 1 Cr 7. 8.

ZENÁ, *Lugar de rebanhos.*

Nome de uma cidade ao ocidente de Judá ou dentro da planície na parte baixa, Js 15. 37. Talvez seja a mesma Zaanã, mencionada em Mq 1. 11, situação ignorada.

ZENAS, Contração do nome grego *Zenodoros*, dom de Zeus.

Nome de um doutor da lei, companheiro de viagem em Creta com Apolo, enviados por Tito para se encontrarem com Paulo em Nicópolis, Tt 3. 13.

ZER, *Pedernoira.*

Cidade fortificada de Naftali, Js 19. 35. Não identificada.

ZERÁ, *Crepúsculo.*

1. Nome de um capitão de Edom, descendente de Esaú e também de Ismael, Gn 36. 3, 4, 13, 17; 1 Cr 1. 37 e talvez 44.

2. Nome de um dos filhos de Judá com Tamar, e fundador de uma família tribal, Nm 26. 20; Js 7. 1, 17.

3. Nome de um filho de Simeão e fundador de uma família tribal, Nm 26. 13, também chamado Soar em Gn 46. 10; Êx 6. 15, que quer dizer brilho.

4. Nome de um levita da família de Gérson, 1 Cr 6. 21, 41.

5. Nome de um etíope que comandou numeroso exército para atacar o rei Asa, e foi derrotado com grande mortandade em Maresa, 2 Cr 14. 8-15.

ZERAIAS, *O Senhor ressuscitou.*

1. Nome de um sacerdote, filho de Uzi e descendente de Finéias, 1 Cr 6. 6, 51; Ed 7. 4.

2. Nome de um dos filhos de Paate-Moabe Ed 8. 4.

ZERAITAS

Pessoas pertencentes à família de Zera. Havia duas famílias com igual nome, uma na tribo de Simeão e outra na tribo de Judá, Nm 26. 13, 20; Js 7. 17; cp. 1 Cr 27. 11, 13.

ZEREDA, *Fresquidão.*

Nome de uma aldeia de onde saiu Nebate efrateu, pai de Jeroboão, 1 Rs 11. 26. Zereda ficava perto de Socote. No terreno barrento entre Socote, ao oriente do Jordão e Zereda que ficava ao ocidente, Salomão mandou fundir os vasos da casa do Senhor, 2 Cr 4. 17. O lugar da fundição devia ficar no lado ocidental, porque o terreno do lado oposto não se prestava a êsse trabalho, por ser pouco nivelado. Zereda provàvelmente é a mesma Zaretã mencionada em 1 Rs 7. 46. Conder diz com certa hesitação que o local de Zereda deve ser Surdá que fica a 2 milhas e meia a noroeste de Betel. A versão dos Setenta aponta para a região montanhosa de Efraim, 1 Rs 12. 24. Mas esta versão confunde-a provàvelmente com Tirza. Zereda é quase certo que ficava no vale do Jordão.

ZEREDE, *Crescimento exuberante.*

Nome de um ribeiro e de um vale que os israelitas atravessaram, trinta e oito anos depois de terem voltado ao deserto de Cadesbarnéia, limite máximo da sua peregrinação, Nm 21. 12; Dt 2. 13, 14. Ficava ao sul do Arnom, ao longo da margem oriental, Nm 21. 11, 13, e não no limite sul de Moabe. Não é, pois, o *wady el-Ahsy* que servia de limite entre Moabe e Edom. Pode ser o *Sail Saideh*, braço oriental do Arnom, ou curso superior do *wady Kerek*.

ZERERA

Parece que é o mesmo que Zereda, se dermos ao segundo *r* o som de *d* como nas versões árabe e siriaca, ou se os dois *rr* estão unidos em um só, na palavra Zaretã, Jz 7. 22 com 1 Rs 4. 12.

ZERES, *Ouro.*

Nome da mulher de Amã, Et 5. 10; 6. 13.

ZERETE, *Brilho da tarde.*

Nome de uma cidade da tribo de Rúben, situada sobre um monte de onde se descortinava todo o vale do Mar Morto, Js 13. 19. Seetzen diz que Sara ou Zara, perto da foz do Zerca Maim, é o lugar da antiga Zerete. Os nomes, porém, não são idênticos.

ZERETE, *Brilho.*

Nome de um dos filhos de Asur da tribo de Judá, com sua mulher, Hela, 1 Cr 4. 5-7.

ZERI

Nome de um dos filhos de Jedutum, 1 Cr 25. 3, que no v. 11 tem o nome de Izri. Parece que na transcrição foi omitida a inicial *jod*, porque esta última é a forma verdadeira da palavra.

ZEROR, *Feixe.*

Nome de um benjamita, antecessor do rei Saul, 1 Sm 9. 1.

ZERUA *Leproso.*

Nome da mãe de Jeroboão I, 1 Rs 11. 26.

ZERUIA, *Fenda, separação.*

Nome de uma das irmãs de Davi, 1 Cr 2. 16, provàvelmente, como sua irmã Abigail, não era filha de Jessé: era irmã de Davi do primeiro casamento de sua mãe com Naás, 2 Sm 17. 25. Zeruia foi mãe de Joabe, de Azael e de Abisai, 2, 18; 1 Cr 2. 16.

ZETÃ[1]

Nome de um levita gersonita, da casa de Ladã, e filho de Jaiel, 1 Cr 23. 8; 26. 22.

ZETÃ[2], *Oliveira, ou olival.*

Nome de um benjamita, da família de Jadiel, 1 Cr 7. 10.

ZETAR

Nome de um dos sete eunucos do rei Assuero, Et 1. 10.

ZIA, *Terror.*

Nome de um gadita, talvez chefe de uma família, 1 Cr 5. 13.

ZIA, *Sombrio.*

Nome do fundador e único chefe da família dos natineus. Alguns dos membros desta família voltaram de Babilônia, Ed 2. 43; Ne 7. 46. Se fôr o mesmo Zia, mencionado em Ne 11. 21, a família referida nesta passagem deve ser de ori- com o nome do atual chefe.
com o nome do atual chefe.

ZIBA

Nome de um escravo do rei Saul que havia conseguido a sua liberdade, Antig. 7. 5, 5, talvez por ocasião da vitória dos filisteus sôbre Saul. Constituiu grande família e por sua vez adquiriu escravos, 2 Sm 9. 10. Davi fez dele e de seus filhos, servos de Mefibosete, filho de Saul e ordenou-lhes que cultivassem as terras dele, 9-12. Quando Davi foi compelido a fugir de Jerusalém por causa da revolta de Absalão, Ziba apareceu com um par de mulas carregadas de provisões para o rei e ao mesmo tempo comunicando-lhe que seu amo havia ficado em Jerusalém, esperando que lhe fosse restaurado o reino de seu pai Saul. A Ziba, o rei deu tudo quanto era de Mefibosete, 16. 1-4. Depois da morte de Absalão, quando Davi voltou para Jerusalém, entre as pessoas que saíram ao seu encontro à beira do Jordão, estava Ziba, com seus filhos e servos, 19. 17. Mefibosete também foi encontrar-se com o rei mostrando pela falta de trato pessoal, quanto havia sentido a ausência do rei. Contou-lhe por que não o havia acompanhado em sua fuga porque Ziba, não só deixou de aparelhar a cavalgadura para a viagem, como ainda o acusou diante do rei. Davi enfadou-se com as desculpas e mandou que os bens fossem repartidos entre ambos, 24-30.

ZIBEÃO, *Tinto.*

Nome de um heveu, Gn 36. 2, que, tendo talvez emigrado com sua família para o Monte Seir, ali organizou a tribo dos horitas, 20, 24, com um chefe, 29. Foi antecessor de uma das mulheres de Esaú, 2, 25.

ZIBIA, *Gazela fêmea.*

1. Nome de um benjamita, filho de Saaraim e chefe de uma família, 1 Cr 8. 9.

2. Nome de uma mulher de Berseabé, espôsa de Ocozias e mãe de Joás, rei de Judá, 2 Rs 12. 1.

ZICLAGUE

Nome de uma cidade do extremo sul de Judá, Js 15. 31, que tocou em partilha à tribo de Simeão, 19. 5; 1 Cr 4. 30. No tempo de Saul ainda estava em mãos dos filisteus. Davi habitou nela como vassalo do rei Aquis, 1 Sm 27. 6; 1 Cr 12. 1-22. Esta cidade foi tomada pelos amalequitas que a saquearam e a reduziram a cinzas. Davi perseguiu-os e tomou-lhes os despojos que repartiu pelas cidades vizinhas, 1 Sm 30. 1-31; 2 Sm 1. 1; 4. 10. Depois disto, a cidade de Ziclague foi desmembrada do reino dos filisteus e posta sob o domínio dos reis de Judá, 1 Sm 27. 6. Depois do cativeiro não foi mais ocupada, Ne 11. 28. Não identificada, a não ser que sejam as ruínas de *Zuheilikah*, descobertas por Conder a 11 milhas a sudeste de Gaza. Não têm razão os que dizem ser *Asluj*, a 32 milhas ao sul de Gaza, por ausência de provas.

ZICRI, *Famoso.*

1. Nome de um levita da família de Coate e da casa de Isaar, Êx 6. 21.

2. Nome de um benjamita e filho de Simei. 1 Cr 8. 19.

3. Nome de um benjamita e filho de Sesaque, 1 Cr 8. 23.

4. Nome de um benjamita e filho de Jeroão, Idem 8. 27.

5. Nome de um levita, filho de Asafe, 1 Cr 9. 15. Provavelmente é a mesma pessoa que tem o nome de Zacur, sinônimo de Zicri, que se encontra em 25. 2, 10; Ne 12. 35 e também o mesmo indivíduo com o nome de Zebdi em 11. 17.

6. Nome de um levita, descendente de Eliezer, filho de Moisés, 1 Cr 26. 25.

7. Nome de um rubenita, pai de Amasias, oficial do exército de Josafá, 2 Cr 17. 16, e possivelmente também pai de Elisafate, que auxiliou a Joiada a depor a rainha Atalia, 2 Cr 23. 1.

8. Nome de um rubenita, 1 Cr 27. 16.

9. Nome de um homem poderoso de Efraim, que matou a Maasias, filho do rei Acaz, e mais dois oficiais da corte, 2 Cr 28. 7.

10. Nome de um benjamita, Ne 11. 9.

11. Nome de um sacerdote, chefe da família de Abia. Viveu nos dias do sumo sacerdote Joiaquim, Ne 12. 17.

ZIFE

1. Nome de uma cidade no extremo sul de Judá, Js 15. 24. Situação ignorada.

2. Nome de uma cidade na região serrana de Judá, Js 15. 55, nas vizinhanças do deserto e de uma floresta, 1 Sm 23. 14, 15; cidade que Roboão fortificou, 2 Cr 11. 8. Existem umas ruínas com êste nome de Zife sobre uma cordilheira entre dois pequenos vales a 4 milhas a sudoeste de Hebrom. Para o oriente estende-se o deserto montanhoso com pequenos vales de ricas margas. Ainda no tempo das cruzadas havia lá opulentas florestas que desapareceram.

3. Nome de um homem de Judá, da casa de Jealelel, 1 Cr 4. 16.

ZIFEUS

Naturais ou habitantes de Zife, 1 Sm 23. 19; 26. 1; título do Sl 54.

ZIFROM, *Fragrância.*

Nome de um lugar do limite sul da terra prometida, Nm 34. 8. Não identificado.

ZILÁ, *Sombra.*

Nome de uma das mulheres de Lameque e mãe de Tubalcaim, Gn 4. 19, 22, 23.

ZILETAI

1. Nome de um benjamita, filho de Semei, 1 Cr 8. 20.

2. Nome de um homem da tribo de Manassés que fugiu para Davi, quando estava em Ziclague, 1 Cr 12. 20.

ZILPA, *Gôta.*

Nome de uma escrava que Labão deu a sua filha Lia, mulher de Jacó, em dote de casamento. Gn 29. 24. Lia, tendo cessado de ter filhos, deu a seu marido a escrava Zilpa, que foi mãe de Gade e Aser, 30. 9-13.

ZIM, *Palmeira baixa.*

Nome de um deserto que os israelitas atravessaram quando iam do Egito para Canaã. Ficava mui perto do extremo sul, Nm 13. 21, compreendendo Cadesbarnéia, 21. 1; 27. 14; 33. 36; Dt 32. 51. Constituía o limite ocidental de Edom e de Judá a sudeste, Js 15. 1-3, e parte do deserto de Farã, ou do deserto de Cades. Não era propriamente o deserto de Zim. No hebreu as duas palavras são inteiramente diversas.

ZIMA, *Conselho, artifício.*

Nome de um levita da família de Gérson, filho de Simei e neto de Jaate, 1 Cr 6. 20, 42, 43 e talvez 2 Cr 29. 12.

ZIMBRO

1. Nome de um arbusto copado, com varas pobres de folhas, que produz flores brancas, levemente coloridas de vermelho; nasce no vale do Jordão e na Arábia; é muito comum na península do Sinai, Jó 30. 4; 1 Rs 19. 4. Tem extensas raízes de que se fabricava carvão, Sl 120. 4. A versão de Figueiredo emprega a palavra junípero, nas passagens citadas.

2. Planta leguminosa, *Retama raetam*, semelhante a uma giesta de poucas folhas, 1 Rs 19. 4, 5; Jó 30. 4. Não se deve confundir com a conífera do gênero *Juniperus*, de que se encontram várias espécies no Líbano, na Galiléia e em Basã. Ver *Tamargueira.*

ZINRÃ

Nome de um filho, ou para melhor dizer, de uma tribo descendente de Abraão e Quetura, Gn 25. 2; 1 Cr 1. 32. Supõe-se que Zabrã, nome de uma cidade ao ocidente de Meca, sobre o Mar Vermelho, Ptol. 6. 7, 5, ou Zamareni, nome de uma tribo árabe, Plínio, Hist. Nat. 6. 32, 5, sejam eco de Zinrã.

ZINRI, *Pertencente a antílope.*

1. Nome de um filho de Zerá e neto de Judá, 1 Cr 2. 6, também chamado Zabdi em Js 7. 1, 17, 18.

2. Nome de um príncipe da tribo de Simeão que foi morto em Sitim por atos de licenciosidade com uma midianita, Nm 25. 14; 1 Mac 2. 26.

3. Nome de um benjamita, descendente de Jônatas, filho de Saul, 1 Cr 8. 36; 9. 42.

4. Nome de um militar que comandava metade das carroças de Elá, rei de Israel, que ele assassinou, cumprindo-se deste modo as denunciações contra a casa de Baasa. Depois disto, fez-se proclamar rei em Tirza. Sem demora, os israelitas proclamaram rei a Onri, que era comandante-chefe das forças. Marchou Onri contra o usurpador e tomou a sua capital, Tirza. Quando Zinri viu a cidade em chamas, lançou fogo ao seu palácio e pereceu no incêndio. O seu reinado durou apenas uma semana, 885 A. C., 1 Rs 16. 8-20. Pensam alguns que este Zinri era descendente de Saul, 1 Cr 8. 36, que tentava reconquistar o trono.

5. Nome de um povo conhecido por esta denominação, Jr 25. 25, parecendo descender de Zinrã.

ZIOR, *Pequenez.*

Nome de uma cidade na parte montanhosa de Judá, perto de Hebrom, Js 15. 54. Robinson pensa que seja a moderna Siair, situada a 4 milhas e meia a nordeste de Hebrom.

ZIPOR, *Pardal.*

Nome do pai de Balaque, rei de Moabe, Nm 22. 4, 10.

ZIPORA, *Pardal.*

Nome da filha de Jetro, sacerdote de Midiã, com quem se casou Moisés, Ex 2. 21. Opôs-se à circuncisão de seu segundo filho, mas na viagem para o Egito em que a vida do esposo corria risco por causa da violação do pacto, ela imediatamente acedeu, Ex 4. 18-26. Veja *Moisés.* Podia voltar para casa do pai com os filhos, o que não fez; acompanhou o marido para o Egito. Depois do êxodo, quando a multidão dos israelitas se avizinhava lentamente do Monte Sinai, Zipora e seus aos israelitas, de como o Senhor os havia livrado conta do que Deus havia feito por mão de Moisés aos israelitas, de como o Senhor os havia livrado

ZIVE, *Esplendor das flores.*

Nome do segundo mês do ano judaico, 1 Rs 6. 1, 37, correspondente ao mês de maio. Veja *Ano.*

do cativeiro do Egito, Ex 18. 1. Jetro veio trazer ao campo de Rafidim a mulher e os filhos de Moisés, 2-6.

ZIZ, *Brilho, placa polida, flor.*

Nome de uma encosta, ou subida por onde foram os moabitas e os amonitas, indo de Engadi para o deserto de Jeruel e de Tecoa, 2 Cr 20. 16; cp. vv 2, 20. Robinson acredita que seja a subida para Engadi; Tristram e Conder acham que é o caminho que sobe para o planalto e que passa a oeste de Engadi.

ZIZA, *Fertilidade.*

1. Nome de um levita da família de Gérson, da casa de Simei, 1 Cr 23. 11.

2. Nome de um simeonita, descendente de Semaías, 1 Cr 4. 37.

3. Nome de um filho de Roboão com sua mulher Maaca, 2 Cr 11. 20.

ZOÃ

Nome de uma cidade do Egito, situada na parte oriental do delta, sobre o braço do Nilo chamado Zoã perto de 31 graus de latitude norte. Foi edificada sete anos antes de Hebrom que já existia, nos tempos de Abraão, Nm 13. 22. Zoã é conhecida pelo menos desde o reinado de Rameri Pepi, da sexta dinastia, cuja pirâmide ainda existe. Os mais antigos reis da décima segunda dinastia estabeleceram nela a sua capital com o fim de impedir as invasões do oriente. Os reis pastôres a fortificaram e a conservaram como capital do império. Depois de expulsos os reis pastôres, a cidade caiu em abandono por alguns séculos. Ergueu-se de novo no tempo de Ramsés II e de outros reis da décima nona dinastia, que a enriqueceram de belas construções e que por vezes estabeleceram nela a sua corte. A nova cidade, que perto dela se ergueu, chamava-se Pa-Ramsés, isto é, a cidade de Ramsés. Zoã foi a cidade onde Moisés se encontrou com Faraó, Sl 78. 12, 43. Era ainda importante no tempo de Isaías e de Ezequiel, Is 19. 11, 13; cp. 30. 4; Ez 30. 14. Entre os dias de Isaías e de Ezequiel, foi tomada pelos assírios. Os gregos a conheciam pelo nome de Tânis. Passou para os tempos modernos com o nome de Sã. As ruínas de Tânis têm sido exploradas sob os auspícios da *Egyptian Exploration Fund*. As ruínas consistem de um templo rodeado por um grande círculo de escombros, de onde exumaram uma colossal estátua de Ramsés II.

ZOAR, *Pequena.*

Nome de uma das cidades da planície e talvez a menor delas, Gn 19. 20, 22, 23. A planície era visível do monte Nebo, Dt 34. 3. O antigo nome desta cidade era Bela e tinha um rei, que foi derrotado por Quedorlaomer, Gn 13. 10; 14. 2, 8. Quando os juízos de Deus estavam prestes a cair sobre as cidades malditas, Ló intercedeu a favor de Zoar, onde escapou da tremenda catástrofe, 19. 20-23. Um outeiro, ou pelo menos uma elevação de terra, levantou-se imediatamente atrás dele com uma caverna, em a qual Ló se escondeu com as suas filhas e onde permaneceram por algum tempo, 30. Zoar ainda existia nos tempos de Isaías e de Jeremias. Como eles se referem a ela em conexão com Moabe, é de presumir que estivesse do lado dêste reino, ou do lado oriental do Mar Morto, Is 15. 5; Jr 48. 34; cp. Gn 19. 37. No período dos macabeus, pertencia a um reino árabe do qual Petra era a capital, Antig. 13. 15, 4; 14. 1, 4. Ficava no extremo sul do Mar Morto, Guerras 4. 8, 4. Na Idade Média era um ponto importante da estrada de Elate a Jerusalém, três dias de jornada desta última cidade até Hebrom. Por estes dados, se conclui que o local não era um contraforte do monte Nebo, como diz Tristram, nem mesmo do Lisã, projetando-se para o lado meridional do Mar Morto, como afirma Robinson. Basta dizer que Zoar ficava situada perto do lugar onde começa o *wady el-Ahsy* em direção às montanhas de Moabe, que se erguem na planície a cerca de duas milhas distante do extremo sul do Mar Morto.

ZOAR, *Brilho, brancura.*

1. Nome do pai de Efrom heteu, Gn 23. 8.

2. Nome de um filho de Simeão, Gn 46. 10, também chamado Zaré, Nm 26. 13.

ZOBÁ

Adjetivo de origem gentílica que aparece nas versões inglêsas e grega em I Cr 11. 47. O texto hebreu está evidentemente alterado.

ZOBEBA, *Movimento brando.*

Nome de um filho de Côz, homem de Judá, 1 Cr 4. 8.

ZOELETE, *Réptil.*

Nome de uma pedra, junto da Fonte de Rogel, 1 Rs 1. 9. Não identificada. Clermont-Ganneau indica uns pequenos rochedos, onde assenta a vila *Silwan*, como sendo o antigo Zoelete. Os árabes pronunciam *Zehwele* e também *Zahweileh* que parece alteração de Zoelete. Porém os nomes árabes não têm verdadeira afinidade com os nomes hebraicos, e não se diz com certeza se o vocábulo pedra se poderia aplicar a um rochedo, além de que a posição dos pequenos rochedos já referidos, é muito além da Fonte de Rogel.

ZOETE

Nome de um dos filhos de Isi, registado na tribo de Judá, 1 Cr 4. 20.

ZOFA, *Expansão.*

Nome de um aserita, filho de Helém, 1 Cr 7. 35, 36.

ZOFAR, *Gorjeador.*

Nome de um dos amigos de Jó, Jó 2. 11; 11. 1; 20. 1; 42. 9.

ZOFIM, *Vigias.*

Nome de um campo em cima do monte Pisga, de onde Balaão podia ver uma parte dos acampamentos de Israel em Sitim, Nm 23. 14.

Conder indica o lugar denominado *Talat es-Safa*, no vale que separa o Pisga de Luite, pelo lado meridional, como sendo o antigo Zofim.

ZORÁ

Nome de uma cidade da tribo de Judá, Js 15. 33, habitada pelos danitas, 19. 41, pátria de Manuá, pai de Sansão, Jz 13. 2, e perto da qual foi sepultado este grande juiz de Israel, 16. 31. Os cinco espiões danitas encarregados de explorar a terra de Estaol eram de Zorá, ou Saraa, 18. 2, 8, 11. Os guerreiros que tomaram Laís também eram de Zorá. Roboão, rei de Judá, fortificou a Laís para defesa de suas fronteiras, 2 Cr 11. 10. Os israelitas que voltaram do cativeiro habitaram nela, Ne 11. 29. Parece fora de dúvida que estava situada onde atualmente se encontra a cidade de Surá, ao norte do vale de Soreque, a 2 milhas a oeste sudoeste de Estaol.

ZORATITAS

Naturais ou habitantes de Sareia, Saara ou Zorá, 1 Cr 2. 53; 4. 2.

ZORITAS

Se não forem os mesmos zoratitas, são habitantes ou naturais de algum lugar desconhecido, 1 Cr 2. 54.

ZOROBABEL

Nome de um filho de Pedaías e herdeiro do trono de Judá, 1 Cr 3. 17-19. Em muitos lugares aparece como filho de Salatiel que era irmão de Pedaías e que não podia ser ao mesmo tempo filho, Ed 3. 2, 8; Ne 12. 1; Ag 1. 1, 12, 14; 2. 2,

23; Mt 1. 12, 13; Lc 3. 27. Parece que Salatiel morreu sem filhos, e por este motivo Zorobabel era seu herdeiro legal como se fosse filho. Ex 2. 10, também pode bem ser que Pedaías se casasse com a viúva de seu irmão. Se assim foi, o primeiro filho pertencia ao falecido irmão, Dt 25. 5-10, etc. Quando Ciro, depois de conquistar Babilônia, adotou a sábia política de consentir que os judeus voltassem para a sua terra, nomeou a Zorobabel, por ser sucessor legal do trono, governador persa na Judéia, Ed 1. 8; Ag 2. 21. No decreto real tem ele o nome babilônico de Sassabassar, Ed 1. 8; cp. 11; 5. 14-16. Apoiada por Josué, e por outros dignitários do povo, Zorobabel conduziu os exilados de Babilônia para a sua pátria no ano 538 A. C., Ed 2; 12. 1-9. Levantaram um altar, restauraram as festas e as funções dos levitas, Ed 3. 1-9. Em seguida lançaram os fundamentos do templo. Os inimigos tentaram inutilmente embaraçar a execução da obra. Continuaram seus esforços por meio de insistentes queixas aos reis persas, de modo que, as obras ficaram interrompidas até ao segundo ano de Dario Histaspes, 4. 1-24. Neste ano, o profeta Ageu falando em nome do Senhor, aconselhou a continuação da obra, Ag 1. 2-11. Zorobabel e seus companheiros, obedecendo às palavras do profeta, recomeçaram a construção da casa do Senhor, animados pelo apoio espiritual de Ageu e Zacarias, Ed 5. 1, 2; Ag 1. 12 até cap. 2. 23; Zc 4. 1-14; cp. com o cap. 3. A obra completou-se no ano 515 A. C. Este templo, em virtude do ofício de Zorobabel e do interesse que ele mostrou na direção dos trabalhos, ficou-se chamando templo de Zorobabel. As suas funções governativas continuaram, pelo menos, até o ano 515. Zorobabel era no seu tempo, o representante da monarquia de Davi, Ag 2. 20-23, e estava na linha direta da genealogia de Cristo, Mt 1. 12, 13; Lc 3. 27.

ZUAR. *Pequenez.*

Nome do pai de Natanael, que foi príncipe da tribo de Issacar no deserto, Nm 1. 8; 2. 5; 7. 18, 23; 10. 15.

ZUR. *Rocha.*

1. Nome de um rei midianita, aliado ou vassalo de Seom, e pai de uma mulher chamada Cosbi, Nm 25. 15. Foi morto na guerra de extermínio, feita por Moisés contra os midianitas, por causa de seduzirem os israelitas à prática de licenciosidades idólatras, Nm 25. 15, 18; 31. 8; Js 13. 21.

2. Nome de um benjamita, filho de Jeiel, 1 Cr 8. 30.

ZURIEL. *Deus é uma rocha.*

Nome de um levita, chefe dos meraritas no deserto, Nm 3. 35.

ZURISADAI, *O Todo-poderoso é rocha.*

Nome do pai do príncipe dos simeonitas no deserto, Nm 1. 6; 2. 12; 7. 36, 41; 10. 19.

ZUZINS

Nome de uma tribo que ocupava um distrito chamado Hã, ao oriente do Jordão, conquistada por Quedorlaomer, Gn 14. 5.

OS ROLOS DO MAR MORTO

Uma das descobertas mais importantes na esfera dos estudos bíblicos ocorreu na primavera do ano de 1947. Um pastor árabe, chamado Moâmede ad-Dib, por acaso entrou numa caverna das margens do Mar Morto, e ali descobriu bom número de rolos de pergaminho, envoltos em panos de linho e escondidos nuns vasos cilíndricos colocados a uma altura de pouco mais de setenta centímetros do solo. Contudo, só em 1948 é que o mundo ficou sabendo dessa descoberta. Alguns daqueles rolos chegaram às mãos do falecido professor Sukenik, da Universidade Israelita de Jerusalém. Tratava-se de um manuscrito fragmentado do livro da Profecia de Isaías, um rolo de Hinos de Gratidão, e o Rolo da Guerra, assim chamado. Os restantes rolos, adquiridos pelo Convento Sírio Ortodoxo de São Marcos, de Jerusalém (distrito do Jordão), foram eventualmente levados para a Escola Americana de Pesquisas Orientais, de Jerusalém. Era um manuscrito quase completo de Isaías, chamado Manual de Disciplina, um comentário de Habacuque, e um Gênesis apócrifo, escrito em aramaico. Todo esse material já foi publicado, e mais um volume de uns seiscentos fragmentos encontrados nessa primeira caverna.

Só em 1949 é que se deu licença a arqueólogos para entrar nessa região ocidental que margeia o Mar Morto e assim investigar a caverna em que foram achados os ditos manuscritos. Tal região se situa nos paredões rochosos que se elevam de duzentos a duzentos e sessenta metros acima do Mar Morto e que guarnecem suas margens ocidentais. No altiplano, a uns setenta metros acima das margens atuais, e que se estende cerca de uma milha para além da base dos paredões rochosos, encontram-se as ruínas duma antiga construção. Père de Vaux, diretor da Escola Bíblica de Jerusalém (distrito do Jordão), e G. Lankester Harding, então diretor do Departamento Governamental de Antigüidades do Jordão, resolveram escavar tais ruínas para verificar se tinham algo que ver com a caverna em que se acharam os referidos manuscritos. Depois de cinco períodos de escavação — 1951, 1953-1956 — toda a comunidade central do povo que copiara tais manuscritos e centenas de outros, se revelou a seus olhos, patenteando a vida e os costumes daquela mais que interessante seita judaica.[1]

O edifício principal, de 30 metros por 37, tinha numerosos cômodos e tanques de todos os tamanhos, e também um torreão de paredes mui grossas no canto noroeste, servindo de fortaleza para defender a comunidade. Aí se descobriu a sala de reunião da comunidade, a despensa com mais de mil rolos amontoados, em pilhas ao longo das paredes, o escritório do convento onde se acharam ainda dois vasos de tinta, a mesa e o banco usados pelos copiadores de manuscritos, as cozinhas com seus fogões, e ainda um intrincado sistema de cêrca de quarenta caixas d'água, todas ligadas por encanamentos e alimentadas por um aqueduto que trazia a água para dentro da construção desde o pé dos ditos paredões rochosos, numa extensão de 90 metros. Descobriu-se ainda um sistema de quartos, menos complexo, fora da construção principal. Aí se encontraram pedras de moer e fornos para a fabricação de cerâmica para a comunidade.

Do lado do altiplano que desce para o Mar encontra-se um cemitério com cêrca de mil sepulturas. Algumas foram escavadas, e nelas se acharam vários esqueletos de mulheres, o que leva a pensar que elas constituíam boa parte da comunidade. No interior das sepulturas encontraram cacos de vasos de barro, semelhantes aos achados no centro da comunidade e nalgumas das sepulturas vizinhas, o que nos leva à conclusão quase certa de que a gente que escondera os manuscritos nas cavernas, que vivera no edifício do altiplano, e que fora enterrada no dito cemitério pertencia ao mesmo grupo.

Por tudo quanto se encontrou ali — moedas, artigos de cerâmica, peças de linho que envolviam os manuscritos e a paleografia dos próprios rolos — podemos de modo definitivo dar ao certo o tempo em que existiu aquela comunidade. O prédio principal deve ter sido levantado mais ou menos no ano 110 antes de Cristo, quase no fim do reinado de João Hircano I. Seus moradores ali viveram até o ano 68 de nossa era, quando foram destruídos aqueles cômodos, presumìvelmente pelos romanos governados por Vespasiano, o qual, como diz o historiador Josefo, conquistou Jericó

na primavera daquele ano. Viram-se também, nas paredes e nos alicerces do edifício principal, sinais dum terremoto destruidor, que muitos peritos crêem ter sido o violento tremor de terra descrito por Josefo, e ocorrido no ano 31 antes de Cristo, no reinado de Herodes, o Grande. A falta de moedas desde esse período pode indicar o abandono do centro daquela comunidade pelos seus habitantes durante o reinado de Herodes.

A busca de cavernas vizinhas a Cunrã levou os exploradores a achar mais onze delas, onde foram igualmente encontrados outros manuscritos. Já dissemos o que se achou na caverna número 1. Na primavera do ano de 1952, foram exploradas as cavernas e frinchas dos paredões na retaguarda do centro da comunidade. Após cêrca de duzentos e setenta sondagens na área que se estende a umas seis milhas ao norte e ao sul de Cunrã, foram encontradas mais 39 cavernas que continham peças de cerâmica e outros objetos. Só duas, porém (as de número 2 e 3), continham manuscritos. Na de número 3 se acharam rolos de cobre, os quais foram recentemente separados e decifrados. Evidentemente são o testemunho de fabulosos tesouros escondidos em vários lugares da Palestina.

No verão de 1952, os beduinos descobriram a caverna número 4, ao lado de Cunrã Uádi, justamente a um tiro de pedra do edifício principal. Esta incontestàvelmente é a que nos deu maior número de manuscritos. Estimam-se em mais de 300 manuscritos os que foram escondidos nessa caverna, talvez pouco antes da destruição da comunidade pelos romanos. Todos eles se apresentavam bastante estragados de ratos, e pelos romanos e por pássaros, de modo que hoje só restam pequenos fragmentos — cerca de 20.000. São mais ou menos 90 manuscritos de livros bíblicos. Todos os livros do Antigo Testamento estão presentes nesses manuscritos, exceto o livro de Ester. Manuscritos de Deuteronômio, Salmos e Isaías são em número de doze a quinze cada um. Isso prova que tais livros eram tão populares na comunidade de Cunrã como na Igreja Primitiva, visto serem mui freqüentemente citados em o Novo Testamento. Os textos não bíblicos incluem fragmentos de várias obras dos apócrifos e dos pseudo-epígrafos, de muitas obras desconhecidas, de comentários de vários livros do Antigo Testamento, tais como Isaías, Naum, Miquéias, de textos enigmáticos, e de textos messiânicos que circulavam em grupo. Levará vários anos para se publicar e se oferecer ao estudo dos peritos todo o material encontrado na caverna n.º 4.

As cavernas n.º 5 e 6, descobertas em 1952, ao lado de Cunrã Uádi, continham poucos fragmentos. As cavernas 7, 8, 9 e 10, descobertas em 1955, também se mostraram pobres de manuscritos. Em 1956 descobriu-se a de número 11, precisamente a uma milha ao norte da caverna n.º 1; e, como esta, continha rolos e também fragmentos. Aí foram encontrados manuscritos completos de Levítico e do Saltério, juntamente com um Targum (paráfrase) de Jó, escrito em aramaico.

Antes de discutirmos a importância dêsses rolos nos estudos da Bíblia, será de bom aviso dizer algo sobre a gente que morou em Cunrã e que certamente copiou tais manuscritos. Conforme crê a maioria dos peritos, pertenciam seus habitantes à seita judaica conhecida pelo nome de essênios, cujos ensinos e costumes são descritos pormenorizadamente por Josefo e por Filo. Segundo o manual de disciplina dêles, esse grupo rompera com o judaísmo ortodoxo, então dominante, e buscara o deserto, i. é, viera para Cunrã, cumprindo-se o que diz o profeta Isaías no versículo 3, capítulo 40, do seu livro, para assim preparar o caminho ao ungido do Senhor e à vinda do seu reino aqui na terra. Viviam em disciplina bastante rija distribuindo entre si sua riqueza e conhecimentos, e esperando que por eles se cumprissem as promessas que Deus fizera a seus profetas. "A multidão", como era chamada a comunidade de sacerdotes e leigos, tinha como presidente um **mebáquer**, ou superintendente, cujos deveres se assemelhavam aos do episcopo da Igreja Primitiva. Dirigia as atividades financeiras da comunidade, presidia aos ritos de iniciação dos novatos que entravam para a comunidade, e aplicava as medidas disciplinares da comunidade, quando necessário. Na direção dos negócios, tinha como auxiliares uma junta menor de doze homens, dos quais três eram sacerdotes. Era inteiramente voluntária a entrada nessa comunidade, e os ritos de iniciação, que cobriam vários anos, eram bastante severos; e também a vida de seus membros era duma disciplina militar bastante rija. Cada um tinha o seu posto na

jerarquia da comunidade, tinha o seu lugar próprio nas reuniões do grupo, e a sua posição certa nas fileiras, quando saissem à batalha para combater contra os filhos das trevas, no grande e derradeiro conflito, antes da vinda do reino de Deus.

Os dois ritos principais da comunidade de Cunrã eram o batismo e a refeição comunal. Ao que tudo indica, o batismo era rito de iniciação, administrado depois de o noviço haver feito certo adestramento preliminar de três anos. As muitas purificações observadas pelos membros da comunidade, notadamente antes de cada repasto, simbolizavam a purificação interior do coração humano pelo Espírito.

O repasto comunal era um dos ritos mais interessantes da comunidade de Cunrã. Temos breve descrição dele no Manual de Disciplina (Cap. VI, 2-5). Mas, achou-se uma descrição bem mais pormenorizada num fragmento recentemente publicado, e que foi encontrado em Cunrã. Damos, a seguir, a tradução das últimas palavras referentes a esse rito, para bem avaliar-se a importância dele:

Quando Deus gera o Messias sacerdotal, entra a fazer parte deles pois é ele a cabeça de toda a congregação de Israel; e todos os pais dos filhos de Aarão, os sacerdotes convidados para o festim, homens de nomeada, se assentarão diante dele, cada qual segundo a sua ordem. Então, depois o Messias de Israel se assentará, e os chefes dos milhares de Israel se assentarão diante dele; cada qual segundo a sua ordem... Quando se reúnem à mesa, ou bebem vinho, e a mesa da comunhão está arrumada e o vinho é misturado para se beber, ninguém estenderá a mão para a primeira porção de pão ou de vinho antes que o tenha feito o sacerdote (Messias); porque ele abençoará a primeira porção do pão e do vinho, e estenderá a mão para o pão, primeiro que todos. Então, depois de o Messias de Israel haver estendido para a frente a mão sobre o pão, e após ter dado a bênção, cada qual participará. Assim deverão fazer em todas as refeições, sempre que se reunirem em número de dez.

Vários pontos importantes aparecem nesta descrição da ceia dos essênios. A comunidade evidentemente esperava dois Messias — um, da linhagem sacerdotal, e outro da linhagem real, ou Davídica. A outra figura — o Profeta — também tem significado messiânico nos documentos Cunrãmitas. Mas aqui lemos que o Messias sacerdotal tem precedência sobre o Messias real, ou Davídico, o que aliás é uma nova idéia para o cristão que tem a Cristo como mais importante dos filhos de Davi. O aspecto sacerdotal do Messias naturalmente se fundamenta em Ezequiel e Zacarias, e em várias obras intertestamentárias.

Cada refeição dos essênios era claramente certa proclamação litúrgica do vindouro banquete messiânico, quando os Messias de Deus repartiriam o pão e o vinho com o Seu povo. Esta nota messiânica é naturalmente parte mui importante da comunhão cristã (Marcos 14.25, etc.). Jesus, o verdadeiro Messias, mui naturalmente aplica este motivo à refeição sacramental que Ele tomou com seus seguidores. Vemos, pois, como Jesus — o Messias e o Cordeiro Pascoal — reuniu na Última Ceia as duas tradições judaicas do repasto essênico e da festa da Páscoa. Acrescentando as palavras — "isto é o meu corpo" e "isto é o meu sangue" — Jesus por certo fez do sacramento cristão da Ceia do Senhor uma ordenança integralmente única e totalmente diferente de qualquer rito do judaísmo.

A comunidade Cunrãmita era de gente que amava a Bíblia. Eles estudavam tanto a Lei como os Profetas, para descobrir como Deus caminhava ao encontro deles, e para ver como a comunidade e a vida deles podiam cumprir as palavras de Deus reveladas aos santos do Antigo Testamento. Não se passava uma hora do dia ou da noite sem se copiar ou estudar a Palavra de Deus. O Manual de Disciplina deles nos informa que havia três turmas que se revezavam cada noite, quando diferentes grupos meditavam nas Escrituras Sagradas. Ao Mestre de Retidão, uma das pessoas mais importantes daquela comunidade, supunham ser concedida uma visão toda especial do Antigo Testamento, e o interpretava com autoridade provinda de Deus. O Comentário de Habacuque é exemplo de como aqueles homens de Deus interpretavam o Antigo Testamento, bem como os fragmentos de outros comentários que têm aparecido nos manuscritos de Cunrã.

Perguntemos, agora: Quais os benefícios proporcionados por essas descobertas de Cunrã? Creio que o melhor modo de se esboçar resumo das vantagens desses achados é dividir a resposta em três par-

tes, que são: a importância deles para o estudo do Antigo Testamento, do período intertestamentário, e do Novo Testamento. A contribuição mais importante para o estudo do Antigo Testamento está na esfera do texto. Antes de 1947, os manuscritos hebraicos mais antigos que possuíamos datavam mais ou menos do século X da era cristã. Agora temos manuscritos hebraicos mil anos mais velhos. Mas, o que mais importa é notar que esses manuscritos, bem mais velhos, confirmam surpreendentemente os outros de onde obtivemos o nosso Antigo Testamento, comprovando, assim, a validez do texto hebraico tão cuidadosamente transmitido através dos séculos. Há, no entanto, outros pontos em que tais descobertas nos ajudam a compreender melhor certas passagens do Antigo Testamento. Mas, aqui não podemos descer a pormenores.

O período da história judaica que separa o Antigo Testamento do Novo é assaz fascinante. Bom é conhecer bem esse período, porque lança muita luz sobre o Novo Testamento e seus ensinos. Pelo material colhido em Cunrã, muitos outros livros, até então desconhecidos, vieram à luz; e agora nos facultam conhecer melhor a época e o desenvolvimento da teologia judaica dêsse período. Vários dos livros apócrifos e pseudo-epigráficos, já então conhecidos, estavam presentes na biblioteca da comunidade cunrãmita, revelando-nos quão importantes e populares eram tais obras naquele tempo.

Mas, uma coisa muito mais importante que todas é esta: tais documentos nos ajudam a compreender mais claramente os bastidores, ou a formação do Novo Testamento, os ensinos da Igreja Primitiva, como também a sua organização. Nesses documentos encontramos, em vocábulos e formas hebraicas, grande parte da terminologia do Novo Testamento. A fraseologia do evangelho segundo João, como, por exemplo -- filhos da luz e filhos das trevas, e outras mais expressões — percebe-se aqui que é de origem judaica. A organização da Igreja Primitiva, como a temos descrita nas Cartas Pastorais, tem muita coisa em comum com a organização da comunidade cunrãmita. A influência dos ensinos cunrãmitas sobre João Batista, Jesus e Paulo pode notar-se, mui clara, em muitos pontos. A natureza escatológica da dita comunidade, i.é, a sua fervorosa crença na vinda próxima e iminente do Messias (ou dos Messias), e a iminência da derradeira grande batalha contra os exércitos das trevas, em tudo se assemelham ao espírito que então reinava na Igreja Primitiva e nos ensinos de Jesus e do apóstolo Paulo.

A comunidade de Cunrã infelizmente nunca chegou a conhecer a Jesus como o Cristo, ou Messias, e sucumbiu nas cinzas ardentes da destruição provocada pelos legionários romanos. Mas a Cristandade avançou na conquista do mundo, porque achara o Messias prometido aos antigos por Deus, mediante os seus profetas. Cunrã nunca ouviu o eletrizante som das Boas-Novas, nem conheceu o poder de vidas convertidas, nem a glória e a radiância que dimanam de cada uma das páginas do Novo Testamento, pelo fato de jamais haver conhecido ao Cristo. Todavia, não podemos deixar de admirar o devotamento e a dedicação desses soldados de Deus que buscaram uma região deserta para ali passar uma vida de disciplina e serviço a Deus, aguardando a Sua revelação final na gloriosa Pessoa do Messias.

Carlos T. Fritsch

Professor de Antigo Testamento do Seminário Teológico de Princeton

---

1 — Notícias dos manuscritos achados e de escavações feitas em Cunrã — como é hoje conhecido tal lugar — apareceram desde 1948 nos seguintes periódicos especializados: *The Biblical Archaeologist* the *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, e na *Revue Biblique*. Encontramo-las resumidas nos primeiros capítulos da obra deste escritor — *The Qumrân Community*. Nova York, The Macmillan Co., 1956.

ARQUEOLOGIA BÍBLICA

Arqueologia é o estudo científico de coisas que esclarecem a vida humana do passado, especialmente de tempos pré-históricos. Diz-nos a Bíblia de como Deus se revelou aos homens no passado remoto e de como a religião verdadeira se desenvolveu entre os homens. A arqueologia, portanto, pode tornar mais compreensível o livro dos livros.

Felizmente as terras onde se processou o desenvolvimento da nossa religião, onde Deus se manifestou de maneira especial, conservam assinalados vestígios da vida do passado. Na Palestina, em Babilônia, no Egito, na Grécia, na Ásia Menor se encontram ruínas de habitações, objetos feitos por homens, inscrições em rocha, até documentos e fragmentos de documentos dos tempos bíblicos que servem como janelas pelas quais se pode olhar para os tempos de Abraão, Moisés, Davi, Isaías e de Jesus e ver como se vivia, trabalhava e pensava.

No Egito a areia movediça do deserto árido conservou documentos do tempo de Moisés, os quais encontrados em tempos modernos esclarecem muitas coisas. No vale do Tigre e Eufrates as enchentes cobriram de terra objetos feitos por homens do tempo de Abraão, objetos que os arqueólogos encontraram. Encontraram-se também muitos escritos dos povos mencionados na Bíblia.

Fonte importantíssima para pesquisas arqueológicas são as colinas compostas de ruínas de povoações antigas. Às vezes parecem colinas naturais. Na Palestina e zonas ao redor fizeram-se na antiguidade casas de pedras ou tijolos. Para as povoações, escolheram-se lugares acessíveis, defendíveis e com água em abundância. Abandonados por causa de guerra, peste, fome ou outro motivo os mesmos locais seriam depois escolhidos para servirem de novo. Não limpavam o chão mas construíam suas casas sobre as ruínas. Assim surgiram colinas compostas de uma série de camadas de ruínas, às vezes com dez, vinte ou mais camadas.

O arqueólogo chega e faz as suas escavações mediante trabalho penoso, em que todo o cuidado é pouco, para poder desenhar, fotografar e conservar tudo de maneira que se aproveitem as descobertas para esclarecimento do passado.

A arqueologia bíblica é ramo de arqueologia geral. E' o estudo científico das coisas do passado que podem, direta ou indiretamente, facilitar o estudo e compreensão da Bíblia. Por exemplo: há muitas referências na Bíblia à cidade de Jericó, referências que vêm desde o tempo de Josué até o de Cristo. Os arqueólogos interessam-se cada vez mais nas ruínas que precederam a cidade moderna. Têm feito escavações através de sucessivas camadas de ruínas. Em 1957 declararam ter encontrado nas escavações vestígios de uma civilização adiantada de há nove mil anos nas ruínas de tal cidade a mais velha conhecida. Tinha muros fortes com torre de pedra e escadaria elegante. Tinha quartos espaçosos e soalhos bem encerados. Seu povo seguiu vida agrícola com animais domésticos e organização social. As camadas que os arqueólogos acham ser do tempo de Josué, entre 1400 e 1260 antes de Cristo, indicam a existência de muros segundo a história de Josué; todavia, como foram derrubados não pode dizer a arqueologia

Não se pode provar a veracidade das histórias bíblicas pelas descobertas arqueológicas, nem precisamos de tais provas; mas muitas destas descobertas esclarecem, iluminam, tornam mais vivas as narrativas da Bíblia. Inscrições e documentos, especialmente os manuscritos encontrados ultimamente nas cavernas perto do Mar Morto, têm valor incalculável para o aperfeiçoamento do conhecimento da gramática e do vocabulário da língua hebraica. Já se pode, agora, saber com muito mais exatidão do desenvolvimento da cultura e da religião dos israelitas e da sua relação com a cultura e religião de outros povos. Muito progresso ainda se pode esperar neste sentido com a avaliação de descobertas já feitas e com descobertas futuras.

O Novo Testamento, sendo mais recente, pode ser estudado sem tanto auxílio da arqueologia; mas aqui também a arqueologia tem feito contribuição de valor incalculável.

A arqueologia cada vez lança mais luz sobre a Bíblia e assim a Bíblia lança também cada vez mais luz no caminho do ho-

mem. A religião expressa-se na Bíblia não somente na declaração de grandes verdades como: "Criou Deus o homem à sua imagem", e "Santos sereis, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo." Expressa-se também com clareza e força na vida do povo, na mão de Deus manifesta na sua história. A arqueologia bíblica suscita auxílio inestimável para se entender melhor, pela leitura da Bíblia, como Deus se manifestou outrora na vida humana, para assim tornar possível uma compreensão melhor de Deus e da sua vontade hoje.

Jalmar Bowden

Faculdade de Teologia da Igreja
Metodista do Brasil
São Paulo.

TÁBUA indicativa das abreviaturas de todos os livros da Bíblia e da maneira de lhes citar os capítulos e versículos; bem como de outras abreviações freqüentes neste Dicionário.

— AT —

Gn	—	Gênesis
Êx	—	Êxodo
Lv	—	Levítico
Nm	—	Números
Dt	—	Deuteronômio
Js	—	Josué
Jz	—	Juízes
Rt	—	Rute
1 Sm	—	1 Samuel
2 Sm	—	2 Samuel
1 Rs	—	1 Reis
2 Rs	—	2 Reis
1 Cr	—	1 Crônicas
2 Cr	—	2 Crônicas
Ed	—	Esdras
Ne	—	Neemias
Et	—	Ester
Jó	—	Jó
Sl	—	Salmos
Pv	—	Provérbios
Ec	—	Eclesiastes
Ct	—	Cânticos dos Cânticos
Is	—	Isaías
Jr	—	Jeremias
Lm	—	Lamentações
Ez	—	Ezequiel
Dn	—	Daniel
Os	—	Oséias
Jl	—	Joel
Am	—	Amós
Ob	—	Obadias
Jn	—	Jonas
Mq	—	Miquéias
Na	—	Naum
Hc	—	Habacuque
Sf	—	Sofonias
Ag	—	Ageu
Zc	—	Zacarias
Ml	—	Malaquias

— NT —

Mt	—	Mateus
Mc	—	Marcos
Lc	—	Lucas
Jo	—	João
At	—	Atos
Rm	—	Romanos
1 Co	—	1 Coríntios
2 Co	—	2 Coríntios
Gl	—	Gálatas
Ef	—	Efésios
Fp	—	Filipenses
Cl	—	Colossenses
1 Ts	—	1 Tessalonicenses
2 Ts	—	2 Tessalonicenses
1 Tm	—	1 Timóteo
2 Tm	—	2 Timóteo
Tt	—	Tito
Fm	—	Filemom
Hb	—	Hebreus
Tg	—	Tiago
1 Pe	—	1 Pedro
2 Pe	—	2 Pedro
1 Jo	—	1 João
2 Jo	—	2 João
3 Jo	—	3 João
Jd	—	Judas
Ap	—	Apocalipse

Exemplos de citações :

Gn 5. 7 (Gênesis cap. 5, v. 7).

Lv 3. 1, 4, 8 (Levítico cap. 3, vv. 1, 4 e 8).

Sl 27. 3 — 9, 14 (Salmo 27, vv. 3 a 9 e v. 14).

At 6. 8 — 7. 60 (Atos cap. 6, v. 8 até cap. 7 v. 60).

Ap 21. 1 — 8, 13, 20 — 27 (Apocalipse cap. 21, vv. 1 a 8, v. 13 e vv. 20 a 27).

Rm 2. 1 — 15; 9. 19 — 29; 1 Co 7. 10 — 24. O ponto e vírgula (;) indica ter-se completado a citação do capítulo, devendo aparecer novo cap. do mesmo livro, ou de outro.

A.C. — Antes de Cristo.

A.D. — **Anno Domini** — Ano do Senhor, portanto depois de Cristo.

Alm. — Almeida (João Ferreira de Almeida).

Antig. — Antiguidades Judaicas, livro de Flávio Josefo (historiador judeu).

A.T. — Antigo Testamento.

cap. — capítulo.

cp. — comparar (comparado).

Ecclus. — Ecclesiasticus (livro apócrifo).

Fig. — Figueiredo (Antônio Pereira de Figueiredo).

hífen — (-) indica a divisão silábica; se o — for o último sinal no fim da linha, a sua repetição no começo da seguinte quer dizer que a palavra é composta.

i.é, — isto é.

Mac — Macabeu (livro apócrifo).

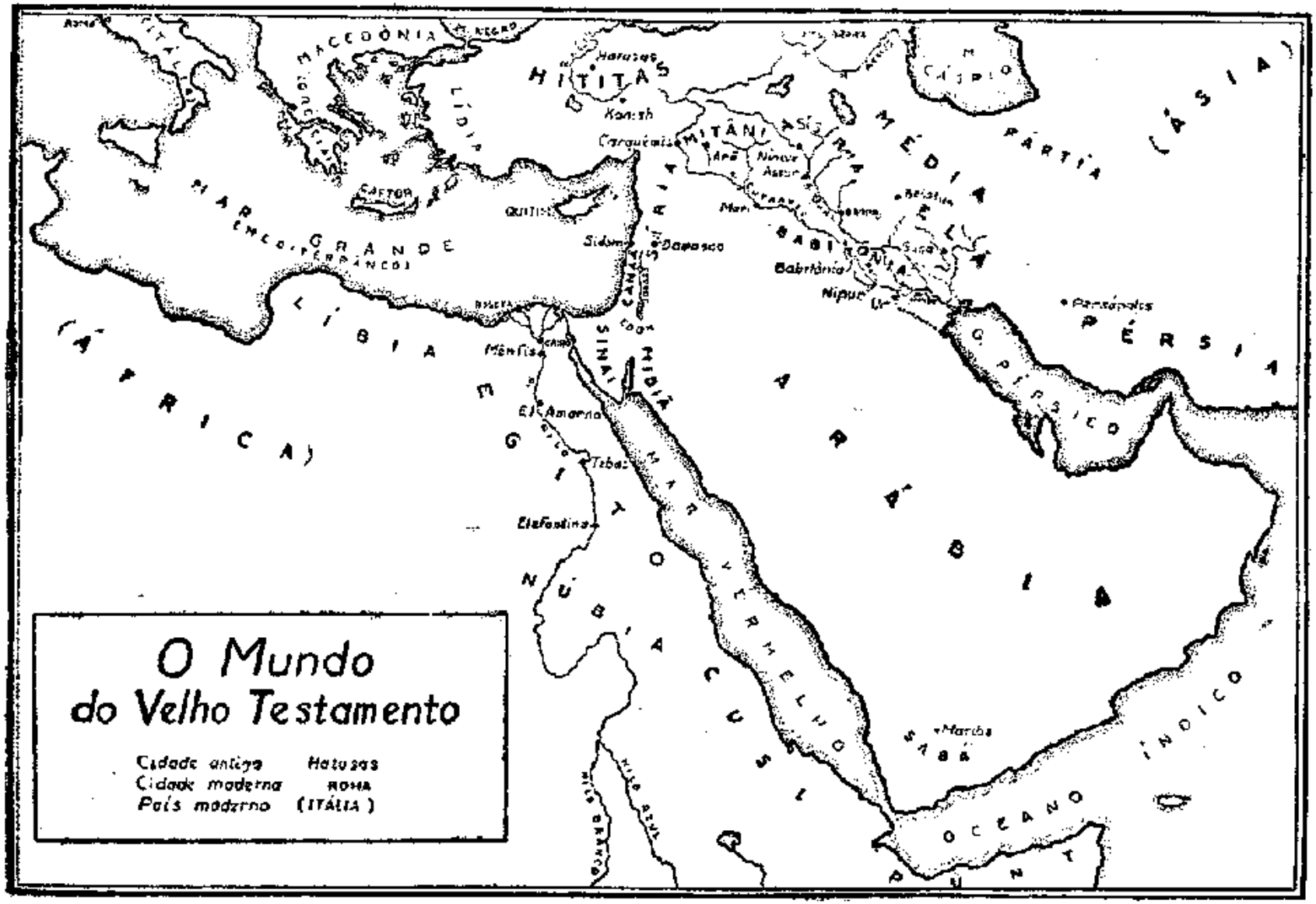
N.T. — Novo Testamento.

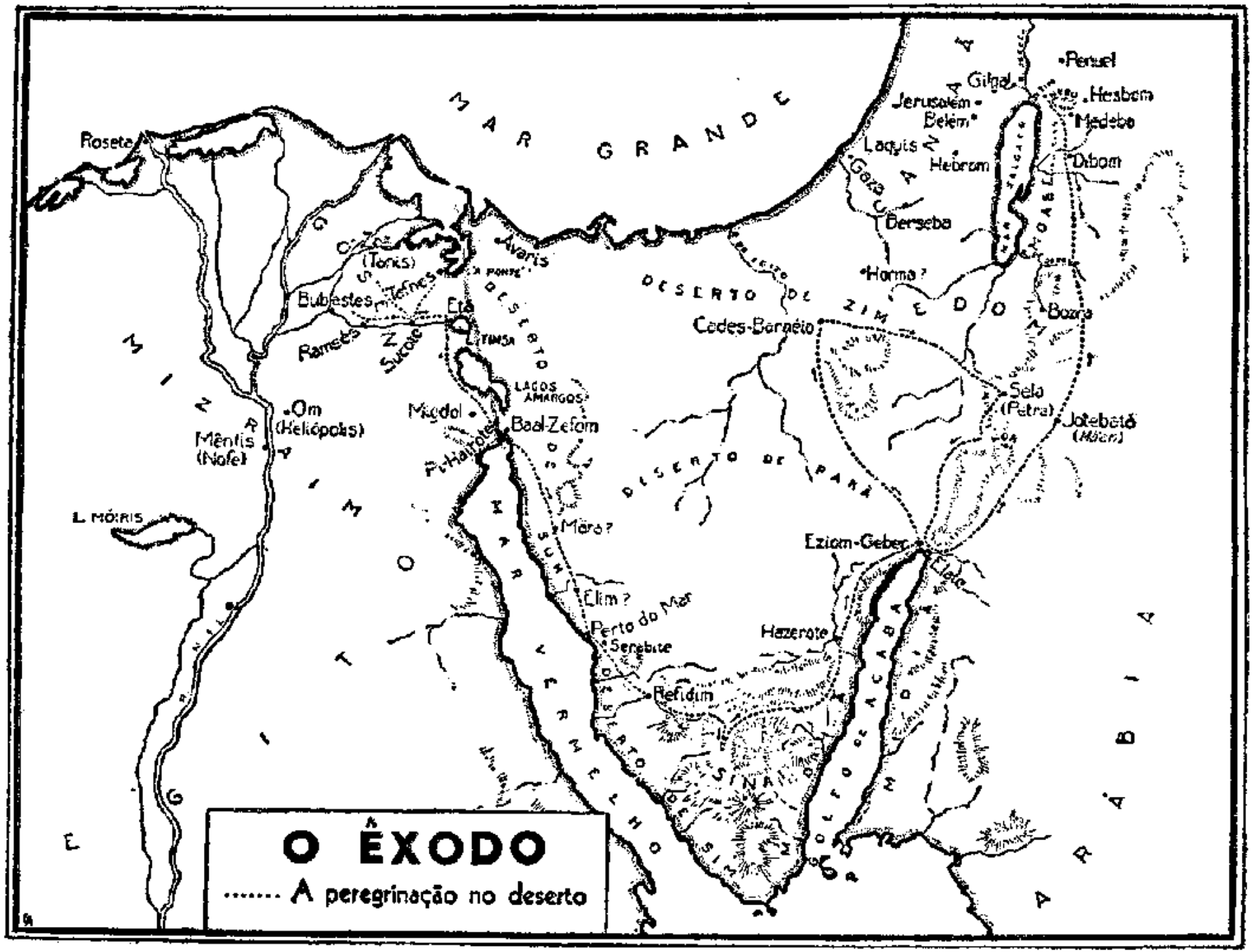
Sab — Sabedoria (livro apócrifo).

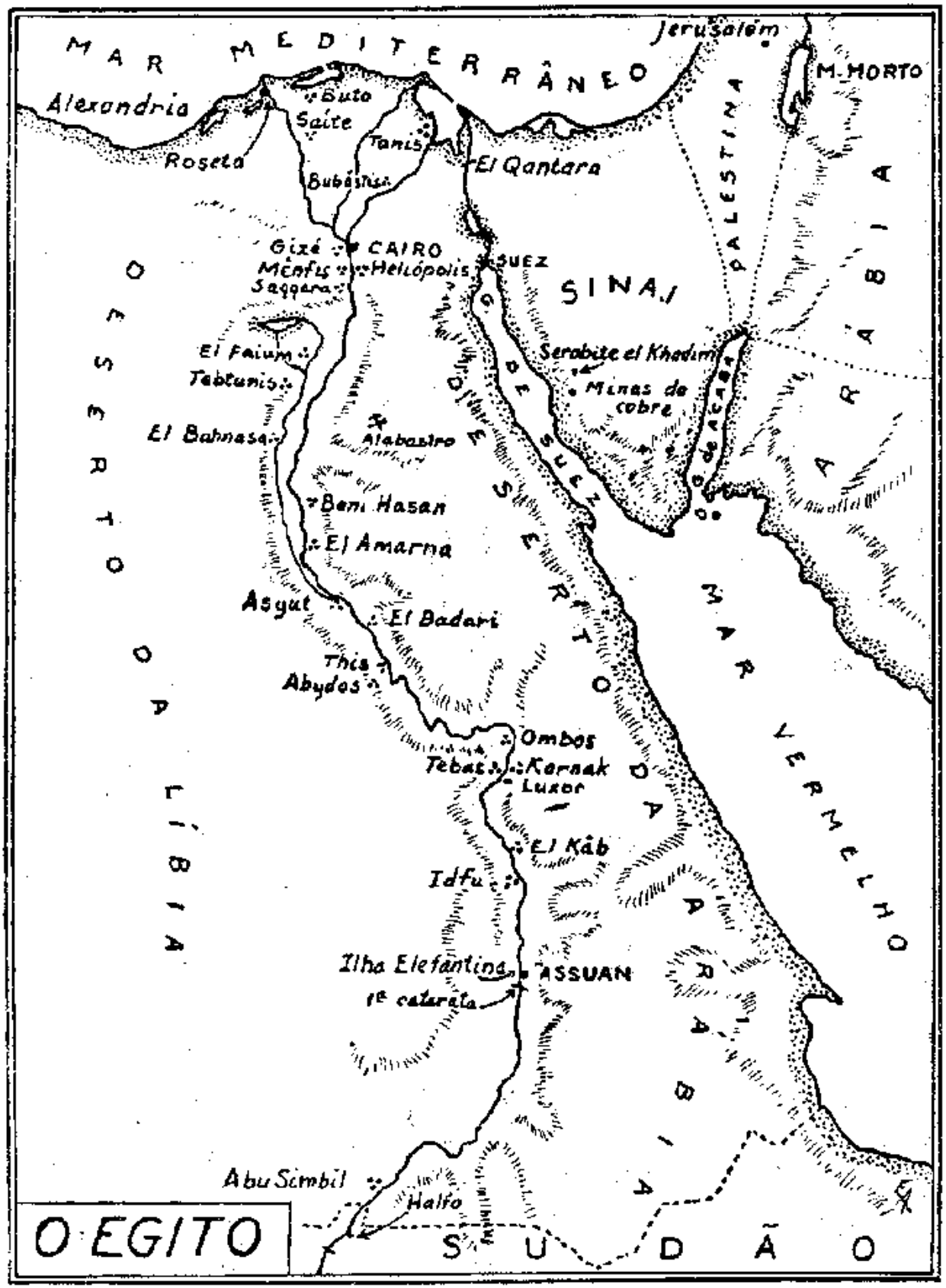
V.B. — Versão Brasileira.

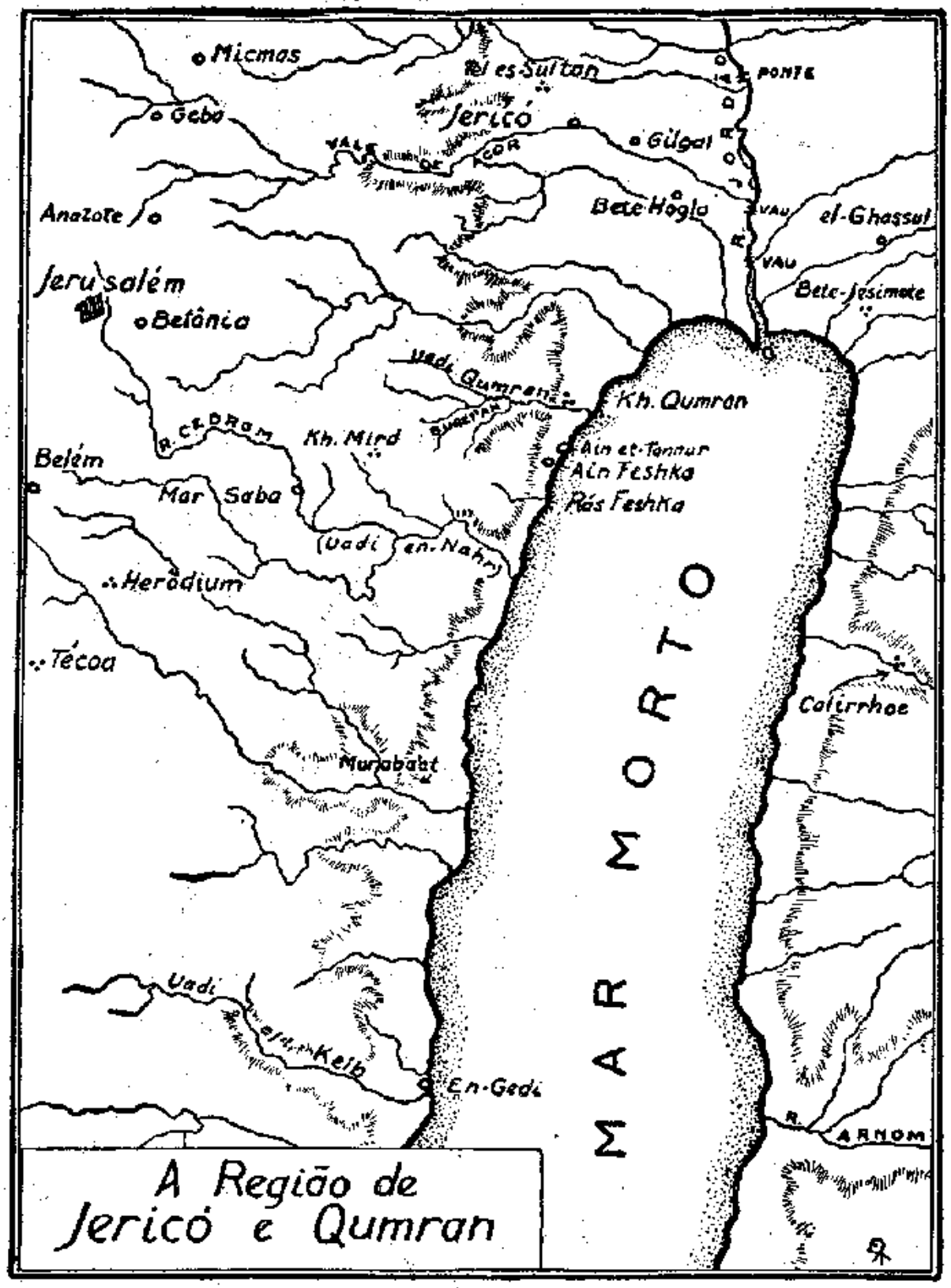
v. — versículo, verseto.

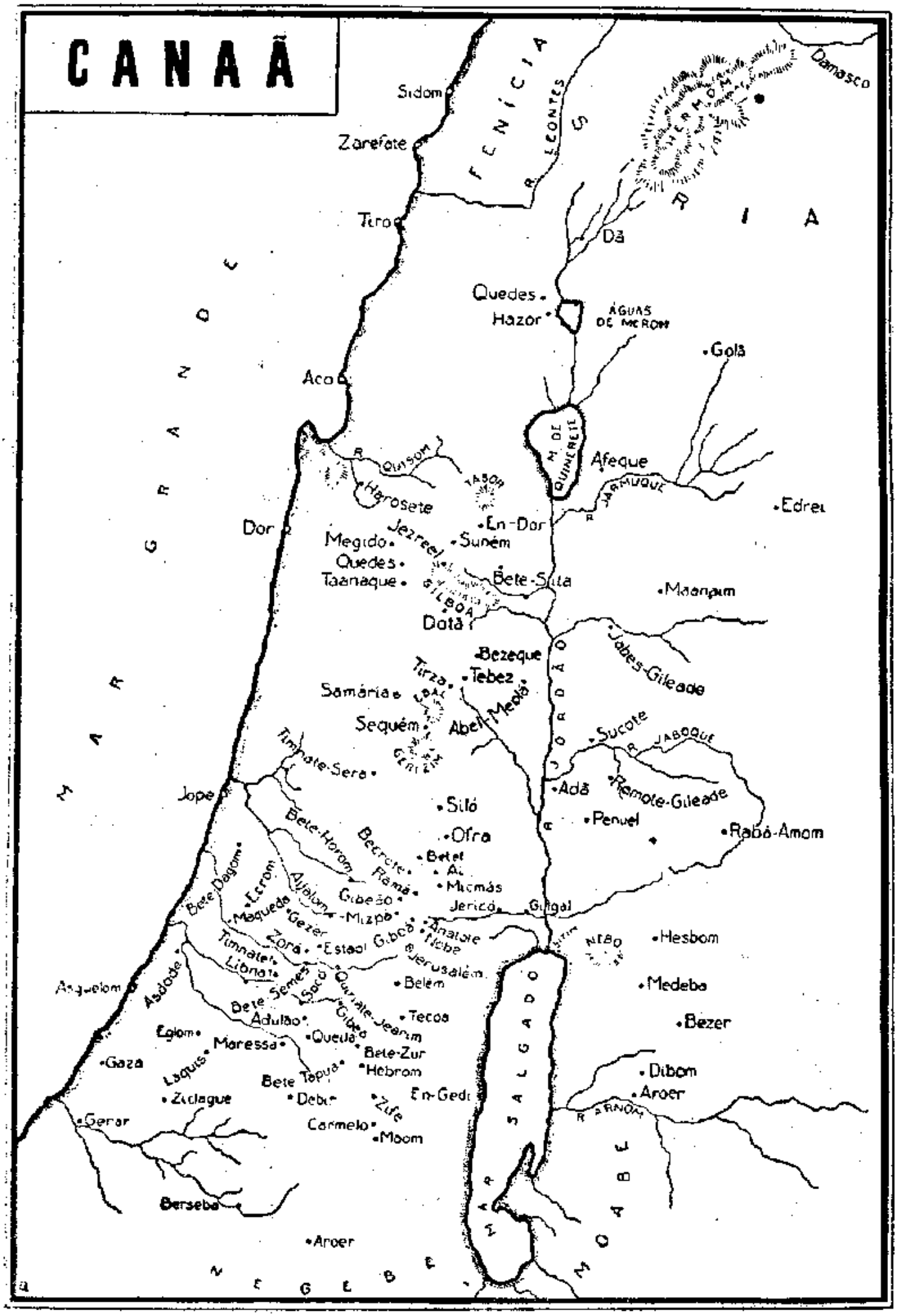
vv. — versículos, versetos.

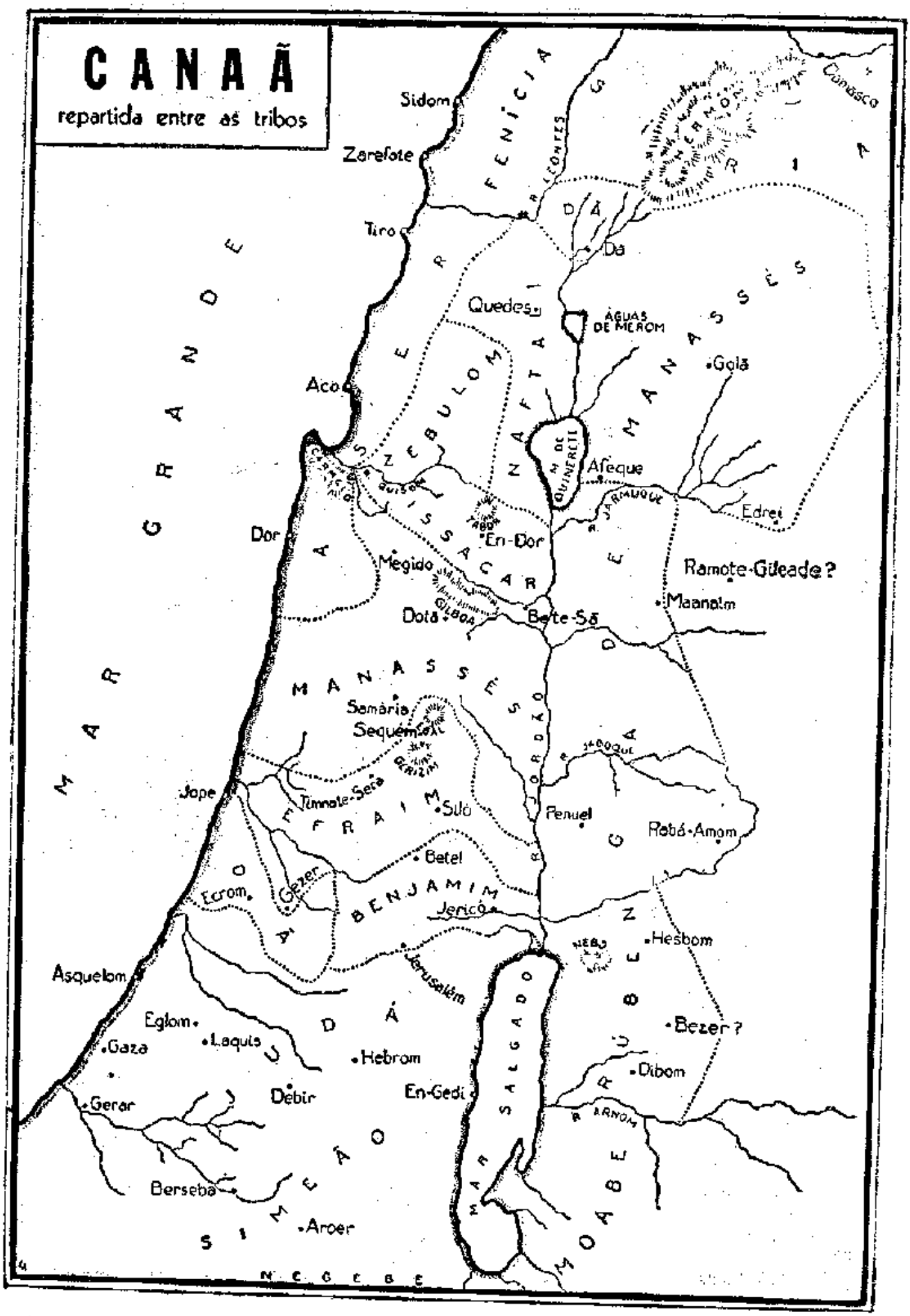

O Mundo
do Velho Testamento
Cidade antiga Hatusas
Cidade moderna ROMA
País moderno (ITÁLIA)
MACEDÔNIA
HITITAS
MÉDIA
PÁRTIA (ÁSIA)
MAR CÁSPIO
MAR MEDITERRÂNEO
LÍBIA
(ÁFRICA)
SÍRIA
BABILÔNIA
PÉRSIA
GOLFO PÉRSICO
ARÁBIA
EGITO
SINAI
MIDIÁ
MAR VERMELHO
NÚBIA
ABISSÍNIA
OCEANO ÍNDICO
Hatusas
Kadesh
Carquemis
Damasco
Sidom
Babilônia
Nipur
Persépolis
Menfis
El Amarna
Tebas
Elefantina
Maribe
SABÁ

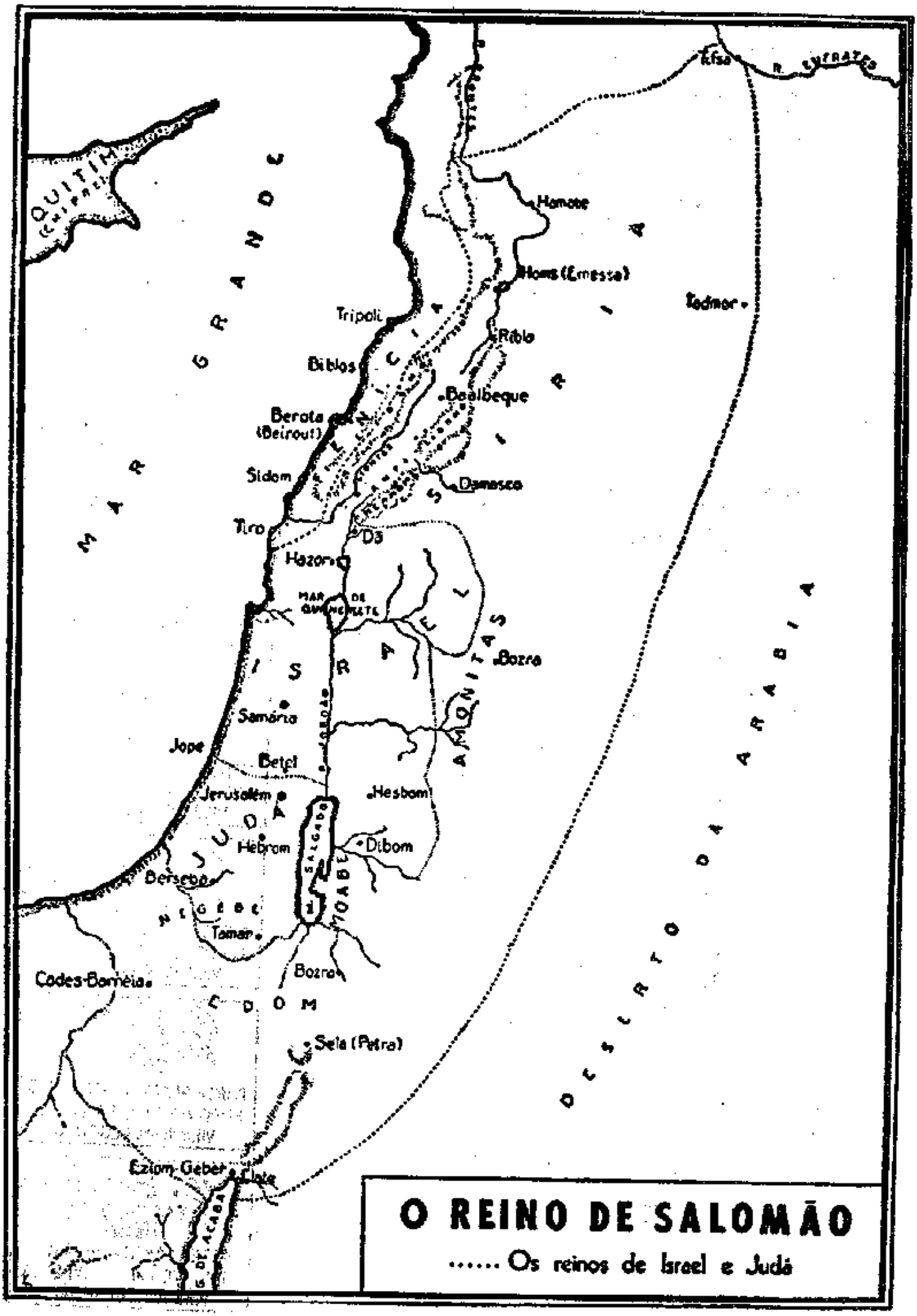

MAR GRANDE
Roseta
Avaris
(Tanis)
Bubastes
Etã
Ramsés
Sucote
Om
(Heliópolis)
Mênfis
(Nofe)
L. MÓRIS
Migdol
Baal-Zefom
Pi-Hairote
Mara?
Elim?
Perto do Mar
Serebite
Refidim
Hazerote
Eziom-Geber
Elate
Gilgal
Jerusalém
Belém
Laquis
Hebrom
Gaza
Berseba
Perusel
Hesbom
Medeba
Dibom
Horma?
Cades-Barnéia
Bozra
Sela
(Petra)
Jotebetá
(Hólon)
DESERTO DE ZIM
DESERTO DE PARÃ
DESERTO DE SUR
LAGOS AMARGOS
MAR VERMELHO
GOLFO DE ACABA
GOLFO DE SUEZ
PENÍNSULA DO SINAI
ARÁBIA
O ÊXODO
..... A peregrinação no deserto


MAR MEDITERRÂNEO
Jerusalém
M. MORTO
Alexandria
Buto
Saite
Tanis
Roseta
El Qantara
Bubástis
PALESTINA
ARÁBIA
Gizé
CAIRO
Mênfis
Heliópolis
SUEZ
Saqqara
SINAI
El Faium
Tebtunis
Serabite el Khadim
Minas de cobre
El Bahnasa
Alabastro
GOLFO DE SUEZ
Beni Hasan
El Amarna
DESERTO DA LÍBIA
Asyut
El Badari
This
Abydos
Ombos
Tebas
Karnak
Luxor
El Kâb
Idfu
DESERTO DA ARÁBIA
MAR VERMELHO
Ilha Elefantina
ASSUAN
1ª catarata
Abu Simbil
Halfa
O EGITO
SUDÃO


Micmas
Rí es Sultan
PONTE
Gebo
Jericó
Gilgal
VALE DE COR
Anatote
Bete Hoglo
VAU
el-Ghassul
Jeru salém
Betânia
Bete-Jesimote
Wadi Qumran
Kh. Qumran
R. CEDRON
Kh. Mird
Ain et-Tannur
Belém
Ain Feshka
Mar Saba
Rás Feshka
Wadi en. Nahr
Herodium
Técoa
MAR MORTO
Calirrhoe
Murabaat
Wadi el-Ahsy Keib
En-Gedi
R. ARNOM
A Região de Jericó e Qumran

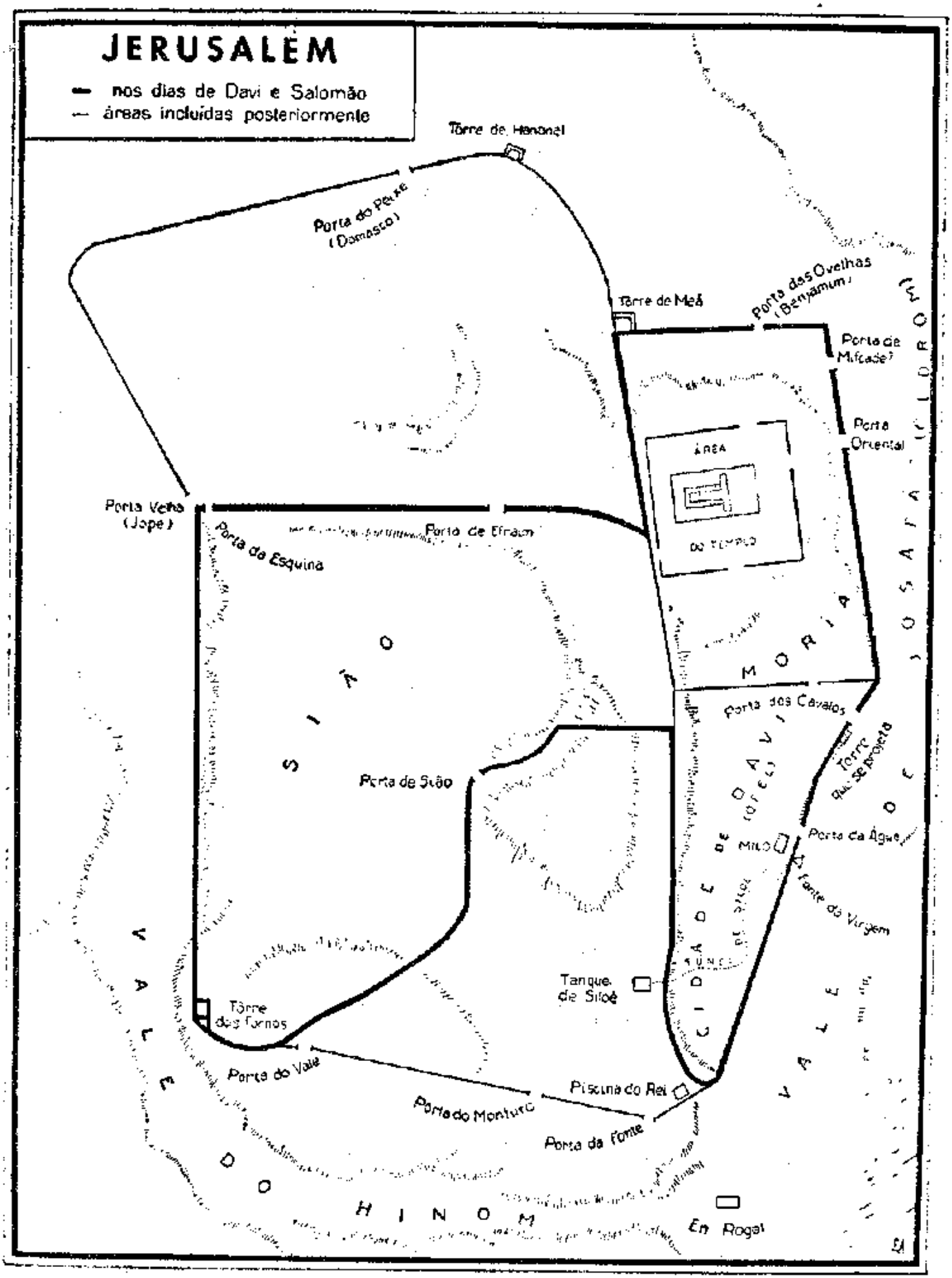

CANAÃ
Sidom
Zarefate
Tiro
Aco
Dor
Megido
Quedes
Taanaque
Jezreel
Gilboa
Dotã
Samária
Sequém
Timnate-Sera
Jope
Siló
Ofra
Betel
Ai
Micmás
Bete-Horon
Bete-Dagom
Ecrom
Maqueda
Gezer
Ajalom
Gibeão
Ramá
Mizpá
Jericó
Gilgal
Anatote
Nebe
Jerusalém
Belém
Tecoa
Estaol
Zorá
Timnate
Libnate
Bete-Semes
Soco
Azeca
Adulão
Queila
Bete-Zur
Hebrom
Maressa
Egiom
Gaza
Laquis
Ziclague
Bete-Tapuá
Debir
Zife
En-Gedi
Carmelo
Maon
Gerar
Berseba
Aroer
Asquelom
Asdode
Hazor
Quedes
Dã
Damasco
Hermom
Leontes
Fenícia
Mar Grande
Águas de Merom
Golã
Afeque
Edrei
Maanaim
Jabes-Gileade
Bezeque
Tebez
Tirza
Abel-Meolá
Sucote
Jaboque
Adã
Penuel
Remote-Gileade
Rabá-Amom
Hesbom
Medeba
Bezer
Dibom
Aroer
Arnom
Moabe
Mar Salgado
Jordão
Jarmuque
Quisom
Taanaque
Megido
Jezreel
Gilboa
Dotã
Negebe

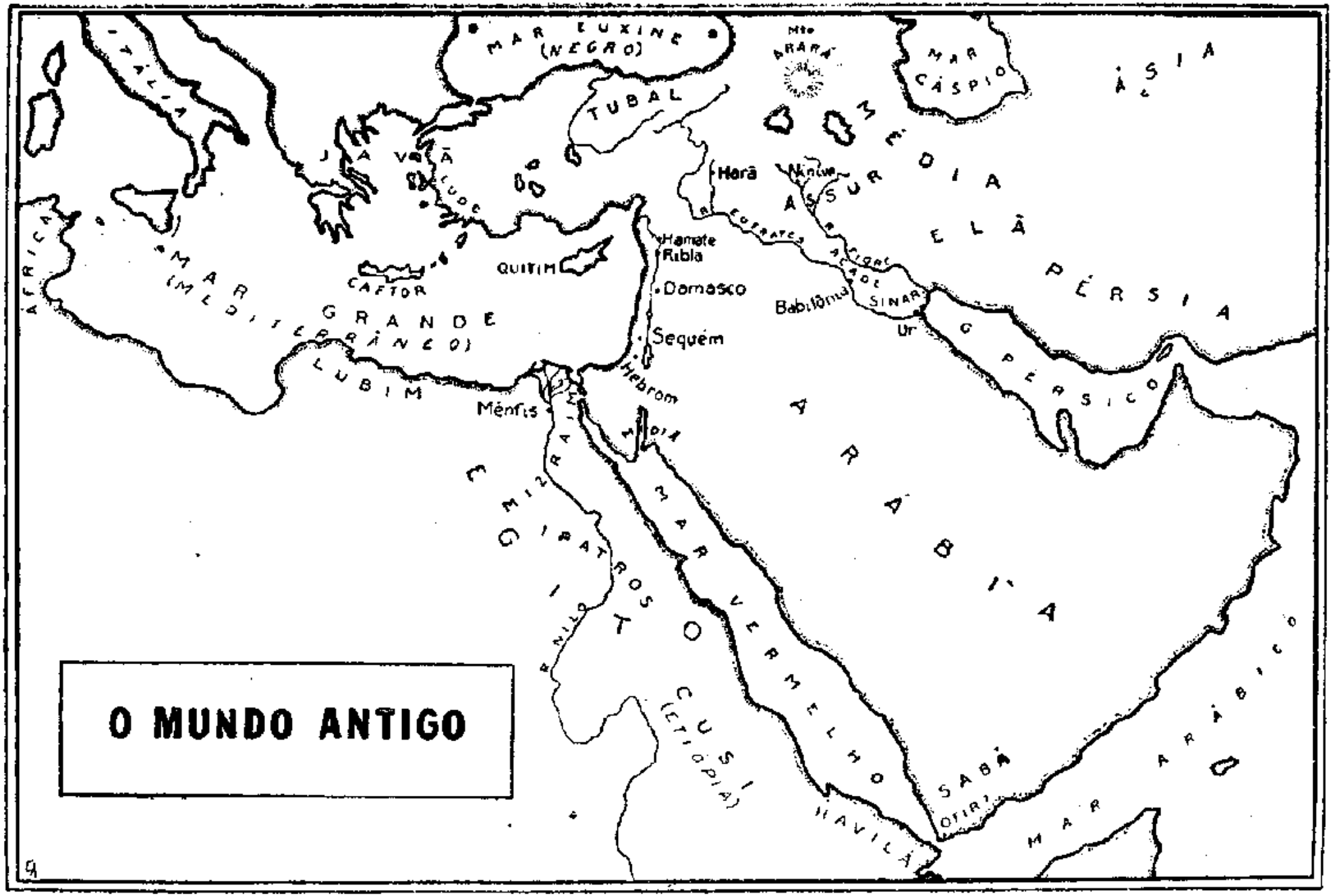

CANAÃ
repartida entre as tribos
Sidom
Zarefote
Tiro
Aco
Dor
Megido
Dotã
Samária
Sequém
Jope
Timnate-Sera
Sulã
Betel
Ecrom
Gezer
Asquelom
Eglom
Laquis
Gaza
Gerar
Hebrom
Débir
En-Gedi
Berseba
Aroer
Jericó
Jerusalém
Bete-Sã
En-Dor
Quedes
Afeque
Golã
Edrei
Ramote-Gileade?
Maanaim
Penuel
Rabá-Amom
Hesbom
Bezer?
Dibom
Tabor
Carmelo
Gilboa
Quisom
Jaboque
Arnom
MAR GRANDE
MAR SALGADO
FENÍCIA
ASSÍRIA
ZEBULOM
NAFTALI
ISSACAR
MANASSÉS
EFRAIM
BENJAMIM
DÁ
SIMEÃO
GADE
RÚBEN
MOABE
NEGUEBE

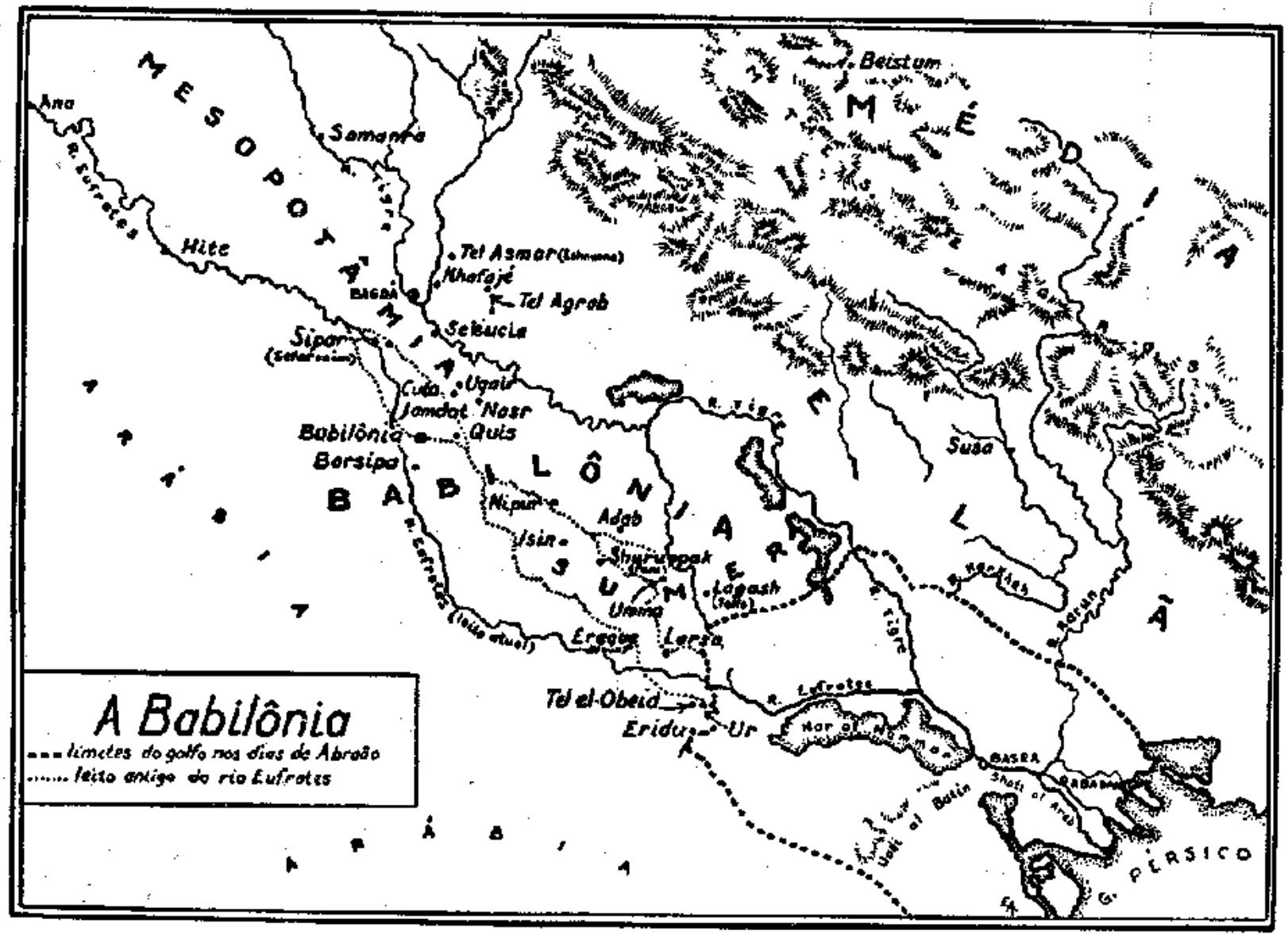


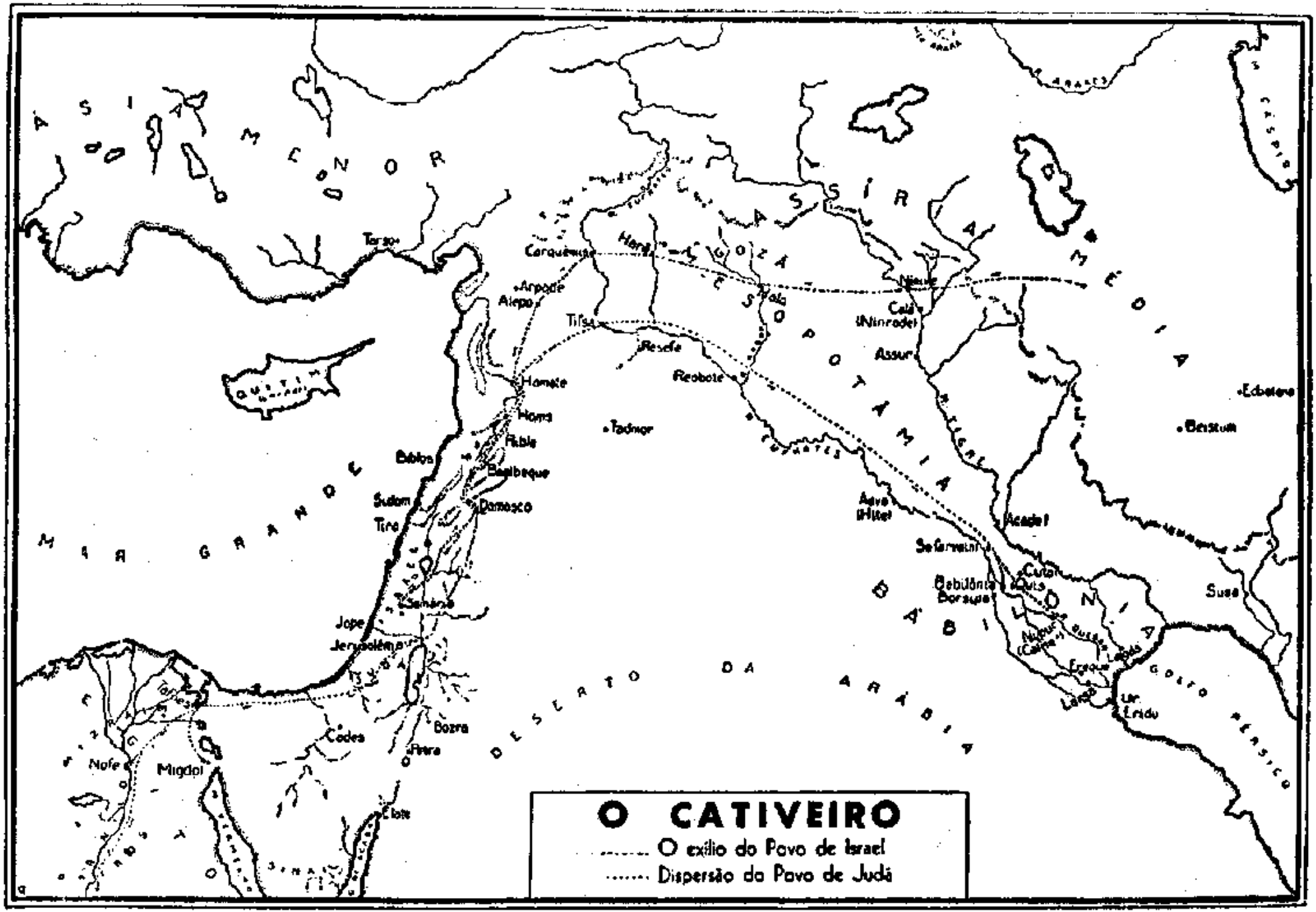
O REINO DE SALOMÃO

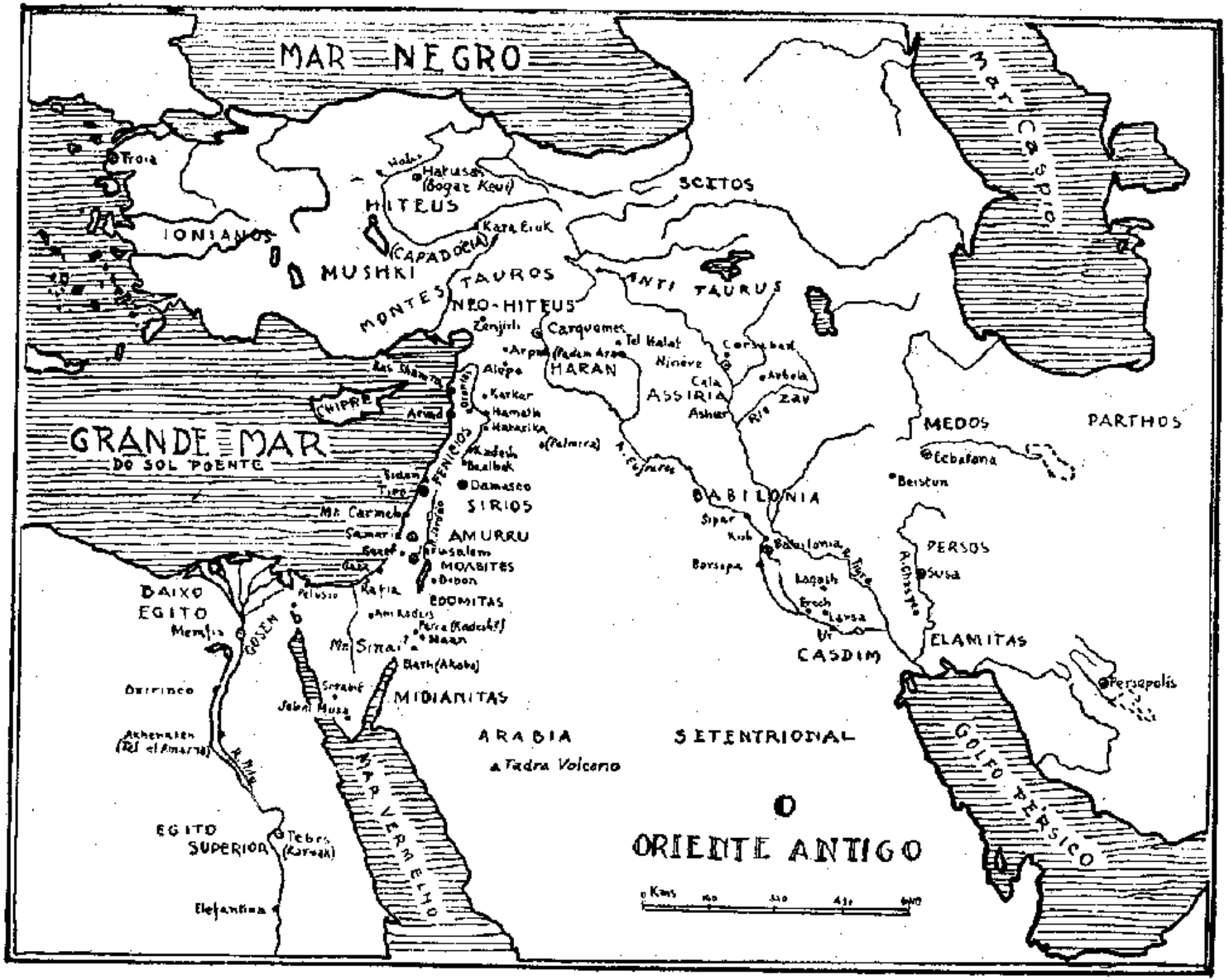
..... Os reinos de Israel e Judá


JERUSALÉM
nos dias de Davi e Salomão
áreas incluídas posteriormente
Torre de Hananel
Porta do Norte (Damasco)
Torre de Meá
Porta das Ovelhas (Benjamim)
Porta de Miqueas?
Porta Oriental
ÁREA DO TEMPLO
Porta Velha (Jope)
Porta de Efraim
Porta da Esquina
SIÃO
MORIÁ
JOSAFÁ (CEDRON)
Porta dos Cavalos
Porta de Siloé
CIDADE DE DAVI (OFEL)
Torre que se projeta
Porta da Água
Fonte da Virgem
Tanque de Siloé
Torre dos Fornos
Porta do Vale
Piscina do Rei
Porta do Monturo
Porta da Fonte
VALE DO HINOM
En Rogel

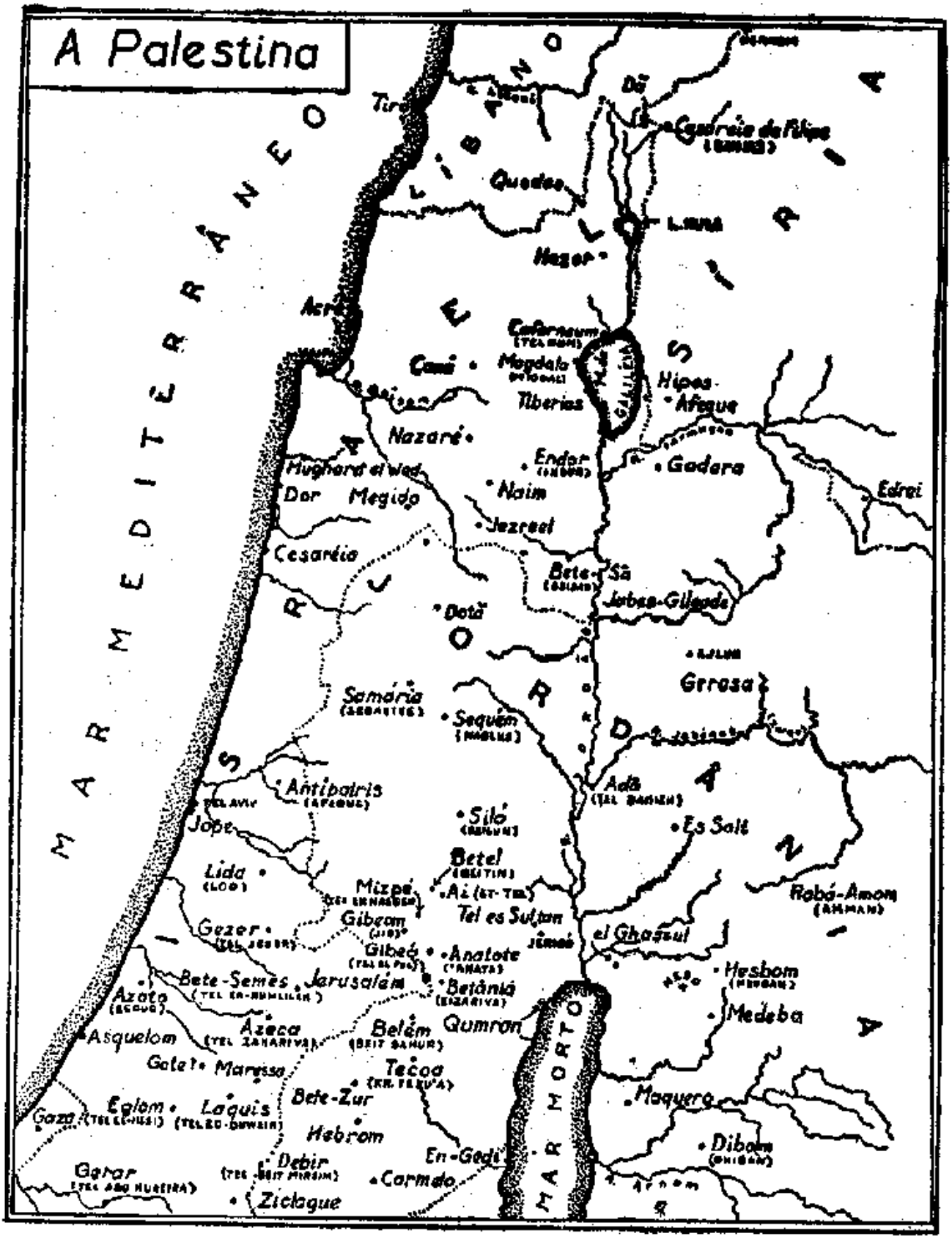

MAR EUXINE (NEGRO)
Mte ARARÁ
MAR CÁSPIO
ÁSIA
ITÁLIA
TUBAL
JAVÃ
CUSH
MESOPOTÂMIA
ASSURIA
Harã
Nínive
ELÃ
PÉRSIA
Hamate Ribla
Damasco
Babilônia
SINAR
Ur
QUITIM
CAFTOR
MAR (MEDITERRÂNEO)
GRANDE
Sequém
Hebrom
LUBIM
Ménfis
Ggolfo PÉRSICO
ARÁBIA
EGITO
MAR VERMELHO
CUSH (ETIÓPIA)
SABÁ
HAVILÁ
MAR ARÁBICO
O MUNDO ANTIGO

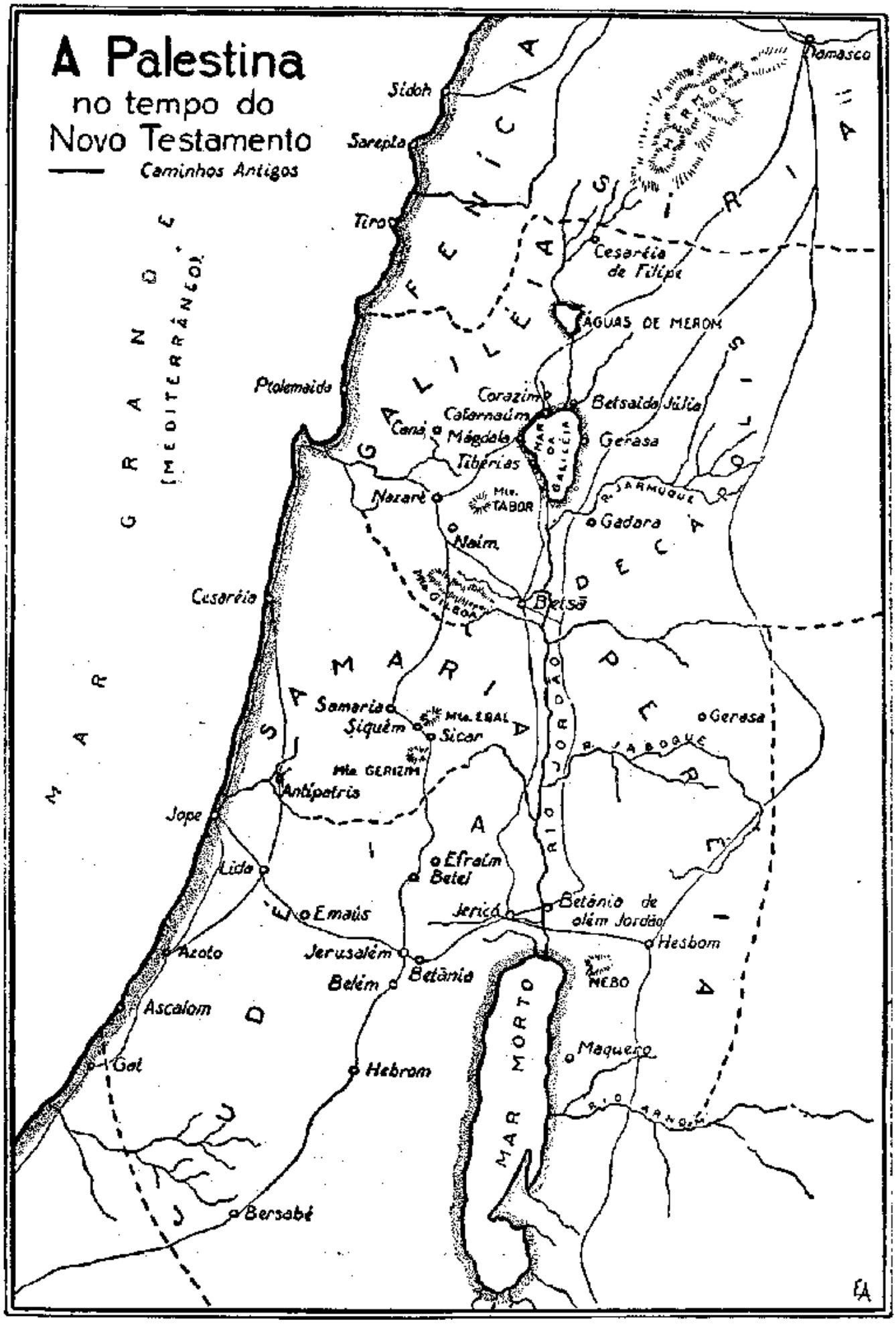

MESOPOTÂMIA
Ana
R. Eufrates
Hite
Samarra
R. Tigre
Tel Asmar (Eshnunna)
Khafajé
Tel Agrab
Baghdad
Seleucia
Sipar (Sefarvaim)
Cuta
Ugair
Jamdat Nasr
Quis
Babilônia
Borsipa
BABILÔNIA
Nipur
Adab
Isin
Shuruppak
SUMER
Uruma
Lagash (Telloh)
Ereque
Larsa
R. Eufrates (leito atual)
Tel el-Obeid
Eridu
Ur
Nor of Nasiriyah
BASRA
Shatt al Arab
Shatt al Basra
G. PÉRSICO
MONTES ZAGROS
Behistun
MÉDIA
R. Tigre
R. Eufrates
Susa
ELÃO
R. Karun
A Babilônia
limites do golfo nos dias de Abraão
leito antigo do rio Eufrates

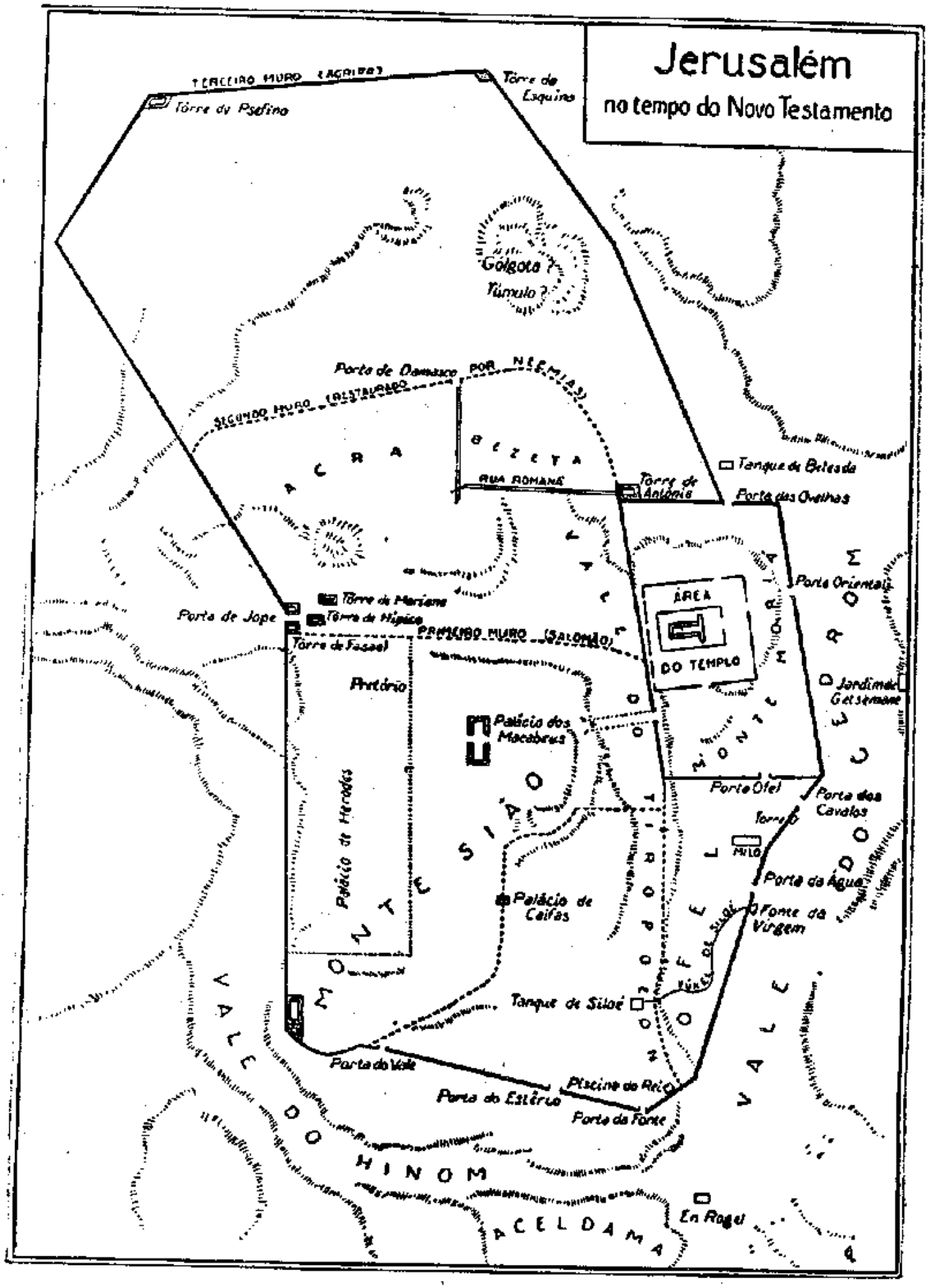

ASIA MENOR
MAR GRANDE
MESOPOTAMIA
DESERTO DA ARÁBIA
GOLFO PÉRSICO
Tarso
Carquemis
Harã
Arpade
Alepe
Tifsa
Resefe
Reobote
Nineve
Calá (Ninrode)
Assur
Edessa
Bersum
Hamate
Homs
Tadmor
Rafale
Belbeque
Damasco
Sidom
Tiro
Jope
Jerusalém
Samaria
Judá
Codes
Bozra
Petra
Nofe
Migdol
Elote
Aava (Hiite)
Acade
Sefarvaim
Babilônia
Borsipe
Cuta
Susa
Ur
Eridu
O CATIVEIRO
O exílio do Povo de Israel
Dispersão do Povo de Judá

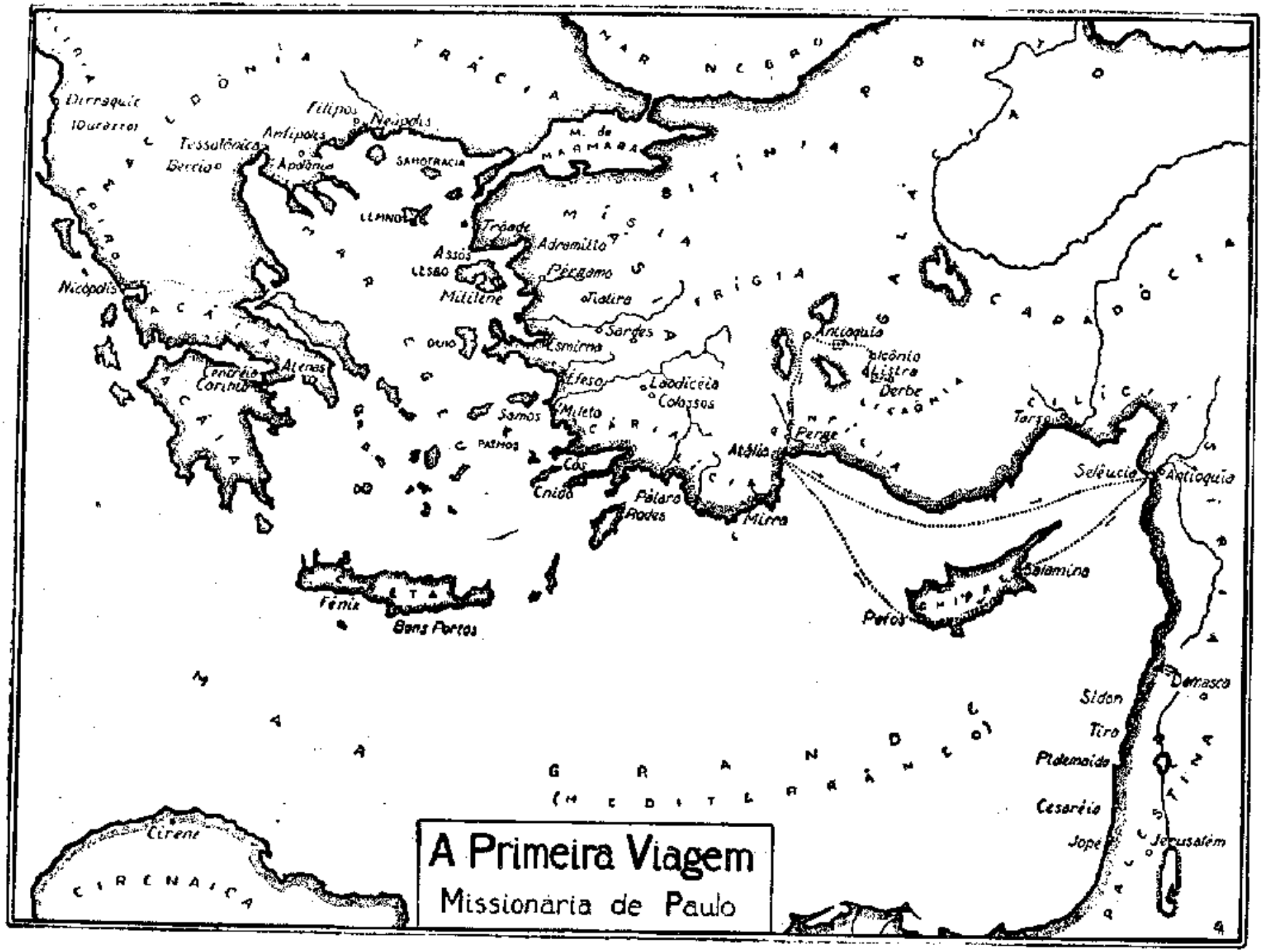

MAR NEGRO
MAR CASPIO
Troia
Hattusas (Bogaz Keui)
HITEUS
IONIANOS
(CAPADOCIA)
Kara Eruk
SCITOS
MUSHKI
TAUROS
MONTES
ANTI TAURUS
NEO-HITEUS
Zenjirli
Carquemes
Tel Halaf
Arpad (Padan Aram)
HARAN
Nineve
Cala
ASSIRIA
Ashur
Arbela
ZAB
Alepo
Karkar
Hamath
Habarika
(Palmira)
CHIPRE
Arvad
GRANDE MAR
DO SOL POENTE
FENICIOS
Baalbek
Damasco
SIRIOS
Tiro
Mt. Carmelo
Samaria
AMURRU
Jerusalem
MOABITES
Dibon
Gaza
Rafia
EDOMITAS
Pelusio
Am Radelis
Petra (Kadesh?)
Maan
BAIXO EGITO
Memfis
GOSEN
Mt. Sinai?
Elath (Akaba)
Serabit
Jebel Musa
MIDIANITAS
Delfinco
Akhenaten (Tel el Amarna)
ARABIA SETENTRIONAL
Hedra Volcano
EGITO SUPERIOR
Tebas (Karnak)
Elefantina
MAR VERMELHO
O
ORIENTE ANTIGO
Kms
MEDOS
PARTHOS
Ecbatana
Bersitun
BABILONIA
Sipar
Kish
Babylonia
Borsippa
Lagash
Erech
Larsa
Ur
CASDIM
PERSOS
Susa
ELAMITAS
Persepolis
GOLFO PERSICO

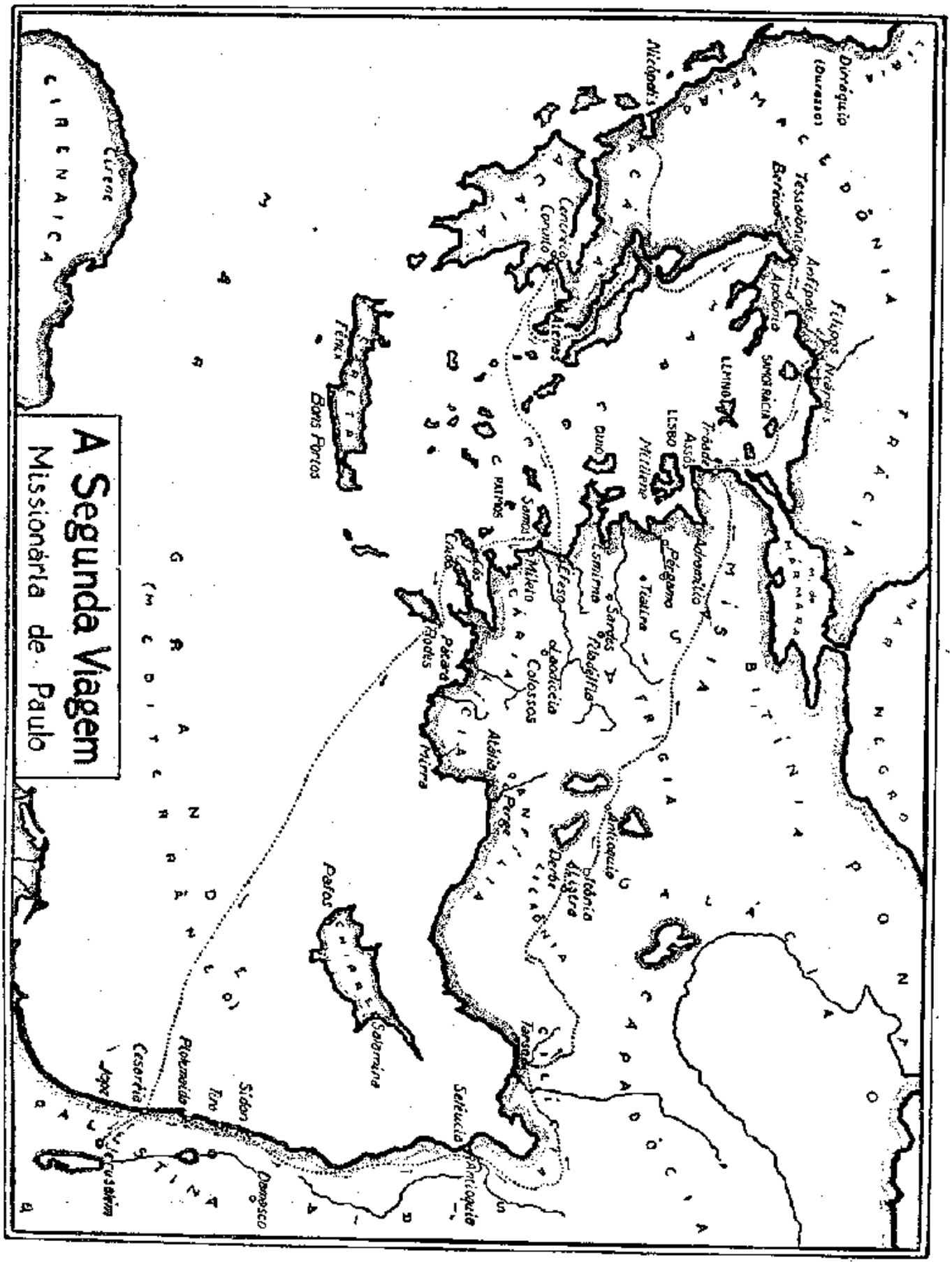
BOGHAZ-KEUI
ALUSHA
MARASH
HARÃ
TELL HALAF
CÁRQUEMES
ALEPO
RASSAMRA
HAMATH
HOMS
PALMIRA
KADESH
RIBLA
BIBLOS
CHIPRE
Mar Mediterrâneo
SIDOM
TIRO
DAMASCO
HAZOR
BEISAN
SIQUÉM
AMAN
JERICÓ
JERUSALÉM
MOABE
MAR MORTO
GAZA
EDOM
PELÚSIO
AVARIS
CADES-BARNEA
PETRA
SINAI
EZION-GEBER
ELATH
JEBEL MUSA
DESERTO DA ARÁBIA
Lago Van
Lago Urumia
Mar Cáspio
TEPE GAWRA
ARBECHTUM
NÍNIVE
ECBATANA
MESOPOTÂMIA
ASSUR
NUZU
MARI
ABOU KEMAL
Rio EUFRATES
SAMARRA
BENISTOM
TESHUMMA
BAGDÉ
SIPAR
AGADE
JEMDET NASR
BABILÔNIA
KISH
NIPUR
SUSA
SHUSAN
SHURUPAK
SUMER
LAGASH
ERECH
URUK
UR
ERIDU
ELAM
PERSÉPOLIS
Golfo Pérsico
O ORIENTE MÉDIO
KMS. 0 50 100 200

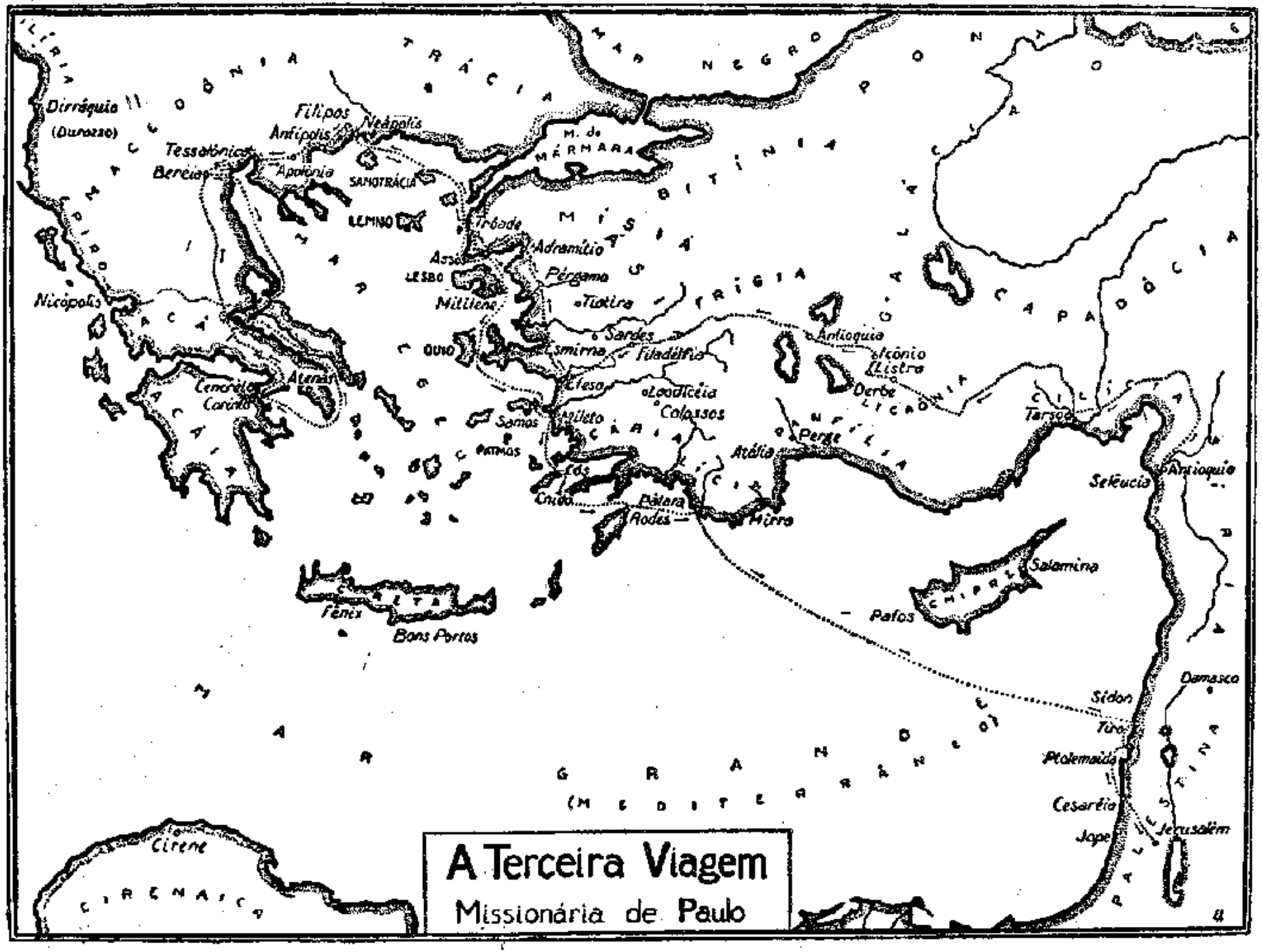

A Palestina
MAR MEDITERRÂNEO
Tiro
Dã
Cesaréia de Filipe
Quedes
Hazor
Acre
Cafarnaum
Caná
Magdala
Tiberias
Hipos
Afeque
Nazaré
Endor
Godera
Edrei
Hugbard el wed
Dor
Megido
Naim
Jezreel
Cesaréia
Bete-Sã
Jabes-Gilead
Dotã
Samária
Siquém
Grresa
Antipatris
Jope
Siló
Betel
Ai
Tel es Sultan
Lida
Mizpa
Gibeom
Gezer
Gibeá
Anatote
Betânia
Bete-Semes
Jarusalém
Azoto
Asquelom
Azeca
Belém
Qumron
Gate
Maressa
Tecoa
Bete-Zur
Egiom
Laquis
Hebrom
Gaza
Debir
En-Gedi
Gerar
Ziclague
Carmelo
MAR MORTO
Ada
Es Salt
el Ghassul
Rabá-Amon
Hesbom
Medeba
Maquero
Dibom

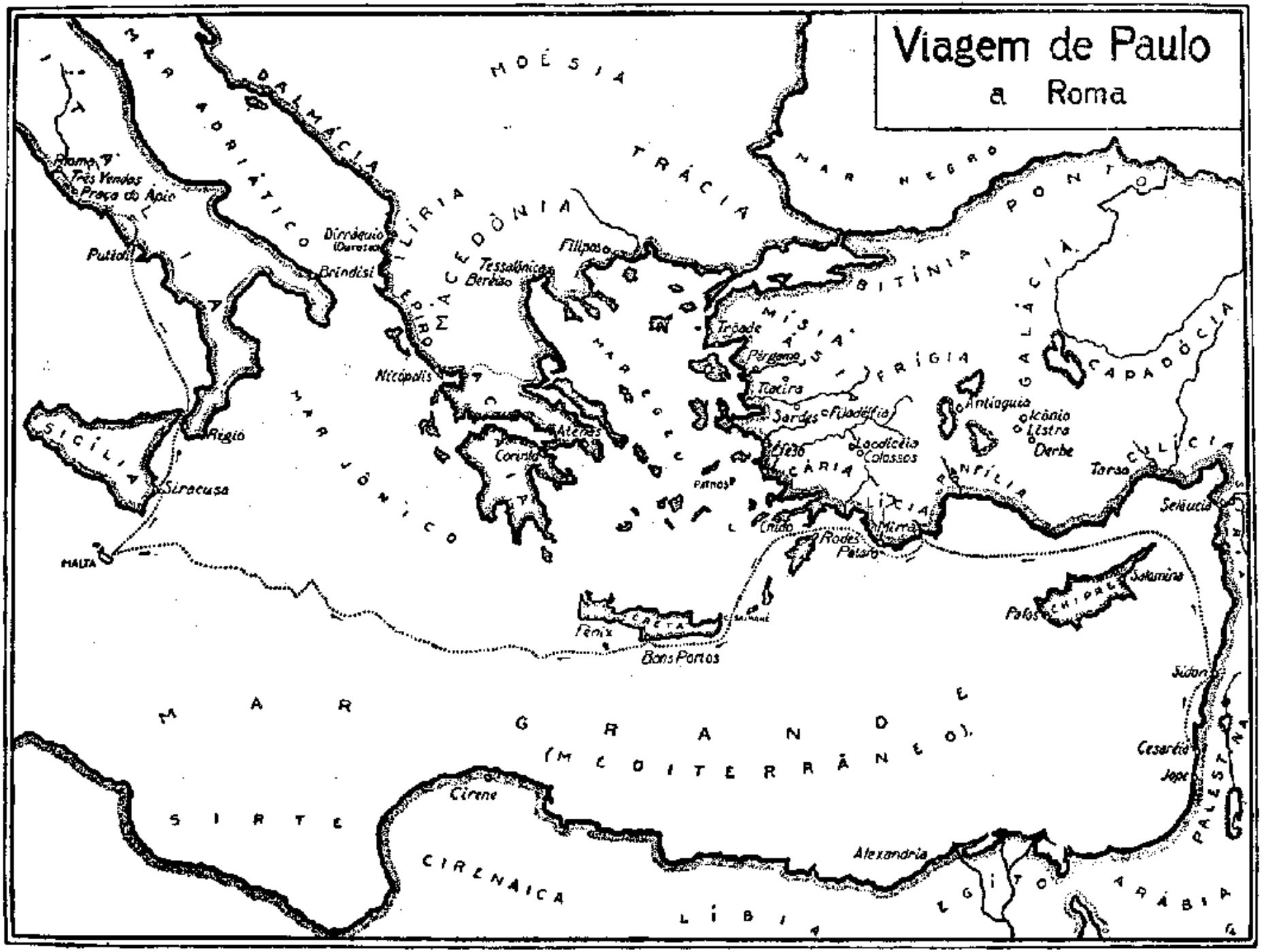

A Palestina
no tempo do
Novo Testamento
Caminhos Antigos
MAR GRANDE (MEDITERRÂNEO)
FENÍCIA
GALILEIA
SAMARIA
JUDÉIA
PEREIA
DECÁPOLIS
Damasco
Sidon
Sarepta
Tiro
Cesaréia de Filipe
ÁGUAS DE MERON
Ptolemaida
Corazim
Betsaida Júlia
Caná
Magdala
Tiberíades
MAR DA GALILÉIA
Gerasa
Nazaré
Mte. TABOR
Gadara
Naim
Cesaréia
Betsã
Samaria
Siquém
Mte. EBAL
Sicar
Mte. GERIZIM
Antipatris
Jope
Lida
Efraim
Betel
Emaús
Jericó
Betânia de além Jordão
Hesbom
Azoto
Jerusalém
Belém
Betânia
NEBO
Ascalom
Maqueronte
Gat
Hebrom
MAR MORTO
Bersabé
RIO JORDÃO
RIO ARNOM
EA


Jerusalém
no tempo do Novo Testamento
TERCEIRO MURO (AGRIPA)
Torre de Psefino
Torre de Esquina
Gólgota ?
Túmulo ?
Porta de Damasco
SEGUNDO MURO (ESTRABÃO)
BEZETA
RUA ROMANA
ACRA
Tanque de Betesda
Torre de Antônia
Porta das Ovelhas
Porta Oriental
ÁREA DO TEMPLO
Torre de Mariana
Torre de Hípico
Porta de Jope
PRIMEIRO MURO (SALOMÃO)
Torre de Fasael
Pretório
Palácio dos Macabeus
Palácio de Herodes
SIÃO
MONTE MORIÁ
Jardim de Getsêmane
Porta Ofel
Porta dos Cavalos
Torre
MILO
Porta da Água
Fonte da Virgem
Palácio de Caifás
TOFEL
Tanque de Siloé
Porta do Vale
Piscina de Reis
Porta do Estêrco
Porta da Fonte
VALE DO HINOM
ACELDAMA
En Rogel
VALE DO CEDRON


MACEDÔNIA
TRÁCIA
MAR NEGRO
BITÍNIA
MÍSIA
FRÍGIA
GALÁCIA
CAPADÓCIA
ACAIA
CRETA
CHIPRE
CILÍCIA
SÍRIA
JUDÉIA
GRANDE (MEDITERRÂNEO)
CIRENAICA
Dirráquio
Filipos
Neápolis
Tessalônica
Anfípolis
Bereia
Apolônia
SAMOTRÁCIA
M. de MARMARA
LEMNOS
Tróade
Adramítio
Assos
LESBO
Pérgamo
Mitilene
Tiatira
Sardes
Esmirna
Nicópolis
Éfeso
Laodicéia
Colossos
Mileto
Samos
PATMOS
Cos
Cnido
Pátara
Rodes
Mira
Antioquia
Icônio
Listra
Derbe
Perge
Atália
Tarso
Selêucia
Antioquia
Salamina
Pafos
Fênix
Bons Portos
Cirene
Sidon
Tiro
Ptolemaida
Cesaréia
Jope
Damasco
Jerusalém
A Primeira Viagem
Missionária de Paulo


A Segunda Viagem
Missionária de Paulo
Dirráquio
Tessalônica
Filipos
Neápolis
Anfípolis
Apolônia
Beréia
Nicópolis
Cenchréia
Corinto
Atenas
Bons Portos
Cnido
Rodes
Pátara
Mileto
Samos
Éfeso
Esmirna
Sardes
Filadélfia
Laodicéia
Colossos
Pérgamo
Tiatira
Adramítio
Mitilene
Assos
Troade
Samotrácia
Antioquia
Derbe
Listra
Icônio
Perge
Atália
Perge
Chipre
Salamina
Tarso
Selêucia
Antioquia
Ptolemaida
Cesaréia
Sidon
Tiro
Jope
Jerusalém
Damasco
MACEDÔNIA
ACAIA
ÁSIA
BITÍNIA
CAPADÓCIA
GALÁCIA
LICÁONIA
PAMFÍLIA
PISÍDIA
FRÍGIA
MISÍA
LÍCIA
CRETA
CIRENAICA
MAR NEGRO
MAR MEDITERRÂNEO
MAR DE MARMARA


Dirráquio
(Durazzo)
Filipos
Anfípolis
Neápolis
Tessalônica
Beréia
Apolônia
SAMOTRÁCIA
LEMNO
M. de MÁRMARA
Trôade
Adramítio
Pérgamo
Assos
LESBO
Mitilene
Tiatira
Sardes
Filadélfia
Esmirna
Éfeso
Mileto
Samos
PATMOS
Cós
Cnido
Pátara
Rodes
Mira
Perge
Atália
Antioquia
Icônio
Listra
Derbe
Trogir
Nicópolis
Cencreia
Corinto
Atenas
Creta
Fênix
Bons Portos
Cirene
Pafos
Salamina
Seleucia
Antioquia
Damasco
Sidon
Tiro
Ptolemaida
Cesaréia
Jope
Jerusalém
MAR NEGRO
MACEDÔNIA
TRÁCIA
ÁSIA
BITÍNIA
MÍSIA
FRÍGIA
GALÁCIA
CAPADÓCIA
LICÁONIA
CILÍCIA
PANFÍLIA
CÁRIA
LÍCIA
ÁCAIA
EPIRO
ILÍRIA
CHIPRE
CRETA
CIRENAICA
MAR GRANDE (MEDITERRÂNEO)
A Terceira Viagem
Missionária de Paulo


Viagem de Paulo
a Roma
MAR ADRIÁTICO
MAR JÔNICO
MAR EGEU
MAR GRANDE
(MEDITERRÂNEO)
MOÉSIA
TRÁCIA
MACEDÔNIA
ILÍRIA
DALMÁCIA
ITÁLIA
SICÍLIA
CRETA
CHIPRE
BITÍNIA
PONTO
GALÁCIA
CAPADÓCIA
MISIA
FRÍGIA
LÍDIA
CÁRIA
PANFÍLIA
CILÍCIA
PALESTINA
SÍRIA
ARÁBIA
EGITO
LÍBIA
CIRENAICA
SIRTE
NAR NEGRO
Roma
Três Vendas
Praça do Apio
Putéoli
Brindisi
Dirráquio
(Durazzo)
Filipos
Tessalônica
Beréia
Nicópolis
Tróade
Pérgamo
Tiatira
Sardes
Filadélfia
Antioquia
Icônio
Listra
Derbe
Laodicéia
Colossos
Éfeso
Mileto
Patmos
Corinto
Atenas
Régio
Siracusa
MALTA
Cnido
Rodes
Pátara
Mira
Tarso
Selêucia
Salamina
Pafos
Fênix
Bons Portos
Sidom
Cesaréia
Jope
Cirene
Alexandria